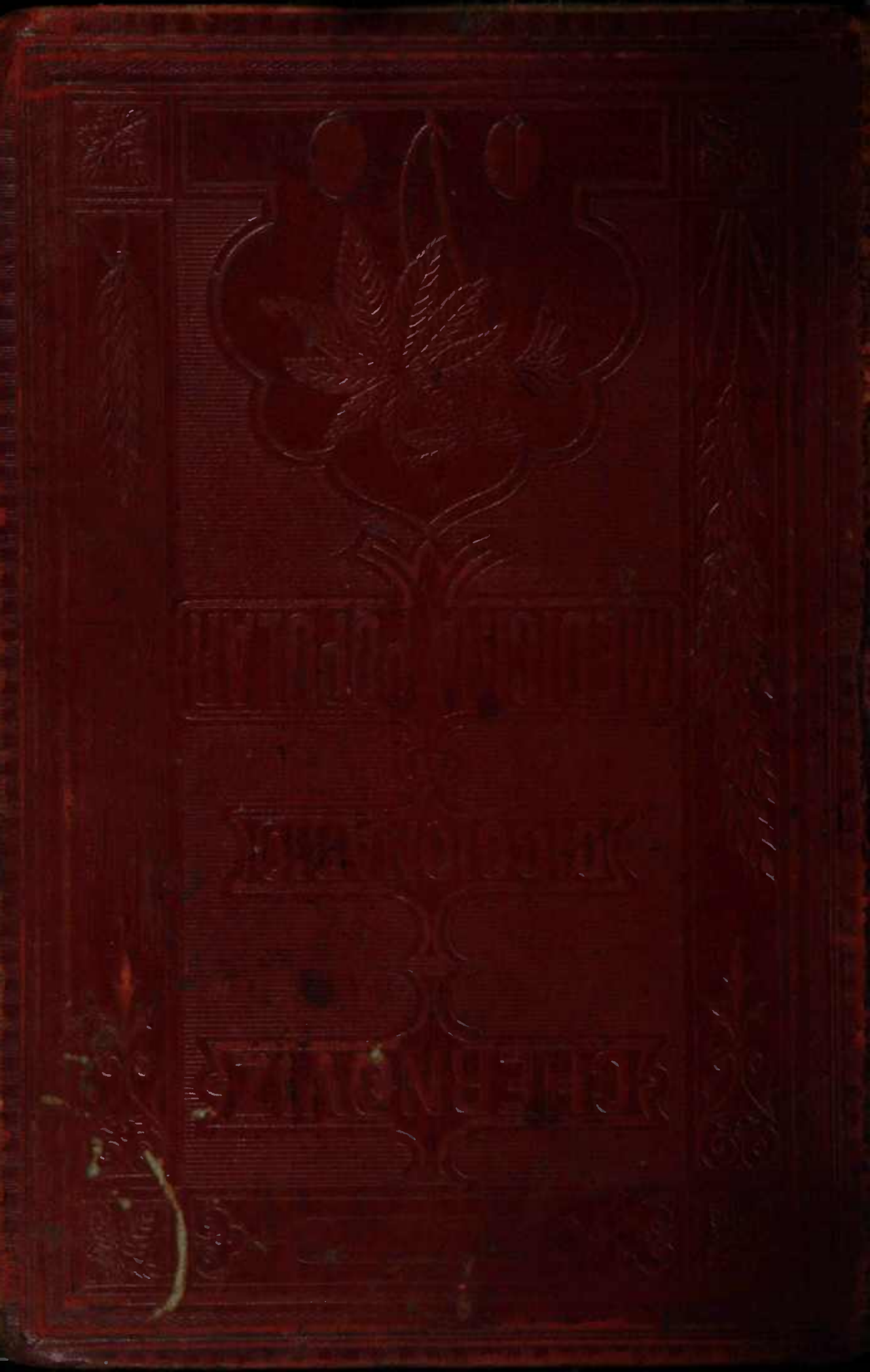


A PEPTONA CATILLON, a unica empregada nos Hospitaes de Pariz,

foi a unica que figurou no Boletim da Academia de Medicina de Pariz.

MEDALHAS: EXPOSIÇÕES UNIVERSAES, PARIZ 1878, ANTUERPIA 1885, BARCELONA 1888, PARIZ 1889

VINHO DE PEPTONA CATILLON

1 calice contem 30 gr. de carne e 0 gr. 40 de phosphatos organicos.

Muito util a todos os **doentes** e **convalescentes**. Restabelesce o **appetite** e as **digestões**. — Poderoso reparador das **Forças debilitadas** pela **Idade, Fadiga, Febres, Amammentação, Crescimento** das **Crianças** e das **Jovens**, etc.

SOLUÇÃO DE PEPTONA CATILLON representando 3 vezes o seu peso de carne assimillavel tanto pelo recto como pela bocca.

Clyster nutritivo : 2 colheres, 125 gr. agua, 3 gottas de laudano.

PÓ DE PEPTONA CATILLON peptona pura, inalteravel, represantando 10 vezes o seu peso de carne assimillavel.

Alimento dos doentes que não podem digerir. — Dóse: *3 a 8 colheres, das de café, por dia.*

Molestias do Estomago, dos **Intestinos,** do **Peito, Anemia,** etc.

PÓ DE CARNE DE CATILLON

Puro sem o menor cheiro, conservando-se bem ; este pó toma-se facilmente em agua assucarada com um pouco de cognac, de rhum ou de vinho de Madeira.

SOBREALIMENTAÇÃO NAS CONSUMPÇÕES, CACHEXIAS, DYSPEPSIAS.

GLYCERINA CREOSOTADA DE CATILLON

RECONSTITUINTE-ANTISEPTICO PRECIOSO

Contra **Defluxos, Catarrhos, Bronchites, Tisica.** etc.

Substitue o oleo de Bacalhao

Com a vantagem de ser bem tolerada mesmo durante o grande calor. Faz cessar a espectoração e a tosse.

VINHO DE CATILLON COM GLYCERINA E QUINA

Poderoso tonico reconstituinte, effeitos do oleo de bacalhao, do qual é succedanea a glycerina pura, e das melhores quinas, da qual dissolve todos os principios.

O mesmo vinho tendo ferro: **VINHO FERRUGINOSO DE CATILLON,** quina e ferro em altas dóses. Combaté a prisão de ventre em logar de provocal-a.

Inappetencia, Debilidade, Chlorose, Anemia, Diabète, etc.

VINHO TRI-PHOSPHATADO DE CATILLON COM GLYCERINA E QUINA

Substitue ao mesmo tempo o oleo de figado de bacalhao, os vinhos de quina e de phosphato de cal. — **Rachitismo, Crescimento, Prenhez,** etc.

ELIXIR DE PEPSINA E DIASTASE COM GLYCERINA DE CATILLON

Mais activo que a Pepsina ordinaria. Regulariza as funcções do intestino e ao mesmo tempo tambem as do estomago. — **Dyspepsias, Gastralgias,** etc.

GRANULOS DE CATILLON com 1 milligr. de extracto chimicamente dosado

DE

ESTROPHANTUS

Com estes granulos se fizeram as experiencias discutidas na Academia de Medicina de Pariz, em janeiro de 1887, as quaes demonstraram que em dóses de 2, 3 a 4 por dia, produzem uma **diurese prompta,** reanimam o **coraçâo debilitado,** attenuam ou fazem desapparecer os symptomas da **Asystolia,** a **Dyspnea,** a **Oppressão,** o **Edema,** os accessos da **Angina de Peito,** etc.

Pode empregar-se por muito tempo sem inconveniente, pois não se accumula.

PARIZ, BOULEVARD ST-MARTIN, 3, E BOAS PHARMACIAS

Evitar as imitações mais ou menos activas.

CACHETS LIMOUSIN

CACHETS LIMOUSIN

ENVOLTORIOS MEDICAMENTOSOS

Em logar de Pilulas, Capsulas, etc.

APPARELHOS *privilegiados* EM FRANÇA E NO ESTRANGEIRO

PARIS 1878

PROCÉDÉ LIMOUSIN BTÉ S.G.D.G. PATENT-MEDICIN OBLATE PARIS

MEMBRO do Jury

APPARELHOS *privilegiados* EM FRANÇA E NO ESTRANGEIRO

1as Medalhas nas Exposições universaes de Philadelphia em 1876, Sydney em 1879 e Melburne em 1880

ESTES ENVOLTORIOS são formados por duas rodellas concavas de pão azymo, soldadas por meio de um apparelho especial depois de nellas introdusidos os pós medicamentosos. O modo de servir-se desse apparelho é dos mais faceis.

(Ver o Relatorio á Academia de Medicina, sessão de 20 de maio de 1873).

ESTE PROCESSO supprime a manipulação delicada e enfadonha que consiste em dispor o medicamento sobre o pão azymo ordinario cobrindo-o de modo a subtrahil-o do contacto da mucosa da bocca.

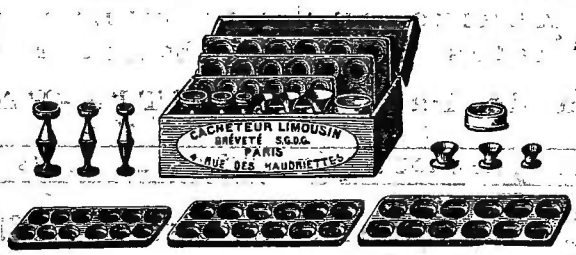
MODO DE USAR Basta botar o envoltorio em uma colher contendo um pouco de liquido para poder-se engulil-o logo que estiver ntemente humedecido.

APPARELHOS privilegiados LIMOUSIN

para encher os envoltorios

Nº 6 APPARELHO APERFEIÇOADO DE 3 PRANCHETAS para preparar simultaneamente 12 envoltorios de cada nº 1.2.3.

PREÇO : 12 FR.



Nº 6 APPARELHO APERFEIÇOADO DE 3 PRANCHETAS para preparar simultaneamente 12 envoltorios de cada nº 1.2.3.

PREÇO : 12 FR.

ENVOLTORIOS

Nº 1	A Caixa de 1,000	5 francos
Nº 2	—	5 —
Nº 3, 4, 5	—	4 —

N. B. — *O Nome e endereço dos Pharmaceuticos poderão ser gravados nos envoltorios mediante a despeza feita uma vez, de 3 fr. 50 por formato e de 10 fr. por serie de 3 formatos. Nas grandes encommendas esta gravura será gratis.*

ENVOLTORIOS-COLHER LIMOUSIN

Para applicação de Oleos Medicinaes RICINO, FIGADO de BACALHAU, OPIATAS, ELECTUARIOS, etc.

	Com Apparelhos e Accessorios	Sem Apparelhos nem Accessorio
CAIXAS de 25 Envoltorios-Colher completos	».70	».35
— de 50 — —	1.05	».70
— de 100 — —	1.40	1.05
— de 250 — —	3.15	2.80
— de 500 — —	5.25	4.90

Para informações e pedidos, dirigir-se a LIMOUSIN & Cª, 4, rue des Haudriettes, Paris.

ESTOJOS DE METAL ENVERNIZADOS COR DE OURO PARA OS ENVOLTORIOS

Formatos sortidos aos diversos tamanhos dos envoltorios.

CACHETS LIMOUSIN

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ, 1889

(DIPLOMA DE HONRA)

Á Cesta florida

FABRICA DE PERFUMARIA E DE SABONETES

ED. PINAUD

Fornecedor com diploma

DE S. M. A RAINHA DA INGLATERRA, DE S. A. O SULTÃO E DA CORTE D'HESPANHA

37, Boulevard de Strasburgo, 37

PARIZ

Reputação adquirida pela perfeição do fabrico dos sabonetes.

USINA	GRANDE FABRICA
PARA O FABRICO DE **Sabonetes**	E DISTILLAÇÃO Á VAPOR **de Essencias e Espirituosos**

61, rua de Pariz — PANTIN-PARIZ

CORRESPONDENTES EM TODOS OS PAIZES

Especialidades exclusivas da casa ED. PINAUD

PERFUMARIA IXORA

Essencia de Ixora.
Sabonete de Ixora.
Pomada de Ixora.
Oleo de Ixora.
Pó de Arroz de Ixora.
Vinagre de Ixora.
Brilhantina de Ixora.
Almofadinhas de Ixora.
Agua de toilette de Ixora.
Cosmetico de Ixora.

Perfumaria completa de Violetas de Parma.
Sabonetes de SUCCO DE ALFACE.
Elixir dentifricio Odontalgico.
Agua de quinina.
Extracto vegetal de rosas.
Extracto vegetal de violettas.
Agua de colonia extra forte.
Agua de colonia extra velha.
Essencia 13 de Maio.
— de Aida.
— Heliotropo branco.
— Favonio dos bosques.
— Exposição brazileira em Pariz.
— Pó de Arroz heliotropo branco.
— Creme de neve para refrescar a pelle.
Pasta callidermica para amaciar a pelle.
Cold-Cream.



Para evitar a contrafacção que se propaga principalmente nos paizes do estrangeiro, só deve haver confiança nos prospectos que tenham a marca de fabrica e a assignatura como se vê aqui á margem.

Ed. Pinaud

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

OUTRAS OBRAS DO DOUTOR CHERNOVIZ :

Formulario ou **Guia medica,** contendo a descripção dos medicamentos, suas dóses, e as molestias em que são empregados : as aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; as plantas medicinaes indigenas do Brazil; os symptomas e o tratamento resumido das molestias; *todas* as formulas do novo Codigo pharmaceutico francez, assim como a escolha das melhores formulas usadas na praxe medica; a indicação dos medicamentos que devem existir em todas as pharmacias; muitas receitas usadas nas artes e na economia domestica, etc.

Decima quarta edição, reformada segundo o novo Codigo pharmaceutico francez, adoptado, por ordem do Governo, como Pharmacopea legal do Brazil.

1 volume de 1,370 paginas, com 438 figuras intercaladas no texto.
Pariz, 1890.

Historia natural, para meninos e meninas de sete a quinze annos, escripta de um modo recreativo; ou conversação de um pai com seus filhos ácerca de muitos animaes e plantas.

1 volume de 176 paginas, com 154 figuras intercaladas no texto.
Pariz, 1862.

EM HESPANHOL

Guia Medica, 2ª edição, traducção do *Formulario* portuguez.

Diccionario de medecina popular, 2ª edição.

Modo de conhecer a idade do cavallo, do BURRO, das BESTAS MUARES, do BOI, do CARNEIRO, da CABRA e do PORCO.

Brochura in-8º de 32 paginas, com 32 figuras intercaladas no texto.
Pariz, 1866.

Todas as obras do Dr. Chernoviz acham-se á venda no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Ceará, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em casa dos principaes livreiros; e em Pariz, em casa dos editores.

2031-88. — Corbeil. Typ. de Crété.

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

E DAS

SCIENCIAS ACCESSORIAS

PARA USO DAS FAMILIAS

CONTENDO A DESCRIPÇÃO

DAS

Causas, symptomas e tratamento das molestias;
As receitas para cada molestia;
As plantas medicinaes e as alimenticias;
As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes.
E muitos conhecimentos uteis.

SEXTA EDIÇÃO

CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA, POSTA A PAR DA SCIENCIA

E ACOMPANHADA DE

913 figuras intercaladas no texto

POR

PEDRO LUIZ NAPOLEÃO CHERNOVIZ

DOUTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO,
OFFICIAL DA ORDEM DA ROSA DO BRAZIL

VOLUME SEGUNDO

G — Z

PARIZ

A. ROGER & F CHERNOVIZ

7, RUA DES GRANDS-AUGUSTINS, 7

1890

Direitos reservados. | Droits réservés.

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

E DAS

SCIENCIAS ACCESSORIAS

G

GAFEIRA ou **Quigila.** Especie de morphea, chamada *morphea dactyliana*, caracterizada pela contracção e estropeamento dos dedos das mãos ou dos pés, com dôres, e ulceras nas extremidades; termina pela mortificação dos dedos. Esta molestia existe no Brazil, na Africa e na India.

No Brazil é mais frequente nos pretos do que em individuos de outra côr, e mais nos africanos do que nos creoulos, tanto nas mãos como nos pés, e sem predilecção por dedos determinados. Differe do *ainhum*, porque este não foi observado no Brazil senão em pretos, e nos dedos minimos dos pés. A insensibilidade e a atrophia muscular são desconhecidas no ainhum : acompanham sempre a gafeira; no mesmo caso estão as ulcerações, caries, coutracções permanentes dos dedos, que existem na gafeira, e não se encontram no ainhum. Aquelle rego caracteristico ao nivel da dobra digito-plantar, que é constante no ainhum, não se observa na gafeira.

Symptomas. A morphea dactyliana, *gafeira* ou *quigila* conta quatro variedades. Em primeiro logar vem a *gafeira atrophiante*, porque nos individuos que são atacados d'ella, os dedos, sobretudo os dos pés (um ou muitos simultaneamente) diminuem de comprimento e diametro.

Depois vem a variedade *contracturante*. N'esta os dedos das mãos ou dos pés são desviados, recurvados, contracturados, alterados em suas fórmas de uma maneira permanente.

A terceira fórma é a *ungueal*, que existe muitas vezes combinada com as duas primeiras, mas que se mostra frequentemente só, como phenomeno do começo da morphea dactyliana n'estas duas primeiras manifestações. N'esta variedade, as unhas estão desviadas, atrophiadas,

por assim dizer, até que desapparecem ou augmentam de volume, recurvando-se sobre a polpa do dedo.

Emfim, ha a variedade *amputante*. N'esta, em um dedo, *muitas vezes bem são*, cuja unha póde estar perfeita quanto á espessura, côr e direcção, se desenvolve, sempre debaixo da cabeça da phalange do dedo da mão, ou adiante da phalange do dedo do pé, que deve ficar no côto, uma phlyctena, cheia de serosidade turva, de cheiro infecto. Debaixo da phlyctena, todos os tecidos estão reduzidos á massa putrida. Esta putrefacção não invade a extremidade do dedo além dos limites da phlyctena. Do lado da extremidade ungueal, é tão claramente limitada, como do lado do osso que deve formar o côto. Só mais tarde, por suspensão da nutrição, é que a mortificação se apodera da extremidade do lado da unha. A eliminação da phalange é rapida. A cabeça da phalange que fica está sã, e não tarda a cobrir-se de vegetações de boa natureza. Em breve a cicatriz é completa, a côr clara da cicatriz desapparece, e em vão se procuram os vestigios da cura de uma amputação espontanea.

Em um individuo atacado de gafeira dactyliana, e que está a perder os dedos das mãos ou dos pés, o processo pathologico póde variar, se se trata do pequeno dedo do pé ou dos outros dedos, porém o resultado é o mesmo. São actos differentes d'esta molestia que disforma o individuo mais do que o destroe.

Logo que a mortificação existe é limitada. É mais ou menos circular, e collocada de tal sorte que a cabeça da phalange immediata ou do osso metacarpiano do côto, se cobre rapidamente, com facilidade, sem que se observem as denudações osseas.

Tratamento. A respeito do tratamento pouco tenho a dizer. Corta-se a phalange com tesoura, quando está mortificada, e cura-se depois a ferida com unguento de Arceus, ceroto ou glycerina. Excisar a phalange não é, certamente, curar a molestia. Não se conhece, porém medicamento para prevenir a mortificação; lavatorios com agua phenica podem ser de alguma utilidade.

GAGUEIRA. Embaraço maior ou menor na falla; hesitação, repetição mais ou menos prolongada de certas palavras ou syllabas; ou tambem suspensão penivel e até impedimento completo na faculdade de se articularem todas as syllabas ou algumas em particular. A gagueira nem sempre depende de um vicio de conformação da lingua; é devida a um estado de fraqueza dos musculos vocaes, ou a um estado nervoso e espasmodico.

A gagueira não principia nas crianças senão na idade de quatro a cinco annos, augmenta até á puberdade, fica estacionaria durante a mocidade, diminue na idade madura, e desapparece ás vezes completamente na velhice. Esta enfermidade é extremamente rara nas mulheres. A timidez e o constrangimento a augmentam; a confiança e a segurança a diminuem. N'uma conversação animada, e que o interessa vivamente, o gago cessa ás vezes de o ser por alguns instantes : acontece o mesmo na colera, na acção de cantar ou declamar. A gagueira não é sempre contínua, suspende-se em alguns individuos por dias, e até por mezes.

Tratamento da gaguiera. Plutarco, historiador grego, nos refere que Demosthenes, afflicto na sua mocidade de um vicio de linguagem, chegou, á força de trabalho, a ser um dos primeiros oradores de Athenas. Applicava-se, depois de encher a bocca com pedrinhas, a rectificar a sua pronuncia, que era d'este modo ainda mais difficil, recitando de cór alguns versos de Sophocles ou os seus proprios discursos. Estes meios são ainda hoje considerados como racionaes, visto que Demosthenes se constrangia por muito tempo a não emittir senão ideias determinadas, cuja expressão lhe estava gravada na memoria, e que se esforçava a emittil-as segundo a cadencia dos versos, ou com o tom grave e compassado que exigem os diversos periodos do discurso. Ora, este exemplo antigo, mais ou menos modificado, e proseguido com perseverança por alguns gagos, tem dado bons resultados nos tempos modernos. Eis-aqui os differentes meios empregados contra a gagueira.

O *Dr Itard* aconselha para combater a gagueira, confiar as crianças a aias estrangeiras, que as obrigariam assim a abandonar subitamente a lingua materna. Mais tarde, as vantagens obtidas por Demosthenes inspiráram a este medico a ideia de metter uma pequena forquilha, de prata ou de ouro, debaixo da lingua, de maneira a manter este orgão elevado. Creava d'este modo dois obstaculos : um mental, outro mecanico.

O *methodo da Sr.ª Leigh*, de Nova-York, consiste em obrigar o gago a dirigir a lingua para diante e para cima, de maneira que a ponta corresponda á parte posterior dos dentes incisivos superiores. Esta senhora, encarregada da educação da filha do Dr. Yates, que tinha 18 annos e era gaga, notou que no momento em que a sua discipula queria fallar, a lingua estava quasi pegada ao soalho da bocca e não passava o nivel da queixada inferior. Deo-lhe então por conselho de mudar-lhe a posição e de levantar a ponta da lingua, de maneira que esta tocasse a abobada palatina por detraz dos dentes incisivos superiores. A falla, desagradavel a principio, adquirio pouco a pouco, á força do costume e perseverança em articular, na situação imposta á lingua, seu caracter ordinario, e seguio-se d'isso a cura completa. Este feliz resultado decidio a Sr.ª Leigh a fundar em Nova-York, uma instituição especial para o tratamento dos gagos, onde obteve muitas curas. Estas, ás vezes mui promptas, foram operadas n'um dia e até em algumas horas em certos gagos; outras exigiam quarenta dias de trabalho. Uma precaução necessaria consistia sempre em impôr aos gagos o silencio mais absoluto, fóra do tempo de exercicio.

Os irmãos Malbouche importáram na Europa este methodo modificando-o de diversos modos. A leitura feita com vagar, a pronuncia de todas as syllabas, sem perder de vista a situação obrigada da lingua, o cuidado de reter o gago na mais leve hesitação, afim que elle possa reconhecer a deviação da lingua e remedial-a pelo movimento de elevação e retracção, taes são os meios indicados no methodo Malbouche. A regra póde formular-se assim : *articular o mais distinctamente possivel, separando a lingua do paladar o menos possivel.* O gago exerce-se a principio por syllabas. esforçando-se em vencer aquellas que o podem

fazer parar, repetindo-as continuamente. Lê sem attenção ao sentido, inteiramente occupado da posição da lingua e dos movimentos necessarios á articulação. Mais tarde, bem que conservando a consciencia dos movimentos proprios a prevenir a hesitação, o gago, mais seguro de si, occupa-se do objecto de suas leituras : depois, falla só, e acaba por entregar-se á conversação, que é a mais perigosa das provas que terá a supportar. Esta é mui lenta a principio, e só gradualmente adquire a facilidade e vivacidade ordinarias.

Eis-aqui o resultado do tratamento segundo o methodo Malbouche, publicado pelo Dr. Magendie. De 100 gagos, 83 foram curados de tres a seis semanas, 2 sómente em dois mezes, 12 obtiveram pouca melhora, e 3 gagos não tiveram melhora alguma.

Methodo do Dr. Colombat. Consiste em encher o peito de ar, fazendo uma forte inspiração, e retrahir a lingua para traz, levando tanto quanto seja possivel a ponta virada para o céo da bocca, um pouco adiante da base da campainha. Deve-se ao mesmo tempo alongar transversalmente os beiços de maneira a afastar as commissuras, como se se quizesse rir. Logo que a syllaba rebelde fôr pronunciada com o soccorro d'estas diversas acções combinadas, a lingua e todos os outros orgãos da articulação voltarão á sua posição natural; convem então bater o compasso fallando; isto é, fallar por syllabas contadas e medidas por outros tantos movimentos do dedo pollegar sobre o index. Os gagos insistem no rhytmo e fallam com pausa. Estes meios obram physicamente em todos os musculos da respiração, nos pulmões, na lingua, nos labios; emfim em todo o apparelho vocal. A posição que se dá á lingua põe as pessoas na impossibilidade de gaguejar, mesmo querendo; pelo contrario esta enfermidade, imitada ou natural, só se manifesta quando a lingua está em baixo, e a observação nos prova que, para arremedar as pessoas que gaguejam, collocamos instinctivamente a ponta d'este orgão atraz dos dentes incisivos da queixada inferior. Em certas especies de gagueira, principalmente n'aquellas em que a lingua sahe da cavidade buccal, ou mesmo quando este orgão não póde ser levado ao paladar, o Dr. Colombat emprega um instrumento a que chama *repulsa-lingua* (*refoule-langue*), ou simplesmente um pedaço de páo ou de marfim, posto transversalmente na bocca de um lado a outro dos dentes queixaes. Ha tambem uma especie de *brida-lingua* (*bride-langue*) que levanta este orgão e afasta as commissuras dos beiços.

O methodo de Dr. Colombat consiste por conseguinte no compasso ou medida, inspiração, posição da lingua e dos labios. Com o novo costume de fallar, a irregularidade dos movimentos, e os tregeitos dos gagos serão substituidos por uma linguagem facil que fôra pervertida, por muito tempo, pelo costume vicioso.

Antes de fazer applicação d'este methodo ou de qualquer outro, convem primeiro explorar a cavidade buccal, afim de haver a certeza de que não existe n'ella alguma lesão. É preciso que os gagos deitem a lingua para fóra quanto seja possivel; afim de certificar-nos de que este orgão executa facilmente todos os movimentos : é preciso dirigil-o para

cima, para baixo, á direita e á esquerda. Se, n'este exame preliminar, se observar que o freio da lingua se oppõe a que a gymnastica vocal seja posta em pratica, é necessario fazer a sua secção.

Methodo do Dr. Serre. E baseado nos principios seguintes : uma vontade firme, intervallos iguaes entre as syllabas, e os movimentos dos braços que o gago leva para diante a cada emissão de som.

Todas as syllabas devem ter a mesma duração, serem bem articuladas e perfeitamente ligadas entre si. Com o auxilio d'este methodo tão simples o Dr. Serre curou-se da gagueira de que era affectado.

« Para curar a gaguiera, diz o Dr. Serre, basta pronunciar repentinamente cada syllaba; assim, para dizer *coragem*, é preciso emittir *co*, de uma maniera rapida, secca, assim como *ra* e *gem*. Sendo a gagueira muito pronunciada, esta simples gymnastica torna-se insufficiente ; cumpre juntar-lhe os movimentos dos braços. Para fazer fallar um gago embaraçado, é necessario puxar-lhe os braços subitamente, em cada syllaba. Deve o gago fazer depois por si proprio este exercicio, e ficará admirado da facilidade que lhe resultará d'estes movimentos. ».

Methodo do Dr. Violette. Para sarar, o gago deve, em primeiro logar, sentir a necessidade da cura, e não recuar ante as difficuldades. Convem-lhe ser intelligente e além d'isso entender todas as explicações. É necessario que tenha ao menos dezeseis annos e não mais de quarenta. É pelo rhytmo ou pelo compasso que deve curar-se este vicio. Convem que o gago solte as syllabas por compasso, e a voz deve concordar com cada palmada. A emissão da primeira syllaba far-se-ha sómente no momento da expiração; isto é, no da sahida do ar do peito. Todas as syllabas devem ser perfeitamente isoladas umas das outras, e acompanhadas do bater das mãos. O compasso deve executar-se com todas as partes do corpo. É preciso harmonizar o compasso com as syllabas; isto é, dar força ao compasso sendo a syllaba forte, e moderal-o sendo fraca. Quando se souber bem a execução do compasso, ligar-se-hão as syllabas entre si, de modo que formem palavras que serão sempre enunciadas com os principios do compasso. Cada syllaba será acompanhada de sua palmada. Eis como se conseguirá executar o gesto cadenciado, tão necessario á perfeita articulação. O gesto nunca deve seguir a palavra, mas sim precedel-a. Juntar-se-ha a isso o principio de Colombat, que consiste na extensão dos labios, de modo que se retraiam um pouco para traz, como se se quizesse fazer caretas. Não ha gagueira que resista á boa execução d'este methodo, segundo assegura o Dr. Violette.

Methodo de Chervin. O Sr. Chervin, professor de um collegio em França, fez muitos estudos sobre a gagueira, e fundou em 1867 uma Instituição para tratar os gagos, em Pariz, *avenue d'Eylau*, nº 90. O seu methodo consiste na gymnastica da lingua, dos labios, da respiração, do ouvido. O tratamento reside no *rhythmo, ordem, e precisão* que o professor dá ao discipulo, fazendo executar suas formulas de proiunciação e de linguagem com uma lentidão compassada e calculada. O professor exerce o discipulo em emittir primeiro um som, uma syllaba, uma palavra, uma phrase; gradua com attenção o modo de se exprimir.

Depois de dois dias de lições, as melhoras podem ser apreciadas. Ao cabo de uns doze dias o discipulo fica admirado de ver que pronuncia bem, sem muita lentidão nem precipitação. A duração do tratamento, é de quinze a vinte dias. O discipulo toma quatro lições por dia, de meia hora cada uma, visto que a maior attenção é necessaria, e que esta não poderia suster-se além d'este lapso de tempo. Comtudo, o discipulo é obrigado a repetir as lições sózinho, em particular; destinando alternativamente trinta minutos ao trabalho e dez minutos ao repouso. Afim de não perder o que aprende, durante os tres ou quatro primeiros dias, deve observar um silencio senão absoluto, ao menos o mais rigoroso possivel. No quinto, sexto e setimo dia, fallará lentamente; desde o oitavo, fallará com a promptidão ordinaria.

Em quanto dura o tratamento, o individuo deve abster-se de toda a distracção, exercer sobre si a maior vigilancia; emfim, não dizer nada sem dar conta exacta a si mesmo de tudo o que diz, e da maneira por que o diz. E por isso, o bom resultado d'este methodo depende tanto do discipulo quanto do professor; depende do trabalho. Este methodo deo já excellentes resultados. Ás vezes a cura é radical depois de dez lições; outras vezes são necessarias oitenta lições; termo médio, a duração do tratamento é de quinze dias, quatro lições por dia. A lição custa 5 francos. Os alumnos moram fóra ou dentro da Instituição. Morando dentro pagam 3 francos por quarto cada dia, e a comida á parte. Em resumo, o methodo de Chervin não emprega nem medicamentos, nem operação, nem instrumento algum na bocca. É baseado nas regras ordinarias da pronuncia; é o methodo de Demosthenes menos as pedrinhas. Por uma imitação attenta e constante, o discipulo chega a apropriar-se da dicção do professor; o exercicio fortifica-o n'esta nova maneira de fallar, que se lhe torna facil e natural.

Taes são os principaes methodos para o tratamento da gagueira. Alguns cirurgiões propuzeram operações na lingua; mas os resultados não correspondêram ás boas intenções dos seus inventores: assim tem-se feito a secção horizontal da base da lingua, com differentes modificações; a excisão de uma parte da ponta da lingua, a secção dos musculos genioglossos, etc. Estas operações praticavam-se ha vinte e sete annos, mas estão hoje abandonadas.

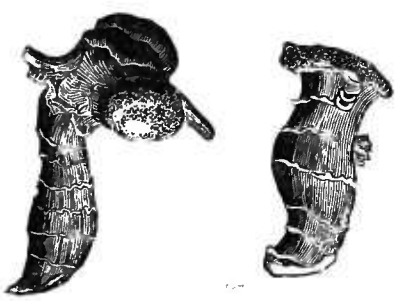


Fig. 510. — Raiz de galanga da China; pequena variedade.

GALANGA. *Alpinia galanga*, Willd. Amomeas. Planta que habita nas Indias orientaes. A sua raiz ou antes o seu rhizoma, de sabor acre, cheiro aromatico, é um estimulante hoje pouco empregado (fig. 510). Deita-se ás vezes no vinagre, para lhe augmentar a força.

GALBANO. Gomma-resina fetida que vem da Syria e da Persia, e provém de uma planta da familia das Umbelliferas, chamada *Bubon galbanum*, Linneo. Apresenta-se em massas ou lagrimas amarellas ou

como envernizadas, translucidas no interior, de cheiro forte e levemente fetido, de sabor acre e amargo, molles, pegajosas e agglutinadas. Entra na composição de alguns emplastos; e internamente usa-se ás vezes como antispasmodico na dóse de 50 a 75 centigrammas em pilulas.

GALHA ou **Noz de galha.** Dá-se este nome a uma excrescencia redonda que se forma sobre as folhas de uma especie de carvalho,

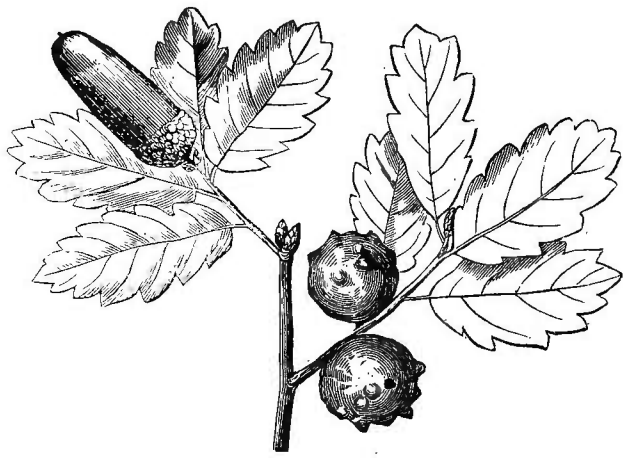


Fig. 511. — Galha.

arvore dos climas temperados, pela picada de um insecto chamado *cynips gallæ tinctoriæ* (fig. 511).

A femea d'este insecto enterra o seu aguilhão no tecido da casca do carvalho; no logar picado desenvolve excrescencia assaz grande no centro da qual, ella faz um pequeno compartimento, no qual se encontram os ovos do insecto que ali foram postos na occasião em que elle deo a picada. Esses pequenos tumores muito carregados de tannino encontram-se principalmente no carvalho do Levante, na Anatolia; é a razão porque á noz de galha mais estimada (as de Alep e de Smyrna) são designadas debaixo do nome de galha do Oriente.

Chamam-se galhas brancas a galha que tem um buraquinho por onde sahio o insecto perfeito; são galhas de qualidade inferior.

Para se extrahir o tannino das galhas, submette-se'as á acção do acido sulfurico. Emprega-se muito o tannino na tinturaria para as tintas pretas em particular, e para muitos outros usos industriaes. Em medicina a noz de galha não é mais receitada debaixo de sua forma primitiva. O tannino e o acido gallico sós merecem interesse (*Veja-se* TANNINO).

GALIPOT. Resina secca que se acha adherente ao tronco dos pinheiros. Colhe-se em França sobre o tronco do *Pinus maritima*, Linneo. É secca, em pedaços arredondados, côr amarellada, cheiro terebinthaceo, sabor, amargo, soluvel no alcool. Entra na composição dos emplastos.

GALLICO (MAL). *Veja-se* SYPHILIS.

GALLINHA. Esta ave occupa por sua utilidade um logar importante na economia domestica. As diversas raças de gallinhas não pos-

suem todas as mesmas qualidades; umas põem muitos ovos, outras recommendam-se por seu volume e pela qualidade de sua carne. A melhor gallinha é a da India ou cochinchineza (brahma-poutra). As gallinhas d'esta raça são muito boas para pôrem ovos e para chocarem. Põem todo o anno, e dão por anno de 150 a 180 ovos de um volume mais que ordinario e de côr amarellada. Não são vagabundas, como as gallinhas communs, e não se afastam do gallinheiro.

A gallinha começa a pôr ovos na idade de oito a nove mezes, e continua até aos 4 ou 5 annos. Não se devem conservar as gallinhas mais de 3 annos : passada esta idade sua postura diminue, e sua carne torna-se muito dura. Manifesta-se nas gallinhas o desejo de chocar cinco a seis vezes no anno, e em algumas sómente uma ou duas vezes. Cada gallinha póde chocar 10 a 16 ovos; e choca durante 21 a 23 dias. Os melhores ovos são os das gallinhas de um anno de idade, cobertas por gallo novo; cumpre não fazer chocar senão os ovos fecundados. A gallinha que choca deve estar collocada n'um logar tranquillo; deve ter os alimentos e a agua junto do ninho, para que possa alimentar-se sem descobrir os ovos por muito tempo. Como os pintos nascem vinte e um a vinte e tres dias depois de incubação, passada esta época é necessario examinar os ovos, para deitar fóra os que não dão esperanças. Convem desfazer-se das gallinhas que quebram ou comem os ovos. É um erro crer, que para converter as gallinhas em frangas gordas, é preciso fazer-lhes a operação de extracção dos ovarios, afim de tornal-as improprias para a reproducção. Esta operação é inutil; e nunca deve ser praticada. Basta escolher as gallinhas de bom tamanho, separal-as ainda novas dos gallos, com os quaes não devem ter communicação alguma, e alimental-as abundantemente para que nunca cheguem a emmagrecer. Engordam-se na idade de seis mezes a um anno. As gallinhas podem viver de 6 a 10 annos.

Gallo. Exigem-se muitas condições para um bom gallo qualquer que seja a raça a que pertença : deve ter o olho vivo, o garbo atrevido, a plumagem bem guarnecida, os esporões fortes, as pernas carnudas, o peito largo, a crista direita e vermelha; deve ser grande e forte, andando constantemente junto das gallinhas, e atacando corajosamente outro qualquer que d'ellas se approxime; deve procurar com assiduidade alimentos para ellas e não para si, e deve chamal-as logo que os acha. O canto frequente e estrondoso, de noite como de dia, é tambem um signal que denota um bom gallo. Deve ser reformado logo que se notar que as suas qualidades como reproductor estão perdidas ou sómente diminuidas, o que torna os ovos estereis. Um bom gallo é sufficiente para doze gallinhas, mas é melhor não lhe dar senão nove, para ter maior certeza da fecundação dos ovos, e convem proporcionar o tamanho do gallo ao das gallinhas. Póde gallar desde a idade de 3 mezes até á de 3 a 4 annos. Os gallos que não se destinam á reproducção devem ser castrados na idade de 3 a 4 mezes (*veja-se* Capão), ou entregues á cozinha quando frangos. A carne do gallo é secca e pouco gostosa; mas a crista é estimada. A producção dos ovos nas gallinhas tem logar sem a coo-

peração do gallo, o qual não é necessario para a postura dos ovos, mas sim para a fecundação d'elles.

Os *piolhos* atormentam frequentemente as gallinhas e fazem-n'as emmagrecer. Cumpre, n'este caso, laval-as com agua muito carregada de sabão preto. Mas o melhor meio e mais commodo para curar as gallinhas dos piolhos ou preserval-as d'estes parasitos, consiste em pôr perto do gallinheiro uma porção de cinza onde ellas possam espojar-se e desembaraçar-se dos insectos.

GALLINHA DE ANGOLA (fig. 512). A gallinha de Angola tem a fórma e a rusticidade do perú. É um pouco maior do que a gallinha ordinaria; sua plumagem cinzenta, salpicada de preto e de branco, faz d'ella uma das aves mais bonitas do gallinheiro; mas seu canto agudo, que ella repete continuamente, a torna muito importuna perto das habitações. O macho tem as faces azuladas, e a femea tem-n'as vermelhas. As gallinhas de Angola conservam sempre um pouco o caracter selvagem; não gostam da sujeição do gallinheiro. Põem mais de 100 ovos por anno, quando se tem o cuidado de os ir tirando á medida que ellas os põem. Estes ovos são de côr amarellada escura, ou côr de laranja. O macho tem propensão, como o pavão e o perú, a destruir os ovos da femea. — Um gallo é sufficiente para 10 a 12 femeas. A gallinha de Angola procura um logar isolado para fazer o ninho; é ordinariamente na espessura de uma cerca, ou n'um bosque, quasi sempre longe da casa, que ella gosta de pôr os ovos; é preciso espial-a e seguil-a para descobrir o seu ninho; não se deve deixar n'elle senão um ovo, e tiram-se se os outros á medida que ella os vai pondo e restituem-se-lhe quando manifesta o desejo de chocar. Não póde chocar senão n'um logar isolado e perfeitamente tranquillo; se estas condições não podem ser preenchidas, é melhor fazer chocar os seus ovos por uma gallinha ordinaria. A incubação dura 30 dias; os pintos são muito delicados quando sahem da casca, não podem supportar a menor humidade, nem o menor frio; cumpre dispôr para elles um local quente e secco, onde estejam fechados quando faz máo tempo. Alimentam-se nos primeiros dias com ovos duros, e depois com milho cozido e outras sementes. Estando bom tempo, póde-se-lhes dar libertade, mas é preciso n'este caso metter a mãi n'uma gaiola, sem o que, ella levaria sua ninhada para muito longe, e a exporia a muitos perigos.

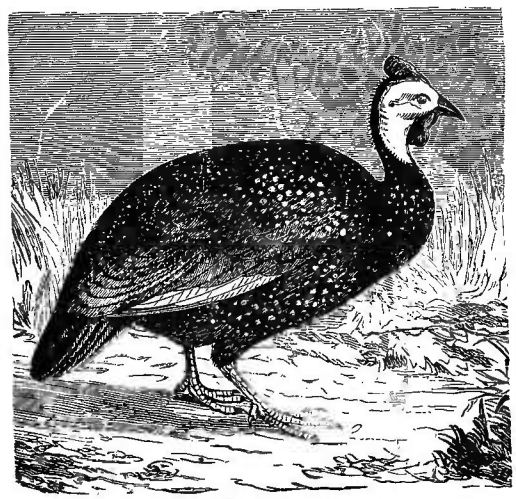


Fig. 512. — Gallinha de Angola.

Depois de crescidas estas aves tornam-se muito rusticas; podem ficar fóra

mesmo de noite. Dispõem-se-lhes varas onde pousem. Vivem em bandos como os perús e alimentam-se como outras aves domesticas. Tem muito instincto para procurar sua alimentação, e commettem muitos estragos nas hortas quando se deixam penetrar n'ellas. Convem, tanto quanto seja possivel, amansal-as durante a sua primeira idade : quanto mais completa fôr a sua domesticidade, tanto mais serão dispostas a pôr e chocar os ovos perto da casa. As gallinhas de Angola tem a carne de gosto agradavel, mas não podem engordar como as gallinhas ordinarias nem como os perús.

GALLO (*Molestia*). Designa-se vulgarmente com este nome um pequeno tumor, resultado de pancadas ou quédas, formado pclo sangue derramado sob a pello, e que sobrevem facilmente nos legares em que os ossos são immediatamente cobertos pela cutis, como na testa, cabeça, cotovelo, etc. Os gallos quasi sempre dissipam-se por si, em poucas horas ou em poucos dias. A compressão exercida com um panno molhado n'agua fria com sal, agua com vinagre ou com aguardente, favorece e accelera o desapparecimento d'estes tumores, que nunca exigem applicação de bichas, como algumas pessoas suppõem.

GALVANICA (aza). Apparelho cirurgico composto de uma aza de fio ou uma lamina de platina mettida em um cabo de modo tal que se

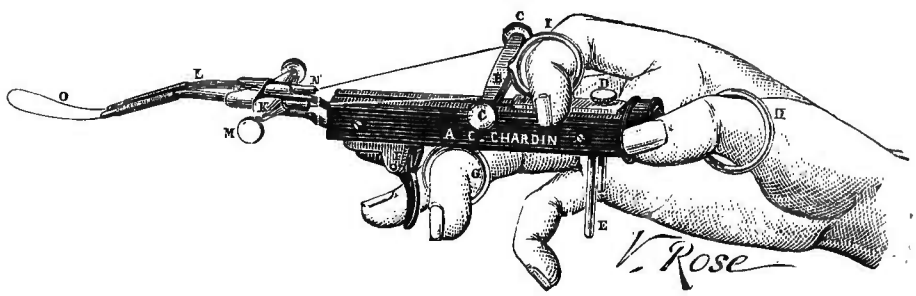


Fig. 513. — Aza galvanica para pequenas operações, da garganta, do nariz, etc.

pode alongal-a ou encurtal-a á vontade, e que facilmente pode ser seguro com uma só mão (fig. 513). O cabo se acha disposto de maneira a poder conter duas hastes metallicas onde vem terminar os fios de uma pilha electrica. Quando se faz manobrar a pilha, o fio fino de platina se aquece e fica vermelho e se conserva n'esse estado durante todo o tempo que se mantem a corrente electrica em seo circuito. Applicada sobre a pelle ou nos tecidos a aza galvanica secciona-os perfeitamente sem que haja corrimento de sangue. Esta propriedade que lhe é commum com o thermocauterio de Paquelin provêm de que ao contacto do metal muito quente o sangue se coagula inmediatamente e fecha os orificios dos vasos sanguineos.

Esta preciosa vantagem indica a natureza das operações que se podem praticar com a aza galvanica, isto é, aquellas que se praticam nas regiões mui vasculares ou em tumores que sangram facilmente, como sejam os tumores do utero, das fossas nasaes, da garganta, etc. Depois

da ablação, forma-se na superficie de secção uma pequena escara que cahe espontaneamente dias depois.

Modificando este instrumento pode-se fazer actuar a electricidade sobre todos os tecidos, obtendo-se destruição chimica das partes que se acharem em contacto com os polos da pilha. Para isso adapta-se a cada fio um cauterio de forma adequada á operação que se quer fazer, ou uma agulha. No ponto de applicação do polo positivo forma-se uma escara dura, solida, secca; sem que escorra a menor gotta de sangue; no polo negativo, ao contrario a escara é molle e facilmente sangra nas partes profundas. É pois uma forma de cauterização commoda, facil a limitar e a dirigir, quando se tem um pouco de pratica, e que se presta a muitas circumstancias. A aza galvanica e o galvano cauterio são muito empregados, principalmente na America e na Inglaterra.

GALVANISMO. Chama-se *galvanismo* ou *electricidade galvanica* a um fluido particular que se desenvolve pelo simples contacto de dois corpos metallicos de natureza differente, *verbi gratia*, do cobre com o ferro, do zinco com o cobre, etc. O fluido que se desenvolve em consequencia d'este contacto manifesta sua presença por certas contracções, que communica á mão ou a outra parte do corpo humano que se acha em communicação com estes corpos metallicos. *Galvani*, lente de physica em Bolonha, foi o primeiro que em 1789 fixou a attenção dos sabios sobre estes phenomenos. *Volta* imaginou um apparelho formado de chapas de cobre e de zinco (pilha voltaica), com que se póde augmentar á vontade a accumulação d'esta electricidade. O galvanismo é empregado nas paralysias, dôres rheumaticas e nervosas. *Veja-se* ELECTRICIDADE.

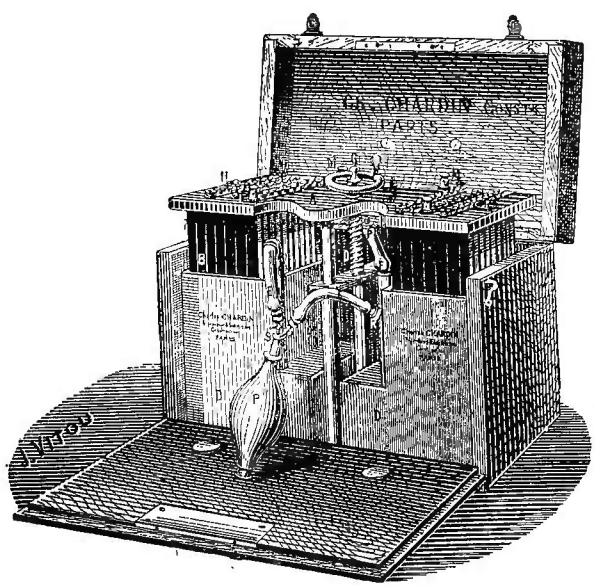


Fig. 514. — Pilha de Chardin para a galvanocaustia thermica (*).

GALVANOCAUSTICO THERMICO. Processo de cauterização obtido por meio de um fio ou de uma lamina de platina cujas extremidades são postas em relação com uma pilha forte e de pouca resistencia. Logo que a corrente electrica se estabelece a

(*) A, taboa contendo os elementos; B, elementos de zinco e carvão; D, recipientes de porcelana; E, tubo de borracha fixo no recipiente; F, o mesmo tubo no descanso; G, manivella; H, anneis para tirar todo o systema de pilhas; M, limites de tomada da corrente O, parafuso dependendo da manivella; P, pera de borracha; S, torneira dupla.

platina se aquece e enrubrece de modo que se pode destruir os tecidos seccionando-os com a mesma precisão que se empregasse o bisturi, evitando-se porem o corrimento sanguineo.

A vantagem d'este instrumento consiste em que se pode introduzir o cauterio frio nas cavidades muito estreitas, evitando-se por conseguinte o calor radiante que produz o cauterio que se uza actualmente e o themocauterio.

O modelo de pilha que mais se emprega para este fim é a de Chardin figura 514.

GALVANO-CAUTERIO COM ACCUMULADORES. Foram Recamier e Pravaz os primeiros que utilisaram as propriedades caloríficas da corrente da pilha, tentando destruir os cancros uterinos, empregando para esse fim um fio de platina em braza. Essas experiencias foram feitas no anno de 1821.

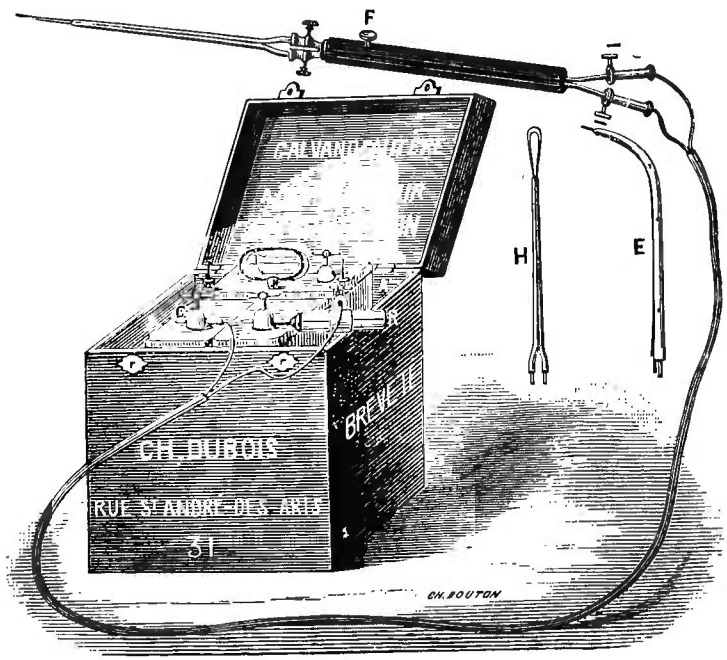


Fig. 515. — Galvanocauterio com accumuladores, systema Julio Cheron.

O apparelho tornou-se de facil manejo e pratica só a partir de 1854, quando sahio á luz a primeira obra importante sobre a galvanocaustia thermica, cujo autor foi Mideeldorpf, de Breslau.

A pilha de Grenet e suas derivadas abriram desde então uma nova era a esse meio cirurgico.

De 1854 a 1874, a instrumentação da galvanocaustia thermica fez notaveis progressos, ella veio parar á creação do thermocauterio do doutor Paquelin, ingenhosa applicação da elevação de temperatura produzida sobre a esponja de platina pelos vapores combustiveis.

A commodidade d'este instrumento, por ser pequeno e leve seduzio, com justa razão, os cirurgiões e medicos, o que deo logar a que puzes-

sem de lado, infelizmente, as grandes propriedades fundamentaes da galvanocaustia thermica.

No entanto, é só com a galvanocaustia thermica que se pode collocar o cauterio frio e leval-o depois ao rubro quando se acha no logar marcado. Alem d'isto, a exiguidade dos cauterios galvanicos pode ser levada ao extremo e, por conseguinte, os effeitos de irradiação são reduzidos ao minimo; pode se dar tambem ao cauterio galvanico o feitio de uma aza simples ou dupla, propriedades estas que lhe são especiaes. Emfim, com a galvanocaustia pode-se obter uma temperatura muito mais elevada do que com qualquer outro meio.

Até os caracteres da escara feita com o galvanocauterio são differentes d'aquellas feitas com o cauterio actual.

Ora, segundo as experiencias do Sr. Bæckel, que temos verificado por diversas vezes, a escara feita pelo galvanocauterio é fina, dura, eliminando-se lentamente, com uma zona inflammatoria quasi nulla, podendo até ser occultada nas cavidades fechadas sem que haja que receiar o menor accidente.

Tanto no ponto de vista da facilidade operatoria, assim como dos resultados, o emprego do galvanocauterio é incomparavel para practicar operações no utero, taes como a ignipunctura, a amputação do collo, a exerese do cancro, a limpeza da cavidade uterina, a ablação dos polypos fibrosos, etc. Não se deve pois abandonar um meio tão precioso, é o que muitos cirurgiões já comprehenderam adoptando-o.

A primeira tentativa da applicação dos accumuladores electricos á cirurgia foi feita pelo Sr. Trouvé, por meio da pilha secundaria do Sr. Planté, accumulador em superficie que só póde enrubecer um cauterio pequeno, quando muito durante 7 ou 8 minutos.

Se hoje em dia a galvanocaustia thermica occupa um importante logar, é graças á modificação feita na pilha secundaria de Planté pelo Sr. Faure, inventor dos accumuladores em profundidade ou com oxydos, facto este que abrio uma nova éra ás applicações industriaes de electricidade.

O Sr. Bayer otologista de Bruxellas, em uma communicação apresentada ao Congresso de Copenhague, fez sobresair as vantagens que se poderiam tirar com o emprego dos accumuladores para a cirurgia e a medecina. Somente os accumuladores que elle aconselha que se use pesam o dobro dos que empregamos. O Sr. Bayer não deo nenhum detalhe relativamente ao seu emprego e quanto ao tempo que podem funccionar.

Em uma nota anterior, o Sr. Bayer cita uma experiencia feita por elle com um accumulador Faure pesando 8 kilogrammas, da qual resultou que este aparelho não é muito superior, como productor, ao accumulador Planté.

O accumulador Faure tem passado por aperfeiçoamentos successivos cujos resultados foram : maior capacidade na força de concentração e diminuição no peso e no tamanho.

Um engenheiro mui distincto, o Sr. Pallot Gadot foi o constructor dos accumuladores que representam a parte activa do nosso galvanocauterio.

Com uma pequena modificação os fizemos estaneos, eondição esseneial de um apparelho medieal d'este genero.

Fizemos reunir esses aecumuladores em uma eaixa com os diversos cauterios; que podem se tirar facilmente para empregal-os ou para earregal-os de novo (fig. 515).

A intensidade da corrente fornecida por qualquer d'esses aeeumuladores é de 20 amperes ; a força electro motora é de 2 volts 1/4 por eada um d'elles. — Os fios conduetores, reunidos em uma bainha de borracha não são nem pesados nem embaraçosos eomo os antigos fios das pilhas de galvanocaustia.

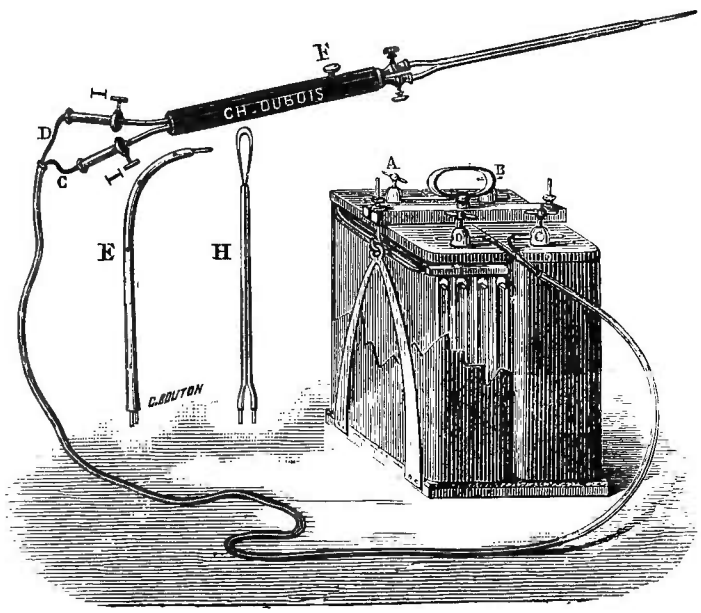


Fig. 516. — Galvanocauterio com accumuladores, fechado.

Para as operações que se tenham de praticar no utero e para a maior parte d'aquellas que se tenham de fazer na pelle, tumores, ete., basta servir-se do apparelho com dous accumuladores. Nos casos de cauterios ou de azas de grandes dimensões serve simplesmente 3 ou 4 aceumuladores reunidos em tensão. Para a cirurgia das cavidades pequenas como sejam o ouvido, a garganta, o nariz, é sufficiente só um aeeumulador.

A illuminação d'essas cavidades hoje em dia tão faeil depois da descoberta das lampadas de incandescencia, tambem se faz eom esses aecumuladores que são mais commodos que as pilhas de biehromato. Em nossa clinica e na pratica, allumiamos o especulo com um d'esses accumuladores que pode entreter uma lampada de incandescencia de duas velas durante dez horas mais ou menos.

Quanto á duração da descarga d'esses aceumuladores, ella é inversamente proporcional á quantidade de electricidade absorvida pelo cauterio empregado. Os cauterios (fleehas, faea, aza galvaniea) absorvem uma

quantidade de força electrica igual de 25 a 28 amperes horas; o accumulador, cuja força é só de 20 amperes hora, esgotará sua provisão em 40 a 45 minutos. Salvo alguns casos mui raros, não ha quasi operação em que o emprego da corrente galvanothermica tenha uma duração *effectiva* tão longa. Tambem nada impede que se tenha um outro grupo de reserva se as condições operatorias exigirem.

No caso de illuminação medica, a lampada não precisando para funccionar senão apenas uma força de 1 ampere hora, a duração da provisão electrica será, como se vê, de 10 a 20 horas empregando-se 1 ou 2 accumuladores.

Sabe-se que a força da pilha cirurgica de bichromato de potassa se proporciona mergulhando mais ou menos as laminas de zinco e carvão no liquido activo. Isto não se dá com este accumulador, cuja descarga é sensivelmente uniforme do começo ao fim. Ora, a temperatura cirurgica por excellencia sendo a do rubro escuro, deve-se fazer todo o possivel em manter os cauterios n'esse grao, o que é facil com as pilhas de bichromato, porém com os accumuladores só é possivel de duas maneiras :

1.° Empregando-se um rheostato; instrumento sobretudo util quando ha pouca força a desenvolver; como com os pequenos cauterios ou a lampada medica.

Quando haja a empregar grandes cauterios preferimos nos servir do seguinte apparelho com o qual não ha nenhuma transformação inutil da corrente.

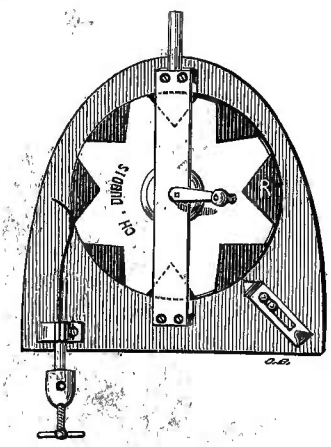


Fig. 517.

2.° Intercalla-se no circuito uma roda igual á roda de Masson (fig. 517). Fixa-se'a na caixa e a sua rotação mais ou menos rapida, modera mais ou menos a intensidade da corrente, de maneira que se mantem os cauterios na temperatura que se quer (rubro escuro, rubro cereja, rubro branco, etc.).

Quando os accumuladores esgotaram a sua provisão, torna-se a carregal-os de dous modos :

1.° Com machinas dynamo-electricas, em casa do fabricante;

2.° Ou no gabinete do clinico, por meio de tres ou quatro elementos de pilha de força electro-motora um pouco superior á dos accumuladores, e de um gasto medio de 12 amperes-horas por kilogramma.

Creamos um dispositivo commodo e duravel empregando a pilha de sulfato de mercurio.

Emfim, o galvanocauterio com accumuladores, conserva sempre todas as propriedades da pilha de galvanocaustica thermica sem ter os seus grandes inconvenientes.

Não ha mais que duvidar que o progresso d'este notavel meio cirurgico consiste em utilisar com proveito e talento os accumuladores.

GAMBÁ ou **Sariguea** (fig. 518). Animal que habita na America meridional, e sobretudo no Brazil. Ha gambás de tamanho médio e pe-

queno; tem uma cauda prehensil, que lhes serve para se agarrarem aos ramos das arvores; orelhas longas e pontudas; a bocca muito fendida e garneccida de 50 dentes; o focinho pontudo e com bigodes. O dedo pollegar dos seus membros posteriores é comprido, sem unha, e póde oppôr-se aos outros dedos; o que torna o seu andar lento, mas permittindo-lhes o trepar com facilidade. Certas especies de gambá tem um sacco ventral onde os filhos se mettem logo depois de nascidos, e no qual, agarrados cada um a uma teta, terminam o seu desenvolvimento; vindo a ser bastante fortes para andarem, abrigam-se ainda n'este sacco, ao menor perigo o que fez escolher o gambá como emblema da solitude materna. Nas especies que não tem sacco, os filhos, demasiado fracos para andarem nos primeiros dias do seu nascimento, agarram-se ás tetas da mãi, pendem debaixo do seu ventre, e fazem-se assim levar por ella, mamando, até ao momento em que as forças lhes permittam o trepar-lhe nas costas e ficar ali, agarrando-se com as suas pequenas caudas á cauda da mãi, que a mantem levantada para este fim. Os gambás são animaes timidos e inoffensivos; alimentam-se de fructas, insectos, passarinhos, de ovos que vão desaninhar nas arvores, etc. A carne come-se mas não é de gosto delicado.

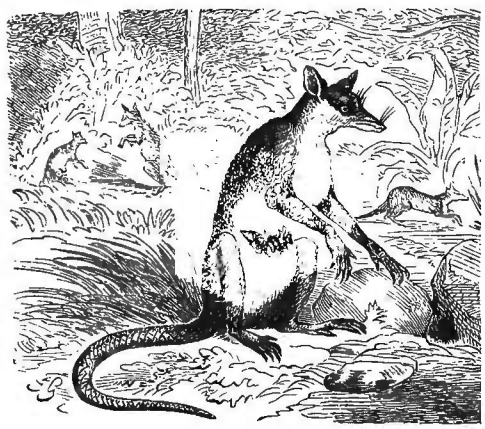


Fig. 518. — Gambá.

GAMELLEIRA ou **Figueira branca,** *Ficus doliaria*, Martius. Artocarpeas. Arvore lactifera do Brazil; habita nas provincias do Rio, S. Paulo, Minas. Tem 10 a 12 metros de altura, com 50 a 70 centimetros de diametro; os seus galhos são mui extensos e de magnifica folhagem; sempre verde; é uma das arvores que mais abrigam do sol. Flores no mez de Agosto. Ramos rectos e arredondados; estipulas e peciolos cobertos de pellos fulvos, folhas de peciolo curto, ellipticas, acuminadas ou levemente obtusas na ponta, cordiformes na base ou ovaes; as folhas novas transparentes, reticuladas, quasi rubras, pubescentes; estipulas terminaes ovaes, cónicas, enroladas. A superficie da casca contém grande numero de pequenas protuberancias, circulares na fórma, vermelhas na côr; a casca separa-se na superficie em laminas delgadas. O alburno tem aroma pouco activo e não muito agradavel. A madeira é leve, de fraca consistencia, procurada para gamellas, canôas e coches.

Fazendo-se incisões no tronco escorre um succo lactescente, a que chamam vulgarmente *leite;* é vermifugo e purgante energico, é considerado como o melhor remedio contra a opilação. Dóse: 30 a 150 grammas, misturado com partes iguaes d'agua.

Em casos de opilação leve costumam dar 10 colheres *de sopa*, de succo de gamelleira, recentemente colhido, misturadas com 20 colheres

d'agua. Não produzindo esta dóse effeito purgativo, repete-se até se conseguir um effeito satisfactorio. Sendo a enfermidade rebelde, augmenta-se a dóse. Muitos pretendem que o remedio, para ter bom resultado, deve ser tomado pelo doente, em quanto elle se acha no banho, devendo n'elle esperar duas horas pelo effeito.

Extracção do leite de gamelleira. É no mez de Agosto que a arvore fornece leite com mais abundancia, e dizem que elle corre em maior quantidade na lua minguante. Esta extracção opera-se tão lentamente que uma pessoa póde obter a custo uma garrafa por dia. Extrahe-se por incisões do mesmo modo que o leite da arvore da gomma elastica. Logo depois de extrahido é branco, da consistencia da nata; adhere fortemente aos dedos; de gosto adocicado não desagradavel, semelhante ao da orxata, com um resaibo levemente resinoso. O seu peso específico, na temperatura de 26° centigrados, é de 1,042 (Peckolt). É miscivel com agua sem alteração; o alcool produz n'elle um precipitado de frocos brancos. Seccado ao sol, perde duas partes d'agua do seu peso, e deixa uma substancia consistente, elastica, de côr amarella avermelhada semelhante á gutta-percha, com a qual mostra alguma analogia.

GANGLIO (*Molestia*). Pequeno tumor globoso, duro, sem dôr nem mudança na côr da pelle, que apparece no trajecto dos tendões. Observa-se sobretudo na mão ou no punho, ás vezes no pé. Este tumor é formado por um sacco cheio de um liquido albuminoso.

Os ganglios apparecem ordinariamente sem causa conhecida; outras vezes resultam de pancadas, de compressões prolongadas, ou de exercicio forçado. O desenvolvimento faz-se de ordinario de uma maneira lenta; ás vezes, porém, tem logar com bastante rapidez.

Em quanto não adquirem grande volume, os ganglios occasionam só deformidade, e um incommodo leve nos movimentos. Quando existem no pé, continuamente irritados pelo calçado, são muito mais incommodos. Tornando-se volumosos, produzem ás vezas dôres mais ou menos vivas, e estorvam mais os movimentos da parte affectada. Podem ficar estacionarios durante um grande numero de annos, vinte e trinta annos. Em alguns casos raros desapparecem espontaneamente.

Tratamento. Os antigos cirurgiões serviam-se de um processo brutal que está completamente abandonado actualmente. Elles applicavam sobre o tumor uma peça moeda, sobre a qual acalcavam com toda a força com os dous dedos pollegares; batia-se com um martello quando não se podia conseguir esmagar com a força dos dedos. Renunciou-se a esse meio não só porque era horrivelmente doloroso como tambem porque havia muitas reincidencias, o que se dá tambem quando se pratica a puncção. As injecções de tintura de iodo, que tem sido experimentadas, podem ás vezes serem muito perigosas. O melhor meio que deve empregar o cirurgião é extirpar o kysto inteiro; o doente não corre perigo, graças á innocencia absoluta das operações feitas com todo asseio e empregando-se o systema antiseptico.

O doente fica curado em pouco tempo e é impossivel que a molestia reincida.

GANGLIO LYMPHATICO, ou GLANDULA LYMPHATICA. Em anatomia dão-se estes nomes aos orgãos de volume variavel, desde o de uma lentilha até ao de uma avelã, que se acham sobre o trajecto dos vasos lymphaticos, e sobretudo debaixo do queixo, debaixo do braço, na virilha, etc. A sua consistencia é carnosa, e a côr é de um cinzento roseo. *Veja-se* GLANDULA.

GANGRENA ou **Esphacelo.** Mortificação mais ou menos extensa n'uma parte molle, com conservação da existencia no resto do corpo. Chama-se *necrose* á gangrena dos ossos. A lamina mais ou menos espessa, que está mortificada chama-se *escara*, e reserva-se o nome de *esphacelo* para a mortificação que se estende a toda a espessura de algum membro.

Causas. São diversas : ás vezes é uma inflammação rapida e violenta que, fazendo inchar além dos limites as partes cardadas de uma aponevrose inextensivel, determina a sua estrangulação, e por conseguinte a morte ou a gangrena. Outras vezes é uma constricção feita pelas bordas de uma abertura sobre os orgãos que a tem atravessado como acontece, por exemplo, na hernia estrangulada. Um apparelho de fractura muito apertado, ou uma ligadura que comprime fortemente um membro e fica applicada por algum tempo, determina a morte da parte subjacente, pelo obstaculo que occasiona á circulação. O mesmo effeito produz um annel, quando o dedo, em que elle está, se inflamma, por qualquer causa, e incha consideravelmente. Um agente chimico caustico, como o oleo de vitriolo ou a potassa caustica, por exemplo, mata e desorganiza promptamente a porção da pelle sobre que se applica. Nas molestias graves das pessoas idosas ou fracas que são obrigadas a ficar na cama certo tempo, acontece ser bastante o peso do corpo para produzir a gangrena das partes comprimidas. A demora e o contacto das ourinas ou das materias fecaes é tambem uma causa de gangrena : d'ahi vem o preceito de se ter summo cuidado no asseio dos doentes. A acção prolongada de um frio rigoroso, como tambem a de um calor concentrado, podem gangrenar as partes que lhes são directamente expostas, como acontece nas queimaduras. Além d'isso, ha a gangrena chamada *espontanea* ou *senil*, produzida ordinariamente pela obliteração das principaes arterias do membro affectado. O *carbunculo* (*Veja-se* esta palavra) é uma affecção gangrenosa produzida pela acção deleteria de um virus que, as mais das vezes, procede de animaes doentes. A infecção do ar nas prisões, nos navios, nas enfermarias, póde occasionar a gangrena, chamada *podridão de hospital,* nos individuos affectados de uma ferida ou ulcera. Emfim, ha casos em que a gangrena é produzida por causas desconhecidas.

Conforme a natureza das causas que a provocam, as partes que affecta e muitas outras circumstancias, a gangrena apparece sob diversos aspectos. A gangrena póde ser *externa* ou *interna.*

Gangrena externa. *Symptomas.* Quando a gangrena se declara n'uma ferida, ou succede a alguma inflammação aguda, vê-se a vermelhidão da parte tomar pouco a pouco uma côr menos viva, depois livida, e

successivamente azulada, roxa, e emfim negra; ao mesmo tempo o calor e a sensibilidade diminuem, os tecidos tornam-se molles; bolhas cheias de serosidade roxa levantam a epiderme, que se desprende com muita facilidade e patentêa nodoas negras; emfim, um cheiro caracteristico exhala-se de todas as partes gangrenadas.

Produzida e desenvolvida, faz a gangrena progressos mais ou menos rapidos. Ás vezes progride com tanta força que nada póde sustêl-a; propaga-se aos orgãos essenciaes da vida e torna-se rapidamente mortal; outras vezes pára por si, ou mediante os soccorros da arte. Então principia uma nova serie de phenomenos : apparece um circulo vermelho que oppõe uma barreira ao progresso da gangrena; forma-se uma boa suppuração entre as partes vitaes e as gangrenadas; carnes vermelhas e firmes desenvolvem-se, as escaras gangrenosas separam-se pouco a pouco, cahem, e deixam a descoberto uma chaga que se cicatriza depois, com maior ou menor rapidez, conforme a sua extensão.

Mas nem sempre a gangrena limita os seus effeitos ás partes que affecta, e symptomas geraes vem frequentemente associar-se ás desordens locaes. Quando é externa, quando succede a uma inflammação ordinaria, porém excessiva, quando emfim é pouco extensa, fica circumscripta na parte doente e não provoca perturbação alguma no exercicio das grandes funcções. Mas em circumstancias oppostas, isto é, quando ataca um orgão interno, ou mesmo externo, tomando grande extensão, já em superficie, já em profundidade; quando, emfim, é produzida pela inoculação de um virus, determina symptomas de fraqueza, debilidade do pulso, difficuldade da respiração, desmaios, suores frios, lividez no rosto, enfraquecimento na vista, etc,

A côr das partes gangrenadas é mui variavel. As mais das vezes as escaras são pretas, cinzentas, lividas : é o que se observa ordinariamente nas gangrenas humidas da pelle; as gangrenas seccas, tem uma côr mais escura, mais carbunculosa. Em outros casos, em consequencia de certas contusões, de queimadura, as escaras da pelle são a principio brancas ou amarellas, antes de tomar uma côr mais escura. O tecido cellular gangrenado no furunculo, no anthrax, na maior parte das erysipelas phlegmonosas, conserva uma côr branca ou amarellada. Os musculos gangrenados, que não estiveram em contacto com o ar, conservam ás vezes uma côr vermelha, escura, livida; em outros casos são amarellados ou cinzentos; tornam-se pretos e atrophiados na gangrena secca. As escaras das membranas mucosas, por exemplo, da membrana interior da bocca, são frequentemente, na origem, brancas, depois tornam-se cinzentas, e emfim tomam uma côr preta (fig. 519).

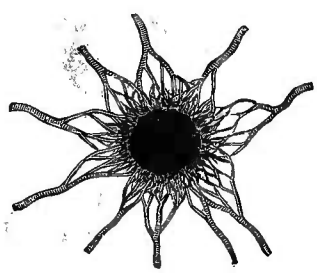


Fig. 519. — Escara.

Julga-se que a gangrena cessa de fazer progressos, quando apparece sobre a circumferencia da escara um circulo inflammatorio de côr vermelha, pouco doloroso, acompanhado de sensação de calor; pouco

tempo depois estabelece-se uma boa suppuração, o pulso e as forças geraes augmentam. Deve-se recear, pelo contrario, que continue a progredir, quando á roda das partes mortas apparecem novas bolhas arroxeadas; quando ao redor d'estas mesmas partes se observa um circulo largo, de um rubro livido ou amarellado, pouco sensivel, e quando n'este circulo existe uma dôr acre e calor ardente. Os progressos da gangrena são tambem annunciados pela inchação que se propaga ao longe, pelo pulso pequeno, frequente, e prostração geral.

Tratamento da gangrena externa. É o seguinte : Favorecer a quéda das partes mortas com cataplasmas de linhaça ou de fecula, polvilhadas com a mistura de pó de quina e de carvão de Belloc em partes iguaes; desinfectar a ferida com lavatorios de phenol Bobœuf, ou com agua de Labarraque misturada com agua morna; depois de cahidas as escaras curar a ferida com unguento de Arceus; sustentar as forças geraes com caldos de carne de vacca, mingáos de tapioca ou de araruta, com geleas animaes e vegetaes, vinho, com xarope de quina, ou vinho de quinium Labarraque. Renovar o ar do quarto do doente, espalhar no soalho phenol Bobœuf puro, ou a dissolução de chlorureto de cal. Eis-aqui as receitas :

1.º Carvão de Belloc..... 30 grammas.
Quina em pó..... 30 —

Misture.

2.º *Xarope de quina*..... 180 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes ao dia, puro ou misturado com agua.

3.º *Vinho de quinium Labarraque*..... 1 garrafa.

Para tomar 2 calices por dia.

4.º *Agua de Labarraque*..... 1 garrafa.
5.º *Phenol Bobœuf*..... 1 vidro.
6.º *Unguento de Arceus*..... 60 grammas.
7.º *Chlorureto de cal*..... 120 —

As bebidas acidulas, taes como as limonadas de limão, de laranja e de outras fructas, são muito uteis no tratamento da gangrena, assim como a cerveja misturada com agua.

Em cada curativo é preciso levantar brandamente com pinça os pedaços de escaras já separadas, e cortal-os com tesoura. Existindo fócos de materia debaixo das escaras ainda não separados, cumpre fendêl-as para dar sahida ao pus.

Gangrena pela compressão occasionada por apparelhos das fracturas. Póde sobrevir a gangrena, quando a compressão que exercem os apparelhos das fracturas é demasiada. Os primeiros phenomenos pelos quaes ella se annuncia são : o esfriamento do membro fracturado, perda da sensibilidade e do movimento d'esta parte, formação de bolhas e escaras negras, fraqueza geral.

Tratamento. Quando o doente sente que o apparelho aperta muito e produz a insensibilidade da parte, deve immediatamente desapertar as ataduras, e mesmo tirar o apparelho, se fôr preciso, antes da chegada do cirurgião. Outro tanto se deve fazer quando um annel comprime demasiadamente o dedo. Quando não se desapertou a tempo uma ligadura muito apertada, e quando um membro ameaçado de gangrena se tornou frio, cumpre chamar o calor envolvendo o membro em flanela quente, e applicando saquinhos cheios de cinza quente. Existindo já bolhas e escaras, appliquem-se cataplasmas de linhaça polvilhadas com pó de quina e carvão, e trata-se a gangrena como ficou dito no artigo precedente.

Para evitar esta gangrena convem vigiar com cuidado os apparelhos que se applicam nas fracturas, e será necessario afrouxal-os sempre que os doentes se queixarem da compressão.

Gangrena por outras compressões. Acontece muitas vezes que os doentes, que tem uma parte continuamente descançada na cama, são acommettidos n'esse ponto de uma gangrena semelhante á gangrena por contusão. Assim, a região posterior do corpo (sacro), nos doentes que a febre typhoide, ou alguma outra longa molestia obrigam a estarem deitados, produz frequentemente gangrena n'essa parte; o calcanhar, nos individuos affectados de fractura da coxa ou da perna, gangrena-se no ponto em que elle descança na cama.

Para evitar as escaras no sacro, é necessario pôr debaixo das nadegas uma almofada de borracha ou de paina com abertura no meio; deitar o doente sobre uma bexiga de porco, cheia pela ametade d'agua e de ar; mudal-o frequentemente de posição, on empregue-se o colchão de agua (*Veja-se*, vol. I, p. 646). Se apezar d'estas precauções, apparecerem as escaras, lave-se a parte com vinho tinto, polvilhe-se com mistura de pó de quina e de carvão vegetal em partes iguaes e trate-se finalmente a gangrena, se fôr preciso, como está indicado no artigo *Gangrena externa*. Para evitar a gangrena do calcanhar, nas fracturas da coxa ou da perna, ponha-se o calcanhar em falso por meio de algodão applicado debaixo da parte inferior da perna.

Gangrena por contusão. A gangrena por contusão resulta da destruição dos vasos capillares, ou da ruptura das arterias ou veias que se distribuem n'um orgão. É caracterizada pela côr violacea, por uma chapa de pelle fria, intumescencia seguida de eliminação das escaras, e cheiro de putrefacção. Parece-se muito com a gangrena por inflammação.

Tratamento. — Durante os dois ou tres primeiros dias, appliquem-se pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com aguardente camphorada; depois ponham-se cataplasmas de linhaça ou de fecula para favorecer e eliminação dos tecidos mortos; e finalmente cure-se a ferida com ceroto simples.

Gangrena por queimadura. Os corpos em ignição, e as substancias causticas, taes como o oleo de vitriolo, o acido azotico, a potassa caustica, etc., produzem na pelle escaras pretas ou amarelladas, que

não são outra cousa senão a gangrena. Estas escaras separam-se, depois de uma inflammação circumscripta, e cahem no duodecimo ou decimo-quinto dia deixando uma ferida mais ou menos extensa. Favorece-se a quéda das escaras com cataplasmas de linhaça ou de fecula; e cura-se depois a ferida com ceroto simples ou ceroto opiado, cujas receitas se acham no artigo CEROTO. *Veja-se* QUEIMADURA.

Gangrena espontanea, gangrena senil ou **gangrena secca.** É uma especie de gangrena que reconhcce muitas vezes por causa uma lesão das arterias ou das veias, e que outras vezes se desenvolve sem causa bem apreciavel. Chamáram-lhe *gangrena senil*, porque se observa sobretudo nas pessoas idosas; *gangrena secca*, porque tem esta fórma as mais das vezes; *gangrena chronica*, porque a sua marcha é lenta.

Causas. É mais frequente no homem do que na mulher; desenvolve-se igualmente na classe rica, que usa de alimentação succulenta, como na gente pobre, submettida a toda a especie de privações. Apparece ás vezes no fim de alguma molestia grave, da febre typhoide, por exemplo. Encontram-se frequentemente, nos individuos affectados d'esta molestia, ossificações nas membranas das arterias, ou obliterações nas veias.

Symptomas. A gangrena espontanea principia sempre pelas partes do corpo mais afastadas do centro circulatorio, os dedos dos pés ou das mãos, a ponta do nariz, a orelha; as mais das vezes os pés, as costas de um dos dedos ou o lado de uma unha. Os doentes experimentam durante algum tempo dôres, formigamentos, entorpecimento e um peso no dedo, no pé ou na perna. Estas partes perdem a sensibilidade e o calor; os seus movimentos tornam-se mais difficeis. A pelle que cobre a face dorsal do dedo ou o lado da unha toma côr vermelha roxa; mais tarde esta côr torna-se livida e emfim preta. A epiderme levanta-se e depois separa-se; a derme posta a nú, apresenta uma côr rubra escura, a sensibilidade acha-se n'ella totalmente abolida; a pelle torna-se secca e dura. Este trabalho de destruição propaga-se ás partes vizinhas, mas geralmente com muita lentidão; póde durar alguns annos. A gangrena apresenta-se em geral debaixo da fórma secca; a gangrena humida observa-se raras vezes. Passado algum tempo, e quando a mortificação fica limitada, apparece o trabalho de eliminação; mas este trabalho cessa frequentemente por causa dos novos progressos que faz a mortificação. Em alguns doentes existe só uma diminuição na sensibilidade e mobilidade. No maior numero d'elles apparecem dôres mais ou menos vivas, ás vezes intoleraveis, que augmentam com o calor da cama. Variam os phenomenos geraes, ás vezes ha pulso forte e frequente, outras vezes symptomas de prostração.

Tratamento. O tratamento tónico, o emprego das preparações de quina internamente, o uso de vinho e da alimentação analeptica, são os meios que convem n'este caso. Fricções com linimento de Rosen, com aguardente camphorada, costumam aproveitar sendo feitas sobre o trajecto do membro, que se envolve depois com flanella quente. As dôres vivas que precedem a gangrena não podem ser acalmadas senão pelo opio, que

se administra em pilulas internamente, e se applica tambem no logar doloroso. Quando as escaras principiam a despegar-se, deve favorecer-se o trabalho de eliminação com cataplasmas de linhaça : e depois cura-se a ferida com unguento de Arceus.

RECEITUARIO CONTRA A GANGRENA ESPONTANEA.

1.° *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada.....	4	grammas.
Oleo volatil de cravo.....	4	—
Alcoolato de zimbro.....	72	—

Misture. Para friccionar a parte, duas vezes por dia. *Dóse :* meia colher *de sopa* para cada fricção.

2.° *Laudano de Sydenham*..... 30 grammas.

Molha-se um panno n'este liquido, e applica-se na parte gangrenada, para acalmar as dôres.

3.° Extracto de quina..... 8 grammas.

Faça 24 pilulas. *Dóse :* uma pilula tres vezes por dia.

4.° Extracto de opio..... 30 centigrammas.

Faça 12 pilulas. Para tomar duas ou tres pilulas por dia.

Gangrena da bocca das crianças. Tumefacção do rosto, luzidia, como oleoginosa, violacea, com bolhas ou manchas pretas, seguidas de ulceração pardacenta, com cheiro fetido e gangrenoso.

Causas. A gangrena da bocca é uma affecção, não exclusivamente, porém mais especialmente propria ás crianças ; sobrevem sobretudo nas de 3 a 5 annos. É quasi desconhecida na classe rica ; e não se observa senão nas crianças de gente pobre. Resulta de todas as causas locaes que podem debilitar a constituição (miseria, máos alimentos, falta de asseio, etc.), depois, molestias geraes, escarlatina, sarampos, febre typhoide, etc.

Symptomas. Vê-se apparecer nas crianças, durante o curso ou no fim de uma molestia geral, na face interna ou na espessura do rosto, no beiço ou na gengiva, ora uma ulceração pardacenta, ora um tumor violaceo, denegrido, que se transforma rapidamente em escara. Esta estende-se em superficie ou em profundidade, chega a perforar o rosto, sem produzir no exterior outra cousa que uma nodoa preta, de mui pequena dimensão. Esta escara separa frequentemente a gengiva do osso, ou a destroe completamente. De ordinario poucas dôres acompanham esta alteração tão grave por sua causa, seus symptomas geraes e sua terminação funesta. A saliva corre abundantemente da bocca, que exhala um cheiro fetido. A gangrena propaga-se aos beiços, ás faces, ás partes vizinhas. É horrivel o espectaculo que apresenta então o pequeno doente : todo um lado do rosto cahe gangrenado desde o olho até ao pescoço ; apparecem os dentes, os ossos dos queixos, e a vida

póde, apezar d'isso, continuar ainda durante muitas semanas. Ordinariamente em doze ou quinze dias os symptomas locaes e geraes fazem a sua completa evolução, e o doente morre quasi sempre pelo effeito da molestia geral. É raro que resista aos progressos da gangrena; comtudo ha alguns exemplos de cura produzida pela eliminação da escara e por uma cicatrização horrenda de uma porção do rosto.

Tratamento. Bem que a molestia seja quasi incuravel, é preciso tratal-a localmente como uma gangrena com lavatorios d'agua de Labarraque misturada com agua morna; ou Phenol Bobœuf diluido em 20 partes d'agua; ou com solução de permanganato de potassa (2 grammas por 250 grammas d'agua); appliquem-se fios molhados em sumo de limão azedo, e toque-se a ulcera com um pincel molhado na mistura seguinte :

Acido chlorhydrico.....	15 grammas.
Mel de abelhas.....	15 —

Feito isto, polvilhe-se a ulcera com os pós seguintes :

Carvão vegetal de Belloc.....	15 grammas.
Casca de quina em pó.....	15 —

Depois de cahidas as escaras, e limitada a gangrena, cure-se a ulcera com unguento de Arceus.

Internamente administre-se o vinho de quina, na *dóse* de uma colher *de chá*, quatro vezes por dia, e alimente-se o doente com bons caldos e mingáos de tapioca.

Gangrena da vulva. A gangrena póde desenvolver-se tambem na vulva das meninas : apresenta os mesmos caracteres que a da bocca, e reclama o mesmo tratamento.

Gangrenas internas. As gangrenas externas e pouco extensas não produzem ordinariamente perturbação nas funcções geraes; não acontece o mesmo nas gangrenas dos orgãos internos : estas occasionam quasi sempre desordens grandes nas funcções d'estes orgãos, e são caracterizadas pela frequencia e fraqueza do pulso, difficuldade da respiração, sêde, nauseas, inchação do ventre, fedor das excreções, côr amarellada da pelle, suores frios e viscosos, côr denegrida da ourina, sobresaltos dos tendões, abatimento, delirio.

As gangrenas internas são occasionadas por inflammações violentas, por contusões profundas, por estrangulamentos, por exemplo, na quebradura, quando o intestino, que sahio da cavidade abdominal, fica apertado pela abertura que lhe deo passagem. Deve suspeitar-se a existencia da gangrena interna, quando a dôr que a precede cessa de repente, quando o pulso se torna mui frequente e mui fraco, quando a pelle se cobre de um suor frio e viscoso, quando as feições do rosto se alteram rapidamente. A medicina offerece poucos recursos n'estes casos; devem comtudo empregar-se as preparações de quina e de camphora.

Gangrena do pulmão. Mortificação mais ou menos extensa do parenchyma pulmonar. As *causas* não são conhecidas; é preciso admittir

uma predisposição particular que nos escapa completamente, e que é a unica que póde explicar a producção d'esta molestia.

Symptomas. A gangrena do pulmão póde declarar-se subitamente sem precedencias morbidas, o que é excepcional, ou sobrevir no curso de alguma molestia aguda, febre typhoide, febre puerperal, escarlatina, tuberculos pulmonares, etc. Os doentes experimentam durante alguns dias, ou durante algumas semanas, um incommodo geral que não podem definir; perdem o appetite e as forças; alguns tem tosse; e é no meio d'estes symptomas que se manifestam de repente os signaes de gangrena pulmonar.

O doente percebe elle mesmo que os seus escarros tem gosto desagradavel, e que o seu halito exhala de tempos a tempos cheiro infecto. É este cheiro tambem que fixa a attenção do medico : com effeito quando os doentes tossem, o ar expirado espalha um cheiro sempre fetido, mas variavel. Não é um cheiro penetrante, particular das gangrenas externas; na gangrena pulmonar é antes um cheiro de materias fecaes, de podridão, extremamente nauseoso. Os escarros são mucosos, cinzentos, opacos, ás vezes pretos ou sanguinolentos. A expectoração exhala commummente o mesmo cheiro que o halito. Mais tarde os tecidos mortificados são lançados fóra. A eliminação faz-se muitas vezes de uma maneira insensivel, e não se acha vestigio algum na expectoração. Mas ás vezes os destroços gangrenosos são expulsos; tem ás vezes alguns centimetros de comprimento ; é n'estes casos que póde sobrevir hemorrhagia pulmonar mais ou menos forte.

Quando estas desordens existem no pulmão, apparecem symptomas geraes graves. O rosto altera-se, as forças diminuem consideravelmente; o pulso torna-se frequente e fraco ; sobrevem diarrhea e grande abatimento. Todavia ás vezes, apezar dos signaes mais evidentes da gangrena, as forças mantem-se quasi intactas, a pelle conserva o calor e o pulso a frequencia normal; não ha, em uma palavra, symptoma proprio ás molestias graves. Mais isso não póde ter logar senão quando a gangrena é mui circumscripta.

A gangrena do pulmão é molestia grave, comtudo é susceptivel de cura, quando não tem grande extensão : as cavernas, que ficam depois da expulsão do tecido gangrenado, podem cicatrizar-se com o tempo.

Tratamento. O vinho e a quina constituem a base da medicação; associam-se-lhes os chlorurctos desinfectantes e o opio. Eis-aqui as receitas :

Vinho de quina..... 500 grammas.

Para beber uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Extracto de opio..... 30 centigrammas.

Faça 12 pilulas. Para tomar 2 pilulas por dia.

Cumpre espalhar no quarto agua de Labarraque, e Phenol Bobœuf e collocar perto da cama vasos contendo chlorureto de cal secco. — As inhalações de essencia de terebinthina são tambem uteis. Um regimen

fortificante, o uso de caldos substanciaes, mingáos de araruta, geleas, carne assada são coisas indicadas pelo estado geral.

GANSO. Ave da classe das Palmipedes (fig. 520). Distingue-se do pato pelo volume do corpo e pela fórma do bico mais curto do que a cabeça, mais estreito por diante do que atraz, mais alto do que largo na base. Tem os tarsos mais altos, menos separados, o que lhe torna o andar mais facil : e por isso vive mais em terra do que na agua. As diversas raças de gansos domesticos não são especies diversas, são simplesmente variedades que differem unicamente no tamanho. Os gansos

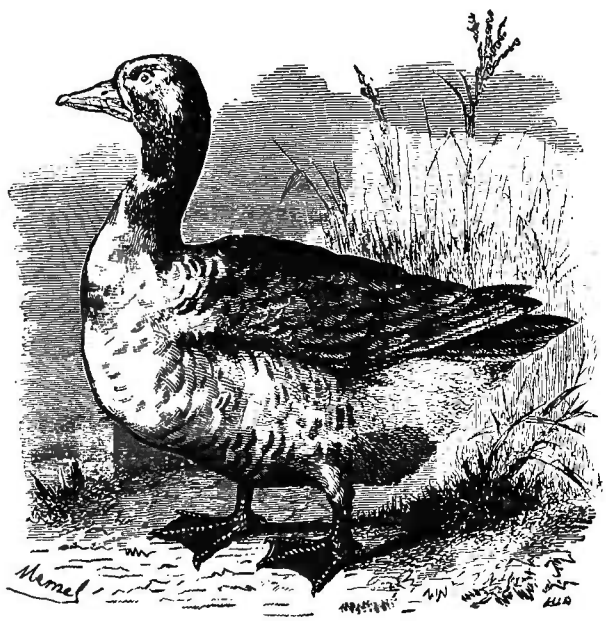


Fig. 520. — Ganso.

devem ter um logar separado do gallinheiro. Como elles não se põem no poleiro, deve-se ter muito cuidado no asseio : o logar onde dormem deve ser limpo e reformado cada semana; o producto excrementicio é um excellente estrume. Bem que os gansos gostem muito d'agua, e que tenham o costume de chafurdar, podem criar-se, mesmo sem agua corrente, nem charco. N'este caso, um fosso revestido interiormente de barro, ou uma pipa enterrada ao nivel do solo, permitte que se tenha agua ao seu alcance durante os primeiros mezes da criação. Mais tarde sabem ir á agua, mesmo a grandes distancias, e voltar á casa.

O ganso macho não deve ter mais de 4 a 5 femeas; deve ficar com ellas, não só por causa da fecundação dos ovos cuja postura tem logar duas ou tres vezes por anno, mas ainda porque o macho conduz e defende a ninhada com o mesmo cuidado que a femea, e a protege durante o tempo que ella chóca. Ás vezes os machos velhos tornam-se tão máos que é preciso matal-os; mas isto não acontece senão raras vezes quando são tratados com brandura. Comtudo, não ha interesse

em deixar envelhecer os gansos e as gansas até á idade de 7 ou 8 annos, como se pratica ás vezes, sem razão. Passado o quinto anno, sua carne torna-se tão coriacca, que não se póde quasi comer. A postura dos ovos do primeiro anno é sempre mais fraca do que nos annos seguintes; de 2 a 4 annos as gansas estão no auge da fecundidade; passados os quatro annos devem ser engordadas e entregues ao consumo. As qualidades exigidas de um bom macho são : um dorso largo, o pescoço gordo, a cabeça alta, as patas largas e fortes, e uma coragem a toda a prova para defender as femeas e a ninhada. A femea deve ter o peito largo e o ventre cahido bem guarnecido de pennas; deve ser meiga e familiar.

Cumpre vigiar as tropas domesticas na época da passagem dos bandos de gansos bravos; estes chamam com altos gritos seus camaradas domesticos, muito dispostos a seguil-os. Para prevenir a sua fuga, arrancam-se-lhes algumas pennas das azas, ou melhor, quando são ainda novos, quebra-se-lhes um osso das azas.

A fecundidade das femeas é extrema : bem alimentadas, podem fazer, por anno, até tres posturas de 12 ovos cada uma; e tendo-se o cuidado de os tirar á medida que os põem, dão 40 a 50 ovos. A gansa principia a fazer clla mesma seu ninho na época em que deve pôr os ovos, mesmo no local onde está acostumada a passar a noite. A principio põe os ovos regularmente cada dois dias, depois, no fim da postura, todos os dias. Acabada a postura, se se vir a gansa ficar no ninho uma ou duas horas, de tempo em tempo, póde julgar-se que está para chocar. Prepara-se-lhe então o ninho com palha, inteiramente chato, mas com borda á roda para reter os ovos. Não se lhe deve dar mais de 12 a 15 ovos para chocar, conforme o tamanho da gansa. A incubação dura 28 a 30 dias. Podem fazer-se chocar por uma gallinha os ovos que a gansa tenha posto acima do numero que ella mesma póde razoavelmente chocar; uma gallinha não póde chocar mais de seis ovos de gansa; os pequenos sahem da casca ao mesmo tempo das duas ninhadas, que se reunem debaixo da conducção da mãi legitima. Durante a incubação, é preciso ter o cuidado de pôr ao lado do ninho os alimentos e agua, afim de que a gansa se ausente do ninho o menos possivel.

Raras vezes é preciso ajudar os pequenos a sahir da casca; a sua rusticidade é muito maior do que a de todas as outras aves domesticas na sua nascença. Nos primeiros dias sustentam-se os pequenos gansos com uma mistura de gemas de ovos cozidos, miolo de pão ou farinha e ortigões ou outras hervas, tudo reduzido a massa. Passados quinze dias os gansinhos podem ir ao pasto com a mãi, e receber a mesma alimentação que ella. O ganso, em toda a idade, gosta muito de herva fresca. Na falta de pasto, póde-se dar aos gansos toda a especie de hervas cortadas nos logares pantanosos; comem muito bem toda a especie de forragem quando fresca; recebem com prazer as folhas de couve e os ciscos de todos os legumes que provém da cozinha.

Os gansos fornecem uma carne saborosa e substancial. Engordam-se especialmente para augmentar o seu figado, com o qual se fazem pasteis muito afamados, sobretudo nas cidades de Strasburgo na Alle-

manha, e de Tolosa em França. Os gansos dão tambem pennas, frouxel e gordura, objectos de grande utilidade.

Engorda. O modo mais simples de engordar os gansos consiste em lhes dar á vontade aveia, misturada com agua e leite; passados 20 a 25 dias, podem-se matar. São então bons para comer. Quando se criam para obter *figados gordos* para a confeição dos pasteis, fecham-se cada um n'uma gaiola tão estreita que não se possa virar n'ella ; o fundo d'esta gaiola tem uma abertura na parte posterior, para deixar passar as dejecções do animal : tres vezes por dia farta-se cada ganso com milho grosso. No vigesimo-segundo dia ajunta-se ao milho um pouco de azeite de dormideiras. Deve haver com fartura agua na qual se mette pó de carvão para que se não corrompa. Em 30 ou 40 dias os gansos pesam 7 a 10 kilos : mata-se então o animal. O figado pesa n'este tempo de 500 a 1000 grammas e extrahem-se do ganso de 2 a 3 kilogrammas de excellente enxundia.

Ganso bravo. Differe pouco do ganso domestico. Os gansos bravos emigram e vão passar o inverno nos paizes quentes, onde encontram aguas que não gelam. Viajam em bandos, voando em duas longas linhas que formam um angulo, em cujo vertice vai um macho.

Molestias dos gansos. Os gansos estão sujeitos á apoplexia ; principiam então por andar á roda continuadamente ; cumpre n'este caso sangral-os abrindo com um canivete uma veia assaz apparente debaixo da membrana que liga os dedos das patas. — Podem envenenar-se comendo cicuta, meimendro ou figueira do inferno ; cahem então no chão, com as azas estendidas. Em tal caso, faz-se-lhes engulir um pouco d'agua morna tendo em dissolução 20 centigrammas de cal. Quando os gansos tem diarrhea, basta, para cural-os, supprimir a ração de alimentos frescos, e nutril-os com grãos durante alguns dias.

GARGANTA. Parte posterior da bocca.

Garganta (Ataque da). *Veja-se* Angina.

Garganta. (Corpos estranhos na). *Veja-se* Corpos estranhos

Garganta (Dôr de). *Veja-se* Angina.

Garganta (Inflammação da). *Veja-se* Angina.

Garganta (Postema da). *Veja-se* Angina.

GARGAREJO. São medicamentos liquidos destinados a limpar, refrescar a bocca e a garganta. Agitam-se em diversos sentidos pela acção do ar que sahe do peito ; lançam-se depois fóra, sem engulir a menor porção d'elles, para não introduzir no estomago algumas materias purulentas que se desprendem da garganta, ou algum ingrediente irritante que ás vezes entra na composição do gargarejo.

O gargarejo compõe-se ordinariamente de 120 a 180 grammas de liquido, e o doente deve servir-se d'elle, quatro, seis ou oito vezes por dia, afim de acabar em vinte e quatro horas a quantidade que deixei indicada. O doente enche a bocca com este liquido, e virando depois a cabeça para traz, faz com que o liquido chegue até á garganta em quanto que expelle lentamente e por sacudidellas o ar que por uma longa inspiração accumulou nos pulmões. Esta expiração, impedindo o liquido de

descer, imprime-lhe leves sacudidellas, e determina certo ruido que indica uma lavagem particular da garganta.

Os gargarejos empregam-se quasi sempre frios, ás vezes tepidos. Podem ser emollientes, adstringentes, estimulantes, anti-escorbuticos, etc., conforme as indicações. As decocções de figos em leite, o cozimento de althea ou de malvas, constituem os gargarejos *emollientes*, que são empregados nas esquinencias, e sobretudo nas inchações das gengivas que succedem ás extracções de dentes. A agua de cevada com mel e algumas colheres de vinagre, a decocção de raiz de ratanhia com 60 grammas de mel rosado por cada copo, constituem os gargarejos *adstringentes*, cujo uso é frequente nas inflammações leves da garganta, nas inchações da campainha, etc. Os gargarejos de composição mais complicada, acham-se indicados nos artigos das molestias em que se applicam.

GARYOPHILLATA. *Veja-se* PICÃO.

GARRIGA. Hespanha. Aguas salinas quentes; 41° e 44°. Empregam-se no rheumatismo, rigidez articular, nevralgias, colicas biliosas, areias, catarrhos vesicaes, chlorose, molestias cutaneas.

GARROTILHO. *Veja-se* CRUP.

GASTEIN. Imperio da Austria, provincia de Salzburg. Aguas salinas fracas, quentes.

Itinerario de Pariz a Gastein : Estrada de ferro de Pariz a Salzburg, 30 horas. Carro de Salzburg a Gastein, 12 horas. Despezas 150 francos.

A temperatura das fontes de Gastein varía de 32° a 49° ; apresentam na sua composição e nas propriedades therapeuticas perfeita identidade. A fonte principal, chamada *fonte do Principe*, alimenta quatro grandes estabelecimentos. O estabelecimento do hotel Straubinger é o mais consideravel.

As outras fontes distribuem-se nos numerosos banhos particulares, assim como nas piscinas. A mais abundante é a *Fonte grande*. É ella que junta á fonte chamada *do Doutor*, transmitte á aldea de Hof Gastein , distante de 6 kilometros, a agua mineral necessaria para os banhos d'esta ultima residencia.

A agua de Gastein é limpida e pura como a mais bella agua dos montes. O cheiro é nullo, assim como o sabor. Exposta ao ar, não depõe sedimento. A analyse descobrio n'ella apenas alguns vestigios de saes alcalinos insignificantes. Berzelius, Wolf e Liebig, procuráram em vão o segredo do poder d'estas fontes, tão fracamente mineralizadas; Gay-Lussac affirmava que a pureza da agua era a causa de sua actividade ; outros chimicos invocavam ora a electricidade, ora as condições topographicas. Não obstante isto, eis-aqui os phenomenos que um simples banho determina nos individuos nervosos :

Sensação geral desagradavel. Em vez de estender-se, a pelle contrahe-se, como por effeito de uma leve adstricção. Sobrevem leve dyspnea ; as paredes abdominaes apertam-se. Logo um calor insolito, acompanhado de estremecimentos, espalha-se em todos os membros. O pulso torna-se forte, o rosto corado; zunem os ouvidos. É o momento de sahir do banho; seria perigoso prolongal-o mais tempo

As aguas de Gastein empregam-se sobretudo em banhos : pouco como bebida. O banhos duram de dez a quinze minutos ; administram-se em tres casas ou hoteis. A agua mineral resfria-se por meio das serpentinas que atravessa, e que mergulham em agua fria. A installação deixa pouco a desejar : banheiras, piscinas, duches de todas as especies, vaporarium, etc. Acham-se em Gastein todos os recursos da hydrotherapia moderna.

O numero dos banhos que os doentes devem tomar é de dez a quinze.

Eis-aqui os symptomas que se observam durante o tratamento :

Do setimo ao decimo quinto banho, a acção thermal concentra-se sobre o systema nervoso. O individuo tem mais vitalidade ; sente-se mais agil e mais forte. Mas esta influencia é sobretudo predominante no apparelho genital : traduz-se nos temperamentos phlegmaticos pela maior energia, nos individuos energicos, pelos sonhos eroticos, pelas estranhas e insolitas excitações, como se o individuo tivesse engulido cantharidas.

Os banhos de Gastein gozam de reputação contra a paralysia e impotencia viril. São tambem recommendados nos rhumatismos. Em bebida, as aguas de Gastein são aconselhadas nas gastralgias, dyspepsias, hysterismo e outras molestias nervosas. A estação thermal dura do 1° de junho até 15 de setembro. As vantagens de um ar puro são contrabalançadas pelas circumstancias climatericas pouco favoraveis no meio das quaes se acha Gastein, sobre a margem de uma torrente, n'um valle profundo dos Alpes noricos, e onde as chuvas e as neves cahem ás vezes no meio da estação thermal.

GASTRALGIA, Cardialgia ou **Gastrodynia.** Dôr nervosa do estomago. A palavra *gastralgia* deriva das palavras gregas *gaster*, estomago, e *algos*, dôr. A palavra *cardialgia* de *cardia*, orificio superior do estomago, e *algos* dôr. Dá-se ainda a esta molestia o nome de *gastrodynia*, das palavras gregas *gaster*, estomago e *odyne*, dôr. Estes tres nomes designam um soffrimento do estomago, puramente nervoso, isto é, sem lesão apreciavel d'este orgão, sem inflammação que se chama *gastrite*, sem desorganização como no *scirrho* ou *cancro* ; a sensibilidade acha-se somente modificada, mas o tecido do orgão conserva as apparencias do estado são.

Considerando a abundancia e as differentes fontes dos nervos que vivificam o estomago, concebe-se com que facilidade esta viscera póde ser impressionada, e comprehende-se porque os medicos e os philosophos tem feito do estomago a séde ou o centro de grande numero de affecções e de paixões. Com effeito, o estomago soffre na maior parte das molestias, e as fortes emoções, bem que do dominio cerebral, tem uma correspondencia muito visivel com a região epigastrica. O essencial é não confundir as dôres nervosas do estomago com as que são produzidas pela inflammação e pelas outras lesões de textura.

Symptomas. Eis-aqui os principaes symptomas da gastralgia : Dôr viva, aguda, atroz, intermittente, diminuindo pela compressão, menos viva depois de comer, manifestando-se as mais das vezes pela manhã ;

lingua ás vezes descorada, larga, limpa; appetite frequentemente exagerado, pervertido; desejo de alimentos muito temperados; sabor metallico, acido; bocejos frequentes; vomitos mucosos; sêde ordinaria; frequentemente prisão de ventre; pulsações exageradas na bocca do estomago; febre ordinariamente nulla; emmagrecimento pouco sensivel; physionomia pouco alterada; caracter irascivel, timido, triste, etc. Comparando agora os symptomas da gastralgia com os da gastrite, achar-se-ha uma opposição em todos os pontos: dôr surda, contínua, augmentando pela compressão e depois de comer; lingua vermelha ou suja; bocca secca, saburrosa, amarga; fastio, sêde, febre, etc. (*Veja-se* GASTRITE). É mais difficil distinguir a gastralgia do scirrho e cancro do estomago. Todavia n'este as dôres são mais contínuas e particularmente lancinantes; os vomitos mais rebeldes; emfim, a palpação fornece um signal caracteristico, descobrindo um tumor duro que não existe na gastralgia.

Estas gastralgias são caracterizadas pela sensação particular de anxiedade difficil de descrever. Sem ter appetite real, o doente experimenta aquella sensação de fraqueza que existe quando alguem precisa comer. Parece a alguns doentes que o estomago incha e se enche extraordinariamente; a outros, que está vazio e estreitado; muitas vezes sentem no estomago um calor intenso, ou, pelo contrario, um frio glacial; alguns, emfim, sentem um formigamento analogo áquelle que produziria uma aranha a correr no interior do estomago.

A dôr gastralgica estende-se ordinariamente ás differentes partes do ventre, ás costas, espadoas, parcdes do peito. A pressão exercida methodica e progressivamente, sem sacudiduras, com a palma da mão applicada no epigastro, acalma-a as mais das vezes, mas nem sempre; o contrario tem logar ás vezes. A dôr cessa completamente ou diminue de intensidade por momentos; quer espontaneamente, quer depois da expulsão de alguns gazes; mas volta logo com mais violencia. Quando as crises são fortes, os doentes cahem n'um estado de soffrimento inexprimivel. Parece-lhes que vão suffocar; outros desmaiam; emfim alguns ha que tem delirio e movimentos convulsivos, o que foi observado ás vezes nas senhoras muito nervosas.

As crises dolorosas, depois de persistirem com violencia durante um tempo que varia desde alguns minutos até dez ou doze horas, acalmam-se pouco a pouco. A dôr póde cessar de repente. O fim do accesso é ás vezes marcado por um desenvolvimiento mais ou menos consideravel de gaz completamente inodoro, que sahe pela bocca. Esta expulsão é quasi sempre seguida de grande allivio; a ourina expulsa depois das crises é quasi sempre muito aquosa. As crises gastralgicas podem renovar-se em épocas mais ou menos approximadas e mui variaveis. Nos intervallos, os doentes gozam ordinariamente de boa saude, mas ha alguns que apresentam perturbações nas funcções digestivas ou no systema nervoso: estado este que se poderia considerar como a fórma chronica da molestia. N'esta, os doentes experimentam do lado do estomago um soffrimento quasi contínuo: são pesos, estiramentos, caimbras; podem so-

brevir estas sensações penosas quando o doente está em jejum, e acalmam-se pela ingestão dos alimentos; porém quasi sempre augmentam immediatamente depois de comer, ou então passadas duas ou tres horas. Ás vezes existe no estomago um calor ardente que se propaga até á garganta, e é seguido da expulsão de uma materia liquida, acre, muito acida: diz-se então que ha *pyrose*. O appetite é muito caprichoso; conservado em uns, abolido em outros, exagerado em alguns e irregular no maior numero dos doentes. Os alimentos que o estomago digere sem dôr variam tanto quantos são os doentes: assim alguns doentes não podem supportar senão leite, outros são menos fatigados pelas carnes do que pelos legumes, e outros procuram as pastelarias e as digerem com facilidade. Não obstante a perturbação permanente das digestões, é raro ver os doentes emmagrecerem; a maior parte d'elles conservam as forças.

Causas. O temperamento nervoso, o sexo feminino, a vida sedentaria, predispõem á gastralgia. Suas causas são: os trabalhos intellectuaes, as affecções moraes concentradas, os pezares, as emoções vivas, as vigilias prolongadas, a falta de alimentação, um regimen debilitante, principalmente vegetal, as hemorrhagias abundantes, as épocas de menstruação, as flores brancas, a lactacção prolongada por uma mulher debil, e tudo o que póde enfraquecer, a chlorose, as fortes intemperies atmospphericas, e particularmente as tempestades, etc.

Duração. A gastralgia tem uma duração muito variavel; póde não haver senão um só ataque, que cessa em alguns minutos, ou algumas horas, mas póde este ataque repetir-se durante muitos annos.

Tratamento. Durante o ataque da gastralgia, empregam-se diversos meios, para entorpecer a dôr. São:

1.° Dar a beber ao doente uma chicara de chá de macella gallega, de flor de tilia, de folhas de laranjeira, ou de herva cidreira.

2.° Applicar no ventre um panno quente.

3.° Administrar um clyster preparado com agua morna e 20 gottas de laudano de Sydenham.

4.° Friccionnar o ventre com balsamo tranquillo ou com o linimento de chloroformio, cuja receita é a seguinte;

Chloroformio.....	3	grammas.
Oleo de amendoas doces.....	30	—

5.° Tomar uma ou duas pilulas preparadas segundo a receita seguinte:

Extracto de opio.....	15	centigrammas.
Extracto de valeriana.....	15	—

Faça 6 pilulas, e conserve para uso.

6.° Ou os pós seguintes:

Subnitrato de bismutho.....	4	grammas.

Divida em 6 papeis, e conserve para uso. Toma-se um papel, de hora em hora, n'uma colher d'agua fria com assucar.

7.° Tomar 2 perolas de ether do D^{or} Clertan.

8.° Tomar 1 a 3 colheres *de sopa*, de chloral bromuretado Dubois.

Para prevenir os ataques da gastralgia, importa determinar a sua causa especial, e principar por eliminal-a, sem o que quanto se faça será insufficiente ou inutil. Cumpre, pois, indagar se não ha alguma circunstancia apreciavel que tenha podido occasionar esta molestia, se não ha algum uso, algum costume novamente introduzido na existencia. Em todos os casos eis-aqui o que convem geralmente : um regimen brando, sufficientemente substancial, vegetal e animal, que se augmentará gradualmente segundo o appetite e as forças digestivas. As preferencias que tem os doentes para certos alimentos, não devem ser a principio nem rejeitadas, nem logo satisfeitas; antes decidir; cumpre ás vezes esperar, para ver de que maneira foram recebidos pelo estomago. Quanto ás bebidas ordinarias, vinho com agua ou com agua de Seltz, e mesmo um pouco de vinho puro convem as mais das vezes. O uso de café e de chá da India aproveita geralmente. Além d'isto, não se deve esquecer que ao lado das regras geraes, acha-se sempre a experiencia de cada um, e que estejam enfermas ou de saude, as organizações tem sempre suas particularidades, seus costumes e suas predisposições. O exercicio é eminentemente favoravel na gastralgia, sobretudo quando se póde respirar o ar do campo, a pé, a cavallo ou em sege. O exercicio póde ser efficazmente auxiliado com os banhos tepidos ou frios, segundo a temperatura atmospherica. Convem evitar as contensões de espirito, e mais ainda ás emoções e as contrariedades. É necessario combater a prisão de ventre com clysteres d'agua tepida, ou com os medicamentos purgativos, taes como magnesia calcinada, manná, oleo de ricino. Com o mesmo fim, póde tomar-se pela manhã, de vez em quando, uma pilula purgativa seguinte :

Aloes.....	10	centigrammas.
Gomma-gutta.....	10	—
Extracto de alcaçuz.....	10	—

Faça uma pilula, e como esta mais onze.

Os medicamentos internos, que ajudam o tratamento hygienico da gastralgia, são :

1.° Carvão vegetal de Belloc..... 1 vidro.

Para tomar uma colher, das *de sopa*, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

2.° *Pós antigastralgicos.*

Magnesia calcinada.....	4	grammas.
Ruibarbo em pó.....	4	—
Canella em pó.....	4	—

Misture e divida em 12 papeis. Para tomar um papel pela manhã, em meia chicara d'agua fria com assucar, ou em hostia Limousin.

3.° Pilulas ferruginosas de Vallet, 30.

Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite..

4.' Aguas ferreas naturaes tomadas á fonte.

5.' *Pepsina amylacea*, que se toma na dóse de 1 gramma em hostia Limousin, um quarto de hora antes do jantar.

6.° Vinho de quinio de Labarraque na dóse de um calice uma vez por dia.

7.° Pó toni-digestivo de Roycr, na dóse de duas colheres *de chá* antes do almoço e do jantar.

8.' Vinho de papaina Trouette-Perret, na dóse de uma colher *de sopa* depois do almoço c do jantar, *Veja-se* PAPAINA.

9.' Obreias medicamentosas Trouettc, de napthol e salicylato de bismutho, na dóse de duas obreis de tres em tres horas.

10.° Vinho dc Cabanes, na dóse de 1 calice *de licor*, antes de cada refeição.

11.° Xarope de Gelineau, na dóse de 1 a 3 colheres, *de sopa*, por dia.

12.' Sub-nitrato de bismutho granulado de Mentel, na dóse de uma tampa medida ao almoço e ao jantar.

13.° Magnesia granulada de Mentel, para tomar uma tampa medida a cada refeição.

14.° Vinho de peptona Catillon : 1 calice puro ou misturado com agua entre as refeições ou á sobremeza.

GASTRITE. Dá-sc cste nome á inflammação do estomago. A gastrite divide-se, quanto á sua marcha, em *aguda* e *chronica*. Rclativamente ás causas que a provocam, distingue-se : 1.° *Gastrite espontanea* que apparece sem causa bem evidente. 2.' *Gastrite traumatica*, produzida por pancadas, quédas, feridas; 3. *Gastrite toxica*, que rcsulta da introducção de algum vencno. A gastrite toxica está descripta no artigo ENVENENAMENTO; occupar-nos-hcmos aqui das outras variedades.

Gastrite aguda. *Caracteres anatomicos*. A molestia, na sua fórma primitiva e simples, nunca é mortal; os mcdicos tem só a occasião de examinar o estado do estomago inflammado em consequencia de outras molestias. A membrana interna apresenta então uma côr que varia dcsde o vermelho claro até á côr roxa escurá, côr que é produzida pela injecção ora uniforme, ora disposta por arborisações, por chapas ou por pontos; ás vezes o sangue, extravazado cntre as membranas, forma pequenas ecchymoses; outras vezes cxistem ulcerações e pequenas concreções ou falsas mcmbranas.

Symptomas. A gastrite aguda pódc apparecer subitamente ou ser precedida dos symptomas precursores proprios ás molestias agudas.

Quando a affecção está bem caracterizada, o docnte queixa-se de uma dôr ás vezes obtusa, mas ordinariamente viva, lancinante que existe na bocca do estomago, que augmenta pela compressão, pclos movimentos do corpo e pela ingestão dos liquidos. Ha fastio completo, e sêde viva; a lingua está coberta de uma camada branca ou amarellada; ás vezes a lingua está pegajosa, secca c rubra na ponta e nas margens. Existem nauseas e vomitos difficeis, dolorosos; são elles espontancos, mas a ingestão da bebida a mais branda basta tambem para provocal-os. São

compostos de materias aqueas, biliosas, amarelladas. Ao mesmo tempo augmenta o calor do corpo; accelera-se o pulso; ha dôr de cabeça, insomnia, respiração difficil, acompanhada de tosse pequena e de grande anxiedade; todavia estes ultimos symptomas não existem senão nos casos em que a gastrite é acompanhada de dôr viva.

A descripção precedente refere-se á gastrite grave, mas que não é a consequencia de um envenenamento por substancias irritantes. Comtudo, no maior numero dos casos, a molestia não tem tanta intensidade. As mais das vezes, a dôr é só obtusa, a sêde pouco viva; o appetite não está completamente perdido; o doente póde tomar alguns alimentos, que todavia são raras vezes digeridos.

Quasi sempre, como effeito, estas substancias produzem dôres mais ou menos vivas, ou são lançadas depois de provocarem arrotos.

Terminação. Quasi sempre a gastrite tem exito feliz: a cura é a sua terminação a mais ordinaria. Quando esta tem logar, os symptomas declinam pouco a pouco; entretanto, mesmo depois de cessarem completamente, o estomago conserva muitas vezes, durante ainda muito tempo, grande susceptibilidade; as digestões são dolorosas e difficeis. Ás vezes tambem os incommodos prolongam-se indefinidamente, a gastrite passa ao estado chonico.

Duração. A gastrite tem duração variavel; por pouco que tenha intensidade, é raro que os doentes se restabeleçam antes do fim da segunda semana; ás vezes a convalescença prolonga-se durante um tempo muito longo e completamente indeterminado.

Prognostico. A gastrite espontanea é em geral molestia pouco grave nos adultos; não se póde dizer outro tanto da gastrite das crianças e das pessoas de idade.

Causas. A maior incerteza reina ainda sobre as causas da gastrite aguda espontanea. Tudo que foi dito sobre a influencia dos climas quentes, da alimentação, dos excessos alcoolicos, das emoções moraes, etc., como causas da molestia, está longe ainda de ser demonstrado. A inflammação do estomago póde ser tambem produzida por uma ferida, uma pancada na bocca do estomago, pela introducção de um corpo estranho, ou de substancias irritantes e corrosivas.

Tratamento. A gastrite, apezar da diversidade de suas causas e de suas fórmas, não admitte senão poucos meios de tratamento. Comprehende-se facilmente que a importancia do regimen é aqui capital, quando se considera quo o orgão doente é precisamente este no qual se accumulam os alimentos e as bebidas; pelo que o regimen deve occupar a primeira linha no tratamento das affecções do estomago.

No começo da gastrite aguda, não se deve pensar em fazer tomar qualquer comida que seja ao doente: este além d'isto acha-se retido pelo fastio completo e pelo receio de lançar se tomar algum alimento. As bebidas quentes e doces são sobretudo mal supportadas. A unica coisa que se póde dar a beber com alguma vantagem, é a agua fria. Dão-se tambem ao doente alguns gomos de limão doce ou de laranja para chupar, afim de acalmar-lhe a sêde. Applique-se no ventre cataplasma

de linhaça, simples ou borrifada com uma colher *de sopa* de laudano de Sydenham. Se a dôr do estomago não ceder a estes meios, administra-se internamente uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, da poção seguinte :

Agua simples fria.....	120 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
Xarope de flor de laranja.....	15 grammas.

A dieta será mais ou menos severa, mais ou menos prolongada; caldo de gallinha, de carne de vacca, leite: successivamente mingáos de tapioca, ovos, doce de fructas, gelea de marmelo, frango, gallinha, costellinhas de carneiro, até voltar definitivamente ao regimen da saude.

Gastrite chronica. A inflammação chronica do estomago é quasi sempre primitiva; raras vezes succede ao estado agudo. Desenvolve-se lenta e insidiosamente, e manifesta-se pelos signaes seguintes : A lingua habitualmente suja; a bocca e os labios seccos; as digestões longas e laboriosas; sensação gravativa na região do estomago depois de comer; anxiedade geral; bastante sêde; enjôos, ás vezes vomitos; mudança apreciavel no genio, grande irritabilidade, noites frequentemente agitadas, emmagrecimento progressivo, alteração do rosto, prisão habitual do ventre. O appetite umas vezes é nullo, outras vezes acalma-se immediatamente pela ingestão de pequena quantidade de alimentos.

Causas. As causas d'esta molestia são bastante numerosas. Assim, a gastrite chronica existe, não só na classe pobre ou ignorante, como tambem entre as classes ricas e esclarecidas. Na primeira, são os máos alimentos, os abusos dos licores alcoolicos, os excessos de diversa natureza que a determinam; nas segundas são os trabalhos de gabinete, a applicação do espirito, a falta de exercicio, de ar, as vigilias, ou laboriosas ou consagradas ao prazer, que de ordinario a provocam. Os litteratos, os sabios, os artistas, as senhoras que frequentam muito os bailes, são de ordinario affectadas de gastrite chronica.

Tratamento. Todas as vezes que se puder apreciar bem a causa da molestia, a primeira indicação que se deve preencher consiste em subtrahir o doente á influencia d'ella. A alimentação será branda : o leite, o caldo, as geleas vegetaes ou animaes, as feculas, as fructas cozidas, ao principio; depois os alimentos solidos. Os doentes devem estudar por si memos quaes são os alimentos que mais convem ao seu estomago, porque a esse respeito não se podem dar regras absolutas, pois cada individuo parece ter, por assim dizer, uma faculdade digestiva que lhe é propria. O regimen deve ser simples e regrado; as comidas devem ser pouco copiosas, e tomadas a horas fixas. Para bebida durante as comidas, vinho com agua, ou com agua de Seltz. E necessario recorrer aos clysteres de cozimento de linhaça, para remediar a prisão de ventre que acompanha as gastrites chronicas. De tempos a tempos, convem tomar um purgante de magnesia calcinada (15 grammas).

As seguintes pilulas podem ser uteis na gastrite chronica.

Rhuibarbo em pó	4	grammas.
Gengibre em pó	4	—
Extracto de absinthio	4	—

Faça 36 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã outra á noite.

O exereieio moderado, os banhos de rio ou do mar, emfim a residencia no campo, sendo possivel, eonstituem uma parte mui neeessaria do tratamento.

O doente deve tomar de duas em duas horas, 2 obreias medieamentosas de Trouette, de naphtol e salieylato de bismutho: ou fazer uso do elixir eupeptieo de Tisy, na dóse de uma eolher *de sopa* ao almoço e ao jantar.

As preparações de Papaina, de Trouette-Perret muito aproveitam n'esta molestia (*Veja-se* PAPAINA); assim como tambem o *Po toni digestivo de Royer*, tendo por base pepsina, pancreatina e sub-earbonato de bismutho. Este pó toma-se em obreia, nas horas da refeição, na dóse de 2 eolheres, das de chá.

O Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado, na dóse de um caliee antes de cada refeição.

GASTRODYNIA. *Veja-se* GASTRALGIA.

GASTRO-ENTERITE. Inflammação simultanea do estomago e dos intestinos, na qual os symptomas d'estas duas affeeções se eomplicam e se aggravam mutuamente. O tratamento é o mesmo que o da *gastrite* e da *enterite*.

GASTRORRHAGIA. Hemorrhagia gastriea, exhalação de sangue na superfieie da membrana interna do estomago quasi sempre seguida de vomitos de sangue. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

GASTRORRHEA. Vomitos pela manhã de mueosidades pegajosas (gosma). *Veja-se* GOSMA.

GASTROTOMIA. Operação eirurgica que eonsiste em abrir o estomago para tirar qualquer eorpo estranho que n'elle se ache. Não se deve confundil-a com a *gastrostomia* que é uma operação que se pratica eom o fim de abrir uma boeea estomacal para alimentar um doente cujo esophago não pode funeeionar em razão de um estreitamento eieatrieial ou caneeroso. Na gastrotomia a fistula estomaeal é momentanea e deve-se tratar de feehal-a o mais eedo possivel, o que nem sempre é muito faeil. Na gastrotomia, o eontrario, o orifieio será eonservado por muito tempo, e mesmo, se fôr necessario, por muitos mezes.

Os eorpos estranhos que têm sido eneontrados no estomago pelos quaes se têm feito a gastrotomia são de toda a sorte e de todo tamanho. Aos que se aeham já meneionados no artigo « *Corpos estranhos do estomago*, meneionaremos mais alguns outros como sejam : eolheres, garfos facas e dentaduras falsas.

Qualquer que seja a eausa que obrigue o eirurgião a abrir a eavidade estomaeal, o proeesso é sempre o mesmo. Pratiea-se uma ineisão no eomprimento da borda das falsas eostellas esquerdas um pouco abaixo da parte saliente d'essa borda. Quando o ventre está aberto

nem sempre é facil se encontrar o estomago, principalmente se o individuo tiver passado muitos dias sem comer, o estomago se retrahe e foge para atraz do figado. Uma vez achado, fixa-se'o nas bordas da abertura por meio de pontos de sutura depois abre-se'o.

A gastrotomia quasi sempre é bem succedida e o doente fica curado sem complicação. A gravidade da operação é grande porque quasi sempre ella é feita em individuos cancerosos ou enfraquecidos pelo jejum obrigado de muitos dias.

GATO. O *gato domestico* (fig. 521) vive de 10 a 15 annos. A gata, mais ardente que o macho, entra em cio duas vezes por anno; anda prenhe 55 dias e produz ordinariamente 4 a 6 filhos, que esconde n'um logar escuro e de que tem muito cuidado. O gato adquire todo o seu desenvolvimento aos 12 ou 15 mezes; e póde procrear na idade de um anno. É um preconceito popular o crer que os gatos estão expostos á vertigem, se não se lhes cortar a ponta do rabo, o que se faz com tesoura: realmente não ha necessidade alguma de lhes fazer soffrer esta tortura, e é melhor deixar-lhes inteiro o ornamento com que a natureza os dotou. Exceptuando a raiva, que é rara, e a vertigem, os gatos, quando pequenos, criam-se muito mais facilmente do que os cães. São lestos, bonitos, carinhosos e seriam muito proprios para divertir as crianças se não se receiassem as suas unhadas. O instincto para a caça desenvolve-se n'elles muito cedo: espiam os passarinhos, os camondongos e outros pequenos animaes, e adquirem logo por si mesmos muita habilidade. O gato não ataca sómente os camondongos, póde tambem caçar o rato e d'elle triumphar; mas para isso deve ser vigoroso e de boa raça, e deve receber a recompensa cada vez que trouxer o rato. Certas pessoas, sobretudo na roça, não cuidam da alimentação do gato, na convicção de que elle se sustenta com a caça, e que, não se lhe dando de comer, será mais ardente para destruir os animaes nocivos. É um erro e um máo calculo: o gato caça por gosto e não por necessidade, e quando apanha camondogo diverte-se com elle e por fim mata-o, mas raras vezes o come; se não fôr sufficientemente alimentado, antes atacará as provisões da casa do que os camondongos. Por outra parte, o gato demasiadamente alimentado torna-se indolente e preguiçoso.

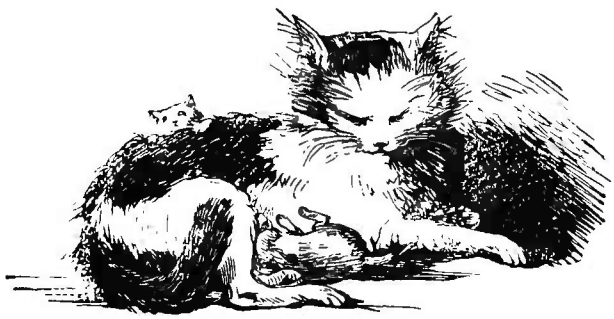


Fig. 521. — Gato domestico.

Nas fazendas e outras habitações ruraes, assim como nos armazens, e geralmente em todos os logares infestados de ratos e de camondongos, deve-se ter um ou mais gatos. Dá-se-lhes sopa todas as manhãs, e põe-se-lhe o comer nos logares em que é necessario attrahil-os; tratar-se-hão com brandura, sem os deixar familiarizar-se.

Na velhice, os gatos estão sujeitos a muitas molestias. As mais ordinarias são os *vomitos* a *tosse* e a *sarna*. Quando o gato lança, convem fazel-o jejuar. Se tossir e espirrar expectorando materias, é preciso esfregar-lhe o nariz com sebo. Se tiver sarna deve esfregar-se com a pomada de Helmerick indicada n'este Diccionario no artigo SARNA. Os gatos estão sujeitos á raiva, mas muito mais raramente do que os cães. A carne do gato é boa para comer e tem o gosto da do coelho. Fez-se d'ella bastante consumo em Pariz durante o cerco, que teve logar desde 18 de setembro de 1870 até fins de fevereiro de 1871 na guerra com a Allemanha.

O *gato selvagem* destroe muita caça. Vive isolado nos matos, e não se póde apanhar senão com laço.

GATO DE ALGALIA. Animal do genero dos Mammiferos carnivoros. Parece formar uma transição entre o gato domestico e o cão. É caracterizado por um sacco profundo, situado debaixo do anus, cheio de uma pomada abundante, de cheiro almiscarado. Ha duas especies : *Gato de algalia ordinario* e *zibetha*.

1.ª **Gato de algalia ordinario** ou **da Africa** (fig. 522). Habita na Guiné, Congo, Ethiopa. Este pequeno mammifero tem cerca de 75 centimetros de comprimento, não comprehendendo a cauda, e de 27 a 32 centimetros de altura; é de côr cinzenta com malhas negras irregulares; a cauda menor que o côrpo, preta na ponta, marcada com quatro a cinco anneis na base; tem longos pellos ao comprimento do espinhaço, susceptiveis de se eriçarem como uma crina quando o animal está irritado; tem orelhas curtas, e longos bigodes. Estes animaes são de natural selvagem; comtudo póde conseguir-se amansal-os. Tem muita agilidade; podem correr como os cães e saltar como os gatos; os seus olhos brilham na escuridade; vivem de caça; perseguem os pequenos animaes, e sobretudo os passaros. O seu grito é semelhante ao de um cão em colera.

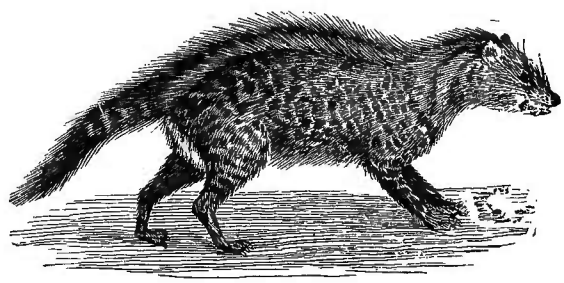


Fig. 522. — Gato de algalia.

A materia cheirosa que elle contém é a principio semi-fluida e amarellada, depois muito espessa e mais ou menos roxa, de cheiro desagradavel. Esta materia, chamada *algalia*, é muito empregada ne perfumaria : em pequena dóse, e associada ás outras subtancias, dá um perfume que agrada a muitas pessoas; serve tambem para aromatizar o rapé. Extrahe-se algalia do animal vivo, introduzindo com precaução uma pequena colher no sacco que a contém. Esta operação repete-se uma ou duas vezes por semana, e o animal tanto mais fornece quanto mais bem alimentado. Em muitas partes da Africa, criam-se os gatos de algalia para ter o seu perfume. Certos mercadores tem até trezentos d'estes

animaes, que alimentam exclusivaminte de carne, que dá ao perfume um cheiro penetrante.

2.ª **Zibetha.** Habita as duas peninsulas da India, as ilhas Mollucas e Phillipinas. Este animal tem 30 a 40 centimetros de comprido, e 35 de alto; não tem crina; o pello é de um cinzento amarellado, com muitas nodoas pretas, ás vezes tão approximadas que formam linhas contínuas. Cria-se como o gato de algalia; contém igualmente a materia cheirosa, que se colhe pela mesma fórma.

GAUDA. *Veja-se* LIRIO DOS TINTUREIROS.

GAULTHERIA PROCUMBENS. Planta da familia das Ericineas, que se chama tambem chá do Canadá ou palomeira, originaria das partes mais septentrionaes da America. É cultivada nos jardins por causa de suas folhas purpureas e de seu cheiro aromatico. As folhas dão um oleo essencial a que attribuiram propriedades antirheumatismaes. A fructa d'esta planta, que chamam *box-betry*, é comestivel.

GAVIÃO. Portugal; Alemtejo. Aguas sulfureas e ferruginosas, frias.

GAYEIRAS. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas quentes 32°. Situadas entre as villas das Caldas da Rainha e de Obidos. Estão abandonadas apezar de serem da mesma especie qne as das Caldas da Rainha.

GAZ. Dá-se este nome a qualquer fluido aeriforme. Dividem-se os gazes em *permanentes* e *não permanentes*. Os primeiros são aquelles que, até agora, tem resistido aos meios mais energicos de condensação : o ar atmospherico, o oxygeneo, o hydrogeneo, o azote, o hydrogeneo carbonado, etc., são gazes permanentes, pois conservam o seu estado aeriforme nas temperaturas mais baixas e apezar das mais fortes compressões; pelo contrario, o chloro, o vapor d'agua, os vapores de azougue, etc., não são gazes permanentes; porque por meio de uma compressão sufficiente, ou pela acção do frio, podem ser transformados de gaz em liquidos. Entre os gazes, uns não tem côr, como o ar, o oxygeneo, o hydrogeneo, o azote, o acido carbonico, o gaz ammoniaco, etc.; outros são corados, como o chloro, o vapor de iodo, etc. O oxygeneo, o hydrogeneo, o azote, etc., são *inodoros;* pelo contrario, o gaz ammoniaco, o chloro, o acido nitroso, o acido sulfureo, o hydrogeneo sulfurado, possuem um cheiro forte e proprio a cada um d'elles.

De todos os gazes conhecidos, o ar atmospherico é o unico proprio para a respiração. Seria perigoso respirar todos os outros, mesmo em pequena quantidade; mas os gazes que se distinguem sobretudo entre os mais nocivos são : o gaz que se desenvolve das evacuações alvinas, chamado gaz hydrogeneo sulfurado, e o gaz acido carbonico que resulta da combustão do carvão, ou que sahe das dornas onde está o vinho a fermentar.

Dá-se tambem o nome de gaz ás ventosidades que sahem pela bocca ou pelo anus, e que se formam no estomago e nos intestinos. É uma mistura de ar, de azote, de hydrogeneo, de acido carbonico, de hydrogeneo carbonado, e de uma pequena quantidade de hydrogeneo sulfurado

ao qual estas ventosidades devem principalmente o seu máo cheiro. *Veja-se* FLATULENCIA.

Gaz da illuminação. Costuma-se vulgarmente designar, com o nome de gaz, o hydrogeneo carbonado, mais leve que o ar atmospherico, de que se faz hoje grande uso para a illuminação das ruas, armazens e salões. Obtem-se pela acção do calor sobre as subtancias organicas, especialmente sobre o carvão de pedra, schistos bituminosos, turfa, resinas, azeite de peixe, borra de vinho, substancia gordurosa que provém das aguas de sabão das fabricas de panno de lã, etc. A composição do gaz da illuminação varía segundo as substancias de que se extrahe, e segundo a temperatura a que são submettidas; entretanto, a parte que illumina é sempre o hydrogeneo bicarbonado. O carvão de pedra fornece o gaz mais barato, e mais geralmete empregado. Distilla-se em cylindros de ferro fundido; o gaz que fornece é ordinariamente misturado com acido carbonico e acido sulfhydrico, que procedem dos pyrites que o carvão contém, os quaes lhe dão um cheiro desagradavel e uma acção nociva sobre a economia: é necessario por conseguinte purifical-o fazendo-o atravessar por substancias que absorvem estes dois acidos, e que condensam ao mesmo tempo os oleos e o alcatrão, que foi levado pelo gaz: taes são a agua, a cal, certas dissoluções metallicas de pouco valor (sulfato de ferro, chlorureto de manganez). Assim purificado, o gaz dirige-se a um grande reservatorio, chamado *gazometro*, communicando com os tubos que o distribuem aos consumidores. Um kilogramma de carvão de pedra dá 200 a 300 litros de gaz. — Este gaz inflamma-se com muita facilidade approximando-lhe uma vela accesa ou qualquer outro corpo igneo; pelo que exige muita cautela. Para se *accender*, é essencial que se abra primeiro a torneira interior, e depois deve-se apresentar a luz successivamente ao orificio de cada bico, no momento em que se abre outra torneira que lhe é propria, afim de evitar a sahida do gaz não queimado. Para que o gaz produza todo o seu effeito util, e que nenhuma parte possa sahir sem ser queimada, manter-se-ha a chamma a uma altura moderada (8 centimetros), e deve-se contêl-a n'um vidro de 20 centimetros de altura. Para *apagar*, fechar-se-ha primeiro a torneira principal, e depois cada um dos bicos. Os logares allumiados devem ser cuidadosamente ventilados mesmo durante a interrupção da luz; isto é, devem ser praticadas, na parte superior, algumas aberturas por onde o gaz possa sahir em caso de fuga ou de incombustão. Sem esta precaução, o gaz não queimado accumula-se na casa, e póde occasionar asphyxias, explosões o incendios. Logo que um cheiro de gaz deixe crer que existe uma fuga, convem abrir as portas e as janellas para estabelecer uma corrente de ar, e fechar a torneira interior. É necessario informar d'isso simultaneamente o constructor do apparelho, para que a fuga seja concertada immediatamente. *O consumidor deve abster-se de procurar elle mesmo a fuga com luz.* No caso em que imprudente ou accidentalmente, uma fuga de gaz se inflamme, convem, para apagal-a, applicar por cima um panno embebido em agua.

Gaz hydrogeneo liquido. Chama-se assim impropriamente o liquido que resulta da mistura do alcool com a essencia de terebinthina. Foi proposto para alumiar as casas, mas é muito inflammavel e apresenta grandes perigos. Devem estar bem lembrados alguns habitantes do Rio de Janeiro de que, por um descuido com este liquido, alli morreo queimado, em 1847, o esperançoso chimico francez o Dr. Darcet (filho).

GEITO. Esta palavra emprega-se ás vezes como synonymo de *torcedura* (*veja-se* esta palavra). *Máo geito* no pescoço significa torcicollo (*veja-se* TORCICOLLO).

GELATINA. A gelatina é uma substancia animal, solida, transparente, branca no estado de pureza, insipida, inodora, insoluvel tanto no ether como no alcool; pouco soluvel na agua fria, e, pelo contrario, mui soluvel na agua quente; d'onde vem que a agua quente, mais ou menos saturada de gelatina, coalha depois de fria, mesmo quando a sua proporção na agua não seja que de 2 por 100. Pela disssolução prolongada, a gelatina, dissolvida, não forma mais gelea, depois de fria; a potassa e a soda produzem sobre ella um effeito do mesmo genero. Acha-se na carne muscular, na pelle, ligamentos, aponevroses, tendões, cartilagens, e sobretudo nos ossos, que d'ella contém metade do seu peso. Nas preparações culinarias apparece-nos sob a fórma de gelea: nas artes e no commercio constitue a colla ordinaria e a colla de peixe ou ichthyocolla; esta ultima é o extracto da membrana interna da bexiga natatoria do esturjão grande, ou do estomago e dos intestinos de diversos outros peixes. A colla de peixe tem muitos usos nas artes; é especialmente empregada nas pharmacias para a preparação das geleas e do cncerado inglez; tambem serve para a confeição das geleas que se comem de sobremesa, e que costumam ser aromatizadas com rhum ou de outra maneira; e serve para clarificar os vinhos brancos. A colla forte prepara-se fervendo em agua pedaços de pelle, orelhas e cascos de pés de vaccas, de cavallos, de carneiros, etc. Dá-se o nome de *grenetina* á gelatina purificada, extrahida de cartilagens da vitella ou de pelles de animaes novos. A grenetina serve para a fabricação dc obreias, pennas artificiaes, perolas falsas, para a clarificação dos vinhos; emprega-se tambem nas imagens religiosas.

Os ossos, tão ricos cm gelatina, não cedem á agua,pela ebullição e debaixo da pressão atmospheriea, senão uma pequena parte de sua gelatina; mas pela ebullições na marmita Papiniana, isto é, sob uma pressão que permitte elevar consideravelmente a temperatura do liquido, a ponto de amollecer os ossos, e poder-se d'este modo tirar-lhes toda a gelatina; mas este meio de extracção, além do perigo que apresenta, é dispendioso, e não póde ser praticado em grande, O chimico francez Darcet, pai, imaginou um processo que é um dos maiores beneficios para a humanidade. Consiste clle em tratar os ossos pelo acido chlorhydrico. Este acido apodera-se de toda a materia terrea ou salina dos ossos, que se tornam meio transparentes e flexiveis. N'esse estado não são mais constituidos senão pela gelatina pura, que, tratada pela agua fervendo, sc converte em gelea. Algum tempo depois Darcet inventou um apparelho

mediante o qual extrahia pela acção do vapor uma solução gelatinosa, a qual misturada com carne forma caldos empregados vantajosamente na mantença dos doentes nos hospitaes, dos prisioneiros, etc. Darcet aconselha que se misture a gelatina com a carne na proporção de 20 grammas de gelatina para 500 grammas de carne de vacca na preparação do caldo; por este meio economiza-se uma quantidade de carne que nos grandes estabelecimentos póde ser servida assada e dar uma comida agradavel e mais substancial do que se fosse cozida. Assim, para a panella ordinaria de quatro libras, Darcet indica a proporção seguinte: meio kilo de carne e 60 grammas de gelatina secca, depois, os legumes e temperos ordinarios.

A gelatina constitue a maior parte da substancia nutriente dos caldos. Unida ao extracto de carne ou osmazoma, e ao extracto dos legumes cozidos a banho-maria, constitue as tabellas de caldo, que se conservam annos, e são utilissimas ás pessoas que viajam, pois basta se derreta um pedaço d'essas tabellas em agua fervendo, para obter-se um caldo.

A gelatina, unida ao tannino, forma um corpo insoluvel e imputrescivel, que dá aos couros cortidos o aspecto e a qualidade que se lhes conhece.

Contestação das propiedados nutritivas da gelatina. As propriedades nutritivas da gelatina, muito preconizadas na época em que Darcet indicou a sua preparação, foram depois contestadas por muitos annos, tendo tres commissões scientificas declarado que a gelatina não nutre na alimentação, que passa quasi inteiramente pelas ourinas e materias fecaes, e que a sua acção é semelhante á de um medicamento purgativo. Mas em presença das circumstancias difficeis que o cerco de Pariz creou em 1870 á alimentação da população, a contenda, que parecia finda, foi submettida a novo exame, e eis-aqui o resumo das ultimas experiencias:

As divergencias de opinião, que se manifestáram sobre as propriedades nutritivas da gelatina dependem sobretudo de que os experimentadores não se tem dirigido á mesma substancia. A gelatina do commercio provindo das materias primeiras ordinariamente impuras, assim como certas gelatinas, chamadas alimentarias, mas profundamente alteradas pelo calor, não podem concorrer á nutrição. Estas substanscias actuam á maneira dos purgantes, e são quasi completamente eliminadas com as evacuações. A gelatina porém, combinada com os outros principios organicos, e que tomamos nos caldos, carnes, mocotós, assim como a gelatina obtida dos ossos, entra por grande parte no elemento nutritivo.

Seja qual fôr a opinião adoptada a respeito das propriedades nutritivas da gelatina, está pelo menos demonstrado actualmente, que esta substancia é um excellente meio de cultura para as bacteries. Dissolve-se certa quantidade d'ella em caldo de carne feito pelos processos ordinarios, ajunta-se peptona e assim se tem uma gelea nutritiva na qual se cultivam as bacteries que se queira estudar.

GELEA. Dá-se este nome a preparações feitas com substancias

vegetaes ou animaes que tem uma consistcneia particular molle, tremula, e que se transformam em liquido pelo calor, ficando solidas pelo resfriamento. Preparam-sc as geleas animaes com as carnes ou com a gelatina. As gelcas vcgetaes são formadas por uma substancia mucosa quc alguns autores chamaram gelatina vegetal; preparam-se ordinariamente com o succo dc ccrtas fructas e assucar : taes são as geleas de marmelos, de groselhas, etc. Em pharmacia faz-se com o musgo islandico uma gelea empregada vantajosamente nas molestias peitoraes; e com o musgo dc Corsega prepara-se uma gelea que se administra na dóse de uma colher *de chá* pela manhã e de noite, ás crianças que tem lombrigas. Eis as receitas dc diversas geleas.

As *geleas animaes* tcm por base a gelatina. Faz-se entrar nas geleas animaes, como condimento, ora sal marinho, ora assucar. O sal é empregado dc prefercncia para as geleas alimenticias; o assucar é rescrvado para as geleas medicinaes ou geleas aromatizadas. O sal e o assucar não podem preservar por muito tempo as geleas animaes contra a putrefacção. Ao cabo de alguns dias estas geleas adquirem sabor desagradavel, e logo depois cxpcrimentam a fermentação putrida. Quanto ás geleas das fructas, estas podem conservar-se um anno e mais.

GELEA DE CARNE.

Carne de vacca.....	1 kilog.	Mão de vitella nº.....	1
Gallinha ou gallo nº.....	1	Agua.....	3 litros.

Ferva, cspume, c ajunte algumas cenouras, 2 cebolas, 1 celeri, 2 cravos da India, um pouco de sal. Côe o caldo, e depois de frio, ajunte-lhe 2 claras de ovos batidos. Torne a pôr tudo sobre o fogo n'uma panella, para tornar a cozcr, cspumar, e reduzir pouco a pouco á consistencia de gelca, que se côa dc novo e se conserva fria. Esta gelea convem aos doentes e convalescentes.

GELEA DE GROSELHAS.

Groselhas maduras..... quanto se queira.

Tiram-se os engaços, e em vaso de cobre não estanhado, mas bem areado e limpo, ou melhor em vaso de prata, põem-se as groselhas sobre o fogo mcxendo moderadamente até quc os bagos estcjam abertos; deita-se então tudo sobrc uma peneira de crina, collocada em cima de uma capsula, e faz-se passar o sumo, carregando levemente com a escumadeira. Feito isto, tome-se : Do sumo obtido 1 parte, assucar branco 1 parte. Ponha-se a mistura sobre o fogo, no mesmo vaso bem lavado e limpo, e faz-se cozer rapidamentc, tirando-se a espuma que se formar, até que uma parte do liquido deitada n'um prato se prenda cm gelea pelo arrefccimento. Estando prompta, côe-se para os vasos. A gelea é mais agradavel, segundo algumas pessoas, ajuntando ás groselhas um decimo de framboczas. — É preciso quc esta opcração sc faça rapida, porque a pectina, principio coagulavel das groselhas, pcrde a faculdade de se prendcr em gelea pela acção um pouco prolongada do calor. Para evitar estc inconveniente, empregam-se os vasos largos, nos quaes a evapo-

ração se faz promptamente. Recommenda-se especialmente o emprego dos vasos de cobre não estanhado, ou de prata, porque o estanho dá ás geleas avermelhadas uma côr violeta, e ás brancas, uma côr amarellada. O cobre bem areado e limpo não tem inconveniente, porque a operação é breve e não ha tempo de se formar o oxydo de cobre.

Fazem-se pela mesma fórma as geleas de *framboezas*, *cerejas*, *ginjas*, etc.

Contendo o succo de framboezas menos pectina do que o succo de groselhas, convem ajuntar ao succo de framboezas 1/4 de succo de groselhas.

GELEA DE MAÇÃS.

Prepara-se pela mesma fórma que a gelea de marmelos : com excepção de que, para 3 kilogrammas de fructos, ajunta-se-lhe o succo de dois limões, e aromatisa-se com o epicarpo da casca d'estes fructos.

GELEA DE MÃO DE VACCA.

Mão de vacca nº	1
Agua	4 litros.
Sal de cozinha	16 grammas.

Ferva tudo em vaso conveniente a calor moderado, por 4 ou 5 horas; e quando estiver gelatinizado (o que se verifica deitando algumas gottas n'um prato que, no caso dito, as prendem em gelea pelo arrefecimento), côa-se por coador de linho, para vaso não muito largo e deixa-se esfriar para lhe separar a gordura que occupa as camadas superiores. Feito o que, põe-se novamente ao lume em vaso largo èstanhado, e quando estiver liquida, ajunte : assucar 500 grammas; clara de ovo, reduzida a espuma com q. b. d'agua, nº 1. Agite bem a mistura, e continue a aquecer até á coagulação da albumina : côe, e ao liquido coado, ajunte mais :

Vinho branco generoso	96 grammas.
Sumo de limão	24 —

Aqueça novamente, torne a coar, e deite nos vasos proprios.

O sumo de limão é necessario para purificar as geleas, determinando a precipitação de alguma albumina, que tenha ficado em suspensão; e é para facilitar esta precipitação, que se aquece novamente a gelea depois da addição do acido.

GELEA DE MARMELOS.

Marmelos en meia maturação	6 part.
Assucar branco	4 —
Agua	10 —

Esfregam-se os marmelos com panno aspero, para lhes tirar o cotão; cortam-se em quartos com faca de prata ou de marfim, deitando-os logo em agua fria, para que o contacto do ar os não córe; e assim submergidos, se lhes tiram os endocarpos membranosos com as sementes, e se cortam ainda em bocados mais pequenos. Tiram-se estes com a espu-

madeira, e deitam-se em outro vaso que já contem a agua prescripta, levando-se ao fogo, e conservando a ebullição até que os marmelos estejam cozidos, o que se conhece quando se lhes póde introduzir um palito sem esforço. Côa-se então por coador de linho espremendo levemente, e ao liquido ajunta-se o assucar; faz-se evaporar até que algumas gottas deitadas n'um prato se prendam em gelea pelo arrefecimento, separando-se durante a evaporação as espumas que se formarem. Côa-se ainda a final, e deita-se para os vasos onde se guarda.

O sumo dos marmelos tem mui pouca pectina, e não daria a gelea procedendo como se indicou para as groselhas, ou espremendo o sumo; é necessario ferver o parenchima, porque este cede a pectose a beneficio do acido do fructo, constituindo-se a pectina precisa á formação e conservação da gelea. É por esta razão que se póde tambem obter a gelea, fervendo o residuo resultante da extracção do sumo dos marmelos, em sufficiente quantidade d'agua, ligeiramente acidulada com o acido citrico.

GELEA PEITORAL.

Fructos peitoraes.....	37 part.	Manná em lagrimas.....	9 part.
Agua.....	350 —	Grenetina.....	9 —
Raiz de alcaçuz..... ...	9 —	Assucar.....	75 —
Gomma arabica.....	9 —		

Ferva os fructos peitoraes em 350 partes d'agua, até reduzir a 250 partes; ajunte a raiz de alcaçuz, infunda até ao arrefecimento; côe, ajunte as outras substancias; dissolva a calor brando; côe. Emolliente, peitoral. D. 30 a 60 grammas por dia.

GELEA DE SAGÚ.

Sagú em pó.....	15 grammas.
Assucar.....	50 —
Agua	q. s.

Ferva, até reduzir á consistencia conveniente, para obter 250 grammas de gelea. Analeptico.

GELEA DE SALEPO.

Salepo em pó.....	15 grammas.
Agua....	400 —
Assucar.....	125 —

Ferva o salepo na agua; ajunte o assucar, deixe esfriar. Póde-se aromatizar com agua de flores de laranjeira ou com baunilha. Emolliente analeptico.

GELEAS DE SOBREMESA.

1.ª *Gelea de grenetina.*

Grenetina.....	15 gram.	Assucar.....	350 gram.
Agua.....	375 —	Acido citrico.....	1 —

Dissolva a grenetina na agua, a calor bando, ajunte o assucar, clarifique com clara de ovo; côe, ajunte o acido, aqueça novamente, torne a

côar, e aromatize por fim com a alcoolatura de casca de laranja ou limão.

2.ª *Gelea de laranja.*

Colla de peixe.....	25 gram.	Ácido citrico.....	2 gram.
Agua.....	750 —	Alcoolatura de casca de	
Assucar.....	375 —	laranja.....	12. —

Faça a solução da colla de peixe na agua a fogo brando, ajunte o assucar e o acido, côe, e por ultimo ajunte a tintura.

3.ª Pela mesma fórma se prepara a *gelea de limão*, substituindo a tintura de casca de laranja pela tintura de casca de limão.

4.ª *Gelea alcoolica para sobremesa.* Preparam-se geleas alcoolicas segundo a receita da gelea de laranja, diminue-se, porém, a porção d'agua. Depois de coar a gelea, e antes de a deitar nos vasos, mistura-se com 180 grammas de qualquer liquido alcoolico dotado de sabor agradavel, tal como o rhum, marasquino, kirschenwásser, etc.

GELO. É um agente precioso no tratamento de varias molestias. No estado de saude, o resfriamento momentaneo que occasiona, quando introduzido no estomago, ás pessoas que gozam boa constituição, é promptamente seguido de uma reacção que se manifesta por um brando calor, e pelo augmento da energia vital do estomago e de todos os outros orgãos : n'este caso o effeito do gelo é tonico, facilita a digestão e as outras funcções. Mas o gelo torna-se debilitante nas pessoas fracas cujos orgãos não são susceptiveis de reacção, e por isso o uso do gelo não convem aos convalescentes.

Dá-se o nome de *sorvete* ás preparações feitas com succos de fructas e assucar, congeladas por meio de misturas frigorificas. Congela-se tambem frequentemente o creme, preparado com leite e gema de ovo, e aromatizado com baunilha, café, sumo de laranja, pistacha, etc. Os sorvetes, cuja invenção é devida a um Italiano chamado Procopio, penetráram em todos os paizes civilizados, e constituem as delicias dos dois mundos. A occasião mais favoravel para tomar-se este agradavel refresco é á tarde, depois que a digestão do jantar está quasi terminada. Durante os calores, quando o corpo se acha igualmente aquecido por uma temperatura elevada, o uso dos sorvetes é mui salutar; mas depois do exercicio violento expõe a accidentes. Póde causar um pleuriz ou uma iuflammação do estomago, ou qualquer outra molestia. Os sorvetes acidos são nocivos ás pessoas sujeitas á tosse, e os sorvetes em geral convem menos ás senhoras delicadas do que aos homens, e mais aos moços e adultos do que ás crianças e pessoas idosas.

Bem que o gelo marque zero no thermometro, necessita entretanto de uma grande quantidade de calor para derreter-se. Ajuntando-se 1 kilo de gelo a zero a 1 kilo d'agua quente a 75 gráos centigrados, resultam 2 kilos de uma mistura da temperatura de zero; por conseguinte, para se transformar 1 kilo d'agua de zero solido em zero liquido, é mister todo o calor necessario para que 1 kilo d'agua seja levada á temperatura de 75 gráos. E pois que o gelo derretido e a agua marcam zero, é preciso todo este calor, insensivel ao thermometro, para a mera mudança

de estado. Esse calor, necessario á mudança de estado dos corpos e inapreciavel ao thermometro, foi chamado pelos physicos *calor latente*. É facil explicar agora a razão por que o gelo se conserva tanto tempo sem derrreter-se. A privação do ar e o contacto dos corpos máos conductores do calor, como, por exemplo, lã ou serradura de madeira, facilitam tambem a conservação do gelo.

Quando se mistura gelo pisado com saes soluveis em agua, resultam d'estas misturas, chamadas *frigorificas*, abaixamentos mais ou menos consideraveis de temperatura. Assim, se misturarmos uma parte de gelo com outra de sal de cozinha, obteremos um frio de 17 gráos centigrados. São estas as proporções que se empregam para fazer sorvetes. Pela mistura de 4 partes de chlorhydrato de calcio hydratado e de 3 partes de gelo pisado tem-se um frio de 28 gráos. Emfim, misturando-se uma parte de gelo e outra de acido sulfurico diluido em agua, obtem-se um frio de 45 gráos. Entretanto, para se ter este ultimo abaixamento da temperatura, é preciso antes, por meio de mistnras de gelo e sal, dispôr separadamente o gelo e o acido, afim de lhes dar, o que é facil, uma temperatura abaixo de 6 gráos.

Para fazer gelo, introduz-se a agua n'um vaso de estanho ou de folha, de paredes mui delgadas, pouco largo e um tanto cónico na parte inferior; este vaso, cheio d'agua e fechado, colloca-se no recipiente de madeira, que contém a mistura frigorifica, e mexe-se brandamente esta mistura com um páo. Para apressar a operação da congelação da agua, póde-se, sendo preciso, passado um quarto de hora de agitação, reformar a mistura frigorifica, e deixar depois o apparelho em repouso, durante uma hora ou hora e meia, até que a agua fechada na caixa de estanho ou de folha esteja completamente solida. Acham-se no commercio apparelhos proprios para fazer gelo. Póde-se tambem produzir artificialmente gelo, abaixando a temperatura por meio da evaporação no vacuo. Ha um apparelho para este fim que é o.

Gongelador aperfeiçoado (fig. 523). N'este apparelho faz-se gelo abaixando a temperatura por meio da evaporação no vacuo produzido por uma bomba. A agua, que se quer reduzir a gelo, deita-se n'uma garrafa, ou n'um vaso de bocca larga. Esta garrafa ou este vaso não deve encher-se completamente, deve só conter um pouco mais de um terco do espaço. Faz-se o vacuo por cima da agua por meio de uma bomba. A medida que se produz o vacuo, a agua perde o ar que continha, e depois evapora-se. O ar e o vapor, antes de chegarem á bomba, atravessam um cylindro contendo acido sulfurico. O vapor fica instantaneamente absorvido pelo acido; forma-se novo vapor que o acido absorbe igualmente. Em consequencia da evaporação produz-se um abaixamento de temperatura na agua que fica, que pouco a pouco se reduz a gelo. O vaso cobre-se a principio de uma camada de orvalho, a agua torna-se fria, algumas agulhas apparecem no seu interior; sua transparencia desapparece, e ao cabo de pouco tempo toda a agua acha-se convertida em gelo. Com o acido novo, o gelo principia a formar-se 2 a 3 minutos depois que se fez marchar a bomba, e a congelação total de uma garrafa exige 30 a 35

minutos. A rapidez da congelação diminue um pouco á medida que o acido se dilue; o acido póde servir até que tenha 52 e mesmo 50 gráos; isto dá, no clima temperado de França, uma producção de 15 a 20 garrafas congeladas pela carga de acido com apparelho n° 1; de 30 a 35 com o apparelho n° 2; e de 50 a 60 com o apparelho n° 2 *bis*. Empregam-se as garrafas, quando se quer resfriar simplesmente a agua, para o que

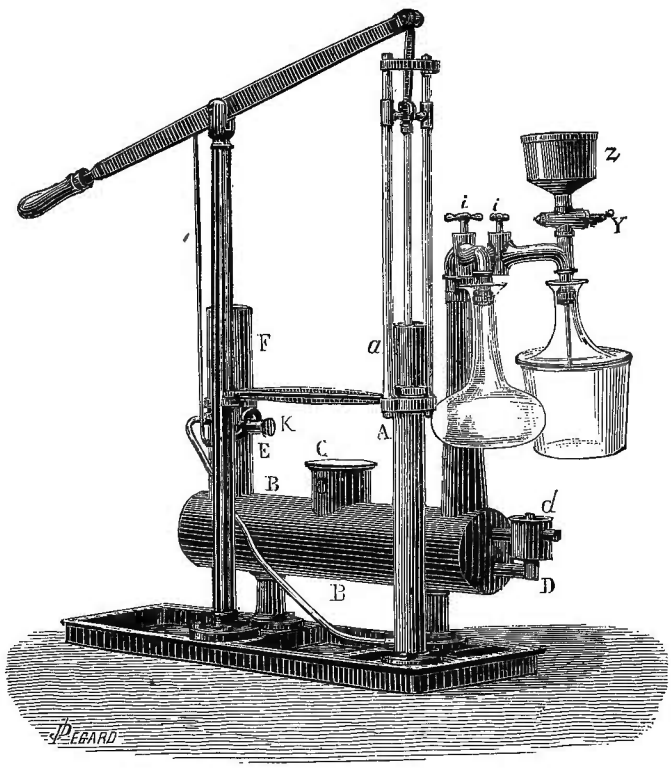


Fig. 523. — Congelador aperfeiçoado.

bastam dois a tres minutos; empregam-se vasos de bocca larga, quando se quer obter gelo em bocados, o que se effectua ao cabo de 30 a 35 minutos, como acima fica dito.

Para fazer *sorvetes* introduz-se n'um vaso cylindrico de folha de Flandres mui delgado, denominado *sorveteira*, o liquido que se quer congelar, e mergulha-se este vaso n'uma mistura de 1 parte de sal de cozinha e 4 partes de gelo pisado. Cada vez que se quer activar a congelação, póde-se ajuntar ao sal de cozinha 1/10 de sal de nitro.

Existem diversos apparelhos para fazer sorvetes, os mais empregados são os modelos representados nas fig. 524, 525.

Geleira de manivella (fig. 524). N'esta galeira as misturas frigorificas são movidas pela manivella.

Maneira de proceder. Encher com agua o molde metallico, atarrachal-o ao fundo da geleira, e cobril-o. Deitar no corpo da geleira as misturas frigorificas abaixo indicadas. — Cobrir o apparelho, dar voltas á mani-

vella á direita e á esquerda para desprender os batidores, isto feito, fazer girar a manivella durante todo o tempo da operação. Em 3 minutos a congelação principia a produzir-se. Em 10 ou 15 minutos póde-se tirar o molde se se julgar que a congelação é sufficiente, ou deixal-o no apparelho; o gelo formar-se-ha de si mesmo dando voltas á manivella de vez em quando.

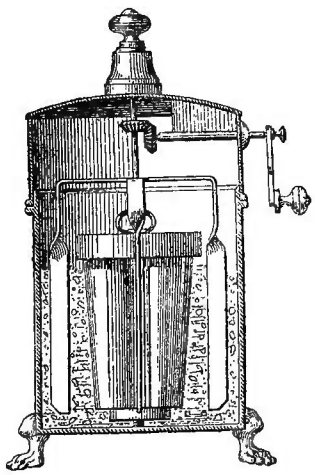


Fig. 524. — Geleira de manivella.

Dóses das misturas frigorificas. 1.ª Sulfato de soda 8 partes, acido chlorhydrico 5 partes. 2.° Nitrato de ammoniaco 4 partes, agua 1 parte.

Cumpre introduzir na geleira primeiro os saes, e depois o acido ou a agua.

Receita para gelar o creme de Baunilha. Deitam-se em um vaso 350 grammas de assucar, uma vagem de baunilha cortada em bocadinhos, e oito gemas de ovos frescos: mistura-se tudo mexendo com colher de páo até que as gemas de ovos tenham branqueado um pouco. Lança-se-lhe 1 litro de bom leite mexendo sempre. Põe-se o vaso sobre fogo brando, e continua-se a mexer até que a mistura comece a pegar-se á colher. Passa-se então por peneira de seda, porque se se conservasse mais tempo sobre o lume, ferveria, e não poderia ser empregada. Logo que arrefecer, deita-se na sorveteira, e faz-se gelar.

Sorvete de limão. Deite-se, em 1 litro de agua 500 grammas de assucar, cascas de dois limões e sumo de quatro. Uma hora depois passe-se por peneira de seda e faça-se gelar.

Do mesmo modo podem preparar-se licores de outras fructas, para os fazer gelar.

Geleira de rotação. Este apparelho compõe-se: 1.° de um cylindro de ferro batido, em fórma de um pequeno barril (fig. 525 *a*); 2.° de um recipiente multiplo (fig 525 *b*), no qual se deita a agua que se quer congelar. Deitada a agua n'este recipiente, tapam-se as suas aberturas com um disco de cautchuc; introduz-se o recipiente no interior do cylindro, e fecha-se hermeticamente a abertura d'este com uma tampa de páo. Pela outra extremidade do cylindro introduz-se uma medida d'agua a mais fria possivel, e uma medida de azotato de ammoniaco puro; e tapa-se com outra tampa de páo. Estando tudo assim disposto, faz-se gyrar o cylindro durante cinco minutos. O gelo está feito. Abre-se o apparelho e extrahem-se oito cylindros ôcos de gelo. Para formar com elles um só pedaço, tira-se do recipiente multiplo o segundo cylindro ôco do gelo, e introduz-se no primeiro, isto é, no cylindro maior; tira-se depois pela mesma fórma o terceiro cylindro, e faz-se entrar no segundo. Faz-se seguidamente penetrar o quarto no terceiro, e assim successivamente, até ao ultimo. Se os ditos cylindros de gelo forem uns mais longos do que os outros, como mostra o desenho (fig. 525 *c*), comprimem-se com a mão, e obtem-se d'esta maneira pedaço de gelo muito compacto,

que póde conservar-se por cinco ou seis horas. Todos os objectos que compõem este novo apparelho, estão dispostos em ordem n'uma caixa a que o inventor deo o nome de caixa-geleira (*Malle glacière*). A caixa, com todos os objectos, pesa 36 kilogrammas; contém o recipiente multiplo,

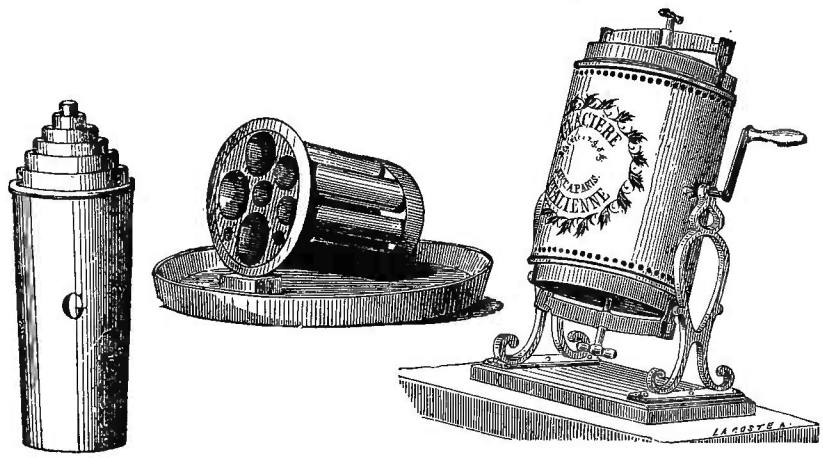


Fig 525 (*c*). Fig. 525 (*b*). Fig. 525 (*a*).

Fig. 525. — Geleira de rotação.

os accessorios, e a quantidade de azotato de ammoniaco necessaria para produzir um pedaço de gelo de cerca de 500 grammas, todos os dias durante alguns annos.

GELSEMIUM SEMPERVIRENS ou **JASMIM AMARELLO DA CAROLINA.** Planta da familia das Loganiaceas. A casca da raiz contem um principio activo, a gelsemina, que é um veneno terrivel. Tem-se attribuido a esta substancia propriedades antinevralgicas e febrifugas. Prescrevem-n'a na dóse de 5 a 20 centigrammas em forma de pó e de 10 a 60 gottas de tintura. O melhor meio de empregar este producto é administrando as pilulas do Dr. Fournier que contem cada uma 0,04 de pó de gelsemium. A dóse é de 2 a 5 pilulas no correr do dia. Estas pilulas são feitas só com Gelsemium, o que permitte que se administre este precioso medicamento de modo certo e comedido podendo-se seguir e verificar a sua acção.

GEMADA. Mistura de gemas de ovos, com assucar, agua quente e um pouco d'agua de flor de laranjeira. Bebida muito agradavel; util nos defluxos e nas bronchites. Eis-aqui como se prepara: Introduz-se n'uma tigela uma ou duas colheres de assucar em pó, uma ou duas gemas de ovo, e uma pequena colher d'agua de flores de larangeira. Mexe-se vivamente esta mistura com um garfo, e ajunta-se, mexendo, uma quantidade conveniente d'agua fervendo. Esta bebida emolliente deve ser tomada á noite no momento de se deitar, e bem quente. Ás vezes ajuntam-se-lhe algumas gottas de rhum, mas então a gemada torna-se um pouco excitante.

GENCIANA. *Gentianea lutea.* Linneo. Gencianeas. Planta commum nas regiões montanhosas da Europa: em Portugal, habita no cimo das

mais elevadas montanhas da serra da Estrella (fig. 526). Raiz perpendicular, ramosa, da grossura de um dedo ou mais, cylindrica, rugosa, rugas annulares; fusca por fóra, amarella por dentro. Caule 66 centimetros a 1 metro de altura; folhas abarcantes, ovaes, verde-claras; flores amarellas em espiga. A raiz d'esta planta é empregada em medicina como poderoso tonico. O extremo amargor, que a distingue, mostra a sua grande efficacia. Os pós d'esta raiz, na dóse de 50 a 100 centigramas, tomados uma hora antes da comida, augmentam o appetite e tornam o trabalho da digestão mais facil. O uso continuado da genciana, ajudado por um bom regimen, habitação sã e outras precauções hygienicas, torna-se util quando se trata de curar os primeiros symptomas das escrophulas nas crianças. Eis a razão porque a raiz d'esta planta entra como elemento essencial em todos os medicamentos compostos, que a arte de curar administra com vantagem contra as molestias complicadas de debilidade geral ou parcial. Emprega-se, com effeito, no escorbuto e nas flores brancas. N'estes ultimos casos administra-se ordinariamente o seu macerato em agua fria. Põem-se de môlho por quatro horas 4 grammas da raiz de genciana em 180 grammas d'agua fria, côa-se, e bebe-se a porção toda de uma vez.



Fig. 526. — Genciana.

Genciana brazileira. *Lisianthus pendulus* e *Lisianthus amplissimus,* Martius, Gencianeas. São pequenas plantas, que habitam no Brazil, na provincia de Minas Geraes. Tem flores azues, levemente arroxeadas, raizes da grossura de penna de ganso, de sabor amargo. A raiz é empregada n'aquella provincia contra as sezões, em macerato n'agua fria; 4 grammas para 180 grammas d'agua fria.

GENEBRA. Bebida espirituosa que se prepara distillando n'um alambique aguardente de centeio, com bagas de zimbro. Póde tambem preparar-se infundindo bagas de zimbro, em quantidade variavel e á vontade, em aguardente de centeio. É mui excitante e diuretica.

GENGIBRE. *Zingiber officinalis*, Roscoë. Amomaceas. Planta originaria das Indias Orientaes e commum no Malabar, no Ceylão e na China, d'onde foi transportada para o Brazil, Mexico e Antilhas (fig 527). Tem o tronco subterraneo (chamado impropriamente *raiz*) tuberoso, articulado, rasteiro, produzindo talos contidos em bainhas formadas de folhas; as flores são dispostas em espigas cónicas, e supportadas por hastes radicaes curtas e compostas de escamas imbricadas. A *raiz* (tronco subterraneo) é a unica parte do vegetal que é empregada em medicina e na economia domestica. Acha-se em pedaços da grossura de um dedo,

achatados, e apresentando umas como juntas; epiderme acinzentada, por dentro branco-amarellada. Tem sabor muito quente, e cheiro aromatico tão forte, que provoca espirros em algumas pessoas. O licor de gengibre, tomado em pequena dóse, excita as forças digestivas. Alguns mercadores de cavallos aproveitam-se da qualidade irritante do gengibre. Antes de ensaiarem os cavallos, introduzem-lhes na entrada da via inferior um pedaço d'esta raiz, afim de provocarem, na occasião da venda, o ardor extincto d'estes animaes.



Fig. 527. — Gengibre.

GENGIVAS. As gengivas são compostas de um tecido fibroso, denso, resistente; são cobertas em toda a sua extensão por uma membrana mucosa, e revestem a margem alveolar de ambos os queixos. No estado de saude, são côr de rosa, de aspecto agradavel; contribuem para tornar mais apparente a alvura dos dentes e para dar a toda a bocca um ar de pureza e de frescura tão geralmente apreciado. Assim como todas as partes do corpo humano, estão sujeitas a molestias, que vou indicar.

§ 1. **Inflammação das gengivas** ou **Gengivite.** A inflammação das gengivas é caracterizada pela dôr, vermelhidão e inchação das gengivas : de ordinario é acompanhada de salivação.

As *causas* da inflammação das gengivas são : qualquer violencia exterior, a passagem subita de uma temperatura quente á fria, a sahida de um dente nas crianças, a accumulação da pedra nos dentes, a presença de um dente cariado, o uso dos medicamentos mercuriaes.

Tratamento. Para combater a inflammação das gengivas convem usar do gargarejo seguinte :

Decocção de raiz de althea.....	500 grammas.
Mel rosado.....	60 —

Tome-se um purgante : 60 grammas de sal d'Epsom, 8 grammas de magnesia calcinada, ou uma garrafa de limonada de citrato de magnesia. Alimpem-se os dentes se estiverem cobertos de pedra, fazendo uso do dentifricio de Dethan, de chlorato de potassa, ou façam-se bochechos com Coaltar saponinado Le Beuf misturado com agua.

Nas crianças, que não sabem gargarejar, basta que se passe, sobre as gengivas inflammadas, um pincel de panno de linho molhado em mel rosado. É preciso tirar as raizes e os dentes cariados, que podem ser causa da desordem, ou entreter a molestia. Se a inflammação dolorosa

das gengivas proceder do uso das preparações mercuriaes, devc-se suspender o uso dos remedios mercuriaes, e recorrer aos gargarejos com agua, mel de abelhas e vinagre, e aos outros meios indicados no artigo SALIVAÇÃO.

§ 2. **Amollecimento e inchação das gengivas.** O amollecimento e a inchação das gengivas, que muitas pessoas confundem sem razão com a inflammação, não são acompanhados nem de calor, nem de dôr. N'csse estado as gengivas estão inchadas e ás vezcs deitam sangue ao menor toque. A pedra dos dentes é a sua causa frequente; convem tiral-a com instrumentos. O uso dos vegetacs acidos, taes como as laranjas e as limas, de salada de agriões, é mui util contra esta affecção. É bom csfregar as gengivas com pedrahume em pó, ou com os pós seguintes :

Cato em pó.....	15 grammas.
Canella em pó.....	15 —

Toquem-se as gengivas com pedra infernal.

A seguinte *mistura gengival* convem tambem contra o amollecimento das gengivas :

Alcoolato de cochlearia.....	45 grammas.
Aguardente camphorada.....	45 —

Misture. Deita-se uma colher *de sopa* d'esta mistura em meio copo d'agua fria, e lava-se a bocca tres ou quatro vezes por dia.

Esfreguem-se as gengivas com Phenol Bobœuf misturado com 20 partes d'agua ou com Coaltar saponinado Le Beuf, misturado com agua.

Se estes meios não forem sufficientes, toqucm-se as gengivas, duas vezes por dia, com pincel molhado na tintura de iodo, c lave-se immediatamente a bocca com agua fria.

§ 3. **Ulcerações das gengivas.** A presença da pedra nos dentes, e algumas outras causas menos bem conhecidas, podem determinar nas gengivas ulccras avermelhadas e sanguinolentas, acompanhadas de máo halito, e da excreção de uma materia esbranquiçada. As crianças e os adultos são-lhes igualmente sujeitos.

O tratamento consiste em ter a bocca limpa por meio de lavatorios frequentemente repetidos com agua, á qual se ajuntam uma colher *de chá* de Dentifricio com Phenol Bobœuf por copo, ou uma colher *de chá* de vinagre phenico; em tocar cada dia estas ulcerações com pedra infernal, ou com um pincel molhado na mistura em partes iguaes de Coaltar saponinado Le Beuf e de mel rosado,

§ 4. **Congestão das gengivas.** É uma simplcs inchação das gengivas, que deitam sangue pela menor compressão. Encontra-se frequentemente esta molestia nas mulheres gravidas, e nos individuos muito sanguineos cujo systema vascular é muito laxo. Para curar cste incommodo, convem lavar a bocca com agua misturada com Dentrificio de Phenol Bobœuf, esfregar as gengivas com escova aspera, e fazcr sangral-as picando-as com um palito, fazendo pequenas escarificações com a

ponta de uma lanceta, ou mesmo applicando uma bicha na gengiva inchada.

§ 5. **Hypertrophia das gengivas.** Designa-se assim, não a simples congestão de que acabei de fallar, mas um desenvolvimento extraordinario que adquirem ás vezes as gengivas a ponto de cobrirem inteiramente os dentes. N'esse estado a mastigação torna-se difficil, o halito esquenta-se e torna-se desagradavel, as gengivas sangram pelo menor toque, e os alimentos estão frequentemente impregnados de sangue durante a mastigação. As fricções repetidas com escova, e os lavatorios com agua acidula, não bastam n'este caso como n'uma simples congestão; é preciso, com bisturi ou tesoura, tirar todas as porções que excedem o comprimento ordinario da margem das gengivas, e cauterizar depois as superficies sangrentas com estylete aquecido ao branco. Esta operação deve ser repetida tres a quatro vezes, até tornarem as gengivas ao seu estado natural. Lava-se quotidianamente a bocca com agua acidulada com vinagre, e adoçada com mel de abelhas, ou com o dentifricio de Dethan, de chlorato de potassa.

§ 6. **Epulida.** Os antigos cirurgiões chamavam espulidas todos os tumores das gengivas e consideravam-n'os como tendo certa tendencia bem pronunnciada para se transformarem em cancros. Davam-lhes causas mui diversas : gingivite, carie dentaria, apparecimento do dente do sizo, arrancamento de dentes cariados, etc. Ha accordo actualmente em designar debaixo do nome d'epulidas uma especie de tumor bem definido que pertence á classe dos sarcomas. Apparece entre dous dentes na borda da gengiva uma especie de pequeno botão vermelho, duro, arredondado e pouco doloroso. Esta excrescencia se desenvolve pouco a pouco, toma o aspecto de um cogumelo irregular que ás vezes deita sangue quando o doente mastiga os alimentos. As epulidas pode crescer a ponto de incommodar a pronunciação e a nutrição. Então, vê-se logo as glandulas incharem na parte correspondente do pescoço; o que indica que é já tarde para operar o tumor, e na verdade o cirurgião não deve demorar a extirpação e arrancar ao mesmo tempo a porção de osso que o supporta com os dous dentes mais proximos, sem o que a molestia continua sua marcha devastadora e o doente pode morrer.

Não se deve confundir essas verdadeiras epulidas com os pequenos tumores molles, irregulares, que deitam sangue e vem com muita salivação, e que se desenvolvem principalmente nos individuos que fumam, que têm escorbuto, ou que provem dos dentes cariados.

Tambem se encontram nas gengivas dos recemnascidos, pequenas manchas rubras que podem se espalhar e crescerem a ponto de se transformarem em tumores erectis. Esses tumores curam-se com cauterizações ou com ferro em braza.

Cancro das gengivas. No começo, o cancro das gengivas ou epithelioma parece com a epulida, mas dentro de pouco tempo, o tumor deita sangue frequentemente, torna-se doloroso e sobrevem picadas nevralgicas que tomam toda a cabeça e principalmente nas partes vizinhas da orelha do mesmo lado. O tumor cresce rapidamente, as glandulas do pescoço ficam tomadas, o doente emmagrece e acaba por succumbir se

não se fizer uma operação radical que faça parar a marcha da molestia, a qual, infelizmente, reincide muitas vezes.

§ 7. **Escorbuto.** N'esta molestia em que todo o corpo se acha affectado, as gengivas apresentam uma inchação de côr livida, e deixam sahir ao menor toque uma materia fetida e um sangue muito aguado. A primeira indicação consiste em subtrahir o doente ás causas que produziram a molestia; é necessario depois recorrer a um tratamento geral e aos gargarejos acidulos. *Veja-se* o artigo Escorbuto, vol. I, pag. 1013.

§ 8. As gengivas podem apresentar excoriações, pequenas feridas occasionadas pelos corpos duros e agudos submettidos á mastigação, ou pela pressão que exercem sobre a margem alveolar desguarnecida de dentes, as peças artificiaes que se applicam. Lavatorios com decocção de althea misturada com mel de abelhas, e, em certos casos, a applicação de pedrahume ou de pedra infernal bastam para obter a cura.

Para as outras molestias das gengivas, *veja-se* artigos Aphtas, Sapinhos, Bocca, Salivação, e Dentes.

GENIPAPO. Fructo do genipapeiro, *Genipa brasiliensis*, Martius, arvore do Brazil, da familia das Rubiaccas. Esta arvore tem 16 a 20 metros de altura, casca cinzenta e lisa, folhas oppostas, oblongas e luzidias, flores amarellas. O fructo, depois de desenvolvido, é redondo; tem 12 a 15 centimetros de diametro; com o pericarpo fino, de côr cinzenta, coberto de uma substancia pulverulanta; compõe-se de uma polpa, de sabor acre e doce, que contém um succo violete, podendo servir para marcar roupa. Este fructo é bom para comer-se; é refrigerante; faz-se com elle um doce muito agradavel.

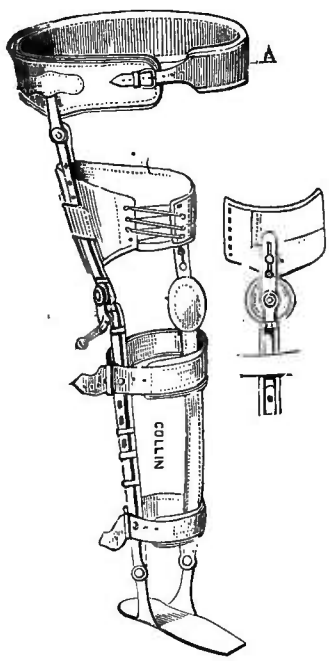


Fig. 528. — Apparelho do Dr Julio Guérin para o tratamento do genu valgum.

GENU VALGUM ou **CAMBAIO.** Deformidade a que o vulgo dá o nome de *pernas tortas* e que se observa em todas as idades mas principalmente na primeira e segunda infancia. Quando ella existe nos adultos e nos velhos é porque a sua origem provém sempre para bem dizer da infancia.

Esta deformidade consiste em que a extremidade inferior das duas coxas se acham viradas para dentro, isto é, para o lado da linha vertical que passa pelo meio do corpo, de modo que os joelhos virados um para o outro tendem a se tocarem e ás vezes se tocam realmente. Algumas vezes a deformidade existe de um lado só. Os pés necessariamente têm a direcção opposta á dos joelhos, são virados para fóra e tanto mais afastados quão a separação é maior.

Os meninos estão mais sujeitos do que as meninas a esta deformidade; ainda não se pôde descobrir a razão d'este facto.

Alguns cirurgiões consideram o desvio como um symptoma constante de rachitismo, o que é um erro; os casos em que esse desvio coincide com um rachitismo são até raros; n'esses casos, o joelho virado para fóra nunca apparece só, vem sempre acompanhado de outras alterações dos ossos, entre outras a inflexão das pernas, pois, no genu valgum simples, as pernas estão desviadas para fóra, de um só lance; examinadas separadamente, ellas estão mais ou menos curvadas para um ou outro lado.

O genu valgum não é doloroso quando a pessoa não anda muito; mas se ella faz grandes caminhadas ou fica por muito tempo de pé, a disformidade se accentua e o individuo está sujeito ás torceduras do peito do pé e á outras mais graves do joelho.

Quando o genu valgum é tratado a tempo, empregando-se apparelhos bem feitos, é molestia que se pode curar, quando o tratamento é feito

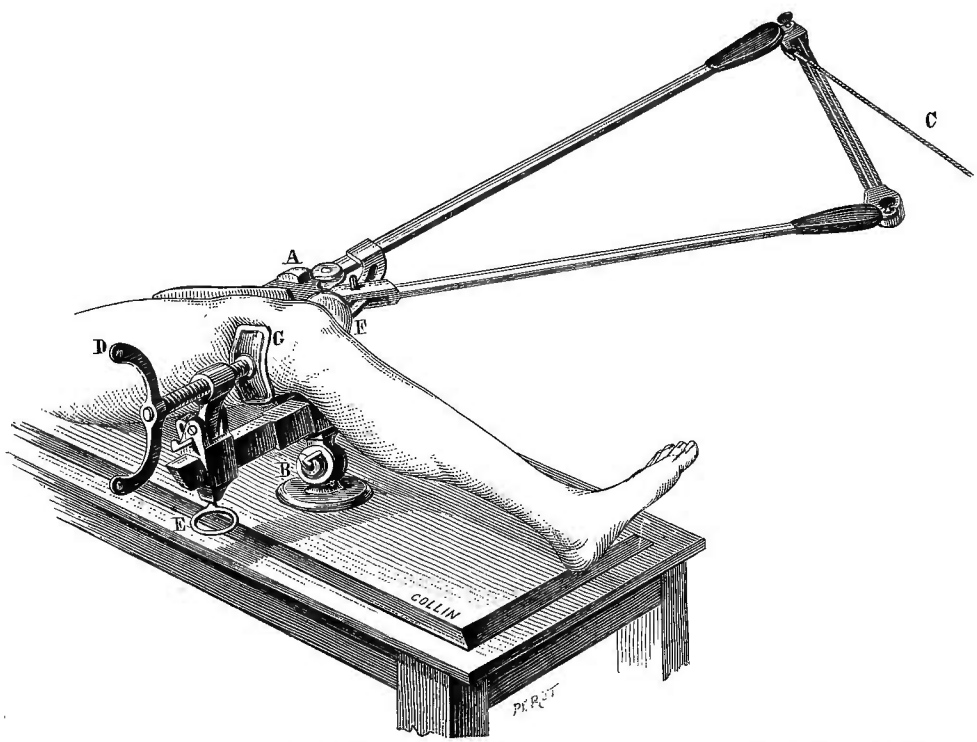


Fig. 529. — Apparelho de Collin para endireitar os joelhos cambaios (*genu valgum*).

desde criança. Tem havido alguns casos de cura em adultos mas são raros.

O doutor Julio Guérin cura o genu valgum cirurgicamente, praticando segundo os casos, a secção isolada d'esse ligamento, ou a secção d'esse ligamento conjunctamente com a do biceps e a do tensor do fascia lata.

Graças a um apparelho de sua invenção (fig. 528), gotteira articulada lateralmente, dependendo do systema de flexão, o doutor Julio Guérin tem conseguido endireitar o joelho completamente e quasi instantaneamente, depois de fazer primeiramente a secção subcutanea dos musculos e dos ligamentos.

O sñr Collin, celebre fabricante de instrumentos de cirurgia de Pariz, tambem inventou um apparelho para endireitar o genu valgum é o que vai representado na fig. 529.

GERAÇÃO. Dá-se este nome á funcção pela qual os corpos vitaes se reproduzem, dão nascimento a entes novos que lhes são semelhantes, e perpetuam consecutivamente a raça. Seria empreza bem temeraria o querer explicar todos os mysterios da geração na especie humana. As pesquizas de trinta seculos tem sido infructuosas, e as forças do espirito humano quebram-se contra o véo impenetravel com que a natureza cobrio esta funcção. A concepção é um acto que se executa independemente de toda a vontade. As circumstancias que produzem a concepção ou impedem que ella tenha logar são totalmente ignoradas.

Quanto ás qualidades physicas e moraes futuras da criança, essas estão, de alguma sorte, sob o dominio do nosso poder. O estado moral dos dois individuos, o gráo de actividade com que executam a funcção, tem influencia indubitavel sobre o resultado. O amor quer possuir o ente inteiro; se uma capacidade qualquer se achar distrahida durante a união dos sexos, o producto será fraco e delicado; o que se póde ver nos filhos dos que trabalham muito de espirito. Nunca um grande homem gerou grandes homens, e os descendentes dos personagens illustres quasi sempre são indignos de seus pais. Por exemplo, os filhos de Socrates, de Pericles, de Cicero, entre os antigos; de Racine, de La Fontaine, de Buffon, e de mil outros que poderiam ser citados, entre os modernos, nenhum herdou o grande engenho de seu pai. Pelo contrario a maior parte dos homens que se tornáram illustres, tem tido por pais individuos vulgares.

Bem que a especie humana seja geralmente unipara, não são raros entretanto os nascimentos de gemeos. Possuem-se até exemplos de mulheres que tiveram tres e mesmo quatro crianças; e existem dois casos de quintuplo parto. Este numero de crianças de uma só prenhez depende, dizem uns, de ter a mulher, n'este caso, muitos ovos promptos a desligarem-se ao mesmo tempo dos ovarios, e por conseguinte maduros para a fecundação. Os partidistas do systema dos animalculos o attribuem ao pai, e para apoiarem a sua opinião citam o extraordinario facto de um camponez que foi apresentado á imperatriz da Russia em 1755 : teve elle duas mulheres; a primeira teve cincoenta e sete filhos em vinte e um partos, e a segunda trinta e tres em treze; todos os partos foram quadruplos, triplos ou duplos.

GERATACACA. *Veja-se* MANACA.

GEREZ. Portugal; Minho. Seis legoas ao norte de Braga, uma legoa acima do logar Villar de Veiga, em uma baixa da serra do Gerez, nascem de uma penha por varias partes aguas quentes em grande abundancia, todas de mesma natureza, as quaes se ajuntam em diversos tanques expressamente construidos para banhos. As aguas são limpidas, crystallinas, sem cheiro, nem sabor algum diverso da pura agua da fonte depois de aquecida ao fogo. A temperatura varía conforme as fontes. Segundos as observações feitas em 9 de Setembro de 1850, pelo Sr. Vis-

conde de Villa Maior, eis-aqui a temperatura dos diversos *banhos* do Gerez, quando a temperatura da atmosphera marcava 25°,5. — No banho chamado o *forte*, 49°; — banho *Figueira*, 46°; — *Contraforte*, 45°; — *Borges*, 41°; — *Biqueira de Páo*, onde se tomam duches, 45°,5; — *Figado*, 42°; — *Duas bicas*, 40°; — *Fonte externa*, onde se enchem as garrafas, 44°: — *Santo Antonio*, 42°,5.

Examinada na origem com as tinturas reagentes esta agua não manifestou reacção alguma acida ou alcalina; agitada n'um frasco não indicou conter excesso algum de gaz em dissolução. Nos caneiros e bicas por onde corre deixa incrustações siliciosas. Concentrando-a não se manifesta deposito algum, á semelhança d'aquelle que se forma nas aguas que contém carbonatos terrosos e metallicos em dissolução. Quando pela ebullição se acha reduzida a um pequeno volume, apresenta reacção alcalina sobre o papel de turnesol vermelho. N'este ponto de concentração, sendo tratada por um acido, produz effervescencia devida á evolução de gaz acido carbonico. Continuando a evaporação da agua, observou o Sr. Visconde de Villa Maior que chegava um momento em que apparecia um residuo gelatinoso formado pela silica hydratada.

Segundo a analyse do mesmo distincto Chimico, 1 litro d'agua do Gerez contém:

	gram.		gram.
Acido carbonico.....	0,0260	Potassa.....	0,0164
— silicico	0,0653	Soda	0,0109
— sulfurico.....	0,0066		
Chloro.....	0,0118	Somma.....	0,1370

Á vista de tão pequena quantidade dos principios mineralizadores que contém as aguas do Gerez, não podem ser collocadas nem na classe das ferruginosas, nem alcalinas, nem acidulas gazosas; póde, portanto, dizer-se que os effeitos não devem ser attribuidos senão á sua calida temperatura, e ás condições hygienicas do logar em que brotam, ou a que os doentes se submettem quando as bebem longe da fonte.

A analyse das incrustações siliciosas deo o seguinte resultado em 0ᵍ,805 de materia secca: silica 0,702; oxydo de ferro, cal, alumina, alcalis, juntos 0,0103. Parte d'estes principios pertencem incontestavelmente ao granito dos canos, sobre que estavam adherentes as incrustações, e á argamaça da construcção, que destacando-se juntamente com aquellas, não foi possivel extremar de um modo conveniente. A densidade da agua é de 1,0008 pouco differente da agua commum.

A reputação das aguas do Gerez em Portugal é grande e antiga. Não ha ainda muitos annos que na estação propria acudiam-lhe muitos enfermos, a maior parte d'elles sem conselho dos medicos; hoje são pouco frequentadas. As difficuldades de transporte, e a carencia de commodidades no logar em que estão situadas, as tornam de difficil emprego. Ha ali poucas casas habitadas por pastores, e estas durante o inverno ficam abandonadas, porque, fóra da epoca dos banhos, ninguem reside n'aquelle logar. (Artigo redigido segundo um folheto publicado em Lisboa em 1851, debaixo do titulo : *Analyse das aguas mineraes do Gerez*, pelo

Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, hoje Visconde de Villa Maior.)

GERGELIM. *Sesamum indicum*, De Candolle, e *Sesamum orientale*, Linneo. Planta da familia das Bignoniaceas, originarias da India, cultivadas no Brazil. O fructo é uma capsula com quatro loculamentos que contém sementes ovoides, um pouco mais pequenas que a linhaça. Extrahe-se d'estas sementes um oleo excellente empregado para o tempero das comidas, para luzes e para o fabrico do sabão. Em medicina, é um laxante brando; emprega-se tambem em fricções contra as manchas da pelle e contra as empigens. Os Egypcios comem o bagaço das sementes espremidas, temperado com mel de abelhas e sumo de limão. As sementes de gergelim dão uma farinha com que se preparam bolos, mingáos, etc. Estas sementes comem-se tambem torradas como o milho, ou cozidas como o arroz : é um alimento são e agradavel.

GERVÃO. Orgibão, Urgevão. *Verbena jamaicensis*, Linneo. Verbenaceas. Com estes nomes designa-se nas diversas provincias do Brazil um sub-arbusto mui commum, que cobre as bordas dos caminhos e os terrenos proximos ás casas. O caule de 130 centimetros, folhas ovaes, oppostas, denteadas, flores azues dispostas em espigas terminaes. As folhas d' esta planta tem cheiro aromatico agradavel, e infundidas em agua fervendo constituem uma bebida sudorifica. Prepara-se este chá com duas ou tres folhas e uma chicara d'agua fervendo. Externamente, as folhas usam-se nas contusões, sobre as quaes se applicam pisadas, em fórma de cataplasma.

GESSO. Sulfato de cal calcinado : obtem-se, sob a fórma de pó branco, pela calcinação da *pedra de gesso*, que se extrahe da profundidade da terra. Diluido em agua, o gesso serve para rebocar as paredes e ligar as pedras. Depois de secca, esta massa adquire uma dureza quasi igual á da pedra. Emprega-se o gesso mais fino para modelar figuras, tomar a marca dos caracteres typographicos, etc. Misturado com grude, constitue o *estuque*, que é susceptivel de adquirir o polimento do marmore. Serve na cirurgia, no tratamento das fracturas, para apparelhos inamoviveis, que se preparam molhando as ataduras no gesso liquido, que se tornam duras, depois de seccas.

Quando se dilue em agua gesso calcinado, desenvolve-se muito calor; porque então elle toma consistencia e solidifica a agua que a calcinação lhe fez perder (cerca 20 0/0); a causa da solidificação do gesso é devida á pouca separação das particulas que se hydratam e se solidificam successivamente. O gesso amassado com agua augmenta de volume; 24 horas depois o augmento é só 1 0/0 do volume primitivo. Em virtude da propriedade do gesso de absorver a agua, é que se empregam chapas de gesso para seccar feculas, polvilho e diversos productos chimicos. *Veja-se* Sulfato de cal.

GESTAÇÃO. Tempo durante o qual a mulher e as femeas dos animaes mammiferos, depois de conceberem, trazem o feto no utero. Da mulher diz-se mais propriamente *gravidez* ou *prenhez*. Dura nove mezes na especie humana, pouco mais ou menos. *Veja-se* Gravidez.

Duração da gestação das femeas dos animaes domesticos. A duração da

gestação varía quasi sempre no seu termo, e até de maneira consideravel, em todos os animaes domesticos. Sendo quasi sempre conhecida a época exacta da concepção, é impossivel negar esta irregularidade. Ignoram-se totalmente as verdadeiras causas que prolongam ou abreviam o tempo da gestação; o qual parece depender da organização particular de cada individuo. Muitos naturalistas fizeram pesquizas a este respeito; eis-aqui o resultado de suas observações :

ESPECIES.	TERMO MAIS CURTO		TERMO ORDINARIO		TERMO MAIS LONGO	
	MEZES E DIAS.	DIAS.	MEZES E DIAS.	DIAS.	MEZES E DIAS.	DIAS.
Burra	12....	365	12.... 20	380	13.... 1	391
Egua	9.... 19	289	11....	333	13.... 29	419
Vacca	8....	240	9....	270	10.... 21	321
Ovelha	4.... 26	146	5....	150	5.... 11	161
Cabra	4.... 20	140	5....	150	5.... 10	160
Porca	3.... 19	109	4.... 6	126	4.... 23	143
Cadella	1.... 25	55	2..	60	2.... 3	63
Gata	1.... 18	48	1.... 20	50	1.... 26	56
Coelha	....	20	....	34	....	35

Nas gatas e coelhas existe ás vezes superfetação; quer dizer que a femea, estando prenhe, admitte o macho e se opera nova concepção. Então póde ter filhos a quatorze ou quinze dias de distancia de cada gestação. Mas ordinariamente essas gestações são pouco numerosas e limitam-se a um ou dois filhos nas gatas, e a dois ou tres nas coelhas.

Estas variedades no tempo da gestação encontram-se igualmente no tempo da incubação das aves domesticas. Eis-aqui o quadro :

ESPECIES.	TERMO MAIS CURTO.	TERMO ORDINARIO.	TERMO MAIS LONGO.
Perua chocando ovos de Gallinhas	17 dias.	24 dias.	28 dias.
Perua chocando ovos de Peruas	24 —	26 —	30 —
Perua chocando ovos de Patas	24 —	27 —	30 —
Gallinha chocando ovos de Patas	26 —	30 —	24 —
Gallinha chocando ovos de Gallinhas	19 —	21 —	24 —
Pata	28 —	30 —	32 —
Gansa	27 —	30 —	33 —
Pomba	16 —	18 —	20 —

GIBOSIDADE. *Veja-se* CARIE VERTEBRAL e CORCOVA.

GILBARBEIRA. *Ruscus aculeatus*, Linneo. Asparagineas. Pequeno arbusto sempre verde; acha-se no Brazil e em Portugal. Caule verde, glabro, ramificado, guarnecido de folhas consistentes, ovaes-agudas, pungentes no topo; fructo, baga espherica, vermelha; raiz esbranquiçada, da grossura do dedo minimo, nodosa, articulada, marcada

de anneis mui conchegados. A raiz secca apresenta em massa um leve cheiro terebinthaceo; usa-se em medicina como diuretico; entra na composição do xarope das cinco raizes aperientes.

GIGONZA. Hespanha. Aguas sulfurosas e salinas frias; 18°.

GINSENG. *Panax quinquefolium*, Linneo (fig. 530). Araliaceas. Planta que habita na China e no Canadá. A raiz goza entre os Chins de grande reputação como tonica e aphrodisiaca. Fazem-se com ellas pastilhas. Macerada em vinho dá um vinho cordial. Esta raiz é da grossura e do comprimento do dedo minimo, ás vezes fusiforme, dividida ordinariamente em dois ramos, amarella por fóra, branca ou amarellada no interior; cheiro aromatico; sabor amargo, acre e assucarado ao mesmo tempo. Esta raiz é tão estimada na Asia oriental, que foi vendida durante muito tempo por grande preço; e cita-se como um acto de munificencia real, o terem-n'a os Embaixadores do Rei de Siam trazido como presente a Luiz XIV, Rei de França. Mas depois que a planta foi achada em abundancia na America septentrional, encontra-se facilmente no commercio.

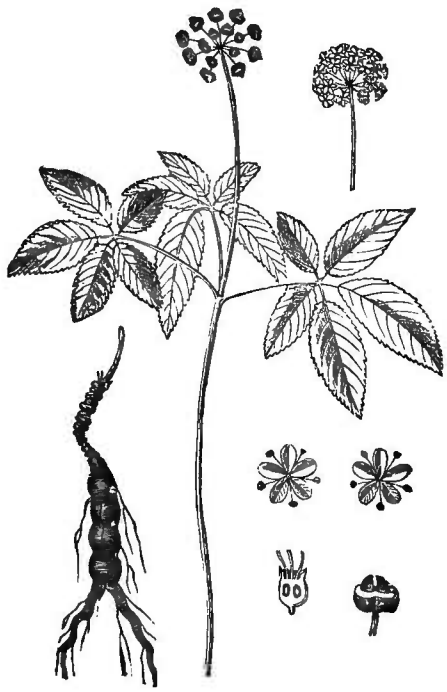


Fig. 530. — Ginseng.

GIQUIRIOBA. *Solanum oleraceum*. Solanaceas. Vegetal do Brazil; habita nos logares humidos e sombrios da provincia do Rio de Janeiro e outras partes. É de um verde carregado, de sabor amargo e um pouco acre, de cheiro viroso. Caule rastejante, com muitos aguilhões curtos; folhas compostas, alternas, com foliolos curtamente peciolados, ovaes, agudos; flores brancas; fructo baga lisa, manchada de branco e verde, arredondada, quadri-locular, com muitas sementes.

As folhas d'esta planta são empregadas no Rio de Janeiro, interna e externamente, contra as molestias de pelle. Internamente. *Infusão :* Folhas 2 grammas, agua fervendo quantidade sufficiente para ter 125 grammas de infusão, que se bebe n'um dia. Externamente, folhas em banhos.

GIRASOL. *Helianthus annuus*, Linneo. Synanthereas-senecioides. Planta annual, originaria do Perú, mas cultivada nos jardins do Brazil, de Portugal, e de quasi todos os paizes, por causa da sua grande flor radiada. A haste, que é recta, tem 2 a 3 metros de altura; é guarnecida de ramos muito mais fracos, e de grandes folhas subcordiformes eriçadas de pello rude; as flores, da largura de 30 a 40 centimetros, apresentam um disco cercado de raios amarellos, cujo espaço, de côr roxa, é occupado por pequenos florões, e mais tarde por sementes pretas e

cuneiformes. A maior flor acha-se ordinariamente na extremidade da haste principal. As flores vão voltando com o sol, sobre a haste : o que fez dar á planta o nome de *girasol*. As sementes fornecem por espressão um oleo graxo proprio para luzes e para a fabricação do sabão ; as folhas constituem boa forragem para os animaes, e os talos, ricos em alcali, são um excellente combustivel.

Esta planta tem a propriedade de absorver gazes e destruir os miasmas pantanosos ; reputa-se como meio preservativo das sezões; com este fim aconselha-se que se façam vastas plantações de girasol nas terras sezonaticas, e em roda das casas para se livrar da influencia nociva dos effluvios paludosos. É facil, e pouco custoso a qualquer proprietario experimentar a efficacia d'este meio preservativo. As primeiras observações foram feitas na America do Norte : a febre desappareceo nos terrenos pantanosos em que o girasol foi cultivado em grande. O mesmo aconteceo na Hollanda, perto da embocadura do rio Schelde.

GITO. *Veja-se* MARINHEIRO.

GIZ ou **Branco de Hespanha.** Carbonato de cal ou greda pulverizada, e depois reduzida a massa por meio da agua. Acha-se no commercio sob a fórma de pães ovoides ou cylindricos. Emprega-se para escrever nos quadros ou taboas pretas dos collegios. Entra na composição dos pós dentifricios. Acha-se em abundancia na Hespanha.

GLANDULA. Em *anatomia* dá-se este nome a diversos orgãos mui distinctos e mui differentes quanto á sua natureza e funcções. Assim se chamam : 1.° certos orgãos de fórma redonda que separam do sangue um liquido particular, taes como o figado, as glandulas mammarias, os testiculos, as parotidas ou glandulas salivares, etc. ; 2.° pequenos corpos redondos que se encontram de distancia em distancia no trajecto dos vasos lymphaticos, sobretudo no pescoço, nas virilhas, debaixo do braço, e que se chamam tamben *ganglios lymphaticos*.

Em *medicina* dá-se o nome de *glandulas* a uns tumores que consistem de ordinario em um engurgitamento dos ganglios lymphaticos ; é uma *inflammação das glandulas*, cujo nome scientifico é *adenite*. Nas crianças encontram-se com frequencia pequenas inchações dolorosas nas glandulas do pescoço. Ás vezes os ganglios lymphaticos d'esta região incham em consequencia da irritação que lhes é transmittida de um ponto mais ou menos remoto, porém com que elles tem communicações vasculares. Assim, quando existem pustulas na cabeça, chamadas vulgarmente *ozagre*, não é raro ver as glandulas incharem e formarem pequenos tumores dolorosos na nuca, atraz das orelhas ou no pescoço. A dentição determina muitas vezes o engurgitamento sympathico das glandulas lymphaticas situadas debaixo do queixo. Estes engurgitamentos passam espontaneamente quando diminue a inflammação da parte que foi a origem da irritação. Assim, por exemplo, quando se inflamma alguma ferida no pé, acontece que as glandulas da virilha incham e tornam-se sensiveis ; combatendo pelo repouso e pelas cataplasmas de linhaça a inflammação do pé, o engurgitamento sympathico das glandulas, por onde passam os vasos lymphaticos que partem d'essa

região, diminuirá na mesma proporção. Ás vezes entretanto a inflammação secundaria da glandula persiste e dá logar a uma pequena postema, que é necessario abrir com lanceta. As glandulas ou inguas que se mostram nas virilhas durante um ataque de erysipela no pé desapparecem de per si : o mesmo acontece com as glandulas do sobaco, que incham em consequencia da erysipela do braço.

O *tratamento* da inflammação das glandulas, que não dependem das causas que deixei indicadas, consiste em cataplasmas de linhaça ou de fecula. Quando as inchações glandulares resistem a estas applicações emollientes, convem recorrer ás fricções com pomada de iodureto de potassio, ou applicar o emplasto de cicuta. Se a glandula se tornar vermelha, dolorosa e molle, é signal de que contém pus : cumpre evacual-o com lanceta, e continuar as cataplasmas de linhaça até ao fim da cura.

Nas senhoras, na idade critica ou em qualquer outra época da vida, por uma causa qualquer, tal como pancada, impressão do frio, etc., apparece ás vezes no seio uma *glandula;* isto é, um tumor mais ou menos volumoso, redondo, doloroso ou indolente, sem mudança da côr da pelle, que é formado umas vezes pelo engurgitamento de uma porção da mesma glandula mammaria, outras vezes pela tumefacção de uma das glandulas lymphaticas n'esta parte, emfim, por um kysto, lobinho que se desenvolveo, etc. Estes diversos tumores, de natureza e de marcha mui differentes, lhes causam ordinariamente grande susto. No maior numero de casos este susto é infundado, e quasi sempre, quando se consulta o medico a tempo, póde-se obter a resolução dos engurgitamentos inflammatorios e lymphaticos, ou, por uma leve operação, desembaraçar a doente dos tumores não susceptiveis de feliz terminação.

Acham-se no artico Cancro do seio (vol. I, pag. 440) algumas informações que podem esclarecer as senhoras sobre esta interessante questão. N'aquelle logar demonstro que tumores mui diversos podem apparecer no seio, que é mui difficil distinguir-se a sua natureza; e que uns só exigem a applicação de cataplasmas de linhaça, de applicações resolutivas, como, por exemplo, pomada de iodureto de potassio, emplasto de cicuta, e outros necessitam de uma operação.

Glandula enfartada. Engurgitamento chronico das glandulas lymphaticas. É um tumor que occupa ordinariamente as partes lateraes do pescoço, ou as vizinhanças do queixo inferior. A principio tem a grossura de uma pequena avelã, e póde ficar assim estacionaria durante mezes e annos. Mas ordinariamente augmenta de volume, e póde formar sobre o lado do pescoço uma grossura do volume do punho. Ás vezes os dois lados do pescoço são atacados; outras vezes o tumor existe só de um lado. Estes tumores são arredondados, duros, movediços, sem alteração na côr da pelle. Ás vezes resolvem-se : então a massa diminue de volume; as glandulas que a constituem separam-se, tornam-se pequenas, isoladas, movediças, e acabam por desapparecer; porém, as mais das vezes, a inflammação apodera-se d'ellas de uma maneira mais ou menos activa, tornam-se então dolorosas ; a pelle faz-se vermelha n'um ponto; depois o tumor amollece, manifesta-se fluc-

tuação, e se não se abrir a postema com bisturí, a pelle adelgaça-se, rompe-se, e deixa sahir um pus aquoso misturado com frocos esbranquiçados, e cujo aspecto foi comparado ao soro de leite não clarificado. Quando a inflammação foi viva o pus é mais espesso, mas sempre com frocos. É raro que a abertura se cicatrize immediatamente ; quasi sempre a suppuração dura muito tempo. Podem sobrevir tambem, na partes lateraes do pescoço, trajectos fistulosos, despegamentos da pelle e ulcerações, cuja cura é mui difficil, e que deixam cicatrizes mais ou menos disformes, mas sempre indeleveis.

O que deixei descripto para o pescoço póde ter logar nos ganglios dos sobacos, das virilhas, e das outras partes do corpo onde existem ganglios ou glandulas lymphaticas.

Tratamento. É externo e interno. No começo façam-se fricções sobre o tumor, duas vezes por dia, com pomada de iodureto de potassio; e applique-se, depois da fricção, um saquinho de panno de linho cheio de plantas aromaticas grosseiramente pulverizadas, que são : alfazema, alecrim, salva, hortelã, hysopo. Se o tumor fôr vermelho, appliquem-se cataplasmas de linhaça ou de fecula. Internamente, administre-se a infusão de lupulo, o xarope de quina, o vinho de quina, o macerato de genciana, as pilulas ferruginosas de Vallet, as pilulas de iodureto de ferro de Blancard, o oleo de figado de bacalháo de Berthé. A estes medicamentos devem ajuntar-se os cuidados hygienicos. O doente habitará o campo, em logar secco e elevado, exposto aos raios do sol, que augmenta a força de todos os orgãos; fará exercicio ao ar livre, fará uso dos banhos de rio e sobretudo dos banhos do mar. Sua alimentação será substancial, composta principalmente de carnes assadas, e de vinho generoso.

RECEITAS CONTRA AS GLANDULAS ENFARTADAS.

1.ª Pomada de iodureto de potassio..... 30 grammas.

2.ª *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo..... 4 grammas.
Agua fervendo..... 180 —

Infuda por meia hora, e côe. Toma-se de uma vez por dia.

3.ª Xarope de quina..... 180 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

4.ª Vinho de quina..... 180 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

5.ª *Macerato de genciana.*

Raiz de genciana incisa..... 2 grammas.
Agua fria..... 180 —

Macere pór quatro horas e côe. Toma-se a porção toda n'um dia, e de uma vez.

6.ª Pilulas ferruginosas de Vallet..... 36 grammas.

Uma pilula, tres vezes por dia.

7.ª Pilulas de iodureto de ferro de Blancard..... 24 —

Para tomar uma pilula, duas vezes por dia.

8.ª Oleo de figado de bacalhão de Bals..... 180 —

Toma-se uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

9.º *Vinho solução ou Xarope de Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet.*

Toma-se 2 a 3 colheres por dia antes das refeições.

10.ª Perolas de iodoformio de Clertan..... 30 grammas.

Toma-se 1 a 4 perolas, por dia, no almoço e no jantar.

11.º *Xarope de Catillon de iodureto de ferro, quina e glycerina.*

Para tomar uma colher *de sopa* antes de cada refeição.

12.º *Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado.*

Toma-se um calice antes do almoço e do jantar.

13.º *Grageias de Demaziere, de iodureto de ferro e cascara sagrada.*

Para tomar duas grageias á cada refeição.

GLAUCOMA. Molestia na qual se vê no fundo do olho, uma mudança de côr que se approxima mais ou menos da côr verde-mar com alteração notavel da vista. Variam as opiniões, quanto á séde exacta do glaucoma; uns attribuem esta molestia a uma lesão do corpo vitreo, outros julgam que a sua séde primitiva é na retina ou no nervo optico.

Causas. As senhoras são mais predispostas a esta molestia do que os homens; encontra-se mais frequentemente o glaucoma nos olhos pardos ou azues do que n'aquelles em que o iris tem outra côr. As pessoas que soffrem de gota, rheumatismo, são mais sujeitas a elle; o frio humido, as grandes fadigas do corpo e do espirito predispõem ao glaucoma.

Symptomas. O glaucoma começa quasi sempre n'um só olho. A principio, o doente julga ver ao redor dos objectos uma fumaça mais ou menos espessa; ou então, ao acordar, parece-lhe que uma poeira se levanta no quarto. Os phenomenos céssam e reproduzem-se com intervallos indeterminados; os que apparecem ao levantar-se da cama céssam logo depois de almoço. Estas alterações da vista acabam sempre por se tornarem permanentes; e eis-aqui o que tem logar então: A chamma de uma vela parece estar no meio de um nevoeiro branco bordado de um arco da velha; dôres na orbita que incommodam os movimentos do olho; o olho são tambem fica cançado. Logo as dôres tornam-se lancinantes; da orbita passam ao rosto, á testa, á fonte; vão até ao alto da cabeça e mesmo á nuca; mais fortes de noite do que pela manhã, augmentam nos tempos humidos. A pupilla perde os movimentos e a regularidade: ordinaria-

mente sua abertura torna-se maior no sentido do seu diametro tranversal; póde tambem estreitar-se. A membrana iris acaba por perder as suas côres. É quando a pupilla está dilatada e immovel que se póde verificar a côr verde-mar do fuudo do olho; esta côr augmenta progressivamente de intensidade; apresenta ás vezes graduações de côr cinzenta ou de outras variedades de verde. O crystallino, que experimenta ás vezes estas alterações de côr, acha-se tambem ás vezes augmentado de volume, a ponto de empurrar o iris para diante e de fazêl-o resaltar para a camara anterior; inutil é dizer que a lentilha acaba por perder então a transparencia. Semelhante estado physico suppõe uma alteração grave da vista; a qual está com effeito completamente abolida, pois que o doente não distingue a luz da escuridão, e entretanto tem a percepção de um clarão branco que refere ao fundo do olho.

Tratamento. O tratamento é quasi sempre infructuoso; porque quando o olho toma a côr glauca, é prova que já chegou ao ultimo gráo da amaurose, ou que o crystallino está atrophiado; sómente, n'este ultimo caso, póde-se restabelecer a vista pela operação da cataracta se comtudo a retina não estiver affectada. Nos casos em que o glaucoma é acompanhado da dôres vivas, consequencia da distensão das membranas por demasiada secreção dos liquidos, obtiveram-se alguns bons resultados, fazendo a puncção do olho atravez da cornea transparente, ou excisando uma porção do iris do olho affectado, para obter uma diminuição permanente na pressão intra-ocular.

GLOSSITE. Inflammação da lingua. As *causas* da inflammação da lingua são quaesquer feridas feitas na lingua por um instrumento picante ou cortante, ou por um dente durante o ataque de gota coral. O mercurio, produzindo a salivação, tambem produz a inflammação da lingua, Esta molestia póde ser occasionada pela extensão da inflammação da garganta, pelo desenvolvimento das bexigas na lingua; póde depender do embaraço gastrico, e emfim em certos casos sobrevem sem causa conhecida.

Symptomas. A inflammação da lingua manifesta-se ordinariamente de uma maneira subita. Em algumas horas a lingua incha a ponto de sahir da bocca; a sua superficie cobre-se de materia esbranquiçada. A deglutição e a falla são difficeis, e depois impossiveis, a repiração constrangida; uma saliva grossa e mais ou menos abundante corre da bocca. Quando a inflammação tem chegado a certo gráo de intensidade, o pulso torna-se frequente e a pelle quente.

Tratamento. Quando a inflammação é leve, bastam para cural-a o cozimento de cevada com o sumo de limão para bebida, pediluvio com mostarda, um purgante de 60 grammas de sal d'Epsom, e o gargarejo seguinte :

Infusão de salva.....	600 grammas.
Mel rosado.....	60 —

Se a inflammação da lingua fôr intensa, appliquem-se 8 a 12 bichas debaixo do queixo; e administre-seum vomitorio :

Tartaro emetico.....	5 centigrammas.
Agua.....	120 grammas.

O tratamento da inflammação da lingua, quando ella é occasionada pelo uso do mercurio, acha-se indicado no artigo SALIVAÇÃO.

GLOTTE ou **Goto.** Assim se chama a abertura da larynge, canal que dá passagem ao ar. É sobre ella, e para a cobrir exactamente, que se abaixa a *epiglotte*, valvula fibro-cartilaginosa, durante a deglutição, afim de impedir a introducção dos alimentos nas vias aereas. A *glotte* é a abertura triangular que se acha na figura 531 ao nivel da letra *h*. Tem no adulto 23 a 25 millimetros de comprimento, e 5 a 7 millimetros de largura.

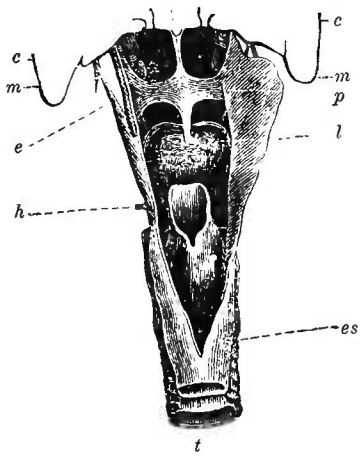


Fig. 531. — Pharynge, larynge, glotte, épiglotte, vistos por detraz (*).

A glotte é a séde de algunas molestias, principalmente do edema e do espasmo que podem ser mui graves.

Edema ou inchação da glotte, ou **Laryngite edematosa.** Inchação da membrana mucosa que circumscreve a abertura superior da larynge.

Symptomas. Esta affecção póde manifestar-se subitamente por um accesso de suffocação, mas quasi na totalidade dos casos, a invasão é lenta e obscura: a voz é rouca e encoberta, a inspiração um pouco difficil; existe leve dôr na garganta; depois estes symptomas aggravam-se, até que emfim sobrevenha um violento accesso de suffocação. No maior numero dos casos a invasão tem logar de tarde ou durante a noite.

Confirmada a molestia, os doentes queixam-se quasi sempre de dôr mais ou menos viva, de um incommodo na parte superior do pescoço; tem a sensação de um corpo estranho que os suffoca, e fazem incessantes esforços de expiração e de tosse para expulsal-o, ou levam instinctivamente a mão á parte superior do pescoço. A cada inspiração, o ar parece atravessar um obstaculo, e produz muitas vezes um assobio que se ouve sobretudo applicando o ouvido sobre o pescoço; a voz é rouca ou fraca, pouco a pouco extingue-se; o mesmo acontece com a tosse que parece afogada. A respiração está sempre constrangida. A expectoração

(*) *Pharynge vista por detraz, e aberto de maneira que mostre a posição dos orgãos situados sobre sua parede anterior : c, c,* a base do craneo; *m, m,* apophyses mastoideas; *n,* septo vertical que separa as duas fossas nasaes; *p,* o veo do paladar, que faz a continuação do céo da bocca e do qual desce o prolongamento chamado *a campainha da garganta; l,* a base da lingua, por cima da qual vê-se, de cada lado da campainha, a cavidade da bocca; *e,* um dos musculos que eleva a pharynge; *h,* extremidade esquerda do osso hyoide, occulta do outro lado pela parte posterior da pharynge, que se acha repellida para fóra; na pharynge, na mesma altura, está a abertura da larynge, por cima da qual existe a *epiglotte,* que se acha applicada contra a base da lingua; *es,* principio do esophago, por diante do qual desce a traca-arteria *t.*

é nulla, ou não consiste as mais das vezes senão em muco viscoso e transparente. A deglutição é difficil, ás vezes impossivel.

Estes symptomas aggravam-se, a respiração torna-se de mais em mais difficultosa; depois declaram-se os accessos de suffocação. A anxiedade é extrema; o doente sentado na cama, tem o rosto livido, os labios azues, o corpo coberto de suor, vertigens, em uma palavra todos os signaes de asphyxia. Estes accessos duram sete a dez minutos, ás vezes mais; repetem-se no fim de algumas horas ou de muitos dias. No seu intervallo, a respiração, bem que sempre constrangida, torna-se muito mais livre. Se os accessos voltarem a curtos intervallos, o calor diminue e sobrevem a morte. Na autopsia acha-se a abertura da glotte quasi completamente obliterada pela inchação das dobras da membrana mucosa que são a séde da molestia.

Sendo muitas vezes o edema da glotte precedido ou complicado com inflammação geral da garganta, póde-se achar a campainha da garganta e o veo do paladar mais ou menos rubros e sobretudo inchados. No meio dos symptomas tão graves a febre é quasi nulla ou muito moderada.

Terminações. A morte, que é a terminação frequente da molestia, é a consequencia da asphyxia. Quando o exito deve ser feliz, os accessos afastam-se, a dyspnea diminue, depois cessa, a deglutição torna-se livre, e a voz, depois de um tempo mais ou menos longo, recobra o seu metal ordinario. Sobre 40 doentes, de que o Dr. Valleix reunio observações, só se contam 9 curas. O Dr. Sestier avalia as curas á metade.

Causas. O edema da glotte é ora *primitivo*, isto é constituido pela inflammação primitivamente desenvolvida na larynge ou que se propagou da garganta; outras vezes a molestia é *consecutiva* á alteração das partes vizinhas, taes como a ulceração da larynge ou a carie de suas cartilagens. Rara na infancia, foi sobretudo observada nos individuos de 18 a 30 annos; é mais frequente nos homens do que nas senhoras. No maior numero dos casos, a molestia sobrevem sem causa determinante apreciavel; mas ás vezes succede á impressão do frio. De ordinario o edema da glotte tem a origem inflammatoria, isto é que succede depois da phlegmasia da larynge ou da garganta. N'este caso o tecido cellular, que reveste a membrana da larynge, infiltra-se de serosidade pela mesma fórma que se infiltra o tecido laxo das palpebras, quando existe alguma ferida na vizinhança do olho.

Tratamento. O tratamento deve ser energico e prompto, em razão da gravidade da molestia, de sua marcha ás vezes fulminante. Se a suffocação não estiver imminente, convirá applicar dez bichas no pescoço ou ventosas sarjadas, e administrar um vomitorio, 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua fria. Se o pulso torna-se fraco, irregular, se o doente estiver ameaçado de asphyxia, será preciso fazer respirar o doente. Os resultados da operação são em geral mais favoraveis n'esta molestia do que no crup.

Espasmo da glotte. Contracção espasmodica da abertura da larynge; manifesta-se pela suffocação subita, que sobrevem sem causa apreciavel nas crianças durante o dia ou á noite.

Symptomas. Esta molestia é caracterizada por accessos de suffoeação, que sobrevem subitamente, sem phenomenos precursores e sem causas apreciaveis, ora de dia, ora de noite. A criança fica com a respiração suspensa, como se a glotte estivesse repentinamente obstruida. A physionomia da criança exprime então grande anxiedade; a bocea fica largamente aberta, como para aspirar o ar que lhe falta; a eabeça vira-se para traz, os olhos fieam fixos; o rosto torna-se azul; ha, em uma palavra, symptomas de asphyxia prineipiante.

Emfim, passados dez ou vinte segundos d'este estado grave, o ataque termina por uma ou mais inspirações sonoras, agudas e eomo convulsivas de que o soluço dá perfeita ideia. Durante este accesso as paneadas do coração tornam-se tumultuosas, irregulares; a pelle cobre-se de suor frio, frequentemente ha evacuações involuntarias; emfim existem contracturas limitadas ás extremidades. Estas podem preceder de algum tempo o espasmo glottico e persistem depois, porém mais ordinariamente desenvolvem-se e desapparecem eom elle.

Estes accessos tem duração variavel : observaram-se alguns aecessos prolongar-se durante um quarto de hora; porém as mais das vezes aeabam passados alguns segundos ou um ou dois minutos no maximo. Os accessos, raros ao principio, podem deixar entre elles um intervallo de muitas semanas ou de muitos mezes; mas podem approximar-se uns dos outros de maneira que sobrevenham todos os dias, e mesmo duas vezes por dia. Os esforços de deglutição, a dôr, o susto ou o aeordar, são as causas principaes que provoeam a volta dos accessos. Quando estes vem com grandes interrupções, as crianças recobram, no seu intervallo, toda a alegria; mas á medida que se repetem, deixam um estado permanente de soffrimento.

Duração; prognostico. O espasmo da glotte tem duração média de algumas semanas a muitos mezes; póde prolongar-se durante muitos annos, eomo não durar senão alguns segundos. Termina pela morte ou pelo restabelecimento.

Tratamento. Durante o accesso, cumpre esfregar o peito com panno embebido em vinagre; dar á respirar vinagre ou ether; appliear sinapismos nas pernas; administrar um clyster com agua morna e meia colher *de sopa* de sal de cozinha; dar a beber agua fria com assuear e agua de flores de laranjeira; ou chá de folhas de laranjeira; dar a beber 5 a 10 gottas de ether sulfurico em meia chieara d'agua fria com assucar; administrar, finalmente, o clyster seguinte :

Agua morna.....	90 grammas.
Assafetida.....	30 centigrammas.
Gema de ovo.....	uma.

Para impedir os accessos cumpre não deixar a eriança correr, prevenir-lhe os choros e contrariedades; administrar-lhe banhos com plantas aromaticas, como alfazema, alecrim, etc. A mudança de logar, a habitação no campo, são ás vezes sufficientes para fazer cessar subitamente a molestia.

GLUTEN. Substancia organica azotada que existe nas sementes dos cereaes, e sobretudo no trigo, onde forma uma especie de rede cujas malhas encerram os grãos de amido. Obtem-se sob a fórma de massa cinzenta, molle, muito elastica, insoluvel na agua, da apparencia de uma membrana, amassando pasta da farinha de trigo, em quanto se dirige a esta pasta um fio d'agua, até que este liquido tenha levado comsigo todo o amido e as partes soluveis da farinha. O gluten é a parte essencialmente nutritiva das farinhas, e é elle que communica á massa a propriedade de *levedar*, isto é produzir, um pão leve, saboroso e de facil digestão. As farinhas são tanto mais nutrientes quanto mais ricas são em gluten. O arroz, o milho, o trigo mourisco são mui pobres em gluten, ou são mesmo d'elle completamente privados. O gluten corrompe-se muito depressa pela influencia do calor humido: secco conserva-se indefinidamente. Prepara-se com elle uma especie de semola que se costuma misturar com caldo de carne, para fazer sopas que são mui nutrientes.

GLYCERINA. Liquido de consistencia de xarope, de sabor doce um pouco amargo que deixa na bocca uma sensação acre mui pronunciada, principalmente se a glycerina não é muito pura. Apezar de seo aspecto e de suas propriedades physicas que a fariam classificar no rol das gorduras, a glycerina é um alcool, e não mancha a roupa. Sob a influencia do calor, desprende um liquido muito irritante que se chama a a acroelina. Soluvel na agua e no alcool, ella dissolve quasi todos os corpos que são soluveis na agua, é a razão porque se'a emprega em muitissimas preparações pharmaceuticas e industriosas. Extrahe-se dos oleos vegetaes, das gorduras que servem para fazer velas, e do oleo de palmeira. Quando a glycerina é pura, sua reacção é neutra e queima sem deixar residuo. Não se apodrecendo, serve pois para preservar as materias organicas contra os germes da putrefacção. Assim se conservam, pois, os productos pharmaceuticos, carnes, vaccina, peças anatomicas, preparações microscopicas, etc.

Applicada sobre a pelle a glycerina amacia a epiderme e protege-a. Na bocca e sobre as mucosas ella é muito irritante; entretanto pode ser engulida facilmente sem causar muita repugnancia. Em razão de suas propriedades nutritivas muito pronunciadas, tem-se, a utilizada n'estes ultimos annos contra a tuberculose pulmonar; certos medicos a tem receitado até á dóse de 200 grammas por dia, n'esta dóse, ella provoca, ás vezes, diarrhea. Alguns medicos a recommendam no tratamento da glycosuria e da dysenteria. Para as molestias da pelle, ella serve tanto de vehiculo para muitas substancias pharmaceuticas, como de medicamento, principalmente na pityriasis, no lichen e no prurigo. No curativo das feridas era muito empregada antes que se descobrisse os curativos antisepticos que fizeram abandonal-a. As erythemas, as irritações da pelle occasionadas pelo frio, o calor, o sol, são alivadas com o emprego de diversos glycereos, taes como os glycereos de amido. Mencionemos, emfim, certas molestias contra as quaes tem-se preconizado a glycerina: as surdezes provenientes de lesões do ouvido externo, as

ophthalmias, as anginas, a balanite, a blennorrhagia e as hemorrhoidas.

Em resumo : 1.' A glycerina diminue a desassimilação fornecendo um alimento ás combustões respiratorias. D'ahi resulta, de uma parte, uma econonomia das materias graxas do organismo, o que foi revelado pelo augmento do tecido adiposo; de outra parte, uma economia de substancia azotada, que é demonstrada pela diminuição da quantidade de urea excretada cada dia, sendo constante o peso dos alimentos.

2.° A glycerina favorece a assimilação excitando poderosamente o appetite e regularizando as funcções digestivas.

3.° A glycerina em fraca dóse produz um efleito laxativo manifesto, provoca uma dejecção facil e molle, algumas vezes duas; porem esse effeito não augmenta com a dóse. Combate a constipação de ventre sem actuar como os drasticos.

Á vista das vantagens que apresenta a glycerina, um distincto pharmaceutico de Pariz, o sñr Catillon, teve a ideia de utilizal-a em diversas preparações pharmaceuticas que muitos serviços têm prestado aos medicos e aos doentes.

Essas preparações são :

1.° A glycerina chimicamente pura de Catillon, que é recommendada para o uso interno nos mesmos casos em que é indicado o oleo de figado de bacalhao que ella subtitue com vantagem, na dóse de uma colher, das de sopa, antes de cada refeição, diluida em um copo de liquido qualquer.

2.° Vinho ferruginoso de Catillon, de glycerina e quina.

Apresenta o ferro em alta dóse, sem prisão de ventre e fal-o tolerar pelos estomagos incapazes de supportar os ferruginosos ordinarios. N'este vinho o ferro está no estado de sal organico, e em logar de provocar a prisão de ventre, ao contrario, combate-a efficazmente.

É muito preconizado contra as molestias nas quaes o ferro é indicado: a anemia, a chlorose e suas consequencias, pallidez, perdas sanguineas, menstruação difficil, affecções do estomago, nervosas, incontinencia de ourina nas crianças e nos velhos.

Dóses: Para uma criança, uma colher, de sobremeza; para um adulto um calice, antes ou depois das refeições, puro ou misturado com um pouco d'agua. Quando ha necessidade de uma acção mais energica (inappetencia rebelde, diabete) pode-se tomar temporariamente 3 a 4 calices de licor, com intervallo de algumas horas.

3.° Xarope de Catillon de iodureto de ferro, quina e glycerina.

Convem especialmente á medicação das crianças lymphaticas, pallidas, ás glandulas engurgitadas ou enfartadas e em geral nos casos de escrofulas, humores frios, rachitismo, syphilis, tisica, etc.

Toma-se puro, uma colher *de sopa*, antes de cada refeição. Para as crianças uma colher *de chá* ou de sobremeza, segundo a idade.

4.° Vinho de Catillon, de glycerina e quina.

É um auxiliar precioso para combater a atonia das vias digestivas, a falta de appetite, as affecções do estomago, a anemia, fraqueza, languidez, as consequencias do parto, as diarrheas rebeldes, etc. Restaura as

forças dos convalescentes, das crianças de constituição delicada e dos individuos cuja saude está arruinada pelas doenças ou fadigas resultantes de um excesso de trabalho intellectual ou physico.

Tambem combate as febres intermittentes e as desordens resultantes da cachexia paludosa.

Dóse : 1 calice de licor antes ou depois de cada refeição.

5.' Elixir de pepsina com glycerina de Catillon.

Este elixir opera a digestão em duas horas, o que não se dá com as outras pepsinas. A glycerina n'este preparado tem a vantagem de conservar a pepsina; o alcool, pelo contrario e todo e qualquer alcoolico paralysam o seu poder digestivo.

O elixir de pepsina de Catillon não é alcoolico, é apenas um composto de glycerina e pepsina.

É aconselhado no tratamento das dyspepsias e de suas consequencias : inappetencia, más digestões, azias, eructações, diarrheas, vomitos, consumpção, fraqueza e emmagrecimento por falta de nutrição.

Graças á rapidez de sua acção, convem para dissipar os accessos de cephalalgia proveniente do estomago e tambem para fazer cessar os vomitos espasmodicos das mulheres pejadas.

Dóses : Aos adultos, ás colheres *de sopa* ou aos calices de licor; ás crianças, ás colheres *de chá;* puro ou com agua, antes e depois da comida.

6.ª Glycerina creosotada de Catillon. Cada colher *de sopa* d'esta glycerina contem exactamente 20 centigrammas de creosote verdadeiro de alcatrão de faia.

Tem-se tirado excellentes resultados com o emprego d'este preparado nas affecções pulmonares graves, ou ligeiras, como sejam : defluxo, catarrho, asthma, bronchite, expectoração abundante, rouquidão, laryngite, etc., isto é, todas as vezes em que é necessario o emprego do creosote.

Dóse : Uma ou duas colheres *de sopa*, por dia, de manhã e á noite ou antes das refeições. Pode-se temporariamente tomar tres e quatro colheres por dia. Cada colher deve ser diluida em um copo de liquido (agua com assucar). A agua fica com um gosto de alcatrão um pouco forte ao qual o doente se acostuma dentro de pouco tempo.

GLYCEREO. Medicamento para uso externo, e que resulta da dissolução em glycerina de qualquer substancia medicinal, amido, laudano, tannino, iodureto de potassio, etc.; e d'aqui vem os glycereos de amido, laudanizado, de tannino, de iodureto de potassio, etc. Existem muitas formulas de glycereos, para fricções, collyrios, injecções, gargarejos, etc. Podem substituir os linimentos, pomadas, unguentos, etc.

GLYCOSURIA. Ourinas doces. *Veja-se* DIABETES.

GOIABEIRA. *Psidium guajava*, Raddi. Myrtaceas. Pequena arvore do Brazil, de 6 metros a 6 1/2 metros de altura; folhas oppostas, de peciolo curto, oblongas, arredondadas nas extremidades, de gosto amargo e adstringente; flores auxiliares; fructo, baga grande, contendo muitas sementes, de casca lisa e amarella, quasi espherica e coroada pelos

dentes do calice; polpa do fructo rosada ou branca, sementes angulosas. O fructo chama-se *goiaba branca* ou *vermelha*, conforme a côr da polpa; bem maduro, é doce e mucilaginoso; pouco madura, é um tanto acido e adstringente. Com estes fruetos, privados de sementes, se fazem doces (*goiabada*) mui saborosos, e que podem ser empregados como remedio nas diarrheas chronicas. O cozimento das folhas emprega-se em banhos como adstringente nas inchações das pernas. Prepara-se este cozimento com 60 grammas de folhas da goiabeira e 1,000 grammas d'agua.

GOIVEIRO AMARELLO. *Cheirantus cheirei*, Linneo. Crucifer-as. Planta que existe no Brazil e em Portugal, e cujas folhas são empregadas como emmenagogas em infusão.

GOLFÃO. *Nymphæa.* Genero-typo da familia das Nympheaceas, encerra plantas herbaceas aquaticas, de rhizoma grosso e carnoso, preso no fundo dos lagos por numerosas radiculas; folhas fluctuantes na superficie d'agua, largas, espessas, arredondadas, recortadas na base; grandes e brilhantes. A especie principal é o *golfão branco* (*Nymphæa alba*, L.), de flores brancas, mui commum em Portugal nas aguas em estagnação, ou que correm lentamente. Attribuiam-se-lhe outr'ora propriedades sedativas e anti-aphrodisiacas; mas hoje está reconhecido que esta opinião é inteiramente erronea.

GOLPE. *Veja-se* CORTADURA.

GOLPE DO SOL. *Queimado do sol.* Dá-se este nome a uma especie de inflammação superficial que dá á pelle uma côr rubra, e que tem por causa a acção mui viva e mui prolongada do sol ardente sobre as regiões do corpo descobertas. As mais das vezes o golpe de sol observa-se sobre o rosto e sobre o pescoço; póde tambem encontrar-se nas mãos, nos braços, nas costas, etc., segundo que estas differentes partes do corpo tenham sido tocadas a nú, durante um tempo mais ou menos longo, pela acção directa dos raios solares. As pessoas cuja pelle é fina e delicada, e que são pouco habituadas á exposição prolongada do grande ar e do sol, são mais predispostas do que outras. Vermelhidão viva, com turgescencia da pelle, sensação de calor e de comichão ardente, sensibilidade extrema ao tocar, ás vezes dôr de cabeça, mesmo febre pequena, taes são os symptomas habituaes do golpe de sol. Lavatorios com agua fria, simples ou misturada com vinagre, um banho fresco, untıras com azeite doce, glycerina, leite ou coldcream, moderam um pouco o calor que se sente. É raro que esta pequena molestia se prolongue além de dois ou tres dias. Entretanto, desenvolve-se ás vezes uma affecção dartrosa, uma erysipela verdadeira, uma inflammação do cerebro na occasião do golpe do sol; mas isto felizmente é mui raro. No caso de inflammação do cerebro, seria preciso praticar sangria no braço, e applicar na testa pannos molhados em agua fria.

GOMMA (Molestia). É um tumor que se desenvolve na vizinhança dos ossos, e que provém da infecção syphilitica. É molle, sem mudança na côr da pelle, e contém uma materia semelhante á dissolução da gomma arabica, d'onde lhe vem o nome. *Veja-se* SYPHILIS.

GOMMA ou Polvilho. *Veja-se* POLVILHO.

GOMMA. (Botanica.) Um dos principios immediatos dos vegetaes. Encontra-se em todas as partes d'elles, nas folhas, troncos, raizes, fructos, sementes, etc. Mana espontaneamente sob a fórma de gottas mais ou menos volumosas, que se reunem em massa e endurecem. No estado de pureza, a gomma é solida, semi-transparente, sem sabor, soluvel em agua. Ha grande variedade de gommas; só fallarei aqui das mais usadas em medicina.

Gomma alcatira ou **tragacantha.** Esta gomma exsuda de differentes arbustos do Oriente, pertencentes ao genero *Astragalus*, e sobretudo do *Astragalus verus*, da familia das Leguminosas (fig. 532). É solida, opaca, branca ou amarellada, não friavel, em laminas mais ou menos largas, ou em pequenos granulos sem fórma. Esta gomma incha consideravelmente em agua e forma mucilagem espessa. Contém vinte e cinco vezes mais principio gommoso do que a gomma arabica, e entra na preparação das poções peitoraes e de diversas pastilhas.

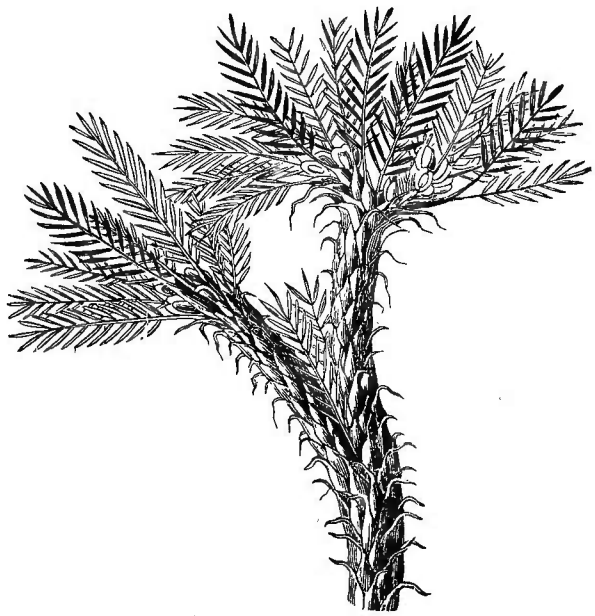


Fig. 532. — *Astragalus verus*, arbusto que produz a gomma alcatira.

Gomma ammoniaco. Gomma-resina proveniente de uma grande planta herbacea, *Dorema ammoniacum*, Don., que habita na Persia. Existem duas especies de gomma ammoniaco: 1.° em lagrimas separadas, raras vezes reunidas, irregulares, amarellas escuras por fóra, de fractura vitrea e branca; 2.° em massas cinzentas, que offerecem lagrimas com o aspecto de pingos de cera. Uma e outra tem cheiro forte, particular, e não desagradavel, sabor doce-amargo. Emprega-se internamente como antispasmodico; externamente entra na composição de muitos emplastos.

Gomma arabica. Esta gomma vinha outr'ora exclusivamente da Arabia e do Egypto; bem que essa procedencia não esteja exhausta vem em maior quantidade do Senegal. A gomma da Arabia mana da *Acacia vera*, Wild., arvore da familia das Leguminosas (fig. 533). A gomma do Senegal, da qual tratarei tambem aqui, visto offerecer os mesmos caracteres e as mesmas propriedades que a primeira, mana espontaneamente e por incisão da *Acacia senegalensis*, Lam., arvore da mesma familia das Leguminosas, que se lhe assemelha, e que forma immensas mattas no Senegal. Estas gommas acham-se no commercio em bocados irregulares,

redondos, semi-transparentes, mais ou menos corados; tem sabor brando e são soluveis na agua. A gomma arabica é medicamento emolliente e peitoral. A solução de 8 grammas de gomma arabica em 360 grammas d'agua forma uma bebida propria a combater a irritação das vias digestivas. Mas é sobretudo empregada nas molestias do peito, e considerada, de alguma fórma, como um remedio especifico. Os lambebores, os julepos, as poções peitoraes, as massas de althea, de alcaçuz, e grande numero de outras preparações, usadas em semelhante caso, tem por base a gomma arabica, e a ella devem as suas propriedades emollientes. Direi o mesmo d'essas numerosas *pastilhas peitoraes*, que só differem umas das outras pelo nome do autor.



Fig. 533. — *Acacia vera*, arbusto que produz a gomma arabica.

Gomma de batata. *Veja-se* BATATA DE PURGA.

Gomma-elastica. *Veja-se* BORRACHA.

Gomma-gutta. Gomma-resina extrahida da *Stalagmitis cambogioides*, Murray, arvore da familia das Guttiferas, que habita nas Indias Orientaes (fig. 534). Apparece em pedaços cylindricos mais ou menos volumosos, de côr roxa amarellada exteriormente, amarella avermelhada no interior, friaveis, inodoros; de sabor fraco a principio, e depois acre. A gomma gutta é empregada como tinta; serve aos confeiteiros para tingir de amarello os confeitos. Em medicina serve como energico purgante; usa-se d'ella quando é necessario produzir um effeito forte, como na hydropisia, paralysia, asthma. Emprega-se na dóse de 10 a 30 centigrammas por dia para uma pessoa adulta, em pilulas. Admi-

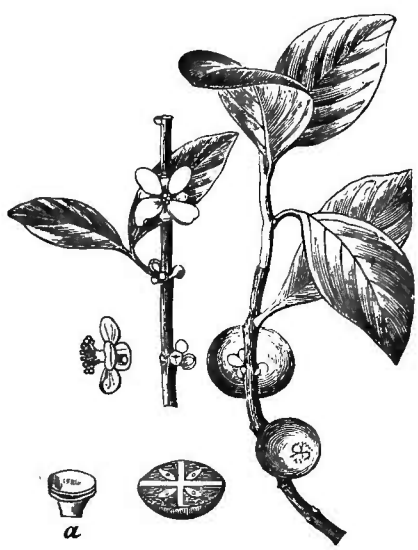


Fig. 534. — *Stalagmites cambogioides*, arvore que produz a gomma-gutta.

nistrada em dóse forte, occasiona colicas, vomitos e inflammação dos intestinos.

Gomma-kino. *Veja-se* KINO.

Gomma-laca. *Veja-se* LACA.

Gomma-lacre. *Veja-se* CAAOPIÁ.

GOMMAS RESINAS. Substancias vegetaes que se compõem de gomma e de resina, misturadas com algumas outras substancias, e que manam, quer espontaneamente, quer por incisão, de certos vegetaes das regiões quentes do globo. Distinguem-se sobretudo pela propriedade que tem de se dissolver em parte no alcool, em parte na agua, e de produzir com esta uma especie de emulsão. Tem cheiro forte, ás vezes fetido; sabor acre e desagradavel. Deitando-se agua n'uma solução alcoolica de gomma resina, o liquido turva-se e toma aspecto lacteo, porque a resina, que é insoluvel, separa-se e fica em suspensão. As principaes gommas resinas são : *gomma-ammoniaco*, *aloes*, *assafetida*, *bdellio*, *galbano*, *gomma gutta*, *incenso*, *olibano*, *myrrha*, *opopanaco*, *sagapeno*, *escamonea*. *Veja-se* estas differentes palavras.

GONORRHEA. *Veja-se* BLENNORRHAGIA.

GONÚ. *Veja-se* TAYUYÁ.

GORDURA. Substancia molle ou oleoginosa, inflammavel, não soluvel na agua, pouco soluvel no alcool, soluvel nos oleos fixos, taes como azeite doce, oleo de amendoas doces. Encontra-se n'um grande numero dos tecidos dos animaes, principalmente na vizinhança dos rins e intestinos,

No homem, a gordura é em geral molle e liquida na temperatura do corpo. Em uma pessoa adulta de saude ordinaria forma quasi a vigesima parte do corpo. Achando-se n'uma proporção mais consideravel, constitue um estado chamado *obesidade*. *Veja-se* esta palavra.

A gordura ou *banha* de porco é empregada em medicina como excipiente para fazer pomadas : amollece a pelle. A supposta banha de urso não goza de propriedade particular; o que se vende com este nome é uma mistura de banha de porco com algumas substancias activas ou mesmo inertes.

A gordura offerece modificações nas differentes classes de animaes; nos herbivoros é mais firme, menos cheirosa do que nos carnivoros ; a gordura das aves é fina, unctuosa e mui fusivel.

As gorduras empregam-se para differentes usos : para a cozinha, para fazer sabão e pomadas, para fabricação das velas, para untar os eixos das rodas, etc. As gorduras de porco, de carneiro, de boi, de ganso, etc., são as mais empregadas. As substancias gordas produzem nas fazendas nodoas desagradaveis: tiram-se por meio do ether, do alcali volatil, da benzina, etc. A gordura de porco e a de ganso são as melhores de todas para as necessidades da cozinha, e para a conservação dos alimentos. As gorduras de boi, de vitella e de carneiro são empregadas habitualmente para fazer preparações industriaes, taes como as velas ordinarias e as velas stearinas. *Veja-se* BANHA.

GOSMA. Algumaa pessoas, bem que dotadas das apparencias de

boa saude, deitam, principalmente de manhã, por expectoração ou por vomitos, materias mucosas, esbranquiçadas, pegajosas, de sabor salgado, a que os antigos medicos devam o nome de *gosma*. Este estado provém ás vezes da secreção da membrana mucosa dos bronchios, e não constitue molestia alguma. Outras vezes depende do defluxo ou da bronchite chronica e exige o tratamento indicado n'essas molestias. Quando as materias vem com vomitos, procedem do estomago e necessitam o uso de alguma bebida amarga, tal como chá de macella, ou de raiz de chicoria, na dóse de uma chicara por dia. As capsulas de alcatrão de Guyot, muito aproveitam contra a gosma. Tomam-se na dóse de 2 a 4 capsulas por dia, ao almoço e ao jantar.

GOSTO. A natureza creou para e sensação dos sabores um apparelho particular, que é muito menos complicado do que os apparelhos dispostos para receberem a luz, o som e os cheiros. A lingua é o principal orgão do gosto, bem que os beiços, o interior das bochechas, o céo da bocca, os dentes, e até o estomago, não sejam totalmente privados da faculdade de receber as impressões dos corpos sapidos.

Os dados que este sentido nos ministra interessam altamente a nossa conservação. Os sabores são frequentemente um indicio das qualidades nutrientes, medicamentosas ou venenosas das substancias. A observação prova que, quasi sempre, um sabor agradavel acompanha as substancias proprias para repararem as nossas perdas, que os sabores desagradaveis são inherentes ás substancias que nos podem ser nocivas, e que os alimentos cujo sabor é mais pronunciado são tambem os que se digerem com mais facilidade. Verdade é que esta lei não é geral ; muitas substancias dotadas de sabor attractivo são venenos funestos ; mas estas excepções não podem destruir a regra.

As repugnancias do gosto devem ser respeitadas. Com effeito, os alimentos tomados com repugnancia são mal digeridos, e muitas vezes não tardam a ser lançados por vomitos.

Algumas circumstancias influem sobre a percepção dos sabores. Os corpos devem demorar-se algum tempo sobre a lingua para serem saboreados. Sabe-se, com effeito, que as bebidas engulidas á pressa não produzem grande impressão sobre o gosto ; e d'esta sorte é que evitamos sentir o sabor dos remedios desagradaveis. Convem que a temperatura dos alimentos não seja nem muito alta, nem mui baixa : as substancias nevadas não são susceptiveis de ser saboreadas senão depois de se terem elevado a certo gráo de calor ; as que estão vizinhas á ebullição queimam a lingua, engrossam a pelle que a cobre, e destroem por um momento a faculdade de perceber os sabores.

O sentido do gosto é susceptivel de educação como todos os outros. A cultura faz-lhe adquirir uma delicadeza extrema. Ha pessoas que, provando vinho, não sómente reconhecem o terreno que o produz, mas ainda assignalam o anno em que foi colhido. Para que o gosto possa chegar a este gráo de perfeição, necessita cuidados, e verdadeiro estudo. Evitar-se-hão as substancias mui sapidas, as que por sua temperatura elevada tornam espessa a membrana que cobre a lingua, e deve-se exer-

citar frequente e moderamente o sentido, fixando a attenção sobre as sensações que elle pereebe.

Independentemente da utilidade que tem o sentido do gosto, é elle ainda a origem de prazeres mui grandes. Mas estes prazeres são sobretudo vivos na época adiantada da vida, na qual a natureza principia a recusar-nos gozos mais doces: parece que nos quiz indemnizar das perdas que nos faz experimentar. Nas molestias, a natureza tira ou perverte o gosto e parece prohibir-nos, por esta precaução salutar, que introduzamos no estomago substancias que podem ser nocivas. Emfim, o gosto é um signal precioso em muitas affecções. Um gosto de *ovos chocos* acompanha a indigestão. Um gosto de *sangue* annuncia a imminencia dos escarros de sangue. Um gosto de *cobre* é um presagio de salivação proxima nos doentes que usam de preparações mercuriaes, e previne que se deve suspender o emprego d'estes remedios.

GOTA. A gota é uma molestia constitucional com inflammação especifica das articulações, e que apparece por accessos mais ou menos irregulares. Bem que a gota tenha fixado a attenção dos medicos desde as épocas mais remotas, poucas molestias ha cuja theoria ficasse mais obscura e cujo tratamento seja mais incerto.

Symptomas. A gota é aguda ou chronica. A *gota aguda* é ás vezes precedida por desordens variadas na digestão, ou dôres indeterminadas em diversas partes do corpo, por vomitos, diarrhea, caimbras; as mais das vezes sobrevem subitamente. Em todos os casos, o dia antecedente ao do ataque é em geral marcado por um augmento de appetite e um estado de saude insolito; mas pela noite adiante, após algumas horas de um somno tranquillo, sente-se uma dôr viva, as mais das vezes no dedo grande do pé, no calcanhar ou no peito do pé; em alguns casos nos pulsos, mãos ou joelhos. Os doentes comparam esta dôr á sensação de deslocação da articulação, de uma cunha enterrada entre os ossos, a uma queimadura, á dilaceração produzida pela mordedura de um cão; ás vezes é acompanhada da sensação que produziria agua quasi fria lançada sobre a parte affectada. Um calefrio com tremor manifesta-se quasi immediatamente, e dura mais ou menos tempo; cessa, a dôr cresce, o pulso accelera-se e a pelle torna-se secca e quente. Estes symptomas continuam toda a noite e durante todo o dia seguinte: a dôr, que não cessou de augmentar, chega de noite ao seu mais alto gráo; é então tão viva, que o simples peso de um cobertor é insupportavel; o doente vira-se para todos os lados, e busca em vão uma posição que possa alliviar-lhe os soffrimentos. Parte da noite se passa ainda n'este penoso estado; mas pela manhã, vinte e quatro horas pouco mais ou menos depois da invasão do accesso, a dôr perde de repente a maior parte de sua intensidade: esta mudança é tão subita, que o doente a attribue á ultima posição que tomou: a pelle cobre-se de ligeira humidade, e o somno vem emfim fechar os olhos do pobre gotoso. Ao despertar, a dôr que sente é supportavel; a parte affeetada acha-se inchada e vermelha. Nos dias seguintes ha um augmento mais ou menos consideravel da dôr quando se approxima a noite; esta dôr é acompanhada de ealor da pelle e de aeee-

leração do pulso. Mas estes paroxysmos eada dia vão diminuindo de intensidade; cessam ordinariamente no fim de quatro a eineo dias, e d'esta maneira aeaba-se o primeiro aeeesso.

Apenas passou o ultimo paroxysmo, principia o segundo acesso. A mesma serie de phenomenos que aeabei de deserever se reproduz, ora sobre a mesma artieulação, ora sobre o outro pé, e ás vezes sobre os punhos, eotovellos ou joelhos. Assim, este aeeesso, preeedido de ealefrio, aeompanhado de aeeeleração do pulso, seguido de inehaeão e de vermelhidão da parte eomo o pı eeedente, termina, eom elle, por tres ou quatro paroxysmos. Um tereeiro aeeesso, semelhante, lhe suecede; ás vezes vem um quarto aceesso, e a saude restabeleee-se depois. Esta serie de aecessos e paroxysmos, euja duração total é ordinariamente de quinze dias, forma o que se ehama um *ataque* de gota.

A marcha do ataque de gota aguda não é sempre tal eomo deixei indicado; a sua invasão póde ter logar durante o dia; e os aceessos são ás vezes mais numerosos. Tem-se observado que em geral o ataque é tanto mais curto quanto mais violentas são as dôres. É raro que durante o eurso de um ataque de gota aguda o doente tenha alguns instantes de remissão eompleta, a não ser nos ultimos dias. Em geral, em quanto o ataque dura, o doente experimenta aneia, fraqueneia do pulso e ealor da pelle, não tem appetite, e as ourinas depoêm um sedimento. Longos intervallos deeorrem ordinariamente entre os primeiros ataques da gota aguda : um anno, dois, e muitas vezes mais, passam entre eada um d'elles; mas se o doente não se tem imposto as privaeões neeessarias, tornam-se ellas eada vez mais frequentes. Repetem-se duas e tres vezes por anno; tornam-se mais longos, e aeabam por não deixarem mais que um pequeno numero de dias de repouso ao doente. N'este easo, perdem a intensidade, e a molestia passa ao estado ehronieo.

Gota chronica. Sueeede á preeedente, eomo acabei de dizer, ou então prineipia sob esta fórma. Em ambos os easos, assemelha-se á gota aguda, eom a uniea differença de serem os soffrimenios menos vivos, os acessos menos intensos, porém mais prolongados e separados por maiores intervallos; a febre é nulla ou quasi nulla; mas as artieulações, que no periodo agudo recobravam a força e flexibilidade, fieam então fracas e rijas. Desenvolve-se inchação molle e eompressiva; ás vezes formam-se nodosidades, e ao depois verdadeiras eonereções, que não sómente deformam as artieulações, mas tambem ineommodam e até impedem os movimentos dos membros.

Um dos aeeidentes mais notaveis da affeeção gotosa é a mobilidade que a earaeteriza. Não ha eousa mais singular, eom effeito, do que ver a molestia transportar-se de um logar para outro. Póde transportar-se sobre todos os orgãos importantes do eorpo, taes eomo o eerebro, os pulmões, o canal intestinal. Mas os easos de verdadeiro retrocesso da gota são muito mais raros do que se diz vulgarmente. Se se aereditasse o que asseguram os gostosos, apenas um só doente seria isento d'este genero de aeeidente : entretanto o facto é muito mais raro. Esta opinião proeede de se attribuirem á gota todas as molestias que sobrevem ás pessoas gotosas.

Causas da gota. Muitos autores consideram a gota como molestia hereditaria. Mas o facto foi mui exagerado : verdade é que as pessoas nascidas de pais gotosos estão um pouco mais expostas á molestia do que as outras : mas, em nenhum caso, esta predisposição será por si só sufficiente para desenvolver a molestia : é necessario tambem o concurso de causas mais activas. Scudamore diz que dos 111 doentes que observou, 22 tiveram o pai affectado de gota, 9 a mãi, 3 pai e mãi, 6 o avô, 1 a avó, 4 o tio; emfim, 58 doentes não conheceram vestigio algum de gota nos seus parentes. Uma vida passiva, a falta de exercicio, uma alimentação mui succulenta e mui abundante, composta principalmente de carne, o abuso dos licores excitantes, do vinho, do café, eis as grandes causas da gota. A notavel influencia da posição social sobre a producção da gota é um dos factos mais importantes da historia das causas d'esta affecção. Foi designada sob o nome de *molestias dos ricos.* Um dos medicos que deo as melhores descripções da gota, porque foi sujeito a ella, Sydenham, dizia : « O que é uma consolação para mim, e talvez para os outros gotosos dotados de um merecimento ordinario, é que reis principes, generaes, philosophos e outros grandes homens, tem vivido nos mesmos tormentos. »

A gota é rara nos climas qnentes; parece propria das regiões temperadas. O frio humido, e que affecta sobretudo os pés, é uma das causas que a provocam mais frequentemente. É sempre uma imprudencia da parte da pessoa gotosa o andar com calçado fino por terreno humido. A exposição do corpo a um nevoeiro um pouco forte não deixa de ter inconveniente. As senhoras são raras vezes affectadas da gota, porque em geral são sobrias : quando esta molestia as ataca, é depois da cessação do fluxo menstrual; porque esta evacuação periodica as desembaraça dos materiaes nutritivos que podem achar-se n'ellas em excesso. As crianças gozam do mesmo privilegio que as senhoras, pois quasi nunca ha n'ellas materiaes nutritivos em excesso, visto que d'elles se faz um consumo contínuo para o crescimento de todos os orgãos. O homem é raras vezes affectado da gota antes da idade viril. O exercicio previne o desenvolvimento da molestia; porque despende uma parte dos materiaes nutritivos em excesso. A inacção predispõe a contrahil-a, pois favorece a accumulação d'estes materiaes nas articulações.

Tratamento da gota aguda. No ataque da gota aguda, é preciso envolver a junta em algodão, e pôr o membro n'uma posição tal que a parte affectada não esteja n'uma posição declive. Por conseguinte, se a molestia existir no pé, o calcanhar deve ficar mais alto do que a perna. Tome-se um purgante, por exemplo, 60 grammas de sulfato de magnesia, ou 30 grammas de oleo de ricino,e uma colher de sopa de solução de antipyrina de Trouette, de hora em hora até que haja allivio. O doente não deve tomar mais de oito a dez colheres d'este medicamento, nas 24 horas. O doente deve observar uma dieta severa, e usar só de caldos de gallinha. Se as dôres não diminuirem, applique-se uma cataplasma de linhaça, borrifada com uma colher *de sopa* de laudano de Sydenham.

Não se deve empregar os linimentos chloroformeados, ammoniacaes ou camphorados que, quasi sempre, provocam a excitação cutanea e fazem augmentar o desenvolvimento fluxionar e, por conseguinte, a dôr que é a sua consequencia.

Empregue-se então o seguinte linimento, conhecido pelo nome de *linimento branco* e que tem a vantagem de não sujar a roupa.

Linimento branco.

Chlorhydrato de morphina.....	30	centigram.	Sulfato neutro d'atropina.....	20	centigram.
Daturina.....	5	—	Agua de louro cereja.	50	—
Hyosciamina.....	5	—	Glycerina.....	100	—

Faça-se uso das pilulas seguintes :

Extracto de aconito..... 50 centigrammas.

Faça 10 pilulas. Tomem-se duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

As perolas de Iodoformio do D^{or} Clertan tambem aproveitam n'este caso. Tomam-se na dóse de 2 a 4 perolas, por dia, ao almoço e ao jantar.

O remedio, porém, contra os ataques da gota que melhores resultados têm dado até agora é o *vinho antigotoso de Anduran*, que tem por base o Colchico.

Administra-se o *vinho d'Anduran* do seguinte modo :

Logo que se declaram os primeiros symptomas da gota ou do rheumatismo articular, o doente deve tomar durante tres dias seguidos uma colher *de chá* de vinho de Anduran em uma chicara de qualquer infusão aromatica, chá, tillio ou de hortelã, o remedio deve ser tomado em jejum ou tres horas depois da comida. Deita-se na chicara primeiramente o vinho antigotoso e depois o chá gotta a gotta para começar, para evitar que as materias activas do vinho não se precipitem no fundo da chicara.

Se depois de tres dias o doente não evacua tres ou quatro vezes por dia, augmenta-se a dóse de uma colher *de chá* de vinho que se toma no meio do dia. Se esta dóse não produzir tres a quatro evacuações por dia, a dóse do vinho deve ser augmentada de mais uma colher de chá, isto é, que o doente tomará uma colher *de chá* de vinho d'Anduran, de manhã, uma no meio do dia e uma á noite. Descansa depois durante tres dias e torna a recomeçar o tratamento por uma colher de chá, de manhã.

Se tomando uma ou duas colheres de vinho o doente obtiver o effeito laxativo, elle ha de descansar dois dias antes de tornar a começar a tomar o remedio, depois, continua com elle até que as dôres cessem de todo.

As dôres podem desapparecer sem que haja o effeito laxativo, ás vezes até o doente fica aliviado mais depressa quando os effeitos purgativos do remedio foram demorados ou quasi nullos.

As dôres tendo desapparecido, o doente toma ainda durante uns sete

ou oito dias uma colher *de chá* do remedio e depois cessa com elle.

O vinho d'Anduran se prepara nos laboratorios do sñr Mousnier, pharmaceutico de 1ª classe, em Sceaux, perto de Pariz.

O vinho d'Anduran não é remedio secreto, sua formula acha-se declarada na Inspectoria geral de hygiene publica, no Rio de Janeiro, a qual autorisou a venda d'este precioso producto em todo o Brazil.

É medicamento de alto valor que tem dado excellentes resultados e é mùito preconizado pelas summidades medicas de todos os paizes da Europa.

Á medida que os symptomas locaes e geraes forem diminuindo, póde o doente usar de alguns alimentos, e pouco a pouco voltará ao regimen habitual.

Tratamento da gota chronica. Applique-se na junta um sinapismo, até o doente sentir bastante ardor. Se muitas juntas estiverem atacadas de gota, ponham sinapismos snccessivamente em cada uma. Friccione-se a junta com um dos linimentos seguintes :

1.º *Linimento opiado.*

Laudano de Sydenham	4	grammas.
Azeite doce	28	—
2.º Oleo camphorado	30	—

3.º *Linimento terebinthinado e opiado.*

Essencia de terebinthina	15	grammas.
Oleo de camomilla	30	—
Laudano de Sydenham	2	—

4.º *Linimento terebinthinado e camphorado.*

Essencia de terebinthina	30	grammas.
Oleo camphorado	30	—

Depois de cada fricção embrulhe-se a junta em baeta.

Internamente, faça-se uso das pilulas seguintes :

Extracto de colchico	30	centigrammas.
— de guaiaco	30	—

Faça 12 pilulas. Tomem-se duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

E tambem das perolas de iodoformio do Dᵒʳ Clertan, na dóse de 2 a 4 por dia, ás horas das refeições.

Cura-se a inchação que persiste ás vezes depois da cessação das dôres da gota chronica, por meio de brandas fricções feitas com baeta impregnada de vapores de incenso, de benjoim, de succino, com fomentações de tinturas de alecrim, de alfazema, com linimentos compostos de oleo camphorado e essencia de terebinthina, acima indicados. Recorrer-se-ha tambem aos mesmos meios contra as nodosidades e os engurgitamentos que se formam nos ligamentos e tendões, e contra as contracções permanentes de alguns musculos. Mas quando estas contracções forem dolorosas, aproveitam as cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Tratamento preservativo. O tratamento preservativo da gota póde resumir-se d'esta maneira : Ser sobrio; abster-se quasi completamente das bebidas alcoolicas fortes; evitar a ociosidade; não se entregar com excesso aos trabalhos de gabinete, mas fazer um exercicio activo todos os dias, e, sendo possivel, entregar-se a alguns trabalhos corporaes. O exercicio deve ser feito ao ar livre. Evitar o frio humido; ter os pés sempre quentes. Beber muita agua, pouco vinho e misturado com agua; usar sobretudo de legumes, hortaliça, peixe, ovos, fructas, leite, e pouca carne.

O uso das aguas mineraes alcalinas, como bebida e em banhos, é tambem recommendado para prevenir os accessos da gota. Na Europa, as aguas que gozam de maior reputação são as de Vidago e das Pedras salgadas em Portugal, as de Vichy e de Plombières em França, e as de Carlsbad na Bohemia. A base d'estas aguas alcalinas é um sal chamado bicarbonato de soda : por conseguinte, no Brazil, e em outra qualquer parte, na falta de aguas mineraes alcalinas, podem os doentes usar de bicarbonato de soda, na dóse de 1 a 8 grammas duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar. O bicarbonato de soda, introduzido no corpo, muda a composição do sangue, e não só prèvine até certo ponto novos ataques da gota, mas tambem póde dissolver as concreções que se tem formado nas juntas em consequencia dos anteriores ataques da molestia. Eis-aqui a receita :

Bicarbonato de soda..... 30 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia.

GOTA CORAL ou MAL DE GOTA. *Veja-se* EPILEPSIA.

GOTA ROSADA ou **Caparrosa do rosto.** A gota rosada é uma molestia da pelle, caracterizada por vermelhidões e botões espalhados pelo nariz, face, testa, e ás vezes pelas orelhas, cujo gráo mais forte forma uma especie de mascara que desfigura as feições mais agradaveis. A gota rosada principia ordinariamente por alguns pontos vermelhos ou algumas manchas no nariz e faces, nas quaes se manifesta um sentimento de calor e inchação após a comida, e principalmente depois da ingestão de vinhos fortes ou de licores alcoolicos. Logo depois apparecem pequenas pustulas pouco numerosas a principio, mas que se vão multiplicando e succedendo continuamente. A pelle incha e toma uma côr vermelha arroxeada, que é mais viva á roda das pustulas : as feições perdem a harmonia e engrossam de uma maneira notavel. As veias externas, dilatadas pelos obstaculos numerosos que experimenta a circulação do sangue no rosto, augmentam ainda, por sua côr azulada, este aspecto desagravadel. Finalmente, a gravidade d'esta molestia offerece variações infinitas. Ás vezes, limitadas a um pequeno espaço, as pustulas são raras, isoladas, e só apresentam ao redor de si uma leve vermelhidão. Outras vezes occupam todo o rosto e as orelhas. Quando a moleslia chega ao maior gráo de intensidade, os olhos inflammam-se, as gengivas tornam-se dolorosas, intumecem; os dentes vacillam, e outros symptomas de complicação escorbutica vem ainda

augmentar este estado tão deploravel. Em alguns casos, a gota rosada não se estende além do nariz, no qual esgota, de alguma fórma, os seus effeitos. Todos os tecidos incham a ponto de darem a esta parte uma dimensão dupla ou tripla d'aquella que lhe é ordinaria. Apparecem em diversos pontos do nariz tumores mais ou menos consideraveis, rugosos, lividos, que produzem uma deformidade mui grande : estes tumores observam-se principalmente nos individuos votados ao culto de Bacho, nos quaes se designam familiarmente pelo nome de *rubins dos bebados*.

Causas. A gota rosada é mais frequente no homem do que na mulher; póde encontrar-se na mocidade, mas desenvolve-se de ordinario na idade madura, e nas senhoras na idade critica. A exposição do rosto a um calor vivo torna a caparrosa mais commum em certas profissões, taes como as de cozinheiro, fundidor, refinador, etc. Uma das causas da gota rosada nas senhoras é a applicação dos arrebiques. A suppresão natural ou accidental da menstruação é tambem causa frequente do apparecimento d'esta molestia. Os excessos de mesa, o abuso dos licores espirituosos, das especiarias, das substancias excitantes, das carnes salgadas e fumadas, e da caça, produzem muitas vezes o seu desenvolvimento. As affecções moraes, como os pezares, as paixões profundas, a ira, o susto, provocam-n'a ás vezes. Emfim em grande numero de casos, esta affecção, como as outras molestias da pelle, está ligada á existencia de uma causa interna, e sobretudo depende de alguma lesão digestiva; póde ser o producto de uma diathese geral ou de uma alteração particular dos humores.

Tratamento. A primeira cousa que se deve empregar contra a gota rosada consiste em lavar o sitio affectado com agua quente de uma temperatura tão elevada que o doente possa apenas supportal-a. Estes lavatorios, repetidos pela manhã e á noite durante um minuto, produzem primeiro calor e vermelhidão no rosto, mas logo o affluxo do sangue cessa, e por uma reacção contraria á que provoca a acção da agua fria, as partes tocadas pela agua quente empallidecem e esfriam por algum tempo. Estes lavatorios podem, ao cabo de certo tempo, diminuir o movimento do sangue que tem logar do lado da cabeça. Estes lavatorios fazem-se ora com agua pura simples, ora com agua misturada com algumas gottas de tintura de benjoim ou d'agua de colonia, ou, para um copo d'agua quente, com uma colher *de chá* da solução seguinte :

Agua distillada.....	60 grammas.
Sublimado	40 centigrammas.

Cada dois ou tres dias toca-se o logar affectado com um pincel molhado no oleo de cade.

As outras applicações que são aconselhadas contra a gota rosada são :

Coldcream, pomada que é composta de oleo de amendoas doces, cera, espermacete, agua de rosas, tintura de benjoim e tintura de ambar cinzento (*Veja-se* Vol. I, p. 647).

Pomada de pepino, que se acha em todas as pharmacias.

Pomada de tannino.

Tannino	2	grammas.
Agua	2	—
Banha fresca	45	—

Pomada anti-dartrosa.

Pedrahume	1	gramma.
Camphora	1	—
Banha fresca	30	grammas.

Solução de borax.

Borax	4	grammas.
Agua de rosas	125	—

Humcdecem-se as manchas, tres ou quatro vezes por dia com esta solução, havendo o cuidado de não enxugal-a, mas sim de a deixar seccar no sitio em que se applica. Uma vida sobria e regular, um regimen composto de carnes tenras, legumes, hervas e fructas, as limonadas de limão e laranja, o cuidado constante de evitar os exercicios fatigantes, são as regras hygienicas que concorrem para a cura d'esta molestia tão rebelde,

GOTA SCIATICA. *Veja-se* SCIATICA.

GOTA SERENA. *Veja-se* AMAUROSE.

GOTO. *Veja-se* GLOTTE.

GOTTAS. Peso das gottas á temperatura de 15° (Cod. fr.). O peso das gottas apparentemente insignificante, parece-me ter alguma importancia, visto o doseamento de um certo numero de medicamentos energicos ser feito geralmente por gottas e, no peso d'estas, influirem diversas circumstancias que o fazem variar.

Para que o facultativo adopte, conscientemente, nas suas prescripções este methodo de doseamento, prccisa saber qual é o peso das gottas, feita a mensuração nas condições normaes; assim como o pharmaceutico pela sua parte precisa conhecer bem essas condições e observal-as com rigor ao executar a prescripção medica, afim de evitar qualquer discordancia que possa prejudicar o effeito therapeutico que aquelle pretende obter.

Deve-se ter principalmente em vista na mensuração das gottas o seguinte:

1.° Que o peso d'estas depende do diametro exterior do tubo que as deixa correr, quer este tubo seja inteiro ou perfurado, e não do diametro interior, pois que está averiguado que este ultimo não tem influencia sobre a velocidade da corrente;

2.° Que sómente a natureza do liquido (agua, alcool, chloroformio, ether, vinagre, etc.) influe sobre o seu peso, independentemente da proporção de substancias que contém em dissolução;

3.° Que para se obter gottas de agua distillada, á temperatura de 15°, do peso de cinco centigrammas, — ou sejam 20 gottas = 1 gramma —

basta que o diametro exterior do tubo de esgotamento seja de tres milimetros. A seguinte tabella mostra o peso approximativo de uma gotta dos differentes liquidos receitados por cinco, dez, quinze ou vinte gottas, segundo o Codigo francez de 1884.

O trabalho de avaliação do peso das gottas foi refeito completamente, segundo as indicações dos documentos publicados. As pesagens foram feitas com balança sensivel a um decimo de milligramma e os conta-gottas empregados foram medidos com calibradores munidos de nonio, instrumentos de precisão accusando decimos e centesimos de millimetro. Estes conta-gottas davam exactamenle o numero de 10 *gottas de agua distillada para o peso de* 1 *gramma.* Foram feitas numerosas pesagens á temperatura de 15°, em periodos differentes.

PESO DAS GOTTAS Á TEMPERATURA DE 15°.

	Peso d'uma gotta.	Nº de gotta para 1 gr.
Acido acetico glacial, D = 1,0635	0,0181	55
— azotico puro, D = 1,390	0,0434	23
— — alcoolizado (alcool nitrico)	0,0184	54
— chlorhydrico officinal, D = 1,171	0,0476	21
— cyanhydrico medicinal a 1/100	0,0500	20
— phenico (acido 1 p., alcool a 90° 1p.)	0.0200	50
— sulfurico officinal, D = 1,843	0,0384	26
— — diluido	0,0500	20
— — alcoolizado (agua de Rabel)	0,0185	54
Agua distillada	0,0500	20
Alcool a 90°, D = 0,8339	0,0164	61
— a 80°, D = 0,8638	0,0178	56
— a 60°, D = 0,9133	0,0192	52
Alcoolatura de aconito (folhas ou raizes)	0,0189	53
Ammoniaco liquido officinal D = 0,925	0,0454	22
Chloroformio, D = 1,500	0,0178	56
Chlorureto (Per) de ferro, solução officinal, D = 1,260	0,0500	20
Creosote de faia, D = 1,067	0,0232	43
Ether officinal, D = 0,720	0,0111	90
— acetico, D = 0,915	0,0172	58
— alcoolizado (Licor de Hoffmann)	0,0139	72
Glycerina officinal, D = 1,242	0.0400	25
Gottas amargas de Baumé	0,0189	53
— negras inglezas (Black Drops)	0,0270	37
Laudano de Rousseau	0,0285	35
— de Sydenham	0,0303	33
Licor de Fowler a 1/100	0.0434	23
Oleo de croton	0,0208	48
— phosphorado	0,0208	48
— volatil de hortelã	0,0200	50
— — de petroleo	0,0175	57
— — de terebenthina, D = 0,864	0,0185	54
Soluto de chloral, com 1/3	0,0322	31
— de chlorhydrato de morphina, com 1/20 e 1/100	0,0500	20
— de azotato de prata, a 1/8; 1/4 ou de partes iguaes	0,0500	20
— de sulfato de atropina, com 1/100 ou 1/1000.	0,0500	20

Soluto de estrychnina, com 1/100 ou 1/1000.....	0,0500	20
— de zinco, com 1/100 ou saturado.....	0,0500	20
Tinctura de aconito.....	0,0189	53
— de belladona.....	0,0189	53
— de cantharidas.....	0,0175	57
— de castoreo.....	0,0175	57
— — etherea.....	0,0121	82
— de colchico.....	0,0189	53
— de digital.....	0,0189	53
— de extracto de opio.....	0,0189	53
— de iodo.....	0,0164	61
— de noz vomica.....	0,0175	57
— de opio camphorada (elixir paregorico)..	0,0192	52
— de scilla.....	0,0189	53
— de valeriana.....	0,0189	53
Vinho de colchico (bolbos ou sementes).....	0,0303	33
Vinagre, com 8 0/0 de acido.....	0,0384	26
— scillitico.....	0,0384	26

D'esta tabella póde fazer-se o seguinte resumo mnémotechnico :

1 gr. de agua ou d'um soluto aquoso salino equivale a.	20	gottas.
— de alcool a 90° equivale a.....	61	—
— de alcool a 80° equivale a.....	56	—
— de alcool a 60° equivale a.....	52	—
— d'uma alcoolatura, equivale a.....	53	—
— d'uma tinctura, feita com alcool a 90°.....	61	—
— d'uma tinctura, feita com alcool a 80°.....	57	—
— d'uma tinctura, feita com alcool a 60°.....	53	—
— d'um oleo fixo (variavel) equivale a (cerca de)....	48	—
— d'um oleo volatil (variavel) equivale a (cerca de)..	50	—
— d'um vinho medicinal (variavel) segundo a riqueza alcoolica) equivale a.....	33 a 35	—

GRACIOLA, Graciosa ou Cinifolio, *Graciola officinalis.* L. Escrophularineas. Planta que em Portugal habita nos logares inundados e humidos, junto de Coimbra, Peso da Regua, e margens do Vouga. Raiz cylindrica, branca, obliquamente horizontal, fibras filiformes, perpendiculares; caule de 20 a 30 centimetros; folhas oppostas, rentes, lanceoladas, dentadas; cheiro nauseoso, sabor muito amargo. Goza de propriedades vomitivas e purgativas muito energicas; gosa de propriedades antirheumatismas e antigotosas, não deve ser empregada senão com muita prudencia. *Dóse : Pó*, 50 centigram. a 1 gramma.

GRAENA. Hespanha. Aguas ferruginosas bicarbonatadas frias e quentes. Usam-se em bebidas e banhos contra as seguintes molestias : rheumatismo, gota, paralysia, chlorose, amennorrheas, dismenorrheas e enfartes do utero.

GRAGEIA. Especie de confeitos seccos, preparados com amendoas, fructas miudas, sementes, pedacinhos de cascas ou raizes cheirosas, etc., que se cobrem com massa adocicada ou com assucar crystallizado. Os pharmaceuticos aproveitaram-se da facilidade com que as crianças, e as pessoas delicadas tomam as grageias para introduzirem

n'ellas alguns medicamentos; ha nas pharmacias grageias vermifugas, grageias de copahiba, de lactato de ferro, etc.

As grageias devem ser exactamente dosadas e feitas no pilulador, antes de serem cobertas de assucar; é este o processo empregado no laboratario pharmaceutico de Dausse ainé, de Pariz.

GRAL. *Veja-se* ALMOFARIZ.

GRAMA. Ha duas plantas europeas, da familia das Gramineas, cujos troncos subterraneos, vulgo *raizes*, constituem o que se chama *gramma das boticas*.

1.ª **Trigo reptante.** *Triticum repens*, Linneo. Habita em Portugal na parte septentrional da Beira, Douro, Minho, e Tras-os-Montes; acha-se tambem no Brazil (fig. 535). Caules da altura de 40 a 60 centimetros; folhas longas, rijas; raiz (tronco subterraneo) filiforme, roliça, lisa, glabra, reptante; compridissima, nodosa, nós distantes, embainhados, lançando fibrillas capillares; espiga mais ou menos glauca.

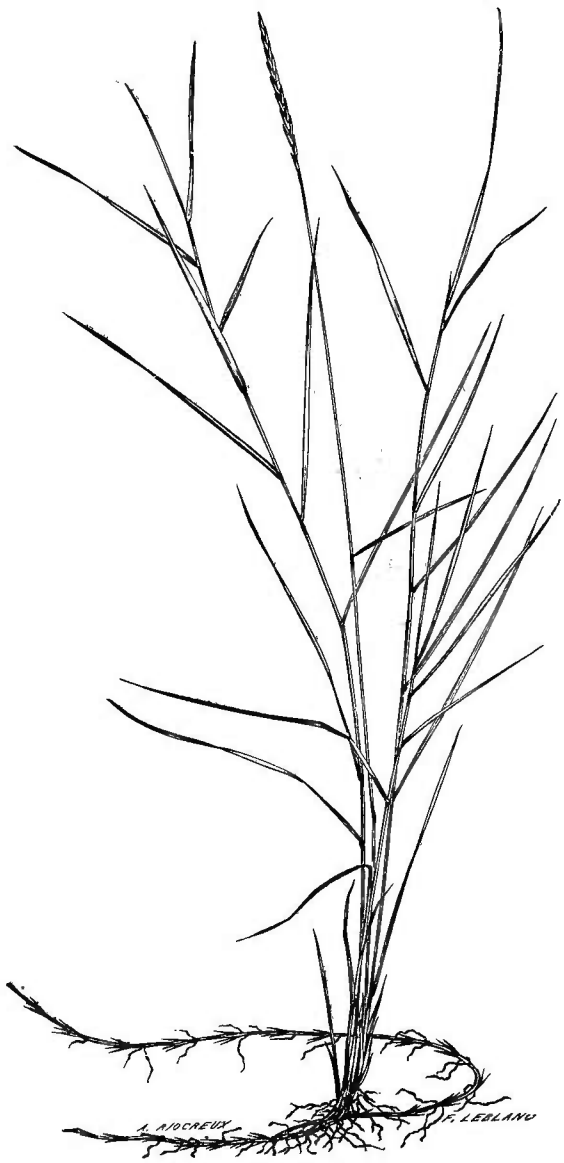


Fig. 535. — Grama.

2.ª *Panicum dactylon*, Linneo (Grama das boticas de Portugal). É muito frequente em todo o Reino de Portugal. Caules de 30 a 50 centimetros, ramosos inferiormente; folhas longas rijas, pubescentes; espigas de côr vermelha roxa; raiz da grossura de uma penna de pombo, e guarnecida de grande numero de nós; a epiderme da raiz é dura, amarella, como envernizada; o seu tecido é branco, farinhoso e assucarado.

O cozimento da raiz de grama é empregado como emolliente e diuretico nas inflammações, e principalmente nas das vias urinarias. Prepara-se do modo seguinte: Cortam-se 4 grammas de grama em pedacinhos, e lavam-se em agua

quente. Fervem-se depois em quantidade sufficiente d'agua, para obter 720 grammas de cozimento.

GRAMA DA PRAIA. *Stenotaphrum glabrum*, Trinius. Planta do Brazil, da familia das Grammineas; habita particularmente na provincia da Bahia. Tem as mesmas virtudes, e emprega-se do mesmo modo que a grama europea.

GRANATE. Pedra fina, empregada como joia. Compõe-se de silica e de alumina, misturadas frequentemente com ferro, cal, manganez e magnesia, d'onde vem muitas variedades do granate. A sua fórma primitiva é a do decaedro rhomboidal; a dureza é tal que risca o quartzo; o peso específico é de 3,55 a 4,18. Os granates são pela maior parte vermelhos, ás vezes entretanto são amarellados, alaranjados, esverdeados e roxo-escuros.

Os granates são mui derramados na natureza; no Brazil acham-se na provincia do Rio de Janeiro. No commercio distinguem-se os granates do Oriente e os da Europa. Os primeiros vem da India, de Ceylão, da Syria. Ha tres sortes de granates orientaes : uns são de côr de sangue roxo, expostos ao sol ou a luz, parecem como um carvão acceso, e ha-os bastante grandes; uma segunda especie é quasi de côr de jacintho (vermelha-alaranjada); a 3ª sorte é o granate violete; este é considerado como o mais perfeito, e é tambem o mais estimado. Os granates da Europa são menos apreciados; alguns, como os de Hespanha, tem côr fraca; os granates de Bohemia são de um vermelho vinoso, de côr forte, que não perdem senão difficilmente pelo fogo. Tambem os ha de côr vermelha viva. A Bohemia, o Tyrol, e a Hungria fornecem grande quantidade de pequenos granates. Os granates tem menos valor do que as outras pedras preciosas, apezar de formarem uma joia bonita.

GRANULOS. Pequenas pilulas cobertas de assucar. Contém mui pequena porção do medicamento, 1 milligram., por exemplo, para 10 centigrammas de assucar.

Os granulos que mais se recommendam são os granulos impressos de L. Frère da casa H. Fournier e C^ia^, pharmaceuticos, successores, á rua Jacob nº 19 em Pariz.

Na composição da massa dos envolucros d'estes granulos não entra assucar, nem gomma adragante, nem mucilagem; do que resulta : 1.º que não se alteram com a humidade; 2.º que se desfazem e se desaggregam por uma leve esfregação, o que pode ser verificado raspando-se levemente um d'esses granulos. A adherencia d'essa massa se obtem mais por pressão do que por meio de substancias adhesivas. Os granulos impressos de L. Frère, se distimguem tambem, alem das inscripções, pela variedade das côres, que são todas vegetaes, o que dá aos granulos certa fragilidade.

Este laboratorio prepara, por este processo toda e qualquer substancia medicinal de origem vegetal; os granulos são de 1/10, 1/4, 1/2, 1 milligramma e 1 centigramma.

Os granulos do laboratorio pharmaceutico de Dausse ainé, rigorosamente dosados, são tambem medicamentos cuja acção é certa.

São feitos no pilulador e cobertos de assucar.

N'este laboratorio tambem preparam granulos dosimetricos, que são mais pequenos, mas não são cobertos de assucar.

GRANZA. *Veja-se* RUIVA DOS TINTUREIROS.

GRÃO. *Veja-se* TESTICULO.

Grão cheio d'agua. *Veja-se* HYDROCELE.

GRAVALOS. Hespanha, Aguas sulfurosas frias; 15° a 17°. Usam-se em banhos contra as molestias cutaneas, syphilis terciaria, leucorrhea, ulceras.

GRAVIDAÇÃO DOS ANIMAES. *Veja-se* GESTAÇÃO.

GRAVIDEZ ou PRENHEZ. Em geral uma senhora só fica gravida no espaço da vida que decorre da primeira apparição dos menstruos até á sua cessação natural. Ha, entretanto, exemplos de moças que ficáram gravidas antes de menstruadas, de senhoras que concebêram após a cessação d'estc fluxo, e emfim de outras que foram mãis sem nunca terem tido menstruos. Éstes casos, porém, são cxcepcionaes.

A época mais favoravel para a concepção é o tempo que segue immediatamente os menstruos. Assim, algumas senhoras podem predizer, quasi com certeza, a época do seu parto, fazendo datar sua gravidez do fim da ultima menstruação.

Signaes da gravidez. Alguns signaes, mas de valor pouco seguro, fazem suspeitar o começo da gravidez. Logo que a senhora tem concebido, experimenta um sentimento vago de frio, uma especie de estremccimento universal não ordinario, ligeiros cspasmos, e uma sensação de prazer que se prolonga algum tcmpo. A estc estado succede logo a languidez, ás vezes uma invencivel modorra, a senhora cahe em um leve abatimento que de alguma fórma a deleita. Os outros signaes são : uma sensação de dôr, como uma colica na região do embigo, um certo movimento vermicular no mesmo logar. Alguns autores dão como phenomeno da concepção o augmento de volume dc todo o corpo; e aconselham se meça com uma fita o pescoço de uma recem-casada um dia antes e um dia dcpois do seo casamento. Muitas senhoras, alguns dias depois da concepção, experimentam uma salivação mais ou mcnos abundante, dôres de dcntes : a maior parte são atormentadas por nauseas e vomitos ás vezes contínuos, por dôres de estomago ; algumas tem fastio, rcpugnancia aos alimentos succulentos e desejo mui pronunciado de comer cousas não usadas como alimento : outras são incommodadas por uma sêde viva e sensação de calor na garganta. Em algumas pessoas, a prenhcz annuncia-se, pelo contrario, pela necesidade ou descjo de ingerir grande copia de alimentos. Ha algumas senhoras quc experimentam horror aos liquidos; outras que, depois da concepção, tem palpitações mui grandes; outras que desmaiam ao menor movimento; manifestam se fluxos de sangue pelo nariz, escarros de sangue, tosse, difficuldade na respiração, soluços, bocejos. Em algumas senhoras, a frescura dc rosto diminue, e apparecem olheiras.

As senhoras, após a concepção, tornam-se ás vezes tristes, caprichosas, inactivas, buscam o repouso, e aborrccem as occupações de que

antes mais gostavam, O caracter muda, tomam aversão a certas pessoas que antes amavam, e até ás vezes não podem soffrer os proprios maridos; queixam-se de vertigens, de vista escura, de zunido nos ouvidos. Em geral, a menor contrariedade as irrita; tornam-se ás vezes suspeitosas, ciosas, e até crueis.

Estes phenomenos duram mais ou menos tempo; de ordinario, acalmam-se e céssam no fim do terceiro mez. Chegadas a esta época, as senhoras, pela maior parte, não se queixam de incommodo algum, e este estado de tranquillidade persiste por certo tempo, até que novos accidentes venham perturbal-o.

Um signal mais certo da concepção que os precedentes consiste na mudança que experimentam os seios. Umas vezes, desde os primeiros dias que seguem a impregnação, outras sómente um ou dois mezes depois, uma turgencia, a principio leve, manifesta-se; os seios tornam-se doridos ou ao menos sensiveis; tornam-se mais volumosos e mais duros; o bico do peito toma uma côr mais escura e fica mais grosso e sahido; quasi sempre póde tirar-se d'elle, espremendo, algumas gottas de leite aguado: este leite corre tambem ás vezes espontaneamente em pequena quantidade. Essas mudanças, finalmente, são tanto mais pronunciadas quanto mais a gravidez se approxima, do termo ordinario. Emfim, um dos signaes mais certos da concepção é a suppressão dos menstruos.

Os phenomenos que deixei expostos não se encontram em todas as senhoras, nem em todas as prenhezes; e, podendo mesmo ser occasionados por uma infinidade de causas differentes, devem ser considerados como mui equivocos e de nenhum modo proprios a caracterizarem a gravidez. Com effeito, ha senhoras que não experimentam incommodo algum; ignoram absolutamente que estão gravidas, e não principiam a suspeitar o seu estado senão na época em que deviam voltar os menstruos. Quantas vezes se tem mallogrado as esperanças ou os sustos occasionados por estes diversos signaes! As affecções nervosas, as suppressões do fluxo menstrual, tão ordinarios no sexo feminino, dão frequentemente logar a uma serie de incommodos semelhantes aos que se manifestam quando a mullher está gravida. A falta da evacuação menstrual não é um signal certo de prenhez; assim como sua presença nem sempre é uma prova negativa. A cessação dos menstruos não deve ser um signal certo de gravidez; pois que existem affecções que suspendem esta evacuação; pelo contrario, muitas senhoras são menstruadas durante os primeiros mezes da gravidez. Embora sejam incertos, estes signaes fazem nascer a presumpção, e por isso não devem ser desprezados. A suppressão dos menstruos, quando tem logar sem causa apreciavel em uma senhora que goza de boa saude, e sem ser seguida de symptoma algum morboso, deve ser considerada como signal quasi certo da gravidez.

Desde o fim do terceiro mez, o exame feito por uma parteira remove todas as duvidas. Apalpando o ventre, ou introduzindo o dedo para verificar o estado do utero, póde ella adquirir alguma certeza. Por meio

do dedo, introduzido na vagina, póde verificar-se o augmento do volume do utero; póde então percorrer-se a parede posterior do utero, e julgar da sua proeminencia e desenvolvimento.

Nos primeiros tempos da gravidez a porção vaginal do collo uterino é mais curta e mais cónica, o corpo do utero é mais globoso; o orgão inteiro está situado mais profundamente na excavação; é ao mesmo tempo mais volumoso, mais resistente, menos movediço. No curso do quarto mez o collo do utero perde o terço de seu comprimento. Aos cinco mezes conserva só a metade do seu comprimento. Aos seis mezes fica só o terço; aos sete tem só 7 millimetros; aos oito 5 millimetros. Emfim, aos oito mezes e meio, uma simples depressão circular separa o utero da predominencia de sua abertura (bocca de tenca). Nas senhoras não gravidas o collo do utero entra na vagina o comprimento de 2 centimetros e meio pouco mais ou menos.

Nos primeiros mezes da gravidez o utero afunda-se de mais em mais, o que é consequencia natural do augmento do seu volume, e sobretudo do seu peso. Não sobe senão na época em que, tendo augmentado de volume, não póde mais ser contido na pequena bacia; o seu corpo toma então um ponto de apoio sobre a margen do estreito superíor do osso, excede-o, e continua a desenvolver-se na cavidade abdominal. É ordinariamente no quarto mez que se percebe o utero subir para a cavidade abdominal.

Do quarto ao quinto mez, o desenvolvimento do ventre e os movimentos da criança, que se tornam cada vez mais perceptiveis, constituem o melhor signal da gravidez, A época ordinaria de serem estes movimentos sensiveis é aos quatro mezes e meio. Não é raro, entretanto, verem-se mulheres que começam a sentir mexer a criança desde os tres mezes e meio. Citam-se algumas que sentiram estes movimentos no fim do terciero mez. Outras, pelo contrario, não experimentaram esta sensação senão ao cabo de cinco mezes, e até depois. Asseguram alguns autores haver senhoras que pariam crianças mui fortes, bem que estas não tivessm feito sentir movimento algum durante todo o curso da gravidez. O Dr. Désormaux diz ter assistido a uma senhora em quem os movimentos da criança principiáram no termo ordinario, e continuáram com um gráo de força admiravel por espaço de quasi tres mezes. Cessaram depois completamente por um mez. Esta senhora, entretanto deo á luz uma criança que gozava de boa saude. A causa d'estas variações depende da maior ou menor vivacidade da criança, assim como da maior ou menor vivacidade da senhora. O estado de saude influe tambem n'estes movimentos. Assim, quando a senhora experimenta dôres de cabeça, calor no rosto, pulso forte ou frequente, symptomas que annunciam grande abundancia de sangue, esses movimentos são obscuros, e até param completamente. Uma emoção viva torna-os, pelo contrario, mui pronunciados.

Os movimentos da criança são a principio mui brandos: tornam-se depois mais fortes, bem que com muitas irregularidades n'esta progressão. A mão, applicada na região da superficie ventral que corresponde

ao utero, percebe a sensação de um corpo mais ou menos volumoso, que vem tocar e levanta ás vezes mui visivelmeute as paredes ventraes e os vestidos. A criança não se mexe sempre; mas podem empregar-se diversos meios para excital-a a fazer movimentos. Esfria-se a mão, quer mergulhando-a em agua, quer pondo-a sobre um corpo frio, e applica-se depois sobre o ventre. A impressão do frio, assim occasionada, produz frequentemente o seu resultado. Póde tambem obter-se o mesmo fim batendo levemente na superficie do ventre com a mão. Quando o utero contém grande quantidade d'agua, póde-se por este meio distinguir facilmente a agitação do liquido e os movimentos da criança, a qual vem tocar a mão, fornecendo assim um signal certo da gravidez.

Quando se applica o ouvido sobre o ventre de uma senhora gravida, e chegada a uma época adiantada da prenhez, podem quasi sempre ouvir-se dois ruido pulsativos differentes; um resulta das pancadas do coração do feto, e é designado pela expressão de *duplas pancadas;* outro, produzido pela circulação uterina, é conhecido debaixo do nome de *ruido de folle* ou *sopro placentario.* O ruido produzido pelas duplas pancadas tem muita analogia com o que se percebe applicando-se o ouvido sobre a região precordial de um adulto. Sómente é muito mais fraco, e sobretudo muito mais precipitado, pelo que foi comparado ás pancadas de um relogio de algibeira. O numero d'estas pulsações, n'um tempo dado, nem sempre póde ser facilmente verificado, mas quando isso é possivel é de 130 a 150 por minuto, d'onde resulta que este numero é quasi o dobro das pulsações maternas. Estas duplas pancadas ouvem-se, em geral, sobre a parede anterior e inferior do ventre, e ordinariamente no meio da gravidez, isto é, *aos quatro mezes e meio* O outro ruido pulsativo que se ouve quando se applica o ouvido sobre a parede abdominal de uma senhora gravida, chamado *sopro placentario*, differe das duplas pancadas por ser simples, isochrono com as pancadas do pulso da mãi. Este ruido é semelhante ao que produz o ar lançado por um folle sobre carvão acceso. Póde ser reconhecido *no meiado do quarto mez.*

Época da gravidez. Taes são os caracteres da gravidez: accrescentarei agora algumas observações tendentes a determinar a época a que ella tem chegado, o que seria facil se os phenomenos que a caracterizam se desenvolvessem de maneira constante e regular. Bastaria attender ao tempo da cessação dos menstruos, e depois ao tempo em que os movimentos da criança principiáram a ser perceptiveis; mas já vimos que não ha nada de fixo a esse respeito. Estes são, entretanto, os dois pontos nos quaes se basea o nosso juizo. É mister n'esta occasião observar que não se deve contar o principio da gravidez da época precisa em que os menstruos deveriam ter apparecido, mas sim buscal-a quinze dias antes. Com effeito, notou-se que a concepção tem logar mais frequentemente nos dias que seguem o fim da época menstrual.

O desenvolvimento gradual e ordinariamente regular do utero ministra tambem signaes das épocas da prenhez. No tres primeiros mezes, o augmento de volume do utero não é bem perceptivel. Nos dois primeiros mezes, o ventre da senhora muda tão pouco, que até parece estar mais

chato. No decurso do quarto mez, o utero levanta-se e faz-se sentir em cima do pente. No decurso do quinto, o utero approxima-se cada vez mais do embigo, e todo o orgão se levanta na cavidade abdominal, e ás vezes até com bastante promptidão para espantar a senhora e assustal-a por um augmento tão rapido do ventre, que parece em poucos dias dobrar de volume. Aos seis mezes, o apice do utero está ao nivel do embigo. Aos sete, occupa a parte inferior da região epigastrica (bocca do estomago). Aos oito, tem adquirido a sua maior elevação. No fim do nono mez, abaixa-se, e a razão d'isto é que, ficando a vagina mais larga na sua parte superior, póde a cabeça da criança descer á cavidade da pelvis. N'este momento muitas senhoras sentem-se alliviadas, mais livres nos seus movimentos; pois com effeito o ventre está então muito menos desenvolvido.

Este desenvolvimento enorme do utero não póde operar-se sem que os orgãos vizinhos sejam mais ou menos comprimidos e constrangidos em suas funcções. Demais, na primeira prenhez, a pelle do ventre e das coxas, sendo estirada pela primeira vez, experimenta geralmente rasgaduras que deixam mais tarde vestigios indeleveis. Nos primeiros mezes, em que o utero carregado do producto da concepção pesa sobre a bexiga e sobre o recto, a vontade de ourinar é frequente e as evacuações alvinas são raras e difficeis. Em uma época mais adiantada, as digestões tornam-se mais lentas: emfim, nos ultimos mezes, a respiração é difficil, e o menor exercicio produz grande cançaço. Quanto ao desenvolvimento da producto da concepção, *veja-se* o artigo Feto.

O peso da criança a termo é de 3 kilogrammas pouco mais ou menos; é susceptivel de grandes variações desde 1, 2, até 5 ou 6 kilogrammas. O comprimento medido do vertice da cabeça até aos calcanhares varía des de 43 até 60 centimetros, termo médio 48 centimetros.

Nas outras idades da vida intra-uterina, a estatura parece susceptivel de variações muito maiores; mas a dissidencia dos observadores a este respeito procede provavelmente da difficuldade de se fixar o termo da gravidez na época do aborto, e a época exacta da morte do feto. Na exposição seguinte apresento o termo médio das observações que offerecem entre si maior approximação.

As duas semanas, comprimento do tronco, 3 millimetros; ao primeiro mez, 13 millimetros; aos dois mezes, 40 millimetros; aos tres mezes, 16 centimetros; contando do vertice da cabeça aos calcanhares; aos quatro, 19 centimetros; aos cinco, 21 centimetros; aos seis, 32 centimetros; aos sete, 38 a 43 centimetros; aos oito 43 a 48 centimetros; aos nove emfim, 48 centimetros.

Modo de examinar o utero para reconhecer a existencia da gravidez. Para determinar a existencia da gravidez desde os primeiros mezes, cumpre fazer uma exploração externa e outra interna do utero, primeiro *separadamente*, depois *simultaneante*. A mulher estando em jejum, deve deitar-se de costas de modo que as ancas estejam mais enterradas do que a cabeça e os pés; deve approximar os calcanhares das nadegas para relaxar a parede abdominal. Então a

parteira applica uma das mãos sobre o hypogastro, manda á senhora fazer profundas inspirações para pôr em movimiento as paredes do ventre, e durante a expiração comprime a região sobre a qual a mão está applicada. Se sentir um tumor duro e redondo em cima do pente, póde ficar convencida que é o utero que se acha desenvolvido.

Este signal, sem duvida de grande valor, seria entretanto insufficiente, se não se lhe podessem accrescentar outros. Deitada a senhora horizontalmente de costas, a parteira introduz o dedo indicador da mão direita na vagina até ao collo uterino, e levanta o utero; ao mesmo tempo que a outra mão, applicada sobre a região hypogastrica, comprime repetidas vezes, aparta os intestinos do fundo do utero, até sentir um corpo firme e redondo que está empurrado pelo dedo introduzido na vagina. Este corpo é o utero cujas dimensões dão a escala proporcional do adiantamento da prenhez. A parteira percorre com o dedo a porção vaginal do collo, para fazer uma ideia da sua fórma, comprimento e densidade. Uma exploração interna, estando a senhora de pé, completará o exame.

Lembrando-se durante esta exploração, dos signaes os mais salientes, adquirem-se os elementos locaes de apreciação para levar um juizo quasi certo; estes signaes são; o collo uterino é mais molle, mais redondo e mais curto; o utero é mais resistente, mais volumoso, e não apresenta tanta mobilidade como no estado de vacuidade

O diagnostico da gravidez no *segundo semestre* é muito mais facil. Aos signaes de desenvolvimento do utero póde accrescentar-se o sopro placentario, e, no meio d'este periodo, os movimentos da criança e as pancadas do seu coração.

No *terceiro trimestre* é impossivel não reconhecer a gravidez passando em revista todos os signaes que foram indicados.

Conhecimento da vida e da morte da criança durante a gravidez. Os signaes da morte da criança no seio materno estão indicados no artigo Feto, Vol. I, pagina 1156.

Signaes da presença de duas ou mais crianças dentro do utero. Tudo que vou expôr quasi refere-se sómente á prenhez dobrada, por ser esta a que mais se offerece.

Reputam-se como signaes d'esta sorte de prenhezes, as varizes, a inchação dos pés e das pernas, a dyspnea, a vontade frequente de ourinar, e o incommodo maior ou menor nos movimentos que faz a senhora. Pouca confiança se deve ter n'estes signaes, porque tambem tem sido presenciados nas prenhezes de uma só criança.

Os signaes deduzidos da fórma do ventre, o ser elle mais volumoso, mais arredondado, menos proeminente na parte anterior com depressão longitudinal no meio; os provenientes dos movimentos do feto, mais frequentes, quasi continuados e percebidos nos dois lados do ventre ao mesmo tempo, não merecem tambem conceito, por terem sido observados, conjuncta ou separadamente, em senhoras prenhes de uma só criança, e por se terem visto prenhezes duplas e triplices sem a manifestação de taes signaes. Comtudo a combinação de taes signaes, em certos casos, faz suspeitar a existencia de gemeos; pelo tocar e apalpar

se podem dissipar algumas duvidas, principalmente nos ultimos mezes da prenhez.

Quando o desenvolvimento do utero é grande, que haja a suspeita de duas crianças, se existir uma só, mover-se-ha facilmente, e a agitação promover-se-ha sem obstaculo; pelo contrario havendo duas ou mais crianças, estes movimentos serão pouco sensiveis. Applicada uma das mãos sobre as paredes abdominaes, é provavel que as duas crianças se possam reconhecer, do mesmo modo, como em outros casos, claramente se distinguem os pés, os joelhos e braços de uma só criança.

Alguns tem querido, por meio da auscultação, provar a presença de mais de uma criança dentro do utero. Quando na prenhez dobrada, as crianças estão díspostas de maneira que se possa auscultar o coração de cada uma, póde-se adquirir a convicção de que a prenhez não é simples. Quando, por exemplo, as pancadas do coração se ouvem á esquerda, e igualmente á direita, não existindo ellas no intervallo que as separa, pode-se julgar que hajam duas crianças. Este signal, pórém, não tem toda a certeza, porque em muitas senhoras com prenhezes simples se tem reconhecido as dobradas pulsações em todos os pontos do abdomen a que o globo uterino corresponde, ou a dois logares bastante distantes. Em uma palavra, o diagnostico da gravidez dupla, é mui difficil de se obter.

Termo da gravidez. O intervallo que separa o momento da concepção do parto é ordinariamente de 270 dias, pouco mais ou menos. Entretanto, desde muito tempo, diversos factos tem mostrado que nem sempre é tão certo o tempo da gravidez; que o parto póde ter logar muito depois do nono mez, e muito antes; e que, em summa, os nascimentos podem ser serodios ou temporãos.

Os *nascimentos serodios* foram, no seculo passado, objecto de discussões mui porfiadas. Os sabios que os negaram fundavam-se na opinião de Aristoteles, que disse ser o tempo da gestação dos animaes limitado a um espaço fixo. Mas esta asserção é falsa. Willer demonstrou que a sahida dos pintos da casca varia entre dezoite e vinte e cinco dias. Tessier, membro da Academia das Sciencias de Pariz, provou que nas vaccas a differença entre a mais curta gestação e a mais longa era de oitenta e um dias; isto é, mais da quarta parte da duração média, que é de duzentos e oitenta dias. Nas eguas esta differença é de noventa e sete dias, tambem mais da quarta parte da duração média, a qual é de trezentos e trinta e tres dias. Nas burras, ovelhas e outras femeas de animaes, achou igualmente o mesmo sabio grandes irregularidades no termo da gestação. Assim, longe de ser fixo, o termo da gestação dos animaes é pelo contrario mui variavel. *Veja-se* o artigo GESTAÇÃO.

Ora, como os costumes e a constituição da senhora a tornam mais apprehensivel do que qualquer irracional, é muito de presumir que deve estar tambem sujeita ás mesmas irregularidades. Mas eis-aqui uma prova directa, referida pelo Dr. Désormeaux :

Uma senhora, que tivera tres filhos, cahio em alienação mental. O seu medico, tendo exhaurido todos os recursos da arte, pensou que uma nova prenhez restabeleceria as faculdades intellectuaes. O marido as-

sentou em um registo o dia de cada união sexual, que era só uma vez por tres mezes, afim de não destruir a conceepção ainda imperfeita. Ora, esta senhora, vigiada por suas criadas, dotada além d'isto de principios de religião e moral extremamente severos, não pario senão após nove mezes e meio.

Ventilada em Londres, em 1826, perante a camara dos Lords, n'uma causa celebre, foi esta questão resolvida de uma maneira affirmativa; sómente nos limites que se devem admittir não concordaram os medicos. Mas ácerca d'estes limites, convem saber que, de quatrocentas e cinco observações feitas na Maternidade de Pariz, já havia Mauriceau deduzido que o termo da prenhez varía entre seis á onze mezes e oito dias. Deve-se, por conseguinte, concluir que os nascimentos tardios são inquestionaveis.

Os *nascimentos temporãos* são tambem admittidos. Entende-se por nascimento *temporão* o que tem logar naturalmente, segundo a marcha dos nascimentos ordinarios, longo tempo antes de duzentos e setenta dias, e no qual se apresenta uma criança dotada de todos os caracteres de maturescencia e capaz de viver.

Se os fructos amadurecem mais cedo em certos annos do que em outros; se a apparição das flores, se a vegetação inteira póde ser adiantada : se em differentes classes de animaes se observam variedades analogas, porque não será a duração da gestação susceptivel igualmente de ser abreviada na especie humana? Não ha cousa razoavel que se possa objectar contra a possibilidade dos nascimentos temporãos. Ninguem ignora que um feto está ás vezes mais desenvolvido e forte aos seis mezes do que outro que tem sete ou mais; que uma criança a termo é ás vezes menos volumosa do que outra no seu setimo ou oitavo mez, e que a esse respeito o desenvolvimento da criança offerece variedades quasi infinitas; por conseguinte, não poderia a razão desconhecer a possibilidade dos nascimentos temporãos, ainda quando não viesse grande numero de factos pôr a sua existencia fóra de duvida.

Molestias que podem acompanhar a gravidez. A gravidez não é uma molestia; de ordinario, corre os seus periodos sem perturbação, ou ao menos só determina na organizão da mulher leves mudanças que não alteram sensivelmente a saude; mas ás vezes as senhoras gravidas estão expostas a incommodos, cuja intensidade póde ser mui grande.

A indisposição mais frequente é, sem contradicção, a *plethora* (repreção ou superabundancia de sangue). Dôr de cabeça, disposição para o somno, calor no rosto, respiração difficil, abatimento, ourinas vermelhas, pulso forte e frequenle; taes são os signaes communs d'este estado. Os movimentos da criança no ventre materno tornam-se fracos, e ás vezes suspendem-se inteiramente. A senhora sente picadas em diversas partes do corpo, apparecem manchas na pelle; existe sêde, perda de appetite, vertigens, dôres no ventre, palpitações do coração. As bebidas refrigerentes, taes como a limonada, a laranjada, o regimen composto pela maior parte de vegetaes e o repouso, serão sufficientes n'este caso.

Varizes. As senhoras gravidas são frequentemente affectadas de varizes que não sómente occupam as pernas, mas estendem-se ás vezes á região superior das coxas. De ordinario, é só um lado affectado, ou pelo menos mais do que o outro. Estas varizes cessam após o parto, mas persistem quando se renovam em muitas prenhezes successivas. O repouso por muito tempo, e tão frequente quanto fôr possivel, em uma situação horizontal, a compressão uniforme mediante uma atadura applicada circularmente ou meias de brim, são os unicos meios que a arte póde oppôr a este incommodo, que é antes desagradavel á vista do que perigoso.

Inchação. A difficuldade que experimenta em certa época da gravidez a circulação do sangue e da lympha deve ser considerada como a causa da infiltração que occupa os membros inferiores. Mas, como esta difficuldade é quasi a mesma na mór parte das mulheres, e entretanto só um pequeno numero d'ellas se acha affectado de inchação, deve-se admittir o concurso de alguma outra causa, tal como a constituição particular da senhora, a conformação da bacia que facilita os effeitos da compressão exercida pelo utero sobre os vasos sanguineos e lymphaticos. Esta inchação é levada ás vezes a um gráo extremo : estende-se até á parte inferior do ventre, e dá aos membros inferiores um volume monstruoso. Raras vezes affecta todo o corpo. Quando é pouco desenvolvida, desapparece durante o repouso da noite; quando mais volumosa, apenas diminue então. Depois do parto, desapparece espontaneamente. Quando a inchação chega a um ponto tal que impede a livre execução dos movimentos, ou difficulta a respiração, torna-se indispensavel o soccorro da medicina. Brandos purgantes convem n'este caso. Estes meios devem ser ajudados pelo repouso em posição horizontal. Entretanto, se houver ameaço de suffocação, será melhor, pelo contrario, que a senhora fique mais tempo sentada do que deitada. Póde-se diminuir esta inchação; mas não se lhe deve esperar o desapparecimento completo antes do parto.

Salivação, nauseas, vomitos. Temos visto que estes tres symptomas, que são tres gráos progressivos da mesma affecção, são phenomenos mui ordinarios da gravidez. Ás vezes tornam-se bastante incommodos, e constituem verdadeira molestia. Cessam, de ordinario, após o terceiro ou quarto mez da gravidez. Em alguns casos, os vomitos cessam n'esta época; mas tornam a apparecer nos ultimos mezes; o que se attribue então á pressão que o utero, elevando-se, exerce sobre o estomago. Ordinariamente os vomitos tem logar pela manhã, e então as pacientes lançam só um fluido viscoso. Outras vezes, apparecem indifferentemente a qualquer hora do dia, e sobretudo depois da comida. Em muitas occasiões, os alimentos são expellidos; ha senhoras que lançam toda a especie de substancias liquidas ou solidas do estomago, e conservam apenas de longe em longe algumas colheres d'agua com assucar, de caldo ou café. Ás vezes os alimentos ficam no estomago e as doentes só lançam mucosidades transparentes; outras vezes, os alimentos acalmam e fazem cessar os vomitos.

O vinho de Cabanes muito aproveita contra os vomitos da gravidez. toma-se'o na dóse de um calice, a cada refeição.

A salivação causa grande incommodo ás senhoras. O vomito é-lhes extremamente penoso; mas é mui raro que tenha consequencias perigosas, apezar da grande fraqueza que ás vezes produz. Autores ha que citam exemplos de vomitos acompanhados de dôres atrozes no estomago e de espasmos geraes violentos, que não obstaram a que a gravidez chegasse felizmente ao seu termo.

Algumas bebidas aromaticas, taes como infusões de folhas de laranjeira, de herva cidreira, de hortelã, de chá da India, de macella gallega, etc., ás vezes magnesia calcinada na dóse de 50 a 75 centigrammas duas a tres vezes por dia, 30 centigrammas de ruibarbo em pó, ou 10 a 20 gottas de laudano de Sydenham em algumas colheres d'agua, vinho de Baudon, na dóse de 1 calice antes de cada refeição eis os medicamentos que se devem empregar nos casos de gravidez penosa. Se os incommodos forem mais rebeldes, administrar-se-ha o opio na dóse de 5 ou 10 centigrammas, ether sulfurico na dóse de 10 a 20 gottas com agua e assucar; a agua de Seltz póde ser tambem empregada com vantagem. A applicação sobre a bocca do estomago de cataplasma de linhaça, borrifada de laudano na quantidade de uma colher *de sopa*, produz tambem bons effeitos.

A senhora gravida deve tomar, para evitar todos estes inconvenientes, o ferro hematico de L.-J. Michel, na dóse de uma colher medida, ao almoço e ao jantar (Veja-se phosphato de ferro, na palavra FERRO).

O phosphato de cal granulado de Mentel tambem aproveita muito ás senhoras gravidas e áquellas que amammentam. Este producto contribue para activar a formação do systema osseo, e por conseguinte, facilita a sahida dos dentes.

E necessario dizer aqui algumas palavras ácerca d'esses *appetites extravagantes*, d'esses *gostos exquisitos*, a que algumas senhoras gravidas são sujeitas. No entender do vulgo, é preciso fazer tudo para satisfacção d'esses *entojos*, sob pena de se vêr a criança nascer com signaes. A experiencia prova todos os dias a falsidade d'esta consequencia. Regra geral: devemos satisfazer os desejos de uma senhora gravida todas as vezes que estes desejos não tiverem nada de nocivo. Um appetite voraz será refreado, enganado por comidas mais frequentes, por alimentos pouco temperados; o fastio será combatido por bebidas um pouco estimulantes, alimentos sapidos. Mas o carvão, a cal, o vinagre puro, os licores fortes, para as senhoras que não estão acostumadas a elles, serão recusados ou dados em mui pequena dóse. Não se lhes póde contentar os desejos extravagantes que por ventura tenham, sem expôl-as a grandes inconvenientes para a saude.

A *prisão de ventre* é muito usual nas senhoras gravidas, sobretudo no fim da gravidez. Quando é mui prolongada, entretem o fastio, torna difficil a digestão, occasiona agitação e insomnia. A pressão habitual das materias fecaes irrita a extremidade do intestino, impede a circulação do sangue, e desenvolve as hemorrhoidas. É preciso combater a prisão de

ventre por todos os meios, menos purgantes drasticos (aloes, gomma gutta, jalapa, coloquintidas, escamonéa; purgante de Leroy, ou pilulas chamadas vegetaes americanas), que só offerecem um soccorro momentaneo, e cujo uso póde produzir aceidentes. Os clysteres com decocção de linhaça, com agua morna e 60 grammas de azeite doce ou de oleo de ricino; ás vezes um brando laxante, tal como manná, cremor de tartaro, infusão de polpa de tamarindos, magnesia calcinada, pó tonì-digestivo de Royer, na dóse de 2 colheres, *de chá*, por dia, antes do almoço e do jantar; pó purgativo de Rogé, genuino eis os meios que não são perigosos e que preenchem perfeitamente a indicação.

As senhoras gravidas devem tomar durante todo tempo que durar a prenhez, um calice de vinho de peptona de Catillon á sobremeza do almoço e do jantar ou no correr do dia. Este vinho sustentar-lhes-ha as forças e lhes servirá ao mesmo tempo de alimento. Toma-se puro ou misturado com agua.

Os outros accidentes, que podem sobrevir durante a gravidez, vão descriptos nos artigos Aborto, Convulsões, Hemorrhagia, Parto.

Regras que devem observar as senhoras gravidas. Quando uma senhora gravida goza de boa saude, o melhor é não mudar em nada a sua maneira ordinaria de viver, abstendo-se sómente de sahir, ainda levemente, dos limites da moderação e da prudencia. Assim, evitar os excessos de toda a natureza, abster-se das vigilias e emoções vivas, é o que convem. Em summa, não se deve usar de cautela ou medicação alguma intempestiva. Um collete póde ser util ás senhoras gravidas que tem as paredes ventraes mui molles, mas convem que só sustente o ventre e os seios sem comprimil-os. O exercicio, proporcionado ás forças e á agilidade da senhora, entretem-lhe a saude e facilita o parto. O mais conveniente de todos é o passeio a pé, mas nunca levado até á fatiga. A carreira e a dansa não causam grandes inconvenientes, havendo a mesma precaução, e não tendo a pessoa o louco amor proprio de querer mostrar uma agilidade ridicula quando a prenhez está um pouco adiantada. Um carro commodo não tem inconvenientes em época alguma; os balanços, em um caminho máo, de uma sege mal suspensa e os exercicios da equitação são perigosos a todas, principalmente nos primeiros mezes e se existir predisposição para o aborto. O repouso absoluto sobre um sofá é ás vezes indispensavel ás senhoras que já tiveram abortos. Emfim, as relações conjugaes, que é necessario evitar tambem n'esta ultima circumstancia, não tem os mesmos inconvenientes em qualquer outra. Os banhos mornos são uteis como meio de asseio. Ao maior numero das senhoras o uso d'estes banhos é indifferente; o abuso é nocivo ás que são fracas e predispostas ás hemorrhagias uterinas; pelo contrario, as senhoras que tem as carnes duras, as gravidas pela primeira vez, podem usar de banhos mornos assiduamente, e sobretudo nos dois ultimos mezes da prenhez. Quanto aos banhos frios, a senhora que está a elles acostumada póde continual-os, mas com algumas cautelas; assim, quando os tomar no mar, não deve expôr o ventre ás ondas, para que o choque d'estas não produza algum accidente.

A senhora gravida deve fazer uso de alguns medicamentos fortificantes, taes como o vinho de Baudon, o Quinio de Labarraque, a osteina Mouriès, excellente alimentação que evita muitas indisposições e os abortos, cuja causa é a falta do principio da alimentação sem a qual o feto não pode se formar.

A phosphatina de Falières tambem é um excellente alimento para as senhoras gravidas.

A exaltação da sensibilidade, que tem logar nas senhoras gravidas, faz-lhes as percepções mais vivas, as paixões mais energicas e os effeitos mais temiveis, Não são raros os casos de molestias graves, de convulsões, hemorrhagias, e abortos produzidos pela vista de um objecto medonho, por um susto ás vezes bem pequeno, um accesso de colera, um movimento de alegria ou uma dôr um pouco viva. A senhora gravida merece, por conseguinte, toda a attenção da parte das pessoas que a rodeiam. *Veja-se* PARTO.

GREDA ou CRÉ. Nome vulgar de uma variedade de carbonato de cal que se apresenta em massas brancas, friaveis, pulverulentas e que constitue o *branco de Hespanha*. Muito commum por toda a parte e principalmente na ilha de Creta (do latim *Creta*, greda) a greda serve tanto na industria como em medicina. Encontra-se'a em maior ou menor proporção na agua de fonte; quando a quantidade é por demais, a agua não serve para se beber, porque é indigesta e não permitte que os alimentos fiquem bem cosidos. Como existe no estado normal na maior parte dos tecidos do corpo humano, o carbonato de cal é necessario á alimentação. As plantas, a agua, a carne dos animaes nos fornecem constantemente este producto. Já dissemos algures que a cré tinha mui pronunciado poder absorvente. Introduzida no estomago ella se transforma ao contacto com o succo gastrico, combina-se com o excesso d'acido que ahi encontra, e absorve os gazes e os liquidos, é, pois, por consequencia muito util na diarrhea, na dyspepsia flatulenta, que vem acompanhada de arrotos acidos. Tambem é util, a greda, nos envenenamentos pelos acidos, porque ella os neutraliza parcialmente. Pode ser administrada em altas dóses, 5, 10 ou 15 grammas. É melhor dar uma dóse menor e associal-a a outros absorventes, como sejam, o salicylato de bismutho, a magnesia, o bicarbonato de soda, etc. Posta em pó impalpavel, a greda, torna-se um bom pó dentifricio, barato e muito recommendado.

GRENETINA. *Veja-se* GELATINA.

GRETA, GRETADURA. *Veja-se* RACHA.

GRIPPE. Nome vulgar da bronchite epidemcia, tirado da lingua franceza. Tem por symptomas febre, dôr e peso de cabeça, injecção da face e olhos, seccura, inappetencia, prostração, tosse, dôr de garganta. Eis-aqui o tratamento : tomar um suadouro, beber chá de flor de malvas ou de violas adoçado com mel de abelhas ou xarope de gomma, e usar de gargarejos feitos com infusão de raiz d'althea e mel rosado. *Veja-se* BRONCHITE.

GRITADEIRA. DOURADINHA DO CAMPO, *Palicurea rigida*, Kunth.

Rubiaceas. Arbusto do Brazil; habita em S. Paulo, Minas, Goyaz, Matto-Grosso. Folhas ellipticas, grandes, coriaceas, nitidas e quasi rentes; flores em paniculas longamente pedunculadas; corolla tubulosa; fructo, baga roxa denegrida, um tanto comprimida, contendo dois nucleos. As folhas d'este arbusto são reputadas diureticas e estimulantes, e aconselhadas nos rheumatismos e em muitas outras molestias, em infusão, que se prepara com 1 gramma para 180 grammas d'agua fervendo. Em dóse forte produzem vomitos e diarrhea.

Tambem são recommendadas, como gozando das mesmas propriedades, as folhas dos arbustos seguintes, que pertencem á mesma familia das Rubiaceas, e ao mesmo genero, são :

Gritadeira (Minas). *Palicurea sonans*, Martius.

Gritadeira do campo (Minas). *Palicurea strepens*, Mart. *Palicurea officinalis,* Mart.

Coto-Cotó. *Palicurea densiflora*, Martius.

Douradinha do campo (Minas). *Palicurea aurata,* Mart.

Dom Bernardo (Minas). *Palicurea tetraphylla,* Cham.

Bem que estes vegetaes sejam aconselhados como medicamentos, advirto que ao mesmo genero *Palicurea* pertencem plantas venenosas, conhecidas pelo nome vulgar de *Hervas de rato* (*Veja-se* esta palavra).

GROSELHA. Fructo do *Ribes rubrum*, Linneo, arbusto da familia das Grossulareas, que habita naturalmente nas regiões montanhosas da Europa, e se cultiva nas hortas. Este fructo é uma baga succulenta, de sabor acido e agradavel, ordinariamente vermelha, ás vezes rosea ou branca segundo as variedades (fig. 536). Faz-se grande consumo de umas e outras, seja em substancia, seja em gelea ou xarope. O xarope de groselhas, diluido em agua, forma uma bebida temperante e levemente laxante, cujo uso é sobretudo indicado durante os grandes calores, e nas molestias inflammatorias.



Fig. 536. — Groselhas vermelhas e brancas.

GRUDE. *Veja-se* Colla.

GRUMIXAMEIRA. *Eugenia brasiliensis*, Lamark. Myrtaceas. Arvore do Brazil; habita especialmente espontanea na provincia do Rio de Janeiro. Folhas oppostas, pecioladas, obovaes; flores sustidas por pedunculos solitarios; fructo (*grumixama*), baga globosa-tetragonal; com uma semente, coroada pelos dentes do calice, de côr roxa escura ou branca, lisa de sabor agradavel, doce e levemente adstringente. Este fructo constitue um alimento sadio e refrigerante.

GUABIROBEIRA. Assim se chamam no Brazil diversos arbustos, da familia das Myrtaceas, pertencentes ao genero *Eugenia* e *Psidium*, cujos fructos são comestiveis. No Rio Grande do Sul dá-se

este nome á *Eugenia depauperata*, Camb.; *Eugenia variabilis*, Martius; *Eugenia xanthocarpa*, Martius. As folhas são adstringentes, e empregam-se em infusão contra a diarrhea e leucorrhea. A infusão bebe-se, ou administra-se em clysteres e injecções. No Pará dá-se o nome de *guabiroba* aos fructos da *Eugenia myrobolana*, De Candolle; em S. Paulo, ao *Psidium guarumœfolium*, Camb.; em Minas, ao *Psidium corymbosum*, Camb.; e *Psidium multiflorum*, Camb.

GUACO. *Mikania guaco*, Humboldt. Ptanta que habita na Nova Grenada, sobre as margens do rio Magdalena. O caule é trepante e ramoso, folhas pecioladas, oppostas, ovaes-agudas, com pellos asperos por cima; sabor amargo, cheiro forte e desagradavel. O vulgo attribue a esta planta propriedades especificas nas mordeduras das cobras. O sumo engole-se, e applica-se a planta sobre a ferida: e, a não se ter o guaco recente, toma-se uma forte decocção. No artigo Cobras (Vol. I, pag. 621) apresento um exemplo infeliz em que esta planta não produzio vantagem alguma, e por isso julgo que os factos apresentados para provar suas virtudes como contraveneno não merecem a menor confiança.

GUAIACO ou Páo santo. *Guaiacum officinale*, Linneo Rutaceas. Arvore cujo tronco adquire á vezes 1 metro de diametro: acha-se na Jamaica e Ilha de S. Domingos (fig. 537). O páo e a resina empregam-se na syphilis e nos rheumatismos. Com 30 grammas de páo e 750 grammas d'agua faz-se um cozimento que se toma em um dia. A resina administra-se em pilulas, na dóse de 50 a 100 centigrammas.

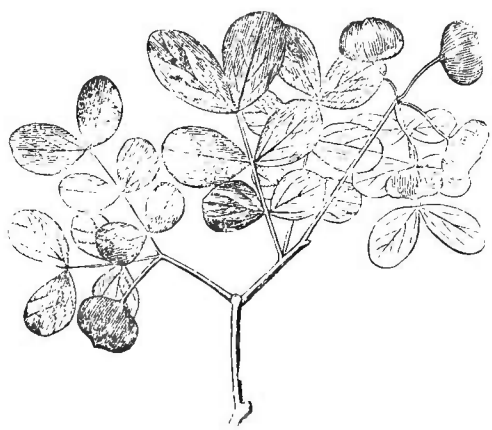


Fig. 537. — Guaiaco.

GUANDO ou Ervilha de Angola. *Cajanus flavus*, De Candolle. Leguminosas. Arbusto bem conhecido no Brazil, que dá uma ervilha saborosa e mui nutriente. Dura seis ou sete annos, e prospera nos terrenos mais asperos.

GUAGNO. Corsega. Aguas sulfureas sodicas quentes; 37° a 52°. Tres fontes. Sulfato de cal, chlorureto de sodio, sulfurereto de sodio. Usam-se nas affecções cutaneas, rheumatismo simples ou complicados de engurgitamentos articulares, nevralgias, sciatica, feridas por armas de fogo. Estabelecimento com 32 quartos com banheiras, duches, 25 piscinas podendo conter 220 pessoas. Hospital militar thermal para 200 doentes.

GUANO. Nas costas do Perú, do Chile, da Colombia, e tambem nas da Africa, da ilha de Fernando de Noronha, existem ilhetas onde vão descansar, dormir e ás vezes morrer, innumeraveis passaros marinhos. Os seus excrementos, e talvez os seus corpos, decompostos e accumulados n'aquellas ilhetas, levantáram-se pouco a pouco e formam hoje verdadei-

ras collinas de apparencia arenosa, amarellada, que se poderia tomar, á primeira vista, por areia finissima a não se exhalar d'esses outeiros um forte cheiro de ammoniaco que denota a existencia de uma materia animal. É esta substancia que se chama *guano*. Por longo tempo desprezado, é hoje mui procurado, por ser notorio haver elle sido um dos elementos mais activos da fecundidade dos terrenos. Com effeito, verificaram os agricultores que um metro cubico de guano produzio nos cereaes mais effeito do que 50 metros cubicos de estrume de curral misturado com estrume de estrebaria, e que a producção foi sobretudo consideravel em palha.

Alguns exemplos de cura de pessoas affectadas de morphéa, que foram habitar nas ilhas onde se acha o guano, induzíram a crer que essa substancia póde ser um bom remedio contra tão terrivel molestia. Tentaram-se alguns ensaios no Rio de Janeiro. Segundo as informações que colhi, o guano administrado interna e externamente produzio algumas melhoras nos doentes de morphéa, mas não me consta facto algum de cura completa. O guano foi tambem ensaiado pelos medicos de Pernambuco, mas nenhum resultado favoravel produzio nos doentes de morphéa, como se vê no Relatorio do conselho de Salubridade publicado no *Archivo Medico do Rio de Janeiro*, 1847, nº 10. Na Bahia tambem aconteceo o mesmo.

GUAPEVA. *Veja-se* NHANDIROBA.

GUARANÁ. Sementes reduzidas a massa do *Paullinia sorbilis*, Martius, arbusto trepador da familia das Sapindaceas, que habita no Pará. Os fructos apresentam-se em cachos, como os da vide, e quando estão maduros tem uma bella côr vermelha rutilante; as amendoas são escuras e quasi do tamanho de avelãs. No seu fabrico seguem os indigenas da provincia do Amazonas o seguinte processo : Colhem os fructos ainda não bem maduros, tratam-n'os com agua, para tirar-lhes a parte carnosa. Torram as sementes, trituram-n'as em pilões até reduzil-as a pó; transformam este com agua em massa sufficientemente consistente a ser moldada, sendo finalmente esta cozida em fornos proprios. Assim preparado, o *guaraná* apresenta-se no commercio em massas cylindricas, de figura elliptica, ou ovaes, duras, difficeis de reduzir a pó, de côr roxa ou cinzenta, de cheiro suave, sabor amargo agradavel, e mui pouco adstringente, pesando cada pão 240 grammas mais ou menos. No Pará e em Cuyabá faz-se um uso quotidiano do guaraná, reduzido a pó por meio de uma lima grossa; mistura-se uma colher d'este pó com um copo d'agua fria e assucar, e bebe-se em jejum. Em varias provincias do norte do Brazil, mesmo em Goyaz, Minas e S. Paulo, tem-se propagado o uso d'esta substancia, a ponto de a tomarem como limonada refrigerante para acalmar a sêde. O guaraná é aconselhado nas diarrheas chronicas, em dissolução, que se prepara com 8 grammas d'esta massa e 180 grammas d'agua.

GUARANHEM. *Veja-se* BURANHEM.

GUARAREMA. *Veja-se* PÁO DE ALHO.

GUARDA-RAIO. *Veja-se* PARA-RAIO.

GUAXIMA ou Malvaisco. *Urena lobata.* Cavanilles. Arbusto da familia das Malvaceas. Habita particularmente na provincia do Rio de Janeiro. Tem 1 a 2 metros de altura, folhas arredondadas, lobadas, serreadas, pecioladas, verde-escuras por cima, e verde-claras por baixo, de sabor mucilaginoso, flor rosea escura. A decocção e a infusão de folhas de guaxima são emollientes. A infusão (chá) prepara-se com 4 grammas de folhas de guaxima e uma chicara d'agua fervendo; adoçada, é boa contra a tosse. A decocção usa-se em banhos. Para um banho 500 grammas de folhas de guaxima. A casca da arvore serve para fazer cordas.

GUAYCURÚ. Planta do genero Estaticias, da familia das Plombaginaceas, assaz commum nas costas maritimas do Brazil. A raiz possue propriedades adstringentes e é empregada em medicina sob a forma de tintura na dóse de 2 a 6 grammas.

GUELAS. (Corpos estrahnos nas) *Veja-se* Vol. 1, pag. 727.

GUELAS (Inflammação das). *Veja-se* Angina.

GUTTA-PERCHA. Substancia gommo-resinosa, que mana do tronco da *Isonandra gutta*, Hooker (Sapotaceas), arvore que habita nas ilhas da Asia, e sobretudo na de Borneo, e de outras arvores da mesma familia. A massaranduba, *Mimusops excelsa*, Freire Allemão, arvore do Pará, da familia das Sapotaceas, fornece um succo semelhante. — A *Isonandra gutta* é uma arvore de 12 a 15 metros de altura. Em vez de extrahir o succo, como se faz para ter a borracha, os indigenas da Asia abatem a arvore, tiram a casca, e colhem o succo leitoso que se coagula ao ar. Seria para desejar que se fizesse cessar, se fosse possivel, esta destruição insensata, para não ficar brevemente exhausta a fonte de uma substancia, que está destinada a prestar grandes serviços á industria. O succo, depois de solidificado, é muito semelhante á borracha por suas propriedades. Purificada, a gutta percha é de côr roxa amarellada, parecida com o couro. Paralhe dar a configuração que se quer, basta immergêl-a em agua quente e dar-lhe a fórma com os dedos. Aquecida, torna-se porosa, molle, adhesiva; póde-se á vontade reduzir a laminas, estender em tubos, moldar, soldar, etc. Resfriada, apresenta solidez e tenacidade mui grandes; mas não tem a elasticidade da borracha. Misturando estas duas substancias, na proporção de 1 parte de gutta-percha, e 2 de borracha, obtem-se uma substancia mui resistente, que convém para os objectos que exigem mais rigidez do que a borracha. Nem a agua fria, nnm os acidos, nem os alcalis tem acção alguma sobre a gutta-percha. A industria emprega a gutta-percha para numerosos usos. Fazem-se com ella tubos, tiras, vasos, bugias, talas para fracturas; cobrem-se com ella fios telegraphicos submarinhos, e mechas que devem communicar o fogo ás minas collocadas debaixo d'agua; serve para muitos outros usos.

GYMNASTICA. Arte de exercer o corpo para fortifical-o. — Todos os jogos de acção a que se entregam as crianças, meninos e meninas, podem ser considerados como exercicios gymnasticos; taes são os jogos da bola, do balão, do arco, da corda, o volante, etc. Mas

a gymnastica propriamente dita, tal como se acha organizada nos estabelecimentos publicos, e que tomou hoje, na educação da mocidade o logar que merece, comprehende o ensino pratico de exercicios particulares proprios para desenvolverem a força e a agilidade do corpo. Além dos felizes effeitos que estes exercicios produzem na saude dos meninos e meninas, inspiram-lhes confiança em certas posições dificeis, e, dando-lhes a consciencia de suas proprias forças, ajudam-n'os, a sahir-se de um perigo ou a prestar soccorro aos seus semelhantes.

Todos os exercicios perigosos devem ser banidos do ensino dado á mocidade. Assim não se deve permitir o exercicio muito escabroso que consiste em andar sobre páos plantados na terra, e que não sendo util por si mesmo, exporia as crianças a torceduras e deslocações. Não é necessario tambem que os meninos montados nas vigas, simulem quédas : deve haver o receio de que a imitação se torne ás vezes demasiado perfeita. Emfim alguns outros exercicios, que podem tambem produzir quédas graves, taes como a escalada das muralhas, ou o encontro de dois alumnos sobre a mesma trave, devem ser severamente proscriptos, assim como as differentes especies de lutas, porque estas lutas poderiam por fim tornar-se sérias.

A gymnastica compõe-se de exercicios elementares e de exercicios compostos. Aquelles consistem em aprender a ficar em pé com o corpo recto, em fazer mover as pernas e os braços, em executar flexões do corpo. Os exercicios compostos comprehendem as barras parallelas e de suspensão, as cordas, as carreiras, as escadas, os saltos, os mastros, o trapezio, etc.

Quaesquer que sejam os exercicios gymnasticos, a que os meninos se entreguem, devem observar-se algumas regras de hygiene, e tomar certas precauções. As horas mais convenientes para estes diversos exercicios são as da primeira ou da segunda parte do dia, isto é, antes do almoço ou antes do jantar. Immediatemente depois da comida poderiam perturbar a digestão. Á noite, no momento de se deitar, poderiam impedir o somno. Póde-se ás vezes tomar mais exercicio do que é preciso, ou não tomal-o bastante. Um indicio infallivel e mui simples do tempo exacto de exercicio que se deve dar a cada criança, é o appetite. Se o appetite se conserva bom, se as digestões se fazem bem, é porque o exercicio não é demasiado. Mas se o appetite diminue, cumpre moderar-se : é prova de que o exercicio se mudou em fadiga. Todos os vestidos, durante os exercicios gymnasticos, devem ser largos e leves ; convem proscrever aquelles que poderiam, de qualquer modo que seja, constranger os movimentos. Não se deve ter nas algibeiras facas, canivetes, tesouras, estojos, pitorras, ou quaesquer outros objectos que possam ferir.

H

HABITAÇÃO. Se o estado social, e o concurso das forças augmentam o bem-estar de cada individuo, estas mesmas circumstancias

tambem tornam-se a origem de muitos males. As diversas emanações provenientes da grande reunião dos homens, dos animaes que elles entretem, das manufacturas em que se formam varios productos das artes, a privação da influencia dos ventos e do sol, tudo isto torna-se causa de muitas molestias. A medicina póde diminuir estes inconvenientes prescrevendo certas regras hygienicas, relativas á situação das cidades, á disposição das habitações particulares, e de diversos estabelecimentos que exhalam emanações deleterias.

A mór parte das cidades estão longe de serem construidas segundo as regras da salubridade. Edificadas em tempos em que considerações d'esta natureza geralmente se desprezavam, e em que motivos politicos, commerciaes ou particulares, exigiam disposições que lhes eram contrarias, formadas por augmentos successivos, offerecem quasi todas trabalhos de salubridade a executar. Vejamos que posições convem mais a esta reunião de habitações.

São geralmente salubres as cidades edificadas em logares elevados; isto é, nos que jazem sobranceiros a todos os seu arredores. O ar n'elles é mais vivo e secco; o accesso facil dos ventos permitte a renovação da atmosphera, os effluvios pantanosos chegam-lhes difficilmente, e as emanações nocivas que n'elles se formam, dissipam-se promptamente. O contrario observa-se nas que estão situadas em valles e gargantas. O ar é n'ellas estagnado, humido e alterado por miasmas de diversa natureza : os calores tornam-se insupportaveis por causa da reverberação dos raios solares. Póde-se observar ás vezes uma differença bem notavel de salubridade na mesma cidade, quando tem uma parte elevada e outra baixa. N'esta ultima, reinam as affecções escrophulosas, as febres intermittentes, molestias que são estranhas á parte alta. A vizinhança dos pantanos é muito insalubre : o perigo augmenta com o calor do clima, e mais que tudo pela situação da cidade, cujo vento dominante passa antes de chegar a ella, por logares lodosos. O melhor meio de se subtrahir a estas influencias consiste em seccar-lhe os fócos, entulhando os patanos ou dando um esgoto conveniente ás aguas estagnadas, ou ao menos fazendo plantações de arvores altas, espessas, situadas de maneira que ponham o logar habitado ao abrigo do vento que passa pelos pantanos. O centro dos mattos espessos é, ordinariamente, desfavoravel; o ar circula n'elle mui difficilmente; o terreno não aquecido pelos raios solares conserva-se constantemente humido. Os seus confins não apresentam os mesmos inconvenientes. Os raios do sol podem penetrar nas habitações formadas n'esses logares : a vizinhança d'estas grandes massas de arvores protegem-n'as contra a violencia dos ventos e modera os calores do verão. Ás vezes o abrigo de matos espessos e profundos é indispensavel á salubridade de certos paizes que, sem esta condição, estariam expostos ás emanações dos pantanos, levadas pelos ventos que os tivessem atravessado. Quanto ás cidades situadas á beiramar ou á margem dos rios, estas não acham n'esta circumstancia causa alguma de insalubridade, a não estarem expostas a outras causas particulares; assim, se as margens não forem bem limpas, podem tornar-se fócos de infecções.

A disposição das ruas da cidade e praças publicas influe muito sobre a salubridade; esta disposição deve calcular-se de modo que facilite a circulação do ar e o accesso dos raios solares nas partes mais baixas das casas. Quando as cidades são muito extensas, não é possivel que a direcção de todas as ruas seja igualmente favoravel; entretanto é vantajoso que as principaes se estendam do norte ao sul, se esta direcção não as expuzer a ventos insalubres particulares ao paiz. Deve a disposição das casas ser de maneira que facilite a circulação do ar e o accesso dos raios do sol nas partes mais baixas. É preciso, por conseguinte, que as ruas tenham a largura proporcionada á elevação dos edificios; muito estreitas e formadas de casas altas, conservam um ar corrupto, onde a luz do sol penetra imperfeitamente; mui largas, não seriam varridas por uma corrente de ar assaz rapida, e sua atmosphera alterar-se-hia facilmente em tempo calido. Nos climas intertropicaes, entretanto, onde os raios solares tem direcção menos obliqua, e em certos mezes perpendicular, e onde podem, por conseguinte, penetrar até ás partes mais baixas das casas, o que não acontece nas regiões temperadas, as ruas podem ser estreitas e os edificios altos: esta disposição tem a vantagem de preservar os habitantes do calor excessivo do clima. Considerando as habitações individualmente; isto é, examinando menos sua influencia sobre a salubridade exterior do que sobre a interior, os andares mais altos estão menos expóstos ás exhalações formadas no terreno, ao passo que as casas e aposentos terreos são geralmente humidos e menos sadios.

As praças publicas são muito uteis: contribuem para a circulação do ar no interior das cidades, e além d'isso augmentam a extensão relativa do espaço consagrado a um numero determinado de habitações; a somma de inconvenientes que resulta da reunião d'estas habitações, acha-se conseguintemente diminuida. Tem-se discutido muito ácerca da salubridade proveniente das plantações de arvores no interior das cidades. Podem considerar-se uteis quando estas plantações são feitas em ruas largas e grandes praças cujo terreno não é humido, quando as arvores podem receber os raios solares, e quando não estão perto das casas nem mui proximas umas das outras, para não impedirem a circulação livre do ar ou occasionarem humidade.

Todas estas disposições seriam insufficientes para entreter a salubridade do ar nas cidades, se não houvesse tambem a cautela de destruir ou diminuir as causas numerosas que tendem a alterar-lhe a pureza. As ruas devem ser calçadas com cuidado; aliás sua superficie torna-se um pantano quasi permanente, d'onde se exhalam emanações deleterias. A calçada deve ser construida de maneira que offereça uma inclinação favoravel ao escoamento das aguas, e ser concertada apenas se arruinar. Convem que essas ruas sejam limpas diariamente de todas as materias susceptiveis de putrefacção. Varrer as ruas, os largos, e especialmente os mercados; prohibir que n'ellles se lancem immundicias e sobretudo materias fecaes, são outras tantas condições essenciaes de asseio, cuja influencia sobre a saude não póde ser contestada. Canos vastos e nume-

rosos receberão as aguas impuras de cada quarteirão. Estes canos serão lavados frequentemente, para não se tornarem fócos da infecção que devem prevenir. Convem que os cemiterios estejam situados fóra das cidades e a certa distancia das moradas, de sorte que o vento não traga as exhalações d'elles. Emfim, ficarão distantes das habitações todas as fabricas que possam produzir emanações perigosas.

HALITO. Designa-se com este nome o ar que sahe dos pulmões durante a expiração. Nas crianças o halito é mais ou menos azedo, mais nas crianças louras do que nas de cabello preto, mais nas meninas do que nos meninos; torna-se sobretudo notavel nas crianças affectadas de lombrigas. O halito perde ordinariamente o caracter primitivo, á medida que se vai approximando á puberdade; entretanto, nas meninas não cessa de todo senão após a apparição dos menstruos. Chegada a época da puberdade, o halito das pessoas que gozam de boa saude é em geral brando e sem cheiro particular. Até dizem que, em certos individuos, é suave: sem nos deixarmos arrastar por uma imaginação exaltada, não podemos negar que ha hálitos que, por sua unica natureza, despertam os sentidos e exitam aos prazeres do amor; mas são raros e nunca se encontram em mulheres que tenham mais de trinta annos, nem em homens de mais de quarenta e cinco. Este estado da respiração suppõe uma saude perfeita, e o uso habitual de uma alimentação branda, e mais vegetal do que animal. A proporção que o homem se adianta em annos, perde o halito a sua frescura, e vai adquirindo um cheiro mais ou menos desagradavel.

Máo halito. Chama-se *máo halito* aquelle que tem um cheiro fetido. Depende de causas variaveis que podem ser permanentes ou eventuaes, naturaes ou accidentaes, curaveis ou incuraveis. Examinemos as principaes.

A falta de asseio da bocca e a carie dos dentes são as duas causas mais ordinarias do máo halito.

A affecção escorbutica, occasionando a inchação das gengivas, determina o mesmo resultado, assim como a salivação produzida pelo mercurio, uma erupção abundante de aphtas, as ulcerações da lingua, da garganta, etc., etc. Emfim, no numero das molestias que podem affectar as fossas nasaes, a ozena ou a ulcera do interior do nariz é a que, por seu effeito nocivo sobre o halito, se torna mais sensivel.

O máo halito nas pessoas que gozam de boa saude, e que todavia cuidam na limpeza da bocca, provém ordinariamente de um modo particular de excreção dos pulmões. Todos sabem tambem que o uso de certos alimentos, como o alho, dá ao halito um cheiro forte, que se faz sentir em quanto dura a digestão. O uso habitual e quasi exclusivo da carne communica á respiração um cheiro mui sensivel.

Em uma época adiantada da gravidez, alguns dias após o parto e durante a amammentação, o halito da mulher tem um cheiro semelhante ao de soro de leite; em geral não é agradavel durante a época menstrual. Emfim, nas molestias agudas, conserva sempre um cheiro particular.

Tratamento. Os meios devem necessariamente variar para remediar-se o máo halito. Se depender de alguma molestia, convem unicamente combater esta causa. Quando provém de um estado particular da constituição da pessoa, não ha remedio que aproveite. Assim como não se póde destruir o cheiro da transpiração da pelle, que é repugnante em alguns individuos, sem que se possa explicar este inconveniente. O halito forte, que depende da natureza dos alimentos, desapparece pela cessação de seu uso. Quanto ao que depende da carie dos dentes ou da falta de asseio da boca, remedeia-se facilmente mandando-se tirar os ossinhos que estão privados de vida, chumbando-se os dentes, ou emfim conservando-se sempre a bocca limpa. Já indiquei no artigo Bocca os cuidados urgentes a este respeito; agora accrescentarei que o carvão de lenha goza da propriedade desinfectante em alto gráo; seriam por conseguinte mui vantajosos, para as pessoas que soffrem o incommodo de que se trata, os lavatorios diariamente repetidos com agua e pós de carvão de Belloc. Tambem se emprega internamente este producto para esse fim; preparam-se com elle pastilhas, de que se tomam quatro a oito por dia.

Aconselham-se tambem, para destruir momentaneamente o máo halito as pastilhas de chlorato de potassa, de Dethan (V. Chlorato de potassa). Gargarejos com agua e algumas gottas de dentifricio de Phenol Bobœuf ou d'agua de Labarraque. Os perfumes e as substancias odoriferas, *verbi gratia*, pastilha de hortelã pimenta, grageias de herva doce, de coentro, pastilhas de Bolonha, e os lavatorios com agua misturada com algumas gottas d'agua dentifricia, indicada no vol. I, pag. 60, podem tambem disfarçar por algum tempo o máo halito; mas este cheiro natural torna a apparecer.

HAMAMELIS VIRGINICA. Planta da America, da familia das Saxifragaceas, importada na Europa ha muitos annos e que ainda lhe chamam *aveleira das feiticeiras*. Sua casca de côr escura, e as folhas frescas empregam-se em medicina como hemostaticas, e sobretudo como anti-hemorrhoidarias. Suas propriedades therapeuticas ainda não estão bem definidas; é um medicamento de uma efficacia bastante irregular.

Como não é toxica, pode ser receitada em altas dóses, á 30, 40 e 50 grammas de extracto fluido e de 10 a 60 gottas de tintura alcoolica.

HASCHISCH. Dá-se este nome ao *canhamo indiano ou ás suas preparações* empregadas no Oriente como substancias embriagantes.

O canhamo indiano (*Cannabis indica,* Linneo) parece ser uma variedade gigantesca do canhamo ordinario, planta cultivada em muitos paizes por causa de suas fibras corticaes, que servem para fazer cordoalha e canhamaços. O canhamo ordinario tem só 1 a 2 metros e mais. As propriedades embriagantes d'este são muito mais energicas do que as da especie europea.

A palavra *Haschisch* é arabe, e significa simplesmente *herva*. Os orientaes applicando-a ao canhamo indiano, parecem designar a herva por excellencia. Com effeito, para muitas populações arabes, o haschisch é considerado como a fonte de todos os gozos immateriaes. *Bangh* é o

nome indiano do haschisch; *bang*, *bangie*, o nome persano. Em Argel chama-se *haschisch-of-fokara:* herva dos faquires.

Os effeitos do haschisch são conhecidos desde a mais alta antiguidade. O celebre *Nepenthes*, de que falla Homero, as beberagens por meio das quaes o Velho da Montanha, insigne personagem do tempo das Cruzadas, obtinha a obediencia fanatica dos seus sectarios, tinham o haschisch por base. As preparações mui antigamente conhecidas em algumas regiões da India e da Africa debaixo dos nomes de *Maslach*, *Majusch*, *Bangie*, *Bengie*, *Bangh*, *Assyoni*, *Teriaki*, estão nos mesmos casos.

O haschisch, a planta, é commum na India e em algumas regiões da Africa, por exemplo, no Egypto, onde se cultiva para o uso dos amadores d'esta droga. A parte mais activa reside nas summidades floridas; tem cheiro forte, particular; respirada por muito tempo póde occasionar vertigens.

A planta simples é muito menos empregada do que as suas preparações. Entretanto em algumas regiões (Turquia, Egypto, Tunis, Argelia), fuma-se ou masca-se como fumo, quer só, quer misturada com o fumo, ou com outras substancias. Na Turquia, na Anatolía, o haschisch é conhecido debaixo do nome de *esrar*, e consome-se sob a fórma de xarope addicionado de substancias aromaticas e aphrodisiacas, ou fuma-se em pastilhas do peso de cerca de 4 grammas, feitas com massa de esrar levemente torrada, e com forte infusão de café. O *madjoun* dos Argelianos é uma mistura de mel de abelhas e de pó de haschisch levemente torrado. Preparam-se tambem directamente, com a planta, infusos, decoctos, bebidas diversas.

O *extracto gordo* de haschisch dos Arabes é obtido fazendo ferver as summidades floridas da planta com manteiga e agua. Evaporada esta, e quando a manteiga se acha bastante saturada de principio activo, coâ-se. É uma preparação que se apresenta sob a fórma de unguento, tenaz, de côr amarella-esverdeada, de sabor e cheiro nauseabundos de manteiga e de haschisch ao mesmo tempo. A dóse é de 2 a 4 grammas, que se tomam quer em bolhinas quer em café. Mas por causa do cheiro acre, que tem, dão-lhe fórmas de electuario, de pastilhas, ajuntando-lhe substancias aromaticas, como canella, moscada, baunilha, essencia de rosas, almiscar, etc.

O *Dawa-mesk*, ou *Kava-mesk* (droga almiscarada), que é a principal d'estas preparações, é o extracto gordo ao qual ajuntam assucar, pistaches, amendoas, substancias aromaticas, entre as quaes o almiscar deve figurar, segundo a sua etymologia. Para tornal-o aphrodisiaco, accrescentam-lhe, dizem, ás vezes cantharidas. O dawa-mesk é de consistencia de electuario, arroxeado, de cheiro e sabor agradaveis. Toma-se na dóse de 20 a 30 grammas, quer sob a fórma de bolos, quer em café.

Effeito do haschisch. Os effeitos do haschisch consistem em determinar certa embriaguez e somnolencia particular. Em geral, estes effeitos são: transportes de alegria, suspiros, muitas vezes gritos, extases, hallucinações fantasticas, exaltações das ideias; o individuo vê, e de uma maneira clara, desenvolverem-se sem difficuldades os planos os mais com-

plicados; os seus projectos os mais caros realizam-se sem obstaculo. Os differentes phenomenos variam segundo os individuos, e mesmo segundo as disposições do momento: assim muitas vezes o haschisch determinou extases politicos, furores guerreiros, homicidios, etc.

Haschischina ou *cannabina*. É uma substancia resinoide, de côr verde, cheiro viroso, soluvel no alcool e no ether, á qual o haschisch deve as suas propriedades. A haschischina prepara-se tratando a planta secca pelo alcool, distillando para extrahir os tres quartos de alcool, e evaporando o residuo até obter um extracto molle. Trata-se este extracto pela agua que dissolve as substancias gommo-extractivas, e deixa a resina (a haschischina) que se faz seccar na estufa. 5 centigrammas de haschischina produzem o mesmo effeito que 2 grammas de extracto gordo. Foi empregada como medicamento na alienação mental e em algumas molestias nervosas, na dóse de 5 a 20 centigrammas, em poção ou pilulas.

Tintura de haschischina. Prepara-se dissolvendo 1 parte de haschischina em 9 partes de alcool a 90°. Parece que deo bons resultados contra o cholera na dóse de algumas gottas (5 a 15 centigrammas) em infusão de camomilla ou chá da India.

Extracto do canhamo indiano. Prepara-se tratando o canhamo indiano pelo alcool. É empregado contra a mania na dóse de 5 a 20 centigrammas em pilulas.

HETICA. (Febre.) *Veja-se* Febre hectica.

HEDYOSMUM NUTANS. Pequeno arbusto oriundo da ilha de Cuba e da Jamaica que muitos botanistas classificam na familia das Piperaceas e outros na das Chloranthaceas. Suas folhas longas e denteadas têm sido preconizadas como um remedio efficaz contra a dyspepsia, as nevralgias e os espasmos. São pouco usadas.

HEDYSARO. Nome commum a muitas plantas da familia das Leguminosas, das quaes um dos typos é o sanfeno cultivado, com o qual fazem-se fumigações rheumatismaes, e o outro o hedysaro do Gange recommendado como anti-dysenterico. Á mesma categoría pertencem os diversos amendoins dos quaes se extrahem oleos muito estimados.

HELLEBORO. O helleboro negro *Helleborus niger*, Linneo, Renunculaceas, e o helleboro branco *Veratrum album*, Linneo, Colchicaceas, são plantas cultivadas nos jardins como flores de ornamento. Gozavam antigamente de grande reputação contra a loucara, mas hoje não tem uso. As raizes são purgantes energicos; e toda a planta é um venemo narcotico-acre. Do helleboro branco extrahe-se uma substancia, chamada *veratrina*, que se emprega em fricções contra a amaurose e a paralysia do rosto.

HEMALOPIA ou **Hypohema.** Derramento de sangue na camara anterior do olho. *Veja-se* Olho.

HEMATEMESE. Vomitos de sangue. *V* Vomitos de sangue.

HEMATOCELE. Tumor constituido por uma collecção de sangue liquido ou coagulado em uma cavidade natural; os tumores sanguineos formados em cavidades artificiaes chamam-se hematomes (*Veja* esta palavra). Chama-se entretanto *hematocele do escroto* um derramamento de

sangue occasionado por uma pancada ou por uma queda sobre o escroto. A pelle do escroto fica com uma côr preta ou roxa que desapparece pouco a pouco; a cura se opera quasi sempre sem suppuração.

A *hematocele da tunica vaginal* é uma molestia mais grave e que leva mais tempo a sarar. Por uma pancada, e as mais das vezes, espontaneamente, após uma molestia do testiculo, as bolsas crescem de um lado, ficam grossas e pesadas. O tumor quasi que não é doloroso, ora é duro, quasi solido, ora molle e fluctuante, sendo difficil encontrar o testiculo no meio d'elle. Se abrir-se a bolsa, acha-se em sua cavidade, que é a da tunica vaginal, falsas membranas mais ou menos duras, e sangue preto. Quando a lesão é antiga, pode-se ahi encontrar somente a serosidade amarella com palhetas brilhantes compostas de cholesterina.

Esta affecção é perigosa por causa da suppuração que pode se declarar mesmo sem causa conhecida; alem d'isto o testiculo comprimido pelo derramamento, se atrophia e torna-se inutil.

O tratamento mais simples é a puncção seguida de um lavatorio; ás vezes, porem, isto não basta, torna-se necessario fazer com bisturi, uma grande abertura no escroto para tirar as falsas membranas. Quando a bolsa está muito espessa e muito dura, o cirurgião é obrigado a extirpar o testiculo, sacrificio que não é grande em razão da sua infecundação.

Debaixo do nome de *hematocele peri-uterina*, designa-se um tumor sanguineo que se forma entre o recto e o utero, nas mulheres de 20 a 40 annos, em consequencia de qualquer resfriamento ou um aborto, ou algum excesso de coito ou de copula quando a mulher tem suas regras.

Que esse sangue provenha do ovario ou de falsas membranas desenvolvidas sobre o peritoneo, os symptomas são sempre os mesmos: dôr violenta e subita no ventre e nos rins, pallidez extrema, resfriamento das extremidades e tendencia para syncopes. Mais tarde o ventre fica baloufo, apparecem os vomitos, e só então é que ao apalpar vaginal se descobre que existe um tumor que comprime o recto que é a causa da doente ter durante muito tempo, prisão de ventre. As doentes podem morrer de repente se a hemorrhagia interna é muito abundante, ou lentamente de peritonite. Nos casos mais favoraveis o sangue se resolve pouco a pouco, ou então, naturalmente faz-se um orificio na vagina ou no recto, pelo qual o derramamento escorre para fóra.

Quando se declaram os primeiros symptomas que façam receiar alguma hemorrhagia peri-uterina, é necessario obrigar o doente a um repouso absoluto, ficando deitada de costas.

Administra-se 5 a 10 centigrammas de extracto de opio e 1 a 2 grammas de centeio espigado; applicar-se-ha sobre o ventre uma bexiga de cautchuc cheia de gelo que se muda continuadamente. Logo que a molestia estiver confirmada, deve haver cuidado a que a doente tenha o ventre e a bexiga livres. As dôres do ventre serão calmadas com cataplasmas Hamilton ou de linhaça sobre as quaes se deitam 20 gotas de laudano de Sydenham.

Quanto ao tumor sanguineo se não tiver tendencia em diminuir e se ficar doloroso, fluctuante, prestes a suppurar, deve-se sem demora punc-

cional-o ou mesmo abrir a vagina no logar em que o tumor faz saliencia, para evaziar a bolsa e limpal-a. Alguns cirurgiões já tiveram, em certos casos, de abrir o ventre das doentes e conseguiram curar as operadas.

Mesmo depois da cura completa na apparencia, a hematocele peri-uterina deixa sempre uma serie de inconvenientes que duram mais ou menos tempo, são elles : dôres na occasião das regras, irregularidades na menstruação, sensibilidade do ventre, crises nevralgicas frequentes ou de tempos em tempos etc.

HEMATOME. Tumor constituido por snngue derramado nos tecidos, as mais das vezes, sob a pelle. É em consequencia de uma forte pancada que tem logar este accidente, sobrevem facilmente em certas regiões, como por exemplo, na cabeça. Forma-se um tumor pouco doloroso, duro na peripherie, mais molle no centro, ligeiramente fluctuante; que desapparece espontaneamente, ou comprimindo-se com uma atadura, restando uma ecchymose.

Ás vezes as hematomes suppuram, é necessario então fazer uma incisão, tirar os coagulos de sangue e o pus que contenham, lavar a bolsa e applicar em cima um chumaço imbebido em phenol Bobœuf ou em coaltar saponinado Le Bœuf misturado com agua, ou então agua phenicada a 3 por 100.

HEMATURIA. Emissão pela urethra de sangue puro ou misturado com ourina. Vulgarmente, dá-se-lhe o nome de *ourinas de sangue*.

Causas. A hematuria póde ser produzida por varias causas; taes são : um esforço violento, uma grande caminhada, a equitação prolongada, uma escándescencia intensa, pancadas sobre o ventre, uma quéda de um logar alto, e a presença da pedra na bexiga. As cantharidas podem occasional-a, quer sejam administradas internamente de uma maneira immoderada, quer em alguns casos raros, depois da applicação de largos vesicatorios. Póde depender das molestias dos rins (calculos, inflammação dos rins), das molestias da bexiga ou da urethra. Porém as mais das vezes é occasionada pelas influencias climatericas : é uma molestia dos paizes quentes; é frequente no Rio de Janeiro, onde de ordinario apparece espontaneamente; chamam-lhe n'estes casos *hematuria dos paizes quentes*, *hematuria intertropical* ou *hematuria chylosa*. Tratarei d'esta ultima variedade n'um artigo separado ; em primeiro logar fallarei das outras especies de hematuria.

Symptomas. A hematuria tem quasi sempre podromos que variam segundo o ponto das vias urinarias no qual tem logar a exhalação sanguinea. Se é nos rins, o enfermo sente dôr obtusa ou calor nas cadeiras ; se pelo contrario, a hemorrhagia deve fazer-se na bexiga, existe dôr profunda no pente, sensação de peso no anus e no perineo. A hematuria que é o effeito da absorpção das cantharidas é precedida de priapismo violento e de ardor em todas as vias urinarias. Aos symptomas, que precedem, juntam-se calefrios irregulares e vontade frequente de ourinar; quando o doente a satisfaz, deita sangue em maior ou menor abundancia. Esta excreção faz-se ás vezes livremente por um jacto con-

tínuo e sem soffrimento; outras vezes só com muitos esforços é que o liquido é expulso pouco a pouco e gotta a gotta. Ás vezes ha retenção de ourina; este accidente depende as mais das vezes do sangue coalhado que veio tapar o collo vesical. O aspecto do sangue varía; este liquido sahe ás vezes puro, quasi sem mistura de ourina, mas este caso é raro, e não se observa senão nos ferimentos dos rins. Em geral o sangue vem misturado com muita ourina; esta acha-se então tinta de vermelho ou de preto; distinguem-se além d'isto pequenos coalhos e, por meio do microscopio, muitos globulos sanguineos. Emfim, ás vezes a quantidade de sangue é tão pouco consideravel, que a ourina é apenas côr de rosa no momento de sua emissão, e não depõe grumos fibrinosos. Comtudo, examinando com o microscopio o sedimento no fundo do vaso, descobrem-se n'elle globulos sanguineos, isto é corpusculos de cerca de 1/120 de millimetro, lenticulares, amarellados, parecendo ter um nucleo central, insoluveis na agua e no acido azotico, soluveis no acido acetico. A ourina sangninolenta coagula-se além d'isto pelo calor e precipita abundantemente pelo acido azotico a albumina que o sangue lhe forneceo. A quantidade de sangue varía muito não sómente nas differentes épocas da molestia, mas ainda nas diversas emissões de ourina que se fazem no mesmo dia. Assim vio-se ás vezes, nas hemorrhagias renaes, a ourina tornar-se subitamente incolor, o que depende muitas vezes de que, estando obstruido por um grumo de sangue ou por um calculo o canal uretere do rim doente, a ourina provém sómente do rim do lado opposto.

Duração. A duração da hematuria póde não ser senão de um ou de dois dias; ás vezes só de algumas horas. Mas póde tambem ser de muitos mezes.

Accidentes. — A exhalação do sangue nas vias urinarias póde tornar-se a causa de muitos accidentes; assim, póde acontecer que um grumo de sangue, tapando o collo vesical, produza a retenção de ourina. Outras vezes o sangue coagulando-se no canal, chamada *uretere*, occasiona a accumulação nos rins do mesmo liquido e da ourina; o rim assim dilatado, póde formar um tumor volumoso, fazendo proeminencia nas cadeiras; mas estes factos são raros, porque se um uretere está obstruido, a obstrucção é em geral momentanea. Esta obstrucção póde produzir accessos de colica nephritica. Os symptomas, qualquer que seja aliás a sua fórma, céssam depois de pouco tempo, quando os doentes expulsaram, com dôr ou sem ella, maior ou menor quantidade de pedaços de fibrina descorada, alongada, tendo muitas vezes a fórma e o volume de uma lombriga, o que ás vezes deo logar a erros crassos.

Diagnostico. No diagnostico, trata-se de resolver diversos problemas:

1.° Cumpre saber reconhecer se a ourina é sanguinolenta. O aspecto do liquido e a natureza do sedimento bastam as mais vezes para determinar a existencia do sangue; porém nos casos duvidosos, é preciso recorrer á presença dos globulos sanguineos, que com effeito não se podem confundir com qualquer outra coisa.

2.° É preciso indagar se o sangue é exhalado nos rins, nos ureteres ou

na bexiga. As mais das vezes não se podem ter a este respeito senão presumpções. Suspeitar-se-ha que o sangue vem dos rins quando os doentes tiverem dôres e peso nas cadeiras, ou quando uma pancada ou alguma outra causa traumatica teve acção sobre ellas, ou emfim quando os doentes deitam filamentos fibrinosos, ramificados, que se formaram evidentemente na substancia renal. Nenhum signal póde fazer reconhecer se o sangue vem dos ureteres. Suspeitar-se-ha que o liquido foi exhalado na bexiga quando todos os phenomenos locaes foram concentrados n'este orgão; o sangue está então misturado menos intimamamente com a ourina do que quando vem dos rins.

Tratamento. Varía segundo as causas. Quando as ourinas sanguineas resultam de pancada ou de quéda, appliquem-se nas cadeiras pannos molhados em agua fria, e dê-se a beber limonada de vinagre.

Quando a molestia succede á absorpção das cantharidas, empregue-se um semicupio d'agua tepida, façam-se fricções no ventre com oleo camphorado, e dê-se a beber abundantemente infusão de linhaça. Se a hematuria depender da presença da pedra na bexiga, é preciso destruir esta causa.

O tratamento que convem na generalidade dos casos é o seguinte :

O doente deve guardar o repouso na posição horizontal. Tomar um clyster d'agua fria.

Comer pouco, e antes vegetaes do que carne.

Em muitos casos a hematuria faz-se com custo, e o doente deita fóra difficilmente a ourina ensanguentada, a qual, ás vezes, póde achar-se completamente retida na bexiga. Em semelhante caso o catheterismo torna-se necessario; e se alguns grumos volumosos parecem entulhar a bexiga, convem deixar no orgão uma sonda em permanencia, na esperança de que o sangue poderá ser arrastado parcialmente pela ourina.

Para fazer sahir a ourina retida pelo sangue coalhado, aconselham-se ainda os meios seguintes :

Introduzir na bexiga uma sonda elastica contendo uma outra menos grossa no seu interior. Chegada á bexiga, tira-se a sonda interior, e a ourina corre.

Introduzir na bexiga uma sonda elastica tendo no interior uma haste metallica flexivel, terminada por uma inchação espherica. Se os grumos obstruem os olhos da sonda, a inchação espherica esmaga os grumos, e a ourina corre á roda da haste.

Se não bastarem estes meios, introduzir na bexiga agua tepida por meio de grossa sonda, á qual se adapta uma seringa, e *aspirar* depois a agua com a mesma seringa tirando o embolo. Repetir as injecções e as aspirações, até verificar qne o liquido aspirado é apenas rubro. As injecções devem ser feitas com precaução e medida, afim de não dilatar extraordinariamente a bexiga e não romper-lhe as paredes.

Hematuria dos paizes quentes, *hematuria chylosa* ou *albumino-gordurosa, ourina leitosa, ourina chylosa, chyluria*. Taes são os differentes nomes de uma molestia que se desenvolve em certas e determinadas zonas do globo, caracterizada pela emissão de ourinas ora

brancas como o chylo, ora rubras como o sangue. Esta molestia quasi não é conhecida na *Europa;* os autores fazem apenas menção de quatro casos de ourinas leitosas em individnos que nunca deixaram a Europa; um caso observado em Pavia (Italia), dois na Inglaterra, um na Allemanha. Na *America* a molestia foi observada desde o 30° gráo latitude norte, até ao 35° gráo latitude sul. Procedendo do norte ao sul a hematuria chylosa existe na Nova-Orleans, Vera Cruz; nas ilhas de Cuba, Hayti, Martinica, Guadalupe; na Guayra, Porto-Cabello (Colombia), Guyana, no Brazil, Paraguay, Uruguay, Chili, Perú. Na *Africa*, a hematuria chylosa é commum no Egypto, no Cabo da Boa Esperança, no Port-Elisabeth, no Port-Natal, nas ilhas de Bourbon e de Mauricia. Na *Asia*, esta molestia foi notada na cidada de Calcutta e na ilha de Java.

A hematuria chylosa observa-se ordinariamente nas pessoas de 20 a 40 annos; é mais commum nas mulheres do que nos homens. No Brazil nota-se nas pessoas brancas e pretas; é mais frequente nas brancas; ataca indistinctamente os individuos de todas as condições.

Symptomas. Em geral, a molestia sobrevem de modo subito, sem ser precedida de padecimento algum; em alguns casos, porém, apparecem primeiro dôres nas cadeiras; em outros casos é precedida de calefrios, sensação dolorosa que estende das cadeiras até á bexiga e escroto, segundo a direcção dos canaes ureteres que levam a ourina dos rins á bexiga. Alguns enfermos sentem *pancadas* ou *pulsações* nas cadeiras. Esta sensação é geralmente subita, mui violenta; desapparece, porém, em pouco tempo. Em muitos casos a molestia não tem prodomos. O enfermo sente apenas um leve incommodo no dia que precede a invasão da molestia. É com muita surpreza que vê as suas ourinas rubras como sangue, ou brancas como leite. Tem frequente vontade de ourinar; as ultimas contracções da bexiga são acompanhadas de sensação de cozedura. A emissão da ourina é acompanhada ás vezes de coalhos, que atravessam o canal da urethra sem difficuldade uma vez que a bexiga está cheia.

Ourina, suas propriedades physicas, côr. — A ourina, examinada ao sahir do canal da urethra, apresenta côr ora rubra como sangue, ora branca como leite. Entre estas duas côres extremas, ha muitas graduações intermediarias. A côr das ourinas varía notavelmente no decurso do mesmo dia. De manhã, ao levantar-se da cama, as ourinas são geralmente de côr branca como leite; no decurso do dia tornam-se côr de café com leite. O repouso tem uma acção importante n'estas modificações. Quando o doente conserva-se deitado, ou não se entrega senão a um exercicio moderado, a parte da ourina que occupa o fundo do vaso apresenta apenas côr rosea; mas depois de uma longa caminhada, ou longo trajecto em sege ou a cavallo, a ourina torna-se sanguinolenta completamente, e mais coagulavel.

Coalho. A ourina abandonada no repouso separa-se em duas camadas. uma inferior, espessa, de côr vermelha; outra superior opaca ou leitosa, ou de côr rosea desmaiada, ás vezes resentindo-se de côr avermelhada. Um coalho occupa o fundo do vaso, tomando o seu molde. O volume

do coalho está em relação com a quantidade de sangue ou materias brancas gordurosas contidas na ourina. A formação dos coalhos tem logar ora no vaso, ora no interior do apparelho urinario. Os coalhos, que sahem pelo canal da urethra, apresentam-se sob dois aspectos: uns são molles, pouco alongados, de calibre bastante consideravel; outros são duros, delgados, tendo pouco mais ou menos o diametro da penna de pombo. Estes tem geralmente côr mais escura. Ás vezes os coalhos tem 8 a 10 centimetros de comprido, são vermiformes, com uma de suas extremidades inchada, levemente contorneada. Attribue-se esta fórma dos coalhos á sua formação na parte mais inferior dos ureteres, na embocadura d'estes canaes na bexiga.

O coalho que se forma fóra da urethra, no recipiente da ourina, apresenta tambem algumas particularidades: 1.° Na hematuria pura, precipita-se no fundo do vaso, tomando na sua massa a maior parte dos globulos sanguineos. 2.° Nas ourinas de aspecto leitoso, chyloso, o coalho encerra nas suas malhas grande parte do liquido. Tem-se uma gelea tremula, apresentando grande analogia com o leite coalhado. A quantidade da ourina varía segundo a sua qualidade. As ourinas excedem a quantidade normal, quando são puramente chylosas; são abaixo d'ella, quando o liquido é sanguinolento. Estes casos não são constantes. Em geral, as ourinas chylosas não apresentam augmento sensivel na quantidade. É sobre este facto que se estabelece a differença com o diabetes.

Acção do calor e do acido azotico. Debaixo da influencia d'estes dois agentes, as ourinas dão um abundante precipitado que apresenta todos os caracteres da albumina. A abundancia d'este precipitado está em relação com a quantidade dos globulos do sangue e com os corpusculos de materias gordas.

Presença do acido urico. O acido urico encontra-se frequentemente nas ourinas sanguinolentas e chylosas. Conhece-se pelo sedimento avermelhado, rugoso ao tocar, que se depõe nas paredes do vaso. Ás vezes o acido urico forma areias a que se attribuem as colicas nephriticas que sentem alguns enfermos.

Globulos rubros de sangue. O exame da ourina ao microscopio, com augmento de 350 diametros, deixa vêr globulos sanguineos, bem que muitas vezes o aspecto exterior não indica a presença do sangue.

Globulos brancos. Por meio do microscopio avistam-se muitos corpusculos brancos, que parecem ser leucocythos.

Granulações pulverulentas. Todos os autores são unanimes a reconhecer que a côr branca das ourinas de aspecto chyloso é devida, pela maior parte, a granulações mui delgadas, pulverulentas, de natureza gordurosa. Estas moleculas são soluveis no ether.

Cylindros e cellulas. Além dos corpusculos de sangue rubros e brancos, e de grande copia de moleculas de gordura, a ourina de hematuria contém innumeros cylindros fibrinosos, semelhantes aos que se observam em muitas affecções dos rins. As cellulas epitheliaes que se encontram soltas, e ás vezes em grupos, são provenientes de todas as partes das vias urinarias, do calyce renal, dos ureteres, da bexiga.

Vermes. O mieroseopio revela a presença de vermes na ourina dos hematuricos dos paizes quentes. Estes vermes foram encontrados em 1851 no Egypto por Bilharz; na Bahia pelo Dr. Ôtto Wueherer em 1866; na Guadalupe, ilha das Antilhas franeezas, pelo Dr. Crevaux em 1870. Os vermes do Egypto, foram observados na *bexiga* dos doentes falleeidos não de hematuria, mas sim de outra molestia. Os da Bahia e da ilha Guadalupe foram notados na ourina exeretada pelo doente durante a vida : ambos apresentavam os mesmos earaeteres; differem dos vermes do Egypto.

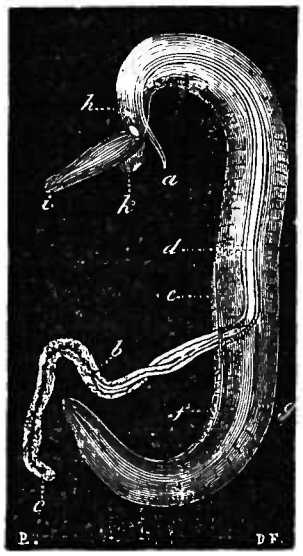


Fig. 538. — *Distomum hæmatobium*, segundo Bilharz, macho e femea, muito augmentados; vermes que foram achados nas paredes da bexiga, no Egypto (*).

O verme do Egypto é do genero *Distomum*; foi ehamado por Bilharz *Distomum hœmatobium* (fig. 538), sendo o maeho um entozoario vermiforme, medindo 7 a 9 millimetros de eomprimento; a femea é filiforme mais eomprida e mais delgada do que o maeho. O eorpo do maeho é provido de eanal *gynœcophoro*, em fórma de fenda, no qual se aloja a femea, durante o aeto de eopular. A fig. 538 representa estes vermes eonsideravelmente augmentados. Foram eneontrados por Bilharz e Griesinger no Egypto, nas paredes da bexiga, ou nas vegetações que eobrem a sua membrana mueosa, nos ureteres e nos bassinetes ou reservatorios dos rins, do qual partem os ureteres. Os rins, n'estes easos, eram volumosos, e estavam engurgitados de sangue.

O *verme encontrado na ourina dos hematuricos no Brazil* é filiforme (fig. 539), tendo uma extremidade mui delgada e outra obtusa; na obtusa vê-se um pequeno ponto que se não póde bem distinguir se é um orifieio. O seu eomprimento é de 1/4 de millimetro, a largura de 1/10 de millimetro. Foi o Dr. Otto Wueherer que deseobrio o primeiro este verme em 1866 na ourina de uma mulher e de um homem, affeetados de hematuria na Bahia. Examinando ao mieroseopio uma partieula do eoalho, do tamanho da eabeça de um alfinete, deseobrio estes vermes; eram numerosissimos; estavam vivos e exeeutavam movimentos ondulatorios muito energieos. A razão porque os não deseubrio mais cedo, diz o Dr. Wueherer, é porque nos preeedentes exames omittia examinar os coalhos, procurando os vermes nos depositos da ourina e não nos eoalhos, onde elles se eneontram em abundaneia. O Dr. Wueherer teve depois a oecasião de eneontrar estes vermes nas ourinas de alguns outros doentes, em tudo 28 pessoas, todas na eidade da Bahia, 16 mu-

(*) *a*, *b*, *c*, a femea contida em parte no canal *gynœcophoro*; *a*, extremidade anterior; *c*, a extremidade posterior; *d*, o corpo. — *e*, *f*, *g*, *h*, *i*, o macho; *e*, *f*, canal gynœcophoro; a femea foi extrahida em parte d'este canal para lhe deixar visivel a disposição; *g*, *h*, limite dorsal da face ventral que constitue o canal; *i*, ventosa buccal; *k*, ventosa ventral; entre *i*, e *h*, o tronco; atraz do *h*, a cauda. (Esta figura foi extrahida da obra do Dr. Davaine : *Traité des entozoaires.*)

lheres e 12 homens, todas as pessoas sendo adultas. Algumas tinham mais de 56 annos. Uma preta tinha só 16 annos. D'estas 28 pessoas 20 eram brancas, 5 pardas, e 3 pretas.

Outros medieos da Bahia confirmáram as observações de Wueherer. O Sr. Dr. José Luiz de Almeida Couto reunio estas observações na exeellente these do eoneurso para o logar de Lente oppositor da Faculdade de medieina da Bahia, que publieou na Bahia em 1872 sob o titulo de *Hematuria endemica dos paizes quentes*. N'esta these refere sete easos observados por elle mesmo, e apresenta a figura dos vermes eneontrados na ourina dos hematuricos da Bahia; é esta figura que eu reproduzo na presente obra (fig. 539).

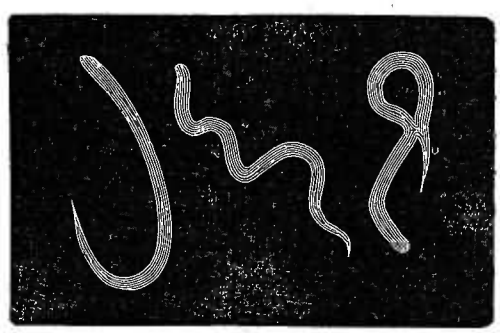


Fig. 539. — Vermes encontrados na ourina dos hematuricos do Brazil, consideravelmente augmentados. O do centro representa as ondulações do animal vivo, segundo o Sr. Dr. José Luiz de Almeida Couto.

Resulta de todas estas observações que a hematuria do Brazil eoineide com um verme que é differente do *Distomium hæmatobium*, verme que acompanha a hematuria do Egypto. O Dr. Leuckart, distineto helminthologista de Leipzig, a quem o Dr. Wueherer remetteo da Bahia estes vermes, seeeos, sobre um panno, deelarou positivamente que não perteeem ao *Distomum hæmatobium*, mas, sim, que são embryões de um *nematoide*, provavelmente pertencentes á familia dos *Strongylides*, que habita uma ou outra parte das vias urinarias, e pareee que nos rins pois que os cylindros albuminosos que se aeham na ourina, demonstram um padecimento d'estes orgãos.

Pareee, com effeito, evidente, que os vermes aehados na ourina dos doentes da Bahia, não se achavam ainda no estado de completo desenvolvimento; eram embryões; não se lhes descobria differença do sexo; por eonseguinte só a autopsia póde eselarecer o diagnostieo. Ora, este easo não se deo, porque a molestia não é mortal. Os exames eadaverieos de Bilharz e Griesinger no Egypto foram provavelmente feitos sobre os individuos fallecidos de outra molestia, e não de hematuria, de que estes individuos estavam ao mesmo tempo affeetados.

Em 1872, um medieo da marinha franceza, o Dr. Crevaux, publicou, uma these sobre a hematuria dos paizes quentes, na qual relata o easo de um moço de 15 annos, braneo, que foi aeommettido d'esta molestia na ilha de Guadalupe, d'onde era natural. Um dia, ao ourinar, o doente rendeo um pequeno coalho filiforme, denso, de côr rubra-escura. Examinando este eoalho ao mieroseopio, de 80 diametros, o medieo verifieou um movimento entre as malhas do teeido fibrinoso, no meio dos globulos sanguineos, e reeonheeeo a presença de vermes filiformes do eomprimento de 1/4 de millimetro, da largura de 1/10 de millimetro, obtusos n'uma extremidade, muito delgados na outra. Pelo desenho que juntou

á descripção da sua these, estes vermes são semelhantes aos vermes observados na Bahia.

MARCHA, DURAÇÃO, PROGNOSTICO. A duração da hematuria dos paizes quentes é indeterminada. Abandonada a si mesma esta molestia desapparece muitas vezes ao cabo de alguns dias, semanas ou annos. A affecção vem por accessos; muitas vezes os doentes tem um só accesso de pouca duração. Outros, pelo contrario, soffrem d'ella apezar das medicações mais diversas, durante notavel periodo da existencia. Não obstante sua longa duração, raras vezes se alteram as forças; a saude geral é ordinariamente perfeita a molestia não é mortal por si mesma. No Brazil não ha noticia, pelo menos que eu saiba, de um só caso d'esta doença que terminasse pela morte. Ella é só afflictiva, nos homens, por causa dos coagulos que vem ás vezes entupir o canal da urethra, accidente que, aliás, se póde remediar com facilidade.

Causas. A descoberta dos vermes na ourina das pessoas affectadas de hematuria dos paizes quentes autoriza a concluir que esta molestia é de natureza verminosa. Suppõe-se que os vermes rasgam os vasos sanguineos e lymphaticos do apparelho urinario. Estabelecida a communicação, o contendo d'estes vasos penetra nos rins, e d'aqui resulta a presença do sangue e do chylo na ourina. Mas d'onde vem os vermes? Julga-se que os seus ovos penetram pela pelle, ou são levados pelas aguas e alimentos ao interior do organismo, onde tem a faculdade de viver, desenvolver-se e multiplicar-se.

Tratamento. A principal indicação no tratamento de hamaturia chylosa, acompanhada de vermes no apparelho urinario, consiste em destruir ou expellir estes animaes. Os medicamentos são : a essencia de terebinthina, o iodureto de potassio, e a camphora.

O emprego da essencia de terebinthina, explica-se pelo bom resultado que com ella se obtem contra os vermes intestinaes e especialmente contra a tenia. O iodureto de potassio tem a propriedade de destruir os vermes existentes no organismo e os seus ovulos. Uma sanguesuga mergulhada na solução de iodureto de potassio torce-se, depois perde os movimentos e morre ao cabo de uma hora. Mergulhada na solução por alguns segundos, depois lavada e mettida na agua pura, fica immovel e doente durante alguns dias. Quanto á camphora, todos sabem que as suas emanações destroem os insectos, e conheço um caso de cura de ourinas chylosas pelo uso externo e interno das preparações de camphora.

Eis-aqui o receituario :

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina.....	10 centigrammas.
Cera branca.....	10 —
Assucar em pó.....	quantidade sufficiente.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte o assucar, faça 1 pilula, e como esta mais 99. Dóse : 6 a 12 pilulas por dia.

Xarope de terebinthina..... 500 grammas.

Para beber 30 a 60 grammas por dia. A essencia de terebinthina póde tambem tomar-se em perolas do Dᵒʳ Clertam que se acham nas pharmacias.

Solução de iodureto de potassio.

Iodureto de potassio.....	10 grammas.
Agua.....	290 —

Para beber uma colher *de sopa*, em meia chicara d'agua, duas vezes por dia.

O tratamento pelas preparações de camphora é o seguinte :

Applicar no ventre a cataplasma vermifuga, regada com 15 grammas d'agua sedativa; applicar nas cadeiras pannos molhados em alcool camphorado; internamente tomar tres pilulas camphoradas por dia. Seguir este tratamento durante oito dias pelo menos. Eis-aqui o receituario :

Cataplasma vermifuga.

Cataplasma de linhaça..	125 gram.	Assafetida.....	50 centigram.
Dente de alho.....	Nº 1	Pomada camphorada.	2 gram.

Misture a cataplasma de linhaça com o dente de alho pisado, e incorpere a assafetida triturada com a pomada camphorada. Esta cataplasma applica-se no ventre; mas antes de applical-a, rega-se com 15 grammas d'agua sedativa.

O Dr. John Harley, que exercicia a medicina no Cabo da Boa Esperança, aconselha as injecções pelo canal da urethra no interior da bexiga com a solução de iodureto de potassio em macerato de quassia, em dóse diaria de 5 centigrammas de iodureto, e progresivamente até 2 grammas, para 150 grammas de macerato em agua fria de quassia. Estas injecções, porém, não são empregadas pelos medicos brazileiros, e o Sr. Dr. José Luiz de Almeida Couto, autor da these acima citada, duvida da sua proficuidade, porque as injecções certamente não podem levar seus effeitos até aos rins.

Esta singular molestia desapparece algumas vezes sem applicação de medicamentos. Acontece tambem que o remedio que cura a primeira vez não cura a segunda. Um habitante do Pará, que veio a Lisboa no fim de 1869 e me consultou por carta, ficou bom da hematuria em menos de oito dias, pelo uso interno e externo das preparações de camphora (10 de Janeiro de 1870); regressou para o Pará e esteve bom durante 21 mezes (até 10 de Outubro de 1871); depois do que voltou-lhe novamente a hematuria. Como era natural, recorreo á camphora que já o tinha curado; o remedio porém foi inutil. Lançou então mão das perolas de terebinthina de Clertam, e no fim de 15 dias d'este tratamento tornou a ficar bom, e assim se conservou cerca de 9 mezes (até 10 de Agosto de 1872). Voltou a molestia, a principio com intervallos, mas depois permanente. Tornou então a tomar a essencia de terebinthina, sem tirar o menor resultado nem conhecer a minima differença. Finalmente achava-se já desanimado, quando um medico do Pará lhe receitou chá de *barba de paca,* planta do mato, tres chicaras por dia, e no fim de

15 dias, achou-se bom pela terceira vez. Isto passou-se no fim de 1872; e eu não tive mais noticias d'este interessante doente desde o mez de Janeiro de 1873.

Os medicamentos adstringentes acham tambem applicação racional na hematuria com o fim de obstar á hemorrhagia. São perchlorureto de ferro, extracto de ratanhia, cato, tannino. De todos os adstringentes foi o perchlorureto de ferro que deo melhor resultado. Receita-se pela fórma seguinte:

Poção com perchlorureto de ferro.

Perchlorureto de ferro liquido a 30°.....	1 gramma.
Agua distillada.....	120 grammas.
Xarope simples.....	30 —

Para beber em duas dóses, metade pela manhã, outra metade pela noite. Repete-se a poção no dia seguinte, e continua-se por oito dias.

A alimentação do doente deve ser corroborante afim de manter as forças compromettidas pela molestia: bons caldos, carne assada, vinho do Porto, geleas animaes e vegetaes, mingáos de tapioca, etc. Os banhos do mar ou de rio aproveitam tambem como tonicos.

Se a hematuria fôr acompanhada de sedimentos de acido urico ou areias, convem empregar o bicarbonato de soda, agua de Vichy ou de Vidago.

Eis-aqui a formula:

Bicarbonato de soda.....	30 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar 1 papel pela manhã, outro á noite, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Póde-se tambem ensaiar a copahiba, porque existem alguns casos de hematuria dos paizes quentes curados por esta resina. Dóse: 8 a 16 grammas por dia, em capsulas de Josaphat.

Em casos rebeldes, é preciso mudar de clima; deixar as regiões intertropicaes, ou morar na mesma região, mas n'uma localidade mais elevada e portanto menos quente. A emissão dos coalhos necessita ás vezes a introducção da sonda. Nos primeiros tempos da hematuria, a emissão dos coalhos é a preoccupação contínua do doente; mas não tarda a observar-se, a engenhar-se para evitar a introducção da sonda. Para chegar a este fim é preciso: 1.° Não ourinar senão quando a bexiga está bem cheia; 2.° Começar por uma contracção energica; 3.° Quando o coalho está no canal da urethra, contrahir fortemente; não persistir, se o coalho não passar na segunda contracção; 4.° Não tornar a começar a tentativa, senão quando a bexiga estiver completamente cheia.

De manhã, apezar da accumulação das materias colhadas na bexiga, os doentes ourinam de ordinario com bastante facilidade; as particulas do coalho desaggregam-se; a divisão da massa torna a resistencia quasi nulla. O coalho dissolve-se ás vezes completamente na ourina contida na bexiga. Mas se acontecer, que a sahida dos coalhos seja impossivel, será necessario recorrer á introducção de grossa sonda na bexiga, ás

injecções d'agua tepida, como ficou explicado na pag. 117 d'este volume.

HEMERALOPIA. Doença que affecta a vista e que consiste em grande diminuição do poder visual quando o doente se acha em logar pouco alluminado ou quando se approxima a noite. Logo que o dia começa a escurecer, vê-se a pupilla do individuo se dilatar muito e a vista diminuir. Em plena luz a visão é mais ou menos normal. Esta doença é epidemica nos quarteis, provem da anemia, dos excessos, e de nutrição insufficiente. Muitos rapazes para escaparem do serviço militar fingem ter hemeralopia; a fraude, porem, é descoberta dentro de pouco tempo.

O tratamento da hemeralopia consiste em tomar tonicos, e revulsivos, ter bôa hygiene, é quanto basta para curar esta doença quando não é um symptoma da amaurose.

HEMICRANIA. Dôr nervosa que occupa metade da cabeça. *Veja-se* ENXAQUECA.

HEMIDESMO INDIO. Planta da familia das Asclepiadeas, genero cynanche, chamada tambem salsaparilha india. Tem a raiz fina, comprida e um pouco torcida. É diuretica e provoca suores. Fazem-se com ella infuõses e xaropes.

HEMIPLEGIA. Paralysia da metade direita ou esquerda do corpo. *Veja-se* PARALYSIA.

HEMOGLOBINA. O ferro representa no nosso organismo um papel muitissimo importante; todas as materias do nosso corpo contêem d'elle quantidades appreciaveis; mas é principalmente no sangue que elle se encontra em maior abundancia. Um litro d'este liquido contêm 54 centigrammas de ferro.

Quando por uma causa qualquer, disposição natural, excessos, hemorrhagias de qualquer natureza, convalescencias de molestias graves, residencia em paiz quente, etc; a proporção do ferro que o sangue contêm vem a diminuir, o doente cahe em anemia, estado caracterizado pelo enfraquecimento geral de todas as faculdades; a pallidez do rosto e dos tecidos, a falta de appetite, acompanhada d'indisposição do estomago, symptomas aos quaes se vêem junctar na mulher a irregularidade, e algumas vezes a suppressão dos menstruos; emfim, todos os accidentes do estado nervoso.

A anemia é uma molestia dos globulos sanguineos que se alteram e destroem pela falta de ferro. Estes globulos constituem a parte vital do sangue. No individuo em perfeito estado de saude, encontram-se approximadamente 5 milhões d'elles por millimetro cubico de sangue (25 milhares por colher de chá); no anemico o numero de globulos por millimetro póde descer a 300,000 : abaixo d'este numero a vida é impossivel.

Os globulos sanguineos devem a sua côr escarlate e a sua acção physiologica, a uma materia albumino-ferruginosa, chrystallisavel e claramente definida, a que chamam hemoglobina, e cuja formula chimica é segundo Preyer, $C^{600}H^{960}Az^{154}O^{179}SFe$.

A ideia de fazer absorver aos anemicos ferro para preencher aquelle que lhes falta no organismo, é aliás muitissimo antiga; é todavia necessario dar aos doentes o ferro debaixo de uma formula que possa assimilar-se ao sangue.

A hemoglobina soluvel de V Deschiens é uma combinação organica. contendo o ferro no estado d'hemoglobina; quero dizer tal qual elle existe nos globulos sanguineos. Este preparado admiravelmente supportado pelos doentes, os mais enfraquecidos e os mais delicados, nunca provocou a menor fatiga no estomago e nos intestinos, assim como não provoca a prisão de ventre, nem tem nenhuma influencia nociva sobre os dentes, póde ser empregada mui efficazmente nas doenças do peito, como tonico e fortificante.

Seria muito longo reproduzir aqui as numerosas observações de curas feitas, tanto em particulares como nos hospitaes; são porem identicos em todos os casos os resultados obtidos.

Um dos primeiros effeitos d'este medicamento, é a volta do appetite logo no fim de alguns dias, seguidos immediatamente da volta das forças e das côres do rosto, labios e mucosas em geral.

Estes symptomas favoraveis teem por causa, uma modificação interna do maior valor scientifico; com effeito ajudados por engenhosos instrumentos imaginados pelo professor Hayem e pelo doutor Melassez para a numeração dos globulos; tem-se examinado regularmente nos hospitaes, o sangue dos doentes tratados pela homoglobina soluvel; e tem-se verificado em todos os casos o augmento continuo e rápido dos globulos assim como o progressivo augmento do seu colorido.

A hemoglobina é não só um poderoso ferruginoso, mas ainda um alimento muito rico em principios azotados; não ha pois nenhum inconveniente em continuar o tratamento ainda por mais algum tempo, mesmo depois da cura, para assegurar a volta absoluta das forças e das faculdades vitaes.

Os preparados d'hemoglobina, são apresentados debaixo de tres formas segundo a prescripção dos medicos ou o gosto do doente; xarope, vinho confeitos e granulos.

As primeiras applicações d'este medicamento foram feitas no hospital Cochin pelo doutor Dujardin-Beaumetz, membro da Academia de medecina de Pariz e do conselho d'hygiene, que communicou á Sociedade therapeutica (sessão de 22 de julho de 1885) os admiraveis resultados que lhe deo a hemoglobina no tratamento da chlorose e da anemia.

O doutor Polaillon, professor agregado, membro da Academia de medicina, cirurgião do hospital da Pitié, empregou este producto com sucesso.

O doutor Le Roy des Barres, cirurgião do hospital S. Denis e da Casa d'Educação da Legião de Honra, obteve com a hemoglobina soluvel a cura d'um grande numero de individuos accomettidos de chloroanemia.

Emfim muitos dos mais habeis praticos prescrevem diariamente os preparados de hemoglobina, e obteem os resultados os mais satisfactorios.

O xarope contem por cada colher das de sopa 2 gr. 85 d'hemoglobina.

Modo de usar : O xarope d'hemoglobina póde tomar-se puro, mas é preferivel juntar-lhe uma pouca de agua pura ou gazosa, com a qual elle forma uma bebida limpida e agradavel (*uma colher das de sopa n'um quarto ou meio copo d'agua*).

A dóse ordinaria é : para os adultos, duas a quatro colheres de sopa por dia, cada colher alguns minutos antes das refeições ou pelo dia adiante.

Para as crianças : segundo a idade, uma ou duas colheres de sopa que se podem dividir em diversas vezes tomando-as em colheres das de chá (cada colher das de sopa equivale a trez das de chá).

No caso d'anemia grave ou de grande fraqueza, as dóses acimas podem ser augmentadas e mesmo duplicadas sem inconveniente.

O vinho d'hemoglobina de V. Deschiens, é uma dissolução especial d'hemoglobina crystallisada em vinho velho d'Hespanha de primeira qualidade. É um tonico fortificante muito energico e muito agradavel, é graduado na dose de 3 grammas d'hemoglobina por cada colher de vinho.

Toma-se um calice de vinho, duas ou trez vezes por dia, e antes ou depois de comer.

Para as crianças, um calice, dos de licor, duas vezes por dia.

Os confeitos são fabricados na dóse de 25 centigrammas d'hemoglobina, podem ser indifferentemente desfeitos na bocca ou engulidos; constitutem para os adultos uma pilula, e para as crianças uma amendoa agradavel.

Tomam-se tres a seis confeitos no principio de cada refeição.

Para as crianças : segundo a idade, um ou dois a cada refeição,

Este producto que é ao mesmo tempo um medicamento e um alimento, não pode nunca, mesmo tomado em excesso, occasionar o menor accidente; seria pois de grande vantagem para as crianças delicadas, substituil-o pelos doces que se lhes dá habitualmente.

HEMOPTYSE. *Veja-se* ESCARROS DE SANGUE.

HEMORRHAGIA. Toda a effusão de sangue fóra dos vasos destinados para contêl-o é hemorrhagia, seja qual fôr a causa d'este phenomeno e o logar em que se opera, quer o sangue corra para fóra, quer se derrame em alguma cavidade interna do corpo. As numerosas affecções comprehendidas sob esta denominação, offerecem entre si differenças notaveis. Umas resultam de certa lesão manifesta dos conductos em que circula o sangue; outras tem logar sem alteração sem que se possa explical-as. Estas chamam-se *hemorrhagias espontaneas;* aquellas *traumaticas.*

As *causas* que predispõem ás *hemorrhagias espontaneas* são : os grandes calores, o frio vivo e secco, a habitação em logares elevados e o abuso das comidas demasiadamente excitantes, o simples uso de alimentos abundantes e mui nutrientes, café, bebidas espirituosas, paixões violentos, na occasião de uma diminuição consideravel e rapida da pressão atmospherica, e, por conseguinte, nas pessoas que galgam altas monta-

nhas e nas que se elevam em balões. Sobrevem outrosim em consequencia da suppressão de um fluxo sanguineo habitual, como hemorrhoidas ou menstruos. Mas excepto estas causas, a hemorrhagia exige nos individuos que affecta uma d'aquellas condições desconhecidas da organização, a que se chama *predisposição*. A idade tambem influe muitissimo na producção das hemorrhagias, e em especial no logar que occupam : raras na infancia, tornam-se mui communs até á idade viril, para diminuirem de frequencia na velhice. Ha muito tempo se disse que o fluxo de sangue pelo nariz é a hemorrhagia dos adolescentes, os escarros de sangue a dos moços, as hemorrhoidas a dos adultos; e emfim, que o derramamento de sangue no cerebro, ou a apoplexia, era o triste apanagio da velhice. A observação quotidiana prova a verdade d'este facto, tomado em geral.

Em todos os casos, a hemorrhagia pruduz uma fraqueza que depende da abundnacia do sangue, da rapidez com que corre, do orgão de que sahe, e da força do individuo. Se, entretanto, esta quantidade fôr mediocre e o individuo robusto, as forças não diminuem, até ás vezes, o doente sente-se mais agil do que antes; mas se a hemorrhagia fôr muito abundante, dá então logar á pallidez do rosto, á diminuição da contractilidade muscular, ao resfriamento dos pés; em um gráu ainda mais consideravel, produz vertigens, zunido nos ouvidos, suores frios, e ás vezes convulsões. A existencia d'estes signaes basta para dar a conhecer as hemorrhagias internas. Alguns d'esses phenomenos podem depender mais da influencia que exerce a ideia do perigo no moral do doente, do que do enfraquecimento produzido pela perda de sangue. Um terror machinal, de que é tão susceptivel a criança que principia a andar como o homem mais destemido, acompanha o individuo que suppõe perder todo o seu sangue. Sabe-se que só a vista do sangue causa desmaio a muitas pessoas, bem que dotadas de incontestavel coragem. Um dos caracteres mais curiosos, que apresentam as hemorrhagias espontaneas, é a tendencia a renovarem-se e até a tornarem-se periodicas. Isto observa-se sobretudo nas hemorrhoidas e fluxos de sangue do nariz; mas todas as hemorrhagias, sem excepção, podem apresentar este phenomeno.

Depois d'estas considerações geraes, examinemos agora as hemorrhagias em particular.

Hemorrhagia anal. Póde depender dos tumores hemorrhoidaes, do fluxo intestinal, da fissura no anus, ou ser simplesmente occasionada pelas materias excrementicias endurecidas nas pessoas que soffrem da prisão de ventre. N'este ultimo caso, é preciso recorrer aos clysteres d'agua morna na occasião de ir á banca; para os outros : *Veja-se* HEMORRHOIDAS, HEMORRHAGIA INTESTINAL, FISSURA NO ANUS.

Hemorrhagia arterial. É occasionada por uma ferida da arteria. Conhece-se pelo corrimento do sangue vermelho que esguicha por movimentos isochronos ás pancadas do coração, e pela formação de um tumor que apresenta pulsações.

Os meios empregados para atalhar a hemorrhagia arterial são de

duas ordens : uns tem por fim suspender o corrimento de uma maneira momentanea, até que se possa obrar mais efficazmente; outros produzem a occlusão definitiva do vaso. Os meios provisorios devem occupar-nos mais que os meios definitivos, que são exclusivamente pertencentes á cirurgia : os primeiros, pelo contrario, devem ser conhecidos das pessoas estranhas á arte de curar, que muitas vezes podem achar-se no caso de salvar a vida a alguns de seus semelhantes, mediante praticas simples que permittirão esperar a chegada do medico.

Entre estes meios, a compressão é sem contradicção o mais simples e o mais efficaz; póde-se exercer sobre a mesma ferida : a ponta do dedo, apoiada com leve esforço sobre o orificio do vaso aberto, basta para fazer cessar instantaneamente o corrimento de sangue. Mas, quando o vaso está escondido no fundo de uma ferida tortuosa, de maneira que não se póde ver a sua abertura, é preciso carregar sobre a ferida com muito mais força; sem o que o sangue se derramará por baixo da pelle. Ainda é melhor, em logar do dedo, applicar fios ou pedaços de panno, os quaes se mantem mediante uma atadura bem apertada. Quando a hemorrhagia persiste, interpõem-se ao apparelho peças de moeda, que comprimem com muito maior força do que o panno. Os numerosos meios definitivos empregados contra as hemorrhagias arteriaes são : a laqueação, a torsão, os refrigerantes, os adstringentes, o ferro quente. os causticos, etc.; estes não podem ser praticados senão por um cirurgião. *Veja-se* tambem o artigo Arteria *(Feridas da)*, vol. I, pag. 219.

Hemorrhagia da bocca. As differentes partes da bocca podem ser a séde de hemorrhagia, que póde provir do estado fungoso das gengivas, do ferimento da membrana mucosa da bocca, ou da extracção de um dente.

Se a hemorrhagia seguir a extracção de um dente, é preciso applicar pedra infernal, ou panno molhado na solução de perchlorureto de ferro. Quando se descobre a séde da hemorrhagia, não é preciso perder o tempo com vinagre, cumpre immediatamente recorrer á applicação da solução de perchlorureto ferro.

Se não se avistar o ponto d'onde sahe o sangue, convem empregar os gargarejos com agua e vinagre, ou melhor ainda 10 gottas de solução de perchlorureto de ferro em meio copo d'agua fria.

Hemorrhagia dos bronchios. *Veja-se* Escarros de sangue.

Hemorrhagias capillares. São as mais frequentes de todas, e as que se podem atalhar com mais facilidade. A compressão directa, por pouco energica que seja, basta de ordinario n'este caso. Ás vezes, entretanto, é mister recorrer a meios mais poderosos; por isso, acontece frequentemente que as picadas das sanguesugas, que só offendem os vasos capillares, produzem uma hemorrhagia que resiste á compressão. N'este caso recorre-se ás applicações adstringentes, absorventes e até causticas. Os absorventes são substancias molles e esponjosas, as quaes, applicadas sobre as feridas, favorecem a formação de grumos de sangue. Póde-se, para este fim, empregar a teia d'aranha; o panno queimado, a isca, fios, etc.; os absorventes devem ser ajudados por una compressão branda.

Se o sangue não parar, empreguem-se os adstringentes, que actuam apertando ou condensando os tecidos. Os mais usados são o vinagre, o sumo de limão, com os quaes se embebem os fios que se applicam sobre as feridas, ou a pedrahume pulverizada. A solução de perchlorureto de ferro a 30 gráus é um meio muito empregado hoje. Basta molhar fios, ou um pedaço de isca n'esta solução, applical-a sobre o logar do qual sahe o sangue, e comprimir algum tanto, para fazer cessar a hemorrhagia. A pedra infernal, que se emprega para cauterizar as picadas das bichas que deitam muito sangue, é quasi o unico caustico usado hoje para vedar as hemorrhagias capillares. É de applicação facil: basta demoral-a alguns instantes na ferida, para ver formar-se uma escara que tapa os orificios dos vasos abertos, e impede a sahida do sangue. Este meio emprega-se tambem nas hemorrhagias consecutivas á extracção de um dente.

Hemorrhagia cerebral. *Veja-se* APOPLEXIA.

Hemorrhagia depois da extracção de um dente. *Veja-se* DENTE, vol. I, pag. 802.

Hemorrhagia pelo embigo. *Veja-se* vol. I, pag. 937.

Hemorrhagia do estomago. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

Hemorrhagia intestinal. — *Causas.* A hemorrhagia intestinal póde ser essencial, isto é, sem lesão do estomago, ou symptomatica de alguma molestia d'este orgão. Póde ser produzida por causas directas taes como venenos corrosivos, purgantes drasticos, sobretudo as coloquintidas e o aloes; póde tambem apparecer espontaneamente sem causa conhecida. A maior parte das hemorrhagias symptomaticas dependem das ulcerações da membrana mucosa dos intestinos, ás vezes da degenerescencia cancerosa.

Symptomas. Alguns enfermos experimentam, um ou dois dias antes da hemorrhagia, uma sensação de incommodo, ou dôres, picadas no ventre e nas cadeiras. Na maior parte dos casos, porém, não ha podromos. Alguns doentes experimentam dôr obtusa no embigo, seguida de fraqueza, desmaio, suores frios. Logo depois sentem necessidade imperiosa de ir á banca, e deitam alguns excrementos solidos a principio, e depois uma quantidade mais ou menos consideravel de sangue fluido ou coalhado, puro ou misturado com materias intestinaes, e mais ou menos alterado, segundo o ponto em que foi exhalado e conforme o tempo que este sangue se demorou no intestino. Póde-se avaliar a dois ou tres copos a quantidade média do sangue que os doentes perdem na maior parte das hemorrhagias intestinaes. Entretanto esta quantidade póde ser menor, ou maior.

Tratamento. Em primeiro logar é preciso fazer cessar a hemorrhagia. Para este fim cumpre applicar no ventre pannos molhados em agua fria, tomar um clyster d'agua fria, beber limonada de vinagre muito fria, ou sumo de limão puro ás colheres, observar repouso do corpo, e privar-se da alimentação. Usar tambem da seguinte poção:

Extracto de ratanhia.....	4	grammas.
Agua commum.....	120	—
Xarope de marmelo.....	30	—

Uma colher, das *de sopa*, de hora em hora.

A hemorrhagia intestinal da dysenteria deve ser tratada pela ipecacuanha tomada pela bocca e em clysteres.

Hemorrhagia nasal. É conhecida sob o nome de fluxo de sangue do nariz; em medicina chama-se *epistaxis*. Esta hemorrhagia raras vezes constitue molestia, e não póde alterar a saude senão por sua continuidade e quantidade. Sendo moderada e passageira, é muitas vezes vantajosa ao individuo.

Causas. Um temperamento sanguineo e a epoca da puberdade predispõem a este fluxo sanguineo. Póde ser produzido pela insolação ou demora em um logar mui calido, pelos estudos prolongados, vigilias, paixões, uso de licores excitantes, exercicios violentos, por tudo quanto póde irritar directamente a membrana nasal, como os pós esternutatorios, as pancadas, as quédas sobre o nariz, etc.

Tratamento. A hemorrhagia nasal moderada não reclama tratamento algum; é necessario abandonal-a aos recursos da natureza nos individuos robustos. Nas pessoas que soffrem habitualmente virtigens e dôres de cabeça, torna-se frequentemente um meio curativo; á medida que o sangue corre, o individuo sente-se alliviado, e uma sensação de bem-estar não tarda a apparecer. Quando se julga necessario fazer parar uma hemorrhagia nasal, aperta-se o nariz com os dedos, expõe-se o doente ao ar fresco; manda-se que esteja assentado ou fique de pé, com a cabeça não inclinada: fazem-se levantar os braços ao doente perpendicularmente. Se a hemorrhagia (como acontece ordinariamente) fôr só de um lado, basta fazer levantar o braço correspondente. Applicam-se pannos molhados em agua fria com vinagre sobre a testa, fontes, nuca, á roda do nariz, entre as coxas, e dá-se-lhe ao mesmo tempo a beber uma limonada de limão mui fria. Comprime-se com o dedo a arteria facial do lado de que corre o sangue, por cima do labio superior, mui perto da ala do nariz. Se isto não bastar, dão-se escaldapés e fazem-se mergulhar as mãos em agua quente ou n'um banho sinapizado. Se tudo isto não produzir effeito, deve-se fazer aspirar ao doente algum liquido adstringente, tal como agua misturada com vinagre ou dissolução de pedra-hume. Se, apezar de todos estes meios, o fluxo sanguineo não parar, será nccessario recorrer ao entupimento. Para este fim mettem-se na venta fios embebidos em agua e vinagre, havendo o cuidado de introduzil-os o mais acima possivel. Este entupimento impede o corrimento do sangue para diante; mas, ás vezes, não se oppõe a que elle corra para dentro da garganta; em tal caso é urgente se recorra ao duplo entupimento. Só o cirurgião tem os conhecimentos e os instrumentos necessarios para esta operação, Por este ultimo meio as cavidades nasaes ficam fechadas por diante e por detraz; não sendo as partes dilataveis, o sangue não acha logar para derramar-se, e pára immediatamente. *Veja-se* vol I, pag. 1208.

Hemorrhagia do ouvido. Póde sobrevir em consequencia de uma bofetada ou de uma pancada sobre a orelha. A sacudidura do ar por um som muito forte, tal como um tiro de canhão, póde, rompendo

a membrana do tympano, occasionar uma hemorrhagia do ouvido. Um espirro violento póde produzir esta ruptura. O tratamento consiste em introduzir no conducto auditivo um tampão de algodão para vedar a hemorrhagia; empregar, nos dias seguintes, lavatorios com agua tepida.

Hemorrhagia pulmonar. *Veja-se* ESCARROS DE SANGUE.

Hemorrhagia que resulta das picadas das sanguesugas. *Veja-se* HEMORRHAGIAS CAPILLARES, vol. II, pag. 119.

Hemorrhagias traumaticas (*produzidas por violencias externas*). As causas de hemorrhagias traumaticas são quasi todas exteriores: procedem ordinariamente de lesões feitas por corpos vulnerantes, sobretudo por instrumentos cortantes, e devem ser vedadas quanto antes. Mas, antes de se pôr obstaculo ao corrimento sanguineo, é necessario saber de que especie de vaso procede. A circulação do sangue opera-se mediante as arterias que transmittem este liquido do coração á superficie do corpo, e por meio das veias que reconduzem este sangue ao coração. Entre estas duas ordens de vasos existe o tecido proprio dos orgãos, onde se acha uma multidão de vasos delgadissimos chamados vasos capillares. Ora, conforme fôr o sangue fornecido por uma d'estas tres classes de vasos, arterias, veias ou capillares, assim se observarão phenomenos particulares, os quaes, se nem sempre são caracteristicos, podem ao menos em bom numero de casos servir para se reconhecer a a origem do mal.

Nas *feridas arteriaes*, o sangue é vermelho claro, sahe por movimentos isochronos com as pancadas do pulso: comprimindo-se em cima da ferida, entre ella e o coração, suspende-se a hemorrhagia, entretanto que a compressão exercida em baixo da ferida augmenta a força do jorro. Quando o vaso aberto é uma *veia*, o sangue é preto, corre em jorro continuo, o qual augmenta comprimindo-se em cima da ferida, e pára, pelo contrario, quando a compressão é feita em baixo. Quando só os *vasos capillares* estão offendidos, o sangue é de côr vermelha pouco viva, não sahe aos jorros, mas corre pouco a pouco de uma maneira uniforme: a compressão em cima e em baixo da ferida quasi nada influe na abundancia da hemorrhagia. Se estes caracteres fossem constantes, não haveria difficuldade alguma em reconhecer-se o vaso que fornece o sangue. Infelizmente sobrevem circumstancias que os mudam inteiramente. Assim, quando o trajecto da ferida é sinuoso e desigual, o sangue arterial não póde sahir em jorro; então imita a hemorrhagia por lesão dos capillares. Póde-se entretanto reconhecer pela compressão em cima da ferida, que suspende ou diminue o corrimento sanguineo. Por outra parte, o sangue venoso é ás vezes vermelho como o sangue arterial, e póde tambem sahir ás golfadas. N'este caso, ainda a compressão em baixo da ferida tirará as duvidas.

Os meios de vedar as hemorrhagias traumaticas são numerosos, e variam conforme o genero dos vasos que estão abertos. *Veja-se* HEMORRHAGIAS ARTERIAES, VENOSAS, E CAPILLARES.

Hemorrhagia da urethra. Póde ser produzida pela sonda introduzida no canal, ou ser a consequencia de alguma ferida. Para

vedar esta hemorrhagia convem applicar pannos molhados em agua fria.

Hemorrhagia do utero ou *frouxo de sangue pelo utero*. Todo o fluxo de sangue que se faz pelo utero não merece o nome de hemorrhagia, visto que no estado natural a mulher, quasi todos os mezes, perde certa quantidade de sangue que recebeo o nome de *menstruos*, *regras*, *lua* ou *fluxo catamenial*, e cuja falta, quando não depende da gravidez, é um signal de desarranjo na saude. Hemorrhagia uterina é quando a mulher perde mais sangue que habitualmente, e em logar de sentir-se alliviada e mais forte, como acontece depois do fluxo menstrual, fica, pelo contrario, fraca e incommodada; emfim, quando esta perda de sangue sobrevem n'uma epoca que não é a do fluxo catamenial. Depois d'esta definição, dividiremos o nosso artigo em tres partes distinctas, segundo a epoca em que se mostra o accidente : 1.' hemorrhagias no estado de vacuidade do utero; 2.' hemorrhagias durante a gestação; 3.' hemmorrhagias depois do parto.

a. Hemorrhagias no estado de vacuidade do utero. A hemorrhagia, durante a vacuidade do utero, póde manifestar-se nos differentes periodos da vida da mulher. Tem-se observado em meninas recemnascidas; mas então não é mui consideravel e pouca attenção reclama : entretanto, na idade de 6 a 10 annos merece grande cuidado.

Bem que moderada, a hemorrhagia uterina deve ser considerada na mulher adulta, como uma molestia grave, e convem fazêl-a desapparecer promptamente. Para isso é necessario conhecer as causas, que variam extremamente : taes são um calor excessivo ou um frio intenso, os exercicios violentos, e o abuso das substancias que provocam os menstruos. As mulheres muito irritaveis, estão expostas a esta perda em consequencia de algumas affecções moraes, como a colera, o susto, o pezar, o ciume, a alegria, etc. As alterações organicas do utero são tambem causas frequentes das hemorrhagias d'esta viscera. Os polypos, os tumores fibrosos, os schirrhos, os cancros, as ulceras do utero, são muitas vezes acompanhadas d'ellas.

Tratamento. A doente deve estar n'um sitio fresco, deitar-se horizontalmente em um colchão duro, cobrir-se apenas, e tomar bebidas frias e aciduladas, taes como limonada de limão, de laranja, de vinagre. Si isto não bastar, appliquem-se pannos molhados em agua fria com vinagre sobre o baixo-ventre e coxas, mergulhem-se as mãos em agua quente e dê-se um clyster d'agua fria. Administre-se a poção seguinte :

Solução de perchlorureto de ferro a 30°.....	1	gramma.
Agua.....	120	—
Assucar.....	15	—

Misture. Dá-se uma colher *de sopa* de quarto em quarto de hora.

Quando a hemorrhagia não pára, e a vida da doente corre perigo por causa da grande perda de sangue, é necessario recorrer ao entupimento, que consiste em encher o interior da vagina com fios envoltos em um panno.

Quando a hemorrhagia é chronica; isto é, quando apparece de tempos a tempos em pequena quantidade, a enferma deve usar de um regimen brando, abster-se de todos os excitantes, tomar cozimento de arroz acidulado com sumo de limão ou infusão de raiz de ratanhia, com a dissolução de pedrahume ou algum outro liquido adstringente. É tambem aconselhado o uso interno da pedrahume : este remedio é effectivamente util nas hemorrhagias chronicas; administra-se na dóse de 8 grammas por dia, dissolvido em meio litro d'agua. Emprega-se tambem no mesmo caso o nitro até á dóse de 30 grammas por dia, dissolvido em agua ; o tannino, na dóse de 10 a 15 centigrammas, cinco a seis vezes por dia, produz tambem bons effeitos. Quando a hemorrhagia depende de molestias organicas do utero, o melhor meio de combatêl-a é empregar o tratamento proprio d'estas affecções,

Eis-aqui as receitas contra a hemorrhagia chronica do utero :

Nitro..... 8 grammas.

Divida em 8 papeis. Toma-se um papel de 2 em 2 horas n'uma chicara de limonada de limão, ou limonada de vinagre fria.

Cozimento adstringente.

Raiz de ratanhia..... 30 grammas.
Agua fervendo..... 500 —

Infunda por meia hora, côe e ajunte :

Assucar..... 30 grammas.

Bebe-se uma chicara d'este cozimento frio de 2 em 2 horas.

Pilulas adstringentes.

Tannino..... 2 grammas.

Faça 20 pipulas. Toma-se uma pilula de 3 em 3 horas.

Injecção adstringente.

Raiz de ratanhia..... 30 grammas.
Agua fervendo..... 1000 —

Infunda por meia hora e côe.
A injecção faz-se fria.

Poção adstringente.

Extracto de ratanhia..... 4 grammas.
Agua distillada de rosas..... 120 —
Xarope simples..... 15 —

Misture. Tomam-se duas colheres *de sopa* de 2 em 2 horas.

b. Hemorrhagia uterina durante a gravidez. Póde sobrevir em todas as epocas da gravidez. Entretanto, observa-se mais frequentemente nos tres primeiros mezes, e nos ultimos tempos da gravidez. As causas que a determinam são quasi as mesmas que produzem as hemorrhagias da primeira divisão. Basta citar um regimen muito excitante, as affecções

vivas da alma, os banhos demasiamente quentes, os vestidos mui apertados, pancadas, quédas, exercicios forçados, a pé, a cavallo ou em seges mal suspensas. Como uma das causas que podem produzir a hemorrhagia no fim da gravidez, convem citar a má disposição das pareas. Podem estar fixadas sobre o orificio do utero; em tal caso rasgam-se e separam-se successivamente do utero, pelo desenvolvimento natural d'este orgão.

Se a perda fôr pouco consideravel, bastam os meios que deixei indicados contra a hemorrhagia que apparece durante a vacuidade do utero : a posição horizontal, o repouso, o socego de espirito, as bebidas acidulas, etc. Se porém o corrimento sanguineo der cuidado, convem se empregue o entupimento como unico meio de impedir a morte da mulher; porquanto, provocando elle o parto, póde cortar o mal pela raiz. Faz-se o entupimento com mechas de fios untados de azeite doce, os quaes se introduzem successivamente na vagina até encher este canal. Por fóra das partes genitaes applica-se uma porção de fios, e mantem-se tudo com ligaduras convenientes.

Se a hemorrhagia se declarar no momento em que principia o trabalho de parturição, recorra-se á versão do feto ou á applicação do forceps para accelerar o parto.

c. Hemorrhagia uterina depois do parto. Certa quantidade de sangue corre sempre durante e depois da parturição, mas raras vezes puro; é quasi sempre misturado com serosidade, e em geral mui pouco abundante. Acontece entretanto ás vezes qne após a sahida da criança o utero não se contrahe, e seus largos e numerosos vasos deixam correr sangue em grande abundancia. Não sahindo o sangue, accumula-se na cavidade do orgão, que se deixa facilmente distender como quando continha a criança. Ás vezes o sangue corre em tal abundancia, que a mulher perde muitas kilos d'elle em alguns minutos, e morre promptamente se não fôr soccorrida. Em todos os casos, é necessario vigiar com o maior cuidado a mulher que acaba de parir. Tem-se visto as recemparidas succumbirem em quanto a parteira se occupava da criança. Quando a perda é interna, os signaes geraes das hemorrhagias lhe dão a conhecer a existencia. O esfriamento geral, os calefrios, o desmaio, os zunidos nos ouvidos, os suoros frios, os movimentos convulsivos apparecem n'este caso. É preciso incontinente que a parteira verifique se exíste um corrimento para fóra e se o utero está contrahido. É facil, atravez das paredes molles do ventre, sentil-o sob a fórma de um corpo globoso, duro, que occupa a parte inferior do ventre. Em tal caso não ha nada que temer. Se, pelo contrario, o utero fôr volumoso, se occupar grande parte do ventre, se fôr molle, não globoso, não ha duvida de que se enche de sangue. Esta falta de contracção do utero chama-se *inercia.*

Tambem existe outra causa, bem que muito mais rara, da hemorrhagia subsequente ao parto. Ás vezes as pareas, deixadas no utero por negligencia ou impericia da mulher ou das pessoas que a assistem, distendem este orgão, impedem que se reduza ás dimensões normaes, e provocam o corrimento sanguineo. É preciso immediatemente fazer-lhe a extracção.

Os meios que fazem cessar a hemorrhagia são : fricções no ventre feitas com a mão, applicação de pannos molhados em agua fria sobre o baixo-ventre, e sobre a parte superior das coxas, injecções d'agua fria ou d'agua com vinagre, na cavidade do utero. Ás vezes é necessario recorrer á introducção da mão na cavidade do utero ; é um dos processos mais poderosos para fazer cessar a inercia ; elle é indispensavel em todos os casos de hemorrhagia interna, e em todos os outros em que a causa do accidente parece depender da presença na cavidade uterina, de algum grumo de sangue ou de alguma porção de pareas. A mão introduzida evacuará primeiramente o utero, depois tocará as paredes d'elle ; a outra mão, apoiado no ventre, comprimirá sobre a primeira o utero inerte, até que uma contracção energica venha emfim obrigar esta a retirar-se e annunciar feliz solução d'este estado perigoso. O centeio espigado tem a propriedade de provocar as contracções do utero ; póde ser empregado n'este caso em pó na dóse de 50 centigrammas, repetida duas, tres e quatro vezes, com um quarto de hora de intervallo. — Eis-aqui a receita :

Centeio espigado em pó..... 2 grammas.

Divida em 4 papeis. Dá-se um papel de meia em meia hora, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Quando a inercia resiste a tudo, as paredes do ventre estando molles, póde-se recorrer ao entupimento : introduzem-se então, como já deixei dito, mechas de fios na vagina, aperta-se o ventre com uma toalha, e impede-se que o utero se distenda, comprimindo-o d'esta sorte durante muitas horas.

A perda que se declara muitos dias depois do parto, deve ser tratada pelos meios indicados nas hemorrhagias que sobrevem no estado de vacuidade do utero.

Hemorrhagias venosas. Sendo muito menos consideravel o esforço que faz o sangue para sahir das veias do que das arterias, são necessarios meios muito menos poderosos para atalhar estas hemorrhagias. Uma branda compressão exercida por meio de pannos de linho, de uma atatura semelhante á que se faz após a sangria no braço, basta ordinariamente para vedar o sangue. Deve haver toda a cautela em não se comprimir acima da ferida, para que não torne a apparecer a hemorrhagia; ter-se-ha, por conseguinte, o cuidado de dirigir a compressão sobre a parte inferior.

Hemorrhagia vesical. *Veja-se* HEMATURIA.

HEMORRHOIDAS ou ALMORREIMAS. Molestia caracterizada por um fluxo de sangue pela via inferior, com desenvolvimento de tumores sanguineos n'esta parte. Algumas pessoas dão-lhes o nome de *caseiras*. As hemorrhoidas constituem uma das affecções mais communs que affligem a especie humana, uma das que exercem na saude maior influencia, e cuja prolongação, irregularidade e, ás vezes, suppressão são susceptiveis de produzir grandes desordens nos orgãos essenciaes da economia.

Causas. A alimentação muito abundante, unida á vida sedentaria, é uma das causas que mais predispõem ás hemorrhoidas. O uso habitual de comidas mui temperadas, de bebidas quentes e estimulantes, de licores alcoolicos, são outras tantas causas especiaes que provocam esta molestia. As suas causas mais proximas são : a prisão do ventre, a prenhez, os trabalhos intellectuaes, as paixões tristes, os vestidos mui apertados, sobretudo ao nivel do ventre, etc. A maior parte d'estas causas obram constrangindo a circulação abdominal ou irritando a extremidade inferior do intestino.

Symptomas. Os tumores hemorrhoidaes não se formam de uma maneira subita. As mais das vezes o desenvolvimento d'esta affecção é precedido de phenomenos de congestão no anus. Os doentes sentem um incommodo geral, abatimento de forças; ficam de máo humor, tem vertigens, o rosto torna-se-lhes pallido, existem dôres no estomago, flatuosidades, prisão do ventre, dôres nas cadeiras, movimentos espasmodicos no ventre. Logo manifesta-se certo peso e calor na região anal. Os doentes accusam uma sensação de corpo estranho no recto, vontade frequente de evacuar. O anus torna-se doloroso; as dôres estendem-se ao sacro, ás nadegas, á bexiga; são mais vivas no momento da defecação. Symptomas geraes vem ajuntar-se por vezes a estes phenomenos locaes : agitação, insomnia, pulso cheio, duro, frequente.

Estes symptomas desapparecem de ordinario no fim de dois a quatro dias. Depois de um tempo variavel, o accesso torna a apparecer, ás vezes de uma maneira periodica. É d'esta maneira que se formam os *tumores hemorrhoidaes* por uma serie de congestões na extremidade inferior do recto. Estes tumores apresentam-se com caracteres variados, conforme se examinam no intervallo dos periodos da congestão hemorrhoidal, ou durante o curso d'este periodo.

1.° No intervallo das congestões, os tumores desapparecem ás vezes completamente, ou estão murchos, indolentes e consistem n'uma dobra da pelle; ou então ficam mais apparentes e contém sangue no estado liquido ou sob a fórma de grumos. Os tumores podem mesmo tornar-se bastante volumosos e estorvar a defecação; em certos casos fornecem um fluxo mucoso, que se designa debaixo do nome de *hemorrhoidas brancas.*

2.° Durante o periodo de congestão, as hemorrhoidas apresentam-se sob a fórma de tumores lisos, luzidios, violaceos, desapparecendo completamente ou incompletamente pela compressão, para reapparecerem depois de cessada a compressão. A região anal e as partes visinhas apresentam uma côr vermelha. Os doentes experimentam vontade frequente de evacuar; fazem esforços que são acompanhados de dôres vivas : não podem andar facilmente nem ficar em pé. Estes tumores formam-se á roda do anus ou no interior do intestino. No primeiro caso chamam-se externos, e internos no segundo. A estructura dos tumores hemorrhoidaes é mui variaval. Umas vezes, são formados pela dilatação das numerosas veias que cercam a extremidade inferior do recto; outras vezes, são especies de saccos em communicação com as veias ou arte-

rias: tumores ha que pareeem eonstituidos por um tecido de nova formação, analogo ao que se eneontra nos signaes de naseença ou tumores ereetis que algumas erianças trazem no eorpo. São suseeptiveis de adquirir grande volume: já se viram alguns do tamanho de um punho.

Oecupemo-nos agora do *fluxo hemorrhoidal*.

Este fluxo annuneia-se quasi sempre por phenomenos que eonstituem os *prodromos*. Os tumores incham e tornam-se mais duros; sobrevem eomiehão no anus, ás vezes picadas passageiras; os symptomas expostos preeedentemente augmentam de instensidade. Os phenomenos symphaticos são: ineommodo geral, estado de apathia e de irritabilidade. O doente experimenta eaimbras nos membros inferiores, inehação do ventre, borborygmos, fastio, modorra, vertigens, zunidos nos ouvidos, aeeeleração do pulso. Taes são os symptomas preeursores que se observam, mas nem sempre, porque o fluxo hemorrhoidal póde appareeer sem prodromos. O sangue não sahe sempre da mesma maneira; não tem sempre o mesmo aspeeto; a quantidade varía tambem: principia as mais das vezes por uma pequena humidade que augmenta até ao tereeiro dia, e depois vai diminuindo; eessa no quinto ou no sexto dia, para voltar em outra epoea. Aeonteee ás vezes que o sangue faz irrupção, e eorre por jaeto eontínuo eomo na sangria. O sangue tem earaeteres ora do sangue arterial, ora pareee venoso; é vermelho no primeiro easo, quasi preto no segundo: póde tambem ser uma mistura d'estes dois sangues.

A quantidade de sangue é variavel eomo a dos menstruos. Quando o sangue sahe em quantidade moderada, e de uma maneira algum tanto rapida, o allivio é tambem rapido; os phenomenos indieados debaixo do nome de prodromos desappareeem immediatamente. Mas aconteee tambem que o fluxo toma o caraeter de uma verdadeira hemorrhagia. Em muitos casos os fluxos hemorrhoidaes immoderados são verdadeiras complicações, que occasionam grande fraqueza, sobretudo quando se repetem. Quando o fluxo é moderado, póde produzir euras de molestias que frequentemente resistíram a muitos meios. A suppressão do fluxo hemorrhoidal póde ás vezes aggravar molestias existentes, e produzir outras. Passa-se, com effeito, n'este caso no homem, que eessa de ter este fluxo, a mesma cousa que se observa na mulher na idade eritica.

O verdadeiro fluxo hemorrhoidal não existe sem tumores; mas os tumores podem existir sem o fluxo. Assim, fazem-se de tempo em tempo turgencias no anus que são sem eorrimento de sangue; ás vezes mesmo estas turgencias são periodicas. São *hemorrhoidas seccas*. O desenvolvimento dos tumores, e o seu fluxo, podem ser eontínuos, intermittentes e periodicos. As epoeas em que se reproduzem as congestões e os fluxos homorrhoidaes são mui variaveis. Umas vezes ha só quinze dias de intervallo entre eada ataque, outras vezes o intervallo é de muitos mezes, e até de muitos annos. O regimen, o abuso ou a abstineneia dos excitantes, o repouso ou as fadigas, exereem grande influencia sobre este reappareeimento. As hemorrhoidas podem diminuir poueo a pouco de volume; desapparecer em parte ou em totalidade: fica frequentemente um botão alongado, descorado e mureho.

Complicações. Uma das mais frequentes é a *inflammação* dos tumores hemorrhoidaes. Esta inflammação resulta da demora prolongada das materias fecaes no recto, de alguma quéda sobre o assento, do uso de alimentação excitante; mas as mais das vezes provém da estrangulação pela abertura anal dos tumores hemorrhoidaes sahidos para fóra. Os doentes queixam-se então de peso, calor e ardor na parte inferior do recto; os tumores augmentam de volume, e apresentam uma côr roxa escura; o menor contacto occasiona vivas dôres; o doente não póde assentar-se. Esta inflammação termina ordinariamente pela resolução. Passados alguns dias, os tumores diminuem de volume, e pouco a pouco entram no interior do recto.

Diagnostico. Conhecem-se as hemorrhoidas pela simples inspecção quando são *externas;* a introducção do dedo é necessaria, quando são *internas.* Ha entre as hemorrhoidas e as outras molestias do recto, ou as molestias dos orgãos vizinhos, analogias que ás vezes tornam obscuro o diagnostico. As molestias que podem ser confundidas com os tumores hemorrhoidaes são outros tumores do anus, do recto ou dos orgãos vizinhos. Taes são as vegetações venereas, os polypos, os abcessos, e o prolapso do recto. Mas, considerando as causas d'estas molestias e a sua origem, comparando-as com os symptomas das hemorrhoidas, descobre-se facilmente a verdade.

Prognostico. O prognostico das hemorrhoidas não é grave, em geral, e até ha casos em que estes tumores podem ser considerados como um beneficio da natureza. Além d'isso, para estabelecer o prognostico de uma maneira completa, é necessario considerar o fluxo, os tumores e as complicações. Entre os tumores, os que são *internos* são mais graves do que os *externos.* Quanto ao fluxo, não é perigoso, se depende de um estado de plethora; mas se a perda do sangue é consideravel, quando o individuo, em vez de ser plethorico, é debil, o prognostico é então serio. É tambem de grande consideração, e autoriza uma operação, quando as hemorrhoidas mui desenvolvidas, ulceradas, fornecem um fluxo sanioso e abundante.

Tratamento. Nos casos ordinarios, quando a dôr não é grande, o tumor pouco volumoso e o fluxo moderado, o doente deve limitar-se a um tratamento mui simples. Algumas bebidas diluentes, taes como a limonada de limão, de laranja, cozimento de cevada ou infusão de linhaça, lavatorios do anus com agua fria, pela manhã e á noite, o cuidado de entreter o ventre livre com clysteres d'agua tepida um regimen brando, pouco abundante, mais vegetal do que animal, e o repouso, bastam no maior numero de casos.

Existe un novo tratamento das hemorrhoidas que tem dado muito bons resultados, é o tratamento com a pomada Royer :

Eis como se pratica :

Lava-se bem o anus com agua fria e uncta-se'o pela manhã e á noite com um pouco de pomada Royer, havendo cuidado de laval-o todas as vezes que evacuar. Todas as noites ficar assentado n'agua por espaço de cinco minutos.

Quando as hemorrhoidas são internas, introduz-se no anus de manhã e á noite um suppositorio Royer. Todas as vezes que o doente evacuar, tomará um clyster frio feito com um copo d'agua misturado com 4 colheres de sopa de *Agua hemostatica Royer*. É um clyster muito proveitoso todas as vezes que as hemorrhoidas sangram ou ha fluxo branco. Todas as vezes que as hemorrhoidas sahem, unctal-as logo com a pomada molle Royer, e fazel-as entrar. Os suppositorios se introduzem depois das evacuações ou depois de evacuado o clyster.

Estes productos preparam-se na pharmacia Royer, Dupuy successor, á rua Saint-Martin, nº 225, em Pariz.

As pessoas sujeitas ás hemorrhoidas não devem fazer excessos nas comidas e bebidas; devem sobretudo usar pouco de temperos e de bebidas alcoolicas. Preferirão para seu alimento as carnes brancas, como o frango, a gallinha, a vitella, legumes herbaceos, peixe e fructas; importa muito que tenham o ventre livre. A prisão do ventre é uma das causas mais proprias para augmentar os soffrimentos dos hemorrhoidarios, pois favorece as congestões sanguineas da extremidade inferior do recto: e, além d'isto, a passagem das materias endurecidas irrita fortemente os tumores. Os purgantes mais proprios n'este caso são: o oleo de ricino, a magnesia calcinada, a limonada de citrato de magnesia, o cremor de tartaro, o manná, o sal de Glauber. Os trabalhos sedentarios não convem ás pessoas affectadas de hemorrhoidas. Quando a elles se derem, devem servir-se de cadeiras duras, de palha, e evitar os assentos molles e quentes. No periodo de *congestão* das hemorrhoidas, faça-se uso dos lavatorios com agua fria, tome-se um purgante brando, e applique-se a pomada seguinte:

Galhas em pó.....	4 grammas.
Banha.....	30 —

Misture.

Se os tumores se *inflammarem*, appliquem-se bichas no anus, dopois cataplasmas de linhaça, e observe-se o repouso absoluto. Quando os tumores hemorrhoidaes, sahidos para fóra, se acham estrangulados pela abertura anal, devem ser reduzidos e repellidos para o interior por meio de compressão branda e gradual. Para este fim deita-se o doente com a barriga para baixo, apoiado nos joelhos e nos cotovelos, de maneira que a região anal esteja mais elevada do que os hombros. Então o cirurgião, ou a pessoa que o substitue, unta o tumor com azeite doce, applica por cima um panno de linho, e comprime toda a massa de baixo para cima, até reduzil-a no interior. Esta operação, bem que dolorosa, não deve ser abandonada senão quando fôr evidente que a reducção é inteiramente impossivel; mas é raro que não se consiga com grande perseverança e pressões feitas methodicamente. Depois de reduzidoo tumor, applica-se sobre o anus uma esponja embebida em agua fria, por cima um chumaço, e sustem-se tudo com uma ligadura em fórma de T. (*Veja-se* LIGADURA.) O doente deve evitar toda a especie de esforços, e se o tumor tornar a sahir, deverá immediatamente usar de lavatorios com

agua fria, deitar-se de costas, e fazer elle mesmo a nova reducção. — Se a reducção fôr impossivel, apezar das compressões methodicas, appliquem-se bichas sobre o tumor, ou na região vizinha. Depois de diminuidas de volume, pela sahida do sangue, as hemorrhoidas reduzem-se mais facilmente.

Para soster e impedir que os tumores hemorrhoidaes saiam fóra do recto, empregam-se duas especies de fundas (fig. 540, 541) que sao de uso pratico e commodo.

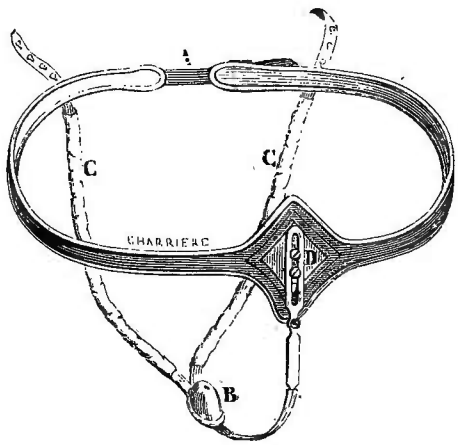


Fig. 540. — Cintura metallica com apparelho para soster as hemorrhoidas e os prolapsus do recto.

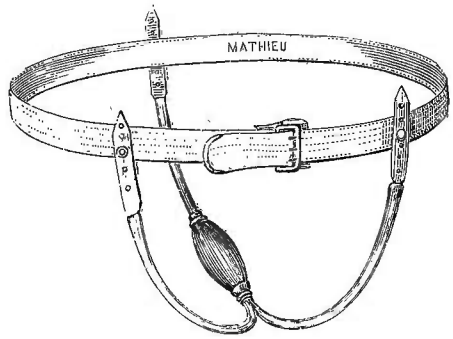


Fig. 541. — Funda hemorrhoidal, de Mathieu, para soster as hemorrhoidas externas ou os prolapsos do recto.

Se o fluxo hemorrhoidal, isto é, o corrimento sanguineo, fôr tão abundante que debilite o doente, convem vedal-o. Lavatorios com agua fria, clysteres com agua fria misturada com vinagre, introducção no recto de mecha molhada na solução de perchlorureto de ferro a 30 gráus, e a posição horizontal, são os meios proprios para este fim. Se não forem sufficientes, cumpre recorrer ao tampão : introduz-se no interior do recto um panno de linho, e enche-se com fios.

Contra as dôres dos tumores hemorrhoidaes empregue-se o linimento de Buchan; cobre-se a mecha com este linimento, e introduz-se no anus :

Linimento de Buchan.

Unguento populeão.....	30 grammas.
Laudano de Sydenham.....	8 —
Gema de ovo.....	Nº 1

Misture.

Se as dôres forem occasionadas por pequenas feridas sobre os tumores hemorrhoidaes, convem tocal-as com pedra infernal.

Contra o corrimento branco, que existe ás vezes n'esta affecção, façam-se lavatorios com a solução seguinte :

Pedrahume.....	30 grammas.
Agua fria.....	550 —

e empregue-se o clyster seguinte :

Copahiba	15 grammas.
Gema de ovo	N° 1.
Agua tepida	120 grammas.

É necessario desembaraçar o doente dos tumores hemorrhoidaes por meio da operação, quando formam grande obstaculo á defecação, quando tendem a degenerar; quando, pelas perdas sanguineas que occasionam, enfraquecem muito o doente; quando as dôres que determinam são violentas e tiram o somno: emfim quando estes tumores constituem uma verdadeira molestia e não um incommodo supportavel. As operações que se empregam com preferencia contra os tumores hemorrhoidaes são a excisão, a cauterização e o esmagamento linear que é a operação que mais se emprega actualmente. *Veja-se* ESMAGADOR LINEAR. Vol. I pag. 1023.

HEMOSTATICO. Dá-se este nome á substancia medicamentosa propria para vedar o corrimento seguineo. O melhor hemostatico é a solução de perchlorureto de ferro. Empregam-se mantendo com um pedaço de páo, sobre o logar do qual sahe o sangue, uma bolinha de fios embebida n'esta solução. A hemorrhagia das picadas de bichas cessa em alguns minutos, se se proceder d'esta maneira. Os outros hemostaticos são vinagre, pedrahume calcinada, colophonia em pó, pedra infernal.

HEPATITE. Inflammação do figado. *V* Vol. I, p. 1171.

HERA TERRESTRE. *Glechoma hederacea*, Lin. Labiadas. Planta commum na Europa; em Portugal habita nos sitios humidos e sombrios da Beira, Estremadura e outras partes; é cultivada no Brazil (fig. 542). Caule reptante; folhas oppostas, cordiformes, longamente pecioladas, crenuladas nas margens, de côr verde escura, assim como os caules no estado fresco, um pouco roxas no estado secco, e amarelladas quando velhas; de cheiro forte, sabor um pouco aromatico; flores purpureas ou azuladas, dispostas em numero de duas a tres na axilla das folhas. As folhas d'esta planta empregam-se como expectorantes nas bronchites. Usam-se em infusão que se prepara com 2 grammas de hera terrestre e uma chicara d'agua fervendo Toma-se por dia duas ou tres chicaras, adoçadas com assucar.



Fig. 542. — Hera terrestre.

HEREDITARIEDADE. Lei em virtude da qual se transmittem, de pai a filhos, os principaes caracteres physicos e intellectuaes que constituem a individualidade. Abrangendo todos os seres organizados, esta lei é verificada pela observação vulgar de cada dia.

Quem não conhece as parecencias physicas que unem um filho a seu pai e a sua mãi? Quem ignora que a transmissão d'esses traços exteriores pode se effectuar mesmo de avô a neto, ou, com mais raridade, em linha collateral, de tio a sobrinho?

A hereditariedade não deixa de ser tambem notavel no ponto de vista intellectual; talentos, qualidades, vicios, tudo pode ser legado á descendencia humana, se bem que essas leis não deixem de apresentar grandes irregularidades.

No ponto de vista medico, a hereditariedade têm certa importancia; ella representa um papel capital na historia de certas familias. É comprehensivel que o filho que herda das apparencias exteriores de seu pai, possa adquirir tambem parecencias mais profundas e que seus orgãos e tecidos sejam dotados da vitalidade e do modo de reacção analogas. É incontestavel que muitas molestias são hereditarias. Citaremos por exemplo: a loucura, a epilepsia, a hysteria, o rheumatismo, o cancro, o tuberculo, a syphilis, a gota, o rachitismo, etc. É evidente que essa hereditariedade não poderia ser fatal. As novas condições da existencia, a influencia da sociedade em que se vive, a educação, os costumes adoptados podem modificar o organismo, diminuir e até supprimir a influencia hereditaria.

Aliás a hereditariedade, tão forte quando diz respeito a um caracter commum aos dois ascendentes, é de secundaria importancia quando depende de um só dos seres procreadores. Não seria, pois, por demais convencermos-nos que a hereditariedade das molestias é terrivel, porem, que não sendo ella fatal, é necessario lutar para impedir seus effeitos e tratar de modificar o organismo ameaçado. È illimitado o tempo dos effeitos da hereditariedade. Ella pode atacar no mesmo sentido no correr de muitas gerações successivas, e se fôr grave a molestia, pode occasionar o desapparecimento da familia, extinguindo-se ella completamente. Este facto notavel já se deo com a familia real da Hespanha.

Na posteridade de D. João II, de Castella e de D. Isabel, de Portugal, houveram muitos casos de nevropathos ou de alienados, entre os quaes poderemos citar: Maria Tudor, Fclippe II, III, IV e Carlos II. Com a morte d'este, findou a raça que estava acommettida de perturbações nervosas havia 251 annos.

Deve-se ter na mente que nem sempre a hereditariedade morbida implica a ideia de perfeita transmissão da doença hereditaria. Um homem atacado de epilepsia pode ter um filho que não seja epileptico, mas no qual a tendencia hereditaria se manifeste com os symptomas do idiotismo, da alienação mental ou da paralysia geral. A chorea, a atrophia muscular e a alienação mental podem se succeder em uma familia, acommettendo de certo modo os membros d'essa familia cada um por sua vez nas gerações successivas. Os casamentos consanguineos aggravam ainda mais essas tendencias pathologicas, unindo individuos acommettidos das mesmas molestias; em taes casos, os productos d'essas uniões têm todas, em alto gráu, as marcas, que possuiam seus ascendentes.

A medicina legal não pode negligenciar o estudo d'essas importantes questões. A propensão para o crime legada ao filho pelo pai, deve ser encontrada quando as pesquizas são feitas com o maior cuidado. No ponto de vista social, a repressão do crime deve ser executada, qualquer que seja o seu ponto de partida, mas é impossivel deixar de admit-

tir que a influencia hereditaria attenua inevitavelmente a responsabilidade do criminoso.

HERNIA. *Veja-se* QUEBRADURA.

HERPES. Designam-se com este nome molestias cutaneas, caracterizadas pelo desenvolvimento de certo numero de vesiculas ou bolhas transparentes, reunidas em grupos sobre uma porção de pelle ou de membrana mucosa vermelha e inflammada. Estes grupos vesiculosos são separados uns dos outros por intervallos em que a pelle ou a membrana mucosa está inteiramente sã. Umas vezes sem prodromos, outras vezes depois de um ou dois dias de incommodo, apparecem pequenas nodoas vermelhas, acompanhadas ás vezes de vivo ardor. Descobrem-se n'ellas quasi immediatamente pequenas vesiculas cheias de um liquido transparente, mui pequenas, grupadas em numero mais ou menos consideravel.

Passados dois dias o liquido contido n'estas elevações, de citrino torna-se branco, puriforme; depois o pequeno sacco enruga-se, abaixa-se no quarto ou quinto dia; forma-se finalmente uma pequena crosta que, depois de cahida, deixa uma marca violacea ou avermelhada.

Taes são os caracteres geraes da molestia; todavia, ella apresenta nas suas fórmas differenças taes, que foi necessario admittir muitas especies distinctas.

1.' **Herpes labial.** Vulgo *Beiços arrebentados.* Sua séde é nos beiços. Sabe-se que em consequencia das febres e de algumas outras molestias agudas, ou pelo contacto de certas substancias irritantes, desenvolvem-se sobre os labios e á roda da bocca grupos mais ou menos numerosos de vesiculas. Esta erupção é frequentemente critica; não exige grande tratamento. Basta laval-a com agua morna, polvilhar com amido, ou applicar glycerina, coldcream ou ceroto simples.

2.° **Herpes buccal guttural.** Desenvolvem-se ás vezes na face interna dos labios e das faces, no céo da bocca, e nas favas da garganta, grupos vesiculosos cercados de areola vermelha, acompanhados frequentemente de abundante exsudação, de apparencia de creme de leite. Sobrevem principalmente depois de uma constipação. Os doentes queixam-se de dôr, de calor na garganta, e de difficuldade de engulir. O herpes guttural não pode ser confundido com a aphta, que é uma ulceração solitaria, ao passo que o herpes é essencialmente caracterizado por grupos vesiculosos.

Tratamento. O herpes buccal e guttural combate-se com o gargarejo seguinte :

Agua.....	500	grammas.
Pedrahume.....	30	—
Mel de abelhas.....	68	—

Convem tambem tomar um purgante. 30 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sal de Glauber.

3.° **Herpes conjunctival** ou **ocular.** Apparecem ás vezes na conjunctiva ou na cornea vesiculas isoladas ou reunidas em pequenos

grupos. Estas vesiculas podem murchar e resolver-se sem deixar vestigios; mas frequentemente depois da vesicula segue-se uma ulceração, que póde ser superficial ou profunda. No primeiro caso, resulta d'isso só uma cicatriz esbranquiçada, no segundo produz uma hernia do iris e sobrevem accidentes ainda mais graves.

O *tratamento* consiste em tocar a superficie ulcerada com pedra infernal ou com pedra lipes, e lavar o olho com o collyrio seguinte:

Sulfato de zinco.....	50 centigrammas.
Agua distillada.....	30 grammas.
Alcool camphorado.....	15 —

4.° **Herpes dos orgãos genitaes.** Occupa o prepucio ou a glande no homem, os grandes e pequenos labios da vulva na mulher. Distingue-se de qualquer outra affecção, pela existencia sobre um disco ou sobre uma chapa vermelha, de certo numero de vesiculas pequenas, pontudas, pruriginosas. A ulceração, uma vez estabelecida, não póde ser tomada por um cancro venereo, por ser este mais profundo, por ter a superficie cinzenta e endurecida, e as bordas cortadas perpendicularmente. Para curar esta especie de herpes, é preciso usar de banhos e lavatorios frequentes com agua morna, tocar a pequena ferida com pedrahume ou pedra infernal, e polvilhar com amido, ou applicar fios seccos.

5.° **Herpes zona,** vulgo **cobreiro.** Caracterizado por grupos mais ou menos numerosos de vesiculas sobre uma superficie inflammada, e apresentando a circunmstancia notavel de se achar a molestia quasi sempre limitada á metade do corpo em fórma de cinto. *Veja-se* COBREIRO.

6.° **Herpes circular.** Vesiculas miudas, aggregadas em fórma de circulo, commummente expansivo, com a area a principio sã, depois avermelhada, a final casposa. Erupção rapida e successiva, de semelhantes aggregações pela cara, pescoço, etc., até aos pés. Applicar pasta de araroba com vinagre, polvilho, glycerina, ceroto simples. Internamente limonada de limão, de laranja.

7.° **Herpes variegado** ou *Iris herpetico*. Vesiculas aggregadas em circulos concentricos, de diversas côres. Situação nas mãos e peito dos pés. — O mesmo tratamento que o do herpes circular.

HERVA DO BICHO, ACATAYA, CATAYA ou CAPETIÇOVA. *Polygonum antihæmorrhoidale*, Martius. Polygoneas. Planta do Brazil. Caule de 1 metro, com numerosos nós, de 3 centimetros de intervallo de um a outro nó; folhas agudas, alternas, de sabor acre, apimentado, sem cheiro notavel; flores terminaes dispostas em espigas. O chá de herva do bicho é reputado estimulante e diuretico; prepara-se com 4 grammas de folhas de herva do bicho e uma chicara d'agua fervendo. Em clysteres e banhos é remedio popular nas affecções hemorrhoidaes. O *Polygonum acre*, Kunth, goza das mesmas propriedades.

Ha mais duas especies: *Polygonum stypticum,* Cham., e *Polygonum acetosæfolium*. O succo d'estas especies, que adstringente, emprega-se na diarrhea.

HERVA DOS CACHOS DA INDIA. *Veja-se* TINTUREIRA VULGAR.

HERVA CAPITÃO ou **DO CAPITÃO,** ou ACARIÇOBA. *Hydrocotyle bonariensis*, Lam. Umbelliferas. Pequena planta do Brazil. Caule prostrado, que se arraiga nos diversos pontos d'onde partem as folhas, as quaes são reniformes; sabor acre, cheiro aromatico. O succo, na dóse de 8 a 16 grammas, é aconselhado nas obstrucções do figado; em dóse elevada provoca vomitos.

HERVA CIDREIRA ou MELISSA. *Melissa officinalis*, L. Labiadas. Planta cultivada nas hortas do Brazil e de Portugal (fig. 543). Caule de 60 centimetros a 1 metro, folhas pecioladas, oppostas, bastante grandes, largamente ovadas, um tanto cordiformes na base, de um verde claro na face inferior, de um verde escuro na superior, superficie aspera, crenuladas nas margens, um pouco vellosas; flores de pedunculo curto, brancas; cheiro semelhante ao de limão, sabor aromatico. O chá de herva cidreira é excitante e antispasmodico; emprega-se nas indigestões, colicas, ataques nervosos e outras muitas molestias. Prepara-se infundindo 3 ou 4 folhas em uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 543. — Herva cidreira.

HERVA DE COBRA. *Micania opifera,* Martius. Synanthereas. Planta trepadeira do Brazil; folhas pecioladas, acuminadas, base cordiforme; flores pediculadas, dispostas em paniculas corymbosas: cheiro aromatico, sabor amargo. O succo espresso é empregado, nas provincias de S. Paulo e Minas, interna e externamente, contra as mordeduras de cobras venenosas; o que é um erro, porque a planta não póde possuir tantas virtudes.

HERVA COLLEGIO, HERVA GROSSA (Rio de Janeiro); SUÇUAYA, FUMO BRAVO (Minas). *Elephantopus Martii*, Grah. Synanthereas. Planta do Brazil. Caule de 60 centimetros a 1 metro, velloso, aspero; folhas superiores quasi rentes, onduladas, serreadas, asperas na face superior, tomentosas na inferior; as inferiores oblongas e attenuadas; flores situadas na extremidade dos ramos; raiz amarga, roxa por fóra, branca por dentro. As folhas d'esta planta são emollientes, e são recommendadas em infusão nas bronchites. A raiz é tonica, e seu cozimento é aconselhado nas febres intermittentes; prepara-se com 8 grammas da raiz e 180 grammas d'agua.

HERVA DA COSTA ou MARIA DA COSTA. *Schubertia multiflora,*

Martius. Asclepiadeas. Planta do Brazil; habita no Ceará. É venenosa.

HERVA CRUZ. *Veja-se* ARAPABACA.

HERVA DOCE. *Veja-se* ANIZ.

HERVA DUTRA. *Miconia martiusiana.* Dec. Melastomaceas. Arbusto do Brazil, muito commum na provincia de S. Paulo. Caule de 3 a 4 metros de altura, folhas oppostas-cruzadas, oblongas, glabras, acuminadas, ponta obtusa, base um pouco aguda, de 5 centimetros mais ou menos de comprimento, trinervaes, de sabor um pouco adstringente e adocicado. A infusão das folhas é empregada na provincia de S. Paulo contra a diarrhea; usa-se em clysteres; prepara-se com 8 grammas das folhas e 250 grammas d'agua fervendo.

HERVA DOS FERIDOS. *Veja-se* IMBIRI.

HERVA-FERRO. *Veja-se* CAA-ATAYA.

HERVA GROSSA. *Veja-se* HERVA COLLEGIO.

HERVA MOIRA. *Solanum nigrum*, Dinneo. Solanaceas (fig. 544). Pequena planta que dá em quasi todas as regiões do mundo; é commum em Portugal; no Brazil foi introduzida pelos Jesuitas, e acha-se ordinariamente perto das habitações. As flores são brancas, reunidas em numero de seis a oito; formam pequenos ramalhetes, aos quaes succedem bagas a principio verdes, depois vermelhas, e emfim quasi negras quando maduras. As folhas são ovaes, sinuosas ou dentadas. Com as folhas d'esta planta preparam-se cataplasmas que gozam de propriedades calmantes. As bagas são narcoticas, e pretende-se que tem sobrevindo vertigens e mesmo convulsões a crianças que as comêram em pequena quantidade.



Fig. 544. — Herva moira.

Herva moira do sertão. *Veja-se* PARATUDO.

HERVA MULAR, CURRALEIRA (S. Paulo), PÉ DE PERDIZ, ALCAMPHOREIRA (Minas). *Croton perdicipes*, St.-Hilaire; *Croton anti-syphiliticus*, Martius. Euphorbiaccas. Arbusto do Brazil. Folhas alternas, curtamente pecioladas, lanceoladas, duas vezes desigualmente denteadas; flores dispostas no apice dos ramos em espigas de cerca 8 centimetros de comprimento. As folhas e raizes d'este arbusto são aromaticas, e empregam-se, em infusão, como estimulantes, diureticas e sudorificas. *Dóse*: 4 grammas das folhas ou raizes para 250 grammas d'agua fervendo. A mesma infusão aproveita em lavatorios nas ulceras. As folhas frescas, piladas, ou seccas e pulverizadas, applicadas externamente favorecem a cicatrização das ulceras.

HERVA DE NOSSA SENHORA. *Veja-se* CIPÓ DE COBRAS.

HERVA DE PASSARINHO (S. Paulo). Enxerto de passarinho (Pernambuco). *Loranthus marginatus*, Lam. Loranthaceas. Arbusto que vegeta sobre as outras arvores e de preferencia sobre limoeiros e laranjeiras. Ramos cylindricos, delgados e extensos, casca parda escura; folhas quasi sempre oppostas, ovaes lanceoladas, marginadas por uma linha translucida, algum tanto carnosas; flores axillares, dispostas em racimos, ora solitarias, ora reunidas em grupos de tres e mais; corollas brancas-esverdeadas. O succo das folhas é usado pelo povo nas quédas e affecções do peito.

HERVA PIOLHEIRA. *Veja-se* Paparraz.

HERVA PIPI. *Veja-se* Pipi.

HERVA POMBINHA. *Phyllanthus niruri*, L. Euphorbiaceas. Planta do Brazil. Originaria da India. Caule de 60 centimetros, mui fino; folhas ovaes, alternas, mui pequenas; flor amarella, esverdeada; fructo com 3 cellulas, e 2 sementes em cada cellula; raiz fusca por fóra, esverdeada por dentro. Toda a planta é diuretica; usa-se em infusão, que se prepara com 4 grammas de herva pombinha e 250 grammas d'agua fervendo. Tambem é levemente purgativa adstringente. Empregam-se as folhas em infusão contra a blennorrhagia e as hydropisias. O seu fructo é utilizado na industria do cortume.

HERVA DE RATO. No Brazil ha varias plantas com este nome, pertencentes ao genero *Palicurea*, familia das Rubiaceas, que são venenosas e que se empregam para matar os ratos.



Fig. 545. — Herva de rato amarella.

Herva de rato amarella e verdadeira (fig. 545). *Palicurea...* Arbustinho de caules verdes, escuros; ramos com folhas oppostas, ovaes, compridas e duras; flores em cachos, amarellas; fructo, baga reniforme, deprimida, preta, do comprimento de 1 centimetro e 1/2, com dois caroços dentro.

Ha uma variedade de flor branca, outra de flor rôxa, e outra de flor quasi vermelha. Julga-se que a amarella é a mais venenosa.

Herva de rato de Goyaz. *Palicurea noxia*, Martius.

Herva de rato de Minas. *Palicurea nicotianæfolia*, Cham. Arbustinho que vegeta em Minas. Tem as folhas oppostas, ovaes, compridas; as flores em cachos, e os fructos como os dos outros.

Herva de rato de S. Paulo. *Palicurea Marcgravii*. St.-Hil. Arbustinho que habita nas provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro. Tem os ramos meio quadrangulares, folhas oppostas, oblongas; flores em cachos de côr açafroada e vermelha.

Todas estas plantas pertencem á ordem dos venenos narcotico-acres; produzem tremores, perturbação do entendimento e da vista, nauseas, vomitos, diarrhea, syncope e enfraquecimenlo do pulso. Os fructos pisados e incorporados na banha usam-se para matar os ratos

HERVA SANTA ou ALECRIM. *Baccharis ochracea*, Sprengel. Synanthereas. Arbusto do Brazil, commum no Rio Grande do Sul. Folhas lineares, planas, arqueadas para baixo, inseridas sem ordem sobre os ramos; flores pequenas reunidas em capitulos; ramos tomentosos, bem como a face inferior das folhas; cheiro aromatico, sabor amargo. A infusão das folhas é um estomachico.

HERVA DE SANTA LUZIA. *Euphorbia brasiliensis*. Lam. Euphorbiaceas. Pequena planta que habita nos logares humidos do Brazil, e especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Bahia. Ramos delgados, rasteiros e pubescentes; folhas oblongas, denteadas; flores terminaes dispostas em racimos compostos. Toda a planta contém um succo branco, levemente caustico, que se emprega nas roças contra as belidas dos olhos. Com as folhas fazem-se cataplasmas que se applicam nas ulceras chronicas.

Ha mais outras especies que gozam das mesmas propriedades; são : *Euphorbia cœcorum*, Martius, chamada vulgarmente **Andorinha**; *Euphorbia phosphorea*, Martius, que habita na Bahia.



Fig. 546. erva de Santa Maria.

HERVA DE SANTA MARIA. *Chenopodium ambrosioides*, Lin. Planta que habita espontaneamente no Brazil, Portugal, ilhas dos Açores, Mexico, etc. Em Portugal, chamam-lhe vulgarmente *Herva formigueira*, nos Açores *Uzaidella*, nas Alagoas e na Bahia *Matruz* ou *Mentruz*, no Rio de Janeiro, *Herva de Santa Maria* (fig. 546). Esta figura foi desenhada segundo um ramo colhido nos arredores do Rio de Janeiro; representa a metade do tamanho natural. Caule de 1 metro a metro e 1/2 de alto, da grossura de uma penna de escrever : raiz oblonga, amarellada por fóra, branca por dentro; folhas alternas, compridas, agudas, fortemente denteadas; flor miuda, esverdeada; fructo envolvido inteira-

mente no calice; sementes mui pequenas, pretas, cobertas de uma casquinha amarella escura, cheiro de toda a planta aromatico e particular.

A herva de Santa Maria goza de propriedades vermifugas de uma efficacia incontestavel. Emprega-se frequentemente no Rio de Janeiro contra as lombrigas das crianças.

Dóse : sementes em pó, 8 grammas. *Infusão* das folhas, 12 grammas para 250 grammas d'agua fervendo. *Sumo espresso,* 2 a 4 colheres *de sopa.*

HERVA DE S. JOÃO ou MENTRASTO *Ageratum conyzoides*, Linneo; ou *Cacalia mentrastó*, Velloso, Synantheras. Planta do Brazil. Caule pouco elevado; folhas pecioladas, ovaes-rhomboidaes ou cordiformes, ora agudas, ora obtusas, denteadas; flores reunidas em capitulos quasi globosos, de muitas flores, dispostos em corymbos terminaes, florões azues ou brancos; aromatico, sabor amargo. Toda a planta é empregada internamente contra as colicas e diarrheas, em fórma de chá, que se prepara com 4 grammas de folhas e 180 grammas d'agua fervendo; ou externamemente em banhos na debilidade dos membros e nas dôres rheumaticas. Estes banhos preparam-se com 500 ou 1000 grammas da planta, e quantidade sufficiente d'agua quente.



Fig. 547. — Herva tostão.

HERVA TOSTÃO ou **Tangaraca** (fig. 547) *Bœrhavia hirsuta*, L. Nyctagineas Planta do Brazil. Em Pernambuco chamam-lhe *Brêdo de porco.* Caule rasteiro, roliço; folhas oppostas, ovaes, verdes por cima, esbranquiçadas por baixo; flores mui pequenas, dispostas em corymbos, de côr vermelha amarantina; fructo pequeno, glutinoso, contendo uma só semente; raiz da grossura de um dedo, roxa por fóra, branca por dentro. Toda a planta, e principalmente a raiz, tem sabor picante e algum tanto amargo. A raiz é empregada como diuretico e desobstruente nas molestias de figado; usa-se em fórma de infusão, que se prepara com 8 grammas de raiz de herva tostão e 250 grammas d'agua. Esta porção toma-se n'um dia, em duas dóses. A decocção com farinha do linhaça, em fórma de cataplasma, applica-se na região do figado com o mesmo fim.

HERVA ULMEIRA. *Veja-se* ULMEIRA.

HERVA VENENOSA. Nas provincias centraes do Brazil dá-se este nome á *Echites venenosa*, Martius, planta da familia das Apocynaceas, cujo succo é fortemente acre, produz vomitos, demaios, delirio. O tratamento consiste em dar a beber claras de ovo batidas em agua fria.

Em Minas ha grande copia d'esta planta, que é muito prejudicial aos bois e cavallos.

HERVIDEROS DE FUENSANTA. Hespanha. Aguas ferruginosas gazosas frias; 16° a 22°. Empregam-se nos engurgitamentos do figado, areias, catarrhos da bexiga, amenorrheas, chlorose, leucorrhea, esterilidade, rheumatismo. Usam-se em bebida e em banhos; e são preferiveis ás de Spa e ás de Seltz.

HOMBRO. Parte do corpo humano, desde a axilla até ao pescoço, e d'onde nasce a raiz do braço. As partes osseas que entram na sua composição são posteriormente a omoplata, e anteriormente a clavicula com a extremidade superior do humero: estes diversos ossos são mantidos por fortes ligamentos, e por musculos numerosos.

MOLESTIAS DO HOMBRO. Trato das deslocações do hombro, no artigo DESLOCAÇÕES. As feridas o as contusões d'esta parte do corpo nada offerecem de especial. (Veja-se *Feridas* em geral, e *Juntas* (Molestias das).

Fractura dos ossos do hombro. As fracturas do humero e da clavicula acham-se descriptas nos artigos FRACTURA DO BRAÇO e da CLAVICULA; a omoplata póde tambem fracturar-se em suas diversas partes em consequencia de pancadas violentas e quédas. Esta lesão, que pouco perigo offerece por si mesma, exige repouso absoluto e o emprego de um apparelho contentivo durante certo tempo. *Veja-se* FRACTURAS DA ESPADOA, vol. I, pag. 1230.

HOMBURG. Aguas salinas chloruretadas frias.

Itinerario de Pariz a Homburg: Estrada de ferro até Homburg mesmo 17 horas. Despeza 78 francos.

Homburg é uma pequena cidade da Allemanha construida sobre a ladeira de uma collina. O seu Kursaal (casa de tratamento) é um dos mais bellos estabelecimentos d'este genero. Espaçosos salões ornados de columnas de marmore, rica mobilia, bellas pinturas, tudo concorre a tornar esplendido este edificio.

As fontes mineraes, em numero de cinco, são frias. Temperatura de 10° a 12° centigrados. Pertencem á classe das aguas salinas chloruretadas. A mais celebre é a fonte Elisabeth. A agua é clara, limpida; contém por litro 9ᵍ,860 de chlorureto de sodio, 0ᵍ,031 de bicarbonato de ferro, e 1ᵍ,93 de gaz acido carbonico livre. É por esta fonte que se principia o tratamento. O seu sabor salgado não tem nada de desagradavel. Bebida em dóse de tres a quatro copos é purgativa.

Immediatamente depois da fonte Elisabeth, vem a fonte Luiza, que contém mais ferro do que a precedente.

As aguas de Homburg não servem sómente para a bebida; administram-se em banhos e duches; servem tambem para a medicação hydrotherapica.

As molestias que se tratam em Homburg com maior vantagem são as affecções das vias digestivas, a dyspepsia, a hypochondria, a anemia, a chlorose, a prisão de ventre. Tomadas pela manhã, na dóse de um a dois copos, estas aguas activam as secreções, e, debaixo da influencia de evacuações moderadas, desembaraçam a congestão da cabeça. O sitio é aprazivel, os passeios magnificos, as reuniões esplendidas. Trans-

portadas, estas aguas conservam-se bem. Dois copos, tomados de manhã, produzem um effeito brandamente laxativo.

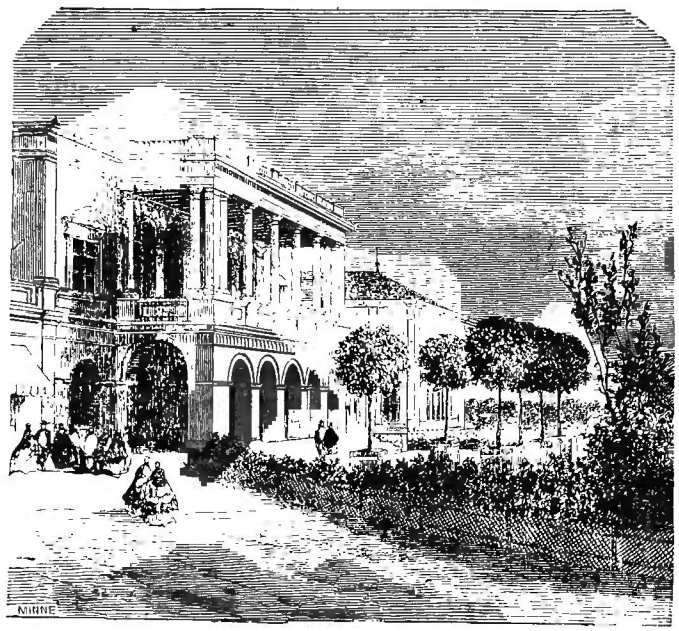


Fig. 548. — Homburg.

HOMEOPATHIA. Devo prevenir que este artigo, filho das circumstancias, não ha de corresponder um dia á utilidade quotidiana pela qual procuro dar a este diccionario um caracter de duração. A homeopathia não acharia aqui logar, se não existisse no publico um desejo momentaneo de satisfazer a curiosidade, e se não me julgasse obrigado a acautelar, ou a desabusar as pessoas nimiamente credulas. Depois d'esta advertencia, lancemos uma vista de olhos sobre a doutrina medica chamada *homeopathia*.

Ha setenta e seis annos que um medico allemão, chamado Hahnemann, concebeo, diz elle, esta nova doutrina por effeitos que experimentou do sulfato de quinina que a si mesmo administrára. Tendo o doutor presentido alguns phenomenos analogos a um accesso de febre, depois de ingerir a preciosa substancia que os faz parar maravilhosamente, antolhou-se-lhe, como um raio de luz que devia revolucionar a medicina, que o remedio mais seguro para curar uma molestia era justamente aquelle que era capaz de produzil-a. Em consequencia d'este principio, todos os vomitos devem ser tratados pelo emetico, as diarrheas pelos purgantes, e por extensão, sem duvida, a queimadura pelo fogo. Mas não consiste n'isto a singularidade principal da homeopathia. Eis-aqui a maneira pela qual n'este methodo se procede na administração dos medicamentos. Toma-se um grão de uma substancia qualquer, de extracto de aconito, por exemplo, dissolve-se n'um copo d'agua pura, dando-se dez pancadas de alto a baixo, nem mais nem

menos de dez; toma-se uma só gotta d'esta solução e põe-se em um segundo copo d'agua pura, favorece-se a mistura mediante outras dez pancadas applicadas da mesma maneira. Repetindo-se esta operação por dez vezes, obter-se-ha uma alteração do grão primitivo : administrando-se então uma gotta d'esta decima mistura a um doente, produzirá ella effeitos extremamente energicos. Incorpore-se da mesma maneira um grão de enxofre com cem grãos de assucar, o que eleva o remedio á centesima *potencia;* ajuntando-se depois 1 grão d'esta mistura a 100 grãos de assucar, o enxofre fica elevado a uma potencia 10,000 vezes mais forte do que no começo; e assim por diante, de mistura em mistura, chega-se successivamente até á *decima*, da qual se administra um grão por dia ao doente. Todos os outros medicamentos homeopathicos preparam-se pela mesma fórma. Hahnemann não explica por que motivo uma tão pequena dóse de substancia possue tão grandes propriedades; acreditai n'isto, mas não indagai. Refere elle grande numero de exemplos d'esta actividade espantosa das dóses infinitamente pequenas. « Um maniaco, victima de afflicções terriveis, tencionava suicidar-se, quando lhe fizeram respirar um atomo de pó de ouro homeopathico. Immediatamente tornou-se de humor alegre, recobrou a razão e a saude. » (*Organon de Hahnemann,* pag. 370).

A camomilla, planta pouco activa, e que muitas pessoas usam como chá, torna-se tambem um agente poderoso nas mãos dos homeopathas. Se alguem tomar um atomo homeopathico d'esta substancia, apresentará (segundo Hahnemann) os symptomas seguintes : « Vertigem, fallando ao cabo de dezeseis horas; vertigem depois de tomar o seu café; fonte esquerda inchada e dolorosa ao cabo de seis horas : prurido na pelle da testa ; estremecimentos na orelha direita; vontade de comer repolho crú, etc., etc. »

Taes são os pontos principaes d'este systema, hoje considerado como ridiculo. Senhores homeopathas, vós suppondes que derterminais artificialmente uma molestia analoga á que existia naturalmante, e que a substituis á primitiva, na persuasão de que ella durará menos. A isto vos responderemos : Os medicamentos que escolheis, a dóse infinitatamente dividida cujo emprego recommendais, nada absolutamente podem produzir. Nós negamos que façais sobrevir um accesso de febre com um globulo de sulfato de quinina, um cancro venereo com um atomo de mercurio, etc., outrosim que cureis estas molestias pelos mesmos meios. Se o emprego d'estas imperceptiveis fracções tem causado ás vezes mudanças immediatas e sensiveis, é pelo simples effeito da imaginação; e quem ignora o seu poder?

Esta doutrina, entretanto, tem achado partidarios. « O grande segredo dos charlatães em medicina, diz um autor, consiste em repetir de contínuo que curam todas as molestias, até aquellas que se reputam incuraveis, Elles podem assoalhar todas as inepcias que lhes vierem á cabeça : o homem que soffre não vê, não ouve senão uma cousa, a promessa de uma cura certa; depois de enganado dez ou vinte vezes, nem por isso é menos accessivel á illusão. »

Podem, com effeito, citar-se algumas curas homeopathicas; mas estas

pretendidas curas serão facilmente explicadas quando se souber que a dieta representa uma grande parte no tratamento homeopathico; esta dieta é o principal agente das curas, a natureza faz o resto. Não se vêem todos os dias muitas molestias cederem pelos meios mais simples, sem medicamento algum?

Pórem, se a hemeopathia é inoffensiva no tratamento de muitas molestias nervosas que sáram por si mesmas ou com remedios muito simples, não se póde dizer o mesmo do seu effeito nas molestias que exigem um tratamento activo e approvado pela experiencia de muitos seculos: n'estes casos a hemeopathia tem feito grande damno á humanidade.

A Academia de Medicina de Pariz, a do Rio de Janeiro, e outras Sociedades sabias, tem reprovado a homeopathia. Direi para a justificação d'este systema o seguinte: Nas sociedades primitivas, homens superiores não se pejaram de recorrer á impostura para inculcarem crenças e praticas que julgaram salutares; pergunto se, sob fórmas artificiosas e um pouco fantasticas, o doutor Hahnemann não teria tido a ambição secreta de restaurar a medicina expectante, que consiste em nada prescrever aos doentes, limitando-se a actuar sobre o moral, e a regular as circumstancias hygienicas?

HOPEINA. Pretentido alcaloide que se dizia extrahido do lupulo da America, as amostras submettidas a analyse continham apenas, um pouco de morphina aromatizada com a essencia de lupulo.

HORDEOLO. *Veja-se* TERÇOL.

HORTELÃ (*Mentha*). Genero da familia das Labiadas, contém plantas herbaceas quasi vivaces, de talos angulosos, levando pequenas flores monopetaes recortadas em 4 lobos e dispostas em anneis ou em espigas. Habitam em differentes sitios do Brazil e de Portugal, ou se cultivam em jardins por causa do seu cheiro aromatico e agradavel. Ha muitas especies de hortelã; as mais communs são: HORTELÃ SELVAGEM (*Mentha sylvestris*), HORTELÃ AQUATICA (*Mentha aquatica*), que habitam nos logares humidos; HORTELÃ PIMENTA (*Mentha piperita*), HORTELÃ VERDE (*Mentha viridis*), HORTELÃ CRESPA (*Mentha crispa*), HORTELÃ DE FOLHAS REDONDAS OU MENTHASTRO (*Mentha rotundifolia*), HORTELÃ POEJO (*Mentha pulegium*).

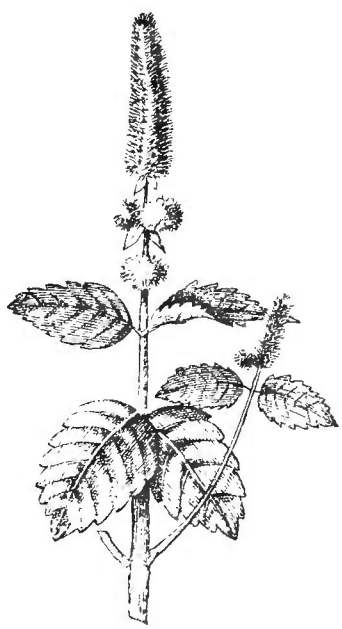


Fig. 549. — Hortelã-pimenta.

Hortelã pimenta. *Mentha piperita* Linneo (fig. 549). E origiginaria da Inglaterra; cultiva-se nos jardins. Os seus caules são avermelhados, glabros ou guarnecidos de pellos mui raros, folhas de côr verde escura, pecioladas, ovaes agudas, denteadas, flores purpureas, formando espigas na extremidade dos caules; cheiro aromatico, sabor amargo camphorado,

deixando na boeca uma frescura mui notavel. A planta, depois de secea, conserva o mesmo eheiro. Este eheiro é devido á presença de um oleo esseneial abundante, eontido nas pequenas glandulas que se aeham na espessura das folhas, e que se distinguem faeilmente olhando atravez das folhas. A hortelã pimenta é antispasmodiea, toniea e exieitante; provoea a transpiração. Usa-se em fórma de ehá nas dôres rheumatieas, defluxos, colieas, vomitos espasmodieos e eomo vermifugo. Este ehá prepara-se com tres ou quatro folhas da planta e uma ehieara d'agua quente. — O oleo esseneial, que se extrahe da hortelã, emprega-se na eonfeição das pastilhas ou para aromatizar grande numero de lieores. Este oleo ou essencia é uma das melhores preparações para aromatizar a agua eom qual se lava a boeca.

As outras espeeies de hortelã, meneionadas no prineipio d'este artigo, gozam das mesmas propriedades, porém menos pronunciadas, do que a hortelã-pimenta.

Hortelã brava. *Veja-se* PARACARY.

HOSTIAS MEDICAMENTOSAS. São envoltorios formados pela reunião de dois diseos de hostia levemente eoneavos, entre os quaes

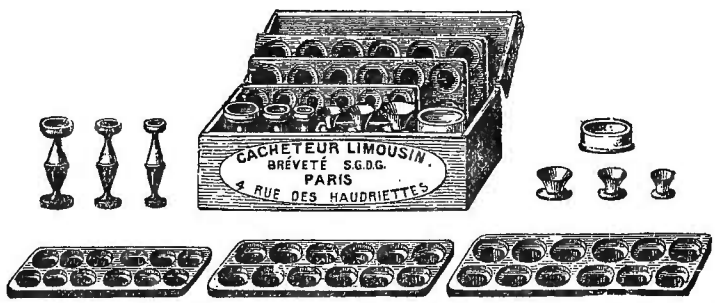


Fig. 550. — Apparelho para hostias medicamentosas, de Limousin.

se põe um medieamento, mais espeeialmente um pó, e que se reunem depois por meio de um apparelho particular. Esta fórma medieamentosa util para administrar os medieamentos de sabor desagradavel, taes como o sulfato de quinina, o rhuibarbo, a ipeeacuanha, ou as substaneias faeilmente alteraveis ao ar, como o ferro reduzido, foi introduzida na pratica pelo Sr. Limousin, pharmaeeutieo de Pariz. Todos os pharmaeeuticos podem preparar estes envoltorios com o apparelho de Limousin (fig. 550), que é mui simples, e que eonsta:

1.° De tres taboinhas furadas eada uma de 12 buracos de diametro correspondente ás tres dimensões de hostias, com o que se podem preparar eompletamente e simultaneamente em eada uma d'ellas 12 hostias ou obreias medieamentosas do tamanho eorrespondente.

2.° De um tampão de poreelana guarneeido de feltro no qual se humedeee, depois de se o ter, de leve, guarneeido d'agua, os sinetes, que meneionamos abaixo.

3.° De uma serie de tres sinetes de madeira, correspondendo ás tres dimensões de hostia. — Estes sinetes servem para molhar e apertar as hostias. O lado de eôr preta é para molhar o diseo da hostia; a outra

extremidade amarella é destinada a collar os envoltorios pela pressão.

4.' De uma serie de tres funis adaptando-se perfeitamente nas cavidades, para introduzir o pó no envolucro e impedir que se derrame nas bordas.

Este apparelho tem a vantagem de não ser volumoso, de ser barato e de facil manejo.

Em razão da disposição particular das cavidades das taboinhas que são mathematicamente do mesmo diametro que as hostias, é forçoso que haja uma posição exacta nas duas rodelas de pão azymo e por conseguinte perfeitas hostias medicamentosas.

Qualquer individuo, por menos experimentado que seja, pode, com este apparelho, fazer hostias medicamentosas perfeita e exactamente colladas, e sem se desarranjar do logar em que estiver, a dosagem e a collagem fazendo-se na mesma cavidade onde se collocou no começo da operação a hostia vazia.

Eis como se faz funccionar este apparelho:

1. Collocar a hostia vazia em uma das cavidades da taboa, pôr o funil em cima e deitar o pó.

Pode-se com um pequeno cylindro de madeira um pouco concavo em um dos lados apertar de leve o pó no funil (fig. 551).

2.' Applicar o sinete de madeira do lado preto no feltro imbebido d'agua para humedecer todo ao redor.

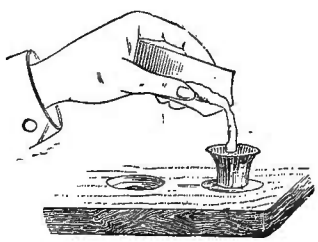


Fig. 551.

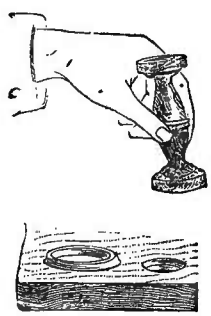


Fig. 552.

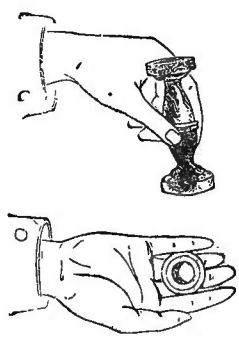


Fig. 553.

Evitar que não fique muito molhado para que se obtenha uma hostia com as bordas bem estufadas (fig. 552).

3.' Apoiar esse sinete, que serve de molhador, sobre a parte concava do envolucro que deve servir de tampa e humedecer bem as bordas executando um leve movimento de rotação (fig. 553).

4.ª Collocar o envolucro com as bordas humidas na cavidade da taboinha, emcima d'aquella que contem o pó (fig. 554).

5.' Applicar o sinete de madeira do lado da côr clara, na cavidade, sobre os dois envolucros um em cima do outro, collal-os apoiando e virando á roda levemente o sinete (fig. 555).

6.ª Introduzir, emfim, o dedo index no buraco da taboinha, para tirar a hostia prompta (fig. 556).

O casa Limousin e C^ia tambem prepara hostias-colher para se tomar os pós e principalmente os medicamentos liquidos, os electuarios e opiatos. Os doentes não precisam recorrer á pharmacia para tomarem os remedios que não se conservariam por muito tempo n'esses envolucros, no momento de tomar o remedio, elles mesmos preparam-n'o.

Eis como se empregam essas hostias-colher.

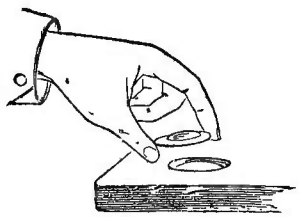


Fig. 554.



Fig. 555.

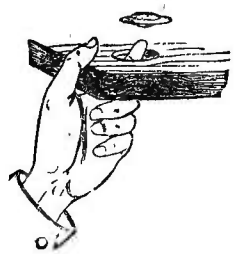


Fig. 556.

Na cavidade E (fig. 559) colloca-se a hostia concava B (fig. 557) e n'ella deita-se o oleo com a colher de metal que se acha dentro da caixa das hostias.

Molha-se com o pincel as bordas da hostia chata A (fig. 557) e adapta-se'a sobre a hostia B que contem o medicamento.

Por cima põe-se a tampa D e aperta-se para collar as duas hostias, e formar a hostia C (fig. 558) fechada hermeticamente, o que faz o seu valor e sua superioridade sobre todos os outros systemas.

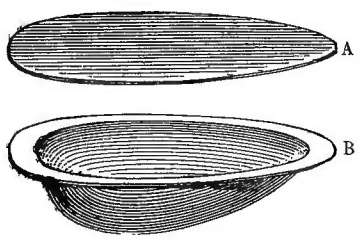


Fig. 557.

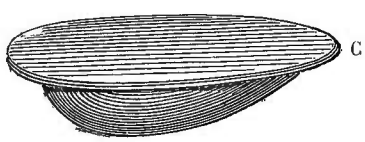
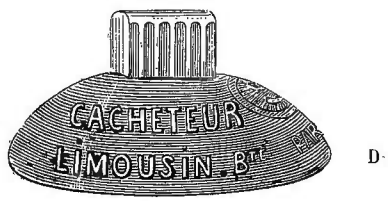


Fig. 558.



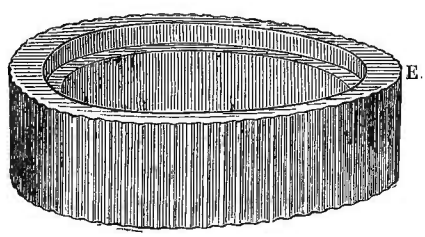


Fig. 559.

Basta depois molhar a hostia e engulil-a o que se faz mui facilmente, visto que ella escorrega sem a menor difficuldade pela garganta.

Estas hostias, assim como os apparelhos, vendem-se em Pariz em casa de Limousin e C^ia à rua des Haudriettes n° 4.

HUMERO. Osso do braço; é mui longo e forte; occupa o espaço

comprehendido entre a espadoa e o cotovelo. Notam-se-lhe um corpo e duas extremidades. O corpo do humero é cylindrico. A extremidade superior é arredondada e conhecida pelo nome de *cabeça do humero;* uma parte estreita e muito curta a supporta, é o *collo* (pescoço). A extremidade inferior do humero apresenta indo de fóra para dentro : o condylo que se articula com o radio, uma *crista* encaixada no radio e cubito, a *trochlea* ou moutão, recebida na cavidade sigmoide do cubito. Adiante está uma fossa destinada a receber a apophyse coronoide do cubito, quando se dobra o antebraço; atraz acha-se outra maior, para alojar a apophyse olecranea do mesmo osso, quando ella se estende.

HUNYADI-JANOS. Hungria. Agua salina fria. A fonte brota n'uma planicie, nos arredores de Buda, capital da Hungria. A agua é limpida, sem cheiro, de sabor amargo, sem o resaibo salgado e desagradavel das outras aguas da mesma classe, porque contém uma proporção iufinitamente menor de chlorureto de sodio. Os saes que prodominam n'ella são o sulfato de magnesia e o sulfato de soda, dos quaes, por litro, contém cerca de 35 grammas sobre 43 de todos os saes reunidos. Isso explica o seu effeito purgativo debaixo de um pequeno volume: meio copo ou um quarto de copo, tomado de manhã ou no decurso do dia, basta para provocar uma ou duas evacuações. A agua não é gazosa; contém, porém gaz acido carbonico em dissolução, pelo que o estomago a supporta muito bem. As outras substancias que encerra são : chlorureto de sodio, sulfato de potassa, carbonato de soda, carbonato de cal, oxydo de ferro, alumina, acido silicico, carbonato de manganez, sulfato de cal, chlorureto de magnesio, azotato de magnesia, bromureto de magnesia, chlorureto de lithio. Convem nos engurgitamentos do figado e do baço, congestões da cabeça, erupções cutaneas chronicas, hemorrhoidas e prisões de ventre. — O deposito d'esta agua acha-se no Rio do Janeiro em casa de E. e A. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

HYDARTHROSE. *Veja-se* HYDROPISIA DA JUNTA.

HYDATIDA ou ACEPHALOCYSTO. Dá-se este nome a vesiculas transparentes, sem cabeça, sem bocca nem orgãos digestivos, do tamanho de uma ervilha ou de uma cereja, situadas no figado, no baço, nos rins, no cerebro, no tecido cellular, etc. Estas vesiculas ou saquinhos são cheios de um liquido transparente no qual nadam pequenos grãos esbranquiçados, apenas visiveis, que são uns vermes chamados *echinococos.*

É ás vezes impossivel reconhecer as hydatidas desenvolvidas no interior dos orgãos, mas quando ellas formam um tumor bastante grosso para levantar a pelle sem mudar sua côr, e quando este tumor indolente, fluctuante, dá ao dedo que o bate uma sensação especial de ruido elastico, póde-se estar certo da sua presença. As hydatidas podem ser eliminadas espontaneamente pela pelle, pelas membranas mucosas, ou ficarem estacionarias nos orgãos cercando-se de uma membrana fibro-cartilaginosa e calcarea que faz cessar para sempre o seu desenvolvimento, de maneira a formar um corpo estranho que o organismo tolera, pouco mais ou menos.

Tratamento. Contra as hydatidas que formam um tumor accessivel á

mão, não ha outra cousa a fazer senão a puncção com um trocate capillar para fazer morrer os echinococos; ou a abertura do tumor com o bisturí ou por meio das applicações causticas. Aberto o tumor, praticam-se-lhe no interior injecções com Phenol Bobœuf, ou com tintura de iodo diluidos em agua.

HYDRASTE. Planta herbacea da famillia das Renonculaceas que possue raizes fixas que brota todos os annos uma haste que morre no outomno. Tem poucas folhas e os fructos em bagas. A raiz é amarellada, cheirosa e muito amarga e contem algumas substancias especiaes : a *berberina,* a *hydrestina*, etc. Tem sido recommendada como diuretica, tonica, febrifuga e hemostatica. A hydrastina se toma na dóse de 10 a 20 centigrammas; a tinturaa d'hydraste se administra na dóse de 10 a 30 gottas. É um medicamento americano usado em Inglaterra, mas pouco empregado nos outros paizes da Europa.

HYDRIODATO DE POTASSA. *Veja-se* IODURETO DE POTASSIO.

HYDROCELE. Chama-se hydrocele um tumor do escroto formado pela agglomeração da serosidade na tunica vaginal, membrana que envolve o testiculo. Este tumor é oval, igual, molle, sem dôr, e transparente; a transparencia póde verificar-se pelo auxilio de uma luz posta atraz do escroto. Quando a molestia é antiga, a tunica vaginal torna-se mais espessa, e o tumor perde a transparencia. As causas d'esta affecção em geral são incertas : julga-se que as contusões, as pancadas e o máo commodo do cavallo podem desenvolvêl-a. Esta molestia não é grave; mas é muito incommoda: o tumor, augmentando de volume, attrahe a pelle do membro viril, de sorte que este apenas apparece e fica privado de preencher as funções da geracção. O tratatamento do hydrocele é especialmente cirurgico. Depois de evacuada a serosidade por meio da punctura, injecta-se no interior da tunica vaginal um liquido irritante, tal como o vinho quente, a tintura de iodo diluida em agua, etc., para produzir uma inflammação que tem por effeito fazer adherir as paredes do sacco em que se acha o liquido. A cura é tanto mais certa quanto mais cedo se pratíca esta operação; pois que, quando o hydrocele é antigo, a tunica vaginal torna-se dura, e é mais difficil reunirem-se suas paredes uma á outra. Outra razão ha para que o doente se determine a recorrer aos soccorros da arte logo ao principio da molestia, e vem a ser que o liquido que constitue o hydrocele irrita contínuamente o testiculo, e faz com que este orgão augmente de volume : esta causa póde até produzir a desorganização do tecido; é preciso, por conseguinte, destruil-a o mais cedo possivel.

Ha ainda outra especie de hydrocele, e vem a ser aquella que procede da accumulação de serosidade no tecido cellular subcutaneo das bolsas; sobrevem nos hydropicos, e acha-se então ligada a outra molestia; observa-se tambem nas crianças fracas ou tratadas com pouco asseio; e ás vezes nos adultos. Esta molestia é pouco grave; e quando não depende de outra affecção, cura-se mediante a applicação de chumaços embebidos em agua salgada, ou em agua vegeto-mineral.

HYDROCEPHALO ou AGUA NA CABEÇA. *Veja-se* HYDROPISIA DA CABEÇA.

HYDROCHLORATO DE AMMONIACO. *Veja-se* AMMONIACO.

HYDROCHLORATO DE OURO. *Veja-se* OURO.

HYDROCOTYLE ASIATICA. *Hydrocotyle asiatica.* Lin. Umbelliferas. Planta herbacea, empregada em Pondichery contra a lepra, syphilis, escrophulas; na ilha Mauricia contra a morphea. Habita nos logares humidos da India. São as folhas e a raiz que são empregadas. A raiz é rude, carnosa, cinzenta. Fresca, a planta tem só o cheiro herbaceo; secca, tem cheiro viroso e particular. Emprega-se interna e externamente. Para bebida a dóse é de 30 grammas para 1000 grammas d'agua, que se reduzem á metade pela decocção. Este *cozimento* toma-se em tres dóses por dia. *Pó* da planta secca, dá-se na dóse de 8 a 30 grammas. O cozimento emprega-se tambem em lavatorios.

HYDROMEL. Tisana composta de mel diluido em agua e que é um laxante brando. Prepara-se dissolvendo 10 grammas de mel d'abelhas em 120 grammas d'agua.

HYDROPATHIA. *Veja-se* HYDROTHERAPIA.

HYDROPERICARDIO. *Veja-se* HYDROPISIA DO CORAÇÃO.

HYDROPHOBIA. *Veja-se* RAIVA.

HYDROPHTHALMIA. *Veja-se* HYDROPISIA DO OLHO.

HYDROPISIA EM GERAL. Dá-se o nome de *hydropisia* a todo o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou no tecido cellular subcutaneo. Quando o tecido cellular de todo o corpo está cheio de serosidade, como uma esponja embebida d'agua, a molestia toma o nome de *anasarca;* e se esta hydropisia se limita a uma só região, chama-se *edema*, ordinariamente *inchaço;* a que occupa o ventre denomina-se *ascite*, ou vulgarmente *barriga d'agua;* o nome de *hydropisia do peito* é reservado á da cavidade das pleuras, etc.

Causas. As causas capazes de produzir a hydropisia são numerosas. O frio humido e o temperamento debil predispõem a este genero de affecção. A alimentação insalubre ou insufficiente, a ingestão de bebidas frias, estando o corpo suado, as paixões vivas da alma, a tristeza, uma vida sedentaria e desoccupada, a suppressão subita de algumas erupções cutaneas, taes são as causas frequentes das hydropisias. O estado de gravidez é ás vezes acompanhado de hydropisia dos membros inferiores e até do ventre, proveniente da compressão das veias pelo utero mui dilatado; cessa depois do parto. Em um grande numero de convalescenças que succedem ás molestias longas, observa-se, principalmente de tarde, a inchação dos pés. Este leve accidente é produzido pela fraqueza geral e pela frouxidão da circulação do sangue nas extremidades. Á proporção que os doentes recobram as forças, a inchação desapparece. As molestias de que resultam mais frequentemente as hydropisias, são as febres intermittentes, as inflammações chronicas do figado e baço. As evacuações sanguineas mui copiosas, as hemorrhagias abundantes podem tornar-se causa da hydropisia. Esta molestia succede ás vezes ás

febres eruptivas, e principalmente á escarlatina. Mas não ha molestias que sejam acompanhadas tão frequentemente de hydropisia como as affecções organicas do coração.

Prognostico. O prognostico das hydropisias depende de grande numero de circumstancias; não é possivel, por conseguinte, estabelecêl-o de uma maneira geral. Esta molestia cura-se mui frequentemente, e ás vezes até espontaneamente, por suores ou ourinas abundantes; mas tambem se reproduz com a maior facilidade.

Tratamento. O tratamento das hydropisias consiste, em geral, no emprego dos meios proprios par determinarem as secreções derivativas, taes como os purgantes, os diureticos e os sudorificos. Todos os medicamentos que compõem estas tres classes são empregados. Na hydropisia do ventre, quando a accumulação da serosidade é abundante, as paredes abdominaes parecem ser ameaçadas de ruptura, e se a difficuldade da respiração fôr excessiva, é preciso recorrer á puncção. Esta operação cura ás vezes, e allivia sempre. Havia outr'ora grande receio de se prescrever bebidas aos hydropicos; hoje todos os medicos estão bem convencidos de que é exagerado o modo de augmentar por bebidas abundantes a quantidade da serosidade derramada. Quando a hydropisia depende da lesão organica do coração ou de alguma outra viscera, o tratamento deve ser dirigido contra esta ultima affecção. — Depois d'estas generalidades, examinemos cada uma das hydropisias em particular.

Hydropisia das articulações. *V* HYDROPISIA DAS JUNTAS.

Hydropisia da cabeça ou AGUA NA CABEÇA. Como o nome indica, esta molestia consiste na accumulação d'agua na cabeça; em medicina chama-se *hydrocephalo*. A quantidade do liquido varía de algumas colheres a meio litro e mais. Esta molestia, umas vezes, principia quando a criança se acha ainda no seio materno, outra vezes declara-se depois do nascimento.

Causas. A verdadeira causa da accumulação d'agua na cabeça é um mysterio. Notáram entretanto os medicos que ha algumas circumstancias que podem considerar-se como causas que predispõem para esta molestia, e dependem ou da mãi ou da criança. Assim, quando a mulher gravida experimentar frequentes emoções, pezares profundos, sustos que lhe perturbam vivamente a alma, quando tiver durante a prenhez molestias mui graves, quando lhe existirem no utero muitas aguas, quando se espartilham demasiadamente por faceirice ou para esconder o seu estado, como se vê nas mãis solteiras, que dão nascimento a maior numero de crianças hydrocephalas do que as casadas; quando a mulher fôr unida a um homem esfalfado pela idade ou pelos excessos, tudo isto póde predispôr a ter crianças com agua na cabeça. Outras vezes a causa da molestia depende da mesma criança. Assim, independentemente do vicio de organização, a agua na cabeça póde ser occasionada pela dentição, pela presença de lombrigas nos intestinos, pela suppressão subita da crosta lactea (vulgarmente ozagre), e por quédas na cabeça.

Symptomas. Um dos principaes signaes d'esta molestia é o augmento

do volume, e a fórma particular da cabeça. Este augmento de volume da cabeça nem sempre existe, e por isso a molestia chamada agua na cabeça distinguc-se: 1.° na em que a cabeça é mais volumosa; 2.° na em que ella conserva o seu tamanho.

1.° Quando o volume da cabeça augmenta, a physionomia tem um aspecto mui singular, pois o craneo é grande, em quanto que o rosto conserva o volume ordinario. Tem-se visto recem-nascidos cujo craneo apresentava 40, 60 e até 80 centimetros de circumferencia. Os olhos muitas vezes são vesgos. O sentido do ouvido, mui fino, no começo, perde pouco a pouco a sensibilidade e acaba por desapparecer completamente. É preciso fazer muita bulha para que os hydrocephalicos possam ouvir. A intelligencia a principio é mui desenvolvida em algumas crianças, mas diminue á medida que a molestia faz progressos, e enfraquece de tal mancira, que a criança nada mais entende; não falla, solta unicamente um ruido particular.

2.° Quando a *agua na cabeça* existe sem augmento de volume do craneo, este é ordinariamente pontudo no apice, deprimido nas partes lateraes; os olhos estão em movimento contínuo e insensiveis á luz; a physionomia tem a expressão de estupidez; a voracidade d'estas crianças é grande, mas a digestão faz-se mal; as excreções das materias fecaes e as ourinas são involuntarias; a voz consiste n'um som fraco e rouco. Estas desgraçadas crianças não tem a menor apparencia de razão, e constituem um dos mais tristes quadros das miserias humanas.

Prognostico. O prognostico da agua na cabeça é gravissimo; no maior numero de casos esta molestia termina-se pela morte: as curas são raras, entretanto tem-se observado algumas.

Tratamento. Os medicamentos que se empregam para curar a agua na cabeça são os mesmos que os indicados nas outras especies de hydropisias: taes são os purgantes, os diureticos, os tonicos, os calomelanos, as fricções mercuriaes no pescoço, os causticos na nuca, etc.

O tratamento *preservativo* é cousa mais importante. Convem respeitar as erupções que se observam na cabeça de muitas crianças, limitar-se ás applicações emollientes, e abster-se de pomadas irritantes que possam recolher estas molestias. Releva que se evitem as pancadas e quédas. As crianças que tem a cabeça grande, a intelligencia mui precoce, devem ser educadas com muita cautela. Não se lhes cultive muito cedo o espirito; é preciso poupal-as em seus estudos, e não lhes forçar a intelligencia.

Hydropisia do coração ou AGUA NO CORAÇÃO. Molestia que consiste na accumulação de serosidade na cavidade do sacco membranoso que envolve o coração, e chama-se *pericardio*. A hydropisia do coração designa-se em medicina com o nome de *hydropericardio*. A quantidade de serosidade que se acha n'esta molestia á roda do coração varía de 60 a 200 grammas. A côr ás vezes imita a da agua; porém quasi sempre é um pouco esverdeada ou amarella.

Causas. A hydropisia do coração procede, no maior numero de casos, das molestias do coração ou das lesões das principaes veias e arterias

que communicam com este orgão. As outras causas da hydropisia do coração são : pancadas sobre o lado esquerdo do peito, interrupção da transpiração, abuso dos licores alcoolicos, suppressão de hemorrhagias habituaes, paixões violentas, taes como a ambição e seus tormentos, o ciume, os pezares, etc.

Symptomas. O enfermo sente uma especie de fluctuação na região do coração, um peso n'esta mesma região; respira difficilmente, e quando quer tomar uma posição horizontal, acha-se ameaçado de suffocação; ás vezes desmaia, raramente tem palpitações; o pulso é fraco, frequente e ás vezes irregular. Em alguns casos, quando o derramamento seroso é consideravel, o lado esquerdo do peito é mais elevado que o direito. Frequentemente incham os pés, e ás vezes nota-se uma leve inchação na parte anterior, e do lado esquerdo do peito dá um som massiço. O ouvido applicado sobre este lado do peito, percebe os ruidos do coração pouco evidentes e que parecem distantes; ás vezes não se percebe ruido algum. — A duração d'esta molestia é indeterminada.

Tratamento. Os remedios que se empregam contra esta molestia são os mesmos que os indicados na hydropisia em geral. São : diureticos, sudorificos, digital, nitro, scilla, causticos no peito, e purgantes.

RECEITUARIO CONTRA A HYDROPISIA DO CORAÇÃO.

1.° Extracto de digital..... 2 grammas.

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, 3 vezes por dia.

2.° Extracto de scilla..... 1 gramma.
Extracto de zimbro..... 1 —

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, 3 vezes por dia.

Digitalina de Homelle e Quevenne 1 granulo, 3 vezes por dia.

Hydropisia da junta ou **Hydarthrose.** Dá-se este nome ao derramamento, á accumulação anormal de serosidade n'uma junta.

Causas. Estes derramamentos são de duas especies : uns formam-se rapidamente e são acompanhados de phenomenos inflammatorios intensos : são hydarthroses *agudas* que resultam das quédas, pancadas e outras causas da inflammação da junta; outras formam-se lentamente, são estas hydarthroses *chronicas;* desenvolvem-se sob a influencia de um resfriamento, de morada em habitações humidas, da blennorrhagia urethral. Todas as juntas não são affectadas de hydarthrose com um gráo igual de frequencia : em primeira linha vem o joelho, depois o hombro, o cotovelo, o punho, o pé, etc.

Symptomas. A hydarthrose apresenta-se debaixo da fórma de um tumor molle ao nivel da articulação, circumscripto de todos os lados pelos limites da membrana synovial, de volume variavel. Este tumor, de forma desigual, está apertado nos pontos em que existem ligamentos espessos; mais saliente nos pontos em que os tecidos são extensiveis; esta disposição torna-se sobretudo apparente na hydarthrose do joelho, onde a inchação apresenta duas proeminencias mui notaveis de cada lado da

rotula. O tumor é molle e fluctuante; a pelle que o cobre não apresenta alteração. Em geral os movimentos da junta acham-se conservados.

Tratamento. A hydarthrose aguda deve ser combatida com cataplasmas de linhaça ou de fecula, e com a poção seguinte :

Agua.....	150 grammas.
Tartaro emetico.....	20 centigrammas.
Xarope simples.....	30 grammas.

Misture. Para beber duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Esta poção produz vomitos e evacuações alvinas. No dia, em que d'ella usar, o doente só tomará caldos de gallinha, por todo o alimento.

O tratamento da hydarthrose chronica compõe-se dos meios seguintes:

1.° Fazer fricções seccas com a mão sobre a articulação affectada,

2.° Comprimir a articulação com tiras de emplasto adhesivo ou com atadura.

3° Applicar o emplasto seguinte :

Gomma ammoniaco.....	60 grammas.
Vinagre commum.....	8 —

Misture.

4.° Applicar panno molhado na solução seguinte :

Sal ammoniaco.....	4 grammas.
Agua.....	60 —

5.° Estender sobre a junta com pincel uma ou mais camadas de tintura de iodo.

6.° Applicar um ou mais causticos volantes na junta.

Em quanto dura o tratamento, o doente póde fazer alguns movimentos da junta, excepto se o exercicio occasionar dôres, ou produzir phenomenos inflammatorios. Se a hydarthrose resistir a estes diversos tratamentos, não ha mais outra cousa a fazer do que evacuar o liquido e modificar á vitalidade das paredes da membrana synovial, de modo a oppôr-se á reproducção do derramamento. A operação executa-se da maneira seguinte: Faz-se a puncção no tumor com um trocate; espreme-se cuidadosamente o humor pelo canudo do instrumento, e injecta-se na junta o liquido preparado segundo a receita seguinte :

Agua.....	40 grammas.
Iodo.....	5 —
Iodureto de potassio.....	10 —

Misture em gral de vidro o iodo com o iodureto e ajunte a agua. Deixa-se o liquido durante alguns minutos, depois evacua-se e mantém-se a junta immovel até desapparecerem os phenomenos inflammatorios que resultam da injecção. Obtiveram-se muitas curas mediante esta operação.

Hydropisia do olho ou **Hydrophthalmia.** Molestia que depende do augmento excessivo dos humeros do olho: este orgão adquire

maior volume e dureza do que no estado natural, póde até fazer proeminencia fóra da orbita, e então as palpebras não o cobrem. A pupilla dilata-se, torna-se quasi immovel e a vista perde-se pouco a pouco; sobrevem ás vezes insomnia, dôres no fundo da orbita, inflammação do olho, e sua ruptura.

Causas. As contusões do globo ocular, as ophthalmias que dependem das bexigas, da escarlatina e das outras affecções agudas da pelle, são as causas occasionaes mais frequentemente observadas. Vem depois a suppressão dos menstruos, das hemorrhoidas; emfim, a hydrophthalmia póde declarar-se, como muitas outras molestias, sem causa conhecida.

Tratamento. Convem administrar repetidos purgantes e fazer fricções á roda do olho com pomada mercurial. Appliquem-se no olho saquinhos com plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, salva, absinthio, hortelã. Internamente administrem-se tonicos, taes como o vinho de quina, o ferro Quevenne, a infusão de lupulo. Quando a hydrophthalmia, chegada ao ultimo periodo, determina acdidentes graves, é preciso praticar uma puncção do olho para evacuar o humor.

Hydropisia dos ovarios. Os ovarios são dois corpos ovoides, achatados, do comprimento de 3 a 5 centimetros, da largura de 1 a 2 centimetros, situados no interior da bacia da mulher, um de cada lado do utero. Os ovarios podem ser affectados de hydropisia, a que se dá o nome de *hydropisia do ovario*, *kysto do ovario*.

Causas. Os kystos do ovario desenvolvem-se n'um orgão que apresenta no estado normal um grande numero de pequenos kystos ou vesiculas. As mulheres de qualquer idade podem ser affectadas d'esta molestia, porém mais especialmente na idade de trinta a cincoenta annos. O desenvolvimento da molestia foi precedido ás vezes de uma quéda sobre o lado do ventre, de uma contusão da parede abdominal, de abortos, ou de inflammações do utero. A hydropisia do ovario mostra-se igualmente nas mulheres que tiveram muitos filhos, e nas que nunca estiveram gravidas.

Symptomas. Os kystos ovaricos causam, a principio, dôr surda e permanente n'uma das regiões lateraes e inferiores do ventre, certa sensação de incommodo e de peso na nadega e na coxa correspondentes. Passado certo tempo mostra-se, na parte lateral e inferior do ventre, um tumor pequeno, circumscripto, arredondado, elastico, indolente ou doloroso, mobil. Este tumor occupa ás vezes a linha mediana; em outros casos inclina-se para o lado opposto áquelle onde se originou.

Á proporção que o tumor faz progressos, o ventre torna-se mais duro e elevado do lado correspondente ao kysto; é molle nos outros pontos; mas este signal não é constante. Ás vezes, com effeito, o ventre estira-se regularmente nos differentes pontos de sua extensão. N'esta época verifica-se facilmente, apalpando, que existe no ventre um tumor circumscripto, occupando um espaço mais ou menos vasto, e no qual póde sentir-se a fluctuação applicando-se uma das mãos em um dos lados do ventre e percutindo-se com a outra a parte opposta. Este tumor muda

de logar nas diversas attitudes da doente, quando ainda não adquirio um volume mui consideravel.

As mais das vezes existem irregularidades na menstruação ; a concepção é possivel, excepto se os dois ovarios estão ocupados por kystos, mas o aborto é frequente. Bem que a saude continue a ser boa, observam-se em certos casos vomitos, appetites extravagantes, picadas e tumefacção dos seios, signaes que fazem suppor uma gravidez incipiente. Quando o tumor adquire um volume enorme, a compressão que exerce sobre os orgãos vizinhos determina desarranjos na digestão, inchação dos membros inferiores, difficuldade na excreção das ourinas.

Marcha e *terminações*. Os kystos serosos do ovario podem ficar estacionarios durante muitos annos, sem incommodarem notavelmente as doentes. Augmentam mais rapidamente de volume nas mulheres de vinte a trinta annos do que nas mulheres comprehendidas entre os quarenta e cincoenta annos. Já se lhe notou a desapparição espontanea, e esta desapparição coincidio com a excreção copiosa das ourinas ou com a diarrhea abundante.

Prognostico. Os kystos ovaricos constituem sempre uma affecção grave. Se em alguns casos, com effeito, não exercem influencia na saude, ha muitos outros em que compromettem a existencia da mulher, quer por seu desenvolvimento rapido, quer pelos accidentes que produzem.

Tratamento. 1.° *Tratamento palliativo*. Quando o kysto tomou certo desenvolvimento, e se exercer uma pressão incommoda sobre a parede abdominal, sustenha-se o ventre com cinta. Se o kysto se inflammar, combata-se a inflammação com bichas e cataplasmas de linhaça. Se se formar abcesso, abra-se com o bisturí ou com a potassa caustica. A difficuldade de ourinar, que se mostra no curso d'esta affecção, desapparece pela simples posição horizontal ; falhando este meio, recorra-se á sonda. Se o kysto tomou um volume bastante consideravel para produzir accidentes de suffocação, cumpre recorrer á *puncção*. Pratica-se esta operação com um grosso trocate que se faz penetrar na região antero-lateral do ventre, ao nivel do ponto mais saliente do tumor. Depois da puncção, o liquido reproduz-se com maior ou menor rapidez, e, passado algum tempo, é necessario repetir a operação.

2.° *Tratamento curativo*. Fizeram-se tentativas para curar radicalmente os kystos ovaricos sem operação sangrenta : foram empregados os purgantes repetidos, as fricções com pomada de iodureto de potassio, a compressão feita methodicamente sobre o tumor.

Os meios cirurgicos comprehendem.

a. A *puncção* seguida de uma injecção irritante no interior do kysto. Foram empregadas particularmente as *injecções com a tintura de iodo*. Este modo de tratamento foi julgado diversamente pelos cirurgiões da nossa epoca. Resulta de uma estatistica apresentada á Academia de medicina de Pariz pelo Dr. Velpeau, que em 94 operações d'este genero praticadas pelos cirurgiões francezes, houveram 30 mortes e 64 curas. É, pois, de todos os methodos de cura radical o menos perigoso, e por conseguinte é a elle que se deve dar a preferencia.

b. Extirpação do kysto. Contam-se 28 curas em 60 operações. D'onde se conclue que a hydropisia do ovario não é uma molestia tão grave para fazer correr á doente os ricos de uma operação mui perigosa.

Hydropisia do peito ou **Agua no peito.** Accumulação de serosidade no sacco membranoso que envolve os pulmões : os medicos dão a esta molestia o nome de *hydrothorax.*

Causas. Esta molestia é muitas vezes consequencia de um pleuriz. Póde tambem depender de um obstaculo na circulação do coração e nos pulmões, de certas alterações do sangue, da desapparição subita de rheumatismo, gota, alguma erupção cutanea. Em certos casos sobrevem depois dos sarampos, da escarlatina, ou resulta de uma febre intermittente prolongada, póde acompanhar tambem o estado de enfraquecimento geral designado debaixo do nome de *anemia.*

Symptomas. A quantidade de serosidade póde chegar a muitos litros. Quando a collecção serosa é pouco consideravel, o doente sente apenas um leve embaraço na respiração; mas se o derramamento é abundante, e sobretudo se occupa ambos os lados do peito, a ancia é grandissima, e o doente vê-se obrigado a estar sentado na cama. Quando a hydropisia existe só de um lado, o doente deita-se do lado affectado, afim de permittir se dilate completamente o que ficou são. Pouca ou nenhuma é a tosse, secca ou acompanhada de uma expectoração sem caracteres particulares; o pulso está umas vezes febril, outras natural. Medindo-se os dois lados do peito, póde-se ver que o que está affectado da hydropisia acha-se mais dilatado do que o outro, por pouco consideravel que seja a collecção serosa; mas este signal perde muito do seu valor se ambos os lados estiverem affectados ao mesmo tempo. Percutindo-se o peito, obtem-se um som massiço no ponto correspondente ao liquido derramado; e, applicando o ouvido no peito, nota-se um enfraquecimento do murmurio respiratorio, se a hydropisia é pouco consideravel. Na hydropisia que enche toda a cavidade da pleura, o lado doente acha-se dilatado, fluctuante no espaço intercostal, dá um som massiço em toda a sua extensão, não deixa mais ouvir o murmurio respiratoiro. Quando ao applicar-se o ouvido no peito, se manda fallar o doente e se escuta o ecco da voz, ouve-se o som normal muito modificado. Esta modificação consiste na resononcia exagerada da voz, que é aspera. tremula, como a da cabra : chamam-lhe *egophonia.*

Tratamento. Funda-se o tratamento do hydrothorax nos mesmos principios que os das outras hydropisias. Os diureticos, taes como a digital, a scilla, o nitro, o acetato de potassa, são os medicamentos mais uteis; vem depois os purgantes, e principalmente a jalapa, a escamonéa, o oleo de croton tiglium. A estes remedios ajuntam-se com vantagem os causticos no peito. Tem acontecido que os meros esforços da natureza produziram a cura da hydropisia do peito : quasi sempre n'este caso a absorpção espontanea da serosidade foi acompanhada de transpiração abundante, de grande evacuação das ourinas ou de expectoração excessiva. Quando, apezar de todos os esforços da arte, o derramamento é tão consideravel que ameaça o doente de suffocação, deve empregar-se

como ultimo recurso a operação, que consite em furar o peito para dar sahida ao liquido.

Hydropisia do tecido cellular. *Veja-se* ANASARCA.

Hydropisia do ventre ou **Barriga d'agua.** Chama-se *hydropisia do ventre, barriga d'agua* ou *ascite*, á accumulação de serosidade na cavidade do ventre.

Causas. Esta molestia é ordinariamente occasionada pelas molestias do coração, do figado, do baço, dos rins, pelos obstaculos produzidos na circulação do sangue das principaes veias do ventre; mas sobrevem igualmente sem alteração organica apreciavel, após evacuações sanguineas abundantes, nos individuos fracos que vivem n'uma atmosphera fria e humida, em logares mal arejados, nos homens que tem profissões sedentarias. A barriga d'agua póde sobrevir depois das febres intermittentes, affecções escorbuticas e suppressão subita de dartros extensos.

Symptomas. Seja qual fôr a causa da barriga d'agua, eis-aqui os signaes que denotam esta molestia. O ventre incha, e torna-se pouco a pouco mui volumoso; a pelle estira-se e fica luzidia; e se, applicando-se uma das mãos n'um lado do ventre, se bater com a outra no lado opposto, sente-se distinctamente a onda ou o movimento do liquido, que vem tocar a parede do ventre sobre a qual a primeira mão se acha applicada. A fórma do ventre muda conforme a posição que o doente toma na cama; o liquido dirige-se sempre para o lado sobre o qual o doente se deita; se fôr de costas, o ventre fica chato no centro e proeminente dos lados. Á medida que a accumulação de serosidade augmenta, a respiração torna-se difficil; e este incommodo é tanto maior, quanto mais o doente se conserva na posição horizontal: a difficuldade de respirar diminue se o doente se assentar. A pelle de todo o corpo fica secca, a sêde é muito intensa, as ourinas poucas; o doente emmagrece: este estado augmenta cada vez mais.

Prognostico. A morte não é consequencia inevitavel da hydropisia do ventre. Esta molestia sára muitas vezes pela evacuação abundante das ourinas, ou por diarrhea, suores excessivos que sobrevem espontaneamente, ou são provocados pelos medicamentos. Dura ao menos de um a dois mezes; prolonga-se ás vezes por muitos annos.

Tratamento. Os medicamentos empregados para curar a hydropisia do ventre pertencem a estas tres classes: sudorificos, diureticos e purgantes. Entre os primeiros indicarei as infusões quentes de sabugueiro, o acetato d'ammoniaco, os banhos d'agua quente e os de vapor. Entre os diureticos, isto é, os medicamentos que provocam a secreção das ourinas, citarei a scilla, digital, colchico, parietaria, cainca, zimbro, nitro; e entre os purgantes, os calomelanos, jalapa, coloquintidas, gomma-gutta, aloes. Ajuda-se a acção d'estes remedios com sinapismos que se applicam nas diversas partes do corpo, e com causticos. A agua, as bebidas aqueas podem ser permittidas: os doentes devem satisfazer a sêde, e é um erro, em que já ninguem acredita, que os liquidos ingeridos possam augmentar a massa da serosidade da hydropisia.

Emfim, quando a accumulação da serosidade se torna mui conside-

ravel, quando a difficuldade de respirar é excessiva, convem praticar a puncção do ventre. Esta operação cura ás vezes, e allivia sempre; prolonga e torna supportaveis os dias do doente. A quantidade do liquido extrahido do ventre pela puncção é mui variavel: é raramente menor de dois a quatro litros; póde ser de quinze até vinte. Faz-se a puncção com um trocate guarnecido de uma canula de prata, introduz-se este instrumento n'um dos pontos do ventre em que se não acham nem veias, nem arterias, nem orgãos importantes. Depois de furado o ventre tira-se o estylete, e deixa-se a canula pela qual sahe o liquido. Finda a operação, aperta-se o ventre com uma toalha. Esta compressão impede o desmaio, e póde obstar á volta da hydropisia, ou ao menos retardar-lhe os progressos.

Eis-aqui as receitas dos medicamentos que mencionei n'este artigo contra a hydropisia do ventre.

Pilulas contra a hydropisia.

Scilla	10 centigrammas.
Digital	10 —
Escamonéa	10 —

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Tomem-se 3 por dia.

Outras pilulas contra a hydropisia.

Coloquintidas	10 centigrammas.
Gomma-gutta	10 —
Colomelanos	5 —

Faça 1 pilula, e como esta 17. Tomem-se 3 pilulas por dia.

Outras.

Colchico	10 centigrammas.
Extracto de zimbro	20 —

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Dóse: 4 a 8 pilulas por dia.

Outras.

Extracto de cainca	10 centigrammas.
Digital em pó	5 —

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Dóse: 3 a 6 pilulas por dia.

Pós diureticos.

Nitro	10 centigrammas.
Scilla	5 —
Canella	5 —

Faça 1 porção, e como esta mais 35. Tomem-se 3 a 6 porções por dia n'uma chicara de infusão de parietaria.

Vinho diuretico.

Vinho branco generoso.	2000 gram.	Scilla	5 gram.
Casca de Winter	30 —	Bagas de zimbro	5 —
Casca exterior de limão.	30 —	Macis	5 —
Quina em pó	15 —	Losna	1 —
Angelica	15 —	Herva cidreira	1 —

Macere a banho-maria por 24 horas, mexendo de vez em quando; côe com espressão, e filtre por papel. Deite o licor em garrafas, e tape estas exactamente. *Dóse:* Duas a quatro colheres *de sopa* por dia.

HYDROTHERAPIA. Esta palavra significa o tratamento das molestias pela agua. Muitos autores, para designarem o mesmo modo de tratamento, empregam a palavra *hydropathia*. Este methodo de tratar as molestias foi introduzido em 1829 por Priessnitz, medico veterinario de Graefenberg, pequena aldèa da Silesia pertencente á Austria. Consiste este methodo na administração d'agua fria em abundancia, quer internamente, quer externamente, combinada com um meio sudorifico energico, fricções prolongadas, exercicio quasi incessante, regimen simples e um ar vivo e puro.

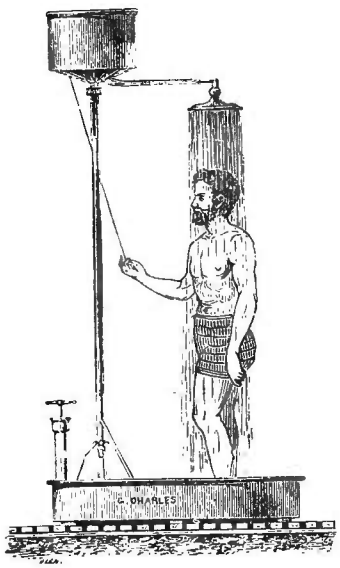


Fig. 562. — Banheira para banhos de chuva.

O tratamento hydrotherapico administra-se em estabelecimentos particulares, que existem em differentes paizes, debaixo da direcção de medicos especiaes. A agua fria, momentaneamente applicada sobre a pelle, actua sobre o systema nervoso, faz contrahir e depois dilatar o systema capillar, e augmenta assim a temperatura da pelle. Da acção exercida sobre o systema nervoso pelo frio, e da reacção operada pelo systema dos vasos capillares, dependem os bons resultados da hydrotherapia. As pessoas que não experimentam reacção não obtem nada de bom d'este methodo curativo. A agua de rio na estação quente não é bastante fria para o tratamento hydrotherapico: sua temperatura é então de 20 gráos centigrados, pouco mais ou menos. Serve só a agua de 10° a 12° centigrados; sem isso não ha acção nem reacção sufficiente.

A hydrothorapia principiou a ser empregada em 1829; desde esta epoca passou por muitas modificações. Compõe-se hoje das praticas seguintes:

Affusão. É a mais simples das praticas da hydrotherapia, e póde fazer-se em casa. Sentado o doente em uma banheira vazia, recebe sobre os hombros e sobre o corpo o conteudo de um balde d'agua fria, depois enxuga-se rapidamente, dá um passeio apressado durante um quarto de hora para obter a reacção, e volta á casa para almoçar.

Lençol molhado. Ao sahir da cama, envolve-se o doente rapidamente em um lençol molhado previamente torcido; o criado esfrega-lhe as costas, o peito, as nadegas e os membros durante tres ou quatro minutos. Quando o lençol principia a aquecer-se, tira-o, e substitue-o por um lençol secco de panno grosso, torna a fazer vigorosamente a fricção, e não cessa senão depois de bem enxuto e bem aquecido o corpo. Este meio é excellente, se se obtiver a reacção.

Cueiro humido. Numa cama guarnecida de um cobertor de lã estende-

APPARELHOS HYDROTHERAPICOS

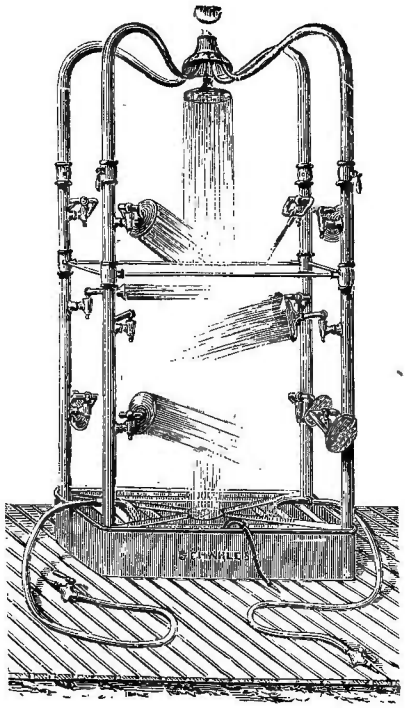


Fig. 560 (*a*).

Duches horizontaes, lateraes e verticaes.



Fig. 560 (*b*).

Duches em forma de chuva.

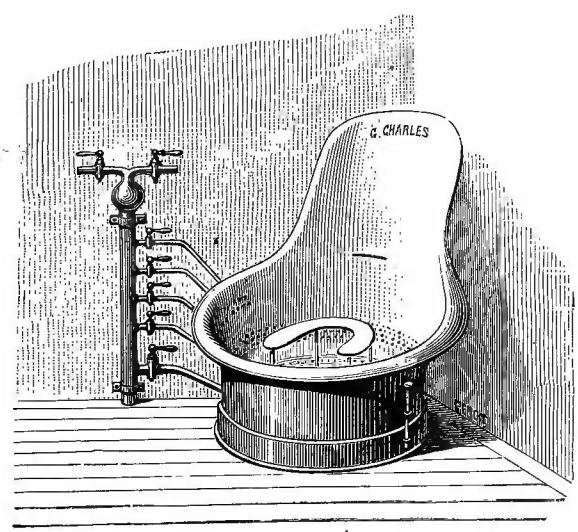


Fig. 560 (*c*).

Duche em semicupio.

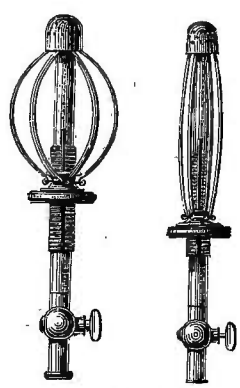


Fig. 560 (*d*).

Feixe de esquichos d'agua a duche vaginal.

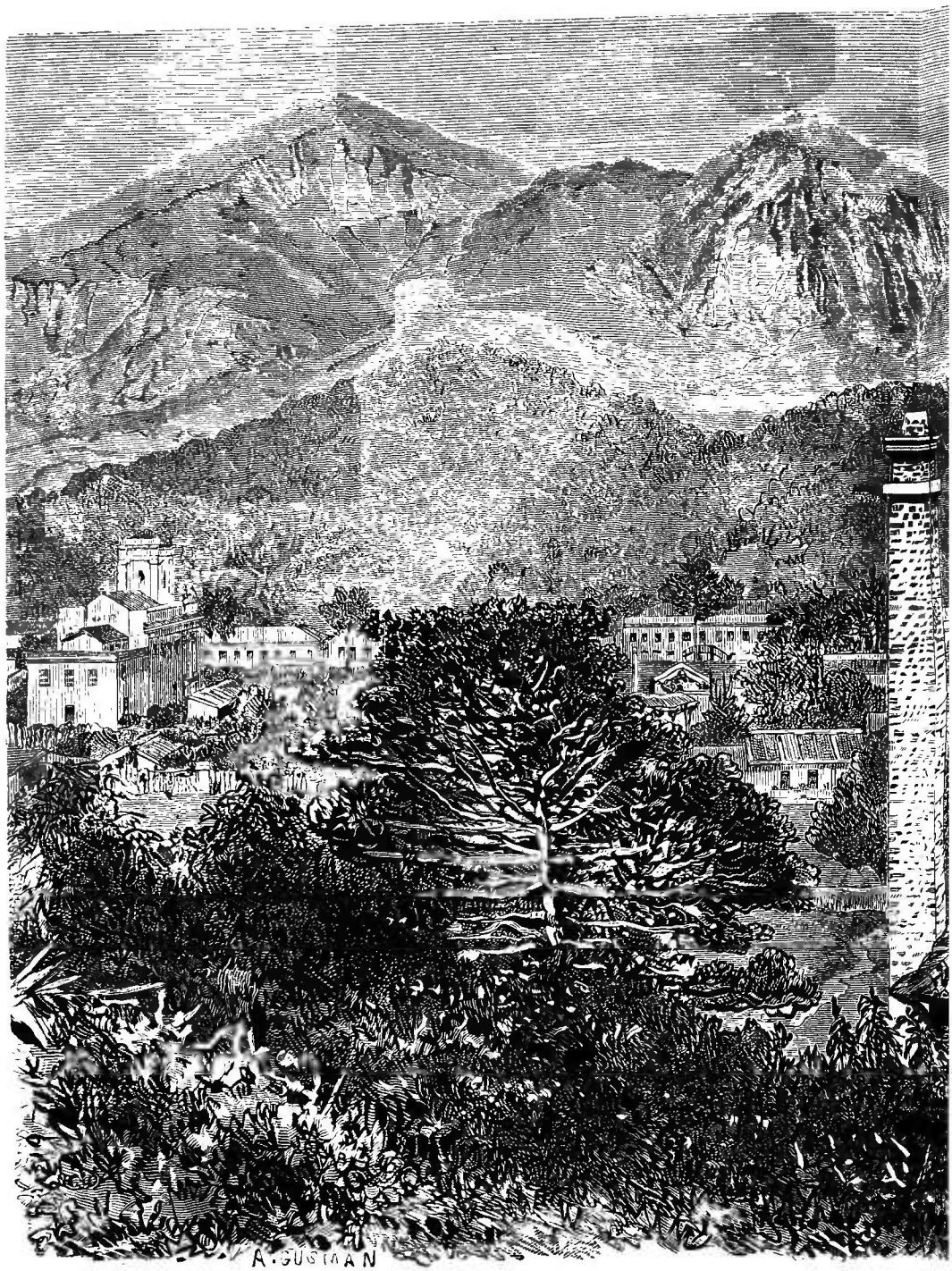
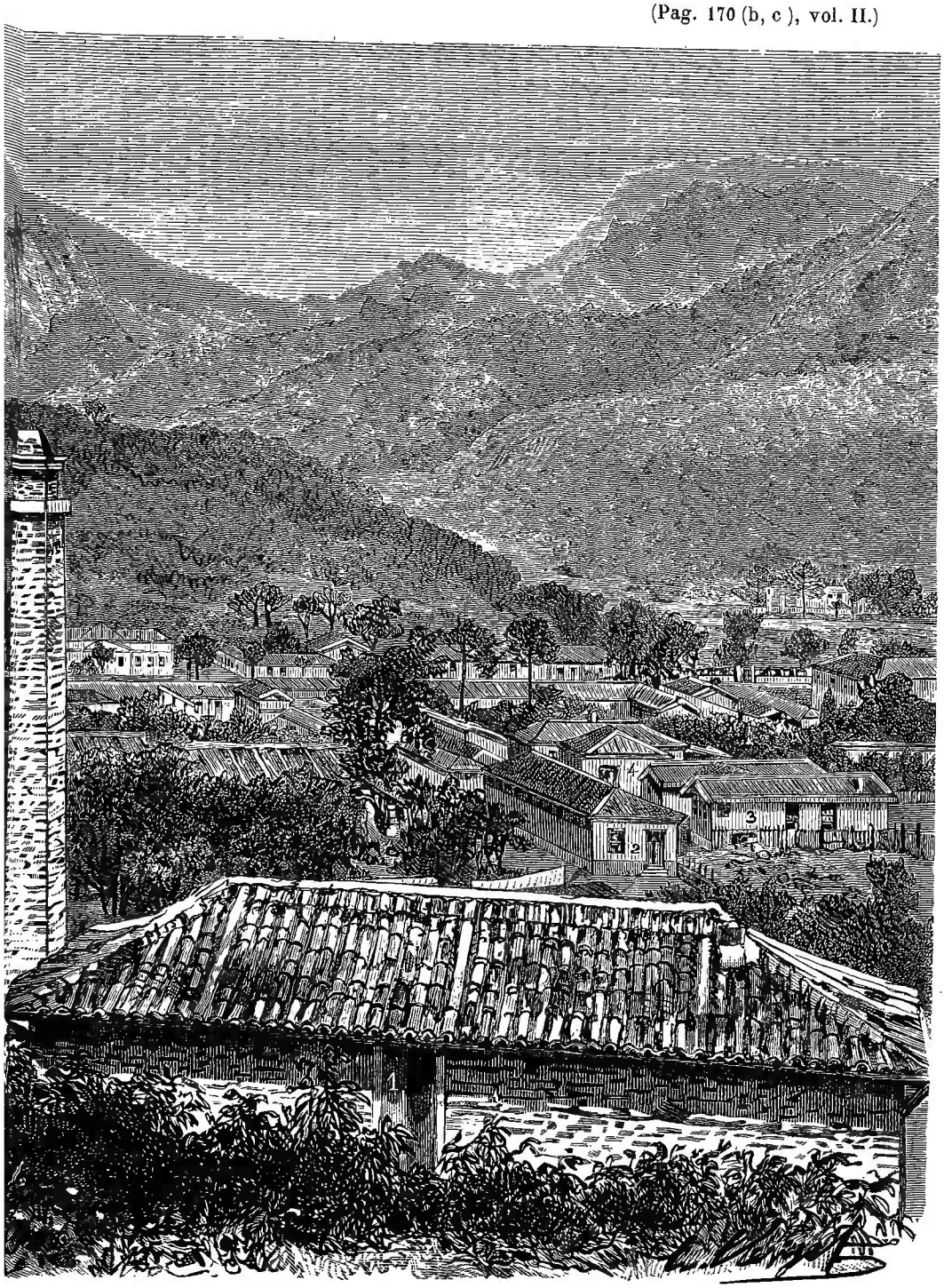


Fig. 561.

VISTA, SEGUNDO A PHOTOGRAPHIA, DO ESTABELECIMENTO

1. Casa de tijolo que contém os depositos d'agua fria, uma maquina de refrigerar a agua, uma maquina de vapor para movêl-a, um deposito d'agua para as duches escossezas, e um filtrador da agua.

2. Estabelecimento hydrotherapico de 9 metros 90 centimetros de largura e 35 metros 20 centimetros de comprimento. Comprehende 2 salas de recepção, sendo uma para senhoras e outra para homens, 12 quartos vestiarios; a grande sala das duches, em cujo centro se



561.

ENTO HYDROTHERAPICO EM NOVA-FRIBURGO (BRAZIL).

acha uma tribuna para se administrarem as duches; e 8 quartos grandes lateraes, contendo em separado os apparelhos hydrotherapicos.

3, **4**, **5**. Chalets e casas para aposento dos doentes.

O resto da vista representa uma parte da villa de Nova Friburgo.

O estabelecimento está bem montado, dirigido por dois instruidos medicos, e acha-se situado n'um clima temperado e mui salubre.

APPARELHOS HYDROTHERAPICOS

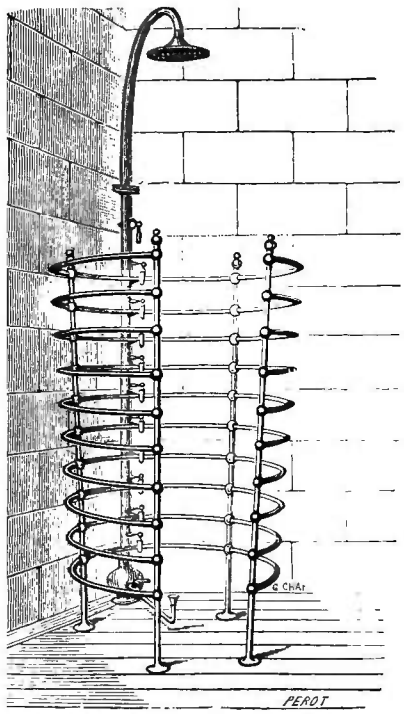


Fig. 560 (*e*).

Duche em circulo.

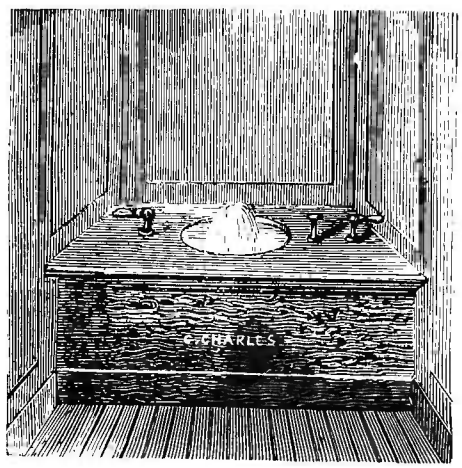


Fig. 560 (*f*).

Duche rectal.

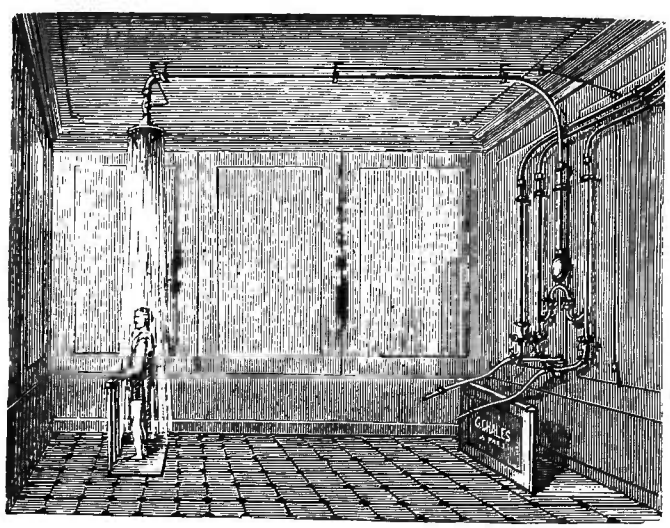


Fig. 560 (*g*).

Sala de duches n'um estabelecimento hydrotherapico.

Estes apparelhos construem-se na fabrica de Jorge Charles, actualmente, boulevard Raspail, nº 293, em Pariz.

se um lençol molhado sufficientemente espremido, e envolve-se com elle o corpo nú do doente. Põem-se-lhe por cima tres ou quatro cobertores de lã. Depois de aquecido o corpo, o que exige vinte minutos, pouco mais ou menos, tira-se o cueiro, e administra-se o banho de emborcação ou mette-se o doente na piscina.

Cueiro secco. O cueiro secco faz-se como o cuciro humido, sem lençol molhado, com dois cobertores de lã. Põem-se por cima tres cobertores de lã, durante um tempo variavel, até á transpiração. Dá-se depois ao doente o banho de emborcação ou mette-se na piscina.

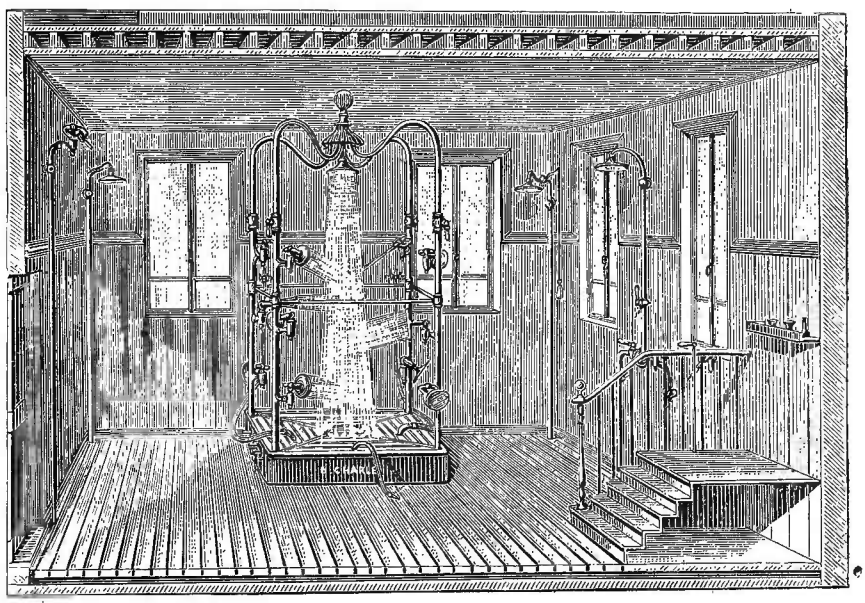


Fig. 563. — Sala de duches n'um estabelecimento hydrotherapico.

Emborcações ou *duches*. Depois de aquecido o doente por um banho de estufa secca, ou pelo cueiro secco, conduz-se á emborcação de chuva, que cahe durante um minuto sobre as espadoas e sobre o corpo, estando a cabeça coberta com uma toalha dobrada em muitas dobras para proteger o cerebro. Durante o tempo que dura a emborcação de chuva, empregam-se as duches lateraes para tocarem as pernas e os pés. Querendo-se operar sobre o figado ou sobre o baço, é sobre estas regiões que devem ser dirigidas as duches. Ha tambem *duches em circulo*, que se dão por meio de um apparelho especial, de uma guarita, na qual se colloca o doente. No momento desejado, milhares de esguichos d'agua concentricos, sahidos de canaes circulares postos uns em cima dos outros, vem bater contra o corpo e produzem n'elle uma acção revulsiva consideravel (fig. 560, *a*).

As *duches em ondas* administram-se n'uma piscina, na qual o doente vem receber uma enorme quantidade d'agua, debaixo da fórma de onda lançada com força nas costas ou nas cadeiras. Aqui, como em muitos outros processos de hydrotherapia, a percussão do corpo pela embor-

cação vem ajuntar-se á acção da agua fria, cujo poder ella augmenta.

Os *semicupios d'agua corrente* são banhos de assento tendo no interior milhares de pequenos buracos, pelos quaes esguicham outras tantas espadanas d'agua destinadas a bater contra as nadegas, contra a parte superior da coxa e as partes genitaes (fig. 560, *c*). É o processo de hydrotherapia mui conveniente para as affecções chronicas do utero.

Duche vaginal. Ha duches, tendo 1/2 centimetro a 1 centimetro de orificio, que se dirigem para a vagina durante cinco a dez minutos. É um excellente remedio contra as flores brancas, nevralgias e descida do utero.

Duches rectal ascendente. Por meio de um apparelho especial em fórma de cadeira de retrete, a hydrotherapia lança no recto uma columna d'agua consideravel de 12 a 20 gráos centigrados, que sobe no colon, enche-o até ao intestino cego, expulsa todas as materias, e reanima a contractilidade extincta d'estas partes. É um excellente meio que se emprega, duas ou tres vezes por semana durante dez minutos, em certas prisões de ventre (fig. 560, *f*).

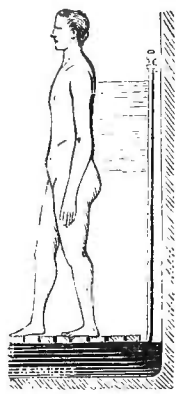


Fig. 564. — Duche dorsal.

Uso interno d'agua fria. A agua fria na temperatura de 8 a 10 gráos centigrados, ingerida na dóse moderada, 6 a 8 meio copos em 24 horas, exerce acção tonica, estimulante, sobre o tubo digestivo; produz diarrhea nos individuos impressionaveis. Na dóse de 10 a 15 pequenos copos provoca secreção abundante da bilis e da ourina. Convem aos gotosos, aos que padecem de areias, do figado, de hemorrhoidas. Pelo contrario, as pessoas opiladas, as escrophulosas, supportam mal o uso interno d'agua fria. Em geral, é com preferencia pela manhã e em jejum que se deve beber agua fria. No principio, cumpre limitar-se a 2 ou 3 copos em 4 ou 6 dóses, fazer exercicio entre cada dóse e deixar, depois de cada comida, um intervallo de tres ou quatro horas. Se a tolerancia se estabelecer, póde augmentar-se o numero das dóses até 10 ou 15 copos por dia; mas é raro que se chegue a este numero.

Termo médio, bastam 4 a 6 copos por dia, deixando entre cada dóse meia hora de intervallo. Sobrevindo diarrhea administram-se algumas gottas de laudano.

Exercicio ao ar livre. Os doentes, antes de se submetterem á agua fria, devem andar durante algum tempo para se aquecerem, e depois de cada pratica hydrotherapica devem ainda dar um passeio para activar a reacção e para tornal-a duravel. Se o andar fôr impossivel, suppre-se esta falta por meios artificiaes. A necessidade da reacção espontanea é de rigor; não podendo obter-se, cumpre cessar o tratamento hydrotherapico e recorrer a outros agentes. O tratamento hydrotherapico, applicado inopportunamente, ou sem discrição, póde ter consequencias funestas.

Regimen alimentario. Deve variar segundo as circumstancias, mas

em geral uma alimentação substancial sem exageração é necessaria ao maior numero dos doentes. O vinho não será proscripto systematicamente.

Molestias tratadas ordinariamente pela hydrotherapia. Variam os effeitos da hydrotherapia segundo o modo de applicação, a temperatura da agua, a fórma debaixo da qual é administrada, e a combinação de diversos processos. Conforme estas circumstancias a hydrotherapia póde ser sedativa, antiphlogistica, tonica, excitante, etc.

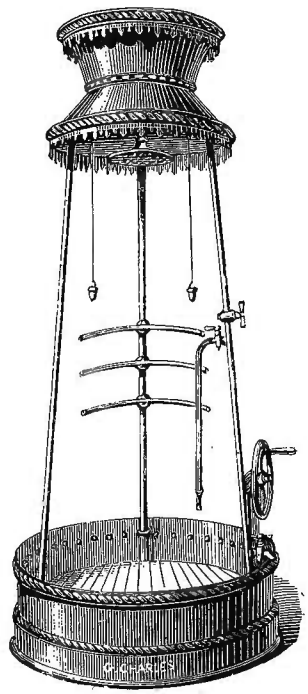


Fig. 565. — Apparelho para duches com pressão de ar, tendo 2m,50 de altura, 0m,92 de diametro contendo 40 litros d'agua, composto de duche de chuva e outras.

As molestias que se tratam ordinariamente pela hydrotherapia são : albuminuria, ammenorrhea ou falta de menstruação, ankyloses falsas, asthma, ataxia locomotriz, atrophia muscular, bronchite chronica, carie dos ossos, caimbras, catalepsia, congestões pulmonares (disposição ás), constituição delicada, constituição hemorrhagica, consumpção, diabetes, digestões lentas, dôres osteocopas, dôres rheumaticas, engurgitamentos do baço, do figado, das glandulas lymphaticas, enteralgia, enxaqueca, escorbuto, escrophulas, esfalfamento nervoso, fastio, febres intermittentes, flores brancas, fraqueza da bexiga, do estomago, dos intestinos, gastralgia, gota, hemorrhagia uterina, hemorrhoidas, hydarthrose, hyponchondria, hysterismo, impotencia, insomnia, lumbago, melancolia, menstruação difficil, metrite chronica, molestias nervosas diversas, nephrite chronica, nevralgias diversas, nevroses, opilação, palpitações nervosas, papeira, paralysias, polluções, prisões de ventre, rachitismo, rheumatismo articular ou muscular, rijezas articulares, sciatica, syphilis constitucional, tisica incipiente, torcicollo, tumores brancos (certos), ulceras inveteradas, vomitos nervosos, etc.; em geral, as molestias chronicas em que é preciso restabelecer as forças da economia.

HYDROTHORAX. *Veja-se* HYDROPISIA DO PEITO.

HYGIENE. A hygiene é a parte da sciencia medica que ensina a conservar a saude; dá aos doentes e aos homens sãos os preceitos necessarios para a escolha dos alimentos e bebidas, as regras que se devem seguir no exercicio, banhos, somno, paixões, trabalhos intellectuaes, etc.; ensina e evitar as cousas nocivas e a fazer bom uso das uteis. Todas estas materias são tratadas em differentes artigos d'esta obra.

A hygiene está ao alcance de todos os homens, com tanto que se queiram submetter ás suas prescripções. Com effeito, observar a sobriedade, a temperança; exercer igualmente e em justos limites o corpo e o espirito, conservar quanto seja possivel a serenidade e a tranquillidade da alma, eis em resumo todas as regras da hygiene.

Hygiene da criança recem-nascida. *Veja-se* PARTO.

Hygiene da mulher. *Veja-se* GRAVIDEZ, AMAMMENTAÇÃO, MENSTRUAÇÃO.

Hygiene das pessoas idosas. *Veja-se* IDADE.

Hygiene dos litteratos. *Veja-se* PROFISSÕES.

Os outros artigos d'esta obra, que tem principalmente relação com a hygiene, são : AR, DESINFECÇÃO, EPIDEMIA, MIASMAS, HABITAÇÃO, ALIMENTOS, BEBIDAS, CARNE, FRUCTAS, TEMPEROS, EXERCICIOS, BANHOS, IDADE, SOMNO, etc., etc.

O Sr. Dr. Rodrigues de Gusmão publicou em Lisboa no anno de 1862 uma *Summula de preceitos hygienicos* que foi approvada, para uso das escolas, pelo Conselho de instrucção publica de Portugal. Eis-aqui alguns extractos d'este excellente opusculo :

Fluidos que nos cercam. 1.° O ar, a luz, o calor são indispensaveis para a conservação da saude.

2.° O ar deve ser puro, e para o purificar é mister renoval-o muitas vezes, e afastar para longe as materias animaes, ou vegetaes, que se acharem em estado de putrefacção. — 3.° Nas escolas, por estarem os meninos apinhados em salas pouco espaçosas o ar acha-se muito viciado. Se não fôr durante as horas das lições, por causa do frio, ao menos no intervallo qua ha entre a lição da manhã e a da tarde, devem os Professores mandar abrir as janellas das escolas. — 4.° O ar que se respira depois do pôr do sol, nos logares humidos e pantanosos, é causa, muitas vezes de febres com accessos mui perigosos. — 5. O ar mais puro, e mais salutifero é o da manhã, depois de nascer o sol. — 6.° A luz é um dos estimulos proprios, directos e immediatos da pelle ; é a causa principal da côr, que apresenta este orgão, e torna activas as funcções. — 7.° Assim como os vegetaes privados de sufficiente luz perdem a côr, o cheiro e o sabor, tambem as crianças, que moram em ruas onde não dá o sol, ou ao réz da calçada, e em ruas estreitas, onde o sol, raras vezes penetra, são fracas, descoradas, e sujeitas a molestias escrophulosas. Poderão occorrer, em parte, aos inconvenientes de semelhantes habitações, passeando, durante o dia, nas praças, caes, e outros logares bem alumiados.

Materias que se applicam ao corpo. 8.° Os vestidos destinados a proteger-nos contra o calor, frio e humidade, devem ser asseiados, e variar segundo as estações, a idade, o sexo, tanto na materia, como na côr e fórma.

9.° As camisas de algodão são preferiveis ás de linho. — 10.° É perigoso o uso de collarinhos, gravatas e ligas demasiadamente apertadas, que comprimindo o corpo perturbam as mais essenciaes funcções da vida, e com especialidade a circulação e respiração. — 11.° Tambem importa evitar os apertos do calçado, que deve ser commodo e macio. — 12.° Os banhos são necessarios para a conservação da saude. Os banhos nunca se devem tomar senão tres ou quatro horas depois das comidas, Os banhos demasiadamente quentes podem ser mui nocivos. Os banhos frios devem ser de mui pouca duração, quando não se puder nadar. —

13.' O banho frio deve tomar-se estando o corpo bem deseançado, e por nenhum modo em quanto está suado, e eom a pelle mui quente. Deve-se sahir do banho, antes que um segundo tremor ou estremeeimento venha substituir a agradavel impressão que se sente depois do primeiro ealefrio, ou estremecimento experimentado no aeto de entrar na agua. — 14.' Os vestidos molhados devem mudar-se logo que seja possivel, enxugando além d'isso a pelle, para tirar toda a humidade, sem que haja evaporação. É muito prejudieial deixar seecar a roupa no eorpo, ainda que seja expondo-se a uma eorrente de ar, ou á acção de um calor artificial. — 15.' As partes expostas ao contacto do ar, como o rosto e as mãos, devem ser lavadas todos os dias, e muitas vezes segundo as eireumstaneias.

Alimentos e bebidas. 16.' O homem deve nutrir-se de uma mistura de substancias vegetaes e animaes em proporção quasi igual. Um regimen quasi exelusivamente vegetal, ou animal, prejudiea a saude. — 17.° É util interromper, por intervallos, o regimen habitual; porque uma dieta uniforme predispõe a determinadas enfermidades. São, por consequeneia muito salutares, as prescripções da Igreja eatholica sobre os jejuns da Quaresma, Temporas, Vigilias, ete. — 18.° Os alimentos devem variar segundo os elimas, as estações, as idades, o estado de saude dos individuos. — 19.° Segundo as mesmas eircumstancias deve estabelecer-se o regimen alimentar, regulando o numero das eomidas, e estabelecendo para ellas uma ordem qualquer. — 20.° Nunea se deve eomer antes de estar eompleta a digestão da eomida anteeedente; porque de outro modo corre-se o perigo de ter indigestões. — 21.' Alguns meninos costumam-se a estar sempre a eomer, e a eneher o seu estomago de mais alimento, que póde eonter. D'aqui proeedem as indigestões, as affecções verminosas, a debilidade geral, as diarrheas, e muitas vezes enfermidades mortaes. — 22.' Ha ineonvenientes graves em comer demasiadamente: embruteee-se o eorpo. — 23.° A sobriedade apura os sentidos, dá agilidade aos membros, viveza ao entendimento, perspicacia á imaginação, facilidade e tenaeidade á memoria, soltura aos movimentos, galhardia a todas as nossas aeções, eonserva a saude, e prolonga a vida. — 24.° Em qualquer easo de enfermidade, por mais leve que seja, é bom diminuir a quantidade do alimento, e mesmo guardar dieta, que é o primeiro de todos os medieamentos. — 25.' As bebidas são neeessarias ao nosso organismo, e a todas é preferivel a agua pura; é para os adultos o que o leite é para os infantes; é tão indispensavel eomo o ar. — 26.' A agua auxilia a digestão, dilue o alimento, é o refrigerante por excelleneia. — 27.° Os vinhos e os lieores devem ser eonsiderados como bebidas fortes, cujo uso importa restringir. — 28.° Durante as primeiras horas da digestão deve evitar-se todo trabalho intelleetual, e devem suspender-se os trabalhos eorporaes energieos.

Vigilia, sommo, exercicios. 29.° A noite é o tempo proprio para o somno, e o dia para a vigilia.

30.° O estado da vigilia tem uma duração variavel, segundo a idade, e o sexo; o mesmo aconteee a respeito do somno, que deve ser de nove

ou dez horas para as crianças, e de sete ou oito para os adultos. — 31.º O somno é indispensavel á vida, e sem perigo não póde estender-se o estado de vigilia além dos limites indicados pela idade e constituição dos individuos. — 32.º É perigoso criar animaes nos quartos de cama, enxugar ahi roupa, aquecer-se com brazeiros, ou conservar flores. — 33.º O exercicio regular, physico e intellectual, é necessario á conservação da saude; fortifica os orgãos, e torna a sua acção mais perfeita. — 34.º É necessario proporcionar o trabalho ao sexo e forças do individuo; porque todo o excesso d'este genero fadiga promptamente os orgãos, e é occasião de innumeraveis molestias, mais frequentes e mais graves nas crianças. — 35.º O trabalho não deve ser continuo; é preciso, que haja tempo de descanço, afim de poupar as forças, e reparar as perdas que o corpo soffre. — 36.º A infancia e puericia são as idades dos exercicios activos; a fonte da sua saude está, ou deveria estar nos gymnasios. — 37.º A falta de exercicios gymnasticos deve supprir-se pelos do passeio, volante, varios jogos, etc.

Adagios hygienicos. Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente.

Deos te dê saude e gozo, e casa com quintal e poço.

Horta com pombal é paraiso terreal.

Não farás horta em sombrio, nem edifiques a par do rio.

O cabrito de um mez, o queijo de tres.

Pão de hoje, carne de hontem, vinho de outro verão, fazem o homem são.

A pão duro dente duro.

Quando fores ao mercado, pão leve e queijo pesado.

Agua de serra e sombra de pedra.

Pão que sóbre, carne que baste, e vinho que falte.

Pão quente, muito na mão e pouco no ventre.

Não te fies de villão, nem bebas de charqueirão.

Faze da noite noite, o do dia dia, viverás em alegria.

Hygiene dos animaes. Nos animaes como no homem, é muito mais facil prevenir as molestias do que cural-as. Um dos melhores meios de prevenir as molestias do gado, consiste em dar-lhe uma habitação sadia, sufficientemente espaçosa, perfeitamente arejada, e mantida n'um estado de asseio rigoroso. A alimentação do gado deve ser tambem uma das preoccupações constantes do agricultor. As forragens que se lhe distribuem devem ser sobretudo bem limpas. Convem entreter nos animaes muita limpeza. Consiste esta em esfregar-lhes a pelle com almofaça, com escova, com o ferro de limpeza, e em pentear as crinas e a cauda. Esta operação é mais empregada no cavallo; todavia é muito util em todos os animaes, para lhes conservar a pelle limpa e macia, favorecendo a transpiração cutanea; a estimulação da pelle influe sobre todas as funcções, tornando mais regular o seu exercicio. As vaccas bem almofaçadas, e bem esfregadas com palha, dão mais leite, e de melhor qualidade. O exercicio é necessario para a saude dos animaes; a inacção causa-lhes tantas molestias quantas produz a fadiga e o excesso do trabalho.

No caso de indisposição, existem remedios simples e inoffensivos que podem administrar-se em muitas molestias sem gravidade. Taes são : 1.º *a agua branca* preparada com um punhado de farelos de trigo ou farinha de trigo diluida n'uma medida d'agua; é um remedio universal para refrescar o animal; 2.º *a agua acidula,* isto é, misturada com uma pequena quantidade de vinagre: é uma bebida muito refrigerante; 3.º *a agua com mel de abelhas* é emolliente e adoçante; 4.º *os banhos:* nada tira melhor o cansaço aos animaes; pulam alegres ao sahir da agua; 5.º *o sal;* todos os animaes gostam d'elle com paixão; as ovelhas lambem as paredes impregnadas de sal; este dá força ao estomago e reanima os orgãos digestivo enfraquecidos. O melhor meio de o dar ao gado consiste em dissolvêl-o em agua, e aspergir com esta a superficie da forragem; 6.º *as fricções seccas* com panno; 7.º *as fricções humidas* feitas com tintura de alfazema ou aguardente camphorada, ou com a simples aguardente de canna; 8.º *clysteres* com agua morna.

Taes são os remedios simples que podem empregar-se com vantagem em muitas molestias dos animaes; porque n'elles, como nos homens, o abuso dos medicamentos não faz frequentamente senão aggravar as molestias.

HYGROMA. Hydropisia das bolsas mucosas sub-cutaneas; affecção que se observa particularmente no joelho por diante da rotula, nas pessoas costumadas a estar muito tempo de joelhos, *verbi gratia* os religiosos; resulta as mais das vezes da contusão d'estas membranas capsulares. N'este caso, o derramamento não se torna manifesto senão muito tempo depois que a causa o determinou : o tumor cresce lentamente; ás vezes só depois de muitos annos é que toma volume consideravel. Parece certo que o hygroma póde provir tambem de alguma causa interna, sendo então rapido o seu desenvolvimento.

Symptomas. O hygroma do joelho, que tomo por typo da descripção, apresenta-se debaixo da fórma de um tumor cujo volume varía desde o de uma noz até ao de uma laranja, e póde mesmo adquirir dimensões mais consideraveis; este tumor, mui bem circumscripto por todos os lados, é resistente, elastico, fluctuante; não occasiona dôr alguma, quer espontaneamente, quer pela pressão; incommoda sómente, porque é um obstaculo ao exercicio dos movimentos do membro; a pelle que o cobre é mobil ou um pouco adherente, sem vermelhidão nem calor. Quando o tumor adquirio grande volume, quando as suas paredes não são muito espessas, e se o liquido que encerra é incolor, póde-se verificar a sua transparencia como no hydrocele.

Tratamento. Quando o tumor é recente, póde ás vezes resolver-se pela applicação de pannos molhados na solução seguinte :

Vinho tinto.....	180 grammas.
Sal ammoniaco.....	15 —

Uma compressão methodica praticada sobre o tumor produz tambem bom resultado.

Falhando estes meios, faça-se uma incisão sobre o tumor, na sua

parte mais declive; e, depois de evaeuado o tumor, comprima-se com uma atadura conveniente para pôr em eontacto as suas paredes. Sendo o tumor antigo, é preeiso exeisar uma porção do sacco. Em outros easos, faz-se uma puneção seguida de uma injecção de tintura de iodo misturada com agua, como na operação do hydrocole, para produzir a inflammação do interior do saeeo, e a reunião de suas paredes.

Não podendo a resolução do tumor ser obtida, e eausando elle poueo incommodo, é preeiso abandonar a molestia a si mesma.

Se o tumor eausar grande ineommodo póde-se produzir a sua ruptura apoiando fortemente eom os dois dedos pollegares, afim de derramar o liquido no teeido eellular vizinho, onde desappareee poueo a pouco pela absorpção.

HYMEN. Membrana eôr de rosa e de natureza mueosa que feeha incompletamente a entrada da vagina na mulher. O orifieio limitado por ella varia muito de forma. O hymen, ás vezes, é elastieo, a tal ponto que o penis pode entrar na vagina sem que essa membrana se rompa. A possessão da membrana hymen nem sempre é uma prova de virgindade. O rompimento feito pela primeira copula, determina uma dôr assaz viva e um pequeno eorrimento de sangue. Os retalhos que resultam d'essa ruptura tomam a forma de pequenas salieneias triangulares que se ehamam earunculos myrtiformes e que eneolhem progressivamente até desappareeer de todo.

HYPEREMIA. Synonymo de congestão.

HYPERSTHENISANTES. Medicamentos que augmentam a força vital do organismo. São : aleool, rhum, vinho, eanella, eravo da India, noz moscada, ete.

HYPERTROPHIA. Aeerescimo extraordinario de um orgão ou da porção de um orgão, earaeterizado pelo augmento do seu peso e do seu volume, sem alteração real de sua textura intima. A hypertrophia é o resultado de uma nutrição anormal e muito activa. A aneurysma activa do coração é uma hypertrophia das paredes d'este orgão; a obesidade é uma hypertrophia do teeido adiposo.

Hypertrophia do baço. *Veja-se* vol. I, pag. 265.

Hypertrophia da conjunctiva. *Veja-se* vol. I, pag. 666.

Hypertrophia do coração. Chama-se assim uma molestia do coração, na qual este orgão adquire um volume muito mais eonsideravel do que no estado normal; este volume póde ehegar a igualar o do eoração de um boi. As paredes do orgão tomam ao mesmo tempo uma espessura desmedida, até attingirem 2 a 4 eentimetros. A hypertrophia do eoração é designada tambem pelo nome de *aneurysma* ou *aneurysma activa do coração*.

Causas. A hypertrophia do eoração desenvolve-se ordinariamente em eonsequencia de esforços, e de exereieios violentos. As profissões que fatigam os orgãos da voz e da respiração, como aeonteee muitas vezes aos eantores, oradores, tecadores de instrumentos de vento etc., estão muito expostas a esta molestia. As grandes paixões, eomo a eolera, o odio, o eiume, ete., podem igualmente produzil-a. Os aetores tragi-

cos são d'ella frequentemente affectados. O celebre Talma, comquanto morresse de outra molestia, todavia tinha o principio de uma affecção d'este genero.

Symptomas. Reconhece-se esta molestia pelo augmento da força nas pancadas do coração : tornando-se ellas ás vezes tão energicas, que repellem a mão applicada sobre a região d'este orgão; podem ser visiveis atravez da roupa. Ás vezes o lado esquerdo do peito apresenta uma proeminencia que não existe no estado normal. Os movimentos do coração produzem uma sensação dolorosa. Os doentes não podem dar-se a exercicio algum sem terem *palpitação* e difficuldade na respiração. Sobrevem ás vezes hemorrhagias pelo nariz ou pela bocca. O pulso, em geral, é mui forte e irregular. Cumpre entretanto dizer, para tranquilizar as pessoas a quem semelhante descripção poderia assustar, que estes symptomas podem ser simulados por simples affecção nervosa; que qualquer emoção viva, ou a influencia de uma imaginação preoccupada, bastam para produzir palpitações mui violentas em alguns individuos. Não ha cousa mais commum do que ver pessoas, que se julgam affectadas de molestias do coração, não terem outra cousa mais do que phenomenos nervosos isentos de todo o perigo. O medico, explorando os ruídos do peito, por meio do instrumento chamado estethoscopio, e reunindo estes symptomas aos outros, é quem póde dizer alguma cousa a este respeito.

Quando se applica o ouvido á região do coração em individuos de boa saude, distinguem-se alternativamente dois ruidos differentes o primeiro é surdo e prolongado, é isochrono com o pulso. A este ruido succede outro mais claro, mais rapido; é analogo ao choque da valvula de uma bomba. Os dois ruidos tem no estado natural um som particular, que, no estado de doença póde modificár-se de diversos modos. Os ruidos do coração mostram-se surdos, suffocados em alguns casos de hypertrophia consideravel. Succede frequentemente que os ruidos sejam acompanhados na hypertrophia pelo *ruido do folle*, assim chamado porque se parece mui exactamente com o ruido d'este instrumento. Outras vezes ouve-se na hypertrophia um ruido chamado *tinido metallico*, que se compara ao ruido que se póde produzir applicando ligeiramente a polpa do dedo médio ao orificio do canal auditivo externo de maneira que este fique completamente fechado, e dando uma pequena pancada n'este dedo com a mão do lado opposto. Todavia o ruido de folle e o tinido metallico não são exclusivamente proprios da hypertrophia do coração : existem igualmente nos casos em que a acção d'este orgão se augmenta sem lesão material em seu tecido, como nas palpitações nervosas, nos individuos plethoricos, nas senhoras gravidas, e tambem nas pessoas enfraquecidas pelas hemorrhagias abundantes.

Resulta d'esta exposição que um ou dois symptomas não constituem a existencia da hypertrophia do coração; e que só, pela reunião de muitos d'elles é que o medico póde formar o diagnostico.

Tratamento. Não se póde curar a hypertrophia do coração, mas existem meios para atalhar os seus progressos, e moderar os perigos a

que cxpõe. Se se tratar de um individuo robusto, sujeito a dôres de cabeça e calores do rosto, convem praticar uma sangria no braço; nos individuos fracos, não se podem empregar as emissões sanguineas, mas sim os medicamentos diureticos e purgativos. Estes medicamentos fazem desapparecer as congestões sanguineas; diminuem a excitabilidade do coração e acalmam as palpitações. Entre os diureticos, o melhor é o azotato de potassa; entre os purgantes, o sulfato de soda ou o sulfato de magnesia, na dósc de 15 grammas frequentemente repetida.

Eis-aqui a receita do azotato de potassa :

Azotato de potassa..... 40 grammas.

Divida em 40 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar. A digital, que tem a propriedade de acalmar as palpitações, acha tambem applicação n'esta molestia. Administra-se em pilulas scgundo a formula seguinte :

Extracto de digital..... 2 grammas.

Faça 40 pilulas. Para tomar 1 pilula por dia.

O doente deve ser submettido a um tratamento hygienico dos mais severos : regularidade c sobricdade nas comidas, abstinencia dos licores e vinhos generosos, rcgimen composto exclusivamente de vegetaes, leitc, ovos, gallinha, carne de vacca, vinho com agua, uso de fructas, rcpouso do corpo e do cspirito, abandono dos trabalhos e dos prazeres que fatigam, excrcicio moderado, passeios interrompidos pelos frequentes descanços, tacs são os principios d'este tratamcnto, que bastam muitas vezes para prevenir durante longa serie de annos qualquer phenomeno grave.

Hypertrophia da figado. *Veja-se* vol. I, pag. 1169.

Hypertrophia da lingua, Desenvolvimento excessivo da lingua, sem altcração da sua textura.

A lingua tem ás vezcs um desenvolvimento tal que não póde ser contida na bocca. Esta especie de hypertrophia é ordinariamente de nascença; póde sobrevir no adulto, mas isto é mais raro.

Symptomas. No momento do nascimento, a lingua não sahe muito da bocca; mas á medida que a criança se desenvolve, a disproporção pronuncia-se mais, sobretudo se não sc fizer nada a este movimento de hypertrophia. Apcnas perceptivel entre os labios, este orgão acaba por dcscer até ao queixo infcrior, de que resulta uma deformidade medonha. Quanto mais a lingua sahe na bocca, tanto mais incha, porque não está mais submettida ás diversas compressões exercidas pelos orgãos que compõem esta cavidade. A perda da saliva, a deviação dos dentes é a conscquencia d'este estado.

Tratamento. Se a affecção é de nascença, pouco pronunciada, e se se póde tratar immcdiatamente, um pouco de pimcnta, ou pó de pedrahume depositada sobre a lingua todas as vezes que ella sahe da bocca, fazem-n'a entrar. Uma ama que tem bicos de peito compridos e grossos é mui favoravel para estas crianças, que então não estão obrigadas a alongar

a lingua para mammarem, como o fazem quando o bico tem disposição contraria. Se este meio não aproveitar, póde-se introduzir o leite com mammadeira afim de obrigar a criança a retirar a lingua, para moderar o fluxo do liquido. Quando a criança não mammar, cumpre ligar-se-lhe os queixos com lenço.

Se estes meios não foram empregados a tempo, ou se não aproveitarem, podem fazer-se lavagens adstringentes ou mesmo escarificações superficiaes com a lanceta. As lavagens adstringentes podem ser: agua com vinagre e mel de abelhas, solução de pedrahume, succo de limão. Um meio mais racional é a compressão, quer com duas chapas de cautchuc, com um sacco de panno, uma funda elastica ou com qualquer outro meio mecanico. Se se tratar de um individuo que tivesse grande desejo de curar-se, poderia elle mesmo fazer uma compressão persistente com os dedos; seria a menos dolorosa e a mais efficaz. Nos casos desesperados cumpre excisar uma porção da lingua em V, cujo apice seria para traz, extrahe-se o pedaço triangular, e reune-se a ferida com sutura.

Hypertrophia da prostata. *Veja-se* PROSTATA.

Hypertrophia do seio. *Veja-se* SEIO.

HYPNONE. Substancia liquida hydrocarbonatada que chimicamente se chama, methylacetone; insoluvel na agua, a hypnone se dissolve muito bem no alcool e no ether. É um narcotico que não deixa de ter sua influencia sobre o coração; eis porque não se deve administrar a hypnone aos doentes acommettidos de affecções cardiacas.

Ella determina um somno profundo e não apresenta os inconvenientes das preparações de opio. Administra-se'a na dóse de 5 a 10 gottas em um pouco de xarope; ou então debaixo de forma de perolas do doutor Clertan, cuja dósc é de 2 a 3 perolas para os adultos.

HYPNOTICOS. Debaixo d'este nome designa-se uma classe muito importante de medicamentos que possuem, mais ou menos, a propriedade de provocar o somno. Não se deve confundir estas substancias com aquellas a que chamam narcoticas. É verdade que os narcoticos tambem provocam o somno, mas elles determinam outros symptomas mais ou menos graves, em todo caso importantes, e que despertam muito mais a attenção. O somno narcotico é quasi sempre precedido de abatimento, de depressão das forças, de delirio, etc. Os verdadeiros hypnoticos actuam de modo mui diverso, elles provocam o somno sem produzir envenenamento algum apparente c terrivel.

Á frente dos hypnoticos classificaremos o opio e seus alcaloides; morphina, narceina, thebaina, codeina, lactucario, etc.; em seguida vem o chloral, o bromureto de potassio, a hypnone, e em uma classe á parte o ether e o chloroformio. O emprego d'estas substancias está tão espalhado que sem ellas não seria possivel praticar a medicina. Ora, os hypnoticos combatem a dôr, symptoma capital das molestias que acommettem a especie humana.

A acção dos hypnoticos é muito variavel. As suas propriedades devem ser bem conhecidas para que se possa escolher o medicamento que

convenha a cada caso particular. As preparações opiaceas adormecem lentamente, com difficuldade, começando por dar sensações de fadiga e de abatimento bastante desagradaveis; mas o acordar é rapido e completo. O chloral faz adormecer de repente, sem preliminares; mas o acordar, depois d'esse somno profundo, é difficil, longo e ás vezes analogo áquelle que se sente depois de uma noite em que se teve pezadelo. Dos diversos alcaloides que se extrahe do opio, é a morphina que tem o poder hypnotico mais pronunciado, depois d'ella vem a narceina, pouco empregada, e por fim, a codeina cujo uso está muito mais espalhado sobretudo em forma de xarope.

HYPNOTISMO. Termo creado por Braid, medico de Manchester, para designar o somno nervoso provocado, mais conhecido outr'ora debaixo do nome de magnetismo animal.

Nem todas as pessoas têm disposições para serem adormecidas; os melhores individuos para o hypnotismo são escolhidos entre os nevropathas e principalmente entre as hystericas, como muito bem demonstrou o doutor Charcot, na escola da Salpétrière.

O hypnotismo não é pois um phenomeno natural, mas sim uma molestia provocada. Empregam-se diversos processos para se obter o somno nervoso, os mais efficazes são : fixar a vista sobre um objeto brilhante, fixar a vista sobre os olhos de uma outra pessoa, a projecção de um jacto de luz electrica no raio visual do individuo, a audição por muito tempo, de um ruido surdo, ou por meio do espelho rotativo de Chardin (fig. 566), etc. O methodo que consistia em passar as mãos pelo rosto ou pelo corpo, não é mais, hoje em dia, do que o apanagio exclusivo dos charlatães. Reconhece-se que a pessoa está dormindo pela resolução e insensibilidade do corpo, pode-se então fazer o individuo passar por tres estados principaes que são : a lethargia, a catalepsia e o somnambulismo. Esta ultima phase é sobretudo interessante porque emquanto ella dura o individuo é suseeptinel de aceitar muitissimas *suggestões*, de qualquer natureza, entre as quaes, suggestões de actos a executar as quaes lhes é impossivel resistir. Comprehende-se pois o partido que se pode tirar, do seo poder, um hypnotizador pouco escrupuloso.

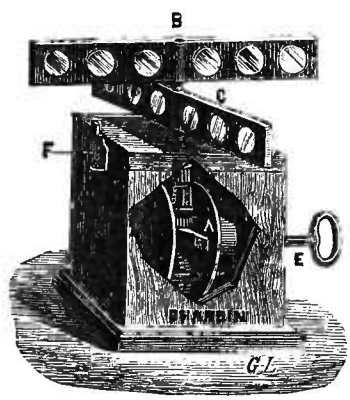


Fig. 566. — Espelho rotativo de Chardin para o hypnotismo (*).

(*) Este apparelho se divide em tres partes :

1.º De um motor V, dentro da caixa, que se compõe de uma machina de relogio A, que que se dá corda com a chave E, e que faz girar duas placas verticaes B e C tendo um movimento igual e em sentido contrario um do outro.

2.º De duas placas pequenas, uma tendo um buraco cylindrico que se colloca sobre o eixo de cobre C, a outra com um buraco redondo, que se colloca sobre a arvore superior de ferro B.

3.º Faz-se funccionar ou parar instantaneamente o apparelho por meio da forquilha F que age roçando sobre o eixo principal C.

Pode-se á vontade fazar cessar o somno nervoso, assoprando nos olhos do individuo que se adormeceo. É para notar que esse individuo quando acorda, não se lembre de nada que fez ou que dissesse emquanto dormia, não obstante elle executará a suggestão que se lhe impoz quando dormia; mas executal-a-ha naturalmente para bem dizer, como se fosse de seu motuo proprio sem que possa dizer quem lh'a suggerio.

Já se utilizou a insensibilidade á dôr que existe durante o hypnotismo para se praticar algumas operações cirurgicas e partos sem dôr. O hypnotismo e a suggestão são tambem um bom remedio na hysteria e suas diversas manifestações. É bom lembrar, porem, como demonstrou o doutor Gilles de la Tourette, em sua interessante obra : *O hypnotismo* e *os Estados analogos*, que o somno provocado sendo uma manifestação nervosa, só deve ser empregado, depois de bem pensado, para que não se faça declarar prematuramente os accidentes da hysteria. N'este ponto de vista só os medicos é que deverão ser autorizados a empregar o hypnotismo, do mesmo modo que o são para prescrever os medicamentos perigosos.

HYPOCHONDRIA. Molestia specialmente caracterizada por uma preoccupação constante, inquieta, sem motivo, ou exagerada, ás vezes delirante, sobre a propria saude. Os symptomas da hypochondria são extremamente variados; não ha quasi parte alguma do corpo que não seja a séde de um soffrimento : a cabeça, o peito, o ventre, são alternativa ou simultaneamente accusados pelo doente de occultarem differentes causas de desordens, de dôres, e affecções diversas. Estes doentes, que o vulgo chama *scismaticos*, tem geralmente o humor mui variavel; passam quasi sem motivo do medo á esperança, da alegria á tristeza, da colera á bondade; um nada os contraria, os agita, motiva-lhes terrores, accessos de desespero. O estado de sua saude, sobretudo, os inquieta muito : á menor dôr, ao mais fraco accidente, julgam-se no maior perigo. Queixam-se de cahir em estado de fraqueza extrema; empregam as mais exageradas expressões para descreverem os seus soffrimentos, sua molestia é nova, extraordinaria, desconhecida, incuravel e das mais perigosas. « Minha saude está arruinada, vos dirá um d'estes infelizes; os medicos não me acertam com a molestia, já não posso sobreviver a tantos males, morrerei subitamente em uma crise horrivel : a morte é mil vezes preferivel a semelhante existencia; hei de matar-me. » Tal é a sua ultima expressão.

Os hypochondriacos fallam frequentemente do aborrecimento que tem da vida, e todavia buscam com ardor os conselhos da medicina; ouvem e consultam os curandeiros, recorrem a todas as receitas que lhes são gabadas, dirigem-se successivamente a novos medicos, ouvem os seus conselhos, mas aborrecem os remedios logo que usam d'elles. O que mais amofina estes infelizes é serem avaliados doentes imaginarios, e repetir-se-lhes que acreditam muito em si mesmos, que não tem coragem nem resolução, que não tem molestia alguma, e que se quizessem, poderiam livrar-se da sua tristeza. Estas exprobrações são muito injustas, e semelhantes conselhos inuteis; irritam os doentes e

causam-lhes desespero. Os hypochondriacos soffrem realmente bastante; e as desordens de suas faculdades sensitivas são mui positivas. Alguns padecem no pescoço de constricções espasmodicas; muitos são sujeitos á oppressão, ás palpitações, e atormentados por uma prisão de ventre; queixam-se de calor nas entranhas, ás vezes de uma viva sensibilidade no ventre. Estas differentes desordens são attribuidas pelos doentes a affecções graves, taes como aneurysmas do coração, cancros do estomago, tisicas, hydropisias, syphilis, e todas as molestias de que tem ouvido fallar.

A hypochondria é uma molestia de natureza nervosa; por isso alguns medicos, e até o vulgo, lhe chamam *espasmos*, *molestias de nervos*, ou *flatos*.

Causas. As pessoas nervosas e mui sensiveis são as mais expostas a contrahir a hypochondria. As suas causas mais ordinaria são as affecções vivas e prolongadas, os pezares profundos, o ciume, o susto, a passagem de uma vida activa a um estado de ociosidade completa, a ambição frustada, a perda da belleza e a successão dos annos em algumas mulheres, trabalhos de espirito excessivos, a vida sedentaria, os abusos venereos, o onanismo. A hypochondria sobrevem raramente aos agricultores, aos militares, aos obreiros : escolhe as suas victimas entre os sabios, artistas, poetas, pessoas ricas e desoccupadas.

Tratamento. Os hypochondriacos são individuos essencialmente infelizes, dignos de toda a compaixão, e para com os quaes as pessoas que os rodeiam devem ter as maiores attenções e indulgencia.

A primeira indicação no tratamento d'esta molestia consiste em remover a causa que a produzio. A simples mudança do genero de vida, das occupações e costumes dos doentes, é quasi o meio mais efficaz que se póde oppôr aos seus males. Infelizmente existem causas indestructiveis : taes são os pezares profundos e repetidos, as occupações habituaes dos litteratos, as posições sociaes e as profissões que os doentes não podem de modo algum deixar. Convem então contar com os felizes effeitos do tempo, contentando-se em enfraquecer a influencia d'essas causas.

As meditações entretem e aggravam os soffrimentos dos hypochondriacos; deve-se, por conseguinte, dar frequentemente repouso ao espirito, deixar o trabalho logo que a cabeça fique cançada, e distrahir-se pela residencia alternativamente feita ora no campo ora na cidade. Em geral, cura-se á hypochondria, não com a abundancia dos medicamentos, mas com agradaveis conversações entre amigos, com innocentes prazeres do campo, frequentes exercicios a cavallo, passeios, jogos, espectaculos, bailes, concertos, leituras divertidas, e outros semelhantes meios hygienicos. Que uns se appliquem á caça, á cultura de um jardim, outros a certos jogos, como o bilhar, as cartas, etc.

A prisão do ventre e o calor das entranhas devem ser combatidos com clysteres d'agua morna ou fria, ou com bebidas levemente laxativas: um purgante brando póde ser util uma ou duas vezes por mez. Os banhos mornos e frescos convem muito aos hypochondriacos. Os escal-

dapés, as applicções frias sobre a cabeça, uma lavagem fresca no rosto; antes que o doente se deite, são os melhores meios a empregar para dissipar a insomnia. O regimen deve ser brando, apropriado ao gosto e ás forças do doente.

Taes são as regras geraes que se podem applicar a todos os individuos affectados de hypochondria. Os medicamentos que convem contra este estado são :

Chloral bromuretado Dubois.

Para tomar tres colheres, *de sopa*, por dia.

Elixir santo.

Rhuibarbo.....	40 gram.	Cardamomo	15 gram.
Aloes.....	24 —	Aguardente.....	1000 —

Macere por oito dias, e filtre por papel. *Dóse :* 15 grammas por dia, pela manhã em jejum, como estomachico e purgativo.

Pilulas antispasmodicas.

Extracto de valeriana.....	1 gramma.
Oxydo de zinco.....	1 —

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula por dia.

HYPOCHONDRIO. Parte superior e lateral do ventre, á direita e á esquerda do epigastro. No hypochondrio direito acha-se o figado, e no hypochondrio esquerdo o baço.

HYPODERMICAS (INJECÇÕES). *Veja-se* INJECÇÕES.

HYPOEMIA INTERTROPICAL. Dá-se este nome á opilação.

HYPOGASTRO OU REGIÃO HYPOGASTRICA. Parte inferior do ventre. Limita-se superiormente por uma linha recta que se suppõe tirada de uma a outra espinha iliaca superior e anterior, pouco mais ou menos a tres dedos abaixo do embigo.

HYPOHEMA. *Veja-se* OLHO.

HYPOPYON. *Veja-se* OLHO.

HYPOPHOSPHITO DE SODA. É um sal sob a fórma de pó branco ou de crystaes, de sabor salino, soluvel em agua. É aconselhado contra a tisica, na dóse de 1 a 3 grammas por dia, dissolvido em agua ou xarope.

HYPOSPADIAS. Vicio de conformação congenita do membro viril e do canal da urethra. O orificio urethral em logar de se abrir na ponta do membro viril, acha-se situado do lado inferior, ora na base da glande ora mais em baixo e até mesmo perto do pente. O penis então é pouco desenvolvido e a glande, virada para baixo é achatada e tendo uma especie de rego no meio do lado inferior. Quando esta disformidade é bem pronunciada, as partes genitaes parecem-se um pouco com a parte superior da vulva na mulher, o que deo logar a que tivessem tomado por hermaphroditas, certos individuos com este vicio de conformação. A ourina corre babando e molha as roupas. Quando o membro

fica em erecção, tem a forma de um gancho o que torna assaz impossivel a sua entrada na vagina, durante o coito. Alem d'isto a ejaculação se faz na entrada da vagina nos dous lados inferiores e mesmo fóra, o que faz que a fecundação não é possivel ou assaz problematica. Ás vezes a disformidade ainda é maior, então os dous testiculos podem se achar separados e dentro de duas bolsas separadas de cado lado de um rego medio, mais ou menos largo.

O tratamento é o mesmo que o do epispadias. Consiste elle em uma operação autoplastica. Tira-se por dissecção nas partes lateraes do penis, retalhos de pelle com os quaes trata-se de reconstituir um canal urinario completo.

É uma operação delicada que deve ser feita em muitos tempos na mór parte dos casos.

HYPOSTHENISANTES. *Veja-se* CONTRA-ESTIMULANTES.

HYPOSULFITO DE SODA. Sal debaixo da fórma de crystaes transparentes, sem cheiro, pouco alteraveis ao ar, de sabor amargo, soluveis em agua. Sua solução aquosa, na proporção de 30 grammas para 1000 grammas d'agua, é empregada para conservar os cadaveres que servem para o estudo de anatomia nas escolas de medicina.



Fig. 567. — Hysopo.

HYSOPO. *Hyssopus officinalis*, Linneo. Labiadas. Arbusto que habita na Europa meridional. Caule do comprimento de 33 centimetros; folhas estreitas, agudas; flores azues ou côr de rosa; cheiro aromatico, sabor quente (fig. 567). As folhas e flores do hysopo são empregadas como expectorante, em fórma de chá, que se prepara com 2 grammas de hysopo e uma chicara d'agua fervendo.

HYSTERECTOMIA. Operação cirurgica que tem por fim extirpar o utero. Ella pode ser praticada por duas vias differentes: pela vagina ou pelo abdomen. A hysterectomia vaginal é praticada ordinariamente para a extirpação dos cancros do utero. Esta molestia tão frequente nas mulheres de 30 a 60 annos de idade necessita um tratamento rapido e radical, se se quizer prolongar a vida da doente. A cura definitiva nem sempre se consegue mas a doente obtem todas as vantagens physicas e moraes de uma cura.

Puxar o utero do fundo da vagina até á vulva, separar este orgão do canal vaginal que se apega ao collo da madre, ligar os ligamentos largos depois seccional-os, taes são os principaes tempos d'esta operação difficil e perigosa porque ha receio que se corte a bexiga ou as ureteres e tambem que sobrevenham hemorrhagias ou alguma peritonite que atacam muitas vezes as operadas. A doente tem tanto mais probabilidades de ficar curada se a operação fôr feita pouco tempo depois do começo da molestia. A reincidencia pouco tempo depois é inevitavel se a operação fôr feita quando o utero está todo invadido pelo cancro.

Para extirpar o utero pela via abdominal, pratica-se uma incisão igual áquella que se faz para a operação cesareana. É mais facil chegar-se á madre por este lado, mas a grande abertura do peritoneo augmenta o perigo; eis porque para os cancros, prefere-se fazer sempre a hysterectomia vaginal. A outra via é reservada para ablação do utero depois da operação cesareana, ou quando existem tumores fibrosos muito grandes para que possam ser extrahidos pela vagina.

Para fazer estas duas operações, é necessario uma mui grande habilidade operatoria, muitos conhecimentos anatomicos e tambem muita agilidade nas mãos e um asseio extremo tanto n'ellas como nos instrumentos e apparelhos, é o unico meio de evitar uma peritonite mortal.

É inutil dizer que uma das bases de exito d'esta operação, quanto á vida da operada, consiste não só no asseio rigoroso das mãos e dos instrumentos como no emprego do methodo antiseptico completo. A hysterectomia é uma operação que só pode ser praticada por cirurgiões convictos da importancia das doutrinas antisepticas.

HYSTERIA. Palavra conhecida desde a mais remota antiguidade e que tirou o nome do facto que se cria que a molestia tinha a séde pathologica na matriz, o que não é real, pois a hysteria deve ser considerada como uma molestia de todo o systema nervoso sem que até agora se lhe tenha podido designar um logar especial.

A hysteria é uma affecção hereditaria, seja directamente, seja por transformação. Ella acommette muito mais as mulheres do que os homens, se bem que estes não estejam isemptos de tel-a, assim como as crianças de 7 a 8 annos de idade: ella pode então por contagio nervoso grassar de um modo epidemico, em um convento, em uma casa de educação como outr'ora as epidemias de demoniacos da Idade Media que devem ser consideradas como epidemias de pura hysteria.

As causas da hysteria são mui numerosas e mui variaveis sem contar as da hereditariedade. Citaremos a anemia, os excessos de toda a sorte, os trabalhos intellectuaes excessivos, as perturbações das funcções menstruaes, as molestias da matriz, etc.

Não deixam de ser tambem mui variadas as manifestações da hysteria como as causas que a provocam. Dividem-se ellas em convulsivas ou não convulsivas. As manifestações convulsivas são constituidas pelo ataque hysterico que em seu pleno desenvolvimento apresenta, como já demonstraram os doutores Charcot e Paulo Richer, quatro periodos: 1.º periodo epileptoide; 2.º periodo de grandes movimentos; 3.º periodo das attitudes apaixonadas; 4.º periodo de delirio. O periodo de delirio pode deixar de se declarar ou constituir só de per si uma manifestação isolada da nevrose, ás vezes mui tenaz, isto é, o delirio hysterico.

O diagnostico do ataque hysterico ainda não está estudado, o que se dá tambem com o ataque epileptico. No ataque epileptico o individuo morde a lingua, involuntariamente, fica sem sentidos; alem d'isto se o ataque repete-se a temperatura do corpo pode attingir 40° centigr., na epilepsia, emquanto que no ataque prolongado da hysteria ella nunca vai alem de 38°.

do ciume, da ambição frustrada e do odio concentrado; manifesta-se igualmente em consequencia das grandes dôres physicas, por exemplo, das que acompanham as luxações, as picadas dos nervos e as grande soperações cirurgicas. As quédas e pancadas sobre a cabeça ou sobre qualquer outra parte, nas quaes o cerebro experimenta uma commoção mais ou menos forte, podem produzil-a tambemem alguns casos.

Symptomas, A ictericia, quando não é subita, principia ordinariamente pelos olhos; pouco a pouco a coloração estende-se ao rosto, pescoço, unhas, peito, ao tronco, e emfim aos braços e ás pernas. Um prurido assás vivo por todo o corpo acompanha muitas vezes este estado. As ourinas limpidas e de um amarello pouco escuro ao principio, tornam-se logo açafroadas, espumosas, vermelhas e grossas: a sua côr carrega-se cada vez mais, tornam-se verdes, ás vezes até pretas, e depõem no fundo do vaso um sedimento grosso e viscoso. Ao mesmo tempo existe uma prisão de ventre assás rebelde; as materias fecaes, expulsas com esforço e em pequena quantidade, são pardas e ás vezes inteiramente brancas. A estes symptomas essenciaes associa-se ordinariamente tristeza, abatimento, dôr ou peso de cabeça, perda ou diminuição notavel do appetite, sêde viva, cansaço geral, ás vezes algumas colicas, e quasi sempre ventosidades.

A *duração* da ictericia é ordinariamente bastante longa; dissipa-se raramente antes de quinze ou vinte dias, e ha casos em que se prolonga por dois e tres mezes; mas esses casos são raros. A ictericia por si nunca é molestia grave.

Tratamento. A ictericia essencial sára naturalmente pelo repouso, com bebidas emollientes e refrigerantes, e com um regimen brando e frugal, composto da metade, pouco mais ou menos, da alimentação habitual. As bebidas que convem são as limonadas de limão, de laranja, o cozimento de grama. É preciso conservar a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna. A receita seguinte aproveita muito na ictericia:

Acetato de potassa.....	30 grammas.
Agua.....	250 —

Dissolva. O doente toma diariamente duas colheres *de sopa* d'esta dissolução, uma colher pela manhã, outro á noite, n'uma chicara d'agua fria com assucar; ou de 2 em 2 horas, uma obreia de naphtol, de Trouette, sem interrupção da comida.

No fim da ictericia um purgante é muito util, e com preferencia a limonada de citrato de magnesia de Rogé ou o sal de Glauber.

IDADE. Espaço de tempo que tem decorrido desde o nascimento. Por extensão, designam-se tambem sob o nome de idades os grandes periodos da vida, caracterizados por mudanças successivas na organização do corpo humano. Como estas mudanças sobrevem após um numero variavel de annos conforme as circumstancias, seria preferivel distinguir as idades por estas mesmas mudanças do que pela successão do tempo; e com effeito, ao passo que ha homens que parecem ter o

feliz privilegio de prolongar a sua mocidade até aos cincoenta annos e exercer as suas prerogativas, Bebe, anão do rei de Polonia, tinha percorrido, aos vinte e tres annos, todos os periodos da vida, e extinguio-se realmente em uma velhice prematura. Os climas quentes apressam a puberdade. A maneira de viver e mil outras circumstancias adiantam ou retardam a velhice.

Com a maior parte dos autores contarei quatro idades da vida: 1.ª, a *infancia* ou o espaço de tempo comprehendido entre o nascimento e a puberdade; 2.ª, a *adolescencia* ou mocidade, que começa com o desenvolvimento da puberdade, aos dez ou onze annos para as meninas, e treze annos mais ou menos para os rapazes no clima intertropical, e acaba na epoca em que o corpo tem tomado todo o seu crescimento; o que tem logar aos vinte e um annos nas senhoras, e aos vinte e cinco nos homens; 3.ª, a *virilidade* ou idade madura, que vai até aos cincoenta e cinco ou sessenta annos, epoca em que principia a decadencia do corpo e das nossas faculdades: 4.ª a *velhice* emfim, que se estende até á morte, a qual se faz raramente esperar após noventa annos. Segundo Haller, de 1400 individuos, apenas um só chega a cem annos. A população está desigualmente repartida n'estas differentes idades: a infancia abrange os 28/000; a adolescencia, os 18/000; a virilidade, os 31/000; e a velhice, os 23/000.

Passemos agora ao exame dos principaes phenomenos que apresenta cada uma d'estas idades, e á indicação das regras hygienicas que lhes convem.

Infancia. A criança que nasce a termo tem 43 a 49 centimetros de comprimento, pouco mais ou menos; pesa 2 kilogrammas e 1/2 a 4 kilog. 1/2, a metade do seu corpo corresponde um pouco acima do embigo; emfim, vem com a pelle coberta de uma substancia branca, gorda e unctuosa. A criança que não nasce a termo é privada mais ou menos d'esta capa particular, o seu peso e comprimento são menores, as unhas existem apenas e não se estendem até á extremidade dos dedos; as palpebras estão ás vezes ainda adherentes; emfim, a metade do corpo chega muito acima do embigo. Mas a maior parte d'estes signaes podem induzir em erro, e só da sua reunião é que se póde tirar uma conclusão exacta. As crianças que nascem mui delicadas podem entretanto viver longo tempo; assim Voltaire, nascido tão fraco que se duvidou que pudesse viver, chegou aos oitenta e dois annos. As feições da criança recem-nascida apresentam uma especie de redondeza e inchação que não escapáram aos pintores. Apenas nasce, dá gritos; não é porém a dôr que a excita, mas sim a necessidade de respirar. Seus pulmões, comprimidos em um canto do peito durante toda a sua residencia no seio materno, são dilatados então pelo ar e enchem toda esta cavidade. Após a necessidade de respirar vem á criança a de alimentar-se. Um liquido lhe é destinado, o leite de sua mãe, que o instincto o natural o faz mammar. N'esta occupação, e em um somno profundo passa perto de dois terços do dia. Alguns mezes depois, o menino póde admittir algum alimento estranho, e dos sete para os oito mezes principia o que se chama a

primeira dentição; vinte dentes, chamados de leite, vem guarnecer successivamente as duas queixadas. Aos sete annos cahem, expulsos pelos dentes definitivos que os substituem. Durante este tempo, a criança tem-se desenvolvido rapidamente no physico e moral. Um anno apenas tem decorrido, e já principia a balbuciar; póde até sustentar-se nas pernas. Ha crianças que pricipiam a fallar mui pequenas, isto é, antes de um anno, entretanto que outras só o fazem muito mais tarde, já por algum impedimento dos orgãos, já pela lentidão de intelligencia. Aos sete annos desenvolve-se a memoria, feliz partilha da infancia e adolescencia, e de que frequentemente ao depois se sente não se ter aproveitado. Todos conhecem o caracter da criança, os seus desatinos, volubilidade e pouco siso. Come frequentemente e tem um somno profundo, dorme mesmo em pé, e até comendo; entretanto, a duração total do seu somno diminue á medida que se vai afastando da época de seu nascimento. As diversas excreções naturaes fazem-se frequentemente. A necessidade de exercer os musculos lhe dá gosto de correr, saltar e traquinar. Com effeito, não lhe seria possivel o estar immovel. N'esta idade as meninas distinguem-se pouco dos rapazes pelo caracter. Não se acha na infancia nem a reflexão, nem o raciocinio, nem o juizo. A criança conduz-se só por instincto ou sentimento proprio. D'ahi vem a necessidade de dar pela educação uma direcção util e salutar ás ideias.

Tem as crianças uma necessidade contínua de comer, e supportam difficilmente a abstinencia e a fome. Quando Dante representa o desditoso conde Ugolino e seus filhos fechados na torre em que deviam perecer de fome, conta, segundo a historia, que os mais moços succumbíram primeiro, os mais idosos depois, e que este infeliz pai sobrevivêra ao ultimo, opprimido de todas as dôres.

Muitas crianças morrem ao verem a luz pela primeira vez, e Süssmilch diz que morrem n'esse momento vinte e tres sobre mil; mas este numero foi achado muito mais consideravel no Hospicio da Maternidade de Pariz, pois, sobre vinte e seis nascimentos, ha commummente uma criança que nasce morta, apezar dos cuidados esclarecidos que se administram n'esta casa durante o parto.

As molestías que ameaçam a infancia são frequentes e perigosas. A quarta parte das crianças que nascem morre durante o primeiro anno de sua existencia. No segundo, a mortalidade é ainda consideravel, e uma terça parte das crianças não chega á idade de dois annos; mas diminue após essa mortalidade, e aos dez annos é a epoca da vida em qne morre menor numero de pessoas.

Para as considerações hygienicas que se referem á infancia, veja-se o artigo MENINOS.

Adolescencia. Esta segunda idade da vida, que é tambem conhecida pelo nome de *mocidade*, principia com os primeiros signaes da puberdade, mais cedo ou mais tarde, e termina na mulher aos vinte e um annos, e no homem aos vinte e cinco. Esta epoca, que é sobretudo a das graças e da belleza, é tambem a idade das illusões da vida. O adolescente, entregue ás mais doces esperanças, principia, por assim

dizer, uma nova existencia, e o encanto d'ella se diffunde sobre elle mesmo e sobre tudo quanto o rodeia.

Os phenomenos que caracterizam a adolescencia, e se succedem durante a sua duração, devem ser observados e dirigidos com a mais activa sollicitude, pois que da sua apparição regular, do seu desenvolvimento normal, e da sua retenção em justos limites, dependerá a execução vigorosa e duravel de todas as funcções. Durante a adolescencia, a constituição dos homens aperfeiçoa-se ou deteriora-se para sempre. — Já mencionei que os climas quentes apressam o desenvolvimento da adolescencia. Assim, nos paizes intertropicaes principia aos dez ou doze annos; alguns exemplos provam mesmo que póde ser ainda mais temporã, entretanto que nas regiões vizinhas do polo a puberdade não se declara senão aos dezeseis ou dezoito annos nas meninas e aos dezenove ou vinte nos rapazes. Observemos que em todos os climas a exposição ao sol, uma situação elevada, a influencia de um ar vivo e puro, a abundancia das cousas nscessarias á vida, um exercicio moderado e a ausencia de trabalhos mui pesados, são outras tantas causas que acceleram a época da adolescencia, e exaltam os phenomenos que a acompanham. A puberdade é menos temporã nos habitantes das roças, subtrahidos em parte a todas as excitações, taes como os bailes e theatros, uma alimentação estimulante, a cultura das bellas artes, etc., que anticipam nas grandes cidades a epoca marcada pela natureza.

No momento em que a adolescencia principia, declaram-se grandes mudanças na organização physica do homem e da mulher. No primeiro, desapparecem as feições molles e redondas da infancia, um brando buço vem cobrir-lhe a barba e o beiço superior; o peito toma um desenvolvimento notavel, os orgãos genitaes dobram de volume, a voz torna-se rouca ao principio e fica depois mais forte, perdendo o metal da infancia. Na menina, a pelle adquire n'essa idade um brilho particular; os orgãos de geração desenvolvem-se, recebem nova vida e novo aspecto, os seios, até então semelhantes nos dois sexos, tomam o caracter proprio e tornam-se, como se sabe, por sua elevação e redondeza, um dos attributos mais distinctivos da mulher.

A actividade de todas as funcções é um dos caracteres da adolescencia: as sensações de um joven são vivas e promptas; tem uma memoria extensa, uma imaginação rica e brilhante; é mais attento do que na infancia; mas carece ainda de juizo e reflexão: e essa ausencia póde conduzil-o a muitos erros. A menina, cujo caracter antes da puberdade differia pouco do do rapaz, muda de repente; as suas inclinações e gosos já não são os mesmos, torna-se mais reservada, ornando-se de novas graças, e adquire então aquella delicadeza, aquelle tacto particular, e aquelle pudor que é o seu mais bello predicado; ao mesmo tempo torna-se distrahida e pensativa, busca a solidão e cahe frequentemente na languidez de uma suave melancolia. Emfim, em ambos os sexos tem-se desenvolvido a branda inclinação que os attrahe um para o outro. A necessidade de amar faz-se imperiosamente sentir, exercendo grande influencia, mórmente na mulher.

Se por falta de vigor organico ou nativo, ou por privação de alimentos sufficientes, ou emfim pelo effeito de trabalhos excessivos, o joven ou a joven adolescente conservarem um estado habitual de languidez e fraqueza que impede o livre desenvolvimento da puberdade, convem livral-os d'estas causas debilitantes. A exposição a um ar vivo, quente e puro, exercicios moderados, superior alimentação abundante e substancial, banhos quentes e frios, o vinho, os cozimentos amargos, eis os meios mais simples que são uteis n'este caso.

Os orgãos genitaes são ás vezes, na epoca da adolescencia, a séde de uma grande actividade, que obriga incessantemente as pessoas moças a excital-os e a provocar os prazeres solitarios, que são causa poderosa do estrago da saude. Exercer-lhes as forças physicas mediante uma gymnastica racional, occupar-lhes o espirito, esclarecer-lhes a razão, nunca deixal-os entregues a si mesmo, e dar, sem lhes fazer sentir violencia, uma direcção mais conveniente ás suas inclinações, taes são os meios mais efficazes para prevenir ou dissipar o funesto habito da masturbação.

Uma melancolia profunda e rebelde manifesta-se frequentemente nos jovens puberes, sobretudo quando, pouco confiantes em si, desesperam de jamais obter bom successo na sua carreira. Então afastam-se do mundo, tornam-se tristes, pezarosos, possuidos de ideias desanimadoras, e como atormentados por uma oppressão interior e invencivel. Póde-se facilmente combater este estado, dando-se alento aos jovens melancolicos, esforçando-se por infundir-lhes melhor opinião de si, mostrando-lhes o mundo e o futuro sob o aspecto mais risonho, sustentando seus primeiros passos, provando-lhes que não estão isolados, nem privados de um prompto apoio que os possa soccorrer.

A maior parte das molestias da adolesciencia depende das mudanças rapidas que acompanham a puberdade; cumpre dizer tambem que esta mesma revolução produz frequentemente a cura de muitas affecções que affligem a infancia; taes como a gota coral, os diversos fluxos, as escrophulas, etc. Nas meninas, o estabelecimento dos menstruos é muitas vezes difficil e acompanhado de grande numero de molestias e indisposições : chlorose, ataques de nervos, espasmos, depravações de gosto, etc. Depois das tormentas da puberdade, as molestias proprias da adolescencia tomam um caracter inflammatorio. Existem tambem outras affecções annexas aos numerosos abusos venereos, infelizmente mui frequentes, e cujas consequencias são algumas vezes funestas.

Em conclusão, eis-aqui as *regras hygienicas da adolescencia :* O exercicio é necessario a esta idade, convem favorecêl-o; não sómente é util ao desenvolvimento do corpo, mas produz ainda, como já disse, uma feliz diversão a certas ideias que se devem afastar. Longe de apressar o desenvolvimento sexual por imprudentes conhecimentos, ideias ou pinturas capazes de inflammar a imaginação e os sentidos, não ha cousa mais salutar para adquirir uma saude firme, constituição robusta, e mais que tudo uma alma energica, do que deixar por longo tempo a criança em sua infancia. Nas meninas, a menstruação merece uma atten-

ção particular : deve ser especialmente vigiada nas que são pallidas, descoradas, e languidas tanto no physico como no moral : destinei a este assumpto um artigo separado. (*Veja-se* MENSTRUAÇÃO). Os moços, em quanto crescem, precisam comer muito. É necessario dar-lhes uma alimentação sã e abundante. O uso de vinho deve ser moderado; dão-se bem em geral com uma vida regular e regrada. A actividade da respiração deve fazer-lhes escolher habitações vastas e claras. Alguns medicos consideram com razão como uma das causas da tisica os quartos estreitos, humidos, escuros e em que dormem grande numero de pessoas. Esta idade é a que deve ser sobretudo consagrada á educção : o adolescente não tem ainda inclinações decididas; e, pela flexibilidade do seu caracter, sujeita-se aos preceitos que se lhe dão; sua memoria e intelligencia permittem-lhe ao mesmo tempo o lembrar-se d'elles e comprehendêl-os.

Virilidade. A virilidade ou idade madura é caracterizada pelo inteiro desenvolvimento das forças physicas e moraes; o homem cessa então de crescer, e tem adquirido um temperamento proprio e inclinações determinadas que já não podem mudar-se. Comprehende-se a estatura média, para o homem, entre 168 e 176 centimetros. A mulher é mais baixa : a sua estatura não excede 150 a 165 centimetros; provavelmente, diz Haller, *para que a força esteja do lado dos maridos.* A infancia é a idade da memoria; a adolescencia a da imaginação; a virilidade tem por attributo o raciocinio. O homem medita, reflecte e compara. A ambição, o amor da gloria, o desejo das riquezas e honras tomam insensivelmente, no coração do homem adulto, o logar do amor e das paixões mais brandas e mais generosas que enchem a alma do adolescente. O cuidado do pai para com a sua familia nascente isola-o dos outros homens, e dá-lhe interesses privados que se tornam o principio do egoismo, ao qual tende, e contra o qual os esforços de sua razão não o podem intciramente premunir.

A geração, ao exercicio da qual o homem adulto é convidado pelos desejos que o urgem, e pelo bem-estar real que experimenta na sua satisfação, mostra que é então verdadeiramente chamado pela natureza á propagação da sua especie. O homem está sómente apto, n'esta idade, para o casamento. Póde-se observar que um enlace prematuro enerva os jovens individuos, abrevia-lhes a vida, e prepara a seus filhos uma existencia fraca e valetudinaria. Com effeito, o homem só é capaz de reproduzir sua especie quando adquirio o complemento de sua propria organização.

Na mulher, pertence á idade madura a época da cessação dos menstruos; época que não é livre de perigo, e que por isso foi chamada *idade critica.* Esta suppressão dos menstruos, que principia por irregularidades seguidas ás vezes de perdas abundantes, tem logar dos quarenta aos cincoenta annos pouco mais ou menos, conforme foi a apparição dos menstruos mais ou menos tardia durante a adolescencia. *Veja-se* MENSTRUAÇÃO.

Velhice. Divide-se em tres periodos : 1.°, a idade do *retrocesso*, que

comprehende o intervallo dos sessenta aos setenta annos; 2.ª, *caducidade*, dos setenta aos oitenta annos; 3.º, o da *decrepidez*, que vai dos oitenta annos até ao fim da vida. Estas épocas anticipam-se ou retardam-se no homem conforme certas circumstancias, como o abuso da vida, as paixões, os pezares, as occupações, o genero do trabalho. Principiam para uns aos cincoenta annos, e retardam-se para outros até aos setenta. São mais anticipadas nas mulheres : ha a este respeito dez annos de differença entre os dois sexos.

A parte material do nosso ente, consumida pelo uso e pelo tempo, enfraquece e cahe. A porção intellectual extingue-se e a sua perda precede frequentemente a do corpo. O ornamento da natureza, o orgulho da creação, o homem, nos seus ultimos instantes, é sómente massa reduzida ás mais simples funcções do organismo, provida de uma existencia animal. Esta decadencia tem logar de maneira gradual e insensivel.

Os principaes caracteres physicos da velhice são as rugas, a côr fusca e a flaccidez da pelle, a côr branca e depois a quéda dos cabellos, um tremor particular. Os dentes gastam-se, vacillam e cahem : as costas arqueam-se, e os ossos tornam-se mais duros e quebradiços. De todas as funcções da vida, a digestão é a que menos se altera nos velhos, e mesmo os prazeres da mesa são quasi os unicos que lhes ficam. A faculdade da reproducção diminue e extingue-se. Os sentidos tornam-se mais obtusos; d'onde procede o erro tão commum nos velhos de crer que tudo tem degenerado no mundo externo, porque o mesmos objectos não podem causar-lhes a mesma impressão. No seu tempo, a gente valia mais, os costumes eram mais puros, vivia-se mais barato, etc.

A conversação é um dos maiores encantos do velho; gosta de contar o que vio, os acontecimentos de que foi testemunha e muitas vezes heroe. O militar conta as suas batalhas, o juiz as suas causas celebres, o medico as suas curas, tudo um pouco fóra da verdade; mas este é o privilegio dos velhos e viajantes; modificam as cousas na occasião, e seria estranho que a verdade, vinda de tão longe, não se alterasse um pouco no caminho. Esquecem-se mui facilmente do que contaram; d'aqui vem a repetição contínua e sem fim que forma o caracter d'esta idade. As sympathias, estes movimentos generosos da alma pelos quaes o homem se esquece de si para consagrar-se a seus semelhantes, estreitam-se cada vez mais com a idade, e o egoismo os substitue mui frequentemente. O sentimento de sua fraqueza e o medo da indigencia são as causas da avareza que distingue os velhos. A imaginação extingue-se, a existencia materializa-se, e só se compõe então dos frios calculos dos interesses pessoaes. O medo da morte é excéssivo n'esta idade; torna o velho pusillanime e verdadeiramente infeliz. A ideia de sua destruição o faz estremecer, e até cahir em desmaio; busca distrahir-se, e desviar o pensamento d'esse objecto de desespero.

As imperfeições moraes da velhice, que deixei indicadas, são compensadas por vantagens de outra ordem. A ausencia das paixões deixa

o homem em tranquillidade, em um socego que não lhe era conhecido até então : seu coração já não é dilacerado pela afflicção de um amor infeliz, pelas lagrimas amargas de uma ambição frustrada, pelas anxiedades concentradas do amor proprio humilhado, ou de todas as outras fraquezas humanas. Se o velho tem vivido como homem de bem, se tem preenchido os sagrados deveres da sociedade, recebe na idade madura a mais agradavel de todas as recompensas, o gozo de uma consciencia pura, o encanto de um fim sereno e tranquillo : é a tarde de um bello dia.

Se a memoria geral, e a das circumstancias actuaes frequentemente foge ao velho, não acontece o mesmo com a que se chama local. É raro que esta não subsista apezar dos progresos de tempo. O velho vos dirá com uma precisão admiravel a menor particularidade sobre os acontecimentos de sua mocidade, de sua infancia, e sobre os logares que o viram nascer. Esta sorte de memoria é preciosa para o velho; offerece-lhe á lembrança os primeiros objectos que o occupáram, os jogos de sua infancia, a felicidade domestica de sua familia : elle vê a alegria de seu pai, as caricias de sua mãi, abençoa o céo por poder lembrar-se de objectos tão caros. É uma previsão admiravel da natureza, que subtrahe n'este periodo da vida o quadro dos acontecimentos presentes, sempre mais ou menos tristes, e o substitue pela imagem dos felizes tempos da mocidade.

O socego dos sentidos favorece a attenção : a ausencia das paixões fortifica o juizo, a experiencia lhe dá autoridade. Esta idade é afamada pela sua circumspecção, prudencia e sabedoria. Em quasi todos os paizes é a velhice que governa, senão directamente, ao menos por sua influencia, que é immensa nos destinos das nações. Em muitos povos da antiguidade, a velhice foi divinizada como symbolo da experiencia e sabedoria. É a idade em que a virtude do homem brilha com seu mais puro resplandor. É para lamentar que reuna a essas qualidades eminentes as tendencias e preoccupações defeituosas que deixei descriptas, e que são uma origem fecunda de erros e juizos falsos. A circumspecção está perto da desconfiança, a prudencia da pusillanimidade, a ordem e a economia da avareza, a austeridade dos principios da intolerancia. Ora, a organização dos velhos põe-n'os, sem elles o saberem, sobre o declive de todos estes excessos. Além de que, sua repugnancia para a experimentação os torna mui obstinadamente conservadores, e para ter uma sociedade perfeita seria preciso possuir a feliz alliança da confiança da mocidade, da constancia na idade adulta e da experiencia na velhice.

Passemos ás *regras hygiencias relativas á velhice.*

Postos n'esta torrente que não permitte repouso, e contra a qual ninguem póde lutar, chegamos todos á velhice, salvo se naufragarmos no caminho. Approximando-se a este periodo de decadencia, o homem é advertido pelo instincto, não menos que pela experiencia, que já lhe não é permittido arriscar a saude, e que tem de supprir, por cuidados, o que falta á força vital que se enfraquece. É, por conseguinte, á velhice que mais importa o conhecimento e a pratica dos preceitos hygienicos.

Á proporção que o movimento vital se vai tornando mais fraco, o corpo soffre menores perdas e precisa menos reparação. Sabe-se que são os velhos que melhor supportam a abstinencia. Conseguintemente, a sobriedade convem principalmente ás pessoas idosas. Tendo fracos os orgãos digestivos,devem abster-se de alimentos indigestos e copiosos. Sem excluirem nenhuma substancia reputada sã, serão as carnes de animaes tenros preferidas ás carnes duras, os legumes e fructas ao regimen animal. Sobretudo depois da quéda de muitos dentes, é preciso usar de pouca carne, substituindo-lhe o caldo, o leite, as sopas, os mingáos, as feculas, os ovos, os vegetaes e o peixe. Sendo os dentes deteriorados na velhice, convem submetter os alimentos a uma longa mastigação, afim de terem tempo de impregnar-se de saliva, fluido que favorece muito a digestão. Se os dentes e as queixadas recusarem servir, será conveniente dar ás substancias alimentarias uma divisão preliminar mediante um instrumento apropriado. Os temperos são menos contrarios na idade de que tratamos do que nas outras epocas da vida. Favorecem a acção do estomago augmentando-lhe a energia; mas nunca se deve abusar d'este meio. Quanto ao que respeita a hora e o numero das comidas, as pessoas idosas só terão a seguir as regras que indico no artigo ALIMENTOS para todos os homens; mas será mui importante para elles o comerem mui pouco de noite. O vinho, segundo a opinião de Platão, convem muito á velhice, não menos para distrahil-a de suas penas do que para activar as funcções do corpo. Accrescentarei que o abuso d'esta bebida, como o de todas as que são fermentadas, é muito mais perigoso n'esta epoca da vida do que nas idades que a precedem. O uso sobrio do café, do chá, e ás vezes dos licores, é mais salutar do que nocivo á velhice.

O ar é outro alimento não menos necessario á existencia. As pessoas que tem muita idade devem têl-o puro. Devem dormir em um quarto espaçoso, claro, bem arejado, commodo, agradavel, e não em alcova fechada. Esta idade é mui sensivel ao frio; convem, por conseguinte, nos tempos frios, impedir por meio de roupa sufficiente a impressão do ar externo. A morada no campo, em clima quente, as occupações e os prazeres campestres merecem a preferencia quando seja possivel. O exercicio, proporcionado ás forças, que não chegue a fatigar, é eminentemente salutar ás pessoas idosas. Para entreterem a transpiração da pelle, é bom que tomem banhos mornos, cuja duração não deve exceder a um quarto de hora até meia hora. Os banhos frios são perigosos, pois a reacção nas pessoas idosas é mui difficil. As evacuações alvinas, que são mui difficultosas n'esta epoca da vida, serão facilitadas por clysteres, ou com medicamentos purgativos, entre os quaes as pilulas de aloes merecem a preferencia.

Á medida que a potencia genital se extingue, é necessario que a pessoa saiba resignar-se ao decreto sanccionado pela natureza, e não solicitar pela imaginação, ou pelos medicamentos excitantes, forças artificiaes, cujo favor poderá custar mui caro,

Convem, quanto fôr possivel, regular as horas da vigilia e do somno;

não se deitar muito tarde nem levantar-se muito cedo, dar pela manhã um passeio quando o tempo o permittir; é tambem o momento mais conveniente para ir á banca. Se as paixões e as applicações fortes do espirito são nocivas ás pessoas adiantadas em annos, as distracções agradaveis, as recreações do espirito, pelo contrario, são-lhes salutares. Cicero, no seu Tratado sobre a velhice, aconselha a cultura das letras como meio mais digno, e mais capaz de abrandar o rigor d'esta quadra. Bons livros encantam e consolam, e precisa-se muita philosophia em uma epoca tão fecunda em pezares, para todo aquelle que não sabe resignar-se ás leis immutaveis da natureza, e conformar-se ás necessidades da ultima idade.

A apprehensão da morte é, como já disse, um sentimento fixo que envenena a existencia de grande numero de pessoas idosas. Em vão a benevola natureza, querendo privar-nos da vida, se esforça em despir-nos successivamente dos favores que nol-a podiam tornar cara, o louco amor para com as unicas funcções da respiração nos acompanha até ao sepulcro. Mas quanto perde a morte em suas fórmas hediondas, quando ao sentimento das privações e das dôres das enfermidades, se ajuntam bons testemunhos da consciencia e a firme esperança de um futuro melhor a prol do qual se não tem desmerecido! Quem se não sentio commovido e transportado, representando-se o fim do virtuoso Socrates! Quanto é sublime este philosopho quando, depois de aceitar de seus verdugos, a quem perdoa, o copo da venenosa cicuta, disserta, com serenidade, sobre a immortalidade da alma, rodeado de seus discipulos, que julgam já ver n'elle alguma cousa de divino! Os velhos medrosos farão bem em lêr e meditar os escriptos dictados por uma sã philosophia, ou inspirados pelo genio do christianismo, e que tendem a desenvolver um justo desprezo da morte. Ás pessoas que accreditam na immortalidade da alma basta a paz de sua consciencia. Estas sabem que ganham muito abandonando, por uma vida eterna, uma existencia cheia de miserias.

Queixam-se frequentemente os velhos da indifferença e aversão que se lhes testemunha; muitos buscam a solidão, e cahem na misantropia. Sem duvida, os homens são ás vezes injustos para com uma idade que merece alguma indulgencia e exige todo o respeito; mas quem exproba aggravos, não deve ter tomado a iniciativa. O velho destituido de discernimento ou poder sobre si mesmo para comprimir o genio ralhador, a intolerencia, o humor sombrio, o egoismo ao qual o predispõe a organização degenerada, deve ter a certeza de não achar nos outros muita promptidão em servil-os. É respeitado por um sentimento de decoro ou dever; mas quanto á affeição, é natural que os estranhos lh'a neguem. A benevolencia honra, faz honrar e amar a velhice. Os velhos devem temperar a gravidade de seu caracter, a severidade de seus principios e suas prevenções para com o tempo presente. A serenidade da alma, a affabilidade das maneiras, uma alegria decente e moderada convem muito á velhice. Associando a um caracter amavel a experiencia, a sabedoria e os ornamentos do espirito, serão amados e respeitados de todos.

IDADE CRITICA. Epoca da vida das mulheres na qual cessa a

menstruação, entre 45 a 50 annos, pouco mais ou menos. O epitheto de *critica* foi-lhe dado, por causa de alguns incommodos que apparecem n'estas epoca.

Se os incommodos ou molestias, que acompanham ás vezes a cessação dos menstruos, fazem d'esta epoca da vida das mulheres uma *idade critica*, é preciso saber que em muitos casos, esta epoca não tem nada de perigoso, mas pelo contrario é favoravel a certas senhoras, que tendo soffrido do utero durante toda a sua mocidade, de ataques de nervos e outros incommodos gozam boa saude depois da cessação dos menstruos.

A idade critica é muitas vezes marcada por hemorrhagias uterinas excessivas e prolongadas, devidas á atonia do utero que fica molle, e fortemente congestionado; estas hemorrhagias occasionam pallidez do rosto fraqueza geral, palpitações e todos os symptomas de anemia. As hemorrhagias da idade critica duram um ou dois annos debaixo da fórma intermittente, e desapparecem permittindo a volta da saude.

Quando os menstruos céssam naturalmente sem occasionarem hemorrhagias, apparece ás vezes a plethora caracterizada pelos calores no rosto, oppressões no peito, e uma sensação de plenitude desagradavel na bacia. Certa molestias da pelle, e sobretudo a acne rosacea ou caparrosa do rosto, apparecem depois da cessação das regras, e formam enfermidades difficeis de curar. Sobrevem igualmente nevralgias lombo-uterinas.

Tratamento. A plethora, que acompanha a idade critica, deve ser combatida pelo regimen vegetal, uso de limonadas, e, ás vezes pela sangria no braço. Se a idade critica fôr acompanhada de hemorrhagias uterinas, é preciso que a mulher se conserve em repouso sobre um canapé ou na cama, e use das preparações de ferro ou de centeio espigado.

Eis-aqui as receitas :

Tintura de Marte tartarizada..... 30 grammas.

Para beber 20 a 40 gottas, em meia chicara d'agua fria com assucar, de 2 em 2 horas.

Centeio espigado em pó..... 1 gramma.

Para tomar a dóse inteira de uma vez, n'uma colher d'agua com assucar.

Estes medicamentos tomam-se durante as hemerrhagias; no intervallo d'ella convem usar dos banhos de rio ou do mar, e dás lavagens locaes frias.

Cumpre evitar a prisão do ventre, que é seguida sempre de congestão uterina. Para este fim recorra-se aos clysteres d'agua morna ou brandos purgantes como sejam : o verdadeiro pó purgativo de Roger, o rhuibarbo e a magnesia granulados de Mentel, etc. As erupções da pelle e as nevralgias tratam-se do mesmo modo que em qualquer outra circumstancia.

IDENTIDADE. Em medicina legal chama-se pesquiza de identi-

dade a comprovação dos signaes physicos que permittem se reconheça a individualidade de um cadaver ou de um desconhecido accusado de qualquer crime.

O exame minucioso do corpo dá excellentes resultados, tanto quando se trata de um homem vivo como de um cadaver e permitte muitas vezes de frustrar os embustes dos criminosos que buscam dissimular sua identidade. O medico-legista quando se acha em frente de um cadaver tem de determinar a idade, o sexo, a profissão e a data da morte, questões ás quaes elle responde depois de exame, e á vista de certos signaes particulares. Para determinar a idade, basta o exame do esqueleto, no entanto, já tem havido erros. A comprovação do sexo pode apresentar grandes difficuldades quando a putrefacção destruio os orgãos genitaes. A altura, o exame do esqueleto, os cabellos, permittirão, quasi sempre que se affirme a que sexo pertencia o individuo que se examina. Existem certos signaes de grande importancia e que necessitam serem estudados o mais minuciosamente possivel. São elles, os vicios de conformação, os tumores, as desviações dos ossos, as cicatrizes, as pinturas sobre o corpo, cuja descoberta pode ser decisiva. Quasi todas as profissões manuaes deixam tambem estigmas que a experiencia permitte que se reconheça sem difficuldade.

Limitar-nos-hemos em lembrar aqui as deformidades das mãos ou as alterações da pelle que caracterizam as profissões seguintes : sapateiro, costureira, dourador, marcineiro, carpinteiro, polidor, ferreiro, tintureiro, vidraceiro, etc. Basta que insistamos que a pesquiza da identidade de um individuo necessita largos conhecimentos especiaes, grande experiencia e sustida attenção. Os menores signaes, na appareneia negligenciados, podem permittir que se resolva um problema cuja solução procura-se em vão.

IDIOTISMO, IDIOTA. Os idiotas são entes privados mais ou menos completamente da intelligencia desde a mais tenra idade. Formam uma familia numerosa, por isso que, desde a ausencia quasi inteira da intelligencia até ao gráu que representa o estado ordinario d'esta funcção, observam-se muitas graduações e variedades. Assim, encontram-se idiotas que tem uma existencia quasi vegetativa; parecem estranhos a toda a especie de sensações, não sentem nem frio, nem fome, nem especie alguma de dôr; mettem-se-lhes alimentos na bocca, elles os engolem; se abrem os olhos, é de alguma maneira sem enxergarem os objectos. Outros deixam ver que experimentam algumas sensações, reconhecem os alimentos que se lhes offerecem, tomam-n'os e comem-n'os, vêem os ojectos e sabem evital-os, viram a cabeça para o lado onde ouvem ruido; se os beliscam, buscam subtrahir-se á dôr; até se encolerizam sendo contrariados, mas não sabem fazer uso dos objectos exteriores, não podem vestir-se, ficam expostos ao frio, e só pensam em comer quando vêem os alimentos : alguns gritos e gestos mui simples formam n'elles toda a expressão da linguagem. Principia-se a encontrar vestigio da intelligencia n'aquelles que occupam um grau um pouco mais elevado : sua attenção é ás vezes fixada pelas impressões feitas sobre seus sen-

tidos; parecem olhar para certos objectos com um sentimento de prazer misturado de curiosidade; dirigem-se aos alimentos e apoderam-se d'elles, reconhecem as pessoas que d'ellas cuidam habitualmente, indicam ás vezes, por meio de gritos ou gestos, os objectos de seus desejos; manifestam a alegria ou o desgosto que experimentam. Entretanto, é preciso vestil-os, deital-os, pôl-os no logar em que se quer que elles fiquem, são incapazes de satisfazer as suas necessidades; póde-se, quando muito, fazer-lhes reter uma ou duas palavras á força de as fazer repetir em circumstancias dadas. Seguem-se os idiotas que reconhecem as differentes pessoas com que vivem, e ás quaes manifestam affeição se d'ellas estão satisfeitos, que ajudam a vestir-se, comprehendem certas perguntas, vão buscar o alimento, articulam algumas palavras; são entretanto incapazes de qualquer trabalho, e estão todo o dia sentados, deitados ou passeando. Existem, emfim, idiotas cujas faculdades intellectuaes estão desenvolvidas até certo ponto; chamam-se *imbecis:* observam-se n'ellas algumas ideias, um uso limitado da palavra, alguma memoria e certas acções rozoaveis. Conhecem o valor do dinheiro e sabem o seu uso, procuram a reunião dos sexos, sabem vestir-se, prover ás suas necessidades. Mas não se lhes póde ensinar a ler nem a escrever.

As *causas* da molestia que nos occupa nem sempre são faceis de determinar. Affecções moraes, vivas e penosas durante a prenhez parece que produzem ás vezes o idiostismo : as quédas em que a cabeça da criança recebe o choque, o susto, uma inflammação do cerebro, as convulsões, podem tambem ser seguidas da obliteração da intelligencia.

Ordinariamente não se sabe a que causa deve ser attribuida esta molestia. Umas vezes traz seu principio do seio materno, e outras origina-se após o nascimento. No primeiro caso, os pais reparam que a criança, chegada á idade em que deveria ser sensivel ás primeiras impressões, mostra-se-lhes indifferente; não se lhe podem despertar os sentidos, nem fixar a attenção; não aprende a fallar. Os pais só principiam a inquietar-se aos dezoito ou vinte mezes depois do nascimento, e muitas vezes não reconhecem bem a enfermidade da criança senão muito depois. Quando os meninos não se tornam idiotas senão na epoca em que a intelligencia tem principiado a desenvolver-se, os pais ficam suspensos ordinariamente algum tempo antes de notarem o estado da criança; buscam explicar por qualquer outra causa a sua indifferença, seus fracos conhecimentos; mas emfim o mal progride, a intelligencia escurece-se e extingue-se.

Os idiotas ficam ordinariamente n'este estado toda a vida. Nos imbecis a educação póde, ás vezes, desenvolver até certo ponto as faculdades intellectuaes: aperfeiçoam-se pelo costume do trabalho e por suas relações com os individuos no meio dos quaes vivem; alguns idiotas adquirem tambem um pequeno numero de conhecimentos. Citam-se alguns exemplos de menimos mui obtusos até dez ou doze annos, e cujas faculdades desenvolveram-se depois. Em geral, os idiotas não vivem muito tempo, a maior parte d'elles morrem antes de chegarem aos trinta annos. Os imbecis vivem mais que os idiotas. O estado da sensibilidade

physica e a falta de intelligencia tornam mui obscuras as molestias que n'elles sobrevem; não soffrem, ou, se soffrem, não sabem dar conta de suas sensações.

Os idiotas e os imbecis são susceptiveis de serem interdictos. Alguns são maliciosos e até perigosos; devem ser vigiados; se são pobres, é de costume serem encerrados nos hospicios. Ha exemplos de imbecis que serviram de instrumento a actos reprehensiveis e até a crimes. Quanto áquelles espiritos limitados que se soffrem na sociedade, alguns são incapazes de reger seus negocios, e é indispensavel dar-se-lhes um tutor para não prejudicarem seus interesse por sua incapacidade. Esses entes desgraçado da natureza, que não podem chegar ao conhecimento das verdades moraes nas quaes se basêam os deveres do homem em sociedade, e cuja fraca razão é dominada por paixões imperiosas, merecem, pela maior parte, ser tratados com indulgencia quando commettem faltas, ou quando são conduzidos perante os tribunaes por delictos ou crimes que hajam commettido.

Pouco tenho que dizer sobre o *tratamento* do idiotismo. Quando a molestia existe com um vicio de conformação do craneo, ou com a paralysia dos membros que annuncia uma lesão organica do cerebro, não ha remedio que aproveite. Mas quando a cabeça é bem conformada, sobretudo se o enfraquecimento da intelligencia tiver principiado depois do nascimento, se fôr recente e não houver paralysia, póde-se tentar o uso dos purgantes, dos causticos na nuca, dos banhos frios e mornos, das affusões frias sobre a cabeça; e nada se arrisca com estas tentativas. É preciso exercer uma vigilancia particular sobre os doentes para impedir que se entreguem ao onanismo.

A educação bem dirigida de alguns idiotas, e sobretudo dos imbecis póde ter resultados vantajosos. Muitas pessoas esquecem-se de que os estudos devem ser proporcionados ás forças da intelligencia; que tal individuo, por exemplo, que podiera ter adquirido conhecimentos necessarios para viver na sociedade, tem ficado estupido por se haver exigido d'elle uma applicação de que não era capaz; que outro que ficou imbecil porque, pertencendo a uma familia rica, foi, por assim dizer, abandonado de seus pais, repellido por elles, poderia ser um obreiro util se tivesse pertencido a uma familia pobre. Póde-se conseguir que muitos idiotas sejam limpos, obedientes, que communiquem suas necessidades e fujam dos extremos da temperatura, que aprendam a comer, etc. Os imbecis podem ser instruidos em muitos trabalhos faceis e muitos deveres sociaes; póde-se até certo ponto multiplicar-lhes os conhecimentos e aperfeiçoar-lhes a linguaguem.

ILEO, Volvo ou **Volvulo.** Molestia caracterizada por dôres extremamente vivas na barriga, acompanhadas de vomitos e de prisão do ventre. É assim chamada porque tem a séde no intestino ileo, ou porque n'esta affecção os intestinos estão frequentemente enrolados e como ennovelados; *volvere* em latim significa *enrolar*. Chamam-lhe tambem *nó na tripa*. A intensidade da dôr fez com que se lhe désse o nome de *miserere*, do verbo latino que significa *tenha pena de mim*.

Causas. As causas d'esta molestia são obliterações momentaneas do canal digestivo por deslocações, invaginações, estrangulações de uma porção do intestino. A obliteração póde ser causada pela rotação de uma parte do intestino sobre um eixo formado por uma outra parte; esta causa, porém, é a mais rara. A obliteração póde ser produzida pela accumulação das materias fecaes endurecidas, pelos caroços de fructas, por vermes intestinaes, e pela invaginação intestinal. Dá-se este ultimo nome á introducção com viramento de uma porção mais ou menos consideravel de intestino n'uma outra porção do orgão situada ordinariamente debaixo da primeira. Um dedo de luva meio virado imita assás exactamente a disposição que apresenta o intestino invaginado.

Symptomas. Os symptomas do ileo sobrevem pouco a pouco ou de uma maneira subita. No primeiro caso são precedidos de perturbações nos orgãos digestivos; o que se observa quando a obliteração depende da accumulação de fezes ou da simples pressão de alguma membrana, consequencia da inflammação do peritoneo, que achata o intestino sem exercer constricção completa. Mas, se, como acontece ordinariamente a obliteração foi produzida por algum obstaculo, os symptomas sobrevem subitamente, como nas quebraduras estranguladas. As mais das vezes, sem causa apreciavel, ou depois de um jantar copioso, ou depois de algum esforço, o individuo acha-se acommettido de uma dôr mais ou menos viva no ventre. Se a estrangulação se fizer durante a digestão estomacal, o doente lança os alimentos que tomou como se experimentasse uma violenta indigestão, e de ordinario sente-se alliviado logo depois. Mas as dôres abdominaes não tardam a apparecer; são contínuas e exacerbantes; o doente as compara a picadas. Ha, entretanto, doentes que não soffrem tanto. Mas qualquer que seja o gráu de violencia das dôres abdominaes, os vomitos apparecem desde o começo da molestia; a principio alimentarios, são logo depois formados de mucosidades e de bilis. Supprimem-se as evacuações alvinas, incha o ventre. Se a estragulação persistir, sobrevem soluços; os vomitos são mais frequentes, e passado algum tempo são formados de materias estercoraes, amarelladas, liquidas, de cheiro caracteristico. Alteram-se as feições; cavam-se os olhos; extingue-se a voz; a pelle torna-se fria, e cobre-se de suor viscoso; os soluços são contínuos; o pulso torna-se frequente e fraco. O doente extingue-se conservando as mais das vezes a razão; muitos cessam de soffrer, e, algumas horas antes do termo fatal, dizem que sentem allivio.

O ileo tem sempre uma marcha aguda; mas esta é geralmente menos rapida do que nas estrangulações herniaras, nas quaes a contricção do intestino é muito mais forte: e por isso é raro que, no primeiro caso, a morte sobrevenha antes de seis ou sete dias; frequentemente os doentes lutam durante quinze dias; mas alguns succumbem no fim de 24 ou 36 horas.

A morte é a terminação frequente do ileo, entretanto não é raro que os doentes se restabeleçam. A cura póde mesmo ter logar nos casos desesperados, e depois de muitos dias de vomitos estercoraes. Na sua

obra de pathologia, o Dr. Grisolle cita muitos cosos favoraveis. Logo que a liberdade do ventre se restabelece, os doentes expulsam abundantemente ventosidades pelo anus, e uma quantidade prodigiosa de materias liquidas. Se o obstaculo foi produzido por fezes accumuladas ou por alguns corpos estranhos, podem elles achar-se nas dejecções.

Tratamento. Em presença dos signaes de uma obliteração intestinal, deve-se examinar primeiro se não existem corpos estranhos no tubo digestivo, ou materias fecaes endurecidas, ou uma quebradura. Os corpos estranhos reconhecem-se pelos antecedentes dos doentes, que por exemplo dizem terem comido fructas com caroços. Tumores estercoraes existem nos individuos que soffrem habitualmente de prisão do ventre, e, tambem, póde-se sentir o tumor n'um dos lados do ventre. Procure-se sobretudo saber se não ha quebradnra. A principio administre-se 60 grammas de oleo de ricino, em duas dóses, com meia hora de intervallo. Appliquem-se no ventre pannos molhados em agua fria, ou melhor ainda pedaços de gelo. Administre-se um clyster com 60 grammas de oleo de ricino, e quantidade sufficiente d'agua muito fria, Dê-se a beber agua fria ou gelada, e, podendo ser, faça-se engulir gelo, aos pedacinhos. O frio é util, porque concentra os gazes, e provoca a contracção intestinal. As applicações frias são sempre bem toleradas, e o seu uso deve ser continuado durante muitos dias.

Se o oleo de ricino não produzir evacuações, recorra-se aos purgantes mais energicos, que são ;

1.º Sene	30	grammas.
Herva doce	4	—
Agua fervendo	360	—

Infunda por meia hora, côe, e adoce com assucar. Administra-se esta infusão em duas dóses, com meia hora de intervallo.

2.º Uma gotta de oleo de crotom tiglium, n'uma colher d'agua fria com assucar, repetida tres vezes, de quarto em quarto de hora.

Se estes meios não produzirem effeito, empregue-se o seguinte : Dilate-se fortemente o ventre com agua fria introduzida pelo anus no canal intestinal por meio de uma seringa; introduza-se depois, do mesmo modo, 1.º a solução de 30 grammas de acido tartrico em 90 grammas d'agua ; tape-se o anus com um chumaço fortemente applicado; espere-se alguns minutos; por fim tire-se o chumaço. A irrupção, espontanea dos gazes, liquidos e materias estercoraes produz a cura do doente.

Se tudo isto não fôr sufficiente, recorra-se aos calmantes e antispasmodicos. Metta-se o deente n'um banho d'agua tepida, e administre-se-lhe a poção seguinte :

Infusão de folhas de laranjeira	120 gram.	Laudano de Sydenham	20 gottas.
Tintura de belladona	20 gottas.	Ether sulfurico	20 —
		Xarope simples	30 gram.

Misture. Para tomar uma colher, das *de sopa*, de meia em meia hora.

ILIACOS (Ossos), ou Ossos COXAES. São dois ossos situados na

parte inferior e lateral do corpo, um de cada lado; formam sobre os lados as ancas ou ilhargas, e constituem o pubis na parte anterior.

IMAGINAÇÃO. Faculdade da intelligencia, a qual traz á lembrança objectos tanto ausentes como presentes. Examinemos este objecto debaixo do ponto de vista medico; isto é, indiquemos, de uma parte, a influencia da imaginação sobre o organismo, e de outra, a influencia da organização o dos agentes physicos, que a modificam, sobre a mesma imaginação.

Annuncia-se a um homem sentenciado á morte que é chegada a sua ultima hora, mas que se lhe vai abrandar o supplicio irrevogavel abrindo-se-lhe uma veia em cada um dos quatro membros. Vendam-se-lhe os olhos, praticam-se-lhe quatro cesuras, sobre as quaes se deita um fio d'agua norma, e o desgraçado, que tudo ao redor de si confirma artificiosamente em uma illusão funesta, não duvida de que vai perder todo o sangue. O horror da morte, que lhe tem gelado a alma, paralysa logo os movimentos corporeos, a respiração torna-se mais lenta, o coração cessa de bater, e o homem cahe morto. — Um doente chega ao seu derradeiro instante, o desespero associa-se á molestia para accelerar a sua perda. Um medico celebre, um remedio supersticioso, reanimam a esperança, e o doente rocobra a existencia prestes a abandonal-o. — Quem foi que operou estes prodigios? A imaginação. É, por conseguinte, bem poderosa esta faculdade, que póde matar e resuscitar! Aos que não comprehenderem um tal dominio do moral sobre o physico, poder-se-hiam citar mil situaçõos em que elle é manifesto. Quantas vezes tem sido attribuidos a causas sobrenaturaes effeitos prodigiosos que o poder da imaginação explicava naturalmente? Nem são contos essas curas maravilhosas, da antiga medicina, obtidas nos templos dedicados a Esculapio; ou pelos votos, offrendas, orações, nos seculos religiosos, ou por exorcismo, magia, feitiçaría e astrologia, nos tempos de superstição; ou por encantos, figas, homeopathia em epoca de credulidade. As molestias existiam realmente; só foi desconhecido o unico medico, a imaginação apoiada na fé e na esperança.

Os individuos de temperamento nervoso e melancolico vivem consideravelmente sob o dominio da imaginação, e carecem de acautelar-se continuamente contra as illusões que ella lhes prepara. A influencia do regimen é grandissima sobre esta faculdade. Os homens imaginam menos quando vivem de alimentos farinaceos, gordurosos, oleosos, vegetaes, quando cansam o corpo e quando dormem muito. O regimen inverso, quando é compativel com a saude, é o que mais favorece a imaginação. Sabe-se quanto os estimulantes, e principalmente o vinho, o café, a despertam e exaltam. As letras, as bellas artes, e sobretudo as paixões, a excitam no ultimo gráo. Quando se considera a parte immensa que tem a imaginação nos pezares e deleites da vida; quando se pensa que a alienação mental não conhece causa mais frequente do que os seus abusos e as suas aberrações, sente-se logo a importancia da educação d'esta rainha das illusões e das chimeras. É mister que se cuide bem cedo da imaginação dos meninos, não os preoccupando com contos fan-

tasticos, cujo menor damno é falsear-lhes o juizo, quando lhes não produzem terror pusillanime. Poupem-se-lhes as impressões fortes, a vista de paineis exagerados e estranhos, os espectaculos que lhes commovam a alma. A natureza é assás fecunda para ministrar imagens a crianças, sem que seja preciso usar-se de artificios.

É mui commum tomarem-se os remedios com repugnancia, e eis o que acontece ás pessoas que pedem conselhos para vencerem a força da imaginação. Os romances, a poesia, os espectaculos, a musica, a pintura, e com isto o repouso do corpo e as meditações, são o que mais lhes agrada, e é precisamente o que mais contrario lhes é. Devem alimentar o espirito com estudos serios, a historia, litteratura divertida e sisuda, com as sciencias naturaes, physicas e mathematicas. Póde-se tirar grande proveito da conversação com homens sabios, dos principios religiosos, da vida tranquilla e occupada, do exercicio, de um regimen brando, dos banhos, etc., para refrear a imaginação.

Quanto á imaginação das mulheres gravidas, relativamente ás crianças que trazem no seio, algumas coincidencias extraordinarias, e a propensão do povo ao maravilhoso, tem concorrido a acreditar esta opinião, que a medicina moderna nega completamente.

IMAN, MAGNETTE, PEDRA-IMAN OU PEDRA DE CEVAR. O *iman natural* é um mineral ferruginoso que possue a propriedade de attrahir o ferro e alguns outros metaes, que são o nickel, o chromo e o cobalto, e que se chamam substancias magneticas. Este mineral é um oxydo de ferro; isto é, um composto de ferro e de oxygeneo, da mesma fórma que a ferrugem, de que não differe, senão por ter um pouco menos de oxygeneo.

A pedra iman possue a propriedade, não menos notavel, quando se acha movel sobre um quicio, ou suspensa a um fio, de se dirigir por si mesma a apontar para uma parte determinada do horizonte; e por semelhante propriedade, essa pedra mysteriosa, de um trigueiro escuro, sem lustre nem brilho, merece comtudo ser collocada muito acima das pedras preciosas as mais procuradas. É ella, com effeito, que guia os navegantes no meio das trevas, dando-lhe o meio de se dirigirem com a mesma certeza sobre os mares, como se estivessem caminhando por estrada batida.

A pedra iman ou *iman* era conhecida dos antigos com os nomes de *pedra de Lydia*, *pedra d'Heracléa*, *pedra de magnesia*, porque acharam primeiro este mineral perto da cidade de Magnesia, chamada tambem Haracléa, na Lydia, e é do nome da cidade de Magnesia que os Gregos deram ao iman o nome da *magnes* (em portuguez, magnete), e d'onde veio tambem a palavra *magnetismo*, debaixo da qual os physicos designam hoje a totalidade dos phenomenos que apresentam os imans. Encontram-se os magnetes naturaes em quasi todos os pontos do globo : os mais poderosos vem da Suecia, Noroega e das Indias orientaes.

Além dos imans naturaes ha tambem *imans artificiaes*, assim chamados porque são o producto da arte. Estes são de aço, substancia composta de ferro e uma porção minima de carbone. Naturalmente o aço não atrahe o ferro, mas faz-se-lhe adquirir essa propriedade, friccionando-o

com um forte iman, e é então que elle se torna tambem um iman.

Os imans artificiaes possuem inteiramente as mesmas propriedades que os imans naturaes, mas são muito mais poderosos, e portanto são elles quasi sempre os que se empregam na pratica. Dá-se-lhes umas vezes á fórma de grossas barras de 30 a 40 centimetros de comprido, outras, a de uma ferradura, ou emfim, quando devem ser moveis, cortam em laminas delgadas e mui compridas. No meio da lamina está engastada uma agata, excavada por baixo, de maneira a poder aceitar um quicio de aço para sobre elle gyrar livremente. Assim disposto o iman artificial, toma o nome de *agulha magnetica*.

Distribuição da força magnetica nos imans. A força com que um iman attrahe o ferro não é a mesma em todas as suas partes; é nas extremidades, que a força attractiva é mais consideravel; d'ali vai descrecendo rapidamente até á parte média, onde é nulla. Para o demonstrar, mette-se uma barra magnetizada em limalha de ferro, e quando se tira, vê-se a limalha adherente á extremidade da barra em filamentos longos e apinhoados (fig. 568), mas se se róla a barra toda, nenhuma porção de limalha se lhe pega á parte média.



Fig. 568. — Iman attrahindo a limalla de ferro.

As duas extremidades em que tem logar a maior attracção chamam-se *pólos* do iman, e a parte média, em que a attracção é nulla, é a *linha neutra*. Todo o iman, natural ou artificial, qualquer que seja a sua fórma, tem dois pólos e uma *linha neutra*. Algumas vezes, além dos dois pólos principaes, observam-se no comprimento das barras pólos intermedios, a que se chama *pontos consequentes*. Isto procede de uma tempera desigual ou de fricções irregulares, quando se magnetizou a barra. Nós supporemos sempre que o iman só tem dois pólos.

Quando um iman, quer natural, quer artificial, está suspenso livremente, uma de suas extremidades dirige-se constantemente para o norte, e outra para o sul. A primeira foi chamada *pólo norte*, ou *boreal*, e a segunda *pólo sul* ou *austral*. No hemispherio boreal, o pólo norte do iman suspenso inclina-se abaixo do nivel natural; e, no hemispherio austral, o pólo sul experimenta a mesma inclinação. Nos dois imans,

os pólos analogos reppellem-se, e os pólos oppostos atrahem-se mutuamente.

A acção do iman sobre o ferro exerce-se atravez de todos os corpos. Por exemplo, colloca-se uma barra magnetizada sobre uma mesa, depois põe-se em cima uma folha de papelão, e por uma pequena peneira se lhe deixa cahir em cima limalha de ferro. Ora, á medida que esta cahe, é solicitada pela attracção respectiva dos dois pólos e se dispõe em longos filamentos, que vão em curvas regulares, reunir-se de um pólo ao outro, mas por cima da região média do iman, não se manifesta acção alguma, e a limalha cahe ahi, como em outro qualquer objecto.

Tem-se um exemplo d'esta attracção das substancias magneticas pelos imans em um brinquedo de meninos figurado por um pequeno pato de

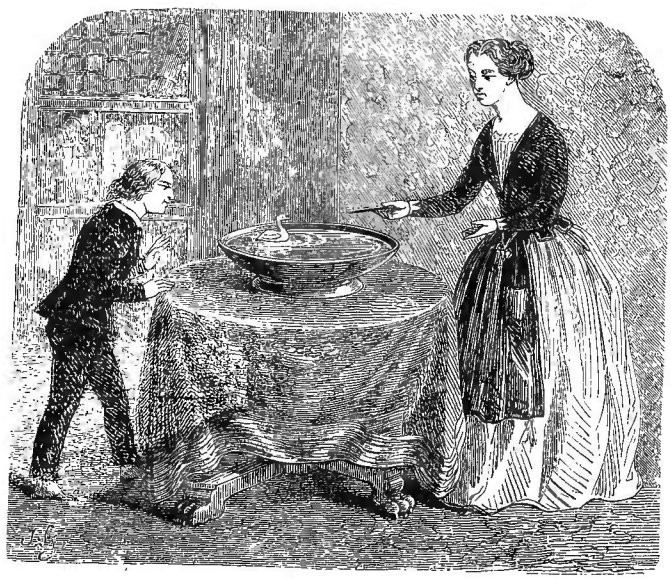


Fig. 568. — Attracção pelos imans.

esmalte, em cujo bico está um pedaço de ferro (fig. 568). Quando se lhe approxima um iman, elle se adianta lentamente em virtude da attracção exercida sobre o ferro. Torna-se a experiencia mais curiosa, occultando o iman com um bocado de pão.

MAGNETISMO TERRESTRE; BUSSOLA. — *Direcção dos imans para o norte.* Já vimos que a influencia dos imans sobre o ferro não é a unica propriedade notavel que elles nos offerecem, visto possuirem outra, não menos curiosa, a de se collocarem por si mesmos na direcção norte, sul, todas as vezes que se acham suspensos de maneira a poderem livremente virar-se em sentido horizontal. Por exemplo, se se tomar uma agulha magnetica movel sobre um quicio, em qualquer posição que se colloque, tomará exactamente a mesma direcção, com o seu pólo austral virado para o norte, e o boreal para o sul. Se fôr desviada, seja com o dedo, ou pela influencia attractiva ou repulsiva de outro iman, e logo que o obstaculo cessar, ella voltará solicitamente á sua primeira posição, sem

se enganar, nem n'um contesimo de millimetro. Se em logar de collocar a agulha sobre um quicio, ella fôr presa sobre um disco de cortiça e este em um vaso d'agua, ver-se-ha o disco voltar-se lentamente em roda, e parar exactamente na mesma direcção que a agulha tinha, quando equilibrada sobre o quicio. Tendo as mesmas observações sido repetidas sobre todos os ponto do globo, por toda a parte se notou, que, no hemispherio do norte é o pólo austral da agulha que se vira para o pólo norte da terra, e que no outro hemispherio é o pólo boreal que se dirige para o pólo sul do globo.

Bussola de declinação. — A propriedade que tem os imans de se dirigirem para o norte, recebeo uma applicação na *bussola de declinacção*. Este instrumento (fig. 569), compõe-se de uma caixa de metal ou de madeira, em cujo fundo está figurada uma estrella de dezeseis pontas, represantendo a rosa dos ventos. O contorno tem um circulo graduado, cujo zero de graduação se acha sobre a linha NS que marca a direcção do norte ao sul. Emfim, no centro da caixa está um quicio de aço sobre que assenta uma agulha magnetica muito movel.

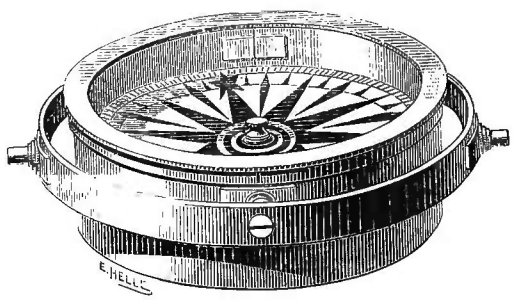


Fig. 569. — Bussola de declinação.

A facilidade com que a bussola de declinação permitte achar sempre um mesmo ponto do horizonte, fez d'ella o objecto mais preciso para as viagens de mar. Antes da sua descoberta, que parece datar do seculo 11°, a navegação, lenta e timida, se limitava a percorrer as costas, que não podiam perder de vista, sem o perigo de se perder no meio dos mares. Mas guiados pelas indicações da bussola, que não perturbam nem as trevas mais profundas, nem as tempestades as mais violentas, os navegantes conseguiram poder igualmente, de noite ou de dia, seguir o seu verdadeiro caminho; foi então que, ousando perder de vista as costas, descobriram a America e fizeram o gyro da terra.

Processos de magnetização. — Magnetizar uma substancia é transmittir-lhe as propriedades magneticas, isto é, a de attrahir o ferro e a de se virar para o norte. As unicas substancias susceptiveis de uma magnetização duravel são o aço temperado e o oxydo de ferro que constitue os imans naturaes. A magnetização póde produzir-se lentamente pela influencia prolongada da terra, ou rapidamente pela fricção com um iman, ou emfim, pela acção da electricidade, e n'este caso a magnetização é instantanea.

Magnetização por fricções. — Para magnetizar as barras de aço e as agulhas da bussola, o processo geralmente empregado é a magnetização por fricções, que se divide em fricções por *simples toque*, por *toque separado*, e por *duplo toque* Na magnetização por simples toque, segurando com uma das mãos a barra de aço que se quer magnetizar, com a

outra passa-se-lhe por cima no sentido do comprimento o pôlo de uma grossa barra magnetizada. Depois de ter repetido muitas vezes essas fricções, a barra de aço adquire a propriedade magnetica. Todos os objectos de aço, como facas, tesouras, e outros, podem magnetizar-se pelo mesmo modo, e o seu iman será tanto mais duravel, quanto mais forte fôr a sua tempera.

Emprego do iman no tratamento das molestias. O iman emprega-se ás vezes para extrahir do olho ou de uma ferida, particulas ferruginosas que alí possam introduzir-se.

As chapas magnetizadas, applicadas perto do orgãos que soffrem, produzem um allivio real em grande numero de molestias nervosas, que são : nevralgias, dôres sciaticas, rheumatismaes, dôres de dentes, oppressões, anginas do peito, etc. Empregam-se para isso chapas que se moldam sobre a fórma dos logares em que se applicam. Tem nas suas extremidades buracos destinados para as fitas que devem segural-as umas ás outras. Uma precaução é indispensavel quando se applicam, e vem a ser que sejam oppostas pólo a pólo, de maneira que o pólo sul seja virado contra o pólo norte. Mantem-se por meio de ataduras que passam em roda da parte affectada. Quando a dôr occupa só um ponto, duas chapas são sufficientes; assim, para uma nevralgia temporal ou tico doloroso da face, deve applicar-se uma chapa sobre o lado doloroso, e outra do lado opposto; ás vezes mesmo, basta só uma chapa; assim uma simples barra magnetizada applicada sobre um dente cariado poderá fazer desapparecer a dôr. Mas quando o mal occupa todo o comprimento de um membro, como n'uma sciatica, é preciso applicar tres ou quatro pares de iman a alturas differentes; e se se quizer curar uma dyspnea, ha de se envolver o peito de uma zona composta pelo menos de tres ou quatro peças.

O tempo durante o qual devem trazer-se as chapas magnetizadas varía conforme a tenacidade da molestia. Nas nevralgias as chapas entorpecem ás vezes immediatamente a sensibilidade dos nervos, outras vezes é preciso trazêl-as durante semanas e mezes.

IMBE ou TRACUANS. *Philodendron imbé*, Schott. Aroideas. Cipó do Brazil. As folhas contém um succo acre, e são empregadas no curativo das ulceras. A raiz é purgativa; secca e reduzida a pó, é aconselhada na hydropisia na dóse de 30 a 120 centigrammas ; cumpre, porém, empregal-a com muita cautela.

Ha mais outras especies : *Philodendron grandifolium*, Schott; *philodendron hederaceum*, Schott; e *philodendron arborescens*, Kunth. Gozam das mesmas propriedades.

IMBIRI, ALBARA, HERVA DOS FERIDOS. *Canna glauca*, Linneo. Marantaceas. Planta do Brazil. Caule berbaceo, recto, simples, de 1 metro a 1 metro 30 centimetros; folhas oblongas, lanceoladas, verdes; fructo, capsula oval, com tres loculamentos, triangular; angulos obtusos, coroados pelas lacinias do calice; sementes pretas e redondas; raiz (tronco subterraneo) tuberosa, carnosa, nodosa, horizontal e guarnecida de fibras, que são as verdadeiras raizes da planta. Esta *raiz* contém um

principio resinoso que póde ser comparado ao que existe na raiz do lirio florentino. A sua infusão é diuretica e sudorifica; prepara-se com 8 grammas da raiz e 180 grammas d'agua fervendo. O cozimento da planta é usado em banhos nas dôres rheumaticas; as folhas recentes applicam-se nas feridas e ulceras.

As outras especies : *Canna aurantiaca*, Rosc., *Canna edulis*, Ker., *Canna stolonifera*, Bouché. Suas raizes gozam das mesmas propriedades.

IMBUZEIRO. *Spondias tuberosa*, Arruda. Terebinthaceas. Arvore do Brazil, cujo fructo (imbú, umbú ou ambú) contém uma substancia agridoce mui agradavel, e uma amendoa gostosa. No interior da provincia da Bahia e em Pernambuco prepara-se, com o succo dos fructos, leite e assucar, uma sobremesa diliciosa a que chamam *imbuzada*. Tanto o fructo como as tuberas, que se acham na raiz do imbuzeiro, se dão aos febricitantes como um agradavel refrigerante.

IMPERFORAÇÃO DO ANUS. Assim se chama o estado de uma criança que nasce tapada. *Veja-se* ANUS, vol. I, pag. 191.

IMPERFORAÇÃO DO PREPUCIO. *Veja-se* TAPADA (CRIANÇA).

IMPETIGO, SALSUGEM, EMPIGEM HUMIDA. Molestia cutanea, não contagiosa, caracterizada pela erupção de pequenas pustulas, agglomeradas ou espargidas, que, seccando, formam crostas amarellas, rugosas e espessas.

Symptomas. Esta molestia occupa ordinariamente o rosto : se existe nas crianças, chamam-lhe então mais particularmente *ozagre* ou *crosta lactea;* observa-se menos frequentemente nos braços ou pernas, e mais raras vezes no tronco. Sobrevem de ordinario sem prodromos. Vê-se um muitos pontos da pelle tornarem-se vermelhos e experimentarem um calor e prurido incommodo ; logo depois desenvolvem-se sobre estas chapas muitas pustulas pequenas, pouco salientes, que, em dois ou tres dias, se abrem e deitam um liquido purulento que se transforma em crostas amarellas, friaveis, semi-transparentes, que foram comparadas ao succo gommoso de algumas arvores ou ao mel de abelhas deseccado. O impetigo fica assim estacionario durante um tempo que varía entre duas e quatro semanas; então o prurido e o calor tornam-se menores; as crostas cahem, e a porção de pelle que deixam descoberta é ora vermelha e luzente, ora excoriada e gretada. Outras vezes a crosta não cahe, mas forma-se debaixo d'ella uma ulceração corrosiva que destroe a pelle e deixa, depois de sarar, uma cicatriz disforme. Isto não se vê senão no impetigo do nariz. Em outros casos, uma nova erupção de pustulas se faz sobre as superficies doentes, e acompanha-se de symptomas locaes que marcáram a primeira erupção. A molestia passou então ao estado chronico ; a pelle inflammada acaba por adquirir uma espessura mais ou menos consideravel.

Quando o impetigo existe nos braços ou pernas, as crostas envolvem ás vezes estes membros de todos os lados. Destino um artigo especial aos symptomas e ao tratamento do impetigo que occupa o rosto e a ca-

beça das crianças (*veja-se* Ozagre) : n'este logar occupo-me só do impetigo das outras regiões do corpo.

Tratamento. Consiste em lavatorios com cozimento de raiz de althea, banhos d'agua tepida, cataplasmas de fecula, limonadas de limão, de laranja ou outras bebidas refrigerantes, e um regimen simples, mais vegetal do que animal. É bom tambem tomar um ou dois purgantes, taes como o manná, oleo de ricino, chá de S. Germano ou limonada de citrato de magnesia.

Se a molestia resistir, recorra-se ás applicações seguintes :

1.° *Ceroto sulfurado.*

Enxofre sublimado e lavado.....	10 grammas.
Oleo de amendoas doces.....	5 —
Ceroto simples.....	50 —

Misture em almofariz o enxofre com o ceroto, e ajunte o oleo continuando a triturar.

2.° Glycereo de amido.....	30 grammas.

3.° *Pomada de iodureto de enxofre.*

Iodureto de enxofre.....	1 gramma.
Banha benzoinada.....	20 grammas.

Misture sobre o porphyro.

4.° *Banho sulfuroso.*

Sulfureto de potassio secco.....	100 grammas.
Agua commum.....	500 —

Dissolva, e deite em uma banheira de páo, que tenha sufficiente agua quente para um banho geral.

5.° Polvilhar as ulcerações com amido.

6. Cauterizal-as levemente com pedra infernal.

IMPIGEM. *Veja-se* Empigem.

IMPOTENCIA. Impossibildade de exercer o acto reproductor. Suas causas são physicas ou moraes, permanentes ou temporarias, á frente das quaes devem ser apontadas a falta, a imperfeição, as deformidades, as molestias incuraveis dos orgãos da geração.. Existindo estas causas, a impotencia é manifesta, e, em todos os casos, duravel, salvo se uma operação a puder curar; outras vezes, pelo contrario, o apparelho genital é bem conformado, e entretanto existe impoteneia originaria ou adquirida. Este estado reconhece tambem muitas causas accidentaes : taes são os excessos do onanismo, os abusos venereos, a debilidade geral, os soffrimentos prolongados, um regimen debilitante, fadigas excessivas do corpo e espirito, a embriaguez e o abuso dos licores espirituosos. Tem-se reconhecido tambem que a abstinencia absoluta dos prazeres venereos enfraquece as faculdades genitaes. Os transportes que excita a possessão do objecto amado póde tirar repentinamente o poder de satisfazer os desejos. Por outra parte, o amor timido, respeitoso, o medo de cumprir mal as obrigações conjugaes,

podem ter a mesma influencia. Certas paixões, taes como o odio, o ciume, a vista de alguma deformidade, o nojo produzido por um máo halito, as esperanças mallogradas no acto conjugal, podem gerar a impotencia momentanea.

O *tratamento* da impotencia é relativo ás suas causas, e não admitte methodo exclusivo applicavel a todos os casos. Diversas operações podem curar a deformidade ou as molestias das partes genitaes. A continencia restitue frequentemente uma faculdade que o abuso contrario tinha abolido. É bom, n'esse caso, privar-se até da sociedade das mulheres par algum tempo. Os passeios, as distracções, a tranquillidade dos sentidos, a confiança, dissipam a impotencia occasionada pela applicação forte do espirito, pelas emoções, e pelo medo. N'uma palavra, é preciso oppôr o contrario. O restabelecimento das forças geraes dá ao apparelho genital o vigor que molestias chronicas, um máo regimen, fadigas consideraveis lhe tinham tirado. É indubitavel que uma alimentação mui nutritiva, composta principalmente de carnes assadas, caça, temperos, vinhos, licores, tudo sem excesso, augmenta consideravelmente a potencia genital; o mesmo direi de quasi todos os temperos com sabor acre, picante, apimentado e fortemente aromatico. Diversos outros meios são empregados para combater a inercia dos orgãos genitaes: são elles banhos frios, banhos do mar, principalmente o nadar, semicupios frios, vapores aromaticos de incenso, zimbro, dirigidos ás partes genitaes, uncções ás mesmas partes com linimentos em que entrem almiscar e alambre, a immersão do membro na infusão em agua tepida de sementes de mostarda, fricções nas cadeiras com linimento volatil, com essencia de terebinthina, com tintura de cantharidas, e os banhos aromaticos. A impotencia que resulta da idade, é incuravel. *Veja-se* APHRODISIACOS.

INANIÇÃO. Estado de abatimento das forças vitaes em que se acha o organismo quando as perdas que soffre não são reparadas pela alimentação.

Quando se fecha um cão em uma gaiola e que se o priva de toda a sorte de nutrição, nota-se que durante algum tempo elle se agita e busca fugir; no fim de alguns dias elle fica furioso e por fim cahe n'um abatimento extremo e não tarda em morrer. No correr d'este periodo de abatimento progressivo, passam-se certos phenomenos no animal em experiencia. Elle começa por diminuir de peso, de modo irregular mas continuo, e a morte sobrevem, em geral, quando essa diminuição attinge a proporção de 30 a 40 por cento. Ao mesmo tempo, a temperatura do corpo vai abaixando sensivelmente, a differença entre a da hora da morte e a do estado de saude pode ser de 7 a 8 gráos.

A circulação é menos energica; a respiração mais activa ás vezes na apparencia, mostra na realidade o começo de uma verdadeira asphyxia por insufficiencia qualitativa do sangue. A quantidade das ourinas e das materias fecaes diminuem, é para notar, porem, que nos animaes herbivoros em estado de inanição, pode haver mais uréa do que no estado normal. Isso provem de que vivendo elles á custa de seus proprios teci-

dos, da propria gordura, tornaram-se carnivoros, e as ourinas adquiriram as propriedades que possuem as ourinas dos animaes carnivoros.

Nos recemnascidos a inanição produz um emmagrecimento rapido, o rosto fica enrugado e mais pequeno, o ventre se secca e as evacuações são esverdeadas. O craneo se achata e os ossos que o compõem tornam-se muito movediços. O doente cahe em um estado de morte apparente mui difficil de se distinguir da verdadeira morte. Tem-se notado nos adultos mais outros symptomas, fedor do halito, gangrenas pulmonar e cutanea, etc. Feita a autopsia, não se encontra vestigio algum de tecido gorduroso, o figado acha-se atrophiado de um modo extraordinario, assim como tambem os intestinos e as massas musculares. Muito bem supportada habitualmente pelas pesoas hystericas, a inanição subjuga facilmente os individuos que entram em convalescencia das molestias agudas. Não é raro ver-se doentes enfraquecidos por uma longa febre typhoide, serem acommettidos de delirio, de vomitos que vem logo depois de um emmagrecimento subito.

Não deve haver receio de nutrir esses doentes, pois não tardariam a morrer se não tomassem uma alimentação moderada, mas sufficientemente restauradora; acompanhada de algum medicamento alimento como por exemplo, o elixir alimenticio Ducro, que é composto de carne, alcool e xarope de Cascas de laranja amarga; o vinho de peptona de Catillon e os pós de carne de Catillon. Digamos para terminar que o organismo supporta com mais facilidade a suppressão dos alimentos do que a das bebidas. A ingestão só d'agua pura permitte que se prolongue por muito tempo a vida de uma pessoa em estado de inanição.



Fig. 570. — Arvore que produz o incenso.

INAPPETENCIA. *Veja-se* FASTIO.

INCENSO ou **Olibano.** Gomma resina que procede de muitas arvores da familia das Burseraceas, chamada *Boswelia sacra*, serrata, floribunda, etc. A India, a Arabia e as regiões do nordeste da Africa são os logares que produzem mais incenso. Encontra-se'o no commercio debaixo da forma de lagrimas amarellas, de aspecto de cera, compostas de resina, de gomma e de um oleo essencial mal definido que é o seo principio odorifero. O melhor incenso

e o mais cheiroso é o da India. No ponto de vista medico o incenso na tem utilidade nenhuma, pois ha outras resinas mais baratas e de força igual á do incenso. Entra na composição das pilulas de cynoglossa, da theriaga, do emplastro mercurial, etc. Internamente administra-se o incenso em pó, na dóse de 1 gramma contra o rheumatismo e a pustula maligna. A sua efficacia é assaz duvidosa.

INCHAÇÃO ou **Inchaço.** Assim se chama vulgarmente a augmentação do volume de *uma parte* ou do corpo todo.

1.° **Inchação parcial.** O seu nome scientifico é *edema*. A inchação póde mostrar-se nas palpebras, no rosto, nas pernas das pessoas enfrequecidas ou convalescentes de molestias graves que as obrigaram a ficar muito tempo na cama. Um regimen composto principalmente de carnes assadas, o uso do vinho e dos remedios tonicos são indicados n'este caso. A inchação desapparece á proporção da volta das forças geraes. Algumas fricções com baeta embebida n'agua de Colonia são uteis. Quando a inchação existe nas pernas, é bom ligal-as duante o dia com uma atadura de panno de linho, principiando o doente a enrolar primeiro o pé, e subindo até ao joelho.

As crianças molles e os adultos de constituição fraca são naturalmente um pouco inchados. Um regimen restaurador, o uso de vinho, banhos aromaticos, banhos do mar, exercicio ao ar livre, passeios ao sol, o cuidado de evitar as habitações humidas, fricções com agua de Colonia, são os meios mais proprios contra esta má disposição. Observa-se ás vezes uma inchação no rosto em consequencia de dôr de dentes ou de inflammação nas gengivas, Esta tumefacção exterior é ás vezes o indicio de uma pequena postema que se forma na gengiva. *Veja-se* FLUXÃO NO ROSTO, vol. I, pag. 801. — Nos ultimos mezes da prenhez, frequentemente as pernas incham. Este estado não exige tratamento algum; desapparece de per si depois do parto. — O pé ou a mão incham em consequencia da applicação do apparelho nas fracturas da perna ou do braço. Os pés podem inchar pela simples applicação das ligas, pelas grandes caminhadas, etc. O inchaço sobrevem tambem ás vezes na pelle do membro viril quando existem cavallos, e nas palpebras quando ha alguma ferida na cabeça. — A inchação parcial é um symptoma que se observa nas *contusões*, *torceduras*, *postemas*, *erysipela*, em muitas *inflammações*, etc, Todas estas inchações desapparecem com as causas que as produzem. — Em alguns casos, a inchação é o primeiro signal de uma hydropisia que começa, e então merece séria attenção, especialmente nas pessoas affectadas de alguma molestia do coração.

No maior numero d'estas inchações, a pelle fica pallida; não ha dôr senão quando a inchação é muito grande. Comprimindo-se com o dedo a parte entumecida, sobrevem uma depressão que persiste por algum tempo. Em algumas circumstancias, quando a inchação depende de erysipela ou de postema, a côr da pelle é um pouco vermelha e a compressão dolorosa.

2.° **Inchação do estomago.** *Veja-se* ESTOMAGO, vol. I, pag. 1049.

3.° **Inchação das juntas.** Declara-se no *rheumatismo*, *arthrite*, *gota*, *hydarthrose*. *Veja-se* estas molestias.

4.° **Inchação da lingua.** *Veja-se* GLOSSITE.

5.° **Inchação das parturientes, edema doloroso** ou *Phlegmatia alba dolens.* Inchação dolorosa dos membros inferiores, de que as senhoras são ás vezes affectadas em consequencia do parto.

Symptomas. Raras vezes a molestia sobrevem antes do quinto dia depois do parto, ou passado o vigesimo-quinto; as mais das vezes, declara-se entre o decimo e decimo-quinto. Não invade qnasi nunca os dois membros inferiores ao mesmo tempo. Quando a molestia principia, a mulher experimenta uma sensação de peso, ou uma dôr viva e obtusa no membro inferior, acompanhada de inchação das glandulas na virilha. Logo depois a perna, a coxa e o membro entumecem parcialmente ou em todo o comprimento; a inchação estende-se de cima para baixo ou de baixo para cima. O membro torna-se doloroso, pesado e incapaz de executar movimento algum. A pelle, que o cobre, é branca, quente, luzente. A menor compressão produz grandes dôres, e faz distinguir frequentemente cordões duros, doridos, que são veias obliteradas; mas a simples compressão com a ponta do dedo não produz marca alguma; para fazer uma depressão, seria preciso exercer uma pressão mui forte, mas a isso oppõe-se a sensibilidade do membro. A febre é pouca, ás vezes nulla.

Marcha, terminações. Os symptomas, depois de persistirem com maior ou menor intensidade, durante cinco ou sete dias, diminuem; acalmam-se as dôres, a inchação do membro diminue pouco a pouco. È raro que a resolução se faça simultaneamente sobre toda a extensão do membro; de ordinario, é a coxa que desincha primeira; a perna e o pé não recobram o seu volume senão um pouco mais tarde. Esta desinchação é mais ou menos rapida; ás vezes não se completa antes de dois mezes; mas ordinariamente effeitua-se em quinze ou vinte dias. Depois de cessar n'um membro, o edema doloroso póde invadir o membro opposto, mas esta circumstancia é rara. Esta molestia sára quasi sempre.

Causas. O caracter anatomico invariavel do edema doloroso é uma obliteração venosa, produzida por coalhos adherentes. A obliteração invade ordinariamente a veia que alimenta o membro ou uma das suas divisões principaes, mas ás vezes são só as ramificações superficiaes ou as veias de pequeno calibre que estão obstruidas. Estas obstrucções são produzidas pela inflammação da veia. — Quanto ás causas d'esta affecção, póde dizer-se que não são conchecidas. Apparece ás vezes depois da impressão do frio; e por isso é mais frequente nos climas, frios, humidos, e durante o inverno.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida, cuja duração será prolongada o mais possivel; de cataplasmas de linhaça, e de fricções com basalmo tranquillo. Deve-se entreter o ventre lubrico com clysteres d'agua tepida. Emfim, quando a sensibilidade do membro se tornou quasi nulla, e persistindo só a tumefacção, exercer-se-ha uma compressão methodica com uma atadura. Póde mesmo acontecer que a doente seja obrigada a trazer uma meia elastica durante um tempo indefinido, se a veia não recobrar sua permeabilidade, ou se as veias collateraes se não desenvolverem de maneira sufficiente.

RECEITUARIO.

Balsamo tranquillo..... 60 grammas.

6.° **Inchação do rosto.** *Veja-se* FLUXÃO.

7.° **Inchação do seios.** *Veja-se* SEIOS.

8.° **Inchação do ventre nas crianças.** Observa-se ás vezes nas crianças uma molestia caracterizada pela tumefacção e dureza do ventre, e que procede do desenvolvimento de uns corpos duros, chamados tuberculos, no interior do ventre. Denominam alguns medicos esta molestia *tisica mesenterica*, outros *opilação do ventre*. Occupo-me d'ella no artigo TUBERCULOS MESENTERICOS.

9.° **Inchação geral.** *Veja-se* ANASARCA.

INCISÃO. Designa-se debaixo d'este nome a divisão cirurgica dos tecidos por meio de faca ou de bisturi. Para que uma incisão seja bem feita é necessario pratical-a de um só golpe ; para esse fim o operador estica a pelle que tem de cortar com a mão esquerda, enterra rapidamente a ponta do bisturi, levantado-a em seguida de modo a cortar com a lamina sem empregar mais a ponta. Chegando ao fim da incisão, deve levantar outra vez o cabo para terminar com a extremidade da lamina. Quando se opera d'este modo ha certeza de se fazer uma secção regular, de profundidade igual por todos os lados, o operador tem assim grande firmeza na mão e os movimentos são certos.

A dôr produzida por uma incisão da pelle é muitissimo viva quando existe inflammação superfical (panaricio, anthrax). A dôr não é tão forte quando o bisturi está bem afiado e o operador é agil. Nas regiões perigosas perto dos grandes vasos sanguineos e dos nervos importantes, etc., a incisão é feita o bisturi assentado em um conductor que serve a dirigir o bisturi para que não desvie e possa occasionar algum córte grave. Nas amputações, pegam-se nas facas com a mão em cheio; o operador tem assim mais força e pode dar mais extensão ao córte que tem de fazer. A pelle nunca deve ser cortada com tezoura, é um instrumento este que só deve servir para a dessicação das partes profundas onde é de grande utilidade porque pode ser empregado com segurança em logares onde não se poderia se servir do bisturi sem se expôr a córtes perigosos. As feridas curam-se tão facilmente com os curativos apropriados, que os cirurgiões não devem hesitar em fazer grandes incisões para abrir bem a região em que têm de operar; rapidez e segurança, taes são as vantagens d'este modo de procceder.

INCONTINENCIA DE OURINA. Assim se designa a sahida involuntaria da ourina. Isto acontece ás vezes pelo effeito rapido de uma tosse violenta, de grandes risadas, do estado de gravidez, da embriaguez, dos ataques de gota coral e convulsões; frequentemente tambem é um dos symptomas da inflammação da medulla espinhal, da febre cerebral e outras febres graves; mas nenhum d'estes casos constitue a molestia principal, e só é um accidente secundario que cessa com a sua causa. N'este artigo só me occuparei da incontinencia da ourina procedente de fraqueza da bexiga.

As *causas* d'esta incontinencia de ourina são, nas mulheres, a contusão do collo da bexiga pela cabeça da criança durante o parto, e nos individuos adiantados em annos o mero progresso da idade. Em alguns d'estes doentes a sahida da ourina tem logar gotta por gotta e de maneira contínua de dia ou de noite; em outros, certa quantidade de ourina accumula-se na bexiga, mas de repente este liquido vence pelo seu peso a resistencia d'este orgão, e é subitamente evacuado antes que a necessidade se tenha feito sentir.

Ha uma incontinencia mui commum e mui rebelde : é a que affecta muitos meninos e muitas meninas durante o somno. Nos meninos, durante um somno profundo, a bexiga, sendo estendida por grande quantidade de ourina, contrahe-se e expulsa todo o liquido que contém. A maior parte das crianças são sujeitas a esta incontinencia durante os dois ou tres primeiros annos; ha muitas nas quaes ella se prolonga até á idade de seis, oito, dez ou doze annos; emfim, ha alguns meninos, e principalmente meninas, que conservam esta enfermidade até á puberdade, e mesmo por mais tempo.

Tratamento. Varía segundo a causa da incontinencia de ourina. Remedeia-se a *incontinencia nocturna*, despertando as crianças mais ou menos frequentemente durante a noite para fazel-as ourinar, e para lhes fazer contrahir o costume de se despertarem por si mesmas a horas certas. Não se lhes dê agua a beber no momento de se deitarem, e faça-se-lhes tomar de tempos a tempos um banho frio. As correcções, as reprehensões á vista de pessoas estranhas, concorrem efficazmente para o mesmo fim. Se estes meios não forem sufficientes, administre-se á criança a belladona segundo a receita seguinte :

Folhas de belladona em pó..... 20 centigrammas.

Divida em 20 papeis.

Durante a primeira semana, a criança toma um d'estes papeis todas as noites, n'uma colher d'agua fria com assucar. Durante a segunda semana, 2 papeis todas as noites.

Se a incontinencia nocturna das crianças não ceder ao da belladona, recorra-se ao ferro segundo a seguinte formula :

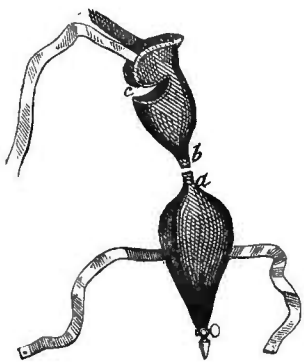
Ferro Quevenne..... 12 grammas.

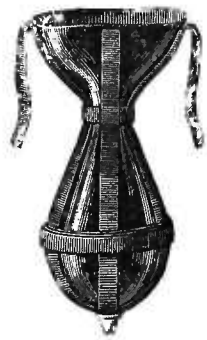
Divida em 24 papeis. Para tomar um papel por dia com agua e assucar ou em hostia Limousin.

Ou dê-se o vinho ferruginoso de Catillon com glycerina e quina na dóse de 1 calice antes ou depois da comida.

Os banhos aromaticos são muito uteis contra este incommodo. As plantas que servem para a preparação d'estes banhos, são conhecidas nas pharmacias sob o nome de *especies aromaticas*. É uma mistura de partes iguaes de folhas seccas de salva, tomilho, serpão, hysopo, hortelã, ourégão, losna, alecrim. Deita-se agua fervendo sobre quatro ou cinco punhados (mãos cheias) d'estas plantas; cobre-se exactamente. Deixa-se esfriar até agradavel temperatura. Ajunta-se um copo de aguardente de

canna, no momento de metter a criança no banho; e deixa-se a criança no banho por um quarto de hora pouco mais ou menos. Depois de cinco ou seis banhos, convem augmentar a quantidade das plantas aromaticas e da aguardente. Os banhos do mar, os frios, e os clysteres d'agua fria são tambem uteis. Se todes estes meios não produzirem effeito, applique-se um caustico nas cadeiras ou na parte inferior do ventre. O caustico actua sobre a bexiga pela absorpção das cantharidas que contém. Alguns medicos aconselham tambem introduzir, de tempo em tempo,





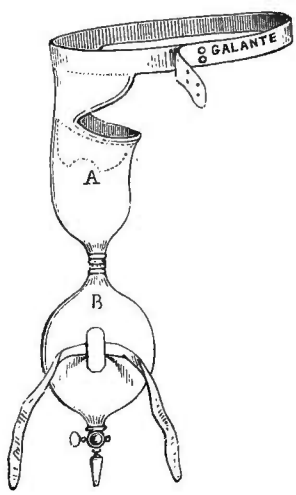


Fig. 571. — Ourinoes de cautchuc vulcanizado, empregados na incontinencia de ourina, para homem.

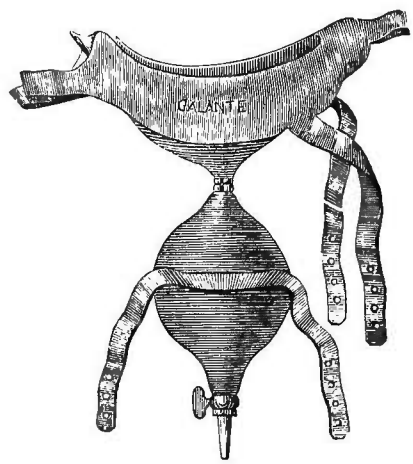


Fig. 572. — Ourinoes de gomma, empregado na incontinencia de ourina, para mulher.

uma sonda de prata na bexiga, para estimular directamente o collo vesical.

A incontinencia de ourina das pessoas idosas, que depende da fraqueza da bexiga, combate-se com semicupios d'agua fria, clysteres d'agua fria, banhos aromaticos quentes, causticos nas cadeiras, e fricções nas cadeiras com o linimento seguinte :

Tintura de cantharidas.....	8 grammas.
Vinagre aromatico.....	60 —

Faz-se uma fricção por dia, com uma colher *de sopa* d'este liquido.

Se a incontinencia de ourina fôr incuravel, não ha outro recurso senão trazer continuamente um ourinol de cautchuc vulcanizado, ou de gomma, representados nas fig. 571 e 572. Na falta d'este instrumento, as mulheres servem-se de uma esponja que mudam frequentemente.

INCORDIO. *Veja-se* MULA.

INCUBADOR DE CRIANÇAS. Os resultados obtidos com o incubador para criar crianças recemnascidas tem sido muito apreciados, e o Dr AUVARD, interno da Maternidade tem-se occupado d'esta questão com afinco. Cumpre-nos pois publicar os principaes ponto do novo e interessante methodo.

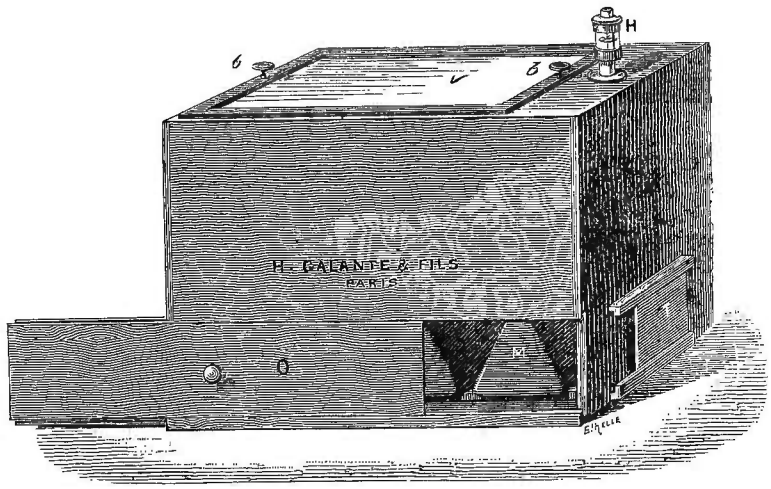


Fig. 573. — Incubador de crianças.

Quem primeiro fez adoptar os incubadores na Maternidade de Pariz foi o Sr doutor TARNIER, no anno de 1881. Empregaram-se primeiramente dous; o apparelho compõe-se de uma grande caixa de madeira, dividida em dous compartimentos, superpostos, o compartimento inferior serve para a agua quente, e no superior deita-se a criança.

Outr'ora aquecia-se este incubador por meio de thermo-siphão ; este systema foi abandonado receiando-se qualquer imprudencia da parte da gente de serviço que podia deixar a alampada queimar mais tempo do que o necessario, agora, derrama-se na caixa, de manhã e á noite, um balde de agua a ferver, tirando-se antes quantidades igual de liquido. Graça a esta renovação, que tambem se faz no correr do dia, quando faz frio, pode-se conservar no incubador uma temperatura media de 30 a 32°.

Colloca-se a criança toda vestida, no appparelho. É melhor que ella esteja vestida por duas razões : uma é que a temperatura em que o recemnascido se acha, sendo de 30° a 32°, por conseguinte inferior á do corpo, se a pelle ficasse directamente em contacto com esse ar, haveria desperdicio de calor; a segunda razão diz respeito ao tirar a criança do incubador para alimental-a ou limpal-a : si o recemnascido estivesse nu

no apparelho, seria-se obrigado a vistil-o cada vez que se quizesse pegar n'elle, deixando-o vestido, evitam-se esses inconvenientes, e póde-se sem receio, expol-o durante bastante tempo á temperatura da casa sem que elle soffra com a mudança, isto já foi demonstrado pela pratica.

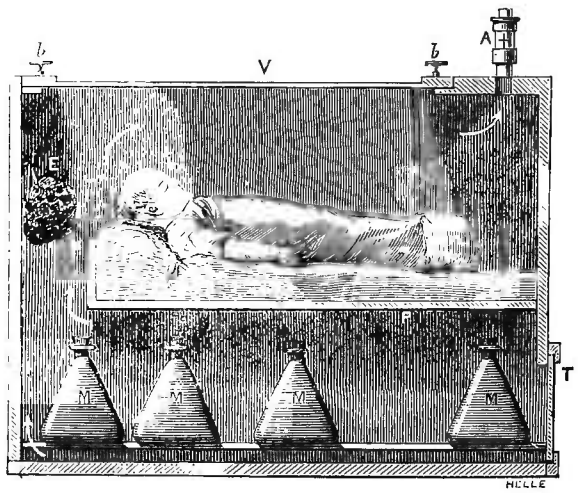


Fig. 574. — Incubador de crianças.

Desde a installação dos dous incubadores da Maternidade até o mez de julho de 1883, foram tratadas por este methodo 151 crianças.

Entre as differentes causas que necesitaram o emprego do apparelho, duas são de grande valor sobre as outras : é o nascimento antes do tempo e o edema designado ainda sem razão por alguns autores, com o nome de esclerose.

93 crianças nascidas antes de tempo foram criadas em incubador, morreram 31 e vingaram 52. Para ter um elemento de comparação mais claro, o Sr. Auvard fez uma estatistica tendo por base o peso das crianças.

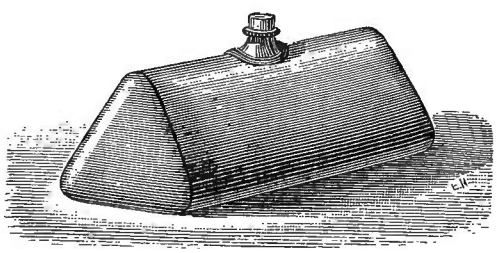


Fig. 575. — Botija para incubador de crianças.

As crianças cujo peso era inferior a 2000 grammas ao nascer, elle notou que na Maternidade do hospital Cochin durante um anno, a mortalidade tinha sido de 66 por 100, na grande Maternidade de Pariz de 65 por 100 enquanto que empregando-se o incubador, a proporção foi de 38 por 100. É a melhor defeza a favor dos incubadores, e prova perfeitamente a sua utilidade.

Não deixam tambem de ser animadores os resultados obtidos no tratamento do edema, d'essa infiltração serosa dos tecidos devido ao mau estado do recemnascido, juntamente com os rigores da temperatura exterior.

A mortalidade para as crianças d'esta categoria é quasi sempre muito grande, sobretudo nos estabelecimentos hospitaleiros. Depaul conta termo medio 16 obitos em 20 crianças acommettidas de edema simples ; com o incubador trataram-se 25 crianças d'esta affecção, só morreram 4.

Fizeram duas objecções contra os incubadores, e ellas tiveram credito, principalmente entre a gente estranha á medicina :

1.ª Compararam a criança criada em incubador, á planta de estufa que não vive muito tempo se é exposta á temperatura exterior.

Esta objecção não tem fundamento : a criança que foi tratada durante certo tempo no incubador vive muitissimo bem ao ar livre ; o que o Dr Auvard prova perfeitamente com factos,

2.ª Tambem disseram que a criança nascida antes de tempo podia, graças ao incubador, ser conservado viva até o momento em que ella deveria nascer a termo. Por exemplo uma mulher pejada de 1 janeiro ; pare a 1 de agosto, por conseguinte a sete mezes ; a criança ainda tinha direito a dous mezes de vida intra uterina, durante os quaes o incubador será efficaz; porém em principios de outubro a criança ha de morrer. Eis uma objecção sem valor, sem facto algum por base, sem nenhuma idéa scientifica que a observação já demonstrou inexacta.

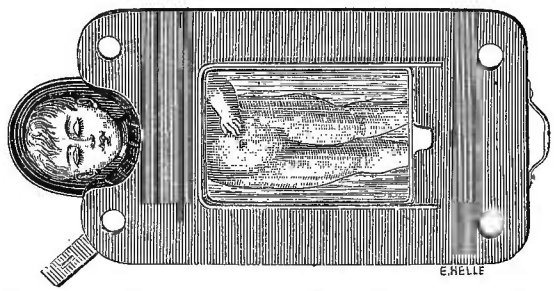


Fig. 576. — Tampa do apparelho para banhos permanentes.

São muito interessantes, no ponto de vista theorico, as pesquizas feitas pelo Dr. Auvard sobre a temperatura, o pulso, e a respiração dos recem-nascidos ao ar livre e nos incubadores.

Este methodo tem um adversario ; os banhos permanentes instituidos e sustentados pelo professor Winckel de Dresde (fig. 576 e 577). Este methodo allemão, apezar de ser novo como o dos incubadores, tem sido pouco empregado : não ha por ora elementos bastantes, para que se possa fazer qualquer comparação ; não obstante, encarando-se somente o lado pratico da questão, parece que o systema francez é preferivel.

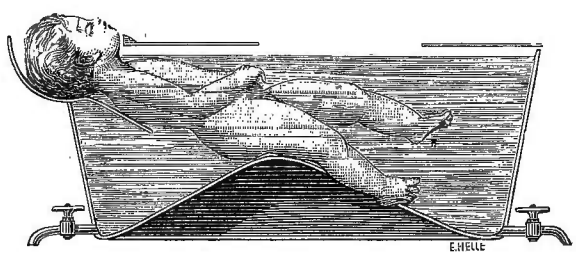


Fig. 577. — Apparelho para banhos permanentes, systema Winckel.

Dando bons resultados os incubadores, era necessario ter-se, para que o seu uso pudesse ser vulgarizado, um apparelho simples, que não custasse caro, pequeno, podendo ser aquecido facilmente e sem perigo, pois os primeiros apparelhos empregados na Maternidade de Pariz eram bastante defeituosos.

O Dr. Auvard adjudado com os conselhos do Sñr doutor Tarnier mandou construir pelo sñr Galante, o celebro fabricante de instrumentos de cirurgia de Pariz, um novo incubador de que o leitor poderá fazer uma ideia á vista das figuras 573, 574 e 575.

Como já dissemos o apparelho é dividido em duas partes na parte

inferior põe-se botijas cheias de agua fervendo (fig. 574); na parte superior deita-se a criança.

As botijas põem-se e tiram-se por uma abertura lateral O (fig. 573), que se abre tanto para a direita como para a esquerda. A parte superior é fechada em cima com um vidro V que se tira quando se quer tomar a criança.

O ar entra pela abertura T (fig. 574), aquece-se com o contacto das botijas, sóbe ao compartimento superior seguindo o trajecto indicado pelas frechas, fica humido passando pela esponja E e dirige-se para a extremidade opposta n'esse compartimento e sahe pela abertura A, onde se acha adaptada uma pequena helice H que o ar faz mover.

Suspende-se um thermometro á uma das paredes lateraes do compartimento superior, de preferencia por cima da esponja, onde póde ser pregado deitado.

Com quatro botijas, e cinco quando faz frio, renovando todas as horas ou de duas em duas horas, a agua d'ellas, substituindo-a por agua fervendo (é muito importante que a agua esteja bem fervendo) póde-se ter uma temperatura regular e constante de 31 a 33 graus.

INDIGESTÃO. Assim se chama a perturbação subita da digestão. Muitas pessoas julgam que a indigestão é necessariamente consequencia da intemperança. Ordinariamente assim é; porém ás vezes, a temperança mais rigida, o cuidado mais minucioso na escolha dos alimentos, não livram d'este accidente. Se por ventura uma emoção viva sobresaltar um individuo, depois da uma comida mesmo mui leve, vê-se ás vezes, só por isso, perturbada a digestão, e desenvolverem-se successivamente todos os phenomenos da indigestão.

As *causas* que produzem a indigestão são numerosas e variadas. A mais ordinaria é a quantidade excessiva dos alimentos, que varía muito conforme os individuos. A qualidade dos alimentos é igualmente uma causa poderosa de indigestão. No artigo ALIMENTOS achará o leitor noções acerca da maior ou menor facilidade da digestão das differentes substancias. Geralmente fallando, as subtancias quentes são mais facilmente digeridas do que as frias. Os alimentos frios, as bebidas geladas são frequentes causas de indigestão. Algumas pessoas não podem tomal-as sem soffrerem infallivelmente algum incommodo: em outras pelo contrario, as bebidas frias favorecem poderosamente o trabalho da digestão. As bebidas alcoolicas e os vinhos fortes, que, em quantidade moderada, ajudam as funcções do estomago, tornam-se, quando d'elles se abusa, uma causa energica de perturbação do trabalho digestivo. Os banhos frios ou quentes após a comida, a sangria geral ou local nas mesmas circumstancias, as emoções vivas da alma, a alegria, o susto, a colera, uma carreira rapida a pé ou a cavallo, e até de sege, sobretudo se a sege fôr mal suspensa, o balanço de um navio, tudo isto póde tambem ser causa de indigestão.

Os *symptomas* da indigestão simples são os seguintes: sensação de peso no estomago; depois, vontade de vomitar, soluços, arrotos acidos ou acres. No fim de algum tempo, declaram-se vomitos e desenvolvem-

se colicas fortes, ás quaes succedem evacuações alvinas mais ou menos abundantes, e no meio d'ellas acham-se materias alimentarias não digeridas. Em certas pessoas, nas mulheres e crianças sobretudo, a indigestão póde annunciar-se por um desmaio mais ou menos completo: em algumas ha convulsões.

Incommodos graves, e até mortaes, podem resultar de uma indigestão; em primeiro logar, a apoplexia, que se observa principalmente nas pessoas que constumam cear mui tarde. Outro resultado das indigestões é a introducção das materias alimentarias nas vias aereas. Isto acontece principalmente nos individuos ebrios, e por duas causas: a primeira, porque, não sendo os vomitos dirigidos pela vontade, os musculos da garganta não favorecem, por sua acção, a sahida das materias; a segunda, mais real e mais poderosa, é a posição horizontal em que se collocam os individuos ebrios. Se n'este estado os vomitos se declrararem, as materias accumulam-se na garganta e penetram necessariamente no conducto aereo. A morte é a consequencia ordinaria d'este accidente, que actua de maneira mecanica, obstruindo a passagem do ar. E por isso nunca os individuos ebrios devem ser postos em posição horizontal; é necessario assental-os, e apoiar-lhes as costas e a cabeça de encontro a um corpo resistente.

Tratamento. O tratamento da indigestão é mui simples. Quando alguem se sente incommodado depois de um jantar copioso, o melhor remedio é tomar uma chicara de chá da India. Quando se declaram os vomitos, é preciso favorecêl-os bebendo algumas chicaras de chá da India mui brando, de chá de macella ou d'agua morna simples. Se o paciente sentir grande peso no estomago e os vomitos não se declararem, convirá provocal-os tomando 5 centigrammas de emetico dissolvido n'uma chicara d'agua morna ou fria. Desembaraçado o estomago, convem muito as bebidas frias, levemente acidulas, como limonada de limão ou de laranja e basta um dia de dieta e algum clyster de linhaça para extinguir os vestigios da indigestão. Entretanto se se manifestar uma dôr na bocca do estomago, é preciso beber de hora em hora uma colher *de sopa* da poção seguinte:

Infusão de herva cidreira.	120 gram.	Ether sulfurico.....	20 gottas.
Laudano de Sydenham..	20 gottas.	Xarope de gomma.....	30 gram.

Tomar de 1 a 3 perolas de ether do Dr. Clertan, ou 2 a 4 perolas d'Hoffmann, de Clertan.

Os medicamentos que se podem administrar quando um individuo sente que tem uma indigestão são.

Vinho de Papaina de Trouette-Perret, que se toma na dóse de um grande calice; para as crianças, a dóse será de um calice de licor.

Elixir de pepsina com glycerina de Catillon.

Um calice de licor, para os adultos, uma colher, *das de sopa,* ás crianças.

Pó toni-digestivo de Royer.

Uma colher de chá em hostia Limousin.

Pós de Paterson.
Um papel em hostia Limousin.
Pastilhas de Paterson.
Tres a quatro pastilhas.

INDURAÇÃO DO BAÇO, FIGADO. *Veja-se* HYPERTROPHIA.

INDUSTRIAS INSALUBRES. Existe uma certa categoria de industrias insalubres sobre as quaes os administradores cuidadosos da saude publica devem velar com a maior attenção e tratar de affastal-as, o mais possivel, das cidades e dos logares habitados. Essas industrias são aquellas cujas emanações, os cheiros podem exercer uma má influencia sobre as povoações vizinhas; as que incommodam pela grande quantidade de fumaça que deitam; aquellas, emfim, que expõem aos riscos de incendio subito ou de explosão. Merecem ser classificadas no rol das industrias que não devem existir perto das habitações: as fabricas de productos chimicos, de alcools, de adubos da terra, de oleos. Os processsos de fabricação d'essas fabricas devem ser regulamentadas, no interesse da gente que n'ellas trabalham e que habitam perto d'ellas.

INERCIA DA BEXIGA. A inercia ou atonia da bexiga é a falta da contractilidade das paredes d'este reservatorio; é uma causa frequente da retenção de ourina. Quando se chega a dar á bexiga a contractilidade necessaria, a emissão das ourinas póde tornar-se normal. *Veja-se* PARALYSIA DA BEXIGA.

INERCIA DO UTERO. Estado do utero quando não manifesta a contractilidade necessaria para apertar e approximar as suas paredes, depois da expulsão do feto. Conhece-se pela molleza do utero que occupa grande parte do ventre. Quando o utero está contrahido, como deve ser depois do parto, é facil sentil-o, atravez das paredes do ventre, sob a fórma de um corpo globoso, duro, que occupa a parte inferior do ventre. Se a inercia do utero fôr acompanhada de hemorrhagia, é preciso extrahir as pareas que dilatam o utero e impedem a sua contracção. Se a hemorrhagia continuar, apezar da sahida das pareas, cumpre administrar o centeio espigado, segundo a receita seguinte:

Centeio espigado em pó..... 2 grammas.

Divida em 4 papeis. Dá-se 1 papel de meia em meia hora n'uma colher d'agua fria com assucar, ou em hostia Limousin.

INFANTICIDIO. Debaixo d'este nome designa-se o assassinato de uma criança recemnascida. É um crime muito commum e que dá logar a averiguações medico-legaes mui delicadas, em que o medico legista tem de resolver muitas questões difficeis. Primeiramente tem elle a determinar as condições em que a criança nasceo.

Estava viva quando veio ao mundo? Respirava ella? Morreo antes de ter respirado, isto é, logo que sahio dos orgãos genitaes da mãi?

Conhecidas estas circunstancias, é necessario estabelecer a natureza das causas que occasionaram a morte. Entre ellas a mais frequente é a suffocação. Este modo de infanticidio que deixa sempre vestigios,

que facilmente se reconhece na autopsia, executa-se pela occlusão das vias respiratorias com a mão, areia, cinzas, terra, chumaço de panno, etc. Limitar-nos-hemos a citar os outros meios que empregam os criminosos: estrangulação, immersão n'agua, nas latrinas, combustão em fóco ardente, exposição ao frio, espetadas no cerebro com grandes agulhas, etc. O medico deve sempre tratar de saber o momento em que o crime foi commettido, se a criança estava viva ou morta quando se perpetrou o crime. Em muitos casos, é necessario determinar a idade da criança examinando seu tamanho e a ossificação do esqueleto.

Estes diversos problemas são difficeis a se resolver, principalmente quando a morte já data de muito tempo, o que é necessario fixar primeiramente antes de continuar as investigações.

INFECÇÃO. Acção excrcida na economia por miasmas morbificos. A infecção differe do contagio, em que este, uma vez produzido, não tem mais necessidade, para se propagar, da intervenção das causas que lhe deram origem; em que este se reproduz de certo modo por si mesmo, por contacto, e independentemente, até certo ponto, das condições atmosphericas; ao passo que a infecção, devida á acção que substancias animaes e vegetaes em putrefacção exercem no ar ambiente, não actua senão na esphera do foco de que emanam os miasmas morbificos. Verdade é que a infecção propaga-se de um individuo doente a outro são, como o contagio; mas não é por contagio; é alterando o ar ambiente que o primeiro individuo actua sobre o segundo, a respeito do qual elle vem a ser, de alguma sorte, outro foco de infecção.

INFECÇÃO PURULENTA. Complicação grave das feridas, da qual morriam muitos feridos e operados antes da descoberta dos curativos antisepticos. Provem da absorpção no sangue de um pus que contem materias septicas; ella se declara principalmente nos hospitaes, nas ambulancias quando ha guerras, e por toda a parte onde se acham agglomerados feridos ou doentes curados irregularmente e que são acommettidos de feridas anfractuosas que são difficeis a desinfectar completamente.

O primeiro symptoma da molestia é um grande arripio de frio que faz bater os dentes ao doente, e grande augmento da temperatura N'este accesso de febre o docnte empallidece, a tez toma uma côr de terra, e apparece o delirio logo no começo. A febre cahe e recomeça no dia seguinte. Emquanto dura esses accessos intermittentes, a ferida toma um máo caracter, o pus muda de natureza e torna-se mais liquido. O rosto altera-se o nariz fica fino, a lingua secca, o halito fetido, e declara-se uma diarrhea abundante que contribue muito para enfraquecer o doente. A região do figado torna-se dolorosa, as articulações incham-se, enchem-se de pus ou de serosidade purulenta; a respiracão mui frequente revela, ás vezes, a existencia de uma pleuresia ou de uma pneumonia. Formam-se abcessos em diversos orgãos, sob a pelle, no comprimento das veias. O delirio torna-se continuo, o enfraquecimento vai augmentando e o doente morre em poucos dias.

O mais minucioso asseio em tudo quanto approxima do corpo do

doente ou que o rodeia, é o melhor meio para evitar a invasão da molestia. Logo que ella se declara é necessario por todos os meios desinfectar a ferida, lavando-a com solução phenicada a 5 por 100 ou com o licor de van Swieten. Os pontos suspeitos podem ser cauterizados com ferro em braza; cobre-se depois a parte doente com um curativo phenicado que impede completamente que penetre o ar. Se formou-se pus ao redor da ferida ou em logar, mais ou menos afastado, é necessario expelil-o quanto antes e tratar do mesmo modo que a ferida primitiva. Sustentar-se-ha doente com leite, vinho, caldo, rhum, injecções sub-cutaneas de ether sulfurico. O doente tomará tambem 2 a 4 colheres *de sopa*, por dia, de elixir alimenticio Ducro.

INFLAMMAÇÃO. Diz-se que uma parte está inflammada quando se acha vermelha, inchada, dolorosa e mais quente do que no estado natural. Estes symptomas, que se observam nas inflammações externas, e especialmente na erysipela, tomada por termo de comparação, existem mais ou menos pronunciados nas inflammações internas. Este phenomeno é acompanhado sempre de accumulação mais ou menos consideravel de sangue na parte affectada, e de exaltação de sensibilidade. Por pouca extensão que a molestia tenha, é logo seguida dos symptomas que caracterizam a febre, que são : calor geral, acceleração do pulso, calefrios e prostração das forças.

As *causas* da inflammação são numerosas e variadas; taes são : as violencias externas, a passagem do calor ao frio ou do frio ao calor, a suppressão de evacuações habituaes, uma fatiga consideravel, vigilias prolongadas, applicação excessiva do espirito, affecção moral viva, etc.

As consequencias da inflammação são assás diversas : ordinariamente acaba pela resolução; isto é, desapparece pouco a pouco percorrendo os seus periodos : esta terminação é a mais feliz. Outras vezes forma-se pus, que se reune com mais ou menos promptidão em um só foco e constitue um abcesso. A terminação mais temivel é a gangrena, a qual procede do excesso da inflammação; mas esta terminação é extremamente rara.

O *tratamento* da inflammação apresenta muitas indicações, que são as mesmas para muitos orgãos; e para isso existe um methodo de tratamento *antiphlogistico*, destinado a combater este estado morbido. Este methodo, exagerado por certos medicos, tem dado mui tristes resultados. Empregado, pelo contrario, de uma maneira judiciosa e moderada, efferece preciosos recursos. Os primeiros meios que se empregam contra as inflammações são as cataplasmas de linhaça ou de fecula, os banhos mornos, os lavatorios com decocções de raiz de althea, de folhas de malvas, de sementes de linho. Seguem-se depois as bichas, as ventosas sarjadas, a sangria. O regimen nas molestias inflammatorias é de alta importancia. As bebidas doces, taes como agua com gomma arabica, as infusões de althea, de malvas, as decocções de arroz, de cevada, a orxata, etc., as bebidas acidulas, como a limonada, laranjada, etc., são quasi sempre indicadas. A dieta severa, a privação completa de alimentos solidos é conveniente em quasi todas as affecções acompanhadas de inflammação.

Imflammação das amygdalas. *Veja-se* Angina tonsillar.
Inflammação das articulações. *Veja-se* Arthrite.
Inflammação do baço. *Veja-se* splenite, vol. I, pag. 267.
Inflammação da bexiga. *Veja-se* bexiga, vol. I, pag. 324.
Imflammação da bocca. *Veja-se* Bocca, vol. I, pag. 340.
Inflammação do cerebro. *Veja-se* Encephalite.
Inflammação da conjunctiva. *Veja-se* Conjunctivite.
Inflammação da cornea. *Veja-se* Keratite.
Inflammação dos dedos. *Veja-se* Dedos, vol. I, pag. 788.
Inflammação do estomago. *Veja-se* Gastrite.
Inflammação do figado. *Veja-se* Hepatite, vol. I, pag. 1171.
Inflammação da garganta. *Veja-se* Angina.
Infammação das gengivas. *Veja-se* Gengivas.
Inflammação dos intestinos. *Veja-se* Enterite.
Inflammação do iris. *Veja-se* Irite.
Inflammação do joelho. *Veja-se* Arthrite.
Inflammação das juntas. *Veja-se* Arthrite.
Inflammação da lingua. *Veja-se* Glossite.
Inflammação da medulla espinhal. *Veja-se* Myelite.
Inflammação do olho. *Veja-se* Ophthalmia, Conjunctivite.
Inflammação do ouvido. *Veja-se* Otite.
Inflammação da palpebra. *Veja-se* Palpebras.
Inflammação da prostata. *Veja-se* Prostata.
Inflammação dos pulmões. *Veja-se* Pneumonia.
Inflammação dos rins. *Veja-se* Nephrite.
Inflammação dos seios. *Veja-se* Seios.
Inflammação dos testiculos. *Veja-se* Orchite.
Inflammação da unha. *Veja-se* Unha.
Inflammação da urethra. *Veja-se* Urethra.
Inflammação do utero. *Veja-se* Metrite.
Inflammação das veias. *Veja-se* Phlebite.

INFUSÃO. A infusão resulta da acção da agua fervendo sobre as substancias medicamentosas. Estas substancias são de ordinario folhas ou flores, e ás vezes cascas ou raizes. As infusões são remedios domesticos que servem de bebidas para os doentes ; dá-se-lhes tambem o nome generico de *chá*. A melhor maneira de proceder consiste em deitar agua fervendo sobre as substancias que devem empregar-se, mettidas previamente, em proporções convenientes, n'um vaso destinado para este fim, que é um bule. Se as substancias submettidas á infusão forem cheirosas ou delicadas, taes como flores de macella, folhas de laranjeira, de herva cidreira, etc., não devem ficar na agua por mais de cinco a dez minutos, e a infusão deve ser feita em vaso coberto. Se as plantas ficassem por mais tempo na agua, o liquido não teria gosto agradavel. Mas quando as substancias que se infundem são raizes, cascas, lenhos, devem ser primeiro cortadas muito miudas, e deixam-se mais tempo em infusão. Feita a infusão côa-se por um panno, mas sem expremêl-a. As infusões adoçam-se com assucar, mel de abelhas ou xarope de gomma.

INGLUVINA. Substancia extrahida do ventriculo succenturiado dos passaros, e analogo por suas propriedades chimicas e phisiologicas á pepsina do estomâgo dos mammiferos. Ella actua, como esta substancia, sobre as materias nutritivas, como se fosse um fermento, para tornal-as absorviveis. Prescreve-se'a em pó, na dyspepsia, na dóse de 75 centigrammas a 1 gramma.

INGUA. É um pequeno tumor duro que sobrevem nos logares em que se acham as glandulas lymphaticas, como na virilha, nas axillas, em baixo do pescoço, etc., quando não é outra cousa mais do que o engurgitamento inflammatorio d'essas glandulas. A ingua chama-se tambem *glandula*, e o que deixei dito d'esta inflammação no artigo *Glandula* póde ser applicado aqui. O nome de *bubão* é reservado mais particularmente ao engurgitamento que resulta do virus syphilitico: trato d'elle no artigo MULA: n'este logar vou occupar-me das inguas que resultam de outras causas.

São estas causas mui numerosas. Todas as vezes que uma parte está inflammada ou ferida, a irritação communica-se ás glandulas mais proximas. Assim, uma ferida no dedo, um panaricio, occasionam a tumefacção das glandulas do sobaco. As feridas dos pés ou das pernas são acompanhadas de inchação das glandulas da virilha. Os dentes cariados e dolorosos produzem o augmento do volume das glandulas do pescoço. Póde dizer-se que a inflammação sympathica das glandulas da virilha é muito mais frequente do que a das outras partes do corpo: manifesta-se nas pessoas affectadas de erysipela, de feridas ou de alguma phlegmasia um pouco intensa das extremidades inferiores. A irritação produzida pelos callos dos pés ou pelo calçado mui estreito póde occasionar o desenvolvimento de inguas. Estes tumores desapparecem ordinariamente logo que cessa a causa que os produzio.

Muitas vezes, a ingua apparece sem causa conhecida e apresenta-se sob duas fórmas. Ora o tumor tem marcha rapida: desenvolvem-se n'elle dôres latejantes; a pelle que o cobre torna-se vermelha, depois branquea, abre-se e deixa sahir a materia purulenta; ora a ingua permanece indolente por espaço de mezes; a tumefacção é o unico signal da sua presença: nenhuma dôr, nenhuma mudança na côr da pelle, nenhum vestigio de suppuração. Encontram-se algumas d'estas inguas, que, depois de persistirem n'este estado por um tempo mais ou menos longo, inflammam-se de repente e passam rapidamente á suppuração.

A presença da ingua na virilha é attribuida geralmente á existencia da syphilis. Entretanto, como já vimos, póde resultar de outras causas. — Não ha caracteres que possam fazer distinguir a ingua simples de um bubão syphilitico. Julga-se *simples* se o doente não se expoz ao contagio, ou foi curado radicalmente de todos os symptomas venereos de que tinha sido affectado precedentemente; as circumstancias oppostas poderão estabelecer uma opinião differente.

Quanto ao *tratamento* das inguas simples, é inteiramente local: consiste no repouso e em cataplasmas de linhaça. Se o tumor acabar por

suppuração, é preciso abril-o, e proceder como em todos os abcessos. *Veja-se* ABCESSO.

INHALAÇÃO. Introducção de vapores medicamentosos, no apparelho respiratorio, por meio do sorvo d'ar produzido durante a inspiração. O somno anesthesico para as operações cirurgicas obtem-se por meio de inhalações de chloroformio, de ether, de protoxido de azote, etc. Existem apparelhos especiaes para fazer respirar oxygeneo aos tuberculosos, aos uremicos, aos individuos asphyxiados pelo oxydo de carbone, etc. Prescreve-se tambem inhalações de vapor d'agua quente nas laryngites e bronchites simples.

INHALAÇÕES. Modo de introduzir as substancias medicamentosas pelas vias respiratorias. Este modo põe os medicamentos em relação directa com a séde do mal. Empregam-se para as inhalações pulmonares os cheiros, os gazes, os vaporos, e os pós solidos ou liquidos. Fazem-se n'uma sala cheia de vapores, ou por meio de um tubo, de um frasco, de um apparelho especial. As inhalações de alcatrão e de acido phenico pra-



Fig. 577. — Apparelho para inhalações.

ticam-se pondo um prato contendo estas substancias sobre a mesa do quarto de dormir; empregam-se na bronchite chronica e na tisica. Ha um novo modo de inhalação que consiste em fazer respirar a agua medicamentosa reduzida a pó, ou *pulverizada* por apparelhos especiaes. A *pulverização* das aguas medicamentosas, destinadas á inhalação, pratica-se geralmente nos estabelecimontos thermaes. São sobretudo as caldas sulfurosas, que se empregam pulverizadas em inhalações, contra a larynhite, bronchite, angina pharyngea e tisica. Para fazer inalações d'agua pulverizada, o doente fica todos os dias com a bocca aberta durante uma hora diante de um apparelho pulverizador em funcção, ou demora-se n'uma sala cheia de pó d'agua medicamentosa, produzido por um mecanismo apropriado. Em certas caldas, nas de Royat e Mont-Dore em particular,

empregam-se sempre as inhalações d'agua mineral em ebullição, cujos vapores chegam por meio de tubos conductores pelos buracos do soalho a uma sala onde se acham reunidos os doentes. Os apparelhos para pulverizar os liquidos são mui variados; alguns podem ser empregados na casa de morada dos doentes; dois acham-se representados mais adiante no artigo *Pulverização*.

As inalações dos vapores medicamentosos podem tambem fazer-se por meio de um apparelho representado na fig. 577. Este apparelho compõe-se:

1.º de um frasco de vidro dividido, pela porção mais estreita, em dois compartimentos, e destinado a receber as substancias que se devem evaporar: 2.º de um canudo em fórma de funil, pelo qual penetra o ar exterior, e que serve tambem para introduzir os medicamentos; 3.º de um tubo cuja extremidade livre se applica sobre os labios que aspiram os vapores. Os liquidos que se introduzem no frasco, e cujos vapores devem dirigir-se ás vias respiratorias são: a agua de Labarraque, a tintura de iodo, a solução de acido phenico, de benzoato de soda, a agua de alcatrão, etc., etc. Alguns d'estes liquidos volatilizam-se na temperatura ordinaria; é necessario aquecer outros sobre a chamma de uma vela.

INHAME. *Dioscorea sativa*, Linneo. Dioscoraceas. Planta trepadeira, natural da Africa, naturalizada no Brazil. Em Pernambuco chamam-lhe *Inhame da Costa;* na Bahia *Inhame de S. Thomé.* É de vergontea fina; folhas alternas, lustrosas, cordiformes, oblongas; de côr verde e amarella; flores pequenas, fructo insignificante. Sua importancia consiste no rhizoma, vulgo *raiz;* é uma tubera mui volumosa, e chega ás vezes a mais de 50 centimetros de diametro; coberta de casca laminosa, delgada, de côr parda clara, crivada de poros na parte inferior; contém uma substancia compacta, humida, macia, de textura pulverulenta, adocicada e um tanto resinosa. Come-se cozinhada; constitue um alimento sadio, saboroso, nutriente e de facil digestão; fazem-se com ella podins, bolos, e extrahe-se d'ella uma fecula excellente. Na India e na China, o inhame constitue o principal alimento do povo.

INHUMAÇÃO. Os povos antigos tinham, fóra das cidades, logares destinados para as inhumações dos mortos; tal foi sempre o uso dos Egypcios, dos Chins e das nações asiasticas. Um edicto de Adriano, imperador romano, ordenava em Roma a confiscação do terreno sobre o qual fosse elevado um sepulcro, e obrigava a exhumação do cadaver. Mas o christianismo veio substituir novos usos aos antigos. Os monges tiveram a permissão de ser sepultados em seus conventos; os fundadores das igrejas gozavam do mesmo privilegio. Os outros homens, induzidos pela superstição, julgáram participar das recompensas dos justos, sendo enterrados junto d'elles. Os papas favoreceram estes abusos, concedendo a alguns cemiterios vinzinhos das igrejas, singulares privilegios: os mortos que eram sepultados n'elles obtinham pleno perdão de todos os seus peccados. Entretanto, grandes inconvenientes assignalavam o perigo das inhumações nas igrejas e na cidade; e por toda a parte os medicos fizeram uteis reclamações. De ha muito tem elles ob-

servado que os coveiros vivem pouco, e tem participado aos magistrados muitas catastrophes de que tem sido testemunhas. Está bem provado hoje que as inhumações nas cidades põem em grande risco a salubridade publica; que os miasmas que se exhalam das sepulturas podem occasionar numerosas desgraças, e que não somente dão maior intensidade ás molestias reinantes, como produzem novas affecções. Em França, desde 1776, a inhumação nas igrejas e cidades foi inteiramente prohibida, e esta medida policial tem sido observada com tanto rigor, que em 1810 o arcebispo d'Aix solicitou inutilmente do governo a permissão de ser sepultado na sua igreja cathedral.

Comiterios. Uma grande cidade deve ter muitos cemiterios; convem sejam situados, tanto quanto as localidades o permittirem, em logares altos, pouco distantes da cidade; não devem jamais ser em logares baixos e expostos a inundações. Importa que cada cemiterio seja fechado por um muro de dois metros sessenta centimetros a tres metros e trinta centimetros de altura, e não contenha outro edificio habitado senão a casa do porteiro. A extensão do cemiterio será calculada conforme a população da cidade para a qual é destinado. São precisos, em geral, cinco annos para a decomposição de um cadaver enterrado a 1 metro 30 ou 1 metro 60 cent. de profundidade : a extensão do cemiterio deve ser, por conseguinte, cinco vezes maior do que o espaço necessario para as inhumações de cada anno. Assim, sendo 1 metro 30 quadrado as dimensões da cova de um adulto, multiplique-se primeiramente o numero das mortes de cada anno por 1 metro 30, e o producto por cinco, que é o numero de annos necessario para que a decomposição de um cadaver seja completa, e ter-se-ha o numero dos metros quadrados, ou a extensão necessaria que deve ter o cemiterio. A profundidade da cova deve ser de 1 metro 30 centr. a 1 metro 60 cent.; sendo maior, o contacto do ar com o cadaver seria quasi impossivel, e a decomposição putrida seria muito mais lenta; se o fundo da cova fôr menor, pelo contrario, os miasmas atravessarão facilmente as camadas da terra, e infectarão a atmosphera. Afastar-se-hão, quanto seja possivel, os cemiterios dos poços, fontes e rios, cujas aguas sirvam ás necesidades da casa. Podem fazer-se n'elles plantações; mas sem serem mui altas, para não impedirem a circulação do ar.

Inhumações precipitadas. Os perigos das inhumações precipitadas foram apontados desde os tempos mais remotos. Moysés, legislador hebreu, que deo tão admiraveis preceitos de hygiene, ordenou que os mortos fossem conservados insepultos por tres dias. Em Athenas, foi esta lei igualmente de rigor : em muitas outras cidades da Grecia fixou-se o termo de seis dias. Os Romanos conservavam os cadaveres sete dias para então os sepultarem. Em alguns outros povos não se permittiam inhumações, senão quando muitas provas tinham confirmado a realidade da morte. Hoje, na Allemanha, não se enterram os cadaveres senão tres dias depois da morte. Em França, Hespanha, Portugal e Brazil, a lei exige vinte e quatro horas entre o fallecimento e a inhumação; mas muitas vezes este lapso é mais breve, por causa dos falsos certificados

de obito. É, pois, necessaria toda a vigilancia sobre taes abusos; pois está assás provado existirem muitas apparencias de morte que são unicamente suspensão momentanea da vida, contra a qual os soccorros da arte não são infructuosos.

As molestias que podem produzir morte apparente, e expôr ás inhumações precipitadas são : Apoplexia, asphyxia, catalepsia, convulsões, dansa de S. Guido, emanações gazosas, epilepsia, estrangulação, hysterismo, lethargo, perdas sanguineas, submersão n'agua, syncope, tetano, e muitas mortes subitas. N'estes casos, não existe cessação definitiva das funcções vitaes, que constitue a morte, mas sim suspensão da vida. Para se distinguir da suspensão a cessação definitiva da vida, ha muitos signaes que, considerados separadamente, podem ser falliveis, mas cuja reunião offerece maior gráo de certeza.

Os signaes principaes da morte são : 1.º A ausencia da respiração; 2.º a ausencia da circulação; isto é, a falta do pulso e das pancadas do coração; 3.º a ausencia da sensibilidade; 4.º o esfriamento do corpo; 5.º o suor frio que cobre todo o corpo: 6.º a relaxação do sphincter do anus; 7.º o achatamento das partes do corpo sobre os quaes o cadaver está deitado; 8.º a molleza e a flaccidez dos olhos; 9.º a rijeza cadaverica; 10.º a putrefacção, que nunca póde estabelecer-se em quanto o corpo vive.

De todos estes signaes, os mais certos são a rijeza cadaverica e a putrefacção. Consiste a rijeza na maior ou menor difficuldade de dobrar a perna sobre a coxa, o antrebraço sobre o braço, os dedos ou qualquer outra articulação; póde ser tal, que um cadaver levantado pelas pernas não execute movimento algum de flexão.

A rijeza principia poucos instantes depois da morte, e dura vinte e quatro a trinta e seis horas. Em quanto, os membros são flexiveis, se sua flexibilidade não é subsequente á rijeza, póde-se presumir um resto de vida. Mas convem distinguir a rijeza cadaverica do tetano ou de algum estado convulsivo. Quando se pega n'um membro, e quando, mediante um esforço, se chega a vencer a rijeza cadaverica, a articulação apresenta um estado de molleza tal, que a menor força basta para renovar a flexão. Se, pelo contrario, a rijeza do membro fôr o effeito do tetano, o membro recobra toda a sua energia, apenas cessa de exerce-se a força que a venceo.

O segundo signal da morte, e ainda mais caracteristico que o precedente, é a putrefacção, a qual se conhece pelo cheiro particular que desenvolve.

Fallando da asphyxia, catalepsia, lethargo e outras molestias que podem produzir um estado de morte apparente, indico, com os sufficientes promenores, os meios que devem tentar-se para restituir á vida o morto apparente : n'este logar, limito-me a cital-os de uma maneira geral e succinta. Consistem estes meios em descobrir a face, deixar a bocca aberta para permittir a introducção do ar nas vias respiratorias, tirar tudo quanto, comprimindo o peito e o ventre, possa impedir o resto dos movimentos que ainda existam, posto que imperceptiveis aos

nossos sentidos, no diaphragma, coração e intestinos. Os outros meios são : applicar sinapismos nas pernas, fazer fricções pelo corpo com baeta ou escova, applicar garrafas com agua quente ao redor do corpo, introduzir rapé no nariz e sal na bocca; approximar do nariz vidros contendo vinagre, agua de Colonia, ether ou alcali volatil. Emfim, nos casos duvidosos, melhor é conservar um ou mais dias o cadaver, do que expôr-se ao perigo de enterrar um corpo vivo.

INJECÇÃO ou SERINGATORIO. Acção de introduzir um medicamento liquido, por meio da seringa, nas cavidades naturaes ou accidentaes do corpo. Chama-se tambem injecção o liquido que serve para essa operação. Os principaes canaes naturaes em que se fazem seringatorios são : a vagina, a urethra; e o conducto auditivo. As injecções que se fazem na urethra com a dissolução de azotato de prata exigem seringas de vidro : para outros liquidos servem as seringas de estanho ou borracha.

Injecções sub-cutaneas ou **hypodermicas.** Consistem em introduzir debaixo da pelle, no tecido cellular, certos medicamentos soluveis, mui activos debaixo de pequeno volume, e que são d'esta mancira mais seguramente absorvidos, do que se fossem ingeridos no estado de poções, pilulas, pós, etc. Este modo de administrar um medicamento é de data recente.

Para que uma substancia medicamentosa possa ser administrada em injecções, é preciso : 1.° que esta substancia activa seja mais ou menos soluvel; 2.° que não seja irritante ou corrosiva. As dóses devem ser menores que se o medicamento fosse administrado em poções ou pilulas, porque n'este ultimo caso uma parte do medicamento escapa á absorpção e sahe com as excreções.

Para fazer as injecções sub-cutaneas, é preciso servir-se da pequena seringa de Pravaz (fig. 578). Depois de feita a puncção, com a ponta de uma canula adaptada á seringa, injectam-se cinco, dez, vinte ou vinte e cinco gottas da solução medicinal. Faz-se uma ou duas injecções de cada vez, segundo a quantidade de liquido que se quer fazer penetrar, e injecta-se no braço, coxa, epigastro, pescoço, costas, etc., penetrando obliquamente debaixo da pelle, a 1 centimetro de profundidade.

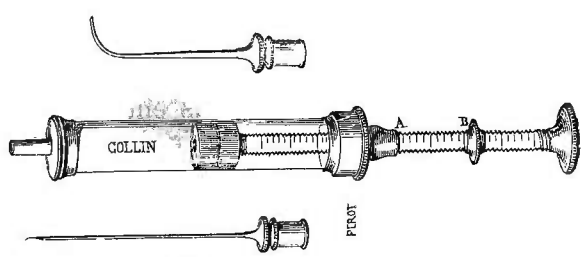


Fig. 578. — Seringa de Pravaz.

As injecções sub-cutaneas são muito empregadas contra todas as nevralgias; facilitando a introducção do medicamento perto do logar doloroso, acalmam promptamente.

Eis-aqui a lista dos principaes medicamentos que foram injectados debaixo da pelle :

Sulfato de atropina. Nas nevralgias, na dóse de 1 a 5 gottas de solução normal; maior dóse poderia produzir symptomas de envenenamento. A solução normal é : Sulfato de atropina 15 centigrammas, agua 15 gram-

mas. Cinco gottas da solução contém 1 milligramma de atropina.

Morphina. Os saes de morphina que se empegam são : o chlorhydrato e o sufalto de morphina. Solução normal : chlorhydrato ou sulfato de morphina 15 centigrammas, agua 15 grammas. Dóse : 5 a 10 gottas por injecção, na enxaqueca, nevralgias, sciatica, chorea, etc.

Aconitina. Actua energicamente na dóse de 1/2 milligramma a 2 milligrammas; não seria prudente exceder esta dóse.

Sulfato de strychnina. Deve-se proceder por dóses progressivas de 2 a 3 milligrammas. Emprega-se nas paralysias. As injecções devem ser feitas sobre a trajecto do nervo paralysado nas paralysias locaes, nas paralysias geraes as injecções podem ser feitas indifferentemente em qualquer logar, com preferencia nas costas.

Sulfato de quinina. De 10 a 15 centigrammas. No rheumatismo articular agudo e nas febres intermittentes simples e perniciosas. A solução acida até agora empregada (sulfato dissolvido em agua acidulada com algumas gottas de acido sulfurico) tem serios inconvenientes; e foi substituida com vantagem pela solução seguinte : agua distillada 40 grammas, sulfato de quinina bibasico 1 gramma, acido tartrico 50 centigrammas.

Curare. 1 milligramma de curare para cada injecção que se repete de meia em meia hora, segundo os symptomas que se observam. Foram aconselhadas estas injecções no tetano, mas deve-se proceder com muita cautela.

Algumas outras substancias foram empregadas em injecções hypodermicas, mas os seus effeitos não são bem determinados, são : a veratrina, colchicina, daturina, conicina, nicotina, ergotina, cafeina, tintura de haschisch.

INOCULAÇÃO. Operação que consiste em introduzir no corpo o principio material de alguma affecção contagiosa. Dá-se especialmente este nome á operação que era praticada outr'ora antes da descoberta da vaccina, com o intuito de preservar as pessoas dos accidentes das bexigas. Consistia esta operação em inocular o virus das bexigas, afim de produzir as bexigas benignas em vez das graves que se manifestavam, sobretudo durante a epidemia d'esta molestia. A inoculação foi muito usada durante certo tempo; mas como nem sempre era sem perigo, achou grande numero de adversarios, e foi emfim completamecte abandonada depois da descoberta da vaccina.

INSOLAÇÃO. Dá-se este nome á exposição prolongada aos raios do sol. A insolação, sobretudo durante os grandes calores, póde ser causa de molestia. Ha exemplos de morte subita, de congestão cerebral entre militares expostos por muito tempo a um sol ardente. A alienação mental póde tambem resultar da insolação prolongada. Mas estes casos infelizes são rarissimos, e o melhor remedio a empregar contra taes accidentes é a sangria. Ordinariamente a insolação produz uma ligeira erysipela no rosto, que se diz então *queimado do sol.* Simples lavatorios com agua fria, repetidos muitas vezes por dia, são sufficientes n'este caso. Se houver dôr de cabeça, appliquem-se na testa pannos molhados em agua fria pura, ou misturada com vinagre. Longe de ser uma causa

de molestia, a insolação póde ser, em certos casos, um remedio propicio ao restabelecimento da saude. Possue uma acção tonica conveniente aos convalescentes e pessoas fracas, principalmente ás crianças debeis, ás meninas chloroticas, e em geral em todos os individuos delicados.

INSOMNIA. Privação do somno. O somno é o repouso dos orgãos da vida, acalma a excitação que adquiriram durante a vigilia, restitue ao corpo as forças e ao cerebro a energia. A insomnia priva o corpo de todas estas vantagens. Algumas causas predisponentes a favorecem. O somno, que nas crianças é longo e profundo, é nas pessoas adiantadas em annos, em geral, curto e difficil. As profissões que mantem o corpo n'uma excitação extrema, expõem a insomnias frequentes. Alimentos ingeridos em grande abundancia, pouco tempo antes da hora de se deitar, não consentem ao somno apoderar-se dos sentidos : certas substancias sobretudo excitam o cerebro, e mantem-n'o no estado de vigilia. Tal é o effeito do café em muitos individuos; mesmo tomado de manhã o café difficulta o somno nas horas que lhe são destinadas. Os alimentos excitantes, as bebidas aromaticas ou alcoolicas, um ar mui frio ou mui quente, os banhos frios, produzem a insomnia. As occupações intellectuaes mui fortes, e as paixões mui vivas não permittem o somno. Os ambiciosos dormem pouco, os soberanos, que se occupam de objectos de grande interesse, soffrem frequentemente de insomnias rebeldes. As outras causas da privação de somno são: o ruido, a luz, as dôres externas locaes e muitas molestias internas. Em quanto tudo repousa na natureza, os infelizes doentes velam para soffrerem.

O *tratamento* da insomnia consiste em remover as causas que a produziram. Um exercicio moderado do corpo e do espirito, o remanso da alma, o silencio e a escuridão, uma temperatura branda, um banho morno, uma quantidade moderada de alimentos, bebidas pouco excitantes, eis os meios naturaes para se obter o repouso nocturno. A embriaguez causa somno, mas não creio que haja quem queira recorrer a este expediente para provocal-o. O passeio antes da hora de deitar-se póde favorecêl-o. Quando a insomnia é um symptoma de molestia, desapparece com ella. Quanto aos medicamentos narcoticos, como o opio, o chlorhydrato de morphina, e o chloral hydratado, não se deve recorrer a elles senão quando os meios hygienicos que deixei indicados não produzem o effeito desejado.

Eis-aqui as receitas das preparações para provocar o somno. Póde usar-se de qualquer d'ellas.

1.ª Extracto de opio..... 10 centigrammas.

Faça 4 pilulas. Para tomar uma pilula ao deitar-se.

2.ª Emulsão de amendoas doces..... 120 grammas.
Chlorhydrato de morphina..... 10 milligrammas.
Xarope de flor de laranjeira..... 15 grammas.

Misture-se. Toma-se esta poção toda, de uma vez no momento de deitar-se.

3.ª	Infusão de herva cidreira.....	120 grammas.
	Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
	Assucar.....	15 grammas.

Misture. Tome-se toda a porção no momento de deitar-se.

4.ª	Codeina.....	10 centigrammas.
	Extracto de alcaçuz.....	10 —

Faça 8 pilulas. Para tomar uma ou duas ao deitar-se.

	Xarope de lactucario.....	30 grammas.

Toma-se com agua, a porção toda, ao deitar-se.

Xarope de chloral de Follet.

Toma-se 3 colheres, *de sopa*, d'este xarope ao deitar-se.

Xarope de Gélineau.

Para tomar na dóse de 2 a 4 colheres, das *de sopa*, para os adultos; e 2 a 4 colheres, das *de chá*, para as crianças.

Perolas de hypnone de Clertan.

Toma-se na dóse de 2 a 4 por dia.

Xarope de bromureto de potassio de Henry Mure.

Este xarope é isempto de iodureto e de chlorureto. Toma-se na dóse de 2 a 3 colheres *de sopa*, por dia.

Chloral bromuretado Dubois.

Dóse: 1 a 2 colheres, das *de sopa*.

INSUFFLAÇÃO. A insufflação tem por alvo: 1.º introduzir ar nos pulmões, 2.º lançar pós medicamentosos nas cavidades naturaes ou artificiaes. A insufflação do ar se pratica nas crianças que nascem em estado de morte apparente. Ella se faz directamente de bocca a bocca, ou por meio de um tubo especial que se introduz na larynge. Ella deve ser feita de mansinho e methodica. Tambem se a faz nos afogados e nos asphyxiados.

A insufflação dos pós medicamentosos se faz principalmente na garganta (alun, borax), nos olhos, nas feridas profundas e anfractuosas (pó de iodoformio). Inventaram para este fim, certos apparelhos complicados, mais ou menos defeituosos. O melhor e o mais simples é um folesinho como o que se assopra pós contra os percevejos.

INTERMITTENCIA. *Veja-se* APYREXIA.

INTERMITTENTE (FEBRE) *Veja-se* FEBRE.

INTERTRIGO ou ASSAMENTO. Inflammação occasionada pelo attrito de duas partes uma contra a outra; excoriação da pelle pela acção prolongada da ourina ou do suor. *Veja-se* ASSAMENTO.

INTESTINOS. Na sua significação extensa, o intestino designa um longo canal que vai do orificio pylorico do estomago até ao anus. Este tubo se divide em duas partes principaes que se reconhece facil-

mente pelo aspecto e dimensões differentes. A primeira parte, a mais comprida chama-se *intestino delgado;* a segunda, chama-se, *grosso intestino.* No homem adulto, o intestino delgado tem um comprimento de 8 metros, é de grossura regular, mais ou menos uniforme. O grosso intestino, cujo comprimento é de um metro sessenta centimetros, apresenta na maior parte de seo trajecto diversas intumescencias desiguaes que só desapparecem quando chega perto do anus onde toma o nome de recto.

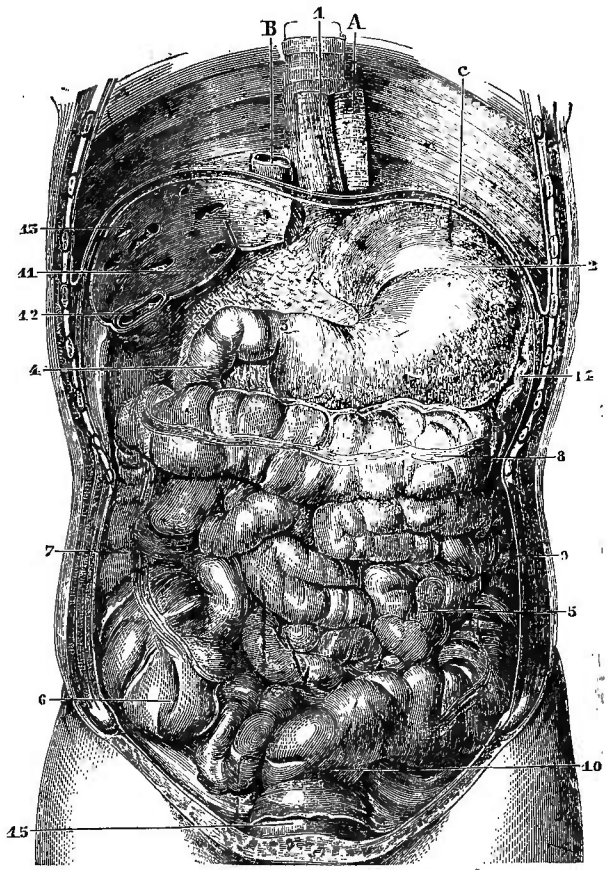


Fig. 579. — Figado, baço, estomago, intestinos, etc. (*).

Pegado á columna vertebral por uma membrana que depende do peritoneo e a que dão o nome de mesenterio, o tubo intestinal acha-se para bem dizer enovelado na cavidade abdominal, onde descreve circonvoluções. Compõe-se o intestino de quatro tunicas; a serosa que facilita os escorregamentos; a muscular que dá-lhe sua contractilidade; a cellulosa e a mucosa, que é a mais importante. N'esta mucosa encontram-se pequenas saliencias vasculares chamadas vellosidades que absorvem as materias nutritivas contidas no intestino e de numerosas glandulas que segregam um succo especial cujas propriedades ainda não estão bem conhecidas. O intestino delgado absorvendo os materiaes que provêm da digestão estomacal faz um papel importante na nutrição. As substancias que não podem ser assimiladas são levadas, pelos novimentos da tunica muscular, para o grosso intestino onde ellas se demoram até serem expellidas pela defecação. Como se vê, esta ultima parte do tubo digestivo serve de reservatorio. O limite das duas divisões intestinaes se acha marcado por uma valvula que impede as

(*) 1, esophago; 2, estomago; 3, orificio pylorico do estomago; 4, duodeno; 5, intestino delgado; 6, cego; 7, colon ascendente; 8, colon transverso; 9, colon descendente; 10, recto; 11, figado (cortado na direcção vertical); 12, vesicula biliar cortada; 13, veias supra-hepaticas adherentes ao figado; 14, baço; 15, bexiga coberta incompletamente pelo peritoneo. *A* aorta, *B* veia cava inferior, *C* diaphragma.

materias fecaes de passarem do grosso intestino para o intestino delgado.

As dimensões do intestino estão em relação com o regime. Nos animaes carnivoros, é muito curto; nos herbivoros, ao contrario, chega a adquirir um comprimento consideravel que pode ser igualado a 20 a 30 vezes o comprimento do corpo inteiro.

INTESTINO CEGO. Pequena parte do grosso intestino na qual se junta o intestino delgado, situada na parte inferior do hypochondrio direito. Esta parte do tubo intestinal contem sempre certa quantidade mais ou menos considcravel de materias fecaes que ahi param antes de serem expellidas. Quando essas materias são em grande quantidade, muito duras, misturadas com corpos estranhos picantes ou irritantes, desenvolve-se ao nivel do intestino cego um tumor duro, doloroso; o doente tem febre e prisão de ventre. É a molestia chamada typhlite, que se cura quasi sempre com purgantes e a applicação local de bichas, ou de ventosas sarjadas.

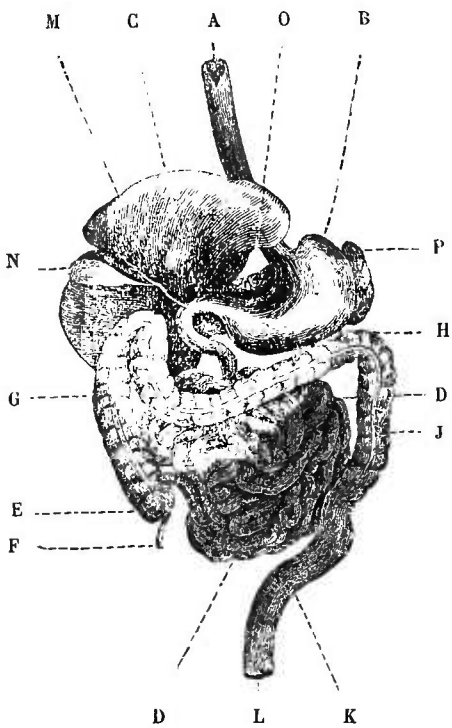


Fig. 580. — Estomago, figado, intestinos, etc. (*).

Molestias dos Intestinos.

CANCRO DOS INTESTINOS *Veja-se* vol. I, pag. 437.

DÔRES NOS INTESTINOS. *Veja-se* COLICA.

FERIDAS DOS INTESTINOS. *Veja-se* vol. I, pag. 1089.

INFLAMMAÇÃO DOS INTESTINOS. *Veja-se* ENTERITE. Vol. I. pag. 964.

INVAGINAÇÃO ou ESTRANGULAMENTO. *Veja-se* ILEO.

INTUMECIMENTO. *Veja-se* INCHAÇÃO.

INULA CAMPANA. *Inula helenium*, Linneo. Synanthereas-asteroidcas. Planta que habita em Portugal, França, Italia, etc. (fig. 581). Vegeta nos sitios sombrios, e cultiva-se nos jardins. Tem caule recto, velloso, da altura de 1 metro, pouco mais ou menos; folhas grandes, ovaes, dentadas, asperas por cima, cotanilhosas por baixo; raiz grossa, carnosa, roxa por fóra, esbranquiçada por dentro, de cheiro aromatico, sabor acre e amargo- A raiz é a unica parte usada. Tonico e estimulante; emprega-se na bronchite, sob a fórma de chá que se prepara com 8 grammas da raiz e 360 grammas d'agua fervendo.

(*) A, esophago; B, estomago; C, pyloro; DD, intestino delgado; E, cego; F, appendice cecal; G, colon ascendente; H, colon transversal; J, colon descendente; K, recto; L, anus; M, figado levantado para que se veja a sua face inferior; N, vesicula biliar; O, pancreas; P, baco.

INVAGINAÇÃO ou NÓ NA TRIPA. *Veja-se* ILEO.

IODO. Metalloide solido, cinzento de aspecto metallico, de cheiro forte e de sabor acre e desagradavel. Muito volatil, quando aquecido lança vapores de côr roxa, a que deve seo nome (ἰώδης, roxo em grego). Muito pouco soluvel na aguá, dissolve-se bem no alcool, ether, chloroformio e oleos. Posto em contacto com amido, o iodo tinge esta substancia de azul bem pronunciado, que se obtem até com mui pequena quantidade do metalloide. Extrahe-se o iodo dos sargaços do mar e de algumas outras plantas marinhas que o contem em proporções consideraveis. Combinado com o hydrogeneo o iodo fornece o acido iodhydrico que junto á certos oxydos metallicos resulta alguns saes muito uteis em medicina. Á frente d'esses saes está o iodureto de potassio, de que nos occuparemos mais alem. Irritante e caustico o iodo nunca é empregado debaixo da forma de metalloide ou de solução simples. Em medicina sempre se emprega a tintura de iodo ou de uma das preparações mencionadas mais adiante. Entretanto incorpora-se o iodo puro em certas pomadas e em alguns collyrios que servem para combater as affecções de natureza escrofulosa.

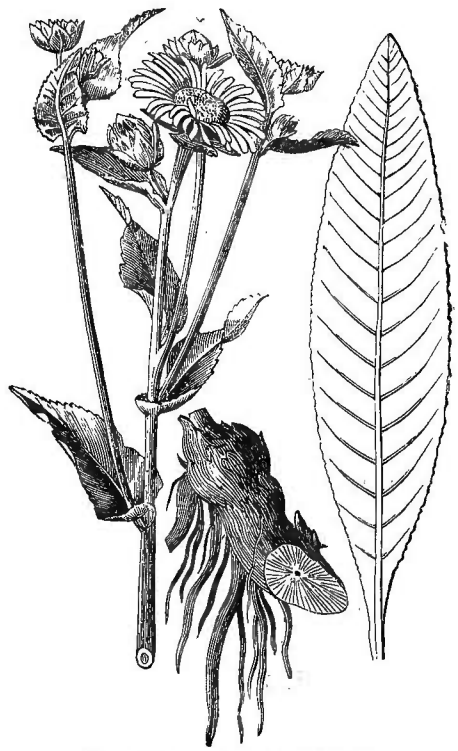


Fig. 582. — Inula campana.

A tintura de iodo se compõe de uma solução ao duodecimo de iodo em alcool puro. É um liquido de uma côr escura avermelhada do qual emana um cheiro caracteristico e que em contacto com a pelle a mancha de amarello, depois em trigueiro escuro, deixando uma sensação de calor assaz forte. A tintura de iodo applicado com um pincel é um dos revulsivos que mais se emprega actualmente. Pincela-se em uma ou mais camadas successivas a pelle, e repete-se a operação quando é necessario. Não se deve empregar muito frequentemente porque a acção seria a do vesicatorio. Este tratamento emprega-se com exito nas bronchites, laryngites, dores rheumatismaes, inflammações e derramamentos articulares, etc. Misturada com agua em dóses diversas, injecta-se a tintura de iodo nas cavidades de onde se tira qualquer liquido por puncção; hydroceles, kystos, etc.; ou em cavidades que suppuram e que se quer cauterizar: feridas anfractuosas, ganglios suppurados, fistulas, etc. Internamente, aos escrophulosos dá-se de 5 a 20 gottas, por dia, misturadas com vinho, agua ou café.

IODOFORMIO. Substancia amarella crystallizada em palhetas brilhantes, de um cheiro muito forte, insoluvel n'agua, soluvel no

ether, alcool e chloroformio. No ponto de vista chimico é um composto de carbone, hydrogeneo e iodo. Applicado sobre as mucosas, diminue a sensibilibade; administrado em alta dóse em animaes, determina n'elles uma vascilação no andar, uma especie de embriaguez que precede a excitação e a rigidez dos musculos. Depois da morte, encontram-se alterações do sangue e dos diversos orgãos do abdomen, figado, rins, etc.

Em medicina, o iodoformio foi empregado primeiramente no tratamento da escrofula, do rheumatismo, da papeira e das affecções da pelle. Actualmente só se o emprega internamente, nas septicemies de origem intestinal, na febre typhoide, na dóse de 5 a 20 centigrammas por dia. Externamente emprega-se'o nas molestias cutaneas, cancros, mulas, ulceras, etc. Applica-se'o então misturado com axungia ou melhor com vaselina em forma de pomada.

Em cirurgia o iodoformio é muito apreciado. Suas propriedades antisepticas e antifermenticiveis parecem bem estabelecidas actualmente pelo bom resultado que se tem tirado com o emprego dos curativos iodoformiados. Muitos cirurgiões applicam iodoformio em pó inpalpavel sobre as feridas que suppuram. Após as grandes operações, as incisões mais ou menos profundas que são reunidas com pontos de sutura, polvilha-se, em todo o correr da sutura, com pó de iodoformio e cobre-se depois com chumaços impregnados da mesma substancia. N'estes ultimos annos tem-se tratado os abcessos frios com injecções de ether iodoformiado, isto é, com uma solução d'iodoformio em ether sulfurico. Os resultados obtidos d'este modo, excellentes em alguns casos não parecem dar sempre os mesmos resultados. O que está demonstrado é que o iodoformio é um precioso desinfectante e um antiseptico assaz sufficiente.

Ordinariamente administra-se o iodoformio internamente sob a forma de perolas do doutor Clertan, na dóse de 2 a 4 perolas, por dia, que se tomam ás horas das refeições.

As perolas de iodoformio do doutor Clertan, approvadas pela Academia de medicina de Pariz, apresentam as seguintes vantagens : inalterabilidade do medicamento facil a verificar atravez a transparencia do envolucro gelatinoso; suppressão do cheiro e do sabor tão desagradaveis d'este producto. Os arrotos que vem depois de engulidas as perolas e que são o signal de que se desfizeram no estomago, só cheiram a ether, com o que o doente se acostuma dentro de pouco tempo.

As perolas de iodoformio do doutor Clertan contêm exactamente cinco centigrammas de iodoformio puro em dissolução no ether.

Pilulas contra o rheumatismo agudo (Souza Lima).

Veratrina.....	25 millig.	Iodoformio	40 centig.
Cyanureto de zinco.....	20 centig.	Extracto thebaico.....	30 —

F. S. A. 24 pilulas. — D. 4 até 8 por dia no rheumatismo articular agudo acompanhado de violentas dôres.

Lapis de iodoformio (Cod. fr.).

Iodoformio pulverizado.	10 gram.	Agua distillada.....	q. s.
Gomma arabica pulv....	50 centig.	Glycerina officinal.....	q. s.

Misture o iodoformio e a gomma arabica. Faça com a menor quantidade possivel d'agua e de glycerina, massa molle. Divida e enrole em cylindros de diversos tamanhos.

Pilulas anti-choreicas (Souza Lima).

Cyanureto de zinco.....	20 centig.	Bromureto de zinco.....	2 gram.
Iodoformio.....	40 —	Extracto thebaico.....	30 centig.

F. S. A. 24 pilulas. — D. 4 até 8 por dia na choréa, epilepsia e hysterismo rebelde.

Pilulas anti-nevralgicas (Souza Lima).

Cyanureto de zinco.....	20 centigrammas.
Iodoformio.....	40 —
Extracto thebaico.....	30 —

F. S. A. 24 pilulas. — D. 4 até 8 por dia nas nevralgias.

Pilulas contra as nevroses broncho-pulmonares e cardiacas (Souza Lima).

Cyanureto de zinco.....	20 centig.	Bromureto de camphora.	2 gram.
Iodoformio	40 —	Extracto thebaico.....	30 centig.

F. S. A. 24 pilulas. — D. 4 até 8 por dia, na asthma, angina do peito, etc.

IODURETOS. Combinações diversas em que o iodo entra por uma grande parte. Muitos d'esses saes são pouco usados, entre elles citaremos os ioduretos de amido, de ammonio, de calcio, d'ethyle, de enxofre, de zinco, etc.; alguns outros merecem mais descripção.

Iodureto de chumbo. É um sal amarello que passava outr'ora por um fundente activo util contra as adenites e os tumores, sobre os quaes se applicava uma pomada preparada com esta substancia. Quasi que não é mais empregada, pois é assaz duvidosa a sua efficacia.

Iodureto de ferro. Sal trigueiro, soluvel na agua, é muito util em therapeutica, principalmente no tratamento da anemia, do lymphatismo, da escrofula, dos enfraquecimentos provenientes de affecções chronicas, etc. Toma-se'o na dóse de 20 centigrammas a 1 gramma. Administra-se debaixo da forma de pilulas, xarope e grageias.

As principaes preparações que se recommendam d'este sal são :

1° O xarope e as pilulas de iodureto de ferro inalteravel de Blancard (*Veja-se* FERRO).

2° Xarope de iodureto de ferro, quina, e glycerina de Catillon. Convem especialmente á medicação das crianças lymphaticas, pallidas, com glandulas engurgitadas e em geral nos casos de escrophulas, humores frios, rachitismo, syphilis, tisica, etc.

Toma-se puro, uma colher *de sopa,* antes de cada refeição. Para as crianças, uma colher, *de chá* ou *de sobremeza,* segundo a idade.

3.° Capsulas de iodureto de ferro e cascara sagrada de Demazière.

Estas capsulas não produzem nauseas, nem colicas, nem diarrheas. Tomam-se na dóse de quatro par dia.

Iodureto de mercurio. Este sal se usa debaixo de differentes formas : protoiodureto de mercurio e biiodureto de mercurio. Estes dois saes são receitados mui frequentemente no tratamento da syphilis. Apresentam um inconveniente que é de provocar mui depressa a salivação se não se velar attentamente sobre sua acção; tambem irrita muito o estomago apezar do opio que se lhe ajunta. O protoiodureto emprega-se em pilulas na dóse de 5 a 10 centigrammas, por dia; o biiodureto que é mais perigoso não deve ser receitado em dóse maior do que 10 a 15 milligrammas.

Iodureto de potassio. Sal branco, soluvel na agua, facilmente absorvido pelo organismo. É um excitante da nutrição tomado em fracas dóses; em dóses mais fortes é util na anemia. Muitas vezes elle determina coryza, lagrimejamento, cephalalgia nos individuos que não estão acostumados a tomal-o. Apparecem depois erupções cutaneas acompanhadas as vezes de accidentes nervosos. Dado ordinariamente em dóses que variam entre 50 centigrammas e 6 a 8 grammas, este medicamento produz bons effeitos no tratamento do periodo terciario da syphilis, na escrophula, o rheumatismo chronico, a ataxia locomotriz e nas intoxicações pelo chumbo.

IPECACUANHA ou **Poaya.** *Cephœlis ipecacuanha*, Richard. Rubiaceas. Pequeno arbusto que habita nos mattos do Brazil, nas provincias de Pernambuco, Bahia, Minas, Matto Grosso, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo (fig. 583). É um pequeno arbusto rasteiro ou pouco elevado acima da superficie da terra; a raiz constitue um dos mais preciosos medicamentos. Este arbusto tem folhas ovaes, lanceoladas, oppostas, verdes, as flores brancas, o fructo ovado, denegrido. As raizes, taes como se acham no commercio, tem 27 millimetros a 11 centimetros de comprimento, torcidas, da grossura de uma pequena penna de ganso, com muitos anneis irregulares, epiderme cinzenta denegrida; cheiro fraco, mas desagradavel; sabor amargo e nauseante. São formadas de uma parte cortical, cuja fractura é esbranquiçada ou cinzenta e resinosa, e de uma parte mediana, fibrosa amarellada, tendo menos sabor. Esta especie chama-se cinzenta; é a melhor de todas, e forma os



Fig. 583. — Ipecacuanha.

tres quartos da ipecacuanha do commercio; as outras especies (roxa e branca), fornecidas pelas outras arvores da mesma familia, são menos estimadas.

A introducção da poaya na Europa data do anno de 1672. N'esta epoca, um medico franccz, chamado Legras, trouxe da America certa quantidade d'ella, que depositou n'uma botica, onde foi vendida com o nome de *mina de ouro*. Mas o medicamento, tendo sido administrado em casos em que não convinha, perdco logo a sua reputação. Quatorze annos depois, isto é, em 1686, um negociante trouxe para Pariz 70 kilogrammas de poaya. Helvetius, cclcbre medico, fez experiencias com esta raiz, confirmou sua grande efficacia em muitas molestias, e cm recompensa dos seus trabalhos reccbco de Luiz XIV empregos, honras e riquezas. O uso da ipecacuanha espalhou-se logo por toda a Europa. O véo que cobria a sua origem e a avidez do lucro nos mercadores occasionaram numcrosas falsificações. Cada paiz da America julgou possuir esta preciosa planta, e o nome de ipecacuanha foi applicado a muitas raizes que não offerccem com a poaya do Brazil outras analogias senão a de excitar os vomitos em virtude do principio acre que contém. D'ahi vem o grandc numero de ipecacuanhas falsas que se acham no commercio.

A raiz de poaya administra-se principalmente em pó, para provocar os vomitos, na dóse de 75 a 150 centigrammas para os adultos, de 30 a 50 centigrammas para as crianças, cm uma pouca d'agua morna. Dá-se tambem em infusão, que se prepara com 8 grammas de poaya e um copo d'agua quente. Esta raiz entra em muitas preparações; as principaes são : o xarope de ipecacuanha, que se administra principalmente nas bronchites das crianças, na dóse dc uma a duas colheres *de sopa*, e as pastilhas, dc quc se tomam duas a quatro por dia como expectorantes.

IPU. *Veja-se* Batata de purga.

IRIDECTOMIA. Ablação da iris. Operação que sc pratica com o fim de sc fazer uma pupilla artificial, ou para combater certas affecções do globo do olho, taes como o glaucome ou a irido-choroidite. Corta-se a esclorotica com uma faca especial; o operador pega na iris na parte superior, com umas pinças muito finas e pucha uma parte para fóra; corta-se essa parte com tezoura, em diversos sentidos, segundo a forma que se quer dar á pupilla artificial. Applica-se depois uma venda sobre o olho que se tira só quando a cura é completa.

IRIS. Membrana circular collocada na parte anterior do olho, por diante do crystallino que lhe é contiguo; acha-se dentro do humor aqueo, no qual forma um septo vertical que separa uma da outra as duas camaras. A parte média d'esta membrana apresenta uma abertura chamada *pupilla* ou *menina do olho*.

IRITE ou Iridite. Inflammação do iris. Póde ser aguda ou chronica.

Irite aguda. *Causas.* Esta molestia observa-se em consequencia das feridas penetrantes do olho, das operações da cataracta, da pupilla artificial; é ás vezes consecutiva ás inflammações da conjunctiva.

Symptomas. A irite annuncia-se pela mudança de côr do iris, que se torna amarello se o olho é preto, verde se olho é azul; pela immobilidade da pupilla; emfim pela deformação, e pelas adherencias parciaes da margem pupillar com a capsula do crystallino. O olho faz-se vermelho á roda da cornea transparente. No principio ha pouca dôr, a vista está algum tanto confusa; mas logo depois augmenta a dôr, e mesmo torna-se excessiva; o doente não póde supportar a luz; no ultimo periodo, a vista acha-se quasi completamente extincta.

Tratamento. Principia o tratamento pela applicação de cinco bichas atraz de cada orelha.

Façam-se depois fricções na testa com a pomada seguinte :

Pomada mercurial cinzenta.....	30 grammas.
Extracto de belladona.....	1 gramma.
Camphora.....	1 —

Friccionam-se as fontes, duas vezes por dia, com uma porção d'esta pomada do tamanho do de uma azeitona. Administra-se depois um ou dois purgantes.

Irite chronica. É caracterizada pela confusão da vista, pouco ou nenhuma dôr, deformação da pupilla, mudança de côr do iris. O tratamento compõe-se de causticos na nuca e de purgantes repetidos. As fricções com a pomada mercurial, indicadas contra a irite aguda, podem tambem ser empregadas com vantagem contra a irite chronica.

IRRIGADOR EGUISIER. Instrumento empregado para clysteres e injeções. *Veja-se* CLYSTER, vol. I, pag. 610.

IRRITAÇÃO. Esta palavra designa o primeiro gráo de exaltação das propriedades vitaes n'uma parte qualquer do corpo. A irritação é de alguma sorte o primeiro periodo da inflammação com affluxo de sangue: o seu caracter essencial consiste em não produzir immediatamente modificação apreciavel nos tecidos; só as funcções do orgão parecem experimentar alguma desordem.

Póde a irritação ser produzida por varias causas; por exemplo : um grão de areia entra no olho, irrita-o, o olho lagrimeja, fica vermelho; isto prova que a acção vital está augmentada n'esta parte. Da mesma maneira um vomitorio irrita o estomago, e um purgante os intestinos, vapores acres irritam os pulmões e produzem a tosse, etc., etc.

Segundo o que acabei de dizer, está claro que a primeira cousa que se deve fazer na irritação consiste em remover a causa que a produzio; e, cessando esta, quasi sempre cessa o mal. Se, entretanto, se recorresse a isso muito tarde e a irritação já tivesse progredido, existiria então *inflammação*, e a medicação mais conveniente seria a chamada *autiphlogistica*. *Veja-se* INFLAMMAÇÃO.

ISCA, ISCA HEMOSTATICA. *Veja-se* AGARICO.

ISCHEMIA. Dá-se este nome em medicina á suspensão da circulação arterial e ao estado dos orgãos nos quaes a circulação está parada, em razão da compressão mecanica de um tronco arterial ou em consequencia de embolia.

A compressão artificial faz-se nas amputações, e outras operações por meio do compressor simples d'Esmarch (fig. 584).

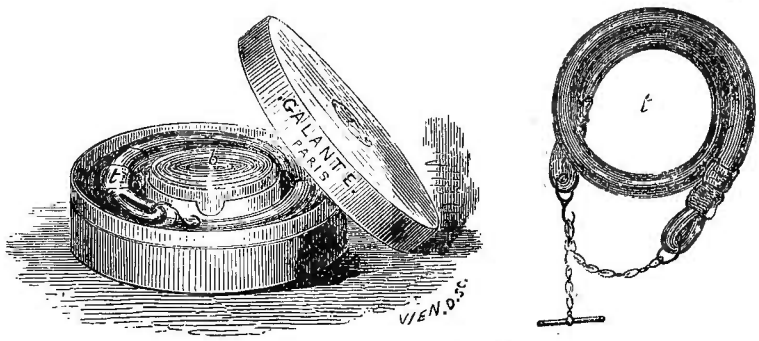


Fig. 584. — Compressor d'Esmarch.

ISCHL. Austria. Agua salina fria. Esta agua torna-se salina artificialmente, fazendo chegar agua ordinaria ás minas de sal gemma, e deixando-a demorar-se ali bastante tempo para que se sature. Dá-se-lhe então o nome de *soole*. Depois, por meio das bombas, tira-se e dirige-se aos immensos reservatorios, onde uma parte d'ella é destinada para fazer sal, e outra para banhos. A *soole* é quasi inteiramente formada de chlorureto de sodio e de vestigios de ferro, silica, iodo e bromo; usa-se sobretudo em banhos, pouco como bebida. Os banhos não se administram, com agua salgada pura, porém sim misturada com agua ordinaria; aproveitam nas escrophulas e molestias cutaneas. A sua acção é ajudada pelo uso interno do soro de leite, que se toma de manhã na dóse de tres a quatro copos. A estação de Ischl reune todos os annos muitas pessoas affectadas de molestias de peito, que vem pedir a cura ao bom clima e ás emanações salinas das aguas mineraes. O estabelecimento, onde se bebe o soro de leite, representa uma vasta galeria coberta. A estação thermal dura de 15 de maio até fins de setembro. Vai-se de Pariz a Ischl pela estrada de ferro em 32 horas.

ISCHURIA. Impossibilidade de ourinar, retenção completa da ourina. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.

ISOLAMENTO. Separação dos doentes acommettidos de affecções contagiosas, d'aquelles cujas affecções não são transmissiveis. O isolamento é indispensavel para todos os doentes acommettidos de sarampos, variola, escarlatina, diphterie, typho, cholera, febre amarella, erysipela, febre puerperal, etc. Evitar o menor contacto entre esses doentes e os individuos sãos é uma necessidade que deveria ser reconhecida de todos; a applicação d'esta medida devia ser severa especialmente nos hospitaes das crianças onde o contagio parece grassar com maior força do que nos adultos.

O isolamento é o melhor modo de tratamento das affecções mentaes; basta separar completamente o doente de tudo e de todos com que vivia para cural-o, ou pelo menos diminuir muito a molestia.

ITAPICURÚ. Brazil; provincia da Bahia. Aguas salinas quentes.

A comarca de *Itapicurú*, dista quarenta e quatro legoas da cidade da Bahia. As vertentes de suas aguas mineraes acham-se situadas irregularmente pela margem do rio Itapicurú, em uma extensão de quasi sessenta e seis kilometros, e apresentam a temperatura superior á do ar ambiente. Os Srs. Dr. Eduardo Ferreira França. Dr. Ignacio Moreira do Passo, e Manoel Rodrigues da Silva, analysáram tres principaes vertentes d'estas aguas, e publicáram o resultado do seu trabalho no *Commercio*, jornal da Bahia (anno de 1843, nos 115 e 116) : o que deixei dito, e o que segue é extrahido d'essa publicação.

Vertente da mãi d'agua do Sipó, distante da villa de Soure desoito a vinte e quatro kilometros, 10 a 11 metros da margem direita do rio Itapicurú. Esta agua não tem côr nem cheiro; o sabor é salino; a temperatura 39° cent; sahem d'ella continuamente uma multidão de bolhas de gaz, que se reconheceo ser o ar atmospherico, 5 litros d'agua mineral contém em solução os corpos seguintes :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio.....	4,237	Carbonato de magnesia.....	0,120
— de calcio.....	0,150	Acido silicico.....	0,150
— de magnesio.....	0,217	Peroxydo de ferro.....	0,085
Sulfato de soda.....	0,045	Perda	0,508
Bicarbonato de soda.....	0,348		
Carbonato de cal.....	0,095	Total.....	5,961

Vertente de Mosquete, trinta kilometros distante da villa da Missão da Saude, ao lado esquerdo do rio Itapicurú. A agua é limpida e transparente, sem cheiro, nem sabor; a sua temperatura é de 36°. — 10 litros d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio.....	0,584	Carbonato de magnesia.....	0,260
Acido silicico.....	0,180	Perda.....	0,237
Sulfato de soda.....	0,015		
Carbonato de cal.....	0,254	Total.....	1,530

Vertente da villa de Itapicurú, outr'ora Missão da Saude, distante um kilometro da villa de Itapicurú. A agua é limpida e transparente; sem cheiro; de sabor algum tanto salino; a sua temperatura é de 31° cent. — 5 litros d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Chlorureto de sodio.....	0,935	Carbonato de magnesia.....	0,150
— de magnesio.....	0,152	Peroxydo de ferro, vestigios.	
Acido silicico.....	0,036	Materia organica destruida..	0,206
Sulfato de soda.....	0,021	Perda.....	
Carbonato de cal.	0,214	Total.....	1,714

Além d'estas aguas ha na comarca de Itapicurú outras, porém menos importantes cujas vertentes são denominadas *Rio Quente, Ferventinho do Sabiá, Talhado, Olho d'agua*, e *Fonte da Lage*, que todas são mais ou menos quentes. Contém quasi as mesmas substancias; porém em mui pequena quantidade.

As aguas de Itapicurú aproveitam em banhos nos rheumatismos,

ankyloses incompletas, molestias de pelle, paralysias; e internamente na gota, catarrho vesical, areias, engurgitamento do figado e do baço.

J

JABALCUZ. Hespanha. Aguas salinas quentes; 50° Usam-se em banhos e em bebidas contra as enfermidades nervosas, rheumatismo, gota, paralysia, areias.

JABORANDI. *Ottonia anisum*, Sprengel. Arbusto do Brazil, da familia das Piperaceas. Ramos sarmentosos, nodosos; folhas alternas, quasi rentes, inseridas sobre as nodosidades, ovaes, oblongas, acuminadas; flores dispostas em espigas; fructo akenio oval, com quatro sulcos profundos, contendo uma só somente; cheiro aromatico. A raiz mastigada produz uma abundante secreção de saliva, e empregada d'esta maneira aproveita nas dôres de dentes. A tintura, que se prepara macerando 1 parte de raiz em 8 partes de alcool rectificado, emprega-se em fricções sobre os membros paralysados. No Pará dá-se o nome de jaborandi á *Alfavaca de cobra* (*Monnieria trifolia*, Aublet), planta da familia das Rutaceas. (*Veja-se* vol. I, p. 99.)

JABORANDI. *Pilocarpus;* variedede do *Pilocarpus pennatifolius*, Lemaire. Rutaceas (fig. 585). Arbusto do Brazil, que habita na provincia de Pernambuco, do Ceará e nas outras provincias do Imperio. Do Brazil foi transportado para algumas estufas da Europa. As estufas do Museo de Pariz contém alguns arbustos vivos. *Raiz* cylindrica, de cerca de 18 millimetros de diametro, de côr, amarellada pallida, de cheiro de casca de laranja, fraca, de sabor pouco sensivel a principio, mas que se torna picante depois. *Caules* de dimensão variavel, desde os mais delgados até porções de 3 centimetros de diametro; cobertos de casca cinzenta anegrada marcada de nodoas brancas. *Folhas* alternas, compostas de tres a cinco pares de foliolos e um impar; os foliolos são de tamanho variavel, tambem na mesma folha; 6 a 12 centimetros de comprimento e 2 a 4 na sua maior largura; são oppostos, ovaes alongados ou ellipsoides, obtusos ou levemente cortados em fórma de meia-lua na extremidade superior, levemente inequilaterios na base; são glabros, lisos, curtamente peciolados ou mesmo sesseis; de cheiro levemente aromatico, quando esmagados entre os dedos; sabor algum tanto acre. Expostos á luz, estes

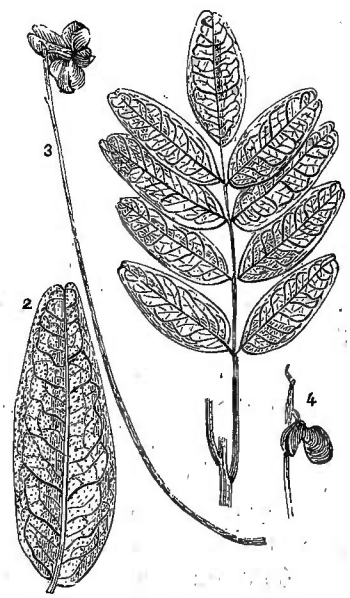


Fig. 585. — Jaborandi (*).

(*) 1. Folha inteira. — 2. Foliolo. — 3. Fructo inteiro e pedunculo. — 4. Um carpello do fructo aberto.

foliolos appareeem crivados de pontos transpares, que são constituidos por pequenos reservatorios de oleo essencial. A *inflorescencia* é um eacho de 15 a 20 centimetros e mais de comprimento, eomposto de numerosas flores.

O *fructo* é formado de cinco carpellos, de que só dois ou tres chegam a amadurecer; e então os carpellos maduros separam-se em 2 valvas, e representam em ponto pequeno uma eoncha bivalve aberta deixando ver o mollusco. Cada carpello contém uma só semente preta, brilhante, reniforme e biconvexa.

O Dr. Baillon, lente de Botanica na Faeuldade de medieina de Pariz, attribue este *jaborandi* ao *Pilocarpus pennatifolius*, vegetal descripto por Lemaire, e cujas folhas existem no hervario do Museo de Pariz.

Propriedades. As folhas de jaborandi possuem propriedades diaphoreticas verdadeiramente extraordinarias. A sua acção faz-se sentir no fim de alguns minutos. Bebe-se, para este fim, uma infusão de 4 grammas de folhas de jaborandi em 180 grammas d'agua fervendo. Dez minutos depois da administração d'esta infusão, que não é necessario beber quente, a pessoa, que teve a precaução de se deitar e cobrir-se de roupas, é acomettida de suores que continuam a produzir-se durante quatro ou cinco horas. N'este meio tempo sobrevem abundante secreção de saliva e excreção bronchica não menos eopiosa.

É ao Sr. Dr. S. Coutinho, de Pernamhuco, que se deve o conheeimento d'estas propriedades do jaborandi. Elle trouxe a Pariz por amostra uma porção da planta; e os ensaios feitos com ella pelo Sr. Dr. Gubler, lente da Faculdade de medicina de Pariz e medico do hospital Beaujon, e por outros facultativos, mostraram que o infuso das folhas produz transpiração e salivação tão abundantes, como não se vio ainda em outro dos medicamentos usados para o mesmo fim. Estes factos foram verificados em Portugal. O Sr. João Baptista Rollo, medico distincto d'Evora, apresentou á Sociedade das sciencias medicas de Lisboa observações identicas, que foram publicadas na *Gazeta medica de Lisboa* de 13 de Janeiro de 1876. Coisa notavel, a intervenção do calor tem medioere importancia na producção dos effeitos sudorificos do jaborandi, entretanto que é preponderante quando se administra chá de subugueiro, de borragem e de outras plantas sudorificas. De certo, não é inutil tomar a infusão quente e cobrir-se de cobertor, mas o novo diaphoretiro não exige estas condições para manifestar o seu poder: O Dr. Gubler refere que um dos seus alumnos, que não transpira senão com difficuldade, obteve a sudação tomando, ao levantar-se da cama, uma chieara de infusão de jaborandi apenas tepida.

As folhas reduzidas a *pó* são tambem sudorificas e sialagogas. O *extracto* das folhas produz igualmente uma diaphorese e salivação abundante. As folhas contém um alcoloide (*pilocarpina*) que goza das mesmas propriedades therapeuticas e physiologicas.

Usos. Verificadas as propriedades sudorificas e sialagogas do jaborandi, foi esta planta proposta contra as molestias que se curam pro-

vocando a transpiração, e são numerosas. Citarei só algumas das principaes : bronchite, diabete, nephrite, pleuriz, derramamento pleuritico, hydropisias, febres eruptivas impedidas na sua evolução, etc., etc.

Internamente. *Infusão:* 4 grammas de folhas de jaborandi; para 150 grammas d'agua fervendo. Esta infusão é levemeate aromatica e de pouco sabor.

JABOTICABEIRA. *Eugenia cauliflora*, Martius. Arvore do Brazil. Myrtaceas. Folhas oppostas, oblongas agudas, lisas, coriaceas, com as margens onduladas; flores quasi rentes; fructo (*jaboticaba*), baga de côr purpurea roxa, ás vezes manchada de verde, globosa, pouco mais ou menos de uma pollegada de diametro, lustrosa, coroada por um disco opaco; casca do fructo coriacea, polpa quasi liquida com uma a seis sementes. A polpa do fructo é adocicada e muito agradavel. Os doentes de febre podem chupal-a com vantagem. A casca do fructo é adstringente, o seu cozimento emprega-se em gargarejos nas esquinencias, e em clysteres contra a diarrhea. Este cozimento prepara-se com 30 grammas da casca e 500 grammas d'agua. Ha diversas especies de jaboticabeiras, cujos fructos são comestiveis.

JACA. Fructo de uma arvore originaria das Indias orientaes, commum no Brazil, *Artocapus integrifolias,* Linneo, da familia das Artocarpeas. Arvore elevada e copada, de casca grossa e rachada; transuda d'ella um succo leitoso e viscoso; folhas ovaes, de 12 centimetros e mais, duras, grossas, lustrosas, de côr verde-negra, fructo (a jaca) ovoide ou redonda, tendo de extensão mais de 48 centimetros; e de peso 25 a 30 kilogrammas, ás vezes 40. Sua superficie apresenta saliencias cónicas, de côr verde-amarellada. Interiormente compõe-se de polpa filamentosa, amarellada, viscosa, doce, de cheiro pouco agradavel, que se divide em compartimentos, em cada um dos quaes se aloja uma baga de 6 centimetros, gelatinosa, de sabor doce, tendo no centro um caroço oval e alvacento. Come-se a massa assim como o caroço assado. Na provincia das Alagoas, com tal abundancia existe esta fructa, que até se dá ao gado. Existem no Brazil tres variedades : a *jaca dura,* a *jaca molle* e a *jaca manteiga;* a primeira tem maior aceitação.

JACARÉ. *Veja-se* Crocodilo.

JACARÉ-ARU. *Veja-se* Caférana.

JACATUPÈ. *Pachyrrhizus angulata.* Leguminosas. Planta do Brazil; habita nas provincias do norte. A raiz bulbifera, muito desenvolvida, compõe-se quasi completamente de fecula que, depois de bem lavada, póde servir de alimento. As sementes são tidas por venenosas. O Sr. Dr. Peckolt, porém, julga-as innocentes. Os Indios chamam esta planta *abacucu.*

JACINTHO. Pedra preciosa de um vermelho alaranjado, misturado de roxo. Ha quatro especies d'esta pedra; a 1ª de côr escarlate, lança raios como o fogo : é a esta qualidade que se dá o nome de *bello jacintho;* a 2ª especie tem uma côr de açafrão avermelhado; a 3ª é semelhante ao ambar amarello, mas é mais dura; a 4ª é transparente e branca. Os jacinthos acham-se no Brazil, Ceylão, Arabia, Bohemia, etc.

Tem poueo valor ; raras vezes empregam-se como joias ; servem principalmente para a gravura.

JACINTHO. *Hyacinthus.* Genero de plantas, da familia das Liliaceas, que contém mais de 2,000 variedades, que habitam na Asia menor e são cultivadas nas estufas da Europa. São plantas herbaceas que nascem de uma raiz em fórma de cebola ; as folhas longas e quasi lineares, sahem da terra sob a fórma de um feixe, no meio do qual se levanta uma haste lisa terminada por um pennacho de flores singelas ou dobradas, de cheiro suave e de varias côres, branca, amarella, roxa, rosea, etc. Houve amadores hollandezes que no 18° seculo chegaram a pagar até um conto de réis por um unico bolbo de uma variedade nova. Hoje este furor tem diminuido muito. Os jacinthos entravam tambem na composição de algumas preparações pharmaceuticas, que já não se empregam.

Na linguagem das flores o jacintho é o symbolo da dôr e da delicadeza.

JACUA-ACANGA. *Veja-se* AGUARÁ CIUNHÁ-AÇÚ.

JAKIRANABOIA. *Fulgora lanternaria*, Linneo. Insecto que habita nas Guyanas e outras partes da zona quente. Tem 7 a 8 centimetros de comprimento, e 10 a 12 de largura ; é de côr amarella esverdeada, salpicado de preto e branco, com grande olho amarello cercado de preto, e tendo uma pupilla da mesma côr com duas manchas brancas. A cabeça tem mais de 2 centimetros de comprimento, é globosa, com uma proeminencia em cima. E uma borboleta em ponto grande. Os Indios attribuem-lhe qualidades maleficas e venenosas ; no entanto este insecto é innocente e innoffensivo ; e tudo quanto se conta de estragos e mortes por elle causadas em tripulações de canoas, em aldeias dos Indios, nas roças, etc., não passa de uma mera historia fabulosa ; e poucos são hoje os que ainda acreditam no ferrão mortal, que lhe sahe do peito, para dar cabo das outras especies viventes.

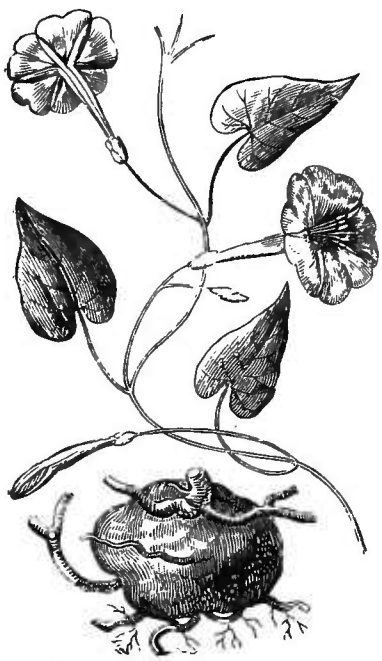


Fig. 586. — Jalapa officinal.

JALAPA. *Exogonium purga*, Bentham. Convolvulaceas. Planta que habita no Mexico (fig. 586). Caule herbaceo, sarmentoso, enroscando-se á roda das outras plantas, cylindrico, liso, da grossura de uma penna de ganso, de côr roxa brilhante: folhas alternas, peeioladas, cordiformes, profundamente cortadas na base, acuminadas ; flores grandes pedunculadas, solitarias ou reunidas em duas, pedunculos axillares, corolla em fórma de funil, côr de rosa desmaiada; fructo, capsula ovoide arredondada, com 4 loculamentos, contendo cada um uma semente globosa, glabra ; raiz tuberosa, arredondada, mais ou menos irregular, branca, carnosa, eheia de um sueco lactescente resinoso. No commercio esta

raiz acha-se em talhadas ou rodellas compactas, pardo-escuras por fóra, esbranquiçadas ou amarelladas por dentro, com linhas concentricas; superficie enrugada, fractura lisa, ondulada com pontos brilhantes, sabor a principio fraco, depois acre; cheiro nauseante (fig. 587). A raiz

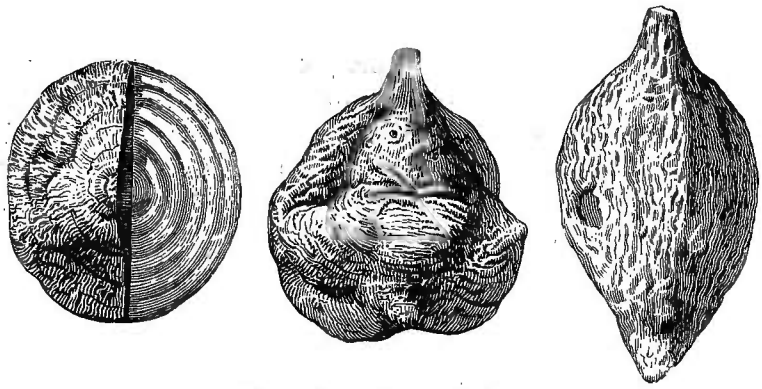


Fig. 587. — Raiz de jalapa.

de jalapa administra-se como purgante em pó ou em pilulas na dóse de 1 a 5 grammas. Extrahe-se d'esta raiz uma resina, cujas propriedades purgativas são muito mais fortes: dá-se na dóse de 10 a 50 centigrammas.

JALAPA DO BRAZIL. *Veja-se* BATATA DE PURGA.

JALAPÃO, TIU, RAIZ DE LAGARTO. *Adenoropium opiferum.* Martius. Euphorbiaccas. Planta do Brazil; habita em Minas, S. Paulo, Goyaz, Bahia, Pernambuco. A sua raiz é purgativa na dóse de 1 a 4 grammas; e o extracto na de 1 a 2 grammas; é empregada na ictericia, hydropisias e obstrucções das visceras abdominaes.

JAMACARU, JARAMACARÚ, MANDACARÚ, FIGUEIRA DA INDIA, URUMBÉBA ou CUMBÉBA. *Cercus triangularis*, Martius. Nopaleas, segundo Martius; Cacteas, segundo Duchesne, Arbusto do Brazil. *Partes usadas: Fructo*, e *planta.* Antiscorbutico, refrigerante, peitoral e detersivo. — O succo dos fructos passa por antiscorbutico. A decocção da planta é refrigerante, e aconselhada nas febres biliosas. O succo espresso da mesma depois de cozida, e misturado no liquido do decocto com assucar sufficiente para ser levado á consistencia de xarope, é muito usado nas affecções pulmonares, nas tosses pertinazes. Externamente, em cataplasma nas ulceras sordidas, e nos tumores glandulares, depois de assada a planta no rescaldo (Dr. Castro, do Pará).

JAMBO. Fructo do jambeiro, *Jambosa vulgaris*, De Candolle, Myrtaceas, arvore da India, introduzida no Brazil. Este fructo é de côr rosea; tem um gosto agradavel e cheiro de rosa.

JANIPARINDIBA. *Gustavia brasiliana*, De Candolle. Myrtaccas. Arbusto do Brazil; habita especialmente nas provincias do Pará, Maranhão, Pernambuco. A raiz é amarga, acre e aromatica; as folhas trituradas exhalam um cheiro desagradavel; o lenho tambem é fetido. Com as folhas fazem-se cataplasmas que se applicam no lado direito do

ventre na dureza do figado. Os fructos provocam vomitos, embebedam os peixes. O succo de fructo tinge a pelle de preto.

JAPÁNA. *Veja-se* AYAPÁNA.

JAPECANGA. *Veja-se* SALSAPARRILHA.

JARRINHA. *Veja-se* MILHOMENS.

JASMIM. Flor do jasmineiro, *jasminum*, genero de plantas da familia das Jasmincas. São arbustos originarios dos paizes quentes, cujos ramos numerosos são dispostos em mouta, ou são delgados e trepantes sobre os corpos vizinhos; as folhas oppostas ou alternas são pinnuladas com um foliolo impar, mas frequentemente reduzidas a tres foliolos ou a uma só folha sobre um peciolo articulado. As flores são amarellas ou brancas, frequentemcnte roseas exteriormente, de ordinario dispostas em paniculas pouco guarnecidas, de um cheiro muito suavc. Os jasmineiros cultivam-se nos jardins do Brazil e de Portugal. A essencia dos jasmins é tão volatil, e tão difficil de se extrahir, que não se póde obter na agua ou no alcool pela distillação, como as outras essencias. Para obtêl-a é preciso embeber algodão cardado com oleo de ben, que é inodoro e pouco susceptivel de tornar-sc rancido, e dispôr este algodão, camada por camada, entre as flores de jasmim, cm peneiras que se cobrem ; passadas 24 horas, separa-se o algodão que se impregnou do cheiro do jasmim, e torna-se a pôr com flores novas; repete-se a operação até que o algodão adquira sufficiente cheiro, submette-se então este algodão á prensa para extrahir d'elle o oleo que se conserva em vidros cheios e bem tapados, para os usos da perfumaria.

JASMIM MANGUEIRA, JASMIM MANTEIGA. *Cerbera mangas*, Gaertner, Apocyneas. Vegetal venenoso, que habita nas provincias do Norte do Brazil.

JASPE. Pedra parecida com a agata, porém mais dura de lavrar; é de uma côr só, ou de varias; o mais estimado é o verde, salpicado de vermelho. O jaspe branco, que se parece com o marfim, é o mais raro. Acha-se esta pedra no Brazil, na Sicilia, Prussia, Siberia, etc. No Brazil acha-se particularmente na provincia do Amazonas, do Pará e na da Bahia nas jazidas existentes na villa da Barra, onde são conhecidas com o nome de *pedra de santeiro*. Todos os jaspes são empregados para a fabricação de objectos de ornato, taes como sinetes, vasos, caixas de relogios, e mesmo mesas, se o pedaço é bastante volumoso para se prestar a este uso. A sua dureza, muito maior que a do marmore, e a difficuldade que ha em o polir, dão sempre grande preço a estes objectos.

JATAHY, JETAHY, JATEHY, JETAHYBA, JATOBA, JATUBA, JETAICICA. *Hymenæa courbaril*, L (fig. 588). Arvore do Brazil, da familia das Leguminosas; habita em Minas, Bahia, Pcrnambuco, Amazonas. É uma arvore muito alta, de casca espessa, rugosa, de côr ruiva denegrida; lenho duro e avermelhado, ramos numerosos; folhas alternas, pecioladas, compostas de dois foliolos approximados, como conjugados, luzentes, de um vcrdo-escuro, ovaes-lanceolados, inteiros; inflorescencia disposta em paniculas ; fructo, vagem achatada, de 13 a 19 centimetros

de comprimento, de 5 a 8 de largura. Esta vagem é composta de um envolucro lenhoso, avermelhado, algum tanto rugoso, luzidio, contendo uma polpa farinhosa, amarellada, doce e agradavel ao gosto. No meio d'esta polpa acham-se 4 ou 5 sementes ellipticas, roxas, do tamanho de favas. Estes fructos, chamados *pão de lo de mico, fructa de jatahy*, são comestiveis e nutrientes, porém algum tanto grosseiros. Do tronco e dos ramos d'esta arvore mana grande quantidade de resina amarellada, transparente, que no Brazil se chama vulgarmente *resina de jatahy;* encontra-se de ordinario enterrada na proximidade das raizss, e algumas vezes em logares onde já não existe vestigio algum da arvore que a pro-

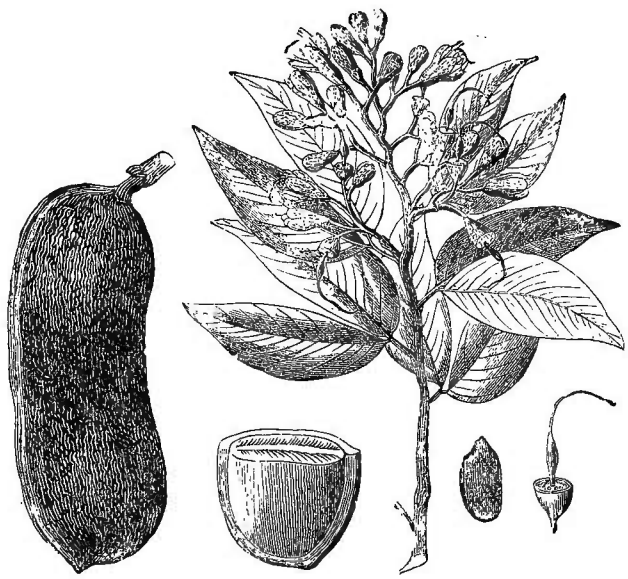


Fig. 588. — Jatahy.

duzio. Apresenta-se ordinariamente em pequenos pedaços, de fórma espherica, ou em grandes massas cobertas por uma camada terrea. A sua fractura é brilhante, o cheiro aromatico, pouco sensivel. Na exposição universal de Pariz, em 1867, havia muitos bocados cylindricos d'esta resina, procedentes da provincia do Amazonas e de outras partes; os maiores tinham 24 centimetros de comprimento e 7 de largura; a côr era amarellada, cinzenta, ou com veios avermelhados; a fractura vitrea. Esta resina é empregada nas artes para fazer vernizes, que são brilhantes e bastante solidos; serve aos indigenas para vidrarem a louça de barro, ou para se alumiarem. É tambem remedio popular contra os escarros de sangue; usam tomal-a em pó na dóse de 1 gramma, misturada com uma gema de ovo. Diluida em aguardente, agua e assucar, é preconizada pelos habitantes da provincia de Minas como efficaz na tosse chronica. Ha mais outras arvores no Brazil, da mesma familia, que fornecem semelhante resina. São :

Hymenæa stilbocarpa, Hayne (Minas, Bahia, Pernambuco).

Hymenæa Martiana, Hayne (mesmos logares).

Hymenæa Olfersiana, Hayne (mesmos logares).
Hymenæa stigonocarpa, Marius (Bahia, Piauhy).
Hymenæa Sellowiana, Hayne (mesmos logares).
Trachylobium Martianum, Hayne (Rio Negro).

JENIPAPO. *Veja-se* GENIPAPO.

JEQUIRITY. É a semente do *Abrus precatorius*, arbusto que habita nas Antilhas, na Africa, na India e no Brazil. Essas sementes são globulosas ou ovoides um pouco mais pequenas que um grão d'ervilha; são bem caracterizadas por seu tegumento de côr vermelha com um ponto preto ao redor do hilo. Essas sementes são empregadas ha muito tempo no Brazil no tratamento das molestias dos olhos. Teem sido experimentadas n'estes ultimos tempos em França, principalmente pelo celebre oculista Wecker, que d'ellas tem tirado um excellente resultado empregando-as no tratamento da conjunctivite aguda e chronica.

É necessario algumas precauções no emprego d'essas sementes; o doutor Wecker serve-se de loções frequentes, tres vezes por dia, e as repete tres dias seguidos com um collyrio a 2 e 3 0/0.

Prepara-se o collyrio, tirando as espispermes das sementes e depois pulverisando-as, macera-se em agua fria por algum tempo. As macerações devem ser empregadas logo depois de filtradas. A dóse das sementes não deve ser superior a 6, 9 ou 15 grammas para 300 grammas d'agua.

O doutor Cardozo, do Rio de Janeiro, emprega um outro processo: Elle manda preparar um extracto de jequirity do qual dissolve uma dóse determinada; n'essa solução dosada, molha um pincel que passa depois sobre a conjunctiva.

O Dr. Wecker julgava que a acção irritante das sementes de jequirity provinha da acção de um fermento, mas o Sñr Sattler, d'Erlangen, procurando esse elemento activo descobrio que a maceração d'essas sementes continha um bacillo que se multiplicava muito. Elle observou tambem que os productos de cultura d'esse bacillo produzem conjunctivites purulentas, como o jequirity, e que as infusões esterilizadas e privadas de bacillos não exercem nenhuma acção sobre a mucosa. O professor Cornil estudou tambem esta materia e confirmou no todo a exactidão das pesquizas do Sñr Sattler.

JERATACA. *Veja-se* MANACÁ.

JIQUIRIOBA. *Veja-se* GIQUIRIOBA.

JIQUITIBA. *Curatari legalis*, Mart. Myrtaceas. Grande arvore do Brazil, que habita especialmente na provincia de S. Paulo. Casca grossa, cinzenta, sulcada longitudinalmente; lenho avermelhado, pouco duro; folhas de peciolo curto, alternas, luzidias, ellipticas, irregularmente denteadas, e guarnecidas na base de dois pequenos appendices que se acham constantemente dobrados sobre o dorso da folha, flores dispostas em racimos de muitas flores, terminaes e axillares; fructo, capsula cylindrica, coriacea, operculada. A casca tem um gosto amargo e adstringente e é empregada em decocção, internamente nas diarrheas, em bebida e clysteres; e externamente, em gargarejos, nas esquinencias.

Esta decocção prepara-se com 30 grammas da casca e 500 grammas d'agua. O lenho é usado nas construcções civis.

JITO. *Veja-se* MARINHEIRO.

JOELHO. Assim se chama a junta ou articulação da perna com a coxa. Esta junta resulta do contacto da extremidade inferior do femur (osso da coxa) com a extremidade superior da tibia (cannela, osso da perna) e a face posterior da *rotula* ou rodela. Estes ossos estão reunidos por ligamentos mui fortes. A rotula é um osso achatado, redondo, que forma uma proeminencia na parte anterior do joelho. Vou indicar as principaes molestias de joelho :

Joelho (ABCESSO NO). *Veja-se* vol. I, pag. 7.

Joelho (AGUA NO) ou HYDARTHROSE. *Veja-se* HYDROPISIA DA JUNTA.

Joelho (CONTUSÃO DO). *Veja-se* vol. I, pag. 687.

Joelho (DESLOCAÇÃO DO). *Veja-se* vol. I, pag. 840.

Joelho (FERIDA DO). *Veja-se* FERIDAS DAS JUNTAS.

Joelho (FRACTURA DO). *Veja-se* FRACTURA DA ROTULA.

Joelho (GEITO OU TORCEDURA DO). *Veja-se* TORCEDURA.

Joelho (HYGROMA DO). *Veja-se* HYGROMA.

Joelho (INFLAMMAÇÃO DO). *Veja-se* ARTHRITE, vol. I, pag. 219.

Joelho (QUÉDA SOBRE O). O resultado ordinario da quéda sobre o joelho é uma *contusão*. Compõe-se o tratamento de applicação no joelho de pannos molhados em agua fria, durante os dois primeiros dias; depois, de cataplasmas de linhaça; ás vezes é necessario applicar bichas. *Veja-se* CONTUSÃO, vol. I, pag. 687.

Joelho (TUMOR BRANCO DO). *Veja-se* TUMOR BRANCO.

JUÁ-POCA. *Veja-se* CAMAPÚ.

JUGULARES. Grossas varizes que apparecem na região do pescoço. Existem tres que são superficiaes, cobertas somente pela pelle e pela aponevrose sub-cutanea. Os ferimentos d'ellas assaz frequentes não são muito graves, porque pode-se facilmente fazer parar o corrimento sanguineo. Deram-lhes os nomes de jugulares anterior, posterior e externa. Profundamente ao lado da arteria carotida e adiante do nervo pneumogastrico acha-se uma quarta veia jugular, muito volumosa que leva ao coração o sangue que atravessou o cerebro e o rosto. Muito mais raras que as precedentes, as feridas d'esta veia são quasi sempre mortaes.

É quasi sempre pelas veias jugulares que tem logar um accidente terrivel no correr das operações cirurgicas, a entrada do ar nas veias que occasiona subitamente a morte por parada do coração.



Fig. 589. — Jujuba.

JUJUBA ou **Açofeifa.** Fructo da maceira d'anafega. *Rhamnus*

ziziphus, Linneo, arbusto da familia das Rhamneas, originario do Egypto, Syria, Barbaria, d'onde foi transportado para a Italia; em Portugal, cultiva-se no Algarve (fig. 589). Este fructo é ovoide, carnoso, do tamanho de uma azeitona; polpa saccharina, um tanto vinosa; contém um caroço com dois repartimentos. Come-se fresco no paiz que o produz, ou conserva-se secco. As jujubas seccas fazem parte dos quatro fructos peitoraes, e entram na composição dos cozimentos e da *pasta de jujubas*, cujo uso é util nas molestias acompanhadas de tosse.

JULEPO. Palavra de origem arabe; serve para designar as poções doces e calmantes empregadas nos defluxos, e outras affecções do peito acompanhadas de tosse. O mais simples julepo é a mistura de uma chicara de chá de flores de malva com duas a tres colheres de xarope de gomma e uma colher d'agua de flor de laranjeira. Ajunta-se-lhe, ás vezes, uma colher de xarope de diacodio, para provocar o somno durante a noite.

JUMENTO, JUMENTA. *Veja-se* BURRO.

JUNÇA CHEIROSA ou **Albafor.** *Cyperus longus*, Linneo. Cyperaceas. Planta que em Portugal habita nos logares humidos e paludosos. Colmo folioso, de tres faces : umbella foliosa, sobre-composta; pedunculos nús; espigas alternadas. Raiz quasi lenhosa, roliça, ramosa, articulada, cercada de anneis approximados; secca, cheiro fragrante, agradavel; recente, cheiro mais debil, sabor amargo e balsamico. A raiz emprega-se na perfumaria.

JUNÇA COMESTIVEL. *Cyperus esculentus*, Linneo. Cyperaceas. Herva que habita na proximidade dos rios e mesmo n'elles; é originaria de Africa; acha-se no Brazil, particularmente nas provincias de Pernambuco e Alagoas; é uma especie de capim, de 1 metro de altura. A raiz compõe-se de radiculas delgadas que trazem na extremidade um tuberculo ovoide, do tamanho de uma azeitona. Este tuberculo é marcado de anneis circulares, e apresenta na parte inferior um pequeno prato coberto de fibrillas. É amarello por fóra, branco por dentro, de gosto adocicado, oleoso, como o de avelã; é uma verdadeira amendoa subterranea; é nutriente, e proprio, dizem, para provocar o appetite venereo.

JUNIPERO. *Veja-se* ZIMBRO.

JUNTA ou **Articulação.** Chama-se *junta* ou *articulação* a reunião de dois ou mais ossos. As juntas podem ser moveis e immoveis. As juntas moveis são : o hombro, o cotovelo, o punho, o joelho, as juntas dos dedos, da coxa, do pé, etc. As juntas immoveis são as dos ossos do craneo, das vertebras, dos dentes, etc. As juntas são sujeitas a varias molestias; eis-aqui as mais frequentes :

1.° ANKYLOSE. *Veja-se* vol. I, pag. 183.

2.° CONTUSÃO DA JUNTA. Esta lesão resulta de pancadas e quedas sobre as juntas. A primeira cousa que se deve fazer é applicar á parte offendida pannos molhados em agua fria. *Veja-se* vol. I, p. 687.

3.° DESLOCAÇÃO. *Veja-se* vol. I, pag. 828.

4.° DÔR NAS JUNTAS. *Veja-se* RHEUMATISMO.

5.° Feridas das juntas, *Veja-se* vol. I, p. 1127.
6.° Gota. *Veja-se* o artigo Gota.
7. Hydropisia da junta. *Veja-se* vol. II, pag. 163.
8.° Inflammação da junta. *Veja-se* Arthrite, vol. I, pag. 219.
9.° Rheumatismo. *Veja-se* Rheumatismo.
10.° Torcedura. *Veja-se* Torcedura.

JUREMA. *Acacia jurema*, Martius. Leguminosas. Arvore do Brazil; habita em Minas, Bahia, Pernambuco. Sua casca é adstringente, e o cozimento d'esta casca emprega-se em banhos contra as inchações erysipelatosas. 30 grammas para 1 litro d'agua.

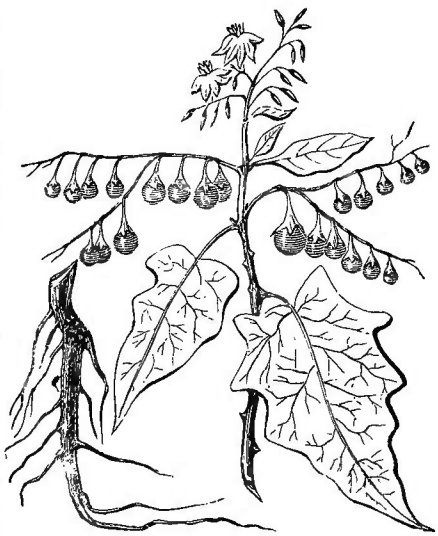


Fig. 590. — Jurubeba.

JURUBEBA, Juripeba ou Jupeba. *Solanum paniculatum*, Lin. Solaneas. Planta do Brazil; habita em Pernambuco e nas provincias do Norte (fig. 590). Caule espinhoso; folhas cordiformes, sinuosas e angulosas, glabras na face superior, tomentosas na inferior; flores terminaes dispostas em paniculas; fructo, baga espherica. Todas as partes d'esta planta contém um principio amargo. A infusão da raiz é aconselhada nas obstrucções do figado; prepara-se com 2 grammas da raiz e 250 grammas d'agua fervendo. As folhas frescas applicam-se nas feridas.

JUVIA. *Veja-se* Castanheiro do Maranhão.

K

KAIRINA. Substancia soluvel na agua, na glycerina e no alcool, e que se extrahe da quinoleina. Empregada no tratamento das molestias agudas, verificou-se que ella actuava sobre a febre e que fazia baixar muito a temperatura. No entanto essa diminuição do calor morbido vem acompanhado de arripios de frio e de certo mau estar que prova que a kairina não é um medicamento inoffensivo. Deve haver o maior cuidado no seu emprego e nunca receitar mais de 1 gramma 50 centigrammas a 2 grammas em tres ou quatro papeis.

KAMALA. Pó resinoso que cobre os fructos de uma arvore da India, *Rottlera tinctoria*, Hoschst, da familia das Euphorbiaceas. Apresenta-se debaixo da fórma de granulos vermelhos, quasi redondos, misturados com destroços de folhas e de talos. É muito empregado em Bengala como vermifugo, na dóse de 2 a 12 grammas.

KAVA ou **KAVA-KAVA.** *Piper methysticum ou inebrians.* Planta da familia das Piperaceas que habita as ilhas da Oceania. A raiz que é bastante grossa e de côr cinzenta é a que se emprega em medicina. É

diuretica e modifica com bastante rapidez a secreção do pus blennorrhagico e todas as inflammações das vias urinarias. Ella contem materias resinosas que são o principio activo.

O melhor meio de administrar a kava é em pilulas do doutor Fournier, que são mui soluveis no estomago, e, graças ao modo porque são preparadas, não provocam nenhum desarranjo digestivo. Administram-se na dóse de 8 a 15 por dia, ao almoço e ao jantar, bebendo-se em cima bastante agua. A diurese se produz no segundo ou terceiro dia, sem communicar ás ourinas nenhum cheiro particular.

KEFIR. Bebida feita de leite de vacca fermentada de um modo especial, que é usada pelas tribus do Caucaso. O fermento que põem no leite é constituido por levadura e bacteries especiaes. Debaixo de sua influencia o leite de vacca passa por uma fermentação lactica e alcoolica que o transforma em um liquido espesso, espumante e de sabor acre pouco agradavel quando se bebe pela primeria vez. A opinião dos medicos russos é que esse liquido é mais nutritivo do que o leite, por conter, alem das materias do leite, peptonas, alcool, etc. É uma bebida bem supportada pelos doentes aos quaes se a administra como reconstituinte, na dóse de 1 a 6 copos, por dia.

KERATITE. Inflammação da cornea, membrana transparente do olho, que se apresenta debaixo de duas formas : keratites superficiaes e keratites profundas. As keratites superficiaes são muito frequentes nas crianças escrophulosas ou lymphaticas; nos individuos accommettidos de granulações da conjunctiva ou de corpos estranhos. As keratites profundas se observam principalmente nos individuos que soffrem de rheumatismo, nos syphiliticos, nos escrophulosos e n'aquelles que têm blennorrhagia.

Os principaes symptomas d'esta molestia são : vermelhidão geral do olho, sobretudo ao redor da cornea que fica com um circulo bem pronunciado; lagrimejamento continuo; impossibilidade de supportar a luz, a qual produz uma impressão tão dolorosa que o doente, sem querer, fecha as palpebras. A cornea perde o seo brilho e sua transparencia e cobre-se de pequenos grãos ou vesiculas, de ulcerações, e em sua profundidade apparecem pequenos abcessos. N'este caso, a membrana pode se furar e então o olho se esvaziando, o doente perde completamente a vista.

O tratamento varia segundo a naturcza da keratite, deve elle ser feito por um medico habil. As instillações de atropina, cauterizações com sulfato de cobre e perchlorureto de ferro, fricções mercuriaes, applicações de bichas e vesicatorios nas fontes; juntamente com a administração internamente de iodureto de potassio e de oleo de figado de bacalhao, tal é o tratamento que se deverá seguir para se obter a cura completa.

KERMES MINERAL ou OXY-SULFURETO DE ANTIMONIO HYDRATADO. Pós de côr roxa vermelha, de aspecto aveludado, inodoros quando estão bem seccos, de cheiro um pouco sulfuroso quando humidos; insoluveis na agua. Expostos ao ar e á luz, perdem a côr vermelha e o aspecto aveludado. Em pequena dóse, 5 a 20 centigrammas, em pós, pilulas ou n'uma poção, o kermes favorece a expectoração, e emprega-se nas

bronchites e outras molestias do peito. Este remedio produz ás vezes vomitos.

KEROSENE. Oleo de naphta ou petroleo purificado, empregado para luzes.

KINO. Varios succos adstringentes provenientes de differentes arvores correm no commercio com o nome de *kinos*. As principaes especies de kinos são : 1.° Kino de Africa, fornecido pelo, *Pterocarpus erinaceus* e *marsupium* (Leguminosas). 2.° Kino de Botany-Bay, fornecido pelo *Eucalyptus resinifera* (Myrtaceas). 3.° Kino de Jamaica, produzido pelo *Coccoloba uvifera* (Polygoneas). 4.° Kino de Maduga, succo extrahido do *Butea frondosa* (Leguminosas). 5.° Kino de Amboina, da India ou verdadeiro, produzido pelo *Nauclea gambir* (Rubiaceas). Este ultimo, que é o das pharmacias, apresenta-se em massas irregulares, seccas, que se quebram facilmente em fragmentos mais pequenos, opacos, negros, brilhantes, de cheiro bituminoso fraco, sabor amargo e adstringente : um pouco soluvel em agua fria, muito mais soluvel em agua quente.

Adstringente, empregado nas diarrheas, nos escarros de sangue e outras hemorrhagias na dóse de 1 a 4 grammas em pó, pilulas ou poção.

KIRSCH ou KIRSCHENWASSER (das palavras allemãs *kirsche*, cereja, e *wasser*, agua), licor espirituoso que se obtem pela distillação das cerejas com seus caroços socados e suas amendoas. É tão forte como os liquidos mais espirituosos ; tem gosto delicado, muito agradavel, analogo ao das amendoas amargas, e que é devido á presença de pequena quantidade de acido prussico contido nos caroços e nas amendoas das cerejas. O melhor kirsch prepara-se na Floresta-Negra, na Allemanha. É um licor estomachico e excitante. Toma-se depois de jantar, em pequena dóse.

KISSINGEN. Aguas salinas frias.Itinerario de Pariz a Kissingen : A estrada de ferro conduz directamente de Pariz a Kissingen em 16 horas ; a viagem custa 90 francos.

Kissingen é uma pequena cidade de 2,000 habitantes situada na Baviera, no centro de um valle fertil, que atravessa o rio Saale. São tres as suas principaes fontes d'agua mineral : *Rakoczy*, *Pandur* e *Maxbrunn*. Temperatura 10° a 11° centigrados. A fonte Rakoczy, que é a mais importante, sahe aos borbotões de um poço. A agua é limpida e não exhala cheiro algum ; o seu sabor, acidulo e salgado, deixa um resaibo algum tanto amargo que nada tem de desagradavel. Exposta ao ar, depõe um sedimento amarello avermelhado. Contém, por litro, 9 grammas e 45 centigrammas de saes, que são : chloruretos de sodio, de magnesio e de potassio, sulfatos e carbonatos de cal e de ferro.

A composição da fonte Pandur approxima-se muito da de Rakoczy : sómente os saes acham-se n'ella em menor porção. Além d'isso, estas duas fontes contém notavel quantidade de gaz acido carbonico : Rakoczy $0^{lit},779$; Pandur $1^{lit},011$.

Quanto á fonte Maxbrunn, que se considera como simples bebida de mesa, sua mineralização é insignificante, em compensação é a fonte a mais gazosa de Kissingen.

É pela manhã que os doentes se dirigem ás fontes Kakoczy e Pandur. Aquella sobretudo tem muita concurrencia. A maior parte dos doentes bebem a agua tal como sahe do poço; outros fazem evaporar uma parte do gaz, mergulhando o copo n'agua quente. Vai-se depois dar um passeio nas alamadas do parque ou nas longas e bellas galerias do Kursaal (salão de cura), para voltar ao cabo de quinze ou vinte minutos, beber um outro copo. Isto dura cerca de duas horas. Pela tarde, das 6 ás 8 horas, a mesma affluencia perto das fontes; mas então é a fonte de Pandur que tem mais gente. Se de tarde se dá a preferencia a esta ultima fonte, resulta isso da sua menor actividade; não agita o sòmmo, como poderia fazer a fonte Rakoczy.

A dóse na qual se bebe esta agua nada tem de fixo; é ordinariamente de 3 a 6 copos de manhã, e de 2 a 4 de tarde; mas não se chega a esta dóse senão gradualmente. Regra geral, só se deve beber a quantidade d'agua mineral que o estomago digerir sem difficuldade.

As aguas de Kissingen são laxativas. A sua acção, nos primeiros dias, manifesta-se pelo augmento do appetite e da força; mas á medida que a agua mineral está absorvida, os seus effeitos generalizam-se. As evacuações alvinas tornam-se escuras, biliosas; as ourinas turvam-se e apresentam um deposito. Os doentes experimentam uma especie de prostração physica e moral; espantam-se de verem reapparecer os males desde longo tempo esquecidos, e que julgavam completamente curados. Porém esta crise, que se desenvolve do primeiro ao segundo septenario, não tarda a desapparecer, e a cura recobra então a sua marcha normal.

As aguas de Kissingen são uteis contra as affecções abdominaes, contra as hypertrophias do figado e do baço, e contra a gota. Administram-se não só como bebida mas tambem em banhos, que se preparam com agua de Pandur e com a de *Soolensprudel*. Esta ultima fonte, de que ainda não fallei, brota a alguns minutos de Kissingen : é uma fonte artesiana intermittente, de 104 metros de profundidade, a qual offerece alternativas de fluxo e de refluxo verdadeiramente extraordinarias, que se repetem seis ou sete vezes por dia. O Soolensprudel tem a temperatura de 18° centigrados; contém muito gaz acido carbonico; a sua composição é semelhante á de Rakoczy, sómente contém maior porção de sal marinho. Sobre o local, onde brota, levanta-se um bello edificio no qual se acha um arsenal balnear dos mais completos : duches de toda a especie, banhos de vapor, estufas, salas de inhalações e apparelhos hydrotherapicos. Emfim, o mesmo estabelecimento encerra banhos de lodo, assim como todas as variedades de banhos e de duches de gaz acido carbonico.

Kissingen é um logar agradavel. O Kursaal (sala de cura) apresenta uma magnifica columnata de 264 metros de comprimento. No centro do edificio existe uma vasta sala para as festas. Quanto ao Kurhaus (casa de cura), é um estabelecimento completo : sómente, desde que teve a fortuna de hospedar reis e imperadores, os preços tomaram taes proporções, que a casa se tornou inacessivel aos simples mortaes.

Um novo estabelecimento, chamado o *Estabelecimento thermal por*

acções, está situado no novo parque, do outro lado rio, defronte de Rakoczy e Pandur. É alimentado pela fonte artesiana de Schoenborn, distante uma hora de Kissingen, que antigamente servia só para a extracção do sal marinho. A sua temperatura é de 19 gráos, e a composição semelhante á do Soolensprudel. A agua é conduzida da nascente por tubos de ferro. O novo estabelecimento comprehende 40 gabinetes para banhos d'agua salgada, 4 para duches, 2 para estufas, e 12 para banhos de lodo. Este lodo, proviniente das montanhas de Rhoen, contém muitas substancias bituminosas.

A agua de Rakoczy, transportada, conserva-se bem; presta longe da fonte importantes serviços. A dóse é de 1 a 2 copos, pela manhã.

KOLA. Fructo do *Cola acuminata* planta da familia das Malvaceas que habita a Africa intertropical, a Indía e a America Central. Este fructo é uma noz na qual se encontra tannino, theobromina e cafeina. O extracto alcoolico d'esta noz, empregado na dóse de 2 a 8 grammas, passa por possuir notaveis propriedades tonicas e por combater, com feliz exito, as diarrheas chronicas, o que é devido talvez ao tannino que ella contem.

KRAMER. *Krameria triandra.* Planta da America da familia das Polygaleas, cuja raiz é muito conhecida debaixo do nome de *rathania.* (*Veja-se* RATHANIA).

KREUZNACH. Aguas salinas frias, na Prussia rhenana.

Itinerario de Pariz a Kreuznach: Vai-se pela estrada de ferro de Pariz a Kreuznach mesmo, em 16 horas. Despeza 67 francos.

Kreuznach é uma pequena cidade da Prussia, situada sobre a margem esquerda do Rheno. Os banhos, ali, não passam do accessorio das grandes emprezas commerciaes para a extracção do chlorureto de sodio (sal de cozinha) contido nas fontes mineraes. Convem dar a explicação do modo de obter o sal, porque esta explicação servirá para fazer conhecer a natureza das aguas-mães, isto é, do residuo da crystallização empregado para banhos.

A agua salgada sahe da terra a um gráo de concentração pouco adiantado. Para obter um gráo mais forte, conduz-se, por meio de maquinas hydraulicas, á parte superior de vastos telheiros formados de fachinas ordenadamente sobrepostas. A agua penetra gotta a gotta atravez das ramadas, divide-se infinitamente, e, despida pela evaporação de uma parte dos seus principios aqueos e dos seus saes menos soluveis, cahe nos vastos reservatorios, donde sahe e se dirige sobre novas fachinas. Só depois de seis operações d'este genero é que marca no areometro um gráo sufficiente de concentração; transporta-se então para immensas caldeiras, onde é submettida á calefacção prolongada. Pouco a pouco o sal marinho deposita-se sob a fórma de crystaes brilhantes, que se tiram á medida que se formam e que se fazem seccar antes de serem entregues ao commercio. Quanto á agua espessa que fica, recusando dar crystaes, e que se chama *agua-mãe,* reserva-se para uso medico.

Segundo as analyses a agua mãe contém, por litro, 8 grammas 70 centigrammas de bromureto de sodio, e 2 grammas 60 centigrammas de

bromureto de magnesio. Junta á agua dos banhos, em proporção variavel, communica-lhe propriedades muito mais energicas do que as que possuem as proprias fontes.

A mais conhecida d'estas fontes, a unica que merece occupar-nos, é a fonte *Elisabeth*. Temperatura 9° centigrados. O sabor é acre, salgado e algum tanto nauseabundo. Contém por litro 12ᵍ,242 de saes, de que 11ᵍ,642 de chlorureto de sodio; contém igualmente um pouco de iodo.

O tratamento consiste principalmente no emprego dos banhos, que se aquecem por meio do vapor d'agua fervendo que passa nos tubos collocados no fundo das banheiras. Tomadas em bebida, as aguas de Kreuznach tem acção fundente e depurativa, que se explica pela natureza dos saes e sobretudo do iodo que entra na sua composição. Tres ou quatro copos da fonte Elisabeth, bebidos de manhã em jejum, são sufficientes. Estas aguas gozam de reputação contra as affecções escrophulosas, dartrosas, cachexias syphiliticas, engurgitamentos chronicos do utero e dos ovarios.

KUMYS. Bebida gazosa analoga ao Kefir no ponto de vista de suas propriedades medicas e de sua preparação.

É fabricada na Russia d'Asia e da Europa, fazendo fermentar de um modo especial o leite de egua. N'este caso, o fermento que actua sobre o leite não é mais uma substancia estranha ao producto; para bem dizer, cultiva-se esse fermento, collocando caseina de Kumys forte em condições especiaes. Horas depois do contacto do fermento com o leite, bate se muito bem batido durante muito tempo; obtem-se então uma bebida gazosa de sabor picante assaz agradavel.

Como o Kefir, o Kumys é bem supportado pelo estomago, mesmo pelos doentes extenuados e que não podem tolerar nenhuma substancia alimentaria. É indicada com proveito na gastralgia, dyspepsia, extenuação consecutiva ás molestias chronicas, etc. Os medicos russos recommendam o Kumys especialmente como medicamento e ao mesmo tempo como alimento na tisica pulmonar. Dizem elles terem notado melhoras rapidas devidas ao emprego do Kumys.

KUSSO. *Veja-se* Cusso.

KYSTO. Designam-se sob o nome de kystos uns saccos membranosos, sem abertura, arredondados, que se desenvolvem accidentalmente na espessura dos tecidos, e contém substancias de diversas naturezas, liquidas ou solidas. A membrana que forma o sacco póde ser delgada, semelhante em tudo a uma membrana serosa; mas póde tambem ser formada de tecido fibroso, fibro-cartilaginoso e mesmo osseo. De ordinario não adhere senão fracamente aos tecidos vizinhos.

A cavidade do kysto é ordinariamente unica, mas póde tambem ser dividida em muitos loculamentos. As materias que se encontram no interior dos kystos differem muito. Ora é uma serosidade incolor, citrina e albuminosa; ora é um liquido esverdeado, turvo, mucilaginoso, de máo cheiro; ou então pus, sangue mais ou menos alterado, tendo a côr de chocolate. Algumas vezes encontram-se ali concreções fibrinosas, cartilaginosas, osseas, diversos corpos estranhos. O volume dos kystos

varía singularmente, desde o da cabeça de um alfinete até ao da cabeça de um homem adulto. Os kystos que adquirem este ultimo volume são ordinariamente multicolores e formados de paredes delgadas. A fórma dos kystos é em geral globosa; póde ser modificada pela pressão dos orgãos vizinhos, pela existencia de bridas naturaes ou accidentaes, que ás vezes os dividem em duas porções. A fórma é muitas vezes irregular, com proeminencias, nos kystos multiloculares. Os kystos mostram-se em todos os orgãos e em todas as regiões. São mais frequentes nas regiões abundantemente providas do tecido cellular, no pescoço, nas virilhas, na orbita. Acham-se tambem nas visceras, no cerebro, nos seios, no figado, nos rins, nos ganglios lymphaticos, e sobretudo nos ovarios.

Causas. O desenvolvimento dos kystos faz-se ordinariamente sem causa apreciavel. Em certo numero de casos, póde-se attribuir a sua origem a um attrito, a uma compressão ou á contusão violenta feita em epoca mais ou menos afastada.

Symptomas. Os kystos apresentam-se, no seu começo, debaixo da fórma de pequenos tumores duros, circumscriptos, moveis, sem mudança de côr na pelle, indolentes, e nos quaes é impossivel verificar a fluctuação. Quando, ao cabo de um tempo geralmente bastante longo, o tumor tomou um desenvolvimento mais consideravel, então é molle e fluctuante, ou duro e elastico : estas differenças resultam da densidade do liquido, da resistencia e da espessura das paredes do sacco. A sua fórma, ordinariamente arredondada, é dividida ás vezes em muitos lobos e apresenta proeminencias. A pelle, que o cobre, está estendida, muitas vezes azulada e percorrida por veias. Certos kystos serosos, salientes e de paredes delgadas, são translucidos; outros, cujas paredes são espessas e transformadas em involucro cartilaginoso ou osseo, não offerecem mais transparencia, nem fluctuação. Os kystos não alteram as funcções geraes da economia; só incommodam pela sua presença, pela compressão que exercem sobre os orgãos vizinhos, e emfim pelo peso, quando são mui volumosos.

Marcha e terminações. Os kystos desenvolvem-se lentamente; mas é raro que fiquem inteiramente estacionarios, e mais raro ainda que desappareçam espontaneamente. Entretanto ha exemplos de kystos que tem desapparecido pela resorpção rapida ou lenta; a cura teve tambem logar pela ruptura accidental do sacco e pela infiltração do conteudo no tecido cellular, onde foi absorvido. A inflammação do kysto póde tambem produzir a suppuração, a abertura no exterior e a obliteração definitiva. A ruptura não tem sempre resultado favoravel; póde ter por consequencia a reproducção do tumor, fistulas difficeis de curar, e mesmo vegetações de má natureza.

Tratamento. Os medicamentos internos, os emplastos, as pomadas não fazem desapparecer os kystos; é preciso recorrer a uma operação cirurgica, quando estes tumores causam incommodo pelo seu volume. Os methodos aconselhados são :

1.° A *puncção.* Este meio é só palliativo; não faz desapparecer o

tumor senão em casos mui raros; quasi sempre o liquido reproduz-se promptamente.

2.ª *Fazer suppurar o kysto.* Para isso, faz-se incisão sobre o kysto, ou practica-se excisão de uma porção de sua parede, e enche-se a cavidade com fios seccos, ou, então, introduz-se um sedenho no tumor.

3.ª A *extirpação completa.* Faz-se uma incisão sobre a pelle, separa-se o kysto das partes vizinhas, e extrahe-se inteiro.

4.ª A *puncção seguida da injecção.* Fura-se o kysto, deixa-se sahir a materia n'elle contida, e injecta-se dentro do sacco um liquido irritante, tal como o alcool, vinho quente ou tintura de iodo misturada com agua, que determinam a inflammação adhesiva das paredes do kysto e produzem a cura. A injecção é o melhor meio de tratamento dos kystos uniloculares e algum tanto volumosos.

Kysto do figado. *Veja-se* vol. I, pag. 1174.

Kysto do ovario. *Veja-se* HYDROPISIA DO OVARIO.

Kysto do seio. *Veja-se* SEIO.

L

LABAÇA. *Rumex patientia*, Linneo, Polygoneas. Planta europea cultivada no Brazil (fig. 591). Tem metro e meio de altura, raiz grossa, longa, perpendicular, amarga; caule sulcado, amarellado; folhas ovaes, lanceoladas, grandes; flores pequenas, esverdeadas. A raiz de labaça emprega-se como tonico e diaphoretico nas molestias do figado e da pelle, em infusão, que se prepara com 8 grammas da raiz e 360 grammas d'agua fervendo.



Fig. 591. — Labaça.

LABDANO. Resina que mana espontaneamente dos ramos e das folhas de muitos arbustos do genero *Cistus*, da familia das Cistineas, que habitam na ilha de Candia. É duro, secco, quebradiço, de cheiro suave. Entra na composição de alguns emplastos e na das preparações odoriferas.

LABIO LEPORINO. *Veja-se* BEIÇO RACHADO.

LACA. Resina, impropriamente chamada gomma (*gomma laca*), que sahe, sob a fórma liquida, dos ramos de muitas arvores da India (*Ficus indica*, *Ficus religiosa*, *Rhamnus jujuba*, *Croton lacciferum*, *terminalia*), d'onde mana em consequencia da picada que faz a femea de um insecto hemiptero, chamado *Coccus laca*. É no meio d'este liquido, que se condensa pouco a pouco, que o insecto se multiplica. A laca apresenta-se no commercio de baixo da apparencia de um succo concreto, semi-transparente, secco, quebradiço, de côr vermelha mais ou menos escura, de cheiro aromatico.

Conhecem-se tres especies: 1.ª *Laca em paos*, ainda adherente á extremidade dos ramos da arvore; 2.ª *Laca em grãos*, que foi tirada dos ramos e reduzida a pó grosso; 3.ª *Laca chata, em folhas ou escamas*, que foi derretida e escoada sobre o tronco liso de uma bananeira ou sobre uma pedra chata. Utiliza-se a laca para vernizes, para grudar a louça quebrada; serve sobretudo na tinturaria e na fabricação dos lacres. Em medicina é empregada como dentifricio.

Dá-se tambem o nome de *laca* a certos compostos de alumina, de greda, e de materia corante; emprega-se na pintura, e impressão dos papeis pintados, qualquer que seja aliás a materia corante.

A *laca carminada*, por exemplo, obtem-se misturando com uma solução de pedrahume (sulfato de alumina e potassa) uma decocção de cochonilha.

LACRAIA. *Veja-se* Escorpião.

LACTICO (ACIDO). Abundante no leite fermentado, acha-se tambem em muitas substancias assucaradas e feculentas que se fazem fermentar. Em estado normal encontra-se'o no homem, em muitos orgãos, sobretudo nos musculos após grandes fadigas e prolongado trabalho muscular.

Para se obter acido lactico, basta pôr o leite em contacto com qualquer alcalino; apparece uma levadura especial que precede a fermentação do acido. Empregado na dyspepsia, no rachitismo, no mai de Pott, é efficaz principalmente na diarrhea verde das crianças, de pouca idade. A cura é certa, na dóse de 1 a 2 grammas. Administra-se em poção ou em limonada.

Tambem se preconisou em medicina alguns lactatos, taes como o lactato de magnesia, de soda, de quinina, de zinco, etc, São muito pouco empregados actualmente.

LACTO-PHOSPHATO DE CAL. Nova preparação obtida pela dissolução do phosphato de cal por meio do acído lactico e que entra na preparação de diversas preparações pharmaceuticas entre outras no celebre Vinho de Cabanes, de quina, lacto-phosphato de cal e de ferro e que muito se emprega nas diversas affecções do estomago, no rachitismo, na anemia, na chlorose, nos vomitos da gravidez, nas escrophulas, flores brancas, na tisica e emfim no emmagrecimento prematuro, etc.

LACTUCARIO. Succo lacteo da alface obtido por incisão, e secco ao sol. Goza de propriedades calmantes, e emprega-se na dóse de 10 centigrammas a 1 gramma em pilulas, xarope e pasta. O xarope de lactucario é uma preparação que hoje os medicos empregam frequentemente no tratamento da bronchite, e de outras molestias de peito. Toma-se este xarope na dóse de uma a tres colheres *de sopa* por dia, puro ou em alguma poção. A dóse para as crianças é de uma colher *de chá*. Esta dóse deve ser augmentada, porque com o tempo, o habito torna-a insufficiente.

LACTINA. *Veja-se* Asssucar de leite.

LADILHAS. *Veja-se* Piolhos ladros.

LADRARIA. Molestia particular ao porco, que consiste no desenvolvimento de vermes vesiculares, denominados *ladras* ou *cysticercos ladricos*, que apparecem no tecido cellular debaixo da fórma de granulações brancas de fórma oval. O seu maior diametro tem 10 millim,; o diametro médio 6 millim.; o pequeno diametro 4 millimetros (fig. 592).

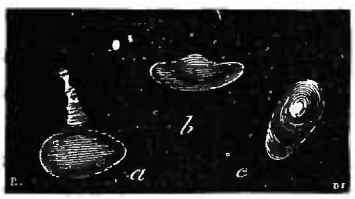


Fig. 592. — Ladra do porco de tamanho natural (*).

No começo da molestia não ha signaes que a manifestem; só passado algum tempo é que se notam na base da lingua pontos brancos, que annunciam a molestia. É esta acompanhada de grande fraqueza, a qual cresce a ponto, que, tomando-se o animal por um dos pés, não faz esforço para tirar o membro por que se acha preso. Então, as sedas se lhe arrancam com facilidade; a andadura do animal é lenta; a pelle torna-se mais grossa, sobrevem o marasmo e finalmente a morte.

Estes vermes encontram-se em todos os orgãos em que ha tecido cellular. A carne do animal, que invadem, deve ser rejeitada, porque, sem ser precisamente muito nociva, perdeo as suas boas qualidades. Fica tão modificada nos seus principios nutrientes, que resiste á acção do sal. Occasiona, além d'isto, no homem, o desenvolvimento da solitaria, e a formação no tecido cellular dos kystos contendo vermes cysticercos.

São pouco conhecidas as causas d'esta molestia; todavia attribue-se á falta de limpeza nos cortelhos, á habitação nos logares pantanosos, e ao uso de alimentos e bebidas corruptas.

Reputa-se molestia incuravel; mas em todos os periodos os meios hygienicos são os mais proveitosos para a combater. Portanto, convem dar ao animal alimentação roborante, deixal-o banhar em agua limpa, conservar a possivel limpeza nos cortelhos, e deixar pastar os animaes ao ar livre.

As ladras, que se desenvolvem na base da lingua do porco, podem ser reconhecidas pelo exame d'esta parte; é pela existencia d'estes vermes na lingua que os Fiscaes nas feiras reconhecem a carne inficionada de ladraria. Esta pratica era usada mesmo na antiga Grecia. Em França, os porcos affectados de ladraria não podem ser guardados nos cortelhos nem vendidos nos mercados publicos; os Fiscaes são encarregados de visitar a este respeito os animaes apresentados pelos mercadores; mas a presença debaixo da lingua de vesiculas ladricas, á qual se attribue exclusivamente a existencia da molestia, é um signal incerto e muitas vezes insufficiente, porque as ladras podem existir no corpo antes de apparecerem na língua.

LAIÕES. *Veja-se S. Pedro do Sul.*

LAGARTO (fig. 593). Reptil de corpo quasi roliço, com quatro pés, cada um com cinco dedos levemente comprimidos, lingua dividida

(*) *a*, corpo e cabeça sahidos da vesicula; *b*, *c*, vesicula vista sob dois aspectos, o corpo e a cabeça do verme estando dentro da vesicula.

na ponta, cauda afusada. Existe em abunduncia no Brazil; a carne come-se; tem um gosto agradavel e delicado. Os queixos são guarnecidos de dentes finos e numerosos. Estes animaes são brandos e timidos; procuram morder quando os agarram; mas a mordedura não é venenosa. Algumas especies são exclusivamente herbivoras; nutrem-se só de folhas e flores; outras alimentam-se com insectos, pequenos molluscos e ovos de passarinhos. Tem 30 a 60 centimetros e mais de comprimento. Põem ovos brancos, ellipticos, com casca calcarea, do tamanho dos de pomba, e os abandonam á incubação solar na areia ou nas folhas cahidas.



Fig. 593. — Lagarto.

A *lagartixa* é um animal vulgar de feição de lagarto, que anda pelas paredes e casas velhas; é muito mais pequena que o lagarto. Acha-se em toda a parte, e não se come.

LAGOA DE RODRIGO DE FREITAS. Brazil; arrabalde do Rio de Janeiro. Agua ferruginosa fria. Eis-aqui a sua composição chimica, determinada pelo Dr. Miranda e Castro em 2 kilogrammas d'agua :

	grão.		grão.
Acido carbonico.....	0,5626	Proto-carbonato de ferro...	1,4833
Chlorureto de calcio.....	q.ind.	Silica.....	q.ind.

LAGOSTA. *Palinurus* (fig. 594). Animal crustaceo proximo á familia dos Caranguejos dos quaes se distingue pelas antennas excessivamente longas; eriçadas de espinhos; pela ausencia das pinças; pelos olhos grandes situados na extremidade do thorax. Casca semi-cylindrica, eriçada de pontas, sobretudo na frente, marcada, como a dos caranguejos, de um sulco transversal e arqueado atraz. Patas mediocremente longas, bastante fortes, terminando todas por um dedo simples, curto, agudo, eriçado em baixo. As femeas distinguem-se dos machos por terem nos quatro anneis do meio da cauda duas membranas ovaes nas quaes se fixam os ovos, depois de postos; ellas tem tambem, na base do dedo do ultimo par, uma especie de esporão que os machos não tem.

As lagostas habitam as profundidades do mar durante o inverno, mas approximam-se das costas e sobretudo dos logares pedregosos durante o verão. Vivem de peixes e de diversos animaes marinhos, e se chegam a subtrahir-se á pesca, attingem um tamanho consideravel. Geralmente o seu comprimento é de cerca de 30 centimetros. As femeas trazem os ovos dispostos no interior do corpo em duas massas alongadas, do tamanho de uma penna e de bella côr vermelha. Estes ovos dirigem-se, divergindo, ás duas aberturas situadas, uma de cada lado, na base das patas intermedias; são mui pequenos ao sahirem do corpo do animal; mas crescem pouco a pouco durante quasi tres semanas, tempo durante o qual se acham pegados ás membranas da face inferior da cauda. Passado este tempo, separam-se todos juntos do seu envoltorio, e encon-

tram-se frequentemente fixos aos rochedos. Só quinze dias depois é que sahem da casca.

A côr da casca da lagosta é roxa esverdeada; torna-se vermelha depois de cozida. A carne, e sobretudo a da femea, é muito estimada. É uma comida salubre. As lagostas morrem mais depressa fóra d'agua do que os caranguejos, e por isso é preciso cozêl-as logo depois da pesca.

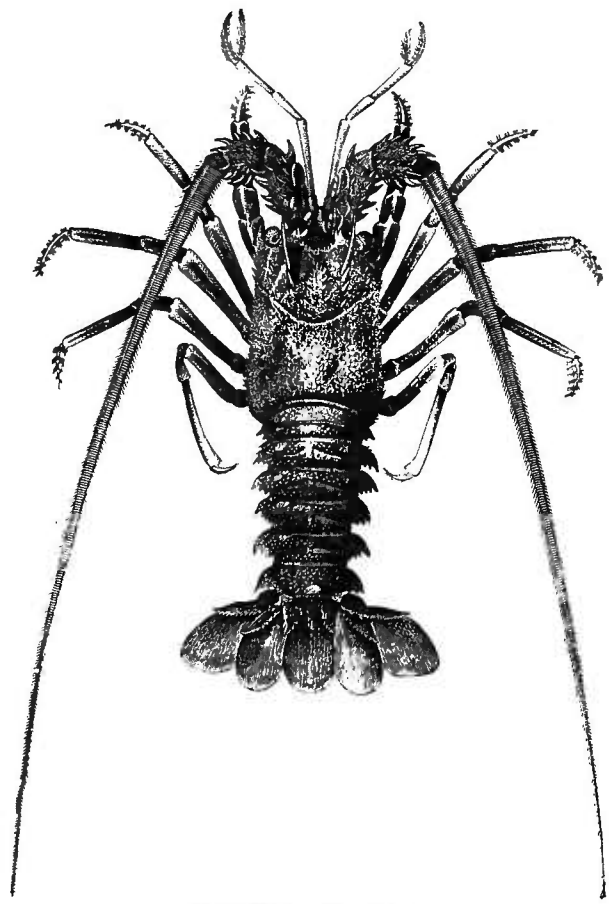


Fig. 594. — Lagosta.

LAGRIMA. Dá-se o nome de *lagrimas* ao humor aqueo que humedece o globo ocular, facilita os seus movimentos na orbita, e serve para limpar o olho levando para fóra os corpusculos estranhos que o ar póde introduzir n'elle. Segregadas pela glandula lagrimal, que é situada sob a abobada da orbita, as lagrimas são vertidas sobre o olho, depois levadas ao angulo interno, onde existe uma pequena abertura chamada *ponto lagrimal*, pela qual penetram no *sacco lagrimal*, d'onde correm para o *canal nasal*, que desemboca nas fossas nasaes. Quando alguem chora, as lagrimas correm sobre o rosto, e ao mesmo tempo setem-se correr tambem pelas ventas, misturadas com mucosidades que contém estas partes.

Quando os pontos lagrimaes estão tapados, e a absorpção das lagrimas não póde ter logar, forma-se uma molestia chamada *epiphora* ou o *lagrimejar*. A occlusão do sacco lagrimal e do canal nasal produz o mesmo inconveniente. Depois apparece uma inchação no angulo interno do olho, a que se deo o nome de *tumor lagrimal*. Quando este tumor, que é constituido pela accumulação das lagrimas no sacco lagrimal, se abre, forma-se uma *fistula lagrimal* e as lagrimas derramam-se sobre o rosto por esta abertura. *Veja-se*, para o tratamento d'esta molestia, o artigo FISTULA.

LAGRIMAL. O apparelho lagrimal é um conjuncto de orgãos cuja funcção é segregar um liquido especial que se chama lagrimas; de es-

palhar esse liquido pela superficie do olho e fazel-o escorrer nas fossas nasaes. A parte que segrega as lagrimas é uma glandula assaz volumosa situada no angulo externo do olho, debaixo da borda superior da orbita. Ella derrama as lagrimas por muitos canaesinhos debaixo da palpebra superior no canal fechado da conjunctiva. O liquido segregado é limpido alcalino e de sabor salgado bem pronunciado; esse liquido escorre em grande quantidade sob a influencia das emoções moraes. A presença d'este liquido é necessaria ao bom funccionamento do olho; quando vem a faltar, a cornea se secca, ulcera-se e perfura-se. Quando as lagrimas

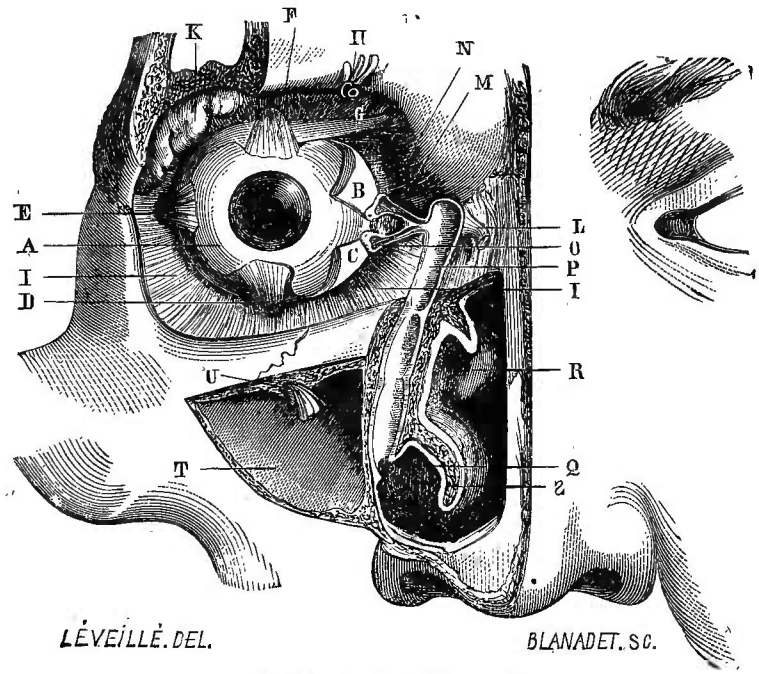


Fig. 595. — Vias lagrimaes (*).

são muito abundantes, a vista se turva e os objectos são vistos todos confusos como se visse atravez de um nevoeiro. Em certas affecções do olho, as lagrimas parecem possuir caracteres especiaes, um calor e um amargor notavel. Cabe ás palpebras derramarem as lagrimas na superficie do olho e ellas executam esta funcção por meio de continuos pestanejos. A secreção das lagrimas sendo incessante, o excedente comtido nas cavidades conjunctivaes deve escorrer para as fossas nasaes. As lagrimas passam por duas pequenas vias das quaes se veem facilmente, a olhos desarmados, os orificios no angulo interno do olho sobre as

(*) A, globo do olho; B, extremidade interna da cartilagem tarsa superior; B, extremidade interna da cartilagem tarsa inferior; D, musculo direito inferior; E, musculo direito externo; F, musculo direito superior; H, vasos sanguineos e nervos sobreorbitarios; I, aponevrose palpebral; K, glandula lagrimal orbitaria; L, ligamento interno dos tarsos ou tendão directo da orbicularia incisa e atirada para o lado de dentro; M, caruncula; N, canal lagrimal superior; O, dilatação ambularia do conducto lagrimal em baixo do ponto lagrimal; P, sacco lagrimal ou parte superior do canal nasal; L, meato inferior; R, corneto medio; S, corneto inferior; T, cavidade maxilar; U, nervo e arteria soborbitarios.

duas palpebras, no alto de uma pequena salieneia (fig. 595). Após um pequeno trajeeto esses dois eanaes se reunem em um só que vem se abrir em uma cavidade maior nas partes lateraes da base do nariz. Esta eavidade ou saeeo lagrimal eommunica em baixo, por um longo eanal, com as fossas nasaes nas quaes as lagrimas eahem. É facil eomprehender, quando se tem estas noções anatomieas, que a epiphora, ou derramamento das lagrimas sobre as faees, provem da obstrucção dos eanaes que vão das palpebras até ao nariz; é de prever pois que introduzindo-se sondas especiaes n'esses eanaes, restabeleee-se a permeabilidade d'elles.

É bom lembrar que as lagrimas nas fossas nasaes são uteis para o olfaeto. Graças a ellas a mueosa das fossas nasaes eonservam uma maior humidade que faeilita a transmissão das impressões olfaetivas.

LAGRIMEJAMENTO. *Veja-se* EPIPHORA.

LAJA. Republiea Argentina. Aguas sulfurosas quentes; 75°. Usam-se em banhos eontra o rheumatismo, molestias eutaneas e venereas.

LAMALOU. França. Aguas biearbonatadas, sodieas, ferruginosas, arsenieaes, saturadas de aeido earbonieo, quentes.

Itinerario de Pariz a Lamalou: Estrada de ferro por Lyão, Montpellier, Beziers até Bedarieux, 22 horas. Omnibus de Bedarieux a Lamalou 40 minutos. Despezas 108 franeos.

Lamalou é um logar na França meridional, situado a 7 kilometros da eidade de Bedarieux; eontém fontes d'agua ferruginosa e alcalina, quentes, que brotam n'um valle agradavel, e limitado por montes eobertos de vinhas e eastanheiros. As differentes fontes, que são utilizadas, apresentam grande analogia de eomposição; differem só pelas proporções das substaneias; a rocha, de que emergem, é da natureza do talco, isto é, eomposta de silica, magnesia, ferro e alumina. A agua é elara, limpida, de gosto de tinta de eserever, com um resaibo acidulo. As fontes reunem-se em tres estabeleeimentos eolloeados a pouca distaneia um do outro, e designados pelos nomes de *Lamalou-o-baixo*, *Lamalou do centro*, e *Lamalou-o-alto*. A temperatura em gráos eentigrados, tomada nas piseinas para os banhos é de 29° a 35°; e nas fontes para bebida é de 16° a 26° Estas diversas temperaturas repartem-se do modo seguinte:

Lamalou-o-baixo, de 30° a 35° para os banhos segundo a piseina, e 39° para as duches. — Lamalou do eentro, 30°. — Lamalou-o-alto, 29° para os banhos, 28° para as duehes.

Fontes para bebida: *Lavernière*, 16° *Capus*, 23° *Bourges*, 26°.

Os principios dominantes das fontes de Lamalou são o biearbonato de soda, de magnesia e de ferro: vestigios de arseniato de soda e de eobre; eal, potassa, alumina, manganez, stroneiana, baryta, lithia, iodo; acidos phosphorieo, borieo, azotieo, earbonieo.

Eis-aqui segundo as analyses mais reeentes, a quantidade dos saes dissolvidos n'um litro d'agua:

Lamalou-o-baixo.....	2gr,1269	Lavernière (fonte para bebida).	2gr,4483
Lamalou do centro.....	1gr,4915	Capus (fonte para bebida).....	0gr,5017
Lamalou-o-alto.....	1gr,4625	Bourges (fonte par bebida).....	1gr,5606

A quantidade de acido carbonico livre para 1 litro d'agua varía segundo a fonte, na proporção de 73 a 472 centimetros cubicos.

Lamalou-o-baixo possue duas grandes piscinas de natação, duas piscinas reservadas, e duas piscinas temperadas tendo gabinetes de duches. No Lamalou do centro acham-se duas piscinas, uma galeria de banheiras, banhos de vapor, semicupios d'agua corrente, e um systema de duches mui variado. O estabelecimento de Lamalou-o-alto contém duas piscinas communs, duas piscinas reservadas, gabinetes com banheiras, além d'isto um gabinete de duches.

As fontes para bebida são tres : *Lafernière*, *Capus* e *Bourges*. A primeira é notavel pela quantidade de bicarbonato de soda e de magnesia, como tambem pelo acido carbonico livre. — Na agua da segunda fonte, domina em um alto gráo, o arseniato de soda e de ferro. — Emfim a fonte *Bourges*, occupa o logar médio quanto á sua composição chimica, entre as duas outras.

As aguas de Lamalou são recommendadas para os diversos rheumatísmos, para a chlorose, anemia, affecções uterinas que dependem da insufficiencia do sangue, molestias nervosas, paralysia, ataxia locomotriz progressiva, e impotencia viril.

A estação de Lamalou acha-se situada n'um valle não longe do rio Orbe, aonde os banhistas podem entregar-se ao prazer da pesca. O clima é brando, as chuvas são raras, e os montes vizinhos formam um abrigo natural contra o vento. Estas circumstancias, juntas á disposição dos estabelecimentos, explicam como o Lamalou encerra todos os elementos de uma excellente estação invernal, que é sobretudo frequentada pelos anemicos e pessoas affectadas de rheumatismo. O estabelecimento está aberto todo o anno. As aguas empregam-se em bebida, mas sobretudo em banhos.

Cada estabelecimento de banhos possue um hotel com mesa redonda, e além d'isto ha outros hoteis perfeitamente organizados, taes como o hotel do Norte, aonde os doentes são tratados com muita amenidade. Ha além d'isto muitas casas mobiliadas particulares, aonde vão installar-se familias que querem passar o tempo na maior tranquillidade. Um medico da estação thermal reside no estabelecimento.

LAMBARY. *Veja-se* CAMPANHA.

LAMBEDOR. Medicamento liquido composto da infusão de alguma planta misturada com um xarope. Dá-se tambem o nome de lambedor a um simples xarope, uma emulsão, um loock, ou a qualquer outra poção doce.

LAMINARIA DIGITADA. *Laminaria digitata*, Lamour. Alga marinha muito espalhada nos rochedos de muitas costas. A haste secca constitue uma especie de junco duro e rigido. Posta em contacto com qualquer liquido, ella o absorve rapidamente e augmenta de volume em proporção da quantidade de liquido absorvido.

Esta propriedade tem sido utilizada em cirurgia para dilatar os orificios fistulosos. Toma-se uma haste de grossura media, introduz-se'a no trajecto fistuloso que sequer dilatar e ahi se deixa 24 ou 48 horas. Obtem-

se melhores resultados e mais simples do que como antigo systema da esponja com barbante.

LANÇADA. Ferida feita com uma lança. *Veja-se* FERIDA.

LANCETA. Instrumento de aço, delgado, chato, e muito agudo, que serve para sangrar, vaccinar e abrir postemas.

LANGUIDEZ. É um symptoma proprio ás molestias chronicas, sobretudo ás que são caracterizadas por um estado de atonia geral nas funcções vitaes. A languidez precede e acompanha a opilação, as gastrites chronicas, as febres lentas, as molestias do peito, etc. O tratamento, que convem applicar n'estas diversas circumstancias, varía necessariamente conforme as causas que produzem a languidez. Se, pelo contrario, a languidez provier unicamente de causas moraes, de pezares, por exemplo, é pelas distracções, pela mudança de logar, etc., que se deve tentar a cura. Em todo caso convem sempre tomar alguns medicamentos fortificantes como sejam o Elixir alimenticio Ducro, o xarope de iodureto de ferro, quina e glycerina de Catillon, as preparações de pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet (*Veja-se* PYROPHOSPHATO DE FERRO). Tambem aproveitam : o vinho de Cabanes; a quina Ragoucy; as preparações de peptona Catillon; o pó de carne de Trouette-Perret; o vinho de Bellini o quinio de Labarraque; a quina granulada de Mentel e as pilulas ferruginosas de Vallet.

LANOLINA. Substancia molle, meia liquida que se extrahe de uma materia especial que não é mais do que um humor crasso que se pega á lã dos carneiros e que os francezes chamam *suint*. Á lanolina se incorpora diversos medicamentos para fazer pomadas. Por si propria não tem nenhuma propriedade especial.

LANRAJON. Hespanha. Aguas ferruginosas e salinas gazosas; frias e quentes. Seis fontes, temperatura 15° a 30°. Usam-se em banhos e bebidas, na anemia, amenorrhea, dismenorrhea, enfartes do figado.

LANTANINA. É o principio activo da *herva sagrada*, familia das Verbenaceas, especie *lamtana brasiliensis*, que habita na America do Sul.

A esta planta attribuem-se, desde longa data, propriedades antifebris muito notaveis, sendo tal a crença dos indigenas do Brazil, Bolivia e Perú, etc. nas suas virtudes febrifugas, que preferem que lhes falte a coisa mais importante para a vida do que deixarem de ter esta planta em casa.

A lantanina, como a quinina, tem uma acção moderadora da circulação, demora a nutrição e abaixa a temperatura. É tolerada pelos estomagos mais delicados; as febres intermittentes, rebeldes ao sulfato de quinina, cedem a 2 grammas de lantanina, que é administrada immediatamente depois do accesso. Dá-se em pilulas de 10 centigrammas cada uma, de 10 a 12 nas 24 horas.

LAPIS MEDICAMENTOSOS. São preparações obtidas debaixo da forma de pequenos cylindros, seja pela fusão de um sal que se escorre em um molde, seja incorporando a substancia activa em uma pasta molle que depois é dividida e enrollada em cylindros; e se deixa por fim seccar para endurecer.

LARANJADA. Esta bebida agradavel e refrigerante prepara-se com agua, assucar e sumo de laranja. Corta-se a laranja em duas partes, espréme-se o succo n'um vaso, e tiram-se os caroços; ajunta-se a este succo quantidade sufficiente d'agua e assucar.

LARANJEIRA, *Citrus aurantium*, Linneo. Aurantiaceas. Dá-se este nome a um grupo de vegetaes, arvores ou arbustos, de aspecto agradavel, e porte elegante, cujas folhas sempre alternas, persistem sobre os ramos e formam uma verdura perpetua. A laranjeira é originaria da China; é commum no Brazil, em Portugal, e cultiva-se em todas as regiões quentes do globo. Todas as partes da laranjeira são uteis. As folhas, dotadas de cheiro agradavel, usam-se em infusão, como sudorificas e antipasmodicas. Devem ser colhidas no seu maior estado de verdura; rejeitar-se-hão as que houverem envelhecido na arvore. As flores, que são brancas e cheirosas, servem para fazer uma agua distillada mui suave, que se emprega na arte culinaria como tempero agradavel, e em medicina como antispasmodico. O fructo em todas as especies é carnoso, coberto de uma pellicula amarella, divido interiormente em um numero variavel de compartimentos, occupados por vesiculas oblongas, cheias de um succo amarellado, doce, algum tanto acidulo e de gosto muito agradavel. Este succo serve para fazer com agua e assucar uma bebida refrigerante, chamada *laranjada.* O fructo chama-se *laranja.* Ha muitas variedades de laranja : maior ou menor, casca fina ou grossa; polpa acidodoce, acida, ou um tanto amarga. Ha laranjas *doces* ou *da China*, *selectas* (mui doces, de uma especie muito delicada, que dá no Rio de Janeiro); *laranjas de embigo; laranjas sem caroço*; *laranjas de cravo; laranjas com casca amarga* (*laranjas da terra;* no Rio Janeiro); *laranjas de succo vermelho; laranjeira de fructo mui pequeno*, etc.

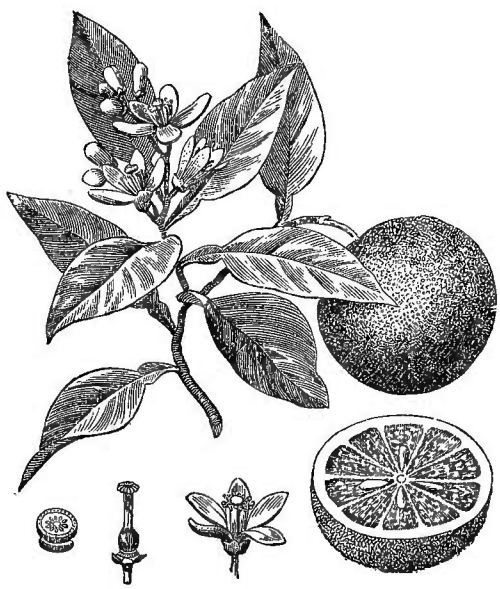


Fig. 596. — Laranjeira.

A laranjeira de fructo doce recommenda-se pelo fructo, que é um dos mais bellos e mais agradaveis que se conhecem. É redondo, de tamanho médio, de côr amarella dourada. O amarello da casca d'esta laranja (epicarpo) dá pela espressão grande quantidade de oleo volatil, que tem o nome de *essencia de Portugal.*

O typo da laranjeira está representado na (fig. 596).

A laranja de *casca amarga* (*laranja da terra*, no Rio de Janeiro), *itrus vulgaris*, Risso, é uma das especies mais uteis, e uma das de que

a medicina faz maior uso. É verdade que o amargor de sua baga impede que se coma como fructo agradavel, mas fazem-se com ella doces muito gostosos; emfim é esta arvore, e não a laranjeira verdadeira, que fornecc á pharmacia as *folhas de laranjeira*, as *flores de laranjeira* que servem para fazer a *agua de flores de laranjeira*, a *essencia de neroli;* e a *casca de laranja amarga;* porque todas as suas partes têm mais sabor, e cheiro mais penctrante do que na laranjeira de fructo doce. E por estes motivos a laranjeira de fructo amargo (*bigarradier*, em francez) é quasi a unica cultivada nas estufas dos climas frios ou temperados debaixo do nome de *laranjeira*. A casca d'esta laranja serve para fazer um licor de mesa muito estimado, chamado *curaçao*. Pela espressão obtem-se d'esta casca um oleo essencial conhecido na perfumaria sob o nome francez de *essence de petit grain* (essencia de pequeno grão). O que se vende nas confeitarias debaixo do nome de *chinois* (chinez) são pequenas laranjas amargas verdes, fervidas no xarope de assucar, e depois de seccas, conservadas seccas em caixas, ou em aguardente nas garrafas.

O amarello da casca de laranja (epicarpo, casca exterior ou casquinha) tem um sabor aromatico e amargo; estando secco dá-se em pó como tonico e estomachico; faz-se com a casquinha de laranja um chá que goza de propriedades estimulantes, e se administra para provocar a transpiração. As laranjas servem tambem para a preparação de uma especie de vinho, de sabor agradavel, mas que não se póde conservar por muito tempo.

LARANJEIRAS, Arrabalde do Rio de Janeiro. Agua ferruginosa fria. Sem côr, transparente, sem cheiro, sabor styptico, pouco sensivel, temperatura 23° cent., quando a temperatura do ar atmospherico estava a 26° O Dr. Miranda e Castro achou em 2 kilogrammas d'agua:

	grão.		grão.
Acido carbonico.....	0,1057	Proto-carbonato de ferro...	0,2787
Chlorureto de calcio.....	q.ind.	Silica.....	q.ind.

Emprega-se na anemia e em todos os casos que necessitam o uso das preparações ferreas.

LARANJEIRINHA DO MATTO, Limãozinho (S Paulo), *Mundia brasiliensis*, St-Hilairc. Polygaleas. Arbusto do Brazil; commum na provincia de S. Paulo. É mui ramoso e espinhoso; folhas, alternas, lanceoladas, lustrosas, de peciolo curto; flores nas axillas das folhas; fructo, capsula indehiscente, bilocular, cordiforme, comprimida; raiz muito amarga, de cheiro semelhante ao da raiz de laranjeira. A infusão das folhas usa-se na provincia de S. Paulo contra as dôres de barriga. Prepara-se esta infusão com 8 grammas da raiz c 250 grammas d'agua fervendo.

LARYNGE. Canal cartilaginoso situado na parte anterior do pescoço, em baixo e atraz da base da lingua. Serve este canal para dar passagem ao ar destinado aos pulmões e que produz a voz. A larynge tem a forma triangular de modo que o angulo anterior, fazendo saliencia em baixo da pelle, principalmente no homem, constitue o que se chama *nó*

da garganta. Do lado de cima, faz elle seguida com o fundo da garganta, do qual se acha separado por um appendice que se levanta e abaixa para abrir ou fechar seo orificio superior; este appendice é a *epiglotte.* Na parte de baixo communica a larynge em pleno com a *traca arteria* e por conseguinte com os pulmões. No interior da larynge, ligados as cartilagens que formam suas paredes, acham-se quatro pequenos fios juntos dous a dous e designados, segundo a situação que occupam, pelo nome de cordas vocaes superiores e inferiores. As superiores são de pouca importancia; as inferiores são os orgãos productores da voz. O ar inspirado e sobretudo o expirado, passa com força atravez

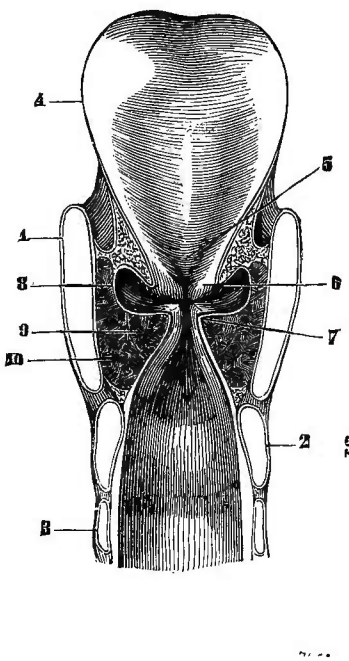


Fig. 597. — Córte transversal da larynge (*).

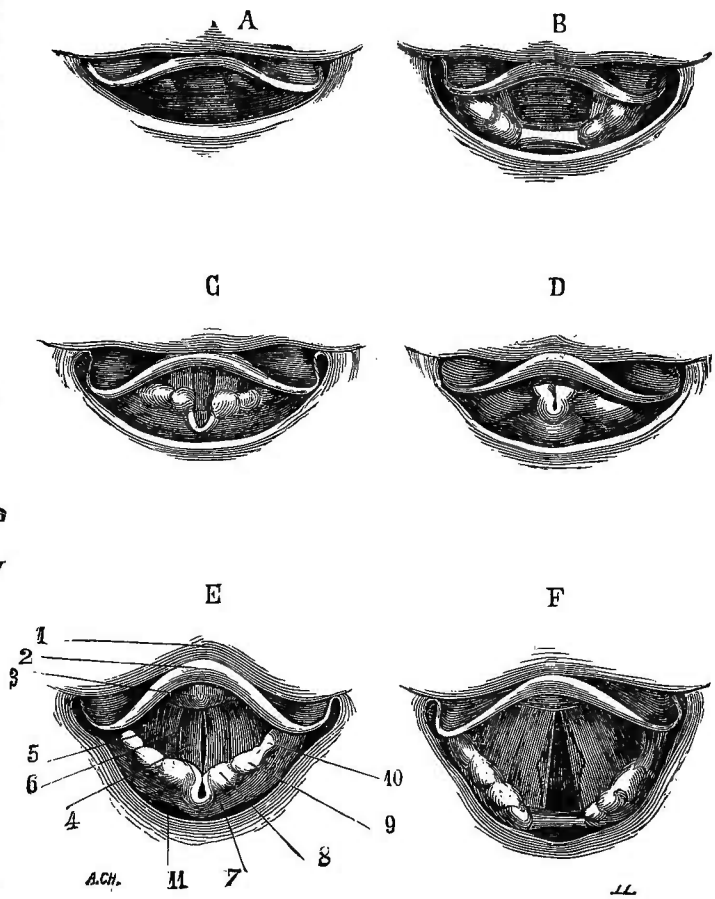


Fig. 598. — Larynge, examinada com o laryngoscopio (**).

(*) 1, cartilagem thyroidéa; 2, cartilagem cricoidea; 3, primeiro ramo da trachea; 4, epiglotte; 5, sua rodilha mediana; 6, cordas vocaes superiores; 7, cordas vocaes inferiores; 8, ventriculas de Margagni; 9, musculo thyro-arytenoideano; 10, musculos crico-arytenoideano lateral.

(**) A, estado da larynge na respiração tranquilla; B, estado da larynge sem a epiglotte; C, estado da larynge na expiração (sopro leve); D, estado da larynge quando emitte sons graves; E, estado da larynge quando emitte sons muito agudos; F, volta á inspiração ordinaria após a emissão de um som. — 1, base da lingua; 2, epiglotte; 3, cordão da epiglotte; 4, cordas vocaes superiores; 6, ventriculos de Morgagni; 7, cartilagens arytenoides; 8, cartilagens de Santorini; 9, cartilagens de Wrisberg; 10, prega ary-epiglottica; 11, pharynge.

do canal laryngeo e imprime nas cordas vocaes inferiores vibrações mais ou menos energicas, ás quaes as contracções voluntarias dos musculos da larynge podem dar muitissimas modulações. Na velhice, as cartilagens da larynge apresentam muitas vezes certa ossificação mui pronunciada, o que expõe o orgão á fracturas, e modifica muitissimo o tympano e a extensão da voz.

As molestias da larynge são :

Corpos estranhos na larynge. *Veja-se* vol. I, p. 728.

Feridas da larynge. *Veja-se* Feridas do pescoço, vol. I, pag. 1136.

Inflammação da larynge. *Veja-se* Laryngite.

Tisica laryngea. *Veja-se* Tisica.

Laryngite ou Angina laryngea. Designa-se geralmente debaixo d'este nome a inflammação da membrana mucosa da larynge. Esta molestia apresenta-se sob as fórmas mui differentes, considerando os seus symptomas, suas alterações anatomicas e a sua marcha, pelo que foi dividida em muitas especies distinctas, que são :

Laryngite aguda simples ou **mucosa.** *Caracteres anatomicos* As unicas lesões anatomicas que se encontram consistem na vermelhidão da membrana mucosa da larynge. A inflammação póde ser limitada á epiglotte, valvula destinada a tapar a abertura da larynge durante a passagem dos alimentos.

Symptomas. No maior numero dos casos, a laryngite aguda determina só symptomas locaes sem nenhuma gravidade. A voz altera-se; é desigual e rouca; ás vezes existe aphonia completa. Os doentes accusam, além d'isso, uma sensação de calor e de ardor no larynge ; experimentam, no fundo da bocca, picadas incommodas que excitam a tosse; esta é muitas vezes penosa em razão da dôr que acompanha a expulsão subita do ar; apresenta ás vezes um som semelhante ao do crup : poderia, com effeito, comparar-se ao latido de um cachorrinho. Esta circumstancia, que não é importante, preoccupa muito os parentes. Na laryngite leve a expectoração é nulla, ou só formada por alguns escarros brancos e espessos. A pressão feita exteriormente sobre a larynge é ás vezes dolorosa e excita a tosse; a deglutição é tambem ás vezes acompanhada de dôr. Não ha febre, nem desarranjo das funcções digestivas.

Comtudo na fórma mais grave, o incommodo na região da larynge é maior; alguns doentes tem a sensação de um corpo estranho que se oppõe á entrada do ar : a voz é fraca, sibilante, e produz-se depois de muitos esforços; ás vezes então ouve-se a grande distancia, ou applicando o ouvido sobre o pescoço, um fervor mucoso mais ou menos forte. Por pouco que esta difficuldade da respiração ou respiração se prolongue, o rosto exprime a anxiedade; torna-se pallido, alterado; os beiços ficam azues, os olhos salientes a pelle calida, o pulso frequente e pequeno. Estes symptomas asphyxicos podem ir augmentando; outras vezes acalmam-se momentaneamente, depois da expulsão de alguns escarros mucosos, opacos ou pegajosos. As mais das vezes a molestia tem exito feliz : os symptomas diminuem então gradual e rapidamente; a alteração da voz é o unico symptoma que persiste ás vezes durante muito tempo.

Na inflammação da epiglotte o enfermo experimenta na parte anterior e superior do pescoço, uma dôr mais ou menos viva e a sensação de um corpo estranho. Fazendo abrir-lhe largamente a bocca, e abaixando com uma colher a base da lingua, apparece a epiglotte, rubra, semelhante á cereja madura. A deglutição é dolorosa ou impossivel. A molestia, n'este caso, começa ás vezes de maneira subita, e chega rapidamente ao mais alto gráo de intensidade.

Prognostico. A laryngite só é grave quando é intensa, é mais séria nas crianças, em razão da estreiteza da larynge n'esta idade.

Causas. As causas d'esta inflammação são quasi as mesmas que as da esquinencia ordinaria. As crianças são-lhe sujeitas. Certas pessoas, por uma disposição especial, são affectadas d'ella pela menor causa: um resfriamento, uma emoção viva, etc.; os actores, os advogados, os professores, as pessoas, n'uma palavra, que fazem uso dos orgãos vocaes, estão muito exposta a ella. Esta affecção acompanha frequentemente as febres eruptivas, as bexigas, os sarampos e a escarlatina. Toma, ás vezes, o caracter epidemico.

Tratamento. O silencio rigoroso, o repouso do corpo, os sudorificos leves, taes como o chá de sabugueiro, de borragem, emfim os sinapismos nas pernas, os pediluvios com a mostarda, as fumigações com alcatrão de Guyot, constituem todo o tratamento das fórmas benignas da laryngite simples. Nos casos mais serios comvem administrar um emeto-cathartico, segundo a seguinte receita:

Agua.....	500 grammas.
Emetico.....	5 centigrammas.
Sulfato de magnesia.....	30 grammas.

Para beber uma chicara de hora em hora.

Para combater a agitação, a tosse ou a insomnia cumpre recorrer ás preparações calmantes, que seguem:

1.º Xarope de lactucario..... 180 grammas.

Para beber uma colher *de sopa*, tres vezes por dia,

2.ª Xarope diacodio..... 120 grammas.

Para beber uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

3.º *Xarope de chloral de Follet.*

Para tomar de 2 a 4 colheres, *de sopa.*

4.º *Perolas de Iodoformio do Dr Clertan.*

Para tomar de 1 a 3 perolas.

5.º *Pasta de Regnauld.*

Deixar derreter na bocca alguns pedaços de pasta.

6.º *Chloral bromuretado Dubois.*

Para tomar 2 a 3 colheres *de sopa.*

7.° *Pastilhas de Houdé, de chlorhydrato de cocaina.*

Para deixar derreter na bocca tres a quatro pastilhas.

Mais tarde appliquc-se um caustico na nuca. Emfim se o doente fôr amcaçado de asphyxia, seria necessario recorrer á tracheotomia.

Laryngite estridula, LARYNGITE ESPASMODICA, ANGINA ESTRIDULA, CATARRHO SUFFOCANTE, ASTHMA DE MILLAR, OU CRUP FALSO. Estes differentes nomes foram dados á variedade da laryngite simples, caracterizada por symptomas de suffocação ás vezes formidaveis, que apparecem por accessos. O nome de estridula, vem do estridor, ruido tremido que a acompanha. Ataca sobretudo as crianças.

Symptomas. Esta molestia é notavel pelo seu apparecimento muitas vezes subito. Ás vezes, entretanto, observa-se, durante um ou mais dias, ou pclo menos durante algumas horas, rouquidão, defluxo, alguma tosse, signaes, emfim, de uma affecção catarrhal benigna. Os symptomas da molestia sobrevem de repente, e quasi sempre durante a noite. A criança acorda sobresaltada; acha-se n'um estado de anxiedade e de oppressão extrema; tem tosse secca, sibilante, sonora ou rouca, simulando ás vezes o ladrar dc um cãosinho, o grito do pato, etc., comparações mais ou menos exactas. A respiração é accelerada, alta, interrompida; o ar, penetrando na larynge, faz ouvir um assobio agudo ou rouco mais ou menos sonoro; o doente inquicto, espantado, agita-se, e, sc póde, dá alguns gritos; sua voz é enrouquecida, mas muito distincta; foram entretanto observados casos de extincção da voz. O exame da garganta não faz descobrir membrana alguma; e as glandulas debaixo do queixo não estão inchadas como no crup. No meio d'estcs accessos tão penosos, o rosto incha, os labios tornam-se azues, a anxiedade é extrema, de tempo em tempo sobrevem pequenas remissões durante as quaes os doentes, agitados, se queixam mais ou menos. Depois de algum tempo, que raras vezes excede de uma hora, os symptomas acalmam-se, a tosse torna-se humida, diminue, e muitas vezes cessa; a respiração perde sua frequencia, e os symptomas de asphyxia desapparecem. Entretanto, os doentes, depois de um abalo tão violento, ficam pallidos e abatidos. Se o accesso, sobrevindo no meio da noite, interrompeo o somno, a criança torna a adormecer, logo que acaba a crise. Os accessos que apparecem durante o dia, não são tão intensos, abatem menos, e passados elles, as crianças recobram a alegria e continuam a brincar, até que nova crise se declare. Ordinariamente contam-se muitos d'esses accessos em 24 horas; mas a sua violencia vai diminuindo á medida que se reproduzcm. Ás vezes o pulso é frequente; mas de ordinario a febre não existe. A tosse torna-se humida, catarrhal; emfim os doentes acabam por ter um simples defluxo, que desapparece passados alguns dias.

Terminações. A laryngitc estridula, quando é simples tem quasi sempre exito fcliz; pelo que os medicos que a observáram não podiam dizer quaes eram os scus caracteres anatomicos. Alguns doentes porém succumbiram em consequencia de outra molestia intercurrente, tal como or exemplo a pneumonia: n'estes casos o exame da larynge n ão explicou

os symptomas graves observados durante a vida: não se lhe achou senão uma leve vermelhidão com alguma inchação ou sem ella.

Diagnostico. A laryngite estridula é a molestia que apresenta a maior semelhança com a crup, pelo que foi muitas vezes confundida com elle. Importa porém, para o prognostico e tratamento, saber distinguir uma affecção da outra. Por conseguinte é necessario lembrar-se que, na laryngite estridula, a voz torna-se *enrouquecida*, mas raras vezes *extincta;* a tosse é *estrondosa*, *sonora*, entretanto que é *surda* e *abafada* no crup. Na primeira molestia os doentes nunca deitam concreções membraniformes que são ás vezes expellidas na segunda. É verdade que em ambas as molestias ha accessos de suffocação; mas na angina estridula estes accessos são seguidos de remissão quasi completa, pois que muitas crianças, nos intervallos das crises, voltam aos seus brinquedos, entretanto que não acontece o mesmo no crup, que é acompanhado de dyspnea quasi permanente. Emfim, a laryngite estridula é raras vezes mortal, entretanto que no crup a cura só tem logar em mui pequeno numero dos casos.

Causas. A laryngite estridula é uma affecção especial á primeira infancia; rara antes de dois annos, quasi nunca subrevem depois de setimo ou oitavo anno. Estas circumstancias explica-se pela estreiteza relativa da larynge n'esta idade. A molestia declara-se quasi sempre depois da impressão do frio.

Tratamento. Appliquem-se sinapismos nas pernas, e dêm-se á criança algumas colheres d'agua fria com assucar e com agua de flores de laranjeira, ou de chá de folhas de laranjeira. Molhe-se repetidas vez o pescoço com esponja embebida d'agua quente. Administre-se depois um vomitorio. Para este fim dissolvam-se 5 centigrammas de emetico em meia chicara d'agua fria, e dê-se ao doente uma colher *de sopa* de dez em dez minutos até provocar os vomitos. Se apezar d'este tratamento os ataques continuarem, administre-se o clyster seguinte :

Assafetida.....	30 centigrammas.
Gema de ovo.....	uma.
Agua morna.....	120 grammas.

Siga-se depois o tratamento indicado contra a laryngite aguda simples.

Em alguns casos raros, a suffocação prolonga-se bastante tempo para pôr em perigo os dias do doente; não se deve hesitar então, é preciso praticar a tracheotomia, e não se deixar afastar d'esta obrigação pela benignidade ordinaria da molestia.

Laryngite edematosa ou EDEMA DA GLOTTE *V.* vol. II, p. 68.

Laryngite chronica. Inflammação da larynge que percorre lentamente os seus periodos, e que é caracterizada anatomicamente pela simples vermelhidão da membrana mucosa, sem ulcerações.

Symptomas. A laryngite chronica simples póde ser *leve* ou *intensa*. A primeira fórma é caracterizada só pela rouquidão e extincção da voz, um constrangimento da respiração, ás vezes tosse, mas sem a menor febre. Quando a molestia é mais pronunciada, a rouquidão é mais intensa

ou então, existe aphonia completa com dôr no pescoço, tosse, expectoração de escarros amarellados, respiração contrangida, sempre sem symptomas geraes bem sensiveis, isto é, sem febre.

Tratamento. Beber infusões de hera terrestre, salva, hysopo, uma a duas chicaras por dia; tomar 2 colheres por dia, de manhã e á noite ou antes das refeições, de glycerina creosotada de Catillon, deluida em um cpoo d'agua com assucar, xarope de alcatrão de Guyot ou de terebinthina na dóse de duas a tres colheres *de sopa* por dia, applicar sobre o pescoço tintura de iodo: usar de fumigações com infusão de folhas de estramonio; lavar a garganta com o gargarejo seguinte:

Infusão de rosas rubras.	500 gram.	Mel de abelhas.....	60 gram.
Pedrahume.....	15 —	Laudano de Sydenham...	4 —

Aproveitam então:

1.° Capsulas creosotadas do Dr. Fournier.
2.° Glycerina creosotada de Catillon.
3.° Emulsão de alcatrão vegetal de Le Bœuf.
4.° Gottas livonianas de Trouette-Perret.
5.° Pastilhas de Houdé, de chlorhydrato de cocaina.

Laryginte ulcerosa. Inflammação chronica da larynge com ulcerações. Esta molestia póde ser idiopathica, isto é, existir por si só, e não pelo facto da existencia de outra affecção; mas póde tambem complicar a tisica pulmonar ou depender do virus syphilitico constitucional. A laryngite ulcerosa idiopathica é mui rara; a molestia sobrevem de ordinario no curso de alguma outra affecção; as mais das vezes apparece na tisica pulmonar, e é n'este caso que é designada sob o nome de *tisica laryngea.*

Symptomas. O desenvolvimento da molestia é lento: muitas vezes começa de maneira insidiosa, como uma dôr de garganta sem importancia. Não é senão por causa da persistencia dos symptomas que os doentes começam a ter alguma inquietação e se decidem a consultar o medico. A *dôr* a principio é fraca, e só adquire intensidade no fim da molestia. A *deglutição* é dolorosa na epoca adiantada. A alteração da *voz* é um dos primeiros e dos mais importantes symptomas. Ordinariamente esta alteração consiste a principio em uma simples rouquidão; logo depois a voz torna-se dura, aguda; e compõe-se de sons discordantes. A rouquidão, intermittente a principio, não tarda a tornar-se continua e a degenerar em aphonia completa. Então os doentes fazem grandes esforços para fallar, e ouve-se um ruido estridulo produzido pela passagem do ar sobre as regiões alteradas da larynge. A *tosse*, que não falta, torna-se mais frequente quando a molestia se aggrava. Basta então, para provocal-a, a passagem dos alimentos; a acção de fallar, ou uma forte inspiração. A *expectoração* é um dos principaes symptomas: os escarros são abundantes, espumosos, pegajosos, estriados de pus e de sangue, apresentam ás vezes pequenos fragmentos de pus concreto. Acharam-se mesmo nas materias expectoradas fragmentos de cartilagens. A *respiração* é sempre mais ou menos difficil.

Taes são os symptomas *locaes* que se podem attribuir á laryngite ulcerosa.

Quanto aos symptomas *geraes*, são graves quando a laryngite acompanha a tisica pulmonar; consistem então em febre lenta, emmagrecimento, marasmo : n'este caso, como já deixei dito, dá-se á molestia o nome de *tisica laryngea*. Nos casos em que a laryngite ulcerosa se apresenta só, a alteração da saude geral é pouco marcada a principio; nunca mesmo esta alteração faz grandes progressos no decurso da molestia, e só o augmento dos symptomas locaes é que torna perigoso o estado do doente, produzindo a inchação da glotte, e depois a asphyxia. Na laryngite syphilitica não existe igualmente febre, nem grande alteração da saude geral.

A *terminação* da laryngite ulcerosa é quasi sempre fatal, quando acompanha a tisica pulmonar, que é a principal causa da morte. Mas quando os pulmões estão isentos de qualquer alteração, o doente póde salvar-se, sobretudo se a laryngite fôr de natureza syphilitica.

Lesões anatomicas. São numerosas e variadas. Consistem em ulcerações da membrana mucosa, que deixam a nú as cartilagens da larynge. Estas são ossificadas, cariadas, destruidas em parte.

Diagnostico. A laryngite ulcerosa distingue-se da laryngite aguda simples pelos signaes seguintes. Esta sobrevem frequentemente no meio da saude; determina menos dôr; dá logar á expectoração puramente mucosa. A laryngite ulcerosa sebrevem quasi sempre no curso de alguma outra affecção; occasiona dôres vivas e constantes; os escarros são ás vezes puriformes, estriados de sangue. Reconhece-se que a laryngite ulcerosa é de natureza syphilitica pela ausencia de qualquer phenomeno morbido do lado do peito, pela circumstancia de ter sido o doente affectado antigamente da syphilis, que não foi bem tratada, ou pela existencia das pustulas ou exostoses, signaes evidentes da infecção syphilitica geral.

Resta agora uma questão que foi mui debatida : *Se a tisica pulmonar póde ser consecutiva á laryngite ulcerosa, se pode ser produzida por esta laryngite?* Citaram-se casos em que, apezar da existencia incontestavel da laryngite ulcerosa, o peito, explorado por todos os meios conhecidos, e com muito cuidado, não apresentou a principio signal algum de tuberculos, e nos quaes a tisica pulmonar, tendo-se declarado mais tarde, causou a morte. Comtudo não se segue d'isto que a tisica pulmonar tenha sido produzida n'estes casos pela laryngite ulcerosa. O facto não parece demonstrado, porque : 1.° os signaes, no começo da tisica pulmonar, não são bastante certos, para que os medicos mais exercidos não possam desconhecêl-os; e 2.° os factos citados são em mui pequeno numero para provar que não tenha havido simples coincidencia entre o desenvolvimento da tisica pulmonar e o da laryngite ulcerosa.

Tratamento. — Os meios differem conforme se julga que a molestia é ou não syphilitica. N'este ultimo caso é preciso recorrer a quasi todos os remedios que foram indicados contra a *Laryngite chronica simples* (Vol. II, pag. 281). Administrar-se-ha uma bebida levemente excitante,

tal como a infusão de salva, de alecrim, etc. Applique-se um caustico na nuca, no peito ou no pescoço. Mais tarde façam-se fricções no pescoço com oleo de meimendro, e fumigações com as folhas de cicuta pela forma seguinte :

Folhas de cicuta.....	4 grammas.
Agua fervendo.....	500 —

O doente cobre a cabeça com um panno, e respira durante cinco a dez minutos o vapor carregado do principio medicamentoso.

Applique-se sobre o pescoço o emplasto de belladona.

Lave-se a garganta, cinco a seis vezes por dia, com o gargarejo seguinte :

Rosas rubras.....	8 gram.	Jujubas.....	8 gram.
Raiz de alcaçuz.....	8 —	Figos seccos.....	8 —
Passas.....	8 —		

Ferva em quantidade sufficiente d'agua para obter 1000 grammas de decocto; ajunte mel rosado 60 grammas.

Introduzir no interior da garganta a solução de azotato de prata por meio de esponja levada sobre a haste de baleia. Esta operação faz chegar directamente uma parte do remedio ao logar que se quer curar. Eis-aqui a receita da solução :

Azotato de prata crystallizado.....	1 gramma.
Agua distillada.....	4 —

Em vez da solução, assoprar nas fauces, por aspiração, um dos pós seguintes :

1.° Alumen em pó.....	4 gram.	2.° Azotato de prata em pó.	50 centigr.
Assucar em pó.....	4 —	Assucar em pó.....	2 gram.

Eis aqui como o doente deve proceder. Tome um tubo de 4 millimetros de diametro e de 20 centimetros de comprido. Metta n'uma das extremidades o pó medicamentoso; introduza a outra extremidade na bocca, o mais profundamente que possa. Feche a bocca depois de fazer uma expiração completa, depois execute subitamente uma inspiração. O pó, arrastado pelo ar que atravessa o tubo, chega á garganta, e penetra, em parte, na larynge.

É preciso recommendar ao pharmaceutico que misture os pós sobre um porphyro, para evitar os inconvenientes que resultariam da presença dos grãos mais grossos do que os outros.

Tratamento da laryngite ulcerosa syphilitica. É n'esta especie que as curas foram mais numerosas; pelo que, logo que se possa ter, não a certeza, mas sómente alguma suspeita de que a laryngite é de natureza syphilitica, deve-se empregar o tratamento apropriado. Este tratamento compõe-se das preparações de mercurio, de iodureto de potassio e de salsaparrilha. Eis- aqui as receitas :

Pilulas de proto-iodureto de mercurio.

Proto-iodureto de mercurio.....	5 centigrammas.
Thridacio.....	5 —

Faça 2 pilulas, e como esta mais 39. Para tomar 1 piluia de manhã, outra á noite. Por cima de cada pilula, o doente deve beber uma colher *de sopa* de xarope de salraparrilha, misturado com meia chicara d'agua morna.

A receita do xarope é :

Xarope de salsaparrilha.....	1 litro.

Estas pilulas juntamente com o xarope devem ser tomadas durante dois mezes. Se depois d'este espaço de tempo o doente não sarar, recorra ao iodureto de potassio, segundo a seguinte receita :

Iodureto de potassio.....	1 gramma.
Agua commum.....	180 —

Para beber metade d'esta poção pela manhã, outra metade á noite. Repete-se a poção todos os dias, e durante um mez.

O doente deve guardar um silencio quasi absoluto, ou mesmo absoluto. se o caso fôr bastante grave para exigil-o. Não deve andar rapidamente contra o vento; evitará as grandes fadigas corporaes e os excessos de todo o genero. Como em certos casos, a laryngite ulcerosa, bem que seja a molestia principal, póde ser acompanhada de symptomas ainda pouco intensos de *tisica pulmonar*, deve-se vigiar attentamente o estado do peito, afim de poder, em caso semelhante, empregar os meios que convem contra esta ultima molestia, e que estão indicados no artigo *Tisica pulmonar*.

LARYNGOSCOPIO. Apparelho destinado para se examinar a larynge por meio da luz reflexa.

Em principio, compõe-se de um espelho reflector ao lado do qual se põe um boa lampada; o facho de luz assim projectado está condensado por uma lente e ella vem dar em um pequeno espelho, que o operador tem na mão, e projecta até o fundo da bocca. E na superficie d'esse segundo espelho que apparece a imagem da epiglotte e das cordas vocaes. Para que o exame possa ser feito, o doente deve bem abrir a bocca, pôr a lingua de fora e respirar com força. D'este modo pode-se estudar facilmente as diversas lesões que attingem a larynge e põr-lhe directamente os remedios apropriados.

LASCAS *e outros corpos pontudos que entram na carne.* Acontece, frequentemente, entrarem na pelle das mãos, dos pés ou das pernas alguns corpos pontudos, como espinhos de rosas, lascas de lenha, pedaços de osso, de agulha, etc. Se estes corpos são extrahidos logo na occasião, o accidente não tem consequencia alguma; mas se não puderem ser extrahidos, sobrevem logo a inflammação, e depois forma-se uma postema.

Para prevenir este resultado, é preciso se faça immediatamente uma

pequena incisão para facilitar a extracção do corpo estranho. Se isto não puder ser, cumpre applicar cataplasmas de linhaça. Se se formar uma postema, convem abril-a com lanceta; então o corpo estranho sahe com a suppuração.

LATÃO. *Veja-se* COBRE.

LATEJAR. Diz-se que a dôr é *latejante* ou *pulsativa*, quando é acompanhada de pulsação na parte dolorosa. Ordinariamente esta sensação annuncia a formação de pus. *Veja-se* ABCESSO.

LAUDANO, *laudanum* em latim. Esta palavra vem de *laus*, louvor, como para designar um medicamento que merece grandes elogios. O *laudano liquido de Sydenham* é frequentemente empregado em poções ou em clysteres como calmante, na dóse de 10, 20 e 40 gottas; deve suas propriedades ao opio que entra na sua composição. O laudano de Sydenham é um liquido de côr vermelha escura, de cheiro de açafrão; prepara-se nas pharmacias pela meceração do opio, canella, açafrão e cravo da India em vinho de Malaga. Vinte gottas de laudano contém quasi 5 centigrammas de extracto de opio.

LAVANDERIAS. As lavanderias são estabelecimentos que têm muitissimos inconvenientes no ponto de vista da hygiene. Alem dos vapores e da fumaça que espalham, esses estabelecimentos são perigosos por causa das aguas que d'elles escorrem infestadas de toda a especie de sujo. As lavanderias não devem ser permittidas dentro das cidades, nem perto das povoações; as aguas sujas devem ser encanadas directamente para esgotos subterraneos, bem longe de qualquer logar onde se poderia tiral-a para os usos domesticos, misturada com a agua potavel.

LAVATORIO, LOÇÃO ou LAVAGEM. Acção de lavar qualquer parte do corpo com um panno ensopado em liquido, tal como a agua simples, fria ou quente, uma infusão, uma decocção, ou qualquer outro liquido mais ou menos composto, conforme o effeito que se deseja obter. Em *pharmacia* chamam-se tambem loções os liquidos que servem para estes lavatorios.

Os lavatorios formam certos curativos. Assim fazem-se lavatorios, isto é, lavam-se muitas vezes por dia os olhos doentes com o cozimento de linhaça, com os diversos collyrios. Lavam-se do mesmo modo as feridas, as ulceras, as superficies inflammadas, com agua morna ou algum liquido medicamentoso, cada vez que se descobrem, e antes da applicação dos novos curativos.

Os *lavatorios d'agua fria*, praticados todas as manhãs sobre as partes superiores do corpo, são um dos meios hygienicos mais poderosos e mais fecundos em bons resultados. Alguns instantes depois de se levantar, passa-se, uma ou duas vezes, sobre o pescoço, braços e tronco, uma esponja ou um panno embebido em agua fria. Logo depois, exuga-se a pelle, esfregando-a fortemente com uma toalha; feito isto, cobre-se immediatamente o corpo com os vestidos apropriados á estação. Póde-se principiar o emprego d'estes lavatorios em qualquer estação e em qualquer idade, salvo na velhice. Nas pessoas idosas, em vez de agua fria, deve empregar-se agua morna. As crianças de tenra idade não podem

tambem supportar ao principio agua fria; deve empregar-se agua morna. Mas uma vez acostumados gradualmente aos lavatorios d'agua fria, os meninos obtem excellentes resultados. Mediante estes lavatorios quotidianos uma reacção energica e salutar opera-se na pelle; os musculos e todos os tecidos da parte superior do corpo adquirem tom e força; e a circulação do sangue torna-se mais activa.

LAXANTE. *Veja-se* PURGANTES.

LAZARETO. Casas construidas nas costas de diversos mares, perto dos portos, onde são postos em observação os passageiros e marinheiros que chegam de paizes onde grassam certas molestias epidemicas, cholera, febre amarella, etc. Essas pessoas devem ficar mais ou menos tempo no lazareto, muito mais tempo se houve a bordo do navio de onde desembarcam algum obito recente. Quando não se receia mais uma nova infecção, autoriza-se o desembarque dos passageiros, procedendo-se, porem, á limpeza e á mais minuciosa purificação, das bagagens, mercadorias e do proprio navio. Essas medidas preventivas devem ser executadas e prescriptas com grande rigor se se quizer que ellas produzam o effeito desejado. A menor infracção pode causar desgraças incalculaveis.

LAZARO. *Veja-se* MORPHÉA.

LEBRE (fig. 599). Pequeno quadrupede da familia dos Roedores, um pouco maior do que o coelho, com que se parece; tem os dentes insisivos superiores em duplicado, collocados em duas fileiras, orelhas compridas, pescoço curto e levantado, beiço superior muito rachado; tem o corpo e a planta dos pés cobertos de pello ruivo, os quaes são mais compridos que as mãos. As lebres são meigas e timidas; não tem outra defesa senão o seu rapido correr e a subtileza do ouvido, que as adverte do perigo. Alimentam-se unicamente de vegetaes. Abundam em todas as partes da Europa, sobretudo na Hespanha. Não se submettem, como os coelhos, á domesticidade. A carne é rubra escura, gostosa e estimada.

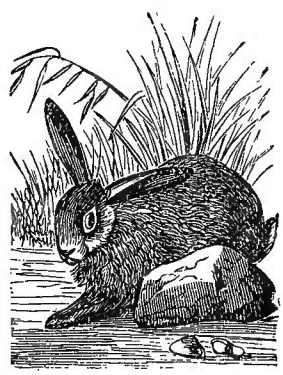


Fig. 599. — Lebre.

LECHETREZ. *Veja-se* MALEITEIRA.

LEDESMA. Hespanha. Aguas sulfurosas quentes; 30° a 50° Usam-se em bebidas e banhos nos rheumatismos, gota, paralysias, sciatica, nevralgia, molestias cutaneas, syphilis constitucional, caries, ulceras, catarrhos bronchicos, asthma, enfartes do figado.

LEGUME. Chama-se vulgarmente *legume* qualquer planta que se cultiva nas hortas, e que é empregada como alimento, as couves, cenouras, batatas, feijões, etc. Os legumes herbaceos, alcachofras, couve-flor, espinafre, bertalha, etc., são alimentos sadios e leves, que devem entrar em notavel proporção n'um bom regimen alimentario, e que convem quasi a todas as pessoas, principalmente ás crianças, ás mulheres, ás pessoas idosas, aos individuos occupados em trabalhos

intellectuaes ou sedentarios. A batata, sob todas as fórmas, é tambem um excellente alimento. Os legumes feculentos, tacs como os feijões, as lentilhas, as favas, são mui nutritivos.

LEICENÇO. *Veja-se* FRUNCHO.

LEITARIGA. *Veja-se* MALEITEIRA.

LEITE. O leite é um liquido segregado pelas glandulas mammarias das femeas dos animaes mammiferos, e destinado para o primeiro alimento de seus filhos. Homogeneo no momento de sua sahida, não tarda a alterar-se e a separar-se em tres substancias mui distinctas: esta separação é tanto mais completa quanto mais largo fôr o vaso, mais perfeito o repouso e a temperatura mais vizinha de 10 a 12 gráos do thermometro centigrado.

Fallarei em primeiro logar do *leite de vacca*. O leite deixado em repouso cobre-se de uma camada mais ou menos espessa de materia gorda, mais amarella do que o leite e mais consistente; é a nata, que deve suas propriedades á manteiga que contém. O leite separado da nata decompõe-se em *caseo*, que se precipita lentamente sob a fórma de frocos brancos, e n'um liquido chamado *soro de leite*. É com o *caseo* que se fabrica o *queijo*. Com a nata extrahida do leite faz-se a manteiga. Para isso introduz-se a nata n'uma especie de barril, onde é submettida a uma violenta agitação, mediante a qual a manteiga se separa, e fica um liquido, chamado leite de manteiga, empregado como emolliente.

O leite privado de nata é mais fluido, e de côr branca azulada. Póde coalhar-se espontaneamente com uma rapidez mui variavel, conforme as circumstancias da temperatura e o estado electrico do ar: todos sabem com que facilidade o leite coalha quando o tempo está tempestuoso. Submettido á acção do calor, cobre-se de uma pellicula de caseo coalhado, a qual augmenta rapidamente de espessura a ponto de pôr obstaculo ao desenvolvimento dos vapores. Estes vapores, retidos por esta pellicula, levantam-n'a e fazem com que o leite venha a cima.

Os acidos em geral fazem sempre coalhar o leite: a sua decomposição espontanea procede do desenvolvimento do acido lactico. Mas de todos os meios empregados para se obter a separação completa do caseo, o melhor é o uso do *coalho*, substancia que se tira dos estomagos das vitellas e cordeiros lactantes, e cuja base é formada pelo leite coalhado. O liquido que fica depois da separação do *caseo* chama-se *soro de leite*. Contém acido lactico, assucar de leite, chlorureto de sodio, e alguns saes, que são lactatos, phosphatos e sulfatos de potassa, soda, magnesia e ferro.

Tal é a composição do leite de vacca, que póde variar muito. Entre as causas que podem fazer variar a composição do leite, a primeira é a época do parto. Pouco tempo antes e depois d'este termo, o leite é semi-transparente, amarellado, viscoso, de sabor pouco agradavel. Quanto mais remota fôr a época do parto, tanto mais adquire o leite as qualidades do leite ordinario.

Uma segunda circumstancia que influe poderosamente na composição do leite é o intervallo que se põe no ordenhar a vacca. O leite de uma

vacca ordenhada uma vez em 24 horas, é menos abundante em quantidade, porem mais rico em manteiga do que aquelle que se obtem mugindo-se até tres vezes no mesmo espaço de tempo. Na mesma operação, o primeiro leite é sempre mais seroso do que o ultimo, que se aproxima do estado de nata pura. Emfim, o leite dos ubres posteriores contém maior quantidade de substancia nutritiva do que o leite fornecido pelos ubres anteriores. A alimentação influe tambem muito na modificação do leite. Sabe-se que a losna torna-o amargo, que o tomilho e o alho lhe communicam o seu cheiro; a graciola dá-lhe uma propriedade purgativa; a ruiva dos teintureiros torna-o avermelhado. Uma alimentação abundante, solida e tonica torna-o melhor e mais abundante.

Leite de mulher. É mais transparente e mais doce que o leite de vacca. Não ha leite mais susceptivel de variação na sua composição do que o da mulher. Não só a idade, o temperamento, o regimen modificam as qualidades do leite, mas tambem o estado moral da pessoa. O pezar torna o leite mais fraco; a colera dá-lhe instantaneamente propriedades tão más, que existem exemplos de crianças atacadas de convulsões por terem mammado um leite alterado recentemente por um accesso de colera. Algumas substancias gozam da propriedade de augmentar o leite: taes são as ervilhas e a cangica. Emfim, a ultima circumstancia que altera profundamente o leite é a concepção; bem que ha mulheres que continuam a dar de mammar com bom exito durante a gravidez, é muito mais commum conhecer este estado pelo damno que a criança soffre.

A menstruação exerce uma acção analoga sobre o leite, com a differença de que a alteração que d'ahi resulta, é passageira, em vez de ser duradoura como a que provém da gravidez.

O *leite de burra* é aquelle que d'entre todos mais se approxima ao leite de mulher. Contém menos manteiga e mais assucar de leite do que o leite de vacca.

O *leite de ovelha* é analogo ao leite de vacca.

O *leite de cabra* parece-se tambem com o leite de vacca quanto á côr e á consistencia; mas quasi sempre repugna pelo seu cheiro cabrum.

Usos do leite. Não me occuparei aqui do leite considerado como alimento exclusivo da primeira infancia; o artigo AMAMMENTAÇÃO contém tudo o que é util saber-se a este respeito. Nas idades seguintes o leite entra ainda em proporção assaz grande na alimentação, para que seja necessario conhecer a influencia que esta substancia exerce na economia. O leite é emolliente e relaxante; dispõe a engordar. Nem todos os estomagos se dão bem com elle. Quando não póde digerir-se puro, a addição de chá da India ou café remedeia este inconveniente. O leite é utilissimo nas molestias chronicas do peito e dos intestinos. Existem casos de gotas, epilepsias e hydropisias curadas pelo uso exclusivo do leite continuado com perseverança.

O leite *azeda* facilmente quando faz calor; ás vezes começa a azedar ao cabo de 6 a 10 horas, sobretudo se se conservar em vasilha que continha precedentemente leite coalhado. Por pouco que o leite tenha passado ao estado azedo, não póde mais supportar a ebullição; coalha. Mas

está ainda bom para ser bebido frio. O leite fervido não se coalha como o leite crú; passa com o tempo a um estado de decomposição putrida, e a nata não se separa d'elle. Para impedir o leite de azedar, basta ajuntar-lhe um pouco de bicarbonato de soda, 1 a 2 grammas para 1 litro de leite. Esta addição não é nociva á saude; tem por fim neutralizar o acido lactico que se forma no leite.

Conservação do leite. Póde-se conservar o leite, segundo o methodo de Appert, fechando-o, depois de desnatado, em caixinhas de folha de Flandres, cheias, bem fechadas e privadas de ar, nas quaes o liquido foi exposto a um calor de 100° durante duas horas : estas *conservas de leite* são muito usadas nas viagens maritimas. Ha outro methodo que consiste em evaporar o leite, previamente assucarado, n'um tacho largo, aquecido a banho-maria n'uma temperatura que não exceda 100°; quando tem a consistencia de mel, fecha-se em caixinhas de folha, que se submettem á ebullição cheias e já soldadas. Para obter o leite normal *revivificado*, ajunta-se uma quantidade d'agua igual a 4 vezes o peso da conserva, e submette-se á ebullição.

Falsificação do leite. Ás vezes o leite é sophisticado com polvilho, fecula de batatas, agua de arroz ou gomma arabica, para ter maior consistencia. Mas estas falsificações são raramente empregadas e mui faceis de reconhecer : as decocções de feculas deixam sempre globulos nas paredes das vasilhas, sobretudo quando o leite é submettido á ebullição, e além d'isso são nocivas á conservação do leite. A farinha que se ajunta ao leite, para lhe dar a opacidade que a agua lhe fez perder, faz com que o leite se pegue ao fundo das panellas e outros vasos em que se ferve. Póde-se ainda reconhecer melhor a farinha, o polvilho, assim como os decoctos de arroz, de feculas, e todas as substancias amylaceas, coalhando o leite com vinagre, coando-o, e ajuntando ao soro de leite, que se formou, algumas gottas de tintura de iodo : desenvolver-se-ha uma bella côr azul, se o leite foi misturado com estas substancias. A mais frequente sophisticação, que fazem os vendedores, consiste em tirar a nata que apparece sobre o leite depois de algumas horas de repouso, ou em ajuntar agua ao leite. O leite misturado com agua é mais fluido, azulado pelas margens, de sabor menos agradavel; supporta menos o transporte e altera-se com grande facilidade. A densidade do leite puro varía entre 1,029 e 1,033; a do leite desnatado, que é sempre mais forte, é de 1,033 a 1,037. Quando se suspeita que se ajuntou agua ao leite, póde-se conhecer esta fraude mediante um instrumento que indica a sua densidade; este instrumento, chamado lactometro (pesa-leite), e que é analogo ao pesa licor (areometro), é de vidro, e afunda-se tanto mais no leite quanto maior é a quantidade de agua que se lhe ajuntou, porque o leite misturado com agua é menos denso do que o leite puro.

Leite de amendoas. *Veja-se* AMENDOA.

LEITE VIRGINAL. Mistura de 1 parte de tintura de benjoim com 40 partes d'agua de rosas. É um cosmetico, empregado em lavagens contra as manchas da pelle.

LEITEIRA. *Veja-se* MALEITEIRA.

LENÇO ATADO AO PESCOÇO. *Veja-se* SUSPENSORIO DO BRAÇO.

LENTILHA. Este fructo ou legume apresenta-se sob a fórma de uma vagem, mais oval que alongada, contendo sementes orbiculares, achatadas. Cultiva-se em Portugal, onde cresce quasi espontanea entre as searas. É um alimento nutriente e de facil digestão. Reduzidas a farinha, as lentilhas servem para a preparação de mingaos leves e substanciaes. Gozam da reputação de augmentar o leite nas amas. São frequentemente atacadas por insectos que nascem na parte farinacea e se nutrem d'ella. Podem separar-se dos bons grãos os que estão atacados por insectos, pondo todos de molho na agua, e rejeitando os que sobrenadam.

LENTILHA D'AGUA. *Veja-se* FLOR D'AGUA.

LENTILHAS DO ROSTO. *Veja-se* SARDAS.

LEPRA. Os medicos arabes davam este nome a todas as molestias da pelle caracterizadas por fórmas hediondas, e o povo ainda hoje chama lepra ás sarnas e varias empigens que occupam grande extensão da pelle. Os medicos modernos deram á palavra *lepra* a sua verdadeira accepção, e distinguem esta molestia da elephantiase dos Arabes e da morphéa, com as quaes a lepra foi tambem confundida. A alteração da pelle, que constitue a *lepra*, annuncia-se por pequenas elevações cercadas de manchas avermelhadas, luzidias, *circulares*, e um pouco proeminentes. A superficie d'estas elevações, ao principio lisa, apresenta no fim de alguns dias, em seu centro, uma pequena *escama* epidermica, branca, meio transparente, que se solta logo. A superficie d'estes pontos escamosos, depois de ter sido assim despida uma primeira vez, estende-se progressivamente, *mas conservando sempre uma fórma circular*. Cobre-se de novas escamas delgadas, firmes, brancas escuras, cercadas por uma margem vermelha um pouco elevada, que cahem e são substituidas successivamente por outras. Ás vezes, estas laminas leprosas são pallidas, brancas ou vermelhas, o que faz admittir differentes especies de lepras. Ordinariamente, estas laminas orbiculares mostram-se ao principio sobre os membros, e com mais frequencia em cima do cotovelo ou joelho, d'onde se propagam, ás vezes, por todo o corpo. A lepra pouco extensa é acompanhada só de um leve prurido; mas quando as laminas leprosas são profundas e numerosas os movimentos tornam-se difficeis, e existem então dôres mui vivas.

As *causas* e a natureza da lepra não são conhecidas. Tem sido aconselhados para o *tratamento* d'esta molestia os meios irritantes e os emollientes; e, com effeito, quando não existe inflammação, fazem-se, depois dos lavatorios e banhos mornos, fricções na pelle com uma das pomadas seguintes :

1.º	Alcatrão.....	8 gram.		Flor de enxofre.....	30 gram.
	Banha.....	60 —	3.º	Sulfureto de potassio....	30 —
2.º	Subcarbonato de potassa.	30 —		Banha.....	210 —
	Banha.....	180 —			

Toquem-se, de vez em quando, as manchas leprosas com pedra infernal.

Internamente. empreguem-se os pós seguintes :

Flor de enxofre	15 grammas.
Magnesia calcinada.....	15 —

Misture-se e divida-se em 24 papeis. Tomam-se dois papeis por dia, um pela manhã, outro á noite; e depois de cada papel bebe-se uma chicara de cozimento de fumaria ou de salsaparrilha.

Use-se de um regimen composto pela maior parte de vegetaes; de fructas, leite, e observe-se o maior asseio.

Lepra tuberculosa. *Veja-se* MORPHÉA.

LEPTANDRA VIRGINICA. Planta da familia das Escrofulareas. A raiz d'esta planta é só que se emprega em medicina. A analyse chimica descobrio n'ella uma substancia especial, a *leptandrina* que parece ser o principio activo. Na dóse de 10 a 20 centigrammas, a leptandrina é um tonico que entretem a regulariadade das evacuações e parece augmentar a secreção da bilis È um medicamento que se emprega mui raras vezes.

LESMA. Genero de Molluscos gasteropodes e nús, tendo por caracteres : corpo oval alongado, molle, plano por baixo, convexo por cima; cabeça guarnecida de dois pares de tentaculos; dois olhos collocados na extremidade dos tentaculos mais compridos. È um caracol sem concha. As lesmas não tem concha exterior ; mas tem por cima da cabeça uma especie de peça membranosa e espessa que se levanta pelas bordas sómente, e que se chama *escudo;* fazendo-se uma incisão n'esta parte carnosa, encontra-se uma pequena concha branca e delgada que tem a fórma de uma pequena unha, e que é tanto mais solida quanto o animal é mais idoso. A contractilidade das lesmas é mui grande; retrahem-se debaixo do seu escudo quando se lhes toca. A pelle é enrugada, grossa e viscosa. Arrastam-se sobre um pé ou disco carnudo, deixando por onde passam um rasto de humor glutinoso. As especies mais communs são : a *Lesma rubra,* cuja côr varía do amarello alaranjado ao roxo sombrio; a *Lesma cinzenta*, commum nas adegas e habitações humidas; a *Lesma agreste*, grande, de côr parda suja commum nas hortas; a *Lesma preta,* é pequena e habita nos jardins, etc. As lesmas encontram-se sobretudo nos logares humidos e sombrios. Alimentam-se de vegetaes, fructos, papel e madeira podre. Fazem grandes estragos nas hortas e nos pomares. Põem ovos no chão, debaixo dos musgos, nos logares frescos e humidos, inaccessiveis aos solares. Sua fecundidade é muito grande. Habitualmente não sahem senão pela manhã e de noite, e pelos tempos de orvalho e de chuva.

Modo de destruir as lesmas e os caracóes. Um pouco antes do nascer do sol, polvilham-se com cal os campos infestados d'estes molluscos. Vê-se immediatemente o chão cobrir-se de nodoas brancas escumosas : são as lesmas, attingidas pela cal, que se cobrem de escuma. Logo, para escaparem a seu supplicio, arrastam-se deixam adherente ao chão a cal com a escuma, de maneira que o maior numero poderia escapar e esta primeira operação não sendo repetida. Uma segunda aspersão sorprende

o animal e dá cabo d'elle. — Póde-se ainda empregar vantajosamente agua de cal, derramada mediante um regador ou de qualquer outra maneira, sobre os logares infestados de lesmas e caracóes : uma unica regadura basta para matar estes molluscos. A terra recebe, além d'isso, um adubo estimulante cuja efficacia é muito conhecida. — Na pequena cultura, polvilha-se com sal o terreno infestado; o contacto do sal mata as lesmas ainda mais depressa do que a cal em pó. — Para destruir as lesmas foi ainda empregado com vantagem um bando de perús. — Nos jardins, põem-se de distancia em distancia, folhas de salada, pequenos montões de farelos, taboas levantadas por uma pedra do lado do norte : são outros tantos meios de attrahir as lesmas para as apanhar em grande numero. Podem distribuir-se ás gallinhas e aos patos, que gostam muito d'ellas. A multiplicação das lesmas é sobretudo impedida pelas grandes seccas do verão. Se, n'esta epoca do anno, se lhes désse um caça assidua, seria então mais facil destruir as que tivessem escapado. Nos climas quentes e seccos a lesma é apenas conhecida.

LETHARGO. Chama-se lethargo a um somno profundo, do qual, entretanto, não é impossivel tirar os doentes : durante os curtos instantes em que estão acordados, fallam sem saber o que dizem, esquecem o que disseram, e recahem no seu somno. Este estado observa-se em varias molestias, que são : *commoção cerebral*, *apoplexia*, *hysterismo*, *epilepsia* e *catalepsia*. Vulgarmente, denomina-se lethargo um estado de anniquilação completa de todas as faculdades intellectuaes, o qual é a imagem da morte.

LEUCOCYTHEMIA. Molestia descripta ha poucos annos, devida ao augmento do numero dos globulos brancos do sangue. No estado normal o sangue contém, termo médio, 1 corpusculo branco sobre 335 corpusculos rubros; o numero dos corpusculos brancos póde na leucocythemia ser augmentado e o dos corpusculos rubros diminuido de tal maneira que os brancos formem um sexto e mesmo a metade e mais dos rubros.

As *causas* da leucocythemia são inteiramente obscuras. A molestia encontra-se mais frequentemente nos homens do que nas mulheres. No maior numero de casos o baço acha-se consideravelmente augmentado de volume. As glandulas lymphaticas representam frequentemente tumores enormes. Entre as que são situadas no interior do corpo, incham principalmente as glandulas mesentericas, lombares, epigastricas : entre as glandulas superficiaes, as mais volumosas foram encontradas as glandulas do pescoço, da virilha e da axilla. O figado foi achado tambem muito augmentado n'esta molestia.

Symptomas. Ordinariamente os primeiros symptomas são : a inchação do ventre, a sensação de compressão e de repleção no hypochondrio esquerdo. A inchação do baço faz-se ora sem dôr e sem febre, ao ponto de não poder saber-se a que epoca se manifestou pela primeira vez, ora desenvolve-se por intervallos, caracterizados pela dôr local e pela febre. Esta é a fórma *splenica* da leucocythemia. Na fórma *lymphatica*, as inchações das glandulas do pescoço, da axilla e da virilha, que se desenvolvem

lentamente ou por saeudiduras, ehamam a attenção sobre a molestia. As duas especies dos tumores, os do baço e os das glandulas lymphatieas, podem durar annos, antes de se poder apreeiar a eomposição do sangue. — A pobreza ereseente do sangue em elementos eorados acaba por tornar a tez pallida, que poueo a pouco faz-se eôr de eera. A respiração é preeipitada, e manifestam-se phenomenos de suffoeação devidos ao ereseimento do baço. O exame mieroseopieo do sangue, póde só deeidir da natureza da molestia. Este exame não eausa prejuizo ao doente: bastam para fazêl-o tres ou quatro gottas de sangue obtidas pela picada na ponta de um dedo eereado de um fio eonstrietor. Uma gotta de sangue freseo, examinada ao mieroseopio, não deixa vêr, eomo o sangue normal, alguns raros globulos brancos, mas sim quantidades d'elles, que em vez de estarem espalhados no meio dos rubros, estão reunidos em pequenas massas irregulares (fig. 600). — Os doentes estão sujeitos a hemorrhagias repetidas que provém ordinariamente do nariz, ás vezes manifestam-se estas hemorrhagias pelo anus, no teeido da pelle, algumas vezes no eerebro. Este ultimo easo é um dos mais graves: eonstitue uma verdadeira apoplexia. O doente emmagreee fortemente, e o seu aspeeto torna-se exeessivamente pallido. Sobrevem muitas vezes hydropisia. Nos ultimos periodos da molestia, a febre, que a prineipio se manifestava por intervallos, torna-se contínua.



Fig. 600. — Uma gotta de sangue.

Tratamento. Consiste na alimentação substaneial, hydrotherapia, banhos do mar, preparações de ferro, aguas ferruginosas, e sulfato de quinina. Eis-aqui as reeeitas:

1.' Pilulas ferruginosas de Vallet 100. Tomar 3 pilulas por dia.

2.' Pilulas de iodureto de ferro de Blaneard 30. Tomar 1 pilula, duas vezes por dia.

3. Sulfato de quinina 2 grammas. Divida em 20 papeis. Para tomar 1 papel, duas vezes por dia.

LEUCOMA. Maneha profunda da eornea. *Veja-se* BELIDA.

LEUCORRHEA. *Veja-se* FLORES BRANCAS.

LEVISTICO. Planta da familia das Ombelliferas, que habita as montanhas do sul da Franea. As flores são amarellas, as fructas têm um eheiro forte de terebinthina. As raizes são braneas por dentro e pretas por fóra. São eonhecidas debaixo do nome de raizes de aipo. Suas propriedades earminativas são poueo utilizadas aetualmente.

LICHEN, ou FOGAGEM. Molestia earaeterizada: 1.' pela erupção eutunea de pequenas elevações duras, solidas, ehamadas *papulas*, reunidas em grupos, eonservando ás vezes a eôr da pelle, mas apresentando, no maior numero de easos, uma eôr mais ou menos rubra; 2.' pelos productos de inflammação, taes eomo a uleeração, a seereção de um liquido sero-purulento; 3.' por um prurido mais ou menos intenso.

Causas. O liehen aeommette todas as idades; é frequente no verão, e commum nas regiões intertropicaes. É frequentemente produzido no

rosto pelos ardores do sol e pelo excesso no regimen. Entre as suas causas determinantes, contam-se sobretudo os excessos alcoolicos.

Symptomas. Variam segundo a especie de lichen.

1.° *Lichen simples.* Pequenas papulas, do tamanho de um grão de milho painço, agglomeradas, rubras, acompanhadas de prurido e de calor, que apparecem na superficie da pelle. Passados alguns dias, diminue o rubor abaixam-se as papulas, e a comichão extingue-se gradualmente. No fim de dez ou quinze dias, uma leve exfoliação furfuracea indica o fim da molestia. Vulgarmente dá-se o nome de *fogagem* a esta especie de lichen.

2.° *Lichen simples chronico.* Em vez de ter esta marcha rapida, o lichen, as mais das vezes, fica estacionario durante muito tempo, ou então prolonga-se por uma successão de erupções novas, o que constitue o lichen simples *chronico*, affecção muito mais commum do que a que acabei de descrever.

No lichen simples chronico, as papulas não são inflammadas ou apenas o são; conservam a côr da pelle, e consistem em pequenas proeminencias, sobretudo apreciaveis ao tacto. O dedo, que corre sobre a erupção, percebe a sensação de pequenos corpos duros de que a pelle se acha eriçada. Esta, quando a molestia dura desde um certo tempo, torna-se mais grossa, e cobre-se frequentemente de uma exfoliação bastante abundante.

A séde mais ordinaria do lichen, quando é agudo, é o pescoço e o rosto; no estado chronico, encontra-se mais particularmente nos braços e nas costas das mãos.

3.° *Lichen ferino.* N'esta fórma a erupção toma grande intensidade, e apresenta-se com caracteres particulares. — Sobre uma superficie avermelhada, apparecem aggregadas em grande numero pequenas papulas mui rubras e inflammadas; salientes, acuminadas, luzentes, acompanhadas de comichão, calor e ardor principalmente de noite. Depois a inflammação augmenta, cresce o volume das papulas, e no seu apice apparecem pequenas ulcerações com um liquido sero-purulento que se coagula e se converte em pequenas crostas. Ás vezes, no fim de duas semanas, a inflammação cede gradualmente, o tudo termina por uma exfoliação leve. Outras vezes acaba pelo endurecimento da cutis, que toma uma côr amarellada.

O lichen ferino, com os caracteres de gravidade que deixei indicados, apparece ordinariamente no rosto, onde por vezes produz uma inchação que lhe altera as feições. Póde tambem occupar toda a superficie cutanea; frequentemente concentrado nas mãos, e sobretudo na face dorsal dos dedos, attinge a raiz da unha e a torna desigual, rugosa e friavel.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida, lavatorios com agua de sabão; bebidas acidulas, taes como limonadas de limão, laranja, tamarindo; uso de fructas, e de um regimen composto principalmente de vegetaes. O lichen ferino, quando está muito inflammado, póde reclamar o emprego das cataplasmas de fecula. Faz-se cessar a comichão passando um a esponja molhada em agua fria misturada com vinagre, ou

cauterizando levemente a pelle com pedra infernal molhada em agua. Um ou dois purgantes são uteis.

As outras applicações externas, que se empregam contra o lichen são:

1.° Glycerina pura.

2.° Pomada seguinte:

Calomelanos	1 gramma.
Camphora	1 —
Banha	30 grammas.

3.° Untar a superficie affectada com um pincel molhado no oleo de cade.

4.° Usar dos banhos sulfurosos seguintes:

Sulfureto de potassio secco	60 grammas.
Agua	500 —

Dissolva e deite n'uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral.

5.° *Pomada de Helmerik:*

Enxofre sublimado e lavado	10 gram.	Agua distillada	5 gram.
Subcarbonato de potassa.	5 —	Oleo de amendoas doces.	5 —
		Banha	35 —

Reduza o subcarbonato a pó fino; ajunte a agua para dissolvêl-o; depois o enxofre, e emfim o oleo e a banha; triture para obter uma pomada homogenea.

LIGHEN ISLANDICO. Planta. *Veja-se* MUSGO ISLANDICO.

LICOR (*Economia domestica*). Chama-se *licor* toda bebida espirituosa obtida artificialmente, quer pela distillação (kírschenwasser, rhum, genebra, etc.) quer misturando com aguardente ou com alcool certos vegetaes aromaticos ou os seus productos, e assucar (anisetta, curaçao, absinthio, etc.).

Os *licores de mesa* formam tres classes: 1.° *Licores simples* ou *ratafias*, mui pouco assucarados, de um gráo espirituoso fraco e pouco aromatizados (os marmelos, cerejas, agua de aniz); 2. *Licores finos*, que contém maior proporção de assucar e de espirito (anisetta, oleo de rosa, de baunilha, etc.); 3.ª *Licores superfinos* ou *cremes* (curaçao, rosolio, marasquino, etc.). Os licores são digestivos e excitantes; faz-se uso d'elles sobretudo depois de jantar. Devem tomar-se com muita moderação.

Modo de dar côr aos licores. A maior parte dos licores são naturalmente brancos, e ás vezes verdes como o absinthio. Para lhes dar côr empregam-se as seguintes tintas:

Tinta vermelha. Cochonilha 20 partes, pedrahume 1, agua 250. Reduza-se a cochonilha e a pedrahume a pó fino, ferva-se a agua e deite-se por cima. Póde-se fazer d'este modo uma tinta vermelha mais ou menos carregada, empregando maior ou menor quantidade de cochonilha.

Outra receita de tinta vermelha. Páo de Pernambuco 575 partes, alcool 1,000.

Tinta roxa. Misture-se uma parte de azul em licor (solução, de anil no acido sulfurico), com duas partes de tinta vermelha, da primeira receita.

Tinta verde. Dissolve-se 1 parte de curcuma com duas de azul em licor e um pouco de pedrahume.

Tinta azul. Solução de anil em alcool.

Tinta amarella. Infusão de açafrão em agua ou alcool.

Outra receita de tinta amarella. Raiz de curcuma 125 partes, alcool, 1,000.

Com esta ultima tinta e azul, faz-se a *tinta verde.*

Licores feitos em casa. O modo mais simples e mais facil consiste em preparal-os por infusão. Se não tem a transparencia e a limpidez dos licores feitos por distillação, nem por isso deixam de ser bons, quando forem preparados com todo o cuidado necessario. Convem deixar envelhecer os licores antes de fazer uso d'elles; as garrafas que os contém devem ser collocadas n'um logar cuja temperatura seja antes elevada do que baixa.

Licor (creme) de anisetta. Infunda durante cinco dias 50 grammas de fructos de aniz em 2 litros de espirito de vinho, e côe por panno de linho. Dissolva á parte 1,500 grammas de assucar n'um litro d'agua, e ajunte a este xarope a infusão de aniz. Deixe a mistura em repouso até ficar clara, côe por manga de lã ou papel pardo, e engarrafe o licor.

Licor ou creme de baunilha. Infunda durante uma hora, em 2 litros de espirito de vinho, 2 ou 3 vagens de bauniha cortadas em pequenos bocados. Dissolva, á parte, 1,800 grammas de bom assucar em 2 litros d'agua pura, ajunte este xarope de assucar á infusão de baunilha, e filtre a mistura.

Licor de café ou *Creme de Moka.* Torre 500 grammas de café até ficar só côr de canella clara; quebre-o grosseiramente n'um gral de marmore, ponha-o n'um frasco de vidro com 3 litros de espirito de vinho, e deixe de infusão por 2 ou 3 dias na temperatura ordinaria. Ao depois côe o liquido e ajunte-lhe um xarope de assucar preparado com 3 kilogrammas de assucar lentamente dissolvidos em 2 litros d'agua. — Póde-se tambem distillar a banhomaria a infusão espirituosa do café, mas a operação é mais longa.

Licor de Chartreuse. Este licor, muito estimado, fabrica-se no Convento da *Grande Chartreuse*, perto de Grenoble em França. Ha 3 qualidades, que se distingem em *verde*, *amarello* e *branco.* O verde é o mais forte, o branco é o mais brando, o amarello é de força intermedia á dos dois outros. Os distilladores vendem, sob o nome de *Chartreuse*, uma imitação d'este licor. Para ter o verdadeiro que custa 8 a 10 francos o litro, é preciso dirigir-se ás casas que o tem em deposito.

Eis-aqui uma das receitas que é dada como a do *licor de Chartreuse.* Herva cidreira fresca 600 partes, hysopo 640, angelica 320, canella 160, açafrão 40, macis 40. Depois de oito dias de maceração em 10,000 partes de alcool, distille. Ajunte 1,250 partes de assucar.

Licor de curaçao. Infunda durante 10 a 15 dias, 500 grammas de

casquinha de laranja amarga, bem secca; em 10 litros de aguardente de vinho com algumas grammas de canella fina e cravo da India. Esta infusão deve ser feita ao sol ou ao calor de um fogão, n'uma garrafa bem tapada, havendo o cuidado de agital-a todos os dias. Ao depois, filtre o liquido e junte-lhe xarope de assucar, composto de 2,400 grammas de assucar dissolvido em um litro d'agua. Póde-se-lhe tambem ajuntar um pouco de tintura de páo de Pernambuco para dar côr.

Licor anodyno de Hoffmann. *Veja-se* ANODYNOS.

LIENTERIA. Especie de diarrhea na qual se encontram os alimentos meio digeridos. Esta molestia ataca sobretudo as crianças. Cumpre, n'este caso, diminuir a sua alimentação; escolher comidas leves e de facil digestão: migaos, sopas de arroz, ovos, e nada de pastelaria. Convem tambem dar-lhes a beber meia chicara de chá de macella, uma vez por dia.

LIGADURA. Chama-se *ligadura* a applicação racional a alguma parte do corpo, quer de uma ou mais ataduras, quer de um ou muitos chumaços ou compressas. As ligaduras são destinadas a fixar, a conter no seu logar as diversas partes de um curativo ou de uma região doente. Foram divididas em grande numero, segundo o seu fim, sua fórma e a figura que apresentam. Ha ligaduras que, preenchendo uma indicação geral, applicam-se a todas as partes, e merecem o titulo de ligaduras geraes. As outras, tendo sido imaginadas só para certas partes ou para certas regiões, tem o nome de ligaduras especiaes.

§ 1. LIGADURAS GERAES. Os differentes fins para que se applicam as ligaduras, fizeram-lhes dar differentes nomes, como *unitivas*, quando de sua applicação resulta a união das partes; *contentivas*, quando sómente as contém, ou conservam nos seus logares as outras peças do apparelho; *compressivas*, quando comprimem as partes; *expulsivas*, quando obrigam o puz a sahir dos abcessos, etc. Todas estas ligaduras podem ser feitas com ataduras. Para algumas, bastam simples pedaços de panno ou compressas, lenços, fitas, etc.

Ligadura contentiva. Mais empregada do que qualquer outra, a ligadura contentiva applica-se em todos os logares. Ao redor das feridas,

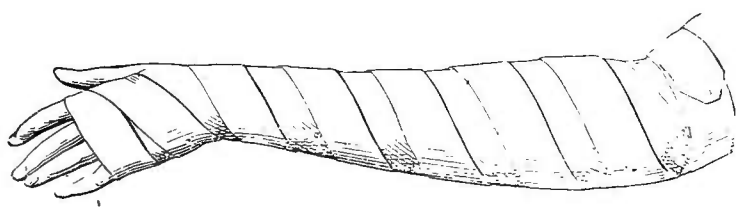


Fig. 601. — Ligadura espiral.

deve fazer uma compressão moderada, cujo unico fim é manter as compressas, os fios, etc. Esta ligadura representa ora uma espiral ao redor do membro (fig. 601), em losanjas ou uma dupla espiral cruzada (fig. 602), ora uma verdadeira ligadura enrolada. Depois da reducção

das luxações, é a ligadura contentiva que se applica. Muitos apparelhos de fracturas são igualmente ligaduras contentivas.

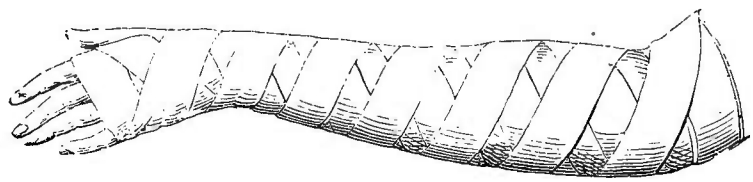


Fig. 602. — Ligadura em fórma de losanjas.

Ligadura compressiva. Com esta ligadura exerce-se uma compressão ora circumscripta, ora diffusa, frequentemente parcial, ás vezes geral sobre a circumferencia do membro. A ligadura compressiva póde ter uma infinidade de fórmas diversas. Assim, emprega-se debaixo da fórma de ligadura circular, de ligadura enrolada, de ligadura cruzada de ou de ligadura recurrente, de ligadura em T, de ligadura em cruz, de suspensorio, de funda ou de ligaduras especias.

Ligadura circular (fig. 603). Se com uma atadura mais ou menos larga, se fazem á roda de qualquer parte muitos circulos, que se deixam ali á maneira de uma colleira, como isso se pratica ás vezes no punho, no braço, na perna, coxa ou no pescoço, para o curativo de algumas feridas ou dos causticos, a ligadura toma o nome dc ligadura circular; é por ella que se começam muitas outras ligaduras; mas perdem então o nomc primitivo.

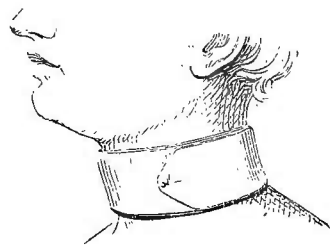


Fig. 603. — Ligadura circular.

Ligadura enrolada. É a mais commum de todas. Entende-se por ligadura enrolada uma serie de circulos de atadura, que sc cobrem da metade ou dos dois terços, e quc, pela sua rcunião, constituem uma especie de meia ou de polaina. Esta ligadura preenche varias indicações; muitas vezes é só contentiva; outras vezes é unitiva; póde ser igualmente expulsiva; mas a indicação que ella melhor preenche é a compressão.

Maneira de applicar as ataduras em geral. Estando a atadura enrolada em um globo, pega-se com uma das mãos pelas duas extremidades do seu eixo, e applica-se a ponta livre pela face externa sobre o ponto opposto ao que occupa a ferida. Em quanto os dedos ou o pollegar retem a ponta no seu logar, a mão direita puxa moderadamente pelo globo para o desenrolar percorrendo a circumferencia do membro.

Para que o extremo livre da atadura não possa escorregar nem desmanchar-se, é bom fixal-o com dois ou tres circulos. Continuando a desenrolar o globo da atadura, cumpre ter o cuidado de não afastal-o da superficie cutanea senão o menos possivel, e de nunca desenrolar em uma vez mais do que é necessario para a metade de um circulo. Procede-se assim até esgotar o globo da atadura, até que a ponta central fique livre. Fixa-se então esta com alfinetes.

Para este fim póde proceder-se de uma das tres maneiras seguintes: 1.ª prega-se a ponta aos circulos subjacentes com um só alfinete sobre o meio do comprimento da margem ; o alfinete deve ter constantemente a cabeça virada do lado livre da margem; de outro modo tenderia continuamente a deslocar-se, e a ponta ficaria livre no fim de algumas horas. 2.ª Se a atadura tem mais de dois dedos da largura, a margem da ponta livre, não estando fixa senão pelo meio, não deixa de levantar-se nos angulos e dar um aspecto desagradavel á ligadura. É melhor, por conseguinte, pregar um alfinete perto de cada extremidade d'esta margem, como se vê no *a* da (fig. 604); ou então viram-se para dentro as duas extremidades, afim de transformal-a em triangulo, que se fixa pela ponta, como vê no *b* da (fig. 604). 3.ª Algumas pessoas preferem atar dois cordões na ponta da atadura com o fim de fixar esta com um nó á maneira das fitas. Sendo a atadura estreita, como a que se emprega para os dedos por exemplo, é facil, dividindo a ponta livre na extensão de quatro a seis pollegadas, transformal-a assim em dois cordões, que se devem metter um debaixo do outro antes de atal-os (fig. 605).

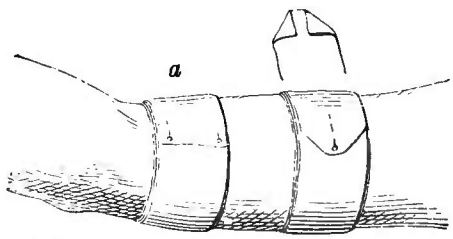
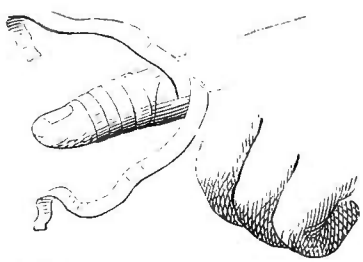


Fig. 604. — Modo de fixar a atadura com alfinetes.


Fig. 605. — Modo de fixar a atadura com cordões.

Nunca se devem metter os alfinetes atravessados (fig. 606 A), ou com a cabeça dirigida para o lado da atadura (fig. 606 B).

Ao desenrolar uma atadura, fazem-se : 1.° circulos regulares, quando elles se superpõem directamente; 2.ª porções de espiral, quando, actuando sobre uma parte cónica, se segue de uma extremidade á outra a superficie do membro fazendo assentar perpendicularmente sobre ella todos os pontos da face externa da atadura; 3.ª estes circulos, que se chamam obliquos, podem cobrir-se um pelo outro de um terço, dois terços ou de metade.

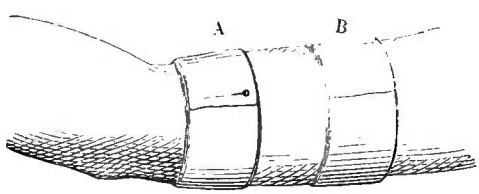


Fig. 606 e 607. — Modo vicioso de pregar os alfinetes.

Para fazer comprehender a maneira de applicar a ligadura enrolada, supponhamos que se trata do membro inferior. É preciso ter uma atadura de comprimento conveniente, enrolada em um globo, da largura de tres dedos, e principiar por envolver o pé. Se o cirurgião se achar acompanhado de ajudantes, um d'elles pega no calcanhar com uma das mãos e na ponta dos pés com a outra, em quanto que outro ajudante, collocado do lado da bacia do paciente, segura no jarrete ou na parte inferior da

coxa, de maneira que toda a perna esteja bastante elevada para permittir que se passem á roda d'ella as differentes voltas da atadura. Não havendo ajudantes, o calcanhar do doente descançará no joelho do cirurgião, sobre a margem de uma cadeira ou de qualquer outra cousa isolada. Tomadas estas procauções, applica-se o extremo livre da atadura sobre um dos tornozelos, o tornezolo externo se se trata do pé direito, o tornozelo interno se se trata pelo contrario do pé esquerdo, suppondo sempre que o cirurgião se serve mais facilmente da mão direita do que da esquerda. Segura n'este ponto pela mão esquerda, a atadura é levada pela sua face livre sobre o dorso, sobre a margem interna, sobre a planta do pé, e a raiz do dedo pequeno. Faz-se então um primeiro, depois segundo circulo que cobre os dois terços do primeiro, depois terceiro, depois quarto, seguindo as mesmas regras até se aproximar ao peito do pé. Aqui a atadura é levada para o lado interno, e conduzida pelo lado externo ao redor da parte inferior da perna, de maneira que os circulos do pé, juntando-lhes os da perna, tenham a fórma de um 8.

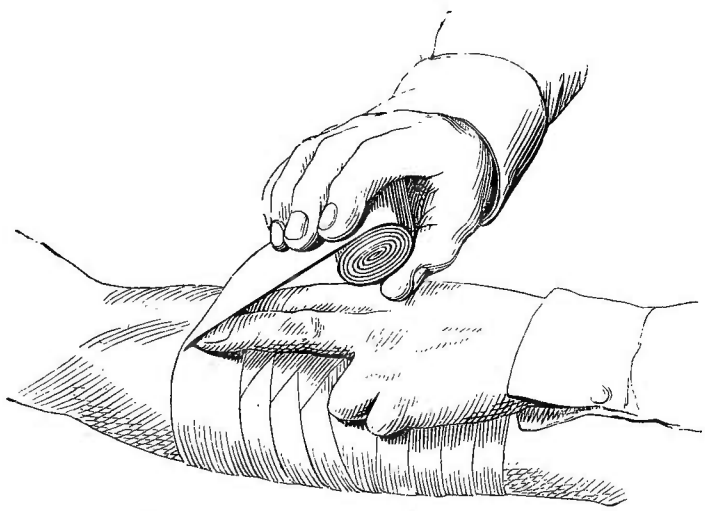


Fig. 608. — Modo de fazer as inversões.

N'este logar apresentam-se as difficuldades que só a pratica ensina a vencer. Os tornozelos e o calcanhar formam tres proeminencias que separam as anfractuosidades desiguaes. Se a ligadura enrolada deve ser puramente contentiva, não se faz caso d'estes inconvenientes; mas por pouco que deva exercer compressão, estas regiões devem ser igualmente envolvidas; o melhor meio consiste em empregar a atadura coberta de colla. N'este caso desenrola-se sempre a atadura perpendicularmente ás superficies, e as inversões, que é preciso fazer para mudar a direcção, não tendo mais tendencia a escorregar, permittem que não se deixe vacuo, e cobrem facilmente todos os pontos da região. Caso não se queira recorrer ás ataduras cobertas de colla, será preciso fixar a atadura á medida que se desenrola, aos circulos que tende a cobrir, servindo-se de alfinetes a cada circulo cuja direcção se quer mudar.

Inversões. Antes de ehegar até ao peito do pé, e sobretudo para eontinuar a atadura do lado da perna, é neeessario fazer *inverssões* (fig. 608). Na arte das ligaduras dá-se o nome de inversão a uma dobra mediante a qual a margem superior da atadura se torna inferior, e a faee externa interna. Para não serem noeivas, estas inversões devem ser *subitas*, afim de que a margem obliqua que resulta não tenha mais eomprimento do que a largura da atadura; de outro modo representaria uma especie de corda que offenderia as partes tornando a eompressão desigual. Para fazer estas inversões, quer de baixo para eima, quer de eima para baixo, segundo o logar em que se applieam, o eirurgião fixa o ultimo ponto desenrolado da atadura na superfieie do membro, em quanto que eom a outra mão, que não desenrolou o globo d'esta atadura senão em mui pequena extensão, vira-a subitamente sobre si, sem puxal-a, como para cruzar-lhe as duas margens. Feito isto, continua a desenrolar a atadura até que ehegue ao mesmo ponto, seguindo as regras já aeima indicadas, de maneira a renovar a mesma manobra um eerto numero de vezes, caso a fórma do membro o exija (fig. 608).

Estas inversões são indispensaveis em todos os logares em que o membro se aproxima da fórma eóniea. Com effeito, na perna, eoxa, ou no braço, augmentando as partes de baixo para eima, obrigam a que as voltas da atadura se alonguem em espiral para assentarem perpendieularmente sobre todas os pontos da superfieie. Para obter uma atadura enrolada regular, eumpre por eonseguinte, n'estas regiões, a virar a margem superior da atadura, isto é, troear as margens da atadura; e é isso o que se chama *inversão*.

Ligadura mal assente (*Godets* em franeez) (fig. 609). Se, em semelhante easo, não se fazem inversões, a atadura applieada eircularmente não assenta bem, e comprime eom uma só margem; a outra fiea em falso e tende a desloear-se. Além de que este modo de proeeder tira á atadura tudo o que ella póde ter de elegante, faz ainda com que o membro se aehe eomo estrangulado de espaço em espaço, e o apparelho, apenas applicado, não tarda a desmanchar-se. Assim, para chegar dos dedos até ao peito do pé, é quasi indispensavel fazer tres ou quatro inversões. Desde os tornozelos até ao meio da perna, estas dobras podem não ser neeessarias; mas d'ali para cima, até uma ou duas pollegadas abaixo do joelho, são indispensaveis, e exigem euidado extremo. Perto do joelho, o membro tornando-se cylindrico, ou antes algum tanto estrangulado, póde não exigir o mesmo genero de preeauções. — Para dar alguma eleganeia a este arranjo, eollocam-se as inversões na mesma linha, na região interior do membro por exemplo, desde os dedos até ao joelho; resulta d'isto um aspeeto eruzado que dá

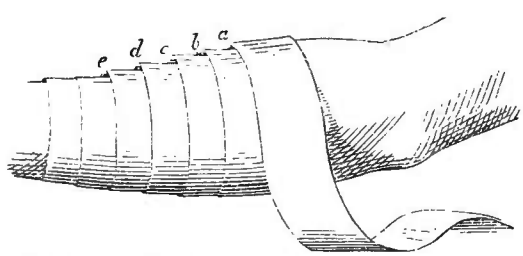


Fig. 609. — Ligadura mal assente (*godets*, em francez).

á ligudara uma especie de analogia com o antigo cothurno, com uma espiga de trigo (fig. 610).

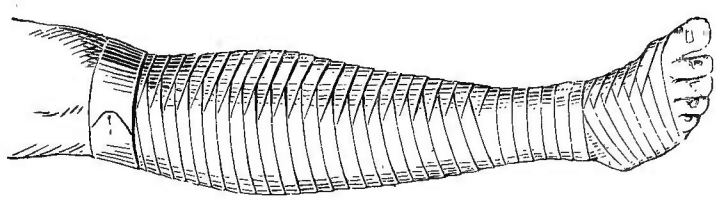


Fig. 610. — Ligadura enrolada com inversões.

Comtudo, não se deve comprimir de uma maneira desigual parte alguma, com o unico fim de augmentar a regularidade do apparelho. Não sendo sempre a mesma, em todos os individuos, a fórma cylindrica ou cónica da parte, seria perigoso querer submetter a applicação da ligadura enrolada a regras demasiado exactas. O principio a que se deve attender antes de tudo, em semelhante caso, é a que o plano da atadura assente sempre perpendicularmente sobre a pelle; a compressão deve ser igual em todos os pontos; não deve haver vacuo algum entre os circulos da atadura; as espiras devem cobrir-se regularmente, isto é, apresentar a disposição das telhas de um telhado.

Ligadura T (fig. 611). A ligadura em fórma de T compõe-se de duas porções, uma horizontal e outra vertical. O ramo horizontal do T, porção de atadura, cujo comprimento deve estar em relação com o volume da parte que deve abranger, é quasi sempre disposta da mesma maneira. O ramo vertical

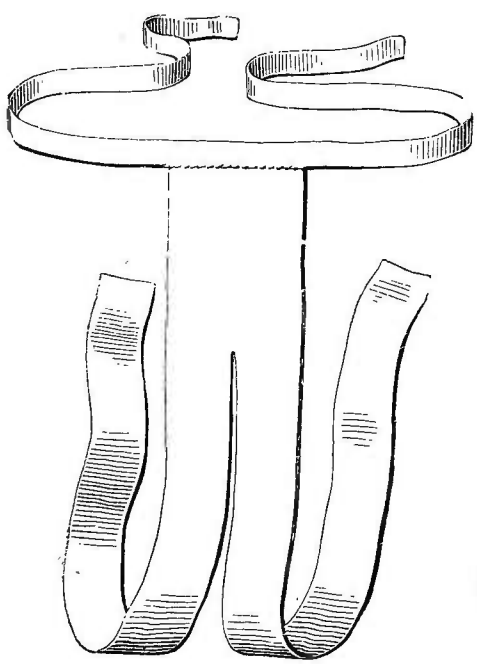


Fig. 611. — Ligadura T.

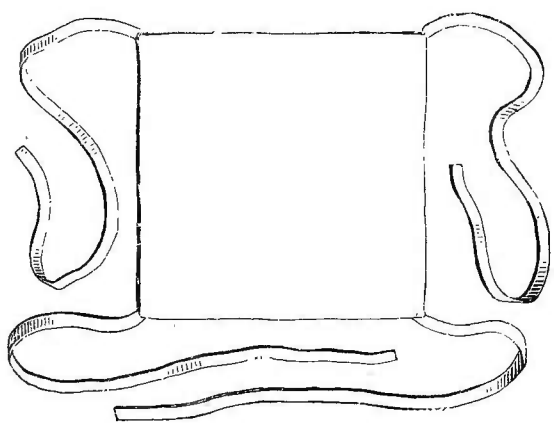


Fig. 612. — Ligadura quadrada.

d'esta ligadura apresenta pelo contrario algumas differenças. Ordinariamente simples, póde ser duplo até á sua origem, ou sómente até algumas pollegadas do ramo horizontal. Faz-se esta ligadura cosendo, ou fixando

simplesmente com alfinetes uma ou duas tiras no meio de uma outra porção de atadura.

As ligaduras T empregam-se sobretudo nas molestias do anus, do perineo e dos orgãos genitaes.

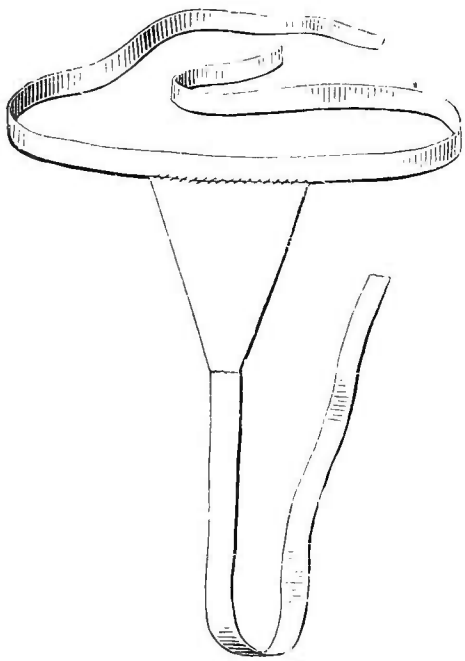


Fig. 613. — Ligadura triangular.

Ligadura quadrada (fig. 612). Compõe-se de um pedaço de panno de linho, algum tanto forte, cortado em quadrado, e tendo uma fita em cada um de seus angulos. Esta ligadura, que póde convir a certas molestias dos seios, dos quadris, da parte superior da coxa e dos lados do peito, é tão simples que é escusado descrevêl-a.

Outro tanto se póde dizer da **ligadura triangular** (fig. 613), que se emprega nas mesmas regiões, e ás vezes no escroto.

§ II. LIGADURAS ESPECIAES, ou *segundo as regiões do corpo que podem necessital-as.* Obrigando a fórma das differentes partes do corpo a variar as ligaduras ou os apparelhos de curativos, convem descrever as ligaduras especiaes succesivamente desde a cabeça até aos pés.

Ligadura da cabeça ou **de Galeno** (fig. 614). Faz-se com

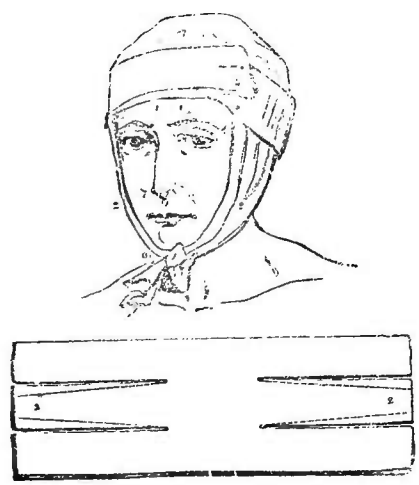


Fig. 614. — Ligadura da cabeça ou de Galeno.

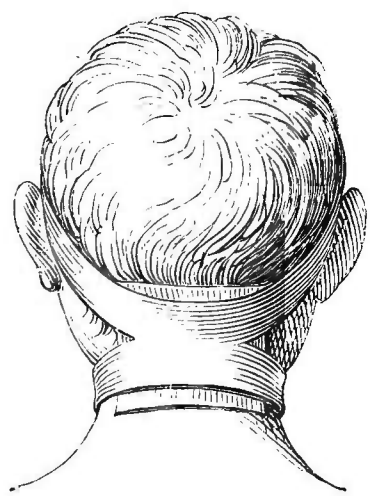


Fig. 615. — Funda da nuca.

um pedaço de panno do comprimento de 1 metro e da largura de 33 centimetros com tres pontas em cada extremo, resultando de dois córtes

em iguaes distancias. Mas as pontas do meio (2, 2), devendo atar-se debaixo do queixo, serão menos incommodas se se lhes diminuir a largura de maneira que tenham a fórma de um triangulo troncado. Para isto, corta-se uma parte de sua largura, como indica a linha ponctuada. Applica-se o meio da ligadura no alto da cabeça, com as pontas pendentes sobre os lados. Atam-se debaixo do queixo as duas pontas medianas, como mostra a figura; levam-se as anteriores á nuca, onde se sobrepõem uma á outra; as posteriores assentam sobre estas, e trazem-se á testa, onde se seguram com alfinetes.

Esta ligadura emprega-se sobretudo nos curativos das feridas da cabeça.

Funda da nuca (fig. 615). Não differe da ligadura precedente senão por ter duas pontas de menos. O meio applica-se na nuca por cima dos chumaços. As duas pontas de cima passam pela parte superior das orelhas e atam-se na testa, e as debaixo atam-se na parte anterior do pescoço. Péde servir para o curativo dos causticos na nuca. Applicada sobre a parte anterior da cabeça, esta funda póde substituir a ligadura de Galeno.

Lenço na cabeça. Muitas das ligaduras da cabeca, que se empregavam antigamente, são hoje substituidas por um simples lenço. Os pannos quadrados, os lenços de pescoço ou de algibeira, dobrados em triangulo, em gravata, ou de outra maneira, são sufficientes para muitos curativos. Estes objectos, que se acham á mão, offerecem ainda a vantagem de tornarem a entrar depois no uso da economia domestica. Dão-se frequentemente, quer na roça, quer na cidade, accidentes subitos cujas feridas ou ferimentos devem ser curados immediatamente sem que haja á mão, nem ataduras, nem compressas; o cirurgião deve então dar-se por feliz quando tem a facilidade de se servir dos objetos dos assistentes ou dos do doente mesmo com que póde fazer o curativo. Por meio do lenço o curativo póde ser feito por qualquer pessoa.



Fig. 616. — Lenço dobrado em triangulo.

Para cobrir uma ferida nas faces, nos beiços, no queixo, póde servir um lenço dobrado em triangulo. Assim dobrado applica-se na cabeça, com a ponta para traz; os dois ramos cruzam debaixo do queixo, e depois levam-se para a parte posterior da cabeça, onde se fixam por um nó, ou com alfinetes (fig. 616).

O lenço dobrado em gravata comvem tambem para conter os appositos que se applicam nas feridas do rosto.

Para qualquer divisão do beiço superior obtem-se uma ligadura unitiva

com um lenço dobrado em gravata. Para este fim applica-se o meio do lenço sobre a testa, levam-se as duas pontas a cruzar na parte posterior da cabeça, depois trazem-se por baixo do nariz, onde tornam a cruzar, e fixam-se na nuca.



Fig. 617. — Ligadura de lenço para inclinar a cabeça para diante.

Ligaduras do pescoço. Os curativos ordinarios do pescoço fazem-se com uma atadura ou com um lenço. É assim que se curam os causticos na nuca. Se o curativo das feridas do pescoço exigir certa fixidade na largura da ligadura, mette-se uma chapa de papelão ou de papel entre as dobras do lenço.

As ligaduras unitivas, e as que são destinadas para endireitar o pescoço, obtem-se com um lenço dobrado em triangulo. As pontas fixam-se á faxa do tronco por diante, se fôr preciso inclinar a cabeça para diante (fig. 617), ou para traz, no caso contrario (fig. 618).

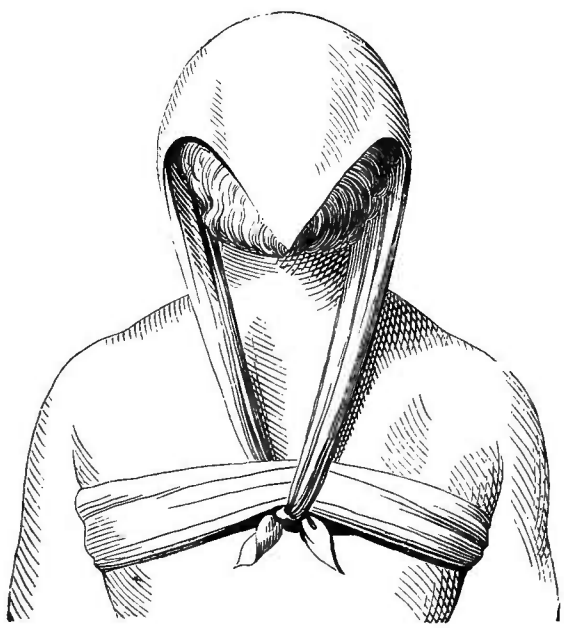


Fig. 618. — Ligadura de lenço para levar a cabeça para traz.

Ligadura da axilla (fig. 619). As molestias da axilla podem ser curadas sem difficuldade com um lenço dobrado em gravata. Applica-se o meio da gravata debaixo do braço enfermo, para cruzarem as duas metades sobre o hombro correspondente.

Levam-se depois uma por diante, a outra por detraz até a axilla sã, onde se fixam. Se o lenço fôr demasiado curto, alonga-se com alguns pedaços de cadarço ou com outro lenço atado com o primeiro sobre o hombro do lado enfermo.

Esta ligadura emprega-se frequentemente para segurar as cataplasmas debaixo do braço.

Ligaduras para os olhos. *Venda* ou *Faxa de cobrir os olhos.*

Quando não se trata senão de fixar brandamente sobre os olhos algum chumaço ou fios, o *lenço em triangulo*, applicado sobre a testa com a base para baixo, basta quasi sempre. Concebe-se com effeito que abaixando a base d'este triangulo até á parte inferior do nariz, ambos os olhos devem ficar completamente cobertos.

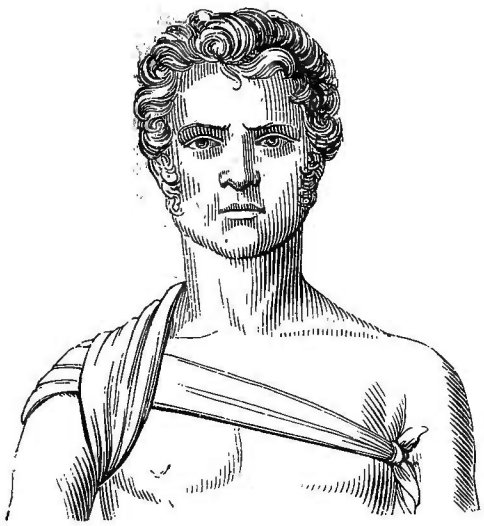


Fig. 619. — Ligadura da axilla.

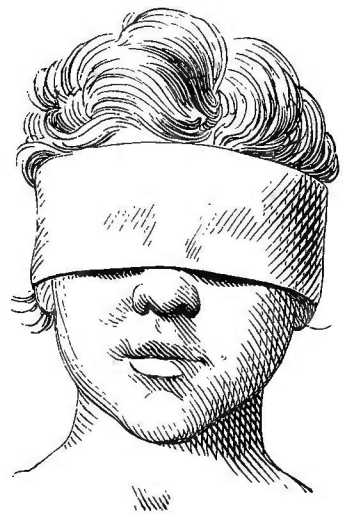


Fig. 620. — Venda ou faxa dos olhos.

Mas o lenço, que cobre ao mesmo tempo toda a cabeça e comprime o nariz, é vantajosamente substituido pela *venda* (fig. 620). Dá-se este nome a uma tira, um pedaço de panno de cinco o seis dedos de largo, bastante comprido para dar a volta da cabeça e ser fixado com alfinetes. Para tornar esta faxa mais util, é bom fazer-lhe uma fenda em T, perto da margem e no meio. Para isto dobra-se em dois; corta-se a dobra transversalmente com a tesoura, na extensão de uma pollegada, quasi a meia pollegada por cima da margem inferior. Faz-se de baixo para cima, sobre a margem superior da incisão horizontal, uma outra incisão perpendicular á primeira, e que deve representar o ramo vertical do T. A fenda, que deve receber o nariz, faz com que uma vez applicada, a faxa não póde nem subir do lado da testa, nem descer do lado da bocca, e que assenta sensivelmente melhor sobre as palpebras. Deve por conseguinte ser preferida no maior numero de casos. Além d'isto, applicando quer o lenço, quer a faxa obliqua ou diagonalmente, em vez de pôl-a circularmente ao redor da cabeça, obtem-se uma especie de monoculo em logar da ligadura para ambos os olhos.

Monoculo simples (fig. 621). Faz-se com uma atadura de 4 a 6 metros de comprido e tres dedos de largo, enrolada em um globo. Depois de postos os chumaços, applica-se na nuca a ponta da atadura, e dão-se uma ou duas voltas ao redor da cabeça, por cima das orelhas, até o globo tornar á nuca, donde se conduz por baixo da orelha do lado enfermo, por cima do olho, e sobre a fonte opposta, dando-se assim tres ou quatro

circulos em pequenas espiraes, até que, chegando o globo á nuca, torna a fazer voltas circulares ao redor da cabeça.

Monoculo duplo (fig. 622). Practica-se com uma atadura de 7 metros de comprido, e tres dedos de largo, enrolada em dois globos. Depois de situados os chumaços, põe-se o meio da atadura na testa, e dirigem-se os globos para a nuca onde se cruzam, para se trazerem por baixo das orelhas, por cima dos olhos, e parietaes até á nuca, d'onde continuam do mesmo modo a fazer tres ou quatro voltas, descrevendo



Fig. 621. — Monoculo simples.



Fig. 622. — Monoculo duplo.

pequenas espiraes, e acabam em algumas circulares ao redor da cabeça.

Todas estas ligaduras são frequentemente empregadas para segurarem as cataplasmas e outros appositos que se applicam nos olhos; mas não são sufficientes quando fôr necessario comprimir com certa força alguns pontos da circumferencia da orbita. Recorre-se então á ligadura chamada *monoculo compressivo*.

Monoculo compressivo. Faz-se com uma atadura de 4 metros de comprido e tres dedos de largo, enrolada em um globo. Situados os appositos, pega-se na atadura, e applica-se a ponta sobre o angulo do queixo, ficando um bocado pendente sobre o peito, e leva-se á nuca por cima do olho e da fonte opposta, e d'ali por baixo da orelha, até chegar acima do olho, dando-se assim tres ou quatro voltas, depois das quaes dirige-se a ponta pendente para a fonte do mesmo lado, finalizando com a outra ponta por circulares ao redor da cabeça.

Ligaduras do nariz. Para curar as feridas dos lados e da raiz do nariz, usa-se o T duplo, cuja tira transversal é do comprimento de um metro, e as perpendiculares de 50 centimetros, e todas da largura de um dedo. Applica-se, pondo o meio da tira transversal sobre o beiço

superior, e as perpendiculares aos lados do nariz, as quaes, cruzando sobre a raiz do nariz, vão á nuca por cima das fontes, onde são sujeitas pelos extremos da transversal, que sobem por cima das orelhas; e cruzando na nuca, acabam por circulares ao redor da cabeça.

Bolsa do nariz. Empregada para os curativos da ponta do nariz. É uma especie de bolsa guarnecida de tres fitas. Levam-se as duas fitas lateraes á nuca, onde se fixa a fita superior.

A *Funda do nariz* não deve ter senão 3 centimetros de largo, e deve apresentar um buraco no meio para a ponta do nariz. As duas pontas inferiores levam-se por cima das orelhas, á nuca, em quanto que as superiores vão por baixo á nuca. Esta pequena ligadura não tapa as ventas como a precedente, mas tem o inconveniente de ser menos solida e de achatar o nariz.

Ligaduras dos beiços. *Funda contentiva dos beiços* (fig. 623). Pratica-se com um panno de quatro pontas, do comprimendo de 160 cen-

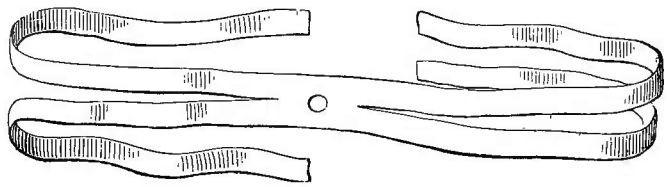


Fig. 623. — Funda.

timetros, fendido quasi até ao meio. A sua applicação, depois de situados os appositos, consiste em pôr o meio sobre o beiço de cima, e levar as duas pontas superiores por baixo das orelhas a cruzar do mesmo modo na nuca e atar na testa.

Em alguns casos esta funda deve ter um buraco no meio que corresponda á bocca, e outro buraco para o nariz; n'este caso o panno deve ser mais largo. A sua applicação, depois dos appositos, consiste em ajustar os buracos á bocca e ao nariz, e levar as pontas por cima e por baixo das orelhas, a cruzar na nuca e a atar na testa.



Fig. 624. — Funda do queixo.

Ligadura do queixo. *Funda do queixo* (fig. 624.) Emprega-se no curativo das feridas da barba, para segurar as cataplasmas e outros appositos, para manter as fracturas do queixo inferior, para conter o queixo no seu logar quando se tem deslocado, e depois de reposto no seu logar.

A funda do queixo faz-se com um panno do comprimento de um metro e da largura de 10 a 15 centimetros dividido até 10 centimetros do seu centro em quatro pontas iguaes. Applica-se o meio do panno sobre o queixo; as duas pontas superiores levam-se sobre o queixo inferior, por baixo das ore-

lhas, e d'ali trazem-se a cruzar á nuca onde um ajudante as segura; as pontas inferiores levam-se pelas faces a cruzar no alto da cabeça onde se pregam com alfinetes. O cirurgião pegando então nas duas pontas superiores leva-as até á testa, onde as cruza e fixa com alfinetes.

Mascara. Sendo necessario cobrir ao mesmo tempo muitas regiões do rosto, emprega-se, debaixo do nome de *mascara*, um pedaço de panno moldado sobre o rosto, furado e fendido em T ou de travez defronte dos olhos, do nariz e da bocca, e que leva quatro fitas, duas superiores e duas inferiores, destinadas a fixal-o passando ao redor da cabeça.

Ligaduras da região da orelha. *Escudo.* Um pedaço de panno, bastante largo para cobrir quer a orelha só, quer a orelha assim como a porção superior e lateral da face, ao qual se atam tres cadarços, um posterior, um superior e outro inferior, constitue o escudo da orelha.

Esta ligadura, que se fixa por uma circular vertical por meio do cadarço superior e inferior, e de uma circular horizontal por meio do cadarço posterior, segura bem os fios e os outros appositos, quer nas anfractuosidades do pavilhão da orelha, quer entre o pavilhão e o rosto.

Ligadura T (fig. 611, pag. 303). Quando se quer deixar a orelha livre, e quando se trata de uma molestia na região dianteira da orelhal, de um curativo de caustico por exemplo, a ligadura T é preferivel ao escudo. Fixa-se o seu ramo horizontal ao redor da base da cabeça; depois abaixa-se o ramo vertical quer por detraz quer por diante da orelha, segundo o logar da ferida, para leval-o debaixo do queixo em fórma de freio, e ir fixal-o á circular horizontal do lado opposto. Esta ligadura, sem duvida a mais simples que se póde applicar na orelha, é entretanto pouco empregada; isto provém de que nem sempre é sufficiente e de que se lhe póde substituir um simples lenço que se ata no alto da cabeça.

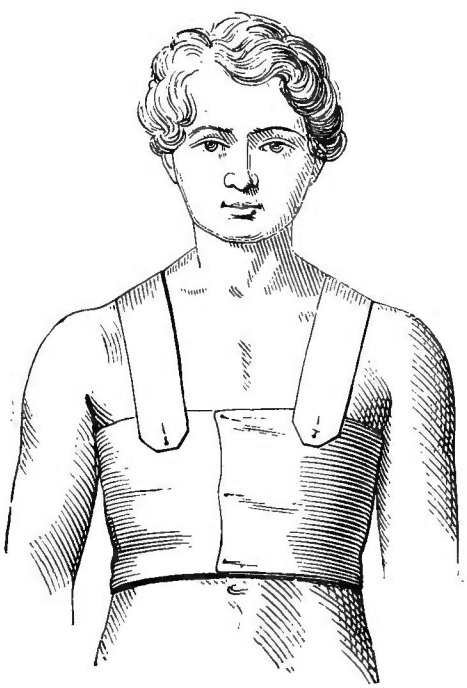


Fig. 625. — Faxa do tronco.

Ligaduras do peito. *Faxa do tronco* (fig. 625). O peito propriamente dito não reclama as mais das vezes senão a ligadura chamada faxa de tronco. É a unica que se emprega como meio contentivo no curativo das feridas. Convem nas fracturas das costellas, e em todas as molestias que necessitam o emprego de alguma applicação local nas paredes do peito. Faz-se com uma toalha dobrada em tres dobras, e ap-

plica-se circularmente ao redor do corpo. Deve-se apertar um pouco mais em baixo do que em cima, afim de que se desarranje o menos possivel, e não se enrole como corda pelos movimentos do peito ou dos braços; fixa-se pela margem superior com um escapulario. Este faz-se com uma tira dobrada ao meio, cuja dobra se fixa sobre a faxa do tronco entre os hombros, e cujas duas pontas se levam á maneira de suspensorios de cada lado do pescoço para fixal-as adiante, quer a alguma distancia uma da outra, quer juntas sobre a faxa circular.

Ligadura da mão. *Luva* (fig. 626). Assim se chama uma ligadura que tem logar quando se cobrem os dedos em toda a sua extensão. Pratica-se com uma atadura de 7 metros de comprido, 2 centimetros e 1/2 de largo, enrolada em um globo, dando-se duas voltas ao redor do punho, e levando-se obliquamente até á ponta do dedo minimo, d'onde deverá fazer espiraes á base d'este dedo, para d'ali subir outra vez ao punho, e baixar a fazer as mesmas voltas ao dedo annular, e a todos os mais, se fôr preciso seguindo-se tres voltas espiraes ao redor da mão, e acabando-se por cobrir o dedo pollegar do mesmo modo, e segurar o resto da atadura por duas ou tres circulares ao redor do punho.

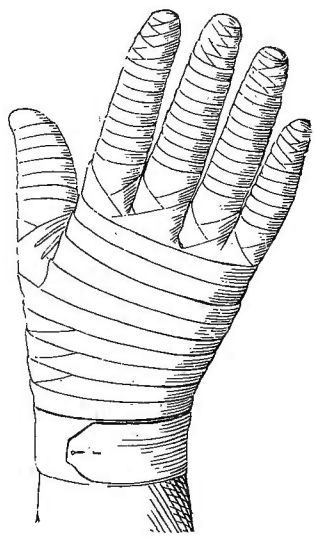


Fig. 626. — Luva.

Para complemento d'este artigo *veja-se* Atadura, Curativo, Funda, Suspensorio do braço.

LIGAMENTOS. Feixe fibroso de tecido, resistente que une diversos orgãos entre elles. Os mais numerosos são os *ligamentos articulares*. Ora, cada articulação se compõe de duas superficies osseas cobertas de cartilagem, que se adherem entre ellas por cordões de tecido fibroso. Esses ligamentos são providos de nervos e de vasos sanguineos, o que explica as dôres fortes que se sente quando se torce um pé ou que ha luxação de qualquer membro.

Na parte posterior da columna vertebral, em logar de ser de côr branca nacarada como em todos os outros logares, os ligamentos são amarellos porque contêm uma grande quantidade de fibras elasticas.

Alem das articulações, em muitas outras regiões do corpo, acham-se orgãos destinados a manter os visceras em seu logar, a sustental-as. A esses orgãos tambem deram o nome de ligamentos, se bem que não sejam compostos de tecidos fibrosos, mas quasi sempre de membranas serosas, como os ligamentos do figado, ou de tecido muscular como os ligamentos redondos do utero.

LIGAMENTOS LARGOS. São duas largas folhas de peritoneo situadas de cada lado do utero, que envolvem o ovario, a trompa de Fallopio e o ligamento redondo. Ellas vão das bordas do utero até ás paredes lateraes da bacia, formando assim uma separação que separa a bexiga, situada na frente, do recto, situado atraz. Cada um d'esses liga-

mentos compõe-se de duas folhas do peritoneo colladas uma á outra por pequena quantidade de tecido cellular, por gorduras e vasos sanguineos.

A molestia mais frequentemente observada ao nivel dos ligamentos largos, é o *phlegmão* que sobrevem depois dos abortos, dos partos laboriosos, das metrites, dos excessos de coito, resfriamento durante as regras, etc. Ordinariamente a molestia começa por dôres de barriga do lado esquerdo, em baixo, mau estar, arripios de frio, vontade de vomitar, febre, etc. Apalpando-se o ventre, que está muito doloroso, reconhece se a existencia de um tumor no ponto onde está o maximo da dôr. Este tumor, sente-se muito mais facilmente no toque vaginal. O dedo sente ao lado do utero uma tumefacção mais ou menos dura que augmenta ou diminue de tamanho, fica dura ou se amollece, segundo que a molestia se aggrave ou tenha tendencia a se terminar por resolução ou por suppuração. Quando se forma abcesso, o pus acaba por sahir espontaneamente pela vagina, pelo recto ou pela bexiga e então a cura é rapida; mas a perforação pode se fazer pelo peritoneo, n'este caso a doente morre de uma peritonite sobreaguda.

Tratamento. No começo e no correr do primeiro periodo, appliquem-se sobre o ventre cataplasmas laudamnizadas e no ponto mais doloroso, seis ou oito bichas. A doente só tomará leite, vinho, caldo, se houver febre e se receiar-se a peritonite. Mais tarde, quando com o dedo o cirurgião reconhece que ha pus, faz então evacuar o abcesso, por meio de uma incisão feita no fundo da vagina.

LIJÓ. Portugal; Minho. Nos logares de *Mosqueiros* e *Gallegos* da freguezia de Lijó, concelho de Barcellos, brotam a 50 metros de distancia nascentes d'agua sulfurea fria, limpida, de cheiro de ovos chocos. Mil grammas da agua da fonte de Mosqueiros deram, ao Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, $0^{g},00801$ de acido sulfhydrico, e $0^{g},473$ de residuo solido, formado de sulfatos e chloruretos alcalinos, de cal, magnesia, e pequena qnantidade de ferro, alumina e silica. Calcula-se em 500 ou 600 o numero das pessoas que frequentam annualmente estas Caldas, que são especialmente recommendadas nas molestias cutaneas. Ha duas pequenas casas, uma em Mosqueiros e outra em Gallegos, onde existem tinas de madeiras para os banhos. A agua é aquecida em caldeiras de cobre. A maior parte das pessoas tomam os banhos em casas particulares. Julga-se que o volume da agua não excede 50,000 litros em 24 horas. A estação dura desde fins de Junho até fins de Outubro. A communicação mais commoda é por Barcellos, d'onde se póde ir em carruagem até ao logar dos banhos.

LIMA. Fructo da limeira, *Citrus limetta*, Risso, arvore da familia das Aurantiaceas, commum no Brazil. Este fructo contém um succo adocicado, levemente acidulo, util aos doentes affectados de febre. Ha duas especies, lima de embigo, e lima da Persia. O epicarpo (casca exterior) fornece um oleo essencial, muito estimado pelos perfumistas.

LIMALHA DE FERRO. *Veja-se* FERRO.

LIMÃO AZEDO. O limão azedo é o fructo do limoeiro, *Citrus limonum*, Risso, arvore da familia das Aurantiaceas, originaria da Persia, cultivada no Brazil, em Portugal, e em todas as regiões quentes do globo. Ha diversas fórmas de limão azedo: ha os de casca fina e adherente á baga; outros ha cuja casca se approxima da da cidra. No Brazil ha limões azedos pequenos redondos, muito succosos, e outros que são grandes oblongos (fig. 627). Os limões são frequentemente empergados em medicina e na arte culinaria. Servem sobretudo para fazer a *limonada*, bebida agradavel e refrigerante, que convem nas molestias febris, e só é contraindicada quando ha tosse. O epicarpo (casca exterior ou cas quinha) de limão fornece, quer por espressão, quer pela distillação, um oleo volatil qne se emprega como perfume, ou para tirar as nodoas de gordura das fazendas de seda ou de panno de lã. O chá de casquinha de limão é empregado para provocar a transpiração na constipação e em muitas outras molestias. Espreme-se ás vezes o limão nas ulceras putridas. — Conservam-se os limões na areia. Podem tambem conservar-se collocando-os sobre taboas de madeira e cobrindo-os com uma redoma de vidro.



Fig. 627. — Limão azedo, variedade oblonga, casca grossa.

O succo de limão *inspissado* faz parte da provisão de muitos navios. Prepara-se espremendo o succo de muitos limões, deixando depois durante 24 horas, filtrando, e evaporando em banho maria até á consistencia de xarope. Serve para acidular as bebidas e os alimentos durante a viagem. Constitue tambem um medicamento preservativo e curativo do escorbuto.

LIMÃO DOCE. Fructo do limoeiro doce, *Citrus limonum edulis*, que habita no Brazil. É acidulo, assucarado e refrigerante; muito apreciado nos tempos de calor, e nas molestias acompanhadas de febre.

LIMOEIRO BRAVO. *Citriosma cujabana*, Martius. Monimias. Arbusto do Brazil; habita especialmente na provincia de S. Paulo. Folhas de peciolo curto; ellipticas, oblongas, irregularmente denteadas, oppostas em cruz, tomentosas; ramos e inflorescencia pubescentes; flores pedunculadas; pedunculos axillares de muitas flores; fructo, pequena drupa vermelha. As folhas tem um sabor aromatico e amargo, e quando esfregadas, exhalam um cheiro semelhante ao do limão, mas que tem alguma cousa de nauseoso. O chá das folhas é muito empregado na provincia de S. Paulo, nos casos de quédas e nas contusões, e principalmente nas pancadas do peito. Prepara-se com uma folha do limoeiro bravo e uma chicara d'agua fervendo. Usa-se tambem este chá nas affecções chronicas do peito, continuando-se o seu emprego por muito tempo.

LIMONADA. Bebida acida composta de succo de limão, de agua e de assucar. Prepara-se *a frio* ou *a quente*. No primeiro caso basta espremer o succo do limão na agua fria contendo assucar; no seguudo, prepara-se a limonada, que se chama então *limonada cozida*, deitando agua fervendo sobre um limão cortado em talhadas, deixando-se fazer a infusão por um quarto de hora, coando e adoçando o liquido á vontade, para ser bebido depois de arrefecido. A *limonada secca* faz-se triturando assucar com acido citrico, aromatizando a mistura com um pouco de essencia de limão, e dissolvendo-a em agua.

A limonada é muito refrigerante; toma-se, ora como simples bebida fria para acalmar a sêde; ora como medicamento; nas febres, molestias biliosas, etc.

Por extensão, dá-se o nome de *limonada* a qualquer bebida preparada com acidos vegetaes; não sómente com o succo do limão, mas tambem com o da laranja, cajú, groselhas, etc.

Chama-se *limonada mineral*, agua que, depois de adoçada, se acidula com algumas gottas de acido sulfurico ou azotico, até que offereça ao gosto uma acidez agradavel. Emprega-se em algumas febres.

LIMONADA DE CITRATO DE MAGNESIA. *Veja-se* MAGNESIA.

LINGUA. Orgão cujas funcções multiplices ligam-se ao mesmo tempo á vida vegetativa e ao exercicio da intelligencia. A falla, o gosto

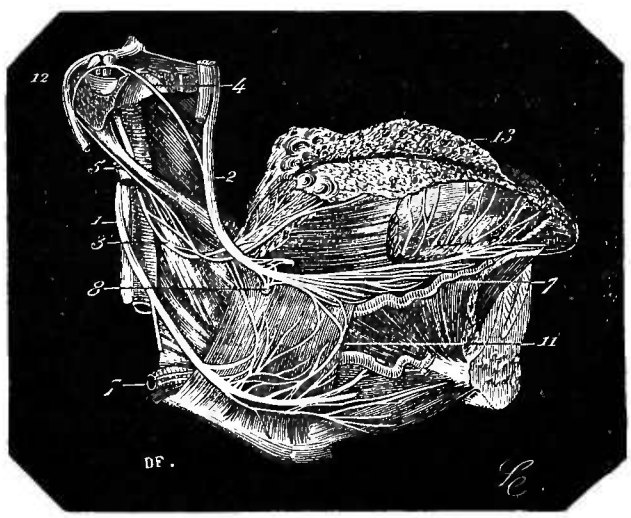


Fig. 628. — Nervos da lingua (*).

e a deglutição estão debaixo de sua dependencia. No ponto de vista anatomico a lingua se compõe de uma membrana exterior ou mucosa, ver-

(*) 1, grande hypoglossa; 2, ramificação lingual do trigemino; 3, ramificação lingual do glosso-pharyngiano; 4, corda do tympano; 5, ramo lingual do nervo facial ques depois de se ter anastomozado com o glosso-pharyngiano, chega á lingua; 7, plano nervoso acompanhando a arteria lingual e sua divisão; 8, ganglio sub-maxillar dando ramificações á glandula sub-maxillar; 11, anastomose do nervo lingual com o grande hypoglosso; 12, nervo facial; 13, epiderme desligada do derme e levantada para cima.

melha emquanto ha saude, cinzenta, branca, amarella ou preta no correr das molestias. Sobre esta mucosa acham-se pequenas saliencias ou papillas, mais volumosas atraz, que servem de receptaculo ás terminações dos nervos do gosto (fig. 628). Por baixo da mucosa se acham numerosos musculos que dão ao orgão sua extrema mobilidade e grande precisão em seos movimentos. Esses musculos se prendem principalmente ao osso hyoideo e á maxillar inferior. A superficie da lingua gosa de uma delicada sensibilidade que nos permitte de apreciar dois generos de sensações, bem distinctas: as sensações do tocar, da dureza, da forma da temperatura, e as sensações gustativas que nos informam sobre a natureza dos objectos, suas qualidades e suas propriedades comestiveis.

A lingua é adherente de tal maneira ao soalho da bocca, e fixada tão fortemente ao queixo, que é impossivel poder ser engulida; e aqui devo refutar a fabula que diz que os *negros engolem a lingua:* este facto é anatomicamente impossivel.

Entretanto, muita gente no Rio de Janeiro acredita n'esta fabula, e um capitão de um navio asseverou-me que n'uma viagem que fez da costa d'Africa ao Brazil, morrêram-lhe muitos pretos por terem engulido a lingua. A morte n'este caso devia ser attribuida á asphyxia produzida pela falta da renovação do ar no porão do navio onde se fechavam os pretos, e não á causa que o capitão allegou. Para que a lingua virada para traz possa tapar o gôto e produzir a asphyxia, é preciso primeiro destruir as adherencias d'ella com o queixo; o que não póde fazer-se pela simples vontade; e para provar quanto isto é impossivel, póde-se dizer que é mais facil a uma pessoa arrancar-se um dedo da junta, do que rasgar com os proprios esforços as adherencias da lingua. Mas se os musculos que prendem a lingua ao queixo forem cortados, a lingua então virar-se-ha para traz, tapará o gôto, e, impedindo a entrada do ar no canal aereo, poderá produzir a morte. Pouco faltou para que semelhante desgraça acontecesse a um celebre cirurgião em França, que cortava a um doente o osso queixal affectado de cancro. Depois de dividir as adherencias da lingua com o osso, encarregou a outro cirurgião de segurar a lingua com os dedos, antes de fazer as costuras necessarias: largando este a lingua, o doente ia morrer suffocado por ter fugido a lingua para traz, e tapado as vias da respiração. Então o operador, com uma presença de espirito admiravel, appressou-se immediatamente a fazer com o bisturí uma abertura no pescoço, para dar entrada ao ar, e salvou o doente. A operação foi seguída de cura completa.

MOLESTIAS DA LINGUA.

Affecções syphiliticas. As affecções syphiliticas da lingua apresentam-se debaixo de fórmas diversas; são:

1.° Vegetações de apparencia de verrugas, mais ou menos salientes, que occupam em geral a base da lingua, mas que tambem foram observadas sobre toda a superficie;

2. Chapas mucosas arredondadas, de margens salientes, superficie côr de rosa; encontram-se nas margens e ponta da lingua;

3.° Tubereulos mucosos, profundos, desenvolvidos na espessura da membrana mucosa; são arredondados, salientes, de eôr rubra violacea; ora isolados, ora grupados em numero mais ou menos consideravel. A sua marcha é bastante lenta; ás vezes transformam-se em uleeras, e apresentam então o aspecto do cancro da lingua, com o qual podem mesmo confundir-se.

O diagnostieo é então mais difficil, e as duvidas não podem ser resolvidas senão pelos resultados que fornece o tratamento anti-syphilitico. As ulceras syphiliticas cicatrizam-se pelo uso interno do mercurio ou do iodureto de potassio, as cancrosas ficam estacionarias ou progridem.

Estas tres especies de producções pertencem aos symptomas secundarios da syphilis, isto é, que devem ser combatidas por um tratamento quasi semelhante. É ás vezes necessario fazer a ligadura ou a excisão das verrugas syphiliticas; convem tocar com pedra infernal as ulceras. No interior administram-se as preparações de mercurio, de iodureto de patassio e de salsaparrilha do modo indicado no artigo Syphilis.

4.° Emfim entre as affecções syphiliticas da lingua, é preciso indicar as ulceras primitivas ou consecutivas, de margens cinzentas, eortadas perpendicularmente. As circumstancias anteeedentes dos enfermos, e sobretudo o tratamento farão distinguir estas ulcerações das aphtas ou das ulcerações produzidas pela salivação mercurial.

Cancro da lingua. *Veja-se* Cancro, vol. I, pag. 437.

Feridas da lingua. As feridas produzidas por instrumentos cortantes estão descriptas no artigo Feridas, vol. I, pag. 1127.

Freio da lingua. *Veja-se* vol. I, pag. 1243.

Hypertrophia da lingua. *Veja-se* vol. II, pag. 180.

Inflammação da lingua ou **Glossite.** *Veja-se* vol. II, p. 67.

Kystos da lingua. Kystos serosos foram observados em diversas partes da lingua. Tratam-se pelos mesmos meios que os outros kystos: a incisão combinada com a exisão, a puncção seguida da injecção; extrahem-se os tumores que estão bem limitados.

Lingua pregada. *Veja-se* Freio da lingua.

Quéda da lingua ou Lingua cahida. Esta affecção chronica não deve ser confundida com a inchação aguda produzida pela glossite; é independente da hypertrophia. É ás vezes a consequencia nas crianças, do costume de deitarem continuadamente a lingua de fóra, e, nos adultos, de salivações mereuriaes abundantes e prolongadas. Nas pessoas affectadas d'esta cnfermidade, a bocca está meio-aberta pela lingua que sobresahe entre os dentes e os labios, e quc pende ás vezes diante do queixo. Os dentes são empurrrados para diante, a saliva corre involuntariamente e de uma maneira contínua. É preciso empurrar a lingua para dentro da bocca, e, no intervallo das eomidas, mantêl-a ali por meio de uma ligadura que approxime fortemente os queixos. Empreguem-se os gargarejos com agua e vinagre, ou preparados segundo a formula seguinte:

Infusão de rosas	500	grammas.
Pedrahume	15	—
Mel de abelhas	30	—

Tumores erectis da lingua. Desenvolvem-se na superficie da lingua ou na sua espessura. Principiam por um ponto rubro que fica estacionario por muito tempo; depois o tumor augmenta, torna-se de côr vermelha viva. Estes tumores são pulsativos, isto é, batem como arteria, e reductiveis. Depois de alguma excoriação, ou fazendo-se n'elles uma puncção, dão saida ao sangue vermelho. Os tumores erectis sub-mucosos são azulados, reductiveis, e menos sujeitos ás hemorrhagias do que os tumores erectis superficiaes.

Tratamento. Os pequenos tumores erectis superficiaes serão cauterizados com ferro em braza. Os que são mais volumosos e limitados serão extrahidos por meio do esmagador linear. Os tumores profundos e pulsativos serão tratados pela cauterização interstícial com ferro pontudo. Não se deverá tocar nos tumores cujo crescimento fôr lento.

Tumores varicosos da lingua. Desenvolvem-se na segunda metade da vida; são varizes contra as quaes nada se deve fazer.

Ulcerações da lingua. Podem ser o resultado de alguma causa local, ou ligadas a um estado geral da economia.

As primeiras são frequentes; succedem muitas vezes ás aphtas (*veja-se* esta palavra); mas de ordinario são produzidas por um dente mui saliente ou desviado ou por um dente cariado eriçado de asperidades. Para curar estas ulcerações deve-se extrahir o dente que as occasionou, ou limal-o.

As ulcerções da segunda especie observam-se no escorbuto, em consequencia das febres graves, ou são o resultado da affecção venerea ou cancerosa. As ulcerações que dependem do escorbuto, não constituem senão um accidente d'esta affecção geral. Combatem-se pelos meios indicados contra o escorbuto. As que se desenvolvem nas molestias agudas, desapparecem facilmente tocando-as com mel rosado ou com pedrahume.

As *ulcerações venereas* apresentam côr cinzenta, e margens cortadas perpendicularmente. Tratam-se pela cauterização com pedra infernal, e pelo uso interno das preparações mercuriaes.

As *ulcerações cancerosas* estão descriptas no artigo Cancro.

Ha ainda ulcerações da lingua que sobrevem pelo abuso do mercurio. O seu tratamento está indicado no artigo Salivação mercurial.

LINGUA DE TUCANO. *Eryngium lingua tucani*, Martius, Umbelliferas. Planta do Brazil (Minas, S. Paulo). O cozimento d'esta planta emprega-se internamente como diuretico; e externamente em gargarejos contra a inflammação da garganta. 15 grammas por 500 grammas d'agua.

LINGUA DE VACCA. *Leria nutans*, De Candolle. Synanthereas. Planta do Brazil. Rhizoma tortuoso, guarnecido de fibras radicaes compridas (raizes): do seu topo nascem folhas radicaes, dispostas em roseta, de figura quasi alyrada, com os lobos lateraes pequenos arredondados;

o terminal muito maior, largo, oval, todos denticulados, molles, glabros na face, cotanilhosos no dorso; do meio dellas eleva-se uma hastea simples, roliça, fistulosa, cotanilhosa; gosto das folhas e raizes, amargo. O cozimento da raiz e das folhas emprega-se, como tonico, nas bronchites. Prepara-se com 15 grammas de folhas ou raizes e 500 grammas d'agua. O succo das folhas na dóse de 30 a 60 grammas como desobstruente nas molestias do figado. As folhas applicam-se nas ulceras.

LINHAÇA. Sementes do linho, *Linum usitatissimum*, Linneo, planta cultivada em Portugal e no Brazil (Minas, Rio Grande do Sul, Santa Catharina); da familia das Lineaceas (fig. 629). Estas sementes são pequenas, oblongas, comprimidas, luzidias, de côr roxa avermelhada no exterior, esbranquiçada no interior; oleoginosas, de sabor adocicado. O oleo e a mucilagem que contém as sementes de linho dão-lhes qualidades emollientes mui preciosas. O cozimento de linhaça, que se prepara pela simples infusão em agua fervendo, constitue uma bebida emolliente e diuretica, empregada com vantagem em todas as inflammações, e principalmente nas da bexiga e nas blennorhagias. Para fazer esta bebida, bastam duas colheres *de chá* de sementes de linho em 1/2 litro d'agua. Para clysteres usa-se a decocção. Esta mesma decocção serve em injecções, gargarejos, fomentações, em grande numero de casos que exigem o emprego dos emollientes. A farinha de linhaça serve para fazer cataplasmas emollientes, que são de uso quotidiano, e convem em todas as inflammações. Para conservar em casa a farinha de linhaça por algum tempo sem alteração, é preciso guardal-a n'um vaso de louça sobre que se colla um letreiro indicando a substancia que contém.



Fig. 629. — Linho.

Eis-aqui as receitas dos principaes medicamentos domesticos que se fazem com a linhaça :

Bebida de linhaça. Deite 1/2 litro d'agua fervendo por cima de duas colheres *de chá* de sementes de linho; infunda por um quarto de hora, côe, e adoce com assucar.

Clyster de linhaça, Ferva por um quarto de hora duas colheres *de chá* de sementes de linho em tres chicaras d'agua, e côe por um panno.

Cataplasma de linhaça. Farinha de linhaça, á vontade; agua fervendo, quanto baste. Misture. *Veja-se* CATAPLASMA.

As sementes de linho fornecem, por espressão, um oleo gordo que serve para luzes e na pintura. Os talos da planta são fibrosos : depois de varias preparações fiam-se, e do fio fazem-se linhas para coser, ou para se tecer em lançarias de toda a qualidade.

LINHARES. Portugal; Beira. Aguas sulfurosas frias.

LINIMENTO. Medicamento unctuoso, de consistencia intermedia á do azeite e á da banha, destinado a ser empregado em fricções. Os lini-

mentos compõem-se de oleos ou banhas, e de uma substancia emolliente, tonica, estimulante, etc., conforme o effeito que se deseja obter. O oleo camphorada, o linimento ammoniacal, são linimentos. — Os linimentos empregam-se em uncções, ou em fricções, duas ou tres vezes por dia. Molha-se n'elles um pedaço de flanella ou de panno de lã, e esfrega-se brandamente a parte doente com este panno, que é util deixar sobre a parte. Ás vezes tambem se cobre simplesmente a região doente com linimento por meio dos dedos: e applica-se por cima um panno de linho, um pedaço de flanella, ou papel sem colla.

LIPOMA. Da palavra grega *lipos*. Tumor resultando do desenvolvimento anormal e circumscripto do tecido cellulo-gorduroso; é uma especie de obesidade parcial.

A inspecção directa permitte que se reconheçam facilmente n'estas producções dois elementos: 1.° um celluloso que envolve o tumor, e envia no interior muitos prolongamentos que se cruzam reciprocamente em differentes sentidos e formam compartimentos de diverso tamanho, contendo no seu interior o 2.° elemento, que é a gordura molle e amarella. A quantidade relativa d'estes dois elementos faz variar, nos limites bastante restrictos, o aspecto e a consistencia do lipoma. Quando a substancia gordurosa se approxima do sebo pela côr e consistencia, o tumor chama-se mais particularmente *esteatoma*, da palavra grega *steatos*, sebo.

A fórma do lipoma, quando póde desenvolver-se livremente, é hemispherica; mas, debaixo da influencia das compressões ou tracções diversas, o tumor adquire fórmas que se afastam mais ou menos das que lhe são habituaes. Ás vezes o tumor é desigual, e como formado de lobos; raramente é pediculado. O seu volume é extremamente variado; ordinariamente é limitado entre o de uma avelã e o de um ovo de gallinha; mas ha-os tambem muito mais volumosos. O lipoma é ordinariamente unico; é só em circumstancias raras se observam muitos no mesmo individuo.

Todas as partes, porém raras vezes a palma das mãos e a planta dos pés, podem ser a séde de lipomas; as regiões que os fornecem mais são aquellas em que predomina o tecido cellulo-gorduroso: taes são a nuca, as partes lateraes do pescoço, as costas, as paredes do ventre, as nadegas, e ali, os tumores desenvolvem-se debaixo da pelle. Os lipomas superficiaes são os mais frequentes. Ha-os profundos, mas são muito mais raros.

Symptomas. O lipoma não fixa a attenção da pessoa que o tem senão pelo seu volume ou incommodo que occasiona; não ha dôr. A sensação que apresenta ao tocar é inteiramente semelhante, no maior numero dos casos, á que faz experimentar o seio; é flexivel e não offerece resistencia. O seu peso, comparado ao seu volume, é pouco consideravel. A pelle, que o cobre não experimenta alteração. O crescimonto do lipoma faz-se ordinariamente de uma maneira lenta e gradual; ás vezes suspende a sua marcha, e depois torna de repente a crescer com grande actividade. Chega em alguns mezes ou annos a um volume mediocre, e fica

então estacionario durante o resto da vida. Não degenera em cancro.

Diagnostico. Os lipomas constituidos exclusivamente pelo tecido gorduroso dão á mão que os explora uma sensação de molleza e de falsa fluctuação que póde fazer crêr na existencia de um abcesso frio quando o tumor é profundo, e quando occupa uma das regiões onde se mostram os abcessos por congestão, a parte posterior do tronco, por exemplo. A mobilidade do tumor, o seu lento desenvolvimento a ausencia das dôres em todos os pontos do corpo, a integridade da saude geral, bastarão no maior numero dos casos para esclarecer o diagnostico. Os lipomas com predominação do tecido celluloso parecem-se com os tumores fibrosos. A consistencia média do tumor, sua marcha essencialmente lenta, sua séde nas regiões providas do tecido gorduroso, a falta da dôr, o estado normal dos ganglios lymphaticos vizinhos, que não augmentam de volume, a integridade da saude geral, pertencem ao lipoma. Os kystos differem d'este ultimo pela sua resistencia, elasticidade e mobilidade menor. No caso de duvida póde-se praticar uma puncção exploradora com um trocate de pequeno calibre; o exame do liquido que sahe pela canula no caso de kysto desvanecerá toda a incerteza.

Causas. O lipoma pertence quasi exclusivamente á idade adulta e á velhice, salvo esta condição todas as outras são cercadas da maior obscuridade, e as causas que foram indicadas não merecem menção.

Prognosticos. É pouco grave. O lipoma, n'um certo gráo de desenvolvimento, constitue antes um leve incommodo do que uma molestia. Quando adquire um grande volume, torna-se não só incommodo pelo peso, mas póde distender dolorosamente a região á qual está pegado, e determinar ulcerações na pelle.

Tratamento. O lipoma não é susceptivel de resolver-se; por conseguinte é inutil esforçar-se em attingir este fim por meio de pomadas ou medicamentos internos. A extirpação é o unico meio de cura, mas quando é que se deve praticar esta operação? Eis-aqui a resposta a esta pergunta. Sendo o tumor pequeno, do volume de uma noz ou de um ovo de gallinha quando muito, e o seu desenvolvimento parecendo estar parado, a operação não é necessaria. Se o tumor attingio o tamanho de um ovo de gallinha, e se o seu crescimento continuar de uma maneira evidente, deve-se recorrer á extirpação; porque n'esta epoca praticar-se-ha uma operação simples, que será quasi certamente seguida de bom exito, entretanto que demorando-se, o tumor poderia adquirir um volume, para o qual a operação exporia a algum perigo. Emfim, em terceiro logar, se a base do tumor adquirio um decimetro ou mais de extensão, convem abster-se de qualquer operação, porque o lipoma abandonado a si, não póde produzir a morte, ao passo que uma operação pondo a nú uma circumferencia de um decimetro de diametro, ou mais, poderia comprometter a vida.

LIPOTHYMIA. Perda subita e instantanea do movimento e do sentimento, continuando ainda a respiração e a circulação, ao passo que na syncope estas duas funcções estão suspensas.

LIQUIDAMBAR. Balsamo fornecido por uma grande arvore do

Mexico e da Florida, chamada, *liquidambar styraciflua*, Linneo, da familia das Liquidambaraceus. Ha duas especies commerciaes: o liquido e o molle; este tira-se da casca onde elle adquirio alguma espessura; aquelle obtem-se por incisões feitas na arvore. O *balsamo liquidambar liquido* tem a consistencia de oleo espesso, é de côr amarella, cheiro forte, sabor aromatico e acre. Comtém acido benzoico ou cinamico, porque basta pôr uma gotta d'elle sobre o papel de tornesol para tornar este vermelho. — O *balsamo molle* é semelhante a uma terebinthina espessa ou a pez molle; é opaco, esbranquiçado, de cheiro menos forte que o precedente, de sabor aromatico, mas deixando um resaibo acre na garganta. Um e outro não tem grande emprego em medicina: entram só na composição de alguns emplastos.

LIRIO. Genero da familia botanica das Irideas. N'ella se encontra muitas plantas utilizadas em medicina: o *lirio florentino*, planta que habita o sul da Europa, cujos rhizomas (fig. 630) é perfumado por um cheiro analogo ao de violas ou violettas; é com esta raiz que se fazem contas para abrir fontes. O lirio, falso acoro, ou espatula dos pantanos, tem uma haste comprida e as flores são amarellas. Seu rhizoma, avermelhado é um purgante e ao mesmo tempo emetico. O mesmo se dá com o lirio fetido ou espatula fetida, cuja raiz é um purgante energico.

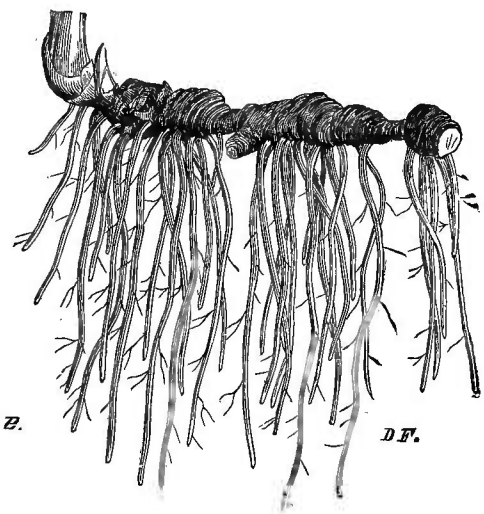


Fig. 630. — Raiz de Lirio.

LIRIO DOS VALLES ou **Lyrio convalle** ou **Cavallaria maialis.** Planta da familia das Liliaceas que cresce nos bosques á sombra das grandes arvores. Floresce na primavera; dá flores brancas, de cheiro muito agradavel que se reduz a pó para fazer um pó esternutatorio. A analyse chimica descobrio n'esse pó duas substancias: a *convallarina* que é um purgante energico e a *convallamarina* que actua sobre o coração. É em razão da propriedade d'esta convallamarina que se emprega em medicina o extracto aquoso de convallaria maialis, na dóse de 1 a 2 grammas. Este medicamento actua sobre o coração do mesmo modo que a digital; faz diminuir as pancadas do coração e dá vigor ás suas contracções. O seu emprego está pois indicado na asystolia. Elle allivia os doentes que soffrem de palpitações e de oppressão. O seu emprego pode ser continuado por muito tempo sem que haja receio de envenenamento.

LIRIO DOS TINTUREIROS ou GAUDA. *Reseda luteola*, Linneo, Bixineas. Planta que vegeta naturalmente na Europa, mas que se cultiva tambem em grande escala para uso da tinturaria. Em Portugal habita nos campos nos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes.

Caule erecto, roliço, de 30 centimetros ou mais, inferiormente ramoso; folhas lanceoladas, inteiras, ordinariamente onduladas; raiz perpendicular; flores mui pequenas, verde-amarelladas, dispostas em espiga terminal. Logo que a semente amadurece, arranca-se a planta com a raiz, faz-se seccar ao sol, e formam-se com ella mólhos de 6 a 7 kilogrammas. Tira-se de toda a planta uma bella côr amarella mui solida, que se fixa com pedrahume. Tinge-se tambem com ella de verde, empregando acetato de cobre como mordente. Prepara-se com esta planta uma laca amarella para uso dos pintores.

LISBOA. Agua sulfurosa fria; borbulha junto ao *Caes da Areia* na Praça do Commercio de Lisboa (*Agua do arsenal da Marinha*). É transparente, com cheiro de ovos chocos, sabor salino e levemente amargo, temperatura na nascente + 16° cent., estando a do ar ambiente a + 16° 1/2. Segundo a analyse publicada pela Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, no Jornal da mesma Sociedade (t. I p. 24), tres kilogrammas e meio d'esta agua sulfurosa contém em dissolução, na temperatura de + 20° cent., e sob a pressão de 780 millimetros :

Gaz acido sulfhydrico.	100 cent. cub.	Acido silicico.....	0gr,10
Gaz acido carbonico..	260 —	Sulfato calcico.....	1 ,70
Gaz azote.....	43 —	Sulfato magnesico.....	2 ,50
Chlorur. magnes.....	11gr,51	Chlorureto sodico.....	54 ,00
Carbonato calcico ...	2 ,00	Vestigios de materia organica gorda.	

Em 1868 a Administração da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, para aproveitar as aguas do Arsenal de Marinha, mandou construir um estabelecimento de banhos sulfurosos, no becco do Carvalho, perto do largo de S. Pedro. Este estabelecimento foi organisado pelo distincto Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, e tem o nome de *Banhos do Doutor Lourenço* Contém 60 quartos onde diariamente se podem ministrar mil banhos. Os quartos tem uma ou duas tinas de zinco, forradas externamente de madeira envernizada. A agua vem do Poço do Arsenal para os banhos do estabelecimento, movida por uma bomba a vapor e conduzida por um encanamento de mil metros de extensão, feito de manilhas de barro vidrado. Custa cada banho sulfureo 400 reis. São gratuitos os banhos para os soldados, para os marinheiros e para os portadores de um attestado de pobreza. Estes banhos aproveitam sobretudo nas molestias cutaneas.

Além das aguas do *Arsenal de Marinha*, ha em Lisboa *Aguas das Alcaçarias* (v. t. I, p. 90), e dois chafarizes d'aguas mineral : o *Chafariz d'El-Rei*, e o *Chafariz de Andaluz*.

O *Chafariz d'El-Rei* está situado a 100 metros das Alcaçarias. É constituido por oito bicas alimentadas por diversas fontes; outras fontes abastecem a nona bica. D'estas aguas faz-se uso ordinario assim em bebida como de cozinha, bem que sejam tepidas (29°). Mil grammas d'esta agua deixam 0g,6442 de reziduo formado, segundo o Sr. Dr. Lourenço, de chlorureto de sodio, sulfatos de potassa e cal, carbonatos de cal e magnesia, oxydo de ferro.

As aguas do *Chafariz de Andaluz* brotam no largo de Andaluz. São salinas e frias (22°).

LISIANTHUS PENDULUS. Como a mór parte das plantas da familia das gencianas, o lisiantho possue pouco aroma e não é adstringente. Attribuem-lhe propriedades febrifugas que, na verdade, são bem fracas. Administra-se internamente, a decocção de raizes a 5 grammas para 100 grammas d'agua.

LITHARGYRIO. *Veja-se* CHUMBO, vol. I, pag. 586.

LITHIA, LITHINA, LITHIO. O lithio é um metal que se extrahe da lithina que é um oxydo de lithio. É solido de côr branca, muito leve, extremamente malleavel, exerce uma acção dissolvente sobre muitos corpos solidos, taes como, vidro, platina, ouro, etc. A lithina tambem é caustica; sua reacção é alcalina. Combina-se com grande numero de acidos para constituir saes soluveis; os principaes são; o borato, o benzoato, o carbonato, o citrato e o salicylato de lithina. É necessario assignalar tambem o bromureto e o hydrato de lithina entre as preparações usadas em medicina.

Abundante em muitos mineraes, a lithina se acha tambem em muitas aguas mineraes, citaremos principalmente as de: Baden, Marienbad, Kissingen, Carlsbad, Vichy, Tœplitz, Plombière, Saint-Honoré e Moura de Alemtejo, em Portugal, etc. Encontra-se pois lithina em todas as aguas que são recommendadas contra a gota. Muitos medicos têm demonstrado que a lithina actua com efficacidade contra as areias uricas. Quasi todos os saes de que fallámos acima possuem acção identica. O que é mais empregado de todos é o carbonato. Em razão de sua solubilidade, pode ser dado em poção, em solução, em agua gazosa, etc. As dóses variam, sem inconveniente, de 20 centigrammas a 2 grammas. O bromureto de lithina é um medicamento hypnotico. Quanto ao iodureto de lithina não pode de modo algum substituir o iodureto de potassio.

LITHOTRICIA. Esta palavra designa a destruição da pedra na bexiga, sem operação sanguenta, por meios mecanicos que reduzem a pedra a pó ou a fragmentos tão pequenos, que se torna facil a sua expulsão pelo canal da urethra. Esta descoberta pertence inteiramente aos modernos. A ideia de destruir mecanicamente as pedras na bexiga devia ter vindo certamente ao espirito de todas as gerações de cirurgiões, mas só foi realizada em 1820. Aos cirurgiões francezes pertence a honra dos primeiros trabalhos racionaes sobre este ponto: o Dr. Leroy foi quem inventou os instrumentos chamados *lithotritores;* o Dr. Civiale foi o primeiro que operou sobre o homem vivo.

No momento da operação, a bexiga deve achar-se estendida. Para este fim, faz-se a injecção d'agua morna na cavidade vesical mediante uma sonda particular, que serve ao mesmo tempo para verificar a presença da pedra. Depois de retirada esta sonda, introduz o cirurgião o lithotritor. Ás vezes esta introducção é dolorosa, por causa do grande volume dos instrumentos comparativamente á largura do canal, ou por causa da sensibilidade do doente. Quando o instrumento chegou á bexiga, é preciso certificar-se da posição da pedra, e para agarral-a é necessario

abrir e fechar o instrumento muitas vezes e em differentes direcções. O cirurgião julga que a pedra está segura quando o instrumento não póde ser fechado completamente. Então fixa a pedra solidamente entre as divisões do lithotritor e procede á sua destruição. Os meios de destruição que se empregam referem-se aos dois pontos seguintes: 1.° instrumentos que raspam e reduzem pouco a pouco a pedra a pó; 2.° instrumentos que a quebram.

Depois de quebrar a pedra, é preciso segurar os differentes pedaços para tornar a dividil-os e facilitar a sua expulsão. Faz-se isto no mesmo dia ou em dias afastados. Depois de cada operação, o instrumento deve ser fechado exactamente e tirado com vagar e cautela. O doente toma um banho d'agua morna e fica de cama. Alguns doentes supportam tão facilmente a lithotricia, que podem ir apresentar-se ao medico e voltar para casa depois da operação. As operações repetem-se com intervallos mais ou menos longos, conforme o volume da pedra e a sensibilidade dos doentes.

Em algumas circumstancias, a lithotricia é uma operação pouco dolorosa, de duração curta e inoffensiva; mas ordinariamente produz dôres vivas e constitue uma operação longa e penosa. Entretanto é uma das mais bellas conquistas da cirurgia; mas nem sempre póde substituir a operação que consiste em extrahir a pedra por meio da incisão o que se chama *lithotomia*. *Veja-se* o artigo PEDRA.

LITTERATOS (HYGIENE E MOLESTIAS DOS). *V.* PROFISSÕES.

LIXIVIA. *Veja-se* BARRELA.

LOBELIA INFLADA. *Lobelia inflata*, Linneo. Lobeliaceas. Planta que habita nos Estados-Unidos da America do Norte. Caule ramoso na parte superior, guarnecido de folhas irregularmente denteadas, um pouco pubescentes; flores pequenas, de pedicello curto, dispostas em cachos em fórma de espigas; corolla azul pallida: fructo, capsula ovoide, inflada. Esta planta é colhida, caule, folhas e flores misturadas, pelos quacres de Néw-Lebanon, e posta sob a fórma de quadrados compridos, fortemente comprimidos, e do peso de 250 a 500 grammas. É então de um verde amarellado, de cheiro nauseoso e irritante, e de sabor acre semelhante ao fumo. Parece conter um principio acre semelhante á nicotina. Emprega-se contra a asthma, em *infusão*, que se prepara com 4 grammas de lobelia e 180 grammas d'agua fervendo. A *tintura* (lobelia 1 parte, alcool 5 partes), administra-se, nos mesmos casos, na dóse de 20 a 30 gottas, de meia em meia hora. Suspende-se o seu uso logo que produza enjôos ou vomitos.

LOBINHO, Lupia. Tem-se dado estes nomes a tumores nascidos por baixo da pelle, indolentes, circumscriptos, moveis, do volume de uma ervilha até ao de uma laranja. São formados por um sacco que contém um fluido analogo, por sua consistencia, á claro de ovo, ou uma materia semelhante ao mel, ou uma substancia que foi comparada ás papas, ou materia gordurosa mais ou menos consistente. Estes tumores podem desenvolver-se em todas as regiões do corpo, mas com especialidade na cabeça e no rosto. Suas causas são muito obscuras; parece

que é necessaria uma predisposição para as pancadas poderem produzil-os; certas familias lhes são mais dispostas. O lobinho simples não é perigoso por si, mas póde tornar-se muito incommodo ou produzir deformidade. Alguns lobinhos, e principalmente os que affectam as palpebras, desapparecem espontaneamente; mas no maior numero de casos persistem, e os doentes são obrigados a reclamar os soccorros da arte. A cauterização ou a extirpação dos tumores são os meios de cural-os; não se deve contar com os effeitos dos emplastos ou pomadas em que algumas pessoas tem confiança. Não é necessario operar os lobinhos pequenos e multiplos.

LOBO (fig. 631). Animal mammifero, da ordem dos Carnivoros, do genero cão. Encontra-se nas regiões frias e temperadas do globo, habita nos mattos, e é insociavel. Tem de comprido desde o focinho até á raiz da cauda 1 metro, e de alto perto de 80 centimetros. Parece-se com o cão, mas differe pelo focinho mais alongado, orelhas direitas, o tamanho maior e pela queixada. O *lobo ordinario* (*Canis lupus*), é de côr fulva, com o focinho preto. Este animal, por seu appetite carniceiro, pela guerra continua que faz aos rebanhos de ovelhas e aos outros animaes domesticos, é um dos animaes mais nocivos e mais temiveis. Esfaimado, ataca mesmo o homem; entretanto a sua coragem não corresponde á sua força. A femea pare cinco a seis lobatos, a quem dá de mammar por algumas semanas, e logo os habitua a comer carne de animaes, dando-lh'a mascada.



Fig. 631. — Lobo ordinario da Europa.

Além do lobo ordinario os naturalistas distinguem o *Lobo preto* (*Canis Lycaon*), o *Lobo rubro da America* (*Canis jubatus*), côr de canella, com uma pequena crina preta ao longo do espinhaço; e o *Lobo do Mexico* (*Canis mexicanus*); que tem o ventre e os pés esbranquiçados.

A destruição dos lobos tem sido em toda a parte objecto da solicitude dos governos. Em França o governo concede recompensas pecuniarias por cada cabeça de lobo. Com estas providencias o numero dos lobos tem diminuido consideravelmente em toda a Europa; desappareceram completamente na Inglaterra: os ultimos n'este paiz foram mortos em 1710. São diversos os meios que se empregam para a sua destruição: fazem-se sahir do matto, perseguindo-os, e matam-se a tiro de espingarda; ou prendem-se em laços, taes como trapulas, laços de ferro, fossos, galerias.

LOCHIOS. *Veja-se* PARTO.

LOCO, CAA-POMONGA, CAA-JANDIWAP. *Plumbago scandens*, Linneo. Arbusto do Brazil, da familia das Plumbagineas; de folhas pecioladas, ovaes e glabras; ramos trepadores, sulcados; flores azues, dispostas em espigas terminaes. A raiz contém um succo acre, que goza de pro-

priedades vesicantes; machucada, applica-se atraz da orelha nas dôres de ouvido.

LOECHE. Suissa. Aguas salinas sulfatadas quentes.

Itinerario de Pariz a Loëche: Estrada de ferro até Sion, 20 horas. Carro de Sion a Loëche, 6 horas. Despeza 100 francos.

Loëche é uma aldeia da Suissa de 600 habitantes situada na margem direita do Rhodano, no fundo de um valle. As fontes mineraes, mui numerosas, fornecem um tal volume d'agua, que se avalia a mais de 10 milhões de litros, em 24 horas. A mais importante é a fonte de *S. Lourenço*. A sua temperatura é de 51° centigrados na nascente, 34°,8 nas piscinas. E esta que se bebe, é ella que alimenta a maior parte das casas de banhos.

Esta agua é pouco gazosa, sem cheiro, e muito limpida. O seu sabor é quasi nullo. Resulta das analyses mais recentes que contém como principio essencial sulfato de cal, 1ᵍ,520 por litro. Os outros saes são carbonatos alcalinos. Contém tambem algum arsenico; não contém enxofre.

As aguas de Loëche usam-se pouco como bebida, muito em banhos, que se administram em cinco principaes estabelecimentos. O costume é de banhar-se nas piscinas. Estas representam grandes quadrados abrigados com telheiros, de cerca de 1 metro de profundidade, onde cabem 30 a 40 pessoas. Ao lado de cada piscina existem gabinetes de duches. É entre as 4 e 5 horas da madrugada que os doentes se dirigem ás piscinas. Vestem uma longa tunica de lã, e descem á piscina por uma especie de plano inclinado até á profundidade necessaria. Gradualmente a piscina enche-se de outras pessoas, e em pouco tempo está cheia. O banho dura uma, duas e mais horas. Todas as condições e idades estão reunidas no mesmo banho: crianças, pessoas de idade, padres, militares, religiosas: tudo está no mesmo banho. Uns cantam, outros lêem, outros trabalham ou meditam. Cada banhista tem uma mesa fluctuante, especie de barquinho onde depõe o lenço, a caixa de rapé ou o almoço.

Este modo de banhar-se em commum existe em Loëche de tempo immemorial; tem por vantagem de entreter o espirito, e de abreviar, pela distracção, as longas horas do banho. Além d'isto, ha facilidade de banhar-se só em gabinetes separados; mas usa-se pouco. Ha tambem no *Hôtel des Alpes* e no *novo Banho* pequenas piscinas chamadas *de familia*, que se podem alugar para a estação. A duração d'estes banhos é hoje menos longa do que era antigamente.

Eis-aqui como se procede:

Principia-se por banhos de meia hora a uma hora; depois augmenta-se de uma hora por dia, até que se chegue a ficar no banho tres ou quatro horas de manhã, e duas depois do meio dia, antes de jantar. É o que se chama *alto banho*. Continua-se pela mesma fórma durante doze a quinze dias; depois diminue-se successivamente e na mesma proporção o numero das horas, de maneira a voltar ao ponto de partida. A duração total do tratamento é, termo medio, de 35 dias; mas muitas circumstancias podem obrigar o medico a modifical-a. A circumstancia mais importante é o *impulso* (*poussée*).

O *impulso* é a erupção produzida pelas aguas; sobrevem habitualmente do sexto ao duodecimo dia. Os prodromos d'este estado podem ser imperceptiveis, bem que se manifestem quasi sempre pelos accessos febris mais ou menos regulares, e pelo estado saburrento do estomago. N'este periodo um vomitorio produz excellente effeito. Logo depois uma vermelhidão bastante viva, acompanhada de comichão e calor, mostra-se nos joelhos e nos cotovelos; espalha-se nos braços, ventre, peito, costas; invade assim gradualmente o corpo inteiro, poupando somente as mãos e o rosto. A esta vermelhidão succede ordinariamente uma verdadeira erupção; á medida que apparece, o movimento febril e os outros symptomas diminuem. Quando o impulso chegou ao auge, diminue successivamente, e então principia, como nos sarampos, o periodo de descamação: com ella tambem coincide o periodo decrescente dos banhos. O tratamento está então perto do fim.

As caldas de Loëche convem sobretudo nas molestias de pelle, nos rheumatismos chronicos, e na syphilis antiga; remedeiam tambem os effeitos produzidos pelo abuso do mercurio.

A vida que se leva n'estas caldas é bastante monotona, por ser uma grande parte do dia destinada ao tratamento. Quando o tempo está bonito, as pessoas que tem a erupção podem sahir como as outras, sem receio de a fazer recolher, mas é preciso vestir-se convenientemente, e estar de volta cedo, porque as tardes são mui frias. A excursão mais interessante é a que conduz ao logar chamado *Escadas*. As reuniões de noite tem logar nos salões dos principaes hoteis, e sobretudo no *Hôtel des Alpes*, de todos o mais confortavel. Tocam ali varios instrumentos de musica, e dansa-se. — A estação thermal dura do 1° de junho até ao fim de setembro.

LOMBRIGADAS. *Veja-se* VERMES INTESTINAES.

LONGEVIDADE. Longa vida. O termo ordinario da vida do homem que chega á velhice é de 80 annos; mas grande numero de exemplos antigos e modernos demonstram que este termo está bem longe de ser absoluto, e que a duração da vida da especie humana póde ser muito maior. Segundo as pesquisas de Hufeland, acham-se nos Egypcios, Gregos e Romanos, muitos homens celebres que chegáram á idade de 100, 130 e mais annos. Os tempos modernos offerecem tambem muitos exemplos de longevidade: o celebre Haller cita mais de mil centenarios. D'estes exemplos, colhidos nos antigos e entre nós, póde-se concluir que a longevidade não tem epocas, e que em todos os tempos ella favoreceo os homens pouco mais ou menos n'um mesmo gráo.

As differentes *latitudes* do globo não são igualmente favoraveis á prolongação da vida. Os exemplos mais frequentes de longevidade são extrahidos sobretudo das regiões frias, como Suecia, Noruega, Russia, Polonia, e Inglaterra; a França, e depois d'esta os Estados do sul da Europa. Os grandes frios abreviam a vida: sabe-se a este respeito que os povos das regiões polares (os Laponios, Esquimós e outros) vivem mui pouco. Quanto aos paizes intertropicaes, alguns escriptores tem dito que n'elles a vida é sempre curta; outros porém, e especial-

mente o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, referem factos inteiramente contrarios. Foram publicados na *Revista medica* do Rio de Janeiro, pelo medico que acabei de citar, quarenta e cinco casos de Brazileiros que vivêram mais de 100 annos; n'este numero acham-se individuos que contáram 125 e 130 annos. « O celebre padre Antonio Vieira, diz o mesmo autor, estava tão persuadido que o Brazil era um paiz tão proprio para se prolongar a existencia, que quando se preparava em Lisboa, já sexagenario, para de novo voltar á Bahia, e alguem lhe perguntava que ia lá fazer, respondia que ia viver mais 20 a 30 annos : o que com effeito assim aconteceo. » Os viajantes que percorrêram o Brazil, como Augusto de Saint-Hilaire, Spix e Martius, encontráram pessoas de idade muito avançada; está, por conseguinte, bem provado que nos paizes intertropicaes os homens podem chegar á idade tão adiantada, como nos climas temperados.

Os paizes e os logares de qualidades diversas exercem grande influencia na longevidade. Os campos abertos e ferteis, as montanhas de uma elevação não excessiva, os paizes seccos, a favorecem singularmente. Os logares baixos, as regiões humidas, as grandes cidades, abreviam, pelo contrario, a duração da vida humana. Debaixo das primeiras condições encontra-se grande numero de pessoas idosas; assim Hufeland cita uma aldeia *Remda* perto de Iena, na Allemanha, na qual os homens vivem tanto, que apenas morre todos annos um individuo sobre 60. Sabe-se, pelo contrario, que nas grandes cidades, principalmente Londres e Pariz, acha-se um centenario quando muito para 3,000 individuos, entretanto que a proporção geral é no campo de um para 1,400. A *humidade* dos terrenos, considerada em particular, diminue sensivelmente a duração da vida. Conhece-se a triste mortandade dos paizes pantanosos, d'aquelles onde se cultiva o arroz, dos mattos virgens da Guyana; e em Hollanda, apezar de todas as providencias de salubridade de um povo civilizado, morre todos os annos um individuo sobre 24, entretanto que nos paizes vizinhos esta proporção é de 1 para 26, e que se acha assaz universalmente de 1 para 33.

Das *raças de homens*, a raça arabe, eurepea ou caucasica, é a que vive mais tempo. Depois d'ella a raça mongola, sobretudo na India e China, onde a brandura dos costumes e uniformidade dos usos da vida parece que prolongam a sua duração. As raças negra e polar vivem menos.

O *estado social* não deixa de ter influencia na prolongação da vida. Tornando-se feliz, cercando-se de luxo, o homem abrevia consideravelmente a vida; mas d'esta observação verdadeira não se póde concluir, como tem feito alguns, que o estado selvagem póde ser favoravel á longevidade. Esta vida contra a natureza expõe o homem a muitos perigos e fadigas para poder prover ás suas necessidades : sobrecarregando-o de miseria, condemna-o a uma morte prematura. Assim, os dois extremos abreviam a vida, e o gráo médio de civilização mostra-se mais favoravel á sua duração.

As pessoas idosas encontram-se commummente entre as *mulheres*.

As fadigas da maternidade, as desordens da idade critica fazem perecer sem duvida grande numero d'ellas; mas, passada essa epoca, a longa persistencia das mulheres faz com que no total ellas gozem uma vida mais longa do que os homens. Segundo calculos muito exactos, que estabelecem a duração média da existencia para cada sexo em particular, está demonstrado que existe em favor das mulheres uma differença de quatro annos.

Condições especiaes da longevidade deduzidas das circumstancias da vida. Notam-se entre as principaes : 1.° *um nascimento feliz e a termo :* elle suppõe pais sãos, moços, e chegados ao complemento do seu desenvolvimento, commummente fixado para os paizes intertropicaes de dezeseis a dezoito annos para a mulher, e de vinte e cinco a trinta para o homem : sabe-se que os filhos de pessoas mui moças são de uma delicadeza que põe em duvida a possibilidade da sua criação; que os dos velhos nascem enfermos, e que a maior parte dos meninos nascidos antes do termo morrem logo, ou não sobrevivem mais ou menos tempo senão por artificio; 2.° *a amammentação* materna ou alimentação dada por uma boa ama de leite, continuada durante um anno pelo menos; 3.° *a educação physica e moral* da criança, que deve favorecer de um modo igual a marcha da natureza no desenvolvimento de todos os orgãos; 4.° diversas partes da *maneira de viver*, que mais influem na prolongação da vida, e que vou successivamente percorrer.

A *sobriedade* no comer e beber, e o cuidado de fazer escolha de alimentos sãos, constituem a primeira condição da vida longa. Quasi todos os exemplos de longevidade pertencem, com effeito, a pessoas notaveis pela grande frugalidade, e ao mesmo tempo pelo uso habitual da agua, e pela temperança das bebidas alcoolicas. Sabe-se a historia do celebre Cornaro, que, enervado pelos excessos de uma mocidade tormentosa, adoptou aos trinta annos uma semelhante maneira de viver, e lhe deveo não só o restabelecimento da sua saude arruinada, mas ainda a velhice sã e adiantada a que chegou.

O homem prolonga a sua carreira quasi sempre no meio dos *exercicios* de uma vida laboriosa e occupada. Entretanto, se os trabalhos prolongam a existencia do homem, isto acontece só quando são conformes ás forças; raras são as pessoas idosas entre as que exercem officios mui pesados : o grande esforço que fazem gasta-lhes rapidamente a vida. Mas os trabalhos manuaes, constantes, regulares e moderados a que o homem se entrega, sobretudo ao ar livre, contribuem efficazmente para a sua duração. São pois frequentes os velhos entre os jardineiros, pescadores, agricultores, etc.

As *dignidades* e as *condições elevadas* não são geralmente favoraveis á duração da vida. Apenas acham-se alguns octogenarios na lista dos imperadores e dos reis. Em 300 papas, elevados quasi todos ao pontificado já depois de velhos, só se citam 5 que hajam attingido ou excedido os oitenta annos. Em compensação, os exemplos de longevidade abundam entre os religiosos retirados do mundo e submettidos ás regras de uma disciplina restricta. Os homens dados ao culto da philosophia (Epime-

nides, Democrito, Pythagoras, Zenon, Bacon, Kant), e das seieneias (Kepler, Newton, Euler, Buffon, Monge) tem-se tornado notaveis pela grande idade a que os conduzio um vida regular, adornada pelo estudo e commummente livre dos cuidados e inquietações inseparaveis do bulieio do mundo. Entre os litteratos observam-se na verdade homens que chegaram a uma extrema velhiee, quaes foram Anacreonte, Sophocles, Fontenelle, Voltaire; mas estes exemplos estão longe de servir de regra a tal respeito, pois poucos são os que chegam a viver muito tempo.

O *casamento*, quando é feliz e bem unisono, contribue poderosamente para a duração da vida. Todos os exemplos de longevidade são dados com effeito por pessoas casadas, das quaes algumas mesmo o foram muitas vezes. Fica portanto provado que o feliz effeito d'esta união depende de uma parte da fixidade que dá á existeneia do homem, e que vem moderar a ambiciosa inquietação produzida pela sua isolação, e de outra parte, que, subtrahindo-se o individuo aos excessos venereos, a que o expõem os attractivos da novidade, pratica a temperança tão salutar á prolongação da vida. O celibato é contrario á longevidade. Sabe-se realmente que as religiosas raras vezes chegam á velhice.

As *ideias dominantes* alegres ou tristes, as oecupações do mesmo genero, o caracter franco ou concentrado, folgazão ou pezaroso, a serenidade da alma ou sua agitação, prolongam ou abreviam a vida.

As *molestias* interrompem tão commummente o curso ordinario da vida, que é bem raro que deixem ao homem o tempo de chegar ao seu fim natural; observa-se entretanto que as pessoas mui fracas, obrigadas a cuidar assiduamente da sua suade e a viver em um extremo regimen, tem devido á propria debilidade da sua constituição a vantagem de prolongar seus dias. Os gotosos passam no mundo por viverem bastante tempo, e a mesma vantagem tem sido eonfirmada em favor dos que são affectados de hemorrhoidas.

Meios de prolongar a vida. O homem não quer morrer, agarra-se a tudo o que lhe promette um longo futuro. Joven, não póde considerar que, tendo vivido 26 annos e alguns mezes, tenha já preenchido o contingente da duração de sua especie, e persuade-se que a elle só pertence o chegar a ser velho; o octegenario entrevê ainda, nos exemplos conhecidos de longevidade, o termo possivel de uma vida a que deve chegar. D'esta disposição nasee, sem duvida o grande apreço que os homens de todos os tempos tem dado ao emprego dos meios de prolongar a vida.

Se me fosse permittido passar aqui em revista os pretendidos segredos de conservar a mocidade, gabados pelo charlatanismo e acolhidos pela credulidade, indicaria o uso vulgar dos emeticos, e sudorificos, praticado na mais remota antiguidade, e dos elixires, dos balsamos, das pilulas de *longa vida* acreditadas nos seculos da barbaridade. Não deixaria emfim a *transfusão do sangue* de animaes novos nas veias de pessoas idosas, tentada infructuosamente e ha muito tempo justamente abandonada.

Mas outras praticas mais raeionaes merecem que lhes prestemos toda

a attenção. Por um systema originario da antiga Grecia, aconselha-se o exercicio contínuo de nossas forças e o gozo da natureza como os meios mais seguros de augmentar a consistencia dos principios da vida. Hippocrates e os philosophos de seu seculo punham todo o segredo de uma longa vida na temperança, em um ar puro, no uso dos banhos, do exercicio, e principalmente no das fricções quotidianas. Outros davam como principaes os exercicios variados da gymnastica. Herodico, que exagerou suas applicações, pareceo assim, augmentando os esforços, triumphar até da esfalfação, e Platão quasi que o critica por ter prolongado d'esta sorte as mais miseraveis existencias. Os preceitos de Plutarcho, aos quaes elle mesmo deveo sua velhice, e que consistem em não esquecer-se do corpo pensando do espirito, e em oppôr a principio o jejum ás simples indisposições antes de recorrer aos medicamentos, merecem ser ainda conservados. Finalmente, a arte de prolongar a vida não se basêa em especifico algum, nem em um meio de regimem particular, mas consiste na observancia das regras da hygiene, e principalmente na moderação de todos os actos da vida : questões que são tratadas em muitos logares d'este Diccionario.

LOOCK. Palavra arabe que serve para designar uma poção, empregada nas molestias acompanhadas de tosse. As amendoas, o assucar, a gomma, a agua commum e a agua de flores de laranjeira, são as substancias que entram na sua composição. Os loocks azedam facilmente, pelo que devem ser guardados em logar fresco, e renovados todos os dias.

LOSNA, *Veja-se* Absinthio.

LOUCURA, Doucide ou Alienação mental. Perturbação das faculdades intellectuaes.

Causas. O sexo feminino, o temperamento nervoso, uma educação viciosa, o celibato, as profissões que exigem um grande esforço de espirito, que agitam fortemente e põem em lida a vaidade, a ambição, etc.; as grandes revoluções politicas, a superstição, os terroros religiosos, a saciedade de todos os gozos, os excessos venereos, os licores fortes, a leitura dos romances e dos máos livros, o ocio, a congestão cerebral frequente, são as causas que predispõem á loucura. Mas as causas que a determinam ordinariamente consistem quasi todas nas affecções moraes vivas ou contínuas, taes como a colera, o susto, uma perda subita de fortuna, uma felicidade inesperada, um pezar violento, os excessos de estudos, a ambição mallograda, o amor proprio humilhado, o ciume, os acontecimentos politicos, os pezares domesticos, o amor contrariado, o fanatismo, etc.

Symptomas. A invasão da loucura é lenta ou subita; mas, de qualquer maneira que principie, eis-aqui os symptomas geraes que lhe são proprios. Ordinariamente as impressões feitas sobre um ou mais sentidos são vivamente percebidas ou mal julgadas. Assim, os doudos umas vezes percebem vivamente e com desagrado a luz, os sons, os cheiros ou sabores; outras vezes tomam um objecto, um individuo, um ruido, etc., por outros. Ás vezes vêem pessoas, ouvem vozes ou sons, e sentem cheiros que não tem realidade alguma e não existem senão no seu cerebro

doente. As desordens das faculdades intellectuaes são extremamente variadas, e apresentam frequentemente a singular mistura de perfeita razão em certos pontos com delirio completo em outros. Em quasi todos os alienados a lembrança do passado é conservada, mas a indifferença completa ou a aversão para com seus parentes, filhos e amigos, substitue os sentimentos de affeição ; uma paixão, como a alegria e a tristeza, o medo e o terror, o pezar e o transporte, a astucia e a malicia ; o orgulho e a vaidade, a inclinação ao suicidio ou ao homicidio, os desejos amorosos, dominam a desordem intellectual. Os alienados commettem ás vezes homicidios ; doudos furiosos atiram-se, em seus accessos, a tudo quanto encontram : uns imaginam reconhecer, nas pessoas que os rodeiam, inimigos, espiões, genios malfazejos, carcereiros, dos quaes julgam dever vingar-se ; outros julgam que Deos ou uma voz interna manda-lhes matar tal ou tal individuo. O Dr. Pinel cita o facto de um alienado que, em dois differentes paroxysmos, matou filhos seus para purifical-os por um baptismo de sangue, e fez muitas tentativas d'este genero sobre outras pessoas, sempre pelo mesmo motivo.

Os symptomas da loucoura offerecem-se, em geral, ao observador sob tres aspectos principaes. Ás vezes o delirio tem só por objeto uma idéia fixa, dominante, exclusiva, ou consiste na exageração de uma paixão ou de uma inclinação, e em geral o doente discorre com muito acerto quando está distrahido do objecto que o preoccupa : este genero de loucura foi chamada *monomania*. Outras vezes o delirio é geral e estende-se a tudo, é sempre acompanhado de exaltação, e frequentemente de furor; toma então o nome de *mania*. Outras vezes, emfim, a uma indifferença ou apathia moral junta-se a inactividade, o enfraquecimento ou a perturbação completa da intelligencia ; isto é, a *demencia*.

Eis-aqui as variedades principaes da monomania. Uns julgam-se *reis*, *imperadores*, *papas*, *prophetas*, *rainhas*, *princezas*, e suas acções correspondem a estas ideias ; outros queixam-se de ter perdido a amizade das pessoas que lhes são mais caras ; estes tem desejos venereos violentos ; aquelles a cabeça preoccupada de um objecto que adoram, que ornam de todos os encantos, ao qual fallam sem cessar (*erotomania*). Alguns são atormentados por escrupulos religiosos, perseguidos pelo medo do inferno (*monomania religiosa*). Outros julgam-se em poder do diabo (*demonomania*). Em alguns monomaniacos a tristeza, o aborrecimento, o pezar, o temor, são symptomas dominantes (*melancolia*) ; em outros predomina o odio a seus semelhantes (*misantrophia*). Ha alguns que se julgam transformados n'um individuo de outro sexo, ou em cão, leão passaro, etc,

Duração e prognostico. A loucura não é sempre contínua ; de ordinario é intermittente. A sua duração é variavel ; assim, póde ser sómente de oito a quinze dias, ou alguns mezes na mania ; mas muitas vezes é de um ou muitos annos, e até pódc durar toda a vida. A loucura póde curar-se pela reapparição de uma secreção ou de uma hemorrhagia supprimida, por vomitos, evacuações alvinas abundantes, por suores, hemorrhagias espontaneas, e além d'isto pela maior parte das impressões moraes vivas.

Tratamento. Os loucos devem estar isolados, separados de todas as pessoas com que viviam, e collocados de maneira que possam ser facilmente vigiados. É necessario tomar todas as precauções para impedir que se matem, se elles tem inclinação ao suicidio. Os alienados inquietos ou furiosos devem ser subjugados com a camisola, e até amarrados, se fôr necessario. Nunca se devem avivar as ideias ou as paixões d'estes doentes no sentido do seu delirio; é necessario não combater suas opiniões desarrozoadas pelo raciocinio, discussão, opposição ou zombaria; e convem fixar sua attenção sobre objectos estranhos ao delirio, e communicar a seu espirito ideias e affecções novas,

O tratamento da loucura é difficil e complicado ; e é quasi impossivel que as familias possam fazer o que convem. Só a presença das pessoas e cousas habituaes é um grande obstaculo á sua cura. Interesses de muitos generos combinam-se para determinar as familias a encerrar os alienados nos estabelecimentos publicos ou particulares. Primeiro que tudo, a segurança publica impõe justamente esta obrigação. A liberdade, que se deixa a estes doentes em seus domicilios, compromette a vida d'elles e a das pessoas que os rodeiam; mil motivos devem fazer preferir a sua morada em um estabelecimento proprio. A experiencia prova que um muito maior numero de loucos são curados nos estabelecimentos do que quando são conservados no seio de suas familias.

No Rio de Janeiro, até ao anno de 1841, não havia outro asylo para os loucos senão o hospital de Misericordia, onde estes infelizes se achavam na mais miseravel posição. Já desde o anno de 1830 a Sociedade de Medicina clamava contra tal estado de cousas, e fez a este respeito vivas representações á administração. O sabio secretario da Academia de Medicina, o Sr. Dr. De-Simoni, em uma Memoria cheia de convicção e de logica que publicou, fez sentir a necessidade da creação de um estabelecimento separado em que os loucos pudessem ser submettidos a um tratamento conveniente. Algumas commissões da Camara Municipal, encarregadas da visita dos hospitaes, representáram tambem energicamente no mesmo sentido. Estes brados da sciencia e da humanidade acharam echo no coração do Monarcha Brazileiro o Senhor D. Pedro II; e ao digno Provedor da Santa Casa, o Conselheiro José Clemente Pereira, coube a gloria de realizar o pensamento do Augusto Imperador. Este illustre philanthropo é o principal autor a quem a cidade do Rio de Janeiro deve a formação da casa para os alienados, na praia Vermelha, n'um dos logares mais salubres dos arredores do Rio de Janeiro. Para levar ao cabo este grande projecto, S. Exc^{a}. recorreo ao patriotismo e á generosidade dos habitantes da côrte; muitos acudiram ao seu chamado; e citarei, entre as mais importantes subscripções, as do Comendador Thomé Ribeiro de Faria, Barão de Guapymirim, que deo sessenta contos de reis, do Barão de Pirahy, do Commendador José de Souza Breves e do Barão de Santa Luzia. S. M. I. o Senhor D. Pedro II, tomou a empreza debaixo de sua alta protecção, favorecendo-a com a sua costumada generosidade, S. M. a Imperatriz viuva, como tutora de sua augusta filha, a Senhora princeza D, Maria Amelia, contribuio tambem para esta grande obra.

Hoje a cidade do Rio de Janeiro possue um dos mais bellos estabelecimentos para os alienados.

As sangrias abundantes estão já em parte riscadas do tratamento da loucura. Entretanto, é util recorrer á sangria, nos individuos robustos, após uma supprcssão de hemorrhagia habitual, ou quando ha symptomas de congestão cerebral. Os banhos frios, as duches, as applicações frias sobre a cabeça, são meios uteis. Empregam-se com vantagem os causticos na nuca e os purgantes. As viagens, a musica, as distracções, os trabalhos de jardinagem, curam ás vezes certos monomaniacos: são sobretudo vantajosos na convalescença para consolidarem a cura.

Se se pudesse obter dos doudos um trabalho mecanico quotidiano de muitas horas e ao ar livre, as curas seriam muito mais numerosas. O maior obstaculo no tratamento da loucura é a exaltação do pensamento: ora, não ha cousa melhor para refrear a actividade das ideias do que os exercicios physicos prolongados, e até cançarem, como a agricultura, as artes mecanicas, a caça, etc. A gymnastica reune muitas vantagens no tratamento da loucura. Primeiramente, o doudo que faz muito exercicio pensa menos e sente menos; depois, o trabalho imprime ás suas ideias uma direcção vantajosa; emfim, o exercicio dispõe ao somno, que é um grande beneficio para muitos doudos. As viagens continuadas por muito tempo a pé ou a cavallo, sobretudo nos paizes montanhosos, são muito mais proficuas do que as que são feitas em sege. Os incommodos d'essas viagens, a que os doentes não estão acostumados, produzem os melhores effeitos.

A dieta é raramente util, e podem-se permittir sem receio os alimentos que os doentes desejam. As insomnias são mui communs no começo da loucura; combatem-se pelo exercicio, por banhos mornos prolongados tomados no momento de se deitar, abstinencia do café e das bebidas espirituosas. Se isto não fôr sufficiente, póde-se dar á noite uma chicara de amendoada com vinte gottas de laudano, ou uma pilula de opio de 5 centigrammas ou 1 gramma de chloral hydratado ou bromuretado.



Fig. 632. — Louro-cereja.

Convem combater a prisão do ventre com clysteres de linhaça, limonada de tamarindos ou alguns purgantes.

LOURO-CEREJA, *Prunus laurocerasus*, Linneo. Rosaceas-amygdaleas. Arbusto originario das margens do Mar Negro (fig. 632). Tem folhas grandes, ovaes, alongadas, agudas, dentadas, duras, mui lisas e luzidias; as flores brancas. A estas succedem fructos arredondados, denegridos, com um caroço, dentro do qual se acha uma amendoa muito amargosa e com cheiro de amendoas amargas ou de

acido prussico. O louro-cereja é um vegetal mui perigoso : todas as suas partes, e principalmente as folhas, contém um dos venenos mais subtis e violentos, o acido prussico, ao qual todas as partes d'este arbusto devem o *cheiro de amendoas amargas*.

Com as folhas de louro-cereja prepara-se a agua distillada e o oleo essencial que se empregam em medicina como calmante, a primeira na dóse de 10 a 40 gottas n'uma poção, e o segundo (o oleo) na dóse de 1 a 4 gottas n'uma emulsão de 180 grammas, que se administra ás colheres de hora em hora, havendo o cuidado de mexer a emulsão no momento de tomal-a.

Os accidentes que póde produzir o louro-cereja são os do acido prussico. O tratamento acha-se indicado no artigo ENVENENAMENTO PELO ACIDO PRUSSICO.

LOURO ORDINARIO, *Laurus nobilis*, Linneo. Lauraceas. Arbusto originario da Grecia, cultivado nas hortas do Brazil e de Portugal, onde tambem habita espontaneamente nas mattas da Arrabida, de Monchique e outras. Tem as folhas ellipticas, em fórma de lança, agudas, um pouco duras e luzidias. Os fructos pretos, pequenos, redondos, alongados, contém uma amendoa. As folhas são de cheiro aromatico, sabor amargo e picante, e empregam-se como tempero nos môlhos. — O chamado unguento de louro, de que se faz uso na medicina veterinaria, e que se vende nas pharmacias, é a gordura corada de verde com anil e curcuma, na qual se infundiram folhas ou bagas de loureiro. Tambem ha um oleo espresso das bagas de loureiro, de aspecto grumoso, que se emprega em fricções como estimulante nas paralysias. — Na antiguidade, entre os Gregos e Romanos, os ramos de louro tinham grande importancia nas ceremonias religiosas. Era com elles que se coroavam os poetas e os guerreiros. Na idade média coroavam-se com ramos de loureiro, dos quaes pendiam as suas respectivas bagas, os novos doutores, na sua formatura, e d'ahi se derivou o nome de *baccalaureatus*, dado ao primeiro gráo academico.

LOURO-ROSA, *Veja-se* ESPIRRADEIRA.

LUCCA, Italia. Aguas salinas sulfatadas quentes.

Itinerario de Pariz a Lucca. Estrada de ferro de Pariz a Lucca 37 horas ; diligencia de Lucca aos banhos 2 horas. Despeza 170 francos.

Lucca é uma cidade da Italia, de 23,000 habitantes. Os banhos não se acham mesmo na cidade, porém n'uma aldeia distante de Lucca 20 kilometros. Percorre-se, para chegar ali, uma bella estrada que, depois de atravessar uma planicie abundante em vinhas e pastagens, penetra n'um valle plantado de castanheiros magnificos. É ao pé dos montes Apeninos, sobre a ladeira do outeiro Corsena que se acham os cinco estabelecimentos thermaes. Um outro estabelecimento dista da aldeia cerca de tres kilometros. Estes diversos banhos tem uma organização elegante e ao mesmo tempo severa ; as banheiras e as piscinas são de marmore.

As fontes que alimentam os banhos são numerosas e abundantes; a

sua temperatura varía de 31° a 56° cent. A agua é limpida, sem cheiro e quasi sem sabor, o que explica a sua pouca mineralização, que é quasi a mesma para todas. 1 litro da fonte Barnabe, a mais empregada de Lucca, contém só 2ᵍ,637 de saes que são o sulfato de cal, de magnesia, carbonato de cal, silica, alumina, ferro, e um pouco de gaz acido carbonico.

Estas aguas, usadas em bebida, e sobretudo em banhos e duches, são empregadas nas affecções rheumatismaes e gotosas, nas molestias cutaneas e escrophulosas, na chlorose, nos engurgitamentos das visceras abdominaes.

LUCHON, Aguas mineraes. *Veja-se* BAGNERES DE LUCHON.

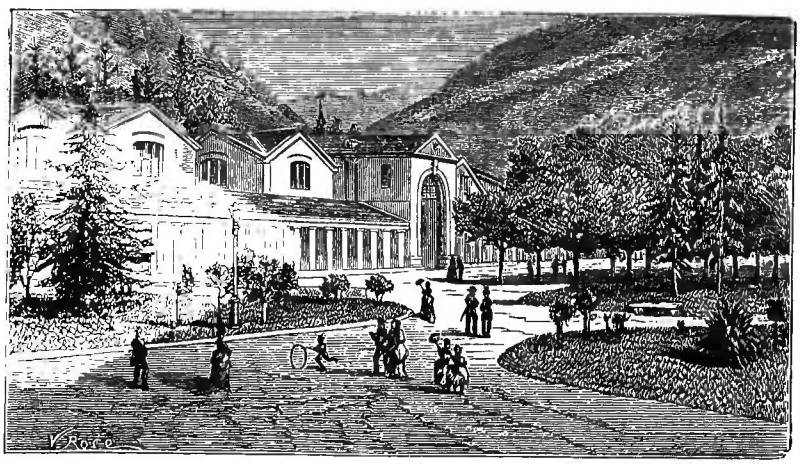


Fig. 633. — Vista do estabelecimento balneario de Luchon.

LUGO, Hespanha. Aguas sulfurosas salinas quentes; 30° a 42°. Rheumatismo, molestias cutaneas.

LULA, *Loligo*, Lamarck (fig. 634). As lulas são molluscos pertencentes ao grande genero das *sibas*. São notaveis por uma lamina cornea, sob a fórma de espada ou de lanceta, que tem no dorso em logar da concha. A cabeça é guarnecida de 8 pés, e de 2 tentaculos muito mais compridos, armados de chupadores na ponta que é mais larga. Estes servem-lhes para apalpar os objectos, ou agarrar a presa. É um animal marinho que se encontra na beiramar. As lulas tem, como as sibas, no figado um sacco que contém um liquido preto, especie de tinta empregada na pintura, sob o nome de *sepia*. Derramam este liquido na agua, quando são perseguidas por algum inimigo. São muito ligeiras, e nadam para traz com muita agilidade; ás vezes até se atiram fóra da agua. O seu tamanho é variavel, conforme as especies, que são superiores a vinte. A lula commum (fig. 634) é a mais conhecida.

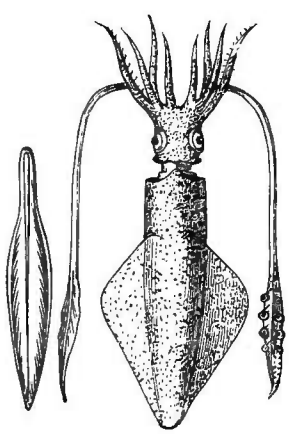


Fig. 634. — Lula.

Serve como alimento, de que se faz uso frequente no Rio de Janeiro; cozida com arroz, ou com vinho, constitue uma comida sã e agradavel. Serve tambem de isca aos pescadores.

LUMBAGO. *Veja-se* DÔR DE CADEIRAS.

LUNAR. *Veja-se* SIGNAL DE NASCENÇA.

LUNATICO. *Veja-se* SOMNAMBULISMO.

LUPARO. *Veja-se* LUPULO.

LUPIA. *Veja-se* LOBINHO.

LUPO. Molestia chronica da pelle, que apparece quasi sempre no rosto, caracterizada por manchas, e as mais das vezes por tuberculos violaceos ou avermelhados; estes transformam-se em ulceras, que tem grande tendencia a destruir em profundidade e em superficie os tecidos vizinhos. O lupo mostra-se especialmente no rosto, onde occupa sobretudo o nariz, as faces e os labios. No tronco, ataca com preferencia o peito e os hombros; não é mui raro no pescoço nem na face externa dos antebraços, nem no peito nem na face dorsal da mão, que são os pontos dos membros mais frequentemente invadidos pelo trabalho destruidor. Emfim, attinge, ás vezes, na mulher as partes externas da geração.

Causas. O lupo affecta com preferencia as crianças, e os individuos jovens, sobretudo de doze a vinte e cinco annos; quasi nunca apparece depois dos quarenta annos. Tem uma frequencia igual no homem e na mulher; ataca especialmente os individuos lymphaticos e escrophulosos. Ignoram-se as causas que podem desenvolver esta molestia.

Symptomas. A molestia principia quasi sempre pelo desenvolvimento de um ou de muitos pequenos tumores duros, de côr rubra escura e indolentes, podendo ficar estacionarios durante um tempo mais ou menos longo, mas acabando tarde ou cedo por se transformarem em ulceras. Todavia, em alguns casos, em vez de principiar por um tuberculo, o lupo começa por uma simples vermelhidão violacea; depois pouco a pouco a pelle adelgaça-se e ulcera-se. Qualquer que seja o modo de invasão, estabelecida a ulceração, a superficie doente fornece uma materia acre, que excoria as partes vizinhas, e cobre-se de crostas cinzentas mais ou menos grossas. A ulceração póde permanecer superficial durante muito tempo; mas frequentemente faz progressos em profundidade, e não só corroe a pelle em toda a sua espessura, mas destroe além d'isto as partes molles sub-jacentes. Acontece ás vezes que estendendo-se de um lado, a ulceração sára do outro; a cicatriz que se forma então é desigual, indelevel, e parece-se exactamente com a que succede aos diversos gráos de queimadura. No rosto, horrendas deformações resultam d'este trabalho destruidor. O nariz fica ás vezes inteiramente destruido, e não apresenta no seu logar senão uma abertura triangular dividida pelo septo das fossas nasaes; as palpebras ficam viradas e vermelhas; os labios, e as faces estão roídas, perforadas, sulcadas de regos desiguaes, formados por cicatrizes disformes. Emfim o rosto, entumecido, desfigurado, privado de seus lineamentos mais salientes, torna-se n'estes infelizes um objecto de horror que inspira aos outros e a elles mesmos

uma aversão quasi invencivel. O que ha de notavel, é a pouca dôr que geralmente acompanha tão grandes desordens. Alguns doentes queixam-se só de comichão e ardor. É raro tambem que a saude geral se altere. Com effeito, quasi sempre as funcções importantes executam-se com regularidade; não ha febre; as forças conservam-se, não havendo complicações.

Comtudo o lupo não se apresenta sempre com os mesmos caracteres. Offerece, com effeito, muitas variedades intermedias, desde o seu estado mais benigno, até ao gráo mais intenso; de sorte que, comparando os dois extremos, dir-se-hia que são duas molestias inteiramente differentes. Admittem-se tres variedades principaes : 1.° o lupo que se estende em superficie; 2.° o lupo que destroe em profundidade; 3.° o lupo hyperthrophico. No primeiro caso não ha, de ordinario, nem tuberculos nem crostas; a pelle sómente enrubece, adelgaça-se e exfolia-se; é lisa, luzidia e parece-se com a cicatriz recente de uma queimadura superficial. Deixando a molestia de progredir, a vermelhidão desapparece; não se fazem mais exfoliações epidermicas, mas a pelle fica delgada, luzente, lisa, e como se tivesse perdido alguma cousa de sua espessura. Ás vezes, esta especie de lupo principia por pequenos tuberculos, cujos apices se tornam em ulceras. A ulceração póde então invadir uma grande superficie, todo o rosto, por exemplo. — Na segunda variedade, o lupo esgota ás vezes sua acção sobre um ponto circumscripto, como a ponta do nariz ou uma face, que cava e perfora n'um tempo mui breve. — O lupo com hypertrophia apparece quasi sempre no rosto, e não se observa senão nos individuos escrophulosos; é acompanhado de uma tumefacção ás vezes enorme de todas as partes do rosto. Estas differentes variedades podem encontrar-se no mesmo doente.

Tratamento. O tratamento do lupo é primeiro que tudo local; é preciso modificar a vitalidade do logar affectado pelo emprego de substancias irritantes e mesmo causticas : assim, no principio da molestia fazem-se uncções com pomada de protoiodureto e biiodureto de mercurio, de iodureto de enxofre, ou com estoraque liquido. Eis-aqui a composição d'estas pomadas :

Pomada de protoiodureto de mercurio.

Protoiodureto de mercurio.....	1 gramma.
Banha benzoinada.....	20 grammas.

Pomada de biiodureto de mercurio.

Biiodureto de mercurio.....	60 centigrammas.
Banha benzoinada.....	30 grammas.

Pomada de iodureto de enxofre.

Iodureto de enxofre.....	1 gramma.
Banha benzoinada.....	20 grammas.

A estes meios associar-se-hão fumigações com vapores aromaticos, provenientes da infusão de alecrim, alfazema e de hortelã, em agua a ferver.

Existindo a ulceração, convem recorrer á cauterização. Esta faz-se com pedra infernal, com massa de chlorureto de zinco, ou com massa caustica de Vienna. Antes de operar, cumpre fazer cahir as crostas por meio de cataplasmas de fecula; depois applica-se a substancia caustica sobre toda a superficie doente, e mesmo além de seus limites; cahida a eschara, cura-se a ulcera com ceroto simples ou glycerina; se a ulcera não se tornou de melhor aspecto, repete-se a cauterização; é raro que uma só seja sufficiente.

O tratamento interno compõe-se de infusão de lupulo, e de oleo de figado de bacalháo de Berthé. A infusão de lupulo toma-se na dóse de uma chicara por dia, e o oleo de figado de bacalháo na dóse de 60 a 120 grammas e mesmo mais por dia. O regimen deverá ser mais animal do que vegetal. Os banhos do mar tambem aproveitam muito.

LUPULO ou LUPARO. *Humulus lupulus.* Linneo Cannabineas (fig. 635). Planta mui cultivada na Europa; em Portugal habita nos arredores de Coimbra, Porto e outras partes do norte do Reino; no Brazil cultiva-se na provincia do Rio Grande do Sul. Os fructos chamados pinhas, entram na composição da cerveja, á qual communicam o sabor amargo que se lhe conhece, e a propriedade de se conservar por muito tempo sem azedar. Estes fructos são cónes, compostos de escamas foliaceas, de côr amarella-esverdeada, coberta de pequenos pellos, dos quaes sahe uma especie de poeira chamada *lupulino;* sabor amargo, cheiro viroso. Estas mesmas pinhas, sob a fórma de infusão ou decocção, na dóse de 4 grammas para 360 grammas d'agua fervendo, empregam-se como tonico nas escrophulas, escorbuto, falta de appetite, e quando é preciso fortificar a constituição.

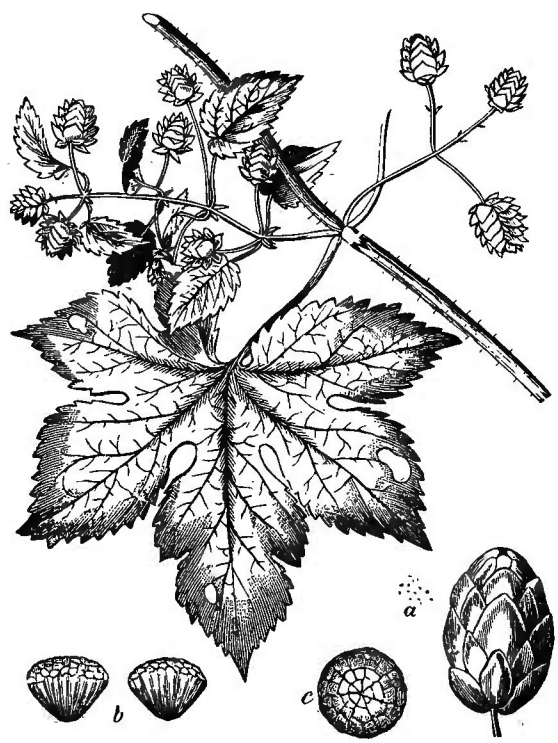


Fig. 635. — Lupulo (*).

LUSO. Portugal; Douro. Aguas acidulas gazosas e bicarbonatadas sodicas; temperadas. A agua é limpida, sem cheiro, de sabor levemente acre; de 25° a 27° centigrados de temperatura, segundo as epocas do anno. Contém, por litro, 0,05917 grammas de residuo solido, formado de silica, choruretos alcalinos, saes calcareos e magnesianos, e mui

(*) *a*, lupulino de tamanho natural; *b*, lupulino visto de lado pelo microscopio; *c*, o mesmo visto perpendicularmente do lado convexo.

pequenas quantidades de alumina e ferro. No ponto de emergencia é mui notavel o desenvolvimento de gazes, que rebentam em bolhas na superficie do liquido; estes gazes consistem em acido carbonico e em um com-



Fig. 636. — Luso (Portugal). — Vista da avenida do mosteiro do Bussaco.

posto de oxygeneo e azote. Ha dois bons hoteis e um estabelecimento balneario que contém nove quartos com duas banheiras cada um, um gabinete de leitura, e uma sala na qual se reunem á noite os banhistas. As banheiras são de marmore ou de azulejo. As aguas empregam-se

quasi exclusivamente em banhos, pouco em bebida. Os banhos administram-se d'agua tepida, de temperatura natural, ou aquecida por meio de maquina de vapor. São de proveito nas molestias seguintes: affecções cutaneas, areias, catarrho vesical, rheumatismos, conjunctivites escrophulosas, nevralgias, nevroses e diversas molestias chronicas. Muitas pessoas usam tambem d'estes banhos como simples meio hygienico, e vão a Luso, durante a estação calmoso, para gozar bom ar, grata tranquilidade e as singelas distracções do campo. — Luso está situado na encosta da pitoresca serra do Bussaco a 19 kilometros ao norte de Coimbra, a 7 kilometros da Mealhada, estação de caminho de ferro; este ultimo espaço é percorrido por muitos carros, que transportam os passageiros ás chegadas e partidas dos comboios. Na serra do Bussaco, notavel pela matta de cedros, ha uma fonte d'agua ferrea fria, e na aldeia de Luso, junto dos banhos, acha-se uma fonte semelhante, que se emprega, em bebida, na chlorose, amenorrhea, e muitos outros estados anemicos. A aldeia abunda em excellentes aguas potaveis, é de uma salubridade notavel; acha-se cercada de vastos pinheiraes, cujas emanações resinosas se diffundem pelo ar ambiente. Por todos estes motivos, Luso é muito concorrido na estação balnearia, que dura de 1.° de Maio até 15 de Novembro. Na anno de 1875 o numero dos banhistas registrados era de 1304; sendo 731 homens e 573 senhoras. A concurrencia tem sobretudo augmentado desde 1866, epoca da nomeacão de um medico director, o muito distincto Sr. Dr. Manoel Correia de Mello, que possue conhecimentos especiaes, e desempenha as suas attribuições com zelo e intelligencia.

LUXAÇÃO. *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

LUXEUIL. França. Aguas ferruginosas frias e tepidas, e aguas salinas quentes.

Itinerario de Pariz a Luxeuil: Estrada de ferro até á estação Saint-Loup, 9 horas 40 minutos. Carro de Saint-Loup a Luxeuil, hora e meia. Despeza total 45 francos.

Luxeuil é uma pequena e linda cidade da França de 3,750 habitantes. As suas thermas remontam a mui alta antiguidade, e os seus banhos são anteriores á conquista pelos Romanos da antiga Gallia, hoje França. Durante as invasões dos barbaros, os banhos de Luxeuil foram muitas vezes destruidos e reconstruidos. A ultima reconstrucção data de 1768. Melhoramentos e augmentos foram feitos depois pelo Estado, que se tornou proprietario das fontes; hoje o estabelecimento thermal de Luxeuil é um dos mais bellos da Europa.

Luxeuil possue 2 fontes *ferruginosas* e 16 fontes *salinas*.

1.° **Fontes ferruginosas.** Designam-se debaixo do nome da fonte do *Poço Romano* (*Puits Romain*), e da fonte do *templo* (*Temple*).

A agua do *Poço Romano* tem 27°,9 centigrados de temperatura, é limpida ao sahir da fonte, mas turva-se ao contacto do ar, deixando depositar um precipitado amarello; o seu sabor é ferruginoso e estyptico.

A agua da fonte do *Templo* tem só 19°,6 de temperatura; é tambem limpida, mas deixa depositar um precipitado amarello; tem o sabor estyptico.

Eis-aqui a composição d'estas aguas segundo Leconte. 1 litro d'agua contém:

	Poço Romano.	Templo.
Sesquicarbonato de potassa	0gr,01909	0gr,01551
Sulfato de soda	0 ,06865	0 ,10826
Chlorureto de sodio	0 ,23596	0 ,11122
Carbonato de cal	0 ,04011	0 ,15480
— de magnesia	0 ,00990	0 ,02428
Fluorureto de calcio	0 ,00239	0 ,00350
Alumina		0 ,00479
Sesquioxydo de ferro	0 ,00939	0 ,02500
Oxydo rubro de manganez	0 ,00499	0 ,01220
Acido silicico	0 ,04100	0 ,03120
Materias organicas e perda	0 ,00911	0 ,00405
Iodo e arsenico	Vestigios mui pequenos.	
Total das materias fixas	0gr,44059	0gr.54199
Gaz oxygeneo	0gr,42	0gr,60
— acido carbonico	30 ,58	75 ,95
— azote	9 ,42	17 ,15

As aguas ferruginosas formam um dos elementos mais importantes da estação thermal de Luxeuil.

2.° **Fontes salinas** (*chloruretadas sodicas*). São 16, porém nem todas são utilizadas. A sua temperatua varía de 30° a 56° centigrados. Os outros caracteres physicos as distinguem apenas uma da outra. As aguas d'estas fontes são limpidas, unctuosas ao tocar, de sabor levemente salino. A composição chimica de todas parece a mesma. Eis-aqui o resultado da analyse da fonte chamada dos *Benedictinos*, feita pelo chimico Leconte. 1 litro d'agua contém:

Sesquicarbonato de potassa	0gr,03084	Alumina	0gr,01145
Chlorureto de potassio	0 ,01861	Oxydo de manganez	
— de sodio	0 ,72957	Sesquioxydo de ferro	
Sulfato de soda	0 ,19206	Acido silicico	0 ,08619
Carbonato de cal	0 ,04421	Materias organicas	0 ,03019
— de magnesia	0 ,00215	Iodo e arsenico	vestigios fracos.
		Total das substancias solidas.	1gr,14557

A maior parte das aguas salinas de Luxeuil contém gaz azote que se desenvolve em notavel quantidade de algumas d'ellas.

As aguas de Luxeuil usam-se em banhos, duches, banhos de vapor e como bebida.

O serviço balnear comprehende 7 piscinas, 18 banheiras simples, 38 banheiras com duches, 2 grandes duches, 4 duches ascendentes. 19 duches de injecção, 2 estufas, 8 bicas para beber a agua mineral.

As aguas de Luxeuil empregam-se nas differentes nevroses, rheumatismos, chlorose, anemia. A estação thermal dura do 1° de maio a 15 de outubro. A morada em Luxeuil é agradavel; existe ali um cassino mui bem installado; o clima é salubre, os passeios são numerosos e variados.

LUZETRO. *Veja-se* MALEITEIRA.

LYCOPODIO. *Lycopodium clavatum*, Linneo (fig. 637). Lycopodiaceas. Planta reptante que habita sobretudo na Allemanha e Suissa, e cujas capsulas contém um pó amarello, leve, inodoro, insipido, inflammavel, empregada na pharmacia para envolver as pilulas, e em medicina para polvilhar as excoriações e assaduras das crianças. Este pó é susceptivel de inflammar-se quando se lança sobre a chamma de uma vela ou qualquer outro corpo em ignição, e arde sem cheiro; uti-

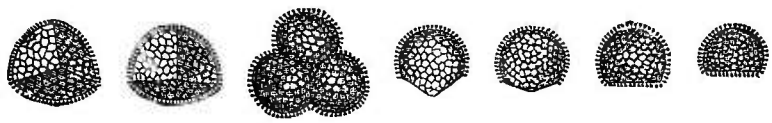


Fig. 637. — Lycopodio (capsulas).

lizam-se estas propriedades no theatro para simular relampagos, e para fabricar tochas ardentes.

LYMPHA. Fluido transparente, de côr amarellada, contido nos vasos lymphaticos. Provém de todas as materias que a absorpção interna recolhe nas diversas partes do corpo. Recebe no seu curso o chylo, entra de mistura com elle nas veias, e vem a ser um dos materiaes do sangue.

LYMPHATICO. Que é relativo á lympha.

Systema lymphatico. Reunião dos orgãos que concorrem para a formação e circulação da lympha, a saber as glandulas e os vasos lymphaticos. Estes são mui delgados, transparentes; suas paredes, como as de todos os vasos, são formadas de muitas membranas; apresentam em todo o seu comprimento uma serie de expansões produzidas pelas valvulas interiores, que favorecem a circulação impedindo o refluxo da lympha.

Glandulas ou *ganglios lymphaticos*. Orgãos do volume de uma lentilha até ao de uma avelã, mas podendo augmentar considcravelmente pela inflammação; estão collocados sobre o trajecto dos vasos lymphaticos, sobretudo nas dobras das grandes articulações, na vizinhança dos pulmões, dos seios, etc.

Temperamento lymphatico. Aquelle em que a pelle é fina, branca, e em que as glandulas lymphaticas tem tendencia a engurgitarem-se, inflammarem-se, e a serem affectadas de diversas molestias.

LYMPHATITE ou ANGIOLEUCITE. Inflammação do systema lymphatico.

Symptomas. Quando a inflammação occupa os vasos lymphaticos superficiaes, apparecem na superficie da pelle cordões, fitas, ou simples chapas, de côr rosea ou violacea. Estas fitas são irregulares, tortuosas, e mais ou menos intensas; correm ás vezes sobre todo o comprimento de um membro, e tem quasi sempre por ponto de partida qualquer alteração da pelle, como uma ferida, uma inflammação ou uma suppuração. A lymphatite principia de ordinario na vizinhança d'estas lesões; não é raro, entretanto, que os primeiros symptomas se mostrem n um ponto

mais ou menos afastado. Espalhadas aqui e ali a principio, estas fitas ou estas chapas reunem-se logo depois, confundem-se entre si, e acabam por formar uma vermelhidão uniforme, apresentando todos os caracteres da erysipela ordinaria. Existe na parte affectada uma dôr ardente, que é comparada á queimadura pelo sol, e que sempre augmenta pela pressão. Existe uma inchação ordinariamente pouco consideravel da parte; emfim os ganglios onde se reunem os vasos lymphaticos inflammados tornam-se quasi sempre dolorosos e inchados. Quando a inflammação invade primitivamente o plano profundo dos vasos lymphaticos, é a dôr que fixa primeiro a attenção: esta dôr é profunda e pungente. Apalpando o logar, sentem-se profundamente pontos endurecidos, mui dolorosos, que acabam por levantar a pelle; existe frequentemente tambem uma inchação dura de toda a região. A pelle torna-se distendida, luzente, branca ou côr de rosa pallida; cnrubece, quando a inflammação se prolonga aos vasos lymphaticos superficiaes.

Os symptomas geraes limitam-se a principio a alguns calefrios e ao fastio; logo depois apparece a febre, que é mais ou menos intensa, acompanhada de sêde e de vomitos. Estes symptomas pertencem exclusivamente á inflammação; mas outros ha que resultam da infecção do sangue pelo pus: taes são o delirio, a prostração, a lingua fuliginosa, a pequenez do pulso. Entretanto, semelhantes accidentes são mui raros, porque os ganglios lymphaticos, que estão tambem inflammados, oppõem as mais das vezes uma barreira insuperavel ao pus, e impedem que este liquido penetre no systema venoso.

Terminação. A lymphatite termina resolvendo-se; o que tem logar as mais das vezes quando a inflammação acommette só um pequeno numero de vasos superficiaes. No caso contrario, a molestia é seguida de suppuração, e acha-se então o pus infiltrado ou reunido em collecções mais ou menos vastas.

Duração. Esta molestia é de duração variavel: quando não occupa senão um pequeno numero de vasos superficiaes, a resolução póde ser completa no quarto ou quinto dia; outras vezes a inflammação cresce durante sete ou oito dias, e a cura não tem logar senão tres semanas depois.

Causas. A lymphatite é quasi sempre uma molestia consecutiva: sobrevem de ordinario depois dos ferimentos da pelle, sobretudo quando estes foram feitos com instrumentos sujos ou cobertos de materia putrefacta, como acontece nas picadas anatomicas; declara-se tambem depois das contusões, ou espontaneamente na vizinhança das regiões inflammadas.

Tratamento. Compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula que se applicam nas regiões inflammadas; do repouso, e das bebidas emollientes ou refrigerantes, taes como o cozimento de cevada, limonada de limão ou de laranja. A dieta será mais ou menos rigorosa, conforme a intensidade da inflammação. É bom tambem tomar um purgante: uma garrafa de limonada de citrato de magnesia, feita com pós de Roger, d'agua de Sedlitz, 8 grammas de magnesia calcinada, 60 grammas de sal

d'Epsom ou de Glauber. Se a molestia, não ceder, administre-se o *cozimento antiphlogistico de Stoll,* cuja composição é a seguinte:

Cozimento de cevada	360	grammas.
Nitro	2	—
Xarope de vinagre	40	—

Para beber uma chicara de 3 em 3 horas.

O doente tomará de manhã, á noite ou no começo de cada refeição, de 2 a 4 colheres de sopa de oleo de figado de bacalhao de Bals, e se houver difficuldade em digerir o oleo de figado de bacalhao, tomará então, a mesma dóse de oleo nutrimentivo, extrahido dos ossos de boi; oleo este prèparado pelo sñr Déthan, pharmaceutico de Pariz.

Sobrevindo symptomas de infecção, caracterizados pela febre, delirio e prostração das forças, empreguem-se as pilulas de camphora e a infusão de quina. Eis-aqui as receitas:

Pilulas camphoradas.

Camphora	4	grammas.
Conserva de rosas	4	—

Faça 36 pilulas. Para tomar uma pilula de 3 em 3 horas; e por cima de cada pilula o doente beberá meia chicara da infusão seguinte:

Casca de quina	8	grammas.
Agua a ferver	360	—

Infunda por duas horas, côe e adoce com quanto baste de assucar.

M

MACACO. Animal mammifero da ordem dos Quadrumanos, que se approxima do homem por sua conformação geral e organização interna (fig. 638, 639, 640). Tem de 32 a 36 dentes, dois seios peitoraes, quatro membros terminados por mãos offerecendo um dedo pollegar separado e que se póde oppôr, mais ou menos, aos outros dedos; unhas chatas como as do homem. Tem a cabeça geralmente arredondada; o rosto quasi sempre-nú, ora côr de carne, ora azul ou preto; as ventas approximadas e assaz semelhantes ás do homem nas especies do antigo continente, mas, pelo contrario, desviadas á direita e á esquerda de um largo septo nas especies americanas; as orelhas sem lobulo, os olhos vivos e muito moveis. O seu tamanho varía desde o de um esquilo até ao de um homem da altura de quasi 2 metros; o corpo é geralmente

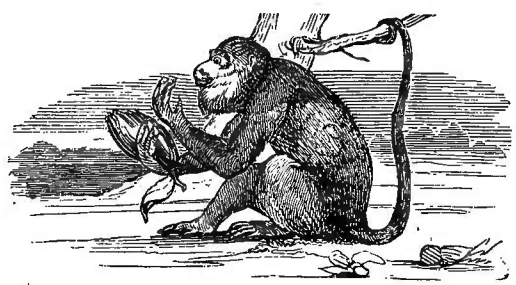


Fig. 638. — Macaco ourang-outango.

magro, coberto com um pello de côr variavel; os membros são delgados e alongados, sobretudo os membros anteriores, que, em algumas especies, são de um comprimento desmedido; a posição recta não lhes é natural. A cauda varía em comprimento; muitas especies não a tem; nas que a tem, ella é ás vezes prehensil; n'este caso, constitue quasi um quinto membro que lhes serve para se suspenderem; as mãos são cobertas com uma pelle mui fina e frequentemente enrugada. Estes animaes alimentam-se ordinariamente de fructas. Pertencem, em geral, ás regiões intertropicaes, do Antigo e do Novo-Mundo.



Fig. 639. — Macaco pitheco.

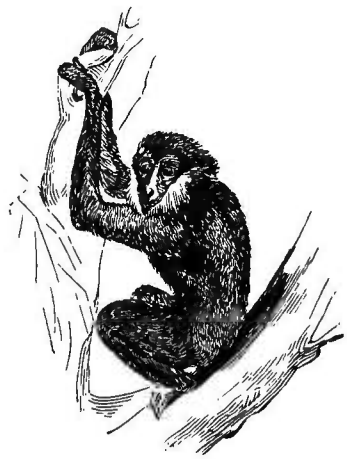


Fig. 640. — Macaco gibbão.

Todos conhecem a intelligencia dos macacos, o seu espirito de imitação e de malicia, a inclinação para o roubo e a rapina, a gravidade de uns, a vivacidade dos outros. Muitas especies são susceptiveis de se amansar e de viver em domesticidade: os saltimbancos ensinam-lhes differentes habilidades, e fazem-n'os trabalhar nas ruas e nas feiras. Entretanto, os macacos grandes não são meigos e trataveis senão quando ainda novos: quando adultos, tornam-se máos e ferozes, ou cahem em um marasmo que os conduz rapidamente á morte. As femeas andam gravidas cerca de sete mezes; manifestam a maior ternura a seus filhos, ternura partilhada pelo pai, que embala e adormece seu filho nos braços, e o entrega á mãi para que ella lhe dê de mammar.

MACAJERA. *Veja-se* AIPIM.

MAÇÃ. Fructo da macieira, *Pyrus malus*, Linneo, arvore da familia das Pomaceas, originaria da Europa, cultivada por todo o globo, e de que existem mais de duzentas variedades. Esta arvore dá nos Jardins do Rio de Janeiro, mas os fructos não são tão saborosos como nos paizes frios. A fig. 641 representa a especie chamada *raineta do Canadá*. A maçã é uma fructa mui sadia. As maçãs cruas, comidas moderadamente, quando estão bem maduras e bem sãs, constituem para todas as as pessoas um alimento salutar e refrigerante. São um tanto adstringentes. As melhores para comer cruas são as que são adocicadas e ao

mesmo tempo acidulas, e cujo sabor é perfumado. Taes são a maçã raineta e camoeza. As maçãs cozidas debaixo de todas as fórmas, no forno, em compota, em marmelada, em doces, em gelea, etc., fornecem um alimento leve, e tão salutar como agradavel, não só para as pessoas de saude, mas para os convalescentes: é um alimento leve, e que ao mesmo tempo relaxa brandamente o ventre. Além d'esta propriedade, as maçãs cozidas tem uma virtude peitoral e emolliente, que as torna uteis nos defluxos, e bronchites. Nos paizes onde a maçã nasce com abundancia, como, por exemplo, na Normandia em França, extrahe-se d'esta fructa um succo com a qual se prepara pela fermentação uma bebida chamada *cidra*,

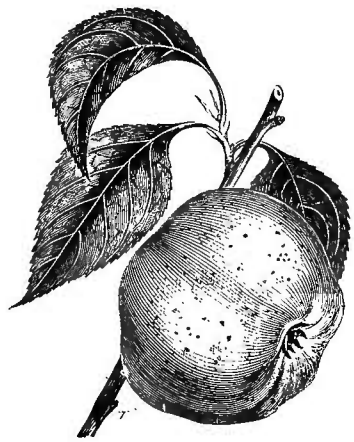


Fig. 641. — Maçã raineta do Canadá.

MAÇADURA. Acção de comprimir, de amassar, por assim dizer, com as mãos, as partes musculares do corpo, e de exercer tracções sobre as juntas, afim de lhes dar flexibilidade e excitar a vitalidade da pelle, e dos tecidos subjacentes. Esta pratica é muito empregada no Oriente. A maçadura methodica constitue o melhor modo de tratamento das torceduras, das consequencias das luxações, das rijezas articulares, das retracções dos musculos, do torcicollo, e para restabelecer os movimentos depois das fracturas. Usa-se tambem na opilação, no hysterismo e suas contracturas, na bronchite chronica, nas molestias do coração, nas contusões, na prisão de ventre rebelde, nas diversas nevralgias, no rheumatismo chronico, etc.

A maçadura pratica-se de ordinario com a mão nua, com uma escova de crina, com uma luva, com uma prancheta de páo, com rodinhas de buxo, etc. Cobre-se a parte, que se quer maçar, com azeite doce, oleo de amendoas doces, banha de porco ou sabão. Todas as manobras reduzem-se a: 1.° fricções humidas ou seccas; estas ultimas consistem em fricções com a luva, escova, panno de linho ou flanella: 2.° pressões com a mão ou com rodinha de páo; as pressões segundo o trajecto dos tendões constituem as manobras da maçadura nas torceduras; as pressões feitas sobre o ventre, sobre os musculos, são as maçaduras propriamente fallando; 3.° movimentos variados na direcção dos movimentos articulares; 4.° percussão. Para o modo de applicar a macadura nas torcedurus, *veja-se* TORCEDURA.

MACELLA GALLEGA. *Pyrethrum partenium*, Smith., Synanthereas senecioides. Planta commum em Portugal; cultiva-se no Brazil (fig. 642). Caules de 60 a 90 centimetros de alto, estriados, angulosos, glabros, ramosos; folhas pecioladas pinnatisectas, de lacinias pinnalifidas e denteadas, um tanto pubescentes; os capitulos formam um largo corymbo, com as flores do disco amarellas, e as da circumferencia ligulosas, brancas, duas vezes mais longas que o involucro. As flores de

macella são tonicas e estimulantes; empregam-se nas colicas, indigestões, fastio, etc. É um remedio vulgar que se administra em infusão, ou chá, prepara-se com quatro a seis flores de macella e uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 642. — Macella gallega.

MACERAÇÃO. Operação pharmaceutica, que tem muita analogia com a infusão, da qual differe porque se opera constantemente a frio. Consiste, pois, em pôr de môlho os corpos por mais ou menos tempo na temperatura ordinaria. Dá-se o nome de *macerato* ao producto d'esta operação. — São pouco numerosas as bebidas dos doentes que se preparam por maceração. Esta operação usa-se para fazer os maceratos de quassia, simaruba e rhuibarbo. Se estas substancias fossem tratadas pela agua quente, isto é, por infusão, o producto seria turvo, por causa do amido, que se acha n'estas substancias, e que se dissolveria na agua quente. O amido não se dissolve em agua fria. A maceração é sobretudo empregada para a preparação dos vinhos medicinaes, porque o vinho não póde supportar a acção do calor sem experimentar mudança na sua natureza.

MACHO. *Veja-se* MULO.

MACHUCADURA. *Veja-se* CONTUSÃO.

MACIS. *Veja-se* MOSCADA.

MACROCEPHALIA. Estado dos individuos que têm a cabeça de tamanho desmesurado, fóra de proporção com as dimensões do corpo. Debaixo d'este nome não só se designam aquelles que têm o craneo augmentado por um desenvolvimento excessivo do cerebro, proveniente da espessura maior dos ossos da cabeça ou pela presença de um liquido como nos hydrocephalos, como tambem dá-se este nome em anthropologia, aos homens cujo craneo foi alongado artificialmente por pressões methodicas usadas entre alguns povos.

MACULA. Mancha da pelle, de côr differente da natural, sem elevação nem mudança de consistencia. As molestias caracterizadas por maculas são : *sardas*, *pannos*, *signaes de nascença*, *albinismo*, *vitiligem*. *Veja-se* estas palavras.

MACULO. Chama-se *maculo* uma dilatação consideravel do anus, precedida e acompanhada de diarrhea mais ou menos abundante. Esta molestia ataca principalmente os negros, e as pessoas pouco asseiadas; n'este caso, desenvolve-se frequentemente no anus uma porção consideravel de bichos, de oito a dez linhas de comprimento, chamados vul-

garmente *varejas*. Ás vezes, o anus acha-se dilatado de tal maneira, que se póde introduzir n'elle uma garrafa pequena. As evacuações alvinas são liquidas e frequentes: nos casos mais graves, o corrimento tem logar quasi de uma maneira contínua. A pelle é fria e pallida, e o emmagrecimento grande.

As *causas* do maculo são as mesmas que as que produzem a diarrhea e a dysenteria. A agglomeração de grande numero de pessoas, e principalmente dos doentes de diarrhea, n'um espaço mui circumscripto, o uso de aguas de má qualidade, as affecções moraes tristes, o escorbuto, favorecem o desenvolvimento do maculo.

Tratamento. O tratamento do maculo é *local* e *geral*. O tratamento local tem por fim destruir os bichos que se desenvolvêram no anus. Os meios mais racionaes são: lavatorios com agua morna misturada com agua de Labarraque na proporção de uma chicara d'agua morna para meia chicara d'agua de Labarraque. Depois d'estes lavatorios deve-se polvilhar o intestino recto com pós de calomelanos ou com rapé. Um meio vulgar, e empregado com vantagem, consiste em introduzir no anus um limão azedo descascado e polvilhado com polvora e pimenta É indispensavel que o doente tome cada dia um ou dois semicupios d'agua morna. Depois de destruidos os bichos, é preciso dar dois clysteres por dia preparados com infusão de poaya. 15 grammas de poaya, que se deixa de infusão por uma hora, em duas chicaras d'agua quente, é a dóse que serve para estes dois clysteres. Dá-se tambem pela bocca um vomitorio de 1 gramma de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna. Os outros meios são os mesmos que servem para combater a diarrhea e a dysenteria.

MADRE DE FORA. *Veja-se* UTERO.

MAGMA. Linimento espesso com pouco liquido, para que não possa escorrer quando se applica. Toda a massa espessa, viscosa ou gelatinosa com o aspecto e a consistencia de papas.

MAGNESIA. Oxydo de magnesia. Acha-se ás vezes puro no estado de natureza, mas ordinariamente está combinado com acidos. A magnesia pura obtem-se calcinando o carbonato de magnesia. A mais leve vem de Inglaterra. É uma substancia branca, pulverulenta, sem sabor nem cheiro, quasi insoluvel em agua. É um purgante brando, na dóse de 8 a 15 grammas, desfeitos em meio copo d'agua fria com assucar, a que se ajunta um pouco d'agua de flor de laranjeira. Na dóse pequena de 1 a 2 grammas emprega-se para combater a azía. Entra na composição dos pós e pastilhas de Paterson, de sub-nitrato de bismutho e magnesia que contem 5 centigrammas de cada um d'estes productos. Estes pós e estas pastilhas são muito recommendadas no tratamento, das caimbras e pesos do estomago, no fastio, na azía, nas dyspepsias, nas enxaquecas, nos vomitos nervosos, etc. A magnesia neutraliza os acidos mineraes, e por isso se emprega nos envenenamentos por estes acidos.

SAES DE MAGNESIA. **Carbonato de magnesia.** Acha-sa na natureza, mas em mui pequena quantidade e impuro. Prepara-se tratando uma dissolução de sulfato de magnesia pelo carbonato de potassa fervendo.

Este sal apresenta-se no commercio sob a fórma de massas cubicas, brancas, macias ao tocar, sem gosto nem cheiro, mui leve, insoluvel em agua. Seus usos são os mesmos que os da magnesia pura. Administra-se como anti-acido contra a azia, nà dóse de 30 centigrammas a 4 grammas.

Citrato de magnesia. É um sal branco, pulverulento, sem sabor, macio ao tocar, soluvel em agua, mediante um leve excesso de acido. Esta dissolução tem um sabor levemente acido que nada tem de desagradavel. O citrato de magnesia obtem-se de duas maneiras differentes: póde preparar-se decompondo o sulfato de magnesia pelo citrato de soda, ou saturando uma solução de acido citrico pela magnesia ou pelo hydrocarbonato de magnesia. O citrato de magnesia é um purgante brando na dóse de 50 grammas. Dissolvido em agua parece-se com uma limonada. Por seu sabor agradavel, é um medicamento precioso para os doentes que tem repugnancia em tomar purgantes. Não occasiona nem sède nem puxos, apenas produz algumas colicas. O effeito purgativo deve ser favorecido com caldo de gallinha, ou melhor ainda com o de hervas. Ajuntando-se a esta limonada um pouco de bicarbonato de soda, obtem-se uma bebida espumosa, que é ainda mais agradavel a beber-se.

Um meio simples e commodo de tomar o citrato de magnesia é empregar o genuino pó purgativo de Rogé, medicamento approvado pela Academia de medicina de Pariz. O professor Soubeiran em seu relatorio á Academia, sobre esta preparação disse : « Por seu gosto agradavel, este medicamento é um poderoso meio de vencer a repugnancia que muitos doentes têm para os purgativos; purga tão bem como a agua de Sedlitz..., não dá nem sêde nem puxos, nem colicas e por conseguinte pode-se dizer que elle actua *tuto et jucunde.* »

O pó purgativo de Rogé, em quasi todos os casos pode substituir qualquer purgante salino.

Emprega-se'o deitando todo o conteudo do vidro em meia garrafa d'agua, deixa-se em contacto por espaço de uma hora ou da noite para o dia. Se se quizer uma limonada gazosa, basta bem rolhar a garrafa.

O verdadeiro pó purgativo Rogé é da casa de L. Frère de Pariz, 19, rua Jacob.

Sulfato de magnesia. *Veja-se.* Sal d'Epsom.

MAGNETTE. *Veja-se* Iman.

MAGNETISMO ANIMAL. Entende-se por magnetismo animal uma reunião de phenomenos nervosos particulares, produzidos pela influencia de um individuo sobre outro. Os principaes d'estes phenomenos são : a modorra, o somno, a suspensão completa do exercicio dos sentidos, a faculdade de fallar durante este estado, o que na expressão da arte se chama *somnambulismo artificial.* Contestado por grande numero de sabios como uma miseravel charlataneria, sustentado por outros com firme convicção. O magnetismo animal deve ser estudado; pois que no meio dos abusos que o acompanham, e independentemente do

charlatanismo que o explora, existem factos reaes, mui curiosos e assaz importantes.

Quando se magnetiza alguma pessoa, logo se reconhece que clla experimenta um peso na cabeça e nas palpebras, arripios nos membros, bocejos, ás vezes nauseas; d'ahi a pouco esta pessoa fecha os olhos e adormece. È raro que fique somnambula da primeira vez; mas depois de algumas sessões, o somnambulismo declara-se de ordinario, bem que todos os individuos não sejam susceptiveis d'elle. De todos os phenomenos magneticos, o que mais facilmente se póde obter é o seguinte : Se se quizer tolher o movimento a um membro, dois ou tres gestos o põem em completa immobilidade; é absolutamente impossivel á pessoa magnetizada mexêl-o de maneira alguma, e é preciso tirar-lhe a paralysia para que possa servir-se d'elle. Para isso é mister fazer outros gestos. Não se julgue entretanto que esta immobilidade seja o resultado dos gestos magneticos, e que o somnambulo, vendo estes gestos, entenda o que se deseja obter d'elle : a vontade unica do magnetizador, a intenção de paralyzar um membro, a lingua ou um sentido, basta para produzir este effeito. A lingua paralyza-se com maior facilidade, e se se fizer alguma pergunta, o somnambulo ha de fazer esforços extraordinarios para responder, o rosto ha de córar e inchar: a dôr mostrar-se-ha na face; mas nenhuma palavra poderá ser proferida.

Alguns somnambulos asseguram que vêem no interior do seu corpo; mas suas descripções são ou falsas, ou pelo menos erroneas. Quanto às molestias de que se dizem affectados, não tem senão opiniões chimericas; estas opiniões consistem sempre na exposição fiel de seus preconceitos e das ideias que lhes foram communicadas. A sua vontade é quasi nenhuma, e é de tal modo submettida á do magnetizador, que não parece ser outra cousa senão seu instrumento; fazem o que elle quer, póde influir mesmo em seus desejos, e até em seus pensamentos. Tivemos a prova d'isto nas paralysias dos sentidos e movimentos, que sempre se produzem, querendo. Alguns magnetizadores asseguram até que podem mudar para os seus somnambulos a agua em vinho, leite ou qualquer outro liquido, e que lhes basta para isso magnetizar, sem dizer palavra, a agua com uma intenção dada : os somnambulos julgam beber leite, vinho, etc., e é agua que bebem. Os somnambulos são affectuosos, reconhecidos; tomam affeição a seu magnetizador de uma maneira extraordinaria, não o querem nunca deixar; obedecem-lhe de uma maneira passiva, a até no estado de vigilia. Muitos somnambulos são completamente insensiveis; póde-se-lhes beliscar a pelle, introduzir no corpo alfinetes sem que sintam dôr alguma. Uma das doentes (segundo o relator da commissão designada pela Academia de Medicina de Pariz, em 1831, para observar os effeitos magneticos), depois de magnetizada, foi insensivel a umas das operações mais dolorosas da cirurgia, a extirpação de um scio canceroso.

Tudo o que deixei referido póde ser testemunhado a cada momento por qualquer pessoa; mas existe uma segunda ordem de factos que não tem a mesma certeza. Estes factos são a vista sem o soccorro dos olhos,

a vista pelo ventre, ponta dos dedos, testa, nuca, a prophetização, a adivinhação, determinação da séde, da natureza e do tratamento das molestias por individuos que não estudaram medicina. Estes milagres magneticos foram mal observados, e faltam-lhes as provas que temos o direito de exigir em semelhante materia.

Maneira de produzir os phonemenos magneticos. Para se obterem effeitos magneticos, são indispensaveis certas condições da parte da pessoa que magnetiza, e da que é magnetizada. O magnetismo é produzido pela força da vontade : convem, por conseguinte, que o magneticador tenha uma vontade firme, um desejo vivo de produzir effeitos, e a convicção intima de que produzirá esses effeitos. É preciso que não tenha nada de repugnante, que goze boa saude, que esteja no vigor da idade, que seja grave e ao mesmo tempo affectuoso, que seja superior quanto fôr possivel á pessoa magnetizada, ou por sua dignidade, sua idade, suas qualidades intellectuaes, ou por qualquer outra maneira. Da parte do magnetizado, releva que este se queira submetter, que deseje e creia. Se fôr doente, enfraquecido, de uma constituição sensivel, affectado de alguma molestia do systema nervoso, achar-se-ha nas condições favoraveis. É claro que convem se queira submetter, pois que, sem esta vontade, a superficie do seu corpo fica, por assim dizer, fechada para o agente que se envia. Cumpre, entretanto, dizer que, depois de algumas sessões, já não é necessario que o magnetizado *queira* adormecer; dorme sem querer; ha tambem pessoas que adormecem, bem que no momento de se submetterem á experiencia, não saibam o que se vai fazer d'ellas; ha emfim outras nas quaes se produz o mesmo phenomeno, embora queiram resistir aos effeitos magneticos.

Foram descriptos de muitas maneiras os processos de magnetização. Cada magnetizador tem seu methodo proprio. A uns basta pôr a mão sobre a testa da pessoa que se magnetiza, immediatamente ou em pequena distancia. Outros contentam-se com dizer á pessoa magnetizada: *adormeça, quero que adormeçais*, e logo ella pega no somno, sem poder subtrahir-se a esta ordem. Ás vezes basta ter esta vontade sem manifestal-a ; mas só gradualmente se chega a influencia tão grande. Nas primeiras sessões, eis-aqui como se deve proceder.

Faz-se sentar a pessoa que se quer magnetizar : o magnetizador senta-se em frente d'ella, de maneira que lhe toque com os joelhos e as pontas dos pés; toma-lhe, com as mãos, o dedo pollegar, que conserva até que se tenha posto em equilibrio com a sua temperatura. Põe depois as mãos sobre os hombros, e assim fica por espaço de um minuto; corre-as lentamente, por uma especie de leve fricção, ao longo dos braços até á extremidade dos dedos. Estes movimentos devem ser repetidos muitas vezes; depois d'isto, applica as mãos por alguns instantes na bocca do estomago e as faz descer aos joelhos e até aos pés; leva depois as mãos á cabeça do individuo que magnetiza, tendo o cuidado de afastal-as quando sobem, e as faz descer ainda ao longo dos braços, e mesmo até aos pés. Depois de feitas muitas vezes estas fricções, percebem-se alguns movimentos magneticos. A pessoa magnetizada experi-

menta arripios nos membros, embaraço na cabeça, peso nas palpebras. No fim de algumas sessões, pega completamente no somno. O magetizador, em quanto opera, não deve pensar em outra cousa; sua attenção deve estar concentrada toda inteira no magnetismo; qualquer distracção é contraria ao bom exito da operação. A expressão do rosto favorece poderosamente a acção magnetica. O olhar, a physionomia grave do magnetizador, concorrem para o mesmo fim.

Explicação do magnetismo. Não ha nada de maravilhoso no magnetismo, diz o Dr. Rostan. É um phenomeno natural, ainda não percebido, ignorado de muitos, e eis tudo. Este medico pensa que todos esses phenomenos pertencem ao systema nervoso, e que devem ser attribuidos a uma modificação, a uma extensão d'este systema e de suas propriedades. No estado actual da sciencia, tudo faz considerar o cerebro como orgão que segrega um agente particular que tem a propriedade de transmitir o sentimento e a vontade. Mas este agente, chamado fluido nervoso não pára na pelle; arremessa-se ainda para fóra, com certa energia, e forma assim uma verdadeira atmosphera nervosa. Então tudo parece susceptivel de uma explicação. A atmosphera nervosa activa do magnetizador mistura-se com a atmosphera nervosa passiva da pessoa magnetizada, e d'esta communicação resultam os effeitos magneticos que deixei expostos.

Effeitos do magnatismo no tratamento das molestias. A influencia do cerebro sobre todo o organismo é inquestionavel; não existe uma molecula do nosso corpo que não seja penetrada por algumas das suas ramificações; não se póde, por conseguinte, negar que, modificando-se este orgão como se faz pelo magnetismo, possam sobrevir mudanças notaveis na nossa economia. A philanthropia, o desejo de ser util a seus semelhantes, foi causa sem duvida de ser exagerada a potencia do magnetismo. O charlatinismo, paixão tão vil quanto a outra é louvavel, tem, com outro fim, exagerado essa potencia; mas ella existe, é indubitavel. A influencia directa d'este novo agente sobre o systema nervoso deixa crer que a sua acção deve exercer-se efficazmente nas molestias nervosas. O hysterismo, a hypochondria, podem receber, e tem com effeito recebido do magnetismo, as influencias mais salutares. Os espasmos de todas as especies, as convulsões, grande numero de dôres, os rheumatismos, as gotas serenas, certas paralysias, devem experimentar pelo magnetismo uma modificação qualquer. Tal é a opinião do Dr. Rostan: não duvido que as esperanças que este sabio expõe não se possam realizar em alguns casos; direi sómente que as tentativas que fiz sobre um epileptico, se bem que fossem seguidas de symptomas magneticos, não produziram vantagem alguma. Novas e multiplicadas experiencias deverão ser feitas com prudencia e discernimento por medicos instruidos, afim de se determinar o gráo de utilidade a que o magnetismo póde chegar.

Vista de olhos sobre a historia do magnetismo. É difficil dizer em que epoca se originou o magnetismo. Parece que foi conhecido e praticado na mais remota antiguidade. O que se conta dos mysterios das Sibyllas,

dos milagres, da magia deve ser attribuido ao magnetismo animal. Pelo menos, os effeitos do magnetismo tem muita analogia com a maior parte d'estes phenomenos. Mas esses factos foram considerados como fabulas, e pouco a pouco cahiram em esquecimento.

No meio do decimo-oitavo seculo, os sabios occupavam-se muito das virtudes do iman (*magnes* em latim), e alguns d'elles attribuiam-lhe grandes virtudes no tratamento das molestias. Um jesuita, chamado Helle, contando a Antonio Mesmer que se havia curado de um rheumatismo por este meio, e que o tinha empregado tambem com bom exito em outros doentes, inflammou a imaginação d'este ultimo. Mesmer resolveo experimentar; estabeleceo uma casa de saude, tratou os doentes gratuitamente, enviou por toda a Allemanha anneis e laminas tocadas com iman, e obteve ou julgou obter curas que fez propagar pelos jornaes do seu paiz. No curso de suas experiencias, observou que o iman não era necessario para produzir os effeitos que elle obtinha; attribuio-os a um agente distincto do iman, que rege, por assim dizer, o universo. A descoberta do magnetismo animal deve datar d'essa epoca. Eis-aqui como Mesmer expoz o seu systema em uma memoria que publicou: « O magnetismo animal é um fluido universalmente espalhado, constitue o meio de uma influencia mutua entre os corpos celestes, a terra e os corpos animados. A acção e a virtude do magnetismo animal podem ser communicadas de um a outros corpos animados. O magnetismo animal póde curar immediatamente as affecções dos nervos, e mediatamente as outras molestias; por meio d'elle, o medico conhece o estado de saude de cada individuo, e julga com certeza da origem, natureza e progressos das molestias mais complicadas, impede o seu augmento e obtem a sua cura, sem nunca expôr o doente a effeitos perigosos, qualquer que seja a sua idade, temperamento e sexo. » Todos os sabios taxáram de charlatanismo as asserções de Mesmer. A Academia de Berlim declarou-o illudido. Mesmer não se deo por vencido, respondeo a todas as criticas, fez novas experiencias; deixou depois Vienna, e veio a Pariz em 1778.

Eis-aqui como Mesmer e os seus discipulos operavam o magnetismo. Punham no meio de uma vasta sala uma pequena tina tapada. Na tampa havia um certo numero de buracos, donde sahiam braços de ferro moveis. Os doentes eram collocados á roda d'esta tina, e cada um pegava n'um d'estes braços de ferro; uma corda posta ao redor do corpo ligava-os uns aos outros; ás vezes formava-se outra cadeia que se communicava á primeira pelas mãos. Um piano era collocado n'um canto da sala, e tocavam-se n'elle differentes arias; cantavam-se tambem varias melodias. Todos o que magnetizavam tinham na mão uma varinha de ferro de 27 a 30 centimetros de comprimento, que foi considerada como conductor do magnetismo. O som, segundo o principio de Mesmer, era tambem conductor do magnetismo, e para communicar o fluido ao piano bastava approximar-lhe a varinha. Os doentes recebiam o magnetismo por todos estes meios, pelos braços de ferro que sahiam da tina, pela corda que lhes cingia o corpo, pela união das mãos, pelo som do piano e pelas vozes agradaveis do canto. Eram igualmente magnetizados

directamente mediante o dedo e a varinha dc ferro dirigida ao rosto, acima ou atraz da cabeça e ás regiões doentes: actuava-se tambem fixando n'elles os olhos; mas eram sobretudo magnetizados pela applicação das mãos, e pela pressão dos dedos sobre o ventre.

Eis-aqui o que experimentavam os doentes submettidos á acção d'este apparelho. Alguns ficavam tranquillos, outros tossiam, escarravam, sentiam um calor local ou universal, e tinham suores frios; outros eram agitados de convulsões. Viam-se doentes buscarem-se exclusivamente, precipitarem-se uns sobre os outros, rirem e fallarem com affeição. Nada era mais pasmoso do que este espectaculo: estas agitações, estes accidentes variados, as sympathias que se estabeleciam entre todos estes individuos, maravilhavam extraordinariamente. « Não é possivel, diziam os commissarios encarregados pelo rei de examinar o magnetismo, deixar de reconhecer n'estes effeitos constantes um grande poder que agita os doentes, e cujo deposito parece ser o magnetizador. » Os mesmos commissarios, que eram membros da Academia das Sciencias e da Sociedade de Medicina, concluíram todavia que não existe fluido algum particular que mereça o nome de *fluido magnetico;* que todos aquelles effeitos não eram mais que o resultado da imaginação; pois que, segundo suas experiencias, eram obtidos os effeitos magneticos sem o iman quando os doentes eram magnetizados sem o saberem; accrescentáram que as crises produzidas nos tratamentos magneticos podiam ser perigosas, e nunca uteis. Entretanto, o grande botanico Jussieu, recusou assignar o relatorio de seu collegas: foi mais assiduo do que outros nas experiencias, e fez um relatorio particular, no qual admittia effluvios que sahiam do corpo humano e actuavam sobre outros individuos.

O relatorio dos commissarios foi debatido e sustentado com muito calor de parte a parte, e os magnetizadores continuáram os seus trabalhos.

No meio d'esssas pesquizas, o marquez de Puisségur descobrio o somnambulismo magnetico, phenomeno dos mais curiosos, e que já tinha sido observado nas curas de Mesmer. Os processos foram simplificados; a tina e todos os outros apparelhos foram desprezados, e o magnetismo foi praticado tal qual o deixei descripto no primeiro paragrapho.

Em 1831, o Dr. Husson; em nome da Commissão encarregada pela Academia de Pariz de assistir ás experiencias magneticas do Sr. Foissac, leo o seu relatorio, do qual passo a transcrever algumas conclusões: 1.ª Os meios exteriores e visiveis nem sempre são necessarios para operarem os effeitos magneticos, pois que em muitas occasiões a vontade, a fixidade dos olhos, foram bastantes para produzirem estes phenomenos, até sem que os magnetizados o soubessem. 2.ª O tempo necessario para se transmittir a acção magnetica, varía desde um minuto até meia hora. 3.ª Os effeitos produzidos pelo magnetismo são mui variados: agita uns, acalma outros; as mais das vezes occasiona a acceleração momentanea da circulação, movimentos convulsivos, entorpecimento mais ou menos profundo, somnolencia, e, em um pequeno numero de

casos, o somnambulismo. 4.° Como entre os effeitos attribuidos ao somnabulismo alguns ha que podem ser simulados, o mesmo somnambulismo póde ás vezes ser simulado, e favorecer o dolo do charlatanismo. 5.° Alguns dos doentes magnetizados não experimentáram vantagem alguma, outros sentíram allivio mais ou menos sensivel; isto é, suspensão das dôres habituaes; outro, a volta das forças, outro, uma demora de muitos mezes no reapparrecimento dos accessos de gota coral, outro, emfim, a cura completa de uma paralysia grave e antiga.

Pela exposição das precedentes conclusões, vê-se quanto differe a fé magnetica dos commissarios nomeados em 1784 da dos que o foram em 1831. Desde esta ultima epoca, muitas obras novas se tem publicado ácerca d'este objecto. Infelizmente, muitos d'estes escriptos são desfigurados por um enthusiasmo ou credulidade illimitada. Talvez não esteja mui longe o momento de ser este estado particular do systema nervoso menos rejeitado com desdem por uns, e menos inconsideramente admirado por outros, e de vir emfim a occupar o seu logar entre os phenomenos naturaes.

MAGNETISMO MINERAL. Causa que dá um iman ou magnete natural e artificial, a propriedade de dirigir um de seus lados para o polo norte, e o outro para o polo sul; de se inclinar para o primeiro d'esses polos no hemispherio boreal, e para o segundo no hemispherio austral; de não se inclinar de nenhum lado em certos logares que formam o que se chama o *equador magnetico;* de attrahir pela sua parte virada ao norte a parte de um outro iman que olha para o sul, e de repellir, pelo contrario, o lado boreal d'este ultimo iman. Esta propriedade, que o ferro, o nickel e o cobalto são susceptiveis de manifestar, foi attribuida a uma causa especial, até ao momento em que as descobertas de Oersted a fizeram entrar na categoria dos phenomenos electricos. *Veja-se* IMAN.

MAGREZA. A magreza acompanha frequentemente a saude mais perfeita e normal. Não se deve então fazer diligencias para cural-a; faz parte integrante da constituição, e torna-se uma das condições da saude; aquelle que, por um regimen alimentario mais substancial, procura adquirir gordura, quando a sua natureza consiste em ser magro, corre ao encontro da molestia. Mas quando o volume normal do corpo diminue gradualmente, este estado póde depender de alguma molestia: está desenvolvido no artigo EMMAGRECIMENTO.

MAIORCA. Portugal; Estremadura. [Agua salina tepida; 28°. Não tem cheiro: o sabor é amargo, algum tanto salgado. Contém sulfato de magnesia, chlorhydrato de soda e de cal. Póde ser util em banhos nas mesmas molestias que as outras aguas salinas: rheumatismos, ankyloses incompletas, paralysias.

MAL CADUCO. *Veja-se* EPILEPSIA.

MAL DE EMBIGO. *Veja-se* MAL DE SETE DIAS.

MAL DE ENGASGO. DYSPHAGIA, ESPASMO DO ESOPHAGO OU ESOPHAGISMO. Constricção mais ou menos completa e duravel do canal pha-

ryngo-esophagico, podendo produzir a impossibilidade absoluta de engulir, ou sómente impedir a deglutição dos corpos solidos ou liquidos. É uma molestia nervosa.

Symptomas. O mal de engasgo declara-se ordinariamente de repente: é em toda a plenitude da saude, e as mais das vezes, no meio de uma comida, que o espasmo do estomago apparece e impede o curso do bolo alimentario. A invasão da molestia fez crer a alguns doentes que um corpo estranho tinha parado no esophago. Os symptomas variam segundo o ponto do esophago que está affectado. Se o espasmo occupa a pharynge na parte superior do esophago, os alimenntos são repellidos quasi immediatamente. Pelo contrario, a deglutição opera-se quando o obstaculo occupa um ponto do esophago vizinho do estomago. N'este caso, os alimentos demoram-se algum tempo por cima da constricção, ou são reconduzidos quasi immediatamente para a bocca pela regurgitação, que póde ter logar sem soffrimentos, mas que ás vezes é seguida de dôr viva começando na garganta e prolongando-se até ao estomago. Independentemente dos symptomas precedentes, que só se declaram quando os doentes querem engulir, ha outros que são permanentes e, que se aggravam depois da deglutição. Assim existe de ordiuario sobre o trajecto do esophago uma especie de constricção, de dôr contínua, produzindo a sensação de um corpo estranho parado no canal. Notou-se tambem o soluço como um dos symptomas bastante commum. Ás vezes o espasmo propaga-se aos orgãos respiratorios, e produz os symptomas de suffocação. Emfim, apparecem ás vezes phenomenos de hydrophobia. O espasmo do esophago, assim como a maior parte das outras nevroses, apresenta muitas anomalias. Ora, as bebidas quentes passam mais facilmente de que as frias, ora o contrario tem logar; ordinariamente os liquidos só podem ser engulidos, outras vezes só as substancias solidas. Alguns doentes conseguem fazer descer até ao estomago o bolo alimentario bebendo agua em cima.

Duração, terminações O espasmo da pharynge e do esophago não tem duração fixa: póde desapparecer passado algumas horas, ou persistir durante muitos dias sem remissão: n'uma observação durou doze dias sem interrupção. Se tivesse durado mais tempo teria occasionado a morte por inanição.

Causas. O mal de engasgo observa-se especialmente nos individuos nervosos, irritaveis, já acommettidos de alguma nevrose, como a hypochondria. As emoções moraes vivas, subitas, como a colera, um pezar profundo, são quasi as unicas causas cuja acção parece bem evidente.

Tratamento. Estando provado que o mal de engasgo é uma molestia nervosa, são os medicamentos antispamodicos e narcoticos que lhe convem. Foi aconselhada sobretudo a assafetida e a camphora em clysteres. Pela mesma fórma administram-se os narcoticos, ou applicam-se externamente em cataplasmas (meimendro, cicuta), em fricções (laudano, pomada de belladona, balsámo tranquillo), ou em injecções sub-cutaneas (sulfato de atropina). Os autores recommendam ainda as bebidas nevadas, ou aconselham fazer derreter pedaços de gelo na bocca: este meio

teve com effeito bons resultados. Mas o modo de tratamento que offerece maiores vantagens é a introducção das sondas esophagicas. Sabe-se que o catheterismo é muito usado nos estreitamentos espasmodicos da urethra, e a utilidade que se tira na urethra deo a ideia de seguir o mesmo methodo para o esophago. Os casos em que o catheterismo deo bons resultados são já hoje bastante numerosos. Uma unica introducção da sonda no esophago, até ao logar da contracção, foi sufficiente ás vezes para obter a cura completa e immediata do mal de engasgo.

RECEITUARIO CONTRA O MAL DE ENGASGO.

1.° *Clyster de assafetida e camphora.*

Assafetida.....	4 gram.	Gema de ovo.....	n° 1
Camphora	50 centigr.	Agua tepida.....	180 gram.

2.° *Pomada de belladona.*

Extracto de belladona.....	2 grammas.
Banha de porco.....	16 —

Para friccionar no epigastro ou no pescoço.

3.° Cataplasma de linhaça feita em cozimento de meimendro e cicuta.....	125 grammas.

Applica-se na hocca do estomago.

4.° Balsamo tranquillo.....	60 grammas.

5.° *Solução de sulfato de atropina.*

Sulfato de atropina.....	5 centigrammas.
Agua distillada.....	5 grammas.

Para injecções sub-cutaneas 1 a 5 gottas por injecção. As injecções fazem-se debaixo da pelle do pescoço.

MAL FEIO. *Veja-se* MORPHEA.

MAL GALLICO. *Veja-se* SYPHILIS.

MAL DE GOTA. *Veja-se* EPILEPSIA.

MAL DE LOANDA. *Veja-se* ESCORBUTO.

MAL PERFORANTE ou **Ulcera verrugosa.** Ulceração da planta do pé que começa de ordinario em um dos tres pontos pelos quaes o pé appoia no solo, isto é, o talão, a articulação do pollegar com seu metartasiano e a ultima phalange do dedo grande. No ponto doente apparece uma callosidade ou simplesmente uma pequena ecchymose, depois uma vesicula cheia de sangue que não tarda em se abrir e se ulcerar. Pouco a pouco a ulceração vai furando e se tornando profunda. É regularmente arredondada e segrega um pus mais ou menos abundante; é dolorosa ao andar, portanto se introduzir-se um estylete na ferida o doente não sente dôr.

Ordinariamente acha-se tambem aos arredores da ulcera certa circumferencia de pelle na qual as picadas não são sentidas. Ao cabo de certo tempo a ulcera ataca os ossos que incham e se cariam. As articulações se abrem, o pé fica enorme. Se ha melhoras com o doente em

repouso na cama, ou por uma operação, as mais das vezes a molestia torna a apparecer quando o paciente torna a começar a andar.

Causas. Essas lesões singulares são devidas a lesões dos nervos do pé que produzem uma verdadeira gangrena no ponto em que os tecidos se acham comprimidos durante o andar. A pressão é pois uma causa occasional, mas não é a causa principal.

Tratamento. No começo, o doente deve ficar de cama, corta-se com tezoura a epiderme espessa que cobre as bordas da ulcera. A cura se obtem assim, mas o mal está sujeito á reincidir. Quando a affecção é mais antiga o cirurgião vê-se obrigado a extirpar fragmentos dos ossos mortificados, e a reseccar algumas partes do esqueleto do pé. Não se deve fazer a amputação senão em ultima extremidade, pois, já se tem visto a molestia tornar a apparecer até no coto da amputação.

MAL DE POTT. *Veja-se* CARIE VERTEBRAL.

MAL DE SÃO LAZARO. *Veja-se* MORPHEA.

MAL DE SETE DIAS, ou MAL DE EMBIGO. Tetano dos recemnascidos.

Causas. Esta molestia é bastante frequente nos climas intertropicaes. No Brazil ceifa muitos crioulinhos. Attribue-se á inflammação do cordão umbilical, inflammação que póde ser produzida pelo desalinho. Póde apparecer espontaneamente; mas é occasionada de ordinario pela falta dos cuidados hygienicos, e sobretudo por uma atmosphera corrupta no meio da qual vivem em algumas fazendas as pretas paridas. O Dr. Langgaard, refere que n'uma fazenda importante do Brazil, que possuia mais de 400 escravos, morriam muitos crioulos do tetano, nos primeiros dias do nascimento. Consultando-o sobre a causa d'esta extraordinaria mortalidade, mostráram-lhe um quarto pequeno, de 12 palmos de comprido sobre 8 a 10 de largura, no centro da casa, escuro, sem ventilação, onde constantemente se achavam tres ou quatro escravas paridas, e ás vezes mais; foi a esta accumulacção de muitas pessoas n'um pequeno espaço que o doutor attribuio o desenvolvimento da molestia. O quarto foi abandonado; arranjou-se outro muito maior para recolher as negras paridas, onde havia claridade e se podia renovar o ar; desde então, e durante 6 a 7 annos, não appareceo um só caso de tetano nos recem-nascidos.

Symptomas. Esta molestia mostra-se de ordinario nos primeiros sete dias depois da nascença, d'onde lhe veio o nome de *mal de sete dias*, que se lhe dá no Brazil. A criança deixa de mammar, e chora muito; os musculos do rosto enrijecem, e mantém o queixo inferior fortemente applicado contra o queixo superior. A rijeza propaga-se depois aos musculos do pescoço, do tronco, dos braços e das pernas. Sobrevem convulsões, e a criança morre de ordinario 24 a 36 horas depois da apparição dos primeiros symptomas.

Tratamento. Os medicamentos que convem contra esta molestia são :

1.º *Poção calmante.*

Infusão de folhas de laranjeira.....	60 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
Xarope de gomma.....	15 grammas.

Para dar a beber uma colher *de sopa*, de hora em hora.

2.° Se a criança não puder engulir, dê-se-lhe o clyster seguinte :

Agua tepida.....	90 grammas.
Laudano de Sydenham.....	5 gottas.

Dão-se, como este, dois clysteres por dia.

3.° Fricções com balsamo tranquillo. Eis-aqui a receita :

Balsamo tranquillo.....	60 grammas.

Fazem-se nas costas duas fricções por dia. Para cada fricção usa-se uma colher, das *de sopa*, d'este balsamo.

4.° Banho geral d'agua morna simples.

MALACIA. Esta palavra serve em medicina para designar a depravação do gosto, com desejo de comer substancias que são pouco alimentares, ou que não contém principio algum nutritivo, e que repugnam ordinariamente. Observa-se nas meninas chloroticas, e, durante a gravidez, em certas mulheres nervosas. Os remedios indicados n'este estado são : rhuibarbo em pó na dóse de 1 gramma por dia, e o uso de chá de canella, de hortelã ou de herva cidreira. Eis-aqui a receita do rhuibarbo :

Rhuibarbo em pó.....	8 grammas.

Divida en 8 papeis.

MALDITA. Varias molestias são designadas com este nome. Uns chamam *maldita* a uma *erysipela;* outros dão este nome ás *espinhas* no rosto, braço, etc. ; outros finalmente, a uma erupção cutanea de bolhas cheias d'agua, e que não são outra cousa senão o *cobreiro* ou *empigem humida*.

MALEITAS. *Veja-se* Febre intermittente.

MALEITEIRA. Leiteira, Leitariga, Luzetro, Lechetrez, *Euphorbia papillosa*, S.-Hilaire Euphorbiaceas. Planta do Brazil meridional. Caule herbaceo de 30 a 50 centimetros ; folhas sesseis, inteiras; as que são mais vizinhas da raiz são ovaes arredondadas ou ovaes; as do caule são oblongas ou oblongas lineares; as folhas superiores são linearas, obtusas na base, agudas no topo, flores dispostas em umbellas papillosas pubescentes, com os appendiculos do involucro arredondados ; fructo, capsula obtusa, triangular, pubescente, tricocca. Toda a planta é purgativa; seu succo emprega-se como tal na dóse de 2 colheres *de sopa* misturadas com mel de abelhas.

MALINA ou Maligna. *Veja-se* Febre maligna.

MALLEOLO. *Veja-se* Tornozelo.

MALT. Cevada que se faz inchar em agua, germinar e depois seccar ao fogo, e de que, porfim, separam-se os germes pela fricção. A sua dissolução em agua, depois fermentada, e associada ao lupulo, constitue a cerveja. — O malt emprega-se em medicina contra a digestão difficil, em pó na dóse de 1 a 2 grammas depois de cada comida ; e debaixo da fórma de *cerveja de malt*, que é util no tratamento das affecções chronicas do estomago.

MALVA. *Malva*. Genero da familia das Malvaceas, contém plantas herbaceas, sub-arbustos ou arbustos, que habitam em diversos climas do globo; muitas existem no Brazil, e são todas notaveis por suas propriedades emollientes, de sorte que podem ser, sem inconveniente, substituidas umas ás outras no uso medico. Empregam-se as folhas e flores em infusão ou decocção, nos defluxos, nas bronchites, em todas as molestias inflammatorias. A infusão usa-se em bebida, a decocção em banhos.

Dóse : *Internamente*, 5 grammas de flores ou folhas para 360 grammas d'agua fervendo. Esta infusão, convenientemente adoçada, constitue uma bebida emolliente, empregada sobretudo nos defluxos e nas bronchites.

Externamente. Flores ou folhas em decocção; 15 grammas para 360 grammas d'agua, em lavatorios, banhos, gargarejos, collyrios. Quando as malvas devem ser administradas em clysteres ou banhos, devem ser cozidas em agua até ficar esta levemente unctuosa.

Nas boticas empregam-se particularmente duas especies conhecidas sob o nome de grande e de pequena malva.

Malva grande ou **silvestre**. *Malva sylvestris*, Lin. (fig. 643) Planta vivaz, mui commum nos logares cultos e incultos de Portugal, cultivada nos jardins do Brazil. Tem caules pubescentes, de 33, 70 e mais centimetros de alto; folhas alternas, chanfradas na base, de 5 a 7 lobulos agudos ou um tanto obtusos, crenulados; peciolos longos, pilosos; flores entre azues e purpureas, com veios de côr escura; sabor mucilaginoso. *Partes usadas : folhas* e *flores*.



Fig. 643. — Malva grande ou silvestre.

Malva pequena ou **de folhas redondas**. *Malva rotundifolia*. Lin. Distingue-se da precedente em ser a sua raiz animal, por seus talos mais delgados e prostrados na superficie da terra; as folhas igualmente lobadas, são mais pequenas; as flores, que são de côr rosea pallida ou quasi brancas, são reunidas em grande numero na axilla das folhas. *Partes usadas : folhas* e *flores*.

Malva do campo, folha santa ou **pinhão**. *Kielmeyra speciosa*, St.-Hilaire. Arvore que habita no Brazil, e particularmente na pro-

vincia de Minas. Tem 3 à 5 metros de altura ramos quebradiços, cobertos de uma casca semelhante á cortiça, folhas espargidas, ellipticas, obtusas, quasi sesseis, verdes por cima, mais pallidas por baixo; flores roseas, dispostas em cachos no apice dos ramos. As folhas abundam em mucilagem, e sua decocção serve para preparar banhos emollientes. 30 grammas para 1 litro d'agua.

Malva da China, ou **Althea rosea da China**. *Althea rosea*, Cavanilles. Cultivada nos jardins, por causa da belleza das flores, que são de côres variadas, desde o branco e amarello até ao vermelho escuro; cheiro nullo, sabor pouco; folhas quasi redondas, angulosas-sinuosas, ou lobadas sinuosas. Toda a planta é mucilaginosa. A sua raiz é ás vezes substituida no commercio á da althea.

MALVAISCO, *Sphœralcea cisplatina,* St.-Hilaire. Malvaceas. Arbusto do Brazil (Rio Grande do Sul). Metro e 1/2 de alto; folhas ovaes, agudas, obtusas na base, trilobadas, denteadas, pubescentes por cima, esbranquiçadas por baixo; flores pedicelladas, approximadas, umas das outras, vermelhas. A infusão ou decocção das folhas e flores é emolliente; emprega-se internamente contra a tosse, e externamente em banhos, 8 a 16 grammas para 500 grammas d'agua. Dá-se tambem o nome de malvaisco á *guaxima*.

MAMMADEIRA. *Veja-se* vol. I, pag. 127.

MAMOEIRO. *Carica-papaya*, L. Papayaceas (fig. 644). Arvore, commum no Brazil; os Indigenas chamam-lhe *Chamburú;* habita tambem nas Antilhas, ilhas das Molucas, Indias orientaes, e em quasi todos os paizes intertropicaes. O tronco é cylindrico, coberto de casca cinzenta, tem 8 a 20 metros de altura; é coroado no apice por um largo ramalhete de folhas, o que dá a este vegetal alguma semelhança com a palmeira. As folhas são mui grandes, divididas em 5, 7 ou 9 lobos sinuosos; o fructo (*mamão*) é irregulamente ovoide, com cinco faces, do tamanho do melão, carnoso; é de côr verde, antes da maturação, e amarello, quando inteiramente sazonado; come-se crú, ou cozido com assucar, maduro ou verde; é refrigerante e levemente laxativo. As flores são de ordinario dioicas, isto é, femininas em uma arvore, e masculinas em outras; raras vezes são monoicas, isto é, existindo ambos os sexos sobre o mesmo vegetal, mas separados. As flores femininas são de côr amarella, as masculinas de côr branca. Cahem pouco a pouco á medida que o ovario engrossa e se desenvolve; de modo que na maturidade o fructo é pendente n'uma parte do tronco liso. O tronco da arvore, o fructo e as folhas fornecem pela incisão um succo lacteo, que é aconselhado externamente contra as sardas; é caustico e até corrosivo. Misturado com agua, este succo tem a singular propriedade de amollecer, em poucos minutos, a carne que se mergulhou n'elle. É de uso immemorial na India ajuntar pequena quantidade d'este succo á carne quando é dura e coriacea, para tornal-a tenra, mais agradavel e de digestão facil. Basta mesmo, para obter este resultado, envolvel-a nas folhas da arvore por pouco tempo: este ultimo processo applica-se em algumas partes do Brazil, sobretudo para tornar tenra a caça. Este succo administrado in-

ternamente, favorere a digestão. Goza tambem das propriedades anthelminticas. Mas por causa da sua acção caustica não póde ser administrado internamente puro, porém sim, misturado com xarope ou mel de abelhas.

O Sr. Dr. Moncorvo, insigne medico do Rio de Janeiro fez com este succo numerosas experiencias, de que passamos a referir algumas :

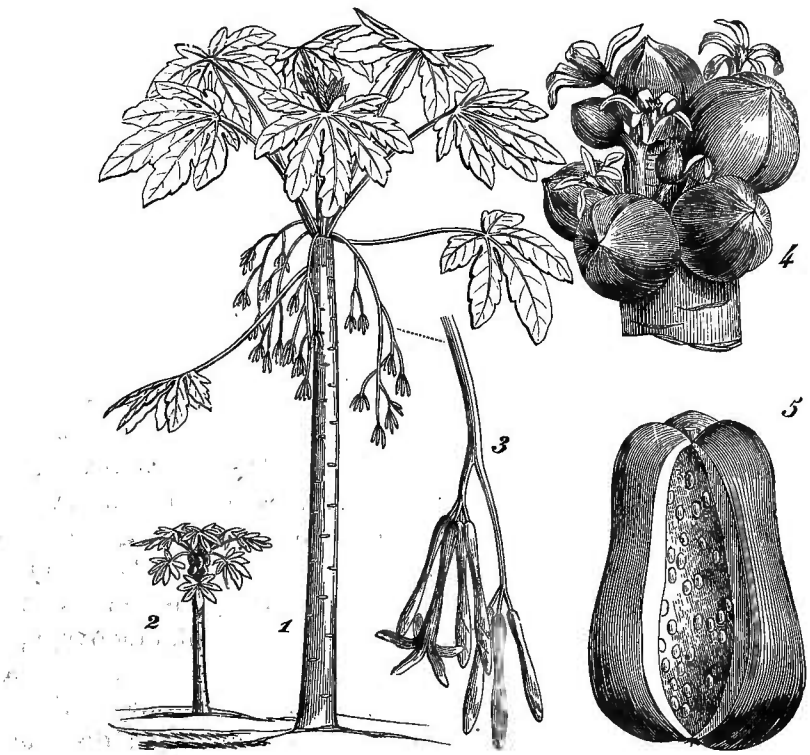


Fig. 644. — Mamoeiro (*).

1ª *Experiencia*. Em um tubo collocou 10 grammas de carne crua, reduzida a pequenos fragmentos, e sobre ella lançou 1 gramma de succo de fructo verde do mamoeiro diluido em 10 grammas d'agua. Ao cabo de 24 horas a carne achava-se quasi inteiramente dissolvida e exhalava um cheiro ammoniacal.

2ª *Experiencia*. Lançou 10 grammas de uma deccoção concentrada das folhas de mamoeiro, em um tubo, onde collocou 6 grammas de carne crua reduzida a mui pequenos fragmentos, e submetteo o liquido á ebullicção durante 3 minutos. A carne, então examinada, achava-se convertida em uma massa de aspecto gelatinoso, e que facilmente se podia esmagar entre os dedos.

A contra-prova, operando-se com agua simples, deo resultados negativos.

Do succo das folhas da *carica papaya* obteve o Sr. Dr. Moncorvo um

(*) 1, Mamoeiro masculino; 2, mamoeiro feminino; 3, cacho de flores masculinas; 4, cacho de flores femininas; 5, fructo aberto.

fermento vegetal, a que chamou *caricina*, pela fórma seguinte : Obtida uma certa quantidade de succo, extrahido das folhas recentemente colhidas, filtrou-o, recolhendo um liquido amarello esverdeado e turvo. A este liquido filtrado ajuntou o duplo do seu volume de alcool absoluto. Pouco a pouco se foi formando um precipitado floconoso, que ficou depois sobre o filtro. É a esta substancia que o Sr, Dr. Moncorvo deo o nome de *caricina*, que considera como um fermento digestivo da *carica papaya*, como uma pepsina vegetal. *É de côr ligeiramente esverdeada e amorpha.* Pode ainda ser purificada por novas dissoluções e precipitações, e secca em uma estufa, de uma temperatura nunca superior á 40 gráos. É soluvel n'agua distillada, insoluvel no alcool. O Sr. Dr. Moncorvo ensaiou a solução aquosa da caricina em si proprio, e notou que a digestão operava-se mais facilmente; sem entretanto experimentar o menor symptoma de irritação gastrica, que pode produzir o succo puro das folhas ou o succo do fructo do mamoeiro.

O Sr. Dr. Bouchut, distincto medico de Pariz, fez tambem uma serie de experiencias com o succo obtido do fructo e do tronco do mamoeiro, que provam as suas propriedades digestivas. Obteve, juntamente com o Sr. Dr. Wurtz, lente de Chimica na faculdade de medicina de Pariz, um principio activo do succo, a que chamou *papaina*, que se apresenta sob a fórma de *pó branco, amorpho, soluvel em agua*. Segundo as experiencias do Dr. Bouchut a papaina dissolvida em agua actua sobre gluten, o leite, a clara de ovo coagulada, a carne muscular, e tem a propriedade de transformar estas substancias em peptonas, isto é, em productos liquidos da digestão gastrica faceis de serem absorvidos. A papaina é aconselhada pelo Dr. Bouchut em todas as fórmas de dyspepsia, sob a forma de xarope.

Preparação de papaina. (Wurtz e Bouchut.) Filtra-se o succo extrahido da arvore ou dos fructos, e lava-se muitas vezes em agua distillada o deposito gelatinoso que fica sobre o filtro. Mistura-se o succo filtrado com as aguas de lavagem, reduz-se tudo a um pequeno volume no vacuo, e, depois, ajunta-se dez vezes o volume de alcool. Forma-se então um precipitado branco que se deixa em contacto com o alcool durante 24 horas: filtra-se de novo, e secca-se no vacuo o deposito que ficou sobre o filtro. Obtem-se, então um pó branco, de sabor mucilaginoso, soluvel em agua : é a *papaina*. Esta substancia é um fermento digestivo; é dotada da propriedade de converter as materias albuminoides em peptonas e por isso mesmo, é de um emprego vantajoso nas dyspesias, nas affecções verminosas, na dysenteria, e em certas molestias das vias digestivas.

Modos de administração e dóses. *Internamente. Succo.* Faz-se ao fructo verde, ainda pegado á arvore, uma incisão longitudinal, que deixa escorrer um leite abundante, que se administra no estado fresco, como poderoso vermifugo, misturado com mel de abelhas ou xarope de gomma e com meia chicara d'agua fervendo na dóse, para as crianças de 2 a 6 annos, de 10 a 15 grammas de succo; para os meninos da idade mais adiantada, 15 a 20 grammas de succo. Meia hora de-

pois administram-se 10 a 15 grammas de oleo de ricino, misturado com 5 grammas succo de limão.

Cariçina (Moncorvo) 25 a 50 centigrammas dissolvida em agua 2 vezes por dia.

Papaina (Trouette-Perret). Os sñrs Wurtz e Bouchut certificaram-se que toda materia azotada, leite, carne, fibrina, é digerida pelo mamoeiro em quantidade muito mais forte que a que pode dissolver a pepsina, que segrega o estomago, e tambem que era superior á pepsina porque dissolvia a materia azotada tanto em um centro acido como em um centro neutro ou alcalino.

Dois distinctos pharmaceuticos, os sñrs Trouette, ex-interno dos hospitaes, laureado pela Escola de pharmacia de Pariz e Perret, ex preparador da Faculdade de Medicina de Strasburgo, tiveram a peito propagarem a papaina e apresentam-n'a sob a forma de xarope, vinho, elixir, obreias e gragéias. Cada uma d'estas preparações é empregada segundo a idade, o temperamento e o gosto do doente, o seu effeito constante sendo sempre o mesmo.

Resulta pois das experiencias feitas pelos mestres da sciencia que a papaina deve ser empregada sempre que haja a combater indisposições ou molestias dos orgãos da digestão, nas dyspepsias, gastralgias, gastrites, lienterias, emfim em todas as molestias que têm por causa qualquer desarranjo do estomago.

Os sñrs Trouette-Perret preparam tambem uma solução concentrada de papaina, contra o crup, que se emprega pincelando de meia em meia hora com essa solução, as falsas membranas e os pontos brancos que apparecem no fundo da garganta das crianças acommettidas de crup.

Deposito central : Pharmacia Mazier, boulevard Voltaire, nº 246, em Pariz.



Fig. 645. — Mamona ou Ricino.

MAMONA, Ricino, Carrapateiro ou Palma-Christi. Dão-se estes nomes a uma arvore denominada por Linneo *Ricinus communis*, da familia das Euphorbiaceas, originaria da Africa e das Indias Orientaes; mas cultivada em Portugal e no Brazil, onde é quasi espontanea, e frequentemente chega a altura de 13 metros (fig. 645). As suas folhas são vulgarmente empregadas para curar feridas e para banhos emollientes. Estas folhas são grandes palmadas, com 7 ou 9 lobulos agudos e denta-

dos. Das sementes, conhecidas sob o nome vulgar de *carrapatos*, extrahe-se oleo ordinario para luzes, e fino para o uso medico, sendo o seu consumo immenso como purgante brando; é conhecido pelo nome de *oleo de ricino*, e administra-se na dóse de 8 grammas para as crianças, e 15 a 60 grammas para os adultos puro ou misturado com agua, assucar e sumo de limão.

MANACÁ, MANACAN, GERATACÁCA, JERATACA, CANGABÁ. *Fransciscea uniflora*, Pohl. Scrophularineas. Arbusto do Brazil; habita especialmente no Pará, Maranhão, Amazonas. Folhas de peciolo curto, alternas. oblongas, acuminadas, onduladas; flores solitarias e terminaes, de cheiro fragrante; sabor de toda a planta amargo e nauseoso. A raiz é purgativa na dóse 30 centigrammas a 1 gramma; é empregada como antisyphilitica entre os indigenas. Em alta dóse é venenosa; produz escurecimento da vista, confusão de ideias, delirio e tremores. Os indios, habitantes do interior do Amazonas, extrahem d'esta planta um succo em que molham as pontas de suas settas.

MANCENILHA. *Hippomane mancenilla*, Linneo. Euphorbiaceas. Arvore da America equatorial; no Brazil habita nas provincias do Amazonas, Pará, Maranhão. Arvore venenosa. A imaginação augmentando-lhe a actividade perniciosa, aliás excessiva, fez d'esta arvore uma especie de substancia intangivel, capaz de envenenar com as suas emanações, e ferindo de morte os que se abrigam junto d'ella. Ha nisto grande exageração.

A mancenilha é uma arvore elevada, contendo debaixo da casca e nas suas partes herbaceas, um succo leitoso, abundante, de propriedades causticas e venenosas. Folhas ovaes, quasi cordiformes na base, pontudas, levemente serreadas; as flores masculinas formam espigas terminaes globosas; a flor femea, solitaria, acha-se inserida na sua base. Fructo, drupa grossa, carnosa, semelhante a uma pequena maçã, contendo uma noz multilocular, cada loculamento com uma semente. Estes fructos separam-se espontaneamente, quando maduros. Todas as partes da arvore são venenosas; o succo irrita a pelle e produz erupções pustulosas com vermelhidão, inchação e prurido doloroso. Os fructos tem cheiro particular pouco sensivel. Quando se comem, não tem sabor a principio, depois tem um gosto adocicado. Mas logo manifesta-se irritação violenta nos labios, lingua e paladar. Esta acção irritante local não deve ser confundida com a acção geral do veneno.

Houve quem assegurasse que a mancenilha torna venenosa a chuva que tocou a sua folhagem; que mesmo a sua sombra é funesta. O naturalista Jacquin foi porém molhado, sem incommodo, pela chuva que atravessou esta arvore. Descançou tambem debaixo de uma outra mancenilha, durante tres horas, sem experimentar o menor accidente. Foram, pois, exagerados os effeitos malfazejos d'este vegetal; o que comtudo, não autoriza sufficientemente a considerar as suas emanações como não nocivas em todas as circumstancias.

Symptomas do envenamento. Se se tem comido, por exemplo, o fructo, ha logo depois calor urente da lingua e bocca, contracções do esto-

mago, vomitos, suores frios, syncopes, até que sobrevem a morte.

Em caso de envenenamento dá-se um vomitorio, 5 centigrammas de tartaro emetico, para expellir o veneno.

Quando a pelle foi posta em contacto com o succo leitoso da mancenilha, é preciso immediatamente laval-a com agua fria, e depois applicar uma cataplasma de linhaça.

MANCHAS DO OLHO. *Veja-se* BELIDA.

MANCHAS ou **NODOAS DA PELLE**. Varias manchas podem existir na pelle. Cada uma das molestias da pelle principia por manchas de caracter differente, e cuja descripção se acha nos artigos que tratam d'essas molestias.

Existem, ás vezes, certos *descoramentos* ou *perdas da côr da pelle* em varios logares do corpo. Esta affecção observa-se frequentemente no Rio de Janeiro nos pretos, raras vezes nos brancos; consiste em nodoas mais ou menos extensas e muito mais desmaiadas do que as partes vizinhas, e dependentes da modificação do *pigmento* da pelle. Esta alteração da côr da pelle declara-se sem causa conhecida: parece que é devida á influencia do clima; póde desapparecer espontaneamente, e não ha medicamentos internos nem externos que possam ter influencia sobre a sua cura. Suppõe-se que a mudança do clima póde ser favoravel. Mas estas manchas não alteram a saude geral, só são desagradaveis á vista.

Manchas hepaticas. Estas manchas distinguem-se pela côr fusca, amarellada, donde lhe vem o nome de manchas hepaticas. N'esta variedade apparecem na superficie da pelle, e particularmente no peito e pescoço, nodoas de fórma e extensão variaveis, mais ou menos numerosas, approximadas umas das outras, mas ordinariamente separadas em muitos pontos por intervallos em que a pelle conserva a côr natural. As manchas hepaticas não são sensivelmente salientes na superficie da pelle, são só um pouco rugosas pelo effeito da seccura da pelle que não transpira n'este logar, e em consequencia da exfoliação da epiderme que se faz na superficie d'ellas. Estas manchas são ás vezes passageiras: ha senhoras que só são d'ellas affectadas nas epocas proximas da menstruação.

As manchas hepaticas constituem uma affecção de pouca importancia. Desapparecem com bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de laranja, de tamarindos, regimen composto principalmente de vegetaes e banhos sulfurosos. Estes banhos preparam-se com 60 grammas de sulfureto de potassio e quantidade sufficiente d'agua morna para um banho geral. Tambem aproveitam os lavatorios com o *leite virginal*. Eis-aqui a receita d'esta preparação pharmaceutica:

Agua de rosas.....	4 grammas.
Tintura de benjoin.....	160 —

Misture-se.

Mas, apezar de todos os remedios, as manchas hepaticas tornam a apparecer em algumas pessoas com muita facilidade, sobretudo com a volta dos calores,

As differentes manchas da pelle são muitas vezes confundidas sob o nome vulgar de *pannos*. *Veja-se* MOLESTIAS DA PELLE.

MANCONE ou **ERYTHROPHLŒUM GUINEENSE**. Planta africana que pertence á familia das Leguminosas e faz parte do grupo das Cesalpineas, como as arvores do Brazil que fornecem o pao de Santa-Martha, etc. Ella contem um principio amargo que gosa de certas propriedades utilizadas no tratamento das molestias do coração.

MANDIBULA. *Veja-se* QUEIXO.

MANDIOCA ou **Maniva**. *Jatropha manihot*, Linn. Euphorbiaceas (fig. 646). Arbusto sarmentoso e trepante, originario da Africa, cultivado na India, e na America desde o estreito de Magalhães até ás Floridas. Como alimento, é para o Brazil o mesmo que o trigo para os Europeos e Norte-americanos. A raiz é grossa, tuberosa, carnosa, branca interiormente, e cheia de um succo branco, muito acre e muito venenoso. As folhas são alternas, pecioladas, divididas em tres, cinco ou sete lobulos lanceolados, profundos, agudos, um pouco sinuosos sobre as margens, de um verde escuro na face superior, glaucas na inferior. As flores masculinas são separadas das femeas; existem ambas no mesmo vegetal.

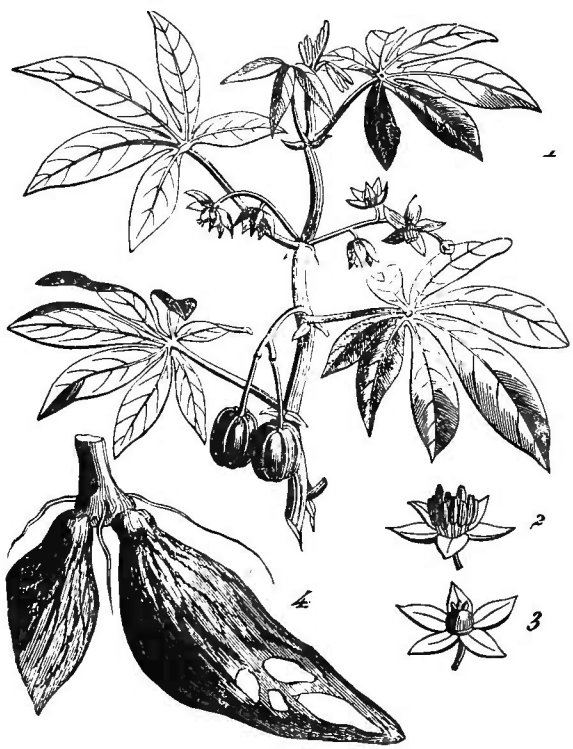


Fig. 646. — Mandioca, *Jatropha manihot* (*).

A raiz da mandioca é a parte da planta que é a mais importante. Algumas raizes adquirem um volume mui consideravel e pesam até 15 kilogrammas. Esta raiz é branca e carnosa interiormente; é quasi unicamente composta de amido, ao qual se ajunta um sumo branco, acre e venenoso. Este veneno, que é mui alteravel, parece ser acido cyanhydrico ou um corpo facil de transformar-se n'este acido. Todavia chega-se facilmente a privar a raiz da mandioca do seu principio acre e venenoso, quer pela acção do calor, quer por lavagens repetidas. Esta raiz torna-se então um alimento são e abundante. Serve para a preparação da farinha de mandioca, um dos alimentos mais preciosos aos habitantes do Brazil. Eis-aqui o processo que se emprega na preparação da farinha: *Raspa-se* bem a raiz com uma faca, *ceva-se* (isto é, reduz-se a massa)

(*) 1, ramo florifero e fructifero; 2, flor masculina; 3, flor femea; 4, raiz.

em uma roda vertical, e depois *espreme-se*, para prival-a do sumo venenoso. A massa então é exposta á torrefacção, que lhe tira os ultimos vestigios do principio venenoso, e dá-lhe aquelle aspecto de farinha granulosa e branca com que apparece nas mesas. Chamam-lhe tambem *farinha de páo*.

A agua na qual se lavou a pasta de mandioca, deixa depositar no fundo dos vasos um pó branco que é fecula amylacea muito pura. Esta fecula, depois de secca, chama-se *tapioca*, alimento muito delicado e mui nutriente.

O succo da raiz tem acção venenosa mui intensa. Uma pequena dóse determina a morte no homem e nos animaes, depois de produzir vomitos, e convulsões. O principio venenoso da mandioca é mui volatil, porque se o succo está exposto ao ar, perde ao cabo de trinta e seis horas as propriedades deleterias; acontece o mesmo quando se submette á ebullição. Submettido á distillação este succo fornece um liquido dos mais venenosos: algumas gottas, postas sobre a lingua de um cão, bastaram para matal-o em dez minutos (Ricord-Madiana, *Journal de pharmacie*, t. XVI, p. 310). Chama-se *manipuêra* o liquido resultante da espressão da raiz de mandioca ralada e posta no *tepiti*, especie de cesta ou vaso feito da taquarussú, ou taquara rachada e trançada. Apezar de tão venenoso, serve para preparar o *tucupi*, môlho muito usado no Pára, Amazonas e Maranhão. Para preparal-o, ferve-se o liquido com pimenta e alho, ou simplesmente se põem em maceração esses ingredientes, e deixam-se expostos ao ar e sereno. A mesma tubera, lançada dentro d'agua em maceração, até soffrer principio de fermentação, pérde tambem o principio venenoso; e sendo lavada em diversas aguas serve para fazer bolos. É a mandioca *puba*

O nome de *mandioca* é dado á raiz, e o de *maniva* em geral ao vegetal, de que ha muitas variedades, que indico segundo o *Diccionario de Botanica brazileira* de Joaquim de Almeida Pinto.

Maniva aipim. *Jatropha pseudo-aipi* (?) O caule é branco, os peciolos das folhas esverdinhados no apice e arroxeados na base junto ao caule. As folhas são de 5 ou 7 divisões. Parece-se com a *macaxera branca*.

Maniva amarella. *Jatropha.* A raiz é do tamanho ordinario, de cerca de 36 centimetros, casca fina e branca em relação ás outras; a massa tem a côr amarella e dá boa farinha.

Maniva atando calado. Caule branco, gommos arroxeados, raiz curta, grossa e cascuda, massa enxuta; dá farinha de boa qualidade.

Maniva Barroso. É de Alagôas. Gommos e talos rôxos, lenho acinzentado; a raiz cresce muito; dá boa farinha.

Maniva branquinha. Existe em Pernambuco e Alagôas; tem o caule e os peciolos esbranquiçados. A raiz tem a casca parda; massa grossa e compacta. Dá boa farinha.

Maniva caboclinha. Pernambuco, Alagôas. Caule approxima-se ácôr da castanha; raiz curta e grossa, massa enxuta; dá boa farinha.

Ha tambem outra qualidade de *Maniva caboclinha*, em Pernambuco e Alagôas, de caule e peciolos avermelhados. A raiz cresce bastante, e dá boa farinha; mas como d'ella se usa de preferencia para comer cozida, depois de lavada em duas aguas, pouca farinha se faz d'esta especie.

Maniva canella de urubú. Caule com manchas côr de purpura; os peciolos das folhas são purpureos, e estas de cinco divisões.

Maniva carriry do fogo. Caule branco, manchado de rubro; peciolos das folhas rubros e estas de sete divisões; gommos purpurinos.

Maniva cruvella, Mamão. Assim chamam em Pernambuco a esta especie que cresce muito sem esgalhar. Os peciolos das folhas são vermelhos inferiormente e brancos por cima. As raizes pouco crescem, mas engrossam e são muito succulentas. Dão uma farinha regular.

Maniva cruvellinha. Especie conhecida nas Alagôas. Peciolo das folhas branco, flores amarellas riscadas de côr de rosa; abunda em raizes que engrossam muito; dá em quasi todos os terrenos, e produz boa farinha.

Maniva engana-ladrão. Conhecida em Alagôas e Pernambuco. Peciolos vermelhos, caule acinzentado e gommos brancos. A raiz é compacta; dá boa farina; estando em terra enxuta conserva-se por muito tempo.

Maniva fria, da matta. Alagôas e Pernambuco. Peciolos brancos, raizes pequenas, grossas, quasi espherica, succulentas. Dá excellente farinha.

Ha outra variedade de *Maniva fria, da matta.* Sub-arbusto que esgalha muito, com caule esbranquiçado; peciolos brancos com manchas rosadas ou rubras; folhas de cinco lobulos sendo arroxeadas as dos gommos; flores amarelladas, com veio côr de rosa; raiz pequena, quasi redonda, succulenta.

Maniva de gommo branco. Pernambuco. Alagôas. Caule acinzentado, peciolo e gommo branco; raiz de casca parda. A massa produz excellente e abundante farinha.

Maniva de gommo rôxo. Alagôas. Tem um nó rôxo junto ao olho, e o peciolo arroxeado na inserção das folhas. Raiz cascuda e redonda; não dá má farinha.

Maniva humana. Alagôas. Pernambuco. Caule escuro, peciolo roxo; esgalha abundantemente. A raiz é grande, succulenta e muito enxuta dá boa farinha e em grande quantidade.

Maniva humana branca. Caule branco, raiz esbranquiçada, casca fina; folhas com tres divisões; peciolo branco; flôr esverdinhada.

Maniva humana fria. Pernambuco, Alagôas. É um pouco esgalhada. Caule acinzentado, peciolo branco; raiz grossa; compacta; dá excellente e abundante farinha, Tambem lhe chamam *humana fria da matta.*

Maniva humana vermelha. Pernambuco. Caule manchado de côr de rosa; quasi todos os peciolos das folhas vermelhos; estas com cinco divisões; flores amarelladas; raizes grandes e succulentas.

Maniva Isabel de Souza. Esta especie, assim denominada

Sergipe, não cresce muito. Dá raizes que amadurecem em seis mezes n'aquella provincia, mas em todas as outras só no fim de um anno e meio. Esta raiz não tem o principio venenoso das outras e até come-se crua sem que produza nenhum accidente. É usada como macaxera.

Maniva landin. Conhecida em Pernambuco e Alagôas. É um tanto esgalhada, tem o caule pardo, e o peciolo esverdinhado. A raiz tem a casca parda e grossa, e a massa enxuta. Dá boa farinha, mas tambem a comem; não sendo porém boa para este fim.

Maniva manipeba. 1ª Variedade. É uma qualidade, cujas raizes são bulbiferas no seu prolongamento. Nasce de distancia em distancia uma batata, e por este modo se encrava muito pela terra, dando muito trabalho para colher-se. D'esta batata extrahe-se farinha, que é tão venenosa que nenhum animal d'ella come. Póde-se conservar o tempo que se quizer; visto que o vegetal chega a grandes alturas acompanhando o matto, se não fôr arrancado.

Maniva manipeba. 2ª Variedade. De Pernambuco e Alagôas. É de caule acinzentado, de peciolo esverdinhado, esgalha tão rasteiramente que os galhos se introduzem na terra. A raiz cresce muito, tem a casca fina, a massa muito enxuta, e entranha-se tanto na terra, que a mão desarmada de instrumento não a póde arrancar. Dura muito tempo, pois chega a dois annos sem corromper-se. Dá uma farinha tão venenosa que nem as formigas a comem.

Maniva manivinha. Tem o caule branco e fende-se na parte inferior em laminas. As folhas, de cinco lobos, com peciolos brancos no meio e purpurinos em cima.

Maniva milagrona. É conhecida nas Alagôas por tal nome; em Pernambuco chamam-lhe, *Maniva freira*. Não esgalha; tem o caule castanho e o peciolo branco. As raizes tuberosas engrossam e alongam-se; são muito compactas. Dão boa farinha em quantidade. Come-se.

Maniva mulatinha. Pernambuco, Alagôas. Caule castanho, com peciolo quasi da mesma côr; raiz curta e grossa, massa enxuta. Produz boa farinha.

Maniva pacoré. Pernambuco. Caule e peciolo esbranquiçados; raiz parda escura; massa amarella. Quasi se não faz d'ella farinha, por usarem muito comêl-a de preferencia.

Maniva parahyba. Caule e peciolos brancos; folhas de 5 divisões; fructo com arestas verdes.

Maniva pé de pombo. *Veja-se Maniva caboclinha*.

Maniva periquito. Alagôas. Caule branco e não esgalha; peciolos encarnados; raiz bastante grossa, produz excellente farinha.

Maniva pipóca. Alagôas. Caule acinzentado; peciolo branco com os pontos de inserção avermelhados; a raiz tem a casca preta. Come-se; dá tambem boa farinha.

Maniva retro. Esta especie, conhecida nas Alagôas, esgalha e desenvolve-se muito. Caule castanho, peciolo vermelho, raizes longas e grossas, massa muito compacta. A farinha que dá é um pouco fibrosa; sendo porém velha, não é má.

Maniva do Rio Grande. Troneo braneo, peeiolos das folhas mui compridos e braneos, e as extremidades rosadas; folhas de sete divisões.

Maniva tapicima. Pernambuco, Alagôas. Caule pardo, cresce sem esgalhar, peciolo esverdinhado, raiz parda ou castanha, massa enxuta. Come-se e dá boa farinha.

Maniva tio Pedro. Pernambuco. Caule e peciolos arroxeados, raiz grossa. Dá boa farinha.

Maniva vermelha. Pernambuco, Alagôas. Caule eseuro e não esgalha; peciolo vermelho arroxeado, raiz comprida e carnosa. Sendo nova dá boa farinha.

MANDIOQUINHA DO CAMPO, ou BOLSA DE PASTOR. *Zeyheria montana*, Martius. Bignoniaceas. Arbusto do Brazil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo, Minas e Bahia. Tem 2 metros de altura, pouco mais ou menos, ramos tomentosos : folhas pecioladas, oppostas, compostas, de 3 a 5 foliolos, oblongos, lancealados : flores situadas na extremidade dos ramos, e dispostas em paniculas; eorolla de côr amarella; fructo, capsula de duas valvulas, oblonga, um tanto comprimida, lenhosa, e coberta exteriormente de uma camada pouco resistente e espinhosa; scmentes aladas; raizes com a casca succulenta. A casca da raiz é empregada, segundo Martius, como remedio para combater as molestias da pelle. Faz-se d'ella uma maceração em agua fria, e tomam-se d'este maeerato dois a tres copos por dia.

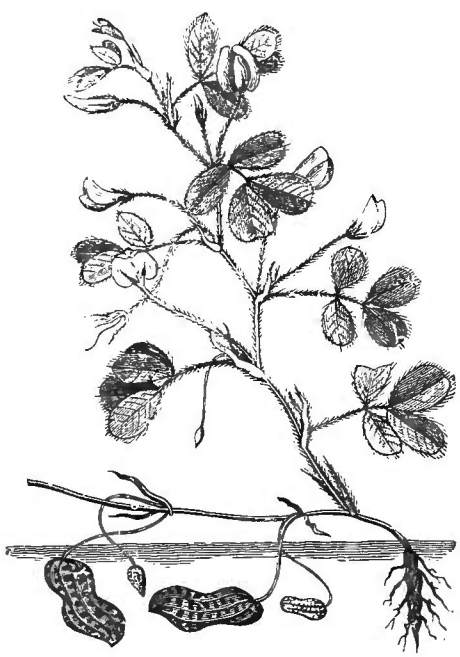


Fig. 647. — Mandobi.

MANDOBI, MENDOBIM, OU AMENDOIM. *Arachis hypogœa*, Lin. Leguminosas. Planta originaria do Brazil, donde foi transportada para as Antilhas, Africa e outras regiões quentes do globo (fig. 647). É uma planta herbacea que póde ter 30 centimetros de altura. As folhas são compostas de 4 foliolos; flores amarellas dispostas na axilla das folhas. As flores superiores fieam no ar, entretanto que as que se acham na porção inferior da planta, encurvam-se do lado da terra immediatamente depois de fecundadas, e afundam dentro o novo fructo; é a 27 ou 54 millimetros debaixo da terra, que elle chega a amadureeer. E neeessario, pois, arrancar a planta com a raiz para ter os fructos, que consistem em uma vagem do comprimento de 27 a 37 millimetros, de 9 a 14 millimetros de largura, um pouco estreitada no meio, eontendo ordinariamente duas semcntes de um vermelho vinhoso no exterior, brancas inte-

riormente, muito oleoginosas, e que se comem torradas ou cozidas, são de gosto agradavel, e gozam, segundo a opinião popular, de propriedades aphrodisiacas. Extrahe-se d'ellas um oleo comestivel, de que fornecem cerca de 50 por 100.

MANDRAGORE. O genero Mandragore contem muitas Solaneas que eram muito empregadas na medicina antiga, actualmente abandonadas. Citaremos a mandragore femea ou officinal, a de fructos pequenos e a vernal. Essas plantas devem suas propriedades venenosas e narcoticas á atropina que contêm.

MANDUBI-GUAÇU. *Veja-se* PINHÃO DE PURGA.

MANGABEIRA. *Hancornia speciosa*, Gomez. Apocyneas. Arvore do Brazil; habita especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo, Bahia, Sergipe e Pernambuco. Folhas oppostas, oblongas, agudas, coriaceas e glabras; flores pedunculadas, pedunculos quasi sempre de tres flores; fructo, baga amarella, ás vezes com manchas vermelhas, succulentas, esphericas, com muitas sementes; sementes circulares, comprimidas. Os fructos (mangabas) comem-se crús ou preparados em doce. São refrigerantes, acidulos, gommosos. De toda a planta, e mesmo do fructo, distilla um succo lacteo e pagajoso, que póde servir para fazer a *borracha*. Este succo, côr de leite, figurou na Exposição de Pariz em 1867.

Ha outra especie, *Hancornia pubescens*, Martius, cujo fructo (mangaba brava) é tambem comestivel.

MANGANEZ. Metal descoberto em 1774; é do peso de 6,85, de um branco brilhante, de fractura rugosa, mui duro, mui fragil; não se derrete senão no 160 gráo do pyrometro de Wedgwood. Não se obtem senão sob a fórma de grenalha, operando pelo carvão um dos seus oxydos. Não se usa, entretanto que o seu oxydo preto, conhecido de toda a antiguidade, e designado geralmente debaixo do nome de manganez, tem usos importantes.

O *oxydo preto de manganez* existe na natureza, quer em massas amorphas, quer debaixo da fórma de agulhas brilhantes; é friavel, inodoro, insipido, insoluvel em agua. Emprega-se para a preparação do chloro e dos chloruretos, para a extracção do oxygeneo, para branquear o vidro e o crystal, e para a fabricação dos esmaltes. Attribue-se-lhe a propriedade de preservar de qualquer alteração a agua com a qual foi misturado na proporção de 3/500. Em medicina é aconselhado contra a chlorose na dóse de 10 centigram. a 1 gramma, em pó ou pilulas.

As seguintes composições de manganez são propostas contra a chlorose, quando a medicação ferruginosa tem falhado.

Carbonato de manganez. Pó branco, algum tanto rosado. *Dóse :* 40 centigrammas a 2 grammas em pilulas.

Lactato de manganez. *Dóse :* 5 a 30 centigrammas em pilulas.

MANGERICÃO. *Ocymum minimum*, Lin. Labiadas. Planta cultivada nos jardins. Forma por suas ramificações uma linda bola; folhas numerosas, verdes ou avermelhadas; flores pequenas e brancas, cheiro aromatico. As folhas verdes empregam-se como tempero nos môlhos; gozam de propriedades estimulantes.

MANGERONA VULGAR. *Ocymum majorana*, Linneo. Labiadas. Planta annual, aromatica, cultivada nas hortas e empregada para temperar os môlhos e as comidas. Tem 25 centimetros de altura, caules delgados, lenhosos, um tanto pubescentes e avermelhados, guarnecidos de folhas ellipticas obtusas, pecioladas, esbranquiçadas, do cheiro fragrante, sabor um tanto acre, amargo e aromatico.

Mangerona vivaz. *Origanum majoranoides*, Willd. Labiadas. Planta vivaz, isto é, que vive mais de um anno; o seu caule é mais lenhoso do que o da precedente; folhas mais pequenas, mais cotanilhosas e ainda mais aromaticas. Emprega-se para a preparação dos banhos estimulantes.

MANGUEIRA. *Mangifera indica*, Linneo, arvore da familia das Terebinthaceas, originaria das Indias orientaes, naturalizada nas Antilhas e no Brazil, onde formou muitas variedades. Arvore bonita, de copa convexa, de folhagem densa, que dá sombra agradavel. Tem 8 a 10 metros de altura, de 1, 2 e mais metros de circumferencia; as folhas são lanceoladas, e tem em todas as suas partes um succo resinoso, as flores, em cachos pyramidaes, são de sexos separados, de côr esverdinhada e vermelha. O fructo (*manga*) é uma grossa drupa, de 6 a 12 centimetros, com a fórma de coração; uns são exteriormente de côr verde, ainda mesmo quando maduros; outros de côr amarella pallida, amarella côr de gema do ovo, outros amarellos com uma parte vermelha, e finalmente alguns com uma parte verde e outra vermelha. A polpa é de côr amarella alaranjada. É um fructo de cheiro agradavel, de sabor acidulo, assucarado e resinoso; o caroço é quasi chato. A amendoa tem um gosto fortemente adstringente, e contém grande quantidade de acido gallico livre, que se póde extrahir de maneira muito mais facil e expeditiva do que a que serve para extrahir este acido da noz de galha. A manga é uma excellente fructa, talvez a melhor que existe; dizem que occasiona a febre: esta opinião é inteiramente hypothetica. A polpa tem sabor e cheiro delicioso, a que o Dr. Martius chamou uma *verdadeira ambrosia*.

MANIA. Maniaco. *Veja-se* Loucura.

MANNÁ. O manná é um sumo concreto que corre espontaneamente e por inscisão de muitas especies de freixos, e principalmente do *fraxinus ornus*, Linneo (Oleaceas), que dão na Italia. O manná é mais ou menos puro. O mais estimado é o que vem em pedaços de tamanho variavel, seccos, branco-amarellados, e de sabor doce agradavel; é o que se chama *manná em lagrimas*. Uma segunda especie denominada *manná commum* é mais humido, menos branco, em pedaços mais irregulares e adherentes entre si: emfim, dá-se o nome de *manná gordo* ou ordinario ao que é em massas molles, pegajosas, e côr de mel de abelhas, misturado com muitas impurezas. A primeira especie é expectorante e peitoral, mais propria para lambedores, marmeladas: a segunda mais laxante é empregada nas bebidas laxantes, ou dissolvida em um copo de leite na dóse de 30 grammas, para as crianças e de 60 grammas para os adultos; a terceira é ainda mais laxante, usada para clysteres na mesma dóse.

O manná é recommendado nas affecções catarrhaes do peito, e mais particularmente na tosse. O manná em lagrimas, quando é puro e recente, deve ser considerado como uma substancia alimentaria. Com effeito, os habitantes da Sicilia e Calabria empregam-n'o em logar do assucar, sem que d'elle soffram acção alguma purgativa, e por isso, quando se quer que esta especie de manná produza o effeito purgativo, augmenta-se a dóse até 90 e 120 grammas.

Foi dado o nome de manná a muitas substancias que tem analogia com o manná dos freixos. Assim foi chamado *manna alhagi* um sumo branco, concreto, que se tira de um arbusto que forma pequenas sarças, e que habita nos desertos, na Persia, Arabia e Nubia. Este arbusto foi chamado por Linneo *Hedysarum alhagi*. Muitos autores julgam que esta substancia é o manná com que se nutriam os Hebreos no deserto. Outros pensam que foi fornecido pelo *Tamarix manifera* do Oriente, pequeno arbusto espinhoso que produz em abundancia um succo avermelhado, que cahe no chão, e que os Arabes ainda hoje chamam *man*. Outros, emfim, julgam que o manná dos Hebreos era a *parmelia esculenta*, especie de musgo que arrancado pelos ventos, e trasportado por elles a longa distancia, foi cahir como chuva do céo. O manná dos Hebreos era, segundo a Biblia, uma substancia analoga á gomma, friavel e doce. Sabe-se que, pouco tempo depois de sahidos do Egypto, os Hebreos, chegados ao valle de Sin, carecêram de alimentos, e que então appareceo no chão, de manhã, uma substancia a que os Hebreos chamáram *manná*. Cahio durante todo o tempo que os Israelitas vivêram no deserto.

MANNITA. Principio crystallizavel do manná. É branca, de sabor agradavel, soluvel em agua. Fazem-se com ella pastilhas contra a tosse.

MANTEIGA. Substancia gorda de côr branca amarellada, mais leve do que a agua, mui fusivel; acha-se no leite dos animaes. Para preparal-a, abandona-se primeiro o leite a si mesmo; depois tira-se a nata, e bate-se esta n'um apparelho apropriado. As particulas da manteiga reunem-se então pela agitação, e separam-se da parte liquida. Em vez de deixar repousar o leite para tirar a nata, introduz-se o leite mesmo no apparelho, e bate-se immediatamente. A extracção da manteiga n'este caso é tão facil como com a nata, sómente exige apparelhos maiores. Termo médio, é preciso 28 litros de leite para obter 1 kilogramma de manteiga; uma boa vacca dá cerca de 64 kilogrammas de manteiga por anno. A manteiga fina tem ordinariamente uma côr amarella, que se imita com sumo de cenoura, com urucú e outras plantas. O contacto do ar torna a manteiga rançosa com muita promptidão, sobretudo no verão; para impedir este inconveniente cumpre derretêl-a a calor brando ou salgal-a; conserva-se então por muito tempo. Salga-se a manteiga, misturando-a com sal cinzento, que é preferivel, n'este caso, ao sal branco. A manteiga destinada para as viagens maritimas, salga-se com a mistura de 2 partes de sal grosso, 1 parte de assucar, e 1 parte de salitre. A manteiga emprega-se como tempero e como alimento. Fresca, usa-se em medicina no curativo das feridas pequenas; e em pharmacia substitue ás vezes a banha na composição das pomadas.

MANTEIGA DE ANTIMONIO. Chama-se assim uma substancia grossa, branca, semi-transparente, excessivamente caustica, susceptivel de attrahir a humidade do ar, que a torna amarella, e a transforma em um liquido oleoginoso. A manteiga de antimonio é um dos causticos mais energicos; emprega-se para cauterizar os carbunculos, as mordeduras de animaes damnados e de cobras venenosas. Applica-se mediante um pincel de fios, mas deve-se primeiro enxugar o sangue.

MANTEIGA DE CACÁO. *Veja-se* CACÁO.

MANTEIGAS. Portugal; Beira-Baixa. Aguas sulfurosas quentes.

MANULUVIO ou BANHO DE MÃO. Immersão mais ou menos prolongada das mãos n'um liquido quente ou frio.

MÁO CHEIRO DO NARIZ. *Veja-se* OZENA.

MAO GEITO. *Veja-se* TORCEDURA.

MAO GEITO NO PESCOÇO. *Veja-se* TORCICOLLO.

MÁO HALITO. *Veja-se* HALITO.

MÁO SUCCESSO. *Veja-se* ABORTO.

MÃO (fig. 648). E a parte do corpo que termina o braço; serve para o tacto e para apanhar os diversos objectos. A palma da mão é sulcada de rugas ou linhas que são determinadas pela flexão d'este orgão, e cuja direcção offerece algumas differenças segundo os individuos. É n'estas linhas que era baseada a *chiromancia*, sciencia occulta muito em voga na idade média, e que consistia em adivinhar pelas linhas da palma da mão a indole ou o futuro de alguem. A *chiromancia* cahio hoje no ridiculo.

A descripção dos ossos, que entram na composição da mão, acha-se no artigo *Deslocação da mão.*

MOLESTIAS DA MÃO. As molestias da mão são numerosas; as que podem affectar os *dedos* acham-se descriptas no vol. I, pag. 784.

Deslocações ou luxações da mão. Veja-se vol. I, pag. 842.

Feridas da mão. Veja-se vol. I, pag. 1128.

Fracturas dos ossos da mão. Veja-se vol. I, pag. 1231.

Ganglio, Veja-se vol. II, pag. 17.

Hemorrhagia da mão. Veja-se FERIDAS, vol. I, pag. 1128.

Inflammação, postemas. A inflammação da mão merece bastante attenção, por causa da pelle dura, de muitos nervos e arterias que entram na composição d'esta região. As picadas profundas podem determinar postemas, que tambem sobrevem sem causa conhecida. Os manuluvios d'agua morna, as cataplasmas de linhaça são os remedios mais convenientes n'este caso. Se sobrevier uma postema, é preciso abril-a mui cedo com bisturí, afim de impedir que o pus penetre mais profundamente, e destrua os tendões e os ossos. *Veja-se* ABCESSO.

Verrugas. Veja-se VERRUGA.

MAPAM. *Hippomane brasiliensis.* Euphorbiaceas. Arvore do Brazil. É lactifera e venenosa. O fructo é uma baga que tem dentro uma noz leitosa, contendo muitos caroços.

MAR. As margens do mar são salubres, especialmente quando a praia é algum tanto elevada. Esta vizinhança póde apresentar inconve-

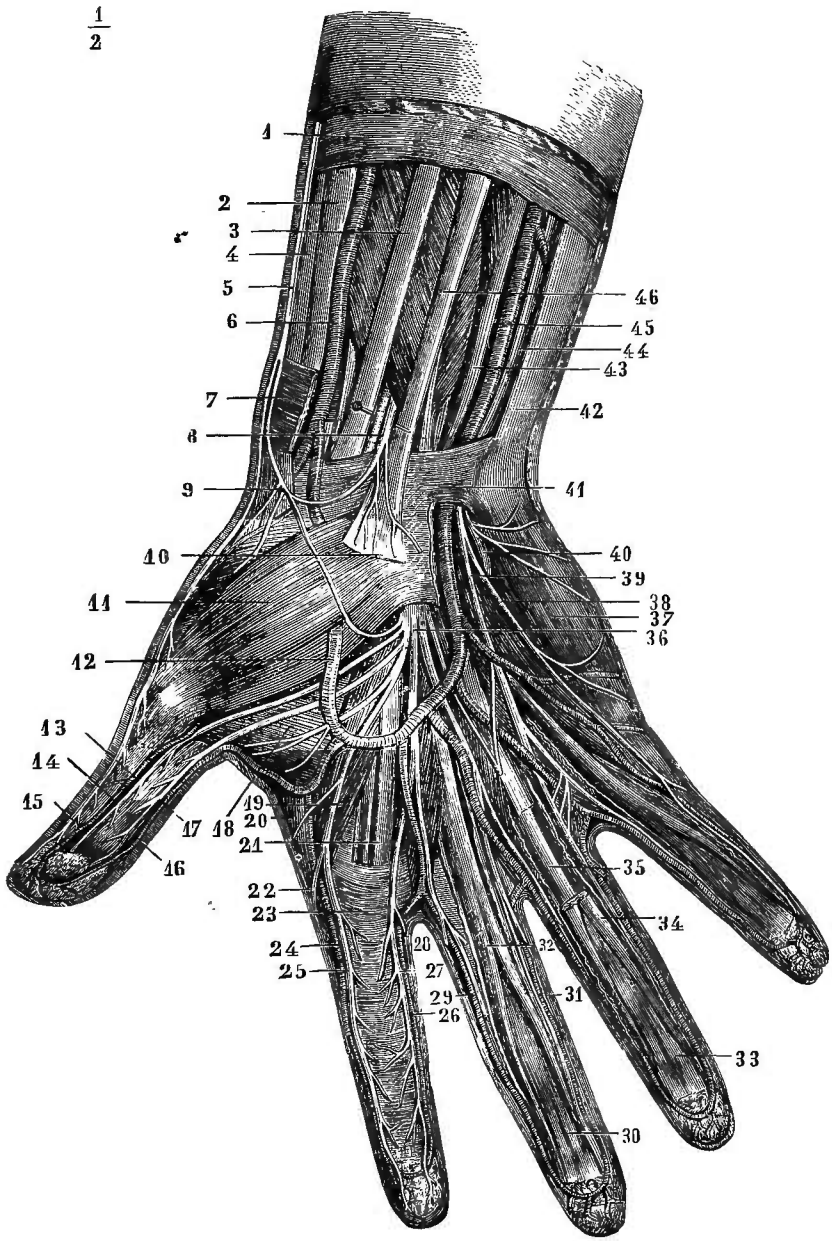


Fig. 648. — Vasos sanguineos e nervos da palma da mão (*).

(*) 1, aponevrose antibrachial; 5, grande supinador; 3, grande palmario; 4, primeiro radial externo; 5, nervo radial; 6, arteria radial; 7. ligamento annulario anterior do carpo; 8, nervo mediano; 9, anastomose do mediano e do radial; 10, aponevrose palmar; 11, curto abductor do dedo pollegar; 12, radio-palmario; 13, nervo collateral palmario externo do dedo pollegar; 15, nervo collateral dorsal-externo do pollegar; 16, arteria collateral interna do pollegar; 17, nervo collateral palmar interno do pollegar; 18, abductor do pollegar; 19, um dos musculos lombricaes; 20, primeiro nervo interosseo; 21, musculo flexor do dedo index; 22, nervo dorsal do index; 23, aponevrose digital (bainha dos tendões); 24, arteria collateral externa

nientes quando, pelo contrario, as praias são planas, deprimidas, e não deixam vazar as aguas das altas marés. Então formam-se pantanos que pela decomposição dos productos vegetaes e animaes se tornam focos de molestias epidemicas. Os habitantes das bordas do mar são geralmente sãos e vigorosos; o costume da navegação, o ar vivo, que respiram, a alimentação que tiram da pesca, contribuem para lhes dar actividade e força. O ar do mar é vivo, excitante, e contribue poderosamente para a saude. Deve esta propriedade ás particulas salinas que se lhe misturam pela evaporação das aguas. Basta ás pessoas, que a isso não estão costumadas, habitar por algum tempo as margens do mar, para verificar a acção produzida pela sua vizinhança : a respiração faz-se com maior facilidade, é mais larga, e produz um certo prazer. As funcções executam-se com maior energia, a digestão é mais activa, os movimentos do corpo são mais vivos. Esse augmento de actividade nas diversas funcções, produzido pela influencia do ar maritimo, é vantajoso em muitas affecções chronicas; convem sobretudo aos individuos fracos, ás meninas chloroticas, ás senhoras nervosas, aos individuos fatigados pelos trabalhos de gabinete ou por certos excessos, ás pessoas que tem desarranjo nos orgãos digestivos, gastralgias e até catarrhos chronicos. Esta acção do ar marino é ainda augmentada pelos banhos do mar.

Utiliza-se a agua do mar para banhos e duches que são administrados frios ou quentes. Já nos occupamos dos banhos do mar no artigo BANHOS d'este diccionario, pouco nos resta pois a dizer sobre o assumpto. Os banhos de mar não devem durar mais de vinte a trinta minutos; logo que a pessoa sentir frio no banho, deve sahir fóra d'agua, porque então a reacção se faria mui lentamente e seria perigosa; se bem que essa reacção pode ser activada por meio de um exercicio moderado, bebendo a pessoa um calice de rhum, de vinho da Madeira ou do Porto.

Tanto os banhos de mar como as duches frias ou quentes têm uma acção manifesta sobre a escrofula que melhora muito com a sua influencia. Ha tendencia em estabelecer nas estações maritimas, sanatorios destinados ás crianças que por causa da diathese escrofulosa parecem expostos á invasão mais ou menos tardiva de tisica pulmonar. Está sabido que mesmo os tisicos melhoram muito quando moram por algum tempo á beira mar e tomando sal marinho em altas dóses. Algumas molestias de mulheres, metrites, irregularidades na menstruação devidas á chlorose e á anemia tambem diminuem muito por meio da hydrotherapia com agua do mar. Não obstante é necessario tomar bastantes precauções quando junto a esses accidentes apparecem perturbações ner-

do index; 25, nervo collateral palmario externo do index; 26, arteria collateral interna do index; 27, nervo collateral palmario interno do index; 28, nervo dorsal do dedo medio; 29, nervo collateral do medio; 30, flexor profundo; 31, arteria collateral do medio; 32, flexor sublime; 33, flexor profundo do dedo annular; 34, flexor sublime do mesmo musculo; 35, bainha tendinosa; 36, nervo mediano; 37, adductor do dedo minimo; 38, filete externo do cubital; 39, filete interno; 40, ramificação profunda do cubital; 41, ligamento anular anterior do carpo; 42, cubital anterior; 43, flexor sublime; 44, nervo cubital; 45, arteria cubital; 46, pequeno nervo palmario.

vosas. Se algumas mulheres sujeitas a crises nervosas, a ataques d'hysteria, dão-se bem com os banhos de mar, muitas outras, para bem dizer, a maior parte d'ellas peioram muito quando passam algum tempo á beira-mar.

Tomada internamente em pequena dóse a agua de mar é laxante e até mesmo purgativa na dóse de dois ou tres copos; mas ella é tonica e excita o appetite, se tomar-se aos poucos todos os dias. Já se fabricou com agua de mar um excellente pão que se conserva tenro por muito tempo.

Em quasi todas as estações de banhos de mar, tomam-se tambem banhos de areia secca aquecida pelo sol. Os effeitos são quasi identicos aos dos banhos de vapor; excitação das funcções circulatorias e respiratorias; producção de suores abundante.

MARACUJÁ. *Passiflora maliformis*, Linneo. Passifloreas. Cipó commum no Brazil. O seu fructo, de que existem muitas variedades, contém uma polpa gelatinosa, acidula, com um aroma particular e delicioso. Convem muito aos convalescentes.

MARASMO. Assim se chama o emmagrecimento extremo de todo o corpo : consequencia ordinaria de grande numero de molestias chronicas. O marasmo apodera-se frequentemente das pessoas profundamente descorçoadas, quer por causas moraes, que por enfraquecimento resultante de alguma molestia grave, quando se persuadem que não lhes é mais possivel voltar á saude; mas se elles mesmos se abandonam, não é um motivo para abandonal-os. A mudança de ar, as viagens, o regimen tonico, o vinho generoso, as aguas mineraes ferruginosas, triumpham assaz frequentemente do marasmo occasionado pelo pezar ou pelo abatimento, que succede aos soffrimentos de uma longa molestia.

MARAVILHA, Bonina, Boas ou Bellas noites. *Mirabilis dichotoma*, Linneo. Nyctagineas (fig. 649). Esta planta, commum no Brazil e em Portugal, é uma das que decoram os jardins mais agradavelmente.—As suas flores são ordinariamente vermelhas, ás vezes amarellas, brancas ou raiadas de branco-vermelho, ou branco-amarello; abrem-se de noite, e fecham-se de manhã; folhas ovaes, pontudas. A raiz, de gosto acre e nauseoso, goza de propriedades purgativas, e por muito tempo suppôz-se na Europa que esta raiz dava a jalapa. Sebe-se hoje que a jalapa provém da *Exogonium purga*. A raiz da maravilha, na dóse de 2 a 4 grammas, póde ser administrada como purgante.

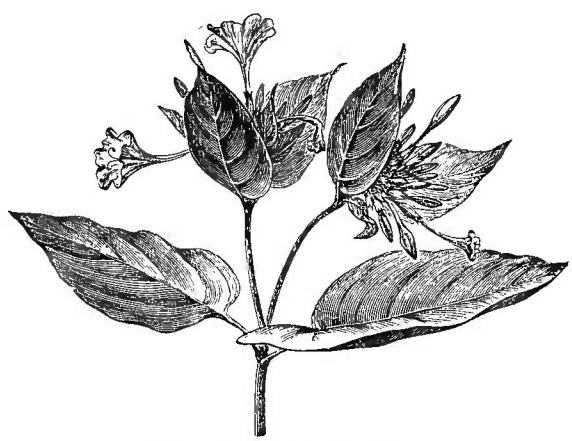


Fig. 649. — Maravilha.

MARCELLA. *Veja-se* MACELLA.

MARCHANTIA POLYMORPHA. Planta cryptogama que habita os logares humidos onde faz uma especie de tapete espesso. Suas propriedades diuretieas não são mais utilizadas.

MARCOLS. França. Aguas ferruginosas, gazosas, frias. Contém, por litro, earbonato de ferro, 0ᵍ,056; biearbonato de soda, 2ᵍ,560; bicarbonato de magnesia, 0ᵍ,259; bicarbonato de eal 0ᵍ,315; chlorureto de sodio, 0ᵍ,203; sulfato de soda, 0ᵍ,042; siliea, 0ᵍ,040. Total das substaneias fixas : 3ᵍ,375. Contém, além d'isso, 1ᵍ,072 de gaz aeido carbonico livre. A agua é fria, limpida, transparente, de sabor aeidulo, pieante, e ferreo. Não ha, em Mareols, estabeleeimento thermal; a agua usa-se só transportada. Bebe-se pura ou misturada eom vinho, ás refeições. Emprega-se em todas as molestias earacterizadas pela fraqueza. Esta agua conserva-se bem, e o seu uso estende-se eada dia mais.

MARFIM. Substancia ossea que eonstitue as presas ou os dentes do elephante. É suseeptivel de receber mui bello polimento, e emprega-se para fazer cabos de instrumentos, leques, estatuas pequenas e grande numero de pequenos objeetos. A maior parte das presas de elephante vem da Afriea, sobretudo da costa de Guiné; vem igualmente das Indias orientaes, prineipalmente do Ceylão. Tem-se aehado do peso de 80 kilogrammas. Os dentes do hippopotamo, do elephante marinho (*morse*, em francez), e do unieornio (*narval*) fornecem tambem espeeies de marfim muito estimadas. Existe ainda um *marfim fossil da Siberia;* bem que enterrado desde o diluvio, está perfeitamente eonservado, e é muito abundante : é conhecido no eommercio sob o nome de *marfim verde*, porque é de côr branea algum tanto esverdeada. O marfim perde logo a alvura ao contaeto do ar e da poeira : póde-se impedir que se torne amarello mettendo-o sob uma redoma de vidro hermeticamente feehada : assim exposto aos raios solares torna-se mesmo mais branco. Tinge-se o marfim de differentes côres mergulhando-o n'um banho de páo Brazil, de açafrão, de verdete, eampeehe, ou de sal de ferro, segundo o que se queira vermelho, amarello, verde ou preto; mas põe-se previamente de môlho por algumas horas n'uma solução de pedrahume ou de vinagre.

Modo de limpar os objectos de marfim cuja alvura está alterada. Esfreguem-se eom pedra pomes reduzida a pó mui fino e diluida em agua. Podem tambem expôr-se aos vapores de enxofre e depois enxugam-se. Lavam-se igualmente eom sabão preto. Mas qualquer modo que se empregue, não se ehega a restituir ao marfim a sua primeira alvura.

MARFIM VEGETAL. *Veja-se* COQUEIRO MORPHIS.

MARGARINA. A margarina e a estearina eonstituem as principios solidos das gorduras. Aeha-se pois esta substaneia nos oleos, nas gorduras, en a manteiga, ete. A extraeção da margarina d'essas diversas materias fez nascer a indusdria das manteigas artifieiaes. São manteigas de má qualidade que devem ser banidas, eom o maior rigor, da alimentação. São poueo digestivas, e eausam dyspepsias por eausa da fermentação das gorduras no estomago.

MARIA PRETA. *Conocliniuium prasiifolium*, De Candolle Synanthereas. Planta do Brazil. Caules cylindricos, eriçados; folhas pecioladas, alternas, ás vezes oppostas, ovaes com a base cordiforme ou troncada, denteadas; flores reunidas em capitulos; e estes dispostos em corymbos terminaes; florões côr de rosa; cheiro aromatico. Esta planta serve para a preparação dos banhos aromaticos, que se empregam nas molestias caracterizadas por debilidade. — 1 kilogramma da planta para um banho.

MARIANINHA. *Veja-se* TRAPOERARA-RANA.

MARIA VIEGAS. Portugal : Alemtejo. Perto de Marvão. Agua sulfurosa fria.

MARIBONDO. Especie de vespão do Brazil que morde e deixa ardor por algum tempo. Ha varias especies de maribondos : ha-os pretos e amarellos; estes ultimos chamam-se *caboclos;* sua picada arde muito, e inflamma-se ás vezes por dias; os menos nocivos são os *maribondos mosquitos,* ou pequenos : vivem em sociedade como as abelhas, e fazem varios andares com casinhas para os filhos; algumas d'estas casinhas são de barro: alguns vivem solitarios, e chamam-se ermitães. O tratamento de suas picadas é o mesmo que o das picadas de abelhas *Veja-se* vol. I, pag. 16.

MARIENBAD. Aguas salinas sulfatadas frias. Itinerario de Pariz a Marienbad : Estrada de ferro por Francfort e Bamberg até á estação de Eger : 22 horas. Carro de Eger a Marienbad 4 horas. Despeza 130 francos.

Marienbad é uma aldeia da Bohemia, situada a 6 legoas de Carlsbad. É um verdadeiro parque inglez, com as suas alamedas areadas, bosques e correntes de agua, tudo cercado de hoteis destinados pela maior parte aos banhistas.

As fontes de Marienbad, no numero de sete, são frias: contém sulfato de soda, de potassa, chlorureto de sodio, lithina, acido carbonico. Entre estas fontes duas sobretudo merecem uma descripção particular, são *Kreutzbrunne* e *Ferdinandsbrunn.*

A fonte *Kreutzbrunn* brota no centro de uma elegante rotunda cercada de triplice fileira de columnas, ligadas por uma longa galeria que serve de passeio ás pessoas que vem beber a agua. Esta agua é limpida; o seu sabor é acidulo e picante; deixa um resaibo levemente salgado que não é desagradavel; contém 7 grammas de saes por litro.

A fonte *Ferdinandsbrunn* está situada nos limites do valle, a 1 kilometro de Marienbad; a vereda que ali conduz atravessa o matto na sua parte mais agradavel, e chega a um elegante palacete onde se bebe a precedente, só a proporção dos saes é mais forte, pelo que a acção da agua é mais poderosa.

As fontes de menor importancia são : as fontes de *Carolina* e de *Ambrosio*, notaveis sobretudo pela quantidade de gaz e de ferro que contém; a *Wiesenquelle* e a *Waldbrunn,* que tiram o nome, uma do prado, outra do matto onde nascem : são as fontes mais ricas de Marienbad em carbonato de magnesia e de cal. Emfim ha uma fonte *Maria*, menos

mineralizada do que as outras, mas de tal maneira gazosa que o tanque onde brota parece estar em ebullição.

As fontes de Marienbad tem quasi todas as mesmas propriedades medicinaes: são as aguas resolutivas por excellencia, e purgativas. Empregam-se sobretudo nos enfartes abdominaes, molestias do figado, do baço, gota, areias, e para combater a obesidade. De ordinario associam-se os banhos á bebida. Os banhos preparam-se ora com agua mineral simples, ora com uma especie de turfa friavel e pulverulenta, que se extrahe do logar vizinho, composta de terra vegetal unida a uma substancia bituminosa, e que se dilue na agua previamente aquecida da fonte Maria. Estes banhos tomam então o nome de *banhos de lodo*. É um poderoso revulsivo. Produzem tal comichão, que se imaginou, para o uso dos banhistas, verdadeiros raspadores. São pequenas almofadinhas de velludo guarnecidas de alfinetes, e adaptadas a uma haste, de que os banhistas se servem para esfregar as costas. Chamando assim o sangue para o exterior, estes banhos desembaraçam os orgãos situados mais profundamente; pelo que são gabados contra os engurgitamentos visceraes. Ha tambem em Marienbad banhos de gaz acido carbonico, que estimulam energicamente a pelle. Estão dispostos n'uma pequena casa situada por cima de uma corrente gazosa. A estação dos ban hos dura do 1° de Junho a 15 de Setembro. Estas aguas, transportadas, conservam-se bem.

MARINHEIRO ou **Gito.** *Guarea purgans;* St-Hilaire, Meliaceas. Arvore do Brazil. Ramos avermelhados; folhas alternas, compostas de cinco até nove pares de foliolos oppostos, oblongos, lanceolados, glabros; flores axillares, dispostas em paniculas racimosas; fructo, capsula glabra. A casca d'esta arvore é amarga e adstringente: goza de propriedades purgativas e vermifugas. Os sertanejos para se purgarem tomam infusão de 15 grammas de casca em 150 grammas d'agua fervendo. Tambem se preparam clysteres, com a mesma infusão; são utilizados nos casos de vermes no recto. Em dóse elevada esta casca é venenosa.

Marinheiro de folha larga, Tuaiussú, Utuapoca. *Guarea spicœflora* Jussieu. Meliaceas. A casca da arvore, e principalmente a da raiz, é tambem purgativa: deve ser empregada com cautela.

Marinheiro de folha miuda. *Moschoxylon catharticum*, Martius. Meliaceas. Arvore do Brazil. (Minas, Bahia, Pernambuco). O cozimento da casca da raiz é usado em clysteres nas febres iutermittentes.

MARIRIÇÓ, Baririçó ou Capim rei, *Poarchon fluminensis,* Freire Allemão. Irideas. Planta do Brazil. É uma herva semelhante a um capim, com bolbo na raiz e flores em pendão. Tronco subterraneo tuberiforme, cylindrico, vertical, de côr amarella, tendo até 5 centimetros de comprimento, e 2 1/2 de grossura, obtuso em baixo, snbcarnoso, e marcado de linhas transversaes; todo coberto de raizes fibrosas, roliças e longas Este tronco subterraneo chama-se vulgarmente *cabeça de maririçó.* Folhas ensiformes, reunidas no alto do tronco subterraneo, chegando a mais de 45 centimetros de comprimento, 1 a 2 centimetros de largura, planas. Caule, ou antes pedunculo axillar, unico para cada infloresce-

cia, elevando-se além da altura das folhas, comprimido, fistuloso. Flores solitarias na axilla de cada bractea, amarellas. O fructo é uma capsula oblonga, obtusa; sementes numerosas. As *cabeças* de mariricó compõem-se de fecula, e de um principio acre no qual residem as propriedades purgativas. Para se obter o seu effeito, assam-se no borralho seis a oito cabeças, e comem-se; bebe-se por cima meio copo d'agua.

MARISCA. Excrescencia syphilitica. *Veja-se* SYPHILIS.

MARISCO. Animal mollusco, facil de reconhecer pela sua concha bivalve curva, oblonga, de côr azul carregada. É mui commum á beira do mar, e usa-se, desde a mais remota antiguidade, como alimento. A sua carne, de sabor agradavel, é em geral difficil de digerir, sobretudo no verão: estação na qual produz ás vezes accidentes, cuja causa ainda não está bem determinada. Uns pretendem que os mariscos são nocivos em razão de pequenas estrellas do mar que encerram em si, ou porque desovam na estação quente; outros attribuem os seus effeitos deleterios, a uma disposição especial do estomago das pessoas que os comem, ou a uma affecção morbosa do mesmo animal. Convem, entretanto, dizer que os accidentes causam maior espanto do que deviam, visto não serem tão perigosos como se suppõe: consistem em vomitos, evacuações alvinas, comichão na pelle, erupção de pequenos botões, dôres de cadeiras, calefrios, suffocação, etc. O tratamento d'estes accidentes é o seguinte: favorecer os vomitos dando a beber 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua morna; e depois de provocados os vomitos, administrar uma chicara de chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira. Para assegurar-se de suas boas qualidades, é preciso escolher os mariscos que são pesados e com duas conchas fechadas; cumpre rejeitar as que estão abertas ou leves. Os mariscos do mar são mais estimados do que os das lagoas.

Modo de tirar aos mariscos as qualidades nocivas. Como não se póde ter a certeza de que os mariscos que se compram ou se pescam, não tenham qualidades nocivas, é prudente fazel-os passar por uma preparação antes de os empregar. Consiste esta preparação em mettel-os, por cinco ou seis horas, em agua simples renovada duas ou tres vezes. E de qualquer maneira que se preparem, devem temperar-se com vinagre. Ficam então desembaraçados de todas as materias nocivas, e perdem ao mesmo tempo o gosto de lôdo que ás vezes tem.

MARLIOZ. A vinte minutos d'Aix acha-se uma localidade chamada *Marlioz*, que possue tres fontes de agua sulfurosa fria, cujo uso completa o das caldas d'Aix. Um caminho de ferro americano une Marlioz com Aix. O sitio é aprazivel.

As aguas de Marlioz convem sobretudo para o tratamento das affecções das vias respiratorias: laryngites, bronchites, asthma e tisica. Empregam-se em inhalações. Para este fim foram construidas duas vastas salas no meio das quaes se acha disposto um repuxo d'agua sulfurosa que, depois de bater n'um disco de zinco, cahe n'um largo vaso, d'onde a agua sahe em pequenas cascatas. É ali que os doentes se reunem para respirarem o gaz que se espalha na atmosphera. Existe tambem outra

sala com apparelhos para duches pharyngeas. Estes apparelhos deixam esguichar agua, que se pulveriza e vem tocar o logar affectado a que o doente a dirige.

MARMELADA. Dá-se este nome a doces de consistencia pouco solida, feitos com fructas carnosas, marmelos, maçãs, damascos, etc., e assucar. Por analogia, chamam-se tambem *marmeladas* medicamentos de consistencia pultacea, compostos de substancias viscosas e assucaradas.

MARMELO. Fructo do marmeleiro, *Pyrus cydonia*, Linneo, arvore da familia das Rosaceas-pomaceas, originaria da ilha de Creta, frequente em Portugal, cultivada no Brazil. Ha duas principaes variedades do marmeleiro, um tem os fructos redondos, outro alongados. Aquelle chama-se *marmeleiro dos marmelos miudos*, este *marmeleiro dos marmelos molares* ou *gamboas,* ou *de Portugal* (*Cydonia lusitanica*) (fig. 650). Este fructo é tonico e adstringente. O seu cheiro é forte, mas agradavel, sabor agridoce; come-se crú, cozido ou feito em doce. Os marmelos nos climas temperados como a França, mesmo perfeitamente maduros, são muito acerbos para poderem ser comidos crús; e por isso submettem-se primeiro a diversas preparações, mas os marmelos do Brazil podem comer-se crús: são agridoces. Prepara-se com o sumo um xarope adstringente, com o qual se adoçam as bebidas administradas nas dysenterias cronicas. Os caroços do marmelo contém abundante mucilagem, e sua decocção, além de ser um bom peitoral, póde empregar-se com vantagem em lavatorios nas inflammações dos olhos. Prepara-se este cozimento com uma colher *de chá* de caroços de marmelo e duas chicaras d'agua. É com estes mesmos caroços (pevides) que os cabelleireiros preparam a *bandolina*, liquido que serve para lustrar e fixar os cabellos. A *gelea de marmelos* é um dos doces mais agradaveis.



Fig. 650. — Marmeleiro de Portugal.

MARMORE. Pedra calcarea mui dura, susceptivel de receber um bello polimento, e de ser empregada como ornamentos nas artes. Fazem-se com elle estatuas, columnas, mesas, etc. Em alguns paizes, em Veneza sobretudo, foi empregado para construir palacios. — O marmore é cal carbonatada. O marmore branco não é composto senão d'esta substancia; as variedades coradas devem suas differentes côres, seus veios, suas nodoas, a substancias estranhas, geralmente metallicas, que se infiltraram primitivamente entre suas moleculas. Os marmores são tanto mais estimados quanto suas côres são mais vivas, e a massa mais homogenea. Dá-se-lhes o polimento mediante os pós duros, taes como

o grés, a areia argilosa, a pedra pomes, o esmeril, o colthar, a limalha de chumbo misturada com pós de sapato. Tiram-se os marmores principalmente da Italia, França, Belgica, Inglaterra e Hespanha. No Brazil ha bellas variedades de marmores : de côr preta em S. Paulo, branca nas provincias do Rio de Janeiro e da Bahia, rosada nas provincias de Minas, do Rio Grande do Sul, e outros logares.

Modo de limpar o marmore. Se as estatuas ou outros objectos de marmore estão manchados pela gordura, dá-se-lhes o seu primeiro polimento pelo modo seguinte : Molha-se um tampão de fios na dissolução de soda caustica ou *lixivia dos saboeiros* (3 partes de soda e 8 d'agua), e esfregam-se levemente com este tampão todas as partes do objecto, havendo o cuidado de não deixar parte alguma que não esteja perfeitamente molhada. Passado duas horas, lava-se o marmore com agua pura, mediante uma esponja nova e bem macia; depois deixa-se seccar. Se uma unica lavagem com a soda não fôr sufficiente para fazer desapparecer as nodoas, repete-se a lavagem. A agua chlorurada, preparada com 60 grammas de chlorureto de cal para 1 litro d'agua, póde substituir a soda com vantagem ; branquea melhor o marmore do que a soda. — Para lavar o marmore branco os officiaes que trabalham n'esta substancia procedem do modo seguinte : Collocam o objecto de marmore um pouco inclinado, sobre dois rolos de madeira, e depois de bem ensaboado, cobrem-n'o de um panno de linho velho e expõem-n'o ao sol, tendo o cuidado de o molhar 7 a 8 vezes por dia com agua um tanto addicionada de cremor de tartaro. Em 5 a 6 semanas, o marmore torna-se perfeitamente branco.

Modo de lustrar o marmore. Esfrega-se o marmore com uma mistura de cera e de essencía de terebinthina.

Mastique para marmore. Para concertar um objecto de marmore quebrado, reunem-se os dois pedaços, depois de cobertos com uma mistura de 2 partes de cera de 1 parte de resina e 2 partes de marmore pulverizado. O marmore deve estar bem secco, e o mastique levemente amollecido pelo calor. — Tapam-se as fendas dos marmores com agua de grude, á qual se ajunta uma mistura de alabastro em pó para o marmore branco, ocre para o marmore vermelho ou roxo. Dá-se depois o polimento com pedra pomes mui fina, tripoli e branco de Hespanha.

MARROIO BRANCO. *Marrubium vulgare*, Lin. Labiadas. Planta commum em Portugal; cultivada no Brazil, na provincia de S. Paulo. Caule velloso, esbranquiçado; folhas ovaes pennugentas; flores brancas, pequenas; cheiro aromatico sabor acre desagradavel que provem de uma substancia que lhe é propria e á qual deram o nome de marrubina. Emprega-se ás vezes o extracto alcoolico d'esta planta, na dóse de 1 a 3 grammas, como tonico e estimulante. O chá de marroio, que se prepara com um pugillo das folhas ou das flores d'esta planta e uma chicara d'agua fervendo, é empregado contra a tosse.

MARTOS. Hespanha. Aguas sulfurosas frias; 19°.

MARUPÁ ou MARUPÁ-MIRI. *Simaruba amara paraensis.* Rutaceas. Arbusto do Brazil; habita no Pará e Amazonas. A casca da raiz, é acon-

selhada contra a diarrhea e dysenteria. Foi empregada com vantagem pelo Sr. Dr. Castro, quando estas molestias grassáram com bastante intensidade no Pará no anno de 1868. Usa-se em decocção, que se prepara com 4 grammas da casca e agua sufficiente para ter 500 grammas de cozimento, sendo este tomado em dóses de duas colheres *de sopa* de duas em duas horas, e repetindo-se o mesmo remedío até que a molestia ceda, o que geralmente succede ao quarto ou quinto dia de sua applicação.

MASSARANDÚBA. *Mimusops excelsa*, Freire Allemão. Sapotaceas. Arvore do Brazil; habita no Pará. Tem dois a dois e meio metros de grossura, e 22 a 26 de altura. Extrahe-se d'ella, por meio de incisão, um leite de côr branca, que quando liquido é muito saboroso e bebe-se com chá ou café, como o leite de vacca; usa-se tambem nos mingáos: é muito substancial. Coagula-se em 20 ou 30 horas, e assemelha-se, depois de coagulado, á gutta-percha; a differença existe apenas em ser a gutta-percha, tirada das outras arvores, trigueira, em quanto que o succo da massarandúba é branco, gozando do mesmo gráo de elasticidade. A madeira emprega-se nas construcções; é uma das mais fortes que existe no Brazil; a casca contém muito tannino.

MASSETER. Debaixo d'este nome designa-se dois poderosos musculos situados de cada lado da queixada inferior, na parte mais afastada das faces e que fazem grande saliencia adiante do lobulo da orelha, quando se aperta fortemente os dentes. Esses musculos são muito importantes para a mastigação. Em certos animaes, principalmente nos animaes carnivoros, é extrema a energia d'esses nervos.

MASTIQUE. *Veja-se* ALMECEGA.

MASTITE. Inflammação do seio. *Veja-se* SEIO.

MASTRUÇO. *Senebiera pinnatifida*, De Candolle. Cruciferas. Planta da flora brazileira. Folhas pinnatas, foliolos pequenos, incisos, de sabor acre e picante; flor branca. Toda a planta é antiscorbutica. Usa-se em infusão, que se prepara com 8 grammas de mastruço e uma chicara d'agua fervendo. *Sumo espresso*, na dóse de 4 a 8 colheres *de sopa*.

MATTA-CANNA. *Veja-se* CAA-ATAYA.

MATA-CACHORRO. *Apocynium citrifolium* (?) Apocynaceas. Planta venenosa do Brazil; habita no Pará, Amazonas, Maranhão, etc. O seu succo é venenoso, seja donde fôr extrahido. Os symptomas são: dôr de garganta, somno profundo; ao despertar, embriaguez, furor, olhos immoveis, semblante risonho, convulsões, vomitos e dejecções sanguineas. O tratamento consiste em vomitivos logo a principio; depois, limonada de vinagre para bebida, e fricções pelo corpo com panno molhado em vinagre.

MATADOURO. Logar onde se matam os animaes, taes como bois vitellas, carneiros, etc., que servem para alimento. São telheiros, providos de caldeiras, e de chafarizes e reservatorios d'agua, fechados n'um só recinto, que contém além d'isso estabulos e celleiros para pelles e forragens, assim como alojamentos e uma fundição de sebo. Os

matadouros estão collocados fóra das cidades. Permittem que se vigie a qualidade dos animaes que n'elles entram, e das carnes que d'elles sahem; que se impeça a alteração do ar das cidades pela putrefacção do sangue e das outras substancias; que se afaste dos olhos do publico as operações sangrentas, e que elle seja preservado do mal que podem fazer animaes furiosos que fogem ás vezes.

De todas as questões de hygiene, que se referem aos matadouros, a mais importante é a da chegada da agua para as lavagens, e do esgoto d'esta agua suja pelas diversas operações que se praticam n'esses logares. Esta agua deve chegar em grande abundancia de um chafariz ou de um rio. Quanto ao esgoto facil das aguas servidas, os meios de attingir este fim devem variar segundo as localidades. O mais ordinario consiste em conductos especiaes que vão quer directamente ao rio ou ao mar, quer ás vallas, e cujo declive deve ter pelo menos dois centimetros por metro. Na falta de matadouros publicos nas pequenas localidades, cumpre applicar aos matadouros particulares as principaes prescripções hygienicas.

Apezar das experiencias de data recente, segundo as quaes pareceria que as carnes provenientes de animaes mortos de molestias contagiosas perdem as propriedades nocivas pela cocção, deve-se exigir que os animaes mortos nos matadouros, e cuja carne deve servir para consumo, estejam n'um bom estado de saude; nunca devem admittir-se n'elles animaes cançados, mortos de molestias carbunculosas, porcos affectados de ladraria, etc.

Os animaes destinados para consumo não podem ser mortos senão n'uma epoca determinada: o boi de 4 a 6 annos; a vacca de 5 a 8 annos; a vitella de 6 semanas a 4 mezes; o carneiro de 18 mezes a 3 annos; o cordeiro de 1 a 2 mezes.

MATA-OLHO. Santa-luzia (em Maricá), Chachim (em S. Paulo), Grumané (em S. Fidelis). *Ophtalmoblaton macrophylum*, Freire Allemão. Euphorbiaceas. Vegetal do Brazil; habita no Rio Grande do Sul, S. Francisco, Santa Catharina. Contém um succo leitoso, muito acre e muito caustico, de cheiro forte e nauseante. Diz-se que a fumaça d'esta lenha póde cegar.

MATAPASTO. *Veja-se* Fedegoso.

MATE ou **Congonha.** Congonha verdadeira. *Ilex paraguariensis*, Lambert, Ilicineas. Arbusto de que se faz no Paraguay o objecto de uma cultura importante, acha-se tambem no Brazil nas provincias do sul, e particularmente na provincia do Paraná, e nos arredores de Coritiba, provincia de S. Paulo, etc., onde lhe chamam *herva mate*, ou simplesmente *herva*. As folhas são glabras, oblongas, cuneiformes e dentadas; flores dispostas em paniculas axillares; fructo, baga avermelhada; pedunculada, contendo ordinariamente quatro sementes. Ha ainda as variedades: *Ilex acutifolia* e *Ilex obtusifolia*, Martius. As folhas, depois de seccas ao fogo e reduzidas a pó grosso, servem para a preparação de uma infusão muito gostosa de que se faz uso frequente nas provincias do sul do Brazil, em Montevideo e Buenos Ayres. É de sabor amargo e um

pouco adstringente: constitue uma bebida tonica e estimulante, proveitosa nas febres intermittentes.

Para preparar esta bebida, é preciso ter: 1.º *cuya*, isto é, um vaso de prata, louça, cabaça limpa de miolo, etc., de bocca um pouco estreita; 2.º um canudo de prata, chamado *bomba*, tendo na parte inferior uma bola ôca crivada, que impede a ascensão do pó. Mette-se na cuya o mate, misturado com assucar ou não, humedece-se este com agua fria, enche-se a cuya com agua quente e chupa-se, por meio da bomba, o liquido quente. Sobre a mesma herva já servida, deita-se nova agua quente, e repete-se esta operação tres ou quatro vezes. Em outros logares, a infusão de mate prepara-se e toma-se com assucar como o chá da India: prepara-se com 15 grammas de *herva* e 500 grammas d'agua fervendo.

O arbusto de mate cresce agreste nas matas do Rio Grande do Sul e Paraná, de preferencia nos terrenos baixos e humidos. Convém muito que seja animada a cultura d'esta planta; tanto mais que o arbusto cultivado melhora muito de qualidade, desenvolve maior vegetação, e torna-se mesmo arvore frondosa, muito maior do que a agreste das matas. Conhecem-se geralmente duas variedades do mate, uma chamada *herva mansa* ou *caámini*, e a outra *herva de palos* ou *caáuna*: a primeira é a mais apreciada, e por isso destinada á exportação; a segunda tem pouco apreço por ser de um gosto excessivamente amargo; isso porém acontece quando cresce em estado agreste, porque, sendo cultivada, perde o amargo excessivo, e é toleravel.

Em Minas dá-se particularmente o nome de *congonha* á *Ilex congonha*, Lambert, que se usa da mesma fórma que a precedente, e chamam *mate do campo* ou *congonha do campo* á *Luxemburgia polyandra*, Saint-Hilaire, cuja infusão substitue o verdadeiro mate.

MATERNIDADE. Hospital reservado para as mulheres pejadas parirem. As maternidades devem ser bem arejadas; bem alumiadas e com bastante sol; devem ter pavilhões isolados cercados de grandes jardins; as salas devem ser pequenas, alegres, arejadas, cada uma occupada por uma mulher só. Deve haver em todo o estabelecimento o maior asseio, esse asseio não só deve reinar nas paredes, nos trastes e nos instrumentos como tambem nas mulheres que devem ser bem lavadas logo que se apresentem para parirem. Se juntar-se a isto tudo o asseio rigoroso das mãos do parteiro, muito raras serão as vezes que haja de se lastimar accidentes.

MATICO. Especie de pimenteira da America meridional, *Piper angustifolium*, Ruiz e Pavão, que habita sobretudo no Perú. Piperineas. As folhas tem 5 a 20 centimetros de comprido, são oblongas, lanceoladas, de cheiro de hortelã e de cúbebas, sabor acre e amargo. A infusão d'estas folhas emprega-se contra a diarrhea, dysenteria, blennorrhagia e flores brancas. Prepara-se com 15 grammas das folhas e 360 grammas d'agua fervendo.

As mesmas folhas, reduzidas a pó, e applicadas sobre as feridas, suspendem as hemorrhagias.

MATERIA. Esta palavra significa em lingua vulgar o mesmo que *pus*.

MATRICARIA. A malmequer matricaria ou pyrethro partenium, da familia das compostas, chamada tambem dentaria é uma planta vivaz que cresce em cima dos muros velhos, da qual extrahe-se uma essencia de cheiro forte. Recommendada outr'ora como vermifugo e emmenagogo, é empregada actualmente como estimulante e estomachica. Administra-se o oleo essencial na dóse de quatro a cinco gottas em uma poção qualquer.

MATRUZ. *Veja-se* HERVA DE SANTA MARIA.

MATURIDADE. Estado de um abcesso em que o pus está completamente formado; o abcesso, quando maduro, torna-se molle, e apresenta fluctuação.

MATURATIVO. Dá-se este nome ás applicações feitas com substancias excitantes sobre os tumores indolentes para apressar a suppuração. Ha cataplasmas, emplastos e unguentos maturativos. As cebolas assadas no borralho, as folhas de azedas misturadas com farinha de trigo servem para a preparação das cataplasmas maturativas; os emplastos de diachylão, os unguentos da madre, de populcão, de basilicão, de estoraque, são maturativos que se empregam ordinariamente.

MAXILLA. *Veja-se* QUEIXO.

MAXILLARES. A queixada tem dois ossos, um maxillar superior e um maxillar inferior; estes dois ossos sustentam as faces e supportam os dentes. Na realidade esses ossos são quatro, pois cada qual se compõe de duas metades que se soldam no feto.

No adulto, a queixada superior se forma de um osso volumoso que vai da arcada dentaria até á borda superior das orbitas. Este osso tem muita resistencia se bem que tenha duas grandes cavidades que se chamam cavidades maxillares e que communicam com as fossas nasaes. Quando a reunião dos dois maxillares não se executa no feto, fica elle com o defeito de labio leporino completo. A maxilla inferior que produz a saliencia do queixo faz uma curva igual á da maxilla superior, que é facil de se certificar com o dedo atravez dos tegumentos da face. Como a maxilla superior, a inferior supporta dez dentes na criança e dezeseis depois da segunda dentição. Esses dentes estão rodeados de um tecido solido e fibroso que se chama gengivas. A queixada superior se acha pegada aos ossos do craneo e é immovel, a inferior, ao contrario, é movel em razão de uma articulação que a une ao osso temporal. Ella toma parte a todas as funcções da cavidade da bocca. Essa mobilidade é um dos principaes factores da gravidade das fracturas da maxilla inferior. Na verdade é difficil mantel-o solidamente com qualquer apparelho para que a juncção dos fragmentos se faça dentro de pouco tempo.

MAXIXE. *Cucumis angurria*, Linneo. Planta cultivada no Brazil. Seu fructo, eriçado de pequenos espinhos, constitue um alimento refrigerante. Come-se em salada, temperado com sal, pimenta, vinagre e azeite. Os clysteres de cozimento de maxixe administram-se com proveito na diarrhea.

MECHA. Dá-se este nome á reunião de alguns fios, ou a uma tira estreita de panno de linho ou de algodão, que se introduz ás vezes na

abertura de uma postema, para favorecer o corrimento do pus e impedir que esta abertura se feche antes da sahida de todo o pus. *Veja-se* vol. I, pag. 771.

MECONIO. *Veja-se* FERRADO.

MEDICAMENTOS. Dá-se este nome ás substancias empregadas para obter a cura das molestias, ou alliviar os doentes. Todos os meios empregados para este fim não são necessariamente medicamentos. Assim, o regimen, o repouso, os banhos, as fricções, etc., são meios therapeuticos que, com os medicamentos, concorrem para o tratamento das molestias. Os medicamentos são tomados n'um dos tres reinos da naturcza, vegetal, animal ou mineral ; a sua historia constitue a sciencia da *pharmacologia* ou *materia medica :* a sua colheita, preparação e conservação são do dominio da *pharmacia*. A reunião de todos os meios que se empregam no tratamento das molestias constitue a *therapeutica*. Dividem-se os medicamentos segundo as suas propriedades, e conforme os effeitos que produzem.

Uns actuam sobre os elementos nervosos e excitam-lhes a acção, como o café, o chá, o phosphoro, a electricidade, a strychnina, etc. Outros calmam sua surexcitação : banhos, bromuretos, anesthesicos, etc. Os amargos, os tonicos restabelecem as forças, que são diminuidas pelas sangrias, os purgantes, a dieta e os alcalinos. O mesmo acontece quanto á circulação e todos os phenomenos que d'ella provem ; calor, estado do sangue, funcções do coração. D'este modo pode-se crear tantas classes de medicamentos, quantas são as modificações especiaes que soffrem os diversos orgãos e tecidos. Em grupo a parte deve-se classificar os medicamentos especificos, isto é, o mercurio (syphilis) e a quina (febre intermittente).

Para receitar e formular um medicamento é necessario conhecer exactamente as dóses uteis, tendo sempre em mente que para as crianças de 10 a 15 annos de idade só se deve receitar a metade das dóses que se dão a um adulto e quanto mais joven fôr a criança, maior deve ser a proporção para menos na dóse.

Seja qual fôr a via que se escolha para por ella fazer penetrar uma substancia medicamentosa no organismo, que seja pela bocca, pelo recto ou por injecções sub cutaneas, os medicamentos são absorvidos pela intervenção da circulação e são assimilados em totalidade ou em parte pelos tecidos que o recebem: mas o excedente, e ás vezes toda a substancia medicamentosa, se elimina com rapidez variavel e por vias differentes. Emquanto que o iodureto de potassio, o chlorato de potassa, o mercurio são expellidos com a saliva, os pulmões climinam com o ar expirado : o chloroformio, o ether, o alcool, as essencias, etc. Pelos rins sahem quasi todos os medicamentos não absorvidos ; citaremos somente os bromuretos, os ioduretos, os salicylatos, a quinina, o chumbo, o mercurio, a valeriana, a esparagina, a santonina, os carbonatos, etc. Com a bilis, com o suor se eliminam tambem outros medicamentos. Graças á actividade d'estes emunctorios, as substancias toxicas não se accumulam e não causam accidentes. A

digital em fracas dóses é inoffensiva emquanto ha abundancia de ourina; ella torna-se perigosa se fôr administrada quando existe anuria.

Existem medicamentos qne são alimentos, isto é, que por si só nutrem o doente.

Citaremos entre elles em primeiro logar o *Elixir alimenticio Ducro* composto de aguardente, carne e casca de laranja amarga. É um tonico, aperitivo e reconstituinte, muito util, nos enfraquecimentos de toda a sorte, nas grandes anemias, e nas convalescencias.

Em muitas molestias substitue-se, actualmente, ao antigo methodo de dieta, o methodo mais racional de sustentar o mais possivel, o equilibrio entre a assimilação dos alimentos e as perdas quotidianas que soffre o corpo, debaixo da influencia do exercicio de suas funcções e das desordens causadas pela molestia.

Mas, nem sempre é facil applicar este methodo, porque muitos doentes se recusam a tomar os alimentos que se lhes apresentam ; então o medico tem o recurso de empregar os medicamentos alimentos, no rol dos quaes se acha o elixir alimenticio Ducro que é tambem aconselhado para combater a anemia, a chlorose, a tisica, as molestias de languidez, etc. Tambem é muito utíl nas convalescencias lentas e difficeis; é recommendado ás pessoas de constituição fraca, ás crianças franzinas, aos velhos enfraquecidos, nos quaes desperta o appetite e restabelece as forças.

O elixir alimenticio Ducro toma-se no começo e no fim das refeições. A dóse é de 4 a 8 colheres, das de sopa, para os adultos e de 4 a 8 colheres, das de chá, para as crianças. Pode-se misturar-se o elixir com agua e ir diminuindo a quantidade d'agua até que o doente possa tomal-o puro.

Um outro medicamento-alimento assaz precioso é a peptona, principalmente a Peptona Catillon. *Veja-se* a palavra PEPTONA.

Os medicamentos são *simples* quando formados de uma só substancia, ou *compostos* se resultam da mistura de muitas.

Os medicameatos simples, taes como flores, folhas, talos, raizes, lenhos, substancias mineraes, podem ser conservados facilmente, guardando-os n'um logar secco e ao abrigo do contacto do ar. As flores aromaticas devem estar fechadas em caixas, e reformadas todos os annos.

MEDICAMENTOS QUE DEVEM ACHAR-SE NA BOTICA DOMESTICA. *Veja-se* vol. I, pag. 354.

MEDULLA. Substancia gorda, vulgarmente TUTANO, contida no canal central dos ossos.

MEDULLA ESPINHAL. O cerebro se prolonga para baixo e para atraz debaixo da forma de um grosso cordão esbranquiçado composto de tecido nervoso e que se acha encerrado em um canal especial cavado nas vertebras e que se chama canal vertebral. Assim protegida a medulla espinhal continua seo trajecto até ás regiões dos rins onde termina por um feiche de grossos nervos que fazem parte dos membros

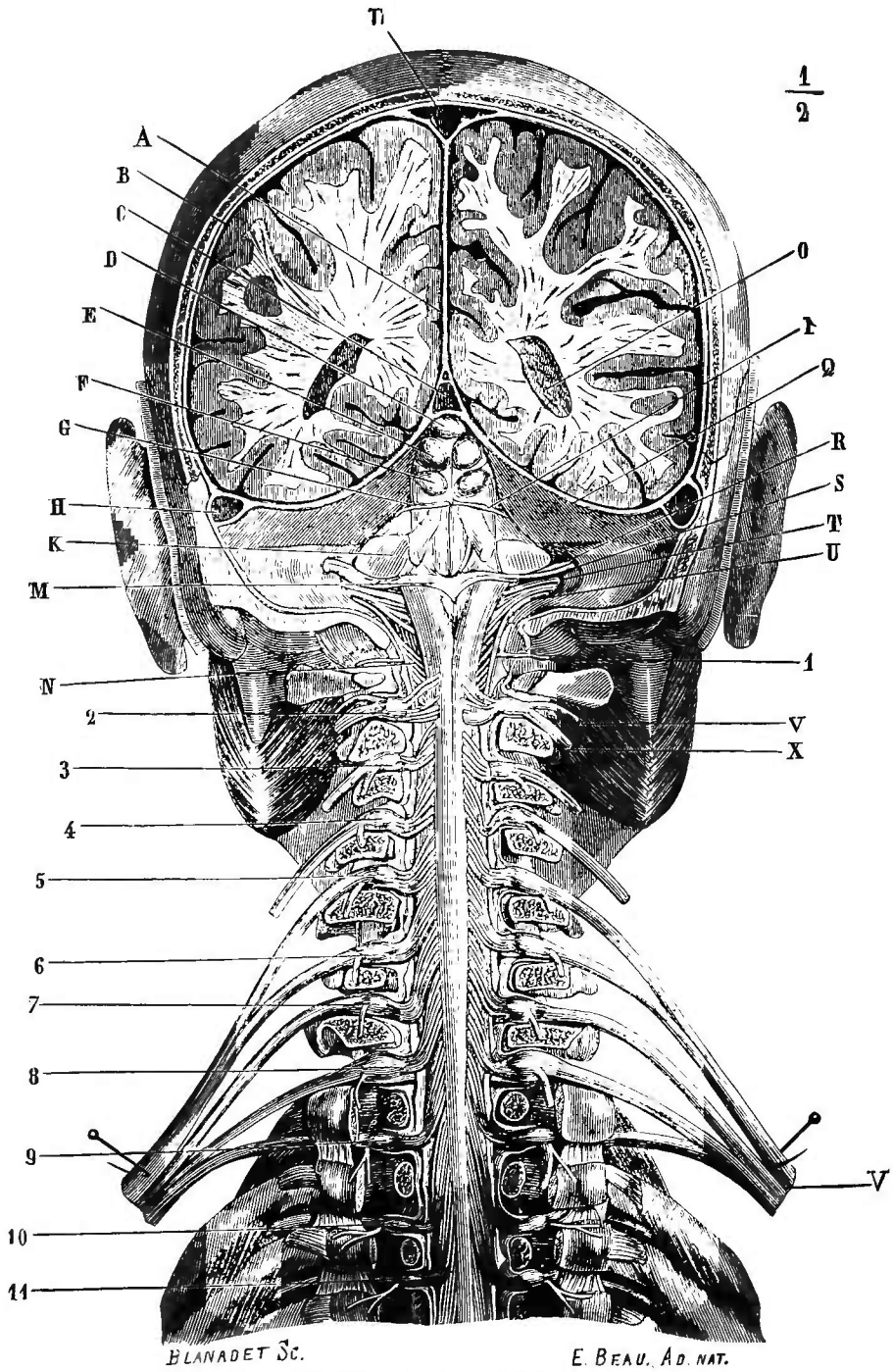


Fig. 651. — Face posterior da parte cervical da medulla (*).

(*) A, foice do cerebro; B, dura-mater; C, cavidade direita; D, glandula pineal; E, tuberculos *nates;* F, tuberculos *testes;* G, P, nervos patheticos; H, cavidade lateral; K, pedunculo medio do cerebello; M, nervo auditivo; N, nervo espinhal; O, corte da cornea posterior de um ventriculo lateral do cerebro; Q, tenda do cerebello; R, facial direito; S, auditivo direito; T, glosso pharyngiano; U, espinhal; V, ramo posterior do segundo nervo cervical; X, ramo anterior do mesmo nervo. — 1, nervo sub-occipital; 2, ganglio do segundo nervo cervical; 3, terceiro nervo cervical; 4, quarto par; 5, quinto par; 6, sexto par. — Cada um dos outros numeros indica a ordem de classificação dos nervos.

inferiores do corpo. No comprimento da medulla se destacam, em distancias iguaes, cordões analogos porém mais pequenos que se dirigem aos membros e que constituem os nervos do corpo. Existem trinta e um pares d'esses nervos rachidianos. Ao separar-se da medulla, os nervos atravessam membranas mais ou menos espessas antes de chegarem fóra do canal vertebral. Essas membranas são as tres meninges, a pia-mater, a arachnoide e a dura-mater que envolvem a medulla do mesmo modo que o cerebro. Quando se examina com uma lente a estructura da medulla, vê-se facilmente que este orgão é composto de duas substancias, uma cinzenta que se acha no centro do cordão em todo o seu comprimento e uma branca que envolve essa cinzenta. Vista ao microscopio, a substancia cinzenta apparece formada principalmente de cellulas com muitos prolongamentos analogos ás da substancia cinzenta do cerebro. A substancia branca é formada, ao contrario, de tubos compridos e finos unidos uns aos outros.

A medulla espinhal é por si só um centro nervoso como prova a seguinte experiencia: corte-se a cabeça de uma rã e pique-se com força uma das patas; essa pata executará um certo movimento devido á transmissão e a sensação na medulla pelos nervos da pata que se picou; a medulla impressionada reage. Alem d'isso, a medulla recebe do cerebro as excitações voluntarias e transmitte a este orgão as sensações sentidas pelos nervos sensitivos da pelle. Assim é que em certas molestias da medulla ou em secções d'este orgão, apparece uma paralysia completa dos membros inferiores, que são insensiveis e não podem se mexer. A medulla espinhal tem pois uma grande importancia, comprehende-se então que as molestias que a acommettem são sempre muito graves

Amollecimento da medulla espinhal. Veja-se vol, I, pag. 141.

Commoção da medulla espinhal. Veja-se vol. I, pag. 659.

Contusão da medulla espinhal. Veja-se vol. I, pag. 687.

Inflammação da medulla espinhal. Veja-se MYELITE.

MEIMENDRO BRANCO. *Hyosciamus albus* Linneo. Solanaceas. Habita frequente em todo o Portugal, nos entulhos, junto dos muros e logares seccos mais elevados. Caule alto de 30 centimetros, pelludo, pouco ramoso, guarnecido sobre todo o comprimento de folhas pecioladas, ovaes, cotanilhosas, as inferiores sinuosas, as superiores inteiras. As flores são esbranquiçadas, sesseis, solitarias na axilla das folhas superiores, e dispostas em uma longa espiga unilateral; as sementes permanecem brancas na madureza. Esta planta é mais pequena em todas as suas partes do que a seguinte; o seu cheiro é menos viroso, e parece menos activa; não se emprega em medicina.

MEIMENDRO NEGRO. *Hyoscianus niger*, Linneo. Solanaceas. Planta europea, importada para o Brazil; vegeta em S. Paulo, S. Catharina e no Rio Grande do Sul; em Portugal habita nos caminhos, ruinas de edificios da Beira e norte do Reino (fig. 652). Caule de 30 a 60 centimetros, ramoso, pelludo, lanuginoso, viscoso; folhas angulosas, profundamente sinuadas nas margens, avelludadas; flores amarelladas, com estrias rubras, em espiga unilateral; cheiro fetido; sabor adocicado;

raiz fusiforme, esbranquiçada; fructo alongado e contido dentro do calice da flor, sementes cinzentas, ovaes, comprimidas, negras quando maduras.

O meimendro é planta venenosa; as suas folhas tem sido tomadas algumas vezes pelas da chicoria, e as raizes pelas da pastinaca. Em pequena dóse; isto é, de 10 a 60 centigrammas, emprega-se como calmante na epilepsia, alienação mental, colicas nervosas, nevralgias, convulsões, etc. Externamente, as folhas applicam-se nos tumores e ulceras. O extracto de meimendro administra-se só na dóse de 5 a 20 centigrammas. Com o cozimento das folhas de meimendro e farinha de linhaça preparam-se cataplasmas calmantes. Para se fazer este cozimento, usa-se de 15 grammas de folhas de meimendro para 500 grammas d'agua. Combate-se o envenenamento, que produz o meimendro em grande dóse, pelos meios indicados no vol. 1, pag. 985.



Fig. 652. — Meimendro negro.

MEL DE ABELHAS. Substancia doce, de consistencia de xarope, produzida pelas abelhas (fig. 6) que a depõem em pequenos alveolos chamados *favos*. É preparada por estes insectos, com os succos viscosos e assucarados, que colhem nas flores e folhas de certas plantas. A natureza das plantas, de que as abelhas extrahem o succo, exerce influencia mui notavel na qualidade e nas propriedades do mel : as abelhas que buscam o sustento nas plantas aromaticas produzem excellente mel; entretanto que não dão senão um mel pouco agradavel quando se alimentam nas flores dos matos. Emprega-se o mel como alimento, e convem muito ás crianças. Faz-se d'elle grande uso para adoçar os cozimentos; é emolliente e laxante. Antes da descoberta da America, o mel de abelhas era empregado em vez de assucar. Serve a muitos compostos pharmaceuticos, entre os quaes se distingue o *mel rosado*, preparado com a infusão concentrada de rosas rubras e mel. É o mel rosado um adstringente empregado nas esquinencias e aphtas.

No Brazil acha-se em diversas provincias uma qualidade de mel, muito estimada, produzido pela *abelha jaty*. Quanto á abelha commum europea (*apis mellifora*, Linneo) existe já ha muitos annos no Brazil. Ella acha-se felizmente acclimada em diversas provincias do Imperio, principalmente nas do Sul, onde campos floridos tem favorecido a sua propagação.

MELANCIA. Fructo da *Cucurbita citrullus*, Linneo, planta da familia Cucurbitaceas, cultivada no Brazil e em Portugal, e de que exis-

tem muitas variedades. Este fructo é oval ou orbicular; a casca é lisa e de um verde escuro; a polpa côr de rosa e as sementes roxas. A polpa é cheia de um succo adocicado; é refrigerante e de gosto agradavel.

MELANCOLIA. Na linguagem vulgar, designa-se assim o estado habitual de tristeza, sem alteração das faculdades intellectuaes. Os medicos deram o nome de melancolia a uma variedade de alienação mental, caracterizada por um delirio exclusivo. Examinarei sob esta denominação tres estados, um predominio de temperamento, uma disposição morbosa e uma molestia declarada.

Uma sensibilidade e uma imaginação mui viva, a faculdade de se entregar muito ás mesmas impressões, a inclinação á tristeza e ao recolhimento, constituem a predisposição ou base fundamental da melancolia. Esta affecção é mais commum nos periodos da existencia em que as impressões tem maior intensidade e perseverança, como na mocidade e virilidade. É rarissima na infancia; entretanto, observam-se exemplos d'ella n'esta idade, occasionados particularmente pelo ciume. A exaltação da sensibilidade e a perturbação das sensações, na época da puberdade, são frequentemente acompanhadas de accessos de melancolia passageira. Ella é temivel para as senhoras mui dadas ao namoro ou loureiras, quando lhes chega a idade critica, termo perigoso d'este amor, que tão grande parte tem na sua existencia. O onanismo, os excessos venereos, o abuso das bebidas estimulantes, cançando o systema venereo, predispõem igualmente á melancolia. Direi outro tanto da vida sedentaria, desoccupada, solitaria, do celibato, que concentram a sensibilidade e favorecem as reflexões sobre si mesmo. A predisposição á melancolia das profissões que fatigam muito o moral, como as bellas artes, as lettras, as sciencias, foi ha muito tempo notada. Grande numero de homens que se illustráram n'estas carreiras foram melancolicos.

As *causas* da melancolia são todas moraes; taes são os pezares domesticos, os revezes da fortuna, o amor mal correspondido, o susto, a colera, o amor proprio offendido, o ciume, emfim todas as emoções, paixões, occupações mentaes da humanidade. De mais, se a causa que produz a melancolia não fosse conhecida, seria ordinariamente descoberta pelo delirio dos doentes, que versa sobre o mesmo objecto que o produzido. Considerados juntos, os melancolicos mostram as preoccupações que mais atropellam as sociedades, e as disposições moraes predominantes na natureza humana. Zimmermann disse que os homens são loucos por orgulho, as moças por amor, as mulheres por ciume. Indiquemos agora os *caracteres* dos tres gráos de melancolia.

Symptomas. Os individuos mui sensiveis offerecem, como já deixei dito, caracteres da disposição melancolica. Semelhantes a uma lyra cujas cordas estão mui tesas, e que o mais leve toque faz vibrar fortemente, os individuos predispostos á melancolia quasi nunca sentem uma impressão circumscripta nos justos limites. Um nada os affecta; desgosto e prazer, tudo é exagerado; passam promptamente da tristeza á alegria, da indifferença ao enthusiasmo. Reservados, delicados, suspeitosos sobre qualquer procedimento, seu trato é difficil, julgam ver uma desattenção,

uma offensa n'um lance de olhos, n'um gesto, n'uma palavra, em uma omissão que a qualquer outro passaria desapereebida. São cireumspectos, desconfiados, promptos a interpretações desfavoraveis. Para se viver sempre bem com elles, é preciso usar de attenções continuas, não se servir de palavras que tenham dois sentidos, nem de maneiras equivocas. Admittem poucas pessoas na sua intimidade, e são de ordinario amigos da solidão e misanthropos. Existem, entretanto, intervallos nos quaes são expansivos, buscam a sociedade e mostram n'ella uma alegria viva e espirituosa, fallando da humanidade com calorosa affeição, para recahirem logo nas suas ideias favoritas e na sua misanthropia. Na diseussão passam subitamente da brandura á eolera; seu amor proprio é sujeito a muitas variações: são alternativamente os mais humildes e orgulhosos dos homens. Eis os caracteres da disposição melaneolica, que póde durar toda a vida sem passar d'isto.

Na melancolia do *segundo gráo*, aos phenomenos preeedentes ajuntase uma ideia fixa que opprime todas as faculdades. Esta paixão exclusiva, ordinariamente triste, ás vezes alegre, torna-se a mola da existencia moral: tudo parte d'ella e tudo volta a ella. Entretanto, não ha ainda delirio, e frequentemente o individuo que sente a tyrannia da ideia que o domina, esforça-se em livrar-se d'ella; se não é bem sueeedido, oppresso pela preoccupação que lhe ataea o cerebro, esquece-se dos seus deveres e costumes, busea a solidão ou isola-se mentalmente do meio da sociedade; é distrahido, pensativo, concentrado em si mesmo, e estranho a tudo o que o rodeia. Se a sua linguagem não o atraiçôa ainda, é facil advinhar que uma paixão qualquer se apoderou d'elle. No entretanto o appetite vai diminuindo e o corpo definhando.

O *terceiro gráo* da melancolia consiste no desenvolvimento exeessivo da ideia fixa; caracterizado pelo delirio. N'este estado, o melancolico identifica-se com a sua infeliz preoccupação: longe de reconhecer que a exagera, que se engana, pelo contrario aecusa de desvario e toliee a todos que não pensam ou sentem como elle. Não posso descrever, nem indicar as especies infinitas dos delirios dos melancolieos: são tão variadas como os objectos a que a intelligencia e o sentimento podem applicar-se com força e perseverança. Supponhamos que o melancolico é realmente o que julga ser (abandonado por uma mulher; atraiçoado por um amigo, opprimido por um revéz da fortuna, ou então general, imperador, etc.), o delirio versará sobre esta ideia, e a maior parte de suas acções serão eonsequentes com esta illusoria posição.

Tratamento. A sensibilidade normal só se desenvolve gradualmente; e se os homens se observassem e quizessem, poderiam frequentemente prevenir ou corrigir esta disposição morbida. Mas uns por ignorancia ou por distracção, outros por descuido ou mesmo de proposito, não se dão ao trabalho de conter a sensibilidade em seus justos limites. Existem, sem duvida, organizações refractarias a todos os recursos da hygiene e da educação; mas o maior numero é susceptivel de modificações. Quando, por conseguinte, o homem reflectido repara, ou quando algum amigo judicioso lhe faz observar que tem por habito o ser mui aprehensivel,

que se inquieta ou se regozija mais do que convem, que se fixa obstinadamente sobre as mesmas impressões, então a pessoa prevenida e sisuda deve abrir os olhos aos males que lhe póde preparar esta excessiva sensibilidade. Indagar-se-ha ao principio se a causa determinante d'esta sensibilidade anormal, da qual convem se desconfie, é physica ou moral. No primeiro caso, os remedios da alma serão apenas secundarios, o corpo reclama os primeiros cuidados. Principiar-se-ha por afastal-o das influencias excitantes. Assim, regimen brando, leite, caldo com feculas, vegetaes, fructas, carnes brancas, cozidas e assadas com preferencia aos môlhos, extrema sobriedade em temperos, licores e café; eis o que convem. O vinho com bastante agua, ou puro em pequena quantidade, não será contrario ás pessoas que a elle estão habituadas. Porém o meio de mais certa efficacia para abrandar a sensibilidade é o exercicio quotidiano levado até á fadiga: fóra de casa, o passeio, a caça, a equitação, as occupações campestres, o nadar, a navegação, a sege, diversos jogos; dentro de casa, o bilhar, a dansa, a esgrima. Assegura-se que Tronchim, medico de Voltaire, fez maravilhas no seculo ultimo, aconselhando ás senhoras de boa companhia, atormentadas de espasmos e de uma sensibilidade excessiva, que esfregassem ellas mesmas o soalho de seus salões. A prisão do ventre é mui commum aos temperamentos melancolicos; combate-se com clysteres, bebidas laxantes e alimentos vegetaes.

Quando a sensibilidade estiver desmedidamente desenvolvida por causas moraes (e estes casos são os mais ordinarios), deve-se, sobretudo, cuidar no regimen moral. Não preciso recommendar a distracção das paixões tristes. E quem haverá que se não queira ver desembaraçado d'ellas? Mas direi aos que se apaixonam por tudo quanto emprehendem: prevêde de longe até onde vos póde conduzir esse esforço excessivo do systema nervoso; sem duvida elle será ordinariamente favoravel á empreza que proseguís ardentemente nas artes, lettras, sciencias, em todas as carreiras abertas á ambição; mas uma vez chegado ao alvo, e frequentemente não podereis chegar a elle, ficar-vos-ha uma sensibilidade tão incommoda, que invejareis mais de uma vez a sorte dos individuos mais obscuros e menos ricos do que vós, que, impasssiveis ou indifferentes ás contrariedades communs da existencia, não conhecem penas, salvo as da dura necessidade, e entregam-se aos prazeres com inteira effusão da alma. Longe de mim, assignalando os males que resultam frequentemente do emprego forçado das faculdades mentaes, a intenção de reprovar de uma maneira absoluta, o louvavel desejo de instruir-se, a nobre ambição de distinguir-se honrosamente. Sómente, pois que trato da medicina preservativa e curativa, devo prevenir que a gloria e a riqueza adquirem-se muitas vezes á custa da felicidade. Procuremos, por conseguinte, evitar excitações mui prolongadas e mui fortes do systema nervoso, saibamos dirigir e conter o sentimento e a imaginação, regular com moderação as occupações intellectuaes, afastar e combater as causas physicas que exaltam a sensibilidade, e então nada será mais raro do que a melancolia.

Mas, se a disposição melancolica não foi prevenida, se uma causa se apresentou, se as forças do sentimento se concentraram em um só objecto, e a molestia se declarou, que se deve fazer então? Desde este momento procuraremos distrahir o melancolico das suas preoccupações. É preciso não deixal-o só, desoccupado, nem entregue ás meditações que lhe perturbam a cabeça; devemos levai-o quantas vezes fôr possivel aos exercicios, ás recreações de todo o genero. A mudança de logar, as viagens, são excellentes meios. Quando a ideia fixa é conhecida, a palavra sisuda, tranquilla e affectuosa de um amigo, de uma pessoa estimada, póde obter bons resultados. Mas é necessario haver circumspecção e discernimento, pois que nunca estes doentes devem ser contrariados nem atormentados. Depois d'isto, como entrar nos pormenores d'esta medicina moral? É evidente que a linguagem deve variar conforme a especie da ideia dominante. Não se deve fallar ao nostalgico que tem saudades de sua terra, á amante enganada, abandonada, á mãi que perdeo seu filho, da mesma fórma que ao monomano que acredita em um sonho da sua perturbada imaginação, com o qual de ha muito entretinha a sua ambição, e que se julga favorecido de alguma das glorias, grandezas ou riquezas que fascinam a especie humana. Finalmente, quer a melancolia seja triste, quer alegre, convem sempre a distracção. Entre as distracções, a musica é mui recommendada contra a melancolia. Mas todos os generos de musica não convem igualmente. O modo que exprime as paixões oppressivas agradaria aos melancolicos tristes, mas poderia aggravar o seu estado. É preciso submettel-os ao rhythmo precipitado, ás marchas bellicosas, quadrilhas e valsas.

O tratamento da melancolia do segundo gráo reclama, além d'isto, os mesmos cuidados que o da disposição melancolica, da qual só se distingue, porque se tem de combater uma preoccupação renitente que não existe no primeiro estado. A melancolia confirmada, delirante, do terceiro gráo, necessita tambem os mesmos meios, e, além d'isto, maior vigilancia : entre os remedios mais proveitosos entram os purgantes energicos.

MELÃO. *Cucumis melo*, Linneo. Cucurbitaceas. Todos conhecem este fructo de cheiro delicioso, e cuja polpa constitue um alimento refrigerante; cultiva-se no Brazil e em Portugal. Acalma a irritação das entranhas, facilita as ourinas, e ás vezes torna-se um brando laxante. Come-se com assucar, ou com sal e pimenta : ha pessoas que preferem o melão sem tempero algum : é alimento mui sadio. Convem facilitar a sua digestão com um pouco de vinho puro.

Ha d'elles tres especies bem distinctas : 1.ª melão commum ou bordado que é redondo ou de fórma oblonga, como o que representa a fig. 653. 2.ª melão cantalupo (fig. 654), e 3.ª melão de casca lisa. O melão cantalupo distingue-se dos outros pelo aroma delicioso; é originario da aldea de Cantalupo nas vizinhanças de Roma.

O melão está bom para ser colhido quando o pedunculo parece querer separar-se d'elle, quando se torna amarello por cima, quando o pequeno renovo que se acha no nó se separa d'elle, quando exhala

cheiro; todos estes signaes annunciam o ponto de madureza dos melões que se querem comer promptamente. Os melões que não se devem comer senão passado alguns dias, ou que se querem transportar para longe, devem ser colhidos logo que principiem a contornear-se; amadurecem depois; tem mesmo um gosto mais agradavel, porque vão amadurecendo brandamente e porque tiveram o tempo de se refrescar ao abrigo do sol.

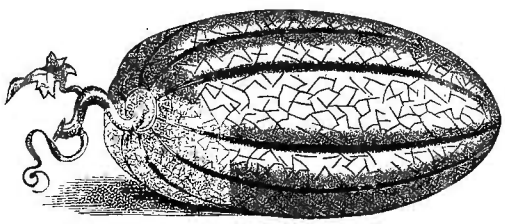


Fig. 653. — Melão commum.

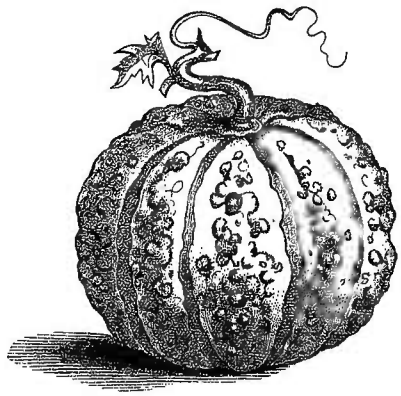


Fig. 654. — Melão cantalupo.

Raras vezes, o melão se conserva além de uma semana, quando foi colhido no estado de madureza completa, ainda quando houve o cuidado de o guardar constantemente coberto com um panno molhado. Um melão cortado conserva-se difficilmente durante 24 horas; um panno molhado póde preserval-o de mui prompta decomposição, mas não póde impedir que o aroma se dissipe de um dia para outro. — Um melão colhido antes de ter attingido o maximum de sua madureza, depois enxuto ao ar durante um ou dois dias amadurece, e póde conservar-se durante 2 ou 3 semanas n'um baril cheio de areia, ou de mistura de serradura de madeira com carvão pulverizado, tudo perfeitamente secco, e collocado n'um logar escuro, ao abrigo da humidade e do calor.



Fig. 655. — Melão negro.

É muito difficil apreciar a qualidade dos melões segundo os signaes externos. A côr não deve ser nem mui verde nem mui amarella: mui verde, o melão não está bastante maduro; mui amarello, será de madureza muito adiantada e sem gosto. Se é leve, é ôco e sem succo; se é pesado e se não dá som quando se lhe bate com o dedo, é um bom signal. O olfacto é tambem um guia bastante fiel; mas em geral, quando se compra um melão, é melhor entregar-se á boa fé do mercador. Antes de se abrir o melão, deve-se conserval-o durante uma ou mais horas em agua de poço mui fresca, ou envolvel-o n'um panno molhado em agua fria,

MELILOTO. *Melilotus officinalis,* Willd (fig. 656). Leguminosas Papilionaceas. Planta europea. As flores são amarellas, mui pequenas, e adquirem pela deseccação um cheiro agradavel. A infusão d'estas flores emprega-se em lavatorios nas ophthalmias pouco intensas.

MELISSA. *Veja-se* HERVA CIDREIRA.

MELLITE. Xarope preparado com mel de abelhas e agua, ou com mel e differentes infusões ou decocções de plantas.



Fig. 656. — Meliloto.

MEMBRANA. Nome generico de diversos orgãos delgados, representando especies de teias, flexiveis, dilataveis, brancas, cinzentas ou avermelhadas, variaveis em sua estructura e em suas propriedades vitaes, destinadas a absorver, a exhalar, e a segregar certos fluidos, ou a envolver outros orgãos. Distinguem-se quatro especie de membranas: as *fibrosas*, as *mucosas*, as *serosas*, e a *pelle*. Chamam-se *membranas falsas* as que se desenvolvem sob a influencia de circumstancias morbidas, por exemplo, as que se formam no interior da larynge; na molestia chamada *crup*.

MEMORIA (falta da). *Veja-se* AMNESIA.

MENINA DO OLHO. *Veja-se* PUPILLA.

MENINGES. Assim se chamam tres membranas de espessura de sigual que envolvem o cerebro e a medulla espinhal. A mais forte é a dura-mater, é tambem a mais exterior das tres. Na verdade, ella cobre a parte interna dos ossos da caixa craneanna, e por meio de seus prolongamentos ella fixa o cerebro e o conserva immovel durante os movimentos que faz a cabeça. É uma membrana fibrosa, difficil de se rasgar, e que protege o cerebro quando a abobada do craneo se fractura. Em baixo da dura-mater acha-se uma outra membrana, tão fina que lhe deram o nome de arachnoide, comparando-a com teias de aranha. É uma serosa composta de dois folios, é de uma extrema finura. Do lado de dentro e mesmo em cima da superficie do cerebro, acha-se a pia-mater, membrana assaz densa, constituida por tecido cellular e que acompanha todas as sinuosidades do cerebro, enterrando-se nas estrias e levantando-se na superficie das circonvoluções. Estas tres membranas seguem até o canal vertebral onde envolvem a medulla espinhal.

MENINGITE, ARACHNITE ou ARACHNOIDITE. Inflammação das membranas que envolvem o cerebro. Esta molestia designa-se tambem com os nomes de *febre cerebral*, e *hydrocephalo agudo*.

Symptomas. A meningite póde declarar-se subitamente, ou ser precedida de alguns prodromos, dos quaes os mais frequentes são um cançaço geral, peso na cabeça, algumas vertigens, intelligencia opprimida, e hemorrhagia nasal. Depois de um lapso de tempo, que varía entre algumas horas e muitos dias, principia a molestia. Conforme os symptomas que se manifestam, a meningite póde dividir-se em dois periodos, o de *exaltação*, e o de *collapso*.

Primerio periodo. Ne maior numero de casos o começo da meningite declara-se por dôr de cabeça mui viva; é ella acompanhada de agitação, insomnia, febre intensa, e frequentemente tambem de prisão de ventre e de vomitos. Mas é a dôr de cabeça que forma sobretudo o caracter predominante; é de ordinario lancinante, e arranca gritos ao paciente; por vezes é surda, obtusa e compressiva. Augmenta quasi sempre pelos movimentos do corpo, pela impressão de uma luz viva, e pelos sons muito agudos. Raras vezes geral, não occupa as mais das vezes senão uma parte circumpscripta da superficie do craneo, especialmente a testa, mais raras vezes as fontes ou a parte posterior da cabeça. Logo depois, sobrevem agitação e delirio; este quasi sempre calmo: então o doente profere apenas entre dentes palavras inintelligiveis. Muitos d'estes doentes sendo interrogados e distrahidos de suas ideias, respondem com bastante tino; mas em grande numero de outros, existe desde o principio um delirio furioso que obriga a fixal-os na cama por meio de uma camisola. Qualquer qua seja a sua fórma, o dilirio é, em geral, contínuo; todavia cessa muitas vezes momentaneamente, e é substituido por intervallos mais ou menos lucidos. N'esta época, percebem-se sobresaltos dos tendões nos antebraços, tremores dos membros ou verdadeiros movimentos convulsivos, como os que caracterizam o tetano ou a epilepsia. Emfim, na decima parte dos casos apparece o estrabismo, ora permanente, ora passageiro. Os movimentos convulsivos alternam de ordinario com uma leve modorra. Depois de uma duração, que é ordinariamente de tres ou quatro dias, e que póde variar desde menos de um dia até um ou dois septenarios, a molestia chega ao seu segundo periodo, ou periodo de collapso.

Segundo periodo. N'esta epoca cessa o estado de exaltação; o delirio é substituido por uma somnolencia de que se póde ao principio tirar os doentes, mas que se torna depois permanente. Aos movimentos convulsivos succede fraqueza dos membros, ora igual de ambos os lados, ora mais notavel n'uma metade do corpo; ás vezes a paralysia é parcial: limita-se ao rosto, a um membro ou sómente a alguns musculos, ao elevador da palpebra superior, por exemplo; esta acha-se então cerrada. Estas paralysias são ora permanentes, ora passageiras: céssam e tornam a voltar com intervallos irregulares, e alternam ás vezes com contracturas e movimentos convulsivos. N'este periodo da molestia as evacuações alvinas são involuntarias, e observa-se frequentemente retenção de ourina. Emfim, o doente, insensivel a tudo o que o cerca, não parece ouvir nem ver. As pupillas estão ás vezes contrahidas; de ordinario dilatadas; muitas vezes são desiguaes em ambos os olhos e irregulares. O rosto quasi constantemente pallido; exprime o pasmo. No meio d'estes graves symptomas, o pulso adquire de ordinario grande frequencia e torna-se irregular e intermittente; acontece comtudo ás vezes que a sua frequencia não é maior do que no estado normal; em alguns casos mesmo o pulso bate mais lentamente que de costume. O calor do corpo diminue então muito; n'esta epoca a respiração accelera-se e interrompe-se de vez em quando; emfim a morte sobrevem, ora

lentamente, outras vezes subitamente no meio de um accesso convulsivo. A duração d'este periodo varía entre um e cinco dias : é raro que se prolongue mais tempo. Em resumo, a molestia tem uma duração média de um a dois septenarios, raras vezes excede vinte e cinco dias ; é tambem raro que se termine depois de tres ou quatro dias. A molestia póde tambem terminar pela cura, mas raras vezes.

Causas. A meningite é uma molestia que se observa em todas as idades. Uma constituição forte, as profissões que expõem os que as exercem ás intemperies do ar, parecem ser suas causas predisponentes. As causas efficientes mais ordinarias são as pancadas, quédas e outras contusões da cabeça, com ou sem fracturas, a exposição prolongada ao sol, o abuso das bebidas alcoolicas, um violento abalo moral, uma molestia aguda ou chronica. As affecções em curso sobrevem o mais frequentemente uma meningite, são : a pneumonia, a albuminuria, a peritonite, o pleuriz, o rheumatismo articular agudo, a erysipela do rosto, a tisica..

Tratamento. A gravidade da meningite e a sua marcha rapida exige o emprego de meios promptos e energicos. Entre elles, as emissões sanguineas occupam o primeiro logar : devem ser praticadas qualquer que seja a idade dos doentes e o periodo da molestia. A quantidade de sangue que se deve tirar, e o numero das sangrias, regulam-se segundo a força do pulso. As applicacões de bichas atraz das orelhas devem ser preferidas, nas crianças, á sangria do braço ; entretanto que nos individuos adultos, é necessario recorrer simultaneamente á sangria do braço, e á appllcação de bichas atraz das orelhas. Appliquem-se ao mesmo tempo na cabeça pannos molhados em agua fria, que devem renovar-se continuadamente.

Administre-se um purgante : 30 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sal d'Epsom n'um copo d'agua fria. Diminue-se o affluxo de sangue para a cabeça, mantendo esta elevada com travesseiros. Appliquem-se sinapismos nas pernas. Administrem-se internamente os calomelanos segundo a formula seguinte :

Calomelanos ..... 1 gramma.

Divida em 10 papeis. Para tomar um papel, de 3 em 3 horas, n'uma colher d'agua fria com assucar ou em hostia Limousin.

Quando o periodo de excitação é substituido pelo estado de collapso, convem applicar um caustico na nuca. O doente deve estar collocado n'um quarto bem arejado e de temperatura moderada. Não deve ter á roda do pescoço gravata nem qualquer outro objecto que possa constranger a circulação, e não deve estar coberto. Deve achar-se n'um logar meio-escuro, e no meio de profundo silencio. A dieta será severa ; administar-se-hão bebidas refrigerantes, taes como limonadas de limão, de laranja, ou agua fria, amiudadas vezes.

MENINOS (Educação dos). A fraqueza dos meninos, os perigos que os rodeiam, os cuidados constantes e prolongados que reclamam, e as esperanças que lhes estão annexas, todas estas circumstancias justificam o interesse que inspiram. Consagremos, por conseguinte, duas

paginas d'este Diccionario ás considerações hygienicas que dizem respeito a esta idade da vida.

A alimentação que a natureza destina á criança, que acaba de nascer, é o leite de sua mãi; mas é ás vezes impossivel a esta preencher tal dever. Se estiver affectada de alguma molestia chronica, tal como a tisica, a molestia de pelle, as escrophulas, o rachitismo; se fôr de saude fraca, se não tiver bastante leite, é evidente que se ha de recorrer a uma ama. Mas tudo quanto diz respeito a esta questão foi já tratado nos artigos AMAMMENTAÇÃO e DESMAMMAÇÃO, que o leitor poderá consultar.

A maneira por que as crianças são hoje vestidas é muito mais conforme ás regras de uma sã hygiene. Os vestidos da primeira idade devem ser assaz quentes para preservarem das intemperies do ar, e bastante largos para não constrangerem de modo algum a circulação e até permittirem os movimentos mais extensos. A cabeça só deve estar coberta quando não tem cabellos, e ainda assim é preciso que os objectos com que fôr coberta não occasionem grande calor, o qual póde favorecer a producção de congestões cerebraes.

O uso de pregar os vestidos com alfinetes póde ter graves resultados. Factos ha de crianças que tiveram convulsões, por lhes haver penetrado na pelle um alfinete pregado no vestido, e que quanto mais as apertavam para assim os fazer calar, tanto mais se augmentavam os accidentes.

A cama merece igualmente fixar nossa attenção. Nunca deve ser mui quente, nem muito molle. A lã, a crina, a palha, são as materias que merecem preferencia para a sua composição. É preciso tambem que haja cuidado em que o berço não receba luz nem pela cabeça, nem pelos lados; sem esta precaução, os olhos, buscando-a continuamente, podem tomar uma direcção viciosa; por isso, esconder-se-ha a janella ou qualquer outro fóco de luz á vista da criança, mediante cortinas no berço.

Que espaço de tempo deve a criança dormir? Nos primeiros dias de sua existencia, a vida é para ella um longo somno, interrompido sómente pela necessidade de mammar. Deve deixar-se dormir quanto quizer; para adiante, nove ou dez horas de somno lhe serão sufficientes. Nunca se deve provocar o somno embalando o recem-nascido. A agitação do berço, além de excitar os vomitos e perturbar a digestão como o movimento do navio, retarda a circulação e só dispõe ao somno provocando uma ligeira congestão do cerebro. Um tal repouso é ficticio e morbido. No adulto mesmo produz entorpecimento e vertigens.

Nos primeiros dias, a criança está continuamente deitada de costas; mas bem depressa começa a mover os membrosinhos. Este exercicio fortifica e desenvolve seus orgãos. Pouco tempo depois, a criança roja, por assim dizer, sobre o chão, onde está em liberdade; depois engatinha, finalmente endireita-se e anda. Nunca se deve buscar adiantar a epoca que a natureza tem fixado para que a criança ande só; os meios mecanicos de que se faz uso para se conseguir este fim são todos mais ou menos perigosos. Quando a criança chega á epoca da adolescencia, gosta de correr, saltar, trepar; é um instincto natural que não se deve embaraçar,

tendo-se entretanto o cuidado de afastal-a de tudo quanto lhe puder ser nocivo. Nada lhe é mais util do que o exercicio dos orgãos de locomoção para desenvolver-lhe o vigor de todo o corpo. Os antigos, que entendiam melhor do que nós da educção physica, tinham muitos generos de gymnastica; além da natação, da equitação, esgrima, dansa, eram tambem exercitados pelos meninos o salto, o pugilato, a gestação de pesos, a luta, etc.; de maneira que aquelle que se exercitava assim em tudo ficava perfeitamente desenvolvido. Nem por isso se deve crer que approvo o cuidado exclusivo das forças corporaes, e que não desejo formar senão athletas e dansarinos; só quero dizer que uma educação physica bem entendida augmenta a energia moral pela saude que produz. Todos os cuidados devem, por conseguinte, tender a conservar na infancia uma especie de equilibrio entre estas duas vidas, se assim se póde dizer. A vantagem, que os pais acham em ter pequenos prodigios, não póde compensar os inconvenientes inseparaveis do desenvolvimento prematuro das faculdades mentaes; este desenvolvimento só póde ter logar com detrimento das outras funcções, e é bem raro que a criança que offerece um predominio consideravel e prematuro do cerebro tenha longa vida. Isto basta para provar quanto é importante que se consagrem os primeiros annos ao desenvolvimento physico.

Apenas o homem entra na carreira da vida logo é susceptivel de experimentar paixões. A colera, o ciume, o medo, agitam-n'o antes que possa exprimir por palavras estas paixões. É preciso se obste aos seus progressos para se evitarem os grandes perigos que os acompanham, É mui importante para a boa educação das crianças que se lhes não deixe tomar um imperio mui poderoso. Evitar-se-ha que ellas se façam ciosas, distribuindo com equidade os elogios e as exprobrações, os castigos e as recompensas. Um sentimento de justiça anima a tenra idade; a injustiça a irrita até ao ultimo ponto: tem-se visto corações juvenis, ulcerados por uma preferencia iniqua, conservarem d'ella durante toda a vida uma impressão dolorosa contra os autores de seus dias; impressão que as forças da razão não pudéram destruir. Muitas crianças emmagrecem por causa d'esta paixão. É mui necessario tambem que se privem as crianças de tudo o que lhes possa causar medo; pois que são innumeros os males que d'elle podem resultar; convem então não assustal-as voluntariamente, acostumal-as com prudencia aos objectos de seu pavor, e prohibir severamente todas essas historias que, pelas suas imagens terriveis de ladrões ou espectros, são proprias a produzirem susto. O pais devem exercer uma vigilancia muito attenta sobre as pessoas a quem confiam seus filhos. Muitas vezes se tem visto estes juvenis entes serem victimas de perniciosos costumes, communicados por criados corrompidos. *Veja-se* ONANISMINO.

MENSTRUAÇÃO, Menstruo. É o nome que se dá ao fluxo natural sanguineo que se faz pelos orgãos genitaes da mulher. Este phenomeno é tambem chamado *assistencia*, *fluxo catamenial*, *regras*, *lua*, *incommodo mensal*, *embaraço* ou *acostumado*, etc. As regras principiam na epoca da puberdade, renovam-se cada mez durante todo o tempo da

fecundidade, salvo durante a gravidez, e em geral na da amammentação, e cessam com a faculdade de conceber. Todas as mulheres, de qualquer raça da especie humana, são sujeitas ao fluxo menstrual. Antigos viajantes tinham é verdade, pretendido que as que habitam perto do pólo arctico e as indigenas da America estavam livres d'elle ; porém observações mais recentes e exactas tem provado o contrario. Bem que a menstruação pareça ser um resultado necessario da organização, existem entretanto alguns factos de mulheres que não tem sido menstruadas, sem que isto lhes haja causado incommodo algum ; mas taes exemplos são rarissimos.

A idade em que este fluxo principia varia conforme os climas. No clima intertropical, este phenomeno mostra-se, em geral, dos dez aos quatorze ou quinze annos; nos paizes temperados da Europa, um ou dois annos mais tarde, e é tanto mais tardío quanto mais as pessoas se approximam do pólo. Em summa, não ha cousa mais difficil do que estabelecerem-se epocas, ainda que approximadas, a esse respeito; pois que mil causas diversas, entre as quaes é preciso considerar primeiramente um regimen substancial, uma habitação sadia, e tambem uma educação dirigida com pouca reserva e máos exemplos, contribuem a desenvolver prematuramente na menina o instincto reproductor, a cuja existencia está ligada por laços mui estreitos á apparição do fluxo menstrual.

A primeira erupção dos menstruos annuncia-se pelos symptomas seguintes; os seios, que tomáram um desenvolvimento rapido, incham; a menina experimenta uma sensação de peso, de calor no baixo-ventre, um leve prurido nas partes genitaes, dôres vagas nas cadeiras e coxas; sobrevem um corrimento de fluido branco, que dura ás vezes, muitos mezes, mas que de ordinario é logo depois seguido do fluxo de sangue, cuja apparição faz cessar os phenomenos que acabei de indicar. Esta excreção sanguinea, ordinariamente pouco abundante, dura dois, tres ou quatro dias ; cessa para tornar a apparecer depois de um tempo mais ou menos longo; e, após alguns intervallos irregulares, toma a periodicidade. N'essa epoca da puberdade, o exterior dos orgãos genitaes principia a cobrir-se de cabello : fazem-se tambem mudanças notaveis no moral da menina; torna-se pensativa, mais reservada córa e suspira facilmente. Os phenomenos precursores da menstruação não se mostram regularmente em todas as senhoras ; ha umas em que são apenas sensiveis; outras, pelo contrario, em que são mais visiveis e vem acompanhados de dôres de cabeça e de alguns outros symptomas que, quando tem certo gráo de intensidade, constituem um verdadeiro estado morboso, do qual fallarei n'este mesmo artigo.

A duração do fluxo sanguineo de cada periodo menstrual é geralmente invariavel n'uma mulher de boa saude ; mas varia de uma a outra. É ordinariamente de quatro a cinco dias, ou, para melhor dizer, varía de tres a oito. Raras vezes está áquem ou além d'estes dois limites ; e a quantidade de sangue que as mulheres perdem é avaliada em 90 a 150 grammas. No maior numero de mulheres, cada epoca é precedida ou seguida de um corrimento branco, que não se deve confundir com as flores brancas.

Tem-se tido, em diversas epocas, ideias differentes sobre a natureza e qualidade do sangue menstrual. Nos tempos antigos, sobretudo, foi considerado este sangue como dotado de propriedades deleterias. Hoje está bem demonstrado que não differe em nada d'aquelle que é fornecido por qualquer outro phenomeno hemorrhagico; e se algumas mulheres exhalam n'esta epoca um cheiro desagradavel, a causa provém, da falta de asseio. Mas o povo ainda não está desenganado a este respeito. Em alguns paizes, ha pessoas que negam dar entrada nos logares onde se acha o vinho em deposito á mulher que tem suas regras, por julgarem que, pelo seu estado actual, podem fazer azedar o liquido.

Os nomes *menstruos* e *lua* dados a esta excreção annunciam que ella se reproduz mensalmente. È preciso entretanto convir que nada é absolutamente regular n'este caso, assim como em muitos outros da physiologia humana, na qual uma infinidade de circumstancias vem imprimir modificações na marcha natural de nossas funcções. Ha senhoras cujos menstruos apparecem regularmente cada 29 ou 28 dias; ha outras que os tem periodicamente cada 24 dias, ou são sujeitas a elles duas vezes por mez ; e em algumas, emfim, só se observam todas as seis semanas, de dois em dois mezes, e até em maiores intervallos. O dia do apparecimento das regras não é o mesmo para todas as mulheres : podem apparecer em todos os dias do mez.

Logo que a menstruação está estabelecida, continua regularmente, sem outra interrupção que a do tempo da gravidez e da amammentação, até á idade de quarenta e cinco a cincoenta annos. Este termo entretanto não é fixo. A menstruação termina ás vezes mais cedo. Assim, não é raro ver-se a menstruação acabar aos quarenta ou trinta e seis annos, e ainda antes. De outra parte, a menstruação prolonga-se ás vezes muito além do termo ordinario, até a idade de cincoenta annos, e então a faculdade de gerar é tambem conservada. Regra geral : quanto mais cedo principam os menstruos, tanto mais cedo céssam.

A cessação das regras é ordinariamente annunciada, muito tempo antes, por notaveis desarranjos. Mui raramente a menstruação cessa de repente, mas ha uma diminuição progressiva na qualidade do sangue evacuado. Uma anxiedade geral, entorpecimentos nos membros inferiores, dôres nas cadeiras, calor no rosto, são tambem phenomenos que se observam em grande numero de mulheres. Em algumas, esta epoca é acompanhada de symptomas graves : molestias que até então estavam latentes manifestam-se de uma maneira subita; outras, que existiam estacionarias, tomam uma marcha rapida. São estes casos, cujo numero tem sido muito exagerado, que inspiram tantos sustos ás senhoras, e que fizeram dar a esta epoca o nome de *idade critica*. Passado esse tempo, as forças dos outros orgãos augmentam á custa das do utero, que não tem mais vida particular ; a epoca dos perigos deixa de existir; as mulheres adquirem um fundo de vida inexhaurivel ; não são mais sujeitas ás affecções particulares do seu sexo.

Necessarios em todas as epocas da vida, os cuidados hygienicos são com mais razão indispensaveis á mulher, cuja economia, já naturalmente

sensivel, se acha violentamente abalada pelas crises menstruaes. Os cuidados, que reclama a epoca de sua primeira apparição, são em grande parte confiados á ternura materna: é ella quem deve dirigir a joven pubere nas veredas novas que tem de percorrer, e premunil-a contra os perigos. N'esta epoca da vida, a leitura dos romances é extremamente perigosa. A menina que lê romances aos onze annos terá ataques de nervos aos vinte, disse Tissot. Um exercicio moderado é de grande utilidade, assim como uma alimentação sã sem muitos temperos, a residencia em um logar bem arejado, e vestidos que permittam o livre exercicio de todos os membros e o desenvolvimento completo de todos os orgãos. Estes cuidados mui simples bastam ordinariamente quando tudo se passa na ordem natural; mas nem sempre acontece assim: em muitas meninas a menstruação estabelece-se e regulariza-se com difficuldade. Dôres de cabeça, vertigens, são frequentemente os unicos phenomenos que se manifestam nas primeiras epocas. N'este caso, é preciso pôr activamente em uso todos os meios proprios a determinar o fluxo de sangue nas partes destinadas pela natureza a darem-lhe sahida; taes são: semicupios quentes, escalda-pés, fricções com tintura de alecrim sobre as coxas, e sinapismo nos pés.

Um estado porém mais penoso e grave é o que apresenta uma menina *chlorotica*. Esta affecção, cuja causa determinante é, como precedentemente, a falta ou irregularidade dos menstruos, póde ter por predisposição um temperamento lymphatico, um amor contrariado, o ciume, etc.; elle reclama sobretudo o emprego de diversos recursos hygienicos. Por conseguinte, logo que, na epoca ordinaria da puberdade, se perceba em uma joven lymphatica e franca um estado de indolencia, é preciso excitar-lhe brandas emoções, sentimentos ternos. Convem que cultive a pintura, a musica; é necessario obrigal-a, não obstante a sua aversão pronunciada, a ir ao passeio, á dansa, ás reuniões, aos bailes, ao theatro, e a fazer outros exercicios que, sendo perigosos á menina dotada de uma imaginação ardente, são, pelo contrario, outros tantos meios para despertar na chlorotica a sensibilidade extincta. É bom que habite um quarto secco, elevado, exposto ao sol; que tome banhos frios, e sobretudo os do mar; que se nutra com alimentos tonicos e até estimulantes, como, carneiro, caça, vacca, vinho generoso. Se emfim, taes meios não forem sufficientes, poder-se-ha simultaneamente recorrer ás substancias medicamentosas apropriadas; ás infusões e decocções amargas, aromaticas, de quina, de genciana, de herva cidreira, de hortelã-pimenta, ás preparações ferreas. No caso em que a affecção proceda de amor contrariado, claro está que o mais prompto e o mais efficaz de todos os remedios é o casamento com o objecto.

O tempo dos menstruos não reclama cuidado especial algum. Digamos, entretanto, que as impressões da alma, que nas senhoras, em todo o tempo, produzem grandes effeitos, exercem então uma iufluencia muito mais pronunciada. A ellas seguramente, depois do frio e da humidade, devem ser attribuidas as suppressões subitas do fluxo periodico. Um accesso de colera, um susto, uma noticia desagradavel, bastam para

determinar este resultado. Por conseguinte, quantos cuidados e attenção-se exige o estado da mulher da parte de todos que a rodeiam, e mais particularmente do homem que a natureza lhe deo por defensor.

A epoca de cessação dos menstruos é vulgarmente considerada no mundo como uma idade perigosa para as mulheres. Este medo, como já deixei dito, é muito exagerado. Os sabios que quizeram estabelecer as leis da mortalidade nas differentes idades da vida, não acháram nada no quadro dos obitos que annunciasse os estragos do tempo critico. Não se julgue entretanto que o estado da mulher não necessite, n'esta epoca, de especial attenção. Cumpre remover tudo quanto possa produzir uma congestão sanguinea, exaltar a sensibilidade e excitar os orgãos genitaes. Um regimen alimentario brando, pouco substancial, convem em taes casos; um exereicio moderado e ao ar livre é tambem util. Um brando purgante é ás vezes util, tal como limonada de citrato de magnesia ou oleo de ricino.

Menstruação difficil ou **Dysmenorrhea.** Quando a erupção menstrual é acompanhada de dôres vivas no utero e de alguns phenomenos insolitos mais ou menos graves, taes como vomitos, desmaios, convulsões, etc., designa-se este estado debaixo do nome de *Dysmenorrhea* ou *menstruação difficil.*

Symptomas. Segundo a definição que precede, vê-se que na dysmenorrhea os symptomas predominantes tem logar ora do lado do utero, ora do lado de um orgão mais ou menos afastado. No primeiro caso, as senhoras queixam-se de colicas uterinas, que se propagam ás cadeiras, virilhas, e á parte superior das coxas; estes soffrimentos diminuem, e mesmo acalmam-se frequentemente pela compressão ou pela applicação de pannos quentes. As pacientes experimentam uma anxiedade geral; apresentam no rosto vestigios de abatimento e de dôr; tem calefrios passageiros; no maior numero d'ellas o appetite está diminuido ou perdido; muitas não podem ter-se em pé, e são obrigadas a ficar na cama durante 24 horas. Diversos phenomenos podem ajuntar-se aos symptomas precedentes: assim algumas mulheres queixam-se de dôr de cabeça extremamente viva: outras são atormentadas por vomitos amargos. Algumas desmaiam; emfim, porém raras vezes, observam-se movimentos convulsivos. Estes phenomenos raramente têm logar durante toda a epoca menstrual; as mais das vezes precedem-n'a de algumas horas ou de um dia, e continuam só durante os dois primeiros dias do fluxo. Este faz-se em geral de uma maneira desigual; ás vezes não tem logar senão ás gottas e com dôres mui vivas. Em muitas mulheres, os menstruos, depois de correrem com custo e lentamente, durante os dois ou tres primeiros dias, tornam-se mais abundantes do que costumam ser, o que, de ordinario, é seguido de um allivio notavel. O sangue não offerece commummente nada de especial a notar, corre em geral só: mas ás vezes as pacientes expulsam ao mesmo tempo, depois dos grandes soffrimentos, falsas membranas de tamanho variavel: diz-se então que a dysmenorrhea é *membranosa.* Estas membranas ora tem só alguns millimetros de largura e comprimento, ora, por sua extensão e sua fórma, representam inteiramente a cavidade uterina.

A dysmenorrhea póde fazer crer n'um aborto. Se não se chegar a reconhecer um embryão no meio de suas membranas, é impossivel differençar os dois saccos um do outro. Os unicos caracteres distinctivos consistem em que na dysmenorrhea ha sempre coincidencia do ataque com o periodo menstrual, e quasi sempre repetição dos ataques durante muitos mezes, ao passo que não acontece o mesmo no aborto.

Causas. A dysmenorrhea é produzida por causas que actuam umas durante o fluxo dos menstruos, outras no intervallo dos mezes. Assim os symptomas da dysmenorrhea sobrevem ás vezes nas sonhoras que, durante o fluxo menstrual, se expõem á impressão do frio, ao coito, a uma grande caminhada, ou experimentam uma emoção moral viva. Quanto ás causas que exercem a acção no intervallo das regas, de ordinario não são conhecidas. Cita-se sobretudo a vida sedentaria, a continencia, as paixões vivas, a superabundancia de sangue, uma constituição demasiada forte ou mui debil ; mas não se sabe nada de positivo a este respeito. Ha, além d'isto, senhoras que, depois de soffrerem dysmenorrhea durante muitos annos, tem a menstruação mui facil, sem que comtudo semelhante mudança possa explicar-se por nenhuma modificação sobrevinda na constituição das doentes, ou na sua maneira de viver. Em regra geral, a dysmenorrhea encontra-se mais frequentemente nas donzellas; desapparece de ordinario depois da primeira gravidez. Emfim, os mesmos accidentes tornam a reproduzir-se nos annos que precedem a idade critica.

Tratamento. A mulher deve ficar na cama, em quanto durarem as colicas uterinas, e conservar sobre o baixo-ventre toalhas quentes ou cataplasmas de linhaça regadas com 30 gottas de laudano de Sydenham. Deve beber chá da India bem quente, ou infusão de herva cidreira, de folhas de laranjeira ou de arruda. Tome um clyster segundo esta receita:

Cozimento de raiz de althea.....	180 grammas.
Laudano de Sydenham.....	15 gottas.

As pilulas seguintes são tambem uteis :

Extracto de opio.....	25 milligrammas.
Camphora.....	10 centigrammas.
Mucilagem de gomma arabica.....	quantidade sufficiente.

Faça 1 pilula, e como esta mais outra. Para tomar 1 pilula pela manhã outra á noite.

Um banho geral d'agua tepida, de meia hora a uma hora de duração, póde tambem ser vantajoso.

O tratamento preventivo da dysmenorrhea varía segundo as causas que parecem produzil-a : assim combate-se a superabundancia de sangue pelo regimen composto principalmente de vegetaes, fructas, leite; prescrever-se-hão, pelo contrario, os banhos do mar e as preparações de ferro ás senhoras cuja constituição fôr debil. Eis-aqui a nomenclatura d'essas preparações.

Ferro Quevenne.

Para tomar uma colher medida por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar ou em hostia Limousin.

Pilulas ferruginosas de Blaud.

No 1°, 2° e 3° dias, *uma* pilula pela manhã e de noite.
No 4°, 5° e 6° dias, *uma* pilula pela manhã, ao meiodia e de noite.
No 7°, 8° e 9° dias, *duas* pilulas pela manhã e de noite.
No 10°, 11° e 12° dias, *duas* pilulas pela manhã, ao meio dia e de noite.
No 13°, 14° e 15° dias, *tres* pilulas pela manhã, ao meio dia e de noite.
Nos dias seguintes, *quatro* pilulas tres vezes por dia.

Pilulas ferruginosas de Vallet.

Para tomar *quatro* pilulas por dia.
As verdadeiras pilulas de Vallet não são prateadas mas sim brancas, com o nome de Vallet impresso em cada pilula.

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.

Para tomar na primeira semana, *duas* pela manhã e *duas* á noite.
Na segunda semana, *duas* pela manhã e *tres* á noite.
Na terceira semana, *tres* pela manhã e *tres* á noite.
Continua-se com esta dóse até obter-se a cura completa.

Vinho ferruginoso de glycerina e quina, de Catillon.

Para tomar um calice antes ou depois das refeições.

Vinho de Cabanes.

Para tomar um calice de licor antes do almoço e do jantar.

Vinho de peptona de Catillon.

Para tomar um calice no correr do dia ou á sobremeza.

Vinho de Bellini.

Para tomar 2 a 3 colheres, *de sopa*, por dia.

Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet.

Toma-se em pilulas, grageias, solução, xarope ou vinho segundo o gosto da doente.

Falta de menstruação ou **Amenorrhea.** Dão-se estes nomes não só á ausencia e á suppressão dos menstruos, mas ainda á sua diminuição consideravel.

Ha diversas amenorrheas : 1.° amenorrhea *constitucional*, isto é, a que está ligada a um estado geral da pessoa ; 2.° amenorrhea por *causa local*, symptomatica de um estado morbido do utero ou de seus orgãos annexos; 3.° amenorrhea que depende da existencia de uma molestia local, mas *situada n'um outro orgão que o utero.* N'estas tres divisões a

amenorrhea póde ser *completa* ou *incompleta*, segundo que os menstruos faltam totalmente ou correm ainda um pouco. A amenorrhea é *primitiva*, quando as meninas chegadas á puberdade, ou tendo passado esta epoca, não vêem apparecer suas regras : diz-se então assaz impropriamente que a amenorrhea é devida á *retenção;* se pelo contrario, as regras faltam nas senhoras já menstruadas, a amenorrhea é chamada *accidental* ou *por suppressão*.

Causas. A amenorrhea póde ser observada nas senhoras de constituições as mais diversas; entretanto a que é constitucional e primitiva, encontra-se especialmente nas meninas lymphaticas, e submettidas a causas debilitantes, taes como uma alimentação insufficiente, a habitação em logares baixos e humidos, as paixões tristes a vida sedentaria, a falta de exercicio, trabalhos excessivos. Na mulher já menstruada, e submettida ás mesmas circumstancias, o fluxo catamenial diminue gradualmente, e emfim desapparece. A constituição robusta ou o estado plethorico de algumas senhoras é tambem, em certos casos, uma causa rara, mas bem provada, da amenorrhea. — Já deixei indicado que a amenorrhea podia depender de uma lesão mais ou menos evidente do utero e de seus annexos : taes são a inflammação, os engurgitamentos chronicos, as deslocações, ou falta de desenvolvimento dos orgãos genitaes. Ás vezes, a amenorrhea depende unicamente de um estado de atonia do utero; n'este caso, a excitação do orgão pelo matrimonio basta ás vezes para produzir uma menstruação regular. — Emfim, frequentemente as regras não se estabelecem ou faltam na sua epoca em consequencia do soffrimento de um orgão importante. A molestia de peito produz frequentemente este resultado.

A maior parte das causas precedentes oppõem-se á apparição das regras, ou impedem a sua volta nas senhoras já menstruadas. Entretanto, o maior numero de amenorrheas, que se observam n'estas ultimas, sobrevem em consequencia de uma suppressão subita das regras, debaixo da influencia de causas variadas; as mais das vezes, depois da acção do frio, por exemplo, depois da immersão do corpo inteiro ou de uma parte em agua fria. As emoções moraes vivas, a colera, uma alegria excessiva, e mais frequentemente ainda o susto, produzem o mesmo effeito, e isto n'uma proporção muito maior do que o frio. Estas mesmas causas, reproduzindo-se frequentemente no intervallo dos menstruos, podem retardar estes ou mesmo impedil-os de tornarem a voltar na sua epoca habitual.

Symptomas. Em alguns casos, a ausencia ou diminuição consideravel do fluxo menstrual é a unica mudança que se observa na saude da mulher; a suppressão das regras não é acompanhada então de accidente algum. Comtudo estes factos são excepcionaes : na maioria dos casos, com effeito, sobrevem perturbações mais ou menos numerosas. Frequentemente apparecem congestões sanguineas na cabeça, no peito, no ventre; outras vezes predominam os phenomenos nervosos. Assim as pacientes experimentam anxiedades geraes, uma sensação de calor, pulsações e calores insolitos, passageiros, em diversas partes do corpo;

outras queixam-se de dôres de eabeça, vertigens, zunidos de ouvidos; tem a vista turva; sentem torpor, somnolencia, ou são, pelo contrario, atormentadas por insomnias; algumas ha que se queixam sobretudo de suffoeações, oppressões, palpitações, desmaios. Emfim, algumas tem eolieas surdas, pesos nas virilhas, nas eoxas e no assento. Sobrevem diversas hemorrhagias, para supprir o fluxo menstrual que falta, ou apparece uma febre passageira. As senhoras nas quaes os symptomas nervosos predominam, queixam-se de dôres vivas de natureza nevralgieas; outras tem espasmos, eontraeturas e diversas nevroses do lado dos orgãos digestivos.

Cumpre não esqueeer, que nas senhoras jovens a amenorrhea póde ser a eonsequeneia de uma gravidez ineipiente. Mas n'estes easos, não se póde ter duvidas sobre a verdadeira eausa da falta da menstruação senão nos primeiros mezes; porque, mais tarde, os ruidos uterino e fetal tirarão todas as duvidas. N'estes easos duvidosos é preeiso proceder eom prudencia, e esperar algum tempo, antes de se deeidir a empregar os meios energieos.

Tratamento. Quando a falta de menstruação é aeompanhada de ealor no rosto, de dôres de eabeça, e espasmos, eonvem praticar uma pequena sangria no braço, ou appliear tres biehas na parte interior de cada joelho ou na parte superior das eoxas, e usar de pediluvios com farinha de mostarda. Mas as emissões sanguineas são irraeionaes e sem vantagem nas meninas ehlorotieas pallidas, nas quaes a amenorrhea parece depender da fraqueza da eonstituição; n'este easo, pelo eontrario, os esforços da medieina devem tender a augmentar as forças das doentes. Para estas eonvem recorrer á alimentação sueculenta, á earne de vacca assada, eostelletas de earneiro, filhotes, mingáos de araruta, tapioea, geleas animaes e vegetaes, vinho; ao exereieio ao ar, aos banhos frios de rio ou do mar, aos banhos quentes aromatieos, ás fumigações estimulantes, ás fricções nas eoxas com linimentos estimulantes, ás preparações de ferro, ás aguas ferreas, aos medicamentos tonicos. Eis-aqui as reeeitas:

1.° *Fumigação estimulante.*

Folhas de absinthio.....	15 grammas.
Folhas de artemisia.....	15 —
Agua fervendo.....	1 litro.

Dirija-se o vapor sobre as partes genitaes.

2.° *Para bebida.*

Infusão quente de herva cidreira, de arruda, de camomilla romana, de maeella, de hysopo, de sabina.

Qualquer d'estas bebidas eonvem em todas as espeeies de falta de menstruação.

3.° *Pilulas emmenagogas.*

Açafrão.....	2 gram.	Extracto de absinthio.	2 gram.
Extracto de arruda...	2 —	Aloes.....	2 —

Faça 40 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

4.° Vinho de genciana..... 360 grammas.

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

5.° *Ferro Quévenne.*

Para tomar um papel por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar ou em hostia Limousin.

6.° *Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.*

Para tomar *duas* pela manhã e *duas* á noite.

7.° *Pilulas ferruginosas de Vallet.*

Para tomar *quatro* pilulas por dia.

8.° *Pilulas ferruginosas de Blaud.*

Tomam-se nas mesmas dóses que na dysmenorrhea. *Veja-se* pag. 410.

9.° *Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet.*

Toma-se em pilulas, grageias, solução, xarope ou vinho segundo o gosto da doente.

10.° *Vinho ferruginoso de glycerina e quina de Catillon.*

Para tomar um calice antes ou depois das refeições.

11.° *Vinho de peptona de Catillon.*

Um calice, no correr do dia ou ás sobremezas.

12.° *Vinho de Bellini.*

Para tomar 2 a 3 colhores, *de sopa*, por dia.

13.° *Vinho de Cabanes.*

Para tomar um calice *de licor* antes das refeições.

14.° *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada.....	10	grammas.
Oleo volatil de cravo.....	10	—
Alcoolato de zimbro.....	180	—

Misture. Para friccionar as coxas, uma vez por dia, com uma colher *de sopa* d'este linimento.

15.° *Banhos aromaticos.*

O modo de sua preparação está indicado no vol. I, pag. 291.

É inutil dizer que, se a amenorrhea depender de alguma molestia do utero, é contra esta molestia que deve ser dirigido o tratamento.

MENTAGRA ou **Sycose.** Molestia caracterizada por botões vermelhos, que se desenvolvem na barba, ás vezes no labio inferior e nas partes lateraes do rosto; estes botões occasionam uma comichão viva, abrem-se e suppuram.

Symptomas. Durante alguns mezes, e com longos intervallos, apparecem na parte inferior do rosto, nos logares em que ha cabello, pequenos botões de duração ephemera. Estes botões são depois substituidos por uma pequena *pustula* acuminada e dolorosa, que se rompe ao cabo de tres ou quatro dias, e deixa uma *pequena crosta* que cahe sem deixar vestigio de sua existencia. Uma outra pustula apparece logo depois, segue a mesma marcha, com duração mais longa, até que emfim sobrevenha uma erupção de muitas postulas, acompanhadas de comichão dolorosa e de vermelhidão. N'esta epoca, já se póde verificar n'este grupo de pustulas uma pequena *induração* na base. As *crostas* produzidas pela suppuração de mais em mais abundante são mais grossas; são *anegradas*, seccas, pouco adherentes. Depois de sua quéda, apparecem novas pustulas que percorrem as mesmas phases que as primeiras. A inflammação, fazendo progressos, produz engurgitamentos tuberculosos, cada vez mais extensos. É n'estes casos que a barba se altera na sua fórma; ás vezes estes tumores parecem-se um tanto com as cerejas, e dão á physionomia um aspecto particular. N'um gráo mais adiantado, a molestia póde occasionar a queda do cabello, e produzir até mesmo verdadeiros abcessos.

A *duração* da mentagra é extremamente variavel, e em geral mui longa. Quando termina pela cura, os engurgitamentos tuberculosos abatem pouco a pouco; as crostas cahem; e as pustulas, que se tornam de mais em mais raras, cessam inteiramente de apparecer. Quando a molestia durou muito tempo, deixa marcas rubras, violaceas, sobre cuja superficie se faz uma exfoliação epidermica.

Causas. A mentragra não existe nas senhoras : ataca exclusivamente os homens e em particular os que tem muita barba, que são dotados de constituição sanguinea. A molestia é devida ao desenvolvimento de um vegetal parasitico na raiz do cabello; d'onde se segue que, pelo unico emprego de uma navalha que esteve em contacto com uma erupção de mentagra, se póde contrahir a mesma molestia. Em outros termos, a mentagra é contagiosa.

Tratamento. Para curar a molestia é preciso destruir o vegetal parasitico. Para este fim, cumpre tocar todos os dias as pustulas com um pincel molhado em oleo de cade, ou em creosote misturado com maior ou menor quantidade d'agua fria. Se estes meios não forem sufficientes, deve-se praticar a epilação, arrancando com uma pinça o cabello da barba, um por um, e applicar depois o seguinte *liquido parasiticida:*

Agua distillada.....	30 grammas.
Sublimado corrosivo.....	5 centigrammas.

Dissolver.

No intervallo d'estas applicações, lava-se o logar affectado com agua tepida ou com o cozimento de raiz de althea morno; e, se a inflammação fôr intensa, appliquem-se cataplasmas de fecula de batatas. Durante o curso do tratamento, convem supprimir o uso da navalha; cumpre cortar a barba com tesoura, e conserval-a n'um estado de perfeito asseio.

MENTHASTRO. *Veja-se* HORTELÃ.

MENTRASTO. *Veja-se* HERVA DE S. JOÃO.

MENTRUZ. *Veja-se* HERVA DE SANTA MARIA.

MENYANTHE TRIFOLHADA ou **TRIFOLIO FIBRINO.** Planta da familia das Gencianas que abunda nos terrenos pantanosos e alagadiços. É uma herva vivaz, as floras brotam em uma haste muito comprida e desabrocham na primavera. Extrahe-se das folhas um principio amargo, a menyanthina, que gosa de propriedades tonicas e febrifugas. Entra na composição do xarope antiescorbutico. O extracto d'esta planta administra-se na dóse de 1 a 3 grammas em poção. Os antigos autores attribuiam-lhe uma forte acção vermifuga e antifebril; essas diversas propriedades são, porem, assaz duvidosas. A menyanthe trifolhada é pouco usada e não merece ser recommendada.

MERCURIAL, Planta da familia das Euphorbiaceas que cresce nos logares cultivados, com a qual se faz um mel purgativo (fig. 657 e 658).

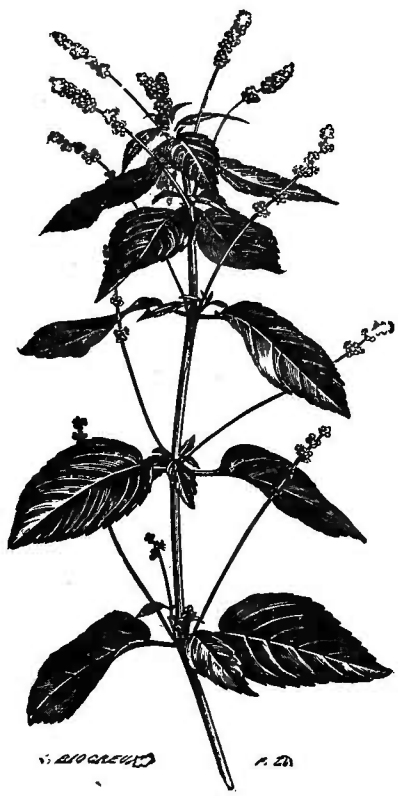


Fig. 657. — Mercurial macho.



Fig. 658. — Mercurial femea.

Não se deve confundir esta mercurial annual com uma outra planta do mesmo grupo, a mercurial vivaz (*mercurialis perennis*) que cresce nos mattos. As propriedades são identicas as da precedente, no entanto é mais activa e deve ser empregada com muita cautela.

MERCURIO ou AZOUGUE. Metal liquido na temperatura ordinaria, brilhante, de côr branca, levemente azulada; pesa treze vezes e meia

mais do que a agua. Seus usos são importantes e variados. Serve para a confeição dos barometros e thermometros; emprega-se para dourar e pratear os metaes; unido ao estanho, forma a amalgama chamada *aço dos espelhos;* emfim, ministra á arte de curar grande numero de compostos energicos. O mercurio combina-se facilmente com o ouro; d'aqui vem o preceito para os doentes que fazem fricções com unguento mercurial. de tirarem os anneis dos dedos para evitarem o estrago que n'elles faria o mercurio.

Nada está tão bem provado como a efficacia do mercurio no maior numero das molestias venereas. As pessoas estranhas á arte de curar, tem geralmente grande repugnancia em empregar este remedio. Não negarei que se tenha abusado do mercurio, que os empiricos e os ignorantes possam ainda abusar d'elle; mas sempre a opinião dos mais sabios medicos é que o mercurio, empregado com cautela, deve merecer toda a confiança, e que é o mais seguro meio contra a syphilis. Assim, os charlatães, que asseguram em seus annuncios que as preparações que vendem não contém mercurio, tem o cuidado de juntar ao seu *arrobe*, pretendido vegetal, ao seu *vinho de salsaparrilha*, ás suas pilulas, etc., certa quantidade de sublimado (deutochlorureto de mercurio) que constitue toda a virtude do remedio. O unico accidente, que póde attribuir-se ao uso que se faz do mercurio nas molestias, é a salivação; mas, além de não ser este estado de gravidade real, não ha medico que não saiba prevenil-o ou fazêl-o cessar logo ao principio. Quanto aos terrores espalhados no vulgo sobre a pretendida penetração do mercurio em todos os tecidos da economia, e principalmente nos nervos e ossos, sendo causa de dôres, caries, paralysias, e até da loucura... direi que nunca tratamento algum mercurial, dirigido por um medico instruido, póde ter este resultado; até não está ainda bem provado que fossem observados taes accidentes nos casos em que se houvesse realmente abusado do mercurio. Novas discussões scientificas provaram tudo quanta havia de falso e de exagerado na opinião publica, relativamente aos pretendidos estragos do mercurio. Os tremores paralyticos, que podem ser attribuidos á acção deleteria do mercurio, sobrevem só nas profissões que necessitam de uma exposição contínua e prolongada ás emanações mercuriaes. A suspensão do trabalho, e o uso de banhos mornos, ou de vapor, são os melhores remedios que se conhecem contra este genero de molestia. *Veja-se* SALIVAÇÃO.

O mercurio emprega-se em fricções, debaixo da fórma de *pomada* ou *unguento mercurial;* para isto tritura-se com banha até não apparecerem mais globulos metallicos. Estas fricções usam-se para desfazer os tumores ou engurgitamentos, ou como antisyphiliticas, ou para matar os piolhos. Administra-se tambem em pilulas contra a syphilis. Ha muitas composições do mercurio. Passo a examinal-as successivamente.

Oxydo rubro de mercurio, *bioxydo de mercurio*, *deutoxydo de mercurio*, *precipitado rubro* ou *pós de Joannes*. É de côr rubra alaranjada, quasi insoluvel em agua, mais soluvel no alcool. — Emprega-se sobretudo para uso externo, para cauterizar as excrescencias syphi-

liticas, as ulceras boubaticas; entra na composição de muitas pomadas ophthalmicas. Internamente usa-se contra as boubas na dóse de 1 centigramma em pilulas. Póde-se elevar a dóse a 2 centigrammas por dia: em maior dóse produziria accidentes graves, por causa de sua acção caustica.

Proto-chlorureto de mercurio, *mercurio doce* ou *calomelanos*. Sal solido, branco ou branco amarellado quando foi exposto ao ar, crystallizado em agulhas prismaticas, inodoro, insipido, insoluvel em agua e no alcool. Esta composição mercurial usa-se principalmente nas molestias do cerebro, do figado e do baço, na dóse de 5 a 25 centigrammas por dia, internamente em pó ou pilulas. Raras vezes se emprega como antisyphilitico; mas foi aconselhado por alguns medicos como purgativo e vermifugo. Produz evacuações alvinas na dóse de 1 gramma. Tem o inconveniente assaz grave de occasionar facilmente a salivação, pelo que não deve ser administrado senão nos casos, que deixei indicados, em que não póde ser substituido por outros medicamentos. Como purgativo ou vermifugo, os calomelanos podem ser substituidos por muitas outras substancias.

Bi-chlorureto de mercurio, *deuto-chlorureto de mercurio*, *sublimado* ou *sublimado corrosivo*. Acha-se no commercio em pedaços mais ou menos volumosos, solidos, pesados, circulares, concavos de um lado, convexos do outro; é branco, crystallizado em agulhas prismaticas, inalteravel ao ar, inodoro, de sabor caustico e metallico, soluvel em agua, alcool e ether.

É um dos mais violentos venenos: ingerido na dóse de 25 a 30 centigrammas, corroe as membranas do estomago, produz um calor acre e ardente na garganta e na bocca do estomago, vomitos, dejecções alvinas, dôres atrozes, phenomenos nervosos e a morte. Quando se emprega como remedio, administra-se na dóse de 6 a 10 milligrammas. Depois da ingestão d'esta fraca dóse, sentem-se ainda algumas colicas. O sublimado é empregado na syplilis, nas boubas e em algumas molestias da pelle. 1 1/2 gramma a 2 grammas curam os symptomas primitivos da syphilis. O sublimado é um dos medicamentos mercuriaes que menos frequentemente produzem a salivação. Para o tratamento do *envenenamento* que póde ser occasionado pelo sublimado, *veja-se* vol. I, pag. 984.

Cyanureto de mercurio, Sal sem côr, de sabor desagradavel, mui venenoso, crystallizado em prismas rhomboides, soluvel em agua, pouco soluvel no alcool. Aconselhado nas molestias cutaneas na dóse de 3 milligrammas por dia; mas deve ser empregado com muita prudencia.

Proto-iodureto de mercurio. Apresenta-se em pó amarello esverdeado, inodoro, de sabor metallico, volatil, insoluvel em agua e no alcool. Altera-se sob a influencia da luz, pelo que deve ser conservado em frascos de vidro opaco e em logar escuro. Emprega-se com muita vantagem contra os cancros venereos, e outros symptomas da syphilis, internamente, na dóse de 25 milligrammas a 10 centigrammas por dia, em pilulas.

Deuto-iodureto de mercurio. Pó de bella côr vermelha, insoluvel em agua, mas soluvel no alcool e no ether, alteravel pela luz, pelo que deve ser conservado em frascos pretos, e em logar escuro, Antisyphilitico, mas muito mais energico do que o proto-iodureto; é pouco empregado internamente; usa-se sobretudo em pomada.

Salicylato de mercurio ou d'hydrargirio. Segundo uma communicação feita á Sociedade de polyclinica geral do Rio de Janeiro o doutor Silva Araujo reconhece serias vantagens no emprego do salicylato de mercurio porque é elle facilmente supportad pelo estomago, não occasionando gastralgias nem enteralgias, nem colicas, nem diarrhea que são quasi sempre o resultado das outras preparações mercuriaes. O salicylato de mercurio nunca produz a estomatite mercurial, a sua acção, internamente, é mais rapida que a de qualquer outro sal de mercurio.

O salicylato de mercurio é muito empregado contra a syphilis. Administra-se'o na dóse de 5 centigrammas por dia, debaixo da forma de pilulas impressas de L. Frere, de 1 centigramma. O salicylato de mercurio é fabricado em seu todo no proprio laboratorio das pilulas impressas de L. Frere, á rua Jacob, nº 19 em Pariz.

Sulfureto rubro de mercurio ou *cinabrio*. Apresenta-se em pedaços de grossura variavel, compostos de grande numero de agulhas crystallinas, dispostas parallelamente, côr roxa, que passa a vermelha viva pela pulverização. Reduzido a pó fino, chama-se *vermelhão*. Emprega-se na pintura, e para dar côr vermelha aos lacres. Em medicina, entra na composição de algumas pomadas, usadas nas molestias cutaneas.

Fulminato de mercurio, *mercurio fulminante* ou *pós de Howard*. Pó cinzento- amarellado, crystallino, mui perigoso para se lhe pegar com as mãos, susceptivel de detonação violenta pelo choque, pela acção do calor a 186° ou pelo simples contacto dos acidos sulfurico e azotico concentrados. Obtem-se operando o mercurio pelo acido em presença do alcool. Foi descoberto em 1799 por Howard. Prepara-se em grande escala para a fabricação das capsulas de espingarda.

Nitrato acido de mercurio. Liquido transparente, sem côr, tornando-se verde pela acção da luz, inodoro, de sabor caustico. Caustico violento, empregado para cauterizar as mordeduras dos animaes venenosos, as ulceras cancerosas, etc.

Sub-sulfato de deutoxydo de mercurio ou *turbito mineral*. Sal amarello, insoluvel na agua. Só se emprega externamente; entra na composição das pomadas usadas contra os dartros.

MESENTERIO. Grande prega do peritoneo que está ligada á columna vertebral por uma de suas extremidades e que sustenta os intestinos ao qual constitue um pediculo membranoso. O mesenterio é composto de duas pelliculas completamente unidas uma á outra, separadas apenas no ponto onde se acha o intestino. Em sua espessura encontram-se veias e arterias que vão ter ao tubo intestinal e ganglios lymphaticos que se incham durante a digestão.

METALLOTHERAPIA. Tratamento de certas molestias e principalmente da hysteria por meio da applicação de placas metallicas na superficie da pelle. O ouro, a prata, o zinco, o cobre; o ferro parecem actuar como a electricidade em alguns doentes. Não obstante, um individuo sensivel á acção de um metal pode nada sentir se lhe applicarem um outro metal. Antes de começar o tratamento deve-se experimentar qual é o metal que actuará com mais força sobre o individuo que se vai tratar.

METEORISMO ou **Tympanite.** Augmento de volume do ventre pela presença de gaz nos intestinos ou na cavidade do peritoneo. O ventre torna-se então sonoro á percussão. É um symptoma assaz ordinario da enterite e da peritonite; acompanha mesmo, em gráos diversos, grande numero de molestias. Diz-se *meteorizado*, o ventre em que se observam os phenomenos do meteorismo. *Veja-se* FLATULENCIA.

METRITE. Inflammação do utero. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Metrite aguda. *Causas.* As causas d'esta molestia são : as pancadas sobre o ventre, a quéda sobre as nadegas ou joelhos, a suppressão subita da menstruação por uma imprudencia, tal como, immersão n'agua fria, um parto laborioso, as manobras violentas praticadas com o forceps ou com a mão para fazer a extracção da criança. Emfim, esta molestia, como outras muitas, póde declarar-se sem causa conhecida.

Symptomas. A doente experimenta na parte inferior do ventre uma dôr obtusa que se propaga ás cadeiras, ás virilhas, e, ás vezes, ás coxas; esta dôr augmenta pela pressão praticada no baixo ventre; existe tambem difficuldade de ourinar. Ha suppressão de menstruação ou de locchios, se a molestia se declarou na epoca das regras ou depois do parto. A molestia principia de ordinario por calefrios mais ou menos intensos; existe febre, sêde e fastio.

A *duração* da inflammação aguda do utero é ordinariamente de quinze a vinte dias; mas póde limitar-se a alguns dias. As mais das vezes a molestia sara, ou passa ao estado chronico.

Tratamento. O tratamento da metrite aguda é proporcionado á extensão da molestia e á gravidade dos symptomas. Compõe-se de bichas que se applicam na parte inferior do ventre, ou nas virilhas, de semicupios d'agua morna, de cataplasmas de linhaça no ventre, de clysteres de cozimento de linhaça, e de bebidas emollientes, taes como infusão de linhaça, de flores de malvas ou de cozimento de cevada. Fazem-se duas vezes por dia fricções no ventre com o linimento seguinte :

Oleo camphorado.....	15	grammas.
Balsamo tranquillo.....	15	—
Laudano de Sydenham.....	15	—

Misture-se.

Todo este tratamento será auxiliado com uma dieta mais ou menos severa.

Metrite chronica. A inflammação chronica do utero é caracterizada por um engurgitamento; isto é, pelo augmento de volume com

endurecimento, ou ás vezes com diminuição de consistencia da parte affectada.

Causas. As causas da inflammação chronica do utero nem sempre podem ser determinadas; entretanto, tem-se reconhecido a acção das influencias seguintes. Em primeiro logar, a molestia é muito mais rara nas senhoras jovens, e nas que não tiveram filhos, do que nas que são de certa idade e que tiveram muitos partos, mórmente se estes foram laboriosos, ou se houve abortos..A cessação dos menstruos é talvez a epoca em que os engurgitamentos do utero se mostram com mais frequencia. Póde-se attribuir a molestia ás contusões sobre o ventre, ás sacudiduras repetidas, aos excessos venereos, á suppressão da menstruação por alguma affecção viva ou alguma imprudencia. Emfim, a metrite chronica póde succeder á metrite aguda.

Symptomas. Os primeiros phenomenos da inflammação chronica do utero são muito obscuros, salvo se esta molestia fôr a terminação de uma inflammação aguda. Ordinariamente, a doente experimenta desde longo tempo um peso nas cadeiras, dôres no estomago e difficuldade na digestão. A menstruação torna-se irregular nas suas epocas, e na quantidade de sangue. Mais tarde, manifesta-se peso na região do utero, uma sensação de compressão no anus, dôr no andar ou no transporte em sege mal suspensa. Existe prizão do ventre, difficuldade na emissão das ourinas, que frequentemente são vermelhas e carregadas. Ao mesmo tempo observa-se uma purgação mais ou menos espessa, e ás vezes misturada com sangue. Sobrevem em alguns casos pequenos accessos de febre, bem que geralmente o estado do pulso permaneça no seu typo ordinario : nota-se tambem uma inchação dos seios como no principio da gravidez. A attenção do medico fixa-se então necessariamente no utero : n'este orgão é que elle deve procurar a causa dos phenomenos, para saber se a molestia é uma degeneração cancerosa ou scirrhosa, um polypo, ou uma inflammação chronica do utero, visto que todas estas molestias podem produzir phenomenos analogos; só pela exploração com o dedo ou pela inspecção com a vista, por meio do instrumento chamado *especulo*, póde o medico decidir a questão. Quando a inflammação é chronica, o dedo reconhece um augmento no volume do collo uterino, ás vezes uma durcza, outras vezes certa molleza. A compressão na parte inferior do ventre, feita durante estas manobras, determina quasi sempre uma dôr no utero

Tratamento. O tratamento da inflammação chronico do utero é muito longo e difficil. Convem principiar pela applicação de dez a doze bichas na parte superior das coxas. A doente tomará todos os dias um ou dois semicupios com o cozimento morno de folhas de malvas, e fará seringatorios no utero com este mesmo cozimento ou com o decocto de linhaça. Se as dôres forem intensas, os seringatorios serão feitos com o cozimento de dormideiras : os banhos com o cozimento de folhas de trombeteira são uteis no mesmo caso. Depois de empregar por algum tempo estes meios emollientes e calmantes, é preciso mudar de tratamento e recorrer aos medicamentos resolventes e tonicos. Os seringato-

rios com agua vegeto-mineral, com a solução de pedrahume, os banhos frios de rio ou de mar, as fricções no ventre com pomada de iodureto de potassio, convem n'este periodo da molestia. As doentes devem fazer algum exercicio, habitar de preferencia fóra das grandes cidades, nutrir-se com alimentos substanciaes : um pouco de vinho é-lhes vantajoso. Eis-aqui as receitas :

1.° Agua vegeto-mineral..	1/2 litro.	3.° Pomada de iodureto de potassio.....	30 gram.
2.° Agua.....	1/2 —		
Pedrahume.....	30 gram.		

METRORRHAGIA ou HEMORRHAGIA DO UTERO. *Veja-se* vol. II, pag. 133.

MEXILHÃO. *Veja-se* MARISCO.

MEZEREÃO. *Veja-se* TROVISCO.

MÉZINHA. *Veja-se* CLYSTER.

MIASMAS. Tomando a palavra em sua accepção lata, consideram-se sob este titulo todas as *emanações nocivas*, que corrempem o ar, e atacam o corpo humano. Nada ha mais obscuro do que a natureza intima dos miasmas : conhecemos muitas causas que os originam ; podemos apreciar grande numero de seus effeitos perniciosos, e apenas sabemos o que elles são. Submettendo-os á investigação de nossos sentidos, só o olfato nos póde advertir da sua presença : não nos é dado tocal-os nem vêl-os. A chimica mais engenhosa perde-se na subtileza das dóses e combinações miasmaticas; de ordinario, nada descobre no ar insalubre ou mortifero que d'elles esteja infectado, e quando consegue reconhecer n'elle uma proporção insolita, ou a presença accidental de algum principio gazoso, não nos releva senão uma diminutissima parte do problema.

Deixemos, por conseguinte, a sua composição intima, e occupemo-nos de suas causas, effeitos e dos meios preservativos. Os miasmas fazem parte d'esse systema geral de emanações, que tem tão grande parte na natureza. Cada ente os recebe e os transmitte reciprocamente. N'esta troca contínua de elementos, operam-se as misturas, as separações, as combinações mais variadas. Em certos casos nascem miasmas, especies de venenos volateis, invisiveis, impalpaveis, cujas fontes são felizmente conhecidas, e que podemos evitar ou destruir.

As condições que favorecem os desenvolvimentos miasmaticos estão bem determinadas. Os pantanos offerecem-se em primeiro logar. Ninguem ignora quanto são communs, sobre o globo, as molestias, e especialmente as febres intermittentes benignas ou perniciosas que provém d'elles. Estes effluvios pantanosos, cujos insalubres effeitos sobem de ponto pela decomposição das materias vegetaes e animaes, são sobretudo temiveis nos paizes quentes, visto que a actividade da putrefacção está na razão directa do calor. Assim, os pantanos immensos do norte da Europa, tem pouca influencia sobre a saude, e parece que nenhuma sobre a duração da vida; entretaudo que a Africa occidental é o paiz mais insalubre do mundo. Depois das inundações consideraveis, desen-

volvem-se tambem effluvios dos terrenos que acabam de ser submergidos. Estes effluvios constituem um grande fóco de infecção; são elles que tornam insalubres as margens dos rios, ribeiros e regatos sujeitos a trasbordar, os paizes em que o terreno, por causa de sua natureza e inclinação, não póde nem absorver as aguas da chuva, nem permittir seu escorrimento. Estes miasmas causam na *America* a insalubridade de Cayenna, das margens do Mississipi, de Orenôco, etc.; na *Africa*, de toda a porção de suas margens occidentaes situada entre o rio de Senegal e a Cafraria, de Madagascar, do baixo Egypto depois da retirada do Nilo, etc.; na *Europa*, da vizinhança de Roma, Mantua, da Sardenha, de alguns pontos da Corsega, etc.; e na *Asia*, das planicies de Bengala, dos arredores do Euphrates, do Ganges, etc., etc.

Devem ser assemelhados aos pantanos salgados os porões dos navios, e aos d'agua doce os canaes mal conservados, nos quaes o lodo se demora uma parte do anno; os arrozaes, emfim, as ruas e as estradas convertidas em uma lama preta e infecta pelas aguas da chuva e pelas das casas, pelo rodar das seges, pelo transito dos homens e animaes.

Parece bem provado, tanto por experiencias directas como por factos observados sobre as margens da Italia e Provença, que a mistura das aguas do mar e da agua doce determina uma infecção muito mais consideravel, do que quando estas mesmas aguas se estagnam isoladamente.

Ha muitas industrias que diffundem no ar principios maleficos; taes são as explorações das minas, as fabricas em que os obreiros trabalham com materias animaes. Em toda a parte em que se acham individuos da especie humana, animaes, vegetaes, existem necessariamente miasmas. A respiração, as excreções de uns, a decomposição de outros, corrompem continuamente o ar. As latrinas, os desaguadeiros, os canos, as cloacas, os matadouros, os cemiterios, desenvolvem, sem cessar, miasmas, cuja diffusão na massa do ar os torna felizmente pouco nocivos; e que seriam deleterios pela demasiada abundancia ou concentração. Mas, entre os focos de infecção, um dos mais perigosos para o homem é o mesmo homem vivo ou morto. Em uma Memoria publicada sobre a origem da peste, o Dr. Lagasquie provou que esta horrivel molestia, que enluta todos os annos o Levante, provém, no Egypto, da incrivel negligencia das sepulturas humanas. Quando outr'ora a policia das inhumações era mal feita na Europa, observavam-se numerosas epidemias provenientes da putrefacção dos cadaveres. A influencia dos miasmas do homem sobre o homem é muito mais nociva durante o estado da molestia do que durante o estado de saude. Em todos os casos, deve evitar-se sua concentração nos logares circumscriptos, como nos hospitaes, prisões, quarteis, navios.

Os fócos de infecção que acabei de assignalar de uma maneira geral, tem diversos gráos de actividade conforme as diversas circumstancias. Os miasmas desenvolvem-se em muito menor quantidade por um tempo frio e secco, e durante o dia. A humidade quente favorece sua formação e augmenta suas propriedades nocivas. Quer sejam mais abun-

dantes, quer o corpo esteja mais mal disposto, é constante que as emanações miasmaticas são mais temiveis de noite do que de dia. Emfim, a influencia da luz e da obscuridade sobre as emanações está bem conhecida. Sabe-se, por exemplo, que as flores odoriferas, que se não devem accumular no quarto de dormir, desenvolvem muito mais aroma depois do sol posto.

Poderiamos, na verdade, ter grandes motivos para receiar a infecção da atmosphera pela grande quantidade de miasmas que ella recebe a todos os instantes, se não soubessemos que a Providencia previo tudo para a conservação dos entes a quem gratificou com a vida. Assim, esse gaz acido carbonico não respiravel que exhalamos de nossos pulmões, que desenvolvem as luzes; esses vapores maleficos que sahem das materias animaes e vegetaes em decomposição, em fermentação; tudo isso, em virtude das leis geraes, cessa de existir no estado miasmatico para entrar em novas combinações favoraveis á vida. Os principios de vida e de morte tocam-se e confundem-se na natureza. O ar sempre alterado volta continuamente á sua pureza primitiva. As arvores e as plantas trabalham activamente n'esta depuração salutar; para se desenvolverem ou entreterem, as plantas decompõem as emanações malignas, os ventos as dispersam, os mineraes tambem se apoderam d'ellas e as submettem a novas combinações, e, por estas contínuas transformações, o equilibrio dos elementos nunca é perturbado de uma maneira duravel. Todavia, existem miasmas que parecem resistir obstinadamente ás acções dissolventes e depurantes da chimica e physica geral; taes são os miasmas da febre amarella, da peste e cholera-morbus.

O corpo humano, mergulhado em uma atmosphera miasmatica, é accessivel á infecção por todos os pontos, mas sobretudo pelas vias respiratorias. Com tudo isso, a acção dos miasmas é inconstante como todas as causas de molestia; sem a predisposição do corpo, são todas sem effeito. Os individuos naturalmente fracos e medrosos, os que são debilitados por privações, pezares ou fadigas, resistem menos a esta acção.

Regras sanitarias relativas ás emanações. Collocar o corpo nas condições mais favoraveis para que possa resistir-lhes, occupar-se em purificar ou esgotar a sua fonte, taes são os meios preservativos contra os miasmas. Claro fica que é preciso afastar-se dos fócos de infecção sempre que fôr possivel. Convem evitar a residencia, por mais curta que seja, perto de pantanos pestiferos ou qualquer outro fóco de emanações perigosas; nunca expôr-se ao embate do vento d'estes fócos; preferir, quando se está no mar, vogar antes ao largo do que approximar-se das costas, mórmente quando ellas são insalubres; é necessario emfim escolher uma boa ancoragem. Em virtude do mesmo principio, é preciso não estabelecer hospitaes, quarteis, prisões, etc., nem levantar acampamentos na vizinhança dos focos; cumpre abandonar, como foi necessario fazer com um hospital na Jamaica, os estabelecimentos em taes logares, e até destruil-os; partido que, segundo o que refere Humboldt, o governo esteve muitas vezes para tomar a respeito de Vera-Cruz.

Quando é necessario absolutamente viver perto dos fócos, convem collocar o organismo na melhor situação de resistencia. O primeiro ponto consiste em evitar os excessos de qualquer especie que sejam; pois que todo o excesso é debilitante, e todo o debilitante diminue o poder de reacção contra os miasmas. Assim, nada de vigilias, fatigas physicas ou moraes, abusos venereos, intemperança nos alimentos e bebidas. Regimen são, vegetal e animal, proporcionado á necessidade e ás forças digestivas. Mudar o menos possivel os habitos, e corrigir sómente os que são máos. As emanações pantanosas são sobretudo nocivas de manhã quando o sol se levanta, e de tarde depois do seu occaso; deve-se evitar então o ar exterior, e fechar as janellas durante a noite.

O poder do homem sobre os miasmas, para prevenir o seu desenvolvimento, é immenso, e se quizesse dar-se cuidadosamente ao trabalho, quasi todos os fócos de infecção seriam destruidos. O esgoto dos pantanos, e de todas as especies d'aguas dormentes, preservaria de muitas especies de febres que affligem tantas regiões do globo. Convem que os canaes que levam os liquidos alterados, mórmente os grandes desaguadeiros, estejam em declive e bem unidos: nunca se devem consentir depositos de immundicias nas vias publicas: as ruas devem ser bem calçadas, os cadaveres de toda a especie enterrados; é necessario manter o asseio dos navios, desembaraçal-os da lama fetida que faz do seu porão um pantano; preferir antes, para limpar o interior dos navios, o raspar as taboas do que laval-as; fazer ventilações com as mangueiras; emfim recorrer ao uso das substancias desinfectantes indicadas no artigo DESINFECÇÃO.

As industrias insalubres devem ser removidas para longe das habitações, e os homens dados a ellas terão grande cuidado de proteger a sua saude, arejando os logares em que trabalham, entretendo um asseio restricto, e empregando outros meios de desinfecção. Os cemiterios mais bem situados são os que se acham apartados das casas; seu terreno deve ser enxuto, um pouco inclinado e accessivel aos ventos. Serão espaçosos, de sorte que cinco ou seis annos e mais decorram sem ser preciso mexer-se nas covas, cuja profundeza conveniente deve ser de 1 metro 65 cent. a 2 metros.

As latrinas são fócos de infecção obrigado, que cada casa conserva, mas cujos inconvenientes entretanto podem ser diminuidos havendo todo o cuidado no asseio, empregando-se os fossos inodoros, ou collocando-se os barris o mais longe possivel dos quartos habitados.

Quando não se póde impedir a formação dos miasmas, é preciso ao menos favorecer a sua diffusão. Consegue-se isto procedendo-se nas cidades ao alargamento das ruas, ou abrindo-se os quarteirões mal arejados; não se permittindo que se edifiquem casas de muitos andares; multiplicando-se nos hospitaes, quarteis, prisões, etc., as portas e janellas, procurando abrir, se o tempo o permittir, as portinholas e as escotilhas dos navios; abatendo certos matos ou morros que concentram os miasmas em um valle ou impedem a chegada dos ventos que

devem dispersal-os, etc., etc. Póde-se operar a diffusão dos miasmas, agitando com largas superficies o ar dos logares circumscriptos. Isto faz-se em alguns hospitaes, removendo com as portas a atmosphera das salas. Este meio póde bastar para renovar o ar de um quarto de mediocre extensão. O mesmo effeito póde obter-se removendo violentamente o ar pela deflagração da polvora, e por isso aconselha-se que se dispare uma pistola nas partes dos navios onde, como o porão e a coberta, o ar não circula. Obtem-se tambem de uma maneira mais certa a diffusão dos miasmas, estabelelecendo, por meio do calor, entre a atmosphera viciada e o ar externo, uma corrente que deite uma no outro. Muitos meios podem preencher esta indicação. Os primeiros e os mais simples são as chaminés. Estando o fogo acceso no fogão, e abrindo-se, as portas, o ar de um quarto é promptamente renovado. Os fogareiros conseguem o mesmo fim, mas com menos efficacia.

Duhamel adaptou ao intervallo situado entre a cozinha dos officiaes e a da tripolação, nos navios, em que o ar é sempre quente, tubos que, mergulhados no porão e na coberta, recebem o ar viciado que se acha n'elles constantemente. Semelhante processo foi inventado por Sutton, em Inglaterra; mas era mais efficaz, porque os tubos respiratorios estavam adaptados mesmo ao fóco da cosinha.

Eis-aqui a explicação d'estes apparelhos. O ar contido no tubo, sendo rarefeito pelo calor, attrahe o ar viciado do porão, o qual, á proporção que vai subindo e sahindo pelo canudo, é logo substituido pelo ar exterior, que se introduz no porão por sua abertura natural.

O estabelecimento de um foco de combustão sobre uma das aberturas de um logar circumscripto basta ordinariamente para renovar a sua atmosphera. Emprega-se ás vezes fogo de leuha. Usam-se tambem fornalhas, que por isso são chamadas ventilantes ou purificantes. Consistem em fogareiros ordinarios, armados ou não de um tubo, os quaes, sendo abertos pelo fundo forçam a corrente do ar a atravessar seu fóco; e este fóco é um simples tubo guarnecido de uma grade de ferro no meio, e cuja parte superior se enche de carvão acceso. Em 1780, para se purificarem os carneiros de uma igreja de Malta, propuzeram uma fornalha de tijolo quadrada e construida sobre uma grade de ferro com a dimensão da abertura do carneiro, afim que o ar não pudesse passar senão a travez da fornalha. Demais, estas diversas fornalhas não podem ser uteis senão para os logares que tenham pelo menos duas aberturas, taes como os canos e as cloacas. É preciso que o ar exterior penetre pela abertura livre, varra o ar viciado, e saia pela abertura em que se acha o fogo. Não se deve empregar este meio para os carneiros das igrejas, os quaes geralmente são só abertos de um lado, senão depois de ter-lhes feito uma abertura em outro logar. A escolha da abertura que deve receber a fornalha não é indifferente. Deve preferir-se aquella em que se suppõe que o ar terá uma sahida mais rapida, e que esteja situada de tal maneira, que as emanações que passarem por ella incommodem o menos possivel a vizinhança.

A salubridade das salas dos theatros obtem-se mediante um processo

analogo. Uma chaminé de tamanho sufficiente é collocada por cima do telhado no logar correspondente ao lustre e communica com a sala por sua abertura inferior. O lustre e o calor da sala fazem o resto. Ao mesmo tempo, um systema de tubos está organizado para conduzir á sala o ar exterior, e dirigido de maneira que não venha tocar immediatamente os espectadores. Seria muito para desejar que se procedesse com iguaes cautelas na purificação dos hospitaes, das prisões e de todos os logares onde uma quantidade de homens sãos ou doentes devem viver ou restabelecer-se em um espaço circumscripto.

Vê-se, pois, que a questão dos miasmas é uma das que mais interessam a saude publica e privada; quanto ás outras circumstancias, que mais ou menos directamente se referem a este assumpto, achal-as-ha o leitor nos artigos ASPHYXIA, CONTAGIO, DESINFECÇÃO, PANTANOS.

MICROBIOS. Parasitas muitissimo pequenos que todos os naturalistas classificam no rol dos vegetaes dos mais inferiores e cujo papel importante foi esclarecido pelos numerosos estudos que se tem feito n'estes ultimos dez annos. Tendo demonstrado que todos os seres vivos não podem se reproduzir por geração espontanea, que qualquer fermentação e qualquer putrefacção são causadas par um ser infinitamente

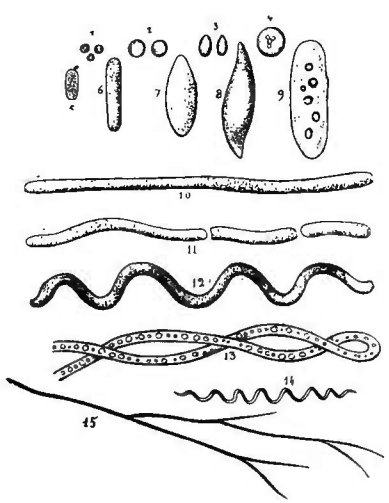


Fig. 659. — Microbios (*).

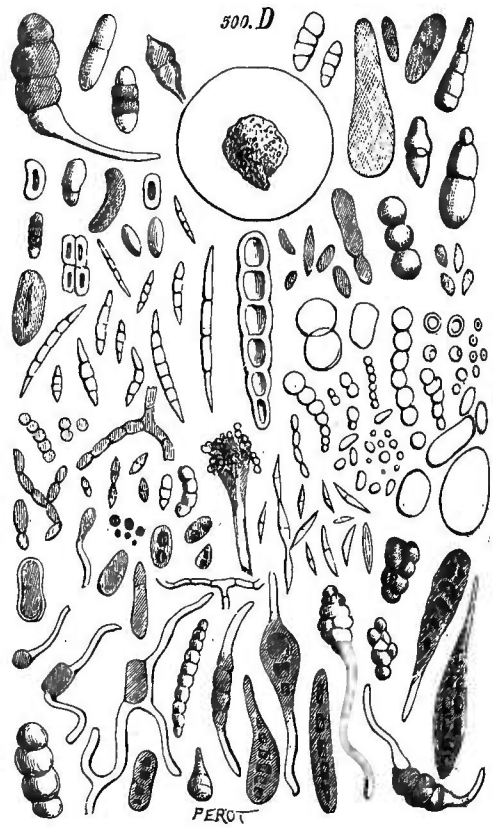


Fig. 660. — Microbios. — Pó do ar.

(*) Formas das bacteries em geral. 1, micrococcus; 2, megacoccus; 3, coccus lanceolados (em ferro de lança); 4, macrococcus; 5, bacterie ou bastãosinho curto; 6, bacillo ou bastãosinho comprido; 7, clostriniino; 8, rhabdomanas; 9, monas; 10, filamento deloptothrix; 11, vibrião; 12, spirille; 13, spirulina; 14, spirocheta; 15, cladothrix (em prande parte conforme Zopf).

pequeno que constitue um fermento. Pasteur chamou a attenção sobre os seres microscopicos que se encontram no organismo, tanto quando o individuo está no goso de saude, como quando está doente.

Os microbios e as bacteries são pois, seres extremamente pequenos que tomam diversas formas: cellulas redondas unicas ou multiplices e agglomeradas, bastõesinhos, filamentos allongados, direitos ou espiriformes, etc. Parecem ser formados de uma membrana servindo de envolucro e de um protoplasma que segundo as especies se colora differentemente sob a acção dos reactivos. Muitas d'essas bacteries não têm movimentos, outras movem-se com rapidez, em razão das celhas vibratis ou das contracções vermiculares. Reproduzem-se por segmentação ou pela formação de esporos, verdadeiros ovos, que podem manifestar-se ao cabo de muito tempo achando condições favoraveis para esse fim. Nutridas pela agua, pelas materias azotadas e mineraes, as bacteries precisam tambem de oxygeneo, no entanto entre ellas ha que morrem quando se acham em contacto directo com este gaz, chamam-se então anacrobios. Os microbios e as bacteries segregam substancias especiaes, materias colorantes variadas e ptomainas, isto é, corpos analogos aos alcaloides vegetaes e extremamente toxicos. Desenvolvem-se em grande quantidade em materias nutritivas; caldos, peptonas, gelatinas, claras d'ovos, etc. Ao contrario, os antisepticos, e os acidos matam-n'os ou diminuem a reproducção. A pesquiza d'elles no organismo se faz por meio de processos de coloração artificial que permittem que se descubram a presença d'elles.

Ha duas especies de bacteries; uma inoffensiva que existe em estado normal no organismo, encontra-se'a no sangue, na saliva, nos liquidos do intestino, etc.; a outra especie comprehende as bacteries pathogeneas, isto é, aquellas que são a causa de certas molestias, entre ellas citaremos: a bacterie do carbunculo, os microbios da septicemie, do cholera das gallinhas, da tuberculose, da febre typhoide, da blennorrhagia, da febre amarella, da diarrhea verde das crianças recemnascidas, etc. O estudo de todos esses seres inferiores assaz incompleto ainda, ha de dar a pouco e pouco dos mais importantes resultados no ponto de vista da hygiene e da therapeutica.

MICROCEPHALO. Se não é sempre, pelo menos na maioria dos casos, o volume do cerebro e por conseguinte o da caixa craneanna inteira se acha proporcionada ao desenvolvimento da intelligencia. Este estado especial provem evidentemente da parada brusca da evolução normal da criança no correr da vida intra uterina. O cerebro do adulto pesa ordinariamente 1200 a 1400 grammas, segundo o sexo a que pertence. Nos microcephalos o peso do cerebro é apenas de 1000, 800, 600 a até mesmo de 400 grammas. A parada de desenvolvimento é exclusiva ao cerebro e ao craneo, mas tambem ás vezes o corpo participa a essa atrophia, então o individuo é idiota e anão. N'estas condições o rosto tem um aspecto especial que é caracteristico; a testa é chata e corrida para atraz, o rosto é enorme se comparar-se com a parte posterior do craneo, o queixo é pequenino, mas o nariz e a bocca são muito salientes.

A circumferencia horizontal da cabeça, medida por cima das orelhas, é de 44,42,40 centimetros em logar de 48 a 52 centimetros que mede essa circumferencia nos individuos bem conformados.

MICROSCOPIO. Instrumento de optica composto de muitas lentes e que serve para augmentar o tamanho dos objectos dando uma imagem igual a 600, 800, 1000 e 1200 vezes seu diametro real. Um tubo metallico solido está collocado sobre um pé articulado; n'esse tubo se acham dous vidros bi convexos de dimensões differentes; um, inferior, destinado a ser posto em contacto com o objecto, e que se chama o objectivo. Atravez d'esta lente, o objecto examinado dá uma imagem muito grande. A lente collocada na parte superior ou occular augmenta ainda mais essa imagem que é vista pelo olho do observador. Para serem vistos distinctamente, os objectos devem ser tanto mais allumiados quanto maior fôr o augmento. Assim pois, o pé do instrumento supporta um espelho reflector que projecta uma luz forte sobre a placa em que se acha o objecto. Essa luz não seria sufficiente se o objecto não fosse cortado primeiramente em laminas excessivamente finas e transparentes, nas quaes possam se distinguir os menores detalhes.

O emprego do microscopio no estudo dos tecidos do homem, dos animaes e das plantas se chama HISTOLOGIA. É uma sciencia delicada e difficil que só se adquire á força de um trabalho assiduo em laboratorio. É necessario começar por aprender a manejar o microscopio, a fazer secções finas com navalha ou com microtome mecanico, depois a colorir essas secções com diversas substancias, carmim, hematoxylina, côres d'anilina, que coloram os tecidos seguindo certas gammas mui variadas e permittem que se possam distinguir um dos outros. É necessario, emfim, reconhecer os caracteres, as propriedades dos diversos tecidos e as modificações que lhes dão certas molestias. É a parte mais difficil do estudo com microscopio.

Em medicina, o microscopio tem ajudado muito a descobrir os segredos de muitas lesões: graças a elle, descobriram-se os microbios, as bacteries e certos parasitas de ordem mais elevada. Tem dado preciosos processos de vorificação aos hygienistas e aos medicos legistas para es quaes é indispensavel este instrumento.

MIERS. França. Sulfatadas sodicas, frias. Aguas purgativas. Contém, por litro, $5^{g},371$ de saes, de que $2^{g},375$ de sulfato de soda. Dyspepsia, gastralgia, hemorrhoidas, affecções do figado, obesidade. As aguas usam-se sobretudo exportadas; não se alteram no transporte.

MILFOLHADA, Millefolio ou **mil em rama**. *Achillea millefolium*, Linneo. Synanthereas senecionideas. Planta commum em Portugal. Caule de 35 a 65 centimetros; folhas bipinnuladas, lacinias lineares, dentadas; flores brancas ou purpurinas, algum tanto aromaticas. As folhas empregam-se em applicação externas nos córtes.

O nome de Achillea dado ao millefolio, lhe vem de Achilles que, segundo Plinio, se servira para curar suas proprias feridas e as de seus companheiros de guerra.

As folhas de milfolhada, contusas e applicadas como cataplasmas

constituem, em diversas localidades de França, um remedio muito popular contra as hemorrhoidas. Este costume deo a ideia ao sñr Royer, distincto pharmaccutico de Pariz, de vulgarizar o uso d'este medicamento. Elle prepara com esta planta um extracto concentrado que elle associa á glycerina e a outros corpos graxos, com o fim de preparar duas especies de productos, um de consistencia molle, servindo para as hemorrhoidas externas, outro debaixo da forma de suppositorios para as hemorrhoidas internas e as fissuras. Estes suppositorios emprcgam-se do seguinte modo :

Lava-se bem o anus com agua fria e uncta-se'o pela manhã e á noite com um pouco de pomada Royer, havendo cuidado de laval-o todas as vezes que evacuar. Todas as noites ficar assentado n'agua por espaço de cinco minutos.

Quando as hemorrhoidas são internas, introduz-sc no anus de manhã e á noite suppositorio Royer. Todas as vezes que o doente evacuar, tomará um clyster frio feito com um copo d'agua misturado com 4 colheres de sopa de *Agua hemostatica Royer*. É um clyster muito proveitoso todas as vezes que as hemorrhoidas sangram ou ha fluxo branco. Todas as vezes que as hemorrhoidas sahem, unctual-as logo com a pomada molle Royer, c fazel-as entrar. Os suppositorios se introduzem depois das evacuações ou depois de evacuado o clyster.

Estes productos preparam-se na pharmacia Royer, Dupuy successor, á rua Saint Martin nº 225 em Pariz. (*Veja-se* HEMORRHOIDAS e FISSURAS.)



Fig. 661. — Milho doce arrugado.

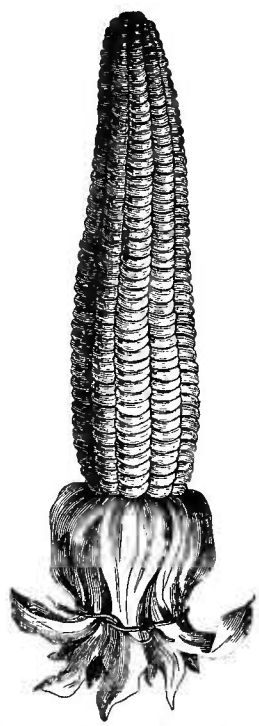


Fig. 662. — Milho grosso ordinario.

MILHO ou **Milho grosso** (fig. 662). Fructo da *Zea mais*, Linneo, planta da familia das Gramineas, que existe em todo o Brazil e é cul-

tivada em Portugal. Apresenta-se sob a fórma de espigas de tamanho e comprimento variaveis, cobertas de grande numero de escamas. Estas espigas são solitarias; compõem-se de um sabugo mui grosso e de sementes globosas, deprimidas em certas partes, lisas, luzidias, de côr amarella, branca ou roxa, conforme as variedades. Estas sementes contém uma substancia branca ou amarellada, farinacea e mui nutriente.

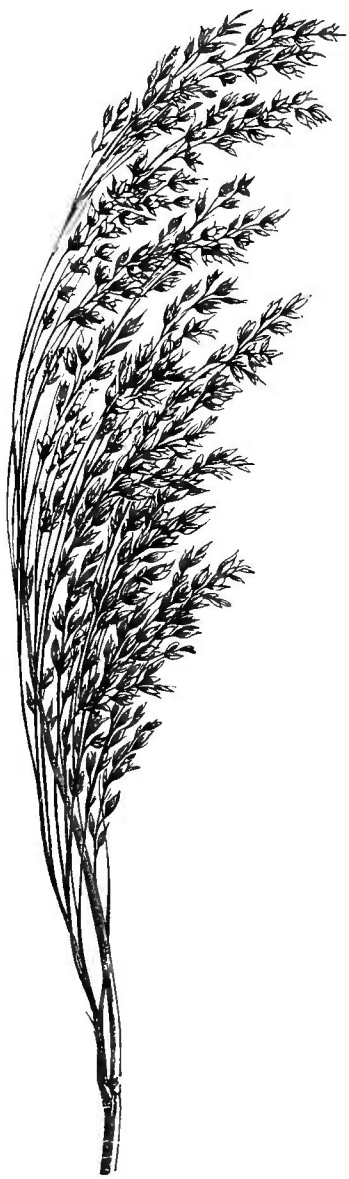


Fig. 663. — Milho miudo.

Ha muitas variedades de milho grosso, que não differem, pela maior parte, senão pelas côres da semente; variam ás vezes no mesmo campo, na mesma espiga; encontram-se tambem semente mescladas. As principaes variedades são: *Milho amarello*, o mais commum, que parece ser o typo da especie; sua semente é mui saborosa; o *Milho branco*, cuja espiga é mais longa, mais grossa e a semente mais larga, mais achatada; fornece um terço mais de farinha, e amadurece 12 a 15 dias mais cedo: *Milho de frango*, cuja espiga e sementes são mais pequenas: é assim chamado porque convem principalmente para alimentação dos frangos, etc.

O milho grosso é um dos vegetaes mais preciosos; constitue a base do sustento dos habitantes das provincias centraes do Brazil, ora em grão depois de despido da casca e fervido até ficar molle debaixo do nome de *cangica*, ora em pirão depois de reduzido á farinha chamada *fubá*, pela socagem ou moagem. O *cuscuz* é outra preparação do milho grosseiramente socado e cozido dentro de um panno á moda da Africa. Preparam-se outras comidas, temperando a farinha de milho com leite, ovos, assucar, etc. Na Europa faz-se com o milho um pão saboroso, e umas papas gostosas conhecidas pelo nome de *polenta*.

Os homens alimentados com o milho são, segundo muitos observadores, mais fortes e sustentam melhor as fadigas do que os que se nutrem com centeio, trigo, cevada: as amas tem mais leite, e as crianças crescem melhor. Muitos doentes, cujo estomago recusa alimentos faceis de digerir, dão-se bem com o milho, e existem casos de pessoas magras, e em estado desesperado, que recobráram as forças e a gordura pelo uso da farinha de milho cozida n'agua e temperada com manteiga. O milho é aconselhado na tisica com vantagem: faz-se um

cozimento com agua e adoça-se com assucar; o doente bebe por dia duas ou tres chicaras d'este cozimento.

MILHO MIUDO. *Panicum miliaceum*, Linneo. Gramineas (fig. 663), Planta annual, que póde ter até 1 metro e meio de altura. Sua haste é robusta, vellosa; as folhas são largas, acuminadas, asperas nas margens, e cobertas principalmente de pellos nas bainhas; suas paniculas são laxas, diffusas, compostas de espiguinhas bastante grossas; semente ovada, quasi chata, nitida, de 2 millimetros ou mais de comprimento, casca negra escura, branca, ou alourada; farinha branca, um tanto doce. Esta planta originaria da India, cultiva-se no Brazil e em Portugal, por causa da semente, que é alimentaria; usa-se sobretudo para as aves domesticas, e para os passarinhos que se criam nas gaiolas. Suas hastes formam uma boa forragem, e servem tambem para fazer vassouras.



Fig. 664.— Milho painço.

MILHO PAINÇO. *Panicum italicum*, Linneo. Gramineas. Planta cultivada no Brazil e em Portugal (fig. 664). Caule recto, nodoso, dá altura de 70 c. a 1 metro, guarnecido de folhas bastante largas. Distinguem-se em geral duas variedades, uma com espigas de um branco amarellado ou de côr purpurea, e hirsutas: outra tem a espiga nua. A primeira variedade distingue-se por uma haste mais alta, folhas maiores, espigas mais alongadas e mais grossas; em ambas as especies as espigas são apertadas, cylindricas, e de ramificações tão curtas, que não são visiveis senão na base; seu eixo é coberto de pellos espinhosos; suas flores são guarnecidas de sedas setaceas; sementes quasi redondas, menores do que as do milho miudo. Estas sementes dão-se aos passarinhos que se criam nas gaiolas, e sobretudo aos canarios; fervidas em leite usam-se tambem como alimento do homem. Com a palha da planta fazem-se vassouras.

MILHOMENS ou JARRINHA. *Aristolochia appendiculata*, Velloso, Aristolocheas. Planta trepadeira do Brazil. Folhas trilobadas, com a base cordiforme, pedunculos de uma só flor; raiz de grossura variavel, desde a de uma penna até á de um dedo pollegar, roxa escura e rugosa por fóra, composta de duas partes: a externa, molle, de côr amarella avermelhada sendo fresca, e a interna mais dura, lenhosa e amarella, cheiro forte, desagradavel, sabor amargo camphorado. A infusão de raiz de milhomens, que se prepara com 4 grammas d'esta raiz e

250 grammas d'agua fervendo, póde ser empregada com vantagem em lavatorios contra as ulceras ; ou a raiz em pó nas mesmas ulceras. Esta mesma infusão é tambem recommendada internamente no fastio. Muitas outras plantas do genero *Aristolochia*, que habitam em differentes partes do Brazil, possuem as mesmas propriedades estimulantes e são empregadas umas pelas outras.

MILIARIA ou Febre miliar. Febre eruptiva, que reina quasi sempre epidemicamente, isto é, que ataca grande numero de pessoas ao mesmo tempo, e que apresenta, por principaes symptomas, suores abundantes, constricção dolorosa na bocca do estomago, e, pelo corpo, uma erupção de botões tendo quasi a fórma e o volume dos grãos de milho painço.

Symptomas. Esta molestia é frequentemente precedida, durante alguns dias, de lassidão, fastio e prisão de ventre ; mais raras vezes existem vomitos e diarrhea. Outras vezes principia subitamente : assim os doentes, tendo-se deitado de boa saude, accordam de noite inundados de suor. Este constitue um dos phenomenos predominantes da molestia, e marca quasi sempre o seu principio. O suor é acompanhado de cançaço, de uma dôr por cima dos olhos, de constricção dolorosa no epigastro, peso no peito, palpitações e desmaios. Os suores são, desde o principio, de uma abundancia excessiva: penetram os vestidos, os cobertores e colchões, como se todos estes objectos tivessem sido mergulhados em agua ; e quando o doente se descobre, um vapor mui denso se desenvolve da cama.

N'esta epoca da molestia. o rosto está turgido, a sêde é mais ou menos viva, mas raras vezes proporcionada á abundancia dos suores; a lingua está esbranquiçada, a ourina é pouca ; ha ás vezes difficuldade de ourinar e quasi sempre prisão de ventre. O pulso está amplo, de frequencia moderada (80 pulsações) : todavia, em alguns doentes, a reacção febril é maior, o pulso attinge 120 pancadas, e o calor é mais vivo. Do segundo ao terceiro dia, os doentes accusam picadas violentas pelo corpo, especialmente nas costas ; outros sentem uma comichão incommoda: muitos queixam-se de entorpecimento, de rijeza nos membros, sebretudo nas mãos ; é no meio d'estes symptomas que apparece uma erupção especial.

Esta apresenta-se debaixo de duas fórmas principaes: as mais das das vezes apparece uma multidão de pequenas manchas irregulares, tendo quasi a côr dos sarampos, desapparecendo como estes pela pressão do dedo, e offerecendo no seu centro um ponto saliente e duro formado por uma pequena vesicula cheia de um liquido transparente. Estas vesiculas, metade mais pequenas do que um grão de milho painço, são apreciaveis á vista ; mas, ás vezes, são tão pequenas, que é preciso empregar uma lente para descobril-as. Entretanto, em alguns casos, mesmo com este instrumento não se descobre ponto vesiculoso algum ; as proeminencias são então constituidas por pequenos botões duros, por verdadeiras papulas, que cedo ou tarde se transformam em vesiculas. Tal é a erupção a que se chama *miliaria rubra*. Uma outra fórma de erupção,

que raras vezes existe só, é formada, como a precedente, por vesiculas diaphanas; não é acompanhada de vermelhidão : é a *miliaria branca.* Qualquer que seja a sua fórma, a erupção miliar principia ordinariamente pela face anterior do peito, depois apparece nas costas, na parte anterior dos antebraços e no resto dos membros ; respeita quasi sempre o rosto. A pelle é desigual e rugosa, o que se conhece facilmente passando os dedos sobre a sua superficie.

Depois de completa a erupção diminuem os suores e cessa a dôr de cabeça, mas a febre ainda persiste. No terceiro dia da erupção, o liquido contido nas vesiculas torna-se esbranquiçado. Estas murcham e abatem-se, o rubor da pelle empallidece e extingue-se; a febre desapparece, e no sexto ou setimo dia da erupção, principia a exfoliação. Esta tem logar ordinariamente por pequenas escamas furfuraceas, ás vezes por largas folhas como na escarlatina. A exfoliação termina lentamente ; prolonga-se ás vezes durante seis ou sete semanas, o que depende em parte de que, durante a exfoliação, mesmo n'uma epoca em que a convalescença já está bastante adiantada, pequenas erupções parciaes tem logar novamente no tronco e nos membros.

Mas a miliaria não segue sempre uma marcha tão regular, nem se apresenta constantemente com o mesmo caracter. É, ordinariamente, molestia benigna, mas apparecem ás vezes casos de excessiva gravidade. A dôr de cabeça póde ser atroz, ou sobrevem delirio, convulsões, modorra, sobresaltos dos tendões. Queixam-se sobretudo os doentes de dôr na bocca do estomago e de constricção no peito ; frequentemente acham-se então n'um estado de suffocação imminente. N'estes casos, a anxiedade é extrema, o pulso toma grande frequencia, o semblante decompõe-se, e por pouco que este estado se prolongue, póde sobrevir a morte.

Duração. A duração da miliaria é mui variavel. Ás vezes os diversos periodos succedem-se tão rapidamente, que em tres ou quatro dias os individuos acham-se em plena convalescença ; outras vezes, pelo contrario, os symptomas prolongam-se durante quinze dias. A duração média para os casos benignos é de sete a oito dias, e de quatorze a dezeseis para os casos graves seguidos de cura. A morte sobrevem as mais das vezes do terceiro ao quarto dia ; entretanto ás vezes a terminação funesta tem logar passados doze ou quatorze dias.

Diagnostico. No começo de muitas epidemias a miliaria foi ás vezes desconhecida, e confundida com os sarampos e sobretudo com a escarlatina. O diagnostico entretanto não offerece difficuldade, porque a constricção na bocca do estomago, os suores excessivos e a erupção miliar a caracterizam sufficientemente, e a fazem distinguir de qualquer outra affecção. Differe, além d'isto, do sarampo por não ser precedida nem acompanhada de lagrimejamento, de defluxo nem de catarrho bronchico. As duas erupções differem tambem muito entre si : porque se em ambos os casos ha manchas irregulares, estas são simples no sarampo, ao passo que na miliaria, se acha no seu centro um ponto vesiculoso ou papuloso.

O meio de a distinguir da escarlatina, mesmo quando esta se complica de miliaria, não é menos facil, porque na miliaria não se vê nem dôr

de garganta, nem a côr escarlate no interior da bocca. Comparando as duas erupções, não se acha, na miliaria a côr vermelha e a regularidade que se observa na escarlatina.

Causas. Não são conhecidas as causas das epidemias da miliaria. A molestia ataca todas as idades : parece comtudo ser mais frequente nos adultos. Em algumas epidemias, as crianças foram respeitadas. Não está provado que a molestia seja contagiosa. Póde affectar muitas vezes o mesmo individuo, quer no intervallo de alguns mezes, quer ao cabo de um ou de muitos annos.

Tratamento. Não se deve sobrecarregar de cobertores o doente affectado de miliaria, nem dar-se-lhe bebidas quentes. A molestia deve ser combatida com um regimen leve, bebidas acidulas frias (limonada, laranjada), agua fria pura, renovação do ar, e mudança de roupa feita com as necessarias precauções. No publico estes preceitos acham opposição, porque muitas pessoas tem por costume sobrecarregar os doentes de cobertores, encerral-os em camas guarnecidas de espesso cortinado, em quartos hermeticamente fechados, e administrar-lhes bebidas quentes. Esta pratica augmenta a febre e provoca maior erupção : não deve ser seguida. Convirá não sómente mudar de roupa logo que o doente estiver molhado, mas ainda ventilar o quarto.

A *poaya* é um remedio por excellencia da miliaria : dá-se em pó na dóse de 4 grammas n'um pouco d'agua morna.

Combate-se a prisão de ventre com clysteres d'agua morna, ou com brandos purgantes, taes como manná, magnesia calcinada, oleo de ricino. Contra a oppressão, a dôr do epigastro, empreguem-se as fricções no ventre com o linimento seguinte :

Essencia de terebinthina.....	15 grammas.
Linimento ammoniacal.....	15 —

Misture.

Contra a agitação nervosa recorra-se á poção seguinte :

Agua.....	90 gram.	Ether sulfurico.....	20 gottas.
Agua de flores de laranjeira.....	8 —	Xarope de gomma.....	15 gram.

Misture. Para dar a beber uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Se houver dclirio, somnolencia e outros phenomenos perniciosos, administre-se o sulfato de quinina, segundo a receita seguinte :

Sulfato de quinina.....	60 centigrammas.

Divida em 6 papeis. Para dar um papel de 3 em 3 horas.

O sulfato de quinina póde ser administrado em perolas do doutor Clertan, na dóse de uma perola de 3 em 3 horas.

N'este mcsmo periodo da molestia administra-se o vinho de quina :

Vinho de quina.....	120 grammas.

Para dar a beber uma colher *de sopa* dc 3 em 3 horas.

MIOLOS. *Veja-se* CEREBRO.

MISTURA. Em pharmacia chama-se *mistura* a reunião de medicamentos muito activos, e que se tomam ás gottas com assucar, ou n'um copo d'agua, ou em alguma outra bebida. Dá-se igualmente o nome de *mistura* a medicamentos compostos, designados tambem com o nome de *poções*.

MODORRA. *Veja-se* SOMNOLENCIA.

MOEDAS ENGULIDAS. Se as moedas engulidas forem de ouro ou prata, póde-se esperar sem perigo a sua expulsão pelo modo ordinario. Mas se forem de cobre, podem produzir no estomago o verdete, que é um composto venenoso de cobre; n'este caso convem apressar a expulsão da moeda por meio de um purgante, e com preferencia de magnesia calcinada. Administra-se ao mesmo tempo agua com claras de ovo, como contra-veneno dos saes de cobre.

MOFO ou **Bolor.** Especie de vegetação que se desenvolve na superficie das substancias vegetaes e animaes quando estão humidas e em estado de fermentação: são pequenos cogumelos microscopicos, que constituem o genero *Mucor* de Linneo. As manchas de côr diversa, que apresentam ás vezes fazendas encerradas em logares humidos, são tambem produzidas pelas vegetações da mesma natureza.

Para *impedir o mofo nos doces*, é preciso primeiro que estejam cozidos ao ponto conveniente; cumpre depois comprimil-os na vasilha que os contém, para não deixar logar algum por onde se possa introduzir o ar exterior: cobrir a superficie com uma camada ligeira de uma substancia não susceptivel de criar mofo, tal é o rhum, aguardente de França ou mel de abelhas; estender por cima uma folha de papel dobrada em muitas dobras e não uma folha simples, e melhor ainda, pergaminho; emfim conserval-os em logar secco, onde não possa penetrar nem a luz nem o sol. Se, apezar d'estas precauções, os doces criarem mofo, póde-se fazer desapparecer com vinagre ou succo de limão.

Para impedir que a *tinta de escrever* crie mofo, ajunta-se-lhe uma gotta de acido phenico ou de vinagre phenico, um pouco de oleo essencial de cravo, de alfazema, ou uma pequena quantidade de deutoxydo de mercurio.

O *couro do calçado*, do arnez, dos livros, expostos á humidade, cobre-se de mofo que o deteriora promptamente. Previnem-se estes estragos esfregando estes diversos objectos com essencia de terebinthina, ou mesmo derramando algumas gottas d'esta essencia nos moveis ou caixas que os contém.

Uma solução de cal viva, de chlorureto de cal, de soda ou de potassa, é excellente para desinfectar o interior de um barril que tem contrahido o cheiro de mofo.

MOLA. Massa de estructura variada que se desenvolve no utero, em logar do feto, e é expulsa mais ou menos tarde após sua formação. As molas são ordinariamente o resultado de uma concepção cujo desenvolvimento não foi regular, e por isso são frequentemente formadas de massas de carne em que se encontram ossos, dentes, cabellos, que annunciam serem o producto da destruição de um feto. As molas podem existir no utero desde onze a quatorze mezes; mas as mais das vezes são expulsas entre o terceiro e o sexto mez. É mui difficil verificar a pre-

sença de uma mola no utero, sobretudo nos dois primeiros mezes; seus symptomas são os de uma prenhez dolorosa; a mulher experimenta um peso no baixo-ventre, de vez em quando sobrevem pequenas perdas de sangue aguado: estes signaes de certo são mui vagos. Mais tarde o ventre torna-se proeminente; o utero, cada vez mais pesado, parece cahir do lado para o qual a mulher se inclina. Não se sente movimento de feto; em vão se procurariam as pancadas do coração.

A expulsão da mola é ás vezes penosa, lenta e precedida, como no aborto, de hemorrhagias repetidas; outras vezes é, pelo contrario, facil e rapida. Esta expulsão torna-se perigosa quando sobrevem grande perda de sangue.

O tratamento d'esta hemorrhagia, e outros cuidados que reclama a mulher após a expulsão da mola, são os mesmos qua vão indicados nos artigos ABORTO, HEMORRHAGIA DO UTERO, e PARTO.

A mulher não deve desesperar de ter mais tarde boa prenhez e de parir no termo normal: os exemplos d'isto são numerosos.

Ainda existe outra degeneração do embryão chamada *mola hydatica* ou vesicular; tem a séde nos envoltorios do feto, e parece ser a causa de sua morte, e não o seu effeito, como succede na mola precedente. Suas causas são desconhecidas.

A mola hydatica é constituida pela dilatação dos grãos da placenta; estes grãos reunem-se em fórma de cacho, e ao mesmo tempo a cavidade central do ovo humano diminue e desapparece. Tudo o que se refere a esta especie de mola differe pouco do que deixei dito da precedente. As molas hydaticas são ordinariamente expulsas aos pedaços e por diversas vezes.

MOLEDO. Portugal; Traz-os-Montes. Aguas sulfureas quentes. Designam-se tambem pelos nomes de *Carvaceira* ou da *Rede*. Temperatura 36° a 38° conforme as nascentes. Tem o cheiro de ovos chócos. Além do gaz acido sulfhydrico contém, por litro, 21 a 26 centigrammas de principios fixos, que são: sulfato de soda, chlorureto de sodio, bicarbonato de soda, sulfureto de sodio, bicarbonato de cal, bicarbonato de magnesia, silica e alumina. — Tem um estabelecimento thermal e uma hospedaria. Moledo fica a 66 kilometros da cidade do Porto e a 5 da Regoa, da margem direita do Rio Douro. Tem as communicações fluviaes, e em diligencia por uma bella estrada que vai do Porto ao alto da provincia de Traz-os-Montes. O logar é aprazivel, abastecido de boa agua, boa carne, muito peixe e excellente fructa.

MOLESTIA, Doença ou **Affecção.** Dá-se este nome a toda alteração de uma ou de muitas partes do corpo: ella se manifesta pelo desarranjo de suas funcções. As molestias a que está sujeita a humanidade são excessivamente numerosas e variadas. As differenças que apresentam procedem sobretudo de suas causas, symptomas, séde e natureza. Em certas circumstancias, é difficil indicar as causas das molestias; quando isto é possivel, vê-se que ha causas chamadas em medicina *communs*, que podem produzir tal ou tal molestia, conforme a disposição do individuo que se acha submettido á sua acção. Outras vezes observa-se que certas causas são *especiaes* a certas affecções, que ha entre

ellas uma relação constante; isto é, que tal causa não produzirá senão tal affecção : estas molestias chamam-se *especificas*. N'esta classe vê-se a raiva, a qual só é determinada pela mordedura de um animal damnado, as molestias contagiosas e virulentas, taes como as bexigas, a syphilis, que são o resultado necessario de uma communicação directa ou indirecta com as pessoas atacadas das mesmas affecções. Quando as causas das molestias actuam passageiramente sobre grande numero de individuos atacados ao mesmo tempo e no mesmo logar, as molestias chamam-se *epidemicas;* quando essas causas são permanentes no paiz, e parecem depender da localidade, as molestias chamam-se *endemicas;* quando uma molestia só ataca um individuo insolado toma o nome de *esporadica*.

Manifestam-se as molestias no exterior pelos phenomenos anormaes que se chamam *symptomas*. O modo, segundo o qual nascem e se succedem esses phenomenos, constitue o andamento das molestias que comprehende o typo, a duração e os periodos. O typo é a ordem segundo a qual os symptomas se reproduzem; chama-se *contínuo* quando persistem desde o principio até á terminação sem interrupção bem marcada; é pelo contrario *intermittente* quando a molestia se compõe de accessos separados por intervallos de boa saude : estes accessos voltam periodicamente nos momentos determinados, separados por intervallos iguaes, então a molestia toma o nome de *intermittente* regular; ou então os accessos não apresentam regularidade na sua volta, e são mais especialmente designados debaixo do nome de *ataques*. As febres intermittentes nos offerecem um exemplo das primeiras; o hysterismo e a gota coral são exemplos das outras.

Segundo a duração, as molestias dividem-se em duas grandes classes; molestias *agudas* e *chronicas*. As primeiras são caracterizadas por uma duração bastante curta, e que não se estende de ordinario além de quarenta dias; em geral, tem symptomas intensos, e entretanto offerecem grandes probabilidades de cura. As molestias chronicas tem uma duração illimitada; são ás vezes consequencia das molestias agudas, outras vezes chronicas desde o principio; não offerecem em geral a intensidade dos symptomas observados no estado agudo, mas são muito mais graves.

Certas molestias tem periodos regulares, assim nos sarampos distinguem-se tres : o periodo de invasão, durante o qual apparecem symptomas de defluxo; o periodo de erupção, durante o qual se desenvolvem as pintas cutaneas; o periodo de descamação, que corresponde á renovação da epiderme. Em outras molestias, os periodos não apresentam tanta regularidade, e ás vezes é impossivel distinguil-os; entretanto, de ordinario observam-se tres : o primeiro, que corresponde á invasão da molestia, e que é chamado periodo de crescimento; o segundo, durante o qual os symptomas ficam estacionarios, tendo a molestia chegado ao seu maior gráo de intensidade; e emfim o terceiro, que corresponde á terminação da molestia; é o periodo do decremento em que sobrevem a cura ou a morte, ou a mudança em outra molestia.

Existe em nós uma reacção salutar que é opposta á molestia, e se acha

em combate contra os seus máos resultados. Esta reacção, que se designa sob o nome de força medicatriz da natureza, é como o antidoto ao lado do veneno; tende sem cessar a restabelecer a tranquillidade e o equilibrio na organização. Ás vezes sufficiente para produzir a cura por si mesma, carece outras vezes de ser coadjuvada pelos soccorros da arte, e é para auxilial-a que se devem applicar todos os esforços do medico. Infelizmente, essa influencia favoravel é muitas vezes demasiado fraca, e a molestia, proseguindo o seu curso, apezar da reacção salutar, produz a morte do organismo.

Salvo certas molestias que apparecem subitamente como um raio, a *apoplexia*, por exemplo, ou a *epilepsia*, a maior parte das molestias agudas annunciam-se por symptomas mais ou menos apreciaveis. São a principio o abatimento, a dôr de cabeça, e o fastio. A estes primeiros symptomas succedem ordinariamente o calefrio, a anxiedade, os enjôos, o desarranjo dos intestinos, a mudança na quantidade e na côr das ourinas, e a febre. Todos estes symptomas desenvolvem-se n'uma duração de tempo que varía de 24 a 58 horas. A primeira cousa que deve fazer o doente, é conservar-se no quarto e mesmo na cama, cobrindo-se sufficientemente para entreter uma branda transpiração e mesmo provocar suores. Ao mesmo tempo, conservar-se-ha o repouso de espirito o mais completo. Se os symptomas diminuirem de intensidade e desapparecerem pouco a pouco, o doente poderá dispensar os cuidados do medico: a dieta, mais ou menos rigorosa, o somno e alguns dias de repouso bastarão para o restabelecimento. Se, pelo contrario, os symptomas parecerem tomar um caracter de mais em mais grave, será necessario chamar o medico, e observar as suas prescripções com exactidão e com a maior confiança. O doente deverá estar collocado n'um quarto sufficientemente espaçoso, cujo ar seja o mais pnro possivel, e a temperatura moderada e uniforme; e afastar-se-hão d'elle as crianças, as visitas, e toda a especie de ruido.

MOLESTIA DE ADDISON ou MOLESTIA BRONZEA. Molestia assim chamada do nome do medico inglez que primeiro a descreveo. Consiste na côr bronzea da pelle, acompanhada de fraqueza geral. Ordinariamente a molestia produz-se ao mesmo tempo que uma lesão tuberculosa ou cancerosa nas capsulas ou glandulas que se acham por cima dos rins, e alguns medicos fizeram d'esta lesão a causa da molestia; mas não é assim, porque existem na sciencia quarenta casos de pelle bronzea sem nenhuma alteração das capsulas supra-renaes.

A natureza d'esta molestia não é conhecida: julga-se que é uma nevrose. Ignoram-se tambem as suas causas.

Os *symptomas* são: emmagrecimento e enfraquecimento progressivos; vomitos de vez em quando; a pelle torna-se escura, bronzea no rosto, e pouco a pouco em todo o corpo. Manchas pretas apparecem tambem no interior da bocca, na face interna dos labios e nos lados da lingua. O prognostico é grave; entretanto todos os symptomas podem melhorar, e a côr bronzea diminuir de intensidade.

O *tratamento* é o seguinte: 1.° Aguas ferreas, cozimento de quina,

macerato de calumba e de quassia, 4 grammas, por litro d'agua.

2.° Os banhos do mar ou de rio, a hydrotherapia, a maçadura, as viagens.

3.° O extracto de quina, 1 gramma por dia.

4.° Vinho e alimentação substancial.

Molestia de Bright. *Veja-se* ALBUMINURIA.

Molestia imaginaria. *Veja-se* HYPOCHONDRIA.

Molestia nervosa. Dá-se o nome de *molestias nervosas* ás affecções que tem por causa uma perturbação do systema nervoso, sem lesão sensivel na estructura do orgão. Tem por caracteres o serem de longa duração, difficilmente curaveis, de offerecerem symptomas graves em apparencia, sendo todavia pouco perigosas. São : coqueluche, asthma, gota coral, catalepsia, hysterismo, colica nervosa, etc. *Veja-se* NERVOS (*Molestias dos*).

Molestias dos olhos. *Veja-se* OLHO.

Molestias de pelle. Entendem-se por esta palavra todas as molestias que mudam a côr ou a textura natural da pelle. A muitas d'ellas dá-se o nome generico de *dartros* ou *empigens*. São caracterizadas por *exanthemas*, *vesiculas*, *bolhas*, *pustulas*, *papulas*, *escamas*, *tuberculos*, *maculas* e outros caracteres.

1.° As *exanthemas* são manchas vermelhas, superficiaes, de diversas figuras, espargidas pelo corpo, com intervallos de côr natural, e que acabam por furfuração ou exfoliações da epiderme. As molestias da pelle caracterizadas por exanthemas são : *erythema*, *erysipela*, *roseola*, *sarampos*, *escarlatina* e *urticaria*.

2.° As *vesiculas* são elevações da epiderme, cheias de um liquido transparente e ás vezes opaco, seguidas de furfuração ou de crostas laminosas. As molestias caracterizadas por vesiculas são : *miliaria*, *cataporas*, *eczema*, *herpes* e *sarna*.

3.° As *bolhas* são porções da epiderme despegada pela interposição de um liquido aquoso. Apparecem espontaneamente no *pemphigo* e *rupia*.

4.° As *pustulas* são elevações da epiderme, cheias de pus, tendo a fórma de botões brancos, inflammados na base. As molestias caracterizadas por pustula são *bexigas*, *vaccina*, *ecthyma*, *impetigo*, *acne*, *mentagra*, e *tinha*.

5.° As *papulas* são pequenas elevações da epiderme, da mesma côr que a pelle, ou de um vermelho pouco escuro, solidas, isto é, não contendo nem pus como as pustulas, nem serosidade como as bolhas, e acabando por furfuração. As molestias cutaneas caracterizadas por papulas são : *lichen* e *prurigo*.

6.° As *escamas* são laminas de epiderme morbosa, duras, alvacentas e opacas. As molestias cutaneas caracterizadas por escamas são *psoriase*, *caspa*, *lepra*, *pityriase*, *ichtyose* e *pellagra*.

7.° Os *tuberculos* são tumores pequenos, superficiaes, circumscriptos, do volume de uma ervilha até ao de uma azeitona, e que terminam por suppuração ou por alteração na textura das partes affectadas. As molestias cutaneas caracterizadas por tuberculos são : *morphea* e *boubas*.

8.ª As *maculas* são malhas da pelle, de côr differente da natural, procedentes de uma alteração do pigmento. As molestias caracterizadas por maculas são : *sárdas*, *pannos*, *signaes de nascença*, *albinismo*, *vitiligem*.

Alem d'estas molestias da pelle ha ainda as seguintes que não podem ser comprehenndidas nas categorias precedentes :

9.ª *Lupo*.

10.ª *Purpura*.

11.º *Elephantiase dos Arabes*.

12.º *Syphilides*.

Todas estas differentes molestias cutaneas acham-se descriptas em artigos separados.

Molestia venerea. *Veja-se* SYPHILIS.

Molestias das vias urinarias. *Veja-se* OURINA.

Para as molestias do *baço*, da *barba*, da *bexiga*, da *bocca* e de outros orgãos. *Veja-se* BAÇO, BARBA, BEXIGA, BOCCA, etc.

MOLLEIRA. Espaço membranoso e não ossificado que existe no craneo das crianças recem-nascidas. Podem n'este espaço sentir-se os movimentos de elevação e de abaixamento do cerebro. Ha seis molleiras; as duas mais importantes estão situadas, uma na parte dianteira da cabeça, por cima da testa, no angulo de reunião dos ossos parietaes e do osso frontal, e outra por detraz, na juncção dos ossos parietaes com o osso occipital. As molleiras ossificam-se e desapparecem á medida que a criança vai crescendo.

MOLLUSCUM. Tumor mais ou menos pequeno, em geral arredondado ou sobre o comprido, molle que pode apparecer em diversas partes do corpo, e mais de um no mesmo individuo. Como dimensão varia desde o tamanho de uma ervilha até o de uma cabeça de criança. A pelle, um pouco irregular e escura envolve uma massa molle que contem, ás vezes, alguns caroços mais duros. Quasi sempre esses tumores se acham na superficie da pelle, sostidos apenas por um pediculo muito fino, e n'este caso, parecem-se com uma pera segura por sua haste. Quando não têm pedicula, estão seguros na pelle por uma grande base que parece ir alem dos tecidos sub-cutaneos. O unico inconveniente que apresentam é serem incommodativos e constituirem uma difformidade; quando o molluscum é pouco volumoso, deve ser logo extirpado.

MONCHIQUE. Portugal; Algarve. Aguas sulfurosas quentes. Distam 15 kilometros de Villa Nova de Portimão, e 5 kilometros da villa de Monchique, 32.º a 33.º. Na vizinhança existem aguas ferreas. Ha um estabelecimento de banhos, hospital para pobres, e quartos para os particulares. As piscinas foram modernamente reconstruidas. As aguas são diaphanas; exhalam um cheiro de ovos chócos, o sabor é francamente sulfuroso. Deixam 0^{g},2848 de residuo solido por litro, composto, segundo o Sr. Dr. Lourenço, de silica, chloruretos e sulfatos alcalinos, carbonatos de cal e magnesia. Aproveitam sobretudo nas molestias cutaneas. São concorridas por grande numero de pessoas das provincias do Algarve, do Alemtejo, e da Hespanha. A estação balnearia dura de 1º de maio até 1º de outubro.

MONESIA. *Veja-se* BURANHEM.

MONOMANIA. Forma de loucura que só se manifesta por uma unica e fixa ideia, de modo que o doente parece estar em goso de suas falcudades mentaes, se o distrahem do objecto que o preoccupa. A esta variedade de alienação mental deram tambem o nome de delirio parcial. A esta classe de alienados pertencem os individuos acommettidos de *Kleptomania*, isto é, que, sem terem consciencia do que fazem, roubam continuadamente objectos que lhes são inuteis, sem valor, ou que poderiam ter facilmente por meios legitimos. A esta mesma classe pertencem certos incendiarios que incendeiam debaixo da influencia de impulsões irresistiveis; os bebedores, os dipsomanos, etc. A par d'esses doentes no quaes o delirio vem sempre acompanhado de impulsões motoras que se terminam pelo suicidio ou o homicidio, existem outros que têm um dilirio parcial, tranquillo, para bem dizer, simplesmente intellectual. Podemos citar exemplos conhecidos de todos e assaz espalhados; os hypochondriacos, os perseguidos, que acabam por se tornarem perigosos, emfim os homens acommettidos de loucura das grandezas e de loucura religiosa.

Quasi sempre essas diversas formas de alienação mental são incuraveis, e mesmo o isolamento, as occupações forçadas não alliviam os doentes; mais tarde ou mais cedo o doente perde a razão completamente.

MONSÃO. Portugal; Minho. Aguas salinas quentes. Tres são as nascentes que forman outros tantos banhos. A differencia do calor em cada um dos banhos lhes deo os nomes de *Brando* (temperatura 31°, 75); *Contraforte* (39°); e *Forte* (43°, 5). As aguas submettidas á experiencia pelo Sr. Dr. A. V. Lourenço, foram as do banho forte. São claras, agradaveis ao paladar e inodoras. Mil grammas d'agua deixam pela evaporação um residuo pesando 0^{g},4615, composto principalmente de chloruretos e sulfatos alcalinos e calcareos, e de silica. Os banhos d'estas aguas aproveitam nos rheumatismos, sciaticas, paralysias, ankyloses incomptetas. Misturadas com leite de jumenta, estas aguas applicam-se internamente nas molestias de peito, dyspepsias, gastrites e enterites chronicas. Existem ali dois estabelecimentos: 1.° *Therma*, que tem oito banheiras; 2.° *Banho do Inglez*, casa que tem uma só banheira. Itinerario: De Lisboa a Braga pelo caminho de ferro; de Braga a Monsão em carruagem.

MONT-DORE. França. Aguas alcalinas quentes.

Itinerario de Pariz a Mont-Dore: Estrada de ferro de Pariz a Clermont, 9 horas 1/4. Carro de Clermont a Mont-Dore, 5 a 6 horas. Despeza 55 francos.

Mont-Dore é uma aldeia da França, de 1,200 habitantes, situada n'um valle muito pittoresco. Possue sete fontes d'aguas mineraes, uma fonte fria e seis quentes.

A fonte fria, chamada fonte de *Santa-Margarida*, tem sabor picante e acidulo que deve ao gaz acido carbonico. A sua mineralização é quasi nulla, a temperatura é só de 12° centigrados. Constitue para a mesa uma bebida agradavel.

As seis fontes thermaes são: o *Grande-Banho*, a *fonte de Cesar*, o *banho Ramond*, o *banho de Rigny*, e a fonte da *Magdalena* ou *fonte Bertrand*. Estas fontes, cuja temperatura oscilla entre 42° e 46° centigrados, estão acomodadas no estabelecimento thermal, bello edificio situado sobre o logar das nascentes (fig. 665). Compõe-se de cinco divi-

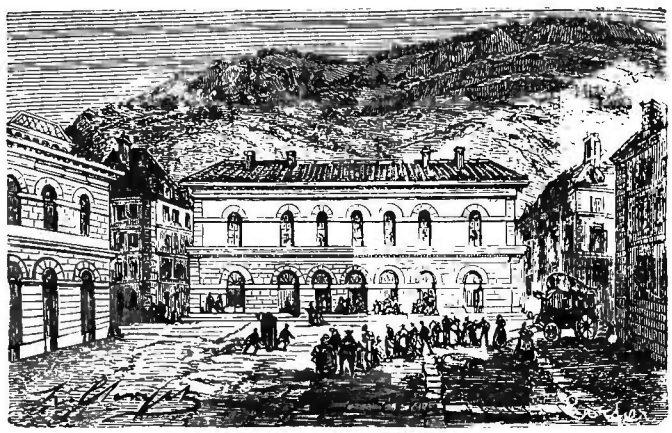


Fig. 665. — Mont-Dore.

sões reunidas por um hemicyclo e galerias cobertas, que servem para o passeio. Ali acham-se os banhos, as duches, as piscinas e a bica para beber. Perto do estabelecimento thermal existe um edificio elegante e commodo, especialmente destinado para as duches de vapor, inhalações e pulverização. A estação thermal de Mont-Dore é pois, uma das mais completas e optimamente organizada.

As aguas de Mont-Dore são limpidas. Não tem cheiro: o sabor é levemente acidulo, depois salgado; deixam um resaibo estyptico bastante desagradavel. Expostas ao ar livre, cobrem-se de uma pellicula delgada. Resulta das analyses, que estas aguas contém saes de soda, de cal e de ferro, cuja quantidade varía da $2^{g},80$ a 2 grammas por litro. Thenard achou n'ellas, além d'isto, 1 milligramma de arseniato de soda por litro d'agua.

Os grandes banhos ou banhos de alta temperatura constituem para alguns medicos a medicina topica e particular de Mont-Dore. A sua duração é necessariamente mui curta; muitos doentes não podem permanecer n'elles mais de cinco ou seis minutos. É mais prudente principiar pelos banhos temperados do Grande-Salão. A sua acção consiste em estimular brandamente a pelle e fortificar a acção muscular.

Bebe-se esta agua em temperatura muito elevada; é a fonte Bertrand, que é a mais quente, que alimenta a bica; a dóse é de 2 a 4 copos por dia. Ingerida no estomago, é rapidamente absorvida, e imprime á circulação nova actividade. Debaixo d'esta excitação interna a externa a febre thermal declara-se ordinariamente do terceiro ao oitavo dia. Quasi sempre manifesta-se depois algum phenomeno critico do lado da pelle. Para favorecer o transporte dos fluidos do interior á superficie faz-se uso

frequente dos pediluvios. Empregam-se para o mesmo fim, as duches, a maçadura, as fricções, os banhos de estufa, em uma palavra tudo o que póde produzir congestão na pelle, desembaraçando os orgãos mais profundos.

As caldas de Mont-Dore convem especialmente contra a laryngite e a bronchite chronicas, contra as diversas especies de angina, na asthma e nas escrofulas. As inhalações favorecem a cicatrização das cavernas pulmonares na tisica, e impedem os progressos dos tuberculos. A duração de uma estação em Mont-Dore é de duas a tres semanas; tomadas por maior tempo, estas aguas teriam o inconveniente de excitar de uma maneira excessiva. As aguas tomam-se de 15 de junho a 14 de setembro.

As principaes distracções de Mont-Dore são os passeios. Existe, com efleito, no estabelecimento um grande e bello salão, mas os banhistas preferem os salões de verdura. Ali circula, debaixo da abobada dos pinheiros que os cercam, um ar brando e balsamico.

Transportadas, estas aguas conservam-se perfeitamente. Preparam-se tambem *pastas de Mont-Dore*, que, pelos saes que contém, produzem effeito calmante nas molestias das vias aereas.

MONTE-CATINI. Italia. Aguas salinas chloruretadas tepidas.

Itinerario de Pariz a Monte-Catini: Estrada de ferro de Pariz, por Turim, Florença até Monte-Catini 36 horas. Despezas 161 francos.

Estas aguas acham-se situadas ao pé dos Apenninos, n'um dos valles mais ferteis da Italia. O numero das fontes é consideravel, dez estão hoje utilizadas. São aguas thermaes, mas é difficil indicar exactamente a temperatura das nascentes, porque brotam em grandes tanques chamados *crateras*. Encerram todas os mesmos elementos salinos; só as proporções é que variam. A fonte do Tetluccio, que se cita como typo, contém $8^{g},508$ de saes, de que $6^{g},672$ de chlorureto de sodio. A agua d'estas diversas fontes é clara, transparente, um pouco gazosa. O sabor é levemente salgado, porém não é desagradavel; póde comparar-se á agua contida nas ostras.

No Monte-Catini tratam-se as affecções rheumatismaes, hypertrophias do figado e do baço, o catarrho vesical e muitas outras molestias. As aguas applicam-se em bebida, banhos e duches. Estão accommodas em diversos estabelecimentos, de que os mais importantes são as thermas de Leopoldo e da Torreta.

A situação de Monte-Catini a pouca distancia de Florença que em estrada de ferro se percorre em duas horas, permitte aos banhistas aproveitarem os recursos que apresenta esta grande cidade. O campo vizinho da aldeia offerece tambem agradaveis distracções. Mas a excursão preferivel a todos, tanto pela novidade como pelo esplendor do espectaculo, tem por objecto a *Gruta Monsummano,* situada a meia hora dos banhos. Esta gruta, cuja descoberta data apenas de 1849, representa uma immensa galeria natural, cavada na espessura do monte de que tem o nome, e não communica com o exterior senão por uma estreita abertura. Contém uma fonte d'agua limpida e morna, levemente alcalina, cujos vapores se espalham na atmosphera. A pessoas affectadas

de rheumatismo tomam ali banhos de vapor naturaes. As *Gruta de Monsummano* representa hoje uma estação thermal, que serve de annexo á de Monte-Catini.

MONTE DE CUBATÃO. Brazil : provincia de Santa Catharina. Aguas simplesmente thermaes, 36°

MONTEMAYOR. Hespanha. Aguas sulfurosas quentes; 30° a 42°. Affecções cutaneas e rheumatismaes, molestias syphilicas.

MONTE DE PEDRA. Portugal: Alemtejo. Aguas sulfurosas frias.

MONTE REAL. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas e salinas frias.

MORANGO. Fructo do morangueiro ou fragaria, *Fragaria vesca*, Linneo, planta da familia das Rosaceas, commum em Portugal cultivada no Brazil. É um dos fructos mais suaves que existem. A sua fórma e côr differem segundo as variedades; é vermelho ou branco, redondo ou oblongo. O tamanho varia tambem conforme a qualidade do terreno e a exposição; infelizmente parece que perde em perfume o que ganha em tamanho (fig. 666). Este fructo é refrigerante e diuretico; é aconselhado contra a gota e as areias. O aroma do morango combina-se agradavelmente com assucar; algumas pessoas ajuntam-lhe vinho tinto, vinho branco ou leite.

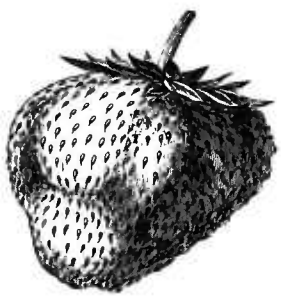


Fig. 666. — Morango.

MORCEGO (fig. 667). Nome vulgar dos animaes *Cheiropteros*, tribu dos Mammiferos carnivoros, que por muito tempo foram considerados como aves. São animaes quadrupedes que tem azas e possuem a faculdade de se moverem no ar á maneira dos passaros; suas azas, que não passam de uma transformação das mãos, são formadas de uma vasta membrana, que une os membros anteriores ao corpo, e que é sustentada por um alongamento enorme dos quatro ossos metacarpos; só o dedo pollegar conserva a fórma ordinaria, e acha-se isolado com a sua phalange. As queixadas são guarnecidas de dentes incisivos, caninos e molares. Tem olhos pequenos, orelhas grandes; as femeas parem dois filhos. Todos são animaes nocturnos, que ficam immoveis durante o dia, nas cavernas, nos buracos das arvores velhas, nos rechedos ou nas casas deshabitadas. Esta tribu, mui numorosa, foi subdivídida em grande numero de generos.



Fig. 667. — Morcego commum.

Os *morcegos communs* (*Vespertilio*, Cuvier), constituem um genero caracterizado por orelhas separadas, quatro dentes incisivos em cima, seis em baixo, cauda comprehendida na membrana. As numerosas especies d'este genero acham-se distribuidas em todas as partes do mundo, e

habitam sobretudo nos subterraneos, nos troncos das arvores velhas. Nutrem-se principalmente de insectos, e, debaixo d'este ponto de vista, prestam grandes serviços. Caçam durante a noite, e de dia ficam immoveis nos seus retiros, agarrados pelas unhas, e com o corpo envolvido em suas membranas. Procuram morder, quando alguem os agarra.

Os *morcegos de grande especie* (*Pteropus*, Briss., e *Molussus*, Geoffroy), acham-se na America meridional e na Asia. Alimentam-se em grande parte de fructas. Estes animaes encontram-se em bandos numerosos, agarrados com a cabeça para baixo aos ramos das arvores, apertados uns contra os outros, immoveis, silenciosos, e parecendo fazer corpo com o ramo; apenas é sol posto, deixam a arvore e voam para o campo a procurarem o seu alimento. Devoram indistinctamente todas as especies de fructas e fazem estragos consideraveis. Faz-se-lhes uma caça bastante activa.

No genero *Phyllostoma* existem morcegos que chupam o sangue dos bois e de outros animaes.

MORDECHIM. *Veja-se* CHOLERA-MORBUS.

MORDEDURA. Ferida feita pelos dentes de algum animal. A mordedura é *simples*, quando é feita por um animal que não deixa virus na ferida; *complicada*, quando o animal depõe na ferida um virus ou um principio venenoso.

A mordedura do cão, ou de qualquer outro animal que é são, não tem consequencias perigosas, a não ser profunda e ter offendido alguma grossa arteria ou orgão importante. N'este caso, é preciso recorrer aos cuidados de um cirurgião. Quanto ás mordeduras ordinarias, os cuidados, que ellas reclamam, podem ser applicados por qualquer pessoa. Cumpre lavar a ferida com agua fria, e applicar fios molhados em aguardente ou em balsamo catholico, e segural-os com uma atadura. No dia seguinte, lava-se a ferida com agua morna, e cobre-se com encerado inglez ou emplasto diachylão. Se as bordas da mordedura se tornarem muito vermelhas e inchadas, applique-se uma cataplasma de linhaça. — Se a mordedura fôr de alguma extensão, as margens devem ser reunidas com tiras de emplasto adhesivo. Ás vezes estas feridas suppuram: curam-se então com fios untados de ceroto, ou com cataplasmas de linhaça. Se o dente do animal offendeo alguma arteria, sobrevem então uma hemorrhagia abundante: em tal caso cumpre, antes da chegada do cirurgião, comprimir fortemente a ferida com fios molhados em aguardente, e apertar com atadura, para atalhar temporariamente a hemorrhagia. O meio definitivo é a laqueadura da arteria.

Mordeduras de animaes venenosos, 1.° *Mordeduras de animaes damnados. Veja-se* RAIVA.

2.° *Mordeduras das cobras venenosas. Veja-se* vol. I, pag. 625.

MORMO. Na arte veterinaria, dá-se este nome a um fluxo, de materia ao principio esbranquiçada e fluida, e depois verde e espessa, que escorre das ventas de um animal. Durante muito tempo, julgou-se que o mormo era uma molestia particular ao cavallo, ou, para melhor dizer, aos solipedes; isto é, aos animaes cujo pé tem um só casco; mas uma

experiencia, tristemente adquirida n'estes ultimos annos, não deixa duvida de que o mormo póde transmittir-se dos animaes ao homem. Entretanto, não ha exemplos de que esta molestia possa desenvolver-se espontaneamente no homem.

Chama-se *mormo* uma molestia grave, caracterizada por febre, inflammação particular das fossas nasaes, corrimento pelas ventas de materia purulenta, erupção de botões na pelle e na membrana mucosa das vias aereas; emfim pela formação de postemas mais au menos abundantes, e de escharas gangrenosas.

Quasi todos os doentes observados até hoje, erão homens encarregados de tratar de cavallos mormosos, ou que habitavam n'uma estrebaria onde havia cavallos affectados d'esta molestia. Em alguns casos, a transmissão teve logar porque a materia virulenta, que sahia das ventas do cavallo, foi posta em contacto com uma esfoladura ou um côrte que existia nas mãos da pessoa infectada; havia então *inoculação* verdadeira. Mas em outros casos, não podendo ser verificada alguma d'estas circumstancias, a molestia foi communicada pela pura *infecção*, determinada pelas relações frequentes e prolongadas com os cavallos mormosos. Emfim, um caso bem doloroso veio provar que o mormo é igualmente transmissivel de homem a homem : um joven estudante de medicina, que curava n'um hospital de Pariz um arrieiro affectado de mormo, succumbio d'esta terrivel molestia.

O mormo apresenta-se sob a fórma *aguda* ou *chronica*.

Symptomas do mormo agudo. Quando o mormo foi contrahido por infecção, os prodromos são os de uma affecção aguda : ás vezes os de uma febre grave : calefrios, fastio, lassidão geral, dôres em diversas partes do corpo, dôres de cabeça, nas costas, mas sobretudo nas pernas e braços. Quando o pus mormoso foi inoculado por alguma ferida, alguma picada, etc., estes symptomas são precedidos pela inflammação local, (erysipela, engurgitamento dos ganglios lymphaticos vizinhos), que se mostra de dois a oito dias depois da inoculação. Emfim, o mormo póde declarar-se subitamente durante o curso de um farcin chronico. *Veja-se* FARCIN.

Qualquer que seja o seu modo de invasão, logo as dôres musculares e articulares augmentam; o pulso torna-se mais forte, assim como o calor do corpo. As dôres, que constituem o phenomeno predominante, parecem-se com as do rheumatismo agudo. Ao cabo alguns dias, uma articulação dolorosa, ou algum ponto do rosto, torna-se a séde de uma inflammação erysipelatosa, que se cobre logo de vesiculas e de manchas gangrenosas; em outras partes é uma erupção de tuberculos, de empolas ou pustulas que foram comparadas á vaccina ou ás bexigas; ellas seccam lentamente, e podem ser seguidas de ulcerações que tendem a augmentar. A febre vai continuando : mas muitas vezes o pulso já se acha menos desenvolvido; a lingua está vermelha na ponta e suja na base; ha diarrhea, a respiração está accelerada; o ar circula difficilmente atravez das fossas nasaes, em consequencia da inchação da membrana mucosa. Sobrevem tosse secca e rara. Um fluxo mucoso, ou puri-

forme, amarellado, cinzento, estriado de sangue, abundante e fetido, estabelece-se pelas ventas. Examinando então as fossas nasaes, acha-se ordinariamente a membrana mucosa rubra, excoriada, ulcerada; o septo póde estar perforado. A pelle do rosto, a das pernas, cobre-se de novas pustulas e de bolhas gangrenosas. Collecções purulentas circumscriptas formam-se no tecido cellular sub-cutaneo, sobretudo na espessura dos musculos; não são acompanhadas da mudança de côr na pelle. Os doentes ficam então muito abatidos; tem presentimentos sinistros; o somno agitado por sonhos : muitos tem delirio; a respiração accelera-se; a tosse é mais frequente; muitas vezes deitam escarros côr de tijolo; o pulso torna-se mais accelerado e mais fraco; a lingua fica secca e preta; a garganta dolorosa; pontos gangrenosos observam-se no ceo da bocca; as evacuações alvinas são abundantes e fetidas. A prostração é então extrema; o delirio é contínuo ou alternado com somno profundo; o corrimento nasal é mais viscoso; as pustulas cutaneas, a gangrena e os tumores purulentos multiplicam-se. O doente exhala cheiro fetido; a respiração torna-se difficil; emfim sobrevem a morte. A morte chega commummente do decimo quinto ao vigesimo dia, ás vezes mais tarde (o trigesimo); raras vezes mais cedo (oitavo ou decimo).

Symptomas do mormo chronico. O mormo chronico é raras vezes primitivo; quasi sempre é precedido pelo farcin. Quando não é sssim, os doentes expostos desde um tempo mais ou menos longo ao contagio, que então nunca é immediato, sentem fadiga, enfraquecimento, dôres vivas nos braços, pernas e juntas, e ás vezes pontadas excessivamente fortes, mas pouco duraveis; depois são successivamente ou ao mesmo tempo affectados de tosse secca, dôr de garganta e irritação das fossas nasaes. As ventas estão tapadas como no defluxo; alguns doentes accusam uma dôr na raiz do nariz; assoam de vez em quando sangue, muco puriforme, e crostas; ás vezes explorando as fossas nasaes, descobrem-se ulcerações e avista-se o septo perforado. O exame da bocca e da garganta faz tambem reconhecer lesões mais ou menos profundas. A estes signaes vem juntar-se a maior parte dos symptomas que se observam no farcin chronico (dôres articulares, musculares, diarrhea, emmagrecimento, febre).

O mormo chronico dura muito tempo; tem-se visto persistir durante seis annos.

Prognostico. Em geral, o prognostico do mormo e do farcin é extremamente grave. O mormo agudo é quasi sempre mortal; não ha até agora senão dois casos de cura.

Tratamento do mormo e do farcin. Descrevendo o farcin (vol. I, pag. 1081) já deixei dito que o mormo e o farcin são molestias da mesma natureza, e reclamam o mesmo tratamento; eil-o :

Contra o mormo e contra o farcin empregam-se os meios locaes e os meios internos.

Os meios locaes consistem em fazer seringatorios no interior do nariz, no caso de mormo, com agua de Labarraque, com solução de chlorureto de cal, com solução de creosote, ou com Phenol Bobœuf. Eis-aqui as receitas :

1.' Agua de Labarraque...	1 garrafa.	Agua.....	90 gram.
2.° Chlorureto de cal.....	30 gram.	4.° Phenol Bobœuf misturado	
Agua.....	500 —	com 20 partes d'agua.	
3.° Creosote.....	1 —		

As ulceras do farcin e do mormo curam-se com os mesmos liquidos.

Internamente, administre-se o vinho de quinium Labarraque, na dóse de um calice de licor duas vezes por dia; ou a poção seguinte :

Cozimento de quina...	250 gram.	Acetato de ammoniaco...	4 gram.
Ether sulfurico.....	30 gottas.	Xarope de quina.....	30 —

Misture-se. O doente tomará quatro colheres *de sopa* d'esta poção, de duas em duas horas.

Os outros medicamentos internos aconselhados são :

Tintura de iodo, na dóse de 6 gottas, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Extracto de aconito em pilulas, segundo a receita seguinte:

Extracto de aconito..... 1 gramma.

Faça 20 pilulas. Para tomar 6 pilulas por dia, uma pilula de 2 em 2 horas.

É preciso espalhar no quarto do doente agua de Labarraque, ou Phenol Bobœuf, duas ou tres vezes por dia.

A attenção deve ser sobretudo dirigida para os meios de evitar o contagio, e de prevenir seus effeitos. Todas as pessoas obrigadas a approximar-se dos cavallos mormosos, ou farcinosos, devem observar o maior asseio, não dormir nas estrebarias, evitar o contacto das materias que sahem das ventas ou das postemas, lavar as mãos em phenol Bobœuf perfumado depois de cada contacto ; e se por acaso esta materia cahir n'uma ferida, n'uma arranhadura, lavar instantaneamente a parte com muita agua e cauterizar com pedra infernal ou com oleo de vitriolo. Seria para desejar que a policia vigiasse os estabelecimentos que contém muitos cavallos ou bestas, e mandasse immediatamente matar os animaes mormosos. Para evitar que os arreios das bestas mortas de mormo communiquem a molestia a outros animaes, é necessario lavar estes arreios em phenol Bobœuf, ou na dissolução de chlorureto de cal, na proporção de 30 grammas de chlorureto de cal para 5 litros d'agua.

MORPHÉA. A *morphéa, mal de São Lazaro, mal feio* ou *elephantiase dos Gregos*, é uma molestia cutanea caracterizada, no seu maior gráo de desenvolvimento, por pequenos tumores ou *tuberculos* que se mostram principalmente no rosto e nas orelhas, e depois na bocca, nos membros, etc., susceptiveis de persistirem mui longo tempo em um estado de dureza, ou de terminarem por ulceração, e ás vezes pela resolução. O desenvolvimento dos tuberculos é precedido de manchas que nos homens brancos são roxas ou avermelhadas, e nos negros mais escuras do que a pelle. Quando, depois, a molestia faz progressos, os tuberculos inflammam-se, tornam-se molles e ulceram-se. O pus d'estas ulcerações secca promptamente, e torna-se em crostas adherentes roxas

ou pretas. Sob estas crostas formam-se ás vezes boas cicatrizes; mas esta terminação é rarissima.

Causas. Esta molestia, pouco commum nos climas temperados, é, pelo contrario, mui frequente nos paizes quentes, na Africa, nas Indias, nas Antilhas e no Brazil. O calor e a humidade favorecem o seu desenvolvimento, e observa-se principalmente nas regiões pantanosas, onde estas duas condições se acham reunidas. Acha-se a morphéa n'um paiz mui frio, que é a Noruega; mas o resto da Europa está quasi inteiramente livre d'esta molestia, com excepção de alguns pontos do littoral do mar Mediterraneo; taes como a Provença em França e o Piemonte, onde ainda hoje se encontram alguns casos isolados. O desalinho, a falta de cuidado, a miseria, as causas de insalubridade que actuam especialmente sobre a pelle, tem tambem muita influencia sobre a producção d'esta molestia. Uma alimentação má, e sobretudo o uso de peixes corruptos, salgados, o abuso de carne de porco salgada, póde tornar-se, segundo o juizo de muitos medicos, a causa da morphéa.

Sempre reinou terror a respeito do caracter contagioso da molestia. As leis antigas recommendavam precauções muito severas, e o costume que existe em muitos paizes de apartar os morpheticos, prova quanto é grande o medo da communicação da morphéa. Entretanto, apezar da opinião vulgar, não está de maneira alguma demonstrado que a morphéa se possa transmittir por contagio; muitos factos tendem a provar, pelo contrario, que as communicações approximadas e frequentes, taes como aquellas, por exemplo, que podem existir entre um marido e uma mulher, não bastam para determinar a transmissão da molestia.

Symptomas. Primeiro periodo. A molestia declara-se de maneira quasi insensivel : apparecem no rosto ou em outras partes do corpo manchas roxas ou vermelhas, mais pretas do que o resto da pelle, ou avermelhadas em o negro. Um dos caracteres mais importantes é a insensibilidade das manchas. Esta insensibilidade, que existe no maior numero de casos, é, no principio, um dos signaes mais certos da molestia.

Segundo periodo. Logo depois a molestia manifesta-se por signaes menos equivocos : o rosto toma uma côr roxa ou azulada; frequentemente o tecido cellular da testa e do rosto principia a ficar mais espesso; a pelle engrossa e adquirre uma côr de cobre. O nariz faz-se mais volumoso e muda de côr, as orelhas tornam-se mais espessas, as palpebras incham, os olhos ficam humidos. A insensibilidade das partes intumecidas torna-se mais manifesta. Os cabellos que existem sobre as manchas mudam de côr, e depois cahem. Os beiços augmentam de volume; o halito é fetido, a voz rouca. Ao mesmo tempo os doentes tornam-se sorumbaticos; tem vergonha e horror de si mesmos, perdem a actividade e as forças. As vezes a molestia pára n'este gráo, e póde assim persistir estacionaria por muitos annos.

Terceiro periodo, Aqui a fórma tuberculosa apparece de maneira mui distincta. Especialmente no rosto, elevações arredondadas, molles, lividas, vem dar á molestia um caracter particular. Estes tuberculos, que variam desde o tamanho de uma ervilha até ao de uma noz e mais, são

de duas especies : uns *superficiaes*, redondos, achatados; outros *subcutaneos* e formados pelo engurgitamento do tecido cellular. As mãos dos doentes tem um caracter particular; são em geral gordas, molles e rugosas; ás vezes, toda a pelle tem um aspecto luzidio, como se estivesse coberta de azeite.

Quarto periodo. Os symptomas adquirem ainda maior intensidade. Os tuberculos amollecem, abrem-se, cobrem-se depois de crostas pretas, ou dão logar a um fluxo abundante. As ulceras são de côr vermelha escura com margens duras. Os dedos curvam-se, as unhas cahem. Os doentes n'esta epoca cahem n'um abatimento e desespero profundo; perdem as forças e emmagrecem.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido ensaiados contra a morphéa. Tem-se recorrido aos purgantes, aos sudorificos, ás preparações antimoniaes, mercuriaes, arsenicaes, quasi sem resultado. A sciencia espera ainda novas luzes sobre esta molestia. Os doentes devem mudar frequentemente de roupa, entregar-se a exercicios brandos, lavar a miudo as ulceras com decocção de malvas ou de linhaça, e ter o maior asseio. Seu regimen será brando, composto principalmeute de leite e vegetaes; a abstinencia das carnes salgadas, de todos os estimulantes, é de absoluta necessidade. A emigração para outras regiões é o mais poderoso meio para que o doente melhore d'esta molestia, produzida por influencias locaes. O uso do leite de uma ama sã póde neutralizar n'uma criança a disposição hereditaria. Os medicamentos aconselhados contra a morphéa são :

1.ª *Banho sulfuroso.*

Sulfureto de potassio secco.....	90 grammas.
Agua commum.....	1/2 litro.

Dissolva e deite em uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral. Cinco a dez banhos, cada um de meia hora.

2.º *Pilulas de iodureto de ferro de Blancard*..... 48

Para tomar 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

3.ª *Pilulas de sabão medicinal.*

Sabão medicinal.....	15 centigrammas.
Nitro.....	5 —
Alcaçuz em pó.....	quanto baste.

Para fazer 1 pilula, e como esta mais 35. Toma-se uma pela manhã, outra á noite.

Externamente, sobre os tuberculos fricções com uma das pomadas seguintes :

1.ª *Pomada iodada.*

Iodo.....	2 grammas.
Banha.....	45 —

2.º *Pomada de iodureto de enxofre.*

Iodureto de enxofre.....	1 gramma.
Banha benzoinada.....	20 —

Sobre as ulceras, façam-se as applicações seguintes :

1.° *Agua phenica*..... 250 grammas.

Molham-se fios n'esta agua, e applicam-se sobre as ulceras.

2.° *Glycereo phenico.*

Acido phenico liquido.....	2 grammas.
Glycerina	20 —

3.° *Solução de chlorureto de cal.*

Chlorureto de cal.....	8 grammas.
Agua.....	360 —

4.° *Solução de perchlorureto de ferro.*

Perchlorureto de ferro liquido a 30°.....	15 grammas.
Agua.....	1/2 litro.

5.° *Solução de permanganato de potassa.*

Permanganato de potassa.....	1 gramma.
Agua.....	1 litro.

6.° *Solução de sulfato de ferro.*

Sulfato de ferro.....	15 grammas.
Agua	250 —

É bom tambem tocar levemente as ulceras morpheticas com pincel molhado no oleo de cade puro, ou misturado com dez ou cinco tantos de azeite doce. O oleo de cade puro é caustico, misturado com azeite doce é simplesmente detergente, isto é, mundificativo das ulceras. O tratamento hydrotherapico, que consiste no uso d'agua fria, interna e externamente, tem ás vezes aproveitado contra a morphéa. *Veja-se* HYDROTHERAPIA.

Tratamento da morphéa pelo Dr. Beauperthuy. O Dr, Beauperthuy, já fallecido, era um medico francez, que residia em Cumana (Venezuela) onde empregava contra a morphéa um tratamento que produzia grandes vantagens, e que se tornou tão notorio, que os governos inglez e francez mandáram em 1869 cada qual um medico para se entenderem com o Dr. Beauperthuy, e observarem os resultados do seu tratamento, que é o seguinte :

1.° Regimen nutritivo e abundante, composto de carne de vacca fresca e de vegetaes frescos. Abstinencia de peixe e carne salgada e das bebidas alcoolicas. É permittido o vinho fraco, o de Bordeos, em pequena quantidade. Abster-se completamente da carne de porco, salgada ou fresca.

2.° Os doentes devem habitar uma localidade salubre, longe dos pantanos, etc. Devem dormir debaixo dos mosquiteiros, afim de evitarem as picadas dos mosquitos, que irritam a pelle e propagam talvez a molestia. Não mais de duas pessoas devem habitar o mesmo quarto, e melhor será que cada qual tenha o seu em separado.

3.' Usar internamente de sublimado corrosivo, na dóse de meio centigramma uma vez por dia. A melhor fórma de administrar este medicamento é o licor de Van-Swieten, de que o doente tomará 5 grammas de manhã n'uma chicara d'agua fria.

Pela noite, ingerir 2 grammas de bicarbonato de soda n'uma chicara d'agua fria simples, ou com assucar. Resulta d'esta explicação que o doente tomará de manhã o sublimado, e pela noite o bicarbonato de soda, e continuará estes medicamentos durante todo o tempo do tratamento. Se o sublimado affectar a bocca, ou produzir qualquer irritação do tubo intestinal, deve ser logo interrompido o seu uso, e substituido pelo bicarbonato de soda, de que o doente tomará 2 grammas de manhã e 2 grammas pela noite. Em alguns doentes, o sublimado não produz bom effeito; n'este caso é preciso limitar-se ao uso do bicarbonato de soda, de que se augmenta gradualmente a dóse, até o doente tomar 30 grammas por dia.

4.' Sobre os tuberculos da morphéa, applicar oleo de castanha de cajú, obtido pela evaporação espontanea da tintura de castanha, que deve ser bem pisada em almoforiz de pedra ou de páo, antes de se expôr á acção do alcool. O oleo encontra-se fluctuando sobre o alcool, e póde ser separado d'elle. Applica-se por meio de esponja; produz em 24 horas uma ligeira couterização; forma-se uma crosta ou eschara, na qual não se deve tocar, e sim deixal-a cahir por si mesma. Depois de cahida a crosta, torna-se a applicar o oleo; á proporção que diminuem os tuberculos, tornam-se mais tenues as crostss das applicações subsequentes, e translucidas por fim. Quando os tuberculos são pequenos e de formação recente, isto é, de menos de um anno, uma só applicação restabelecerá a sensibilidade, e duas ou tres mais destruirão o tuberculo, deixando a pelle perfeitamente flexivel, macia, e sem cicatriz. Sendo mais antigos e mais levantados os tuberculos, serão precisas duas ou tres applicações para despertar a sensibilidade, e mais cinco ou seis para destruil-os inteiramente. Para os tuberculos duros e redondos, nos lobulos das orelhas a applicação é differente. O Dr. Beauperthuy fazia sobre ellas puncturas com uma agulha molhada no oleo, o qual promovia a suppuração, e fazia-os desapparecer mais depressa.

Como applicações externas, póde empregar-se a copahiba e a pomada de iodureto de potassio.

5.° Friccionar todo o corpo pela manhã e á noite com azeite de côco ou azeite doce.

6.° Tomar um banho d'agua e sabão antes de cada fricção.

MORPHINA. É uma base organica existente no opio. Obtida pelos processos chimicos, apresenta-se sob a fórma de agulhas prismaticas, brancas, de sabor amargo, pouco soluveis em agua. Combina-se com os acidos, e forma saes que empregam em medicina, e gozam das propriedades do opio, porém muito mais energicas. Os saes que se empregam com mais frequencia são o chlorhydrato e o sulfato de morphina. Administram-se para provocar o somno, e acalmar as dôres, na dóse de 1 a 3 centigrammas.

A acção calmante da morphina, mui poderosa, quando ella é administrada internamente, muito mais forte é ella quando tomada em injecção sub-cutanea, com a seringa de Pravaz. Injecta-se um centigramma de chlorhydrato de morphina dissolvido em agua pura. É essencial que a solução esteja bem limpa para não causar abcessos. Estas injecções alliviam muito e rapidamente das nevralgias, dôres rheumatismaes, dôres de cadeiras, etc. Em certos individuos que não estão acostumados a essas injecções, basta ás vezes uma só d'ellas para occasionar cephalalgia, máo estar e movitos.

Acetato de morphina. Sal que resulta da combinação do acido acetico com a morphina. Obtem-se dissolvendo a morphina em quantidade sufficiente de acido acetico, e evaporando o liquido até á seccura, a calor brando. É branco, amarellado, inodoro, de sabor amargo, soluvel em agua. Mas passado algum tempo torna-se insoluvel, e para o dissolver então é preciso ajuntar-lhe um pouco de acido acetico. Narcotico energico; tem as mesmas propriedades que o opio; mas hoje é pouco empregado, e prefere-se-lhe o chlorhydrato e o sulfato de morphina. Internamente administra-se na dóse de 1 a 3 centigrammas em pilulas ou xarope.

Chlorhydrato ou **hydrochlorato de morphina.** Sal crystallizado em agulhas, soluvel em agua. Tem os mesmos usos que o opio, mas a sua acção é tres vezes mais energica que a do extracto d'esta substancia. Administra-se como calmante na dóse de 1 a 3 centigrammas em pilulas ou xarope.

Sulfato de morphina. Sal branco, crystallizado em agulhas reunidas em fasciculos, inalteravel ao ar, soluvel em agua, inodoro, de sabor amargo. Calmante energico, empregado em muitas affecções acompanhadas de dôres, na insomnia, tosse, etc., na dóse de 1 a 3 centigrammas em pilulas ou xarope.

MORPHINISMO. Envenenamento chronico proveniente do abuso das injecções sub-cutaneas de morphina. Muito frequente entre as pessoas da classe elevada da sociedade, entre as mulheres sobretudo, commum tambem nos medicos e nas enfermeiras, o morphinismo, cada vez mais espalhado, recruta seos adeptos entre os nevropathas que ficam seduzidos pela excitação passageira, agradavel que a injecção provoca. A picada medicamentosa torna-se um habito, uma necessidade de tal modo irresistivel que ainda mesmo fazendo vêr ao vicioso que elle se expõe a uma morte certa, não se consegue cural-o.

Os symptomas d'este envenenamento são : excitação cerebral, com phases de bruscas depressões, tristeza, melancolia, etc.; deminuição das forças, perda da memoria, hallucinações; emmagrecimento, diminuição do appetite; apparecimento de abcessos em diversas partes do corpo. Pouco a pouco o doente vai se enfraquecendo, a intelligencia se altera e a morte sobrevem com todos os signaes de profunda cachexia.

O unico remedio contra tal estado, consiste em supprimir o veneno, que só se consegue á força de uma extricta vigilancia. Não se deve supprimir bruscamente as injecções porque poderia sobrevir graves accí-

dentes; vai-se diminuindo gradualmente as dóses fazendo todo possivel para evitar as recahidas.

Seria para desejar que se prohibisse a venda da morphina sem receita de medico como se practica para todos os medicamentos perigosos, talvez que se evitassem estes excessos desastrosos.

MORTE. O naturalista Plinio, considerando a incerteza dos signaes da morte, disse que a condição do homem era tal, que até se não podia fiar da morte. Com effeito, a morte é *real* ou *apparente*. A primeira annuncia que cessou a resistencia da força vital ás leis destructivas, e que o corpo obedece ao imperio das reacções chimicas : é então *cadaver*. A morte apparente, que não é, pelo contrario, senão um simulacro da morte, provém da suspensão momentanea da vida externa, sem que a vida interna tenha cessado; na morte real, a vida externa e interna acham-se suspensas. Existe grande numero de factos authenticos que provam que se tem commettido erros sobre a morte. A asphyxia, a apoplexia, a syncope, a catalepsia e muitas outras molestias, podem suspender a vida externa sem destruir a vida interna.

No artigo *Inhumação* acham-se expostos os signaes que distinguem a morte apparente da morte real.

Signaes da morte. São : ausencia da respiração e da circulação, frio glacial, insensibilidade ás incisões, cauterizações, etc., rijeza cadaverica, e mais tarde putrefacção.

A morte é ordinariamente precedida de alguns symptomas graves que dependem da perturbação da respiração, da circulação ou das funcções cerebraes, e que constituem a *agonia*. Aquella que sobrevem de repente, e sem phenomenos procursores chama-se *morte subita :* é determinada ordinariamente pela apoplexia fulminante ou pela ruptura de um aneurisma. A morte é *natural* se sobrevem em consequencia de uma molestia espontanea; *violenta* quando é effeito de uma violencia qualquer.

Signaes da morte da criança no utero. *V.* Feto. Vol. I, p. 1156.

MORURÉ, Mururé ou Mercurio vegetal. *Bichetea officinalis* (?) Urticaceas. Arvore do Pará. Seu leite ou seiva resinosa, que é mui liquida e de côr de tijolo, é um estimulante energico do systema muscular e nervoso. Usa-se no Pará contra a syphilis e rheumatismo, internamente na dóse de 4 grammas diluida em 15 grammas d'agua, tomando-se este mixto de uma só vez, e repetindo-se a mesma dóse no dia seguinte, ou com intervallo de um a dois dias, conforme a acção do medicamento sobre a economia. Desafia grandes dôres ao longo da columna vertebral, em todos os musculos e nas articulações, promove copiosa diaphorese, e ás vezes dejecções alvinas. Martius chamava *mercurio vegetal* ao manacan, seguramente por engano, ou mal informado, porquanto é a esta substancia vegetal que o povo dá aquelle nome, e não ao manacan. (Dr. Castro, do Pará).

MOSCA. Genero de insectos Dipteros, isto é, que tem duas azas. cujos caracteres são : corpo oblongo, quasi cylindrico, cabeça globosa. 2 olhos grandes e 3 pequenos, testa achatada, em cima da qual existem antennas com 3 articulos; tromba membranosa, dobrada como cotovelo.

retractil, e terminada por 2 labios; corsolete cylindrico, e ventre ovado; azas grandes e horizontaes; patas longas, delgadas, terminadas por dois ganchos e duas pelotas, e cobertas de pellos rudes.

Existem muitas especies de moscas. Algumas chupam o mel das flores : porém o maior numero ataca as materias animaes ou vegetaes em decomposição. Algumas ha que põem ovosinhos chamados *lendeas;* outras põem as *larvas* vivas. Durante o curso da sua existencia experimentam tres metamorphoses, designadas pelos nomes seguintes : 1°. *larva*, 2°. *chrysalida*, 3° *insecto perfeito.* A larva é o primeiro estado da mosca, aquelle em que se acha depois da sua sahida do ovo, e apresenta-se debaixo da fórma de um verme esbranquiçado, cylindrico e molle, com a cabeça armada de ganchos : encontra-se na carne em decomposição, nos estrumes, monturos, etc. A chrysalida ou nympha é sob a fórma de uma pequena semente ovoide, coberta de uma casca denegrida, de que sahe, passado certo tempo, a mosca perfeita.

O typo da especie é a MOSCA DOMESTICA (*musca domestica*). É a *mosca de casa,* que todos conhecem. Tem 1/2 centimetro de comprimento, as antennas pretas, os olhos roxos, o rosto coberto de um pello como seda, o peito cinzento com quatro riscos longitudinaes denegridos; o ventre cinzento por cima, amarellado por baizo. Vive no estado de larva no estrume; atira-se a todas as comidas que se servem nas nossas mesas, ataca sobretudo as substancias doces, mas pousa frequentemente sobre o homem para chupar os productos da transpiração.

As larvas de certas moscas atormentam ás vezes a especie humana. As que se encontram mais frequentemente nas diversas partes de nosso corpo referem-se a quatro especies principaes : 1.ª *mosca carniceira*, 2.ª *mosca varejeira*, 3.ª *mosca dourada*, 4.ª *mosca hominivora.*

A mosca carniceira, que põe as larvas já vivas, é bastante commum, e a maior das quatro. Tem o corpo amarellado por diante e coberto de pellos negros bastante compridos e espessos; peito pardacento



Fig. 668. — Mosca varejeira.

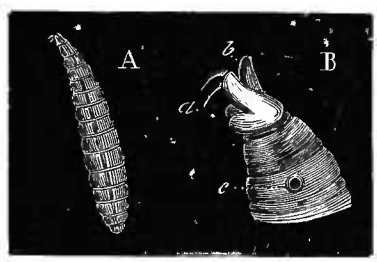


Fig. 669. — Larva da mosca varejeira (*).

com quatro riscos longitudinaes negros; ventre preto luzente com quatro nodoas quadradas esbranquiçadas sobre cada annel. Esta mosca voa com rapidez e faz ouvir um zunido contínuo; depõe as suas larvas nos cadaveres.

Mosca varejeira (fig. 668 e 669). É uma das grandes especies. Tem

(*) A, larva; B, extremidade do lado da cabeça, engrossada; *a*, ganchos; *b*, corno carnudo; *c*, estigma.

o thorax preto e o ventre azul. Annuncia-se por um zunido bastante forte; tem o olfato assaz subtil, sente a carne de longe e sobretudo a carne fresca. É ovipara : isto é, põe lendeas, assim como as duas especies seguintes.

Mosca dourada, é do tamanho da *mosca domestica*. Põe os ovos sobre os cadaveres de animaes.

Mosca hominivora. Habita a America meridional; tem 9 millimetros de comprimento, palpos ou filamentos fulvos, cabeça grande, rosto amarellado, pernas pretas, azas transparentes, um pouco escuras na base.

As larvas de todas estas moscas podem desenvolver-se nas feridas, e nas cavidades naturaes do corpo humano, e formam então o que se chama *bicheiro*. (*Veja-se* esta palavra). Encontrei uma vez essas larvas, no Rio de Janeiro, no interior do nariz de um preto, de que fallo no vol. I, pag. 330 d'esta obra. O doente sarou depois de expulsar 84 bichos. O Dr. Coquerel observou uma quantidade d'essas larvas n'um condemnado em Cayenna, que produzíram a morte d'esse infeliz. O Dr. Saint-Pair vio seis casos analogos (1855, 1856). Tres doentes succumbiram depois de crueis soffrimentos; dois perdêram completamente o nariz; e o ultimo ficou quite por uma deformação d'este orgão. O Dr. Daniel deo a conhecer outro caso seguido de morte, no qual a orelha esquerda estava cheia de larvas de moscas. Na Europa tambem se encontram casos semelhantes. Um exemplo mui curioso d'este genero foi publicado pelo Dr. d'Astros, d'Aix em Provença, na França. Uma mulher, tendo adormecido no campo, foi assaltada por moscas, que lhe depuzeram os ovos no nariz. Durante tres dias sentia uma dôr leve, mas surda, que partia da testa e estendia-se até á fonte direita. Esta dôr era seguida de um formigamento importuno e de um ruido particular que a doente e as pessoas assistentes ouviam, e que podia comparar-se ao dos vermes que roem a lenha. Dois dias depois em consequencia de uma hemorrhagia nasal, deitou 113 vermes. Se acontecesse um caso semelhante, seria necessario incontinente usar de seringatorios d'agua salgada, para produzir a expulsão d'estes bichos.

As larvas das moscas podem tambem introduzir-se sob a pelle, e produzir tumores e ulcerações. O Dr. Cloquet refere o caso seguinte : Um homem, cuja profissão era apanhar trapos velhos para as fabricas de papel, foi achado adormecido n'um fosso de Pariz, e levado ao hospital São Luiz. Tinha a pelle da cabeça coberta de tumores com perforações, que eram fervedouros de larvas de moscas. Quinze a vinte d'estes vermes sahiam das palpebras singularmente inchadas e approximadas. Os olhos estavam furados e vasios. Outras larvas sahiam pelo nariz e orelhas. Este infeliz reproduzia, em todo o seu horror, a molestia do pobre Job. Se as larvas das moscas se desenvolverem em alguma parte superficial do corpo, o meio de livrar-se d'ellas consiste em polvilhal-as com rapé ou com calomelanos.

Meios para destruir as moscas. 1.° Espalhar pós de pyrethro nos logares onde se ajuntam as moscas. 2.° Pôr n'um quarto um copo contendo uma dissolução mui carregada de sabão, e cobrir este copo com um

papel no meio do qual se faz um buraco bastante grande, afim de que as moscas possam entrar n'elle. O effeito d'esta cilada será mais certo, ajuntando á agua de sabão um pouco de assucar, ou mel de abelhas.

A agua de sabão tem a propriedade de attrahir o insecto, sem ter os effeitos perigosos do cobalto arsenical que póde occasionar accidentes nos homens, e matar as gallinhas que engolem as moscas envenenadas pelo arsenico. — O papel *para matar as moscas*, que se vende em certas lojas, prepara-se molhando uma folha de papel n'uma decocção de quassia adoçada com assucar, á qual se ajunta ás vezes uma decocção de noz vomica, que é um veneno violento para todos os entes. Os outros liquidos envenenados são sempre perigosos, pois é impossivel impedir que as moscas, que não morrem immediatamente, vão cahir nas comidas e lhes communiquem propriedades nocivas. — Um meio simples consiste em pôr sobre uma mesa duas pranchetas cobertas interiormente de mel de abelhas, e mui proximas uma da outra; quando se vêem entre ellas as moscas reunidas em numero compacto, e occupadas de sua comida, approximimam-se rapidamente as duas pranchetas, e matam-se assim estes insectos por centenas. O oleo de louro é antipathico ás moscas. Passando uma leve camada d'este oleo sobre os quadros dourados que ornam os salões, consegue-se garantil-os por alguns mezes do contacto das moscas.

Nas estrebarias e nos curraes, expulsam-se facilmente as moscas que atormentam as bestas, fazendo reinar por alguns minutos n'estes logares uma escuridão completa. Abrindo-se depois um postigo, afim de introduzir um raio de viva luz, todas as moscas sahirão. Os cavallos e as bestas que viajam são frequentemente atormentados, sobretudo nos matos, pelas picadas de certas moscas. Põem-se ao abrigo da importunidade d'estes insectos esfregando-os com plantas amargas ou de cheiro forte, taes como a losna, almeirão e outras.

A *mosca de carne* põe os ovos na carne. Apezar de todas as precauções, é difficil evitar seus estragos. O melhor meio consiste em suspender a carne onde haja corrente de ar, ou em logar escuro. Se, apezar d'isto, a carne apresentar signaes de corrupção; cumpre, antes de preparal-a da maneira ordinaria, fervel-a levemente em agua na qual se deitam alguns pedaços de carvão de lenha.

A picada das moscas, que pousaram em animal morto do carbunculo ou n'um cadaver em putrefacção, produz tumores sempre graves, e occasiona ás vezes a *pustula maligna*. *V.* Carbunculo.

MOSCADA ou **NOZ MOSCADA.** Amendoa do fructo da moscadeira, *Myristica officinalis*, Linneo, arvore das Molucas, da familia das Myristiceas, cultivada no Pará (fig. 670). Esta amendoa é oval, dura, unctuosa, de côr cinzenta avermelhada, com veios cinzentos; cheiro suave e forte, sabor quente. É envolvido por uma especie de cupula, chamada *arillo da noz moscada* ou *macis*, que se divide em tiras chatas, ramosas, cartilaginosas, frageis, muito vermelhas quando está fresca, mas fazendo-se amarellas com o tempo : é a substancia mais aromatica de todo o fructo. A noz moscada é um estimulante poderoso; emprega-se

principalmente na arte culinaria ; facilita a digestão. A infusão de raspas de moscada, feita em vinho quente, é muito empregada entre a gente dos campos, durante o parto. como tonica e estimulante. — Obtem-se, pela espressão, da moscada, um oleo concreto, aromatico, chamado *manteiga de moscada,* que entra na composição do balsamo nerval, empregado nas paralysias em fricções como estimulante

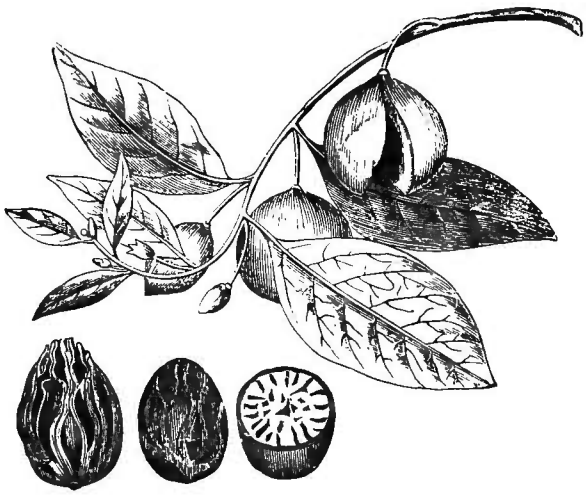


Fig. 670. — Moscada.

Moscada do Brazil. Dá-se este nome á semente da *Cryptocarya moschata,* Martius, arvore do Brazil, da familia das Laurineas, mui commum nas mattas virgens da Provincia de Minas Geraes, da Bahia, e outras. Esta arvore tem as folhas ovaes-oblongas, terminadas em ponta, base aguda; flores inseridas na axilla das folhas superiores; fructo oboval, formado exteriormente pelo envoltorio e interiormente por uma baga que termina por uma pequena ponta, de cheiro e sabor aromaticos. Estes fructos gozam de propriedades estimulantes. As cascas da arvore, depois de seccas, são de cheiro e sabor muito agradaveis, assemelhando-se a uma mistura de cravos e pimentas. No Brazil tambem é conhecida com o nome de noz moscada a bicuiba, *myristica bicuhyba,* Schott. *Veja-se* BICUIBA

MOSQUITO. Todos conhecem estes insectos importunos, que abundam sobretudo nos logares aquaticos. Avidos de sangue humano, perseguem-nos em toda a parte, furam-nos a pelle, que muitas vezes nem os vestidos podem preservar, e depõem na picada um liquido venenoso, que é causa da dôr e inchação que se manifesta. Não ha outro meio de se preservar de seus ataques senão cercar a cama com um mosquiteiro, especie de sacco feito de cassa. Sem esta precaução, é impossivel descançar quieto de noite, e até de dia. Para preservar os soldados nos quarteís, aconselha-se que se fechem as portas e janellas um pouco antes de se pôr do sol, deixando uma abertura á qual estes insectos se dirigem todos para sahirem, por um effeito do instincto que os leva a procurarem a luz. — Convem afastar as habitações das aguas estagnadas; n'estes logares os mosquitos acham-se em maior numero, porque suas larvas vivem n'agua. Pelo mesmo motivo, é preciso evitar ter deposito d'agua em casa. — A agua fria, simples ou misturada com aguardente ou com vinagre, é o melhor remedio para prevenir a inflammação das picadas dos mosquitos.

MOSTARDA. Planta da familia das Cruciferas, de que existem varias especies. As principaes que são empregadas são :

Mostarda negra. *Sinapis nigra,* Lin. Planta cultivada no Brazil e em Portugal (fig. 671). As suas sementes são vermelhas quando maduras, e tornam-se pretas com o tempo. Reduzida a pó, esta semente constitue a farinha de mostarda, medicamento de uso quotidiano e de efficacia incontestavel. Os banhos de pés, a que se ajunta a farinha de mostarda, actuam como derivativos contra as dôres de cabeça, congestões cerebraes, inflammações dos olhos, dos ouvidos, da garganta, etc. Com farinha de mostarda e agua tepida ou fria se fazem cataplasmas que se chamam *sinapismos,* e applicam-se ás pernas, principalmente nas molestias da cabeça. *Veja-se* SINAPISMO.



Fig. 671. — Mostarda negra.

Farinha de mostarda. Esta farinha apresenta, quando é de boa qualidade, um aspecto amarellado, com pontos pretos. E util ter sempre em casa alguma farinha de mostarda; mas não se deve fazer d'ella grande provisão, porque perde, com o tempo, as suas propriedades excitantes. Convem guardal-a n'um vaso de louça pondo-se-lhe um letreiro, afim de não confundir esta substancia com a farinha de linhaça.

Mostarda branca. *Sinapis alba,* Din. As sementes são de côr amarellada e duas vezes maiores que as da mostarda preta. Contém pouco principio acre, não podem servir para fazer sinapismos, mas reduzidas á farinha empregam-se como estomachicas. Na dóse de duas colheres *de chá,* a farinha de mostarda branca é laxativa.

Mostarda (*Condimento*). A mostarda que se serve nas mesas é a semente preta moida com vinagre, e ás vezes com vinho. Muitos fabricantes fazem entrar outros ingredientes na fabricação da mostarda, taes como rábão, pimenta, assucar, etc. Esta substancia, tomada em pequena quantidade, estimula o estomago, e augmenta as forças digestivas,

Mostarda franceza. Para preparar a mostarda ordinaria, isto é sem substancias aromaticas, infunde-se durante alguns dias certa quantidade de sementes inteiras de mostarda negra em igual quantidade de vinagre branco, por exemplo, um litro de sementes de mostarda n'um litro de vinagre. Mexe-se a mistura 2 a 3 vezes por dia, e ajunta-se novo vinagre, se fôr necessario, afim de que as sementes estejam sempre humidas. Tiram-se as sementes, e depois de moidas no moínho ou pisadas n'um gral de pedra, diluem-se em vinagre para obter massa espessa. Depois deita-se a mostarda nos potes, e tapa-se com cuidado. A mostarda franceza é de côr amarella escura, por isso que a semente não foi privada do seu envoltorio.

Mostarda aromatica franceza. Salsa hortense, cerefolio, cebolinha

1/2 mólho de cada substancia; alho 3 dentes; sal de cozinha 250 grammas; azeite doce 125 grammas; mistura de cravos da India, moscada, pimenta do reino, canella ou gengibre em pó, 60 grammas; essencia de tomilho, 40 gottas: essencia de canella, 30 gottas; essencia de estragão 30 gottas. Cortam-se muito miudo as plantas, maceram-se por 15 dias em quantidade sufficiente de vinagre branco. Passado este tempo, moem-se no moinho, mistura-se com as subtancias moidas bastante mostarda em pó para formar 12 litros; e ajuntam-se então as outras substancias.

Mostarda ingleza. É *amarella,* e é formada como a franceza pelas sementes da mostarda preta, mas na sua preparação, a episperma separa-se primeiro da amendoa, e só esta se reduz a farinha. É muito mais activa do que a farinha franceza, que é *cinzenta,* visto que n'esta se acha misturado o envoltorio externo da semente ou a episperma. Apresenta-se nas mesas em pó, e para empregal-a é necessario diluil-a em agua, e ajuntar-lhe um pouco de sal e de assucar. É um tempero que facilita a digestão.

A mostarda ingleza é muito mais forte do que a franceza, porque o vinagre que entra na composição d'esta, oppõe-se ao desenvolvimento da essencia de mostarda, que só se forma na presença da agua fria ou algum tanto tepida. A agua *quente* impede tambem o desenvolvimento da essencia na farinha de mostarda.

MOVITO. *Veja-se* ABORTO.

MUCILAGEM. É agua carregada de certa quantidade de gomma, ou de um principio mucilaginoso que tem bastante analogia com esta, e que existe em muitas substancias vegetaes, como são as raizes e folhas de malvas, sementes de linho, de marmelo, etc. Estas preparações são viscosas. Basta, para obter a mucilagem, fazer ferver em agua estas diversas substancias.

MUCO. Liquido semi-transparente, viscoso que lubrifica a superficie das membranas mucosas, por exemplo, as membranas da bocca, do nariz, dos intestinos, etc. É segregada por glandulas especiaes muito abundantes em certos logares; contribue muito á sua formação, o derretimento das cellulas epitheliaes que se reformam continuadamente. No ponto de vista chimico, é um liquido alcalino que contém saes e restos de cellulas. No correr das febres graves, fica parada a secreção do muco, a bocca fica secca não só porque se acha privada de saliva mas tambem por suppressão do mnco. Nas inflammações das mucosas, ao contrario, o muco é abundante, amarello esverdeado, elle contem pus; a coryza ou defluxo é um facil exemplo d'essas transformações. O muco tambem é abundante nas cystites, enterites, etc. No estado normal, ella serve para amaciar, para lubrificar a superficie das mucosas, por conseguinte, para facilitar suas funcções, protegendo ao mesmo tempo sua integridade.

MUDEZ. Nome pelo qual se designa o estado de uma pessoa muda ou que se acha na impossibilidade de proferir uma palavra. Distingue-se a mudez em *accidental* e de *nascença.* A primeira é o symptoma pas-

sageiro de alguma molestia, e principalmente de affecção cerebral aguda. A mudez de nascença reconhece por causas o idiotismo, a privação ou a má disposição da lingua, e a surdez. A mudez, que apparece durante alguma molestia, persiste, cura-se e reproduz-se com esta molestia, sem reclamar emprego de meio algum particular. A mudez que depende do idiotismo, e de vicio na conformação da lingua está quasi além dos recursos da arte; quanto á que provêm da surdez, *veja-se* SURDEZ.

MULA ou **Bubão.** O bubão é um tumor, mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas da virilha, e produzido pelo virus syphilitico. No maior numero de casos, o bubão reconhece por causa a presença de cancros syphiliticos nas partes genitaes, ou a existencia na economia do vicio syphilitico, mas as glandalas da virilha podem tambem inchar sympathicamente por causa de uma simples ferida no pé, pela irritação occasionada pelos callos ou pelo calçado muito estreito. As inchações não syphiliticas chamam-se *inguas*. Distinguem-se das inchações syphiliticas pelas circumstancias que acompanham a sua apparição. Devem-se, pois, fazer indagações muito minuciosas sobre os antecedentes da pessoa, para não confundir o bubão syphilitico com um simples engurgitamento das glandulas. No presente artigo occupar-me-hei só do bubão syphilitico; quanto ás inchações das glandulas da virilha, que procedem de outras causas, consulte o leitor o artigo INGUA. Os bubões não syphiliticos apparecem tambem na peste. (*Veja-se* esta molestia.)

Os bubões syphiliticos podem ser *consecutivos* ou *constitucionaes*. Os bubões consecutivos são os que se declaram depois da apparição dos cancros venereos ou de uma blennorrhagia; os constitucionaes manifestam-se ao cabo de um tempo mais on menos longo, em consequencia de uma infecção antiga, que se tornou constitucional.

Symptomas. Dividem-se os bubões em *inflammatorios* e *indolentes*. A apparição de um bubão inflammatorio é ordinariamente precedida de uma dôr na virilha, que frequentemente se attribue ás grandes caminhadas. Quando se põe a mão n'este logar, perecebe-se que uma ou mais glandulas estão inchadas, e são sensiveis á pressão. Pouco a pouco, o tumor torna-se mais consideravel, duro, adherente; incommoda muito quando o doente anda : a superficie faz-se vermelha; apparecem dôres latejantes cada vez mais fortes; emfim, um fóco de suppuração se estabelece mais ou menos promptamente. Os bubões indolentes desenvolvem-se com lentidão, quasi sem dôr; não apresentam mudança na côr da pelle, suppuram raras vezes, e sempre com difficnldade. Os bubões syphiliticos podem terminar por suppuração ou resolvem-se.

Tratamento. As differenças, que entre si apresentam os bubões syphiliticos, indicam bastantemente que devem existir grandes variedades no seu tratamento. Se o bubão começar com grande sensibilidade, convem applicar cataplasmas de linhaça, usar de semicupios d'agua tepida, de bebidas diluentes, como a infusão de linhaça, o cozimento de arroz, de cevada, e conservar-se em repouso absoluto. Acontece muitas vezes que com este tratamento, o tumor diminue e desapparece inteiramente. Mas

se, pelo contrario, não foi possivel vencer a força da inflammação, o bubão acaba por suppuração, o que se conhece pela elevação do seu apice, e fluctuação que apresenta. N'esta circumstancia, quando a collecção purulenta se fez com grande rapidez, ella abre-se espontaneamente, e a cura opera-se em geral sem deixar cicatriz muito apparente. Se o trabalho inflammatorio fôr menos prompto, abreviar-se-ha a duração do tratamento local, evacuando o fóco por meio de instrumento. A cicatriz será linear e pouco visivel. Se n'este caso se esperasse a abertura espontanea do abcesso, a pelle tornar-se-hia mui delgada, a abertnra mui grande, e a cicatriz seria disforme.

Applica-se ás vezes potassa caustica para abrir o tumor; este meio convem todas as vezes que a collecção de pus se formou lentamente, quasi sem irritação inflammatoria, como em alguns tumores escrophulosos, ou tambem quando o fóco é vasto, a pelle violacea e despegada.

A ulcera que resulta da abertura do bubão deve ser curada com fios untados de ceroto simples; e se houver ainda grande inflammação, applicar-se-hão por cima d'estes fios cataplasmas de linhaça. Se carnes esponjosas se oppuzerem á cura, é preciso tocal-as levemente com pedra infernal, ou polvilhar com alumen calcinado, e fazer curativos com fios molhados em agua de Labarraque. Os curativos com unguento mercurial são tambem um bom excitante n'este caso.

Durante este tratamento local, é indispensavel empregar internamente, *logo no principio*, os medicamentos antisyphiliticos, sem os quaes a cura não póde ser duradoura. Estes medicamentos são :

Pilulas de proto-iodureto de mercurio.

Proto-iodureto de mercurio..... ...	5	centigrammas.
Thridacio.....	5	—
Extracto de cicuta.....	10	—

Faça 1 pilula, e como esta mais 59. Toma-se 1 pilula por dia. Por cima da pilula bebe-se uma colher *de sopa* de xarope de salsaparrilha misturada com uma chicara d'agua fria.

Se depois de acabadas estas 60 pilulas, o bubão não sarar, recorra-se ao licor de Van-Swieten, cuja receita é :

Bichlorureto de mercurio.....	25	centigrammas.
Alcool á 80°.....	25	grammas.
Agua distillada.....	225	—

Dissolva. *Dóse :* 4 grammas, isto é, uma colher *de chá*, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria ou de cozimento de salsaparrilha.

O modo de preparar o cozimento de salsaparrilha está indicado no artigo SALSAPARRILHA. Este cozimento póde ser substituido por uma colher *de sopa* de xarope de salsaparrîlha, misturada com uma chicara d'agua fria. A receita do xarope é :

Xarope de salsaparrilha.....	500	grammas.

As precanções necessarias durante o tratamento mercurial acham-se indicadas no artigo SYPHILIS.

Se existirem trajectos fistulosos, cauterizem-se com pedra infernal, ou façam-se injecções com agua de Labarraque ou com o liquido seguinte :

Tintura de iodo.....	15 grammas.
Iodureto de potassio...	25 centigrammas.
Agua.....	15 grammas.

Cortem-se com tesoura todas as sinuosidades, e as margens da ulcera, se estiverem despegadas.

O bubão syphilitico *indolente*, quer se tenha mostrado com este caracter desde a sua apparição, quer não se tenha tornado indolente senão depois da inflammação mais ou menos viva, deve ser atacado por todos os meios capazes de produzir a sua resolução. O primeiro de todos, e o mais efficaz, é o tratamento mercurial interno. Tomar-se-hão, ao mesmo tempo, alguns purgantes para provocar uma derivação sobre o canal intestinal, e empregar-se-hão fricções sobre o tumor com a pomada de iodureto de potassio. Fazem-se duas fricções por dia sobre o bubão, com a quantidade de pomada do tamanho de uma azeitona para cada fricção. Não cedendo o engurgitamento, applique-se o emplasto de Vigo. Vesicatorios applicados repetidas vezes sobre o tumor podem produzir a sua resolução ou determinar a suppuração.

MULO ou MACHO e MULA, ou BESTAS MUARES (*Animaes domesticos*). Animal que nasce da copula do jumento com a egua, ou do cavallo com jumenta. No primeiro caso tem o nome de *besta eguariça*, e no segundo de *besta asneira*. Nem o macho nem a mula se podem reproduzir; e como nascem pelo cruzamento de duas especies differentes, acontece que os productos tiram uma parte de suas qualidades da mãi e outra do pai; e como estes são muito variados, os seus filhos tambem variam muito na estatura, nas fórmas e qualidades, conforme as raças a que seus pais pertencem. Quando a egua foi fecundada pelo cavallo, o tempo da gravidação é, termo médio, 11 mezes; é um pouco mais longo quando a egua foi fecundada pelo jumento. Antes de propagar estes animaes, convem fixar anticipadamente o uso ao qual serão destinados os animaes muares que hão de nascer d'esta copula. Cumpre tambem escolher as eguas, e lembrar-se de que d'uma egua alongada e ligeira hão de nascer muares convenientes para serviço de sella, entretanto que os que provém das eguas fortes e pesadas servem principalmente para carroças, e para levar cargas. Os muares são animaes mui preciosos; vivem e mantem-se em todos os climas; tem do burro o bom pé, a segurança de perna e a boa saude; tem os lombos fortes, podem levar cargas mais pesadas do que os cavallos, e se são menos alertos e andam mais lentamente do que elles, sua andadura é muito mais segura; raras vezes tropeçam nas veredas estreitas e tortuosas; e por isso empregam-se frequentemente nos paizes montanhosos.

No Rio de Janeiro a maior parte dos trens de luxo são puxados por parelhas de machos ou mulas. Usam-se tambem para serviço de sella; seu trote é brando e ás vezes menos fatigante que o do cavallo. Mas quando se destinam para este ultimo uso, devem-se preferir as *mulas*,

cujas andaduras tenham bastante analogia com as do cavallo. As mulas são com effeito muito mais meigas, muito menos caprichosas do que os machos, que, quando encontram eguas sobre sua passagem durante o tempo do cio, atiram ás vezes couces no momento em que se julga que estão mais quietos; tornam-se então muito perigosos para as pessoas que os conduzem ou os montam.

Em resumo, o muar é um animal eminentemente util. O boi para os pantanos, o cavallo para as planicies, a mula para as montanhas. Sobrio como o camelo, supporta a fome, a sêde, as privações com resignação corajosa. Vive de pouco, gosta dos climas quentes, e raras vezes está doente. Nos climas quentes o cavallo cobre-se de suor, cança-se, enerva-se; entretanto que a mula conserva-se valente. As bestas muares nutrem-se da mesma maneira que o burro e o cavallo, e estão sujeitas ás mesmas molestias que estes. As crias costumam desmammar-se na idade de sete ou oito mezes. Os machos castram-se no segundo anno. A idade dos muares conhece-se pelos dentes, como a dos cavallos.

MULUNGÚ. *Erythrina corallodendron.* Linneo. Leguminosas. Arvore do Brazil; habita em Peruambuco, Alagoas, Bahia. Tem 5 a 10 metros de altura; a casca é um tanto herbacea e lisa, semeada de aculeos cónicos que se destacam com facilidade; as folhas são compostas de tres foliolos, são pubescentes; as flores são grandes e vermelhas. E uma arvore elegante; na epoca da florescencia despoja-se das folhas, e reveste-se de flores, o que lhe dá um aspecto pittoresco. O fructo é uma vagem de 10 a 15 millimetros de comprimento, de 5 millimetros de largura, curva, alojando uma só semente vermelha, e ás vezes duas e mais. — O molungú é reputado calmante do systema nervoso; o cozimento do entrecasco applica-se em banhos nos espasmos. Internamente o entrecasco emprega-se debaixo da fórma de xarope, na dóse de uma colher *de sopa*, de 3 em 3, ou de 4 em 4 horas, para os adultos; e na de uma colher *de chá* para os meninos; emprega-se na bronchite, asthma e tosse convulsa.

Mulungú crista de gallo. *Erythrina crista galli.* Linneo. Leguminosas. Arvore do Brazil; habita no Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo. O tronco não tem geralmente espinhos; as folhas são compostas de foliolos ovaes, lanceolados; os peciolos tem duas glandulas na base. O extracto do entrecasco, na dóse de 10 centigrammas, provoca o somno. As sementes são venenosas.

MUMIA. Corpo humano embalsamado, e conservado quasi intacto durante muitos seculos. A sua côr é roxa escura, ás vezes negra e luzente: o corpo, tão duro e secco como madeira, espalha um cheiro aromatico particular. Com excepção do rosto, frequentemente bem conservado, o resto do corpo é coberto com tiras de panno de linho. (*Veja-se* EMBALSAMENTO.) Encontram-se ainda hoje muitas mumias no Egypto, quer nas pyramides, quer nos sepulcros subterraneos, e acham-se em diversos museos.

MUNHECA. (DESLOCAÇÃO DA.) *Veja-se* DESLOCAÇÃO.

MURITYSEIRO. *Mauritia vanifera*, Martius. Palmeiras. Arvore

do Brazil; habita na provincia do Amazonas. Chamam-lhe tambem *muruty*, *miriti*, e nas provincias do Sul *burity*. Da polpa do fructo se faz uma bebida agradavel e um vinho mui apreciado. Seu doce e geléa são tambem muito procurados. As folhas novas dão palhas e fibras para chapeos, cestas, esteiras, redes, cordas, etc. A parte exterior do tronco dá taboas muito duraveis, planas e convexas; são estas ultimas empregadas no fabrico do azeite e da farinha. Os caroços do fructo, a que chamam *marfim vegetal*, servem para diversos artefactos.

MURRO. *Veja-se* CONTUSÃO.

MURTA. *Myrtus communis,* Linneo. Myrtaceas. Arbusto ou arvore cultivada no Brazil, em Portugal e outros paizes quentes. É uma arvore de tronco recto, dividido em numerosos ramos. Folhas oppostas, quasi sesseis, pequenas, ovaes lanceoladas, inteiras, glabras dos dois lados, de um verde escuro, firmes, sempre verdes, persistentes, de cheiro forte e agradavel quando esfregadas; flores brancas, solitarias na axilla das folhas; fructo (*murtinho*), baga globosa, de um verde anegrado, de cheiro aromatico. Preparava-se antigamente com as folhas d'esta arvore uma agua distillada chamada *agua de anjo*, que era muito empregada como cosmetico. No Brazil, com as folhas da murta, reduzidas a pó, costumam polvilhar a pequena ferida que apparece depois da quéda do cordão umbilical das crianças, o que é muito conveniente e racional.

MURURÉ. *Veja-se* MORURÉ.

MUSCULO. Chamam-se musculos aos orgãos vermelhos e carnudos compostos de uma reunião de fibras mais ou menos parallelas, susceptiveis de contrahir-se e alongar-se, e destinados a mover o corpo em totalidade ou em parte. São os musculos que constituem o que se chama *carne;* formam no homem e nos animaes vertebraes a maior parte da massa do corpo.

Os musculos distinguem-se em *voluntarios* e *involuntarios*. Estes contrahem-se sem a participação do individuo, aquelles obedecem á vontade.

Os *voluntarios* são formados por feixes distinctos, e fixam-se em geral aos ossos pelas suas extremidades como um fio preso ás duas pernas de um compasso; são os orgãos essenciaes do movimento, em virtude da propriedade que tem de se contrahir e estender. Quando se contrahem ou encolhem, as fibras dobram-se em zigue-zague e apresentam ondulações angulosas que cessam com a contracção. Começam e terminam quasi todos por aponevroses e tendões que servem para fixal-os aos ossos. São atravessados em todos os sentidos por arterias, veias e nervos.

Os *musculos involuntarios* apresentam-se, pela maior parte, em fórma de membranas mui delicadas, muitas vezes imperceptiveis á simples vista, como nos intestinos ou na bexiga, seja em fórma de bolsas contracteis, como no coração e no utero, que são verdadeiros musculos ôcos.

MOLESTIAS DOS MUSCULOS.

Atrophia musclar. *Veja-se* Vol. I, pag. 243.

Contusão dos musculos. *Veja-se* Vol. I, pag. 687.

Feridas dos musculos. *Veja-se* Vol. I, pag. 1129.

Inflammação dos musculos. *Veja-se* MYOSITE.

Retracção dos musculos. Designa-se debaixo d'este nome um estado particular dos musculos no qual o musculo perdeo uma parte do seu comprimento e espessura. De mais, o tecido muscular desapparece, e é substituido por tecido de apparencia fibrosa. Este estado é o resultado de uma alteração do systema nervoso. Os symptomas d'esta affecção variam com a região na qual ella se manifesta. O tratamento consiste em banhos d'agua tepida, maçadura, fricções com balsamo tranquillo, e apparelhos orthopedicos.

Ruptura dos musculos. *Veja-se* RUPTURA.

MUSGOS. Vasto grupo de plantas Cryptogamas e Acotyledoneas, contendo muitas familias. São pequenas plantas annuaes ou vivazes, que gostam dos logares humidos e sombrios; reunem-se, pela maior parte, em montões mais ou menos volumosos, quer no chão ou nos rochedos, quer no tronco das arvores, das muralhas ou dos edificios velhos. Fornecem a maior parte dos materiaes com que os passaros constroem os seus ninhos. Os musgos empregados em medicina são: *musgo de Corsega*, *musgo islandico* e *carragaheen*. (*Vejam-se* estas palavras.)

As arvores de que o musgo se tem apoderado não tardam a morrer, porque esta planta parasita apropria-se do seu succo, e serve de refugio a legiões de insectos. Eis-aqui um meio facil de o destruir. Por meio de um pincel grosso, cobre-se a casca da arvore com leite de cal espesso. Esta operação deve ser feita na primavera, quando a vegetação principia. O musgo cahe, e a arvore, que parece ter remoçado por este tratamento, cresce com um novo vigor. N'um jardim de pouca extensão, basta esfregar o tronco e os ramos cobertos de musgo com uma escova dura. Executando esta operação depois da chuva, o musgo separa-se facilmente, e as arvores ficam desembaraçadas d'elle por muito tempo.

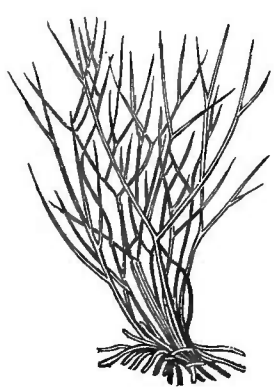


Fig. 672. — Musgo de Corsega.

Musgo de Corsega. *Fucus helmintho-corton*, Linneo. Planta marinha que habita nas costas do Mediterraneo e da ilha da Corsega (fig. 672). Reunião de filamentos numerosos, curtos, entrelaçados uns com os outros, de textura flexivel, de côr vermelha escura, sabor amargo e salgado, e cheiro nauseante. Ha muitissimo tempo que se emprega o musgo de Corsega como vermifugo, e merece esta preferencia especialmente para as crianças affectadas de lombrigas. Infundem-se 4 grammas em uma chicara d'agua quente, côa-se depois, adoça-se com assucar, e dá-se a beber. Os pharmaceuticos preparam com musgo de Corsega um xarope que se administra na dóse de 30 a 60 grammas, e uma gelea da qual se dá uma colher *de sopa*, e mais.

Musgo ou **Lichen islandico.** *Lichen islandicus*, Linneo (fig. 673).

Este musgo, que habita nas regiões septentrionaes da Europa, e principalmente na Islandia, contém uma fecula abundante, e um principio amargo. Emprega-se frequentemente em medicina sob a fórma de decocção e geléa; mas suas preparações apresentam differenças essenciaes, conforme contém maior ou menor porção de parte amarga. Uma decocção de musgo não lavado dá esta parte amarga, e constitue uma bebida tonica. O cozimento de musgo que se usa nas molestias do peito prepara-se da maneira seguinte :

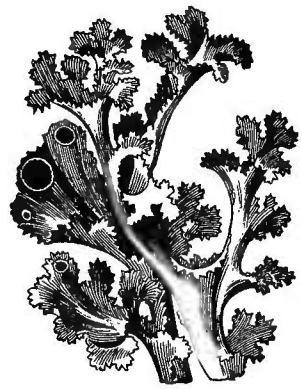


Fig. 673. — Musgo slandico.

Leve ao fogo 5 grammas de musgo em 100 grammas d'agua; tire immediatamente do fogo logo que começar a ferver; rejeite esta agua, e lave o musgo em agua fria até elle perder quasi todo o seu amargor. Faça-o depois ferver por meia hora em agua sufficiente para obter 1/2 litro de coadura. Adoce com assucar, e, tomado em tres ou quatro dóses por dia, este cozimento é mui vantajoso ás pessoas que tem a expectoração abundante.

A *geléa de musgo* toma-se ás colheres *de chá* nas mesmas circumstancias.

MUSICA. Talvez veja o leitor com admiração, entre a triste nomenclatura dos males da humanidade, lançada, como por erro, uma palavra que desperta as sensações mais puras e mais deliciosas ; porém, traçando a historia das molestias, devo tambem descrever a dos meios que podem prevenil-as ou combatêl-as; e um dos agentes mais poderosos sobre o systema nervoso, um d'aquelles de que o medico deve mais esperar ou temer, não poderia passar em silencio.

Chama-se *modo* o tom em que a peça de musica é composta. Os antigos tinham quatro modos principaes. Cada um d'elles podia inspirar paixões differentes : o modo *phrygio* excitava a coragem e o furor; o *lydio*, a tristeza, as queixas, os pezares; o *eolio*, a ternura e o amor; o *dorio*, a piedade e o respeito para com os deoses.

Hoje não temos rigorosamente senão tons maiores e menores; mas podem ser modificados de muitas maneiras. Roger, que compôz um tratado dos effeitos da musica sobre o corpo humano, conta vinte e quatro modos differentes. O primeiro tom, entre os que se chamam maiores, é cheio de magestade e proprio a inspirar a piedade, e o amor de Deos. O segundo, quando é temperado, convem á ternura e á compaixão; quando é mais animado, excita a alegria. O terceiro e o quarto geram melancolia, enternecem e fazem derramar lagrimas. O quinto desperta a alma, e a excita ás emprezas difficeis; é notavel por sua nobreza e dignidade. O sexto e o duodecimo, respiram o ardor dos combates e inflammam a coragem. Os modos menores referem-se mais particularmente á tristeza.

A musica póde acalmar o medo, o pezar, a inquietação e o aborrecimento. Uma branda harmonia distrahe o espirito e livra-o das idéas sombrias, cuja continuação póde alterar o organismo, provoca um

somno reparador, e suspende as dôres physicas não menos que as moraes. Bem longe de inspirar a castidade, como o julgavam os antigos, a musica (pelo menos a musica moderna) é um estimulo poderoso para o amor; inspira idéas voluptuosas, excita os desejos dos sentidos. A musica excita a imaginação, dá movimento ao espirito, cria, multiplica e desenvolve as idéas. Os pintores, os poetas, os litteratos, podem obter d'ella uteis soccorros. Augmenta tambem as forças musculares. O soldado supporta por mais tempo a fadiga, e executa mais facilmente as marchas forçadas quando é conduzido ao som de instrumentos. Uma senhora debil, que não póde andar meia hora sem experimentar o maior cansaço, passa toda a noite a dansar.

As pessoas muito sensiveis devem evitar a musica mui dramatica, mui fecunda em emoções, e devem deixar-se enlevar por brandas melodias; tal era a musica predilecta de Napoleão I, pois que ella só o distrahia nos momentos de suas reflexões, sem occupal-o fortemente. O que acabei de dizer de quem ouve a musica é ainda mais applicavel a quem a executa: as emoções do artista são muito mais fortes se chega a fazer compartil-as; então uma verdadeira febre se apodera d'elle, e n'esta excitação acha um poder sobrenatural; mas como paga caro o artista estes triumphos de um momento! Pallido, anhelante, coberto de suor, cahe sem sentidos extenuado pelos esforços que fez; e se estas emoções se renovam frequentemente, esgota a vida e morre antes do tempo: tal é a historia da maior artista do nosso seculo, M^me^ Malibran, que succumbio na idade de 28 annos, morta após dez annos de triumphos. Sem duvida, não é essa a sorte da maior parte das pessoas que exercem a musica: são dados a poucos artistas estes triumphos que matam; mas, como medico direi que as senhoras fracas e nervosas devem moderar o seu gosto por esta arte, evitar e excitação artificial que occasionam os applausos, e esforçar-se em produzir os mesmos effeitos por meios que convem melhor á reserva do seu sexo: encantar pela bella simplicidade de sua execução, sem desejarem excitar o enthusiasmo, que só é proprio a animar-lhes as paixões, e alterar-lhes a saude.

A musica póde, em algumas circumstancias, tornar-se um bom meio curativo. Produzirá os melhores resultados nas molestias nervosas. Uma harmonia branda e suave exerce uma acção calmante que será preciosa nas convulsões hystericas, nos ataques epilepticos, na hypochondria, melancolia, alienação mental; doentes se tem visto, ha muito tempo privados de somno, adormecerem aos sons de uma musica, cujo rhytmo monotono parece animar a imaginação fatigada.

MUTÁ-MUTÁ. Planta trepadeira do Brazil; habita no Pará e Amazonas. Encontra-se nas mattas virgens, enleiada pelas arvores colossaes; tem o tronco formado em zigue-zague. O cozimento do *lenho* usa-se no Pará contra as tosses e hemoptyses; é adstringente brando e peitoral. Prepara-se este cozimento fervendo 30 grammas do lenho em 500 grammas d'agua. Emprega-se tambem em xarope. (Dr. Castro, do Pará.)

MYCOSE. Affecção da pelle caracterizada pela presença de tumo-

res multiplices, avermelhados que se desenvolvem lentamente e acabam, ás vezes, por se ulcerarem. São tumores formados por tecido lymphatico; sua evolução vem acompanhada de grande enfraquecimento. É raro quando o doente se cura, quasi sempre a morte vem pôr termo aos soffrimentos do paciente. Não se conhece ainda nenhum tratamento efficaz contra esta molestia.

MYDRIASE. Grande dilatação da pupilla que se declara em muitas molestias dos olhos; na amaurose, catarata, amblyopia, etc., e tambem sob a influencia de certos medicamentos, dos quaes o mais usado é a atropina.

MYELITE. Inflammação da medulla espinhal.

Symptomas. A molestia principia por symptomas inteiramente locaes. Os doentes experimentam entorpecimentos, caimbras nos membros inferiores, e ás vezes nos membros superiores, conforme a altura na qual existe a séde da molestia. Experimentam um formigamento, isto é, uma sensação como a que produziriam formigas que se agitam. Os movimentos tornam-se difficeis, embaraçados, rijos e incertos; de tempos a tempos sobrevem estremecimentos convulsivos. Muitos d'estes doentes sentem uma dôr fixa n'um ponto do espinhaço. Esta dôr póde ser constante; mas as mais das vezes não se sente senão comprimindo ou percutindo as apophyses das vertebras correspondentes, ou quando os doentes se deitam de costas. Ás vezes emfim, provoca-se esta dôr correndo uma esponja molhada em agua, ou mui quente ou mui fria, sobre todo o comprimento do espinhaço, o que excita na região affectada uma sensação de queimadura, ao passo que em todas as outras partes o doente sente só a impressão ordinaria do calor ou do frio. Independentemente d'esta dôr local, que indica a altura em que a medulla está alterada, existem frequentemente outras dôres, que ora parecem ser uma propagação da precedente, ora são independentes d'ella. Estas dôres occupam os membros inferiores, e especialmente a coxa e a planta dos pés; existem tambem ás vezes á roda do corpo, e parecem ter sua séde nos ramos dos nervos intercostaes. Logo depois sobrevem paralysia, principiando quasi sempre pelos membros inferiores, estende-se de baixo para cima. Ao mesmo tempo, a ourina deixa de ser excretada, ou sahe involuntariamente; as materias fecaes podem em geral ficar retidas quando estão solidas, mas, por pouco que sejam liquidas, sahem apezar da vontade do doente, e sem que elle o sinta.

A extensão da paralysia varía segundo a altura que occupa a alteração da medulla. Se a myelite existe nas regiões dorsal e lombar, os membros inferiores, a bexiga e o recto são as unicas partes affectadas; mas quando a alteração occupa a região cervical, a respiração torna-se curta e difficil, os membros superiores paralysam-se. Ordinariamente a inflammação da medulla não é acompanhada de febre; ás vezes ha só sêde, fastio e vomitos.

Causas. A myelite é mais commum na mocidade e na idade adulta; as mais das vezes é espontanea; succede tambem ás violencias exteriores sobre o espinhaço, ou ás fadigas excessivas.

Tratamento. Começa-se o tratamento pela applicação de bichas ou ventosas sarjadas no espinhaço, no logar affectado. Mais tarde applicam-se causticos volantes, pannos molhados na tintura de iodo. A dieta, o repouso na cama e a immobilidade são indispensaveis no começo da molestia; mas não existindo febre, os doentes podem comer, tendo o cuidado de conservar a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna simples ou misturada com 30 grammas de oleo de ricino.

No caso de prisão de ventre rebelde, o doente deverá tomar todos os dias uma ou duas pilulas seguintes :

Aloes.....	1 gramma.
Gomma-gutta.....	1 —
Xarope simples..... ...	quantidade bastante.

Faça 20 pilulas.

Para combater esta prisão de ventre é muito util o emprego das drageas de Cascara Sagrada de Demazière.

É muito util tambem o uso dos banhos geraes d'agua tepida, de tres quartos de hora a uma hora de duração, e frequentemente repetidos.

Mais tarde façam-se fricções no espinhaço com oleo de croton tiglium ou com pomada stibiada, até produzir uma erupção de botões. Eis-aqui as receitas :

1ª Oleo de croton tiglium.....	8 grammas.
2ª Pomada stibiada.....	30 —

Abre-se uma fonte no logar correspondente á inflammação da medulla.

Os banhos e as duches d'aguas sulfurosas, taes como as das Caldas da Rainha em Portugal, ou da villa de Caldas na provincia de Minas Geraes, no Brazil, empregam-se com vantagem n'esta molestia.

MYOPIA. Assim se chama o estado das pessoas que tem a vista curta, e só vêem os objectos de perto. Este vicio reconhece ordinariamente por causa a excessiva convexidade do olho. Ás vezes é adquirido. Assim nas crianças póde resultar do máo costume de olhar de mui perto; observa-se tambem nas pessoas que tem quasi continuamente os olhos fixos sobre objectos miudos, como os relojoeiros, abridores, etc. A myopia é em geral incuravel; entretanto, acontece ás vezes que, occasionando os progressos da idade um achatamento dos olhos pela diminuição da densidade ou quantidade dos humores d'estes orgãos, a vista recobra o seu alcance ordinario. Ella se restabelece ainda quando a myopia é effeito do máo costume. N'este caso, convem que o myope se exercite a olhar para os objectos de uma distancia que deve ser cada vez mais consideravel. A habitação da roça em um paiz descoberto, viagens de mar, são mui proprias para conseguirem este fim. Ás crianças que tem contrahido este costume, é necessario mostrar-se-lhes, a uma distancia conveniente, objectos capazes de excitar-lhes a curiosidade, e impedir-lhes que approximem muito dos olhos as cousas que

querem ver. Quando a affecção depende do vicio de conformação, é preciso limitar-se ao uso dos oculos concavos. Convem ter a cautela de pôr os oculos sempre na mesma distancia dos olhos. Para a escolha dos oculos. *V.* Oculos.

MYOSE. Enrugamento da pupilla que toma o aspecto de um ponto preto. Esta contracção exagerada do iris tem logar quando os olhos se acham expostos por muito tempo á uma claridade muito forte; é frequente nos ataxicos. Pode ser provocado empregando-se instillações de sulfato d'eserina.

MYOSITE. Inflammação do tecido muscular. É caracterizada por dôres vivas que augmenta o movimento; pela inchação e endurecimento mal limitado da região dolorosa, pela vermelhidão pouco intensa quando os musculos são superficiaes. Os doentes tem uma tendencia instinctiva a pôr os musculos no mais completo repouso. Esta inflammação tem uma marcha lenta; a suppuração, quando tem logar, não principia senão doze ou quinze dias depois do começo da molestia; apparecem então todos os symptomas que caracterizam um abcesso (*veja-se* vol. I, pag. 3). A myosite é muitas vezes seguida de induração do tecido cellular, intra-muscular, que torna difficeis os movimentos durante algum tempo.

Causas. A myosite resulta das fadigas excessivas, acções musculares exageradas, esforços violentos e prolongados nas pessoas que não estão habituadas a elles.

O *tratamento* compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula, de banhos d'agua tepida. Se se formar um abcesso, será preciso abril-o quanto antes.

MYRABOLANO ou Myrobolano. Fructos seccos que provém da India de diversas especies do genero *Terminalia*, e de que ha cinco especies, a saber *citrinos*, *chebulos*, *indicos*, *belericos* e *emblicos*. Os *citrinos* são de côr amarella avermelhada, gosto adstringente e desagradavel, tem a fórma de ameixas, o comprimento 2 centimetros e 1/2 a 3 centimetros e 1/2; contém uma amendoa. Os *chebulos* são alongados, tem 30 a 40 centimetros de comprimento, e 18 a 20 de espessura, superficie enrugada, côr roxa, raras vezes amarellada, polpa adstringente. Os *indicos* são do tamanho e da fórma de azeitonas. Os *belericos* tem o tamanho de uma moscada. Os *emblicos* são globosos, do tamanho de uma cereja, deprimidos ao centro. Os myrabolanos eram antigamente empregados como adstringentes; hoje não se usam.

MYRRHA. Gomma-resina produzida por um arbusto da Arabia chamado por Nees *Balsamodendron myrrha*, da familia das Terebinthaceas-burseraceas. É em lagrimas ou grãos irregulares, frageis, semi-transparentes, de côr amarella avermelhada, cheiro aromatico pouco agradavel, sabor amargo. A myrrha é um medicamento excitante e tonico. Emprega-se nos catarrhos pulmonares chronicos, em pó, na dóse de 50 centigrammas a 4 grammas. A *tintura,* diluida em agua, usa-se externanamente em injecções nos trajectos fistulosos.

MYRTACEAS. Importante familia botanica na qual se acham

classificadas muitas plantas uteis. Quasi todas as tribus das myrtaceas são compostas de arvores, arbustos grandes e pequenos que crescem muito. Na tribu das leptospermeas acham-se os diversos eucalyptos, que habitam as ilhas do mar Pacifico e entre estes o mais notavel é o eucalyptus globulus. Na tribu das myrteas, acham-se a pimenta ingleza ou pimenta da Jamaica, a goiabeira, o craveiro aromatico (cravo da India). Tambem a ella pertencem as murtas, a murta commum que é adstringente e antiseptica e a *myrtus acutangula* ou pimenta de corôa, que se empregava em decocções contra a blennorrhagia.

N

NABO. *Brassica napus*, Linneo. Cruciferas. Planta bisannual, cultivada no Brazil e em Portugal, cuja raiz tuberosa é empregada como

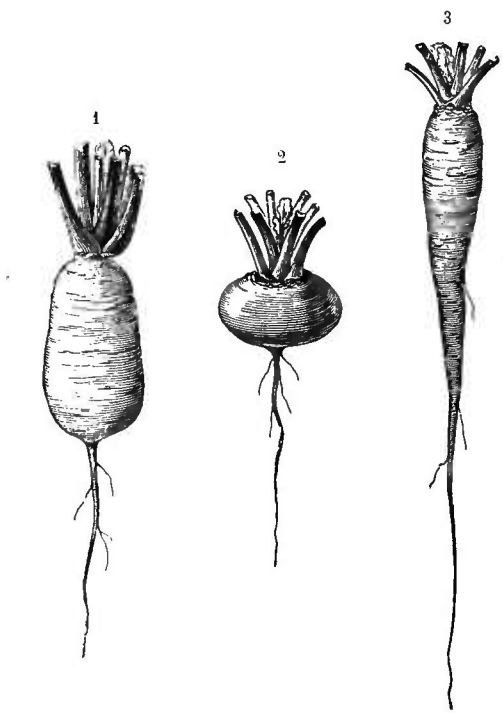


Fig. 674 a 676. — 1, Nabo das virtudes, branco, collo esverdeado; 2, Nabo bola de ouro, amarello; 3, Nabo comprido, preto.



Fig. 677. — Nabo corado de todo anno.

alimento. Existem varias fórmas da raiz de nabo; ha nabos oblongos, achatados, globosos, etc. (fig. 674). É um alimento agradavel, e de facil digestão; convem sobretudo ás pessoas que soffrem do peito. Preparam-se com este legume varias iguarias, quer com carne, quer empregando-se o nabo só com gordura.

Alem d'estas tres qualidades de nabos existem muitas outras cujas principaes se acham representadas nas (fig. 677 a 680).

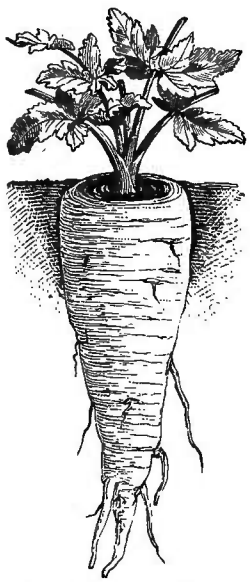


Fig. 678. — Nabo das virtudes.



Fig. 679. — Nabo branco de Vienna.

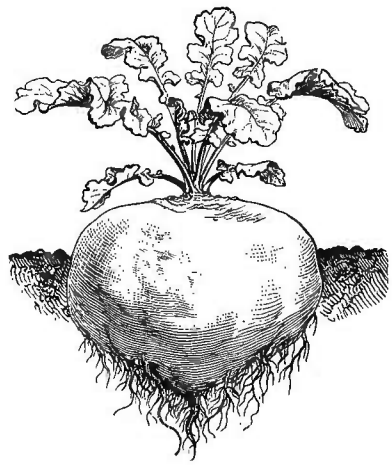


Fig. 680. — Nabo violetta de Vienna.

NADAR. *Alguns preceitos sobre a natação.* § 1. O corpo humano, com o peito cheio de ar, é mais leve do que a agua. Este facto, se fosse mais geralmente conhecido, impediria que muita gente morresse afogada. O corpo humano, com o peito cheio de ar, boia naturalmente com a metade da cabeça de fóra, sustenta-se ao lume da agua como um pedaço de páo. Por conseguinte, a unica cousa que se deve fazer para respirar, consiste em conservar esta parte fóra d'agua. Se a pessoa, que não sabe nadar, e que cahe na agua conservasse bastante presença de espirito para se deitar de costas, de maneira que o rosto fique fóra da agua, poderia então respirar livremente e esperar soccorros. Consegue-se isto inclinando para traz a parte superior do corpo, estendendo as pernas em linha recta, applicando os braços sobre os lados do tronco e dentro da agua, virando a cabeça para traz e deixando-a mergulhada até aos ouvidos, ficando só o rosto fóra d'agua. Não ha inconveniente em que a agua se introduza nos ouvidos; pois que não póde penetrar além de um septo membranoso que existe no interior do conducto auditivo. Os braços assim como os membros inferiores devem estar dentro da agua. Se os braços estivessem fóra da agua, não perderiam do seu peso uma parte equivalente ao liquido deslocado, e a totalidade d'esse peso viria juntar-se ao peso da cabeça para a fazer afundar.

§ 2. Os nadadores estão expostos a uma contracção muscular na perna, chamada *caimbra*, que tira toda a força a este membro. Mas o nadador não deve assustar-se; com sangue-frio este mal não é temivel. Logo que se sentir uma caimbra na perna ou no pé, deve-se estender este membro com força agitando o calcanhar e levando os pés para

cima; se estes esforços não tiverem bom exito, convem virar-se de costas e deixar-se boiar, ou então nadar com as mãos, até chegarem os soccorros. Se a caimbra não se apoderou senão de uma perna, o nadador póde ainda servir-se da outra; se ambas se acharem paralyzadas, nade com os braços. Importa sobretudo conservar a presença de espirito: porque o mais habil nadador, se se abandonar ao medo, se ficar desatinado, corre os mesmos perigos que aquelle que não sabe nadar.

Os *soccorros que se devem dar aos afogados* estão descriptos no vol. I, pag. 49, e a maneira de soccorrer uma pessoa que se afoga está indicada no vol. I, pag. 52. Quanto aos effeitos salutares que produz o exercicio da natação, *veja-se* vol. I, pag. 1076.

NADEGA (Dôr na). *Veja-se* Coxalgia, vol. I, pag. 742.

NAFÉ DE ARABIA. *Veja-se* Quigombó.

NAPELLINA. Alcaloide que se extrahe do aconito napel. É um pó branco de sabor muito amargo, que é empregado em algumas preparações pharmaceuticas por ser muito soluvel em agua. Como a aconitina que tem a mesma proveniencia, a napellina actua, deprimindo, sobre o systema circulatorio. Alguns autores pretendem que é um medicamento hypnotico. Suas propriedades ainda não estão bem conhecidas. Emprega-se em injecções hypodermicas; a dóse nunca deve ser maior que 2 centigrammas em 24 horas.

NAPHTA. Substancia liquida, transparente, incolor ou algum tanto amarellada, de cheiro excessivamente penetrante, mui inflammavel, e ardendo com uma bella chamma que não deixa residuo: é mais leve do que a agua e compõe-se de carbone e de hydrogeneo. A naphta é uma espccie de betume; é rara na natureza no estado puro. As principaes fontes conhecidas acham-se nas margens do Tigre e do mar Caspio, e na Italia, na aldeia de Ammiano. Extrahe-se tambem do petroleo: d'onde lhe veio o nome vulgar de *oleo de petroleo*. A naphta serve para luzes; serve tambem para dissolver a borracha, e afasta os insectos das fazendas de lã. Emfim conservam-se na naphta substancias, como o potassio e o sodio, para preserval-as da acção do oxygeneo do ar.

NAPHTALINA ou **NAPHTOL.** Substancia que se obtem pela distillação do carvão de pedra. É concreta, crystallizada em laminas, volatil, de cheiro aromatico, insoluvel na agua; soluvel no alcool, ether, nos oleos volateis e graxos. É aconselhada internamente sob a forma de obreias antisepticas de Trouette, de naphtol e salicylato de bismutho, contra todas as molestias geradas por microbios que produzem ptomainas. É pois um antiseqtico completo do tubo digestivo e urinario. Estas obreias administram-se na dóse de 10 obreias por dia, de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas, sem interrupção, mesmo comendo. O naphtol empreja-se externamente contra as molestias cutaneas, em pomada.

NARCEINA. Um dos alcaloides do opio, soluvel em agua quente e nos alcalis causticos. Hypnotico assaz energico, a narceina não apresenta os inconvenientes da morphina; ella não causa nem máo estar nem

vomitos. Ella actua com bastante efficacia nas bronchites com quintas de tosse dolorosas, nas nevralgias, nas affecções espasmodicas, etc. Prescreve-se'a em xarope ou em pilulas na dóse de 1 a 10 centigrammas nas 24 horas.

NARCISO. Planta da familia das amaryllideas, muitissimo commum, com flores amarellas, que cresce nos mattos. Os camponios empregam como emetico e purgativo as flores, as folhas e os bulbos depois de reduzidos a pó.

NARCOTICOS. Dá-se o nome de narcoticos aos medicamentos que tem a propriedade de adormecer. Todos tem um cheiro viroso e produzem, em maior ou menor dóse, um envenenamento chamado *narcotismo*. Administrados convenientemente, podem ser uteis no tratamento das molestias nervosas, dos rheumatismos e de quasi todas as affecções acompanhadas de dôres intensas. A esta classe de medicamentos pertencem o opio, a morphina, o chloral, belladona, herva moira, meimendro, cicuta, figueira do inferno, tabaco, lactucario, thridacio, trombeteira. *V.* estas palavras.

NARCOTISMO. Reunião dos effeitos produzidos pelas substancias narcoticas. Umas vezes o narcotismo limita-se a uma modorra mais ou menos profunda, e constitue, em certos casos, uma medicação util; outras vezes é um verdadeiro envenenamento caracterizado por um entorpecimento geral, somnolencia, vertigens, nauseas, um estado de embriaguez ou de apoplexia, delirio contínuo, dilatação das meninas dos olhos, convulsões, etc. Quando o narcotico produzio este effeito, é preciso incontinente administrar 5 centigrammas de emetico n'um copo d'agua, e depois dar ao doente uma chicara de café.

NARIZ. O nariz é um orgão pyramidal situado no meio do rosto, com duas aberturas inferiores chamadas *ventas*, que dão entrada a dois conductos, as *fossas nasaes,* que communicam com a garganta. As funcções das fossas nasaes consistem em fazer supplemento ás vias respiratorias e constituir o orgão do olfato. O nariz é composto de ossos, cartilagens, musculos e pelle.

MOLESTIAS DO NARIZ.

§ 1.° **Vicios de conformação.** O nariz póde apresentar muitos vicias de conformação, que exigem varios tratamentos. Assim, as aberturas do nariz podem ser tapadas, ou pelo menos demasiado estreitas; esta lesão é ordinariamente consequencia de algum accidente, tal como uma queimadura, o effeito de uma ulceração syphilitica ou outra, etc. Se as ventas estiverem tapadas, será preciso abril-as com um instrumento cortante, e em todos os casos dilatal-as por meio de esponjas preparadas.

§ 2.° A **falta do nariz** é um phenomeno raro, salvo se esta perda foi produzida por uma ferida ou uma molestia; e quando tem logar, é preciso limitar-se a fazer uso de um nariz postiço, ou recorrer a uma

operação chamada *rhinoplastia*, que consiste em fazer um nariz com a pelle das partes vizinhas.

§ 3.° Frequentemente o nariz é **desviado :** não se trata d'essa leve inclinação para a direita que é attribuida ao costume de nos assoarmos com a mão direita, mas dos narizes tortos que constituem verdadeira deformidade. Imaginou-se um apparelho particular, feito de panno de linho, que tem por fim restablecer o nariz na sua direcção natural. Mas este apparelho, para ser efficaz, deve ter uma acção constante e prolongada.

§ 4.° **Feridas do nariz.** *Veja-se* FERIDAS, vol. I, pag. 1129.

§ 5.° **Fracturas do nariz.** *Veja-se* vol. I, pag. 1232.

§ 6.° **Queimaduras do nariz**. As queimaduras do nariz exigem todos os cuidados. Muitas deformidades podem resultar de uma cicatrização viciosa. Assim, tem-se observado ficar a ponta do nariz unida com o beiço ou á face, ou o orificio das ventas ficar estreitado, e até inteiramente obliterado. Cumpre, por conseguinte, haver toda a attenção durante a cicatrização. Conforme os casos, é preciso introduzir mechas de fios ou uma sonda nas ventas; é necesario pôr um panno de linho entre o nariz e o beiço ou o rosto, e por meio de ataduras convem dirigir o nariz para uma direcção opposta áquella para onde o puxa a cicatrização viciosa.

§ 7.° **Ulceras do nariz**. Varias ulceras ou chagas podem desenvolver-se no nariz. Estas ulceras são *venereas*, *cancerosas*, *dartrosas*, *escrophulosas* e *morpheticas*. Exigem o tratamento proprio a cada uma das molestias de que são symptoma. *Veja-se* tambem ACNE, GOTA ROSADA, e LUPO.

§ 8.° **Tumores do nariz**. Tumores de diversa natureza podem manifestar-se no nariz. Uns são de pequeno volume e de natureza benigna; estes não exigem cuidado algum. Lobinhos ou kystos, que se desenvolvem ás vezes, necesitam extirpação.

Tumores cancerosos. Os verdadeiros cancros do nariz são as mais das vezes encephaloides. (*Veja-se* CANCRO.) Tem o aspecto fungoso, e deitam sangue. Tratam-se pela excisão ou cauterização.

No nariz desenvolve-se ás vezes a fórma do cancro que se chama *cancro epithelial*, *cancroide*. Principia por um pequeno botão com comichão que leva o doente a coçar-se; d'aqui vem uma excoriação que se cobre de uma crosta que o doente tira, mas que torna a apparecer. Declara-se a ulcera, que augmenta pouco a pouco. É preciso atacal-a com as preparações causticas, e principalmente com a mistura de açafrão em pó e acido sulfurico.

Tumores elephantiacos. O nariz de certos individuos transforma-se ás vezes em massa de côr vermelha violacea ou cinzenta. Esta alteração, que só parece ser um desenvolvimento exagerado dos tegumentos naturaes do nariz, póde adquirir uma extensão tal, que resulte d'isso um tumor analogo, quanto á sua natureza, aos tumores elephantiacos do escroto. Chegam estes tumores a ter o peso de muitos kilos. Nenhuma dôr causam; ordinariamente não experimentam transformação de má na-

tureza, e como não é possivel cural-os sem operação, os doentes não se occupam d'elles senão na epoca mui adiantada do seu desenvolvimento. Devem ser extirpados com bisturi.

§ 9.' **Rhinoplastia**. Assim se chama a arte de fazer um nariz inteiro, ou em parte, com uma porção de pelle tirada na vizinhança, ou n'um logar mais remoto. As causas que produzem a destruição do nariz e que obrigam a recorrer á rhinoplastia são : feridas, queimaduras, ulceras, gangrena, etc. Existem tres methodos de fazer um nariz.

I. Os antigos, taes como Celso, Galeno, etc., conheciam a arte de restaurar os narizes em que um accidente qualquer havia produzido uma perda de substancia. Seu methodo consistia em dissecar de cada lado do nariz um pedaço quadrado da pelle, que depois approximavam da linha mediana. Este methodo foi seguido e modificado pelos modernos, mas não é applicavel a todos os casos, e não sendo consideravel o espaço que se póde cobrir com os pedaços lateraes, segue-se d'isto que o methodo de Celso não póde ser empregado senão nos casos em que a perda de substancia é pequena.

II. Muitos cirurgiões italianos da idade média descrevêram um processo inteiramente novo. O methodo italiano consiste em cortar no braço um pedaço de pelle semelhante á fórma do nariz que se quer reconstruir, mas que deve tambem ser adherente por sua base; então, depois de cortadas as margens do nariz destruido, o doente encolhe o braço, de maneira que possa tocar o rosto; une-se então a porção cortada no braço, applicando a ponta entre os dois olhos, e os lados sobre as margens das ventas. Os pontos de costura e as ataduras mantém as partes n'esta posição penosa. Depois de feita a reunião, o cirurgião corta a base do pedaço da pelle, dando-lhe a fórma da ponta e das azas do nariz artificial ao orificio das ventas. Durante algum tempo, introduz-se nas ventas uma sonda de prata, afim de se lhes dar uma fórma approximada da fórma natural. Este methodo está hoje completamente abandonado.

III. A mutilação do nariz era um supplicio usado na India, e por isso a destreza e humanidade dos homeus, que se occupavam da arte de curar, vieram em soccorro das desgraçadas victimas da barbaridade. A rhinoplastia é praticada n'este paiz desde tempo immemorial. O processo empregado pelos Brahmanes é o mais simples e o melhor. Desenha-se sobre a testa o modelo de um nariz, cuja base toque nos cabellos e cujo apice se confunda com a raiz do nariz mutilado. Este molde é cortado e dissecado com cuidado; então virando-o, sobre o rosto e torcendo o pedunculo, o operador applica-o, e segura-o por meio de uma costura, no logar do orgão destruido. Depois de effeituada a reunião, corta-se o pedunculo torcido, afim de se dar ao nariz, assim reconstruido, uma fórma mais regular. Este methodo é quasi geralmente adoptado pelos cirurgiões modernos que julgam dever praticar a rhinoplastia.

Que devemos pensar da rhinoplastia? Com excepção de certas mutilações *parciaes* que podem ser restauradas facilmente e sem perigo,

mediante um pedaço de pelle cortada na vizinhança, não é isenta de perigo; ás vezes tem occasionado a morte. Os narizes postiços de prata, de folha de Flandres ou de papelão pintado, podem ser fabricados com tanta habilidade, que imitem perfeitamente o orgão verdadeiro. Para tornar a applicação mais exacta e a illusão mais perfeita, podem adaptar-se com oculos; ou, para esconder a parte inferior, o individuo, se fôr homem, deixará crescer os bigodes. D'esta maneira a illusão será a mais completa possivel.

§ 10.° **Chagas, ulceras** ou **feridas no interior do nariz**. Nas fossas nasaes ha ulceras como em todas as outras partes do corpo. Sem fallar das que são symptoma do mormo, existem ulceras que dependem do vicio escrophuloso, dartroso, escorbutico, canceroso, e venereo. Algumas succedem a um polypo tratado por excisão ou cauterização; emfim, existe uma ulcera que é acompanhada de um cheiro fetido caracteristico, e que se chama *ozena* : trato d'ella no artigo Ozena.

As ulceras que dependem da syphilis, das escrophulas, do escorbuto, tem caracteres communs a todas essas ulceras, em qualquer parte que se encontrem. (*Veja-se* o artigo Ulcera.) Ordinariamente distinguem-se menos pelos caracteres proprios do que pela constituição geral do doente. O tratamento geral consiste em medicamentos internos, apropriados á natureza de cada uma das molestias que tem estas ulceras por symptoma, e de algumas applicações locaes, taes como ceroto sulfureo, unguento mercurial, etc., conforme os casos. As ulceras que se desenvolvem sem causa geral, e se mostram de ordinario perto do orificio das ventas, devem ser principalmente tratadas pelas applicações emollientes. Aos banhos com cozimento de linhaça ou de malvas, é preciso ajuntar ceroto simples ou coldcream. As ulceras que resultam da extracção dos polypos saram pela cauterização com pedra infernal.

§ 11.° **Polypos das fossas nasaes**. Os polypos são tumores de diversas naturezas, que se desenvolvem nas cavidades cobertas por uma membrana mucosa. Existem frequentemente nas fossas nasaes. Conforme a sua estructura dividem-se em duas classes : 1.° *polypos molles, mucosos, vesiculares;* 2.° *polypos fibrosos.*

Os *polypos mucosos*. São molles, de côr cinzenta, deixando escórrer, quando se cortam, grande quantidade de serosidade: fazem-se em pedaços quando se comprimem. São pegados á membrana mucosa do nariz, quer por uma superficie larga, quer por um pediculo estreito e mais ou menos alongado. São solitarios ou multiplos; occupam ás vezes as duas fossas nasaes. Tendem sempre a augmentar de volume; pelo que enchem a metade, ou os tres quartos da fossa nasal. Ás vezes proeminam para diante, deslocam as cartilagens, de maneira que a venta fica ás vezes consideravelmente dilatada.

Os *polypos fibrosos* são duros, resistentes, brancos interiormente, formados de fibras entrecruzadas. A sua base é larga ou pediculada; são muito mais vasculares do que os polypos mucosos e quasi sempre solitarios. Estes tumores apartam as paredes osseas que se oppõem ao seu desenvolvimento, deslocam a separação das ventas, deprimem a abo-

bada palatina e podem repellir para diante os proprios ossos do nariz.

Causas. As causas dos polypos do nariz são mui obscuras. Os autores citam casos em que pancadas, quédas, emfim violencias experimentadas sobre o nariz foram seguidas do desenvolvimento de polypo. Cita-se o caso de ter sobrevindo um polypo depois da extracção de um feijão introduzido no fundo da venta. Por outro lado, acham-se tambem observações em que nenhuma causa apreciavel póde ser apresentada; e mesmo o numero d'estes casos é muito mais consideravel do que o dos precedentes.

Symptomas. A principio, o polypo do nariz causa só algum incommodo, que se attribue a defluxo; mas a pessoa não tarda a ser desenganada pela persistencia d'este leve soffrimento. O tumor adquire um desenvolvimento mais ou menos rapido; a respiração pelo nariz torna-se mais difficil, a ponto que o doente é obrigado sobretudo durante a noite, a dormir com a boeca aberta, experimenta frequentemente a necesidade de assoar-se; fica com a falla fanhosa. Estes symptomas diminuem em tempo secco e augmentam com o tempo humido, nos casos de polypos mucosos. O estado hygrometrico do ar não exerce influencia sobre os polypos fibrosos. Virando a cabeça para traz, e examinando o interior da fossa nasal, avista-se uma substancia de côr cinzenta avermelhada, coberta de mucosidades. O dedo introduzido no interior da venta, ou por detraz do véo do paladar, sente um tumor molle, elastico, sendo um polypo mucoso; duro, resistente, quando o polypo é fibroso. Fazendo-se assoprar com força o paciente, verifica-se que o ar não passa ou passa com assobio pela venta obstruida. N'esta experiencia o enfermo sente no nariz um corpo que muda de logar; ás vezes ouve-se um certo ruido.

Diagnostico. Os polypos podem ser confundidos, no começo, com defluxo, com abcesso, com inchação da membrana mucosa do nariz, com corpos estranhos nas fossas nasaes; mas pelo soccorro dos symptomas que acabei de indicar, e indagando as circumstancias antecedentes dos enfermos, é facil evitar o erro.

Prognostico. É pouco grave para os polypos mucosos, mais serio nos polypos fibrosos por causa da deformação que produzem apartando os ossos. Ás vezes os polypos desapparecem espontaneamente; e é sempre facil tiral-os. Simples e leve, quando está no principio, esta affecção torna-se grave quando o tumor abandonado a si mesno, faz sem cessar progressos e põe obstaculo á respiração e á deglutição, ou produz suppurações abundantes; é preciso pois tratar de cural-o ou, pelo menos, diminuir-lhe temporariamente o volume.

Tratamento. Os meios aconselhados para curar os polypos são :

1.° A *exsicação* pela applicação dos adstringentes liquidos ou em pó como a pedrahume, o sulfato de zinco, e tannimo. As soluções d'estas substancias são aspiradas ou injectadas; empregam-se os pós introduzindo na venta uma bolinha de fios humidos e polvilhados do medicamento. Este methodo produzio algumas curas dos polypos mucosos, mas é muito longo, e muito incerto; existem outros meios mais efficazes.

2.° *Excisão*. Applica-se aos polypos fibrosos; é difficil quando o tumor é profundo.

3.° *Ligadura*. Convem tambem sobre tudo nos polypos fibrosos; mas é de applicação difficil.

4.° *Arrancamento*. É o methodo mais geralmente empregado; é simples e não determina geralmente accidentes. Quando o polypo é duro e resistente, o arrancamento deve ser acompanhado do movimento de rotação ou de torsão do pediculo.

Qualquer que seja a operação empregada, é necessario repetil-a de vez em quando, porque o polypo torna a nascer depois de extrahido, quando não se lhe pôde tirar a raiz, o que acontece as mais das vezes. O polypo tem sido ás vezes curado sem operação. Em certos casos destaca-se e é expulso n'um esforço de tosse, de vomitos, ou quando o paciente se assôa. Tem-se tambem observado polypos que cahiram espontaneamente, ou desapparecêram em consequencia de uma suppuração. Estes factos, porém, são excepcionaes.

§ 12.° **Corpos estranhos** de diversa natureza podem introduzir-se casualmente nas fossas nasaes; o que acontece sobretudo ás crianças que mettem no nariz feijões, caroços de frutas, grãos de café, etc. O que se deve fazer n'este caso acha-se indicado no vol. I, pag. 729.

§ 13.° **Hemorrhagia pelo nariz**. *Veja-se* vol. II, pag. 151.

§ 14.° **Defluxo**. *Veja-se* vol. I, pag. 788.

§ 15.° **Bichos no nariz**. *Veja-se* BICHEIRO.

§ 16.° **Quedas sobre o nariz**. As quedas sobre o nariz podem produzir uma *hemorrhagia*, uma *contusão* ou uma *ferida*. A primeira cousa que se deve fazer é applicar pannos molhados em agua fria. Se o sangue correr com força, devem-se tapar as ventas, introduzindo n'ellas pannos molhados em agua fria. Se houver ferida, convem banhal-a por algum tempo com agua fria, e reunir, depois, as margens com tiras de emplasto adhesivo ou com encerado inglez. Ás vezes, estas quedas produzem *fractura* dos ossos : o que se deve fazer n'este ultimo caso está indicado no artigo. FRACTURA.

§ 17.° **Vermelhidão do nariz**. A pelle do nariz torna-se vermelha nas pessoas affectadas de gota rosada, de lypo, erythema escrophuloso, e, nas pessoas idosas, quando a pelle se enche de varizes capillares.

O tratamento consiste em lavar o nariz com agua avinagrada muito quente, em applicar coldcream, glycerina ou as pomadas seguintes :

1.° Ceroto sulfureo	30	grammas.
2.° Calomelanos	4	—
Banha benzoinada	36	—

NASCIDA. Dá-se este nome vulgarmente á *postema* e ao *fruncho*.

NASCIMENTOS, SERODIOS e TEMPORÃOS. *Veja-se* GRAVIDEZ.

NATAÇÃO. *Veja-se* NADAR e EXERCICIOS.

NAUHEIM. Allemanha. Aguas salinas quentes; 21° a 39°. A agua é clara, limpida, sem cheiro, de sabor amargo e salgado. A fonte Kurbrunnen, que é a principal, contém 17^{g},444 de principios fixos, de que

14ᵍ,200 de chlorureto de sodio; contém tambem bromureto de magnesio. Emprega-se como bebida e em banhos principalmente contra as escrophulas. Estas caldas são pouco frequentadas. Vai-se de Pariz a Nauheim pela estrada de ferro em 17 1/2 horas.

NAUSEA. Vontade de lançar. Esta sensação penosa precede os vomitos. (*Veja-se* VOMITOS.) Quanto ás nauseas que sobrevem durante as viagens de mar, *Veja-se* ENJÔO.

NECROSE. Estado de um osso ou de uma porção de osso privado de vida. A necrose é para os ossos o que a gangrena é para as partes molles. A parte mortificada, que se chama *sequestro*, isola-se das partes sãs; mais tarde é expulsa, e ao mesmo tempo o tecido mortificado reproduz-se e enche o vacuo deixado pela eliminação do sequestro. O osso affectado de necrose tem geralmente a superficie desigual, rugosa; a côr menos rosea, branca, amarella, roxa e mesmo preta; apresenta-se debaixo da fórma de laminas ou de fragmentos. Quando o sequestro se acha na superficie do osso, perde depois de certo tempo as adherencias com a porção ossea sã, solta-se e é expulso com a suppuração que se formou diante d'elle. O sequestro fechado, ou, como se diz, invaginado n'uma cavidade formada pela porção sã do osso, não póde ser expulso senão depois de atravessar este osso e as partes molles que o cobrem. Muitas vezes é necessario alargar-lhe o caminho.

Causas. A necrose póde depender de uma causa externa, ou de uma causa interna, variavel na sua natureza. As causas externas são os ferimentos do osso, as contusões, os derramamentos do sangue entre o osso e a membrana que o cobre, e que se chama *periostio*, as fracturas que produzem esquirolas, a inflammação primitiva do periostio, seguida de abcesso na superficie do osso, a mesma inflammação occasionada pelo contacto do pus de um abcesso vizinho, etc. Em todos estes casos, comprehende-se facilmente a maneira por que sobrevem a mortificação; porque a propria causa priva o osso subitamente da vida, ou rompe-lhe as communicações vasculares. As causas internas são a syphilis constitucional, o escorbuto, as escrophulas e a affecção rheumatismal; estas molestias produzem a inflammação do osso ou do seu periostio, e em seguida occasionam a necrose ou morte do osso.

Symptomas. Variam conforme a necrose occupa a superficie ou a parte profunda de um osso.

No primeiro caso (*necrose superficial*) os doentes sentem durante mais ou menos tempo, uma dôr surda e fixa pelo trajecto de um osso. Mais tarde forma-se, no logar correspondente á molestia, um tumor mal circumscripto, que se confunde por sua base com o osso, sem mudança na côr da pelle correspondente. Este tumor torna-se depois fluctuante, e augmenta de volume pela propagação da inflammação suppurativa ás partes molles vizinhas. A postena abre-se no exterior, e deixa sahir pus misturado ás vezes com parcellas de osso. A abertura não se fecha; converte-se em fistula, pela qual é facil introduzir um estylete até á superficie do osso mortificado, e verificar, por meio d'este instrumento, se a superficie é dura e rugosa.

Quando a necrose occupa a espessura de um osso, a molestia principia tambem por dôres que duram geralmente muito tempo antes da producção de algum outro signal local. Passado certo tempo, manifesta-se uma inchação que se estende ás vezes ao membro todo, desigual, dura, resistente; conhece-se, ao apalpar, o augmento do volume do osso. Depois formam-se abcessos mais ou menos numerosos que arrebentam e se convertem em fistulas, cujo orificio se cobre de carnes lividas que deitam sangue ao menor contacto. Introduzindo um estylete por estes trajectos fistulosos, chega-se logo ao osso, e nas circumstancias mais favoraveis, ou pelo facto de uma exploração repetida, entra-se com o instrumento dentro de uma das aberturas ou cavidades que o novo osso apresenta. No fundo da cavidade, o estylete encontra o sequestro com os caracteres physicos que lhe são proprios.

Na necrose superficial, raras vezes existem phenomenos geraes internos; na profunda, os doentes experimentam dôres violentas, profundas e contínuas; têm uma febre intensa, fastio, insomnia; se o sequestro não fôr expulso, a suppuração torna-se abundante e póde enfraquecer o doente.

Diagnostico. A necrose póde ser confundida com a carie; a exploração dos trajectos fistulosos, que succedem a qualquer d'estas duas affecções, é necessaria para dintinguil-as. Na necrose, o estylete encontra uma superficie dura, resistente, rugosa, dando pela percussão um som duro e secco; na carie, o estylete acha uma superficie irregular e molle, facil de penetrar e fornecendo, durante a passagem do instrumento atravez da substancia ossea alterada, uma sensação de crepitação especial produzida pela ruptura de uma serie de septos osseos. Os symptomas que se manifestam no principio da necrose, dôres, inchação, são mui vagos para que se possa distinguir, de qualquer outra molestia do osso, inflammação ou carie : a marcha ulterior da molestia esclarecerá o diagnostico. Reconhecida a necrose, cumpre determinar a sua séde. Na necrose superficial, o estylete encontra o sequestro na superficie do osso; na profunda, o mesmo instrumento não chega ao sequestro senão depois de atravessar uma cavidade estreita cavada na espessura do osso. Determina-se facilmente a extensão da necrose na molestia superficial; difficilmente, na profunda. Para reconhecer se um sequestro é movel, é necessario buscar imprimir-lhe movimentos com um forte estylete que se dirige pela sua superficie.

Prognostico. A necrose é pouco grave quando superficial e limitada; póde enfraquecer muito os doentes pela abundancia da suppuração quando é profunda e extensa. Sendo as causas iguaes, apresenta menos gravidade quando occupa uma região accessivel aos meios cirurgicos.

Tratamento. É geral ou local. O tratamento geral tem por fim combater a causa que originou a necrose, quando a mortificação do osso é produzida pela syphilis, escorbuto, escrophulas, etc. N'estes casos é preciso administrar internamente os medicamentos que se empregam contra estas molestias. *Veja-se* SYPHILIS, ESCORBUTO, ESCROPHULAS. Se a necrose foi originada por contusão, abcesso vizinho ou outra causa externa, não ha tratamento interno a seguir.

O tratamento externo apresenta tres indicações : prevenir a necrose, se fôr possivel ; favorecer a expulsão do sequestro ; combater os accidentes locaes e geraes que possam manifestar-se durante o curso da molestia.

1.° Prevenir a mortificação. — Quando um osso foi posto a descoberto por um ferimento, é priciso applicar quanto antes as partes molles sobre a sua superficie. Se em consequencia de uma contusão, houver derramamento de sangue entre o osso e o periostio, se se formar pus debaixo d'esta membrana, dê-se immediatamente sahida ao liquido derramado, fazendo-se uma incisão prolongada até ao osso.

2.° Favorecer a expulsão do sequestro. — Se o sequestro fôr pouco extenso e superficial, póde extrahir-se logo que fôr movel, agarrando-o com uma pinça ; se o sequestro tardar a tornar-se movel, será preciso imprimir-lhe muitas vezes movimentos com um forte estylete ou com o ramo de uma pinça, afim de romper suas adherencias com as partes subjacentes. Se o sequestro se achar invaginado, convem esperar, para fazer a sua extracção, que o novo osso tenha adquirido a devida solidez. Aliás póde-se, como no caso de necrose superficial, apressar a mobilidade do sequestro, abalando-o com tracções mecanicas. Buscar-se-ha abrir-lhe caminho, agarrando-o com uma forte pinça introduzida por uma das aberturas do osso. Se a abertura não fôr bastante grande, augmentar-se-ha por meio do trepano.

3.° Combater os accidentes locaes e geraes. — Combate-se a inflammação local com cataplasma de linhaça ou de fecula. Durante o periodo de suppuração, sustentem-se as forças do doente, e não se deixe o pus demorar-se sobre o osso. Depois da expulsão do sequestro, o paciente não se deve servir do membro senão muito tempo depois da cura, afim de lhe dar o tempo necessario para adquirir solidez.

NEPHRITE. Inflammação dos rins.

Causas. Esta molestia póde sobrevir espontaneamente ; porém as mais das vezes succede depois de alguma violencia exterior, tal como pancadas, quedas, feridas, commoções ; póde ser produzida pelo abuso das bebidas alcoolicas, por alimentação mui succulenta e mui temperada ; pela acção das cantharidas e do frio humido.

Symptomas. A inflammação dos rins principia ordinariamente por um calefrio. Logo depois manifesta-se nas cadeiras, de um ou dos dois lados, uma dôr viva, aguda e profunda, que se propaga á bexiga, virilha, escroto, e ás vezes até á coxa ; augmenta pela pressão das cadeiras, pelos movimentos, tosse, riso e esforços para ir á banca. As ourinas são pouco copiosas e vermelhas, e contém em geral depositos mucosos ou purulentos. Ao mesmo tempo existe febre mais ou menos forte, e proporcionada á intensidade da molestia ; quasi sempre tambem se nota algum desarranjo nas funcções digestivas, como bocca amarga, lingua saburrosa, nauseas e prisão de ventre. A nephrite termina ordinariamente pela resolução ; então os symptomas precedentes desapparecem pouco a pouco, e as ourinas voltam ao seu estado normal. A molestia tem n'este caso uma duração que varía entre sete e quinze

dias. Ás vezes, a inflammação passa ao estado chronico: o tecido renal torna-se então duro. Os doentes experimentam uma dôr habitual nos rins; emmagrecem e tem grande fraqueza nas pernas.

Tratamento. Appliquem-se nas cadeiras 10 a 15 bichas ou duas a quatro ventosas sarjadas; depois uma cataplasma de linhaça, que se renovará duas vezes por dia. Dê-se um banho geral d'agua tepida, no qual o doente deve ficar pelo menos meia hora. Administrem-se em abundancia bebidas emollientes e diureticas frias, taes como a infusão de folhas de parietaria, de sementes de linho, ou o cozimento de grama. A dieta será mais ou menos rigorosa, conforme a intensidade da molestia. O uso de leite é muito favoravel. Se a nephrite não ceder ao tratamento precedente, façam-se fricções nas cadeiras, duas vezes por dia, com o linimento seguinte:

Balsamo tranquillo.....	30	grammas.
Laudano de Sydenham.....	30	—

e faça-se uso da bebida seguinte:

Infusão de linhaça.....	600	grammas.
Nitro.....	4	—
Xarope de gomma.....	60	—

Para beber uma chicara de 2 em 2 horas.

Se a molestia passar ao estado chronico, convirá fazer fricções nas cadeiras com pomada estibiada e usar, em bebida, da infusão de lupulo conforme a receita seguinte:

Pinhas de lupulo.....	4	grammas.
Agua fervendo.....	360	—

Infunda por meia hora, côe e adoce com assucar. Para beber esta porção em duas dóses por dia.

O bicarbonato de soda tambem approveita na nephrite chronica. Eis-aqui a formula:

Bicarbonato de soda.....	30	grammas.

Divida em 16 papeis. Toma-se um papel por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Nephrite albuminosa. *Veja-se* ALBUMINURIA.

NERIS. França. Aguas bicarbonatadas sodicas quentes.

Itinerario de Pariz a Neris: Estrada de ferro de Pariz a Montluçon, 9 horas 15 minutos. Carro de Montluçon a Neris, 45 minutos. Despeza total 38 francos.

Neris é uma pequena cidade da França central de 2,080 habitantes, situada n'um clima salubre, que temperam no verão as montanhas vizinhas e os ventos bastante frequentes. As aguas mineraes estão reunidas em 6 poços differentes, mas tem origem commum. Estes poços occupam um espaço de 15 metros de comprimento e 5m50 de largura, e acham-se na ordem seguinte indo de leste a oeste: Poço da

cruz (*puits de la croix*), poço de Cesar (*puits de César*), poço quadrado (*puits carré*), poço de nogueira (*puits du noyer*), poço innominado (*puits innommé*).

As aguas de Neris são limpidas, quasi sem cheiro nem sabor; a sua temperatura varía de 49° a 53° centigrados. Dois immensos tanques estão dispostos a descoberto, um para resfriar a agua thermal, outro para o desenvolvimento das plantas, da classe de algas, chamadas confervas, que são empregadas, em applicações externas, no tratamento das molestias, e sobretudo nos engurgitamentos articulares.

Eis-aqui a composição da agua do *Poço de César*, segundo Lefort:

Acido carbonico livre.....	0cc,0490	Sulfato de soda.....	0gr,3896
Bicarbonato de soda.....	0gr,4169	Chlorureto de sodio.....	0gr,1788
— de potassa.....	0gr,0129	Iodureto de sodio.....	vestigios.
— de magnesia.....	0gr,0057	Silica.....	0gr,1121
— de cal.....	0gr,1455	Materia organica azotada.....	vestigios.
— de ferro.....	0gr,0042	Total das substancias fixas....	1gr,2657
— de manganez.....	vestigios.		

O estabelecimento thermal de Neris é um dos mais bellos, e completos que existem. Contém quatro piscinas, duas das quaes temperadas (32° a 34°) bastante vastas, servem para a natação; as duas outras quentes (38° a 42°), menos extensas, são destinadas para os banhos parciaes de curta duração. Ha 68 banheiras, dispostas em outros tantos gabinetes, e guarnecidas de duches descendentes, que offerecem todas as variedades de temperatura. Ha além d'isto, salas para banhos de vapor, para a maçadura, inhalação, e, emfim, todos os apparelhos hydrotherapicos.

Existe ali tambem um pequeno estabelecimento chamado Banho dos Pobres, e um hospital para os indigentes.

As aguas de Neris applicam-se sobretudo em banhos e duches; pouco em bebida. As molestias em que se empregam são: rheumatismo, sciatica, diversas nevralgias, hysterismo, chorea, molestias nervosas, affecções do utero, certo numero de molestias cutaneas taes como eczema, lichen, prurigo. A estação thermal dura de 15 de maio a 15 de setembro.

NEROLI ou Essencia de neroli. Nome dado pelos perfumistas e pharmaceuticos ao oleo volatil extrahido das flores de laranjeira. Este nome vem de uma princeza italiana chamada *Nerola*, que foi a primeira que obteve esta essencia, e a fez conhecer.

NERVO. Orgão conductor das sensações e dos movimentos. Os nervos são cordões esbranquiçados, cylindricos, que partem do cerebro ou medulla contida na columna vertebral, e se dividem em ramos que se distribuem ás differentes partes do corpo, onde acabam ramificando-se nos orgãos por uns raminhos tão finos, que se ignora o seu modo de terminação. Estes filamentos nervosos, dos quaes os mais volumosos são da grossura de uma penna de ganso, são da mesma natureza que os do cerebro. Segundo alguns physiologistas, circula n'elles um fluido

invisivel, principio da sensibilidade e do movimento, e cuja natureza não é conhecido; chamam-lhe *fluido nervoso*.

Nervos (Molestias dos), ou Molestias nervosas. As molestias dos nervos tem muitos caracteres que lhes são communs, e que as distinguem das outras especies de molestias. O primeiro caracter, e o mais notavel, é a ausencia de uma lesão material apreciavel aos sentidos, d'onde procede: 1.ª a mobilidade das affecções nervosas, e em muitos casos o seu desapparecimento subito, sem deixarem vestigios da sua existencia; 2.ª a conservação da saude geral apezar dos soffrimentos mais vivos e dos receios mais exagerados; 3.º os erros e preconceitos relativos ao tratamento, que fazem frequentemente attribuir a um remedio insignificante resultados que são devidos ao acaso, ou a uma imaginação abalada. A classe das affecções nervosas é precisamente aquella em que os charlatães acham uma mina rica a explorarem; é n'ella sobretudo que os homeopathas vão buscar os exemplos de curas maravilhosas. Entre os individuos atacados de molestias nervosas encontram-se os que são chamados, talvez sem razão, doentes *imaginarios*, *scismaticos*, visto que, por serem seus soffrimentos puramente moraes, nem por isso deixam de existir. A esta classe pertencem tambem os incommodos chamados *ataques de nervos*. *Veja-se* Ataques.

Eis quanto posso dizer das affecções nervosas em geral; para as outras particularidades, recorra o leitor a cada um dos artigos especiaes em que estas molestias vão descriptas; taes são: Asthma, Ataque de nervos, Caimbra, Colica, Convulsões, Enxaqueca, Gota coral, Hysterismo, Hypochondria, Melancolia, Nevralgia, etc.

Nevoa do olho. *Veja-se* Belida.

Nevralgia. Nome de certo numero de molestias, cujo principal symptoma é uma dôr viva, continua ou intermittente, que segue o trajecto de um nervo e suas ramificações, sem vermelhidão, calor ou inchação. A nevralgia toma nomes differentes conforme o cordão nervoso que affecta; apresenta tambem em differentes logares, alguns symptomas particulares; mas as causas e o tratamento das differentes nevralgias são quasi os mesmos.

Causas. São em geral obscuras, e muitas nevralgias sobrevem sem que se saiba a que causa devem ser attribuidas. A maior parte das pessoas affectadas d'ellas são magras e mui sensiveis. Sobrevem ás vezes debaixo da influencia de uma corrente de ar que vem tocar uma parte circumscripta, e sobretudo quando o resto do corpo está quente; pelo effeito dos vestidos molhados, de uma chuva abundante, pelo contacto de um terreno humido sobre o qual a pessoa foi obrigada a dormir. A nevralgia é ás vezes consequencia de uma pancada sobre o nervo ou de sua picada, como acontece ás vezes depois da sangria no braço. A constituição debil, a chlorose predispõem ás nevralgias; são produzidas frequentemente pelas paixões, emoções vivas, fadigas excessivas, quer intellectuaes, quer musculares.

Symptomas. Eis-aqui os symptomas communs a todas as nevralgias: manifesta-se subitamente uma dôr mui forte em alguma parte do corpo:

parece ao doente que agulhas mui quentes lhe atravesam o logar affectado; às vezes a dôr é acompanhada de entorpecimento, outras vezes de picadas. O caracter particular d'esta dôr é que desde o ponto em que principia propaga-se segundo o trajecto do nervo, sem manifestar-se nas outras partes. Quando a dôr é lancinante, as picadas são extremamente rapidas. Raras vezes a dôr é acompanhada de vermelhidão, tumefacção e calor; e quando por acaso alguns d'estes phenomenos existem, são sempre pouco evidentes. Ordinariamente a dôr desapparece de repente; torna a voltar depois de intervallos mais ou menos longos, irregulares no maior numero de casos; mas, ás vezes, periodicos. Muitas vezes tambem a nevralgia deixa de reproduzir-se. As nevralgias existem sem produzir a febre.

Marcha, duração, terminações. Em geral as nevralgias desenvolvem-se gradualmente, e de maneira mais ou menos rapida. Chegada ao seu estado, a molestia offerece na sua intensidade immensas variações; as mais das vezes os paroxysmos não tem nada de regular na sua volta, comtudo, em certo numero de casos, tem periodicidade perfeita. As nevralgias limitam-se quasi sempre ao nervo primitivamente invadido; mas ás vezes estendem-se, por communicações, aos nervos vizinhos; podem até affectar simultaneamente, grande numero dos nervos do corpo. Além da dôr local, as nevralgias podem ser acompanhadas de vertigens, enfraquecimento dos membros, tremores, diminuição da sensibilidade da pelle em alguns pontos, circumstancias estas que podem enganar e deixar crer que existe alguma affecção material. Em certos casos a nevralgia cessa repentinamente n'um ponto e reproduz-se n'um outro mais ou menos afastado do primeiro. A duração das nevralgias é mui variavel, e a nenhuma regra póde ser submettida. Estas molestias saram quasi sempre; mas muitas vezes tornam a apparecer.

Tratamento das nevralgias em geral. Duas especies de medicações são recommendadas contra as nevralgias: os meios locaes e os meios geraes. Variam estes segundo a causa que produz e entretem a molestia, e conforme a marcha que ella segue.

Quando a nevralgia parece depender de excitação nervosa, é preciso em primeiro logar recorrer aos remedios sedativos. Administrar-se-hão internamente a belladona, o aconito, o estramonio, o chloral hydratado, mas sobretudo o opio e o chlorhydrato de morphina. Ás vezes associar-se-hão estes remedios aos antispasmodicos; o que tem logar, por exemplo, nas pilulas de Meglin. Os antispasmodicos administram-se tambem sós; e são: a valeriana, a assafetida, a camphora, o valerianato de zinco. Os sedantes sós curam muitas nevralgias, e quasi sempre as allivam. Quando as dôres são intoleraveis, deve-se administrar o opio. Em semelhante caso convem tambem recorrer ás inhalações de ether sulfurico ou de chloroformio, pelas quaes se conseguio muitas vezes fazer cessar immediatamente, e ás vezes definitivamente, accessos de nevralgia mui violentos. Este methodo foi sobretudo empregado na nevralgia facial; mas póde ser applicado á maior parte das outras nevralgias. Se a nevralgia fôr de caracter intermittente, cumpre empre-

gar o sulfato de quinina, pela bocca ou em clyster. Sendo o estado de debilidade uma das causas frequentes das nevralgias, deve este estado ser combatido pelos medicamentos tonicos e sobretudo pelas preparações ferruginosas. Estes medicamentos acham-se indicados no artigo ANEMIA. Curando-se a anemia, faz-se cessar a nevralgia. Os meios hydrotherapicos tambem combatem victoriosamente muitas nevralgias. *Veja-se* HYDROTHERAPIA.

A medicação local sempre aproveita. Empregam-se sobretudo os emplastos calmantes, os linimentos narcoticos como laudano, balsamo tranquillo, a pomada de belladona, o linimento de chloroformio, e muitas outras applicações, cuja efficacia foi demonstrada pela experiencia ; tal é, por exemplo, a essencia de terebinthina em fricções. Um banho geral quente, e prolongado por uma hora, é um excellente calmante contra todas as dôres nevralgicas. Os sinapismos e os causticos são de utilidade incontestavel em todas as nevralgias. Em alguns casos a electricidade mostrou-se vantajosa. As differentes caldas acham tambem aqui sua applicação. As injecções sub-cutaneas de saes de morphina ou de atropina aproveitam muito contra as nevralgias. As receitas vão indicadas mais abaixo. *Veja-se* tambem INJECÇÕES SUB-CUTANEAS.

As nevralgias são molestias mui caprichosas; se um medicamento não curar, é necessario recorrer a outro. Eis-aqui as differentes receitas contra as nevralgias.

FORMULARIO CONTRA AS NEVRALGIAS EM GERAL.

Externamente :

1.° Applicar no logar dorido um lenço de seda ou de panno de linho dobrado muitas vezes, e bem quente.

2.° Applicar um sinapismo no mesmo logar.

3.° Esfregar com panno embebido na essencia de terebinthina :

Essencia de terebinthina.....	60 grammas.

ou no laudano de Sydenham :

Laudano de Sydenham.....	30 —

4.° *Linimento de chloroformio.*

Chloroformio.....	5 grammas.
Oleo de amendoas doces.....	45 —

Misture. Molhar um panno n'este linimento, e friccionar o logar dorido.

Applicar um panno molhado no chloroformio, e mantêl-o com um caliz.

5.° *Linimento calmante.*

Oleo de meimendro.....	30 grammas.
Chloroformio.....	4 —
Laudano de Sydenham.....	4 —

Misture. Em fricções.

6.º *Pomada de belladona.*

Extracto de belladona	4 grammas.
Banha de porco	30 —

Misture. Em fricções. Para cada fricção usa-se uma porção do tamanho de uma azeitona.

7.º Tintura de iodo	15 grammas.

Molha-se um panno de linho n'esta tintura, e applica-se no logar dorido.

8.º Balsamo tranquillo	30 grammas.

Em fricções.

9.º *Linimento opiado.*

Laudano de Sydenham	4 grammas.
Azeite doce	28 —

Em fricções.

10.º *Linimento camphoro-opiado.*

Oleo camphorado	40 grammas.
Ceroto simples	5 —
Tintura de opio	5 —

Dilua o ceroto no oleo, e ajunte a tintura. Em fricções.

11.º Unguento populeão	30 grammas.

Em uncções.

12.º *Cataplasma anodyna.*

Cataplasma de linhaça	90 grammas.

Estenda em panno, e deite por cima ;

Laudano de Sydenham	2 colheres *de chá.*

13.º *Cataplasma calmante.*

Folhas de meimendro negro	15 grammas.
Cabeças de dormideiras	8 —
Agua	quantidade sufficiente.
para ter	180 grammas.

de decocto ; ajunte :

Farinha de linhaça	quantidade sufficiente.
14.º Emplasto de cicuta	60 grammas.

Estenda em panno, e applique no logar dorido.

15.º *Injecções sub-cutaneas.*

As substancias que se empregam para estas injecções são o chlorhydrato de morphina, e o sulfato de atropina. Eis-aqui as receitas :

Solução de chlorhydrato de morphina : Chlorhydrato de morphina

15 centigrammas, agua distillada 15 grammas. *Dóse:* 5 a 10 gottas por injecção.

Solução de sulfato de atropina. Sulfato de atropina 15 centigrammas, agua distillada 15 grammas. *Dóse :* 1 a 5 gottas por injecção.

A acção energica d'estas substancias, mesmo administradas em pequena dóse, reclama o uso dos instrumentos de grande exactidão. Para fazer as injecções sub-cutaneas, emprega-se a seringa de Pravaz, modificada por Luer (fig. 681).

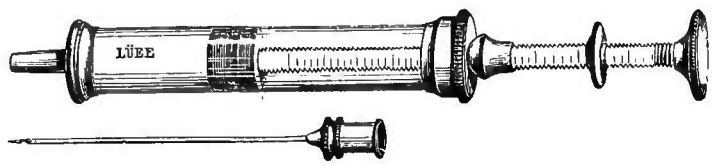


Fig. 681. — Seringa de Luer.

Seringa de Luer. Compõe-se de um cylindro de vidro, de conteúdo de 40 gottas de liquido, com garnição de prata. O embolo, munido de uma rosca, é graduado por millimetros a partir do ponto em que começa a penetrar no cylindro. Este é calibrado de tal maneira, que por cada millimetro percorrido pelo embolo, uma gotta de liquido é expellida pela canula. Para regrar com anticipação a marcha do embolo, basta fixar o aro sobre o algarismo que representa o numero de gottas que se querem injectar. A canula, que é de aço, é cortada obliquamente e termina em ponta aguda. — A operação é mui simples : Enche-se a seringa com o liquido, adapta-se a canula, penetra-se obliquamente debaixo da pelle a 1 centimetro de profundidade, e comprime-se o embolo para fazer a injecção.

Continuam-se as injecções, uma ou duas vezes por dia, até que a dôr desappareça de todo. É preciso proceder com attenção e não augmentar a dóse senão progressivamente, porque a atropina na dóse de 5 gottas de solução, administrada na primeira injecção, poderia produzir dilatação da pupilla, perturbação da vista, nauseas e vomitos. Em dóse forte a atropina introduzida pelas injeções sub-cutaneas poderia occasionar a morte. A morphina é menos energica, comtudo não deve ser administrada senão na dóse de 5 a 10 gottas por injecção.

Em vez de injecções com seringa podem introduzir-se os medicamentos debaixo da pelle por meio de lanceta. Depois de dissolver 2 centigrammas de chlorhydrato de morphina em mui pequena quantidade d'agua, fazem-se sobre os pontos dolorosos 30 a 40 picadas com lanceta carregada d'este liquido. O methodo por injecções sub-cutaneas é, porém, mais exacto.

Internamente:

1.° Xarope de chloral de Follet na dóse de 1 a 5 colheres de sopa para os adultos; 2 a 4 colheres de chá para as crianças.

O chloral de Follet, dá tres ou quatro horas de somno, e depois de cinco ou seis dias do seu emprego, a nevralgia está curada.

2.° *Pilulas de Meglin.*

Extracto alcoolico de meimendro.....	5	centigrammas.
Extracto alcoolico de valeriana.....	5	—
Oxydo de zinco por sublimação.....	5	—

Faça 1 pilula e como esta mais 19. *Dóse :* 1 a 4 pilulas por dia, durante o accesso da nevralgia.

3.' *Pilulas calmantes.*

Extracto de opio	15	centigrammas.
Extracto de valeriana.....	15	—

Faça 6 pilulas. *Dóse :* 1 a 3 pilulas durante o accesso da nevralgia.

4.° *Pilulas antispasmodicas:*

Extracto de valeriana.....	5	grammas.
Extracto de quina.....	5	—

Faça 50 pilulas. Para tomar 3 pilulas por dia, nas nevralgias acompanhadas de chlorose.

5.° *Outras pilulas antispasmodicas.*

Valerianato de zinco.....	5	centigrammas.
Extracto de meimendro.....	5	—

Faça 1 pilula e como esta mais 19. Para tomar uma pilula de 2 em 2 horas, durante as crises nevralgicas.

6.° *Perolas de sulfato de quinina do Dor Clertan.*

Para tomar 2 perolas de 3 em 3 horas, no intervallo das crises das nevralgias periodicas.

7.' *Perolas de essencia de terebinthina do Dor Clertan.*

Para tomar 2 ou 3 perolas, quando as crises se declaram.

8.ª *Solução de antipyrina de Trouette.*

Para tomar uma colher, de sopa (isto é 50 centigrammas d'antipyrina pura) de hora em hora até o doente se sentir alliviado. A dóse maxima nas 24 horas é de 8 a 10 colheres, *de sopa.*

9.° *Quinoidina Duriez.*

50 centigrammas a 1 gramma por dia; em grageas, de 10 centigrammas.

10.° *Gelsemium sempervirens.*

Dóse : 2 a 5 pilulas, do Dr Fournier, no correr do dia.

11.' *Xarope de Gélineau.*

Dóse : 2 a 6 colheres, *de sopa*, por dia em um pouco de infusão de tilio frio e assucarado, ou em tisana de maçã que mais disfarça o gosto picante do xarope.

12.' *Clyster de assafetida.*

Assafetida.....	4 grammas.
Gema de ovo.....	nº 1.
Agua quente.....	180 grammas.

Passarei em revista as diversas nevralgias, para indicar o que cada uma d'ellas apresenta de particular.

Nevralgia do anus. Quando scm fissura anal, nem lesão alguma do rccto, se sentem no orificio do anus dôres agudas, intermittentes, com contracção dolorosa do anus e da bexiga, póde-se admittir que a affecção é uma nevralgia. Esta affecção é horrivelmente dolorosa, e leva o docntc a um estado de prostração extrcma. Faz parar ás vezes o jacto das ourinas, pelo que póde fingir a pedra na bexiga.

Tratamento. Façam-se fricções no auus com a pomada de belladona. (Sua receita está indicada no vol. II, pag. 489.

Friccionc tambem com a pomada de Royer cmpregando uma quantidade do tamanho de uma azeitona.

Administre-sc o clyster scguinte :

Infusão de dormideiras.....	180 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.

Applique-se um sinapismo no anus; friccione-se esta parte com essencia de therebinthina, com unguento populeão, com linimento dc chloroformio, e outros linimentos indicados no *Formulario das nevralgias em geral.* Sc tudo isto não aproveitar, faça-se incisão ou rasgadura do sphinctcr do anus, como na operação da fissura do anus.

Nevralgia da bexiga ou *Cystalgia.* É caracterizada pela vontade frequente de ourinar, dôr quando a ourina principia a correr e quando se acaba de ourinar, sensibilidade mais viva depois da fadiga, depois das relações conjugaes, e dcpois da defecação. Ha duas fórmas nas manifestações d'esta molestia : — ora ha vontade frequcnte de ourinar; a bexiga não póde conservar uma gotta de ourina, c á medida que esta é expulsa, sente-se um vivo ardor no canal da urethra; a ourina é vermelha; — ora ha um espasmo do collo da bexiga e uma retenção subita da ourina. O quc caracteriza as nevralgias da bcxiga, é a volta das dôres sob a fórma de crise. Não se póde, portanto, confundir a nevralgia da bexiga com a inflammação d'estc orgão, pois que n'esta existe febre e dôr contínua. Nos calculos vesicaes, como na nevralgia da bexiga, ha uma suspensão repentina do jacto da ourina, mas pela introducção da sonda na bexiga póde-se reconhecer se se tratar de um calculo vesical. A nevralgia da bexíga póde mesmo impedir as relações conjugaes, e occasionar momentaneamente uma impotencia viril.

As pedras na bexiga, a inflammação da bexiga, da prostata, da urethra do recto e do utero, produzcm ás vezes a cystalgia.

Tratamento. A cystalgia que dependa da inflammação da bexiga ou das outras molcstias que deixei mencionadas, deve ser combatida pelos meios indicados contra estas molestias. Na cystalgia essencial, o leite e

os alimentos vegetaes devem predominar no regimen, afim de que o ventre se lubrifique, sem que haja necessidade de recorrer aos purgantes. Os medicamentos que convem, são : semicupios com decocção de dormideiras e herva moira, banhos geraes mornos, clysteres calmantes, introducção no recto de uma mecha untada com pomada de belladona, fricções no perineo com balsamo tranquillo, com linimento de chloroformio : um caustico applicado nas cadeiras. As receitas d'estes medicamentos estão indicadas no *Formulario contra as nevralgias em geral,* vol. II, pag. 488. Aqui dou sómente a receita do clyster calmante.

Infusão de dormideiras.....	180 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.

Havendo retenção de ourina, é necessario sondar o doente. Foi proposta mesmo, como meio curativo, a introducção frequente de uma sonda de prata na bexiga : alguns factos provam a utilidade d'este meio, que não apresenta inconveniente.

Nevralgia das cicatrizes. Se existirem dôres intermittentes n'uma cicatriz, póde suppor-se que ha compressão do nervo, ou adherencia d'este nervo ao osso ou á cicatriz, e uma nevralgia.

Tratamento. Applicar algodão sobre a cicatriz. Praticar injecções subcutaneas perto da cicatriz com a solução de chlorhydrato de morphina. Se estes meios não acalmarem a dôr, fazer a secção do nervo, ou a excisão da cicatriz.

Nevralgia do coração ou **Nevralgia cardiaca.** *Veja-se* ANGINA DO PEITO.

Nevralgia crural. É caracterizada por uma dôr que, da virilha, estende-se á face anterior da coxa, sobre o lado lateral da perna, no tornozelo interno, e na planta do pé. A dôr apresenta os mesmos caracteres que nas outras nevralgias. O tratamento é o mesmo que o da *sciatica.*

Nevralgia dentaria. *V.* DÔR NERVOSA DOS DENTES. vol. I, p. 800.

Nevralgia do escroto. *Veja-se* NEVRALGIA DO TESTICULO.

Nevralgia facial. É aquella que tem sua séde no nervo facial; é conhecida mais geralmente pelo nome de *tico doloroso.* Divide-se em *frontal, sub-orbitaria* e *maxillar.* A primeira (*nevralgia frontal*) é a nevralgia do nervo *orbito frontal.* N'esta molestia a dôr principia em cima de um dos olhos, d'ali propaga-se á testa, á palpebra superior, é ás vezes a todo o lado do rosto. Durante o accesso, a palpebra está ordinariamente fechada e o olho dorido, as arterias vizinhas batem com força, e ás vezes algumas lagrimas correm pelo rosto. Esta nevralgia é uma das mais frequentes. — A segunda (*nevralgia sub-orbitaria*) occupa o nervo submaxillar. A dôr principia debaixo do olho, propaga-se á palpebra inferior, ao nariz, beiço inferior, e ás vezes aos dentes e ao paladar. Basta ás vezes o mais leve movimento de mastigação para despertar a dôr. Emfim, na *nevralgia maxillar* (*tico doloroso*) a dôr faz-se sentir no beiço inferior, communica-se depois aos alveolos, aos dentes, ás fontes, ás partes lateraes da lingua. Estende-se ás vezes por toda a face ; em

alguns casos é difficil distinguir esta nevralgia de uma dôr de dentes.

As *causas* d'esta nevralgia são as mesmas que produzem as outras nevralgias. A molestia succede ás vezes a um susto ou a qualquer outra impressão moral viva. Dentes cariados, não dolorosos, occasionam frequentemente a nevralgia facial, e sua extracção é indispensavel para a cura da molestia.

Tratamento. Salvo algumas modificações locaes, o tratamento da nevralgia facial é o mesmo que o das nevralgias em geral. Applica-se um lenço de seda ou de panno de linho bem quente no rosto. Friccione-se o logar dorido com essencia de terebinthina, com laudano de Sydenham, com linimento de chloroformio. Ponha-se um sinapismo no rosto por espaço de tres minutos. Façam-se cinco ou seis inspirações de ether sulfurico ou de chloroformio. Applique-se quotidianamente por meio de um pincel sobre o logar dorido tintura de iodo, até a epiderme rachar. Applique-se um pequeno caustico volante sobre o mesmo logar. Façam-se injecções sub-cutaneas com a solução de morphina ou de atropina (vol. II. pag. 489). Administrem-se internamente os pós seguintes :

Açafrão de Marte aperiente..... 8 grammas.

Divida em 2 papeis. Para tomar um papel, n'uma pouca d'agua fria com assucar, durante a dôr.

Tomem-se 20 gottas de laudano de Sydenham em meia chicara d'agua fria com assucar.

Recorra-se ás pilulas de Meglin, ou ás de valerianato de zinco. As receitas estão indicadas no *Formulario contra as nevralgias em geral.* Se a nevralgía fôr intermittente, administra-se o sulfato de quinina, durante a intermittencia, na dóse de 20 a 40 centigrammas.

Nevralgia do figado. Bem que raras, observam-se nevralgias do figado, e então os doentes são acommettidos de dôres lancinantes no hypochondrio direito, com irradiação nas costas, no ventre e no hombro; soffrem mais ou menos, tem nauseas, ás vezes vomitos, mas não tem ictericia, o que distingue esta nevralgia da colica hepatica. A nevralgia do figado é uma molestia intermittente, cujos accessos são mais ou menos afastados, e que existe sem lesão apreciavel.

Tratamento. Os remedios a empregar são : xarope de ether ou de chloroformio, 30 a 60 grammas por dia; banhos prolongados d'agua tepida; injecções sub-cutaneas de morphina ou de atropina; duches sobre o hypochondrio direito; chloral de Follet; e os outros medicamentos indicados contra as *nevralgias em geral*, (vol. II, pag. 490).

Nevralgia intercostal. Quando, sem febre nem tosse, existe uma dôr no peito, que principia nas costas, e occupa toda a extensão ou só uma parte do comprimento do espaço intercostal, é uma nevralgia intercostal. Esta dôr augmenta sempre pela compressão, e estende-se ás vezes ao hombro, pescoço e braço; impede ás vezes as senhoras de se vestirem. O tratamento é o mesmo que o das *nevralgias em geral.*

Nevralgia dos intestinos. *Veja-se* COLICA, vol. I, p. 648.

Nevralgia lombo-abdominal. As senhoras estão sujeitas a

uma dôr lombar ou na virilha, devida á nevralgia do primeiro par dos nervos lombares, que se combate pelos meios indicados contra as *nevralgias em geral.*

Nevralgia occipital. Dôres agudas, intermittentes, na região superior e posterior da cabeça, caracterizam a nevralgia occipital. O tratamento é o mesmo que o das *nevralgias em geral.*

Nevralgia do olho, *nevralgia supra-orbitaria e sub-orbitaria.* Dôres contínuas ou intermittentes, na palpebra superior ou inferior, mais violentas de noite, acompanhadas ora de secreção abundante de lagrimas, de aversão á luz, de calor no nariz, de zunido nos ouvidos; ora de tremores do rosto.

Tratamento. Applicar no olho panno molhado n'um dos collyrios seguintes :

Collyrio opiado.

Agua de rosas.....	30 grammas.
Extracto de opio.....	15 centigrammas.

Collyrio calmante.

Infusão de açafrão.....	60 grammas.
Chlorhydrato de morphina.....	10 centigrammas.

Applicar uma das cataplasmas seguintes :

1.º Cataplasma de linhaça.....	120 grammas.

Estenda em panno, e polvilhe com :

Camphora.....	2 grammas.
Opio bruto.....	1 —

2.º *Cataplasma calmante.*

Meimendro negro.....	16 grammas.
Dormideiras.....	8 —
Agua	250 —

Ferva, côe, e ajunte quantidade sufficiente de farinha de linhaça para fazer uma cataplasma.

Friccionar a palpebra com essencia de terebinthina, ou applicar um sinapismo na testa. Finalmente, seguir o que está indicado contra a nevralgia facial.

Nevralgia do ouvido. *V.* Dôr de ouvido, no artigo Ouvido.

Nevralgia da planta do pé. O mesmo tratamento que na sciatica. *Veja-se* Sciatica.

Nevraigia sciatica. *Veja-se* Sciatica.

Nevralgia dos seios. Affecta especialmente as senhoras irritaveis, nervosas, no periodo de 16 a 30 annos, e ás vezes além d'esta epoca. É caracterizada por dôres vivas, lancinantes, contínuas ou intermittentes, limitadas á superficie dos seios, e que se estendem ás vezes até ao pescoço, axilla, membros superiores, e nadegas. Estas dôres augmentam em geral quando se comprime o orgão ou quando se abandona a seu proprio peso. Não são acompanhadas commummente de mudança apreciavel no

volume nem na textura do seio; ás vezes, entretanto, encontram-se n'elle pequenos tumores duros, movediços, extremamente dolorosos, que se resolvem sempre no espaço de alguns dias ou de algumas semanas. A nevralgia dos seios tem uma marcha muito irregular. Não dura ás vezes senão poucos dias; outras vezes persiste quasi sem descontinuar durante mezes e annos, de modo a persuadir as mulheres de que estão affectadas de scirrho ou de alguma outra molestia grave. Por mais longa que seja a molestia, e por mais vivos que sejam os soffrimentos, nunca se vio a nevralgia determinar lesão alguma organica.

Tratamento. Os medicamentos que se applicam contra a nevralgia dos seios são os mesmos que se empregam contra as outras nevralgias: fricções com pomada de belladona, com unguento populeão, com essencia de terebinthina, com linimento de chloroformio, etc. *Vejam-se* as receitas no *Formulario contra as nevralgias em geral*, vol. II, pag. 188.

Nevralgia do testiculo e do cordão espermatico. Molestia caracterizada por uma dôr mais ou menos viva, ás vezes excessiva, no testiculo e no cordão espermatico, geralmente sem mudança apreciavel no volume, e na textura do orgão.

Symptomas. A molestia póde declarar-se de repente; porém as mais das vezes tem prodromos, taes como peso no escroto, e uma sensação penosa na virilha. Depois de um tempo mais ou menos longo a affecção caracteriza-se: os doentes sentem então no testiculo uma dôr viva, lancinante, que se estende á virilha, ao perineo, e ás vezes até ás cadeiras. A compressão, por mais fraca que seja, os movimentos, o andar, a simples posição vertical, se o testiculo não esta sustido, exasperam os soffrimentos; os doentes, incapazes de se entregarem á occupação alguma, ficam deitados de costas, inclinados sobre o lado opposto ao orgão affectado. O testiculo conserva quasi o seu volume normal. Esta exaltação de sensibilidade póde existir em um só ou em ambos os testiculos ao mesmo tempo. As principaes funcções não apresentam, n'esta molestia, perturbação notavel, salvo as dos orgãos digestivos. Com effeito, ha geralmente prisão do ventre, fastio e, ás vezes, durante a violencia das crises, nauseas e vomitos.

Tratamento. Os meios que devem oppôr-se á nevralgia testicular são: banhos geraes e semicupios d'agua morna simples, com folhas de estramonio; cataplasmas calmantes, applicações de tintura de iodo, de linimento de chloroformio, de pomada de belladona, de alcool camphorado, de um caustico sobre o escroto, que se cura depois com o ceroto seguinte

Ceroto simples.....	30 grammas.
Chlorhydrato de morphina.....	10 centigrammas.

Internamente: pilulas de Meglin, pilulas de opio ou de valerianato de zinco, e outras appliçações contra as nevralgias em geral. *Veja-se* vol. II, pag. 488.

Nevralgia da urethra. *Symptomas*. Calor e dôr ao longo do canal da urethra, acompanhada ás vezes de difficuldade de ourinar. Applicar o mesmo tratamento que contra a nevralgia do testiculo.

Nevralgia do utero. O utero, sem que o seu tecido nem o dos seus annexos apresentem alteração de textura apreciavel, póde ser a séde de dôres vivas, lancinantes, estendendo-se mais ou menos longe, e tendo, por seu caracter e sua marcha, a maior analogia ou antes uma completa identidade com as nevralgias. Nas senhoras de que se trata, as picadas augmentam quando ellas estão em pé ou andam; o coito é excessivamente doloroso; os esforços para evacuar renovam ás vezes as crises. Todos os generos de exploração a que se submettem são geralmente intoleraveis: assim a applicação do especulo é ordinariamente dolorosa; um simples dedo introduzido na vagina para verificar a consistencia e o volume do utero provoca igualmente dôres. Aliás, este orgão não apresenta nem á vista nem ao dedo lesão apreciavel; e até mesmo não ha geralmente flores brancas. As dôres propagam-se ás virilhas, cadeiras, aos membros; são acompanhadas frequentemente de inchação do ventre, de oppressão, anxiedades, palpitações, isto é, d'esta serie de accidentes que se chamam vulgarmente *espasmos*, e que caracterizam uma das fórmas do hysterismo. As senhoras que experimentam estes soffrimentos são excessivamente impressionaveis; tem digestões lentas e laboriosas, a menstruação pouco abundante e irregular.

Tratamento. Compõe-se de repouso, posição horizontal, banhos ou semicupios d'agua tepida simples ou com decocção de dormideiras, herva moira, figueira do inferno; injecções na vagina com os mesmos liquidos; clysteres opiados, cuja receita é:

Decocto de linhaça.....	180 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.

Applicar no ventre uma cataplasma de linhaça regada com uma colher *de sopa* de laudano de Sydenham.

Internamente as pilulas de Meglin, ou de valerianato de zinco, e outros medicamentos indicados no *Formulario contra as nevralgias em geral*, vol. II, pag. 488. No intervallo das crises, os banhos frios de rio ou do mar são de grande utilidade.

Nevralgia da vagina e da vulva. N'esta região existem ás vezes dôres vivas, pungentes, que se estendem ao longe, exasperam-se pelo menor toque das partes, tornam não sómente impossiveis as relações conjugaes, mas até o andar. Entretanto no aspecto das partes nada explica os soffrimentos; ás vezes comtudo a membrana mucosa está algum tanto vermelha, excoriada e coberta de um liquido esbranquiçado.

Tratamento. Os meios que devem empregar-se contra esta nevralgia são: semicupios d'agua tepida ou com decocto de plantas narcoticas, dormideiras, herva moira, figueira do inferno. Introduzir na vagina uma mecha untada com *ceroto opiado:*

Extracto de opio.....	50 centigrammas.
Agua.....	50 —
Ceroto simples.....	50 grammas.

Façam-se lavatorios com o liquido seguinte:

Agua.....	1 litro.
Bi-carbonato de soda	30 grammas.

Se a sensibilidade persistir, toque-se levemente a superficie com pedra infernal.

NEVROMA. Tumor de natureza fibrosa desenvolvido sobre o trajecto ou na espessura dos nervos. Os nervos dos braços, coxas e pernas, e sobretudo os nervos superficiaes, o nervo sciatico em particular, são mais frequentemente a séde d'estes pequenos tumores, do que os das outras regiões do corpo. Os nevromas encontram-se nos nervos da cabeça, raras vezes na mão e no pé.

Desenvolvem-se ás vezes em consequencia das contusões, mas as mais das vezes apparecem de uma maneira espontanea. O seu volume varía desde o de um grão de milho painço até ao de um tumor de 13 a 16 centimetros de diametro.

Symptomas. Variam segundo que os nevromas são *dolorosos* ou *não dolorosos.*

1°. *Nevromas dolorosos.* As mais das vezes unico, o nevroma doloroso existe sobre o trajecto de um nervo e forma um tumor movediço debaixo da pelle. O symptoma importante, quasi unico, é a dôr. Volta por accessos, ás vezes espontaneamente, outras vezes depois de uma pancada, um attrito, um simples contacto. Esta dôr, que augmenta de intensidade, e cujos accessos aproximam-se á medida que a molestia se torna mais antiga, é ás vezes tão viva que obriga o doente a parar quando anda, e produz ás vezes um desmaio. Os accessos dolorosos podem manifestar-se todos os dias e mesmo muitas vezes por dia. Póde-se n'este caso verificar pela simples vista uma proeminencia geralmente pouco volumosa, sem mudança de côr da pelle; pela palpação conhece-se que rola facilmente debaixo da pelle; a compressão produz ás vezes vivas dôres.

2°. *Nevromas não dolorosos.* Certos nevromas occasionam poucas dôres, ou não são acompanhados de soffrimento algum; o facto explica-se pelas relações do nevroma com os cordões nervosos o estes podem ser comprimidos ou não pela producção morbida.

Tratamento. Para acalmar as dôres empreguem-se as cataplasmas de linhaça regadas com laudano, as fricções com balsamo tranquillo, com essencia de terebinthina ou com glycereo de chloroformio, cuja receita é :

Chloroformio.....	2 grammas.
Glycerina.....	15 —

Se estas applicações não acalmarem, a extirpação do tumor é o unico meio de cura.

NEVROSE. Dá-se este nome ás molestias do systema nervoso que não se manifestam por lesão material apreciavel. A esta classe de molestia pertencem a enxaqueca, a epilepsia, a catalepsia, etc. *Veja-se* NERVOS (MOLESTIAS DOS).

NHA. *Veja-se* CASTANHEIRO DO MARANHÃO.

NHAMBÚ. *Veja-se* AGRIÃO DO PARÁ.

Nhambú bravo. *Spilanthes, radicans,* Schrad. Synantherease-senecioides. Planta que habita espontanea na provincia de S. Paulo e nas outras partes do Brazil. Caulé diffuso, folhas de um verde claro, flores amarellas. Contém um principio acre; é estimulante e antiscorbutica como agriões; usa-se como alimento.

NHANDIROBA. *Fevillea cordifolia*, Poiret. Cucurbitaceas. Planta herbacea que habita no Brazil e nas Antilhas (fig. 682). Caule trepador, munido de gavinhas; folhas cordiformes, acuminadas, sub-denteadas, ás vezes trilobadas; fructo espherico de 11 a 12 centimetros de diametro, marcado de uma linha circular situada em baixo da metade do fructo : o interior do fructo é carnudo, cheio no centro, com 3 loculamentos estreitos approximados da circumferencia. Cada loculamento contém 2 sementes da largura de 5 a 6 centimetros, irregularmente lenticulares, adelgaçadas nas margens. O episperma (pelle) é espesso, coriaceo, liso e como avelludado na superficie; é de côr fulva, mais escura na circumferencia; a amendoa é chata, amarellada, oleoginosa, amarga, fortemente purgativa. O oleo que se espreme d'ella é amargo, purgativo, e empregado para luzes.

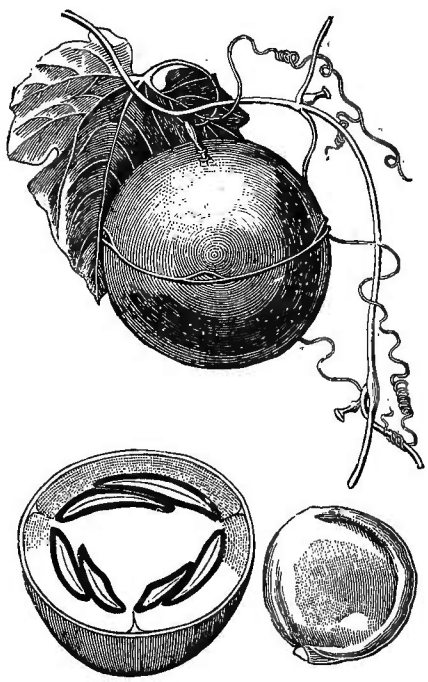


Fig. 682. — Nhandiroba.

Ha mais outras especies : *Fevillea monosperma*, Velloso; *Fevillea passiflora*, Velloso : CASTANHA DO JABOTÁ, DE BUGRE (Pará); *Hypanthera guapeva*, Manso, GUAPEVA (S. Paulo).

Confundem-se as amendoas de todas estas especies, no que não ha inconveniente, pois que todas gozam das mesmas propriedades. O vulgo dá-lhes o nome de *favas de Santo Ignacio*, o que tem inconvenientes e causa confusões porque a *verdadeira fava de Santo Ignacio* é um veneno violento; contém strychnina e produz rijeza e convulsões; entretanto que as sementes da nhandiroba, tomada em grande dóse, produzem só superpurgação. A fava de Santo Ignacio (a verdadeira), provém de um arbusto trepante que habita nas ilhas Philippinas, e que foi chamado por Linneo *Ignatia amara*; seu fcucto é oval, e maior do que um melão.

As sementes de nhandiroba na dóse de 4 a 8 grammas são reputadas tonicas e estomachicas. Em maior dóse (1 a 2 amendoas) são purgativas e emeticas; empregam-se no Brazil nas molestias do figado.

NIEDERBRONN. Prussia. Aguas salinas frias. 18°. Sabor salgado. 1 litro contém 4ᵍ,62 de saes, de que 3 grammas de chlorureto de

sodio, os outros saes são : chloruretos de calcio, magnesio de potassio, lithio ; carbonatos de cal, magnesia, ferro; sulfato de cal; bromureto de sodio ; silica; alumina, e vestigios mui pequenos de acido arsenioso. Na dóse de 5 a 6 copos, produz um effeito laxativo; é a base da indicação em Niederbronn. Estas aguas são aconselhadas em bebida e banhos, nas affecções hemorrhoidaes, hypertrophia do figado, calculos biliares, molestias de pelle, rheumatismos. Não ha ali estabelcimento de banhos; estes tomam-se nos hoteis. — Itinerario; Estrada de ferro de Pariz a Niederbronn mesmo, 12 horas e 40 minutos.

NITRATO DE MERCURIO. *Veja-se* vol. II, pag. 418.

NITRATO DE PRATA ou AZOTATO DE PRATA. É conhecido e empregado debaixo de dois estados :

1.° *Azotato de prata crystallizado :* Apresenta-se sob a fórma de laminas sem côr, nem cheiro, de sabor estyptico desagradavel, mui caustico, soluvel no seu peso d'agua distillada; exposto ao sol, ennegrece; forma manchas negras na pelle e na roupa, que só podem desvanecer-se pela lavagem com a dissolução de iodureto ou cyanureto de potassio. Todos os liquidos vendidos para tornar o cabello preto, tem por base o azotado de prata crystallizado. A maior parte das tintas para marcar roupa são preparadas com azotato de prata. Dissolvido em agua distillada é empregado em injecções e collyrios.

2.° *Azotato de prata* fundido ou *Pedra infernal.* Apresenta-se em cylindros brancos ou negros. É empregado em medicina como caustico. Este caustico merece menos do que muitos outros mais energicos o nome com que é conhecido. Sua acção é instantanea, mas está longe de occasionar a dôr que o seu nome parece annunciar. A pedra infernal emprega-se para cauterizar as carnosidades das feridas, as ulceras rebeldes, os cancros venereos, as aphtas da bocca, as belidas dos olhos, As hemorrhagias que resultam ás vezes das cisuras de sanguesugas, e que resistem a compressão, cedem quasi instantaneamente á applicação prolongada d'este caustico na cisura. A hemorrhagia que sobrevem ás vezes depois da extracção de um dente, atalha-se tambem introduzindo e deixando applicada por um minuto na cavidade dentaria a pedra infernal. Mancha de preto a pelle e a roupa; estas nodoas desapparecem lavando-as com a solução de iodureto ou cyanureto de potassio, pela mesma fórma como se faz com as de azotato de prata crystallizado. Para servir-se da pedra infernal, é preciso introduzil-a no canudo de uma penna ou n'um instrumento, chamado *porta-pedra,* representado na fig. 683.



Fig. 683. — Porta-pedra.

NITRITO DE AMYLO, ou **ETHER AMYLNITROSO**. É um liquido esverdeado, mui volatil, soluvel em alcool puro e que se decompõe rapidamente em contacto com o ar. Quando se respira algumas gottas d'este liquido derramado em um lenço, o rosto fica logo vermelho, congestionado, o sangue sobe ao cerebro; apparecem vertigens e tonteiras; se a dóse d'este medicamento fôr muito forte, mani-

festam-se accidentes muito graves. Á vista d'esses effeitos comprehende-se que este medicamento seja util em todos os casos de anemia cerebral, syncopes, insufficiencia aortica, etc. Não obstaute é um medicamento perigoso pela intensidade de sua acção; é prudente pois administral-o só aos doentes jovens, havendo cuidado em que o medicamento seja absolutamente puro.

As mais das vezes bastam cinco a seis gottas. No commercio acha-se á venda vidrinhos muito pequenos que contem só dez gottas de nitrito de amylo e que devem ser quebrados no momento de empregar o medicamento.

NITRO, Sal de nitro, Salitre ou Nitrato de potassa. Este sal forma-se naturalmente na superficie das paredes humidas e no chão, nos logares habitados pelo homem e pelos animaes. Acha-se, por conseguinte, nos entulhos das casas velhas. Obtem-se pela evaporação das lixivias d'estas substancias. Encontra-se tambem na superficie da terra, especialmente na Hespanha e India. No Brazil, perto do rio de S. Francisco, nas provincias de Minas Geraes e da Bahia, acham-se lagôas d'agua nitrosa d'onde se extrahe o salitre. Forma-se tambem no leito das cavernas calcareas das provincias de Minas, Ceará, Mato-Grosso e outros logares do Brazil. As fontes naturaes de nitro não são sufficientes para o enorme consumo que se faz d'este sal, e por isso estabelecêram-se em França e na Allemanha nitreiras artificiaes. Dispõem-se para este fim, debaixo de alpendres baixos e humidos, terras calcareas misturadas com substancias vegetaes e animaes. O nitro é branco, de sabor fresco, picante, levemente amargo. Misturado com enxofre e carvão constitue a polvora. Em medicina emprega-se como diuretico, na dóse de 1 a 4 grammas dissolvido em agua ou algum cozimento.

NITROGLYCERINA ou **TRINITINA.** Alcool triatomico que se apresenta debaixo da forma de um liquido pesado, amarellado, oleoso, soluvel no ether e no alcool methylico, inflammavel e detonando com violencia ao menor choque. Misturada com serradura ella não faz mais explosão senão quando se lhe chega o fogo ou quando o choque é muito forte; é a dynamite.

Injectada sob a pelle, a nitroglycerina provoca congestão do rosto, suores, cephalalgia e suractividade do coracão. Logo após apparecem as vertigens, as tonteiras e por fim um somno profundo.

A nitroglycerina tem sido empregada no tratamento da angina de peito, das molestias da aorta, das nevralgias, das vertigens e dos desarranjos nervosos de origem anemica e tambem em alguns casos de nephrite chronica. Administra-se'a em solução, internamente, ou em injecções sub-cutaneas. Em todos os casos o seu emprego deve ser feito com o maior cuidado, as dóses devem ser progressivas, começando por uma gotta da solução alcoolica ao centesimo, e nunca a dóse deve ser superior a quatro ou cinco gottas nas 24 horas.

NIZA. Cidade importante do sul da França, que em razão de sua bella situação nas bordas do Mediterraneo, e do seu clima ameno é uma das mais celebres estações do inverno do mundo. Em Niza chove mui

poucas vezes, mas a temperatura é muitissimo variavel. É uma estação muito conveniente para os anemicos, os asthmaticos e para os individuos que soffrem de rheumatismo, mas pouco favoravel para aquelles que são acommettidos de tuberculose pulmonar ou que têm predisposições para as molestias do peito.

NÓ NA TRIPA. *Veja-se* ILEO.

NODOAS DA PELLE. *Veja-se* MANCHAS.

NOGUEIRA. *Juglans regia*, Linn. Juglandeas. Grande arvore originaria da Persia, cultivada em Portugal. Folhas pinnuladas, foliolos ovaes, glabros, de cheiro forte e agradavel. O fructo, chamado *noz*, é globoso, formado de uma casca exterior verde e succulenta (sarcocarpo); de um endocarpo ligneo, sulcado e bivalve; e de uma semente, cuja amendoa oleoginosa é formada de dois cotyledones, mui desenvolvidos, divididos inferiormente em 4 lobulos, de superficie desigual. A noz é alimenticia; serve-se nas mesas não completamente madura, ou madura e recente, ou secca. Extrahe-se d'ella, por espressão a frio, um oleo comestivel, e por espressão a quente um oleo utilizado na pintura. A casca exterior do fructo contém um oleo volatil, tannino, e um principio acre e amargo que tinge de uma maneira quasi indelevel os dedos e os tecidos. As folhas e as flores da nogueira contém um principio particular de cheiro penetrante, que se exhala em grande quantidade durante a estação quente, e póde occasionar dôres de cabeça nas pessoas mui delicadas.

As folhas da nogueira, verdes ou seccas, empregam-se interna e externamente, como adstringentes e tonicas. Para uso interno empregam-se em infusão, que se prepara com 2 grammas das folhas para 200 grammas d'agua fervendo. Esta bebida usa-se contra as escrophulas e rachitismo. Para uso externo, emprega-se em injecções a infusão contra as flores brancas, fistulas, ozena, etc. Prepara-se deixando de infusão por uma hora, e coando depois com espressão, 50 grammas de folhas de nogueira em 1,000 grammas d'agua fervendo.

NOSTALGIA. Melancolia produzida pela ausencia do paiz natal, e pelo desejo irresistivel e incessante de voltar a elle.

A nostalgia apodera-se tanto mais facilmente dos homens recemsahidos do seio de sua familia, quanto mais differente é da terra que deixaram a terra em que se acham, e quanto mais submettidos estão a occupações, deveres e trato que fazem grande contraste com a independencia e a brandura de sua vida anterior.

Symptomas. Os primeiros phenomenos que indicam a invasão da nostalgia consistem na reserva insolita que manifesta o doente, no aborrecimento e na preguiça para as occupações a que se entregára antes com toda a actividade, em um estado habitual de tristeza que se torna cada dia mais pronunciado. Com o tempo, a cabeça torna-se-lhe quente e dorida, os olhos murcham e encovam-se, as feições do rosto abatem-se, os movimentos são lentos e como involuntarios, a digestão é difficil, perde o appetite, emmagrece, e a sua debilidade vai augmentado cada vez mais.

Quando a nostalgia apparece durante alguma molestia, torna-se uma complicação grave. Não sómente augmenta a intensidade dos symptomas e a febre, mas tambem oppõe-se á apparição assim como aos progressos da convalescença.

Tratamento. Não é a nostalgia uma molestia que se cure com receitas da pharmacia; é preciso oppôr-lhe uma medicina mais simples e elevada. Quando os primeiros symptomas d'esta affecção apparecem, póde-se, em muitas circumstancias, cural-a. Cumpre tratar o nostalgico com brandura. Longe de distrahir-lhe a attenção do objecto de seus pezares, é util até fallar-lhe d'elles, mas isto deve-se fazer com benevolencia, entrando nas suas ideias, e elogiando o paiz que deixou. Esta conversação não deixará de interessal-o, poderá enfraquecer e até destruir um sentimento que, deprimido ou combatido, poderia adquirir uma força irresistivel.

No caso de febre e dôr de cabeça, banhos mornos geraes acompanhados de affusões frias sobre a cabeça, constituirão os meios que podem ser utilmente associados aos meios precedentes.

Se, apezar de todos estes cuidados, a nostalgia progredir, e a debilidade augmentar com rapidez, é indispensavel que se diga ao doente que ha de voltar á sua terra. É notavel, além d'isso (tanto o espirito humano é estranho) que tem havido nostalgicos que foram curados pelas simples convicção de poderem ir, quando quizessem, ver sua patria; e por isso, quando este meio tão feliz, tão prompto em seus resultados, e impraticavel, nem por isso se deve deixar de experimental-o, e fazer crer ao doente que ha meios seguros de se lhe proporcionar o que tão ardentemente deseja. Uma melhora sensivel no seu estado será a consequencia certa d'este innocente engano, que afinal lhe trará a saude. Durante o bloqueio de Moguncia, em 1814, o Dr. Percy annunciou nos hospitaes que o general em chefe, sabendo que muitos militares desejavam voltar para as suas casas, facilitava-lhes licença, e para isso obteve do inimigo, que os cercava, uma livre passagem para todos os doentes e convalescentes. Esta esperança reanimou a coragem de grande numero de nostalgicos, e restabeleceo-lhes a saude.

NOZ. Em botanica dá-se o nome de *noz* ao segundo envoltorio lenhoso, testaceo ou osseo, de uma ou muitas sementes, cobertas além d'isto de um tegumento proprio. A noz é contida n'uma polpa mais ou menos molle e carnosa, ou secca e quebradiça, que se chama *casca verde* na nogueira, amendoeira, aveleira, etc.; *drupa* no pecegueiro, ameixieira, etc. N'este ultimo caso a noz toma o nome de *caroço*.

O que se chama mais ordinariamente *noz*, é o fructo da nogueira, *Juglans regia*, L., bella arvore da familia das Juglandeas, originaria da Persia, cultivada em Portugal. As nozes comem-se na sobremesa; são de gosto excellente, mas comidas em abundancia são indigestas. Para restituir ás nozes seccas a frescura primitiva, é preciso pôl-as de môlho, durante 24 horas, em leite de vacca um pouco aquecido ou em agua com sal; feito isto, tiram-se; póde-se então tirar-lhes a epiderme amarella e amarga, do mesmo modo como ás nozes recem-colhidas.

NOZ DE GALHA. *Veja-se* GALHA.

NOZ MOSCADA. *Veja-se* MOSCADA.

NOZ VOMICA. Semente da *Strychnos nux vomica*, Linneo, arvore da India, da familia das Loganiaceas (fig. 684). É redonda, chata, umbilicada em uma das faces, da largura de 12 a 18 millimetros, de consistencia como cornea, denegrida ou acinzentada, coberta com um pello curtissimo no exterior, ordinariamente branca, e ás vezes negra no interior, inodora; sabor extremamente amargo.

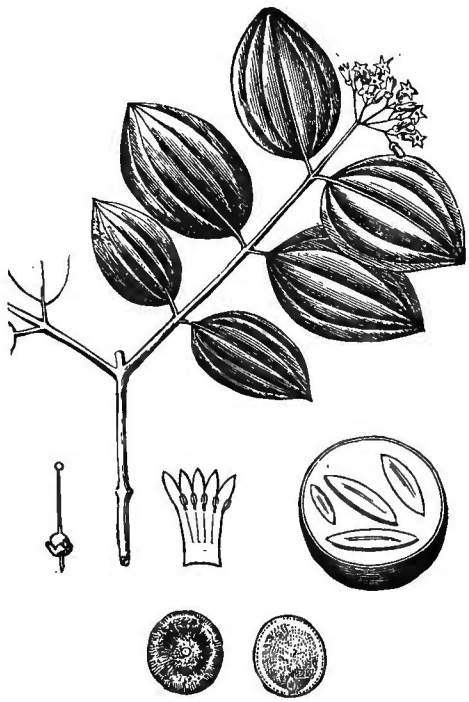


Fig. 684. — Noz vomica.

Veneno violento. Seu primeiro effeito é um aperto nas fontes e na nuca; os queixos enrijam-se um tanto, apparece difficuldade de fallar e respirar, uma pequena vertigem, percepção de uma multidão de corpos luminosos, leves estremecimentos nos membros, erecção do membro viril. Se a dóse fôr exagerada sobrevem rijeza tetanica, convulsões, e a morte precedida por um instante de insensibilidade completa. A dóse de 1 1/2 gramma póde produzir estes funestos resultados. Em pequena quantidade, a noz vomica é util nas paralysias, gota serena, incontinencia das ourinas, etc. Mas o emprego de todas as preparações d'este medicamento exige a maior circumspecção. Administra-se n'estas molestias na dóse de 10 a 75 centigrammas, divididos em muitas dóses, durante 24 horas, em pós ou pilulas.

NUTRIÇÃO. A nutrição é uma funcção complexa, ao exercicio da qual cooperam muitos orgãos, e que tem por alvo a conservação da vida.

O corpo humano deita fóra de si pelas ourinas, a defecação, os suores, a expiração pulmonar, etc., os materiaes inuteis introduzidos pela alimentação e as substancias já utilizadas e cujo residuo só poderia ser nocivo. Esta contínua eliminação tem necessariamente por corollario um movimento inverso d'assimilação que se executa por meio de tres apparelhos: o apparelho digestivo, o respiratorio e o circulatorio. As funcções digestivas preparam, modificam mecanica e chimicamente os alimentos e os transformam em materias directamente absorviveis que se chamam peptonas. Essas peptonas provêm pois, da acção especial da saliva, do succo gastrico, da bilis e do succo pancreatico, sobre os alimentos azotados, graxos e mineraes. A actividade do tubo gastro-intestinal tem, pois, por limite, a preparação d'essas peptonas. Ao apparelho

circulatorio cabe o papel de distribuidor. Na cavidade do intestino as peptonas são tomadas pelas veias e pelos lymphaticos, que ahi se acham em abundancia, e passam logo depois para a massa do sangue, o qual não poderia por si só dar conta d'esse trabalho, se n'elle não se renovasse regularmente um gaz que lhe é indispensavel: o oxygeneo. Por aqui vê-se pois que a funcção respiratoria se acha intimamente ligada á circulação, do mesmo modo tambem que a circulação se acha ligada á digestão. Provido de todos os seus elementos essenciaes, o sangue transporta para os diversos pontos do organismo as substancias nutritivas, peptonas, oxygeneo, etc., emquanto que os materiaes inuteis se eliminam por meios analogos.

Do conjuncto d'estes phenomenos resulta a nutrição. Se seguir-se a evolução de um individuo desde o seu nascimento até sua morte, comprehender-se-ha facilmente que certas maneiras especiaes de nutrição devem corresponder aos diversos periodos da vida. Nas crianças, os diversos apparelhos devem não só fornecer ao organismo a ração de manutenção, como tambem devem dar um forte excedente que faça a parte do crescimento do corpo. Mais tarde, no estado adulto, o equilibrio das perdas e dos materiaes absorvidos deve ser, pouco mais ou menos, perfeito. Emfim, nos velhos as funcções que mantêm a nutrição não podem impedir que os tecidos se alterem e que soffram transformações que se terminam pela parada dos phenomenos vitaes.

Em todo caso é evidente que a nutrição pode ser activada ou diminuida pela influencia de muitos agentes exteriores: luz, calor, electricidade, etc. Poderia se provar esta asserção com muitos exemplos tirados tanto do reino vegetal como do reino animal. No homem, a nutrição é singularmente modificada pela falta, a abundancia e a qualidade da alimentação, do ar respirado, e tambem pela intensidade e a natureza das impressões moraes cujo poder não pode de modo algum ser contestado.

NYCTALOPIA. A nyctalopia é a faculdade de vêr durante a noite, entretanto que durante o dia existe privação da vista. As causas d'esta molestia são obscuras; os pezares, as vigilias, o abuso dos licores alcoolicos, uma longa residencia em um logar escuro, a tem produzido muitas vezes. Para remediar este estado, é preciso acostumar pouco a pouco os olhos a uma luz progressivamente mais intensa, e usar de oculos com vidros azues ou verdes.

NYSTAGMUS. Molestia caracterizada por uma agitação contínua dos olhos, que oscillam debaixo da influencia de contracções involuntarias de seus musculos motores. Em muitos casos, o nystagmus constitue simplesmente um defeito, frequente nas crianças de tenra idade que nascem com má vista, n'estes casos, os dous olhos são acommettidos simultaneamente. Quando, ao contrario, o nystagmus se declara em um adulto, pode-se quasi sempre affirmar que é um symptoma precursor de uma molestia do cerebro ou da medulla espinhal. Na verdade encontra-se essa oscillação rythmica dos olhos em consequencia de certas fracturas do craneo e nos doentes acommettidos de hemmorrhagia ou de

ammollecimento cerebral, de esclorose em placas, de hysteria, etc. Qualquer que seja a origem do nystagmus, a vista fica assaz turva e essa perturbação se junta ás alterações primitivas da vista. Assignalaremos tambem o nystagmus que se observa assaz frequentemente nos obreiros que trabalham nas minas, e que é attribuido ao modo de vida d'elles e á penosa maneira de trabalhar.

Tratamento. Antes de tudo convem tratar dos olhos tendo em vista as lesões que precederam o apparecimento do nystagmus. Já recommendaram que se praticasse a iridectomia e a secção dos musculos cujo estado convulsivo causa o nystagmus.

O

OBESIDADE. Quando a gordura se acha no corpo em proporção com o volume e a estatura, constitue um estado de perfeita saude, em outros termos, é a nutrição levada ao auge de perfeição. Além de certos limites, a gordura degenera em *corpulencia*, *obesidade*, palavras que designam, em um gráo mais ou menos pronunciado, o desenvolvimento consideravel do volume do corpo, por uma accumulação extraordinaria de gordura no tecido cellular sub-cutaneo. Pelo effeito da obesidade o corpo póde adquirir um volume enorme : póde pesar 150, e mesmo 400 kilogrammas. A gordura, que n'um adulto de corpulencia ordinaria, não representa senão a vigesima parte do peso total do corpo, póde formar a sua metade, os dois terços e até os quatro quintos. Estes individuos movem-se com difficuldade; não podem fazer o menor exercicio sem ficarem suffocados, cobertos de suor, e sem experimentarem palpitações.

Causas. Nem todas as constituições são igualmente dispostas á gordura : as pessoas de alta estatura, delgadas, trigueiras, seccas e cabelludas, são menos sujeitas a ella. As constituições humidas, pelo contrario, os temperamentos sanguineos, lymphaticos, os individuos com cabellos louros ou castanhos, de pequena estatura, tem ordinariamente muita gordura. Segundo estas considerações, é evidente que os homens em geral são menos dispostos a ella do que as mulheres.

A obesidade é uma affecção muitas vezes hereditaria; não é raro que principie desde a mais tenra infancia. Em geral, começa no trigesimo anno e augmenta depois dos quarenta annos. Esta affecção sobrevem especialmente nos individuos que levam uma vida ociosa, sedentaria e que usam de uma alimentação succulenta. As substancias oleosas, as gorduras, o leite, o pão, as batatas, os alimentos farinaceos fazem engordar. As affecções moraes contribuem poderosamente para o estado de gordura ou magreza do corpo. Um homem irascivel, tristonho, inquieto, de ordinario é mirrado. Mas independentemente de todas estas circumstancias, certas pessoas trazem, ao nascer, maior ou menor disposição para a obesidade, a qual só espera, para desenvolver-se, o concurso de certas circumstancias.

Tratamento. Logo que a disposição á obesidade se manifestar, cumpre diminuir a quantidade habitual dos alimentos. É preciso comer pouco pão, pouca farinha de mandioca, pouca tapioca e mui pouco de outras feculas ou substancias seguintes : batatas. azeites e gorduras ; abster-se de bebidas alcoolicas. Alimentar-se sobretudo de carne e vegetaes herbaceos, de saladas com vinagre. Levar vida activa, fazer muito exercicio, e não ficar na cama senão o tempo strictamente necessario para restaurar as forças. Tomar um purgante de tempos a tempos e com preferencia a limonada de citrato de magnesia, ou as pilulas seguintes:

Escamonea.....	2 grammas.
Raiz de jalapa.....	2 —
Xarope de gomma.....	quantidade sufficiente.

Faça 20 pilulas. Para tomar 2 a 6 pilulas por dia.

Convem tambem recorrer á hydrotherapia (*veja-se* esta palavra). Pelo uso bem combinado dos meios sudorificos, das emborcações, da agua fria no interior e exterior, e do exercicio, faz-se desapparecer o tecido gorduroso, e diminue-se rapidamente o peso do corpo, sem alterar a saude.

Os medicamentos recommendados contra a obesidade são : a alga vesiculosa, o bicarbonato de soda e o iodo. Eis-aqui as suas receitas.

1.ª Alga vesiculosa em pó.....	120 grammas.

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria ou de chá da India.

2.ª Bicarbonato de soda.....	120 —

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar.

3.º Tintura de iodo.....	60 grammas.
Iodureto de potassio.....	4 —

Dissolva. *Dóse :* 20 gottas, uma vez por dia, n'uma pouca d'agua com assucar.

OBIDOS. Portugal; Estremadura. Aguas salino-sulfurosas tepidas. Duas fontes : *Fonte dos Arrabidos;* 29°; e *Fonte de Obidos;* 27°. A primeira contém 2ᵍ,564 de saes, a segunda 2ᵍ,7325, segundo o Sr. Dr. Lourenço. Os saes são: o chlorureto de sodio; sulfato de soda, potassa, cal e magnesia; carbonatos de cal e magnesia; silica. São pouco aproveitadas.

OBLITERAÇÃO DO ANUS. *V* IMPERFORAÇÃO, v. I, p. 191.

OBLITERAÇÃO DO ORIFICIO DA URETHRA. *Veja-se* CRIANÇA QUE NASCE TAPADA, no artigo TAPADA.

OBREIA. Folha de massa de farinha de trigo, cozida em um ferro, empregada para fechar cartas e para hostias da missa.

As *obreias ordinarias* para cartas fabricam-se com agua e flor de farinha de trigo sem levadura. Faz-se uma massa bastante liquida á qual

se dá côr com diversas substancias, e que se coze depois em um ferro proprio. Corta-se depois com o sacabocado.

As *obreias transparentes* não são outra cousa senão gelatina que se faz dissolver em agua fervendo, e que depois de esfriada se deita n'um molde, para ter a consistencia necessaria. Deixa-se depois esfriar de todo, e tira-se a gelatina sob a fórma de uma folha delgada e transparente, que se corta com o sacabocado.

Não podem empregar-se indifferentemente todas as especies de tintas para dar côr ás obreias, e devem-se observar a este respeito as mesmas precauções que para os confeitos e licores. Eis-aqui as tintas que se costumam empregar : para o *vermelho*, uma decocção de páo de Pernambuco, de ruiva dos tintureiros, de cochonilha em pó com uma pouca de pedrahume ; para o *azul,* o anil ou o azul de Prussia em pó fino ; para o *amarello*, uma decocção de açafrão, de curcuma ou de grãos de Avinhão ; para o *verde,* o azul e o amarello ; para o *roxo*, o azul e o vermelho ; para o *preto,* os pós de sapato.

OBREIAS MEDICAMENTOSAS. *Veja-se* HOSTIA.

OBSTRUCÇÃO. Esta palavra, que é synonyma de *engurgitamento,* foi applicada, na linguagem vulgar, a affecções mui differentes, e principalmente aos engurgitamentos chronicos do figado e do baço, que se desenvolvem ás vezes depois das febres intermittentes prolongadas.

Obstrucção do baço. *Veja-se* vol. I, pag. 265.

Obstrucção do figado. *Veja-se* vol. I, pag. 1167.

OCRE. Substancia argilosa, corada de vermelho, amarello ou roxo, por certa quantidade de peroxydo de ferro. Acha-se em muitos terrenos. A maior parte dos ocres são empregados na pintura. Os mais conhecidos são : o *Ocre vermelho de Ormuz*, ou *Rubro indiano*, que se tira da ilha de Ormuz, no golfo persico ; o *Ocre de Combal*, na Saboia, de um amarello alaranjado ; os *Ocres amarellos* de Vierzon, Pourrain, Bitry e Saint-Amand em França ; o *Ocre amarello* conhecido sob o nome de *Terra de Sienne ;* o *Ocre roxo* ou *Terra de Ombria* que se tira de Ombria na Italia ; o *Ocre vermelho* de Portugal, que serve para fabricar a olaria fina, o *Ocre avermelhado*, que serve aos Hespanhoes, para corar o fumo, polir os espelhos e limpar os objectos de prata ; emfim o *Ocre vermelho* dos Cafres, que estes povos empregam para pintarem o corpo.

OCULOS. Designam-se sob o nome de *oculos* os diversos instrumentos destinados a remediar as imperfeições da vista, ou a augmentar-lhe o alcance. Comprehendem-se debaixo d'esta denominação os *oculos ordinarios*, de que me occuparei principalmente, e os instrumentos mais ou menos complicados, chamados *oculos de longamira* ou *de vêr ao longe*, *oculos de punho*, *telescopios*, etc.

Os oculos ordinarios são vidros circulares encaixilhados em fórmas variadas, e estes vidros são mais ou menos *convexos*, ou mais ou menos *concavos*, conforme a vista é mais ou menos *longa* (presbyopia), ou, pelo contrario, mais ou menos *curta* (myopia).

Quando a vista principia a diminuir, os oculos com vidros *convexos* são muito uteis. Muitas pessoas conservam por este meio, durante dez,

quinze e vinte annos, a sua vista no mesmo gráo de alcance. Mas, para se obter este effeito, é preciso saber o momento em que se deve principiar a usar de oculos, e escolher os instrumentos da maneira que nada deixem a desejar. Este momento não é exactamente indicado pela idade, como julgam certas pessoas, mas sim pelos symptomas seguintes:

1.° O ponto de vista principia a alongar-se, e a pessoa afasta machinalmente os pequenos objectos para os ver melhor. 2.° Querendo ler de noite, põe o livro perto da luz ou atraz d'ella. 3.° Os olhos fatigam-se pelo menor trabalho: é preciso suspendêl-o para lhes dar algum descanso. Quando estes signaes se manifestam, não se deve esperar mais; convem servir-se de oculos. Um vão amor proprio, sobretudo nas senhoras faz ás vezes hesitar; a vista porém vai-se perdendo cada vez mais. N'este caso os vidros convexos são mais uteis que nocivos.

A vantagem dos vidros *convexos* depende da augmentação do angulo dos raios visuaes: os objectos parecem então maiores, mais approximados, e sobretudo menos luminosos do que no estado ordinario.

Os vidros *concavos*, de que se servem os myopes, produzem phenomenos inteiramente oppostos. Os corpos vistos por meio d'estes vidros parecem *pequenos* e *brilhantes;* sua circumferencia é mais clara, mais bem marcada do que no estado natural. Porém quanto mais pequeno e afastado está um objecto, tanto mais cança a vista, porque obriga os olhos a fazer maiores esforços para vêl-o distinctamente. Se a isto se accrescentar o brilho da luz produzida pela concavidade do vidro, ver-se-ha quão perniciosos são para a vista estes instrumentos, que na realidade não produzem effeito senão excitando fortemente a parte nervosa do olho; e por isso, não se deve usar de oculos com vidros concavos senão havendo obsoluta necessidade. Os myopes decididos a empregar o soccorro dos oculos devem escolher os vidros que permittem ler facilmente e sem fadiga na distancia de 40 centimetros. Estes oculos podem ás vezes curar a myopa, se, depois de empregal-os por algum tempo, tiver o myope a precaução de mudal-os todos os mezes, passando gradualmente para numeros cada vez menos fortes, até chegar aos vidros quasi chatos. Citam-se casos de cura de myopia obtidos por este meio.

Oculos com vidros de côr. Empregam-se estes oculos para diminuir sobre os olhos a impressão mui viva da luz, e por conseguinte para conservar a vista: os vidros azues são os que devem ser preferidos. Sem contestar a utilidade d'estes oculos, convem observar que apresentam algum inconveniente. Com effeito, não podendo permanecer constantemente diante dos olhos, umas vezes os objectos apresentam-se esclarecidos naturalmente, outras vezes n'uma especie de escuridão, alternativa que é mui nociva á sensibilidade do orgão. E por isso, o uso dos oculos com vidros de côr deve ser mui limitado. Só convem quando os olhos estão expostos á acção contínua de uma luz viva, como, por exemplo, quando alguem é obrigado a atravessar um sitio em que o sol bate sobre aridos rochedos, ou sobre areia.

Escolha de bons oculos. Este ponto é muito importante.

Algumas pessoas, seduzidas pelo preço poueo elevado d'estes instrumentos, não reflectem que compromettem um valor inestimavel, pois que o pagam com a perda do orgão mais precioso. Se se considerar a difficuldade de fazer bons vidros, os proeessos minueiosos, os talentos, a longa experiencia que sua fabricação exige dos artistas que se consagram a este genero de industria, julgar-se-ha faeilmente quanto são funestos á vista os vidros communs, defeituosos pela natureza, pelo feitio e pelos aros.

Já disse que para os myopes eonvem os vidros concavos, para os presbytas os convexos, e para as pessoas que não tem a vista nem curta nem longa, e só querem preservar momentaneamente os olhos da influencia nociva de uma luz mui brilhante, convem os vidros ehatos de côr. Mas, qualquer que seja a fórma e a côr de um vidro, deve reunir estas tres qualidades : ser *polido*, *puro* e *igual* em toda a sua substancia; é preciso que a sua transparencia não seja perturbada nem por manchas, nem por sinuosidades ou alguma mistura heterogenea ; é necessario que seja mui macio ao tacto, e que seu brilho augmente quando é limpocom um lenço depois de coberto com o vapor do halito. A reunião de todas estas vantagens é indispensavel para obter uma refracção perfeita dos raios luminosos ; de outro modo, não atravessando a luz igualmente o vidro, resultarão d'isso, refracções pareiaes cujo effeito será noeivo. A *desigualdade dos focos* é tambem um defeito grande nos oculos. É raro encontrar pessoas cujos olhos tenham ambos o mesmo alcance. O foeo de cada vidro deve ser, por conseguinte, proporeionado á força ou fraqueza do olho que lhe corresponde. Mas, não obstante isto, todas as pessoas que se servem de vidros eoncavos ou convexos os tem quasi sempre do mesmo numero, e cançam por eonseguinte os olhos.

A *irregularidade das curvaturas* deve ser cuidadosamente evitada. É indispensavel qne os apices de duas curvaturas de um vidro tenham o mesmo eixo : é uma condição esta a que faltam frequentemente os artifices pouco attentos ou pouco habeis, e esta disposição produz um resultado desfavoravel, porque, não se fazendo de maneira eonveniente a refracção dos raios, sua reunião dá sobre a retina imagens irregulares ; e os esforços continuados que o olho faz para as regularizar acabam por estragar o orgão.

Qualquer pessoa que deseje achar vidros proprios para a sua vista deve examinar por si mesma a *pureza*, a *transparencia*, o *brilho* as *curvaturas* convexas ou concavas ; assegurar-se bem, apresentando-os alterternativamente a cada olho, do foco que convem a um e outro ; experimental-os por algum tempo sobre livros ou outros objectos antes de compral-os. Não é raro encontrar vidros que parecem bons a prineipio, e cujo uso mais continuado demonstra o contrario. Os caracteres de impressão de um livro ordinario devem apparecer distinctamente aos olhos a uma distancia cerca de 27 centimetros (10 pollegadas).

Eis-aqui a escala adoptada pelos fabricantes de Pariz :

Presbyopia ou *vista longa*. Vidros convexos.

Presbyopia fraca. N^{os} 80, 72, 60, 48, 36, 30, 24, 20,

Presbyopia mais forte. 18, 16, 15, 14, 13.
Presbyopia forte. 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5.
Presbyopia muito forte. 4 1/2, 4, 3 1/2, 3, 2 1/2, 2, 1 3/4, 1 1/2, 1.
Esta ultima serie dá-se ordinariamente aos individuos operados de cataracta.

Myopia ou *vista curta*. Vidros concavos.
Myopia fraca. Nos 60, 30, 20, 18, 16.
Myopia mais forte. 15, 14, 13, 12, 11, 10.
Myopia forte. 9, 8, 7, 5, 4 1/2, 4.
Myopia muito forte. 3 3/4, 3 1/2, 3, 2 3/4, 2 1/2, 2, 1 3/4, 1 1/2, 1 (raras vezes empregados).

Os aros exigem tambem certas precauções. Sendo muito fracos ou muito moveis, o seu movimento continuo desarranjará a cada momento o eixo da visão. Se os vidros ficarem mui perto dos olhos, a vista será incommodada ; além d'isto, a transpiração mancha-lhes o brilho, e não será possivel então distinguir bem os objectos. Se, pelo contrario. ficarem muito afastados, não servirão para o fim que se deseja. É, por conseguinte, importante que os aros tenham a *elasticidade*, a *solidez* e o *comprimento* necessarios para que os vidros fiquem n'uma distancia conveniente dos olhos, e não se desarranjem pelos movimentos da cabeça.

ODONTALGIA, ou DÔR DE DENTES. *Veja-se* vol I, pag. 799.

ODONTALGICO Palavra que serve para designar elixires aconselhados contra as dôres de dentes. De ordinario, são compostos de alcool, no qual se faz macerar raiz de pyrethro, guaiaco, moscadas, etc. Muitos d'elles são pouco efficazes contra as dôres de dentes. Os medicamentos proprios para acalmar as dôres de dentes acham-se indicados no vol. I, pag. 800.

OFFICIAL DE SALA. *Asclepias curassavica*, Linneo, Asclepiaceas. Planta do Brazil e das Antilhas. Habita nos prados, como por exemplo nos arredores do Rio de Janeiro entre o Berquó e o Hospicio de Pedro Segundo. Na Bahia dão-lhe o nome de *Cega-olho*. A raiz goza da propriedade emetica e é empregada nas Antilhas para este effeito na dóse de 1 gramma. O Sr. Dr. Nicoláo Moreira a considera suspeita, á vista de factos de envenenamento occasionados por esta planta.

OLEADO. *Veja-se* ENCERADO.

OLEANDRO. *Veja-se* ESPIRRADEIRA.

OLEOS. Corpos gordos que ordinariamente conservam o estado liquido na temperatura de 10° a 20° centigrados, e com mais razão acima d'esta temperatura. Os oleos distinguem-se em *graxos* ou *fixos*, e em *volateis* ou *essenciaes* ou *essencias*. Para estes *veja-se* ESSENCIAS.

Os *oleos fixos* são insoluveis na agua ; pouco soluveis no alcool, exceptuando o *oleo de ricino* e o de *croton tiglium* que se dissolvem completamente. São soluveis no ether. Os alcalis transformam-n'os em productos novos, com que se combinam e dão nascimento ao *sabão* cujos usos economicos e industriaes são bastante conhecidos. Extrahem-se pela maior parte dos vegetaes. Encontram-se quasi exclusivamente nas

sementes; raras vezes nas partes carnosas dos fructos; taes são a azeitona, os fructos de louros e alguns outros. Extrahem-se ordinariamente submettendo as partes vegetaes á prensa. Alguns oleos fixos são fornecidos por certos animaes: como são o azeite de baleia, chamado impropriamente azeite de peixe, e o oleo de mocotó ou de mão de vacca. Acham-se os oleos fixos, nos animaes, nas mesmas partes que as gorduras solidas.

Distinguem-se os oleos fixos em *oleos siccativos* e *oleos não siccativos*. Os primeiros tem a propriedade de se espessarem pouco a pouco ao contacto do ar e de se transformarem n'uma especie de membrana solida e transparente; taes são os oleos de linhaça, de nozes, de sementes de canhamo, de sementes de dormideira. Esta propriedade torna-os preciosos na preparação dos vernizes e das tintas a oleo. Os oleos não siccativos empregam-se como alimentos e como medicamentos, ou para a fabricação de sabão: taes são os oleos de azeitonas, de amendoas, de nabo, de colza, etc.

Oleo de amendoas. Obtem-se pela espressão, a frio e sem agua, das amendoas doces e amargas, fornecidas pela arvore chamada amendoeira. É liquido, de côr esverdeada; o cheiro e sabor parecem-se um pouco com o de amendoas doces. Em alta dóse é laxante, emolliente em dóse pequena. Emprega-se internamente nos envenenamentos por substancias acres, nos pleurizes, bronchites, irritações das vias urinarias, e externamente em fricções como emolliente.

Oleo de andiroba. *Veja-se* ANDIROBA.

Oleo de anta. Oleo extrahido da anta, animal mammifero do Brazil (fig. 685). Este oleo emprega-se em fricções contra as dôres rheumaticas,



Fig. 685. — Anta ou tapireta.

Oleo de avelã. Oleo extrahido dos fructos da aveleira. A pequena quantidade que se tira d'este oleo é reservada para a pharmacia, e para a preparação de diversos cosmeticos.

Oleo de azeitona. *Veja-se* AZEITE.

Oleo de ben. Oleo extrahido das nozes da *moringa aptera*, Decaisne. Não é coagulavel, nem se faz rançoso facilmente; e por causa d'estas qualidades é procurado pelos relojoeiros, e pelos perfumistas para a preparação de *extractos de flores* de cheiro fugace.

Oleo de bicuiba. *Veja-se* BICUIBA.

Oleo de cade. Oleo que se obtem queimando n'um forno os troncos de uma especie de zimbro, chamado oxycedro, *juniperus oxycedrus*, L., arvore que habita em Portugal, e sobretudo nos arredores de Setubal. É um liquido roxo, muito inflammavel, de consistencia oleosa, cheiro forte de alcatrão, sabor acre e caustico. Falsifica-se ás vezes com oleo de alcatrão ou com oleo de carvão de pedra, que tem differente compo-

sição e propriedades inferiores. Uma gotta de oleo de cade, applicada sobre um dente cariado, acalma a dôr. Este oleo é efficaz contra as lombrigas, na dóse de 20 gottas, administradas em 90 grammas d'agua com assucar. Uma ou duas fricções completas e um pouco fortes com oleo de cade, são sufficientes para curar a sarna. É util em muitas molestias cutaneas, como no eczema, lupo, tinha e outras; emprega-se n'estes casos em fricções brandas, feitas todos os dias, ou de dois em dois dias, sobre as partes afectadas, puro ou misturado com 2 ou 3 partes de glycerina ou oleo de amendoas doces. É muito empregado na medicina veterinaria, em fricções contra a sarna, e, misturado com banha, forma o unguento usado contra as ulceras sarnentas dos animaes.

Oleo de cajeput. Oleo extrahido por distillação das folhas frescas de um arbusto chamado por Smith *Melaleucea minor*, da familia das Myrtaceas, que habita nas Molucas. É liquido, mui volatil, transparente, amarello-dourado, de cheiro forte e agradavel, inteiramente soluvel no alcool. Recommendado como estimulante nas molestias nervosas do estomago; dá-se na dóse de 6 a 8 gottas com assucar; tambem se fazem fricções com este oleo no rheumatismo e paralysia.

Oleo camphorado. Prepara-se dissolvendo 1 parte de camphora em 9 partes de azeite doce, e filtrando depois de feita a dissolução. Emprega-se em fricções nos rheumatismos.

Oleo de carrapato. *Veja-se* Oleo de ricino.

Oleo de colza. Oleo extrahido das sementes de uma especie de couve, *brassica oleracea*. Este oleo póde empregar-se como alimento; mas serve sobretudo para luzes e fabricação do sabão.

Oleo de copahiba. *Veja-se* vol. I, pag. 698.

Oleo de croton tiglium. Oleo extrahido das sementes do *croton tiglium* Linn., arbusto qua habita nas Molucas e na China (fig. 685). Emprega-se em medicina como purgante. Tem a consistencia de xarope, de côr escura e opaca sendo em grande quantidade, de côr amarella alaranjada sendo em pequena; sabor quente e muito acre, cheiro particular e desagradavel.

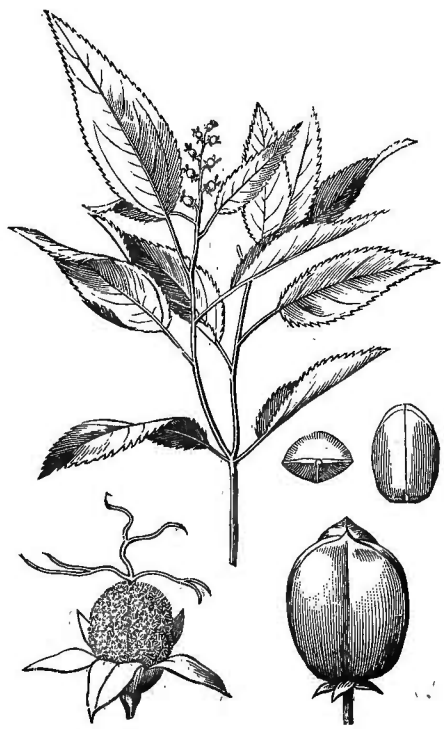


Fig. 685. — Croton tiglium.

O oleo de croton tiglium é um purgante extremamente violento. O seu emprego exige muita prudencia, porque em minima dóse, como na de uma gotta, determina dejecções alvinas abundantes. Administra-se na

dóse de 1 a 2 gottas em 15 grammas de xarope de gomma ou em pilulas ou em hostias-colher Limousín.

Oleo de dendê. *Veja-se* AZEITE DE DENDÊ.

Oleos essenciaes. *Veja-se* ESSENCIAS.

Oleo de figado de bacalháo. O figado do bacalháo é muito volumoso e fornece um oleo empregado em medicina.

Na preparação do oleo de figado de bacalhao deve-se ter em vista.: 1.° obter um producto que tenha conservado o maximo dos principios mineraes que quasi sempre todos os figados contêm; 2.° manter esses principios sem alteração, debaixo dos estados de combinação organica em que se encontram no oleo natural.

Ora, os diversos processos conhecidos para extrahir o oleo e as manipulações chimicas que é necessario operar para obter-se o oleo sem côr, tinham por resultado inevitavel destruir essas combinações organicas de iodo, de phosphoro, de enxofre, de chloro, de bromo e de transformal-os em acidos dos mesmos radicaes phosphorico, sulfurico, etc., que davam ao oleo um gráo de acidez que fal-o perder sua natureza e pode até tornal-o nocivo.

Por um processo que consiste em aquecer os figados em banho-maria, n'uma temperatura moderada e a tirar o oleo que sobrenada, sem pressão alguma, o sñr Berthé conseguio colher um oleo virgem, corado, sem que tenha a menor modificação na sua constituição natural e contendo a proporção de metalloides dupla d'aquella fornecida pelos oleos preparados de modo differente.

Empregando somente figados frescos de bacalháo e rejeitando escrupulosamente os figados deteriorados e podres, o sñr Berthé conseguio obter um oleo que tem só o minimo de sabor compativel com a integridade de seus principios e de suas qualidades naturaes.

O modo de preparação do sñr Berthé mereceo um relatorio muito satisfactorio dos professores Trousseau, Bussy e Bouchardat, apresentado á Academia de Medicina de Pariz, que foi approvado unanimemente.

Não podemos melhor terminar esta noticia do que dando a opinião dos professores Trousseau e Pidoux emittida no seu *Traité de Thérapeutique*, vol. I pag. 281 : « O oleo de figados de bacalhaos que corre primeiro dos figados, quando expostos ao sol, é liquido, quasi sem cheiro, muito estimado no commercio, mas que não tem nenhum merito como producto para medicina.

« Emfim, pela ebulição, obtem-se tambem uma outra qualidade de oleo que é escura e pouco transparente. É este o oleo que se deve empregar em medicina, excluindo-se as outras qualidades principalmente a primeira que se extrahe. Deve-se pois sempre preferir o oleo escuro como o oleo de Berthé. »

O oleo de figado de bacalháo de Berthé se prepara em Pariz nos laboratorios de L. Frere á rua Jacob n° 19.

Tambem é um excellente oleo o de figado de bacalháo de Bals.

Este oleo é extrahido dos figados frescos do bacalháo francos (*gadus Morrhue*) no logar mesmo onde se pesca o peixe, nas ilhas Soffoden no

mar do Norte. A sua pureza e a facilidade com que a supportam os orgãos digestivos fazem com que elle seja muito recommendado contra a chlorose, o engurgitamento das glandulas, a escrophula, as molestias dos ossos, os dartros, e as affecções cutaneas da infancia.

O melhor momento para administrar este oleo é pela manhã e á tarde, no começo do almoço e do jantar porque elle se mistura directamente com os alimentos que facilitam sua digestão.

Administra-se'o na dóse de 1 a 3 colheres, de sopa, por dia, ás crianças, de 2 a 6 colheres, para os adultos, segundo o estado do doente.

Oleo nutrimentivo extrahido dos ossos de bois. — Este oleo preparado pelo snr Dethan pharmaceutico de 1ª classe de Pariz, é um alimento de primeira ordem, de facil digestão e de rapida assimilação, e que tem sua natural indicação todas as vezes que ha diminuição da nutrição, como na chlorose, no lymphatismo, na escrophula, na tuberculose, no rachitismo; para evitar o emmagrecimento, o depauperrimo geral da economia e emfim nas convalescenças. Pode substituir perfeitamente o oleo de figado de bacalhão quando os doentes sentem certa difficuldade em digerir este oleo ou certa repugnancia por elle.

Oleo de linhaça. Oleo siccativo que se extrahe das sementes de linho, depois de torradas e moidas. Emprega-se na pintura commum e para preparar os vernizes graxos. Torna-se mais siccativo sendo fervido com 7 a 8 por cento de lithargyrio : chama-se então *oleo de linhaça fervido*. A tinta de imprensa prepara-se com oleo de linhaça e 1/6 do seu peso de pós de sapato. O tafetá gommado recebe muitas camadas successivas de oleo de linhaça com lithargyrio; preparam-se do mesmo modo couros envernizados, pannos encerados, etc.

Oleo de louro Oleo extrahido das bagas de louro. Esverdeado, grosso, de cheiro forte, desagradavel; empregado para curar as feridas dos animaes.

Oleo de macassar. Nome que se deo a uma pomada empregada para untar o cabello. Ha diversas receitas d'esta preparação cosmetica. Eis-aqui uma :

Oleo de ben (oleo extrahido das sementes da arvore *moringa aptera*, Decaisne, que habita no Ceylão).....	4 litros.	Tintura de almiscar.....	50 gram.
Oleo de avelã.....	2 —	Alcoolato de casca de laranja.	50 —
Espirito de vinho.....	1/2 —	Essencia de bergamota.....	50 —
		— de Portugal.....	54 —
		— de rosas.....	54 —

Aquece-se a banho-maria, n'uma vasilha bem tapada, durante uma hora, deixa-se infundir durante 8 dias na mesma vasilha, mexendo duas ou tres vezes por dia, e deita-se-lhe depois orcaneta para lhe dar côr.

Oleo de mão de vacca. Obtem-se abandonando a si mesmo o decocto aquoso das mãos e pés de vacca separados do casco, tirando o liquido que sobrenada, e lançando-o em grandes reservatorios onde se purifica pelo repouso. Serve para untar as rodas das maquinas delicadas, principalmente na relojoaria, e emprega-se mesmo na cozinha para frituras.

Oleos medicinaes. Dissoluções de diversas substancias medicinaes em azeite doce. Empregam-se para fricções em diversas molestias. Taas são : oleo camphorado, oleo de camomilla, de cicuta, de belladona, etc.

Oleos mineraes. Dá-se este nome á naphta e ao petroleo, que se acham no estado de verdadeiras fontes em muitos logares da America do Norte, da California e do Canadá (*Veja-se* NAPHTA e PETROLEO). Tiram sua origem de uma especie de distillação lenta effeituada no seio da terra, pela influencia do calor terrestre, sobre materias organicas combustiveis. Empregam-se para luzes.

Oleo de nabo. Extrahe-se das sementes de nabo. Emprega-se para luzes, fabricação do sabão molle, apisoamento das fazendas de lã, e preparação dos couros.

Oleo de nozes. Extrahe-se das nozes, e é mais siccativo do que o oleo de linhaça. Emprega-se com preferencia para as pinturas finas. Serve tambem para vernizes, luzes, e sabão verde. Nas localidades onde ha muitas nogueiras emprega-se para comidas; não é muito inferior ao oleo de azeitonas, mas torna-se rancido em pouco tempo.

Oleo de petroleo. *Veja-se* PETROLEO.

Oleo de ricino. Oleo extrahido das sementes da mamona, *Ricinus communicis*, Linneo (fig. 686). A (fig. 687) mostra as sementes. Este oleo é de côr branca ou amarellada, viscoso, de sabor desagradavel; é um dos purgantes mais usados, bem que sua acção seja inconstante. Goza tambem de propriedades vermifugas. Administra-se na dóse de 15 a 60 grammas em caldo de vacca, ou



Fig. 686. — Mamona ou Ricino.

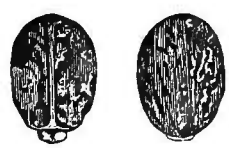


Fig. 687. — Sementes do ricino.

n'uma chicara d'agua fria. com assucar e um pouco de sumo de limão. Para tirar o gosto do oleo, o melhor meio consiste em chupar limão azedo com assucar, ou lavar a bocca com vinho ou aguardente.

Oleo de schisto. Oleo para luzes extrahido pela distillação dos schistos betuminosos e do carvão de pedra.

Oleo de sementes de canhamo. Serve para luzes, para a preparação dos vernizes e do sabão.

Oleo de sementes de dormideira. Emprega-se como alimento, para luzes e na pintura.

Oleo de tamaquaré. Producto resinoso obtido de incisões feitas na casca de uma grande arvore do Brazil, que habita particular mente nas margens do Rio Negro. É um liquido opaco, de consistencia de mel espesso, de côr amarella suja, de sabor fraco, de cheiro semelhante ao da manteiga, insoluvel em agua, soluvel no alcool, no chloroformio, na benzina, no acido acetico; pouco soluvel na essencia de terebinthina. — Emprega-se em fricções contra as molestias cutaneas.

Oleo de terebinthina. *Veja-se* TEREBINTHINA.

Oleo de vitriolo. *Veja-se* ACIDO SULFURICO, vol. I, pag. 42.

OLEO VERMELHO ou BALSAMO. *Myrospermum erythroxylum.* Freire Allemão. Leguminosas. Arvore do Brazil; habita em Minas, no Ceará, e nas outras provincias do Imperio. É uma das principaes arvores silvestres, pela belleza e aroma do seu cerne. É de grandes dimensões; seu tronco tem 25 metros de altura, pouco mais ou menos, e mais de 6 metros de circumferencia; a casca é lisa, de um cinzento claro, de cheiro aromatico; as folhas são compostas de foliolos alternos, ovaes-oblongos, em numero variavel em cada folha, glabros, luzidios, de um verde muito mais intenso no limbo, glandulosos, recortados e ondulados nas orlas; inflorescencia em racimo; as flores são pequenas, aromaticas e de côr branca; o fructo é um legume com uma semente envolvida em um pouco de resina. O cerne (parte interior do lenho) é formado por um tecido compacto, de côr vermelha, e contém um oleo essencial que lhe communica um aroma extremamente agradavel, e que não desapparece facilmente com o tempo; este cerne é pesado, resinoso, muito combustivel, e empregado com vantagem nas obras immersas, que exigem um prolongado contacto com a agua ou com o solo; é susceptivel de muitas outras applicações. Na lavoura muitos eixos dos carros são construidos com esta madeira. Os indios servem-se dos fragmentos do oleo vermelho como fachos. O carvão, que d'elle se extrahe, arde com facilidade. O Sr. Dr. Theodoro Peckolt, distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve d'esta arvore um balsamo inteiramente semelhante ao balsamo chamado no commercio *peruviano*, que é produzido por uma arvore da mesma familia, *Myrospermum Pereiræ,* Boyle, que não habita no Perù como o seu nome parece indicar, mas sim na America central. O balsamo, obtido por incisões praticadas no tronco do oleo vermelho, póde ter as mesmes applicações na medicina contra as molestias do peito, que o balsamo *peruviano* que se acha no commercio, e poderia vir a ser um importante artigo de exportação. Na Exposição universal de Pariz de 1867, achavam-se os differentes productos d'esta interessante arvore, a madeira, a casca, o balsamo tirado da arvore, e o oleo essencial extrahido da serradura.

OLFACTO. Um vapor ligeiro e subtil levanta-se continuamente da superficie dos corpos, e espalha-se pela atmosphera. É invisivel,

impalpavel, imponderavel, e escapa a todos os nossos meios de exploração : entretanto, um apparelho particular, disposto com uma arte infinita pelas mãos do Creador, recolhe estas impressões fugitivas e leva a sua impressão ao cerebro. O sentido do olfacto é que põe a maior parte dos animaes em relação com essas moleculas tenuissimas. Muitos d'entre elles tem certamente maior fineza do que o homem no olfacto : sentem a maiores distancias; não sómente são advertidos de mui longe da presença dos corpos, como tambem reconhecem os seus vestigios muito tempo depois da sua passagem. Nos animaes das classes inferiores ao homem, o olfacto é o orgão principal do instincto; seus olhos e ouvidos não podem considerar os objectos debaixo de todos os pontos de vista. Na escolha de seus alimentos, os animaes são esclarecidos pelo olfacto muito mais seguramente do que o homem. Os rebanhos que pastam nos prados não comem as hervas nocivas. No homem, pelo contrario, as sensações que dão os cheiros augmentam pouco, as suas idcias; frequentemente o olfacto não lhe descobre os venenos, e até faz-lhe achar n'estes venenos cheiros agradaveis. A natureza quiz privar o homem d'estas luzes totalmente instinctivas, afim de o levar a desenvolver completamente a observação, que é o caracter da sua intelligencia.

Um dos principaes usos do olfacto no homem é fazer reconhecer as qualidades do ar que deve servir á respiração. Segundo as impressões, que este sentido experimenta, o apparelho respiratorio dispõe-se a receber ou repellir a substancia que lhe é enviada. Assim, se o ar que se respira tem um cheiro desagradavel, a inspiração parece fazer-se com violencia, e o peito aperta-se com força.

O olfacto é como todos os actos que dependem do exercicio da sensibilidade; parece que esta faculdade se consome e se exhaure por uma serie de sensações vivas e prolongadas. Sensações fracas não são quasi percebidas quando succedem a outras muito mais fortes, e a mesma sensação enfraquece-se pela duração, bem que os corpos exteriores que a causam não tenham mudado. Assim, as pessoas continuamente expostas ás emanações mais infectas, como aos cheiros mais suaves, acabam por lhes ser inteiramente insensiveis. Sabe-se que o celebre cardeal Richelieu fizera um tal abuso dos perfumes, debaixo de todas as fórmas, que não sentia mais a sua acção, e que a atmosphera em que vivia habitualmente era tão odorifera, que incommodava as pessoas que entravam nos seus salões.

As lesões do olfacto referem-se á abolição completa, á simples diminuição, á exaltação e á perversão da faculdade olfactiva. A falta do olfacto observa-se em diversas circumstancias. Ás vezes, bem que raramente, mostra-se desde a nascença; e tem-se notado alguns individuos que apresentavam esta singular disposição, sem que existisse vicio algum de conformação nos seus orgãos olfactivos. Porém, as mais das vezes, a falta do olfacto sobrevem em consequencia de algumas molestias que alteram a estructura da membrana nasal, que obstruem as cavidades olfactivas, ou emfim é o resultado de affecções cerebraes. Assim,

tem ás vezes sido produzida por defluxos frequentes, por uma ulcera no interior do nariz, ou pela presença de um polypo. A falta do olfacto observa-se muito mais frequentemente durante o curso das affecções agudas, com as quaes desapparece : taes são o defluxo e as molestias do cerebro. O que acabo de dizer da falta de olfacto é tambem applicavel á simples diminuição ou ao enfraquecimento d'este sentido, que é muito mais commum.

A exaltação do olfacto observa-se, ás vezes, particularmente nas pessoas nervosas, e nas molestias em que existe excitação cerebral mui pronunciada. Manifesta-se ás vezes durante a gravidez. O menor cheiro affecta desagradavelmente estas pessoas. Em alguns casos, são affectadas sómente por um certo cheiro, que descobrem com uma sensibilidade infinita e em distancias grandes. Emfim a perverção do olfacto, que consiste em perceber cheiros agradaveis ou desagradaveis que não existem, em buscar cheiros ordinariamente repuguantes, encontra-se quasi exclusivamente nas pessoas hypocondriacas, hystericas, e ás vezes nas senhoras gravidas : é um phenomeno puramente nervoso.

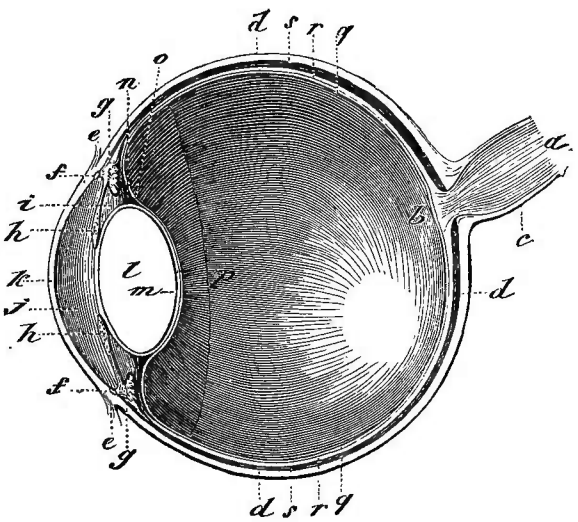


Fig. 688. — Córte vertical e antero-posterior do globo do olho (*).

OLHO. Orgão da vista, de fórma espherica, contido em duas cavidades osseas, chamadas *orbitas* (fig. 688).

Procedendo-se, de diante para traz, ao exame do olho ; isto é, das partes que se apresentam em primeiro logar ás que são situadas mais profundamente, encontra-se :

A *cornea* (*k*), membrana lisa perfeitamente transparente, convexa na sua face externa, concava na face interna, que occupa a quinta parte anterior do globo ocular, entretanto que a sclerotica occupa os quatro quintos posteriores. É semelhante a um vidro de relogio engastado no seu aro.

A *sclerotica* (*d*), membrana opaca que dá ao olho a consistencia e a

(*) *k*, cornea; *d*, sclerotica; *s*, choroide; *r*, retina; *a*, nervo optico; *hh*, a membrana iris que limita a pupilla e se apoia no crystallino; *l*, o crystallino collocado atraz da pupilla; *m*, capsula do crystallino; *b*, extremidade do nervo optico; *c*, bainha do nervo optico; *f*, canal de Holvius ou de Schlemm; *g*, ligamento ciliar e processos ciliares; *pb*, corpo ou humor vitreo ou hyaloideo, que enche a cavidade do olho atraz do crystallino; *qqo*, membrana do humor vitreo; *p*, zonula de Zinn; *n*, o canal de Petit; *o*, parede posterior d'este canal; *j*, camara anterior cheia de humor aqueo; *i*, camara posterior; *e*, terminação da conjunctiva ao nivel da juncção da cornea com a sclerotica.

fórma, é de côr branca azulada. É aberta antoriormente para a cornea transparente: por detraz, quasi no centro, existe outra abertura muito mais pequena, destinada á passagem do nervo optico. A sua porção anterior, que é visivel, constitue o que se chama o *branco do olho*, A face interna da sclerotica é unida com a *choroide* (*s*), outra membrana mui vascular, coberta de uma massa preta chamada *pigmento*.

O *iris* (*hh*), membrana situada entre a cornea e o humor crystallino, formando d'esta maneira as duas camaras do olho. É de côr varia, e, conforme esta côr chamam-se olhos azues, gazeos, pretos, etc. O iris tem no centro uma abertura, redonda, no homem, chamada *pupilla*, vulgarmente *menina de olho*.

O *humor aqueo*, limpido e transparente, semelhante á agua com uma pouca de gomma em dissolução, que enche as duas camaras do olho; isto é, todo o intervallo desde a cornea até ao crystallino.

O *crystallino* (*l*), corpo transparente, de fórma lenticular situado na direcção da pupilla, na reunião dos dois terços posteriores com um terço anterior do olho. É revestido de uma membrana, chamada *capsula* do crystallino. Quando o crystallino, ou a sua capsula, se tornam opacos formam a molestia chamada *cataracta*.

O *corpo vitreo* (*pb*), comparavel á gelea, de uma transparencia perfeita, e que occupa o espaço comprehendido entre o crystallino e a retina.

A *retina* (*r*), membrana formada pela expansão do nervo optico. Esta membrana recebe a impressão da luz; é o orgão immediato da visão. Acha-se por detraz do corpo vitreo, e communica com o cerebro por intermedio do nervo optico.

Um nervo volumoso (*a*), cuja extensão concorre a formar a retina, entra no olho pela extremidade posterior da abobada orbitaria, e atravessa a sclerotica. Seis musculos fixados na sclerotica pela sua extremidade anterior, e inseridos atraz do globo do olho pela sua extremidade opposta, fazem executar a este orgão movimentos em todos os sentidos.

MOLESTIAS DOS OLHOS.

1.° **Arco senil.** Nas pessoas a superficie da cornea infiltra-se de granulações gordurosas que formam na circumferencia d'esta membrana um circulo esbranquiçado de 2 a 3 millimetros de largura. Não ha nada a fazer contra esta alteração senil que, aliás, não impede a vista. O arco senil apparece ás vezes nos adultos.

2.° **Belida** ou **Nevoa de olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 310.

3.° **Cancro de olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 438.

4.° **Cataracta.** *Veja-se* vol. I, pag. 503.

5.° **Commoção do olho.** Os corpos contundentes, obrando com violencia sobre o olho ou nas regiões vizinhas, podem dar logar a lesões mui graves; um simples abalo do globo ocular póde ter tristes consequencias, tanto a retina tem pouca cohesão, os vasos pouca firmeza, e o iris pouca adherencia. Assim, em consequencia de pancadas sobre o olho, sobrevem uma verdadeira commoção, rasgaduras internas, etc.

Achando-se o systema nervoso quasi no estado de polpa para formar a retina, é sobre elle que se manifestam sobretudo os effeitos da commoção ; ha compressão subita e instantanea da membrana nervosa, d'onde vem a cegueira, mais ou menos prompta, mais ou menos rebelde. Este effeito póde existir sem alteração alguma das partes transparentes do olho. Esta commoção ocular é occasionada por todos os corpos applicados violentamente sobre o olho : a rolha de uma garrafa de Champanha destapada com estrondo ; um grão de chumbo que não penetra, ou um nó da ponta de um chicote. É assim que se produzem muitas commoções oculares ; e estas são commoções directas do olho. A commoção indirecta póde ser occasionada por um abalo, em consequencia de uma pancada sobre o rosto, sobre a sobrancelha e mesmo sobre a testa. Uma bofetada deo muitas vezes logar a uma commoção ocular seguida de gota serena. Foi uma commoção ocular indirecta que fez perder a visita ao duque de La Rochefoucauld, de que falla Voltaire no *Seculo de Luiz XIV*. O duque recebeo na testa, n'uma rua de Pariz, uma bala morta que não dividio os tecidos : houve perda de sentidos, e cegueira immediata que foi incuravel. O olho não appresentava alteração physica.

Tratamento. Se algum abalo do olho fôr seguido de cegueira, será preciso pôr dez bichas na fonte correspondente, e applicar no olho pannos molhados em agua fria.

6.° **Contusão de olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 688.

7.° **Corpos estranhos no olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 729.

8.° **Estaphyloma.** *Veja-se* vol. I, pag. 1044.

9.° **Feridas do olho.** Estas feridas são um dos accidentes mais frequentes que se dão no olho. Quando são insentas de contusões e de qualquer outra complicação, sáram promptamente sem deixar belidas, e as picadas feitas na cornea são ainda menos graves que os córtes : os differentes methodos da operação de cataracta pela cornea são provas d'isto. Ha casos em que pontas de agulha ou tesoura penetráram na cornea, e os accidentes foram prevenidos por simples applicações de pannos molhados em agua fria. Nas feridas largas da cornea, o humor aqueo é sempre evacuado ; mas esta circumstancia nem sempre é grave, porque este humor reproduz-se em pouco tempo. O perigo d'estas feridas depende, por conseguinte, de outras circumstancias : umas vezes o crystallino foi tocado, e forma-se então uma cataracta ; outras vezes o corpo vitreo sahio, e este não se reproduz ; emfim, a ferida da cornea não se cicatriza immediatamente, uma suppuração tem logar, a qual determina uma belida ; e se esta se achar na direcção da pupilla, a vista fica mais ou menos impedida. Póde tambem sobrevir uma inflammação profunda no olho, que occasiona a perda d'este orgão.

O *tratamento* das feridas do olho consiste, nos primeiros dias, em bichas e applicações de pannos molhados em agua fria. A descripção mais circumstanciada das feridas do olho e o seu tratamento acham-se no artigo Feridas, vol. I, pag. 1129.

10.° **Fistula da cornea.** Dá-se este nome á pequena abertura da

cornea que distilla o humor aqueo do olho. Pela maior parte é a consequencia de ulcerações da cornea, ás vezes das feridas obliquas d'esta membrana pela ponta de agulha, de canivete ou de qualquer outro instrumento picante. A abertura, que a forma, deixa escorrer continuamente o humor aqueo em quantidade pequena ; resulta d'isto o desapparecimento da camara anterior do olho, a propulsão da membrana iris, que se applica á face posterior da cornea ; esta torna-se enrugada. O olho é menos resistente á pressão do que no estado normal. A abertura da cornea fecha-se ás vezes espontaneamente, e então o globo ocular recobra a sua conformação primitiva.

Para curar as fistulas da cornea empregam-se os collyrios adstringentes, a occlusão das palpebras por meio de uma ligadura convenientemente applicada, chamada monoculo (vol. II. pag, 308), e, finalmente, a cauterização *superficial* das margens da fistula com pedra infernal. Eis-aqui as receitas dos collyrios :

1.ª Sulfato de zinco....	5 centigr.	2.ª Azotato de prata....	5 centigr.
Agua distillada.....	30 gram.	Agua distillada.....	30 gram.

11.° **Glaucoma.** *Veja-se* vol. II, pag. 66.

12.° **Gota serena.** *Veja-se* vol. I, pag. 130.

13.° **Hemalopia** ou *Hypohema.* Derramamento do sangue na camara anterior do olho. É ás vezes espontaneo ; sobrevem em consequencia de ophthalmias violentas ; mas de ordinario resulta de uma contusão do olho, de uma ferida do olho, e da operação da cataracta.

A resorpção do sangue é a mais frequente terminação da hemalopia; mas muitas vezes é incompleta, uma porção de coalho fica na camara anterior, e ás vezes uma inflammação é a consequencia da presença d'este corpo estranho.

O *tratamento* consiste em applicar no olho pannos molhados em agua fria, que se reformam de vez em quando. Para combater as dôres administra-se internamente o xarope diacodio na dóse de uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

14.° **Herpes ocular.** *Veja-se* vol. II, pag. 144.

15.° **Hydropisia do olho** ou *Hydrophthalmia.* V. v. II, p. 164.

16.° **Hypopyon.** Collecção de pus no interior do olho, consequente a uma inflammação violenta d'este orgão. Conhece-se pelo meio circulo de um branco amarellado, que existe na parte inferior da cornea, e augmenta insensivelmente.

Tratamento. Instillem-se entre as palpebras com um pincel algumas gottas do collyrio seguinte :

Agua.....	30 grammas.
Laudano de Sydenham.....	1 gramma.

E appliquem-se sobre as palpebras pannos molhados em agua tepida, ou cataplasma de linhaça.

As puncções repetidas da cornea com agulha de cataracta é o melhor meio que póde empregar-se. O humor aqueo, reproduzindo-se, leva comsigo cada dia um pouco de pus.

17.° **Inflammação do olho.** *Veja-se* CONJUNCTIVITE.

18.° **Keratite.** *Veja-se* vol. II, pag. 260.

19.° **Olho postiço** ou **artificial.** Assim se chama uma especie ou meio-globo em esmalte, vidro ou qualquer outra substancia, cuja superficie convexa offerece a imagem de um olho natural. Os antigos serviam-se de uma simples chapa metallica coberta de uma pelle fina, que applicavam por diante da orbita. Sobre esta chapa pintavam a imagem do olho, a qual, longe de esconder, punha em evidencia a deformidade. Os olhos postiços fabricados hoje de esmalte estão aperfeiçoados até ao ponto de imitarem perfeitamente a cornea, a camara anterior, a fórma variada do iris, a abertura pupillar, a sclerotica e os vasos da conjunctiva; de sorte que é muitas vezes difficil, para não dizer impossivel, distinguir o olho postiço do natural. Se existe um côto movel na orbita, e se a molestia respeitou os musculos, o olho postiço recebe os movimentos em harmonia com os do olho, e a illusão é completa. Todas as manhãs introduz-se o olho de esmalte debaixo das palpebras, e tira-se todas as noites, para deixar descançar a orbita, e laval-a com agua.

20.° **Pterygio** ou **Unha do olho.** *Veja-se* PTERYGIO.

21.° **Queimadura do olho.** *Veja-se* QUEIMADURA.

22.° **Ulcera da cornea.** As ulceras da cornea são a consequencia das inflammações, das pustulas, dos abcessos da cornea. São superficiaes ou profundas.

Symptomas. Todas estas ulceras tem symptomas communs: lagrimejamento, aversão á luz, alteração da vista. A dôr é ás vezes viva, outras vezes quasi nulla.

A *marcha* d'estas ulceras é variavel; ora é extremamente rapida, e a perforação da cornea sobrevem em vinte e quatro ou quarenta e oito horas; ora é chronica.

A *terminação* a mais frequente é a cicatrização: uma substancia plastica, segregada pela superficie ulcerada, depõe-se sobre a ulcera e a enche pouco a pouco. Esta substancia, a principio opaca, torna-se mais clara e a cornea recobra insensivelmente a sua transparencia; a opacidade não persiste senão quando a ulcera é mais extensa. Mas ás vezes a ulcera continuando a sua marcha, destroe a maior parte das laminas da cornea, então a camada a mais profunda não póde resistir á pressão do humor aqueo: sobrevem uma proeminencia chamada *keratocele*. Em casos raros, toda a cornea está destruida, a membrana do humor aqueo faz *hernia* atravez da solução de continuidade; outras vezes a membrana do humor aqueo perfora-se; sobrevem *fistula da cornea*.

Tratamento. Applicar sobre as palpebras pannos molhados em agua quente, e impedir, por meio de atadura o movimento das palpebras. Duas vezes por dia tocar a ulcera da cornea com pincel molhado no laudano de Sydenham, ou no collyrio seguinte:

Agua distillada.....	30 grammas.
Azotato de prata.....	5 centigrammas.

Se estes meios não aproveitarem, cumpre tocar levemente a ulcera com pedra infernal.

O doente deve estar collocado em boas condições hygienicas, n'um logar arejado; será bem alimentado. Durante o tratamento não fará uso dos olhos para trabalhar em qualquer cousa que seja.

Para as molestias que tem connexões com as dos olhos, *Veja-se* o artigo PÁLPEBRAS.

OLHO DE POLVO. Vulgarmente assim se chamam bexigas mui graves, que, em vez de se encherem de materia purulenta, abatem rapidamente e tornam-se chatas pouco depois do seu desenvolvimento, *Veja-se* BEXIGAS, vol. I, pag. 323.

OLIBANO. *Veja-se* INCENSO.

OMENTO. *Veja-se* EPIPLOON.

OMOPLATA. Osso chato do hombro, que cobre as costas. Póde ser fracturado por queda, pancada ou qualquer outra violencia exterior; mas estas fracturas são raras. *Veja-se* FRACTURA DA ESPADOA vol. I, pag. 1230.

ONANISIMO ou MASTURBAÇÃO. Este assumpto é melindroso e grave, digno de toda a solicitude dos pais de familia, e de todas as pessoas zelosas da moralidade e da saude da mocidade.

Os perigos d'este vicio e de todos os abusos venereos foram já antigamente reconhecidos. « Segundo a minha opinião, diz o Dr. Reveillé-Parise, nem a peste, a guerra, as bexigas, ou outro grande numero de males semelhantes, tem resultados mais desastrosos para a humanidade do que o funesto costume da masturbação : é o elemento destruidor das sociedades civilizadas, e é tanto mais activo, que obra continuamente e vai minando pouco a pouco as populações. » O onanismo reina com maior furor nas epocas da vida em que o corpo se forma, e a constituição, arruinada em seus alicerces, não chega áquelle estado de força a que devia chegar. O temperamento que teria sido forte fica fraco, e só o enfraquecimento da constituição abre a porta a grande numero de molestias. Não é raro verem-se pessoas raciocinar falsamente sobre as consequencias do onanismo. A maior parte dos adolescentes, dizem, e grande quantidade de meninas cahem n'esta sorte de excessos, e veja-se, entretanto, se ha tantas victimas quantos são os culpados? Primeiramente, pelo unico facto de que a acção perigosa do onanismo é lenta e secreta, é evidente que muitas vezes não se póde saber se foi ella que produzio os accidentes que sobrevem. Em segundo logar, todos os masturbadores não recebem um castigo immediato de sua culpa; ás vezes não soffrem as más consequencias d'este vicio senão muitos annos depois de curados d'elle. E, além d'isto, o onanismo, assim como as outras causas de molestia, não tem uma acção igual e constante. Poupa ou ataca fracamente a este, mata aquelle, prepara enfermidades a est'outro. Em uma batalha alcançam as balas todos o combatentes? Não de certo, mas nem por isso deixam todos de ter corrido perigos. Saiba-se pois que, de todas as influencias que ameaçam a existencia humana, nenhuma existe mais perigosa do que esta.

Os symptomas do onanismo são os seguintes: o corpo definha, as carnes tornam-se molles, a tez murcha, a cara conserva-se habitualmente pallida, um circulo livido orla a palpebra inferior, os olhos perdem a expressão. Todavia, as digestões são ainda boas, frequentemente até o appetite augmenta; mas acabam por desarranjar-se, a appetencia dos alimentos diminue, torna-se caprichosa, o trabalho digestivo é lento e difficultoso. Esgotadas de uma parte, mal reparadas de outra, as forças não podem suster-se; o exercicio, tão natural e salutar á idade juvenil, já não é tão facil e attractivo; existe preguiça, o movimento determina facilmente palpitações. O caracter muda, é desigual, irritavel, triste, timido, vergonhoso, pusillanime; as faculdades intellectuaes, sobretudo a attenção, a memoria, a imaginação, soffrem consideravelmente. Este estado de degradação que se observa em gráos mui variaveis nos individuos entregues á masturbação, conduz a muitas affecções nervosas, taes como o idiotismo, a hypochondria, o hysterismo, a melancolia, etc. Eis-aqui finalmente a lista das molestias que se tem observado como resultado de excessos onaniacos ou venereos: a apoplexia, a epilepsia, as affecções da medulla espinhal, a carie vertebral, a paralysia, a perda ou a debilidade do ouvido e da vista, as alporcas, a tisica, a asthma, o rachitismo, a impotencia viril, a incontinencia de ourinas, as polluções, o hydrocele, o varicocele, as flores brancas, o cancro do utero, etc. Mas antes de chegar a estes terriveis resultados, quanto é deploravel ver-se tão grande numero de jovens parecerem-se com esqueletos ambulantes, incapazes de sustentar com fructo um trabalho physico ou intellectual!

Causas do onanismo. Entra na ordem da natureza que se despertem espontaneamente sensações particulares nos orgãos que tem por fim concorrer á reproducção da especie; mas os desejos que resultam d'estas sensações dirigem-se primeiramente para o sexo opposto, e as pessoas que os querem satisfazer em si mesmas só o fazem por aberração ou depravação.

Ha causas organicas, innatas, que podem despertar prematuramente o sentido genital. Em alguns individuos, a predisposição ao onanismo provém de uma educação mui-sensual. Mas de todas estas causas, as de que devemos desconfiar mais são o ensino, a provocação e o exemplo. Esta calamidade tende a propagar-se especialmente nos logares em que a mocidade se acha reunida em grande numero, como nos collegios, seminarios, etc. Nas casas particulares, os jovens acham tambem provocações da parte dos camaradas, dos amigos, dos criados, etc. A experiencia mostra que, entre estes ultimos, as criadas são as mais perigosas.

Tratamento de onanismo. As precauções que se devem tomar contra o onanismo resumem-se n'estes tres pontos principaes: 1.° prolongar o somno dos orgãos genitaes, privando-os das causas de sua excitação especial; 2.° ter toda a vigilancia em que a criança não descubra em si mesma este vicio; 3.° impedir que lhe seja ensinado.

As partes genitaes são ás vezes a séde de uma irritação; a comichão

que esta irritação occasiona attrahe as mãos a estas partes, produzem-se sensações desconhecidas, e a masturbação é accidentalmente descoberta. Isto dá a conhecer quanto é essencial que se afaste d'estas partes, tanto em um como em outro sexo, tudo quanto n'ellas possa produzir comichão. Frequentemente tambem acontece serem toques fortuitos, e não motivados por comichão alguma, que ensinam ás crianças que existe n'ellas um fóco de prazeres. Dai, por conseguinte, ás crianças, mesmo desde a sua primeira idade, costumes pudicos; vedai-lhes que toquem as partes genitaes, fazendo com que d'isso se envergonhem. Sobretudo não deixeis os meninos sózinhos; esta necesidade de observar, tão viva na sua idade, elles em si mesmos a dirigem quando não acham distracções externas, e d'esta sorte fazem ás vezes perigosas observações, mormente na cama, onde a falta de occupação póde tornar-se fatal. Obrigai, por conseguinte, as crianças a levantarem-se logo que acordem, e cuidai em que a hora do deitar preceda pouco a do somno. Convem tambem que se saiba que muitos meninos são conduzidos á masturbação pelos esforços que fazem para resistir á necessidade de ourinar. As pressões que para este fim exercem sobre o membro viril, acabam por despertar as sensações que buscam e que chegam a reproduzir.

Não é menos importante a privação de tudo quanto lhes possa excitar os sentidos e a imaginação, taes como os bailes, espectaculos, leituras de livros immoraes, estampas, conversações licenciosas. Juntai a estas precauções o exercicio do corpo, alternado com os trabalhos do espirito, e tereis posto as crianças nas condições mais favoraveis para escaparem á perniciosa descoberta do onanismo.

Quanto ao ensino de que este vicio é susceptivel nos collegios e outros logares onde se reunem os meninos, deve reinar sempre a maior vigilancia. Se um alumno se tornar suspeito, seja objecto de especial vigilancia. Se se juglar que provoca os outros ou exige d'elles vergonhosos serviços, cumpre expulsal-o immediatamente do collegio; é uma ovelha gafeirenta no meio de um rebanho.

Como se ha de reconhecer a existencia d'este vicio, visto que esta noção é indispensavel para se proceder á reforma do masturbador? Primeiramente, a presença dos symptomas especiaes do onanismo, cujo quadro acabo de esboçar, fará presumir exuberantemente a existencia d'este pessimo costume. Depois só ha dois meios de convicção, a surpreza em flagrante delicto e a confissão do culpado.

Seria bom que se pudesse reconhecer o onanismo antes que os seus effeitos apparecessem, mas raras vezes se dá esta felicidade. Existe nas crianças uma especie de instincto que as faz occultar cuidadosamente as suas manobras, com quanto não penetrem ainda que o que fazem é cousa illicita e vergonhosa. A arte com que illudem a vigilancia, e enganam as pessoas que as interrogam é incrivel; deve-se pois desconfiar d'isto. A frequentação, a companhia de uma criança deve produzir suspeitas, visto que a masturbação se communica. Lançai as vistas sobre aquelle que busca a solidão, que fica muito tempo sózinho sem poder dar

motivos satisfactorios ácerca d'esta isolação. Dirigimo-nos aqui ás pessoas cujo dever é vigiar sobre os costumes e a saude da mocidade. Applicai toda a vigilancia, sobretudo poucos instantes depois d'elles se deitarem e pouco antes de se erguerem da cama; eis principalmente o tempo em que o masturbador póde ser colhido em flagrante. Nunca suas mãos estão fóra da cama, e geralmente gosta de esconder a cabeça sob o cobertor. Apenas está deitado, parece dormir profundamente; esta circumstancia, da qual desconfia sempre o homem perspicaz, é uma das que mais contribuem para a segurança dos pais. A affectação que o joven culpado mostra n'este falso somno, a exageração notavel com que finge dormir, podem servir para denuncial-o. Se alguem se chegar a elle, acha-o frequentemente vermelho e lavado em suor; ao mesmo tempo a respiração está mais precipitada, o calor da pelle mais forte, o pulso mais frequente do que no estado habitual. Se n'este comenos o joven fôr subitamente descoberto, achar-se-lhe-hão as mãos, se não teve tempo de mudal-as de logar, sobre os orgãos de que abusa ou em suas vizinhanças.

Uma confissão dispensaria estas investigações, estas provas sempre desagradaveis e frequentemente infructuosas; mas como obter-se esta confissão? como se lhe propôr a questão? Primeiramente, é certo que todas as apparencias proprias para despertarem a suspeita do onanismo podem existir em outras molestias chronicas, que não reconhecem este vicio por causa. Portanto, deve temer-se, questionando, que isto offenda o pudor, e vá ensinar cousas ignoradas. Com os rapazes tanta reserva é raras vezes necessaria, mas com uma menina deve ter-se toda a decencia e circumspecção. A linguagem necessaria é mui difficil, a clara affronta, offende, a enigmatica ou cheia de rodeios, de circumlocuções, poderá não ser comprehendida, ou obter sómente falsas conclusões das respostas. Independentemente de que a significação talvez não seja intelligivel, accresce mais que nem sempre é conveniente fazer soar as palavras masturbação, onanismo, toques as partes secretas, etc. Mas raras vezes tambem a decencia permitte empregar a linguagem descriptiva. Se bastasse uma simples pergunta para se obter uma resposta sincera, bem; mas a vergonha torna sempre difficil esta confissão. Quando se tem presumpções mui fortes, é melhor dar conselhos como se se tivesse a certeza de um facto cuja confidencia se não exige. Outras vezes, deve-se perguntar atrevidamente ao joven culpado em que idade principiou a entregar-se á masturbação. Procedendo-se d'esta sorte, poupa-se o desgosto e a humiliação de uma confissão que se acha assim tacitamente feita, logo que não forem repellidos os conselhos, que são a consequencia evidente da presumpção da culpabilidade. Existe ainda certo meio de tentativa com que alguns medicos obtiveram bom exito a respeito das mulheres. As apparencias na senhora, dizia o medico, denotam abuso de algum dos orgãos de geração. Acaso a senhora tem certeza de que, durante o somno, não leva a mão a esse logar? Póde ser, respondia a culpada, contente ao principio em poder innocentemente attribuir ao somno praticas luxuriosas, que ao depois confessava não lhe serem estranhas durante a vigilia.

Reeonheeida a existeneia do onanismo, póde-se proeeder energicamente á reforma d'este fatal costume. Mas não basta uma vigilancia das mais rigorosas, importa ainda que se faça eoncorrer aos mesmos fins a vontade dos masturbadores. Tem-se para isto as distraeções e o medo, e definitivamente meios eoercitivos ou prohibitivos. Pelas distraeções, pela gymnastica sobretudo, e depois pelas reereações honestas e pelos trabalhos de espirito, afasta-se a attenção de manobras que o attraetivo dos prazeres e a força do eostume haviam tornado tyrannicas. Pelo medo, liga-se a vontade, que não ousa mais assistir a praticas, eujas eonsequeneias terriveis são eonhecidas; e na verdade esses sustos são bem legitimos quando se eonheee o triste eortejo do onanismo. Mas, ao passo que os masturbadores que affineadamente persevéram em tão triste vieio tem tudo a temer, tranquillizem-se aquelles que tem a eoragem de veneer seus máos eostumes; a experieneia prova que o restabeleeimento das forças physieas e moraes, quando o mal não é levado muito longe, tem logar eom grande promptidão.

Quando as distraeções e o medo nada podem contra a masturbação, só resta uma aturada vigilancia, ajudada, em caso de necessidade, de meios eoereitivos. Por eonseguinte, sendo um dever prevenir qualquer oeeasião que possa dar largas a um joven para entregar-se a tão detestavel vieio, eumpre que elle se deite, durma e se levante sob as vossas vistas; e se isso não bastar, fazei-o dormir na vossa eama. Esta providenеia é quasi a uniea que póde arranear eertos individuos ao onanismo. Nos eollegios não deve haver quartos partieulares; vastos dormitorios em que a inspeeção se possa exeeutar faeilmente, eis o que eonvem. É preeiso que durante a noite se entretenha uma luz fraea, e que os mestres, em horas diversas, façam sileneiosas inspecções.

Os meios franeamente prohibitivos, eujo emprego suppõe a insuffieiencia de todos os outros, e ao mesmo tempo a immineneia de grandes perigos para a saude ou para a vida, estes meios, repito, não são de uma applieação nem segura, nem facil, pois que então trava-se uma briga teimosa entre os masturbadores e o seu vigiador. Prineipia-se por exigir que os braços estejam fóra da eama, e observam-se depois os movimentos do eorpo; porquanto o onanismo, prineipalmente nas jovenes, eonsegue seus fins pelos attrietos de toda a espeeie. Foi proposto o uso de eamisas mais eompridas do que o eorpo, fechadas além dos pés; a eamisola de força, cujas extremidades exeedem as mãos e os pés, e finalizam eom uma eorreia que permitte fixar as pernas eomo se deseja. Emfim, nas lojas dos fabrieantes de fundas aeham-se eintas eontra o onanismo, eujo uso, sem ser uma garantia segura eontra o vieio que se deseja destruir, não é entretanto destituido de efficaeia.

Os meios de reparar as desordens occasionadas pelo onanismo, vão indieados nos artigos Amor e Polluções.

ONÇA. *Felis onça* (fig. 689). Mammifero earnivoro do genero Gato. Tem o pello eurto, o fundo da pelle amarellado, ornado em cada flanco de 6 a 7 fileiras de nodoas pretas en fórma de *O* ou quadradas. Habita no

Brazil e n'uma grande parte da America meridional, mas em nenhum logar é tão commum e tão perigoso como no sul de Buenos-Ayres. Vive particularmente nos grandes mattos atravessados pelos rios, onde caça os animaes. Dorme durante o dia sobre as ilhotas, no meio de montões de hervas e de juncos. Pesca o peixe, que apanha destramente com a pata. Os estragos que faz nos gados, e o grande apreço que se dá á sua pelle, a fazem cada vez mais rara nos logares habitados. Espera a presa em sitio occulto, salta impetuosamente sobre ella, tira-lhe a faculdads de fugir ou de resistir. Trepa pelas arvores com admiravel destreza, e nada com igual habilidade. Tem um metro de comprimento pouco mais ou menos; tem a vista e o ouvido perfeitos, e vê de noite. Dá-se-lhe uma caça activa, porque a sua pelle constitue um ramo importante de commercio entre a America e a Europa.



Fig. 689. — Onça.

O mesmo genero contém mais de vinte especies. As principaes são : O TIGRE REAL (*Felis tigris*, Linneo); a PANTHERA (*Felis pardus*, Linneo); o LEOPARDO (*Felis leopardus*, Linneo); o LYNCE (*Felis lynx*, Linneo), etc., que habitam na Africa e Asia.

ONYX. *Veja-se* AGATA.

ONYXIS. Inflammação da madre da unha. *Veja-se* UNHA.

OPALO, QUARZO ou SEIXO OPALINO. Substancia mineral infusivel, composta de silica e d'agua; branquea ao fogo, dá agua pela calcinação. Esta pedra é procurada pelos lapidarios, que fazem d'ella muitas joias (engastes de anneis, alfinetes de peito, camafeos, etc.). Distinguem d'ella 6 variedades principaes; *Opalo nobre* ou *oriental*, chamado tambem *Opalo de chammas; Opalo arlequim* ou *de palhetas; Opalo gyrasol; Opalo sombrio* ou *anegrado; Opalo vinhoso* e o *Premio* ou *matriz de opalo.* Designa-se tambem sob o nome de *opalo de madeira*, um opalo que apresenta filamentos lenhosos. Estimam-se sobretudo os opalos cujos reflexos são ao mesmo tempo vermelhos e verdes: estas pedras adquirem grande valor quando são de bom tamanho e sobretudo sem riscos. Nada ha mais delicado do que o opalo : a acção do frio, a do ar basta com o tempo para lhe fazer perder todos os seus brilhos e tirar-lhe por conseguinte todo o seu valor. As pessoas que os trazem devem evitar expôl-os a estas causas de destruição.

Os antigos conheciam o opalo e tiravam-o da India, do Egypto, e da Arabia. Hoje é a Hungria que fornece a maior parte dos opalos que existem no commercio. Acham-se tambem na Saxonia, nas ilhas Feroe e na Islandia.

OPHTHALMIA. Dá-se este nome a toda a inflammação do olho ou das palpebras que se manifesta exteriormente por qualquer vermelhidão. Chamam-lhe tambem *conjunctivite*, do nome da membrana conjunctiva que é o envoltorio mais exterior do olho e da face interna das palpebras, e que é a primeira invadida n'esta inflammação. Os ophthal-

mologistas modernos usam hoje com preferencia da palavra *conjunctivite* do que da *ophthalmia;* ao mesmo tempo assignaláram caracteres e nomes proprios ás inflammações de cada um dos outros tecidos que concorrem para formar o orgão da visão. Para conformar-me á linguagem moderna descrevo no artigo CONJUNCTIVITE, o que se chama vulgarmente : OPHTHALMIA. As lesões dos outros tecidos do olho vão descriptos nos artigos *Irite*, *Keratite*, *Sclerotite*.

OPHTHALMOSCOPIO. Instrumento inventado em 1851 para examinar o interior do olho. Ha d'elle differentes especies. Estes instrumentos compõem-se geralmente : 1.º de um espelho mais ou menos concavo (fig. 690), furado em dois logares, e munido de um cabo; 2.º de uma lente convexa de ambos os lados, destinada a augmentar as dimensões dos objectos situados no fundo do olho.

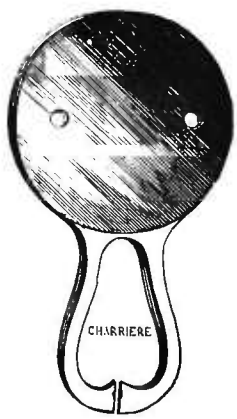


Fig. 690. — Ophthalmoscopio.

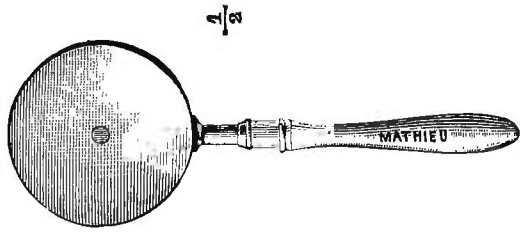


Fig. 691. — Ophthalmoscopio.

Para examinar o olho, dilata-se a pupilla instillando entre as palpebras algumas gottas de solução de sulfato de atropina; depois o medico colloca o doente de fronte de si, n'um quarto escuro, sentado de tal maneira que os olhos do doente os do medico e a chamma do candieiro estejam no mesmo nivel; toma-se então com uma das mãos o espelho; vira-se do lado do candieiro a superficie reflectiva, e dispõe-se tudo de modo a dirigir a luz sobre o olho do doente. Este olha então do lado dos raios luminosos, um pouco á esquerda do medico, quando se examina o olho esquerdo, e *vice versa* (fig. 692). Logo que o fundo do olho estiver allumiado, interpondo entre o espelho e o olho do doente a lente biconvexa, e olhando pelos buracos do espelho, o medico vê um fundo avermelhado debaixo da fórma de nodoa um pouco diffusa a principio, transformando-se em um circulo brilhante, da largura de 6 a 8 millimetros. Se se cahir sobre a papilla do nervo optico (fig. 693), a mancha é branca, e vê-se uma arteria e uma veia em cima e em baixo. Cahindo-se sobre a retina, o fundo da mancha é vermelho, percorrido de estrias anegradas que são os vasos sanguineos. É preciso um pouco de exercicio e de habito para chegar a collocar o olho do paciente na distancia da visão distincta com a lente. Procura-se então a papilla do nervo optico : elle forma uma leve proeminencia na face anterior da retina, ao nivel da entrada do nervo no olho. No estado normal, apresenta o aspecto de um circulo da largura de 5 millimetros, branco roseo, luzente, de cujo centro partem vasos que

se dirigem para cima e para baixo. Procura-se então se ha no fundo do olho nodoas, elevações, tumores, atrophia da retina; opacidades ou cor-



Fig. 692. — Exame ophthalmoscopico.

pos estranhos no corpo vitreo. Antes de proceder ao exame dos olhos doentes, o medico deve-se ter exercido a examinar olhos sãos.

OPIATO. Preparação pharmaceutica, de consistencia molle, que se obtem misturando um pó ou diversos pós com mel de abelhas ou algum xarope. — Exemplo : *Opiato dentifricio.* Coral porphyrizado 15 grammas, cremor de tartaro 3 grammas, osso de siba pulverizado 2 grammas, cochonilha 2 centigrammas, mel de abelhas 15 grammas; misture.

Opiato dentifricio de Dethan. *Veja-se* Dentifricio de chlorato de potassa vol. I, pag. 823.

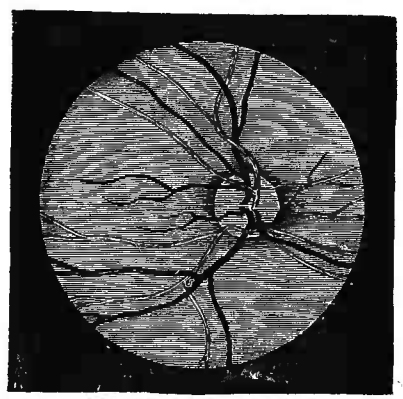


Fig. 693. — Fundo do olho no estado normal. Papilla do nervo optico.

OPILAÇAO, Hypoemia intertropical ou **Cançaço.** Molestia dos paizes quentes, caracterizada pela fraqueza geral (anemia), pallidez e inchação da face; acompanhada muitas vezes da perversão do gosto. Differe da *chlorose* e da *cachexia palustre*. (*Vejam-se* estas palavras.) Segundo as observações do Dr. Griesinger, confirmadas pelo Dr. Otto Wucherer, da Bahia, pelo Dr. Julio Rodrigues de Moura, Dr. Silva Lima. Dr. Faria e outros medicos brazileiros, e pelos medicos da marinha

franceza, a opilação é a consequencia do enfraquecimento da economia devido á presença nos intestinos *jejuno* e *ileo,* mas sobretudo no intestino *duodeno*, de grande numero de pequenos vermes, chamados *anchylostomos*, que subtrahem continuamente o sangue. Esta molestia encontra-se nas Indias occidentaes, na Jamaica, Porto-Rico, Guadelupe, Martinica, S. Domingos, Trindade, Goyana, Brazil, nas provincias meridionaes dos Estados-Unidos da America, na costa d'Africa, no Egypto, em Java, Sumatra e na Italia. No Brazil encontra-se sobretudo desde o Rio de Janeiro até ao Pará, e na provincia de Minas Geraes. Ao sul do Rio é mais rara.

Symptomas. A opilação principia por um enfraquecimento physico e moral, dôr de cabeça, vertigens. Depois de declarada, a molestia apresenta os symptomas seguintes : dôr na bocca do estomago, espontanea e augmentando pela compressão, vomitos, perversão do appetite, pallidez da pelle, cançaço, inchação dos pés: desmaios, etc. A dôr de estomago nada tem de especial, pois que encontra-se ordinariamente em todas as anemias, qualquer que seja a sua causa. Em geral, ao principio, ha prisão de ventre. O pulso é molle, depressivel, quando o doente está quieto: mas ao primeiro esforço que faz, o pulso torna-se frequente e irregular. As palpitações são evidentes, e aplicando o ouvido sobre o lado esquerdo do peito ouve-se um ruido de folle. O cancaço apparece ao menor movimento. Todos estes symptomas existem, porém, nas outras anemias. Á medida que o sangue se altera, a côr da pelle modifica-se; a pelle, nos brancos, torna-se amarella-pallida; a côr preta e luzente dos tegumentos do negro é substituida pela côr fula e baça; a tez dos pardos experimenta mudanças analogas, devidas á diminuição dos materiaes solidos do sangue. As membranas mucosas das palpebras, dos labios, e outras tornam-se descoradas; a lingua é branca. A falta de appetite alterna com perversão do gosto, que consiste em desejar e comer substancias não alimentarias, e que causam mais ou menos asco no estado de saude, taes como carvão, terra, e outras até immundas. Este appetite pervertido póde faltar nos doentes da raça branca, mas é frequente nos individuos de côr preta. É com verdadeiro furor que estes infelizes satisfazem o seu gosto depravado. Para pôr obstaculo a esta paixão bizarra, é ás vezes preciso recorrer aos meios coercitivos. Ao mesmo tempo que este gosto depravado augmenta, o appetite para as substancias alimentarias vai diminuindo.

Desde os primeiros symptomas da molestia, ha diminuição do suor, da ourina, da bilis; d'aqui vem o descoramento quasi constante das evacuações alvinas, que contém muitas vezes lombrigas, porém nunca anchylostomos. A ourina é callida. Os vomitos são frequentes, e depois da prisão de ventre renitente succede a diarrhea ou a dysenteria; o ventre está chato e mesmo deprimido. Os doentes emmagrecem primeiro, mas depois ficam inchados. Queixam-se de frio e procuram o sol. Vêem-se estes infelizes caminharem com muito custo, deitarem-se ao pleno sol, e ficarem expostos aos seus raios ardentes durante muitas horas em immobilidade completa. A fraqueza augmenta e chega ao mais alto gráo. Apparece a febre hectica. Quando os doentes querem levantar-se,

acham-se acomettidos de vertigens, de tremores dos membros, e de palpitações do coração. A diarrhea prolongada produz prolapso do recto. A pelle, a principio secca e escamosa, cobre-se de ulceras atonicas; os doentes exhalam um cheiro fetido. Succumbem quer subitamente, na occasião de um esforço, quer pelos progressos da diarrhea.

A *marcha* da opilação é habitualmente progressiva e lenta. Os symptomas, pouco salientes a principio, chegam promptamente o um grao de intensidade que torna evidente a natureza da molestia. A *duração* d'ella depende então da resistencia individual do enfermo, e das condições hygienicas nas quaes se acha. Geralmente varía de alguns mezes a annos.

Anatomia pathologica. Os cadaveres dos individuos mortos de opilação são excessivamente magros e inchados. Os musculos são profundamente descorados. O estomago é molle, pallido. Contém habitualmente terra, greda, cascalhos, carvão, areia, etc. Estas substancias acham-se igualmente nas outras partes do tubo intestinal. A membrana mucosa do estomago e do intestino delgado está reduzida á polpa que se separa facilmente, deixando a nú a tunica muscular e, em alguns pontos, a serosa. Os intestinos estão ordinariamente exsangues e vasios; no intestino jejuno, mas principalmente na porção intestinal chamada *duodeno*, acham-se sempre os vermes chamados *anchylostomos*. São numerosos no duodeno, raros no jejuno, e no ileo só um ou outro apparece. Estes vermes são de pequena dimensão, 6 a 10 millimetros de comprimento. Estão representados nas fig. 694 e 695.

O Dr. Griesinger, que foi medico do hospital no Cairo de 1851 a 1852, occupava-se especialmente da opilação, molestia frequente no Egypto. Fazia diligencias, durante o tempo que passou n'aquelle paiz, para descobrir a causa d'esta molestia, e foi só na vespera de sua partida para Allemanha, em 17 de abril de 1852, que praticando a autopsia de um individuo fallecido de opilação, descobrio no duedono, jejuno e principio do ileo, no meio de certa quantidade de sangue recentemente derramado, pequenas ecchymoses na membrana mucosa, semelhantes ás que produzem as mordeduras de sanguesugas. Sobre estes pontos estavam agarrados pequenos vermes brancos. Examinando-se ao microscopio, reconheceo que pertenciam á especie descoberta e descripta por Dubini de Milão, em 1838, debaixo do nome de *anchylostomo duodenal*. Em 1855 o Dr. Griesinger publicou o resultado de suas observações sobre a molestia do Egypto, e declarou formalmente que a affecção que designou sob o nome de *chlorose do Egypto*, era uma anemia produzida pelos anchylostomos duodenaes. Esta opinião ficou por muito tempo sem ser confirmada por outros observadores. No mez de agosto de 1866, o Dr. Otto Wucherer, distincto medico da Bahia fallecido em 1863, publicava, na *Gazeta medica da Bahia*, observações de opilação seguidas de autopsia em quatro individuos, dois brancos, um pardo escravo, e um Africano liberto. Estas autopsias manifestáram a presença de numerosos anchylostomos no intestino duodeno. Alem d'isso o Dr. Wucherer, abrio doze cadaveres de individuos fallecidos de diversas outras molestias, procurou cuidadosamente os anchylostomos, e não os achou.

Na mesma epoca, sem ter podido tomar conheeimento dos trabalhos do Dr. Wucherer, os Drs. Grenet e Menestier, medieos da marinha franceza na Majotta, ilha da Africa, aehavam o anchylostomo nos intestinos dos individuos da raça moçambique, fallecidos de opilação. No anno de 1867, o Dr. Kerangal, medieo em chefe da marinha franceza em Cayenna, assignalava tambem a extrema frequencia d'este verme nos intestinos dos individuos falleeidos n'esta localidade em eonsequencia da mesma molestia. As deseripções das lesões locaes, devidas á presença do anehylostomo, redigidas por observadores collocados n'essas differentes partes do mundo, concordam entre si perfeitamente. Nas autopsias feitas por estes laboriosos medicos, nada podia explicar a morte senão a anemia profunda devida provavelmente á subtracção constante do sangue pelos anchylostomos. N'estes casos os intestinos continham um liquido espesso de côr vermelha escura, coincidindo a maior abundancia de anchylostomos com os pontos onde havia mais d'este liquido. A membrana mucosa era avermelhada em algumas partes, como ecchymosada, e notavelmente amollecida.

Quando a opilação existe sem outra molestia, o baço está atrophiado. O figado não augmenta de volume senão no caso de eachexia palustre ou de molestia propria a este orgão. As glandulas mesenterieas estão quasi sempre engurgitadas. O eoração torna-se pallido, os pulmões estão sãos, e o cerebro molle.

Causas da opilação. Julgava-se até agora que a opilação era devida aos máus alimentos, á humidade, e em geral ás más condições hygienicas em cujo meio vivem os doentes. Posto que a existencia prolongada de taes condições possa conduzir á anemia, é certo que as investigações do Dr. Wucherer, e de outros medicos acima citados, provam que a verdadeira causa da opilação é a presença de anchylostomos nos intestinos. É claro que estes vermes vivem não sómente do sangue, mas oecasionam contínuas bem que minimas hemorrhagias, que devem produzir, ao cabo de certo tempo, uma anemia excessiva. Na ausencia de qualquer outra causa a que se possa razoavelmente applicar estes easos de anemia, é racional attribuil-os aos anchylostomos. Resta saber d'onde provém os anchylostomos. Vem certamente de fóra, mas ignora-se ainda como os seus ovos ou embryões se introduzem no corpo do homem, e em que condições existem fóra d'elle. Póde-se sómente suppôr que são ingeridos ou com os alimentos solidos, ou com as bebidas, eomo muitos outros vermes. O uso de alimentos improprios ou pouco variados, de substancias feculentas, com exclusão de estimulantes e condimentos, e, sobretudo, pouco escrupulo nas aguas para beber, são causas da opilação; é facto que, entre os habitantes entregues á lavoura, é que se encontra o maior numero de opilados, e não houve um d'elles que não tivesse bebido agua de gotteiras, riachos ou poços; estas aguas contém germens dos vermes. Todas as causas debilitantes invocadas anteriormente para explicar o desenvolvimento da opilação, facilitam a introducção e sobretudo a multiplieação dos anchylostomos no organismo. Do mesmo modo, que o dracunculo ou bicho da costa, por

exemplo, não se encontra senão em certas partes do globo, o anchylostomo não acha senão em certas regiões, condições proprias para a sua existencia.

Descripção do anchylostomo (*Anchylostomum duodenale*, Dubini). Comprimento de 6 a 10 millimetros, sendo as femeas um pouco maiores do que os machos. A sua côr é branca, acinzentada, tirando, em alguns, para o encarnado. O corpo é roliço, attenuando-se para ambas as extre-

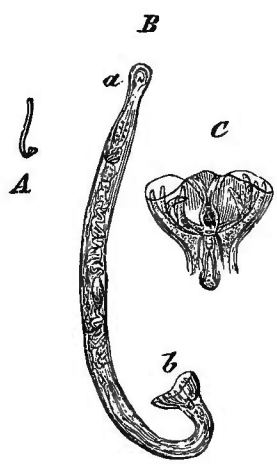


Fig. 694. — *Anchylostomum duodenale* macho (*).

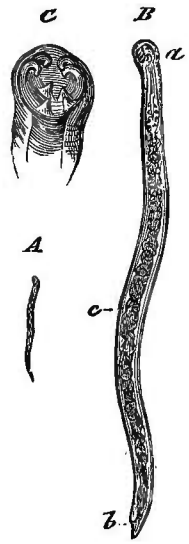


Fig. 695. — *Anchylostomum duodenale* femea (**).

midades. A cabeça é arredondada, separada do corpo por um leve estreitamento formando uma especie de pescoço. A bocca é de fórma de funil, troncada obliquamente e guarnecida de quatro dentes cónicos, que parecem nada mais ser do que prolongamentos da margem da bocca, que é de substancia cornea. A extremidade posterior da femea é cónica, o anus fica em pequena distancia da ponta, a abertura genital acha-se situada um pouco além do meio do corpo. A extremidade posterior do macho acaba em fórma de calice, partido de um lado.

Diagnostico. Seria facil distinguir a especie de anemia que nos occupa, se fosse possivel reconhecer nos doentes a presença dos vermes; mas até agora não foi possivel descobril-os nas dejecções alvinas, mesmo depois da administração de vermifugos energicos. Póde-se suppôr a sua existencia nos casos de anemia grave, acompanhada do appetite depravado, de que não se póde explicar a origem por outras causas. É preciso todavia examinar sempre as evacuações alvinas. Na falta de anchylos-

(*) A, de tamanho natural; B, o mesmo engrossado; *a*, extremidade cephalica; *b*, extremidade posterior; C, extremidade posterior, fortemente engrossada.

(**) A, de tamanho natural; B, a mesma engrossada; *a*, extremidade cephalica; *b*, extremidade posterior; *c*, vulva; C, extremidade cephalica, fortemente engrossada para mostrar a disposição da armação buccal.

tomos, a presença da materia gelatinosa, corada de vermelho pelo sangue, póde esclarecer o diagnostico.

A opilação tem muitas relações com a anemia profunda produzida por causas geraes, com a *cachexia palustre*, e com a *chlorose*. Para estabelecer a differença entre estas molestias, é preciso examinar as causas. A hypertrophia do figado e do baço serve para reconhecer as mais das vezes a influencia palustre, mas estes signaes são inconstantes, e, ás vezes, mui difficeis de verificar. Quanto á chlorose, é uma anemia propria ás jovens que chegáram á época da puberdade (*Veja-se Chlorose* e *Cachexia*).

Tratamento. Para curar a opilação é preciso destruir os anchylostomos. O melhor medicamento par este fim é o succo, chamado *leite*, de uma arvore do Brazil denominada *gameleira* (*Ficus doliaria*, Martius). Administra-se na dóse de 30 grammas misturado com outra tanta agua ou leite de vacca, uma vez por dia de manhã, de dois em dois dias. Continua-se o medicamento pela mesma fórma durante quinze dias. Suspende-se por alguns dias se produzir grandes evacuações alvinas. A dóse do succo de gameleira póde ser augmentada até 150 grammas por dia.

Ao mesmo tempo o doente deve usar de alimentação substancial, de comidas apimentadas, carne, bom vinho, e boa agua. Não beber nunca agua de riachos, regos, etc., sem ser filtrada. Os lavradores não deveriam sahir para o trabalho dos campos, sem levarem comsigo sufficiente agua de vertente, para não beberem aguas que lhes podem occasionar a opilação.

Para fortificar a constituição debilitada, o doente fará uso do vinho de quina, na dóse de 30 grammas por dia, ou o Quinium de Labarraque, ou do ferro Quevenne na dóse de 2 a 4 colheres medidas, por dia.

O doente tomará a dóse do ferro no decurso do dia, e 30 grammas de vinho de quina á tarde, ou 1 calice de Quinium Labarraque.

Se o leite de gameleira não aproveitar contra a opilação, empreguem-se as preparações de essencia de terebinthina, de feto macho, de musgo de Corsega e a santonina. Eis-aqui as receitas :

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina.....	10	centigrammas.
Cera branca.....	10	—
Assucar em pó.....		quantidade sufficiente.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte o assucar e faça 1 pilula; e como esta mais 23. Dóse : 2 pilulas, tres vezes por dia.

Opiato terebinthinado.

Gomma arabica.....	48 gram.	Essencia de terebinthina.....	8 gram.
Assucar.....	16 —	Xarope de flor de laranjeira..	32 —

Triture a gomma com o assucar, e ajunte pouco a pouco a essencia e o xarope. Dóse : duas colheres *de chá* tres vezes por dia.

Existem nas pharmacias perolas de gomma, e capsulas gelatinosas, que contém a essencia de terebinthina (Perolas de Clertan). É o melhor modo de administrar esta substancia.

Pilulas de extracto de feto macho.

Extracto ethereo de feto macho	20 centigr.	Agua	5 centigr.
Gomma arabica em pó	5 —	Feto macho em pó	q. s.

Faça 1 pilula, e como esta mais 19. Dóse : 10 pilulas de noite ao deitar; 10 pilulas na manhã do dia seguinte. Hora e meia depois da segunda dóse administrar 45 grammas de oleo de ricino.

Pós de musgo de Corsega.

Musgo de Corsega em pó ..... 30 grammas.

Divida em 8 papeis. Para tomar dois papeis por dia n'uma pouca d'agua com assucar.

Pós de santonina.

Santonina ..... 40 centigrammas.

Divida em 4 papeis. Para tomar 1 papel por dia, pela manhã em jejum, n'uma colher d'agua fria com assucar.

OPIO. Sumo extrahido das cabeças de dormideiras ou *Papaver somniferum*. Conhecido desde a antiguidade, o opio colhe-se em abundancia na Asia Menor, na Grecia e em muitas ilhas do Levante, no Egypto, etc. Quando as flores da dormideira ficam murchas e que as cabeças tornam-se avermelhadas fazem-se-lhes incisões, havendo cuidado de fazel-as do lado em que bate o sol. Corre então um liquido espesso que é o opio mais ou menos puro. O mais estimado é o que vem de Smyrne; o qual possue grande proporção de morphina, cerca de 10 a 11 p. 100. Quando se analysa chimicamente o opio bruto, n'elle se encontra grande quantidade de substancias especiaes, principalmente os seguintes alcaloides; aos quaes deve suas propriedades uteis para o medico : morphina, narceina, codeina, papaverina, thebaina, narcotina, meconina, etc. N'elle se encontra mais outros alcaloides menos importantes e muitas materias inertes, gommas, albuminas, saes, acidos, etc.

O opio tem sido muito falsificado e os chimicos foram obrigados a procurarem meios de descobrir as fraudes. Com um intento frauduloso, já incorporaram no opio, gommas, oleos vegetaes, extractos de outras plantas pertencendo á familia das papaveraceas, etc.

O opio constitue um dos medicamentos mais preciosos : é o melhor calmante. Em pequena dóse acalma as dôres e provoca o somno. Administra-se na dóse de 5 a 40 centigrammas por dia, e muito mais, progressivamente. Dado de uma só vez em dóse grande, produz accidentes graves, e até a morte. *Veja-se.* ENVENENAMENTO PELO OPIO, vol. I, pag. 981.

O opio administra-se interiormente em pilulas, em clysteres; ou externamente em fricções, injecções, cataplasmas, etc.; preparam-se com elle

xaropes, tinturas, extractos, etc. Deve sobretudo a sua efficacia aos seus alcalis, taes como a *morphina* e *codeina*.

Os Orientaes, e sobretudo os Chins, tem uma verdadeira paixão pelo opio; engolem-n'o ou fumam-n'o em cachimbos para provocarem uma especie de embriaguez; e chegam gradualmente a tomar d'elle por uma só vez quantidades prodigiosas; mas como este abuso póde comprometter gravemente a saude publica, o governo da China vio-se obrigado a tomar providencias severas para o combater.

PREPARAÇÕES DE OPIO USADAS EM MEDICINA. Opio privado mecanicamente dos corpos estranhos, administra-se em pilulas, na dóse de 5 a 40 centigrammas e mais progressivamente.

Extracto de opio. É a preparação mais empregada. Obtem-se dissolvendo o opio bruto em agua, filtrando e evaporando o liquido a banho-maria até á consistencia de extracto. Dóse : 2 1/2, 5, 10, até 15 centigrammas, em pilulas.

Laudano de Sydenham. É uma solução de opio com açafrão, canella e cravos da India em vinho de Malaga. 20 gottas d'este liquido contém quasi 5 centigrammas de extracto de opio. 4 grammas em peso contém 25 centigrammas de extracto de opio, ou o dobro do opio bruto. Este preparado de opio é um dos mais usados. Internamente, administra-se na dóse de 20 gottas em poção, ou em meia chicara d'agua com assucar, como calmante. Na mesma dóse administra-se em clyster. Externamente, para juntar á cataplasma de linhaça, prescreve-se na dóse 8 a 15 grammas.

Black drops ou *Gottas pretas inglezas*. Eis-aqui a sua composição segundo o Codigo pharmaceutico francez, adoptado como pharmacopea legal do Brazil : Opio de Smyrna, 100 grammas; vinagre distillado, 600 grammas; açafrão, 8 grammas; moscadas, 25 grammas; assucar, 50 grammas. — 5 gottas contém quasi 5 centigrammas de extracto de opio. Administra-se na dóse de 5 a 10 gottas em poção.

Tintura thebaica ou *tintura de extracto de opio*. Dissolução de 10 grammas de extracto de opio em 120 grammas de alcool a 60 gráos do areometro centigrado. — 15 gottas contém quasi 5 centigrammas de extracto de opio. *Dóse :* 15 a 30 gottas em poção.

Xarope de opio. (Extracto de opio, 2 grammas; agua distillada, 8 grammas; xarope de assucar, 990 grammas. Dissolva a frio o xarope na agua distillada; filtre, e misture a dissolução com o xarope). — 20 grammas d'este xarope contém 4 centigrammas de extracto de opio. *Dóse :* 15 a 30 grammas em poção.

Xarope diacodio. (Extracto de opio, 50 centigrammas ; agua distillada, 4 1/2 grammas; xarope de assucar, 995 grammas. Dissolva o extracto de opio na agua distillada, filtre a dissolução, e ajunte-a ao xarope.) — 20 grammas d'este xarope contém 1 centigramma de extracto de opio. *Dóse* : 30 a 90 grammas em poção.

Morphina e seus saes. *Veja-se* MORPHINA, vol. II, p. 452.

OPODELDOCH. *Veja-se* BALSAMO OPODELDOCH, vol. I, p. 284.

OPOPANACO. Gomma resina extrahida de uma planta do Levante,

opopanax chironium, Koch. Apresenta-se em bocados irregulares, avermelhados por fóra, de côr branca suja no interior, opacos, friaveis, de cheiro aromatico pouco agradavel. Entra na composição de alguns emplastos.

OPPRESSÃO DO PEITO. Sensação de um peso sobre o peito, e difficuldade de respirar. A oppressão é um dos symptomas que accompanham quasi todas as molestias dos pulmões e do coração; adquire uma intensidade extrema na asthma. Manifestam-se tambem nas pessoas nervosas oppressões leves e passageiras, que cedem facilmente á exposição ao ar e a algum remedio antispasmodico, como *verbi gratia*, chá de herva cidreira ou de folhas de laranjeira. Quando são habituacs e sómente nervosas, cedem a uma vida activa, á habitação no campo e ao exercicio ao ar livre.

OPTICA. Nervo optico, tronco nervoso de volume relativamente consideravel, que parte da parte anterior do cerebro para vir terminar na parte posterior do globo do olho. Penetra n'este orgão atravessando a sclorotica e a choroide, depois torna-se fino e forma uma especie de disco terminal muito fino que é a retina. É sobre a retina que se reflecte a imagem dos objectos, imagens que o nervo optico transmitte ao cerebro. É exclusivamente destinado á visão, quando se o corta, a secção não occasiona nenhuma dôr mas produz sensações luminosas. A syphilis, a albuminuria, a ataxia locomotriz, os tumores cerebraes podem causar a atrophia do nervo optico e produzir a cegueira.

ORBITA DO OLHO. A cavidade ossea que contém os orgãos da vista.

ORBITAS. Cavidades symetricas situadas na partc superior do rosto, immediatamcnte por baixo da caixa craneana, e que são destinadas a alojar os olhos com os orgãos que d'elles dependem; glandulas lacrimaes, musculos, vasos sanguineos, nervos, etc. Examinadas em seu estado de integridade, nos corpos vivos, vê-se nas orbitas somente a sua borda superior ou sobrancelhas que faz proeminencia emcima dos olhos e os protege. No esqueleto, as orbitas se apresentam sob a forma de cavidades pyramidaes cuja base correspondc ás palpebras com a ponta virada para atraz, do lado do cerebro. Pela visinhança d'estc orgão explica-se a gravidade das feridas da orbita por penetração de um corpo estranho. Atraz do olho, a partc mais afastada da orbita é occupada por uma massa gordurosa assaz abundantc. Tambcm quando essa massa adiposa diminue rapidamente sob a influencia do emmagrecimento geral, os olhos parecem desapparecer nas orbitas, elles ficam encovados. Este facto se dá com uma rapidez extraordinaria em algumas molestias como por exemplo; no cholera, na peritonite, nas hernias estranguladas, etc. Ao inverso dos tumores que se desenvolvem no fundo da orbita, tem por primeiro effcito de fazer sahir o olho para fóra, dc modo que as palpebras não podem mais se fechar e que parece que o olho está luxado. Esta situação anormal chama-se exophthalmia.

ORCANETTA, BUGLOSSA OU ANCHUSA. *Anchusa tinctoria*, Lin. Borragineas (fig. 696). Planta que habita nos logares estereis e arenosos

das margens do Mediterraneo; em Portugal, acha-se nos montes calcareos dos arredores de Lisboa, de Coimbra e n'outras partes da Estremadura e da Beira. Caules levantados, angulosos, hirsutos, eomo o resto da planta, de 22 centimetros de eomprimento; folhas sesseis, oblongas. Raiz cylindriea, fusiforme, de eôr rubra violacea mui carregada; parenchyma quasi carnoso, encarnado; cortada transversalmente apresenta um centro medullar circular rubicundo; cheiro nullo. A raiz fornèce uma tinta vermelha, empregada nas pharmacias para dar côr ás pomadas, e nas confeitarias para dar côr aos confeitos e licores.



Fig. 696. — Orcanetta.

ORCHATA. Dá-se este nome: 1.° á bebida agradavel e emollicnte que se prepara eom xarope de amendoas diluido em agua; 2.° á bebida feita de pevides de melancia descascadas, pisadas com assucar, e tudo desfeito em agua.

ORCHITE. Inflammação dos septos fibro-cellulosos do testiculo. Os eanaes seminiferos não são a séde da lesão inflammatoria. A inchação, que se observa na orchite, é devida a um derramamento seroso no testiculo. A orchite é *agua* ou *chronica*.

Orchite aguda. *Causas.* Esta molestia depende de causas variaveis; a blennorrhagia é a causa principal, vem depois a fadiga, um esforço para levantar algum corpo pesado, as pancadas, quédas, attritos das partes, choques provenientes do trote de um cavallo, certas irritações da urethra, como, por exemplo, as que são occasionadas pela introducção de uma sonda; pelas injecções irritantes que se praticam no canal da urethra para curar a blennorrhagia; emfim, a orchite póde apparecer espontaneamcnte.

Symptomas. A orchite aguda, quer simples, quer blennorrhagica, isto é, a que sobrevem durante o curso de uma blennorrhagia, principia por uma dôr mais ou menos viva no tcsticulo. Este incha, torna-se quente, mui scnsivel á pressão, sobrctudo para traz n'um logar proeminente que se chama *epididymo;* ás vezes não ha mudança de eôr na pelle, em outros casos, pclo eontrario, o escroto torna-se vermelho. A dôr e a inchação propagam-se ás vezes até á virilha, ao longo do cordão, espermatico, e quando o annel inguinal comprime este eordão, sobrevem dôres mui vivas, soluços, vomitos. A dôr estcnde-se ás vezes até á região dos rins, isto é, ás cadeiras. Emfim, esta inflammação, por pouco que seja intcnsa, é acompanhada de febre. Estes symptomas desenvolvem-se ás vezcs n'um espaço de tempo mui eurto, em algumas horas. Em outros casos não chegam ao seu augc senão no fim de alguns dias. A dôr que

acompanha a orchite blennorrhagica varia de intensidade. Em muitos doentes é obtusa, e assaz moderada para não forçal-os a ficar de cama ou não sahir da casa; em outros tem intensidade extrema, a ponto de impedir o somno, de provocar gritos, de atacar vivamente o systema nervoso. Ha doentes que soffrem tão fortemente, que são obrigados a ficar deitados de costas na immobilidade mais completa, a evitar o menor movimento, o mais leve toque no escroto. Todavia esta inflammação raras vezes se complica com a febre bem marcada, e não atormenta seriamente os doentes senão pela dôr que occasiona. Ao cabo de um tempo variavel termina quer pela desapparição successiva dos symptomas, quer pelo engurgitamento chronico; em alguns casos, porém, quando a inflammação é mui intensa formam-se abcessos no escroto.

A duração total da orchite acompanhada de blennorrhagia é em geral de quinze a vinte dias; termina quasi sempre pela cura.

Tratamento. No maior numero dos casos, o tratamento da orchite aguda só exige repouso na cama, posição horizontal, cataplasmas de linhaça ou de fecula, banhos geraes d'agua morna, e um regimen leve. É preciso manter as bolsas levantadas com um tampão de pannos de volume conveniente. Um lenço dobrado em gravata, applicado pelo meio debaixo das bolsas, e fixado n'um cinto pelas pontas, preenche o mesmo fim. É preciso que as partes doentes estejam sustentadas brandamente, que não sejam abandonadas ao proprio peso, nem expostas á compressão entre as coxas.

Os banhos geraes d'agua tepida são de utilidade incontestavel no tratamento da orchite; abrandam notavelmente os soffrimentos, e acalmam o systema nervoso. Toma-se um banho de dois em dois dias, ou todos os dias se as dôres forem grandes.

As bichas, que alguns medicos applicam sobre o tumor, são de pequena utilidade. Só são indicadas quando o cordão espermatico (vulgo *tendão*) está duro, inchado, doloroso, e sobretudo se as dôres se propagam do lado do ventre. N'este caso convem applicar dez bichas na virilha.

No começo da orchite os purgantes são nocivos; simples clysteres de cozimento de linhaça convem se houver prisão de ventre. Mais tarde, pelo contrario, ao cabo de oito ou dez dias, os purgantes são uteis; é ao de ricino ou ao de sal de Glauber que se deve recorrer n'este caso.

Na primeira semana da orchite blennorrhagica cumpre cessar o uso da copahiba e das cubebas; convem, porém, recorrer a estes medicamentos depois de diminuidos os symptomas de agudez da orchite; n'esta epoca a copahiba e as cubebas tem a propriedade não só de curar a blennorrhagia, mas tambem de favorecer a resolução da orchite.

Orchite chronica. Succede muitas vezes á orchite aguda, ou desenvolve-se lentamente sob esta fórma. A affecção consiste no augmento de volume do testiculo com uma dôr leve. Ha tambem engurgitamentos chronicos do testiculo, que não são acompanhados de dôr alguma. O tumor raras vezes excede o volume de um ovo de gallinha, e não ataca ordinariamente senão um só testiculo.

O *tratamento* da orchite chronica compõe-se de bichas applicadas muitas vezes em pequeno numero (5 a 6) cada vez no escroto, de fricções com pomada de iodureto de potassio, emplasto de sabão, emplasto de cicuta, emplasto de Vigo e banhos do mar. Eis-aqui as receitas :

1.ª Pomada de iodureto de potassio..... 60 grammas.

Duas fricções por dia, com a porção de pomada do tamanho de uma azeitona cada vez.

2.ª Emplasto de sabão..... 10 centimetros quadrados.
3.ª — de cicuta..... 10 —
4.ª — de Vigo..... 10 —

Orchite chronica dos syphiliticos, ou **Testiculo syphilitico.** Dá-se este nome a engurgitamentos chronicos do testiculo nos individuos que foram affectados de cancros venereos.

Symptomas. O testiculo augmenta pouco a pouco de volume. A principio as dôres não são muito sensiveis, e o incommodo não é grande. Algum tempo depois o escroto torna-se pesado, e as dôres sentem-se sobretudo de noite. De um lado, ás vezes de ambos os lados, existe um *hydrocele* de pequeno volume, perfeitamente transparente. Deprimindo o liquido, é facil verificar a presença de um *tumor* duro, mui duro, apresentando relevos. O volume raras vezes excede o de um ovo. O tumor é pouco doloroso; tem de particular que não apresenta, á pressão, a dôr caracteristica que se produz quando se comprime um testiculo são. Interrogando o doente, verifica-se que foi affectado precedentemente de syphilis. Esta molestia póde ser confundida com a orchite chronica simples, com os tuberculos ou com o cancro ou scirrho. As circumstancias antecedentes tem grande valor para esclarecer o diagnostico. Os cancros venereos, vulgo cavallos, precedem a orchite syphilitica; vestigios de escrophulas fazem suspeitar o testiculo tuberculoso.

No testiculo syphilitico, as dôres são surdas, leves, ás vezes nullas; são vivas, lancinantes, no testiculo canceroso; nullas, a principio, no testiculo tuberculoso, tornam-se vivas quando os tuberculos amollecem.

A orchite syphilitica sára sempre, mas é preciso proseguir o tratamento durante um tempo muito longo.

Tratamento. O tratamento é o da syphilis confirmada. Compõe-se de preparações de mercurio e das de iodureto de potassio. Todos os dias faz-se uma fricção no escroto com unguento mercurial duplo. Para cada fricção emprega-se a porção da pomada igual em tamanho a uma azeitona. Internamente o doente tomará as pilulas de iodureto de mercurio, uma pilula por dia. Eis-aqui a receita :

Proto-iodureto de mercurio..... 5 centigrammas.
Extracto de alcaçuz..... 5 —

Faça 1 pilula, e como esta mais 39.

Por cima de cada pilula o doente beberá uma colher, das *de sopa*, de xarope de salsaparrilha misturado com uma chicara d'agua fria.

Se sobrevier salivação, cumpre suspender o uso das pilulas e das fricções mercuriaes, e não tornar a tomal-as senão depois de combatida a affecção da bocca pelos meios indicados no artigo Salivação.

Depois de acabadas as 40 pilulas de iodureto de mercurio, se o engurgitamento do testiculo não diminuir, recorrer-se-ha ao iodureto de potassio segundo a receita seguinte :

Iodureto de potassio.....	8	grammas.
Agua commum.....	250	—

Dissolva. Para tomar uma colher *de sopa,* duas vezes por dia. Continua-se esta poção ao menos durante um mez.

OREGÃO, Oregão de Creta ou Dictamo de Creta. *Origanum dictamnus,* Linneo. Labiadas. Esta planta habita principalmente na ilha de Creta (hoje Candia), mas acha-se tambem em Portugal, nos arredores de Lisboa e outras partes. Caules avermelhados de 25 a 30 centimetros, guarnecidos de folhas ovaes arredondadas, pecioladas, do tamanho da unha do dedo pollegar, e cotanilhosas, cheiro fragante, agradavel, forte. Esta planta, foi celebre das nações antigas para curar as feridas; entra na composição do electuario diascordio e do electurio de açafrão composto.

Oregão vulgar. *Origanum vulgare*, Linneo. Labiadas. Planta aromatica, commum em Portugal; habita nos logares seccos e elevados onde as suas flores perfumam o ar. Caules de 33 centimetros de altura, ramosos pubescentes; folhas oppostas, ovadas; flores espigadas, em panicula terminal, cercadas de uma folha distincta das outras (bractea) de côr purpurea; corolla roxa, cheiro fragante, sabor aromatico. Emprega-se em banhos, como estimulante.

ORELHA. Concha cartilaginosa que se acha ao redor do conducto auditivo. *Veja-se* Ouvido.

Feridas da orelha. *Veja-se* vol. I, pag. 1133.

Kystos da orelha. *Kystos sebaceos do pavilhão da orelha.* São espinhas que se desenvolvem sobre o lobulo da orelha e na concha; contém materia sebacea. Com o tempo tornam-se duras e ficam estacionarias. Quando existem na vizinhança do conducto auditivo diminuem a faculdade de ouvir. — É necessario abril-as com a ponta do bisturí e esvazial-as pela compressão. Se o kysto fôr algum tanto grande, cumpre fazer a incisão, e cauterizar a cavidade com pedra infernal. Os kystos volumosos serão extrahidos pela incisão, e pela compressão semelhante áquella que se faz sobre um fructo para expulsar a pevide.

Kystos simples. São kystos sebaceos alterados, nos quaes a substancia sebacea tornou-se liquida. Para cural-os, faz-se a incisão sobre o kysto, cauteriza-se a cavidade com pedra infernal, e introduzem-se dentro fios para provocar a inflammação e produzir depois a adhesão das paredes do kysto.

Perforação do lobulo da orelha. Faz-se esta pequena operação nas meninas para introduzir no furo uma argola de ouro, que se substitue depois pelos brincos. Póde fazer-se com agulha e retroz ence-

rado, mas é melhor empregar um trocate com furador cónico que vai diminuindo até á ponta. Existem furadores de ouro e platina; os de aço são preferiveis.

Entorpece-se primeiro a sensibilidade do lobulo da orelha mediante leve compressão; depois applica-se o lobulo contra uma chapa de cortiça que lhe serve de ponto de apoio, e atravessa-se a orelha com bastante esforço afim de que a canula e o furador penetrem até certa profundidade na cortiça. Tira-se o furador e a rolha; pela canula que ficou na orelha faz-se penetrar a argola de ouro; finalmente tira-se a canula, e deixa-se a argola.

Queimaduras da orelha. O tratamento é o mesmo que está indicado no artigo geral QUEIMADURA; convem dirigir a cicatrização com o maior cuidado para impedir que a orelha se una com a pelle do craneo, ou que a abertura da concha e do conducto auditivo fique tapada. Previnem-se estes accidentes por meio de fios interpostos entre as partes que devem ficar separadas.

Tumores do lobulo da orelha. Observam-se ás vezes no lobulo da orelha tumores duros, fibrosos, ou formados por elementos da pelle sobrepostos uns sobre outros. São assaz frequentes nas Antilhas e nas Indias orientaes, nos individuos indigenas. A inflammação consecutiva á perforação das orelhas não é estranha talvez á sua producção. Não ha pomadas que possam fazer desapparecer estes tumores, que, aliás, não tem gravidade. Extrahem-se com bisturí, quando incommodam.

Para as outras molestias, *veja-se* OUVIDO.

ORELHA DE GATO. *Hypericum connatum*, Lamark. Hypericineas. Sub-arbusto do Brazil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo e Rio Grande do Sul. Tem 50 centim. de altura; folhas oppostas e soldadas duas a duas desde a base, até ao meio; sua parte livre é oval, obtusa ou um tanto aguda no apice; flores formando uma cymeira de poucas flores, do comprimento de 2 a 7 centimetros; fructo, capsula ovoide. As folhas d'esta planta, sendo esfregadas, exhalam um cheiro forte, pouco agradavel. Sua infusão usa-se em gargarejos nas inflammações da garganta; 8 grammas para 250 grammas d'agua fervendo.

ORELHA DE ONÇA. *Cissampelos ebracteata*, St. Hilaire. Menispermeas. Sub-arbusto do Brazil; habita especialmente na provincia de Minas. Tem 30 a 60 centimetros de altura; folhas alternas, orbiculares-rhomboidaes, pubescentes na face superior, cotanilhosas na inferior, de côr cinzenta; flores reunidas em feixe, pedicelladas, em numero de cinco mais ou menos, na axilla das folhas superiores. Empregam-se as raizes d'esta planta contra as mordeduras de cobras; mas não se póde affirmar que tenham alguma efficacia. Em geral, diz Augusto de St. Hilaire, os habitantes do interior do Brazil attribuem a mesma virtude a grande numero de vegetaes diversos; e cada agricultor gaba com enthusiasmo o contra-veneno a que dá preferencia. É difficil crer que plantas que pertencem a familias differentes, e das quaes muitas tem só o gosto e o cheiro herbaceos, possam curar do mesmo modo a mordedura das co-

bras venenosas. A raiz da orelha de onça é amarga, e sua decocção póde ser util contra as febres intermittentes. Prepara-se esta decocção com 8 grammas da raiz e 250 grammas d'agua.

O nome de orelha de onça vem da semelhança que se julgou notar entre as folhas d'esta planta e a orelha da onça.

Dá-se tambem o nome de orelha de onça a outro sub-arbusto do mesmo genero, *Cissampelos ovalifolia*, St. Hilaire, que habita em Minas e Goyaz. Suas folhas são alternas, ovaes, cotanilhosas nas duas faces, de côr verde cinzenta; flores extremamente pequenas, dispostas em cachos axillares. A raiz é amarga, e o seu cozimento emprega-se contra as febres intermittentes, 8 grammas para 250 grammas d'agua.

ORELHA DE RATO. *Veja-se* CAA-ATAYA.

OREZZA. Ilha de Corsega. Agua ferruginosa gazosa, fria. Contém por litro, 128 milligrammas de carbonato de ferro, e 1^{gr},248 de gaz acido carbonico. É limpida, de sabor acidulo; parece ferver quando sahe da fonte; ao deitar no copo levanta bolhas como o vinho de Champanha. Exporta-se para differentes paizes; e é util na chlorose, amenorrhea, gastralgia, em todas as molestias que precisam da medicação tonica.

ORGÃO. Dá-se este nome a toda a parte do corpo destinada a executar uma funcção; assim o olho é o orgão da vista; os musculos são os orgãos do movimento; o estomago e os intestinos são os orgãos da digestão; etc.

ORTHOPEDIA. Esta palavra designa a arte de dar aos meninos uma boa conformação. Muitas tentativas feitas em diversas epocas para remediar, por apparelhos mecanicos ou por exercicios particulares, as deformidades occasionadas pelo rachitismo, attestam que, se a palavra *orthopedia* é moderna, a cousa é realmente assaz antiga. A orthopedia tem por fim conservar as fórmas naturaes dos ossos, e restabelecêl-as quando se acham em um estado anormal. Comprehende, por conseguinte, duas partes : uma pertence á hygiene (orthopedia preventiva), outra á therapeutica (orthopedia curativa).

Da orthopedia preventiva. Para conservar a integridade das fórmas do corpo, é preciso evitar as causas capazes de alterar-lhe a conformação, e submettêl-o ás influencias mais favoraveis ao seu desenvolvimento normal.

Os ossos tenros e flexiveis da criança cedem com o tempo á compressão que se exerce sobre elles, d'onde vem a necessidade de livrar a infancia d'essas ligas estreitas, que os conselhos dos medicos e a eloquencia de Rousseau não tem podido proscrever em toda a parte, e que são mais proprias a deformar a estructura do corpo do que a assegurar-lhe a solidez, como algumas pessoas julgam. Os inconvenientes não seriam menores se a cabeça do recemnascido fosse apertada fortemente. Evitar-se-ha, por um motivo semelhante, a pressão constante das mesmas partes quando se traz a criança no braço, devendo ser mudada frequentemente de lado, sustendo sempre a parte posterior do tronco.

Nos primeiros mezes da existencia, vivendo a criança quasi todo o tempo deitada, está pouco sujeita a deformar-se pelo unico effeitos das

attitudes. Não acontece assim quando principia a sentar-se, e sobretudo a pôr-se de pé e a andar. Importa então que se não carreguem as regiões inferiores do corpo com o peso das regiões superiores, senão quando as primeiras estão bastante solidas para não se curvarem com o peso d'esta carga. É mui reprehensivel a impaciencia dos pais, que fazem andar por força crianças mui fracas ainda para poderem pôr-se de pé. Muitas curvaturas dos membros inferiores e da columna vertebral não tem outra origem. As andadeiras e os carrinhos, de que se servem algumas pessoas, augmentam tambem a desordem pela má direcção que não exige tantos esforços, só deve ser permittida quando a criança póde sustentar o tronco bem direito.

Á medida que os movimentos da infancia se multiplicam, devem augmentar os cuidados para prevenir uma situação viciosa. A cama será bastante dura, para que se não abaixe muito pelo peso do corpo; o travesseiro será pouco grosso; a criança deitar-se-ha, tanto quanto fôr possivel, ora á direita, ora á esquerda, ou de costas, afim de que as inflexões das juntas não tenham constantemente logar no mesmo sentido. Cumpre, sobretudo, durante o dia, prevenir e corrigir as attitudes viciosas que ella possa contrahir. Deve-se acostumal-a logo a ter a cabeça alta, a dirigir os hombros e os cotovelos para traz, apresentando o peito para diante, e endireitando a parte superior do tronco. Vigiar-se-ha que, quando ella estiver em pé, todo o corpo repouse igualmente sobre ambos os pés, e que estes tenham uma direcção ou uma situação convenientes. Quando se sentar, as duas nadegas devem firmar-se igualmente sobre a cadeira. As cadeiras de que se fizer uso serão baixas, para que os pés da criança descancem no chão. Preferir-se-hão as que tem espaldar, pelo menos quando fôr necessario prolongar-se esta attitude por algum tempo. Empregar-se-hão cadeiras de braços para as crianças fracas ou convalescentes.

As crianças devem ser vigiadas nas suas occupações, e até nos seus jogos, afim de evitar que certas inflexões se lhes tornem habituaes. Convem que o corpo se desvie o menos possivel da linha perpendicular nas differentes posições exigidas pela escripta, desenho, execução de diversos instrumentos, costura e outros trabalhos de agulha. As mesas serão de uma altura proporcionada á das cadeiras, e á da estatura das crianças, e os pequenos objectos bastante approximados dos olhos, para que possam facilmente distinguil-os sem se inclinarem muito para diante. Esta precaução será ainda mais necessaria se a criança tiver a vista curta ou o costume de olhar de perto. Demais, não se devem permittir os trabalhos d'este genero senão com frequentes intervallos de repouso ou de exercicio activo.

Um dos meios mais seguros de prevenir os effeitos de uma posição má, consiste em variar o mais possivel os movimentos da criança, e não lhe impôr a dupla violencia de uma posição incommoda, e de longa immobilidade. Todos sabem, por experiencia propria, que, depois de alguem estar muito tempo em pé ou sentado, sente allivio andando, e a criança, cançada de estar em uma posição uniforme, inclina o corpo de

lado para conservar a apparencia da altitude direita que se exige d'ella. O exercicio contribue poderosamente para prevenir as deformações, dando maior resistencia aos ossos e mais energia aos musculos. O regimen de muitos collegios precisa de ser modificado a este respeito. A introducção dos exercicios gymnasticos n'estes estabelecimentos prova já um progresso; mas esta creação não dará todos os fructos, se não se tiver o cuidado de fazer succeder frequentemente o movimento á inacção, se as horas de estudo não forem menos prolongadas, se uma vigilancia activa não fôr exercida a todos os instantes sobre a postura habitual dos alumnos.

Deve fazer-se uma escolha entre os diversos exercicios. Os mais convenientes são os que dão logar a movimentos variados, taes como o salto, a dansa, a carreira, a esgrima, a luta, a equitação, o nadar, os jogos do volante, a acção de trepar e suspender-se pelos membros superiores, etc. Os exercicios que põem as partes em uma posição forçada, ou que são acompanhados de uma inclinação permanente de um só lado, poderiam ter graves inconvenientes; taes são os esforços que se fazem para levantar maiores ou menores pesos, os que empregam as meninas para carregar nos braços, e quasi sempre de um só lado, suas irmãs mais moças, etc.

A largura dos vestidos na idade juvenil é uma condição essencial para a regularidade das fórmas. Um vestido mui apertado, além do incommodo que occasiona no exercicio de muitas funcções, póde, com o tempo, deslocar certos ossos, inclinal-os viciosamente, oppôr-se ao seu desenvolvimento e tornar-se origem de outras desordens, fazendo contrahir á criança posturas viciosas, para subtrahir-se a uma pressão incommoda.

Apresenta-se aqui uma questão, e vem a ser : se é necessario buscar em certas peças do vestuario um sustentaculo que contribua para endireitar o corpo? Não ha inconveniente em proceder assim relativamente aos membros. Os calçados levados até á perna, taes como as botinas, são geralmente empregados para este fim; dão com effeito, firmeza ás articulações dos ossos do pé e da perna, e servem para prevenir a inclinação d'estes ossos para o lado. Mas a questão é mais complexa no tronco. A mobilidade do peito, a molleza dos orgãos, a sua sensibilidade, tornam qualquer constricção penosa e até perigosa n'esta região. Assim, está hoje abandonada a especie de couraça, na qual foi por muito tempo encerrado o tronco das meninas, apezar da grande opposição de muitos medicos. O collete, que lhe foi substituido, é um vestido ligeiro destinado a soster os seios e o ventre; mas é inutil, e até póde ser perigoso, quando é empregado antes que estas partes tenham chegado a todo o seu desenvolvimento. Em todos os casos, o collete deve ser pouco apertado, as barbatanas postas adiante e atraz terão só a resistencia sufficiente para sostêl-o em posição; deve-se tornal-o mais supportavel guarnecendo-o de substancias elasticas que se accommodem ás variações contínuas dos orgãos; emfim, é necessario que elle se molde exactamente á fórma do tronco, afim de comprimir todos os pontos de maneira igual.

Da orthopedia curativa. Recorre-se á arte muito mais frequentemente para remediar deformidades existentes do que para prevenir as desordens d'este genero antes que se manifestem. Muitos vicios de conformação reconhecem, com effeito, por causa a negligencia das precauções necessarias no desenvolvimento regular das fórmas. Mas existe, além d'isto, certo numero de deformidades de nasença que podem ser corrigidas pela arte, comquanto não seja ella bastante para prevenil-as. O dominio da orthopedia, considerado como um ramo da arte de curar, encerra ainda as diversas deformações que succedem após diversas molestias, e principalmente depois do rachitismo. Em quanto estas affecções são dolorosas, o paciente deve limitar-se a dar aos orgãos uma situação conveniente sem exercer esforço algum. Mas quando toda a irritação tem cessado, combate-se vantajosamente a deformidade pelos meios orthopedicos. O repouso, os apparelhos, os exercicios musculares, eis os principaes meios que a orthopedia emprega alternativamente para restabelecer a falta de harmonia nas fórmas exteriores.

OSSOS. Orgãos que compõem o esqueleto. Distinguem-se tres especies de ossos : os ossos compridos citaremos o humero, o femur e o tibia. Esses ossos compõem-se de tres partes, as duas extremidades que se chamam epiphyses e a parte mediana que é muito mais comprida a que deram o nome de diaphyse. Quando se serra um osso comprido pelo meio, distinguem-se diversas camadas bem distinctas. A camada mais exterior é uma membrana fina e molle que envolve todo o osso em forma de regalo e que se chama periostio (*veja-se* PERIOSTIO). Em baixo d'esta camada existe uma outra, muito espessa, mui dura que constitue a verdadeira parte solida do osso. Emfim, no centro, essa camada dura torna-se porosa, depois dá logar a uma terceira camada, molle de consistencia de polpa, de côr cinzenta avermelhada ou amarellada que se chama medulla, que é composta de cellulas especiaes, de grande quantidade de gordura, de muitos vasos sanguineos e de muitos nervos.

A segunda camada, ou camada ossea, propriamente dita, examinada no microscopio acha-se constituida pela reunião e ajuntamento de muitas pequenas columnas laminosas no centro das quaes existem canaes que se communicam entre elles. No ponto de vista chimico, esta substancia solida é composta de materiaes animaes e de diversos saes, carbonatos e phosphatos de cal e de soda; nas duas pontas do osso, isto é, sobre os epiphyses existe uma cartilagem que serve para facilitar os movimentos das articulações. O proprio osso apresenta diversas saliencias ou tuberosidades nos quaes se introduzem os musculos. Os ossos chatos e os curtos tem estructura analoga, só differem na fórma.

No feto, os ossos estão representados por cartilagens em que existem pequenos pontos de substancia ossea que crescem pouco a pouco e invadem a cartilagem toda.

Esta ossificação mui precoce para certos ossos é mui tardiva para outros. Ella só se termina aos trinta annos de idade. Durante a mocidade, o crescimento dos ossos não se faz em todo seu comprimento. Só cres-

cem ao redor de suas extremidades ao nivel de uma cartilagem que separa a diaphyse da epiphyse.

O corpo humano, na idade adulta, contém 212 ossos, sem contar 32 dentes. Seus nomes acham-se no artigo ESQUELETO.

MOLESTIAS DOS OSSOS.

Amollecimento dos ossos. O amollecimento dos ossos nas crianças chama-se *rachitismo*, e na idade adulta *osteomalacia*. *Veja-se* RACHITISMO e OSTEOMALACIA.

Cancro dos ossos ou OSTEOSARCOMA. O cancro dos ossos não se mostra com frequencia igual em todos os ossos do esqueleto. Eis-aqui a ordem decrescente : queixo superior, femur, tibia, queixo inferior, osso iliaco, cabeça do humero, vertebras, ossos do pé. É formado do tecido scirrhoso, encephaloide, colloide, raras vezes do tecido melanico. (*Veja-se* CANCRO EM GERAL, vol. I, para a explicação d'estes differentes termos). Principia no periostio, membrana que cobre os ossos, ou nas partes profundas do osso. No primeiro caso determina a formação de um tecido osseo, e uma hypertrophia da substancia compacta sub-jacente; no segundo caso, produz um adelgaçamento, uma destruição dos tecidos vizinhos.

Symptomas. O cancro dos ossos principia de uma maneira obscura. Os enfermos sentem dôres surdas que tomam por dôres rheumatismaes ou nevralgicas; mais tarde o osso affectado apresenta um augmento de volume; forma-se um tumor. Este tem caracteres variaveis : ora é pouco volumoso, duro, confundido com o osso; a pelle que o cobre conserva o aspecto normal ou apresenta só algumas veias flexuosas e dilatadas; ora é mui volumoso, e occupa toda a extensão em comprimento de um osso, do femur, por exemplo, e então a pelle que o cobre é estirada, lisa, luzente, adelgaçada, percorrida pelas veias numerosas ; ora é molle e dá uma sensação de falsa fluctuação; ou então é duro, e fornece á pressão dos dedos uma sensação de estalo devido ao abaixamento e á volta sobre si mesma da lamina ossea que o reveste.

Marcha e terminação. O cancro dos ossos faz progressos continuos. O tumor augmentado de volume comprime os orgãos vizinhos, d'onde resultam effeitos variados : inchação da parte affectada, dôres nevralgicas, dyspnea, difficuldade de engulir, etc., segundo que a compressão se faz sobre as veias, nervos, trachea, esophago, etc. Quando o cancro occupa o centro de um osso, o adelgaçamento das camadas superficiaes é levado ás vezes a um gráo tal que o osso fractura-se pelo mais leve esforço durante um movimento feito pelo doente. N'um periodo mais adiantado, sobrevem alteração da saude geral : a tez do rosto muda, as forças e a gordura desapparecem. Se o cancro occupar um osso profundo não se forma adherencia entre a pelle e o tumor; se se desenvolver pelo contrario n'um osso superficial, as adherencias produzem-se e são seguidas de ulceração analoga á que é propria a todos os cancros, de

dôres vivas, de suppuração e de todos os phenomenos da cachexia cancerosa (*Veja-se* vol. I, pag. 431).

Diagnostico. Não sendo caracterizado o cancro no seu começo senão pelas dôres, estas podem ser confundidas com dôres de rheumatismo ou com dôres osteocopas de natureza syphilitica. A marcha ulterior da molestia póde só esclarecer o diagnostico. Quando o tumor está formado, póde-se ainda hesitar e tomal-o por outros productos morbidos. Os *tumores cartilaginosos* dos ossos tem superficie dura, e as partes molles que as cercam conservam a sua integridade; a molestia tem marcha lenta e benigna; não é acompanhada de dôres e de emmagrecimento; tem o logar de predilecção nos ossos do pé e da mão. As *exostoses* tem marcha mui lenta; são duras, indolentes, não tendem á ulceração, e são ligadas as mais das vezes a uma infecção syphilitica anterior. Um tratamento anti-syphilitico explorador permittirá, em alguns casos, esclarecer a natureza da molestia.

Prognostico e tratamento. O cancro dos ossos é muito grave, tanto mais grave quanto se desenvolver sobre um ponto do esqueleto menos accessivel á applicação dos meios cirurgicos e mais vizinho de orgãos importantes.

A unica indicação que se apresenta consiste em praticar a extracção da parte affectada, pela amputação, desarticulação ou resecção (ossos queixaes), ou pela extirpação da totalidade do osso atacado (ossos da mão e do pé), segundo a séde do cancro. Se a situação do tumor não permittir a intervenção do instrumento, cumpre limitar-se ao tratamento palliativo (*veja-se* CANCRO EM GERAL, vol. I, pag. 426.

Carie. *Veja-se* vol. I, pag. 471.

Contusão dos ossos. *Veja-se* vol. I, pag. 688.

Dôres nos ossos, ou **osteocopas**. *Veja-se* SYPHILIS.

Enchondromo. *Veja-se* vol. I, pag. 957.

Exostose. *Veja-se* vol. I, pag. 1079.

Feridas dos ossos. *Veja-se* vol, I, pag. 1133.

Fracturas. *Veja-se* vol. I, pag. 1208.

Hypertrophia dos ossos. Augmento do volume de um osso, sem alteração na sua textura. Apparece ao redor das articulações affectadas de arthrite, depois das feridas por armas de fogo, depois das contusões, etc. Conhece-se a hypertrophia pela inchação uniforme de um osso e falta de dôres; ás vezes, porém, existem dôres nocturnas. Nada se faz contra as hypertrophias consecutivas ás lesões dos ossos; sáram por si mesmas : com o tempo o osso diminue de volume, As hypertrophias que se mostram nos individuos affectados de escrophulas ou de syphilis, exigem o tratamento anti-syphilitico e anti-escrophuloso interno; não ha tratamento local a fazer.

Inflammação dos ossos. *Veja-se* OSTEITE.

Necrose. *Veja-se* o artigo NECROSE.

Os ossos podem ser a séde de diversos tumores, que lhes são communs com as outras partes, são os *kystos*, os *tumores sanguineos*, os *tumores fibrosos* e os *tuberculos*.

OSTEITE. Inflammação do tecido osseo.

Causas. Esta molestia desenvolve-se sobretudo debaixo da influencia de causas locaes : contusões, feridas, fracturas, compressão prolongada, contacto de um corpo estranho, substancias causticas, etc. Citam-se casos em que uma ervilha introduzida n'uma ulcera artificial chamada *fonte*, inflammou o osso do braço ; uma bolinha de papel introduzida no ouvido determinou a inflammação do osso do ouvido. Entre as causas chamadas geraes, comprehendem-se as escrophulas, o escorbuto, a syphilis, o rheumatismo, a gota.

Symptomas. A osteite é caracterizada por dôres *fixas* e *continuas* na superficie ou na profundidade do osso. A região corespondente ao osso affectado inclia, quer por causa de uma verdadeira augmentação de volume do osso inflammado, quer pela tumefacção das partes molles vizinhas.

A osteite póde terminar de quatro modos : pela resolução, induração, suppuração (*carie*), ou por gangrena (*necrose*).

Quando termina *pela resolução*, as dôres desapparecem, e a tumefacção diminue gradualmente. Quando acaba *por induração*, diz-se que a molestia passa ao estado chronico ; o osso augmenta então de grossura e mesmo de comprimento.

A *carie* é caracterizada pelo amollecimento do osso, suppuração, friabilidade, côr denegrida ou avermelhada, e máu cheiro. *V.* Carie.

A *necrose* conhece-se pela mobilidade da porção morta (sequestro), suppuração das partes molles vizinhas, e sahida do sequestro. *Veja-se* Necrose.

Tratamento. Se a inflammação fôr intensa, appliquem-se dez bichas no logar dorido, e depois cataplasma de linhaça ou de fecula. Se a dôr e tumefacção não forem grandes, bastam as cataplasmas. Os banhos d'agua quente simples são igualmente uteis. Cumpre continuar durante muito tempo o emprego das cataplasmas e dos banhos. O repouso absoluto da parte affectada é indispensavel. Se, depois de cessar a inflammação, a tumefacção persistir, recorra-se á applicação dos emplastos de cicuta, sabão, ou de Vigo, que se acham em todas as pharmacias. Quando se suppõe que a osteite depende das escrophulas ou da syphilis, empreguem-se internamente os medicamentos indicados contra estas molestias. O tratamento da *carie* e da *necrose* está indicado nos artigos respectivos.

OSTEOCLASIA. Operação cirurgica que consiste em quebrar um osso que se consolida depois em posição differente d'aquelle que tinha primitivamente, quando uma perna fracturada ficou curada e que o membro apresenta depois uma attitude disforme e incommodativa para o andar ; quando os ossos amollecidos pelo rachitismo tomaram curvaturas anormaes ; quando, emfim, após uma ankilose o membro é mantido immovel em posição viciosa, deve-se quebrar o osso ou os dois ossos do membro para dar-lhes a forma natural e o mais possivel suas funcções. Obtem-se essa quebra por meio de apparelhos especiaes chamados osteoclastes. Trata-se o doente depois como por uma fractura simples.

OSTEOCOPO, Dôres osteocopas. São as dôres que tem a séde nos ossos : é um symptoma da syphilis constitucional.

OSTEOLOGIA. Nome dado á parte da anatomia que trata do estudo dos ossos.

OSTEOMALACIA. Amollecimento dos ossos na idade adulta. O rachitismo, molestia da infancia, e a osteomalacia no adulto, são as mesmas molestias modificadas pela idade. O rachitismo é um amollecimento dos ossos que impede o seu desenvolvimento, entretanto que a osteomalacia é o amollecimento dos ossos completamente formados. A osteomalacia é o desapparecimento do tecido osseo ; os ossos tornam-se mais graxos ; contém menos phosphato de cal ; incham nas extremidades, e curvam-se no sentido dos seus movimentos mais frequentes. Todos os ossos podem ser affectados de osteomalacia ; comtudo, é uma molestia mui rara.

Causas. As causas da osteomalacia não são bem conhecidas : attribue-se esta molestia á má hygiene, á alimentação privada dos saes calcareos, á moradia nos logares humidos e insalubres.

Symptomas. A osteomalacia annuncia-se por dôres em todos os ossos, pela fraqueza e impossibilidade de resistir á fadiga ; depois os ossos curvam-se, quebram-se ás vezes, as pernas torcem-se, o tronco encurta-se por causa do achatamento das vertebras, o thorax torna-se mais chato lateralmente, as omoplatas curvam-se para diante, o humero toma a fórma de um S. Altera-se a saude geral ; as ourinas são carregadas de phosphato de cal, que se conhece mediante o microscopio ; o phosphato de cal é caracterizado por um pó branco.

Tratamento. Logo que a molestia fôr conhecida, o doente deverá submetter-se a um regimen tonico, a uma alimentação com as farinhas, que são os alimentos que contêm maior porção de phosphato de cal. A vizinhança do mar ou a moradia no campo são indicadas. Administrar-se-hão os banhos frios, e os banhos addicionados de 250 grammas de phosphato de cal. O doente deve ficar na cama, o maior tempo possivel, e na posição horizontal. O vinho de genciana, de quassia, de quina convem tambem, assim como o oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções. Administrar-se-ha internamente o phosphato de cal, na dóse de 2 a 8 grammas por dia, n'um copo d'agua com assucar.

OSTEOSARCOMA ou Cancro do osso. *V.* vol. II, p. 549.

OSTEOTOMIA. Operação cirurgica que se pratica em casos analogos aos citados no artigo *osteoclasia* (veja-se esta palavra). Em logar, porém, de se quebrar o osso por meio de um apparelho, faz-se, uma incisão para se chegar até elle e secciona-se' o no logar marcado com um macete e um formão cortante. Esta operação deve ser feita com todas as precauções antisepticas. Immobiliza-se depois o doente em um apparelho, e applica-se um penso minuciosamente asseiado sobre a ferida suturada e drenada.

OSTRA. *Ostrea.* Marisco da familia dos Testaceos, de concha bivalve, desprovido de pés, contido n'uma capa guarnecida de duas ordens de franjas. A concha tem uma charneira sem dentes, e compõe-

se de folhas que se separam com facilidade; quando morre a ostra abre-se a concha. A bocca d'este animal corresponde ao ligamento que une as valvas; sua parte posterior, mais larga, corresponde á margem livre das valvas. Pegados ao corpos submarinhos, estes animaes não tem orgãos locomotores; adherem á concha por um unico musculo bastante resistente; são privados, pelo menos em apparencia, da vista, do ouvido e do olfacto. A bocca é grande, collocada perto da charneira: o estomago é um sacco collocado na espessura do figado, que é volumoso e de côr roxa; o intestino contornea-se muitas vezes no figado, e depois acaba no meio do dorso por um orificio fluctuante e em fórma de funil. Os orgãos reproductores são pouco conhecidos. Sabe-se sómente que as ostras são hermaphroditas em toda a extensão da palavra, e que se reproduzem por si mesmas e sem concurso de outro individuo. São de uma fecundidade extraordinaria. Rejeitam, no principio do verão, as ovas que se parecem com um pingo de sebo, e na quaes se distingue, mediante o microscopio, uma infinidade de pequenas ostras completamente formadas que se apegam aos rochedos, ás pedras, ou a qualquer corpo solido disperso no mar.

Estes molluscos vivem ordinariamente nas costas do mar, a pouca profundidade, e n'um mar cujas aguas são pouco correntes. Apegam-se não só aos rochedos, mas tambem umas ás outras: d'onde procedem estas massas mais ou menos consideraveis que se chamam *bancos de ostras*, e que durante muito tempo podem satisfazer um grande consumo. Apegada ao *banco*, onde nasceo, a ostra cresce e morre sem nunca mudar de logar. O mar traz-lhe o alimento que se compõe das ovas de peixes, e de destroços de todas as especies suspensos no mar. São necessarios 3 annos para que a ostra adquira o tamanho necessario para servir de alimento.

A ostra constitue um alimento leve, agradavel e salubre. A facilidade com que se digere é tal, com effeito, que ha pessoas que comem 4, 8 duzias d'ellas e mais, sem experimentarem incommodo algum.

As ostras acham-se nas costas da America e da Europa. Na Europa sua pesca é prohibida durante os mezes de maio, junho, julho e agosto, tempo durante o qual ellas desovam. Esta pesca faz-se por meio de um apparelho chamado *draga*, especie de pá de ferro recurvada, e guarnecida de um sacco de couro ou de uma rede que se amarra a uma embarcação. Esta, impellida pelo vento, arrasta a draga, que, como um ancinho, ajunta as ostras no meio das aguas. Arrancam-se assim 1,000 a 1,200 ostras de uma vez. Não são boas para comer senão depois de se deixarem por alguns dias n'um reservatorio d'agua salgada, de 3 a 4 pés de profundidade, chamado *parque*, communicando com o mar por meio de um canal por onde a agua póde entrar e sahir.

A agua das ostras é aperiente, pois contém sulfato de magnesia, sulfato de cal e uma porção bastante forte de osmazoma. As conchas, compostas, pela maior parte, de carbonato de cal, são utilizadas na agricultura para adubar as terras. As ostras não são sãs durante o verão, tempo em que desovam. Conhece-se que a ostra está sã, quando a agua

na qual se acha se conserva limpida, quando a sua carne é brilhante, quando as margens das valvas não estão escuras. Nas ostras doentes a concha está meio-aberta, o corpo do animal é molle, leitoso e cede á pressão do dedo. Não se devem abrir as ostras senão no momento de as comer. O vinho branco acidulo facilita a digestão das ostras. Separando a ostra da concha com uma faca ou com um garfo, deve-se ter o cuidado de não furar a concha com a ponta do instrumento, para evitar que a agua da ostra adquira cheiro fetido.

OTALGIA. Dôr de ouvido. *Veja-se* Ouvido.

OTITE, Debaixo d'este nome comprehendem-se todas as inflammações do interior do ouvido. Chama-se *otite externa,* quando a inflammação affecta só o conducto auditivo externo, e *interna*, se occupa as partes mais profundas do ouvido, isto é, a caixa do tympano e o labyrintho (*Veja-se* a fig. 705, na pag. 576 d'este volume, que representa as diversas partes de que se compõe o orgão do ouvido). Em relação á sua marcha, a otite divide-se em *aguda* e *chronica.*

Otite aguda. *Causas.* A inflammação aguda do ouvido é occasionada por contusões, pela presença dos corpos estranhos, pela acção do ar frio e humido : póde tambem sobrevir espontaneamente sem causa conhecida.

Symptomas. Differem conforme a inflammação fôr externa ou interna, e segundo a intensidade da molestia.

1.° *Otite externa.* Na sua fórma mais benigna, quando a inflammação não é acompanhada de tumefacção, os doentes sentem no conducto auditivo algum calor, e sobretudo uma comichão desagradavel. Logo sobrevem picadas com dôres de cabeça e zunidos; o conducto auditivo torna-se vermelho. Fórmam-se n'elle escamas delgadas; a cera do ouvido, mais consistente, torna-se ás vezes arroxeada e mesmo preta; sua secreção augmenta. É em consequencia d'esta leve inflammação, que se formam frequentemente no conducto auditivo especies de rolhas duras como sabão, que irritam a porção do conducto com que estão em contacto, produzem um corrimento puriforme, e ás vezes uma surdez completa. Na fórma mais intensa da otite existe um calor ardente no conducto auditivo; muitas vezes ha picadas; o conducto está mais ou menos estreitado; apparecem no seu orificio vesiculas de pequeno volume, ou vegetações carnosas, e um fluxo aguado ou purulento. Esta especie de otite foi chamada *catarrhal;* persiste ás vezes annos sem estender-se; acontece comtudo ás vezes que pela influencia do frio ou da humidade propaga-se á porção interna do ouvido.

Na terceira fórma de otite externa, a inflammação torna-se phlegmonosa, vem a ser que se propaga até ao tecido cellular. Os doentes sentem então dôres vivas, lancinantes, que lhes arrancam gritos; a mastigação, os movimentos, a impressão do calor ou do frio exasperam-n'as; a faculdade de ouvir d'este lado acha-se diminuida ou perdida; existem zunidos, em consequencia da inchação da membrana que obstrue ou oblitera o conducto. Ao mesmo tempo ha uma anxiedade geral, ás vezes febre intensa, com dôr de cabeça. Se a dôr de ouvido fôr muito viva

e o doente nervoso, póde sobrevir delirio. Todavia, de ordinario, no tereeiro ou quarto dia os symptomas diminuem de intensidade, e esta melhora eoineide quasi sempre eom o fluxo de um pus inodoro ou fetido, que se faz pelo eonducto auditivo, e que eessa geralmente no fim de alguns dias. Ás vezes, a suppuração eontinua, mas o eonducto auditivo fiea então de tal maneira estreitado, que o pus não póde eseoar-se; este liquido aecumula-se no eondueto, eomprime a membrana do tympano, e torna-se eausa de dôres muito vivas.

2.° *Inflammação aguda da membrana do tympano.* A membrana do tympano forma uma separação entre o eonducto auditivo externo e a orelha média. A sua inflammação oeeasiona dôres mais ou menos vivas no fundo do eondueto auditivo, que se estendem até á garganta e á parte superior do pescoço; são acompanhadas ordinariamente de zunidos e ruidos diversos. A membrana do tympano, posta a descoberto por meio de especulo de orelha, appareee rubra. A faculdade de ouvir diminue; existe febre, e a seereção do cerumen fiea suspensa. Se a molestia não fôr bem tratada, ou se fôr abandonada a si mesma, um fluxo puriforme, estriado de sangue, tem logar pela orelha. A surdez faz progressos, e tornando a examinar o estado da membrana, vê-se que ella apresenta muitas aberturas, que podem não ser mais largas do que aquellas que faria uma picada de alfinete; mas ás vezes tem o diametro de uma ervilha. Emfim, nos easos mais graves ainda, os dois terços do tympano estão destruidos. A molestia sendo tratada convenientemente, eessa a febre, acalmam-se as dôres, desapparecem os zunidos; mas a surdez augmenta em razão da espessura que adquire a membrana do tympano, por causa de uma infiltração serosa que se faz entre as eamadas membranosas que a eompõem.

3.° *Inflammação interna da orelha.* Debaixo do nome de *otite interna* comprehende-se a inflammação do teeido eellular e a do periostio da caixa. Aqui os symptomas são muito mais graves do que nos casos preeedentes. A dôr de ouvido é atroz, intoleravel; ha febre, nauseas, vomitos, dôr de eabeça mui forte, agitação, insomnia, ás vezes convulsões e delirio. Em geral a deglutição e a mastigação são difficeis e dolorosas.

A molestia termina rapidamente pela suppuração. Quando, o pus está aceumulado na eaixa do tympano, póde-se, applicando o ouvido sobre a orelha do doente, ouvir durante os violentos esforços de expiração, e quando o ar atravessa o liquido, uma especie de ruido crepitante, e ás vezes um verdadeiro fervor mueoso. O pus, depois de ficar preso durante mais ou menos tempo na orelha, aeaba por ser expulso; muitas vezes sahe subitamente ás golfadas, pelo condueto auditivo externo, depois de perforar a membrana do tympano; mais raras vezes sahe pelo conducto interno chamado *trompa de Eustachio*, que se abre na garganta: os doentes eospem então uma materia puriforme, que produz na bocea sabor e cheiro desagradaveis. A suppuração tem mais tendeneia a perforar o tympano e a passar pelo eondueto auditivo externo do que a sahir pela garganta.

Na inflammação externa, o corrimento purulento não se faz esperar mais de tres ou quatro dias, e ás vezes apparece algumas horas depois da invasão da dôr; na inflammação interna, pelo contrario, a dôr prolonga-se durante mais de uma semana sem que se faça o corrimento; depois, a membrana do tympano rasga-se de repente e deixa sahir materia abundante, que não foi precedida por fluxo seroso.

Duração, terminações. A otite aguda póde durar cinco ou seis dias; outras vezes prolonga-se durante um mez; passada esta epoca chama-se chronica. Quando a inflammação affecta só o conducto externo, os doentes sáram completamente; comtudo acontece ás vezes conservarem durante longo tempo alguma dureza de ouvido, que desapparece pouco a pouco. Mas, em consequencia da otite interna, é raro que os doentes não fiquem com o ouvido duro; e até mesmo tornam-se muitas vezes completamente surdos.

Tratamento. O tratamento da otite aguda externa é o mesmo que o da interna, salvo que o tratamento d'esta deve ser muito mais energico. A otite benigna exige só o emprego de algumas injecções emollientes, taes como a decocção tepida de semente de linho ou raiz de althea. Se se formou um tampão ceruminoso, cumpre extrahil-o com a pinça ou com um pequeno esgaravatador. Se não puder extrahir-se d'este modo, deve-se primeiro amollecer a massa seringando no conducto auditivo agua morna ou a mistura de azeite doce quente e ether sulfurico, em partes iguaes. Tirada a massa, a surdez cessa instantaneamente.

Se a inflammação fôr mais intensa, appliquem-se cataplasmas de linhaça ou de fecula na orelha e tomem-se repetidos pediluvios sinapizados. Se a dôr fôr viva, cumpre applicar 10 a 12 bichas atraz da orelha inflammada, e tomar um purgante, tal como oleo de ricino, magnesia calcinada, ou sulfato de soda. Se houver muita febre, faça-se uma sangria no braço. Se se formar um abcesso, cumpre abril-o, e convem favorecer a sahida do pus pela posição ou com injecções d'agua tepida. O doente usará de bebidas diluentes, taes como o cozimento de cevada ou limonada de limão, e observará dieta mais ou menos rigorosa.

Otite chronica. Só differe da aguda pela menor intensidade dos symptomas, e pela duração muito mais prolongada. Dá-se-lhe tambem o nome de *otorrhea*, que significa fluxo mucoso ou purulento pelo ouvido.

Causas. São as mesmas que as da inflammação aguda, á qual succede ás vezes. Póde ser occasionada pelo vicio escrophuloso, dartroso, syphilitico, e pela presença de um corpo estranho.

Symptomas. A otite chronica póde succeder ao estado agudo ou ser primitiva. Do mesmo modo uma inflammação aguda, póde ser *externa* ou *interna*, ser limitada ao conducto auditivo ou affectar tambem a membrana tympanica.

A otite chronica benigna é caracterizada sómente por comichão, pela alteração do cerumen, e pela formação de concreções no conducto auditivo. A faculdade de ouvir está mais ou menos alterada.

Se a otite aguda foi catarrhal ou phlegmonosa, vê-se, em consequencia da passagem da molestia ao estado chronico, o conducto auditivo

encher-se de vegetações fungosas, e a pelle torna-se mais grossa, desigual, o que produz uma surdez mais ou menos completa. Muitos d'estes doentes não experimentam dôr alguma; a molestia consiste sobretudo no fluxo de um pus amarello ou cinzento, abundante, com zunidos e dureza do ouvido. Se ao mesmo tempo a membrana do tympano estiver affectada, o especulo do ouvido mostra que ella está opaca, desigual, e ás vezes perforada. Quando esta alteração existe, o ar sahe com sibilo pelo conducto auditivo externo, logo que o doente assopra ou assoa-se; tendo a cautela de apertar previamente o nariz com os dedos para impedir o ar de sahir pelas ventas, e para obrigal-o a introduzir-se no ouvido pela abertura da trompa de Eustachio, que se acha no fundo da garganta.

Quando a orelha interna está affectada, a faculdade de ouvir acha-se quasi inteiramente perdida por causa das grandes desordens que existem; a suppuração é então mais abundande; é cinzenta, anegarda, fetida, misturada com fragmentos dos ossos da orelha interna, cariados ou affectados de necrose.

Diagnostico. O modo de distinguir a otite externa não apresenta difficuldade. Entretanto, commettem-se ás vezes erros. Com effeito, consideram-se muitas vezes como affectadas de surdez incuravel pessoas que, em consequencia de uma otite superficial, tem no fundo do conducto auditivo uma accumulção de materia ceruminosa, que tapa o ouvido, torna a faculdade de ouvir difficil ou a anniquila completamente. Para descobir este corpo estranho, e reconhecer o estado do conducto auditivo, bastar puxar a orelha para traz e para cima, e expôr o orificio do conducto aos raios solares. Mas é melhor ainda introduzir o especulo do ouvido, que permitte descobir facilmente a causa da surdez

Tratamento. Em primeiro logar tirem-se os corpos estranhos, se alguns houver no conducto auditivo.

Applique-se um caustico na nuca, e façam-se no conducto injecções com um dos liquidos seguintes:

1.° Decocção de raiz de althea	120	gram.		Agua fria	90 gram.
2.° Tannino	60	centigr.	5.°	Agua distillada de rosas.	30 —
Agua fria	120	gram.		Pedra divina	1 —
3.° Alumen	15	—	6.°	Azotato de prata crystallizado	20 centigr.
Agua fria	90	—		Agua distillada	30 gram.
4.° Creosote	1	—			

Entretenha-se o asseio, por meio de frequentes lavatorios com agua tepida. Faça-se uso dos banhos frios de rio ou do mar. Ao mesmo tempo faça-se uso internamente de medicamentos proprios para combater certos estados geraes, que podem só por si produzir ou entreter o fluxo purulento pelo canal auditivo; tal é em particular a constituição escrophulosa, á qual oppôr-se-hão os meio apropriados. Os medicamentos mais convenientes n'este caso são a infusão de raiz de chicoria, de genciana, as preparações de ferro, o oleo de figado de bacalhão, etc. *Veja-se* ESCROPHULAS. Se se suppuzer que o fluxo do ouvido depende

do vicio syphilitico, que existe na economia, recorra-se ao tratamento mercurial interno (*Veja-se* SYPHILIS).

OTORRHEA. Fluxo mucoso ou purulento pelo ouvido. *Veja-se* OTITE CHRONICA.

OTOSCOPIO. Apparelho que serve para allumiar o interior do conducto auditivo externo, e com o qual se pode examinar directamente a membrana do tympano que fecha esse canal e a separa da cavidade do ouvido mediano. Em principio compõe-se elle de um pequeno funil metallico cuja parede interna é muito polida e cuja borda mais larga se abre de maneira a deixar penetrar facilmente a claridade. A ponta mais estreita, cylindrica é introduzida com cuidado no ouvido até perto da membrana do tympano. Quando se deseja augmentar a claridade serve-se com o otoscopio de um espelho reflector.

OUGUELLA. Portugal; Alemtejo; comarca de Elvas. Agua gazosa fria. É crystallina, sem cheiro; de sabor azedo, aspero e custoso de supportar, que perde conservando-se em vasos abertos, e faz-se potavel. Não obstante quasi ninguem a bebe; não cose bem os legumes nem a carne, ficando esta e aquelles duros e incapazes de se comer. Além do gaz acido carbonico com excesso e livre, contém silica, chlorureto de sodio, sulfato de soda, nitrato de soda e cal, carbonato de soda e de magnesia, total 0^{g},7849 de residuo solido por litro, segundo o exame feito na escola polytechnica de Lisboa

OURINA. A ourina é um liquido separado do sangue arterial pelos rins, e conduzido pelos canaes chamados *uretéres* á bexiga, d'onde desce pelo canal da urethra.

A ourina no homem de boa saude varía segundo o momento em que é expulsa. A ourina expellida immediatemente depois da comida (*ourina das bebidas*), e que é clara, aquea, differe da ourina expulsa algumas horas depois (*ourina de digestão*), que está mais animalizada; e differe ainda mais da que se deita pela manhã, e que é o producto da elaboração por assim dizer completa, que os rins fizeram experimentar ao sangue (*ourina de sangue*). Em geral, a ourina é transparente, variando segundo as condições que dexei indicadas, do amarello claro ao amarello alaranjado, de cheiro particular, de sabor acre, salgado; quando recente avermelha o papel de turnesol; abandonada a si mesma, deixa depositar um sedimento amarellado, ou côr de tijolo, composto de acido urico, e ás vezes phosphorico; então a ourina tornou-se alcalina. Em seguida, decompõe-se e dá origem ao ammoniaco; ao mesmo tempo forma-se um deposito de urato de ammoniaco, de phosphato de cal, de phosphato de ammoniaco e de magnesia. A sua densidade média é de 1,017. Comtém ordinariamente em suspensão globulos de muco e cellulas de epithelio (epiderme da membrana mucosa da bexiga), faceis de separar pela filtração. É uma solução aquosa de materias organicas e inorganicas, que são: *urea*, *acido urico*, *acido hippurico*, *materias colorantes e extractivas*, *potassa*, *soda*, *cal*, *magnesia*, sob a fórma de *sulfatos*, *phosphatos*, *chloruretos*, etc.

A quantidade media de ourina vertida em 24 horas, por um *homem* de boa saude, é de..... 1 litro 25 centil.
A quantidade media de ourina vertida em 24 horas, por uma *mulher* de boa saude, é de..... 1 litro 35 centil.

Eis aqui, segundo Becquerel e Rodier, a composição da ourina normal:

Agua		971.934
Urea		12.102
Acido urico		0.398
Chlorureto de cal		6.919
Phosphatos de soda		
Sulfatos de potassa		
Materias organicas.	Acido lactico	8.647
	Lactato d'ammoniaco	
	Materias colorantes	
	Materias extractivas	
	Chlorhydrato d'ammoniaco	
	Acido hippurico	
		1.000.000

A ebullição não coagula a ourina normal. Os alcalis causticos turvam-n'a ou determinam um precipitado de phosphato terroso. O chlorureto de bario dá um precipitado de sulfato e de phosphato de baryta. O azotato de prata precipita chlorureto, phosphato e mesmo sulfato de prata. O acetato de chumbo precipita sulfato, phosphato e chlorureto de chumbo. O oxalato de ammoniaco dá um precipitado d'oxalato de cal. O alcool faz perder a transparencia que volta pela addição de q. s. d'agua.

As proporções relativas dos diversos compostos podem variar de maneira bastante grande. Eis-aqui algumas indicações sobre os principaes.

a. *Urea.* Substancia sem cheiro nem côr, de sabor fresco analogo ao sabor de nitro soluvel em agua quente. É um alcaloide susceptivel de formar saes. Um pouco de ourina concentrada lentamente n'um vidro de relogio de algibeira, e addicionada de algumas gottas de acido azotico, dá promptamente um deposito crystallino de azotato de urea, ao microscopio, se apresenta debaixo da fórma de chapas hectagonaes reunidas ou sobrepostas. Para separar a urea, póde-se actuar sobre maior quantidade de ourina; concentra-se até á consistencia de xarope, ajunta-se volume igual de acido azotico concentrado; a mistura reduz-se quasi á massa; faz-se seccar sobre papel passento, dissolve-se o sal n'um pouco d'agua morna, e ajunta-se á solução um excesso de carbonato de baryta. O azotato de baryta crystalliza primeiro: a urea, que ficou no deposito, é evaporada até á seccura, e tira-se pelo alcool, que a deixa cristallizar sob a fórma indicada na fig. 697.

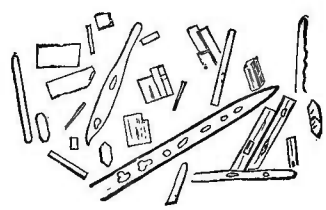


Fig. 697. — Urea.

b. *Acido urico.* Puro, é pulverulento, branco, sem cheiro nem sabor mui pouco soluvel na agua, insoluvel no alcool e no ether. Existe só em

pequena quantidade na ourina normal. Póde-se conhecer a sua presença da maneira seguinte: concentra-se a ourina até á metade do seu volume, ajunta-se pequena quantidade de acido chlorhydrico, e deixa-se repousar n'um logar frio. Passadas algumas horas acha-se o vaso revestido de pequenos crystaes de acido urico impuro. Dissolvem-se os crystaes n'um pouco de solução de potassa morna, e a solução filtrada é precipitada por algumas gottas de acido chlorhydrico. O acido urico crystalliza debaixo de fórmas variadas (fig. 698). Dissolve-se facilmente e com effer-

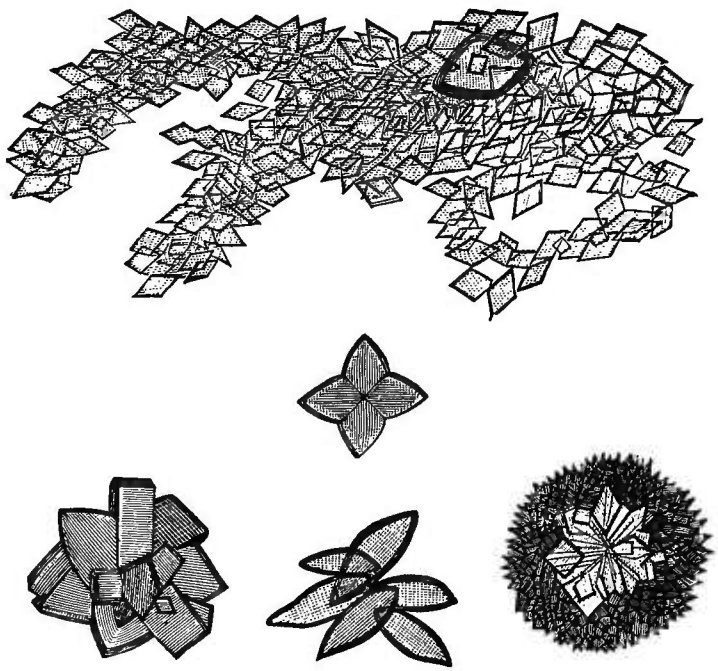


Fig. 698. — Fórmas diversas de acido urico.

vescencia no acido azotico; evaporando até á seccura esta dissolução, e humedecendo o residuo com ammoniaco, obtem-se uma bella côr vermelha carmesim, que passa ao roxo pela potassa caustica. Esta reacção é caracteristica.

c. *Acido hippurico.* Crystalliza em prismas rhomboidaes ou em agulhas soluveis na agua e no alcool.

d. *Materias colorantes e extractivas.* Fazendo ferver ourina com 1/4 do seu volume de acido chlorhydrico, produz-se uma coloração purpurea, devida á transformação de uma materia colorante rosea. É esta materia que dá côr de rosa aos depositos de uratos alcalinos. A quantidade de materia colorante augmenta nas febres agudas; diminue na chlorose, nas affecções nervosas, e durante a convalescença das molestias graves.

e. Os saes mineraes da ourina : *chloruretos, sulfatos, phosphatos,* reconhecem-se pelos reagentes ordinarios.

Caracteres physicos da ourina. Os mais importantes para o

diagnostico são : a côr, o cheiro, a transparencia e o peso especifico.

A. A *ourina pallida* observa-se nas febres agudas, nas convalescenças, no diabetes, na chlorose, e na anemia. Observa-se tambem nos individuos sãos, depois da ingestão de grande quantidade d'agua ou de cerveja. A ourina é pallida, porém *turva*, na nephrite albuminosa chronica.

As ourinas escuras, *rubras* ou *avermelhadas*, indicam que são ricas em materias solidas, em urea, etc. Apresentam-se sempre nas febres hecticas, algumas vezes nas pessoas sãs depois de um prolongado repouso. Em certos casos devem a côr á sua mistura com o sangue na hematuria.

As ourinas *cinzentas* ou *negras* demonstram a presença de um pigmento anormal, de sangue, ou de excesso de materia colorante de ourina mesma. Ás vezes esta côr é accidental e occasionada pela acção de alguns medicamentos, rhuibardo, sene, amoras, framboezas, etc.

B. *O cheiro* forte ammoniacal da ourina observa-se na febre typhoide. Diversas substancias communicam á ourina no estado de saude, cheiros particulares : assim a essencia de terebinthina dá-lhe o cheiro de violeta, o espargo cheiro fetido, a copahiba cheiro resinoso pronunciado.

C. A ourina normal é ordinariamente transparente, mas depois de um prolongado repouso turva-se deposita um sedimento de composição variavel. As ourinas *turvas* observam-se no estado febril agudo, e no periodo de calor das febres intermittentes. Acontece muitas vezes no estado de saude que as ourinas tornam-se turvas jumentosas, isto é, semelhantes ás dos grandes quadrupedes. Este estado depende da presença de mucosidades, de urato de ammoniaco em pó, ou de acido urico crystallizado. Uma indigestão, ou simples abaixamento de temperatura podem produzir este effeito. Em consequencia de um juntar copioso, de um leve excesso de bebidas alcoolicas, a ourina turva-se e deixa depôr uma quantidade mais ou menos consideravel de acido urico e de urato de ammoniaco. Observa-se outro tanto em algumas pessoas depois de uma grande caminhada, ou depois de uma transpiração abundante. Esta modificação de ourinas, quando não é acompanhada de outros symptomas, não annuncia molestia alguma ; desapparece com a mudança de regimen ou de temperatura.

D. O *peso especifico* ou *densidade* da ourina n'um homem de boa saude é, termo medio, 1,020, e na mulher sã, 1,016. Em geral o peso especifico da ourina augmenta nas molestias inflammatorias agudas, e diminue nas chronicas.

Caracteres chimicos da ourina. A ourina apresenta reacção *acida*, torna em vermelho a côr azul de turnesol durante a maior parte do dia : mas, em 24 horas, passa successivamente pelas reacções neutra e alcalina. Geralmente, depois de um banho simples, tomado em estado de saude, a ourina acida torna-se neutra alcalina. Depois de um banho alcalino (com bicarbonato de soda) torna-se as mais das vezes acida ; depois de um banho acido torna-se alcalina.

Determinação dos elementos anormaes da ourina.

I. *Determinação da albumina.* Muitas vezes a albumina encontra-se na ourina sem que esta esteja modificada na côr e transparencia: porém, em geral, as ourinas de côr clara e algum tanto turvas contém aquelle principio. Para demostrar a sua presença, recorre-se aos ensaios seguintes:

1.' Introduz-se n'um tubo um pouco de ourina suspeita e aquece-se até á ebulição; se ha albumina, esta apparecerá em frocos no meio do liquido ou se depositará no fundo. Mas toda a ourina que se turva pelo calor não é necessariamente albuminosa. Pode ser o phosphato de magnesia que se precipita, mas um pouco de acido azotico dissolve este precipitado, entretanto que o precipitado persiste quando é formado pela albumina.

2.' O acido azotico precipita a albumina contida na ourina; importa deitar o acido gotta a gotta, porque quando não ha bastante não se obtem resultado algum, e quando ha de mais o precipitado torna a dissolver-se.

A ourina que se turva pelo calor e que precipita pelo acido azotico, contém albumina sem duvida alguma. — É sempre util operar ao mesmo tempo por comparação sobre a ourina que se sabe proceder de uma pessoa sã.

II. *Determinação do assacar.* A ourina diabetica é geralmente pallida, de sabor doce, de um peso especifico elevado, 1,025 — 1,030 — 1,040 — 1,060; espuma pela agitação. Eis aqui os ensaios para reconhecer o assucar.

1.° A ourina addicionada de um volume igual da dissolução de potassa caustica, e levada á ebullição, toma uma côr escura, quasi preta.

2.° Humedecem-se pedaços de fazenda de lã, não contendo linho nem algodão, com uma solução de bichlorureto de estanho, e deixam-se seccar. Molhados depois estes tecidos com ourina diabetica, e aquecidos até cerca de 160 gráos, tomam côr fusca escura. Esta reacção é caracteristica.

III. *Determinação do sangue.* Quando a hematuria é abundante, o sangue deposita ordinariamente no fundo do vaso. Mas quando a quantidade de sangue é relativamente pequena, além de que n'este caso a ourina é pouco corada no momento da emissão, o deposito não se faz com bastante promptidão, nem se póde facilmente distinguir. Póde-se então deitar uma porção de ourina suspeita n'um tubo de 15 centimetros de comprimento, e vêr-se-ha que os globulos sanguineos formarão pelo repouso um deposito avermelhado. Se este meio não fôr sufficiente, submette-se a ourina ao exame microscopico, que, no caso de hematuria, permitte descobrir alguns globulos sanguineos, e ás vezes tambem outras materias organicas, que podem esclarecer sobre a causa da hemorrhagia. Com effeito, o sangue examinado ao microscopio, no momento de sahir dos vasos sanguineos, é formado de um liquido incolor e de globulos rubros e brancos. V a fig. 699.

IV *Determinação da bilis.* A bilis apresenta-se na icteria e em algumas molestias do figado. — A ourina biliosa é de côr fusca-amarellada, de

sabor amargo persistente; espuma pela agitação. — A ourina biliosa, estendida em camada delgada sobre um prato branco, sobre o qual se deixam cahir algumas gottas de acido azotico concentrado, desenvolve ao ponto de contacto zonas de côr verde, rosea, violeta e amarella. Póde-se ainda fazer a experiencia deitando n'um provete sobre acido sulfurico

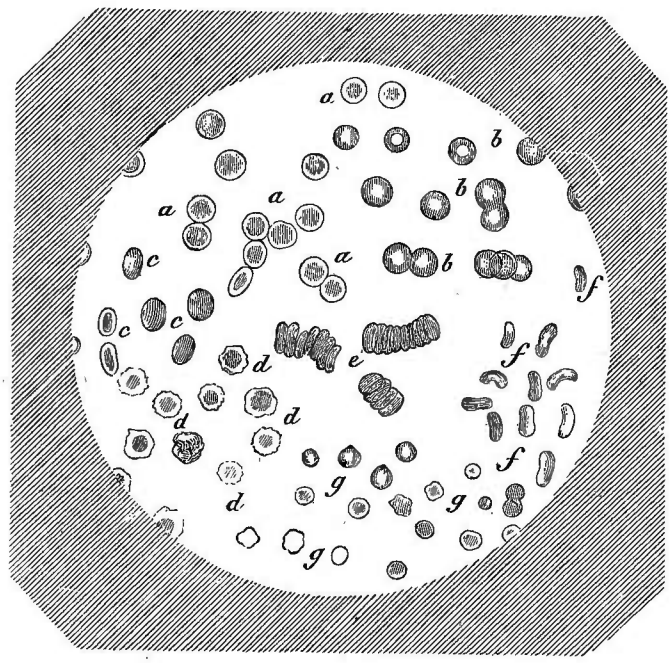


Fig. 699. — Differentes fórmas dos globulos rubros do sangue examinados ao microcospio (*).

concentrado uma mistura de ourina e de acido sulfurico diluido: o phenomeno produz-se na juncção dos liquidos.

Ás vezes a ourina contém globulos gordurosos, que o microscopio faz reconhecer no sedimento; ás vezes a ourina é opaca, coagula-se pelo esfriamento e contém, com albumina, grande quantidade de materia granulosa e vermes filiformes: é o que constitue a *chyluria*. Emfim, durante a gravidez, a ourina das mulheres toma caracteres particulares: passados dois ou tres dias, separa-se della uma materia gordurosa, que acaba por cahir no fundo do vaso; esta escuma contém gordura, phosphato de ammoniaco e de magnesia, e uma materia granulosa de caracter albuminoso.

Sedimentos urinarios. Os corpos que os constituem são: o *acido urico*; os uratos *de cal*, *de magnesia*, *de potassa*, *de soda* ou *de ammoniaco*; o *oxalato de cal*; o *phosphato de cal*; o *phosphato de ammoniaco e de magnesia*, *a cystina*; *diversas materias organizadas*, *muco*, *sangue*, *pus*, etc.

(*) *a*, Globulos de centro escuro; *b*, globulos de centro claro (estes dois effeitos são alternativos, afastando ou approximando o objecto); *c*, globulos vistos aos tres quartos; *d*, globulos franjados; *e*, globulos reunidos; *g*, globulos de sangue espherícos observados na ourina.

1.° *Acido urico.* Todo o sedimento, visivelmente crystallino rubro ou amarello, é acido urico. Já indiquei os seus caracteres. A ourina é geralmente de côr carregada, de reacção acida. O acido urico distingue-se dos uratos pela sua pouca solubilidade na agua.

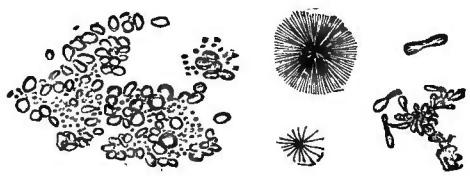


Fig. 700. — Urato de soda.

2.° *Uratos.* Todo o sedimento que torna a dissolver-se pelo calor é um urato. Ourina ordinariamente acida. Ao microscopio, os uratos muitas vezes não tem figura, ás vezes apresentam-se sob a forma de pequenos globulos eriçados de pontas, sobretudo o urato de soda (fig. 700).

O urato de ammoniaco apresenta-se primeiro sob a fórma de um precipitado amorpho, mas á medida que se torna secco, tende a tomar uma fórma crystallina mui distincta; os crystaes em longas agulhas parecem emergir de um centro commum, como raios, ou grupam-se em fórma de leque, como o mostra a fig. 701.

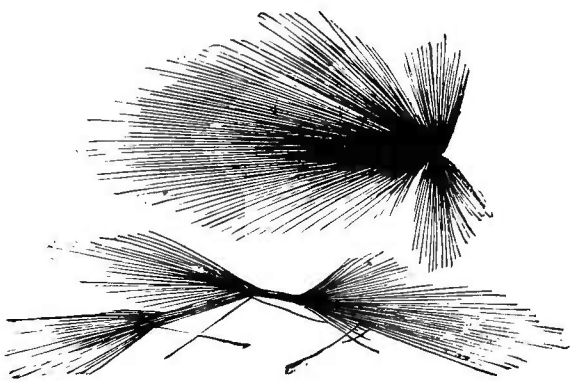


Fig. 701. — Urato acido de ammoniaco.

3.° *Oxalato de cal.* Encontra-se nas ourinas neutras, acidas ou alcalinas. Raras vezes formam precipitados distinctos; ordinariamente é acompanhado de uratos. A sua fórma crystallina especial o faz facilmente reconhecer ao microscopio : crystaes octaedrios, marcados com uma cruz formada por duas diagonaes, simulando o feitio de um sobrescrito de carta. A fig. 702 apresenta crystaes de oxalato de cal.

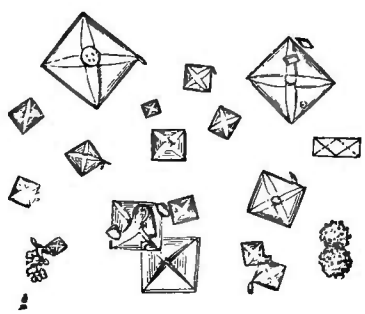


Fig. 702. — Oxalato de cal.

4.° *Phosphato de cal.* Os sedimentos amorphos que desapparecem pela addição de acido chlorhydrico são ordinariamente constituidos por phosphatos terrosos.

5.° *Phosphato de ammoniaco e de magnesia.* Precipita-se da ourina todas as vezes que ella adquire uma reacção alcalina pelo effeito da sua decomposição. É facil de reconhecer ao microscopio. São crystaes prismaticos mui distinctos, de diversas fórmas.

6.° *Cystina.* Substancia branca, insoluvel na agua e no alcool, soluvel no ammoniaco. Encontra-se raras vezes nos sedimentos : ao microscopio apparece sob a fórma de chapas vagamente hexagonaes.

7.° *Materias organizadas*. Os globulos de muco reconhecem-se pela fórma arredonda. Os globulos de pus, augmentados pela acção da acido acetico, são redondos, e parecem conter una materia granulosa. Os sedimentos, que os contém, transformam-se em gelea pela acção de potassa caustica ou do ammoniaco. Emfim, encontram-se, nos sedimentos das

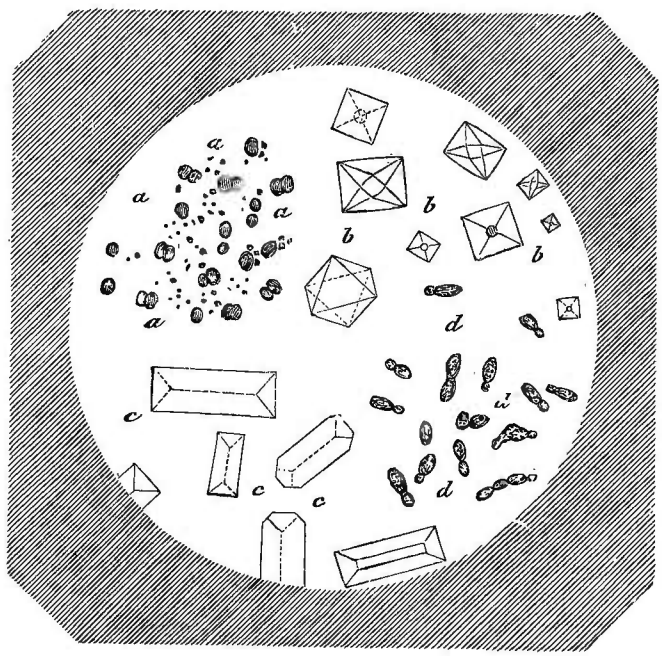


Fig. 703. — Sedimentos da ourina (*).

ourinas, que procedem dos doentes acommettidos de affecções dos rins cellulas de epithelio, tubos uriniferos, etc.

Exame clinico das ourinas. A ourina é o principal emonctorio por onde o organismo expelle de si os principios impropios á sua nutrição que resultam dos actos chimicos de dissimulação que se passam na intimidade dos tecidos. Concebe-se portanto facilmente que as modificações d'este liquido forneçam preciosas indicações quanto a integridade dos actos physiologicos. Desde os primeiros tempos da medicina os caracteres clinicos da ourina foram par parte dos medicos praticos objeto de interessantes observações mais ou menos empiricas. Hoje o exame clinico das ourinas é uma verdadeira sciencia especial pela multiplicidade e pela variedade das pesquizas em que elle deve assentar para ser completo. Vamos pois tentar uma exposição methodica e succinta da questão.

Não precisamos lembrar quaes os caracteres da ourina normal que se acham expostos acima.

(*) *a*, uratos; *b*, oxalato de cal; *c*, phosphato de ammoniaco e de magnesia; *d*, fermento da ourina diabetica.

Em presença da ourina de um doente é necessario examinar primeiro os seus caracteres physicos e depois os seus caracteres chimicos e finalmente os seus caracteres physiologicos. Além d'isto se a ourina deixa um deposito ou sedimento, este sedimento deve a seu turno ser examinado não só quanto aos seus caracteres physicos como quanto á sua composição chimica. Dividiremos pois este trabalho em duas partes: 1.° Exame da ourina. 2.° Exame dos sedimentos ourinarios.

1.° Exame clinico da ourina.

Os caracteres physicos da ourina normal, côr, transparencia, densidade, cheiro, pódem achar-se mais ou menos modificados e fornecem logo um certo numero de indicações que se não devem desprezar.

A ourina normal é transparente no acto da emissão, em geral, porém ao cabo de certo tempo a ourina conservada em um vaso acaba por tornar-se turva e isso tanto mais facilmente quanto mais rica em materias em solução. Quando porém a ourina é turva no momento de emissão isso indica a presença de phosphatos ou carbonatos terrosos, a do pus ou do sangue e neste ultimo caso o exame microscopio mostrará a presença na ourina dos elementos do sangue ou do pus, globulos rubros, globulos de pus.

A côr da ourina variavel no estado physiologico não é menos variavel no estado pathologico, e apresenta todas as tintas desde a mais desmaida até o amarello escuro, a côr de chocolate e o preto esverdeado. A ourina é pallida (*ourinas nervosas*) nas affecções do apparelho cerebro espinhal e na polyuría insipida. A ourina carregada é indicio de uma diminuição da eliminação da agua pelos rins ou de uma desnutrição rapida; muitas vezes a côr escura é devida tambem á presença de um pigmento estranho, materias colorantes da bile, do sangue, indigotina. É necessario saber que certos medicamentos como o ruibarbo, o sene, o assafrão communicam á ourina uma côr particular.

O cheiro da ourina é as vezes caracteristico, assim em certas febres graves a ourina tem o cheiro do rato, e é fetida nas affecções cancerosas dos orgãos genitaes. Depois da ingestão dos aspargos a ourina tem um cheiro fetido nauseabundo.

A densidade da ourina varia na media entre 1,016 e 1,020. No estado physiologico a diminuição da densida da ourina indica apenas a ingestão de uma certa quantidade de liquido. No estado pathologico este dado isoladamente não conduz a nenhuma deducção clinica mas combinado com os outros elementos póde ser util para o diagnostico.

A *composição chimica da ourina* varia no estado pathologico não só quanto a natureza dos elementos mas ainda quanto a sua proporção.

Muitas são as substancias que se podem encontrar anormalmente na ourina.

A *albumina* encontra-se muitas vezes na ourina dos doentes, a sua presença é facilmente revelada pelo acido azotico e pelo calor que a fazem coagular. É preciso porém não esquecer certas precauções. Não

basta aquecer uma ourina ou deitar-lhe um pouco de acido azotico para reconhecer a presença da albumina; seria um erro concluir de que estas duas provas deram um resultado negativo que a ourina não contém albumina. A albumina escapa á acção destes reactivos se a ourina é alcalina. Deve-se pois começar por indagar se a ourina é acida ou alcalina por meio de papel de turnesol. Se a ourina não é acida ajuntam-se-lhe algumas gottas de acido acetico e havendo precipitado, o que é devido á mucina, filtra-se, antes de aquecel-a.

Quando a ourina apresenta uma fraca densidade e é pobre em elementos inorganicos é util addicional-a de uma certa quantidade de um sal mineral (sulfato de soda, chlorureto de sodio), o que facilita a coagulação da albumina.

Formado o coagulo deitam-se algumas gottas de acido acetico e se este reactivo o faz desapparecer é que se tratava de phosphatos e carbonatos terrosos que precipitam porque o calor expelle o acido carbonico que os mantinha em solução.

O acido azotico deve ser deitado gotta a gotta ao longo das paredes do vaso que contém a ourina, mas é preciso não esquecer que este reactivo precipita igualmente o acido urico e os uratos, por isso o emprego concomitante do calor se torna necessario.

Muitos outros reactivos têm sido propostos : cyanureto amarello, associado ao acido acetico, o reactivo aceto picrico d'Esbach, o de Gallipe, o acido metaphosphorico, o reactivo de Tanret.

Convem notar que ha muitas variedades de albumina, e que um certo numero d'essas variedades póde existir na ourina, mas a determinação da variedade de albumina não têm grande interesse clinico.

Mais importante é a dosagem da albumina. O unico processo exacto consiste em pesar a albumina contida em uma certa quantidade de ourina. Leva-se cuidadosamente o precipitado recolhido sobre o filtro que se pesa depois de secco em uma estufa a 100°.

O *assucar* ou *glycose* que se encontra na ourina dos diabeticos é identico ao assucar de uva.

A presença do assucar nas ourinas póde ser revelada por muitos processos que passamos a expor resumidamente.

Pela potassa caustica. Toma-se um pouco de ourina com alguns fragmentos de potassa caustica e agita-se até dissolver a potassa. Deita-se um pouco desta ourina em um tubo de ensaio e aquece-se a parte superior do tubo. Se a ourina contém assucar o ponto aquecido toma uma côr escura côr de assucar queimado. Em certas circunstancias entretanto uma ourina que não contém assucar póde apresentar a mesma reacção com a potassa caustica por isso recommenda Bouchardat se empregue de preferencia a cal.

Pelo licor de Fehling. O licor de Fehling não é reduzido pela glycose em presença da albumina, é pois necessario começar por ferver a ourina e filtral-a ou por indagar se a ourina não contem albumina. Quando se sabe que a ourina está isenta de albumina deita-se uma certa quantidade de licor de Fehling em um tubo e aquece-se para ter a certeza que este

licor se acha em bom estado de conservação e não se decompõe espontaneamente pelo calor.

Depois de ter fervido o licor accrescenta-se a ourina e aquece-se. Se a ourína contém assucar o licor decompõe-se e passa successivamente do amarello alaranjado ao rubro.

Com este reactivo ha duas causas de erro que se podem evitar: 1.° se a ourina é rica em uratos ou acido urico decompõe a quente o licor de Fehling. Para evitar este inconveniente póde-se tratar primeiro a ourina pelo sal acetato de chumbo que a desembaraça do acido urico, eliminar o excesso de reactivo pelo carbonato de soda; 2.° a ourina das pessoas que absorveram chloroformio ou hydrato de chloral reduz o licor cupro potassico de Fehling, mas em geral é facil evitar este escolho.

A dosagem do assucar póde obter-se por meio do exame polarimetrico, ou pelo mesmo licor de Fehling.

A licor de Fehling normal tem a seguinte composição:

Sulfato de cobre puro e crystallizado	34,65	Lixivia de soda	300
Sal de Seignette	173,00	Agua distillada	q. s. p. litro.

Cada centimetro cubico d'este licor deverá ser reduzido por 0 gr. 005 milligrammas de glycose.

Portanto ajuntando gotta a gotta a ourina a 10 cent. de licor em ebulição até que a côr azul desappareça, a quantidade de ourina empregada contém evidentemente 0,05 cent. de glycose. O calculo dá pois a proporção de assucar por litro.

O exame por meio do sacharimetro dá immediatamente, e por uma simples leitura, a quantidade de glycose contida em um litro.

Os elementos da bile podem encontrar-se anormalmente na ourina:

O acido azotico nitroso é o melhor meio de reconhecer a presença das materias colorantes da bile na ourina, é n'isso que consiste o *reactivo de Gmelin*. Deita-se um pouco de acido azotico nitroso em um calice, depois por meio de um conta-gottas deixa-se chegar a ourina previámente filtrada ao contacto do reactivo de modo que os dois liquidos se superponham. Produz-se então, se a ourina contém as materias corantes da bile, bilirubina, bitiverdina, etc., uma serie de colorações que se succedem na ordem seguinte verde, azul, violete, vermelho, amarello e ao cabo de um certo tempo todas estas côres si fusionam para formar um disco alaranjado. Se a ourina contem albumina é necessario começar por eleminal-a. As côres caracteristicas da presença da bile na reacção que acabamos de descrever são o verde e o violete, pois o acido azotico póde dar uma coloração avermelhada com ourinas que não contém pigmento biliar.

A reacção de Petenkofer consiste en deixar cahir um fio de acido sulfurico concentrado sobre a ourina addicionada de uma solução de assucar.

Ambas estas reacções não têm logar se a quantidade de pigmento é diminuta, mas bastam para as necessidades da clinica.

As ourinas pódem conter em certos casos de doenças do figado um pigmento rubro que se pensava resultar da decomposição da hematina, mas que não é senão a urobilina. É a estas ourinas que se dá ainda em clinica o nome de ourinas hemapheicas. A presença da urobilina é demonstrada pela coloração rubra violacea ou azul que ellas apresentam quando tratados por duas ou tres vezes o seu volume de acido chlorhydrico.

A presença dos corpos gordurosos na ourina é facil de reconhecer porque a sua côr leitosa desapparece ou diminue quando agitada com ether ou chloroformio. Além de que o exame microscopico demonstra a presença de gottas de gordura sob a forma de discos chotiscos, contornos obscuros.

Os elementos anormaes de origem mineral que se encontram na ourina são compostos ammoniacaes que resultam da decomposição dos elementos normaes quando a ourina estagna na bexiga.

As *variações dos elementos normaes* da ourina não são menos interessantes para o clinico. Aqui uma simples analyse quantitativa já não é sufficiente e torna-se necessario recorrer aos processos da analyse qualitativa e portanto a methodos mais ou menos complicados, é pois evidente que o medico terá que chamar em seu auxilio os recursos do chimico.

2.° Exame clinico dos sedimentos ourinarios.

Os sedimentos ourinarios pódem conter duas sortes de principios :

1.° Substancias que existem normalmente na ourina depositadas por simples precipitação.

2.° Substancias que existem insoluveis, mineraes ou organicas, elementos organicos do corpo humano accidentalmente levados para a ourina, elementos vivos estranhos ou microbios e cogumelos.

As substancias que existem normalmente na ourina depositam-se muitas vezes sob a forma de sedimentos ou de calculos. Taes são o acido urico e os seus saes, o acido hippurico, etc.

Os sedimentos de acido urico são sempre coloridos, amarellos, alaranjados, rubros, crystallinos, chimicamente reconhecem-se aquecendo uma pequena quantidade de sedimento impregnado de acido azotico, e deitando uma gotta de ammoniaco com a ponta de uma baguetta sobre o residuo, apparece immediatamente uma coloração purpurea, que passa ao azul pela addição de potassa caustica.

As substancias anormaes formam tres grupos distinctos :

a) Materias de origem mineral resultando da decomposição dos saes mineraes da ourina na bexiga ou introduzidos anormalmente no organismo; as principaes são os compostos ammoniacaes que indicam a estagnação da ourina na bexiga.

b) Materias de origem organica que apparecem anormalmente nas ourinas : cystina, xanthina, tyrosina, indigo, cholesteaina.

c) Sedimentos organizados quer sejam elementos do organismo humano quer fermentos estranhos ao organismo normal.

A ourina normal ao cabo de pouco tempo apresenta-se um tanto turva e deposita uma especie de substancia gelatinosa a que se dá generalmente o nome de mucosidade da bexiga, nome que é interiamente descabido por que esta materia não é formada de mucina.

Esta pretensa mucosidade é formada pelas cellulas epitheliaes provenientes da descamação da mucosa vesical que fixam os uratos, os oxalatos e outros elementos mineraes.

Quando a ourina contém *mucus* propriamente dito em grande quantidade a mucina que o consiitue precipita pelo acido acetico e o precipitado não se dissolve em um excesso de acido o que o distingue da albumina. A presença de uma pequena quantidade de muco na ourina não tem significação clinica, mas quando abundante é um symptoma de catarrho vesical e de cystite.

O deposito gelatinoso que se forma na ourina normal é constituido pelas cellulas epitheliaes que provem da bexiga e da vagina na mulher. A descamação pode começar desde o rim até a urethra e o exame microscopico permitte reconhecer a sua origem. As cellulas epitheliaes da bexiga têm a forma de placas transparentes rectangulares em angulos arredondados ou ellipticos, com bordos mais ou menos recortados mas tendo sempre um nucleo cujos-contornos são mais nitidos que os da cellula, appresentam-se sob o microscopico isoladamente ou reunidas em placas mais ou menos largas.

As cellulas da vagina têm a mesma forma mas são maiores, com bordos mais finos e um nucleo central mais pequeno. As cellulas que provem dos uretheres são fusiformes e têm nucleo na parte dillatada, as dos bacinites são cylindricas e tem um nucleo volumoso.

Os globulos rubros tambem pódem apparecer nas ourinas, a sua fórma caracteristica basta para fazel-os reconhecer.

Os globulos brancos ou globulos de pus encontram-se igualmente nos sedimentos ourinarios em proporção maior ou menor sempre que ha uma suppuração sobre o trajecto das vias ourinarias.

Em certos estados pathologicos as secreções dos tubuli tornam-se superabundantes, condensam-se, moldam-se sob a forma de cylindros ourinarios que apparecem nos sedimentos misturados a outros elementos. A sua abundancia indica sempre uma alteração renal.

Convem distinguir um certo numero de variedades : *cylindros mucosos hyalinos, cylindros cirosos ou coloides, cylindros gordurosos.*

Os primeiros são transparentes, ligeiramente granulosos ; os segundos são refringentes, ás vezes enrolados sobre si mesmos, a substancia que os compõe colora-se fortemente pelo acido osmico, os terceiros são os mais raros.

Os elementos do esperme podem igualmente apparecer nos sedimentos da ourina : espermatozoides.

§ I. **Variações da ourina no estado natural.** As bebidas abundantes, augmentam notavelmente a secreção urinaria. A temperatura elevada, tornando os suores mais copiosos, diminue a quantidade da ourina. O regimen animal augmenta as partes solidas d'este

liquido, ao passo que os alimentos vegetaes diminuem-n'as. A côr da ourina modifica-se por certas substancias tomadas internamente: o anil a torna azul; a ruiva dos tintureiros, a raiz de morangueiro, o páo campeche, as amoras, as framhoezas tingem-n'a de vermelho; o rhuibarbo tinge-a de amarello: a cannafistula, as preperações de ferro, a noz de galha e as substancias que contém tannino dão-lhe uma côr anegrada. A essencia de terebinthina, simplesmente absorvida pela pelle ou pelos pulmões, faz-lhe exhalar um cheiro de violas mui sensivel, entretanto que os espargos tornam-n'a muito fetida, e a copahiba communica-lhe o seu cheiro aromatico. Os principios odoriferos do zimbro, do alho, passam igualmente do estomago ás vias urinarias. O bicarbonato de soda e outros alcalis mostram-se facilmente nas ourinas, e por isso estas substancias e as aguas mineraes que as contém, como por exemplo, as de Vichy, de Vidago, são verdadeiramente efficazes para combater as areias e os calculos formados pelo acido urico. Os acidos vegetaes tornam as ourinas fortemente acidas; taes são os acidos citrico, tartarico, oxalico, etc. Chegados á bexiga, elles actuam segundo as suas affinidades particulares: assim o acido oxalico apodera-se da cal que se acha nas ourinas e forma um oxalato de cal insoluvel. As pessoas que fizerem uso frequente de azedas, ou tomates, substancias em que se acha o acido oxalico, estão expostas a soffrer de areias d'esta especie.

Acontece muitas vezes no estado de saude que as ourinas tornam-se turvas, jumentosas, isto é semelhantes ás dos grandes quadrupedes. Este estado depende da presença de mucosidades, do urato de ammoniaco em pó, e do acido urico crystallizado. Uma simples indigestão póde produzir este effeito. Deve notar-se que nas pessoas que tem habitualmente as ourinas jumentosas, as digestões são laboriosas.

Os *sedimentos* mostram-se frequentemente no estado de saude; um simples abaixamento de temperatura basta para alterar a transparencia da ourina, e produzir um deposito mais ou menos consideravel. Em consequencia de um jantar copioso, de um leve excesso de bebidas alcoolicas, a ourina turva-se e deixa depôr uma quantidade mais ou menos consideravel de acido urico, e de urato de ammoniaco. Observa-se outro tanto em algumas pessoas depois de uma grande caminhada, ou depois de uma transpiração abundante. Esta modificação de ourinas, quando não é acompanhada de outros symptomas, não annuncia molestia alguma. Desapparece com a mudança de regimen ou de temperatura.

O *exercico muscular* augmenta a quantidade da uréa e do acido lactico, diminue o acido urico. Comprehende-se, segundo isto, como a vida sedentaria, acompanhada de um regimen animal e muito abundante, favorece o desenvolvimento das areias. A *temperatura exterior*, actuando sobre as funcções da pelle, exerce uma influencia inversa sobre a secreção urinaria: esta é mais abundante e mais rica em principios solidos, quando a temperatura está mais baixa, e reciprocamente. No *estado de gravidez* a ourina apresenta algumas modificações na sua composição, que são sobretudo notaveis do segundo ao quarto mez. Depois de algumas horas de repouso, apparece na ourina um leve sedimento de côr

branca: mais tarde particulas arredondadas separam-se d'este sedimento, sobem á superficie do liquido e vem formar ali uma pellicula de mais de dois millimetros de espessura. Esta substancia não se encontra de uma maneira constante na ourina das mulheres gravidas; de sorte que se póde presumir a existencia da gravidez, quando esta substancia existe; a conclusão inversa não póde tambem ser rigorosamente admittida.

§ II. **Variações da ourina nas molestias.** No curso das molestias, a ourina póde apresentar modificações numerosas, quer nas suas propriedades physicas, quer na sua composição.

Sua *quantidade* augmenta no diabetes e no hysterismo; diminue, pelo contrario, nas affecções febris, nas hydropisias, nas molestias acompanhadas de abundantes evacuações alvinas ou de suores copiosos.

A *côr* de um amarello mais ou menos alaranjado nas affecções febris, taes como o rheumatismo articular agudo, pneumonia, febre typhoide. No principio da ictericia a ourina toma uma côr amarella parecida com a das dissoluções de ouro; esta côr torna-se de mais em mais escura á medida que a molestia faz progressos; chega ao verde e mesmo ao roxo. A presença do sangue tinge a ourina de vermelho; torna-se branca, leitosa pela sua mistura com pus ou com materias gordas. Certos medicamentos communicam-lhe uma côr anormal: assim o rhuibarbo dá-lhe uma côr amarella. Por opposição, as ourinas perdem a côr, e tornam-se limpidas como agua, no periodo algido das febres intermittentes, no diabetes, em muitas molestias nervosas, como o hysterismo, a epilepsia, etc.

Quando o *sangue* está misturado com ourina, é facil distinguir seus diversos elementos. A fibrina, coagulando-se, forma grumos mais ou menos volumosos e de uma côr que varía do branco rosado ao roxo. O sangue communica á ourina uma côr rubra tanto mais escura quanto mais consideravel é a sua proporção. Todavia, certas ourinas são muito vermelhas, bem que não contenham o menor vestigio de sangue. Observam-se as ourinas sanguineas na hematuria, nas molestias dos rins, da bexiga, da urethra. *Veja-se* HEMATURIA. Ha substancias que para serem reconhecidas, exigem pesquizas chimicas. Assim descobre-se a *albumina*, caracteristica da molestia chamada *albuminuria*, pela acção do calor e do acido azotico, que determinam na ourina a formação de um coalho. O *assucar* no diabetes conhece-se deitando na ourina uma pequena quantidade de solução de sulfato de cobre e de carbonato de potassa. Aquecendo então a ourina, ella torna-se azul se não contém assucar; mas, contendo-o, adquire uma côr rubra arroxeada. O exame da ourina, junto aos outros symptomas, tem certa importancia no diagnostico das molestias; mas por si só não póde servir para fazer reconhecer senão um mui pequeno numero d'ellas.

§ III. **Molestias das vias urinarias.** Acham-se descriptos nos artigos seguintes: *Albuminuria, Ardor no ourinar, Areias, Catarrho vesical, Diabetes, Estreitamento do canal da urethra, Fluxo de ourina, Hematuria, Incontinencia de ourina, Inflammação da bexiga, Retenção de ourina.*

Ourinas albuminosas. *Veja-se* ALBUMINURIA.

Ourinas doces. *Veja-se* DIABETES.

Ourinas leitosas ou **chylosas.** É uma variedade de *hematuria* ou de *ourinas sanguineas*, molestia que existe sobretudo nos paizes intertropicaes; é bastante frequente no Rio de Janeiro; chamam-lhe *hematuria dos paizes quentes*. Em 24 horas, no mesmo dia, os doentes deitam as mais das vezes duas especies de ourina: uma, examinada a olho nú ou mediante o microscopio, apresenta todos os caracteres de uma ourina sanguinea (globulos de sangue, grumos fibrinosos, albumina); outra é de côr rubra pallida, e abandonada a si mesma, separa-se em duas partes, das quaes a inferior parece sanguinolenta, ao passo que a superior é turva, côr de leite ou completamente opaca. Em geral os individuos que expellem esta especie de ourina gozam em apparencia de boa saude; mas este estado deve ser combatido, porque com o tempo póde vir a ser causa de enfraquecimento. O tratamento está descripto no artigo HEMATURIA DOS PAIZES QUENTES, v. II, p. 117.

Ourinas sanguineas. *Veja-se* HEMATURIA.

OURO. O ouro é um metal conhecido desde a mais remota antiguidade; é o mais precioso de todos os metaes, e aquelle cujo valor commercial é mais elevado. É amarello, brilhante, mui malleavel e ductil. Certos metaes são mais raros do que o ouro, a plantina, por exemplo, e não obstante estão longe de igualal-o em preço. O ouro é pouco duro e deixa-se riscar com facilidade; derrete-se difficilmente ao fogo; é 19 vezes mais pesado do que a agua. Tem grande affinidade para o mercurio, com o qual forma uma *amalgama*, de que se separa facilmente. Dissolve-se na agua regia (mistura de 1 parte de acido azotico com 3 partes de acido chlorhydrico.).

O ouro acha-se na natureza unido ao cobre, á prata, á platina, ao chumbo ou ao sulfureto de ferro, etc. Encontra-se tambem, sob a fórma de pó, misturado com a areia de certos rios ou nos terrenos de alluvião. As minas mais ricas de ouro acham-se na America, Africa e Asia; as da Europa são pouco abundantes. Para separar o ouro dos metaes que o acompanham submette-se ás operações da refinação.

No Brazil quasi não ha ponto que não se preste á extracção do ouro. As minas e lavras mais ricas existem, porém, na provincia de Minas Geraes, onde esta industria é rendosa, e tambem de annos a esta parte, no districto do Tury-Assú, provincia do Maranhão. O trabalho mais importante é feito por companhias, pela mór parte inglezas. Em Mato-Grosso, occupam-se na mineração, mas em menor escala, os denominados *faiscadores*. Extrahe-se tambem algum ouro nas provincias de S. Paulo e do Paraná, e no districto de Lavras da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Na provincia do Ceará ha ouro nas encostas da serra de Ipiapaba no termo do Ipú, nas lavras da Mangabeira perto da Granja, e nas serras vizinhas de Baturité. Na provincia do Rio Grande do Norte, e em Piancó na da Parahyba, apparece o ouro em formações quartzosas. O ouro lavado em Minas Geraes, nas alluviões, costuma ser acompanhado de platina e iridio. Dentro dos veeiros de algumas lavras da

mesma provincia apparece o ouro acompanhado de diversos mineraes, como o tellurio.

A relação do ouro á prata tem variado de epoca em epoca ; está hoje em França de 15 1/2 a 1, isto é que a peso igual o ouro vale 15 vezes e meio mais do que a prata.

Sendo o ouro ainda mais molle do que a prata, precisa de ser ligado ao cobre para poder ser convertido em moedas, utensilios ou joias. Eis aqui em que proporções tem logar esta combinação segundo a lei franceza.

Moedas de ouro em França.....	900 ouro	100 cobre.	
Baixella e utensilios de ouro	1.° titulo.....	920 —	80 —
	2.° titulo.....	840 —	160 —
	3.° titulo.....	750 —	250 —

A liga do 3° titulo, empregada para as joias ordinarias, embacia-se assaz frequentemente pelo uso, e adquire um aspecto sujo pela oxydação do cobre ; restitue-se-lhe o seu brilho primitivo lavando-o com ammoniaco liquido. Todas as ligas de ouro e de cobre, que circulam no commercio, estão submettidas na França ao registro, quer por meio da pedra de toque, quer por meio da refinação ; trazem uma marca para garantir aos compradores o valor dos objectos fabricados.

Modo de conhecer os objectos de ouro. 1.° Faz-se sobre uma pedra de toque um risco de alguns millimetros de comprimento, com a liga que se quer experimentar, e molha-se este risco com uma vara de vidro molhada em agua forte: esta dissolve o cobre, deixa um traço de ouro mais ou menos largo segundo o titulo da liga ; fazem-se depois os ensaios comparativos com agulhas de ouro de titulos conhecidos. As agulhas de ensaio dos ourives tem cinco titulos differentes, a saber : 583, 625, 667, 708 e 750 millesimos.

2.° Na falta de pedra de toque póde empregar-se o modo seguinte: Esfrega-se n'uma pederneira o objecto que se quer experimentar, e logo que o risco feito pelo metal seja bem visivel, accende-se uma mecha de enxofre, e approxima-se a chamma do risco feito na pederneira ; este risco persiste se o objecto fôr de ouro : desapparece no caso contrario.

3.° Faça-se um risco sobre uma pederneira com o objecto que se quer experimentar, e applique-se sobre este risco uma gotta de acido azotico ; sendo o objeto de ouro o risco não experimenta alteração alguma, entretanto que desapparecerá ou tomará côr azul se o objecto fôr de cobre, ou se contiver notavel proporção d'este metal.

4.° Toca-se o objecto que se quer experimentar com uma vara de vidro molhada em acido azotico. Se o objecto é de ouro, não apresenta mudança alguma, mas se fôr de cobre, ou tiver notavel quantidade d'este metal, a parte em que se tocou com o acido apresentará uma côr azul ou verde.

Usos do ouro em medicina. Reduzido a folha emprega-se para obturar as cavidades dos dentes cariados.

Chlorureto de ouro ou *Hydrochlorato de ouro.* Sal amarello,

crystallizado em agulhas prismaticas, mui soluvel na agua, inalteravel ao ar secco, deliquescente ao ar humido. Veneno corrosivo em alta dóse; em pequena, foi aconselhado nas molestias syphiliticas rebeldes ao mercurio, na papeira e morphéa. O uso d'esta substancia exige muita attenção. Internamente administra-se na dóse de 2 a 5 milligrammas por dia, em pilulas ou dissolvido em agua distillada.

Chlorureto de ouro e sodio. Sal côr de laranja crystallizado em longos prismas de quatro faces, soluvel em agua deliquescente. Emprega-se nas molestias syphiliticas, com muita precaução, na dóse de 2 a 10 milligrammas, uma a duas vezes por dia, dissolvido em 120 grammas d'agua distillada.

OUROPIMENTO. Sulfureto amarello de arsenico. É solido, brilhante, de bella côr amarella. Emprega-se na pintura. É venenoso. Para combater os accidentes que póde produzir *veja-se* ENVENENAMENTO PELO ARSENICO, vol. I pag. 972.

OUVIDO. Comprehende-se debaixo do nome de *ouvido* o sentido da audição, de que abaixo tratarei, e as seguintes partes d'este orgão : a concha da orelha, o conducto auditivo externo, a caixa do tympano, e o labyrintho onde se acha o nervo que recebe a impressão dos sons.

Orgão do ouvido. De todos os apparelhos sensitivos o apparelho auditivo é o mais complicado. Distinguem-se n'elle tres partes ou cavidades, e o nervo que percebe a sensação sonora.

As tres partes, de que se compõe o apparelho da audição, são a orelha externa, a média e a interna (fig. 704, 705).

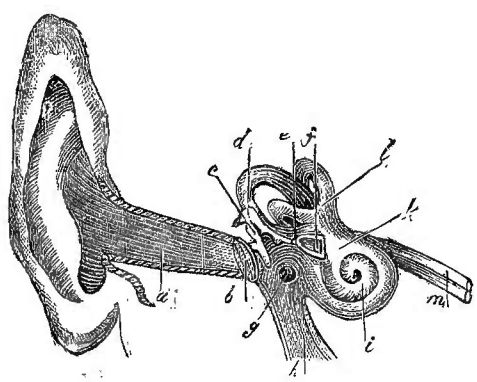


Fig. 704. — Orelha externa, média e interna (*).

Orelha externa. Comprehende o *pavilhão* e o *conducto auditivo externo.* — O *pavilhão da orelha* é aquella parte oval e saliente, curvada em differentes sentidos; é formada por uma fibro-cartilagem, e revestida de uma pelle fina e muito adherente. Apresenta eminencias e anfractuosidades, que são mui favoraveis para reunir e repercutir as ondas sonoras; a maior das covas chama-se *concha.* — O *conducto auditivo externo* é um canal semi-cartilaginoso e osseo que serve de continuação á concha, e estende-se á orelha média, da qual é separado pela membrana do tympano. A pelle que o forra é fina, e transforma-se no fundo em uma membrana mucosa, que segrega um humor oleoso, chamado *cerumen*, vulgo *cera do ouvido.*

Orelha média. Segue-se depois do conducto auditivo externo sendo intermedio a este e á orelha interna. Offerece ao exame a caixa e a

(*) *a*, conducto auditivo externo; *b*, membrana do tympano; *c*, martello; *d*, bigorna; *e*, ossos lenticulares; *f*, estribo; *g*, janella redonda; *h*, trompa de Eustachio; *i*, cochlea; *k*, vestibulo; *l*, canaes semi-circulares; *m*, nervo acustico.

trompa de Eustachio. — A *caixa de tympano* é uma cavidade situada entre o conducto auditivo externo e a orelha interna. Assenta na base do osso chamado *rochedo*, e offerece uma circumferencia e duas paredes, como a caixa de um tambor. Esta circumferencia apresenta, por traz, uma abertura que vai ás cellulosas mastoideas, as quaes, cavadas no apophyse mastoide do temporal, estão cheias de ar, e

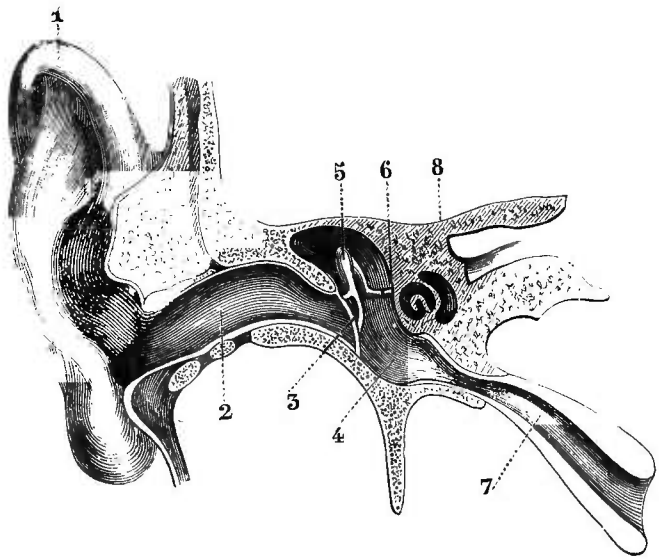


Fig. 705. — Corte do aparelho auditivo (*).

reforçam o som, reflectindo-o ; por diante uma outra abertura que communica com a trompa de Eustachio. A parede externa é formada pela *membrana do tympano*, estendida verticalmente entre o conducto auditivo e a caixa. Na parede interna acham-se duas aberturas : a *janella oval* que communica com a orelha interna, e a *janella redonda*, fechada por uma membrana.

No interior da caixa encontram-se quatro pequenos ossinhos: o *martello*, a *bigorna*, o *estribo* e o *osso lenticular*; os quaes são articulados entre si de maneira que formam uma cadeia angulosa que atravessa de fóra para dentro a orelha média, e toca, pela sua extremidade externa a membrana do tympano, e, pela interna, a janella oval, — *Trompa de Eustachio.* — É um canal meio osseo, e semi fibroso, com 5 centimetros de comprido, que se estende da orelha média ao fundo da garganta, onde a sua abertura se acha collocada na parte superior e

(*) 1, pavilhão da orelha; 2, conducto auditivo externo; 3, membrana do tympano, situada obliquamente, entre o conducto auditivo externo (2) que cerca completamente, e o ouvido medio (4); 4, ouvido medio ou caixa que continua com a trompa de Eustachio; 5, cadeia de ossinhos situada no ouvido medio e destinada a transmittir ao ouvido interno as vibrações da membrana do tympano; 6, janella oval que estabelece a communicação entre o ouvido interno e o ouvido medio; 7, trompa de Eustachio que faz communicar o ouvido medio com a parte posterior das fossas nasaes. Por ella se estendem até ao ouvido medio a inflammação da garganta e sobretudo o catarrho nasal; 8, ouvido interno, ou apparelho da percepção dos sons.

lateral da pharynge, ao nivel da abertura posterior da fossa nasal correspondente.

Orelha interna. É a porção profunda e delicada do ouvido, aquella em que se faz a impressão dos sons, porque é ali que se distribue principalmente o nervo acustico. Communica com a orelha média pela janella oval, e com o interior do craneo pelo conducto auditivo interno, que dá passagem aos nervos e vasos das cavidades auditivas. A orelha interna acha-se na parte dura do osso temporal, é formada de canaes recurvados sobre si mesmos, dos quaes um em espiral se chama *cochlea*, e tres outros decrevendo uma porção de circulo se chamam *semicirculares :* a reunião d'esta disposição recebeo o nome de *labyrintho.* Um nervo designado sob o nome de *nervo acustico*, parte do cerebro, penetra no labyrintho pela abertura ossea, que é o conducto auditivo interno, e divide-se em grande numero de fiosinhos que se distribuem na cochlea e nos canaes semi-circulares, onde estão como suspensos no liquido que enche essas cavidades. *Veja-se* a fig. 704.

MOLESTIAS DO OUVIDO.

Algumas já foram indicadas no artigo Orelha.

§ 1. **Cera no ouvido.** *Veja-se* vol. I, pag. 548.

§ 2. **Corpos estranhos no ouvido.** Alguns insectos ou corpos inertes podem introduzir-se no conducto auditivo ; para o tratamento *veja-se* vol. I, pag. 730.

§ 3. **Dôr de Ouvido** ou **Ontalgia.** Designa-se com este nome uma dôr viva dentro da orelha, sem que a observação possa descobrir vestigios de alguma alteração bem determinada ; é uma nevralgia. A dôr manifesta-se subitamente e logo chega ao seu mais alto gráo de intensidade sem passar por gráos successivos, como acontece com a dôr que depende da inflammação do ouvido. Depois de durar algum tempo, cessa subitamente ou muda de logar para fazer sentir-se em outra qualquer parte da cabeça. Sendo a dôr forte existem zunidos de ouvidos e surdez momentanea.

Esta molestia nada tem de constante, nem na marcha, nem na duração ; póde atacar muitas vezes a mesma pessoa. Cumpre não confundil-a com a inflammação, visto que o tratamento d'esta é differente. Para isso, deve-se examinar attentamente o canal auditivo, afim de ver se elle não apresenta vermelhidão ou fluxo mucoso, signaes da inflammação: devemos lembrar-nos de que na inflammação existe ordinariamente febre, e que a dôr caminha gradual e progressivamente, entretanto que a dôr nervosa, pelo contrario, não é acompanhada de febre, é subita na sua apparição e desapparece de repente.

A dôr occupa quer o pavilhão da orelha, quer o conducto auditivo externo, ou uma parte mais profunda. É de ordinario lancinante, e as picadas parecem-se com a dôr que produziria um instrumento agudo introduzido no ouvido. Muitas vezes outras dôres apparecem na cabeça :

é porque a nevralgia estendeo-se a grande numero de ramos nervosos fóra da orelha.

Tratamento. Acalma-se a dôr introduzindo no conducto auditivo algodão molhado em azeite doce quente, o mais quente que se possa supportar; em laudano de Sydenham, em balsamo tranquillo igualmente quentes; em tintura de aconito, em chloroformio, ou um pedaço de camphora envolto em chloroformio. Um pediluvio sinapizado é tambem util. Applique-se panno quente na cabeça, ou um sinapismo na nuca.

Eis-aqui um outro meio : Introduzem-se n'um frasco 12 grammas de ether sulfurico e 15 grammas d'agua, mergulhe-se o frasco em agua quente, e dirija-se o gargalo no conducto auditivo, onde se deixa até o frasco não exhalar mais cheiro de ether.

Se a dôr persistir appliquem-se seis a oito bichas atraz da orelha; e, finalmente, ponha-se um caustico na nuca. Eis-aqui as receitas dos medicamentos indicados contra a dôr de ouvido :

1.º Laudano de Sydenham.	8 gram.	3.º Tintura de aconito....	4 gram.
2.º Balsamo tranquillo....	8 —	4.º Chloroformio.....	4 —

§ 4. **Hemorrhagia pelo ouvido.** *Veja-se* vol. II, pag. 131.

§ 5. **Inflammação do ouvido.** *Veja-se* OTITE. vol. II, pag. 554.

§ 6. **Polypos do conducto auditivo.** Excrescencias carnosas que nascem sobre as paredes do conducto auditivo, mais raras vezes sobre a membrana do tympano. No maior numero dos casos são o resultado de uma inflammação do conducto auditivo, e não se desenvolvem senão depois de purgações prolongadas. Um enfraquecimento do ouvido, ás vezes perda completa d'este sentido, um corrimento mucoso indolente, uma sensação de plenitude na orelha, indicão a formação de um polypo que se conhece sempre pelo exame com o especulo. A exploração com o estylete curvo permitte distinguil-o de um tumor osseo, e ao mesmo tempo verifica-se se tem pediculo. Ha polypos de que se ignora a existencia, e que entretem a purgação do ouvido.

Tratamento. Contra as vegetações, que se desenvolvem sobre ulcerações do conducto auditivo, cumpre empregar as injecções seguintes :

Agua fria.....	90 grammas.
Pedrahume.....	2 —

Se este meio não fôr sufficiente, cauterize-se a vegetação com potassa caustica. Para este fim introduz-se no conducto auditivo um tubo de vidro até sobre a excrescencia, mette-se a potassa no tubo, e empurra-se no tubo mais adiante; deixa-se a potassa em contacto durante seis a oito minutos, e faz-se depois uma injecção d'agua tepida. Se se receiar que fique alguma porção do caustico, faça-se uma injecção d'agua com vinagre. Cura-se depois com uma bolinha de algodão. As granulações que se desenvolvem sobre as ulcerações serão tratadas unicamente com insufflações de alumen em pó. Os polypos vesiculosos, que tem a raiz sobre o conducto auditivo, podem ser arrancados com pinça; porém os que nascem sobre a membrana do tympano, serão tratados só com

alumen em pó levado ao fundo da orelha sobre um rolete de algodão, e com as injecções seguintes :

Agua.....	30 grammas.
Sulfato de zinco.....	15 centigrammas.

§ 7. **Purgação pelo ouvido.** *Veja-se* OTITE CHRONICA.

§ 8. **Ruptura da membrana do tympano.** A ruptura do tympano póde sobrevir debaixo da influencia de uma causa traumatica, como uma bofetada, um murro sobre a orelha, e o sacudimento do ar por um som mui forte, tal como um tiro de canhão. Um espirro violento é capaz de causar esta ruptura; mas é provavel que haja, n'este caso, alguma lesão antiga da membrana. — Uma pequena hemorrhagia pelo ouvido e uma surdez incompleta instantanea caracterizam a ruptura traumatica da membrana do tympano. — Esta membrana póde ser tambem destruida pela demora de um corpo estranho, pelo ajuntamento do cerumen endurecido, por uma ulceração, accidente que não é raro na escarlatina. Na maior parte dos casos, o tratamento é inefficaz para fazer reproduzir a membrana destruida.

As rupturas traumaticas da membrana do tympano sáram sem applicação alguma. É preciso sómente tapar o conducto auditivo com algodão. No caso de inflammação do ouvido, é preciso applicar algumas bichas atraz da orelha.

A audição póde effeituar-se sem a membrana do tympano : as provas d'isto são os individuos que são desprovidos d'ella, ou nos quaes rompeo-se espontaneamente; elles ouvem ainda e mostram que esta membrana está perforada fazendo sahir pelo ouvido a fumaça do charuto que retem no fundo da bocca. Todavia esta membrana tem utilidade incontestavel : modera os sons, e impede o contacto directo do ar sobre os orgãos delicados contidos na orelha interna. A sua rasgadura é ás vezes seguida da surdez ou do enfraquecimento do ouvido : n'este caso póde collocar-se dentro do conducto auditivo uma membrana artificial feita de caoutchouc vulcanizado ou de gutta percha.

§ 9. **Zunido no ouvido.** *Veja-se* esta palavra.

Para as outras molestias do ouvido, *veja-se* ORELHA e SURDEZ.

OUVIDO (SENTIDO). Depois dos olhos, o sentido que mais favorece as nossas relações com os nossos semelhantes, e que nos dá prazeres mais suaves, é o sentido da audição. Por este sentido é que a voz opera seus prodigios; por elle é que os homens communicam uns aos outros seus desejos, necessidades, pezares, prazeres, e todas as suas sensações; por elle é que a eloquencia exerce o seu dominio; por elle é que a poesia nos enleva e a musica nos encanta.

Quando se imprime, por um meio qualquer, um movimento oscillatorio a um corpo, este movimento determina no ouvido uma impressão a que se dá o nome de som. O som é, por conseguinte, o excitante natural do ouvido, como a luz é o da vista.

Na maior parte dos animaes, um apparelho mui complicado é destinado a recolher os sons, e provavelmente a modifical-os e a transmittil-os ao

cerebro. Este apparelho compõe-se da orelha externa, da média e da interna. Está descripto no artigo Ouvido.

Os sons muito intensos produzem ao principio uma sensação penosa, uma verdadeira dôr, que póde determinar a inflammação das diversas partes do ouvido e outros accidentes. Quando o som é mui forte e repetido muitas vezes, acaba cedo ou tarde por enfraquecer o ouvido, diminuir a sensibilidade d'este sentido; e isto por aquella lei geral que todo o orgão enfraquece-se quando se acha muito excitado. As pessoas que por seu estado estão expostas a ruidos violentos conservam raras vezes o ouvido em bom estado. Os militares, os artilheiros, ensurdecem frequentemente. Não é raro que o ruido extremo rompa a membrana do tympano : são principalmente os militares que tem a faculdade de fazer sahir a fumaça do charuto pelo conducto auditivo : é a prova da ruptura da membrana do tympano; este accidente não produz consequencias graves por si, se não é acompanhado de desordens do nervo acustico.

O regimen da vida influe muito sobre o ouvido, bem como sobre o olho. A plethora, isto é, a abundancia do sangue, foi apontada como causa da maior parte das affecções do ouvido. Os zunidos e ruidos de todas as especies podem resultar de um regimen mui restaurante. O regimen contrario poderia enfraquecer o ouvido, se a abstinencia fosse levada mui longe. Mas são sobretudo as bebidas alcoolicas, tomadas com excesso, que produzem estes accidentes de uma maneira muito mais prompta. Não sómente dão logar aos phenomenos momentaneos da plethora e congestão cerebral, como tambem por seu uso prolongado põem os sentidos em tal estado de entorpecimento, que não ha cousa mais frequente do que a audição dura produzida por este vicio. A suppressão de uma secreção habitual, de uma hemorrhagia, produz ás vezes inflammação nas diversas partes do ouvido, purgações, e outras molestias cuja consequencia póde ser uma surdez mais ou menos completa. Um exercicio activo occasiona zunidos nos ouvidos; mas de ordinario este effeito é passageiro como a causa que o determina. Um exercicio do ouvido produz n'elle uma rara perfeição; desenvolve este sentido nas pessoas que pareciam privadas d'elle. O estudo da musica dá-lhe uma precisão e delicadeza maravilhosas. — Ha pessoas que são incommodadas por certos sons, ou ruidos, particularmente os que são elevados e agudos. Estas pessoas devem trazer algodão nos conductos auditivos.

OVARIO. Os ovarios são duas glandulas situadas no interior do ventre da mulher, de cada lado do utero; são de fórma ovoide, achatados lateralmente, de côr rosea desmaiada, do volume de um ovo de pomba. Foram chamados testiculos da mulher, e algumas analogias de funcções justificam esta denominação. Assim, o testiculo é o orgão que no homem ministra a materia fecundante no acto da geração; na mulher, o ovario ministra o pequeno ovo, o qual sendo fecundado, deve constituir o novo ente. Na epoca da puberdade, apparecem nos ovarios pequenos saquinhos transparentes que contém um liquido no meio do qual nada o pequeno ovo. Todos os mezes, e de uma maneira regular, um d'estes

saquinhos rompe-se, deixa sahir o ovo, que vai ter ao utero, d'onde é provavelmente expulso pelas vias genitaes. Esta especie de postura de ovos tem logar todos os mezes, tanto nas virgens como nas mulheres casadas. Estas observações, que foram feitas pelos medicos modernos, explicam a razão por que a fecundação se faz tão facilmente na epoca dos menstruos; visto que então o esperma actua sobre o ovo, que já tem descido ao utero.

Hydropisia ou Kysto do ovario. *Veja-se* vol. II, pag. 165.

Inflammação do ovario. *Veja-se* Ovarite.

OVARITE. Designa-se debaixo d'este nome a inflammação do tecido do ovario.

Causas. Esta molestia sobrevem frequentemente depois do parto. Comtudo não é rara fóra do estado de gravidez e do parto. Declara-se então mais especialmente depois da suppressão subita da menstruação, ou depois de alguma violencia, tal como uma contusão da parte inferior do ventre.

Symptomas. Quasi sempre a ovarite principia por uma dôr na parte inferior e lateral do ventre. Esta dôr augmenta pela pressão, torna o andar penoso; póde estender-se á coxa e até á maior parte do membro inferior; é acompanhada as mais das vezes de febre, e, em alguns casos, de nauseas e vomitos, phenomenos sympathicos muito communs nas affecções do utero e de seus annexos. Apalpando o ventre, não se sente tumor algum, sendo de mediocre volume: mas se o ovario se tornou volumoso, distingue-se então um tumor tendo a fórma de ovul alongado. Depois de ficar por alguns dias estacionario, o engurgitamento inflammatorio diminue ou desapparece no fim de sete a quinze dias. Mas, ás vezes, forma-se uma suppuração que se annuncia pelo augmento da dôr, por calefrios irregulares e suores nocturnos; o tumor torna-se molle, fluctuante. As vias pelas quaes o pus sahe são numerosas. Muitas vezes o abcesso despeja-se nos orgãos vizinhos, no recto, na vagina, na bexiga, ou atravez da parede inferior do ventre. Segue-se então um allivio notavel. O fluxo do pus continua em geral durante muitos dias; cessa depois, quer por estar a sua fonte exhausta, e então os doentes sáram immediatamente; quer porque se obliterou a abertura de communicação: n'este caso, accumulando-se o pus no fóco, o tumor recobra suas dimensões primitivas, e os mesmos accidentes reapparecem até que a materia purulenta abra um novo caminho. Estas retenções e estes corrimentos alternativos de pus podem repetir-se muitas vezes. Todavia, a maior parte das doentes sáram completamente, mas só depois de muitos mezes de tratamento.

Tratamento. Appliquem-se 10 a 12 bichas na parte inferior do ventre, e depois cataplasmas de linhaça; administrem-se semicupios d'agua tepida, e clysteres de cozimento de linhaça. Se a dôr continuar, torne-se a applicar nova porção de bichas. Se se formar um abcesso, cumpre attrahil-o para fóra. Fazendo o tumor uma proeminencia na parte inferior do ventre, póde ser evacuado por uma larga incisão feita com bisturi. Favorecer-se-ha o corrimento do pus por uma posição conveniente e pela compressão methodica.

Se a ovarite passar ao estado chronico, que é caracterizado por dôres surdas, será necessario fazer fricções com a pomada de iodureto de potassio, e applicar um caustico volante sobre a região lateral e inferior do ventre. Eis-aqui a receita da pomada :

Pomada de iodureto de potassio..... 30 grammas.

OVELHA. Animal domestico (fig. 706). Uma boa ovelha deve ter os olhos espertos, o andar alerto, o dorso e o ventre bem desenvolvidos,

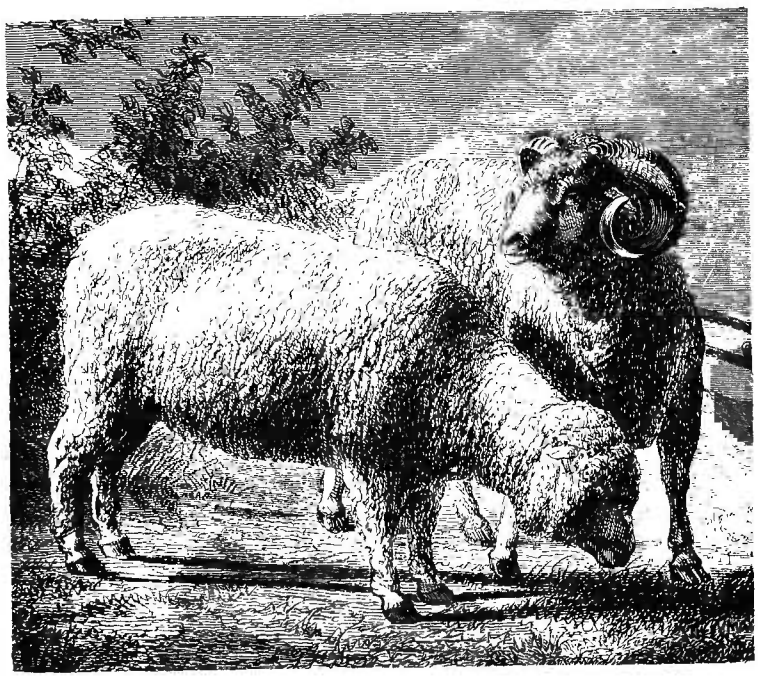


Fig. 706. — Carneiro e ovelha.

o pescoço grosso e direito, as veias dos olhos apparentes, a lã macia e branca : as ovelhas pretas e cinzentas são pouco estimadas. A ovelha, bem que seja apta para a reproducção na idade de um anno, não deve ser empregada n'este mister antes de ter dois annos. Os cordeiros mais vigorosos provém de ovelhas de 3 a 6 annos de idade. Logo que uma ovelha tenha attingido 7 ou 8 annos, é util reformal-a ; ás vezes mesmo reforma-se na idade de 5 annos : é o melhor meio de impedir o rebanho de degenerar. A duração da gestação na ovelha é de 5 mezes pouco mais ou menos. É preciso 3 carneiros para 100 ovelhas. Durante a gestação, a ovelha exige uma alimentação abundante e substancial; durante o ultimo mez, deve ser muito bem tratada. Convem afastar d'ella as causas de espanto que poderiam produzir o aborto ; deve-se vigiar que, quer no entrar no redil, quer ao sahir d'elle, não seja topada nem apertada por suas companheiras, ou que os cães não a persigam. Uma tempestade, uma grande chuva, um prado humido, etc., são outras tantas causas que podem pro-

vocar o aborto. Quando o momento da parturição se approxima, não se deve mais conduzir a ovelha ao pasto. Geralmente o parto é regular, e opera-se naturalmente sem o soccorro do homem. Assaz frequentemente a ovelha pare dois anhos ao mesmo tempo. *Veja-se* CORDEIRO e CARNEIRO.

OVO. Em geral, chama-se ovo o producto que se forma nos *ovarios* das femeas dos animaes, e no qual está encerrado o germen que deve perpetuar a especie.

Nas aves, os ovos são compostos de um envoltorio calcareo de côr variada, contendo muitas membranas e um liquido albuminoso transparente (*a clara*), no meio do qual se acha suspenso um globo de côr amarella (*a gema*); sobre este globo observa-se uma nodoa gelatinosa com irradiações esbranquiçadas (*cicatricula*) : é o germen do animal futuro. Chocado pela femea durante um tempo mais ou menos longo, o ovo produz uma ave. Na gallinha, ao cabo de 10 horas de incubação vê-se um pequeno ponto vermelho na gema; este ponto tornar-se-ha o coração do pinto, d'onde partirão logo as ramificações dos vasos venosos; uma pequena linha cinzenta, que cerca o pequeno ponto vermelho em fórma de crescente da lua, torna-se a medulla espinhal, a qual engrossando para diante vem a formar o cerebro; as pernas, as azas e todas as visceras desenvolvem-se gradualmente, e o animal está completo quando nasce a termo. A clara de ovo é o primeiro alimento que o feto da ave toma no ovo mesmo por meio de seu cordão umbilical; mais tarde, a gema, mais nutritiva, alimenta-o até ao momento em que elle fura a casca, sahe d'ella, e muda de maneira de viver.

A maior parte dos ovos postos pelas aves domesticas servem de alimento ao homem. Os ovos de gallinha são aquelles cujo consumo é mais consideravel. Vem depois os de perua, gansa, pata, gallinha de Angola, Os ovos servem não sómente para a alimentação do homem, mas tambem para grande numero de usos. A clara de ovo serve para clarificar o vinho tinto, os xaropes, etc. Usa-se tambem como verniz, e na fabricação da porcelana.

Os ovos de gallinha são um dos melhores alimentos de que se póde usar; convem principalmente ás pessoas delicadas ou enfraquecidas. Comem-se cozidos e preparados de diversas maneiras: *molles* e *quentes* são de digestão facil; *em fritada* e *estrellados*, não provam tão bem; *cozidos duros*, são ás vezes indigestos. As *claras* de ovo *cruas* constituem um bom remedio contra a diarrhea e dysenteria: administram-se em bebida, misturadas com cozimento de linhaça ou de arroz, e assucar; dão-se tambem em clyster. As claras de ovo, misturadas com agua, constituem o melhor contraveneno do sublimado e de outras preparações mercuriaes, como cinabrio, vermelhão e turbitho mineral. As *gemas* misturadas com assucar e agua quente, e aromatizadas com uma pouca d'agua de flores de laranjeira, formam o que se chama *gemada*, uma especie de emulsão muito agradavel, e util nos defluxos e irritações do peito.

Escolha dos ovos. O ovo de gallinha fresco, recentemente posto, é cheio e sem bolhas de ar no interior, quando se mira collocando-o entre o olho e uma luz qualquer; a casca offerece então uma superficie regular-

mente branco-leitosa. O ovo já velho apresenta, pelo contrario, um vacuo mais ou menos consideravel na ponta, e a casca mostra pequenos pontos mais ou menos transparentes e mais ou menos numerosos. Se, mirando-se um ovo á luz, o liquido interior fôr claro e transparente, póde-se dizer que é são; se, pelo contrario, estiver turvo, é prova de que já se acha alterado. — Experimentam-se ainda os ovos expondo-os a um brando calor; se foram postos recentemente, suas cascas cobrem-se de uma leve humidade. Differentemente, póde-se affirmar que a postura teve logar ha muitas horas. — A prova por meio da agua salgada parece tambem certa: faz-se dissolver 1 onça de sal de cozinha em 10 onças d'agua pura. Depois de completa a dissolução, mergulha-se n'ella o ovo; se o ovo fôr fresco, precipita-se no fundo do vaso; sendo do dia precedente, não chega ao fundo; se tiver 2 dias, nada no liquido; tendo mais de cinco dias, fluctua na superficie, e sahe do liquido tanto mais quanto mais idoso.

Conservação dos ovos. As precauções que se devem tomar, para conservar os ovos, consistem em garantil-os do contacto da agua, da humidade, da acção do ar, do calor e da geada. Um verniz resinoso ou um leve envoltorio de azeite, banha ou cera produz este resultado. Este ultimo meio é o mais vantajoso: pratica-se mergulhando os ovos isoladamente na cera derretida, suspendendo-os por fios e deixando resfriar depois. É preciso ter o cuidado, n'este caso, de cobrir com cera nova os pontos da casca, que poderiam ficar descobertos durante a operação. A applicação de um verniz sobre os ovos communica-lhes ás vezes cheiro e gosto desagradaveis pelo que este meio não é empregado. Em alguns paizes estraficam-se os ovos nos farelos, na cinzas de lenha, na serradura de madeira, na areia, no pó de carvão misturado com sal, nas cascas do milho, da cevada, da aveia, do centeio, ou emfim põem-se simplesmente sobre camas de palha de centeio mui secca. Os agricultores intelligentes rejeitam com razão as cinzas, porque attrahem a humidade da atmosphera, e os farelos, porque aquecem-se e fermentam, ou cobrem-se de bichos. O melhor pó para este uso é uma mistura de 5 partes de areia, 5 partes de carvão de lenha em pó, e 1 parte de sal de cozinha. Depois de fechados os ovos n'um barril, n'uma caixa ou n'um cesto, collocam-se em logar temperado, sobre estantes de madeira, ao abrigo da humidade, do calor, e, tanto quanto fôr possivel, do accesso da luz. Em certos paizes quentes e seccos, emprega-se o sal só; mas este modo não convem para os paizes humidos, porque o sal attrahe a humidade, e transforma-se em uma salmoura liquida que penetra atravez da casca, e destroe, com o tempo, e interior do ovo.

Mediante estes diversos meios, os ovos podem conservar-se sãos durante algumas semanas, se ficarem constantemente em repouso: mas o transporte é lhes nocivo, sobretudo se estiverem fecundados. O balanço da carreta desorganiza as partes interiores, então o germen morre e corrompe tudo o que o cerca. Ha pois vantagem em não conservar senão os ovos não fecundados, isto é, os que foram postos pelas gallinhas separadas de gallo, tendo a experiencia demonstrado que um ovo não fecundado póde conservar-se durante muitos mezes. Em todos os casos,

convem consumir promptamente os ovos que foram transportados porque alteram-se mais facilmente do que os que não viajáram.

Eis aqui ainda outros meios de conservação dos ovos :

1.° Encher aos tres quartos, com ovos recentes, potes de barro; 200 ovos, pouco mais ou menos, em cada pote. Encher, depois, completamente estes vasos com leite de cal preparado fazendo extinguir, para cada pote, cerca de 1 kilogramma de cal viva na sufficiente quantidade d'agua, e resfriado. Cobrir depois os potes com tampa de barro.

2.° Manter os ovos, durante 30 a 40 minutos, n'uma bacia contendo 5 kilogrammas de pedrahume e 5 kilogrammas d'agua na temperatura de 45 a 50 gráos centigrados. Isto feito, tiral-os. Levar então á ebullição o soluto de pedrahume, e quando attingir o maximo da temperatura, mergulhar n'elle os ovos durante 10 a 15 segundos; tiral-os e enxugal-os. Depois de frios, embrulhal-os n'uma substancia que possa impedir o accesso do ar : algodão ou serradura de madeira podem servir para este uso. Segundo o inventor (Goffard) os ovos assim preparados podem conservar-se um anno.

3.° Mergulhar os ovos em silicato de potassa, deixando-os seccar sobre uma folha de papel sem que toquem uns nos outros, sem esta precaução, haveria adherencia no ponto de contacto entre elles e não poderiam ser separados sem se quebrarem.

O silicato tapa os póros, vitrifica a superficie, impede, por conseguinte a acção do ar, e permitte que se conserve os ovos por espaço de um anno sem se alterarem.

4.° Os negociantes de ovos empregam o seguinte meio com o qual elles conservam 10 a 12 milhões de ovos por anno. — Começam por bater dois a dois os ovos com o fim de pôr de lado os rachados; feito isto, collocam-se em uma vasilha de barro o lado menor virado para baixo; quando a vasilha está cheia de ovos, enche-se os vasios com um composto de 6 a 8 grammas de cal extincta por litro d'agua.

A cal dissolvida atravessa a casca calcarea do ovo e achando-se em contacto com a primeira pellicula, torna-a impermeavel. Depositam-se depois as vasilhas em um logar ao abrigo da luz, em uma temperatura de 7 a 8 gráos centigr. constante. Dentro de pouco tempo forma-se na superficie da agua uma especie de gelo (carbonato de cal) que só deve ser quebrado na occasião em que se tenha de tirar os ovos da vasilha.

OVO HUMANO. Designa-se debaixo do nome de ovo humano o feto e as diversas membranas que o envolvem durante o correr da vida intra-uterina. O effeito da fecundação é dar certa actividade ao ovulo que sahe do ovario da mulher. Esse ovulo fecundado se fixa no utero e seu conteudo ahi passa por transformações successivas que se terminam pelo desenvolvimento do embryão. Antes de nascer, a criança se acha pois dentro de um ovo que se compõe essencialmente das partes seguintes : um liquido abundante no qual nada o feto e as membranas que envolvem tudo e adherem á cavidade do utero. Um dos primeiros phenomenos do parto é o rompimento do ovo, cujo resultado é a sahida das aguas, e é só depois que o feto sahio que se podem extrahir as mem-

branas. Ha pois certa analogia assaz grande entre o ovo humano e o ovo das diversas especies de animaes, a principal differença está na época em que o rompimento tem logar e na existencia ou falta de uma placenta.

OXALICO (Acido). Acha-se em grande quantidade em certos vegetaes como a azedinha, o acido oxalico é soluvel na agua e no alcool. Em altas dóses é um veneno terrivel que mata quasi instantaneamente, apresentando o doente todos os symptomas ordinarios das queimaduras do estomago e dos intestinos : vomitos de sangue, perturbações respiratorias, syncopes, dôres intensas, facies cholerica, etc. Muito pouco empregado em medicina, é utilizada na industria e na photographia debaixo da forma de saes alcalinos, oxalatos de potassa e de soda. Toxicos tanto como o acido do qual derivam, esses saes são pouco soluveis. Principalmente, o oxalato de cal forma na bexiga calculos muito duros que não podem ser destruidos por meios medicos. Assignalemos por fim o oxalato de cerio que já foi recommendado no tratamento da dyspepsia, na dóse de 20 a 50 centigrammas, por dia.

OXYDO. Designa-se sob o nome de *oxydos*, a combinação dos diversos corpos ordinariamente metallicos com o gaz oxygeneo. Este gaz póde combinar-se em diversas proporções com os corpos, e, para se designarem estes diversos estados, empregam-se os termos protoxydo, deutoxydo, peroxydo, etc. O protoxydo é o oxydo que contém menos oxygeneo, o deutoxydo encerra o duplo, o peroxydo é sempre aquelle que contém mais oxygeneo. Exemplo : oxydo de antimonio, peroxydo de ferro, protoxydo de chumbo, deutoxydo de chumbo, etc. A maior parte das terras tão abundantes na superficie do globo, não são outra cousa mais que oxydos metallicos, taes como a cal, alumina, silica, magnesia, etc., cujos metaes são calcio, aluminio, silicio, magnesio, etc.

Oxydo de chumbo, de ferro, de mercurio, de zinco. *Veja-se* Chumbo, Ferro, Mercurio, Zinco.

OXYGENEO. Gaz simples, incolor, sem sabor nem cheiro, que forma a parte respiravel do ar, no qual entra por pouco mais de um quinto; os quatro quintos restantes são constituidos pelo gaz azote. É o corpo mais importante da natureza : é o agente da respiração animal e da combustão; entra na maior parte dos corpos compostos, taes como a agua, grande numero de acidos, as terras e as pedras de todas as especies, as partes vegetaes e animaes, etc. Sua densidade, comparada á do ar, é de 1,105. Os animaes podem viver algum tempo no gaz oxygeneo; mas sua respiração torna-se n'elle mais laboriosa do que n'um volume igual de ar atmospherico, em consequencia da grande irritação que o oxygeneo puro produz nos pulmões. Este gaz manifesta grande affinidade para todos os outros elementos; e quando se combina com elles, desenvolve-se calor e muitas vezes luz : a chamma produzida pela combustão da lenha, do carvão e de outros corpos inflammaveis, é devida á sua combinação com o oxygeneo do ar. Esta combustão é muito mais viva no oxygeneo puro : assim uma vela apagada, mas que apresenta ainda alguns pontos de ignição, torna a inflammar-se n'este gaz; a mola de um relogio, ao qual se atou um pedaço de isca accesa,

incendeia-se n'elle instantaneamente : arde então lançando globulos luminósos de mui bello effeito. Obtem-se o oxygeneo submettendo á acção de calor certos oxydos, taes como o peroxydo de manganez ou o bioxydo de mercurio. O methodo mais commodo para obter rapidamente gaz oxygeneo, consiste em aqueeer o chlorato de potassa em um pequeno balão de vidro sobre uma alampada de alcool; este sal desenvolve então todo o oxygeneo que contém, e converte-se em chlorureto de potassio.

O oxygeneo foi ensaiado em inhalações na asthma, debilidade, ulceras, escorbuto, escrophulas, cholera, diabetes, dyspepsia, opilação, tisica; mas com melhores resultados eontra os accidentes produzidos pela chloroformização e etherização.

OXYMEL. Mistura de mel de abelhas com vinagre. — Obtem-se em pharmacia, o *oxymel simples*, eozendo juntas 2 partes de mel de abelhas e 1 parte de vinagre; o *oxymel scillitico*, que se prepara como o simples, mas com vinagre scillitico. — O *oxymel simples*, misturado com agua, constitue uma limonada refrigerente; usa-se tambem em gargarejos na esquinencia. — O *oxymel scillitico* administra-se em poção como expectorante.

OZAGRE ou Crosta lactea. É uma affecção cutanea, propria das crianças de peito. Occupa a pelle da cabeça ou do rosto, e é caracterizada por pequenas vesiculas mui conchegadas, que se terminam pela resorpção do fluido que contém, ou por excoriações superficiaes, acompanhadas de uma exhalação serosa, á qual succedem novas erupções ou o estado escamoso da pelle.

O *tratamento* d'estas erupções, que são consideradas ás vezes como salutares, limita-se aos cuidados de asseio e ao leite de uma boa ama. É preciso dar frequentemente á criança banhos geraes d'agua morna simples, lavar a parte affectada com decocção de sementes de linho ou de raiz de althea, e cobrir as excoriações com panno fino untado de glycerina, com azeite doce ou deitar-lhes povilho. Se as excoriações forem vermelhas e inflammadas, antes de se empregar o ceroto, devem-se applicar por alguns dias cataplasmas de fecula de batatas.

OZENA. Assim se chama a ulcera fetida do interior do nariz. As suas causas são pouco conhecidas. Póde eneontrar-se nas pessoas de boa constituição, mas observa-se principalmemente nos individuos escrophulosos que tem o nariz achatado. Depende ás vezes da existencia do vicio syphilitico na economia. Principia na infancia ou na adolescencia. O cheiro é o primeiro phenomeno que se observa; existe ás vezes privação do olfacto; não ha dôr nem fluxo de materia, e o exame das fossas nasaes nada faz descobrir de anormal; mas o cheiro é dos mais fortes; foi comparado ao de percevejo.

Tratamento. Usar em fórma de rapé de um dos pós seguintes :

1.° Sub-azotato de bismutho..	30 gram.	Casca de quina em pó.....	8 gram.
2.° Carvão vegetal em pó.....	8 —	Myrrha.....	8 —

Fazer lavatorios e aspirações ou seringatorios no interior do nariz eom um dos liquidos seguintes, uma ou duas vezes por dia :

1.° Permanganato de potassa.	1 gram.	2.° Chlorureto de cal.....	30 gram.
Agua.....	1000 —	Agua.....	1000 —

Triture, n'um gral de porcelana, o chlorureto de cal com muitas porções da agua prescripta, reuna os liquidos, e filtre.

3.° Agua de Labarraque...	30 gram.	zado.....	50 centigr.
Agua.....	500 —	Agua commum.....	500 gram.
4.° Chlorato de potassa...	30 —	7.° Phenol Bobœuf.....	5 partes.
Agua.....	900 —	Agua.....	50 —
5.° Nitrato de prata crystallizado.....	10 centigr.	8.° Coaltar saponinado Le Bœuf.....	4 —
Agua distillada.....	120 gram.	Agua.....	10 —
6.° Acido phenico alcoolí-			

Todos estes seringatorios devem ser feitos com uma pequena seringa de vidro.

Cauterizar o interior do nariz com pedra infernal.

A constituição escrophulosa reclama o uso interno dos medicamentos tonicos, e sobretudo do oleo de figado de bacalhão de Berthé, das preparações ferruginosas, dos banhos aromaticos, e dos banhos do mar. *Veja-se* ESCROPHULAS.

Na supposição de que a ozena dependa do virus syphilitico, administrem-se internamente as pilulas seguintes :

Protoiodureto de mercurio.....	5 centigrammas.
Thridacio.....	5 —

Faça 1 pilula, e como esta mais 39. Para tomar uma pilula por dia.

P

PACA (fig. 707). Genero de Mammiferos roedores; contém animaes nocturnos, da altura de 35 centimetros contra 50 de comprido. Os natulistas distinguem duas especies, a *Paca preta* ou *roxa*, e a *Paca fulva*. Estes animaes vivem nos bosques, mettidos nos seus covis. Tem o porte pesado, o corpo grosso, sem cauda, o pello rude e curto; os pés com 5 dedos cada um. Acham-se no Brazil, na Guyana, no Paraguay; alimentam-se de fructas e raizes, que desenterram com o focinho. Devastam as plantações da canna de assucar. Sahem do covil de noite para buscar o alimento; sua voz parece-se com o

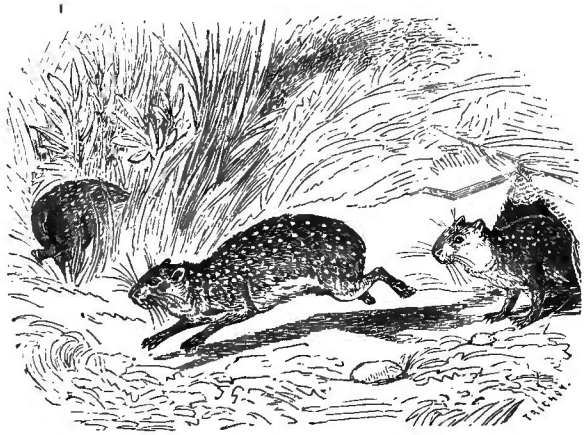


Fig. 707. — Paca.

grunhido do leitão. São muito meigos e amansam-se facilmente; são excessivamente assseados. Sua carne é mui saborosa, e assemelha-se no gosto á do leitão. Dá-se-lhes caça muito activa.

PACO-SEROCA. *Veja-se* PACOVÁ.

PACOVÁ, PACO-SEROCA ou CUITÉ-AÇU. *Alpinia aromatica,* Jacq.; *Alpinia paco-seroca,* Jacq.; *Alpinia nutans,* Rosc. Amomeas. Plantas do Brazil, cujas raizes são aromaticas e gozam de propriedades estomachicas. Internamente usam-se em pó, contra o fastio, na dóse de 1 gramma. A infusão, que se prepara com 8 grammas da raiz e 250 grammas d'agua fervendo, é recommendada na falta de menstruação. A mesma infusão usa-se em loções nas ulceras.

PADREIRO. Portugal; Minho. Aguas sulfurosas frias. Duas fontes nas margens esquerda e direita do rio Lima.

PADÚ. *Veja-se* COCA.

PAINA. Especie de algodão mui fino, produzido por certas arvores do Brazil, dentro de uma vagem espinhosa por fóra, de pontas curtas, e não muito agudas : este algodão tem dentro uns carocinhos pretos, e não é tão consistente como o algodão verdadeiro, mas é muito mais alvo e delicado; os carocinhos estão quasi soltos no meio da lã. Serve para encher almofadas, travesseiros, colchões, e almofadinhas para fracturas, etc. As arvores que dão a paina no Brazil habitam nos matos virgens, onde suas flores vermelhas produzem o mais bello effeito; plantam-se tambem ás vezes perto das habitações. — Eis-aqui a descripção de uma *arvore de paina*, observada por Augusto de St.-Hilaire perto da cidade de Barbacena (Minas Geraes), chamada por elle *Chorisia speciosa;* familia das Malvaceas, tribu das Bombaceas.

Arvore grande e frondosa, tronco e ramos cobertos de espinhos curtos; folhas esparsas, palmadas; peciolos do comprimento de 8 a 15 centimetros, delgados, sustentando, 5, 6 a 7 foliolos lanceolados serreados; flores solitarias ou reunidas em feixes de duas ou tres nos sovacos das folhas superiores; 5 petalas, com a metade superior vermelha, e a metade inferior amarella semeada de pontos e linhas pretas; o fructo é uma capsula arredondada, cujas sementes são cobertas exteriormente de felpa branca.

Os outros vegetaes cujos fructos fornecem a paina são : **Mangubeira,** arvore que habita na provincia do Amazonas. — **Sumaumeira,** *Chorisia ventricosa*, Martius (arvore do Pará e Amazonas). — **Cipó-pixuna,** que habita na provincia do Pará. As plumas inherentes á semente do fructo são excessivamente delicadas; parecem antes pennas de ave, do que uma paina. — PAINA SUMAUMA DE MARGARIDA, na provincia do Pará. Paina muito delicada adherente ás sementes, e contida dentro do fructo do vegetal conhecido com o nome de **Margarida.** Esta herva encontra-se nos campos frescos, e é muito procurada pelo gado vaccum; dá uma flor mimosa de côres encarnada e amarella; a seiva é leitosa. — Na provincia de Santa Catharina ha *paina de macella* e *paina de seda.*

PAIXÕES. Entende-se por paixão todo sentimento violento, toda

affecção excessiva, toda preoccupação viva e renitente do espirito. As paixões foram divididas em duas categorias : em agradaveis, alegres, excitantes; e em tristes, dolorosas, depressivas. A acção e o resultado das paixões de uma e outra categoria são muito differentes. As paixões misturadas de prazer são frequentemente salutares; são um indicio de saude e contribuem para mantêl-a. Todavia, o seu excesso é temivel; com effeito, desenvolvem muito a sensibilidade, e os individuos mui sensiveis não são, como todos sabem, os mais felizes. Quanto ás paixões tristes, são sempre nocivas. Independentemente das molestias nervosas, a melancolia, a hypochondria, o hysterismo, que d'ellas derivam alteram profundamente a nutrição, conduzem ao marasmo, e está provado que tem outrosim uma parte mui consideravel na producção das lesões organicas, taes como o cancro, a tisica, a aneurisma. Na classe das paixões alegres contam-se o zelo, a actividade, a esperança, a alegria, a admiração, o transporte, o enthusiasmo, o amor feliz, etc. Observamos no sequito das paixões tristes o abatimento, o desespero, o desgosto, a inquietação, o pezar, a dôr, o medo, o horror, a vergonha, etc. O melhor juiz das paixões, quanto á sua natureza alegre ou triste, é a consciencia. Toda a paixão que tende ao bem é acompanhada de satisfação, e se encontrar tropeços, revezes, contrariedades, sobra-lhe força e coragem para reagir. As paixões más pelo contrario, as que tendem essencialmente á ruina dos costumes e da saude, o ciume, a odio, a ira, a vingança, o orgulho, a cubiça, a avareza, o jogo, a embriaguez, etc., estas só podem produzir prazeres fugitivos; pois são frequentemente seguidas de perto pelo pezar, pela vergonha, remorsos, e frequentemente pelas molestias.

Todos os observadores tem reconhecido que, quanto mais as paixões engrandecem o movimento social e favorecem o progresso das sciencias, das lettras, das artes, do commercio, da industria, tanto mais perigosas são para as sociedades, e ainda mais para os individuos que as experimentam. Animando a existencia, diminuem-lhe a duração, semelhantes n'isto ao sopro rapido que atêa e consome a materia ignea. Deixando de parte o brilho que podem dar á civilização, e que ás vezes é empanado por horriveis manchas, considerando só a sua acção sobre o homem que por ellas é dominado, as paixões tomadas em massa são mais nocivas que proveitosas. Importa, por conseguinte, a cada um, para seu bem-estar pessoal, fugir da tyrannia d'ellas, fazendo-se senhor de si, e fortificando sufficientemente a sua razão afim de que ella possa sempre conter o sentimento se este tendesse á exageração. Sem querer despir a alma da liberdade moral que constitue a sua mais bella prerogativa, é ás vezes util ajudal-a fortificando directamente o corpo. Deveriamos dar aqui preceitos para moderar a sensibilidade que nas paixões é quasi sempre exaltada; mas este assumpto foi tratado nos artigos Imaginação, Hypochondria, Hysterismo, Melancolia, os quaes o leitor poderá consultar.

Depois d'estas considerações geraes, examinemos com alguma particularidade cada uma das principaes paixões.

Orgulho, altivez, vaidade. Estas affecções, das quaes a primeira consiste em ter uma alta opinião das proprias qualidades; a segunda em olhar para os outros como inferiores a si, ao menos em não querer parecer inferior a ninguem, em ser de um accesso difficil; e a terceira em pôr todo o seu merecimento em cousas pela maior parte futeis, taes como o nascimento, os empregos, os titulos, as condecorações, os enfeites; nada mais são estas affecções do que modificações do amor-proprio.

O amor-proprio exerce poderoso imperio sobre a economia inteira. Suas feridas occasionam a ira, o furor, a inveja, paixões que produzem os mais funestos resultados; quer minando lentamente o organismo, quer originando molestias graves. O amor-proprio é susceptivel de augmento ou diminuição. O exercicio deve desenvolvêl-o e a inacção enfraquecêl-o. Presta-se um máo serviço a qualquer pessoa quando se busca arraigar n'ella este sentimento. Nascem d'aqui, tarde ou cedo, pezares agudos, e por conseguinte máos effeitos para a saude. O menor inconveniente que d'isto póde resultar é o tornar-se a pessoa insupportavel aos outros. Os elogios merecidos ou não, os bons successos em todos os generos, desenvolvem o amor-proprio. É tanto mais imperdoavel quanto menos justificado fôr por qualidades verdadeiras, d'onde devem resultar necessariamente desgostos mais numerosos; e por isso é muito exacto o dizer-se que não ha cousa mais perigosa do que os aduladores.

Reprehender os defeitos com moderação é sem duvida, o melhor meio de criar os homens; o elogio deve dar-se com parcimonia. É raro que seja preciso desenvolver o amor-proprio; só se deve imprimir-lhe uma boa direcção. Prodigalizando os elogios ao que é bello e bom, faz-se brotar no coração humano o enthusiasmo para as virtudes e os talentos; derramando o desprezo e a reprovação sobre as acções vergonhosas, inspira-se repugnancia aos vicios e crimes.

Ambição das honras, do poder, da fortuna. O homem a quem a ambição devora torna-se pallido, seu olhar é ancioso, seus cabellos cahem ou encanecem, o riso não lhe assoma aos labios senão na companhia das pessoas de quem espera alguma cousa; perde o appetite, vive com o sentido no objecto dos seus desejos; é submisso, humilde e servil com os grandes; altivo e soberbo com os inferiores; a sua vida é um longo tormento; a cada desejo satisfeito succede logo outro desejo. A sua alma não é capaz de paixões generosas, do amor da patria e da liberdade; finge amar a gloria, mas só com o fito de chegar ás honras. Esta paixão, levada ao gráo extremo, produz molestias chronicas no estomago e figado, occasiona melancolia e muitas affecções cerebraes. Nada é mais commum nos estabelecimentos dos doudos do que os individuos em quem a ambição desmedida transtornou a razão; estes desgraçados julgam-se principes, reis, imperadores, e não ha cousa que os desengane.

Amor da liberdade, da patria; amizade, philanthropia, bondade, benevolencia, justiça, piedade, gratidão. Estes deliciosos dons da alma

devem ser cultivados cuidadosamente; são o encanto, o ornato, a honra e o sustentaculo da sociedade. Nem estas paixões são menos uteis ás pessoas a quem animam; contribuem poderosamente a manter a saude. O homem a quem movem sente-se agradavelmente agitado, experimenta um bem-estar ineffavel, um sentimento de força e poder; o seu appetite é bom, a digestão facil. Quanto é para admirar a maravilhosa providencia da natureza que ligou a satisfação, a saude e a felicidade á pratica das virtudes uteis!

Amor. Se ha algum assumpto exhausto, repisado mil vezes pelos moralistas, poetas, pintores, theologos, é o amor. Não existe peça de theatro, historia, painel, conversação particular, em que o amor não appareça, ou como objecto principal, ou como accessorio. O amor é a um tempo a mais branda e a mais violenta das paixões, é a fonte da mais viva alegria, e dos males mais pungentes. O amor feliz, ou sómente que espera sêl-o, derrama em todo o corpo um sentimento de bem-estar. O rosto anima-se e o sorriso vem aos labios. Os pensamentos são ricos, variados, a linguagem é eloquente, persuasiva. Mas o amor infeliz tem sempre máos resultados. Uma tristeza habitual mostra-se no rosto, um pensamento exclusivo domina o espirito; foge o somno, perde-se o appetite.

Amor paterno e materno, piedade filial. Para conservar a especie, era necessario que a natureza puzesse no coração dos pais e das mãis um sentimento de affecto bem vivo para seus filhos. Com effeito, que seria de um ente tão fraco como o recem-nascido se fosse abandonado a si mesmo, quando são necessarios tantos cuidados para subtrahil-o ás causas infinitas de destruição que lhe ameaçam a fragil existencia? Este amor, mais vivamente impresso no coração da mulher que no do homem, produz effeitos differentes. Fonte de um prazer puro e contínuo quando é satisfeito, é uma causa de saude como todas as paixões brandas e felizes. Quando algum perigo vem ameaçar a criança, o medo, a dôr, a colera, apodera-se da alma da mãi, e produzem em seu organismo as modificações mais funestas.

Uma tenra amizade, uma branda gratidão, nos ligam aos autores de nossos dias; mas estes sentimentos estão longe de serem tão vivos como a affeição materna.

Ira, odio. A ira é o movimento da alma mais vehemente e mais impetuoso. É a paixão mais funesta que póde dominar o homem. A vingança, o assassino, o veneno, o incendio, a guerra, são suas consequencias: a injuria, a offensa, a calumina, acompanham-n'a muitas vezes. Por certo, se ha paixão que mais necessite ser domada, é a ira; é tão funesta a quem domina como áquelles contra quem é dirigida. Dá nascimento a todas as molestias; um dos seus effeitos mais communs é a ictericia, e produz ás vezes a morte: as pessoas que são mui sujeitas a ella chegam raras vezes a idade avançada.

O homem que reflecte sobre si mesmo, em socego e na solidão, acaba quasi sempre por moderar, e até por domar inteiramente, os movimentos violentos da ira. Uma boa educação, impressa pelos pais á irritabi-

lidade de uma criança, póde subtrahil-a aos funestos effeitos da ira. Na idade adulta, o regimem alimentar exerce uma influencia salutar. Evitar-se-hão os alimentos mui succulentos e as bebidas excitantes. Nos individuos sanguineos, as bebidas acidulas, taes como as limonadas de limão, de laranja, são muito uteis. O odio é, por assim dizer, uma ira chronica. Não produz resultados tão promptamente funestos como a colera; mas a pessoa dominada por esta paixão experimenta todos os effeitos da dôr moral.

Medo, susto, *horror*, *terror*, etc. O desejo da conservação está tão fortemente impresso na alma, que, logo que se tem a consciencia de algum perigo, experimenta-se um sentimento particular chamado *medo*. Este sentimento tem differentes gráos; varia desde o simples movimento de surpreza, timidez, até ao terror, e n'estes diversos gráos determina no organismo effeitos differentes. O homem é mais ou menos susceptivel das impressões do medo. Sobre a criança, sobre as pessoas delicadas, enfraquecidas, esta affecção exerce um poder extraordinario. O estado de molestia, um regimen debilitante, o uso frequente dos banhos mornos, das evacuações sanguineas, o somno prolongado, o luxo a molleza, os prazeres de todo o genero, a inacção, a superstição, são fontes de fraqueza e cobardia. Muitas molestias podem resultar d'estas paixões. Os desmaios, as palpitações, as convulsões, a gota coral, a apoplexia, a catalepsia, os espasmos de qualquer especie tem sido produzidos por ellas.

Disse que a maneira de viver tornava os homens mais ou menos susceptiveis de medo. Concebe-se então que, modificando-se o regimen de certa maneira, póde-se diminuir e até destruir esta disposição. O exercicio, os trabalhos difficeis, a gymnastica, o costume de affrontar os perigos de toda a especie, e sobretudo a educação bem dirigida, tornam-n'os insensiveis ao medo. Importa muito que na primeira infancia se não faça nascer esta disposição. Não ha cousa mais capaz de desenvolvêl-a do que os contos pavorosos com que se entretem o espirito ainda debil das crianças. Os contos de ladrões e de almas do outro mundo deixam no espirito uma impressão indelevel.

PAJAMARIOBA. *Veja-se* FEDEGOSO.

PALADAR. Abobada que fecha em cima a cavidade da bocca e na qual vem se apoiar a ponta da lingua durante a mastigação dos alimentos, a phonação e a deglutição. Esta abobada se compõe de duas partes, uma ossea anterior e uma molle posterior. A parte anterior é constituida pela reunião dos dois maxillares superiores e dois dos ossos palatinos; acha-se coberta de uma mucosa espessa e adherente que se estende até atraz na parte pesterior, que é o véo palatino, separação membranosa que encerra alguns musculos em sua espessura e que termina do lado de traz por um appendice sobre o comprido, a uvula, e duas arcadas lateraes que se acham fixadas em pillares de cada lado das amygdalas. O véo palatino é destinado a impedir que os alimentos passem da bocca ás fossas nasaes durante a acção de engulir. Nas crianças que têm o beiço rachado ou labio leporino completo, a abobada ossea

do paladar tem uma fenda mediana que faz communicar a bocca com as fossas nasaes. Nos individuos escrophulosos e principalmente nos syphiliticos, tambem declaram-se n'este logar certas perforações irregulares. Em alguns individuos, emfim, nota-se uma divisão congenita do veo palatino que necessita uma sutura difficil para remediar a voz fanhosa que elles têm.

PALMA CHRISTI. *Veja-se* MAMONA.

PALMEIRAS. Familia de plantas Monocotyledoneas, encerra grandes arvores cujo tronco simples, nu, chamado *stipo,* é coroado no apice por um feixe de folhas chamadas *palmas*, mui grandes, pecioladas, persistentes, digitadas, pennadas, ou descompostas em numero mais ou menos consideravel de foliolos de fórmas variadas; as flores, ás vezes hermaphroditas, mas quasi sempre unisexuaes, dioicas ou polygamas, formam um vasto cacho, encerrado, antes do seu desenvolvimento, n'uma spatha coriacea, ás vezes lenhosa; fructo secco ou carnoso: as mais das vezes é uma drupa carnosa ou fibrosa contendo um nucleo osseo e mui duro, de um a tres loculamentos monospermos; observam-se tres fructos n'um mesmo calice.



Fig. 708. — Palmeira.

Os *coqueiros*, a *tamareira*, o *sagueiro*, são as principaes tríbus d'esta familia. Estas arvores formam vastos e bellos matos nas regiões intertropicaes. Umas fornecem fructos comestiveis, tamaras, cocos, etc.; as folhas não desenvolvidas do palmiteiro ou jissára (*Euterpe oleracea*, Martius), do assahy (*Euterpe edulis*, Martius), do guariroba e outros, constitutem um alimento saboroso e de facil digestão. Extrahe-se das palmeiras um licor vinhoso azeite (*azeite de dendê*), cera (*carnauba*), feculas (*sagú*), substancias tintureiras (*sangue drago*), etc. Com as fibras dos peciolos fabricam-se tecidos, cordas, etc.; em muitas especies, o peciolo é tão forte que fornece lanças, varas, e mesmo estacas.

O limbo das folhas serve para trançar esteiras e cestos, assim como para cobrir as habitações. A madeira de certas especies póde ser trabalhada ao torno; porém as mais das vezes é esponjosa e molle. *Veja-se* COQUEIRO.

PALMITEIRO. *Veja-se* COQUEIRO JISSARA.

PALMITO. Miolo dos talos novos de certas palmeiras, que se come guizado. É uma substancia branca, tenra, de sabor agradavel. Constitue um alimento salubre.

PALPEBRAS. As *palpebras* são dois véos moveis, situados por

diante do olho para o proteger. São formadas de uma pelle fina, frouxamente unida ao musculo orbicular ou palpebral, e de uma membrana mucosa que lhes forra a face interna. É da flexibilidade do seu tecido cellular que procede o infiltrarem-se de sangue pela menor offensa.

MOLESTIAS DAS PALPEBRAS.

§ 1.° **Adherencias das palpebras com o globo ocular.** Raras vezes são congeniaes. As mais das vezes resultam de ophthalmias repetidas, de queimadura da conjunctiva, de uma destruição d'esta membrana durante a ablação de algum tumor, da cauterização demasiada da porção d'esta membrana que reveste a face posterior das palpebras. As adherencias offerecem muitos gráos segundo a sua extensão. Consistem ás vezes em uma simples brida filiforme, estendida da conjunctiva palpebral á conjunctiva sclerotical, livre de todos os lados, salvo nas duas extremidades. Outras vezes, são bridas numerosas, mui curtas, que unem a conjunctiva palpebral com maior ou menor porção da cornea. Do numero, da séde e da disposição das bridas resultam maiores ou menores obstaculos nos movimentos do globo ocular. O olho póde estar são, ou mais ou menos profundamente alterado.

Tratamento. 1.° Não existindo senão uma unica brida entre a palpebra e o olho, póde-se fazer a excisão nas duas extremidades, e, para prevenir nova adherencia, fazem-se executar á palpebra movimentos repetidos até completa cicatrização.

2.° Sendo as adherencias mais largas, dividem-se na maior extensão possivel, e, para impedir a cicatrização dos labios da solução de continuidade, afastam-se todos os dias as margens com um instrumento rombo.

3.° Esta pratica é preferivel á interposição entre os labios da ferida de um corpo estranho, tal como uma lamina de chumbo, um pedaço de bexiga ou de pergaminho, um olho artificial molhado em oleo de amendoas doces, etc. Não ha duvida de que a presença contínua de um corpo estranho augmenta a inflammação, e que esta favorece a formação de novas adherencias.

§ 2.° **Cancro das palpebras.** Os cancros das palpebras podem ter primitivamente o caracter scirrhoso. Ha tumores das palpebras que são a principio duros, desiguaes, cobertos de pelle livida; desenvolvem-se lentamente. Ás vezes consistem em simples endurecimentos das palpebras devidos ás inflammações repetidas, ou são tumores formados pelo deposito da materia esteomatosa, que se tornam desiguaes, lividos, duros, e que se transformam depois em scirrho (*Veja-se* vol. I, pag 426). Esta transformação observa-se sobretudo nos individuos cachecticos; e são as margens das palpebras que são ordinariamente atacadas d'esta induração que degenera.

Não é facil distinguir o scirrho do endurecimento simples das palpebras, e ainda menos saber o momento em que o endurecimento degenera. Não se tem para isso senão uma circumscripção, uma dureza mais

pronunciada do tumor, depois as desigualdades, e as veias varicosas que cercam o tumor. Quando chegam as dôres, quando são lancinantes, e se a ulceração se declarar, não haverá mais duvida sobre a natureza cancerosa do tumor.

Notou-se que as irritações repetidas sobre os tumores benignos da palpebra podiam occasionar a sua degeneração, o que nos deve tornar prudentes na applicação dos unguentos que tem a reputação de fazer desapparecer estes tumores, e que, sendo irritantes pela maior parte, inflammam-n'os e apressam a sua degeneração.

Ás vezes, o tumor adquire um volume consideravel antes de tornar-se em ulcera; outras vezes, está ainda pequeno, e já se ulcera. Esta ulceração é desigual e fornece um liquido fetido.

Tratamento. É preciso abster-se de unguentos e pomadas irritantes nos tumores scirrhosos e nas indurações simples; porque ou não produzem melhora alguma, ou apressam a degeneração cancerosa. Não tem logar operação alguma, quando o tumor não mostra tendencia para degenerar; mas logo que esta tendencia se manifestar, cumpre extrahir o tumor com bisturi. Aqui não convem as applicações causticas : a proximidade do olho, a difficuldade de limitar a acção dos causticos, as cicatrizes que deixam, taes são os motivos que impedem o seu emprego. Além d'isso, ha cancros das palpebras que se desenvolvem na espessura d'estes véos, e que deixam a pelle intacta; ora, pela applicação da massa caustica sacrifica-se esta membrana, entretanto que o bisturi póde conserval-a.

§ 3.° **Chalazion.** Pequeno tumor da margem livre da palpebra, do tamanho de um grão de milho painço ou de um feijão, transparente ou avermelhado, pouco movel ou immovel, indolente. *Veja-se* vol. I, pag. 560.

§ 4.° **Contusão.** As contusões ou machucaduras das palpebras são facilmente seguidas de inchação e côr preta da pelle (ecchymose), por causa da laxidão do tecido cellular das palpebras. A inchação póde augmentar de tal maneira que o olho fique coberto inteiramente. Os socos dados sobre o olho são as mais frequentes de todas as contusões immediatas; mas a inchação e a ecchymose das palpebras sobrevem igualmente depois de pancadas dirigidas á cabeça sem tocar o olho.

A contusão da palpebra é ordinariamente um accidente sem gravidade; a côr preta ou esverdeada da pelle, que sobrevem, dura oito a quinze dias, e não necessita das bichas, que muitas pessoas costumam applicar n'este caso sem nenhuma razão. Todo o tratamento compõe-se de lavatorios com agua fria, e applicação contínua nas palpebras de pannos molhados em agua fria. Mas se a palpebra se tornar vermelha e mui dolorosa, será preciso então applicar cataplasmas de linhaça. Ás vezes, é necessario abrir com lanceta a postema que se forma nas palpebras depois de pancadas violentas. Se a inflammação nas palpebras fôr intensa, e sobretudo se se communicar ao olho, n'este caso cumpre applicar algumas bichas; mas isto só se faz alguns dias depois da contusão.

§ 5.° **Desvio** ou **Viramento das palpebras.** As palpebras po-

dem estar viradas para fóra ou para dentro, o que se chama *ectropion* e *trichiasis*. O desvio das pestanas chama-se *trichiasis*. *Vejam-se* estas palavras mais adiante.

§ 6.° **Divisão das palpebras,** ou *Coloboma das palpebras*. É uma divisão das palpebras que se parece com a do labio superior chamada *beiço rachado*. Este vicio de conformação é mui raro. Pôde ser de nascença, ou consecutiva a um ferimento. A operação, que necessita, é inteiramente semelhante á do beiço rachado. É preciso avivar as bordas da divisão com bisturi e reunir com sutura.

§ 7.° **Ectropion.** Nome de uma molestia que consiste em estarem viradas para fóra uma ou ambas as palpebras. É muito mais frequente na palpebra inferior do que na superior. Basta a mais simples inspecção para se conhecer esta molestia, que occasiona uma deformidade desagradavel; o olho deixa de estar amparado, a palpebra virada torna-se vermelha, e as lagrimas correm continuamente.

Causas. O ectropion resulta ora da inchação da membrana que cobre a face interna das palpebras, ora da cicatriz da pelle vizinha em consequencia de queimaduras, postemas, feridas, etc. A pelle, encurtada pela cicatriz, atrahe necessariamente a margem da palpebra, afasta-a do olho, e muda a direcção d'ella.

Tratamento. Abandonado a si, o ectropion produz com o tempo a perda da vista, em consequencia das inflammações repetidas no olho descoberto; pelo que deve tentar-se a sua cura. Se a molestia fôr recente e dependente da inchação da membrana interna da palpebra, obtem-se facilmente a cura cauterizando esta membrana com pedra infernal. Mas, em muitos casos, a cauterização não basta : o meio mais expedito consiste em cortar com tesoura a porção exuberante da membrana. Esta operação produz ordinariamente a cura do ectropion por um triplice effeito : a diminuição da massa morbosa, um corrimento salutar de sangue, e uma cicatriz que tende a attrahir a palpebra para dentro. Em alguns casos, em que o ectropion é produzido por uma cicatriz mui grande, é necessario recorrer á restauração da palpebra, operação que consiste em tirar um pedaço da pelle da fonte, da testa ou de alguma outra parte vizinha, formar com esta pelle uma nova palpebra, e, d'esta maneira, produzir a cura do ectropion.

§ 8.° **Entropion.** Molestia inteiramente contraria ao ectropion; consiste em estar a margem da palpebra virada para dentro. O effeito inevitavel d'esta molestia é a irritação do olho pelas pestanas voltadas para dentro. Nas pessoas idosas o entropion é frequente : resulta do augmento da extensão e flaccidez da pelle das palpebras. O tratamento é facil, e quasi sempre seguido de cura certa. Consiste em cortar com tesoura transversalmente uma porção da pelle que sobeja. A cicatriz que se forma depois d'esta excisão attrahe a palpebra para fóra, e faz desapparecer o entropion.

§ 9.° **Espasmo das palpebras,** ou *blepharospasmo*. Ha d'elle duas especies : 1.° os olhos ficam obstinadamente fechados em quanto dura; 2.° é um movimento convulsivo das palpebras que as faz abrir e fechar continuamente e com grande rapidez.

Tratamento. Friccionem-se as palpebras, duas vezes por dia, com o seguinte *linimento narcotico :*

Laudano de Sydenham.....	4 grammas.
Balsamo tranquillo.....	28 —

Para cada fricção empregue-se uma colher *de chá* d'este linimento

§ 10.° **Feridas das palpebras.** *Veja-se* vol. I. pag. 1134.

§ 11.° **Granulações da face interna das palpebras.** Elevações avermelhadas em fórma de grãosinhos. As vezes, depois das ophthalmias, apparecem pequenas granulações, sobre a conjunctiva das duas palpebras, mais frequentemente na inferior, no ponto em que a membrana mucosa forma uma goteira passando da palpebra sobre o olho. O seu volume varía desde o grão de milho painço até uma pequena framboeza; são pediculadas ou não pediculadas; estas são as mais pequenas. Nunca são unicas; são ás vezes dez; o seu volume está na razão inversa do seu numero. Com estas vegetações ha ou não ha inchação da conjunctiva, e escurecimento da cornea; ou então esta é sã, mas cedo ou tarde ella será affectada, porque estas desigualdades são corpos irritantes, causas incessantes de ophthalmias. Pelos movimentos reciprocos das palpebras e do globo ocular, estas granulações occasionam comichões ou picadas.

Tratamento. Com pedra infernal ou com pedra lipes reprimem-se estas excrescencias quando são pequenas e sem pediculos; se, pelo contrario, forem pediculadas cortar-se-hão com tesoura curva. Não se deve porém cortar grande porção da conjunctiva, para não produzir um entropion, isto é viramento da palpebra para dentro. Depois da operação lavam-se os olhos com agua rosada.

§ 12.° **Inchação das palpebras.** As palpebras são mui sujeitas a incharem, As causas d'esta molestia são numerosas ; a mais frequente é a acção do frio. Certas affecções da cabeça, certas feridas do rosto, produzem a inchação das palpebras. Ha pessoas cujas palpebras estão habitualmente infiltradas, e incham por qualquer cousa. Os lavatorios com agua rosada, ou com o cozimento de raiz de ratanhia, constituem um remedio de que se pode usar em todos os casos.

§ 13.° **Inflammação das palpebras** ou **Blepharite.** Póde ser aguda ou chronica.

INFLAMMAÇÃO AGUDA. *Causas.* São : A impressão subita de uma corrente de ar frio, as picadas dos insectos, as pancadas, as feridas, a propagação da erysipela do rosto ou da cabeça.

Symptomas. O tecido cellular das palpebras inflamma-se facilmente, suppura mesmo e é susceptivel de uma tumefacção consideravel. Quando a erysipela do rosto se estende ás palpebras, estas intumecem consideravelmente e com grande rapidez. A pelle toma uma côr de rosa mais ou menos escura ; parece ás vezes transparente. A tumefação é em alguns casos tão consideravel que é impossivel descobrir o globo do olho.

Terminação. Geralmente a blepharite aguda termina pela resolução ; ás vezes forma-se um abcesso na palpebra.

Tratamento. Compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula. Se se formar um abcesso, deixa-se arrebentar por si mesmo, ou faz-se uma incisão parallela á margem livre da palpebra, para dar sahida ao pus.

INFLAMMAÇÃO CHRONICA. Ataca sobretudo as pessoas que cançam os olhos á luz mui viva, ou os operarios que trabalham em logares humidos, expostos á poeira ou outras emanações irritantes. O abuso das bebidas alcoolicas provoca tambem o desenvolvimento d'esta molestia.

Symptomas. A margem das palpebras torna-se levemente vermelha. Os vasos, cujo volume augmenta, fazem linhas mui visiveis na face interna das palpebras. Os olhos e as palpebras enchem-se de um humor que tem certa tenacidade, que se accumula pela manhã nos cantos das palpebras, e conglutina as pestanas. Ao acordar, o doente não póde abrir completamente os olhos pela unica força das palpebras; é obrigado a empregar os dedos ou a amollecer com algum liquido a materia que se tornou solida; sem esta precaução, poderia arrancar as pestanas e produzir pequenas ulcerações na margem da palpebra. Não existem, propriamente fallando, dôres n'este gráo da molestia : ha simplesmente picadas leves que augmentam de vez em quando. A um gráo mais elevado da inflammação, sobrevem tumefacção das margens das palpebras desde um canto até ao outro ; sente-se mesmo ao tocar uma resistencia mui consideravel. Chegada a este gráo, a inflammação produz grandes dôres, com uma sensação de queimadura contínua e insupportavel. Virando para fóra a palpebra, vê-se toda a membrana mucosa vermelha, algum tanto intumecida, semeada de vasos muito apparentes.

Ha uma fórma de inflammação chronica das palpebras que affecta exclusivamente a margem ciliar : chamam-lhe *blepharite ciliar* ou *tinha das palpebras*. O doente experimenta comichão : ao principio ha alguma vermelhidão na margem das palpebras; não existe nem lagrimejajamento, nem aversão á luz, nem tão pouco a sensação de areia que os doentes experimentam em quasi todos os outros casos de blepharite : mas na raiz das pestanas formam-se escamas amarelladas ; estas separam-se, deixam, depois de cahirem, ulcerações d'onde reçuma uma materia pegajosa que conglutina as pestanas, e as reune em feixes, que acabam por cahir.

Tratamento. Antes de tudo é preciso subtrahir os olhos ás causas de irritação que produziram a molestia, ou modificar a constituição lymphatica do doente por um bom regimen, banhos do rio ou do mar frios, banhos aromaticos quentes, habitação sadia. Certas blepharites antigas não desapparecem senão mudando de profissão : assim os operarios, expostos ás emanações irritantes, devem deixar o officio que lhes occasiona a molestia; os litteratos devem ler ou escrever menos, etc. Os medicamentos que convem são :

Lavar os olhos com infusão forte de chá da India verde.

Tocar a margem ciliar da palpebra com pedra infernal, ou com um pincel molhado em aguardente camphorada, ou na mistura seguinte :

Tintura de iodo.....	4 grammas.
Agua.....	4 —

Applicar, ao deitar-se, na margem eiliar da palpebra, a porção do tamanho da metade de uma ervilha, da pomada seguinte.

Pomada ophthalmica de Desmarres.

Pós de Joannes.....	15 centigr.	Azeite doce.....	1 gotta.
Camphora.....	15 —	Banha fresca.....	3 gram.

Misture no porphyro as tres primeiras substaneias, e ajunte a banha.

§ 14.° **Postema das palpebras**. *V* Abcesso. V. 1, p. 10.

§ 15.° **Queda da palpebra** ou **Blepharoptose.** Relaxamento ou queda da palpebra superior, que fica abaixada diante do globo ocular, oeeasionada quer pela inehação do tecido eellular subcutaneo da palpebra, quer pela paralysia do musculo elevador da palpebra.

O *tratamento* da blepharoptose, que depende da atonia da palpebra, consiste no emprego dos lavatorios com infusão fria de rosas rubras, ou na applicação sobre a palpebra de pannos molhados em agua fria e vinagre, ou em agua vegeto-mineral.

Contra a blepharoptose proveniente da paralysia da palpebra, façam-se fricções na palpebra com balsamo de Fioravanti, e fumigações com vapores de infusão de plantas aromaticas, taes como salva, alecrim, alfazema, mangericão e tomilho.

§ 16.° **Queimadura das palpebras.** *Veja-se* Qeimadura.

§ 17.° **Reunião das palpebras.** Adherencia das palpebras entre si. As mais das vezes é de nascença. Quando é aecidental, é devida ordinariamente ás ulcerações ou queimaduras das margens das palpebras. E *parcial* ou *geral.* A reunião parcial é a mais eommum, porque raras vezes a adhereneia opera-se no angulo interno do olho, perto dos pontos lagrimaes : n'esse logar existe quasi sempre uma separação. Por pouco que a fenda que fica seja extensa, a pessoa póde vêr um pouco, porque o globo ocular dirige-se sem cessar sobre o ponto d'onde lhe vem a claridade. Estes esforços acabam por produzir um estrabismo interno.

A reunião completa, é, pois, muito mais rara ; o olho está então inteiramente eoberto. Mas não estando doente, não havendo nem gota serena nem cataracta, nem exsudações plasticas debaixo das palpebras, nem belidas; emfim, se a reunião, bem que complela, existir sem complicação, o doente distingue o dia da noite, como fazemos quando olhamos com as palpebras completamente fechadas. Quando ha adherencias entre o globo ocular e as palpebras, e é o que aconteee muitas vezes, os movimentos do olho são constrangidos, dolorosos, porque o olho não escorrega facilmente debaixo das palpebras. Verifica-se a existencia d'estas adherencias, quando a reunião não é completa, introduzindo pela abertura um estylete rombo, que se dirige em muitas direcções ; este fica logo retido.

Tratamento. É menos facil de que se julga destruir a reunião das palpebras, mesmo com o bisturí. Se fôr de nascença, ha tendencia extraordinaria das palpebras a tornarem a reunir-se ; se fôr aeeidental, é raro que não haja do lado do olho lesões que impeçam a eura eompleta :

então, não só as margens das palpebras estão adherentes, mas as suas superficies mucosas estão unidas ao olho por ligas que tem um poder de reproducção extraordinaria, sobretudo sendo a consequencia de uma queimadura. Depois da separação das palpebras com bisturí, é preciso que o doente mantenha os olhos abertos durante 24 horas, o que é difficil. Para prevenir nova adherencia, introduz-se de vez em quando entre as margens da ferida um corpo rombo, *v. g.* um annel, ou cauteriza-se com pedra infernal a margem da palpebra inferior afim de determinar uma pequena eschara.

§ 18.° **Terçol.** *Veja-se* o artigo TERÇOL.

§ 19.° **Tinha das palpebras.** *Veja-se* BLEPHARITE CILIAR, vol. II, pag. 599.

§ 20.° **Trichiasis.** *Veja-se* o artigo TRICHIASIS.

§ 21.° **Tumores.** Varios tumores desenvolvem-se nas palpebras; os mais frequentes são os *lobinhos*, que adquirem um volume desde o tamanho de um grão de milho até ao de um ovo de pomba. Estes lobinhos rolam debaixo da pelle pela pressão do dedo; não são dolorosos, e só constituem um defeito apenas apparente. Estes pequenos tumores desapparecem quasi sempre espontaneamente, e ás vezes durante o curso de alguma molestia aguda. Entretanto, ha meios de fazer desapparecer os lobinhos das palpebras. As fricções com pomada de iodureto de potassio tem sido ás vezes seguidas de bom resultado; mas a operação é o meio curativo mais seguro. Consiste em uma pequena incisão que se faz da palpebra, e mediante a qual se extrahe o lobinho.

§ 22.° **Ulceração da margem das palpebras.** Suas causas nem sempre são conhecidas. O contacto de substancias acres, ou das mãos sujas, podem determinal-a; mas ordinariamente depende do vicio dartroso. Manifestam-se pequenas feridas na margem das palpebras e, produzem comichão incommoda; esta margem incha e deixa sahir uma materia viscosa; ás vezes cahem as pestanas. O tratamento consiste em banhar a palpebra com o collyrio seguinte:

Agua commum.....	60 grammas.
Pedra lipes.....	10 centigrammas.

Molha-se um panno n'este liquido e passa-se por cima da margem da palpebra, uma ou duas vezes por dia. Como esta applicação arde um pouco, é preciso immediatamente banhar o olho com agua morna.

É bom tambem tocar as feridas com pedrahume. Se este tratamento, continuado por alguns dias, não produzir a cura, toque-se levemente a margem da palpebra com pedra infernal.

§ 23.° **Vermelhidão das palpebras** ou *Palpebras vermelhas*. As pessoas que estão sujeitas a ter as palpebras vermelhas e inflammadas não devem expôr-se á luz brilhante do sol, sem trazerem oculos verdes ou azues. Devem evitar ler letra miuda sobretudo á luz vacillante da vela. As senhoras terão o cuidado de não trabalhar de noite em fazenda vermelha ou preta, e ainda menos na bordadura. Quando as palpebras estão irritadas, lavem-se pela manhã com agua morna. Se as palpebras

amanhecerem remelosas, banhem-se com agua morna misturada com algumas gottas de aguardente camphorada; ou applique-se nas margens das palpebras, ao deitar-se, uma pequena quantidade (do tamanho de um grão de cevada) de ceroto de tannino. Os olhos devem estar fechados no momento em que se applica este ceroto. Eis-aqui a receita:

Tannino.....	30 centigrammas.
Ceroto	8 grammas.

PALPITAÇÕES. Movimentos energicos e desordenados do coração. As palpitações são ás vezes symptomas de uma molestia de coração, mas podem existir, e até offerecer grande intensidade, sem que o orgão central da circulação esteja alterado. Estas duas ordens de palpitações são ás vezes mui difficeis de distinguir uma da outra, e só o medico, por uma aturada observação, póde deslindar este ponto de pratica tão melindroso. Occupar-nos-hemos aqui sómente das palpitações nervosas; isto é, das que não estão ligadas com lesões do coração.

Os temperamentos nervosos e sanguineos predispõem para estas palpitações, mas as causas que as occasionam ordinariamente são: os movimentos rapidos do corpo, um tropeço, uma carreira, a acção de subir, os gritos, os esforços musculares de toda a especie, certas posições do corpo, sobretudo o deitar-se horizontalmente, a distensão do estomago por certa quantidade de alimentos, o abuso dos licores espirituosos, do café, as paixões vivas, taes como a colera, a alegria, o susto, etc.: as vigilias prolongadas, os trabalhos excessivos do espirito, e emfim, as perdas consideraveis de sangue. A imaginação exaltada é tambem uma causa de palpitações nos individuos moços, apprehensiveis, cuja alma é facilmente accessivel ás emoções.

O *tratamento* das palpitações varía conforme as causas que as produziram. No maior numero de casos, a molestia cessa ao mesmo tempo que a causa que a provocou. Nos individuos sanguineos, as palpitações cedem quasi sempre a uma sangria no braço ou a uma applicação de bichas no peito. Nas pessoas enfraquecidas por hemorrhagias abundantes, os medicamentos tonicos, as preparações ferreas, os decoctos amargos e um bom regimen formam a base do tratamento. Em todas as outras circumstancias, é preciso recorrer aos medicamentos antispasmodicos, á digital, ao estrophanto de Catillon e aos banhos mornos.

Eis-aqui as receitas que servem nas palpitacões de todas as especies:

Pilulas contra as palpitações.

Extracto de digital.....	60 centigrammas.

Faça 12 pilulas.

Para tomar 2 pilulas por dia, uma pela manhã, e outra á noite.

Granulos de estrophanto, de Catillon, de 1 milligramma.

Para tomar 2, depois 3 depois 4 granulos por dia em intervallos iguaes.

PANAMA. Casca de Panamá. Casca da *Quillaia smegma-*

dermos, De Candolle, arvore do Chili. Esta casca apresenta-se no commercio sob a fórma de pedaços do comprimento de cerca de 1 metro, largos, chatos, fibrosos e bastante pesados. É anegrada da parte de fóra, branca no interior; dá um pó quasi branco. É sem cheiro, mas contém um principio tão acre, que não se póde mexer sem produzir violentos espirros; é, pois, perigoso reduzil-a a pó. Parece sem sabor no primeiro momento, mas depois desenvolve uma acrimonia consideravel. Esta casca, pulverizada e misturada com agua, torna-se fortemente espumosa, e dá-lhe a propriedade de tirar as manchas de gordura dos estofos. É objecto no Chili de um commercio consideravel. Analysada por Boutron e Henry, produzio uma materia graxa unida á chlorophylla, assucar, e uma substancia particular mui picante, soluvel na agua e no alcool, espumando muito com agua, apresentando as propriedades da *saponina* e da *salseparina*.

PANARICIO. Inflammação do dedo da mão. Ha d'elle quatro especies: panaricio que tem a séde na superficie da pelle, é o panaricio *superficial* ou *erysipelatoso*, vulgo *unheiro;* aquelle que occupa o tecido cellular sub-cutaneo, panaricio *phlegmonoso*, aquelle que principia pelas bainhas tendinosas e synoviaes, panaricio *da bainha* ou *profundo;* e emfim o que ataca o periostio das phalanges, panaricio *periostico*.

Causas. São: as contusões de toda a especie, as esfoladuras, as mordeduras, o arrancamento das pelliculas que se levantam junto ás unhas das mãos, chamadas vulgarmente *espigas;* picadas com agulhas, alfinetes, pontas de osso quebrado, introducção de fragmentos de páo no dedo, etc. Em alguns casos o panaricio desenvolve-se espontaneamente; outras vezes esta affecção toma o caracter epidemico e ataca grande numero de pessoas ao mesmo tempo.

Symptomas. Variam segundo a especie do panaricio.

1.° PANARICIO SUPERFICIAL OU ERYSIPELATOSO. Chamam-lhe tambem *unheiro*. Principia por uma leve comichão, por uma dôr pulsativa na polpa do dedo, vermelhidão e uma pequena inchação. Passados alguns dias, o pus levanta a epiderme, e apparece uma bolha no dedo. Ás vezes o pus ajunta-se debaixo da unha, que se tira então com facilidade. A unha nova, que se forma depois, não apresenta o mesmo desenvolvimento, e muitas vezes tem uma côr mais escura.

2.° PANARICIO PHLEGMONOSO OU SUB-CUTANEO. Este annuncia-se por uma dôr viva, acompanhada de tensão, calor e rubor. A inflammação estende-se á mão e ao antebraço. Se a molestia seguir a marcha natural, abre-se a pelle, sahe o pus, e, desde este momento, a dôr diminue notavelmente.

3.° PANARICIO DA BAINHA. No panaricio da bainha, a pelle que cobre a face palmar do dedo é sã levemente vermelha; a dôr é mais forte, o dedo apresenta uma tumefacção uniforme, parece-se com um fuso; está encolhido, curvado em fórma de gancho; seus movimentos são difficeis ou mesmo impossiveis; a face dorsal apresenta-se mediocremente inchada. Existem symptomas geraes graves: febre, sêde, fastio. Depois

de aberta a collecção purulenta, a bainha fibrosa descobre-se; os tendões flexores desfazem-se em laminas, d'onde resulta a abolição dos movimentos do dedo; ás vezes até os ossos ficam affectados de necrose.

4.° Panaricio do periostio. (Chama-se periostio a membrana que reveste os ossos.) O panaricio do periostio affecta sobretudo a ultima phalange dos dedos; é caracterizado por uma inchação pouco marcada, vermelhidão pouco intensa, uma dôr mui forte, comtudo menos viva do que a do panaricio da bainha. A affecção termina as mais das vezes pela necrose da phalange da unha. Formam-se então trajectos fistulosos, pelos quaes o estylete chega facilmente ao osso mortificado.

Diagnostico. O panaricio superficial é facil de reconhecer; o panaricio sub-cutaneo differe do panaricio da bainha pela conservação dos movimentos dos tendões. É facil reconhecer a presença do pus no panaricio sub-cutaneo.

Prognostico. É tanto mais grave quanto mais profunda fôr a inflammação. O panaricio da bainha do pollegar e a do dedo minimo é mais perigoso do que o que occupa os outros dedos. O panaricio do periostio produz ordinariamente a mortificação da phalange da unha, e deixa, depois da eliminação do osso morto, uma deformidade na ponta do dedo

Tratamento. Em todas as especies do panaricio empregam-se a principio cataplasmas de linhaça ou de fecula, e manulavios d'agua quente simples ou de cozimento de folhas de malvas.

No panaricio superficial, ou unheiro, convem abrir a collecção purulenta logo que estiver formada; corta-se com tesoura a empola, cura-se a ferida com cataplasmas, e finalmente com fios untados de ceroto simples, ou applica-se simplesmente no fim um pedaço de encerado inglez ou panno de linho.

No panaricio sub-cutaneo, dê-se sahida ao pus logo depois de verificada a sua presença. Continuam-se as cataplasmas e os banhos até desapparecer a inflammação; depois do que cura-se a ferida com panno untado com ceroto, e finalmente com panno de linho secco.

No panaricio da bainha, deve dar-se sahida ao pus mui cedo, dividindo as partes molles exteriores do dedo e a parede anterior da bainha. Para impedir a formação de adherencias, podem communicar-se ao dedo movimentos moderados.

Emfim no panaricio periostico, cumpre dividir mui cedo as partes molles que cobrem a phalange, para prevenir a mortificação d'esta. No caso de necrose, tira-se a parte mortificada, e exerce-se uma compressão com tiras de emplasto adhesivo, sobre a ultima phalange, para tornal-a menos grossa, e diminuir a deformidade do dedo.

PANCADA. *Veja-se* Contusão.

PANCREAS. Glandula profundamente situada no ventre, ao nivel da duodecima vertebra dorsal, atraz do estomago. A sua estructura é semelhante á das glandulas salivares; o seu producto de secreção tem tambem a maior analogia com a saliva; concorre para a digestão; o conducto excretor tem raizes em todos os lobulos da glandula; abre-se no intestino duodeno (fig. 709).

As molestias primitivas do pancreas são mui raras, e quando este orgão está doente, é quasi sempre em consequencia da lesão de um orgão

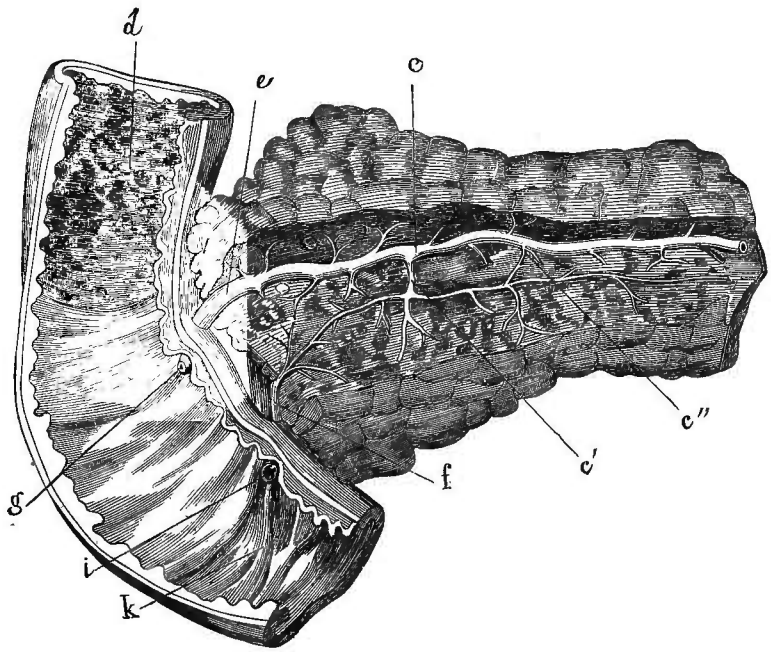


Fig. 709. — Pancreas e duodeno (*).

vizinho. Estas molestias são pouco conhecidas, e não existem senão hypotheses a seu respeito.

PANCREATICO. O succo pancreatico passa da glandula que o segrega no duodeno por um canal chamado canal de Wirsung. É um liquido claro, viscoso que se coagula sob a influencia do calor e se decompõe com muita rapidez. Se bem que se pareça com a saliva, sua seccreção não é continua como a d'ella; tem logar somente durante a digestão. D'este liquido tira-se uma substancia especial que é o seu principio activo : a pancreatina. Esta especie de fermento soluvel parece possuir duas propriedades bem distinctas : emulsão, e divisão em duas partes das materias graxas ; transformação das materias albuminoides em peptonas e remate da acção da saliva sobre as materias feculentas.

A possibilidade de isolar a pancreatina suggirio a ideia de administral-a nas dyspepsias como a pepsina, principio activo do succo gastrico. Na verdade, ella facilita a digestão e permitte que se absorva grandes quantidades de materias graxas, taes como o oleo de figado de bacalhao.

Pode-se receitar a pancreatina em pilulas ou solução vinosa na dóse de 25 centigr. a 2 grammas, por dia.

PANCREATINA. Assim se chama o fermento complexo contido

(*) *d*, intestino; *c*, *e*, canal pancreatico superior; *g*, sua embocadura; *f*, canal pancreatico inferior; *l*, sua embocadura com o canal choledoco; *k*, prega de Water; *c*, *c'*, anastomoses entre os dois conductos.

no succo pancreatico do homem e dos animaes. É um fermento que digere simultaneamente 13 vezes o seu peso de tecido muscular, 7 vezes o seu peso de amido, e 10 vezes o seu peso de gordura ; transforma em emulsão os corpos gordos 15 vezes o seu peso. Póde ser considerada como succo pancreatico inspissado. Tem o aspecto de pó roxo-amarellado attrahindo fortemente a humidade do ar, cheiro e sabor de carne assada, soluvel na agua. Obtem-se tratando pelo ether os pancreas dos porcos, e evaporando o ether. É aconselhada como estimulante da digestão nas dyspepsias especiaes quando o estomago não digere as materias gordurosas, manteiga, azeites, etc. É a companheira da pepsina e da diastase. Administra-se de preferencia em pó; é necessario pois que este producto seja purissimo. A pancreatina de Chassaing $\frac{C}{C}$, cujo titulo digestivo é rigorosamente sempre o mesmo, attinge o maximo de digestividade e será sempre empregada com proveito.

Elixir eupeptico de Tisy (*Eu*, bem *peptos* digerido). Reunião de pancreatina, diastase e pepsina, tres fermentos que favorecem a digestão. A pancreatina, digere os corpos gordos, a diastase os feculentos, a pepsina é o fermento que opera a digestão da carne. Estes tres fermentos estão reunidos no elixir de Tisy n'um só vehiculo, não exercendo acção uns sobre os outros. O vehiculo é a agua alcoolizada, aromatizada e assucarada. Este *elixir* convem no embaraço gastrico, na dyspepsia, nos vomitos nervosos e outros, na convalescença das molestias e na tisica. Cada colher *de sopa* de 20 grammas comtém 10 centigrammas de diastase.

Dóse media 1 colher *de sopa* no principio do jantar.

A pancreatina entra na composição do pó toni-digestivo de Royer, que se emprega com vantagem contra as affecções do estomago, digestões difficeis, gastrites, gastralgias, dyspepsias, etc.

PANCREATITE. Inflammação do pancreas.

Symptomas. Dôr fixa na bocca do estomago, acompanhada de calor, com fluxo intestinal de materias semelhantes á saliva, tumefacção do ventre, febre, fastio, ás vezes vomitos.

Tratamento. Compõe-se de bichas no epigastro, cataplasmas de linhaça na mesma região, dieta, e limonada de vinagre.

PANNA. Planta da familia dos Fetos, empregada como vermifugo pelos habitantes da Africa meridional. Toma-se em infusão aquosa, de 3 a 5 grammas, de pó de rhizoma, por muitas vezes, e depois segue-se a administração de um purgante. Este remedio provoca os vomitos e produz congestão cerebral passageira.

PANNO CRIVADO E FENESTRADO. *V.* v. I, p. 772.

PANNOS. (Molestia.) Assim se chamam manchas superficiaes, de fórmas differentes, espalhadas irregularmente pela pelle, com intervallos de côr natural, e acabando pela exfoliação da pelle. Estas manchas são ordinariamente avermelhadas, mas podem tambem ser cinzentas, amarelladas ou de qualquer outra côr. Em geral variam de côr conforme se observam nas pessoas brancas ou de côr, e segundo os logares que se acham affectados. Os pannos não são sensivelmente proeminentes na superficie da pelle; só são levemente rugosos pelo effeito da seccura

da pelle, que não transpira, n'este logar, e em consequencia da descamação epidermica que se faz na sua superficie.

As *causas* dos pannos são : o sol, o uso de bebidas espirituosas, carnes de porco, comidas mui salgadas e muito apimentadas, contrariedades, e outras paixões vivas.

Os pannos constituem uma affecção de pouca importancia, e raramente acompanhada de algum incommodo interno. Ás vezes, quando muito, podem ser acompanhados de comichão desagradavel. Mas estas manchas são mui sujeitas a voltar, e ha pessoas que são habitualmente acommettidas d'ellas com a volta do calor.

Tratamento. O regimen sobrio, o uso de fructas, de vetegaes e limonadas de limão, laranja, tamarindos, banhos mornos ou frios, constituem a base do tratamento. São uteis os lavatorios com os liquidos seguintes :

1.° Agua de rosas.....	500 gram.	2.° Borax.....	15 gram.
Tintura de benjoim..	15 —	Agua commum.....	500 —

ou as fricções com a pomada seguinte :

Banha.....	30 grammas.
Subcarbonato de potassa.....	120 centigrammas.
Flor de enxofre.....	4 grammas.

Faça-se pommada.

O phenol Bobœuf misturado com agua ou o Coaltar saponinado Le Beuf são remedios de grande efficacia contra os pannos do rosto.

Algumas pessoas dão o nome de pannos ás manchas que resultam do descoramento da pelle, cuja séde existe sobre a epiderme, na camada onde reside a materia corante da pelle. Não ha remedío contra estas modificações no colorido da pelle; estas manchas podem apparecer e desapparecer. Ignora-se a causa. São mui communs no Rio de Janeiro, e principalmente nos pretos.

PANTANO. Dá-se o nome de *pantanos* aos terrenos cobertos de aguas estagnadas, no meio das quaes vegetam e vivem grande numero de plantas e animaes aquaticos, cujos restos se maceram e apodrecem n'estas aguas.

Os effeitos nocivos dos pantanos foram reconhecidos desde a mais remota antiguidade : certos povos os consideravam como a bocca do inferno. Os individuos obrigados a viver cercados dos miasmas dos pantanos são ordinariamente de pequena estatura, tem a tez livida, os braços magros, o rosto enrugado, e apresentam desde os primeiros annos o aspecto da decrepitude e os signaes da tristeza e do soffrimento. O habitante dos logares pantanosos não está unicamente condemnado a passar a vida em um estado habitual de soffrimento doentio; experimenta além d'isto, em certas epocas, affecções agudas mais ou menos graves, e principalmente febres intermittentes.

A experiencia tem demonstrado que as emanações miasmaticas seguem, na sua dilatação e condensação, as variações diurnas do calor

atmospherico. Resulta d'isto que a sua acção, pouco sensivel ao meio do dia, torna-se mui temivel á tarde, durante a noite e até de manhã. O estado agitado da atmosphera que espalha os miasmas, e a sua serenidade que lhes permitte accumular-se nos mesmo pontos, modificam tambem singularmente esta mesma acção; mas a condição que a tem de alguma sorte debaixo da sua dependencia é o calor, sem o qual não haveria fermentação putrida nas aguas lodosas. É por isso que os pantanos exercem principalmente a sua funesta influencia nos paizes quentes.

O unico meio verdadeiramente efficaz contra os miasmas paludosos consiste em deseccar os pantanos d'onde elles sahem, ou pelo menos em dirigir suas aguas de modo que se previna a estagnação. Procedendo assim, não sómente se conserva a saude dos homens, mas dão-se á agricultura terrenos de muito valor. Os Gregos diziam d'aquelles a quem viam fazer uma fortuna brilhante e rapida : *Aterram pantanos.*

Quando alguma pessoa é obrigada a viver perto dos pantanos, deve ao menos recorrer aos meios susceptiveis de tornar o corpo menos sensivel á sua acção. Estes meios são : o uso de uma alimentação composta principalmente de carne, vinho, bebidas espirituosas, uma habitação arejada; o exercicio feito durante as horas em que as emanações estão mais rarefeitas; a precaução de conservar-se fechado nas circumstancias oppostas; os cuidados rigorosos de asseios e outros meios hygienicos. Uma observação constante tem demonstrado que as affecções morbosas, communs ás regiões insalubres, reinam com menor furor entre os habitantes indigenas do que entre os homens novamente chegados a esses paizes. Este phenomeno depende do costume que tem tomado os orgãos das pessoas acclimadas, por assim dizer insensiveis á acção dos miasmas pantanosos. Por conseguinte, o estrangeiro, que vai residir n'esses terrenos deleterios, deve ainda com maior severidade observar as precauções sanitarias que deixei indicadas; é necessario que evite os excessos de todo o genero, e sobretudo em quanto não se acha acclimado.

Tudo o que acabei de dizer dos pantamos é igualmente applicavel aos canos e cloacas das grandes cidades, que, por falta de asseio e boa policia, tornam-se pantanos ficticios. *Veja-se* MIASMAS.

O tenente Maury, da marinha americana, imaginou recentemente um meio engenhoso de destruir as emanações putridas que se desenvolvem dos pantanos em consequencia da decomposição das especies vegetaes. Este meio consiste em plantar nos pantanos uma quantidade consideravel de girasoes (*Helianthus annuus*, Linneo); estas plantas, tendo a propriedade de absorver os gazes, neutralizam os miasmas, e fazem abortar as febres periodicas que assolam as vizinhanças dos pantanos.

PANTICOSA. Hespanha. Aguas salinas sulfurosas tepidas 25° a 28°. Quatro fontes. Um dos mais importantes estabelecimentos da Hespanha. Empregam-se as aguas de Panticosa principalmente na tisica, e nas laryngites, bronchites, gastrites, hysterismo, vomitos de sangue, metrorrhagia, dysmenorrhea, molestias cutaneas.

PÁO DE ALHO. Diversas plantas são conhecidos no Brazil com este nome, por causa do cheiro alliaceo que exhalam. São :

1.° *Seguiera floribunda*, Benth., *Seguiera alliacea,* Martius. Phytolaceas. Esta chama-se tambem **Ybirarema, Guararema** ou **Cipó de alho.** A raiz, o lenho e todas as partes herbaceas exhalam um cheiro de alho e de assafetida. Os banhos preparados com o cozimento

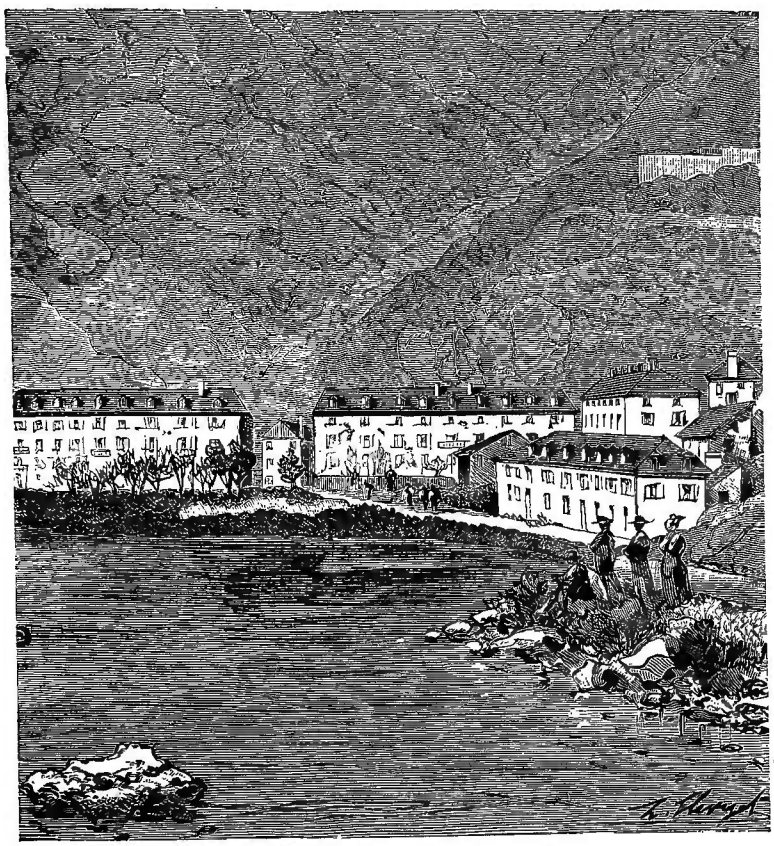


Fig. 710. — Estabelecimento thermal de Panticosa (Hespanha).

do lenho ou das folhas administram-se nos rheumatismos, nas dôres hemorrhoidaes e na hydropisia. 1 kilogramma para um banho.

2.' *Cratœva tapia,* Linneo, chamada tambem **Tapiá.** Capparideas. Suas folhas contusas, e applicadas em fórma de cataplasma, empregam-se para amadurecer os abcessos.

PÁO-BRAZIL. Páo de Pernambuco ou **Páo rosado.** *Cœsalpina echinata.* Lam. Leguminosas. Arvore do Brazil que deo o nome ao imperio. É mui grande, tortuosa e espinhosa, de folhas alternas, bi-aladas, compostas de foliolos ellipticos e obtusos; flores terminaes dispostas em racimos simples; corolla de cinco petalas matizadas de vermelho e amarello; fructo, vagem cinzenta, oblonga, comprimida e coberta de espinhos, de um unico loculamento, contendo muitas sementes lisas. O emprego principal do lenho é na tinturaria,

para tingir a lã de vermelho, e a seda de carmezim. — O lenho é coberto de um alburno branco muito espesso, que se tira antes de o entregar ao commercio, o que lhe diminue o volume. Este lenho (cerne) é duro, compacto, de um vermelho pallido no interior, mas torna-se de um roxo vermelho ao ár. É inodoro, e quasi insipido; córa apenas a agua fria; dá um decocto avermelhado pouco escuro, e forma com alcool uma tintura vermelha amarellada, muito mais escura do que com agua. O cozimento do lenho ensaiado pelos reagentes dá os resultados seguintes :

Precipitado pela *gelatina*, o liquido toma ao ar um magnifica côr vermelha de groselha.

A *pedrahume* communica-lhe a mesma côr vermelha; o *ammoniaco* forma depois um precipitado de um vermelho vinhoso.

Potassa ou *ammoniaco*, o liquido torna-se de um vermelho escuro.

Chlorureto de ferro, côr vermelha roxa mui carregada.

Sub-acetato de chumbo, precipitado azul violete.

Sal de estanho, côr de um vermelho de groselha vivo.

Acetato de cobre, côr vermelha de vinho mui carregado.

O lenho da *Cæsalpinia brasiliana*, Sw., conhecido no commercio pelo nome de *brasiletto*, emprega-se igualmente na tinturaria, e constitue uma especie inferior de páo-brazil.

PÁO CAMPECHE ou **Páo da India.** Provém de uma grande arvore, *Hæmatoxylum campechianum*, Linneo, da familia das Leguminosas, que habita no Mexico, na bahia de Campeche, e nas Antilhas. Este páo, que é o cerne da arvore, vem em achas de côr roxa anegrada exteriormente, de côr rubra escura no interior, de cheiro agradavel. Serve para fazer tintas pretas, cinzentas, roxas, azues, encarnadas, e para muitas tintas compostas.

PÁO DE COLHER. *Tabernæmontana echinata*, Velloso. Apocynaceas. Planta do Brazil. É qualificada *suspeita*.

PÁO CRAVO, Cravo do Maranhão ou IMYRA-QUIYNHA. *Dicypellium caryophyllatum*, Nees. Arvore do Brazil, da familia das Laurineas; habita especialmente no Pará e Amazonas. Folhas oblongas, acuminadas nas duas extremidades, glabras; flores dispostas em racimos pendentes; fructo, baga oval deprimida no vertice, pericarpo delgado e de cheiro agradavel. A casca d'esta arvore é exportada para a Europa; seu cheiro é parecido com o do cravo da India; é conhecida no commercio sob o nome de *canella falsa*, *canella caryophyllada;* é estimulante e empregada como tempero. Esta casca, tal como se acha no commercio, é em bastões solidos, do comprimento de mais de 66 centimetros, do diametro de 27 millimetros pouco mais ou menos, e imitando uma bengala. Estes bastões são formados de grande numero de cascas delgadas, compactas e mui duras, enroladas umas sobre as outras, e mantidas por meio de uma corda feita de uma casca fibrosa. É de côr roxa escura, quando está privada de sua epiderme, que é cinzenta esbranquiçada; mas ás vezes acha-se munida d'ella. Tem cheiro de cravo e um sabor quente, aromatico; é muito dura. Goza das propriedades do cravo da India, e póde substituil-o como tempero, bem que seja mais fraco.

PAO DE LACRE. *Veja-se* CAAOPIÁ.

PÁO PEREIRA. PÁO FORQUILHO, PÁO DE PENTE, CAMARÁ DE BILRO, CAMARÁ DO MATO, CANUDO AMARGOSO, ou PINGUACIBA (*Geissospermum vellosii*, Dr. F. Freire Allemão). Apocynaceas. Arvore do Brazil : eis-aqui alguns de seus caracteres, segundo este autor, que a tem encontrado a mais de 3,000 metros de altura, nas montanhas da Tijuca, da Estrella e de Gerecino, e que se acha tambem nas florestas da provincia da Bahia, de Minas e do Espirito Santo. Arvore muito alta ; casca grossa, profunda e irregularmente gretada, na parte tuberosa; o liber tem uma côr de ocre amarella; de sabor amargo sem adstringencia notavel. Ramos tortuosos, copados, cobertos de um tomento pardo. Folhas alternas, ovaes lanceoladas, de 54 a 80 millimetros de comprido sobre 27 a 30 de largo. Flores pequenas, de côr parda, sem cheiro. De ordinario só uma ou duas flores chegam a fructificar; e de cada uma resultam dois fructos (raras vezes um, por aborto), carnosos, ovaes, acuminados, divergentes; em quanto verdes então cobertos de pellos cinzentos, luzidios, depois de maduros são glabros e amarellos. Sementes lenticulares, oblongas ou arredondadas; dispostas em 2 filas de 4 a 5, raras vezes mais, de cada lado de falsos septos, sobre os quaes estão applicadas, e imbricadas de modo que a primeira e inferior cobre metade da segunda, esta, metade da terceira, e assim por diante; envolvidas n'uma polpa fibrosa, succulenta.

O cozimento da casca d'esta arvore é empregado no Rio de Janeiro, e com muita vantagem, contra as febres intermittentes. Prepara-se este cozimento com 30 grammas da casca e 500 grammas d'agua, que pela decocção se reduzem a 360 grammas. O doente toma esta porção no decurso de um dia, ás chicaras, uma chicara de 3 em 3 horas, durante o intervallo dos accessos da febre intermittente.

As cascas, taes como se acham no commercio, são em tiras compridas, compostas de laminas delgadas e superpostas, um pouco elasticas, côr amarellada e sabor amargo.

PÁO DE SABÃO. *Sapindus divaricatus*, Willd. Sapindaceas. Arvore do Brazil. O lenho, a raiz e os fructos d'esta arvore contém um principio amargo, que communica á agua a propriedade de espumar fortemente, e de produzir sobre a roupa um effeito analogo ao do sabão. Os fructos servem sobretudo para este uso; são globosos, luzentes, de côr roxa amarellada, de mais de meia pollegada de diametro, contendo, sob uma polpa viscosa e muito amarga, um caroço preto, arredondado, muito duro, que encerra uma amendoa amarella, oleaginosa, não amarga. Dá-se-lhes o nome de *sabonetes* ou *fructos de sabão*. Macerada em agua, a polpa do fructo dissolve-se, e communica á agua um sabor muito amargo, muito acre, e a propriedade de espumar como agua de sabão. Serve para lavar roupa.

PÁO SANTO. *Veja-se* GUAIACO.

PÃO. Farinha dos grãos cereaes, amassada com agua e levadura (pasta azedada), dividida em porções, e cozida no forno. O melhor pão, aquelle que é o mais leve e o mais facil de digerir, é o pão feito com

farinha de trigo. Faz-se tambem com farinha de centeio, aveia, milho grosso, cevada, arroz, mandioca, trigo mourisco, batatas, castanhas, bolotas, fava misturada com abobora, etc. O *pão branco* é feito com a flor de farinha de trigo; o *pão de rala*, com farinhas de qualidade inferior: sua côr amarellada provem de que os farelos não foram sufficientemente separados da farinha: o *pão meiado* de mistura de grãos de cevada e trigo; o *pão terçado*, de trigo, centeio e milho.

Pão azymo. Massa de farinha de trigo em folha sem levadura ou fermento, cozida em um ferro. Emprega-se para envolver as pilulas ou os pós de gosto desagradavel. Cortada em rodas chama-se *hostia*, e é destinada para ser consagrada pelo sacerdote durante a missa. O *pão de centeio*, bem preparado, é saboroso e nutriente. Ajunta-se sal na massa para lhe dar a tenacidade que lhe faltaria sem isto. A *farinha de cevada* dá um pão pesado e compacto; mas póde fazer-se d'ella uma alimentação muito sã, é sobretudo muito economica, ajuntando-lhe, em partes iguaes, farinha de centeio e de trigo, com tanto que a farinha de trigo entre na massa sob a fórma de levadura, isto é, azedada. O *pão de milho* tem o inconveniente de criar mofo, sobretudo quando o tempo está quente. Póde-se fabricar um pão muito melhor com metade de farinha de trigo, e metade de farinha de milho. O *pão de aveia* é preto, gordo, compacto e de máo gosto. O *trigo mourisco* não produz senão um pão de má qualidade. No dia seguinte da cozedura, este pão torna-se secco e faz-se em migalhas; e por isso, na maior parte dos paizes onde se colhe abundantemente trigo mourisco, é sob a fórma de biscoutos que se faz entrar a sua farinha na alimentação. A *batata* póde tambem ser empregada na fabricação do pão; mas não póde servir para este uso senão misturada com a farinha dos cereaes; só, seria absolutamente impropria para este fim. Com a *farinha de mandioca* não se podem fazer senão biscoutos.

Em geral, sempre que fôr possivel, convem não empregar senão farinha de trigo ou de centeio para a confeição do pão, e consumir sob outra fórma as batatas, o arroz, a aveia, etc. Em todos os casos, se se fizerem as misturas acima indicadas, não se deve empregar senão uma levadura fresca e de boa qualidade, fazer uma amassadura bem completa, e conservar a massa em logar limpo e quente.

O pão é um alimento de primeira necessidade. As diversas operações que exige sua fabricação, constituem a arte do padeiro. A arte de fazer pão não se aperfeiçoou senão com o tempo e por uma infinidade de tentativas successivas. Primeiro comeo-se o grão verde ou secco; depois fizeram-n'o assar; depois foi moido com pedras; fizeram com elle sopas, depois uma especie de biscoutos, emfim pão de toda a especie.

PAPAGAIO (Ave). Genero de aves da ordem das Trepadeiras, notaveis pela belleza de sua plumagem, ora variada de verde, azul, vermelho, amarello, cinzento e branco, ora de uma só côr, e notaveis sobretudo pela facilidade com que imitam a voz humana e os gritos de certos animaes. São caracterizados por um bico grosso, duro, arredondado de todos os lados e guarnecido na base de uma carne molle onde

se acham as narinas : por uma lingua grossa e arredondada : pés curtos e fortes, armados de unhas recurvadas; azas curtas e um corpo um tanto forte, o que não lhes permitte voar alto e por longo tempo. Os papagaios habitam as regiões quentes dos dois continentes; existem no Brazil e muito lindos, e é com as suas pennas que se fabricam no Rio de Janeiro flores artificiaes que fazem a admiração dos Europeos. No estado

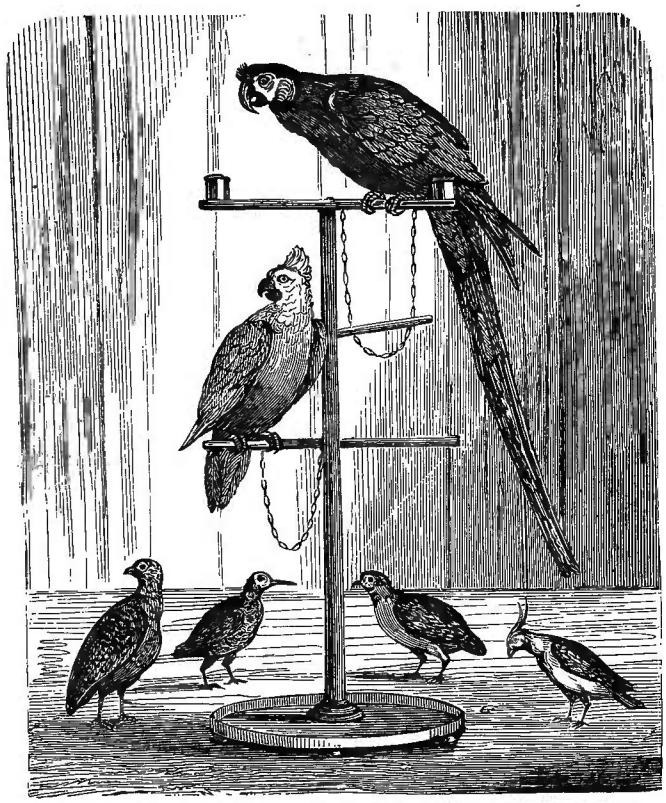


Fig. 711. — Papagaios. Araras. Periquitos.

selvagem vivem em tropas nos mattos, e alimentam sobretudo de fructas; aninham nos troncos das arvores velhas, a femea põe, cada estação, 3 ou 4 ovos. No estado domestico, comem de tudo, mas não se multiplicam. Sua voz natural é dura e desagradavel, mas pela educação aprendem a repetir todos os sons; chega-se tambem a fazer-lhes executar differentes exercicios ao commando. São susceptiveis de affeição, mas conservam longo tempo rancor ás pessoas que os maltratáram, vivem geralmente muito tempo, até 80 annos, mas a muda os faz frequentemente morrer.

O genero *Papagaio* encerra um numero consideravel de especies, Dividem-se ordinariamente em dois grandes grupos : 1.' os Papagaios de cauda curta, igual ou um tanto cuneiforme, comprehendendo os. *Papagaios* propriamente ditos e os *Cacatoes;* 2.' os Papagaios de cauda comprida, comprehendendo as *Araras* e os *Periquitos* (fig. 711).

No estado de captividade sua alimentação mais sã deve compôr-se de

milho, de sementes de canhamo e de fructas. Acceitam voluntariamente a carne e pastelaria, mas não se lhes deve dar senão raras vezes; a carne sobretudo occasiona-lhes molestias de pelle e comichões que os excitam a arrancarem as pennas. A salsa hortense e as amendoas amargas são venenos para elles. Gostam muito de se banhar, e é preciso ter sempre agua limpa á sua disposição. As varas, nas quaes se empoleiram devem ser bastante grossas para que as agarrem facilmente : devem ser antes mais grossas do que finas : porque n'este ultimo caso, a ave está exposta a cahir e ferir-se mortalmente.

A gota coral é para todas as especies de papagaios molestia commum e perigosa. O unico remedio, efficazmente empregado, consiste em abrir com cavinete a ponta de um dedo da ave doente, e em deixar correr duas ou tres gottas de sangue. Os papagaios estão ainda sujeitos ao defluxo, asthma e rheumatismo. Nos dois primeiros casos convem dar-lhes a beber um pouco de vinho com assucar; no rheumatismo, é bom untar-lhes as patas com banha de porco.

A educação do papagaio exige muito tempo e muita paciencia. É á noite, e sempre á mesma hora que se deve dar-lhe lição. Para o dispôr favoravelmente, principia-se por se lhe dar de comer uma codea de pão ou um biscouto molhado no vinho. Cobre-se depois sua gaiola com um panno. Na lição, repete-se-lhe muitas vezes a palavra que se quer que aprenda; ao mesmo tempo conserva-se a luz escondida. A voz das mulheres e a das crianças parece ter um grande poder sobre elle. Torna-se fallador ouvindo-as, e diz tudo o que sabe. Obtem-se tambem muito d'elle se, quando se lhe falla, se põe diante d'elle um espelho com a luz : julga então ver o seu semelhante, e mostra-se satisfeito e docil.

Bem que o papagaio seja geralmente meigo, torna-se, sendo mal criado, gritador, caprichoso, indocil e mesmo máo, Convem castigar, reprimir e vencer desde a origem suas más inclinações; a teima, o desejo de morder, os caprichos, a falta de asseio, a desobediencia, e tudo emfim que poderia tornar o discipulo desagradavel ao dono ou aos amigos, deve ser castigado immediatamente com um copo d'agua fria lançado na cabeça ou com uma baforada de fumaça de charuto a travez do bico. O dono, em semelhante circumstancia, deve empurrar e tocar com ousadia a sua ave, para fazer-lhe sentir toda a sua superioridade.

PAPAGAIO (Brinco). Papel, ou panno, disposto em um arco de páo, ou estendido sobre uma cruz de cannas, e cortado em figura oval, com uma cauda na parte fina, que se solta ao ar, e lá se sustem, seguro por um cordel : é brinco de rapazes. Franklin fez servir o papagaio a uma experiencia de physica muito interessante : chegou a subtrahir a electricidade das nuvens por meio de um papagaio armado na cabeça de uma ponta metallica. Depois de fazer subir o papagaio, prendeo á corda uma chave, e a esta um cordão de seda que tem a propriedade de não deixar passar a electricidade, e atou-o a uma arvore. Sobrevindo a chuva, a corda molhada tornou-se um bom conductor da electricidade, e obteve uma faisca electrica.

Ha perigo em fazer subir o papagaio ao ar durante as tempestades,

quando este papagaio não se acha isolado pelo cordão de seda, como na experiencia de Franklin. No mez de Maio do anno de 1860 aconteceo um caso desastroso nos arredores de Pariz. Para experimentar commoções electricas, um rapaz teve a ideia de atar ao papagaio um fio metallico, que é ainda melhor conductor electrico do que o barbante molhado, e fez subir ao ar o papagaio durante uma trovoada. Experimentou uma commoção electrica tão forte, que morreo instantaneamente.

PAPAGAIO (Planta). *Veja-se* TINHORÃO.

PAPAINA. Nome dado por Trouette-Perret a um principio analogo á pepsina animal contido no succo do *Mamoeiro*. (Veja-se esta palavra.) Com este succo, Trouette-Perret preparam os seguintes productos, que se empregam em todos os casos em que o individuo digere mal, seja qual fôr a causa; em todos os casos de gastrites, gastralgias, digestões difficeis, pesos no estomago, fastio, dyspepsias das crianças, lientheria, enterite, vomitos da prenhez, atonia do estomago, convalescencas, molestias do peito, fraqueza geral, esfalfamento dos velhos, etc, e tambem em todos os casos que se queira obter o renovamento rapido das forças e do vigor e o augmento d'elles.

Xarope de Papaina. Administra-se depois de cada refeição, na dóse de 1 a 2 colheres *de chá* de xarope, ás crianças, mesmo ás de peito, segundo a gravidade da molestia. Muito aproveita nas dyspepsias das crianças de collo, diarrhea das crianças, enterite chronica, lientheria, etc.

Vinho de papaina (aromatizado com framboezas). Para os adultos, um grande calice depois de cada refeição. Para as crianças, 1 calice, dos de licor.

Elixir de papaina (com base de licor de herva doce). Para os adultos, 1 calice, dos de licor, depois de cada refeição.

Hostias de Papaina. Uma a duas hostias segundo a idade, e a intensidade da doença.

Grageias de Papaina. Uma a cinco grageias depois das refeições.

Solução concentrada de Papaina contra o Crup. Molha-se um pincel n'esta solução e pincela-se de meia em meia hora, o fnndo da garganta em todos os logares onde haja pontos brancos ou falsas membranas, ellas se despegam, dissolvem-se e destroem-se logo. É um meio de conservar a respiração livre e evitar a trocheotomia dando tempo de agir os medicamentos empregados.

PAPARRAZ ou HERVA PIOLHEIRA. *Delphinium staphysagria*, Linneo. Renunculaceas. Planta commum em Portugal. Folhas apalmadas, com lobulos agudos, recortados; flores azues: sementes roxas, curvadas, rugosas, angulosas, de cheiro desagradavel, sabor acre. As sementos empregam-se em pó, ou misturadas com banha, sobre a cabeça das crianças para mantar os piolhos.

PAPEIRA, Papo ou **Bocio.** Tumor no pescoço, que consiste no desenvolvimento anormal ou hypertrophia da glandula thyroide.

Symptomas, marcha. A papeira apresenta-se sob a fórma de um

tumor molle, não doloroso, mais ou menos movel, sem mudança na côr da pelle; está ás vezes coberto de grossas veias. Sua fórma e seu volume variam muito; a hypertrophia póde occupar toda a glandula ou um de seus lobos, e n'um e n'outro caso affectal-a mui desigualmente. Comtudo as mais das vezes o tumor é oval ou espheroidal, e occupa toda a parte anterior do pescoço. No maior numero dos casos tem o volume do punho ou dos dois punhos do individuo, e só raras vezes adquire o dobro d'estas dimensões. Se a hypertrophia não invadir senão um dos lobos da glandula thyroide, o tumor acha-se situado sobre o lado do pescoço, á direita ou á esquerda da larynge. O papo apresenta ás vezes variações bastante notaveis no seu volume : é ás vezes mais proeminente durante os tempos humidos ou durante o periodo menstrual; a gravidez tem uma influencia muito mais poderosa. Assim, em algumas mulheres, o tumor nasce ou augmenta momentaneamente ou de maneira duravel durante a gravidez e o parto.

O papo segue uma marcha extremamente lenta. Principia de ordinario na idade de seis a doze annos ou na epoca da puberdade : cresce pouco a pouco, insensivelmente. As mais das vezes fica estacionario durante muitos annos, depois augmenta rapidamente, e sem causa apreciavel; apresenta, assim, grande numero d'estas alternativas antes de adquirir um volume consideravel. Ha comtudo uma idade na qual a hypertrophia da glandula thyroide não faz mais progressos : esta epoca póde ser fixada de quarenta a quarenta e cinco annos.

O papo póde sarar espontaneamente : a resolução é tanto mais facil quanto o tumor se formou mais rapidamente ; mas quando a papeira se desenvolve lentamente e já data de muitos annos, constitue quasi sempre uma molestia incuravel. É mais difficil de desfazer-se quando é endemico, isto é, quando depende de circunstancia locaes, do que quando sobrevem isoladamente.

Causas. Esta affecção é propria de certas localidades. Observa-se principalmente nos valles profundos, nos logares baixos, humidos, mal arejados; e tal é a influencia que exerce esta condição, que o papo foi assignalado nos climas mais oppostos, sempre que esta influencia existia. É incontestavel que muitos papos são devidos ao uso de certas aguas, sem que se possa determinar ainda com exactidão qual seja a especie de alteração d'este liquido. Esta molestia é mais commum nas mulheres do que nos homems, na roça do que na cidade. Se a causa do papo endemico, isto é, d'aquelle que ataca grande numero de pessoas, n'uma localidade, é obscura, muito mais o é a do que apparece de maneira isolada.

Tratamento. A primeira cousa que o doente deve fazer, contra esta molestia, é mudar de habitação e transportar-se a um logar elevado, secco e bem arejado : esta simples mudança tem sido sufficiente em muitos casos para produzir a resolução do papo incipiente. A vizinhança do mar é muito favoravel, feito isto, recorrer-se-ha aos medicamentos.

De todos os medicamentos propostos contra o papo, o iodo e suas composições são os mais efficazes. Eis-aqui as receitas :

Iodureto de potassio..... 60 grammas.
Agua commum..... 720 —

Para tomar uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia:
Ao mesmo tempo fazem-se fricções no tumor com a pomada seguinte:

Pomada de iodureto de potassio..... 60 grammas.

Fazem-se duas fricções por dia, e para cada fricção emprega-se a porção da pomada do tamanho de uma azeitona.

Este tratamento continua-se durante mez e meio. Se não produzir melhoras, recorra-se ás pilulas segnintes;

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard..... 60

Para tomar uma pilula por dia.
Se a molestia não ceder, administre-se a tintura de iodo.

Tintura de iodo..... 30 grammas.

Para tomar 4 gottas em meia chicara d'agua fria com assucar, duas vezes por dia. Augmenta-se todos os dias a dóse de uma gotta, em cada vez, até se chegar a tomar 20 gottas de tintura de iodo, duas vezes por dia.

PAPEL SINAPIZADO. *Veja-se* SINAPISMO.

PAPILLOME. Designam-se debaixo d'este nome certos tumores produzidos por uma grande hypertrophia das papillas da pelle e das mucosas. São tumores irregulares, salientes, que ás vezes deitam sangue com muita facilidade; quasi sem dôr, que apresentam na superficie muitos pequenos prolongamentos que são papillas. As verrugas e as vegetações dos orgãos genitaes pertencem a este grupo. As vegetações dos orgãos genitaes encontram-se nas mulheres pejadas sem que provenham de molestia venerea e n'aquellas acommettidas de corrimentos gonorrheicos. Essas vegetações são contagiosas. O tratamento mais efficaz consiste em destruil-as com ferro em braza. *Veja-se* VERRUGA.



Fig. 712. — Papoula.

PAPOULA. *Papaver rhaeas*, Linneo. Papaveraceas. Planta cultivada nos jardins do Brazil; em Portugal habita frequente nos terrenos cultos entre as searas (fig. 712). Caule

piloso, flores vermelhas, de cheiro um pouco nauseante, folhas pinnatifidas, o fructo é uma capsula ovoide, glabra, com muitas sementes brancas. As flores empregam-se em medicina. Faz-se um chá que é emolliente e leve narcotico. Este chá prepara-se com uma chicara d'agua fervendo e 2 grammas de flores de papoula.

PAPULAS. Pequenas elevações da epiderme, da mesma côr que a pelle, ou de um vermelho pouco escuro, solidas, isto é, não contendo nem pus como as pustulas, nem serosidade como as bolhas, e terminando por furfuração. As molestias cutaneas caracterizadas por papúlas são o lichen e o prurigo.

PARACARY, S. Pedrocaá, Hortelã brava, Mentrasto, Meladinha, ou, em lingua tupy, Boia-caá. *Peltodon radicans?* ou *Clinopodium repens?* Planta do Brazil, da familia das Labiadas; habita no Pará, Maranhão, Pernambuco e outras provincias do Imperio. Eis-aqui a sua descripção extrahida da Memoria sobre esta planta, publicada pelo insigne medico do Pará, o Sr. Commendador Francisco da Silva Castro.

Planta herbacea, de caule tetragono, de 35 a 70 centimetros, e ás vezes mais de altura, de ramos oppostos, cujas folhas são simples, oppostas e ovaes agudas; ligeiramente aromatica quando se dilacera entre os dedos, participando do cheiro da hortelã e da herva cidreira; suas flores são completas, de côr arroxeada, nascem na axilla das folhas, e grupam-se em capitulos ou corymbos pedunculados; tem um calice gamosépalo, tuboloso, com cinco divisões; a corolla é gamopétala, tubulosa e irregular, dividida em dois labios, um superior e outro inferior; os estames são didynamicos e perfeitos; o ovario, sustentado por um disco hypogeneo, é quadrilobado, deprimido no centro, d'onde nasce um estylete bifido, cortado pelo meio deixa vêr quatro cavidades, contendo cada uma um ovulo; finalmente o fructo é composto de quatro akenios menospermos, encerrados no interior do calice, que é persistente.

No norte do Brazil esta planta é empregada contra as mordeduras de cobras. Administra-se, para este fim, o succo espresso da planta fresca na dóse de meia chavena, duas ou tres vezes com o intervallo de hora de uma á outra dóse; e externamente em cataplasma formada de toda a planta pilada e posta sobre o logar offendido. A infusão de paracary é um estimulante e sudorifico, que póde ser util par excitar as forças dos doentes mordidos por animaes venenosos, mas o seu uso não póde dispensar o emprego do unico meio que se mostrou util n'estes casos, vem a ser a cauterização da ferida com ferro em braza, pedra infernal ou oleo de vitriolo.

PARACENTESE. Puncção com um trocarte para evacuar um liquido anormalmente formado. A paracentese é uma operação que se faz quando ha derramamentos no peritoneo (ascite) e no pericardeo, mas mui raras vezes n'este ultimo caso. O medico depois de certificar-se que o ventre contem liquido ascetico, uncta o trocarte com vaselina boricada, e o enterra entre o embigo e a saliencia do osso coxal que se chama osso iliaco. O liquido tendo sido evacuado, retira-se a canula do trocarte e fecha-se a ferida com um pequeno pedaço de baudruche com

collodio. Cobre-se depois o ventre com pasta de algodão e aperta-se levemente tudo com um cinteiro. Esta operação é inoffensiva, allivia logo o doente, que respira com mais facilidade e desembaraça o figado, o estomago e os intestinos opprimidos pelo liquido contra a diaphragma.

PARAHYBA. *Simaruba versicolor.* St. Hilaire. Rutaceas. Pequena arvore do Brazil; habita especialmente nas pastagens da provincia de Minas Geraes, vizinhança do Rio de S. Francisco. Tem 1 metro 60 centimetros a 3 metros 30 centimetros de altura; folhas alternas, pecioladas, compostas de foliolos que são 8 a 14, alternos, peciolados, do comprimento de 14 a 70 millimetros, oblongos-ellipticos, muito obtusos, chanfrados no apice, verdes e glabros por cima, esbranquiçados na face inferior; flores agglomeradas. As folhas e a casca são muito amargas. Os indigenas tem-n'a como venenosa. O seu cozimento é empregado em lavatorios contra os piolhos do homem e sobretudo contra os dos animaes.

Prepara-se este cozimento com 30 grammas da casca e 500 grammas d'agua.

PARALDEHYDE. Substancia hydrocarbonatada, de cheiro aromatico, gosto acre, muito soluvel em agua fria. Tomada internamente determina um somno calmo, sem fatiga e sem agitação preliminar. Não obstante parece actuar com menos força que o opio e o chloral sobre a dôr. Applicavel em toda especie d'insomnia, administra-se'a na dóse de 2 a 4 grammas.

Paraldehyde	2	grammas.
Xarope de groselhas.....	30	—
Julepo gommoso.....	60	—

Ás colheres *de sopa*, á noite.

PARALYSIA. Entende-se por paralysia a perda total ou pelo menos a diminuição notavel do movimento ou do sentimento, ou de ambos. Segundo a sua extensão, a paralysia toma differentes nomes. Quando occupa todo o corpo, chama-se *paralysia geral; hemiplegia*, se occupa só a metade lateral do corpo; *paraplegia*, se ataca a metade inferior do corpo. Existem ainda muitas variedades de séde da paralysia que não tem nome especial: taes são a paralysia do rosto, da palpebra, do braço, da mão, do dedo, do bexiga, etc.

As *causas* que produzem a paralysia são extremamente numerosas. Comtudo, no maior numero de casos, a paralysia é occasionada por lesões cerebraes, e entre estas a mais commum é a apoplexia; e por isso para muitas pessoas a palavra *paralysia* é synonymo de apoplexia. A paralysia que occupa a metade lateral do corpo depende de ordinario de uma molestia do cerebro, e principalmente da sua inflammação. A paralysia que sobrevem subitamente, sem molestia antecedente, deve ser attribuida, as mais das vezes, á apoplexia. A inflammação da medulla espinhal, que resulta de quédas, de pancadas sobre a cabeça ou na columna vertebral, é acompanhada de paralysia. Mas esta inflammação póde desenvolver-se sem causa conhecida, e ser tambem seguida de paralysia.

Mas nem sempre a paralysia depende da alteração apreciavel do cerebro ou da medulla espinhal. As paixões tristes e prolongadas, as evacuações alvinas excessivas, os excessos venereos, o onanismo, o abuso das bebidas alcoolicas, produzem tambem um enfraquecimento notavel dos movimentos voluntarios. As paralysias n'estes casos procedem de uma simples perturbação das funcções nervosas. Chamam-lhes *paralysias essenciaes* ou *idiopathicas*. A opilação, e a convalescença das molestias agudas, taes como a angina membranosa, a febre typhoide, a pneumonia, etc., produzem ás vezes uma paralysia muscular geral. São *paralysias essenciaes*. Suas causas tambem são as contusões, as compressões exteriores prolongadas, como se vê nos membros depois da applicação de apparelhos de fracturas.

A paralysia essencial é uma verdadeira nevrose, isto é, molestia nervosa, porque não tem caracteres anatomicos apreciaveis nem no cerebro, nem na medulla espinhal, nem nos cordões nervosos, e porque a perturbação de funcção nervosa constitue toda a molestia.

Caracteres das paralysias essenciaes. As paralysias essenciaes podem ser geraes como na affecção descripta mais adiante sob o nome de *paralysia progressiva*, ou apresentar-se sob a fórma da paraplegia, quasi nunca sob a da hemiplegia. A hemiplegia essencial é, com effeito, extremamente rara, entretanto que a paraplegia existe com bastante frequencia sem achar sua explicação n'uma lesão material da medulla. Ordinariamente as paralysias essenciaes são mais ou menos circumscriptas a um orgão, como a bexiga, um membro, e sobretudo o antebraço o o rosto.

Estas paralysias formam-se ás vezes progressivamente; de ordinario são rapidas, subitas na sua invasão. Podem persistir durante mais ou menos tempo, apresentando ás vezes alternativas, boas ou más, que não se observam nas paralysias symptomaticas. Ás vezes incuraveis, tem por consequencia o definhamento dos musculos; e se sobrevierem n'uma criança, estorvam o desenvolvimento dos ossos, e produzem deformações nos membros ou na columna vertebral. Quantos não são os pés tortos, as deformidades dos membros e gibosidades do espinhaço que resultam d'estas paralysias. As mais das vezes comtudo a molestia, depois de uma duração variavel, diminue e cessa sem deixar deformidade apreciavel; em algums casos a paralysia desapparece rapidamente; mas então póde reproduzir-se do mesmo modo, mudar de logar, alternar com outros accidentes nervosos : isto se observa sobretudo nos casos em que a paralysia é uma das expressões do estado hysterico.

Tratamento. O tratamento da paralysia varía conforme a causa que a produzio. Sendo acompanhada de febre e dôr de cabeça, reclama o emprego de uma sangria. N'estes casos depende ordinariamente da *apoplexia, encephalite* ou *myelite* (*vejam-se* estas molestias). Mas se a paralysia não fôr a expressão de uma lesão organica; e mesmo, n'este caso, quando não existe mais o estado agudo, o tratamento consiste em excitar o systema nervoso com fricções estimulantes. Eis-aqui as receitas.

1.º *Linimento ammoniacal.*

Oleo de amendoas	72 grammas.
Ammoniaco liquido	8 —

2.º *Linimento ammoniacal camphorado.*

Oleo camphorado	72 grammas.
Ammoniaco liquido	8 —

3.º *Linimento camphoro-ammoniacal cantharidado.*

Linimento ammoniacal	90 gram.
Camphora	12 —
Tintura de cantharidas	30 gottas.

4.º Essencia de terebinthina ..... 120 gram.

5.º *Linimento estimulante.*

Essencia de terebinthina	60 grammas.
Ammoniaco liquido	30 —

6.º *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada	4 gram.
Oleo volatil de cravo	4 —
Alcoolato de zimbro	72 —

7.º Balsamo de Fioravanti ..... 120 gram.

Os outros meios são :

Applicação quotidiana, ou de dois em dois dias, de *ventosas seccas* sobre o espinhaço; 20 ventosas por dia.

Electrização. Nas paralysias essenciaes e nas paralysias organicas antigas, cuja lesão organica póde ser considerada como curada, convem recorrer á electrização por meio de machinas de inducção. *Veja-se* ELECTRICIDADE.

Os sinapismos, os causticos, e os banhos sulfurosos, tambem aproveitam. Eis-aqui a receita de banho sulfuroso :

Sulfureto de potassio secco	90 grammas.
Agua commum	500 —

Dissolva e deite o liquido em uma banheira de páo que tenha sufficiente quantidade d'agua quente para um banho geral.

Os banhos de mar frios, e os banhos aromaticos quentes convem muito nas paralysias antigas. O modo de preparar os banhos aromaticos acha-se indicada no artigo BANHOS MEDICAMENTOSOS.

Ha emfim indicações tiradas do estado constitucional dos doentes. Quando os doentes estão enfraquecidos, opilados, é preciso restaurar as suas forças por meio de um regimen analeptico (tapioca, ovos, carne assada, vinho), e com preparações ferruginosas. *Veja-se* ANEMIA.

As caldas que podem ser applicadas com vantagem contra as paralysias são : no Brazil, *Caldas*, na provincia de Minas Geraes; em Portugal, *Caldas da Rainha;* em França, *Bourbonne*, *Bourbon-l'Archambault*, *Bagnères-de-Luchon*, *Barèges*, *Aix-en-Suvoie*, *Balaruc;* na Allemanha, *Aix-la-Chapelle*, *Wiesbaden*, *Wildbad.*

Depois d'esta generalidades vamos estudar algumas das fórmas mais notaveis das paralysias essenciaes.

Paralysia do antebraço, ou *paralysia do nervo radial.*

Causas. Esta molestia declara-se ordinariamente debaixo da impressão do frio humido; as mais das vezes sobrevem durante o somno, quando a pessoa se deitou sobre um terreno humido; outras vezes apparece depois da impressão de uma corrente de ar frio. Em todos os casos a molestia apparece sem prodromos. A pessoa, depois de deitar-se de boa saude, acorda paralytica; se recebeo a impressão do frio durante o dia, experimenta logo entorpecimento nos musculos do antebraço; e, depois de algumas horas, não póde mover o braço.

Tratamento. Os sinapismos, as fricções com os linimentos indicados contra a paralysia em geral, os causticos, as caldas, e, finalmente, a electrização, devem ser empregados contra a paralysia do antebraço.

Paralysia que procede da apoplexia. *V* APOPLEXIA.

Paralysia arsenical. A administração de dóses repetidas de arsenico, 5 a 10 centigrammas por dia, constitue o que se chama *envenenamento lento*, e produz a paralysia da metade inferior do corpo. Os primeiros symptomas limitam-se a alguns vomitos que se acalmam promptamente. Mas depois de algum tempo, reapparecem os incommodos que seguem de ordinario a administração d'esta substancia venenosa, que consistem principalmente na sensação de acrimonia e de calor ardente na garganta e no estomago. Os vomitos reapparecem; são frequentes, biliosos, são provocados por qualquer alimento, são acompanhados de colicas violentas e de digestões difficeis. O doente, fatigado de lassidão e de dôres nos membros, fica na impossibilidade de se ter em pé. Hemorrhagias pelo nariz, nodoas pelo corpo, erupções miliarias, mostram-se por intervallos. A alteração do rosto, emmagrecimento progressivo, dão a apparencia de uma velhice anticipada. As dôres das juntas estendem-se ás costas e complicam-se de contracção dos dedos dos pés, das mãos e do tremor; a pelle experimenta comichões e sensação de calor e de frio. Emfim perdem-se os movimentos, e declara-se uma paralysia da metade inferior do corpo.

Tratamento. É preciso cessar o uso das preparações arsenicaes e usar das preparações de ferro, sobretudo segundo a seguinte receita :

Açafrão de Marte aperiente em pó.....	30 centigrammas.
Gengibre em pó.....	30 —

e faça com esta dóse mais 23. Para tomar uma dóse, tres vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar. Recorra-se tambem as fricções estimulantes indicadas contra a paralysia em geral, e ás caldas sulfurosas.

Paralysia da bexiga. Diz-se que a bexiga está paralysada quando cessa de contrahir-se para expulsar a ourina que se acumula na sua cavidade.

Symptomas, marcha. A paralysia da bexiga apparece ás vezes de repente; o que tem logar quando depende de uma lesão do encephalo ou

da medulla espinhal, ou quando se declara no curso das affecções graves da economia, ou quando é de origem hysterica. A paralysia essencial apparece em geral de maneira lenta e gradual. A bexiga, de menos em menos contractil, desembaraça-se com custo e incompletamente da ourina que contém; os doentes não expulsam o liquido senão depois de grandes esforços. O jacto não póde ser lançado longe; a ourina, em vez de formar um arco, cahe entre as coxas; as ultimas gottas que chegam ao canal correm mesmo involuntariamente. Estas difficuldades na excreção urinaria são de mais em mais consideraveis; a quantidade de ourina expulsa cada vez vai diminuindo cada dia, sobrevem finalmente uma retenção completa. A bexiga, estendida cada vez mais pela ourina, levanta-se por cima do pubis, e sobe ás vezes até ao embigo. Forma sobre a parte mediana um tumor globoso, superficial, que se sente e que se circumscreve facilmente, deprimindo com a palma da mão a parede do ventre. A pressão feita sobre este tumor causa incommodo, a até dôr, desperta ás vezes vontade de ourinar, e póde provocar a expulsão de algumas gottas de ourina.

A distensão da bexiga pela ourina determina uma sensação de peso, e mesmo de dôr no ventre. Com alguns esforços, e ás vezes espontaneamente, vê-se certa quantidade de ourina correr e produzir um allivio que persiste mais ou menos tempo; diz-se então que os doentes ourinam *por trasbordamento*. N'este caso a bexiga perde só o que lhe sobra, como se fosse n'um vaso inerte de duas aberturas e já cheio, que, recebendo um excesso de liquido, o perderia immediatamente.

A ourina não póde demorar-se indefinidamente na bexiga sem damno para o orgão mesmo, e logo depois para a economia inteira : póde resultar d'isto ou uma inflammação aguda ou um catarrho vesical; é, pois, necessario fazer cessar este estado.

Duração, terminações. A paralysia da bexiga tem uma duração variavel; póde ser só ephemera, cessar tão de repente como veio, quando resulta de uma simples fadiga, de uma distensão forçada do orgão, ou quando constitue um dos numerosos accidentes da affecção hysterica: persiste pelo contrario indefinidamente, quando o seu principio foi obscuro, seus progressos lentos, e quando ataca os individuos idosos. A paralysia, que é symptomatica de uma molestia do encephalo ou da medulla, ou que sobrevem no curso de uma febre grave, cessa de ordinario com a molestia que a determinou.

Causas. Uma disteusão excessiva das paredes da bexiga póde ser seguida de uma impossibilidade na excreção urinaria; o que acontece aos individuos que achando-se em companhia de outras pessoas não ousam ausentar-se para satisfazer a vontade de ourinar. Mas de ordinario n'estes casos ha só enfraquecimento passageiro e não uma paralysia real, e a prova d'isto é a rapidez com que o accidente se dissipa espontaneamente no maior numero de casos. — A paralysia da bexiga resulta muitas vezes do progresso da idade; ataca sobretudo as pessoas de constituição molle, os individuos entregues aos trabalhos de gabinete, os que, por preguiça, distracção ou negligencia, resistem á necessidade de ouri-

nar ou não deixam a bexiga esvaziar-se completamente; os que, durante a noite, em logar de se levantarem, ourinam deitados de lado, posição em que a bexiga, obrigada a contrahir-se fortemente, cança-se e perde com o tempo a sua acção. — Attribue-se tambem a paralysia da bexiga ao desenvolvimento anormal da prostata, glandula situada na parte inferior do collo da bexiga. A paralysia póde sobrevir em consequencia das quédas de um logar elevado, ou de pancadas nas cadeiras; póde, emfim, acompanhar as molestias agudas do encephalo, da medulla e outras.

Tratamento. Todas as vezes que a bexiga paralyzada se achar estendida pela ourina, deve-se dar sahida ao liquido por meio de uma sonda (*veja-se* CATHETERISMO). Repetir-se-ha a operação muitas vezes por dia. Para despertar a sua contractilidade foram propostos diversos meios. Convem produzir uma especie de abalo pela applicação de corpos frios na parte inferior do ventre; approximar, por exemplo, o ourinol ao escroto; pôr no ventre pannos molhados em agua fria.

Friccione-se o ventre com um dos linimentos seguintes :

1.º Essencia de terebinthina..... 120 grammas.

2.º *Linimento de cantharidas camphorado.*

Tintura de cantharidas..	15 gram.	Sabão amygdalino.....	30 gram.
Oleo de amendoas doces.	120 —	Camphora.....	2 —

Os banhos frios de rio ou do mar, os banhos quentes aromaticos são mui uteis na fraqueza da bexiga. Um caustico nas cadeiras póde tambem ser vantajoso.

Paralysias consecutivas a diversas molestias. Algumas paralysias sobrevem no curso ou na convalescença de molestias agudas mui diversas, taes como a febre typhoide, a pneumonia, a esquinencia simples, as bexigas, a escarlatina, os sarampos, e sobretudo a angina membranosa. Estas paralysias não tem causa organica apreciavel. Sobrevem, em geral, nos casos em que a molestia enfraqueceo consideravelmente a constituição. Estas paralysias são parciaes; invadem, por exemplo, o céo da bocca, um olho, um braço, uma perna, etc. Sua duração é passageira.

O *tratamento* consiste em um regimen analeptico, carne assada, tapioca, araruta, ovos, vinho, etc.; banhos com plantas aromaticas (alecrim, alfazema, tomilho, salva, hortelã, etc,); no uso das preparações de ferro e de quina, cujas receitas seguem :

1.º Pilulas ferruginosas de Vallet..... 30

Para tomar 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra à noite.

2.º Vinho de quina..... 250 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

Paralysia geral progressiva. Principia por um embaraço na falla. Em outros casos, o enfraquecimento começa pelos membros

inferiores ou superiores; os individuos tropeçam e cahem frequentes vezes; tem um andar incerto; tem menos habilidade nas mãos: sua escripta torna-se desigual, mudada, de mais em mais difficil de ler-se. Queixam-se ás vezes do entorpecimento, do frio nos membros, e gaguejam. Estes symptomas aggravam-se progressivamente: a paralysia augmenta e estende-se. A memoria e a intelligencia diminuem, e, por fim, desapparecem completamente.

As causas da paralysia progressiva não são conhecidas.

Tratamento. Uma pessoa acommettida de paralysia geral progressiva deve cessar todo o trabalho, deixar os negocios, para viver tranquilla no campo. Trata-se esta molestia, com ventosas seccas ao longo do espinhaço, banhos frios do mar, banhos quentes aromaticos, causticos volantes na nuca, e electrização.

Paralysia do hombro. A impossibilidade de levantar o braço caracteriza a paralysia do musculo que ergue o braço e que se chama musculo deltoideo. As causas mais communs d'esta paralysia são: o resfriamento e as contusões. O tratamento consiste em applicar um sinapismo e fazer depois fricções com um dos linimentos indicados contra a paralysia em geral.

Paralysia hysterica. Nas pessoas hystericas, quer durante o ataque, quer depois, sobrevem ás vezes paralysias da sensação e do movimento, mais ou menos persistentes. Estas pessoas só conhecem pela vista que se lhes toca, que se lhes dá um beliscão ou uma picada; se não vissem o que se lhes faz não sentiriam cousa alguma. A gota serena apparece ás vezes nas mulheres sujeitas ao hysterismo. Sobrevem ás vezes falta da voz, paralysia da metade inferior ou lateral do corpo, ou uma paralysia geral. Estes symptomas desapparecem ás vezes de repente; e a sua cura subita causa tanta admiração como a sua apparição instantanea.

Tratamento. As paralysias hystericas exigem o emprego dos medicamentos antispasmodicos, das poções com ether, laudano de Sydenham, chá de folhas de laranjeira, de herva cidreira, dos banhos geraes d'agua tepida. Sáram debaixo da influencia dos meios moraes, das consolações que fazem nascer a esperança, dos medicamentos secretos em que os doentes tem fé. E sobretudo contra estas paralysias que produzem excellentes effeitos as viagens de devoção, as romarias aos logares santos, a fé conduz os doentes com uma especie de enthusiasmo, na esperança da cura que ellas acham realmente. *Veja-se* HYSTERISMO.

Paralysias da infancia. Observa-se ás vezes nas crianças uma paralysia mais ou menos extensa, seguida da falta de desenvolvimento ou de uma degenerescencia gordurosa dos musculos, e que merece o nome de essencial, por não estar ligada a lesão alguma material dos centros nervosos.

Causas. Esta paralysia apparece as mais das vezes nos dois primeiros annos. Em geral não se póde descobrir a sua causa determinante: em alguns casos mostra-se depois das convulsões.

Symptomas, marcha. Raras vezes a paralysia sobrevem de maneira

latente. No maior numero de casos é subita, quer acommetta a criança no meio da saude perfeita, quer se declare depois das convulsões. A paralysia é, em geral, parcial, limitada a um braço ou a uma perna. As vezes não invade todos os musculos de uma parte. Não ha febre, nem perburbação notavel nas principaes funcções. A paralysia póde ser só ephemera, e cessar rapida e completamente depois de uma duração que varía desde algumas horas até cinco ou seis mezes; mas muitas vezes tambem a paralysia persiste; a molestia entra então n'um periodo novo que se chama *atrophico*. Os musculos paralysados emmagrecem.

Tratamento. Compõe-se de fricções com linimentos indicados contra a paralysia em geral, banhos aromaticos, banhos do mar, e electrização por meio de maquinas de inducção (*Veja-se* ELECTRICIDADE).

Paralysia da palpebra. Depende da paralysia do nervo motor ocular commum. Tem por effeito determinar o abaixamento ou prolapso da palpebra superior, que não póde erguer-se, por maior esforço que o doente faça. Existe tambem n'esta paralysia estrabismo externo, vista dupla e dilatação da pupilla.

Causas. Esta paralysia resulta de uma contusão da região frontal de uma ferida da sobrancelha, da acção do rheumatismo, da fadiga dos olhos pelo trabalho em objectos muito pequenos, da congestão cerebral, e da inflammação chronica do cerebro.

Tratamento. Applicar causticos volantes na fonte e na testa; fazer fricções na testa com um dos linimentos indicados contra a paralysia em geral.

Paralysia rheumatismal. Debaixo da influencia do rheumatismo, depois da impressão momentanea ou prolongada de um frio humido, desenvolvem-se ás vezes paralysias diversas e mais ou menos extensas : umas, limitadas a um nervo, não invadem senão um ou muitos musculos; outras affectam um membro, dois mesmo, e então os dois membros inferiores. Foram observadas estas paraplegias nas pessoas que se tinham deitado accidentalmente n'um logar humido, ou que tinham sido molhadas em quanto o corpo estava suando. Tem sido notado o mesmo accidente nos individuos que se entregavam com ardor á pesca ou á caça nos logares pantanosos. Não sómente a influencia rheumatismal n'estes casos parece provada pela natureza da causa, mas vio-se, alem d'isto, o mesmo accidente sobrevir no curso de um rheumatismo, e estar manifestamente ligado á mesma diathese. N'estas paralysias não existe lesão organica apreciavel.

O *tratamento* compõe-se de fricções com os linimentos indicados contra a paralysia em geral, de sinapismos, causticos, banhos aromaticos, banhos sulfurosos. É n'esta fórma de paralysia que o effeito de certas caldas é maravilhoso; são as mesmas que se acham indicadas tratando da paralysia em geral.

Paralysia do rosto, ou *hemiplegia facial*. A hemiplegia facial depende da paralysia do setimo par dos nervos. Conhece-se pela immobilidade e insensibilidade do lado correspondente da face.

Causas. Esta molestia procede de uma lesão do cerebro ou do nervo

correspondente ao lado paralysado, de uma carie dos ossos do craneo, de uma forte emoção moral, tal como um accesso de colera, ou de uma corrente de ar frio sobre o rosto; póde sobrevir tambem sem causa conhecida.

Symptomas. A molestia póde apparecer de repente, ou declarar-se progressivamente. Póde existir algum tempo sem que os doentes o saibam; muitos são prevenidos d'ella por seus amigos, que lhes notam uma mudança nos traços do rosto; alguns doentes apercebem-se d'ella quando, estando diante do espelho, põem-se a rir ou a fazer executar certos movimentos aos musculos, como quando se faz a barba. Estas pessoas reconhecem a affecção por faltar a expressão a um lado do seu rosto, e por este achar-se arrastado do lado opposto logo que querem fallar ou rir-se. Outros são advertidos de sua molestia por não poderem mais assobiar nem fechar a palpebra. Em geral, não sentem nem dôr de cabeça, nem incommodo algum; comtudo ás vezes a região lateral do rosto está sensivel, dorida, algum tanto intumecida. Quando a paralysia facial é completa, a sobrancelha está mais baixa do que a do lado opposto, e inclinada para a linha mediana; a metade correspondente da testa não póde mais enrugar-se. A impossibilidade de poder cobrir o olho com a palpebra, faz com que o doente não possa garantir-se da luz durante o somno senão fazendo executar ao orgão um movimento de rotação para cima. Mais tarde a bocca e a lingua desviam-se para o lado opposto; o doente não póde pronunciar as letras *b* e *p*.

Tratamento. Friccione-se o rosto com balsamo opodeldoch, com linimento ammoniacal, cuja receita se acha na pag. 621. Applique-se um pequeno caustico por diante do conducto auditivo. Se estes meios não bastarem para conseguir a cura, recorra-se á electrização por meio de uma das maquinas de inducção.

Paralysia saturnina. Assim se chama á paralysia que sobrevem nos individuos expostos ás emanações das preparações de chumbo, ou, por outro nome, preparações saturninas.

O chumbo, quando foi absorvido, determina ás vezes paralysias mais ou menos extensas. Este modo de envenenamento póde encontrar-se nos individuos que se acham habitual ou accidentalmente em contacto com as preparações de chumbo. Observa-se sobretudo nos obreiros das fabricas de alvaiade e de minio, nos pintores de casas, nos que moem as tintas, nos fundidores de caracteres typographicos, nos oleiros; encontra-se tambem, porém menos frequentemente, nos compositores typographicos, nos fabricantes de cartas de jogar, nos vidraceiros. A falta de asseio favorece a acção venenosa do chumbo.

Symptomas. A paralysia é precedida de *colica de chumbo* (*veja-se* esta palavra). É annunciada por lassidões, por uma sensação de frio, entorpecimento, lentidão dos movimentos. Raras vezes é geral e completa; póde ser limitada a um só musculo. Os membros inferiores são muito menos frequentemente affectados do que os superiores.

O doente não póde ficar em pé, ou treme sobre os membros. Quando os braços estão paralysados, acham-se pendentes ao comprimento do

corpo e immoveis. Os doentes não podem pegar nos objectos. A paralysia é ordinariamente dupla; algumas vezes é limitada a um só braço. Quando é geral, os labios tremem, a lingua move-se difficilmente, a palavra está embaraçada. A sensibilidade está quasi sempre intacta nos membros paralyzados; porém na vigesima parte dos enfermos os membros privados de movimento são tambem insensiveis.

Duração. A duração da paralysia saturnina é indeterminada; a molestia póde cessar depois de alguns dias, ou persistir durante muitos annos. A cura póde ser completa ou incompleta.

Tratamento. Em primeiro logar, é preciso fortificar a constituição por uma alimentação nutritiva, pelo uso de bom vinho, pelas preparações de quina e de ferro. No exterior empregam-se as fricções aromaticas e excitantes, as duches sobre a columna vertebral e sobre os membros paralyzados, os banhos do mar, os banhos sulfurosos naturaes ou artificiaes; os sinapismos e os causticos.

Eis-aqui as receitas :

1.° Ferro Quevenne..... 1 vidro.

Tomar 1 colher medida a cada refeição.

2.° Vinho de quina..... 500 grammas.

Beber uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

3.° *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada.....	5 grammas.
Oleo volatil de cravo.....	5 —
Alcoolato de zimbro.....	90 —

Misture. Para friccionar o espinhaço.

4.° Balsamo de Fioravanti..... 90 grammas.

Para friccionar os membros paralyzados.

5.° *Banho sulfuroso artificial.*

Sulfureto de potassio.....	100 grammas.
Agua.....	200 —

Dissolva e filtre. Deita-se este liquido em banheira de páo, que tenha sufficiente agua para um banho geral.

Os banhos sulfurosos naturaes tomam-se na villa das Caldas (no Brazil), e nas Caldas da Rainha (em Portugal).

PARAPHIMOSIS. Assim se chama o aperto excessivo, ou a estrangulação da glande pela abertura mui estreita do prepucio, quando este involucro cutaneo, depois de ter sido recuado atraz da corôa, não póde mais tornar a cobrir a extremidade do membro viril.

Causas. Este accidente é quasi sempre resultado de uma gonorrhea mui violenta, mas póde tambem sobrevir sem esta causa. Sobrevem, ás vezes, a individuos sãos que, tendo a glande habitualmente coberta, descobrem-n'a, ou por curiosidade, ou para fazerem lavatorios, e deixam

passar algum tempo para reconduzirem as partes ao seu estado natural; a glande então incha e torna-se tão volumosa que não póde passar de novo pela abertura estreita do prepucio. Póde tambem ser determinado pela presença dos cancros venereos no prepucio.

Symptomas. Qualquer que seja a causa do paraphimosis, eis-aqui as consequencias d'este accidente. A abertura do prepucio, applicada circularmente sobre o membro viril, aperta fortemente este orgão, e causa um obstaculo não só á circulação do sangue da glande, mas ainda á do da membrana interna do mesmo prepucio, que incha e forma muitos anneis, desiguaes, vermelhos e luzidios. A glande torna-se tambem vermelha e luzidia, todas as partes ficam mui dolorosas; os cavallos, se existem, augmentam e inflammam-se. Quando a constricção é pouco consideravel, a vermelhidão e a dôr desapparecem ás vezes; então existe só inchação da membrana interna do prepucio, e n'este estado ficam as cousas por tanto tempo quanto durar a demora em se acudir ao paraphimosis; mas de ordinario o prepucio e a glande inflammam-se, o docnte experimenta anxiedade, agitação e dôres vivas, que não céssam senão quando a gangrena tem destruido o prepucio e o freio. Depois de cahirem as partes mortificadas, a pelle cicatriza-se pouco a pouco, e como felizmente é mui rara a gangrena da glande, o doente acha-se, depois da cura, reduzido ao estado de um homem em que se tenha praticado a operação da circumcisão, isto é fica com a glande sempre descoberta.

Tratamento. Para prevenir estes accidentes, cumpre reduzir o prepucio da maneira seguinte : Estando o doente em pé e encostado a uma parede, o operador applica o dedo index de cada mão atraz da glande, e puxa a pelle do prepucio para diante, em quanto que os dois dedos pollegares, firmados sobre a glande, a repellem para traz. Ao mesmo tempo outra pessoa deita continuamente agua fria sobre a glande. A reducção faz-se de ordinario com facilidade; mas ás vezes são necessarios bastantes esforços. Restabelecidas as partes nas suas relações, o doente experimenta um allivio prompto, a inchação e todos os accidentes desapparecem, e tudo entra no estado normal; apenas é necessario favorecer a cura, com lavatorios d'agua morna e pela posição do membro viril, que deve ser applicado contra o ventre. Havendo blennorrhagia ou cancros venereos, applica-se-lhes o tratamento conveniente, como se o paraphimosis não tivesse existido.

PARAPLEGIA. Nome dado á paralysia, quando occupa a parte inferior do corpo, isto é, os membros abdominaes, a bexiga e o recto. É acompanhada da retenção ou da incontinencia de ourina, e da impossibilidade de evacuar as materias fecaes.

Causas. As causas ordinarias d'esta paralysia são quédas de um logar elevado, e a inflammação da medulla espinhal. Mas ha paraplegias que não estão ligadas a lesões organicas dos centros nervosos; taes são as que se desenvolvem sympathicamente debaixo da influencia de uma inflammação das visceras abdominaes, de uma febre grave, ou que resultam do rheumatismo ou da anemia.

Tratamento. Se a paraplegia sobrevier depois da quéda de um logar elevado, appliquem-se 10 a 15 bichas nas cadeiras; depois cataplasmas de linhaça, e semicupios d'agua tepida. Esvazie-se a ourina por meio de uma sonda. O modo de introduzir a sonda na bexiga, acha-se indicado no artigo CATHETERISMO. Administrem-se clysteres d'agua morna, para facilitar a evacuação das materias fecaes. Depois, recorra-se ás fricções estimulantes nas cadeiras, com os linimentos indicados no artigo PARALYSIA. *Veja-se* tambem MYELITE.

PARA-RAIO, GUARDA-RAIO ou CONDUCTOR. — Os *conductores* ou *guarda-raios*, como este ultimo nome o indica, são apparelhos destinados a preservar dos effeitos do raio.

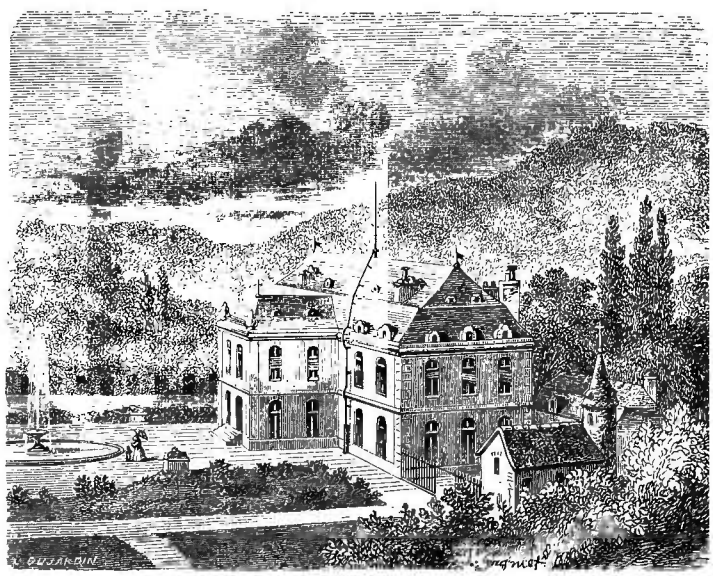


Fig. 713. — Para-raio ou conductor.

Consistem n'uma haste de ferro, de 6 a 10 metros de altura, fixa sobre o edificio que se quer proteger, e communicando com o solo por meio de uma corda de arame de ferro ou de cobre que se chama *conductor* (fig. 713). Este deve achar-se em communicação intima com a terra, e por isso tem a extremidade inferior mergulhada na agua de um poço, ou então enterrada até 4 ou 6 metros de profundidade, em um buraco que se enche depois de brazas de padeiro, especie de carvão que que é bom conductor da electricidade. Carvão de coke produziria o mesmo effeito.

O guarda-raio foi inventado por Franklin em 1755.

Franklin e os physicos do seu tempo julgavam que os guardaraios descarregavam nuvens de trovoada, roubando-lhes a sua electricidade. Hoje que se conhece a acção por influencia dos corpos electrizados e o poder das pontas, essa explicação não póde mais ser admittida; é o inverso que se deve dizer. Com effeito, quando uma nuvem fortemente electrizada se acha suspensa na atmosphera, actuando por influencia

sobre a electricidade neutra do solo, repelle a do mesmo nome que a sua, e attrahe a do nome contrario que se accumula sobre os corpos situados por baixo da nuvem. Esses corpos tem então uma grande tendencia a ser tocados do raio, mas se forem providos de pontas metallicas, estas dão sahida ao fluido electrico para a nuvem. De sorte que, não só impedem que a electricidade se accumule nos corpos terrestres, mas tendem progressivamente a reconduzir a nuvem electrica ao estado neutro, duplo effeito que evita a queda do raio. Comtudo, a electricidade que tende a desenvolver-se pelos guarda-raios é ás vezes tão abundante, que elles se tornam insufficientes para descarregar o solo, cahe então o raio, porém são elles que, em virtude da sua melhor conductibilidade, recebem a descarga.

Importa que os guarda-raios terminem em ponta, para darem mais facil passagem ao fluido emittido pelo solo; e como a ponta tende a embotar-se pela oxydação, isto é, pela ferrugem que se forma sobre o ferro debaixo da influencia da humidade, é bom dourar-lhes a extremidade ou adaptar-lhes uma ponta de cobre, metal menos oxydavel que o ferro. Concebe-se tambem quanto importa que não haja solução de continuidade no conductor que faz communicar a haste com o solo; o guarda-raio seria então mais perigoso do que util; porque só serviria para dirigir o raio sobre o edificio. A experiencia tem demonstrado que um conductor bem construido protege em roda de si um espaço equivalente a um circulo cujo raio é igual ao comprimento da sua haste; e por conseguinte, quanto mais elevado fôr, tanto maior será a sua efficacia.

PARATUDO. Com este nome designam-se no Brazil quatro a cinco vegetaes; que são empregados pelos habitantes do interior, se não para todas as molestias, como o seu nome o indica, ao menos para muitas:

1.° *Gomphrena officinalis*, Martius. Amarantaceas. Esta planta habita nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule herbaceo de 10 a 20 centimetros, quadrado, duro, vermelho; folhas oppostas, mui variaveis em quanto á fórma, ora orbiculares, ora oblongas, ora ovaes, todas sesseis, cobertas de pellos nas duas faces, que são de um verde amarellado; flores reunidas em uma unica cabeça terminal, muito grande, hemispherica, tendo até 6 centimetros de diametro, acompanhada de um involucro. A raiz é amarga e aromatica, é empregada no fastio, debilidade geral, diarrhea e febres intermittentes. Os cultivadores do interior do Brazil julgam que é boa contra as mordeduras das cobras; e que cura muitas outras molestias.

2.° **Amendoirana.** *Veja-se* vol. I, pag. 136.

3.° **Herva moura do sertão,** Casca para tudo. *Cinamodendron axillare*, Martius. Canellaceas. Arvore do Brazil. Folhas ellipticas e obtusas; flores axillares e pendentes; fructo, baga trilocular, contendo uma ou duas sementes em cada loculamento. A casca é amarga e aromatica; a infusão d'esta casca é empregada internamente nas molestias acompanhadas de grande debilidade; e externamente em gargarejos na esquinencia chronica, 8 grammas para 250 grammas d'agua fervendo.

4. **Casca de anta.** *Veja-se* vol. I, pag. 493.

PAREAS, Secundinas ou **Ultimas.** Em quanto permanece no seio materno, está o feto contido em um sacco composto de tres membranas, e prende-se pelo cordão umbilical a um corpo molle, espongioso, chato, circular, chamado *placenta.* Este corpo só existe durante a prenhez, e, pela adherencia de uma de suas superficies ao utero, estabelece a communicação entre a mãi e a criança. Depois de expulsa a criança, ficam no utero as membranas e a placenta : á reunião d'estes dois orgãos é que se dá o nome de *pareas*, *secundinas* ou *ultimas.* Estes restos do *peso* com que a mulher andava carregada durante a gravidez sahem depois da criança.

O mecanismo da explsão comprehende dois tempos : 1.º a separação da placenta; 2.º sua sahida. A separação é o effeito das contracções uterinas; porque o utero não póde diminuir de volume sem destruir as adherencias da sua face interna com a face externa da placenta. Uma vez separada, a placenta entra no orificio uterino, o utero, irritado por sua presença, aperta-se cada vez mais, e acaba por deital-a completamente para fóra.

O tempo que decorre entre o parto e a sahida das secundinas varía muito. Ás vezes sahem estas logo depois da criança, outras vezes passado um quarto de hora ou muitas horas. Em geral, quanto mais vigorosa é a mulher, e quanto maior tempo durou o parto, tanto mais proximo é o instante da sahida das secundinas. Será pelo contrario tanto mais afastado, quanto mais fraca fôr a mulher, ou quanto menos obstaculos tiver a criança experimentado na sahida.

Quasi sempre a sahida das pareas póde ser abandonada aos unicos esforços da natureza; entretanto, é incontestavel que se opera com maior facilidade quando ajudada a tempo. Reconhece-se que a placenta está separada, e que o utero tende a rejeital-a, pela formação de um tumor duro, mais ou menos globoso, que póde comparar-se ao volume da cabeça de uma criança, o que se sente applicando a mão sobre o ventre. Não existindo este signal, a parteira podcria provocal-o por algumas fricções feitas sobre o ventre com a mão; então, agarrando com a mão direita, e o mais perto possivel do nascedouro, o cordão umbilical previamente envolvido em um panno, puxa-se por elle parallelamente ao eixo do corpo. Em quanto assim se puxa com a mão direita, dois dedos da mão esquerda introduzidos no interior das partes genitaes apoiam sobre o cordão, repellem-n'o para traz, e fazem descer a placenta em uma direcção conveniente. Nunca se deve puxar com tanta força que se possa arrebentar o cordão umbilical, e por isso, se houver resistencia, será melhor esperar, e principiar de novo um quarto de hora depois; comtudo, se este accidente sobrevier, não terá outro inconveniente senão o de tornar a extracção mais difficil por não haver onde pegar.

Chegada ao nascedouro, deve-se enrolar a placenta quatro ou cinco vezes sobre si mesma. Sem este movimento de rotação, as membranas poderiam separar-se e ficar nos orgãos da mulher, entretanto que a torsão torna a extracção mais facil e segura. Depois da sahida das pareas,

examinar-se-ha se a placenta está inteira; se tem rasgadura é o indicio de que uma porção ficou no utero : n'este caso, é preciso extrahil-a. Se sobrevier uma hemorrhagia, convulsões ou syncope, será necessario apressar a extracção do resto das secundinas. Com effeito, a placenta não é então mais que um corpo estranho, que irrita o utero, e torna-se causa permanente de dôres e perda de sangue.

Deve-se sempre tentar a extracção das pareas depois do parto; porque, se ficassem no utero, poderiam corromper-se e causar accidentes graves. Entretanto, melhor é abandonar a mulher ao risco incerto das molestias, do que fazer-lhe correr o perigo mais certo das violencias exercidas sobre o utero. Se não fôr possivel extrahir as pareas, convem fazer injecções no utero com decocção de linhaça e usar de semicupios d'agua tepida. Tem-se visto a placenta sahir naturalmente ao cabo de alguns dias, ou sómente depois de muitas semanas, e até tres ou quatro mezes. Estava então em estado de putrefacção ou deseccada.

Depois de um movito, nem sempre a extracção das pareas se faz sem difficuldade. Quando a mulher aborta nos tres primeiros mezes, frequentemente o ovo sahe todo inteiro; em epoca mais adiantada, a placenta póde ficar dentro, e como se ha de extrahir? A fragilidade do cordão impede que se puxe por elle; os orgãos genitaes acham-se tão pouco dilatados, que é impossivel introduzir a mão sem lhes fazer violencia e sem occasionar muita dôr. É preciso, por conseguinte, esperar. Se sobrevier hemorrhagia, póde ser pouco abundante, ou então assaz consideravel para pôr a mulher em perigo. No primeiro caso, deve a parteira limitar-se a excitar as contracções uterinas comprimindo com a mão o ventre; no segundo, introduz-se no interior dos orgãos uma porção de fios molhados em agua com vinagre. O sangue, parado por esta especie de dique, coalha-se: immediatamente a sua presença irrita o utero, que contrahindo-se com força, expulsa tudo quanto contém.

No caso de parto de mais de uma criança, a extracção das pareas só se deve fazer depois da ultima, porque as placentas, cujo numero é igual ao das crianças, estão juntas quasi sempre uma a outra, e a extracção de uma não poderia fazer-se sem rasgar a outra, de que resultaria uma hemorrhagia grave. Todavia, se a disposição é tal que uma d'ellas se despega e se apresenta ao nascedouro, convem extrahil-a depois de haver certeza de que não esta unida á outra.



Fig. 714. — Parietaria.

PARIETARIA. *Parietaria officinalis*, Lin. Urticeas. Planta que habita nos tapumes, nas ruinas dos edificios, commum em todo o reino de Portugal; acha-se tambem no Brazil. Em Portugal dão-lhe, vulgarmente o nome de *Alfavaca de cobra* (fig. 714). Ramos avermelhados, levemente empubescido, cheios de um succo sal-

gado; folhas ovaes, agudas, luzidias na face superior, pubescentes na inferior; flores pequenas, verdes : é diuretica, por causa do nitro que contém. Emprega-se em infusão, que se prepara com um pugillo de folhas e tres chicaras d'agua a ferver. Usa-se principalmente nas molestias das vias urinarias.

PARIZ, no bairro de *Belleville*. Aguas sulfurosas frias. Molestias cutaneas, da larynge e dos bronchios. Bello estabelecimento, construido em 1876, aberto todo o anno.

PARNAGUÁ. Brazil; Piauhy. Aguas ferreas.

PAROTIDA. Assim se chama uma das glandulas salivares, situada em cada lado do rosto, n'um espaço triangular que se acha entre o conducto auditivo externo e a margem posterior do osso maxillar, e de cima para baixo, desde a arcada zygomatica até ao angulo do queixo inferior. Sua funcção consiste em preparar a saliva, que corre para dentro da bocca mediante um canal, cuja abertura se acha de fronte do dente primeiro grosso queixal.

Parotida (*Feridas da*). *Veja-se* vol. I, pag. 1134.

Parotida (*Inchação da*). *Veja-se* CACHUMBAS.

Parotida (*Inflammação da*). *Veja-se* PAROTIDITE.

PAROTIDITE ou PAROTITE. Inflammação da parotida, caracterizada pela dôr, inchação, e ás vezes vermelhidão na região superior e lateral do rosto.

Causas. Esta molestia reina ás vezes epidemicamente, e mostra-se sobretudo nos meninos, sem causa conhecida. Apparece tambem no curso de algumas molestias graves, como febre typhoide, peste, cholera.

Symptomas. Em geral a molestia principia por um embaraço na articulação do queixo, por um pequeno caroço na vizinhança do angulo do osso maxillar inferior; depois, em algumas horas, ou em dois dias, o tumor adquire um tamanho consideravel; póde invadir uma parte do rosto e do pescoço; oppõe-se então não sómente á abertura dos queixos, mas até torna difficil a deglutição. Sendo a inflammação leve, a pelle conserva sua côr, mas se fôr intensa, o tumor torna-se mais grosso do que o punho de um adulto, está vermelho, e ás vezes violaceo. De ordinario estes tumores resolvem-se; ás vezes acabam por suppuração. Em alguns casos o abcesso abre-se no conducto auditivo externo.

Tratamento. Sendo a inchação pequena, basta applicar cataplasmas de linhaça ou de fecula, e tomar um purgante, tal como 30 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sal d'Epsom. Se a inchação fôr extrema e a dôr viva, appliquem-se 10 a 12 bichas atraz da orelha do lado affectado; e continuem-se as cataplasmas. Se se formar abcesso, abra-se com bisturi. *Veja-se* ABCESSO.

PAROXYSMO. Gráo extremo a que chegam os symptomas caracteristicos de um accesso de febre, de um ataque de epilepsia; o momento mais vehemente de uma molestia.

PARREIRA BRAVA. *Veja-se* ABUTUA.

PARREIRA MEDICA. Planta da familia das Menispermaceas que cresce na ilha de Ceylão. Os indigenas consideram a maceração dos

talos como sendo estomachica. A raiz contem um principio diuretico, a berberina; para utilizar esta propriedade, administra-se'a em infusões.

PARTIDO (Osso). *Veja-se* FRACTURA.

PARTO. Assim se chama: 1°. a expulsão natural e espontanea do feto humano chegado ao termo ordinario, ou pelo menos viavel; 2° a extracção do mesmo feto pela parteira ou parteiro, por meio de uma operação mais ou menos complicada. A epoca do parto chegado ao termo varía entre o 260° e 280° dia da gravidez. Chama-se parto *tardio* ou *serodio*, quando passa este ultimo termo, e *prematuro*, quando tem logar antes do 260° dia, mas depois do 180°; porque antes do 180° dia, toma o nome de *aborto*. — Relativamente á maneira pela qual se termina, o parto é *natural* quando se opéra pelos unicos esforços da natureza; *manual*, quando reclama o socorro da mão; *mecanico* ou *laborioso* quando a mão precisa armár-se de instrumento, tal como, por exemplo, o forceps.

De 20,517 partos que houve no hospicio da Maternidade de Pariz, no espaço de quize annos, 20,183 se effectuáram naturalmente e sem intervenção alguma da arte. Os calculos do Dr. Dugés, de Montpellier, dão para cada 82 partos um parto artificial. Este simples resultado arithmetico prova que é necessaria muita reserva nos soccorros que se devem prestar á mulher.

O parto opera-se ordinariamente no fim do nono mez; mas é impossivel fixar esta epoca com precisão rigorosa, não só porque as mulheres estão sujeitas a enganar-se em seus calculos sobre a epoca da concepção ou da suppressão dos menstruos, mas tambem por causa das irregularidades d'esta mesma suppressão. É bom saber, com effeito, que muitas mulheres apresentam uma vez, pelo menos, depois da impregnação, todos os phenomenos da menstruação. Todavia, a possibilidade dos nascimentos, passados nove mezes, não póde ser controvertida, e a lei reconhece como legitima a criança nascida dez mezes depois da morte do marido.

Phenomenos geraes do parto. Quando se vai approximando o termo da gravidez, oito, dez e ás vezes quinze dias antes do parto, o utero abaixa-se, os movimentos da criança percebem-se um pouco mais baixo que de costume, a mulher sente-se mais leve e ao mesmo tempo as partes da geração principiam a humedecer-se. Ás vezes a estes symptomas ajuntam-se uma sensação de peso na parte inferior do ventre e frequente vontade de ourinar. Emfim, chega o termo da prenhez, o trabalho do parto declara-se, a mulher experimenta na porção inferior do ventre dôres curtas, brandas, distantes umas das outras. As partes da geração tornam-se cada vez mais agudas, mais amiudadas, mais demoradas, e deixam uma impressão que ás vezes enche todo o intervallo que as separa, affectam mais a sensibilidade, e as mulheres supportam-n'as com muita impaciencia: cada dôr annuncia-se por uma especie de fremito interior, ás vezes por um calefrio assaz marcado, e em geral proporcionado á dôr que tem de seguir. Durante estas dôres, o pulso torna-se frequente, o calor do corpo augmenta, o rosto anima-se, a mu-

lher tem sède, e existe uma agitação geral e grande. Ás vezes sobrevem enjôos e até vomitos; a serosidade escorre em maior abundancia e tinge-se de sangue. Passado algum tempo, as membranas rompem-se e as aguas vem molhar a roupa. O corpo da criança segue a impulsão communicada ao liquido; a cabeça (porque suppomos que é ella que primeiro se apresenta, como ordinariamente acontece) aponta na abertura das partes genitaes, que se abrem em quanto dura a dôr, para tornarem a fechar-se um pouco quando esta se suspende. Os esforços são extremos e acompanhados de um tremor convulsivo. Emfim, uma dôr ultima, mais energica e mais prolongada, expulsa a cabeça fóra das partes, depois os hombros e o resto do corpo. Está o parto terminado. A esta agitação excessiva, a estes esforços immoderados, a estas dôres intoleraveis, succede instantaneamente um socego cheio de prazer, que só é interrompido pela facilidade que sente a mulher em saber que chegou a ser mãi. Depois de durar este estado algum tempo, succedem novos esforços que acompanham a expulsão das pareas.

A duração d'estes phenomenos varía de algumas horas a muitos dias; acontece até que um principio de trabalho se estabelece e pára depois. Isto tem logar principalmente nos casos em que um accidente, uma quéda, uma emoção viva, abalam o utero e provoeam dôres. Só a *duração* é que póde fazer distinguir o verdadeiro trabalho d'aquelle que deve ficar incompleto. Este ultimo diminue pouco a pouco e desapparece em algumas horas, entretanto que o trabalho que deve produzir o parto augmenta e pronuncia-se cada vez mais. Um estado de congestão sanguinea no utero é frequentemente a causa d'estas dôres, que se acalmam pelo repouso. Ha mulheres que julgam estar para parir, dispõem-se ao parto, fazem esforços para expulsar a criança, e não parem senão cinco ou seis dias depois. As dôres falsas provém tambem de colicas intestinaes; n'este caso sua reapparição é irregular, o logar variavel, a direcção indeterminada, e existem borborygmos, nauseas, diarrhea, etc. As colicas devem ser tratadas pelos clysteres de decoeção de linhaça, pelas bebidas antispasmodieas, taes como chá de folhas de laranjeira ou da India. As cataplasmas de farinha de linhaça applicadas no ventre são tambem uteis.

O parto propriamente dito dura de uma a doze horas. Depois da ruptura das membranas, póde correr de meia hora até tres horas, sem que este estado seja morboso.

Durante perto de quinze dias que seguem a parturição, os orgãos genitaes deixam correr um liquido chamado pelos medicos *lochios*, vulgarmente *parto*. Este liquido é constituido a principio pelo sangue puro, que no espaço de uma hora póde formar na roupa uma nodoa da largura da mão; mais abundante, constituiria uma hemorrhagia. No terceiro dia, torna-se seroso, e supprime-se ás vezes quasi inteiramente sob a influencia da febre lactea; ás vezes, ao contrario, sua quantidade augmenta pela mesma causa. Ao quinto ou sexto dia, a materia do corrimento torna-se fetida, amarellada, e emfim toma pouco a pouco um aspecto sero-mucoso. Este estado dura ás vezes até á volta da menstruação:

isto é de quinze dias até seis semanas depois do parto. Nas mulheres que dão de mammar, esta primeira menstruação falta mui frequentemente, assim como as seguintes, durante todo o tempo da amammentação; n'estas mulheres tambem os lochios são sempre menos abundantes.

A *secreção do leite* opera-se tambem mais facilmente nas mulheres que amammentam do que n'aquellas que se dispensam d'esta funcção. Os symptomas febris apparecem no principio do terceiro dia, são assignalados pelo calor, sêde, dôr de cabeça, pulso frequente; durante vinte e quatro horas, e emfim desapparecem.

Cuidados que devem prestar-se á mãi. Logo que apparecem os primeiros signaes do parto, deve a mulher observar um regimen moderado e conservar-se em repouso. A prisão de ventre é um incommodo assaz ordinario nas mulheres gravidas; assim, acontece muitas vezes que, no momento do parto, o intestino está cheio de materias fecaes endurecidas. A presença d'estas materias torna difficil a progressão da cabeça da criança, e sua expulsão no ultimo momento é dolorosa; por esta razão convem administrar um clyster d'agua morna simples no principio do parto. N'este tempo tambem é preciso preparar a cama. A que mais facilmente se tem á mão, e ao mesmo tempo é mais vantajosa, é uma cama simples estreita ou uma marqueza posta no meio da sala, ou apoiada na parede por uma das cabeceiras, com os dois lados livres, afim de se poder gyrar ao redor d'ella. Esta cama deve ter um colchão um pouco duro, no meio do qual se põe um travesseiro em que se apoiam os quadris; ou então, para que esta parte possa desenvolver-se mais facilmente, dobra-se o colchão e assentam-se os quadris na sua margem. Convem sempre impedir que as nadegas se enterrem na espessura dos colchões, o que poderia obstar á sahida da criança. As vezes adapta-se a esta cama uma travessa de páo para suster o esforço dos pés da mulher; mas a cama deve sempre ser disposta de tal maneira, que a mulher ache um ponto de apoio solido para as mãos, cabeça e pés. Esta cama deve estar coberta de um encerado, e sufficientemente guarnecida de lençoes, para que estes possam receber o sangue e os outros liquidos que sahem do utero. Duas pessoas collocadas aos lados assistirão a mulher, segurando-lhe com as mãos os joelhos e as pernas dobradas durante a dôr, e offerecendo á mulher os hombros ou os braços para ella firmar as mãos se desejar. A mulher póde ser tambem posta atravessada na cama, com a cabeça e os hombros sustidos por almofadas, e as nadegas apoiadas na beira da cama, os pés postos sobre cadeiras, ou, melhor ainda sobre os joelhos de duas pessoas sentadas de cada lado. É preciso tambem preparar um berço ou ao menos uma almofada para receber a criança, linha, tesoura, um pedaço de panno de linho, bacia, agua quente, e a roupa do recem-nascido.

O medico ou a parteira, uma criada e duas pessoas sinceramente affeiçoadas á mulher, bastam ordinariamente para assistil-a durante o parto. Maior numero póde ser nocivo por augmentar o calor ou viciar o ar do quarto, por seus movimentos, seus discursos que fatigam, ou pela expressão de sua physionomia que annuncia a tristeza e a inquietação.

Toda a pessoa que não fôr do agrado da mulher e cuja presença possa ser para ella um objecto de constrangimento, e as que não se acharem com força bastantes para conservar o semblante tranquillo ao aspecto dos soffrimentos que a mulher padece, ou dos riscos que póde correr, não devem ser admittidas junto d'ella.

Se as dôres forem fortes e frequentes, a mulher poderá ficar na cama ou sentada. Se forem fracas e raras, será vantajoso que dê alguns passeios pelo quarto; fricções sobre o ventre podem augmentar as dôres incipientes. Quando as dôres progridem lentamente, se a mulher fôr já de certa idade e tiver as partes firmes, sobretudo no primeiro parto, um banho morno, injecções e clysteres de decocção de linhaça serão uteis. Logo que o parto se approximar, a mulher deve deitar-se. Então póde-se-lhe permittir o estar na attitude que lhe convier, e deve-se mudal-a á sua vontade. Com effeito, todos sabem por experiencia, quarto é penoso estar-se immovel quando se soffre, e que allivio se experimenta mudando de logar. Quando mesmo isto se reduza á esperança, incessantemente frustada, de se achar uma posição em que se soffra menos, nem por isso se deve recusar á mulher este pequeno allivio. Mas, uma vez que as dôres estiverem bem declaradas, deve a mulher deitar-se de costas, com a cabeça e os hombros sufficientemente elevados por almofadas as coxas encolhidas sobre o tronco, as pernas sobre as coxas, e os joelhos um pouco afastados. A elevação dos hombros torna mais commoda a posição da mulher e a respiração mais facil; a disposição dos membros inferiores põe os musculos em relaxação, e facilita o parto. N'este periodo, como em todos os outros, é preciso tranquillizar, consolar a mulher, e poupar-lhe, quanto fôr possivel, todo o medo e toda a inquietação.

Quando a cabeça apparece no nascedouro, uma pessoa deve então segurar com a mão, durante a dôr, a pelle que está sob as partes genitaes e que a cabeça empurra com força; por quanto tem-se visto, n'um primeiro parto sobretudo, esta parte rasgar-se, por falta d'esta simples precaução. Quando a primeira parte da criança tem atravessado a abertura, deixa-se-lhe um momento de repouso, depois ajuda-se por algumas tracções a sahida do resto: corta-se então o cordão depois de feita a sua ligadura, e separam-se assim completamente os dois individuos.

Se o trabalho foi longo, as pareas podem ser logo extrahidas; basta para isso fazer ligeiras tracções sobre o cordão e friccionar o ventre com a mão, afim de provocar as contracções uterinas; pelo contrario, se o trabalho foi rapido e facil, esperar-se-ha, para se proceder a esta extracção, que as dôres e contracções uterinas tornem a apparecer espontaneamente. *Veja-se* PAREAS.

Dar-se-hão á parturiente as bebidas que ella desejar, e com preferencia agua com assucar e com uma pouca d'agua de flor de laranjeira. Se a duração do trabalho fôr curta, não se devem dar alimentos; mas se se prolongar, a mulher sustentará suas forças com caldos de gallinha.

Depois do parto, convem examinar se a mulher perde demasiado sangue. N'este caso seria preciso recorrer aos meios indicados na pag. 134

do II vol. d'esta obra, para fazer parar a hemorrhagia. Se tudo se passou em ordem, é necessario lavar os orgãos genitaes com agua morna, mudar a roupa, e apertar levemente os quadrís com uma cinta apropriada para o que póde servir uma toalha dobrada ao comprido.

Quanto ao regimen, se a mulher não dá de mammar, deve no primeiro dia contentar-se com caldos de gallinha e cozimento de arroz ou de cevada. No dia seguinte, póde-se-lhe permittir algum mingáo ou sopa; mas durante a febre lactea suspender-se-ha o emprego de todo alimento. Quando os accidentes febrís tiverem desapparecido, os alimentos serão augmentados gradualmente, de maneira que no sexto ou setimo dia a mulher siga quasi o seu regimen habitual. As mulheres que criam não necessitam observar dieta tão severa. Nos primeiros dias subsequentes ao parto, é preciso evitar a acção do frio, mas nunca se deve sobrecarregar as mulheres de cobertores, nem fechar com cuidado as portas e janellas; pelo contrario, convem se renove o ar duas vezes ao menos por dia. D'esta maneira evita-se o máo cheiro e a acção dos miasmas, ao mesmo tempo que, moderando-se a temperatura, previnem-se os suores excessivos e as perdas de sangue abundantes. Aconselha-se ordinariamente ás mulheres que fiquem na cama oito a nove dias. Esta demora é muitas vezes util; mas quando o parto é feliz, e a constituição da mulher boa, póde sahir da cama no quarto dia, e andar no sexto ou setimo dia. Nunca se devem imitar as mulheres que se levantam no dia seguinte do seu parto; molestias graves podem resultar de semelhante imprudencia.

Cuidados que exige a criança recem-nascida. O primeiro cuidado e o mais importante é a *ligadura do cordão umbilical.* Mas, antes de descrever a maneira de proceder a essa operação, é bom dizer alguma cousa das circumstancias que devem apressal-a ou retardal-a.

1°. Quando a criança nasce pallida e de apparencia fraca, quando solta apenas alguns leves gritos, se tiver a respiração intermittente, a circulação fraca ou nulla, este estado chama-se *asphyxia* ou *syncope;* é preciso então ligar o cordão antes da sua secção. É necessario chamar a criança á vida e suster-lhe as forças : para este fim, façam-se-lhe fricções com baeta quente sobre as costas, peito, braços, e pernas; metta-se n'um banho quente, e depois de banhada embrulhe-se em pannos quentes e seccos; approxime-se-lhe ás ventas a rolha humida de um frasco d'agua de Colonia, ou um panno embebido de vinagre; irritem-se-lhe as fossas nasaes com a rama de uma penna, e pelo mesmo meio desembaraça-se-lhe a bocca e a garganta das mucosidades que possam existir; e finalmente insuffle-se-lhe ar nos pulmões. Para este fim servirá qualquer canudo, o de uma penna, por exemplo, havendo a precaução de apertar a bocca da criança ao redor de canudo e de tapar-lhe as ventas. Convem sobretudo não desanimar de prompto; ás vezes tem sido chamadas á vida, depois de uma hora e mais de cuidados não interrompidos, crianças que ao principio se haviam julgado como inteiramente perdidas.

2° Se o parto durou muito tempo, se sobretudo a criança veio pelos pés, ou se foi tirada pelos esforços da arte, póde existir então um *estado apoplectico* caracterizado pela vermelhidão geral da pelle, rosto inchado e roxo, rijeza dos membros e até convulsões: deve-se, n'este caso, deixar correr pela ferida do cordão, uma ou duas colheres *de chá* de sangue, e ligar o cordão depois de cortado.

Em geral, faz-se a ligadura immediatamente depois do nascimento, em seguida corta-se o cordão. Applica-se a ligadura na distancia de uma ou duas pollegadas do ventre, por meio de dois ou tres fios de linho reunidos (*Veja-se* EMBIGO). Antes de applicar a ligadura tem-se o cuidado de examinar se não existe quebradura umbilical que se prolongue na espessura do cordão, o que se deve sobretudo receiar quando este é mui grosso. Não havendo esta precaução, póde-se ligar uma porção do intestino e produzir a morte da criança. Existindo semelhante quebradura, será preciso reduzil-a e mantêl-a reduzida, applicando o dedo sobre a abertura umbilical em quanto se faz a ligadura. Logo depois de feita a ligadura e cortado o cordão, envolve-se em panno de linho, e mantem-se sobre o lado esquerdo do ventre mediante uma toalha. Nos dias seguintes, após sua cahida, lava-se com agua morna a pequena ulceração, e cobre-se com um panno secco ou untado levemente de azeite doce ou de ceroto. O cordão umbilical cahe ordinariamente do quarto ao oitavo dia. Lavatorios com agua morna tiram o sangue que suja o recem-nascido; mas se a materia gordurosa que cobre ás vezes a pelle fôr mui abundante, convem lavar com agua e sabão. Os lavatorios frios ou os banhos de igual temperatura são contra-indicados. Os banhos mornos serão continuados durante a infancia, sobretudo durante a dentição.

O vestuario da criança não nos deve occupar muito: sabe-se hoje que é necessario evitar as compressões, as circumvoluções das ataduras que se julgavam necessarias para lhes darem uma boa conformação, e que produziam um effeito inteiramente contrario. A roupa deve estar mediocremente apertada para não constranger nem a respiração, nem a circulação, e permittir alguns movimentos dos membros; deve ser tambem permeavel á ourina.

Deita-se ordinariamente a criança de lado para facilitar-lhe a sahida das mucosidades que a bocca possa conter. Algumas horas depois do nascimento, podem-se-lhe dar algumas colheres d'agua com assucar. Se as evacuações alvinas tardarem a apparecer, administrar-se-ha um clyster d'agua morna simples. Se a prisão do ventre persistir, convem examinar se não existe alguma imperforação do anus: é preciso fazer o mesmo ácerca do canal da urethra, quando a ourina não molhar os pannos.

Cumpre tambem examinar se não existe o *freio da lingua* (*Veja-se* esta palavra). Uma criança que toma bem o seio, e que leva facilmente a ponta da lingua ás gengivas, não tem o freio.

Quando a cabeça da criança ficou por muito tempo na passagem, acontece que se torna mais comprida e um tanto disforme. Algumas mulheres querem então amassal-a para lhe restituir a fórma natural; é uma

pratica reprehensivel, e que póde ser seguida de graves consequencias. Cumpre deixar esse cuidado á natureza, que emenda semelhante defeito de maneira insensivel, e sem fazer correr o menor risco á criança.

Pelo que toca á alimentação, *veja-se* AMAMMENTAÇÃO. Quanto aos accidentes que podem sobrevir durante o parto, *veja-se* CONVULSÕES DAS PARTURIENTES, HEMORRHAGIA UTERINA, RASGADURA DO PERINEO.

PARTO HYDATICO. *Veja-se* MOLA.

PARTO ou **Lochios.** Debaixo do nome de *parto* designa-se vulgarmente um corrimento que se faz pelas partes genitaes da mulher que acaba de parir; os medicos dão-lhe o nome de *lochios*. Este corrimento principia immediatamente após a sahida das pareas; pára durante a febre lactea, mas torna a apparecer, e persiste quinze dias, tres semanas ou um mez. Consiste ao principio em sangue vermelho; logo depois muda para uma materia grossa ou mucosa e exhala um cheiro forte, desagradavel; transforma-se mais tarde em agua avermelhada; emfim, passados alguns dias, o *parto* é pouco abundante, perde o seu cheiro caracteristico e não é mais do que um simples fluxo seroso que cessa pouco a pouco.

Sendo os lochios uma funcção natural, sua suppressão deve ser considerada como um accidente de certa importancia. Assim, quando uma affecção moral, viva e triste, impressão do ar frio sobre os membros inferiores, suspende a evacuação, deve esta ser provocada com semicupios d'agua quente e sinapismos applicados nas coxas e pernas. Em muitas molestias, que atacam a mulher recem-parida, existe tambem a suppressão dos lochios: mas ordinariamente esta suppressão não é causa da molestia, porém sim symptoma d'ella. Mas n'este caso tambem uma das primeiras indicações do tratamento consiste em provocar os lochios com semicupios, e sinapismos. É necessario, comtudo, saber que as febres mais leves, as que passam por si, tem por efleito a diminuição do corrimento. Na febre de leite, sobretudo, a suspensão dos lochios não deve ser considerada como uma molestia.

PASSA. *Veja-se* UVA.

PASSY. Aguas ferruginosas frias, situadas na capital da França, n'um bairro chamado *Passy*. Limpidas ao sahir da fonte, estas aguas cobrem-se promptamente de uma pellicula, e formam um deposito. O sabor é estyptico, amargo. Contém por litro: sulfato de cal, 2ᵍ,774; peroxydo de ferro 0ᵍ,412. Usam-se como bebida, mas raras vezes no estado em que sahem da fonte, porém ordinariamente depois de ficarem por algum tempo em grandes talhas de gres, nas quaes pela acção do ar, deixam depositar uma parte do ferro que contém; as aguas, depois d'esta operação, chamam-se purificadas, e n'este estado vendem-se em Pariz nos depositos de aguas mineraes. A dóse na qual se administram é de um a tres copos de manhã, e durante o passeio n'um parque extenso. Principia-se ordinariamente pela agua purificada, e não se bebe tal como sahe da fonte senão quando o estomago se acostumou á primeira.

As aguas de Passy administram-se em todos os casos em que se faz

uso das aguas ferruginosas, isto é, todas as vezes que fôr necessario dar maior actividade á economia; são tonicas e estimulantes. Empregam-se na anemia, flores brancas, falta de menstruação, convalescença das molestias chronicas. São uteis igualmente ás pessoas de um temperamento fraco; não convem aos individuos sanguineos ou predispostos ás congestões apoplecticas.

O estabelecimento está situado no meio de um bello jardim, disposto em amphitheatro, no qual passeam as pessoas que bebem aguas, e d'onde se podem contemplar os bellos arredores que d'este lado cercam a cidade de Pariz. As pessoas a quem o exercicio está recommendado devem ir beber as aguas na propria fonte; o caminho, para chegar ali, é muito agradavel, e a salubridade do ar augmentará ainda a acção bemfazeja das aguas.

PASTA. Preparação pharmaceutica formada de assucar e gomma dissolvida em agua pura ou carregada de principios medicamentosos, que se faz pouco a pouco mais grossa pela evaporação até se obter massa consistente. Exemplos : pasta de althea, de açofeifas, de alcaçuz, etc.

Em perfumaria dá-se o nome de pasta a diversas massas para as mãos. quasi todas feitas com sabão e alcool que seccam e endurecem a pelle.

Para cortar a este inconveniente o Doutor Debay teve a ideia de mandar fazer pela casa Ed. Pinaud, de Pariz uma pasta para a pelle a que deo-o nome de *Pasta Caledermica*. É uma pasta composta de substancias unctuosas, balsamicas e gelatinosas juntas á saponina. Do que resulta tres virtudes inappreciaveis para este producto. 1° Limpar perfeitamente a epiderme, purgando-a de qualquer impureza que n'ella exista; 2.° branqueal-a e amacial-a; 3.° dar-lhe esse aveludado que é para a pelle o que o perfume é para as flores.

PASTILHAS. As pastilhas são compostas de assucar e de um oleo volatil ou de uma agua odorifera. São medicamentos de fórma redonda, quadrada ou rhomboidal. As pastilhas de *hortelã pimenta* offerecem um exemplo usual d'esta composição; favorecem a digestão, são ás vezes empregadas para corrigir o máo halito. Ha tambem pastilhas em que entram substancias medicamentosas, como, por exemplo, as pastilhas antidartrosas, as de Vichy, etc.

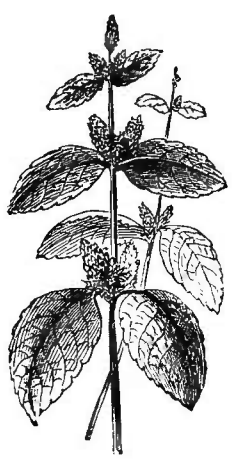


Fig. 715. — Patchouly.

PATCHOULY. *Pogostemon patchouly*, Pelletier. Planta da familia das Labiadas, cultivada no Brazil (fig. 715). Caules lenhosos na base, folhas longamente pecioladas, ovaes agudas, grosseiramente denteadas, um pouco cotanilhosas. É empregado na perfumaria. Seu cheiro é tão forte que muitas pessoas não podem supportal-o. Preserva os vestidos contra a traça.

PATELLA. *Veja-se* ROTULA.

PATO (fig. 716). Ave da classe das palmipedes, que vive no estado

domestico e selvagem. Nos patos domesticos distinguem-se duas raças : os *patos propriamente ditos* e os *marrecos;* estes são mais pequenos. Estas aves vivem, a maior parte do tempo, na agua; por isso não póde prosperar sua criação sem haver grandes tanques d'agua, quando na localidade não haja lago ou rio, onde possam banhar-se. O pato domestico provém do pato selvagem. O macho distingue-se da femea por ter

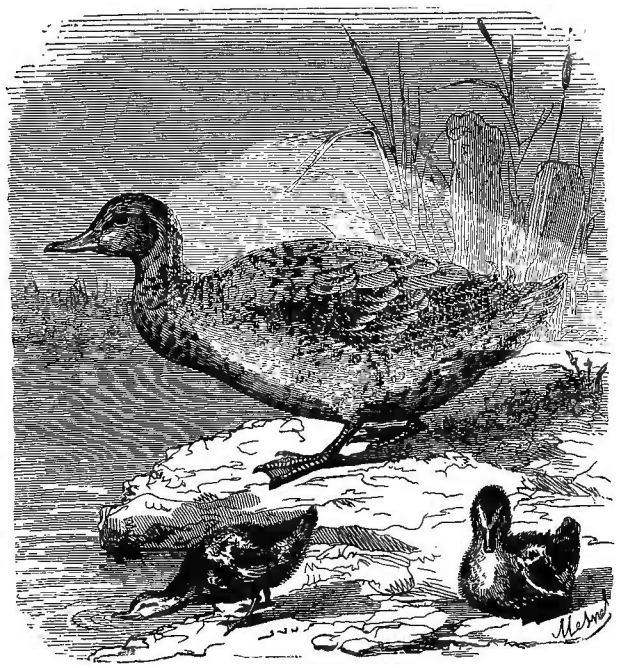


Fig. 716. — Pato.

quatro pennas na cauda curvadas em fórma de gancho. Um só pato é sufficiente para fecundar 8 ou 10 patas. Os ovos da pata são um pouco maiores que os da gallinha, ora de côr branca amarellada, ora esverdeada. Não tem o gosto delicado dos ovos das gallinhas, mas são muito procurados para a pastelaria. A pata faz uma a duas posturas por anno; dá na primeira posturas 20 a 30 ovos.

Incubação. Importa deitar a cada pata 14 ou 15 ovos; a incubação dura 27 a 30 dias. Mas nas fazendas raras vezes se fazem chocar os ovos da pata por sua mãi que, logo depois de nascidos os patinhos, os levaria á agua. Fazem-se pois ordinariamente chocar por gallinhas, e ás vezes por peruas, mas preferem-se as gallinhas, porque as peruas são pesadas, mal geitosas, e sem precaução, e todo o patinho que ellas pisam não se levanta mais. A gallinha, pelo contrario, é sempre cuidadosa, e delicada. Não é ella que deixa seus filhos adoptivos, são estes que a abandonam logo que se sentem com forças para nadar. Se a agua não é profunda, a pobre mãi desolada segue seus patinhos a arrisca-se mesmo na agua até á metade das pernas, como se quizesse salval-os e recouduzil-os a si. Mas afflicções inuteis. A natureza desliga o que deve

ser desligado : o pato sendo creado para a agua e a gallinha para a terra, aquelle vai para onde o instincto o leva, e esta fica onde o instincto a retem, e d'esta maneira cada qual obedece ás leis da creação.

Quando é a pata mesma que chóca os seus ovos, costuma-se, depois do chôco, engordal-a e entregal-a ao consumo. Bem que a pata possa chocar muitos annos seguidos, é melhor reformar estas aves todos os annos.

Criação dos patinhos. Os patinhos exigem muitos cuidados. Devem ser guardados n'um logar separado por quinze dias, durante os quaes se alimentam com massa feita de farinha, batatas cozidas e agua de cozinha. Convem ter proximo um vaso grande com agua, mas pouco fundo, para beberem e para se banharem. Passados quinze dias podem pôr-se em liberdade, e aos seis mezes o seu desenvolvimento está completo. É o momento de os engordar.

Engorda. Póde conseguir-se em 15 a 20 dias, fechando os patos, oito ou dez, n'um logar escuro, obrigando-os a comer grande quantidade de alimentos substanciaes, e até mettendo-lh'os na bocca. — Nas localidades, onde existem lagoas, rios, ribeiros ou vallas, é muito conveniente a criação dos patos, por exigir menos cuidados. A sua carne é muito boa, o figado excellente, a pennugem mui estimada para colchões, e a gordura usada como banha de porco.

PAU. Importante cidade do Sul da França a 800 kilometros distante de Pariz. O trajecto de Pariz a Pau, se faz em 14 horas de estrada de ferro.

Cidade cujo clima é notavel pela estabilidade da temperatura que poucas variações faz no correr do dia. O inverno ali é temperado, no verão pouco calor faz, condições estas que permittem que se recommende o estadia de Pau ás pessoas acommettidas de affecções chronicas do peito. Ha já alguns annos que Pau é considerada como estação de inverno assaz importante e muito frequentada. Dos quatro cantos do globo vem muita gente passar em Pau o verão e o inverno.

PAVÃO (fig. 717). Genero pertencente á ordem das Gallinaceas. Esta ave á originaria da Asia central, e tem por caracteres principaes . bico curvo, pennacho sobre a cabeça; 18 pennas caudaes superiores, mui longas, matizadas das mais bellas côres, e tendo na extremidade manchas brilhantes em fórma de *olhos;* as pennas da cauda levantam-se para se mostrarem em fórma de leque. É pena que tanta belleza seja acompanhada de pernas tão disformes e do grito tão desagradavel.

A femea do pavão não tem as côres tão brilhantes. Põe cada anno 8 ou 10 ovos, cuja incubação dura de 27 a 30 dias. Põe raras vezes ovos no gallinheiro; é preciso vigial-a e acompanhal-a por fóra, para achar o ninho e pôl-o em segurança. Os pavõezinhos reclamam os mesmos cuidados que os pintos da gallinha de Angola. A femea não é adulta senão na idade de 2 annos; o macho só adquire sua magnifica plumagem no terceiro anno, Os pavões novos experimentam uma crise perigosa no momento da sahida do pennacho. Passada esta epoca tornam-se mui rusticos e vivem de 15 a 20 annos. Os machos velhos tornam-se ás vezes

máos e mesmo perigosos para as crianças, sobretudo na primavera, no momento em que procuram a femea. Fazem tambem guerra ás gallinhas ordinarias, mas gostam da sociedade das gallinhas de Ángola e dos perús. As pennas de que se compõe a cauda do pavão cahem todas ou em parte, no fim de julho, e tornam a nascer na primavera. Esta muda é, para o pavão, uma epoca de retiro : cala-se, não se *pavonea* mais, e toma um ar de tristeza.

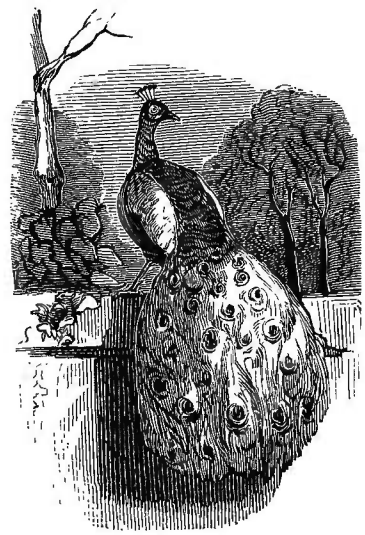


Fig. 717. — Pavão.

Alimentam-se os pavões com os mesmos grãos que gallinhas e outras aves domesticas. Gostam muito de cevada. Dizem que as favas assadas tornam as pavôas mui fecundas. Os pavões, apezar do seu grito desagradavel, criam-se como aves de ornamento, mas não como aves de producto; entretanto a carne é muito boa para comer, sobretudo quando novos : prepara-se do mesmo modo que o perú. Os pavões gostam de passar a noite ao ar livre, e pousam nos telhados das casas, os quaes estragam se não ha, no pateo, arvore sobre a qual se possam empoleiar durante a noite ; convem, pois plantar lhes um pequeno mastro guarnecido de degráos para n'elles pousarem voluntariamente. Durante a má estação abrigam-se debaixo de um telheiro.

No estado selvagem, a plumagem do pavão é ainda mais brilhante do que no estado de domesticidade ; o azul do collo prolonga-se ás costas e ás azas no meio de malhas de um verde dourado. O pavão domestico offerece, a respeito da côr, variedades notaveis, devidas á influencia da domesticidade ; ha-os cinzentos, brancos, verdes, azues, amarellos, etc. Existem, porém, duas variedades que parecem constantes, e que podem considerar-se como duas raças distinctas : a do *Pavão branco* e a do *Pavão matizado;* sendo este o resultado do ajuntamento do pavão ordinario com o pavão branco. Distingue-se tambem o *Pavão espicifero* originario do Japão; tem na cabeça um pennacho em fórma de espiga.

PE. Extremidade inferior do membro abdominal que descança no solo quando se está em posição vertical ou quando se anda. A fórma do pé é alongada e achatada; este orgão articula-se em angulo recto com a extremidade inferior da perna, que lhe transmitte o peso do corpo. A face superior, chamada *peito do pé*, é levemente convexa. A face inferior, ou *planta do pé*, é concava na sua parte média, saliente e arrondada para traz, ao nivel do calcanhar, convexa para diante, no logar da união dos ossos do metatarso com os dedos. Resulta d'esta disposição que o pé não toca o chão por toda a sua superficie plantar, mas sómente pelas partes salientes, e pelos dedos. O pé comprehende muitas ordens de tecidos que vou rapidamente indicar. Suas partes duras ou osseas dividem-se em tres secções.

1.º *Tarso*. Dá-se este nome á parte posterior do pé. É formado de sete ossos encravados uns nos outros dispostos em duas fileiras. A fileira posterior, que se articula com as extremidades inferiores da tibia e do peroneo, contém o *astragalo*, osso em fórma de dado, e o *calcaneo*. A segunda fileira ou anterior, é formada de cinco ossos: o *escaphoide*, em fórma de barquinha, o *cuboide*, em fórma de cubo, e os tres *ossos cuneiformes*.

2.º *Metatarso*. Compõe-se de cinco ossos alongados, cylindroides, que se articulam com os da segunda fileira do tarso. Esta disposição dos ossos do metatarso, sua fórma alongada, seu parallelismo, os intervallos que os separam, dão ao esqueleto do pé certa semelhança com uma grade.

3.º *Phalanges dos dedos do pé*. Ossos analogos ás phalanges dos dedos da mão. O dedo pollegar do pé tem 2 phalanges; os outros quatro tem 3 phalanges.

Ligamentos fibrosos, mui fortes, mui resistentes, unem solidamente estas differentes peças osseas. As partes molles comprehendem os musculos, as arterias, as veias, e os nervos.

Molestia do pé. As molestias do pé são numerosas e bastante graves. Estão descriptas em artigos separados. *Veja-se* Bichos dos pés, Callos, Contusão, Cravos boubaticos, Deslocação, Fractura, Mal perforante, Torcedura, Tumor branco, Unha encravada.

Pé chato. Entende-se por pé chato uma disposição viciosa particular do pé, que dá a este membro uma fórma muito achatada, e que torna o andar difficil e doloroso. Existem duas especies de pé chato; uma especie é de nascença, outra accidental. O pé chato de nascença não é outra cousa mais que o pé torto para dentro (*varo*), pouco pronunciado. O segundo consiste na relaxação dos ligamentos dos pequenos ossos que entram na composição do pé. Os caracteres principaes d'este defeito são: a fórma chata do pé, o desapparecimento da abobada plantaria e de uma parte da convexidade da face plantaria. Uma dôr bastante intensa existe na planta, nas differentes juntas do pé, depois de andar ou estar em pé por muito tempo; esta dôr depende da extensão que experimentam os ligamentos em consequencia da mobilidade anormal dos ossos.

O *tratamento* comprehende dois meios: 1.º botins mecanicos, que tem por fim levantar o calcanhar e curvar a planta do pé. Os sapatos com saltos altos alliviam no andar, e são ainda mais efficazes tendo a pessoa a precaução de ligar circularmente o pé com um cadaço. Este cadaço tem por intuito dar um apoio aos ossos, e prevenir a extensão dolorosa dos ligamentos.

2.º O segundo meio de tratamento do pé chato consiste en dividir com bisturí alguns tendões do pé.

Pé torto (*pied bot*, em francez). Assim se chama á deviação permanente do pé, no qual estando este virado para baixo, para cima, para dentro ou para fóra, obriga o doente a andar sobre as pontas dos dedos, sobre o calcanhar, sobre a margem interna ou sobre a margem externa

do pé. A estas differentes especies de deviações correspondem nomes particulares:

1.° *Pé equino* (pé de cavallo). Está o pé n'uma extensão forçada, o calcanhar mais ou menos elevado acima do chão. O peito do pé está arqueado; os dedos, fortemente estendidos, recebem o peso do corpo: em alguns casos, os dedos são fortemente curvados do lado da sola do pé, o doente anda sobre a face superior d'elles. A dureza e a resistencia dos musculos da barriga da perna indicam que estes musculos tem parte n'esta deformação.

2.° *Pé varo* (do latim *varus*). Está o pé virado para dentro e disposto de tal sorte que a face plantaria fica voltada do lado do malleolo interno da perna opposta, a margem externa apoia sobre o chão, a margem interna dirige-se para o ar; a perna está magra e fraca. Quando a deviação é muito intensa, os doentes andam em parte sobre a face superior do pé.

3.° *Pé valgo* (do latim *valgus*). Esta deformidade é o inverso da precedente; isto é, consiste em estar o pé virado para fóra. A face superior olha para o malleolo interno da perna opposta, a face plantaria está voltada para fóra, o calcanhar desviado para o mesmo lado, o pé apoia no chão com a metade anterior de sua margem interna; isto é, o doente anda sobre o dedo grande e sobre uma parte do primeiro osso do metatarso.

4.° *Pé talo* (do latim *talus*, calcanhar). É o inverso do pé equino; aqui os dedos dirigem-se para cima, o peito do pé está virado para a canella da perna, a face plantaria olha para diante, e só o calcanhar apoia no chão. Raras vezes estas differentes lesões existem isoladas; assim, o pé equino é quasi sempre complicado do varo e do valgo. Quanto ao gráo de frequencia, o varo e o pé equino são os mais communs; o pe talo é extremamente raro.

Causas. O pé torto é de nascença ou accidental; o varo e o valgo são as mais das vezes de nascença; o pé equino de ordinario é adquirido, e a sua causa póde depender de contracção muscular, ou de uma lesão de algum ramo nervoso ou da medulla espinhal. Reductivel ao principio, a deformidade torna-se permanente com o tempo, por se irem desenvolvendo os ossos na situação viciosa que occupam. Attribue-se o pé torto de nascença a quatro causas differentes: 1.° alteração do embryão no seio materno; 2.° compressão mecanica dos membros do feto no utero; 3.° retracção primitiva dos musculos; 4.° suspensão do desenvolvimento do feto.

Tratamento dos pés tortos. Para endireitar as partes desviadas, é preciso alongar os tendões ou os musculos que as obrigam a esta posição viciosa, por muito tempo este tratamento foi só confiado ás maquinas, e foram inventados varios botins com differentes molas, em que os pés dos doentes estavam submettidos a um verdadeiro martyrio. Hoje curam-se os pés tortos cortando o tendão de Achilles e applicando uma simples maquina orthopedica. Alguns outros tendões e musculos devem ser cortados conforme a variedade do pé torto; ás vezes torna-se preciso di-

vidir inteiramente, ou só em parte, a aponevrose plantaria que se acha contrahida. O effeito immediato da operação é cousa insignificante; a pequena ferida fecha-se em 24 ou 48 horas. O apparelho que se applica depois tem por fim manter o pé em sentido opposto á deviação. Esta questão é uma d'aquellas em que a cirurgia moderna tem conseguido os mais felizes resultados.

PÉ DE BEZERRO. Planta. *Veja-se* TINHORÃO.

PÉ DE GATO ou GNAPHALIO. *Gnaphalium dioicum.* Linneo. Synanthereas seneciodes. Pequena planta que habita na Suissa e França. As flores são emollientes; entram na composição das quatro flores peitoraes.

PEÇAS DE MOEDA ENGULIDAS. *Veja-se* MOEDAS.

PECEGUEIRO. *Amygdalus persica*, Linneo. Amygdaleas. Arvore de tamanho médio, originaria da Persia; cultivada no Brazil e em Portugal; no Brazil dá-se em Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul (fig. 718).

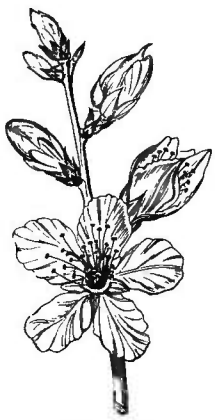


Fig. 718. — Flor do pecegueiro.

A cultura deo duas principaes variedades d'esta arvore: uma que tem fructos com polpa dura e pegada ao caroço, e outra variedade com polpa molle que se despega facilmente do caroço. O pecego é um fructo saboroso e mui sadio; contem um succo adociado, levemente acidulo, que refrigera, acalma a sêde, e produz um effeito algum tanto laxativo. É erro crer que o pecego é quente. Sendo preparado com assucar e vinho, os pecegos digerem-se com a maior facilidade.

As folhas do pecegueiro são amargas e contém, assim como as flores e as amendoas do fructo, certa quantidade de acido prussico, o que torna o seu uso em forte dóse perigoso. Seria grande imprudencia comer muitas amendoas de pecegos. Um autor falla de uma criança de dezoito mezes que morreo no meio de convulsões e vomitos, por ter bebido um chá mui forte, feito com folhas de pecegueiro, que lhe deo sua mãi como vermifugo. Em dóse menos forte, estas partes do pecegueiro produzem um abatimento extraordinario. Se sobrevierem accidentes, convirá favorecer os vomitos com agua morna, ou com 5 centigrammas de emetico; dar a cheirar agua de Labarraque, e a beber, de cinco em cinco minutos, uma colher *de sopa* da mistura seguinte: alcali volatil cinco gottas, agua meia chicara. Na falta de alcali volatil dão-se a beber dez gottas de ether em meia chicara d'agua fria com assucar. Nas boticas prepara-se o xarope de flores de pecegueiro, que se administra ás crianças na dóse de 2 a 4 colheres *de chá*, como brando laxante.

PEDILUVIO. *Veja-se* vol. I, pag. 292.

PEDRA ou **Calculo** (Molestia). Dá-se este nome ás concreções que se formam no corpo humano. Encontram-se principalmente no figado e na bexiga. *Veja-se* PEDRA NA BEXIGA.

PEDRA (Mineralogia). Em mineralogia chamam-se *pedras* todas as

substancias mineraes que não são saes, metaes nem combustiveis, que se apresentam sob a fórma de corpos duros, sem brilho metallico, mais pesados do que a agua, e menos pesados do que a maior parte dos metaes. A silica, o acido carbonico, e o acido sulfurico, combinados com cal, alumina e alguns outros oxydos, constituem a maior parte das pedras; encontra-se tambem n'ellas magnesia, potassa, lithia, oxydos de ferro, de chromo, etc.

PEDRA DE AMOLAR. É um gres silicioso, que serve para afiar o aço e o ferro. Ha-as de grãos grossos e grãos finos; umas são cinzentas, outras amarelladas ou misturadas de qualquer d'estas côres. As pedras de grãos grossos servem para amolar as facas ou as ferramentas, e as pedras de grãos pequenos para afiar as navalhas, bisturís e a cutelaria fina por meio de azeite. Mas para este ultimo objecto serve principalmente um schisto amarello, composto de silica, de alumina e de oxydo de ferro, de grãos muito finos. Existem estas pedras na França e na Belgica; as mais finas vem do Archipelago grego. Na Exposição brazileira de 1856, no Rio de Janeiro, havia amostras de pedra de amolar que vinham do Brazil da provincia do Amazonas e de jazidas da Chapada na provincia do Maranhão. Esta rocha deve abundar nas vertentes da serra Cucuby, onde existem as cabaceiras do alto Rio Negro e de seus affluentes.

PEDRA ou **CALCULO NA BEXIGA.** Nome dado ás concreções que se formam na bexiga.

De todos os liquidos animaes, a ourina é aquelle em que mais frequentemente se formam as pedras ou calculos. Esta affecção ataca principalmente as crianças e as pessoas da idade avançada; nenhum sexo está isento d'ella, e se na bexiga das mulheres a pedra se acha mais raramente do que na dos homens, provém isso de ser o canal da urethra das mulheres mais largo, mais curto, mais extensivel, e deixa por conseguinte sahir facilmente as pequenas pedras, que poderiam tornar-se nucleo de calculos volumosos.

As *causas* que presidem á formação dos calculos, na bexiga. são as mesmas a que as areias devem a sua origem (*Veja-se* AREIAS). O clima não deixa de ter sua influencia sobre este genero de molestias. Tem-se observado que são mui raras nos paizes quentes, e principalmente nos climas intertropicaes. Os paizes mui frios gozam da mesma vantagem : as pedras são pouco communs na Suecia e na Russia. Observam-se, pelo contrario, frequentemente nos climas frios e humidos; na Hollanda e na Inglaterra, por exemplo. As paralysias da bexiga, os estreitamentos do canal da urethra, tornam-se causas de pedras, oppondo-se ao livre corrimento das ourinas. Existem emfim outras causas que não podem ser determinadas rigorosamente.

Symptomas. A presença de uma pedra no interior da bexiga annuncia-se ordinariamente pelos symptomas seguintes : o doente experimenta no baixo-ventre, entre as coxas, no anus, dôres que se propagam ás cadeiras e á extremidade do membro viril; as quaes se acalmam ordinariamente pelo repouso e augmentam com o exercicio, com os abalos

occasionados pelo cavallo ou pela sege. Existe frequente vontade de ourinar. O jacto de ourina interrompe-se ás vezes, e torna a apparecer um momento depois; o doente é obrigado em alguns casos a tomar posições mais ou menos extraordinarias para poder ourinar. Todos estes symptomas adquirem maior importancia se o seu apparecimento foi precedido de dôres nas cadeiras, ou se os doentes tiverem deitado precedentemente areias; mas são insufficientes para dar a certeza da existencia de uma pedra na bexiga. Além de que faltam ás vezes inteiramente, muitas molestias da bexiga podem produzir effeitos analogos. Os signaes positivos não podem ser confirmados senão por um cirurgião: resultam da introducção de uma sonda metallica na bexiga, e do choque da pedra contra ella.

Entregues a si, as pedras da bexiga augmentam continuamente de volume; os accidentes que determinam adquirem cada dia maior intensidade, a bexiga altera-se, todas as funcções soffrem, a saude e até a vida podem perigar. Por conseguinte, logo que um doente crê estar affectado da pedra, deve cuidar em desembaraçar-se d'ella quanto antes.

As substancias que a analyse descobrio nas pedras da bexiga são: o acido urico, os uratos de ammoniaco, de potassa, de soda e de cal, o phosphato de cal, o phosphato de ammoniaco e de magnesia, o oxalato de cal, a silica e uma materia animal que varía infinitamente. D'estas substancias as mais communs são o acido urico e o oxalato de cal, e depois vem os phosphatos e a cystina. A grossura das pedras da bexiga varía desde as mais pequenas areias que sahem com as ourinas, debaixo da fórma de pós, até á massas enormes cujo peso chega a muitos kilos, visto que se encontrou uma que pesava 3,900 grammas. Não são sempre solitarias; quando são multiplices, ordinariamente são duas ou tres. Mas houveram casos em que eram muito mais numerosas: a bexiga do celebre naturalista Buffon continha 55 pedras, de fórma triangular e do tamanho de uma ervilha. Ordinariamente ovoides, podem entretanto adquirir as fórmas mais singulares. Algumas ha que apresentam asperidadas, tuberculos, espinhas simples ou ramificadas. Sua dureza offerece tambem differenças infinitas, desde uma molleza vizinha da fluidez, até a consistencia, igual e mesmo superior á do marmore. Formam-se ao redor de um corpo estranho, que lhes constitue o *nucleo* (fig. 719). Este nucleo póde ser uma areia que desceo dos rins, uma pouca de mucosidade, um coalho de sangue, uma agulha, um alfinete, uma bala de espingarda, uma porção de sonda ou de bugia, um cabello, etc.

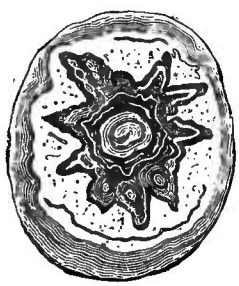


Fig. 719. — Pedra da bexiga serrada transversalmente pelo meio.

O *tratamento* da pedra é inteiramente cirurgico. Ha dois meios que se empregam para extrahir da bexiga este corpo estranho. Um d'elles, que se chama *lithotomia*, ou antes *cystotomia*, é conhecido desde a mais remota antiguidade: consiste em cortar as partes molles e a bexiga, para abrir uma via bastante grande por onde se possa extrahir a pedra.

A outra operação, que é moderna, chama-se *lithotricia*, e consiste em quebrar a pedra com instrumentos introduzidos pelo canal da urethra afim de que os pedaços possam ser evacuados com as ourinas pelas vias naturaes.

Existe um ponto melindroso sobre o qual é necessario esclarecer os doentes, e vem a ser, se a lithotricia é preferivel á cystotomia. Esta questão que continua a agitar-se entre os cirurgiões, deixa os doentes na maior perplexidade. Mas não se póde dizer que uma d'estas operações deve ser geralmente adoptada com exclusão da outra. Ambas, convenientemente empregadas, podem prestar grandes serviços; assim, por exemplo, logo que se reconhece a presença de uma pedra de mediocre volume, é necessario recorrer á lithotricia. Se a acção dos instrumentos empregados para esta operação occasionar vivas dôres, se fôr difficil agarrar a pedra, se ella escapar do instrumento, e se as tentativas forem seguidas dos symptomas inflammatórios intensos, é certo que, insistindo-se por muito tempo, arriscar-se-hiam inutilmente os dias do doente ; deve-se, n'este caso, recorrer á cystotomia. O esboroamento da pedra não póde praticar-se nas crianças de menos de sete a oito annos de idade, nem tão pouco nas pessoas que tem uma pedra mui volumosa, nem nas que são affectadas de catarrho vesical; a cystotomia é até hoje o meio curativo mais seguro. Entretanto a lithotricia dispensa frequentemente de recorrer á cystotomia, que é uma operação muito mais dolorosa, e em geral apresenta muito maior perigo na sua execução.

Quanto aos pretendidos *lithontripticos* ou remedios internos, considerados como proprios para dissolver a pedra na bexiga, nenhum existe realmente. Mas póde-se, por um regimem e bebidas apropriadas, prevenir a disposição aos calculos, e corrigir, até certo ponto, a composição da ourina e do sangue que favorecem a formação da pedra : indico isto no artigo Areias. O doente, ainda que a pedra provoque poucos accidentes, deve fazer uso de alimentos brandos, evitar os exercicios violentos, como o do cavallo e o das seges mal suspensas; se as dôres se tornarem vivas, clysteres de decocção de linhaça, com 15 a 20 gottas de laudano, e banhos mornos produzem algum allivio.

PEDRA CALCAREA. As pedras calcareas são as mais numerosas; são compostas de carbonato e de sulfato de cal; encerram todas as variedades de pedra para edificar casas, os marmores, o gesso, etc. Estas pedras, que constituem massas consideraveis, exploram-se quer ao ar livre, quer debaixo do solo; os logares d'exploração tomam o nome de *pedreiras*.

PEDRA DE CAUTERIO. É a potassa caustica que se emprega para estabelecer fontes.

PEDRA DE CEVAR. *Veja-se* Iman.

PEDRA NOS DENTES. *Veja-se* vol. I, pag. 796.

PEDRA DE FERIR LUME ou *Pederneira*. Variedade do seixo preto ou louro de que se tira fogo pela percussão.

PEDRA NO FIGADO. *Veja-se* Calculo biliar, v. I, p. 403.

PEDRAHUME ou **Alumen.** Sulfato de alumina e potassa. É um sal branco, mui soluvel na agua, de sabor styptico, crystallizado em octaedros regulares, e formado pela combinação do sulfato de alumina com o sulfato de potassa. Existe todo formado na vizinhança de muitos volcões; esta quantidade porém é tão diminuta que é preciso recorrer a differentes modos de fabricação, para fornecer á industria os 4 ou 5 milhões de kilogrammas, que lhe são annualmente necessarios. — A pedrahume goza de propriedades adstringentes. Emprega-se em medicina internamente, na dóse de 30 centigrammas a 8 grammas nas diarrheas chronicas, hemorrhagias; e externamente em gargarejos nas esquinencias na dóse de 4 a 8 grammas dissolvidos em 750 grammas d'agua.

A *pedrahume calcinada*, isto é, privada de sua agua de crystallização por meio do fogo, é de côr branca, possue propriedades causticas, e usa-se para polvilhar as picadas das sanguesugas quando sangram demasiadamente, ou cauterizar as carnosidades que se desenvolvem nas feridas.

PEDRA INFERNAL. *Veja-se* NITRATO DE PRATA.

PEDRA LIPES. VITRIOLO AZUL OU CAPARROSA AZUL. É o sulfato de cobre; sal solido, de côr azul escura, transparente, crystallizado em prismas de 4 a 8 faces, de cheiro particular, sabor styptico, soluvel em 4 partes d'agua fria. Emprega-se em medicina externamente para cauterizar as ulceras, as aphtas, etc.

PEDRA POMES. Pedra porosa, de côr cinzenta ou esbranquiçada, aspera, que risca o vidro e o aço; é um producto volcanico; serve para gastar as asperezas da prata, das pedras de afiar, e outras. Para obtêl-a de superficie lisa, serra-se com uma folha mui fina. Os fabricantes de pergaminho, os surradores, chapeleiros, officiaes de obras de marmore, marceneiros, douradores, empregam a pedra pomes para polir suas obras; elle entra na composição de alguns pós dentifricios; serve tambem para alizar as unhas e para gastar os callos dos pés. A pedra pomes acha-se nas vizinhanças do monte Vesuvio, do Ethna, do Hecla e outras localidades volcanicas. Encontra-se no Brazil nas aguas do rio Amazonas e nas margens de rio Solimões no Alto-Amazonas. Não havendo volcões na provincia do Amazonas, nem em actividade nem extinctos, é necessario attribuir a procedencia da pedra pomes, achada n'essas localidades, ao transporte por aguas da pedra pomes arrojada pelos volcões da cordilheira dos Andes, quer nos tempos contemporaneos, quer em anteriores. O facto de encontrarem-se fragmentos d'esta rocha boiando rio abaixo, confirma esta presumpção. Na Exposição brazileira, que teve logar em 1866, no Rio de Janeiro, havia amostras de pedra pomes apanhada nas aguas do rio Amazonas nas proximidades da villa de Gurupá e da cidade de Santarem.

PEDRAS PRECIOSAS. Dá-se este nome ás pedras que entram na fabricação das joias. Contam-se d'ellas 10 especies principaes, que, segundo o preço que se lhes dá, se collocam na ordem seguinte: 1.° o diamante; 2.° o rubim; 3.' a saphira; 4.' o topazio; 5.' a esme-

ralda, 6.ª a chrysolita, 7.ª a amethysta, 8.ª o granate, 9.ª o jacintho, 10.ª o beryllo. Vem depois a turqueza, a tormalina, o peridoto. etc. Quasi todas as pedras preciosas, com excepção do diamante que é carbone puro, são formadas de silica pura (crystal de rocha, amethysta, agata, jaspe, opalo, etc.), ou de silicatos (topazio, esmeralda, saphira, granate, jacintho, etc.).

O preço elevado das pedras preciosas levou a imital-as : a industria chegou a fabricar *pedras artificiaes;* conseguio-se sobretudo o imitar o topazio, a esmeralda, o chrysopraso; é por meio de um vidro chamado *stras*, colorido de diversas maneiras, que se faz o mais frequentemente esta imitação, *Veja-se* STRAS.

É muito antiga a arte de imitar as pedras preciosas naturaes com vidro colorido : Plinio falla d'ella como de uma arte mui lucrativa, levada no seu tempo entre os Romanos ao mais alto gráo de perfeição. Desde o anno de 1819 fabricam-se em Pariz pedras falsas tão bellas que é necessaria grande habilidade para as distinguir das pedras verdadeiras.

PEDRAS SALGADAS. Portugal; provincia de Traz-os-Montes. Aguas alcalinas gazosas frias. Estão situadas a alguns kilometros de Villa

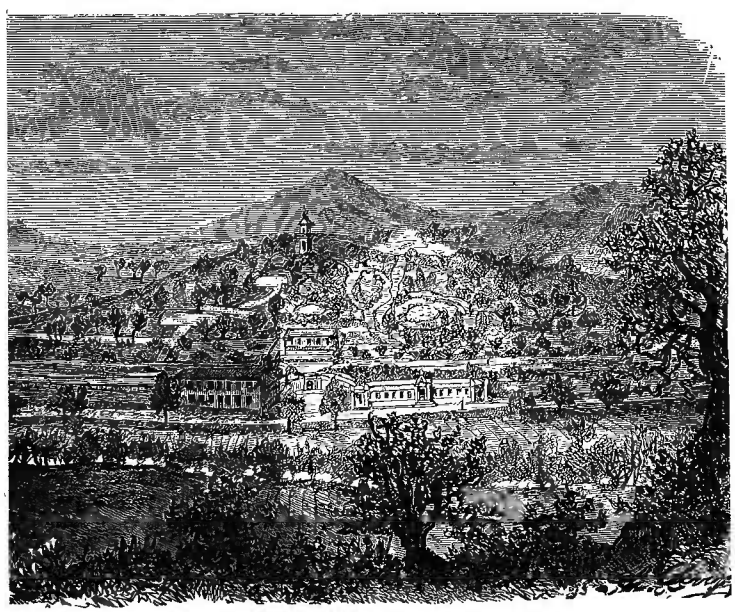


Fig. 720. — Pedras Salgadas (Portugal). — Aguas alcalinas frias.

Pouca d'Aguiar, na margem esquerda da antiga estrada de Villa Real a Chaves, distando da actual estrada real 400 metros aproximadamente, para onde se segue por uma estrada municipal. N'uma extensão de 200 metros tem apparecido varias nascentes das quaes já estão aproveitadas seis. As quatro que foram analysadas são : *Penedo*, *Rebordechão*, *Rio e Estrada*. Todas estas aguas são frias, e ultimamente exploráram-se mais duas nascentes que fornecem agua em grande abundancia e de

qualidade igual ás já exploradas, a qual é destinada á alimentação dos banhos.

A nascente do *Penedo*, a mais importante de todas, brota debaixo de uma grande massa de pedra. A agua é incolor, de fraquissimo ou nenhum cheiro, de gosto solobro e picante, depõe ao ar, no fim de algum tempo, precipitado notavel de carbonatos terrosos, desprendendo-se espontaneamente do liquido grande numero de bolhas de acido carbonico. Dá reacção fracamente acida com o papel azul de turnesol, porém mais tarde, depois de perder grande parte do gaz dissolvido, torna-se fortemente alcalina. Densidade, 1,002130 a 24° centigrados. Surde esta nascente, a mais elevada de todas em nivel, um pouco abaixo do solo; sahem as aguas acompanhadas de numerosas bolhas de gaz, que simulam a ebullição do liquido, deixando nos sitios em que se evaporam, quantidade de sedimentos salinos esbranquiçados, compostos essencialmente de carbonatos alcalinos e terrosos. A temperatura da agua avaliada junto á origem foi de 19,4 cent., sendo a do ar 25,9 (17 Setembro de 1870). O volume do liquido despendido por hora é de 20 a 21 litros, correspondendo o gaz exhalado a pouco mais de 100 centimetros cubicos no mesmo tempo. (Extrahido do *Relatorio* da Commissão medica que foi nomeada em 1870 para dar o seu parecer sobre as Aguas das Pedras Salgadas. A Commissão compunha-se dos Srs. Drs. Manoel Nicoláo de Bettencourt Pitta, José Dionysio Correia, e Bernardino Antonio Gomes, relator).

Eis-aqui o resultado da analyse d'estas aguas, feita pelo Sr. José Julio Rodrigues, Lente de chimica da Escola polytechnica de Lisboa, e pelo Preparador da mesma Escola, o Sr. Alexandre Bayer.

Mil grammas d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Bicarbonato de soda.....	1,838 595	Chlorureto de potassio.....	0,037 719
— de lithina.....	0,015 415	— de sodio.....	0,043 358
— de magnesia....	0,157 332	Azotato de soda.....	0,038 462
— de cal.....	0,619 743	Arsenito de soda.....	0,001 892
— de estrociana...	0,001 214	Arseniato de alumina.....	0,000 403
— de baryta.....	0,000 409	Phosphato de alumina.....	0,000 274
— de ferro	0,021 161	Alumina.....	0,000 751
— de manganez...	0,002 320	Silica.....	0,086 349
Sulfa o de potassa.....	0,044 813	Acido carbonico.....	1,185 089
		Somma.....	4,095 299

Nascente de Rebordechão, distante quasi 200 metros da nascente do Penedo, descoberta em 1870. Agua limpida, fria, de sabor levemente acido e picante, mais tarde, demorando e agitando a agua na bocca, um pouco solobra e alcalina. Temperatura no dia 4 de Agosto de 1871, 12°,6 indicando o thermometro centigrado ao ar e á sombra 18°,2. A nascente despende 34 litros d'agua por hora.

Eis-aqui a composição chimica d'esta nascente, determinada pela analyse do Sr. José Julio Rodrigues, Lente de chimica na Escola polytechnica de Lisboa.

Mil grammas d'esta agua contém :

	gram.		gram.
Bicarbonato de soda.....	1,791 587	Chlorureto de potassio.....	0,056 779
— de lithina.....	0,008 434	— de sodio.....	0,013 481
— de magnesia .	0,149 562	Azotato de soda.....	0,008 788
— de cal.....	0,570 030	Phosphato de alumina.....	0,000 590
— de estronciana..	0,001 545	Alumina.....	0,001 842
— de baryta.....	0,000 470	Silica.....	0,071 907
— de ferro.....	0,022 862	Acido carbonico livre.....	1,865 914
— de manganez...	0,002 923	Arsenico.....	vestigios
Sulfato de potassa.....	0,003 680	Materias organicas.....	vestigios
		Somma.....	4,570 414

Esta agua possue mais acido carbonico, carbonato de ferro e de manganez, do que a nascente do Penedo. Como agua mineral gazosa, é uma das mais importantes de Portugal.

Nascente do Rio, é semelhante á de Rebordechão, e mais rica do que esta em acido carbonico livre.

Nascente da estrada. Semelhante á do Penedo, da qual dista 17 metros.

As aguas das Pedras Salgadas em pouco tempo tem adquirido celebridade, e são destinadas a ter grande concurso dos doentes por causa das suas propriedades medicinaes. O clima é salubre e ha commodidade de communicações, pois que a viagem de Lisboa póde fazer-se até ao estabelecimento das aguas, grande parte em caminho de ferro, e parte em carruagens ou diligencias. Empregam-se em bebida e banhos. São uteis nas areias, catarrhos da bexiga, gota, molestias do figado, do baço, do estomago, dyspepsia, gastralgia, molestias cutaneas a affecções nervosas. A estação começa em Maio, e prolonga-se até ao fim de Outubro. Ha ali um hotel confortavel; a Companhia exploradora das aguas mandou construir uma casa propria para banhos e trata de desenvolver todas as commodidades necessarias. Em Villa Pouca d'Aguiar, que fica distante 6 1/2 kilometros, ha algumas casas que recebem hospedes. Villa Pouca d'Aguiar está situada n'um valle pittoresco, formado pelas serras do Corgo e Sabugueiro.

As aguas de Pedras Salgadas são por sua natureza de facil conservação e transporte, em razão da sua baixa temperatura e riqueza de acido carbonico livre; acondicionadas convenientemente não perdem as suas qualidades medicinaes.

Modo de administração. Em bebida as aguas tomam-se puras, na dóse de 90 a 150 grammas duas vezes por dia, uma em jejum e outra á tarde 4 horas depois de jantar. Nos simples incommodos de estomago, podem tomar-se com vinho na dóse de 90 a 150 grammas durante as refeições, o uso interno das aguas, deve ser acompanhado de banhos das mesmas aguas, enfraquecidos pela mistura com agua commum.

PEDRA DE TOQUE. Pedra siliciosa de bella côr preta, dura e inatacavel pelos acidos, que se emprega para os ensaios de ouro (*Veja-se* Ouro). Serve para reconhecer as moedas falsas que circulam frequentemente no commercio : uma peça de ouro falsa deixa um risco

vermelho sobre a pedra de toque, e este risco desapparece immediatamente com algumas gottas de acido azotico puro; uma moeda de prata é falsa, quando o risco que faz sobre a pedra é de um branco azulado, e quando este desapparece completamente com uma gotta d'agua regia. Um risco feito com ouro puro fica sobre a pedra, quando se lhe deita uma gotta de acido azotico; um risco feito com prata pura resiste á agua regia.

As pedras de toque, que se acham no commercio, vem da Saxonia, Bohemia, Silesia, onde se colhem em cascalhos enrolados na superficie da terra. Estas pedras abundam no Brazil no rio Madeira, na provincia do Amazonas, com a fórma de seixo rolado, indicio do seu transporte pelas aguas, dos terrenos em que existem os seus jazigos, cortados pelas cabeceiras d'este rio e dos seus affluentes. Ellas devem abundar nas vertentes das cordilheiras que cercam todos esses rios. As amostras da pedra de toque do rio Madeira achavam-se na Exposição nacional dos productos brazileiros, no Rio de Janeiro em 1866; e havia tambem outras, extrahidas de jazidas do municipio de S. Fidelis na provincia do Rio de Janeiro.

PEDRADA. *Veja-se* CONTUSÃO.

PEITO. Em *medicina*, assim se chama á cavidade circumscripta posteriormente pelas vertebras, lateralmente pelas costellas e omoplatas, anteriormente pelo esterno; tem por limites, em cima, os ossos claviculares e, em baixo, o musculo diaphragma. Esta cavidade contém os orgãos principaes da respiração e da circulação; isto é, os pulmões e o coração. Mas *vulgarmente* dá-se o nome de peito não só a esta cavidade do corpo, mas tambem ás suas paredes.

Peito aberto. Algumas pessoas chamam assim a molestia descripta no artigo ESCARROS DE SANGUE, vol, I, pag. 1009. Para outras pessoas, o peito aberto designa dôres rheumaticas e superficiaes do peito, que se curam com fricções de aguardente camphorada, ou com sinapismos applicados no logar dorido.

Peito cerrado. *Veja-se* SUFFOCAÇÃO.

Peito (CONTUSÃO DO). *Veja-se* vol. I, pag. 688.

Peito (DÔR DE). A dôr de peito existe em varias molestias. Encontra-se sempre na *pleurodynia*, molestia chamada vulgarmente *pleuriz bastardo* ou *falso*. É uma affecção rheumatismal dos musculos do peito; a dôr n'este caso occupa todo o peito, ou um só lado inteiro, ou um pequeno espaço; ás vezes é fixa, ordinariamente muda de logar; torna difficil a respiração, augmenta com a tosse, e sobretudo pela compressão e pelos movimentos do braço, o que a distingue da dôr do pleuriz. Não existe febre, calor, nem fastio.

O *tratamento* d'esta dôr e o seguinte : applicar um sinapismo no logar dorido; ou um pedaço de emplastro do Pobre Homem; esfregar com aguardente camphorada ou com essencia de terebinthina.

A esta categoria pertencem as *dôres de peito* chamadas *nervosas*, que reclamam o mesmo tratamento que as dôres rheumaticas. A dôr de peito existe tambem no *pleuriz*. É uma pontada muito aguda que não

muda de logar; é acompanhada de tosse, febre, fastio, abatimento geral. O tratamento acha-se indicado no artigo PLEURIZ; consiste em bichas, sangrias, etc. Na *pneumonia* ou inflammação do pulmão, a dôr é acompanhada de escarros sanguineos e de febre. *Veja-se* PNEUMONIA. A dôr de

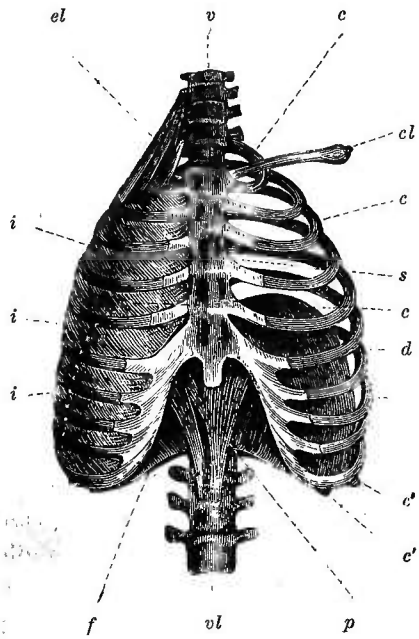


Fig. 721. — Costellas (*).

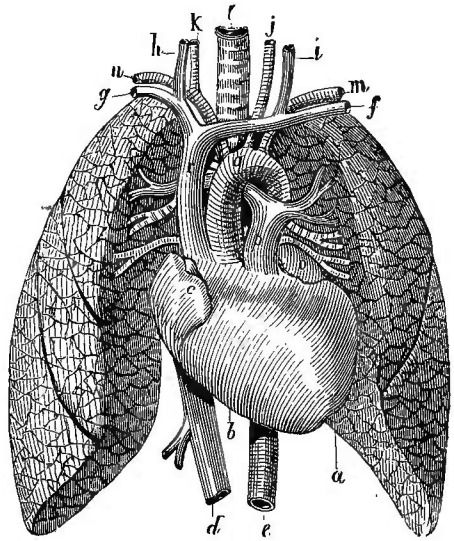


Fig. 722. — Pulmões, coração, arteria, aorta, etc. (**).

peito sobrevem ás vezes na molestia chamada *hemoptyse* ou *escarros de sangue*. *Veja-se* vol. I, pag. 1009. A dôr de peito existe tambem na *tisica*, mas nem sempre. *Veja-se* TISICA. A dôr de peito acompanha igualmente ás vezes a *bronchite*. *Veja-se* vol. I, pag. 369. As dôres de peito existem emfim no incommodo chamado *constipação*, e tratam-se da maneira que deixei exposta no vol. I, pag. 675.

Peito (FERIDAS DO). *Veja-se* vol. I, pag. 1134.

Peito (MOLESTIA DE). Debaixo do nome de molestia de peito, designa-se vulgarmente a *tisica* (*veja-se* esta palavra). As outras molestias do

(*) *v*, região cervical da columna vertebral; *vl*, região lombar d'esta columna; *s*, esternon; *cccc*, costellas; *c'c*, costellas mendosas; isto é, as que não chegam a unir-se ao esternon; *cl*, clavicula; *iii*, musculos intercostaes; *f*, ultima costella mendosa, encoberta pela inserção de diaphragma; *d*, musculo diaphragma, formando no interior do peito uma abobada encoberta de lado direito pelos musculos intercostaes, mas cuja direcção está indicado d'este lado por uma linha ponctuada; *p*, pilares do diaphragma que se fixam nas vertebras lombares; *el*, musculos elevadores das costellas.

(**) Os pulmões estão um pouco afastados um do outro para deixar ver o coração e a origem das arterias. — *pd*, pulmão direito; *pe*, pulmão esquerdo: *l*, traca-arteria antes da sua divisão em dois bronchios; *c*, auricula direita do coração; *b*, seu ventriculo direito; *a*, seu ventriculo esquerdo; *o*, sua auricula esquerda; *f*, *g*, veias sub-claviculares; *h*, *i*, veias jugulares; *r*, veia cava superior, que entra, assim como a veia cava inferior *d*, na parte posterior da auricula direita; *k*, *j*, arterias carotidas; *m*, *n*, arterias sub-claviculares, que nascem da crossa da aorta *q*: *e*, aorta descendente; *p*, arteria pulmonar que nasce do ventriculo direito, e se divide para distribuir-se em cada pulmão. Abaixo da divisão e um pouco por detraz, as veias pulmonares entram na auricula esquerda *o*.

peito estão descriptas nos artigos BRONCHITE, PLEURIZ, ESCARROS DE SANGUE, PNEUMONIA.

PEITORAL. Medicamento peitoral, isto é, proprio para combater as affecções dos pulmões. Nas molestias do peito, nas bronchites, nos defluxos, empregam-se com vantagem em infusão a raiz de althea, as flores e folhas de malvas, as flores de viola, de papoula, de borragem; ou a decocção de musgo islandico, etc. (*Vejam-se* todas estas palavras.) O que se chama em pharmacia *especies peitoraes*, é uma mistura de partes iguaes de folhas seccas de avenca do Canadá, veronica, hysopo e hera terrestre. *Quatro flores peitoraes :* mistura em partes iguaes de flores seccas de malva, pé de gato, tussilagem e papoulas. — *Fructos peitoraes:* mistura de partes iguaes de tamaras sem os caroços, de jujubas, figos e passas. Com todas estas substancias fazem-se infusões ou cozimentos peitoraes, que se bebem quentes. — Faz-se tambem uso de *pastas peitoraes*, que são compostas, de althea, jujubas, musgo islandico, gomma arabica, etc.

PEITOS. *Veja-se* SEIOS.

PEIXES. Os peixes formam uma classe especial de animaes vertebrados e oviparos, que respiram o oxygeneo contido no ar atmospherico que a agua tem em suspensão. A respiração d'estes animaes faz-se por meio das *guelras*, que consistem na reunião de grande numero de folhas separadas e cobertas de innumeraveis vasos sanguineos, que lhes dão uma côr vermelha. A agua entra-lhes pela bocca, passa por entre as folhas da guelra, e sahe por umas aberturas externas chamadas *ouvidos*. As *barbatanas* dos peixes, compostas de raios mais ou menos numerosos, representam os membros anteriores e posteriores dos mammiferos; servem-lhes para executar os movimentos extremamente rapidos, e a *bexiga aerea*, que estes animaes encerram, permitte que possam subir ou descer á vontade, á proporção que a dilatam ou comprimem, e consequentemente que diminuem ou augmentam o seu peso especifico.

Os peixes pôem ovas; é um facto bem conhecido. O maior numero das femeas depõem as ovas em certas localidades que escolhem; os machos vem regar estas ovas com um licor fecundante, mui procurado em certas mesas, e que se apresenta como uma substancia branca e assaz consistente. Mas um facto que muitas pessoas ignoram é que muitos peixes, as arraias, por exemplo, ajuntam-se machos e femeas, n'uma verdadeira copula, de tal maneira que as ovas não são abandonadas ao acaso de um encontro fortuito, e não sahem do utero da femea senão depois de certo desenvolvimento.

Em quasi todos os peixes, os tegumentos são cobertos de *escamas* mais ou menos numerosas, mais ou menos espessas. As escamas de algumas especies são até empregadas nas artes; as de muitos peixes pequenos d'agua doce, geralmente chamados *peixes brancos*, servem, por exemplo, quando são separadas da pelle por uma longa maceração, para fornecerem a camada nacarada com que se cobrem as perolas falsas. Alguns peixes, em pequeno numero é verdade, tem a pelle inteiramente nua.

A classe dos peixes ministra ao homem muitos alimentos preciosos. Todos conhecem, mais ou menos, o peixe cuja carne é indigesta, como a enguia, a cavalla, o bacalháo e aquelles cuja carne se digere facilmente, como badejete, garoupa, enxova, coro-coroca, peixe-rei, linguado pequeno, bijupirá, roballo, tainha, parati, pescadinha, bagre, cabrinha, vermelho, espada, sardinha, pargo, arraia, viola, carapicú, canhanha, salmão, truta, rodovalho, pregado, savel, goraz, etc. A carne dos peixes de facil digestão convem aos estomagos debeis e aos convalescentes, com preferencia a qualquer outra alimentação, salvo se um caso particular exige a alimentação mais substancial. A carne dos peixes *indigestos* não póde, em geral, ser supportada senão por estomagos vigorosos a que nada incommoda, e que podem impunemente excitar as forças digestivas de seus orgãos recorrendo ao sal, á pimenta e ao vinagre. Os peixes com *môlho branco* são ordinariamente mais refractarios á acção do estomago; os peixes fritos ou assados são menos pesados, sobretudo quando se comem quentes. As ovas d'estes animaes são geralmente indigestas.

Nem todos os peixes são proprios para alimento do homem; alguns ha cuja carne contém um veneno activo, e importa tanto mais que fixe sobre elles a attenção dos meus leitores, por isso que estas especies venenosas não se encontram nos climas temperados, mas sim nos mares intertropicaes. Está bem provado, no Brazil, por exemplo, que o peixe *cachorro* os *caranguejos do mangue*, são nocivos em certas occasiões. Entre os peixes, que a pesca subministra para a subsistencia do homem nos paizes intertropicaes, os que occupam a primeira ordem por seu tamanho, seu numero e pelo sabor de sua carne, mudam ás vezes suas propriedades alimentarias em qualidades evidentemente venenosas, em consequencia da alteração morbosa, accidental, mais ou menos profunda na sua textura. Ha mais de dois seculos que se faz menção das particularidades toxicas de alguns d'estes animaes; eis-aqui os nomes de alguns d'elles :

1.° O peixe ouriço (*diodon orbicularis*). O corpo é redondo, oval, e todo eriçado de espinhos fortes e agudos. Chega a nove ou dez pollegadas de comprimento. Quando incha, forma um globo. 2° O peixe roda ordinario, ou peixe relim (*diodon mola*, Bloch). E um grande peixe que chega a pesar trezentas libras; é largo atraz : a fórma que o faz parecer com a cabeça cortada de outro peixe, a pelle prateada, os olhos grandes e brilhantes, tornam-n'o mui notavel. 3.' *Tetraodon ocellatus*, Bloch. Este peixe é espesso, redondo e tem espinhas no peito e no ventre; tem o dorso liso e de um verde escuro, a barbatana dorsal cercada de uma nodoa negra bordada de amarello. É originario da China e do Japão. A sua venda é prohibida n'aquelles paizes. Chama-se *Kay-po-y* na China, *Furube* no Japão, *Hérisson croissant* nos autores francezes. 4.' O balista velho (*balistes vetula*). 5.° O peixe porco unicorne, ou acaramoio do Brazil (*balistes monoceros*, Linneo). Tem o corpo comprimido e escabroso, o dorso e o ventre aguçados, de côr denegrida, sem barbatanas ventraes; a barbatana dorsal tem um aguilhão comprido e dentado. 6.° A

sardinha dourada, *clupea thrissa*, Bloch, *cailleu tassart* em francez. O ultimo raio alongado da barbatana dorsal é a marca caracteristica d'este peixe. O tronco é delgado, o ventre forma um arco e é feito á maneira de serra; as barbatanas são azuladas, os flancos prateados; chega a 27 ou 32 centimetros de comprimento. Habita nos mares da China e das Antilhas. Nem sempre é venenosa; produz incommodos só na epoca de desovar. 7.ª O congro, *murænà conger*, Linneo. É uma enguia do mar, que tem o corpo cylindrico e dois pequenos barbilhos no queixo superior; a barbatana dorsal principia perto da cabeça e tem a borda negra.

O envenenamento, consequencia da ingestão da carne dos peixes venenosos, é caracterizado pelos phenomenos seguintes : Manifestam-se dôres de estomago e entranhas, ao principio fracas e intermittentes, depois progressivamente mais violentas, e emfim contínuas e atrozes. Sobrevem logo depois nauseas seguidas de vomitos repetidos, vertigens, desmaios, colicas e evacuações alvinas abundantes. Declara-se uma ardencia no corpo, e mais particularmente na palma das mãos e na planta dos pés. Esta ardencia é frequentemente seguida de uma erupção de largas empolas. O pulso é ordinariamente forte e frequente ao principio, mas torna-se logo depois mui fraco. Uma prostração completa substitue os symptomas de irritação abdominal. Em alguns casos, o doente experimenta difficuldade de ourinar. Quando a morte tem logar, é quasi sempre no meio de violentas convulsões; se os accidentes não tem este exito fatal, o restabelecimento é lento, e muitas vezes subsistem ainda por muito tempo dôres nas diversas articulações.

O tratamento dos accidentes produzidos pela ingestão dos peixes venenosos é o mesmo que o do envenenamento pelos mariscos : acha-se indicado no vol. II, pag. 383.

Certos peixes são dotados de propriedades electricas são : a *tremelga* ou *torpedo*, a *enguia electrica* ou *poraqué* e alguns outros.

A propriedade electrica da tremelga é conhecida hà seculos. E ainda hoje, como antes, é um objecto de espanto para o vulgo. A tremelga (*raia torpedo*) acha-se quasi em todos os mares; exteriormente não differe muito das outras arraias. Tem a cabeça quasi circular, a pelle branda, escura por cima e branca por baixo, a cauda curta; as barbatanas dorsaes situadas perto da origem da cauda, a bocca pequena, e, como todas as outras especies de arraias, tem de cada lado cinco largas aberturas. O peso do seu corpo chega até quatorze kilos. Quem toca este peixe sente subitamente um abalo nos braços, cotovelos, e até nos hombros, manifestando-se tambem uma tontura na cabeça : o abalo é violento ao principio; porém vai gradualmente diminuindo até desapparecer de todo. Por meio d'esta faculdade, a tremelga entorpece a presa que quer agarrar, e paralysa os esforços dos animaes que a atacam. O naturalista Redi foi o primeiro que procurou adquirir sobre os phenomenos curiosos da tremelga, conhecimentos mais exactos do que os dos sabios que o tinham precedido. Eis-aqui o que observou em um d'estes peixes que acabava de ser pescado. Apenas o tocou e apertou com a mão, sentio n'esta parte uma picada que se propagou até ao braço e hombro; esta

picada foi seguida de um tremor desagradavel e de uma dôr aguda no cotovelo, de sorte que foi quasi immediatamente obrigado a abandonar a presa. A mesma impressão se repetia a cada novo contacto; mas a dôr e o tremor diminuiam gradualmente á medida que a morte do animal se approximava; morte que sobreveio decisivamente no fim de tres horas, e que occasionou a abolição das faculdades entorpecentes que se tinham manifestado em quanto lhe durou a vida. Réaumur relata uma experiencia, propria para dar uma ideia do gráo de força a que chega a electricidade que podem desenvolver os orgãos d'este peixe. Pôz uma tremelga e um pato em um vaso que continha agua do mar, e que foi coberto com um panno, afim que o pato não pudesse fugir, mas conservasse a facilidade de respirar livremente; ao cabo de algumas horas achou-o morto, e, por assim dizer, fulminado por seu inimigo. Depois de Réaumur, a sciencia da electricidade recentemente creada occupou todos os espiritos; os sabios buscáram estender o seu dominio: o Dr. Bancroft suspeitou que a virtude da tremelga dependia da mesma causa que os phenomenos electricos, e Walsh demonstrou esta identidade por numerosas experiencias; emfim, o celebre Galvani chegou a descobrir uma faisca no momento do choque.

A *enguia electrica*, chamada tambem *poraqué do Pará* (*gymnotus electricus*), goza igualmente das mesmas propriedades que a tremelga. Este peixe tem um corpo alongado, a cabeça e a cauda muito obtusas, pelle preta, mucilaginosa e sem escamas perceptiveis; em uma palavra, parece-se com a enguia de 1 metro 50 a 2 metros de comprimento (fig. 723). Habita os lagos e os rios que correm nas partes orientaes da America meridional, preferindo os lagos, por terem aguas menos movediças. Encontra-se particularmente nas provincias do Pará e Amazonas, e existem ahi em grande quantidade, e de todos os tamanhos. Depende da vontade do animal o dar commoções mais ou menos fortes; muitas vezes até é preciso irrital-o, para obter estas commoções. Quando o poraqué tem dado muitos choques semelhantes, parece esfalfado, e precisa de um repouso mais ou menos prolongado para poder causar novas commoções. Segundo Humboldt, os homens que querem apanhar estes peixes aproveitam-se d'esta circumstancia. Fazem entrar cavallos nas aguas em que os poraqués habitam; estes infelizes quadrupedes recebem as primeiras descargas, e os pescadores apoderam-se depois dos agressores, ou por meio de redes ou de arpão.

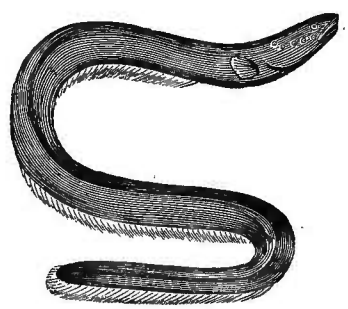


Fig. 723. — Poraqué ou Enguia electrica.

A carne do poraqué é pouco ou nada utilizada nos usos culinarios, não só por ser mal saboroso, como porque é de consistencia mucilaginosa, e de cheiro algum tanto desagradavel.

No Nilo e nos outros grandes rios da Africa, acham-se tambem peixes dotados das mesmas propriedades, taes são o *malapterurus electricus*

de Lacépède e o *bagre electrico* (*silurus electricus* Lin.); os Arabes chamam-lhes *raash,* isto é, raio, por causa das commoções que podem produzir.

Peixe boi. *Manatus*, Cuvier, Genero de *Mammiferos*, da ordem dos *Cetaceos*, da familia dos *Cetaceos herbivoros.* É um animal que pela fórma e costumes se approxima dos peixes, mas que se distingue d'elles pela geração vivipara, pelos peitos e outras particularidades de organização. É um animal volumoso ; attinge ás vezes 6 metros de comprimento, 5 metros termo médio, e póde pesar até 4,000 kilogrammas. Tem a fórma de peixe, o corpo terminado por uma barbatana simples, oval, horizontal representando um leque aberto. As barbatanas anteriores, bem que chatas e membranosas, são compostas de cinco dedos, terminados por vestigios de unhas. Não ha membros posteriores. As femeas tem dois seios peitoraes que incham e tornam-se proeminentes na epoca da gestação, pelo que em algumas partes dá-se a este cetaceo o nome de *peixe mulher.* A cabeça tem toda a semelhança com a de um bezerro, os olhos são mui pequenos. A pelle é grossa e negra; reveste enorme somma de gordura. Os dentes tem a corôa chata. Vive n'agua, mas tem por costume ter a metade do corpo fóra d'agua. Estes animaes acham-se nos mares dos paizes quentes ; vivem em bandos e afastam-se pouco das costas, onde acha mas plantas com que se alimentam ; mas sobem os rios, o Amazonas e o Orenoco principalmente. Costumam descer o rio em bandos immensos, e é n'esta epoca que se pescam facilmente. Apanham-se com um harpéo atado a uma longa corda, que se desenrola até que o animal esfalfado se deixe attrahir á margem. Acontece então que outros peixes-bois cheguem perto da embarcação dos pescadores para defender o camarada capturado ; mas esta affeição, sobre a qual contam os pescadores, é muitas vezes funesta a muitos d'estes cetaceos, que são successivamente feridos com o harpeo.

O peixe boi da America, *Manatus americanus*, que é o typo do genero, acha-se no rio Amazonas, no valle do Baixo-Amazonas, nos lagos vizinhos dos rios; vive exclusivamente de vegetaes, preferindo a *canarana*, ou *canna falsa*, que é uma Graminea, semelhante á canna de assucar. A canarana abunda em todos os lagos e rios affluentes do Amazonas e no mesmo Amazonas, aonde este vegetal aquatico se encontra em massas extensas, simulando ilhas ambulantes á tona d'agua. O peixe-boi é de um natural brando, a carne é boa para comer, e a gordura subcutanea excellente; conserva-se por muito tempo. O peixe-boi do Amazonas attinge 6 metros de comprimento, e cada cetaceo fornece vinte e mais potes ou almudes de gordura ou oleo fixo. Da carne frita na mesma gordura, e n'ella conservada, se fabrica a excellente *mixira*, que se consome nas provincias do Pará e Amazonas. A pelle do peixe-boi usa-se em applicação externa para produzir a cura das quebraduras, porém, n'este caso não tem efficacia alguma. Os verdadeiros *peixes-bois de azeite* pescam-se nos lagos do Brazil, da provincia do Amazonas, que orlam o rio Jamundá.

A especie de Senegal, *Manatus Senegalensis*, Desm., é mais pequena;

tem só 2 metros a 2 metros e 60 centimetros de comprimento ; o seu focinho é cylindrico : acha-se sobre a costa occidental de Africa, e principalmente na fóz do rio Senegal.

PEJEHU DE FLORES, Brazil; provincia de Pernambuco Aguasa gazosas.

PELLADA, Calva tinhosa, Tinha pellante ou **decalvente.** Molestia da pelle da cabeça caracterizada pela alteração especial do cabello que cahe deixando a pelle lisa e de um branco notavel. O couro cabelludo da cabeça, que é a séde da molestia, apresenta simultaneamente um ou muitos pontos da sua superficie que se desguarnecem de cabello. Pouco extensas a principio, estas superficies, que são a séde de um prurido mais ou menos intenso, augmentam rapidamente ; são irregulares : a calvicie póde assim ganhar a maior parte do couro cabelludo. Os cabellos são ás vezes alterados na côr antes de cahirem ; todavia, as mais das vezes, cahem antes que se verifique a menor modificação nas suas propriedades physicas. A pelle é limpa, lisa sem tumefacção, sem vermelhidão, nem escamas. Este estado de pelle persiste em quanto a molestia vai augmentando; depois, quando á molestia cessa de fazer progressos, a pelle torna-se mais pallida, molle, e applica-se ao osso ; emfim, quando a molestia principia a sarar, a pelle perde a pallidez e o cabello renasce pouco a pouco. A principio é uma simples penugem, mas com o tempo o cabello recobra o vigor primitivo. Comtudo a calvicie é definitiva, quando a molestia persistio durante muitos mezes, e com mais razão quando durou muitos annos. A pellada póde atacar todos os pontos da pelle cobertos de pello ; póde invadir as sobrancelhas, a barba mas o seu logar de predilecção é a pelle da cabeça. É molestia contagiosa.

Natureza da molestia. Attribue-se a pellada ao desenvolvimento de um vegetal parasito que, situado por fóra da glandula aonde nasce o cabello, forma ao redor do cabello uma camada de 1 a 3 millimetros de altura. Não se póde vêr senão com o microscopio. Apresenta na sua estructura filetes e sporos (pequenos globulos que são orgãos de sua reproducção). Os filetes estão dispostos parallelamente ás estrias dos cabellos e são ondeados. Tem $\frac{2}{1000}$ a $\frac{3}{1000}$ de millimetro de espessura; suas ramificações são numerosas e curtas. Os sporos são esphericos de um diametro de cerca de $\frac{3}{1000}$ de millimetro; alguns são ovoides ; são transparentes e incham n'agua. É a presença d'este vegetal parasito que é a causa da ruptura do cabello. Á medida que o cabello cresce, o vegetal que contem cresce igualmente, até que a parte invadida esteja fóra da glandula d'onde nasce o cabello, e uma vez que tenha chegado 2 a 3 millimetros acima do nivel da epiderme, o cabello quebra-se, e produz-se a calvicie.



Fig. 724. — Pinça ordinaria.

Tratamento. Para curar esta molestia existe só um meio, é a epilação seguida de lavatorios parasiticidas. O bom exito da epilação depende d'esta particularidade que os sporos do vegetal adherem de tal maneira

ao cabello, que arrancando-o vem com elle e não podem mais reproduzir a molestia. A epilação pratica-se com pinça ordinaria representada na (fig. 724). A operação é facil porém exige alguma destreza da parte de quem a pratica. Os cabellos implantados obliquamente no tecido da pelle devem ser extrahidos no sentido de sua implantação. É preciso arrancar os cabellos um a um, e importa que a operação se faça no mesmo dia completamente sobre toda a extensão da pellada. Depois da epilação lava-se a cabeça com o seguinte *lavatorio parasiticida :*

Sublimado corrosivo.....	2 grammas.
Alcool.....	30 —
Agua distillada.....	250 —

Depois do lavatorio, unta-se a cabeça com a pomada seguinte :

Turbitho mineral.....	60 centigrammas.
Camphora.....	2 grammas.
Banha.....	30 —

Continuam-se os lavatorios e as uncções com a pomada todos os dias até á reproducção do cabello.

Se houver difficuldade em arrancar os cabellos, faz-se previamente uma uncção na cabeça com oleo de cade puro.

É preciso associar a este tratamento local os meios geraes proprios para fortificar a constituição, bom regimen, vinhos generosos, habitação no campo, exercicio regular, muito asseio, e banhos geraes e locaes. Repete-se a epilação ao cabo de um mez se a primeira não foi seguida de cura completa.

PELLAGRA. Molestia geral caracterizada pela vermelhidão da pelle, a principio, e depois por uma erupção vesiculosa e pustulosa, que se complica de desordens diversas do systema nervoso e dos orgãos digestivos. Esta molestia é particular a certas regiões da Italia, da França meridional e da Hespanha.

Symptomas. No mez de Março ou Abril, manchas vermelhas e brilhantes apparecem nas costas da mão e nas outras partes descobertas do corpo ; são semelhantes á erysipela ordinaria. Estas manchas cobrem-se de vesiculas ou de bolhas cheias de uma serosidade amarellada ou arroxeada ; passado algum tempo, a epiderme separa-se sob a fórma de laminas furfuraceas ; a saude geral conserva-se ainda boa. Na primavera seguinte, a affecção cutanea augmenta ; a saude geral começa a soffrer ; os doentes tornam-se tristes, indolentes, experimentam vertigens, zunidos nos ouvidos, dôres no espinhaço e nos membros. No inverno apparecem melhoras ; mas na terceira primavera ou mais tarde, os symptomas cerebraes tornam-se mais manifestos : vertigens, melancolia, um grande emmagrecimento, fastio completo, torpor, delirio e convulsões. Entre os primeiros e estes ultimos symptomas podem mediar dez annos.

Tratamento. Os principal recurso consiste nos meios hygienicos e sobretudo na alimentação. É preciso por um regimen corroborante restabelecer as forças, e modificar a constituição. Os banhos geraes mornos,

os banhos sulfurosos, as preparações ferruginosas, a infusão de genciana, o vinho de quina, uma alimentação substancial e variada são especialmente indicadas contra a pellagra.

PELLE. Membrana espessa, dura e resistente, que forma o involucro do corpo. Compõe-se de quatro camadas sobrepostas, que são de dentro para fóra : a derme, o tecido mucoso, o corpo papillar, e a epiderme (fig. 725).

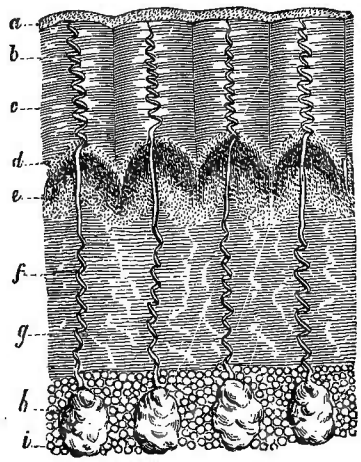


Fig. 725. — Pelle da mão (*).

Derme. Chama-se assim a camada mais profunda da pelle; é tambem a mais densa e constitue a parte principal do tegumento. É uma rede tecida de fibras, de laminas cerradas e entrecruzadas, apresentando numerosos orificios, para a passagem dos vasos e nervos que vão formar o corpo papillar.

Corpo mucoso. É uma camada gelatiniforme, concreta, mui delgada. N'ella acha-se o *pigmento*, substancia corante da pelle, pouco evidente nos homens brancos habitantes do norte, cobreada nos povos meridionaes, vermelha na raça americana, preta nos negros.

Corpo papillar. Chama-se assim uma especie de tecido esponjoso erectil, devido a uma multidão de pequenas papillas ou proeminencias formadas pelas extremidades das arterias, veias e nervos. É n'esta camada que reside toda a sensibilidade tactil.

Epiderme. É uma camada inorganica, mui delgada, uma especie de verniz segregado pela derme. Não recebe vasos nem nervos, mas é semeiada de orificios numerosos atravessados uns pelos fios pilosos, outros dando passagem ao fluido perspiratorio, outros emfim servindo de gargalo aos folliculos sebaceos.

Pelle (Molestias da). *Veja-se* vol. II, pag. 439.

PELLE DE LIXA. Dá-se este nome a uma das fórmas graves das bexigas, na qual a pelle se enruga, e se parece com a de peixe chamado lixa. *Veja-se* Bexigas, vol. I, pag. 326.

PELVE, Pelvis ou **Bacia.** Canal largo e curvo, com paredes osseas, que termina inferiormente o tronco, ao qual serve de base, e que fornece um ponto de apoio aos membros inferiores. É formado por quatro ossos, o sacro e o coccyx por detraz, os dois ossos iliacos sobre os lados e por diante. A pelvis encerra a bexiga, o utero, o intestino recto e outros orgãos; dá passagem á criança durante o parto.

PEMPHIGO. Molestia da pelle, caracterizada pela formação de uma ou muitas bolhas que se rasgam facilmente, terminam pela sahida do liquido que contém, e pela formação de excoriações superficiaes ou

(*) *a*, camada externa da epiderme; *b*, conducto arredondado em espiral; *c*, camada media da epiderme; *d*, tecido mucoso de Malpighi; *e*, papillas; *f*, derme; *g*, conducto arredondado em espiral; *h*, tecido adiposo; *i*, glandulas sudoriferas.

crostas delgadas deixando após si manchas que persistem durante mais ou menos tempo. Póde ser *agudo* ou *chronico*.

Pemphigo agudo. O pemphigo póde ser precedido durante um, dois ou tres dias, de fastio, febre e comichão. Logo depois apparecem pela superficie do corpo, em numero mais ou menos consideravel, manchas vermelhas, arredondadas, em cujo centro não tarda a levantar-se a epiderme e a formar uma bolha, que póde ter o volume de uma ervilha ou de uma grossa avelã. Se muitas bolhas se reunirem, formam então uma vasta empola que tem o volume e a fórma de um ovo de gansa; ás vezes uma bolha simples adquire o mesmo volume; parece-se com a empola de um caustico. O liquido que contém é de côr citrina, depois avermelhada, sem cheiro, ás vezes fetido. Passados dois ou tres dias, pouco mais ou menos, as bolhas enrugam-se, murcham e arrebentam; o liquido combinado com a epiderme forma crostas delgadas e anegradas; outras vezes a epiderme separa-se por laminas delgadas. N'este periodo o calor e a comichão diminuem ou céssam completamente, a vermelhidão desapparece, emfim uma nova epiderme se reproduz; mas no logar occupado pela bolha, fica uma mancha côr de vinho, que póde persistir mais ou menos tempo. O numero das bolhas varía muito; em geral, lavram sobre uma grande superficie; quasi todo o corpo póde ser invadido por ellas; mas este caso é excessivamente raro; acontece tambem não apparecer senão uma só bolha. N'este caso sobrevem uma nova bolha, dois ou tres dias mais tarde, e segue a mesma marcha; erupções successivas podem ter logar d'esta sorte durante oito ou dez dias. Não ha parte do corpo que esteja ao abrigo da erupção. Em geral, o pemphigo agudo não determina symptomas geraes; quando estes existem, são mui benignos. A duração total da molestia varía entre uma e tres semanas, por causa das erupções successivas que vão tendo logar; mas a duração média de cada bolha não passa de sete dias.

O **pemphigo chronico** é muito mais frequente do que a fórma precedente. Depois de alguns dias de fastio, febre e comichão, ás vezes sem nenhum prodromo, desenvolvem-se, como precedentemente, pequenas manchas vermelhas sobre as quaes se levanta uma bolha. Esta, do volume a principio de uma ervilha, adquire logo depois o tamanho de uma avelã, de uma noz ou de um ovo; o liquido que contém, a principio transparente, torna-se avermelhado. No segundo, terceiro ou quarto dia, as bolhas arrebentam, a epiderme enrola-se, e vê-se uma superficie vermelha que é dolorosa. As bolhas, que estão ainda intactas n'esta epoca, abatem e enrugam-se; a epiderme torna-se opaca e molle. Em um e outro caso, formam-se crostas roxas, amarellas ou cinzentas, achatadas, ou convexas no centro; quando cahem, acha-se a pelle ainda excoriada, ou sómente uma mancha côr de vinho que persiste muito tempo. Entretanto, ao lado das bolhas que terminam, outras nascem e seguem a mesma marcha que as primeiras; muitas erupções successivas podem assim fazer-se durante mezes e mesmo annos, ora irregularmente por toda a superficie do corpo, outras vezes exclusivamente n'uma parte, como o tronco ou um membro. Estas diversas erupções podem fazer-se

sem accidentes geraes, porém ás vezes alguma d'ellas é precedida ou acompanhada de dôr de cabeça, febre ou fastio. Quando a affecção se prolonga, sobrevem emmagrecimento, inchação dos pés, e diarrhea que enfraquece os doentes.

Pemphigo dos recem-nascidos. O pemphigo não é raro nas crianças recem-nascidas. Desenvolve-se durante a vida intra-uterina ou alguns dias depois do nascimento. Occupa-lhes quasi exclusivamente a palma das mãos ou a planta dos pés.

Tratamento. O pemphigo agudo sára em geral facilmente com o emprego das bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, laranja, cozimento de cevada; com banhos d'agua tepida, e lavatorios de cozimento de linhaça. Convem abrir as bolhas com agulha, e cobril-as com polvilho ou farinha de trigo. Estando as excoriações inflammadas e dolorosas, curam-se com ceroto simples ou glycerina; se estiverem lividas ou violaceas, lavam-se com agua morna misturada com agua de Labarraque, e curam-se com unguento de Arceus, ou unguento de estoraque.

O pemphigo chronico exige um tratamento geral, composto de alimentação corroborante, e de medicamentos tonicos taes como o vinho de quina, e as preparações de ferro. Eis-aqui o receituario :

1.° Ceroto simples.....	60 gram.	4.° Unguento de estoraque.....	60 gram.
2.° Glycerina.....	60 —	5.° Vinho de quina.....	250 —
3.° Unguento de Arceus..	60 —		

Para beber uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

6.° Pilulas ferruginosas de Vallet..... 60

Para tomar duas pilulas por dia.

PENAMACOR. Portugal; Beira Baixa. Aguas sulfurosas frias.

PEONIA ou **Rosa albardeira.** *Pæonia officinalis*, Linneo Ranonculaceas. Planta cultivada nos jardins por causa da belleza de suas flores. Forma grossas moutas de verdura d'onde sahem flores que, dobrando-se, adquirem tamanho tal, que o seu pedunculo póde a custo sustental-as. Estas flores são vermelhas, roseas, brancas; porém a sua côr mais frequente é o vermelho carmesim. A raiz é informe, ou quasi ramosa, exteriormente rubra ou tuberosa com tubaras pegadas á raiz por fios grossos, fusiformes, de 1 metro e mais. A raiz da peonia officinal foi preconizada pelos antigos como dotada de propriedades maravilhosas, contra a epilepsia e hysterismo. Emprega-se ainda hoje como antispasmodico. Com as sementes da planta faziam-se antigamente collares para prevenir as convulsões das crianças.

PEPINO (fig. 726, 727). *Cucumis sativus*, Linneo. Cucurbitaceas. Planta cultivada nas hortas do Brazil e de Portugal : dá um fructo de fórma mais ou menos alongada, um pouco curvado, de côr branca, verde ou amarella, conforme as variedades e ás vezes o gráo de madureza. Este fructo é muito aquoso e de digestão bastante difficil, e por isso costumam temperal-o com sal, pimenta, vinagre e azeite. Cozido com

carne, é um alimento salubre. — Nas boticas prepara-se com pepinos e banha de porco uma pomada que se emprega no curativo das feridas; goza de propriedades emollientes.

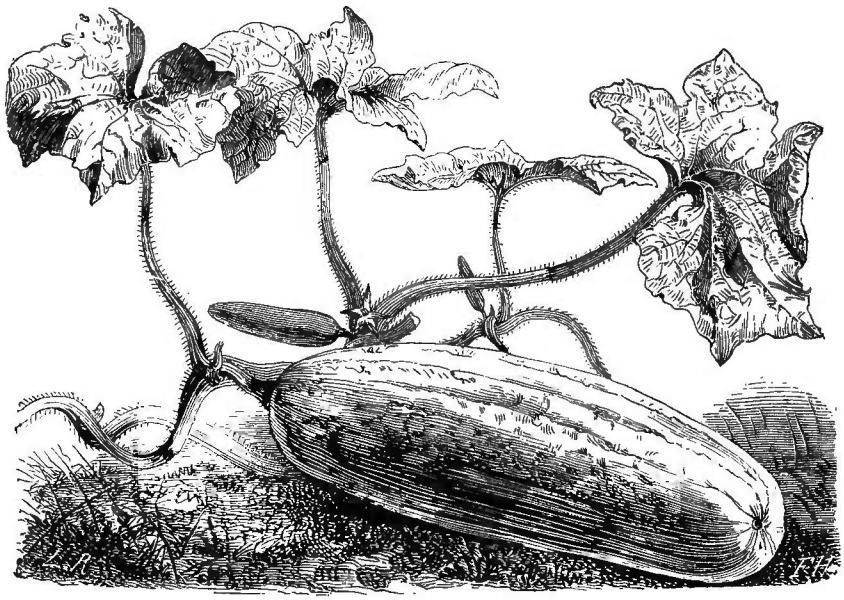


Fig. 726. — Pepino.

O pepino pequeno verde (*cornichon* em francez) (fig. 727), do tamanho de um dedo, é uma variedade do precedente. Preparado com vinagre emprega-se como tempero.

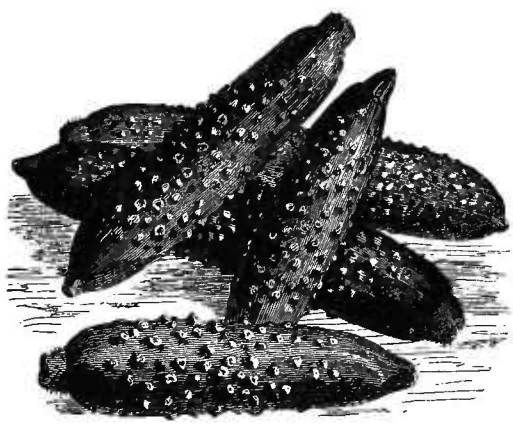


Fig. 727. — Pepinos.

PEPINO DE S. GREGORIO. *Veja-se* ELATERIO.

PEPSINA. Fermento soluvel tendo a propriedade de digerir os alimentos albuminoides, em presença dos acidos, de os transformar em peptonas perfeitas e de tornal-os por conseguinte, assimilaveis.

Este principio existe em mui grande quantidade no succo gastrico dos mammiferos e dos outros vertebros. Acha-se'o tambem no succo gastrico dos animaes invertebrados superiores; poder-se-hia até extrahil-o do succo gastrico de qualquer animal de um d'estes grupos, não obstante, porem, se houver em vista a quantidade c actividade variaveis segundo o animal e o estado de vacuidade ou de plenitude do seu estomago, é-se obrigado a fazer uma escolha bem minuciosa.

Alguns autores propuzeram tirar a pepsina do quarto estomago das vitellas e dos carneiros e de empregar, para esse fim, o sub acetato de

chumbo e hydrogeneo sulfuroso. Este processo tem seus inconvenientes no ponto de vista da saude publica, porque pode ficar na preparação vestigios de chumbo, alem d'isto a pepsina tirada d'esses estomagos é de actividade mui fraca e quasi nulla.

Actualmente é dos estomagos de porco que de preferencia se extrahe a pepsina, porque é o estomago d'este animal que maior rendimento dá de fermento activo.

Entre todos os processos empregados o melhor é o processo de Chassaing o qual consiste em empregar somente substancias que existem normalmente no succo gastrico; por meio d'este processo consegue-se purificar completamente o producto obtido fazendo-o passar por uma serie successiva de dyalizações.

O vinho bi-digestivo de Chassaing, tão afamado e conhecido ha tantos annos contem 20 centigrammas, por cada colher *de sopa*, da pepsina preparada por este processo. É um preparado digno de ser recommendado aos doentes que soffrem de affecções do estomago.

A pepsina é, pois, remedio soberano contra todas as affecções do estomago: Ella convem aos individuos que têm fastio, que digerem mal, que têm nôjo dos alimentos, que têm somno depois de comer e enxaquecas com arrotos e vomitos. Ella deve ser administrada aos individuos acommettidos de dyspepsia por excesso de trabalho e de vigilias prolongadas e por causa da vida sedentaria que levam. Tambem é util na dyspepsias das chloroticas, dos anemicos, dos tisicos, dos diabeticos, dos individuos acommettidos de cancros, porque regulariza-lhes as digestões e faz com que possam supportar os remedios tonicos.

Existem diversos preparados de pepsina, os que mais se recommendam são:

1.º *Elixir de pepsina e glycerina de Catillon.*

Administra-se ás colheres de sopa ou calices de licor, aos adultos; ás colheres de chá, ás crianças, puro ou misturado com agua, antes e depois das refcições.

2.º *Elixir eupeptico Tisy.*

Reunião de pancreatina, diastase e pepsina, tres fermentos que favorecem a digestão. A pancreatina digere o corpos gordos, a diastase os feculentos, a pepsina é o fermento que opera a digestão da carne. Estes tres fermentos são reunidos no elixir de Tisy n'um só vehiculo, não exercendo acção uns sobre os outros. O vehiculo é a agua alcoolizada, aromatizada e assucarada. Este *elixir* convem no embaraço gastrico, na dyspepsia, nos vomitos nervosos e outros, na convalescença das molestias e na tisica. Cada colher *de sopa* de 20 grammas contém 10 centigrammas de pancreatina, 10 centigrammas de pepsina, e 30 centigrammas de diastase.

Dóse media: 1 colher *de sopa* no principio do jantar.

3.º *Pó toni-digestivo de Royer.*

Tem por base a pepsina, a pancreatina e o sub-carbonato de bismutho.

Administra-se este pó na dóse de duas colheres *de chá* por dia, antes do almoço e do jantar, dentro de hostia Limousin ou diluido em um pouco d'agua com assucar, em leite ou caldo. A dóse pode ser augmentada até quatro colheres *de chá* por dia, sem o menor inconveniente.

4.º *Vinho bi-digestivo de Chassaing.*

Este vinho, acima já citado, tem por base a pepsina e a diastase. Administra-se na dóse de um calice de licor logo depois da comida. Para as crianças a dóse é de metade de um calice.

PEPTONA. Da palavra grepa *peptos*, digerido. Em *physiologia* chama-se assim o producto liquido da digestão gastrica. Em *pharmacia* deo-se este nome á carne de vacca, transformada em substancia susceptivel de passar para o sangue e ser assimillada. Fabricando peptonas faz-se, sem a ajuda do estomago, o trabalho que elle doente é incapaz de executar. As peptonas não são medicamentos, propriamente fallando, mas sim alimentos susceptiveis de serem immediatamente absorvidos. Contribuem á nutrição, e o resultado é o mesmo administrando-a pela bocca ou em clyster. Permittem que se nutram os doentes na dyspepsia, gastralgia, consumpção, nas molestias do peito, no diabetes, nas cachexias, nos vomitos, nas affecções da garganta que apresentam obstaculos á passagem dos alimentos, e nos outros casos nos quaes a alimentação é de maior necessidade.

As peptonas são os ultimos productos da digestão pepsica das substancias albuminoides, da carne sobretudo. Estas podem ser transformadas em peptonas pela pepsina ou pela pancreatina, ajudadas da acção do calor e dos acidos. A carne, que é o principal de nossos alimentos, fornece as peptonas as mais uteis.

As peptonas se dividem em duas categorias : 1.º As peptonas pepsicas; 2.º as peptonas pancreaticas.

As peptonas pepsicas obtem-se fazendo agir a pepsina n'uma temperatura de 45 a 50º sobre a carne mui finamente picada e addicionada de tres vezes seu peso d'agua accidulada pelo acido chlorhydrico. A digestão dura pelo menos seis horas. Deixa-se depois esfriar para se separar a gordura, faz-se ferver. satura-se exactamente pelo bicarbonato de soda, filtra-se e faz-se evaporar.

As peptonas pancreaticas preparam-se sem empregar nenhum acido e por conseguinte sem que seja preciso ajuntar o bicarbonato de soda.

São estas peptonas que formam a base do vinho, elixir e xarope de peptona $\frac{c}{c}$ de Chassaing.

Empregadas puras, deluidas em agua ou caldo dão tambem bons resultados.

O primero pharmaceutico que em França se occupou das peptonas e principalmente da alimentação pelo recto foi o sñr Catillon, pharmaceu-

tico de 1ª classe de Pariz. Esta questão suscitou numerosas discussões no correr do anno de 1879. Uns eram a favor, outros contra. A questão ficou resolvida após as experiencias feitas no laboratorio do professor Vulpian, na Faculdade de Medicina. Ficou demonstrado que era possivel esse modo de nutrição, com tanto que se empregassem alimentos já passados pela acção dos fermentos digestivos transformados em peptonas susceptiveis de assimilação.

Das suas investigações, o sñr Catillon foi levado ao estudo e ao preparo das peptonas, e das seguintes preparações :

1.ª Peptona Catillon (solução concentrada). Representando tres vezes o seu peso de carne assimilavel, tanto pelo recto como pela bocca.

Alimentar-se-hão as pessoas que vomitam os alimentos, com dous ou tres clysteres, por dia, temperado do seguinte modo :

Salução de Peptona Catillon.....	1 a 2 collheres.	Laudano.....	3 a 4 gottas.
Agua.....	1 copo.	Bicarbonato de soda.....	0gr,30

2.ª Pó de peptona Catillon.

Peptona concentrada por dissecação, em mui pequeno volume, e isempta de qualquer fermentação, dupla vantagem para a exportação. Apresenta certas garantias de pureza, e permitte uma dosagem exacta, que torna-se impossivel obter com as soluções. Em razão da vantagem que apresenta, deveria ser preferida á solução.

1 colher de pó, das de chá, representa 1 colher de sopa de solução ou 50 grammas de carne assimilavel.

O pó de peptona administra-se tanto pela bocca como pelo recto na dóse de 2 até 8 colheres, das de chá. Toma-se de cada vez uma colher diluida em um copo d'agua com assucar e um pouco de cognac, rhum, xarope de groselhas ou de framboezas, vinho de Malaga ou da Madeira.

Convem variar o modo de tomar este preparado para que não repugne; para as pessoas que o não podem tolerar, o meio melhor e que recommendamos particularmente, é de usar dos seguintes.

3.ª Xarope de peptona Catillon.

Por causa de seu gosto mais agradavel, as pessoas que têm difficuldade em tomar remedios, preferem este xarope.

Cada colher representa 30 grammas de carne, e toma-se diluido em 1 ou 2 colheres d'agua.

4.º Vinho de peptona Catillon. Carne e phosphatos de cal e de ferro ou Peptona phosphatada.

Este vinho tem um gosto agradavel e contem a carne assimilavel com os phosphatos que com elle se acham associados no organismo. Alimento dos doentes que não podem digerir, poderoso reparador das forças debilitadas pela idade, fadiga, excessos, febres, crescimento das crianças, desenvolvimento das raparigas, elle restabelece as digestões, excita o appetite, e presta relevantes serviços nos casos acima citados, em que a nutrição é incompleta e em particular, nas molestias de intes-

tinos, do estomago, do peito, nas convalescenças, na anemia, nas diarrheas chronicas, etc. — Facilita a amammentação.

Dóse : Um calice, equivalente a 30 gr. de carne assimilavel, puro ou misturado com agua, entre as refeições ou á sobremeza.

5.ª Élixir de peptona Catillon.

Licor de gosto muito agradavel. 1 calice depois das refeições, como digestivo e nutritivo, nos mesmos casos que o vinho. Sua acção estimulante é mais energica.

6.ª Chocolate de peptona Catillon.

Alimento completo sob forma agradavel para as crianças e os doentes que teem o paladar delicado.

Em pastilhas (croquettes), contendo cada uma 8 gr. de carne e 0,25 de phosphato de cal, para a merenda, etc.

Em tabellas, para o almoço, contendo cada uma 20 grammas de carne. Prepara-se com agua ou com leite.

PEQUI. *Pekea butyracea,* Aublet, Rhizobolaceas. Grande arvore do Brazil; habita no Pará e Amazonas. Dá um fructo globoso, meio achatado, que contém uma materia gordurenta de que os habitantes se servem como tempero nas comidas. A amendoa é mui boa para comer-se.

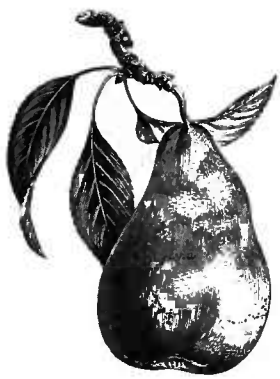


Fig. 728. — Pera.

PERA. Fructo da pereira, *Pyrus*, L., arvore da familia das Rosaceas-pomaceas, cultivada no Brazil na provincia do Rio Grande do Sul, em Portugal, e em todos os climas temperados. Ha muitas variedades de peras; uma d'ellas está representada na fig. 728. Todas são alimentares, quer taes como a natureza as offerece, isto é cruas, quer em doces. É uma fructa de facil digestão, muito salubre e agradavel. Não cultivada é dura e de gosto adstringente, mas cultivada é mais ou menos macia, saborosa e doce.

PERCHLORURETO DE FERRO. *Veja se* vol. I, pag. 1151.

PERCUSSÃO. Methodo de exploração com cujo auxilio, batendo nas paredes de uma cavidade do corpo, podem reconhecer-se as lesões dos orgãos contidos n'esta cavidade. A percussão emprega-se principalmente para reconhecer as molestias do peito; porém os esclarecimentos fornecidos por ella não podem ser exactos senão quando é praticada convenientemente. Deve ser feita com as pontas dos quatro dedos reunidos em uma linha, e o pollegar carregando no index contra os outros. Convem bater com a porção polposa das pontas dos dedos perpendicularmente e não obliquamente, leve e apressadamente, e levantando a mão assim que ella bateo. Se se percutisse com os dedos reunidos em feixe, e em angulo obliquo de sorte que a sua face palmar fosse a que batesse e não a sua extremidade, ou se se deixassem os dedos sobre o peito do enfermo, tirar-se-hia um som menor e menos distincto. Cumpre, em geral, bater sobre os ossos e não nos espaços intercostaes; e, per-

cutindo-se comparativamente os dois pontos semelhantes, percutil-os com igual força e no mesmo angulo; não deve percutir-se de um lado parallelamente, e do outro transversalmente. Emfim, para tirar partido da percussão não se deve perder de vista que cada região do peito dá naturalmente um som particular, mais ou menos massiço.

Dois sons principiaes se verificam pela percussão de nossos orgãos: o som ôco e o som massiço; este existe quando a região porcutida é inteiramente solida ou contém liquido; e o som ôco verifica-se quando a região contém gazes. Estes dois sons formam os extremos de uma escala entre os quaes ha muitos gráos intermediarios. O peito, por exemplo, sendo percutido na região superior isto é sobre os pulmões, dá, no estado de saude, um som ôco, muito differente d'aquelle, que a mesma percussão produz na região do coração, porque são penetrados pelo ar; se porem estes mesmos pulmões se tornarem impermaveis ao ar, por inflammação ou qualquer outra causa, o som differirá muito, será um som massiço.

PERDA DA FALLA ou **DA VOZ.** *Veja-se* Voz.

PERDA DE SANGUE. *Veja-se* Hemorrhagia.

PEREIORA ou Casca preciosa. *Mespilodaphne pretiosa*, Nees e Martius. Laurineas. Arvore do Brazil, muito commum nas mattas da provincia do Pará. Folhas oblongas, attenuadas para uma e outra extremidade, glabras; flores dispostas em paniculas; fructo pyriforme, com excrescencias côr de ferrugem exteriormente. A casca interior ou entrecasca é de sabor aromatico e quente, semelhante ao da canella; o cheiro corresponde ao da mistura de sassafraz, canella e rosa. Os habitantes do Orenoco chamam-lhe *canellila*. Extrahe-se d'ella pela distillação uma essencia amarellada, mais pesada do que a agua, comparavel á essencia de canella. A infusão d'esta casca é util internamente na debilidade do systema nervoso, na inchação dos pés, nos catarrhos chronicos e flores brancas. Prepara-se com 8 grammas da entre-casca e 180 grammas d'agua fervendo. Administra-se tambem em banhos nos mesmos casos.

PEREIRA. *Veja-se* Páo pereira e Pera.

PERFUME. Cheiro aromatico, agradavel, mais ou menos forte, mais ou menos subtil, que se exhala de qualquer substancia, e sobretudo das flores. As resinas, os balsamos, os oleos essenciaes extrahidos das plantas, certos productos animaes, taes como o almiscar, o ambar cinzento, etc., são os principios de quasi todos os perfumes. Distinguem-se os perfumes em *simples*, que se empregam taes como a natureza os fornece, ambar cinzento, almiscar, insenso, benjoim, balsamos, etc.; *compostos*, mistura de muitos perfumes simples; *seccos*, perfumes friaveis, e que podem ser reduzidos a pó, como todas as resinas odoriferas; *liquidos*, espirito e essencias extrahidas de plantas odoriferas. Ha certa influencia dos cheiros sobre o genio de cada pessoa e os perfumes, atacam o cerebro quando são fabricados com alcool mal purificado. Deve pois, haver cuidado em não se empregar productos de perfumaria senão de boa qualidade. Com este fito recommendamos as essencias da casa Ed. Pinaud, de Pariz, por conhecermos que ella só emprega, na

fabricação de seus productos, alcool de essencias de primeira qualidade. Entre os numerosos perfumes para lenço que fabrica a casa Ed. Pinaud, temos sempre dado a preferencia ás essencias de Violetta, de Ixora, do Favonio dos bosques e a da Aida. Sobre o effeito que produzem certos perfumes na nossa economia *veja-se* CHEIROS.

PERICARDIO. Membrana serosa que envolve o coração, fixa-o na cavidade do peito e o separa dos pulmões que se acham por sua vez envolvidos nas pleuras. Esta membrana se compõe de dous folios, um collado sobre o coração, outro mais exterior. O lado interno d'esses folios, é lubrificado por uma pequena quantidade de liquido viscoso que facilita o attrito do coração em suas contracções. Na pericardite, este liquido normal está substituido por uma serosidade abundante ou por pus que comprimem o coração e occasionam a morte por sincope ou por asphyxia.

PERICARDITE. Inflammação do pericardio, membrana que reveste o coração exteriormente. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Pericardite aguda. *Causas*. Esta molestia mostra-se sobretudo nos individuos jovens e vigorosos; succede muitas vezes ao resfriamento, ao uso das bebidas nevadas, ao abuso dos liquidos alcoolicos, ás contusões do peito. Uma causa assaz frequente de pericardite é a affecção rheumatismal: em grande numero de pessoas affectadas de rheumatismo articular geral, e com febre intensa, sobrevem de repente todos os symptomas de pericardite. A frequencia d'esta pericardite foi avaliada na proporção de 50 pericardites para 100 rheumatismos, entrando n'esta conta as mais leves manifestações pericardinas. Póde apparecer em qualquer epoca do rheumatismo agudo, mas sobretudo manifesta-se na pericardite. Esta molestia observa-se tambem durante a escarlatina, bexigas, no typho, na febre puerperal, na albuminuria, mais raramente na cachexia tuberculosa e cancerosa. A pericardite é uma molestia frequente.

Symptomas. A pericardite apparece ora no estado de perfeita saude, ora se declara, como acabei de dizer, no curso de um rheumatismo agudo ou de outras molestias. No primeiro caso, sómente, podem observar-se os prodromos ordinarios da maior parte das molestias agudas. A molestia principia por calefrios, febre, anxiedade, palpitações, tosse secca, oppressão e acceleração notavel dos movimentos respiratorios; em *alguns casos raros* começa por uma dôr na região lateral esquerda do peito; a dôr falta no maior numero dos casos.

Apenas a molestia tem durado alguns dias, e já existe um derramamento mais ou menos consideravel no pericardio, e dá logar a phenomenos que só pertencem a ella. Em consequencia do liquido que se forma no pericardio, a região precordial dá á percussão um som massiço, cuja extensão é proporcionada á abundancia do derramamento. Applicando-se então o ouvido á região lateral esquerda do peito, não se ouve mais o ruido da respiração que existe no estado normal; é a consequencia da repulsão do pulmão esquerdo pelo liquido que se formou na cavidade do pericardio. As pancadas do coração cessam de ser su-

perficiaes; distinguem-se bem que tem logar profundamente e que são separadas do ouvido por um corpo intermediario. Ao mesmo tempo percebe-se um ruido comparado ao que se produz roçando-se entre os dedos tafetá ou papel; ou então ouve-se o *ruido de couro novo* comparado ao que produz a pressão do cavalleiro em uma sella nova. Estes ruidos explicam-se pela fricção das falsas membranas que se formáram no interior do pericardio.

A pericardite aguda é acompanhada de um estado febril mais ou menos intenso. Os doentes tem a principio dôres de cabeça; o somno penoso, interrompido por sobresaltos; raras vezes existe delirio. Emfim, em alguns casos, observa-se um pouco de infiltração serosa no rosto, e nos membros inferiores.

Na pericardite *secundaria*, isto é na pericardite que apparece durante o curso do rheumatismo articular agudo ou de outras molestias, faltam os primeiros symptomas; a febre não póde inquietar, porque ella depende da molestia antecedente, e não experimenta alteração apreciavel no momento da invasão da inflammação secundaria; a sensação de opressão thoracica é nulla ou pouco marcada; não ha dôr na região do coração, a não existir ao mesmo tempo pleuriz parcial; em uma palavra todos os symptomas precursores podem faltar; só o exame directo do coração pela auscultação e percussão póde revelar a inflammação incipiente do pericardio; d'aqui vem o preceito de auscultar todos os dias os individuos affectados de rheumatismo, de escarlatina, de bexigas, de pleuriz, de albuminaria, de toda a molestia, em uma palavra, capaz de complicar-se de phlegmasia pericardina.

Marcha, duração, terminações. A pericardite póde seguir uma marcha rapida e terminar pela morte no fim de um ou de alguns dias. N'estes casos, a difficuldade de respirar vai augmentando, e é acompanhada de uma desordem consideravel nas pancadas do coração, de alteração profunda do rosto e inchação do pés; muitas vezes a vida cessa então de uma maneira inopinada e n'uma syncope. Todavia, na maior parte dos casos, e qualquer que seja á terminação da molestia, a pericardite segue uma marcha menos rapida; tem, em geral um periodo de crescimento que dura de seis a oito dias; depois, os symptomas melhoram; o som massiço occupa menor espaço, a febre acalma-se, e a convalescença estabelece-se entre o decimo quinto e vigesino dia. Nos casos mais graves a convalescença é mais tardia; só póde declarar-se passado um mez. O restabelecimento é, em geral, completo; alguns doentes continuam a soffrer por muito tempo de oppressão do peito. A pericardite é, sem duvida, uma molestia grave; todavia algumas pessoas exageram o seu perigo. Póde dizer-se em geral, que as pericardites simples, que sobrevem n'um individuo de boa saude, saram quasi todas.

A *pericardite chronica* succede ás vezes á fórma aguda; outras vezes é primitiva. Os symptomas locaes são os mesmos; observa-se ao mesmo tempo a inchação dos pés. A duração da pericardite chronica póde ser de muitos mezes.

Tratamento. O tratamento differe segundo a molestia fôr incipiente ou

se já existir um derramamento liquido notavel. Quando a pericardite se manifesta simplesmente por um incommodo na região do coração, pela difficuldade de respirar e ruidos de fricção, é preciso esforçar-se em prevenir a formação do liquido no pericardio, de abater a febre, e de moderar a excitação do coração. Antigamente queria-se obter este effeito pelas sangrias geraes, mas é prudente abster-se d'ellas, porque a diminuição da massa de sangue, enfraquecendo a energia do coração, póde de preferencia actuar contra o doente do que contra a molestia. Se a oppressão de peito fôr consideravel, convém só applicar bichas ou ventosas sarjadas sobre a região do coração. Em qualquer outra circumstancia cumpre abster-se das emissões de sangue, geraes ou locaes.

Administra-se a digital, que na pericardite é o melhor antifebril. Este medicamento diminue a temperatura e abaixa a energia do coração. Dá-se sob a fórma da poção seguinte:

Folhas de digital.....	60 centigrammas.
Agua fervendo.....	150 grammas.

Infunda, côe e ajunte:

Xarope de gomma.....	30 grammas.

Para tomar duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas. Cessa-se o remedio, ou diminue-se a dóse, logo que o pulso diminuir de frequencia. Em alguns casos o pulso perde a força sem diminuir de frequencia: n'este caso tambem é preciso renunciar á digital. Favorece-se a acção d'este medicamento pelas bebidas acidulas, limonada, laranjada, por uma dieta moderada, e por alguns laxantes, oleo de ricino, manná, cremor de tartaro. Para acalmar a agitação ou a insomnia, administrem-se os pós de Dower, segundo a seguinte receita:

Pós de Dower.....	2 grammas.

Divida em 4 papeis. Para tomar um papel duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria.

O emprego dos granulos de Estrophanto de Catillon tem dado tambem bons resultados n'esta molestia (*Veja-se* ESTROPHANTO).

Tal é o tratamento que convem nos primeiros periodos da pericardite aguda. Quando a molestia se desenvolve n'um doente affectado do rheumatismo agudo, ou quando já está desenvolvida n'uma pessoa que gozava boa saude, convem administrar o tartaro estibiado em alta dóse. Eis-aqui a receita da poção:

Agua simples.....	150 grammas.
Emetico.....	30 centigrammas.
Xarope simples.....	30 grammas.

Esta poção dá-se ás colheres *de sopa;* duas colheres de 2 em 2 horas. Depois de algumas colheres, ás vezes mesmo logo depois da primeira dóse, apparecem vomitos e evacuações alvinas, que se repetem com frequencia variavel; não obstante isto, é preciso continuar a adminis-

tração da poção; as ultimas colheres determinam de ordinario evacuações menos abundantes. No dia seguinte deixa-se descançar o doente; dá-se-lhe agua com vinho, um pouco de vinho de Bordeos, caldo de gallinha, e no dia immediato torna-se a dar a mesma poção. Emfim, se necessario fôr, depois de um outro dia de descanço, administra-se a mesma poção, mas só na dóse de uma colher *de sopa*, em vez de duas, de 2 em 2 horas.

Nos casos leves, desde o segundo dia do tratamento, verifica-se a diminuição ou mesmo a desapparição dos ruidos que se ouvem no peito; nos casos mais serios, não é senão depois da segunda ou terceira poção que a retrocessão dos symptomas está em boa via. Nos casos menos felizes, quando o tartaro emetico não produzio evacuações abundantes, por causa da predisposição particular do doente, é preciso combater o derramamento do pericardio pelos causticos volantes applicados no lado esquerdo do peito, o pelos medicamentos diureticos, cujas receitas seguem :

1.ª Infusão de bagas do zimbro	360	grammas.
Acetato de potassa	2	—
Xarope simples	60	—

Para beber uma chicara de 3 em 3 horas.

2.ª Infusão de parietaria	150	grammas.
Oxymel scillitico	30	—

Para beber duas colheres *de sopa*, de 3 em 3 horas.

3.ª Agua	500	grammas.
Nitro	8	—
Xarope das cinco raizes	60	—

Para beber uma chicara de 2 em 2 horas.

O doente usará d'estes medicamentos alternadamente; um dia de uma bebida, outro dia da outra. Ao mesmo tempo deve alimentar-se convenientemente, e tomar um pouco de vinho, para prevenir um estado de anemia, que não é favoravel á absorpção do liquido formado no pericardio.

Quando o liquido que enche o pericardio não ficou absorvido apezar de um tratamento conveniente, quando cessou a febre, a molestia passa ao estado chronico; é preciso continuar a applicação dos causticos volantes, o uso das preparações diureticas acima indicadas, e de vez em quando administrar um purgante. A alimentação substancial, o uso do vinho generoso convem n'este caso.

Quando a pericardite é acompanhada de prostração geral cumpre administrar a mistura tonica seguinte :

Vinho tinto	150 gram.	Acetato de ammoniaco	10 gram.
Tintura de canella	8 —	Extracto de quina	4 —
Xarope de casca de laranja	30 —	Aguardente de França	30 —

Dá-se, d'esta mistura, uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

Esta mistura, que é a reunião das substancias tonicas e estimulantes, é muito util nos casos em que um derramamento pericardino persiste depois do uso do tartaro emetico.

Pericardite chronica. Distinguem-se duas especies de pericardites chronicas, que comtudo não differem essencialmente entre si pelos symptomas. Uma não é outra molestia senão a pericardite aguda, cujos symptomas primitivos desapparecêram para cederem logar aos symptomas da marcha chronica; a outra, pelo contrario, começa lentamente, e é chronica desde o principio.

Symptomas. A *dôr* póde faltar completamente; o doente queixa-se só de uma sensação particular de um *embaraço*, de um *incommodo* na região do coração. Percutindo e auscultando o peito encontram-se os mesmos signaes que na pericardite aguda. O som do peito é *massiço*, porque existe sempre um derramamento acompanhado de falsas membranas; as pancadas do coracão são mui fracas, e parecem vir de mais longe do que no estado de saude; existem no peito os mesmos ruidos anormaes que na pericardite aguda. Estes symptomas são acompanhados de intermittencia e de irregularidade do pulso, de sua maior frequencia, o rosto torna-se pollido, os pés incham. A molestia dura ordinariamente muitos mezes.

A sua terminação é incerta : sára em certo numero de casos.

Tratamento. Consiste na applicação sobre a região precordial de tintura de iodo pura, ou misturada em partes iguaes com glycerina; na applicação dos causticos volantes, e no uso da tintura de jalapa composta, misturada com xarope de casca de laranja.

Eis-aqui a receita da *tintura de jalapa composta.*

Raiz de jalapa.....	80 gram.	Escamonéa	20 gram.
Raiz de turbitho.....	10 —	Alcool a 60° cent.....	960 —

Macere durante dez dias e filtre. *Dóse :* O doente toma todos os dias de manhã uma colher *de chá* d'esta tintura, misturada com outro tanto de xarope de casca de laranja. O regimen do doente deve ser substancial.

PERINEO. Região anatomica que se estende, na mulher, do angulo inferior da vulva ao anus e no homem, do anus á raiz das bolsas. Muito mais extensa no homem e tambem muito mais importante porque corresponde a muitos orgãos : o bulbo da urethra, mais profundamente a prostata, o collo da bexiga e as vesiculas seminaes. Na operação da talha, atravessa-se esta região para chegar á bexiga. Na mulher, o perineo é uma delgada separação que fecha em baixo a bacia, separa a vagina do recto, e só permitte a passagem da criança durante o parto, á vista de sua elasticidade. Se não fôr sufficiente esta elasticidade, ou se o feto fôr muito grande o perineo se rasga. Quando a rasgadura é completa, o recto e a vagina se communicam e produzem uma ascorosa enfermidade, á qual se remedeia por meio da perineorrhaphia.

Perineo (*Rasgadura do*). *Veja-se* RASGADURA.

PERINEORRHAPHIA. Quando a rasgadura do perineo é

pequena pode-se, logo depois do parto, reunir os dois labios da ferida com serrefinas ou com alguns pontos de sutura. Quando o perineo, porem, está de todo rasgado, é necessario esperar, ao menos, uns dois mezes antes de fazer a operação. Então, a sutura deve ser profunda e superficial. Depois da operação, a doente deve se conservar immovel com as coxas bem apertadas para não arrebentar as suturas. Deve haver sempre o maior asseio, e muito cuidado a que os corrimentos vaginaes não sujem o penso. Não é raro que ás vezes a primeira operação não tenha exito completo : mas se isso acontecer faz-se logo uma segunda operação cujo resultado será a cura completa dentro de pouco tempo.

PERIODICIDADE. Aptidão que tem certos phenomenos morbidos para reproduzir-se em epocas determinadas, depois de intervallos mais ou menos longos durante os quaes elles cessam completamente. As molestias que tem este caracter são chamadas *periodicas :* taes são as febres intermittentes, certas molestias nervosas, algumas hemorrhagias, etc. Combatem-se todas as molestias periodicas com o sulfato de quinina.

PERIODO. Chamam-se *periodos* as differentes phases ou epocas que podem distinguir-se no curso de uma molestia. Admittem-se commummente tres periodos : 1.º é o *augmento*, o *crescimento* ou o *progresso ;* o 2.º é o *estado*, o maior gráo de intensidade ; o 3.º é a *declinação*. Alguns autores contam mais dois periodos, a *invasão* e a *terminação*. — Tambem se chama *periodo* nas febres intermittentes ao espaço de tempo que comprehende um accesso e uma intermissão, o tempo que vai por consequencia, da invasão de um accesso á invasão do accesso seguinte. — A palavra periodo emprega-se ainda para significar o mais alto gráo a que chega uma molestia ; e diz-se, *esta molestia está no seu mais alto periodo*.

PERIOSTIO. Membrana que cobre os ossos, menos nas extremidades articulares em que é substituido por cartillagem. O periostio compõe-se de duas camadas, uma superficial, solida, quasi fibrosa, que é a parte resistente, parte esta que protege o osso e serve de liga aos ligamentos e aos tendões. A camada profunda, menos solida, mais molle, é composta de membranas, cellulas, que têm a propriedade de formar tecido osseo. Quando se resecca um fragmento de osso, tanto em qualquer individuo como em qualquer animal, havendo cuidado em não tocar no periostio, que, nos corpos vivos, se descolla facilmente, vê-se depois de certo tempo, reconstituir-se um novo osso quasi igual ao osso que se reseccou.

O periostio não serve somente para reparar as perdas accidentaes do osso, elle lhe fornece tambem muitos vasos diversos pela parte que lhe fica adherente.

Nas crianças, o periostio é mais espesso do que nos adultos, tambem quando se produz alguma fractura de osso pode acontecer que os dois fragmentos se mantenham no logar, seguros pela membrana periostica que não se rompeo. Se bem que muito forte em nervos, o periostio é muito sensivel, basta soffrer a menor incisão para provocar dôres terriveis.

PERIOSTITE. Inflammação do periostio, membrana que cobre os ossos.

Periostite simples. Ordinariamente é occasionada por pancada, queda, rheumatismo, gotta, resfriamento, etc. Começa por uma especie de tumefação dura no logar doente, depois sobrevem dôres assaz fortes, principalmente á pressão. O doente sente um máo estar geral, tem febre, embaraço gastrico, e afinal fica curado só com o repouso deitado; o tumor então desapparece pouco a pouco dentro de poucas semanas. Ás vezes forma-se um abcesso que é necessario abrir o mais depressa possivel e cural-o com compressas molhadas em agua phenicada a 3 por 100, ou em coaltar saponinado Le Beuf.

Periostite phlegmonosa diffusa. É ella mui frequente nas crianças quando estão crescendo; apparece principalmente no tibia e no femur, perto do joelho. Vem acompanhado de inchação enorme, de febre, delirio, estado typhoide, etc.

O seu começo insidioso faz crêr, ás vezes, que sejam dôres rheumatismaes, ou alguma arthrite. O cirurgião, que deve ser chamado sem perda de tempo, cortará o periostio até ao osso, procurará o pus para evacual-o e se o doente não ficar alliviado immediatamente, trepanará o osso para esvasiar os abcessos que possa conter o canal medullario. Ás vezes pode haver necessidade em amputar o membro.

Periostite chronica. É muito frequente nos individuos escrophulosos, syphiliticos; acommette de preferencia certos ossos; a clavicula, por exemplo, para a syphilis. O iodureto de potassio dá bons resultados n'estes casos.

PERIPAROBA (S. Paulo e Rio de Janeiro). **Caapeba** (Minas), **Aguaxima** (Pison), *Piper umbellatum*, Velloso. Piperacea. Planta do Brazil (fig. 729). Caule fructicoso, nodoso, de metro e meio a dois metros de altura; folhas grandes, quasi redondas, com a base cordiforme, de 30 centimetros de diametro e mais, rugosas e pecioladas; flores numerosas reunidas em espigas, e estas dispostas em umbellas; raiz de differente grossura, desde a de uma penna de ganso até 3 centimetros de diametro e mais, de cheiro aromatico e sabor acre. Com a raiz faz-se um chá que é estomachico e sudorofico; e prepara-se deixando de infusão 2 grammas de raiz de perîparoba n'uma chicara d'agua fervendo. Este chá é muito usado principalmente como remedio caseiro, nas obstrucções do figado e do baço.

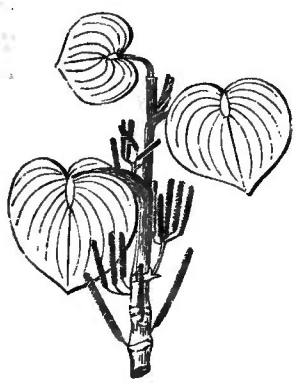


Fig. 729. — Periparoba.

Ha mais outra especie, *Piper peltatum*, Linneo, cujas folhas são grandes, peltatas, orbiculares, glabras; produz raizes igualmente aromaticas, e que tem o mesmo emprego. Externamente a raiz pizada e as folhas applicam-se com vantagem nas ulceras.

No Rio Grande do Sul chamam periparoba ao *Piper parthenium*, Mar-

tius, cuja raiz administram em infusão nas flores brancas, e na menstruação laboriosa.

PERITONEO. Membrana serosa que reveste a cavidade abdominal, prolonga-se sobre a maior parte dos orgãos contidos n'esta cavidade, envolve-os total ou parcialmente, e mantem por meio de numerosos prolongamentas suas relações respectivas. É uma especie de sacco sem abertura, que cobre todos os orgãos abdominaes, sem os conter em seu interior, e cuja superficie interna lisa e humedecida de serosidade, está em contacto comsigo mesma.

PERITONITE. Inflammação do peritoneo. Ha d'ella diversas especies: uma, *espontanea* ou *primitiva*, que sobrevem no homem, ou na mulher que não está de parto, debaixo das influencias das causas que occasionam as outras inflammações; a segunda especie é *symptomatica* ou *consecutiva*, porque se declara em consequencia de alguma lesão das visceras abdominaes e sobretudo depois da perforação dos intestinos; a terceira especie é a peritonite chamada *puerperal*, porque affecta as mulheres recem-paridas; emfim, ha uma peritonite *chronica*.

Peritonite aguda simples ou **primitiva.** *Causas.* Não se sabe absolutamente cousa alguma de positivo sobre as causas da peritonite simples; a molestia declara-se quasi sempre espontaneamente. A impressão do frio, a contusão do ventre, a suppressão de uma hemorrhagia, são as circumstancias que as mais das vezes tem obrado como causas determinantes.

Symptomas. Principiemos pelo caso mais grave, quando a inflammação invade todo o peritoneo, ou grande extensão d'elle. Umas vezes a molestia é precedida por alguns dias de incommodo geral, fastio, febre; outras, a dôr aguda e pungente no ventre, que caracteriza a peritonite, manifesta-se logo no principio. Os soffrimentos tem logar sobretudo ao redor do embigo, exasperam-se pela menor compressão, a ponto de tornar ás vezes intoleravel ao doente o peso do cobertor, que é necessario manter levantado por meio de arcos. O menor esforço, a mais pequena tosse ou espirro augmentam-n'a igualmente. O ventre incha; ao mesmo tempo ha nauseas, vomitos, prisão do ventre, pelle calida, pulso pequeno e frequente, respiração opprimida; o rosto tem a expressão de soffrimento. Passado algum tempo, um derramamento de liquido forma-se no interior; o volume do ventre augmenta, as feições do rosto tomam um aspecto particular. Se a molestia se aggravar a pelle cobre-se de um suor frio e viscoso; continuam os vomitos; o doente enfraquece progressivamente, e succumbe n'um estado de abatimento completo. Se a molestia diminuir, o pulso torna-se menos frequente, os vomitos cessam, a dôr é menor, o liquido derramado no ventre é absorvido, e o doente sara.

A peritonite não tem sempre esta gravidade. Em vez de invadir todo o peritoneo, a inflammação só occupa uma porção circumscripta d'esta membrana: diz-se então que a peritonite é *parcial*. É caracterizada, como a que é geral, por dôr viva mais ou menos circumscripta, e pelos outros symptomas da molestia, taes como a febre, soluços, nauseas e

vomitos; mas a perturbação da economia é menos grave do que nos casos em que a phlegmasia invade a totalidade ou a maior parte do peritoneo.

Tratamento. Appliquem-se no ventre 10 a 20 bichas, conforme a intensidade da inflammação; e depois, cataplasmas de linhaça. Se o doente não puder supportar o peso das cataplasmas, appliquem-se pannos molhados em cozimento de linhaça, e cubram-se com baeta ou encerado para não esfriarem. Dê-se um banho geral ou um semicupio d'agua tepida. Administrem-se bebidas acidulas frias, taes como a limonada de limão ou de laranja; em pequena quantidade, cada vez, para não excitarem os vomitos. Administre-se um purgante de oleo de ricino, 30 a 60 grammas. A dieta será severa; o doente usará só de caldos de gallinha nos primeiros dias da molestia.

Se a dôr resistir ás applicações emollientes, administre-se o opio em pilulas :

Extracto de opio.....	25 milligrammas.
Thridacio.....	25 —

Faça 1 pilula, e tome esta mais 5. Para tomar uma ou duas pilulas por dia.

Peritonite aguda consecutiva ou **symptomatica.** A peritonite é um accidente commum nos estrangulamentos dos intestinos, assim como na quebradura estrangulada, mesmo depois da operação. Sobrevem porque as materias intestinaes derramam-se no peritoneo por uma fenda ou a travez das paredes gangrenadas do intestino. Mas de todas as peritonites consecutivas, as mais communs são as que resultam da abertura do intestino feita por faca ou algum outro instrumento de gume ou ponta, pela ruptura de um abcesso ou de um kysto A perforação intestinal póde tambem sobrevir no curso da febre typhoide e das outras affecções que produzem ulcerações intestinaes. O peritoneo inflamma-se tambem ás vezes n'um periodo adiantado dos cancros de utero, do estomago, do intestino e do figado, pela simples vizinhança dos tecidos morbidos.

Symptomas. Quando as causas que produzem as peritonites consecutivas actuam de outro modo do que pela introducção de uma substancia irritante na cavidade do peritoneo, a inflammação não differe por seu modo de invasão e por sua marcha da que sobrevem espontaneamente. Mas não acontece a mesmo quando a molestia se declara em consequencia da perforação de uma cavidade natural ou accidental : n'este caso, o momento em que a perforação se opera é marcado por accidentes graves, que tem alguma cousa de caracteristico. Quasi todos os doentes sentem de repente no ventre uma dôr pungente, que se estende a todo o ventre, augmenta pela pressão, e é acompanhada de calefrios, da decomposição do rosto, de nauseas, vomitos, da acceleração e da pequenez do pulso, emfim da suppressão das evacuações, se a peritonite resulta de uma perforação intestinal. Dois a sete dias depois, o doente succumbe.

Tratamento. É quasi sempre inutil. O estado das forças raras vezes permitte as emissões sanguineas, mesmo locaes. Mas ha indicações particulares a preencher quando a peritonite succede á ruptura ou á rasgadura de um dos reservatorios contidos no abdomen. Se houve perforação intestinal, dever-se-ha, para impedir a sahida de nova quantidade de liquido, e para favorecer a formação de adherencias protectivas, recommendar ao doente o repouso mais absoluto, e a mais completa immobilidade. Privar-se-ha das bebidas, e satisfará a sêde com alguns pedaços de gelo ou de gommos de laranja. É quasi inutil dizer que os purgantes e mesmo os clysteres simples são absolutamente prohibidos. Se a peritonite fôr causada pela perforação da bexiga, introduza-se n'este reservatorio uma sonda, deixando-a ali em permanencia e destapada, para impedir qualquer accumulação de ourina no orgão. Em todos estes casos, sobretudo quando existe perforação intestinal, deve-se recorrer ao opio para acalmar as dôres. Para este fim, molhe-se um panno no laudano de Sydenham, e applique-se no ventre; ou reguem-se com laudano as cataplasmas que se applicam no ventre.

Peritonite puerperal. A peritonite chama-se *puerperal* quando sobrevem nas mulheres recem-paridas. Chamam-lhe tambem *febre puerperal.*

Causas. Esta molestia ataca sobretudo as mulheres que durante a gravidez tiveram violentos pezares ou privações; as que tiveram um parto laborioso, sobretudo quando, para terminal-o, foi necessario introduzir a mão ou o forceps. A retenção das pareas, e a extracção forçada á qual foi necessario recorrer, são ainda causas muito activas da peritonite. Outro tanto direi das hemorrhagias uterinas, que actuam menos pelo enfraquecimento que produzem do que pelas manobras que se empregam para atalhal-as. No maior numero de casos, a peritonite puerperal desenvolve-se espontaneamente e sem que se possa descobrir a acção de nenhuma causa efficiente; outras vezes a molestia succede manifestamente a uma indigestão, á impressão do frio, e sobretudo ás emoções moraes.

Symptomas. A peritonite puerperal começa de ordinario entre o segundo e quinto dia depois do parto. Quasi sempre a sua invasão é subita e caracterizada por um calefrío intenso, precedido, acompanhado e seguido de uma dôr abdominal mais ou menos viva. Ao mesmo tempo o ventre augmenta de volume pela presença de gaz na cavidade dos intestinos e do peritoneo. Sobrevem nauseas, vomitos amarellos ou esverdeados; ora ha prisão de ventre, ora uma diarrhea, mais ou menos abundante. A sêde é em geral viva, a lingua torna-se humida, e coberta de uma camada branca, raras vezes amarellada; frequentemente faz-se secca e arroxeada alguns dias depois. A respiração é mais ou menos accelerada. Uma febre viva existe desde o principio; o calor da pelle é intenso; o pulso bate de 100 a 120 vezes por minuto; o rosto, a principio animado, não tarda a enrugar-se e a exprimir o soffrimento. Os lochios supprimem-se ou diminuem de abundancia; muitas vezes não offerecem nada de notavel. A secreção do leite é menos activa e quasi sempre os seios diminuem de volume.

Continuando a molestia a fazer novos progressos, a dôr do ventre torna-se geral, propaga-se até ás cadeiras, e augmenta de intensidade; o ventre estende-se ainda mais; é sonoro quando se percute em toda a parte salvo na região vizinha das cadeiras, onde se accumula um derramamento seroso. Os vomitos tornam-se mais frequentes; no seu intervallo as doentes são atormentadas por soluços; o pulso bate 130 a 140 vezes por minuto; a pelle cobre-se de um suor viscoso : a doente succumbe.

Ao lado d'este caso grave, que apparece sobretudo quando a molestia reina epidemicamente, existe uma peritonite benigna, mais circumscripta, vizinha do utero, e que se póde chamar *metro-peritonite*. Reconhece-se facilmente esta variedade pela menor intensidade dos symptomas geraes, pela menor extensão da dôr do ventre, pela frequencia mediocre do pulso : esta peritonite cura-se geralmente. Quando a terminação deve ser favoravel, as melhoras principiam pela diminuição da dôr do ventre, da frequencia do pulso e do meteorismo.

Tratamento. 1.° *Meios preservativos.* Para prevenir a peritonite puerperal, é preciso que as mulheres sejam postas nas condições hygienicas mais favoraveis; devem viver n'uma temperatura branda, uniforme, n'um repouso absoluto de corpo e de espirito; entreter-se-ha a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna simples; favorecer-se-ha o corrimento dos lochios pela posição, e empregar-se-hão seringatorios com o cozimento de linhaça se elles se tornarem fetidos.

2.° *Meios curativos.* Appliquem-se 15 a 20 bichas no ventre, e depois cataplasmas de linhaça. Administre-se depois um vomitorio : 1 gramma de ipecacuanha em pó, em meia chicara d'agua morna. Se houver prisão de ventre, administre-se um clyster de cozimento de linhaça, ou dê-se pela bocca um purgante de oleo de ricino, 30 grammas. Se a molestia não diminuir de intensidade, friccione-se o ventre com pomada mercurial duas vezes por dia, sendo do tamanho de uma azeitona a quantidade conveniente para cada fricção. Eis-aqui a receita :

Pomada mercurial dupla..... 30 grammas.

A doente tomará só caldo de gallinha por unico alimento, e para bebida infusão de linhaça ou cozimento de cevada frio.

Se sobrevierem ou symptomas de prostração, administra-se a poção seguinte :

Infusão de serpentaria de Virginia..... 120 grammas.
Xarope de quina..... 30 —

Misture. Tomar uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Se a prostração não ceder, recorra-se ao sulfato de quinina :

Sulfato de quinina..... 1 gramma.

Divida em 10 papeis. Para tomar quatro papeis por dia; um papel de 3 em 3 horas.

No mesmo periodo da molestia administre-se o clyster seguinte :

Infusão de valeriana.....	150 grammas.
Camphora.....	30 centigrammas.
Gema de ovo.....	uma.

E façam-se fricções no ventre com oleo camphorado, duas vezes por dia : uma colher *de sopa* de oleo para cada fricção.

PERMANGANATO DE POTASSA. Sal crystallizado em agulhas prismaticas, de côr negra bronzea e violacea, soluvel na agua; sua solução é de côr violacea magnifica. Empregado em pó ou solução concentrada, actua como caustico; dissolvido em grande quantidade d'agua, decompõe chimicamente os gazes fetidos; é um dos melhores desinfectantes. Emprega-se para a desinfecção das feridas. É aconselhado no tratamento externo dos cancros uterinos e outros, dos abcessos profundos ou gangrenosos, ozena, máo halito, suores fetidos, etc. Não deve ser receitado senão em agua distillada pura; qualquer materia organica, como a glycerina, o alcool, o assucar, o decompõe immediatamente; e é mesmo, por causa d'esta grande instabilidade, que elle é um desinfectante tão poderoso; os fios, os pannos de linho ou algodão decompõem igualmente este sal. Quando um panno está manchado com permanganato de potassa, a immersão na agua acidulada com um centesimo (1/100) de acido chlorhydrico, basta para tirar-lhe as nodoas, e o panno não ficar estragado. Eis-aqui as proporções das soluções de permanganato de potassa para uso externo :

1.° 1 parte de permanganato de potassa crystallizado e 10 d'agua distillada, como caustico e desinfectante nos cancros.

2.° 1 parte de permanganato e 200 d'agua para o curativo das chagas e dos abcessos; para tirar o máo cheiro dos pés, etc.

3.° 1 parte de permanganato e 1,000 d'agua para injecções contra a ozena.

20 gottas da primeira solução, em um copo d'agua, constituem o melhor collutorio para dissipar o máo halito.

PERNA. A perna é a porção do membro inferior comprehendida entre o joelho e o pé. Dois ossos entram na sua composição : a tibia e o peroneo. A tibia, mais forte e volumosa, está situada por dentro; o peroneo, osso mui delgado, está por fóra. Em baixo, a perna apresenta duas proeminencias : uma para dentro, formada pela extremidade inferior da tibia, chama-se *malleolo interno :* outra para fóra, formada pela extremidade do peroneo, denomina-se *malleolo externo.* Estas proeminencias osseas são designadas vulgarmente pelo nome de *tornozelo.*

As molestias da perna são assaz numerosas; mas a maior parte d'ellas são communs ás outras partes do corpo e não exigem aqui descripção particular; são postemas, feridas, ulceras, erysipelas, varizes, etc., etc.; sua historia acha-se indicada em artigos especiaes. Notarei sómente que as feridas das pernas, para sararem promptamente, exigem repouso absoluto.

Perna (Deslocação da). *Veja-se* Deslocação do joelho, v. I, p. 840.

Perna (Fractura da). *Veja-se* vol. I, pag. 1232.

PEROLA. Substancia globosa, de côr branca nacarada, lustrosa,

e de grande dureza que se forma no interior de uma especie de ostra, *Avicula*, que se acha no fundo dos mares da India, entre 5 e 25 metros de profundidade. Cada anno, no mez de Março, muitos milheiros de mergulhadores experimentados descem aos vastos bancos d'estas preciosas ostras, para fazer uma rica colheita. As perolas constituem uma joia mui estimada. São formadas de carbonato de cal combinado com uma substancia azotada.

Dá-se tambem o nome de *perolas*, na pharmacia, aos envoltorios espphericos, feitos de gelatina ou de gomma, destinados a conter medicamentos liquidos, de que se quer encobrir o cheiro ou sabor. Taes são as perolas de terebinthina, de ether, de chloroformio, etc., do doutor Clertan.

Primitivamente applicada ao ether, com a descoberta do doutor Clertan, conseguio-se encerrar este corpo tão volatil e introduzil-o no estomago, em dóse fixa e sem extravio algum.

Este mesmo processo tem sido applicado a muitas outras substancias, liquidas ou solidas, cuja volatilidade, cujo sabor ou cheiro fazem com que seja difficil sua administração.

As perolas do doutor Clertan contêm cinco gottas de medicamento liquido ou dez centigrammas de medicamento solido. Ellas se dissolvem rapidamente no estomago, alguns instantes depois de serem ingeridas, o que é facil de se verificar pela ascensão dos vapores do medicamento logo que se abre no estomago o envolucro que o contem.

Damos abaixo as series das perolas do doutor Clertan com as indicações das molestias em que são empregadas. Todos os productos que encerram essas perolas são fabricados em seu todo, e analysados nos laboratorios de L. Frère, H. Fournier e C^{ia} successores, á rua Jacob, n° 19 em Pariz.

1.ª *serie*. — Molestias do apparelho respiratorio.

Perolas de Creosote. — 0,05 centigram. em cada perola. Dóse media, 4 por dia.

Perolas de Gaiacol. — 0,05 centigram. em cada perola. Dóse media, 4 por dia.

Perolas de Iodoformio. — 0,05 centigram. em cada perola. Dóse media, 4 por dia.

Perolas de Terpinol. — 0,30 centigr. em cada perola. Dóse media, 4 por dia.

2.ª *serie*. — Lithiase biliaria.

a. Perolas de Durande de Clertan. — (Ether, 2 p.; Ess. de ter., 1 p.; ao todo 0,20 centigr.). Dóse, 6 a 10 por dia.

b. Perolas de Chloroformio de Clertan. — 0,40 centigr. em cada perola. Dóse, 4 por dia.

(*Vomitos, soluços, enjóo do mar*).

3.ª *serie.* — MEDICAÇÃO ANTISPASMODICA.

a. Perolas d'Ether de Clertan, a 0,20 centigr. por cada perola. Dóse, 4 a 10 por dia.

(*Enxaquecas, cephaleas rebeldes, accessos de asthma, caimbras de estomago, propensão para syncopes.*

b. Perolas d'Hoffmann de Clertan. — Ether, 1 p.; alcool 1 p.; ao todo 0,20 centigr.). Dóse, 4 a 10 por dia.)

(*Mesmas indicações que para as perolas de Ether e mais especialmente nauseas, digestões dolorosas, indigestões, vomitos.*)

c. Perolas de Valeriana de Clertan, com 0,20 centigr. de tinct. etherea. Dóse, 4 a 10 por dia.

(*Vertigens, atordoamentos, palpitações nervosas.*)

d. Perolas d'Assafetida de Clertan, com 0,20 centigr. de tinct. etherea. Dóse, 4 a 10 por dia.

(*Espasmos, suffocação, bola hysterica, esophagismo, chlorose.*

e. Perolas de Castoreo de Clertan, com 0,20 centigr. de tinct. etherea. Dóse, 4 a 10 por dia.

(*Dysmenorrhea, colicas da menstruação, inchações do ventre.*

f. Perolas de Apiol de Clertan, de 0,30 centigr. (Mesmas indicações.) Dóse, 2 por dia.

g. Perolas d'Essencia de Terebinthina de Clertan, de 0,25 centigr. Dóse, 4 a 10 por dia.

(*Enxaquecas, nevralgias faciaes, sciatica, lumbago.*)

4.ª *serie.* — MEDICAÇÃO DE QUININA OU FEBRIFUGA.

a. Perolas de Bromhydrato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

b. Perolas de Chlorhydrato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

c. Perolas de Sulfato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

d. Perolas de Bisulfato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

e. Perolas de Valerianato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

f. Perolas de Salicylato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

g. Perolas de Lactato de quinina de Clertan, de 0,10 centigr. de sal chimicamente puro.

5.ª *serie.* — MEDICAÇÃO HYNOPTICA.

a. Perolas d'hypnone de Clertan, de 0,10 centigr. Dóse, 2 a 4 por dia.

6.ª *serie*. — MEDICAÇÃO BALSAMICA.

a. Perolas de sandalo de Clertan, de 0,30 centigr. Dóse, 2 a 12 por dia.

7.ª *serie*.

a. Perolas de Digital de Clertan (tintura etherea 0,20 centigr.). Dóse, 2 a 6 por dia.

PERONEO. Um dos dois ossos que entram na composição da perna. É comprido, delgado e situado na parte externa e um pouco posterior da perna. As *fracturas* do peroneo, estão descriptas no vol. I, pag. 1235.

PERPETUA. *Gomphrena globosa*, Linneo. Amarantaceas. Planta cultivada nos jardins. Caule de 66 centimetros de alto, folhas oppostas, agudas, cotanilhosas por baixo, flores com longos pedunculos, roxas ou branco roseas, compostas de escamas seccas. O chá de flor de perpetua emprega-se como emolliente e expectorante nos defluxos; prepara-se infundindo um pugillo de flor de perpetuas n'uma chicara d'agua fervendo. Prepara-se tambem com as flores de perpetua um xarope, de linda côr arroxeada, muito empregado no Rio de Janeiro contra as tosses.

Na Europa o nome de perpetua (*immortelle*, em francez) se applica a diversas plantas, por causa da duração de suas flores. Dá-se este nome não sómente á planta que acabo de descrever, mas tambem ao *Gnaphalium*, cujas flores, formadas de escamas imbricadas, inflexiveis e seccas, de côr amarella ou branca, servem para fazer as coroas funerarias, que se costumam depositar nos tumulos.

PERSEVEJO. É um insecto de côr roxa, arredondado e chato, sem azas, de cheiro extremamente desagradavel. A sua mordedura é bastante dolorosa e acompanhada de comichão mui viva, vermelhidão, e ás vezes de largas empolas. As regiões em que a pelle é mais fina, taes como o pescoço, o rosto, etc., são particularmente atacadas por estes animaes incommodos, que não sahem de seus retiros senão de noite : logo que o dia apparece, escondem-se nas rachas do leito, sob o papel das paredes do quarto, nas dobras do cortinado da cama, etc. O inverno faz perecer grande numero d'elles nos paizes frios; mas os ovos conservam-se, e, desenvolvendo-se com a volta dos calores, perpetuam esta detestavel raça. As camas de ferro nem sempre são sufficiente preservativo. Um autor francez refere a historia de um quartel, cujas salas infectadas de persevejos; não se podia saber onde se refugiavam estes insectos, porque as camas eram de ferro, mas de ferroôco. Lambráram-se os soldados de quebrar um dos tubos que tinham servido para a construcção d'estas camas : acháram-n'o cheio de persevejos; aquentáram fortemente todas as partes que compunham as camas, e o quartel foi desembaraçado d'estes hospedes incommodos.

Modo de destruir os persevejos. O emprego da dissolução de sabão verde, a ferver, é um dos meios mais simples e melhores para destruir os persevejos. Este meio, recommendado por um illustre chimico fran-

cez, Thénard, é economico, sem perigo nem inconvenientes; está ao alcance de todas as pessoas. A operação deve ser exactamente feita segundo as indicações seguintes : 1.° pôr 100 partes d'agua em peso n'uma bacia, e ajuntar-lhe 2 partes de sabão verde; collocar a bacia sobre um forno acceso e fazer ferver o liquido; 2.° tirar o papel do quarto, e alargar, com uma faca, as fissuras das paredes, se não forem bastante largas para deixarem penetrar a agua no seu interior; 3.° desarmar as differentes peças da cama; 4.° atar uma grossa esponja com um barbante a um páo de 40 centimetros de comprimento; mergulhar a esponja na dissolução de sabão fervendo, e lavar muitas vezes de cima para baixo as paredes do quarto, e sobretudo os logares onde houver fissuras, tendo cuidado de tornar a molhar cada vez a esponja no liquido, o qual, para ser efficaz, deve estar sempre quente, e, quanto seja possivel, fervendo; 5.° lavar os differentes páos do leito e todos os madeiramentos da mesma maneira. Sendo preciosos, convem expôl-os simplesmente ao ar e ao sol por algumas horas e esfregal-os depois; 6.° lavar igualmente, sempre com a dissolução fervendo, as fissuras que se podem achar no pavimento da casa ou nos madeiramentos; 7.° mudar os cobertores da cama, o cortinado, e expôl-os ao sol durante alguns dias; 8.° reformar o enxergão, e passar pela agua fervendo o fundo de lona se existe, a crina ou a lã do colchão; 9.° emfim, tapar as fissuras das paredes do quarto com massa de vidraceiro, e forrar depois o quarto da maneira ordinaria.

Matam-se tambem os persevejos e seus ovos com aguaraz que se introduz nos intersticios do leito.

Pós contra os persevejos. Flores reduzidas a pó do *Pyrethrum roseum* e *Pyrethrum carneum*, plantas que habitam na Turquia e Persia. Estes pós, muito empregados hoje, constituem uma preparação verdadeiramente efficaz para a destruição dos persevejos, moscas e outros insectos. Basta espalhar estes pós sobre os lençóes, ou introduzil-os por meio de um pequeno folle nos intersticos da cama. Vendem-se no commercio debaixo dos diversos nomes : *Pós contra os persevejos, Pós do Caucaso* ou de *Mismaque, Insecticido de Ferrand, de Vicat, de Burnichon*, etc.

PERÚ (fig. 730). De todas as aves domesticas, são os perús os que exigem maiores cuidados, principalmente em quanto novos. Nas localidades frias só póde dar bons resultados a criação d'estas aves na primavera e no estio, porque o frio lhes é muito nocivo na primeira idade. A femea não é apta para a reproducção senão no segundo anno. Não põe ovos todo o anno como a gallinha; faz quando muito duas posturas por anno, uma no principio da primavera, outra no fim do verão. A postura principia 6 ou 8 dias depois que a femea recebeo o macho, o qual póde então ser d'ella separado sem inconveniente. Um perú é sufficiente para 6 peruas. Salvo quando estão fechadas, as peruas não põem ovos na capoeira; escolhem para pôr os ovos, cujo numero é de vinte a vinte e cinco, um logar afastado, que se póde descobrir facilmente tendo a attenção de vigiar as suas andaduras. Fazem-se chocar as peruas n'um logar perfeitamente tranquillo; o ninho que se lhes prepara deve ser quasi chato, afim de que os ovos não estejam n'elle sobrepostos, o que tor-

naria a incubação desigual. Dá-se ordinariamente 12 a 15 ovos a uma perua de um anno que choca pela primeira vez; podem dar-se 15 a 20 a uma perua de dois annos. Uma vez por dia, e sempre á mesma hora, é mister levantar a perua choca para lhe dar uma ração de gráos e de herva fresca, e agua para beber. A sua ausencia do ninho não deve prolongar-se além de meia hora. A incubação dura 28 a 32 dias, ao cabo dos quaes

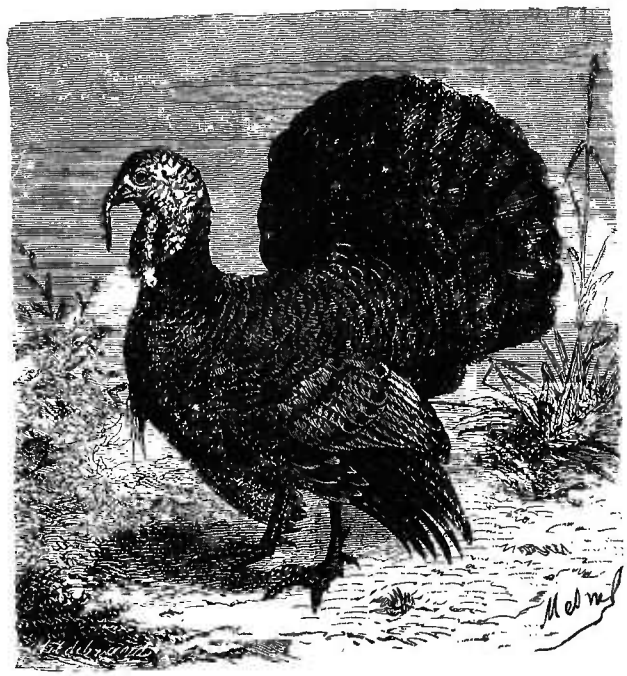


Fig. 730. — Perú.

os pequenos sahem quebrando com o bico a casca na extremidade grossa.

Os perús pequenos são delicados até lhes nascerem os coraes, isto é, até á idade de 2 mezes. Passado este tempo, tornam-se muito bravios. Antes de lhes nascerem os coraes não devem sahir senão durante o bom tempo; temem sobretudo o frio e a humidade. Os perús devem viver em pateo grande e ir ao pasto. Aos 4 mezes podem comer-se; aos 6 mezes costumam engordar-se. Raras vezes se castram, por causa de sua grande delicadeza durante a primeira idade. Devem-se matar os machos antes de 2 annos, se não a carne torna-se coriacea. Convem então engordal-os fechando-os n'um logar secco, quente, escuro e isolado, onde se lhes faz engulir, á força, durante 15 dias, bolos de farinha, de feijões ou castanhas.

As *molestias* mais ordinarias dos perús são a diarrhea e a prisão de ventre. A *diarrhea* combate-se dando-lhes a beber um pouco de vinho com assucar; e a *prisão de ventre,* ajuntando um pouco de soro de leite á sua comida. Os perús podem viver de 6 a 10 annos.

PERVINCA *Veja-se* CONGOSSA MAIOR.

PESA CRIANÇA (fig. 731). Não ha nenhum medico que, após os trabalhos do Sr. M. Guillot, não tenha sabido appreciar toda a vantagem

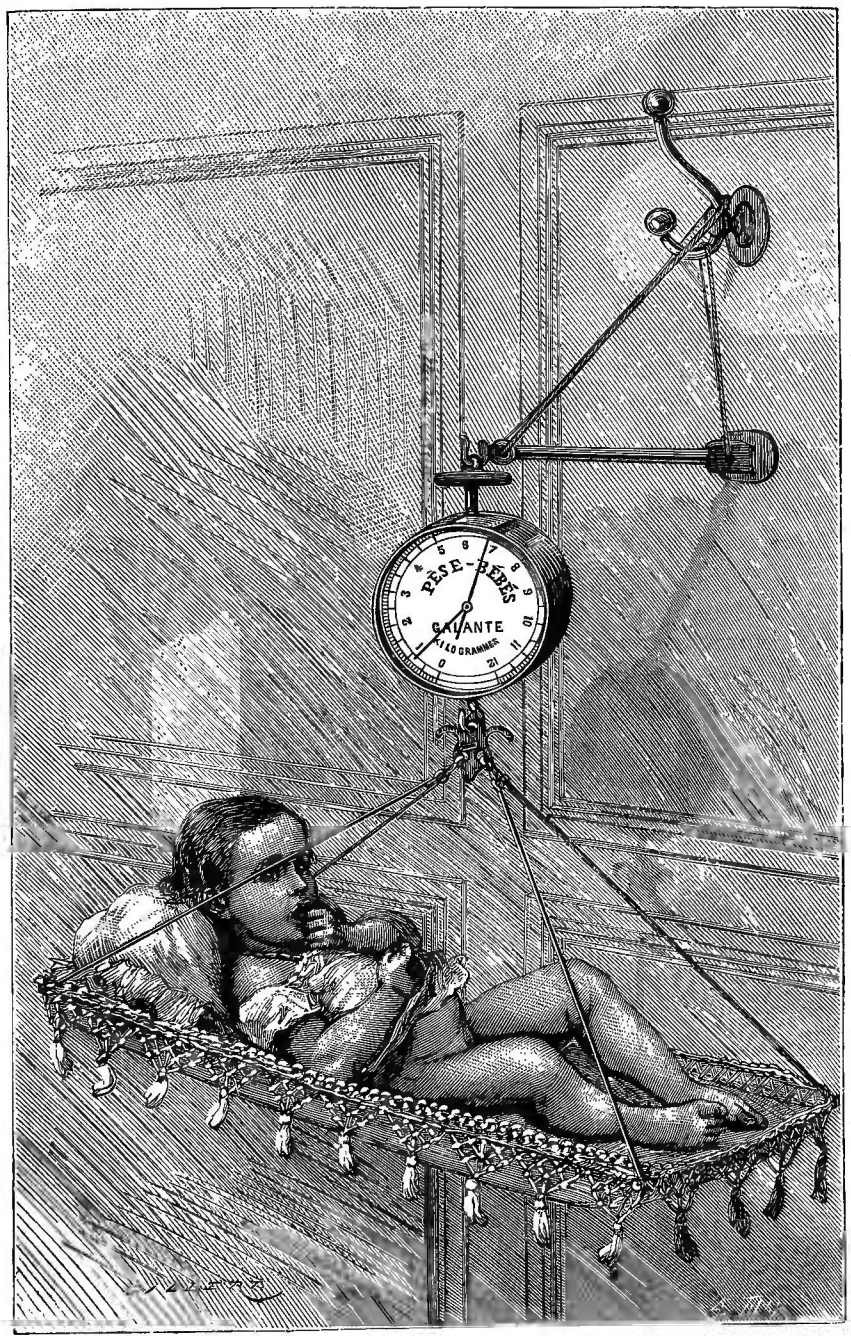


Fig. 731. — Pesa criança.

que resulta para o crescimento de uma criança o pesal-a frequentes vezes e com todo cuidado.

A amammentação das crianças não póde ser observada, nem bem diri-

gida se não seguir-se os resultados do peso, que deve ser feito todos os dias, ou uma vez por semana.

É o meio que tem a mãi e o medico para saberem a quantidade de leite que a criança bebe de cada vez que mamma ou de 24 em 24 horas. Não se precisa mais examinar a ama para saber se ella tem bastante leite e se elle é bom, e se criança bebe bastante para que se nutra. Bem empregado o *pesa criança* tira todas as duvidas.

Como é preciso certificar-se se a criança aproveita o leite que bebe, e se elle é bom, o unico meio de conhecer exactamente o estado d'ella é pesal-a todas as semanas.

Com o *pesa-criança*, os parentes devem achar no fim de cada semana um augmento de peso de 200 grammas, pouco mais ou menos. — Se o o peso da criança augmenta mais e chega a 250 e 300 grammas, é que vai bem, mas se ella chega a augmentar somente 100 a 120 grammas, é que ella soffre; se o peso diminue em logar de augmentar então é que a criança está doente.

N'estas condições se o *pesa criança* não indicar 200 grammas por semana, e que este estado dure, é preciso como diz o doutor Rouchutem seu livro *A Hygiene da infancia*, mudar de regimen ou até mesmo mudar de ama de leite.

O *pesa criança* é o verdadeiro guia das mãis, é sobre elle que se deve regular a amammentação da criança.

Desde que uma criança nasce, a mãi deve ter o seu livrinho de amammentação e crescimento.

De vez em quando, para saber a quantidade de leite que a criança mammou, a mãi deverá durante dois ou tres dias consecutivos, pesar seu filho antes e depois de mammar, e assentar os resultados no livrinho. — Nos primeiros mezes a criança bebe cerca de 50 a 100 grammas de leite de cada vez, e 700 a 900 grammas por dia.

Este meio de verificação não é tão indispensavel como o que se deve fazer no fim de cada semana, e durante todo o tempo que a criança mammar.

De oito em oito dias, deve-se pesar a criança toda núa, para que o peso das roupas não influa no peso real. No caso em que se não possa pôl-a nua, deve-se levar em conta o peso da roupa.

Quando se tomou nota, semana por semana, do peso da criança durante 10 a 16 mezes, possue-se uma serie de indicações interessantes. D'esta maneira sabe-se se criança progride regularmente ; sente-se logo quando a criança tem alguma doença passageira ou quando a ama tem alguma indisposição. Emfim o *pesa-criança* é o guia mais certo para saber-se se a ama é bôa, e se deve-se guardal-a ou mudal-a, e tambem para determinar o momento em que se deve augmentar a nutrição da criança e dar-lhe um supplemento de alimento, alguns mingáos ou sopinhas.

Foi sob as indicações do Sr. doutor Bouchut que este instrumento foi fabricado pelos Srs. H. Galante e Filhos, e já tem prestado relevantes serviços em França.

PESADELO. O pesadelo não comprehende os sonhos penosos de toda a especie ; designa-se mais particularmente por esta palavra um estado em que a pessoa adormecida, julgando-se na imminencia de um perigo, sente-se privada do uso dos movimentos e da voz, quer para fugir ou repellir o ataque, quer para chamar soccorro. Estas sensações illusorias são mui variadas : taes são uma queda n'um abysmo, a vizinhança de um incendio, o ameaço de assassinio, etc. Ás vezes, o homem julga ver no seu sonho um monstro, um peso que lhe opprime o peito e lhe tolhe a respiração. Logo que se póde fazer algum movimento, o sonho desapparece, e ás vezes, ao despertar-se, existem palpitações e uma fadiga geral.

As crianças, as mulheres e as pessoas idosas são mais sujeitas ao pesadelo do que os adultos e os homens. Uma grande sensibiladade predispõe para este incommodo. As historias com que se amedrontam as crianças, os terrores religiosos, pezares profundos e os excessos na comida são causas frequentes do pesadelo. Muitas vezes é produzido pela plenitude do estomago.

Os meios para fazer cessar esta affecção dimanam naturalmente do conhecimento das causas. Banir o medo, dissipar os terrores, procurar distrahir-se, usar de banhos, passeios, observar sobriedade, diminuir ou supprimir totalmente a comida da noite, deitar-se do lado direito e com a cabeça elevada, manter a liberdade do ventre com clysteres ou purgantes : taes são os meios mais convenientes. Todas as vezes que se puder, convem despertar a pessoa quando a perturbação da respiração, a anxiedade do rosto, o suor do corpo, annunciarem que o pesadelo se declara ou existe.

PESA-LICOR. Pesa-sal. *Veja-se* Areometro.

PESCOÇO. Porção do corpo comprehendida entre a cabeça e o peito.

Molestias do pescoço. *Feridas.* A presença de numerosos nervos e vasos sanguineos torna estas feridas muito graves. (*Veja-se* Feridas do pescoço vol. I, pag. 1136.) A complicação mais perigosa é a hemorrhagia. A primeira cousa que se deve fazer n'este caso grave, antes da chegada do cirurgião; é vedar momentaneamente o sangue applicando o dedo pollegar mesmo sobre a ferida, ou, melhor ainda, debaixo d'ella.

Dôr de pescoço. Veja-se Torcicollo.

Papeira. Veja-se vol. II, pag. 615.

Torcicollo. Veja-se esta palavra na sua ordem alphabetica.

Um dos symptomas mais frequentes das escrophulas é o engurgitamento permanente das glandulas do pescoço; estas amollecem com o tempo e abrem-se. *Veja-se* Escrophulas e Glandula.

Cumpre não confundir as escrophulas com as pequenas inchações das glandulas situadas debaixo do queixo, e que são conhecidas sob o nome de *cachumbas. Veja-se* vol. I, pag. 392.

PESOS E MEDIDAS. § I. Systema metrico de pesos e medidas. É summamente vantajoso, para todas as relações da vida, estabelecer medidas uniformes para cada nação, e mesmo para todo o mundo.

D'esta verdade resultou a ideia de se adoptar um systema de pesos e medidas que fosse simples nas suas combinações, tivesse a sua origem na natureza, e fosse portanto invariavel. O systema que satisfaz a estes requisitos, é o dito *systema metrico-decimal.* Tem por base o *metro*, medida linear equivalente a pouco mais de 4 palmos 1/2, ou tres pés e 4 linhas. Para se estabelecer este padrão, medio-se a distancia do equador a um dos pólos, contada sobre o meridiano terrestre, que passa pelo Observatorio astronomico de Pariz; foi aquella distancia dividida em 10 milhões (10,000,000) de partes iguaes, cada uma das quaes se denominou *metro*. As medidas multiplas e submultiplas da unidade principal, em cada especie, acham-se reguladas na razão decupla; e por isso se denomina este systema *decimal.*

As unidades principaes, de cada especie de medida, são; *metro*, *litro*, *gramma*, *are* e *stere.*

O *metro* é igual, como já deixei dito, á decima-millionesima parte do arco do meridiano terrestre ($\frac{1}{10\,000\,000}$), comprehendido entre o polo e o equador (3 pés, 4 linhas).

O *litro* é um volume de um decimetro cubico.

O *gramma* é o peso de um centimetro cubico d'agua.

O *are* é um quadrado que tem 10 metros de cada lado.

O *estere* é um metro cubico em volume.

Para exprimir as quantidades maiores que as unidades principaes, foram adoptadas as quatro seguintes palavras gregas:

4 multiplas	Myria	10,000
	Kilo	1,000
	Hecto	100
	Deca	10

e para designar as quantidades menores que as unidades principaes, empregam-se as palavras latinas:

3 divisores ou submultiplas	Deci	0,1
	Centi	0,01
	Milli	0,001

Aquellas sete palavras, antepostas ás cinco que designam as unidades principaes de cada especie de medida, bastam para designar todas as combinações multiplas e submultiplas do systema metrico decimal.

UNIDADES DO SYSTEMA DECIMAL

Metro, litro, gramma, are e stere.

METRO.			GRAMMA.		
Myriametro.....	10000	metros.	Kilogramma.....	1000	gram.
Kilometro.....	1000	—	Hectogramma.....	100	—
Hectometro.....	100	—	Decagramma.....	10	—
Decametro.....	10	—	Gramma.....	1	—
Metro.....	1	—	Decigramma.....	0,1	—
Decimetro.....	0,1	—	Centigramma.....	0,01	—
Centimetro.....	0,01	—	Milligramma.....	0,001	—
Millimetro.....	0,001	—			

LITRO.		
Kilolitro.....	1000	litros.
Hectolitro.....	100	—
Decalitro.....	10	—
Litro.....	1	—
Decilitro.....	0,1	—
Centilitro.....	0,01	—
Millilitro.....	0,001	—

ARE.		
Myriare.....	10000	ares.
Hectare.....	100	—
Are.....	1	—
Centiare.....	0,01	—

STERE.		
Decastere.....	10	steres.
Estere.....	1	—

Póde expressar-se, por meio de um numero decimal, uma medida qualquer. Assim um comprimento de 20 metros e 15 centimetros, póde ser representado pelo numero decimal $20^{m},15$; um peso de 5 grammas e 25 centigrammas representa-se pelo numero decimal $5^{gr},25$; collocando por esta fórma as medidas multiplas á esquerda da virgula, e as submultiplas á sua direita; e devendo sempre situar sobre o algarismo das unidades, a inicial da especie de unidadade de que se trata.

Medidas lineares ou de comprimento. As medidas de comprimento são as que servem para medir a extensão considerada como linha; por exemplo o comprimento de uma peça de panno; o de uma estrada; o comprimento e a espessura de uma arvore. O *metro*, que é a base d'estas medidas, é dividido em 10 partes iguaes, que se denominam *decimetros;* cada decimetro divide-se igualmente em 10 partes iguaes, denominadas *centimetros;* e cada centimetro se divide tambem em outras 10 partes iguaes, que se chamam *millimetros*. Todas estas subdivisões servem para medir os pequenos comprimentos.

Na medição das extensões mais consideraveis usa-se do *decametro*, que consta de 10 metros; do *hectometro*, composto de 100 metros; do *kilometro*, composto de 1,000 metros, e do *myriametro*, composto de 10,000 metros.

A fig. 732 representa o comprimento natural de um decimetro. As divisões marcadas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 são os centimetros; e as me-

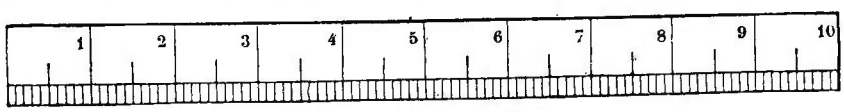


Fig. 732. — Decimetro.

nores, os millimetros. Ha medidas lineares construidas para os usos communs da vida.

Os *duplos decametros*, os *decametros* e os *meios decametros*, construidos em fórma de cadeias, são compostos de fuzis de arame, de 2 ou 5 decimetros de comprimento cada um, reunidos entre si por pequenas argolas do mesmo metal; de metro a metro estas argolas são de latão; e nos extremos de cada cadeia ha umas argolas grandes para se lhes pegar, as quaes são comprehendidas no comprimento total da medida.

Os *metros duplos*, os *metros* e os *meios metros*, divididos em decimetros e centimetros, tem de ordinario a fórma de regoas chatas inteiras. Ha tambem *metros articulados*, de metal, barbatana, buxo ou marfim. Os

duplos decimetros e os *decimetros*, divididos em centimetros e em millimetros, são de buxo, metal, marfim, etc., em fórma de regoas chatas e articuladas, e tambem em fórma de primas triangulares. Ha tambem fitas graduadas, que são muito commodas, e prestam-se com facilidade a todas as medições mais usuaes.

Medidas itinerarias. As medidas itinerarias são as que servem para avaliar as distancias consideraveis, e medir as estradas. Ha tres medidas de contagem, especialmente destinadas para este fim.

O myriametro que vale.....	10000	metros.
O kilometro —	1000	—
O hectometro —	100	—

Cada cinco kilometros formam uma legoa itineraria.

Medidas de pequenas superficies. A unidade das medidas de superficie é o metro quadrado; isto é um quadrado que tem um metro de comprimento em cada um dos seus lados. O metro quadrado não tem multiplos. Os seus submultiplos são o *decimetro quadrado*, o *centimetro quadrado* e o *millimetro quadrado*. O metro quadrado serve para avaliar as superficies das obras de alvenaria, de marceneiro, de pintura e outros semelhantes. Algumas vezes faz-se uso do decimetro e centimetro quadrado para avaliar as superficies das mais pequenas dimensões, como sejam as laminas de vidro, as de zinco, etc.

Medidas agrarias. As medidas agrarias são aquellas que servem para avaliar a superficie dos terrenos, dos campos, das vinhas, das florestas, dos prados, etc. A unidade das medidas agrarias é o *are*, isto é, um quadrado que tem 10 metros de cada lado, ou 100 metros quadrados de superficie. O are não tem senão um unico multiplo, o *hectare*, que vale 100 ares; é um quadrado que tem 100 metros de lado, e 10,000 metros quadrados de superficie. O unico submultiplo do are é o *centiare*, medida que tem 1 metro de lado; é o metro quadrado, ou a centesima parte do are.

Medidas de volume ou **solidez.** A unidade das medidas de volume é o metro cubico; isto é, um cubo que tem 1 metro de comprimento, 1 metro de largura e 1 metro de altura; e por conseguinte cada uma das suas seis faces 1 metro quadrado. O metro cubico serve para avaliar o volume das obras de alvenaria, de remoção das terras, de pedras, etc.

Medidas para lenha. A unidade das medidas para a lenha e para as mais madeiras é o *estere*, cujo volume é equivalente a 1 metro cubico. O estere não tem senão um multiplo, que é o decastere, medida de 10 esteres; e um submultiplo, que é o decistere, medida que vale a decima parte do estere. As medidas effectivas para as lenhas são tres:

1.° O *estere*, medida de 1 metro cubico.
2.° O *duplo estere*, medida de 2 esteres.
3.° O *meio decastere*, medida de 5 esteres.

Cada uma d'estas medidas compõe-se de uma peça de madeira chamada *soleira*, que se colloca horizontalmente; de duas outras peças de ma-

deira situadas verticalmente sobre a soleira, que se denominam *montantes*, e de duas *escoras*, que se pregam sobre a soleira de encontro aos montantes, pela parte de fóra d'estes. O comprimento da soleira entre os montantes deve sempre ter :

Para o estere	1 metro.
Bara o duplo estere	2 —
Para o meio decastere	3 —

A altura dos montantes, quando os tóros ou achas tem 1 metro de comprimento, é de :

Para o estere	1 metro.
Para o duplo estere	1 —
Para o meio decastere	1 metro 667 millim.

Os montantes do estere e do duplo estere são divididos em decimetros, que indicam as decimas partes de cada uma d'estas medidas; isto é, os decisteres no estere, e os duplos decisteres no duplo estere. Quando os tóros não tem justamente 1 metro de comprimento, varía então a altura dos montantes até produzir um volume de 1, 2 ou 5 metros cubicos. O comprimento da soleira nunca soffre alteração.

Medidas de capacidade. As medidas de capacidade são aquellas que servem para medir os liquidos, como o vinho e o azeite; e as materias seccas, como os cereaes, a farinha, etc.

O litro é a unidade principal d'estas medidas; a sua capacidade é equivalente ao volume de 1 decimetro cubico. O litro admitte tambem todas as combinações com os multiplos e submultiplos, e cada medida tem o seu duplo e a sua metade.

Medidas de peso. A unidade principal das medidas que servem para pesar é o gramma equivalente ao peso de 1 centimetro cubico de agua distillada, tomada no seu maximum de densidade, 4 gráos centigrados, e pesada no vacuo.

O gramma admitte todos os multiplos e submultiplos. Os pesos dividem-se em tres classes : 1.° Pesos grandes, os que excedem o kilogramma; 2.° Pesos medianos, os que ficam entre o gramma e o kilogramma; 3.° Pesos pequenos, os que são menores do que o gramma.

Grandes pesos multiplos do kilogramma.

Cinco myriagram.	50 kilogram.	Meio myriagram.	5 kilogram.
Duplo myriagram.	20 —	Duplo kilogram.	2 —
Myriagramma.	10 —	*Kilogramma.*	1 —

Pesos medianos multiplos do gramma.

Kilogramma	1000 grammas.	Duplo decagr.	20 grammas.
Meio kilogram.	500 —	Decagramma.	10 —
Duplo hectogr.	200 —	Meio decagr.	5 —
Hectogramma.	100 —	Duplo gramma.	2 —
Meio hectogr.	50 —	*Gramma.*	1 —

Pesos pequenos, submultiplos do gramma.

Gramma	10 decigram.	Meio decigram	5 centigr.
Meio gramma	5 —	*Centigramma*	10 milligr.
Duplo gramma	20 —	Meio centigram	5 —
Decigramma	10 centigr.	*Milligramma*	1 —

No commercio o kilogramma é a unidade mais usual; o hectogramma é a sua decima parte, e o decagramma a centesima parte. Para os pesos consideraveis, taes como os que se empregam para o carregamento de uma carreta ou de um navio usa-se :

O quintal metrico, que vale	100 kilogrammas.
O milheiro ou tonelada metrica que vale	1000 —

§ 11. SYSTEMA DE MEDIDAS, SEGUNDO O PADRÃO DE LISBOA, em uso em Portugal antes da introducção do systema decimal. (Extrahido dos *Elementos de arithmetica* do Sr. F. J. Menna Apparicio.)

Medidas lineares ou de comprimento. As distancias locaes, sendo grandes, mediam-se por legoas, milhas e passos geometricos; e as extensões menores, mediam-se por braças, varas, toezas, covados, pés, palmos, pollegadas, linhas e pontos. Quando o quarto do meridiano terrestre se considerava dividido em 90 partes, cada uma d'ellas se denominava um gráo; e cada um d'estes gráos, na latitude do parallelo médio, tem tido a grandeza seguinte :

Gráo igual a 50506,9857 braças. O gráo dividia-se em 18, ou em 20 partes, cada uma das quaes constituia uma legoa.

Logo a legoa de 18 ao gráo, ou *legoa terrestre*, era igual a 2805,94365 braças ou 6173,07603 metros.

E a legoa de 20 ao gráo, ou *legoa maritima*, era igual a 2525,34928 braças, ou 5555,7684 metros.

A legoa maritima consta de 3 milhas.

A *legoa itineraria* mandada estabelecer em 1855, é de 5,000 metros, divide-se em 5 partes ou kilometros.

1 Braça	igual a	2 varas	igual a	2,2	metros.
1 Vara	—	5 palmos *craveiros*.	—	1,1	—
1 Palmo *craveiro*	—	8 pollegadas	—	0,22	—
1 Pollegada	—	12 linhas	—	0,0275	—
1 Linha	—	12 pontos	—	0,0022	—
1 Ponto			—	0,0001	—
1 Pé	—	12 pollegadas	—	0,33	—
1 Toeza	—	6 pés	—	1,98	—
1 Passo ordinario	—	2 pés e meio	—	0,825	—
1 Covado	—	3 palmos	—	0,68	—
1 Palmo de covado			—	0,226	—

A vara e o covado dividem-se em 2 meios, 3 terços, 4 quartas, 6 sesmas e 8 oitavas. O valor de cada uma d'estas fracções, com relação ao metro, é a seguinte :

FRACÇÕES DA VARA.			FRACÇÕES DO COVADO.		
1/2 vara	igual a 0,550	metro.	1/2 covado	igual a 0,340	metro.
1/3 —	0,366	—	1/3 —	0,227	—
1/4 —	0,275	—	1/4 —	0,170	—
1/6 —	0,183	—	1/6 —	0,114	—
1/8 —	0,138	—	1/8 —	0,085	—

O *palmo craveiro*, ou da vara, era a base de todas as medidas de comprimento; a sua divisão em 10 partes era muito conveniente, porque dava muita facilidade para os calculos. Havia outro palmo chamado da *junta do commercio*, que era um pouco mais pequeno (100 dos quaes faziam 91 dos de craveira). O seu valor metrico era de 0,2002 metro; dividia-se em 10 partes. Foi estabelecido em 1756 para regular o frete dos generos seccos e liquidos, que se carregassem nos navios; e servia de base á *tonelada de frete*. O palmo de covado era um pouco maior do que o palmo craveiro; pois 1 covado equivalia a 24 3/4 pollegadas do palmo craveiro.

Medidas de superficie ou agrarias. As superficies mediam-se ordinariamente por braças, varas e palmos quadrados; e tambem por milhas e legoas quadradas, quando se tratava da geographia.

1 Braça.....	quad.	= 100 palmos	quad.	= 4,84	metros	quad.
1 Toeza.....	—	= 81 —	—	= 3,92	—	—
1 Vara.....	—	= 25 —	—	= 1,12	—	—
1 Pé.....	—	= 144 polleg.	—	= 0,10	—	—
1 Palmo.....	—	= 64 —	—	= 0,04	—	—
1 Pollegada....	—	= 144 linhas	—	= 0,0007	—	—
1 Linha.....	—	= 144 pontos	—	= 0,000005	—	—

Medidas de capacidade.

Para seccos.

1 Moio.....	igual a 15	fangas.....	igual a 828,0	litros.
1 Fanga.....	— 4	alqueires.....	— 55,2	—
1 Alqueire.....	— 4	quartas.....	— 13,8	—
1 Quarta.....	— 2	oitavas.....	— 3,45	—
1 Oitava.....	— 2	maquias.....	— 1,725	—
1 Maquia.....	— 2	selamins.....	— 0,8625	—
1 Selamim.....			— 0,43125	—

Estas medidas variavam muito em cada provincia, além de que muitos generos tinham medidas particulares. A *cal* media-se aos moios; mas esta medição variava muitissimo nas diversas localidades. O *sal* vendia-se aos moios, e por alqueire, tendo o moio o volume de 992,46 litros. A *palha* vendia-se aos panos, tendo cada um 4 arrobas.

Para liquidos.

1 Tonel.....	igual a 2	pipas.....	igual a 847,5	litros.
1 Pipa.....	— 25	almudes.....	— 423,75	—
1 Almude ou cantaro..	— 6	potes.....	— 16,95	—
1 Pote ou alqueire.....	— 6	canadas.....	— 8,475	—
1 Canada.....	— 4	quartilhos..	— 1,4125	—
1 Quartilho.....			— 0,353	—

Em Portugal 1 quartilho era igual como se vê, a 353 millilitros ou quasi 12 onças; no Brazil equivalia a 667 millilitros ou quasi a 24 onças.

O almude variava muito nas provincias de Portugal. Outro tanto acontecia no Brazil a respeito da canada e do alqueire.

Medidas de peso.

1 Tonelada	= 13 1/2	quintaes	= 793,152	kilogram.
1 Quintal	= 4	arrobas	= 58,752	—
1 Arroba	= 32	arrateis	= 14,688	—
1 Arratel	= 2	marcos	= 459	grammas.
1 Marco (de ourives)	= 8	onças	= 229	—
1 Libra commum	= 16	onças	= 459	—
1 Libra (de botica)	= 12	onças,	= 344	—
1 Onça	= 8	oitavas	= 28,68	—
1 Oitava	= 3	escropulos	= 3,58	—
1 Escropulo	= 24	grãos	= 1,19	—
1 Grão			= 0,049	—

MEDIDAS PARA PEDRAS E METAES PRECIOSOS.

Pedras e metaes.

1 Marco tem 8 onças.
1 Onça tem 8 oitavas.
1 Oitava tem 72 grãos.

Diamantes.

1 Onça tem 8 oitavas.
1 Oitava tem 3 escropulos.
1 Escropulo tem 6 quilates.
1 Quilate tem 4 grãos.

Para o toque da prata.

1 Marco tem 12 dinheiros.
1 Dinheiro tem 12 grãos.

Para o toque do ouro.

1 Marco tem 24 quilates.
1 Quilate tem 4 grãos.

A pureza ou a qualidade do ouro avalia-se por *quilates*, que é a vigesima quarta parte de um marco do ouro sem mistura de outro metal. Assim, quando se diz ser o ouro de 22 quilates, quer dizer que um marco contém 22 partes de ouro puro, e 2 partes de liga.

A pureza ou qualidade da prata avalia-se por *dinheiros*, que é a duodecima parte de um marco de prata sem mistura alguma de outro metal. Assim quando se diz ser a prata de 11 dinheiros, quer dizer que um marco de prata contém 11 partes de prata pura e 1 parte de liga.

O ouro do dinheiro portuguez deve ser de 22 quilates.

O ouro das obras de ourives deve ser de 20 quilates e meio; e o ouro de que usam os bate-folhas de 23 quilates.

A prata cunhada deve ser de 11 dinheiros.

A prata das obras de ourives deve ser de 10 dinheiros e 6 grãos; e a prata de que usam os bate-folhas de 12 dinheiros.

Quilate. Nome de uma medida convencional, adoptada para os

objectos preciosos; designava ora um simples gráo de pureza, ora um peso real.

Quando se trata de ouro, suppõe-se, para avaliar a sua pureza, que todo o objecto de ouro, qualquer que seja a sua massa ou quantidade, forma um composto fictivo de 24 partes; cada uma d'estas partes é um *quilate*. O ouro perfeitamente puro chama-se de 24 quilates; aquelle que contém 1/24 de liga ou cobre é de 23 quilates; se se lhe juntam 2/24 de cobre, fica de 22 quilates, etc.; assim dizemos, *ouro* de 22, 23, 24 quilates, etc. Hoje, em França, depois da introducção e vulgarização do systema decimal de pesos e medidas, o titulo não se conta senão por millesimos: 1 quilate equivale a 42 millesimos.

Quando se trata de perolas, diamantes e outras pedras preciosas, o quilate é um peso real; chama-se então *quilate de peso:* pesa 4 grãos ou um pouco mais de 20 centigrammas (rigorosamente 20 centigrammas 275 milligrammas); por isso é que se diz, por exemplo, que o diamante *Estrella do Brasil*, depois de talhado, pesa 125 quilates.

Applicado como peso para o ouro, o quilate toma um valor inteiramente differente, equivalente a 192 grãos.

§ III. Conversão dos pesos e medidas decimaes em pesos e medidas do brazil, e vice-versa. (Desprezadas as fracções.)

Medidas lineares.

Metros reduzidos a varas, palmos, pollegadas, linhas e pontos.

Metros.	Varas.	Palmos.	Pollegadas.	Linhas.	Pontos.
1	0	4	4	4	4
2	1	4	0	8	8
3	2	3	5	0	13
4	3	3	0	17	5
5	4	0	21	9	9
6	5	0	18	2	2
7	6	0	14	6	6
8	7	0	10	10	10
9	8	0	7	3	3
10	9	0	3	7	7
20	18	0	7	3	3
30	27	0	10	10	10
40	36	0	14	6	6
50	45	2	2	0	26
60	54	0	21	9	9
70	63	3	0	17	5
80	72	3	5	0	13
90	81	4	0	8	8
100	90	4	4	0	52
1000	909	0	3	7	7

Varas reduzidas a metros.

Varas.	Metros.	Centimetros.	Varas.	Metros.	Centimetros.
1	1	10	5	5	50
2	2	20	6	6	60
3	3	30	7	7	70
4	4	40	8	8	80

Varas.	Metros.	Centimetros.	Varas.	Metros.	Centimetros.
9	9	90	60	66	00
10	11	00	70	77	00
20	22	00	80	88	00
30	33	00	90	99	00
40	44	00	100	110	00
50	55	00	1000	1100	00

Metros reduzidos a covados, pollegadas, linhas e pontos.

Metros.	Covados.	Pollegadas.	Linhas.	Pontos.
1	1	12	4	4
2	3	0	8	8
3	4	1	5	13
4	6	1	5	5
5	7	13	9	9
6	9	2	2	2
7	10	14	6	6
8	12	2	10	10
9	13	15	3	3
10	15	3	7	7
20	30	7	3	3
30	45	10	10	10
40	60	14	6	6
50	75	18	2	2
60	90	21	9	9
70	106	1	5	5
80	121	5	1	1
90	136	1	8	8
100	151	12	4	4
1000	1515	3	7	7

Covados reduzidos a metros e centimetros.

Covados.	Metros.	Centimetros.	Covados.	Metros.	Centimetros.
1	0	66	20	13	20
2	1	32	30	19	80
3	1	98	40	26	40
4	2	64	50	33	00
5	3	30	60	39	60
6	3	96	70	46	20
7	4	62	80	52	80
8	5	28	90	59	40
9	5	94	100	66	00
10	6	60	1000	660	00

Metros reduzidos a pés, pollegadas, linhas e pontos.

Metros.	Pés.	Pollegadas.	Linhas.	Pontos.
1	3	0	4	4
2	6	0	8	8
3	9	1	1	1
4	12	1	5	5
5	15	1	9	9
6	18	2	2	2
7	21	2	6	6
8	24	2	10	10
9	27	3	3	3
10	30	3	7	7

Metros.	Pés.	Pollegadas.	Linhas.	Pontos.
20	60	7	3	3
30	90	10	10	10
40	121	2	6	6
50	151	6	2	2
60	181	9	9	9
70	212	1	5	5
80	242	5	1	1
90	272	8	8	8
100	303	0	4	4
1000	3030	3	7	7

Pés reduzidos a metros e centimetros.

Pés.	Metros.	Centimetros.	Pés.	Metros.	Centimetros.
1	0	33	20	6	60
2	0	66	30	9	90
3	0	99	40	13	20
4	1	32	50	16	50
5	1	65	60	19	80
6	1	98	70	23	10
7	2	31	80	26	40
8	2	64	90	29	70
9	2	97	100	33	00
10	3	30	1000	330	00

Pollegadas reduzidas a centimetros.

Pollegadas.	Centimetros.	Millimetros.	Pollegadas.	Centimetros.	Millimetros.
1	2	7	18	48	7
2	5	4	19	51	4
3	8	1	20	54	1
4	10	8	30	81	2
5	13	5	40	108	2
6	16	2	50	135	3
7	18	9	60	162	4
8	21	6	70	189	4
9	24	8	80	216	5
10	27	0	90	243	6
11	29	7	100	270	0
12	32	4	200	541	3
13	35	1	300	812	0
14	37	8	400	1082	7
15	40	6	500	1353	4
16	43	3	1000	2706	9
17	46	0			

Braças reduzidas a metros.

Braças.	Metros.	Braças.	Metros.	Braças.	Metros.
1	2,2	8	17,6	60	132,0
2	4,4	9	19,7	70	154,0
3	6,6	10	22,0	80	176,0
4	8,8	20	44,0	90	198,0
5	11,0	30	66,0	100	220,0
6	13,2	40	88,0	1000	2200,0
7	15,4	50	110,0		

Medidas itinerarias.

Kilometros reduzidos a legoas de 18 ao grão.

Kilometros.	Legoas.	Braças.	Kilometros.	Legoas.	Braças.
1	0	455	20	3	675
2	0 1/4	208	30	4 3/4	310
3	0 1/4	662	40	6 1/4	648
4	0 1/2	415	50	8	284
5	0 3/4	169	60	9 1/2	621
6	0 3/4	623	70	11 1/4	257
7	1	376	80	12 3/4	594
8	1 1/4	130	90	14 1/2	230
9	1 1/4	554	100	16	567
10	1 1/2	337	1000	165	67

Legoas de 18 ao grão reduzidas a kilometros.

Legoas.	Kilometros.	Metros.	Legoas.	Kilometros.	Metros.
1	6	172	20	123	440
2	12	344	30	185	160
3	18	516	40	246	880
4	24	688	50	308	600
5	30	860	60	370	320
6	37	32	70	432	40
7	43	204	80	493	760
8	49	376	90	555	480
9	55	548	100	617	200
10	61	720	1000	6172	

Medidas para liquidos.

Litros reduzidos a almudes, canadas e quartilhos.

Litros.	Almudes.	Canadas.	Quartilhos.	Litros.	Almudes.	Canadas.	Quartilhos.
1	0	0	1,5026	20	0	7	2,0520
2	0	0	3,0052	30	0	11	1,6780
3	0	1	0,5078	40	1	3	0,1040
4	0	1	2,0104	50	1	6	3,1300
5	0	1	3,5130	60	1	10	2,1560
6	0	2	1,0156	70	2	2	1,1820
7	0	2	2,5182	80	2	6	0,2080
8	0	3	0,0208	90	2	9	3,2340
9	0	3	1,5234	100	3	1	2,26
10	0	3	3,0260	1000	30	6	2,6

Canadas reduzidas a litros.

Canadas.	Litros.	Millilitros.	Canadas.	Litros.	Millilitros.
1/2	1	331	20	53	240
1	2	662	30	79	860
2	5	324	40	106	480
3	7	986	50	133	100
4	10	648	60	159	720
5	13	310	70	186	340
6	15	972	80	212	960
7	18	634	90	239	580
8	21	296	100	266	200
9	23	958	1000	2662	
10	26	620			

Medidas para seccos.

Litros reduzidos a alqueires, quartas e selamins.

Litros.	Alqueires.	Quartas.	Selamins.	Litros.	Alqueires.	Quartas.	Selamins.
1	0	0	0,441	20	0	2	0,820
2	0	0	0,882	30	0	3	1,230
3	0	0	1,323	40	0	4	1,640
4	0	0	1,764	50	1	1	2,050
5	0	0	2,205	60	1	2	2,460
6	0	0	2,646	70	1	3	2,870
7	0	0	3,087	80	2	0	3,280
8	0	0	3,528	90	2	1	3,690
9	0	0	3,969	100	2	3	0,100
10	0	1	0,410	1000	27	2	1,000

Alqueires reduzidos a litros.

Alqueires.	Kilolitros.	Litros.	Centilitros.	Alqueires.	Kilolitros.	Litros.	Centilitros.
1	0	36	27	20	0	725	40
2	0	72	54	30	1	88	10
3	0	108	81	40	1	450	80
4	0	145	8	50	1	813	50
5	0	181	35	60	2	176	20
6	0	217	62	70	2	538	90
7	0	253	89	80	2	901	60
8	0	290	16	90	3	264	30
9	0	326	43	100	3	627	00
10	0	362	70	1000	36	270	00

Pesos.

Kilogrammas reduzidos á arrobas, libras, onças, oitavas e grãos.

Kilogrammas.	Arrobas.	Libras.	Onças.	Oitavas.	Grãos.
1	0	2	2	6	66
2	0	4	5	5	61
3	0	6	8	4	35
4	0	8	11	3	50
5	0	10	14	2	44
6	0	13	1	1	39
7	0	15	4	0	33
8	0	17	6	7	28
9	0	19	9	6	22
10	0	21	12	5	17
15	1	0	10	7	26
20	1	11	9	2	34
30	2	1	5	7	52
40	2	23	2	4	69
50	3	12	15	2	14
60	4	2	11	7	31
70	4	24	8	4	49
80	5	14	5	1	66
90	6	4	1	7	12
100	6	25	14	4	23
1000	68	3	1	4	2

Arrobas reduzidas a kilogrammas.

Arrobas.	Kilogram.	Grammas.	Decigram.	Arrobas.	Kilogram.	Grammas.	Decigram.
1	14	684	8	16	234	956	8
2	29	369	6	17	249	641	6
3	44	54	4	18	264	326	4
4	58	739	0	19	279	11	2
5	73	424	8	20	293	696	0
6	88	108	2	30	440	544	0
7	102	793	6	40	587	392	0
8	117	478	4	50	734	240	0
9	132	163	2	60	881	88	0
10	146	848	0	70	1027	936	0
11	161	532	8	80	1174	734	0
12	176	217	6	90	1321	632	0
13	190	902	4	100	1468	480	0
14	205	587	2	1000	14684	800	0
15	220	272	0				

Libras reduzidas a kilogrammas.

Libr. de 16 onças.	Kilogrammas.	Grammas.	Libr. de 16 onças.	Kilogrammas.	Grammas.
1	0	459	16	7	344
2	0	918	17	7	803
3	1	377	18	8	262
4	1	836	19	8	721
5	2	295	20	9	180
6	2	754	30	13	770
7	3	213	40	18	360
8	3	672	50	22	950
9	4	131	60	27	540
10	4	590	70	32	130
11	5	49	80	36	720
12	5	508	90	41	310
13	5	967	100	45	900
14	6	426	1000	459	
15	6	885			

Pesos de pharmacia.

Valor exacto dos pesos decimaes em pesos antigos brazileiros.

1 kilogramma ou 1000 grammas é igual a 34 onças, 6 oitavas e 66 grãos.
1 gramma é igual a..... 20,08 —
1 decigramma é igual a..... 2,008 —
1 centigramma é igual a..... 0,2008 —

Valor exacto dos pesos decimaes em pesos antigos francezes, usados em França até ao anno de 1840.

1 kilogramma é igual a..... 32 onças, 5 oitavas e 35 grãos.
1 gramma — ..... 18,43 —
1 decigramma — ..... 1,84 —
1 centigramma — ..... 0,184 —

Estas relações são mui complicadas. Eis-aqui outras menos exactas,

porém mais simples, e que por isso mais facilmente se conservarão na memoria. Foram adoptadas pela Commissão do Codigo pharmaceutico francez, quando se tratou de converter os pesos antigos francezes em pesos decimaes. Esta tabella póde tambem servir para converter approximadamente os pesos antigos brazileiros e portuguezes, em decimaes e *vice-versa*.

Valor approximativo dos pesos decimaes em pesos antigos.

1	kilogram.	equiv. a	32	onças.	1	gramma	equiv. a	18	grãos.
750	grammas	—	24	—	1/2	—	—	9	—
625	—	—	20	—	8	decigram.	—	15	—
500	—	—	16	—	7	—	—	11	—
470	—	—	15	—	5	—	—	9	—
440	—	—	14	—	4	—	—	8	—
400	—	—	13	—	3	—	—	6	—
375	—	—	12	—	2	—	—	4	—
350	—	—	11	—	1	—	—	2	—
320	—	—	10	—	100	centigram.	—	18	—
280	—	—	9	—	50	—	—	9	—
250	—	—	8	—	40	—	—	8	—
220	—	—	7	—	30	—	—	6	—
192	—	—	6	—	25	—	—	5	—
156	—	—	5	—	20	—	—	4	—
125	—	—	4	—	15	—	—	3	—
96	—	—	3	—	10	—	—	2	—
80	—	—	2 1/2	—	5	—	—	1	—
64	—	—	2	—	4	—	—	4/5	—
48	—	—	1 1/2	—	3	—	—	3/5	—
32	—	—	1	—	2 1/2	—	—	1/2	—
24	—	—	6	oitavas.	2	—	—	2/5	—
20	—	—	5	—	1	—	—	1/5	—
16	—	—	4	—	50	milligram.	—	1	—
12	—	—	3	—	38	—	—	3/4	—
10	—	—	2 1/2	—	25	—	—	1/2	—
8	—	—	2	—	15	—	—	1/3	—
6	—	—	1 1/2	—	10	—	—	1/5	—
4	—	—	1	—	6	—	—	1/8	—
2	—	—	36	grãos.	5	—	—	1/10	—
1 1/2	—	—	27	—	1	—	—	1/50	—

Valor exacto dos pesos antigos brazileiros e portuguezes em pesos decimaes.

1	grão ou.....	0,049	gram.
1	escropulo ou 24 grãos.	1,195	—
1/2	oitava ou 36 grãos...	1,792	—
2	escropulos ou 48 grãos	2,390	—
1	oitava ou 72 grãos...	3,585	—
2	oitavas.....	7,170	—
1/2	onça ou 4 oitavas....	14,340	—
1	onça.....	28,687	gram.
4	onças.....	114,748	—
8	onças.....	229,496	—
12	onças.....	344,244	—
16	onças.....	459	—
32	onças.....	918	—

Valor exacto dos pesos antigos francezes em decimaes.

1 grão ou.....	0,053 gram.	1 onça.....	30,59 gram.
1 escropulo ou 24 grãos.	1,272 —	4 onças.....	122,38 —
1/2 oitava ou 36 grãos...	1,908 —	8 onças.....	244,85 —
2 escropulos ou 48 grãos	2,544 —	12 onças.....	367,13 —
1 oitava ou 72 grãos...	3,816 —	16 onças.....	489,51 —
2 oitavas	7,632 —	32 onças.....	979,90 —
1/2 onça ou 4 oitavas....	15,264 —		

Quando no anno de 1840 foi posto em vigor em França o systema decimal, tornou-se necessario converter os pesos das antigas formulas em novos. Os autores do Codigo, que foram os primeiros que fizeram esta conversão, procuráram a relação, não exacta, mas approximada, em numeros redondos, e facilmente divisiveis. Eis-aqui as *relações approximadas*, adoptadas pelo Codigo francez :

1 grão equivale.....	0,05 gram.	1 1/2 onça.....	48,0 gram.
2 grãos.....	0,1 —	2 onças.....	64,0 —
1/2 oitava ou 36 grãos.	2,0 —	3 onças.....	96,0 —
1 oitava ou 72 grãos.	4,0 —	4 onças.....	125,0 —
2 oitavas	8,0 —	8 onças.....	250,0 —
1/2 onça ou 4 oitavas.	16,0 —	16 onças.....	500,0 —
1 onça.....	32,0 —	32 onças.....	1000,0 —

Mas este modo de reducção, com excepção dos dois primeiros pesos e dos quatro ultimos, é um pouco elevado. A avaliação seria mais exacta se se adoptassem as relações seguintes :

1/2 onça ou 4 oitavas..	15 gram.	2 onças	60 gram.
1 onça.....	30 —	3 onças	90 —
1 1/2 onça.....	45 —		

Bouchardat, no seu Formulario, nas formulas tiradas do Codigo, conforma-se com as relações adoptadas n'esta obra legal, porém na conversão dos pesos das formulas tiradas dos autores, reduz a onça a 30 grammas, em logar de 32 grammas, como faz o Codigo. Estas differenças, aliás, são tão pequenas, e tem logar em substancias ordinariamente tão pouco activas, que é indifferente adoptar uma ou outra conversão.

A seguinte tabella indica as *relações approximadas* das fracções de grãos convertidas em milligrammas :

1/2 grão.....	0,025 gram.	1/6 grão.....	0,009 gram.
1/3 grão.....	0,017 —	1/7 grão.....	0,008 —
1/4 grão.....	0,013 —	1/8 grão.....	0,007 —
1/5 grão.....	0,010 —	1/9 grão.....	0,006 —

§ IV. — Quadros mandados publicar pelo governo imperial do brazil, redigidos pelo ex.mo s.r candido baptista de oliveira.

Conversão das medidas metricas nos valores exactos que lhes correspondem no actual systema de pesos e medidas do Brazil, substituido pelo systema metrico francez, nos termos da lei de 26 de junho de 1862.

(*a*, **significa are**; — *g*, **geira**; — *gm*, **gramma**; — *k*, **kilogramma**; — *l*, **litro**; — *m*, **metro**; — *M*, **marco**; — *st*. **stere**; — *v*, **vara**; — = **igual a**).

MULTIPLOS E SUBMULTIPLOS da *unidade*.	SYSTEMA METRICO.	SYSTEMA USUAL.						
		MEDIDAS DE COMPRIMENTO.						
			LEGOA.	MILHA.	BRAÇA.	VARA.	PALMO.	POLLEGADA.
m 10000	Myriametro.....	*v* 9090,909 =	1	2	336	1	2	
m 4000	Legoa *metrica*.....	*v* 3636,3636 =	...	2	134	1	1	6,5
m 1000	Kilometro.....	*v* 909,0909 =	...	...	454	1	0	3,6
m 100	Hectometro.....	*v* 90,909 09 =	...	...	45	0	4	4,36
m 10	Decametro.....	*v* 9,090 909 =	...	...	4	1	0	3,63
Unidade..	METRO.....	$\frac{10}{11}$ VARA = *v* 0,909 090 9 =	...	...	...	...	4	4,36
m $\frac{1}{10}$	Decimetro.....	*v* 0,090 909 =	...	...	...	...	...	3,636
m $\frac{1}{100}$	Centimetro.....	*v* 0,009 0909 =	...	...	...	...	...	0,363
m $\frac{1}{1000}$	Millimetro.....	*v* 0,000 909 =	...	...	...	...	...	0,036
		MEDIDAS AGRARIAS.						
a 100	Hectare.....	v^2 8264,5 =	*g* 5,165					
Unidade..	ARE.....	v^2 82,645 =	0,05165 GEIRA					
a $\frac{1}{100}$	Centiare.....	v^2 0,82645 =	*g* 0,000516					

MULTIPLOS E SUBMULTIPLOS da *unidade.*	SYSTEMA METRICO.	SYSTEMA USUAL.						
		MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS, E SECCOS.						
			ALMUDE.	CANADA.	QUARTILHO.	MOIO.	ALQUEIRE.	QUARTA.
l 1000	Kilolitro.....	v^3 0,75 =	31	3	....	..	27	2
l 100	Hectolitro.....	v^3 0,075 =	3	1	2	..	2	3
l 10	Decalitro.....	v^3 0,0075 =	..	3	3	..	.....	1,1
Unidade..	LITRO.....	v^3 0,00075 =	..	(0,375)	1,5	..	(0,0275)	0,11
l $\frac{1}{10}$	Decilitro.....	v^3 0,000075 =	..	.....	0,15	..	.....	0,011
		MEDIDAS DE SOLIDEZ.						
st 10	Decastere.....	v^3 7,513 =	939,13 *palmos cubicos.*					
Unidade..	ESTERE.....	v^3 0,7513 =	93,913 *palmos cubicos.*					
st $\frac{1}{10}$	Decistere.....	v^3 0,07513 =	9,3913 *palmos cubicos.*					

MULTIPLOS, E SUBMULTIPLOS da *unidade*.	SYSTEMA METRICO.	SYSTEMA USUAL.								
		MEDIDAS DE PESO.								
			TONELADA.	QUINTAL.	ARROBA.	LIBRA.	MARCO.	ONÇA.	OITAVA.	GRÃO.
k 1000	Milheiro ou Tonelada *metrica*....	*M* 4356,8 =	1	3	2	2	0	6	3	14,4
k 100	Quintal *metrico*...	*M* 435,68 =	..	1	2	25	1	5	3	37,44
m. 10000	Myriagramma....	*M* 43,568 =	..	..	..	21	1	4	4	25,34
gm. 1000	Kilogramma.....	*M* 4,3568 =	..	..	..	2	0	2	6	60,13
gm. 100	Hectogramma....	*M* 0,43568 =	..	..	..	..	..	3	2	63,61
gm. 10	Decagramma.....	*M* 0,043568 =	..	..	..	..	..	..	3	56,76
Unidade..	GRAMMA	0,0043568 MARCO =	..	..	..	..	..	..	..	20,076
gm. $\frac{1}{10}$	Decigramma	*M* 0,000 43568 =	..	..	..	..	.	..	..	2,007
gm. $\frac{1}{100}$	Centigramma.....	*M* 0,000 043 568 =	..	..	..	..	..	..	..	0,2
gm. $\frac{1}{1000}$	Milligramma	*M* 0,000 004 356 8 =	..	..	..	..	..	..	..	0,02

OBSERVAÇOES.

1.ª Os symbolos (v, v^2, v^3), escriptos sobre o algarismo que occupa a casa das unidades, nas expressões numericas da tabella, significam que a unidade a que se refere o numero é a *vara linear*, a *vara quadrada*, ou a *vara cubica:* e a mesma significação tem na seguinte tabella os symbolos (m, m^2, m^3) referindo-se á unidade *Metro*.

2.ª Em geometria chama-se *Quadrado* uma área plana terminada por quatro linhas rectas iguaes, e comprehendendo entre si angulos tambem iguaes, que tem o nome de *angulos rectos*, e as quatro rectas o de *lados* do *Quadrado*.

Dá-se o nome de *Cubo* ao volume comprehendido por seis quadrados iguaes entre si, sendo por conseguinte tambem iguaes os lados communs d'esses quadrados, os quaes tomam o nome particular de *arestas* do *Cubo*.

E diz-se, em relação ao *lado*, ou á *aresta* representada pelo Metro, *Metro quadrado*, ou o *Metro cubo;* devendo entender-se por estas expressões, o quadrado, ou o cubo cujos *lados* ou *arestas* são iguaes ao *Metro*.

Conversao das unidades do systema de pesos e medidas do Brazil nos valores que lhes correspondem no systema metrico francez, adoptado pela Lei de 26 de junho de 1862, em substituiçao d'aquelle systema.

MULTIPLOS E SUBMULTIPLOS.	SYSTEMA USUAL	SYSTEMA METRICO.										
		MEDIDAS DE COMPRIMENTO.										
			MYRIAMETRO.	LEGOA METRICA.	KILOMETRO.	HECTOMETRO.	DECAMETRO.	METRO.	DECIMETRO.	CENTIMETRO.	MILLIMETRO.
3 milhas...	Legoa..... (de 20 ao grão).	*m* 5555,55 =	...	1	1	5	5	5	5	5	
841 $\frac{3}{4}$ braças.	Milha.....	*m* 1851,73 =	...	...	1	8	5	1	8	3	
2 varas	Braça.....	*m* 2,2 =	...	...	...	...	...	2	2		
Unidade....	VARA.....	*m* 1,1 METRO =	...	...	...	...	...	1	1		
$\frac{1}{5}$ vara.....	Palmo	*m* 0,22 =	...	...	...	...	...	...	2	2	
$\frac{1}{8}$ palmo....	Pollegada	*m* 0,0275 =	...	...	...	...	...	...	...	2	7,5
		MEDIDAS AGRARIAS.									
(400 braças quadradas)	GEIRA	m^2 1936 =	19,36 ARE								
		MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS.									
			KILOLITRO.	HECTOLITRO.	DECALITRO.	LITRO.	DECILITRO.				
12 canadas.	Almude.....	m^3 0,031 944 =	...	.....	3	1	9,44				
$\left(1\left(\frac{1}{10}\right)^3\right)$	CANADA.....	m^3 0,002 662 =	...	2,662 LITRO =		2	6,62				
canada. .	Quartilho.....	m^3 0,000 665 =	...	.....	.....	...	6,65				

| MULTIPLOS E SUBMULTIPLOS. | SYSTEMA USUAL. | SYSTEMA METRICO. | | |

PESSARIO. Instrumento que se introduz na vagina para manter o utero na sua situação natural, nos casos de prolapso ou de relaxação d'este orgão. Os pessarios são ordinariamente feitos de um tecido de

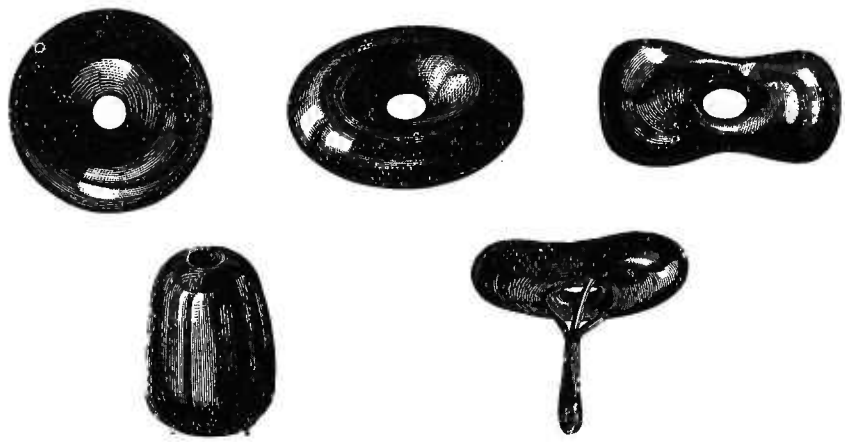


Fig. 733. — Pessarios de gomma, marfim ou buxo.

linho, seda ou lã, cobertos de muitas camadas de oleo seccante; no commercio dá-se-lhes o nome de *pessario de gomma*; fazem-se tambem de marfim amollecido pelos acidos, de esponja e borracha. Sua fórma é muito variada: ha pessarios circulares e deprimidos, com uma abertura no centro para deixar passar o sangue da menstruação; outros são

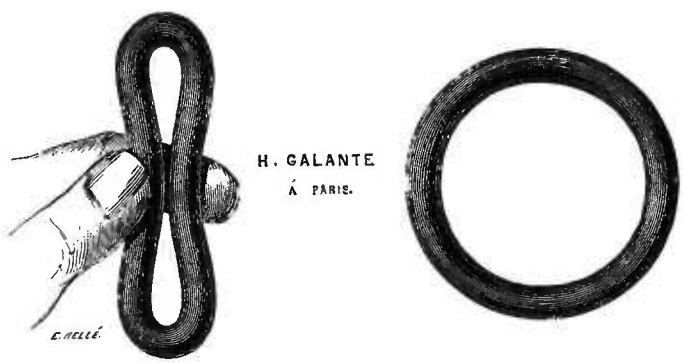


Fig. 734. — Pessario elastico.

ovaes, espherico, cylindricos ou feitos segundo a fórma da vagina (fig. 733).

Eis-qui a maneira de introduzir e extrahir os pessarios. Deita-se a mulher, e a parteira unta o pessario com azeite doce. Apresenta-se o pessario redondo á vulva de modo que uma das suas margens corresponda ao grande eixo d'esta; empurra-se levemente para atravessar o orificio da vagina. Os pessarios ellipticos ou que tem a fórma de um 8, devem ser introduzidos horizontalmente; inclina-se depois para o lado do recto a extremidade que penetra primeiro ao passo que se empurra

levemente a outra debaixo da symphyse do pubis. Quanto aos pessarios cylindricos e os que são munidos de um cabo, procede-se de modo a apresentar primeiro á vagina a parte que deve pousar sobre o utero. Logo que o instrumento se acha no interior da vagina, dá-se-lhe situação conveniente. Sendo elliptico o pessario, o grande diametro deve ser transversal; tendo o pessario duas chanfraduras, como representa uma das figuras, uma deve corresponder ao recto e a outra á bexiga. Todos devem receber na sua abertura, ou concavidade de sua face superior, e collo do utero, porque é para sustentar este orgão que são empregados.

Para extrahir o pessario, a parteira introduz o dedo na abertura do instrumento, abaixa, sendo o pessario redondo, a margem posterior, depois uma das margens lateraes, communicando-lhe em sentido opposto os movimentos que lhe foram successivamente imprimidos para introduzil-o.

Os pessarios redondos são mais facilmente supportados pelas mulheres do que os de outra fórma. A copula e a fecundação não são impossiveis durante a sua demora na vagina. Os pessarios cylindricos incommodam mais e oppõem-se á copula; mas em certos casos não podem ser substituidos por aquelles, por exemplo, quando ha relaxação consideravel da vagina. Os pessarios com cabo devem ter o ponto de apoio sobre uma chapa metallica, na qual se fixa o cabo, ou na extremidade de uma lamina de aço recurvada, presa a uma funda analoga ás que se empregam para as quebraduras.

Além d'estes pessarios, que são simples, ha outros mais complicados. Esta abundancia de instrumentos prova, quanto é difficil remediar o prolapso do utero.

Pessario de Zwanck (fig. 734). Compõe-se de duas chapas de gomma, ovaes, furadas no centro, reunidas por meio de charneira. Duas hastes metallicas, adaptadas ás chapas perto da charneira, são dispostas de modo que, estando afastadas uma da outra, as duas chapas afastam-se. As chapas approximam-se ou afastam-se por meio de jogo da porca de parafuso. Introduz-se na vagina o instrumento fechado (fig. 734, *a*), e depois de introduzido abre-se como representa a (fig. 734, *b*). — Este pessario vende-se em Pariz, em casa de Collin, fabricante de instrumentos de cirurgia, *rua de l'École de médecine*, 6. Custa 7 francos.

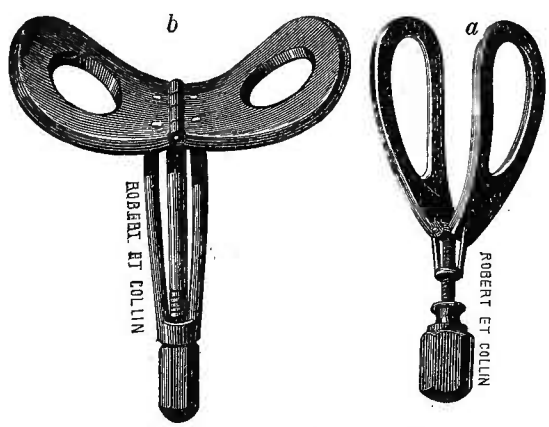


Fig. 734. — Pessario de Zwank.

Pessario de Gariel (fig. 735). Compõe-se de um sacco de cautchuc vulcanizado (fig. 735, *a*), guarnecido de um tubo com torneira, que se

enche de ar por meio de uma pera de gomma elastica, que se adapta ao tubo (fig. 735, *b*) Introduz-se o sacco no interior da vagina enrolado como um charuto, e depois de introduzido, enche-se de ar por meio da pera de gomma elastica. O sacco torna-se globoso, exerce a pressão em todas as direcções, e mantem o utero levantado. O pessario de Gariel vende-se em casa de Galante, fabricante de instrumentos de cirurgia, em Pariz, *rua de l'École de Médecine*, 2. O seu preço é de 10 francos.

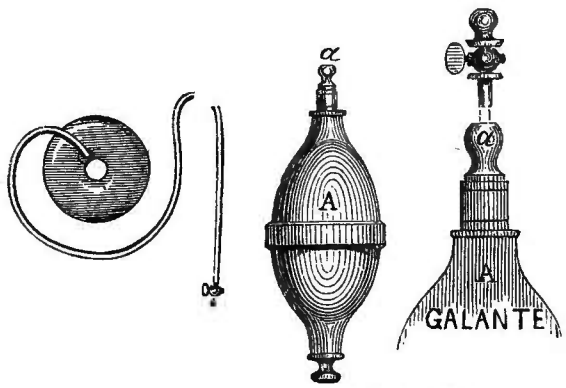


Fig. 735 (*a*). Fig. 735 (*b*).

Pessario de Gariel.

Os pessarios que devem preferir-se são os que mantem o utero sem produzir dôres. A mulher deve acostumar-se a supportar o incommodo que estes instrumentos occasionam no começo. Em algumas semanas, com o habito desapparece o incommodo; flores brancas mais ou menos abundantes apparecem só no maior numero de casos. Todos os pessarios exigem cuidados de asseio assiduos : convem tiral-os com intervallos approximados para limpal-os. Devem fazer-se na vagina seringatorios com agua morna ou fria, ou com infusão de rosas rubras. Favorecer-se-ha a acção dos pessarios com banhos de rio ou do mar.

PESTANAS. São pequenos cabellos, compridos e rijos, que se acham na margem das palpebras. Servem para diminuir a intensidade de uma luz mui viva, e impedir que entrem nos olhos os insectos e argueiros que voam no ar.

As pestanas podem ser viradas para dentro e irritar os olhos : esta molestia chama-se *entropion*. *Veja-se* esta palavra, vol. II, pag. 597.

As pestanas podem cahir por causa de pequenas ulcerações que se desenvolvem na margem das palpebras. Tratei d'este assumpto no artigo PALPEBRA.

PESTANEJAR. Movimento involuntario pelo qual as palpebras se fecham e abrem continuadamente e com rapidez. Ás vezes é só uma successão rapida dos tremores incommodos do musculo orbicular das palpebras.

Tratamento. Untar á noite as palpebras com a pomada seguinte :

Banha.....	15 grammas.
Extracto de belladona.....	1 gramma.

ou com esta :

Banha.....	15 grammas.
Extracto de opio.....	1 gramma.

PESTE. Dava-se outr'ora este nome a todas as molestias epidemicas

que faziam grandes estragos; mas hoje applica-se exclusivamente a uma febre grave do Egypto e de outras partes do Oriente, caracterizada, entre outros symptomas, por bubões, gangrenas e que é frequentemente contagiosa. Não ha molestia que tenha derramado pelo globo tantos desastres e espanto como a peste do Oriente. Muitas vezes tem assolado todo o antigo mundo : no sexto, nono e decimo-quarto seculo a peste devastou todos os paizes conhecidos, cobrio o globo de luto ; nunca a especie humana experimentou tão grande calamidade; e estão ainda vivas em França, e isso ha mais de um seculo, as tristes lembranças de sua ultima apparição em Marselha. Mas esta terrivel molestia existe sempre; é das regiões do Levante, que ella afflige parcialmente todos os annos, não cessa de ameaçar o mundo inteiro.

Symptomas. A invasão da peste é ás vezes subita; outras vezes é precedida de alguns symptomas precursores, taes como nauseas, vertigens, dôres nas pernas. Caracteriza-se logo pelos symptomas seguintes : dôr no ventre, vomitos biliosos, verdes, negros, e ás vezes sanguinolentos, diarrhea da mesma natureza e mui fetida, perda de appetite, sêde excessiva, lingua secca, *suores e halito fetidos*, pulso frequente, urinas ás vezes sanguinolentas, agitação extrema, delirio, convulsões, escurecimento da vista; emfim, nodoas negras ou vermelhas por todo o corpo, bubões nas virilhas, nos sovacos, no pescoço ou no rosto, que passam frequentemente ao estado de gangrena. Nem sempre se observam todos estes symptomas reunidos no mesmo doente; conforme as estações, os temperamentos e as idades, a peste apresenta variedades prodigiosas, mas o seu fundo é commum.

O *prognostico* da peste é grave. Commummente os seus progressos são rapidos; o maior perigo é desde o primeiro até ao terceiro e quinto dia; chegada ao setimo, augmentam as probabilidades da cura.

Causa da peste. A antiguidade não nos deixou descripção alguma que prove que a peste do Oriente houvesse existido antes do meiado do sexto seculo; a epidemia de que se falla sob o nome vago de peste em muitos logares dos escriptos profanos e sagrados, é de natureza differente. A peste tem tomado e conservado os caracteres de uma molestia contagiosa ; mas o elemento transmissivel desapparece com o tempo, e a peste extinguir-se-hia para sempre se não existisse um logar onde o seu principio se renova : este logar é hoje, como d'antes, o Egypto, e mais nenhum outro paiz. O apparecimento da peste do Oriente no mundo coincidio com a cessação dos embalsamentos no Egypto; foi occasionada, como é ainda, por uma incrivel negligencia das sepulturas; nenhuma outra mudança das condições physicas do paiz e da hygiene geral dos habitantes póde explicar a geração da peste. A putrefacção animal, e particularmente a dos cadaveres humanos, póde produzir em todos os paizes epidemias que tem analogia com a peste : se esta causa não produz a verdadeira peste, isto é, a do Egypto, procede isso de ser o Egypto differente de todos os paizes conhecidos. Lá sómente se póde ver um longo e largo valle inundado todos os annos pelo rio Nilo, penetrado de todos os raios abrazadores do sol, cheio de materias animaes que apodrecem

em covas sepulcracs mal fechadas ou ao ar livre. Tal é a opinião dos medicos enviados em 1828 pelo governo francez ao Egypto para observar a peste. Estes sabios julgam que as causas d'esta molestia são determinadas e destructiveis. Seria preciso eliminar as materias putrefactas, e, por um systema bem organizado de sepulturas, impedir que os mortos elaborem para os vivos um veneno dos mais subtis.

Tratamento. As bebidas acidulas, frias, gazosas, a agua com vinho, o cozimento de quina, o caldo e o leite devem ser de uso quotidiano contra a peste. Aproveita no começo um vomitorio de tartaro emetico. O vinho de quina, a camphora, o ether sulfurico, e o almiscar constituem a base do tratamento. Cataplasmas de linhaça sobre os bubões. Curar os bubões abertos com vinho aromatico, agua phenica, pós de quina. Espalhar agua de Labarraque no quarto do doente. Quanto aos meios preservativos da peste, *veja-se* CONTAGIO.

PETECHIAS. Manchas rubras ou purpureas, semelhantes a mordeduras de pulgas, que se manifestam na pelle durante o curso das molestias agudas graves.

PETROLEO. (De *petra*, pedra; *oleum*, oleo.) Oleo mineral liquido assim chamado porque mana das fendas dos rochedos. D'elle existem fontes nas diversas partes do mundo, na America do Norte, na California, na India, Italia, França. Quanto mais elevado é o logar d'onde mana o petroleo, tanto mais leve e branco é este; entretanto que o que se tira do pé de uma montanha é roxo, vermelho ou preto; emfim se se cava a terra mais baixo, encontra-se frequentemente asphalto, carvão de pedra, e ás vezes enxofre e succino. O petroleo é naphta contendo asphalto; é um liquido unctuoso, quasí opaco, de côr roxa avermelhada ou denegrida, de cheiro forte e mui tenaz, mais leve do que a agua. Torna-se incolor pela distillação e é semelhante então á naphta. O petroleo purificado emprega-se para luzes. Em medicina foi aconselhado contra as affecções do peito e a diarrhea, na dóse de 5 a 20 gottas, em vinho ou xarope de flores de laranjeira; mas é pouco usado.

PEZ. O *pez negro* é um producto do pinho, que se obtem queimando os filtros de palha que serviram para a purificação de terebinthina, assim como as lascas do tronco do pinheiro provenientes dos entalhos feitos na arvore. É uma substancia preta, lisa, quebradiça quando fria, amollece pelo calor da mão, e torna-se muito pegajosa; é empregada nas artes.

Pez amarello, PEZ BRANCO, PEZ DE BORGONHA. É uma resina semi-solida, obtida por incisões feitas no tronco do pinheiro, *Pinus abies*, L. Corre ao longo do tronco, secca ao ar, e toma em algumas partes a côr de borra de vinho. Tem um cheiro particular, quasi balsamico, sabor doce, cheiroso, não amargo. O *emplasto de pez*, que se applica nas dôres rheumaticas e outras, prepara-se com 1 parte de cera amarella e 3 partes de pez branco, derretidas e coadas por um panno.

Pez resina ou RESINA AMARELLA. Residuo da distillação da terebinthina para a extracção das essencias. Entra na composição dos emplastos.

PFEFFERS. Suissa. Aguas alcalinas quentes. 35°. Sabor e cheiro nullo. Contém, por litro, 25 centigrammas de saes alcalinos calcareos. Empregam-se em bebida e banhos, em muitas molestias nervosas, taes como e hysterismo, tico doloroso da face, chorea, contracções espasmodicas, dôres uterinas, gastralgias, assim como na ataxia locomotriz, atrophia muscular, catarrho vesical.

Itinerario : Estrado de ferro de Pariz a Ragatz : 22 horas e 20 minutos; carro de Ragatz a Pfeffers, 45 minutos.

PHAGEDENISMO. Complicação de certas feridas que consiste em um augmento continuo da ulceração, seja em largura ou em profundidade, lastramento este rebelde a todos os remedios e que pode continuar sua marcha por muito tempo. Este accidente se liga a muitas molestias, entre as quaes citaremos as ulcerações escrofulosas, o lupo, as ulceras dos paizes quentes, as ulceras das pernas, os cancros e epitheliomas que attingem a pelle. Muito mais frequente é o phagedenismo nas molestias venereas; assaz raro no cancro endurecido da syphilis, é relativamente commum no correr dos accidentes terciarios da gonorrhea e nos individuos acommettidos de cancro molle e de bubão suppurado. Qualquer que seja a origem da molestia, a ulceração adquire, em certos casos, immensas dimensões, estragando um membro inteiro e até mesmo uma parte do tronco; pondo a descoberto os ossos que cahem necrosados. Quando esta molestia ataca o rosto, pode fazer cahir o nariz, os beiços, e as fossas nasaes, o doente então causa horror. Os vasos despidos de bainhas se ulceram, abrem-se e occasionam a morte por hemorrhagia. O phagedenismo dura semanas e até annos, e a morte sobrevem por enfraquecimento progressivo. Quando o doente chega a se curar, fica cheio de cicatrizes viciosas, disformes ou imcompativeis com a existencia. Causado pelo máo estado geral, pelo alcoolismo, a idade, a prenhez, os excessos venereos, resiste aos mais energicos tratamentos. Quando o phagedenismo é syphilitico, emprega-se o mercurio ou o iodureto de potassio e curativos appropriados. Se persistir a ulceração cauteriza-se com ferro em braza. Quando é proveniente de cancro, a molestia é incuravel.

PHALANGES. Pequenos ossos longos que concorrem para formar os dedos da mão e do pé. Ha quatorze em cada mão e outros tantos em cada pé. O pollegar tem duas phalanges, assim como o dedo grande do pé; os outros dedos tres, chamadas a *primeira phalange*, a *segunda phalange*, e, a terceira, *phalangeta*, que traz a unha.

PHARYNGE (fig. 736 e 737). Grande cavidade situada por detraz do véo palatino e da base da lingua e na qual passam os alimentos e tambem o ar que vai aos pulmões. Limitada do lado detraz por uma parede resistente que corresponde com a columna vertebral e que se vê facilmente abrindo-se muito a bocca, a pharynge apresenta na frente dois orificios, um superior que communica com as fossas nasaes e um inferior, o da bocca. Por baixo tambem tem duas aberturas, uma anterior, a da larynge fechada pela epiglotta; uma posterior, a do esophago. Quando os alimentos chegam á pharynge os musculos que o compõe,

impellem-n'os para o esophago, emquanto que a epiglotte protège a entrada das vias respiratorias, abaixando-se sobre a larynge como se fosse uma valvula. Durante a respiração, ao contrario, a larynge fica muito

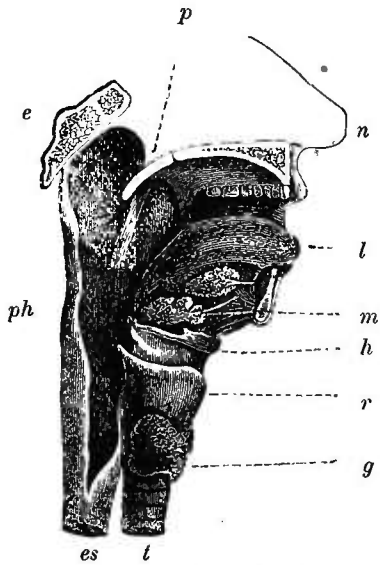


Fig. 736. — Córte vertical da bocca e da pharynge, vistas de perfil (*).

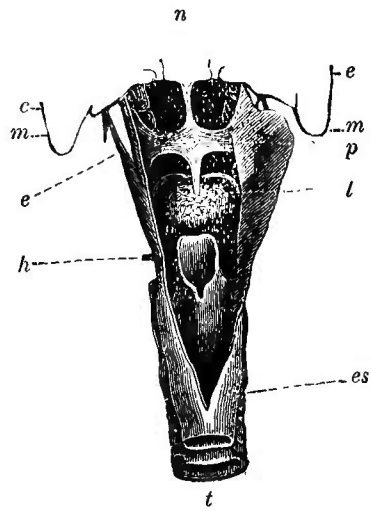


Fig. 737. — Pharynge, larynge, etc., vistas por detraz (**).

aberta e o ar passa, sem encontrar obstaculo, do pulmão para as fossas nasaes e vice-versa.

PHARYNGITE. Inflammação da pharynge. Chamam-lhe tambem *angina pharyngea*. *Veja-se* ANGINA.

PHELLANDRIO AQUATICO, FUNCHO D'AGUA OU CICUTARIA DOS PAÚES. *Phellandrium aquaticum*, Linneo. Umbelliferas (fig. 738). Planta europea, que vegeta com a raiz na agua; em Portugal encontra-se frequentemente na margem do Tejo. Caule de 60 centimetros a 1 metro de alto, fistuloso, articulado; folhas mui divididas; flores brancas, mui pequenas, dispostas em umbellas de 10 a 12 raios; fructos ovoides-alongados, estriados, glabros, algum tanto luzentes e avermelhados, forma-

(*) *n*, nariz; *l*, lingua : *m*, porção de osso maxillar inferior; atraz d'ella vê-se a glandula sub-lingual, e mais abaixo a glandula sub maxillar, que fornecem a saliva; *h*, osso hyoide, ao qual está suspenso a larynge *r*, que se continua inferiormente com a traca-arteria *t* : por diante da larynge está a glandula tyroide *g*; *e*, porção da base do craneo que forma a parede superior da pharynge : *p*, parte posterior do céo da bocca, por cima do qual se acha a abertura posterior das fossas nasaes; *ph*, parte posterior da pharynge; *es*, extremidade inferior da pharynge que se continua com o esophago.

(**) *c*, *c*, a base de craneo; *m*, *m*, apophyses mastoideas : *n*, septo vertical que separa as duas fossas nasaes : *p*, o véo do paladar, que faz a continuação do céo da bocca e do qual desce o prolongamento chamado *a campainha da garganta*; *l*, a base da lingua, por cima da qual se vê, de cada lado da campainha, a cavidade da bocca; *e*, um dos musculos que eleva a pharynge, *h*, extremidade esquerda do osso hyoide, occulta, do outro lado, pela parte posterior da pharynge, que se acha repellida para fóra : na pharynge, na mesma altura, está a abertura da larynge, por cima da qual fica a epiglotte, que se acha applicada contra a base da lingua; *es*, principio do esophago, por diante do qual desce a traca-arteria *t*.

dos de 2 carpellas soldadas. Cada carpella isolada é recta, composta de um pericarpo solido e branco interiormente, e de uma amendoa roxa anegrada. O fructo todo tem cheiro bastante forte que se desenvolve ainda mais pela pulverização; o sabor é aromatico. — Os fructos, impropriamente chamados *sementes*, empregam-se em medicina como calmantes. De alguns annos a esta parte são muito empregados pelos medicos portuguezes, em infusão ou xarope, na bronchite, pneumonia, asthma, tisica. Mas seu uso exige alguma attenção, porque em dóse demasiado forte occasiona vertigens e anxiedade. A infusão deve preparar-se com 4 grammas de fructos de phellandrio e 180 grammas d'agua fervendo; e esta porção, adoçada com assucar, é para um dia. *Xarope*, na dóse de 30 a 60 grammas por dia.

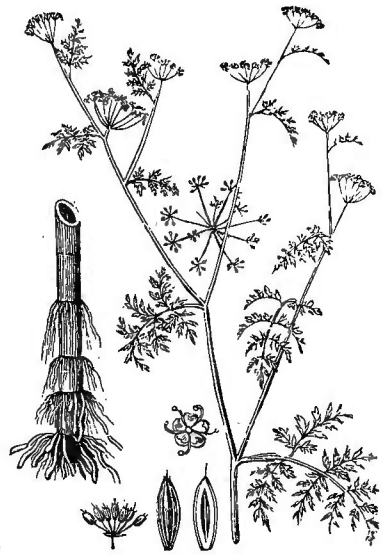


Fig. 738. — Phellandrio aquatico.

PHENICO (Acido). No commercio encontram-se productos phenicos de composição mui variavel, encerrando muitas impurezas que causam ás vezes accidentes terriveis. A causa tambem do máo exito d'este producto provem quasi sempre de sua má composição.

A therapeutica, que recorre a este medicamento para combater as molestias contagiosas, precisa dispôr de preparações feitas com o acido phenico puro e de composição invariavel para poder lutar contra os organismos inferiores que atacam os globulos sanguineos.

Os diversos productos phenicados do D^{or} Déclat attingem perfeitamente o alvo desejado. Eis a nomenclatura d'elles :

1.° *Glyco-phenico*. 10 p. 100 de acido. Para uso externo : Banhos, gargarejos, conservação dos dentes, curativos de feridas, de queimaduras, de frieiras, de ulceras, molestias uterinas, da pelle, fumigações anti-epidemicas, comichões, picadas de insectos venenosos. Para o toucador e em injecções de asseio.

2.° *Xarope de acido phenico*. Contra as molestias das mucosas, tosses de qualquer natureza, molestias da garganta, dos intestinos, da bexiga, dyspepsias, diarrhea.

3.° *Xarope sulfo-phenico*. Poderoso depurativo, contra os catarrhos, a tosse chronica, a gosma, as molestias da pelle e o rheumatismo chronico.

4.° *Xarope sodo-phenico*. Emprega-se o no lymphatismo, na tisica, na tuberculose, nas glandulas, escrofulas, tumores, ulcerações, cachexia e syphilis.

5.° *Xarope de phenato de ammoniaco*. Febres em geral, qualquer que seja a causa, bronchites, pneumonia, peritonite, asthma, grippe, crup, escarlatina, febres biliosas, febre typhoide, variola, cholera e febre amarella.

6.° *Xarope contra a coqueluche.* Este xarope cura a coqueluche em 12 a 15 dias, e alivia logo os doentes.

7.' *Pheno-ferro, assucarado e não assucarado.* Anemia, chlorose, debilidade, fastio, dilatação do estomago.

8.° *Oleo de figado de bacalhao phenicado.* Molestias do peito e debilidade.

9.' *Solução concentrada especial* contra a febre amarella, o cholera, a insolação e a febre biliosa dos paizes quentes.

10.° *Vinho antidiabetico* contra o diabetes e o rheumatismo.

11.' *Soluções sem assucar* de acido phenico, sulfo-phenico, iodo-phenico e phenato de ammoniaco, contra o diabetes.

12.° *Injecções sub-cutaneas* de acido phenico, iodo-phenico, sulfo-phenico, phenato de ammoniaco e de oleo phenicado a 10 p. 100.

Todos estes productos são preparados nos laboratorios pharmaceuticos de Chassaing e C^{ia} á avenue Victoria n° 6 em Pariz.

PHENOL. O phenol é um producto que se obtem pela combinação do acido phenico e da soda com a qual forma um sal, a que chamam *phenato de soda.* Esta descoberta cabe ao sñr Bobœuf, chimico distincto, pelo que obteve elle o premio Monthyon, conferido pela Academia das sciencias de Pariz, em 1861. Na realidade, este sal é o acido phenico debaixo de uma forma especial sempre identica em sua composição e em seus effeitos. É completamente inoffensivo, possuindo todas as vantagens physiologicas e therapeuticas do acido phenico sem ter os inconvenientes d'este acido, sendo-lhe, por conseguinte, mais preferivel.

As indicações e o valor therapeutico do phenol Bobœuf ficaram assentados desde 1863 depois das muitas experiencias feitas em diversos hospitaes de Pariz, sobretudo no hospital do Val-de-Grace, o que lhe valeo um relatorio especial feito pelo doutor Laveran e dirigido ao ministro da guerra. O phenol foi experimentado como hemostatico, topico desinfectante e como antiputrido em injecções arteriaes para a conservação dos cadaveres.

Como hemostatico o phenol deo sempre muito bons resultados em hemorrhagias consecutivas das picadas de sanguesugas, em hemorrhagias provenientes de ulceração phagedenica, e em hemorrhagias repetidas causadas pela ulceração de cancros encephaloides, em condições taes que parece actuar tão bem como o perchlorureto e o sulfato de ferro.

Como topico desinfectante, o phenol se emprega diluido em agua na proporção de 1/4 a 1/20 no curativo das ulceras. Puro, applica-se com vantagem nas picadas dos insectos, e, depois da cauterização, nas mordeduras das cobras venenosas e dos cães damnados.

Como meio de conservação dos cadaveres o phenol Bobœuf tem dado excellentes resultados, actua n'estes casos do mesmo modo que o biborato de ammoniaco.

Emfim, o phenol Bobœuf, como hemostatico é tão efficaz como os persaes de ferro, como agente conservador, actua como o biborato de ammoniaco; como desinfectante tem a vantagem de não irritar a super-

ficie ferida, como acontece com os desinfectantes mais energicos : o chloro, o iodo e seus compostos. É um excellente topico contra as queimaduras, as picadas de insectos, as mordeduras de animaes, as contusões, etc.; e por sua acção levemente adstringente, faz cessar a irritação e calma rapidamente as dôres.

Espalhado na atmosphera por meio do vaporisador Bobœuf (*Veja* VAPORISADOR) ou empregado internamente em poção é um agente preservativo de grande valor, contra o typho, a febre typhoide, febre amarella, as bexigas, a dysenteria, o cholera, e em todas as molestias epidemicas.

É indispensavel para sanear as casas, os quartos dos doentes, as fabricas, etc., e sobretudo para desinfectar as feridas de máo caracter.

O phenol Bobœuf tambem se emprega : Em lavatorios misturado com agua nas molestias cutaneas, na pityriase, na acne, na sarna.

As pinceladas na garganta com phenol Bobœuf puro aproveitam na angina diphtherica. Nas aphtas e nos sapinhos das crianças é util tocal-os com um pincel molhado em phenol diluido com agua.

Algodão molhado no phenol puro, e introduzido na cavidade do dente, acalma a ondontalgia. Na gengivite chronica, na inchação das gengivas, convem esfregar as gengivas com panno molhado no phenol diluido com agua.

Os laboratorios do phenol Bobœuf tambem preparam os seguintes productos tendo sempre por base o phenol Bobœuf.

Phenol Bobœuf perfumado. Phenol aromatizado com perfume agradavel, especialmente preparado para a hygiene da toilette e para banhos. Antiepidemico e antiseptico, este phenol deve ser empregado por todas as pessoas que observam rigorosamente as leis da hygiene. O seu emprego é indispensavel quando grassa qualquer epidemia.

Dentifricio com phenol Bobœuf. Em razão de suas propriedades hygienicas, tonicas e antisepticas, este dentifricio é de um valor incontestavel; por sua acção adstringente endurece as gengivas e impede que os dentes se descarnem e se cariem; purifica o halito e deixa na bocca um sabor fresco e um cheiro agradavel. Empregado todos os dias, o dentifricio Bobœuf supprime as nevralgias dentarias, preserva das dôres de garganta, do escorbuto e outras affecções da bocca.

Agua para toucador com phenol Bobœuf. Esta agua, de cheiro muito agradavel, se recommenda para a lavagem quotidiana do rosto e das mãos; mistura-se com a agua commum para prevenir ou fazer desapparecer as espinhas, empigens, vermelhidões, inflammações, comichões e outras affecções da epiderme. Em pulverizações ella sanea e purifica o ar, o seu emprego é muito recommendado quando grassa qualquer epidemia.

Aspirador Bobœuf. É um pequeno apparelho tendo a forma de piteira com o qual se pode inhalar ou aspirar a cada instante e em qualquer logar, os vapores que exhala o phenol Bobœuf.

É um meio commodo de se preservar das molestias epidemicas. O aspirador Bobœuf se vende em uma caixinha contendo tambem um pe-

queno vidro de phenol Bobœuf o que facilita bastante o seu emprego.

Vaporisador-inhalador Bobœuf (*Veja-se* VAPORISADOR). É um apparelho muito commodo para espalhar na atmosphera em forma de vapor o agente antiseptico, o antimicrobio por excellencia, o *phenol Bobœuf*, ou qualquer outro perfume que se queira vaporisar.

Sabão de phenol Bobœuf. O emprego d'este sabão é de grande utilidade sobretudo nas temperaturas calidas; é um producto hygienico, antiseptico e antiepidemico que faz desapparecer as manchas da pelle e evita essas doenças da pelle que são tão incommodativas, como sejam as comichões, as vermelhidões, as inflammações e todas as affecções da epiderme. Este sabão tem a superioridade sobre qualquer outro sabão porque preserva do contagio das molestias epidemicas.

Todos estes productos têm a sua utilidade incontestavel quando são verdadeiros, é bom, pois, que haja toda a precaução em não empregar productos falsificados que são vendidos muito baratos e que de phenol só tem o nome; deve-se servir exclusivamente do phenol Bobœuf, isto é, do proprio producto do inventor preparado, depois do seu fallecimento, com os mesmos processos pelos successores de Bobœuf cujos laboratorios á rua do Faubourg Poissonnière n° 61, em Pariz, foram transferidos para esta rua da rua Coq Heron n° 7.

PHIMOSIS. Vicio de conformação ou molestia do membro viril, na qual o prepucio está tão apertado que não póde recuar e descobrir a glande. Póde ser *natural*, ou *accidental.*

Phimosis natural ou de **nascença.** Este vicio de conformação não é sempre o mesmo. Ás vezes só ha estreitamento da abertura do prepucio. Outras vezes, com o estreitamento do prepucio, ha prolongamento mais ou menos pronunciado d'esta dupla membrana. O prepucio alonga-se ás vezes sob a fórma de canal; parece ser uma continuação da urethra. A abertura do prepucio é em alguns casos muito estreita; então a ourina fica em parte retida na sua cavidade, e é preciso, para evacual-a inteiramente, comprimir o tumor que ella formou. Ás vezes o prepucio está inteiramente tapado. A accumulação da ourina forma então um tumor que póde tornar-se consideravel; ás vezes este tumor é transparente. Da obliteração completa do prepucio ao phimosis que permitte que se descubra uma parte da glande, ha muitos gráos.

O phimosis apresenta inconvenientes que justificam as operações que tem sido praticadas em todos os tempos para corrigir esta deformidade. Os inconvenientes são : 1.° Um estreitamento da abertura do prepucio tem por consequencia a formação de uma cavidade na qual podem accumular-se os humores irritaveis, os humores contagiosos; porque a lavagem é então mais difficil, e nunca completa. E por isso a inflammação da glande ou a balanite, e os cancros syphiliticos são mais frequentes nos individuos affectados do phimosis. 2.° Sendo a abertura do prepucio muito estreita, existindo apenas, ou faltando, póde haver retenção mais ou menos completa da ourina. 3.° A glande estando coberta é mais sensivel; a secreção do prepucio demorando-se sobre a glande, excita esta e irrita-a; d'onde resultam comichões, excitações

que provocam a masturbação. 4.° Durante as relações conjugaes o prepucio póde rasgar-se; e d'ahi podem resultar inflammações mais ou menos intensas.

Tratamento. Se o phimosis não fôr mui pronunciado, se a abertura do prepucio deixar em parte descobrir a glande, e se a deformidade não apresentar algum dos inconvenientes que deixei indicados, será necessario limitar-se aos cuidados de asseio, ás injecções d'agua tepida ou d'agua com sabão, entre o prepucio e a glande, para impedir a accumulação da materia sebacea que, no estado natural, se forma á roda da glande. Mas se o phimosis produzir accidentes, cumpre fazer desapparecer este vicio de conformação por meio da operação. Consiste esta, quer na ablação de um annel circular comprehendendo toda a ponta do prepucio, quer em muitas outras variedades d'esta operação. As mais das vezes procede-se á operação do phimosis da maneira seguinte :

Marca-se sobre a pelle do prepucio, com tinta de escrever, uma linha na direcção da coroa da glande, agarra-se com pinça toda a porção do prepucio que se acha por diante d'esta linha, em quanto um ajudante puxa para traz pela bainha do membro viril; depois com forte tesoura, ou com bisturí, corta-se o prepucio parallelamente á pinça. Immediatamente depois da operação, os tegumentos, que não são reunidos aos tecidos subjacentes senão por um tecido cellular extremamente laxo, são levados para a parte da raiz do membro viril; apparece um largo intervallo entre a secção da membrana mucosa e a dos tegumentos. Póde obter-se mui rapida cura reunindo as duas margens da ferida mediante uma sutura. Deve haver sempre a precaução de marcar com tinta de escrever os limites dos tegumentos que tem de cortar-se, para não cortar mais do que seja preciso; porque a pelle que cobre o membro viril é dotada de grande mobilidade, como já deixei dito.

Phimosis accidental. É determinado por cancros syphiliticos vivamente inflammados, ou por uma gonorrhea muito intensa. Não se observa senão nos individuos que já tem naturalmente o prepucio mais ou menos estreito e exuberante.

O *tratamento* consiste em atacar a affecção que é a causa do phimosis : isto é, combater os cancros syphiliticos pelas preparações mercuriaes tomadas internamente, e a gonorrhea pela copahiba. Cumpre tambem fazer injecções entre o prepucio e a glande com decocção de linhaça, e banhar frequentemente o membro doente. Não se deve praticar a operação do phimosis em quanto os cavallos, que se acham no prepucio e na glande, não estiverem cicatrizados, porque o contacto do pus syphilitico, com os labios da ferida recente, produziria novos cavallos que poriam obstaculo á cicatrização.

PHLEBITE. Inflammação da veia, caracterizada pelo cordão duro, vermelho, doloroso, sensivel á pressão, que segue exactamente o trajecto da veia inflammada; dôr de cabeça, calefrios, febre, abcessos, vomitos, delirio.

Causas. D'entre as principaes veias do corpo, nenhuma ha que não possa inflammar-se. Raras vezes a phlebite é espontanea; de ordinario

sobrevem sob influencias de causas mecanicas. A phlebite dos membros, que é a mais frequente, é quasi sempre produzida por qualquer violencia externa, como uma contusão, uma rasgadura da veia, ou uma picada com instrumento sujo, enferrujado, ou impregnado de materia animal putrida. Frequentemente tambem a inflammação de veia da curva do braço resulta da sangria, quando esta foi praticada com lanceta em máo estado, ou quando os doentes se serviram do braço antes da cicatrização completa da veia, ou ainda quando a ferida foi irritada pelo contacto de algum corpo estranho. As picadas anatomicas, ou a immersão de uma parte denudada, esfolada, n'um liquido putrido, como a agua das macerações anatomicas ou os derramamentos purulentos, são causas muito activas da phlebite, e que cada anno fazem victimas entre os medicos ou estudantes de medicina nos differentes paizes. A phlebite, emfim, é o accidente mais temivel depois de todas as grandes operações, e em particular depois das amputações e outras grandes soluções de continuidade. A inflammação das veias uterinas, que ataca algumas mulheres depois do parto, deve ser considerada como a inflammação causada por uma ferida. Com effeito, depois da expulsão das pareas as veias ficam durante algum tempo abertas no fundo do utero, e frequentemente são penetradas pelas materias putridas, que existem na cavidade uterina.

Symptomas. Distinguem-se os symptomas da phlebite em *locaes* e em *geraes.* Na veia inflammada existe uma dôr mais ou menos viva. Sendo o vaso superficial, sente-se um cordão duro, doloroso, desigual, vermelho; quando situado mais profundamente, percebe-se só uma resistencia, uma tensão dolorosa, que segue exactamente o trajecto conhecido da veia. A parte enferma move-se difficilmente, e por pouco que a veia affectada seja volumosa, ou a alteração occupe certa extensão, sobrevem um inchaço mais ou menos consideravel e proporcionado á difficuldade que existe na circulação. Emfim, a estes symptomas locaes, junta-se dôr de cabeça, fastio, sêde e febre. A inflammação póde ficar limitada ás partes primitivamente invadidas; porém as mais das vezes, propaga-se a novos pontos, seguindo a direcção da circulação venosa. Passados alguns dias, quando o sangue ficou alterado pela mistura com o pus, apparecem novos symptomas qne caracterizam o segundo periodo da molestia, chamado periodo de *infecção.*

O primeiro phenomeno que fixa a attenção, porque indica provavelmente a penetração do pus no sangue, é um calefrio com o bater dos dentes, tão violento como n'um accesso de febre intermittente. Alguns doentes experimentam só calefrios leves ou uma sensação de frio geral ou parcial mui fugace. Estes calefrios são de ordinario irregulares, mas ás vezes voltam periodicamente todos os dias ou duas vezes por dia. Succede-lhes um calor vivo e secco, que algumas vezes é seguido de suores abundantes. O pulso, que bate em geral mais de 100 vezes por minuto, é fraco. O doente, cujo rosto se alterou subitamente, torna-se inquieto e agitado; apresenta uma perturbação passageira nas ideias, e depois um delirio contínuo. O rosto torna-se amarellado, a lingua secca, o ventre inchado, as forças diminuem como nas febres graves. Appare-

cem de ordinario abcessos em differentes partes do corpo, no tecido cellular ou na espessura dos musculos. Quando a molestia deve ter um exito feliz, os accidentes locaes e geraes diminuem pouco a pouco de intensidade; as regiões affectadas voltam mais ou menos lentamente ao seu estado normal: ás vezes conservam durante muito tempo um volume mais consideravel, devido a uma leve infiltração serosa ou a uma simples turgencia sanguinea.

Tratamento. No primeiro periodo da phlebite cumpre applicar 10 a 15 bichas sobre o trajecto da veia inflammada, e depois cataplasmas de linhaça ou de fecula. Duas vezes por dia mergulhar-se-ha o membro n'um banho d'agua morna simples ou de decocção de malvas. É tambem vantajoso recorrer no começo da molestia ás uncções mercuriaes feitas sobre o trajecto da veia inflammada. Eis-aqui a receita:

Pomada mercurial dupla..... 30 grammas.

Fazem-se duas fricções por dia, e para cada fricção emprega-se a porção do tamanho de uma azeitona d'esta pomada.

Examine-se com cuidado se existe sobre o trajecto da veia um ponto fluctuante; e no caso de haver abcesso corte-se transversalmente a veia para dar sahida ao pus, e prevenir d'esta sorte a sua passagem na torrente circulatoria. Sobrevindo os symptomas de infecção, supprimem-se as fricções mercuriaes, e administram-se os medicamentos tonicos, a quina sobretudo, segundo a receita seguinte:

Extracto de quina..... 4 grammas.

Faça 18 pilulas. Para tomar uma pilula de 3 em 3 horas.

O doente usará dos vinhos generosos, Porto, Madeira; tomará frequentemente caldos substanciaes, e alimentar-se-ha com tapioca, araruta, ovos, costeletas de carneiro, etc, Convem abrir promptamente todos os abcessos que se formarem em qualquer parte do corpo.

PHLEGMA. *Veja-se* PITUITA.

PHLEGMÃO. Assim se chama a inflammação do tecido cellular. O phlegmão póde desenvolver-se em todas as partes que contém certa quantidade d'este tecido; póde declarar-se no interior do corpo; mas ordinariamente é um *tumor* que se manifesta debaixo da pelle. — As *causas* mais communs do phlegmão são pancadas, quédas, picadas, corpos estranhos introduzidos no interior dos orgãos, etc.

O phlegmão principia por dôres mais ou menos vivas que augmentam pelo movimento e compressão. Logo depois levanta-se um tumor redondo, cicumscripto, duro, vermelho. O doente sente a principio dôres latejantes, e depois uma especie de peso; forma-se a suppuração, o tumor fica fluctuante, e constitue o que se chama *abcesso* ou *postema*: a pelle torna-se pallida, apresenta um ponto esbranquiçado, que se abre e deixa sahir uma qnantidade mais ou menos consideravel de pus.

O *tratamento* compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula, que devem ser continuamente applicadas sobre o tumor. Quando a suppu-

ração está formada, é preciso abrir a postema com bisturí. Todo o abcesso quente é precedido de um phlegmão. *V* ABCESSO.

PHLEGMASIA. Synonymo de inflammação.

PHLEGMATIA ALBA DOLENS. *Veja-se* INCHAÇÃO DAS PARTURIENTES.

PHLYCTENA. Empola pequena, transparente, formada pela epiderme levantada pela serosidade, semelhante á empola produzida pela acção da agua fervendo. Quasi sempre apparece em grupos mais ou menos numerosos. Sobrevem espontaneamente no *cobreiro*, *pemphigo* na *rupia*. *Vejam-se* estas molestias.

PHOSPHATO DE CAL. Sal que se acha abundantemente na natureza, nos ossos dos animaes, nos grãos dos cereaes e nas terras lavradias. Para os usos da medicina obtem-se tratando os ossos calcinados dos animaes pelo acido chlorhydrico. É um pó branco, insipido, insoluvel na agua; o commercio apresenta-o muitas vezes sob a fórma de trociscos. É uma substancia restauradora debaixo do ponto de vista therapeutico; é um alimento mineral. O phosphato de cal é util nas fracturas dos ossos, no rachitismo, no mal de Pott, nas arthrites, rheumatismos, tisica, diarrheas e escrophulas. O Dr. Milne-Edwards refere o caso de um homem que teve, por um acaso singular, treş fracturas successivas no mesmo braço. Na primeira fractura não se administrou o phosphato de cal, e o callo não se formou senão depois de 45 dias; na segunda e terceira fractura o doente temou phosphato de cal, e as fracturas consolidaram-se, a primeira em 35, e a ultima em 25 dias. O leite contém muito phosphato de cal; a suppressão do aleitamento na criança é uma das causas de rachitismo. O phosphato de cal é util na tisica : favorece a transformação chamada *cretacea*, e exerce uma acção sobre a nutrição. Entra no cozimento branco de Sydenham. Esta mesma substancia constitue tambem um excellente adubo para as terras : favorece singularmente a vegetação das plantas.

Existem tres especies de phosphatos de cal : 1.° o *phosphato tribasico;* 2.° o *phosphato neutro;* 3.° o *phosphato monocalcico* ou *phosphato acido.*

São mui differentes as indicações therapeuticas d'estes tres productos. O *phosphato acido* só pode ser administrado em mui poucos casos por causa de sua grande acidez; o *phosphato tribasico* não entra em solução senão em presença dos acidos mineraes que nem sempre existem no succo gastrico ou n'elle se acham mui diluidos; o *phosphato neutro,* ao contrario, se dissolve com a maior facilidade no succo gastrico e nos acidos fracos. É este o phosphato que deve ser administrado ás crianças e ás pessoas acommettidas ou que levantam de molestias que occasionam enfraquecimento ou debilidade.

O melhor phosphato neutro de cal é o de Falières, cujo excellente processo de preparação mereceo a honra de ser inscripto na ultima edição do Codigo pharmaceutico francez.

Este medicamento constitue o principio activo do pó alimentario conhecido debaixo do nome de *Phosphatina Falières,* no qual entra na proporção de 20 centigrammas por cada colher de sopa de pó.

PHOSPHATO DE SODA. Sal inodoro, branco, de sabor levemente salino, um pouco desagradavel, crystalizado em prismas rhomboidaes, soluvel em agua. Purgativo, na dóse de 30 a 60 grammas, dissolvido n'um copo d'agua.

PHOSPHORO. Corpo simples, extrahido dos ossos dos animaes. É solido, apresenta-se ordinariamente sob a fórma de pedaços cylindricos da grossura de uma penna de escrever, meio transparente, flexivel, branco amarellado; espalha no ar vapores esbranquiçados de cheiro aliaceo. É luminoso na escuridão, quando está ao contacto do ar. Sendo aquecido, arde facilmente com uma chamma viva. Simplesmente esfregado, póde inflammar-se, e por isso o phosphoro é mui perigoso para manejar, e não se deve pegar n'elle senão com os dedos molhados, ou melhor ainda com uma pinça. Queima e desorganiza as partes com que está em contacto; mas, dissolvido no ether ou azeite doce, foi aconselhado internamente em dóse minima na impotencia viril; porém é pouco empregado hoje, por causa do perigo a que expõe os doentes.

O *contra-veneno do phosphoro* é a essencia de terebinthina, que fórma com elle uma composição innoxia que se elimina com as ourinas.

Phosphoro vermelho ou *amorpho*. Dá-se este nome ao phosphoro ordinario, modificado, pela acção prolongada do calor, não sómente nos seus caracteres, mas até nas suas propriedades essenciaes. O phosphoro vermelho obtem-se introduzindo o phosphoro ordinario n'um vaso de ferro, e aquecendo-o até ao 280° gráo, temperatura que se mantém durante dez dias. O producto apresenta-se ora em massa opaca e dura, ora em pó vermelho. O phosphoro vermelho não é luminoso na escuridão, não tem cheiro, não espalha vapores no ar, póde pegar-se-lhe com os dedos, e ser transportado, sem inflammar-se; póde entretanto inflammar-se além do 180° gráo; mas o que é de grande importancia, é que o phosphoro vermelho não é venenoso, ao passo que o phosphoro ordinario é um veneno violento. Por causa d'estas differentes propriedades o phosphoro vermelho é hoje empregado com preferencia para a preparação dos *páozinhos de accender fogo*.

PHOSPHOROS. Fuzís phosphoricos, ou Pavios de accender lume. Dão-se estes nomes aos páozinhos guarnecidos n'uma de suas extremidades de uma substancia que tem por base o phosphoro, e que se inflamma pela simples fricção sobre um corpo secco e duro.

Pavios com phosphoro ordinario. Eis-aqui como se fazem : Cobrem-se as pontas dos pedacinhos de páo com enxofre, e depois com a massa feita de chlorato de potassa, gomma alcatira, phosphoro ordinario em pó, e de uma materia corante que é cinabrio ou azul de Prussia.

Os *phosphoros* preparados com *phosphoro ordinario*, apresentam grandes inconvenientes : 1.° São um veneno muito activo, muito violento e prompto; d'onde resulta um perigo constante para as familias, porque a imprudencia das crianças, ou a mão do crime, tem sempre á sua disposição o instrumento de uma morte certa; 2.° são muito nocivos para os operarios que os fabricam, porque as emanações phosphoreas, que se desenvolvem, occasionam bronchites mais ou menos intensas, a

quéda dos dentes, e a carie do queixo inferior. Por causa d'estes inconvenientes os *phosphoros* devem ser preparados com *phosphoro vermelho*.

Obtem-se o *phosphoro vermelho* submettento durante muitos dias o phosphoro ordinario a uma temperatura elevada, que lhe faz experimentar uma transformação completa. Antes de receber a acção prolongada do calorico, o phosphoro era branco e transparente; torna-se roxo e opaco depois d'esta operação. Era molle como a cera, torna-se duro como o crystal. Espalhava abundantes emanações, não produz mais cheiro algum, e torna-se absolutamente inodoro. Mas o que é da maior importancia, é que o phosphoro vermelho não é venenoso, ao passo que o phosphoro ordinario constitue um veneno violento. Taes são os motivos pelos quaes se dá hoje a preferencia ao phosphoro vermelho na preparação dos páozinhos chamados de lume prompto.

Os *phosphoros* apresentam numerosos riscos de incendio. Aquelles que se mettem em caixas de papelão occasionam o maior numero de accidentes. Quando estão em caixinhas de páo bem fechadas, expõem a menor perigo, porque, se pelo choque os phosphoros se inflammarem, a massa arde, mas os páozinhos não pegarão fogo, por estarem privados de ar que entretem a combustão. Quando se levam phosphoros em viagem, é melhor têl-os n'uma caixinha de metal.

Os phosphoros apresentam tambem certos perigos ás pessoas que se servem d'elles : ás vezes inflammam-se com força, e a materia inflammada póde cahir sobre as mãos, vestidos, rosto : queimaduras graves podem resultar ás vezes d'estas projecções do phosphoro inflammado. Citam-se até exemplos de pessoas em quem o phosphoro foi lançado sobre o olho, resultando d'ahi a perda d'este orgão. O phosphoro, quando arde, adhere á pelle, e por isso as suas queimaduras são ordinariamente profundas. Tendo logar a queimadura nas mãos, no rosto ou em alguma outra parte da pelle, o melhor remedio consiste em applicar algodão. Se o phosphoro cahio no olho, é preciso immediatamente lavar o olho com agua fria, e applicar depois um panno molhado na mesma agua. Para evitar estes inconvenientes, convem servir-nos dos phosphoros inexplosiveis, isto é, que se inflammam sem detonação : os phosphoros que, ao inflammarem-se, não fazem ruido, não produzem estas projecções. Póde obter-se facilmente este resultado diminuindo a proporção do chlorato de potassa que entra na composição da massa. Em algumas fabricas o chlorato de potassa é substituido pelo nitrato de potassa, que dá páozinhos inflammaveis pelo attrito e sem ruido.

Mechas com phosphoro vermelho (mechas hygienicas de segurança). Preparam-se de duas maneiras : 1.° Cobrindo os páozinhos com massa feita com phosphoro vermelho, chlorato de potassa e gomma. 2.° Fazendo massa com uma mistura de enxofre e de chlorato de potassa, que não se póde inflammar pela fricção, e que é alem d'isto inteiramente despida de propriedades venenosas; e cobrindo os páozinhos com esta massa. O phosphoro vermelho acha-se estendido sobre um papel pregado na caixa, sobre o qual só os páozinhos podem pegar fogo, em consequencia da affinidade do enxofre para o phosphoro.

Mechas com bioxydo metallico. A industria enriqueceo-se, ha alguns annos, de um novo systema de mechas chimicas isentas completamente de perigo. Estas mechas não contém parcella alguma nem de phosphoro branco nem de phosphoro vermelho, e não podem ser transformadas em agente de envenenamento. São essencialmente formadas de chlorato de potassa, addicionado de uma pequena quantidade de um bioxydo ou de um oxysulfureo metallico; inflammam-se com muita facilidade. O inventor (Canouil) pretende ter achado o meio de manipular e moer, mesmo a secco, o chlorato de potassa; sem a menor possibilidade de explosão ou deflagração. Emfim, as novas mechas não espalham cheiro algum, nem na fabricação, nem nos depositos, nem no uso diario.

PHOTOPHOBIA. Medo da luz que soffrem certos doentes, nos quaes as impressões luminosas occasionam dôr. Estes symptomas encontram-se em muitas affecções dos olhos taes como conjunctivites, keratites, irites e em alguns outros estados morbidos, como por exemplo, a enxaqueca e principalmente a meningite tuberculosa. As causas verdadeiras da photophobia sendo mais ou menos desconhecidas, não existe tratamento especial para este accidente. Deve-se tratar da molestia que originou a photophobia.

PHOTOPHORO ELECTRICO FRONTAL. A falta de uma boa luz é muitas vezes um embaraço consideravel, para os exames de ophtalmoscopia, laryngoscopia e otoscopia, etc.

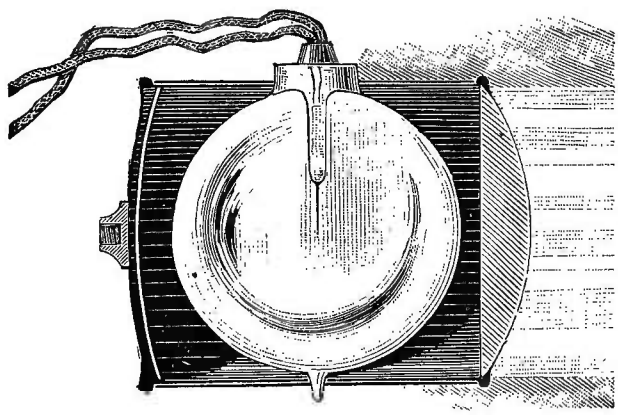


Fig. 739. — Photophoro electrico frontal. Córte vertical.

De ordinario emprega-se a luz reflectida e esta tem além do inconveniente de se resentir das variantes de intensidade do foco luminoso, (porque esta raras vezes se mantem constante), o de ser de applicação difficil e tanto mais quanto mais distante o objecto a illuminar está em relação ao observador, porque de um lado ha a difficuldade de fazer incidir sobre o reflector e com a maxima intensidade os raios directos, d'outro lado ha a de dirigir os raios reflexos, com toda a sua intensidade, para sobre o objecto, ou superficie que se quer illuminar.

Com a illuminação directa vencer-se-hia parte d'estas difficuldades, sendo, de todas as illuminações artificiaes, superior a fornecida pela luz

electrica, que tem a vantagem de não modificar a côr natural dos tecidos,

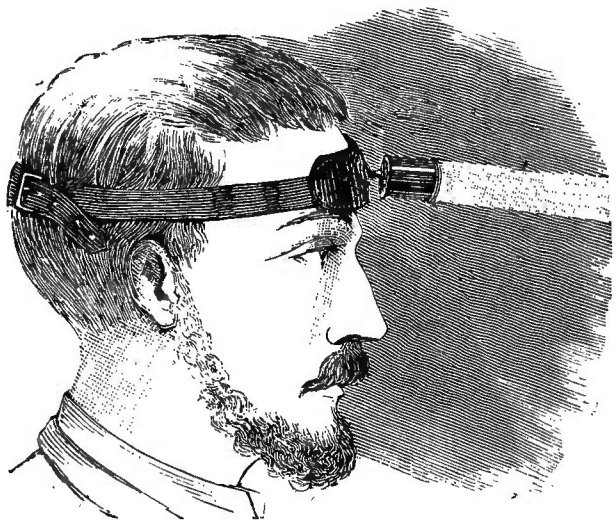


Fig. 740. — Photophoro electrico frontal. Posição para os exames laryngoscopicos e ophthalmoscopicos.

como succede com as outras luzes o que induziria em erro um obser-

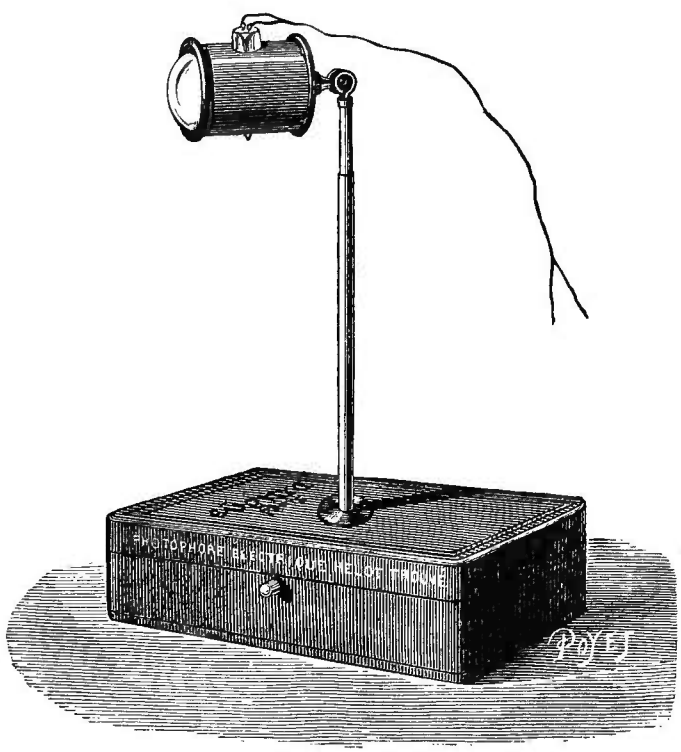


Fig. 741. — Photophoro electrico frontal transformado em apparelho fixo.

vador inexperiente. A luz electrica sobretudo pelos processos de incan-

descencia pura é bastante fixa; tem todas as vantagens da luz oxhydrica sem ter os seus inconvenientes.

O apparelho destinado á illuminação directa, pela luz electrica, d'um campo operatorio, profundamente situado, ou de cavidades naturaes como a bocca, a garganta, o anus, a vagina, o conducto auditivo externo, ou do fundo do globo ocular, etc., foi inventado pelo Dr. Paulo Hélot, cirurgião chefe dos hospitaes de Ruão e Gustavo Trouvé engenheiro, fabricante e inventor de apparelhos electricos.

Ao apparelho appropriado ao uso acima referido deram os seus inventores o nome de Photophoro electrico frontal. Compõe-se elle de um pequeno cylindro metallico, que em uma das bases tem um espelho concavo, cuja face polida olha para a outra base, á qual está adaptada uma lente convergente.

Os focos da lente e do espelho concavo occupam o mesmo ponto.

É ahi que está collocada a luz, fornecida por uma lampada de incandescencia pura, pequeno modelo, alimentada pela corrente de uma pilha de Grenet sobresaturada, que funcciona durante muitas horas sem necessidade de nova carga.

O photophoro electrico applica-se sobre a fronte como se costuma fazer com os reflectores, empregados nos exames laryngoscopico e ophtalmoscopico (fig. 740).

O feixe luminoso segue sempre uma direcção proximamente parallela aos raios visuaes, de modo que, por assim dizer, acompanha a vista do observador no seu exame.

Quando se prefira não applicar o photophoro collocando-o sobre a fronte, poder-se-ha transformal-o em um apparelho fixo, adaptando-o a um supporte, que variará com o uso que d'elle se queira fazer (fig. 741).

PHRENESI. Dá-se este nome á inflammação das membranas do cerebro. *Veja-se* MENINGITE.

PHRENOLOGIA, CRANIOLOGIA ou CRANIOSCOPIA. Doutrina creada no principio d'este seculo pelo Dr Gall. Tem por fim determinar as funcções de diversas partes do cerebro, e provar que se podem conhecer as differentes disposições e inclinações de um individuo pelas protuberancias e depressões que apresenta o seu craneo. Sendo o craneo exactamente moldado sobre a massa cerebral, cada porção de sua superficie offerece dimensões mais ou menos consideraveis, conforme a porção correspondente do cerebro é mais ou menos desenvolvida. Ora, sendo os individuos, em quem esta ou aquella porção do craneo se acha largamente desenvolvida, notaveis pela mesma faculdade, virtude ou vicio, concluíram os phrenologistas que a porção do cerebro, correspondente a esta parte do craneo, é a séde d'esta faculdade, virtude ou vicio, e que ella é o seu *orgão especial.*

O proprio Dr. Gall conta como descobrio o seu systema : observou, quando andava no collegio, que alguns de seus condiscipulos obtinham premios nas aulas e lhe eram sempre superiores, por decorarem facilmente. Notou que esses meninos tinham olhos grandes e salientes. — Esta primeira impressão, que ficou no espirito de Gall, de uma

faculdade intellectual ligada a uma conformação physica, da qual mais tarde fez a memoria das palavras, conduzio-o, quando aprendia a medicina, a verificar se outras faculdades não se mostrariam no exterior por conformações que lhes fossem proprias. Visitou as prisões de muitas cidades da Allemanha, as casas de alienados, moldou as cabeças, ou colheo os craneos dos individuos notaveis por qualidades extraordinarias ou grandes vicios. Fez o mesmo estudo sobre os animaes, e achou uma analogia de conformação cerebral entre todos os animaes dotados de instinctos analogos; de mais, encontrou no homem os mesmos desenvolvimentos cerebraes a que chamou *orgãos*, e que correspondiam aos instinctos animaes.

Assim o orgão do instincto carniceiro, da destructibilidade, se acha em cima do conducto auditivo externo no homem como no leão, e, segundo Gall, é um orgão que dá á cabeça de todos os carnivoros essa largura que se observa por fóra das fontes; collocou o orgão da prudencia, ou da circumspecção, na proeminencia parietal, por causa do desenvolvimento transversal que se observa na cabeça das cobras. Reconheceo na gralha e na andorinha, o orgão da habitação ou amor do paiz, junto ao do gosto de viajar, o que explica, diz elle, tanto as suas migrações como a sua volta constante aos mesmos logares Na pêga, verificou o orgão do roubo, que ficou sendo mais tarde o orgão do amor da propriedade; orgão que determina a paixão das collecções e o desejo de enriquecer-se. Achou no rouxinol o orgão da melodia, no castor o da construcção. As paixões, que se desenvolvem no homem, foram tambem representadas nos animaes por orgãos semelhantes : o amor da propagação da especie teve sua séde no cerebello, e o desenvolvimento d'esta parte do encephalo tornou-se no homem, como nos animaes, o indicio do gráo de energia nas faculdades genitaes.

Mas não foi sómente nos animaes que Gall escolheo exemplos para estabelecer o seu systema. Os homens com caracteres excentricos, os de grande talento, os criminosos, os melancolicos, os doudos vieram fornecer provas á sua doutrina; consultou não sómente as cabeças e os craneos dos contemporaneos, mas escolheo tambem as suas provas na historia, baseando-se nos retratos que nos deixou a mais remota antiguidade. Foi assim que achou um enorme desenvolvimento do orgão da poesia no busto de Homero, do da metaphysica no busto de Socrates, do da bondade, da veneração na cabeça do Christo. Nas prisões, nas galés, Gall ia examinar as cabeças dos criminosos, e pedia que lhe contassem a historia de seus crimes e as circumstancias que os tinham acompanhado. O salteador de estrada apresentava-lhe o instincto do homicidio desenvolvido simultaneamente com o da coragem, entretanto que este ultimo faltava ordinariamente ao envenenador. No ladrão timido, achava o orgão da astucia com o do instincto da propriedade; nos homens condemnados por attentados ao pudor, havia sempre um desenvolvimento consideravel das fossas occipitaes inferiores, e por conseguinte do cerebello. Os doudos forneciam-lhe tambem observações interessantes : o orgão da vaidade parecia-lhe desenvolvido nos que se julgavam reis, imperado-

res, etc.; o da vaidade e da religião nos que se julgavam papas, santos, etc. Foi d'esta maneira que Gall chegou a distinguir no cerebro vinte e sete orgãos, tendo cada um o seu logar determinado, susceptivel de fazer maior ou menor proeminencia; proeminencia cujo volume depende da energia da faculdade que ella representa.

Além dos 27 orgãos descriptos por Gall, Spurzheim, seu discipulo e collaborador, admittio muitos outros. Nas duas cabeças indicadas na

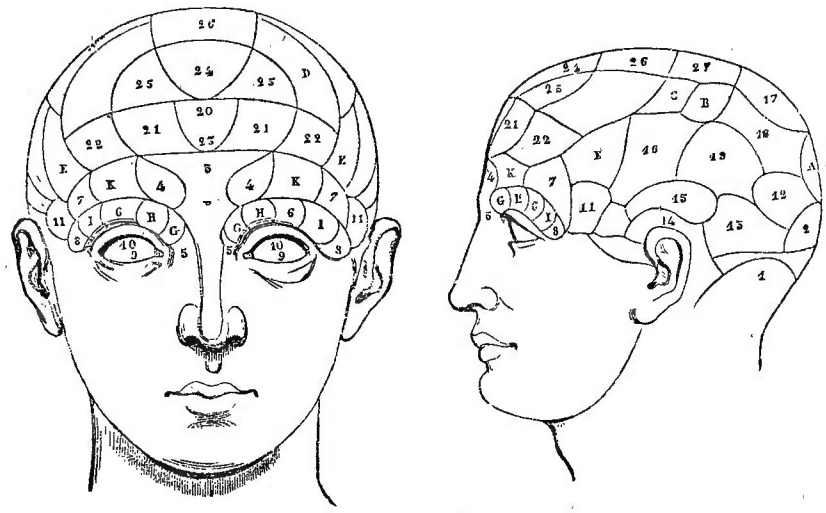


Fig. 742. — Systema de Gall.

fig. 742, os vinte e sete orgãos suppostos por Gall estão indicados pelos algarismos 1, 2, 3, etc.; os que foram admittidos mais tarde acham-se indicados pelas lettras A, B, C, etc.

1. Orgão da faculdade geradora; tem por séde o cerebello, e está indicado na superficie do craneo por duas proeminencias arredondadas, uma á direita e outra á esquerda da linha mediana. 2. Amor da progenitura, amor dos filhos; corresponde á protuberancia occipital. 3. Memoria das cousas, por cima da raiz do nariz. 4. Memoria dos logares, orgão indicado exteriormente pela proeminencia da margem interna das sobrancelhas. 5. Memoria das pessoas, ou orgão da configuração perto do angulo interno da orbita; seu volume é indicado pela maior ou menor distancia que existe entre os dois olhos. 6. Sentimento das côres; occupa a parte média da sobrancelha, e estende-se um pouco sobre a testa. 7. Orgão da musica; por cima e por detraz do precedente por cima do terço interno da arcada orbitaria. 8. Orgão dos numeros, do calculo ou das mathematicas, situado no angulo externo da orbita. 9. Sciencia das palavras, ou a memoria propriamente dita, sobre a parte frontal do fundo da orbita : quando está muito desenvolvida, o olho é grosso e esbugalhado, e o individuo tem a faculdade de reter facilmente as palavras, os nomes : o que não suppõe sempre a de lhes conhecer a significação logica ou grammatical. 10. Espirito das linguas; existe tambem sobre a orbita, um pouco por cima do precedente; é proprio aos grammaticos e

philologos. 11. Orgão da industria e destreza mecanica; forma uma proeminencia arredondada na base lateral do osso frontal, perto das fontes, detraz dos orgãos da musica e do calculo. Foi tambem chamado orgão da construcção. 12. Orgão da amizade e da affeição, por cima do amor dos filhos. 13. Coragem, instincto da propria defeza, inclinação ás disputas e brigas. 14. Orgão da destruição, intincto carniceiro, inclinação ao homicidio; muito pronunciado nos animaes carnivoros, faz proeminencia por cima da orelha. 15. Orgão da astucia, por cima e um pouco por diante do precedente. Chama-se tambem orgão do *segredo*, por causa do cuidado com que os individuos, em que este orgão se acha desenvolvido, escondem os seus pensamentos; ligada aos sentimentos moraes, esta faculdade constitue a prudencia, a discrição; no caso contrario, degenera em duplicidade, hypocrisia, dolo, etc. 16. Orgão do roubo está por diante e por cima do da astucia; mas a faculdade que resulta d'este orgão não produz sómente a tendencia a apoderar-se do bem alheio, mas em geral a tendencia a adquirir e possuir. Esta faculdade da ideia da propriedade, exagerada, conduz á avareza, cubiça, etc. 17. Altivez ou estima de si mesmo, acha-se detraz do apice da cabeça, perto do angulo que resulta da reunião dos dois ossos parietaes. Desenvolvida moderadamente, esta faculdade dá a confiança em suas proprias forças, o sentimento de sua dignidade; exagerada, torna-se presumpção, arrogancia, orgulho. etc. 18. Orgão da ambição, da vaidade, do amor da approvação; é visinho do precedente, perto do angulo posterior superior do osso parietal. Reduzida a justas proporções e associada a sentimentos moraes, esta faculdade dá o desejo de agradar e de adquirir a estima geral. 19. Sentimento da circumspecção, previdencia, prudencia, indecisão. 20. Sagacidade comparativa, sentimento das comparações; acha-se na parte anterior e média do osso frontal. 21. Penetração metaphysica, espirito de inducção, ideologia, profundeza do espirito. Este orgão confunde-se com o precedente, está situado no seu lado externo, e, quando é muito desenvolvido, forma duas protuberancias que dão a esta uma fórma hemispherica particular. 22. Espirito de replicas, agudeza, ditos engenhosos, inclinação á satira, orgão situado na parte lateral externa do precedente; augmenta a largura e o relevo da testa. 23. Orgão da observação inductiva, resulta da reunião dos tres precedentes : dá ao homem a faculdade de madurar as suas reflexões, e fazêl-as fructificar, deduzindo as suas consequencias. 24. Bondade, sentimento do justo e injusto, espirito de justiça, benevolencia, affabilidade. 25. Imitação, sentimento da mimica, faculdade de imitar. 26. Sentimento religioso, veneração; orgão situado no apice da cabeça. Esta faculdade produz o sentimento do respeito e submissão para com as pessoas de uma classe e de um merecimento mais elevado ; dispõe á piedade filial, ás ideias religiosas. Se o orgão fosse muito pronunciado, resultaria humildade ou superstição. 27. Firmeza, constancia, perseverança, teima.

Orgãos admittidos pelos phrenologistas posteriores a Gall. A. Orgão da *concentração* e da *habitação*, inmediatamente por cima do do amor da progenitura. Por *concentração* entende-se a faculdade que tem certos

individuos de concentrar todos os seus pensamentos, de maneira que nada os possa distrahir do objecto de que se occupam. Junta-se a esta faculdade, sob o nome de *habitação*, essa especie de instincto natural que liga o homem a certo paiz, certa habitação ou maneira de viver. — B. Orgão da *consciencia*. — C. Orgão da *esperança*. — D. Orgão do *maravilhoso*. Todos os tres por cima da protuberancia parietal, inmediatamente por baixo dos orgãos da veneração e da perseverança. A *consciencia* produz o sentimento do dever, do justo, do injusto. A *esperança*, se fôr mui pronunciada, dispõe á credulidade, ás especulações loucas e inconsideradas : e por isso este orgão é vizinho do *maravilhoso*, faculdade d'onde resulta a tendencia a crer as inspirações, apparições, e todos os acontecimentos sobrenaturaes. — E. Orgão da *idealidade*, que é o sentimento da excellencia, perfeição, exageração, e do enthusiasmo. — F. Orgão da *individuação*, situado no principio do nariz; dá maior ou menor largura ao espaço que separa as duas sobrancelhas. D'esta faculdade resulta a aptidão ás sciencias que consistem, como a historia natural, a estudar os objetos individualmente. — G. Orgão da *extensão*. — H. Orgão do *peso* e da *resistencia*. Orgãos situados no angulo interno da orbita, entre o orgão da configuração e o do conhecimento das côres. Do primeiro resulta a faculdade que tem certos individuos de medir, com um lanço de olhos, uma distancia, uma extensão qualquer, de julgar uma perspectiva, etc.; do segundo, a faculdade de apreciar exactamente o peso de um corpo, a aptidão de julgar da potencia e resistencia em mecanica. — J. Do orgão da *ordem*, situado no angulo externo da orbita, ao lado do orgão do calculo, proviria aquella attenção, e cuidado que tem certos individuos de pôr cada cousa no logar que ella deve occupar. — K. Do orgão do *tempo*, situado por cima da parte média das sobrancelhas, entre o orgão de localidade e o do conhecimento dos tons ou da musica, dependerão todas as noções relativas ao tempo e á duração, o conhecimento e a memoria das datas, o conhecimento do rhytmo musical, e a faculdade de observar exactamente o compasso quando se toca um instrumento; faculdade essencialmente distinta do conhecimento dos tons.

A doutrina de Gall provocou viva opposição. O exame das cabeças de muitos homens notaveis ou de grandes criminosos, que não tinham as protuberancias correspondentes ás suas grandes qualidades ou aos seus crimes, deo um grande golpe á phrenologia. As visitas dos galés e das prisões, que tão maravilhosamente servíram á phrenologia durante o periodo de seu crescimento, foram dirigidas contra ella. Procuráram-se com o mesmo cuidado os casos em que más inclinações existiam em individuos que não apresentavam desenvolvimento dos orgãos, como o doutor Gall esforçava-se precedentemente por descobrir a sua coincidencia. Por fim, chegaram a rejeitar toda a especie de localização, e a dizer que as funcções do cerebro resultavam da união de differentes partes do orgão.

O volume, a fórma e o peso do cerebro dos animaes foram tambem objeto de pesquizas com o fim de verificar as asserções phrenologicas.

Reconheceo-se que certos animaes, bastante intelligentes, tinham muitas vezes um cerebro menos desenvolvido do que os que eram muito menos intelligentes; que o desenvolvimento mais consideravel do cerebro não estava sempre em harmonia com o do orgão que devia presidir ao instincto mais dominante : assim, as massas lateraes do cerebro do boi, séde do orgão carniceiro, são mais consideraveis que as do leão.

Todos estes factos, e muitos outros, taes como o exame da cabeça de Napoleão I eo das de alguns homens eminentes por suas qualidades, que estavam em contradicção com este systema, abalaram os alicerces da phrenologia e lhe fizeram perder o caracter de sciencia; e muitos sabios que ao começo haviam abraçado os principios d'esta doutrina, reformaram o seu juizo.

PHTHIRIASE. Molestia cujo principal symptoma consiste no desenvolvimento de grande quantidade de piolhos sobre qualquer região do corpo. *Veja-se* PIOLHO.

PHTHISICA. *Veja-se* TISICA.

PHYTOLACCA DECANDRA ou **UVA D'AMERICA.** Uma das principaes especies que constituem a familia das Phytolaceas. É uma planta vivaz commum nos Estados-Unidos e acclimada na Europa. Na America do Sul as folhas recentes d'esta planta são comestiveis ; quando estão maduras ellas contem, como tambem a raiz, um principio activo, a phytolaccina junta com tannino, que possue propriedades emeticas e purgativas. O tronco quando velho é toxico. Para provocar os vomitos administra-se internamente o pó da raiz na dóse de 50 centigrammas a 1 1/2 gramma. A phytolaccina isolada deve ser tomada em fracas dóses, 5 a 20 centigrammas. Esta planta tem sido empregada para dar côr aos vinhos. É um processo este que deve ser rejeitado rigorosamente.

PIAÇO. Algumas pessoas assim chamam, do verbo *piar*, ao ruido que se ouve no peito ou na larynge das pessoas affectadas de bronchite ou de defluxo. Depende da passagem do ar atravez das mucosidades que se acham nos canaes respiratorios. Este ruido desapparece depois da expectoração das mucosidades.

PIÃO. *Veja-se* PINHÃO DE PURGA.

PICADA. O perigo d'esta especie de ferida está na razão da natureza e da grossura do instrumento vulnerante, das partes que offendeo e da profundidade em que penetrou. Os instrumentos que produzem picadas são numerosos : taes são os alfinetes, espinhos, agulhas, lascas, os ferrões de certos insectos, os dentes de certos animaes, pregos, estyletes, frechas, baionetas, buris, sovelas, etc, As picadas são, ás vezes, acompanhadas de accidentes mui graves. Dependem elles de penetrar o instrumento profundamente e chegar ao meio dos tecidos envolvidos de fortes membranas, chamadas *aponevroses*, as quaes, comprimindo as partes inchadas, determinam vivas dôres. Assim, as picadas são perigosas quando atacam as partes cuja estructura é tal qual acabei de indicar, como, por exemplo, os tegumentos do craneo, os dedos, a palma das mãos, a planta dos pés. N'estes casos, a inflammação termina-se

frequentemente por abcessos profundos. Mas, sempre que a picada não penetra até ás aponevroses, não se deve recear muito o accidente de que se trata, e as feridas curam-se em geral mui facilmente e sem dôr. Até não é raro que se obtenha cura rapida e isenta de accidentes quando se trata do certos golpes de espada, que tenham atravessado todas as partes de algum membro volumoso, como a coxa, por exemplo.

O *tratamento* das picadas é o seguinte : Quando são pouco profundas, alguns lavatorios com agua fria e applicação de encerado inglez ou de emplasto adhesivo sobre a ferida, bastam para a curar rapidamente. Mas quando as picadas são seguidas de dôr forte e de inflammação, e que acontece sobretudo nos logares cingidos de aponevroses, é preciso applicar cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Quando a picada é feita por abelha ou vespa, o ferrão fica quasi sempre na parte, e a primeira indicação consiste em extrahil-o; feito isto, comprima-se a ferida, lave-se com agua fria, e applique-se por cima um pouco de salsa hortense, previamente mastigada. Se este meio não fôr sufficiente para prevenir a inflammação, será preciso substituil-o, como em todos os outros casos, por cataplasmas de linhaça ou de fecula, por banhos mornos, por fricções com balsamo tranquillo. É rarissimo que uma só picada occasione a febre; mas, quando são muitas, esta declara-se : n'este caso, convem recorrer á dieta absoluta e ás limonadas refrigerantes, taes como limonadas de limão ou de laranja.

O que deixei dito acerca da abelha, applica-se igualmente ás picadas de zangão, besouro, tarantula, aranha, mosquito, borraxudo, maribondo, formiga ruiva, centopea, e lacraia; estas picadas reclamam um tratamento pouco mais ou menos semelhante. O veneno da lacraia e do maribondo é um pouco mais intenso que o dos outros insectos; n'este caso a prudencia exige que se cauterize a picada com uma gotta de alcali volatil; se este caustico não se achar de prompto, será preciso limitar-se comprimir a parte em todos os sentidos para fazer sahir o sangue, e laval-a com agua fria.

Picadas anatomicas. *Veja-se* FERIDAS POR PICADAS ANATOMICAS, vol. I, pag. 1112.

PICÃO. CUAMBÚ, GUAMBÚ ou GARIOPHYLLATA. *Bidens pilosa*, Linneo. Synanthereas. Planta herbacea que habita no Brazil. Caule erecto; folhas divididas em lobulos ovaes agudos, denteados; peciolos ciliados na base; flores dispostas em capitulos pedicellados, formando quasi corymbos; florões amarellos: fructo, akene anguloso, terminado por duas ou tres pontinhas. Esta planta contém um principio acre, e é considerada como antiscorbutica. O seu sumo emprega-se na ictericia na dóse de 30 a 60 grammas. As folhas contusas applicam-se com vantagem nas ulceras. — Ha mais outras especies do mesmo genero; são : *Bidens leucantha*, Willd., e *Bidens graveolens*, Martius. Designam-se igualmente debaixo do nome de *picão*, e são empregadas para o mesmo fim.

PICÃO DA PRAIA. *Acanthospermum xanthioides*, De Candolle. Synanthereas. Planta rasteira do Brazil; habita especialmente na provincia do Rio de Janeiro nos logares arenosos. Caule pubescente, folhas

pecioladas, oppostas, inteiras ou levemente denteadas, ovaes, aromaticas e amargas; flores situadas na extremidade dos ramos; flores amarellas; fructo, akene oval, um pouco curvo, coberto de pontas finas e curvas. Toda a planta é tonica e aconselhada na diarrhea, e febres intermittentes. Usa-se em infusão, que se prepara com 4 grammas das folhas e 180 grammas d'agua fervendo. — Ha mais outra variedade da planta, *Acanthospermum hirsutum*, De Candolle, que differe da precedente unicamente nas folhas, que são pelludas na face inferior. Esta é conhecida no interior da provincia de S. Paulo pelo nome de *carrapichinho* do campo. Goza das mesmas propriedades.

PICHURIM. *Veja-se* PUCHURY.

PICRATO. *Veja-se* ACIDO PICRICO.

PICROTOXINA. Principio activo do fructo da *Anarmita cocculus*, arvore da familia das Menispermaceas originaria das Indias Orientaes. O fructo, que é a Coca do Levante, contem grande quantidade de picrotoxina ou cocculina, substancia esbranquiçada, soluvel no alcool, de sabor amargo. Muito toxica para os peixes sobre os quaes actua como narcotico, não deixa de ser tambem perigosa para o homem, deve ser receitada, pois, com a maior prudencia. Recommendada no tratamento da epilepsia e contra os vermes intestinaes, administra-se'a ás crianças na dóse de 1 a 2 milligrammas. Para os adultos pode-se administral-a até 4 milligrammas.

Em alta dóse a picrotoxina actua sobre o systema nervoso cerebro-espinhal, o bulbo e a medulla, não atacando nem o cerebro nem as cellulas ideo-motoras que surexcita seus elementos e provoca convulsões por um gasto excessivo d'influxo nervoso. Empregada em dóses fracas, a picrotoxina corta os accessos, oppondo-se á contracção espasmodica dos vasos do encephalo c por conseguinte evitando a anemia cerebral que acompanha ou provoca quasi sempre os ataques de epilepsia.

Em consequencia d'estes effeitos o sñr Gélineau, pharmaceutico de Pariz, teve a ideia de preparar com a pricotoxina unida ao bromureto de potassio e ao arsenico, grageias ás quaes deo o nome de — Grageias antinervosas ou grageias Gélineau —. É um producto muitissimo empregado contra a epilepsia e que dá excellentes resultados todas as vezes que haja a combater esta terrivel nevrose.

PIERREFONDS. Aguas sulfurosas frias e aguas ferruginosas frias.

Itinerario de Pariz a Pierrefonds. Estrada de ferro de Pariz a Compiègne, hora e meia; omnibus de Compiègne a Pierrefonds, 1 hora. Despezas 10 francos.

Pierrefonds é uma aldeia de França, situada na extremidade da matta de Compiègne, á margem de um pequeno lago. Ha ali duas fontes mineraes : agua sulfurosa fria (12°) e agua ferruginosa tambem fria. A primeira pertence á classe das aguas sulfurosas calcicas. A agua d'esta fonte, clara e transparente, tem gosto hepatico, porém supportavel; utiliza-se em bebida, banhos, duches, aspirações d'agua pulverizada n'um estabelecimento bem organizado, e que reune o hotel dos banhos e os

locaes balneo-therapicos; 16 gabinctcs dc banhos, duchcs dcscendentes e ascendentes, sala de respiração.

É em Pierrefonds quc se rcalizou a primeira applicação de pulverização das aguas mineraes; o Dr. Sales-Girons, medico do estabelecimento, creou ali uma sala onde a agua sulfurosa se pulveriza, por meio de um apparelho especial, e penetra nas ultimas divisõcs dos bronchios, durantc o acto respiratorio. Ha pessoas que podem ficar mcia hora, tres quartos de hora na sala de respiração, depois de resistir á oppressão que se manifesta no começo. Outras acostumam-se difficilmente. A expcriencia ainda não dco provas do valor curativo d'este modo de tratamento senão nas affecções da pharynge, especialmente na angina chronica. A asthma foi tambem modificada pela inhalação da agua sulfurosa pulverizada. Mas no quc diz respeito á tisica pulmonar, não ha provas de cura.

A agua sulfurosa de Picrrefonds aproveita em banhos contra as molestias de pelle. A estação balncar dura do 1° de junho ao 1° de outubro. A agua transportada conserva-se bem.

PILOCARPINA. Alcaloide do *Pilocarpus pinnatus* (*Veja-se* JABORANDI). A pilocarpina possuc cm alto gráo as propriedades do jaborandi do qual é o principio activo. Um a dous centigrammas de nitrato de pilocarpina são sufficientes para provocar suores abundantcs: ao mesmo tempo produz-se uma salivação mui pronunciada. Debaixo d'esta influencia, todas as glandulas intestinacs segregam maior quantidadc de muco; ás vezes tambem ha augmento das seccreções das lagrimas, do muco nasal e do muco dos bronchios. A atropina tem uma acção inversa; uma injecção sub cutanea d'este medicamcnto faz parar os suores produzidos pela pilocarpina. Administra-se'a sob a forma de chlorhydrato de pilocarpina na dóse de 1 a 3 centigrammas, em poção, contra a diphteria, a pneumonia, as diversas fórmas de hydropisia, principalmente a pleuresia. Nunca se administra a pilocarpina em individuos acommettidos de molestia de coração.

PILULA. Preparação pharmaccutica formada de pós misturados com algum xarope, mel de abelhas, extracto de plantas, etc., á qual se dá a fórma globular e o pcso dc 5 a 30 centigrammas. Além de 30 centigr., estes mcdicamentos tomam o nomc dc *bolo*. — Em geral, os medicamentos que se tomam sob a fórma pilular são compostos de substancias activas, e tem um gosto desagradavel : d'esta maneira a sua administração torna-se mais facil. As pilulas são mui numerosas.

Pilulas e granulos impressos, de L. Frere. Com o nome de *Pilulas e Granulos impressos de L. Frere*, designa-se uma especie de preparação pharmaceutica que apresenta muitos caracteres dignos de attenção e assaz vantajosos. O nome e o peso da substancia activa acham-se impressos em cada pilula ou granulo; esta indicação, mui lisivel, tem por alvo evitar os enganos que sc dão frequentemente com os granulos do commercio, enganos csses cuja gravidade está em razão directa da efficacia das substancias empregadas; — essa indicação dá toda confiança ao docnte e ao mcdico.

Com o processo de fabricação das *Pilulas e Granulos impressos* consegue-se ter as massas absolutamente homogeneas, nas quaes os principios *activos acham-se uniformemente repartidos e mathemeticamente dosados;* tal é a appreciação emittida pelo professor Constantin Paul em seu relatorio sobre as *Pilulas e Granulos impressos, de L. Frere*, apresentado á Sociedade de Therapeutica de Pariz.

Essa natureza de envolucro permitte a conservação dos medicamentos, mesmo d'aquelles que se alteram com muita facilidade como o iodureto de ferro e até mesmo o iodureto de potassio que, por este modo de preparação, se conservam inalteraveis em qualquer clima.

Na composição da massa d'esses envolucros não entra assucar, nem gomma adragante, nem mucilagem; do que resulta : 1.° que não se altera com a humidade; 2.° que se desfaz e se desaggrega por uma leve esfregação, o que pode ser verificado raspando-se levemente uma d'essas pilulas. De mais, a adherencia d'essa massa se obtem mais por pressão do que por meio de substancias adhesivas. Á vista d'estes dados pode-se pois affirmar que as *Pilulas e Granulos impressos* são tão accessiveis aos succos digestivos, tão soluveis, para empregar a expressão corrente, como os granulos assucarados ordinarios que têm o inconveniente de serem muitissimo alteraveis e que, pela maior parte, não offerecem as mesmas garantias quanto ás suas dóses.

As Pilulas e Granulos impressos, de L. Frere, se distinguem tambem, alem das inscripções, pela variedade das côres, que são todas vegetaes, o que dá ás pilulas certa fragilidade. Essas côres são completamente inoffensivas, assim como tambem a côr preta do nome e da dóse do medicamento que é feita com pós de sapatos.

Todas as substancias medicinaes de origem vegetal ou mineral que são susceptiveis de serem administradas em pilulas ou granulos têm sido preparadas por este processo, nas dóses medicinaes universalmente usadas, isto é, para as pilulas a 2, 2 1/2, 5, 10, 15 e 20 centigrammas; para os granulos, a 1/10, 1/4, 1/2, 1 milligramma e 1 centigramma.

Se bem que sejam feitos com toda perfeição essas PILULAS *e esses* GRANULOS *não custam mais caros que os que se vendem correntemente no commercio.*

Essas preparações são feitas nos laboratorios do estabelecimento L. Frere, rua Jacob, n° 19, em Pariz (H. Fournier e C^ia^, pharmaceuticos, successores), que tem obtido as mais altas recompensas dadas aos productos chimicos e pharmaceuticos nas Exposições universaes de Pariz, 1878 (unica medalha de ouro), de Amsterdam, 1883 (medalha de ouro), de Sydney (Australia), 1888 (medalha de ouro), de Pariz, 1889 (medalha de ouro).

Pilulas de Dausse ainé. Tambem merecem ser recommendadas as pilulas preparadas no laboratorio pharmaceutico de Dausse ainé, á rua Aubriot, n° 4, em Pariz, onde os sñrs pharmaceuticos encontrarão sempre um sortimento de pilulas feitas segundo as formulas conhecidas.

PIMENTA. Nome que se dá a muitos fructos de plantas de familias differentes, que tem sabor acre, calefaciente, que estimulam a economia, e são empregadas na arte culinaria ou na medicina.

Pimenta apuá. *Capsicum baccatum*, Lin. *Capsicum cerasiforme* Willd. Solanaceas. É uma das variedades da *Pimenta de cheiro*. É de figura cónica e de côr vermelha.

Pimenta de Cayenna. *Capsicum fastigiatum*. Arbusto da familia das Solanaceas, cultivada nas Guianas e no norte do Brazil. Tomado internamente em pó do fructo, na dóse de 20 a 30 centigrammas, é muito util contra as hemorrhoidas.

Pimenta de cheiro. *Capsicum odoriferum*, Velloso; *Capsicum ovatum*, De C. Solanaceas. Pequeno arbusto cultivado e indigena do Brazil. O fructo é do comprimento de 3 centimetros, mais ou menos, redondo, côr amarella brilhante, casca coriacea. Usa-se na arte culinaria, e com preferencia para comida de peíxe. — Ha outra especie roxa e alongada.

Pimenta cumary. *Capsicum cumarin*, Velloso; *Capsicum frutescens*, Linneo. Solanaceas. Pimenta muito cultivada nas diversas provincias do Brazil. Vermelha ou verde, oval, do comprimento de 20 a 34 millimetros, da largura de 7 a 9 na parte inferior, mais estreita no logar do calice. Cheiro forte, sabor acre. É um tempero preferido para o feijão preto, para o môlho de alcachofra, etc.

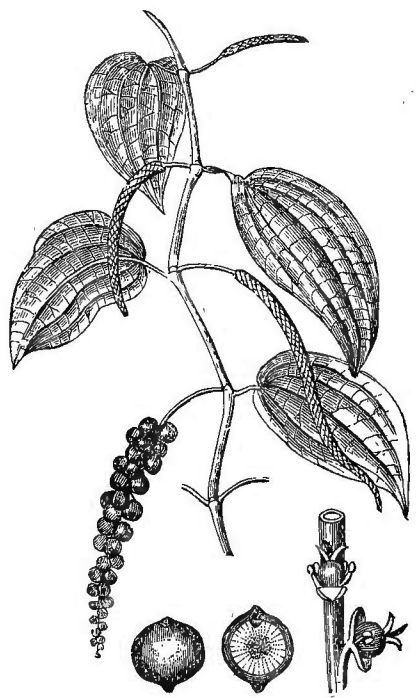


Fig. 743. — Pimenta da India.

Pimenta da India. Pimenta negra ou do Reino. Semente da pimenteira, *Piper nigrum*, L. Piperaceas (fig. 743). A pimenteira é um arbusto trepadeiro, originario da India, mas hoje cultivado em outros paizes intertropicaes por causa das suas sementes, de que se faz muito uso em todas as partes do mundo civilizado; é sobretudo nas ilhas de Malaca, Borneo, Java, Sumatra e na India ingleza que se fazem as grandes culturas da pimenteira. O vegetal tem-se naturalizado no Brazil; na Bahia, Maranhão e Pará fizeram-se em grande suas plantações. Considerando-se que a India foi o theatro de guerras crueis para a conquista da pimenteira, e que a Europa emprega cerca de quarenta milhões de francos por anno para se prover d'ella, póde julgar-se da importancia d'este arbusto.

Este arbusto carece de apoio para trepar. As suas bagas globosas passam do verde ao vermelho, e depois ao preto quando maduras. Mil pés de pimenteira, que principiam a dar fructos aos tres annos, e que continuam a dal-os até aos 11 ou 12 annos, em duas colheitas por anno, produzem de 250 a 500 kilogrammas de sementes. Um pé póde dar até 7 kilogrammas e adquirir 16 centimetros de espessura. Colhem-se logo

que chegam á madureza, que exige pelo menos 4 a 5 mezes; seccam-se depois, e anda-se por cima d'ellas para separal-as das espigas; tornam-se então pretas e mais ou menos rugosas. São aromaticas, picantes, quentes e de um sabor bem conhecido. A *pimenta branca* é a mesma que a pimenta preta despida da casca exterior, mediante a maceração em agua.

Todos conhecem o uso culinario que se faz da pimenta da India, tempero de muitas comidas; seu sabor quente e aromatico faz com que a empreguem para augmentar o gosto dos alimentos, sobretudo dos que são de natureza viscosa, gelatinosa, e para tornal-os mais digestiveis; fortifica o estomago, favorece a digestão, e reanima toda a economia quando empregada em quantidade moderada. A pimenta que se serve nas mesas deve ser moida de fresco para ter todo o cheiro e sabor.

Pimenta malagueta. *Capsicum baccatum*, Linneo; *Capsicum pendulum*. Velloso, Solanaceas. Caule de 1 a 2 metros, bem esgalhado; folhas ovaes, agudas, alternas; flores solitarias, ou reunidas em numero de duas, tres ou quatro, brancas esverdinhadas. O fructo é uma pequena baga fusiforme, do comprimento de um e meio a tres centimetros, roliça, vermelha quando madura, pelle fina, succo vermelho, acre. Esta pimenta tem grande consumo no Brazil, principalmente na Bahia e nas provincias do Norte; applica-se a todas as comidas.

Pimenta olho de peixe. *Capsicum*. Solanaceas. Esta especie conhecida em Pernambuco por este nome, tem um fructo globoso, de 1 centimetro de diametro; o seu pedunculo é verde, ou de côr amarella lustrosa; a casca é coriacea e tenue; sementes chatas, amarelladas. Queima menos do que a malagueta, e é mais usada para comer-se com peixe.

Pimenta sarapó. *Capsicum*. Solanaceas. No Brazil, na provincia de Alagoas, dá-se este nome a uma pimenta, cujo pé é semelhante ao da *malagueta*. O fructo é mais grosso; tem o mesmo uso das pimentas.

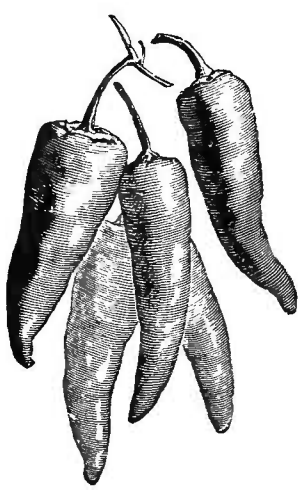


Fig. 744. — Pimentão.

Pimenta embigo de tainha. *Capsicum*. Solanaceas. Dá-se este nome nas provincias de Pernambuco e de Alagoas a uma pimenta como a de cheiro, cujo fructo tem 3 centimetros de comprimento, é espherico, um pouco desigual, e quasi sempre amarello; a superficie é lustrosa, no apice concava, com um embigo. Esta pimenta é preferida para o peixe.

PIMENTÃO. *Capsicum annum*, Linneo. Solanaceas (fig. 744). Planta annual, herbacea, originaria da India, cultivada no Brazil, Portugal, Hespanha, França, Africa, por causa do fructo que é de grande acrimonia, qualidade que o faz empregar como estimulante e como tempero na arte culinaria. Esta planta tem 30 a 35 centimetros de altura; caule cylindrico, folhas alternas, ás vezes geminadas, de peciolo longo, ovaes-agudas, inteiras;

flores solitarias, lateraes, corolla esbranquiçada. O fructo é de fórma e volume variaveis; ordinariamente da grossura e do comprimento do dedo pollegar, cónico, algum tanto curvado na ponta, liso e luzente, verde antes da maturidade, de côr vermelha brilhante quando maduro. Tem a propriedade picante das pimentas; fazem-se d'elle conserva e tempera-se a comida; fructifica todo o anno no norte do Brazil.

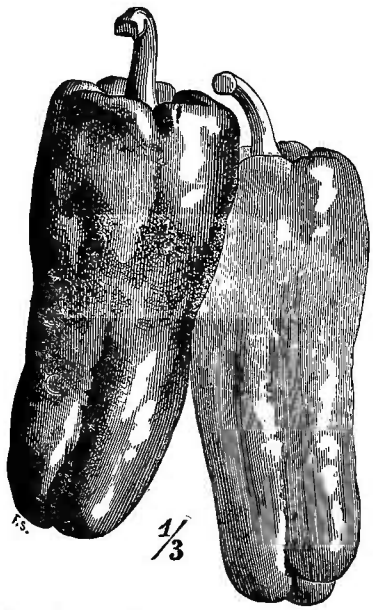


Fig. 745. — Pimentão comprido doce.

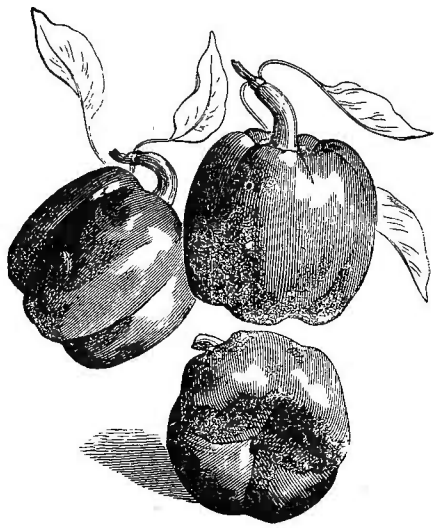


Fig. 746. — Pimentão doce quadrado.

Pimentão comprido. *Capsicum longum*, De Candolle (fig. 745). Solanaceas. Tem os mesmos usos que o precedente. A (fig. 746) representa uma especie de pimentão doce quadrado do mesmo genero que o pimentão comprido.

Pimpinella. *Poterium sanguisorba*, Linneo. Familia das Rosaceas, tribu des Sanguisorbeas. Planta cultivada nas hortas; e é empregada como tempero nas saladas. Em Portugal habita nos pastos, montes perto de Lisboa, Coimbra e outras partes. Caules muitos de uma só raiz, levantados, de 30 centimetros de altura; folhas alternas, peciladas, pinnuladas com impar, compostas de muitos foliolos; estes são oppostos, ovados, obtusos; flores esverdeadas; sabor adstringente, cheiro aromatico. O gado procura muito esta planta.

PINÇA. *Veja-se* CURATIVO, vol I, pag. 766.

PINHA. *Veja-se* FRUCTA DO CONDE.

PINHÃO DO BRAZIL. Fructo da *Araucaria brasiliana*, Richard, arvore do Brazil, da familia das Coniferas. Habita em S. Paulo, Minas, Paraná e Rio Grande do Sul. É uma arvore elegante; o tronco é resinoso; os ramos brotam circularmente. As folhas, escamosas e asperas, são imbricadas umas sobre outras como telhas. O fructo tem 12 centimetros de comprimento, pouco mais ou menos, fórma cónica, superficie escamosa, côr verde. Este fructo é formado pela reunião de

pequenas bagas cónicas, outras alongadas, alojadas em um eixo commum, com o apice voltado para fóra, constituindo a parte exterior do fructo, que é verde; essas bagas, á medida que se concentram, tomam uma côr avermelhada no apicc mesclada de manchas escuras; cada baga compõe-se de tegumento duro e coriacco; segue-se depois uma membrana delgada, avermclhada, quc envolve uma amendoa branca, oleosa; antes da maturidade contém principios leitosos. Esta amendoa come-se. Nas provincias aonde vegeta esta arvore, torra-se o fructo, reduz-se a pó, e come-se com leitc.

Em Minas, alimentam os porcos com este fructo. Com a rcsina, que corre da arvore, e cera, fazem-sc velas. A madeira é empregada na construcção e marccneria.

PINHÃO DE PURGA, Pião Purgueira ou Mandubi-guaçú (fig. 747). Fructo do pinheiro de purga, *iatropha curcas*, Linneo, arbusto do Brazil, da familia das Euphorbiaceas. Este arbusto é de altura mediana, muito frondoso, chcio de um succo viscoso, que é muito usado pelo povo para curar as cortaduras, cujos labios ellc liga. Tem as folhas pecioladas, cordiformcs, angulosas; flores dispostas em corymbos. O fructo, chamado pinhão de purga, é uma capsula quasi globosa, do tamanho de uma noz; contém tres sementes do tamanho c fórma dc uma azeitona, compostas de uma casca dura, delgada, quebradiça, de côr roxa cscura; e de uma amendoa branca, oleaginosa, de sabor adocicado a principio, e depois um pouco acre. Estas amendoas são purgativas, na dósc de 1 a 3 amendoas. Tomam-se contundidas com assucar e reduzidas a balas, ou diluidas em agua. São muito usadas principalmente no centro das provincias do Nortc. O *oleo espresso* d'estas amendoas purga na dóse dc 2 a 4 grammas. É remedio popular contra a hydropisia.

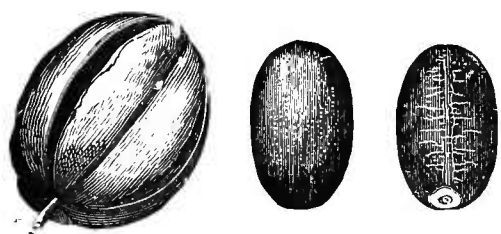


Fig. 747. — Pinhão de purga.



Fig. 748. — Pinheiro bravo.

PINHEIRO. *Pinus*, Genero de Coniferas, composto de arvores sempre verdes, geralmente mui grandes, cujos ramos são dispostos em vcrticillos sobre o tronco. Os pinheiros habitam nas regiões frias ou temporadas da Europa e da America do Nortc; gostam dos terrenos seccos, aridos e arcnosos. O lenho é mais ou mcnos resinoso, e muito empregado nas construcções; dura muito tempo. Muitas cspecies fornecem resina secca e liquida, pez e alcatrão. Conhccem-se mais de 40 especies. Indico as duas, mais importantes na medicina :

Pinheiro bravo. *Pinus maritima*, Linneo (748). Habita na Europa meridional; é quasi espontaneo em todo o Reino de Portugal. Esta arvore forma uma bella pyramide, cujos ramos são dispostos em verticillos regulares. As folhas são duas a duas, rijas, muito estreitas, do comprimento de 22 a 27 centimetros; as pinhas são arruivadas, luzentes,

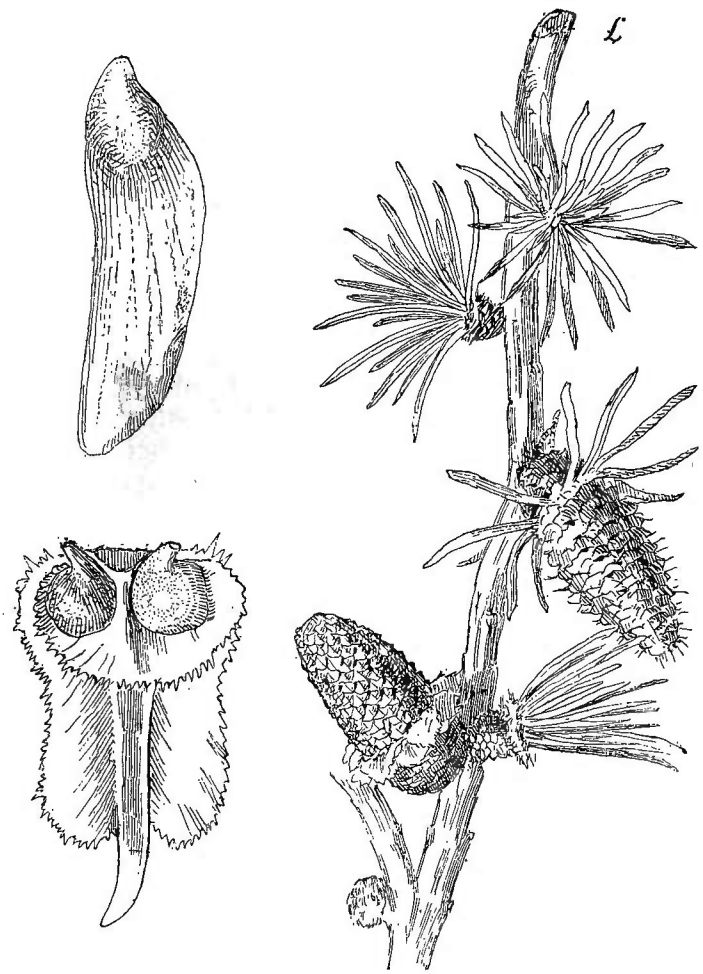


Fig. 749. — Pinheiro que fornece a terebinthina de Venesa.

de fórna cónica, do comprimento de 13 a 16 centimetros. É este pinheiro que fornece a maior parte da terebinthina commum e das resinas empregadas em medicina e nas artes. A sua terebinthina é conhecida no commercio sob o nome de *terebinthina de Bordeos*.

Pinheiro prateado ou **verdadeiro.** *Pinus picea*, Linneo, Habita em todas as altas montanhas da Europa, e principalmente nos Alpes do Tyrol, nos Cevennes em França, na Suecia e Russia. Esta arvore, de fórma pyramidal, tem 30 a 40 metros de altura; os ramos são dispostos por verticillos bastante regulares, e são dirigidos horizontalmente; as folhas são espargidas sobre os novos ramos mas acham-se

comprimidas e dirigidas em duas fileiras oppostas como os dentes de um pente, Estas folhas são lineares, chatas, coriaceas, obtusas ou chanfradas no topo; são luzentes e de um verde carregado na face superior, *esbranquiçadas* na inferior, salvo a linha mediana verde, o que fez com que se désse á arvore, vista de baixo, o nome de *pinheiro prateado*. Fornece á pharmacia a terebinthina fina, chamada *terebinthina de limão* ou de *Veneza* e os *renovos* (fig. 749). Chamam-se *renovos*, em botanica, pequenos corpos ovoides, cónicos ou arredondados, que nascem sobre os ramos das arvores, na axilla das folhas ou na extremidade dos ramos; no seu centro existe um pequeno eixo esverdeado coberto de folhas rudimentares.

Os *renovos do pinheiro* (fig. 750) são compostos de 5 ou 6 renovos cónicos-arredondados, verticillados ao redor de um renovo terminal, mais grosso e do comprimento de 14 a 27 millimetros. São revestidos de escamas avermelhadas, pegajosas, e cheias de resina, parte da qual reçuma na sua superficie sob a fórma de lagrimas. O seu cheiro e sabor são resinosos, levemente aromaticos. Os melhores vem do norte da Europa, e principalmente da Russia. Empregam-se nas molestias do peito, em infusão ou xarope. A *infusão* prepara-se deixando infundir por duas horas 4 grammas de renovos de pinheiro em 180 grammas d'agua a ferver; coando e adoçando o liquido. Esta dóse é para um dia. O *xarope* administra-se na dóse de 30 a 60 grammas por dia.



Fig. 750. — Renovos de pinheiro.

PINHEL. Portugal; Beira Baixa. Aguas salinas frias.

PINTAS. Nas molestias chamadas *eruptivas* apparecem na pelle pequenas manchas vermelhas, do tamanho de picadas de pulgas ou maiores; chamam-lhes *pintas*. As molestias em que se observam são: sarampos, escarlatina, bexigas, cataporas, roseola, etc. As pintas dos *sarampos* parecem-se com picadas de pulgas; as da *escarlatina* consistem em manchas largas, um pouco elevadas acima do nivel da pelle; as das *bexigas* são pequenos botões que se convertem, tres ou quatro dias depois, em grossas bostellas cheias de pus; as das *cataporas* são manchas que logo no primeiro dia se transformam em botões cheios de materia transparente; as da *roseola* são nodoas vermelhas redondas, muito maiores que as dos sarampos. Em algumas molestias acompanhadas de febre, apparecem ás vezes na pelle nodoas vermelhas irregulares, que não tem importancia; duram pouco tempo e desapparecem espontaneamente. No *escorbuto* manifestam-se nodoas de algumas linhas de diametro; são acompanhadas de outros symptomas d'esta molestia. *Veja-se* tambem PURPURA e PELLE.

PIOLHO. Os piolhos são insectos de fecundidade prodigiosa. A observação tem demonstrado que um só piolho é capaz de pôr cincoenta lendeas em seis dias; outros seis dias bastam para que estas lendeas desabrochem, e dezoito dias depois, os recem-nascidos já estão habilitados tambem para pôrem lendeas. É facil, segundo estes dados, imagi-

nar-se a espantosa multiplicação d'estes insectos. Póde dizer-se geralmente que o asseio é o melhor preservativo contra os piolhos; tambem é o melhor meio que se póde empregar para expulsal-os, bem que então seja ás vezes preciso recorrer a alguns remedios. Os medicos tem observado tres especies de piolhos no homem : o *piolho da cabeça*, o *piolho do corpo*, e o *piolho do pubis*.

Piolhos da cabeça. Transmittem-se de um a outro individuo ; raros nos adultos, são muito mais communs nas crianças. Destroem-se, penteando frequentemente o cabello, cortando o cabello rente, lavando a cabeça com agua e sabão, polvilhando os cabellos com sementes de paparraz, salsa hortense, aipo, ou com pós de pyrethro do Caucaso.

Piolhos do corpo. São brancos com os olhos pretos. Esta especie habita principalmente no tronco e pelos membros. Deo-se o nome de *phthiriase* ao desenvolvimento de grande numero de piolhos d'esta especie. Esta molestia resulta sempre de depositos successivos e multiplicados de lendeas, por um ou muitos d'estes insectos contrahido accidentalmente. Reconhece ordinariamente por causa a falta de asscio; existem entretanto factos que provam que a phthiriase tem-se mostrado em pessoas muito asseadas; mas estes factos são raros, e ainda alguns autores não accreditam n'elles.

Quanto á geração espontanea d'estes insectos, a opinião admittida por Aristoteles é hoje quasi geralmente rejeitada. O desenvolvimento dos piolhos do corpo foi tambem apresentado como uma molestia grave. Alguns modernos tem repetido, segundo antigas tradições, que Herodoto, Scylla, Ennio, Felippe II, rei de Hespanha, morrêram de phthiriase. O exame dos orgãos internos d'estes homens illustres teria provavelmente conduzido a uma outra conclusão. Entretanto, póde acontecer que grande numero de piolhos, n'uma criança ou em uma pessoa idosa já affectada de outra molestia, chegue a occasionar comichões insupportaveis e insomnia, accidentes que augmentarão a gravidade da molestia.

Tratamento. Compõe-se de banhos geraes d'agua morna, de fricções com sabão, ou com a pomada seguinte :

Enxofre sublimado e lavado.....	10 gram.	Agua distillada.....	5 gram.
Carbonato de potassa....	5 —	Oleo de amendoas doces.	5 —
		Banha.....	35 —

Depois da fricção tome-se um banho e mude-se de roupa.

Piolhos do pubis. São conhecidos pelo nome vulgar de *ladilhas, piolhos ladros* ou *chatos*. Escondem-se entre os cabellos que cercam os orgãos sexuaes, e propagam-se até aos sovacos e ás sobrancelhas. Se amores impuros ou uma simples casualidade houverem introduzido semelhantes parasitas nas regiões indicadas, o meio mais commodo e mais expedito para dar cabo d'elles, será uma fricção com pequena quantidade de unguento mercurial cinzento; é preciso pratical-a de noite, e na manhã seguinte tomar um banho para fazer desapparecer os seus vestigios.

PIPI ou Raiz de Guiné. *Petiveria tetrandra*, Gomez (fig. 751). Phytolaceas. Sub-arbusto do Brazil; habita especialmente nas provincias do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Tronco liso, de 60 a 90 centimetros de altura; folhas ovaes, agudas, alternas, pecioladas, com as margens um tanto onduladas; flores brancas dispostas em espigas terminaes; raiz perpendicular da grossura do dedo minimo, cinzenta amarellada por fóra, com casca fina, de cheiro aliaceo, desagradavel, sabor acre; meditullio duro e sem cheiro. A raiz de pipi, é muito usada no Brazil em banhos contra as paralysias; preparam-se estes banhos com 500 grammas de raiz de pipi, que se faz ferver em quantidade sufficiente d'agua. Tambem nas pharmacias se prepara uma *tintura* com 1 parte de raiz de pipi e 4 partes de alcool; esta tintura usa-se em fricções nos membros paralysados.

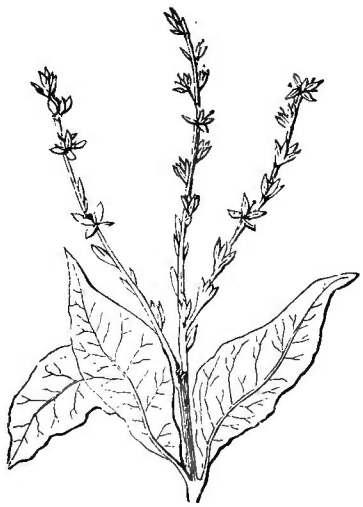


Fig. 751. — Pipi ou Raiz de Guiné.

PIRAGUAIA. *Veja-se* Cipó Sumá.

PIRANGA ou **Chica.** *Bignonia chica*, Humboldt. Bignoniaceas. Arbusto trepador do Brazil, muito abundante nas margens do Rio Negro e do Orenoco. Seu caule eleva-se ao cimo das grandes arvores por meio de gavinhas que tomam o logar do foliolo terminal de suas folhas bipennadas; estas fôlhas são de côr verde carregado, tornando-se avermelhadas pela desecacção; flores axillares dispostas em paniculas pendentes; corolla de côr violacea; o fructo é uma siliqua pendente, do comprimento de 30 a 60 centimetros, muito estreita, separada em dois loculamentos por um septo parallelo ás valvulas; sementes ovaes, aladas, imbricadas sobre o septo em cuja margem se acham fixas. Extrahe-se das folhas, por meio da maceração em agua, uma substancia vermelha, pulverulenta, insoluvel na agua, um pouco soluvel no alcool e no ether, de que os Indios se servem para pintar o rosto, dissolvendo-a no oleo de carapa. Esta substancia chama-se no Brazil *carajurú* ou *chica*, e poderia ter applicações na tinturaria.

PISADELLA, Pisadura. *Veja-se* Contusão.

PISADO (Sangue). Assim se chama vulgarmente ao sangue que se derrama debaixo da pelle, em consequencia de pisaduras, pancadas ou outras contusões, e forma nodoas denegridas, esverdeadas e depois amarellas; em medicina chama-se *ecchymose*. Estas nodoas desapparecem pouco a pouco, e nunca exigem a applicação de bichas. *V.* Ecchymose.

PISCIDIA ERYTHRINA. Planta da familia das Leguminosas, classificada no grande grupo das Papilionaceas, á qual tambem denominam *jamaica Dogwood*. Ella contem um principio calmante, a piscidina, raramente usada. É administrada sob a forma de extracto fluido da casca da raiz, na dóse de 2 a 4 grammas em uma poção.

PISTACHA, Alfostigo, Fistico. Semente ou amendoa do

fructo da pistaceira, *pistacia vera*, Linneo, arvore da familia das Terebinthaceas-anacardeas, cultivada principalmente na Sicilia (fig. 752). O fructo, do tamanho de uma azeitona, contém um caroço, e dentro d'este uma amendoa coberta de pellicula arroxeada, de côr verde pallida no interior, de sabor doce e agradavel. Com esta amendoa fazem-se confeitos; e seu succo, que é muito agradavel, serve para fazer sorvetes. Comem-se tambem como as avelãs. Em pharmacia, as pistachas são empregadas na preparação do *loock verde*, que se administra contra a tosse.



Fig. 752. — Pistacha.

PITANGUEIRA. *Eugenia uniflora*, Dinn. Myrtaceas. Arvore do Brazil, de altura mediocre; tem as folhas oppostas, quasi rentes, ovaes, acuminadas; flores pedunculadas; cada pedunculo sustenta uma unica flor; fructo (*pitanga*), baga globosa, rubicunda, coroada pelos dentes do calice, e contendo uma ou duas sementes. As pitangas contém uma polpa acida, assucarada, que é refrigerante. Comem-se cruas, ou servem para preparar doces, xarope, vinagre. Em Pernambuco costumam empregar o cozimento das folhas nas dôres rheumaticas. Dá-se tambem o nome de pitangueiras a outras plantas da mesma familia; são : *Eugenia ligustrina*, Camb., chamada *pitangueira do matto*, em S. Paulo; *Myrcia rubella*, Camb., que tem o nome em Goyaz de *pitangueira miuda;* seus fructos são comestiveis.

PITEIRA. *Agave*, Linneo. Genero de plantas da familia das Amaryllideas, tribu das *Agaveas*, que habitam na America meridional, e podem attingir uma altura consideravel. Florescem raras vezes ou mesmo uma vez só, porque o desenvolvimento de sua gigantesca inflorescencia (visto que se contam até 1409 flores) esgota a planta e a faz frequentemente morrer depois de florescer. As folhas radicaes são carnosas e bordadas de espinhos. A *agave americana*, Linneo, é uma das especies mais espalhada; é commum no Rio de Janeiro. Importada para a Europa, naturalizou-se em Portugal, na Hespanha e no sul da França. Suas folhas, de metro e meio até dois metros de comprido, formam um montão espinhoso, d'onde uma haste erecta se levanta ás vezes até 10 ou 12 metros de altura. As folhas d'esta planta contém uma substancia que póde tecer-se, e dão filaças optimas para cordas, redes, etc. Fornecem por trituração um succo que espressado pela evaporação e junto com cinza, forma um bom sabão. No Mexico, com este succo fermentado, prepara-se uma bebida acidula muito estimada.

PITUITA ou PHLEGMA. Dá-se este nome ás materias mucosas, pegajosas que a expectoração expulsa das pessoas affectadas de bronchite chronica.

Contra a pituita empregam-se as capsulas de alcatrão de Guyot; os pós e pastilhas de Paterson; as capsulas creosotadas do Dᵒʳ Fournier; a glycerina creosotada de Catillon; as gottas livonianas de Trouette-Perret e as capsulas de oleo de figado de bacalhao creosotado de Berthé.

PITYRIASE ou **Carepa.** Dartro furfuraceo volante. Molestia da pelle na qual esta membrana diversamente corada, ou conservando a côr normal, apresenta como phenomeno caracteristico uma exfoliação da epiderme, que se separa por pequenas laminas esbranquiçadas, pulverulentas, comparadas com razão á farinha ou aos farelos. Esta benigna molestia póde limitar-se a certas regiões do corpo, ás partes pilosas ou ao rosto, por exemplo; outras vezes invade a totalidade ou a maior parte do envoltorio cutaneo. Quando affecta a cabeça, chamam-lhe mais particularmente *caspa*. *Veja-se* esta palavra. — Distinguem-se quatro variedades de pityriase : *rubra*, *branca*, *variegada*, e *preta*.

A *pityriase rubra* é uma fórma bastante rara da molestia. A pelle apresenta então, sobre os pontos affectados, uma vermelhidão viva, superficial, mui bem limitada; é secca e coberta de pequenas escamas esbranquiçadas, que se separam pela menor fricção, e ás vezes por um simples movimento. Estas escamas renovam-se continuamente; de ordinario são acompanhadas de prurido. A pityriase rubra occupa sobretudo a cabeça. É mais frequente nas pessoas que tem o cabello espesso. Mostra-se tambem na barba, e é quasi sempre entretida pela acção da navalha.

A *pityriase branca* occupa especialmente o rosto. É caracterizada por malhas alvacentas, furfuraceas, pouco pruriginosas. Em geral, passados poucos dias a molestia desapparece; persiste mais quando occupa a cabeça.

A *pityriase variegada*, designada com os nomes de *pannos* ou *nodoas hepaticas*, é caracterizada por malhas cinzentas, fulvas, amarelladas, de diversa figura e grandeza, mais ou menos approximadas, e separadas por intervallos em que a pelle conserva a côr natural. Estas malhas, cuja situação ordinaria é no peito, braços e ventre, cobrem-se de escamas furfuraceas pouco pruriginosas.

A *pityriase negra* apresenta-se com os caracteres de pityriase rubra, salvo o serem as escamas situadas em superficies de côr mais ou menos preta.

Prognostico. A pityriase constitue sempre uma molestia benigna. A que occupa a cabeca é mais rebelde, e póde, com o tempo, produzir a quéda do cabello.

Causas. A pityriase observa-se em todas as idades; não é rara nas crianças reeem-nascidas; occupa n'ellas a cabeça, e apparece a principio sob a fórma de uma caspa ligeira, logo depois substituida por escamas. Esta molestia reconhece frequentemente por causa, nos adultos, uma excitação da pelle por um regimen muito estimulante ou pela insolação.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida, lavatorios com agua e sabão, banhos do mar, fricções com solução de borax, e com outras preparações cujas receitas são as seguintes :

Solução de borax.

Borax	8	grammas.
Agua	180	—

Humectam-se as manchas duas vezes por dia com esta solução, tendo o cuidado de a deixar seccar no logar em que se applica.

Pomada antidartrosa.

Pedrahume	1	gramma.
Camphora	1	—
Banha	30	—

Glycereo contra a pityriase.

Glycerina	30	grammas.
Oxydo de zinco	4	—

Untam-se com este glycereo os logares affectados.

Pomada de alcatrão.

Alcatrão purificado	8	grammas.
Banha	24	—

Coaltar saponidado Le Beuf misturado com duas ou tres partes d'agua.
Phenol Bobœuf, misturado com partes iguaes d'agua.

PLACENTA. Corpo molle e esponjoso, chato, circular, composto de um tecido muitissimo vascular, implantado na face interna do utero da mulher pejada. A placenta faz parte do ovo e é o orgão intermediario que estabelece as estreitas relações entre o sangue da mãi e a circulação do feto. Adhere á madre por uma de suas faces, por outro lado, dá nascimento ao cordão umbilical ao qual, para bem dizer, se acha suspenso o feto. Depois do parto, quando o feto foi expellido, a placenta não demora a ser tambem expellida debaixo da influencia de contracções do utero. Quando fica adherente por muito tempo, arranca-se'a com os dedos. Quando a placenta adhere naturalmente no fundo da matriz ou perto d'esse logar, não incommoda de modo algum o trabalho do parto; mas quando ella se fixa perto do orificio do collo uterino, a mulher se acha exposta a seríos accidentes e principalmente a hemorrhagias graves.

PLETHORA. Superabundancia de sangue no corpo. Este estado é caracterizado pela vermelhidão do rosto, pulso forte, augmento de calor do corpo, tendencia ás hemorrhagias, etc. A somnolencia, as vertigens, a vermelhidão dos olhos, a pulsação mui forte das arterias do pescoço, são signaes de que se deve receiar a congestão sanguinea do cerebro. O tratamento consiste em moderação nas comidas, no emprego da alimentação mais vegetal do que animal, no uso das limonadas de limão, ou de laranja, purgantes, e ás vezes no emprego de bichas ou da sangria.

PLEURA. Todos sabem que os pulmões acham-se no peito, isto é, em uma cavidade fechada adiante e dos lados pelo esterno e as costellas, atraz pela columna vertebral e em baixo pelo diaphragma que a separa do abdomen. Mas em nenhum logar acham-se elles em contacto directo

com essas paredes. Estão rodeados, salvo ao nivel do logar por onde penetram os bronchios, cada qual por uma membrana serosa composta de duas folhas que os contem tal qual como a cabeça de uma pessoa se acharia dentro de uma carapuça dupla. Esta comparação faz comprehender facilmente que uma das folhas se acha directamente em cima do pulmão, é a folha visceral, a outra, ao contrario, se acha sobre a parede. Estas duas folhas correspondem-se por suas superficies lisas, polidas que estão sempre em contacto para escorregar uma sobre outra durante a respiração, mas que se separam quando ha pleuresia para dar logar a um derramamento de liquido que se produz em sua cavidade. A folha visceral muito fina, serve para facilitar os movimentos dos pulmões; a folha parietal, muito mais grossa, concorre tambem para este fim, mas a sua espessura fal-a uma parede protectora do tecido pulmonar. Tambem muitas vezes acontece que um projectil ou a ponta de uma espada atravessa esta folha externa da pleura sem tocar no pulmão que se affasta, graças a sua moleza e a sua elasticidade. Entre os dois pulmões, no meio do peito, acha-se o coração que está envolvido em uma membrana analoga, que se chama pericardio, a qual está em contacto á direita e á esquerda com a folha parietal de cada pleura (*Veja-se* PLEURESIA e PERICARDIO).

PLEURIZ. Inflammação da pleura, membrana que reveste os pulmões; póde ser *agudo* ou *chronico*.

Pleuriz agudo (fig. 753, 754). É caracterizado anatomicamente pela vermelhidão da pleura, e pela accumulação no sacco pleural de um liquido cuja quantidade varia de 30 grammas a 6 ou 8 litros. A estas lesões corresponde dôr pungente em um dos lados do peito, difficuldade de respirar, tosse secca ou acompanhada de escarros mucosos brancos ou quasi sem côr.

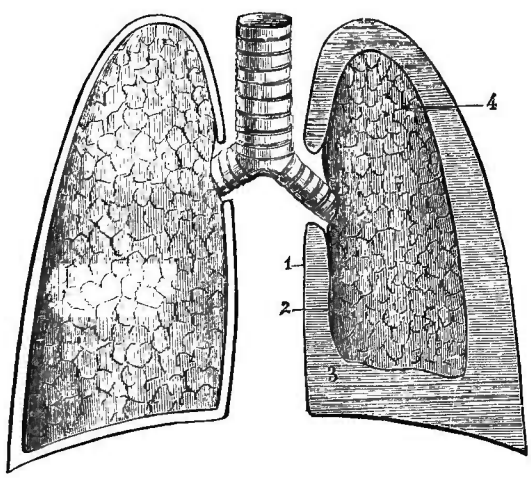


Fig. 753. — Pleuriz (*).

Symptomas. O pleuriz agudo principia de maneira variavel. Em geral, o doente experimenta durante alguns dias fastio e alguma fraqueza. As vezes, a molestia começa de maneira subita, e em poucas horas a pessoa passa de um estado de saude perfeita a um estado de molestia muito grave. Depois de um calefrio inicial, não tarda a apparecer uma *dôr* de lado. Esta dôr, que recebeo o nome de *pontada*, tem a séde debaixo de um ou de outro seio; é viva e pungente, e adquire em pouco tempo o mais alto gráo de intensidade; de-

(*) O derramamento principia a formar-se. — 1, 2, duas folhas de pleura; 3, liquido derramado, envolve o pulmão; 4, pulmão.

pois diminue. Ás vezes os doentes só sentem um *peso*, n'um dos lados do peito, ou uma *constricção* mais ou menos forte; mas de ordinario a dôr é aguda, semelhante a um dardo pontudo que atravessa o peito de parte a parte. Quasi sempre, quando tem certo gráo de acuidade, augmenta pelos grandes movimentos do tronco, pela pressão sobre as paredes do peito, pela percussão, e sobre tudo pela tosse e pelas grandes inspirações. Este symptoma chega ás vezes ao ponto de causar a insomnia. — A *tosse* não tarda a apparecer. Pouco frequente no maior numero dos casos, torna-se algumas vezes muito incommoda. De ordinario é uma pequena tosse secca. A *expectoração* falta as mais das vezes; quando existe, os escarros são puramente mucosos como os da bronchite simples. — Ao mesmo tempo apparece uma *difficuldade* mais ou menos consideravel *da respiração*, e febre mais ou menos intensa. Existe sêde, fastio; o doente é obrigado a ficar na cama, deitado quasi sempre de costas, as mais das vezes inclinado sobre o lado affectado.

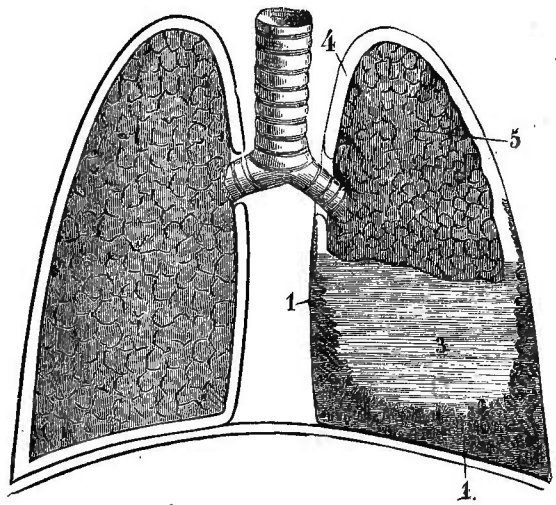


Fig. 754. — Pleuriz (*).

Uma exhalação sero-albuminosa não tarda a fazer-se na pleura inflammada. Quando não ha adherencias, o liquido ajunta-se no ponto mais declive da cavidade pleural. Este ponto corresponde á concavidade da grande curvatura das costellas, quasi a igual distancia da columna vertebral e do esterno: é n'este ponto que pela percussão se verifica primeiro uma diminuição da sonoridade, e, quando o derramamento é consideravel, um som massiço mui completo. O modo de praticar a percussão do peito acha-se indicado no artigo Percussão. A percussão faz reconhecer, n'uma extensão variavel do lado affectado, um som massiço mais ou menos completo, segundo a abundancia do derramamento.

A auscultação fornece resultados mais variados e mais importantes. Chama-se *auscultação* o modo de explorar as molestias do peito, e de alguns outros orgãos, por meio do sentido do ouvido. Applicando-se o ouvido sobre o peito de uma pessoa affectada de pleuriz, o murmurio respiratorio, que existe quando o peito está são, é mui fraco no começo da molestia, e desapparece completamente no periodo mais adiantado. Em certas condições do pleuriz, o murmurio macio da respiração normal é substituido por um ruido mais forte, mais aspero, a que se tem dado o

(*) O derramamento occupa a base do pulmão; as membranas falsas estão formadas. — 1, 2, membranas falsas; 3, derramamento; 4, 5, pulmão repellido para cima e para traz.

nome de ruido ou sopro bronchico ou tubario. Comtudo, a ausencia completa do murmurio respiratorio é o caracter mais geral do pleuriz. — A auscultação da voz fornece tambem no pleuriz um signal dos mais importantes. Mandando-se fallar o doente, em quanto o ouvido está applicado ao nivel do derramamento, sente-se que a voz resoa de outra maneira que do lado são. Quando o derramamento é mediocremente abundante, a voz é aspera, tremolante como a da cabra : chamam-lhe *egophonia*. Este phenomeno raras vezes existe em toda a extensão do derramamento; de ordinario percebe-se entre o espinhaço e o osso do hombro chamado omoplata, ou entre este osso e o seio. Desapparece quando o derramamento diminue ou quando se torna mui consideravel; n'este ultimo caso, ao mesmo tempo que a percussão fornece um som completamente massiço, cessa a resonancia da voz, e por fim não se ouve mais durante a respiração ruido algum natural nem morbido, exceptuando comtudo ao longo do espinhaço, logar no qual o pulmão se acha repellido pelo liquido; e onde por consequencia póde ainda distinguir-se o murmurio respiratorio. Os diversos symptomas fornecidos pela percussão e pela auscultação podem desapparecer, ou mudar de logar, quando, variando as posições do doente, se força o liquido derramado a deslocar-se, para accumular-se nos pontos mais declives. O derramamento continuando a augmentar, póde chegar ao ponto de encher completamente a cavidade do peito. N'este caso a oppressão é muito consideravel; o doente não póde deitar-se do lado são; deita-se habitualmente de costas ou do lado affectado. Este acha-se consideravelmente dilatado nos seus diametros, transverso e antero-posterior.

Marcha da molestia. Quando o derramamento diminue, em consequencia de sua absorpção, os symptomas geraes melhoram; a febre cessa; o murmurio respiratorio é mais forte ao longo do espinhaço, no logar onde existia sempre; depois ouve-se debaixo da clavicula e na parte anterior do peito; enfim torna a apparecer pouco a pouco e successivamente de cima para baixo. A volta da sonoridade segue exactamente a mesma progressão. Todavia os signaes do derramamento são, em geral, muito mais persistentes para traz e em baixo, sobretudo no ponto mais declive da cavidade pleural, onde o liquido principiou a accumular-se nos primeiros dias da molestia. Ha mesmo individuos que conservam durante muitos annos esta desigualdade na sonoridade, e na intensidade do murmurio respiratorio entre os dois lados do peito; o que se explica pela accumulação das falsas membranas, pela sua conversão em tecido cellular, e pela diminuição da acção do pulmão em consequencia da longa compressão que tem experimentado. O liquido pleuretico, em vez de ser absorvido, sahe ás vezes pelos bronchios ou atravez das paredes do peito.

Duração. A duração do pleuriz é mui variavel : póde só ser de cinco a seis dias, se a exsudação não fôr consideravel; mas por pouco que o derramamento seja abundante, a molestia prolonga-se pelo menos durante quinze dias, e frequentemente durante tres e quatro semanas; emfim, quando o derramamento enche todo o peito, são necessarios muitos mezes para que os pulmões voltem ao seu estado normal.

Terminações e prognostico. Raras vezes o pleuriz agudo termina pela morte quando é franco; quando affecta um só lado do peito e um individuo em boa saude. Mas o prognostico é muito mais grave no pleuriz duplo; quando este é de grande extensão, e acompanhado de muita anxiedade ou de febre intensa. Comtudo, é extremamente raro que, no pleuriz duplo, o derramamento seja tão consideravel que produza accidentes graves : quasi sempre, com effeito, o pleuriz, muito extenso de um lado, está mui circumscripto do outro; acontece mesmo muitas vezes que o derramamento é mediocre de um e outro lado.

Diagnostico. O pleuriz só póde ser confundido com a pneumonia : estas duas molestias tem, com effeito, como symptomas communs, a dôr de lado, a difficuldade de respirar, a tosse, o som massiço do peito e a febre. Mas na pneumonia a expectoração é sempre abundante, e ordinariamente sanguinolenta : no pleuriz a tosse é secca ou seguida só de expectoração pouco abundante e sempre mucosa.

Causas. As causas mais poderosas do pleuriz são; as suppressões rapidas da transpiração, a impressão de ar frio sobre a pelle quando o corpo está suando, e a ingestão de liquido muito frio ou nevado em identicas circumstancias. Vem depois as pancadas, as quédas, as feridas do peito. Como a maior parte das molestias agudas, o pleuriz sobrevem tambem sem o concurso de nenhuma causa determinante apreciavel.

Tratamento. No começo da molestia cumpre applicar dez bichas ou algumas ventosas sarjadas sobre a pontada, e administrar ás colheres a poção seguinte :

Folhas de digital.....	25 centigrammas.
Agua fervendo.....	quantidade sufficiente.
Para ter de infusão.....	120 grammas.

ajunte :

Xarope de gomma.....	30 grammas.

Dóse : Duas colheres de *sopa* de 2 em 2 horas.

Esta poção administra-se durante dois ou tres dias seguidos; depois do que applica-se um caustico no peito. O doente deve observar nos primeiros dias uma dieta completa, e usar de bebidas emollientes frias, taes como a infusão de flores de malvas ou de violas, adoçada com assucar ou com xarope de gomma.

Para favorecer a absorpção do liquido derramado na pleura, administra-se, ás colheres, a poção seguinte; duas colheres *de sopa* de 2 em 2 horas.

Infusão de hysopo.....	150 gram.	Tintura de scilla.....	20 gottas.
Azotato de potassa.....	4 —	Xarope de gomma.....	30 gram.

Com este tratamento o pleuriz simples sára quasi sempre. Logo que a febre ceder, dão-se alimentos, ainda mesmo que o derramamento pleuretico não tenha desapparecido completamente.

Com o mesmo intuito, de facilitar o desapparecimento do liquido

derramado na pleura, administrem-se alguns purgantes, e a bebida seguinte :

Infusão de parietaria.....	250	grammas.
Acetato de potassa.....	4	—
Xarope das cinco ratzes.....	30	—

Para beber metade de manhã, outra metade á noite. Repete-se esta bebida durante oito dias.

No pleuriz agudo, quando o derramamento é consideravel e immovel, isto é quando não diminue, é necessario evacuar o liquido contido nas pleuras por meio de uma operação cirurgica, chamada *paracentese*. Quando o derramamento se acha do lado esquerdo, e é mui consideravel, produzindo som massiço pela percussão por diante e detraz, e sobretudo no apicc do peito ; quando o coração está repellido á direita, quando a respiração é curta e frequente, é preciso fazer a operação. No pleuriz do lado direito póde-se differir, porque o coração não mudou de logar, e, por conseguinte, a sua circulação não se acha constrangida. Todavia, quando o derramamento do lado direito é consideravel e acompanhado do som massiço no apice, com respiração curta e frequente, é preciso operar. A puncção do peito, por meio de um trocate (fig. 755) disposto

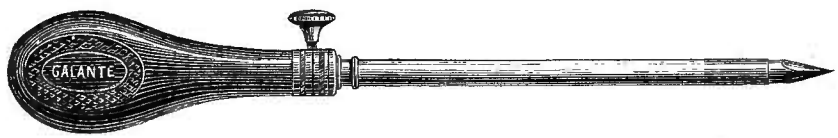


Fig. 755. — Trocate aspirador de Dieulafoy para a thoracentese.

de maneira que o ar não possa penetrar no peito, é o modo que convem empregar. Póde-se assim tirar todo o liquido de uma vez, e immediatamente volta a resonancia do peito com a respiração que se faz ouvir de novo; mas é melhor esvaziar o peito em duas ou tres vezes. Esta operação não apresenta perigo por si mesma, não determina accidentes inflammatorios, e não augmenta a gravidade da molestia. A sua execução é facil. Não se deve, pois, hesitar em fazêl-a sempre que existir a indicação n'uma das circumstancias precedentemente designadas. Em vez d'esta puncção com um trocate, póde-se fazer a *sucção* com agulha ôca do aspirador pneumatico. É a mesma cousa como resultado.

Pleuriz chronico. Dá-se este nome ao pleuriz que fica estacionario muito tempo, e produz uma febre contínua. Distinguem-se duas sortes : 1.ª o pleuriz que, desde a origem, tem este caracter; 2.ª o pleuriz agudo que passou ao estado chronico. O liquido, que se formou no peito acha-se em quantidade consideravel.

Symptomas. Os symptomas locaes do pleuriz chronico pouco differem dos do pleuriz agudo. Eis-aqui as differenças :

A *dôr* pungente é nulla, ou então é escura, fugace, ou não se mostra senão com intervallos mais ou menos afastados. A *respiração* é facil a principio, e persiste assim durante muito tempo, mesmo quando o der-

ramamento é abundante. Mais tarde sobrevem a *oppressão*. A *tosse* existe em geral no pleuriz chronico. Como no pleuriz agudo, os doentes deitam-se com preferencia de costas e do lado affectado. O exame do peito faz reconhecer uma *dilatação* mais ou menos consideravel do lado affectado; os espaços intercostaes são pouco visiveis, mais largos e ás vezes salientes; o osso omoplata está mais baixo. Fazendo o doente uma forte aspiração, as paredes do peito ficam immoveis d'este lado, ao passo que apresentam grandes movimentos do lado são. A simples inspecção é sufficiente para conhecer que o peito do lado affectado é mais amplo do que do lado bom; póde-se verificar a differença medindo os dois lados com uma fita.

Os signaes physicos do pleuriz chronico não differem sensivelmente dos do pleuriz agudo com derramamento. Som massiço n'uma extensão consideravel; murmurio respiratario muito afastado; ausencia d'este murmurio principalmente na base do pulmão; conservação do murmurio respiratorio perto da columna vertebral para onde foi repellido o pulmão pelo derramamento: taes são os signaes que fornecem os diversos meios de exploração. A egophonia, isto é a voz tremula, é um phenomeno raro no pleuriz chronico, não existe senão quando o derramamento é pouco abundante, mas logo que a quantidade do liquido se tornou consideravel, verifica-se, com som massiço absoluto, uma ausencia completa, de qualquer especie de ruido natural ou morbido, quer durante a aspiração e expiração, quer quando o doente tosse ou falla.

Os symptomas geraes do pleuriz chronico são: decadencia de todo o corpo, côr pallida do rosto, febre lenta, estado de anxiedade mais ou menos consideravel. Em alguns casos, notou-se uma inchação geral, limitada ás vezes só ao braço do lado affectado.

Duração, *terminações*. O pleuriz chronico dura de dois ou tres mezes a um ou muitos annos. A cura póde obter-se espontaneamente, quer pela absorpção do liquido que enche a cavidade pleural, quer em consequencia da expectoração muito abundante.

Tratamento. Compõe-se: 1.° de repetidos causticos que se applicam no peito; 2.° de medicamentos purgativos; 3.° de diureticos. Eis-aqui as receitas:

Pilulas purgativas.

Aloes	1 gramma.
Gomma gutta	1 —

Faça 10 pilulas. Para tomar uma ou duas pilulas por dia, pela manhã em jejum.

Pilulas diureticas.

Scilla em pó	2 grammas.
Extracto de zimbro	2 —

Faça 20 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia.

Sustentem-se as forças com alimentação conveniente, e colloquem-se os doentes em boas condições hygienicas.

Se o derramamento, longe de absorver-se, ficar estacionario durante

muitos mezes, e se, por sua abundancia, incommodar consideravelmente a respiração e a circulação, cumpre evacuar o liquido, por meio de uma puncção feita com trocate.

PLEURIZ FALSO ou **BASTARDO.** *V.* PLEURODYNIA.

PLEURODYNIA ou PLEURIZ FALSO. Dôr que existe nos musculos do peito : é de natureza rheumatismal, mas ás vezes tem sido tomada por um pleuriz verdadeiro. Esta dôr muda frequentemente de logar, augmenta pela compressão, respiração e tosse, e sobretudo pelo movimento do corpo; porém é mais superficial do que no pleuriz e não é acompanhada de febre. Cede ordinariamente á applicção de sinapismos e ás fricções com essencia de terebinthina, balsamo opodeldoch ou aguardente camphorada. *Veja-se* DÔR DE PEITO, no artigo PEITO.

PLEUROPNEUMONIA. Inflammação simultanea do pulmão e da membrana que o reveste (*pleura*). Os symptomas e o tratamento d'esta molestia são identicos ao da pneumonia.

PLICA POLONICA. Molestia que se observa particularmente na Polonia, e que é caraterizada pelo desenvolvimento e agglomeração do cabello. A pelle da cabeça fica dolorosa e torna-se a séde de viva comichão ; um suor viscoso de máo cheiro, que sahe de toda a superficie da cabeça e dos cabellos, coagula-se e transforma-se em crostas. A febre, que existe no começo, cessa ao cabo de certo tempo; cessa a exsudação e o crescimento do cabello ; a plica aparta-se pouco a pouco da cabeça ; póde-se então cortar sem inconveniente. O tratamento consiste em preparações de enxofre e medicamentos purgativos.

PLOMBIÈRES. França. Aguas sulfatadas sodicas quentes, e aguas ferruginosas frias.

Itinerario de Pariz a Plombières : Estrada de ferro até Ailleviliers, 10 horas. Carro d'esta estação até Plombières, 1 hora Despeza 45 francos.

Plombières, pequena cidade de França, de aspecto elegante, está situada n'um valle estreito e profundo, sobre as margens do pequeno rio Eaugronne, na proximidade dos sitios pittorescos das montanhas de Vosges. Altura 420 metros, clima temperado e variavel. A abundancia das aguas, a boa disposição dos estabelecimentos thermaes e hoteis confortaveis, fazem esta estação uma das mais importantes. Ha em Plombières 27 fontes, que não fornecem menos de 730 metros cubicos d'agua mineral em 24 horas; a sua temperatura é de 11 a 70 gráos centigrados. Sahem do granito porphyroide. Distinguem-se em fontes isoladas e em fontes reunidas nas galerias subterraneas. As fontes isoladas são em numero de oito, a saber :

	Temperatura.
1.ª *Fonte ferruginosa* ou *S. Bourdeille*	12°
2.ª Fonte *das Damas*, principalmente destinada para bebida.	52°
3.ª Fonte do *Crucifixo*, igualmente empregada como bebida.	43°
4.ª Fonte *dos Capuchinhos*	51°
5.ª Fonte *Muller*	34°
6.ª Fonte *Fournie*	35°
7.ª Fonte *S. Lambinet* ou *du Trottoir*	25°
8.ª Fonte *Bizot*	11°

As outras fontes estão recolhidas em duas galerias separadas, a saber:

A. A galeria des *Savonneuses*, que conta hoje oito fontes, e cuja temperatura, tomada de todas as oito fontes juntas indica 42° centigrados.

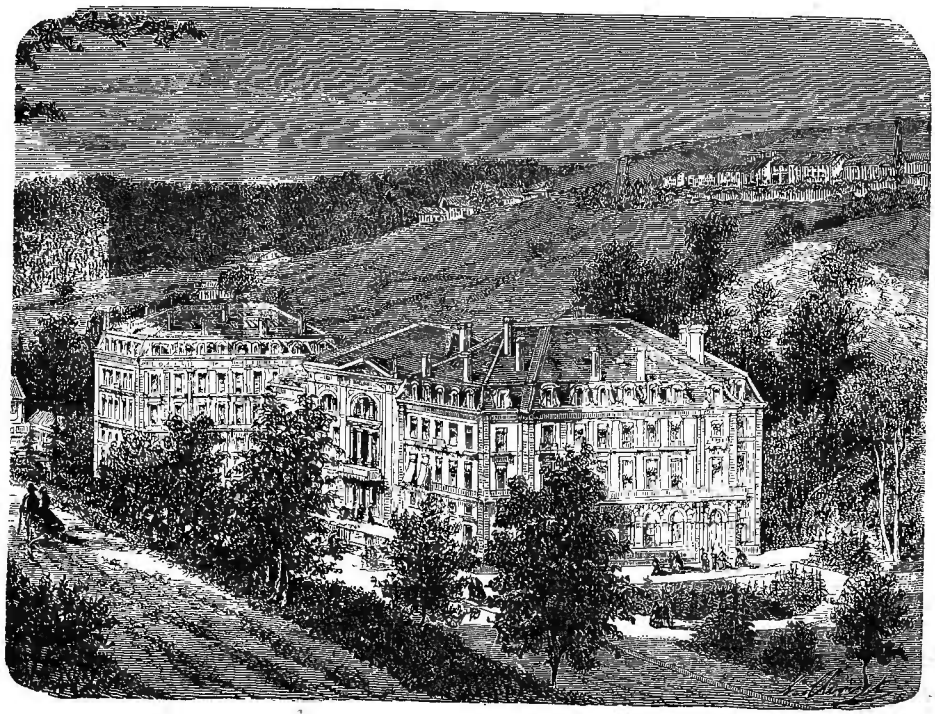


Fig. 756. — Plombières.

B. As fontes da galeria de *Thalweg* compõem dois grupos : um alimenta as estufas, em razão da sua alta temperatura, é formado das fontes da *Torneira romana* (temperatura 69°), *Estanisláo* (69°), e *Vauquelin* (69°); o segundo contém dez fontes, designadas pelos numeros de 1 a 8, e as fontes *Mougeot* e *Puisard* (entre 53° a 65°). Estas temperaturas augmentaram depois dos novos trabalhos de isolação, executados n'estes ultimos annos. Todas estas fontes dirigem-se aos diversos estabelecimentos balneares.

As aguas de Plombières são sempre limpidas, sem côr nem cheiro ; levementes alcalinas ; o seu sabor é um pouco amargo. A sua composição differe pouco. Eis-aqui a quantidade das substancias que existem n'um litro das fontes, segundo a analyse do chimico Lefort.

	Fonte das Damas.	Fonte do Crucifixo.
Oxygeneo	1cc,77	2cc,56
Azote	9cc,62	10cc,50
Acido carbonico livre	0g,01267	0g,00825
— silicico	0g,02731	0g,00749
Sulfato de soda	0g,09274	0g,10670
— de ammoniaco	vestigios	vestigios
Arseniato de soda	vestigios	vestigios
Silicato de soda	0g,5788	0g,10611
— de lithia	vestigios	vestigios

	Fonte das Damas.	Fonte do Crucifixo.
Silicato de alumina	vestigios	vestigios
Bicarbonato de soda	0g,01123	0g,02092
— de potassa	0g,00133	0g,00233
— de cal	0g,03868	0g,03639
— de magnesia	0g,00670	vestigios
Chlorureto de sodio	0g,00927	0g,01004
Fluorureto de calcio	vestigios	vestigios
Oxydo de ferro e manganez	vestigios	vestigios

A fonte *Bourdeille*, ou *ferruginosa*, contém notavel proporção de bicarbonato de ferro (0g,016 por litro), bicarbonatos de soda, de cal, de sulfato de cal, chlorureto de sodio, acido silicico, materia organica, e vestigios de arseniato de ferro.

Contam-se em Plombières seis estabelecimentos : 1.° *Banho romano*, que encerra 24 gabinctes de banhos, com duche; 2.' *Banho das Damas*, com 18 banheiras e 15 duches; 3.' *Banho temperado*, comprchendendo 4 piscinas circulares para 16 ou 18 pessoas, 31 banhèiras com duches; 4.° *Banho dos Capuchinhos*, com 2 piscinas para 40 pessoas; 5.' *Banho novo*, contendo 4 piscinas, 48 banheiras, 4 duches de chuva e escossezas, 4 duches ascendentes, 1 duche de vapor, duas estufas, uma geral outra parcial, com apparelhos variados; 6.' As *Thermas*, que realizam todos os aperfeiçoamentos modernos da hydrotherapia. É preciso accrescentar a esta serie de commodidadcs já tão extensa as antigas estufas distinctas para os homens, para as senhoras, e para os indigentes; tem 150 metros quadrados de superficie; são alimentadas pelo vapor que sahe das fontcs novas; a sua temperatura é de 40 a 42 gráos.

As aguas de Plombières administram-se em bebida, banhos e em vapor. As aguas de que se faz uso como bcbida são frias ou quentes. As aguas frias, a fonte *Bourdeille*, e a agua *Savonneuse*, tomam-se ordinariamente ao jantar, misturadas com vinho. As aguas quentes, destinadas ao uso interno, são a fonte do *Crucifixo* c a fontc das *Damas*, cuja mineralização é quasi a mesma. As dóses variam dc meio copo a 3 ou 4 copos por dia, bebidos de manhã em jejum ou durante o banho, ás vezes depois do meio dia.

A agua da fonte das *Damas*, apezar da sua temperatura dc 52° centigrados, não é desagradavel para beber e digere-se facilmente. Os effeitos d'esta agua manifestam-se pela sensação de calor agradavel nas vias gastro-intcstinaes, pela excitação do appctite e pclo augmento da digestão; não produz effeito purgativo senão depois de ingerida cm grande quantidade. Em pequena dóse actua como sedante do systema nervoso.

As aguas de Plombières empregam-se em molestias chonicas e mui diversas. A chlorose, a anemia são tratadas por meio da agua ferruginosa no interior, por meio dos banhos e das duches de temperatura pouco elevada. As nevroses do apparelho digestivo, a dyspepsia, a gastralgia, as divcrsas nevralgias são acalmadas pelos banhos mornos prolongados, e pelo uso interno da agua mineral. As outras molcstias, que se tratam em Plombières, são os rheumatismos musculares e articulares, a sciatica, as paralysias, as molestias do utero e as molestias cutaneas.

A cidade de Plombières offerece agradaveis distracções; ha ali sobretudo lindos passeios. A estação thermal dura de 15 de maio a 15 de outubro. As aguas de Plombières transportadas conservam-se bem.

PNEUMOGASTRICO. O mais importante nervo do organismo em razão da quantidade dos orgãos por onde passa. Nasce no bulbo cerebral, desce pelo pescoço acompanhando de perto a arteria carotida e a veia jugular interna, penetra no peito e d'ahi segue para a cavidade abdominal oude termina o seu curso. Em seu caminho dá muitas ramificações á pharynge, á larynge, ao esophago, ao estomago, ao figado, aos pulmões e ao coração. Acha-se pois, debaixo de sua dependencia, a deglutição, a digestão, a voz, a respiração e tambem a circulação, visto que ficou demonstrado por numerosas experiencias que o nervo pneumogastrico modera as bateduras do coração. Elle é motor e ao mesmo tempo sensitivo e tem communicação por meio de muitos filetes anastomoticos com muitissimos outros nervos craneanos.

PNEUMONIA. Inflammação do tecido pulmonar. Esta molestia foi tambem chamada *pulmonia*, *peripneumonia* ou *fluxão de peito*. É caracterizada pela dôr do lado, tosse, escarros sanguinolentos e febre. Ha tres gráos d'esta inflammação. No *primeiro gráo* o pulmão apresenta uma simples *congestão sanguinea*; é de côr vermelha violacea. No *segundo gráo* o seu tecido é semelhante ao do figado; este estado chama-se *hepatização vermelha*. O *terceiro gráo* tem o nome de *hepatização cinzenta*, porque o pulmão adquire esta côr; o seu tecido está penetrado por uma materia esbranquiçada, e mais tarde por um verdadeiro pus.

Causas. A pneumonia é uma molestia que se observa em todas as idades. A sua causa escapa-nos ordinariamente. O frio e as estações em que as variações de temperatura são grandes e os ventos frios, como o fim do inverno e a primavera, produzem o maior numero de pneumonias. A molestia é commum nos climas temperados, é rara nas regiões intertropicaes. As profissões que expõem o corpo ás refrigerações são as que fornecem o maior numero de doentes. Os homens são-lhe duas vezes mais sujeitos do que as mulheres.

Symptomas. As mais das vezes a pneumonia declara-se de repente. Comtudo, em alguns casos é precedida, durante quatro ou cinco dias, de fastio, e perda das forças. A invasão da molestia manifesta-se por um calefrio mais ou menos violento, dôr viva n'um dos lados do peito, tosse e oppressão. A tosse provoca a expulsão de escarros viscosos, adherentes ao fundo do vaso, transparentes, misturados com pequenas bolhas de ar; estes escarros são de côr rubra, como *tijolo pisado*, ou como *ferrugem;* ou são amarellos como casca de *limão* ou de *laranja;* ás vezes são de côr *esverdeada*; outras vezes são serosos, cobertos de uma escuma vermelha escura. A côr, que acabei de indicar, é produzida pelo sangue, e sua diversidade resulta da proporção differente d'este liquido, e de sua combinação mais ou menos intima com a mucosidade. Desde o principio da pneumonia, e logo que o pulmão está menos permeavel, o som do peito é mais obscuro no logar affectado, quando se percute com os dedos; pouco a pouco torna-se completamente mas-

siço (*Veja-se* PERCUSSÃO) : Applicando-seo ouvido sobre o peito, no logar correspondente á inflammação, ouve-se um ruido particular, chamado *fervor crepitante*, que póde comparar-se ao do sal que estala quando se projecta no fogo. Quando a imflammação passou ao segundo gráo (hepatização), ouve-se ao nivel da parte affectada, em vez da crepitação, um ruido surdo, analogo ao ruido que se produziria soprando n'um tubo. Este phenomeno recebeo o nome de *sopro tubario* ou *respiração bronchica*. É produzido pela resonancia do ar nas grossas divisões bronchicas, quando as ramificações mais pequenas, assim como as vesiculas, se tornaram impermeaveis.

O pulso accelera-se desde o começo da pneumonia. A sua frequencia está geralmente em relação com a extensão e gravidade da affecção; bate nos adultos 100 a 120 vezes por minuto; nas crianças 140 a 180. A lingua cobre-se de uma camada esbranquiçada, a sêde é viva, o fastio completo. A dôr de cabeça, na região frontal, é um dos symptomas sympathicos mais constante da pneumonia; sobrevem desde o principio, e cessa completamente no setimo dia. O doente deita-se com preferencia de costas ou do lado affectado.

Chegada ao segundo gráo, a molestia comporta-se differentemente segundo a terminação que deve ter. Se deve sarar, todos os symptomas melhoram, a respiração bronchica diminue ou cessa; o fervor crepitante, que foi substituido pelo sopro tubario, torna a apparecer nos pontos que foram invadidos primeiro, a febre diminue, etc. No caso de terminação fatal, a difficuldade de respirar augmenta, a expectoração torna-se mais difficil; os escarros são pequenos, de côr cinzenta, ou purulentos; o rosto torna-se livido, sobrevem suores viscosos, etc. A duração da molestia varía entre sete e vinte dias. A passagem do primeiro ao segundo gráo, e do segundo ao terceiro não dura de ordinario mais de tres a quatro dias. — A terminação tem logar as mais das vezes pela volta á saude; ás vezes pela morte, que sobrevem no curso do segundo ou terceiro gráo. — Raras vezes a molestia passa ao estado chronico.

Tratamento. A pneumonia apresenta-se com intensidade differente segundo os doentes: resulta d'isto que para cural-a não se póde adoptar uma medicação uniforme.

Se n'um adulto a molestia fôr pouco intensa, nenhum tratamento activo deve ser instituido; basta administrar a infusão tepida de flores de malvas ou de verbasco; alimentar o doente com caldos de gallinha, e esperar com paciencia a cura qne não deixará de chegar.

Quando o calor é forte, a febre intensa, a oppressão grande, é preciso administrar de 2 em 2 horas, uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Folhas de digital.....	60 centigrammas.
Agua fervendo.....	quantidade sufficiente.
para obter.....	150 grammas.

de infusão; ajunte-se :

Xarope de gomma.....	30 grammas.

Esta poção continua-se durante dois dias. Se ao cabo d'este tempo a febre e a oppressão não diminuirem, administrem-se a um adulto, de 2 em 2 horas, duas colheres *de sopa*, da poção seguinte :

Infusão de folhas de laranjeira.....	150 grammas.
Tartaro emetico.....	30 centigrammas.
Xarope de gomma.....	30 grammas.

Quasi sempre depois das primeiras colheres d'esta poção os doentes experimentam vomitos biliosos e evacuações alvinas, mais ou menos numerosas, que diminuem ou cessam completamente no segundo ou terceiro dia; diz-se então que ha *tolerancia*. Suspende-se a administração da poção durante a noite. As evacuações que se provocam são mui vantajosas na pneumonia; além d'isso o emetico, administrado d'esta maneira, abate a frequencia do pulso e o calor do corpo. Continua-se o uso d'esta poção durante tres dias.

Um largo caustico applicado no peito, no logar doloroso, é um excellente adjuvante das poções precedentes.

A *oppressão do peito*, bem que forte, não é ordinariamente uma causa de perigo immediato, e póde-se esperar a diminuição d'este symptoma da medicação precedente, isto é, da poção de digital ou de tartaro emetico. Entretanto, se a oppressão fôr grande, se o pulso bater mais de 120 vezes por minuto ou mais, convem praticar uma sangria no braço. A applicação de bichas ou de ventosas sarjadas, é ás vezes necessaria, quando um ponto doloroso incommoda a respiração. É preciso abster-se da sangria quando a prostração é grande, quando o pulso é fraco, irregular, e quando, segundo a reunião dos symptomas se deve temer a passagem da pneumonia ao terceiro gráo.

Quando os doentes são atormentados pela tosse e passam as noites sem dormir, convem administrar um loock calmante, cuja receita é :

Loock simples.....	180 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.

Para tomar duas colheres *de sopa* de hora em hora, ou melhor uma colher *de sopa* de 3 em 3 horas, de chloral bromuretado Dubois. Durante todo o tempo da molestia, é preciso alimentar o doente com caldos de gallinha, de carne de vacca, leite, mais tarde com mingáos de tapioca. Um pouco de vinho de Bordeos é necessario para sustentar as forças.

Pneumonia dos recem-nascidos. Conhece-se pela tosse e pela acceleração da respiração que póde chegar a 70 e 80 por minuto. A respiração é muito constrangida, e durante a expiração o peito abaixa-se fortemente debaixo das claviculas, no esterno e nas partes lateraes, entretanto que o ventre torna-se proeminente. O pulso bate 140 a 160 vezes por minuto. Applicando-se o ouvido sobre o peito ouvem-se ruidos crepitantes e mucosos. Quasi constantemente mortal, esta molestia dos recem-nascidos termina em poucos dias. O unico remedio que se póde administrar é o xarope de ipecacuanha, de que se administra uma a duas colheres *de chá*. Convem tambem applicar um pequeno caustico no peito.

Pneumonia das crianças. Os symptomas são os mesmos que nos adultos. O tratamento tambem é o mesmo, sómente as dóses dos medicamentos devem ser menores. Assim as poções de digital e de tartaro emetico não se administram senão na dóse de uma colher *de chá* de 2 em 2 horas ás crianças de dois a seis annos; duas colheres *de chá*, de 2 em 2 horas ás crianças de maior idade. As sangrias nunca devem ser empregadas; as bichas raras vezes. Os causticos, porem, podem ser applicados com proveito.

Pneumonia dos velhos. *Symptomas.* A molestia manifesta-se de maneira menos clara do que nos adultos, pelo calefrio e pontada; entretanto uma febre intensa, o calor cutaneo, a sêde, o quebramento do corpo marcam a sua invasão. Todos os signaes physicos, que indiquei na pnenmonia dos adultos, acham-se ás vezes na dos velhos; faltam no maior numero dos casos por causa da mudança da estructura dos pulmões e da parede peitoral. As principaes mudanças nos pulmões e no peito das pessoas idosas são : ossificação das cartilagens costaes, rijeza da parede peitoral, rarefacção do pulmão, atrophia de suas vesiculas e de seus diversos tecidos constituintes, endurecimento do tecido elastico dos bronchios, etc., etc. É facil então comprehender as modificações que um semelhante estado deve necessariamente introduzir nos actos morbidos das vias respiratorias.

Na pneumonia das pessoas idosas quasi nunca se encontra uma crepitação fina e caracteristica, porém, sim, um verdadeiro gargarejo. A tosse é fraca, rara e secca. Raras vezes os escarros são sanguinolentos, viciosos. Supprimem-se depois de pouco tempo ou não se formam; o que torna o diagnostico escuro quando não se está prevenido d'esta circumstancia. Os escarros apresentam todas as côres e aspectos differentes, como em todas as variedades da bronchite. No periodo adiantado da pneumonia, cessa toda a secreção. A respiração é frequente, 50 a 60 vezes por minuto. O pulso bate 80 a 120 vezes no mesmo espaço de tempo : é duro, desigual, intermittente por causa das ossificações da arteria e da perturbação na circulação do coração. Os outros symptomas são : seccura da pelle, prostração das forças, delirio, sêde e lingua coberta de camada branca.

Tratamento. Raras vezes a sangria acha-se indicada na pneumonia das pessoas idosas. O melhor tratamento consiste no emprego da poção com tartaro emetico, cuja receita acha-se na pag. 765 d'este volume, e na applicação dos causticos. A este tratamento convem accrescentar o vinho, os caldos e os alimentos brandos.

Pneumonia chronica. É caracterizada pelo endurecimento do pulmão. É excessivamente raro que a pneumonia aguda passe ao estado chronico; as mais das vezes torna-se chronica desde o principio. Quando a pneumonia aguda passa ao estado chronico, o doente, em vez de restabelecer-se, torna-se cada vez mais magro; a tosse e a oppressão do peito persistem. Pela percussão obtem-se sempre um som completamente massiço, e, na auscultação, ouve-se um sopro, muito forte. Não existe ruido crepitante, mas ouve-se um som de gargarejo, mais ou

menos estrondoso, por causa das mucosidades exhaladas nos bronchios. A induração chronica póde resolver-se; mas este trabalho effeitua-se sempre com excessiva lentidão.

O *tratamento* compõe-se dos vomitorios, dos causticos, e das bebidas e xaropes calmantes, os mesmos que se empregam contra a bronchite chronica, e que se acham indicados no vol. I, pag. 369.

PNEUMOTHORAX. Molestia caracterizada pela presença de gaz na cavidade da pleura. As duas folhas d'esta membrana que se acham colladas uma á outra no estado normal, afastam-se debaixo da influencia da irrupção do ar e o pulmão se encolhe, causando assim uma forte dyspnea. Todas as perforações da pleura podem produzir um pneumathorax; qualquer ferida do peito, uma fractura de costella, e mais frequentemente a ulceração de um tuberculo pulmonar são as causas ordinarias d'esta molestia. A sonoridade do peito é muito forte quando se o percute; á auscultação nota-se um sopro amphorico com ruido metallico. O doente pode morrer dentro de pouco tempo, a cura, porem, não é rara, O pneumothorax parece que faz diminuir a marcha da molestia pulmonar primitiva, nos tisicos.

POÇÃO. Medicamento liquido que o doente toma por uma ou mais vezes, e com intervallos mais ou menos approximados. As poções são mui variadas; resultam da mistura de decocções, infusões, xaropes, pós, extractos, etc.

Poção antispasmodica. Veja-se vol. I, pag. 190.

Poção calmante. Veja-se vol. I, pag. 414.

Poção gommosa.

Gomma arabica pulverizada..	10 gram.	Agua de flores de laranjeira.	10 gram.
Xarope de gomma.....	30 —	Agua commum.....	100 —

Triture a gomma com o xarope em almofariz de marmore, e ajunte as outras substancias. Toma-se ás colheres contra a tosse.

POÇO. Precauções que se devem ter quando se limpa um poço. *Veja-se* CLOACA.

PODAGRA. Algumas pessoas dão este nome á *gota.*

PODOPHYLLO. *Podophyllum peltatum.* Renonculaceas. Planta que vive no estado agreste nas margens dos regatos e rios dos Estados-Unidos. Sua raiz, da grossura de um dedo, é um excellente purgante, na dóse de 1 gramma em pó. Extrahio-se d'ella uma resina, a que se chamou *podophyllina*, que é um purgante energico, na dóse de 5 a 15 centigrammas em pilulas; é recommendada no engurgitamento do figado e na ictericia.

PODRIDÃO DE HOSPITAL. Gangrena que sobrevem nas feridas, e que se manifesta sobretudo nos hospitaes, cujo ar está viciado por grande numero de doentes; mas póde tambem desenvolver-se nas casas particulares, nos doentes que são affectados de qualquer ferida, e que não se tratam com muito asseio, ou que se acham enfraquecidos pelas fadigas, más comidas, etc.

Symptomas. A podridão de hospital declara-se ordinariamente de ma-

neira subita. Uma ferida occasionada por faca ou qualquer outro instrumento, e que fazia grandes progressos para a cicatrização, apresenta de repente um pequeno buraco, coberto de materia espessa, roxa e que se estende pouco a pouco em largura e destroe as partes vizinhas. Ás vezes parece que a ferida está coberta de sangue coalhado, e só depois de esforços inuteis para tirar este sangue, é que se conhece que faz parte da ferida: esta ferida espalha um cheiro fetido.

A podridão de hospital é contagiosa; e observaram os medicos que desenvolvendo-se esta molestia n'um doente n'uma enfermaria de hospital onde haja muitos doentes affectados de feridas, logo depois manifesta-se em outras feridas; e por isso a primeira cousa que se deve fazer no tratamento d'esta molestia consiste em sanear o logar em que apparece, abrir muitas vezes as portas e janellas para renovar o ar, espalhar agua de Labarraque, agua phenica, phenol Bobœuf, ou coallar saponinado Le Bœuf no quarto, e ter muito cuidado no asseio das feridas.

Tratamento. Muito rara actualmente, graças aos progressos da hygiene dos hospitaes e aos melhoramentos dos curativos que tornaram-se asseiados e antisepticos, a podridão de hospital deve ser tratada com todo rigor logo que ella se declara. Primeiramente deve-se applicar sobre a ferida, compressas iodoformiadas sobre as quaes se expreme um limão azedo. Se não bastar este meio, seguir-se-ha o conselho de um cirurgião francez que manda que se regue a ferida infestada com agua aquecida a 50 gráos. Recommenda-se o uso de diversos causticos quando a molestia torna-se rebelde a estes meios e principalmente o perchlorureto de ferro, o acido acetico misturados com agua. Todos estes agentes chimicos não deixam de ter seus inconvenientes. É muito mais simples, e a dôr a mesma, raspar com força a ferida com um raspador de Volkmann para tirar todas as falsas membranas e passar por cima a faca do thermo-cauterio Paquelin, aquecida até vermelho escuro. Depois cura-se a ferida com iodoformio em pó e cobre-se tudo com compressas molhadas em licor de van Swieten.

POEJO. *Mentha pulegium,* Linneo. Labiadas. Planta commum no Brazil e em Portugal; habita nos sitios um tanto humidos. Folhas ovaes, obtusas, quasi crenuladas; caules quasi roliços, reptantes; cheiro aromatico, sabor calefaciente, camphoraceo. Emmenagogo, empregado em fórma de chá que se prepara com 4 grammas de folhas de poejo, e uma chicara d'agua fervendo.

POLKA. Com este nome designaram vulgarmente uma febre rheumatica que grassou epidemicamente no Rio de Janeiro no anno de 1846: essa molestia atacou no mesmo anno muitas pessoas em varias pontos do Brazil; na cidade da Bahia, aonde reinou tambem, chamavam-lhe *patuléa.* Os symptomas d'esta molestia consistiam em febre, dôres nas juntas, dôr de cabeça, fastio e cansaço geral. Em algumas pessoas a molestia era acompanhada de erupção de pintas pela pelle. Muitos dias e até muitas semanas depois do desapparecimento da febre, os doentes sentiam fraqueza extrema e dôres nas diversas juntas do corpo: alguns por muito tempo não podiam servir-se das mãos.

Esta molestia é commum na Oceania. Nas ilhas de Sandwich os indigenas designam-n'a debaixo do nome de *buhu*. Reina tambem, de vez em quando, nos outros paizes, e sobretudo nas regiões intertropicaes. Em 1824 declarou-se nas Indias Orientaes, onde foi considerada como molestia nova. Em 1828 na Martinica, Guadelupe, Barbada, Curaçáo, Bogota Carthagena; mais tarde nas ilhas de Cuba e de Jamaica, Nova-Orleans, Boston, Nova-York, Philadelphia. O Brazil ficou ao abrigo de seus ataques até 1846, epoca em que fez n'este Imperio uma invasão quasi geral. Na Africa appareceo nos annos de 1845, 1848 e 1856. Em 1864 manifestou-se em Cadiz, onde 14,000 pessoas foram affectadas d'ella. A descripção que fizeram d'ella concorda com os symptomas que observei no Rio de Janeiro. Nos differentes paizes, aonde âppareceo, foi designada com diversos nomes : *febre epidemica* em Calcutta; *febre rheumatismal, febre eruptiva, febre epidemica especial, escarlatina rheumatismal* nas outras cidades da India; *colorado*, por causa da vermelhidão da pelle, nas colonias hespanholas; *girafa*, por causa da rijeza do pescoço pelo Dr. Stedmann; *dengue*, nas Antilhas francezas; *influenza*, na Italia; *grippe*, em França; *polka*, no Rio de Janeiro, etc.

Symptomas. Esta molestia apparece ordinariamente de uma maneira subita. Notaram-se pessoas, de perfeita saude, que foram acommettidas repentinamente de cephalalgia e de dôres vivas nas juntas, que são os primeiros symptomas. Todavia as mais das vezes a molestia apparece durante a noite, e o doente é acordado por dôres caracteristicas nas articulações. Sobrevem quasi immediatamente vertigens, calefrios, sensação de frio nas costas, entorpecimento nos pés e mãos, e um abatimento consideravel. Ao mesmo tempo apparece febre, o pulso torna-se duro e frequente; varía de 100 a 120 pulsações por minuto; nas crianças é ás vezes tão rapido que não se póde contar. A respiração accelera-se, o rosto torna-se vermelho, sobrevem ás vezes hemorrhagia pelo nariz, confusão nas ideias ou um pouco de delirio. A estes symptomas ajunta-se um verdadeiro embaraço gastrico. A lingua cobre-se de uma camada esbranquiçada, a bocca é amarga, o fastio completo, a sêde menor do que se poderia julgar; sobrevem nauseas, vomitos mucosos e depois biliosos. A principio ha quasi sempre prisão de ventre; as ourinas são abundantes e pouco coradas.

Depois de um tempo variavel, ás vezes desde o principio, as mais das vezes ao cabo de 24 ou 36 horas, apparece a erupção. Ordinariamente mostra-se primeiro nas mãos, e invade rapidamente toda a superficie do corpo; adquire o maximo de intensidade no rosto que parece inchado. A cephalalgia frontal é então mais intensa do que nunca. A côr rubra torna-se geral em 24 horas, principia a empallidecer ao cabo de 36 horas, e desapparece as mais das vezes no terceiro dia, raras vezes persiste até ao quinto. A erupção, porém, não é constante, não se mostra em todas as epidemias, nem em todas as pessoas na mesma epidemia; foi rara na epidemia do Rio de Janeiro no anno de 1846. É inutil dizer que não se póde verificar nos pretos.

É raro que uma molestia epidemica que apparece em paizes diffe-

rentes, e no meio de populações tão diversas, tenha em toda a parte caracteres identicos; pelo que as descripções feitas pelos medicos da India ingleza e pelos medicos da America meridional ou das Antilhas, não se assemelham completamente. As dôres articulares e musculares nunca faltam. Quanto á erupção da pelle, póde faltar completamente; e nos casos benignos da molestia, é tão leve que passa sem ser notada. A erupção dura de algumas horas a quatro ou cinco dias.

Marcha e prognostico. Esta molestia, nas epidemias de pouca intensidade, percorre os seus periodos em quatro ou cinco dias: nos casos graves, prolonga-se por causa das recahidas. É raro, com effeito, que o doente fique livre d'ella depois de um só ataque; de ordinario a convalescença não se estabelece senão depois do segundo ou terceiro ataque. Em todos os casos, e qualquer que seja a intensidade do ataque, a convalescença é longa e difficil. A molestia deixa grande prostração. O embaraço gastrico e o fastio persistem. Quando o ataque foi forte, os doentes não se restabelecem completamente senão ao cabo de tres mezes.

Tratamento. Uma molestia de marcha regular, que se termina quasi sempre pela cura, não póde reclamar tratamento bem energico. Comtudo, notou-se, que durava mais tempo e tinha um caracter mais serio quando era abandonada a si mesma.

A medicação evacuante é a que produz aqui o melhor effeito. Nos casos leves, um brando laxante, e as bedidas acidulas são sufficientes. Mas quando a febre e o embaraço gastrico são mais pronunciados, é indispensavel principiar por um vomitorio, 5 a 10 centigrammas de emetico, ou 1 gramma de ipecacuanha. Sobre os logares dolorosos appliquem-se sinapismos durante alguns minutos, e faça-se uso das fricções com o linimento seguinte:

Oleo camphorado.....	60	grammas.
Essencia de terebinthina.....	30	—
Balsamo tranquillo.....	10	—

Contra as dôres, empregue-se opio debaixo da fórma pilular. Eis-aqui a receita:

Extracto de opio.....	25	centigrammas.

Faça 5 pilulas. Para tomar 1 pilula á noite ao deitar-se.

Na convalescença, uma alimentação reparadora, os vinhos generosos, o vinha de quina acham a sua applicação. O vinho de quina toma-se na dóse de 30 a 60 grammas por dia. Para combater o fastio, tomem-se os pós seguintes:

Rhuibarbo em pó.....	4	grammas.

Divida em 8 papeis. Para tomar um papel, n'uma pouca d'agua fria, meia hora antes de jantar.

POLLUÇÕES. Chama-se *pollução* a emissão involuntaria do semen durante o somno. As polluções podem manifestar-se, ou como crises naturaes e salutares por meio das quaes a natureza se desembaraça de

um humor superfluo, ou então como um estado morboso, cujas consequencias podem ser mais ou menos inquietantes. As primeiras sobrevem nos homens jovens, vigorosos, continentes, que tem desejos venereos imperiosos que não pódem satisfazer; as segundas, pelo contrario, observam-se nos individuos fracos, irritaveis, debilitados, ou entregues anteriormente aos furores da masturbação ou aos excessos venereos. O costume, além d'isto, exerce uma influençia poderosa na producção das polluções, e basta frequentemente para perpetual-as e transformar em polluções morbosas as polluções da primeira classe.

Muitas pessoas tomam pelo humor espermatico a sahida habitual ou contínua pelo canal da urethra de um liquido viscoso, sem côr, transparente, e que ás vezes tem a côr branca amarellada, coagula-se e deixa nodoas na roupa. Este liquido é inteiramente diverso do semen; procede de uma glandula, chamada *prostata*, situada perto da bexiga, e serve para lubrificar o interior do canal da urethra. Se os individuos, em quem apparece em consequencia dos excessos venereos, são debeis, tristes, magros, devem attribuir o seu estado menos a um corrimento, quasi sem influencia no organismo, do que ao exercicio immoderado dos orgãos genitaes, que tem produzido ao mesmo tempo os symptomas geraes de que se affligem, e a secreção exagerada da glandula que os inquieta. Esta distincção é de grande importancia, pois que os individuos affectados de corrimentos mucosos semelhantes ao semen são assaz numerosos, e que quasi todos compartem o erro sobre a natureza do liquido, affligem-se profundamente, cahem em uma especie de desesperação, e tem, sobretudo, a mais urgente necessidade de ser tranquillizados.

O appetite venereo, quando existe n'um certo gráo, manifesta-se frequentemente durante o somno; os amores, as graças e a belleza apparecem em sonhos; movimentos nervosos, analogos aos que tem logar no decurso do dia, declaram-se durante a noite, e a ejaculação é produzida. As polluções d'este genero são raramente habituaes; não se reproduzem, pelo contrario, senão em certos intervallos, e sómente quando o organismo tem reparado as perdas que as ultimas occasionáram.

Mas nos individuos enfraquecidos, tornando-se os orgãos cada vez mais irritaveis, e exercendo o costume uma influencia cada vez mais forte, chega gradualmente uma epoca em que as polluções tem logar quasi sem erecção, e sem que o sonho tenha durado muito tempo. Depois de se reproduzirem com intervallos assaz remotos, renovam-se quasi todas as noites, ou duas e tres vezes cada noite, ou mesmo logo que o individuo principia a gozar de um somno profundo.

O deitar-se de costas, uma cama molle e quente, o trabalho prolongado do gabinete, o abuso de alimentos estimulantes, a frequentação dos bailes e espectaculos, taes são as causas principaes que mais frequentemente determinam, e entretem as polluções nocturnas. Um temperamento nervoso, uma imaginação viva, o costume de reproduzir e de afagar as ideias voluptuosas, a masturbação e o abuso de coito, ajuntam-se quasi sempre a estas causas, e contribuem poderosamente a assegurar seus effeitos desastrosos.

As polluções que sobrevem aos individuos vigorosos e atormentados por um excesso de energia genital, de que não podem usar convenientemente, são sem resultado funesto. Não acontece assim com as polluções que se repetem nos individuos fatigados ou enfraquecidos pelo abuso dos orgãos genitaes. Estes doentes são tristes, melancolicos, gostam da solidão, emmagrecem, e chegam pouco a pouco a um gráo extremo de fraqueza.

O *tratamento* das polluções deve variar conforme as circumstancias em que se manifestam. Se sobrevem a individuos fortes, dotados de energia dos orgãos sexuaes, convem, em certos casos, regularizar a acção genital e dar-lhe pelo matrimonio uma direcção normal. O casamento é o melhor remedio das polluções. Quando este meio não póde empregar-se, é preciso oppôr-lhes um regimen refrigerante; isto é, composto principalmente de vegetaes, bebidas acidas, leite de amendoas doces ao deitar-se, passeios a pé levados até á fadiga, e trabalhos manuaes, ou occupações sérias de espirito. Importa, sobretudo, afastar todos os objectos, todas as ideias lascivas susceptiveis de excitar os orgãos da geração e as partes superiores e internas das coxas, são, n'estes casos, de grande utilidade. A abstinencia da comida de noite, uma cama dura e fresca, cobertores leves, ter muita attenção em deitar-se sempre de um dos lados e não de costas, o cuidado de entreter o ventre livre mediante alguns laxantes ou clysteres d'agua fria, taes são as regras hygienicas que convem ás pessoas affectadas d'estas polluções.

Quando as polluções se renovam com grande facilidade, uma ou mais vezes no espaço da noite, e se operam quasi sem erecção; quando, emfim, os doentes estão fracos, irritados, pallidos, tristes e mais ou menos esfalfados, é necessario recorrer a um regimen tonico. Convem n'este caso as carnes assadas, os caldos de carne de vacca mui substanciaes, os mingáos de tapioca, araruta, sagú, os ovos, o vinho tinto e principalmente o de Bordeos; alimentos temperados com gengibre, canella. Parece que os banhos fríos, os banhos do mar, deveriam ter uma acção favoravel sobre esta fraqueza local, mas mostra a experiencia que não impedem as perdas seminaes, e debilitam, pelo contrario, uma economia já demasiado fraca: por conseguinte não podem aconselhar-se em todos os casos. Convem só limitar-se ás abluções das partes genitaes com agua fria, aos clysteres d'agua fria tomados á noite, e ao gelo internamente sob a fórma de sorvetes. Ha, entretanto, individuos a quem os banhos frios aproveitam; é preciso, por conseguinte, que cada um estude a sua constituição, para saber o que lhe convem.

Os medicamentos aconselhados contra as polluções, e de que se póde lançar mão successivamente são:

1.° *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo.....	4 grammas.
Agua fervendo.....	150 —

Infunda por meia hora, côe, e adoce com assucar. Bebe-se toda esta infusão em uma vez por dia, e repete-se por sete ou oito dias seguidos.

2.° *Pilulas de terebinthina.*

Terebinthina de limão.....	16 grammas.
Hydro-carbonato de magnesia.....	8 —

Faça 72 pilulas. Tomar duas pilulas, 3 vezes por dia.

3.° Tintura de Marte tartarizada.....	30 grammas.

Tomar 20 gottas, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar.

4.° Ferro Quevenne.....	6 grammas.

Divida em 16 papeis Para tomar um papel por dia; em agua fria com assucar.

5.° *Pilulas adstringentes.*

Tannino.....	4 grammas.
Conserva de rosas.....	1 gramma.

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

6.° Capsulas de copahiba de Josaphat, uma caixinha. Toma-se uma capsula pela noite.

POLPA. Dá-se este nome, em pharmacia, á parte molle e carnosa dos vegetaes, reduzida a uma especie de massa. Exemplo: polpa de cannafistula, de tamarindos, de ameixas, etc.

POLVILHO, Amido, Gomma ou **Fecula.** Polme branco e sem sabor, formado de granulos espherico, ovoides ou mais ou menos alongados; que se extrahe de diversas plantas, taes como o centeio, trigo, cevada e outros cereaes ou gramineas, das sementes das Leguminosas (favas, feijões, ervilhas, lentilhas); dos tuberculos carnosos das batatas, do topinambor, da raiz da mandioca, dos talos das palmeiras, de muitas especies de musgos, de raizes de inula, dos bolbos de açucena, dos fructos do carvalho, do castanheiro da India, etc. Dá-se de ordinario o nome de *polvilho* ou *amido* ao polvilho dos cereaes; e chama-se mais particularmente *fecula* ao polvilho extrahido das batatas.

O modo mais antigo de extrahir o polvilho consiste em alterar profundamente as farinhas por uma longa fermentação; o gluten torna-se soluvel, o póde então separar-se facilmente o polviho, que não se altera, por meio de lavagens sufficientemente repetidas. Segundo um outro methodo, faz-se uma pasta da substancia de que se quer extrahir o polvilho, e submette-se esta pasta a uma lavagem contínua sobre uma peneira de arame; obtem-se, no liquido, o polvilho, em suspensão e a materia assucarada dissolvida, e sobre a peneira, o gluten sem alteração. O polvilho cahe n'um vaso cheio d'agua e assenta no fundo, em virtude de sua maior densidade. Em ambos os casos, divide-se a camada de polvilho amollecido e esgota-se; faz-se depois seccar ao contacto do ar, e, finalmente, n'um forno. Os fragmentos de polvilho, seccando, contrahem-se, d'onde provém que a massa se racha com bastante regularidade. A extracção da fecula das batatas faz-se pelo mesmo processo, depois de reduzidos os

tuberculos a polpa mui fina. Acham-se no commercio muitas cspecies de feculas conhecidas debaixo do nome de *tapioca*, *araruta, sagú*, que não são outra cousa senão diversas fórmas de polvilho. No estado de pureza o polvilho, ou amido, qualquer que seja a sua origem, é sempre identico, e não constitue senão uma unica especie chimica. O polvilho é insoluvel na agua fria; a agua quente converte-o em uma materia glutinosa e mucilaginosa, chamada vulgarmente *gomma*.

O polvilho torna-se azul pela addição da solução de tintura de iodo. N'esta propriedade está baseado o modo de reconhecer o polvilho, que se ajuntou ao leite para tornar este liquido mais grosso. Sob a influencia dos acidos fracos, auxiliados do calor, o polvilho converte-se primeiro em uma materia gommosa, chamada *dextrina*, e depois em uma materia assucarada chamada *glucose* ou *assucar de fecula*. A mesma transformação effeitua-se pela acção da *diastase*, substancia contida na cevada germinada. Estas transformações dão ao polvilho grande importancia em muitas artes industriaes, entre outras na fabricação da aguardente de batatas.

A fecula offerece um alimento abundante, assaz nutriente e de facil preparação. Nas fabricas de chitas, o amido de centeio é empregado para tornar os mordentes mais grossos, dando-lhes maior consistencia do que a gomma arabica. Para dar aos pannos de linho e de algodão lustre e certa firmeza, usa-se muitas vezes da gomma de fecula. Na economia domestica, o polvilho é empregado para fazer gomma para roupa. Outr'ora, consumia-se uma enorme quantidade de amido para polvilhar o cabello. Os confeiteiros fazem d'elle um uso quotidiano para a composição das gragêias. Em medicina, emprega-se o polvilho como emolliente; dá-se em clysteres nas diarrheas. O modo de preparar os clysteres de polvilho acha-se indicado no artigo CLYSTER.

POLVO (*Octopus*). Mollusco marinho da classe dos Cephalopodos.

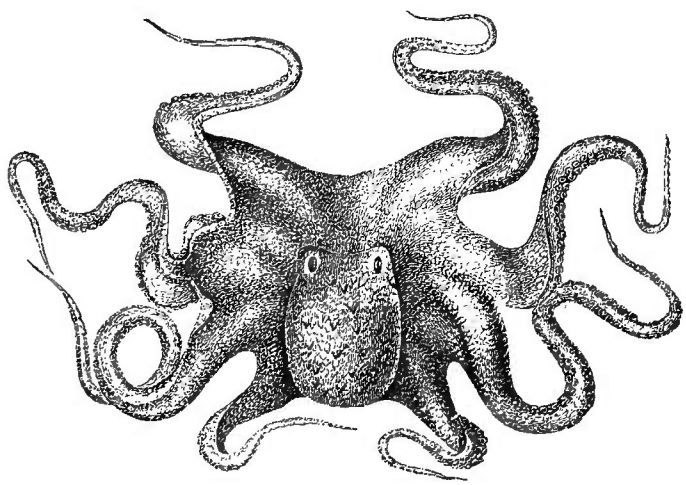


Fig. 757. — Polvo vulgar.

Corpo mais ou menos globoso, sem expansão para nadar, nem corpo protector dorsal, com a cabeça muito grossa, provida de dois olhos col-

locados lateralmente. Estes olhos são formados de numerosas membranas, e cobertos, quando o animal o quer, de uma pelle transparente. A cabeca é coroada por 8 braços ou pés carnosos, cónicos, mais ou menos longos, flexiveis e muito vigorosos; são armados na superficie de chupadores ou ventosas, mediante os quaes estes molluscos se agarram fortemente aos corpos. Nadam para traz, e andam em todas as direcções, mas sempre com a cabeça para baixo. A bocca está situada entre as bases dos pés, possue dois fortes queixos de corno, inteiramente semelhantes a um bico de papagaio.

O *polvo vulgar* (fig. 757), tem 16 a 20 centimetros de diametro, mas seus braços são seis vezes mais longos do que o corpo, e podem envolver um homem. Ha no Oceano Pacifico polvos que tem 2 metros de comprimento e que são um objecto de terror para os nadadores; com effeito, dizem, que podem arrastar pessoas ao fundo do mar.

Os polvos encontram-se em todos os mares.

Habitam ordinariamente no fundo da agua, perto das margens, escondem-se nas cavidades dos rochedos, d'onde sahem de tempos em tempos para virem nadar na superficie. São muito vorazes, e fazem grande destruição nos crustaceos. Comem-se, cozidos e preparados em guizado; é um alimento são, mas a sua carne é muito firme e precisa ser batida antes de cozida. Usa-se bastante d'esta comida no Rio de Janeiro.



Fig. 758. — Polygala amarga.

POLYDIPSIA. *Veja-se* FLUXO DE OURINA.

POLYGALA AMARGA. *Polygala amara*, Lin. Polygaleas (fig. 758). Planta da Europa. A raiz emprega-se em medicina como tonico,

mas raras vezes, em infusão que se prepara com 4 grammas de raiz de polygala e 250 grammas d'agua. Esta raiz, tal como se acha no commercio, é do comprimento de 3 centimetros, de 3 millimetros de diametro, com fibras ramificadas, nodosas, enroscadas; cheiro um pouco aromatico, sabor algum tanto acre e muito amargo.



Fig. 759. — Polygala de Virginia.

POLYGALA DE VIRGINIA. *Polygala senega*, Linneo, Polygaleas (fig. 759). Planta da America septentrional. A raiz emprega-se em medicina. Tal como o commercio a fornece, esta raiz é de grossura variavel, entre a de uma penna de ganso e a do dedo minimo, enrolada em espiral, ramosa; tem de um lado uma crista longitudinal saliente; a casca é acinzentada, resinosa; o meditullio lenhoso, branco; o cheiro nauseante: o sabor ao principio adocicado, depois acre. Emprega-se nas hydropisias, rheumatismo, bronchites, em infusão, que se prepara com 4 grammas de raiz de polygala, e 250 grammas d'agua fervendo. Em alta dóse provoca vomitos e evacuações alvinas.

POLYPO. Em historia natural, chamam-se *polypos* os mais simples de todos os entes do reino animal, que não tem por visceras senão um canal alimentar, cujo unico orificio lhes serve de bocca e ao mesmo tempo de anus, o seu corpo é molle, guarnecido de chupadores, de braços ou pés; taes são as esponjas e os coraes. Em medicina, os *polypos* são tumores de consistencia e fórmas variadas, que se desenvolvem no interior de alguma cavidade, principalmente dentro do nariz e no utero, e tendem continuamente a crescer, se não são extirpados. As excrescencias polyposas tem a faculdade de reproduzir-se depois de cortadas, da mesma fórma que os polypos do mar recuperam de novo as partes perdidas. N'este artigo tratarei só dos polypos considerados como *molestia*, isto é dos tumores que se desenvolvem nas cavidades do corpo revestidas por membranas mucosas.

Situação. Varía como variam as cavidades mucosas, mas não se deve julgar que cada uma d'estas cavidades lhes esteja igualmente sujeita: a membrana mucosa do nariz occupa, a este respeito, o primeiro logar, a membrana mucosa do utero vem immediatamente depois; seguem a mucosa do sinus maxillar, a da pharynge, da larynge e do recto, e emfim a mucosa vaginal, rectal, etc.

Fórma. Primitivamente, os polypos são sempre pyriformes, ou approximam-se d'esta fórma; mas no seu desenvolvimento consecutivo, experimentam modificações, resultando da pressão que as paredes das diversas cavidades mucosas exercem sobre elles; é então que podem adquirir fórmas alongadas comprimidas, irregulares. Entretanto, apezar

d'estas modificações, existe um caracter que os polypos conservam sempre, é o pediculo que lhes serve de ponto de inscrção. A superficie dos polypos é lisa; raras vezes é rugosa, fungosa, ou dividida em lobulos por fissuras profundas.

Volume. É variavel; ha polypos que não excedem o volume de um grão de milho; cntretanto que o utero contém ás vezes polypos que tem o tamanho da cabeça de uma criança. O volume é ordinariamente limitado pelas paredes da cavidade que os contém. Quando estas paredes são inextensiveis, os polypos ficam n'um estado de desenvolvimento pouco consideravel; no caso contrario, o volume cresce de uma maneira quasi illimitada.

Numero. Em geral é pouco consideravel; as mais das vezcs não se desenvolve senão um só polypo na mcsma pessoa; quando existem simultaneamente mais de um, é ordinariamente na mesma cavidadc, e muito mais raras vezes nas cavidades differentes. As cavidades nas quaes se acham mais vezes os polypos multiplos são as fossas nasaes, o ouvido e o utero.

Estructura. Segundo a estructura os polypos dividem-se: 1.° em polypos molles, mucosos, lardaccos, fungosos, ou granulosos; 2.° em polypos duros, fibrosos; 3.° em polypos cartilaginosos, osseos, pedrosos. Esta terceira estructura é rara.

Symptomas. Os polypos são de ordinario insensiveis; os das duas primeiras categorias são os unicos que accusam ás vezes alguma sensibilidade quando são comprimidos ou picados. É sobretudo pela acção sobre os orgãos vizinhos que se tornam difficeis de supportar : á medida que crescem, alargam as cavidades nas quaes estão fechados, provocam hemorrhagias, dôres mais ou menos vivas, ás vezes intolcraveis suppurações, ulcerações. Além d'estes incommodos directos, outros accidentes indirectos são produzidos pelos polypos; consistem na suspensão das funcções do orgão affectado : o olfacto está diminuido ou extincto nos polypos do nariz, a voz alterada nos da larynge, a fecundação e a gestação perturbadas nos do utero, etc. No primeiro periodo dc sua existencia os polypos não se manifestam por symptoma algum evidente; e só no segundo periodo, quando produzem incommodos mais ou menos graves, é que se tornam patentes. A obscuridade mais profunda envolve os primeiros momentos da sua formação; um pequeno incommodo, alguns corrimentos mucosos, ás vezes sanguineos, manifestam-se apenas; mas em pouco tempo os tumores adquirem um volume mais consideravel, e annunciam-se por symptomas que raras vezes enganam um cirurgião instruido. Quando elles tem sua séde no interior do nariz, o doente tem o nariz entupido, respira difficilmente pela venta do lado affectado, e sente n'esta parte um corpo molle de que busca desembaraçar-se assoando-se : logo depois a venta acha-se completamente obstruida. Quando os polypos nascem na região posterior das fosas nasaes, pendem na garganta c podem ás vezes ser vistos por detraz da campainha. Os polypos do utero produzem ás vezes hemorrhagias.

O *desenvolvimento* dos polypos é muito vagaroso, e suas *causas* não são conhecidas.

O *tratamento* dos polypos é exclusivamente cirurgico : diversas operações tem sido propostas; porém as mais empregadas são o arrancamento, a extirpação, a excisão e a ligadura. Mas quando os polypos foram tirados por uma d'estas operações, podem tornar a nascer, sobretudo quando não foi possivel destruir-lhes a raiz; quando mesmo o polypo foi tirado completamente, o logar onde nasceo tem tendencia a ser novamente affectado da mesma excrescencia; pelo que não se deve recorrer á operação, senão quando os polypos produzem grandes incommodos. Quanto aos symptomas que occasionam, segundo os orgãos que acommettem, *veja-se* NARIZ, RECTO e UTERO.

POLYURIA. *Veja-se* FLUXO DE OURINA.

POMADA. Assim se chama um medicamento externo composto de um corpo gordo, e de substancias medicamentosas ou aromaticas.

Pomada alvissima.

Cera branca.....	4 gram.	Oleo de amendoas doces.	52 gram.
Espermacete.....	4 —	Agua de rosas.....	40 —

Derreta as duas primeiras substancias com o oleo de amendoas em vaso de barro vidrado a banho-maria, lance a mistura assim derretida em gral de pedra, aquecido previamente com agua a ferver; mexa continuamente com a mão de páo para desfazer quaesquer grumos, e, estando a massa bem uniforme, ajunte a agua de rosas, e triture continuamente, até que pareça creme de leite. — Para curar as feridas.

Pomada de Saturno. Veja-se CEROTO DE SATURNO.

As outras pomadas medicinaes ou cosmeticas estão indicadas no meu FORMULARIO.

POMBAL DE ANCIÃES. Portugal; Traz-os-Montes. Aguas sulfurosas quentes; 35° e 36°

POMBO (fig. 760). Os pombos constituem uma familia de aves que tem por caracteres : um bico abobadado, delgado; ventas membranosas e inchadas; o papo muito amplo, os dedos livres. Ha muitas especies de pombos domesticos, que podem dividir-se em duas classes : *Pombos fugitivos*, que habitam o pombal, mas que vão ao longe alimentar-se no campo, e os *Pombos de pombal*, que não se afastam do seu pombal, e se alimentam com a semente que se lhes dá. Estas duas classes encerram grande numero de variedades.

Os pombos vivem 8 a 9 annos, segundo uns, 12 a 15 segundo outros; põem ovos na idade de 6 mezes, e não põem mais passados 4 annos. O macho e a femea chocam alternativamente. A incubação dura de ordinario de 15 a 17 dias.

Pombo domestico fugitivo. Estes pombos são pouco fecundos; não fazem senão duas ou tres ninhadas por anno, mas tambem a alimentação que se lhes dá no pombal é pouco custosa; nem mesmo é necessario dar-lhes de comer todo o anno, porque procuram sua nutrição no campo. Comem quasi toda a especie de grão; mas se custam pouco no pombal, fazem grandes estragos no campo : destroem tantas sementes promptas para brotar quantas comem, de sorte que seu sustento é muito

mais custoso do que parece. Deita-se-lhes a alimentação no pombal n'uma especie de comedouro de contrapeso.

N'um pombal muito povoado é impossivel assegurar-se da igualdade dos pares, e sacrificar em tempo util os pombos que se tornáram mui velhos para produzirem; alimenta-se por conseguinte grande quantidade de pombos inuteis. Quando um pombal está bem povoado e sua população bem alimentada, obtem-se grande numero de borrachos na pri-

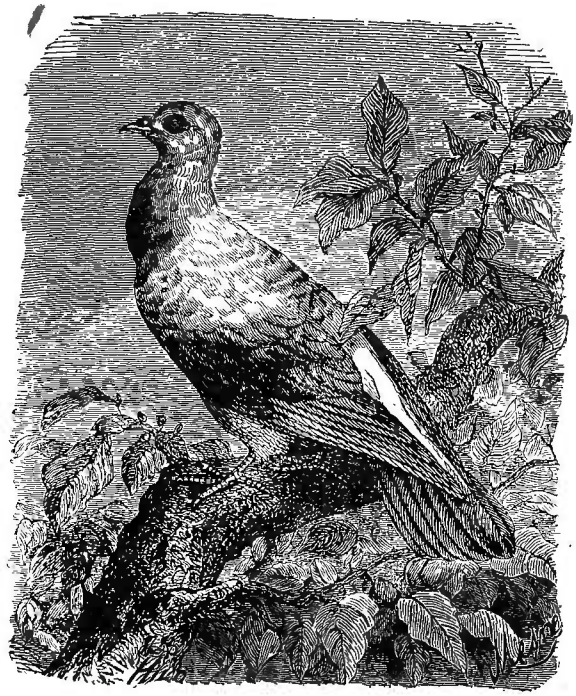


Fig. 760. — Pombo domestico.

mavera, e o esterco dos pombos (*colombina*) é um adubo das terras mui poderoso e de grande valor. Os borrachos da espccie fugitiva não exigem cuidado: seus paes os nutrem. Basta só preparar-lhes a alimentação quando a não acham no campo.

Pombos de pombal. São muito mais productivos do que os pombos fugitivos. Os bons podem dar 7 a 8 ninhadas por anno; mas para isso é preciso que sejam abundantemente nutridos, e durante todo o anno. Comem toda a especie de grãos; gostam muito da semente de canhamo, de feijões, de trigo, de alface e de azedas frescas. Procuram o sal com avidez: convem, pois, deitar no pombal, uma ou duas vezes por semana, um pouco de sal cinzento em grossos grãos. O pombo precisa beber muito e frequentemente: deve ter sempre agua limpa.

Para entreter bem o pombal, não se deve tocar nos pombos do primeiro anno. Quanto aos velhos, póde-se conhecer facilmente a sua idade, cortando-lhes a ponta da unha cada anno: para isto fecham-se todos no pombal, e visitam-se uns depois dos outros, uma vez por anno no

inverno; isto pratica-se de noite com lanterna, tomando brandamente cada um d'elles em cada ninho; põem-se em gaiola todos aquelles que tem as quatro pontas das unhas cortadas, e entregam-se ao consumo.

Molestias dos pombos. Os pombos estão sujeitos a muitas molestias, pela maior parte incuraveis, mas que se podem prevenir por uma boa alimentação, asseio, habitação sã e bem exposta. As molestias principaes são : a *diarrhea*, os *cancros*, a *gota*, a *apoplexia*, a *asthma*, o *torcicollo*, os *vermes* e a *sarna*. Frequentemente tambem são atacados por uma especie de insecto chamado *persevejo de pombo*, que atormenta sobretudo os borrachos, introduz-se-lhes nos ouvidos, e altera-lhes a saude. Remedeia-se isto espargindo no ninho um pouco de pó de pyrethro de Caucaso, e espalhando-o mesma por cima dos borrachos.

Pombo silvestre. Habita os matos, e não póde ser reduzido á domesticidade. Faz-se-lhe caça com espingarda, ou apanha-se em laço.

PONCHE. Bebida alcoolica que se prepara ordinariamente queimando rhum com assucar, e ajuntando-lhe rodellas de limão, ajunta-se-lhe depois agua ou chá da India. Ha diversas maneiras de preparar o ponche : eis-aqui duas :

Infunde-se casca exterior de uma laranja e de um limão azedo em 2 decilitros de xarope de assucar, ajuntando-lhe o sumo de 2 laranjas. Derrete-se á parte, n'uma cassarola, 500 grammas de assucar com 3 decilitros de infusão de chá da India preparada no momento mesmo, ajunta-se ao assucar assim derretido, primeiramente 1 litro de rhum, depois a infusão de laranja e de limão passada por peneira, e faz-se aquecer o liquido sem ferver. Inflamma-se então o ponche, para o deixar arder durante alguns minutos antes de o servir.

Ponche de ananas. Põe-se n'uma terrina 3 decilitros de xarope de assucar, molhado com o sumo de duas laranjas passado por paneira; ajunta-se-lhe a casquinha de uma laranja, e a metade de um ananaz cortado em fatias mui delgadas, e deixa-se tudo de infusão por uma hora na terrina coberta. Derrete-se á parte, n'uma cassarola, 450 grammas de assucar com 2 decilitros d'agua, e depois de derretido, ajunta-se-lhe 1 litro de aguardente de França e 1 decilitro de rhum, depois a infusão da terrina; aquece-se a mistura sem deixal-a ferver mexendo-a com colher. Logo que o ponche está quente, ajuntam-se-lhe as fatias de ananaz, e inflamma-se para o deixar arder durante alguns minutos. Serve-se em copos, deitando um ou dois pedacinhos de ananaz em cada copo.

PONTADA. Dôr pungitiva em algum ponto das paredes do peito. Ás vezes é rheumatica (*veja-se* PLEURODYNIA); outras vezes depende da inflammação da pleura (*veja-se* PLEURIZ).

PONTAS DE VEADO. Cornos ou chifres que se acham na testa de um animal mammifero, veado, *Cervus elaphus*, Linneo, representado na fig. 761. Estes chifres cahem no fim do inverno, e tornam a brotar durante o verão. A femea, ou *corsa*, não tem chifres. As pontas de veado entram na composição do cozimento branco gommado, e na da decocção branca de Sydenham, bebidas que se empregam contra a

diarrhea. Para fazer o cozimento branco gommado, raspa-se a ponta de veado antes de a submetter á ebullição; exerce n'este caso a sua acção pela gelatina que contém. Para a decocção branca de Sydenham, emprega-se a ponta de veado calcinada, isto é, privada pela acção do fogo das substancias animaes que contém; n'este caso, a ponta de veado compõe-se só de phosphato de cal e de alguns outros saes que entram na composição da parte solida dos ossos; porphyriza-se quando deve usar-se n'este estado, afim de reduzil-a a substancia impalpavel que possa manter-se em suspensão nos liquidos.



Fig. 761. — Veado.

PONTOS. Para reunir as margens das feridas extensas, feitas com facas ou outros instrumentos cortantes, é preciso ás vezes côsel-as com agulha e fio de linho: estes fios chamam-se *pontos*. Emprega-se principalmente a costura nas feridas do ventre; porque as margens d'estas feridas afastam-se facilmente uma da outra, e deixam sahir os intestinos. Quando as feridas não são extensas, ou quando as suas margens não tendem a afastar-se uma da outra; bastam para a sua reunião os *pontos falsos*. Consistem estes em tiras de emplasto adhesivo, que se applicam transversalmente sobre a ferida para reunir-lhe as margens. A applicação da costura ou dos pontos falsos favorece a cicatricação das feridas, e abrevia a cura. *Veja-se* Curativo.

PORAQUE. *Veja-se* Peixes.

PORCO. Este animal, verdadeiramente singular pela sua conformação, immundicia, caprichos e voracidade, pertence a todos os climas, prospera em todas as regiões. De todos os animaes é o menos difficil de alimentar, e o que offerece ao mesmo tempo os maiores recursos á economia domestica. Contenta-se com tudo, com tanto que o seu estomago fique cheio; ha poucos alimentos que não lhe convenham; bem que se nutra frequentemente de cousas immundas, não deixa de fornecer por isso uma carne agradavel e salubre. Entretanto, apezar d'estas qualidades, a sua carne foi proscripta desde a mais remota antiguidade; e, por um d'esses preconceitos ridiculos, que a superstição só póde fazer subsistir, os Mahometanos detestam o porco. Mas outros povos

não são da mesma opinião: os Chins, por exemplo, criam numerosas varas de porcos, e fazem d'elles a sua alimentação ordinaria.

As raças suinas são mui diversas; mas podem ser divididas em duas classes bem distinctas: o porco grande e o porco pequeno parece proceder da raça chineza. As variedades de grande estatura são mais vantajosas pela quantidade de carne e toucinho que fornecem; mas considerando a qualidade, as raças pequenas são sempre melhores. Entretanto, o conveniente cruzamento d'estas duas raças, e a criação bem dirigida dos mestiços, podem dar origem a outras raças, que reunam as qualidades de ambas as raças primitivas.



Fig. 762. — Porco.

O porco macho ou varrão acha-se apto para a reproducção na idade de um anno; de dois a tres annos está em toda a sua força; passados cinco annos, é preciso engordal-o, senão torna-se dispendioso e frequentemente temivel por sua malignidade. A porca entra em cio aos 6 ou 8 mezes, e como se acha frequentemente n'este estado, é preciso atal-a ou melhor ainda separal-a das outras porcas para evitar que as atormente ou lhes faça mal. A porca póde ter dois a tres partos por anno; anda gravida 113 dias, ou como se diz vulgarmente, tres mezes, tres semanas e tres dias. Aos 8 annos já não serve para a reproducção; mas póde ainda engordar, o que não aconteceria, se se esperasse mais tempo.

A porca tem ordinariamente 10 a 12 crias que se chamam *leitões;* ás vezes 15 a 20 e mesmo mais. Nas porcas primiparas é necessario ter muito cuidado, para que não devorem os filhos, o que se evita esfregando-os com esponja molhada n'uma decocção de herva babosa, de quassia, de absinthio ou de qualquer outra planta amarga. Deve-se deixar á porca tantos leitões quantas são as suas tetas, por isso que elles conservam sempre a teta em que mammaram a primeira vez, e cada um adopta a sua; e se algum morre, a teta que fica vaga, secca em pouco tempo. Ás 3 semanas, tiram-se os leitões destinados para o consumo. Antes de tiral-os convem fazer sahir a porca do estabulo, e leval-a bastante longe, para que não ouça seus gritos, o que a faria enfurecer; e quando voltar ao estabulo, dê-se-lhe de comer para occupal-a. Apartam-se da mãi os outros leitões na idade de 8 a 10 semanas; e diminue-se a alimentação á porca, para lhe diminuir a secreção do leite. Os leitões destinados á ceva devem ser castrados dos 15 dias até aos 3 mezes. Até á idade de 2 annos engordam facilmente; mais tarde a engorda torna-se dispendiosa, e a carne é menos delicada.

Os porcos nutrem-se de grande numero de substancias vegetaes ou animaes. Os bagaços de extracção dos oleos e de outros productos, o trevo, a luzerna, o sanfeno, a chicoria, as urtigas, a ervilhaca, as favas,

as ervilhas, os feijões, a castanha, a bolota, os grãos avariados, o farelos e as farinhas, as raizes tuberosas, a abobora e outras cucurbitaceas, etc., etc., são os principaes alimentos vegetaes, que pódem empregar-se na criação, sustento e ceva dos animaes suinos. Comem tambem carne corrompida; são mesmo avidos de sangue e de carne sanguinolenta, porque ha exemplos de devorarem as crianças no berço. Na beira-mar póde-se tirar grande proveito do emprego do peixe na alimentação do porco. A carne de cavallo produz toucinho muito saboroso e consistente. O uso do sal commum é muito vantajoso aos animaes suinos, e melhora-lhes a carne. Na pastagem comem estes animaes a maior parte das hervas que encontram, as raizes, as fructas e os rebentões das arvores, os insectos e todos os animalculos que apanham.

Os porcos novos e velhos temem muito o frio; e por isso, os climas quentes são-lhes muito favoraveis.

Um porco póde viver 15 ou 20 annos; mas raras vezes se lhes deixa attingir este termo: habitualmente matam-se na idade de dois annos, bem que possam ainda crescer durante quatro ou cinco annos. O porco, para ser bom de comer, não deve ser nem mui novo nem mui velho. Prefere-se geralmente o que tem 8 mezes a 1 anno. A carne deve ser firme e avermelhada, e deve rejeitar-se a que está semeada de pequenas glandulas brancas ou côr de rosa: é um signal de que o porco está affectado de *ladraria*, e esta carne, sem ser precisamente nociva, perdeo quasi todas as suas boas qualidades.

Tudo serve no porco: a carne, o sangue, os intestinos, as visceras, a cabeça, as orelhas, a lingua, os pés, a gordura, o toucinho, são a base de grande numero de comidas. A carne nutre muito, bem que seja difficil de digerir. A do varrão e a da porca é menos estimada que a do porco castrado. Quanto aos leitões, a sua carne é muito delicada. A carne de porco defuma-se e salga-se muito bem: toma o sal facilmente e conserva-se salgada por mais tempo do que as outras carnes. A pelle serve para fazer crivos, fortificar os bahús, e encadernar os livros mui volumosos. A gordura dos intestinos fornece a banha para as pomadas, unguentos; emfim com as sedas fazem-se pinceis e escovas.

Os animaes suinos estão sujeitos a muitas molestias; as principaes são: a *grã*, a *ladraria*, a *ulcera das orelhas*, o *carbunculo*, a *diarrhea*, a *esquinencia*, a *sarna*, a *pnenmonia*, as *ourinas sanguinolentas*, a *raiva*, a *trichinose*, etc.

Exame do porco na occasião da compra. Quando se compra um porco, é necessario visitar sobretudo a lingua para ver se não existem na sua base vermes em fórma de vesiculas, cuja presença constitue a molestia designada sob o nome de *ladraria* (*Veja-se* esta palavra).

PORRETTA. Italia. Aguas sulfurosas quentes; 36° Contem tambem principios salinos, perto de 8 grammas por litro, de que 7 grammas de chlorureto de sodio. Produzem um effeito purgativo, que as torna mui proprias para o tratamento das molestias cutaneas. Possuem ainda uma particularidade mui curiosa: vem a ser a presença no meio d'estas aguas de um gaz inflammavel. Basta, com effeito, approximar á super-

ficie das fontes, principalmente da fonte do *Bue*, um corpo em ignação, para obter uma chamma rubra superiormente, e azul na parte inferior. O gaz que arde assim é o gaz hydrogeneo carbonado. — Bebem-se estas aguas na dóse de cinco a seis copos de manhã. Quanto aos banhos, administram-se na temperatura nativa das fontes. Ha ali cinco estabelecimentos thermaes, aos quaes se dirigem as differentes fontes.

Itinerario: Estrado de ferro de Pariz directamente a Porretta 33 horas.

PORRIGO. *Veja-se* TINHA.

PORRO. *Veja-se* ALHO PORRO.

PÓS. São medicamentos reduzidos por meios mecanicos a grande tenuidade. A composição dos pós é muito variada.

Pós dentifricios. *Veja-se* DENTES.

PÓS DE SAPATO. Pós pretos mui leves, e um tanto graxos, que se obtem queimando em vasos de ferro substancias resinosas, taes como o pez, o alcatrão, etc. Servem para muitos usos nas artes. Entram na composição da tinta de imprimir, da graxa, dos vernizes, etc.

POTASSA. É a combinação do oxygeneo com o potassio. Ha tres especies de potassa.

A *potassa do commercio*, composta em parte de sub-carbonato de potassa. Para obtêl-a, queima-se a lenha de diversos vegeteas; as cinzas que resultam da combustão tratam-se pela agua. e as dissoluções filtram-se e evaporam-se até seccarem: este residuo calcina-se n'uma fornalha, e o resultado é a *potassa do commercio*, que não é oxydo de potassio puro, mas sim uma mistura de potassa verdadeira, de carbonato e sulfato de potassa, de chlorureto de potassio, de silica, de alumina, etc. A potassa do commercio emprega-se para a fabricação do sabão molle, do vidro, da pedrahume, etc.

A *potassa preparada com cal* é a precedente, de que foi separado o acido carbonico por meio da cal. Este producto é conhecido nas boticas sob o nome de *potassa caustica* ou *pedra de cauterio*; é mui caustico.

A *potassa preparada com alcool* é a mais pura de todas. É o oxydo de potassio puro desembaraçado de todas as substancias estranhas. É solido, branco, mui caustico, absorve avidamente a humidade do ar, e é mui soluvel na agua. Queima os tecidos organicos com que é posto em contracto, d'onde vem o seu emprego para formar as fontes, e abrir algumas postemas.

Saes de potassa. Os que se empregam em medicina são:

Acetato de potassa. Apresenta-se debaixo da fórma de frocos brancos, brilhantes, leves, soluveis em agua e no alcool, extremamente deliquescentes, e reduzindo-se a um liquido de aspecto oleaginoso, de sabor piquante. Este sal na dóse de 2 a 4 grammas é diuretico, e empregado como tal nas ictericias e hydropisias; em alta dóse é um brando purgante.

Azotato ou *nitrato de potassa*. *Veja-se* NITRO.

Bicarbonato de potassa. Sal crystallizado em prismas rhomboidaes, sem cheiro, de sabor alcalino fraco, soluvel em 4 partes d'agua fria. É aconselhado contra as areias na dóse de 4 grammas dissolvido em 500 grammas d'agua.

Chlorato de potassa. Sal crystallizado em laminas sem côr, de sabor acerbo, susceptivel de detonação pelo choque, soluvel em 36 partes d'agua fria, e em 2 partes d'agua fervendo. É aconselhado internamente contra as aphtas, salivação mercurial, angina membranosa, febre typhoide; externamente contra as ulceras, a ozena e salivação mercurial. Internamente administra-se na dóse de 2 a 8 grammas por dia n'uma poção de 180 grammas que se administra ás colheres, ou em pastilhas de Dethan de chlorato de potassa.

Estas pastilhas são feitas de assucar aromatizadas com balsamo de Tolu, cada uma contendo vinte centigrammas de chlorato de potassa.

Administram-se estas pastilhas contra as doenças da garganta, as inflammações agudas ou chronicas das amygdalas, a extinsão da voz, as inflammações e as ulcerações da bocca, o máo halito, o escorbuto e tambem para evitar e fazer parar os perniciosos effeitos do mercurio, sem interromper o tratamento, de imperiosa utilidade, d'este medicamento.

Tomam-se as pastilhas de Dethan na dóse de 6 a 12 por dia, segundo a gravidade da molestia.

Para que haja certeza de se tomar as verdadeiras pastilhas de Dethan, deve-se verificar que sobre todas as caixinhas se ache a assignatura — Adh. Dethan — pharmaceutico em Pariz.

Externamente o chlorato de potassa usa-se em gargarejos.

Hypochlorito de potassa. Veja-se AGUA DE JAVEL.

Silicato de potassa. É secco ou liquido. Sendo liquido, chama-se *vidro liquido;* tem a consistencia de xarope, e n'este estado emprega-se para a preparação dos apparelhos destinados a immobilizar os membros fracturados. A solução deve ter uma densidade de 1,29. Cobrem-se com ella ataduras de panno de linho; estas tornam-se duras ao cabo de 5 ou 6 horas e formam um apparelho rigido, cujas principaes vantagens são: a impermeabilidade, a solidez, e a facilidade com a qual póde tirar-se por meio da agua fervendo.

Subcarbonato de potassa ou *Carbonato de potassa.* Sal branco, acre, caustico, mui soluvel em agua, mui deliquescente. Serve para a preparação das bebidas effervescentes, e da mistura salina, bebida empregada em varias molestias febris.

Tartrato acido de potassa. Veja-se CREMOR DE TARTARO.

Tartrato neutro de potassa ou *Sal vegetal.* Sal branco, solido, crystallizado em prismas rectangulares de 4 faces, soluveis em agua, um pouco deliquescentes, de sabor fresco e amargo. Purgante brando, na dóse de 8 a 16 grammas.

Tartrato de potassa e soda ou *Sal de Seignette.* Este sal não tem côr nem cheiro; o seu sabor é levemente amargo: forma grossos prismas rhomboidaes de 8 faces, as mais das vezes cortadas na direcção de seu eixo. É levemente efflorescente, soluvel na agua fria, mais soluvel na agua quente, insoluvel no alcool. — Purgante na dóse de 15 a 60 grammas.

POTASSIO. Metal que gosa da propriedade de decompor a agua e

de se combinar com o oxygeneo livre para formar a potassa. Fornece dois saes muito empregados em medicina, o bromureto e o iodureto de potassio (*vejam-se estas palavras*). O bromureto de potassio é um calmante do systema nervoso e um hypnotico. O iodureto de potassio é especifico contra os accidentes tardios da syphilis e muito util no tratamento da ataxia locomotriz, asthma, emphysema, lesões de origem escrophulosas, etc.

O bromureto de potassio se administra com proveito sob as formas de *xarope de Gelineau* e *xarope de Henri Mure*.

POTRA. Dá-se este nome á inchação do escroto produzida por ataques repetidos de erysipela ou pela quebradura. *Veja-se* ELEPHANTIASE e QUEBRADURA.

POTRO e **POLDRA** (*Animaes domesticos*). O potro é o cavallo novo até 4 annos de idade; a poldra é a egua nova.

O potro, que acaba de nascer, tem todo o corpo coberto de uma materia viscosa que a mãi lhe tira, lambendo-o. Se a egua não tiver este cuidado, convem dispôl-a a isto, polvilhando a cria com sal ou farelos de que ella gosta muito. Se a respiração do potro parecer não executar-se de maneira normal, será preciso passar-lhe os dedos na bocca e assoprar-lhe nas ventas. Ajuda-se depois a ter-se em pé, e a achar a teta da mãi. Desde o 3° ou 4° dia, o potro segura-se perfeitemente nas pernas, e principia a seguir a mãi; não se deixa entretanto sahir antes do 7° ou 8° dia. Passado este tempo, se a mãi não trabalha, deixa-se com elle no pateo, e depois no cercado, vigiando-os sempre sem nunca deixal-os sós. Na estrebaria não deve atar-se a egua, para evitar que o potro se embarace na corrêa e se estrangule. Quando se leva a egua e o potro ao pascigo, deve este ser n'um logar secco.

Aos 2 mezes e mesmo antes, o potro principia a comer; apresentam-se-lhe então alguns alimentos de facil mastigação, um pouco de cevada ou de aveia machucada e humedecida com agua, e cada dia augmenta-se progressivamente a ração, até que se deixe o potro comer com a mãi na mesma manjadoura. Ajuntam-se então á aveia algumas cenouras cortadas, e amollecidas em agua quente. Mais tarde, isto é, no 4° ou 5° mez, quando a alimentação é mais necessaria ao potro, é mister dar-lh'a n'uma caixa separada posta n'um canto da estrebaria, na ausencia da mãi, ou depois de atar esta; de outro modo a egua, comendo mais depressa, não deixaria sufficiente porção ao filho.

Não é possivel fixar de uma maneira absoluta a epoca em que convem desmammar o potro. É ordinariamente na idade de 6 mezes pouco mais ou menos que se separa da mãi, para o pôr, sem atal-o, n'uma estrebaria salubre, onde se lhe continua sempre um bom systema de alimentação. A desmammação não deve ser subita. Procede-se gradualmente fazendo mammar o potro ao principio tres vezes por dia, depois duas, depois uma, emfim desmmama-se completamente, e dá-se-lhe por bebida agua esbranquiçada com alguma farinha. Durante os primeiros dias diminue-se a alimentação da egua. Póde-se-lhe administrar um purgante, 250 grammas de sal d'Epsom dissolvido em agua, se a secreção do leite

continuar apezar de se lhe reduzir o regimen alimentario. *Veja-se* CAVALLO e EGUA.

POUGUES. França. Aguas alcalinas, ferruginosas, iodadas, gazosas, frias.

Itinerario de Pariz a Pougues: Estrada de ferro de Pariz a Pougues, 5 horas. Despeza 30 francos.

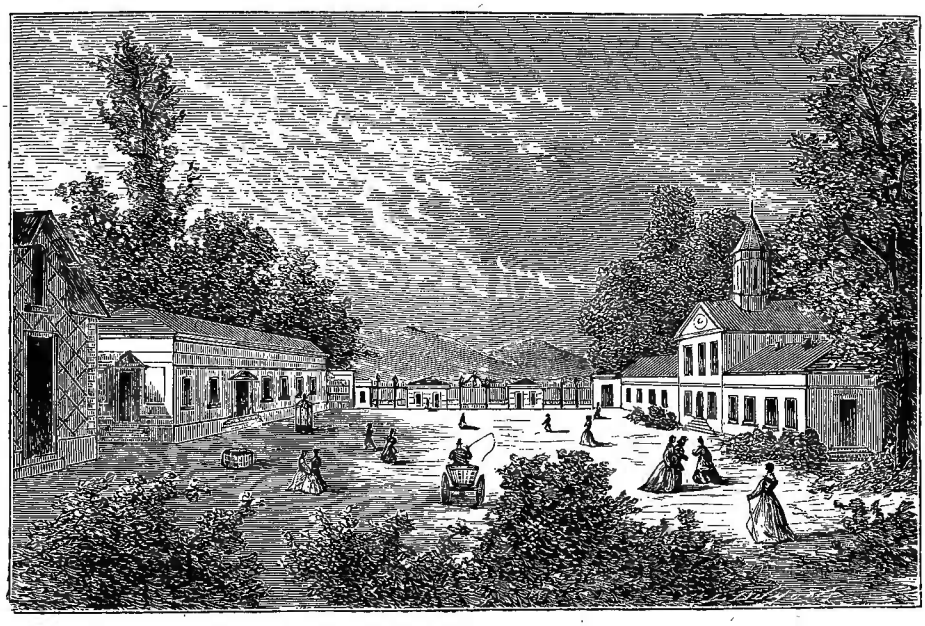


Fig. 763. — Estabelecimento thermal de Pougues.

Pougues é uma pequena cidade de França de 1,400 habitantes, situada n'um valle salubre, cercado de collinas cobertas de arvoredo. Possue duas fontes mineraes frias; a mais importante é a fonte chamada *Saint-Léger*, é fortemente carregada de gaz acido carbonico, cujas grossas bolhas vem estalar na superficie da agua; serve para bebida e para banhos. Eis-aqui o resultado da analyse feita em 1837 por Boulay e Henry, de 1 litro da agua da fonte Saint-Léger;

Gaz acido carbonico.....	0gr,33	Sulfato de cal.....	0gr,1900
Bicarbonato de cal.....	1gr,3269	Chlorureto de magnesio.....	0gr,3500
— de magnesia.....	0gr,9762	Acido silicico e alumina.....	0gr,0350
— de ferro.....	0gr,0206	Phosphato de cal e alumina...	0gr,0300
— de soda com vestigios de estronciana.....	0gr,6362	Total.....	3gr,8349
Sulfato de soda.....	0gr,2700		

Uma analyse mais recente achou n'esta agua vestigios notaveis de iodo, e de lithia.

A agua é limpida, sem cheiro, atravessada por numerosas bolhas de gaz; o seu sabor é piquante e acidulo. Temperatura 12° centigrados.

A agua de Pougues usa-se principalmente em bebida; o estomago supporta-a muito bem. É util nas molestias das vias digestivas, na dys-

pepsia, na anemia, diabetes, catarrho vesical, areias, molestias do utero, engurgitamentos do figado e do baço.

Ha em Pougues um bello cassino, um theatro, um vasto parque, um grande hotel, casas mobiliadas, palacetes com jardins, emfim tudo ali é bastante confortavel. Existem no estabelecimento 24 gabinetes de banhos, e todos os apparelhos hydrotherapicos. A estação thermal dura de 15 de maio ao 1° de outubro. A agua da fonte *Saint-Léger* transportada conserva as mesmas propriedades que na fonte.

PRANTO. Portugal; Douro. Junto ao logar da Azenha, na comarca de Coimbra. Aguas sulfurosas quentes. 31° a 33°.

PRATA. Este metal, conhecido de toda a antiguidade, acha-se na natureza, quer no estado nativo, quer combinado com diversas outras substancias, como enxofre, sulfureto de chumbo, etc.; encontra-se em muitos paizes mas especialmente no Mexico e Perú. No Brazil acompanha as galenas em quasi toda a parte. Ha indicios da sua existencia na provincia do Ceará, na da Bahia proximo ás margens do rio S. Francisco; na de S. Paulo, nos districtos de Sorocaba e Xiririca: e na de Minas Geraes, na lavra de Abaeté, onde outr'ora foi minerada. — A prata é solida, branca, mui brilhante: pesa dez vezes e meio mais do que a agua. Todos conhecem seus usos nas artes, e na economia domestica.

Prata, Baixella (*Economia domestica*). As colheres, os garfos e os outros objectos de prata devem ser tratados com cuidado. Depois de servirem, é preciso laval-os em agua fervendo, depois em agua morna, e finalmente em agua fria, esfregando-os com baeta ou escova; enxugam-se então com panno de linho, ou com pellica. Para tirar as nodoas, que o contacto dos ovos produz nas colheres de prata, fervam-se durante alguns minutos n'uma mistura d'agua e de cinza mui fina, sem esfregal-as; ou então esfreguem-se as nodoas com fuligem diluida em aguardente. Uma ou duas vezes por mez a baixella deve ser limpa com cré. Dilue-se o cré em agua, ou aguardente; cobrem-se levemente os utensilios com esta mistura, a qual se tira, depois de secca, com escova muito macia.

O meio seguinte é infallivel para branquear as colheres, castiçaes e outros objectos de prata: Dissolva em agua partes iguaes de sal ammoniaco, pedrahume, sal de tartaro (sub-carbonato de potassa), e ferva n'esta dissolução os objectos de prata pelo tempo que julgar necessario: todos estes objectos ficarão muito brancos.

Composição para limpar a prata. Cremor de tartaro 15 grammas, sal de cozinha 15 grammas, pedrahume 15 grammas, agua 720 grammas. As colheres, os garfos e os outros utensilios de prata, fervidos n'esta composição, ficam muito brilhantes.

PRATEADURA. A feliz applicação da galvanoplastia á prateadura modificou completamente os usos, e o valor dos objectos prateados. Precedentemente, não se conhecia senão a prateadura por meio de amalgama de mercurio, ou então por meio de uma lamina applicada sobre cobre ou ferro. A prateadura por amalgama não era duravel, e a operação era prejudicial á saude dos operarios; a prateadura por la-

minas tem o inconveniente de não poder ser feita sem liga de cobre. A prateadura galvanoplastica não tem estes inconvenientes; as moleculas de prata são depostas n'um estado de perfeita pureza sobre os objectos; estes, por conseguinte, não podem dar logar á producção de oxydo de cobre, perigosa para a saude. A prateadura galvanoplastica pratica-se hoje em grande escala, e substituio os outros modos; foi introduzida em 1840 por Elkington e Ruolz. Segundo este methodo, dissolve-se a prata n'um liquido conveniente; mettem-se n'este banho as peças que se devem pratear, e pelo effeito da electricidade, desenvolvida por meio de uma pilha, a prata pura precipita-se, e vem fixar-se sobre os objectos.

PREGO. *Entrada do prego no pé ou em qualquer outra parte do corpo.* Tirado este corpo estranho, convem lavar a ferida com agua fria, e applicar-lhe por cinco a seis horas pannos molhados em agua fria. Depois d'isto, applicam-se na ferida cataplasmas de linhaça. É escusado escaldar a picada, como muitas pessoas costumam fazer, com azeite quente.

PRENHEZ. *Veja-se* GRAVIDEZ.

PRESAS. *Veja-se* DENTES.

PRESBYOPIA. Disposição viciosa da vista, commum nas pessoas idosas, que consiste em tornar confusos os objectos pouco afastados, entretanto que são vistos distinctamente em maior distancia. É o contrario da *myopia*. Os individuos que se acham n'este estado chamam-se *presbytas*. — A impossibilidade de distinguir os objectos de perto procede ás vezes, nas pessoas jovens, do máo costume de olharem para as cousas de longe. Mas a causa mais commum d'esta affecção é indubitavelmente a diminuição dos humoros do olho, da qual resulta o achatamento d'este orgão, e que é occasionado pelos progressos da idade. — Os presbytas tem ordinariamente na postura alguma cousa que os faz reconhecer mui facilmente; voltam a cabeça para traz, entretanto que os myopes a inclinam para diante. Concebe-se que esta acção de dirigir a cabeça para traz provém da necessidade de deixar distancia sufficiente entre os olhos e os objectos, afim de que estes sejam vistos distinctamente. Comtudo isso, esta distancia varía conforme os gráos da affecção: alguns presbytas vêem mui bem a 30 centimetros de distancia, entretanto que outros não vêem senão a 1 metro e até mais. Só vêem com luz mui clara, e não podem ler senão lettra grande; a pequena, mesmo distante, não é, as mais das vezes, distinguivel para elles.

A medicina não possue meio algum de curar a presbyopia; mas a physica póde remediar-lhe os inconvenientes. É preciso, como na myopia, recorrer a oculos, com differença de serem convexos em vez de concavos, para que possam preencher o officio dos humores do olho. Quanto mais a presbyopia augmentar de intensidade, com os progressos da idade, tanto mais convexos devem ser os vidros dos oculos. De dois em dois, ou de tres em tres annos, e ás vezes com maior espaço mudam-se os oculos para outros mais convexos. Ha entretanto pessoas que conservam sempre os mesmos oculos. Para a escolha dos oculos, *veja-se* OCULOS.

PRESUNTO. Perna do porco curada e amoxamada. É uma comida

delicada e muito estimada. Os melhores presuntos são os de Westphalia e de Inglaterra.

PRIAPISMO. Erecção involuntaria, excessiva, perseverante, dolorosa, muitas vezes acompanhada de calor geral, de agitação, de frequencia do pulso, mas sem desejos venereos pronunciados.

Causas. Os homens adultos, vigorosos, irritaveis, são mais que os individuos mui moços ou idosos, fracos ou apathicos, dispostos ao priapismo. Este estado é mais frequente nas regiões em que a temperatura é elevada do que nos paizes frios. As empigens e outras affecções cutaneas, especialmente quando atacam as partes genitaes, dispõem ao priapismo. A leitura de livros eroticos, as sociedades de mulheres que excitam fortemente os sentidos sem satisfazêl-os, uma imaginação ardente e occupada de ideias lascivas, os sonhos durante os quaes se reproduzem imagens do mesmo genero, taes são as causas frequentes d'esta excitação genital. Póde acompanhar o esquentamento, ou depender da bexiga. Mas, entre estas causas, a que mais ordinariamente se encontra consiste na ingestão das cantharidas. Introduzidas nas bebidas ou em pastilhas, as preparações d'estes insectos gozam de uma reputação tão universal, que é ao seu uso que se referem a maior parte das observações do priapismo consignadas nos autores. É quasi sempre para dissipar os receios exagerados de impotencia que se tem recorrido a este meio perigoso. Tal é o caso de um negociante sexagenario de que falla Ab Hers, o qual, para dar prova de vigor a uma mulher, tomou cantharidas; pouco tempo depois experimentou uma comichão dolorosa no membro, um delirio erotico, emfim, ourinas sanguineas, e só escapou á morte em virtude de um tratamento energico.

Symptomas. A invasão do priapismo tem logar, no maior numero dos casos, de maneira graduada, durante o somno, e annuncia-se ao principio por uma erecção dolorosa, que cessa logo que a pessoa acorda, ou fazendo-se alguns lavatorios frios. Algum tempo depois, a erecção torna-se mais duravel, mais insupportavel, mais difficil de ser vencida. Quando é provocada pelo uso das cantharidas, principia ordinariamente com violencia, e adquire em poucas horas o mais alto gráo de intensidade. O doente tem agitação violenta, a cabeça dolorosa, o pulso accelerado, a pelle quente, a bocca secca, sêde extrema. Tem vontade de ourinar; mas só difficilmente póde satisfazêl-a: o liquido, durante os esforços, é expulso ás gottas, vermelho e turvo do canal da urethra. A excitação genital póde produzir a inflammação aguda das partes affectadas, a gangrena do membro viril, e até a morte do individuo.

Tratamento. Combate-se o priapismo com um regimen lacteo e exclusivamente vegetal, com as bebidas acidas, frias, com a limonada de limão ou de laranja, o soro de leite, a orxata, com os banhos mornos e prolongados, e clysteres do cozimento de linhaça. Ás vezes é necessario applicar algumas bichas no anus. Convem insistir muito nas bebidas, e tomal-as em grandes dóses. No priapismo que acompanha o esquentamento, o clyster com camphora é util. Eis-aqui a receita d'este clyster:

Camphora.....	30 centigrammas.
Gema de ovo.....	uma.
Agua tepida.....	180 grammas.

PRINCIPE IMPERIAL. Brazil; Piauhy. Aguas ferreas.

PRISÃO ou **DUREZA DE VENTRE.** A funcção da defecação apresenta, conforme os individuos, variedades mui notaveis, e mais ou menos compativeis com a boa saude. As pessoas adultas bem regradas vão naturalmente á banca uma vez por dia, e geralmente de manhã; outras demoram-se dois, tres, quatro, oito dias e mais. Entretanto, quando a dureza de ventre tem chegado a este ultimo termo, deve ser considerada como indisposição habitual, cujo progresso póde ser indicio, ou tornar-se causa de molestias sérias. Geralmente fallando, o costume de reprimir as evacuações alvinas é vicioso, e sujeito a muitos inconvenientes. O melhor é satisfazer esta necessidade quotidianamente, ou de dois em dois dias.

A prisão de ventre, quando se prolonga, produz infartação e peso no ventre, arrotos fetidos, vertigens, dôres de cabeça, insomnia; colicas surdas apparecem de longe em longe; o appetite diminue, a sêde torna-se mais ardente, sobe grande calor ao rosto, a intelligencia é menos facil e muitas vezes o caracter irascivel. Voltaire disse mui jocosamente: « Quando tiverdes uma graça a pedir, informai-vos se Sua Excellencia foi á banca. » Quando a dureza de ventre é habitual, dá logar a outros effeitos, e principalmente occasionna hemorrhoidas, hemorrhagias uterinas, flores brancas, catarrho da bexiga e ourinas sanguineas.

As *causas* da prisão de ventre são mui variadas. Assim, a vida sedentaria, as occupações intellectuaes, os pezares, a colera, o terror e outras affecções moraes, a idade madura, e a velhice, um regimen mui excitante ou mui exiguo, os vinhos generosos, os medicamentos narcoticos, e principalmente o opio, as substancias adstringentes, como, por exemplo, o vinagre, o decoro social que obriga a resistir por muito tempo á necessidade de obrar, produzem ou augmentam a dureza de ventre. É mui commum nas molestias nervosas, taes como a alienação mental, a melancolia, a hypochondria, o hysterismo, etc., e igualmente na gravidez.

Tratamento. A primeira ideia que se apresenta naturalmente para combater a prisão de ventre, é tomar um purgante. Entretanto, além de que este meio não produz sempre o seu effeito, a enfermidade torna a apparecer logo depois, a não se continuar o remedio. N'este ultimo caso, acontece, com o tempo que os purgantes não actuam senão com pouca energia. Convem, por conseguinte, recorrer a outros meios. Indiquei as causas principaes d'este incommodo: removêl-as, quando se puder, é por conseguinte a primeira necessidade. A uma vida mui sedentaria, ás applicações mui fortes do espirito, ás paixões, ao regimen estimulante, substitue-se o exercicio, as distracções, a moderação dos sentimentos, alimentos brandos, leves, humidos, laxantes, as verduras, as fructas, as ameixas seccas, o leite, as carnes brancas, ou as de animaes novos, os caldos de frango, de vitella e de hervas. Usar-se-ha moderadamente do

vinho, café puro, bebidas alcoolicas; largamente. pelo contrario. das bebidas aquosas. levemente acidulas. Os banhos frios produzem tambem bom resultado. O regimen é um dos meios mais importantes no tratamento da prisão de ventre. Deve ser pela maior parte vegetal. e composto de legumes verdes, bem cozidos. taes como cenoura, nabo. agriões. couve-flor, alcachofra, espargo, alface, bertalha, espinafre, couve. etc. Além d'isto, estas regras não são absolutas; a diversidade dos temperamentos e costumes podem causar notaveis modificações: assim. por exemplo. não é raro ver-se alimentos succulentos. temperados. e bebidas estimulantes corrigirem perfeitamente a prisão de ventre em individuos molles e lymphaticos. A cerveja, o café com leite, a acção de fumar. produzem em muitas pessoas um effeito poderoso; em outras. um copo d'agua fria bebido de manhã em jejum. — Convem regrar as horas das evacuações. isto é. assentar-se na banca todos os dias ás mesmas horas. quer se sinta necessidade, quer não. — Antes que a simples modificação do regimen provoque a lubricidade do ventre, o que acontece quasi sempre nas durezas recentes. mas raramente quando são antigas, é bom que se tome um clyster todas as manhãs ou de dois em dois dias. Principiar-se-ha com agua morna, ou, melhor ainda, durante a estação dos calores, com agua fria. É desagradavel, sem duvida, o contrahir-se assim um habito incommodo; mas deve-se ponderar que a cura póde ser obtida por este uso temporario. e que com a dureza de ventre a saude nunca está perfeita, e é preciso lançar mão de remedios As vezes. os clysteres simples não bastam: é necessario fazêl-os laxativos, acrescentando-lhes mel de abelhas, assucar mascavado. azeite doce, oleo de amendoas doces, de ricino. etc. — Se todos estes meios não forem sufficientes. tome-se pela manhã em jejum, de vez em quando, uma das preparações abaixo indicadas.

O medicamento, porem, que mais aproveita contra a prisão de ventre, sobretudo a prisão de ventre habitual é sem duvida alguma a *Cascara sagrada*.

Experimentada primeiro na America de onde é originaria e depois nos hospitaes de Pariz e particularmente no hospital Cochin. no serviço do doutor Dujardin-Beaumetz, a *Cascara Sagrada* (casca do *Rhamnus Purshiana*) deo em toda a parte resultados por tal modo satisfactorios que a fizeram considerar como o verdadeiro especifico da obstipação chronica.

Administra-se a *Cascara Sagrada* debaixo da forma de grageias Demazière que têm por base o pó de *Cascara Sagrada*. Não produzem nem nauseas, nem colicas. nem diarrhea. São tão agradaveis de tomar como beneficas e seguras no seu effeito.

Os excellentes resultados obtidos pelos medicos que as experimentaram e pelos doentes que ficaram alliviados vieram confirmar as observações publicadas na America e as colhidas nos Hospitaes de Pariz. e attestar todas o valor therapeutico d'este novo producto.

As grageias *de Demazière* tomam-se do seguinte modo:

A dóse ordinaria é de quatro grageias por dia: duas de manhã, ao

despertar e, duas á tarde, no momento da ultima refeição e antes de se deitar.

Se a prizão de ventre resiste a esta dóse pode-se, sem inconveniente, ir até seis ou mesmo oito grageias por dia. A principio a acção purgativa não se faz sentir além do primeiro dia, e se se suspendesse o emprego da cascara sagrada depois da primeira ou da segunda administração os felizes effeitos que ella produz não persistiriam e a prizão de ventre não ficaria curada nem mesmo teria melhoras. É preciso continuar a tomar o mesmo numero de grageias durante uma semana; ao cabo deste tempo toma-se de dois em dois dias, diminuindo progressivamente as dóses, e espaçando-as de mais em mais, até que as dejecções se produzam de um modo espontaneo, e sem o soccorro de medicamento algum. Se a tendencia para a obstipação se manifestar ao fim de um certo tempo é necessario tomar de novo algumas grageias para manter a cura.

Conformando-se a estas prescripções o exito é certo.

As grageias de *Cascara Sagrada de Demazière* preparam-se e vendem-se em Pariz, na pharmacia Demazière, á Avenida de Villiers nº 71.

Os outros meios que se empregam contra a prisão de ventre habitual são :

1.º Uma chicara de chá de S. Germano. O modo de sua preparação está indicado no artigo Chá de S. Germano.

2.º Uma colher *de sopa* de magnesia calcinada, n'uma chicara d'agua fria com assucar, ou uma medida de magnesia granulada de Mentel.

3.º Um copo de limonada de citrato de magnesia.

4.º Um copo d'agua de Sedlitz.

5.º Duas colheres *de chá* de sementes de mostarda branca.

6.º Uma das pilulas seguintes :

Aloes.....	1 gramma.
Gomma gutta.....	1 —

Faça 10 pilulas.

7.º Duas colheres *de sopa* de azeite doce com assucar.

8.º Uma chicara de infusão de petalas de rosas pallidas.

9.º *Pó laxativo de Vichy, de Souligoux.* Toma-se este pó na dóse de uma a duas colheres *de chá* desfeito em meio copo d'agua, á noite ao deitar-se. Para as crianças a dóse é de meia colher *de chá.*

Começa-se por tomar só uma colher *de chá* de pó, mais ou menos duas horas depois da ultima refeição; se no dia seguinte de manhã o effeito não se produzir, toma-se n'esta mesma noite duas colheres *de chá* do pó. É muito raro que haja necessidade de augmentar esta dóse.

Diminue-se a dóse pouco a pouco até que as funcções da evacuação façam-se naturalmente; o doente deve assentar-se na banca todas as manhãs, mesmo que não tenha vontade de evacuar.

O *pó laxativo de Vichy do Dor Souligoux*, prepara-se e vende-se por maior em casa de Chassaing e Cia, avenida Victoria nº 6, em Pariz.

10.º Duas hostias de naphtol e salicylato de bismutho, de Trouette, de

tres em tres horas, sem interrupção, mesmo nas horas da comida; descançando um dia e recomeçando com um ou dois dias de intervallo.

11.° Um calice de vinho de papaina de Trouette Perret depois do almoço e do jantar. Para as pessoas que não gostam ou não se dão bem com o vinho, podem empregar o xarope, os confeitos, o elixir ou as grageias de papaina.

PRODROMO. Estado de indisposição que precede immediatamente uma molestia; o tempo intermedio entre a saude e a molestia, que tem logar desde o instante em que certas mudanças se manifestam na saude habitual do individuo, até ao momento em que alguma molestia se torna manifesta.

PROFISSÕES. Designa-se com este nome o genero de occupação a que se entregam os individuos que compõem a sociedade. O exame das profissões pertence á medicina, por causa da sua influencia sobre a saude dos homens que as exercem.

Influencia physica das profissões. As occupações habituaes influem de maneira evidente sobre o physico do homem. Assim, as profissões que exigem exercicio muscular quasi geral desenvolvem todo o individuo, e dão-lhe proporções athleticas. Vemos os agricultores, e nos antigos os athletas, tornarem-se grandes, vigorosos, fortemente membrudos; terem o peito quadrado, espadoas largas, e todo e edificio corporal participar do desenvolvimento dos musculos.

Se as profissões são exercidas só por uma região do corpo, é esta que mais se desenvolve. Os braços do padeiro, marceneiro, serralheiro, etc., tomam maior augmento do que as outras partes; as pernas do dansarino, tecelão, etc., crescem igualmente de maneira mais sensivel; as costas dos homens que carregam pesos adquirem maior amplitude; n'uma palavra, toda a parte do corpo que mais exercicio tem, maior força alcança, o que faz, em algumas occasiões, se prefira mais uma a outra profissão, conforme a organização da parte exercida, e até obriga, em alguns estados de molestia, a applicar-se o individuo a tal ou tal occupação, para produzir o crescimento de um parte imperfeitamente desenvolvida.

Mas as profissões não exercem sempre uma influencia salutar sobre o homem; se d'entre ellas muitas tem esta vantagem, outras são nocivas por algumas circumstancias ligadas á sua pratica. Primeiro que tudo, o abuso das mais salubres póde ás vezes ter inconvenientes graves. Quantas molestias se não vê nascerem do excesso de trabalhos; homens levados por uma inclinação invencivel ao estudo, perdem n'elle pouco a pouco a saude: outros, forçados pelas necessidades da vida a uma occupação penosa, dia e noite, contrahem fadigas e molestias de toda a especie. Mas, se penetrarmos nas particularidades das profissões, veremos que são susceptiveis de serem nocivas por certas condições, além do excesso e abuso do trabalho.

1.° Umas prejudicam pelo gráo de força que exigem: assim, os obreiros que transportam grandes pesos estão sujeitos ás quebraduras, feridas, torceduras, fracturas, etc,

2.° Ha profissões que são prejudiciaes por causa de certos accidentes

inseparaveis d'ellas. Assim, os fabricantes de polvora, os fogueteiros, estão sujeitos a explosões que os mutilam, quando os não matam. As profissões em que se empregam instrumentos mecanicos apresentam desastres numerosos, como dedos ou membros arrancados. Todos os obreiros que fazem uso de instrumentos cortantes estão expostos a cortarem a si os dedos.

3.° As substancias empregadas nas diversas profissões não são uma das menores causas do mal que fazem aos que as exercem : a maior parte dos metaes, á excepção do ouro, platina, prata e ferro, que prejudicam ainda pelas ligas que se podem achar n'elles, são deleterios para o obreiro que os manipula, desde o mineiro que os extrahe do seio da terra até ao que lhes dá a ultima fórma. A extracção e a preparação das outras substancias mineraes, salinas, terrosas, etc,, não são menos susceptiveis de prejudicarem a saude, assim como os gazes que se desenvolvem d'ellas, dos quaes muitos são mortiferos.

4.° As profissões podem tornar-se origens de molestias pelo logar em que são exercidas. Todas as que se praticam nos subterraneos, nos logares escavados, profundos, são as mais nocivas, já pelos gazes deleterios que se acham n'elles, já pelos desabamentos que podem acontecer. Todas as que se fazem á flor da terra são insalubres, se se praticam em logares frios, humidos, e sobretudo se n'elles o ar não está frequentemente renovado. As profissões ao ar livre ou em logares abertos são as mais salubres.

5.° A reunião de grande numero de individuos, necessaria em algumas profissões, torna-se para os obreiros uma causa de molestias : os miasmas que sahem de tantos corpos reunidos, o máo cheiro resultante do desalinho da mór parte d'elles, a estreiteza do local relativamente ao numero dos trabalhadores, todas estas causas não podem deixar de viciar o ar, tornal-o nocivo aos que o respiram.

Influencia das profissões sobre o moral. Quanto mais sob a dependencia do espirito estão as profissões, tanto maior influencia exercem sobre o moral. As meditações do philosopho, as nobres concepções do orador, os pensamentos do artista, o astro do poeta, são verdadeiros trabalhos, nos quaes a mais sublime parte do homem está immersa em fadiga profunda. A continuidade do exercicio cerebral faz desenvolver ideias novas, produz concepções felizes, faz nascer producções de que o homem não era susceptivel ao principio. Entretanto, os trabalhos excessivos do espirito, concentrando no cerebro todas as forças, são nocivos aos outros orgãos. Póde-se, por conseguinte, concluir que ha, por assim dizer, uma proporção inversa entre o desenvolvimento do corpo e o do espirito : um prejudica outro, e toda profissão que exigir o trabalho exclusivo de um dos dois será necessariamente seguida da degradação do outro. Seria para desejar, que se encontrassem occupações mixtas que reunissem felizmente o trabalho d'estas duas partes do homem, de maneira que cada uma não tomasse senão o gráo conveniente de exercicio e não fosse nociva á outra ; o que só tem logar em algumas mui raras condições da vida.

Um dos effeitos mais evidentes da influencia moral das profissões é o

socego que espargem sobre as diversas classes da sociedade : a occupação, desviando os individuos do vago pensamento e do ocio, produz uma especie de felicidade desconhecida aos que não trabalham. O obreiro, principiando diaramente os seus trabalhos usuaes, vê correr as horas sem inquietação e sem cuidado : semelhante a uma machina montada, executa a cada gyro do sol, ao mesmo tempo e da mesma maneira, as mesmas acções, que continuará até ser chamado a dormir um somno eterno. — Depois d'estas considerações geraes, examinemos as *profissões em particular*.

Profissões que exercem principalmente o espirito. A esta classe pertencem os litteratos, os poetas, os administradores, os estadistas, os theologos, os mathematicos, os professores, os medicos, pintores, os musicos, os actores, emfim todas as pessoas que se occupam do estudo das sciencias ou das lettras.

A multidão que vive do trabalho corporal julga que o estudo não cança, é um erro : o pensar é um verdadeiro trabalho que não afadiga menos que o do agricultor ou do obreiro, e não tem as vantagens que possuem estes ultimos. O trabalho do corpo dá saude, força, alegria, um somno brando, bom appetite, entretanto que os effeitos da vida estudiosa e sedentaria levada ao excesso são molestias que envenenam e abreviam a vida, tiram o somno, fazem perder o appetite e trazem o homem em uma anxiedade contínua. A digestão é uma das funcções mais perturbadas pelas meditações do espirito. « Um máo estomgo, dizia Amato Lusitano, acompanha os litteratos como a sombra segue o corpo. » Mas de todas as desordens dos orgãos digestivos, a mais ordinaria é a prisão de ventre, e em todo o tempo que ella dura, as ideias não tem a mesma lucidez, o trabalho é antes summamente difficil. Escutemos lord Byron : « Posso beber facilmente vinho, mas não me alegra ; torna-me feroz, suspeitoso e até altercador. O laudano tem um effeito semelhante, e não posso tomal-o em certa quantidade sem arrepender-me. O que mais me anima, que parece um absurdo, sendo todavia uma verdade, é uma dóse de saes purgativos, bem entendido quando produz o seu effeito. Infelizmente não se póde tomar isto como se toma vinho de Champanha! » Seneca pretendia que do ventre bem regrado dependia a liberdade do homem. Napoleão confessa que a prisão habitual do ventre era o tormento de sua vida. O mesmo aconteceo com o actor Talma, que a final pereceo victima d'este incommodo.

O systema nervoso é vivamente affectado pelos trabalhos do espirito. A desconfiança, o medo, a tristeza, o descorçoamento, rodeiam o homem dedicado ao estudo : a hypochondria, a melancolia, são muitas vezes consequencias das applicações forçadas do espirito. Poderiam citar-se muitos exemplos de molestias nervosas entre os primeiros jurisconsultos, esculptores, pintores, professores de musica, etc. O celebre Kotzebue deixou descripta uma parte de seus soffrimentos nervosos. Grétry e Bernardin de Saint-Pierre falaram igualmente dos seus nervos nas obras que nos legáram. Aristoteles assegura que todos os grandes homens do seu tempo eram melancolicos ou hypochondriacos. O famoso Spinnello, depois de

pintar a queda dos anjos, julgava constantemente ver Lucifer exprobrar-lhe a figura disforme, debaixo da qual o seu pincel o havia representado. Pascal, cuja alma era tão forte e elevada, pensava estar sempre á borda de um precipicio. Gaspar Barleos, aconselhava ao seu amigo Huyghens que abandonasse as lettras e os versos se queria conservar a saude ; e elle mesmo, esfalfado por estudos excessivos, fugia do fogo para não derreter o seu corpo, que suppunha ser de manteiga ; precipitou-se emfim n'um poço para subtrahir-se aos seus terrores contínuos. Jurieu, atormentado de colicas, attribuia-as aos combates travados continuamente por sete cavalleiros que tinha no ventre.

Muitos litteratos, se não apresentam caracteres de molestias nervosas, ficam excessivamenle sensiveis. Para estas almas irritaveis, os occidentes da vida commum são insupportaveis tormentos. Taes foram Alfieri, Rousseau, Mosart, Byron. Qual será a vida do litterato, se a esta causa de dôr se juntar a indifferença ou a inveja de seus contemporaneos? Cristovão Colombo, Galileo, Copernico, Bacon, Vico, e outros muitos, foram celebres victimas do esquecimento ou do odio. A susceptibilidade dos litteratos pela critica tornou-se proverbial, e uma mulher illustre chamou á gloria luto brilhante de felicidade. A insomnia ou o somno inquieto, a agitação, uma sensação de peso na cabeca, succedem igualmente ás applicações forçadas de espirito. Pedras formam-se na bexiga. Sydenham, Leibnitz, Bartez, pagáram este doloroso tributo ao amor das lettras. Ás vezes catarrhos da bexiga, incontinencias, resultam das retenções de ourina, ás quaes estão expostos os litteratos quando, por distracção, preguiça ou decencia, combatem uma necessidade imperiosa, quer no gabinete, quer nos templos ou na tribuna.

Os litteratos estão habitualmente sentados e curvados : esta posição embaraça a circulação nas visceras do baixo-ventre, e predispõe ás hemorrhoidas. As vigilias são causa ainda mais activa das molestias, quando os litteratos não dão ao somno o tempo necessario para preparar as forças. As leituras prolongadas á vacillante luz das velas, fatigam a vista e a expõem a perder-se ou a enfraquecer-se. Deve-se tambem contar entre as causas das molestias dos litteratos a renuncia á sociedade. Muitos a renunciam para se entregarem com maior liberdade aos seus estudos ; bem depressa o gosto fortifica esta determinação, e insensivelmente são conduzidos a essa misantropia, a esse espirito melancolico, a esse aborrecimento de tudo, que póde considerar-se como o maior de todos os males.

Na classe numerosa dos sabios, dos litteratos, dos artistas, encontram-se homens aos quaes uma feliz necessidade obriga, a entregarem-se a exercicios do corpo, e a abandonarem-se a distrações salutares. Os curas, e sobretudo os medicos, gozam d esta vantagem nas visitas que necessita o cuidado dos doentes. Outras profissões, e sobretudo as dos empregados publicos, exigem ás vezes viagens que modificam de maneira proveitosa a influencia da vida sedentaria e occupada. Vou agora indicar as regras proprias para se prevenirem os inconvenientes de que acabei de fallar.

Todas as molestias dos litteratos procedem da grande excitação do

cerebro, d'onde vem o preceito mui natural de diminuir o trabalho. Os homens de gabinete deveriam impôr-se á lei de consagrarem todos os dias uma ou duas horas, pelo menos, ao exercicio. Mas seria fazer ainda pouco se, mesmo durante estes momentos de exercicio, o espirito se não achasse inteiramente livre. Este costume, que é favoravel ás grandes descobertas, cujo segredo, como diz Newton, está em pensar n'ellas sempre, é um dos mais funestos males para a saude. O passeio a pé tem preciosas vantagens; porém quão preferivel não é o exercicio a cavallo! Galeno, enfermo até á idade de trinta e tantos annos, nos refere elle mesmo que deveo ao exercicio o restabelecimento da saude. Socrates corria com seus filhos fazendo cavallo de um bastão. Mallebranche procurava os divertimentos das crianças: queria recreações que não lhe deixassem vestigio algum na alma. Os exercicios que põem em acção todo o corpo devem ser preferidos: taes são o bilhar, o nadar, o jogo da bola, etc. Estes jogos, com effeito, são mais proveitosos á saude que os das cartas, usados nos salões. Estes tem todos os inconvenientes da vida sedentaria, e não podem substituir o movimento e o exercicio. Na falta das distracções de que fallamos, não ha cousa mais efficaz para descançar o espirito do que a conversação com alguns amigos.

O regimen occupa um logar importante na hygiene dos homens de gabinete. Uma sobriedade severa deve ser a compensação do excesso de qualquer outro genero. Illustres exemplos tem provado suas vantagens. Augusto, senhor do mundo, limitava-se a uma pequena quantidade de alimentos. Catão dizia de Cesar, que soube derribar a republica por causa da sua sobriedade. Alguns medicos tem querido indicar minuciosamente a natureza e a porção de alimentos; isto é querer tentar uma cousa impossivel. Comer o que se digere bem, abster-se do que faz mal, eis a unica regra. As comidas mais convenientes são as que, como dizia Platão, são agradaveis para aquelle instante e para o dia seguinte. Recommendaremos tambem sobriedade no que respeita ás bebidas. Um pouco de vinho é util: só é condemnavel o seu abuso. Isto tambem se deve entender a respeito do chá e café. Aconselharemos tambem aos homens de gabinete que mudem frequentemente de posição, e renovem o ar dos quartos em que trabalham. Estas duas causas actuam de maneira notavel sobre os phenomenos da circulação e respiração.

Os que cultivam as sciencias e as bellas-artes tem por costume darem poucas horas ao somno: isto é de um grande damno: não ha condição que reclame mais imperiosamente o somno que a de que fallamos; porquanto é o repouso do cerebro, orgão exclusivamente exercido n'esses trabalhos.

Logo que um litterato estiver verdadeiramente doente, o primeiro conselho que se lhe deve dar é de cessar absolutamente todos os seus estudos: por mais violento que lhe pareça este meio, é indispensavel. Deve esquecer que existem sciencias e livros; a porta do seu gabinete deve ser-lhe fechada, e é necessario que se entregue unicamente ao repouso, á alegria, aos prazeres do campo. Para prevenirem as pedras na bexiga, que são assaz frequentes nos litteratos, convem que façam uso

d'agua em grande quantidade, da cerveja com agua, e das aguas mineraes em que entra o bicarbonato de soda, como as de Vichy, naturaes ou artificiaes. Os banhos frios são mui vantajosos aos litteratos; augmentam a força do organismo enfraquecido; mas não se deve esperar, para os tomar, que a debilidade se torne extrema, porque então fariam os banhos maior mal do que bem.

Existe ainda uma serie de recommendações que se poderiam fazer aos litteratos; mas as que acabei de indicar bastarão para provar quantas cautelas devem os homens d'esta profissão tomar, para conservarem a saude na sua integridade. Póde-se receiar que os conselhos da prudencia sejam desprezados. Apezar dos exemplos que lhes dão a sua idade, as suas enfermidades, o medico e a sabedoria, continuam a fatigar o seu organismo pela excitação cerebral, e não param sem que tenham chegado ao termo da sua existencia. Escutemos um dos mais ferteis espiritos de nosso seculo : « Prohibam ao bicho de seda que fie quando fia os ultimos restos da sua existencia; apezar da vossa prohibição, desenrola das entranhas o precioso tecido, e só pára fechado na sua mortalha (Goethe). » Eis o quadro do litterato.

Se os litteratos repartissem o seu tempo entre os estudos e o descanço, se tivessem o cuidado de ligar as distracções da vida civil aos trabalhos litterarios, poderiam percorrer sua carreira com menos enfermidades, e chegar a uma idade mui avançada. Assim tem-se visto, em diversas épocas e em climas inteiramente differentes, homens que chegáram até á velhice sem molestias graves, apezar do grande ardor com que se applicavam ao estudo. Thucydides, Platão, Juvenal, Young, Rollin, Anacreonte, Newton, Buffon, Fleury, Franklin, Voltaire, Crébillon e muitos outros, vivêram de oitenta a noventa annos; Sophocles, Zenon, Simonides, Saadi, Vida, Hans-Ploan, Saint-Evremont, de noventa a cem; Herodiano, Fontenelle, Gorgias (de Silicia), de cem a cento e sete; emfim o maior dos philosophos e dos medicos da antiguidade, Hippocrates, levou a sua carreira até cento e nove annos.

Profissões que exigem um violento exercicio muscular. De todos os obreiros, os que fazem mais exercicio gozam de melhor saude, sobretudo se trabalham ao ar livre. Estes obreiros só devem temer o entregarem-se a trabalhos mui penosos e continuados; então cahem em fraqueza, e morrem prematuramente. Devem interromper de vez em quando o seu labor, deixar em repouso os membros exercidos e dormir largamente. A alimentação seja abundante e mui nutriente, composta, pela maior parte, de carne; uma quantidade moderada de vinho é-lhes mui vantajosa.

Profissões sedentarias. As profissões sedentarias, sem contradicção as mais multiplicadas da sociedade, expõem os que as exercem a todos os inconvenientes que procedem da falta do exercicio muscular, e da respiração de um ar insalubre. Em geral, os obreiros que se dão pouco ao exercicio, tem um appetite fraco, a digestão difficil, o ar que respiram é viciado pelas emanações do grande numero de pessoas reunidas no mesmo logar, e é por isto mui insalubre. Estes obreiros tem

raramente uma boa constituição, estão expostos á tisica, ás escrophulas, ao escorbuto, e as mulheres ás flores brancas. Podem alliviar seus males fazendo um exercicio activo fóra da cidade, interrompendo frequentemente o trabalho, usando de alimentos nutrientes. Devem renovar o ar da loja ou fabrica. Os banhos frios e mornos convem-lhes muito. Se, apezar d'estas precauções hygienicas, alguma das molestias que deixei indicadas se pronunciar cada vez mais, será preciso mudar de officio : n'este caso, como em todos os outros, não se póde obter vantagem completa senão cortando-se pela raiz o mal.

Profissões que exigem posturas curvadas e incommodas. Estas profissões são geralmente consideradas como causa frequente das molestias. O costume de estar em pé expõe os compositores typographicos á fatiga, á inchação dos pés, ás varizes e ás ulceras das pernas. A attitude curvada favorece as molestias do peito e os engurgitamentos do figado e baço : ha, com effeito, constrangimento da circulação d'estes orgãos, e por conseguinte congestão sanguinea. E por isso os individuos que exercem profissões, que necessitam esta posição, offerecem casos numerosos de affecções dos orgãos digestivos, e estão sujeitos a dôres de cabeça e a vertigens. A tisica é tambem n'elles mais commum, assim como as deformações da columna vertebral. As profissões em que se conserva uma postura curvada são numerosas; as principaes são as dos amanuenses, escrivães, alfaiates, sapateiros, mineiros, gravadores, lavadeiras, etc.

As profissões em que os olhos estão expostos á acção continua da luz, ou aquellas em que estes orgãos se applicam sobre objectos miudos, tornam-se muitas vezes causa das molestias da vista. Os ourives, os relojoeiros, os ferreiros, estão expostos ás cataractas; os sabios que fazem pesquizas microscopicas são frequentemente affectados de myopia.

Profissões que obrigam os individuos a respirar as moleculas suspensas no ar. As emanações no meio das quaes os homens trabalham podem ser mineraes, vegetaes ou animaes, o que faz variar o seu modo de acção sobre a economia.

As emanações mineraes são de duas especies : os vapores acidos e os vapores metallicos. Podem ser considerados como verdadeiros venenos que penetram na economia pelas vias respiratorias. Os vapores acidos são fornecidos quasi exclusivamente pelos acidos fortes : taes como agua forte, acido chlorhydrico, e mais raramente acido sulfurico (oleo de vitriolo). Os vapores metallicos que podem viciar o ar nas manufacturas são os de chumbo, cobre, mercurio, antimonio e arsenico. Os fabricantes que estão expostos a emanações nocivas são os ourives, os que azougam espelhos, os chapeleiros, os fabricantes de barometros, etc.

Nos mineiros que extrahem o mercurio, e que, por conseguinte, o respiram continuamente, produz este metal enfraquecimento da constituição e occasiona molestias graves. Eis-aqui um facto proprio para dar a conhecer a influencia dos vapores mercuriaes :

Tendo naufragado um navio hespanhol na entrada do estreito de Gi-

braltar, cento e trinta toneladas de mercurio metallico foram transportadas para o vaso de guerra inglez *Triumpho*. O metal estava em barrís, os quaes, estando mal apertados, abriram-se logo. O mercurio inundou o porão do navio. No espaço de tres semanas, duzentos homens da tripolação foram affectados de salivação, de ulceras na bocca e na lingua, de paralysias e desarranjo de intestinos; foi preciso desapparelhar o navio, evacuar-lhe o lastro, e tirar minuciosamente todas as partes visiveis do mercurio. Acabada esta operação, nem por isso o saneamento foi completo, por quanto os homens que reembarcáram o lastro experimentáram os mesmos symptomas que os marinheiros. Os gatos que ião no navio sentiram convulsões, os ratos sahiam dos buracos, saltavam, morriam com verdadeiros accessos de gota coral. Os carneiros, os porcos que se achavam a bordo, experimentáram tambem effeitos deleterios.

Já mencionei a acção perigosa dos vapores do acido nitrico; transcreverei ainda um caso referido pelo Dr. Bell. Um garrafão que continha este acido, succedendo cahir-lhe em címa um corpo pesado, quebrou-se, e o liquido derramou-se espalhando vapores mui densos. Um obreiro, chamado Carnot, recebe o acido nitrico n'uma caldeira de ferro. No mesmo instante decompõe-se o acido, desenvolve-se grande quantidade de gaz acido nitroso, e o vaso fura-se em pouco tempo. O obreiro transporta-o para o pateo; é logo affectado de uma tosse violenta, com dôres vivas no peito. Um medico, que foi chamado, achou o rosto descorado, a respiração difficil, uma tosse secca e frequente. Apezar do emprego dos meios mais appropriados, o desgraçado succumbe ao cabo de quarenta e oito horas, victima das mais horrorosas dôres.

O chumbo produz, por suas emanações, accidentes assaz frequentes. Os fabricantes de alvaiade, os pintores de edificios e carros, os mercadores de tintas, os envernizadores de louça, os fundidores de typos, os impressores, são as pessoas mais expostas aos perigosos effeitos d'estas emanações. Os individuos que dormem em quartos recentemente pintados acham-se tambem no mesmo caso. A invasão dos accidentes é quasi sempre gradual. Os doentes experimentam primeiramente, durante alguns dias, dôres no ventre obscuras e passageiras que augmentam lentamente; suas evacuações alvinas tornam-se cada vez mais raras, e as materias que expulsão são duras. Pouco a pouco as dôres abdominaes tomam um caracter de agudeza, que obrigam os doentes a suspenderem os seus trabalhos. Então existe a prisão de ventre; o appetite desapparece, sobrevem vomitos e caimbras nas pernas; o rosto torna-se pallido, e declara-se uma paralysia mais ou menos completa. O tratamento curativo d'esta molestia, chamada *colica de chumbo* ou *dos pintores*, compõe-se de purgantes e emeticos repetidas vezes. *Veja-se* vol. I, pag. 649.

Os meios proprios para preservar os obreiros da colica de chumbo são de applicação assaz difficil. Os unicos meios praticaveis consistem em officinas vastas, bem arejadas, com ventiladores; em não se consentir que os operarios comam nas officinas; em obrigal-os a que lavem as

mãos e o rosto todas as vezes que deixam o trabalho; em aconselhar-lhes que usem de banhos e passeios ao campo; em exigir que tenham vestidos particulares para trabalhar, e os deixem antes de sahirem da officina; em cuidar de que estes vestidos sejam de tempos a tempos bem lavados e limpos; e se, apezar d'estas precauções, algum operario apresenta signaes precursores da colica de chumbo, será preciso fazer-lhe suspender os trabalhos até ao restabelecimento da saude. Se emfim este individuo fôr affectado muitas vezes d'esta molestia, deve renunciar a uma profissão que lhe occasiona enfermidades. Dois ou tres copos d'agua acidulada com algumas gottas de acido sulfurico, que o obreiro tome por dia, é tambem um preservativo que se tem mostrado util contra estes accidentes.

Os obreiros que manipulam o *cobre* são ás vezes affectados de uma molestia que tem muita analogia com a que acaba de ser descripta. Ataca especialmente os caldeireiros, os serralheiros, os que cravam pedras em cobre. Os seus symptomas são em parte os mesmos, com a differença só de ser acompanhada de diarrhea em logar de prisão de ventre. Trata-se por meio dos vomitorios e do opio. Mas entre os vapores metallicos, os mais terriveis são os do *arsenico*. Poucos operarios, felizmente, estão expostos a elles. São sobretudo temiveis para os fabricantes do azul-ultramarino. Os fundidores e os tintureiros são d'elles muito menos affectados.

Até agora temos examinado a acção dos vapores mineraes sobre a economia : actuam elles chimicamente; os pós que não actuam senão por seu contacto não tem influencia nociva. Quasi todos os pós vegetaes são d'este numero : taes são os que respiram os padeiros, os moleiros, as pessoas que residem em armazens de café, os fiandeiros : outro tanto direi dos colchoeiros e canteiros. Até hoje, fazia-se uma classe separada dos operarios das manufacturas de tabaco. Esta planta, com effeito, goza de propriedades deleterias, e alguns medicos pensáram que seus pós deviam produzir accidentes graves. O Dr. Parent-Duchatelet provou que esta profissão não offerece perigo algum para a saude. O Dr. Pointe fez a mesma observação. Assim, cahe por terra o grande preconceito que fazia considerar esta profissão coms uma das mais insalubres.

O Dr. Parent-Duchatelet estudou tambem a influencia das emanações animaes sobre a saude. Provou que a putrefacção não torna estas emanações insalubres, e se os outros observadores disseram o contrario, foi por terem confundido o que é incommodo com o que é insalubre. Outros medicos chegáram ao mesmo resultado, e estabelecêram a mesma saude dos surradores, curtidores, fabricantes de colla forte, etc. Quem não sabe que muitos carniceiros são bem gordos, e de um temperamento sanguineo? Isto resulta da absorpção das moleculas animaes que servem á nutrição. É uma opinião geralmente admitida que a profissão de carniceiro é a que offerece o menor numero de tisicos. Alguns medicos fizeram minuciosas investigações a este respeito, e convencêram-se da verdade d'esta asserção. Em consequencia d'esta observação, o Dr. Spilsbury foi conduzido a emprehender as experiencias curiosas que passo a referir.

O Dr. Spilsbury assevera ter obtido melhoras notaveis nos doentes affectados de tisica pulmonar, recommendando-lhes que esfregassem todos os dias, por espaço de meia hora, o peito e as costas com toucinho. Os effeitos que pretende ter produzido com este tratamento são a augmentação rapida das forças do doente, a diminuição da febre, das dôres do peito e da difficuldade de respirar. Estes effeitos eram já evidentes ao cabo de quinze dias. De quatro casos mui pronunciados de tisica, dois doentes, que estavam affectados d'ella havia nove mezes, ficáram completamente curados. Um terceiro caso ficou ainda duvidoso. Um quarto doente, e que datava de dois annos, apresentou uma melhora mui notavel. No terceiro caso, a doente foi pesada aos 15 de outubro; tinha oitenta e tres libras. Principiou então o uso das fricções lardaceas, e foi pesada de novo aos 10 de novembro; havia obtido sete libras. Outro medico imitou o exemplo do Dr. Spilsbury, empregando igualmente as unturas de toucinho n'um caso desesperado que datava de dezenove mezes. A tosse e a expectoração desapparecèram quasi, a facilidade de respirar e as forças voltaram.

Os *mineiros* estão expostos á acção de vapores nocivos. Estes vapores tem na lingua franceza os nomes technicos de *feu grisou*, *ballon* e *moffette*. O *feu grisou* sahe sibilando dos subterraneos, e apparece nas minas sob a fórma de têas de aranha : se este vapor se àcha em contacto com o facho dos operarios, inflamma-se com violenta explosão. O *ballon* assemelha-sea uma especie de esphera suspensa no ar; só a fuga mais prompta póde subtrahir os trabalhadores á sua acção terrivel : se o balão vem a rebentar antes de terem podido afastar-se sufficientemente, são de repente asphyxiados, ás vezes sem recurso. O *moffette* é um vapor espesso que se exhala quando se abrem covas profundas das minas ricas em metal, e principalmente das que estavam ha muito tempo fechadas. Este vapor mata instantaneamente os infelizes que o respiram. Os mineiros são avisados da sua presença quando a luz de seus fachos empallidece. Quando o vapor é pouco abundante, occasiona só tosse e uma comichão na pelle. Aconselha-se aos mineiros, para prevenirem estes accidentes, que não desçam á mina senão depois que um d'elles, coberto de pannos molhados e munido de uma longa haste no fim da qual se põe um facho inflammado, tenha descido a ella, e por este meio inflammado o vapor; depois da combustão cessa todo o perigo. Para preservar-se dos accidentes do *moffette*, deve-se dirigir de longe uma luz e movêl-a em todos os sentidos; se ella se conserva accesa, o ar é respiravel. Foram imaginados diversos meios para pôr os mineiros ao abrigo d'estes gazes, como sejam o ventilador de Hales ou de Duhamel, o candieiro de Davy, etc.

Taes são os principaes inconvenientes a que os homens podem achar-se expostos por causa de suas profissões. Resta ainda muito que fazer para se poder apreciar no seu justo valor cada uma d'estas influencias. Hoje a impulsão está dada; esperemos que produzirá bons resultados.

PROGNOSTICO. Juizo que faz o medico sobre as mudanças que

devem sobrevir durante o curso de uma molestia, sobre a duração e terminação d'ella.

PROLAPSO DA CAMPAINHA DA GARGANTA, DO ANUS, DO UTERO. Deslocação de cima para baixo, d'estes diversos orgãos. *Veja-se* CAMPAINHA DA GARGANTA, ANUS, UTERO.

PROPHYLACTICO. Synonymo de preservativo. Diz-se das substancias ou meios empregados para prevenir qualquer molestia.

PROPYLAMINA. Liquido oleaginoso, mui volatil, alcalino, de cheiro ammoniacal mui pronunciado; soluvel em agua; não se acha no commercio senão em dissolução mais ou menos concentrada na agua.

Esta substancia foi primeiro chamada *Propylamina*. Alguns annos depois, a chimica julgou ter descoberto um corpo novo ao qual deo o nome de *Trimethylamina*. Está hoje admittido que a trimethylamina e a propylamina são isomeras, isto é, que tem composição elementar identica. Ambas tem por formula C^6H^9Az; vem a ser 6 partes de carbone, 9 partes de hydrogeneo, e 1 parte de azote. Na drogaria, os dois nomes applicam-se indistinctamente á mesma substancia.

A trimethylamina existe na planta de cheiro ingrato, commum em Portugal, chamada *vulvaria* ou *fedegosa* (*chenopodium vulvaria*, L.). Existe tambem em certas Asclepiadeas, e particularmente na *Stapilea*; na familia das Rosaceas (genero *Cratægus* e genero *Sorbus*); nas flores do espinheiro alvar (*Cratægus oxycantha*, L.); nos fructos da sorveira dos passarinhos (*Sorbus aucuparia*, L.); na sorveira ordinaria (*Sorbus domestica*, L.); nas folhas dos conchelos (*Cotyledon umbilicus*, L.); no centeio espigado. Todos os corpos em decomposição, e em particular os peixes, desenvolvem trimethylamina; e é á presença d'esta substancia que se deve o cheiro infecto que tem certos peixes, quando alterados. A fonte, porém, a mais consideravel da trimethylamina natural é a salmoura de arenques, d'onde esta substancia se extrahe pela distillação.

Foi aconselhada contra o rheumatismo agudo e chronico; é, porém, pouco empregada.

Modo de administração. A trimethylamina administra-se internamente na dóse de 50 centigrammas a 2 grammas em poção de 120 grammas, que se toma ás colheres *de sopa* no decurso do dia.

Chlorhydrato de trimethylamina. Sal branco quando crystallizado; soluvel em agua, alcool, ether e glycerina; quasi sem cheiro, de sabor fresco e salgado. Attrahe facilmente a humidade do ar, pelo que é preferivel, quando é destinado ao uso therapeutico, derretel-o, para obtel-o sob a fórma de laminas levemente amarelladas. A dóse é de 25 centigrammas a 1 gramma por dia. O seu emprego foi abandonado.

PROSTATA. Grossa glandula irregularmente arredondada, especial ao sexo masculino, que se acha ao nivel do collo da bexiga, onde elle rodeia a urethra, em forma de anel. É composta de muitas glandulas agglomeradas juntas com algumas fibras musculares. Muito pequena nas crianças, vai crescendo á medida que o homem augmenta em idade, e ás vezes toma taes proporções nos homens velhos que se transforma em uma molestia grave. A funcção da prostata é segregar um liquido trans-

parente e viscoso que sahe do penis no momento da ejaculação e se mistura com o esperme no canal da urethra. Esse liquido facilita a passagem do esperme, que é muito espesso, na occssião em que elle se escapa das vesiculas seminaes. Os individuos acommettidos de prisão de ventre estão sujeitos ao corrimento do liquido prostatico pela urethra quando fazem esforços para evacuar. Este facto devido á compressão da prostata pelas materias fecaes duras e grossas, não tem a menor importancia. Não se deve confundir este corrimento com a espermatorrhea.

MOLESTIAS DA PROSTATA.

Inflammação da prostata ou **Prostatite.** Póde ser aguda ou chronica.

1.° PROSTATITE AGUDA. *Causas.* A prostatite aguda mostra-se no curso e no ultimo periodo da blennorrhagia, quando a inflammação se estende até á porção mais profunda do canal da urethra; nos estreitamentos do canal; ou em consequencia das manobras da lithotricia. Desenvolve-se tambem nos individuos affectados de prisão de ventre prolongada; nos que tem hemorrhoidas, uma fissura ou uma fistula no anus. As quédas sobre o perineo, o resfriamento subito d'esta região, a equitação, são tambem causas d'esta molestia.

Symptomas. São : vontade frequente de ourinar, peso no perineo, dôres durante a passagem da ourina, fluxo mucoso-purulento pela urethra. Introduzindo o dedo no recto, conhece-se que a prostata augmentou de volume. Ás vezes, ha retenção de ourina, e quando se pratica o catheterismo, produz-se uma dôr no momento em que a sonda se acha em contacto com a prostata; sente-se tambem que o instrumento passa difficilmente atravez da porção prostatica da urethra.

Marcha, terminações. A prostatite termina : por via de resolução, e, n'este caso, todos os symptomas que deixei indicados tornam-se menos intensos : ou por induração, e então a prostata incha e torna-se dolorosa á pressão; por suppuração, isto é, pela formação de um abcesso. *Veja-se* ABCESSO DA PROSTATA.

Tratamento. Compõe-se de dez a doze bichas no perineo, de cataplasmas de linhaça na mesma região, de semicupios d'agua tepida, de bebidas emollientes taes como a infusão de sementes de linho, e de fricções no perineo com a pomada seguinte :

Pomada mercurial.....	30 grammas.
Extracto de belladona.....	1 gramma.

Misture. Faz-se uma fricção por dia, com a quantidade de pomada do tamanho de uma azeitona.

2.° PROSTATITE CHRONICA. Esta affecção, é as mais das vezes, consequencia da prostatite aguda. Desenvolve-se debaixo da influencia das mesmas causas que a fórma aguda.

Symptomas. Os doentes ourinam mais vezes, e resistem menos á necessidade de ourinar do que no estado normal. A ourina occasiona

uma sensação de ardor durante a sua passagem; e é expulsa com menor energia. Os doentes sentem um peso no anus; do canal da urethra sahe um liquido viscoso, transparente, analogo á clara de ovo. A prostata faz pouca eminencia no recto, mas é sensivel ao tacto.

Tratamento. O melhor tratamento consiste em cauterizar levemente a porção prostatica do canal da urethra, por meio da sonda guarnecida de pedra infernal. Antes, porém, de empregar este meio, convem recorrer primeiro aos banhos do mar, e ás fricções no perineo com pomada de iodureto de potassio.

Abcesso da prostata. Os abcessos da prostata são um dos modos de terminação da prostatite aguda.

Symptomas. Os doentes experimentam primeiro todos os symptomas da prostatite aguda, depois sentem dôres pulsativas no perineo, frequente vontade de ourinar, dôr violenta no momento em que tem logar as ultimas contracções da bexiga, puxos e frequente vontade de ir á banca. Introduzindo o dedo no recto, póde-se sentir atravez das paredes anteriores do intestino, um tumor molle e elastico.

Marcha e terminações. Abandonados o si mesmos, estes abcessos comportam-se de diversas maneiras:

1.° Em alguns casos raros desapparecem espontaneamente; o pus fica absorvido. 2.° Em outros casos, o pus fica enkystado, a parte serosa d'este liquido fica absorvida; o resto coagula-se, e forma uma massa dura. 3.° O pus abre caminho atravez dos orgãos vizinhos. A via de corrimento do liquido apresenta as seguintes variedades: *a.* O abcesso abre-se no canal da urethra por um unico ponto ou por muitos. O fluxo do pus na urethra faz-se ás vezes espontaneamente, ou durante os esforços para obrar ou ourinar. N'estes casos, cessam as dôres que o doente sentia, e escorre pelo canal da urethra uma quantidade mais ou menos consideravel de pus ou de ourina purulenta. *b.* O abcesso abre-se na cavidade vesical; o doente acha-se notavelmente alliviado depois d'esta abertura. *c.* A collecção purulenta sahe atravez do recto. *d.* Se o abcesso se abre entre as aponevroses do perineo e da bacia, resulta d'isso uma inflammação seguida de suppuração, quer no escroto, quer no interior da excavação da bacia. *e.* Nas circumstancias mais felizes para o doente, a collecção abre-se no perineo. *f.* É possivel que o abcesso se abra simultaneamente em diversos pontos do lado da urethra e do recto.

Em geral, estes abcessos cicatrizam-se depois da evacuação do seu conteúdo; ás vezes, as paredes do fóco não se conchegam, e fica uma excavação mais ou menos vasta.

Tratamento. Compõe-se de semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça que se applicam no perineo, e clysteres de cozimento de linhaça. Para prevenir a excavação e impedir os accidentes graves que podem resultar da abertura da collecção purulenta entre os planos aponevroticos do perineo, convem dar sahida ao pus quanto antes. Em geral, o logar mais proprio para esta abertura é o perineo, por causa da situação declive d'esta região, e da facilidade que terá o pus de escorrer para

fóra. Fazendo o abcesso proeminencia do lado do recto, deve o cirurgião abrir pela parede anterior do intestino, conduzindo o bisturí sobre o dedo introduzido no anus. Estando saliente do lado da urethra, é preferivel abril-o d'este lado, servindo-se da sonda metallica, com a qual se pratica o catheterismo.

Hypertrophia ou **Tumefacção da prostata.** Designa-se sob este nome a alteração da prostata caracterizada por um augmento exagerado de uma ou de todas as suas partes, sem mudança de sua textura intima.

Symptomas. Os doentes experimentam frequente vontade de ourinar; o jacto de ourina é bifurcado ou em espiral; ás vezes interrompe-se subitamente. Os doentes accusam uma sensação de calor no collo da bexiga; depois da defecação, parece-lhes que ficaram ainda materias no recto; em alguns individuos observa-se retenção, em outros incontinencia de ourina; muitas vezes ha prisão de ventre e tumores hemorrhoidaes; as materias estercoraes apresentam em alguns casos um rego mais ou menos profundo. O dedo introduzido no recto faz reconhecer ás vezes desigualdades, proeminencias ou depressões, sobretudo se foi introduzida previamente a sonda na urethra.

Causas. A hypertrophía da prostata é uma affecção propria á velhice; é excessivamente rara na idade adulta. As causas d'esta molestia são numerosas: taes são as molestias da urethra, os estreitamentos d'este canal. As profissões sedentarias parecem constituir alguma predisposição.

Tratamento. Compõe-se de semicupios d'agua tepida, de purgantes administrados de vez em quando, e de fricções no perineo com as pomadas seguintes:

1.º Pomada mercurial napolitana	30	grammas.
2.º Pomada de iodureto de potassio.....	30	—

Faz-se uma fricção por dia, com uma d'estas pomadas, na quantidade do tamanho de uma azeitona.

Os banhos do mar são uteis. Ás vezes é necessario applicar algumas bichas no anus.

PROSTATITE. Inflammação da prostata. *Veja-se* v. II, p. 805.

PROTOCARBONATO DE FERRO. *Veja-se* FERRO.

PROTOCHLORURETO DE MERCURIO. *V.* MERCURIO.

PROTOIODURETO DE MERCURIO. *V.* MERCURIO.

PRURIDO, Prurigo ou **Coceira.** Molestia especial da pelle, caracterizada por uma comichão mais ou menos intensa, e por elevações miudas da epiderme chamadas *papulas*, da mesma côr da pelle, isoladas, cobertas accidentalmente de pequena crosta negra, devida a uma gottinha de sangue coagulado.

As papulas do prurigo podem occupar diversos pontos da superficie do corpo; mas encontram-se especialmente no pescoço, na nuca, nas costas, na face externa dos membros, assim como nas partes genitaes, raras vezes no rosto. Os doentes coçam-se, esfregam-se com escovas duras, com pannos rudes; rasgam, esfolam a pelle; muitas vezes n'estes

casos, sobre o apice das papulas, que foram esfoladas com as unhas, forma-se uma pequena concreção sanguinea, denegrida, que dá á erupção um aspecto inteiramente caracteristico. O prurigo é caracterizado por papulas. Todavia em alguns casos as papulas podem faltar completamente. Este prurigo, chamado *latente*, occupa de ordinario as partes genitaes de um e outro sexo, sobretudo na mulher, assim como a margem do anus.

Causas. O prurigo é mais frequente no homem do que na mulher; attinge especialmente as crianças e as pessoas idosas; encontra-se sobretudo nos individuos pouco asseados, que tem máo regimen, e que se entregam aos excessos alcoolicos. Comtudo não é raro encontrar a molestia nas circumstancias oppostas. Platão, Carlos-Quinto, Carlos IX, foram affectados d'ella. Esta molestia nunca é contagiosa.

Diagnostico. O prurigo distingue-se de todas as affecções vesiculosas, e sobretudo do eczema, pela violencia da comichão e sobretudo pela ausencia das vesiculas. Ha entre o prurigo e a sarna uma semelhança de aspecto que póde enganar; mas evita-se o erro considerando as differenças que existem entre as duas affecções na sua séde e na sua fórma. Assim o prurigo invade os membros no sentido da extensão, ao passo que a sarna se mostra no sentido da flexão. Esta é constituida por vesiculas ou botões cheios de liquido transparente, d'onde parte um rego em cujo fundo se acha um pequeno insecto chamado *oução da sarna;* em quanto que, no prurigo, são elevações, botões duros, sem rego na base, e em cujo apice existe muitas vezes um pequeno grumo anegrado.

Tratamento. Consiste em banhos d'agua tepida simples ou com sabão, banhos frios de rio e sobretudo os do mar, lavatorios com agua fria, com agua e vinagre, com vinagre puro; regimen composto pela maior parte de vegetaes, uso de fructas, de bebidas acidulas, taes como limonadas de limão, laranja e outras fructas acidulas; lavatorios ou pomadas seguintes :

1.ª *Pomada com borax.*

Banha	30 grammas.
Borax	4 —

2.º *Lavatorio alcalino.*

Subcarbonato de potasa	15 grammas.
Agua	150 —

3.º *Lavatorio com sublimado.*

Sublimado corrosivo	10 centigrammas.
Agua distillada	300 grammas.

4.º *Lavatorio sulfuroso.*

Sulfureto de potassio	4 grammas.
Agua	300 —

5.ª *Pomada de Helmerick.*

Enxofre sublimado e lavado	10 gram.	Agua distillada	5 gram.
Subcarbonato de potassa.	5 —	Oleo de amendoas doces..	5 —
		Banha	35 —

Contra o prurido das partes genitaes da mulher, empreguem-se os meios seguintes:

1.º *Lavatorio adstringente.*

Sulfato de zinco.....	50 centigram.	Laudano de Sydenham..	4 gram.
Acetato de chumbo..	80 —	Agua de rosas.....	500 —

2.º *Pós de polvilho e camphora.*

Polvilho.....	20 grammas.
Camphora em pó.....	4 —

Polvilhar a vulva com estes pós uma vez por dia, lavar exactamente as partes no dia seguinte, tornar a polvilhar de novo e continuar pela mesma fórma durante muito dias.

3.º *Lavatorio com sublimado.*

Sublimado corrosivo.....	30 centigrammas.
Agua distillada.....	300 grammas.

4.º *Outro lavatorio.*

Sublimado corrosivo.	60 centigram.	Alcool.....	180 gram.
Agua distillada.....	1 litro.	Camphora.....	2 —

PSOITE. Inflammação do musculo psoas. Dá-se o nome de *psoas* a dois musculos abdominaes applicados, de cada lado, na parte anterior das vertebras lombares. O *grande psoas* insere-se, em cima, nas apophyses transversaes das quatro primeiras vertebras lombares; em baixo, no pequeno trochanter do osso femur. O *pequeno psoas* estende-se do corpo da ultima vertebra dorsal ao osso pubis.

Causas. Esta inflammação sobrevem, em alguns casos, depois do parto. Outras vezes resulta de contusão da região lombar, ou de esforços subitos durante os quaes o musculo psoas se contrahe energicamente.

Symptomas. A molestia principia por dôr na região lombar, que se propaga até á virilha e á parte superior da coxa, e augmenta pelos movimentos da coxa. Quando o doente póde andar, o tronco inclina-se para diante; anda coxeando. Em uma epoca mais adiantada as dôres augmentam, o andar é impossivel; a coxa fica encolhida, o pé virado para dentro; mas estes ultimos symptomas não se encontram em todos os casos. Mais tarde ainda, sobrevem febre, a digestão faz-se mal, ha prisão de ventre, nauseas, vomitos. Quando existe pus, este liquido corre na bainha do psoas e vem formar um tumor na virilha, na parte superior da coxa, ás vezes na região inferior das cadeiras. Se a collecção fôr abandonada a si mesma, a pelle adelgaça-se, abre-se, passado algum tempo, e deixa sahir o pus.

Tratamento. Compõe-se ao principio de semicupios d'agua tepida e cataplasmas de linhaça que se applicam na virilha. Logo que a collecção purulenta se mostrar n'um dos pontos que deixei indicados, é preciso dar sahida ao pus com bisturí. Se a suppuração continuar por muito tempo, sustentam-se as forças do doente com um regimen corroborante,

tapioca, ovos, carne e vinho. Deve-se impedir a estagnação do pus, fazendo no fóco injecções d'agua tepida, misturada com pequena porção de tintura de iodo.

PSORIASE ou **Figado.** Molestia da pelle caracterizada por manchas mais ou menos extensas, irregulares, salientes e cobertas de escamas delgadas, seccas, côr de madreperola: por baixo d'estas escamas a pelle está vermelha.

A psoriase é uma das molestias mais communs; não differe da lepra, pois tem a mesma fórma elementar, segue a mesma marcha e exige o mesmo tratamento. A unica differença está na fórma da erupção, que na lepra se apresenta por chapas arredondadas, cujas margens são levantadas e cujo centro é são; entretanto que a psoriase consiste ora em pequenas chapas irregulares, tendo alguns millimetros de extensão, existindo em maior ou menor numero, e semelhantes a gottas de liquido que teriam sido lançadas sobre um ou muitos pontos da pelle: é a *psoriase gutiforme*, que se observa sobretudo na face externa dos membros e na parte posterior do tronco; ou então são chapas extensas, irregulares, angulosas, que invadem um membro inteiro ou todo o corpo: é a *psoriase diffusa*. N'esta ultima fórma, a pelle é ás vezes grossa, dura, rubra e rachada (*psoriase inveterada*); ou, emfim, malhas escamosas, lineares e tortuosas (*psoriase serpentina*).

A psoriase apresenta tambem certos caracteres particulares segundo a sua séde. Se invadir o prepucio, engrossa-o e torna mais estreito o seu orificio, que enrubece e racha-se. Se occupar os beiços, estes apresentam na sua margem uma superficie rugosa, rachada e dura. Se invadir as palpebras, a conjunctiva incha de ordinario e torna-se mais vermelha. Na psoriase que affecta a palma da mão, a pelle é rubra, incrassada e profundamente fendida, sobretudo na face interna dos dedos; coberta de escamas brancas, seccas e adherentes. Se a molestia persistir muito tempo, as unhas deformam-se, amollecem e cahem.

A psoriase é, como a lepra, molestia mui rebelde; não é dolorosa nem grave, mas é incommoda.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida simples, banhos do mar, hydrotherapia, lavatorios com agua e sabão. Os meios aconselhados *internamente* são:

1.° Copahiba, na dóse de 4 a 8 grammas por dia en globulos de copahiba de Josaphat.

2.° Cozimento de salsaparrilha, na dóse de 180 grammas por dia. O modo de sua preparação está indicado no artigo SALSAPARRILHA.

3.° *Pilulas de alcatrão.*

Alcatrão	8	grammas.
Balsamo peruviano	8	—
Alcaçuz em pó	16	—

Faça 96 pilulas. Para tomar uma pilula, duas vezes por dia.

Externamente:

Pomada de iodureto de enxofre.

Iodureto de enxofre.....	2 grammas.
Banha.....	40 —

E mais outras pamadas indicadas no artigo LEPRA.

PSYLLIO ou **planta gopsyllium,** chamado HERVA DE PULGA por causa da forma de suas sementes. Planta da familia das Plantagineas, muito commum nas bordas do Mediterraneo. As sementes mui mucilaginosas crescem em espigas grossas. Empregam-se como laxantes na dóse de 20 a 50 grammas. Pode-se tambem empregar a mucilagem, que é assaz analoga á que se obtem com a linhaça.

PTERYGIO ou **Unha do olho** (fig. 764, 765). O pterygio é uma excrescencia que consiste no engrossamento da membrana conjunctiva,

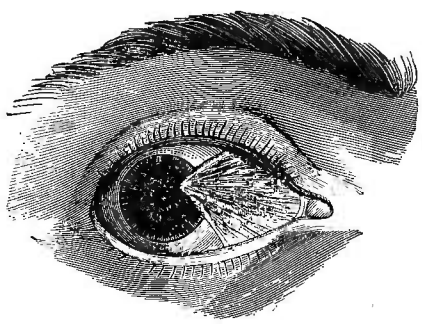


Fig. 764. — Pterygio.

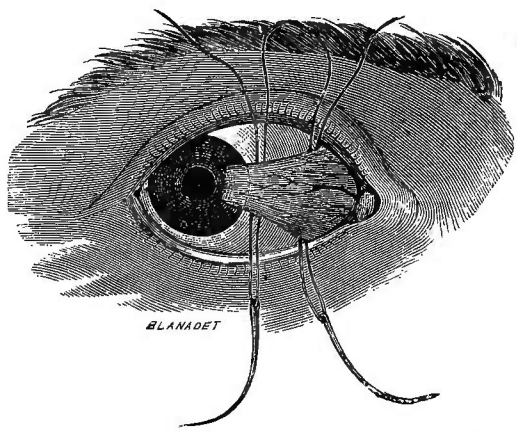


Fig. 765. — Operação do pterygio pelo processo da ligadura.

ordinariamente junto ao angulo interno do olho; prolongando-se á maneira de aza sobre a cornea transparente, e impedindo mais ou menos a vista, segundo o seu maior ou menor comprimento. As mais das vezes está collocado no angulo interno do olho; ás vezes symetricamente em ambos os olhos; raras vezes é duplo no mesmo olho; entretanto foi observado multiplo, e segundo a direcção dos quatro musculos direitos do olho. Tem a fórma de um triangulo, cuja base fica voltada para a caruncula lagrimal, e cujo apice dirige-se do lado da circumferencia da cornea, ou estende-se mais ou menos sobre esta membrana.

Causas. Quasi sempre o pterygio desenvolve-se sem causa conhecida. É commum nos paizes quentes; é frequente no Norte do Brazil; muitos criadores de gado soffrem d'este incommodo no Maranhão e no Piauhy. Observa-se sobretudo nas pessoas que são obrigadas a expôr-se a um sol ardente, á grande poeira, como sejam os agricultores, os pedreiros, os jardineiros, os vaqueiros, que sahem de manhã para o campo e voltam á noite, expostos durante o dia ao sol e á poeira. É preciso, porém, ter uma predisposição particular para ser acommettido d'esta molestia.

Symptomas e marcha. O pterygio principia ordinariamente por um engrossamento, sem dôr, da membrana conjunctiva no angulo interno do olho. Este engrossamento augmenta pouco a pouco, dirigindo-se do lado da cornea. Largo do lado da circumferencia do olho, estreita-se de mais em mais á medida que se approxima da cornea para tomar, como indica o seu nome, tirado do grego, a fórma de uma aza. O apice converte-se em linha recta que passa sobre a cornea. O desenvolvimento do pterygio faz-se de ordinario com muita lentidão : passam-se ás vezes dez annos antes que o apice exceda os limites da cornea e venha cobril-a. Não é doloroso; ás vezes só produz uma sensação comparavel á de um corpo estranho introduzido entre as palpebras. Em quanto o apice não passar os limites da cornea, a vista não é perturbada; quando estes limites são excedidos, a vista escurece-se tanto mais quanto mais o pterygio invadir a cornea. N'um gráo muito adiantado occasiona a cegueira.

Tratamento. Quando o pterygio é recente, e não tem ainda invadido a cornea, convem tocal-o todos os dias com pedra infernal, ou applicar quotidianamente acetato de chumbo (sal de Saturno) reduzido a pó muito fino. Estas applicações curam ás vezes o mal pouco extenso mas nem sempre. Outro tanto póde dizer-se dos diversos collyrios adstringentes que foram aconselhados no mesmo caso. Todos estes meios são completamente inuteis quando o pterygio está desenvolvido : é preciso recorrer á operação, de que existem varios processos : 1° *processo.* Destacar o pterygio da cornea e da esclerotica até a base, despregar com um gancho a conjunctiva em cima e em baixo até á outra metade do globo, para fazel-a escorregar mais facilmente, e reunir melhor os labios da ferida, os quaes se ligam por um ou dois pontos de sutura; a parte superior e inferior da cornea, logo depois da operação, fica coberta pela conjunctiva, que em poucos dias volta ao seu estado anterior; o pterygio revirado desapparece bem depressa atrophiando-se. O curativo consiste em applicações continuas de panno molhado em agua fria. 2° *processo da ligadura* (fig. 765). Introduzir duas agulhas curvas, enfiadas com duas linhas, tirar as agulhas, fazer as ligaduras. D'esta maneira se estrangulam as porções interna e externa; e a ligadura do meio, que forma uma aza, estando apertado, faz com que o pterygio se desprenda. Completa-se a operação com tesoura ao cabo de 4 ou 5 dias.

PTOMAINAS. Alcaloides crystallisaveis que se encontram nos cadaveres e em geral nas materias organicas em via de putrefacção. Citaremos entre outras : a neuridina, a cadaverina, a putrescina, a mygdaleina, etc. Ellas provêm de grande quantidade de bacteries dos quaes são elles um verdadeiro producto de secreção. Injectadas em animaes, essas ptomainas produzem terriveis accidentes no coração e em todo o systema muscular. A ingestão de ptomainas pelo tubo digestivo é tambem muito perigosa. Os symptomas graves que se têm observado após absorpção de carnes mui passadas (*faisandées*) têm sido attribuidos á presença das ptomainas. O organismo humano produz ptomainas continuadamente debaixo da influencia das bacteries que elle contem normalmente, essas ptomainas, porem, eliminadas com regularidade pelas

evacuções, pelas ourinas, etc, não causam nenhuma desordem em quanto as vias de excreção funccionam physiologicamente.

PTYALISMO. *Veja-se* Salivação.

PUBERDADE. Estado dos rapazes e das meninas que passáram a idade da infancia e que são nubeis. As regras hygienicas, proprias a esta idade, estão indicadas no vol. II, pag. 192.

PUCHURY ou **Pichurim.** *Nectandra puchury major.* Nees e Martius. Arvore do Brazil, da familia das Laurineas; habita na provincia do Amazonas. Tem as folhas ellipticas, rijas, coriaceas, glabras, terminando em ponta rija; flores terminaes, dispostas em corymbos; fructo em fórma de baga, com uma semente de dois lobos cotyledonarios, sempre isolados e completamente núa. Estes lobos, conhecidos vulgarmente pelo nome da *favas de puchury* ou *pichurim*, são ellipticos-oblongos, do comprimento de 3 a 4 centimetros, da largura de 1 centimetro; convexos do lado externo, planos na face por onde se tocam. São de côr de chocolate no exterior, e um pouco variegados no interior, o que é devido á presença de um oleo butyraceo que póde extrahir-se por espressão a quente ou pela ebullição na agua. São de cheiro forte e aromatico, de sabor um pouco acre e picante, analogo ao da noz moscada. Conservadas durante algum tempo n'um frasco de vidro, estas sementes alteram a sua transparencia pela volatilização do principio aromatico, que se fixa no vidro, e forma n'elle uma camada branca. Este principio é semelhante ao acido benzoico ou cinnamico. Estas sementes são tonicas e estimulantes, e empregam-se em varias molestias, taes como diarrhea, leucorrhea, fastio, digestões laboriosas. Administram-se em pó na dóse de 2 a 4 grammas; ou em infusão, 4 grammas para 180 grammas d'agua fervendo. A tintura foi muito empregada contra o cholera na provincia do Pára. Tambem se usam em fórma de cataplasmas nas picadas feitas por diversos insectos.

Puchury-miri. *Nectandra puchury midor*, Nees e Martius. Laurineas. Arvore igualmente do Amazonas. As sementes são da mesma côr e cheiro que as da precedente, porém mais pequenas. Possuem quasi as mesmas virtudes.

PUDA. Hespanha. Aguas sulfurosas tepidas, 28° e 50°. Tisica e hemoptyse, asthma acompanhada de catarrho bronchico, hemoptyses passivas. Sala de inhalação e de pulverização.

PUERTOLLANO. Hespanha. Aguas acidulas gazosas frias; 15°. Empregam-se em bebida e em banhos nos enfartes do figado e do braço, catarrhos vesicaes, dyspepsias, gastralgias, areias, molestias nervosas.

PUGILLO. A porção de folhas, flores ou qualquer outra cousa que se toma com as pontas dos tres dedos reunidos.

PULGA. Insecto de côr roxa escura, oval, comprimido transversalmente, coberto de pelle dura. Estes insectos tem os sexos separados: as femeas põem pequenos ovos, brancos, brilhantes e viscosos, que produzem pequenas larvas sem pés, compridas, semelhantes a bichinhos, mui vivas, enroladas, ao principio brancas, mais tarde avermelhadas. Depois de ficarem uns doze dias debaixo d'esta fórma, estas larvas fe-

cham-se n'um pequeno casulo lustroso, formando nymphas que chegam ao seu estado perfeito ao cabo do mesmo espaço de tempo.

A pulga nutre-se com o sangue do homem, do cão e do gato. Para nos livrarmos d'estes insectos convem que não vivamos familiarmente com estes animaes; é preciso varrer frequentemente os quartos, cuidar da cama com muito asseio, mudar frequentemente de roupa, e regar os quartos com agua misturada com vinagre. A vizinhança dos pombaes dá muitas pulgas: porque as suas larvas escondem-se nos ninhos das pombas, e fixam-se no pescoço dos filhotes.

Se acontecer que uma casa, occupada prccedentemente por pessoas pouco asseadas, fique muito tempo inoccupada, achar-se-ha povoada por milheiros de pulgas, tão pequenas e tão magras que parccem pertencer a outra raça de insectos. Estas acommettem com furor a primeira pessoa que entra na casa. Para tornar habitaveis as casas que se acham assim infestadas, convem mandar lavar repetidas vezes o soalho e o madeiramento, e até mesmo mudar o papel dos quartos, para conseguir a destruição das pulgas esfaimadas.

Matam-se as pulgas nos cães por meio de banhos que tenham em dissolução 30 grammas de sulfurcto de potassio, ou mediante lavatorios com decocção de folhas de fumo, ou esfregando-lhes o pello com benzina. Os lavatorios com agua fria, ou quente, não bastam, porque as pulgas resistem á submersão prolongada.

PULLNA. Bohemia (Austria), Agua mineral purgativa.

Existem na Allemanha muitas fontes purgativas, designadas, por causa do seu amargor, debaixo do nome generico de *Bitterwasser* (agua amarga). A mais celebre é a agua de Pullna. Acha-se na Bohemia, perto da estrada que liga Toeplitz com Carlsbad, a cerca de uma legoa da cidade de Brux.

A agua de Pullna não brota da terra como a maior parte das aguas mineraes. É formada pela agua de chuva, que depois de atravessar o solo impregnado de saes purgativos, vem ajuntar-se nos poços cavados para este fim, revestidos de madeira, com cerca de 3 metros de profundidade. Na bella estação, tira-se esta agua, transporta-se para as grandes tinas, aonde se demora cerca de 24 horas a descuberto, e depois engarrafa-se em botijas, para a exportação. 1 litro d'esta agua contém segundo a analyse do chimico Barruel, 62 grammas de saes, de que 21 grammas de sulfato de soda e 34 grammas de sulfato magnesia. Esta quantidade de sacs é mais que sufficiente para explicar as virtudes purgativas da agua de Pullna. A agua é fria, e não se emprega senão em bebida. Transportada, conserva as suas propriedades. Os saes purgativos juntos á lithia e ao bromureto de potassio que contém, communicam-lhe uma propriedade particular que faz com que uma agua mineral natural differe de uma solução salina artificial.

O modo de acção da agua de Pullna differe segundo a dóse em que se toma. Em dóse pequena, um quarto de copo até 1 copo augmenta o appetite, dá mais intensidade aos movimentos vitaes e torna a absorpção mais facil. Em dóse grande, meia botija, termo médio, produz effeito pur-

gativo, e constitue uma das medicações evacuantes mais brandas e mais seguras. Bebe-se em jejum. Não existe em Pullna estabelecimento thermal, visto que a agua não se administra em banhos.

PULMÃO. Algumas pessoas dão este nome a uma postema, a um leicenço ou qualquer outro tumor.

PULMÕES ou **Bofes.** Os pulmões, orgãos da respiração, são dois corpos cellulosos, de fórma cónica, contidos na cavidade do peito. Cada pulmão é coberto por uma membrana chamada *pleura*, e separado do

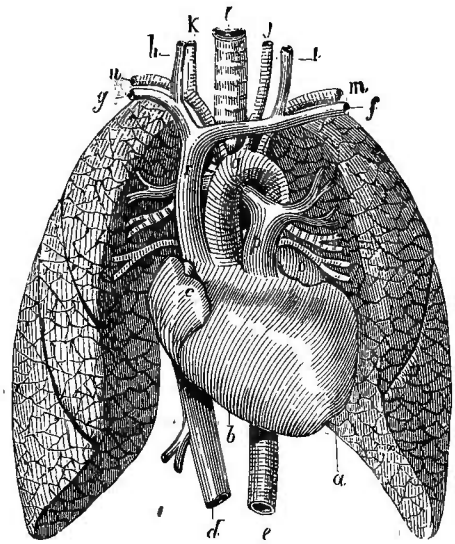


Fig. 766. — Pulmões, coração, arteria, aorta, etc. (*).

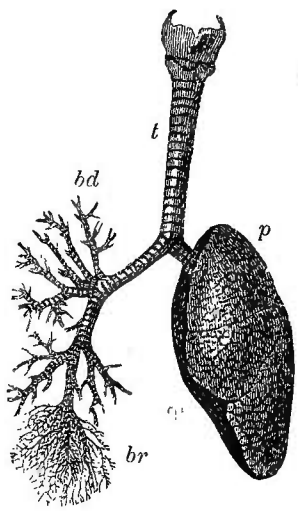


Fig. 767. — Larynge, traca arteria, bronchios e pulmão (**).

pulmão do lado opposto pelo coração. O tecido do pulmão tem apparencia esponjosa; comprimindo-o com a mão ouve-se um ruido particular produzido pela presença do ar no interior. A estructura do pulmão é bastante complicada; encontram-se n'elle canaes aereos, veias, vasos lymphaticos, nervos, etc. Os canaes aereos são os bronchios, continuação da traca-arteria; dividem-se no pulmão em um infinito numero de ramificações. Os pulmões são atravessados por toda a massa do sangue, que, sahindo das cavidades esquerdas do coração, vai para as cavidades direitas, depois de vivificado pelo acto da respiração (fig. 766 e 767).

(*) Os pulmões estão um pouco afastados um do outro para deixar ver o coração e a origem das arterias. — *pd*, pulmão direito; *pe*, pulmão esquerdo: *l*, traca-arteria antes da sua divisão em dois bronchios; *c*, auricula direita do coração; *b*, seu ventriculo direito; *a*, seu ventriculo esquerdo; *o*, sua auricula esquerda; *f*, *g*, veias sub-claviculares; *h*, *i*, veias jugulares; *r*, veia cava superior, que entra, assim como a veia cava inferior *d*, na parte posterior da auricula direita; *k*, *j*, arterias carotidas; *m*, *n*, arterias sub-claviculares, que nascem da crossa da aorta *q*: *e*, aorta descendente; *p*, arteria pulmonar que nasce do ventriculo direito, e se divide para distribuir-se em cada pulmão. Abaixo da divisão e um pouco por detraz, as veias pulmonares entram na auricula esquerda *o*.

(**) Um dos pulmões acha-se intacto, e de outro lado ficam so as ramificações bronchicas postas a nú. — *p*, o pulmão, *t*, a traca-arteria, que apresenta a larynge na sua extremidade superior, e se divide inferiormente em dois branchios, um para cada pulmão; *bd*, divisões dos bronchios; *br*, ramusculos bronchicos.

Molestias dos pulmões. O pulmão, sendo o orgão da respiração, está sempre em relação com o ar exterior; está exposto, por conseguinte, a todas a influencias das modificações atmosphericas. Da importancia que representa a respiração nos phenomenos da vida, facil é presumir quão sérias são as molestias d'este apparelho. São : *Apoplexia pulmonar* (*Veja-se* vol. I, pag. 202); *Cancro dos pulmões* (vol. I, pag. 438); *Escarros de sangue* (v. I, p. 1009); *Feridas do pulmão* (vol. I, pag. 1137); *Inflammação do pulmão* (*veja-se Pneumonia*, vol. II, pag. 724); e *Tisica*.

PULSO (Junta). Reunião da mão com o antebraço (*Deslocação do*). *Veja-se* vol. I, pag. 846.

Pulso (*Torcedura do*). *Veja-se* Torcedura.

Pulso. Assim se chama o movimento das arterias produzido pelo affluxo do sangue, impellido para estes vasos pelas contracções do coração. Propriamente fallando, todas o arterias batem ou tem um pulso; mas como de ordinario não se exploram senão as pancadas da arteria do inferior do antebraço, entendem-se sempre estas pancadas quando se falla do pulso.

Nos primeiros dias do nascimento o pulso é mui frequente, e bate 120 a 140 vezes por minuto. Pouco a pouco perde a frequencia, e já no segundo anno dá só 100 pulsações, pouco mais ou menos. Até ahi conserva-se pequeno e fraco, mas na epoca da puberdade adquire desenvolvimento e força, perde ainda alguma cousa da sua frequencia, e não bate senão 80 ou 90 vezes por minuto. Nos adultos é grande, forte, e dá só 65, 70 ou 80 pulsações. Nos homens altos é mais lento do que nos de pequena estatura. Torna-se raro nas pessoas de idade avançada; desce a 50 ou 60 pulsações; e bem que tenha perdido parte da sua força, offerece comtudo uma especie de dureza occasionada pelo augmento da densidade das paredes arteriaes, e mesmo por uma especie de ossificação d'ellas. Nas mulheres, o pulso experimenta modificações analogas aos progressos da idade ; entretanto, conserva em geral, os caracteres que o distinguem durante a mocidade do homem. Os climas modificam-n'o tambem de maneira notavel. Assim, é frequente nos habitantes dos paizes quentes, raro nos habitantes dos paizes frios, e, segundo refere Blumenbach, dá, nos Groenlandezes, só 40 pulsações por minuto. Varía tambem nas differentes epocas do dia. Em geral, sua frequencia augmenta desde pela manhã até á noite, diminue de noite durante o somno, e volta na manhã seguinte ao gráo em que se achava no dia precedente. Depois de jantar é muito mais frequente, assim como depois da ingestão de café, chá, ponche, vinho, e outras bebidas alcoolicas. O andar rapido, a carreira, todos os exercicios do corpo, a tosse, os espirros, produzem n'elle effeitos analogos. Porém as mais promptas perturbações são-lhe communicadas pelas impressões moraes ; este phenomeno constitue um dos symptomas mais certos da existencia d'estas impressões.

A exploração do pulso é tão usual, que para o velho é, por assim dizer, o typo especial da visita do medico. Até as pessoas estranhas á arte de curar julgam que este exame é sufficiente para reconhecer a molestia, qualquer que ella seja.

Os medicos orientaes, especialmente os Chins, que dão grande importancia ás indicações fornecidas pelo estado do pulso, tem a pretenção de saber distinguir no oitavo mez da prenhez, qual será o sexo da criança que deve nascer; segundo elles, se é um rapaz, o pulso é sensivelmente mais forte no braço direito do que no esquerdo; é o contrario, se a criança esperada deve ser uma menina. É superfluo dizer que se enganam muitas vezes; mas, sem que a sciencia possa dar uma explicação racional d'este facto, esta observação ou este presagio realisa-se muitas vezes.

É todavia indubitavel que o estado da molestia imprime ao pulso mudanças notaveis, as quaes, juntas a outros symptomas, servem para descobrir a natureza da molestia. O pulso supprime-se na *syncope*, na *asphyxia* e em todos os casos de morte apparente; accelera-se e augmenta de força no principio de grande numero de molestias. O pulso é *frequente* quando as pulsações são em maior numero do que devem ser n'um tempo dado; *febril* quando bate 90 vezes por minuto no adulto; é *precipitado* quando é mui frequente; *forte* quando resiste á pressão e bate fortemente contra o dedo que o comprime.

Torno a dizer, o pulso é uma das guias mais preciosas para o medico. Sendo preciso fazer ou reiterar uma sangria, applicar bichas ou administrar medicamentos tonicos, manter ou cessar a dieta, o exame do pulso o decidirá a tomar um partido. O enfraquecimento do pulso é sempre máo signal, e ainda peior a sua falta, salvo nos casos em que esta falta fôr só momentanea, como na syncope, por exemplo. A elevação e a frequencia do pulso não indicam febre senão quando estes caracteres são permanentes, quando se apresentam além das circumstancias proprias para accelerarem o pulso, e sobretudo quando são acompanhados de calor acre na pelle. Na descripção particular de cada molestia, se acham indicados os caracteres do pulso. Consulte o leitor, sobretudo, os artigos Asphyxia, Febre, Desmaio, e Hemorrhagia; e como é util, em certas occasiões, saber-se tomar o pulso, indico aqui a maneira de fazer esta exploração.

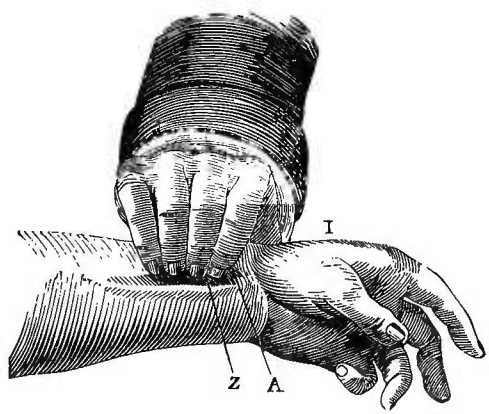


Fig. 778. — Modo de tomar o pulso.

Modo de explorar o pulso. Colloca-se o braço da pessoa que se quer examinar horizontalmente sobre a cama, em cima de uma mesa, sobre o joelho ou de qualquer outra maneira, com tanto que esteja em repouso e convenientemente sostido; applica-se um ou mais dedos sobre a face palmar do punho, na distancia da largura de um dedo da proeminencia da palma da mão que serve de base ao dedo pollegar (fig. 778, Z A). N'este logar a arteria radial acha-se superficialmente, e está apoiada contra o osso, de sorte

que suas pulsações sentem-se facilmente; com a outra mão pega-se no relogio, e observa-se quantas pulsações ha no espaço de um minuto. Para maior commodidade, explora-se o pulso esquerdo com a mão direita, e o pulso direito com a mão esquerda.

O pulso de cavallo é de 32 a 38 por minuto; do burro e da besta muar, 45 a 48; do boi e da vacca, 35 a 42; do carneiro, 70 a 79; da cabra, 72 a 76; do cão, 90 a 100.

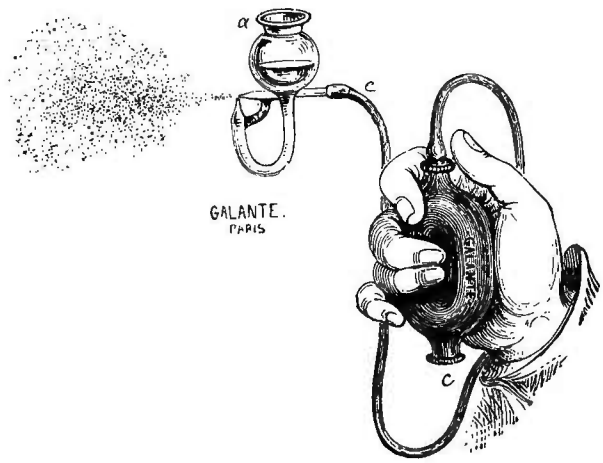


Fig. 779. — Pulverizador.

PULVERIZAÇÃO (Fórma medicamentosa). Em *therapeutica*, dá-se este nome á reducção de um liquido a pó mui fino, o qual se emprega para fazer inhalações nas molestias do peito, ou se dirige á garganta nas molestias d'esta região, ou aos olhos nas ophthalmias, e tem ainda outras applicações. A pulverização realiza-se pela projecção do liquido atravez de um buraco do

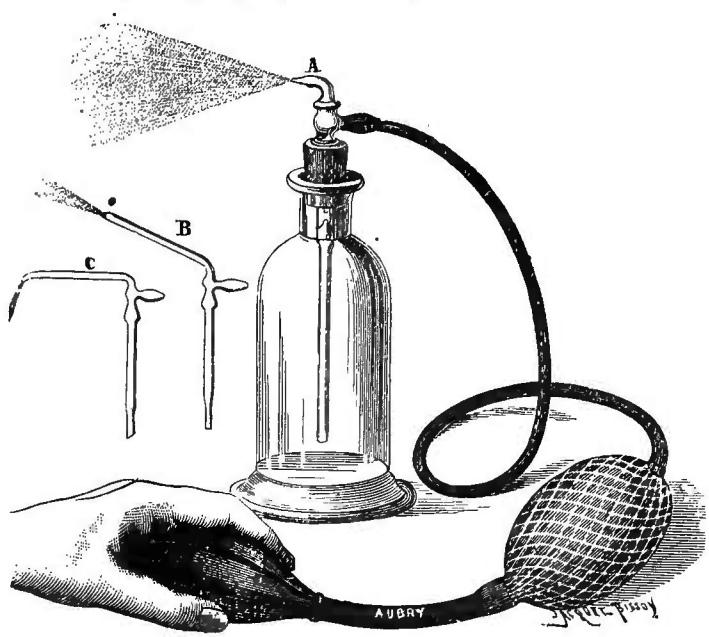


Fig. 780. — Pulverizador Marinier.

tamanho da ponta de alfinete. Ha apparelhos pulverizadores de muitas fórmas. O apparelho representado na fig. 779, custa em Pariz 6 francos. Fabrica-se em casa de Galante, rua de l'*Ecole de médecine*, 2. O liquido,

que se quer pulverizar, introduz-se n'uma empola de vidro (*a*); a pulverização produz-se pela pressão da mão sobre o sacco de borracha. Este apparelho serve sobretudo nas molestias da pharynge e da larynge para dirigir a estas regiões os liquidos pulverizados que são: a solução de pedrahume, de tannino, de perchlorureto de ferro, de azotato de prata, a tintura de iodo, etc. O apparelho representado na fig. 780, o pulverizador Marinier, serve para o mesmo fim; emprega-se sobretudo nos estabelecimentos das aguas mineraes. Introduz-se no frasco *t* a agua mineral, e, comprimindo a bola terminal C, que é de borracha, produz-se a pulverização do liquido.

PUNHALADA. *Veja-se* FERIDAS.

PUNHO ou **Pulso** (DESLOCAÇÃO DO). *Veja-se* vol. I, p. 846.

PUPILLA ou MENINA DO OLHO. Abertura que se acha na parte media da membrana *iris*, e pela qual passam os raios luminosos que se dirigem ao centro nervoso do olho. A pupilla é redonda no homem; no boi é oblonga transversalmente; no gato é elliptica, e approxima-se da linha vertical.

Pupilla artificial. Assim se chama a abertura que se pratica no iris para supprir a pupilla natural, quando esta falta, ou foi obliterada.

PURGA DE AMARO LEITE. *Veja-se* BATATA DE PURGA.

PURGA DE CABOCLO. *Veja-se* CAYAPÓ.

PURGA DO CAMPO. *Echites alexicaca*, Martius. Pequena planta que se encontra nos campos das diversas provincias do Brazil, da familia das Apocyneas. Caule sublenhoso, leitoso, de 30 a 45 centimetros de altura; folhas oppostas, quasi redondas, terminadas por uma pequena ponta; flores terminaes solitarias, ou dispostas em paniculas de poucas flores; corolla côr de rosa; raiz tuberosa, da fórma de nabo, de côr fusca por fóra e quasi branca por dentro. Esta raiz contém amido, materia extractiva, e uma resina á qual deve principalmente as suas propriedades. É purgativa na dóse de 4 a 8 grammas, e administra-se na ictericia, e no engurgitamento das visceras abdominaes.

PURGA DE CARIJÓ. *Veja-se* ESPELINA.

PURGA DE CAVALLO. No Brazil, na provincia do Paraná, dá-se este nome á raiz do *Convolvulus ventricosus*, Manso.

PURGA DE GENTIO. *Veja-se* ANDA-AÇÚ, CAYAPÓ.

PURGA DE JOÃO PAES. *Veja-se* CAA-ATAYA e BUCHA DOS PAULISTAS.

PURGA DO PASTOR. *Echites pastorum*, Martius. Planta do Brazil, da familia das Apocyneas. Dão-lhe o nome de *jalapa* em S. Paulo. A raiz é purgativa, na dóse de 4 a 8 grammas.

PURGAÇÃO. *Veja-se* BLENNORRHAGIA, FLORES BRANCAS.

Purgação pelo ouvido. *Veja-se* OTITE CHRONICA.

PURGANTES. É o nome geral dos medicamentos que produzem evacuações alvinas. Esta classe de remedios contém, pela maior parte, substancias vegetaes, e entre as mineraes, apenas alguns saes e aguas salinas; não ha substancia alguma animal empregada como purgante. Os purgantes são mui numerosos; foram divididos; segundo a

energia da sua acção, em tres classes : *laxantes, catharticos* e *drasticos.*

Os *laxantes* ou *minorativos* são os que exercem na economia uma acção pouco intensa, e purgam brandamente : entre os purgantes d'esta classe contam-se o mel de abelhas, a cannafistula, o manná, o oleo de amendoas doces, os tamarindos, as ameixas seccas, e o oleo de ricino. Os purgantes para o uso das crianças devem ser principalmente escolhidos n'esta classe.

Os *catharticos*, designados mais particularmente sob o nome de *purgantes*, contém as substancias seguintes : sulfato de soda ou sal de Glauber, sulfato de magnesia ou sal d'Epsom, cremor de tartaro, magnesia calcinada, sene, rhuibarbo ; estes purgantes, sós ou combinados entre si, formam os purgantes usuaes, que se empregam mais frequentemente.

Magnesia granulada de Mentel. É um meio facil de se tomar a magnesia. A medida que vai junto a cada vidro contém 2 grammas de granulos equivalendo a um gramma de magnesia.

Rhuibarbo granulado de Mentel. Tendo em vista o amargor d'este medicamento, o sur Mentel teve a ideia de preparar o rhuibarbo em granulos que se engolem mui facilmente. A medida que vai junto a cada vidro de *rhuibarbo granulado de Mentel* contém 2 grammas de granulos representando 50 centigrammas (1/2 gramma) de rhuibarbo.

A dóse ordinaria é de 50 centigrammas como tonico ; 1 gramma como laxante e 2 a 4 grammas como purgante.

Pó laxativo de Vichy do Dr L. Souligoux. É uma preparação de senne e diversas outras substancias vegetaes e aromaticas, que serve para tonificar os intestinos e despertar as funcções contractis e secretorias.

Emprega-se o pó laxativo de Vichy nas prisões do ventre de qualquer natureza que sejam, principalmente n'aquellas occasionadas pela suppressão passageira da circulação biliaria ; nas colicas hepaticas, nos engurgitamentos do figado com ictericia, na atonia intestinal, etc.

Elle evita que se forme no estomago e nos intestinos os gazes que caracteriza a dyspepsia flatulenta e impede, por conseguinte, a vertigem estomacal que é a consequencia d'ella.

Tambem se emprega este pó como depurativo, nas molestias da pelle que não são parasitarias.

Toma-se'o na dóse de uma colher *de chá* á noite ao deitar. O effeito se produz no dia seguinte pela manhã, sem colicas, nem diarrhea, em uma evacuação natural.

O deposito geral do *pó laxativo de Vichy do Dr L. Souligoux*, acha-se em Pariz, avenida Victoria nº 6.

Os *drasticos* são aquelles que, sob um pequeno volume, tem a acção energica, e determinam sobre o tubo intestinal uma verdadeira irritação : ás vezes esta irritação persiste ainda depois do effeito purgativo. Os drasticos convem nos casos particulares em que é necessario produzir effeito prompto e energico, e determinar sobre o canal digestivo uma revulsão capaz de desviar uma molestia fixada em algum orgão importante, como, por exemplo, na apoplexia, na inflammação do cerebro. Os

drasticos mais usados são: a escamonéa, a jalapa, a resina de jalapa, a gommagutta, as coloquintidas, o aloes, o oleo de croton tiglium. Este ultimo é extremamente violento; o seu emprego exige a maior prudencia, pois que já em minima dóse, como na de uma gotta, diluida em uma chicara d'agua, determina dejecções alvinas abundantes.

Os purgantes actuam determinando uma verdadeira irritação, mas momentanea e limitada nos seus effeitos. Esta irritação augmenta a secreção mucosa, o fluxo da bilis e das outras secreções; produz emfim a contracção dos intestinos, e apressa d'este modo a sahida das evacuações alvinas. Quando um medicamento d'esta natureza é ingerido, a pessoa experimenta ancias, fastio, nauseas, borborygmos no ventre, colicas; depois manifesta-se a necessidade da defecação. Se a irritação purgativa fôr muito viva ou durar muito tempo, produz então o que se chama a superpurgação, e, ás vezes, até accidentes inflammatorios mais ou menos graves; existe então dôr no ventre, mais ou menos consideravel, febre, calor extremo, inchação na barriga, dejecções sanguineas, etc.

No dia em que se toma um purgante, o doente deve observar uma abstinencia mais ou menos completa de alimentos solidos e depois de ingerido o purgante, logo que a primeira evacuação tiver logar, deve beber em abundancia liquidos diluentes, taes como caldo de frango, chá da India, decocção de arroz, etc., já para acalmar o que a acção do purgante poderia ter de demasiado forte, já para dar maior fluidez à evacuação; emfim, depois de cessado o effeito, convem não se volte aos alimentos senão gradualmente.

Um purgante produz evacuações que variam em numero, quantidade e qualidade ou natureza. O numero raras vezes excede de quatro a doze no estado ordinario; a quantidade é mui variavel e depende muito da molestia, e sobretudo da abundancia dos liquidos bebidos; a natureza varía conforme a das evacuações: as primeiras são fecaes e compostas dos residuos da digestão; mais tarde são mucosas ou serosas; seguem-se as dejecções biliares, e emfim as que se chamam aquosas, e que resultam das bebidas ingeridas. Os antigos medicos acreditavam em purgantes especiaes e na possibilidade de expulsar tal ou tal humor com tal ou tal substancia; assim tinham cholagogos, hydragogos, phlegmagogos, pachimagogos porque julgavam que uns tinham a propriedade de expulsar a bilis, outros a serosidade, estes a pituita, e os ultimos emfim todos os humoros reunidos. O tempo deo cabo de todas estas hypotheses. Os liquidos serosos das evacuações resultam da exhalação intestinal; a mucosidade provém das pequenas glandulas que se acham na superficie dos intestinos; a bilis, da secreção mais abundante do figado, etc. Todas estas excreções podem produzir modificações favoraveis ao restabelecimento da saude; mas de nenhum modo é a sua existencia considerada como causa da molestia pelos medicos da nossa epoca.

As molestias em que se dão purgantes são mui numerosas; póde-se até dizer que talvez não exista uma em que não tenham sido administrados com vantagem. Os catharticos e os drasticos não convem geralmente no

momento da invasão de uma molestia, e no seu periodo de força. Os laxantes são os unicos de que se deve então fazer uso. É preciso para purgar, que os symptomas de irritação estejam acalmados: assim, a febre, a seccura da lingua, a sêde, a grande agitação, as dôres do ventre, são outras tantas contra-indicações de medicação purgativa. Quando, pelo contrario, a lingua está humida, coberta de uma camada amarella, quando não ha sêde nem dôr na barriga, e quando este estado é acompanhado de fastio, os purgantes são então evidentemente indicados.

Purgante de Leroy. Dissolução em aguardente de escamonea, raiz de turbitho e jalapa, á qual dissolução se ajunta um xarope feito com sene. Ha tres gráos d'este purgante, conforme a quantidade das substancias purgativas empregadas. Administra-se na dóse de 1 a 4 colheres *de sopa;* pouco usado actualmente.

As substancias vegetaes purgativas indigenas do Brazil são: amendoirana, anda-açú, batata purgativa, bucha dos Paulistas, cainca, cayapó, cereja de purga, cipó de suma, espelina ou tombo, gomma de batata, imbé ou tracuans, maleiteira, manacá, marinheiro, maririçó, nhandiroba, pinhão de purga, purga do campo, purga de João Paes, purga do pastor, tayuyá, velame do campo.

PURGUEIRA. *Veja-se* PINHÃO DE PURGA.

PURPURA ou **Tabardilho.** Dá-se este nome a uma molestia caracterizada pela erupção espontanea, na superficie do corpo, de pequenas manchas de côr e feição de mordeduras de pulgas, ás vezes muito maiores, formadas pelo sangue extravazado na espessura da pelle. Ha d'ella diversas especies:

1.° **Purpura simples.** Esta fórma, que só se observa na adolescencia e na mocidade, apparece, as mais das vezes, sem causa apreciavel. Principia de ordinario sem symptomas precursores; ás vezes depois de um ou dois dias de fastio e fraqueza. É caracterizada por pintas de côr rubra, semelhantes a mordeduras de pulgas, que não desapparecem pela pressão. Com estas pintas existem de ordinario largas ecchymoses, ou livores, que occupam logares distinctos ou estão misturadas com as pintas. Estas nodoas são sobretudo numerosas nas pernas, logares que ellas occupam ás vezes exclusivamente; encontram-se algumas vezes no rosto; n'este caso as palpebras e as conjunctivas apresentam ás vezes ecchymoses, que se mostram especialmente nas costas, nos pés, nas mãos e na face interna dos membros. As pintas e as ecchymoses não são acompanhadas de sensação alguma morbida da pelle; apparecem sem que o doente as sinta; só as percebe por acaso. Depois de ficarem estacionarias por algum tempo, as petechias tornam-se lividas, depois amarelladas; passados doze ou quatorze dias não resta vestigio algum da molestia. Mas quando se julga esta terminada, muitas vezes sobrevem uma nova hemorrhagia cutanea, semelhante á primeira. Por causa d'estas erupções successivas, a purpura póde persistir, em alguns individuos, durante muitas semanas, durante muitos mezes e mesmo annos.

2.° **Purpura urtigosa.** A erupção principia por pequenas pintas avermelhadas, salientes, acompanhadas de comichão quasi semelhante

á que é produzída pela urticaria. Passados dois ou tres dias, estas pintas passam da côr rosea á livida, e depois desapparecem; mas em geral, mostram-se outras. Esta fórma de purpura, na qual as pintas são algum tanto mais largas do que na purpura simples, dura, termo médio, um mez.

As duas fórmas precedentes da purpura existem, em geral, sem febre; todavia, ás vezes, são acompanhadas de alguma acceleração do pulso.

3.ª **Purpura senil.** Esta fórma consiste em uma erupção côr de vinho, que occupa as extremidades inferiores das pessoas idosas debilitadas, e desapparece de ordinario passados dez ou doze dias, sem ser acompanhada de perturbação nas principaes funcções.

4.ª **Purpura hemorrhagica.** Pintas maiores que as precedentes, entresachadas de livores, acompanhadas de hemorrhagias frequentes, commummente das superficies internas. Assim, nas crianças predominam os fluxos de sangue pelo nariz; nos adultos, escarros e vomitos de sangue; nas mulheres, hemorrhagias uterinas. Os doentes ficam muito abatidos.

Causas. A purpura sobrevem quasi sempre debaixo da influencia de causas debilitantes; affecta especialmente as crianças, as mulheres, os individuos de constituição molle, enfraquecidos por uma molestia anterior, por má alimentação, por vigilias, pezares, e sobretudo pela habitação em logares baixos e humidos : comtudo a molestia apparece ás vezes nas condições oppostas.

Prognostico. As purpuras simples, senil e urtigosa são quasi sempre benignas. A existencia das ecchymoses indica sempre uma disposição mais desfavoravel da economia do que quando ha sómente pintas. A purpura hemorrhagiça, pelo contrario, é uma affecção grave.

Tratamento. A purpura simples desapparece quasi espontaneamente. Convem collocar o enfermo em bom ar, em casa bem arejada, bem secca, bem alumiada pelo sol, dar-lhe boa alimentação, e submettêl-o ao uso das limonadas de limão, de laranja, ou de vinagre.

Na purpura hemorrhagica, ao tratamento que acabei de indicar, deve-se ajuntar o uso das preparações adstringentes e tonicas, cujas receitas seguem :

1.º Agua fria.....	120 grammas.
Agua de Rabel.....	20 gottas.
Xarope simples.....	30 grammas.

Misture. Para beber uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

2.º Perchlorureto de ferro liquido a 30º.....	1 gramma.
Agua distillada.....	120 —
Xarope simples.....	30 —

Misture. Bebe-se uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

3.º Pilulas ferruginosas de Vallet.....	30

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

PUS. Liquido morbido, formado em seguida de um trabalho inflammatorio : vulgarmente dão-lhe o nome de *materia*. Este producto varia segundo a natureza do orgão inflammado, o gráo da inflammação, o caracter da chaga e a epoca da suppuração. O pus do tecido cellular é um liquido opaco, de um branco amarellado, de consistencia de creme, de cheiro particular, mais pesado do que a agua que elle torna leitosa pela agitação. O pus das membranas serosas é mais albuminoso. O pus das membranas mucosas participa mais ou menos da natureza do muco. Quando a inflammação é muito intensa, o pus, qualquer que seja a parte inflammada, faz-se seroso e sanguinolento. Os signaes que denotam existencia do pus n'uma postema, acham-se indicados no artigo ABCESSO.

PUSTULA. Elevação pequena e circumscripta da pelle, rubra na base, amarellada no cimo, pejada de materia purulenta. As molestias caracterizadas por pustulas são : bexigas, vaccina, ecthyma, impetigo, acne, mentagra e tinha.

PUSTULA MALIGNA. *Veja-se* CARBUNCULO. V I, p. 460.

PUSTULAS VENEREAS. Tumores chatos, arredondados, humidos ou seccos, que se desenvolvem pelo corpo exteriormente, no anus ou nas partes genitaes, nas pessoas atacadas de syphilis. Reclamam o tratamento interno da *syphilis*.

PUXOS. Vontade contínua, dolorosa e quasi inutil de ir á banca, acompanhada de calor no anus; observa-se na *dysenteria*. *Veja-se* vol. I, pag. 887.

PYELITE. Inflammação dos calices e dos bassinetes dos rins. Os symptomas e o tratamento são os mesmos que os da NEPHRITE.

PYLORO. Assim se chama o orificio inferior do estomago pela qual os alimentos passam ao intestino duodeno.

PYRETHRO. *Anthemis pyrethrum*, Linneo. Synanthereas-senecioides. Planta que habita na Turquia, Asia e Africa. É da mesma familia que a camomilla, e parece-se com ella. A raiz, que é de cheiro forte e sabor acre, entra na composição das tinturas dentifricias, e das preparações empregadas contra as dôres de dentes.

PYRETHRO DO CAUCASO. *Pyrethrum carneum* ou *roseum*, De Candolle. Synanthereas-senecioides. Planta que habita na Persia. O oleo essencial, que contém esta planta, é nocivo aos insectos e outros animaes inferiores; pelo que as folhas e a raiz d'esta planta, reduzidas a pó, empregam-se com vantagem para destruir os persevejos, pulgas e moscas. Conhecem-se no commercio debaixo do nome de *pós contra os persevejos*, *insecticidio de Vicat* ou *de Ferrand*. Basta introduzir estes pós, por meio de um folle, nos logares em que se escondem os persevejos, para destruil-os. Espalhados nos logares em que pousam as moscas, matam-n'as em pouco tempo. Preservam tambem as lãs e outros estofos de serem roidos pelas traças. É uma substancia muito empregada.

PYRIDINA. A pyridina encontra-se nos productos de distillação secca das materias organicas, do alcatrão d'hulha, dos principaes alcaloides, no fumo do tabaco, na nicotina, no oleo animal de Dippel d'onde se extrahe ordinariamente. É um liquido incolôr, muito volatil, com

cheiro forte e penetrante, miscivel com a agua em todas as proporções, e formando com acidos mineraes bases soluveis mas inestaveis. O doutor G. Sée procurou determinar experimentalmente os effeitos physiologicos d'esse producto sobre os asthmaticos e cardiacos; em uma memoria dirigida á Academia de Medicina de Pariz sobre o assumpto, chega ás seguintes conclusões :

« 1ª Seja qual fôr a forma da asthma, quer seja emphysematosa ou catarrhal, quer seja primordial, d'origem gottosa ou dartrósa, a indução constitue o verdadeiro methodo curativo d'essa asthma. Quando porem sobrevier a intoxicação iodica, é a pyridina que ha de ser applicada, e deve considerar-se como o meio mais certo de curar os accessos. É o melhor paliativo, emquanto que o iodo é o unico remedio efficaz.

2.ª A *pyridina* é superior á injecção de morphina; a sua acção é mais duradoura e bem mais inoffensiva.

« 3.ª Na asthma nervo-pulmonar simples pode assim fazer-se cessar completamente os accessos. Para a asthma grave complicada de lesões pulmonares permanentes a duração do tratamento deve ultrapassar 8 a 10 dias, para consolidar a melhora obtida. Quando emfim se trate de asthma cardiaca, com ou sem complicações renaes e hydropicas, a pyridina pode ainda prestar os maiores serviços, para combater o mais persistente e penoso dos phenomenos que atormentam os cardiacos — a oppressão, quer continua, quer paroxystica. »

Um meio muito simples é deitar em uma garrafa, de capacidade de um litro, 10 gottas de pyridina, rolhal-a bem, e aspirar de vez em quando os vapores que ella exhala.

PYRMONT. Allemanha. Aguas ferruginoas frias, gazosas.

Itinerario : Estrada de ferro directamente 18 horas de Pariz a Pyrmont. Despeza 88 francos.

Pyrmont é uma cidade de 2,000 habitantes, situada no Waldeck, pequeno estado da Allemanha. Contém seis fontes distinctas, todas frias, entre 10° e 17° centigrados, umas *bicarbonatadas ferruginosas* e mui gazosas, outras *chloruretadas sodicas*. As aguas ferruginosas são as mais importantes.

A fonte ferruginosa por excellencia é *Stahlbrunnen* ou *Trinkbrunen*. A agua é limpida, de sabor de tinta de escrever; é atravessada por pequenas bolhas gazosas; a sua temperatura não excede 12 gráos centigrados. Segundo a analyse feita em 1857 por Wiggers contém por litro 2ᵍ,57 das substancias sólidas, e 777 centimetros cubicos de gaz acido carbonico. As principaes substancias solidas são bicarbonato de ferro e de manganez; contém tambem vestigios de arsenico. Esta fonte serve exclusivamente para o uso interno; bebe-se na dóse de dois a seis copos por dia. A fonte *Brodelbrunnen*, igualmente ferruginosa, alimenta o estabelecimento dos banhos, cuja organização é completa : contém 60 quartos de banhos, e duches variadas. As aguas de Pyrmont gozam de propriedades tonicas, e empregam-se na chlorose e outras molestias caracterizadas pela debilidade. A estação thermal dura do 1° de maio a 15 de setembro.

PYROGALLICO ou **Pyrogallol.** Acido crystallizado, soluvel n'agua e principalmente no alcool e no ether. Extrahe-se por distillação do acido gallico. Usa-se em medicina no tratamento de muitas affecções da pelle, herpes tonsurante, psoriasis, lupo, e tambem no tratamento dos cancroides e epitheliomas cutaneos. Muito toxico, actua energicamente sobre a pelle, deixando uma côr preta que leva muito tempo sem sahir.

A pomada de acido pyrogallico se formula do seguinte modo :

Acido pyrogallico	5	grammas.
Vaselina	30	—
Amido em pó	4	—

Emprega-se o acido pyrogallico na photographia por causa de sua acção sobre o bromureto de prata que é empregado como revelador.

PYROPHOSPHATO DE FERRO. Sal pulverulento, branco amarellado, insoluvel n'agua, que se obtem pela dupla decomposição do sulfato de ferro e do pyrophosphato de soda. Serve para preparar o pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal, excellente preparação, muitissimo empregada em therapeutica sob a denominação de :

Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal de Robiquet. Producto que apresenta uma combinação cujos elementos Phosphoro e Ferro correspondem á composição dos ossos, dos nervos e do sangue. Eis porque é de utilidade todas as vezes que houver necessidade de augmentar a proporção de ferro em um sangue depauperado, ou restituir á constituição dos ossos e dos nervos o phosphoro mui rapidamente eliminado pelas secreções. É producto facilmente tolerado pelos orgãos digestivos; o que não se dá com certos pyrophosphatos, cuja decoloração mostra que contêm por demais alcali que irrita o estomago e os intestinos, e destroe, com o seu effeito purgativo, as propriedades reconstituintes do principio ferruginoso. É a razão porque a côr verde clara que caracteriza o Pyrophosphato de ferro citro-ammoniacal deve tambem caracterizar a solução e o xarope pyrophosphato de ferro de Robiquet.

Emprega-se internamente na dóse de 10 centigrammas a 1 gramma, preparado debaixo da forma de pilulas, grageis, solução, xarope e vinho, segundo a escolha do medico ou do doente. (Deve-se exigir que todos os rotulos tenham a assignatura de E. Robiquet, cujo successor é o Snr Dethan, pharmaceutico de Pariz.)

As pilulas e as grageias de Robiquet contêm cada uma 10 centigrammas de pyrophosphato de ferro.

Administram-se na dóse de 4 a 6 por dia no começo do almoço e do jantar, contra a anemia, a chlorose, a amenorrhea, a leucorrhea, o engurgitamento das glandulas, as affeções escrophulosas e o rachitismo.

O xarope, a solução e o vinho de Robiquet contêm um por cento de pyrophosphato de ferro. Administram-se na dóse de 2 a 3 colheres, das de sopa, por dia, sempre no começo do almoço e do jantar. Cada colher corresponde a 30 centigrammas de pyrophosphato de ferro. Empregam-se nos menos casos que as pilulas e a grageias.

PYROSE. Sensação de ardor que, do estomago, se propaga por todo o comprimento do esophago, e chega até á garganta, onde produz a impressão de um corpo irritante, de um ferro quente. É quasi sempre acompanhada de excreção abundante de saliva. Ha, ás vezes, nauseas e eructações. A pyrose ataca sobretudo as pessoas que se nutrem de alimentos gordurosos, de fritadas, de carnes ou peixes salgados, ou de qualquer outra substancia de difficil digestão. O *tratamento* consiste em remover as causas que produzíram a molestia; em comer com moderação, e usar, com preferencia, de alimentos vegetaes.

Q

QUADRIL (Dôr de). *Veja-se* Coxalgia.

QUAPOY (Caraibas), **Apui** (Amazonas). *Clusia insignis*, Martius. Guttiferas. Arvore que habita no Brazil, nas provincias do norte. Os estames da flor e o calice contém uma resina liquida, de côr rubra alaranjada, que, depois de secca, torna-se luzente e de côr fusca; reduzida a pó é amarella; queimada, exhala um cheiro agradavel. Não é soluvel na agua, dissolve-se, porém, no alcool e no ether. As indigenas da provincia do Amazonas preparam, com esta resina e manteiga de cacáo, uma pomada que empregam contra as rachas do bico do peito, durante a amammentação.

QUARENTENA. Assim se chama a demora mais ou menos prolongada n'um logar isolado, chamado *lazareto*, em que se recolhem as pessoas affectadas de molestias consideradas como contagiosas, ou que chegam de paiz onde reinam essas molestias. Chamaram-lhe *quarentena*, porque no principio a sua duração era de 40 dias; depois crearam-se quarentenas de 30, 15 e até de alguns dias. Estas providencias, bem que dictadas pela prudencia, estorvam o commercio e impedem a rapidez das communicações; além d'isso a sua utilidade é contestada.

As primeiras indicações que se encontram sobre o uso de sequestrar os individuos affectados de molestias cuja transmissão se temia, acham-se nos livros sagrados para a *lepra* molestia chamada hoje *morphea*. Estas providencias precautorias foram desconhecidas dos povos civilizados da antiguidade : foi só durante as trevas da idade média, epoca de barbarismo e de superstição, que apparecêram os lazaretos. O mais antigo é o de Veneza (1403); vem depois o de Genova (1467); seguio-se o de Marselha (1476); emfim a Hespanha não os possuio senão em 1494, dois annos depois da completa expulsão dos Mouros. O que ha de curioso, e os algarismos podem-n'o provar, é que as pestes foram ainda mais frequentes depois do estabelecimento dos lazaretos. Os contagionistas verificáram isso sem darem por tal, relatando a serie das epidemias que atacáram essas differentes localidades; assim, o Dr. Frari, de Veneza, contagionista decidido, que escreveo sobre este assumpto, segundo os documentos authenticos conservados nos archivos de Veneza, reconheceo que, de 938 a 1403, ou durante 365 annos, houveram 11 epi-

demias de peste; entretanto que de 1403, epoca da creação dos lazaretos, a 1630, ou durante 226 annos sómente, houveram 16 epidemias. Bertrand, celebre contagionista, contou as pestes que, desde Jesus-Christo ate 1720, apparecêram em Marselha; e notou vinte assim repartidas : 6 antes do lazareto em 1475 annos, e 11 depois no espaço de 244 annos!

Estas providencias, adoptadas pelo maior numero dos povos da Europa para os navios que chegam do Levante e da America, constituíram, até aos nossos dias, uma serte de pacto sanitario concluido tacitamente sem obrigações reciprocas. Depois, convencidas da inutilidade das precauções quarentenarias, e vendo os effeitos desastros-os para o commercio, a Inglaterra, a Austria romperam o pacto, e a França reduzio a duração das quarentenas, fazendo contar a duração da viagem.

Segundo a opinião dos contagionistas de boa fé, a peste, considerada como molestia cujo contagio é indubitavel, deixa de ser contagiosa depois de oito dias. Por conseguinte, quando um navio sahio de um porto infectado, e que no fim de oito dias, ou dez, se se quizer, não se tenha declarado um unico caso de molestia, a bordo não ha mais perigo, o navio póde ser admittido á livre pratica. Isto reduziria a duração da quarentena a dez dias, incluindo a viagem.

Ha alguns annos teve logar em Pariz uma *Conferencia sanitaria* das principaes potencias maritimas da Europa, com o intuito de estabelecer uniformidade na applicação das quarentenas; uma convenção redigida em 27 de maio de 1853 obriga cada potencia a estabelecer lazaretos, e fixa o maximo e o minimo das quarentenas. Nos portos francezes do Mediterraneo, como *verbi gratia* Marselha, a quarentena para a peste era no maximo de 15 dias e no minimo de 10 dias; para a febre amarelha 7, 5 e 3 dias; para o cholera 5 dias. Nos portos do Oceano Atlantico, como Bordeos e Havre, era livre a pratica para o navio que chegava do porto inficionado de febre amarella, quando não havia casos de molestia nos dez ultimos dias da sua viagem.

A curta apparição que em 1861 fez a febre amarella em Saint-Nazaire, cidade maritima de França, situada nas costas do Oceano Atlantico, deo motivo a um novo progresso na legislação sanitaria. Estudando-se de perto o modo de propagação do flagello, reconheceo-se que o perigo residia especialmente no porão dos navios, e que as precauções tomadas a respeito dos passageiros eram exageradas, todas as vezes que o navio estava arejado e se achava em condições satisfactorias de salubridade. O governo francez concedeo desde então aos passageiros novas facilidades, e ao mesmo tempo applicou aos navios, que entrassem nos portos do Oceano Atlantico, providencias mais apropriadas, do que antecedentemente, ás exigencias da saude publica. Tal foi o objecto do decreto do Imperador dos Francezes, de 7 de setembro de 1863. Mas para que os portos do Mediterraneo pudessem colher o beneficio d'estas melhoras, urgente era modificar-se o regimen convencional, sob o qual os collocára o tratado sanitario concluido em 1853 com o gabinete de Turim. Foi para conseguir este fim que o Ministro dos negocios estrangeiros de

França e o Ministro do Rei de Italia, assignaram a convenção cujo texto official se acha abaixo publicado.

As disposições d'este acto internacional não podem deixar de fixar a attenção dos outros governos europeos, igualmente desejosos de conciliar os interesses do commercio e dos viajantes, com as garantias que reclama a segurança das populações.

Decreto que determina as providencias de quarentena nos portos francezes e italianos do Mediterraneo,

« NAPOLEÃO,

« Por graça de Deos e vontade nacional, Imperador dos Francezes, a todos os presentes e vindouros manda saudar.

« Segundo o relatorio do nosso Ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros, uma convenção tendo sido assignada em 24 de junho de 1864 entre a França e a Italia, para regular as providencias de quarantena nos portos francezes e italianos do Mediterraneo, a dita convenção cujo theor se segue, está approvada, e será inserida no *Boletim das leis.*

« *Convenção.* O governo de Sua Magestade o Imperador dos Francezes e o governo de Sua Magestade o Rei de Italia, tendo encarregado o Dr. Melier, inspector geral dos serviços sanitarios de França, e o Dr. Bo, director geral da saude maritima do reino da Italia, de se reunirem em conferencia em Turim, para examinar se seria util applicar, aos portos francezes e italianos do Mediterraneo, as medidas applicadas ás arribadas com carta suja de febre amarella nos portos francezes do Oceano e da Mancha.

« Os dois governos, depois de se inteirarem do aviso expresso pelos seus delegados em 27 de abril de 1864 resolvêram modificar, no sentido das disposições do decreto imperial de 7 de setembro de 1863, a convenção sanitaria internacional de 3 de fevereiro de 1853, e o regulamento annexo a esta convenção, de 27 de maio de 1853. Em consequencia os abaixo assignados, ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros de França, e enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Rei da Italia, devidamente autorizados para este effeito, concluiram as estipulações seguintes :

« Art. 1. Para o futuro, e por derogação ao artigo 50 do regulamento sanitario de 1853, cujo primeiro paragrapho é como aqui se declara : « *A duração da quarantena será a mesma para os navios, pessoas* e *fazendas,* » os passageiros, marinheiros, fazendas e navios, serão sujeitos a quarentenas de duração diversa.

« Art. 2. Quando as arribadas tiverem logar com carta suja de febre amarella, quer seja por navios principalmente destinados para o transporte rapido dos passageiros, e tendo a bordo um medico sanitario, quer seja por navios de guerra reconhecidos sãos, e quando os porões forem sufficientemente arejados durante a viagem, os passageiros e o

empregado do correio, por derogação ao artigo 4 da convenção sanitaria de 1853, serão immediatamente admittidos á livre pratica, se não sobreveio durante a viagem caso algum de febre amarella. — Quando, nas mesmas condições de navegação, tiver havido casos de febre amarella durante a viagem, a quarentena será de tres a sete dias para os passageiros e o empregado do correio. Segundo as circumstancias, uma decisão ministerial, provocada pelo relatorio da autoridade sanitaria local, poderá reduzir a menos de tres dias a duração d'esta quarentena, e até pronunciar a admissão immediata á livre pratica dos passageiros e do empregado do correio. Quanto aos marinheiros, ás fazendas e ao navio, ficarão submettidos ás medidas sanitarias prescriptas pelo regulamento de 1853.

« Art. 3. Os navios mencionados no artigo precedente, que não satisfizerem ás condições ahi exigidas, e geralmente os navios mercantes, serão, á sua arribada, com carta suja de febre amarella nos portos francezes e italianos, sujeitos ás diposições seguintes :

« Todas as vezes que se houver dado a bordo um ou alguns casos de febre amarella, quer seja no porto de partida, quer seja durante a viagem, a quarantena não poderá ser purgada senão em um porto com lazareto. Os passageiros, e todos os individuos cuja presença a bordo não fôr indispensavel, serão immediatamente desembarcados e tidos em observação. O navio será arejado e saneado á medida da descarga das fazendas; finda esta operação proceder-se-ha á cabal purificação de todas as partes do navio. Segundo o genero das fazendas, as caixas, fardos ou embrulhos serão ou arejados ou submettidos exteriormente aos vapores de chloro, e entregues depois ao commercio; ou depositados no lazareto para alí se sujeitarem ás purificações regulamentarias. — Se não tiver havido casos de febre amarella nem no porto de partida, nem durante a viagem, o navio previamente isolado; será arejado e saneado segundo as medidas prescriptas pelos regulamentos. As caixas, fardos e embrulhos serão transportados ao porto, para serem arejados e expostos aos vapores de chloro, antes da sua admissão à livre pratica. — Em um e outro caso, quando se haja reconhecido que o estado do porão não apresenta perigo algum, a autoridade superior poderá, segundo a proposta do director ou agente da saude, consentir se acabe no porto a descarga das fazendas.

« Art. 4. Os passageiros desembarcados com carta suja de febre amarella, quer seja dos navios ordinarios mercantes, quer seja dos paquetes, ou navios de guerra que não preenchessem as condições prescriptas pelo artigo 2 da presente convenção, ficam sujeitos ás disposições ordenadas pela convenção e regulamento de 1853. Mas a duração da observação que se applica a estes passageiros, poderá, por especial, decisão da autoridade superior, ser reduzida abaixo do minimo regulamentario.

« 5. Os regulamentos que determinam as providencias administrativas applicaveis de uma e outra parte, nos casos acima mencionados, deverão ser formulados de maneira que apresentem as condições de

uniformidade, prescriptas pelo preambulo do regulamento sanitario de 1853.

« 6. A presente convenção, cujas disposições receberão a sua applicação a partir do 1° de julho de 1864, terá a mesma força que a convenção sanitaria internacional de 3 de fevereiro de 1853. Ficará sujeita á approvação dos soberanos respectivos.

« Pariz, em 24 de junho de 1864.

« Nosso ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros fica encarregado da execução do presente decreto.

« Palacio de Fontainebleau, em 28 de junho de 1864.

« NAPOLEÃO. »

REGIMEN SANITARIO DA FRANÇA. *Providencias sanitarias no momento de partida.* Quando um navio sahe de um dos portos dos paizes em que reinam habitualmente affecções graves (peste, febre amarella, cholera), o consul da sua nação lhe remette um papel contendo a indicação do estado sanitario d'esse mesmo porto : é a *carta.* Se uma molestia, reputada contaminosa, reinar na occasião, a carta é *suja;* mas se a saude publica fôr boa, a carta chama-se então *limpa.* É a natureza da carta que determina a duração da quarentena, e a severidade das precauções exigidas antes do desembarque, tanto a respeito dos passageiros, quanto ao das mercadorias. Se o navio não trouxer, essa carta, ficará exposto a sujeitar-se ás consequencias da falta d'este documento nos portos a que se dirige.

Providencias sanitarias durante a viagem de mar. No Mediterraneo, os barcos a vapor, sujeitos á carta e destinados ao transporte dos passageiros, devem ter um medico a bordo. A este incumbe não sómente vigiar a saude da tripolação e dos passageiros, mas tambem assentar n'um registro especial, dia por dia, todos os factos e circumstancias que possam interessar a saude publica, e, á chegada, remetter a sua relação ás autoridades sanitarias. Se sobrevir um obìto no mar, depois de molestia de caracter suspeito, os vestidos e os objectos da cama do defunto devem ser deitados ao mar ou queimados, e todos os outros objectos a elle pertencentes cuidadosamente purificados.

Precauções sanitarias á chegada. Toda embarcação, franceza ou de outra nação, que chegar a um porto francez do Mediterraneo, é submettida ás formalidades seguintes : Deve parar a certa distancia do porto, até que os agentes do serviço da saude tenham podido averiguar o logar d'onde vem, e as condições geraes com que se apresenta.

Quando um navio chega com a carta limpa, e se o seu estado de saude não dá logar a motivo algum de suspeição, é admittido immediatamente á livre pratica, salvo algumas excepções, quando o navio arriba da Turquia. — Quando chega com a carta suja, ou, ainda que tenha carta limpa, se acha em condições hygienicas capazes de pôr em perigo a saude publica, póde ser submettido, ou a certas precauções hygienicas, ou á *quarentena de observação*, ou á *quarentena de rigor.*

Qualquer violação dos regulamentos sanitarios é punida com pena de morte se foi causa de communicação com paizes sujeitos á carta suja; com pena de 1 a 10 annos de prisão e de 100 a 10,000 francos de multa se produzio communicação prohibida com logares, pessoas ou cousas que, sem se acharem sob o regimen de carta suja, não seriam de livre pratica, quer com pessoas ou cousas submettidas a quarentenas de differentes termos. — Aquelle que receber scientemente objectos ou pessoas, em contravenção aos regulamentos sanitarios, é punido com as mesmas penas que o portador d'estes objectos ou o delinquente preso em flagrante delicto. — Se a violação da lei não occasionou invasão pestilencial, a pena de morte póde ser substituida pela reclusão e por uma multa de 200 a 20,000 francos. — Todo agente do governo, capitão de um navio, todo cirurgião ou empregado sanitario que, officialmente, alterou ou dissimulou certos factos susceptiveis de arriscar a saude publica, é punido de morte, se d'elles resultou uma invasão pestilencial; de galés, e de multa de 1,000 a 20,000 francos, quando mesmo não resulte d'isso invasão pestilencial; da degradação civica e da multa de 500 a 10,000 francos, se deixáram de informar dos factos do seu conhecimento, e que podiam pela sua natureza occasionar a invasão pestilencial, ou se deixáram scientemente infringir ou infringíram elles proprios as precauções regulamentarias destinadas a prevenil-a.

Lazareto. Como já deixei dito no começo d'este artigo, o lazareto é um edificio isolado de qualquer habitação, estabelecido em diversos portos de mar, e destinado á desinfecção dos homens e dos objectos, que vem dos logares em que reina, quer a peste, quer o typho, a febre amarella, o cholera ou qualquer outra molestia tida por contagiosa.

As pessoas que chegam dos paizes em que grassam as molestias consideradas como contagiosas, devem ser preparadas a submetter-se aos incommodos de uma quarentena mais ou menos prolongada n'um lazareto, e tomar as suas disposições a este respeito. O ponto importante, consiste em munir-se de algumas provisões e de objectos indispensaveis que não se obtem nos lazaretos senão difficilmente ou por preço muito elevado. As senhoras devem sobretudo, na previsão de uma morada forçada no lazareto, evitar de se embaraçarem de bagagens e de objectos de toucador. Os regulamentos sanitarios obrigam a expôr ao orvalho todos os objectos e mercadorias pertencentes aos viajantes de quarentena; além d'isto, estes objectos passam por fumigações e preparações, que não podem deixar de deterioral-os mais ou menos, ainda mesmo quando os empregados encarregados d'estas operações procedessem com toda a circumspecção possivel.

QUASSIA. *Quassia amara*, Linneo. Rutaceas-simarubeas. Arvore que habita na Jamaica, Guyana, e no Brazil nas provincias da Bahia e do Pará (fig. 781). O lenho dos ramos e da raiz emprega-se em medicina sob a fórma de maceração em agua fria ou em vinho, como remedio tonico. A raiz é da grossura do braço, cylindrica, coberta de casca delgada, acinzentada e rachada; o lenho vem para o commercio em pe-

daços grossos, de côr branca amarellada, leve, difficil de ser reduzido a pó, inodoro, de sabor intensamente amargo. — O macerato de quassia prepara-se deixando de môlho por 4 horas em 120 grammas d'agua fria, 1 gramma de quassia. Esta dóse bebe-se n'um dia. O vinho de quassia prepara-se só macerando, durante dez dias, 30 grammas de quassia em 1000 grammas de vinho da Madeira, e coando o liquido. O vinho de quassia administra-se na dóse de duas a seis colheres *de sopa* diarias. Nas pharmacias existem *copos de quassia* dentro dos quaes se deita agua, o que basta para a tornar amarga, ficando algum tempo nos ditos copos. N'um copo novo a agua fria torna-se amarga ao cabo de dois minutos; progressivamente deixa-se demorar mais, e passado algum tempo, é necessario reformar o copo. — O macerato e o vinho de quassia empregam-se nas escrophulas, flores brancas, opilação, inappetencia e em todos os casos em que é necessario fortificar a constituição com um remedio tonico.



Fig. 781. — Quassia.

QUASSINA. Substancia muito amarga que se extrahe da *quassia amara*, da qual é o principio activo, e do lenho da *quassia excelsa* ou *Picrena excelsa*, que é muito empregada actualmente. A quassina se acha no commercio debaixo de duas formas, amorpha e crystallizada; esta ultima forma é muitissimo mais activa.

Em pequenas dóses a quassina actua como todos os amargos, excitando as fibras musculares lisas do tubo digestivo e as glandulas annexadas a ellas. Por conseguinte, activa a excreção das materias inuteis e a absorpção dos alimentos. É pois augmentando a nutrição que ella excita o appetite. A quassina é levemente diuretica e parece actuar tambem sobre a secreção da bilis. Em dóses toxicas determina fortes dôres do estomago e uma diarrhea acompanhada de phenomenos choleriformes.

Quasi todas as dyspepsias melhoram com o uso da quassina, contanto que não haja irritação mui pronunciada do estomago. Tambem é util na anemia em que ha falta completa do appetite. Administra-se a quassina crystallizada na dóse de 2 a 15 milligrammas; sob a forma de granulos impressos de L. Frere, de 1 milligramma; a quassina amorpha administra-se em pilulas assim formuladas :

Extracto de genciana.....	5	grammas.
Extracto de quina.....	5	—
Quassina amorpha.....	2	—

Para fazer 40 pilulas.

QUEBRACHO BRANCO. Casca do *aspidosperma quebracho*, planta da familia das Apocineas, que habita a Republica Argentina. É uma casca avermelhada, amarga que contem muitos alcaloides, a aspidospermatina, a aspidospermina, a quebrachina, etc., cujas propriedades ainda não estão bem estabelecidas. Empregado principalmente como febrifugo, o quebracho tem sido experimentado no tratamento das molestias dos pulmões e do coração; os resultados obtidos foram mediocres. Parece possuir propriedades desinfectantes assaz pronunciadas. Administra-se o quebracho em tintura na dóse de 1 a 2 grammas e o pó da casca na dóse de 10 a 40 centigrammas.

QUEBRADO DAS COSTAS. *V.* Corcova e Rachitismo.

QUEBRADURA, Rotura ou **Hernia.** Tomada na sua accepção mais lata, a palavra *hernia* exprime a sahida de um orgão fóra da cavidade que o contém normalmente. Todavia as palavras *quebradura*, *rotura* ou *hernia* são mais especialmente empregadas para designar a sahida do intestino ou da membrana chamada *epiploon*, atravez das aberturas naturaes ou accidentaes das paredes do ventre. Dão-se ás quebraduras nomes differentes, conforme a região do ventre em que se mostram. A quebradura chama-se *inguinal*, quando é pequena e termina na virilha; *escrotal*, quando é mais volumosa e desce para o escroto; *crural*, quando se manifesta na dobra da coxa; *umbilical*, quando apparece na região do embigo. Vamos estudar primeiro as *quebraduras abdominaes em geral*, e depois as *quebraduras abdominaes em particular*, segundo o logar que occupam.

§ 1. **Quebraduras abdominaes em geral.** *Causas.* As causas das quebraduras abdominaes são numerosas.

Umas actuam diminuindo a resistencia das paredes abdominaes; taes são a gravidez, a gordura excessiva, as hydropisias, que as estendem excessivamente : tal é sobretudo a cessação rapida d'estes diversos estados, que deixa as paredes abdominaes mui relaxadas, e as aberturas mais extensas. O emmagrecimento depois de um estado de gordura consideravel, a laxidão das paredes produzidas pela gravidez, persistindo depois do parto, as feridas penetrantes do ventre, e mesmo as contusões violentas das suas paredes, são consideradas como causas predisponentes a hernias, porque a parede correspondente torna-se mais fraca. Outras causas augmentam a força que fazem as visceras contra as paredes da cavidade abdominal : taes são todas as profissões que exigem grandes esforços, o canto, a tosse, a equitação, os esforços violentos do parto, os dos vomitos, os da defecação nas pessoas que soffrem de prisão do ventre, a força necessaria para a expulsão das ourinas nos individuos affectados de estreitamento da urethra, as quédas de um logar elevado. A acção das causas que acabei de indicar póde ser lenta ou gradual, quasi insensivel. No começo, manifesta-se uma sensação de

fraqueza em um ponto do ventre : depois observa-se uma inchação que augmenta com qualquer esforço dos musculos respiratorios. Ás vezes, a apparição da quebradura é subita, instantanea : por exemplo, em uma quéda : o doente experimenta então dôr em um logar determinado do ventre. Algumas pessoas apresentam uma disposição singular ás quebraduras : a menor causa, o mais leve esforço basta n'ellas para produzil-as. Julga-se tambem que a hernia é uma affecção hereditaria, porque a criança nasce com a mesma fraqueza original das paredes do ventre, com a mesma largura das aberturas, que os pais, opinião muito admissivel. Estas crianças devem evitar, mais do que as outras, os saltos, os grandes esforços, as quédas e todas as causas que produzem as hernias.

Frequencia. A quebradura abdominal é uma molestia muito commum. As quebraduras inguinaes e cruraes são as mais frequentes; vem depois as umbilicaes. Em relação a estas tres, as quebraduras que apparecem nos outros pontos do ventre podem ser consideradas como mui raras. Segundo o Dr. Chaussier em 30 pessoas ha *uma* affectada de quebradura. A molestia é mais frequente nos homens do que nas senhoras. Segundo os calculos da sociedade das fundas que existe em Pariz, ha só 1 mulher para 5 homens affectados de hernias. O Dr. Malgaigne, que publicou obras importantes sobre este assumpto, apresenta a seguinte estatistica herniaria segundo os periodos da vida :

Antes de 1 anno	1	hernia em	21	individuos.
De 1 a 2 annos	1	—	29	—
De 2 a 3 annos	1	—	37	—
De 5 a 13 annos	1	—	77	—
Aos 20 annos	1	—	32	—
Aos 28 annos	1	—	21	—
De 30 a 35 annos	1	—	17	—
De 35 a 40 annos	1	—	9	—

A proporção fica estacionaria até 50 annos; depois chega a 1/6; de 60 a 70 annos a 1/4; de 70 a 75 annos quasi a 1/3 pelo menos nos homens; pelo que em 3 homens de 70 a 75 annos de idade ha um quebrado.

A influencia das profissões é incontestavel; quanto mais a profissão ou occupação fôr penosa e exigir esforços, tanto mais expõe as hernias. As profissões que obrigam a estar em pé expõem mais do que as occupações sedentarias. Os pedreiros, os homens que carregam grandes pesos, são mais frequentemente affectados do que os tecelões, sapateiros, etc. As hernias são mais frequentes do lado direito que do esquerdo porque de ordinario os esforços fazem-se mais com o braço direito do que com o esquerdo.

Symptomas. Os caracteres pelos quaes se póde reconhecer a presença da quebradura são numerosos. Deve-se suspeitar a existencia d'esta molestia quando se percebe um tumor mais ou menos volumoso na virilha raras vezes em algum outro ponto do ventre; este tumor é molle, coberto de tegumentos sãos, de côr natural, e não é sensivel á simples applicação da mão; comprimido levemente quando o doente tosse, deixa senti-

distinctamente que tende a augmentar. A posição horizontal diminue-lhe o volume.

Uma quebradura reductivel, sem ser necessariamente acompanhada de accidentes graves, dá logar entretanto, quando não reduzida, a incommodos multiplos. Os doentes experimentam nauseas, vomitos, indigestões, colicas, prisões de ventre; todas as funcções que exigem certo emprego de forças são penosas, o tumor incommoda o andar; a quebradura, emfim, assim deixada, fica exposta a ser estrangulada; accidente gravissimo, e que póde fazer perigar a vida do doente.

O intestino que sahe por uma abertura das paredes abdominaes empurra diante de si a membrana chamada *peritoneo,* que fornece assim ao orgão deslocado um envoltorio chamado *sacco herniario* ou *sacco peritoneal,* communicando com a cavidade abdominal por uma abertura chamada *orificio do sacco*. Este orificio corresponde á abertura da parede abdominal pela qual sahio a hernia; a parte mais estreita comprehendida entre o orificio e o logar em que começa a dilatação do sacco tem o nome de *collo do sacco.*

Tratamento. As indicações das quebraduras são : reduzir os orgãos sahidos e mantêl-os assim reduzidos. Logo que um individuo affectado de quebradura sentir que ella torna a apparecer, deve deitar-se, evitar de fallar, e por meio de almofadas, manter a bacia levantada, e as pernas encolhidas. O doente assim deitado deve tentar a reducção da quebradura. Para este fim tomará, com uma das mãos, o tumor pelo seu fundo e o dirigirá em differentes sentidos, comprimindo-o, afim de repartir igualmente os gazes e as materias que encerra; e, emquanto que a outra mão sustem seu pediculo para impedir que os intestinos se apresentem todos de uma vez á abertura, comprimil-o-ha brandamente para obrigal-o a entrar no seu logar. Quando estas tentativas são feitas regularmente, consegue-se a reducção do tumor. A mão do doente deve estar ainda applicada exactamente sobre o ponto que foi occupado pela quebradura, até que se lhe ponha uma funda. Esta preenche cabalmente o fim a que se applica, quando nem a tosse nem algum outro exercicio um pouco forte não fazem reapparecer o tumor. No artigo *funda* já tratei das condições que ella deve apresentar, e indiquei as figuras d'estes apparelhos; devo dizer n'este logar que, salvo se o doente fôr sujeito a frequentes accessos de tosse, a funda deve ser tirada durante a noite; porque na posição horizontal os intestinos tendem antes a entrar do que a sahir. Esta pratica, que torna a compressão intermittente, allivia a pelle e impede que esta se inflamme pelo effeito da compressão contínua. Se, entretanto, sobrevier este accidente, será preciso applicar, debaixo da almofadinha da funda, um panno fino. Quando a hernia sahe pelo menor movimento do corpo, é preciso trazer a funda durante o dia e durante a noite.

Em alguns casos, o uso por muito tempo das fundas basta para operar a cura radical da molestia; mas estes exemplos são raros e encontram-se sómente em individuos muito jovens. Nos adultos e nas pessoas idosas as fundas não devem em geral ser consideradas senão como meios auxiliares e palliativos. A sua insufficiencia foi sempre reconhecida, e muitos

cirurgiões tem buscado outros meios de obter a cura radical das hernias; mas as diversas operações que se tem imaginado foram julgadas inuteis ou perigosas. Não ha outros remedios para curar a quebradura. A applicação da funda por um ou dois annos nas pessoas que tem menos de 12 annos é geralmente seguida de cura radical; de 12 até 20 annos, ha tambem esperança de curar com a funda, mas as pessoas devem trazêl-a por mais de dois annos; de 20 a 25 annos, a probabilidade de cura diminue, mas ainda existe : são mui raros os casos de cura nas pessoas que excedem 25 annos. Os banhos frios ajudam a cura. A cura radical pelas fundas póde ainda ser obtida nos adultos nos casos de hernias recentes, accidentaes e promptamente reduzidas. Póde-se favorecer tambem esta cura radical, e obtêl-a mesmo pelo unico emprego da *posição deitada,* muito tempo prolongada.

O *decubito prolongado* é um dos meios propostos desde muito tempo; não é inverosimil que possa produzir a cura completa, mas em quantos mezes semelhante resultado é possivel ? Ninguem póde dizêl-o. Além d'isto, aonde achar doentes que consentiriam em ficar muito tempo no decubito dorsal para uma cura incerta. Deve eomtudo dizer-se, em prol d'este methodo, que elle foi preconizado por muitos medicos. Citam-se mesmo exemplos de pessoas affectadas de quebradura, e que, forçadas a ficar muito tempo de cama por causa de outras molestias, se acháram curadas das quebraduras, bem que estas fossem antigas e volumosas. Resulta d'aqui que este methodo não deveria ser desprezado nas crianças e mesmo nos adultos que consentissem em ficar deitados na cama por muitos mezes.

Ao *decubito dorsal*, para obter a cura definitiva da hernia, é preciso accrescentar a *compressão* com a funda. Mas n'este caso não é necessario que a funda seja elastica. As chapas de esparadrapo de diachylão gommado, postas umas em cima das outras, bastam nas crianças para curar as quebraduras umbilicaes; uma compressão qualquer, convenientemente praticada, chega ao mesmo resultado. O mecanismo da cura por este methodo é mui simples. A pressão determina a inflammação do sacco da quebradura, e a adherencia de suas paredes. Se o doente engordar, esta circumstancia ha de favorecer a cura.

A posição horizontal e á compressão pelas fundas, alguns medicos modernos quizeram associar applicações tonicas e adstringentes, ideia já concebida pelos antigos, mas abandonada por causa da sua pouca efficacia. É assim, que foram aconselhadas cataplasmas de farinha de cevada e de favas, nas quaes se faziam entrar aloes, mastique, bolo de Armenia; applicava-se tambem limalha de ferro, pós de sangue drago, saquinhos de pós de casca de carvalho, de noz de galha, a pelle de peixe-boi, etc.; mas estas diversas applicações tem pouco effeito; as curas, que se obtiveram com o seu auxilio, devem attribuir-se ao decubito, a que os doentes foram submettidos por muito tempo.

Complicações das quebraduras. As complicações das quebraduras são: 1.° irreductibilidade; 2.° entupimento; 3.° estrangulação; 4.° gangrena; 5.° anus anormal.

1.° Irreductibilidade. As quebraduras que não foram reduzidas quando appareceram, podem tornar-se irreduziveis com o progresso do tempo : umas pela accumulação da gordura no epiploon; outras por adherencias das visceras ao sacco formado pela membrana serosa do ventre, chamada *peritoneo*. Quanto ao sacco, este é quasi sempre irreduzivel.

O unico *tratamento* contra a irreductibilidade simples é palliativo. Consiste em impedir o desenvolvimento da quebradura. Sendo a quebradura volumosa, sustenta-se com um suspensorio; sendo de pequeno volume, póde empregar-se uma funda com almofadinha concava em fórma de colher.

2.° Entupimento. Consiste em um obstaculo á circulação das materias intestinaes pela accumulação dos gazes ou das materias mais ou menos solidas. É um accidente mui raro. Póde ser determinado pela presença dos corpos estranhos na porção do intestino deslocado, pelos vermes intestinaes que podem oppôr-se á reducção da quebradura. Encontra-se sobretudo nas pessoas idosas, que tem hernias antigas e não as reduzem. Na quebradura entupida o tumor é volumoso, pouco doloroso, mesmo quando comprimido; a sua consistencia é variavel. As evacuações alvinas são supprimidas; o ventre está inchado, pouco doloroso; depois sobrevem nauseas, vomitos; este accidente termina por evacuações abundantes, ou complica-se de uma verdadeira estrangulação. O tratamento do entupimennto é o seguinte : repouso na cama no decubito dorsal, esforços moderados de reducção da hernia para repellir no ventre as materias accumuladas no intestino deslocado, um clyster com 60 grammas d'oleo de ricino, um banho morno prolongado, um purgante de magnesia calcinada ou de oleo de ricino.

3.' Estrangulação. Dá-se este nome á constricção do pediculo de uma quebradura, com intensidade tal que não sómente o curso das materias intestinaes se acha interrompido, mas tambem o sangue não póde circular nos vasos dos orgãos deslocados. A estrangulação é um dos accidentes mais frequentes e mais graves que podem apresentar as quebraduras. Encontra-se sobretudo nos adultos, e nas pequenas hernias. As quebraduras habitualmente contidas pelas fundas estrangulam-se muito mais frequentemente do que as outras. As mais das vezes a estrangulação manifesta-se nas quebraduras antigas; mas não é raro vêr uma quebradura estrangular-se no momento mesmo da sua formação. Sobrevem em consequencia de violentos esforços, de uma indigestão, do entupimento ou da inflammação da quebradura. Uma causa frequente consiste na applicação d'uma funda malfeita, ou na negligencia do doente que cessa de trazer a funda. Na maior parte dos casos, a estrangulação é produzida pelo collo do sacco herniario, que experimentou modificações anatomicas; em alguns casos, entretanto, a hernia acha-se estrangulada pela abertura fibrosa que lhe deo passagem; pela torsão da porção intestinal deslocada, pelas bridas fibrosas que atravessam o sacco, e por uma perforação das paredes do sacco.

Symptomas. A estrangulação póde apparecer de maneira subita, ou sobrevir gradualmente. A fórma lenta acaba por apresentar os mesmos

symptomas que a fórma rapida. A estrangulação subita, que sobrevem ordinariamente em consequencia de um esforço, é marcada, no momento em que se produz, por uma *dôr viva;* ao mesmo tempo não é raro observar vomitos, formados, nos primeiros momentos, de materias alimentarias, resfriamento da pelle, pulso fraco, e abatimento geral. Estes symptomas acalmam-se, depois são substituidos pelos phenomenos proprios á retenção das materias fecaes. O tumor, que se tornou irreduzivel, é a séde de *dôres* espontaneas, que a compressão augmenta, e que se propagam á cavidade abdominal. Os vomitos tornam a apparecer; são formados de materias biliosas, e mais tarde de substancias com o cheiro de materias fecaes. Sobrevem prisão de ventre. Entretanto o doente affectado da quebradura estrangulada póde ainda ter uma ou duas evacuações, que são produzidas pelas materias contidas na porção inferior do intestino. Nos primeiros momentos a côr da pelle não está alterada ao nivel da quebradura; mais tarde toma côr rubra mais ou menos intensa. O ventre incha, por causa da accumulação dos gazes na porção superior do intestino. Sobrevem abatimento geral physico e moral. O doente deita-se sobre o dorso; a face fica pallida, os olhos fixos e sem expressão. O corpo resfria e cobre-se de um suor viscoso; os pés e as mãos tornam-se de côr violacea. O pulso fica muito fraco, a temperatura do corpo abaixa. Existe prostração extrema; o doente difficilmente responde ás perguntas que se lhe fazem. No fim, o soluço, symptoma de máo agouro, substitue os vomitos. Em alguns casos os symptomas seguem-se lentamente : durante 3 ou 4 dias, o estado geral é pouco grave, e só no fim d'este tempo é que se manifestam claramente os symptomas de estrangulação. Mas as mais das vezes os symptomas tem a marcha rapida, e no espaço de 24, ou 36 horas, estão muito patentes. Se não se interveio, a morte sobrevem do terceiro ao oitavo dia.

Terminação. A terminação do estrangulamento é variavel, em consequencia da intervenção do cirurgião : fallarei d'ella no tratamento. Não é menos variavel quando se abandona o estrangulamento a si mesmo. N'este ultimo caso, com effeito, a morte sobrevem quasi sempre; em alguns casos raros o enfermo póde entretanto sarar. A morte póde ser occasionada pela intensidade dos phenomenos geraes, pela gangrena, e pela peritonite. Comprehende-se como os phenomenos geraes, deprimindo as forças, produzem a morte. Quando a *gangrena* ataca o intestino estrangulado, o enfermo experimenta uma remissão dos symptomas locaes, e uma sensação de bem-estar que lhe faz esperar uma cura proxima.

Mas o detrito gangrenoso e as materias intestinaes cahem no sacco, inflammam-n'o e tornam-se uma causa de abcesso. A *peritonite* póde produzir a morte. Em casos raros, em que sobrevem a *cura*, a reducção do intestino sobrevem espontaneamente ou em consequencia dos esforços do doente. Na maioria dos casos, quando a estrangulação não determina a morte, o intestino estrangulado gangrena-se em parte ou em totalidade, sobrevem um abcesso, que se abre; as materias intestinaes continuam a atravessar a cavidade purulenta; estabelece-se um trajecto fistuloso que constitue um *anus anormal.*

Tratamento da estrangulação.

Logo que o individuo sentir dôr na quebradura sahida de repente, deve immediatamente deitar-se sobre o dorso, para favorecer a entrada do tumor, e reclamar os soccorros de um cirurgião habil. Antes da sua chegada, tome clysteres d'agua morna para evacuar as materias, e faça algumas tentativas para obter a reducção, do modo que está indicado no Tratamento geral das hernias (vol. II, pag. 836); mas, se vir que são infructuosas, não as continuará. Grandes inconvenientes resultariam de manobras mui prolongadas. Que se fará, por conseguinte, antes da chegada do cirurgião? Cobrir o tumor com cataplasmas de linhaça, metter-se n'um banho quente por espaço de mais de uma hora; depois d'isto, tentar de novo a reducção do tumor. É imprudente tomar purgantes violentos, porque podem produzir a rasgadura do intestino no logar estrangulado. As tentativas para reduzir o tumor devem se continuadas por 20 a 30 minutos. No momento em que a hernia entra, ouve-se muitas vezes um ruido caracteristico. Então as desordens digestivas desapparecem, as evacuações sobrevem no fim de algumas horas, e o doente volta ás suas occupações.

Favorece-se tambem a reducção da quebradura com applicação sobre o tumor de pannos molhados em agua fria, e melhor ainda pela applicação do gelo. Um clyster com a infusão de folhas de tabaco foi ás vezes seguido de bom resultado. Este clyster prepara-se fervendo por um quarto de hora 2 grammas de folhas seccas de tabaco em 500 grammas d'agua, e coando o liquido. Um só clyster é sufficiente; dois clysteres semelhantes seriam perigosos, por causa das propriedades narcoticas das folhas de tabaco.

Se ao cabo de meia hora as tentativas de reducção não forem seguidas da entrada da quebradura, é preciso recorrer á operação; é o unico meio de salvar a vida do doente. Operando cedo as quebraduras estranguladas, ao cabo de 24 horas, por exemplo, ha muita probabilidade de cura, porque podem salvar-se nove doentes em dez; mais tarde, no quarto dia, salvam-se sómente quatro em cinco operados, e mesmo tres em quatro, e assim successivamente.

A operação tem por fim fazer cessar o estrangulamento. Faz-se a incisão com cautela camada por camada até ao sacco herniario; abre-se este com muita precaução para não perforar o intestino; introduzindo depois um bisturí, corta-se o collo do sacco e o annel, de modo a alagarl-o e permittir a entrada dos intestinos. Se existisse gangrena, seria preciso cortar a porção mortificada e estabelecer um anus anormal.

§ 2. **Quebraduras abdominaes em particular.** No artigo precedente descrevi as quebraduras abdominaes, e as suas complicações, consideradas de uma maneira geral. Todos os phenomenos, que passei em revista, podem mostrar-se em quasi todas as variedades: ha comtudo alguns caracteres particulares segundo a região que as quebraduras occupam. Já disse que as quebraduras tomam o nome da região em que

se mostram. Não podendo repetir as generalidades, tratando de cada quebradura em particular, devo prevenir o leitor de que a leitura d'este paragrapho deve ser precedida do das quebraduras em geral.

Quebradura inguinal. Dá-se o nome de *quebradura inguinal* á deslocação do intestino ou do epiploon atravez do canal inguinal. O *canal inguinal* é um trajecto de 4 a 5 centimetros de comprimento, situado por cima da dobra da coxa cuja direcção segue. No homem, dá passagem ao cordão espermatico; na mulher, encerra sómente um ligamento chamado redondo.

A quebradura inguinal é 16 vezes mais frequente do que todas as outras; e a proporção das quebraduras inguinaes do homem, para as da mulher está na razão de 4 para 1. Quando é completa, no homem, desce até ao escroto. Póde formar-se, quando a communicação entre a tunica vaginal do testiculo e o peritoneo não está ainda obliterada, o que tem logar pouco tempo depois da nascença, ou sobrevem quando esta separação já existe. No primeiro caso chama-se *quebradura congenial*, no segundo *quebradura ordinaria*, *quebradura do adulto*.

Symptomas. A quebradura inguinal é formada sobretudo pelo intestino delgado e pelo epiploon; mais raras vezes pelo intestino grosso. Conhece-se pela situação do tumor na virilha, e pela sua extensão até ao escroto. A fórma do tumor é pyriforme; a ponta perde-se no canal inguinal, a extremidade grossa está situado no escroto, *no homem*, na virilha e no grande labio, *na mulher*. Este tumor não é doloroso; a pelle que o cobre não apresenta mudança de côr; comprimido entra na cavidade abdominal; augmenta de volume em consequencia de um esforço ou pela posição vertical; desapparece pela posição horizontal. Este tumor apresenta, aliás, todos os symptomas physicos e funccionaes que deixei indicados nas hernias em geral (pag. 835).

Tratamento da quebradura inguinal. O tratamento consiste em reduzir o tumor por meio da compressão favorecida pela posição horizontal, e mantêl-o reduzido por meio da funda. A compressão, cujo termo medico é *taxis*, deve ser dirigida obliquamente para cima e para fóra. O modo

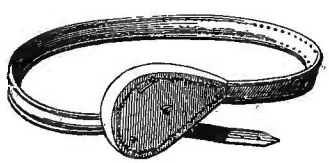


Fig. 782. — Funda franceza para a quebradura inguinal simples.

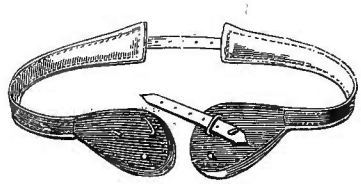


Fig. 783. — Funda franceza para duas virilhas, com molas separadas.

de reduzir o tumor está indicado no tratamento das hernias em geral (vol. II, pag. 836).

Nas crianças recem-nascidas, e nas de maior idade, a hernia inguinal deve ser reduzida e contida quanto antes. Com esta precaução, o crescimento da criança doente, as mudanças que se operam na espessura das paredes abdominaes e em todos os orgãos, fazem com que se possa

contar sobre a cura radical no espaço de seis mezes, um anno, dois annos, ao mais tardar. Para conter a quebradura, nas crianças recem-nascidas, emprega-se uma almofadinha de panno de linho, que se fixa com atadura cujas voltas passam ao redor do corpo e se cruzam na virilha em volta da coxa. Outros fixam a almofadinha com um cinto de panno ao qual ella está presa pela parte superior; uma fita, solidamente fixada á parte inferior da almofadinha, passa entre as coxas e vem atar-se á parte posterior do cinto. Nas crianças de dois mezes e mais convem empregar fundas com molas elasticas, semelhantes ás que se empregam nos adultos, com a differença de que a mola é muito menos forte. As figuras 782, 783, 784, 785 representam as fundas empregadas contra as

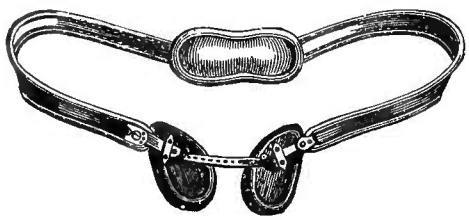


Fig. 784. — Funda franceza para a quebradura inguinal dupla.



Fig. 785. — Funda ingleza para a quebradura inguinal dupla.

quebraduras inguinaes. No artigo *Funda* achará o leitor mais esclarecimentos a este respeito.

Complicações. A quebradura inguinal póde apresentar todos os accidentes que deixei indicados tratando das quebraduras em geral.

Quebradura crural. Chama-se *quebradura crural* a um tumor na parte anterior e superior da coxa, formado pelo intestino que sahio por baixo da borda tendinosa chamada *arcada crural.* A *arcada crural* é a margem da aponevrose do musculo grande obliquo da parede abdominal, que se estende da espinha iliaca antero-superior até ao osso do pubis; é uma especie de corda que corresponde á virilha, e que estabelece o limite entre o ventre e a coxa.

Symptomas. A quebradura crural, no seu começo, escapa muitas vezes á attenção do enfermo e mesmo ao exame do medico. Para conhecêl-a é preciso empregar o meio seguinte : o dedo applicado na parte superior da coxa procura a arteria femoral, e, achando-a, sente-lhe as pancadas; muda-se então a posição do dedo e applica-se para dentro da arteria, comprime-se o logar; e faz-se tossir o doente; se o intestino vier a tocar o dedo, existe a hernia crural. No gráo mais adiantado a hernia forma um tumor globoso ou oval situado na parte média e um pouco interna da virilha; este tumor apresenta aliás todos os caracteres que pertencem ás hernias (veja-se *Quebraduras em geral*, vol. II, pag. 834). A hernia crural não penetra no escroto; é pouco volumosa; quando augmenta de volume estende-se para fóra; o tumor é molle, quasi subcutaneo; parece que o dedo comprime directamente os orgãos n'elle contidos.

Causas. Quasi nunca as quebraduras cruraes apparecem nas crianças

recem-nascidas. São raras antes da idade de 20 annos. As suas causas são as mesmas que as das quebraduras em geral. Não se observam tão frequentemente como as quebraduras inguinaes; a proporção d'estas para as hernias cruraes está na razão de 20 para 1; as quebraduras cruraes são menos frequentes nos homens do que nas mulheres, porque nas mulheres a arcada crural é mais larga do que nos homens.

Prognostico. É mais grave do que o da quebradura inguinal, porque a cirurgia não possue meio algum para obter a sua cura radical, e os meios de a conter são menos perfeitos do que os empregados para manter a hernia inguinal. A presença do ligamento, da arteria, da veia e do nervo crural, torna difficil a compressão pela funda da abertura que deo passagem ao intestino. Além d'isto, a flexão da coxa muda de logar a funda, de sorte que a hernia crural está sempre bastante mal mantida. A estrangulação observa-se frequentemente n'esta especie de hernia.

Tratamento. Em primeiro logar é preciso reduzir o tumor. Deita-se o doente sobre o dorso, com a cabeça dobrada sobre o peito e o peito inclinado sobre a bacia; as coxas devem ser dobradas em angulo recto e os joelhos approximados. As partes fibrosas que concorrem para formar a abertura crural acham-se d'esta maneira relaxadas. Sendo a quebradura pouco volumosa, e ainda contida no canal, a reducção é facil : os intestinos serão repellidos de baixo para cima e um pouco de dentro para fóra; se pelo contrario a hernia fôr mais desenvolvida, é preciso compriml-a de diante para traz, e quando entrar no canal crural propriamente dito repellir-se-ha na direcção acima indicada, de baixo para cima e de dentro para fóra. As fundas para as hernias cruraes são semelhantes ás da quebradura inguinal, á excepção de que a almofada ou bola deve ter pouca largura, para não embaraçar a flexão da coxa; a curva da mola que inclina para baixo a almofada deve ser mais forte do que na funda inguinal. A almofada deve achar-se mais para fóra, e 12 ou 15 millimetros mais baixa do que na quebradura inguinal. O tratamento das *complicações* é o mesmo que se acha indicado nas *quebradura em geral*. A funda para as quebraduras cruraes está representada na fig. 786. A sua descripção acha-se no artigo FUNDA, vol. I, pag. 1256.

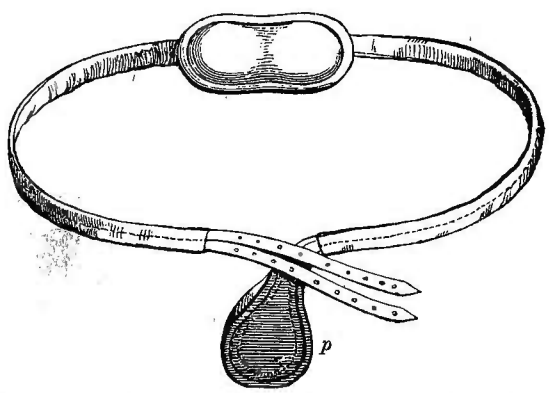


Fig. 786. — Funda de Poullien para a quebradura crural da lado esquerdo.

Quebradura umbilical. *Veja-se* vol. I, pag. 937.

QUEBRADURA DOS OSSOS. *Veja-se* FRACTURAS.

QUEBRANTOS. *Veja-se* FIGA.

QUÉDA. As quédas são um dos accidentes mais ordinarios da vida. No maior numero de casos, não tem importancia nem merecem de modo

algum a menor attenção; outras vezes, pelo contrario, dão logar a lesões tão graves, que a existencia fica mais ou menos proximamente ameaçada.

Os resultados ordinarios das quédas são contusões ou esfoladuras, o que se observa quando a quéda foi dada de pequena altura sobre uma superficie muito igual, o chão, por exemplo. Quando um individuo cahe de logar mais elevado sobre corpos duros, sobre um terreno calçado, não é raro que a quéda seja acompanhada de ferida contusa das partes molles, e até de fracturas ou luxações. Emfim, quando a quéda é dada de logar mui elevado, a morte póde seguil-a instantaneamente; o que acontece ordinariamente quando ella tem logar do segundo ou terceiro andar de uma casa, ou do alto de um edificio. Existem, comtudo, casos excepcionaes em que uma quéda pouco consideravel, da altura do individuo, sobre um plano pouco resistente, traz comsigo accidentes mui graves, entretanto que, dada de logar extremamente alto, só produz desordens pouco importantes em comparação aos que poderia ter occasionado. O celebre cirurgião Barão Dupuytren contava nas suas lições a historia de um official caiador que, trabalhando da parte de fôra de uma casa, no setimo andar, do lado de um páteo muito estreito, estava collocado, como costumam fazer esses obreiros, na extremidade de um taboão apoiado pelo meio á janella, e tendo na extremidade interna um individuo que fazia contrapeso. Largando este o taboão, seu camarada, que estava da parte de fóra, foi precipitado com violencia no páteo. Cahio primeiro na janella do andar inferior, mas do lado opposto, quebrou os vidros, foi lançado á janella opposta do andar inferior, e descreveo assim uma quéda em ziguezague até ao chão. Pensavam todos achal-o morto ; mas elle não tinha senão uma feridinha no dedo minimo de uma das mãos, occasionada por um pedaço de vidro, e uma fractura do osso da palma da mão, correspondente a este dedo. Pôde ir a pé até ao hospital, e não tardou muito em ficar bom.

Ha já muitos annos, fui eu chamado a uma casa da rua da Assembléa, no Rio de Janeiro, para ver um crioulinho de dois annos que cahíra do primeiro andar sobre um páteo calçado de pedras : não tinha senão leves contusões nos membros. Quando ainda estudante em medicina, vi uma mulher que, n'um momento de desespero, lançou-se do segundo andar á rua; e, apezar d'esta quéda de mui alto, não apresentou fracturas, luxações, nem algum outro accidenfe grave curou-se em pouco tempo das contusões. Devo observar a este respeito, que as quédas de grandes alturas são sempre menos graves nas mulheres do que nos homens : as saias enchendo-se de ar enfunam-se, e servem de guarda-quédas, ou prendem-se no caminho a algum corpo, e em ambos os casos diminuem a violeneia do baque.

As quédas são muito mais graves quando a pessoa é lançada por terra por um corpo movido com grande rapidez : parte d'esta rapidez communica-se á pessoa com uma força que póde ás vezes determinar a fractura dos ossos do craneo, e outros accidentes graves. O que acabei de dizer é applicavel ás quédas, e aos saltos das seges em movimento : estas quédas são ás vezes perigosissimas, como se póde julgar pelo triste

exemplo do Duque de Orléans, filho primogenito do Rei Luiz Felippe. Aos 13 de julho de 1842 sahio o Duque em uma sege para ir a Neuilly : no caminho, os cavallos tomáram o freio nos dentes, e deitáram a correr a toda brida. O Duque, para evitar provavelmente algum perigo, saltou ao chão; erguêram-n'o logo; deitava sangue pelo nariz, ouvidos e olhos; e quatro horas depois, apezar do todos os soccorros, cessou de existir. Praticou-se a autopsia no cadaver, e achou-se o craneo fracturado em grande extensão. Se acontecer a alguem achar-se em circumstancia semelhante, melher é ficar na sege, e expôr-se a algumas contusões, no caso d'ella virar, do que correr risco do choque violento produzido pelo salto.

Consequencia das quédas. Duas cousas mui differentes devem ser consideradas em uma quéda : as desordens materiaes e visiveis, taes como as feridas, as fracturas, as luxações, as contusões; e a commoção que d'ahi resulta á economia inteira, e sobretudo ao cerebro. Muitas vezes a morte não tem outra causa senão esta commoção. Provém ella igualmente das quédas em que a cabeça é a primeira a soffrer o baque; no maior numero de casos, a morte é consequencia das quédas que tem logar sobre os pés, os joelhos ou o assento. A pessoa perde então os sentidos. Este caso é muito mais grave, e por isso convem estabelecer grande differença entre as quédas com perda dos sentidos, e as que não são acompanhadas d'este symptoma.

Se a commoção fôr mui forte, ha incontinente perda dos sentidos e do movimento; a respiração é constrangida, o pulso torna-se fraco, as extremidades frias, e este estado póde durar algumas horas, e até alguns dias. Então o pulso levanta-se de novo, o calor reapparece e o doente recobra os sentidos. Ao principio acha-se um estado de estupor mui grande; não entende senão difficilmente as perguntas que se lhe fazem; no fim do tempo mais ou menos longo este estado desapparece, e resta unicamente a dôr de cabeça assaz intensa. Quando a commoção é mui léve, o doente perde apenas os sentidos um instante; depois levanta-se como se nada lhe tivesse acontecido; ás vezes só tem uma pequena vertigem, um leve esquecimento. Estes symptomas, tão tenues na apparencia, são entretanto de grande valor. Muitas vezes a commoção é seguida de inflammação do cerebro : molestia mui grave, e por isso não se devem desprezar os meios de prevenir esta inflammação.

Tratamento das quédas. Os soccorros que devem prestar-se depois de uma quéda consistem em collocar o paciente n'uma cadeira ou na cama, e fazer-lhe respirar vinagre ou agua de Colonia, em dar-lhe a beber cerveja preta, vinho, ou simplesmente agua com assucar; deve-se tambem desembaraçal-o de tudo quanto possa constranger a circulação, como collete, ligas, gravatas, etc. Quando o pulso estiver fraco, a pelle fria, e existir perda completa dos sentidos, recorrer-se-ha a alguns excitantes para reanimar a acção do coração : far-se-hão fricções sobre o corpo com baeta, cobrir-se-ha o paciente com cobertores de lã, pôr-se-hão sinapismos nos membros; dar-se-lhe-hão a beber, em mui pequena quantidade, liquidos excitantes, como vinho, chá da India, ou um pouco de aguar-

dente. Logo que o pulso adquirir força, abandonam-se todos estes excitantes, e pratica-se uma sangria no braço, no *caso de quéda grave*. Entretanto, em individuos mui fracos, bastará a applicação de algumas bichas atraz das orelhas. É indispensavel que os doentes observem uma dieta mui severa, e recorram frequentemente a pediluvios sinapizades. É vantajoso tambem, se houver dôr de cabeça, que se mantenham na testa pannos embebidos em agua fria e vinagre; os quaes se mudam logo que se tornem quentes. Se, apezar d'estes meios, se desenvolverem os symptomas de inflammação cerebral, convirá recorrer ao tratamento energico para atalhar os progressos d'esta affecção.

Os symptomas da inflammação cerebral são os seguintes : dôr de cabeça, diminuição de intelligencia, modorra, dureza do ouvido, perda da vista, da falla, incontinencia de ourina, e, finalmente, paralysia. O tratamento d'esta molestia compõe-se de sangria no braço, bichas atraz das orelhas, pannos molhados em agua fria, ou melhor ainda gelo sobre a cabeça, vesicatorios nas pernas; no terceiro ou qnarto dia da molestia administra-se um purgante.

Nas quédas com simples contusões, o repouso e pannos embebidos em agua fria, que se applicam sobre o logar contuso e se renovam frequentemente, são os meios que devem empregar-se quando não ha complicações.

Quanto a alguns outros accidentes que podem resultar das quédas, achal-os-ha o leitor nos artigos *esfoladura*, *ferida*, *contusão*, *deslocações* e *fracturas*.

Todas as vezes que a quéda fôr dada de altura consideravel, será conveniente recorrer á sangria. Este preceito soffre, sem duvida, algumas excepções, mas applica-se á generalidade dos casos. Cumpre tambem lembrar-se de que a sangria nunca deve ser praticada quando o corpo está frio, o pulso fraco, o quando o doente jaz sem sentidos : feita n'estas circumstancias, poderia occasionar a morte; mas convem recorrer a ella quando o corpo estiver qunnte, e o pulso elevado. Geralmente fallando, não convem que se pratique a sangria senão algumas horas depois da quéda, e quando o estupor, que é o resultado da commoção, estiver totalmente dissipado. O repouso na cama será simplesmente indicado depois de quéda um pouco grave; nos casos mais leves, os doentes devem sómente socegar, e não é necessario recorrer á sangria nem ás bichas.

Deixei dito que as quédas são, em geral, tanto mais graves quanto mais duros os corpos sobre que se dão. Os corpos molles e elasticos podem entretanto occasionar accidentes terriveis. Um individuo precipita-se no rio de cima de uma ponte, bate na superficie da agua com o plano anterior do corpo; este offerecia uma contusão mui grave; a morte sobreveio em poucas horas, porque o figado havia-se rasgado. Um homem salta sobre um montão de colchões para sahir de uma casa incenciada, morre de repente; a commoção foi tão forte, que a morte foi instantanea. Os resultados das quédas sobre corpos molles são ordinariamente contusões; entretanto fracturas, e mesmo graves, podem resultar de semelhantes quédas. Quanto ao tratamento, não offerece particularidade alguma.

Nas crianças as quédas são frequentes, mas felizmente pouco graves; a sua pouca elevação, a molleza dos ossos e movimentos impedem que o choque seja mui forte, e, sendo os ossos mais elasticos do que na idade adulta, as fracturas e as luxações são por isso mais raras; antes se curvam do que se deslocam ou quebram. Entretanto, esta molleza dos ossos, sobretudo dos do craneo e do peito, permitte que os orgãos que elles devem proteger sejam mais facilmente offendidos, e por isso é importante examinar com attenção as crianças que deram uma quéda sobre a cabeça, afim de se prevenirem os accidentes que poderiam manifestar-se no cerebro, em consequencia da commoção; assim, a perda do appetite, o abandono dos brinquedos, um estado de tristeza, a dôr ou peso na cabeça, que se conhece pela indifferença com que a criança a deixa cahir sobre um um outro hombro, são outros tantos signaes, cada um dos ques deve despertar a solicitude dos pais, e obrigal-os a recorrer ao medico afim de impedir o desenvolvimiento de alguma molestia grave. Chumaços molhados em agua fria misturada com vinagre e applicados frequentemente á cabeça, depois da quéda sobre esta parte do corpo, são ainda o que ha de mais vantajoso, sobretudo durante as primeiras vinte e quatro horas depois do accidente.

QUEDA DO CABELLO. *Veja-se* CALVICIE.

QUÉDA DA CAMPAINHA DA GARGANTA. *Veja-se* vol. I, p. 420.

QUÉDA DA PALPEBRA. *Veja-se* vol. II, pag. 600.

QUÉDA DO RECTO. *Veja-se* vol. I, pag. 192.

QUÉDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

QUEIJO. Alimento preparado com a parte caseosa e a mantciga do leite. Emprega-se, para a sua fabricação, leite de vacca, de cabra, de ovelha, só ou misturado; mas bem que a materia prima seja em toda a parte a mesma, os modos de preparação, que variam consideravelmente, e a qualidade dos pastos, produzem um numero infinito de especies de queijos, designados, as mais das vezes, pelo nome das localidades onde se fabricam. Dividem-se todos os queijos em 3 classes; os *queijos frescos*, que devem comer-se immediatemente: os *queijos gordos*, que podem conservar-se alguns mezes; e os *queijos seccos*, que se guardam por mais de um anno.

A fabricação do queijo existe desde a mais remota antiguidade. Foi conhecida dos Hebreos, dos Egypcios e dos Gregos; os queijos constituiam uma comida muito estimada pelos Romanos.

Os qucijos frescos são de facil digestão; os que experimentaram uma fermentação conveniente são estimulantes, e, tomados em pequena quantidade, favorecem a digestão dos outros alimentos. Cumpre, entretanto, acautelar-se dos queijos muito velhos; algumas especies, quando envelhecem, adquirem qualidades venenosas, e produzem verdadeiros envenenamentos.

O queijo conserva-se bem nas boas adegas: uma untura de azeite doce forma na superficie dos queijos um verniz protector muito efficaz. Para garantir o queijo do contacto das moscas e evitar os estragos dos

bichos, convem cobril-o com uma camada de carvão em pó; mas sendo a acção do carvão muito deseccativa; deve-se molhar o queijo assim conservado, antes de o comer, em vinho branco ou em vinagre branco, muito diluido, em agua, que amollece a massa e communica-lhe um bom gosto. Os queijos velhos, cuja codea é dura, bem que não tenham sido conservados em carvão, podem tambem ser mergulhados no vinho branco, que os melhora bastante. O queijo alimenta um pequeno bicho chamado *oução do queijo*, que se multiplica sob a codea e devora pouco a pouco o interior. É necesario, para garantir d'elle o queijo, limpal-o com uma varinha, enxugal-o com um panno, e lavar as pranchetas com agua fervendo. Um pouco de cinza applicada no logar onde existem os bichos, fal-os morrer. Podem matar-se todos os insectos nocivos aos queijos, queimando enxofre debaixo das pranchetas, ou lavando-as com agua tendo em dissolução chlorureto de cal.

QUEIMADEIRA. Dá-se este nome no Brazil ás plantas seguintes:

1.° **Queimadeira** ou **pinha.** *Cnidosculus Marcgravii*, Pohl; *Cnidosculus neglectus*, Pohl; *Cnidosculus vitifolius*, Pohl; Euphorbiaceas. As sementes são purgativas; fornecem um oleo igualmente purgativo. O succo das folhas é caustico, e emprega-se externamente contra as impigens.

2.° **Queimadeira, loco, caa-pomonga, caa-jandiwap.** *Plumbago scandens*, Linneo. Plumbagineas. Arbusto do Brazil. Folhas pecioladas, ovaes e glabras; ramos trepadores, sulcados, sem gavinhas; flores em espigas terminaes, corolla azul; calice glanduloso. A raiz contém um succo acre, que goza de propriedades vesicantes; machucada, usa-se em applicações locaes atraz da orelha nas dôres de ouvido.

QUEIMADURA. Descrevo debaixo d'este nome não sómente as lesões produzidas pela acção do fogo, mas ainda as que resultam da applicação de certos agentes chimicos, taes como acidos fortes, a cal viva, a potassa, a soda, o ammoniaco, a pedra infernal, etc.

1.° **Queimadura pelo fogo.** Lesão mais ou menos grave produzida sobre o corpo pela acção do calor concentrado. Existem seis gráos de queimaduras: simples rubefacção da pelle, rubefacção d'esta membrana com empolas, desorganização de uma parte da pelle, combustão completa da pelle, combustão dos tecidos até aos ossos; emfim, a carbonização de todo o membro.

Symptomas, marcha e duração. A queimadura do *primeiro gráo* é caracterizada por vermelhidão, dôr e leve inchação. Estes symptomas dissipam-se em algumas horas, ou em dois ou tres dias.

A queimadura do *segundo gráo* offerece symptomas um pouco mais graves. A dôr é viva, o calor ardente e a inchação consideravel; mas o que caracteriza este gráo é a presença das empolas mais ou menos grossas, cheias de serosidade. Depois de abertas, a epiderme abaixa-se, sécca, cahe no fim de alguns dias, e deixa ver uma nova epiderme. Quando são arrancadas no momento do accidente, o còntacto do ar sobre a superficie nua da pelle occasiona dôres mui vivas; forma-se

uma suppuração ligeira durante alguns dias, mas a ferida nem por isso deixa de curar-se sem deixar cicatriz.

Quando a queimadura destróe uma parte da espessura da pelle, em uma palavra, quando é do *terceiro gráo*, existem escharas pardas, amarellas ou roxas, que se separam do terceiro ao quarto dia. Depois de soltas, apparece uma ferida superficial que sára rapidamente, e deixa uma cicatriz analoga á que se observa em consequencia dos causticos, cuja suppuração foi mantida por muito tempo.

Na queimadura do *quarto gráo*, a pelle é dura, insensivel, amarella ou parda. Ao oitavo ou nono dia, as escharas principiam a soltar-se, e forma-se uma suppuração mais ou menos abundante. As escharas cahem ordinariamente do decimo quinto até ao vegesimo dia, e deixam uma ferida cuja duração depende da sua extensão.

A queimadura do *quinto gráo*, não differe da que acabei de descrever senão porque interessa maior numero de tecidos, em serem os accidentes inflammatorios mais graves, e emfim em serem mais profundas as feridas que succedem á separação das escharas. Porém, ao principio, é impossivel distinguir-se este gráo do precedente.

Quanto á queimadura do *sexto gráo*, a carbonização completa da parte a caracteriza sufficientemente, sem que seja preciso procurar outros signaes. Estes diversos gráos de queimadura acham-se muitas vezes reunidos na mésma parte do corpo.

Prognostico. De todas as feridas, as queimaduras são as que deixam cicatrizes mais disformes. Causa com effeito admiração ver com que força todas as partes circumvizinhas são attrahidas, para virem supprir a perda de substancia. Isto é, sobretudo, evidente nos pontos em que a pelle é movediça, no pescoço, por exemplo. Esta disposição é muitas vezes tão forte, que não póde combater-se efficazmente, nem mesmo com apparelhos. Não é raro ver o queixo preso ao peito, a cabeça violentamente puxada do lado do hombro, a bocca tirada do lado do olho, as palpebras viradas e immoveis, as orelhas adherentes á pelle da cabeça, os dedos virados, a mão inteira pegada ao antebraço, o pé contorneado de diversas maneiras.

A morte pode resultar das queimaduras extensas, em duas epocas differentes : póde ter logar pouco tempo depois do accidente, em consequencia das lesões profundas que elle produzio na economia, e mais especialmente pela perturbação do systema nervoso. Póde tambem sobrevir em época muito mais afastada como resultado de excessiva suppuração.

Tratamento. Muitos meios foram recommendados contra as queimaduras. Nas queimaduras superficiaes todos podem produzir bons resultados. Mas de todos os medicamentos o que merece a preferencia é o algodão. Diminue a dôr immediatamente, e tem a vantagem de poder servir em todos os gráos de queimaduras. Emprega-se o algodão cardado, disposto em camadas delgadas que se põem umas em cima das outras, e matem-se mediante um chumaço e uma atadura brandamente apertada. Deixa-se assim o apparelho, até á cura completa. Se, entre-

tanto, a suppuração fôr abundante, tiram-se as camadas de algodão que estiverem sujas, e substituem-se por outras, deixando-se porém as adherentes á ferida. Ás vezes, no tempo dos calores, criam-se bichos na ferida; o doente sente-os moverem-se debaixo do algodão : convem então tirar a camada de algodão e substituil-a por outra, depois de lavada e enxuta a ferida com esponja molhada em agua morna.

Antes de applicar o algodão abrem-se com agulha as ampolas, se existirem, na sua parte inferior, para que saia toda a serosidade. Mas não se devem arrancar nem cortar os pedaços da epiderme que protegem as papillas nervosas da pelle, e servem, por conseguinte, a diminuir a dôr.

Um outro meio de que se póde lançar mão nas queimaduras superficiaes é a agua fria. Mas para que seja util, convem que se tenha o cuidado de não deixar a agua aquecer-se, e é necessario continuar o seu uso durante algum tempo. A melhor maneira de empregal-a consiste indubitavelmente em mergulhar a parte queimada no liquido frio ; mas como todas as regiões do corpo não permittem este modo de emprego, recorre-se a pannos de linho molhados constantemente em agua fria. Para preencher a mesma indicação, foi aconselhada a agua com sal, vinagre, vinho, polpa de batatas, tinta de escrever, etc.; mas a agua fria simples é melhor.

Em logar do algodão, cujo emprego merece a preferencia, alguns medicos servem-se de pannos finos untados de ceroto simples, de ceroto opiado, de azeite doce batido com claras de ovo e pedrahume, de linimento composto com azeite e agua de cal, e de muitos outros linimentos. Com todas estas applicações repetem-se os curativos todos os dias ; mas quando a suppuração é excessiva, fazem-se dois e tres curativos diarios, o que não deixa de occasionar grandes dôres ao doente. Poupam-se todos estes curativos, e evitam-se as dôres que elles occasionam, empregando-se o algodão em rama.

Convem tambem empregar o Glyco-phenico do doutor Déclat ou o Phenol Bobœuf, misturado com agua em próporções determinadas segundo a gravidade da queimadura.

Nas queimaduras pequenas e superficiaes, o tratamento deve limitar-se á parte queimada ; mas quando a acção do fogo foi muito extensa, é preciso dar ao doente uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e administrar ás colheres a poção calmante que segue :

Agua.....	90 grammas.
Laudano de Sydenham.....	20 gottas.
Xarope simples.....	30 grammas.

Para tomar uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Prescreve-se dieta severa e o uso da decocção de arroz, de cevada ou de alguma outra bebida emolliente. Estabelecida a suppuração, cumpre sustentar o doente com caldos e outros alimentos substanciaes. Durante a formação da cicatriz, convem oppôr-se á grande tendencia que tem os orgãos a reunirem-se; sem o que, depois da cura, as partes queimadas

ficariam disformes e a liberdade dos seus movimentos talvez tolhida. É necessario cauterizar com pedra infernal as carnosidades mui salientes : deve-se impedir que os doentes tenham dobrados no sentido da flexão *os membros queimados ;* é necessario introduzir mechas nas aberturas naturaes que a cicatriz poderia estreitar ; emfim, convem separar, mediante tiras, os orgãos que, taes como os dedos, contrahiriam entre si adherencias viciosas.

Quando um membro ou porção d'elle está completamente ou quasi completamente queimado, o unico meio de salvação para o doente é a amputação da parte queimada.

Meio de evitar queimaduras quando o fogo pega nos vestidos. Este meio é muito simples. Logo que alguem aperceber-se que lhe pegou fogo nos vestidos, deve correr para a cama, e cobrir-se com cobertores, o mais completamente possivel, de maneira a isolar-se inteiramente do contacto do ar ; ou então, metter-se entre dois colchões. Nada aproveita o correr para fóra de casa ; antes, pelo contrario, é esse o meio de excitar o incendio, e de expôr-se á morte : pouco serve tambem o chamar por soccorro.

A mulher de um chimico salvou-se em França por um meio analogo. Seu marido tinha posto, perto do fogo, e sem prevenil-a, um garrafão cheio de alcool, que continha uma substancia em maceração. Por descuido, quebrou-se o garrafão, o alcool inflammou-se, e pegou o fogo nos vestidos da senhora. Não havia cama no quarto, mas achava-se ali uma mesa coberta com um grande tapete. A senhora puxou immediatamente pelo tapete, embrulhou-se n'elle, e reboleou-se no chão. D'este modo apagou o fogo, e livrou-se das queimaduras.

2.° **Queimadura pelas substancias causticas.** Chamam-se substancias causticas as que tem a propriedade de desorganizar os tecidos animaes ou vegetaes, em todas as temperaturas. O seu numero é bastante consideravel. Os principaes são o fluor (empregado para tirar lustre ao vidro e gravar n'elle), o acido sulfurico ou oleo de vitriolo, o acido azotico ou agua forte, o acido chlorhydrico ou espirito de sal, a manteiga de antimonio, a potassa, a soda, o ammoniaco ou alcali volatil, as massas arsenicaes, a pedra infernal, a agua de Javel ou chlorito de potassa liquido, a agua regia ou mistura de acido azotico e de acido chlorhydrico, etc. O resultado da applicação d'estas substancias causticas sobre a pelle é uma eschara, que experimenta um trabalho de eliminação semelhante ao que resulta da queimadura pelo fogo.

Tratamento. A primeira indicação consiste em tirar cuidadosamente, com lavatorios d'agua fria, todas as porções da substancia caustica, para fazer cessar a sua acção. Em algumas circumstancias é util lavar os logares queimados com certas substancias : assim, na queimadura produzida por um acido, convem lavar com agua e sabão. Na queimadura pela potassa, soda ou pelo alcali volatil, devem-se empregar os lavatorios de agua acidulada com vinagre ou sumo de limão. Destroe-se a pedra infernal com agua salgada, as preparações de arsenico com agua de cal ou agua sulfurea, a agua de Javel com agua misturada com clara de ovo.

Estas substancias tem não só a vantagem de tirar mecanicamente o caustico, mas tambem a de o decompôr e transformal-o em substancia inerte. Depois de tirada a causa do mal, applique-se no logar queimado algodão em rama, ou ceroto simples.

Queimadura do olho. Um movimento automatico das palpebras preserva, em grande numero de circumstancias, o olho de muitos accidentes occasionados pelos corpos em ignição. Entretanto, porções de cal virgem podem ás vezes cahir nos olhos dos obreiros que empregam esta substancia. Nada ha melhor n'este caso do que lavar os olhos com azeite doce. Em differentes especies de queimaduras pela agua fervendo ou ferro quente, o tratamento consiste em applicações continuas de pannos molhados em agua fria, durante o primeiro dia; nos dias seguintes fazem-se lavatorios com agua morna e applicam-se sobre os olhos cataplasmas de linhaça.

Queimadura das palpebras. Estas queimaduras são infelizmente frequentes nos obreiros empregados na fabricação dos pós fulminantes, do phosphoro, nas crianças, nos epilépticos que cahem no fogo, etc. As queimaduras superficiaes não tem importancia : sáram facilmente applicando-se algodão em rama. Havendo inflammação applica-se por cima do algodão, cataplasma de linhaça. Mas quando o phosphoro, acidos concentrados, metaes em fusão cahirem sobre a palpebra, produzem uma queimadura com mortificação, cujo resultado é eschara, perda de substancia depois cicatriz que sempre muda a fórma e a direcção da palpebra.

Quando as margens das palpebras foram queimadas, póde formar-se a adherencia. Para prevenil-a o doente deve estar com os olhos abertos o mais tempo que possa; é necessario distrahil-o para que não se deixe adormecer, e interromper-lhe muitas vezes o somno. Ao mesmo tempo interpõem-se entre as margens das palpebras pannos molhados em agua vegeto-mineral.

QUEIMADURA PELO SOL. Tem este nome uma especie de inflammação superficial que dá á pelle uma côr vermelha erysipelatosa, e que tem por causa a acção ardente e prolongada do sol forte sobre os logares descobertos. *Veja-se* GOLPE DO SOL, vol. II, pag. 74.

QUEIXO ou **Mandibula.** Designam-se sob o nome de queixos ou mandibulas as duas arcadas osseas nas quaes estão implantados os dentes, e que constituem a maior parte da porção ossea do rosto. Ha dois queixos que, por sua situação, se distinguem, em queixo *superior* e *inferior*.

Queixo (DESLOCAÇÃO DO). *Veja-se* vol. I, pag. 849.

Queixo (FRACTURA DO). *Veja-se* vol. I, pag. 1236.

QUENTE. Dá-se este nome aos alimentos geralmente excitantes, que estimulam fortemente a economia, acceleram a circulação, e podem irritar o estomago quando ingeridos em mui grande quantidade. Pertencem á classe dos alimentos quentes todas as substancias fortemente aromaticas, as carnes salgadas, defumadas, ou muito temperadas; os pepinos pequenos e outros fructos preparados com vinagre, pimenta,

alho, mostarda, o peixe salgado ou defumado, etc. Por opposição, os alimentos frescos são as hortaliças, quasi todas as fructas, ovos escalfados, leite, etc.

QUIGILA. *Veja-se* vol. II, pag. 1.

QUIGOMBÓ ou **Quingombó** (Rio de Janeiro), **Quiabo** (S. Paulo, Minas, e provincias do Norte do Brazil). *Hibiscus esculentus*, Linneo, Planta da familia das Malvaceas, originaria da India, acclimada no Brazil. Caule herbaceo, da altura de 70 centimetros; folhas asperas, cordiformes, divididas em 5 lobulos denteados; flores axillares, grandes; corolla amarella com o fundo purpureo; calice exterior velloso; de 9 ou 10 foliolos e canuco; fructo, capsula pyramidal, de cinco a dez angulos, de cinco a dez loculamentos, contendo muitas sementes globosas. Os fructos, em quanto verdes e tenros, comem-se cozidos com carne, camarões, e preparados de diversas maneiras; é um alimento são, gostoso, e muito usado no Rio de Janeiro. Todas as partes d'esta planta, e sobretudo os fructos, contém muita mucilagem. Um droguista de Pariz prepara com elles, e com flores de papoulas, um xarope e uma pasta, a que deo o nome de xarope e pasta de *nafé de Arabia*, que são com effeito muito emollientes, e convem nos defluxos, rouquidões, bronchites, etc. *Nafé*, em lingua arabe, significa saudavel para o peito.

QUIGOMBÓ DE CHEIRO. *Hibiscus abelmoschus*, Linneo. Malvaceas. Planta cultivada no Brazil, muito semelhante á precedente. Mas os fructos são vellosos, e contém sementes cinzentas, reniformes, comprimidas perto do hilo ou embigo, que, sendo esfregadas, exhalam um cheiro de almiscar muito pronunciado, e são empregadas pelos perfumistas. Dá-se-lhes o nome de *ambreta*.

QUILLAIA ou **Casca de Panama.** *Veja-se* PANAMA.

QUINA. A quina é a casca de diversas arvores do genero *Cinchona*, da familia das Rubiaceas, que habitam no Perú. O nome de *quina*, na lingua dos indigenas da America central, quer dizer *casca*. Em 1638, havendo a condessa d'El-Cinchon, mulher do vice-rei, que residia em Lima, sido acommettida de sezões rebeldes a todos os medicamentos empregados, um Hespanhol, governador de Loxa, e a quem dizem que um Indio tinha ensinado as propriedades febrifugas da quina, propôz o uso d'esta substancia : a condessa empregou-a, e sarou promptamente. Este bom exito confirmou a reputação da quina, que foi introduzida na Hespanha, e empregada sob o nome de *pós da condessa*. Os Jesuitas fizeram apreciar todas as suas vantagens, e vendêram n'a debaixo do nome de *pós dos jesuitas*. Não tardou a ser conhecida na Italia e no resto do mundo. Hoje é considerada como um dos recursos mais importantes da materia medica. A especie a que a medicina dá a preferencia acha-se representada na fig. 787, é a quina calisaya, *Cinchona calizaya*, Wedd; habita na Bolivia e no Perú. Tem folhas oblongas ou lanceoladas, obtusas, glabras, luzentes por cima, pubescentes por baixo; dentes do calice triangulares; fructo, capsula igualando apenas o comprimento da flor, de forma ovada; sementes ellipticolanceoladas, com margem denteada. A casca d'esta especie é mais rica

em quinina do que a das outras especies. É a mais importante do genero. — Colhem-se as quinas desde o mez de setembro até ao de novembro por homens chamados *cascarillos*, que vão aos logares em que crescem as arvores, examinam se a casca está boa, tirando uma porção d'ella; se se faz vermelha ao ar, está madura; colhe-se então, fazendo incisões nos ramos e troncos e despegando-a com as costas das facas : põem-se as cascas ao sol; quanto mais delgadas são, tanto mais se enroscam pela acção do calor, e quanto mais grossas, tanto mais chatas ficam. Ajuntam-se depois e dividem-se segundo o seu aspecto exterior, côr, sabor, etc., rejeitam-se as que são de côr denegrida, mui leves, ou que provém de ramos mortos; mettem-se em surrões de 100 a 150 libras e entregam-se ao commercio.

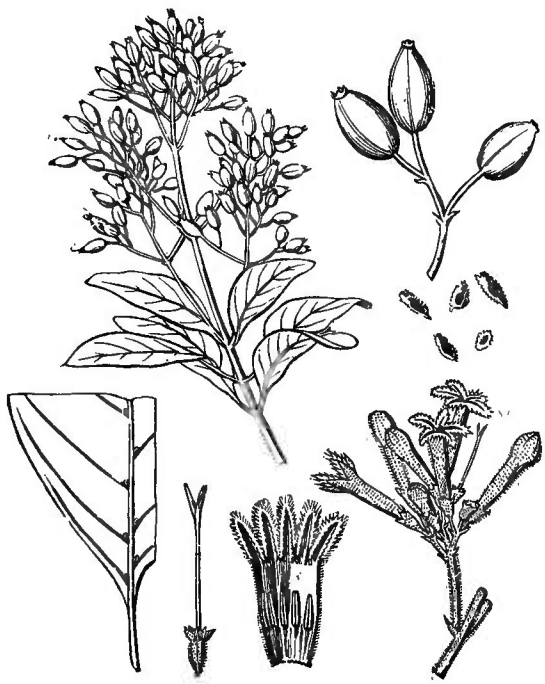


Fig. 787. — Quina calisaya.

O commercio conta hoje perto de vinte e cinco especies de quina, entre as quaes se distinguem as quinas cinzenta, amarella e vermelha. A *quina cinzenta*, que é da grossura de uma penna de escrever ou de um dedo, tem por fóra uma epiderme cinzenta, é dividida por fendas transversaes, de côr roxa ferruginosa por dentro, de sabor adstringente e amargo, cheiro um pouco aromatico. A *quina amarella* é larga, diversamente enroscada, de côr amarella tirante a roxo, de sabor amargo e mui adstringente, quasi sem cheiro. A *quina vermelha* é uma casca espessa mais ou menos vermelha, amarga, muito adstringente, coberta de uma epiderme espessa e rugosa, com fendas irregulares.

A quina é um tonico, e como tal emprega-se efficazmente para reanimar os orgãos, dar ás funcções força e vigor; é igualmente antiputrida, e associa-se a outros tonicos para combater certos estados de atonia. Mas, de todas as propriedades da quina, a mais evidente e mais preciosa é a febrifuga. Todavia, a quina não convem contra todos os estados febris. Nas febres contínuas, nas que são symptomaticas das inflammações das visceras, o emprego da quina seria prejudicial e até perigoso. É particularmente contra as febres que apresentam phenomenos de *intermittencia*, contra as *sezões* ou *maleitas*, que a quina é um remedio heroico. Ha, comtudo, febres contínuas que são acompanhadas de debilidade geral, nas quaes esta casca deve ser empregada. As

diarrheas chronicas, as bronchites chronicas, as flores brancas, curam-se pelo uso d'este medicamento. A quina emprega-se como tonico nas convalescenças longas e difficeis, nas quaes as vias digestivas precisam de certa excitação para executarem as suas funcções, e quando o corpo apresenta uma notavel pallidez ou infiltração. Administra-se tambem na opilação. A cirurgia não faz d'este remedio, interna ou externamente, um uso menos vantajoso do que a medicina. Externamente, usa d'elle especialmente contra a gangrena. Polvilham-se com pós de quina as ulceras escorbuticas, e as feridas chronicas.

Um medicamento tão justamente preconizado merecia da parte dos medicos chimicos um exame attencioso, e por isso muitas celebridades da sciencia tentáram, em épocas differentes, a analyse d'esta preciosa casca; emfim, em 1820, Pelletier e Caventou, chimicos francezes, chegáram a isolar da quina uma substancia chamada *quinina* (*veja-se* o artigo seguinte), e, conjunctamente com outros medicos, demonstráram que n'esta substancia é que residem todas as propriedades febrifugas da quina. Esta descoberta é uma das mais importantes da medicina. A quinina, representando em dóse mui pequena grandes porções de quina, é muito mais commoda para tomar-se; e d'esta maneira os doentes não são obrigados a tomar grande quantidade de casca inerte que se accumulava nas entranhas, e era causa de dureza do ventre quando administrada em grande dóse, como acontecia nas febres intermittentes, e principalmente nas perniciosas. A alguns doentes mesmo, ás crianças sobretudo, não era possivel fazer-se-lhes ingerir grande porção de pós de quina, fórma debaixo da qual este medicamento se empregava ordinariamente. A *quinina* não veio entretanto substituir inteiramente a quina: as suas propriedades são principalmente *febrifugas*, e como tal emprega-se com preferencia nas sezões; mas como *tonico*, continua a casca da quina a ser administrada sob as differentes fórmas que passo a indicar.

Pós de quina. Empregam-se com particularidade externamente para curar as ulceras. Internamente, usam-se como estomachicos, contra o fastio, na dóse de 30 a 120 centigrammas sós ou misturados com igual quantidade de rhuibarbo em pó. Esta dóse toma-se n'uma colher d'agua fria, uma hora antes do jantar, e repete-se por cinco ou oito dias.

Infusão. Casca de quina 20 grammas, agua fervendo 1000 grammas. Infunda por duas horas e côe. Emprega-se em bebida, como tonico.

Decocção. Casca de quina 20 grammas, agua 500 grammas. Ferva e côe. Emprega-se em lavatorios e injecções.

Vinho de quina. É o macerato da casca no vinho. Este vinho administra-se como tonico, antiscorbutico, digestivo, na dóse de 30 a 60 grammas.

O vinho de quina pode ser preparado misturando qualquer vinho com extracto fluido de quina, mexendo e filtrando depois de deixar repousar. O melhor extracto para esse fim é o de Dausse ainé com o qual se obtem um vinho mui tonico.

Quina Ragoucy. Existem muitas preparações que têm a quina por base; a *Quina Ragoucy* não é uma imitação das preparações conhecidas. Preparando-a sobre os dados scientificos adquiridos pela arte

medica, o sñr Ragoucy remediou as imperfecções que existem nos productos similares. As experiencias feitas deram os melhores resultados.

Houve em vista conservar n'este preparado todos os *principios uteis da quina*, de modo a ter um medicamento de merito cujo emprego possa prestar reaes serviços. Os ensaios clinicos de um eminente medico do hospital da Caridade, de Pariz, demonstraram que as propriedades tonicas da quina provêm das partes extractivas e principalmente das partes tannicas contidas n'esta casca. A *Quina Ragoucy* tem por base o extracto de quina. Por meio de dissolventes apropriados, conseguio o Sñr Ragoucy fazer um preparado rico em alcaloides e em principios tannicos. As alterações que poderiam soffrer esses principios activos no correr das manipulações foram supprimidas graças ao emprego de apparelhos aperfeiçoados que, durante todo o tempo das operações, pol-os ao abrigo do contacto do ar e de qualquer augmento sensivel da temperatura. A pequena quantidade de rhum, que contêm a *Quina Ragoucy* disfarça o amargor e a adstringencia do medicamento e facilita-lhe a acção tonica. Em razão da acção immediatamente diffusivel d'esta pequena quantidade de ruhm, a *Quina Ragoucy* actua com mais rapidez que as outras preparações de quina.

Acontece ás vezes que o doente é obrigado a suspender com a acção de um tonico, justo no momento em que elle começa a fazer effeito. Este facto se dá quando se declara uma *prisão de ventre* pertinaz, causada pelo effeito do proprio medicamento. A *Quina Ragoucy não tem este grave inconveniente*. Por meio de uma preparação methodica e calculada conseguio-se aniquillar este effeito nocivo do medicamento. Pode-se pois, continuar o uso da *Quina Ragoucy* durante o tempo preciso para que o doente melhore e possa recuperar todas as forças necessarias á saude.

Como se pôde vêr pelo exposto, forçosamente rapido das ideias que serviram de base a esta preparação e os cuidados empregados no seu modo operatorio, a *Quina Ragoucy* é um verdadeiro medicamento. Como todos os productos de valor e possuindo propriedades therapeuticas reaes, os seus resultados são excellentes quando se o toma contra a *Fraqueza* ou a *Anemia*, provindo de excessos ou de fadigas insolitas.

A *Quina Ragoucy*, toma-se no correr ou no fim das refeições, puro ou misturado com um pouco d'agua ou de vinho, segundo o gosto do doente, na dóse de duas colheres, *de sopa*, por dia para os adultos, e duas colheres, de *sobremeza* para as crianças.

Nos casos graves, estas dóses podem ser muito augmentadas, segundo o aviso do medico, que é sempre bom consultar.

Quando se tenha de dar uma preparação ferruginosa, é bom alterar, no correr do dia, os dois medicamentos.

A *Quina Ragoucy* prepara-se e vende-se por atacado em casa de Marchand, rua Grenier-Saint-Lazare, nº 13, Pariz.

Vinho de Bellini. Este vinho é tonico, fortificante e restaurador, compõe-se elle de 25 partes de quina e 5 partes de Columba e um litro de vinho da Sicilia. — Emprega-se'o na dóse de 2 a 3 colheres *de sopa*

por dia contra a anemia, a chlorose, a nevrose, a amenorrhea, as febres intermittentes, as diarrheas chronicas e as affecções escrophulosas.

Vinho de Cabanes. Compõe-se elle de quina, lacto-phosphato de cal e de ferro. É um tonico e fortificante de primeira ordem que se administra contra todas as affecções em que aproveita sobretudo a quina.

Xarope de quina. Prepara-se com agua ou vinho; este é mais usado, e dá-se principalmente ás crianças, como estomachico, antiscorphuloso, fortificante, na dóse de 30 a 60 grammas por dia, continuado por um a dois mezes.

Tintura de quina. Resulta da maceração de quina em alcool. Emprega-se em fricções sobre a pelle.

Quina granulada de Mentel. É feita com quina amarella real ou calisaya de primeira qualidade. Este modo de administração da quina é preferivel ás pessoas que não gostam de tomar medicamentos liquidos, principalmente como as preparações de quina que são tão amargas. Cada vidro de quina granulada de Mentel vai acompanhado de uma medida a qual contem, cheia, exactamente 2 grammas de granulos equivallendo a um gramma de quina. Como tonico, a dóse ordinaria é de 1 gramma e como febrifugo ella é de 4 a 12 grammas.

Este producto prepara-se por maior em casa de Fournier e C^ia^ á rua Jacob n° 19 em Pariz.

Preparam-se tambem pastilhas, pilulas, etc., com quina ou com extracto de quina, que se administram como tonico. A quina entra em grande numero de formulas febrifugas, tonicas, antisepticas, antiscorbuticas, estomachicas, adstringentes, etc., sob a fórma secca, conservas, pilulas, tinturas, elixires. Em pós, entra na composição dos opiatos, e pós dentifricios.

Quinas do Brazil. Nas provincias do Brazil dá-se o nome de *quina* ás diversas cascas amargas que se empregam efficazmente contra as febres intermittentes. Algumas das arvores que fornecem estas cascas pertencem á familia da quina do Perù, outras a familias differentes. Quatro ou cinco d'estas cascas foram analysadas; mas não se descobrio n'ellas quinina, o que prova que não é só n'este principio que reside a virtude febrifuga.

1.° Quina de camanú. *Coutinia illustris*, Velloso. Apocyneas. A casca amargosa d'esta arvore emprega-se na provincia da Bahia contra as febres intermittentes, em infusão. *Dóse :* 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

2.° Quina do campo. *Strychnos pseudo-quina.* St. Hil. Apocyneas. Arvore que habita na parte occidental da provincia de Minas Geraes, nos sertões de Goyaz, etc, Arvore de 4 metros de elevação, tortuosa; casca molle e amarella exteriormente; ramos numerosos, formando uma especie de cabeça; folhas oppostas, de peciolo mui curto, ovaes, do comprimento de 8 a 11 centimetros, duras, quebradiças, com 5 nervuras longitudinaes e convergentes; flores numerosas, de cheiro agradavel; calice pequeno, com 5 divisões, esbranquiçada ou esverdeada; estylete com alguns pellos; estigma de cabeça bilobada; o fructo é uma baga

globosa, de 15 a 18 millimetros de diametro, glabra amarella, contendo de uma a quatro sementes dentro de uma polpa adocicada. Á excepção d'esta baga, que as crianças comem com prazer, todas as partes do vegetal são de um gosto extremamente amargo e algum tanto adstringente; mas as suas propriedades residem sobretudo na casca, e é ella que os habitantes do paiz empregam nas febres intermittentes, e em todos os casos, e na mesma dóse, em que se administra a quina do Perú; em infusão 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo. Vauquelin, celebre chimico francez, fez a analyse d'esta casca, e achou que ella contém principalmente: 1.° uma materia amarga, na qual parecem residir as propriedades febrifugas; 2.° uma substancia resinosa; 3.° uma materia gommosa corada, unida a um principio animalizado; 4.° um acido particular. Mas não achou nem a quinina, que constitue o principio activo da quina do Perú, nem o principio venenoso, a brucina, que se encontra na noz vomica, *strychnos nux vomica*, arvore do mesmo genero que o *strychnos pseudo-quina*.

3.° Quina. *Hortia brasiliana*, Velloso. Rutaceas. Sub-arbusto que habita nas provincias de Minas e de Goyaz. Uma só raiz para muitos caules. que são da altura de 35 a 70 centimetros de casca fulva; folhas dispersas do comprimento de 10 a 20 centimetros, da largura de 2 a 4 centimetros, oblongas, obtusas na ponta, inteiras, glabras, luzentes na face inferior, marcadas com pontos transparentes. A casca d'este arbusto, que é amarga, emprega-se em infusão contra as febres intermittentes. *Dóse:* 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

4.° Quina de Cuyabá. *Cinchona cuyabensis*, Manso. Rubiaceas.

5.° Quina do mato. *Cestrum pseudoquina*, Martius. Solaneas. Rio Grande do Sul. Esta casca é muito amarga; contém um principio amargo particular, chlorophylla, resina, principio extractivo amarello, assucar, gomma, sulfato, carbonato e chlorhydrato de potassa, carbonato de cal, e silica. Sua infusão emprega-se como febrifugo e tonico; 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

6.° Quina do mato. *Exostema cuspidatum*, St. Hilaire. Rubiaceas. Habita nos matos virgens do Brazil meridional. Caule arborescente, 3 a 4 metros e mais de altura; folhas oppostas, pecioladas, do comprimento de 25 a 40 centimetros, lanceoladas-ovaes, terminadas no apice por uma ponta aguda, algum tanto ondeadas nas margens, pubescentes por cima, vellosas por baixo; flores brancas. A infusão da casca usa-se contra as febres intermittentes. *Dóse:* 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

7.° Com a especie precedente confunde-se a *Exostema australe*, Saint Hilaire. Rubiaceas. Habita na provincia de S. Paulo. Parece-se com a precedente, e emprega-se nos mesmos casos e na mesma dóse.

8.° Quina de Pernambuco. *Coutarea speciosa*, Aublet. Rubiaceas.

9.° Quina do Piauhy, Quina de Don Diogo, ou de Diogo de Souza. *Exostema souzenum*, Martius (Piauhy e Bahia).

10.° Quina do Rio de Janeiro. *Exostema formosum*, Cham. Rubiaceas.

11.° Quina do Rio de Janeiro. *Buena hexandra*, Pohl. Rubiaceas.

A casca d'esta especie e da precedente são excellentes febrifugos; usam-se internamente em infusão na dóse de 10 grammas. para 500 grammas d'agua.

12.° QUINAS DO RIO DE JANEIRO. *Cascarilla riedeliana*, Weddel. Rubiaceas. Arvore que habita nas montanhas da Tijuca, perto do Rio de Janeiro. Tem 12 a 15 metros de altura; folhas ovaes, oblongas, obtusas, de 8 a 15 centimetros de comprido, de 4 a 8 de largo, subcordiformes na base, glabras por cima, tomentosas por baixo, de peciolo curto; panicula oval; calice tomentoso, infundibuliforme, caduco, corolla branca; fructo, capsula de 2 a 3 centimetros de comprimento, coriacea-lenhosa; sementes oblongas. Emprega-se do mesmo modo que as precedentes.

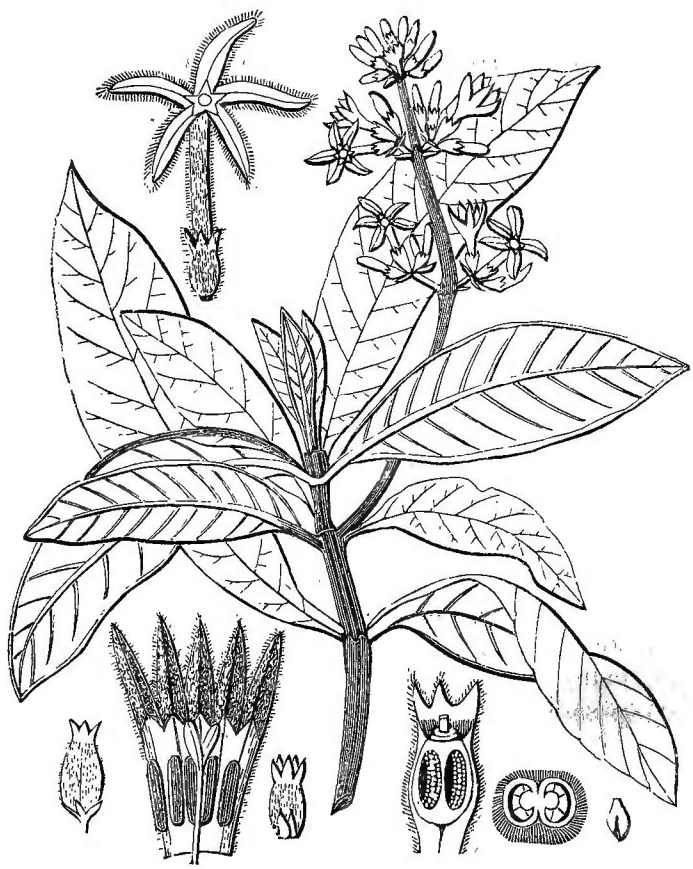


Fig. 788. — Quina da serra.

13.° QUINAS DO RIO NEGRO. *Cinchona firmula*, Martius; *Cinchona lambertiana*, Mart.; *Cinchona bergeniana*, Martius; *Cinchona macrocnemia*, Martius. Rubiaceas. Todas estas arvores habitam nas regiões vizinhas do Perú, e são febrifugas. Usam-se do mesmo modo que a quina do Perú.

14.° QUINA DA SERRA. *Cinchona ferruginea*, St. Hilaire. Rubiaceas. Arbusto de 1 metro e 1/2 a 2 metros, coberto de pelles côr de ferrugem em todas as suas partes, á excepção da parte inferior do talo e da superficie superior das folhas; folhas oppostas, pecioladas, do compri-

mento de 14 a 20 centimetros, da largura de 4 a 6 centimetros, oblongas-lanceoladas, coriaceas; flores sesseis na extremidade dos ramos; calice adherente; corolla tubulosa, infundibuliforme, de côr rosea, limbo com 5 divisões; o fructo é uma capsula de 13 a 22 millimetros de comprimento, ovoide-elliptica; sementes numerosas, achatadas.

15.° Quina de Velloso. *Chinchona Vellosii*, St. Hilaire. Rubiaceas. Este arbusto só differe do precedente pelas folhas ovaes, acuminadas nas suas extremidades, da largura de 8 a 11 centimetros; pelos pedunculos ordinariamente mais curtos; e as flores mais compridas e mais numerosas.

16.° Quina de Remijo. *Chinchona remijiana*, St. Hilaire. Rubiaceas. Esta especie apresenta quasi os caracteres da *C. ferruginea;* entretanto differe pelas folhas da largura de 8 a 11 centimetros, ellipticas, obtusas, e terminadas por uma ponta curta.

As tres ultimas *quinas* habitam no cume das montanhas da provincia de Minas Geraes. Acham-se, entre outras partes, na vizinhança de S. João d'El-Rei, Villa-Rica, Serra dos Pilões, Penha, etc. A casca amarga e adstringente é muito semelhante á casca do Perù, e é empregado com vantagem nas febres intermittentes. A quina de Remijo foi analysada na Alemanha em 1873 pelo Dr. Novak. Este chimico obteve d'ella um extracto roxo contendo um tannino particular; mas não achou nem quinina nem cinchonina; não póde, pois, ser considerada como uma quina *verdadeira*.

17.° Dá-se tambem o nome de quina a *Tres folhas brancas* e *Tres folhas vermelhas*. *Vejam-se* estas palavras.

QUININA. Substancia branca, de natureza alcalina, descoberta em 1820 na casca da quina, e que goza, segundo experiencias bem confirmadas, da maior parte das propriedades da mesma quina. Sendo a quinina insoluvel n'agua, não produziria todos os seus effeitos se fosse tomada pura, e por isso a combinam com os acidos, afim de se obterem saes soluveis, que gozam de maravilhosa efficacia. O acido que se costuma associar mais ordinariamente á quinina é o sulfurico; o *sulfato de quinina*, que resulta d'esta reunião, é o sal que se emprega com preferencia a todos os saes de quinina: occupar-me-hei d'elle exclusivamente.

O *sulfato de quinina* apresenta-se sob a fórma de pequenas agulhas brancas, lustrosas; é amargo, pouco soluvel na agua fria, mas soluvel no alcool ou na agua, á qual se ajunta uma gotta de acido sulfurico. O sulfato de quinina offerece, debaixo de pequeno volume, as propriedades de uma quantidade consideravel da casca de quina; assim 10 centigrammas de sulfato de quinina representam pouco mais ou menos 4 grammas de casca de quina. Concebe-se todo o partido que a medicina deve tirar de tão preciosa preparação; por isso o sulfato de quinina substituio, no maior numero de casos, as outras preparações de quina, cujo volume repugnava aos doentes, e lhes produzia grande peso no estomago. O sulfato de quinina emprega-se contra muitas affecções periodicas; isto é, as que apresentam intervallos na sua duração e voltam em epocas certas; porém o seu uso mais frequente é nas febres intermittentes chamadas vulgarmente *sezões*. A dóse que se administra pela bocca varía de 25,

80 a 150 centigrammas, no intervallo dos accessos da molestia; alguns medicos administram-n'o em dóses muito mais fortes. Geralmente, nas febres intermittentes simples, a dóse para um adulto é de 60 a 80 centigrammas, que se dividem em tres ou quarto partes, e administram-se, no intervallo da febre, em uma colher de café, de chá da Inda, de xarope, mel de abelhas, doces, hostia, misturados com assucar ou em perolas do D^{or} Clertan de 10 centigrammas, cada uma; processo este que foi approvado pela Ácademia de medicina de Pariz e com o qual não ha mais difficuldade em administrar não só o sulfato de quinina, como todos os outros saes de quinina, como sejam : bromhydrato de quinina; chlorhydrato de quinina; bisulfato de quinina; valerianato de quinina, salicylato de quinina e lactato de quinina. Para as crianças, a dóse varía de 10 a 40 centigrammas, que tambem se dividem em tres ou quatro partes e se administram pela mesma fórma. Nas pharmacias acha-se o *xarope de sulfato de quinina :* esta preparação resulta da mistura do sulfato de quinina, previamente dissolvido em agua acidulada, e de xarope simples. 20 grammas d'este xarope, isto é, uma colher *de sopa*, contém 10 centigram. de sulfato. Ás crianças dá-se ás colheres *de chá.* Nas febres intermittentes perniciosas, a dóse do medicamento póde ser maior.

O sulfato de quinina usa-se tambem externamente em fricções. Dissolvem-se 20 a 75 centigrammas d'este medicamento em duas colheres d'agua, a que se ajunta uma gotta de acido sulfurico, e fazem-se fricções pelas costas ou na face interna dos braços.

Estas fricções, que se repetem tres ou quatro vezes durante o intervallo da febre, empregam-se principalmente nas crianças, que de ordinario mostram grande repugnancia contra os medicamentos amargos, ou nos individuos em que existe alguma impossibilidade de engulir, ou inflammação do estomago que contra-indica o uso interno do sulfato.

O sulfato de quinina, sobretudo quando é administrado em grande dóse, produz, ás vezes, a diminuição do sentido do ouvido, que vai em alguns casos até á surdez : parece aos doentes que ouvem de muito longe; mas este estado é passageiro, e dissipa-se esponteneamente.

Quanto ás obstrucções do figado e do baço, que alguns observadores dizem resultar da ingestão do sulfato de quinina, esta accusação cahio ante a observação mais exacta, que provou dependerem estas obstrucções da duração das febres intermittentes, e não do remedio administrado contra ellas.

QUINIUM. Extracto alcoolico de quina, obtido por meio da cal. Contém quinina, cinchonina, materias gôrdas, extractivas e corantes. É de côr roxa, quebradiço, friavel, insoluvel em agua, soluvel no alcool. Conserva todos os productos uteis da quina, e está privado só das materias inertes. Administra-se contra as febres intermittentes, em pilulas, na dóse de 60 a 150 centigrammas por dia.

Emprega-se principalmente e de preferencia sob a forma de *vinho de quinium ou quinio de Labarraque*, producto approvado pela Academia de medicina de Pariz. É um vinho muitissimo tonico e febrifugo, que póde vantajosamente substituir qualquer preparação de quina. O *quinio de La-*

barraque é um medicamento de composição determinada, rico em principios activos.

Pode-se dizer que não ha disposição continua sem um estado febril, que passa desapercebida para o doente mas que no entanto não deixa de existir. As pessoas fracas, debilitadas, por diversas causas ou em consequencia de molestias; os adultos cançados por um crescimento rapido, as meninas que custam a se formar e a se desenvolverem acham-se sujeitos a uma acção febril constante. É então que o *vinho de quinio de Labarraque* deve ser tomado, na certeza de se obter resultados satisfactorios. Tambem convem elle muitissimo ás senhoras paridas, aos convalescentes e ás pessoas de idade enfraquecidas pelos annos ou por molestia.

Administra-se este vinho como tonico, na dóse de um calice, dos de vinho Madeira, antes do almoço e do jantar. Como preservativo, nas localidades onde grassam febres, a dóse deve ser de meio calice a um calice, pela manhã em jejum. Como febrifugo, dois a quatro calices, dos de licor, por diversas vezes no correr do dia.

Este vinho se prepara nos laboratorios da afamada casa de productos pharmaceuticos de Fournier e C^{ia} á rua Jacob, n°19, em Pariz.

QUINOLEINA. Liquido oleoso refractando muito a luz, com cheiro particular e fervendo a 233 gráos centigrados. Recentemente preparada a quinoleina não tem côr, mas colora-se á luz do dia. É insoluvel na agua, mas dissolve-se facilmente no alcool, ether, chloroformio e benzina. Com os acidos forma saes deliquescentes que difficilmente se crystallizam. Só o tartrato de quinoleina é que crystalliza muito, não attrahe a humidade e é bastante soluvel em agua; tem um leve cheiro de amendoas amargas e dá ao paladar a impressão da agua distillada d'hortelã: é o tartrato de quinoleina que é empregado actualmente em medicina.

Resulta das muitas experiencias feitas á cabeceira dos doentes que a quinoleina produz effeitos identicos aos da quinina.

Introduzida na circulação a quinoleina faz baixar a temperatura.

As suas propriedades antisepticas são superiores ás do salicylato de soda,, do acido phenico, do acido borico e do alcool, pois na proporção de 0,20 0/0 ella impede a decomposição das materias albuminosas, a vegetação de bacteries em liquidos nutritivos e a fermentação lactea.

Em solução na proporção de 0,40 0/0 ella faz parar a putrefacção do sangue e impede a separação da caseina do leite.

Uma solução de 1 0/0 impede o sangue de se coagular, o que a quinina não consegue fazer completamente.

A quinoleina, assim como a quinina não tem força alguma sobre a levadura organizada. Assim a quinoleina possue as propriedades da quinina e em certos casos ella é muito mais efficaz que a quinina.

O tartrato de quinoleina não tem gosto desagradavel e não produz nem zunidos dos ouvidos, nem vertigem.

É principalmente na medicina das crianças que o tartrato de quinoleina é efficaz e facil de se administrar por não ser amargo.

As dóses de quinoleina em combinação tartrica são as mesmas que as da quinina. Emfim como ultimo argumento em pró da quino-

leina é que o seu preço é cinco vezes mais barato do que o da quinina.

QUINTO. Hespanha. Aguas salinas frias. 17° a 20°. Usam-se em bebida e banhos nas molestias cutaneas, syphilis, enfartes da protasta, do figado e do baço.

QUITOCO ou **Caculucage** (Minas). *Pluchea quitoc*, De Candolle. Synanthereas. Planta herbacea do Brazil; habita especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Minas, Matto Grosso e Rio Grande do Sul. Folhas sesseis, com longa descurrencia na base, que se estende sobre o caule, ovaes, agudas, denticuladas de côr verde clara; flores dispostas em corymbolos compostos; florões de margem amarellada, de disco arroxeado : cheiro de toda a planta aromatico e agradavel. Usa-se internamente em infusão (4 grammas para 180 grammas d'agua) como sudorifico: mas o seu emprego principal é para os banhos aromaticos, que convem na opilação e nas outras molestias caracterizadas pela debilidade; 1 kilogramma para um banho.

R

RÃ. Genero de repetis da ordem dos Batracios (fig. 789); distingue-se dos sapos pela extremidade dos dedos, que não são dilatados em disco, pelo queixo superior que é armado de dentes, emfim pela sua fórma que é esbelta, delgada, menos apanhada que a dos sapos. Os machos tem de cada lado da garganta uma bexiga vocal, muito apparente quando está cheia de ar: mediante este orgão que produzem o seu coaxar; a rã femea, que é privada d'elle, não faz ouvir senão um leve ruido. Habitam ordinariamente as aguas estagnadas e os pantanos. Vivem de larvas, insectos aquaticos, vermes e pequenos molluscos. Os ovos, dispostos em rosario, são abandonados na superficie da agua: passados alguns dias sahem d'elles as pequenas rãs. Contam-se até 20 especies d'ellas. As principaes são : 1.° *rã verde* ou *rã commum*, que é de bella côr verde com tres listras dorsaes amarellas; habita indifferentemente as aguas correntes e dormentes; 2.° a *rã ruiva*, chamada tambem *rã muda*, porque o macho não tem sacco vocal; habita os campos, os logares humidos; vai á agua só para pôr os ovos.

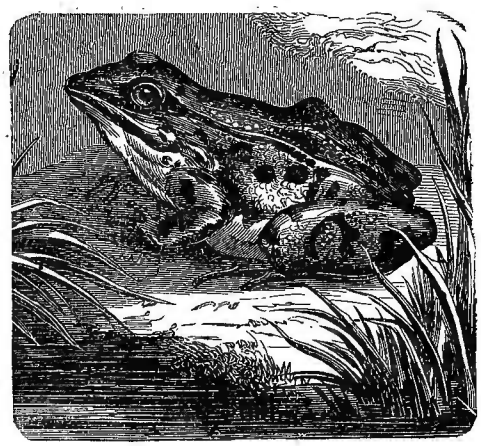


Fig. 789. — Rã verde ou rã commum.

A carne das rãs, principalmente a das pernas, é branca e delicada; come-se com gosto em muitas localidades. Depois de esfoladas as rãs, deita-se fóra tudo o que não póde servir, alimpam-se as coxas e deixam-se por 2 ou 3 horas em agua fria. Depois, enxugam-se e ensopam-se

como frango. Podem tambem frigir-se, pondo-as primeiro de môlho por meia hora em vinagre, com salsa, louro, tomilho, cebolinha, sal e pimenta; depois de bem enxutas, polvilham-se com farinha, e frigem-se.

Algumas pessoas divertem-se em conserval-as em grande frasco de vidro meio cheio d'agua, e com uma escadinha dentro, por cujos degráos sobe ou desce a rã conforme o tempo tem de ser bom ou máo : é um barometro vivo. — As rãs são animaes innocentes.

RABANETTE. *Raphanus.* Planta da familia das Cruciferas, cultivada nas hortas (fig. 790, 791). O *rabanete cultivado* (*Raphanus sativus*,

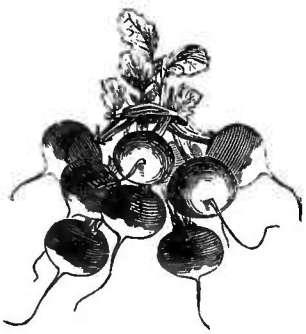


Fig. 790. — Rabanetes roseos redondos de pontas brancas.

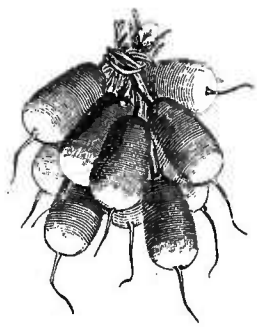


Fig. 791. — Rabanetes roseos meio compridos de pontas brancas.

L.) tem as folhas asperas, flores de um branco roseo. A parte comestivel é fornecida pela raiz. Ha muitas variedades do rabanete cultivado : distinguem-se segundo a fórma e o tamanho das raizes, em *redondos, longos* e *grossos*. Os primeiros, ou os rabanetes propriamente ditos, comprehendem o rabanete *branco, rubro, roxo* e *roseo*. O parenchyma de todas estas variedades tem um sabor mais ou menos acre. Come-se com sal; excita as forças digestivas do estomago.

RABÃO. *Cochlearia armorica.* Planta da familia das Cruciferas que cresce perto das praias e floresce no mez de junho. As folhas são carnosas e as bordas são viradas em forma de colher. Tem cheiro caracteristico e gosto amargo. Applicando-se a raiz fresca sobre a pelle, occasiona uma grande vermelhidão. Administrada internamente, excita as secrecções gastro-intestinaes, provoca suores e augmenta a quantidade das ourinas. Esta raiz tem sido receitada no tratamento da gota e da anemia, mas emprega-se'a principalmente como antiescorbutica e antiescrophulosa. Ella entra na composição dos vinhos, xaropes e alcoolatos antiescorbuticos. Já se fizeram experiencias com uma cerveja em cuja composição entra o rabão unido com renovos de pinheiro.

RABO DE BUGIO. *Alsophila armata*, Martius. Fetos. Planta do Brazil. Contém uma substancia mucilaginosa e adstringente. A sua infusão, que se prepara com 4 grammas das folhas e 500 grammas d'agua, emprega-se na bronchite e nos escarros de sangue. Prepara-se tambem com ella um xarope, que se usa nos mesmos casos.

RABO DE TATÚ. *Cypripedium brasiliensis.* Planta do Brazil, da familia das Orchideas. No Rio de Janeiro chamam-lhe *sumaré*. O seu caule

é cheio de um succo mucilaginoso. Em cozimento é peitoral, e dá-se internamente nas molestias do peito. Quando contuso, emprega-se no curativo das feridas. O succo é muito usado na industria : misturado com o carvão produz uma graxa para o calçado ; na arte de marcenaria serve para substituir a colla.

RACAHOUT DOS ARABES. É uma substancia alimenticia e analeptica, cuja composição é a seguinte : salepo da Persia, 15 grammas; cacáo torrado, 60 ; bolotas doces da Asia, 60 ; fecula de batatas, 45 ; farinha de arroz, 60 ; assucar, 250 ; baunilha, 1/2 gramma. Toma-se em agua, leite ou caldo. Convem aos convalescentes.

RACHA, RACHADURA, GRETA ou FENDA. Dá-se este nome a pequenas feridas longitudinaes e superficiaes, que se desenvolvem nos beiços, bicos dos peitos, palmas das mãos, plantas dos pés e outras partes do corpo.

Racha do anus. Chamam-lhe mais especialmente *fissura*. *Veja-se* FISSURA.

Rachas dos beiços ou **Cieiro.** Apparecem ás vezes nos beiços pequenas feridas longitudinaes. Curam-se untando os beiços com ceroto simples, ou com coldcream. Se não cederem a estas applicações, convem tocal-as com pedrahume ou pedra infernal.

Rachas das mãos, dos pés, da pelle. São produzidas pelo attrito ou por qualquer outra causa irritante, pelas empigens, pela acção do frio, etc.

Tratamento. Fazer unturas com oleo de amendoas doces, com glycerina, coldcream, manteiga de cacáo, ceroto simples, com unguento rosado ou pomada labial. Polvilhal-as com polvilho. Tocal-as levemente com pedra infernal.

Unguento rosado.

Banha.....	100 gram.	Cera branca.....	8 centigram.
Raiz de orcanetta.....	5 —	Essencia de rosas....	2 —

Digira a orcanetta na banha a banho-maria por uma hora; côe por panno de linho. Ajunte a cera, derreta-a, e mexa a mistura até esfriar quasi inteiramente ; misture, por fim, a essencia de rosas, e deite a pomada em vaso proprio.

Pomada labial.

Oleo de amendoas doces.	30 gram.	Carmim.....	15 centigram.
Cera branca.....	15 —	Essencia de rosas...	15 —

Derreta a cera no olco a calor brando. Arrefecida a mistura, ajunte-lhe o carmim, previamente diluido n'um pouco de oleo, e, por fim, a essencia de rosas. Contra a inflammação e rachas dos labios.

Rachas do seio. *Veja-se* BICO DO PEITO, vol. I, pag. 332.

RACHITISMO. Entende-se pela palavra *rachitismo* o estado em que um maior ou menor numero de ossos, e ás vezes todas as partes que compõem o esqueleto humano, perdêram a consistencia ordinaria, e ficáram molles e flexiveis : a esta molestia é que pertence a historia dos *carcundas*, das *pernas tortas*, dos *cambaios*, e de muitas outras deforma-

ções. As vezes o amollecimento dos ossos póde ser levado ao ponto de permittir cortal-os com faca como se faz á cera. Este estado procede de terem os ossos uma tendencia a despirem-se das partes salinas que lhes dão a consistencia e rigidez. Não se devem confundir com elles as numorosas deformidades que podem sobrevir ás crianças quando começam a andar mui prematuramente, e as que resultam de posturas viciosas prolongadas, ou do abuso dos colletes muito apertados.

Todos as partes do esqueleto são susceptiveis de amollecimento; algumas, entretanto, estão a isso muito mais dispostas do que as outras: taes são as vertebras ou os ossos do espinhaço, as costellas, a bacia, e sobretudo os ossos longos dos membros inferiores. Umas vezes todos os ossos do corpo são atacados, ou ao mesmo tempo ou successivamente; outras vezes a molestia limita-se a alguns d'entre elles. Esta molestia sobrevem mais ordinariamente ás crianças desde a idade de seis ou dez mezes até aos tres annos; comtudo, ás vezes apresenta-se pela primeira vez na epoca da segunda dentição ou da puberdade, ou na occasião da primeira gravidez. A unica differença que existe na producção do rachitismo, em uma ou outra epoca da vida, é a seguinte: na criança, a molleza dos ossos póde até certo tempo ser considerada como a prolongação de um estado primitivamente natural, entretanto que nos adultos ha não sómente falta de deposito, sobre os ossos, da materia calcarea destinada á consolidição do esqueleto, mas existe demais absorpção da parte d'essa materia já depositada. A observação d'esta molestia é um caso rarissimo nas pessoas idosas, assim como nos recem-nascidos.

Causas. A causa primaria do rachitismo, assim como a da maior parte das molestias, é extremamente obscura. Esta affecção desenvolve-se espontaneamente em certos individuos que pela sua constituição são mais dispostos a ella do que outros. Para os individuos em que esta disposição primitiva está occulta e já existe, muitas causas secundarias podem concorrer para o desenvolvimento da molestia: assim, o trabalho da dentição, o enfraquecimento da constituição em consequencia de muitas molestias, tornam-se causas do rachitismo. A habitação em paizes frios e humidos parece tambem produzir esta molestia. Observa-se principalmente na Hollanda, no norte da França e na Inglaterra. Era tão geral n'este ultimo paiz durante o decimo-sexto seculo, que por muito tempo se chamou mal inglez; observa-se mais raramente nos paizes quentes; no Rio de Janeiro existe, mas não é tão commum como nas outras partes. Reina mais frequentemente nas cidades populosas do que nas aldeias e campos. As crianças das classes inferiores, que são mal nutridas nas grandes cidades, estão geralmente mais sujeitas a ella do que as das classes elevadas, bem que estas não estejam isentas. Na classe rica, os meninos tornam-se ás vezes rachiticos pela alimentação muito animalizada, nos primeiros mezes da vida, isto é, composta de carne ou de sopas muito gordas. O rachitismo observa-se mais especialmente no sexo feminino do que no masculino, e nas crianças de constituição debil ou nascidas de pais de temperamento fraco. Existem comtudo factos que provam que esta molestia affecta os jovens apparentemente robustos

bem constituidos e nascidos de pais muito sãos. Mas geralmente fallando, a affecção que faz o objecto d'este artigo é susceptivel de desenvolver-se sob a influencia de todas as causas que debilitam lentamente. A tudo quanto precede a este respeito, deve-se accrescentar, ácerca da criança em tenra idade, o leite de ama gravida, a habitação em logares baixos, humidos e escuros, a falta de exercicio. Deve-se temer mais particularmente o rachitismo nas crianças que tenham soffrido, nas que tem a cabeça volumosa, o ventre grosso, as pernas magras, e fracas, as articulações dos pulsos e dos joelhos mui grossas, quando é penosa a dentição, e os dentes se estragam quasi immediatamente depois de sahidos. Emfim, o onanismo é uma das causas mais poderosas do enfraquecimento e do rachitismo.

Symptomas. O rachitismo da primeira idade annuncia-se ás vezes subitamente por pequena febre, pela tristeza, perda de appetite, impossibilidade de ter-se em pé, dôres nos membros, ourinas turvas, etc. Estes symptomas podem não existir ou apparecer só no momento do augmento subito na intensidade do mal, que de ordinario se annuncia, de antemão, pela languidez, pallidez e inchação das juntas. Muitas vezes o primeiro symptoma apparente é uma deformação, uma curvatura rapidamente produzida no meio de um osso longo, ou de muitos ao mesmo tempo. Estas deformações, quer sejam simultaneas ou successivas, tendem a augmentar, ora desigualmente, ora de maneira igual, e podem chegar a tal ponto, que difficilmente se concebe como a vida póde conservar-se n'um corpo tão maltratado : encontram-se alguns d'estes individuos que, chegados á idade adulta, só tem dois pés de altura. Os dentes são frequentemente cariados ou estriados.

A columna vertebral conserva-se ás vezes direita no meio da deformação universal, ou está menos viciada do que os membros inferiores; por isso não é raro encontrar-se um individuo *cambaio* sem ser *carcunda*. Mas, bem que em geral a columna vertebral se desfigure mais tarde que as outras partes do corpo, as suas alterações nem por isso são menos profundas; e ha casos em que fica tão torta, que, em algumas partes da sua extensão, tem quasi a direcção transversal. A curvatura natural das costellas augmenta. Os ossos dos membros superiores experimentam um encurtamento notavel; os dedos, sobretudo, são curtos, espessos e nodosos; o braço é muitas vezes curvado quasi em fórma de S, e o antebraço arqueado para dentro. As coxas adquirem tambem mais ou menos a figura de S. As pernas, ordinariamente na sua parte inferior, tornam-se convexas para diante e para fóra. Mais raramente os ossos d'esta parte do corpo curvam-se na parte superior para diante e para dentro, e ha casos em que esta curvatura é tal, que o individuo pisa o chão tanto com a perna como com o pé.

Um dos phenomenos mais notaveis d'esta affecção é o desenvolvimento prematuro das faculdades intellectuaes e dos sentidos, especialmente do ouvido e da vista. Todas as pessoas podem observar que os carcundas tem o espirito penetrante e vivo : os seus ditos maravilham; são tambem susceptiveis de paixões vivas.

Importa, sobretudo, reconhecer os primeiros phenomenos do rachitismo. Na idade infantil, denota-se pela arqueação das pernas ou proeminencia do osso que se acha na parte superior do peito e se chama clavicula. Nas idades subsequentes, descobre-se maiormente pela deviação do dorso ou pelas más posturas. A criança não sustenta bem o corpo, e se lhe dizem que se endireite, observa-se, examinando-a com attenção, que um dos hombros é mais forte e elevado do que o outro. É ordinariamente o hombro direito que assim se levanta. O lado direito do peito torna-se mais convexo; o lado esquerdo, pelo contrario, forma uma depressão, cuja profundidade augmenta com a curvatura.

Prognostico. Em certos casos graves, o rachitismo caminha com uma intensidade prodigiosa e acaba por enfraquecer o individuo extremamente. Mas de ordinario a molestia faz progressos lentos; a arte ou a natureza a interrompem depois de uma duração variavel. Se o mal cessar em breve, o doente só conservará vestigios imperceptiveis; deixará deformidades proporcionadas á sua intensidade primitiva. Todavia, as deformações, bem que ao principio mui pronunciadas, poderão, senão desapparecer totalmente, ao menos diminuir muito pelos progressos ulteriores do crescimento. São frequentes os exemplos de meninos pequenos e disformes até á idade da puberdade, que crescem então, e, sem adquirirem uma bella estatura, nada offerecem na idade adulta que os faça notar desfavoravelmente.

Tratamento. Sendo o rachitismo uma molestia possivel de prever-se, visto ser ás vezes hereditaria, ou pelo menos commum a todos os irmãos e irmãs de uma mesma familia, é preciso, por conseguinte, prevenil-o nos primeiros dias da vida. Com estas vistas, confiai o menino a uma ama de leite robusta e recemparida; vigiai-a no que diz respeito á moralidade; se é a propria mãi quem nutre, deve cessar a amammentação á menor suspeita de gravidez. Quando a criança tiver seis mezes, dar-se-lhe-hão, além do leite da ama, algumas sopas de araruta, de pão, de arroz, de vez em quando caldos de gallinha e de carne de vacca, e continuar-se-ha este regimen e a amammentação até ao termo de quinze ou dezoito mezes. É necessario supprimir qualquer comida prematura, pois d'ella provém principalmente a molestia, e dar uma alimentação apropriada á idade das crianças, e á força dos orgãos digestivos. Assim, repetimos, para as crianças mui jovens, o leite da ama sómente; para as de idade mais adiantada, o uso graduado de sopas magras, alternadas com caldos de carne, ovos, sem lhe deixar comer carne nem legumes. O exercicio ao ar livre, os passeios ao sol, são de absoluta necessidade; a habitação do campo é mais salutar do que a das grandes cidades; mas se não se puder deixar estas, é preciso habitar a parte mais alta da casa. Os exercicios gymnasticos vem depois. A cama deve ser dura, composta de um colchão de plantas aromaticas seccas. Os estudos não serão tão aturados que afadiguem; occupai-vos primeiramente do corpo, e depois do espirito. Devemos sobretudo insistir n'estes meios corroborantes, nas convalescenças de molestias.

Quando o rachitismo está no seu começo ou ainda pouco adiantado,

convem se lance logo mão de um tratamento curativo. Eil-o : Regimen exclusivamente lacteo para as crianças de peito, aleitamento preferivel a qualquer outra alimentação ; nada de carnes, de sopas gordas ; habitação em logar elevado e exposto ao sol. Mais tarde, depois de desmammada, usará a criança de caldos substanciaes, carnes assadas, ovos, vinho e, de preferencia da Phosphatina Falières.

Os medicamentos contra o rachitismo são : 1.° *Oleo de figado de bacalháo de Berthé ou de Bals.* Internamente, na dóse de uma colher *de chá* a uma colher *de sopa*, conforme a idade, duas vezes por dia. Por cima do remedio o doente bebe um pouco de café, come um gomo de laranja, um pouco de doce, uma pastilha de hortelã, ou lava a bocca com vinho ou aguardente. — Externamente o oleo de figado emprega-se em fricções, na dóse de 30 grammas por dia, sobre os ossos deformados.

2.° *Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.* Uma pilula de manhã e uma á noite, na primeira semana; uma de manhã e duas á noite, na segunda semana; duas de manhã e duas á noite, na terceira semana e assim por diante.

3.° *Xarope de pyrophosphato de ferro de Robiquet*, 30 a 60 grammas.

4.° *Banhos aromaticos.* Um a dois banhos por semana. O modo de preparar estes banhos, acha-se indicado no vol. I, pag. 291.

5.° O doente deve dormir em *colchões feitos com plantas aromaticas*, como sejam alfazema, alecrim, salva, fetos, etc.

6.° Usar de banhos frios de rio ou do mar.

7.° Friccionar os ossos doentes com o *linimento de Rosen :*

Oleo concreto de moscada.....	4	grammas.
Oleo volatil de cravo.....	4	—
Alcoolato de zimbro.....	72	—

8.° *Xarope de quina.* Toma-se uma colher *de chá*, a uma colher *de sopa*, conforme a idade, duas vezes por dia.

9.° *Agua de cal.* Internamente na dóse de uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

10.° *Preparações de peptona Catillon.*

11.° *Pó de Carne de Catillon.*

12.° *Pó de carne diastasada e phosphatada de Trouette-Perret.* Toma-se uma a duas colheres *de sopa*, desfeito em um pouco de caldo, de chocolate, de leite ou agua assucarada. Deve-se tomar frio ou morno, nunca deixar ferver.

13.° *Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado.* Dóse : 1 calice a cada refeição.

14.° *Phosphato de cal granulado de Mentel.* Para tomar de 2 a 4 tampas medida por dia.

15.° *Xarope de iodureto de ferro, quina e glycerina de Catillon.* Dóse : uma colher *de chá* ou de *sobremeza*, segundo a idade.

16.° *Grageias de iodureto de ferro e Cascara sagrada de Demazière.* Toma-se na dóse de 2 grageias para as crianças e 4 grageias para os adultos.

17.' *Vinho de Cabanes.* Dóse: 1 calice de licor á cada refeição.

Um tratamento curativo especial póde ser dirigido mais cedo ou mais tarde contra os *effeitos* do rachitismo; isto é, contra as deformidades que d'elle resultam; mas, então estes effeitos tornam-se, de alguma sorte, estranhos ao mal primitivo; dão logar a considerações de outra ordem, e reclamam uma medicação particular. De todos os meios empregados contra as deformidades, um dos mais uteis é a acção repetida dos musculos que actua em sentido contrario á curvatura dos ossos. Assim, por exemplo, quando a columna vertebral principia a curvar-se, tira-se grande vantagem de exercicios repetidos muitas vezes por dia, e aturados quanto as forças o permittam. Consistem os exercicios em agarrar com as mãos um ponto de apoio elevado, e esforçar-se em erguer o corpo até este ponto; ou marchar teso como um soldado que está em parada. A mesma indicação póde ser preenchida por meios mecanicos applicados externamente, que actuam contínua, lenta e gradualmente, de maneira a endireitar pouco a pouco os ossos curvados. Estes meios empregam-se principalmente contra as pernas tortas. *Veja-se* CORCOVA, ORTHOPEDIA, EXERCICIOS.

RADIO. O *radio* é um dos dois ossos do antebraço; occupa o lado externo. É mais delgado em cima do que em baixo. A sua extremidade superior apresenta uma eminencia arredondada que tem o nome de *cabeça*, sustida por uma porção estreita ou *collo*. A extremidade inferior articula-se com os dois primeiros ossos da mão.

O *cubito*, segundo osso do antebraço, occupa o lado interno; é mais volumoso em cima do que em baixo. A extremidade superior é perforada pela cavidade *sygmoide,* na qual penetra a trochlea do humero; atraz está a *apophyse olecranea,* e adiante a *apophyse coronoide,* duas proeminencias que se alojam nas cavidades posterior e anterior da extremidade do humero, durante a extensão e a flexão do antebraço. A extremidade inferior do cubito chama-se *cabeça.*

RAINHA DOS PRADOS. *Veja-se* ULMEIRA.

RAIO. O raio não é outra cousa mais que uma faisca electrica, e o ruido que o acompanha procede da repulsão do ar. Os effeitos do raio só differem dos da maquina electrica na intensidade; cahe com preferencia nos pontos culminantes e corpos metallicos; inflamma as substancias combustiveis. Debaixo da sua influencia, o leite e o caldo decompõem-se, e as substancias animaes fermentam.

Quando ameaça uma trovoada, muitas pessoas experimentam oppressão do peito; os doentes acham-se n'uma agitação contínua, que cessa subitamente no momento em que a trovoada arrebenta. Quanto ao raio, este paralysa, rasga, queima, desorganiza as partes que toca: o infeliz sobre quem cahio morre antes de perceber o relampago; e se a victima traz adereços metallicos, a electricidade derrete-os, seguindo o caminho que lhe offerecem; até a presença d'elles determina a direcção das lesões da pelle; como tambem a natureza isolante de certas roupas contribue para preservar o corpo dos ataques do raio. Assim, vê-se na relação das desgraças acontecidas n'uma tempestade em Châteauneuf,

em França, que um sacerdote celebrante, estando com uma vestimenta de seda, foi o unico respeitado pelo raio no meio de numerosas victimas d'este terrivel meteoro, que matou nove pessoas e ferio oitenta e duas. As substancias isolantes da electricidade são o vidro, a seda e ás resinas.

A quéda do raio nem sempre é seguida de terminação fatal; as vezes só sobrevem um estupor e uma surdez que se desvaneeem ao eabo de alguns dias; em outros casos, manifesta-se uma paralysia mais ou menos completa e passageira.

O *tratamento* das pessoas fulminadas consiste em esfregar o espinhaço eom vinagre ou agua de Colonia; applicar sinapismos nas pernas e braços, dar a eheirar vinagre, metter na boeca um poueo de sal de cozinha; e se o rosto estiver vermelho, pratiear uma sangria no braço.

A seieneia depois de determinar a natureza intima do raio, fez eonhecer os meios de nos preservar d'elle : o para-raio, imaginado pelo Americano Franklin, preenehe este fim. Consiste este instrumento n'uma barra de ferro do comprimento de 7 a 10 metros, e de 5 eentimetros de largura, que se colloea sobre os edifieios e é destinada a protegêl-os : termina por uma haste eóniea de latão, tendo na sua extremidade uma agulha de platina muito aguda, e *communica sem nenhuma solução de continuidade com a terra humida, ou agua*. Estas duas eondições de *não haver* interrupção de conduetos, e eommunicarem estes eom o chão humido, são de rigor; quando não são preenehidas, o para-raio é mais nocivo do que util; o raio, que sobre elle eahe, não tarda a abandonal-o e dirige-se sobre os eorpos vizinhos, que despedaça para abrir eaminho até ao solo. *Veja-se* PARA-RAIO.

As *cautelas* eontra tão grande perigo eonsistem pois em guarnecer os telhados de eonduetores, evitar em oeeasiões de trovoada a vizinhança dos eorpos que pela sua elevação attrahem a eleetrieidade das nuvens, afastar-se das igregas, das torres de sinos e das arvores isoladas. O mais prudente, quando alguem fôr colhido por uma violenta tempestade, é continuar lentamente o seu eaminho, ainda que exposto á chuva. Nos quartos, deve-se estar distante das chaminés, que eonduzem faeilmente a eleetrieidade pela fuligem que eontém, e nunea approximar-se dos tubos metallicos que eonduzem as aguas servidas e as da ehuva.

Effeitos do raio, exiguo numero das suas victimas. — Os effeitos do raio são mui variados, e muitas vezes estranhos : quebra os corpos máos conduetores, inflamma os que são combustiveis, funde os metaes, mata os animaes, e transtorna os polos da agulha da bussola.

Observa-se que não cahe sempre sob a fórma de uma faisea, mas algumas vezes, como um globo de fogo, que desce mesmo assaz lentamente, em eomparação eom a faisca, e depois aeaba por estourar com uma detonação eomparavel ao estrondo de muitos eanhões. É n'este estado, sobretudo, que o raio ineendia os edifieios em que eahe. Conta-se que em 1718, tendo o raio eahido assim, debaixo da fórma globular, em Gouesnon, perto de Brest, fez voar o teeto e as paredes de uma casa como o faria a explosão de uma mina, e que houve pedras projeetadas em todas as direeções até 50 metros de distaneia.

O raio deixa após si um cheiro sulfuroso particular. Desde alguns annos, attribue-se este cheiro á electrização do oxygeneo do ar que forma um producto que se designa com o nome de *ozone*.

Muitas pessoas deixam possuir-se de um extremo terror pelo raio. Este receio, comtudo, diminuiria consideravelmente, se se considerasse o pequenissimo numero de pessoas que morrem assombradas do raio. Com effeito, não se conta em França, termo médio, mais de vinte victimas por anno; isto é, cerca de uma por dois milhões de habitantes; o que é muito menos que de outro genero de accidentes, de que quasi se não tem medo. As pessoas a quem esta consideração não chegar a tranquillizar, podem garantir-se durante o tempo de trovoada, com vestidos de seda, e melhor ainda, com assentos de pés de vidro, ou um disco espesso da mesma materia sobre o qual ficam isoladas Com estas precauções, não podem ser tocadas, e sentiriam só uma commoção mais ou menos forte, mas não mortal, se o raio cahisse perto d'ellas.

Nas aldeias, está-se no costume de tocar os sinos durante a trovoada, cuidando, pela virtude do sino, afastar a nuvem, e evitar a saraiva tão perigosa para as seáras. Se isso não passasse de um preconceito, pouco inconveniente haveria em deixar á gente do campo essa tal ou qual satisfação; mas ha perigo para os que tocam os sinos, porque os edificios mais altos são os que correm maior perigo, e com effeito vê-se frequentemente cahir o raio sobre as torres e matar os que alí se acham. Portanto é expôr, inutilmente, a vida de pobres ignorantes o deixal-os tocar os sinos quando troveja.

RAIVA. Dá-se este nome á reunião dos phenomenos que resultam muitas vezes *mas nem sempre*, no homem, da mordedura dos animaes damnados; e os doentes affectados d'esta molestia chamam-se *damnados*. Tem ella sido designada muitas vezes com o nome de *hydrophobia*, palavra de origem grega que significa horror á agua; porém manifestando-se tambem a aversão para os liquidos em diversas affecções nervosas, a palavra hydrophobia deve antes designar um symptoma da raiva, e não a propria raiva. Além d'isto o horror á agua não existe no cão damnado; existe só a impossibilidade de engulir. A raiva é susceptivel de se desenvolver espontaneamente nos cães, que a podem communicar a outros animaes, taes como gatos, porcos, cavallos, mulas, burros, bois, cabras, ovelhas, etc., e ao homem, depondo um virus particular em uma ferida feita por uma mordedura. Inoculada, isto é, introduzida em uma leve incisão, a baba do cão damnado n'um cão são, desenvolve n'este a doença; mas provam as experiencias e as observações que só os dois terços dos animaes *inoculados*, e o terço sómente dos individuos *mordidos*, é que ficam damnados. Isto depende ora de uma predisposição individual, ora de alguma circumstancia fortuita que permittio ao virus o ser expulso logo depois de applicado, ou que o impedio de penetrar na ferida; assim comprehende-se facilmente, que, mordendo um animal qualquer parte protegida por vestidos espessos, os dentes não chegam sempre ás carnes senão depois de perfeitamente enxutos. Nenhum facto prova de que a raiva se possa communicar depois da applicação do virus sobre a pelle não esfolada.

Propaga-se o contagio pelo contacto da baba do animal damnado com a parte esfolada ou ferida. No individuo mordido por um cão damnado a ferida nada offerece de particular, e cicatriza-se como se fôra feita por um animal são. Mas ao cabo de trinta ou quarenta dias, ás vezes antes, outras vezes depois, declaram-se subitamente os symptomas da molestia. Não ha exemplos de que a raiva se tenha declarado um anno depois da mordedura. Os symptomas são : dôr de cabeça, insomnia, calefrios, sobresaltos e leves convulsões; depois nauseas, vomitos e sêde ardente. Á vista dos liquidos ou pelo effeito da claridade, os doentes experimentam um calefrio involuntario; querem entretanto estancar a sêde que os devora; mas apenas o liquido lhes toca os labios, repellem o vaso com horror, porque não podem engulir por causa da contracção dolorosa da garganta; os musculos do rosto, do peito e dos membros são agitados por violentas convulsões. Ás vezes ha momentos de remissão, durante os quaes o damnado póde acalmar a sêde; mas, passado algumas horas, todos os phenomenos morbidos se reanimam com maior intensidade. Os olhos estão fitos ou continuamente agitados, as convulsões são geraes; uma baba espumosa enche a bocca; o doente cospe ás vezes no rosto ás pessoas que o rodeiam; sua physionomia exprime o medo e o furor; delira, rangem-lhe os dentes; alguns doentes desejam morder, mas são em pequeno numero. Nos instantes de remissão, o damnado deplora o seu estado, testemunha com viva sensibilidade a sua gratidão pelos cuidados que lhe prodigam, e pede perdão dos seus furores. Emfim, o pulso torna-se fraco, a respiração é cada vez mais anhelante; sobrevem soluços, um suor frio cobre-lhe o corpo, e o doente morre. Raras vezes dura a molestia mais de cinco dias. A morte tem logar ás vezes em vinte e quatro horas, mas de ordinario sobrevem no terceiro dia.

Tratamento. Um tratamento local póde atalhar a raiva sempre que seja possivel destruir as partes affectadas pela baba do animal damnado. A primeira cousa que deve fazer-se, á pessoa mordida por um animal damnado, é lavar immediatamente a ferida com agua fria, e cauterizal-a, quanto antes, com um prego de ferro em braza, com uma tesoura, uma chave aquecida em braza viva ou outro ferro de fórma conveniente, com um tição de fogo, com isca ou com polvora que se applica na ferida, e se accende. Outras substancias causticas, taes como a manteiga de antimonio, o oleo de vitriolo ou a pedra infernal, que são aconselhadas para o mesmo fim, não tem uma acção tão energica como o ferro em braza. Podem ser empregadas em quanto se aquece o ferro, mas é prudente, mesmo depois do seu emprego, tornar a cauterizar com o ferro em braza. Empregue-se a primeira substancia caustica que se póde ter mais promptamente, por exemplo a cal viva, que tambem é um caustico. A cauterização deve penetrar em todos os pontos que foram tocados pelos dentes do animal. Não se sabe o tempo, passado o qual nada mais resta a temer sobre os effeitos da mordedura do animal damnado; cumpre, pois, sempre recorrer á cauterização, seja qual fôr o numero de horas ou mesmo de dias decorridos depois da mordedura. Quanto á applicação das diversas plantas, e aos outros meios preconizados pela ignorancia ou

pelo charlatanismo, são inuteis, mesmo nocivos, e não merecem a menor confiança. Se ha tantos medicamentos propostos para prevenir os effeitos da mordedura no cão damnado, é porque não estando affectados da raiva os dois terços dos individuos mordidos, estes podem attribuir ao primeiro remedio a immunidade que é devida á marcha natural das cousas humanas.

Declarada a molestia, a medicina vê-se na triste impossibilidade de remedial-a; e os doentes morrem quasi sempre antes do quinto dia. Ha, entretanto, alguns exemplos de cura, mas infelizmente são raros. Tem sido observados em França, na escola veterinaria de Lyão, casos de cura de raiva nos cães sem nenhum tratamento. Contra a raiva declarada no homem foram empregados muitos medicamentos; os principaes são : os banhos geraes mornos, a belladona, o opio, o almiscar, a camphora, o castoreo, as cantharidas, o ammoniaco, o sulfato de quinina. Esperemos que, á força, de experimentar, algum genio feliz achará um dia o especifico d'esta terrivel molestia. Não podendo o doente engulir, convem administrar os medicamentos em fricções. Assim deve-se esfregar as pernas ou o pescoço com pomada de belladona (extracto de belladona 4 gram., banha 32 gram.); ou com linimento opiado (laudano de Sydenham 4 gram., azeite doce 28 grammas). Podendo o doente engulir administre-se-lhe, de meia em meia hora, uma colher da poção seguinte :

Agua commum.....	125	grammas.
Tintura de belladona.....	4	—

Os animaes domesticos, em que ha occasião de observar a raiva mais frequentemente, são o cão, o gato, o cavallo, o boi, os animaes lanigeros e o porco.

Ha já quatro annos que Pasteur em seu laboratorio da Escola Normal Superior de Pariz, tem feito minuciosas pesquizas sobre o virus da raiva, com o fim de achar um modo de tratamento superior aos que acabamos de enumerar. Começou elle por demonstrar que a séde principal do virus rabico resíde no systema nervoso. A virulencia conserva-se por muito tempo depois da morte no cerebro e na medulla espinhal. Inoculando em coelhos, um a um, o virus rabico, colhendo o virus necessario nos primeiros coelhos da serie, Pasteur provou que a raiva aggrava-se rapidamente e que os ultimos coelhos inoculados morrem mais depressa. O contrario acontece com os cães inoculados por series, o virus torna-se de menos a menos energico, e os ultimos cães inoculados não ficam doentes e acabam por se tornarem refractarios á inoculação do mais forte virus. Em possessão d'estes dados, Pasteur instituio um tratamento da raiva no homem, cujo tratamento consiste em dar a immunidade por meio de inoculações successivas de virus cada vez mais energico.

O exito consideravel obtido comparado aos dos revezes prova a excellencia d'este methodo que conseguir-se-ha certamente a melhorar ainda mais para o maior bem da humanidade. Quando as estatisticas passadas davam 17 a 20 por 100 de obitos, hoje em dia apenas o numero

de obitos de pessoas mordidas por cães damnados e tratadas no Instituto Pasteur chega a ser de 1,2 por 100.

Signaes do cão damnado. Fica triste, busca a solidão, esconde-se na sua casinha; retira-se para os recantos da casa, debaixo dos moveis, mas não mostra ao principio disposição alguma para morder. Obedece ainda, mas lentamente, á voz que o chama. Fica encolhido com a cabeça escondida entre as patas anteriores. Depois torna-se inquieto, muda muitas vezes de logar, e agita-se continuamente. O olhar torna-se estranho, a attitude sombria e suspeita. Vai de uma pessoa á outra, olha para cada uma d'ellas, e parece pedir um remedio ao mal que sente.

Uma das particularidades mais curiosas e mais importantes de conhecer ácerca da raiva do cão, é a perseverança, n'este animal, mesmo nos periodos mais adiantados da molestia, dos sentimentos de affeição para com os seus donos. D'aqui vem as frequentes illusões que os donos dos cães damnados tem sobre a natureza da molestia d'estes animaes. Como acreditar na raiva de um cão que se mostra sempre affectuoso, docil, e cuja molestia se manifesta sómente pela tristeza, agitação e selvajaria insolita? Illusões temiveis, porque este cão, de que não se desconfia, póde fazer uma mordedura fatal, sob a influencia de uma contrariedade ou em consequencia de uma correcção que o seu dono julgou dever-lhe infligir, quer por não ter obedecido immediatamente, quer por ter respondido a um primeiro ameaço com um gesto aggressivo.

No maior numero de casos, os donos não são mordidos senão nas circumstancias analogas ás que deixei indicadas. Porém as mais das vezes, o cão damnado respeita e poupa os que affeiçoa. Se não fosse assim, os accidentes da raiva seriam muito mais numerosos, porque pela maior parte os cães damnados ficam um e dois dias na casa, no meio das pessoas da familia e dos criados, primeiro que haja receios ácerca da natureza da sua molestia.

No principio da raiva apparece o *delirio raivoso*. Consiste este symptoma em movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objectos e ouve ruidos que existem só na sua imaginação. Ora, com effeito, estando o animal immovel, attento, como se estivesse de emboscada, atira-se de repente e morde no ar, como faz, no estado de saude, o cão que quer apanhar uma mosca a voar. Outras vezes arremessa-se furioso dando huivos contra a parede, como se tivesse ouvido de outro lado ruidos ameçadores. Estes signaes são muito importantes e merecem bastante attenção. São aliás muito fugaces, e basta, para desapparecerem, que a voz do dono se faça ouvir : immediatamente o animal dirige-se de rastos para o seu dono com a expressão de affecto que lhe é particular. Vem então um momento de repouso ; fecham-se os olhos lentamente, abaixa-se-lhe a cabeça, dobram-se os membros anteriores debaixo do peso do corpo, e o animal está quasi a cahir. Mas de repente põe-se direito; novos fantasmas vem assaltal-o, olha ao redor de si com uma expressão estranha, abre a bocca como para agarrar um objecto ao alcance de seus dentes, e arremessa-se na extremidade de sua cadeia,

ao encontro de um inimigo imaginario. Taes são os symptomas que se observam no começo da molestia.

No periodo mais adiantado, augmenta a agitação do animal. Elle vai, vem, anda para uma parte e para outra. Estando preso, levanta-se e deita-se continuamente, e muda de posição de todas as maneiras. Estando livre, parece andar procurando algum objecto perdido. Se se reparasse n'estes primeiros symptomas, poder-se-hiam evitar muitas desgraças. Desconfiai, pois, do cão que principia a mostrar-se doente; todo o cão doente deve ser reputado suspeito. Desconfiai, sobretudo, do que se tornou triste, que não sabe onde descançar, que vai e vem continuamente, anda para uma parte e para outra, com a bocca para o ar, ladra sem motivo, e esquadrinha nos cantos da casa, sem achar nada. Desconfiai do que se tornou para vós demasiado affeituoso, que vos lambe continuamente as mãos. O melhor meio de prevenir a raiva, consiste na divulgação dos symptomas que caracterizam esta molestia. Continuemos pois sua exposição.

Hydrophobia ou *horror á agua*. É um erro crer que o cão damnado tem repugnancia á agua. Chegado a certo periodo da molestia, o cão damnado tem os musculos da guela paralyzados e não póde engulir; mas no começo da molestia, isto é, quando está mais perigoso, o animal approxima-se á agua que se lhe apresenta, bebe-a, e até com muita avidez. E quando a constricção da guela torna a deglutição difficil, mergulha o focinho inteiro no vaso, e morde, por assim dizer, a agua que não póde engulir.

O preconceito do horror á agua é um dos mais perigosos que reina a respeito da raiva canina, e a palavra *hydrophobia*, formada de duas palavras gregas, que significa horror á agua, e que substituio pouco a pouco a da raiva, é uma das mais detestaveis invenções de linguagem, porque esta invenção tem sido a causa de muitas desgraças para a especie humana. Com effeito, esta palavra implica uma ideia, hoje muito estabelecida na opinião publica, de que o cão damnado tem herror á agua; por conseguinte, se bebe, não está damnado. Ora, observações numerosas feitas na Escola veterinaria de Pariz, provam evidentemente que o cão damnado não é hydrophobo; não tem horror á agua. Quer beber, mas não póde por causa da constricção ou da paralysia dos musculos da garganta.

Funcção digestiva no cão damnado. Nem sempre o cão damnado recusa os alimentos no começo da molestia, mas promptamente perde a vontade de comer. E, quer haja depravação de appetite, quer o animal experimente uma necessidade fatal e imperiosa de morder. apanha, rasga e móe grande numero de corpos estranhos á alimentação. A liteira sobre que dorme, as almofadas dos quartos, as chinelas, os trastes, a madeira, a herva, as pedras, o vidro, tudo engole. Conhecido isto, cumpre estar precavido contra um cão que rasga tudo em casa ou come terra. Estes factos são um preludio. O animal satisfaz já o seu furor raivoso sobre corpos inanimados, mas está proximo o momento em que o homem mesmo por amado que seja, poderá não ser poupado. Ha cães damnados,

cuja bocca enche-se de uma baba espumosa, sobretudo durante os accessos. Em outros, pelo contrario, esta cavidade acha-se completamente secca.

Um cão damnado faz ás vezes com as patas, de cada lado das faces, os gestos que são naturaes ao cão, em cuja garganta, ou dentes, parou um osso incompletamente moido. Outro tanto acontece quando a paralysia dos queixos torna a bocca muito aberta, como se observa na variedade da raiva tranquilla, chamada *raiva muda*, ou no periodo adiantado da raiva furiosa. Muitas pessoas julgam que este symptoma é a expressão de um osso parado na garganta; e desejando soccorrer o cão, fazem explorações que podem ter consequencias funestas, porque estas pessoas podem ferir-se nos dentes do animal doente, ou este, irritado, póde convulsivamente approximar os queixos, e morder.

Os *vomitos* são ás vezes um symptoma da raiva principiante. As materias lançadas podem ser sanguinolentas.

Voz do cão damnado. O latido do cão damnado é muito caracteristico. Quem o ouvio uma vez, não o póde confundir com outro som do mesmo genero. As modificações que a voz do cão experimenta na raiva são de duas especies : as que se referem ao som, e as que são relativas ás modulações que constituem o latido ou o huivo. O som é encoberto. O animal fica ordinariamente em pé, ás vezes sentado, com o focinho no ar. Principia por um latido ordinario, que termina de repente e de maneira singular, em um huivo de cinco, seis ou oito tons mais elevado do que a principio. Ouve-se, ás vezes, huivar os cães sãos, mas na raiva, o som produzido é um latido perfeito, ao qual succede de repente um huivo prolongado, que foi comparado ao canto do gallo. Sem duvida esta descripção não póde dar senão uma ideia imperfeita do latido rabiforme; mas o que importa saber é, que *sempre* a voz do cão damnado muda de tom; que o seu latido é inteiramente differente do latido natural. Cumpre, pois, desconfiar quando a voz conhecida de um cão muda de repente.

A raiva caracteriza-se ainda por uma particularidade mui singular, e que serve para reconhecer esta molestia; vem a ser a impressão que exerce, sobre um cão affectado da raiva, a vista de um animal da sua especie. Esta impressão é tão poderosa que dá logar immediatamente á manifestação de um accesso. Logo que o cão damnado se acha em presença de um animal da sua especie, atira-se a elle, e morde-o com furor.

Acontece muitas vezes que o cão que sente o primeiro ataque da raiva abandona a casa e desapparece, quer tenha morrido em algum logar retirado, quer fosse morto no caminho. Mas em alguns casos, o infeliz animal, depois de ter vagado por um ou dois dias, e escapado ás perseguições, volta para casa do dono. É n'esta circumstancia sobretudo que acontecem as desgraças. Com effeito, todos se apressam a soccorrêl-o, sobretudo se está miseravel, coberto de lama ou de sangue. Mas desgraçada da pessoa que se approxima d'elle! N'este periodo da molestia, a propensão para morder tornou-se imperiosa no cão, e muitas vezes paga com mordeduras virulentas as caricias que lhe fazem. Cumpre pois considerar como suspeito todo o cão que, depois de deixar a casa, volta

para ella passado um ou dois dias, e sobretudo se se acha no estado de miseria que deixei indicado.

Raiva de fórma tranquilla ou *raiva muda.* É uma variedade da raiva caracterizada, desde o principio, pela paralysia quasi completa dos musculos da guela, que torna absolutamente impossivel qualquer emissão de som. Eis-aqui os seus symptomas : bocca meio-aberta, cheia de baba, a lingua pendente ou collocada sobre a margem da arcada dentaria; olhar brando, triste, vago; o globo do olho as mais das vezes desviado; physiomia anciosa, que inspira compaixão.

Taes são os signaes que caracterizam a raiva no cão. Torna-se manifesto, por esta exposição, que a raiva canina não consiste em um furor continuo, como julgam muitas pessoas que não accreditam na raiva, e não a julgam senão pelos symptomas do seu ultimo periodo. Mas antes que estes symptomas se produzam, antes que o cão damnado se mostre inteiramente furioso, e exprima o seu furor por mordeduras, decorre um lapso de tempo bastante longo, durante o qual o animal fica inoffensivo, bem que a molestia já esteja declarada.

Quando a molestia chegou ao periodo em que se póde denominar *raiva*, isto é, quando se caracteriza por accessos de furor, a physionomia do cão é terrivel. Os olhos tem um brilho sombrio que inspira medo, mesmo quando se observa o animal atravez da grade da gaiola onde está fechado. Alí, agita-se continuamente ; pela menor excitação, atira-se para a gente, dando huivos caracteristicos. Furioso, morde as grades da gaiola, e quebra os dentes. Apresentando-se-lhe um páo, agarra-o com os dentes, e morde-o repetidas vezes. A este estado de excitação succede d'alí a pouco uma profunda lassidão; o animal, cançado; retira-se para o fnndo da gaiola, e alí fica algum tempo insensivel a quanto se possa fazer para irrital-o. Depois, acorda de repente, salta para diante, e entra em novo accesso.

Quando se introduz um cão são na gaiola do animal doente em pleno accesso de raiva, o seu primeiro movimento não é sempre atacal-o e mordêl-o. Pelo contrario, a presença da infeliz victima que se lhe sacrifica, quer seja macho ou femea, excita n'elle o sentido genital, o que testemunha por caricias. Durante estas manifestações apaixonadas, a victima, como se tivesse o presentimento do terrivel perigo que corre, exprime o medo por tremuras de todo o corpo, e agacha-se n'um canto da gaiola. Com effeito, em menos de um minuto o animal doente entra em raiva, e lança-se com furor sobre a victima. Esta, raras vezes se defende; de ordinario não responde ás mordeduras senão por gritos agudos que fazem um contraste com a raiva silenciosa do aggressor. Passado este primeiro momento de furor, o animal damnado faz novas caricias, que são seguidas logo de um novo accesso.

Quando o cão damnado está livre, ataca todos os entes vivos que encontra, mas com preferencia os cães. De sorte que é uma felicidade para o homem, que póde achar-se exposto ás suas mordeduras, o encontrar-se na vizinhança um cão sobre o qual o damnado possa apagar o seu furor. O cão damnado não conserva por muito tempo o modo de

andar habitual. Não tarda a ficar cançado. Então afrouxa os passos, e anda vacillando. A cauda pendente, a cabeça baixa, a guela aberta, d'onde sahe uma lingua azulada, dão-lhe um aspecto caracteristico. N'este estado é menos temivel que no momento de seus primeiros furores. Se ataca ainda, é porque acha na direcção que percorre a occasião de satisfazer a raiva. Mas já não muda de direcção para ir ao encontro de um animal ou de um homem que não se acham immediatamente ao alcance dos seus dentes. Logo o enfraquecimento é tal que é obrigado a parar no caminho. Então agacha-se em algum fosso da estrada, e fica alí somnolento durante muitas horas. Desgraçado do imprudente que lhe não respeitar o somno : o animal acordado, recupera frequentemente bastante força para dar-lhe uma mordedura. O cão damnado morre sempre paralyzado. A molestia dura de tres a oito dias. A figura 792 representa um cão damnado em repouso. Foi desenhado



Fig. 792. — Cão damnado em repouso, retratado do natural.

do natural. O modelo foi um cão damnado que existia n'um estabelecimento de Pariz, na rua Fontaine-au-Roi, n° 7, onde se recebem e tratam os animaes doentes.

Raiva no gato. Foi observada com menos frequencia do que no cão. O gato póde ficar damnado espontaneamente, mas raras vezes; de ordinario a raiva apparece n'elle depois da mordedura feita por um cão damnado. Como o cão, quando está atacado d'esta molestia, mostra ao principio um desassocego não motivado, que é tanto mais caracteristico quanto é sabido, que uma quietação perfeita é propria ao seu estado normal. A voz é rouca, e apresenta alguma analogia com a que faz ouvir no tempo do cio, vulgarmente dito o seu janeiro. Se se lhe tocar, procura morder. A prudencia exige que se considere como um signal de raiva qualquer mudança no estado normal do gato. A morte sobrevem no gato damnado, do mesmo modo que no cão.

Raiva no cavallo. Apresenta, ao principio, os mesmos symptomas que no cão : tristeza, inquietação, perda de appetite. O animal mexe-se continuamente; sacode a cabeça, bate com as mãos; tem fre-

quentemente vontade de morder, morde a si mesmo, e até rasga com os dentes as carnes das pernas. Tem os olhos brilhantes; mastiga a madeira da manjadoura; atira-se com violencia sobre a água, mas não a póde engulir. No terceiro ou quarto dia os accessos tornam mais frequentes; o animal experimenta tremuras, e morre em convulsões.

Raiva no boi ou **na vacca.** O animal dá mugidos queixosos e surdos, anda vagando, procura ferir com as pontas os outros animaes e tudo o que encontra, manifestando movimentos desordenados.

Raiva nos carneiros, ovelhas ou **outros animaes lanigeros.** Conhece-se pelo andar incerto, inquietação geral, excitação venerea acompanhada de tristeza. Nunca ha horror á agua. O animal bate com a cabeça; torna-se surdo á voz do pastor, e não tem mais medo do cão. A morte sobrevem como nas especies precedentes.

Raiva no porco. Não come, tem a lingua pendente, a guela cheia de baba. Raras vezes procura morder. Do sexto ao setimo dia, fica affectado de paralysia, e morre com a barriga inchada.

RAIZ DE GUINÉ. *Veja-se* PIPI.

RAIZ DE LAGARTO. *Veja-se* JALAPÃO.

RAKOCZY. Nome de uma das fontes das aguas de *Kissingen*. Agua laxativa. Exportada conserva-se bem. O seu deposito no Rio de Janeiro existe em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

RAMO DE AR. *Veja-se* APOPLEXIA.

RANHADOS. Portugal; Beira Beixa. Aguas sulfurosas quentes. 38° a 42°.

RANULA. Pequeno tumor molle, fluctuante, semi-transparente, formado pelo canal excretor da glandula salivar submaxillar, quando este canal se acha obstruido perto do seu orificio por um obstaculo qualquer, e estendido pela saliva. A ranula póde consistir tambem em um kysto desenvolvido á roda do canal da saliva. Este tumor cresce com o tempo, e encheria mais ou menos a cavidade da bocca, se não se restabelecesse o curso da saliva pela punção ou pela excisão de uma porção da parede do sacco. Quando a ranula consiste em um kysto formado á roda do canal conductor da saliva, é necessario fazer a sua completa excisão, ou obliteral-o com injecções de tintura de iodo.

RAPÉ. *Veja-se* TABACO.

RAPOILA DE COA. Portugal; Beira Baixa. Aguas sulfurosas quentes. 34° a 38°.

RASGADURA DO PERINEO. Chama-se *perineo* ao espaço comprehendido entre o anus e as partes genitaes. Esta região do corpo rasga-se ás vezes durante o parto. Para prevenir este accidente, a mulher deve usar frequentemente de banhos d'agua morna nas ultimas semanas da gravidez; e é necessario que durante o parto, a partcira applique com força a mão no perineo. Quando, pela falta d'estas precauções, e ás vezes apezar do seu emprego, o perineo rasga-se, os meios de curar esta molestia variam conforme a sua extensão. Quando a rasgadura se estende sómente até á metade do comprimento do perineo, obtem-se facilmente a cura; basta, para favorecer a cicatrização, que a mulher tome todos

os dias um semicupio d'agua tepida, tenha continuamente as coxas approximadas, e esteja deitada de lado. Mas quando a rasgadura se estende até ao anus, é preciso coser as margens da ferida com linha.

RATANHIA. *Krameria triandra*, Ruiz e Pavão. Polygaleas. Arbusto natural do Perú (fig. 793). Ramos numerosos, vellosos, esbranquiçados; folhas alternas, ovaes-oblongas, agudas, coriaceas; flores axillares, de pedunculo curto; fructo em fórma de um feijão, eriçado de pontas, contendo uma ou duas sementes; raiz dividida em grande numero de ramificações cylindricas, da grossura do dedo minimo, de côr roxa avermelhada, sabor adstringente e sem amargor. A parte central é de côr rosea pallida, e quasi sem sabor.

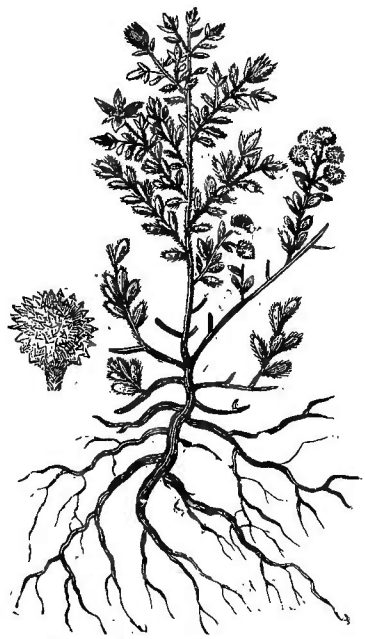


Fig. 793. — Ratanhia.

A raiz de ratanhia administra-se em infusão, que se prepara com 2 grammas da raiz, e 360 grammas d'agua fervendo. Toma-se em bebida nos escarros de sangue, hemorrhagias uterinas, e externamente em gargarejos nas esquinencias chronicas. O extracto de ratanhia emprega-se em pilulas ou poção na dóse de 1 a 4 grammas.

Ratanhia do Brazil. Ratanhia da terra. *Kramerio argentea*, Martius. Polygaleas. Sub arbusto do Brazil; habita especialmente na provincia da Bahia. Ramos avelludados : folhas ovaes oblongas, um pouco grossas; flores dispostas em espigas racimosas. A raiz é adstringente, e póde servir nos mesmos casos que a ratanhia do Perú.

RATO. Quadrupede da ordem dos Roedores. Entre as especies d'este animal nocivo, ha ratos grandes e pequenos : estes chamam-se mais particularmente *camondongos* (fig. 794). Estes animaes devastam tudo, fúram as paredes e os trastes, roem a roupa, os livros. O pão, o queijo, as fructas, o toucinho, as farinhas, os doces e as velas de sebo, são os objectos que preferem. É bom ter em casa um ou dois gatos para exterminar ou afugentar os ratos; ás vezes é preciso recorrer ás ratoeiras, ou a venenos. Para o envenenamento ha muitos meios : o arsenico, a noz vomica, o phosphoro e a cal. Nas casas onde ha crianças, o uso do arsenico é perigoso, porque esta substancia parece-se com assucar em pó, e deixa na lingua um resaibo adocicado; a noz vomica, o phosphoro e a cal podem empregar-se sem perigo. Póde-se misturar a raspadura fina da noz vomica com todas as substancias seccas ou liquidas de que os ratos gostam com preferencia; mettem-se estas preparações em cartas de jogar cujas margens foram levantadas para formar umas caixinhas, e põem-se na proximidade dos buracos dos ratos. Podem-se tambem enrolar em raspas de noz vomica pedacinhos de toucinho assado, collocados junto

aos buracos dos ratos; mas deve-se evitar que os gatos ou cães comam este toucinho. Sendo a noz vomica de sabor muito amargo, é talvez preferivel mistural-a com alguns doces.

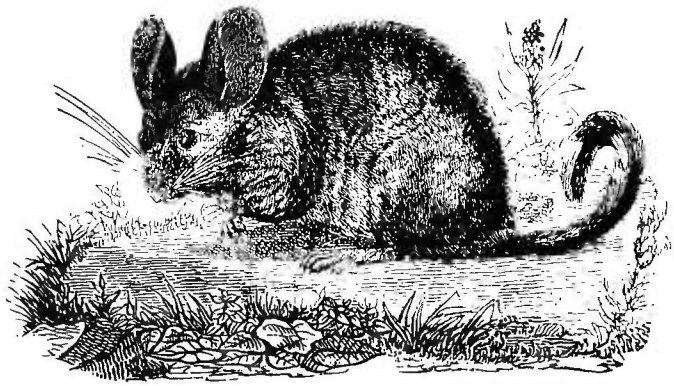


Fig. 794. — Camondongo.

Envenenamento dos ratos pela cal. Mistura-se a cal virgem com farinha de trigo em porções iguaes ou com assucar, e deita-se em caixinhas nos logares frequentados pelos ratos; e perto do veneno põe-se uma tigela com agua. Logo que o animal come a cal com a farinha, vai beber agua afim de apagar o fogo interior que o devora; mas apenas engole algumas gottas d'agua, a cal fermenta queima-lhe as paredes do estomago; o ventre do rato incha de maneira prodigiosa, e elle morre ali mesmo sem ter tempo de fugir para o seu buraco.

Veneno arsenical para a destruição dos ratos e outros animaes damninhos.

Sebo.....	500 gram.	fino.....	45 gram.
Farinha de trigo.....	500 —	Pós de sapato.....	4 —
Acido arsenioso em pó		Oleo essencial de aniz...	20 gottas.

Derreta o sebo em tigela de barro, ajunte as outras substancias, e misture exactamente. Esta massa póde ser empregada tal como acaba de ser formulada, ou misturada com as substancias que costumam comer os animaes que se querem destruir.

Veneno phosphoreo.

Phosphoro.....	30 gram.	Sebo derretido.....	600 gram.
Agua fervendo.....	600 —	Azeite doce.....	600 —
Farinha de trigo.....	600 —	Assucar.....	720 —

Deite o phosphoro na agua fervendo e em almofariz de porcelana mui limpo; dissolvido o phosphoro, ajunte-lhe pouco a pouco a farinha, mexendo continuamente com espatula de páo; estando esta primeira mistura quasi fria, deite pouco a pouco o sebo derretido mas pouco quente, azeite e assucar, e mexa até esfriar. Conserva-se esta massa em vasos tapados. Para empregal-a, estende-se em camadas finas sobre fatias de pão mui delgadas. Os ratos comem-n'a, e morrem em pouco tempo.

Os ratos podem apanhar-se nas ratoeiras com queijo ou toucinho queimado no fogo. Ha differentes especies de ratoeiras.

Um meio tão certo como o veneno, e que não apresenta o mesmo perigo, consiste em dispôr, nos logares frequentados pelos ratos, uma tina meia cheia d'agua e coberta de pranchas mal juntas, de que uma faz balouço : colloca-se por cima d'esta alguma isca, por exemplo um pedaço de toucinho assado á vela, e póde-se estar certo de que não se passará noite sem que algum rato venha afogar-se.

REAL-HUNGARA. Hungria. Aguas purgativas salinas frias. Mineralisação 410,43. Estas aguas contém sulfatos de magnesia, de soda, de potassa e de cal; carbonato de soda; bicarbonatos de soda; de cal, de magnesia; chlorureto de sodio; vestigios de silica e alumina; oxydo de ferro. As aguas Real-Hungara empregam-se nas prisões de ventre, palpitações de coração, congestões, vertigens, molestias do baixo ventre, febres inflammatorias, obesidade e nas molestias das mulheres.

REBORDECHÃO. *Veja-se* PEDRAS SALGADAS.

RECEITA ou **Formula.** Chama-se *formula* ou *receita* uma indicação escripta das substancias que devem entrar na composição de um medicamento, as dóses d'estas substancias, a fórma pharmaceutica que se quer dar ao medicamento, e ás vezes a maneira de o preparar e de administral-o.

RECEM-NASCIDO. *Veja-se* o artigo PARTO, vol. II, pag. 639, onde estão indicados os cuidados que devem prestar-se á criança recem-nascida.

RECTO. Ultima porção do intestino grosso, assim chamada por causa da sua direcção quasi recta. Termina por um orificio chamado *anus*. Eis-aqui as molestias que podem affectar o recto.

MOLESTIAS DO RECTO.

Affecções venereas do recto. *Veja-se* vol. I, pag. 193.

Cancro do recto. *Veja-se* vol. I, pag. 439.

Corpos estranhos no recto. *Veja-se* vol. I, pag. 731.

Estreitamento do recto. Os estreitamentos do recto são devidos a diversos estados de induração, de augmento de volume das membranas do intestino, ou a desenvolvimentos anormaes, a tumores vizinhos. Estas lesões tem por consequencia necessaria uma mudança na fórma, direcção, diametro do intestino, circumstancias que occasionam desarranjos na defecação, a qual se torna quasi sempre difficil.

Os estreitamentos podem ter a séde em todas as alturas. Uns existem perto do anus, outros estão situados tão profuudamente, que apenas podem ser attingidos com o dedo introduzido no intestino; os mais frequentes acham-se um pouco em cima do anus.

Causas. As causas dos estreitamentos do recto são numerosas : taes são as affecções organicas do intestino, os cancros, os polypos, etc. A diminuição do calibre do intestino, não é, n'estes casos, senão um symptoma de outra affecção. A causa mais frequente dos estreitamentos

verdadeiros é a inflammação : assim os abcessos desenvolvidos na superficie ou na espessura do recto podem ser causa de estreitamentos. A ulceração da membrana mucosa, a dysenteria chronica, podem ser seguidas de estreitamentos; o prolapso do recto, as hemorrhoidas, as contusões violentas, a introducção dos corpos estranhos, etc., podem, provocando a inflammação do recto, determinar o estreitamento. A syphilis, a blennorrhagia anal, os cancros desenvolvidos no anus ou no interior do recto, ou mesmo na vizinhança do intestino, foram considerados com razão como causas do estreitamento do recto.

Symptomas. Ao principio, os enfermos tem prisão de ventre, que necessita o uso de clysteres ou de leves purgantes; mas logo depois a prisão de ventre torna-se mais rebelde; sobrevem colicas mais ou menos intensas; as evacuações são irregulares; o ventre está duro, inchado, sensivel á compressão; as materias fecaes sahem com difficuldade. A irritação occasionada pelas materias no intestino provoca a secreção de um liquido mucuso que determina frequente vontade de ir á banca. Os esforços porém, são quasi sempre sem resultado. Quando a retenção é completa, observam-se vomitos das materias estercoraes e os mais accidentes proprios ás occlusões intestinaes, a peritonite, a ruptura do intestino, etc., etc. Introduzindo uma sonda no anus, verifica-se a altura do estreitamento; sente-se, com effeito, uma resistencia mais ou menos forte. Mas o melhor meio de exploração é a introducção do dedo; póde-se com o dedo verificar o estado da membrana mucosa do recto, determinar a séde, o gráo do estreitamento e a resistencia que póde offerecer. Infelizmente a altura do estreitamento nem sempre permitte que o dedo attinja o obstaculo.

Tratamento. O tratamento é *palliativo* ou *curativo*.

1.° *Tratamento palliativo.* Consiste em clysteres d'agua tepida, semicupios da mesma natureza, clysteres com oleo de ricino, duches ascendentes, regimen composto principalmente de vegetaes. Estes meios não curam os estreitamentos, abrandam, porém, os seus incommodos.

2.° *Tratamento curativo.* São aconselhadas contra os estreitamentos do recto a *dilatação*, a *cauterização*, a *incisão*.

Dilatação. Introduz-se no estreitamento uma mecha de fios, de que se augmenta gradualmente o volume. Este meio allivia promptamente e póde curar o estreitamento, quando é simples e recente. É necessario repetir o curativo de tempos a tempos, por causa da tendencia que tem a molestia a reproduzir-se. Póde-se tambem dilatar instantaneamente o intestino por meio de uma tenaz empregada na operação da cystotomia : foram curados por este meio estreitamentos mui graves. O Dr. Nelaton aconselha, quando isto é possivel, dilatar o orificio estreitado por um processo semelhante ao que é empregado para curar a fissura do anus : o doente está submettido ás inhalações do chloroformio; depois introduzem-se os dedos profundamente no estreitamento, e ali rasgam-se os tecidos. Ás vezes a resistencia é tal que é necessario recorrer a um instrumento, a um pequeno especulo rectal. Para prevenir a recahida, recommenda-se manter a dilatação por meio de uma mecha ou de um

apparelho de cautchuc introduzido no recto por meio de uma haste; este apparelho enche-se depois de ar. — Não sendo possivel que uma mecha, mesmo mui pequena, passe o estreitamento, deve-se introduzir a mecha até ao obstaculo e deixal-a ali. Pouco a pouco desincha o logar pelo corrimento da materia que a presença da mecha determina, e um ou mais dias depois, a via acha-se bastante larga para dar passagem á mecha.

Cauterização. Toca-se o estreitamento com pedra infernal. Este meio póde modificar as superficies affectadas e tornar a dilatação mais facil.

Incisão. Preconizado sobretudo na Inglaterra, este meio é bom quando o obstaculo não apresenta espessura consideravel. Leva-se sobre a polpa do dedo um bisturi de ponta romba, e fazem-se, á direita e esquerda, pequenas incisões.

O estabelecimento de um anus artificial póde tornar-se necessario no caso de um aperto extremamente estreito e incoercivel.

Fissura no anus. *Veja-se* vol. I, pag. 1179.

Fistula no anus. *Veja-se* vol. I, pag. 1181.

Hemorrhoidas. *Veja-se* vol. II, pag. 136.

Inflammação do recto. A inflammação póde ter logar na margem do anus ou no interior do recto. As circumstancias que podem produzil-a são : a irritação occasionada pelas materias fecaes endurecidas; os esforços no acto de defecação nas pessoas acommettidas frequentemente de prisão de ventre, a abundancia da secreção cutanea, e a sua acrimonia.

A irritação do interior do anus annuncia-se ordinariamente pelos puxos e vontade frequente de ir á banca; ha um escorrimento mucoso, amarellado, ou estriado de sangue, e uma sensação de peso no anus; parece ao doente que uma massa consideravel tende sem cessar a sahir do recto. Semicupios d'agua tepida, clysteres de cozimento de linhaça, e alguns dias de repouso, bastam ordinariamente par curar uma affecção tão leve. Diminuindo a quantidade de comidas, as evacuações tornar-se-hão menos frequentes, e a cura mais prompta. Quando o incommodo é entretido pela fricção das superficies tegumentarias, é preciso introduzir entre as nadegas uma mecha de fios ou um panno untado de ceroto.

Polypos do recto. Dá-se este nome a excrescencias carnosas que se desenvolvem ás vezes no recto. Os polypos do recto são mui raros. Esta affecção é infinitamente mais frequente nas crianças do que nos adultos. Os polypos do recto podem ser unicos ou multiplos; são ordinariamente lisos, molles, ora pediculados, ora de base larga. O seu volume é variavel. Ha-os que apenas tem o volume de uma avelã, entretanto que outros podem attingir o de um ovo de gallinha. Ora estão situados na margem do anus, ora se acham implantados muito mais profundamente no recto.

Symptomas. Os polypos do recto tornam difficil a sahida das materias fecaes, causam dôres no momento da defecação, determinam um sentimento de peso no perineo e occasionam corrimentos sanguinolentos. Sahem no momento da defecação, e podem ser reduzidos com facili-

dade. O dedo introduzido no recto encontra um tumor liso, molle, elastico, tendo um pediculo mais ou menos estreito. A *marcha* d'esta affecção é em geral lenta; ás vezes os tumores desapparecem espontaneamente. O *diagnostico* é facil quando os polypos existem na parte inferior do recto, e quando sahem em cada esforço de defecação. Podem-se facilmente distinguir da sahida do recto pela sua fórma, côr, e sobretudo por não existir orificio no centro do tumor. Foram tambem confundidos com as hemorrhoidas; mas, nos polypos, as hemorrhagias mostram-se sobretudo depois da defecação, e não são contínuas como nas hemorrhoidas.

Tratamento. Quando o polypo está situado perto da margem do anus, é facil applicar uma linha sobre o seu pediculo e apertal-o com ella, para produzir a sua mortificação e a sua quéda; mas as difficuldades são maiores quando o polypo está implantado mais acima. Sendo o pediculo estreito, basta apertal-o com uma pinça. Emprega-se tambem a *excisão;* se sobrevier hemorrhagia, depois da operação, é preciso encher o recto com pannos e fios.

Prolapso do recto. *Veja-se* vol. I, pag. 192.

Vegetações do recto. Sobrevem ás vezes na membrana mucosa rectal vegetações tendo toda a apparencia das verrugas : esta affecção não apresenta gravidade, e só occasiona leve comichão. O tratamento consiste em cortar estas pequenas producções com tesoura curva, e cauterizar a base com pedra infernal. Pódem reproduzir-se. Se se suspeitar a sua natureza syphilitica, é necessario submetter-se ao tratamento interno e externo da syphilis.

REFRIGERANTE. Chamam-se *refrigerantes* os medicamentos que acalmam a sêde e diminuem a temperatura do corpo : taes são as bebidas acidulas frias, como a limonada de limão, de laranja, de tamarindos, as diversas fructas acidulas, as saladas, as hortaliças, etc.

REGIMEN. Synonymo de dieta. *Veja-se* DIETA.

REGRAS. *Veja-se* MENSTRUAÇÃO.

RELAXAÇÃO DA CAMPAINHA DA GARGANTA. *Veja-se* vol. I, pag. 420.

RELAXANTES. *Veja-se* EMOLLIENTES.

REMEDIO. Esta palavra não é inteiramente synonymo de medicamento. Chama-se *medicamento* toda a substancia empregada pela medicina para restabelecer a saude; o *remedio* significa alguma cousa mais. Designa-se mais particularmente pelo nome de remedio a substancia que é considerada como *capaz* de curar alguma molestia; e por isso todos os dias os doentes pedem aos medicos que lhes dêem um remedio para acalmar este ou aquelle phenomeno morboso : infelizmente possuimos mais medicamentos do que remedios.

REMELA. Dá-se este nome a materia espessa, amarellada, que no estado de saude se forma em pequena quantidade na margem livre das palpebras, e é destinada a humedecer estas partes; quando secca deve tirar-se todas as manhãs, lavando o rosto com agua fria. Em algumas molestias dos olhos, e sobretudo na ophthalmia, a remela accumula-se

com muita abundancia, sécca durante a noite, e determina a adherencia das palpebras : é preciso então lavar os olhos com agua morna, afim de amollecêl-a, e tiral-a depois com muito cuidado, porque a sua presença n'estes casos augmenta a irritação dos olhos. O tratamento que deve empregar-se contra a remela é o mesmo que se segue contra as molestias que a occasionam. *Veja-se* CONJUNCTIVITE e OLHO.

REMISSÃO. *Veja-se* APYREXIA.

RENDIDO DAS VIRILHAS, RENDIDURA, *V.* QUEBRADURA.

RENDUFE. Portugal; Minho. Aguas quentes, levemente alcalinas 23°,5. Situadas na povoação chamada S. Thiago de Caldellas, junto ao ribeiro de Caldellas ou rio Albito, a duas legoas da cidade de Braga. São limpidas e transparentes, agradaveis ao paladar. Mil grammas deixam 11 centigrammas de residuo solido, formado de sulfatos e chloruretos alcalinos, calcareos, magnesianos e silica. Estas aguas actuam principalmente pela sua temperatura calida, porque a quantidade dos saes, que contém, é insignificante. Comtudo são bastante concorridas, contra os rheumatismos. O estabelecimento actual dos banhos foi construido em 1803; compõe-se de quatro casas, cada uma com um pequeno tanque; todos os tanques são alimentados por duas nascentes. A estação balnearia dura desde fins de Junho até fins de Outubro.

RENLAIGUE. França, departemento de Puy de Dôme, perto d'Issoire. Agua mineral fria; 11°, limpida, mui gazosa contendo proporções consideraveis de acido carbonico, bicarbonatos de soda e de magnesia, ferro e silica. Esta agua se conserva muito bem pelo que pode ser transportada. Pela grande quantidade de ferro que contém, é superior ás aguas de Spa e de Orezza que são menos alcalinas. Esta agua aproveita muito nas dyspepsias, anemias e no catarrho vesical.

Trajecto de Pariz a Renlaigue : 11 horas em estrada de ferro.

REPOLHO. *Veja-se* COUVE.

REPOUSO. O repouso no quarto ou na cama, na cidade ou no campo, longe do ruido, e da preoccupação dos negocios, e mesmo da conversação das pessoas intimas, é, em muitas molestias agudas e chronicas, um dos mais poderosos meios da cura. Em toda a molestia aguda grave, o repouso é indispensavel; e em muitas molestias chronicas, sobretudo nas affecções do cerebro, é absolutamente necessario.

RESFRIADO. Algumas pessoas empregam esta palavra como synonymo de constipação. *Veja-se* vol. I, pag. 675.

RESICAÇÃO DO VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

RESINA. As resinas são productos vegetaes que se derretem pelo calor, e n'isso se distinguem das gommas. São em geral amarellas ou roxas, solidas, quebradiças, inflammaveis, insoluveis, em agua, soluveis no alcool, ether e nos corpos gordos. Colhem-se em grande numero de plantas mediante incisões praticadas sobre a casca; algumas reçumam naturalmente da superficie das arvores sob a fórma de liquido claro. As gommas, com que as resinas tem sido ás vezes confundidas, são, pelo contrario, leitosas no momento da sahida. Em geral, as resinas

gozam de propriedades estimulantes : algumas são purgativas, como a resina de jalapa, de escamonea : servem sobretudo na preparação dos unguentos, e empregam-se nas artes para a preparação dos vernizes. As principaes resinas são : copal, elemi, mastique, myrrha, incenso, etc.

Resina amarella ou **pez resina.** Residuo da distillação da terebinthina, para a extracção da essencia. É amarellada, solida, friavel. Entra na composição dos emplastos.

Resina animé. É fornecida pela *Hymenœa courbaril*, Linneo, grande arvore do Brazil, da familia das Leguminosas. Apresenta-se em bocados oblongos, duros, de côr branca-amarellada, transparentes no interior, farinhentos no exterior; soluvel no alcool; de cheiro aromatica, sabor pouco sensivel. Vulgarmente dão-lhe no Brazil o nome de *resina de jatahy*. *Veja-se* JATAHY.

Resina caranha. Em bocados do tamanho de uma noz, comprimidos, duros, de côr negra esverdeada, opacos, cheiro de resina de pinho e de tacamahaca; attribue-se á *Amyris caranna* (Terebinthaceas).

Resina copal. *Veja-se* COPAL.

Resina dammar ou **Kauri,** de que existem muitas especies; dá vernizes analogos aos da resina copal.

Resina elemi. *Veja-se* ELEMI.

Resina guaiaco. *Veja-se* GUAIACO, vol. II, pag. 104.

Resina de jalapa. *Veja-se* JALAPA.

Resina tacamahaca. Ha d'ella muitas especies. A tacamahaca ordinaria apresenta-se em massas irregulares, amarellas ou esverdeadas, meio-transparentes no interior; marcadas de veios esbranquiçados, cinzentos e farinhosos no exterior; cheiro de terebinthina, sabor pouco sensivel a principio, mas que se torna depois acre. Attribue-se á *Icica heptaphylla*, Aubl., e a outras arvores do genero *Icica* que habitam no Brazil, ou á *Fagara octandra* (Terebinthaceas).

RESOLVENTE. Chamam-se resolventes as substancias mais ou menos estimulantes que tem por effeito favorecer a resorpção dos liquidos derramados nos tecidos, e fazer desapparecer os engurgitamentos. Os medicamentos resolventes empregam-se nas torceduras, nos derramamentos sanguineos que constituem os gallos, nas contusões, glandulas enfartadas, escrophulas, etc. Os resolventes mais empregados são : agua fria, aguardente camphorada, vinagre aromatico, pomada de iodureto de potassio, unguento de cicuta, etc.

RESORCINA. Phenol crystallizado em agulhas brancas longas, de sabor amargo, soluvel na agua, no ether, no alcool, na vaselina, etc. Obtem-se'o combinando com a potassa, o galbano, a gomma ammoniaca, o sagapeno, a assafetida, etc. Tomada em alta dóse, a resorcina é um veneno do systema nervoso; nos animaes, produz perturbações respiratorias e convulsões que se terminam pela morte; no homem produz, alem d'estes symptomas, vertigens, desarranjos dos sentidos, hallucinações e grande abaixamento da temperatura; não se nota nenhuma desordem no tubo digestivo nem em suas circumvizinhanças. A resorcina se elimina pelas ourinas, ella possue propriedades antifermentisiveis e

antiputridas de grande utilidade; é por causa d'estas propriedades que ella é empregada em medicina, visto ser o seu poder antifebril mui limitado. Prescreve-se'a na diphterie, nos catarrhos vesicaes e intestinaes, nas ulcerações escrophulosas, no cancro molle e nas vaginites.

Administra-se a resorcina internamente, em poção, na dóse de 1 a 3 grammas. Sobre a pelle e as mucosas applica-se em solução de 1 a 4 grammas de resorcina em 20 a 30 grammas de vaselina ou de glycerina.

O doutor Moncorvo, do Rio de Janeiro, tem tirado muito bons resultados com o emprego d'esta substancia na coqueluche. Elle reconhece a natureza parasitaria d'esta molestia, que é causada pela presença de micrococi que se multiplicam de uma maneira prodigiosa sobre a mucosa que cobre a região susglottica da larynge.

Em todos os casos em que a resorcina foi applicada directamente, ella fez diminuir rapidamente as quintas de tosse e a intensidade d'ellas ficando os doentes curados no espaço de 20 dias a um mez.

O doutor Moncorvo emprega primeiramente o chlorhydrato de cocaina com um pincel, para anesthesiar a mucosa, e logo em seguida pincela com uma solução de resorcina :

R. Resorcina chimicamente pura..... 1 gramma.
Agua distillada ou glycerina..... 15 grammas.

Serve-se de um pincel curvo com cabo.

Uma pincelada de hora em hora, noite e dia.

Internamente : de 6 a 10 grammas de resorcina.

Esta substancia determina logo a diminuição do pulso e traz um rapido desapparecimento dos ganglios.

RESPIRAÇÃO. Funcção pela qual o sangue venoso se transforma em sangue arterial; de preto muda-se em vermelho. Esta transformação faz-se nos pulmões, sob a influencia do ar exterior. Os orgãos encarregados da funcção da respiração, são os *pulmões*, nos quaes o ar penetra pelos canaes chamados *traca-arteria* e *bronchios*. Compõe-se cada movimento de dois tempos, inspiração e expiração : pela *inspiração* o ar introduz-se nos pulmões, e pela *expiração* é expulso. No estado natural a respiração é facil, branda, igual e sem ruido sensivel. Contam-se quasi trinta e cinco respirações por minuto, durante o primeiro anno da vida, vinte e cinco no segundo anno, vinte na puberdade, e dezoito na idade adulta. Os movimentos respiratorios experimentam mudanças nas molestias.

RESTA-BOI, Rilha-boi, Unha gata (fig. 795). *Ononis spinosa*, Willdenow. Leguminosas. Planta lignea e vivaz, que habita nas bordas dos caminhos da Europa; em Portugal acha-se frequentemente nos campos dos arredores de Coimbra, Lisboa, e outras partes em todo o Reino. Caules de 50 a 65 centimetros, mui ramosos; os ramos terminam por um espinho rijo; folhas inferiores divididas em tres foliolos; as superiores são simples, ovaes lanceoladas, denteadas, empubescidas, pegajosas, de cheiro desagradavel; flores purpureas, ás vezes brancas;

raizes do comprimento de 65 centimetros, da grossura de um dedo, ligneas, flexiveis e difficeis de romper; retem muitas vezes a charrua do lavrador, o que valeo á planta o nome que tem. Esta raiz tem sabor



Fig. 795. — Resta boi.

adocicado, que apresenta alguma analogia com o sabor do alcaçuz; o cheiro é fraco e desagradavel; é reputada diuretica; usa-se ás vezes em infusão : 4 grammas para 200 grammas d'agua a ferver.

RETENÇÃO DE OURINA. Impossibilidade de evacuar a ourina accumulada na bexiga.

Causas. A retenção de ourina póde ser produzida por causas mui

diversas que passo a enumerar: espasmo do collo da bexiga que oblitera momentaneamente as vias urinarias; a fraqueza e paralysia da bexiga; o estreitamento da urethra; a hypertrophia da prostata; os calculos vesicaes; os tumores desenvolvidos no perineo que tapam o canal da urethra; a inflammação da bexiga. A retenção da ourina apparece tambem na inflammação do cerebro, da medulla espinhal e em muitas febres graves.

Symptomas. Peso no perineo, vontade de ourinar, dôres ao longo das vias urinarias, desde a glande até ás cadeiras; dôres no baixo-ventre; nauseas, vomitos; febre; suores com cheiro de ourina; e estensão do hypogastro por um tumor duro, globoso, doloroso á pressão, que se estende ás vezes até ao embigo, e que é formado pela bexiga dilatada.

O *tratamento* consiste em evacuar por meio da sonda o liquido accumulado, e em remediar depois a causa da molestia. O modo de introduzir a sonda na bexiga, acha-se descripto no artigo CATHETERISMO, vol. I, pag. 513. Antes de recorrer á sonda, tome-se um semicupio d'agua morna, ou applique-se uma cataplasma de linhaça no ventre.

Acontece ás vezes que a pessoa acommettida de imperiosa necessidade de ourinar, se acha impedida de a satisfazer immediatamente pela situação, pelas exigencias sociaes, por falta do logar conveniente, ou por qualquer outro motivo: mais tarde, quando lhe é permittido alliviar-se, não póde mais; o liquido não sahe, ou sahe ás gottas: ha retenção. Em semelhante caso póde-se excitar a acção da bexiga applicando um corpo frio sobre o baixo-ventre, coxas, ou approximando o ourinol ao escroto. Se isto não fôr sufficiente, é preciso metter-se em um banho d'agua morna, e esperar a chegada de um cirurgião, a quem se deve participar o genero de accidente contra o qual se reclamam os seus soccorros, afim de que elle venha munido de sonda. Muitas vezes o banho provoca a sahida das ourinas e faz parar os accidentes; no caso contrario, o cirurgião, introduzindo a sonda, esvasia a bexiga e preenche a indicação mais urgente. Na falta absoluta do cirurgião o doente póde sondar-se a si mesmo, com a sonda de prata ou de gomma, e seguindo as instrucções que deixei indicadas no artigo CATHETERISMO.

Quando a retenção de ourina provém de estreitamento da urethra, é, ás vezes, impossivel introduzir a sonda; em tal caso deve-se recorrer á puncção da bexiga, a qual se pratica pelo hypogastro, pelo perineo ou pelo recto.

Depois de evacuada a ourina, cumpre combater a molestia que occasionou a retenção. *Veja-se* PARALYSIA DA BEXIGA, ESTREITAMENTO DA URETHRA, HYPERTROPHIA DA PROSTATA, etc.

RETINA. Quando o nervo optico (*veja-se* OPTICA) penetrou no globo do olho passando atravez da esclerotica e da choroide, elle alarga-se e constitue uma fina membrana que se estende no fundo do olho. Esta membrana ou retina serve exclusivamente para receber as impressões luminosas que o nervo optico transmitte ao cerebro. Ella é mantida pela pressão que exerce, em sua superficie, o corpo vitreo que occupa a maior parte do globo do olho. É muitissimo complicada a estructura da

retina; as numerosas camadas de que ella é composta, são todas formadas de tecido nervoso. A destruição d'esta membrana occasiona a perda irremediavel da visão.

RETINITE. Inflammação da retina. É caracterizada por uma dôr viva no fundo da orbita, aversão contra a luz, espectros luminosos de côr rubra, verde ou amarella, e que os doentes comparam a foguetes. O tratamento compõe-se de bichas nas fontes, fricções na testa com ungento mercurial, e na administração do tartaro emetico, segundo a receita seguinte :

Agua.....	150 grammas.
Tartaro emetico.....	25 centigrammas.
Xarope diacodio.....	30 grammas.

Para tomar duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

REVALENTA, Ervalenta, Revalescière DU BARRY. Esta substancia alimentaria, pomposamente annunciada sob a denominação de *deliciosa farinha restauradora*, pelo doutor inglez que a inventou, tem por base a farinha de lentilhas, com porções variaveis de farinha de feijões, de milho, de aveia, de cevada, tudo addicionado de um pouco de sal marinho. É inutil dizer que todas as propriedades maravilhosas attribuidas a esta mistura são exageradas.

REVULSIVO ou **Derivativo.** Chamam-se *revulsivos* ou *derivativos* aos diversos meios que a medicina emprega para desviar o elemento de uma molestia, um humor, para uma parte mais ou menos afastada. Os sinapismos e os vesicatorios actuam muitas vezes como *revulsivos*; o escaldapés é um *revulsivo* a respeito da cabeça; a sangria do braço é *revulsiva* a respeito dos pulmões na pneumonia. Os purgantes actuam tambem como *revulsivos* em diversas molestias.

Devemos assignalar tambem muitos revulsivos importantes, como sejam os cauterios, os sedenhos, a tintura d'iodo, o oleo de croton tiglio e o tartaro estibiado. Existem dois sobre os quaes devemos chamar toda a attenção, são as ventosas e as pontas de fogo feitas com o thermo-cauterio de Paquelin. É certa a acção energica d'estes meios. Applicados sobre a pelle ao nivel de qualquer dôr local, nevralgia, rhumatismo, contusão, elles produzem um allivio quasi immediato. É como revulsivo que actuam as applicações de chlorureto de methyle. Este liquido empregado em pulverizações sobre a pelle ou directamente em um chumaço acolchoado e chloruretado causam um grande resfriamento seguido logo de uma congestão que dura bastante tempo. Este processo de revulsão actua com efficacidade principalmente nas dôres nevralgicas ou rhumatismaes recentes e n'aquellas que sobrevem quasi sempre na carie dentaria.

RHAGADIAS ou **Gretas.** São pequenas feridas estreitas e compridas que se observam nas rugas do anus, e que resultam da syphilis. *Veja-se* SYPHILIS.

RHEUMATISMO. Molestia cujo principal caracter consiste n'uma dôr nas articulações (juntas) ou nos musculos, pelo que se divide em *rheumatismo articular* e *rheumatismo muscular*.

Rheumatismo articular. Póde ser *agudo* ou *chronico*. O rheumatismo chronico apresenta duas fórmas distinctas, a *fórma commum* e a *fórma nodosa*. A *fórma commum* póde ser chronica desde o começo, ou succeder ao estado agudo; em todos os casos apresenta a mesma séde e as mesmas lesões que o rheumatismo agudo; a *fórma nodosa* é primitivamente chronica, e tem caracteres especiaes por suas lesões, symptomas e marcha.

§ I. Rheumatismo articular agudo. É caracterizado por dôr mais ou menos viva n'uma ou em muitas juntas, acompanhada de inchação e ás vezes de vermelhidão do logar affectado, e quasi sempre de febre mais ou menos intensa.

Causas. O frio humido é a causa mais ordinaria do rheumatismo. Esta molestia é muitas vezes produzida pelas mudanças subitas da temperatura muito elevada para a temperatura baixa; por deitar-se a pessoa sobre a terra humida e fria, ou em um logar que reune estas duas condições nocivas; e pelo contacto do ar frio sobre uma parte do corpo, quando o resto está quente ou suando, e especialmente durante o somno. Depois d'estas causas vem as fadigas excessivas, o abuso dos licores alcoolicos, o uso de alimentos excitantes, a suppressão de hemorrhagias habituaes; emfim, o rheumatismo declara-se ás vezes sem causa apparente. Esta molestia raras vezes se observa nas crianças. Os homens são mais expostos a ella do que as senhoras. Os homens, com effeito, entregam-se a trabalhos penosos, a grandes caminhadas; supportam todas as intemperies do ar e as fadigas corporaes; não é, por conseguinte, extraordinario que, submettidos ás causas occasionaes da molestia, soffram d'ella mais frequentemente que as mulheres, cujos trabalhos são menos laboriosos. O rheumatismo é mais commum nos paizes frios do que nos paizes quentes. Entre as profissões que mais determinam a sua apparição, sobresahem as de marinheiro, militar, pescador, lavadeira, padeiro, etc.

Symptomas. O rheumatismo articular agudo principia ordinariamente por calefrio, pela acceleração do pulso, calor da pelle e dôr de cabeça. Após algumas horas de duração d'estes symptomas, uma ou mais juntas tornam-se dolorosas e incham, a pelle que as cobre fica quente, e toma ás vezes uma côr rosacea; o movimento d'estas partes é difficil, doloroso e mais tarde impossivel; a dôr augmenta e adquire ás vezes violencia tal, que o menor movimento communicado aos membros, o simples peso do cobertor, é insupportavel. Os doentes comparam-n'a á sensação que poderiam causar mordeduras ou picadas atravez da articulação. Esta dôr póde invadir muitas articulações, e até quasi todas. Então o doente acha-se verdadeiramente em uma lamentavel posição. Não póde mover parte alguma sem dar gritos; teme os soccorros das pessoas que o querem ajudar a mover-se, visto que não o podem tocar sem lhe exasperarem os soffrimentos. O movimento do soalho occasionado pelo andar no quarto basta para augmentar as dôres. As articulações doentes estão inchadas. A pelle, que as cobre, póde conservar a côr natural, e então é lisa e luzenta, ou tem côr rubra; esta fluxão local, que contrasta nota-

velmente com a pallidez geral da pelle, observa-se sobretudo no rheumatismo dos dedos das mãos e dos pés. Os joelhos, os cotovelos, o peito do pé, os hombros, são a séde ordinaria do rheumatismo agudo; todavia as juntas do quadril, dos dedos da mãos e dos pés são affectadas com bastante frequencia; por excepção as do pubis e da columna vertebral podem ser atacadas. A inchação póde ser limitada á região articular, mas muitas vezes excede-a; e quando o rheumatismo ataca o punho ou o peito do pé, não é raro observar uma inchação da mão e de todo o pé. As dôres podem igualmente estender-se a certa distancia além da junta. Em alguns casos encontram-se debaixo da pelle, e adherem-lhe indurações chatas ou esphericas bem limitadas, do volume de uma ervilha ao de uma avelã. Estas indurações são em numero variavel, e podem existir bastante longe das juntas; não apparecem á primeira vista : é preciso procural-as pela palpação.

O rheumatismo que não ataca a principio senão uma ou duas juntas, estende-se depois a muitas outras. Acontece que a molestia, invadindo novas articulações, abandona as que occupava primitivamente. Estas mudanças fazem-se ordinariamente de noite. Todavia, no rheumatismo intenso, a maior parte das articulações são affectadas ao mesmo tempo; acontece mesmo serem acommettidas todas; assim, não só as juntas dos membros estão presas, mas as do queixo inferior, do pescoço, das vertebras dorsaes e lombares.

A *febre* é proporcionada á intensidade da inchação; diminue ás vezes de manhã, e augmenta á noite; em alguns casos observa-se certa periodicidade; baixa ás vezes de repente, o calor torna-se mesmo normal, depois no dia seguinte a temperatura do corpo recobra a intensidade primitiva. O pulso mantem-se de ordinario entre 90 a 100 pulsações por minuto; é amplo e molle.

Logo que a febre se declara, o doente principia a suar, e a *transpiração* chega a uma abundancia e persistencia como se não encontra em qualquer outra molestia; este suor de cheiro mui penetrante, não tem significação critica, pelo contrario, porque é durante o periodo da maior intensidade da molestia que é mais profuso. Contribue para o enfraquecimento do enfermo, cujo corpo não tarda a ficar mui pallido.

A *ourina* apresenta modificações que resultam em grande parte da perda d'agua pelos suores; é pouco abundante, escura, e, logo depois de fria, deixa depôr grande quantidade de acido urico e de uratos; a ourina não contém bastante agua para manter estes saes dissolvidos a frio. — Esta mesma causa, a transpiração, explica a *sêde* que é viva, e a *prisão de ventre* que é quasi constante; a lingua fica branca, a bocca secca, mas a cabeça está livre; as dôres são a unica causa da insomnia, que augmenta os soffrimentos do doente. Erupções diversas apparecem pelo corpo : consistem em simples vermelhidões (*erythema*), elevações da epiderme (*urticaria*), vesiculas serosas (*miliaria*), hemorrhagias subcutaneas (*purpura*, *petechias*). As mais das vezes não tem influencia sobre o estado geral : resulta simplesmente da perturbação mecanica da circulação cutanea.

Complicações. O rheumatismo articular agudo póde terminar a sua evolução sem apresentar outros phenomenos que os symptomas fundamentaes que acabei de descrever; mas as complicações são variadas, e são ellas, a dizer verdade, que fazem a gravidade da molestia. As mais importantes d'estas complicações são as inflammações do coração e dos seus envoltorios (*cardite* e *pericardite*). Estas molestias são caracterizadas pela dyspnea, oppressão, acceleração notavel dos movimentos respiratorias, cujo numero eleva-se as mais das vezes entre vinte e quatro e quarenta; emfim, ha ordinariamente uma tosse secca. Applicando o ouvido sobre a região precordial, descobrem-se n'este caso ruidos anormaes, que são os *ruidos de folle* e de *groza* e os ruidos *de fricção* (*veja-se* PERICARDITE). Observam-se tambem ás vezes, durante o curso do rheumatismo agudo intenso, symptomas cerebraes : o doente é acommettido de dôr de cabeça, de agitação, de delirio, depois cahe n'um somno profundo (coma), e morre poucos dias depois. Em alguns casos raros os accidentes cerebraes declinam gradualmente e a cura tem logar.

Duração. Nada é mais variavel do que a duração do rheumatismo articular agudo, isento de complicações; póde variar entre sete e sessenta dias. A fórma e a intensidade da molestia influem muito na sua duração : o rheumatismo fixo n'uma só articulação é muito mais rebelde do que o rheumatismo que se transporta de uma articulação á outra; o rheumatismo fixo póde prolongar-se durante muitos mezes.

O *rheumatismo fixo* é caracterizado pelos signaes physicos da *arthrite* (*veja-se* esta palavra), e a sua natureza rheumatismal não pode ser affirmada senão quando sobrevem como o resto do rheumatismo articular geral. Esta fórma não é febril senão nos primeiros dias, quasi nunca apresenta complicações de pericardite e meningite, mas é muito tenaz, e deixa muitas vezes lesões nas juntas. Esta fórma depende em alguns casos de uma blennorrhagia.

Terminações, prognostico. A experiencia de todos os dias demonstra que na immensa maioria dos casos, o rheumatismo articular agudo termina pela cura sem deixar consequencias : os symptomas tornam-se cada dia menos intensos; uma rijeza articular substitue a dôr, e as juntas recobram pouco a pouco o livre exercicio de suas funcções. A molestia, porém, póde passar ao estado chronico; e, em alguns casos o rheumatismo agudo póde ter uma terminação funesta; mas esta é produzida quasi sempre por uma das complicações, pericardite ou meningite, que deixei indicadas.

Tratamento. Nos *casos intensos*, com dôres violentas e muita febre, deve administrar-se o tartaro emetico em alta dóse, debaixo da fórma da poção seguinte :

Agua commum.....	150 grammas.
Tartaro emetico.....	20 centigrammas.
Xarope simples.....	30 grammas.

O doente beberá duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas, até acabar

a poção. — Esta poção provoca vomitos e evacuações alvinas muito abundantes.

No dia seguinte deixa-se o doente em repouso, mas no terceiro dia repete-se a poção se as dôres e a febre recobráram uma vivacidade vizinha da do primeiro dia. A medicação é penosa, mas não se póde fazer ideia das melhoras que produz. Este tratamento abrevia a duração da molestia, previne a pericardite e sobretudo os derramamentos serosos que são a sua consequencia. Nos casos de *mediana intensidade*, ha ainda vantagem em principiar pelo tartaro emetico; basta, então, não administrar a poção senão durante um dia. Nos casos *menos graves*, convem empregar o sulfato de quinina, na dóse de 60 centigrammas a 1 gramma por dia, misturado com digital em pó, segundo a receita seguinte :

Sulfato de quinina.....	10 centigrammas.
Digital em pó.....	5 —

Misture, faça 1 porção, e como esta mais 17 porções contidas em papeis separados. Para tomar 6 porções no primeiro dia, outras tantas no segundo dia, e 3 porções, cada dia, nos dias seguintes. Para bebida, dá-se a limonada de limão. As articulações affectadas devem ser cobertas com algodão em pasta, de modo a entreter sobre ellas uma transpiração abundante. Cessados os primeiros symptomas, administra-se o vinho de quina na dóse de 30 a 60 grammas por dia.

Emfim, na fórma leve, com dôres pouco intensas, e febre pouco marcada, empregue-se o nitro na dóse de 12 a 16 grammas por dia; n'uma infusão de linhaça; eis-aqui a receita :

Nitro.....	32 grammas.

Divida em 8 porções. Toma-se uma porção, 3 a 4 vezes por dia, n'uma chicara de chá de linhaça.

Durante a febre, o doente tomará só caldos de gallinha por unico alimento. Se se declarar uma pericardite, applique-se um caustico no lado esquerdo do peito; se apparecem symptomas de encephalite, applique-se um caustico na nuca. Se o doente fôr atormentado de insomnia, administrem-se á noite : 10 a 20 gottas de laudano de Sydenham, n'uma colher d'agua fria com assucar ou a solução d'antipyrina de Trouette na dóse de uma colher *de sopa* de hora em hora.

§ II. Rheumatismo articular chronico. É muito mais commum do que o agudo, ao qual succede ás vezes; mas, de ordinario, o rheumatismo é primitivamente chronico.

Symptomas. No rheumatismo articular chronico, a dôr póde ser quasi nulla ou não existir; o unico phenomeno que se observa então é uma difficuldade nos movimentos. Comtudo, no maior numero dos casos, as juntas affectadas estão mais ou menos doridas; mas quasi nunca existe vermelhidão. Ás vezes a compressão não tem effeito sobre as dôres, outras vezes exaspera-as; de ordinario ha inchação, que depende da congestão ou do derramamento que se faz na junta. As dôres augmentam de noite; outras vezes o calor da cama as allivia, mas augmentam quasi

sempre durante os tempos humidos e frios. Alguns doentes tem a pretenção de serem especies de barometros vivos, e de predizerem as mudanças atmospphericas com anticipação de um ou dois dias. No rheumatismo chronico os movimentos são muitas vezes constrangidos, e podem até ficar completamente tolhidos.

Quando as dôres são moderadas, e são poucas as articulações affectadas, as funcções organicas não soffrem perturbação; não é assim nos casos contrarios. Com effeito, muitos doentes, esfalfados pela continuidade das dôres, enfraquecidos pela falta de exercicio, digerem mal e emmagrecem.

Tratamento. Os medicamentos aconselhados contra o rheumatismo articular chronico são numerosos. Como não ha febre n'esta molestia, é preciso alimentar sufficientemente os doentes. Aconselham-se : banhos d'agua quente, com fricções seccas; a maçadura; banhos de vapor d'agua; banhos sulfurosos; banhos aromaticos; fumigações de benjoim. Fricções geraes sobre o corpo simplesmente com flanella, ou com balsamo opodeldoch, balsamo tranquillo; com balsamo de Fontaine, composto dc :

Balsamo de Fioravanti..	125 gram.	Ammoniaco.....	4 gram.
Sabão.....	15 —	Essencia de alecrim.....	3 —
Camphora.....	12 —	Essencia de tomilho.....	1 —

Fricções com oleo camphorado, muitas vezes por dia; com pomada camphorada; com aguardente camphorada; com linimento volatil camphorado; com essencia dc terebinthina; com balsamo nerval. Depois de cada fricção cobrir a junta com algodão em pasta, ou com baeta.

Sinapismos; causticos volantes sobre as juntas doridas.

Fumigações de zimbro. Introduzem-se 250 grammas de bagas de zimbro n'um tacho contendo brazas, e mette-se o tacho entre os lençóes da cama. O doente recebe o vapor durante uma hora.

Pós fumigatorios.

Olibano em pó.....	20 gram.	Estoraque solido em pó.	10 gram.
Mastique em pó.....	20 —	Benjoim em pó.....	5 —
Succino em pó.....	20 —	Labdano em pó.....	5 —

Misture. Quantidade necessaria sobre brazas. Dirige-se o vapor ás partes affectadas de dôres rheumaticas.

Fumigações de Benjoim. Benjoim, 60 grammas. Recebe-se n'um cobertor o vapor do benjoim que se faz queimar sobre brazas, e envolve-se o doente n'este cobertor durante 1 hora.

Banho sulfuroso. Sulfureto de potassio secco, 90 grammas; agua commum, 500 grammas. Dissolva e deite em uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral.

Linimento anodyno.

Unguento populeão.....	15 gram.	Balsamo tranquillo.....	15 gram.
Azeite doce.....	15 —	Laudano de Sydenham...	15 —

Internamente :

Pilulas de aconito.

Extracto alcoolico de aconito.....	50 centigrammas.
Althea em pó.....	50 —

Faça 20 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Pilulas de colchico.

Extracto de colchico.....	20 centigrammas.
Extracto de alcaçuz.....	20 —

Faça 8 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

N'este caso então aproveitam muito as pilulas d'Anduran tão preconigadas em França contra o rheumatismo.

As aguas mineraes sulfurosas aproveitam no rheumatismo articular chronico : taes são no Brazil as *Caldas* na provincia de Minas Geraes, e em Portugal as *Caldas da Rainha* e as de *Vizella*.

§ III. Rheumatismo articular nodoso. Esta fórma do rheumatismo chronico é caracterizada não só pela lentidão da sua marcha e ausencia da febre; mas sobretudo pela séde dos accidentes nas pequenas juntas, e pelo desenvolvimento de lesões osseas, que tem por consequencia deformações e altitudes viciosas. Esta molestia é chronica desde o começo, raras vezes é consecutiva a um rheumatismo agudo vulgar, e n'este caso póde ser observada antes dos 30 annos; sendo primitiva, tem o maximo da frequencia de 40 a 50 annos; não é conhecida nas crianças nem nos adolescentes. O rheumatismo nodoso é muito mais frequente na mulher do que no homem, mais frequente tambem nas classes pobres; existe em todos os paizes.

Causas. A transmissão hereditaria não deixa de ter influencia sobre o desenvolvimento da molestia, cuja unica causa determinante é o frio; não é o esfriamento subito e momentaneo, mas sim a impressão prolongada que resulta da habitação ou da demora nos logares baixos e humidos. Porém, em muitos casos não se póde descobrir esta causa, e a molestia é completamente espontanea.

Caracteres anatomicos. Na fórma primitiva, as lesões limitam-se ás pequenas juntas das mãos e dos pés, excepcionalmente declaram-se nas da columna vertebral; na fórma secundaria, estas alterações podem desenvolver-se nas grandes articulações, principalmente nos cotovelos e nos joelhos. A molestia manifesta-se em todos os tecidos articulares : a principio ha derramamentos liquidos, que não persistem, de maneira que a junta acha-se interiormente secca; a membrana synovial torna-se mais espessa; formam-se n'ella concreções que constituem corpos estranhos articulares; os ligamentos augmentam de volume; as cartilagens destroem-se e podem desapparecer; emfim as extremidades osseas apresentam lesões notaveis. Tudo isto concorre a produzir uma inchação consideravel das juntas, inchação secca, sem infiltração dos tecidos. O segundo periodo é caracterizado pela luxação incompleta ou completa

dos ossos. Estas deslocações tem por consequencias uma desformação muito mais consideravel do que a precedente, e uma impossibilidade quasi completa de movimentos. A alteração é sobretudo notavel na planta dos pés e na palma das mãos; não sómente o tecido sub-cutaneo está hypertrophiado e endurecido, mas existem bridas de formação nova.

Symptomas e marcha. Quando a molestia succede a um ataque agudo, as dôres persistem nas pequenas juntas depois de cessada a febre e desapparecidos os symptomas que occupavam as grandes articulações; ás vezes, entretanto, os cotovelos e os joelhos continuam a serem affectados. Quando o rheumatismo nodoso é primitivo, começa gradualmente sem dar logar a symptomas geraes. As *dôres* não occupam a principio a totalidade das articulações que devem invadir, são limitadas a algumas juntas dos dedos, da palma das mãos, mais raras vezes do punho e dos dedos do pé. Estas dôres tem grande intensidade; são dilacerantes, contusivas ou lancinantes; procedem por ataques de alguns dias a algumas semanas de duração; a principio, o intervallo dos paroxysmos não está marcado por phenomeno morbido algum, mas a inchação produzida pelas primeiras dôres, augmenta depois da cessação d'ellas, e póde-se facilmente verificar que se o fim do paroxysmo doloroso é um allivio para o doente, não constitue a cessação da molestia. Os pés são acommettidos geralmente mais ou menos tarde depois das mãos. As dôres augmentam pela compressão, pelos movimentos, e n'estas circumstancias percebe-se muitas vezes, por meio da mão ou do ouvido, ruido particular devido ao contacto dos ossos.

Nos primeiros tempos, a *inchação* é a unica mudança notavel nas juntas; provém ás vezes do derramamento liquido, mas de ordinario é devida inteiramente á tumefacção dos ligamentos e das extremidades osseas. Em grande numero de casos, observam-se *contracturas musculares* ao nivel das juntas affectadas, que concorrem á producção das deslocações. Estas *deslocações* fazem-se quasi sempre no mesmo sentido : nas mãos, as phalanges deslocam-se umas sobre as outras na extensão recta ou forçada, raras vezes na flexão; a deslocação das phalanges sobre o metacarpo tem logar no sentido da flexão, e os quatro ultimos dedos estão desviados todos do lado cubital, de modo que estão sobrepostos á maneira de telhas ; o pollegar póde ficar livre. As desordens são analogas nos dedos dos pés, mas de ordinario menos pronunciadas. A deformidade assim produzida está no maximo gráo quando as extremidades osseas deslocadas estão inchadas e cercadas de vegetações. Á medida que as desordens articulares se declaram, as dôres diminuem, e as deslocações são o signal de uma *phase entorpecida* de duração indeterminada, que é caracterizada por uma irremediavel enfermidade. Este periodo ultimo, ás vezes muito precoce, constitue toda a gravidade da molestia.

Tratamento. É para prevenir a deformidade que devem ser dirigidos todos os osforços da medicina. N'um periodo pouco afastado do começo da molestia, a medicação que apresenta certas probabilidades de cura, compõe-se do uso interno do iodureto de potassio, e da applicação externa de tintura de iodo. Eis-aqui as receitas :

Iodureto de potassio..... 15 grammas.
Agua commum..... 450 —

Dissolva. Para beber duas colheres *de sopa* por dia, uma pela manhã, outra á noite; d'este modo a poção durará 15 dias. Repete-se, depois de acabada, e continua-se por dois mezes.

Ao mesmo tempo, que se faz uso internamente do iodureto de potassio, applica-se nas juntas affectadas um panno molhado na tintura de iodo, que se obtem na pharmacia com a receita seguinte :

Tintura de iodo..... 30 grammas.

As fricções nas juntas com essencia de terebinthina são igualmente uteis. Entre as caldas, as que posso recommendar contra o rheumatismo nodoso, são no Brazil, as *Caldas* na provincia de Minas Geraes: em Portugal, *Caldas da Rainha* e *Vizella*. Em França os banhos que gozam da maior reputação contra esta molestia, são os d'Aix, Neris e Mont-Dore. Emfim, a electrização das juntas por meio das correntes contínuas, deve igualmente ser empregada.

Rheumatismo muscular. Molestia não acompanhada de febre, caracterizada por dôr mais ou menos viva, fixa ou erratica, que occupa um ou muitos musculos, e augmenta pela contracção dos orgãos affectados.

Causas. Todos os musculos podem ser affectados de rheumatismo mas esta molestia invade especialmente os musculos do tronco e os do hombro. O rheumatismo muscular, raro nas crianças, mostra-se sobretudo nos adultos e nas pessoas idosas ; é mais commum no homem do que na mulher, e nos individuos que habitam os logares humidos. As mais das vezes, este rheumatismo desenvolve-se de maneira espontanea, sem causa apreciavel. Quando existe uma causa efficiente, esta é ora uma fadiga excessiva, ora uma posição forçada que tomáram os musculos durante o somno; mas quasi sempre se reconhece a influencia do frio humido sobre todo o corpo, ou sobre a parte affectada.

Symptomas. Quando um musculo está affectado de rheumatismo, desenvolve-se n'elle uma dôr mais ou menos intensa, ás vezes obtusa e surda sómente, outras vezes viva e pungente. A dôr augmenta quando o doente quer contrahir o musculo affectado; pelo que todos os movimentos que este executa no estado normal, são difficeis, ou mesmo impossiveis. A compressão dá resultados mui diversos : umas vezes acalma os soffrimentos, outras, não occasiona mudança na dôr; todavia quasi sempre, sobretudo se o rheumatismo é intenso, a compressão é dolorosa. A pelle, no logar dorido, não apresenta modificação de côr nem de temperatura; a parte não está inchada. O rheumatismo muscular, quando simples, não é acompanhado de febre; nem tão pouco existe perturbação notavel nas principaes funcções, salvo se os musculos concorrem directamente para a execução d'ellas : assim quando os musculos das paredes thoracicas são fortemente affectados de rheumatismo, os doentes experimentam ás vezes tosse, mas sobretudo dyspnea, por causa da difficuldade que experimentam em dilatar o peito.

O rheumatismo muscular é fixo n'um logar, ou muda-se de uma região para outra. Tem uma duração mui variavel; póde, com effeito, ser inteiramente ephemero, apparecer e desapparecer ao cabo de algumas horas, ou persistir sem interrupção muitos mezes; chamam-lhe então chronico.

Prognostico. O rheumatismo muscular termina sempre pela cura. Não apresenta gravidade, mas é uma affecção mui rebelde.

Tratamento. As applicações que se empregam com proveito coutra o rheumatismo muscular são : applicar um pedaço de emplastro do Pobre Homem de Béral, no logar da dôr; um sinapismo no logar dorido; fricções com essencia de therebinthina, com aguardente camphorada, com balsamo tranquillo, com linimento volatil, com linimento volatil camphorado. Applicar um panno molhado em chloroformio. Banho d'agua quente; banho de vapor. Dirigir uma corrente electrica sobre o logar affectado. Applicar um caustico sobre o mesmo logar. Fazer injecções subcutaneas com a solução de chlorhydrato de morphina, de modo que está indicado no vol. II, pag. 236. Empregar a maçadura nos logares doridos (vol. II, pag. 347). — Applicar un panno molhado em agua fria, previamente torcido; cobrir este panno com encerado ou com outro panno secco e bastante espesso. O panno molhado aquece em pouco tempo, e produz uma especie de banho de vapor. Tira-se o apparelho depois de doze horas, e molha-se repetidas vezes o logar affectado com esponja embebida d'agua fria. É um tratamento hydrotherapico, ao qual, segundo dizem, poucos rheumatismos musculares resistem.

RECEITUARIO CONTRA O RHEUMATISMO MUSCULAR.

1° Essencia de terebinthina.....	60 grammas.
2° Aguardente camphorada.....	120 —
3° Balsamo tranquillo.....	60 —

4° Linimento volatil.

Oleo de amendoas doces.....	36 grammas.
Ammoniaco liquido.....	4 —

5° Linimento volatil camphorado.

Oleo camphorado.....	36 grammas.
Ammoniaco liquido.....	4 —

De alguns rheumatismos musculares em particular.

1.° *Rheumatismo da cabeça.* De todos os musculos da cabeça o musculo occipito-frontal é o mais frequentemente affectado de rheumatismo; comtudo é atacado muito menos do que os musculos do tronco e dos membros. N'esta molestia a compressão do craneo é dolorosa; os doentes soffrem muito quando querem contrahir o musculo. O calor da cama e todas as causas que provocam o affluxo do sangue á cabeça augmentam de ordinario os soffrimentos.

Oppõem-se a este rheumatismo os meios já indicados, e sobretudo o caustico na nuca. Nos casos rebeldes deve-se rapar a cabeça, para fazer

fricções com os linimentos acima formulados, ou applicar um caustico no logar dorido da cabeça.

2.° *Torcicollo*. Rheumatismo dos musculos do pescoço. *Veja-se* TORCICOLLO.

3.° *Pleurodynia*. Rheumatismo dos musculos das paredes do peito. *Veja-se* PLEURODYNIA.

4.° *Rheumatismo das paredes anteriores e lateraes do ventre* ou *rheumatismo preabdominal*. Este rheumatismo, quando se acha em toda a sua violencia é uma das affecções mais dolorosas do ventre; a pressão exaspera a dôr quasi sempre, e muitas vezes os dentes não podem supportar nem mesmo o peso dos cobertores. As dôres adquirem uma violencia extrema, quando os doentes querem mudar de posição ou sentar-se, isto é, quando querem contrahir os musculos affectados. N'esta molestia não ha nauseas, vomitos nem meteorismo. O ventre está duro, por causa da tensão dos musculos. Não ha febre.

O rheumatismo preabdominal tem uma marcha muito irregular: cessa muitas vezes momentaneamente para tornar a voltar pouco a pouco com uma nova violencia; resiste mais do que o torcicollo e a pleurodynia. — Este rheumatismo trata-se pelos meios indicados contra o rheumatismo em geral, sobretudo pelos banhos tepidos, fricções calmantes, sinapismos, e, em ultimo logar, pelos causticos.

5.° *Lumbago*. Rheumatismo dos musculos da região lombar ou das cadeiras. *Veja-se* DÔR DE CADEIRAS.

6.° *Rheumatismo dos membros*. Estas dôres são muito erraticas. Não devem confundir-se com as dôres syphiliticas chamadas osteocopas, porque estas, bem que vivas, não impedem os movimentos, e coexistem as mais das vezes com inchação dos ossos. Não se póde estabelecer como caracter distinctivo o augmento das dôres osteocopas durante a noite, entretanto que o calor da cama acalma as dôres rheumaticas, porque muitas vezes estas comportam-se a este respeito como as dôres veneraes. O tratamento não apresenta particularidade: é o mesmo que para o rheumatismo muscular em geral, vol. II, pag. 901.

RHINACANTHO COMMUM. Planta da familia das Acanthaceas. A raiz contém um principio activo hydrocarbonatado, a rhinacanthina, cujas propriedades são utilizadas no tratamento do impetigo. Applica-se sobre as crostas uma magma composta de pós de raiz de rhinacantho e succo de limão ou vaselina.

RHINOPLASTIA. Arte de fazer o nariz. *Veja-se* NARIZ, vol. II, pag. 477.

RHUIBARBO. O rhuibarbo é a raiz de muitas plantas do genero *Rheum*, da familia das Polygoneas, que habitam na China e nas provincias asiaticas do imperio russo, e sobretudo do *Rheum palmatum*, Linneo (fig. 796). Esta raiz apparece no commercio em pedaços cylindricos de grossura variavel, de côr amarella escura, com veios esbranquiçados por dentro; é crivada de buracos; tem cheiro forte particular; sabor amargo; estala nos dentes; tinge a saliva de amarello escuro. Reduzida a pó, tem côr amarella. A acção do rhuibarbo é mui differente conforme

a dóse em que se emprega. Em pó, na dóse de 15 a 30 centigrammas com uma pouca de canella ou de quina, é um tonico e estomachico, de que algumas pessoas fazem uso habitual antes do jantar, para excitar as forças digestivas. Na dóse de 8 a 16 grammas actua como brando purgante.

Um meio commodo de administrar o rhuibarbo é debaixo da forma de rhuiharbo granulado de Mentel. A tampa que cobre o vidro serve de medida, contem 2 grammas de granulos representando, 50 centigrammas de rhuibarbo. A dóse ordinaria é de 50 centigrammas como tonico, 1 gramma como laxante e de 2 a 4 grammas como purgante.

O *rhuibarbo granulado de Mentel* prepara-se nos laboratorios de H. Fournier á rua Jacob nº 19 em Pariz.



Fig. 796. — Rhuibarbo.

RHUM. Aguardente de canna de assucar, obtida pela distillação dos melaços e das escumas do assucar de canna. Distingue-se das outras aguardentes pelo cheiro particular, que a faz preferir para fazer ponche. Marca 26 gráos (Cartier) quando não contém agua. Uma pequena colher de rhum, n'uma chicara de cá da India ou de café, facilita a digestão de um juntar copioso.

RHUS RADICANS ou **Sumagre de raiz.** Planta trepadeira da America boreal, da familia das Anacardeas. Contem um succo acre que applicado sobre a pelle produz vermelhidão e até mesmo bolhas; esse succo é toxico. Têm recommendado o rhus radicans em pó, no tratamento de certas paralysias, principalmente da paraplegia. Administra-se na dóse de 5 a 20 centigrammas, por dia.

RICINO. *Veja-se* Mamona e Oleo de ricino.

RIM ou **RINS.** Orgãos glandulosos secretorios da ourina. Consistem elles em duas massas vermelha-escuras resistentes e arredondadas que têm a forma de feijões lombar, e que se acham situados de cada lado da columna vertebral. Acham-se envolvidos cada um em uma capsula fibrosa ao redor da qual encontra-se muita gordura. As suas dimensões assaz variaveis são as seguintes: comprimento 10 centimetros, largura 5 centimetros, grossura 2 1/2 cent. O peso medio é de 80 a 100 grammas. Quando se corta um rim pelo meio, vê-se na superficie do córte que elle se compõe de duas partes distinctas; a porção peripherica situada logo em baixo da capsula consiste em elementos que têm por missão produzir

a ourina: a outra porção, central, composta de muitos tubosinhos rectilinhas agglomerados em fórma de pyramides, é destinada a receber a ourina e a leval-a para um reservatorio membranoso que se chama bacinete. Do bacinete a ourina passa para um canal estreito, muscular, contractil que se chama a uretere e que a impelle até á bexiga onde ella se ajunta antes de ser expellida para fóra. O rim extrahe a ourina do sangue que contem todos os elementos d'ella. O sangne chega aos rins por meio de uma grossa arteria que começa na aorta e que penetra no rim no logar mesmo por onde sahe o bacinete. A seccreção da ourina é continua (*Veja-se* OURINA).

Rim fluctuante. Quando o rim se destaca do envolucro gorduroso que o envolve, torna-se movel no abdomen ao lado dos intestinos, e forma um tumor que muda de logar continuadamente e que é pouco doloroso ao apalpar, que é, porem, espontaneamente a fonte de dôres nevralgicas muito vivas. Quando não se pode fixar o rim com uma cintura e calmar as dôres, deve-se então extirpal-o por meio de operação cirurgica.

MOLESTIAS DOS RINS.

Abcesso á roda dos rins. Póde ser a consequencia da contusão das cadeiras, da impressão de frio humido, ou desenvolver-se espontaneamente. É caracterizado por uma dôr nas cadeiras mais profunda do que no lumbago, acompanhada de febre. Mais tarde a região lombar apresenta uma inchação, com fluctuação profunda. O tratamento consiste em cataplasmas de linhaça e banhos d'agua quente. Depois de formado o abcesso, é preciso abril-o quanto antes para prevenir o derramamento de pus na fossa iliaca, no peritoneo ou no intestino.

Cancro dos rins. Os rins são muito menos frequentemente affectados do cancro do que o figado e o tubo digestivo. A degenerescencia encephaloide é a fórma que se encontra mais frequentemente; o scirrho é mui raro (*veja-se* CANCRO EM GERAL, vol. I, pag 426).

Symptomas. No cancro dos rins, os doentes queixam-se em geral de dôres mais ou menos vivas nas cadeiras; estas dôres podem ser contínuas ou exacerbantes; não é raro entretanto vêr os doentes que, não accusando especie alguma de soffrimento, emmagrecem, tem de vez em quando alguns incommodos digestivos, symptomas de indigestão, depois, sem causa, ourinam de repente sangue em quantidade mais ou menos consideravel. O sangue é vermelho ou preto. No fim de certo tempo, o rim augmenta de volume e forma um tumor duro, com relevos, apreciavel ao tocar, e que se distingue abaixo da margem costal e na ilharga, ás vezes mesmo estende-se do hypochondrio até ao osso iliaco. Verifica-se com facilidade a sua espessura, comprimindo-o fortemente com uma das mãos por diante e levando a outra para traz no ponto correspondente; pela percussão chega-se a isolar tambem o rim doente dos orgãos vizinhos. Como em qualquer outra affecção cancerosa, o corpo definha, o appetite perde-se, as digestões fazem-se mal; sobrevem diarrhea e vomitos. Não é raro que o cancro dos rins esteja latente; faltam então

as ourinas sanguinaes, e se o orgão conserva quasi o seu volume, não se sente tumor algum. Muitos d'estes doentes queixam-se sómente de uma dôr profunda, ora obtusa ora lancinante, n'uma das regiões lombares; mas este symptoma nada tem de caracteristico, pois que póde depender de alguma outra affecção dos rins ou de uma molestia do tecido cellular ou das vertebras. Entretanto mais tarde ou mais cedo qualquer symptoma novo vem esclarecer o diagnostico : assim, a apparição de sangue nas ourinas n'um doente que experimenta habitualmente dôres nas cadeiras, sem ter tido anteriormente areias, sem ter sido affectado de retenção de ourina, torna-se significativa, se as dôres existem no intervallo das hematurias, se se reproduzem sem causa apreciavel.

O *tratamento* do cancro dos rins é o mesmo que o do cancro em geral : está indicado no vol. I, pag. 432.

Contusão dos rins. *Veja-se* vol. I, pag. 690.

Feridas dos rins. *Veja-se* vol. I, pag. 1137.

Hydatidas ou **Acephalocystos dos rins.** Dá-se este nome a vesiculas ou pequenos kystos contendo um liquido no meio do qual nadam os vermes chamados *echinococos*. Os rins do homem contém ás vezes kystos acephalocysticos, entretanto que esta producção morbida é muito commum no carneiro. A molestia apresenta dois periodos : no primeiro é latente, ou pelo menos o kysto produz só um pouco de peso, incommodo e dôr, por causa do seu volume e da compressão que exerce. Comtudo, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, esvaziando-se o kysto no interior dos rins, as hydatidas são expulsas com a ourina em maior ou menor numero, isto é, depois de 1 ou 2 até mais de 50; umas são inteiras, outras chegam por fragmentos; umas tem só o volume de uma ervilha, outras são tão grossas como uma noz. Se estas podem sahir pelos canaes estreitos das vias urinarias, é que, molles e elasticas, alongam-se facilmente. A expulsão das hydatidas opera-se ás vezes espontaneamente e sem dôr, porém ás vezes, obstruindo momentaneamente o uretér, podem dar logar aos soffrimentos que caracterizam a colica nephritica. É infinitamente raro que estes kystos se abram atravez das paredes abdominaes posteriores ou no intestino.

As hydatidas dos rins constituem uma molestia muito menos grave no homem do que nos animaes; porque n'estes, ambos os rins estão muitas vezes affectados simultaneamente, entretanto que no homem a molestia acha-se commummente limitada a um só, e então não ha quasi incommodo. Assim o Dr. Valleix cita o exemplo de uma senhora que, depois de muitos annos, expulsava regularmente, no principio de janeiro, cinco ou seis hydatidas pela urethra : esta expulsão era precedida de dôres surdas nas cadeiras; a saude tornava-se perfeita depois que a doente ficava desembaraçada d'estes corpos estranhos.

O diagnostico de um kysto hydatico no rim é as mais das vezes obscuro. Quanto ao *tratamento*, se o kysto fizer proeminencia, convem abril-o com a potassa; mas, no maior numero de casos, o medico é obrigado a ficar em inacção por causa da profundidade do tumor, e do seu pequeno volume.

Inflammação dos rins. *Veja-se* NEPHRITE, vol. II, pag. 483.

Pedras ou **Calculos nos rins.** As pequenas pedras, *calculos* por outro nome, formam-se nos rins pela disposição geral da economia. São constituidos pelo acido urico, acido xanthico, oxalato de cal, cystina, ou pelos phosphatos terreos. A alimentação composta principalmente de carne é uma das causas da producção dos calculos renaes. Quando um calculo passa pelo canal chamado uretér, para descer á bexiga, produz a colica nephritica. A ourina que deixar no vaso um forte deposito de acido urico e de saes, acompanhada de dôres nas cadeiras e de colica nephritica, annuncia a existencia de um calculo nos rins. O tratamento proprio para prevenir a formação dos calculos nos rins, destruil-os quando estão formados, e combater os soffrimentos que produzem, está indicado nos artigos COLICA NEPHRITICA, vol. I, pag. 651 e AREIAS, vol. I, pag. 208.

RINCHÃO. *Veja-se* ERYSIMO.

ROBE ou **Arrobe.** Designa-se sob este nome o sumo de qualquer fructo, reduzido, pela evaporação á consistencia de mel.

Dá-se tambem o nome de *robe* a algum xarope que contém, em relação ao assucar que leva, grande porção de succo de plantas. Tal é o *Robe antisyphilitico de Laffecteur*. A composição exacta d'este robe não é conhecida, porque a sua formula não foi publicada pelo autor, mas sabe-se que é uma forte decocção das substancias seguintes : raiz de salsaparrilha, páo de guaiaco, raiz da China, casca de quina, páo de sassafráz, sementes de aniz e flor de borragem, com mclado purificado. Muitos pharmaceuticos ajuntam a esta decocção certa quantidade de sublimado corrosivo; d'onde se vê que o *robe antisyphilitico de Laffecteur* é um medicamento incerto.



Fig. 797. — Romeira e romã.

RODELLA DO JOELHO. *Veja-se* ROTULA.

ROMEIRA. A romeira, *Punica granatum*, Linneo, Myrtaceas, é uma arvore de 5 a 7 metros de altura, cujas flores são de bella côr vermelha, e ás vezes amarellas ou brancas em certas especies raras (fig. 797). É originaria da Africa, mas cultiva-se no Brazil e na Europa meridional. Em Portugal habita nos sitios silvestres quasi espontanea, nos terrenos argilosos, nos tapumes dos arredores de Coimbra e outras partes, principalmente ao sul do Reino. As sementes do seu fructo são acidas, a decocção de suas flores é adstringente, porém

de todas as partes da romeira, a mais util em medicina é a casca da raiz. A sua decocção emprega-se com o melhor exito contra as lombrigas, e principalmemte contra a solitaria. O modo de preparação é o seguinte : deixa-se macerar durante doze horas 60 grammas de casca de raiz de romeira em 1 litro d'agua, ferve-se depois a fogo lento até reduzir-se á metade, e côa-se por espressão. A decocção, assim preparada, toma-se em tres porções de meia em meia hora, e repete-se esta dóse por tres dias. Duas horas depois da segunda decocção, tomam-se 30 grammas de oleo de ricino, e, um dia antes do primeiro cozimento, toma-se tambem um purgante de oleo de ricino, para que, estando os intestinos vazios, o remedio possa ter melhor effeito. Acontece ás vezes que a primeira ou a segunda porção do decocto occasiona vomitos; mas esta circumstancia não deve impedir o beber-se a terceira, que já não produz este effeito.

ROSA. *Rosa*. Genero de plantas da familia das Rosaceas, que nos dão as mais bellas e cheirosas flores. No estado selvagem, a corolla da rosa tem só 5 petalas (fig. 798), e não se obtem senão pela cultura este



Fig. 798. — Rosa silvestre.

numero consideravel de petalas que constituem a belleza d'esta flor, como a rosa *Gloria de Dijão* que é uma das mais lindas da especie (fig. 799). As especies de rosas são mui numerosas; n'esta obra indico só as que se empregam em medicina.

Rosa de cão ou **Silva macha.** *Rosa canina*, Linneo (fig. 800).

Esta especie é commum na Europa nos tapumes e nas beiras dos matos. Seus caules são delgados, de 3 a 5 metros de comprimento, armados de espinhos fortes e curvos; folhas compostas de 5 a 7 foliolos ovaes-lanceolados, denteados; flores roseas ou brancas, corolla composta de 5 petalas. Os fructos são do tamanho de uma azeitona, ovaes, lisos, de



Fig. 799. — Rosa gloria de Dijão.



Fig. 800. — Rosa de cão ou Silva macha.

côr vermelha, coroados das lacinias decadentes do calice; são formados no interior de um parenchyma amarello, acidulo e adstringente. Estes fructos designam-se em pharmacia sob o nome de *cynosbatos;* prepara-se com elles e com assucar uma conserva empregada contra a diarrhea e nos escarros de sangue.

Rosa de cem folhas, Rosa de repolho. *Rosa centifolia,* Linneo (fig. 801). Arbusto de 100 a 120 centimetros de alto; suas folhas tem 5 ou 7 foliolos ovaes, pubescentes na face inferior, duas vezes denteadas; as flores são roseas, quasi completamente dobradas, cerca de 8 centimetros de diametro, de pedunculo longo, de ordinario tres no topo de cada ramo. Conhecem-se d'ella muitas variedades. A variedade, mais empregada em medicina, chama-se *rosa damascena;* tem um cheiro forte e mui suave; em pharmacia dão-lhe o nome de *rosa pallida* para a differençar da rosa de Provins, *rosa gallica*, a que chamam *rosa rubra.* Prepara-se com a rosa damascena uma agua distillada de cheiro agradavel, empregada em collyrios; e um xarope que é levemente purgativo na dóse de 30 a 60 grammas.



Fig. 801. — Rosa de cem folhas.

Na Persia, na India e em Tunis, extrahe-se um oleo volatil de muitas especies de rosas cheirosas, taes como as *rosa centifolia*, *damascena*, *moschata*. Este oleo volatil, chamado *essencia de rosas* ou *manteiga de rosas*, é liquido na temperatura de 30 gráos centigrados, solido abaixo d'esta temperatura, de cheiro extremamente penetrante, que incommoda quando se acha em grande quantidade, mas é agradavel quando diffundido. Emprega-se muito na perfumaria; usa-se tambem em pharmacia para aromatizar pastilhas e pomadas.

Rosa rubra. *Rosa gallica*, Linneo. Seu talo tem 60 a 100 centimetros de alto; ramos numerosos armados de fracos espinhos; folhas compostas de 5 a 7 foliolos ovaes, rigidos, de um verde bastante carregado na face superior, um pouco pubescentes na face inferior; botões e pedunculos cobertos de pellos rudes; flores solitarias ou reunidas em numero de 2 ou 3 na extremidade dos ramos; petalas pouco numerosas, de côr rubra escura e quasi sem cheiro. Contém todavia um principio aromatico que se desenvolve pela deseccação. Colhem-se antes de estarem abertas, desfolham-se e seccam-se ao sol ou n'uma estufa, e guardam-se em logar secco. Estas rosas, assim preparadas, tem um sabor styptico, uma côr purpurea-escura e um cheiro assáz agradavel, que perdem com o tempo. — Prepara-se com as rosas rubras o vinagre de rosas, o mel rosado, um xarope e uma conserva. Estas diversas preparações são adstringentes e tonicas, tem muitas applicações em medicina, empregam-se nas esquinencias e outras molestias, e merecem, pela mór parte, a reputação de que gozam.

ROSALGAR. Sulfureto rubro de arsenico; veneno corrosivo. Para combater o envenenamento que esta substancia póde produzir, *veja-se* vol. I, pag. 984.

ROSEOLA. É uma affecção benigna da pelle que se parece com o sarampo, mas seus symptomas são muito mais brandos. É caracterizada por pequenas pintas vermelhas, irregularmente circulares e mui pouco salientes. Esta erupção apparece ás vezes como phenomeno accessorio no curso de algumas molestias febris, e principalmente no rheumatismo e na gota : póde complicar tambem a vaccina. O uso do balsamo de copahiba produz ás vezes a roseola. Não é contagiosa; póde reproduzir-se muitas vezes, é acompanhada de pouca febre, não é perigosa, e desapparece espontaneamente do terceiro ao quinto dia, sem que seja necessario empregar tratamento algum activo. A roseola ataca principalmente as crianças; muitas pessoas foram affectadas d'ella no Rio de Janeiro, no mez de dezembro de 1847.

A roseola parece-se, como acabei de dizer, com a fórma benigna dos sarampos; mas differe d'elles pela falta do defluxo, fórma irregular das manchas, e pouca febre. Na escarlatina a côr da pelle é muito mais encarnada, e as manchas são espalhadas de maneira muito mais uniforme. A descamação da pelle é nulla ou quasi nulla na roseola; entretanto que é evidente na escarlatina. O tratamento da roseola é mui simples, um regimen brando, bebidas diluentes, taes como o cozimento de cevada ou chá de flores de malvas; uma temperatura moderada, e o

repouso na cama ou no quarto durante dois ou tres dias, bastam par combater a molestia.

ROSMANINHO. *Lavandula staechas*, Linneo. Labiadas. Subarbusto mui ramoso, de 60 a 100 centimetros de altura, que habita frequente nos mattos de Portugal. Folhas rentes, lineares, reviradas na margem, cotanilhosas, esbranquiçadas; flores de um purpureo escuro, em espiga; cheiro forte, agradavel, aromatico; sabor amargo, calefaciente. As flores fornecem pela distillação um oleo volatil, que entra na composição da agua de Colonia. Toda a planta é estimulante; usa-se para banhos aromaticos.

ROSTO (MOLESTIAS DO). A palavra *rosto* designa a reunião de grande numero de orgãos. O leitor achará n'este diccionario artigos especiaes para as molestias das *palpebras*, do *nariz*, dos *beiços*, dos *queixos*, da *barba*, da *bocca* e das *orelhas*. (*Vejam-se* estas palavras.)

DÔR DE ROSTO. *Veja-se* NEVRALGIA FACIAL, vol. II, pag. 493.

ERYSIPELA DO ROSTO. *Veja-se* vol. I, p. 1001.

FERIDAS DO ROSTO. *Veja-se* vol. I, pag. 1138.

INCHAÇÃO DO ROSTO. Procede ordinariamente da carie dos dentes ou da inflammação das gengivas (*Veja-se* vol. I, pag. 801). Quanto á inchação do rosto que resulta da opilação ou da hydropisia geral, vejam-se os artigos OPILAÇÃO, HYDROPISA e INCHAÇÃO.

ROTULA, RODELLA ou PATELLA DO JOELHO. Pequeno osso chato, curto, situado na parte anterior do joelho. A rotula, em razão da sua situação superficial, está exposta a ser, ás vezes, deslocada ou fracturada. *Veja-se* DESLOCAÇÃO, vol. I, pag. 850; e FRACTURA, vol. I, pag. 1237. Para a ruptura do tendão da rotula, *veja-se* RUPTURA.

ROTURA. *Veja-se* QUEBRADURA.

ROTURA DO EMBIGO. *Veja-se* EMBIGO, vol. I, pag. 936.

ROUQUIDÃO. Deve estabelecer-se grande differença entre as diversas especies de rouquidão, e principalmente entre a que é accidental e a que é habitual. Aquella é ordinariamente um symptoma benigno que se dissipa em poucos dias, e que pertence ao *defluxo* ou *bronchite* (*Vejam-se* estas palavras). A rouquidão accidental póde tambem resultar da fadiga do orgão da voz, da impressão do ar frio sobre o corpo em suor, da inspiração de um nevoeiro fresco, ou do excesso de licores espirituosos; o repouso, o silencio, pediluvios sinapizados, a applicação de cataplasma de linhaça sobre o pescoço, o uso de uma bebida emolliente, tal como a agua de cevada misturada com leite, ou chá quente de flores de malvas, ou uma gemada á noite, ou de preferencia deixar derreter na bocca pastilhas de chlorato de potassa, de Dethan (V. CHLORATO DE POTASSA), fazem-n'a desapparecer em alguns dias. O xarope de Caracol de Mure muito aproveita n'este caso. Toma-se'o na dóse de uma colher *de sopa*, tres vezes no dia. Se persistir, será preciso recorrer a uma medicação mais activa, tal como os purgantes, os emeticos e os gargarejos preparados com a mistura das substancias seguintes :

Pedrahume.....	15 gram.	Laudano de Sydenham ..	4 gram.
Agua.....	500 —	Mel de abelhas.....	60 —

A rouquidão habitual ou chronica, aquella sobretudo que é acompanhada de tosse e calor na garganta, póde depender de alguma molestia da larynge. *Veja-se* Voz (*Falta de*).

ROYAT. França. Aguas bicarbonatadas e chloruradas sodicas, gazosas, ferruginosas, quentes.

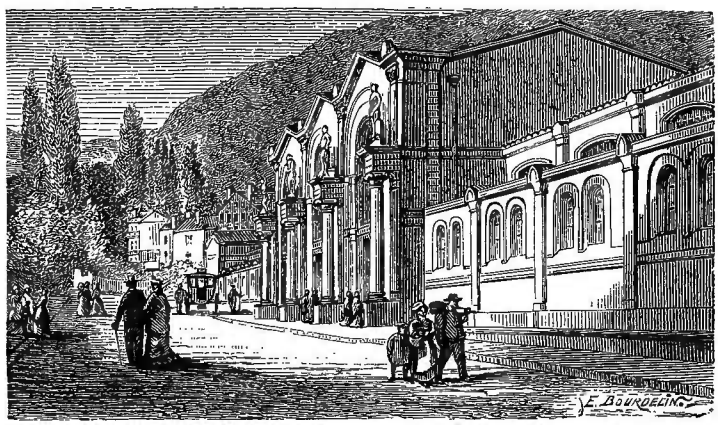


Fig. 802. — Royat. Estabelecimento *banhos de Cesar*.

Itinerario de Pariz a Royat : Estrada de ferro até Clermont, 9 horas 1/4; omnibus de Clermont a Royat, um quarto de hora. Despezas : 48 francos.

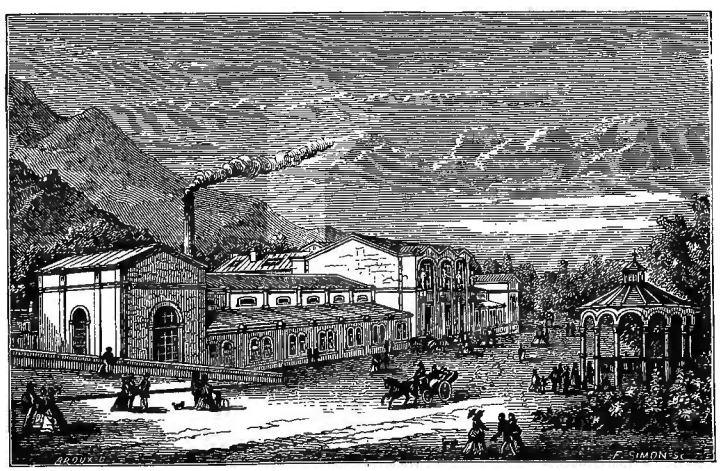


Fig. 803. — Estabelecimento grande de Royat.

Royat é uma aldeia de França de 2,700 habitantes, situada a 2 kilometros da cidade de Clermont-Ferrand. Pela sua bella posição, passeios deliciosos e salubridade do logar, recommenda-se aos doentes como estação de ar puro e vivificante. Contém dois estabelecimentos thermaes,

o dos *Banhos de Cesar*, que é o mais antigo; e o *Estabelecimento*, chamado *grande*, por causa das suas vastas dimensões.

As fontes mineraes de Royat, foram conhecidas dos Romanos, como o provam as construcções antigas que ali existem. Formou-se ha alguns annos uma companhia para dar a Royat um desenvolvimento em relação com a sua importancia que vai augmentando cada anno. *Tres fontes* mineraes existem em Royat: 1. A *fonte grande* ou *fonte Eugenia*. Temperatura 35°,5 centigrados na fonte; 34° nas banheiras. Fornece 1,440,000 litros por dia, ou mil litros por minuto. É esta fonte que alimenta o grande estabelecimento de banhos, e uma pia de que se tira a agua para beber. 2.° A *fonte de Cesar;* dá 31,000 litros por dia. Temperatura 29° cent.; alimenta o pequeno estabelecimento. 3.° A *fonte Saint-Mart;* temperatura 31° cent.; fornece 21,000 litros; não se emprega actualmente. Póde-se igualmente citar, a fonte de Rochedos; temperatura 19°,5 cent; fornece 25 a 30,000 litros por dia; fonte fria, situada bastante longe das precedentes, e que só se emprega como bebida. Para complemento, devem citar-se as magnificas aguas vivas que vem das montanhas: estas fontes, encanadas desde a sua origem e conduzidas ao grande estabelecimento, servem para a hydrotherapia. A sua abundancia é extrema, a temperatura, mesmo no tempo dos grandes calores, é de 12° Eis-aqui a analyse das tres fontes, feita pelo chimico Lefort; 1 litro d'agua contém:

	Fonte grande.	Fonte Cesar.	Fonte St-Mart.
Bicarbonato de soda	1g,349	0g,392	0g,421
— de potassa	0g,435	0g,286	0g,365
— de cal	1g,000	0g,686	0g,953
— de magnesia	0g,677	0g,397	0g,611
— de ferro	0g,040	0g,025	0g,043
— de manganez	vestigios	vestigios	vestigios
Sulfato de soda	0g,185	0g,115	0g,163
Phosphato de soda	0g,018	0g,014	0g,007
Arseniato de soda	vestigios	0g,000	vestigios
Chlorureto de sodio	1g,728	0g,766	1g,682
Iodureto e bromureto	indicios	vestigios	indicios
Silica	0g,156	0g,167	0g,102
Alumina	vestigios	vestigios	vestigios
Materias organicas	indicios	indicios	indicios
Total das materias fixas	*5g,588*	*2g,848*	*4g,336*
Gaz acido carbonico	0g,377	0g,620	0g,332
Gaz azoto	0g,052	0g,038	0g,042
Gaz oxygeneo	0g,011	0g,009	0g,008

Segundo a analyse de Thenard, a agua da fonte grande contém, por litro, 1/3 de milligramma de arsenico. Uma analyse recente descobrio n'ella 35 milligrammas de lithia, por litro d'agua.

A agua de Royat tem um sabor picante, acidulo, salgado e ferruginoso; é tepida, mas o seu gosto não é desagradavel; contém gaz acido carbonico em grande quantidade, que lhe dá uma especie de fervura quando

sahe da terra, e lança-a, nos tempos de borrasca, a 20 centimetros de altura acima do tanque. Usada em banhos, torna a pelle macia saponificando os productos sebaceos pelos saes alcalinos qne entram na sua composição.

O grande estabelecimento thermal de Royat comprehende 48 gabinetes de banhos separados, com banheiras de marmore que recebem a agua naturalmente tepida ou quente. Duas piscinas permittem tomar banhos d'agua mineral corrente. Uma d'estas piscinas tem 5 metros de comprimento, 3 metros de largura e 1 metro 30 centimetros de profundidade; outra é muito maior, porque tem 16 metros de comprimento, 8 metros de largura, e 1 metro 80 centimetros de profundidade. Ha ali tambem duches de toda a especie. O vapor d'agua mineral é empregado em aspirações e duches; o gaz acido carbonico em applicações locaes ou geraes sob a fórma de banhos. As salas de pulverização possuem os apparelhos modernos. Apparelhos hydrotherapicos e gymnasticos completam esta bella installação.

Tomada internamente a agua de Royat facilita a digestão e estimula o appetite, pelo que administra-se efficazmente nas dyspepsias e gastralgias. As molestias que se tratam com vantagem em Royat são : asthma, bronchite e laryngite chronicas, leucorrhea, engurgitamento do utero, chlorose, anemia, gota, rheumatismo, paralysia e as molestias de pelle. São as mesmas molestias que se tratam nas caldas de Ems, cuja composição chimica é analoga á das aguas de Royat.

A agua de Royat bebe-se na dóse de dois a cinco copos, de manhã em jejum, com intervallos de um quarto de hora, ou de tarde, uma hora, pelo menos, antes do jantar. O seu effeito é tonico. O estabelecimento está aberto todo o anno; a estação thermal dura de 15 de maio a 15 de outubro. Existe ali um cassino onde ha concertos e espectaculos. Seis medicos residem em Royat durante a estação thermal. As aguas transportadas conservam-se bem, mas não produzem tão bom effeito como na fonte.

RUBEFACIENTES ou **Rubificantes.** Dá-se este nome ás substancias que, applicadas na superficie da pelle, a enrubecem. Taes são : farinha de mostarda, linimento ammoniacal, pez de Borgonha. Empregam-se como derivativos nas nevralgias, no rheumatismo, na gota, etc.

RUBIM. Os ourives dão este nome a muitas pedras preciosas, mais ou menos transparentes, de composição differente, mas pela maior parte de côr vermelha mais ou menos viva. O mais procurado é o rubim *spinelle*, pedra essencialmente composta de alumina e de magnesia, mui dura, riscando todos os mineraes á excepção do diamente e do corindon (especie de espatho adamantino); é o verdadeiro rubim. Distingnem-se d'elle 3 variedades : 1.° *Rubim spinelle ponçó*, de um bello vermelho algum tanto alaranjado; 2.° *Rubim de côr vermelha rosea* (*rubis balais*, em francez); e o 3.° *Rubim côr de vinagre*. Esta pedra é mui rara e sempre de pequeno volume; não se acha senão na India, sobretudo na ilha do Ceylão; é a pedra preciosa mais cara depois do diamente : vale em França cerca de 240 francos o quilate. O *Rubim oriental* é um corindon vitreo

de um vermelho cochonilha e de grande dureza; o *Rubim do Brazil* é uma variedade de topazio côr de rosa; o *Rubim de Hungria* é um granate vermelho violaceo; o *Rubim da Bohemia*, é um granate côr de fogo; o *Rubim occidental* ou *Pseudo Rubim*, um quartzo hyalino roseo ou vermelho. É com rubim oriental que se fazem os quicios dos relogios; só esta variedade é que offerece a dureza precisa para este genero de trabalho. Existem no commercio rubins facticios, que se preparam precipitando crystal de roca mui quente n'uma dissolução de ouro.

RUBINAT. Fonte de aguas mineraes purgativas situada na provincia de Lerida (Hespanha), distante 15 horas de Madrid. Contém sulfato de soda e de magnesia em quantidade maior que qualquer agua mineral purgativa da Allemanha. Disfarça-se o gosto um pouco amargo que ellas teem deitando-lhes algumas gottas de essencia de hortelã. São uteis, em fracas dóses, contra a prisão de ventre habitual e os desarranjos digestivos que acompanham as molestias da pelle, do figado e dos orgãos genito urinarios.

RUDA. *Veja-se* ARRUDA.

RUIVA DOS TINTUREIROS, Granza ou **Solda grande.** *Rubia tinctorum*, Linneo. Rubiaceas. Planta originaria da Asia, cultivada por todas as nações da Europa, para tingir as lãs de vermelho; em Portugal tambem se cultiva, mas pouco. É a raiz que se emprega. Esta, raiz que se chama *alizarina*, compõe-se de tres partes distinctas; de uma fibra central lenhosa, amarellada, que a percorre em todo o seu comprimento; de uma parte cortical vermelha, onde reside sobretudo o principio corante, e de uma pellicula leve e avermelhada chamada *epiderme*. Secca-se ao ar ou no forno, bate-se para separar d'ella a epiderme, a terra e outras substancias estranhas; moe-se depois no moinho. A ruiva dos tintureiros dá uma côr bella vermelha mui solida, e, com os differentes mordentes, todas as escalas das côres roxas, violetes, etc. Emprega-se para a impressão dos pannos de linho, de algodão, e para tingir os pannos de lã : as calças do exercito francez são tintas com ruiva dos tintureiros.

Outr'ora empregava-se a raiz em pó em medicina na dóse de 2 a 3 grammas contra a dysuria e o rachitismo.

RUPIA. Dá-se este nome a uma affecção caracterizada pela erupção, na pelle, de bolhas isoladas, chatas, cheias de um liquido a principio seroso, depois purulento ou sanguineo, que se transformam em crostas denegridas, ás quaes succedem ulcerações. Apparece em diversas partes do corpo, e sobretudo nas pernas.

Causas. A rupia não se observa senão nas crianças e nas pessoas idosas, e geralmente nos individuos enfraquecidos por qualquer causa.

Tratamento. A primeira indicação consiste em melhorar o estado geral da economia. Leite de boa ama para as crianças mui jovens, ar do campo, muito asseio. Para os adultos, alimentação substancial, vinho, habitação sadia. Cumpre abrir bolhas com lanceta e cural-as com ceroto simples, glycerina, ou fios molhados em vinho tinto. Se as ulceras forem rebeldes, polvilhal-as com cremor tartaro, ou cauterizal-as com pedra infernal.

RUPTURA. Solução de continuidade sobrevindo em consequencia de contracções musculares, ou de extensão exagerada de um orgão ôco.

Ruptura da bexiga. Suas *causas* são : violencias exteriores, pancadas com a ponta do pé, com o joelho, com bengala, sobre o hypogastro : quédas de certa altura sobre o ventre, ou mesmo sobre os pés; passagem da roda de uma sege sobre o ventre. Póde tambem ser occasionada pela acumulação excessiva de ourina na bexiga.

Symptomas. Variam segundo a especie de ruptura. Quando succede a uma violencia externa, o paciente experimenta uma sensação de rasgadura no momento do accidente, dôr na região inferior do ventre, vontade urgente e contínua de ourinar, e a impossibilidade absoluta de satisfazêl-a, ou de evacuar outra cousa do que algumas gottas de ourina sanguinolenta. A sonda introduzida na bexiga, não tira senão mui pequena quantidade de liquido misturado com sangue. Quando a ruptura da bexiga se faz espontaneamente, os doentes, que tem experimentado, mais ou menos tempo antes da producção da lesão, todas as anxiedades da retenção de ourina, sentem um allivio subito. O tumor que levantava a região inferior do ventre desapparece.

Marcha e teminações. Variam segundo o logar da ruptura. Se esta communicar com a cavidade peritoneal, um derramamento de ourina faz-se n'esta cavidade, de que resulta uma peritonite aguda, e a morte mais ou menos prompta em razão da abundancia do derramamento. Se a ruptura existir debaixo do peritoneo, seus effeitos dependem do diametro da solução de continuidade. Sendo esta larga, a infiltração de ourina é muito extensa, o tecido cellular gangrena-se; e d'ahi procede febre, delirio e a morte. Sendo a abertura pequena, a ourina não se infiltra senão em pequena quantidade no tecido cellular; o liquido póde enkystar-se, e o doente sarar com um abcesso ourinoso.

Tratamento. Deve-se impedir a infiltração da ourina ou diminuir-lhe a intensidade, introduzindo a sonda e deixando-a na bexiga. Combata-se a inflammação com cataplasmas de linhaça, e faça-se a abertura dos abcessos ourinosos que apparecerem na vizinhança da bexiga.

Ruptura dos musculos. Póde ser completa ou parcial. Tem logar durante o esforço violento para levantar um peso, para saltar, para se reter na imminencia de uma quéda. Os musculos que se rompem as mais de vezes são os da barriga da perna. Observam-se tambem rupturas dos feixes do musculo sacro-lombar e longo dorsal : sobrevem em consequencia de esforços violentos para levantar grandes pesos; occasionam grandes dôres nas cadeiras. Rupturas dos musculos do pescoço e da parte posterior e superior do tronco tem sido determinadas por movimentos violentos e rapidos. Emfim, as rupturas musculares podem ter logar em quasi todas as partes do corpo que apresentam certa extensão. Estes accidentes são bastante frequentes; são quasi sempre a causa d'essas dôres vivas e persistentes que se sentem no trajecto de um musculo em consequencia de um movimento subito ou violento.

Symptomas. Os symptomas que caracterizam a ruptura muscular são primeiro a dôr viva que se declara no momento mesmo da contracção, e

torna difficil e quasi-impossivel todo o movimento da parte offendida. Os doentes comparam esta dôr com a sensação produzida por uma pancada, por uma violenta contusão. O logar da lesão acha-se indicado pela séde da dôr e por uma depressão proporcionada ao tamanho da solução de continuidade. O fluxo sanguineo e sub-cutaneo, que resulta da rasgaduras das pequenas veias ou arterias, produz a ecchymose e a inchação que se manifestam vinte ou trinta horas depois do accidente. A dôr persiste ás vezes durante muito tempo, e os movimentos da parte affectada são dolorosos e quasi impossiveis. Quanto ao perigo, a ruptura parcial dos musculos é pouco grave, e a sua cura faz-se com o tempo sem que fique alteração alguma dos musculos.

Tratamento. Consiste em pôr o membro offendido n'uma situação tal que o musculo lacerado se ache em relaxação completa. Aliás, um instincto natural indica ao doente o meio de achar por si mesmo esta posição, na qual soffre menos. Na ruptura das fibras musculares da perna uma atadura molhada em agua vegeto-mineral, ou em agua fria. Por cima da atadura, appliquem-se pannos molhados em agua fria, que é necessaria tornar a molhar amiudadas vezes, afim de se conservarem frios. O doente deve ficar em repouso durante oito dias. Na ruptura das fibras dos musculos sacro-lombares, ou *lumbago traumatico*, applica-se uma faxa á roda do corpo, e no dia seguinte o doente toma um banho geral d'agua morna. Na ruptura total dos musculos dos membros, faz-se uma compressão regular, algum tanto apertada sobre todo o membro, que será collocado de maneira que os extremos dos musculos se achem em contacto pela simples posição. Assim, a flexão do braço será prescripta na ruptura do biceps, a extensão da perna na ruptura do triceps da coxa. Contra as rupturas antigas, nada ha a fazer senão a compressão com a ligadura elastica ou enlaçada, apropriada á parte onde o musculo se rompeo; esta ligadura mantem o membro e facilita os movimentos. Nas rupturas dos musculos *do ventre*, deve-se prevenir a inflammação pelo repouso e com cataplasmas de linhaça. Se se formar abcesso, pratica-se uma abertura para dar sahida ao pus. Logo que a inflammação desapparecer, o doente usará de cinta elastica, para evitar a producção de uma hernia.

Ruptura do perineo durante o parto. *V.* RASGADURA.

Ruptura dos tendões. Os *tendões* são cordas elasticas que por uma parte nascem dos musculos, e por outra terminam nos ossos. As rupturas dos tendões são produzidas por esforços violentos. O tendão da rotula, o tendão de Achilles, os tendões dos dedos da mão, o tendão do musculo plantar delgado rompem-se com bastante frequencia. O repouso e a posição dos membros são sufficientes, as mais das vezes, para produzir a reunião dos extremos do tendão.

1.° *Ruptura do tendão da rotula e do tendão do musculo triceps crural.* Esta ruptura é produzida por violento esforço no momento da quéda. A ruptura existe de ordinario sobre um só dos dois tendões mas ha casos em que ambos os tendões estão lacerados.

A ruptura de ambos os tendões é caracterizada por dôr viva, por quéda

apezar dos esforços para reter-se, e pela impossibilidade de se levantar. Os symptomas consequentes são : mobilidade anormal da rotula, impossibilidade de estender a perna, uma depressão por cima e por baixo da rotula; ás vezes ecchymoses extensas não deixam duvida sobre a natureza do accidente. A falta de dureza ossea sobre os dois pontos que estão afastados, a conservação do volume e da fórma da rotula farão com que se não confunda a ruptura dos ligamentos da rotula com a fractura d'este osso. Quando a ruptura do tendão da rotula e do tendão do triceps estão abandonadas a si mesmas, é difficil obter a cicatrização ; mas acontece, ás vezes, que as aponevroses se tornam mais espessas e supprem a falta dos tendões. É raro que a articulação do joelho se inflamme depois da ruptura dos tendões da rotula.

O tratamento consiste em levantar a perna sobre um plano inclinado e pôl-a em extensão, estando a coxa encolhida sobre o corpo. Approximam-se os extremos dos tendões por meio de tiras agglutinativas; e applica-se uma ligadura inamovivel para manter o membro na mesma posição. A ligadura inamovivel faz-se cercando a perna com uma atadura molhada na solução de dextrina ou de silicato de potassa, que em pouco tempo endurece.

2.° *Ruptura do tendão de Achilles.* O tendão de Achilles acha-se na parte posterior e inferior da perna; é formado pela reunião dos tendões dos musculos gemeos e solares, e fixa-se no calcanhar. Sua ruptura sobrevem principalmente nos dansarinos ; mas póde ser produzida por pancada. O tendão póde romper-se parcial ou totalmente. Os symptomas da ruptura do tendão de Achilles são : uma sensação de estalo, dôr viva, difficuldade de ter-se em pé, separação dos extremos do tendão augmentada durante a flexão do pé e diminuida durante a extensão. A indicação a preencher n'esta ruptura consiste em approximar os dois extremos do tendão para obter a sua cicatrização. Para este fim dá-se ao membro uma situação conveniente : basta dobrar a perna sobre a coxa e estender o pé. Para manter o pé na posição indicada, cerca-se o pé e a perna com uma atadura embebida em solução de dextrina ou de silicato de potassa. O apparelho, depois de solidificar-se pela deseccação, mantem o membro n'uma posição invariavel. Tira-se depois de tres ou quatro semanas, e torna a applicar-se se a consolidação não está completa.

Ruptura do tympano. *Veja-se* Ouvido, vol. II, p. 579.

Ruptura do utero. Tem logar em certos casos do parto difficil, durante os esforços de expulsão do feto impedidos pela estreiteza da bacia. É caracterizada por uma dôr viva, subita, uma sensação de rasgadura interior acompanhada ás vezes de estalo. A mulher torna-se pallida, cahe em desmaio e morre de uma hemorrhagia interna. Pelo que é preciso fazer tudo para prevenir semelhante desgraça, recorrendo ao forceps, á versão do feto, ou á embryotomia. Quando se reconhece, durante a gravidez, que a bacia, no seu maior diametro, tem menos de 6 1/2 cent., cumpre provocar o parto prematuro aos scte mezes e meio.

S

SABÃO. Dá-se mais particularmente este nome ao producto obtido das gorduras, ou dos oleos combinados com a potassa ou soda. Esta combinação faz com que a materia gorda seja soluvel em agua, e dá ao composto que se forma a propriedade de tirar as nodoas da roupa. Preparam-se para as artes e usos domesticos muitas especies de sabão, que são : o *Sabão branco*, preparado com soda e sebo ou azeite doce; é solido, branco, opaco, de cheiro não desagradavel. Dissolve-se em agua de chuva ou na de rio, mas decompõe-se na agua de poço, que contém ordinariamente certa quantidade de saes calcareos ou de magnesia; este effeito é ainda mais notavel com a agua do mar, e por essa razão todas estas aguas são improprias para o ensaboamento. Empregando a potassa em logar da soda, obtem-se o *sabão molle*. O *sabão verde* ou o *sabão preto* obtem-se, saponificando pela potassa caustica uma mistura de oleo de linhaça e de sebo; é molle, da consistencia de unguento, de cheiro desagradavel, mui caustico sobre a pelle. Em Inglaterra, o sabão molle faz-se com potassa, sebo e azeite de baleia. O *sabão transparente* para toucador, prepara-se saponificando a gordura de vacca pela soda pura, dissolvendo no alcool o sabão assim formado, filtrando a solução, e deitando-a em fôrmas. Não deixa de ser curioso uma d'estas grandes fabricas de sabão ou sabonetes finos. Una d'ellas que se recommenda pela perfeição com que fabrica os seus productos é a grande fabrica de perfumaria de Ed. Pinaud, de Pariz. Podemos dizer que os sabonetes de Ixora da casa Ed. Pinaud são de superior qualidade, e podem ser usados sem receio que extraguem a pelle como acontece com os sabonetes de qualidade duvidosa.

O sabão fino chamado sabonete de toilette de Ixora é fabricado pela casa Ed. Pinaud com esmero. É um oleato de soda, mas a materia graxa e a soda são escolhidas com todo o cuidado não entrando na composição d'elles nenhuma resina.

Emfim, o *sabão medicinal* ou o *amygdaline*, prepara-se nas boticas, misturando a frio uma parte de soda caustica liquida, e duas partes de oleo de amendoas doces : este sabão serve para certas preparações pharmaceuticas.

Sabão de phenol Bobœuf. O emprego d'este sabão é de grande utilidade sobretudo nas temperaturas calidas ; é um producto hygienico, antiseptico e antiepidemico que faz desapparecer as manchas da pelle e evita essas doenças da pelle que são tão incommodativas, como sejam as comichões, as vermelhidões, as inflammações e todas affecções da epiderme. Este sabão tem a superioridade sobre qualquer outro sabão porque perserva do contagio das molestias epidemicas.

A dissolução de sabão administra-se internamente como antidoto nos envenenamentos pelo acido sulfurico, nitrico, ou qualquer outro acido concentrado ; o sabão cede a soda ao acido, e neutraliza-lhe os effeitos. O sabão puro, na dóse de 4 a 8 grammas tem acção purgativa; adminis-

trado em maior dóse poderia produzir effeitos causticos nos intestinos. Ha crianças que o tem ás vezes engulido por descuido, mas sempre em mui pequena quantidade que pudesse causar damno. O melhor remedio, n'este caso, seria provocar os vomitos dando a beber agua morna e introduzindo os dedos na garganta, ou titillando o fundo da bocca com a rama de uma penna. Usam-se ás vezes suppositorios de sabão, na prisão do ventre. Este meio consiste em cortar um pedaço de sabão, da grossura do dedo minimo, e introduzil-o no anus. Estes suppositorios são efficacissimos, e convem muito ás crianças. A agua de sabão emprega-se externamente em lavatorios nas empigens, tinhas, sarnas e outras molestias da pelle : a propriedade que tem de dissolver as materias gordas que cobrem a superficie do corpo, e que impedem a transpiração cutanea, o torna precioso como objecto de toucador. Estes lavatorios feitos nas partes genitaes, após o coito com pessoa suspeita, constituem um excellente preservativo da syphilis : seria para desejar que este meio se popularizasse.

SABÃO (*Páo de*). *Veja-se* PÁO DE SABÃO.

SABINA. *Juniperus sabina*, Linneo. Coniferas. Arbusto que habita na Europa (fig. 804). As folhas empregam-se em medicina. São mui pequenas, en fórma de escamas, de cheiro forte, terebinthaceo, de sabor acre e amargo. O chá de folhas de sabina é receitado ás vezes pelos medicos para provocar a menstruação ; prepara-se com 2 grammas de folhas de sabina e uma chicara d'agua fervendo.

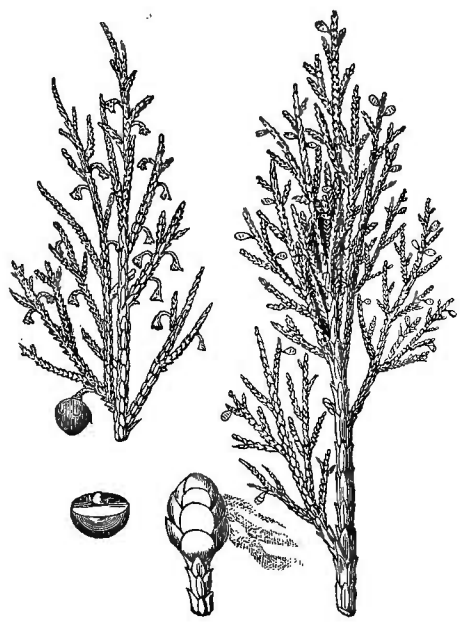


Fig. 804. — Sabina.

SABUGUEIRO. *Sambucus nigra*, Linneo. Caprifoliaceas, Arbusto commum em Portugal, cultivado em algumas partes do Brazil. Casca cinzenta, rachada ; lenho molle, branco, leve ; o tronco e os ramos contém um largo canal medullar ; folhas pecioladas, oppostas, compostas de foliolos impares ; foliolos oppostos, quasi sesseis, ovaes, denticulados, de cheiro viroso ; inflorescencia em cymas, offerecendo aspecto de uma cobertura por cima do vegetal ; flores brancas, de cheiro nauseoso quando frescas, de cheiro aromatico agradavel quando seccas ; fructo, baga globosa, anegrada, com tres pequenos caroços.

As flores, quando frescas, são brancas, mas tornam-se amarellas depois de seccas. Empregam-se sob a fórma de chá, que se faz com um pugillo de flores de sabugueiro e uma chicara d'agua fervendo, nas constipações, defluxos, e em todos os casos em que convem provocar a transpiração cutanea. As bagas do sabugueiro são do tamanho de pe-

quenas ervilhas, de côr roxa preta, e são cheias de um succo preto. Prepara-se com ellas um extracto chamado *arrobe de sabugueiro*, que é purgativo na dóse de 12 a 16 grammas. A casca de sabugueiro é tambem purgativa, na dóse de 30 grammas em decocção.

Sabugueiro do Brazil. *Sambucus australis*, Cham. Caprifoliaceas. Arbusto que habita nas provincias de S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul. Lenho molle; folhas pecioladas, oppostas, compostas de foliolos impares, oppostos ovaes, denticuladas, e cada um munido de uma pequena glandula na base; flores em cymas terminaes, brancas; fructo, baga de quatro ou cinco loculamentos. As flores são sudorificas e usadas em logar das da Europa. O sumo da raiz é purgativo, e usado na dóse de quinze a 30 grammas na hydropisia. A casca da raiz, administrada em cozimento, é tambem purgativa na dóse de 30 grammas da casca para 360 grammas d'agua. Do que fica dito segue-se que o sabugueiro do Brazil tem as mesmas propriedades que o da Europa.

SABURRA. Os medicos antigos chamáram *saburra gastrica* a materias viciadas que suppunham accumularem-se no estomago em seguida de más digestões; e que considerávam ora como um producto alterado de excreção mucosa d'este orgão ou da secreção biliar, ora como o residuo de substancias alimentares mal digeridas. D'esta saburra dá signaes a lingua quando se cobre de indutos mais ou menos grossos, brancos ou amarellos. *Veja-se* EMBARAÇO GASTRICO.

SACAROLHA ou ROSCA PARA AS MULAS. *Helicteres sacarolha,* Saint Hilaire. Malvaccas. Planta do Brazil; habita em Minas e S. Paulo. Talo lenhoso, folhas regularmente alternas, arredondadas, terminadas ás vezes em ponta; flores vermelhas. O cozimento da raiz é empregado pelos habitantes contra as affecções venereas; mas não póde ter outro effeito senão o emolliente, para combater a inflammação que acompanha ás vezes os symptomas syphiliticos.

SACCHARINA. Pó branco, pouco soluvel n'agua, muito soluvel no alcool e no ether e que se extrahe do alcatrão de hulha. Ella possue um força de assucar igual a 230 vezes seu peso de assucar ordinario, mas deixa na bocca um gosto um pouco amargo. Em alta dóse é nociva para o estomago e os intestinos. Pode ser empregada para assucarar os alimentos dos diabeticos. Ultimamente descobrio-se n'ella propriedades antisepticas que são utilizadas tanto nas affecções intestinaes como nos curativos cirurgicos, se bem que suas indicações não se achem ainda de todo definidas.

SACCHAROLEOS. Misturas de assucar com oleo volatil. Obtem-se pela trituração dos oleos com assucar. Querendo-se preparar os saccharoleos das cascas de laranja, limão ou lima, esfrega-se a parte amarella superficial com o assucar em torrões, este impregna-se do oleo volatil, e pulveriza-se depois.

SACCHARURETOS. Medicamentos de fórma pulverulenta, compostos de assucar, com o qual se misturam substancias medicamentosas previamente dissolvidas em algum liquido que é rejeitado pela evaporação depois da mistura com o assucar. O processo geral d'estas preparações consiste em misturar o assucar com tinturas alcoolicas ou ethereas,

fazer seccar e pulverizar de novo a materia, obtendo-se por este modo um pó, em que a substancia medicamentosa fica perfeitamente dividada.

SACEDON ou **A ISABEL.** Hespanha. Aguas salinas tepidas; 29°. Usam-se em bebida e banhos nas molestias nervosas, gastralgias, dyspepsias, colicas biliosas, molestias cutaneas, rheumatismos.

SACRO. Osso triungular situado na parte posterior da pelvis, em seguida da columna vertebral. A sua extremidade inferior articula-se com um appendice osseo chamado *coccyx*.

Sacro (*Fractura do*). *Veja-se* vol. I, pag. 1219.

SAGAPENO ou **Gomma seraphica.** Gomma resina de um escuro esverdeado, de sabor amargo, de cheiro alliaceo mui forte, que a India e a Syria exportam para a Europa e America. Muitos autores crêem erradamente que esta gomma provem de uma planta da familia des Ombelliferas, a *Ferula persica*, que é originaria da Persia, como a Assafetida. O sagapeno possue propriedades excitantes, pelo que entra na composição de diversos emplastros, principalmente no diachylão. Alguns medicos têm receitado o sagapeno internamente, na dóse de 5 centigrammas a 1 gramma, no tratamento da hysteria. N'este caso mistura-se o com o galbano.

SAGÚ. É uma especie de fecula extrahida da parte interior do tronco de muitas especies de palmeiras, em particular da *sagus farinaria* de Rumphius, arvore que habita nas Molucas, e que é cultivada nos jardins do Brazil (fig. 805). O sagú vem das Molucas. Acha-se no commercio sob a fórma de pequenos grãos irregulares, branco-escuros ou levemente vermelhos, duros, elasticos; resiste á acção dos dentes; é insoluvel em agua fria; soluvel na agua quente, á qual communica bastante viscosidade.



Fig. 805. — Sagueiro.

Prepara-se o sagú da maneira seguinte. Corta-se a arvore quando adquirio todo o crescimento, e quando as folhas principiam a cobrir-se de uma exsudação branca e farinacea. Abre-se o tronco em todo o comprimento, e extrahe-se a parte interior, que é mui tenaz, esponjosa, pouco mais ou menos da consistencia da polpa das batatas. Esta machuca-se e agita-se em agua por algum tempo. Côa-se depois o liquido, ainda turvo, por peneira de crina, para separar d'ella a parte fibrosa, e

depois conserva-se em repouso. A fecula precipita-se então no fundo do vaso; côa-se a agua e obtem-se uma massa branca, que se faz seccar á sombra, e que forma uma farinha ou fecula muito pura. N'este estado emprega-se nos logares em que se colhe esta substancia; mas a que se destina para a exportação deve passar por outra preparação. Toma-se a massa depositada no fundo dos vasos, e, quando ainda molle, faz-se passar por laminas tendo buraquinhos, e os grãos irregulares, que se formam então, seccam-se rapidamente sobre laminas metallicas quentes. Em conquencia d'esta ligeira torrefacção é que tomam aquella côr parda, e ás vezes avermelhada, com que se apresentam no commercio.

O sagú é um alimento nutriente e restaurante. Fazem-se mingáos cozendo grãos inteiros no caldo ou n'agua e leite, que se adoçam e aromatizam depois com agua de flores de laranjeira. Reduzido a pó, fervido no leite ou na agua, o sagú forma geleas, que convem muito aos convalescentes.

SAHIDA DO ANUS. *Veja-se* vol. I, pag. 192.

SAHIDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

SAINT-AMAND. França. Banhos de lodo sulfureo, tepidos.

Itinerario de Pariz a Saint-Amand : Estrada de ferro até Raismes, 5 horas. Carro de Raismes a Saint-Amand, meia hora. Despezas, 32 francos.

A tres kilometros da linda cidade de Saint-Amand, no meio de uma das mais risonhas paisagens, na entrada de um vasto matto, existem elegantes construcções que formam o estabelecimento thermal das aguas e dos *lodos* sulfureos. Ha em Saint-Amand tres fontes sulfureas, cuja temperatura é de 26° A agua é limpida; exhala um forte cheiro de ovos chocos. A analyse ensina que contém silica, ferro e gaz sulfhydrico em quantidade notavel. Na proximidade das fontes acham-se os gabinetes de banhos, os de duches, todos os apparelhos hydrotherapicos e a bica para beber a agua. Mas apezar do bom effeito que produz o seu uso, tanto interno como externo, contra as diversas molestias em que o enxofre está indicado, são sobretudo os *lodos* que constituem a medicação essencial de Saint-Amand. Estes lodos conservam uma temperatura de 26° centigrados, em todas as estações do anno; desenvolvem gaz acido carbonico em bolhas numerosas. Este lodo não é outra cousa mais do que terra argilosa, representando um verdadeiro pantano sulfureo, de côr preta particular, de que sahe um forte cheiro sulfureo; além de enxofre, contém tambem ferro. Os lodos, que devem servir para os banhos, acham-se em tanques particulares em que continuam a mineralizar-se pela passagem incessante de novas correntes sulfureas. Eis-aqui como se preparam estes banhos: Debaixo de um galante pavilhão, com telhado de vidro, existem 68 compartimentos de 1 metro de largura cada um, e de 1 a 2 metros de profundidade. Estes compartimentos, independentes um de outro, enchem-se de um lodo semi-liquido, tirado dos reservatorios de que acabei de fallar. Sendo só de 26 gráos a temperatura nativa do lodo, augmenta-se artificialmente, por meio de cylindros de ferro, cheios de areia ou d'agua quente, que se introduzem nos

compartimentos uma hora antes do banho. Estando tudo assim disposto, o doente, ao sahir da duche, mergulha-se no compartimento lodoso, quer em totalidade, quer em parte, segundo o logar affectado. Leves pilares, dispostos nos angulos dos compartimentos, sustentam cortinados que os transformam, se fôr preciso, em outros tantos gabinetes isolados. A duração dos banhos varía de 1 a 6 horas; termo médio 4 horas. Tomam-se de manhã; nunca mais de um por dia. Os doentes fazem n'elles em geral o primeiro almoço; o resto do tempo passa-se na leitura, conversação e jogo. O loto é o jogo favorito, porque admitte maior numero de jogadores. Durante este tempo um servente vai de compartimento a compartimento, distribuir copos d'agua mineral, complemento necessario da medicação externa. O compartimento serve todos os dias para o mesmo doente, que ao principiar o curativo, fal-o encher na sua presença com o lodo virgem, tirado directamente do reservatorio. Ao sahir do compartimento lodoso, o doente envolto em um cobertor, vai ao banho d'agua morna simples, para lavar o corpo do lodo que lhe adhere.

Os banhos de lodo de Saint-Amand aproveitam nas molestias de pelle, e sobretudo na psoriase, impetigo, lichen, ichtyose, no rheumatismo chronico tanto muscular como no articular; na gota chronica; nas molestias dos ossos (caries, necroses, coxalgias, tumores brancos, etc.); nas torceduras, contracturas musculares, atrophias, ankyloses, paralysias. A duração d'esta medicação varía segundo as molestias : termo médio, o curativo comprehende 30 a 40 banhos de lodo. Em geral, faz-se descançar o paciente um dia sobre oito ou dez. A epoca do anno em que se tomam é do 1.º de junho ao 1.º de setembro.

SAINT-GALMIER. França. Aguas mineraes acidulas, gozosas, frias. Devem as suas propriedades ao gaz acido carbonico; são da mesma natureza que as aguas de Seltz, que substituem como bebida de mesa. Bebem-se puras ou misturadas com vinho. São tonicas e digestivas. Não ha ali estabelecimento thermal; as aguas exportam-se.

SAINT-HONORÉ. França central. Aguas sulfurosas sodicas, tepidas e quentes. — Itinerario de Pariz a Saint-Honoré : Estrada de ferro de Pariz até á estação de Cercy : 6 horas 50 minutos; omnibus d'esta estação até Saint-Honoré, hora e meia. Despezas : 40 francos.

Saint-Honoré é uma pequena cidade de França, contendo fontes sulfurosas sodicas mornas e quentes. A agua é clara, limpida, de sabor adocicado e hepatico; exhala um leve cheiro de hydrogeneo sulfureo. Temperatura 26° a 32° centigrados. Estas aguas são uteis contra as molestias de pelle em banhos e bebida. Mas é o tratamento das affecções pulmonares que constitue a sua especialidade. O estabelecimento thermal é importante. Contém gabinetes de banhos, gabinetes de duches com todos os apparelhos necessarios; salas de inhalação, respiração e pulverização, e uma vasta piscina d'agua corrente, na qual os doentes podem entregar-se ao exercicio salutar da natação, n'uma agua continuamente reformada e naturalmente quente (32 centigrados). O estabelecimento possue dois grandes hoteis, convenientemente mobiliados, salas de leitura e de jogos, mesa redonda, etc. A estação thermal dura de

15 de maio a 30 de setembro. O logar é salubre e pittoresco. Transportadas, estas aguas conservam-se por muito tempo.

SAINT-NECTAIRE. França. Aguas chloruretadas sodicas bicarbonatadas frias e quentes; 24° a 44°. Doze fontes. Leucorrhea, affecções uterinas, engurgitamentos do figado e do baço, escrophulas, nevralgias, rheumatismo, molestias das mulheres e das crianças. Tres estabelecimentos com 53 quartos de banhos com duches e gabinetes para injecções, banhos de vapor, sala de inhalação e duches de acido carbonico. Mineralisação, 7,580.

SAINT-SAUVEUR. França meridional. Aguas sulfurosas quentes. — Itinerario de Pariz a Saint-Sauveur : Estrada de ferro de Pariz

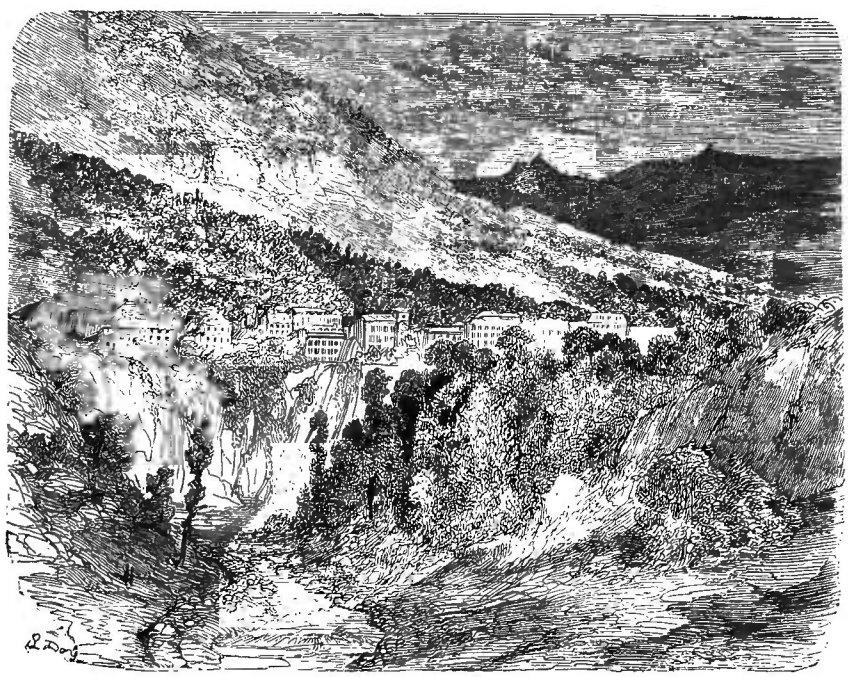


Fig. 806. — Saint-Sauveur.

por Bordeos até Pierrefite : 22 horas e meia; carro de Pierrefite a Saint-Sauveur, 1 hora 15 minutos. Despezas 111 francos.

Aldeia situada n'um valle, com uma só rua, a pouca distancia da cidade de Luz, no meio de uma magnifica paisagem, ao alcance das mais interessantes excursões dos Pyreneos. Encontram-se ali as commodidades necessarias, passeios variados com todos os meios de transporte, e grande tranquillidade de existencia. Ha duas fontes principaes e dois estabelecimentos alimentados por ellas.

1.' *Estabelecimento do valle.* A agua, que o abastece, tem na origem uma temperatura de 35° centigrados; é recebida em reservatorios de marmore, hermeticamente fechados, que transmittem a cada banheira a agua que deve servir para os banhos, e permittem o graduar a temperatura de 35 a 28 e 26 gráos centigrados. Contém sulfureto de sodio,

chlorureto de sodio, sulfato de soda; silicatos de soda, cal, magnesia e alumina; vestigios de acido borico e iodo; ao todo 25 centigrammas de saes por litro d'agua. Contém tambem muita materia organica, chamada *baregina*. O estabelecimento, elegantemente construido, compõe-se de 20 gabinetes de banhos, dois gabinetes de duches e duas bicas para beber a agua mineral. Em quasi todas as banheiras um apparelho para injecções está adaptado aos canos que conduzem a agua.

2.° *Estabelecimento Hontalade*. A fonte que o alimenta está situada a 600 metros de Saint-Sauveur. A agua é clara, transparente, de sabor toleravel; temperatura 22°; a sua composição é semelhante á da fonte do valle; contém, porém, menor proporção de substancia organica, o que, junto á differença de temperatura, explica como os doentes a bebem com prazer e a digerem facilmente. O estabelecimento possue gabinetes de banhos e de duches, providos de todos os accessorios neccessarios.

As molestias que se tratam em Saint-Sauveur são as differentes nevralgias, e em particular as nevralgias faciaes e sciaticas; os engurgitamentos do utero, as flores brancas, os catarrhos da bexiga e as bronchites chronicas. A estação thermal dura do 1.° de maio ao 1.° de outubro.

SAL. Este nome foi ao principio exclusivamente reservado para denominar uma das substancias mais communs na natureza, o sal de cozinha ou sal marinho. Mas tendo o estudo da natureza, e particularmente o da chimica, mostrado que esta denominação convinha igualmente a uma infinidade de corpos, o nome de *sal* tornou-se generico. Entende-se, por sal, *em chimica*, o resultado da combinação de um acido com uma base salinavel. E se considerarmos que o numero dos acidos mineraes ou vegetaes é mui grande, que as bases salinaveis abrangem todos os metaes e os alcalis (potassa, soda, magnesia, cal, etc., etc.); se considerarmos, emfim, que todos estes corpos reagindo uns sobre os outros e em proporções diversas, dão logar a productos differentes, poderemos então fazer uma ideia da immensa quantidade de saes que existem. Os acidos sulfurico, azotico, chlorhydrico, phosphorico, arsenioso, acetico, tartrico, todos os acidos, emfim, combinando-se com as numerosas bases salinaveis, dão origem a *sulfatos*, *nitratos*, *chlorhydratos*, *phosphatos*, *arseniatos*, *acetatos*, *tartratos*, etc. Todos os saes, em condições favoraveis, tomam fórmas crystallinas regulares que podem determinar-se exactamente, e que servem com outros signaes a distinguil-os uns dos outros.

Muitos saes são insoluveis na agua; muitos d'elles, e em maior numero, são soluveis. Entre os saes insoluveis citarei o carbonato de cal ou a greda e o marmore, o sulfato de cal ou gesso, o protochlorureto de mercurio ou calomelanos, etc. Entre os saes soluveis indicarei o chlorhydrato de soda ou sal de cozinha, os sulfatos de soda, de magnesia, de potassa, o deutochlorureto de mercurio ou o sublimado, etc. Os saes soluveis são os unicos sapidos; uns são salgados, como o sal commum, o sulfato de soda, chlorhydrato de ammoniaco, etc.; outros amargos, como o sulfato de quinina, o chlorhydrato de ammoniaco, etc.; outros tem um sabor metallico desagradavel, como os saes de cobre, arsenico,

e os saes soluveis de mercurio; outros são doces, como os saes de chumbo e os de nickel; outros tem um sabor adstringente, como o sulfato de alumina e potassa ou pedrhame, etc. Emfim, certos saes não tem acção alguma sobre a economia, taes são a maior parte dos saes insoluveis; outros são purgativos; taes como os sulfatos de soda, de potassa, de magnesia; outros são causticos, como os carbonatos de soda, potassa; outros, emfim, são venenosos, mesmo em mui pequena dóse, taes são o acetato de cobre ou verdete, o arseniato de potassa, etc. Os saes distinguem-se tambem pela côr, bem que a mór parte d'elles sejam brancos. O sulfato de ferro é verde, certos saes de manganez são rosados, os de cobre são geralmente azues, os de ouro amarellos, os de chromo verdes ou amarellos, etc. Os saes distinguem-se tambem entre si pelo seu peso; o carbonato de magnesia, o sulfato de quinina são mui leves; os saes de mercurio mui pesados, e os outros occupam os gráos intermedios entre estes dois extremos.

Os saes tem numerosos usos em medicina e nas artes. O chlorhydrato de ammoniaco ou sal ammoniaco, serve para extrahir o oxydo dos metaes; os chlorhydratos de estanho são empregados na tintura; a pedrahume aviva e fixa as côres; todos conhecem os usos do marmore, da greda, do gesso, do alabastro, que são verdadeiros saes. Os saes de cobalto, chromo e chumbo ministram côres para a pintura a oleo, etc. A medicina emprega grande numero de saes; alguns vão n'esta obra descriptos em artigos separados, como *cremor de tartaro*, *sulfato de quinina*, *calomelanos*, etc.; só indicarei agora aquelles que são mais usados, e de que não fallei em outra parte.

Sal amargo. *Veja-se* SAL D'EPSOM.

Sal ammoniaco. *Veja-se* vol. I, pag. 137.

Sal de azedas ou *oxalato de potassa*. Existe formado em muitas plantas, e particularmente nas azedas. É branco, semitransparente; tem sabor acido, picante, algum tanto amargo. Emprega-se em limonadas seccas e pastilhas refrigerantes. Serve para tirar as nodoas da tinta de escrever e as de ferrugem.

Sal commum, *sal de cozinha*, *sal marinho* ou *chlorhydrato de soda*. Este sal é muito abundante na natureza. Existe na agua do mar, na de certos lagos, e em grande numero de fontes; no estado de sal gemma, constitue massas enormes, e até montanhas, na Polonia, Hungria, Russia, Hespanha, França, Chile, Perú, etc., mas então não é sempre puro, e mais commummente é corado de amarello, avermelhado ou arroxado, por alguns oxydos metallicos. Depois de purificado, fica alvo e em fórma de cubos; o sabor é fresco, salgado, não experimenta alteração ao ar, e se o sal escuro se torna humido pelo contacto d'este agente, depende isso de certa quantidade de chlorhydrato de magnesia que contém, e que é mui deliquescente; é mui soluvel na agua. O *sal branco*, que se serve nas mesas, não é senão o *sal cinzento* ou *sal de cozinha* despido das materias terreas, e de algumas outras substancias estranhas. O sal cinzento emprega-se com preferencia para a panella, e para a cozedura dos legumes frescos ou seccos. O sal é o tempero por excellencia; dá

melhor gosto ás carnes e aos legumes, excita o appetite e favorece a digestão. Os usos do sal commum na economia domestica são geralmente conhecidos: serve para salgar as carnes; póde conserval-as até certo ponto, apoderando-se da agua que ellas contém, e privando-as assim do elemento sem o qual não póde haver putrefacção. Emprega-se nas artes para preparar o sulfato de soda com o qual se faz a soda artificial; para obter o acido chlorhydrico, o chloro, sal ammoniaco; entra na composição dos vernizes para certos oleados, etc. Dissolvido em 1/2 litro d'agua, na dóse de 4 ou 8 grammas, é administrado pelos medicos na tisica, nas escrophulas, na chlorose e em algumas molestias cutaneas. Dissolvido em agua quente constitue pediluvios irritantes. Emfim, póde considerar-se, quando é introduzido no intestino em fórma de clyster, como um irritante enérgico, de que se póde obter bons effeitos na congestão cerebral, nos afogados, etc.

O sal é muito util como tempero da alimentação dos animaes domesticos. Apezar do preço elevado d'esta substancia o effeito util do sal sobre a saude do gado, sua influencia sobre a rapidez da engorda, são taes que o fazendeiro achará sempre proveito em usar d'elle. A dóse é cerca de 1 por 100 de peso da ração diaria. Assim a um boi do peso de 300 kilogrammas, cuja ração é de 15 kilogrammas de forragem secca, ou o equivalente em outros alimentos, dá-se-lhe em mistura com a forragem picada ou raizes cortadas, 150 grammas de sal; a uma vacca, do peso de 200 kilogrammas, dá-se-lhe 10 kilogrammas de forragem e 100 grammas de sal; a um carneiro, do peso de 20 kilogrammas dá-se-lhe 1 kilogramma de forragem e 10 grammas de sal. O sal convem sobretudo ao gado alimentado á discrição para que engorde, e no qual é sempre util activar a digestão e excitar o appetite. Para os outros animaes domesticos, a metade d'esta dóse, isto é, meio por cento do peso da ração diaria, póde ser considerada como sufficiente; assim para um porco 5 grammas por cada kilogramma de alimento parece ser uma dóse sufficiente para augmentar a energia digestiva do porco, e favorecer-lhe a engorda. Para os coelhos, que morrem tão frequentemente de podridão durante o primeiro periodo da existencia, 5 grammas de sal, por cada litro de farelos, è uma dóse conveniente. Para as gallinhas e outras aves domesticas, que se querem engordar, convém misturar sal, na proporção de 10 grammas por kilogramma, á farinha de que se fazem bolos. A experiencia tem provado que o sal não produz bons effeitos senão quando é misturado com os alimentos dos animaes. O sal é sobretudo necessario para o gado quando este se acha ameaçado de molestias epizooticas.

Preparação do sal commum. Tira-se da terra quando está em massas: sendo puro, vai para o commercio tal qual foi extrahido; se sahe impuro, é dissolvido, e evapora-se o liquido depois de clarificado. Entretanto, as mais das vezes extrahe-se o sal da agua do mar, que contem *chlorhydrato de soda*, chlorhydrato de magnesia, carbonatos de cal e de magnesia, chlorhydrato de potassa, e uma materia animal: e por isso o sal escuro, que se obtem, nunca é puro, visto conter todas estas substancias.

Nos paizes quentes, servem-se do sal para evaporar a agua do mar, que se faz chegar ás marinhas, especie de tanques mui largos e pouco profundos. Nos paizes frios, tira-se proveito da propiedade que tem a agua salgada de congelar-se só muito abaixo de zero; com effeito, a agua do mar póde ser considerada como uma mistura d'agua doce e d'agua extremamente salgada: esta não se congela a zero, entretanto que aquella solidifica-se n'esta temperatura; por conseguinte, póde-se, submettendo-a a um frio de 1 ou 2 gráos abaixo de zero, gelar grande porção d'ella e ter a agua liquida muito salgada, que bastará aquentar para obter-se d'ella o sal crystallizado. Nenhum d'estes modos dá o chlorhydrato de soda puro; priva-se das materias estranhas que o acompanham da maneira seguinte: dissolve-se em quantidade d'agua conveniente o sal do commercio; operada a solução, côa-se e faz-se evaporar n'uma temperatura de 80 gráos centigrados; durante esta evaporação, o chlorhydrato de soda cristalliza-se sob a fórma de pequenos cubos que engrossam pela agglomeração de outros crystaes da mesma fórma; extrahem-se estes crystaes, lavam-se com pequena quantidade d'agua, fazem-se seccar, e conservam-se para uso.

Sal d'Epsom, ou *sal amargo,* ou *sal de Sedlitz,* ou *sal inglez,* ou *sulfato de magnesia.* Acha-se em dissolução na agua do mar, e em muitas fontes salgadas. Obtem-se pela evaporação das aguas que o contém. É solido, branco, crystallizado em pequenas agulhas e prismas de quatro faces, de sabor amargo e desagradavel, é soluvel em agua. Emprega-se muito como purgante, na dóse de 15 a 60 grammas, dissolvido em um copo d'agua fria. Faz parte de grande numero de aguas mineraes, que se usam para provocar evacuações alvinas.

Sal de Glauber, ou *sulfato de soda.* Existe em muitas fontes, d'onde se extrahe por evaporação. É branco, de sabor salgado, fresco amargo, soluvel em agua. Admrnistra-se como purgante na dóse de 15 a 60 grammas, dissolvido n'um copo d'agua morna.

Sal de nitro. *Veja-se* NITRO.

O que se chama vulgarmente *saes* é uma composição destinada a ser respirada pelo nariz, quer como estimulante no caso de desmaio, quer como cheiro proprio para encobrir emanações desagradaveis. Assim, emprega-se particularmente o sulfato de potassa crystallizado e misturado com vinagre radical, e o sal ammoniaco com carbonato de potassa. Esta ultima mistura, chamada *sal volatil de Inglaterra,* tem cheiro picante e desagradavel, mas é muito estimulante.

SAL DE SEIGNETTE ou **tartrato de potassa e soda.** *Veja-se* vol. II, pag. 785.

SALEPO. Dá-se este nome aos bolbos que acompanham as raizes da *Orchis mascula,* Linneo, planta da familia das Orchideas; vem da Turquia, Asia Menor e Persia (fig. 807). Muitas especies fornecem esses bolbos, mas sobretudo a *Orchis mascula.* Depois de colhida a planta, separam-se os bolbos carnosos dos bolbos molles e enrugados que servíram ao desenvolvimento do talo; depois mergulham-se aquelles em agua fervendo: separa-se o involucro; em seguida seccam-se enfiados

como contas de rosario. Apresentam-se no commercio sob a fórma de pequenos grãos ovaes, do tamanho de um feijão, de côr amarellada ou esbranquiçada, ás vezes semi-transparentes, duros, de cheiro fraco como gomma. Esses bolbos, assim preparados, são compostos quasi inteiramente de fecula; podem por conseguinte servir para fazer mingáos com caldo ou leite, que são muito emollientes e nutrientes. O salepo serve para fazer geleas; misturam-n'o tambem com chocolate; é nutritivo e passa por aphrodisiaco.

Em Portugal existem a *Orchis mascula*, e outras especies das plantas Orchideas que podem ser aproveitadas para obter o salepo. A *orchis mascula* habita perto de Coimbra, e outras partes na Beira. A *orchis morio*, habita nos prados do Alemtejo; os bolbos que acompanham a sua raiz, tem sabor mucilaginoso, crepitam entre os dentes. A *orchis coriophora*, habita nos montes de Cintra, e nas vizinhanças de Coimbra. — *Orchis militaris*, vulgo *Satyrião militar*, habita nos mattos e montes calcareos ao redor de Coimbra. — *Orchis latifolia*, vulgo *Satyrião bastardo*, habita na Beira, Estremadura e Alemtejo. — *Orchis pyramidalis;* habita nos arredores de Bellas e Cascaes. — Além d'estas especies ha ainda algumas outras em Portugal, com cujas raizes se póde fazer salepo. As orchideas são plantas herbaceas, com raizes fibrosas, muitas vezes acompanhadas de dois tuberculos amylaceos; folhas invaginantes; caule curto, subterraneo, ou elevando-se pouco acima do nivel do terreno.

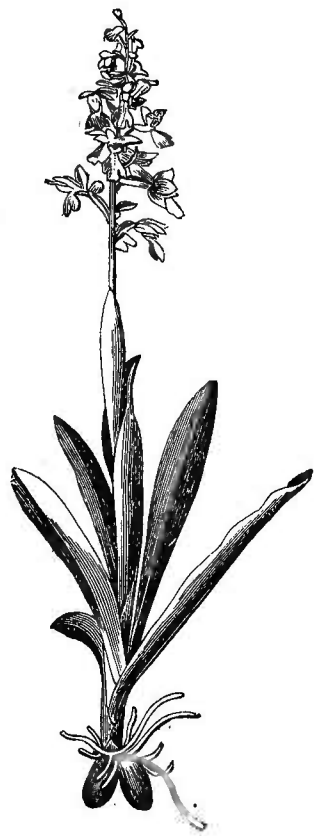


Fig. 807. — *Orchis mascula.*

SALGUEIRINHA. Planta herbacea da familia das Lythrariadas, *lythrum salicaria*, chamada tambem Lysimachia purpurea. Cresce nos logares pantanosos e floresce em julho e agosto. As hastes e folhas são adstringentes; empregam-se em infusão e em pó contra a diarrhea e os fluores brancos.

SALICINA. Substancia glucosica que se encontra na casca do salgueiro e do choupo. Apresenta-se debaixo da forma de agulhas crystallinas brancas, soluveis na agua. Debaixo da influencia dos acidos fracos, ella se desfaz em glucose e em acido salicylico; é o que se dá quando se introduz a salicina no estomago. A glucose é absorvida e o acido é eliminado pelas ourinas. De um amargo excessivo como o sulfato de quinina, a salicina produz tambem tonteiras e zunidos dos ouvidos. É um medicamento tonico e util contra a febre, principalmente no rheumathismo articular agudo. As dóses variam de 1 a 10 grammas em 24 horas.

SALICYLATO DE BISMUTHO. Sal esbranquiçado que possue

uma parte das propriedades do acido salicylico. O seu emprego faz baixar a temperatura dos individuos acommettidos de febres e desinfecta o intestino. É administrado principalmente na dyspepsia flatulenta, como absorvente, na dóse de 2 a 6 grammas, misturado com cré pulverizada e magnesia calcinada.

Salicylato de bismutho. Pó anti-diarrheico e antiseptico que se emprega nas mesmas condições que o sub-nitrato. Tem-se'o administrado em alta dóse na febre typhoide, parece porém, que pode occasionar hemorrhagias e o collapso. Receita-se'o misturado com o Naphtol B e com pós absorventes nas dyspepsias flatulentas. As dóses variam de 1,6 e 8 grammas por 24 horas.

Hostias Trouette de napthtol, e salicylato de bismutho. Tomam-se na dóse de dez hostias nas 24 horas, entre as refeições e mesmo nas horas de refeição, espaçando-as o mais regularmente possivel; isto é, de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas.

Estas hostias fazem a antiseptia completa das vias digestivas e urinarias, antiseptia esta que se manifesta primeiramente pela suppressão do fetido das materias fecaes. Devem pois ser administradas em todas as molestias das vias digestivas e urinarias ; nas molestias que acommettem os intestinos, n'aquellas que embaraçam as funcções dos rins e do figado; como tambem no cholera, na febre typhoide, na febre amarella, nas infecções typhicas e secundarias; nas constipações, bronchites, coqueluche, tisica; nos frunchos, etc. etc.

SALICYLATO DE SODA. Sal muito empregado em medicina ha uns dez annos. Tomado em fracas dóses, o salicylato de soda faz diminuir a febre, nos individuos fracos provoca um delirio calmo, pouco intenso e determina muitos symptomas conhecidos : zunido dos ouvidos e perturbação da vista. De ordinario, bem supportado pelo estomago se elimina e é rejeitado pelos rins. Em altas dóses é caustico e pode occasionar certas ulcerações do estomago e dos intestinos. Como o acido salicylico, é antiputrido e antifermentiscivel. Tem sido empregado em muitas molestias, mas a molestia contra a qual elle actua melhor é o rheumatismo articular agudo. Faz cahir a febre e cessar as dôres das articulações. Nas formas chronicas o seu effeito é menos constante e menos certo.

É um medicamento tambem util no tratamento das nevralgias, das dôres que sentem os doentes acommettidos de affecções da medulla e contra a gota. Nas molestias dos rins, é preciso administrar o salicylato de soda em pequenas dóses, para evitar que a sua accumulação não cause phenomenos de envenenamento.

Como é muito soluvel póde-se disfarçar facilmente o seu mao gosto e amargor administrando em poção ou em elixir aromatizados com essencia de hortelã ou de baunilha. De todas as formas pharmaceuticas a melhor e a que mais confiança merece é a de pilulas impressas de L. Frère, de Pariz. Cada pilula contém exactamente 10 centigrammas do producto puro, o que é uma garantia para o doente e uma facilidade para o medico poder dosar o medicamento.

As dóses variam, segundo a idade e a resistencia do doente, de 2 a 10 ou 12 grammas nas 24 horas.

Poção de salicylato de soda.

Salicylato de soda.....	4 gram.	Xarope simples.....	20 gram.
Rhum.....	30 —	Agua.....	60 —

Para tomar 1 colher, das de sopa, de 3 em 3 horas.

SALICYLICO (Acido). O acido salicylico crystalliza debaixo da forma de agulhas brancas, mui pouco soluveis em agua fria, soluveis no ether e no alcool. É antiseptico e antifermentescivel e tem uma acção assaz energica sobre a temperatura do corpo. Nas febres, faz baixar a temperatura de 40° a 38°, 37° e até mesmo a menos se as dóses são muito fortes. É muito util contra o rheumatismo articular agudo, no qual dá-se de preferencia o salicylato de soda em pilulas impressas, de L. Frère, de 10 cenfigrammas; tambem é precioso no tratamento da febre typhoide. Com o seu emprego não só se consegue fazer abaixar o calor morbido como tambem dá uma notavel sensação de bem estar. Prescreve-se'o na dóse de 2 a 6 grammas de pó que se administra em hostia Limousin ou em pilulas impressas de L. Frère. Dissolvido no alcool ou na glycerina é empregado como desinfectante e no curativo das feridas. Para este fim, fabrica-se um algodão que se impregna em uma solução alcoolica d'acido salicylico e que se deixa seccar antes de applical-o.

SALIES DE BEARN. Aguas salinas frias. Itinerario de Bordeos a Salies : Estrada de ferro de Bordeos por Dax a Puyoo, 4 horas 10 minutos; carro de Puyoo a Salies, tres quartos de hora. Despeza 25 francos.

Salies é uma pequena cidade da França meridional, contendo uma fonte salgada, cuja origem é attribuida á existencia de um enorme banco de sal gemma. A fonte salgada alimenta uma fabrica de sal; o estabelecimento dos banhos está perto da fabrica, e na vizinhaça de um lindo passeio. A agua de Salies é fria, limpida, sem côr, de sabor fortemente salgado com um resaibo amargo; sua densidade é de 1,208. Contém, por litro, 234 grammas de saes que são : chlorureto de sodio (216 grammas), chloruretos de potassio, de calcio, de magnesio; sulfatos de soda, de potassa, de magnesia, de cal; bromureto de magnesio; iodureto de sodio. Administra-se em bebida, mas sobretudo em banhos, duches frias, temperadas e quentes. Na dóse de um quarto de copo misturado com tres quartos d'agua ordinaria, o effeito é purgativo; não se excede esta dóse. Em dóse menor, e misturada em 9 partes d'agua, ou de caldo de frango quente e não salgado, esta agua actua sobre toda a economia como tonica e excitante. O banho, na temperatura tepida (28°), d'agua mineral pura, de duração de 35 a 40 minutos, produz uma excitação do systema cutaneo e um effeito agradavel. É preciso manter a pessoa que se banha com correias fixas á banheira, porque o corpo tende a sobrenadar n'uma agua tão densa. Segundo as indicações, e sobretudo nas crianças e pessoas impressionaveis, mistura-se a agua mineral do banho com maior ou menor quantidade d'agua commum. A duração do banho é de dez minutos a huma hora. Nos casos particulares, em vez de banhos geraes, empre-

gam-se os semicupios ou pediluvios. As duches frias ou quentes exercem uma revulsão poderosa. — As molestias contra as quaes as aguas de Salies se empregam são : escrophulas, molestias dos ossos, caries, necroses, abcessos frios, affecções nervosas. A estação thermal dura do 1° de maio ao 1° de outubro.

SALINS. França. Aguas salinas frias. — Itinerario de Pariz a Salins : Estrada de ferro de Pariz a Salins directamente, 9 horas e 35 minutos. Despeza 45 francos.

Salins é uma cidade de França de 7,000 habitantes, na qual existem 3 fontes d'agua salgada que se reunem n'um tanque, para d'ali serem distribuidas aos logares de emprego, por meio de uma maquina hydraulica. Estas fontes fornecem 1,800,000 litros por 24 horas. Occupam o centro de um estabelecimento de banhos mui consideravel. A agua é fria, limpida, de sabor salgado; contém por litro 30 grammas de saes que são : chlorureto de sodio (27 grammas); chlorureto de potassio, de magnesio; bromureto e iodureto de potassio; carbonato de cal, de magnesia; sulfato de cal, sulfato de potassa. Provém de um lago subterraneo cujas paredes são constituidas por sal gemma; ao sahir tem uma temperatura de 10 a 12 gráos centigrados.

Estas aguas empregam-se na medicina, interior e exteriormente. *Salins* possue um estabelecimento balnear completo; banhos e duches de todas as especies; piscina quente e fria d'agua corrente; hydrotherapia salina; um pessoal de serventes experimentados para duches, grande hotel no jardim do estabelecimento, outros hoteis e casas mobiliadas para familias no interior da cidade.

A agua da fonte de Salins emprega-se internamente na dóse de dois copos, por dia, um de manhã, outro de tarde; externamente usa-se em banhos e duches. As molestias nas quaes é util são ; escrophulas, engurgitamentos dos ganglios lymphaticos, tumores brancos, caries dos ossos, ozena, leucorrhea, chlorose, anemia. Goza das mesmas propriedades que a agua de Kreuznach.

SALITRE. *Veja-se* NITRO.

SALIVA. Liquido sem cheiro, sem sabor, transparente, algum tanto viscoso, segregado pelas glandulas parotidas, submaxillares e sublinguaes, e vertido na cavidade buccal por canaes estreitissimos. A saliva mistura-se com os alimentos durante a mastigação; este liquido é necessario para facilitar a digestão. A descripção do apparelho secretor da saliva acha-se no artigo FISTULAS SALIVARES, vol. I, pag. 1185.

A salivação é abundante nas crianças durante a dentição; manifesta-se passageiramente á vista de uma comida muito desejada; provoca-se pela acção de fumar. As funcções digestivas são frequentemente perturbadas nas pessoas que fumando tem o costume de cuspir muito; não lhes fica bastante para auxiliar a digestão. Em certos casos a saliva augmenta em quantidade. Isto acontece, sobretudo, nas pessoas que usam do tratamento mercurial, na affecção nervosa do estomago chamada *gastralgia*, no começo da gravidez, na esquinencia, e nos primeiros dias da erupção das bexigas. A quantidade de saliva diminue, pelo

contrario, na febre typhoide e nas hydropisias. Allivia-se muito a dôr, e favorece-se a cicatrização das esfoladuras e dos pequenos córtes, applicando-lhes folhas de chá mascadas com saliva. A saliva apresenta o caracter contagioso na raiva, mas, segundo parece, sómente nos animaes.

SALIVAÇÃO ou **PTYALISMO MERCURIAL.** Dão-se estes nomes á secreção abundante da saliva, determinada pelo uso immoderado das preparações mercuriaes. Todas as preparações mercuriaes podem provocar a salivação; mas esta propriedade não existe em todas no mesmo gráo. O sublimado a determina mais raramente do que as outras; as fricções com pomada mercurial tem sobretudo este inconveniente. Os calomelanos produzem a salivação com facilidade quando se administram em dóses pequenas (5 a 10 centigrammas) mas repetidas. Em dóse maior, 1 gramma, e administrados de uma vez, os calomelanos tem um effeito purgativo, e não expõem tanto á salivação. Depois dos calomelanos vem a pomada citrina (nitrato de mercurio) e o protoiodureto de mercurio. Mas, apezar d'esta propriedade dos remedios mercuriaes, não se póde entretanto renunciar ao seu uso. Convem sómente empregal-os com extrema prudencia, verificando todos os dias os effeitos que produzem na bocca, para suspender momentaneamente o seu emprego, logo que occasionem a menor irritação.

Symptomas. A salivação declara-se de ordinario do quarto ao oitavo dia do tratamento; ás vezes sobrevem muito mais tarde. Os signaes precursores d'esta evacuação são calor insolito, uma ligeira dôr e um principio de inchação nas gengivas, que tomam a côr de rosa desmaiada; o halito adquire máo cheiro, o gosto na bocca torna-se metallico, e o doente experimenta, ao apertar os queixos, uma sensação incommoda. Se não renunciar immediatamente ao emprego do mercurio, a tumefacção das gengivas augmenta rapidamente, estende-se ao interior das faces, e mesmo até á lingua, cujo volume se torna ás vezes tão consideravel, que póde apenas ser contida dentro das arcadas dentarias: a secreção da saliva torna-se mais abundante; este liquido é claro e de cheiro infecto; as gengivas vertem sangue pela menor pressão; a lingua e os dentes cobrem-se de uma camada espessa e amarellenta. Quando o mal continua a progredir, sobrevem dôr de cabeça, insomnia; as forças e o appetite diminuem, e muitas vezes o doente nem sequer póde mastigar, engulir, ou fallar; tem até difficuldade em ouvir. A lingua, as gengivas e a superficie interna das faces cobrem-se de ulceras mais ou menos dolorosas, e a quantidade de saliva que corre continuamente da bocca chega a ser de 500 grammas por dia. Emfim, a salivação é ás vezes acompanhada de inflammação tão viva, que as gengivas separam-se dos ossos, e os dentes vacillam e cahem. Mas hoje em dia raras vezes estes accidentes são levados a tal ponto, pois os medicos actuaes já não consideram a irritação mercurial da bocca como propria ou indispensavel para o bom exito do tratamento, e fazem tudo quanto é possivel para provenil-a.

Tratamento da salivação. Divide-se em *preservativo* e *curativo*. Todos

os meios propostos para o primeiro reduzem-se a quatro principaes :

1.° O primeiro meio consiste em favorecer durante o tratamento mercurial a transpiração da pelle pelos banhos quentes e pelo exercicio ; d'esta maneira desvia-se a tendencia que tem o mercurio a dirigir-se para a bocca.

2.° O segundo meio, e mais seguro, tem por objecto prevenir a salivação regulando as dóses do mercurio com prudencia, e segundo a susceptibilidade das pessoas ; isto é, principiando por pequenas quantidades, que se augmentam, depois, de maneira lenta e progressiva, até chegar á dóse que exige a natureza da molestia. Se se manifestar o gosto metallico e a dôr nas gengivas ou a inchação d'estas partes suspende-se o uso do mercurio por alguns dias, e volta-se a elle quando os symptomas da irritação da bocca tiverem desapparecido.

3.° A administração de um ou dois purgantes, durante o tratamento, entra no numero dos preservativos mais efficazes da salivação.

4.° Emfim, pelo ultimo meio de tratamento preservativo da salivação, busca-se, actuando directamente sobre a bocca, mediante gargarejos d'agua com vinagre, embotar-lhe, de alguma sorte, a sensibilidade, e obstar á manifestação do accidente que nos occupa.

O tratamento *curativo* da salivação torna-se necessario logo que, apezar das precauções que acabei de indicar, esta evacuação fôr definitivamente estabelecida. Cumpre suspender o tratamento mercurial, e usar internamente das pastilhas de chlorato de potassa de Dethan (V. CHLORATO DE POTASSA) ou de um dos gargarejos seguintes ;

1.° Pedrahume	8	grammas.
Agua	500	—
Mel de abelhas	60	—

Para gargarejar quatro vezes por dia.

2.° Chlorato de potassa	8	grammas.
Agua	180	—

Para gargarejar quatro vezes por dia.

3.° Noz de galha	4	grammas.
Rosas rubras	4	—
Casca de romã	4	—
Agua fervendo,		quantidade sufficiente.

para ter 250 grammas de infusão. Ajunte :

Vinho tinto	250	grammas.
Mel rosado	60	—

Gargarejar quatro vezes por dia.

5.° Pastilhas de chlorato de potassa de Dethan. 2 a 6 pastilhas por dia, deixando derreter na bocca, servindo assim de uma especie de gargarejo.

Os outros meios locaes são :

Esfregar as gengivas com sumo de limão azedo, e mesmo com polpa

de limão. — Tocar as gengivas com pedra infernal. Esta leve cauterização é sobretudo necessaria quando existem ulceras na bocca. — Esfregar levemente as gengivas com pedrahume reduzida a pó. — Usar de fructas acidulas, taes como laranja, limão doce e outras. — Os purgantes são muito uteis no tratamento da salivação; estabelecem no canal intestinal certo gráo de irritação que diminue proporcionalmente a inflammação da bocca. O purgante que merece a preferencia n'este caso é:

Sulfato de magnesia.....	60 grammas.
Agua.....	250 —

Os pediluvios d'agua quente, e principalmente os pediluvios sinapizados, tambem aproveitam. O uso das bebidas acidas convem muito; estas bebidas são a limonada de limão, de tamarindos, o cozimento de cevada acidulado com sumo de limão. Todos estes meios, continuados mais ou menos tempo, fazem parar a salivação em pouco tempo, ou pelo menos moderam-n'a. A salivação leve cede ordinariamente no quarto ou quinto dia; mas quando é consideravel dura de quinze a trinta dias.

SALOL ou **Salicylato de phenile.** Pó branco tirado do acido salicylico que tem sido preconisado contra o rheumatismo como as differentes preparações salicyladas, na dóse de 1 a 6 grammas. Em cirurgia o salol é empregado como antiseptico e gosa de propriedades analogas ás do iodoformio. As preparações nas quaes incorpora-se'o são feitas segundo as mesmas formulas.

SALSA HORTENSE ou **VULGAR.** *Apium petroselinum*, Linneo Umbelliferas (fig. 808 e 809). Esta planta é cultivada em abundancia nas hortas por causa des seus usos culinarios. Da raiz, que é branca, cónica, levanta-se um talo cylindrico, estriado longitudinalmente, liso. As folhas são verde-claras, as flores



Fig. 808. — Salsa hortense.

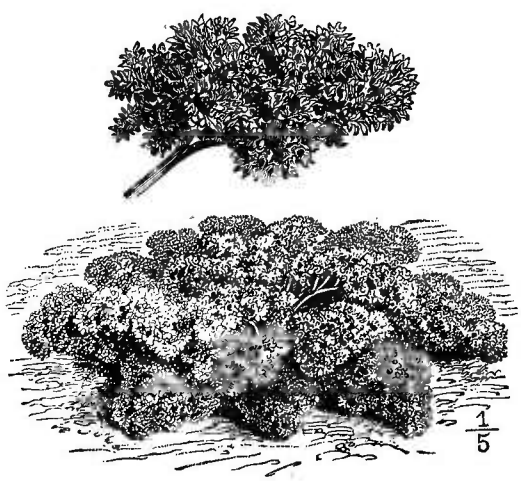


Fig. 809. — Salsa hortense frisada.

esbranquiçadas. Importa muito conhecer os caracteres botanicos da

salsa, visto que podem ser facilmente confundidas com as folhas d'esta planta as da cicuta, que é mui venenosa, é por isso no artigo CICUTA exponho comparativamente os caracteres d'estas duas plantas.

As folhas da salsa são um dos temperos mais vulgares; a raiz goza de propriedades diureticas.

SALSAPARRILHA. As salsaparrilhas são plantas trepadeiras do genero *Smilax*, da familia das Asparagineas, que habitam no Perú, Mexico, Brazil, e outros logares da America meridional. As raizes compõem-se de um tronco lenhoso pouco volumoso, que apresenta de distancia em distancia nós, da grossura de uma penna de ganso, provido de grande numero de radiculas mui compridas. Estas raizes empregam-se em medicina, e a especie que se acha mais frequentemente no commercio é a *Smilax medica* (fig. 810), que habita no Mexico. É um arbusto sarmentoso e trepante; caule articulado, de 4 angulos, armado de espinhos recurvados, ramoso; folhas alternas, pecioladas, ovaes, um tanto cordiformes, acuminadas, inteiras, glabras, coriaceas, apresentando de 3 a 5 nervuras longitudinaes; inflorescencia em umbellas simples, pedunculadas; flores pedicelladas, de um verde esbranquiçado; fructo, baga espherica, violacea, contendo de 1 a 3 sementes globosas; *raiz* longa, delgada, da espessura de uma penna de ganso, enrugada, simples, flexivel, difficil de romper, composta de grande numero de fibras simples, mui longas e cylindricas; cinzenta ou avermelhada por fóra; branca, amarellada, ou ainda côr de rosa por dentro; meditullio branco e mais lenhoso que a casca; sabor mucilaginoso e algum tanto amargo. Muitos outros arbustos do genero *Smilax* fazem parte das differentes sortes de salsaparrilha fornecidas pelo commercio. A melhor salsaparrilha é aquella cujo sabor é mais forte e mais nauseoso.

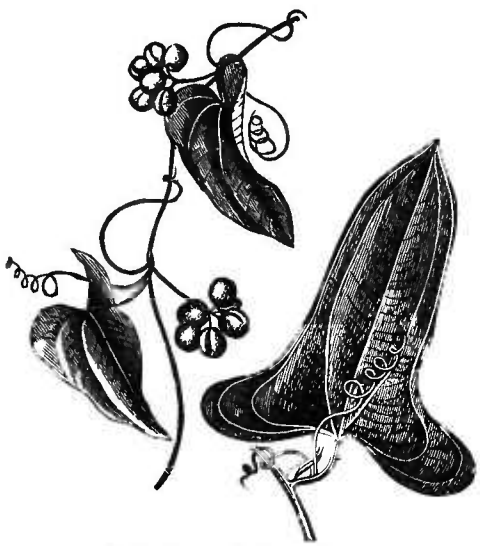


Fig. 810. — Salsaparrilha.

Ha muitas salsaparrilhas proprias ao Brazil, onde são conhecidas debaixo do nome vulgar de *japecangas:* são : *Smilax japicanga*, Griseb.; *Smilax syringoides*, Griseb.; *Smilax brasiliensis*, Spreng.; *Smilax syphilitica*, Humbeldt; *Herreria salsaparrilha*, Martius.

Ha poucos medicamentos que tenham tanta reputação como a raiz de salsaparrilha. É um remedio antisyphilitico por excellencia; constitue a base do xarope de Cuisinier, do arrobe de Laffecteur, do cozimento lusitano, e de muitas outras preparações que se empregam contra o mal venereo. Ordinariamente associa-se a salsaparrilha ao tratamento mercurial, e administra-se sob a fórma de cozimento. Os pharmaceu-

ticos preparam com esta raiz o xarope de salsaparrilha, que, misturado com agua morna, emprega-se com o mesmo proveito que a decocção. A dóse do xarope é de duas colheres *de sopa* para meio copo d'agua; esta dóse repete-se duas vezes no dia.

Eis-aqui o modo de preparar *cozimento de salsaparrilha :* Macere por duas horas em mais de 500 grammas d'agua fria, 30 grammas de raiz de salsaparrilha fendida e cortada; ponha depois ao fogo, e logo que ferver o liquido, tire-o do fogo, e deixe digerir por duas horas em logar quente. Côe por panno, deixe formar deposito, e decante para ter 500 grammas de liquido. Este cozimento, adoçado com quantidade sufficiente de assucar, bebe-se em tres dóses no decurso de um dia.

SALSUGEM. *Veja-se* IMPETIGO.

SALVA. *Salvia officinalis*, Linneo. Labiadas. Planta cultivada no Brazil e em Portugal (fig. 811). Tronco pouco elevado, folhas oppostas, oblongas, obtusas, vellosas, recortadas na margem; flores violaceas, em espiga, cheiro forte e aromatico, sabor quente, e um pouco amargo. A infusão de salva emprega-se em gargarejos nas esquinencias. Esta infusão prepara-se com 8 grammas de folhas de salva e quatro chicaras d'agua fervendo; depois de coada, adoça-se com mel de abelhas.



Fig. 811. — Salva.

SALVAS DO BRAZIL. **Salva** (Rio Grande do Sul). *Lippia citrata*, Schlecht.

Salva do Brazil. *Salvia fulgens.* Labiadas. As folhas brilhantes e escarlates côr de fogo tornam esta planta de um lindo aspecto.

Salva do Pará (Marajó). *Hyptis incana.* Labiadas.

Todas estas plantas são aromaticas. Usam-se em banhos. A infusão da salva de Marajó emprega-se sobretudo no Pará em lavatorios contra as ophthalmias. *Dóse :* 8 grammas para 500 grammas d'agua fervendo.

SAMAMBAYA. Nome que se dá no Brazil a quasi todas as plantas da familia dos Fetos. *Veja-se* AVENCA e FETO MACHO DO BRAZIL.

SAMBAIBA. *Curatella sambaiba*, St. Hilaire. Dilleniaceas. Arvore do Brazil; habita em Minas. Arvore pequena, tortuosa; folhas alternas, ellipticas, ovaes ou orbiculares; flores brancas; fructo, capsula eriçada de pellos asperos. A casca da arvore é adstringente; o cozimento emprega-se para lavar as ulceras, e sobretudo na medicina veterinaria.

SAMBAIBINHA (Minas), CIPÓ DE CARIJÓ (Rio, Minas), CIPÓ DE CABOCLO (S. Paulo). *Davilla brasiliana*, De Candolle. Dilleniaceas. Arbusto do Brazil. Caule trepante; folhas alternas, pecioladas, do comprimento de 5 a 8 centimetros, da largura de 2 a 3 centimetros e meio, oblongas, obtusas ou algum tanto agudas, terminadas por uma mui pequena ponta, um pouco sinuosas, apenas serreadas, coriaceas; flores de cheiro agradavel, um tanto agglomeradas e supportadas por pedicellos curtos e

eriçados; petalas amarellas; fructos capsulares de meio centimetro, quasi globosos. As folhas tem o gosto acerbo, e o seu cozimento, que é adstringente, emprega-se em banhos c lavatorios contra a inchação das pernas e do escroto. Este cozimento prepara-se com 30 grammas das folhas e 500 grammas d'agua. Os caules mui flexiveis d'estes arbusto fornecem excellentes ligas; servem para atar as differentes obras de madeira.

Ha outra especie, *Davilla elliptica*, St. Hilaire, que se acha especialmente no districto de Minas Novas, cujas folhas são igualmente adstringentes : chamam-lhe tambem *sambaibinha*.

SANDALO. Nome de tres sortes de lenho que vem da India. Distinguem-se o *sandalo citrino, branco* e *vermelho*. O sandalo citrino é um lenho pesado, compacto, de fibras rectas : sua côr é de um amarello fulvo, o sabor amargo, e o cheiro parece ser uma mistura de almiscar de limão c de rosa. Extrahe-se d'elle, por distillação, um oleo volatil de cheiro forte. O *sandalo branco* differe do precedente só pela côr mais pallida, e pelo seu cheiro mais fraco. O *sandalo vermelho* é um lenho solido, denso, pesado, de fibras ora rectas, ora ondeadas; não tem cheiro: o sabor é levemente adstringente.

O sandalo citrino e branco pertencem á arvore *Santalum album*, Linneo, da familia das Santalaceas, que habita no Malabar e em toda a Oceania; este é o alburno, aquelle o cerne do lenho. O sandalo vermelho é o lenho do *Pterocarpus santalinus*, Linneo.

Em todo o Oriente, o sandalo é empregado como perfume. Queimam-n'o em caçoletas; reduzido a pó e misturado com colla de arroz, constitue as velas cheirosas dos Chins. Empregam-se tembem para fazer leques, caixinhas e outros objectos. O sandalo vermelho, reduzido a pó, entra na composição de alguns pós dentrificios.

Essencia de sandalo. A essencia pura de sandalo é empregada em medicina e actua com efficacia no tratamento da blennorrhagia e do catarrho da bexiga. Administra-se'o sob a forma de perolas de Clertan, que contém a essencia pura debaixo de um envolucro gelatinoso, fino transparente e muito soluvel.

Sua efficacia é certa nos corrimentos contagiosos, nos esquentamentos e em todas as inflammações ou catarrhos dos orgãos genito-urinarios. Ella pode ser administrada em todos os periodos da blennorrhagia.

A dóse é de oito a dez por dia, em tres dóses em intervallos iguaes no correr do dia,

SANDARACA. Resina que vem da Africa, onde mana do zimbro, *Juniperus communis*, ou da *Tuya articulata*, arvores da familia das Coniferas. Apresenta-se no commercio em lagrimas alongadas, de um branco amarellado, sem sabor, quasi sem cheiro, de fractura vitrea. Serve para preparar vernizes. Reduzida a pó, emprega-se para dar corpo ao papel que foi raspado em consequencia das nodoas da tinta de escrever.

SANGRIA. Em linguagem ordinaria, a palavra *sangria* indica a operação que consiste em abrir uma veia, para dar sahida a certa quantidade de sangue.

Os antigos abriam quasi todas as veias visiveis. A sangria da veia da testa, da face inferior da lingua, e de outras muitas, gozavam de grande reputação. Hoje em dia estas differentes sangrias estão abandonadas, e abrem-se sómente as veias do braço e do pé, e ainda esta ultima raras vezes.

A **sangria do pé** pratica-se, em geral, ao nivel do tornozelo, ou um pouco abaixo, quer por dentro da perna, quer por fóra. Todavia, como a veia situada adiante do tornozelo interno é mais apparente, esta é a que se abre de ordinario. Para fazêl-a mais visivel, applica-se na parte inferior da perna uma ligadura circular, e mergulha-se o pé em agua quente durante alguns minutos. Faz-se a abertura bastante larga e mette-se o pé na agua. A coloração mais ou menos forte da agua, e a quantidade da fibrina que se depõe no fundo do vaso, servem de fazer julgar approximadamente a quantidade de sangue que correo. Acontece muitas vezes que, depois de correr durante alguns instantes, o sangue pára. É igualmente mui commum, sobretudo nas senhoras, não se acharem no pé senão veias mui pequenas, que apenas fornecem uma diminuta quantidade de sangue. Outro inconveniente d'esta sangria é não se poder avaliar exactamente a porção do sangue extrahido, e não haver jamais segurança de se obter d'elle uma porção sufficiente. Pelo que a sangria do pé é muito menos usada hoje do que d'antes; tanto mais que experiencia não tem justificado as vantagens que se lhe attribuiam.

A **sangria do braço** é uma das operações que se praticam mais frequentemente, porque as veias d'esta região, são, mais grossas, mais superficiaes, mais visiveis do que em outra parte.

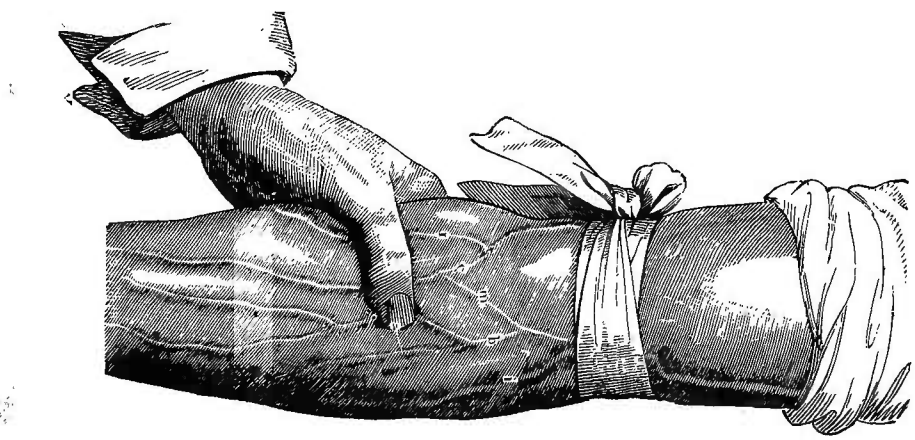


Fig. 812. — Sangria do braço. — Veias da curva do braço.

Escolha da veia para sangrar. Acham-se na curva do braço quatro veias principaes, cuja reunião forma uma semelhança da letra M, e que são de fóra para dentro; isto é, da margem do braço onde se acha o dedo pollegar á margem que corresponde ao dedo minimo: a *radial*, a *mediana cephalica*, a *mediana basilica* e a *cubital* (fig. 812). A mediana

basilica é a terceira n'esta ordem; é geralmente mais grossa, mais superficial e mais visivel; pareceria, por conseguinte, que esta veia deveria ser escolhida para a sangria, e entretanto é ella que deve ser evitada tanto quanto fôr possivel. Com effeito, a porção do seu trajecto, que é mais apparente, está collocada sobre a arteria principal do braço, como é facil reconhecer pelas pulsações que se sentem n'este logar, e esta arteria estaria muito exposta a ser ferida no momento em que a lanceta abrisse a veia. Por conseguinte, nunca se pratica a sangria na veia *mediana basilica* quando se póde fazer em outra; e quando não existe outra veia apparente, é preciso ter o cuidado de escolher, para fazer a sua abertura, um ponto em que a veia não esteja em contacto immediato com a arteria, a qual se encontra de ordinario um pouco abaixo ou um pouco acima da curva do braço. Mesmo com este cuidado, convem que haja a maior attenção em não enterrar a lanceta mais do que é rigorosamente necessario.

Para as outras veias da curva do braço, é pouco mais ou menos indifferente escolher uma ou outra d'entre ellas. *Ordinariamente* não estão em relação com arteria alguma; de todas as tres é a veia *mediana cephalica,* isto é, a segunda contando do lado externo, a que fornece mais sangue e que está mais bem disposta para o seu corrimento. É, por conseguinte, esta que se deve escolher com preferencia. As veias *radial* e *cubital* são mais profondas e menos volumosas.

Objectos necessarios para a sangria do braço. Além de uma boa lanceta os objectos necessarios para a sangria são: 1.° uma atadura de tres dedos de largura e 1 metro de comprimento; 2.° uma toalha para resguardar os vestidos e a cama do doente; 3.° um vaso de capacidade conhecida para receber o sangue e medir a quantidade que se tira; 4.° uma vela accesa para alumiar o braço, se não se operar com muita claridade; 5.° agua fria ou morna, e uma esponja ou algum panno fino para enxugar; 6.° um pequeno chumaço dobrado em quatro dobras, que deve servir para se applicar sobre a abertura da veia; 7.° uma atadura de panno de linho, de 2 metros de comprimento, para comprimir o braço e vedar o sangue depois da operação; 8.° vinagre ou agua de Colonia.

Modo de fazer a sangria do braço. Quando se quer praticar a sangria do braço, deve o doente sentar-se ou deitar-se na cama. É necessario ter o cuidado de desembaraçar o braço de toda a causa de constricção que possa incommodar durante a operação e depois d'ella; convem, por conseguinte, tirar os vestidos. Descobre-se então o braço, estende-se e vira-se com a curva par cima; o cirurgião verifica com o dedo o logar em que existem as pancadas da arteria, e faz a escolha da veia que deve abrir com preferencia. Applica-se depois a ligadura sobre a parte inferior do braço, a tres ou quarto larguras de dedo acima da curva do braço. Para este fim põe-se o meio da atadura sobre a parte anterior do braço. cruzam-se as pontas na parte opposta, e atam-se com um nó de laçada no lado externo, apertando-as a um gráo tal, que a atadura suspenda o ascenso do sangue pelas veias, sem impedir o descenso pelas arterias, que são situadas mais profundamente do que as veias (fig. 812). A liga-

dura está bem applicada quando se vê incharem as veias, e quando se sentem ao mesmo tempo as pancadas do pulso.

Supponhamos que a sangria se pratica no braço direito. O sangrador dispõe a toalha destinada a resguardar o vestuario ou a cama do doente, faz collocar convenientemente a pessoa que tem o vaso em que deve ser recebido o sangue, assim como a que deve alumiar, se fôr necessario, e colloca-se elle mesmo defronte do doente por dentro do braço que deve sangrar. Pega no cotovelo com a mão esquerda, applica o dedo pollegar d'esta mão sobre a veia que quer abrir, afim de fixar ao mesmo tempo a veia e estirar a pelle que a cobre. Tomando então a lanceta pelo meio da lamina com o dedo pollegar e o index da mão direita, o cabo dirigido para cima (fig. 813), apresenta á veia a ponta do instrumento, enterra-o; e quando a falta de resistencia e a sahida do sangue de cada lado da lamina lhe annunciam que esta penetrou na veia, retira-a e alarga a abertura da pelle com um dos gumes. A direcção da incisão póde ser obliqua, parallela ou transversal á veia. Terminada a incisão, o operador fecha e depõe a lanceta, e basta só tirar o dedo pollegar, que fixa a veia, para ver o sangue sahir em jorro, e cahir em arco no vaso destinado para recebêl-o. Para favorecer o corrimento, sustenta-se o braço do doente e faz-se-lhe mover os dedos, ou dá-se-lhe na mão algum corpo, uma chave, o cabo de uma faca, etc, que elle deve virar continuamente. A quantidade de sangue que se tira varía desde 30 até 480 grammas e ás vezes mais.

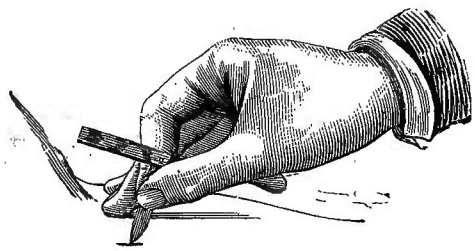


Fig. 813. — Modo de tomar a lanceta para sangrar.

Tirada a quantidade sufficiente de sangue, desata-se a ligadura que apertava o braço, põe-se sobre a ferida o dedo pollegar esquerdo, e com uma esponja ou panno molhado enxugam-se as partes manchadas de sangue : em seguida assenta-se sobre a picada o pequeno chumaço, e completa-se o curativo com uma atadura ordinaria, que se applica da maneira seguinte : Depois de enrolada a atadura em um globo, retem-se a sua ponta sobre o lado externo do antebraço com o dedo pollegar da mão esquerda, vai-se levando successivamente a atadura sobre o chumaço, sobre as partes interna, posterior, externa e inferior do braço, sobre o chumaço, por dentro, por traz e por fóra da parte superior do antebraço, sobre o chumaço e assim por diante, de maneira que se forme uma atadura com a fórma de um 8, que deixa o cotovelo livre. A outra ponta prega-se com alfinetes. Suspende-se o braço em um lenço atado ao pescoço, e vinte e quatro horas depois tira-se todo o apparelho, e deixa-se o braço livre. — Quando se sangra no braço esquerdo, procede-se da mesma maneira, com a differença de que o operador colloca-se por fóra do braço.

Obstaculos e accidentes da sangria. Quando o doente é gordo, é as vezes impossivel vêr as veias; mas podem sentir-se com

a polpa do dedo. Se este recurso faltar, podem-se fazer as veias apparentes mantendo-se a ligadura por meia hora, e fazendo-se contrahir frequente e fortemente os dedos da mão; com o mesmo intuito, mergulha-se o braço em agua quente. — A *magreza*, quando é consideravel, torna flaccidos os laços que unem as veias aos tegumentos e ás partes subjacentes; as veias são então movediças, e escapam ao instrumento: é facil obviar esta difficuldade applicando fortemente o dedo pollegar perto do logar em que se deve abrir a veia, e dirigindo a incisão no sentido da largura.

Estas difficuldades são causa de que a operação se execute de maneira imperfeita. Assim, ás vezes a veia não está aberta. Quasi sempre então se descobre no fundo da ferida, e basta introduzir o instrumento pela segunda vez mais adiante para abril-a. Em alguns casos, abre-se a veia, mas a abertura é estreita, e vê-se o fraco fio de sangue, que sahe, diminuir rapidamente e cessar em pouco tempo. É preciso então augmentar a abertura, cravando de novo a lanceta. Outras vezes, a abertura é livre e assaz larga, mas o sangue não corre, ou cessa de correr subitamente. Isto depende de causas mui diversas: 1.° a ligadura está mui apertada e a chegada do sangue arterial acha-se impedida: remedeia-se isto desapertando a ligadura; 2.° os vestidos arregaçados fazem segunda ligadura por cima da primeira: é preciso remover este obstaculo; 3.° a ligadura está insufficientemente apertada: cumpre apertal-a mais; 4.° a abertura fica tapada por um pedaço de gordura; é preciso apartal-o com a cabeça de um alfinete; 5.° o parallelismo entre a ferida da pelle e da veia está destruido; isto acontece frequentemente, visto que se sangra quasi sempre em supinação, e que depois põe-se o braço em pronação, ou se dobra depois de têl-o estendido, etc.; deve-se buscar a causa d'esse accidente, tornar a pôr o braço na sua posição primitiva, e com o dedo puxar a pelle em differentes sentidos, até restabelecer o parallelismo; 6.° ás vezes, o sangue pára sem causa conhecida: fricções de baixo para cima, ou algumas pancadas com a ponta do dedo, bastam de ordinario para fazer com que torne a apparecer; 7.° a veia que se abrio é mui pequena: as fricções podem ser uteis, os banhos mornos igualmente; se tudo isso não produzir o effeito desejado, é preciso picar outra veia; 8.° emfim, a cessação do corrimento sanguineo póde depender do desmaio em que cahe o doente.

O *desmaio* póde sobrevir pela vista da lanceta, ou em consequencia da picada, ou durante o corrimento sanguineo, ou em consequencia de sangria mui copiosa. Evita-se muitas vezes este accidente fazendo deitar o doente durante a sangria; remedeia-se suspendendo o corrimento sanguineo, pondo o doente em posição completamente horizontal, sem travesseiro debaixo da cabeça, borrifando-lhe o rosto com algumas gottas d'agua fria, que se lhe lançam com os dedos mergulhados antecedentemente n'este liquido, pondo debaixo do nariz um lenço molhado em agua de Colonia ou em vinagre. Não se continuará a sangria depois do desmaio, senão no caso em que o doente tenha perdido no principio pouco sangue, e o pulso haja recobrado a força ordinaria.

A sangria é ás vezes seguida de *hemorrhagia* que depende, ora de algum movimento inconsiderado do doente, durante o qual a atadura foi deslocada, ora da compressão mui forte que exerce esta atadura acima da ferida em logar de exercel-a principalmente sobre a ferida mesma, ou por baixo d'ella; em todos estes casos, cumpre tornar a applicar a atadura.

A *infiltração sanguinea do tecido cellular* ou o *sangue extravasado* tem logar quando as aberturas da pelle e da veia, sufficientemente grandes, não se acham inteiramente paralellas uma á outra. Esta infiltração, que se reconhece pela côr preta que se forma em roda da ferida, desapparece espontaneamente ao cabo de alguns dias, e não reclama tratamento algum.

A *inflammação* consecutiva á sangria é ordinariamente de pouca importancia. É preciso occupar-se d'ella para que se não estenda. Reconhece-se pela dôr, vermelhidão e inchação da pequena ferida. O repouso do braço e cataplasmas de linhaça ou de fecula bastam para curar este accidente. Ás vezes postemas mais ou menos grandes a acompanham; reclamam o mesmo tratamento. Mas a inflammação não se limita sempre ao tecido cellular, ataca ás vezes a veia aberta : esta molestia exige a applicação de bichas e cataplasmas sobre o logar doloroso. *Veja-se* PHLEBITE.

Mas um dos accidentes mais graves que podem acompanhar a sangria do braço é a *abertura da arteria brachial.* Com effeito, a veia *mediana basilica* tem connexões tão intimas com esta arteria, que é necessario muita cautela para não tocar n'esta ao abrir aquella. Demais, a veia mediana basilica não é a unica que está unida a um tronco arterial; em algumas pessoas, em logar de uma arteria acham-se duas uma de cada lado do braço : por conseguinte, deve-se sempre, antes de praticar a sangria, verificar pelo toque se não existem pancadas por traz da veia que se quer abrir. Por terem desprezado estas precauções, ou por não terem querido conformar-se com os preceitos da arte, é que alguns cirurgiões tem tido a desgraça de produzir este accidente. Deve-se suspeitar que a arteria foi ferida quando o jorro de sangue é mais forte que de ordinario : este jorro, em vez de correr uniformemente, é alternadamente mais forte e mais fraco; cada um dos sacudimentos que experimenta, e que são isochronos ás contracções do pulso, é composto de duas partes que são unidas sem serem confundidas, e das quaes uma é formada pelo sangue vermelho que pertence á arteria, entretanto que a outra apresenta a côr preta do sangue venoso : nos intervallos das contracções da arteria, este jorro é menos forte e formado pelo sangue preto sómente. Saber-se-ha definitivamente se a arteria foi aberta, comprimindo com certa força a veia, immediatamente debaixo da picada. Se esta compressão faz parar o sangue, nada se deve receiar; só a veia foi aberta. Se o jorro se mostrar mais forte, é um motivo de mais para acreditar na abertura da arteria.

Se acontecer a desgraça de abrir a arteria, cumpre tratar de vedar o sangue. Estabelece-se, pois, uma compressão circumscripta muito

mais forte do que para a sangria ordinaria: para este fim forma-se, com pequenas compressas dobradas, uma especie de pyramide, cujo apice deve assentar sobre o logar ferido, e que se fixa com atadura em fórma de um 8, e de mais com a ligadura enrolada, estendida desde o punho até á axilla. Se a hemorrhagia não tornar a apparecer, é possivel que se obtenha assim a cura da ferida da arteria. Existem na sciencia provas d'este genero. Mas se não se obtiver a cura pela compressão prolongada durante quinze dias, cumpre proceder á laqueação da arteria.

Quando as veias da curva do braço não podem divisar-se apezar dos meios empregados, póde-se supprir a sua sangria pela das veias que se acham na parte inferior do antebraço. As regras que devem seguir-se para abrir estas veias nada offerecem de particular. Estas sangrias não apresentam perigo algum, mas o sangue que fornecem sahe com difficuldade.

Casos que tornam necessaria a sangria. Quando em uma molestia o pulso está forte, duro e cheio, annuncia ordinariamente a necessidade da sangria. Se a estes tres caracteres do pulso se ajuntar ainda a frequencia, então a sangria é ainda mais positivamente indicada. O pulso fraco, facil de deprimir, afasta em geral a ideia d'esta operação, mas não a contra-indica de maneira absoluta. Um esfriamento geral, desmaio, ou fraqueza consideravel, impedem commummente a sangria.

Entre os individuos que tem conservado o costume de se fazerem sangrar regularmente em certas epocas do anno, e por simples cautela, ha muitos em que este recurso é completamente inutil, se não é nocivo. A sangria, como meio preservativo, não póde ser empregada senão quando existe uma indicação real, assim como, por exemplo, para remediar as vertigens que podem seguir a suppressão de hemorrhagia habitual para, suspender os primeiros symptomas da apoplexia, etc. Sangrar sem causa é enfraquecer inutilmente a economia.

Mas as sangrias são sobretudo usadas para curar as molestias. É reconhecido geralmente que no principio, e até no curso de todas as molestias inflammatorias acompanhadas de febre, as sangrias devem ser empregadas com preferencia. Se n'este caso se usam bichas ou ventosas sarjadas, deve isto ser sómente como meio auxiliar. Mas se as inflammações são pouco intensas, se existem nas crianças, nas pessoas idosas ou fracas, em logar de sangria geral empregar-se-hão bichas. O fluxo menstrual não deve impedir a sangria quando alguma inflammação intensa a reclama; esperar para pratical-a o desapparecimento dos menstruos, seria expôr-se a aggravar a molestia.

Nas febres intermittentes simples, as sangrias não convem geralmente; mas quando o accesso é acompanhado de delirio, então é preciso ás vezes lançar mão da sangria.

A sangria é absolutamente contra-indicada na asphyxia dos afogados antes que a respiração principie a restabelecer-se, e na syncope. Empregada n'estes casos, poderia tornar-se fatal. Depois das quédas de logar elevado, não convem igualmente nos primeiros momentos do accidente,

nos quaes o pulso está ordinariamente fraco e o corpo frio; mas quando a pelle principia a aquecer-se e o pulso a levantar-se, a sangrina então é ás vezes necessaria. — As outras indicações das sangrias acham-se designadas na descripção de cada molestia em particular.

Ha quarenta annos, um systema medico attribuia uma importancia exclusiva á sangria no tratamento das molestias; mas hoje os medicos, bem que reconheçam os felizes effeitos qne ella produz em grande numero de apoplexias, inflammações agudas, e outras molestias, estão longe de a considerar como o remedio universal, e acautelam-se contra os perigos que póde offerecer o emprego de um meio tão poderoso. Em geral, no Brazil, deve-se usar pouco da sangria no tratamento das molestias.

SANGUE. Desde a mais remota antiguidade foi reconhecida a importancia que representa o sangue no organismo, e nos diversos livros de Moysés se diz que *a alma da carne está no sangue*, metaphora não menos forte do que a imaginada por Bordeu; que, para exprimir a identidade da composição do sangue e das partes solidas que entram na organização do corpo humano, disse que o *sangue é carne fluida*. Com effeito, este liquido penetra todos os orgãos por meio da circulação, distribuindo-lhes os principios nutritivos : é a fonte do calor animal, e de todos os outros liquidos que se acham na economia. O sangue é branco nos molluscos e nos animaes das ordens inferiores, que foram chamados animaes de *sangue branco*, para distinguil-os dos animaes de *sangue vermelho*, que são os mammiferos, as aves, os reptis e os peixes. O sangue do homem compõe-se d'agua, de albumina, de fibrina, de materia corante, de materia gorda, de chlorureto de sodio, e de potássio, de carbonato, phosphato e sulfato de cal e magnesia, e de peroxydo de ferro. As proporções d'estas substancias differem um pouco segundo os individuos.

A côr do angue varía em uma infinidade de circumstancias, conforme as dis osições naturaes ou accidentaes. Nas pessoas delicadas, lymphaticas, ou depois de grandes perdas de sangue, este liquido é pallido e seroso. Nos individuos robustos a côr vermelha do sangue é mais carregada. Este fluido apresenta uma côr amarellada na ictericia, e na mordedura de cobras venenosas. O sangue varía tambem segundo a ordem dos vasos de que é tirado. O que provém das arterias é vermelho; o das veias é escuro. Esta differença de côr fez dar ao sangue arterial o nome de *sangue vermelho*, e ao sangue venoso o de *sangue preto*. É, por conseguinte, sem razão que muitas pessoas se assustam quando vêem o sangue preto tirado da sangria, pois que esta côr lhe é natural. O sangue póde variar quanto á *consistencia*. A densidade do sangue reconhece-se, quer pela lentidão com que sahe da veia, quer pelo volume do coalho que forma no vaso; os medicos dão a este sangue o nome de *sangue rico*. O sangue offerece, em geral maior consistencia nos individuos robustos, e nas molestias inflammatorias.

O sangue extrahido das veias, ou abandonado a si mesmo, coalha-se, e divide-se pouco a pouco em duas partes : uma liquida, transparente,

amarella, chamada *soro;* outra molle, opaca, de côr roxa avermelhada, e que tem o nome de *coalho.* O *soro* é só agua que tem em dissolução muita albumina, e a maior parte dos saes do sangue. O *coalho* possue toda a fibrina, toda a materia corante, um pouco de soro e uma pequena quantidade de saes. Esta separação é mais ou menos prompta e perfeita conforme certas circumstancias : é lenta, pelo contrario, e mais ou menos imperfeita nas febres de máo caracter, no escorbuto, e em certas asphyxias ; então o *coalho* separa-se incompletamente do soro, é molle, a ponto que ás vezes se desfaz quando se agita o vaso. A quantidade do soro varía conforme as condições mencionadas, fallando-se da consistencia do sangue ; isto é, que este soro é menos abundante nas molestias acompanhadas da força do pulso, e mais quando o pulso é fraco e existe prostração geral da economia.

Em grande numero de molestias inflammatorias, quando o sangue tirado da veia se tem coalhado, forma-se sobre a superficie do coalho uma côdea mais ou menos espessa, e como membranosa. A sua espessura póde ser de menos de 2 millimetros ou mais de 2 centimetros. Nas inflammações intensas é espessa, densa, opaca, de côr branca amarellenta, lisa ou rugosa, concava e com margens lavantadas; entretanto que nas molestias caracterizadas pela fraqueza geral, ou não existe, ou é delgada, molle, esverdeada ou denegrida. Quando nas sangrias successivas esta côdea cessa de formar-se, é um indicio dos limites que convem pôr ás evacuações sanguineas.

SANGUE ALVOROÇADO. Algumas pessoas dão este nome a um estado morboso geral caracterizado pela sêde, vermelhidão do rosto, calor da pelle e insomnia. É preciso então recorrer aos pediluvios com farinha de mostarda, ás bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de tamarindos e a algum purgante, tal como 8 grammas de magnesia calcinada ou 30 grammas de oleo de ricino.

SANGUE-DRAGO. Substancia resinosa côr de sangue, sem cheiro e quasi sem sabor, dura, friavel, inflammavel e ardendo com um cheiro balsamico agradavel, mui soluvel no alcool, soluvel no ether, nos oleos graxos e volateis. Algumas especies contém acido benzoico. — Apresenta-se : 1.° em cylindros alongados assaz semelhantes ao lacre, envolvidos em uma folha de arvore (*Corypha;* Palmeiras); 2.° em bocados redondos do peso de 15 a 50 grammas, igualmente envolvidos em uma folha de arvore ; 3.° em pães ou massas consideraveis. Estes differentes sangue-dragos obtem-se na India pela ebullição na agua, dos fructos de uma palmeira, *Calamus draco*, Willd. — O sangue-drago é um adstringente fraco; entra na composição de alguns pós dentifricios.

SANGUE EXTRAVASADO. *Veja-se* Ecchymose.

SANGUE PELO NARIZ. *V.* Hemorrhagia nasal, vol. II, pag. 151.

SANGUE NOVO. Chama-se vulgarmente *sangue novo* a uma erupção de pequenos botões na pelle. Não ha febre, mas ás vezes existe uma pequena comichão. Esta erupção dura ordinariamente dois a tres dias. O tratamento é o seguinte : um banho geral com agua morna e

sabão; limonada de limão ou de tamarindos; ás vezes um purgante.

SANGUE (PERDA DE) *Veja-se* HEMORRHAGIA.

Perda de sangue depois da applicação de bichas. Veja-se HEMORRHAGIAS CAPILLARES. Vol. II, pag. 129.

Perda de sangue depois da extracção de dente, Veja-se vol. p. 802.

Perda de sangue pelo utero. V. HEMORRHAGIA DO UTERO, vol. II, pag. 133.

Perda de sangue em consequencia de alguma ferida. V. HEMORRHAGIAS TRAUMATICAS, vol. II, pag. 132.

SANGUE PISADO. Assim se chama o sangue derramado debaixo da pelle em consequencia de pancadas ou outras causas de contusões. *V.* ECCHYMOSE, vol. I, pag. 895.

SANGUESUGA ou **Bicha** (fig. 814). Verme aquatico de que existem muitas especies, das quaes duas principalmente são empregadas em medicina, *sanguesuga verde* e *sanguesuga cinzenta*. Reconhecem-se pela fórma oval que tomam quando são extrahidas da agua, por seis riscos longitudinaes roxos que apresentam no dorso, e pelas nodoas amarelladas de que são marcadas na barriga; o seu comprimento varía de 7 a 15 cent. quando estendidas. O corpo é alongado, algum tanto deprimido, obtuso na extremidade posterior, estreitado na parte anterior. A ventosa anterior ou *buccal* é um pouco profunda, composta de dois labios, dos quaes o superior é proeminente, sub-lanceolado; a bocca é grande; os queixos em numero de tres, são duros, armados cada um de 60 dentes mui finos e muito agudos. A ventosa posterior ou *anal* remata obliquamente. É util saber-se que nem todas as especies de sanguesugas tem a bocca armada de dentes: em algumas especies faltam inteiramente estes orgãos, ou existem só no estado rudimentar, e por isto a medicina não faz uso d'ellas: tal é a sanguesuga negra, chamada *sanguesuga de cavallo*, cujos dentes não podem morder, por serem molles e mui pouco desenvolvidos. Esta especie anda, ás vezes, misturada com a especie medicinal. O commercio das bichas é um grande objecto de especulação. Os paizes que as fornecem são Portugal, Italia, Hespanha, Russia, Suecia, Noruega, Turquia, Hungria, França, Tunis, Argel. O Brazil não é privado d'estes animaes; existem em muitos logares, e sobretudo no norte da provincia da Bahia, de Pernambuco, no Rio de S. Francisco, nos arredores da cidade de Penedo,

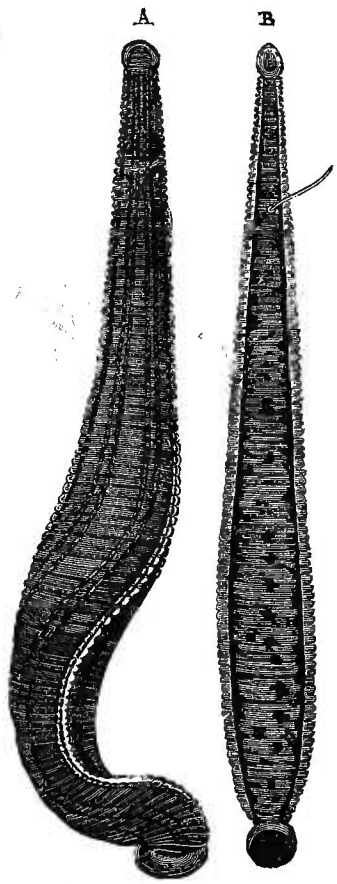


Fig. 814. — Sanguesuga medicinal (*).

(*) A, vista pelas costas; B, vista pelo ventre. — A bocca está em cima, o anus em baixo.

na provincia do Rio Grande do Sul, etc., que podem servir ás necessidades da medicina. No municipio do Rio de Janeiro mesmo, no pequeno regato de Catumby e na Lagôa da Sentinella acham-se tambem sanguesugas : estas, porém, não mordem senão na agua em que vivem, e alguns ensaios que foram feitos tem provado que não podem servir como as outras.

As sanguesugas são hermaphroditas : isto é, cada uma apresenta os dois sexos reunidos ; mas um individuo não se póde fecundar a si mesmo. Depõem os ovos na superficie da terra perto das aguas onde vivem, ou em pequenos buracos. Cada um d'estes ovos ou casulos representa um conoide, do comprimento de 13 a 25 millimetros, e contém pequenos ovulos em numero de seis a quinze, ou mesmo sanguesugas já formadas. Os filhos sahem pela pequena extremidade do casulo. As bichas nutrem-se do sangue dos animaes que frequentam as aguas, onde ellas tem estabelecido o seu domicilio.

Conservam-se as bichas em caixas que contém barro humido ; vivem n'ellas muitos mezes sem comer, mas ás vezes chupam-se entre si. Quando, para o uso habitual, se collocam em vasos de vidro, é preciso deitar 9 litros d'agua para cada cento de bichas, e mudar a agua ao menos de dois em dois dias. Uma precaução importante consiste em tirar cuidadosamente todas as que morrem. Convem collocal-as em logar fresco, e ao abrigo dos raios do sol.

As mesmas bichas podem servir a muitas applicações. Para se lhes tirar o sangue, que tem chupado, basta mergulhal-as por um ou dois minutos em agua fria que contenha um pouco de sal em dissolução, espremêl-as com os dedos da cauda para a cabeça, e pôl-as depois no barro ; cinco a oito dias depois estão aptas a pegarem de novo. Esta pratica, que é quasi geralmente seguida no Rio de Janeiro, não apresenta inconveniente algum, nem expõe ao perigo, como receiam algumas pessoas, de communicar a molestia de um a outro individuo.

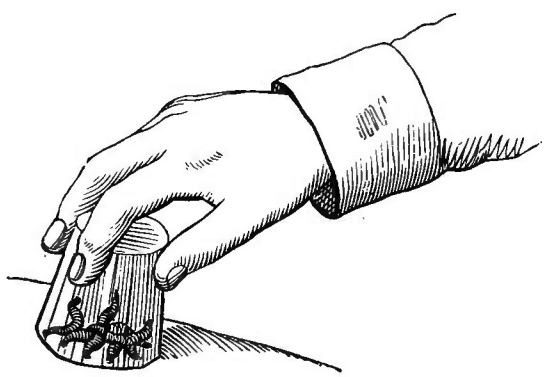


Fig. 815. — Applicação das sanguesugas por meio de um copo.

Os logares sobre os quaes se applicam as bichas devem ser limpos. Antes de applical-as no anus, convem ordinariamente administrar um clyster. Estando o doente guarnecido de lençóes, e tendo as bichas sido tiradas da agua, esfregam-se ligeiramente, põem-se em um copo ou no centro de um panno, que se vira sobre a parte, e assim se mantém até pegarem (fig. 815 et 816). Querendo applicar certo numero de sanguesugas sobre um ponto limitado, *verbi gratia* sobre a gengiva, é necessario pôl-as uma a uma. N'este caso o meio mais simples consiste em intro-

duzir a sanguesuga n'uma carta enrolada em fórma de funil (fig. 817), de maneira que a abertura buccal esteja dirigida do lado da pelle : o que se conhece facilmente porque a extremidade buccal é mais estreita, entretanto que a outra extremidade, que forma uma especie de ventosa que

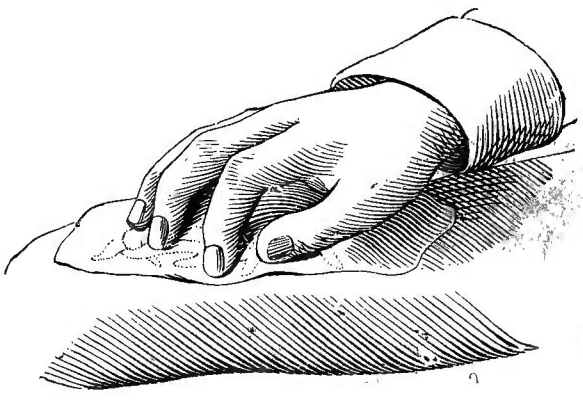


Fig. 816. — Applicação das sanguesugas por meio de um panno.

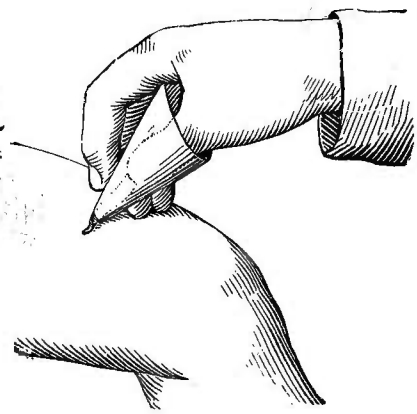


Fig. 817. — Applicação das sanguesugas por meio de uma carta enrolada.

serve para fixar o animal, é mais grossa. A abertura do funil, bastante larga para deixar passar a bocca da sanguesuga, não deve ser tão grande para que o animal inteiro possa atravessal-a. Applicando assim o apice da carta sobre o ponto conveniente, dirige-se alí a sanguesuga com uma varinha ou com o dedo, que constitue uma especie de embolo, e não ha receio de que ella possa ir para outra parte. Quando a sanguesuga picou a pelle, tira-se a carta.

As bichas cahem por si mesmas quando estão cheias. Querendo-se augmentar o corrimento sanguineo, cobre-se a parte com uma cataplasma de linhaça, ou lavam-se as picadas com esponja embebida em agua morna. Ás vezes, em logar de exitar, é preciso fazer cessar o corrimento do sangue, cuja abundancia poderia pôr em risco á saude do doente. Esta indicação póde apresentar-se principalmente nas crianças mui tenras. Faz-se cessar o corrimento do sangue, quer cobrindo as picadas com panno queimado; quer pondo em cima um panno dobrado, e sobre o qual se exerce uma forte compressão; quer polvilhando-as com pedrahume calcinada, quer, emfim, applicando um panno molhado na solução de perchlorureto de ferro, ou tocando as cisuras com pedra infernal.

Muitas vezes, em consequencia das picadas das bichas, sobrevem comichão mui viva : ás vezes formam-se pequenos frunchos. Fomentações com oleo de amendoas doces, lavatorios com cozimento de folhas de malvas, e ás vezes cataplasma de linhaça, podem acalmar estes incommodos. As ulcerações que se formam ás vezes no logar das picadas, curam-se com ceroto simples. As pequenas carnosidades, que podem desenvolver-se no mesmo logar, serão reprimidas com pedra infernal.

As bichas podem casualmente introduzir-se no interior da garganta. no estomago, nariz ou anus. Quando o animal fica ao alcance dos instrumentos, é preciso extrahil-o com a pinça. Se elle estiver profundamente situado na pharynge ou no estomago, deve-se dar a beber ao doente agua com sal, e administrar-lhe 5 centigrammas de tartaro emetico n'um copo d'agua fria, para provócar os vomitos. Se a sanguesuga penetrar no interior do nariz é preciso injectar dentro do nariz agua salgada. Se se introduzir mui profundamente no anus, convem administrar um clyster com a mesma agua salgada; e se esta não produzir o effeito, será necessario dar um purgante de sal d'Epsom pela bocca. Se se introduzissem na larynge, o accidente seria espantoso, e tornar-se-hia necessario recorrer á bronchôtomia, isto é á incisão da parte anterior do pescoço.

SANGUINARIA CANADENSE. *Sanguinaria canadensis*, Linneo. Papaveraceas. Esta linda planta faz o ornamento dos mattos da America septentrional, desde o Canadá até á Florida. A raiz, da grossura de um dedo, contém um succo côr de sangue, que é emetico e laxativo. Secca e pulverizada, esta raiz actua como vomitivo na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma. Foi aconselhada contra o crup e contra o rheumatismo.

SANTA AGUEDA. Hespanha. Aguas sulfurosas e salinas frias, 14°, 15° e 17° Usam-se em bebida, banhos, duches, inhalações nas molestias cutaneas, catarrhos bronchicos, amenorrhea, dismenorrhea, leucorrhea, escrophulas. Eslabelecimento importante, com apparelhos hydrotherapicos, duches, pulverisaes, etc.

SANTA COMBA-DÃO. Portugal; Beira Alta. Existem ali tres pequenos mananciaes de aguas mineraes, dois dos quaes são sulfureos, o terceiro é de agua ferruginososa.

SANTONINA. Substancia que se extrahe do semen-contra. Apresenta-se em laminas brilhantes, branca, sem sabor nem cheiro, volatil, não soluvel em agua, soluvel no alcool e no ether. Goza de propriedades vermifugas na dóse de 20 a 40 centigrammas para um adulto, 5 a 10 centigrammas para uma criança. Administra-se debaixo da fórma de pós com assucar, ou em pastilhas. Se a dóse exceder de 25 centigrammas no adulto sobrevem phenomenos bastante curiosos. Os doentes vêem em roda de si todos os objectos corados de verde ou amarello, durante muitas horas como se tivessem oculos de côr. Em dóse forte, determina um incommodo do estomago semelhante á fome, eructações e fraqueza geral; ao mesmo tempo as ourínas tomam côr amarella. Sobrevem suores frios, prostração extrema, e insensibilidade. Combatem-se estes phenomenos com sinapismos nas pernas, coxas, braços, e administrando internamente o vinho de quina. A santonina, por causa de seu pequeno volume e da sua insipidez, é particularmente applicavel ás crianças; cumpre porém começar por pequenas dóses, e vigiar os seus effeitos, para suspender a sua administração, se sobrevierem alguns accidentes.

Um excellente meio de empregar a Santonina é dando-a em granulos impressos de L. Frere de 2 e 5 centigrammas.

Confeitos vermifugos de Royer. Vermifugo e purgante combinados

sob a forma de confeitos agradaveis ao paladar, que as crianças chupam até por gosto. Preparam-se e vendem-se na pharmacia Royers á rua Saint-Martin nº 225 em Pariz.

S. DOMINGOS DO ARAXÁ. Brazil; Minas Geraes, *V. Araxá.*

S. GEMIL. Portugal; Beira Alta. Aguas sulfurosas quentes. 48°.

S. JOÃO DO DESERTO. Portugal; Alemtejo. A um quarto de legoa da villa de *Aljustrel*, junto a uma ermida chamada S. João do Deserto, brota uma fonte d'agua fria, que por aspera não póde beber-se, e tomada ainda em pequena quantidade provoca vomitos. Os banhos d'esta agua tem grande reputação em toda a provincia, como efficazes contra muitas molestias. Ha ali banheiras espaçosas em que se podem tomar banhos; e apezar das poucas commodidades que existem, o concurso dos doentes é grande desde o mez de Junho até fins de Setembro. Mil grammas d'esta agua contém, segundo a analyse feita em 1852 pelo Sr. Visconde de Villa Maior.

Acido carbonico.....	37	cent. cub.	Alumina.....	0,4000	gram.
Azote.....	38	— —	Protoxydo de ferro...	0,8990	—
Acido sulfurico.....	2,323	gram.	— de magnesia.	0,0790	—
Chloro.....	0,235	—	— de cobre....	0,0213	—
Silica.....	0,030	—	Antimonio.....	0,0201	—
Acido phosphorico..	0,024	—	Arsenico.....		
Soda.....	0,2107	—	Bismutho.....	indeterminado.	
Cal.....	0,0789	—	Materia organica.....	indeterminada.	
Magnesia.....	0,0535	—			

As aguas de S. João do Deserto são aconselhadas nas molestias de pelle, nas ulceras, rheumatismos chronicos, etc. Applicam-se em banhos. Seria arriscado o seu uso interno.

S. JORGE. Portugal; Beira; comarca da Villa da Feira. Aguas sulfurosas frias.

S. MAMEDE. Portugal; Estremadura. Aguas sulfurosas quentes.

S. PEDRO DO SUL. Portugal; Beira Alta. Aguas sulfurosas quentes, chamadas tambem *Caldas de Lafões* e *Calda do Banho*, situadas na villa do Banho, distante de S. Pedro do Sul meia legoa, e de Vizeu tres, na raiz do monte Lafão, junto da margem do Vouga. A temperatura da agua na bocca da nascente é de 69° cent., estando a da atmosphera gazosa na area da naseente 32°; é a agua mais quente de todas as conhecidas em Portugal. O seu cheiro é o dos ovos chócos, o sabor um tanto acidulo e adstringente, e nauseoso para muitas pessoas. A agua é crystallina e transparente, e tem uma apparencia unctuosa como sabão esfregado nas mãos.

Segundo a analyse do Sr. Dr. A. V Lourenço, mil grammas d'esta agua deixam 0^{g},315 de residuo formado de sulfatos, chloruretos e silicatos alcalinos de cal e magnesia, e pequenas quantidades de ferro e alumina. A agua é encanada na extensão de 100 metros para alimentar um estabelecimento. É resfriada em dois tanques quasi quadrados, com 8^{m},45 de lado cada um, e d'ahi conduzida para 16 banheiras. No rio, os quartos de banho em numero de seis são barracas moveis, e a agua para

estes é misturada com agua doce, para obter a temperatura conveniente. Estes banhos aproveitam nos rheumatismos e nas molestias cutaneas. A viagem faz-se commodamente de Vizeu em carruagem.

SAPE. *Anatherum bicorne*, Pal. Beauw. Planta do Brazil, da familia das Gramineas. Colmo (caule) de 66 centimetros a 1 metro de altura; folhas comprimidas, lanceoladas, lineares; flores dispostas em paniculas corymbosas; rhizoma (caule subterraneo, vulgo raiz), branco, succulento, da grossura de uma penna de perú, nodoso; nós guarnecidos de radiculas. A *raiz* (rhizoma) é branca quando fresca, amarella quando secca, de sabor adocicado. O cozimento da raiz de sapé é diuretico, e emprega-se nas molestias urinarias. Prepara-se com 12 grammas de sapé e 500 grammas d'agua.

SAPHIRA. Pedra preciosa de uma bella côr azul; é muito dura, e risca todos os corpos, salvo o diamante. Acham-se as saphiras na Siberia, India e no Brazil. Depois do diamante, a saphira é uma das pedras preciosas mais curas quando é mui limpida, de côr franca, e quando apresenta um certo aspecto avelludado. Acompanha perfeitamente o diamante nas joias, comtanto que não seja de côr mui escura, porque então á luz pareceria preta. A *saphira do Brazil* ou *occidental* tem um reflexo esverdeado, que lhe fez dar, quando é mui pronunciado, o nome de *saphira chumbada;* não é tão estimada como a *saphira do Oriente.* O preço da saphira é mui variavel: as pequenas e as médias vendem-se ao quilate, as grossas por peça. Uma saphira de boa qualidade de 6 quilates custa em França 1200 a 1500 francos.

SAPINHOS. Dá-se este nome a uma molestia caracterizada por uma camada, ou exsudação branca que cobre a face interna da bocca.

Causas. Esta molestia ataca quasi exclusivamente as crianças. Uma constituição fraca e delicada, a má alimentação predispõem para ella. Sobrevem principalmente nas crianças cuja mãi, ou ama, não lhes póde offerecer senão um seio quasi vazio, e sobre o qual as crianças se esfalfam em esforços inuteis. A crianças amammentadas por suas mãis são menos sujeitas a ella do que as que são confiadas ás amas, ou amammentadas artificialmente.

Symptomas. Os sapinhos principiam por uma inchação da lingua, ou por uma vermelhidão mais ou menos extensa d'este orgão. A bocca faz-se secca e quente, a sucção torna-se dolorosa e até impossivel. Depois d'estes primeiros symptomas da molestia, que duram um a tres dias quando muito, apparecem nas partes lateraes do freio da lingua ou na ponta, e no meio d'este orgão, assim como na face interna do beiço inferior, pequenas nodoas meio transparentes ao principio, mas que promptamente se tornam brancas. Estas nodoas multiplicam-se, reunem-se e formam camadas de uma alvura que parece de leite ou queijo, tanto que esta semelhança póde até enganar. Em certos casos, a exsudação dos sapinhos é muito abundante, forma crostas espessas sobre a lingua e a parte interna das faces, e não deixa intervallo algum que permitta distinguir a membrana mucosa; outras vezes os sapinhos apresentam-se sob a fórma de pequenos lineamentos, simplesmente espalhados pelo interior da bocca.

Os symptomas locaes dos sapinhos existem ás vezes sem febre e sem nenhum outro signal de molestia; mas, em muitos casos, esta affecção local é acompanhada de febre, nauseas, vomitos e diarrhea, sobretudo quando os sapinhos affectam o intestino; as crianças expulsam n'este caso, no meio de excrementos esverdeados, pedaços da exsudação. Quando a molestia se propaga assim pelo canal intestinal, termina ordinariamente de maneira fatal; a criança acha-se então em um estado de somnolencia mais ou menos profunda, interrompida por gemidos ou gritos; a sêde é mais ou menos viva, a camada espessa dos sapinhos, que cobre toda a bocca e lhe adhere fortemente, é secca e roxa. No ultimo periodo d'esta molestia o emmagrecimento é rapido, o rosto enruga-se, como o de um velho, os olhos encovam-se, a voz extingue-se, o pulso torna-se fraco e insensivel, as extremidades frias, e a criança succumbe n'um estado completo de prostração.

Quando os sapinhos não se estendem ao canal intestinal, e só se limitam á bocca, a molestia é benigna e puramente local; o doente tem pouca ou nenhuma febre, a exsudação despega-se com facilidade, a criança continua a mammar: suas evacuações alvinas são naturaes, e a molestia termina-se mais ou menos promptamente no espaço de alguns dias. Acontece entretanto, ás vezes, que os sapinhos seguem uma marcha quasi chronica, apparecem e desapparecem muitas vezes, e repetem-se mais ou menos a muido no intervallo de alguns mezes. Este estado chronico nada tem de grave, se não fôr complicado com outras molestias.

Tratamento. Este tratamento, muito simples, é preservativo ou curativo. No primeiro caso, as crianças serão transportadas para um logar secco e perfeitamente arejado, e a sua alimentação corresponderá á sua idade, e necessidades. Se o leite fôr mui velho, convem dar á criança uma ou duas vezes por dia bebidas diluentes, como agua com assucar, agua de arroz com assucar ou qualquer outra, para diminuir os effeitos de um sustento demasiado forte.

Se apezar d'estas precauções o mal se declarar, empregar-se-hão os emollientes. As bebidas aqueas, gommosas, mucilaginosas, como as infusões de linhaça ou de althéa; o leite de vacca ou de cabra, actuam ao mesmo tempo como medicamentos locaes e geraes. Ás vezes, a mudança de ama produz a cura. Se existirem symptomas febris bem marcados se a inflammação da bocca parecer viva, então convem os banhos geraes mornos. No mesmo caso, deve-se fazer uso de clysteres de linhaça e cataplasmas de linhaça sobre o ventre. Dois ou tres dias depois d'este tratamento, ás applicações emollientes juntar-se-hão alguns brandos adstringentes, e principalmente os acidos, cuja efficacia tem sido demonstrada pela experiencia. Estes acidos não devem ser administrados em grande quantidade; por conseguinte, convem que sejam simplesmente applicados mediante um pincel feito de uma tira de panno de linho e enrolada n'um páozinho : esta pequena operação far-se-ha cinco a dez vezes por dia. O vinagre, o sumo de limão, convenientemente adoçados com mel de abelhas, ou mel rosado puro, ou o sumo de laranja tambem puro, eis as substancias acidas que devem servir n'este uso. Pouco a

pouco augmenta-se a força do medicamento, e tambem gradualmente ir-se-ha augmentando a alimentação. Convem tambem as applicações locaes de solução de borax ou de bicarbonato de soda em mel de abelhas. Suas receitas acham-se indicadas adiante. N'este momento, dão-se cozimentos de cevada, de arroz, e clysteres com povilho ou com agua morna simples, no qual foi diluida uma gema de ovo. Quando se declara um gráo excessivo de fraqueza, convem administrar o xarope de quina ás colheres *de chá*, ou chá de folhas de salva; e bem que a molestia, chegada a este estado, deixe ordinariamente pouca esperança, é necessario empregar banhos geraes com infusão de plantas aromaticas, e fricções pelas costas com linimento de Rosen. Estes meios, sustentando as forças ajudam a natureza, que triumpha ás vezes, mesmo nos casos em que a arte desespera.

RECEITUARIO CONTRA OS SAPINHOS.

Para uso externo :

1.º Mel de abelhas	30	grammas.
Borax	10	—

Esfregam-se os logares affectados, tres vezes por dia, com um pincel de panno molhado n'este liquido.

2.º Mel de abelhas	30	grammas.
Bicarbonato de soda	8	—

Emprega-se do mesmo modo que o collutorio precedente.

3.º *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscadas	4	grammas.
Oleo volatil de cravo	4	—
Alcoolato de zimbro	72	—

Para esfregar as costas, duas vezes por dia, com uma colher *de sopa* d'este linimento.

4.ª Banhos aromaticos. O modo da sua preparação está indicado no vol. I, pag. 291.

Para uso interno :

1.º Xarope de quina	60	grammas.

Para tomar uma colher *de chá*, tres vezes ao dia.

2.º Chá de folhas de salva adoçado com assucar, uma chicara. Administra-se ás colheres *de sopa*, uma colher quatro vezes por dia.

SAPO. Genero de Reptís da ordem dos Batracios, que differe das rãs pela ausencia dos dentes; tem além d'isso o corpo barrigudo e coberto de pustulas, das quaes reçuma um humor fetido; tem uma grossura atraz das orelhas, contendo poros, d'onde distilla tambem um humor leitoso; os dedos curtos, chatos e desiguaes; as patas posteriores, pouco alongadas, não lhe permittem saltar bem, e por isso se arrasta pelo chão com bastante difficuldade em vez de andar; o seu

aspecto é hediondo. Não é animal peçonhento, mas o liquido que lhe sahe do corpo é acre e irritante. Nenhum cão póde morder ao sapo sem ser obrigado a abandonal-o, dando huivos pela dôr que lhe causa esta materia. Quando o sapo é sorprehendido, como não póde fugir com promptidão, pára, incha o corpo de maneira que este se torna duro e elastico, faz sahir o liquido lacteo, e esguicha ao longe sua ourina acre e fetida. Habita nos logares sombrios e lodosos, d'onde sahe só de noite ou durante a chuva, o que tem feito crêr em *chuvas de sapos*. Alimenta-se de lagartas, caracóes, borboletas. E por seu turno tambem serve de alimento ás cobras, garças, cegonhas, etc.

SAPONARIA. *Saponaria officinalis*, Linneo. Caryophylleas. Planta que habita em Portugal nos sitios sombrios e humidos, nas ribanceiras dos ribeiros, é frequente nas margens do Mondego perto de Coimbra, e outras partes na Beira; acha-se tambem no Brazil (fig. 818). Raiz da grossura de uma penna de escrever, cylindrica, articulada, coberta de uma casca vermelha, parenchyma branco, firme; caule de 30 centimetros ou mais, roliço, articulado; folhas ovadas lanceoladas, glabras, trinerveas; flores côr de rosa desmaiada, em panicula terminal. As folhas tem sabor algum tanto amargo e salgado; communicam á agua a propropriedade de espumar, como a agua de sabão, e de limpar os pannos, o que valeo á planta o seu nome pharmaceutico, e, o mais vulgar, de *saboeira*. Todas as partes da saponaria são empregadas em medicina como depurativos nas molestias da pelle, em infusão que se prepara com 12 grammas de saponaria, e 500 grammas d'agua fervendo; o extracto na dóse de 2 a 8 grammas.

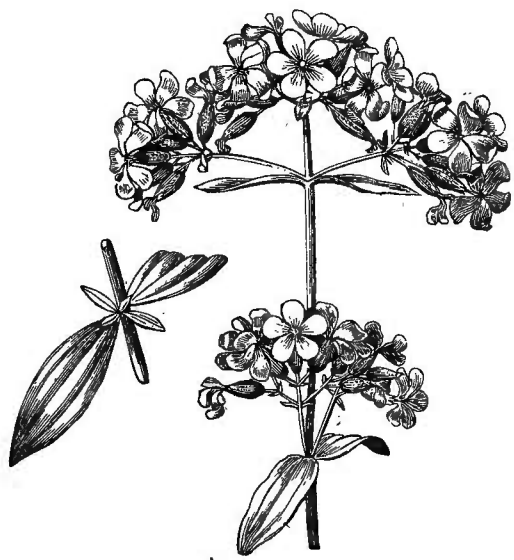


Fig. 818. — Saponaria.

SAPONINA. Principio immediato da raiz de saponaria e da casca de Panamá (quillaya). É uma substancia branca, soluvel na agua que torna espumosa, como sabão. É empregada para limpar os estofos de lã; entra na composição dos liquidos empregados para limpar a cabeça e tirar a caspa, que se vendem nas lojas dos cabelleireiros debaixo dos nomes francezes: *Eau romaine*, *eau athenienne*, etc. O pó de saponina provoca espirros e tosse, e o que torna perigoso e incommodo a pulverização e a acção de manejar a casca de Panama.

SAPUCAIA. *Veja-se* CASTANHEIRO DO MARANHÃO.

SARABULHO. Dá-se o nome de *sarabulhos* ás espinhas que nascem pelo corpo. *Veja-se* ESPINHA, vol. I, pag. 1034.

SARACURA. *Begonia hirtella*, Link. Begoniaceas. Planta do

Brazil. Caule de 30 a 70 centimetros, liso, verde ou amarellado, cheio de um succo acido, folhas cordiformes de sabor de azedas, flor pequena, branca amarellada. O cozimento de saracura emprega-se em clysteres contra a dysenteria e diarrhea, prepara-se com 8 grammas de folhas de saracura e duas chicaras d'agua. O sumo de saracura toma-se pela bocca, nos mesmos casos, na dóse de duas a quatro colheres *de sopa* por dia.

SARAMPO ou SARAMPÃO. Esta molestia é uma febre acompanhada de tosse, vermelhidão dos olhos, e caracterizada pela erupção, sobre a pelle, de pequenas pintas vermelhas, semelhantes ás mordeduras de pulga.

Causas. O sarampo é produzido por uma causa que não é conhecida; reina ordinariamente de uma maneira epidemica; isto é, ataca grande numero de individuos ao mesmo tempo. Transmitte-se facilmente entre as pessoas que habitam a mesma casa; todavia, como acontece em todas as molestias contagiosas, não póde contrahir-se sem uma certa predisposição. Observa-se de ordinario nas crianças, bem que possa manifestar-se em todas as idades; raras vezes ataca duas vezes o mesmo individuo. Desenvolve-se em todos os climas; segundo Anghiera, não era conhecido na America, e foi importado para o Novo Mundo no anno de 1518.

Symptomas. O olho exercitado reconhece facilmente a invasão do sarampo pelos primeiros symptomas que o distinguem. Assim, no decurso de uma epidemia, quando se vê qualquer criança, que tem estado na companhia de um individuo affectado de molestia, ser atacada de fastio, calefrios, dôr de cabeça, sensibilidade dos olhos, espirros, tosse, etc., é pouco mais ou menos certo de que esta criança está acommettida de sarampo. Entretanto, precipitando nosso juizo, corremos o risco de enganar-nos, visto que uma simples febre de defluxo, ou qualquer outra molestia, póde offerecer todos os signaes do sarampo. Eis-aqui os seus caracteres mais ordinarios : A molestia principia por alternativas de frio e calor, por fastio, lassidão nos membros, dôr e peso nos olhos e na testa, tudo acompanhado de vontade de dormir. Logo depois, o pulso accelera-se, a pelle torna-se quente, a superficie da lingua faz-se branca, entretanto que a ponta e margens fazem-se vermelhas; existe sêde, manifestam-se nauseas, ás vezes vomitos, e o ventre torna-se ás vezes doloroso. No *segundo dia* da invasão, todos estes symptomas se pronunciam com mais intensidade; os olhos tornam-se vermelhos e enchem-se de lagrimas, o doente espirra a miudo, experimenta comichão no nariz, peso na bocca do estomago. A garganta fica algum tanto dolorosa, manifesta-se uma tosse mais ou menos violenta; e nas crianças a somnolencia, e até convulsões passageiras se ajuntam, ás vezes, a estes phenomenos. No *terceiro dia*, a intensidade dos symptomas vai sempre crescendo, os olhos tornam-se sensiveis e inflammados, as palpebras e as margens parecem um pouco inchadas; uma tosse secca, uma sensação de constricção no peito, ás vezes delirio, precedem a apparição da erupção, que se declara ordinariamente no *quarto dia* da molestia. Pequenas pintas vermelhas, pouco resaltadas,

de fórma e dimensão de mordeduras de pulga, appareeem primeiramente na testa, nariz, faees, e espalham-se successivamente pelo pescoço, peito e membros. Esta erupção é quasi sempre acompanhada de comichão e calor da pelle. As pintas augmentam, reunem-se umas ás outras, e excedem um pouco o nivel da pelle; o que mais se reconhece pelo tacto do que pela vista. Logo que os sarampos acabáram de sahir, a frequeneia do pulso, o ealor, a sêde, a vermelhidão dos olhos, o defluxo, a dôr de garganta, etc., diminuem de intensidade, e desapparecem ás vezes completamente; só a oppressão do peito e a tosse persistem em alguns individuos. Depois de tres ou quatro dias de duração; isto é, no *setimo* ou *oitavo dia* da molestia, estas pintas principiam a desmaiar na ordem da sua invasão, isto é, primeiro as do rosto, e depois successivamente as das outras partes do corpo. A pelle torna-se rugosa, e a epiderme despega-se por escamas. Ás vezes, todavia, a descamação é nulla ou insensivel, ao menos em algumas regiões do corpo. Se ficar ainda n'esta época frequencia do pulso, calor e tosse, tudo isto desapparece em geral do *nono* ao *undecimo dia*.

Marcha, duração e prognostico. A marcha d'esta molesia, tal qual acabei de descrever, é a mais ordinaria, porém não é constante: a erupção faz-se ás vezes mais cedo, outras vezes mais tarde: as pintas, ordinariamente de côr vermelha viva, são, em alguns casos, pallidas, lividas ou pretas; o que, em geral, é de máo agouro: symptomas graves de inflammação do peito manifestam-se ás vezes; emfim, a inflammação das vias digestivas póde ser levada ao mais alto gráo de intensidade, e impedir que a erupção seja completa. Quanto mais moços são os individuos que o sarampo ataca, tanto maior receio deve inspirar esta molestia; mas não convem perder de vista que nunca a erupção é perigosa, mas sim a inflammação dos orgãos internos que a acompanham, ou lhe succedem.

Tratamento. Quando a erupção percorre regularmente os seus periodos, o tratamento do sarampo é mui simples. Collocar o doente em uma temperatura nem fria nem quente; cobril-o sufficientemente para preserval-o do frio, sem fatigal-o com um calor incommodo; como alimento, dar-lhe simplesmente caldos, leite ou agua de arroz, administrar-lhe bebidas emollientes mornas, taes como a infusão de flores de malvas, de violas, adoçadas com assucar ou xarope de gomma, preservar-lhe os olhos da luz mui viva, taes são os meios que se devem empregar para combater esta affecção. Contra a inflammação dos olhos, faça-se uso simplesmente de lavatorios com decocção de linhaça. Se a tosse fôr violenta, administre o julepo seguinte:

Infusão de flores de tilia.....	125 grammas.
Xarope de lactucario.....	30 —

Uma eolher *de sopa*, de hora em hora.

No periodo de descamação a criança não deve expôr-se ás variações atmospherieas. Na convaleseença dos sarampos, muitas pessoas julgam que um purgante deve ser administrado necessariamente: este meio é

inutil em muitos casos, e convem só quando persiste a tosse, e então o purgante deve ser ou manná ou oleo de ricino. Se sobrevierem *convulsões*, nas crianças atacadas de sarampos, será urgente pôr sinapismos nas pernas, e, ás vezes, applicar bichas atraz das orelhas. Se houver *diarrhea*, appliquem-se cataplasmas de linhaça no ventre, e administrem-se clysteres de polvilho. As outras *complicações*, taes como a inflammação dos pulmões, a bronchite capillar, exigem um tratamento analogo ao que se oppõe a estas molestias nos casos em que ellas se mostram isoladamente. Se as pintas forem pallidas, administre-se o chá de sabugueiro bem quente, e o xarope de quina, na dóse de uma colher *de chá*, quatro vezes por dia. A epoca em que o contagio já se não deve receiar não está rigorosamente determinada. A isolação, unico meio *preservativo*, deve ser prolongada até ao vigesimo dia. Nas epidemias dos sarampos graves e malignos, a prudencia aconselha que se afastem as crianças da área epidemica.

SARCOCELE. Cancro do testiculo. *Veja-se* vol. I, pag. 443.

SARDAS, Ephelides ou **Lentilhas.** Dá-se este nome a pequenas manchas da pelle, não resaltadas, de côr amarella fulva. Apparecem geralmente nas regiões descobertas do corpo; como na testa, rosto, pescoço, e nas mãos, dos individuos que tem a pelle fina e alva, e cabellos louros ou ruivos; a sua extensão varía desde o tamanho da cabeça de um alfinete ao de uma ervilha. São ás vezes proprias da constituição do individuo, e então ordinariamente incuraveis. Não se mostram geralmente senão de uma maneira passageira e accidental, pela acção dos raios solares.

Póde-se n'este ultimo caso, facilitar o seu desapparecimento, lavando os logares affectados com agua fria misturada com aguardente ou agua de Colonia. Os lavatorios com agua e sabão são tambem uteis. Mas são inuteis os esforços que fazem algumas pessoas para se desembaraçarem das sardas inherentes á constituição e acompanhadas de cabellos ruivos. Comtudo, ha individuos em quem os progressos da idade as fazem inteiramente desapparecer. Os meios externos, que vão indicados adiante, não podem ser senão uteis mesmo n'este caso, mas não ha medicamentos internos contra as sardas.

RECEITUARIO CONTRA AS SARDAS.

Solução de borax (Hufeland).

Borax	4	grammas.
Agua	360	—

Em lavatorios. Humectam-se as sardas duas vezes por dia com esta solução, havendo o cuidado de a deixar seccar sobre o logar em que se applica.

Solução de alumen.

Alumen crystallizado	8	grammas.
Agua	360	—

Emprega-se do mesmo modo que a precedente.

Leite virginal.

Tintura de benjoim	15 grammas.
Agua de rosas	600 —

Usa-se em lavatorios.

Pomada de borax (Hufeland).

Borax	8 grammas.
Unguento rosado	30 —

Para untar o rosto á noite.

Lavatorio antephelico (Hardy).

Agua distillada	250 gram.	Sublimado	50 centigram.
Sulfato de zinco	2 —	Alcool	quant. suffic.
Acetato de chumbo	2 —		

para dissolver o sublimado.

Dissolva o sublimado no alcool, e ajunte as outras substancias. Vascoleja-se o lavatorio no momento de empregar-se.

Agua de Hebé contra as sardas.

Essencia de alfazema	250 gram.	Alcool	850 gram.
Essencia de cidra	60 —	Agua	808 —
Essencia de rosas	5 —	Vinagre distillado	6595 —
Limões	1350 —		

Exponha ao sol por tres dias e filtre.

De alguns annos a esta parte, emprega-se muito no Rio de Janeiro uma especie de cosmetico, dito *Leite antephelico* de *Candès*. Esta preparação é bastante conhecida em Pariz, e usa-se efficazmente em loções contra as sardas, fogagem, espinhas, e outras alterações accidentaes da cutis. Tem por basc o sublimado, como algumas preparações analogas usadas em Inglaterra, e na Allemanha.

O *Leite antephelico de Candès* é a melhor preparação que se possa recommendar para as sardas e todas as manchas que apparecem no rosto e as queimaduras do sol, etc.

SARNA. Molestia contagiosa, caracterizada pela erupção, sobre uma parte mais ou menos extensa da pelle, de pequenas vesiculas transparentes e pruriginosas, que se desenvolvem em consequencia da presença de um insecto particular.

Todos conhecem, ao menos de nome, esta molestia contagiosa, que não é rara, com effeito : a comichão fatigante que a acompanha, as borbulhas e pequenas excoriações que a constituem, a facilidade emfim com que se contrahe, fazem d'ella um objecto de nojo quasi geral. Ajuntem-se a estes factos reaes os erros populares relativos ás suas consequencias, ao que se chama o seu recolhimento no interior do corpo, onde ella se tornaria uma fonte de molestias graves, e o leitor explicará facilmente a especie de horror que só o seu nome inspira. Entretanto, devo já dizer, a sarna é uma molestia pouco grave ; tratada no seu principio,

póde curar-se em um dia, sem deixar vestigio na economia. O que se tem dito dos perigos, que produzia, provém do erro dos antigos medicos, que confundiam sob o nome de *sarna* molestias mui differentes; e provém tambem da propensão que temos em geral a referir os nossos males a uma causa estranha, em logar de lhes buscarmos a origem na nossa constituição ou nos nossos costumes. Será, além d'isto, facil de conceber o que acabei de dizer, quando se souber que a sarna reconhece por causa immediata um oução, um pequeno insecto chamado *acarus da sarna do homem*, de uma quarta parte de linha de comprimento, e por conseguinte muito mais pequeno do que a mais pequena pulga. Póde-se entretanto enxergar sem lente. A sua existencia era já conhecida em 1634, mas em consequencia de falsas indicações, muitos medicos negavam a sua presença na sarna, e ha apenas quarenta e quatro annos que este facto ficou demonstrado, em 1834, de uma maneira indubitavel. Por outra parte, está provado tambem que este insecto é realmente o agente do contagio da sarna. Os caracteres que os naturalistas tem reconhecido no oução da sarna são os seguintes : corpo arredondado, achatado em ambas as faces e imitando a tartaruga, branco, estriado; oito patas, que são, como a cabeça, de côr vermelha escura. A fig. 819 aqui ajunta, representa o bicho da sarna, na sua face superior e inferior, consideravelmente augmentado pelo microscopio.

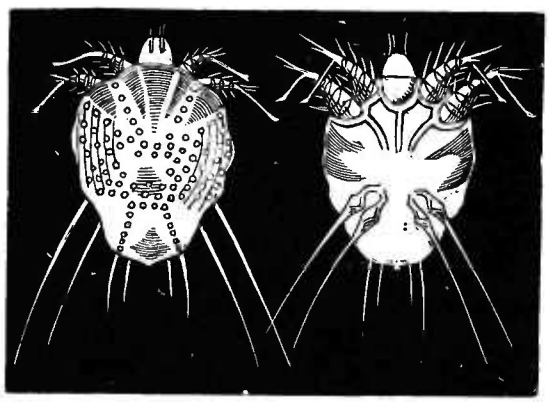


Fig. 819. — Insecto da sarna, augmentado pelo microscopio.

Este insecto é sobretudo visivel nas mãos e pés dos sarnentos, onde cava por baixo da epiderme como que uns regos; a sua presença occasiona uma comichão importuna. Póde extrahir-se com bastante facilidade; com effeito, examinando a parte affectada de sarna, não se podem tardar a divisar pequenas linhas pretas ou esbranquiçadas, como pontuadas, de ordinario sinuosas, e que são o indicio da galeria cavada debaixo da epiderme pelo insecto; uma das extremidades d'esta galeria vai ter frequentemente a uma *vesicula*, pequena elevação da epiderme, cheia de serosidade : na outra extremidade percebe-se um pequeno ponto branco ou roxo, que é o insecto. É facil tirar este, rasgando a epiderme com a ponta de um alfinete; elle agarra-se logo á ponta do instrumento, e póde-se então transportal-o para onde se queira; pondo-o sobre a pelle de alguma pessoa sã, entranha-se n'ella, multiplica-se, e desenvolve a sarna no fim de um tempo variavel. Examinando muitos d'estes insectos com o microscopio, é raro que não se vejam alguns pôr pequenos ovos, oblongos, brancos, transparentes, e tendo a terça parte de comprimento do

animal; as mãis abandonam os ovos, a menos que estes venham pegar-se aos pequenos pellos que cobrem o corpo do insecto. Os vestidos sobre que se acha o oução da sarna; ou os seus ovos, podem igualmente transmittir a molestia. A falta de asseio favorece singularmente o seu desenvolvimento; todavia, as pessoas mais asseiadas não estão isentas d'ella.

A transmissão directa da sarna do homem ao homem é um facto tão conhecido, que é escusado insistir mais n'este ponto; mas esta molestia póde ser tambem communicada pelos animaes. O Dr. Alibert refere que um cavallo sarnento deo logar a uma erupção de botões de sarna no individuo que o tinha comprado, e em algumas outras pessoas que estiveram em contacto com o animal. O mesmo autor diz que uma leôa affectada do mesmo mal tendo succumbido, o homem que a esfolou e o que foi encarregado de empalhal-a foram atacados de sarna. O Dr. Mouronval cita tres casos em que a molestia foi communicada por gatos, e outro em que o contagio teve logar par um cão. O. Dr. Biett tratou muitos empregados do Jardim Botanico de Pariz, que tinham contrahido a sarna dos camelos vindos d'Africa e gravemente affectados. O oução da sarna dos animaes tem quasi as mesmas dimensões que o da sarna do homem; mas a sua fórma é um pouco differente.

Os *symptomas* da sarna só se manifestam depois de um lapso de tempo variavel, conforme os individuos; podem decorrer oito a vinte dias entre a epoca em que um individuo se achou em contacto com um sarnento, e a em que a molestia se declara. N'este intervallo ha quasi sempre algumas comichões; mas em certa epoca, augmentam rapidamente, e a molestia já não é duvidosa : então apparecem nas mãos, e ás vezes nos pés, pequenos botões cheios de uma serosidade transparente, chamados *vesiculas*. Estes botões são pontudos no apice, e laceram-se facilmente quando se coçam; encontram-se sobretudo nos intervallos dos dedos e nos pulsos. A erupção estende-se depois, e manifesta-se principalmente na curva dos braços, nos sovacos, no peito, no ventre, na parte interna das coxas e na curva da perna : outras vezes a sarna principia por um d'estes pontos; o doente experimenta ao mesmo tempo em todas estas partes uma comichão particular e caracteristica, que a acção de coçar allivia um instante, e que atormenta sobretudo á noite, na cama, ou quando o doente toma café ou licores excitantes. A comichão exaspera-se igualmente durante os tempos quentes. Nada póde exprimir os soffrimentos de certos doentes durante as noites de verão, e a especie de raiva com a qual se dilaceram com suas proprias unhas. A reacção, em certos casos, é tal que sobrevem febre. A comichão acalma-se, pelo contrario, com o frio e por uma dieta severa; emfim, é ordinariamente tanto mais forte quanto mais abundante é a erupção. Mais tarde, e quando a molestia se prolonga, já não nascem simples vesiculas cheias de liquido claro; mas as mãos, os braços e as pernas cobrem-se de *bostellas*, grossos botões, cheios de materia purulenta. O doente, coçando-se sem cessar, rasga a pelle, que não tarda a cobrir-se de grande numero de erupções differentes; o liquido que sahe das vesiculas ou das bostellas converte-se em *crostas*, no intervallo das quaes

se desenvolvem ás vezes pequenos frunchos e verdadeiras postemas.

Marcha, terminações. Esta molestia nunca se termina de uma maneira espontanea : poderia durar toda a vida se o doente não se tratasse. Desapparece ás vezes, durante alguns dias, sob a influencia de alguma molestia aguda, sem que esta seja influida por isso de maneira apreciavel, e todos os bons observadores concordam em que os perigos das *sarnas recolhidas*, que assustam tantas pessoas, são puramente imaginarios. A sarna póde durar muitos annos sem alterar notavelmente a saude ; nunca é mortal por si mesma.

Diagnostico. As vesiculas pontudas, os *sulcos*, a presença do *oução*, são os signaes caracteristicos da sarna, mas os sulcos podem ser raros e pouco apparentes; o oução é assaz difficil de descobrir : ha emfim certas molestias da pelle que podem simular a sarna e tornar difficil a sua distincção. Assim, em uma affecção que se chama *prurigo* ou *coceira*, o corpo cobre-se de botões, que excitam comichão mui viva; estes botões, rasgados pelas unhas do doente, cobrem-se de pequena crosta preta. Distingue-se esta erupção da sarna por não ser acompanhada de vesiculas, e sobretudo por manifestar-se nas costas, na nuca, por cima e por baixo do cotovelo. A sarna, pelo contrario, mostra-se principalmente nas mãos, no ventre, e em geral nas dobras das articulações. A intensidade da comichão é bem differente nos dois casos : as comichões acalmam-se facilmente na sarna quando o doente se coça ; até experimenta então uma sensação agradavel : não é assim no prurido, em que os doentes se laceram sem acalmarem a inalteravel comichão que os atormenta. A ultima differença entre estas duas molestias é que o prurido não é contagioso, entretanto que todos sabem que a sarna communica-se facilmente.

Tratamento. A sarna é uma affecção externa, que não exige tratamento interno : sára sempre pela applicação das pomadas, e pela destruição do insecto, de qualquer maneira que se proceda. O tratamento mais expeditivo é o seguinte :

Despir-se completamente, e untar todo o corpo com sabão preto; tomar um banho d'agua tepida de meia hora, e continuar a esfregar o corpo no banho com sabão preto. Ao sahir do banho esfregar o corpo durante meia hora com a pomada de Helmerik, e vestir-se de roupa limpa. No dia seguinte tomar outro banho, e mudar outra vez de roupa. Os insectos estão mortos; a sarna está curada; mas as erupções secundarias de vesiculas ou de postulas persistem, e não desapparecem senão ao cabo de uma ou duas semamas, por meio de alguns banhos d'agua tepida.

Cumpre, porém, não esquecer que os insectos, que occasionam a sarna, e os ovos d'elles, acham-se ordinariamente nos vestidos das pessoas sarnentas, e podem tornar-se uma nova causa do contagio ; será necessario, por conseguinte, desinfectar esses vestidos, quer lavando-os em agua quente, quer deixando-os tres ou quatro dias expostos ao ar. Eis-aqui a receita da

Pomada de Helmerik.

Enxofre sublimado e lavado..	10 gram.	Oleo de amendoas doces.....	5 gram.
Subcarbonato de potassa.....	5 —	Banha.....	35 —
Agua distillada.....	5 —		

Reduza o subcarbonato de potassa a pó mui fino; ajunte a agua para dissolvêl-o; depois o enxofre, o oleo e a banha: triture para obter uma pomada homogenea.

Uma unica fricção, quando bem feita, é sufficiente para curar a sarna. No caso contrario, convem repetir as unturas com sabão preto, o banho e a fricção, com as precauções indicadas; e de vestir-se, depois da fricção, de roupa perfeitamente limpa.

SARRACENIA PURPUREA. *Serracenia purpurea.* Linneo. Sarraceniaceas. Planta herbacea que habita nos logares pantanosos da America do Norte, desde a bahia de Hudson até á Carolina do Norte. As suas folhas e a raiz (rhizoma) foram preconizadas contra as bexigas. O. Dr. Morris assegura que é o remedio por excellencia para combater as bexigas; que a sua acção é tal que raras vezes ficam cicatrizes; que qualquer pessoa que traga comsigo a raiz da sarracenia póde impunemente habitar entre bexiguentos; que a sua acção consiste em neutralizar o virus no sangue, tornando-o inerte. Emprega-se, sob a fórma de pó, cozimento ou tintura. *Cozimento :* Folhas ou rhizomas de sarracenia, 4 grammas, agua, 600 grammas. Reduza a 300 grammas por meio de moderada ebullição, e côe. Bebe-se um calix de 3 em 3 horas.

SASSAFRAZ. *Laurus sassafras*, Linneo. Laurineas. Arvore da America do Norte; habita principalmente na Florida (fig. 820). Tem 10 a 13 metros de altura, tronco recto, mui ramoso, fólhas alternas e pecioladas, variando de fórma e tamanho; flores pequenas, amarelladas e dispostas em paniculas no apice dos ramos, fructo ovado do tamanho de uma ervilha; raiz grossa. A raiz de sassafraz emprega-se em medicina como sudorifico nas molestias syphiliticas, cutaneas, gotosas e rheumaticas. Ordinariamente associa-se ao guaiaco e á salsaparrilha. Administra-se em infusão que se prepara com 4 grammas de sassafraz e 500 grammas d'agua fervendo.



Fig. 820. — Sassafraz.

A raiz de sassafraz acha-se nas pharmacias em pedaços da grossura de um braço; a parte lenhosa é leve, porosa, formada de camadas concentricas, de côr amarellada, cheiro forte e aromatico, sabor ao prin-

cipio adocicado, depois quente e acre. Casca espessa, leve, rugosa, quebradiça, de côr de ferro escura, cheiro analogo ao do aniz ou funcho.

Sassafraz do Brazil, ou PÁO DE SASSAFRAZ. *Nectandra cymbarum*, Nees. Laurineas. Arvore do Brazil; habita na provincia do Amazonas. Tem mais de 30 metros de altura; folhas oblongas, lanceoladas; fructo, baga pouco carnosa, meio immersa em uma cupula. A casca da arvore é de sabor amargo, cheiro aromatico; usa-se em infusão na debilidade dos orgãos digestivos. O lenho é duro e de cheiro agradavel; emprega-se na construcção de canoas.

SATYRIASIS. Estado de exaltação morbida dos orgãos genitaes caracterizado por uma inclinação irresistivel para repetir o acto venereo, com a faculdade de exercêl-o sem esfalfar-se.

Observa-se a satyriasis nos homens vigorosos e mui continentes, raivosos, epilepticos, idosos acommettidos de demencia senil e sobretudo os doentes por envenenamento pelo pó ou a tintura de cantharidas. Neste caso a morte é inevitavel. Seja qual fôr a origem d'esta affecção (menos quando seja por cantharidismo) prescrever-se-ha o bromureto de potassio na dóse de 6 a 10 grammas, xarope de chloral de Follet, na dóse de 1 a 2 colheres de sopa, o xarope e as drageas de Gélineau; applicar-se-ha duas ou tres bichas no perineo e na raiz do membro viril; tambem é de grande proveito a hydrotherapia. O envenenamento pelas cantharidas deve ser tratado pela morphina, o laudano, banhos quentes, cataplasmas de farinha de linhaça, se o veneno não pôde ser eliminado com o emprego de um energico vomitorio.

SAUDE. Estado em que todas as funcções se executam livre e facilmente: é o estado normal. De todos os bens d'este mundo, a saude é o primeiro. A saude é a fonte de todo o gozo, de toda a actividade. Um homem pobre que é são e robusto é mais feliz do que um rico atormentado de molestias. A saude admitte muitas variedades, ou, para melhor dizer, cada individuo tem a sua propria; e as pessoas que julgamos terem chegado ao seu mais alto ponto não deixam de differir entre si a este respeito. Os antigos philosophos e medicos procuraram achar meio de fixar e entreter um bem tão precioso e fugitivo como a saude. Desde os sonhos dos sacerdotes gregos e egypcios até ás utopias extravagantes de Vanhelmont e Paracelso, havia sempre alguns espiritos que se esforçavam por descobrir a pedra philosophal que devia impedir os estragos do tempo, e conservar os homens n'uma juvenil e immutavel felicidade. Hoje não é possivel contar com estas doces chimeras: tudo o que é organizado tende á morte. Mas se a humanidade não póde evitar a destruição, póde ao menos por meio de um regimen retardar a sua consumpção final; póde, com o soccorro da hygiene, dar aos orgãos todo o seu desenvolvimento, até á hora em que a necessidade de morrer é imposta a toda a creatura. A hygiene precautoria póde ser reduzida a *cinco preceitos salutiferos:*

1.° *Fugir de excessos em tudo.* Tudo o que é excessivo tem por effeito accelerar os movimentos da organização, e perturbar a economia. Comtudo, não se deve dar este preceito uma interpretação absoluta, e por

conseguinte viciosa, nem applicar senão ás cousas de que o homem dispõe á sua vontade, taes como a alimentação, os exercicios, as paixões d'alma, etc. Nunca convem que abusemos, por exemplo, de um bom ar, de um bom clima, da luz, agentes que são bons de uma maneira absoluta; entretanto que os que são submettidos á disposição da creatura humana não são bons senão de uma maneira relativa; isto é, em quanto se faz d'elles um uso moderado.

2.° *Viver contente de coração e socegado de espirito.* O homem que quer gozar dos beneficios da saude deve nesessariamente arranjar a sua vida de maneira que não seja perturbada nem pelos remorsos corrosivos, nem pelas suggestões da ambição.

3.° *Respirar habitualmente um ar puro.* A influencia do ar é tal, que o homem póde viver dois ou tres dias, e até mais, sem comer nem beber, entretanto que morre promptamente logo que as vias respiratorias estejam interrompidas, ou quando respira gazes deleterios. A salubridade do ar influe vantajosamente na composição do sangue, e em toda a nutrição. A ventilação viciosa, imperfeita, é a origem das molestias chronicas, que decimam a gente nas grandes cidades.

4.° *Fazer uso quasi constante de alimentos simples, e approximados á constituição do corpo.*

5.° *Entreter constantemente uma justa proporção entre a quantidade de alimentos que se consomem quotidianamente e os exercicios do corpo.* A alimentação e o trabalho influem reciprocamente um sobre o outro. O trabalho é destinado para consumir o superfluo; os alimentos e as bebidas, para substituir as perdas continuas. É preciso que haja um antagonismo entre estas duas forças; sem isso, productos antigos, excessivos, ficam na profundidade dos tecidos. O sangue recebe grande quantidade de succos; formam-se as congestões, inflammações, se as perdas occasionadas pelo exercicio não contrapesarem o excesso da nutrição.

SAYÃO. *Kalanchões brasiliensis.* Camb. Phytolaceas, Planta do Brazil. Folhas espessas, ovaes, denteadas, de sabor amargo e um pouco acido; flor alaranjada. Estas folhas empregam-se com proveito no curativo de varias feridas.

SCHISMATICO ou Scismatico. *Veja-se* Hypochondria.

SCHWALBACH. Allemanha. Nassau. Aguas ferruginosas gozosas frias. Existem ali quatro fontes principaes; a mais usada é a *Weinbrunnen;* contém, por litro 1ᵍ,74 de gaz acido carbonico livre, e 1ᵍ,55 de saes, que são: bicarbonato de ferro, de manganez, de cal, de magnesia, de soda; sulfatos de potassa e soda; chlorureto de sodio; acido silicico; phosphato de soda. Empregam-se como bebida e em banhos, na amenorrhea, chlorose, debilidade geral; gozam das mesmas propriedades que as aguas de Spa. Podem beber-se durante a comida. Exportadas, conservam-se bem. Acham-se nas diversas cidades, nos depositos de aguas mineraes.

Itinerario: Estrada de ferro de Pariz a Eltville, 18 horas; carro de Eltville a Schwalbach, 2 horas.

SCIATICA ou GOTA SCIATICA. Chama-se *gota sciatica*, ou simplesmente *sciatica*, uma dôr do nervo sciatico. Este nervo passa pela parte média da nadega, percorre profundamente a parte exterior da coxa, e chegado á curva da perna, divide-se em dois ramos, dos quaes o principal se dirige para o lado externo da perna e do pé. Ora, na affecção de que tratamos, as picadas dolorosas que a caracterizam percorrem uma parte ou toda a extensão do trajecto do nervo sciatico. A sciatica póde na mesma pessoa atacar ambas as coxas ao mesmo tempo, porém occupa mais frequentemente só o lado esquerdo.

Causas. Esta molestia é produzida pelas variações atmosphericas, pela suppressão da transpiração, exercicios forçados, excessos no regimen, e impressões moraes vivas.

Symptomas. A dôr, que caracteriza esta molestia, não ataca com igual intensidade toda a extensão do nervo sciatico. Ás vezes principia na nadega ou nas cadeiras, estende-se á curva da perna, e prolonga-se até ao pé, seguindo uma das divisões do nervo. Outras vezes, o que é mais raro, a dôr sobe das divisões ao tronco. A dôr é ás vezes mui fraca, semelhante á que resulta de uma pancada. Augmenta pela compressão sobre o trajecto do nervo, pelos movimentos, pela tosse e pelos esforços. Outras vezes a dôr consiste em picadas mui violentas, em sensação de frio ou de calor intenso, em caimbras e sacudiduras penosas. Fóra d'isto, não se vê nada no exterior, a coxa não está inchada, nem existe febre. Só no fim de algum tempo é que a sciatica chega á sua maior intensidade. A dôr offerece muitas variações na sua força e duração; desapparece por algum tempo e torna a apparecer de novo. Nunca a sciatica determina a morte, mas algumas pessoas conservam esta dôr por muitos annos; porém, em geral, cura-se por um tratamento bem dirigido. Póde durar mezes e annos, como tambem desenvolver-se e cessar em alguns dias. Muito prolongada a sciatica póde produzir o emmagrecimento do membro, um tremor contínuo e uma fraqueza progressiva.

Tratamento. Quando a sciatica é recente, a applicação de sinapismos sobre o logar da dôr basta, ás vezes, para fazer desapparecer a molestia. Mas quando a dôr é intensa, convem recorrer ao meio mais energico, que consiste na applicação dos causticos, com que se deve perseguir a dôr de um a outro logar. Antes de applicar o caustico, recorra-se primeiro ás fricções com um dos linimentos seguintes:

1.° Essencia de terebinthina..	60 gram.	3.° Balsamo tranquillo.....	30 gram.
2.° Essencia de terebinthina..	30 —	Laudano de Sydenham....	30 —
Oleo camphorado.....	30 —	4.° Linimento ammoniacal...	60 —

O uso interno da essencia de terebinthina é mui proveitoso contra a sciatica que tem resistido aos meios externos. Eis-aqui a receita segundo a qual se administra este medicamento:

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina.....	10 centigrammas.
Cera branca.....	10 —
Assucar em pó.....	quantidade sufficiente.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte o assucar, e faça uma pilula, e como esta mais 59. *Dóse :* 6 a 12 pilulas por dia.

A essencia de terebintbina póde tambem ser tomada sob a fórma de pequenas capsulas, chamadas *perolas* do Dr Clertan, que se acham nas pharmacias. *Dóse :* 6 a 12 perolas por dia.

Se não bastarem estes meios, applicar-se-ha um grande vesicatorio ou ventosas sarjadas no trajecto do nervo sciatico e o doente tomará salicylato de soda na dóse de 4 a 6 grammas em pilulas impressas de L. Frère, de 10 centigrammas de producto puro. Se as melhoras não se sustentarem, applicar-se-hão pontas de fogo e pulverisações de chlorureto de methyla. Logo que as dôres diminuirem, far-se-ha electrizar todos os dias os musculos da côxa e da perna para evitar que o começo de atrophia não se torne irremediavel. Empregar-se-ha a electricidade faradica por meio de uma machina de correntes com interrupções.

Se todos estes meios não aproveitarem, empreguem-se as injecções sub-cutaneas com a solução de chlorhydrato de morphina, do modo que está indicado no artigo NEVRALGIAS, Vol. II, pag. 489.

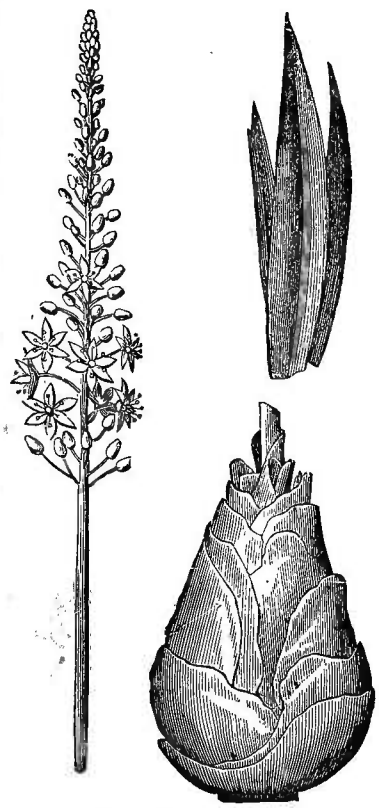


Fig. 821. — Scilla.

SCILLA. *Scilla maritima*, Linneo. Liliaceas (fig. 821). Planta que habita na beira-mar da Europa meridional; tira-se sobretudo da Hespanha. Tem a hastea comprida, guarnecida nos dois terços superiores de flores brancas, em fórma de espiga; folhas que apparecem depois das flores, são radicaes, ovaes lanceoladas, mui grandes, carnosas, lisas, verde-escuras; bolbo mui volumoso, cónico, coberto de tunicas membranosas, brancas ou vermelhas por fóra conforme a variedade da planta; as tunicas do centro são brancas; succo viscoso, amargo, acre.

As *escamas do bolbo da scilla* são empregadas em medicina. Nas boticas acham-se seccas e com a fórma oblonga, subtransparentes e frageis, ou em tiras enrugadas, irregulares, attrahindo a humidade do ar, pardacentas; cheiro quasi nullo, sabor acre, amargo e nauseante.

Em alta dóse é um veneno narcotico; produz nauseas colicas, vomitos, dejecções alvinas, ourinas ensanguentadas, prostração, convulsões e a morte. Em pequena dóse é um diuretico, empregado com mui bom exito nas hydropisias. Exerce tambem acção estimulante sobre a secreção da membrana mucosa dos bronchios, e é empregada como expectorante na bronchite e na asthma. Administra-se internamente na dóse de 5 a

50 centigrammas em pó ou pilulas; o seu extracto na dóse de 5 a 15 centigrammas em pilulas; vinagre scilitico na dóse de 15 a 30 grammas em poção.

SCIRRHO. Chama-se *scirrho* um tumor duro que se desenvolve nos tecidos do corpo, e principalmente nos seios das mulheres ou nos testiculos dos homens: é o primeiro gráo do cancro. *Veja-se* CANCRO.

SCLEREMA. Endurecimento do tecido cellular nas crianças rescemnascidas. Observa-se sobretudo nas crianças de fraca constituição, e particularmente nas que nascem prematuramente. Ás vezes, o endurecimento está limitado ás mãos e aos pés, que se acham inchados, frios e violaceos; outras vezes estende-se a todo o corpo; a voz extingue-se, os pulmões embaraçam-se, e o pobre innocente succumbe do quarto ao setimo dia. — O tratamento que convem contra esta molestia é o seguinte: a applicação de algodão cardado sobre os logares endurecidos, banhos d'agua quente, e banhos aromaticos. O modo de preparar estes banhos acha-se indicado no vol. I, pag. 291.

SEBIPIRA ou **Sucopira.** *Sebipira major*, Martius. Arvore do Brazil, da familia das Leguminosas. A casca d'esta arvore é de sabor acre, amargo e adstringente, contém muito tannino. Seu cozimento é aconselhado em banhos contra as molestias da pelle, 1 kilogramma para um banho. O lenho é duro, pesado, e muito empregado em diversas obras ou construcções.

SEBUU-UVA. *Veja-se* SUCU-UBA.

SECCANTE ou **Seccativo.** Que secca, que favorece a desseccação das feridas e das ulceras, Este nome foi dado a certos medicamentos adstringentes: alumen, perchlorureto de ferro, calamina, agua vegeto-mineral, etc.

SECUNDINAS. *Veja-se* PAREAS.

SEDANTE ou **Sedativo.** Synonymo de calmante. Os medicamentos *sedantes* são: opio, laudano de Sydenham, chlorhydrato de morphina, dormideiras, lactucario, etc.

SÊDE. Esta palavra designa a necessidade mais viva, mais urgente da vida, e consiste, segundo o seu gráo, em um simples desejo ou na vontade imperiosa de beber. A sêde é sempre um estado penoso: não tem, como a fome, transição agradavel que corresponda ao appetite; logo que apparece quer ser satisfeita, e se se prolongar, torna-se uma das necessidades mais difficeis de supportar, um verdadeiro supplicio. Passemos em revista os principaes phenomenos da sêde no estado de saude, e no de molestia.

Sêde considerada no estado de saude. Quando a sêde existe, uma sensação de ancia e de calor na garganta se mostra como primeiro indicio; o céo da bocca, os beiços e a lingua tornam-se seccos e vermelhos, a saliva falta ou é em pequena quantidade, e de uma viscosidade notavel. A lingua, como pegada ao céo da bocca, move-se com difficuldade. Todos os movimentos proprios para a producção da voz são mais ou menos impedidos, e só se exercem com dôr. Se a sêde não é satisfeita, todos estes phenomenos persistem e aggravam-se: o rosto anima-se,

a pelle parece secca e quente, a ourina é vermelha e pouca, o pulso e a respiração acceleram-se. E se a penuria completa das bebidas se prolongar, e não existir, além d'isto, algum outro meio de humectação, manifesta-se uma anxiedade insupportavel, delirio mais ou menos furioso, e a morte vem emfim terminar este estado de soffrimento. Sobrevem, além d'isto, muito mais promptamente do que quando resulta da inanição, ou da fome prolongada com excesso.

Sêde no estado de molestia. A sêde augmenta na maior parte das inflammações e febres; sendo de intensidade moderada, caracteriza o primeiro periodo das molestias agudas, e coincide com a diminuição ou a falta de quasi todas as secreções naturaes. Este estado não tem nada de grave, e até tem a vantagem de obrigar os doentes a usarem das bebidas refrigerantes, que lhes são mui salutares, e a sua pouca intensidade permitte em geral que se agoure bem da terminação das affecções graves que produzem assaz ordinariamente a sêde excessiva. A sêde grande é de prognostico grave se andar ligada com a seccura da bocca e dos beiços, e se fôr acompanhada de delirio. Quando persiste, em consequencia de uma molestia, indica que a cura ainda não está completa, e que a pessoa está ameaçada de recahida. A falta de sêde observa-se ordinariamente no estado de fraqueza, no escorbuto, nas escrophulas, paralysia e muitas outras molestias chronicas.

Regimen da sêde. O caracter extremamente variavel d'esta necessidade, no estado de saude, não permitte estabelecer de uma maneira absoluta a quantidade de bebida que póde reclamar todos os dias. Raras vezes esta sensação nos engana, e raras vezes é preciso resistir á sua impulsão. Deve-se, sobretudo, beber comendo, e é ao mesmo tempo util e agradavel misturar os alimentos solidos com as bebidas. Este meio é mais seguro para preparar uma digestão prompta e facil, especialmente nas pessoas que tem muita fome, e comem com muita pressa.

As qualidades particulares das bebidas e a sua temperatura tornam-n'as mais ou menos proprias a estancar a sêde e a prevenir a sua frequencia. As que convem melhor são: a agua pura ou levemente acidulada, ou agua misturada com pequena quantidade de vinho ou de aguardente.

É quasi sempre perigoso não satisfazer a sêde dos doentes. A sêde intoleravel de algums hydropicos, dos que são affectados de febres graves ou de inflammações organicas, deve sempre ser satisfeita, seja qual fôr a sua intensidade.

A necessidade de beber liquidos frios é um instincto indicado pela sêde. A repugnancia dos doentes para as bebidas quentes ou mornas é racional; a excitação que ellas produzem augmenta a febre. E, apezar dos preconceitos, declaro que não conheço exemplo, mesmo nos defluxos, nas pneumonias, nos sarampos, na escarlatina e em outras febres eruptivas, em que a agua fria, dada como bebida, tenha feito mal ao doente.

SEDENHO. O sedenho é uma especie de fonte muito menos usada em cirurgia hoje do que d'antes; mas que, posto na nuca, é ainda ás

vezes empregado contra as molestias dos olhos, graves e renitentes, ou contra as molestias persistentes da cabeça. Consiste na presença de uma mecha de algodão, que se introduz sob a pelle, e que entretem uma suppuração no espaço occupado por este corpo estranho. O primeiro curativo do sedenho só se faz quando a suppuração está bem estabelecida, o que tem logar no quarto dia: os curativos seguintes repetem-se todos os dias: consistem elles em introduzir na ferida uma nova porção de mecha, previamente untada com azeite ou ceroto, e em cortar a porção que servia desde o curativo precedente. Os fios applicados sobre as duas aberturas que formam a entrada e a sahida do sedenho, um pequeno chumaço e uma atadura com que se envolve o pescoço, completa o apparelho. Quando a mecha se vai acabando, ajunta-se uma nova á extremidade d'esta, tendo o cuidado de tornar tão pouco saliente, quanto seja possivel, o ponto de juncção, para que a passagem da mecha nova não seja mais dolorosa que a da precedente.

Acontece, ás vezes, sobretudo nos primeiros dias, que a pelle furada pelo sedenho se inflamma: lavatorios com decocção de raiz de althea e cataplasmas de linhaça acalmam esta inflammação; se se tornar mui viva, e degenerar em erysipela deve-se tirar a mecha do sedenho. Quando o sedenho é antigo e a suppuração diminue, póde-se excitar, untando a mecha com pomadas irritantes, taes como o unguento basilicão. Quando chega o momento de supprimir o sedenho, corta-se a mecha mui perto de uma das aberturas, tira-se para fóra e faz-se o curativo com fios seccos.

O sedenho é um remedio doloroso e incommodo; as crianças, as mulheres, os individuos delicados e nervosos supportam-o difficilmente. Em muitos casos um caustico, e sobretudo uma fonte, podem substituil-o com vantagem.

SEDLITZ. Bohemia; Imperio d'Austria. Agua salina fria. Contém, por litro, 26 grammas de saes, de que 20 grammas de sulfato de magnesia e 5 grammas de sulfato de soda. Agua purgativa. Substitue-se-lhe com vantagem a *Agua de Sedlitz artificial.*

SEGURELHA DAS HORTAS. *Satureia hortensis*, Lin. Labiadas. Pequena planta, cultivada nas hortas de Portugal; de cheiro fragante, sabor aromatico, calefaciente, um tanto amargo. As folhas empregam-se como tempero: e entram na composição do alcoolato vulnerario.

SEIDSCHUTZ. Bohemia. Agua salina fria, purgativa. Contém, por litro, 20 grammas de saes, de que 11 grammas de sulfato de magnesia, e 6 grammas 1/2 de sulfato de soda.

SEIOS. Glandulas productoras do leite. Salvo algums casos muitissimos raros, os seios são dois na especie humana, são orgãos constituidos por saccos sem sahida glandulares de onde sahem diversos canaes que vêm ter ao bico do seio. Muito pequenos nas crianças, atrophiados no homem, os seios adquirem todo seu desenvolvimento na mulher durante a gravidez. No momento da puberdade, elles tumeficam-se e são dolorosos tanto nos moços como nas moças. Durante a gravidez

os seios incham e apparecem na superficie uns cordões azueis que são as veias. Os bicos dos seios tornam-se corados e rodeados de uma areola escura na qual se vê pequenos tuberculos salientes. São bons symptomas para a gravidez. Nos seios bem feitos o bico do peito é bastante apparente. Quando os bicos dos seios não são bem desenvolvidos, a criança não póde pegar com a bocca para mammar.

MOLESTIAS DOS SEIOS.

Abcesso ou **Postema.** Collecção de pus no seio. *Veja-se* vol. I, pag. 11.

Cancro do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 440.

Contusão do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 691.

Ecchymose espontanea. Mancha livida ou preta que resulta da extravasação do sangue no tecido subcutaneo do seio. A ecchymose é ordinariamente a consequencia de uma contusão, mas póde tambem sobrevir espontaneamente nas jovens chloroticas, na epoca dos menstruos, ou nas senhoras que se aproximam da idade critica. Consiste em uma mancha mais ou menos extensa, sem engurgitamento do seio. Ás vezes, entretanto, coincide com um augmento de volume do seio. Ora o tumor é indolente, ora existe uma dôr bastante viva que se prolonga á face interna do braço. Esta affecção é pouco grave : desapparece pouco a pouco espontaneamente como veio.

Eczema da areola do bico do peito. Pequenas vesiculas mui conchegadas umas ás outras, que terminam pela resorpção do liquido que contém ou por excoriações superficiaes. Persistem ás vezes por muito tempo. Curam-se com cataplasmas de fecula, e outros meios indicados no ECZEMA EM GERAL, vol. I, pag 897.

Engurgitamento do seio. 1.° *Engurgitamento lacteo.* Observa-se nas amas. A transição subita do calor ao frio, a secreção abundante do leite, intervallos mui longos entre os momentos da lactação, eis as principaes causas do engurgitamanto lacteo. O leite, que estende o seio, dá-lhe maior volume; o seio torna-se duro, e apresenta elevações de espaço em espaço. A pelle não fica corada, e, ás vezes, está mais pallida do que no estado normal. Ha dôres vivas, e ás vezes alguma febre. Este engurgitamento póde desapparecer espontaneamente, ou tornar-se causa de verdadeira inflammação. Quando um só seio está engurgitado, dá-se o outro á criança, e desengurgita-se o seio doente pela bocca de um cachorrinho, o por meio de uma ventosa especial. Applique-se no seio affectado algodão em rama. Se tudo isto não aproveitar, façam-se fricções com oleo camphorado.

2.' *Engurgitamentos indolentes dos seios.* Dá-se este nome ao augmento do seio com perda de uma parte da flexibilidade e da extensibilidade dos tecidos, sem coexistencia de nenhuma producção heterogenea. Ha d'elles diversas especies :

a. Engurgitamento physiologico. Observa-se nas senhoras jovens, nas donzellas, nas epocas proximas da menstruação, e no principio da gra-

videz. Esta variedade é caracterizada por augmento de volume, de densidade, de sensibilidade do seio, tudo acompanhado da proeminencia do bico do peito que se torna mais corado. Todos este phenomenos tem curta duração ; desapparecem no espaço de alguns dias ou de algumas horas.

b. Engurgitamento simples. É consequencia de pancadas no seio, de quédas sobre esta região, da irritação de qualquer especie dirigida sobre o mesmo orgão, da gravidez, do aleitamento, da menstruação irregular. É parcial ou diffuso.

O engurgitamento parcial apresenta-se sob a fórma de um caroço ou de uma dureza, que apparece já na superficie da pelle, já no interior do seio; a pelle que cobre a parte doente póde ser normal, ou estar mais ou menos grossa. Combate-se o engurgitamento parcial com cataplasmas de linhaça ou de fecula, pela applicação de *emplasto de sabão*, e pelas fricções com pomada de iodureto de potassio. Eis-aqui as receitas :

1.ª *Emplasto de sabão.*

Emplasto simples..... ..	200 grammas.
Cera branca.....	10 —
Sabão branco.....	12 1/2 —

Derreta o emplasto com a cera, ajunte o sabão previamente cortado em pedacinhos ou raspado, e incorpore mexendo.

2.ª Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas.

O engurgitamento diffuso é de ordinario consequencia do aleitamento. Combate-se pelos meios que acabei de indicar contra o engurgitamento parcial, associados aos purgantes.

Erysipela do seio. Esta molestia é ordinariamente precedida de calefrios, e caracterizada pela vermelhidão e grande volume que os seios adquirem. Ao mesmo tempo incham as glandulas do sobaco. Existe febre, fastio; ás vezes nauseas e vomitos.

O *tratamento* da erysipela do seio é semelhante ao que se applica nas erysipelas das outras regiões do corpo. No periodo do frio é preciso aquecer a doente com chá de sabugueiro ou chá da India; depois administrar 5 centigrammas de emetico n'uma chicara d'agua morna ou fria para provocar vomitos; e untar o seio com oleo camphorado. É tambem essencial que o seio esteja convenientemente sustido, por meio de um lenço que se passa em roda do pescoço, e que a mulher se deite do lado opposto. Póde-se continuar a dar de mammar. Se ao cabo de tres ou quatro dias, a erysipela não diminuir, póde acontecer que a inflammação se propague aos tecidos mais profundos e forme uma postema. *Veja-se* mais adiante INFLAMMAÇÃO DOS SEIOS; e ERYSIPELA, vol. I, pag. 1001.

Feridas do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 1138.

Fistulas do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 1188.

Hypertrophia do seio. Desenvolvimento exagerado do parenchyma do seio. Esta hypertrophia não é precedida de dôr nem desarranjo nas grandes funcções. Os seios desenvolvem-se, a ponto de que

o augmento se torna notavel diariamente; póde ser tal o desenvolvimento que a uma menina de quinze annos podem-lhe chegar os seios até ao ventre. Compulsando os annaes da sciencia, encontram-se muitos factos d'este genero.

Para obstar ao crescimento disforme dos seios, foram empregados muitos medicamentos. D'entre todos é o iodo que produz os melhores effeitos. Administra-se internamente sob a fórma de *tintura*, na dóse de 4 a 20 gottas, progressivamente; duas vezes por dia, em meio copo d'agua assucarada; e externamente, em fricções, com a pomada de iodureto de potassio. Estes meios devem ser auxiliados pela compressão exercida sobre os seios com collete ou atadura. Eis-aqui as receitas :

1.° Tintura de iodo.....	15	grammas.
2.° Pomada de iodureto de potassio.....	60	—

Inflammação do seio ou **Mastite.** A inflammação dos seios manifesta-se mais frequentemente nas senhoras recem-paridas, ás vezes durante a amammentação ou na epoca da desmammação. Esta molestia declara-se de ordinario no quarto ou quinto dia depois do parto; ás vezes depois. No maior numero de casos, não ataca senão um seio; em algumas circumstancias ambos adoecem ao mesmo tempo; a inchação póde passar de um seio a outro. Distingue-se esta inflammação da erysipela, em ser a inchação subcutanea na mastite, superficial na erysipela.

Os *symptomas* da inflammação dos seios são os séguintes : estes orgãos augmentam pouco a pouco de volume, tornam-se duros, dolorosos; adquirem um volume ás vezes mui grande, e tornam-se vermelhos : a dôr é pungente; e manifesta-se febre, com intensidade proporcionada ao engurgitamento. O rosto fica corado, a mulher sente dôr de cabeça mui viva. A excreção do leite é frequentemente supprimida ou quasi nulla; ás vezes o bico do peito fica achatado e apenas visivel. A febre é ás vezes tão forte, que causa delirio.

Marcha e terminações. A inflammação do seio termina por via de *resolução*, por *suppuração*, ou por um *engurgitamento chronico*. Quando a inchação é pouco intensa, e a mulher segue um tratamento apropriado, não é raro ver esta affecção resolver-se. Esta terminação, que é a mais feliz de todas, annuncia-se a principio pela diminuição, e logo depois pelo desapparecimento dos symptomas inflammatorios; o seio affectado torna-se molle, e volta pouco a pouco ao estado normal. — Conhece-se que se forma a suppuração, pela persistencia ou pelo augmento dos symptomas inflammatorios. O seio doente augmenta progressivamente de volume : picadas, dôres latejantes; isto é, dôres semelhantes a picadas de alfinete, manifestam-se no orgão; a doente experimenta calefrios vagos e irregulares; uma fluctuação mais ou menos sensivel não deixa duvida alguma sobre a formação de um abcesso. — Emfim, a inflammação dos seios póde terminar por endurecimento, que consiste em um tumor duro, indolente ou pouco doloroso, que se desenvolve no seio.

Tratamento. Deve-se fazer quanto seja possivel para prevenir a sup-

puração, porque as consequencias d'esta são sempre desagradaveis. Appliquem-se no seio cataplasmas de linhaça ou de fecula. Convem que a doente fique em repouso e deitada; é necessario que observe uma dieta severa, e faça uso de bebidas diluentes, como cozimento de cevada ou de arroz acidulado com sumo de limão. É essencial que o seio esteja brandamente sostido por meio de uma toalha. Administre-se tambem um brando purgante, como uma garrafa de limonada de citrato de magnesia 15 grammas de oleo de ricino, ou 60 grammas de sulfato de magnesia dissolvido em um copo d'agua.

Acontece assaz frequentemente que, apezar d'este tratamento, a inflammação encaminha-se para a suppuração. Cataplasmas de farinha de linhaça ou de fecula são ainda o unico remedio de que se deve lançar mão; e é preciso continual-as, ainda quando a suppuração esteja estabelecida. Logo que o abcesso estiver maduro convem abril-o com lanceta. Sendo superficial, a mulher pode continuar a dar de mammar; se occupar o interior da glandula mammaria, deve cessar-se a amammentação, para a criança não mammar um leite misturado com pus. *Veja-se* ABCESSO DO SEIO, v. I, p. 11.

Chegamos emfim aos meios que se devem empregar na ultima das terminações, o *endurecimento*. Este tumor é frequentemente confundido com o scirrho, e é effectivamente difficil o dizer-se, em muitos casos, para o seio como para outras glandulas, onde termina o engurgitamento simples, e onde principia a degenerescencia cancerosa; assim, muitas pessoas pretendem haver curado scirrhos que não eram outra cousa mais que engurgitamentos chronicos. Estes engurgitamentos reclamam cataplasmas feitas com farinha de trigo e vinho tinto, fricções com pomada de iodureto de potassio, e emplastos de cicuta. Eis-aqui as receitas :

1.° Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas.

2.° Emplasto de cicuta do tamanho que possa cobrir o tumor.

Kistos do seio. Chama-se *kysto* uma especie de sacco, sem abertura, de ordinario membranoso, que se desenvolve accidentalmente nos orgãos. Os kystos do seio podem conter ora um liquido seroso, limpido; ora sanguineo, ora de consistencia mucilaginosa de côr amarella. Ás vezes estes tumores contém corpos particulares, esbranquiçados, que se julgam vivos, e que se chamam hydatidas; estes são os *kystos hydaticos*. Os kystos podem ser *uniloculares* ou *multiloculares*; este, tem muitos compartimentos, aquelles compõem-se de uma só cavidade.

Causas. São : violencias exteriores, e desarranjos nas funcções menstruaes. Os kystos sanguineos resultam ordinariamente do derramamento accidental ou espontaneo de sangue no interior da glandula mammaria. Quanto aos kystos hydaticos, é mui difficil determinar-lhes as causas.

Symptomas. A principio sente-se um pequeno tumor duro, movediço, não doloroso. Mais tarde o tumor augmenta de volume mais ou menos rapidamente, e torna-se fluctuante. A superficie dos kystos uniloculares é lisa. Quando o kysto é multilocular, o tumor apresenta relevos desiguaes. Os tecidos vizinhos tornam-se duros; o seio faz-se pesado: a

pelle conserva ao principio a côr natural, mas acaba por tomar uma côr rosea mais ou menos escura. No maior numero de casos, estes tumores, não occasionam dôr, nem produzem desarranjo algum nas funcções. Quando influem sobre a localidadade ou sobre o organismo, é só como os corpos estranhos; pelo que as doentes não se queixam d'estes tumores senão quando elles tem adquirido certo desenvolvimento. Os kystos hydaticos são os unicos cujo desenvolvimento se opera de ordinario com certa rapidez; podem, com effeito, em menos de um anno, adquirir o peso de muitos kilos. Quanto mais os kystos são superficiaes, tanto menos o diagnostico offerece difficuldades, porque a fluctuação está então mais evidente. A consistencia do liquido, a espessura e a dureza das paredes, podem escurecer o diagnostico, tornando difficil ou mesmo impossivel a percepção do movimento do liquido. A rapidez do desenvolvimento d'estes tumores, o grande volume que podem adquirir, tudo isto deve tambem ser tomado em consideração. Além d'isto, a ausencia das dôres e de accidentes geraes, distinguem o kysto do scirrho do seio. Nos casos absolutamente duvidosos, uma puncção com trocate fino póde tirar todas as duvidas.

Prognostico. Os kystos do seio são não graves por si mesmos; mas como podem incommodar por seu volume ou peso, alterar mecanicamente as regiões e os orgãos vizinhos, é necessario muitas vezes extrahil-os.

Tratamento. Os medicamentos interiores e as applicações locaes, taes como a pomada de iodureto de potassio, a compressão, os causticos, etc., não tem, em geral, influencia sobre os kystos; é preciso, por conseguinte, recorrer a uma operação cirurgica. Os kystos podem ser tratados como o hydrocele, pela puncção simples, incisão, injecção irritante, pelo sedenho, emfim pela extirpação. Um cirurgião prudente deve empregar estes meios na ordem aqui indicada. Bem que a extirpação nunca seja uma operação essencialmente grave, quando se pratica para um tumor que não tem relações com as funcções principaes do organismo, comtudo é melhor proceder lentamente, e não chegar á ablação do kysto, senão depois de ensaiados os primeiros meios, que tem por fim esvaziar o tumor, ou provocar a adhesão das suas paredes e por conseguiente a sua obliteração. — Quando o kysto não incommoda não se lhe deve tocar. *Veja-se* vol. II, pag. 264.

Lipoma do seio. Tumor gorduroso do seio. Não differe dos lipomas das outras regiões (*veja-se* vol. II, pag. 319). Conhece-se pela molleza; a saude geral é excellente. A marcha excessivamente lenta do tumor e a ausencia da dureza impedem que se confunda com o tumor canceroso ou adenoide. — Esta affecção não apresenta gravidade alguma. Não ha applicações externas nem medicameutos internos que possam fazer desapparecer estes tumores; podem sem inconveniente ser abandonados a si mesmos; e não se deve recorrer á extirpação senão quando incommodam pelo seu volume-*Veja-se* vol, II, pag. 319.

Nevralgia do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 495.

Nevroma do seio. Os nevromas do seio são pequenas nodosi-

dades duras quo existem debaixo da pelle ou no interior do seio, principalmente do lado da axilla; occasionam dôres vivas, lancinantes que se manifestam em todas as direcções. Estas dôres apparecem por accessos, desapparecem ás vezes espontaneamente para voltarem ao menor contacto, pela menor pressão, e mesmo sem causa apreciavel.

Tratamento. Consiste em applicações de cataplasmas de linhaça, simples ou regadas com laudano de Sydenham, e em uncções, de manhã e á noite, com o linimento seguinte :

Chloroformio.....	2 grammas.
Glycerina.....	15 —

Se este tratamento não acalmar as dôres, é preciso fazer a extracção do pequeno tumor. *Veja-se* vol. II, pag, 498.

Postema do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 11.

Rachas do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 332.

Scirrho e cancro do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 440.

Tumores do seio. Os tumores do seio são muito frequentes; as senhoras, que são affectadas d'elles, ficam muito inquietas. Existem com effeito, tumores de extrema gravidade, que deterioram a economia inteira; são os *tumores cancerosos* ou *malignos;* outros, que são muito mais numerosos, e que apresentam caracteres oppostos, não apresentam perigo algum; nem influem sobre a saude geral, chamam-se benignos; são : *engurgitamentos do seio; hypertrophias; kystos; lipomas; nevromas; tumores adenoides, calcareos, lacteos, tuberculosos.*

I. Engurgitamentos do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 971.

II. Hypertrophia do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 972.

III. Kystos do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 974,

IV Lipomas do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 975.

V. Nevromas do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 975.

VI. Tumores adenoides ; Adenomos; ou Tumores fibrosos do seio. Dá-se este nome a tumores pequenos, mas susceptiveis de tomar crescimento formados, a principio, pela *hypertrophia parcial da glandula mammaria.* A denominação de *adenoides* provém das palavras gregas *aden* glandula, e *eidos* fórma, porque lembra a semelhança d'estes tumores com o tecido das glandulas. O nome de *fibrosos*, que lhes dão outros autores, procede da sua textura firme, formada pela reunião de elemento anatomico, comprido e delgado, chamado *fibra.* Mostram-se debaixo da fórma de pequenas massas, as mais das vezas unicas, ás vezes multiplas, cujo volume varía entre o de uma avelã e o de um ovo ; já se tem observado alguns mais consideraveis. São mais ou menos arredondados. Ao desenvolverem-se, afastam os tecidos sãos, sem destruil-os e sem contrahir adherencias com elles. Ás vezes achou-se um pequeno pediculo ligando o tumor á glandula mammaria, o que indica que o tumor não é outra cousa senão um lobo hypertrophiado que se separou insensivelmente do seio, e que o pediculo representa um conducto lacteo mais ou menos alterado. Exteriormente estes tumores apresentam o aspecto dos tumores fibrosos; quando são menos duros e menos regulares, tem a

apparencia dos tumores malignos; mas não dá o *succo canceroso*, lactescente, quando, depois de cortados, se lhes raspa a superficie. Quando o adenomo é volumoso, a sua superficie torna-se desigual; apresenta lobos separados por tecido cellular; fica mais molle; ás vezes, quando é antigo, contém kystos no interior; outros são duros, e como fibro-cartilaginosos.

Causas. As mais das vezes a causa d'estes tumores não se póde indicar. A maior parte das doentes accusam uma contusão. Estes tumores mostram-se ordinariamente antes da idade de quarenta annos. São mais frequentes nas senhoras que não tiveram filhos.

Symptomas. O começo é lento, insensivel; as mais das vezes, o tumor tem adquirido certo volume quando a mulher conhece a sua presença levando, por acaso, a mão ao seio. É raro que estes tumores sejam dolorosos, mesmo quando comprimidos; todavia, dôres vivas podem existir ás vezes, como nos tumores malignos. Acontece, que nas epocas menstruaes o tumor augmenta de volume e apresenta certo gráo de sensibilidade. A pelle é normal; o tumor occupa um dos lados do seio, de ordinario a parte superior e externa; parece arredondado. Applicando a mão, verifica-se que o tumor *não contrahio adherencias* com a parede do peito. Em alguns casos notou-se a adherencia do bico do peito. Pela palpação conhecem-se as proeminencias sobre o tumor. Comprimindo-o lateralmente póde-se fazer escorrer pelo bico do peito um liquido serosanguinolento como no cancro. No começo o tumor é duro e elastico: mais tarde póde apresentar alguma molleza, em consequencia do amollecimento central, ou da formação de kystos. Não se observa nem engurgitamento dos ganglios axillares, nem febre ou outros symptomas geraes que se manifestam no cancro.

Marcha, duração, terminações. A marcha dos tumores adenoides é lenta. Ficam de ordinario estacionarios durante dez, quinze annos, durante toda a vida; ás vezes, porém, amollecem superficialmente; as veias sub-cutaneas dilatam-se, a pelle enrubece e acaba por ulcerar-se. A ulcera está limitada á pelle, as suas margens não são duras; distilla um pus abundante e fetido. Em alguns casos, a inflammação determina uma inchação das glandulas na axilla, que não se deve confundir com o engurgitamento ganglionar canceroso. A ulceração do tumor, felizmente mui rara, póde embaraçar o medico, quando se trata de declarar a natureza da molestia. Discutirei o diagnostico differencial no fim d'este artigo.

Prognostico. Não é grave, visto que o tumor é de natureza benigna, e não influe sobre a saude geral. Entretanto se o tumor tornar-se em ulcera, a doente estará exposta aos inconvenientes das largas chagas suppurantes. Admitte-se como possivel o desapparecimento espontaneo dos tumores adenoides.

Tratamento. Quando o adenomo é pequeno, e não excede o volume de uma castanha, devem fazer-se fricções de manhã e á noite com a pomada seguinte:

Iodureto de potassio.....	4 grammas.
Iodo.....	50 centigrammas.
Banha.....	30 grammas.

Ao mesmo tempo a doente tomará uma colher *de sopa* do xarope seguinte, de manhã e á noite :

Xarope de saponaria.....	300 grammas.
Iodureto de potassio.....	10 —

A doente terá o cuidado de manter sobre o seio uma ligadura bastante apertada.

O tumor diminue ás vezes depois de um ou dois mezes d'este tratamento; cumpre então continual-o até á cura completa. Mas se estes meios não derem bom resultado, se o tumor continuar a fazer progressos, se se tornar em ulcera, convem fazer a extracção. Nas circumstancias oppostas, é preciso abster-se da operação que póde ser inutil e mesmo perigosa.

VII. Tumores calcareos. Encontram-se ás vezes no interior do seio concreções cretaceas que se apresentam, umas debaixo da fórma de agulhas, de laminas mais ou menos frageis, outras debaixo da fórma de cascas de ovo : estas parecem consecutivas a antigos focos sanguineos ou purulentos; outras, emfim, constituem verdadeiros calculos. Estes tumores mostram-se sem causa apreciavel; occasionam certo incommodo pelo seu peso. Podem causar dôres muito vivas, que ás vezes augmentam nas epocas menstruaes. A marcha d'esta affecção é extremamente lenta.

Quando estes tumores são pouco volumosos é preciso abster-se de qualquer tratamento, porque as applicações locaes e os medicamentos internos não tem effeito sobre uma semelhante affecção. Se incommodarem muito ou produzirem dôres, convem extrahil-os.

VIII. Tumores cancerosos, scirrhosos. *Veja-se* vol. 1, pag. 440.

IX. Tumores lacteos. Os tumores lacteos são formados pelo leite que ora infiltra-se no tecido cellular que envolve o seio, ora reune-se em um kysto. Estes parecem constituidos pela dilatação excessiva de um conducto lactifero. As paredes do kysto são lisas, cercadas do tecido glandular dilatado ou comprimido, e traspassados por pequenos buracos que não são outra cousa senão orificios dos conductos lactiferos que vem abrir-se no foco. Ás vezes encontram-se no mesmo seio dois ou mais kystos lacteos, perfeitamente isolados em certos casos, mas que ás vezes communicam entre si por ulcerações que destruíram os septos interlobulares, de tal maneira que o tumor apresenta relevos na superficie e os focos são anfractuosos. Póde suppôr-se, que estes kystos são produzidos pela accumulação do leite n'uma parte de um canal lactifero cujo orificio está obliterado, e que a accumulação do leite incessantemente formado provoca o desenvolvimento do sacco kystico. Ora o sacco contém leite puro sem nenhuma especie de alteração; ora o soro de leite está separado do caseo; outras vezes, emfim, a parte liquida está absorvida, e fica só a massa butyrosa, caseosa, que póde tornar-se dura e formar verdadeiras concreções.

Causas. Os tumores lacteos apparecem, em geral, depois do parto, durante a amammentação, ou depois de desmammada a criança.

Symptomas. O seio apresenta n'uma parte da sua extensão uma inchação anormal, sem que a doente tenha sentido as dôres inherentes a uma inflammação. A inchação augmenta quando a criança começa a mammar. Quando o tumor contém leite, póde-se sentir a fluctuação; mais tarde, estando a parte liquida absorvida, o tumor é molle, conserva a impressão do dedo. O kysto encerra então uma substancia meio-solida, que não é outra cousa senão caseo. A marcha d'esta affecção é muito lenta, Ás vezes os tumores lacteos desapparecem espontaneamente; outras vezes a pelle abre-se, o leite escorre para fóra; estas fistulas fecham-se depois de algum tempo.

Diagnostico. É bastante difficil reconhecer os tumores lacteos quando principiam; entretanto a existencia da fluctuação, sem que se tivessem manifestado precisamente os symptomas da inflammação, póde conduzir ao diagnostico. Não haverá mais duvida quando uma abertura espontanea ou feita com bisturí deixar escorrer certa quantidade de leite. Quando a parte liquida do leite desappareceo, o diagnostico não póde ser estabelecido senão segundo as circumstancias antecedentes.

Prognostico. Não é grave, mas estes tumores necessitam a suppressão da amammentação.

Tratamento. É preciso desmammar a criança, e seccár o leite tomando um ou dois purgantes, e usando de bebidas refrigerantes : limonada de limão, de laranja, de tamarindos. Depois cumpre occupar-se do kysto. A punccão simples seguida de uma injecção com tintura de iodo tem sido empregada; este meio póde ter bom resultado; se mallograr, é preciso recorrer a um meio que favoreça a suppuração de toda a cavidade do kysto : a incisão para os tumores de pequeno volume; sedenho para os grandes kystos. Os tumores concretos devem ser extirpados.

X. Tumores tuberculosos do seio. São raros. Estes tumores são formados por tuberculos espalhados na espessura do tecido glandular, ou reunidos em tumores ou circumscriptos. As mais das vezes estes tumores são seguidos de abcessos. O tratamento consiste em fortificar a constituição, por um bom regimen, ar puro, banhos do mar, banhos aromaticos, e vinho de quina.

Signaes distinctivos dos tumores do seio. Supponhamos uma senhora affectada de tumor do seio; trata-se de determinar a natureza da molestia. Tres categorias de tumores podem existir no seio : um tumor *liquido*, um tumor *solido* ou um tumor *ulcerado*.

1.° *Tumores liquidos.* Conhece-se um tumor liquido pela sua molleza e fluctuação. Um tumor liquido póde ser um *abcesso*, um *kysto*, um *cancro encephaloide amollecido*, um *lipoma mui molle*, um *tumor lacteo.*

Não é difficil conhecer um abcesso agudo, que sobrevem depois do parto, um kysto unilocular mui volumoso, um tumor encephaloide de grande dimensão, apresentando todos os symptomas locaes e geraes do cancro; mas ha casos em que é difficil determinar os symptomas do abcesso, sobretudo do abcesso frio, e os symptomas geraes do cancro; além d'isso, o kysto póde ser composto de muitos loculamentos e então a fluctuação não está mui evidente.

a. Reconhece-se um *abcesso*, quando não existe symptomas algum de tumores malignos, quando a pelle está um pouco quente ao nivel do tumor. A compressão determina, nos abcessos duvidosos, uma dôr bastante viva, que não se produz comprimindo os outros tumores. Se a parte culminante do tumor estiver vermelha, a vermelhidão será uniforme e desapparecerá debaixo do dedo, para tornar a apparecer depois. Para outros symptomas dos abcessos consulte-se o artigo ABCESSO DO SEIO, vol. I, pag. 11.

b. Reconhece-se um *kysto unilocular* pela ausencia de qualquer symptoma inflammatorio, de qualquer signal de tumor maligno, a pela fluctuação. O kysto *multilocular* não determina igualmente senão symptomas locaes não inflammatorios; a sua superficie apresenta relevos; mas estes relevos são lisos e arredondados; e não asperos e angulosos como os do cancro; algumas d'estas proeminencias são fluctuantes.

c. O *cancro encephaloide* amollecido não apresenta fluctuação senão na sua parte superficial; a superficie do tumor, ordinariamente um pouco vermelha, é percorrida por pequenas veias, que a pressão do dedo não faz desapparecer; na base o tumor apresenta proeminencias; muitas vezes está adherente á parede thoracica, o bico do peito está ordinariamente deprimido; as veias sub-cutaneas estão dilatadas até certa distancia. Póde-se, ás vezes, verificar o engurgitamento dos ganglios axillares, o emmagrecimento da doente e a côr livida do rosto, symptomas que indicam o começo da cachexia cancerosa. Além d'isto, investigando as circumstancias antecedentes e o modo do desenvolvimento da molestia, não se ha de conservar mais duvida. Emfim, um trocate introduzido no tumor dará sahida ao sangue.

d. O *lipoma* é mui raro. Se existir, e se estiver um pouco fluctuante, reconhecer-se-ha pela ausencia de qualquer outro symptoma. Não é acompanhado nem de dôr, nem de inflammação, nem de proeminencias, nem de engurgitamento dos ganglios axillares. Os seus limites confundem-se insensivelmente com os orgãos vizinhos. O trocate explorador não dá sahida a liquido algum.

e. O *tumor lacteo*, raro tambem, é difficil de reconhecer. A ausencia de qualquer symptoma inflammatorio distingue-o de um abcesso; a ausencia dos symptomas do cancro não permitte que se confunda com um tumor maligno, mas tem muita analogia com um kysto unilocular. Cumpre lembrar que o tumor lacteo mostra-se sobretudo durante a amammentação ou pouco tempo depois de se desmammar a criança. Além do que, o tumor lacteo nunca attinge grandes dimensões, e é acompanhado de algumas dôres que não existem nos kystos. O trocate explorador, que é necessario empregar sempre antes de fazer qualquer operação, dará sahida ao leite.

2.° *Tumores solidos*. Reconhecido um tumor solido, qual é a sua natureza? Póde ser um *tumor calcareo*, *tuberculoso*, *cartilaginoso*, uma *hypertrophia total do seio*, um *engurgitamento inflammatorio*, um *tumor adenoide*, um *tumor maligno*.

a. Os tres primeiros são mui raros. Os tumores *calcareos* são difficeis

de reconhecer; são mui duros, e, ás vezes, póde-se determinar n'elles uma crepitação devida á ruptura de alguma lamina, de qualquer agulha calcarea. Por causa da sua pouca frequencia, raras vezes se pensa na possibilidade de um tumor calcareo, quando se examina um tumor do seio. Os tumores *tuberculosos* serão reconhecidos pelos caracteres seguintes : existem as mais das vezes nas mulheres escrophulosas; são espalhados no seio, e determinam de ordinario a formação de um abcesso frio. Os tumores *cartilaginosos* (*enchondromos*) são extremamente raros no seio. Estes tumores apresentam os mesmos caracteres que nas outras regiões (*veja-se* ENCHONDROMO).

b. A *hypertrophia total* do seio é facil de reconhecer; invade toda a glandula, de que o bico do peito occupa o centro. Em certos casos sentem-se os lobos augmentados de volume. Quando o seio está molle e os lobos não estão distinctos, não se deve crêr que existe unicamente no elemento gorduroso, que entra na constituição da glandula mammaria.

c. O *engurgitamento inflammatorio* é uma induração do tecido do seio ao redor de um foco phlegmatico que foi ou não a séde da suppuração. Basta explorar a região para estabelecer o diagnostico. O tumor é de data recente; é duro, doloroso á pressão; muitas vezes foi precedido de abcesso.

d. Os *tumores fibrosos* ou *adenoides* (*adenomos*) e os tumores malignos apresentam numerosos pontos de semelhança. Em ambos os casos o começo é lento; podem existir dôres, um corrimento sero-sanguinolento pelo bico do peito, e uma tumefacção na epoca menstrual. O tumor, em ambos os casos, é duro e com relevos; invade um só ponto da superficie do seio. No cancro e no adenomo a pelle póde estar adherente e avermelhada; as veias sub-cutaneas podem estar ditatadas. Emfim o tumor adenoide póde vir de novo depois de extrahido. — Eis-aqui quaes são os elementos do diagnostico : 1.° o *começo* do cancro faz-se com menor lentidão; 2.° as *dôres* são muito mais frequentes no cancro; são lancinantes e muitas vezes não deixam dormir as doentes, phenomeno excepcional no adenomo; 3.° as proeminencias do cancro são quasi sempre duras e angulosas, no adenomo são arredondadas; 4.° a pelle adhere mais cedo ao tumor quando se trata do cancro, e o tumor contrahe rapidamente *adherencias* com os tecidos profundos; 5.° as veias sub-cutaneas dilatam-se mais cedo e mais largamente no cancro; 6.° a vermelhidao e a *lividez* da pelle do seio são mais frequentes no cancro e mostram-se rapidamente; 7.° a marcha do cancro é mais rapida que a do adenomo, que muitas vezes fica estacionario; 8.° o cancro determina o engurgitamento dos ganglios axillares, o que não apparece no adenomo; 9.° emfim, o cancro produz *symptomas geraes*, côr *amarella do rosto*, *emmagrecimento rapido*, *febre*, o que não existe no adenomo.

3.° *Tumores ulcerados*. Nao se comprehendem debaixo d'este nome as ulcerações fistulosas que succedem a um abcesso do seio, nem casos excepcionaes da abertura de um tumor lacteo. Ha duas especies de tumores que podem tornar-se em ulceras, e que tem entre si grande analogia : são os *tumores adenoides* e os *tumores malignos*. Para distinguil-

os é preciso em primeiro logar ponderar os caracteres particulares que acabei de indicar. A ulcera não é a mesma em dois casos : a ulcera cancerosa tem as margens viradas e duras ; deita sangue ao menor contacto e os restos do sangue coagulado dão-lhe côr preta ; distilla um liquido sero-sanguinolento, fetido, liquido canceroso. A ulcera do adenomo, que aliás se observa mais raramente, é menos exuberante ; de ordinario não produz hemorrhagias, apresenta uma verdadeira suppuração. De mais, no periodo de ulceração, os ganglios axillares estão sempre inchados no cancro, e existem já symptomas de cachexia cancerosa.

No adenomo ulcerado, os ganglios raras vezes estão affectados, e quando tal acontece não são numerosos; rolam debaixo do dedo e apresentam certo gráo de sensibilidade, porque são o resultado da inflammação que acompanha o adenomo. Symptomas geraes podem com effeito mostrar-se no adenomo ulcerado, mas não tem nem intensidade nem analogia com os do cancro, consistem em um simples emmagrecimento.

Molestias do seio no homem. As molestias do seio observadas no homem são as mesmas que na mulher; mas são infinitamente menos frequentes, e apresentam-se ás vezes com caracteres especiaes que devem ser indicados,

O seio toma, em alguns casos, um desenvolvimento consideravel; a *hypertrophia* tem logar especialmente nos tecidos gordurosos e fibrosos, e é acompanhada ás vezes de dôres que apresentam todos os caracteres da *nevralgia do seio*.

O *eczema do bico do peito e da areola* é mui raro no homem; combate-se pelos meios indicados no *Eczema em geral*.

Os *abcesos da região mammaria*, desenvolvem-se, quer entre o seio e as paredes do peito, quer no tecido cellular sub-cutaneo. São occasionados as mais das vezes pela contusão violenta da região ; mostram-se ás vezes espontaneamente na epoca da puberdade. Comportam-se como os abcessos nas outras regiões e reclamam o mesmo tratamento.

Os *kystos*, os *tumores adenoides* são mui raros. Os *cancros* observam-se ás vezes, e apresentam o mesmos caracteres anatomicos e os mesmos symptomas que na mulher. Desenvolvem-se principalmente debaixo da fórma de scirrho.

Molestias do seio nos recem-nascidos e nas crianças mui jovens. Não é raro, nas crianças recem-nascidas, observar uma tumefacção do seio. Este phenomeno observa-se tambem nos meninos como nas meninas, e mostra-se depois da queda do cordão umbilical. O bico do peito deixa escorrer um liquido que contém todos os elementos do leite. Este estado provoca ás vezes inflammação e abcessos, que necessitam a applicação de cataplasmas de linhaça ou de fecula.

SELTZ ou *Selters*. Ducado de Nassau na Allemanha. Aguas gazosas frias. A aldeia de *Seltz* está situada a 45 kilometros de Francfort. Possue a celebre fonte que tem o mesmo nome, uma das mais gazosas do mundo. A agua brota de terra com impeto e fazendo ouvir grande ruido; sua temperatura é fria (16° centigrados). Não existe estabelecimento

thermal n'esta localidade ; a agua da fonte deita-se em botijas e entrega-se ao commercio em porções consideraveis.

A agua de Seltz é fresca, limpida, sem cheiro, de sabor acidulo e picante. Segundo a analyse de Kastner contém, por litro, cerca de 3 grammas de saes que são : carbonatos de soda, de lithia, de estronciana, de cal, de magnesio, de ferro, de manganez; sulfato de soda, phosphato de soda, de titlia, de cal, de alumina ; silica ; fluorureto de calcio ; chlorureto de sodio, de potassio ; bromureto de sodio. Contém, além d'isto, por litro, 1200 centimetros cubicos de gaz acido carbonico, a que deve as principaes propriedades. Emprega-se na gastralgia, nas molestias do estomago, da bexiga e de muitas outras molestias. Mas o uso das aguas de Seltz *natural* diminuio muito desde que a chimica achou meios de fabricar a *agua Seltz artificial*. Esta ultima contém mesmo maior proporção de gaz acido carbonico do que a agua natural. A agua de Seltz artificial contém até 4 ou 5 volumes de gaz acido carbonico, entretanto que a natural, conservada nas botijas, não contém senão cerca de meio volume d'este gaz. O deposito da agua natural de Seltz existe no Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert, rua do Ouvidor, 66.

Agua de Seltz artificial agua gazosa simples, vol. I, p. 68.

SELINO PALUSTRE. *Selinum palustre*. Planta que habita nos prados humidos do norte da Europa. Foi empregada, desde a mais remota antiguidade, contra a epilepsia, ; depois cahio em esquecimento, quando en 1806, um camponez da Curlandia (Russia), que curava a epilepsia com esta planta, deixou subtrahir o seu segredo. N'estes ultimos annos, um medico francez preconizou-a novamenle contra esta molestia. A raiz é a unica parte empregada.

Administra-se em pó, na dóse de 3 grammas por dia, em tres porções. Todas os dias augmenta-se a dóse de 1 gramma, durante a primeira semana ; augmenta-se de 2 grammas todos os dias durante a 2ª semana ; 3 grammas durante a 3ª semana ; e assim successivamente até o doente tomar 120 grammas por semana ; e continua-se esta dóse durante seis semanas.

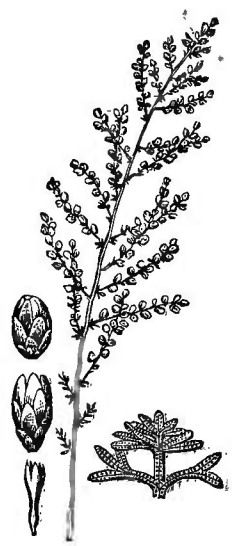


Fig. 822. — *Artemisia contra.*

SEMEM-CONTRA. Designa-se com este nome um medicamento que tem a apparencia de semente, e que se emprega ha muito tempo contra as lombrigas. Mas esta supposta semente não é outra cousa, quando se examina de perto, senão a reunião de pequenas flores, de destroços de folhas, de talos e de sementes que pertencem á *Artemisia contra*, Linneo, planta que habita nos arredores de Alepo, cidade da Syria (fig. 822).

O semen-contra merece a reputação que tem como vermifugo ; tem a dupla vantagem de expulsar as lombrigas que se acham no canal intestinal das crianças, e, por suas propriedades aromaticas, de fortificar o estomago. Emprega-se debaixo de muitas fórmas ; na dóse de 1 a

4 grammas em infusão como chá, ou em pó misturado com assucar, doces, etc. Do semem-contra extrahe-se uma substancia chamada *santonina*, que se apresenta em laminas brancas, sem cheiro nem sabor. Com a santonina preparam-se pastilhas, que se vendem com o nome de *Pastilhas vegetaes contra as lombrigas;* são muito efficazes e as crianças tomam este remedio sem repugnancia.

SEMICUPIO. *Veja-se* vol I, pag. 291.

SEMOLA. Pastel de farinha de trigo finissima ou de farinha de arroz em granitos, de que se fazem sopas. Chama-se *semola branca*, a que se faz com a farinha de arroz; *semola amarella*, a que se faz com a flor de trigo, á qual se ajunta tintura de açafrão, coentro e gemas de ovos. A semola de Italia, e sobretudo a de Genova, é muito afamada. É empregada, como a aletria, para as sopas gordas e magras. É um alimento são, de facil digestão e que convem a todas as pessoas.

SENE. Assim se chamam as *folhas* e os fructos chamados *folliculos* de muitas especies do genero *Cassia*, que se distinguem em *Cassia obovata* (fig. 823)



Fig. 823. — Sene (*Cassia obovata*).



Fig. 824. — Sene (*Cassia acutifolia*).

e *acutifolia* (fig. 824). São pequenos arbustos do Alto-Egypto, Arabia e Syria. A *cassia obovata* cultiva-se na Italia e Hespanha. O sene é um purgante constante em seus effeitos, que occupa o logar intermedio entre os drasticos, taes como a jalapa, o aloes, e os laxantes, como o manná e o oleo de ricino. Na dóse de 4 a 12 grammas, é associado quasi sempre ao manná ou ao sal de Glauber. Empregado só em infusão em agua quente, a sua dóse é de 15 grammas para 250 grammas d'agua fervendo. Nunca deve ser fervido em agua, porque os seus principios purgativos alteram-se pela cocção. O sene serve para a preparação do *café purgativo*, empregado para as crianças que não querem tomar um remedio sob a fórma ordinaria. Eis-aqui como se prepara esta bebida. Infundem-se 4 grammas

de sene em 125 grammas d'agua fervendo, côa-se, e prepara-se com este liquido uma chicara de café, ao qual se ajunta leite e assucar.

Pó laxativo de Vichy do Dᵒʳ Souligoux. É uma preparação de sene e diversas outras substancias vegetaes e aromaticas, que serve para tonificar os intestinos e despertar as funcções contractis e secretorias.

Emprega-se este pó contra as prisões do ventre de qualquer natureza que sejam, principalmente n'aquellas occasionadas pela suppressão passageira da circulação bilaria; contra as colicas hepaticas, os engurgitamentos do figado com ictericia, a atonia intestinal, etc.

Empregando-se o *pó laxativo de Vichy*, evita-se que se forme no estomago e nos intestinos os gazes que caracterizam a dyspepsia flatulenta e impede-se, por conseguinte, a vertigem estomacal que é a consequencia d'essa dyspepsia.

Tambem se emprega este pó como depurativo, nas molestias da pelle que não são parasitarias.

Toma-se o na dóse de una colher *de chá*, á noite ao deitar. O effeito se produz no dia seguinte pela manhã, sem colicas nem diarrhea, em uma evacuação natural.

O deposito geral do *pó laxativo de Vichy do Dᵒʳ L. Souligoux* acha-se em Pariz, avenue Victoria, nº 6.

SENTIDOS. Os sentidos, attributo essencial dos animaes, formam uma das suas mais bellas prerogativas: são, com effeito, os instrumentos que nos põem em relação com os corpos externos; por elles é que adquirimos quasi todos os nossos conhecimentos, e é a elles que devemos, em grande parte, a intelligencia que faz do homem um ente especial. Os sentidos andam sempre em harmonia com a natureza das necessidades dos animaes, e variam com a sua organização inteira. D'entre todos é o homem que possue sentidos mais generalmente perfeitos. Se não tem tão boa vista como a aguia, se não distingue os objectos durante a noite, como os animaes destinados a perseguirem a presa nas trevas, se não tem o olfacto do cão nem o ouvido da lebre, a reunião dos seus sentidos é superior á d'estes animaes, e pelo tacto deixa-os muito atraz de si.

Sendo os sentidos destinados para nos pôr em relação com o universo, segue-se d'isto que todos os corpos da natureza são capazes de excital-os; mas cada um d'elles é susceptivel de uma excitação especial. Existem corpos que actuam sobre muitos sentidos ao mesmo tempo. Quando a acção de um agente externo é nova, é ordinariamente viva; quando se repete, diminue de vivacidade. Entretanto, observa-se que a excitação moderada dos sentidos augmenta-lhes a delicadeza e a energia; assim, um pintor vê em um painel uma multidão de objectos que escapam aos olhos vulgares; porque o sentido da vista tem adquirido n'elle um gráo de perfeição mui notavel; do mesmo modo o ouvido de um musico percebe em um concerto uma graduação de tom imperceptivel para qualquer outro; uma nota falsa affecta-o desagradavelmente. Mas o abuso de estimulantes muito energicos, como o brilho de uma luz viva, os sons muito estrondosos, os cheiros mui penetrantes, os licores espirituosos mui concentrados, embotam, com o tempo, a energia dos sentidos.

A inacção absoluta produz o mesmo effeito. Toda a educação se funda n'esta observação : que os sentidos e os outros orgãos desenvolvem-se pelo exercicio, e pelo costume, quando este e aquelle são bem ordenados.

A imperfeição ou a falta de um sentido dá aos outros, por uma feliz compensação, maior delicadeza, e extensão. Quanto não se admira ao ver que o cego ouve de longe o mais leve ruido, e adquire pelo tacto e olfacto muitas noções que escapam aos outros homens? Quem não sabe que o surdo vê tudo, que adivinha até a palavra pelos simples movimentos dos beiços e da bocca, e que lê por meio de caracteres traçados sobre as suas costas, etc.

Os sentidos são cinco; cada um tem um orgão especial : o olho é o orgão da *vista*, a orelha o do *ouvido*, o nariz o do *olfacto*. O *gosto* e o *tacto* não tem uma séde tão determinada; entretanto, a mão é mais ordinariamente o agente d'este, a lingua é o orgão principal d'aquelle. A perfeição dos sentidos é muito importante para o desenvolvimento da intelligencia; devemos, por conseguinte, empregar todo o nosso cuidado em conservar e melhorar estes preciosos instrumentos.

Cada um dos sentidos acha-se descripto n'um artigo especial. *Veja-se* Vista, Ouvido, Gosto, Olfacto e Tacto.

SEQUESTRO. Porção de osso privada de vida, assim chamada por separar-se do resto do osso ainda vivo. O sequestro apparece na molestia chamada *necrose*.

SERINGA. Instrumento que serve para tomar ou dar clysteres, e fazer diversas injecções. As seringas podem ser de estanho, de borracha, de uma fazenda impermeavel, de tripa de vacca, etc. Além d'isto existem seringas com caixa em que se deita agua ou outro liquido e que se chamam em francez *clysoir*. Ha tambem pequenas seringas de vidro que servem para injecções em que entra o azotato de prata. Se para estas injecções fossem empregadas as seringas ordinarias, seriam decompostas pelo azotato de prata, e o remedio não poderia produzir o seu effeito; entretanto que o vidro não é atacado por aquella substancia. *Veja-se* Clyster.

SERINGATORIO. Injecção feita com seringa V. Injecção.

SERINGUEIRA ou Páo seringa. *Siphonia elastica*, Pers. Grande arvore da familia das Euphorbiaceas. Cresce em abundancia em estado silvestre nas provincias do Amazonas e Pará; encontra-se em menor escala no Maranhão, e apparece em não pequena quantidade no Ceará e no Rio Grande do Norte, acha-se com preferencia nos logares alagadiços. Chega a ter n'essas provincias $8^{m},80$ a $17^{m},60$ de altura, e $2^{m},20$ a $2^{m},64$ de grossura. Tem as folhas de peciolo longo compostas de 3 foliolos ovaes alongados, pontudos, inteiros; flores dispostas em paniculas terminaes; fructo, grande capsula composta de tres cellulas lenhosas, arredondadas; sementes arredondadas, de episperma liso, arroxeado; a amendoa é branca, oleaginosa, de gosto agradavel, e póde comer-se sem nenhum inconveniente. D'esta amendoa extrahe-se um oleo fixo, roxo-claro, assemelhando-se á côr do vinho velho do Porto. O processo da extracção é igual ao empregado para extrahir o

oleo de mamona. Serve este oleo para substituir o de linhaça, mas não é tão seccativo; misturado com a gomma copal e terebinthina, forma bom verniz, e póde tambem ser empregado com vantagem no fabrico de sabão duro e da tinta typographica. Das incisões feitas no tronco da seringueira mana um succo esbranquiçado, que pela dessecção constitue a substancia elastica, que recebeo os nomes de *cautchuc*, *gomma elastica* ou *borracha*. É mais geralmente conhecida no Brazil debaixo d'este ultimo nome. *Veja-se* BORRACHA.

SERPÃO ou **Serpilho.** *Thymus serpillum*, Linneo. Labiadas. Pequena planta, cultivada nos jardins. Caules deitados e delgados, folhas pequenas, flores purpureas e cheirosas. As abelhas procuram muito o seu succo. Emprega-se em banhos aromaticos, como estimulante.

SERPENTARIA DE VIRGINIA. *Aristolochia serpentaria*. Willdenow. Aristolochias. Planta da Carolina e da Virginia (fig. 825). A raiz é empregada em medicina. Esta raiz compõe-se de um tronco commum delgado, de que partem numerosas fibrilhas longas, entrelaçadas, ramosas, de côr fusca; cheiro aromatico, camphorado; sabor quente e amargo.

A raiz da serpentaria de Virginia é um excitante energico. Emprega-se nas molestias caracterizadas pela debilidade. Usa-se sob a forma de infusão, que se prepara com 4 grammas de raiz de serpentaria e 120 grammas d'agua fervendo.

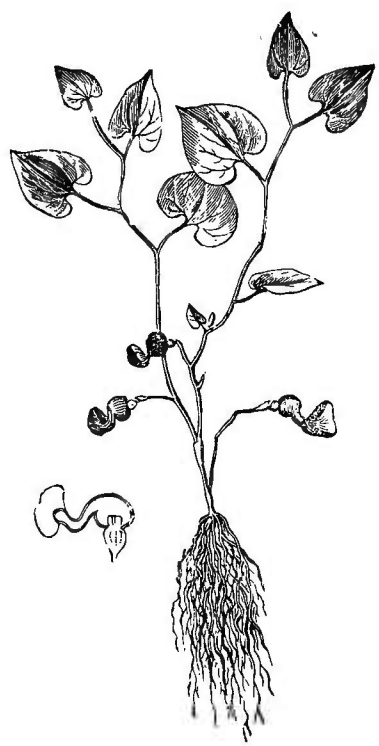


Fig. 825. — Serpentaria de Virginia.

SERRALHA. *Sonchus levis*. Velloso. Planta do Brazil, da familia das Chicoraceas. Come-se cozida, e o seu cozimento usa-se como desobstruente e depurativo. 15 grammas para 500 grammas d'agua.

SERRALHINHA. *Sonchus oleaceus minor*. Planta annual do Brazil; habita no Pará, Maranhão, etc. Aperiente, diuretica, empregada contra a inflammação do figado e dos rins, internamente em cozimento, na dóse de 15 grammas para 500 grammas d'agua.

SEZÕES. *Veja-se* FEBRE INTERMITTENTE.

SIBA ou **Chóco.** *Sepia offinalis*. Linneo (fig. 826). Mollusco cephalopodo abundante nas costas do Oceano. A especie mais conhecida tem mais de 35 centimetros de comprimento; corpo oval, largo, deprimido, pardo, com pontos purpureos. A bocca contém dois queixos corneos de côr preta, e encurvados como o bico do papagaio (fig. 826 *aa'*), e tão fortes que desfaz com elles os mariscos com que se alimenta; os olhos, que são tamanhos como os de um novilho, são mui fundos, rodeados de muitos circulos prateados, e são mui proeminentes. Este mollusco tem 8 tentaculos que lhe servem

para reter os objectos que quer agarrar; tem, além d'isso, dois palpos que são ainda quatro vezes maiores. Tem perto do figado um liquido preto que elle espalha quando se acha em perigo, para turvar a agua; este liquido emprega-se como tinta na pintura *aguada*, e é conhecido

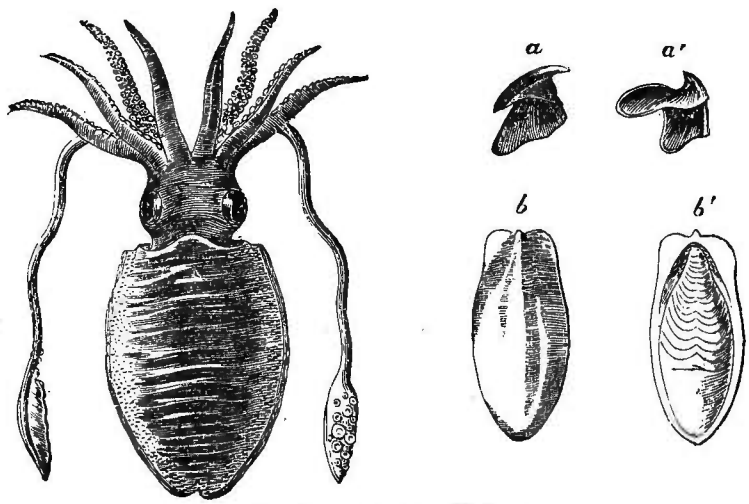


Fig. 826. — Siba ou Chóco.

debaixo do nome de *sepia*. Não entra na composição da *tinta de China*, como se julgou por muito tempo : esta prepara-se com pós de sapatos e gomma aromatizada. Existe no interior da siba e na região dorsal um corpo solido, denominado *osso de siba* (fig. 826, *bb'*); é elliptico com a fórma de uma barquinha, poroso e leve; é formado de laminas esponjosas, e compõe-se de carbonato e vestigios de phosphato de cal. O osso de siba é empregado pelos ourives para limpar a prata; costuma pendurar-se na gaiola dos canarios, para n'elle aguçarem o bico. Reduzido a pó usa-se como dentifricio.

SIGNAL DE NASCENÇA. Assim se chamam certas marcas ou tumores que se acham em differentes partes do corpo da criança no momento do nascimento, e que persistem geralmente durante a vída. Dá-se-lhes tambem o nome de *nœvi materni*. Uma opinão geral attribue estas marcas a impressões experimentadas pela mãi durante a gravidez; muitas pessoas acham n'estas marcas semelhanças com os objectos que fizeram grande abalo no animo da mãi ou attrahíram fortemente a sua attenção. Sem rejeitar inteiramente esta hypothese, convem notar que não está fundada em numero sufficiente de factos authenticos para ser admittida definitivamente.

Os signaes de nascença formam duas classes; na primeira, as marcas não excedem o nivel da pelle, e consistem unicamente n'uma alteração do pigmento ou materia corante da pelle : taes são as manchas roxas, amarellas ou pretas que se observam frequentemente em differentes partes do corpo. Não occasionam dôr nem comichão, nem apresentam perigo, desapparecem ás vezes espontaneamente, mas duram de ordinario toda a vida. A sua fórma e largura são mui variaveis;

são ás vezes regulares e tem analogia com certos objectos usuaes.

Na segunda classe, não existe sómente alteração do pigmento, mas ha sobretudo um desenvolvimento anormal de grande numero de pequenos vasos sanguineos. N'este caso, as marcas são ora superficiaes, e as mais das vezes rubras ou roxas (manchas de vinho); ora o desenvolvimento vascular sendo mais pronunciado, formam-se por cima da pelle pequenos tumores de tamanho variavel, e que foram comparados, quanto ao aspecto, aos morangos, framboezas, groselhas, etc. Algumas d'estas excrescencias tem um pediculo. Outras vezes a sua fórma é irregular e o volume mais consideravel; ás vezes occupam todo o rosto; constituem então o que se chama *tumores erectis;* quando são volumosos, apresentam pulsações, e um ruido particular.

Todos os *signaes*, que são formados por um desenvolvimento anormal dos vasos sanguineos, adquirem uma côr mais intensa debaixo da influencia das causas que acceleram a circulação; um excesso de regimen, um susto, a approximação da epoca menstrual produzem este effeito. As pequenas marcas em fórma de lentilhas, algum tanto proeminentes e cobertas de pellos, pertencem, as mais das vezas, á segunda classe; em sendo irritadas, podem inchar, tornar-se dolorosas e occasionar comichão A esta mesma classe pertencem tambem as largas manchas roxas, cobertas de pellos, que algumas vezes se podem observar nas faces de alguns individuos.

O *tratamento* dos signaes de nascença é quasi nullo; a ablação com bisturí ou por meio das substancias causticas, seria, a dizer verdade, um meio de destruil-os, mas por causa da cicatriz o remedio seria peior que o mal. A compressão póde ser empregada sem inconveniente, e mesmo como se póde julgar pelo facto seguinte referido pelo Dr. Roux, lente da Faculdade de medicina de Pariz :

« Um dos meus filhos nasceo com uma mancha vermelha na região temporal direita, immediatamente por fóra e um pouco por cima do angulo externo das palpebras : esta mancha tinha o tamanho da unha do dedo pollegar. Como ella occupava uma parte sobre a qual se póde facilmente fixar um apparelho compressivo, a criança tinha apenas dois mezes quando principiei a fazer-lhe usar de uma pequena funda elastica por meio da qual uma almofadinha applicada sobre a pelle comprimia brandamente a mancha. Esta funda, que foi necessario reformar muitas vezes, á medida que a cabeça da criança adquiria maior volume, estava continuamente applicada durante o dia; tirava-se de noite. A criança trouxe-a assim durante tres annos sem interrupção. Ao cabo d'este tempo, a mancha desappareceo tão completamente quanto se podia desejar. Durante muito tempo ficou uma zona violacea apenas visivel, que acabou por desapparecer inteiramente. »

Quanto aos signaes de nascença que consistem em tumores erectis, *veja-se* TUMORES ERECTIS.

SILICA. Oxydo de silicio, considerado geralmente como acido e chamado por conseguinte acido silicico. A silica acha-se abundantemente espalhada na natureza; forma a base de todas as pedras que pelo

choque dão fogo. Apresenta-se, quando pura, debaixo da fórma de um pó branco, fino, sem sabor nem cheiro, aspero, de peso específico 2,66, quasi insoluvel na agua, fusivel com os acidos phosphorico e borico, soluvel no acido fluorhydrico mesmo gazoso. — Obtem-se fazendo derreter n'um cadinho areia com potassa solida : a massa deitada na agua constitue o *licor dos calháos* ou *vidro liquido*. Tratando este licor por um acido, a silica precipita-se sob a fórma de gelea, e basta laval-a e seccal-a para obtêl-a pura. Serve para filtrar agua, limpar as superficies metallicas, fabricar almofarizes, cimentos, vidro e louça.

SILICATO DE POTASSA. *Veja-se* vol. II, pag. 785.

SILVA MACHA. *Veja-se* ROSA DE CÃO.

SILVA MANOEL. A agua ferrea, da rua de Silva Manoel, acha-se na cidade do Rio de Janeiro.

Tem os mesmos caracteres physicos que a de Riachuêlo, com a differença de ser muito menos styptica. A sua composição chimica em 2 kiligrammas d'agua, segundo o Dr Miranda e Castro, é :

Acido carbonico....	0,1915 de grão.	Proto-carbonato de ferro.....	0,5376 de grão.
Chlorureto de calcio.	q. indeterm.	Silica	q. indeterm.
Sulfato de cal.....	q. indeterm.		

SIMARUBA. *Simaruba officinalis*, De Candolle. Rutaceas-simarubeas. Arvore que habita na Guyana, e no Pará, onde lhe chamam *maruba* (fig. 827). Tem 20 metros de altura; casca espessa, branca, leve e porosa no interior; lenho esbranquiçado, fibroso, leve, folhas aladas, formadas do foliolos alternos, quasi sesseis, oblongos; flores dispostas em paniculas ramosas; fructo composto de cinco capsulas drupaceas, separadas umas das outras, tendo quasi a fórma e o volume de uma azeitona. As raizes são mui grossas e estendem-se ao longe, perto da superficie da terra, que as deixa frequentemente meio-descobertas. É a casca d'estas raizes que se tira para a fazer seccar e entregar ao commercio, em pedaços compridos de mais de 1 metro, dobrados sobre si mesmos, de côr cinzenta esbranquiçada, leve, sem consistencia : é muita amarga, febrifuga e anti-dysenterica. Emprega-se em medicina sob a fórma de macerato em agua fria, que se prepara deixando de maceração 4 grammas de simaruba em 500 grammas d'agua fria, e coando o liquido.



Fig. 827. — Simaruba.

SINAPISMO. Cataplasma feita com farinha de mostarda e agua, e que se applica sobre alguma parte do corpo para produzir uma rubefacção.

Para preparar o sinapismo, humedece-se a farinha de mostarda com

agua morna ou fria até que fique de consistencia molle; estende-se depois sobre um panno, dobram-se as margens d'este, e o sinapismo, assim feito, applica-se a nú sobre a parte da pelle em que se deseja produzir o effeito. Antigamente preparavam-se os sinapismos diluindo a farinha de mostarda com vinagre; mas as observações posteriores tem provado que o vinagre neutraliza o principio activo da mostarda, e que a acção dos sinapismos preparados com este liquido é muito incerta ou nulla: os medicos renunciáram, por conseguinte, a este meio de preparação, e hoje servem-se com razão d'agua em vez de vinagre. Não se deve comtudo empregar agua fervendo, nem quente, pois que esta temperatura oppõe-se tambem ao desenvolvimento do principio activo da mostarda, mas sim deve-se usar d'agua fria ou apenas morna. Insisto na exclusão da agua quente na preparação dos sinapismos, porque esta verdade é nova na sciencia, e muitas pessoas tem a este respeito ideias inteiramente oppostas. É pouco mais ou menos indifferente servirmo-nos d'agua fria ou morna, e o medo que algumas pessoas poderiam ter da applicação de um sinapismo frio não tem fundamento; pois que a temperatura da superficie da mostarda põe-se mui promptamente em equilibrio com a da pelle, e, além d'isto, o sangue dirige-se rapidamente á pelle pela acção rubefaciente da mesma mostarda.

Os sinapismos empregam-se principalmente nas molestias do cerebro, e n'este caso applicam-se nas barrigas das pernas. Usam-se nos rheumatismos chronicos, na sciatica, pleurodynia, e n'estas molestias applicam-se sobre o logar doloroso. Empregam-se tambem para provocar a transpiração supprimida dos pés. Usam-se quando se deseja produzir uma excitação geral, nos casos em que a vida parece extinguir-se, como nos ultimos periodos de quasi todas as molestias, nas asphyxias e em todas as mortes subitas.

O effeito local dos sinapismos é exactamente analogo ao da queimadura: podem produzir a rubefacção, a vesicação e as escharas. A differença dos effeitos depende do gráo de delicadeza da pelle, da actividade dos sinapismos e do tempo que dura a sua applicação. D'estes tres effeitos, o primeiro é o unico que se deseja obter com sinapismos, possuindo a arte meios que lhe são preferiveis para produzir empolas e escharas.

Em geral, quanto mais fina, delicada e viva é a pelle, tanto mais prompta é a acção do sinapismo. Assim, o effeito dos sinapismos é, em iguaes circumstancias, mais rapido, mais intenso nas crianças do que nas pessoas idosas, nas senhoras do que nos homens, sobre os membros cheios de vida do que quando estão insensiveis e gelados, sobre as partes finas da pelle do que sobre as que são espessas, callosas. Entretanto, e apezar d'estes dados, não se póde prever senão muito imperfeitamente o effeito que terá um sinapismo. Certos individuos tem a pelle tão fina, que no fim de alguns minutos a rubefacção está já mui viva, entretanto que em outros, pelo contrario, é preciso prolongar a applicação do sinapismo durante uma hora para que a rubefacção possa ser manifesta. Não se póde, por conseguinte, limitar de uma maneira

absoluta o tempo que deve durar a applicação do sinapismo. Como, por conseguinte, reconhecer que é preciso fazer cessal-a? Não é pela vermelhidão da pelle, pois que no maior numero de casos não se mostra senão algum tempo depois que o sinapismo foi tirado. Só a dôr póde servir de guia a este respeito, e é preciso tirar o sinapismo quando o doente o tiver sentido sufficientemente. Em geral, este tempo varía entre cinco minutos e uma hora.

Quando o sinapismo determinou a vesicação ou queimadura da pelle, muitas vezes não se chega a curar estas lesões senão depois de muito tempo. Devem ser curadas com ceroto. A simples rubefacção causa ás vezes dôres mui vivas e mui rebeldes: para acalmal-as convem applicar a cataplasma de linhaça. A vermelhidão persiste muito mais tempo do que a dôr, e não é raro vêl-a subsistir ainda oito ou dez dias depois de cessar inteiramente o ardor. Quando os sinapismos ficáram applicados muito tempo e foram repetidos, bem que não tenham produzido a vesicação, podem deixar manchas amarellas que, ás vezes, são indeleveis.

Papel sinapizado. É um sinapismo inventado em 1867, por um pharmaceutico de Pariz. Consiste n'uma folha de papel, sobre a qual está fixa, mediante uma substancia emplastica, a farinha de mostarda privada do oleo doce por meio da lavagem em sulfureto de carbone. Molha-se este papel em agua fria ou tepida, applica-se molhado na pelle, fixa-se com um lenço ou com uma atadura, e deixa-se no logar até produzir bastante ardor, isto é, por cinco a dez minutos. O *papel sinapizado* conserva-se muito tempo, ao passo que a mostarda reduzida a pó altera-se no fim de alguns dias. Esta nova preparação pharmaceutica é muito commoda, e emprega-se muito.

SIPHÃO. Dá-se este nome a um tubo curvo quasi em fórma de U virado, com um ramo mais curto do que o outro, de vidro ou de metal, e que serve para trasfegar um liquido de um vaso para outro sem inclinar o vaso. Para este fim, mette-se a extremidade do ramo curto no vaso que contém o liquido e aspira-se pela extremidade do ramo longo, mantendo-o dirigido para baixo. Estando assim feito o vacuo no interior do siphão, o liquido introduz-se pela pressão que o ar exterior exerce sobre a sua superficie; então principia o corrimento, e não se interrompe em quanto a extremidade do ramo mais comprido, ou exterior, estiver debaixo do nivel do liquido em que a outra extremidade mergulha. Tal é o siphão mais simples (fig. 828).



Fig. 828. — Siphão simples.

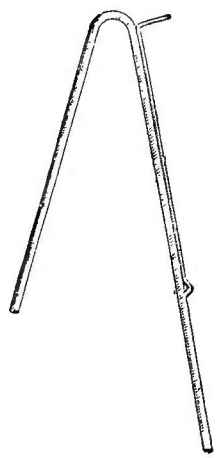


Fig. 829. — Siphão de tubo aspirante.

Quando se usa do siphão simples é necessario enchel-o com o liquido

que se quer decantar. Para isto, ou se ha de tirar o ar com a bocca, chupando por uma extremidade, em quanto a outra está mergulhada no liquido; ou invertido tudo, se ha de deitar o liquido por uma das extremidades abertas até que ambos os ramos fiquem cheios, e então, tapando os dois orificios com um dedo de cada mão, mergulha-se a extremidade do ramo curto para o liquido correr pelo outro. O primeiro d'estes methodos é impraticavel com alguns liquidos. O segundo é tambem impraticavel em alguns casos, como quando o liquido é caustico e corrosivo, ou quando a decantação deve ser feita de um vaso em cuja abertura não póde entrar a mão.

Quando o liquido é de natureza tal, que se possa receiar aspiral-o até á bocca fazendo o vacuo na capacidade do siphão, adapta-se, perto da extremidade do grande ramo, um segundo tubo estreito, e prolongado para cima até á altura da curvatura, e por cuja extremidade se faz a aspiração (fig. 829). Tem-se o cuidado de tapar a extremidade do siphão com o dedo, no momento em que se aspira, e tira-se o dedo para deixar passagem ao liquido, logo que este tenha baixado perto d'esta extremidade.

SIRI, *Cancer* (Crabe em francez) (fig. 830), animal crustaceo de que ha muitas especies que vivem na agua do mar, na terra e se encontram na beiramar. O corpo é coberto de uma couraça calcarea, articulada, mais larga do que comprida: anda de lado. Alimenta-se de animaes marinhos vivos e mortos. A carne é comestivel, mas pouco delicada, e difficil de digerir.

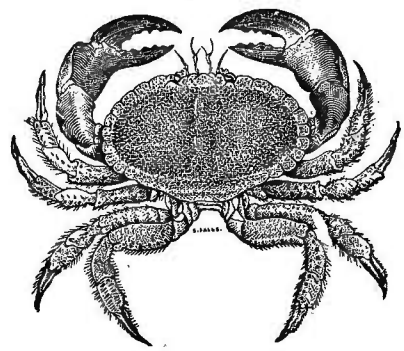


Fig. 830. — Siri.

SOBACO ou **Sovaco,** Assim se chama a cavidade que se acha debaixo do hombro, entre o braço e o peito; dá-se-lhe tambem o nome de *axilla*. Entre as molestias que podem affectar esta região do corpo, as frequentes são *glandulas* e *postemas*.

A **glandula** ou **ingua** que apparece no sobaco é ordinariamente consequencia de erysipela do braço, de panaricio que se forma no dedo, ou de ferida da mão; póde tambem desenvolver-se espontaneamente. Nos tres primeiros casos não exige applicação alguma, e desapparece com a molestia que a produzio; mas quando a glandula apparece sem ser precedida nem de erysipela nem de alguma outra inflammação, é preciso applicar debaixo do braço a cataplasma de linhaça. Com este tratamento a glandula póde desapparecer; mas muitas vezes, apezar da cataplasma, a dôr e a inchação augmentam, a pelle fica vermelha e forma-se uma postema.

A **postema** do sobaco póde principiar, como acabei de dizer, por uma ingua, ás vezes por uma inflammação profunda e extensa. O doente experimenta dôres latejantes, e quando a suppuração está bem formada, sente um peso na parte inflammada; depois o tumor amollece e abre-se espontaneamente, ou é necessario abril-o com lanceta.

O *tratamento* é o seguinte : rape-se o cabello á navalha, e applique-se a cataplasma de linhaça. Não se deve esperar pela abertura espontanea da postema ; é melhor sempre deixal-a abrir por um cirurgião, que fará esta pequena operação com todas as precauções que exige a vizinhança das importantes arterias e nervos que se acham n'esta região. Se o doente quizesse esperar pela abertura espontanea da postema, ficaria então exposto a soffrer por muito tempo. *Veja-se* vol. I pag. 5.

SOBRANCELHAS, *Veja-se* vol. I, pag. 384.

Sobrancelhas (*Feridas das*). *Veja-se* vol. I, pag. 1140.

SOCO, O resultado ordinario de um soco é a contusão. *Veja-se* Contusão.

SODA, Dá-se o nome de soda a um producto que se obtem da combustão das plantas marinhas, praticada da maneira seguinte : cortam-se as plantas que podem ministrar este producto ; seccam-se ao ar, queimam-se depois dentro de covas de 1 metro de profundidade, pouco mais ou menos, e de 1 metro 35 cent. de largo ; continua-se a operar a combustão por muitos dias, e obtem-se uma massa salina, dura, compacta, semi-vitrificada. Esta massa tem o nome de *soda do commercio ;* é mais ou menos pura, e compõe-se de muitas substancias, e sobretudo de carbonato e de sulfato de soda, de sulfureto de sodio, de sal marinho, de carbonato de cal, de alumina, de silica, de oxydo de ferro e de carvão ; contém tambem, ás vezes, saes de potassa. Entre as plantas que dão a soda, distinguem-se em Hespanha muitas especies de *salsola*, conhecidas pelo nome vulgar de *barrilha*, que se cultivam com cuidado particular para este uso. Em França, extrahe-se a soda de todas as plantas que crescem á beiramar. Existem ainda outras especies de soda no commercio. Tal é a soda do Egypto, conhecida pelo nome de *natrum*, que se acha nas aguas das lagoas situadas no deserto. Durante o inverno, reçuma do fundo d'estas lagoas uma agua de côr vermelha-roxa que se evapora durante os longos e fortes calores, e deixa uma camada de sal ou *natrum*, que, depois, quebra-se e tira-se com barras de ferro. Existem tambem na Hungria camadas de natrum sobre as areias seccas que constituem o fundo de certas lagoas. D'estas sodas brutas obtem-se um sal chamado *carbonato de soda*, cujos usos são numerosos nas artes, e em medicina.

Não cstando as fontes naturaes da soda em relação com as necessidades do commercio, faz-se *soda artificial ;* obtem-se calcinando juntamente certa quantidade de sulfato de soda, de carvão e de greda.

Os usos do *subcarbonato de soda* e da soda do commercio são numerosos ; os fabricantes de sabão, de vidro e os tintureiros consomem grandes quantidades d'elle. O subcarbonato de soda é caustico ; entra na composição das pomadas contra a sarna e outras affecções da pelle. É um sal branco, inodoro, de sabor alcalino, crystallizado em octaedros rhomboidaes.

Os outros saes de soda usados em medicina ou na economia domestica são : *bicarbanato de soda* (*Veja-se* vol. I, pag. 329) ; *phosphato de soda* (vol. II, pag. 729) ; *sulfato de soda* ou *sal de Glauber* vol. II, pag. 928) ;

sub-borato de soda ou *borax* (vol. I, pag. 347); *hydrochlorato de soda* ou *sal commum de cozinha* (vol, II, pag. 926); e *acetato de soda*. Este ultimo apresenta-se em longos prismas brancos, inalteraveis ao ar, de sabor amargo e picante; emprega-se nas artes.

Pós de soda (em inglez *Soda-Powders*).

Acido tartrico..... 13 grammas.

Divida em 10 papeis brancos.

Bicarbonato de soda..... 20 grammas.

Divida em 10 papeis azues.

Dissolva-se um papel do acido em um copo mal cheio d'agua, ajunte-se um papel do bicarbonato, e beba-se logo que começar a effervescencia. Esta bebida é temperante e facilita a digestão.

Agua de soda, em inglez *Sota-Water*. Dá-se este nome a uma bebida preparada com bicarbonato de soda e agua saturada de acido carbonico. A soda-water, que é de origem ingleza, como se vê pelo seu nome, que significa agua de soda, é muito usada na Inglaterra depois de jantar; facilita a digestão. Tem muita semelhança com a agua de Vichy; convem nas affecções nervosas do estomago, e contra as areias.

SOLDA GRANDE. *Veja-se* RUIVO DOS TINTUREIROS.

SOLITARIA. Chama-se *solitaria* ou *tenia* um genero de vermes intestinaes, cujo corpo chato, e de um comprimento singular, é composto de articulações mais ou menos pronunciadas. A sua largura varía desde meio millimetro até dez ou doze millimetros e mais. É terminada anteriormente por uma cabeça mui delgada, tuberculosa, do tamanho da cabeça de um alfinete fino, cravada de quatro pequenos chupadouros, entre os quaes se observa, *em algumas*, uma bocca ou tromba cercada de ganchos retractiveis. As solitarias além das differenças de dimensões de côr, etc., apresentam certas variedades de conformação. Ha algumas em que as articulações são mais largas do que compridas, seguidas de articulações mais compridas que largas; ou são dispostas em leque; isto é, uma margem é mais curta do que outra; outras tem certas porções estreitadas. Vou descrever as duas variedades principaes.

1.° **Solitaria vulgar.** *Tænia solium*, Linneo. É um verme representado na figura 831. É chato, molle, formado de articulações numerosas e distinctas, mui comprido, de uma largura que varía muito, e que não é a mesma na extensão de todo o corpo, tendo apenas 2 a 5 millimetros perto da cabeça, e 9 a 13 millimetros no corpo. A cabeça, do tamanho da de um alfinete, é globosa e achatada, e ás vezes tão pequena, que não se póde vêr senão mediante o microscopio. O *pescoço* é mui delgado, como filiforme, assaz curto e não tem limites muito evidentes; é composto de articulações apenas distinctas. O *corpo*, de côr branca opaca, augmenta gradualmente, e é composto de um numero maior ou menor de articulações chamadas *fuzís*, que se tornam cada vez mais distinctas, mais consideraveis, e terminam em quadrado. Nas margens late-

raes d'este fuzís, e quasi na sua base, existe um ou dois pequenos poros, que são aberturas do canal que communica com os orgãos da reprodução da solitaria.

Os ultimos fuzís do verme separam-se, e são expulsos isoladamente. Estes fuzís foram tomados por vermes particulares e chamados *vermes cucurbitinos*, por causa da sua semelhança com pevides de melancia

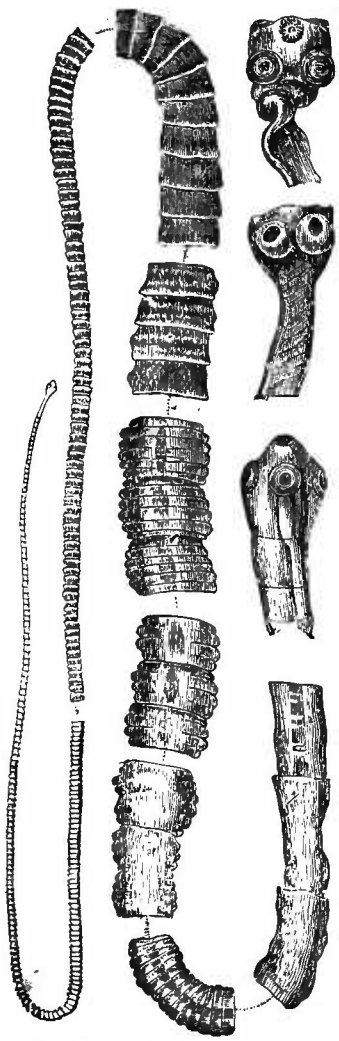


Fig. 831. — Solitaria vulgar.

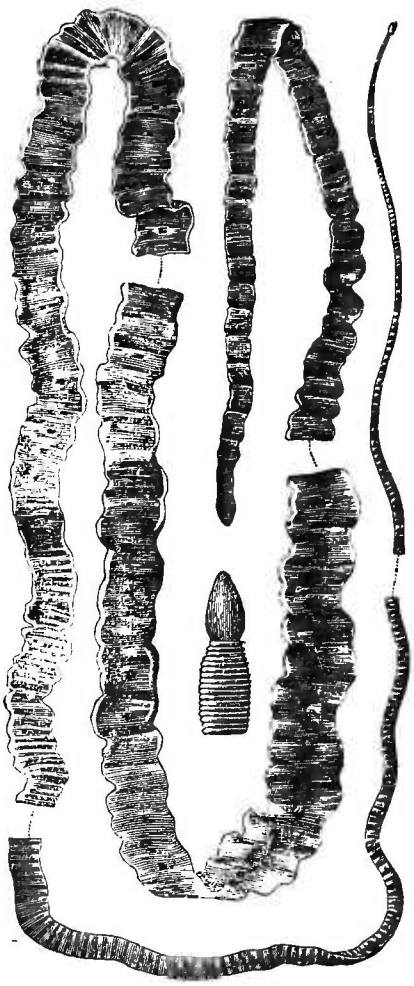


Fig. 832. — Solitaria larga.

(*cucurbita* em latim); são expulsos em maior ou menor numero durante a defecação, ou mesmo nos intervallos d'este acto. O comprimento da solitaria é consideravel, como já deixei dito; varía desde 1 até 8 metros: citam-se algumas muito mais compridas.

2.° **Solitaria larga.** *Botriocephalus latus,* Bremser (fig. 832). O seu comprimento mais habitual é de seis metros sessenta centimetros. A porção anterior do corpo é menos filiforme do que na especie precedente, e alarga-se menos gradualmente. A largura raras vezes excede

13 millimetros no seu maior diametro; entretanto, exemplos ha em que esta largura chegou a 2 centimetros e 1/2. É branca quando viva, e torna-se cinzenta quando fica algum tempo em alcool. A cabeça não é maior do que a da solitaria vulgar, mas é mais oval. O pescoço não é mui distincto, e confunde-se com a cabeça e com o corpo. O pescoço compõe-se de fuzís mui curtos, mais largos que compridos, e que se parecem com rugas.

Estes vermes vivem no canal alimentar do homem e dos animaes vertebraes. Foram chamados *solitarias*, porque se julgava que não existia mais que um d'elles em cada pessoa; mas esta denominação não é propria, porque podem encontrar-se no mesmo individuo duas ou tres solitarias juntas.

Os *signaes* que indicam a presença da solitaria, frequentemente obscuros e equivocos, são mui variados, mui numerosos, e podem simular toda a especie de molestia, por mais rara e extraordinaria que seja. Ao principio, os individuos que estão affectados de solitaria tem o ventre inchado, e sentem borborygmos e dôres abdominaes fortes ou leves. A côr do rosto altera-se, e faz-se ora vermelha, ora pallida, ora côr de chumbo. Os olhos fitos e menos vivos do que de ordinario tem a pupilla mais dilatada. As palpebras, e principalmente a inferior, tornam-se inchadas, e ha uma comichão insupportavel nas ventas. A superficie da lingua mostra-se esbranquiçada, manchada por pontos purpureos : a extremidade torna-se vermelha e inflammada. Depois, manifestam-se outros phenomenos : dôres de cabeça frequentes e intensas, fome excessiva, voltando por accessos irregulares, ou fastio, ourinas turvas, suores de cheiro acido, fetido; frio nas extremidades, rangido de dentes, zunido de ouvidos, affluencia incommoda de saliva á bocca, soluços, nauseas, vomitos, eructações acidas, máo halito, desejo excessivo de bebidas frias, sêde nocturna ou contínua, calefrios interiores, pequena tosse secca, frequentes desmaios, somno inquieto e agitado, tremores nos membros, vertigens repetidas, palpitações de coração, uma sensação vaga de picadas e laceração em toda a cavidade do ventre, sensação de movimento undulatorio nos intestinos, soltura ou dureza do ventre, comichão na via inferior, febre irregular, beiços lividos, emmagrecimento de todo o corpo que contrasta muitas vezes com grande appetite, anxiedades, enfado, ás vezes mesmo uma especie de abatimento moral : taes são os symptomas mais ordinarios da presença da solitaria na economia, symptomas que diminuem depois da comida, mas que se renovam com maior intensidade logo depois de acabada a digestão, e aos quaes é preciso juntar a preferencia que dão os doentes ao deitar-se de bruços, e a satisfação que experimentam depois de beberem um copo d'agua fria. Além dos accidentes que acabei de enumerar, manifestam-se, ás vezes, pela unica influencia d'estes vermes, convulsões, catalépsia, hysterismo, epilepsia, e até alguns signaes do tetano.

Os symptomas indicados, quando são reunidos em grande numero, são uma forte presumpção em favor da existencia do verme, mas não constituem um signal certo, visto que se observam pessoas que expulsam

porções de solitaria, sem que precedentemente nada tenha feito suspeitar a sua existencia; entretanto que outras, pelo contrario, apresentam todos os caracteres que annunciam a sua presença, sem que comtudo a solitaria exista. O Dr. Brera cita o caso singular de um homem que apresentava todos os symptomas proprios da solitaria, e que tinha sómente uma colica flatulenta, que desappareceo com o uso de bebidas aromaticas. É preciso concordar que o unico signal verdadeiramente certo da presença da solitaria na cavidade intestinal é a evacuação de alguns pedaços d'ella.

Com quanto mais commummente só se encontre uma especie de verme de cada vez no corpo do homem, certos medicos tem visto expulsar simultaneamente muitas especies d'elle. O Dr. Rosen, entre outros, cita uma criança de quatro annos, mui fraca, que depois de tomar uma pouca de aguardente, expulsou uma innumeravel quantidade de pequenas ascaridas, quatro metros e quarenta centimetros de uma solitaria, e dez lombrigas.

Causas. Segundo as recentes observações, a solitaria é um animal de transformação; tem por origem um verme cestoide (cysticerco, echinococo, hydatida). A solitaria desenvolve-se em consequencia de certas alimentações. A carne de porco, tão frequentemente inficionada pelo cysticerco ladrico, vulgo *ladra*, a produz especialmente. Produz sobretudo este effeito quando se come crua, ou sómente salgada e defumada. Todas as pessôas que comem presunto ou chouriço crú feito com carne de porco ladro expõem-se a ter a solitaria, porque o cysticerco ladrico, uma vez introduzido nas vias digestivas, transforma-se em solitaria. (*Veja-se* LADRARIA.) Observa-se este verme em todas as idades, mas sobretudo de quinze a quarenta annos, com maior frequencia nas mulheres do que nos homens. Tem-se encontrado em crianças de tres annos e meio.

Tratamento. Muitos methodos de tratamento foram propostos contra a solitaria: variam muito, por causa da difficuldade que se experimenta ás vezes em destruir um inimigo tão tenaz. Qualquer que seja o methodo que se escolha, deve ser empregado na epoca em que se reconhece a existencia do verme; e não é necessario esperar pelo mingoante da lua, como se fazia antes, e como fazem ainda hoje algumas pessoas supersticiosas.

Os medicamentos mais certos para expulsar a solitaria são o *cusso* e a *casca de raiz de romeira.*

Administra-se o Cusso debaixo da forma granulada; emprega-se então o *cusso granulado de Mentel* que se toma do seguinte modo: Toma-se o remedio pelo menos doze horas depois de se ter comido. De dez em dez minutos engole-se o conteudo de uma colher de chá de cusso granulado, com uma infusão fria de flores de larangeira, até ingerir todo o conteudo do vidro que é uma dóse. Uma hora depois da ultima dóse o effeito começa a se produzir, sem occasionar a menor colica e a tenia ou solitaria é expellida inteira.

Os vidros de cusso granulado de Mentel não têm medida como os vidros dos outros productos granulados do mesmo autor, porque todo o conteudo do vidro deve ser absorvido.

O *Cusso granulado de Mentel* prepara-se no laboratorio de productos pharmaceuticos de H. Fournier e C^ia^, á rua Jaeob n° 19 em Pariz.

O modo de preparação do cozimento da casca de romeira é o seguinte: deixe macerar por doze horas 60 grammas de casca de raiz de romeira em 1 litro d'agua, ferva-se depois a fogo lento até reduzir-se a 500 grammas, e côe-se espremendo por panno. Esta quantidade é para um adulto; 8 grammas da casca de raiz de romeira para ter 250 grammas de cozimento são sufficientes para os meninos de 3 a 9 annos; para os de 10 annos convem empregar 15 grammas da casca. O cozimento assim preparado toma-se em tres porções, de meia em meia hora, e repete-se esta dóse por tres dias. Quatro horas antes de beber a primeira dósc, o doente deve tomar um purgante de 15 grammas de oleo de ricino, afim de despejar o canal intestinal: d'esta maneira o remedio terá uma acção muito mais efficaz. No terceiro dia, duas horas depois de acabar o cozimento, deve o docnte repetir o mesmo purgante. Acontece, ás vezes, que o primeiro e o segundo copo do remedio são lançados fóra; mas esta circumstancia não deve impedir que se beba o terceiro copo, que já não produz vomitos. A experiencia prova que uma dóse mui fraca não produz resultado algum. A dóse da casca foi elevada até 125 grammas por dia, e isto sem perigo, A casca frcsca é muito mais activa do que a secca. Logo depois de beberem o cozimento da casca de raiz de romeira, os doentes experimentam uns uma sensação de calor no estomago, outros algumas nauseas c vomitos. Um pouco mais tarde sobrevem borborygmos, colicas c evacuações alvinas, com as quaes sahe ordinariamente a solitaria. Muitos doentes sentem, durante o resto do dia, ancias e fastio. Em alguns, manifesta-se perturbação da vista, vertigens, somnolencia, embriaguez momentanea. Mas todos estes symptomas desapparecem pela noite, ou no dia seguinte. O doente não deve beber nada durante a acção do remedio, afim de quc o effeito d'estc não seja transtornado. A solitaria é expulsa, ás vezes, com a primeira evacuação; mas ordinariamente, só cinco ou seis horas depois da terceira decocção. No caso que o vermc não seja evacuado, será preciso tornar a principiar o tratamento, observando pontualmente todas as regras indicadas.

Os outros meios para expulsar a solitaria são os seguintes:

1.° *Pevides de abobora.* O modo da sua administração está indicado no vol. I, pag. 18.

2.° *Pilulas de feto macho.*

Extracto ethereo de feto macho.....	120 centigrammas.
Feto macho em pó.....	60 —
Conserva de rosas.....	quant. sufficiente.

Faça 12 pilulas. *Dóse:* 2 pilulas de hora em hora. Depois das pilulas bebe-se meia chicara de cozimento de feto macho; e uma hora depois das ultimas pilulas, tomam-se 15 grammas de oleo de ricino.

3.° *Ether sulfurico.* Tomam-se pela manhã em jejum 4 grammas de ether sulfurico n'um copo de cozimento de feto macho. Alguns minutos depois, administra-se um clyster composto da mesma maneira. No fim

de uma hora, tomam-se 15 grammas de oleo de ricino; continua-se o mesmo tratamento durante tres dias.

Coco da Bahia. O fructo do coqueiro *Cocos nucifera*, conhecido no Rio de Janciro por *coco da Bahia*, tem provado muito bem contra a solitaria. Muitos doentes deitáram a solitaria, tomando por unico alimento por quatro, seis e até oito dias, só coco da Bahia, e bebendo agua de coco.

Quando, no decurso do tratamento posto em uso, sahe do anus uma porção de solitaria, nunca se devem fazer tracções sobre clla afim de extrahir inteiramente o verme; porque elle póde romper-se facilmente, e então a porção que ficou sahe despois difficilmente. Melhor é ligar a porção sahida com uma linha; o verme entra no ventre, mas não se demora em aprcsentar-se de novo no anus. Logo que a solitaria começar a sahir, o doente deve sentar-se na banca, e alí ficar até á evacuação total do verme. Frequentemente, effeitua-se esta com difficuldade, ou porque a cabeça da solitaria está agarrada ao intestino, ou porque o seu corpo se acha enrolado em novello mui grosso, ou pelo obstaculo que oppõe a massa de materia excrementicia endurecida. Então, deve administrar-se ao doente, que estará ainda na banca, uma infusão de macella gallega, ou a dissolução de 30 grammas de sulfato de magnesia em um copo d'agua. Deve tambem mergulhar-se o pedaço que sahio em leite ou agua morna. Se a solitaria estiver viva, este ultimo meio será sufficiente para provocar a sua sahida total. A solitaria torna a reproduzir-se em quanto a cabeça não é expulsa. Para assegurar-se de que o verme sahio inteiro, é preciso laval-o n'agua, e examinal-o com o microscopio, afim de descobrir-lhe a cabeça com os caracteres indicados no principio d'este artigo. Mas muitas vezes a solitaria rompe-se perto da cabeça, e esta custa depois a achar-se nas materias fecaes; mas então não se póde dizer que a solitaria não foi expulsa toda inteira. Em alguns casos, não ha pedaço algum de solitaria nas materias fecaes, ou ao menos não se vê, e entretanto céssam os incommodos que dependiam da sua presença: julga-se então que o verme foi morto, e os seus restos foram disseminados e misturados com as materias fecaes.

SOLTURA DE OURINA. *Veja-se* INCONTINENCA DE OURINA.

SOLTURA DE VENTRE. *Veja-se* DIARRHEA.

SOLUÇÃO ou **Dissolução.** Combinação entre um liquido e um solido, da qual resulta que este toma tambem a fórma liquida. Dá-se o mesmo nome ao liquido que resulta d'esta combinação; ou então, e que é melhor, chamam-lhe, *soluto*.

SOLUÇO. O soluço é um phenomeno nervoso que consiste n'um estremecimento convulsivo dos musculos respiratorios, acompanhado de contracção espasmodica da abertura da larynge, com inspiração rapida e seguida de um ruido particular, mui semelhante ao que é produzido pela entrada do ar n'um grosso canudo que se abre subitamente. O soluço é de ordinario um phenomeno insignificante, compativel com o estado de saude, e cuja duração é mui curta. Assim, manifesta-se ás vezes depois de replcção immoderada ou mui prompta do estomago,

sobretudo após a abstinencia um pouco prolongada, quando se faz uso de alimentos seccos, tomados com voracidade sem mistural-os com bebidas. A ingestão de bebidas frias, de licores alcoolizados, a sensação de frio nos pés, uma viva affecção da alma, a colera, o sobresalto, o terror, tem ás vezes o mesmo resultado. O soluço tambem apparece sem causa conhecida. Mas este phenomeno, em alguns casos, póde constituir uma molestia real. Tem-se visto durar muitos dias, renovar-se em epocas mais ou menos approximadas, irregulares ou periodicas, durante annos. O Dr. Rivière observou uma menina de 13 annos affectada do soluço havia um anno; este accidente atacava-a quatro ou cinco vezes ao dia, umas vezes por um quarto de hora, outras por meia hora. Rivière curou esta menina mediante um purgante. Bertholin refere que uma mulher foi atormentada durante dois annos de um soluço, tão violento, que parecia possuida do diabo. Em algumas pessoas, o soluço reproduz-se em epoca fixas. Assim, Casimiro Medico cita a observação de uma senhora, na qual um soluço violento, resultado da suppressão dos menstruos, sobrevinha de dois em dois dias. Mas de todas as observações d'este genero referidas pelos autores, a mais curiosa é a de Olao Borrichio: vio elle um soluço que reapparecia todos os annos na mesma epoca n'uma senhora joven. Esta doente era só incommodada durante o dia, e dormia muito bem toda a noite. Cada ataque durava quatro dias; uma sangria feita no braço dissipou estes accidentes

O ruido que produz o soluço póde ser ás vezes mui forte. O mesmo Rivière, que ja citei, falla de um homem affectado de um soluço tão violento, que se ouvia na rua a 40 passos de distancia. Sauvages refere a observação curiosa de uma senhora de 23 annos que foi affectada de um soluço fortissimo semelhante ao latido de cão. Apenas podia tomar um caldo por causa d'estas convulsões: mas finalmente foi curada.

Observa-se o soluço principalmente nas pessoas nervosas, hypochondriacas, melancolicas, nas mulheres gravidas, hystericas. A grande abundancia de sangue na economia, ou as evacuações sanguineas excessivas, o retrocesso de algum dartro, ou da gota; a suppressão espontanea de uma evacuação habitual, dos menstruos; a presença de vermes no canal intestinal, tudo isso é tambem assignalado como causa do soluço.

Todos estes soluços de que até agora fallei chamam-se *idiopathicos*, porque existem sós, e constituem por si uma molestia; mas este phenomeno manifesta-se frequentemente durante o curso de certas affecções, e é chamado então *symptomatico*. Ha muitas molestias durante as quaes se declara o soluço. Parece mais particularmente ser determinado pela lesão dos orgãos digestivos, nas hernias estranguladas, nas feridas do ventre, nas inflammações do estomago, dos intestinos ou do cerebro.

Tratamento. O soluço determinado por uma causa pequena não reclama ordinariamente tratamento algum; cessa espontaneamente ou com auxilio de meios mui simples. Assim, póde parar bebendo lentamente um copo d'agua fria, tomando um sorvete, engulindo um pedaço de gelo, ou uma colher de vinagre puro, retendo a respiração por tanto tempo quanto seja possivel, fixando fortemente a attenção sobre qualquer objecto; ou

provocando espirros por meio de rapé. Um sobresalto, um susto a colera, fazem-n'o ás vezes desapparecer de repente.

Mas, em outras circumstancias, quando o soluço é demorado, quando volta em epocas mais ou menos longas, periodicas ou não, é mais difficil fazêl-o desapparecer. N'estes casos, tem-se recorrido com maior ou menor vantagem ás bebidas aromaticas (chá da India, chá de folhas de laranjeira, de herva cidreira, etc.); aos medicamentos antispasmodicos (belladona, camphora, chloroformio, assafetida, ether sulfurico, valeriana); ao opio, ao chlorhydrato de morphina, ao lactucario, aos banhos frios ou quentes. Os outros meios são: vomitorios, purgantes, e causticos na bocca do estomago. Tanto n'esta como em qualquer outra molestia, todas as vezes que fôr possivel conhecer-se a causa e combatêl-a activamente, será um tratamento por excellencia. Se o soluço se apresentar sob a fórma intermittente, será preciso recorrer ao sulfato de quinina; quando se suppõe que depende da presença de vermes, empregam-se os vermifugos.

Quanto ao soluço que sobrevem em diversas molestias, consiste o tratamento em combater as molestias que o produzem; e quando persiste, apezar da diminuição dos accidentes póde-se lançar mão de algum dos meios que deixei indicados.

RECEITUARIO CONTRA O SULUÇO.

1.ª *Poção.*

Agua de hortelã	60 grammas.
Chloroformio	20 gottas.
Xarope diacodio	30 grammas.

Misture. Uma colher *de chá*, de 3 em 3 horas.

2.º *Pilulas*

Extracto de belladona	20 centigrammas.
Extracto de valeriana	40 —

Faça 12 pilulas. Para tomar uma pilula duas vezes por dia.

3.º Xarope de ether sulfurico ..... 30 grammas.

Para tomar uma colher *de chá*, tres vezes por dia.

SOMNAMBULISMO. O somnambulismo é um estado extraordinario, proprio a alguns individuos, que consiste em fazer durante o somno muitos actos que ordinariamente não se executam senão durante a vigilia. Os sonhos ordinarios e o somnambulismo, bem que differentes debaixo de certos pontos, não parecem ser entretanto senão gráos diversos do mesmo estado. Com effeito, o homem que sonha sente, imagina e julga fazer alguma cousa: mas o corpo recusa o seu serviço á alma, toda a scena se passa secretamente no espirito que se agita, os orgãos ficam em repouso. Nos somnambulos ha os mesmos phenomenos, imagens e desejo de acção; mas, por um segredo até agora impenetravel, a alma conserva a faculdade de ordenar movimentos, e o corpo

obedece. O individuo levanta-se, e segundo a ideia que o absorve, profere discursos que sobremaneira sorprendem os assistentes; outro veste-se e faz certas occupações no seu quarto. Todas as pessoas tem ouvido fallar das scenas extraordinarias que o somnambulismo offerece. Este levanta-se, pega na penna e acaba a composição principiada; aquelle prosegue um combate cujo plano está em sua ideia; aquel'outro sahe para ir á caça, á pesca, a algum encontro, anda pelo telhado, caminha á margem dos rios, dos pricipicios, etc. Ha somnambulos ainda mais singulares do que os precedentes: estes ouvem e respondem sem acordarem. Póde-se ter com elles uma conversação seguida, principalmente quando versa sobre o objecto que os occupa. Não me é possivet ir mais além na descripção dos actos dos somnambulos, por ser infinita a variedade dos sonhos. Um facto mui notavel e caracteristico de somnambulismo é que, despertado o somnambulo nada lhe lembra do que se passou.

Vimos no artigo *magnetismo animal* que este estado apresentava muita analogia com aquelle; e por isso, o somnambulismo produzido pelas praticas magneticas chama-se *artificial*, e este, de que agora se trata, *natural*.

A memoria parece ser a faculdade mais activa durante o somnambulismo: ella lembra muitas vezes os objectos que occupáram o somnambulo, e é d'elles que se occupa então. A vista quasi nunca funcciona no somnambulismo, estejam as palpebras abertas ou fechadas; não obstante, muitos actos se produzem como se a visão fosse completa. O somnambulo evita os tropeços, encontros e as quédas com a maior habilidade. Entretanto, a imaginação, o amor do maravilhoso, tem exagerado muito estes phenomenos: ás vezes existem erros funestos, e somnambulos se tem precipitado de janellas abaixo, julgando passar pela porta; tal é o caso do somnambulo de que falla Schenkius, que, em consequencia de um engano semelhante, quebrou a coxa. Muitos somnambulos andam sómente ás apalpadellas, e dão topada em todos os objectos que encontram. Uma noite, um moço levanta-se adormecido, calça as botas com esporas; depois sobe á janella, e julgando-se a cavallo, crava as esporas. Ao despertar, ficou singularmente espantado do perigo em que se vio.

O somnambulismo é considerado como uma molestia nervosa. Bem que seja compativel com as apparencias de saude, este estado é comtudo insolito, anormal, e reclama alguns cuidados que mais adiante indicarei. Não se observa na primeira infancia, é entre os sete e os sessenta annos que se contam os exemplos mais numerosos. Os accessos são mais ou menos frequentes, mais ou menos longos, podem reproduzir-se todas as noites e durar algumas horas. A invasão dos accessos sobrevem ordinariamente no principio da noite, depois do primeiro somno. O prognostico d'esta affecção nervosa não é grave; mas em seus passeios e excursões nocturnas o somnambulo póde ferir-se, matar-se, e perturbar a saude pela impressão das intemperies. Póde tambem fazer damno ás outras pessoas; um somno cruel póde tornar a sua mão homicida, armal-a de um facho incendiario, etc. O somnambulismo não se cura

com facilidade, mas cede frequentemente á successão dos annos e aos novos costumes.

Quaes são as *causas* do somnambulismo? Aqui, como em muitos outros casos, devemos confessar a nossa ignorancia. Como os accessos se manifestam durante a noite, julgava-se que a influencia da lua podia produzir semelhante desordem, e os somnambulos foram chamados *lunaticos*. Mas este estado parece ser devido a uma exaltação cerebral, e todas as causas que podem determinar esta exaltação, e predispôr para ella, podem produzir o somnambulismo. Foi observado, sobretudo, depois das vigilias prolongadas e dos trabalhos excessivos de espirito, em consequencia de transportes de colera, de rixas, de combates, e de paixões amorosas. Um pezar pungente, uma contrariedade aturada, uma affecção violenta da alma, meditações profundas, o onanismo e os outros excessos venereos, o abuso dos licores fortes, favorecem o somnambulismo.

O *tratamento* deriva directamente do conhecimento d'estas causas; não ha outra cousa a fazer senão tomar o caminho contrario. Por conseguinte, a vida tranquillamente occupada, sem applicação forte do espirito, brandamente variada pelas distracções e pelo exercicio do corpo; regularidade nas horas de vigilia e de somno, comidas com poucos temperos, privação das bebidas espirituosas; evitar particularmente a repleção na comida da tarde; clysteres contra a dureza do ventre, moderação no uso dos orgãos genitaes, alguns banhos mornos; sangrias, se houver plethora; provocar a menstruação, se a molestia depender da sua suppressão, eis o que mais convem.

Fallemos agora das precauções que se devem tomar durante e contra o acesso. É necessario não esquecer cousa alguma que possa prevenir os accidentes a que está exposto o somnambulo, e a que expõe as pessoas e as cousas que se acham ao seu alcance. Eis-aqui o que se aconselha n'este caso: um quarto mediocremente espaçoso, com paredes lisas, desguarnecido de trastes angulosos, proeminentes, frageis, privado de toda a especie de armas, e cujas janellas e portas sejam fechadas á chave todas as noites por uma pessoa que não seja o mesmo somnambulo. Alguns medicos quizeram até que a cama fosse composta sómente de colchão e cobertor, sem leito, n'uma rede estendida e resistente, fixada ao tecto e ao soalho. Considerando-se as desgraças que tem acontecido por se ter faltado a estas precauções, reconhecer-se-ha facilmente que vale a pena tomal-as. Se, por não terem sido observadas, o somnambulo sahir do quarto, se andar pelo telhado, pelas margens de um precipicio qualquer, é preciso que se cheguem a elle silenciosamente e que o agarrem pelo corpo; não sendo possivel fazer-se isto, é melhor antes deixal-o que continue em seu passeio perigoso, do que chamal-o pelo nome, despertal-o e expôl-o assim a uma quéda, que o sobresalto derterminaria de uma maneira indubitavel. Com tudo isso, não é tão facil despertar um somnambulo; os ruidos mais fortes, a luz mais viva, os cheiros mais penetrantes, são muitas vezes de effeito insufficiente. As impressões sobre o sentido do tacto são ordinariamente

mais decisivas; as cocegas, os beliscões, e sobretudo as aspersões d'agua fria no rosto, dispertam mais promptamente. Quando se dorme perto de um somnambulo, e quando se percebe pela agitação de seu corpo que o acesso vem sorprendêl-o, é bom derpertal-o; esta simples vigilancia, algum tempo continuada, basta, ás vezes, para curar o somnambulismo.

SOMNO. O somno é a suspensão momentanea de nossas relações com os objectos exteriores, ou em outros termos, é o repouso dos orgãos, dos sentidos, das faculdades intellectuaes e dos movimentos voluntarios.

O somno tranquillo, profundo e de duração conveniente, restabelece as forças causadas; os orgãos recobram a faculdade das suas funcções. Suspendendo a acção do cerebro, suspende as dôres physicas e as penas da alma; é o consolador dos infelizes. O somno diffunde um encanto sobre a nossa existencia, e nos occasiona os mais brandos deleites. Ao despertar, o homem experimenta uma sensação geral de socego e bem-estar; os membros estão aptos para o exercicio; os sentidos recebem com prazer as novas impressões: o cerebro mesmo, livre das ideias que o occuparam no dia precedente, concebe com rapidez, fica disposto á meditação, e por isso, este momento é o mais favoravel aos trabalhos intellectuaes.

É uma tentativa bem temeraria o quererem algumas pessoas dobrar a existencia, subtrahindo ao repouso as horas que lhe pertencem. Um somno de certa duração é necessario ao restabelecimento das forças; esta duração não póde ser determinada de uma maneira exacta para cada individuo. Deve variar conforme a idade, a constituição, o sexo, a profissão, e o gráo de exercicio que se fez. Podemos dizer em geral que para as pessoas fracas são necessarias oito a nove horas, e que para os individuos robustos esta duração deve ser de seis a oito horas, será sempre prejudicial o dormir mais ou dormir menos. O somno prolongado demasiadamente não só enfraquece o corpo e o torna pesado, mas põe o espirito em uma especie de entorpecimento, torna a intelligencia lenta e difficil, faz perder a memoria e extingue a imaginação. Os grandes dorminhocos não podem fazer o menor exercicio sem experimentarem grande lassidão. A actividade das funcções diminue; e como o individuo faz poucas perdas, adquire ordinariamente uma gordura consideravel.

Quando o somno é mui curto, pelo contrario, o cerebro, fatigado pelo exercicio do dia precedente, não póde reparar as suas perdas: então esta lassidão impede-lhe o poder entregar-se com fructo ao trabalho; as ideias são confusas e embaraçadas, as sensações são penosas, os movimentos difficeis e fatigantes: uma especie de descontentamento, resultado da irritação prolongada d'este orgão, torna o caracter colerico e rabugento. As pessoas que prolongam habitualmente as vigilias estão expostas a muitas molestias. Fazendo estas pessoas muitas perdas, e reparando-as mui pouco, cahem em um estado de magreza deploravel; emfim, prolongando todas as funcções o seu exercicio, segue-se d'ahi que estes individuos estragam promptamente a existencia, e vivem mui pouco.

Depois de grande exercicio do corpo ou do espirito, o repouso é necessario; mas então ordinariamente a excitação prolonga-se durante o somno, o qual é leve, perturbado por sonhos e pouco reparador. Ás vezes, até não se póde de maneira alguma dormir depois de uma excessiva applicação de espirito, durante a agitação das paixões, ou depois de um exercicio violento.

São todas as horas igualmente proprias para nós nos entregarmos ao somno? Considerando-se que a immensa maioria dos seres viventes dormem durante a noite, e que o silencio e a escuridão convidam ao somno, é, por assim dizer, inutil fazer, este quesito; mas, quando se reflecte que nas grandes cidades muitas pessoas fazem da noite dia e do dia noite, talvez seja util então assignalar os inconvenientes d'estes costumes. Sinclair refere que dois coroneis tinham entre si uma longa discussão para saberem o que melhor convinha para uma longa marcha no verão: se repousar de noite, ou de dia. Como esta questão era muito interessante debaixo do ponto de vista militar, obtiveram do seu general a permissão de fazer o ensaio. Partiram ambos com os seus regimentos, e percorrêram duzentas leguas. O que marchava de dia e descansava de noite chegou ao logar do seu destino sem perda alguma, nem de homens nem de cavallos, entretanto que o que julgou preferivel aproveitar a frescura da noite para caminhar, e descançar durante o dia, perdeo alguns soldados e alguns cavallos.

A observação prova que durante a noite a atmosphera é desfavoravel para a saude, que o melhor meio de evitar os seus funestos effeitos é subtrahir-se á sua influencia, entregando-se ao repouso em quartos em que ella não penetre. As pessoas que prolongam mais a vida são as que se deitam e levantam muito cedo; seria bom deitar-se regularmente ás dez horas da noite, e levantar-se ás seis da manhã.

O costume de dormir de dia não é salutar; põe o corpo em grande molleza e indolencia, torna o homem preguiçoso, pesado, pouco proprio para o trabalho do espirito e para o exercicio do corpo. Algumas pessoas pensam que favorece a digestão; mas, observando-se que os individuos que dormem depois de jantar acordam com máo gosto na bocca, convir-se-ha que este costume produz o effeito contrario. Além d'isso, o somno do dia impede o da noite, razão esta que bastaria para evital-o.

O quarto de dormir deve ser vasto, bem arejado, e collocado no andar mais elevado da casa; e não ha cousa mais contraria á saude do que dormir em uma alcova estreita em que o ar não possa circular. Seria, entretanto, uma imprudencia dar accesso, durante a noite, ao ar exterior no quarto em que se dorme; convem sómente abrir as portas de communicação com os quartos vizinhos, e conservar durante o dia as janellas abertas.

Ha muitas causas que impedem ou favorecem o somno. Já eu disse que as paixões, os pezares, as applicações excessivas do espirito, são um obstaculo ao somno. A luz e a bulha tem a mesma influencia. Quem não sabe que o homem dorme menos profundamente e peior durante o dia, ou exposto ao barulho, do que durante a noite e no silencio? A res-

peito da bulha, é preciso dizer, comtudo, que ha algumas que, longe de impedirem o somno, parecem favorecêl-o. Os ruidos monotonos, taes como os dos ventos; da chuva ou de um moinho, uma musica lenta, pouco variada; um sermão, um discurso pronunciado de certa maneira, provocam o somno. O trabalho da digestão, depois de uma ceia copiosa, póde impedir o somno. Outro tanto acontece depois da inacção completa do corpo e do espirito, depois do repouso absoluto que não occasionou perda alguma nem fadiga, e que, por conseguinte, não exige grande reparação; o somno do dia é quasi sempre á custa do da noite. As substancias que produzem a alimentação excitante, as bebidas aromaticas ou alcoolicas, o ar mui quente ou muito frio, os banhos frios, são causas de insomnia. Deve tambem entrar n'este numero a mudança de habitação, de casa e cama. Os meios que podem favorecer o somno acham-se indicados no artigo INSOMNIA.

SOMNOLENCIA ou **Modorra.** A disposição ao somno, além do tempo destinado ao repouso, offerece muitos gráos, desde a simples tendencia de dormir até ao somno profundo, com impossibilidade de interrompêl-o. O gráo mais leve é a modorra ou a somnolencia; é um estado entre a vigilia e o somno, durante o qual a acção dos sentidos está suspensa, ou só se exerce de uma maneira incompleta. Depois vem o estado comatoso, no qual existe perda da sensibilidade de acordar o doente. O gráo mais elevado chama-se em medicina *carus:* não se póde despertar o doente de somno carotico. Estas differentes fórmas da modorra são, em geral, symptomas de molestias cerebraes; dependem, no maior numero dos casos, de congestão sanguinea no cerebro. Em um gráo menos grave, a modorra acompanha frequentemente os sarampos, a escarlatina, as bexigas, e é, nas crianças, um symptoma mui commum em todas as molestias febrís.

Uma digestão laboriosa dá tambem logar á modorra. O mesmo symptoma apparece na erysipela do rosto. Não é raro vêl-o associado ao delirio: o doente pronuncia durante o somno palavras incoherentes, desperta ao mais leve ruido, e parece como assustado pela vista de objectos estranhos.

Certas substancias tem a propriedade de determinar a modorra mais ou menos profunda; taes são o opio, os licores espirituosos tomados com excesso, o gaz acido carbonico. A fadiga ou as vigilias, a inanição ou um estado de fraqueza mui grande, sobretudo nas pessoas idosas, ou um frio muito intenso, as dôres prolongadas ou excessivas, a suppressão das hemorrhoidas, são acompanhadas muitas vezes de tendencia ao somno. Ás vezes este estado é independente de todas estas causas.

A propensão ao somno mui pronunciada é, ordinariamente, um accidente bastante serio que deve fazer temer a congestão cerebral, principalmente nos individuos de constituição apoplectica. Quando o somno sobrevem logo depois de uma quéda sobre a cabeça, annuncia ás vezes que teve logar derramamento de sangue no craneo, circumstancia das mais sinistras, pois a morte é o seu resultado provavel.

O *tratamento* d'este symptoma varía conforme as circumstancias

Quando annuncia *congestão cerebral* ou traz receio de ataque de *apoplexia* (*vejam-se* estas palavras), convem praticar uma sangria no braço ou applicar bichas atraz das orelhas, e sinapismos nas pernas, assim como um brando purgante. Ás pessoas que soffrem de grande tendencia para o somno continuo, sem serem ameaçadas de molestia alguma, aconselho o uso do café, lavatorios no rosto e cabeça com agua fria, um regimen mais vegetal do que animal, e a abstinencia de bebidas alcoolicas.

SONDA. Chama-se *sonda* um instrumento de cirurgia que consta, ordinariamente, de uma haste metallica, mais ou menos longa, cheia ou ouca, diversamente configurada e destinada a ser introduzida nas cavidades naturaes ou accidentaes do corpo, quer para explorar a sua fórma ou o seu conteúdo, quer para preencher alguma indicação, curativa. Ha muitas especies de sondas destinadas a differentes usos.



Fig. 833. — Sonda de prata, para homem.



Fig. 834. — Sonda de prata, para mulher.

A sonda que se introduz na bexiga *do homem* é um tubo de prata ou de gomma, ouco, fechado n'uma das extremidades, e aberto na outra. A porção fechada é destinada a ser introduzida na bexiga; tem nos lados duas aberturas ou *olhos* pelas quaes a ourina deve correr. As sondas de gomma são rectas e flexiveis; as de prata são curvas. A fig. 833 representa a sonda de prata, para homem. A extremidade livre é mais larga, e guarnecida de um annel de cada lado, para que se possa, sendo necessario, atar cordões para fixar a sonda. O seu comprimento, para um homem adulto, deve ser de cerca de 32 centimetros.

A *sonda de mulher* (fig. 834) é um tubo de prata do comprimento de cerca de 16 centimetros, e de quatro a seis millimetros de diametro, cylindrico, levemente curvo na extremidade romba, com duas aberturas lateraes d'este lado, um pouco alargado em funil, e guarnecido de um pequeno annel de cada lado na outra extremidade.

O modo de introduzir a sonda na bexiga está indicado no artigo CATHETERISMO, vol. I, pag. 513.

SONHO. O cerebro nem sempre está em repouso completo durante o somno. Muitas vezes, em quanto se dorme, produzem-se certos actos intellectuaes que se chamam *sonhos*. Estes sonhos, por muito tempo considerados como actos sobrenaturaes, avisos celestes ou annuncios do futuro, são o producto do trabalho irregular do cerebro, e se as mais das vezes são estranhos, é porque, tendo o somno feito cessar toda a vontade, as diversas ideias que se formam são associadas como por acaso e com extraordinarias incoherencias. Ordinariamente os sonhos são relativos aos trabalhos, ás paixões que occupavam o individuo

durante as vigilias, e que deixáram uma impressão no cerebro; o sabio sonha com os seus estudos, o amante com o objecto da sua inclinação. Mas podem tambem ser o resultado da imaginação ou da memoria; uma impressão apenas percebida póde occasional-os. Algumas vezes os sonhos limitam-se á producção de ideias; mas outras vezes tambem são acompanhados da acção que teria seguido naturalmente estas ideias; um move-se, falla, outro queixa-se, outro canta; se o sonho fôr relativo á geração, os orgãos exteriores d'esta funcção estão em acção. Não é facil impedir os sonhos; quanto ao que diz respeito a alguns sonhos penosos, consulte o leitor o artigo PESADELO.

SORGHO. *Andropogon.* Planta graminea de que muitas especies servem de alimento aos habitantes da Asia. A parte empregada são as sementes. O *sorgho saccharifero* (*Andropogon saccharatus*, Roxb.), originario do norte da China, é uma especie que tomou certa importancia, n'estes ultimos tempos, por causa da grande quantidade de assucar que contém o seu talo. Este assucar é de difficil extracção, mas póde utilizar-se o sorgho saccharifero para a fabricação do alcool.

SORO DE LEITE. Dá-se este nome á parte mais liquida do leite. Para preparar o soro de leite, põe-se ao fogo meio litro, por exemplo, de leite de vacca, do qual se tira a nata, reunida na superficie pelo repouso. Quando o leite principia a ferver, juntam-se-lhe oito grammas de cremor de tartaro, que em pouco tempo o fazem coalhar. Separa-se o liquido obtido: este é turvo, esbranquiçado, carregado de particulas caseosas: é preciso clarifical-o. Para isso junta-se-lhe pouco a pouco uma clara de ovo batida com algum soro, e põe-se a um fogo moderado; logo que levanta fervura, tira-se do fogo, deixa-se esfriar e filtra-se. Póde-se tambem coalhar o leite juntando-lhe um pouco de coalho de vitella diluido em agua, ou sumo de limão, ou uma colher de vinagre. — O soro de leite natural, que provém da coagulação espontanea do leite durante a preparação dos queijos, contém em suspensão um pouco da parte caseosa. — O soro de leite clarificado é limpido, de côr amarella esverdeada, de sabor doce. Poder-se-hia obter igualmente servindo-se do leite de outros animaes; porém o de vacca é o mais commummente usado. Esta bebida deve ser preparada no momento em que se precisa d'ella, pois que em pouco tempo azéda facilmente por causa das particulas caseosas de que não póde ser totalmente desembaraçada.

O soro de leite possue propriedades emollientes e levemente laxativas, que o tornam proprio a ser administrado em todas as molestias inflammatorias, durante as quaes é util entreter a liberdadc do ventre. Dá-se ás chicaras de 3 em 3 ou de 4 em 4 horas. Póde-se-lhe juntar assucar ou algum xarope.

SORVEIRA. *Collophora utilis*, Martius. Apocyneas. Bella arvore do Brazil, habita no Pará e Rio Negro. O succo, leitoso, que se extrahe d'esta arvore, é um vermifugo, na dóse de 8 a 12 grammas, junto com oleo de ricino. Na economia domestica é empregado como verniz.

SORVETE. *Veja-se* GELO.

SOULTZMATT. Prussia. Aguas gazosas e alcalinas, frias. A fonte

principal contém, por litro, 98 centilitros de gaz acido carbonico, e um pouco mais de 2 grammas de saes, que são : bicarbonatos de soda, de cal, de magnesia, de lithia ; sulfatos de potassa e de soda ; chlorureto de sodio ; borato de soda ; acido silicio ; acido phosphorico ; alumina ; oxydo de ferro. Convém, como bebida, nas affecções nervosas do estomago.

SOVACO. *Veja-se* SOBACO.

SPA. Aguas ferruginosas, gazosas, frias.

Itinerario de Pariz a Spa : Estrada de ferro de Pariz a Spa mesmo, 9 horas e um quarto. Despeza 45 francos.



Fig. 835. — Fonte Sauvenière em Spa.

Spa é uma cidade da Belgica, de mais de 5,000 habitantes, situado no meio de um pittoresco valle, ao pé de um monte que a protege dos ventos do norte. Do lado sul, levanta-se um outro monte coberto de matto e cultivado em parte : é d'este monte que sahem todas as fontes mineraes de Spa, que são todas ferruginosas, frias, gazosas e mui celebres. A sua reputação como forticantes acha-se estabelecida de ha alguns seculos. Eis-aqui as fontes principaes.

Pouhon. Esta fonte, que se acha no centro da cidade, está accommodada debaixo do peristylo de um monumento dedicado á memoria de Pedro-o-Grande, Imperador da Russia, que visitou Spa em 1717 e recobrou ali a saude. A agua de Pouhon sahe aos borbotões das fendas dos rochedos. É a fonte mais frequentada. Desenvolve-se d'ella uma tal abundancia de gaz acido carbonico, que o reservatorio, onde ella se ajunta assemelha-se a uma tina em fermentação.

Geronstère. Distante de Spa cerca de uma legoa, esta fonte esguicha no meio de um bosque, e ajunta-se n'um pequeno tanque abrigado por um elegante edificio. Esta agua é levemente mineralizada.

Sauvenière. Esta fonte acha-se situada a 30 minutos da cidade. Brota

n'um poço quadrado, talhado n'um rochedo. A temperatura é de 9°, 7 centigrados. Na pedra que está perto do poço acha-se uma marca chamada pé de São Remaclo. Segundo a tradição, basta a uma senhora joven, para cessar de ser esteril, beber, durante nove dias consecutivos, agua de Sauvenière, collocando o pé sobre a marca do pé de São Remaclo. Como o maravilhoso agrada sempre, muitas senhoras preenchem esta formalidade.

Groesbecck. Está situada perto da fonte Sauvenière, contém menos ferro e mais gaz do que esta; é de sabor mais agradavel.

Nivesée. Esta fonte vem encanada desde a sua origem distante tres kilometros da cidade; alimenta o novo estabelecimento de banhos. É mui ferruginosa, contém abundancia de gaz acido carbonico, e desenvolve além d'isto um cheiro bastante forte de hydrogeneo sulfureo.

Barisart. Esta fonte está abrigada n'uma gruta. É o logar de reunião das pessoas elegantes.

A maior parte d'estas fontes acham-se a certa distancia da cidade, no meio dos mattos e das montanhas. Esta circumstancia obriga os doentes a fazerem exercicio.

Todas as aguas de Spa são frias, limpidas, com sabor picante, de tinta de escrever mais ou menos pronunciado, segundo as fontes. Os seus principios dominantes são o ferro em maior ou menor quantidade e o acido carbonico. A temperatura das diversas fontes é de cerca de 10° centigrados. Eis-aqui o resultado da analyse da fonte Pouhon, segundo Plateau. 1 kilogramma d'esta agua contém:

Bicarbonato de soda.....	0g,1266	Chlorureto de sodio.....	0g,0256
— de potassa....	0g,0105	Silica.....	0g,0629
— de cal.....	0g,1730		0g,6577
— de magnesia..	0g,1674	Gaz acido carbonico livre.	1lit,0807
— de ferro.....	0g,0714		
Sulfato de soda.....	0g,0203		

As aguas de Spa são tonicos e resolutivas. Foram preconizadas em todos os tempos e em todos os paizes. Facilitam a digestão, augmentam as forças, tornam o sangue mais vermelho. São uteis na anemia, chlorose, amenorrhea, diarrheas antigas, blennorhragias chronicas, ictericia, convalescenças, molestias nervosas, engurgitamentos do utero, do figado e do baço.

Os banhos, em Spa, não occupavam antigamente senão um logar segundario. Mas desde 1868, epoca em que foi construido o esplendido estabelecimento que hoje existe, o seu emprego tornou-se geral.

Quanto á bebida, principia-se por um ou dois copos de manhã em jejum, depois chega-se gradualmente até sete ou oito, dóse que se póde não attingir, mas que se deve raras vezes exceder.

A morada em Spa é agradavel, os passeios magnificos, os divertimentos brilhantes. Já ha muito tempo que a voga se conserva fiel a estas aguas, porque repousa, não sobre um vão capricho, mas sobre a gratidão dos doentes que acháram ali a cura das suas molestias, e sobre a satisfação das pessoas de boa saude que encontram em Spa prazeres e

distracções. A estação thermal dura do 1° de junho a 15 de outubro. Expedem-se todos os annos quantidades enormes d'agua mineral de Spa. Os cuidados minuciosos, que se tomam para engarrafal-as, fazem com que estas aguas supportam o transporte sem se alterarem.

SPARADRAPO. *Veja-se* ESPARADRAPO.

SPASMO, Spasmodico. *Veja-se* ESPASMO, ESPASMODICO.

SPLENITE. Inflammação do baço. *Veja-se* vol. I, pag. 267.

SQUINA. *Veja-se* CHINA.

STERNALGIA. *Veja-se* ANGINA DO PEITO.

STERNO. *Veja-se* ESTERNO.

STETHOSCOPIO. Instrumento empregado para explorar os diversos ruidos que se podem ouvir no peito. *Veja-se* AUSCULTAÇÃO.

STOMACHICO. *Veja-se* ESTOMACHICO.

STOMATITE. Inflammação da bocca. *V.* vol. I, pag. 340.

STRABISMO. *Veja-se* ESTRABISMO.

STRANGURIA. Difficuldade de ourinar. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA

STRAS. Vidro que imita as pedras preciosas. Compõe-se em geral de silicato de potassa e de silicato de chumbo, corados com differentes oxydos, e obtem-se com crystal de roca ou com areia branca, potassa pura, minio, borax e acido arsenioso. Imita-se o *diamante* com stras incolor ; a *saphira* com stras corado pelo oxydo de cobalto ; a *amethysta* com stras corado pelo oxydo de manganez e purpura de Cassius ou oxydo de ouro ; a *esmeralda* com oxydo verde de cobre e um pouco de oxydo de chromo ; o *topazio* com vidro de antimonio e oxydo de ouro ; a *agua marinha* (beryllo) com vidro de antimonio e oxydo de cobalto ; a *granate* com vidro de antimonio, purpura de Cassius e oxydo de manganez, etc.

STRYCHNINA. Substancia que se extrahe da noz vomica. São pós brancos, inodoros, pouco soluveis na agua, soluveis no alcool, de sabor excessivamente amargo. Produz os mesmos effeitos que a noz vomica (*veja-se* NOZ VOMICA). Mas a sua acção é muito mais energica. É um dos venenos mais violentos : um só grão ingerido pela bocca póde matar. Os medicos administram ás vezes esta substancia em dóse mui pequena, 5 a 6 milligrammas, contra as paralysias ; mas o bom effeito d'este medicamento é muito incerto, e o perigo é grande. É melhor abandonar o seu emprego. A strychnina é um dos venenos frequentemente empregados pela medicina homeopathica em dóses infinitesimaes ; mas mesmo em pequenas dóses póde produzir effeitos ás vezes formidaveis. O melhor meio pois de empregar a strychnina é em granulos impressos de L. Frere de 1/2 e 1 milligramma de principio activo.

No caso de envenenamento pela strychnina, cumpre provocar os vomitos com 5 centigrammas de emetico administrado n'uma chicara d'agua fria, e recorrer aos outros meios indicados no artigo ENVENENAMENTO PELA NOZ VOMICA, vol. I, pag. 981.

STYPTICO. Synonymo de adstringente. *V.* ADSTRINGENTES.

SUADOURO. Meio de provocar o suor. Consiste este meio em tomar um pediluvio com farinha de mostarda ou com cinza, beber duas ou tres chicaras de chá da India, de sabugueiro, de borragem, ou de

casquinha de limão ; deitar-se depois na cama, cobrir-se com um cobertor de lã ; a transpiração não tarda a apparecer. O suadouro emprega-se principalmente nas constipações, defluxos, bronchites ; é um meio mui simples e muito efficaz no tratamento d'estas molestias.

SUB-AZOTATO DE BISMUTHO ou SUB NITRATO DE BISMUTHO. Sal branco, insipido, inodoro, pouco soluvel em agua. Emprega-se com vantagem nas dôres nervosas do estomago, na diarrhea, dysenteria, febre typhoide, cholera-morbus ; na dóse de 40 a 60 centigrammas, e, progressivamente até 30 grammas por dia, em pó, pilulas ou poção gommosa, ou debaixo da forma granulada, com o nome de *sub-nitrato de bismutho granulado de Mentel.*

SUB-CARBONATO DE BISMUTHO. O sub-carbonato de bismutho existe em estado natural debaixo da forma debeta no Quartzo.

Obtem-se'o artificialmente tratando em um matraz uma parte de bismutho por tres partes de acido azotico officinal.

Feita a dissolução, deita-se o liquido gotta a gotta em uma solução de carbonato de soda, mexendo continuadamente. Resulta d'isto um precipitado que é o sub-carbonato de bismutho.

Este precipitado separado por decantação e lançado em um filtro, é lavado com agna distillada até que esta fique de todo isempta de azotato de soda.

Apresenta-se então debaixo da forma de um pó branco, sem cheiro e de gosto nullo.

O acido azotico dissolve completamente como o sub-nitrato de bismutho, desprendendo-se, porém, acido carbonico.

O acido chlorhydrico misturado com agua, tambem dissolve o sub-carbonato de bismutho com bastante effervescencia, phenomeno este que não se dá com o sub-nitrato.

O sub-carbonato de bismutho por sua composição, a facilidade com que se dissolve e por causa de suas propriedades absorventes deve ser preferido ao sub-nitrato da mesma base.

Administrando internamente não se introduz na economia nenhum acido extranho ao organismo. É um absorvente de primeira ordem. Sua solubilidade é perfeita no succo gastrico do qual elle neutraliza, se decompondo, os acidos em excesso ; de mais, raras vezes dá prisão de ventre.

Acção therapeutica. O seu emprego está indicado para todas as affecções do tubo digestivo acompanhadas de azias ardentes, regurgitações, flatulencias, vomitos, diarrheas, etc.

Os seus effeitos são certos na enterite chronica e contra os vomitos das mulheres gravidas.

As diversas propriedades d'este sal foram felizmente utilizadas em um preparado conhecido debaixo do nome de : *Pó toni digestivo de Royer, de Pepsina, Pancreatina e sub-carbonato de bismutho.*

O sub-carbonato de bismutho no conjuncto d'este preparado, realisa um proveito duplo permittindo a divisão da Pepsina e da Pancreatina no estado extractivo sem ter o calor por intermediario, conservando

ellas ao mesmo tempo toda a força de sua acção. Ora, todos sabem que estes fermentos independentemente de sua solubilidade incompleta, nos vinhos, xaropes e elixires, tem suas propriedades modificadas dentro de pouco tempo por esses mesmos vinhos, xaropes e elixires.

Alem d'isto, a acção irritante dos vinhos e liquidos alcoolicos sobre o estomago, faz com que o emprego d'elles seja nocivo na maior parte das affecções do tubo digestivo.

O sñr Royer preferio adoptar a fórma em pó porque, como disse o doutor Regnault, são os medicamentos preparados sob a fórma de pó fino que melhor convem nas molestias gastro intestinaes,

O pó toni digestivo de Royer conserva-se perfeita e infinitamente sem soffrer a menor alteração.

Administra-se na dóse de duas colheres *de chá* de pó, por dia, uma colher antes do almoço e outra antes do jantar, dentro de hostia Limousin ou diluido em um pouco d'agua assucarada, de leite ou de caldo. Pode-se, sem inconveniente, tomar até quatro colheres *de chá* d'este pó, por dia.

Ás crianças administra-se este pó ás meias colheres.

Não se deve parar com o remedio senão quando as melhoras forem bem sensiveis.

O pó toni digestivo de Royer prepara-se na pharmacia de Royer, Dupuy successor, á rua Saint-Martin nº 225 em Pariz.

SUB-CUTANEAS (Injecções). *Veja-se* vol. II, pag. 235.

SUBLIMADO, Sublimado corrosivo ou Deutochlorureto de mercurio. Combinação de chloro com o mercurio. *V.* Mercurio.

SUCCINO. *Veja-se* Ambar amarello.

SUCOPIRA. *Veja-se* Sebipira.

SUCUUBA. ou Sebuu-uva. *Plumeria phagedenica*, Martius. Apocyneas. Arbusto do Brazil; habita na provincia do Amazonas. O seu succo é vermifugo; na dóse de 2 a 4 grammas; passa por venenosa em dóse mais elevada. Externamente emprega-se nas ulceras atonicas e verrugas.

SUÇUAYA. *Veja-se* Herva collegio.

SUDORIFICOS. Dá-se o nome de *sudorificos* ou *diaphoreticos* aos medicamentos que provocam o suor. Este effeito póde ser produzido por grande numero de substancias. A ingestão de grande porção d'agua quente é o meio sudorifico mais poderoso; porém de ordinario empregam-se como sudorificas as infusões das diversas plantas cuja acção sobre a pelle tem sido bem reconhecida; estas plantas são: flores de sabugueiro, folhas e flores de borragem, casquinha de limão, alfavaca, jaborandi, chá da India, mate, gervão, etc. Usam-se os sudorificos em grande numero de molestias, como na constipação, molestias cutaneas, gota, rheumatismos, syphilis, hydropisias, affecções catarrhaes, etc.

SUFFOCAÇÃO. Muitas molestias diversas podem produzir este symptoma, que merece diversa consideração, conforme é mais ou menos contínuo, ou só passageiro. No primeiro caso, depende quasi sempre de molestia aguda ou chronica de algum orgão contido no peito; no segundo,

póde não constituir senão um accidente nervoso sem gravidade, e mais incommodo do que inquietante. Podendo só o medico distinguir os casos em que a suffocação é um accidente nervoso, e sem consequencia, d'aquelles em que merece séria attenção, nunca, em semelhante caso, se deve deixar de recorrer ás suas luzes. Durante o periodo mesmo do accesso da suffocação qualquer que seja a sua causa, dever-se-ha sempre, em quanto não chega o medico, tirar rapidamente todos os vestidos e todas as ligas que possam obstar á circulação e á respiração, pôr o doente em uma cadeira de braços ou na cama com o tronco levantado por meio de almofadas, permittir ao ar um livre accesso no quarto em que se achar o doente, metter-lhe os pés e as mãos em agua quente, dar-lhe a beber se desejar, algumas colheres d'agua fria com assucar, com a addição de uma pouca d'agua de flor de laranjeira, e applicar-lhe sinapismos nos pés. Dez gottas de ether sulfurico tomadas em agua com assucar, a inspiração d'agua de Colonia ou de vinagre, podem tambem alliviar. Nas senhoras nervosas, affectadas de suffocação, obtem-se um bom resultado borrifando-se-lhês o rosto com algumas gottas d'agua fria.

SUFFUMIGIO. *Veja-se* FUMIGAÇÃO.

SUICIDIO. Tanto mais frequente quanto mais os povos são civilizados, o suicidio observa-se mais vezes nos celibatarios e em certas classes da sociedade : militares, homens do mar, gente pobre, litteratos, artistas e outros. Na estatistica do suicidio a mulher iguala quasi o homem, a partir da idade de 20 annos. Na primeira mocidade os casos de suicidio são mais numerosos nas mulheres. Verdadeiramente contagioso e epidemico o suicidio parece ser tambem hereditario ; o que se concebe facilmente visto que depende então da alienação mental, que, como se sabe, se transmitte nas familias de geração em geração. O nervosismo e o alcoolismo são causas adjuvantes do suicidio. Os meios de suicidio mais frequentemente empregados são a estrangulação, a submersão, as armas de fogo, a asphyxia pelo oxydo de carbone; etc.

SULFATO DE CADMIO. Crystaes em prismas rectangulares, inodoros, mui soluveis em agua, deliquescentes. Adstringente. A sua solução emprega-se externamente nas ophthalmias chronicas e nas otorrheas (purgações pelo ouvido). *Dóse :* Como collyrio, 5 a 20 centigrammas para 30 grammas d'agua ; para injecção no ouvido, 20 a 40 centigrammas na mesma porção d'agua.

SULFATO DE CAL. *Veja-se* vol. I, pag. 402.

SULFATO DE COBRE. *Veja-se*, vol. I, pag. 628.

SULFATO DE FERRO. *Veja-se* vol. I, p. 1149.

SULFATO DE MAGNESIA. *Veja-se* vol. II, pag. 928.

SULFATO DE POTASSA. Sal solido, branco, crystallizado em prismas de 4 ou 8 faces, inodoro, de sabor levemente amargo, soluvel na agua. Purgante, pouco usado. *Dóse :* 15 grammas.

SULFATO DE QUININA. *Veja-se* vol. II, p. 860.

SULFATO DE SODA. *Veja-se* vol. II, pag. 928.

SULFATO DE ZINCO. *Veja-se* ZINCO.

SULFURETO DE CAL. Apresenta-se em pedaços amarellos

avermelhados, porosos e friaveis. Entra na composição de algumas pomadas anti-dartrosas.

SULFURETO DE CARBONE. Liquido transparente, incolor quando puro, de cheiro aliaceo penetrante, fetido; de sabor acre e ardente; é muito inflammavel, e arde com chamma azul. Vaporiza-se ao ar livre com tal rapidez que determina a condensação e a congelação da agua contida no ar; é muito venenoso, pelo que deve tomar-se muita precaução na sua conservação, e no seu emprego. É insoluvel na agua, mas soluvel no alcool, ether, e nos corpos gordos. Dissolve o iodo, o enxofre, o phosphoro, os corpos graxos, a camphora, as resinas, a gutta-percha, o cautchuc com grande facilidade. É muito empregado na industria, sobretudo para dissolver o cautchuc. Sob o nome de *carburina* emprega-se na economia domestica para tirar as nodoas de gordura.

Os seus usos medicos são mui limitados. Os operarios que o preparam estão sujeitos a accidentes nervosos e paralyticos que se julgavam provir da acção dos vapores sulfo-carbonados. Dujardin-Beaumetz e Sapelier já demonstraram em 1885 que o sulfureto de carbone puro não é um veneno e que os accidentes observados eram devidos a substancias extranhas.

SULFURETO DE POTASSIO. Substancia solida, de côr roxa-esverdeada quando é recentemente preparada, cinzenta quando antiga; de cheiro de ovos chócos, caustica, mui soluvel na agua, e mui deliquescente. O sulfureto de potassio é empregado em banhos ou lavatorios contra as molestias cutaneas, na dóse de 60 a 120 grammas para um banho geral. Emprega-se tambem internamente contra as tosses chronicas, dartros rebeldes, rheumatismo chronico, etc., na dóse de 30 a 100 centigrammas com mel de abelhas ou em pilulas.

SULFURETO DE SODIO. Crystaes sem côr, mui soluveis em agua, deliquescentes. Serve para a preparação dos banhos sulfurosos. Misturado com a cal, emprega-se como depilatorio.

SULFURINA *do doutor Langlebert*, **FIGADO DE ENXOFRE CRYSTALLIZADO,** *para banhos sulfurosos ou de baréges sem cheiro.* Dissolvendo-se na agua de um banho simples a *Sulfurina ou Figado de enxofre crystallisado,* obtem-se um banho sulfuroso, possuindo todas as qualidades physicas, menos o cheiro, e produzindo os mesmos effeitos therapeuticos que um banho sulfuroso ordinario. *A sulfurina* é extrahida do figado de enxofre do commercio, producto que serve para preparar os banhos artificiaes sulfurosos ou de Barèges.

O acido sulfhydrico ou hydrogeneo que exhalam os banhos sulfurosos ordinarios é completamente inutil á sua acção therapeutica; os agentes activos que formam a base d'elles e que n'elles se acham dissolvidos, são somente o enxofre precipitado ou um sulfureto, e os saes alcalinos (carbonatos de soda e de potassa). Os medicos da estação thermal de Barèges fazem sobresahir como uma das grandes vantagens d'essas aguas, a pequena quantidade de acido sulfhydrico que d'ellas desprende-se. As aguas d'Aix, na Saboia, cuja reputação é universal, não contem tambem senão mui pequena quantidade d'este acido, e em comparação teem pouco cheiro.

O hydrogeneo sulfurado, gaz que se desprende espontaneamente das aguas estagnadas, dos esgotos e outros logares impuros, é muitissimo toxico. Pois apezar de seu cheiro penetrante, a quantidade que d'elle se desprende em um banho sulfuroso é mui pequena; se isso assim não fosse a pessoa que tomasse o banho ficaria logo asphyxiada.

A unica acção do hydrogeneo sulfurado, ordinariamente conhecida, absorvida pelas vias respiratorias, sobretudo nas salas de inhalação que fazem parte das estações thermaes, consistiria somente em uma modificação da hematose, util somente em alguns casos de affecções chronicas do apparelho pulmonar; em todo o caso contra essas affecções não se emprega o banho de *sulfurina*.

A parte de sulfureto de potassio e de sodio que fica dissolvida na agua de um banho sulfuroso ordinario, não tem outro effeito therapeutico senão o de uma proporção equivalente de enxofre precipitado e de saes alcalinos (Gubler).

Para ter-se o precipitado completo de todo o enxofre de um banho sulfuroso ordinario, em muitos estabelecimentos, costumam deitar n'elle alguns grammas de acido chlorhydrico ou sulfurico; porém o hydrogeneo sulfurado desprende-se então em maior quantidade, e torna insupportavel o banho. O banho de *Sulfurina* é completamente identico a esta sorte de banho sulfuroso, com a differença porém, que não tem *o seu cheiro repugnante*, o que é muito importante.

É tão certo que os sulfuretos alcalinos só teem acção por causa do enxofre e os principios alcalinos que contêm, que a mais forte das preparações sulfurosas, a pomada d'Helmerich, é unicamente composta de enxofre e de carbonato de potassa, misturados em um corpo graxo. O banho de *Sulfurina* não é mais do que a composição sulfurosa d'Helmerich em solução na agua de um banho, sendo, naturalmente, as dóses apropriadas ao effeito que se deseja tirar de um banho sulfuroso ordinario, isto é, excitação moderada da pelle, excitação esta que chega até momentaneamente a exagerar e sustentar as funcções d'ella.

Os effeitos therapeuticos do banho de *Sulfurina* são identicos aos dos banho sulfuroso ordinario; digamos, porém, que sua acção é mais forte, porque contem elle maior quantidade de enxofre precipitado.

Seu emprego será pois muito bem indicado como banho hygienico, tonico e fortificante, até para as pessoas com saude; como banho de asseio, para sanear a pelle, e contra as diversas molestias ou estados pathologicos a saber:

Nas affecções parasitarias da pelle, ephelides, manchas hepaticas, sarna, etc.

No tratamento das affecções diversas papulosas e escamosas da pelle, sem estado inflammatorio, taes como o prurigo, o lichen, os dartros, certas formas de psoriase, etc.

Contra a purpura ou hemorrhagia dos intersticios da derme.

Não havendo mesmo nenhuma affecção da pelle, com o fim somente de manter a funcção regular d'ella (perspiração cutanea). É esse o segredo do tratamento externo do rheumatismo, sobretudo o rheumatismo chro-

nico, da gota e diabetes. Não é outro o effeito dos banhos de vapor, as fumigações aromaticas, os banhos turcos, a massagem, etc., ajudam as secreções cutaneas É bom notar, entretanto, que a acção do enxofre é especifico em taes casos; e a melhor prova d'isto está na immensa quantidade de doentes que teem ficados curados em Aix, na Saboia, em Barèges e em outras muitas estações thermaes sulfurosas.

Em razão de seus effeitos estimulantes sobre a pelle e sua acção tonica especial, o banho de *Sulfurina* será proveitoso especialmente no tratamente das affecções de langor, do lymphatismo e da escrofula, da anemia, da chlorose, do rachitismo, da osteomalacia.

Pelos mesmos motivos deve-se recommendar que se empregue a *Sulfurina* no periodo adiantado da convalescencia das molestias agudas e no enfraquecimento organico ou cachexia provindo das molestias chronicas e da febre paludosa inveterada.

O uso da *Sulfurina* tambem é util na hygiene da infancia. Os banhos sulfurosos devem ser receitados para o asseio quotidiano das crianças, que aproveitarão muito com a acção estimulante do enxofre, desenvolvendo-lhes as forças. Para preparar um banho de criança bastará dissolver uma quantidade de *Sulfurina* em proporção á capacidade da banheira.

Os banhos de *Sulfurina* deverão ser tambem recommendados, á imitação dos banhos sulfurosos ordinarios, contra as paralysias e certas affecções da medulla, contra os diversos accidentes provenientes de feridas antigas e no tratamento da syphilis.

Em resumo, os effeitos therapeuticos do banho de *Sulfurina* são *identicos aos dos banhos sulfurosos ordinarios.* A agua do banho de *Sulfurina* é escorregadia e notavel por sua doçura. A auzencia completa de qualquer cheiro fetido e mephitico, a commodidade no emprego do banho de *Sulfurina,* que permitte que se possa tomal-o em *qualquer sorte de banheira* e *mesmo em casa* e de juntar-lhe á vontade, farello, amido, gelatina, e qualquer perfume, fal-o incontestavelmente mais superior do que o seu veneravel entepassado, o banho sulfuroso ordinario ou de Barèges artificial.

A dóse de *Sulfurina* para um banho de adulto é o conteudo de um vidro.

Para evitar qualquer estravio, erro, substituição ou falsificação, a pessoa deve ter cuidado em abrir e despejar ella mesmo o vidro cujo conteudo vai empregar.

A fabricação da *Sulfurina* foi confiada ao Sñr ADRIAN, Director da Sociedade franceza de productos pharmaceuticos, tão conhecido de todos os medicos e pharmaceuticos pelo esmero com que fabrica os seus preparados.

SUMBUL. Raiz de uma planta que habita nas regiões septentrionaes das Indias inglezas, e que se julga pertencer á familia das Umbelliferas, chamada por alguns botanicos *Archangelica moschata.* Esta raiz é espessa, de 5 a 10 centimetros de diametro, branco-amarella, de cheiro almiscarado. Conhecida na Allemanha e na Russia desde 1840,

esta raiz foi ali empregada contra o cholera como excitante aromatico; em França, o seu cheiro aromatico a fez entrar na perfumaria.

SUOR, Suor dos pés. *Veja-se* TRANSPIRAÇÃO.

SUPPOSITORIO. Medicamento ordinariamente solido, de fórma cónica, do comprimento de um dedo, destinado a ser introduzido e a conservar-se algum tempo no intestino recto. Preparam-se os suppositorios com mechas de fios cobertas de ceroto ou de algum unguento, ou com sabão e manteiga de cacáo. Quando se emprega o sabão, corta-se um pedaço d'esta substancia, dá-se-lhe a fórma cónica, e introduz-se no anus. O suppositorio de sabão serve para combater a prisão de ventre.

SUPPRESSÃO. Existe suppressão de uma hemorrhagia, de um fluxo habitual, quando esta hemorrhagia ou este fluxo se suspende subitamente. É uma causa frequente das molestias. A suppressão das ourinas é a falta completa de secreção ou de excreção urinara. (*Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.) Quanto ás outras suppressões, *veja-se* MENSTRUAÇÃO e TRANSPIRAÇÃO.

SURDEZ. Perda mais ou menos completa do sentido do ouvido. Esta enfermidade é *congenita* ou *adquirida*.

§ I. **Surdez-congenita, surdo-mudez.** Quando a criança nasce privada do sentido do ouvido, ou quando uma molestia a torna surda durante os primeiros tempos de sua vida, a mudez completa é a consequencia necessaria da falta de audição. Diz-se então que a surdez é *congenita*, e toma o nome de *surdo-mudez*. Não é, por conseguinte, como se julgou durante muito tempo, por ser a lingua dos surdos-mudos mal conformada que elles não tem o uso da palavra, mas sim porque a natureza lhes recusou a faculdade de ouvir. De ordinario, a surdez de nascença reconhece por causa a paralysia do nervo acustico, nervo especialmente destinado á percepção dos sons, quer esta paralysia já existisse no momento em que a criança veio ao mundo, quer resulte, na primeira infancia, da inflammação do ouvido, das convulsões ou de alguma molestia do cerebro. As outras causas da surdez congenita são: a falta completa do conducto auditivo, a obstrucção d'este por pequenos polypos, ou concreções e vegetações diversas existentes no interior do ouvido.

A surdez congenita apresenta muitos gráos, que os medicos tem reduzido a cinco. No primeiro gráo, a surdez não é bastante intensa para impedir a audição da falla; mas, para ser ouvida, a falla deve ser mais lenta, mais elevada, mais directa do que de costume. Este primeiro gráo não traz após si uma mudez absoluta; mas a criança falla tão incompletamente como ouve. Nos outros quatro gráos de surdez, a falla é imperceptivel ou apenas perceptivel; mas importantes differenças distinguem cada um d'estes gráos. Assim, no segundo gráo existe uma simples audição da voz. No terceiro, o som é só percebido. No quarto, os surdos não ouvem senão os ruidos. No quinto, a surdez é completa. N'estas diversas classes, quanto mais obtuso é o sentido do ouvido, tanto mais completa é a mudez. Na segunda, como na primeira, o ouvido é susceptivel de melhoramento; é preciso, por conseguinte, exercital-o. Entre as classes seguintes, podem muitos surdos ter a esperança de

chegar a condições melhores pelo tratamento. Das observações do Dr. Itard, que se tem especialmente occupado d'esta materia, resulta que a primeira classe comprehende apenas a quadragesima parte dos surdos mudos; a segunda, pouco mais ou menos a trigesima; a terceira, a vigesima quarta; a quarta, os dois quintos; e a quinta, isto é a surdez completa, pouco mais da metade.

Muitos meios tem sido empregados para a cura da surdez de nascença e, por consequencia, da mudez que d'ella resulta. Quasi todos os ensaios tentados até hoje tem sido infructuosos. Assim, foi frequentemente empregada a electricidade e o galvanismo, e sempre sem resultado. Os medicos tem recorrido aos purgantes, aos emeticos, aos causticos, ás fontes, aos sedenhos; tem seringado substancias irritantes no conducto auditivo, tem empregado injecções de ar ou de liquidos pela trompa de Eustachio, abertura que faz communicar o interior do ouvido com a garganta: os casos em que o emprego d'estes diversos meios foi seguido de alguma diminuição de surdez devem ser considerados como excepções. A educação é o unico recurso para a generalidade dos surdos de nascença. Nas crianças, cujo ouvido só está enfraquecido, é preciso cuidar-se em desenvolvêl-o; póde-se conseguir fazer-lhes ouvir e até repetir as palavras. Toda a arte consiste em exercer fortemente o orgão do ouvido, em vencer, de alguma sorte, a preguiça nos surdos mudos que podem ouvir alguns sons. Principia-se por produzir sons mui fortes, cuja intensidade se vai diminuindo pouco a pouco: depois busca o mestre tornar gradualmente perceptivel nos sons alguma cousa mais do que as variedades de intensidade. Mas, para se chegar a taes resultados, são necessarios esforços tão prodigiosos e constantes, já da parte do mestre, já da do discipulo, que semelhante educação não póde ser dada senão a um numero mui limitado de individuos. E por isso, até agora, a linguagem dos signaes inventada pelo abbade de l'Épée, e aperfeiçoada por seus successores, é a que offerece aos surdos-mudos de nascença os meios de communicação mais promptos, mais faceis e mais extensos.

Desde muito tempo foram feitos os esforços para supprir, por uma educação particular, o que falta ao orgão do ouvido dos surdos-mudos. Diversos methodos foram empregados para instruir os surdos-mudos: procurou-se a principio desenvolver n'elles a linguagem natural de acção e ensinar-lhes gestos mimicos que todos pudessem comprehender; depois creáram para elles um alphabeto-manual puramente convencional, que designa cada letra por um signal particular, sem excluir o emprego dos gestos; finalmente, os surdos-mudos foram exercitados a comprehender a falla pelo movimento dos labios, e a articular sons, ou a fallar, bem que elles não ouvissem. No anno de 1760, o abbade francez de l'Épée fundou em Pariz, com seus recursos privados, para os surdos-mudos, um estabelecimento hoje sustentado á custa do Estado. Recebem-se alí 100 alumnos gratuitos, e certo numero de alumnos que pagam (1,000 francos por anno). A educação dura seis annos. Os alumnos exercitam-se para figurar a falla por meio de gestos

e mesmo para articular; aprendem a leitura, a escrita, o calculo, a grammatica franceza, a historia, a geographia, etc.; ensina-se-lhes tambem uma profissão manual que os possa collocar entre os membros activos e uteis da sociedade. Pelo modelo d'este estabelecimento, mais de 150 instituições de surdos-mudos se formáram não sómente em França e na Europa, mas na America e na Asia.

No Rio de Janeiro, o *Imperial Instituto dos surdos-mudos* foi estabelecido e aberto no dia 1° de Janeiro de 1856, debaixo do patrocinio de Suas Majestades Imperiaes. Este instituto recebe alumnos de ambos os sexos, mediante uma pensão annual; alimenta-os; dá-lhes casa para morada; ensina-lhes tudo quanto comprehende a instrucção primaria e secundaria, a religião e a moral; e dá-lhes noções das artes e sciencias. No anno de 1873 havia no Instituto 22 alumnos, sendo 17 do sexo masculino e 5 do feminino. Eram pensionistas do Estado 21, havia só 1 contribuinte. Eis-aqui as informações sobre este Instituto, extrahidas da obra publicada em 1873 sob o titulo: *Imperio do Brazil na Exposição universal em 1873 em Vienna d'Austria:*

« O Instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro foi fundado em 1856 como empreza particular, concorrendo S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro II, com a pensão de 2 alumnos, o Governo imperial com a de 10, a provincia do Rio de Janeiro com a de 8, e as ordens religiosas de S. Bento e Nossa Senhora do Monte do Carmo com a importancia do aluguel da casa em que se estabelecesse o Instituto. Cedido posteriormente ao Governo pelo emprezario mediante indemnização pecuniaria, foi em 1868 convertido em estabelecimento publico de educação, com o qual o Estado despende a quantia de 34 contos de reis annualmente. É internato, e tem por fim ministrar a educação e instrucção de que são susceptiveis os surdos-mudos, dentro dos limites prescriptos no respectivo regulamento. Está situado a cerca de tres milhas de distancia da cidade do Rio de Janeiro, em um dos seus melhores arrabaldes, occupando casa assaz espaçosa para o numero actual dos alumnos, com quinta, onde ha pateos para jogos e exercicios gymnasticos, jardins, e tanques de abundante e excellente agua.

A instrucção litteraria consiste, por em quanto, na doutrina christã, no ensino da lingua portugueza, pelo methodo intuitivo, seguindo-se n'essa parte o programma do instituto de Pariz, arithmetica em suas applicações praticas, historia sagrada, geographia e historia do Brazil. Ensinam-se tambem, como accessorios, desenho e mimologia, estando esta a cargo de um repetidor surdo-mundo. Aprendem mais todos os maiores de 12 annos a horticultura a floricultura, nas quaes se empregam diariamente em horas convenientes; e alguns trabalham na officina de sapateiro, onde já se fabrica todo o calçado de que se servem os alumnos. As alumnas applicam-se á trabalhos de agulha e aos misteres de uso domestico que lhes são appropriados.

O pessoal superior compõe-se de director, 2 professores e 1 professora de linguagem escripta; 2 repetidores, um dos quaes é surdo-mudo educado no Instituto; mestre de desenho, e capellão, que é ao

mesmo tempo incumbido do ensino religioso. As aulas estão providas dos principaes objectos do ensino, comprehendendo estampas, quadros iconologicos, de que tanto proveito se tem colhido na Allemanha, e apparelhos fabricados no Rio de Janeiro para arithmetica pelo methodo de Deruson e outros para exercicios gymnasticos. Ha no estabelecimento bibliotheca, na qual existem globos e mappas geographicos, collecções completas de padrões de pesos e medidas pelo systema metrico, compendios das aulas escriptos em portuguez, e obras publicadas sobre a educação dos surdos-mudos. Possue o Instituto 30 contos de reis em apolices da divida publica, provenientes de doações particulares e beneficios de theatros. São destinados, como quaesquer outros valores da mesma ou semelhante procedencia, para constituir patrimonio que auxilie os alumnos pobres que, tendo terminado a sua educação, não encontrarem, logo nos primeiros tempos depois de sua sahida, meios de subsistencia. »

§ II. A **surdez adquirida** póde depender de causas mui variadas. Póde ser ocasionada pela inflammação aguda ou chronica do ouvido; é acompanhada então de um corrimento de materia purulenta pelo conducto auditivo, e reclama o tratamento indicado no artigo Otite, vol. II, pag. 554. As concreções ceruminosas accumuladas no conducto auditivo, os corpos estranhos n'elle introduzidos, os polypos desenvolvidos no mesmo conducto, são tambem causas frequentes da surdez. Depois da sua extracção, a faculdade de ouvrir restabelece-se

A obliteração do conducto auditivo occasiona sempre diversos gráos de surdez: a faculdade de ouvir é só enfraquecida se uma membrana tapar o orificio do conducto; pelo contrario, perde-se inteiramente havendo obliteração do mesmo conducto, quer na sua totalidade, quer em parte da sua extensão. Estas variedades de oblitteração umas vezes vão além dos recursos da arte, outras vezes cedem a uma operação cirurgica.

O sentido do ouvido diminue ordinariamente no decurso e no fim das febres graves. Fica momentaneamente abolido na syncope, na gota coral, na catalepsia, na apoplexia; está pervertido, ou mais ou menos supprimido, na febre cerebral. A surdez complica certas affecções chronicas, taes como a syphilis, as escrophulas; póde resultar da superabundancia de sangue na economia, sobrevir em consequencia de uma suppressão dos menstruos: foi observada como resultado da administração de certos medicamentos; do sulfato de quinina, por exemplo, Todas estas surdezes cedem naturalmente ao tratamento dirigido contra as molestias de que se originam, e apenas é necessario indicar que a sangria faz desapparecer uma surdez momentanea produzida pela superabundancia de sangue, que se deve lançar mão dos medicamentos antisyphiliticos, se a surdez for consequencia de affecção venerea. Mas, de todas as surdezes adquiridas, a mais commum é a que depende de *paralysia do nervo acustico*.

A *paralysia do nervo acustico* póde ser produzida pela sua commoção resultando de pancada ou quéda sobre a cabeça, ou então de uma

quéda sobre os pés, joelhos ou nadegas, que tenha imprimido um violento estremecimento a todo o corpo. Uma bofetada é até ás vezes sufficiente para determinal-a. Succede aos ruidos violentos e subitos, taes como os estrondos do trovão, a explosão das peças de artilharia, de uma mina ou de um armazem de polvora. As molestias do cerebro tornam-se tambem causas de surdez que persiste depois d'ellas terem cessado; assim, as crianças podem ser affectadas d'ella depois das convulsões, e todos os individuos após a inflammação do cerebro ou depois da apoplexia. Emfim, em muitos casos, a paralysia do nervo não é precedida de alguma d'essas affecções, e parece consistir em uma fraqueza essencial e progressiva d'este orgão.

Quando a surdez procede de violentas commoções cerebraes é ordinariamente subita. Nos outros casos, desenvolve-se quasi sempre lenta e progressivamente. As pessoas que experimentam naturalmente difficuldade em seguir uma conversação geral, ou que pelo menor ruido ou pela mistura de algumas outras vozes perdem o fio de um discurso que captivava a sua attenção, são mais dispostas do que outras a ficarem surdas. Esta fraqueza da audição é o primeiro symptoma pelo qual principia a surdez que sobrevem gradualmente. Ajuntam-se-lhe zunidos, dôres de cabeça e enfraquecimento da memoria. Em todos os casos, a surdez augmenta mais ou menos rapidamente, permanece ás vezes estacionario, cresce na velhice, nas epocas menstruaes, sob a influencia das affecções moraes tristes, das comidas mui copiosas, do correr, e principalmente do frio humido; diminue, pelo contrario, nas circumstancias oppostas.

Não é raro ver-se a insensibilidade do nervo acustico estender-se ao pavilhão da orelha, ás fontes, aos tegumentos do pescoço, a ponto de tornar estas partes insensiveis á acção dos instrumentos cortantes As vezes a membrana que forra o conducto auditivo cessa de segregar cerumen, toma o aspecto da pelle, e cobre-se de uma epiderme secca e farinacea.

Diagnostico. Para haver certeza de que a surdez depende do enfraquecimento ou da paralysia do nervo acustico, cumpre assegurar-se primeiro, por meio de um exame bem attento, de que não existem causas physicas que se opponham á audição. É preciso pois examinar o conducto auditivo externo. Para este exame deve-se collocar o doente n'uma posição que permitta a penetração dos raios solares no conducto auditivo; deve-se tambem endireitar a curvatura do canal por meio das tracções da orelha dirigidas para cima e para fóra. Na falta do sol, emprega-se a luz artificial, que é sempre muito menos vantajosa. No estado normal, e sem cerumen, as paredes do conducto auditivo apresentam a côr rosea da pelle; a membrana do tympano é lisa, de côr branca. No caso de abcesso, o pus corre do conducto auditivo. — É preciso tambem examinar a garganta; porque as amygdalas, quando augmentam de volume, podem comprimir a trompa de Eustachio, e produzir uma surdez mais ou menos pronunciada. Importa tambem examinar os dentes, porque ás vezes as dôres de ouvido e a surdez dependem da carie dos ultimos dentes molares.

Tratamento da surdez proveniente da paralysia completa ou incompleta do nervo acustico. Este tratamento compõe-se dos meios seguintes: Caustico na nuca. Instillação no conducto auditivo de oleo de amendoas doces, de glycerina, de agua de creosote, de ether sulfurico, de oleo camphorado, de balsamo tranquillo. Vapores de enxofre queimado dirigidos ao conducto auditivo. Fumigações com infusões de valeriana, de alecrim, de alfazema. Insufflações com infusões de valeriana, de alecrim, de alfazema. Insufflação ás fauces de alumen pulverizado. Gargarejo aluminoso.

Agua de creosote.

Creosote	1 gramma.
Agua	90 grammas.

Gargarejo aluminoso.

Agua	600 grammas.
Pedrahume	15 —
Mel de abelhas	60 —

Como não se póde sempre curar a surdez, e como ella é raras vezes completa, os medicos tem-se occupado dos meios de concentrar e augmentar os sons, dirigindo-os ao ouvido. Instrumentos tem sido imaginados para este effeito: chamam-se *cornetas acusticas* (fig. 836 e 837). Ha d'ellas grande numero, de fórmas e dimensões diversas; mas todas se reduzem a cylindros ôcos, de prata, cobre ou folha de Flandres ou gomma, estreitados em uma das extremidades e dilatados na outra, ás vezes enroscados em espiral no seu centro e interrompidos por um ou dois septos de pellica. Por mais variadas que sejam as cornetas acusticas, as modificações individuaes da sensibilidade auditiva nos surdos são mais differentes ainda. Sendo apresentada qual-



Fig. 836. — Corneta aucustica de buphalo.

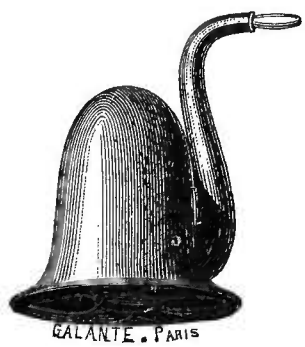


Fig. 837. — Corneta metallica de Piliner.

quer pessoa affectada de surdez incompleta, não é possivel determinar-se immediatamente que genero de instrumento lhe convirá melhor, É preciso quasi sempre ensaiar certo numero d'elles para encontrar o que

produz melhores effeitos, como se faz quando se trata de escolher oculos para as pessoas que tem a vista curta.

SUSPENSORIO. É um apparelho particular destinado a levantar o escroto nos individuos affectados de differentes molestias d'este orgão. O suspensorio consiste n'uma especie de sacco de brim, panno de algodão ou de tecido de ponto de meia, no qual o escroto se acha contido exactamente, sem, comtudo, ficar comprimido: este sacco é mantido por cadaços que se fixam na cinta, suspendem o escroto e impedem que, entregue ao seu proprio peso, penda entre as pernas.

O suspensorio é util em muitas circumstancias, como na blennorrhagia, para prevenir a inflammação dos testiculos, no varicocele, sarcocele, erysipela do escroto, e nas pessoas que, não tendo inchaço algum no escroto, montam frequentemente a cavallo. Finalmente, o suspensorio não serve sómente para os individuos que soffrem de alguma molestia do escroto, mas é tambem vantajoso para prevenir as contusões, as compressões dos testiculos quando o escroto está comprimido e relaxado, como acontece no tempo quente.

Suspensorio do braço. Ligadura destinada para sustentar o braço na fractura dos ossos do braço, do antebraço, da clavicula, no panaricio e nas outras molestias da mão ou do braço. Ha varias maneiras de applicar esta ligadura.



Fig. 838. — Lenço passado ao pescoço.

Lenço suspenso ao pescoço (fig. 838). Constitue o suspensorio do braço simples. Faz-se com um lenço de algibeira dobrado em triangulo. Atando atraz do pescoço os dois angulos agudos, obtem-se uma goteira que pende diante do peito, e na qual descança o antebraço e a mão. O angulo recto corresponde ao cotovelo do braço doente; se o excede a ponto de ficar incommodo, póde dobrar-se para diante e fixar com alfinete.

Suspensorio do braço de João Luiz Petit (fig. 839). Faz-se com um pedaço de panno de linho quadrado, de 80 centimetros, dobrado em triangulo. Passa-se este panno assim dobrado entre o braço e o peito do doente, de maneira que o angulo recto se ache debaixo do cotovelo, e o grande lado do triangulo debaixo da mão. Dos dois angulos agudos, um passará sobre o hombro são, e o outro, subindo e cobrindo o antebraço e o hombro doente, passará atraz do pescoço, para encontrar-se com o primeiro, sobre o hombro do lado opposto, onde estes dois angulos serão atados ou cozidos juntos, e firmados de tal maneira que o antebraço fique encolhido quasi em angulo recto. Então pegando nos dois

angulos rectos perto do cotovelo, separam-se estes tirando o exterior do lado da mão, e o interior por detraz do cotovelo, de maneira que o antebraço occupe o centro do panno assim desdobrado. Passam-se então os dois angulos, a saber : o angulo que está por diante, por baixo da mão, e o angulo que está por detraz, por cima do braço : e, depois de chegados um ao outro, atam-se juntos, e pregam-se com o resto do panno, por meio de um alfinete grosso. Este suspensorio é o mais conveniente de todos. O antebraço e o cotovelo estão exactamente sustentados; todo o membro acha-se envolvido desde o hombro até á ponta dos dedos, e não ha risco que o doente desarranje o apparelho, como acontece muitas vezes, quando não se toma esta precaução.



Fig. 839. — Suspensorio do braço de João Luiz Petit.

SUSPIRO. O suspiro não é outra cousa senão uma inspiração profunda, e na qual os pulmões, amplamente dilatados, permittem que o sangue accumulado nas cavidades direitas do coração passe livremente ás cavidades esquerdas. O suspiro tem logar nas affecções tristes do coração, que tem por effeito uma accumulação do sangue nos orgãos circulatorios. Essa accumulação manifesta-se por certo incommodo e oppressão, que o suspiro faz desapparecer abrindo aos liquidos uma via mais facil.

SUTURA ou **COSTURA.** Pequena operação que consiste em cozer juntos os labios de uma ferida, para approximal-os mais exactamente, e obter uma consolidação immediata. Pratica-se com linha enfiada em agulha.

SYCOSE. *Veja-se* MENTAGRA.

SYMPTOMA. Chamam-se *symptomas* os diversos phenomenos que sobrevem n'uma molestia. Pela reunião e successão dos symptomas é que se conhece a molestia. Não se deve confundir o *signal* com o *symptoma:* o *signal* é uma conclusão que o espirito tira dos symptomas observados pelos sentidos; o *signal* pertence mais ao juizo, e o *symptoma* aos sentidos. Muitas vezes, porém, a palavra *signal* é empregada como synonymo de *symptoma.*

SYNCOPE. *Veja-se* DESMAIO.

SYNOVIA. Liquido contido nas articulações, que serve para facilitar-lhes os movimentos.

SYNOVIAES. Membranas serosas que servem para facilitar os movimentos das articulações e dos tendões, que se encontram tambem debaixo da pelle, em logares onde ha repetidas pressões. Nas articulações, as synoviaes se apegam ao redor das duas extremidades dos ossos que se acham em contacto, como no femur e no tibia para a articulação do joelho, e os rodeiam como se fosse um regalo. O seu lado interno, polido, liso, acha-se constantemente lubreficado pela secreção de um liquido viscoso, filante, pouco abundante, contendo saes de soda e de cal em grande quantidade, que se chama synovia. Quando esta synovia não se reproduz em quantidade sufficiente, os movimentos articulares se executam com difficuldade e são dolorosos. Os tendões tambem se acham envolvidos em synoviaes, que lhes facilita que se desloquem sob as contracções musculares. Quanto ás synoviaes sub cutaneas, são constituidas por pequenas bolsas fechadas por todos os lados que se encontram principalmente nas regiões em que a pelle se acha directamente em contacto com um osso como do lado da frente da rotula. Graças a ellas, a pelle escorrega ao menor choque e evita d'este modo, muitas contusões. As inflammações das synoviaes chamam-se hygroma (*Veja-se* HYGROMA).

SYPHILIDE. Debaixo do nome de *syphilides*, comprehendem-se affecções cutaneas de fórmas diversas produzidas pela acção do virus venereo sobre a pelle. Ha d'ellas sete especies que são : syphilide *exanthematosa*, *vesiculosa*, *bolhosa*, *pustulosa*, *tuberculosa*, *papulosa* e *escamosa*. As syphilides tem por caracteres communs : 1.° uma côr *rubra de cobre*, semelhante á *carne do presunto*: em alguns casos, porém, a côr é cinzenta, escura; 2.° tendencia para tomar *uma fórma circular ;* 3.° estas erupções raras vezes determinam comichão, e degeneram facilmente em ulceras.

Causas. As syphilides são consecutivas ao cancro venereo endurecido, ou provém da syphilis hereditaria. Desenvolvem-se, sobretudo, nos individuos que, affectados de cancros venereos, não se submetteram ao tratamento mercurial interno, ou só fizeram um tratamento mercurial insufficiente.

Symptomas. Variam segundo a fórma da erupção.

1.° *Syphilide exanthematica.* É caracterizada por manchas côr de cobre, que desapparecem lentamente pela pressão; occupam o tronco e os membros. A esta fórma pertencem certas manchas que foram chamadas *maculas* ou *ephelides syphiliticas*, manchas mais ou menos arredondadas, de côr rubra escura, de 3 a 4 centimetros de diametro, e desapparecendo incompletamente pela pressão.

2.° *Syphilide vesiculosa.* Dá-se o nome de *vesicula* a uma pequena elevação da epiderme, cheia de liquido transparente, e, ás vezes, opaco. A syphilidade vesiculosa póde apresentar-se sob as fórmas que correspondem ás erupções simples : assim, ora manifesta-se por vesiculas redondas, globosas, de certo volume, isoladas, como nas cataporas; ora

apparece debaixo da fórma de pequenos discos ou anneis, como no herpes; outras vezes enfim as vesiculas, mais numerosas, estão dispostas em grupos irregulares, e espargidas como no eczema. Sempre a erupção apresenta a côr syphilitica, côr de cobre ou cinzenta escura, que a faz distinguir facilmente. O estado vesiculoso é curto, mas as escamas que succedem, duram muito tempo. Depois da separação das escamas ficam manchas que tem os caracteres das maculas syphiliticas já indicadas.

3.° *Syphilide bolhosa.* Consiste em bolhas, como no pemphigo ou na rupia. É fórma mais rara.

4.° *Syphilide pustulosa.* As *pustulas* são pequenas elevações de pus, inflammadas na base, cheias de pus, e apresentando a fórma de botão branco. A *syphilide pustulosa* é a fórma mais commum, e declara-se de ordinario muitos annos depois da cura dos symptomas primitivos. As pustulas não offerecem sempre a mesma apparencia; ás vezes são pequenas, cónicas, de base dura, de côr rubra escura, numerosas e grupadas. Podem apparecer em todas as regiões; mas occupam sobretudo o rosto, a testa, e simulam a *açne rosacea.* São acompanhandas de pouca inflammação; terminam por deseccação, e quando a crosta cahe acha-se no seu logar uma cicatriz circular ou uma simples macula, mas raras vezes ulcerações. A quéda das unhas, que se observa na syphilis constitucional, é devida as mais das vezes a pustulas ou ulcerações que destroem a raiz da unha: esta torna-se então preta, secca e cahe.

5.° *Syphilide tuberculosa.* É uma forma mui frequente das syphilides, e sobrevem de ordinario muito tempo depois dos accidentes primitivos. É caracterizada por tuberculos cujo volume varia desde o da cabeça de um alfinete e de uma ervilha, até ao de uma amendoa ou de pequena noz. São de côr rubra de cobre, oblongos, achatados, espargidos ou grupados em circulo. Podem occupar todo o corpo; mas observam-se sobretudo no rosto, no nariz, e nos cantos da bocca. Ums ficam muito tempo estacionarios, mesmo por muitos annos, conservando uma superficie lisa, que se cobre de escamas de tempos a tempos. Quando sáram, os pequenos tumores deprimem-se e depois desapparecem; o seu logar fica marcado durante algum tempo por uma mancha de côr rubra livida. Outras vezes, os tuberculos transformam-se em ulceras que se cobrem de crostas espessas.

6.° *Syphilide papulosa* (*Lichen syphilitico*). É caracterizada por pequenas elevações cheias, pouco salientes acima do nivel da pelle, duras, solidas, não seguidas de ulceração, e terminando sempre pela resolução ou pela escamação.

7.° *Syphilide escamosa.* Esta especie de syphilide é caracterizada por escamas seccas e cinzentas que cobrem pequenas elevações de côr de cobre. Póde apresentar-se debaixo das apparencias da *lepra* ou da *psoriase*, e particularmente da *psoriase gotiforme.* Mas differe sobretudo da lepra ordinaria, pela côr quasi preta das chapas. A fórma *psoriase* differe da psoriase gotiforme simples, não sómente pela côr de cobre, mas tambem por uma pequena orla branca ao redor da base de cada

chapa, adherente a esta base, o que constitue um caracter especial. Existe tambem uma fórma de syphilide escamosa á qual foi dado o nome de *cornea*, por causa da dureza, da côr cinzenta e do aspecto rachado das chapas. Esta fórma encontra-se mais especialmente na face palmar das mãos e na planta dos pés. Esta syphilide persiste ás vezes durante muitos annos.

Taes são as differentes erupções que a syphilis póde produzir na pelle, a que se dá o nome de *syphilides*. Podem existir isoladamente; ás vezes algumas d'ellas acham-se reunidas no mesmo individuo.

Diagnostico. As syphilides são de todas as erupções aquellas que não se reconhecem as mais das vezes, e que se suppõem tambem o mais frequentemente. Vimos, com effeito, que se parecem com muitas molestias cutaneas simples. Mas, por meio dos caracteres indicados precedentemente, poder-se-ha quasi sempre estabelecer o seu diagnostico differencial. Comtudo, deve-se notar que as syphilides não tem signal proprio; os caracteres que dexei indicados não são bastante exclusivos a estas affecções, para que a sua falta ou a sua presença possa ser um signal indubitavel, quer a erupção seja syphilitica, quer não. O diagnostico estabelece-se não sómente por meio dos caracteres proprios da erupção, mas tambem considerando a sua séde, a época do seu desenvolvimento, os antecedentes syphiliticos dos doentes, e a presença dos symptomas que a acompanham.

Prognostico. As syphilides são uma das fórmas menos graves e menos renitentes da syphilis; todavia, a fórma escamosa é muitas vezes rebelde, e a fórma tuberculosa póde deixar após si graves desordens.

Tratamento. Independentemente do tratamento interno, convem recorrer nas syphilides á medicação local. O tratamento interno consiste sobretudo no uso, durante dois mezes pelo menos, do sublimado ou do protoiodureto de mercurio, e salicylato de hydrargyrio; as receitas d'estas preparações vão adiante indicadas. Se o mercurio não fôr sufficiente para curar a molestia, recorra-se ao uso interno do iodureto de potassio. O tratamento local compõe-se de banhos geraes d'agua tepida, lavatorios com solução de sublimado, fricções ou curativos com pomada de calomelanos, com pomada de proto-iodureto de mercurio, fumigações de cinabrio, applicação de emplasto de Vigo, e outros curativos adiante indicados. Na syphilide escamosa modifica-se ás vezes utilmente o estado da pelle com banhos sulfurosos, ou pomada de alcatrão; as ulcerações curam-se com ceroto opiado, vinho aromatico, solução de chlorureto de cal, agua de Labarraque, ou com pomada mercurial; cauterizam-se estas ulcerações com pedra infernal. Se estiverem inflammadas, curam-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula. O tratamento tanto interno como externo dura de dois a quatro mezes.

RECEITUARIO CONTRA AS SYPHILIDES.

Para uso interno:

1.º *Pilulas de protoiodureto de mercurio.*

Protoiodureto de mercurio.....	5 centigrammas.
Extracto de opio.....	2 —

Conserva de rosas	10 centigrammas.
Alcaçuz em pó	quant. suffic.

Faça 1 pilula, e como esta mais 39. Para tomar 2 pilulas por dia, uma de manhã, outra de noite.

2.° *Licor de Van Swieten.*

Bichlorureto de mercurio	1 gramma.
Agua distillada	900 grammas.
Alcool a 80° centesimaes	100 —

Dissolva o bichlorureto no alcool, ajunte depois a agua distillada. Dóse : 4 grammas duas vezes por dia, n'um copo d'agua ou de cozimento de salsaparrilha. Todos os dias augmenta-se a dóse do *licor* de 4 grammas, até se chegar a 16 grammas, por cada vez, duas vezes por dia, que é o maximo da dóse. Continua-se por dois mezes.

3.° Xarope de salsaparrilha	1 litro.

4.° *Solução de iodureto de potassio.*

Agua distillada	500 grammas.
Iodureto de potassio	24 —

Dóse : 15 grammas duas vezes por dia, n'uma chicara de cozimento de salsaparrilha.

Para uso externo :

1.° *Solução de sublimado para lavatorios.*

Sublimado corrosivo	40 centigrammas.
Agua distillada	60 grammas.

2.° *Pomada de calomelanos.*

Calomelanos	4 grammas.
Banha	36 —

3.° *Pomada de protoiodureto de mercurio.*

Protoiodureto de mercurio	1 gramma.
Banha	20 grammas.

4.° Emplasto de Vigo, um pedaço de 5 centimetros quadrados.

Corta-se um pedaço do tamanho da syphilide, e applica-se sobre ella.

5.° *Solução iodurada.*

Agua distillada	180 grammas.
Tintura de iodo	4 —
Iodureto de potassio	1 gramma.

Molham-se os fios n'esta solução, e applicam-se sobre as syphilides ulceradas.

6.° *Banho sulfuroso.*

Sulfureto de potassio secco	90 grammas.
Agua commum	500 —

Dissolva e deite n'uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral.

7.º *Pomada de alcatrão.*

Alcatrão purificado	8	grammas.
Banha	24	—

Em fricções, sobre as syphilides não ulceradas.

8.º Pomada mercurial cinzenta	30	grammas.

9.º *Solução de chlorureto de cal.*

Chlorureto de cal	8	grammas.
Agua commum	360	—
10.º Agua de Laborraque		uma garrafa.
11.º Vinho aromatico	180	grammas.

12.º *Pomada de precipitado rubro.*

Pomada rosada	15	grammas.
Precipitado rubro,	1	gramma.

As receitas nºs 8, 9, 10 e 11, servem para curar as syphilides ulceradas.

SYPHILIS. *Syphilis*, *mal syphilitico*, *mal venereo*, *gallico*, taes são os diversos nomes de uma molestia caracterizada por varios symptomas que serão o objecto do presente artigo. Esta molestia é eminentemente contagiosa, e depende do *virus*, cuja natureza intima, como a de todos os outros virus, não é conhecida, mas cuja influencia deleteria manifesta-se sufficientemente na economia, pelos diversos effeitos que occasiona. Transmitte-se pela approximação dos sexos, mas contrahe-se tambem por qualquer outra especie de contacto immediato, comtanto que os logares, que correm este risco, sejam simplesmente cobertos de membrana mucosa, como a glande, os labios, etc., ou então que, sendo cobertos pela pelle, esta se ache casualmente despida de sua epiderme por qualquer ferida ou esfoladura. Resultam d'isso frequentes exemplos de semelhantes molestias contrahidas pela amammentação, por beijos, ou pela applicação da materia virulenta nos olhos, ventas, anus, e até nos dedos, quando n'elles existem esfoladuras. Um copo, uma colher, um cachimbo, communs a muitos individuos, podem d'esta maneira communicar a molestia : o mesmo entende-se com o apertar a mão, mas é preciso que o objecto esteja impregnado de materia virulenta para que aconteça esta desgraça.

Symptomas. O virus da syphilis póde reproduzir-se, multiplicar-se, e exercer a sua acção localmente, e mais tarde sobre toda a economia. Os seus symptomas dividem-se em *primitivos*, *segundarios* e *terciarios*.

a. Os *symptomas primitivos* são os que se declaram poucos dias depois do contagio, e que se mostram nos logares em que o virus foi applicado : consistem só no *cancro simples*, vulgo *cavallo*.

b. Symptomas segundarios. Quando os symptomas primitivos se tem

espontaneamente dissipado, ou quando o seu tratamento foi incompleto, resultam d'isso frequentemente symptomas segundarios que podem patentear-se alguns dias, mezes e mesmo alguns annos depois da cura dos symptomas primitivos. São : bubão ou mula, cancro endurecido, cancro phagedenico, diversas fórmas de molestias de pelle conhecidas pelo nome de *syphilides*, taes como as manchas ou maculas, vesiculas, bolhas, pustulas, tuberculos, papulas, escamas; as rhagadias, as vegetações; diversas ulcerações da bocca, da pharynge, larynge, alopecia.

c. Symptomas terciarios. Apparecem depois dos symptomas segundarios. São : engurgitamentos syphiliticos dos testiculos, tumores gommosos, exostoses, necroses, caries, dôres musculares, dôres nocturnas nos ossos, gota serena, emmagrecimento syphilitico.

A blennorrhagia ou o esquentamento, bem que adquirida por um contacto impuro, não é considerada como molestia syphilitica : é de natureza especial diversa da do cancro, e exige um tratamento differente d'aquelle que se emprega contra os symptomas syphiliticos propriamente ditos, e aqui mencionados.

Demoremo-nos um pouco em cada um dos symptomas da syphilis.

1.° *Cavallos* ou *Cancros venereos*. Pequenas ulcerações syphiliticas, que principiam commummente por pequenas nodoas vermelhas que causam uma comichão incommoda, e que transformam-se logo depois em um pequeno botão. O apice d'este botão faz-se branco, torna-se transparente, abre-se, e deixa sahir um liquido claro. Pouco a pouco, a ulceração cava-se, deixa sahir uma materia purulenta, viscosa, fetida, contagiosa, e transforma-se em verdadeiro cavallo. Os logares em que este symptoma se manifesta mais frequentemente são, no homem, a glande e o prepucio, e na mulher, a face interna da vulva. Os cavallos podem ás vezes apparecer nos beiços, nas margens do anus, no bico do peito, na bocca, e até na pelle do escroto e do membro viril, quando estas partes estiveram em contacto immediato com o virus. Os cavallos tem caracteres particulares que servem a distinguil-os das ulcerações não syphiliticas que se podem encontrar nos orgãos genitaes : a sua superficie é de côr parda ou amarellada, as margens são vermelhas e cortadas perpendicularmente. *Veja-se* CAVALLO, vol. I, pag. 521.

2.° *Mula* ou *Bubão*. O bubão é um tumor mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas lymphaticas da virilha. *Veja-se* MULA, vol. II. pag. 661.

3.° *Rhagadias* ou *Gretas*. Chamam-se *gretas* pequenas ulceras compridas e estreitas que de ordinario tem a sua séde nos intersticios das rugas do anus : n'este caso, incommodam o doente a ponto de não poder andar, sentar-se, nem montar a cavallo. Estas rachas raras vezes resistem á administração methodica do tratamento interno, ajudados dos cuidados de asseio e da leve applicação da pedra infernal.

Sobrevem, ás vezes, entre os dedos e na palma das mãos, na sola dos pés, entre os dedos dos pés e no escroto, rachas venereas que se chamam *rhagadias*. São de ordinario menos dolorosas e menos incommodas que as do anus. O tratamento geral deve ser exactamente semelhante para

todas estas ulceras, seja qual fôr a sua séde. Os curativos locaes consistem em pequenas mechas de fios molhados em agua de Labarraque misturada com agua tepida, que se applicam nas rhagadias.

4.° *Manchas syphiliticas.* Esta mudança da côr natural da pelle é semelhante á que o estado de gravidez determina em certas senhoras. É devida á existencia do virus syphilitico, cuja acção se exerce por muito tempo sobre o organismo. Estas manchas são côr de cobre, amarellas-roxas ou côr de café com leite, quasi sempre mais escuras na circumferencia do que no centro. São brandas ao tacto; quando existem ha muito tempo, despegam-se d'ellas escamasinhas furfuraceas. Não offerecem, todavia, caracter algum peculiar que as faça distinguir com certeza das que dependem de uma simples disposição dartrosa. Entretanto, quanto mais escura fôr a sua côr, tanto mais devem ser consideradas como dependentes da infecção venerea, sem, comtudo, se desprezarem as outras circumstancias que possam remover todas as duvidas; taes como a affecção syphilitica primitiva que existia e que foi mal curada, ou a presença de outros symptomas syphiliticos sobre cuja natureza haja menos incerteza. As manchas syphiliticas dissipam-se tanto mais facilmente pelo uso dos antivenereos geraes e banhos mornos repetidos, quanto menos antigas são. Se resistirem, póde-se esperar o seu desapparecimento pelo uso dos banhos d'agua do mar, e das fricções com pomadas sulfurosas.

5.° *Vegetações syphiliticas.* Assim se chamam pequenos tumores que se desenvolvem nos orgãos genitaes em consequencia da influencia do virus venereo. A sua séde mais ordinaria é nas membranas mucosas : tambem se encontram na glande e face interna do prepucio; ás vezes mostram-se no canal da urethra, perto do orificio. O que tem de mais singular estes pequenos tumores, é que o seu apice apresenta quasi sempre sulcos que os dividem em muitas separações, e que lhes fizeram dar o nome de *verrugas* quando são pequenos, e os de *couve-flores* e *esponjas* quando tem maior volume. As verrugas são mais brancas do que a parte sobre a qual se desenvolvem. As couve-flores são de côr vermelha. Todas as vegetações são, em geral, pouco dolorosas, salvo nos casos em que são irritadas por fricções imprudentes, por applicações causticas, ou então por tracções repetidas feitas para arrancal-as.

Em muitos casos, as vegetações indicam uma affecção antiga, e manifestam-se muitos mezes e até muitos annos depois dos cavallos ou de outros symptomas primitivos : ha entretanto exemplos de sobrevirem quinze dias ou um mez depois do coito suspeito. Comtudo, a molestia nem por isso deixa de exigir o uso de mercurio; mas o medicamento deve ser proporcionado á antiguidade do symptoma.

Porém as vegetações nem sempre são de natureza syphllitica. Em certos casos, sobrevem, nas mesmas regiões, vegetações que offerecem fórmas semelhantes, bem que não possam ser attribuidas senão a causas estranhas ao contagio venereo. As pessoas sãs e que nunca tiveram a molestia syphilitica podem ser d'ellas affectadas. Resulta d'isto grande perplexidade quando se deve emittir uma opinião sobre a natureza real

d'este symptoma. Só as circumstancias anteriores é que podem dirigir o juizo. Se o doente declarar que nunca foi affectado de syphilis, ou que se a teve, foi tratado segundo os preceitos da arte, não ha duvida de que as vegetações sejam estranhas ao virus. Mas se os cavallos de que foi affectado precedentemente foram sómente cauterizados e não curados pelo tratamento antisyphilitico interno, ou se com as vegetações existirem outros symptomas venereos, póde-se deduzir que ellas são da mesma natureza venerea.

Quando, emfim, as vegetações forem reconhecidas syphiliticas, é preciso que o doente se submetta ao uso dos medicamentos mercuriaes. Durante este tratamento, as vegetações muitas vezes perdem a côr, murcham e cahem sem que seja necessario fazer uso de applicação alguma local. Mas quando persistem; bem que o tratamento interno chegue ao fim, é indispensavel que se recorra a uma medicação directa. Consiste ella no emprego de um dos meios seguintes : 1.° applicações d'agua vegeto-mineral; 2.° cauterização com pedra infernal; 3.° laqueação com linha de coser; 4.° arrancadura; 5.° excisão. Qualquer que seja o methodo adoptado, é mister saber que ellas tem, como as que dependem de outra causa, uma tendencia particular a apparecerem de novo. Os doentes nunca devem, n'este caso, dar-se a novos tratamentos antivenereos; pois que a molestia é só local, e deve ser exclusivamente tratada pelos meios externos que acabei de indicar. As vegetações que não são syphiliticas não reclamam tratamento algum interno; o doente, deve só recorrer a um dos meios externos acima referidos.

6.° Além das vegetações, desenvolvem-se tambem perto do orificio do anus *excrescencias syphiliticas* que tem fórmas variadas. Quando são longitudinaes, achatadas, e entre as duas nadegas, chamam-se *condylomas*. Quando são sulcadas por fendas transversaes, denominam-se *cristas de gallo*. Em geral, estes symptomas dependem quasi sempre de um vicio interno mais ou menos inveterado, mas podem tambem manifestar-se como phenomenos primitivos da infecção, quando a região do anus foi posta em contacto com o virus. Estes tumores são de ordinario pouco dolorosos, bem que de côr mais viva do que a pelle ou a membrana mucosa sobre a qual se mostram. Ás vezes, todavia, adquirem grande sensibilidade, tornam-se de côr vermelha muito mais carregada, e reçuma da sua superficie um fluido mucoso, mais ou menos fetido. Este estado de irritação é sobretudo provocado por grandes fadigas e caminhadas. Os condylomas incommodam singularmente os doentes durante o andar, a equitação, e tornam ás vezes mui penosa a funcção de defecação.

O tratamento mercurial interno é igualmente tão applicavel as excrescencias syphiliticas como aos outros symptomas consecutivos. Ao mesmo tempo, fazem-se sobre ellas unturas com unguento mercurial. Mas se forem dolorosas e mui vermelhas, antes de se lançar mão d'esta applicação local convem primeiro acalmar a irritação com banhos mornos, cataplasmas de linhaça e unturas de ceroto opiado. Se no fim de dois mezes de tratamento mercurial interno as excrescencia não

desapparecerem, é necessario destruil-as pela cauterização ou excisão.

7.° *Syphilides.* Comprehendem-se debaixo d'esta denominação todas as affecções cutaneas, que dependem da syphilis. Apresentam-se debaixo da fórma das exanthemas, vesiculas, bolhas, pustulas, papulas, escamas, tuberculos. Exigem um tratamento mercurial interno, e diversas applicações locaes. *Veja-se* SYPHILIDE, vol. II, p. 1027.

8.° *Dôres osteocopas.* O virus syphilitico, depois de ter-se demorado mais ou menos tempo na economia, annuncia frequentemente a sua presença atacando os ossos, que se tornam a séde de dôres e tumefacções mais ou menos consideraveis. Este virus póde tambem determinar dôres nos musculos, ás quaes é inteiramente applicavel tudo o que se disser n'este paragrapho. As dôres osteocopas (tal é o seu nome) apresentam de particular, o serem mais vivas no fim do dia, e durante as tres ou quatro primeiras horas da noite, do que em todos os outros momentos. Esta circumstancia, junta á sua resistencia obstinada aos meios ordinarios, as fará facilmente distinguir das dôres rheumatismaes e sciaticas : estas, com effeito, em vez de augmentarem com o calor da cama como as dôres devidas á syphilis, perdem, pelo contrario, n'este caso, quasi sempre a sua intensidade, e acabam até por deixar algum repouso aos doentes. Comtudo, o medico não póde jugar, só por este unico caracter, da natureza das dôres; visto que as que são evidentemente venereas são ás vezes tão violentas de dia como de noite, ao passo que algumas dôres rheumatismaes, longe de se acalmarem com o calor da cama, adquirem n'ella, pelo contrario, maior força. Por conseguinte, o medico nunca se refere ao que um primeiro exame lhe suggerio, e indaga se não existem outros symptomas syphiliticos que possam dissipar a incerteza; e cumpre aqui dizer que, em muitas circumstancias, acham-se ao mesmo tempo no individuo affectado de dôres osteocopas, pustulas, ulceras consecutivas, exostoses e outros signaes de infecção, proprios para caracterizarem a natureza da molestia. Com tudo isso, não se deve crer que as excepções de que acabei de fallar, sejam bastante communs, para destruirem a importancia que se dá a este caracter das dôres venereas dos ossos, de atormentarem principalmente durante a noite. Direi até que este symptoma é frequentemente muito util, para os medicos, quando elles tem de caracterizar as ulcerações de garganta e outras affecções determinadas pelo mesmo virus, e cuja origem sem as dôres osteocopas ficaria ainda por muito tempo ignorada

As dôres venereas atacam particularmente os ossos dos membros, e os do craneo. Bem que ordinariamente fixas sobre tal ou tal parte do corpo, são, entretanto, susceptiveis de mudar de sitio para passarem a outras regiões. Muitas vezes existem sem alteração apparente dos ossos; mas, em alguns casos, os ossos incham e apresentam tumores chamados *exostoses*. Habitualmente, estas dôres são tão leves durante o dia, que os doentes apenas as sentem, e podem entregar-se ás suas occupações. Mas logo que se põe o sol, ás vezes um pouco mais tarde, as dôres principiam a apparecer, e augmentam progressivamente até á meia noite,

pouco mais ou menos. Então são lancinantes, atrozes, e durante muitas horas arrancam gritos de desespero ao doente. Com a aurora diminuem os soffrimentos, e o somno volta com os primeiros raios do sol, instante em que as dôres são commummente quasi nullas. Comtudo, nem todos os casos são tão graves.

As dôres syphiliticas dos ossos cedem facilmente á acção do tratamento anti-venereo geral, e especialmente d'aquelle, cuja base é o sublimado e cozimento de salsaparrilha, Fallarei d'isto mais adiante, quando descrever o tratamento geral da syphilis. A este tratamento póde-se accrescentar algum calmante para diminuir a violencia dos soffrimientos quanto seja possivel. Tal é o opio tomado na dóse de 5 a 10 centigrammas ao deitar-se. Se o opio não produzir o effeito desejado, recorra o doente ao chlorhydrato de morphina na dóse de 1 a 5 centigrammas, ou ao xarope de lactucario na dóse de 30 a 60 grammas, sempre ao deitar-se. Mas, quaesquer que sejam os meios d'esta natureza que se ponham em uso, as dôres não céssam immediatamente. O doente tem dùas ou tres horas de repouso, e depois recomeça o seu tormento. Comtudo, esta pequena vantagem o tranquilliza, faz-lhe ter paciencia, e durante esse tempo o tratamento anti-venereo, o verdadeiro e unico calmante cujos effeitos são duraveis, adianta-se e acaba por destruir definitivamente a causa das dôres osteocopas.

Muitas vezes, a medicação mercurial, adjudada pelos fracos auxiliares que acabo de mencionar, basta para acalmar as dôres e prevenir a sua volta destruindo completamente o virus que as produzio, sem que seja necessario recorrer ao tratamento local. Todavia, circumstancias ha em que as applicações immediatas podem ser de grande soccorro. Assim acontece quando as dôres são violentas, intoleraveis, sebretudo quando tardam muito a cederem ao emprego dos remedios acima indicados. Os meios que se tem mostrado mais uteis n'este caso são as cataplasmas de linhaça borrifadas com laudano, as fricções com balsamo tranquillo, os sinapismos, e os causticos.

9.° *Exostoses*, *Tumores gommosos*, *Caries* de natureza syphilitica. As *exostoses venereas* são tumores formados pela inchação total ou parcial dos ossos em certos individuos affectados de syphilis consecutiva. São duros, sem alteração da côr natural da pelle, e ordinariamente pouco dolorosas ou sem dôr alguma : são inmoveis e adherem fortemente ao osso.

Os *tumores gommosos*, ou simplesmente *gommas*, são tambem especies de exostoses, porém muito mais molles do que os precedentes. Formam-se não somente sobre os ossos, mas tambem nos musculos, sob a pelle : contém uma materia viscosa, transparente, comparavel á solução de gomma arabica. Resolvem-se, ás vezes, promptamente pelo unico beneficio do tratamento mercurial; outras vezes, abrem-se e deixam sahir a materia que contém. As ulceras que resultam d'essas aberturas curam-se como as outras feridas venereas.

A *carie venerea* reclama o tratamento antisyphilitico interno, ajudado dos meios indicados contra a carie simples.

10.° A *quéda do cabello* é um symptoma da infecção venerea chegada ao ultimo gráo. Quando não se lhe previnem os progressos, é acompanada da quéda das sobrancelhas, das pestanas, da barba e dos pellos das outras partes do corpo. Esta molestia exige o mais prompto emprego dos mercuriaes, ajudados dos meios locaes indicados nas *calvicies* que dependem de outras causas.

11.° A *surdez*, e até os simples *zunidos nos ouvidos*, são, ás vezes, occasionados pela syphilis constitucional. O melhor meio a empregar contra esta affecção é o tratamento anti-venereo geral, composto de preparações mercuriaes differentemente modificadas, e combinadas com salsaparrilha; e como medicação meramente accessoria applicações de bichas atraz das orelhas, fumigações com vapores de decocção de althea, causticos na nuca, pediluvios sinapizados, e purgantes repetidos.

12.° *Ulceras syphiliticas consecutivas*. Estas ulceras que apparecem quasi sempre longe do logar que occupavam os symptomas primitivos da infecção, declaram-se, quando cedo, algumas semanas depois da cura d'estes; as mais das vezes, só depois de muitos mezes, e até de muitos annos. Encontram-se na garganta, no interior das faces, na lingua, nas ventas, nas pernas, nos braços, etc. As partes genitaes, séde ordinaria dos cavallos primitivos, não são entretanto sempre isentas d'ellas. Os cavallos *primitivos* são sempre occasionados por materia contagiosa vinda do exterior e applicada á parte em que estes cavallos se desenvolvem : pelo contrario, as ulceras venereas *consecutivas* dependem constantemente de infecção interna, constitucional, isto é, espalhada por toda a economia. Estas ulceras são semelhantes, em geral, aos cavallos primitivos. Como elles, principiam ordinariamente por uma mancha vermelha, que incha e abre-se, ou por excoriações que se estendem, cavam-se e tomam emfim os caracteres syphiliticos. A sua superficie é desigual, de côr parda mais ou menos escura, ou amarellada. A sua circumferencia é orlada por uma vermelhidão erysipelatosa. São mais ou menos redondos, profundos, e mais ou menos extensos. As margens são duras, engurgitadas e cortadas perpendicularmente.

Todas as ulceras syphiliticas consecutivas reclamam um tratamento interno de que fallarei mais adiante. Quanto ao tratamento externo, que sómente deve ser considerado como accessorio, varía conforme o gráo de inflammação da ulcera. Se a inflammação fôr mui activa, são indicadas as applicações emollientes, taes como gargarejos de leite, de cevada com mel rosado, para as ulceras da bocca; cataplasmas de linhaça, para as ulceras dos membros; mais tarde convem tocal-as de tempo a tempo com pedra infernal, e cural-as com unguento de Arceus, vinho aromatico, ou com fios molhados em agua de Labarraque.

Tratamento da syphilis. O medicamento principal da syphilis é o mercurio. Segue-se depois o iodureto de potassio, que convem principalmente contra os accidentes segundarios e terciarios da molestia. Os adjuvantes do mercurio e do iodureto de potassio são : a salsaparrilha, o sassafraz, o guaiaco, e a raiz da China. Qualquer que seja a preparação mercurial que se escolha, deve-se principiar por dóses

fracas, e augmentar progressivamente cada sete ou oito dias, até chegar ao maximo da dóse. Se o mercurio produzir salivação, deve-se immediatamente suspender o seu uso, e não tornar a voltar ao seu emprego senão depois de cessada a irritação dos orgãos buccaes. Para prevenir a salivação, é bom tomar um purgante de quinze em quinze dias, e lavar a bocca com agua e vinagre, duas ou tres vezes por dia. Quatro a oito grammas de mercurio metallico, tomados internamente, são sufficientes para combater os symptomas primitivos da syphilis, entretanto que para destruir os accidentes segundarios ou terciarios, são necessarios 12 grammas e até mais. A dóse do sublimado (bichlorureto de mercurio) para o tratamento total do cancro venereo é de 2 grammas quando muito. As preparações mercuriaes, a que os medicos dão hoje a preferencia, são o protoiodureto de mercurio, o salicylato de mercurio, e o sublimado. Este administra-se dissolvido em agua distillada (*licor de Van Swieten*), o salicylato em pilulas impressas de L. Frere, aquelle dá-se em pilulas. Emprega-se tambem o mercurio metallico em pilulas. Eis-aqui as receitas :

Pilulas de protoiodureto de mercurio (Ricord).

Protoiodureto de mercurio	5 centigram.	Extracto de opio	15 milligram.
Thridacio	5 —	Extracto de cicuta	10 centigram.

Faça 1 pilula, e como esta mais 39. Dóse : uma pilula á noite, tres horas depois da ultima comida. Passados 7 dias, augmenta-se a dóse até 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Licor de Van Swieten.

Bichlorureto de mercurio	25 centigrammas.
Alcool a 80° centesimaes	25 grammas.
Agua distillada	225 —

Dissolva o bichlorureto no alcool, ajunte depois a agua distillada. Dóse : 4 grammas duas vezes por dia, n'um copo d'agua ou de cozimento de salsaparrilha. Todos os dias augmenta-se a dóse do *licor* de 4 grammas, até se chegar a 16 grammas por cada vez, duas vezes por dia, que é o maximo da dóse.

Pilulas azues.

Mercurio	2 grammas.
Conserva de rosas	3 —
Alcaçuz em pó	1 gramma.

Misture o mercurio com a conserva até desapparecerem os globulos, ajunte depois o alcaçuz, e faça 40 pilulas. Dóse : 1 a 4 pilulas por dia.

O tratamento mercurial não exige regimen particular. O doente usará da alimentação a que está acostumado; poderá tomar vinho, café, chá da India; sómente não deve commetter excessos nem nas comidas nem nas bebidas. Evitará o frio e a humidade, afim de prevenir a salivação. Ha mesmo circumstancias em que um regimen corroborante e succulento não sómente deve ser tolerado, mas até prescripto; taes são os casos, por

exemplo, em que os individuos acham-se debilitados ou são de constituição fraca.

A duração do tratamento mercurial é de um a dois mezes para os cancros venereos e bubões; tres a quatro mezes para os symptomas da syphilis constitucional, taes como vegetações, syphilides, ulceras, exostoses, dôres osteocopas.

Ao mesmo tempo que o doente usa de preparações mercuriaes, deve usar do *cozimento de salsaparrilha*. O modo de preparar este cozimento acha-se indicado no artigo SALSAPARRILHA. A dóse do cozimento é de 250 a 500 grammas por dia. Em logar do cozimento, póde-se usar do *xarope de salsaparrilha*, na dóse de 60 a 120 grammas misturado com sufficiente quantidade d'agua.

O *iodureto de potassio* é, depois do mercurio, o melhor dos medicamentos antisyphiliticos; convem principalmente contra os accidentes segundarios e terciarios. Administra-se internamente na dóse de 50 centigrammas, duas a tres vezes por dia, em meia chicara d'agua ou de cozimento de salsaparrilha. Eis-aqui a receita:

Iodureto de potassio	30 grammas.
Agua distillada	900 —

Para tomar 15 grammas duas vezes por dia. Passados sete dias, augmenta-se a dóse, tomando 15 grammas tres vezes por dia.

Quando nem o mercurio, nem o iodureto de potassio, ajudados do cozimento de salsaparrrilha, não chegarem a curar a syphilis, recorra-se ao xarope depurativo de Larrey, ao xarope sudorifico de Ricord, ou ao xarope de Cuisinier. Suas receitas são:

Xarope depurativo de Larrey.

Salsaparrilha	2,000 gram.	Sassafraz	50 gram.
Bagas seccas de sabugueiro	1,000 —	Folliculos de sene	60 —
Guaiaco	500 —	Borragem	60 —
Raiz da China	50 —	Assucar	12,000 —
		Agua	q. s.

Faça o xarope segundo a arte. Dóse: 30 a 60 grammas por dia, em meia chicara d'agua tepida.

Xarope sudorifico de Ricord.

Salsaparrilha cortada	1,000 grammas.
Guaiaco raspado	1,000 —
Agua commum	10,000 —

Macere por 24 horas, reduza a metade a fogo brando, e ajunte assucar 5,000 grammas. Dóse 60 a 120 grammas por dia.

Xarope de Cuisinier.

Salsaparrilha	1,000 gram.	Foliolos de sene	60 gram.
Flores seccas de borragem	60 —	Fructos de aniz	60 —
Flores seccas de rosas pallidas	60 —	Assucar refinado	1,000 —
		Mel de abelhas	1,000 —
		Agua	q. s.

Rache ao comprido a salsaparrilha, e depois corte-a transversalmente. Faça com ella, e successivamente, tres digestões, de doze horas cada uma; empregue para cada digestão a agua a 80° cent. em q. s. para cobrir completamente a raiz. Conserve á parte o producto da terceira digestão, faça-o ferver, e lance-o por cima das outras substancias; deixe infundir por doze horas. — Evapore os dois primeiros liquidos, e depois de sufficientemente reduzidos, ajunte-lhes a coadura que resultou da infusão das outras substancias. Continue a evaporação até que o liquido não represente senão um peso igual ao do assucar e do mel reunidos, clarifique com clara de ovo, e passe por panno de lã. Ajunte ao liquido assim obtido o assucar e o mel, e faça um xarope por cocção e clarificação que marque fervendo 1,29 no densimetro (32° B.). Dóse : 60 a 120 grammas.

Cumpre lembrar aqui os bons effeitos das aguas mineraes sulfurosas, taes como as da villa de *Caldas* do Brazil, na provincia de Minas Geraes; as das *Caldas da Rainha* em Portugal; de Luchon, Aix-en-Savoie, em França. Está bem provado que molestias syphiliticas refractarias ao tratamento especifico, nos individuos saturados de mercurio, melhoram promptamente, e ficam curadas pelo uso das caldas sulfurosas. E por isto, uma estação nas caldas é um complemento do tratamento da syphilis inveterada.

O tratamento que deixei descripto é o tratamento *geral* da syphilis, ou *interno*. Quanto ao tratamento local dos diversos symptomas da syphilis, *vejam-se* os artigos CAVALLO VENEREO, MULA e SYPHILIDE.

Meios preservativos da syphilis. Depois do coito suspeito, deve-se ourinar e lavar immediatamente a parte com *agua e sabão*, ou com *agua hygienica* de Jeannel, cuja receita segue :

Agua.....	1 litro.	Sulfato de ferro.....	1 gram.
Alumen crystallizado....	15 gram.	Agua de Colonia.....	10 —
Sulfato de cobre.....	1 —		

Dissolva na agua o alumen, o sulfato de cobre e o sulfato de ferro; ajunte depois a agua de Colonia.

Este liquido é muito empregado em França; é optimo o seu effeito.

A ourina, que muitas pessoas empregam por um feliz instincto, tem todas a qualidades desejaveis; tem demais a vantagem, que só ella possue, de poder lavar o canal de dentro para fóra, e ainda outra, não menos importante, de poder ser empregada sem nenhuma demora. Todos estes meios são igualmente bons, com tanto que sejam empregados convenientemente. A experiencia tem demonstrado, com effeito, que os lavatorios d'agua simples são infinitamente uteis, quando bem feitos, entretanto que os mais activos mallogram-se quando se fazem superficialmente, e com negligencia. O melhor meio é o que se achar mais prompto, e possa empregar-se sem demora, de maneira que não permitta que o virus se arraigue nas partes em cujas superficies fôr applicado, pois que quanto mais demora houver, tanto mais risco correrá a pessoa de ser infectada. Todos sabem que o prepucio forma rugas anfractuosas, e n'ellas é que

se póde esconder uma molecula imfinitamente pequena do pus contagioso (virus). Do conhecimento d'esta disposição anatomica resulta a necessidade de se desenvolverem todas as rugas, de se exercerem pressões, afim de se fazer sahir a materia virulenta; de se repetirem os lavatorios de maneira que nenhum ponto fique isento d'elles; enfim, de so enxugarem as partes com um panno mui limpo. Quando as circumstancias não permittem o emprego immediato d'estes meios, nem por isso se deve deixar de recorrer a elles, mesmo no dia seguinte, pois ignora-se o momento exacto em que o virus principia a ser absorvido.

SYSTEMA DE GALL. *Veja-se* PHRENOLOGIA.

SZKLENO. Hungria. Agua mineral sulfatada calcarea, 20° a 40°. Molestias do tubo digestivo, resultado do abuso das bebidas alcoolicas, obesidade, enxaquecas periodicas, syphilis, cachexia paludea, anemia chlorotica. Trajecto pela estrada de ferro de Vienna a Pesth.

T

TABACO. *Nicotiana.* Genero da familia das Solaneas, tribu das Nicotianeas, contém plantas herbaceas, quasi lenhosas, de caule recto, cylindrico; de folhas muito amplas, molles, de um verde escuro; flores esbranquiçadas, esverdeadas ou purpurinas, de uma só peça, em fórma de funil, de cinco lobos e cinco rugas; sementes mui pequenas e numerosas. Conhecem-se hoje muitas especies de tabaco, quasi todas originarias da America meridional, das quaes algumas são cultivadas na Europa. A fig. 840 representa o *Tabaco commun* (*Nicotiana tabacum*), planta mui glutinosa em todas as suas partes; caule com mais de um metro de altura, recto, pubescente e ramoso; guarnecido de grandes folhas sesseis, ovaes, lanceoladas; flores de um vermelho purpureo, dispostas em panicula : o limbo da corolla dividido no orificio em 5 lobos agudos. Esta planta é originaria da ilha de Tabago, nas Antilhas, descoberta por Christovão Colombo em 1498. As especies do tabaco não dão em todos os paizes productos da mesma qualidade : o clima e o terreno influem muito no gosto e no perfume da planta.



Fig. 840. — Tabaco.

Esta planta occupa hoje um logar mui consideravel nos costumes, e nas necessidades de quasi todos os povos. As folhas ainda frescas, esfregadas entre os dedos, exhalam cheiro forte, viroso e desagradavel. Depois de diversas preparações, que consistem, sobretudo, em mondal-as cuidadosamente, prival-as da nervura mediana, submettel-as a certo gráo de fermentação, seccal-as e depois reduzil-as a fragmentos ou a pó, constituem o *fumo* e o *rapé*. Para tornar este ultimo mais agradavel, os fabricantes costumam ajuntar-lhe ambar cinzento, noz moscada, cravo da India, baunilha, canella e outras substancias. Antes da chegada dos Europeos, os indigenas da America já fumavam o tabaco; entretanto, o seu uso não se propagou senão em 1660, primeiramente na Hespanha e em Portugal, e depois no resto da Europa e do mundo. A cultura da planta espalhou-se depois por toda a superficie do globo, mas principalmente nas regiões quentes e temperadas.

No uso ordinario, o tabaco emprega-se de tres maneiras, quer fumando-o, quer em pitadas, quer mascando-o. Cada um d'estes modos exige que o tabaco seja preparado de uma maneira differente; as duas primeiras maneiras de usar do tabaco acham-se espalhadas hoje por todas as classes da sociedade; a terceira não é empregada senão pelas classes inferiores, e populações maritimas. Cada um d'estes modos tem sobre a economia animal uma influencia particular que passo a examinar successivamente.

Quando se fuma o tabaco pela primeira vez, experimentam-se dôres de estomago, nauseas, vomitos, dôr de cabeça, tremor nas pernas e braços, calefrios, incommodo geral, e o individuo cahe n'uma embriaguez pesada, mui differente da que produz o vinho ou os licores alcoolicos. Repetindo-se a experiencia, os accidentes vão diminuindo pouco a pouco, e em breve tempo a pessoa acostuma-se a fumar, e de tal modo que volta ao charuto ou ao cachimbo com uma propensão irresistivel.

É indubitavel que o tabaco tem os seus inconvenientes, e, longe de querer attenual-os ou occultal-os tenciono dal-os a conhecer d'aqui a pouco; mas goza tambem de preciosas qualidades, consistindo a primeira em ser uma fonte de prazer. O tabaco provoca nas pessoas que fazem uso d'elle ideias vagas, meditações contemplativas, um bem-estar e uma tranquillidade da alma. Todos os individuos que precisam esquecer, consolar-se ou resignar-se, recorrem ao tabaco com um prazer sempre novo, com uma verdadeira paixão. É um balsamo consolador para os pezares, descorçoamentos e desenganos de todas as especies; produz a tranquillidade e o contentamento; debaixo do seu prismo, os sonhos mais agradaveis tomam por um momento a apparencia da realidade. Acontece, ás vezes, no curso da vida, acharmo-nos em presença de difficuldades e complicações, em que precisamos de um conselho para tomar um partido; ha individuos que, n'estas occasiões, accendem um charuto, e acham uma solução da difficuldade depois de o terem fumado. O tabaco tempera em geral a violencia das paixões. Ha na Turquia um proverbio que diz : « Entre a colera e a vingança, sempre é bom cachimbar. » O tabaco é uma das mais preciosas conquistas que o antigo mundo trouxe

do novo. É a elle que o artista deve frequentemente as mais bellas inspirações do seu genio; é a elle que o pobre deve o esquecimento de seus males, e a coragem de suportar a miseria; é o consolador dos infelizes; inspira, emfim, ao marinheiro e ao soldado a resignação e a perseverança tão necessarias á sua profissão, o desprezo do perigo que os ameaça a cada instante, o esquecimento das cousas de hontem e a indifferença pelas de amanhã.

Todavia, esta medalha tem o seu reverso como todas as medalhas, e o tabaco não é perfeito.

Encerra um dos venenos mais violentos e mais subtís que se conhecem, a nicotina. Este veneno exerce particularmente a sua acção sobre o systema nervoso, e causa a morte prompta. O poeta latino moderno Santeuil, cujos hymnos se cantam no culto catholico, morreo com violentas convulsões, por ter tomado pela bocca rapé, que os seus amigos lhe deitaram, por graça, em um copo de vinho, sem que elle o soubesse.

O tabaco fumado com excesso produz peso de cabeça, vertigens, e põe as pessoas que d'elle abusam, em uma especie de torpor, que lhes tira toda a energia. Perdem o appetite e emmagrecem, sobretudo os que tem o costume de deitar fóra a saliva. O canudo do cachimbo gasta e estraga muitas vezes os dentes, e produz n'elles uma chanfradura semilunar. Em todos os casos, o fumo altera a pureza do halito e deposita nos dentes uma camada fuliginosa que póde perturbar as funções do estomago, se não se cuida no asseio da bocca. O tabaco impede nos adolescentes, que usam d'elle muito cedo, o desenvolvimento do seu organismo, produzindo um entorpecimento dos sentidos. Favorece a preguiça, e tira um tempo necessario aos estudos. O costume de fumar, quando é acompanhado de excreção da saliva, determina um emmagrecimento sensivel. Em *pequenas dóses*, a fumaça do tabaco produz a excitação momentanea das faculdades intellectuaes; em *dóses mui repetidas*, palpitações, desordens da vista, diminuição da memoria, e sobretudo da memoria das palavras.

Os Orientaes, que fumam muito, corrigem os effeitos do tabaco de diversas maneiras: assim usam especialmente do chibouck, especie de cachimbo munido de um canudo comprido, no qual o fumo esfria e depõe o oleo empyreumatico. A extremidade é guarnecida de um boccal de succino que se mette entre os beiços. Apuram tanto a arte de fumar, que fazem uso do *narguillé*, apparelho particular no qual o fumo passa n'um vaso cheio d'agua, muitas vezes agua rosada, para despir-se mais completamente das qualidades irritantes. Todas as populações mulsulmanas tem ainda um meio muito efficaz para combater os effeitos narcoticos do tabaco: é o uso quasi continuo que fazem do café, e a privação das bebidas alcoolicas.

Em conclusão, o costume de fumar não é máo, mas não se deve abusar d'elle. Usem por seguinte do tabaco, os que n'elle acham algum prazer, mas usem-n'o com moderação, sem que este prazer os faça esquecer dos seus deveres, e do cuidado da sua saude.

A acção de *tomar rapé* sobre a economia é muito menos energica do

que a de fumar, mas a necessidade continua de assoar-se que experimenta o individuo que costuma tomar rapé, o pó que deixa cahir, e o cheiro particular que necessariamente espalha á roda de si, o tornam um vizinho muito incommodo,

Mas de todas as maneiras de usar do tabaco, a mais desagradavel e a mais nociva é a de *mascal-o*. O tabaco é uma planta venenosa, e, apezar da precaução que tem os individuos deitar fóra a saliva, é impossivel que não se introduza no estomago certa quantidade d'ella. Citam-se até casos de accidentes graves devidos ao tabaco mascado, engulido por descuido.

O succo que se ajunta no canudo do cachimbo tem uma acção venenosa muito energica; engulido póde occasionar accidentes graves. O Dr Brodie matou um cachorrindo em dez minutos com duas gottas d'este succo, que lhe applicou na língua,

Nos doentes, a cessação da vontade de fumar, ou de tomar rapé, annuncia, de ordinario, que a molestia é séria; por opposição, quando a vontade torna a manifestar-se é signal de que a saude volta. Nas molestias longas, não se deve fazer cessar de uma maneira completa o uso do tabaco nos individuos accostumados a elle, pois d'isso resultaria um inconveniente grave: estado de tristeza que occasionna esta privação.

Os operarios empregados nas fabricas de rapé ou de charutos, foram por muito tempo considerados como expostos a diversos accidentes. Vomitos, colicas, vertigens, emmagrecimento, asthma, tremores, etc., taes são as affecções que Ramazzini e alguns outros autores attribuiam á manipulação do tabaco. Estes effeitos são considerados hoje como suppostos. De novas observações feitas, tanto no Brazil como na Europa, resulta que quasi todos os operarios se acostumam, no fim de pouco tempo, á influencia da atmosphera carregada das emanações do tabaco; que os operarios empregados nas manufacturas não contrahem molestias particulares ao seu estado, e que o trabalho n'estas manufacturas em nada prejudica a longevidade.

Uso medico do tabaco. O tabaco é tambem empregado em medicina, bem que o seu uso seja bastante limitado hoje; mas em diversas epocas, e sobretudo logo depois da sua descoberta, era tão usado, que se lhe deo o nome de *herva para todos os males.* O tabaco foi empregado em lavatorios contra a sarna e algumas molestias da pelle; mas o seu uso não é sem inconveniente: citam-se casos de vertigens, nauseas e vomitos produzidos pelos lavatorios feitos com decocção de folhas de tabaco. *Murray* refere a historia de tres crianças, que foram acomettidas de vertigens, de vomitos e de suores abundantes, e que morreram em vinte e quatro horas, em consequencia das fricções com um linimento de tabaco que foi empregado para as curar da tinha. *Valterbut* cita um menino que morreo em tres horas por lhe terem derramado sumo de tabaco sobre as ulceras da tinha. Estes factos mostram com quanta circumspecção se devem empregar as folhas de tabaco, mesmo para uso externo.

O tabaco foi empregado em clysteres nas hernias estranguladas, na asphyxia, paralysia da bexiga, epilepsia, tetano, etc. A dóse em que se

póde empregar n'estes casos o tabaco, deve ser moderada: em decocção, para clysteres, a dóse deve ser só de 2 grammas de folhas de tabaco, para 250 grammas d'agua. O Dr Tavignot refere um caso de morte que seguio a administração do tabaco em clyster na dóse de 60 grammas. Os symptomas, que foram subitos, succedêram-se com uma espantosa rapidez; manifestou-se pallidez do rosto, difficuldade de respirar, que foi sempre augmentando, abolição completa da intelligencia, tremor convulsivo dos braços, das pernas, e depois de todo o corpo, e um estado de prostração extrema que terminou pela morte. Tudo isto teve logar dentro de doze minutos; não houve vomitos.

TABARDILHO. *Veja-se* PURPURA.

TABES DORSALIS. Nome dado a uma affecção caracterizada

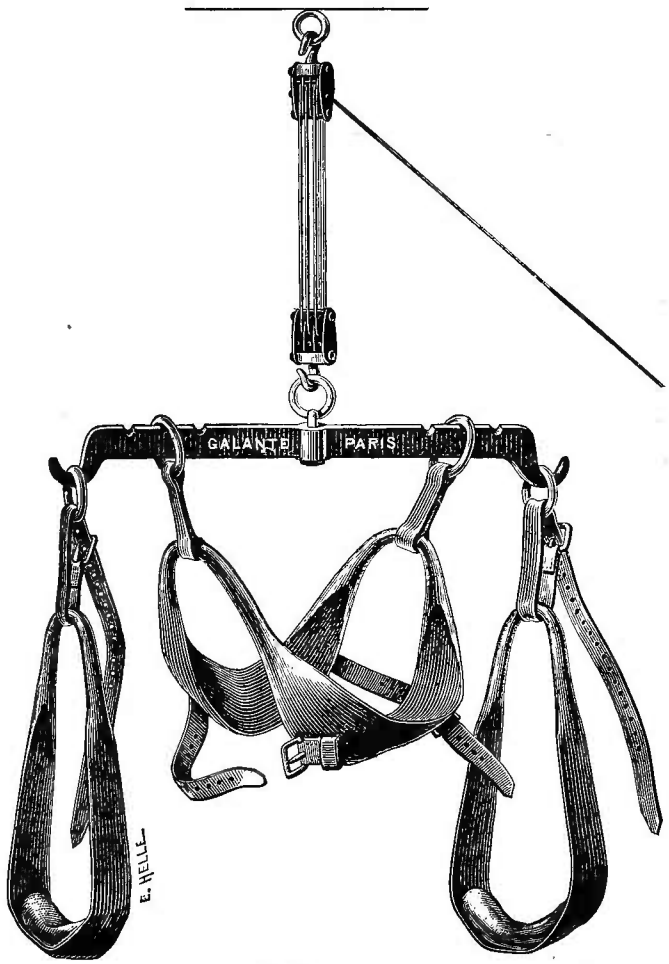


Fig. 841. — Apparelho suspensorio de Sayre para o tratamento da ataxia locomotriz.

pela esclerose dos cordões posteriores da medulla. O tabes dorsalis não é mais do que a *ataxia locomotriz. Veja-se esta palavra.*

Ao artigo do vol. I, p. 242 temos que accrescentar o novo tratamento d'esta molestia pela suspensão.

Já se sabia, ha muito tempo, que a suspensão produz sobre a medulla espinhal uma acção energica que se conhece por diversos symptomas, no entanto foi um simples acaso que permittio a um medico russo, o Dr Motchoukouski, a applicação d'este systema ao tratamento do tabes dorsalis. O apparelho que se emprega para esse fim é dos mais simples (fig. 841, 842). Compõe-se elle de uma haste horisontal de ferro suspensa em um par de roldanas, de uma dupla funda de coiro ligada a haste por meio de anneis e de duas azas de coiro que se passam por baixo das axillas do doente. Estas duas azas se engancham nas duas extremidades da haste de ferro.

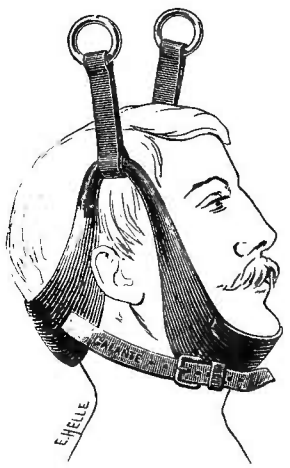


Fig. 842. — Apparelho para o tratamento da ataxia locomotriz. Suspensorio de cabeça.

As duas partes da funda applicam-se uma em baixo do queixo, outra ao nivel da nuca, ellas estão unidas por duas corrêas pequenas lateraes (fig. 841). As peças das axillas têm corrêas que se encurtam ou se alongam á vontade, segundo a altura e o peso do doente.

Suspende-se o doente a alguns centimetros distante do solo por espaço de um a dois minutos nos primeiros dias, e depois augmentando até quatro minutos. Repete-se a operação de dois em dois dias. As melhoras começam por se declarar no andar; as dôres fulgurantes podem desapparecer instantaneamente; os phenomenos dolorosos da região da bexiga diminuem; á impotencia sexual succede uma virilidade assaz sufficiente.

Por mais efficaz que seja, este tratamento é apenas palliativo, o doente não fica curado completamente. A applicação do tratamento deve ser feito debaixo das vistas do medico, para que não se dê algum accidente mortal, pois a funda do queixo pode sahir do seu logar e estrangular o doente. Não se deve empregar este tratamento nos doentes muito anemicos ou enfraquecidos e principalmente n'aquelles que têm lesões nos pulmões ou no coração, taes como a emphysema, a tisica, o atherome, os estreitamentos e insufficiencias valvularias, etc. Quando o doente tem vertigens amiudadas vezes, não se lhe deve empregar este tratamento. Emfim, não se pode tambem suspender doentes cujos dentes abalam, porque não poderiam supportar uma pressão energica, nem tão pouco aquelles que têm predisposição para as fracturas espontaneas dos ossos aos menores esforços nos movimentos.

TACTO. É um dos cinco sentidos, e aquelle cujo mecanismo é mais simples, mas nem por isso é o que nos ministra o menor numero de ideias. Instrue-nos, com effeito, da fórma, das dimensões, da consistencia, do peso, da temperatura dos corpos, etc. O tacto existe, com algumas modificações, em toda a superficie do corpo, porém exerce-se principalmente pela mão.

O costume aperfeiçoa sobremaneira o tacto, como se vê pela habilidade dos individuos que se exercem nas artes mecanicas. Este sentido torna-

se, pelo contrario, imperfeito nos homens entregues a trabalhos grosseiros, que calejam, por assim dizer, a pelle da mão. Conhece-se toda a delicadeza do tacto dos cegos: parece que vêem pelos dedos: certos autores pretendem até que alguns d'elles distinguem mui bem as cartas de jogar pelo relevo das côres. Este facto parece extraordinario; o que, entretanto, não admitte duvida é, que os cegos po dem chegar a executar trabalhos mui notaveis com o soccorro do tacto.

As relações do tacto com as outras sensações, e principalmente com a vista, revelam muitos dos seus usos segundarios. Assim, o tacto regulariza e ajuda a vista. É principalmente por elle que nos dirigimos na escuridão. As noções que se ligam a elle, podem esclarecer-nos ainda sobre as distincções que existem entre as ideias de tamanho e distancia, das quaes os olhos, por si sós, nem sempre julgam seguramente. Por todos estes usos do tacto vê-se que é muito importante o conservar-se-lhe toda a sua delicadeza, e até o desenvolvêl-a o mais possivel.

TAIPAS. Portugal; Minho. Aguas sulfureas quentes. Distam tanto de Guimarães como de Braga nove kilometros. A temperatura dos differentes manancias varia entre 29° e 30°, conforme os tanques em que se repartem. As aguas são claras, limpidas, cheirando fracamente a ovos chócos. Mil grammas deixam pela evaporação 20 centigrammas de residuo solido, composto de silicatos e chloruretos alcalinos, e de saes calcareos e magnesianos, segundo o Sr Dr Agostinho Vicente Lourenço. Empregam-se em banhos e bebida nas molestias cutaneas, rheumatismos, paralysias. Os estabelecimentos dos banhos compõe-se de nove casas, tendo cada uma d'ellas a sua tina de pedra. Cada banho é alimentado por uma nascente, exceptuando os banhos nos 3 e 6, que recebem aguas de outros banhos, alêm das que lhes provém de pequenas nascentes. Uma outra nascente alimenta a bica que fornece a agua para beber. Todas as nascentes fornecem cerca de 250,000 litros diarios. O numero dos banhos que se tomam durante a estação regula por uma média de 17,200. A estação balnearia começa no fim de Outubro. O sitio é aprazivel, a vegetação magnifica; o rio Ave, que corre junto das Taipas, é povoado de bellas trutas, que dão aos banhistas um agradavel emprego para a pesca á linha ou á cana. Ha um hotel perto dos banhos e muitas casas mobiliadas para alugar.

TALA. Dá-se este nome a chapas de páo, papelão ou lata compridas e estreitas, que servem para manter na sua posição natural, um membro fracturado. *Veja-se* vol. I, pag. 1212.

TALCO. Substancia mineral composta de silica, magnesia, ferro, alumina e agua. Apresenta-se sob a fórma escamosa, sua côr é de um branco de madreperola; é unctuoso, flexivel e deixa-se riscar facilmente pela unha. Existe em grande quantidade nos terrenos de schisto, nas camadas de calcareo. No Brazil ha jazidas de pedra talcosa nas provincias da Bahia e do Rio Grande do Sul. Fazem-se com elle lapis para desenhar em papel, e estes desenhos chamam-se de pastel. — Distingue-se o *talco luminar de Veneza*, de aspecto brilhante: seu pó compõe a substancia principal do arrebique; o *talco escamoso* ou *greda de Briançon*,

de que os alfaiates se servem para marcar o panno antes de cortal-o. — A *steatite*, chamada tambem *pedra de toucinho*, é uma variedade de talco unctuoso, de estructura compacta, que se deixa cortar e lavrar ao torno com muita facilidade, mas que nunca póde receber grande polimento.

O *pó de sabão*, ou *pó de sapateiros* de que se servem os sapateiros para facilitar a entrada das botas, é feito com uma variedade de steatite, que se tira sobretudo do condado de Cornwall na Ingleterra.

TALHO. Significa a mesma cousa que *corte*. V. CORTADURA.

TAMARA. Fructo da tamareira, *Phœnix dactylifera*, Linneo, arvore da familia das Palmeiras, cultivada na Africa, Hespanha, Portugal, Italia, Brazil, etc. (fig. 843). Em Portugal, cultiva-se quasi em todas as quintas, principalmente no Alem-Tejo e Algarve. A tamara *recente* é da grossura do dedo pollegar, com o parenchyma molle, doce, quasi louro; a tamara *secca* é cónica, topo obtuso, arredondado, a base sustentada no calice escamoso, a cuticula tenue de côr baça; o parenchyma alourado, doce vinoso, no qual se acha uma semente mui dura. As tamaras colhem-se antes de completamente maduras; depois expõem-se ao sol. Perdem então, parte da agua de vegetação e deixam reçumar um succo assucarado, que envolve a sua conservação. As tamaras contém grande quantidade de assucar, de fecula e mucilagem, a que devem as suas propriedades nutritivas e emollientes. É um dos quatro fructos peitoraes. Faz-se comme ellas um cozimento mui agradavel contra a tosse, fervendo-se por meia hora 30 grammas de tamaras em 720 grammas d'agua.



Fig. 843. — Tamareira e tamaras.

TAMARINDOS (fig. 844). Fructos do tamarinheiro, *Tamarindus indica*, Linneo, bella arvore da familia das Leguminosas. Esta arvore é originaria das Indias, da Asia occidental e do Egypto; mas foi transportada para a America, e acha-se naturalizada no Brazil. É muito alta; a casca é espessa, roxa e gretada; os ramos estendem-se muito longe; as folhas são alternas e compostas de 10 a 18 pares de foliolos oppostos, ellipticos, glabros; flores de côr amarella esverdeada com veios rubros. Os fructos são vagens de 10 a 14 centimetros de comprimento, grossas,

levemente comprimidas, apresentando estrangulamentos de espaço a espaço; são cheias de uma polpa avermelhada, mais ou menos acida e doce, no meio da qual se acham as sementes. É a polpa que se emprega em medicina; é temperante ou levemente laxativa, conforme a dóse. Diluida em agua mui quente, depois coada e esfriada, é muito util nas molestias febris, nas febres biliosas, no embaraço gastrico. Eis-aqui o modo de preparar a limonada de tamarindos, como bebida temperante :



Fig. 844. — Tamarindos.

Polpa de tamarindos com sementes..... 15 grammas.
Agua fervendo..... 500 —

Infunda por meia hora, e côe por panno de lã. Bebe-se ás chicaras.

Nas pharmacias existe a polpa de tamarindos privada dos caroços e filamentos do fructo. Esta emprega-se como laxante, na dóse de 60 grammas diluidos em 250 grammas d'agua fria.

TAMPÃO. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 770.

TANACETO. *Veja-se* ATANASIA.

TANCHAGEM. *Plantago.* Genero da familia das Plantagineas, encerra plantas herbaceas, que são :

Tanchagem maior. *Plantago maior*, Linneo. Habita no Brazil e em Portugal, nas margens dos campos cultivados, e nos logares um tanto humidos. Hasteas ordinariamente muitas de uma só raiz, roliças, levantadas, empubescidas, mais compridas do que as folhas; folhas todas radicaes, ovadas, obtusas, de margem quasi ondulada, marcadas de sete nervuras, estreitadas em peciolos; flores esverdeadas ou avermelhadas.

A **tanchagem média,** *Plantago media;* e a **tanchagem lanceolada,** *Plantago lanceolata,* não differem da precedente senão em serem as folhas lanceoladas n'esta, e mais pequenas n'aquella.

As folhas de todas as tres plantas são amargas e levemente adstringentes; as flores tem cheiro brando e agradavel. Com a planta inteira, e sobretudo com as folhas, prepara-se uma agua distillada, que se emprega em collyrios nas molestias dos olhos.

TANNATO DE QUININA. Pó amorpho, de côr branca-amarellada, quasi insoluvel na agua; mui soluvel no alcool e na glycerina, inalteravel. Obtem-se pela decomposição de um sal de quinina pelo acido tannico. — Aconselhado contra a cholerina, diarrhea chronica, albuminuria, e suores dos tisicos.

Internamente. 1 a 4 grammas, em pó, pilulas ou diluido em xarope.

TANGARACA. *Eclipta erecta*, Linneo. Synanthereas. Planta do Brazil. Caule herbaceo, folhas sesseis, lanceoladas, dentcadas; flores axillares, de pedunculo comprido, dispostas em capitulos. Toda a planta contém um principio mucilaginoso e adstringente ; e seu cozimento usa-se contra a diarrhea. Prepara-se com 8 grammas da planta e 250 grammas d'agua.

TANGERINA. Fructo. É uma variedade do fructo da *Citrus aurantium*, De Candolle, arvore que habita no Brazil e em Portugal. A tangerina contém uma polpa de gosto agradavel; é um fructo refrigerante, que os doentes de febre podem chupar com proveito.

TANNINO ou **Acido tannico.** Substancia particular que se acha em muitos vegetaes adstringente, e principalmente na noz de galha, d'onde se extrahe para os usos medicos. É uma substancia solida, de côr branca, de aspecto resinoso, sabor adstringente, soluvel em agua. É sobretudo empregado nos escarros de sangue e nas hemorrhagias uterinas, na dóse de 10 a 15 centigrammas, de duas em duas ou de tres em tres horas.

TAPADA. (Criança que nasce tapada). Esta palavra serve para designar o estado da criança que tem a via posterior ou anterior tapada. O primero defeito acha-se descripto no artigo IMPERFORAÇÃO DO ANUS, vol. I, pag. 191.

A via anterior póde tambem ser tapada, e então a criança não póde ourinar. Examinemos este vicio de conformação nos dois sexos separadamente.

1.° Nas crianças do *sexo masculino*, este vicio de conformação póde depender da obliteração do orificio do canal da urethra, ou da obliteração da abertura do prepucio. Conhece-se este defeito pelos esforços contínuos que faz a criança, como se quizesse obrar, e pela seccura dos pannos que lhe cobrem o corpo. Quando só o prepucio está tapado, as ourinas ajuntam-se entre o prepucio e a glande, estendem a pelle, e formam, ás vezes, um tumor transparente e fluctuante. O tratamento consiste em fazer quanto antes uma abertura, porque a criança não poderia viver muito tempo sem ourinar. Faz-se esta abertura com a lanceta, no logar em que ella deveria existir. A operação é facil quando se trata de furar só a pelle que tapa o orificio da urethra ou do prepucio; mas quando as paredes do canal são adherentes, é preciso penetrar profundamente com o instrumento, até que sáia a ourina.

2.° Nas crianças do *sexo feminino*, quando nascem tapadas anteriormente, este estado chama-se *imperforação da vagina :* póde ser completa ou incompleta. Quando a imperforação é completa, o que acontece rarissimas vezes, a menina não póde ourinar. Quando é incompleta, podem as ourinas correr para fóra; mas, se a menina chegar á idade madura, a evacuação menstrual será impossivel, ou ao menos mui difficil. Cura-se esta enfermidade por uma operação, que varía conforme a natureza da occlusão, e offerece maior ou menor difficuldade. Quando o vicio de conformação consiste n'uma simples obstrucção membranosa, e este caso é felizmente o mais ordinario, é facil cural-o por uma incisão feita com o bisturí.

TAPIÁ. *Veja-se* PÃO DE ALHO.

TAPIOCA. Fecula extrahida das raizes da mandioca, e reduzida a grãos por meio do calor. A melhor prepara-se no Brazil. A agua que se espreme da massa da mandioca ralada, para fazer farinha, deposita no fundo dos vasos grande quantidade de pó branco: este pó é que constitue a tapioca. Esta fecula apresenta-se no commercio sob a fórma de granitos, brancos, inodoros, meio-transparentes, de sabor mucilaginoso. É um alimento agradavel e nutriente, que convem sobretudo ás crianças, e aos convalescentes. Fazem-se com ella sopas com leite, caldo, agua, assim como pastelarias e geleas.

TARAXACO ou DENTE DE LEÃO. *Leontodo taraxacum*, Lin. Synanthereas-chicoraceas (fig. 845). Planta commum em Portugal; habita nos prados, valles humidos, um tanto sombrios, nos arredores de Coimbra e outras partes pelo norte do Reino; é cultivada nas hortas do Brazil. Planta pequena sem talo, folhas muitas amontoadas, glabras ou um tanto empubescidas, roncinadas, lobulos oppostos, triangulares, agudos; flor amarella: raiz cylindrica, entre branca e cinzenta, com rugas transversaes; quasi annulares; cheiro fraco, sabor amargo. Tonico, recommendado nas molestias do figado e da pelle. Administra-se em infusão que se prepara com 12 grammas da herva e 360 grammas d'agua fervendo. As folhas do taraxaco comem-se em salada quando novas; mais tarde o amargor augmenta, e então colhe-se a planta para os usos medicos. Os animaes comem a herva inteira, os porcos gostam sobretudo das raizes.



Fig. 845. — Taraxaco.

TAREROQUI. *Veja-se* FEDEGOSO.

TARTARO EMETICO. *Veja-se* EMETICO, vol. I, pag. 944.

TARTARUGA (fig. 846). As tartarugas são reptis cujo corpo acha-se encerrado n'uma couraça ossea que deixa passar só a cabeça, a cauda e os quatro pés. Esta couraça é uma porção do seu esqueleto: n'estes animaes, com effeito, as vertebras, as costellas e o sternon são representados pela *concha* que cobre o dorso, e pelo *escudo* que protege o ventre; pelo que o naturalista Cuvier chamou-lhe um animal virado. As tartarugas não tem dentes; os queixos são revestidos de uma substancia cornea como os das aves, salvo em algumas especies (chelides), nas quaes não são guarnecidos senão da pelle. A femea põe os ovos que são revestidos de uma pellicula e que ella enterra na areia, onde o calor do sol basta para a incubação. Ha *tartarugas terrestres*, *tartarugas d'agua doce*, e *tartarugas do mar*.

1.° **Tartarugas terrestres.** Tem a concha convexa, toda solida, e soldada com o escudo na maior parte das margens. Tem os pés terminados por dedos curtos, proprios para andar e não para nadar. Vivem de folhas, fructas, insectos, caracoes e vermes, precisam de poucos ali-

mentos, e podem passar alguns mezes sem comer. O seu andar é de uma lentidão proverbial; o caracter é estupido mas familiar. Conhecem-se muitas variedades d'ellas. A especie mais commum na Europa é a *tartaruga grega*, que vive na Grecia, Italia, Sardenha, e em todo o Mediterraneo. Raras vezes attinge 30 centimetros de comprimento; cava um buraco na terra para ahi passar o inverno; põe quatro a cinco ovos semelhantes aos da pomba. Da carne faz-se um caldo muito analeptico.



Fig. 846. — Tartaruga.

As tartarugas terrestres das provincias do norte do Brazil chegam a ter um metro de comprimento.

2.° As **tartarugas d'agua doce** tem geralmente a concha mais achatada que a das tartarugas terrestres; os dedos são mais separados, moveis, terminados por unhas mais compridas, e os intervallos são occupados por membranas. Este genero encerra numerosas especies, e foi dividido em duas secções; na primeira o escudo é de uma só peça e immovel, como nas tartarugas terrestres; na segunda o escudo é dividido por uma charneira em dois batentes, dos quaes um só ou ambos são moveis. Vivem nas aguas lodosas ou nos pantanos; alimentam-se de insectos, molluscos, pequenos peixes e hervas. A carne é boa para comer.

3.° **Tartarugas do mar.** N'esta especie a couraça é demasiado pequena e não póde receber a cabeça e os pés, que são mui compridos, sobretudo os de diante, chatos, com todos os dedos reunidos e envolvidos em uma só membrana. Só os dois primeiros dedos de cada pé tem unhas pontudas, os outros terminam em laminas escamosas e chatas. As peças do escudo não formam uma chapa continua, mas são denteadas e deixam entre si grandes intervallos ocupados por cartilagens. A cauda é muito curta, cónica, obtusa, coberta de escamas. Alimentam-se de plantas marinhas e de molluscos. A especie mais commum é a *tartaruga franca* ou *tartaruga verde*, que excede a todas no tamanho e peso, porque muitas vezes tem mais de dois metros de comprimento, e pesa de 350 a 400 kilogrammas. A couraça é formada de escamas esverdeadas, que não são em fórma de quilha, nem imbricadas, e das quaes

as do meio formam hexagonos regulares. A sua carne fornece um alimento precioso e salutar em todas as paragens da zona torrida, e a gordura, que é liquida e muito abundante, serve para luzes. Esta tartaruga vai pastar em grandes bandos no sargaço do fundo do mar, e raras vezes vem á terra. As femeas vem pôr os ovos em numero consideravel na praia, n'um buraco cavado na areia, além da linha da mais alta maré. É então que se apanham facilmente, virando-lhes as pernas para o ar. Os ovos são redondos, cobertos de uma membrana molle, semelhante a pergaminho molhado; são bons para comer. A concha d'esta especie é pouco estimada.

Uma outra especie é a *carêta*, ou *tartaruga de laminas imbricadas* (*testudo imbricata*, Linneo). É a menor que a precedente; raras vezes pesa mais de 100 kilogrammas. A carne é desagradavel e insalubre, porém os ovos são mui bons para comer, e a concha fornece a mais bella tartaruga que serve para fabricar pentes, caixinhas, cabos de facas, guarnições de moveis, etc. A *carêta* tem o focinho mais alongado do que a tartaruga franca, os dois queixos denteados, as escamas do dorso lisas e imbricadas. Estas escamas são transparentes, roxas anegradas, com manchas irregulares, louras ou arruivadas. Separam-se da couraça, pondo-lhes fogo por baixo. Podem adquirir o mais bello polimento, e póde-se-lhes dar qualquer fórma, sumettendo-as á prensa, entre moldes, na agua quente.

A carêta acha-se principalmente no Oceano Atlantico, perto da costa da America, em todo o golfo do Mexico. Encontra-se tambem nas costas da Guiné, e no mar das Indias.

TARTRATO ACIDO DE POTASSA. *Veja-se* vol. I, p. 749.

TARTRATO DE FERRO E POTASSA. *Veja-se* vol. I, pag. 1149.

TARTRATO NEUTRO DE POTASSA. *Veja-se* vol. II, pag. 785.

TARTRATO DE POTASSA E SODA ou SAL DE SEIGNETTE. Este sal não tem côr nem cheiro; sabor levemente amargo; forma mui grandes prismas rhomboidaes de 8 faces. É soluvel em agua fria, mais soluvel ainda na agua quente. Purgativo na dóse de 15 a 60 grammas.

TARUMÃ. *Vitex taruma*, Martius. Verbenaceas. Arvore da Flora brazileira. A casca e as folhas são empregadas em banhos contra as dôres rheumaticas. 30 grammas por 500 grammas d'agua.

TASNEIRINHA, ou CARDO MORTO. *Senecio vulgaris*, Linneo. Synanthereas. Planta commum em Portugal. Folhas pinnatifidas, sinuadas, amplexicaules; flores dispersas; sabor um tanto salgado, oleraceo. Recommendada em cataplasmas, contra os enfartes do figado; hoje pouco usada.

TATÚ (fig. 847). Genero de animaes mammiferos, da familia dos Desdentados; tem sómente quatro dentes molares. Ordinariamente é do tamanho de um cão pequeno; o corpo é coberto de escudetes escamosos, que o defendem como couraças, tendo uma anterior sobre as espaduas, e outra posterior sobre a garupa; e entre estas ha uma guarnição de

certo numero de faxas, ou meias cintas; a cabeça e cauda são igualmente escamosas. Estes animaes vivem em tropas no Brazil, fazendo covis onde se mettem; sustentam-se de vegetaes; não podem correr, nem saltar, nem trepar. Quando são atacados, recolhem a cabeça, os pés e a cauda debaixo do ventre e fazem-se n'um novello quasi como ouriços. As femeas tem grande numero de filhos em uma só gestação. Ha differentes especies de tatús que se distinguem pelo numero das faxas. A carne é saborosa e branca como a do frango; come-se assada ou em guisado.

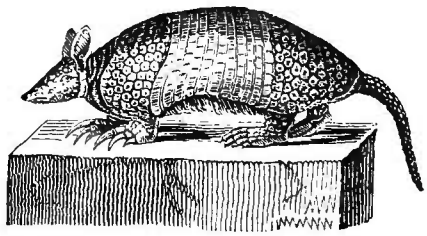


Fig. 847. — Tatú.

TAVIRA. Portugal; Algarve. Junto á cidade de Tavira, na parte mais elevada do Rocio, que serve de passeio publico, nascem abundantemente uns olhos d'agua mui crystallina, de sabor picante e agradavel, que contém gaz acido carbonico, e pequenas porções de silica, chlorhydrato de soda e de cal. 1 litro d'esta agua, evaporado até á seccura, deixa de residuo solido 49 centigrammas. Temperatura 26° centigrados.

TAXIS. Nome dado a uma operação cujo fim é reduzir uma hernia estrangulada *Veja-se* HERNIA.

TAYOBA. *Arum esculentum*, Linneo. Aroideas. Planta da Flora brazileira. Folhas peltadas, grandes, lisas, inteiras, cordiformes e agudas; flores dispostas em espadices, e estes encerrados em espathas ovaes-lanceoladas; caule subterranco (vulgo *raiz*), tuberoso e farinhento. As folhas, cozidas e temperadas, constituem um alimento sadio e agradavel; comem-se com a carne ou de outra maneira. A raiz (tronco subterraneo) contém um principio acre e volatil, que se dissipa pelo calor. Cozida ou assada, come-se tambem : é um alimento nutriente, e de facil digestão; goza de reputação de ser util ás pessoas affectadas de morphea.

TAYUYÁ ou **Tajujá.** Diversas plantas da familia das Cucurbitaceas são conhecidas no Brazil com este nome :

1.° **Tayuyá, tayuyá grande** ou **de pimenta cumary, abobora** ou **abobrinha do matto.** *Triamosperma ficifolia*, Martius. Planta trepadeira do Brazil; habita nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Santa Catharina, Rio Grande do Sul. Caule com sete sulcos; folhas asperas, divididas em 5 ou 7 lobulos obtusos, denticulados, base cordiforme; fructos vermelhos, oblongos, lisos, de 10 a 12 millimetros de comprimento, contendo duas sementes; raiz comprida, arredondada, de 27 a 54 millimetros de diametro, rugosa e amarella escura por fóra, branca amarellada por dentro, de sabor amargo e acre. Todas as partes d'esta planta, e principalmente a raiz, gozam de propriedades purgatívas. A dóse da raiz *secca*, que se póde tomar em substancia, é de 60 centigrammas a 1 gramma. Reduz-se a pó, e toma-se em uma colher d'agua. Administra-se tambem em decocção, que se faz fervendo 4 grammas d'esta raiz em 250 grammas d'agua. Sendo a raiz fresca,

duplica-se a dóse. Os habitantes do interior do Brazil empregam a raiz de tayuyá em muitas molestias, na hydropisia, opilação, obstrucção das visceras abdominaes, falta de menstrução, epilepsia, morphea. As folhas, contusas, e reduzidas a cataplasma, applicam-se vantajosamente nas ulceras.

As seguintes *tayuyás*, gozam das mesmas propriedades que a precedente, e empregam-se do mesmo modo e nos mesmos casos :

2.° **Tayuyá de fructa encarnada, abobrinha do matto** (Rio). *Trianosperma tayuya*. Martius. Raiz tuberosa, em fórma de nabo, esponjosa, amarellada, epiderme escura. Purgativa na dóse de 4 a 8 grammas da raiz fresca.

3.° *Trianosperma arguta*, Martius (Rio de Janeiro).

4.° *Trianosperma glandulosa*, Martius (Pará).

5.° **Tayuyá de Quiabo** (Minas, S. Paulo); **gonú** (Minas) *Wilbrandia hibiscoides*, Manso. Raiz tuberculosa, tuberculos de 16 centimetros mais ou menos de comprimento e 2 ou mais de diametro; fructo oval, polposo, anguloso, dividido em 4 loculamentos. Dóse da raiz fresca : 4 grammas.

6.° **Abobrinha do matto** (Minas). *Wilbrandia drastica*, Martius.

7.° **Abobrinha do matto** (Rio). *Wilbrandia scabra*, Martius.

8.° **Tayuyá** *Wilbrandia Riedeli*, Manso.

9.° **Tayuyá de cabacinho** ou **de abobrinha** (S. Paulo, sertão da Bahia e Pernambuco). *Dermophylla pendalina*, Manso. Raiz tuberosa, da qual partem outras raizes que se terminam por tuberosidades menores e alongadas; fructo oval arredondado, de 2 a 5 centimetros de comprimento, com tres loculamentos, contendo doze sementes pouco mais ou menos. A raiz é purgativa, na dóse de 4 a 8 grammas.

10.° **Tayuyá** ou **abobora do matto** (Goyaz), *Druparia racimosa*, Manso. Fructo, drupa oblonga, com 4 loculamentos, e uma semente em cada um.

TEA DO OLHO. *Veja-se* Belida.

TEMPERAMENTO. Entende-se por temperamento a disposição da organização propria a cada individuo. Bem que esta disposição varie conforme os individuos, ha-os que apresentam a coexistencia de caracteres exteriores que os distingue de uma maneira notavel. Estas constituições são temperamentos *simples* e *determinados*. Outros ha que são menos distinctos, em que os signaes das constituições se unem e se confundem : são os temperamentos mixtos ou compostos. Emfim, ha outros que não tem caracteres distinctos : são os temperamentos vagos e indecisos.

Temperamentos simples e determinados. Designam-se segundo as partes que os caracterizam :

1.° *Temperamento athletico* ou *musculoso*. É a constituição dos athletas ; pertence exclusivamente ao homem, e é essencialmente caracterizado por ossos voluminosos e musculos enormes. O athletico tem a cabeça pequena, o pescoço curto, os cabellos espessos, a testa pouco descoberta, o rosto largo, as fontes salientes ou pouco deprimidas,

as feições grossas, a barba abundante, o corpo pelludo, as espadoas e o peito largo, o ventre pouco saliente, os membros fortes e as juntas volumosas. — Os athletas tem geralmente a sensibilidade obtusa, a intelligencia mediocre, as peixões difficeis de excitar, e ás vezes difficeis de apagar. São muitas vezes governados por entes mais fracos; e é o caracter que a antiguidade attribuia a Hercules e a Sansão.

2.° O *temperamento nervoso* é assim chamado porque nas pessoas d'este temperamento as funcções do systema nervoso são muito exaltadas. Os individuos de temperamento nervoso tem em geral o cabello preto, o rosto magro e pallido, os olhos brilhantes, as feições que exprimem o soffrimento e a melancolia. Tem de ordinario pouca gordura. Mas tem muita intelligencia, e tanta susceptibilidade, que os atormenta e os induz muitas vezes aos erros, a ponto de os lançar n'uma incuravel melancolia. Esta demasiada e viva sensibilidade, que então é para elles a fonte de mil infortunios, é tambem muitas vezes o principio de uma eloquencia extraordinaria. É o caracter de Pascal, de Zimmermann, de João Jacques Rousseau. Este temperamento encontra-se tanto no homem como na mulher.

3.° *Temperamento bilioso*. Nos biliosos não é a bilis que predomina, como se poderia julgar, mas sim a substancia negra que lhes córa os cabellos, a pelle e os olhos, e que os anatomistas designam sob o nome de *pigmentum*. O figado talvez tenha mais actividade do que nos outros. Este temperamento pertence em geral aos individuos trigueiros. Os cabellos são de ordinario pretos, corredios ou crespos, e quasi sempre duros e rijos, os olhos escuros ou de côr preta brilhante, a pelle de côr amarellada, as veias dos membros salientes e visiveis, a physionomia que exprime a firmeza e a intelligencia, as fórmas um pouco asperas, sem gordura, os musculos vigorosos bem que de pequeno volume. O pulso é forte, o figado muito desenvolvido, e as funcções digestivas energicas. Os individuos d'este temperamento tem, em geral, muita intelligencia e muita capacidade; as sensações e as paixões são n'elles intensas e duraveis; as determinações fortes, atrevidas; o caracter firme, decidido, perseverante; distinguem-se por uma grande ambição, e por uma obstinação não menor para satisfazêl-a. São, sobretudo, estes temperamentos que apresentam os grandes homens, os homens que tem honrado a humanidade, e os que a tem affligido por sua ambição desenfreada. É com estes caracteres que se apresenta Alexandre Magno, Julio Cesar, Brutus, Mafoma, Sixto-Quinto, Cromwell, o czar Pedro, Napoleão I°. O temperamento bilioso observa-se menos nas mulheres do que nos homens; é mais commum nos climas quentes do que nos frios. Nos paizes septentrionaes, une-se com o temperamento lymphatico, onde seus traços exteriores, que resultam da côr da pelle e dos cabellos, modificam-se e abrandam-se um pouco. Os individuos d'este temperamento são sujeitos ás affecções do figado, ás das vias digestivas, ás hemorrhoidas.

4.° O *temperamento sanguineo* é caracterizado por uma pelle branda, branca ou levemente rosea, por um rosto de côr vermelha, cabellos

ordinariamente castanhos e flexiveis, olhos azucs ou pardos, olhar meigo, uma physionomia animada e alegre, uma gordura moderada, fórmas arredondadas, graciosas, mas bem salientes. Este temperamento tem a circulação activa, o sangue rico e abundante, o pulso forte, e, em geral, um exercicio regular das principaes funcções. A força muscular é bastante grande, a inclinação aos prazeres do amor mui pronunciada. As sensações são vivas, a intelligencia desenvolvida, as paixões violentas mas passageiras, o caracter amavel, generoso, mas ligeiro e inconstante. Os homens que tem este temperamento são predispostos ás congestões sanguineas, ás inflammações, ás hemorrhagias. Segundo o que a historia nos transmittio dos caracteres physicos e moracs de certos homens celebres, Marco-Antonio, Henrique IV, o duque de Richelieu, Mirabeau, seriam typos do temperamento sanguineo. Este temperamento pertence mais aos climas temperados, do que aos climas extremos.

4.° O *temperamento lymphatico* tem caracteres mui differentes do sanguineo, e quasi em tudo oppostos aos do bilioso : cabellos em geral louros e finos, olhos azues, pelle branca, fina e lisa; systema piloso pouco espesso, carnes molles, fórmas algum tanto pesadas. As principaes funcções tem em geral pouca actividade; os movimentos são lentos. A physionomia é meiga, muitas vezes sem expressão ou exprimindo a molleza, a apathia do caracter; ás vezes, a frieza exterior está ligada a uma grande tenacidade, a uma obstinação invencivel. Este temperamento, mais commum nas mulheres, é considerado como uma predisposição ás escrophulas, ao rachitismo e á tisica.

Temperamentos mixtos. São aquelles em que muitos systemas da organização predominam ao mesmo tempo. Estas constituições são mais communs do que as precedentes, cujos typos puros raras vezes se encontram na natureza. Assim, admittem-se com os temperamentos simples, que acabei de descrever, temperamentos lymphatico-sanguineos, bilioso-nervosos, sanguino-nervosos, etc.

Temperamentos indecisos. São os mais numerosos de todos. Provém de estarem as partes da organização n'um equilibrio de desenvolvimento tão exacto, que é impossivel determinar qual é aquella que predomina sobre as outras.

TEMPERANTES. São os medicamentos que moderam os movimentos em extremo rapidos do systema circulatorio, e diminuem o calor do corpo. Os temperantes são todos de gosto acidulo. Estes medicamentos chamam-se tambem *refrigerantes*, e empregam-se nas febres, escorbuto, ictericia, ourinas de sangue, etc. Os medicamentos temperantes são os seguintes : limão azedo, laranja, lima, limão doce, tamarindos, romã, marmelo, cajú, cajá ; araçá, goiaba, jaboticaba, grumichama, pitanga e outros fructos acidos, soro de leite, grama, nitro, amendoada, cremor de tartaro. Todas estas substancias administram-se aos doentes sob a fórma de limonadas frias.

TEMPERATURA DAS DIVERSAS CIDADES DO GLOBO. *Veja-se* CLIMA, vol. I, pag. 599.

TEMPEROS. ADUBOS ou CONDIMENTOS. Entendem-se por estes no-

mes as diversas substancias que se empregam na preparação dos alimentos para lhes realçar o sabor ou facilitar a sua digestão. A maior parte das producções d'este genero contém apenas elementos nutritivos, e só actuam pelas qualidades estimulantes de que são dotadas, e por isso póde-se dizer que o seu uso pouco moderado é ordinariamente seguido de perniciosos effeitos para a saude; o appetite artificial que provocam obriga a ingerir no estomago uma quantidade de alimentos mais consideravel do que reclamam as forças, e necessidades da economia; d'onde resultam as digestões laboriosas, imperfeitas, e por conseguinte um fluido nutritivo mal elaborado, pouco reparador, cuja influencia sobre o organismo interior deve ter máos effeitos. Por outra parte, a privação de todo o tempero tem o inconveniente de enfraquecer as forças digestivas, occasionar o fastio, a saciedade prompta dos alimentos que são desprovidos de acção estimulante sobre os orgãos do gosto e da digestão, e por consequencia, produz todos os effeitos de uma alimentação insufficiente, taes como a debilidade geral, o emmagrecimento progressivo, etc. É preciso, por conseguinte, observar certa regra no uso dos temperos, a qual depende de grande numero de circumstancias, taes são os climas, temperamentos, gráo de sensibilidade, costume, etc. Assim, os habitantes das regiões do norte, nos quaes predomina a actividade das funcções digestivas, não precisam recorrer aos estimulantes para apressar a digestão dos alimentos de que se nutrem; e por isso, a natureza parece ter-lhes recusada, de proposito, estas especies de producções; entretanto que as prodigalizou aos habitantes dos climas quentes que se acham em circumstancias oppostas. As pessoas de temperamento nervoso, irritavel, secco, bilioso, e sanguineo, devem ser sobrias de temperos excitantes. Os individuos molles e lymphaticos podem, pelo contrario, usar d'elles com menos reserva. As pessoas habitualmente sedentarias, que respiram o ar espesso das grandes cidades, necessitam despertar a actividade entorpecida de seus orgãos por meios artificiaes; entretanto que o habitante do campo, cuja vida é activa, acha no exercicio, na respiração de um ar vivo e puro, a estimulação natural e salutar que lhe torna escusado recorrer a estes meios para ter um appetite facticio.

Os temperos dividem-se em cinco classes:

1.ª *Temperos salinos*. Esta primeira secção comprehende só o sal commum de cozinha. No estado actual da nossa civilização, o uso do sal tornou-se uma necessidade tão geral como indispensavel; em dóse moderada, estimula levemente as superficies mucosas com que se acha em contacto, activa as secreções, e d'esta maneira facilita a digestão. Os effeitos de sua privação absoluta são tornar as digestões laboriosas e imperfeitas. Em dóse forte, determina a irritação mais ou menos viva da bocca e do estomago, d'onde resulta a sêde mais ou menos intensa, seccura da bocca e garganta, a excitação geral, etc.

2.ª *Temperos acidos*. Comprehendem o vinagre, os acidos vegetaes, particularmente os que se extrahem do limão, azedas, laranja, etc. O uso moderado d'estes temperos tem um effeito refrigerante e algum tanto

estimulante, em geral, salutar. O seu abuso produz o emmagrecimento; em algumas pessoas occasiona a excitação do systema nervoso.

3.° *Temperos assucarados.* O assucar e o mel de abelhas contém muitos elementos nutritivos; unidos aos elementos acidos, mucilaginosos e amylaceos, tornam estas substancias mais agradaveis, mais digeriveis e mais nutrientes : o seu uso moderado nunca póde ter máos effeitos.

4.° *Temperos gordos, oleosos, caseosos.* As substancias d'esta classe constituem antes alimentos do que verdadeiros temperos, e por isso usam-se n'esta qualidade associados com outros temperos, taes como sal, assucar, etc. : estas substancias são as gorduras animaes, a manteiga, o leite e o azeite doce. Devem empregar-se com preferencia no estado fresco e em pequena quantidade, visto serem de digestão difficil.

5.° *Temperos acres e aromaticos.* Esta classe é a mais numerosa ; as substancias que a compõem, tiradas pela maior parte do reino vegetal, devem as suas propriedades excitantes a grande quantidade de oleo essencial, ou a um principio acre e irritante. A estas ultimas pertencem o alho, a cebola, a mostarda, os agriões, as alcaparras, a pimenta, o cravo da India, e noz moscada, o macis, o gengibre, o pimentão, os peixes de escabeche, taes como a cavalla, as anchovas, as sardinhas as ostras de escabeche, as carnes defumadas. Estas ultimas substancias, principalmente formadas de elementos nutritivos, devem as suas qualidades excitantes a um principio acre, ammoniacal, desenvolvido pelo modo de preparação.

Os temperos aromaticos devem as propriedaes que os distinguem, como acabei de dizer, ao olco essencial de que são abundantemente providos, taes como as folhas e flores de laranjeira, a baunilha, a canella, o açafrão, a salva, o tomilho, o alecrim, os cominhos, o cerefolio, etc. As considerações que fiz no principio d'este artigo sobre os temperos em geral, applicam-se principalmente a esta classe.

TEMPORAL. Importante região anatomica pela gravidade que tomam as feridas feitas n'esta região e pelo papel que representam os orgãos circumvisinhos. Limitada na frente pela orbita, em baixo pelo conducto auditivo externo, atraz e em cima por uma linha curva sobre a qual insera-se o musculo temporal, é formada de duas camadas principaes que são : as partes molles, isto é, a pelle e por baixo d'ella o musculo temporal, e o osso temporal que forma uma pequena excavação pouco funda no homem, muito cavada nos animaes carnivoros os quaes têm este musculo muito desenvolvido visto servir elle á mastigação. Este osso temporal é muito fino e abrita uma grossa arteria, a meningea media, as tres meninges cerebraes e o proprio cerebro. Concebe-se pois que a existencia d'esses orgãos torna mui graves as fortes pancadas ou golpes violentos dados n'esta região assim como tambem as fracturas do osso protector.

TENDÃO. Cordão ou feixe fibroso, geralmente achatado, de côr esbranquiçada, ligado aos ossos por uma de suas extremidades e pela outra aos musculos motores dos membros. Os tendões são pois cordões inextensiveis que servem simplesmente para transmittir ao esqueletto a

força motora do systema muscular. Compostos de tecido fibroso muito denso, muito forte, desprovido de vasos sanguineos, possuem uma força enorme. Por maiores que sejam os esforços não podem se rasgar, apenas chegam a arrebentar em uma das extremidades. Os musculos dão-lhes certos movimentos que, apenas, elles podem escorregar em bainhas lubrificadas a que deram o nome de synoviaes, que são membranas em fórma de sacco sem sahida entre a pelle e certas partes osseas ou cartilagineas. Ficam inflammadas ás vezes em consequencia de feridas contusas, de postemas perto d'ellas, etc.; n'este ultimo caso, ellas perdem então a sua apparencia lustrosa, mortificam-se e acabam por cahir aos pedaços.

Vulgarmente chama-se tambem *tendão* o cordão espermatico. É um cordão composto de veias, arterias, nervos e do conducto espermatico, que sahe do ventre pelo canal inguinal, e vai ao testiculo que se acha no escroto. Ás vezes o cordão espermatico é affectado de *inflammação*. *Veja-se* vol. I, pag. 719.

Luxações dos tendões. Um movimento violento, uma pancada, uma queda, podem fazer sahir do seu logar um tendão e fazel-o saltar fóra da bainha que o envolve.

Esta lesão occasiona uma dôr forte, inchação, echymose e um deslocamento do tendão, que se sente com o dedo ao apalpar. Ordinariamente reduz-se facilmente essas luxações, mas ellas estão sujeitas á recidiva.

Tumores dos tendões. Encontram-se muitas vezes sobre os tendões, pequenos nós duros que são formados de tecido osseo. É uma ossificação que se nota sobretudo nas pessoas de idade. Quasi sempre os tendões são acommettidos primeiramente, de pequenos tumores duros que se amollecem pouco a pouco e se esvaziam. São gommas syphiliticas que apparecem no periodo terciario da syphilis.

Tendão (*Ferida do*). *Veja-se* vol. I, pag. 1140.

Tendão (*Ruptura do*). *Veja-se* RUPTURA.

TENDÃO DE ACHILLES. Tendão grosso situado na parte posterior e inferior da perna e que se insere no calcaneo.

Tendão d'Achilles (*Ruptura do*). *Veja-se* vol. II, pag. 917.

TENESMO. Sensação dolorosa de constricção na região do anus, com vontade contínua e quasi inutil de obrar. É o symptoma da irritação do recto, occasionada seja por uma diarrhea ou dysenteria, seja por hemorrhoidas. Combate-se com semicupios mornos, e clysteres de cozimento de linhaça.

TENESMO VESICAL. Vontade contínua e dolorosa de ourinar, com calor e sensação de ardor no collo da bexiga. Combate-se com semicupios d'agua tepida, e infusão de linhaça em bebida.

TENIA. *Veja-se* SOLITARIA.

TENOTOMIA. Secção cirurgica dos tendões que se pratica com o fim de remediar a qualquer deformidade. Quando um musculo retrahido ou rigido, faz com que um membro ou uma parte qualquer do corpo tome um geito vicioso, incompativel com o exercicio normal das func-

ções, pode-se remediar esse defeito seccionando o tendão d'esse musculo, dando por este meio ao membro, toda a sua flexibilidade e mobilidade. No torcicollo chronico de origem muscular, nos vicios de conformação do pé, principalmente no pé torto, emprega-se muito este tratamento. Pode-se praticar a tenotomia de dois modos: Corta-se a pelle em um pequeno espaço, até chegar ao tendão e corta-se' o; ou então faz-se correr em uma prega da pelle um pequeno bisturi especial e corta-se o tendão sem fazer ferida exterior; a este ultimo processo deram o nome de tenotomia sub-cutanea, é menos perigosa que a primeira operação, mas é preciso que haja o maior asseio nos instrumentos, nas mãos e nas peças do curativo.

TENTA. *Veja-se* vol. I, pag. 770.

TERÇOL ou **Hordeolo.** Pequeno tumor inflammatorio, da natureza do fruncho, que se desenvolve perto da margem livre das palpebras. O terçol póde ter uma marcha aguda ou chronica. Quando é aguda, apresenta-se sob a fórma de um grão de cevada, de côr vermelha, acompanhado de dôres vivas e de tumefacção da palpebra. Este tumor, no fim de algum tempo abre-se e deixa sahir, pela menor pressão, um pequeno carnegão, cuja sahida é seguida da cessação de todos os symptomas. No segundo caso; isto é, quando o terçol é chronico, a molestia é muito menos dolorosa, e consiste n'um tumor duro, vermelho e quasi sem dôr; mas que, depois de persistir muitos mezes n'este estado, acaba quasi sempre por inflammar-se bastante, e segue então a marcha do terçol agudo.

O *tratamento* do terçol agudo consiste em cataplasmas de linhaça, ou de fecula, e em lavatorios com decocção de folhas ou flores de malvas; e o do terçol chronico, na applicação de um pedacinho de encerado de diachylão gommado sobre o tumor, até que se inflamme, e tome o caracter agudo.

TEREBINTHINA. Substancia da consistencia de xarope que mana das incisões feitas no tronco de muitas arvores, e principalmente do pinheiro prateado, *pinus picea*, Linneo, Esta ultima tem o nome de *terebinthina de Veneza,* ou *de limão*, por causa do cheiro suave. As terebinthinas tem o cheiro forte, penetrante, que é devido a um oleo essencial conhecido pelo nome de *essencia de terebinthina.*

A terebinthina é uma mistura de um oleo essencial e de uma resina; effeitua-se a separação d'estes dois elementos distillando a terebinthina em grandes alambiques de cobre. Fornece assim quasi um quarto de seu peso de essencia ou oleo essencial; o residuo é o que se chama *colophonia.*

A terebinthina emprega-se em medicina; entra na composição de muitos emplastos; internamente, usa-se contra a bronchite e o catarrho da bexiga, contra a debilidade dos orgãos genitaes, as nevralgias, as enxaquecas, a sciatica, etc., na dóse de 50 centigrammas a 19 grammas O seu oleo essencial tem as mesmas propriedades, mas actua com mais energia. Externamente, é usado em fricções contra as dôres rheumatismaes. Administra-se a essencia de terebinthina, em perolas do d^{or} clertan-

na dóse de 2 a 3 perolas, no momento dos accessos. As ourinas das pessoas que fazem uso da terebinthina adquirem um cheiro de violeta.

TERICIA. *Veja-se* ICTERICIA.

TERPINA. A distillação da essencia de terebinthina dá um liquido sem côr, a terebenthina, que posta em contacto com agua, forma a terpina. É uma substancia solida, crystallina, pouco soluvel em agua fria, ella dissolve-se facilmente no alcool, ether, essencia de terebinthina e oleos; em alta dóse é um veneno; produz effeitos identicos aos da essencia de terebinthina, empregada contra a albuminuria, as perturbações respiratorias e as alterações do systema nervoso. Em dóses moderadas, ella calma as nevralgias e augmenta a secreção urinaria. Actua melhor ainda nas bronchites, nos catarrhos pulmonares chronicos e na tisica pulmonar, na qual ella faz diminuir a quantidade dos escarros, e expectorar com mais facilidade. A terpina não deve ser administrada ás pessoas acommettidas de nephrite. Formula-se a terpina do seguinte modo.

Terpina.....	0gr,50 ou 1 gram.	Xarope de cato.....	20 gram.
Alcool a 85°.....	100 —	Agua.....	60 —

Para ser tomado em 24 horas.

TERPINOL. Quando se distilla a solução d'hydrato de terebinthina misturada com uma pequena quantidade d'acido sulfurico ou chlorhydrico, obtem-se uma materia oleosa, sem côr, tendo o cheiro do jacintho. Esse liquido ferve a 168 gráos, sua densidade é de 0,852, é o terpinol. Este medicamento se administra em capsulas de 10 centigrammas; assim preparado, o terpinol é tomado facilmente pelos doentes; elle se elimina de uma maneira mais pronunciada pela via pulmonar. Ora, logo que é ingerido, o ar expirado tem um forte cheiro de jacintho, cheiro que persiste, por muito tempo, ás vezes mais de vinte e quatro horas. Eliminando-se, elle occasiona certa sensação de calor, como se fosse uma constricção, com alguma hyperemia no fundo da garganta na entrada da larynge.

Utilisa-se esta propriedade d'eliminação do terpinol contra as tosses symptomaticas de simples catarrho dos bronchios. Ainda que os resultados obtidos até agora não sejam completamente decisivos, entretanto podemos desde já dizer que o terpinol age favoralmente n'esses casos.

Os estudos feitos até agora sobre o terpinol, são ainda incompletos, não obstante pode-se tirar como conclusão: 1.° que o terpinol, como a terpina, é um medicamento inoffensivo, mesmo em dóses muito elevadas: 2.° o terpinol não tem quasi nenhuma acção sobre os orgãos genito-urinarios; 3.° elle se elimina mui rapidamente e quasi exclusivamente pela via respiratoria e que, por esse facto, é util nas affecções catarrhaes dos bronchios, modificando, com feliz resultado, sua secreção.

Administra-se o terpinol debaixo da forma de *Perolas de Terpinol do D^er Clertan.* Cada perola contém 25 centigrammas de terpinol. A dóse é de 2 a 4 perolas por dia.

TERRA PODRE. (*Economia domestica.*) Chama-se no commercio terra podre (*terre pourrie*, em francez), uma especie de tripoli

mais fino e mais brando que o tripoli ordinario (*veja-se* TRIPOLI). É uma especie de barro secco, de excellente uso para lustrar e limpar os objectos de aço, de cobre ou de outros metaes. Emprega-se secca, estendida sobre um pedaço de pellica, ou diluida em azeite doce. Acham-se d'ella muitas qualidades nas lojas de drogas. A melhor vem do Condado de Derby, Inglaterra; é conhecida sob o nome de *terra podre ingleza*.

TESTICULO. Denomina-se assim o orgão glanduloso em que se prepara o esperma (fig. 848); o testiculo é, por conseguinte, a fonte da

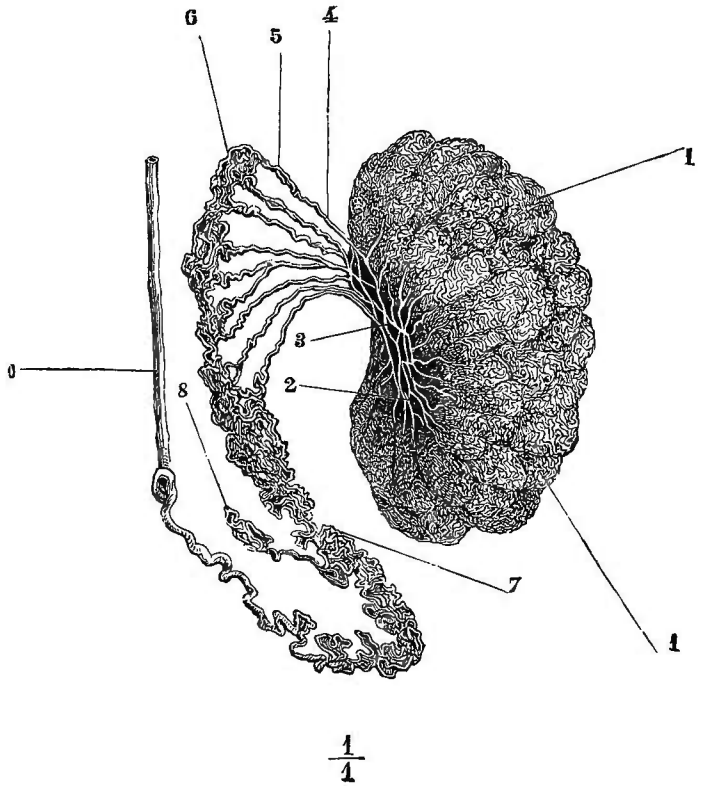


Fig. 848. — Testiculo. — Canaes seminiferos, etc. (*).

fecundação. Os testiculos são dois; estão situados n'uma especie de sacco, formado de pelle e membranas, chamado *escroto*. Os testiculos tem a fórma de um ovoide comprimido lateralmente. Na sua margem superior e posterior acha-se uma pequena eminencia, chamada *epididymo*. A substancia propria do testiculo é formada de immensa quantidade de conductos seminaes, extremamente delgados, enroscados mil e mil vezes uns em roda dos outros. Dirigem-se para cima, reunem-se de maneira a constituirem troncos mais volumosos, e formam emfim um só canal.

Esses canaes seminiferos enrolados e enovelados acham-se envolvidos

(*) 1, lobulos testiculares; 2, tubos seminiferos; 3, ramusculos de Haller; 4, parte rectilinha dos canaes deferentes; 5, parte contorneada d'esses canaes; 6, cabeça do epididymo; 7, canal do epididymo enroscado; 8, vaso adherente; 9, canal deferente.

em uma membrana fibrosa muito espessa, que se chama a tunica albuginea a qual dá ao testiculo a consistencia dura que tem. Esses canaes reunem-se, sahem do testiculo, formam o epididymo e terminam em um unico canal que se chama canal deferente, o qual conduz o esperma do testiculo até ás vesiculas seminaes, perto da bexiga onde elle se conserva até o momento da ejaculação (fig. 848).

O testiculo inteiro com o epididymo acha-se dentro de uma membrana serosa composta de dois folios, é a tunica vaginal. Esta membrana faz a mobilidade do orgão e permitte que se encolha quando vai receber algum choque. É na cavidade formada pela separação d'esses dois folios que se ajunta o sangue no hematocele, e a serosidade no hydrocele. O testiculo acha-se para bem dizer suspenso nas bolsas por um cordão volumoso, o cordão espermatico cuja composição acha-se descripta no artigo TENDÃO.

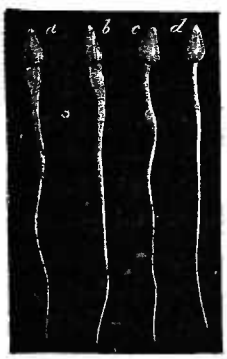


Fig. 849. — Espermatozoïdes de homem.

Muito pequeno nos recemnascidos, o testiculo fica no estado rudimentario até a idade de 12 a 14 annos, desde então começa elle a se desenvolver e a segregar um liquido espesso, branco amarellado, cheio de pequenos bastõcsinhos moveis, que constitue o esperma ou liquido fecundante. É dos bastõesinhos ou espermatozoides que o esperma tira as suas propriedades. Elle é tanto mais forte quão numerosos e mais ageis são elles. O comprimento d'esses espermatozoides é de 50 millesimos de millimetro (fig. 849).

MOLESTIAS DOS TESTICULOS.

Cancro do testiculo. *Veja-se* vol. I, pag. 443.

Contusão do testiculo. A contusão do testiculo observa-se nos individuos que montam a cavallo: póde resultar da approximação rapida das coxas, de uma pancada, pontapé, etc. Esta contusão determina dôres extremamente vivas, acompanhadas de desmaios e vomitos; as dôres propagam-se até ás cadeiras. As contusões violentas podem produzir um derramamento de sangue no envoltorio do orgão, isto é, formar o que se chama *hematocele*.

O tratamento consiste em applicar nos primeiros dias, pannos molhados em agua fria, simples, ou misturada com aguardente camphorada. No terceiro ou quarto dia cumpre applicar cataplasmas de linhaça. Se sobrevier inflammação, appliquem-se bichas na virilha. É preciso que o doente fique deitado na cama, e mantenha o escroto levantado com almofadinha.

Falta do testiculo. Em vez de descerem para o escroto na epoca de nascença, como succede ordinariamente, os testiculos ficam ás vezes no ventre, e descem alguns mezes ou alguns annos mais tarde; até ha exemplos de testiculos que ficáram toda a vida no interior do ventre,

sem que os individuos fossem destituidos da faculdade de procrear. Quando o testiculo desce depois da nascença fórma um tumor que se póde tomar por quebradura, mas que se deve distinguir d'esta molestia pela natureza das dôres que provoca a compressão. Em todos os casos póde-se fazer distincção entre o testiculo e qualquer outro tumor da virilha pela dôr especial, isto é pela dôr que enerva quando se comprime o testiculo, e pela ausencia concomitante do orgão no lado correspondente do escroto. Esta anomalia não exige tratamento algum; o testiculo desce pouco a pouco e chega com o tempo ao escroto.

Feridas do testiculo. *V. Feridas do escorto*, vol. I. p. 1123.

Fungus do testiculo. Dá-se este nome a um tumor que toma nascimento sobre o testiculo, vegeta á maneira das fungosidades ou carnosidades das feridas, e que resulta de um trabalho inflammatorio. Quando a producção principia na superficie do testiculo, chamam-lhe *fungus superficial*. O *fungus parenchymatoso* toma nascimento na espessura do testiculo, d'onde sahe atravessando a tunica albuginea. Em ambos os casos a massa morbida é firme, apresenta proeminencias na superficie; é de côr avermelhada ou anegrada, segundo a quantidade de sangue que contém os vasos das fungosidades. Esta massa confunde-se insensivelmente com um ponto da tunica albuginea ou com a substancia mesma do testiculo, segundo se trata de um fungus superficial ou de um fungus parenchymatoso. A substancia do fungus é mui vascular; apresenta a estructura das carnosidades das feridas.

Causas. O fungus é consecutivo á inflammação. Desenvolve-se no curso de uma orchite, depois de uma contusão ou de uma ferida do testiculo. Póde mostrar-se todas as vezes que a tunica albuginea apresentar uma solução de continuidade O fungus é raro; ordinariamente um só testiculo fica affectado.

Symptomas. A molestia principia de uma maneira lenta. Um *tumor* pouco doloroso, cuja superficie apresenta alguns relevos, forma-se sobre o testiculo. Este tumor augmenta insensivelmente; a pelle do escroto enrubece e adelgaça-se; forma-se uma ulceração atravez da qual passa a substancia do fungus. As porções fungosas sahem por esta abertura e crescem de maneira a formar um novo tumor, unido á massa fungosa profunda por uma parte estrangulada ao nivel da ulceração. O fungus não excede, ordinariamente, o volume de um punho. Incommoda pelo volume e peso, mas não é séde de dôres espontaneas. A compressão do tumor desenvolve uma sensibilidade caracteristica, semelhante á que se produz comprimindo um testiculo são. Não apparecem hemorrhagias na superficie do tumor.

Tratamento. Medicamentos internos não produzem resultado algum. Não se deve contar tambem sobre alguma applicação local para fazer desapparecer o tumor. É preciso fazer a excisão, e cauterizar a ferida com ferro em braza.

Hematocele. Tumor sanguineo do escroto. *V* vol. II, p. 113.

Hydrocele. Accumulação de serosidade na tunica vaginal, um dos envoltorios do testiculo. *Veja-se* vol. II, pag. 158.

Hypertrophia do testiculo. Augmento do volume do testiculo, sem alteração de sua textura intima. Observa-se sobretudo depois da operação do hydrocele pelas injecções com vinho quente e outras injecções irritantes. Desapparece com o tempo pouco a pouco; não prejudica, além d'isto, as funcções do orgão.

Inflammação do testiculo. *Veja-se* ORCHITE, vol. II, p. 540.

Kystos do testiculo. Chama-se kysto a um sacco sem abertura, contendo um liquido transparente ou opaco. Ha duas especies de kystos do testiculo: uns desenvolvem-se na superficie; outros tomam nascimento na espessura da glandula. Os primeiros formam um tumor accrescentado ao testiculo, chamado mais particularmente *hydrocele enkystado do testiculo;* os outros dilatam a tunica albuginea: são os *kystos do testiculo.*

I. HYDROCELE ENKYSTADO DO TESTICULO. Estes kystos tem paredes mui delgadas; o liquido que contém é ora perfeitamente limpido e incolor, ora de côr lactea. Estes kystos são ás vezes multiplos. O seu volume varía desde o tamanho de uma ervilha até ao de um ovo e mais.

Symptomas. O hydrocele enkystado principia por um pequeno tumor duro, arredondado, situado na parte superior do escroto por cima do testiculo; sobrevem, ás vezes, em consequencia de um esforço. Póde ficar por muito tempo n'este estado, sem causar nem dôr nem incommodo, depois tornar-se de repente doloroso. As mais das vezes o seu desenvolvimento é lento e insensivel; o incommodo que occasiona é proporcionado ao seu volume; não é doloroso. O tumor apresenta ás vezes relevos, quando os kystos são multiplos e pouco volumosos; de ordinario é liso, fluctuante, adquire maior vulume do que o testiculo, e apresenta mesmo transparencia. É então que póde ser confundido com o hydrocele da tunica vaginal, o que, alias, não tem inconvenientes, porque em ambos os casos o tratamento é o mesmo.

Tratamento. Esvasia-se o tumor por meio de uma puncção, e injecta-se dentro tintura de iodo misturada com agua; isto é, procede-se da mesma fórma que no tratamento do hydrocele ordinario (*veja-se* vol. II, pag. 158). Quando o tumor é pequeno, não se lhe deve tocar.

II. KYSTOS DO TESTICULO. Estes kystos desenvolvem-se no interior da tunica albuginea, na substancia propria do testiculo. Variaveis pelo volume, são ás vezes numerosos, e repellem a substancia do testiculo, que se acha n'este caso estendida em camada delgada na superficie do tumor. Contém um liquido transparente, levemente corado, ou espesso, viscoso, sanguinolento. De sua parede interna nascem concreções ás vezes cartilaginosas que obliteram a sua cavidade.

Symptomas. O tumor desenvolve-se lentamente. Não occasiona dôr; é duro, elastico, acompanhado ás vezes de um derramamento na tunica vaginal, que apresenta fluctuação. Torna-se incommodo pelo seu volume, e provoca então dôres nas cadeiras. Vê-se, segundo estes signaes, que o diagnostico é muito obscuro. Conhece-se facilmente, sobretudo quando o tumor não é muito antigo, que não se trata nem de uma affecção do cordão espermatico, nem de tumor das bolsas, mas sim de uma molestia

do testiculo mesmo. Entretanto o hematocele, isto é, derramamento do liquido sanguinolento na tunica vaginal, poderia ser confundido com o kysto do testiculo. Mas é o cancro, sobretudo, que poderia dar logar ao erro. Este occasiona dôres vivas muito mais frequentemente, bem que este signal possa faltar em certos cancros; constitue um tumor mais desigual, isto é, com relevos na superficie; desenvolve-se sobretudo com muito maior rapidez.

Tratamento. Se o tumor fôr pequeno e não incommodar, nada se deve fazer; porque não ha nem medicamentos internos, nem applicações externas que possam aproveitar; convem só sustentar o escroto com suspensorio. Se, porém, o tumor incommodar muito, se occasionar grandes dôres, não ha outro meio senão a extracção.

Nevralgia do testiculo. *Veja-se* vol. II, pag. 496.

Testiculo syphilitico. *Veja-se* vol. II, pag. 542.

Testiculo tuberculoso. Dá-se o nome de *tuberculo* a uma producção morbida, de côr branca amarellada, de consistencia dura a principio, mas que se torna molle depois, e adquire o aspecto e consistencia de pus. Os tuberculos podem apparecer nos testiculos, ordinariamente na sua parte superior chamada *epididymo*. Nos logares em que se desenvolvem, manifestam-se primitivamente sob a fórma de granulações cinzentas, como nos pulmões e nos outros orgãos. Estes pequenos tuberculos determinam em volta d'elles um trabalho morbido de natureza inflammatoria; forma-se pus ao qual se ajunta materia tuberculosa amollecida. O tumor contrahe adherencias com os envoltorios do testiculo; vê-se logo a pelle tornar-se vermelha, abrir-se e dar passagem a pus caseoso.

Symptomas. O começo é lento. Quando o tumor adquirio certo volume, é moderadamente doloroso. A dôr não tem certa intensidade senão no momento em que a pelle torna-se adherente á substancia tuberculosa. O *tumor*, nos primeiros tempos é desigual e apresenta relevos; é duro; mais tarde torna-se menos resistente, e reconhece-se a sua adherencia ás tunicas do escroto que se abrem e se tornam em ulceras; estabelece-se um trajecto fistuloso que deita materia. Depois de eliminada toda a materia tuberculosa, opera-se a cicatrização

Tratamento. Primeiro que tudo é preciso fortificar a constituição para destruir a disposição tuberculosa. Os meios que servem para este fim são: banhos de mar, habitação salubre no campo, exercicio moderado, nutrição fortificante, etc. No primeiro periodo deve o doente usar de um suspensorio para levantar o testiculo, e tomará 1 a 2 grammas de iodureto de potassio por dia. Quando formar-se abcessos, é necessario evacual-os e raspar ou cauterizar o fundo com ferro em braza. Quando houver muitas fistulas, e que haja receio que a tuberculose não invada repentinamente os pulmões é necessairo cortar o testiculo que já tornou-se de nenhuma utilidade. Esta operação deve ser feita sem a menor demora para evitar complicações irremediaveis, desde que haja em mente que são mui raras as curas espontaneas d'esta affecção.

Tumores do testiculo. Tumores fibrosos, cartilaginosos e cal-

careos raras vezes observam-se no testiculo. É quasi impossivel estabelecer um diagnostico exacto, o que alias é pouco importante, porque não ha remedios internos nem externos para os curar. O doente está condemnado a supportal-os.

Diagnostico dos tumores do testiculo. Ordinariamente estes tumores consistem em *orchite chronica simples*, em um *testiculo syphilitico*, *canceroso* ou *tuberculoso*, rara vez em um *kysto* ou em um *fungus*, exepcionalmente em um tumor *fibroso*, *calcareo*, *cartilaginoso*. Chega-se ao diagnostico pela grande pratica, ou depois do estudo prolongado do doente, que é preciso examinar repetidas vezes. Examinemos os casos ordinarios.

A maior parte d'estes tumores apresentam caracteres quasi semelhantes. São mais ou menos duros, pouco dolorosos ou não dolorosos. Ambos os testiculos estão ordinariamente affectados no testiculo syphilitico, ás vezes no tuberculoso. Mas o cancro, o fungus, os kystos não invadem senão um só. No começo, se o tumor existe na parte superior do testiculo, chamada epididymo, e de um só lado, póde-se suspeitar o tuberculo; e cumpre não tomar por tal uma induração do epididymo consequencia de uma orchite. Se o tumor principiou pelo centro do testiculo, póde ser um cancro. Se lhe estiver sobreposto, póde ser um kysto. A *dôr* é muitas vezes nulla, ou quasi nulla, no testiculo syphilitico, mesmo comprimindo-o; póde ser lancinante no testiculo canceroso; é moderada no fungus, no testiculo tuberculoso e no scirrho. O fungus é mui sensivel á pressão. As *funcções genitaes* não podem determinar o diagnostico; estão ora conservadas, ora enfraquecidas, ora extinctas. O *volume* do tumor torna-se mais consideravel no cancro um pouco antigo; os kystos são os tumores os mais pequenos. A *superficie* do tumor é regular, uniforme, lisa, nos kystos, a não serem multiloculares, então apresenta relevos; offerece proeminencias no fungus, no testiculo syphilitico, no testiculo tuberculoso e canceroso. A principio estas proeminencias são difficeis de distinguir; mas se o tumor datar de algum tempo, verifica-se a dureza dos relevos do testiculo syphilitico, a sua superficie desigual, e o hydrocele que ás vezes existe. Reconhecem-se as grossas proeminencias do fungus, mui irregulares, que sobrevem quasi sempre em consequencia de uma lesão inflammatoria mui evidente. No testiculo tuberculoso, a parte mais volumosa do tumor corresponde muitas vezes ao epididymo, symptomas inflammatorios existem ao redor das massas tuberculosas, a pelle está adherente n'um ponto, que é vermelho. As desigualdades do cancro umas são molles outras duras; ha dilatação das veias sub-cutaneas que raras vezes se mostra nas outras affecções. Uma *ulceração* não sobrevem senão no fungus, no tuberculo e no cancro. A ulcera do fungus tem muitas carnosidades, não deita sangue facilmente. A ulcera tuberculosa é uma fistula suppurante, ás vezes muito profunda; não ha exuberancia da massa morbida; pelo contrario, a pelle parece retrahida e deprimida pela cicatriz. A ulcera cancerosa deita sangue facilmente; não está exuberante como a do fungus. O exame do cordão fornece informações importantes. É duro,

ás vezes cheio de caroços, inflammado, no tuberculo; póde ser volumoso no cancro. A *transparencia* do tumor existe nos kystos; póde-se, pela transparencia, reconhecer o hydrocele que acompanha o testiculo syphilitico.

Os *symptomas geraes* não devem ser desprezados. Não dão informações nos kystos, no fungus; mas são de um poderoso soccorro : 1.° no testiculo syphilitico, em que podem reconhecer-se os vestigios da antiga affecção venerea; 2.° no testiculo tuberculoso : com effeito, o doente traz ás vezes tuberculos pulmonares, e n'este caso nunca se deve deixar de recorrer á auscultação; apresenta tambem algum tumor branco, uma lesão ossea, etc., provas de que o doente acha-se debaixo da influencia da constituição escrophulosa; 3.° no testiculo canceroso, que determina além da inchação dos ganglios inguinaes, symptomas da cachexia cancerosa geral.

As *circumstancias antecedentes* devem ser consultadas. No fungus, reconhece-se muitas vezes uma causa traumatica : violenta contusão, ferida ou uma inflammação aguda. O individuo affectado do testiculo syphilitico dá informações sobre os symptomas, quando estes não deixáram vestigio, sobre o tratamento a que foi submettido. Os antecedentes são nullos nos kystos, e nos cancros; mas nos tuberculosos póde-se indagar se o doente tinha na sua infancia signaes de escrophulas.

TETANO. Molestia caracterizada pela rijeza e contracção convulsiva e permanente de uma parte ou da totalidade dos musculos. Esta molestia chama-se tambem *ar de espasmo*.

Causas. Todas as impressões dolorosas são susceptiveis de determinar o tetano. Os grandes pezares tem ás vezes provocado esta molestia. Outro tanto direi das fadigas excessivas, da subita suppressão da transpiração, da presença dos vermes nos intestinos, das indigestões. Mas de todas as causas d'esta molestia, as feridas graves são as que a produzem mais frequentemente. Muitas vezes, desenvolve-se sem causa conhecida.

Symptomas. O tetano principia ás vezes subitamente; mas de ordinario é precedido de uma tristeza profunda, anxiedade, insomnia e cansaço geral; em seguida sobrevem difficuldade de engulir, rijeza no pescoço; depois o doente não póde abrir a bocca. Quando a constricção se limita aos queixos, este estado chama-se *trismo* ou *cerração dos queixos*. Mas rapidamente a rijeza communica-se aos musculos do pescoço, que viram a cabeça para traz, para diante, ou para os lados; apodera-se dos musculos das costas e do ventre, estende-se aos braços e pernas; o corpo inteiro fica então n'um estado de rijeza tal, que parece que todas as juntas estão soldadas. O rosto torna-se animado, apresenta um caracter particular de soffrimento; os olhos tornam-se luzidios e fitos, um suor abundante e viscoso cobre o corpo, a sêde é excessiva, a deglutição difficil, e ás vezes impossivel, a respiração custosa, as dôres crueis e o pulso frequente.

Os musculos, assim contrahidos, resistem a todos os esforços; quando

os queixos estão approximados, não ha força que os possa separar; os labios mesmo contrahem-se de tal modo que não é possivel separal-os. Ás vezes a bocca fica aberta, e conserva-se assim, sem que se possam approximar os queixos. O doente experimenta nos musculos convulsos dôres umas vezes pouco intensas, outras mui violentas e atrozes. As dôres são ora contínuas, ora, e este caso é o mais ordinario, observa-se, de dois em dois, ou de tres em tres minutos, uma leve remissão n'estas dôres e na rijeza convulsiva; todavia nunca os musculos se relaxam completamente. Passados alguns instantes, sem causa determinante, ou na occasião de algum movimento, da menor emoção, repetem-se as mesmas dôres e as mesmas contracções; o doente acha-se então n'um estado deploravel. O rosto exprime soffrimento e espanto; os olhos ora são agitados por movimentos convulsivos, ora immoveis como o resto do corpo; a testa está enrugada, o nariz estirado para cima, as faces puxadas para as orelhas.

Durante estes paroxysmos, o pulso é em geral pequeno, frequente, irregular. Não podendo o peito dilatar-se em consequencia da contracção convulsiva dos musculos, a respiração é difficil e frequente; é acompanhada de uma anxiedade extrema e de alguns symptomas de asphyxia; ao mesmo tempo o calor é mais elevado, e a pelle cobre-se de um suor frio e viscoso. A maior parte dos tetanicos tem prisão de ventre, e fastio; e só em alguns tetanos parciaes as funcções digestivas conservam a sua integridade. A sêde é intensa; mas a contracção dos queixos e da pharynge é, ás vezes, um obstaculo á introducção das bebidas. A excreção das ourinas é de ordinario regular, ás vezes dolorosa e difficil. As faculdades intellectuaes conservam-se quasi sempre intactas; a falla é constrangida, confusa ou inintelligivel. As crises repetem-se indistinctamente de dia como de noite; entretanto, a noite exerce de ordinario uma influencia favoravel; assim, muitos doentes dormem tranquillamente, ou se não dormem ficam calmos; estão sempre n'um estado de rijeza, mas não experimentam contracções convulsivas.

Quando a molestia faz progressos, as contracções são de mais em mais longas, e as remissões mais curtas; o pulso deprime-se e augmenta de frequencia; a respiração torna-se embaraçada de mais em mais; emfim a morte sobrevem, em consequencia de um esfalfamento nervoso, as mais das vezes por asphyxia, depois de uma curta agonia.

Acabei de expôr os symptomas do tetano geral. Todavia a molestia não se apresenta sempre com um caracter tão grave. Assim, em vez de invadir todos os musculos submettidos á vontade, a rijeza tetanica não occupa, ás vezes, senão certo numero d'elles. Póde ser limitada aos musculos do queixo inferior; n'este caso a molestia tem o nome de *trismo*. Ás vezes os musculos da parte anterior do corpo estão unicamente contrahidos, ou estão n'um gráo mais forte do que os da parte posterior do corpo, o tronco inclina-se para diante : isto constitue o *emprosthotono*. Se o contrario tiver logar, se a cabeça estiver voltada para traz, e o corpo inclinado no mesmo sentido, diz-se que ha *opisthotono*.

Duração, terminações, prognostico. O tetano tem geralmente uma ter-

minação curta; raras vezes prolonga-se até ao decimo ou duodecimo dia. A morte é a terminação mais ordinaria da molestia; comtudo o tetano, mesmo quando é geral, póde sarar. Quando este feliz exito deve ter logar, os accessos convulsivos vão diminuindo de frequencia, e a rijeza desapparece pouco a pouco. A convalescença é em geral curta. O tetano que sobrevem espontaneamente, sem ser occasionado por alguma ferida, offerece maiores probabilidades de cura. Se fôr sómente caracterizado pela contracção dos musculos do rosto (trismo), é o menos grave de todos. Se a molestia se prolongar além do setimo ou oitavo dia, póde haver esperanças de que o doente se restabelecerá.

Tratamento. Os medicamentos que se empregam contra o tetano são numerosos. Os melhores são o opio, o chloral, o ether sulfurico, a aguardente, e o tartaro estibiado.

I. O opio tem feito muitas curas; mas, para ser efficaz, deve ser administrado em alta dóse. Eis-aqui a formula :

Agua	150	grammas.
Laudano de Sydenham	8	—
Xarope de gomma	30	—

Para tomar uma colher *de sopa*, de duas em duas horas. Esta dóse é mui forte; cumpre observar os seus effeitos. Se o laudano produzir peso na cabeça, uma especie de embriaguez e somno profundo, deve suspender-se a poção. Sendo o medicamento tolerado, póde-se no dia seguinte augmentar a dóse, e administrar colher e meia, até duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Se o doente começar a dormir, deve-se interromper o uso do opio, mas convem tornar a principiar o medicamento ao acordar.

Não podendo administrar-se o opio pela bocca, por causa do aperto excessivo dos queixos, dê-se em clyster, cujo formula é a seguinte :

Agua tepida	120	grammas.
Laudano de Sydenham	40	gottas.

Dão-se, como este, tres clysteres por dia.

II. *Chloral hydratado.* Eis aqui a receita da poção :

Chloral hydratado	5	grammas.
Agua distillada	150	—
Xarope simples	30	—

Para tomar uma colher *de sopa*, de hora em hora.

III. Outro medicamento que tambem aproveita contra o tetano, é o *ether sulfurico*. Administra-se segundo a formula seguinte :

Agua fria	210	grammas.
Ether sulfurico	15	—
Xarope de gomma	30	—

Sendo o doente adulto tome no primeiro dia, uma colher *de sopa* d'esta poção, de hora em hora. No segundo dia, administram-se duas colheres

de sopa d'esta poção, de hora em hora, e continua-se o remedio na mesma dóse por seis, oito e mais dias, até á cura, suspendendo-se só a administração durante a noite. Tomando o doente duas colheres *de sopa*, de hora em hora, acaba-se a poção em nove ou dez horas; é preciso reformal-a no dia seguinte : d'esta maneira o doente não toma durante 24 horas, mais do que a porção que fica indicada na formula. O ether sulfurico, administrado na dóse de 15 grammas por dia, produz uma embriaguez completa, que se desvanece durante a noite, epoca em que se deve suspender a administração do remedio, como já deixei dito. A dóse de 15 grammas de ether por espaço de 24 horas é para uma pessoa acima de 20 annos ; para os doentes menores de 20 annos deve-se diminuir a dóse : assim, para os doentes de 15 a 20 annos convem que se principie por uma colher *de sopa* de hora em hora, e nos dias seguintes não se dê senão colher e meia de hora em hora; aos doentes de 10 a 15 annos convem dar uma só colher *de sopa* de hora em hora, durante odo o tempo do tratamento; aos doentes menores de 10 annos não se deve dar, no primeiro dia, senão meia colher *de sopa* de hora em hora, e chegar só gradualmente, nos dias seguintes, á dóse de uma colher *de sopa* de hora em hora. É preciso parar algumas horas com o remedio, se a embriaguez fôr demasiado forte. Nos intervallos das dóses da poção, o doente deve tomar caldo de gallinha ou agua de arroz; é preciso tambem satisfazer-lhe a sêde, dando-se-lhe a beber agua fria. Muitos tetanicos não podem abrir a bocca para beber; mas existe uma passagem natural entre as faces e os ultimos dentes queixaes, de sorte que os liquidos podem penetrar facilmente no estomago, por este caminho.

IV. A aguardente de canna foi tambem empregada contra o tetano, e tem produzido algumas curas. Administra-se na dóse de um calix, de duas em duas horas, até produzir uma embriaguez completa.

V. O *tartaro estibiado em alta dóse* é tambem aconselhado contra o tetano. Eis-aqui a formula :

Agua.....	150 grammas.
Tartaro estibiado.....	30 centigrammas.
Xarope diacodio.....	30 grammas.

Para dar duas colheres *de sopa* de duas em duas horas.

Depois de acabada a poção, repete-se no dia seguinte. Cessa-se, e não se continua o medicamento no terceiro dia.

São indicadas tambem n'esta molestia as fricções pelo corpo com balsamo tranquillo, na dóse de uma colher *de sopa*, tres vezes por dia. A receita é :

Balsamo tranquillo.....	90 grammas.

Na mesma occasião em que são empregados estes meios, e mesmo antes, é preciso, no tetano que depende de ferida, desembaraçal-a dos corpos estranhos que podem irrital-a, e acalmar-lhe as dôres mediante cataplasmas de linhaça regadas com uma colher *de sopa* de laudano.

Tetano dos recem-nascidos. *Veja-se* MAL DE SETE DIAS.

THALLINA. É um antipyretico derivado da quinoleina. Todos os saes de thallina se dissolvem facilmente em agua; o chlorhydrato, exposto á luz do dia, altera-se facilmente. Em therapeutica é o sulfato de thallina que se emprega principalmente; é elle soluvel em cinco vezes o seu peso d'agua fria, o tartrato é soluvel em dez partes d'agua. As soluções concentradas de thallina têm um gosto amargo e salgado; as soluções diluidas têm um gosto aromatico.

As primeiras experiencias foram feitas com o chlorhydrato d'ethylthallina nas dóses de 25, 50 e 75 centigrammas. O abaixamento da temperatura é consideravel, mas notou-se com o abaixamento thermico o apparecimento de suores e calefrios com a elevação ulterior da temperatura, jamais collapsos. A thallina faz augmentar a pressão sanguinea e diminuir o pulso e a respiração. A temperatura chega ao seu ultimo gráo de abaixamento 2 ou 3 horas depois da administração do medicamento que em nada influe na marcha e na duração das molestias contra as quaes fôra prescripto.

O sulfato de thallina, é muito soluvel em agua quente. Empregado nas febres de differentes molestias, faz baixar a temperatura até á normal sem causar o menor accidente. É preciso ter em vista que a thallina não é um antiperiodico mas um antithermico. Nas febres intermittentes, typhoides, na dos tuberculosos, dos rheumatisantes, a acção da thallina é rapida mas não tem influencia alguma sobre os phenomenos dolorosos, nem sobre a duração do rheumatismo.

Na dóse de 25 a 50 centigrammas os saes de thallina são poderosos antithermicos, a baixa da temperatura é seguida de abundantes suores; ella torna a subir quatro ou cinco horas depois, o doente então sente calefrios.

Estes saes gosam tambem de propriedades antiputridas; elles impedem as fermentações amınoniacal e alcoolica, a fermentação e a decomposição do leite.

THAPSIA ou **Tapsia,** *Thapsia garganica.* Umbelliferas. Planta herbacea que habita na Argelia, cuja raiz dá uma resina muito irritante, aconselhada para substituir o oleo de croton tiglium para uso externo, ou a pomada estibiada. Prepara-se com ella um encerado que se applica na pelle, para produzir erupção de botões; e é aconselhado na pleurodynia, rheumatismo, bronchites, e em todos os outros casos em que é indicada a medicação revulsiva.

THERIAGA ou **Triaga.** Massa composta de opio e de grande numero de substancias estimulantes, adstringentes, tonicas, antispasmodicas. 8 grammas contém quasi 5 centigrammas de extracto de opio. As principaes substancias que entram na composição d'esta massa são: gengibre, valeriana, genciana, canella, scilla, centaurea, açafrão, rosas rubras, aniz, funcho, pimenta, castoreo, galbano, viboras seccas, myrrha, sulfato de ferro, terebinthina, opio, etc., etc., ao todo 71 substancias. Este electuario antigo é empregado ainda hoje como calmante e contra as diarrheas, na dóse de 4 a 16 grammas em clysteres ou em pilulas.

THERMO-CAUTERIO (fig. 850). Instrumento cauterizante, de

calor permanente; deixando-se accommodar, pela variedade de suas fórmas, a todas as necessidades da cirurgia ignea.

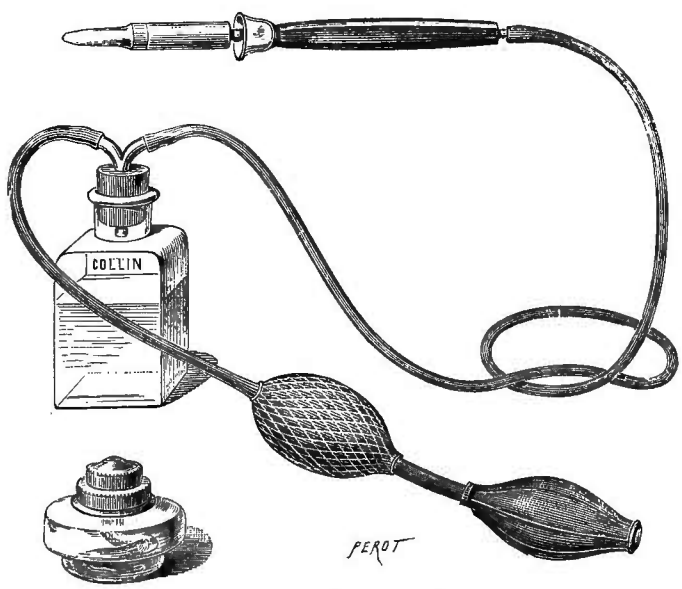


Fig. 850. — Thermo-cauterio.

É fundado na propriedade que possue a platina, aquecida ao rubro sombrio, de tornar incandescente ao contacto dos vapores hydrocarburados. Uma bola de cautchuc impelle ar n'um frasco contendo essencia mineral que é volatil e pertence á classe dos liquidos hydrocarburados; o vapor da essencia é impellido por seu turno no cone de platina previamente aquecido durante 1 minuto na chamma de uma alampada de alcool; quanto mais se impelle ar pela compressão da bola de cautchuc, tanto mais o cone de platina torna-se incadescente. Um cabo de madeira, adaptado ao cone de platina, permitte dar ao instrumento cauterizante todas as direcções.

Este precioso apparelho é de invenção de um medico francez o doutor Paquelin.

THERMOMETRIA MEDICA. Determinação, por meio do thermometro, da temperatura interior do corpo nas molestias. É um novo modo de explorar os estados morbidos, que serve de complemento ao exame do pulso e de outros symptomas.

No homem adulto, no estado de saude, o calor normal é de 37° a 37°,5 da escala centigrada, termo medio 37°,27; apresenta oscillações que são sobretudo determinadas pela alimentação; depois de cada comida ha pequena elevação que persiste durante tres ou quatro horas; mas estas ascensões são contidas em limites estreitos, porque a fluctuação diurna não excede de quatro ou seis decimos de gráo.

Verifica-se a temperatura interior do corpo por meio do thermometro applicado na axilla.

Nas mulheres que estão de parto, a temperatura eleva-se de meio a 1 gráo durante a parturição; diminue depois do parto, durante vinte e quatro horas. Passado este tempo, sobe de novo, ao mesmo tempo, o pulso accelera-se, até que a febre de leite tenha chegado ao seu auge, para diminuir com a temperatura.

A temperatura febril é constituida pela elevação duradoura acima do maximo physiologico; admittindo, pois, que debaixo da influencia de bebidas quentes, ou de violentos exercicios musculares, o calor possa attingir momentaneamente 37°,8 (o que é excepcional), a temperatura que se mantenha durante muitas horas entre 38° e 38°,5, deve ser considerada como febril. Estes algarismos são, aliás, os mais fracos que se observam no estado de febre.

O conhecimento da temperatura animal serve para o diagnostico, tratamento, e sobretudo para o prognostico. Mas, para este fim, um algarismo isolado não é sufficiente; importa conhecer as oscillações quotidianas da temperatura durante todo o curso da molestia. Assim, a observação não póde ser util, senão quando é repetida duas vezes em 24 horas pelo menos, e todos os dias á mesma hora.

A exploração deve ser feita na axilla: cumpre deixar ali a bola do thermometro durante vinte minutos. Póde-se deixar menos tempo, se previamente o observador o segurou na mão para leval-o á temperatura de 37 gráos, que é a altura physiologica; bastará então manter o thermometro na axilla, em quanto vai subindo, e marcar a sua altura depois d'elle ficar estacionario durante tres a cinco minutos.

Em todas as molestias, acompanhadas de febre, a temperatura apresenta tres periodos : um periodo inicial ou ascendente, o *progresso* ou *augmento;* um periodo de estado, o *fastigio;* um periodo terminal, a *terminação*.

I. **Augmento.** Este primeiro periodo comprehende o intervallo que existe entre a primeira ascensão thermometrica acima da normal (37°,27) e o momento em que o calor, tendo attingido o maximo, deixa de crescer. N'este periodo a temperatura eleva-se do algarismo physiologico ao algarismo mais alto que deve attingir no curso de uma febre 39°,40° e mais.

Este periodo raras vezes dura mais de cinco dias; é só de doze a trinta e seis horas nas molestias inflammatorias agudas, pneumonias, erysipelas, e certas febres eruptivas; de duas a tres horas nos accessos da febre palustre. Em geral, nas affecções que principiam pelo calefrio franco, este periodo é mui curto, e a temperatura eleva-se de 39° a 40° em poucas horas. Nas affecções typhoides e nas molestias cujos primeiros symptomas são mais ou menos longos, a temperatura não sobe senão lenta e gradualmente; não attinge 39° ou 40° senão depois de quatro ou cinco dias; mas durante este periodo inicial experimenta oscillações matinaes e vespertinas, elevando-se um pouco de tarde, para recahir um pouco de manhã, mas sempre de maneira que a temperatura de manhã é mais forte do que a da manhã precedente, e a da tarde mais elevada do que a da tarde da vespera.

II. **Periodo de estado** ou **Fastigio.** Quando a temperatura

morbida cessa de subir, e se mantem n'um gráo determinado durante tempo mais ou menos longo, diz-se que o periodo é estacionario ou periodo de estado ou de fastigio. Sua duração varía segundo as molestias; ora não é senão de cinco ou sete dias, nas inflammações agudas, como a pneumonia, o pleuriz; ora de muitas semanas, como nas febres typhoides, algumas erysipelas, e certos rheumatismos agudos. O thermometro excede raras vezes de 39° a 40° no rheumatismo agudo e na febre typhoide; é um pouco mais elevado na pneumonia; attinge e excede 41° na erysipela, no typho, na escarlatina. A temperatura do periodo de estado não fica absolumente fixa; apresenta diminuições passageiras, que voltam periodicamente, póde augmentar pela aggravação da molestia; diminue se o doente melhora.

III. **Terminação.** O periodo final differe segundo o exito da molestia a cura ou a morte.

Terminação favoravel. N'este caso, o periodo póde ser designado pelo nome de *declinação* ou *desfervencia*, porque tem por effeito de reconduzir a temperatura ao seu gráo normal. O modo de desfervencia varía nas molestias; considerado de maneira geral, tem duas fórmas principaes segundo a desfervencia é subita ou gradual.

Desfervencia subita ou *critica*. Corresponde ao que os antigos chamavam a crise; começa quer pela exasperação vesperal mui fraca relativamente ao dia precedente, quer pela remissão matinal mui marcada; depois, em 24 horas, 36 horas ao mais, o thermometro desce ao algarismo physiologico, e mesmo um pouco abaixo, de maneira que n'este curto espaço de tempo a queda é de 2 a 4 gráos por exemplo de 40°,8 a 36°,8. Em alguns casos o abaixamento é precedido de uma elevação passageira. Este modo de desfervencia observa-se na pneumonia franca sem complicação, nos sarampos, na febre intermittente, na erysipela do rosto; ás vezes na escarlatina e nas molestias catarrhaes que terminam pela cura,

A desfervencia da temperatura é acompanhada n'estes casos da diminuição da frequencia do pulso e da remissão dos demais symptomas. A desfervencia subita nas febres, com persistencia ou exageração da frequencia do pulso, significa o collapso, ordinariamente mortal. Para julgar, pois, da significação da desfervencia rapida, convem consultar os demais symptomas.

Desfervencia gradual. Póde durar de seis a nove dias; é mui evidente na febre typhoide; pertence, além d'isso, ás molestias catarrhaes graves, ao rheumatismo articular agudo; observa-se tambem na pericardite e na peritonite.

Na *convalescença* a temperatura deve ser normal de noite e de manhã; não deve oscillar senão nos limites physiologicos, de 37° a 37°,5. Esta fixidade, que é o indicio certo da convalescença perfeita, nem sempre se observa, porque a temperatura do convalescente é excesivamente movel e modifica-se debaixo da influencia das causas mais leves, fadigas physicas ou intellectuaes, digressão do regimen, posição vertical mui prolongada, etc. Esta modificação não deve inquietar, se a ascensão é temporaria

de um ou dois dias ao mais e se póde ser positivamente attribuida a uma das condições accidentaes que deixei indicadas. No caso contrario deve-se receiar a recahida ou o desenvolvimento de alguma outra molestia. Entre as ascensões thermometricas da convalescença ha uma que poderia assustar pela sua amplitude, se o medico não fosse prevenido do facto: é a ascensão que segue a primeira ingestão de alimentação animal; esta *febre de carne* póde elevar a temperatura subitamente de 2 a 3 gráos; mas se a digestão é boa, se a alimentação não foi prematura, observa-se no dia seguinte uma quéda do thermometro quasi igual á ascensão do dia precedente.

Terminação fatal. Quando a molestia é mortal, o periodo terminal da temperatura é caracterizado, na immensa maioria dos casos, pela elevação continua ou apenas interrompida por uma fraca e curta remissão; a ultima ascensão conduz a columna thermometrica aos algarismos enormes de 41°,8, 42°, 42°,5 e mesmo 42°, 8. Muitas vezes a continuidade d'esta ascensão é tal, que o algarismo da manhã excede de muitos decimos o algarismo do dia precedente. Ésta marcha é normal no periodo da agonia, porque a temperatura está no seu auge no momento da morte. Quando não acontece assim, quando a ascensão agonica é subitamente interrompida por uma quéda da temperatura mais ou menos profunda, póde-se estar certo de que um novo incidente pathologico é a causa d'esta anomalia; observa-se sobretudo depois das hemorrhagias intestinaes e pulmonares, depois das perforações do peritoneo. Se a morte é rapida, póde ter logar antes que a temperatura se tenha elevado e recobrado o seu caracter febril; o doente succumbe então com o calor normal (37°,5), e mesmo inferior ao normal; mas se a terminação é um pouco retardada, o thermometro torna a subir ao cabo de algumas horas, e, na morte, póde ter recuperado o nivel que apresentava ao momento da sua depressão accidental. Além d'isso, os caracteres do pulso cuja frequencia augmenta sem cessar, revelam a verdadeira significação da descida momentanea do thermometro.



Fig. 851. — Thermometro medico pequeno modelo.

Mas a augmentação rapida da temperatura não é propria senão das febres agudas, e do periodo ultimo de certas nevroses convulsivas mortaes, como o tetano; nos doentes que succumbem nas cachexias ou com phenomenos de hydropisias, a temperatura baixa gradualmente até ao momento da morte.

Os desenvolvimentos que precedem mostram a importancia dos phenomenos da calorificação na febre; desprezar a observação thermica é privar-se de uma fonte fecunda de informações, é repellir os elementos de apreciação os mais certos para o diagnostico, para o prognostico, e

para uma therapeutica racional. Esta exposição confirma, além d'isso, a proposição formulada no principio d'este artigo, vem a ser: que os symptomas thermometricos da febre comprehendem a reunião de todos os gráos do instrumento, as relações de todos os periodos, e não alguns algarismos isolados, tomados ao acaso, em qualquer momento da molestia.

O gráo thermometrico mais elevado que tem sido visto até agora, com a conservação da vida, foi o de 42° em um caso de febre typhoide em um doente que se curou (Dr. Alvarenga). O prognostico aggrava-se em razão directa da elevação dos algarismos e da sua duração. Se o calor se mantem entre 40° e 41° com remissões matinaes mui fracas, 1 decimo de gráo, a morte sobrevem infelizmente ao cabo de alguns dias; com fortes remissões pela manhã, 6 a 8 decimos de gráo, o prognostico é favoravel.

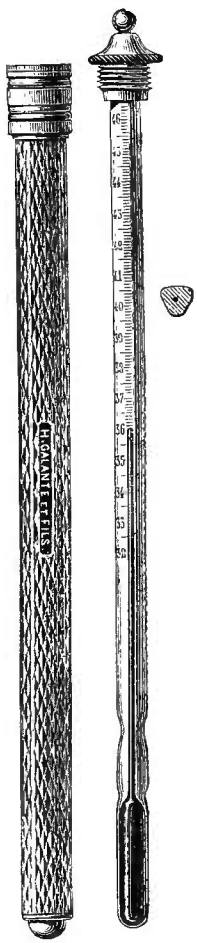


Fig. 852. — Thermometro prismatico de maxima.

As observações do Dr. Alvarenga, distincto professor da Escola de medicina de Lisboa, mostram que até 39°,5 a temperatura não exprime, só de per si, gravidade da molestia, que d'este gráo em diante, e sobretudo de 41° para cima (e com muita particularidade quando esta elevação é duradoura) o prognostico é grave. Uma temperatura alta, mas passageira importa menor gravidade do que outra inferior, mas persistente. A febre contínua, que percorre os seus periodos com a temperatura maxima de 40 a 41 gráos, póde ser considerada como uma doença que se curará.

As altas temperaturas, só de per si constituem um grande perigo e podem causar a morte. As febres graves, acompanhadas de temperatura elevada reclamam, pois, a medicação antipyretica: dieta, o sulfato e os saes de quinina, digital, veratrina, medicamentos que fazem baixar a temperatura.

Quando a temperatura é normal (37° a 37°,5), ou levemente elevada, póde-se em geral affirmar que a molestia é sem consequencia. Se se verificar, pelo contrario, dois ou tres gráos de elevação na temperatura, este estado annuncia certamente o começo de uma molestia séria.

Para facilitar as observações thermicas, existem nas lojas de objectos de physica thermometros de pequeno volume, que satisfazem todas as necessidades da clinica (fig. 851). Estes thermometros são de mercurio ou de alcool tinto de côr vermelha; o thermometro de alcool vermelho é mais apreciavel á vista do que o de mercurio. O instrumento tem 16 centimetros de comprido, de que 3 pertencem ao reservatorio, que é de fórma cylindrica. Entre a extremidade superior do reservatorio e o alga-

rismo mais baixo da escala, existe um espaço não graduado, de 4 centimetros; em consequencia d'esta disposição, a escala inteira apparece fóra da axilla, quando o instrumento está ali collocado, e a leitura dos gráos não apresenta difficuldade alguma. A escala graduada, limitada ás exigencias pathologicas, comprehende 10 gráos, de 35° a 46°; cada gráo está dividido em decimos, figurados por linhas transversaes, de que a quinta (meio gráo) excede algum tanto as outras. A apreciação dos decimos do gráo adquire d'esta maneira grande facilidade. O modo de applicar o instrumento não é cousa indifferente; contribue muito á precisão do resultado. Antes de collocar o thermometro, deve este ser aquecido na mão do observador como já deixei dito; uma vez o instrumento no seu logar, aproxima-se o braço da parede thoracica, e mantem-se n'esta posição durante alguns minutos.

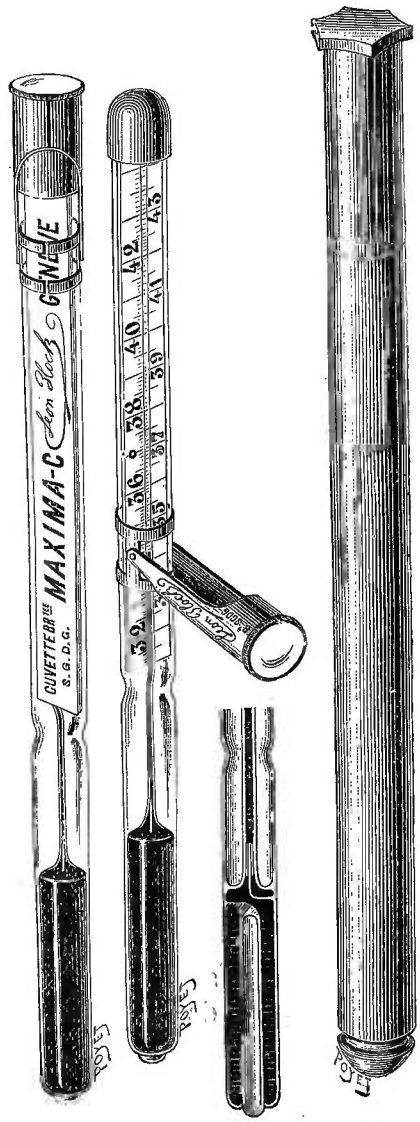


Fig. 853. — Thermometro de maxima, de Léon Bloch, de Genebra.

Thermometro de maxima. Quando se fabricam os thermometros clinicos, o fabricante se vê obrigado a fazer o tubo capillar de uma extrema finura para poder obter, entre cada gráo da escalla, espaço sufficiente para inscrever as divisões fraccionarias. D'isto resulta que a columna mercurial fica muito fina e por conseguinte é muito difficil lêr as temperaturas que marca o instrumento. Os thermometros de maxima não têm este inconveniente porque podem ser tirados da cavidade em que se os põem para leval-os á claridade vêr a temperatura que marcam, sem que o index mude. Pode-se até encarregar a pessoa que vela o doente, de collocar o thermometro em hora marcada recommendando-lhe de guardal-o depois sem saccudil-o até a chegada do medico.

Entretanto esta modificação faz com que se possa vêr com mais vagar, mas não mais lisivelmente as temperaturas.

Para resolver esta difficuldade fabricam-se uns thermometros que são, primatiscos em logar de cylindricos (fig. 852). A aresta anterior do prisma é arredondada e um pouco mais grossa em todo o seu comprimento, de maneira que se parece com uma tira de augmento que faz parecer muito

larga a eolumna do mercurio. Olhando-se o thermometro de eerto modo, vê-se a columna de mercurio eomo se clla tivesse 2 millimetros de largura.

Estes thermometros fazem-se com index de maxima e divididos em quintos e decimos de gráos. Tarraxam-se em tubos nikelados e podem entrar em qualquer estojo de medico.

Thermometro de maxima, de Leon Bloch, de Genebra. O eminente clinico Sr. Dr. Dujardin-Baumetz communicou ultimamente á Aeademia de medieina de Pariz um importante aperfeiçoamento introduzido ainda na thermometria clinica pelo Sr. Loén Bloch, dc Genebra, cujos instrumentos adquiriram já uma reputação universal.

É sabido que os thermometros elinicos tinham até hoje um inconveniente commum a todos os thermometros. Effectivamente o vidro éstá sujeito a contrahir-se ou dilatar-se segundo as variações atmospliericas do meio em que elle se acha, augmentando ou diminuindo a capacidade do reservatorio e alterando por este movimento a altura real da columna mercurial. Um outro inconveniente não menos grave era o lapso de tempo (eerca de 12 minutos) necessario para obter-se a temperatura maxima. Ora, diz o Sr Dr Dujardin-Beaumetz, é precisamente este duplo problema da precisão e da sensibilidade que o Sr. Bloch acaba de resolver. O novo thermometro Bloch consiste em um reservatorio formado por dous tubos eoncentricos (v. a secção fig. 853) soldados inferiormente em toda a extensão de seu perimetro circular na parte superior, um prolongamento em fórma de joelho do tubo interior é soldado contra o tubo exterior que lhe serve de ponto de appoio, com o fim de impedir que esta não receba o choque das vibrações produzidas pela sacudidella que se dá ao instrumento para fazer descer a columna quando ella indicou a temperatura maxima. Resulta d'esta disposição que os tubos experimentando ambos as mesmas variações alargam-se ou estreitam-se nas mesmas proporções, e um compensa assim a acção mecanica do outro deixando sempre entre elles a mesma capacidade de mercurio, de tal sorte que a columna não recebe mais o excesso de liquido dilatavel devido á contracção dos reservatorios, nem é diminuida pela dilatação de um reservatorio simples.

Um microscopio movel deslizando sobre a armação d'este thermometro permitte a leitura rapida das divisões.

Depois dos sabios aperfeiçoamentos introduzidos em thermometria pelo Sr. Bloch, de Genebra, usa-se geralmente na clinica, do thermometro para verificar a febre.

Thermometro medico de maxima de Pillischer (Privilegiado) com escala indestructivel e ampliada.

Este thermometro é adoptado pelos hospitaes militares, dos principaes hospitaes civis, e as escolas medicas, etc., etc.

Cada thermometro é cuidadosamente experimentado e verificado pelo thermometro padrão do observatorio do governo de Kew e garantído perfeito e vendido de confiança.

Estes thermometros fazem-se de tres dimensões, do comprimento de 10, 12 1/2 e 15 1/2 centimetros de comprimento. O de 10 centimetros é o mais empregado.

Os Thermometros medicos maxima " INALTERAVEIS " de PILLISCHER (verificados e certificados pelo Observatorio Real de Kew) são fabricados segundo um novo systema e melhorados de tal modo que o zero (0) fica " INVARIAVEL, " isto é, que o mercurio não se altera nem sahe do seu logar, mesmo por mais velho que seja.

As seguintes observações são uteis e importantes:

É facto provado que todos os Thermometros de Mercurio, no fim de um certo tempo, marcam uma temperatura mais alta do que a verdadeira; é esta a razão porque o Observatorio Real de Kew dando um cer-

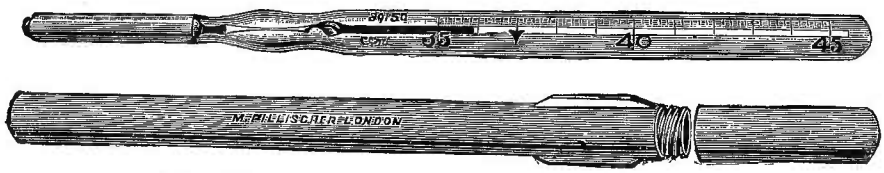


Fig. 854. — Thermometro de maxima de Pillischer.

tificado para cada thermometro, recommenda expressamente que se mande verificar outra vez o thermometro ao cabo de um certo tempo de uso.

Das experiencias feitas com o maior cuidado, desde alguns annos, ficou demonstrado que os " THERMOMETROS INALTERAVEIS " são agora completamente isemptos d'esse defeito capital, e são garantidos " INALTERAVEIS, " visto que o mercurio não se desloca por mais velho que seja.

Se bem que a fabricação d'estes " THERMOMETROS INALTERAVEIS " exigisse despezas consideraveis, no entanto o seu preço não augmentou e continua a ser sempre o mesmo.

O sñr Pillischer recommenda aos sñrs Medicos que desconfiem das contrafacções de sua Thermometria, que são vendidas muito mais baratas e que não são, porem, de nenhuma utilidade.

Essas imitações não são instrumentos de precisão, ellas só servem para induzirem em erro o medico e pôrem em perigo a vida humana.

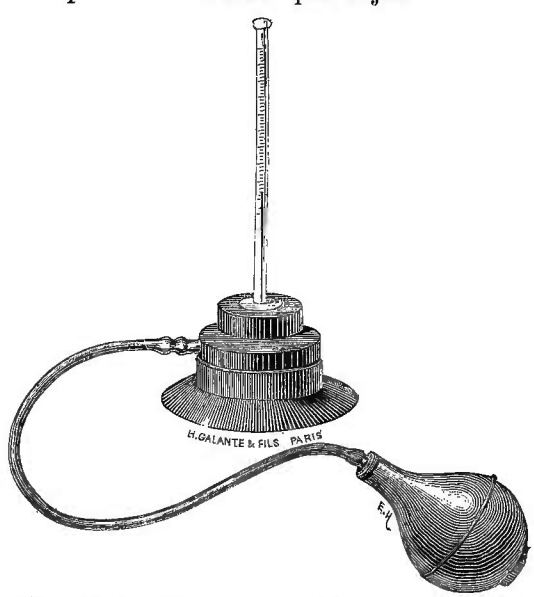


Fig. 855. — Thermometro adherente vertical.

Todos os Thermometros " INALTERAVEIS " frbricados pelo sñr. Pillischer tem o seu nome *gravado* no vidro.

Não se pode fornecer o thermometro inalteravel senão com um comprimento de 10 centimetros.

Thermometro adherente. O Sñr Constantin Paul apresentou ha tempos a Academia de Medicina de Pariz, tres modelos de thermometros com os quaes obtem-se a verificação das temperaturas locaes superficiaes.

Estes tres modelos são : um vertical A (fig. 855), um circular B e um horisontal C (fig. 856).

Para conseguir este resultado, era preciso que o thermometro tivesse duas qualidades : a adherencia á pelle, e o isolamento da atmosphera.

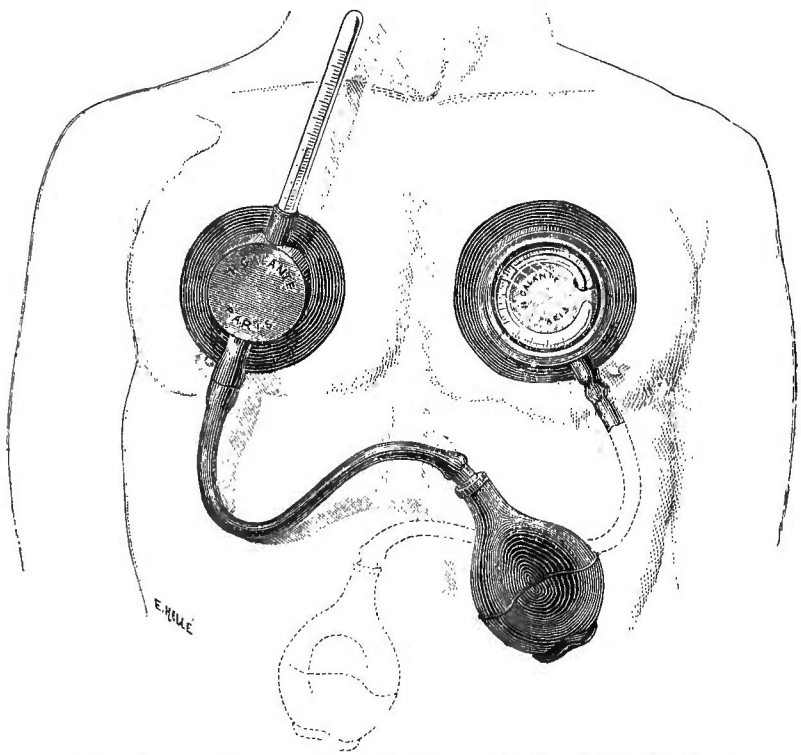


Fig. 856. — Thermometros adherentes horizontal e circular.

Esta duas bases foram conseguidas empregando-se uma massa de cautchuc feito uma ventosa.

Applicam-se estes thermometros com bastante facilidade, é tão facil como a applicação do estethoscopio que o Dr. Constantin Paul apresentou ha tres annos á mesma Academia (*Veja-se*, vol. I, pag. 245). Estando o instrumento collocado deixa-se no logar emquanto sóbe a columna de mercurio ; a observação é facil, tanto com os olhos desarmados como com uma lente. Um dos modelos é feito para que se possa leval-o depois para um logar bem claro, para que haja facilidade em lêr ou para ser conservado para a observação directa do medico.

Estes thermometros (fig. 855 e 856) applicam-se em todas as regiões, salvo nas que são providas de pellos, não obstante um dos modelos (o horizontal) póde servir, para dar a temperatura axillar, com mais precisão de que os thermometros ordinarios.

Note-se que a base em espiral do thermometro exerce uma leve pressão sobre os tecidos; e deixa sobre a pelle uma marca, prova de sua applicação immediata.

É inutil insistir sobre as vantagens que se podem obter com a applicação d'estes instrumentos tanto em physiologia, como na clinica e na therapeutica.

THERMOMETRO (Do grego *therme* calor, e *metron* medida). Instrumento que serve para apreciar a temperatura dos corpos. A sua construcção é fundada na propriedade que tem certos liquidos de se dilatarem de uma maneira regular pelo calor e de se contrahirem da mesma sorte pelo frio. O thermometro ordinario compõe-se de um tubo de vidro, de mui pequeno diametro, tendo n'uma das extremidades uma expansão em fórma de globo ou cylindro que serve de reservatorio ao liquido. Se a temperatura do logar onde se acha o instrumento se elevar, o liquido augmentará de volume, e, não podendo ser contido no reservatorio, subirá mais ou menos no tubo; se, pelo contrario, a temperatura baixar succederá o inverso. O mercurio e o alcool corado de vermelho pela orzella são os dois liquidos que se empregam ordinariamente para os thermometros. Este tubo dispõe-se ao longo de uma toboleta graduada, para dar a conhecer as differentes mudanças do calor e do frio.

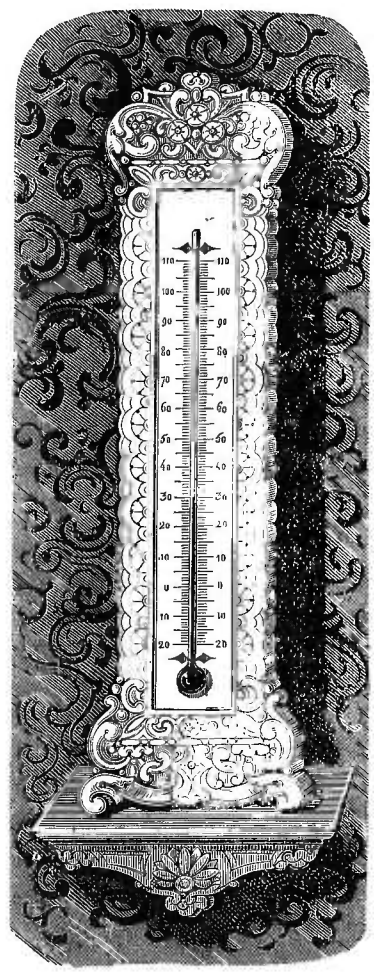


Fig. 857. — Thermometro.

Gradua-se o thermometro depois de se fixarem os seus dois pontos extremos da maneira seguinte. Mergulha-se o thermometro em gelo diliquescente, então a columna de mercurio ou de alcool pára no tubo em um certo ponto que se designa com um *zero;* mergulhada, em seguida, em agua fervendo, a mesma columna sobe a um outro ponto que se marca de novo. Emfim o intervallo comprehendido entre o *zero* e este segundo ponto é dividido em 100 partes iguaes no *Thermometro centigrado,* e em 80 no *Thermometro de Réaumur;* estas divisões chamam-se *gráos.* Marcando abaixo de zero as divisões do mesmo espaço, tem-se os gráos para as temperaturas inferiores ao ponto de congelação da agua; obtem-se da mesma maneira os gráos que indicam as temperaturas mais elevadas que o ponto de ebullição da agua fazendo divisões semelhantes acima d'este ponto. A figura 857 representa um thermometro com mercurio, centigrado, applicado sobre

a taboleta dc marfim; esta escala estende-se desde 20 gráos abaixo de zcro até 110 gráos acima. Os gráos do thermometro indicam-se por um pequeno zero collocado á direita e um pouco por cima do numero que marca a temperatura; *verbi gratia*, 25 gráos escrevem-se assim : 25° Distinguem-se os gráos acima de zero pelo signal + *mais*, e os abaixo pelo signal — *menos*.

Ha outro thermometro dito *de Fahrenheit*. O ponto fixo superior da sua escala correspondc ainda á temperatura da agua fervendo, mas em vez de 100 gráos, marcam-se n'elle 212. Quanto ao ponto fixo inferior, este não corresponde á temperatura do gelo deliquescente, mas sim a um frio muito mais intenso, que se obtem misturando pesos iguaes de gelo pilado, e de sal ammoniaco. Marcando zero no ponto a que desce o mercurio quando o thermomctro se acha mergulhado n'esta mistura frigorifica, divide-se o intervallo entre cstes dois pontos fixos em 212 partes iguacs, e a escala fica então graduada : este thermometro marca 32 gráos em gelo deliquescente, por conseguinte o zero do thermometro centigrado e o de Réaumur, corresponde exactamente a 32° de Fahrenheit. Os thermomctros com mcrcurio são mais exactos do que os com alcool, porque d'entre todos os liquidos, o mercurio é aquelle que se dilata mais regularmente.

Para serem exactas as observações thermometricas, devem ser feitas em certas condições. Por exemplo, para tomar a temperatura dc um banho, algumas pessoas mergulham n'ellc por um instante o thermometro, tiram-n'o da agua, e consultam-n'o. Mas procedendo assim, o thermometro rcsfria-se c accusa uma tempcratura infcrior á do banho. Quando está na agua é quc sc deve consultar, e ainda assim, deve-se deixar n'ella bastante tempo para quc tome exactamente a tcmperatura do liquido. A boa temperatura dc um banho em gráos centigrados, é dc 32° a 33° ; cm gráos de Réaumur, de 27°. Para ter uma temperatura cxacta de um quarto, devc-se suspender o thermometro por um fio no meio do quarto, afastado de todo o corpo que possa aquecêl-o ou esfrial-o. Convem proceder da mcsma maneira quando se deseja ter a tcmperatura cxacta da atmosphera; o thermometro deve ser suspenso em pleno ar, na sombra, e não posto sobre um objecto qualquer ou pendurado na parede, como se costuma fazer.

THORAX. Grande cavidade do corpo de fórma conoide, circumscripta posteriormente pelas vertebras, lateralmente pelas omoplatas, costellas e musculos intercostaes, anteriormente pelo osso esternon; limitada na parte superior pelas claviculas, e na inferior pelo musculo diaphragma. É destinada a conter e a abrigar os principaes orgãos da respiração e da circulação, que são os pulmões e o coração.

THIRIDACIO. Extracto de alface, *Lactuca sativa*, Linneo, planta cujas folhas se comem em salada. Prepara-se pisando em almofariz de marmore cascas recentes de talos de alface, espremendo o succo, aquecendo-o, coando-o por panno de lã, e evaporando-o a banho-maria, até á consistencia de extracto molle. Differe do *lactucario*, em ser este o o succo condensado que mana espontaneamente das incisões feitas nos

talos da planta. O thridacio goza de propriedades calmantes, mas muito mais fracas do que o lactucario. Administra-se em pilulas na dóse de 10 centigrammas a 1 gramma. Faz-se tambem com o thridacio um xarope, que se usa na bronchite, na dóse de 30 a 60 grammas.

THROMBO. Pequeno tumor duro, arredondado violaceo, que se forma, ás vezes, ao redor da abertura de uma veia, sobre a qual se praticou a sangria, em consequencia do derramamento de um pouco de sangue no tecido lamindso vizinho. Este accidente sobrevem quando a abertura da veia não corresponde exactamente á da pelle. Pannos molhados em aguardente camphorada, e applicados sobre o thrombo, bastam para curar este pequeno incommodo.

THUYA. *Thuya occidentalis*, L., Coniferas. Arvore da America septentrional, cultivada nos jardins botanicos da Europa. As folhas, que são aromaticas, servem para preparar uma *alcoolatura* e uma tintura (20 p. de folhas seccas para 500 de alcool), que foi empregada internamente na dóse de algumas gottas contra a rouquidão, e exteriormente contra as vegetações syphiliticas.

THYMOL ou **Acido thymico.** Obtem-se tratando a essencia de tomilho por um volume igual de solução aquosa de potassa ou soda, filtrando o producto, e tratando-o pelo acido chlorhydrico, que põe em liberdade o acido thymico; este, depois, faz-se distillar. O acido thymico assim obtido é liquido, de cheiro fraco de tomilho, pouco soluvel na agua, mui soluvel no alcool. Póde obter-se crystallizado resfriando durante certo tempo essencia de tomilho.

O thymol, não é sempre extrahido da essencia de tomilho : prepara-se tambem na India pela distillação das sementes das plantas umbelliferas, o ammio e outras, e é em tudo semelhante ao thymol ordinario.

Propriedades e usos. O acido thymico possue as propriedades desinfectantes do acido phenico, e não tem o cheiro desagradavel d'este. Faz cessar a fermentação putrida, e dá aos tecidos animaes a qualidade de não poderem apodrecer. É adstringente ou caustico, segundo o gráo de diluição.

Solução de acido thymico. Acido thymico, 1; alcool a 90°,4; dissolva e ajunte agua distillada, 995. — Esta solução é empregada em lavatorios, injecções, inhalações, etc.

THYMO. Como a glandula thyroidea, o thymo é um orgão cujas funcções ainda não se acham bem definidas pela sciencia. Está situado na base do pescoço logo abaixo da glandula thyroidea e composta tambem de tecidos glandulares cujo canal excretor ainda não foi encontrado. O thymo apparece no feto no terceiro mez da vida intra uterina; augmenta pouco a pouco de volume e adquire o seu maior desenvolvimento no fim do segundo anno. A partir d'este momento, vai diminuindo, se atrophia e some-se completamente na idade de 25 ou 30 annos. Tem-se feito muitissimas hypotheses sobre o papel que representa esta glandula cuja existencia é tão passageira. Alguns anatomistas crêram que juntamente com o baço e o corpo thyroideo ella serve a fazer sangue; outros crêram que servia para a respiração e a circulação. Na realidade a

questão não está resolvida ainda, e será preciso continuados estudos para que se saiba a verdade sobre as pesquizas já feitas.

THYROIDEO. Grossa glandula muito vascular, composta de dois lobulos e situada adiante do pesoço em baixo da larynge, em cima da extremidade superior do csternon. Muito maior na mulher do que no homem chega a tomar um grande desenvolvimento em certos paizes, e constitue a molestia chamada papeira. *Veja-se* PAPEIRA. Esta glandula não tem canal excretor, não se conhece pois exactamente seus productos de secreção, nem suas funcções exactas. Suppõe-se que ella fabrica globulos sanguineos, que ella regulariza a circulação cerebral e que favorece a acção do systema nervoso central.

Cancro da glandula thyroidea. Alem das papeiras que são hypertrophias simples, a glandula thyroidea pode ser acommettida de tumores malignos como seja o cancro, Nota-se então uma tufemacção que augmenta com rapidez, causando incommodo na respiração, dôres lancinantes no pescoço e no ouvido, propagando-se até ás glandulas do pescoço. Este tumor pode ulcerar-se e causar a morte por hemorrhagia. Quasi sempre o doente morre por asphyxia ou por enfraquecimento progressivo. O unico tratamento consiste em extirpar a glandula completamente. É difficil, porém, no começo, descobrir a existencia do cancro, e, quasi sempre, quando não ha mais duvida sobre a sua existencia, os progressos da molestia já tornaram impraticavel qualquer operação.

TIBIA. Um dos dois ossos da perna.

Tibia (FRACTURA DA). *Veja-se* vol. I, pag. 1235.

TIBORNA ou RAIVOSA. *Plumeria drastica*, Martius. Apocynaceas. Arbusto do Brazil; habita em Minas, Bahia, Pernambuco. O succo é drastico; aconselhado nas obstrucções das visceras abdominaes, na dóse de uma colher *de chá*, misturado com leite de amendoas doces. Em dósc elevada é venenoso.

TICO DOLOROSO DA FACE. Dôr nervosa, extremamente aguda, existente no rosto. *Veja-se* NEVRALGIA FACIAL.

TIERMAS. Hespanha. Aguas sulfurosas salinas quentes, 37° Usam-se em bebida e banhos nas molestias cutaneas, rheumatismo, paralysia, ankylose, tumores brancos, caries.

TILIA. *Tilia europœa*, Linneo. Tiliaceas. Arvore da Europa. As suas flores são empregadas em medicina, sob a fórma de chá, como antispasmodico. Estas flores são amarelladas, de cheiro suave, sabor mucilaginoso. O chá de tilia faz-se com um pugillo de flores de tilia e uma chicara d'agua fervendo.

TIMBÓ ou CURURÚ-APÉ. *Paullinia pinnata*, Linn. Sapindaceas. Cipó do Brazil. Caule trepador; folhas pennadas bijugadas com impar; foliolos ovaes, lanceolados, sesseis e crenados; peciolo alado; flores dispostas em espigas, pedunculadas; fructo, capsula, coroada, em quanto nova, por 3 tuberculos. A casca, as folhas e os fructos contém um principio narcotico-acre, que é venenoso. É com o timbó que os indigenas embriagam os peixes para apanhal-os com a mão : para este fim

lançam nos tanques uma porção d'estes cipós; dentro em pouco, os peixes apparecem á tona d'agua, e podem ser apanhados facilmente. É de notar que o timbó não communica aos peixes propriedades venenosas; só faz que elles se não possam conservar por muito tempo.

O cozimento da casca da raiz de timbó, junto á farinha de linhaça, forma uma cataplasma que se emprega nas molestias do figado. Este cozimento prepara-se com 15 grammas de casca da raiz de timbó e 500 grammas d'agua. As cataplasmas de timbó produzem ás vezes uma erupção pustulosa na pelle.

As *Paullinias* são em geral venenosas; esta, porém, é de todas a mais deleteria. Tanto as cascas como os fructos abundam em principio narcotico-acre. A *Paullinia grandiflora*, Saint-Hilaire, conhecida pelo mesmo nome vulgar, e pelo de *turari* (Pison), é proxima da precedente, e tem as mesmas propriedades.

O nome de *timbó*, applica-se no Brazil a todas as plantas que se empregam para envenenar os peixes em poços de pescaria. Taes são, da familia das Leguminosas: *Neurocarpum longifolium*, Martius; *Neurocarpum frigidulum*, Martius; *Physalis heterophylla*, etc. Estas, sendo ingeridas pelo gado, produzem violentas dysenterias; são conhecidas pelo nome de *timbó de matar gado*. O nome generico *timbó*, como planta empregada para embriagar o peixe, é peculiar ao sul do Brazil; nas provincias do Norte é substituido pelo de *tingui* ou *barbasco*: diz-se *tinguijar* o peixe, isto é embriagal-o ou envenenal-o, sem que esta acção passe aos que se nutrirem dos animaes envenenados. É, comtudo, um meio prohibido pelas autoridades.

Timbó boticario. *Piscidia erectryna*. Velloso. Leguminosas. Arbusto do Brazil (Rio, Minas). Tem 2 a 4 metros de altura; folhas compostas de 3 a 4 pares de foliolos elliptico-oblongos; flores purpureas; fructo, legume do comprimento de 20 centimetros e largura de um dedo, com uma só semente oval. — Das cascas frescas da raiz do timbó boticario preparam-se cataplasmas, emplastos e decocção para uso externo. As cascas frescas exhalam um cheiro viroso e nauseabundo. Suas preparações determinam sobre a pelle uma erupção vesiculosa. As cascas seccas não produzem este effeito. A inspiração prolongada de uma atmosphera impregnada de principio volatil do timbó boticario determina dôres de cabeça, prostração das forças e somnolencia, o que indica as suas propriedades narcoticas. As cataplasmas e os emplastos de timbó boticario usam-se nas molestias chronicas do figado.

Timbó de peixe. *Serjania cuspidata*, Saint-Hilaire. Sapindaceas. Planta que habita em todo o norte do Brazil, Rio de Janeiro, Rio Grande, etc. A raiz é venenosa e empregada para matar piolhos, e ao mesmo tempo usa-se para *tinguijar* o peixe.

TINGUACIBA. *Zanthoxylum tinguaciba*. St.-Hilaire Rutaceas. Arvore do Brazil (Rio, Cabo Frio). Folhas compostas, alternas; flores em cachos; os fructos são pequenas nozes. As preparações d'esta arvore, e sobretudo a *tintura*, são recommendadas contra as febres intermittentes.

TINGUI DE CAYENA ou **Anil bravo.** *Thephrosia toxicaria*, Tussac. Leguminosas. Planta da Flora brazileira (Ceará, Pará, Amazonas). Raizes tuberosas; haste herbacea; folhas pinnadas; foliolos oblongo-lanceolados, villosos na face superior, guarnecidos na inferior de longos pellos argenteos; fructo legumc comprimido, um pouco arqueado. — Goza de propriedades narcotico-acres. O succo expresso de toda a planta usa-se em uncções contra a sarna. Nas provincias do Norte os caboclos costumam scrvir-se d'esta planta para *tinguijar* as lagôas e corregos, afim de embebedar o peixe e apanhal-o á mão, que é depois comido sem inconvenientc.

TINHA. Molestia da pelle da cabeça, susceptivel de se transmittir pelo contagio, produzida e entretida pela presença de vegetaes parasitos, especie de cogumelos, chamados *Tricophyton tonsurans* c *Microsporon furfur*, que se transmittem de um individuo a outro por meio de sementes extremamente pequenas chamadas *sporos* ou *sporulos*. Ha tres cspecies de tinha.

1.° **Tinha favosa, Favus** ou **Porrigo.** Os seus caracteres são : Pustulas cheias de materia purulenta, que se dessecca e forma crostas de côr amarella, muito adherentes, circulares *deprimidas no meio* e levantadas nas margens. Estas crostas rèunem-se em massas espessas, rcnovam-se á medida quc se arrancam, e deixam vêr dcbaixo d'ellas a pelle vermelha e inflammada. O cheiro que exhala esta tinha approxima-se do da ourina de gato; os intervallos que deixam entre si as crostas estão continuamcnte cobertos de escamas furfuraceas; a pelle racha-se ás vezes, e deixa sahir uma materia purulenta e corrosiva.

2.° **Tinha tonsurante.** Superficie arredondada, anegrada, mais ou menos aspera sobre um ponto da cabeça inteiramente dcspido de cabello como pela tonsura, podendo durar muito tempo.

3.° **Tinha decalvante, calva tinhosa** ou **pellada.** Areas na cabeça despidas de cabello, brancas, lisas, sub-orbiculares e lavrantes. Quando o cabello cahe sobre diffcrentes pontos sem nenhuma molestia do couro cabelludo, e quando a pelle fica lisa c brilhante, deve-se reconhecer a *tinha decalvante* ou *pellada;* não se applicando o tratamento para suster os progrcssos da molestia, resulta alopcia definitiva. Um artigo especial está destinado a esta tinha (*veja-se* PELLADA).

Estes tres caractercs pertencem á *tinha verdadeira*, molestia contagiosa, que dcve ser distinguida das *tinhas falsas*, que consistem em erupções de outro fórma, e que não são contagiosas.

Existem muitas especies de *tinhas falsas*. N'uma d'estas especies, as crostas formam pequenos tuberculos irregulares, desiguaes, de côr parda ou roxa, *sem excavação no centro*. A segunda espccie consiste em vesiculas cheias de liquido transparente, seguidas, após a sua ruptura, de pequenas ulcerações superficiaes das quacs reçuma materia semelhante ao mel corrompido, e que pega os cabellos. Ás vczes, o liquido proveniente das vesiculas coagula-se em crostas de côr amarella como cera, e apresenta em alguns caso uma côr verde ou avermelhada. As orelhas e faces podem ser affectadas da erupção. Esta fórma de tinha

chama-se vulgarmente *ozagre* ou *crosta lactea* (*veja-se* OZAGRE). No numero das tinhas falsas deve tambem ser comprehendida uma affecção chamada commummente *caspa*, que principia pela escamação da epiderme da cabeça, acompanhada de prurido, e excreção mucosa que forma, deseccando-se sobre os cabellos, uma quantidade mais ou menos consideravel de escamas brancas ou roxas, semelhantes á farinha grossa.

Causas. A tinha observa-se em todas as idades; todavia desenvolve-se particularmente na infancia e na idade adulta. É molestia mui rara no Rio de Janeiro. A tinha é essencialmente contagiosa. O contagio opera-se pelo contacto immediato ou por objectos que servíram aos individuos doentes, taes como barretes, esponjas, pentes, etc.; póde ter logar por uma simples corrente de ar. Os trabalhos microscopicos modernos dão uma explicação mui simples do contagio, visto que a molestia provém de uma vegetação que se reproduz com grande facilidade. Em consideração do caracter contagioso da molestia, importa que os objectos, que servem para o toucado das cabeças doentes não sirvam a outras pessoas. Nos collegios, é preciso vigiar os meninos doentes, para que não communiquem a molestia aos seus camaradas.

Tratamento. Para curar as tinhas e conservar o cabello existe um só meio, é a *epilação*. Pratica-se com pinça. É preciso primeiro limpar a cabeça com agua e sabão, e cortar o cabello a 2 ou 3 centimetros da pelle. Logo depois applica-se uma camada de oleo de cade, que destroe em parte o cogumelo situado na superficie da cabeça, e facilita a extracção do cabello. No mesmo dia, ou no dia seguinte procede-se á epilação, que exige de uma a cinco operações segundo a extensão da molestia e sensibilidade do doente. Durante a epilação, fazem-se lavatorios com a dissolução de sublimado, abaixo indicada. Os mesmos lavatorios são continuados de manhã e de tarde durante dois ou tres dias depois de acabada a epilação, e em seguida susbstituem-se pelas uncções com a pomada de turbito até á cura completa. De ordinario uma só epilação é insufficiente; é preciso praticar duas, tres, e ás vezes mais. Podendo fazer-se a epilação completa n'uma só operação, é muitor melhor.

Eis-aqui *o modo de praticar a epilação*. O operador faz tomar ao doente e toma elle mesmo a posição que lhe parecer mais commoda; habitualmente os epiladores assentam-se e fazem descançar sobre o joelho a cabeça do doente. Com uma das mãos (ordinariamente com a direita) seguram a pinça como uma penna de escrever, ou, nos casos mais faceis, como arco de rabeca. Applica-se a outra mão sobre a parte que se quer epilar, e, entre o dedo pollegar e o indicador, estende-se a pelle afim de que não escorregue. Depois extrahem-se os cabellos tirando-os, um a um, no sentido da sua direcção natural. Depois de denudada a superficie de 2 a 3 centimetros quadrados, suspende-se por alguns instantes a epilação, e faz-se uma applicação parasiticida (a solução de sublimado) com uma escova macia, uma esponja ou um pincel, segundo o logar affectado. Então torna-se a continuar a avulsão dos cabellos, para cessar alguns instantes depois, e procede-se pela mesma fórma até ao fim da operação. Não se deve arrancar o cabello nem muito

depressa nem mui lentamente; ha um ponto intermediario que não se póde achar senão com alguma pratica.

Quatro ou cinco horas depois da epilação, faz-se uma uncção com a pomada parasiticida, ou com oleo de cade misturado com banha. Eis-aqui as receitas :

Lavatorio parasiticida.

Sublimado corrosivo.....	50 centigrammas.
Agua distillada.....	500 grammas.

Pomada parasiticida.

Banha.....	30 grammas.
Oleo de amendoas doces.....	4 —
Glycerina.....	4 —
Turbitho mineral.....	80 centigrammas.

Uncção parasiticida.

Banha.....	40 grammas.
Oleo de cade.....	4 —

Os lavatorios e uncções parasiticidas combinados com a epilação, são necessarios para actuar sobre o interior dos folliculos pilosos, de que se arrancou o cabello; d'este modo destroe-se o vegetal parasito e impede-se a sua reapparição.

Os impetigos e os ezcemas da cabeça, que simulam a tinha, sáram sem epilação pelas applicações indicadas contra estas molestias.

O tratamento da tinha dura pelo menos quatro mezes, deve ser ajudado por um regimen hygienico, e por alguns medicamentos internos. O doente alimentar-se-ha principalmente de carnes assadas, fará uso de vinho, tomará banhos frios de rio ou do mar, entregar-se-ha activamente ao exercicio do corpo. Os medicamentos internos são : infusão de raiz de chicoria, uma chicara por dia : macerato de genciana, mesma dóse; vinho de quina, 60 grammas, duas vezes por dia.

Para o tratamento das tinhas falsas, *veja-se* Caspa e Ozagre.

TINHORÃO, Papagaio ou Pé de bezerro. *Caladium bicolor*, Ventenat. Aroideas. Planta da Flora brazileira. Caule de 66 centimetros a 1 metro, liso, sem ramos, raiz tuberosa, arredondada, roxa por fóra, amarella por dentro, molle, contendo um succo acre; folha grande, triangular, sagitada, vermelho-roxa no centro, verde nas margens; sendo mastigada, não offerece ao principio sabor algum notavel, mas depois produz na garganta uma sensação acre. As folhas d'esta planta empregam-se, ás vezes, em gargarejo contra as esquinencias, em decocção, na dóse de 15 grammas para 500 grammas d'agua.

TINTAS. *Da sua acção sobre a economia animal.* Uma longa serie de observações tem demonstrado que as pessoas que se occupam da preparação, ou do emprego das materias corantes metallicas, assim como as que estão expostas ás suas emanações, experimentam muitas vezes os seus nocivos effeitos. Entre as profissões que são mais sujeitas a ellas, citarei os fabricantes de tintas, os pintores, os tintureiros, os

fabricantes de chapeos, de papeis pintados, etc. As tintas metallicas compõem-se das preparações de antimonio, arsenico, chromo, cobalto, cobre, ferro, mercurio e chumbo, que, todas, á excepção das de ferro e do azul de Prussia, são venenosas. Entre as tintas vegetaes, só a gomma gutta póde ser nociva. Os individuos que trabalham na fabricação das tintas mineraes estão expostos a serem affectados de *colica metallica.* Além d'isto, os quartos novamente pintados são mui insalubres, sob outro ponto de vista. O physico Saussure demonstrou que uma camada de oleo de nozes de tres linhas de espessura, por espaço de dez mezes, absorve cento quarenta e cinco vezes o seu volume de gaz oxygeneo que se acha no ar do quarto, e dá vinte e uma vezes o seu volume de acido carbonico, que é improprio á respiração : os quartos novamente pintados são, por conseguinte, muito insalubres, já por causa das emanações das tintas, já pela viciação do ar; exigem, portanto que se arejem e ventilem. Para combater os accidentes que podem produzir as tintas feitas com as preparações de chumbo, *veja-se* o artigo COLICA DE CHUMBO. Quanto aos accidentes resultantes dos confeitos corados com differentes tintas mineraes, *veja-se* CONFEITOS.

TINTURA. Dá-se o nome de *tinturas* a soluções de uma ou mais substancias no alcool ou ether, e por isso distinguem-se em *tinturas alcoolicas* ou *espirituosas*, e *tinturas ethereas*. Quando se diz simplesmente *tinturas*, entendem-se as tinturas alcoolicas.

As tinturas alcoolicas preparam-se por simples solução no alcool, de qualquer substancia medicamentosa, por exemplo de casca de quina, de raiz de genciana, de flores de arnica, etc. Differem dos alcoolatos, em serem estes preparados por distillação. As tinturas alcoolicas tem as propriedades medicinaes das substancias dissolvidas em alcool. São medicamentos preciosos, porque contém todos os principios soluveis das substancias n'um estado perfeito de conservação, mesmo depois de annos. Empregam-se em pequenas dóses em poções, e em dóses fortes em fricções. Podem conservar-se por muitos annos.

TINTUREIRA VULGAR, CUARURÚ-GUAÇÚ, CUARURÚ DE POMBA, HERVA DOS CACHOS DA INDIA. *Phytolacca decandra,* Linneo. Phytolaceas. Planta do Brazil. Hastes herbaceas, de 1 metro 50 a 2 metros de alto; folhas molles, ovaes, lanceoladas, um tanto onduladas ; flores vermelhas, dispostas em cachos; fructo, baga negra-azulada, com 10 loculamentos contendo cada um uma semente ; raiz parda por fóra, branca por dentro. O succo das folhas é purgativo na dóse de meia onça. Estas mesmas folhas, applicadas sobre a pelle, irritam-n'a, e usam-se em cataplasmas contra as feridas de máo caracter. As bagas são tambem purgativas. O seu succo é de bella côr vermelha.

TIRA DE EMPLASTO ADHESIVO, ou TIRA AGGLUTINATIVA. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 775.

TIRA DE PANNO. *Veja-se* ATADURA.

TIRO DE ESPINGARDA. *Veja-se* FERIDAS POR ARMAS DE FOGO.

TISANA. Bebida que não tem em dissolução senão pequena quantidade de substancias medicamentosas, e que se administra nas molestias

como bebida ordinaria do doente, ou para ajudar a acção dos medicamentos mais activos. As tisanas são de ordinario infusões ou decocções adoçadas com assucar, mel de abelhas, ou algum xarope.

TISICA ou **Phthisica.** A molestia de que nos vamos occupar é designada frequentemente pelo nome de *molestia do peito*, e esta denominação é devida talvez a essa supremacia da faculdade de destruir que a distingue, e que faz esquecer perante ella as outras affecções menos perigosas do peito. A tisica consiste no desenvolvimento de tuberculos nos pulmões. Os *tuberculos* são corpos de côr branco-amarellada, opacos, de grossura que póde variar desde o volume de um grão de arroz até ao de um ovo ou de uma laranja. Ordinariamente tem o volume de um grão de ervilha. Espalhados no meio dos pulmões, podem occupar a sua maior parte; póde haver um só ou podem existir em pequeno numero : ao principio, são duros e solidos, tornam-se molles no fim de um tempo variavel, e são então expulsos pela tosse. Em seu logar deixam no pulmão excavações proporcionadas ao seu volume, chamadas *cavernas*. É o desenvolvimento dos tuberculos nos pulmões, que occasiona a diminuição lenta das forças, o emmagrecimento progressivo, e produz a molestia chamada *tisica*.

Symptomas. A tisica tem dois periodos, um anterior, outro posterior ao amollecimento e á evacuação da materia tuberculosa.

Primeiro periodo. De ordinario a molestia principia sem causa apreciavel, de maneira lenta e obscura. Certos individuos emmagrecem, tornam-se pallidos, perdem o appetite, e tem tosse. Esta é ora secca, ora acompanhada de escarros claros, quasi salivares. Apparecem suores nocturnos, quasi sempre limitados a algumas partes do corpo, como a região anterior do peito, a cabeça, a palma das mãos ; estes suores tem isto de notavel, que não sobrevem senão durante o sommo, e céssam logo que os doentes acordam. Depois d'estes primeiros symptomas apparecem escarros de sangue. Ao mesmo tempo os doentes tem a respiração difficil; muitos accusam dôres mais ou menos vivas, ora nas costas e entre as espadoas, ora n'um dos lados.

Mas estes symptomas não são caracteristicos : podem pertencer a outras molestias, á bronchite chronica por exemplo, ou á hemoptyse; podem tambem deixar de existir. Esta variação nos caracteres da molestia, e a sua semelhança com os de outras affecções, podem produzir enganos. Só se acha a solução do problema nos caracteres fornecidos pela exploração do peito por meio da percussão e da auscultação, e sobretudo pelo exame dos escarros onde se encontram os bacillos d'esta terrivel molestia.

Percutindo o peito n'este periodo da molestia, obtem-se um som obscuro n'um ponto circumscripto, e quasi sempre debaixo da clavicula, ou na parte superior e posterior do peito, e ordinariamente de um só lado, ou pelo menos mais evidente de um lado do que do outro. A auscultação da respiração, por meio do ouvido applicado sobre o peito, faz ouvir ora ruidos naturaes, mas sómente mais ou menos modificados; ora ruidos anormaes.

Applicando-se sobre o peito de um homem são o ouvido nú ou armado do *stethoscopio*, ouve-se, durante a respiração, um murmurio mui brando e sonoro produzido pela entrada do ar nas cellulas do pulmão; e durante a expiração, um ligeiro murmurio muito mais curto do que o da inspiração. Mas quando o pulmão contém tuberculos, o murmurio expiratorio torna-se de mais em mais sensivel, e chega a igualar e mesmo a exceder por sua duração o murmurio inspiratorio. Este phenomeno é quasi sempre limitado a um espaço pouco consideravel; acha-se de ordinario no apice do peito. No fim d'este periodo, e quando os tuberculos principiam a fundir-se, ouve-se um ruido chamado *fervor-subcrepitante*, que póde comparar-se ao do sal que estala quando se projecta sobre o fogo, e que é mais distincto durante a inspiração do que na expiração.

Em geral, os doentes, n'este primeiro periodo, conservam ainda o appetite; mas muitos tem diarrhea de tempo em tempo; esta sobrevem quasi sempre sem causa; persiste durante um ou muitos dias, e cessa pora tornar a apparecer depois de um tempo mais ou menos longo; alguns individuos tem vomitos, mas só em consequencia dos abalos da tosse. O emmagrecimento faz progressos contínuos, e muitas vezes no fim d'este periodo apparece pela noite um leve movimento febril.

Segundo periodo. N'este periodo a tosse é mais frequente e mais incommoda, sobretudo durante a noite, pelo que, muitos doentes são privados do somno. Os escarros, de brancos que eram precedentemente, tornam-se esverdeados, opacos, privados de ar, e são estriados de linhas amarelladas mais ou menos numerosas. Ás vezes encontram-se n'elles pequenas porções de uma substancia branca, opaca, semelhante a arroz cozido; mais tarde os escarros são homogeneos e tem uma fórma arredondada; são pesados, mais ou menos consistentes; não vão sempre ao fundo da agua, e nadam muitas vezes na superficie de um liquido claro, especie de pituita. Depois de serem, mais ou menos tempo, de côr amarella esverdeada, os escarros tornam-se cinzentos; não se distinguem por algum caracter microscopio dos outros escarros inflammatorios. São mais ou menos abundantes; em alguns casos raros, as materias são lançadas em massa e quasi ás golfadas. N'este periodo, os escarros de sangue são assaz frequentes. A dyspnea e a oppressão augmentam, as dôres do peito são mais vivas e mais persistentes.

N'esta epoca, os signaes fornecidos pela percussão e auscultação são mais evidentes: assim, percutindo a parte superior do thorax, acha-se quer de ambos os lados, quer de um só, um som escuro ou completamente massiço. Applicando o ouvido sobre estes pontos ouve-se o *fervor crepitante.* N'um periodo mais adiantado, quando os tuberculos estão inteiramente fundidos, ouve-se um grosso ruido, chamado *fervor mucoso*, que é produzido pela passagem do ar atravez das materias contidas nas cavidades ulcerosas dos pulmões. Mais tarde ouve-se o *som de gargarejo* ou *fervor cavernoso*, analogo ao que determina a agitação de um liquido misturado com as bolhas de ar. Este ruido póde ser ouvido na inspiração ou na expiração; é preciso, para ser produzido, que a caverna não esteja completamente cheia, e que communique com os bronchios. Este

fervor desapparece momentaneamente quando a excavação se despejou inteiramente, ou quando um obstaculo se oppõe á penetração do ar; a sua intensidade é tanto maior quanto a cavidade é mais vasta, e situada mais superficialmente.

A auscultação da voz fornece alguns signaes importantes. Se, applicando a orelha ao nivel de uma caverna, se disser ao doente que falle, a voz parece sahir directamente do peito e passar toda inteira para o ouvido; este phenomeno, qne se chama *pectoriloquia*, é signal de uma excavação feita no pulmão pela fusão de tuberculos.

Se a febre não appareceo no primeiro periodo, declara-se n'este; se existia, augmenta de intensidade. A febre póde ser contínua e sujeita a exacerbações nocturnas; ás vezes ha dois accessos em vinte e quatro horas, um ao meio dia, outro no principio ou no meio da noite; este accesso é de ordinario caracterizado por calefrios seguidos de calor e suor. O suor é ás vezes excessivo, mas em alguns casos falta totalmente.

As vias digestivas apresentam n'esta epoca desordens mais graves do que nas epocas precedentes. A sêde é viva, o appetite diminue ou extingue-se completamente. A diarrhea, que já existia, augmenta n'este periodo; as evacuações são muitas vezes acompanhadas de hemorrhagias intestinaes e de tenesmo como na dysenteria. O emmagrecimento faz progressos rapidos; os doentes perdem as forças; a menstruação supprime-se nas senhoras.

Marcha, duração. A tisica tem quasi sempre uma marcha lenta e contínua; comtudo, não é raro ver sobrevir no seu curso melhoramentos notaveis, seguidos, depois de um tempo mais ou menos longo, de novos accidentes. A tisica segue ás vezes uma marcha aguda, isto é, em vez de durar um ou dois annos, como acontece no maior numero de casos, acaba em dois ou tres mezes, em um mez, e até em menos tempo. É esta fórma da molestia que foi chamada *tisica galopante*.

Mas a tisica, sebretudo nas pessoas chegadas ao periodo médio da vida, segue de ordinario uma marcha chronica, durando commummente dezoito mezes ou dois annos; póde mesmo prolongar-se por cinco, dez, quinze, vinte e cinco e mesmo quarenta annos. Os doentes experimentam então de tempos a tempos recahidas durante as quaes a febre hectica reapparece, e o emmagrecimento faz progressos novos; depois as forças voltam com o appetite; a tosse diminue e mesmo desapparece, assim como a expectoração. Os individuos de que se trata, achacosos e de uma saude sempre delicada, chegam todavia a uma idade adiantada, e succumbem ás vezes de uma molestia estranha ás vias respiratorias; mas na abertura de seus corpos, acham-se nos pulmões tuberculos em diversos gráos de evolução.

Terminações. Muitas pessoas julgam que a tisica é incuravel, mas esta opinião não é exacta, porque, felizmente, factos numerosos tem posto hoje fóra de duvida de que a tisica é susceptivel de cura, e isto em todos os periodos. Acham-se frequentemente nos adultos e nas pessoas idosas vestigios d'esta feliz terminação. O Dr. Guillot assegura que no Hospicio de Bicêtre, em Pariz, onde se recolhem os homens valetudinarios, de

idade muito adiantada, os quatro quintos dos velhos, cujos orgãos examinou depois da morte, apresentam vestigios incontestaveis de uma affecção tuberculosa antiga. Emfim, no Hospicio Salpêtrière, em Pariz, onde se recebem as mulheres de mais de 70 annos de idade, o Dr. Bau encontrou em 160 corpos examinados depois da morte, 157 que tinham cicatrizes caracteristicas no apice de um e outro pulmão. A cura póde effeituar-se quando os tuberculos existem ainda no estado de dureza, ou então depois do seu amollecimento e evacuação. No primeiro caso ficam enkystados e separados do orgão, ou experimentam a tranformação cretacea; no segundo, o producto morbido é expulso, e a caverna que fica oblitera-se, por verdadeiro trabalho de cicatrização.

Causas. Entre as causas da tisica, deve-se pôr em primeira linha o frio humido, que actua de uma maneira lenta e contínua. A influencia d'esta causa é demonstrada por provas incontestaveis : assim, nos climas mui calidos os exemplos da tisica são mais raros do que nas regiões frias: ha tambem menos tisicos nas altas montanhas, onde o ar é secco, do que nos valle em que é humido. A má alimentação, insufficiente, a reunião de grande numero de individuos n'um pequeno espaço, a respiração do ar impuro, a privação dos raios solares, a falta de exercicio, as paixões tristes, os excessos de todo o genero, são outras tantas causas que, actuando sobre um individuo *predisposto* á tisica, a produzem infallivelmente. Esta molestia é mais commum nas senhoras do que nos homens, e, bem que possa atacar todas as idades, declara-se principalmente nas pessoas de vinte a trinta annos. Não é rara nas crianças; é pouco commum, pelo contrario, na idade adiantada.

Em certa epoca, os medicos acreditavam no contagio da tisica. Este receio era chimerico; comtudo, sem julgar precisamente que a tisica seja contagiosa, a medicina moderna aconselha, como medida de prudencia, que as pessoas que vivem habitualmente com os tisicos, tomem algumas precauções, especialmente n'um periodo adiantado da molestia, e que não durmam sobretudo na mesma atmosphera.

Tratamento. *Tratamento preservativo.* Para prevenir a tisica nas pessoas que mostram alguma predisposição a esta molestia, deve-se recorrer aos meios seguintes : habitar um logar secco e quente, pouco sujeito ás variações subitas da temperatura ; fazer diariamente passeios moderados, entregar-se á equitação, ao exercicio da natação, que tem a faculdade de desenvolver o peito. Os banhos frios do mar e de rio, que acompanham este ultimo exercicio, são mui salutares ás pessoas predispostas á tisica, mas serão contrarios quando a molestia já estiver desenvolvida, e se houver escarros de sangue. O ar livre, a insolação, o regimen composto de carnes assadas de vacca, de carneiro, de feculas e vegetaes, tudo em proporção igual, o uso do vinho generoso, eis o que convem. As viagens exercem uma influencia feliz na tisica incipiente. A navegação tem sido sobretudo elogiada, e certos factos referidos pelos autores provam os seus bons effeitos. Os pezares e as paixões tristes devem ser evitados com grande cuidado, assim como os trabalhos intellectuaes excessivos. Proscrever-se-ha o canto, a declamação e a leitura

em alta voz. As conversações intimas e muito tempo continuadas serão prohibidas; n'este caso a escritura é preferivel á falla. Se o individuo predisposto exercer uma profissão que irrita o orgão pulmonar, como o de actor, obrigado a cantar e a declamar; de tocador de instrumento de sopro, de pedreiro, de fabricante de obras de gesso, ou qualquer outra das que obrigam a viver no meio de um ar continuamente carregado de pós ou gazes irritantes, deve renunciar a ella immediatamente. De todas as profissões, a que menos tisicos conta é a de carniceiro : ha medicos que, partindo d'este ponto de observação, aconselham contra a tisica as fricções de toucinho sobre o peito. Como medicamentos prophylacticos, é preciso empregar a infusão de folhas de almeirão, de centaurea menor, o cozimento de musgo islandico; na dóse de uma chicara por dia.

Importa muito ter um alvo de actividade na vida, uma occupação constante, que impeça que se pense em si, que se fique melancolico : a tristeza é funesta aos tisicos. Eis porque as viagens feitas em boas condições, e as distracções constantes convem a estes doentes.

Un ponto importante, é de não se deitar muito tarde. É preciso evitar as excitações vespertinas; deve-se estar sempre na cama antes das onze horas da noite. Bastam oito ou nove horas de repouso na cama. Não convem ficar deitado muito tempo de manhã a não ser obrigado a isto para compensar a insomnia da noite.

Tratamento da molestia confirmada. O numero dos medicamentos antiphthisicos é consideravel. Vou indicar os que merecem maior confiança.

Alimentos que são medicamentos. Ha para as pessoas doente do peito, que ainda conservam o appetite, uma ordem de alimentos que são medicamentos. Em primeiro logar são as ovas de peixe, e os miolos de carneiro. Estas substancias contém phosphoro : são aphrodisiacas e corroborantes. As ostras, as ovas de lagosta, de arenques, os ovos de gallinha, acompanhados de vinho do Porto ou da Madeira são alimentos e medicamentos ao mesmo tempo na tisica. Certos alimentos mucilaginosos, o motocó de carneiro, a cabeça de vitella, os caracoes de vinha, as saladas de agriões, de celeri (aipo cultivado) fazem parte da mesma categoria de alimentos que são ao mesmo tempo medicamentos. As pessoas que supportam e digerem a cerveja, devem fazer uso d'esta bebida nutriente durante o jantar, com a condição de tomar um pouco de vinho puro depois da sopa e á sobremesa. Uma chicara de café depois de jantar é muito salutifera.

Medicamentos que são alimentos. Peptonas Catillon. Peptona Chassaing. Pó de carne de Catillon. Pó de carne diastasada de Trouette-Perret. Elixir alimenticio Ducro (carne, alcool e cascas de laranjas amargas). Phosphatina Falières. Alimento completo Adrian.

Oleo de figado de balalháo. Esta substancia merece toda a nossa consideração, porque dá melhores resultados do que qualquer outro medicamento; sómente é preciso não tomar dóses mui fortes que o estomago não poderia supportar. Principia-se por uma colher de *chá*, tres vezes por dia, e augmenta-se progressivamente a dóse até uma colher de *sopa*, tres vezes por dia. O doente toma em seguida ao remedio uma colher de

café, come um gomo de laranja, toma um pouco de doce, uma pastilha de hortelã, ou lava a bocca com vinho ou aguardente. O oleo de figado de bacalháo póde tambem tomar-se em capsulas, 10 a 15 por dia. Deve ser administrado por muitos mezes. O doente fará exercicio. O oleo de figado de bacalháo, tomado no estado de repouso e de reclusão, não tem tanta acção. Não se deve tomar este medicamento analeptico mais de 15 a 20 dias por mez. De outro modo, fatiga as vias digestivas; é preciso conservar-lhe a sua incontestavel utilidade não abusando d'elle, voltando repetidas vezes ao seu emprego. Este medicamento augmenta a gordura e as forças vitaes; acalma a tosse, torna a respiração mais forte.

Os oleos de figado de bacalháo que maior confiança merecem são :

Oleo de figado de bacalhão de Berthé que se toma na dóse de uma colher, *de sopa*, ao almoço e ao jantar.

Oleo de figado de bacalhao de Bals, que se administra na dóse de 1 a 3 colheres, *de sopa*, por dia ás crianças e de 2 a 6 colheres as adultos.

Oleo nutrimentivo extrahido dos ossos de boi, preparado por Dethan; podendo substituir o oleo de figado de bacalhao.

Glycerina pura de Catillon na dóse de 1 colher, *de sopa*, deluida em agua com vinho ou com um pouco de cognac ou rhum, antes de cada refeição.

Oleo creosotado do D^or^ Fournier, na dóse de 2 a 3 colheres, *de sopa*, por dia, nas horas da refeição.

Capsulas creosotadas do D^or^ Fournier. Tomam-se ao almoço e ao jantar na dóse de 4 a 6 a cada refeição.

Oleo de figado de bacalhao creosotado de Berthé, na dóse de 2 a 3 colheres, *de sopa*, por dia.

Capsulas creosotodas de Berthé, na dóse de 4 a 6 por dia.

Perolas de creosote de Clertan, na dóse de 4 por dia.

Perolas de gaiacol de Clertan, na dóse de 4 por dia.

Glycerina creosotada de Catillon na dóse de 1 a 2 colheres, *de sopa*, por dia, de manhã, á noite ou nas horas de refeição.

Vinho de Baudon, de antimonio phosphatado, podendo substituir o oleo de figado de bacalhao, na dóse de uma calice grande a cada refeição; para as crianças um calice, dos de licor.

Vinho de Cabanes, de lacto phosphato de cal, ferro e quina, dosado chimicamente, na dóse de 1 calice a cada refeição.

Emulsão de alcatrão Le Beuf na dóse de 1 a 2 colheres, de chá, duas ou tres vezes por dia, deluido em meio copo d'agua com assucar, ou em leite quente ou qualquer tisana.

Cozimento de carragaheen. Lave 2 grammas de carragaheen em agua fria; deite fóra esta agua; ferva o carragaheen durante dez minutos em quantidade sufficiente de nova agua, para obter 150 grammas de decocto. Este decocto, adoçado com assucar bebe-se em duas dóses no decurso do dia.

Gelea de carragaheen. 30 a 60 grammas por dia.

Cozimento de musgo islandico. Uma chicara por dia. O modo da sua preparação está indicado no vol. II, pag. 467.

Gelea de musgo islandico. 30 a 60 grammas por dia.

Xarope de terebinthina. 30 a 60 grammas por dia.

Xarope de balsamo de Tolú. 60 grammas por dia.

Sal marinho. Administra-se em pilulas, preparadas conforme a seguinte receita :

Sal marinho.....	10 grammas.
Tannino	10 —
Conserva de rosas.....	quantidade sufficiente.

Faça 100 pilulas. Para tomar 2 pilulas de 2 em 2 horas durante um mez. Os doentes devem salgar excepcionalmente as suas comidas, a carne sobretudo, no momento de as tomar. Devem usar ao mesmo tempo da salada de agriões.

Leite de burra, de cabra, um a dois copos por dia.

Carne de vacca ou de carneiro, crua. É aconselhada por alguns medicos como remedio contra a tisica. Toma-se pilada, na dóse de 100 a 200 grammas, em bolos, com aguardente ou vinho da Madeira. Substitue-se actualmente pelo pó de carne e pelas preparações de peptonas.

Pó de carne de Catillon.

Pó de carne diastasada de Trouette-Perret.

Vinho de Peptona, Solução de peptona de Catillon.

Hypophosphito de soda, na dóse de 1 a 3 grammas por dia, dissolvido em agua ou xarope. Eis-aqui a formula.

Hypophosphito de soda.....	5 grammas.
Xarope simples.....	350 —
Xarope de flor de laranjeira.	50 —

Dissolva. Para tomar uma colher *de sopa* 2 a 4 vezes por dia.

Phosphato de cal. Administra-se em pó. Eis-aqui a receita :

Phosphato de cal.....	30 grammas.

Divida em 30 papeis, Para tomar 1 papel tres vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar.

Aguas sulfureas. Estas aguas exercem acção favoravel sobre as vias respiratorias. Não se tomam em banhos mas sim em bebida. A dóse, nos primeiros dias não deve exceder duas colheres *de sopa*, uma de manhã, outra pela tarde. Progressivamente augmenta-se a dóse, até chegar a 60 grammas de manhã, e outro tanto de tarde. Maior dóse poderia incommodar. As aguas d'esta classe que se podem aproveitar são no Brazil *Caldas*, na provincia de Minas Geraes, quatro legoas da villa de Caldas; em Portugal são as *Caldas da Rainha.* Em França as aguas sulfurosas que gozam de grande reputação contra a tisica são as Caldas sulfurosas chamadas *Eaux Bonnes*, nos Pyreneos.

Outras aguas mineraes. As outras aguas mineraes, não sulfurosas, que gozam de grande reputação contra a tisica, são as de Mont-Dore, Royat, Bourboule em França, e as de Ems na Allemanha.

Arsenico. De alguns annos a esta parte as preparações arsenicaes são

aconselhadas contra a tisica. Segundo alguns medicos o tratamento arsenical produz resultados extraordinarios n'esta molestia : a febre diminue e cessa; os suores nocturnos, a insomnia seguem a mesma progressão decrescente; a pelle, de secca e ardente que estava, não tarda a tornar-se natural. Um dos facultativos mais abalizados de Pariz, o Dr. Trousseau, diz a este respeito o seguinte : « Os meus ensaios foram feitos sobre os tisicos e sobre os doentes affectados de catarrho chronico da larynge. Nos tisicos obtive não cura, mas pelo menos uma suspensão dos incommodos. A diarrhea tornou-se menos frequente, a febre diminuio, a tosse ficou mais moderada, a expectoração tomou melhor caracter; *mas não curei.* Novos tuberculos formavam-se nos pulmões, e o doente succumbia. » O arsenico, por conseguinte, não é um remedio que cura a tisica. Os medicos, que tem n'elle confiança, prescrevem-n'o em dóse mui pequena. A preparação, a que se recorre ordinariamente, é o acido arsenioso. O seu modo de administração exige muita attenção. Principia-se por 1 ou 2 milligrammas; augmenta-se cada dia a dóse, até chegar a 3 e mesmo 5 centigrammas por dia. Devo lembrar aqui que o acido arsenioso determina no homem accidentes mui graves na dóse de 10 a 15 centigrammas, e produz a morte, se se exceder esta dóse.

Eis-aqui uma das formulas segundo a qual se administra o acido arsenioso :

Granulos de acido arsenioso.

Acido arsenioso....	10 centigram.	Gomma arabica pulverizada.....	90 centigram.
Assucar de leite pulverizado.....	4 grammas.	Xarope de mel.....	quant. suffic.

Triture por muito tempo o acido arsenioso em gral de porcelana com o assucar de leite, que ajuntará pouco a pouco; misture a gomma arabica e faça com o xarope massa pilular bem homogenea. Divida esta massa em cem (100) granulos que prateará. Cada granulo contém 1 milligramma de acido arsenioso. Dóse 1 a 25 granulos por dia.

N'este caso, o melhor é tomar os granulos impressos de L. Frere, de 1 milligramma que são dosados mathematicamente.

Em conclusão, nenhum dos medicamentos recommendados contra a tisica produz a cura certa. As substancias da pharmacia são uteis adjuvantes, mas o seu effeito é segundario, e é particularmente á hygiene que é preciso pedir os meios para suspender a marcha d'esta terrivel affecção. Os doentes devem estar collocados relativamente ao clima e habitação, nas melhores condições; habitarão antes o campo do que ás grandes cidades; a sua alimentação será substancial e variada. Como base do regimen alimentario, usar de carne assada de vacca ou de carneiro, mingáos de araruta, de tapioca; fructas maduras, legumes; vinho. O leite de vacca, de cabra ou de burra, convem em todos os periodos da molestia.

Eis-aqui os meios que devem empregar-se contra alguns dos symptomas da molestia : *Contra a tosse*, infusões de flores de verbasco, de malva, de violas, de folhas de avenca; xarope de renovos de pinheiro,

de phellandrio, de terebinthina. As infusões tomam-se na dóse de uma a duas chicaras por dia; os xaropes na dóse de 60 a 90 grammas, puros ou misturados com agua quente. De noite, para conciliar o somno, tomar 30 grammas de xarope de lactucario, ou de xarope diacodio, ou 1 pilula de codeina :

Pilulas de codeina.

Codeina.....	20 centigrammas.
Althea em pó.....	quantidade sufficiente.

Faça 4 pilulas.

Ou 1 pilula de 5 centigrammas de codeina, das pilulas impressas de L. Frere.

Extracto thebaico, na dóse de 5 centigrammas por dia.

Oleo de figado de bacalhão creosotado de Berthé.

Capsulas creosotadas de Berthé, na dóse de 4 a 6 por dia.

Oleo e capsulas creosotadas do D^or^ Fournier, o oleo na dóse de 2 a 3 colheres por dia e as capsulas, na dóse de 4 a 6 por dia, ao sentar-se á mesa, no almoço e no jantar.

Capsulas de alcatrão de Guyot, na dóse de uma colher, *de chá*, para um copo d'agua.

Xarope de Caracol de Mure que se toma ás colheres, *de sopa*, no correr do dia.

Gottas livonianas de Trouettet-Perret, na dóse de 2 a cada refeição.

Perolas de iodoformio, de Clertan, na dóse de 4 por dia.

Perolas de terpinol de Clertan, na dóse 4 por dia.

Perolas de creosote de Clertan, na dóse de 4 por dia.

Perolas de gaiacol de Clertan, na dóse de 4 por dia.

Contra a oppressão, dôr no peito, applicar sobre a parte anterior do peito ou nas costas emplasto de pez de Borgonha. Eis-aqui a receita :

1.° Emplasto de pez de Borgonha, do tamanho de 15 centimetros quadrados.

Contra os escarros de sangue : tomar um pediluvio com farinha de mostarda, ou applicar sinapismos nas pernas; applicar na base do peito o maior numero possivel de ventosas seccas, que se deixarão por muito tempo de maneira que produzam ecchymoses; tomar internamente o xarope de ratanhia, na dóse de uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, misturado com meia chicara d'agua fria :

Xarope de ratanhia.....	180 grammas.

Se o xarope de ratanhia não atalhar os escarros sanguineos, tomar duas colheres *de chá*, tres vezes por dia, do seguinte *electuario antihemoptoico :*

Conserva de rosas.....	19 grammas.
Azotato de potassa.....	12 —

Os *vapores de alcatrão de Guyot* espalhados no quarto do doente são

vantajosos. Basta, para este fim, pôr no quarto do doente um prato com alcatrão.

Contra a diarrhea, usar das preparações seguintes :

1.° *Pilulas de tannino.*

Tannino	2 grammas.
Conserva de rosas.....	1 —

Faça 20 pilulas. Tomar uma pilula, tres vezes por dia.

2.° *Clyster com claras de ovos.*

Cozimento de linhaça.....	180 grammas.
Claras de ovos.....	tres.

3.° *Pó de carne de Catillon ou pó alimentar de Catillon.* Tomam-se estes pós do seguinte modo :

Pó de carne ou pó alimentar.....	2 colheres.	Vinho da Madeira.....	2 colheres.
Assucar.....	2 —	Agua.....	4 —

M. Toma-se esta mistura 2 a 8 vezes por dia.

4.° Hostias Trouette de naphtol e salycilato de bismutho.

Dóse : 1 ou 2 hostias, de duas em duas ou de tres em tres horas sem intervallo, mesmo nas horas do comida.

Contra a dyspepsia, usar das preparações seguintes :

Elixir eupeptico Tisy, na dóse de 1 a 2 colheres, *de sopa*, no começo do almoço e do jantar.

Elixir de pepsina e glycerina de Catillon.

Elixir, vinho ou xarope de Papaina de Trouette-Perret.

Pó toni-digestivo de Royer, na dóse de 2 colheres *de chá* por dia antes do almoço e do jantar.

Vinho bi digestivo de Chassaing, na dóse de 1 a 2 calices *de licor* depois das refeições.

TISICA LARINGEA. Dá-se este nome ás ulcerações da larynge acompanhadas dos tuberculos no pulmão. É um estado de consumpção cuja causa principal é a molestia dos pulmões. Os symptomas compõem-se dos que pertencem á *laryngite ulcerosa* e á *tisica pulmonar*. O tratamento compõe-se dos meios indicados contra as duas molestias. *Veja-se* LARYNGITE ULCEROSA e TISICA PULMONAR.

TISICA MESENTERICA. *V* TUBERCULOS MESENTERICOS.

TIU. *Veja-se* JALAPÃO.

TOEPLITZ. Bohemia. Aguas alcalinas quentes.

Itinerario de Pariz a Toeplitz : Estrada de ferro até Toeplitz mesmo, 42 horas. Despeza 152 francos.

Toeplitz é uma cidade da Bohemia de 11,000 habitantes, situada n'um valle agradavel, regado pelo rio Saubach, limitado ao norte e ao levante pelas montanhas. As fontes são ali numerosas; brotam de um terreno volcanico; são todas quentes; a sua temperatura varía entre 26° a 49° centigrados. Muitos estabelecimentos de banhos existem na cidade e

nos arrabaldes : são accomodados a todas as condições. Ha em tudo 11 fontes, cinco em Toeplitz e seis em Schonau, grande e bella aldeia, considerada como arrabalde de Toeplitz. A mais quente é a fonte *Hauptquelle*, e a menos quente é a *Gartenquelle*. A agua d'estas differentes fontes é limpida, sem cheiro, de côr esverdeada, quasi sem sabor. Sua composição denota fraca mineralização. — Eis-aqui o resultado da analyse da *Hauptquelle*, por Wrany, em 1863. — 1 litro d'esta agua contém.

	grammas.		grammas.
Sulfato de potassa.....	0,015	Phosphato de alumina.....	0,001
— de soda.....	0,064	— de soda.....	0,002
Chlorureto de sodio.....	0,065	Silica.....	0,05
Carbonato de soda.....	0,407	Fluor.....	vestigios
— de lithia.....	vestigios	*Somma das partes fixas*....	0,67
— de magnesia....	0,012	Acido carbonico livre.....	0,19
— de cal.....	0,051	— unido aos carbonatos.	0,20
— de estronciana..	vestigios	Total.....	1,0612
— de ferro.....	0,0009		
— de manganez....	0,0003		

As aguas de Toeplitz são quasi exclusivamente empregadas em banhos e duches. Em Schonau acham-se os estabelcimentos mais elegantes e mais modernos. Os banhos tomam-se nas banheiras ou nas piscinas. Estas estão construidas sobre as nascentes mesmas que as alimentam. Na temperatura elevada os banhos são excitantes, na temperatura um pouco baixa são sedativos : o calorico tem aqui maior parte nos effeitos do que a mineralização. A gota é de todas as molestias que se tratam em Toeplitz, a que obtem os melhores resultados : quasi a terça parte dos banhistas são gotosos. Estes banhos são gabados tambem contra as diversas nevralgias, e particularmente contra a nevralgia sciatica. A Prussia, a Austria e a Saxonia tem em Schonau hospitaes militares, onde se tratam todas as molestias que entram no dominio da medicina e da cirurgia. A estação thermal dura de 15 de julho a 15 de setembro.

TOMATE. Fructo da *Solanum lycopersicum*, Linneo, planta da familia das Solaneas, originaria das Antilhas, cultivadas nas hortas do Brazil e de Portugal. É uma baga deprimida na base e no apice, ao principio verde e depois vermelha quando madura. Emprega-se na arte culinaria; o seu gosto acerbo é devido á presença do acido malico; serve para a preparação dos môlhos, que tornam as comidas mais saborosas e de mais facil digestão.

TOMBA. *Veja-se* ESPELINA.

TOMBO. *Veja-se* QUEDA.

TOMILHO ou **Thymo.** *Thymus*. Genero da familia das Labiadas, contém plautas mui pequenas, mui cheirosas, que são avidamente procuradas pelo gado e pelas abelhas.

Tomilho ordinario. *Thymus vulgaris*, Linneo. Sub-arbusto pequeno, de 18 e mais centimetros, cultivado nos jardins do Brazil e de Portugal, por causa de seu cheiro aromatico e do seu emprego como tempero. Tem folhas oppostas, pecioladas, ovaes oblongas, de quasi

4 millimetros de comprimento; flores brancas ou purpurinas em espiga. Formam com elle bordaduras nos jardins. Extrahe-se do tomilho uma essencia aromatica, que entra na composição da agua do Colonia e de outras preparações de perfumaria. Em medicina, o tomilho entra na composição dos banhos aromaticos.

TONCA. *Veja-se* CUMARÚ.

TONICOS. Chamam-se tonicos os medicamentos que augmentam o tom e a força dos orgãos. A esta classe pertencem as preparações ferreas, muitas plantas amargas, como a quina, genciana, quassia, almeirão, lupulo, macella, absinthio, musgo islandico com o seu principio amargo; e entre as plantas indigenas do Brazil, a casca de páo pereira, herva grossa, cipó de chumbo, etc. O emprego dos tonicos é sobretudo indicado nas molestias caracterizadas por debilidade geral, taes como as affecções escrophulosas, escorbuticas, gangrenosas. Recorre-se igualmente a elles nos casos de fastio, de enfraquecimento dos orgãos digestivos, nas convalescenças das molestias, etc.

TONTEIRA ou **Tontura.** Estado de perturbação no qual nos parece que todos os objectos andam á roda: este estado é, ás vezes, acompanhado de dôr e peso na cabeça. Ordinariamente a tonteira é um indicio de congestão sanguinea do cerebro, e observa-se frequentemente nas mulheres gravidas, e nos homens sanguineos. Para se combater este incommodo é preciso tomar um pediluvio com farinha de mostarda, beber um copo de limonada de limão ou de laranja, applicar na testa panno molhado em agua fria, e tomar um purgante. Se a tonteira persistir, appliquem-se algumas bichas na nunca.

TOPADA. *Dar uma topada.* Péde resultar da topada uma contusão ou ferida contusa. Em qualquer caso, convem mas primeiras horas applicar um panno molhado em agua fria. *Veja-se* CONTUSÃO.

TOPAZIO. Pedra preciosa, ordinariamente de um bello amarello de ouro, mas ha tambem topazios de côr rosea, verde e azulada. O calor, a fricção e compressão tornam o topazio electrico. O seu peso especifico, relativamente á agua, é de 3,5. É composto de silica, alumina e de fluorureto de aluminio. Acha-se particularmente no Brazil na provincia de Mins Geraes; na Bohemia, Saxonia, Siberia; encontra-se frequentemente em crystaes arredondados e quebrados como calháos, nos regatos e nos terrenos de alluvião que avizinham os rochedos d'onde provém. Os topazios são empregados como joias. O *topazio do Brazil* é de côr bella amarella e ás vezes avelludada. Aquecendo este topazio n'um banho de areia, obtem-se o *topazio roseo* ou *queimado*, cujo valor é superior ao do amarello: cumpre só tomar o cuidado de não prolongar muito o calor, porque então a pedra perderia completamente a côr. Encontram-se no Brazil alguns topazios roseos naturaes; o seu preço é bastante elevado. Quando esta pedra é de bella côr, grande brilho e de massa muito fina, o preço torna-se muito elevado. Na Exposição universal de Pariz de 1867, figuráram alguns bellos topazios do Brazil, que todos os visitantes pudéram admirar.

TOPINAMBOR. *Helianthus tuberosus*, Linneo. Synantheroas-

senecioides. Planta originaria do Brazil, cultivada em Portugal, e outras partes da Europa (fig. 858). Caule da altura de 1 a 3 metros, folhas asperas, flores radiadas amarellas, raiz tuberculosa, e como formada de muitas tubaras reunidas. Estes tuberculos, roxos ou amarellados por fóra, brancos por dentro, tem sabor mucilaginoso, um tanto adocicado; comem-se cozido ou preparados de diversas maneiras; chamam-lhes *batata topinamba*. O gado procura-os com avidez; dão-se particularmente ás vaccas e ovelhas, cujo leite augmentam. As folhas verdes ou seccas ministram uma boa forragem.

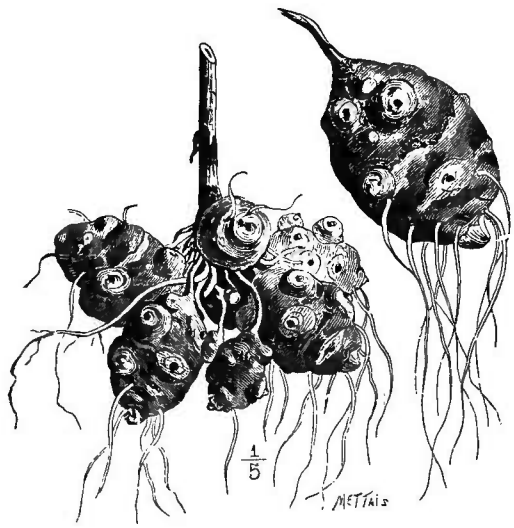


Fig. 858. — Topinambor.

TORCEDURA, TORSÃO, MÁO GEITO ou GEITO. Estiramento violento das partes molles que cercam uma articulação movel. — Toda a acção que tem por effeito augmentar os movimentos que executa uma junta, ou que tende a fazer-lhe executar qualquer movimento n'um sentido em que ella o não póde fazer, produz o alongamento, e até a ruptura, dos ligamentos que unem os ossos entre si: é a este effeito que se chama *torcedura, torsão, máo geito* ou simplesmente *geito*. O tornozelo, pela sua estructura e funcções, é a junta em que mais frequentemente se observa o accidente que nos occupa. Depois d'elle vem as juntas dos ossos que compõem o pé exclusivamente, as do punho, dos dedos, e sobretuto do pollegar, as das vertebras, e emfim as da coxa e do hombro.

Causas. Uma escorregadura ou uma quéda de logar alto estando o pé virado de um ou outro lado, mais ou menos fortemente, uma quéda sobre a mão virada, um movimento rapido de rotação da cabeça, o choque do dedo contra um corpo mui resistente, os esforços que tendem a inclinar para os lados as juntas do joelho ou do cotovelo, as grandes aberturas das coxas, etc., são as causas mais ordinarias das torceduras.

Symptomas e prognostico. Uma dôr viva é o primeiro effeito de todos os accidentes d'este genero. Pouco depois desenvolve-se uma inchação mais ou menos consideravel, e, ás vezes, apparece na pelle uma mancha escura produzida pela infiltração do sangue que sahe dos pequenos vasos rotos. Os movimentos são difficeis, e ás vezes impossiveis. No momento em que se produz a torcedura, a dôr é ás vezes tão viva que o doente cahe em desmaio. Sendo a torcedura pequena e o tratamento convenientemente dirigido, a dôr acalma-se em poucos dias, a inchação, que ordinariamente chegou ao seu auge em vinte e quatro horas, diminue pouco a pouco; a mancha da pelle, se existe, espalha-se, torna-se pouco

a pouco amarellada, e afinal desapparece; e após quinze dias, tres semanas ou um mez, a cura é completa. Mas se a torcedura fôr consideravel, as melhoras são mais difficeis. Se o doente continuar a mover a junta offendida, e ás vezes mesmo quando se conserva no repouso mais absoluto, a dôr e a inchação reapparecem e augmentam; a inflammação desenvolve-se, e póde até sobrevir a suppuração, ou a molestia passar ao estado chronico; n'este caso a inchação e a dôr prolongam-se indefinidamente.

Diagnostico. Póde-se confundir a torcedura com a fractura, ou com a deslocação. Quando o accidente é recente, e se a inchação ainda não sobreveio, a confusão é facil de evitar, porque póde apreciar-se, pela vista e pelo tacto, se a junta conserva a sua fórma normal. Mas se a inchação sobreveio, o diagnostico apresenta muitas difficuldades; em muitos casos, não se póde saber qual é a natureza da molestia, senão passados alguns dias, depois de diminuida a tumefacção. Para não commetter erro, devem-se examinar comparativamente os dois membros correspondentes quanto ao aspecto exterior, a sua direcção, mobilidade excessiva ou difficil.

Muitas vezes a fractura do peroneo (osso da perna) tem sido tomada por uma torcedura do pé, e reciprocamente. Na torcedura do pé, os movimentos communicados á junta são dolorosos; não o são na fractura do peroneo. Na fractura, determina-se dôr apoiando sobre o lado externo da perna a 27 ou 54 millimetros acima do tornozelo externo; entretanto que, na torcedura, produz-se esta dôr fazendo a compressão ao nivel das inserções ligamentosas. Na fractura, se agarrar o osso do calcanhar immediatamente abaixo de ambos os tornozelos, e se se empurrar alternativamente para dentro e para fóra, o osso muda de logar lateralmente na direcção que se lhe communica: na torcedura este movimento é impossivel. Na falta de diagnostico immediato, a faculdade de andar restituida ao doente oito dias depois do accidente, será um signal que afastará a ideia de fractura.

Tratamento. O tratamento da torcedura tem por fim prevenir a inflammação que póde resultar do alongamento ou da ruptura dos ligamentos, combater esta inflammação, se apparecer, favorecer a reunião dos ligamentos lacerados, e restituir á junta a sua força, e a inteira liberdade dos seus movimentos.

Logo depois do accidente é preciso applicar na junta offendida pannos molhados em agua fria simples, e renovar estas applicações, logo que a agua se aquecer, Em logar d'agua fria simples, podem applicar-se pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, na proporção de uma parte d'aguardente camphorada para quatro partes d'agua fria. Aproveitam igualmente as cataplasmas de batatas raspadas, ou feitas com farinha de trigo e vinho tinto frio. Póde-se tambem empregar a *maçadura*, operação que consiste em comprimir, em amassar, por assim dizer, com as mãos, todas as partes musculares vizinhas da torcedura, em exercer tracções sobre a junta, afim de restabelecer as relações normaes de todas as partes articulares, espalhar os liquidos derramados, e favorecer a sua absorpção.

Methodo geral de maçadura. O operador deve untar primeiro a mão e os dedos com azeite doce ou oleo de amendoas doces. Principia pôr fazer fricções excessivamente leves, pois que apenas toca a pelle com a ponta dos dedos. Executa estas fricções com a face palmar dos dedos reunidos, sempre de baixo para cima e de modo que não produza a menor dôr. Passado dez, quinze a vinte minutos, é raro que não se possa exercer uma pressão algum tanto mais forte, a qual se augmentará ou diminuirá, segundo a sensação experimentada pelo doente. Depois de feitas as fricções durante meia hora, é raro que o paciente não accuse melhora notavel nos seus soffrimentos.

Depois d'estas fricções preliminares, e quando se póde exercer sobre o membro dorido uma pressão igual ao peso da mão, principia o segundo tempo da operação ou a maçadura propriamente dita. Consiste em actuar não sómente com os dedos, que se separam mais ou menos para escorregarem nas gotteiras das regiões, mas tambem com a palma da mão, de maneira a abraçar toda a articulação, e suas partes vizinhas. Praticando este segundo trabalho manual, observa-se a mesma graduação que no primeiro, isto é, procede-se de uma maneira branda e sem sacudidelas. Devem as mãos ser dirigidas no mesmo sentido, isto é, de baixo para cima, e exercer a sua acção não sómente sobre os pontos dolorosos, mas ainda sobre todos os logares intumecidos. Assim, para a torcedura do pé e da munheca, o operador faz a maçadura desde as pontas dos dedos até ao terço superior da perna ou do antebraço, tanto de um como de outro lado. Para as outras articulações, observam-se os mesmos principios, actuando não sómente sobre a região doente, mas ainda sobre grande extensão das que lhe são limitrophes.

Depois d'estas manipulações, que devem durar uma hora, pouco mais ou menos, chega-se a fazer executar á articulação movimentos nos sentidos que lhe são normalmente permittidos, mas sómente quando as pressões fortes com a mão não produzem mais sensações dolorosas. Se estes movimentos determinarem alguma dôr, suspendem-se para voltar á maçadura, até que novas experiencias demonstrem ao operador que a articulação pode ser dobrada ou estendida sem que o paciente accuse sensibilidade anormal. Estes movimentos não deixam de ser perigosos, e não se deve recorrer a elles, senão como meio de apreciação dos effeitos da madaçura.

Em alguns casos uma unica maçadura, praticada durante uma hora, é sufficiente para conseguir-se a cura; mas, de ordinario, é preciso repetir a operação nos tres, quatro ou mais dias seguidos, e, cada vez, durante uma hora. Depois de cada operação, comprime-se o membro com uma ligadura circular, que se faz com a atadura secca, ou molhada em aguardente camphorada.

A maçadura póde ser empregada immediatamente depois do accidente, caracterizado pela inchação, dôr, ecchymose, impossibilidade de andar. Se a dôr articular persistir, se sobrevier vermelhidão e calor, será preciso applicar cataplasmas de linhaça ou fecula, e mesmo deitar dez bichas sobre a junta; conservar o membro em repouso completo, e em

posição elevada. Muitas vezes ficam depois da torcedura dôres articulares, e certa rijeza. Empregam-se n'estes casos fricções com uma das substancias seguintes :

1.º Balsamo opodeldoch.....	1 vidro.
2.º Balsamo nerval.....	120 grammas.

Os banhos quentes d'agua simples, de cozimento de malvas, ou com dissolução de colla de Flandres aproveitam tambem contra as rijezas que são consequencias das torceduras. É util, tambem, n'este caso, ter constantemente a junta comprimida com uma ligadura circular, methodicamente applicada.

TORCICOLLO, ou MÁO GEITO NO PESCOÇO. Dôr que tem a séde nos musculos do pescoço, e que força o doente a conservar a cabeça inclinada



Fig. 859. — Apparelho de couro moldado contra o torcicollo.



Fig. 860. — Novo apparelho de Collin, d articulações para levantar a cabeça no torcicollo.

para o lado, e faz o pescoço torto, d'onde lhe vem o nome de *torcicollo*. Este estado é quasi sempre provocado pela impressão de uma corrente de ar frio sobre um dos lados do pescoço; mas sobrevem tambem durante o somno, e o frio não é a sua unica causa; muitas vezes é devido a terem os doentes dormido em postura incommoda, que, mantendo alguns musculos n'uma contracção forçada, acaba por fixar n'elles alguma dôr. O torcicollo dura raras vezes além de quatro ou cinco dias; cede facilmente á applicação de sinapismo no logar doloroso, por espaço de cinco ou dez minutos, á fricções com oleo essencial de terebinthina, balsamo opodeldoch, ou balsamo tranquillo. Eis-aqui as receitas :

1.º Oleo essencial de terebinthina.....	60 grammas.
2.º Opodeldoch.....	1 vidro.
3.º Balsamo tranquillo.....	60 grammas.

A maçadura do pescoço e a electrecidade foram tambem empregadas com proveito contra o torcicollo. *Veja-se* MAÇADURA.

Empregam-se tambem diversos apparelhos (fig. 859, 860) para manter a cabeça em uma boa posição fig. 859, e para fazer levantar a cabeça por meio de movimentos (fig. 860).

TORMENTILLA ou SETE EM RAMA. *Tormentilla erecta*, Lin. Rosaceas-dryadeas. Planta da Flora portugueza; habita nos sitios humidos. Caule um tanto levantado; folhas rentes, com 3 a 5 divisões profundas; flores amarellas; raiz roxa por fóra, avermelhada por dentro, de sabor adstringente. A raiz emprega-se contra a diarrhea, em infusão, que se prepara com 12 grammas da raiz, e 360 grammas d'agua fervendo.

TORNOZELO ou **Malleolo.** Os *tornozelos* ou *malleolos* são duas proeminencias osseas situadas, uma do lado interno, outra do lado externo da parte inferior da perna. O tornozelo interno é uma proeminencia do tibia, o tornozelo externo é formado pela extremidade inferior do peroneo. Constituem uma especie do malhete no qual se acha encaixado o osso do calcanhar.

TORRES VEDRAS. Portugal; Estremadura. Aguas salinas quentes e frias. Em distancia de 2 kilometros da villa de Torres Vedras, no sitio chamado dos *Cucos*, nascem aguas thermaes no fundo de um fosso. A agua é levemente salobra; a sua temperatura é de 32° sendo de 22° a do ar ambiente. Mil grammas d'esta agua contém, segundo o Sr. Dr. Lourenço, $3^{gr},457$ de substancias fixas, que são : chloruretos de sodio, potassio, calcio, magnesio; sulfato de cal, silica. Os banhos são ministrados debaixo de barracas de madeiras em tinas de madeira cravadas no local, em que nascem as aguas. São recommendados contra a gota, pórem são pouco concorridos.

A cerca de 500 kilometros da Fonte dos Cucos acham-se aguas da *Fonte de Torres Vedras*, nas quaes se estabelecem banhos durante o verão. Esta agua é limpida e transparente, levemente salina; tem 21°, temperatura igual á do ambiente, quando se fez a observação. Mil grammas contém $2^{g},442$ de residuo formado das mesmas substancias que a agua dos Cucos.

O trajecto de Lisboa a Torres Vedras faz-se por duas linhas : ou pelo caminho de ferro, sahindo na estação de Alhandra e tomando ahi a diligencia; ou partindo de Lisboa em uma diligencia que sahe do Rocio e vai directamente a Torres Vedras.

TORTO DOS OLHOS. *Veja-se* ESTRABISMO.

TOSSE. Assim se chama a expiração forte, rapida e sonora. As mais das vezes é determinada pela irritação da membrana que reveste as vias aereas, e tem por fim expulsar os corpos estranhos que produzem esta irritação. No estado de saude todas as causas que irritam os orgãos da respiração podem determinar a tosse. A respiração do ar frio, de gazes irritantes, do ar carregado de poeira, fumaça, etc., causam a tosse. As molestias durante as quaes ella se mostra são : o defluxo, a bronchite, a coqueluche, o crup, os sarampos, o pleuriz, a pneumonia, a tisica, etc.

Tem-se admittido grande numero de especies de tosse : as principaes

são as tosses *idiopathica* e *sympathica*, *humida*, e *secca*. Se a causa que provoca a tosse residir em um ponto qualquer das vias respiratorias, diz-se que ella é idiopathica; e sympathica, sempre que dependa da affecção de viscera mais ou menos afastada. A tosse idiopathica póde ser guttural ou peitoral, conforme a irritação que a provoca tem a séde para cima ou para baixo da glotte.

A tosse sympathica varía tambem na razão do orgão que a determina. Tem-se chamado tosse *estomacal* a que depende de uma affecção do estomago: por caracteres tem-se-lhe dado o ser secca, augmentar depois de comer, coincidir com uma dôr na bocca do estomago, com engulhos e nauseas, ceder ás bebidas acidulas, aos emeticos, e ao vomito espontaneo. Tem-se admittido uma tosse *verminosa*, ligada á presença dos vermes no tubo digestivo, e que só cederia á expulsão d'ellas. Certas doenças do figado determinam uma tosse que se poderia chamar *hepatica*. Tem-se visto algumas affecções do utero produzir effeito semelhante. As senhoras gravidas estão sujeitas a tossir; a dentição produz o mesmo effeito nas crianças. Certas pessoas tem uma tosse secca habitual que existe com a saude perfeita.

A tosse humida é a que provoca uma excreção mais ou menos abundante de mucosidades pela bocca; a tosse secca não produz excreção alguma. Na maior parte dos casos, a tosse não tem logar senão uma ou duas vezes; cessa depois para tornar em outra epoca mais ou menos distante. Quando a tosse é ao mesmo tempo secca e repetida, chama-se-lhe *tosse ferina*. Em muitas molestias, repete-se rapidamente grande numero de vezes, de sorte que uma só inspiração é seguida de cinco ou seis expirações successivas, o que constitue os *accessos de tosse*. Então, acompanha-se de vermelhidão da face e dos olhos, de lagrimejamento, de dôr de cabeça, de zunido nos ouvidos, de engulhos, e, ás vezes, de vomitos, como se vê na coqueluche, na tisica, e em algumas bronchites. Finalmente, a tosse apresenta, em certas affecções, um tom particular, que é mui facil de reconhecer, mas que é impossivel descrever bem. Assim, na coqueluche a tosse parece-se algum tanto com o canto do gallo; no crup é convulsiva e acompanhada de uma rouquidão particular, semelhante ao latido de um cachorrinho. A tosse é *secca* no hysterismo; *humida* na bronchite e tisica; *rouca* no crup; *ferina* no sarampo; vem *por accessos* na coqueluche. Chama-se *nervosa*, uma pequena tosse secca, que augmenta pela emoção, sem expectoração nem febre; depende de uma nevrose da larynge.

Tratamento. Para curar a tosse é preciso combater a molestia que a originou. Consulte, pois, o leitor os artigos *Defluxo*, *Bronchite*, *Coqueluche*, *Crup*, *Tisica*, etc. Ha comtudo, medicamentos que convem contra todas as especies de tosse. Eil-os:

RECEITARIO CONTRA A TOSSE.

1º Chá de flores de malvas, de violas, de papoulas, verbasco, folhas d'hysopo, hera terrestre, todos adoçados com assucar, xarope de gomma ou mel de abelhas.

2.° Uma gemada quente tomada á noite ao deitar-se.

3.° Pasta de jujubas, althea, lactucario.

4.° *Xarope e pasta de Regnauld.* — Approvada pela Academia de medicina de Pariz, a pasta de Regnauld tem por effeito dulcificar a garganta e o peito, humedecendo-os e facilitando a expetoração. Como não contem opio nem substancia alguma narcotica pode ser tomada sem receio de accidente a qualquer hora do dia. O xarope de Regnault é o medicamento para á noite e a pasta para de dia. Toma-se o xarope na dóse de uma colher, *de sopa*, ao deitar-se e uma hora depois repete-se a dóse, se não houver somno. Ao acordar, de manhã, toma-se uma terceira dóse.

5.° *Licor de altrão de Guyot.* — Para tomar no correr do dia, na dóse de uma colher, *de chá*, em um copo d'agua.

6.° *Xarope peitoral de caracóes de Mure.* — Toma-se ás colheres *de sopa*, puro ou misturado com qualquer infusão de flores peitoraes.

7.° *Emulsão de Alcatrão Le Bœuf.* — Toma-se na dóse de uma colher, *de chá*, uma ou duas vezes por dia em meio copo d'agua assucarada ou leite quente ou em qualquer infusão.

8°. *Emulsão de Balsamo de Tolu Le Bœuf.* — Para os adultos a dóse é de 2 a 6 colheres, *de chá*, nas 24 horas, em meia chicara de qualquer bebida quente. — Para as crianças a dóse é de uma a duas colheres, *de chá*.

9°. *Gottas livoniannas de Trouette-Perret.* — Toma-se nas horas do almoço e do jantar, na dóse de duas gottas livoniannas, de cada vez. Se a tosse fôr muito forte póde-se augmentar a dóse e tomar tres e quatro de cada vez.

10.° *Xarope e Pastilhas do Dr Cabanes.* — Toma-se puro ou em uma infusão pectoral quente, na dóse de uma colher, *de sopa*, de xarope. O xarope do Dr Cabanes calma o effeito emquanto que as gottas livoniannas curam a causa. As pastilhas do Dr Cabanes chupam-se durante o dia.

11.° *Capsulas creosotadas do Dr Fournier.* — Tomam-se no começo das refeições, na dóse de 4 capsulas de cada vez, vai-se augmentando a dóse até tomar 12 por dia.

12.° *Emulsão calmante.*

Emulsão de amendoas doces	150	grammas.
Agua de flores de laranjeira	4	—
Xarope diacodio	30	—

Misture. Toma-se ás colheres, no decurso de um dia, ou toda junta, de noite ao deitar-se.

13.° *Xarope de lactucario*	125	grammas.

Uma colher *de sopa*, tres a quatro vezes por dia.

14.° *Xarope de balsamo de Tolu*	125	grammas.

Uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Contra a tosse nervosa. — Infusão de herva cidreira, de salva, de hortelã, de raiz de inula campana.

Pilulas antispasmodicas.

Extracto de valeriana..... 4 grammas.

Faça 24 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

Tosse convulsiva. *Veja-se* COQUELUCHE.

TOURO. Boi não capado ou macho inteiro da especie bovina. Serve principalmente para a propagação da especie, e bem que se possa, como o boi, submetter ao trabalho, ha menos certeza da sua obediencia, e devemos acautelar-nos do uso que póde fazer dos chifres e da força. A natureza fez este animal indocil e altivo; no tempo do cio, torna-se indomavel e muitas vezes furioso. Uma manada de touros seria uma tropa desenfreada que o homem não poderia governar. Os touros que vão frequentemente ao campo, e que vêem gente, são mais brandos de que os que se guardam constantemente no estabulo. O touro enfurece-se á vista da côr vermelha; combate generosamente pela manada, e marcha na frente de todos. Vae ao encontro do inimigo; não teme nem o cão nem o lobo; emfim nos combates, tanto publicos como particulares, quer contra os homens, quer contra os animaes, oppõe-se aos aggressores com coragem, e não succumbe senão na ultima extremidade. O touro conhece bem a pessoa que trata d'elle, que lhe dá a liberdade, e que o reconduz ao curral; mas ha muitos touros que perseguem as pessoas qne lhes são estranhas, e por isso devem estar amarrados no curral.

Um bom touro deve ser grosso sem ser pesado; deve ter o olhar fixo, a cabeça curta, os chifres grossos, as orelhas longas e vellosas, o pescoço grosso e carnoso, o peito largo, o dorso horizontal e bem guarnecido de musculos, as pernas grossas e carnosas, o rabo comprido e bem pellulo, o andar firme, e o genio manso. Aos dois annos está em plena puberdade, mas é bom que se espere tres annos para deital-o ás vaccas. Um anno depois, torna-se pesado e não é mais proprio para a reproducção. É preciso engordal-o para carne do açougue. É um preconceito de julgar que se deve castrar o touro para se poder engordar: a castração é inutil, pois não póde n'esta idade influir sobre a qualidade da carne. A carne de touro não é tão boa como a de boi.

Os touros não servem unicamente para multiplicação da especie, podem tambem ser empregados em diversos trabalhos, e quando se sabem domar, tornam-se, como os bois, uteis auxiliadores do agricultor. Se a paciencia e a brandura não produzirem bom effeito, é necessario recorrer ao annel de ferro que se passa atravez do septo cartilaginoso das narinas, e se mantem por cima do focinho mediante uma corrêa presa aos chifres. Para fixar este annel, abate-se o animal, e segura-se com força. O operador agarra com uma das mãos as ventas do touro e fura o septo com o trocate ou bisturi: feito isto, introduz o annel na abertura e fecha-o solidamente.

Ha anneis com charneira, cuja metade tem uma ponta aguda que faz o officio de trocate: d'este modo a operação é mais facil e mais prompta. Logo que o annel passou, o touro não oppõe mais a menor resistencia. *Veja-se* BOI, VACCA, VITELLO.

TRACA-ARTERIA ou **TRACHEA.** A traca arteria é a porção do conducto aereo comprehendida entre a larynge é os bronchios. É um canal composto de argolas cartilaginosas; serve para communicar o ar externo com os bofes; é juntamente orgão da respiração e da voz (fig. 861).

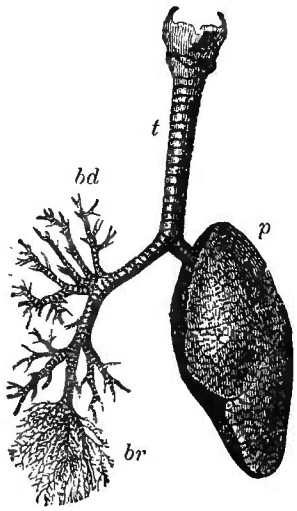


Fig. 861. — Larynge, traca arteria, bronchios e pulmão (*).

TRACHEOTOMIA. Operação importante que torna-se muitas vezes urgente e que todos os medicos devem saber praticar com destreza em certos casos. Ella tem por fim fazer entrao ar livremente nos pulmões, quando a larynge se acha cntupida por um tumor, um corpo estranho, um espasmo nervoso. Eis aqui como se procede. Depois do doente adormecido pelo chloroformio, deitado de costas, o peito levantado, a cabeça levemente virada para traz, e um travesseiro posto debaixo da nuca para fazer sobresahir a parte anterior do pescoço, o cirurgião, collocado á direita do doente, abraça e fixa a larynge com a mão esquerda, e com a outra, armado de um bisturi, faz sobre a linha mediana uma incisão que se estende da cartilagem cricoide até ao nivel do esternon. Divide successivamente a pelle e a aponevrose : aparta, se fôr necessario, os musculos esterno-hyoideos e thyroideos. Chegado a este ponto deve proceder com muita lentidão. As

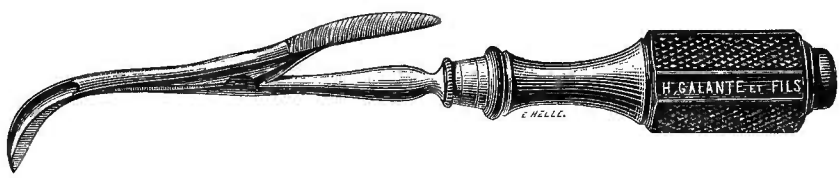


Fig. 862. — Tracheotomo dilatador do Dor Bouchut.

veias thyroideas incham no fundo da ferida em cada expiração. Se se acharem sobre os lados, pode-se continuar a incisão; se se collocarem sob o bisturi, apartam-se com ganchos; o cirurgião divide então a camada cellulo-fibrosa de modo a pôr a descoberto a trachea. Abre esta rapidamente, e introduz na ferida um instrumento dilatador (fig. 862, 863) afim de ter uma larga abertura, que permitte toda a liberdade á respiração. Se então se trata de extrahir um corpo estranho, procura-se com pinça; se a trachea deve estar aberta para um crup ou edema da glotte, colloca-se na ferida uma canula (fig. 864 a 866) e a operação está terminada.

O doente é collocado depois em um quarto onde se faz ferver conti-

(*) Um dos pulmões acha-se intacto, e de outro lado ficam só as ramificações bronchicas postas a nú. — *p*, o pulmão, *t*, a traca-arteria, que apresenta a larynge na sua extremidade superior, e se divide inferiormente em dois bronchios, um para cada pulmão; *bd*, divisões dos bronchios; *br*, ramusculos bronchicos.

nuadamente agua para produzir vapores. O orificio da canula será protegido por uma fina compressa de gaze molhada e a ferida curada com pó de iodoformio. Tira-se de vez em quando o tubo interno da canula para limpal-a, com todo o cuidado. Quando a affecção primitiva está curada, tira-se a canula e a ferida cicatriza-se espontaneamente.

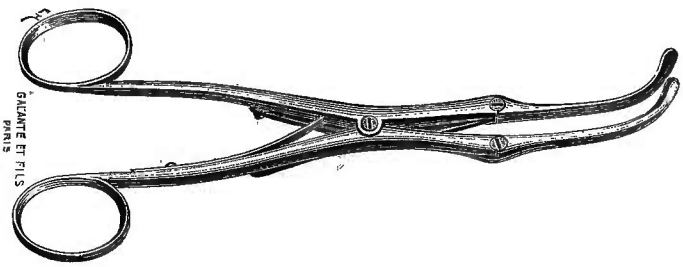


Fig. 863. — Dilatador parallelo, novo modelo de Galante.

Praticada principalmente nas crianças accommettidas de crup, a tracheotomia muitas vezes deve ser praticada em numerosas molestias das quaes citaremos as principaes: O cancro, os tumores e as fracturas da larynge; a laryngite tuberculosa; o edema da glotte; a laryngite syphi-

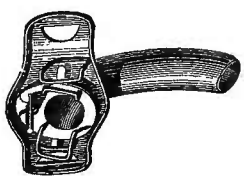


Fig. 864. — Canula dupla de prata com placa movediça.

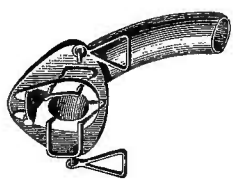


Fig. 865. — Canula dupla de prata com azas movediças.

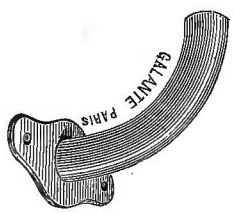


Fig. 866. — Canula simples de borracha vulcanizada.

litica; os tumores e as feridas da trachea; os corpos estranhos introduzidos na larynge ou no esophago; os tumores da lingua, da pharynge e da glandula thyroidea, etc.

TRACHOMA. Dá-se este nome a granulações que se desenvolvem sobre a conjunctiva. *Veja-se* vol. I, pag. 665.

TRACUANS. *Veja-se* IMBÉ.

TRANSFUSÃO DO SANGUE. A transfusão é a restituição de um sangue novo a um organismo debilitado por falta de quantidade ou de qualidade de seu proprio sangue. O sangue novo deve viver e circular no organismo, produzindo n'elle todos os effeitos phisiologicos normaes que elle possue.

É impossivel crear sangue artificial, como tambem, não é possivel conservar artificialmente sangue natural.

Cada especie animal possue sangue que lhe é proprio, differente do sangue dos outros animaes, por suas propriedades physicas, chimicas e physiologicas, sangue que não póde ser misturado nem substituido.

O unico sangue, pois, que póde ser transfundido no homem é sangue

humano, completo e vivo, e é preciso que a transfusão se faça directamente de veia a veia.

Um individuo robusto póde perder uma certa quantidade de sangue, sem que as suas forças diminuam. Essa quantidade de sangue é quanto basta para restituir a vida a um moribundo hemorrhagico ou anemico. Eis pois os limites da transfusão : tirar de um, sem lhe prejudicar, a quantidade de sangue necessaria para salvar a outro.

A sangria venosa classica é o simples e unico meio que ha para tirar sangue de um homem sem que elle soffra com a operação : não se deve introduzir n'essa veia nem canula, nem trocarte, nem sobrecorregal-a de ligaduras, Não se deve tirar do individuo que dá o sangue, mais do que póde receber o doente.

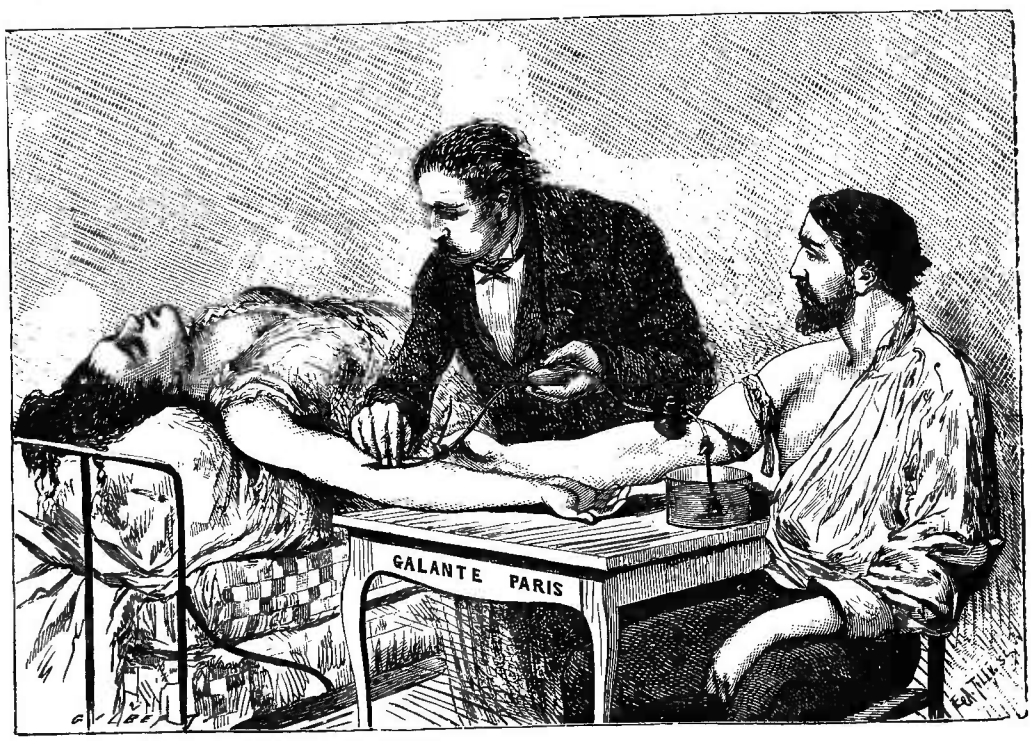


Fig. 867. — Posição das pessoas durante a transfusão directa.

Para que a operação tenha bom exito é necessario que o sangue que se transfunde seja vivo, são, inalterado, sem coagulos, sem bolhas de ar, sem poeira e que não contenha corpo nenhum estranho.

Para que o doente possa tirar proveito da operação, a corrente sanguinea deve ser medida tanto na quantidade como na celeridade ; a pressão, a temperatura, os gazes, o movimento devem ser conservados; o sangue deve ser transfundido por pequenas e successivas dóses, regulares sobre a capacidade do coração. A dóse toda, designada pela indicação, deve ser transfundida integralmente.

Dóses : Na hemorrhagia mortal : 200 a 300 grammas : na anemia grave, na hypoglobulia, com ou sem hemorrhagia anterior : 100 grammas.

A transfusão se faz por meio de um apparelho chamado transfusor, e que se acha representado na fig. 868.

Descripção da fig. 867. A doente está deitada, a cabeça baixa, o peito descoberto, o braço estendido sobre uma meza ; o individuo qne dá o sangue está assentado, o braço apertado com a liga de sangria, tendo a ventosa n'elle e estendido sobre a mesa, parellelo ao braço da doente. O cirurgião está em pé entre os dois, com a mão direita elle fixa a canula na veia da doente e com a esquerda aperta o balão-bomba, tendo sempre os olhos fixos no rosto da doente para seguir-lhe os movimentos e as expressões que n'elle se reflecte.

Duas bifurcações, uma pegada no começo e a outra no fim do tubo, faz com que possa circular a agua quente que serve para expulsar o ar interior e aquecer o instrumento; sem entrar na circulação da operada.

Descripção do transfusor directo (fig. 868). O transfusor consiste em um tubo molle elastico, quente e humido, que deve ser collocado como

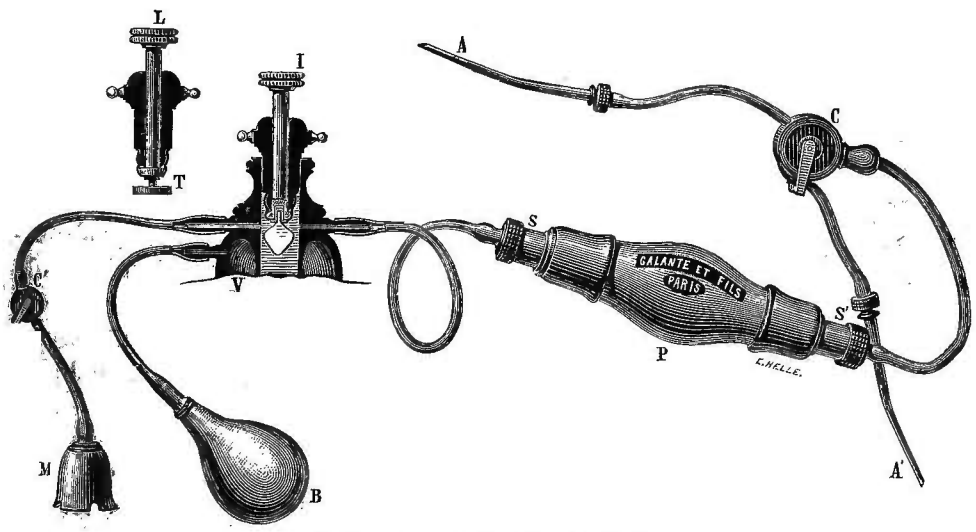


Fig. 868. — Transfusor directo.

uma anastomose entre a veia que dá o sangue e a que o recebe. Este tubo é guarnecido de uma bomba aspirante e premente, a qual deve dar a impulsão do sangue venoso medindo a quantidade d'elle e a sua celeridade.

O transfusor começa do lado da pessoa que dá o sangue por um *cylindro* que adhere á pelle por meio de uma *ventosa annular* (V) tendo um *balão aspirador* (B) que communica só com ella; esta ventosa é completamente separada do canal sanguineo. Esta adherencia poderia-se obter, se preciso fosse, com qualquer materia adhesiva collocada na ventosa á roda do cylindro.

Para que nenhuma parcella do sangue transfuso fique exposto ao contacto do ar, abre-se a veia dentro mesmo do apparelho e debaixo da agua que elle contem. A sangria faz-se fazendo manobrar a lancetta no cylindro inicial do apparelho ou então levantando-se um *tampão* (T) que

foi posto de antemão sobre uma sangria feita com qualquer lancetta.

Do cylindro partem dois *tubos lateraes:* um posterior, é o *aspirador d'agua* (M); o outro anterior faz parte do canal sanguineo, e leva o sangue para um *balão-bomba* (P) cuja capacidade é de dez grammas; este balão é guarnecido de valvulas (SS'), e seguido de um tubo que se divide em dois outros tubos alternativamente fechados por *chumeias* compressoras (C). Um d'estes tubos tem uma canula (A) que deve ser introduzida na veia do operado; a outra (A') serve para dar sahida á agua que servio para expulsar o ar que se achava no canal, mas que não deve ser injectada no operado.

O cylindro inicial tem um *porta-lanceta* (1) com a lamina regrada por meio de um cursor millimetrico e por duas marcas para que se a possa dirigir.

Em logar de um *porta-lanceta* (1) o cylindro póde ter um *porta-tampão* (LT) que se alonga, no caso de necessidade, até ao nivel da pelle, e que entra no alto do cylindro para deixar passar o sangue, logo que se tire a hastea de ferro que a prende.

Se ha receio que o doente perca sangue emquanto se prepara a veia. como precaução envolve-se o membro na bandagem compressiva d'Esmarh.

A tranfusão se faz um cinco tempos:

1.° Preparar a veia do doente.

2.° Ligar o braço do individuo são, fixar a ventosa sobre a veia inchada, collocar o porta lanceta tendo a folha já regrada segundo á profundidade da veia: ou então sangrar com lanceta, e collocar sobre o jacto de sangue a ventosa com o porta-tampão alongado.

3.° Aspirar com a bomba, para expulsar o ar do apparelho, introduzir a canula, cheia d'agua, na veia do operado; fechar esta canula, fechar o aspirador d'agua.

4.° Dar um golpe secco na lanceta, ou levantar o tampão, se a sangria foi feita com lanceta á mão; o sangue empurra a agua; e apparece vermelho no tubo de sahida; fechar o tubo de sahida abrindo a canula correspondente a elle.

5.° Transfundir lentamente, por dóses de 10 grammas, cinco a seis vezes por minuto, a dóse completa.

Curativo. Depois da transfusão, tira-se a canula da veia do operado, desliga-se a ventosa do braço da pessoa sã; põe-se em cada um dos braços uma banda em forma de 8 sem ligaduras; as duas incisões ficam curadas por primeira intensão sem que sobrevenha accidente algum.

TRANSPIRAÇÃO. A transpiração é uma exhalação continua e insensivel de vapor aqueo na superficie da pelle. Quando é abundante a ponto de se tornar apreciavel ao tacto, existe o que se chama *pelle humida.* Emfim, quando as gottas cobrem a superficie da pelle, é o *suor.* A transpiração cutanea insensivel constitue o estado normal; o suor é uma excepção. A transpiração cutanea é mais abundante quando o ar é secco do que quando é humido. As pessoas gordas transpiram mais do que as magras, os homens mais do que as mulheres. Todos sabem que no verão a exhalação cutanea é muito mais forte do que no inverno. A

transpiração exhala um cheiro particular conforme os individuos. Almiscarada em algumas pessoas, é pelo contrario de um máo cheiro insupportavel em outras. Nas crianças tem um cheiro de leite azedado, é acida nas mulheres nas epocas menstruaes, etc. O suor faz equilibrio ás outras secreções; assim, quando é mui abundante, a secreção urinaria diminue, e *vice versa*. Desde muito tempo, a suppressão dos suores parciaes ou geraes é considerada como causa de molestias; de certo os antigos exageráram esta causa, mas sempre está provado que, em grande numero de casos, uma transpiração subitamente supprimada pela acção do frio torna-se causa de affecções mui diversas, conforme a predisposição da pessoa. A bronchite, a pneumonia, o pleuriz, o rheumatismo, as empigens, as dôres nervosas, e sobretudo o cançaço doloroso chamado *constipação*, são frequentemente a consequencia da suppressão da transpiração. Tem-se visto muitas outras molestias serem o resultado d'esta suppressão, e o doente só sarar quando teve a fortuna de tornar a provocar o suor supprimido.

Os meios proprios para provocar o suor são banhos de vapor, tijolos quentes ou saquinhos cheios de areia quente, ou botijas com agua a ferver postas na cama perto do doente; é preciso ajuntar a estes meios fricções com baeta secca ou molhada em agua quente ou fria. Ao mesmo tempo, convem se tomem infusões quentes e aromaticas, taes como chá de herva cidreira, de casca exterior de limão, de flor de borragem, de flor sabugueiro ou de folhas de jaborandi.

Suor des pés. Quando é preciso provocar a transpiração supprimida dos pés, convem tomar pediluvios com farinha de mostarda, com cinza ou sal; é necessario trazer meias de lã cobertas de tafetá gommado; e ás vezes convem polvilhar o interior das meias com farinha de mostarda.

A exageração do suor dos pés, além do inconveniente que occasiona pelo cheiro desagradavel, amollece a epiderme e favorece a formação de empolas, que tornam ás vezes o andar difficil. O melhor meio a empregar, n'este caso, é o tannino em pó com que se polvilha o calçado todos os dois ou tres dias. Debaixo da sua influencia, a epiderme torna-se dura bem que conserve a propriedade de deixar passar a transpiração; ao mesmo tempo o tannino combina-se com os productos ammoniacaes que se exhalam da pelle, e destroe o máo cheiro. As galhas reduzidas a pó produzem o mesmo resultado.

TRAPOERABA. *Tradescantia diuretica*, Martius. Commelineas. Planta do Brazil. Caule liso, nodoso; folhas ovaes, agudas, lisas, miudamente denteadas; flores terminaes dispostas em umbellas. Toda a planta é impregnada de um succo pegajoso e acre. O seu infuso é diuretico e empregado nas hydropisias. Prepara-se com 12 grammas de folhas de trapoeraba e 360 grammas d'agua a ferver. Em banhos, a planta aproveita nos rheumatismos.

TRAPOERABA-RANA (Rio, Minas), **Marianinha** (Bahia, Maranhão), *Commelina deficiens*, Herbert, goza das mesmas propriedades que a precedente.

TREMOCEIRO. *Lupinus albus*, Linneo. Leguminosas. Planta que produz grãos chamados *tremoços*. Cultiva-se na Europa meridional, em Portugal, na ilha de S. Miguel e outras partes. Os antigos consideravam estes grãos como um alimento excellente. Não lhes achamos hoje as qualidades gabadas pelos poetas da antiguidade. Estes grãos fornecem uma comida grosseira, indigesta. Comtudo gozam ainda na Italia da antiga reputação, e em algumas partes d'aquelle paiz preparam-se comidas com estes grãos fervidos, mas postos previamente de molho em agua salgada. Estes grãos são brancos, bastante grandes, chatos, de sabor amargo que perdem pela maceração; podem então comer-se como feijões, ou ervilhas. Em geral não se faz uso d'elles senão para alimentar o gado, e para melhorar o terreno em que se cultivam, porque a vantagem essencial d'esta planta é de prosperar nos terrenos magros, pedregosos e arenosos. Na ilha de S. Miguel nutrem-se com tremoços os porcos, dando-se-lhes curtidos; quando se acham como podres, só então se lhes accrescentam á ração; dizem, que antes d'estar n'este estado, se os animaes os comessem em demasia, poderiam morrer.

TREMOR. Agitação involuntaria de todo o corpo, ou só de alguma parte. Este phenomeno mostra-se em diversas circumstancias. O *tremor senil*, evidentemente devido ao enfraquecimento dos nervos e musculos, produzidos pelos progressos da idade, é uma enfermidade incuravel, e que não póde fixar aqui a nossa attenção. O tremor parcial dos membros superiores, que existe na affecção dos bebados chamada *delirio nervoso*, foi descripto no seu logar (vol. I, pag. 792). Direi o mesmo do tremor convulsivo que se observa na *dansa de S. Guido* (*veja-se* vol. I, pag. 781). Resta sómente assignalar aqui o tremor prematuro, mais ou menos analogo ao tremor senil, que não póde ser attribuido aos progressos da idade, e que é susceptivel de algum tratamento. A fraqueza innata ou adquirida, a debilidade na convalescença das molestias graves, o abuso dos licores alcoolicos, que acabam por enfraquecer a força nervosa por estimulações mui repetidas, a fraqueza que deixam as paralysias, os excessos venereos, podem determinar o tremor, até em pessoas ainda jovens. Esta affecção é parcial ou geral; de ordinario, limita-se ás mãos, aos membros superiores ou inferiores, ao pescoço, á lingua, etc., d'onde resultam incerteza nos movimentos, impossibilidade de entregar-se aos trabalhos manuaes, vacillação no andar, movimento de cabeça, gagueira e embaraço na voz, etc. Para curar este tremor, é preciso em primeiro logar remover as causas que o produziram, e depois recorrer á medicação tonica. Assim, a habitação no campo, um ar puro, os exercicios do corpo moderados, as aguas ferreas, as bebidas, taes como a cerveja, a infusão de raiz de chicoria, de camomilla romana, de hortelã pimenta, convem n'este caso, assim como o uso moderado de vinho generoso, e de uma alimentação composta principalmente de carnes assadas, de tapioca, sagú, e outras substancias mui nutrientes. Associar-se-hão a estes meios os banhos geraes d'agua morna e a maçadura (*veja-se* esta palavra).

TREPANAÇÃO. Abertura praticada nos ossos, principalmente

nos do craneo, por meio de serras circulares. Praticada já no tempo de Hippocrates e Galiano, a trepanação tornou-se pouco perigosa, por causa dos curativos antisepticos.

Depois de pôr a nú o osso que se quer trepanar, o cirurgião applica o trepano, isto é, uma púa leve que tem na ponta uma serra circular cujo comprimento se limita á vontade. Fazendo rodar a pua, tira-se uma rodella ossea cujas dimensões variam segundo o tamanho da serra. Trepanam-se os ossos dos membros acommettidos de osteomyelite, para evacuar o pus que contém. O trepano é, porem, mais empregado para remediar as consequencias das fracturas do craneo. Essas fracturas são quasi sempre seguidas de pressão dos ossos que comprimem o cerebro. A trepanação é tambem util e bastante efficaz quando existem tumores na face interna dos ossos do craneo ou na superficie do cerebro. Estas operações estão se tornando de pratica corrente n'estas circumstancias. O logar em que o trepano deve ser applicado é indicado por certos symptomas cuja appreciação é muito delicada.

TRES FOLHAS BRANCAS ou QUINA FALSA. *Ticorea febrifuga*, St. Hilaire. Rutaceas. Arvore ou arbusto do Brazil; habita nos mattos da provincia de Minas Geraes. Folhas alternas, pecioladas, compostas de tres foliolos lanceolados, glabros, marcados de pontos transparentes. A casca d'esta arvore é amarga e adstringente. Emprega-se contra as febres intermittentes, em infusão que se prepara com 15 grammas de casca e 500 grammas d'agua fervendo. As propriedades d'esta casca lhe valêram o nome de *Quina*, que lhe dão os habitantes do paiz onde se acha. Chamam-lhe tambem *Tres folhas*, por causa dos tres foliolos de que se compõe a folha; e a estas duas palavras acrescentam o epitheto de *brancas* para distinguir esta arvore da *Evodia febrifuga* que vegeta com ella, tem as mesmas propriedades, mas cujas folhas são avermelhadas.

TRES FOLHAS VERMELHAS ou LARANJEIRA DO MATTO, ou QUINA. *Evodia febrifuga*, St. Hilaire. Rutaceas. Grande arvore do Brazil; habita nas provincias de Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Espirito-Santo e S. Paulo. Ramos angulosos, rubros, um pouco pubescentes no apice; folhas oppostas ou quasi oppostas, pecioladas, glabras, compostas de tres foliolos; foliolos de peciolo curto, lanceolados-ellipticos, algum tanto acuminados, semeados de pontos transparentes. A casca e o lenho d'esta arvore são extremamente amargos; empregam-se como febrifugos, em infusão, que se prepara com 15 grammas da casca ou do lenho e 500 grammas d'agua fervendo.

TREVO AQUATICO ou **Trifolio.** *Menyantes trifoliata*, Linneo. Gencianeas. Planta que habita nos logares pantanosos da Europa. Rhizoma horizontal, nodoso, folhas de peciolo longo, compostas de tres foliolos ovaes, glabros; flores pedunculadas, corolla infundibuliforme, de côr rosea no exterior. Esta planta, muito amarga, é tonica, febrifuga e antiscorbutica. Administra-se em fórma de extracto, de xarope ou de infusão : 10 grammas para 500 grammas d'agua fervendo. Emprega-se, ás vezes, em logar de lupulo, para a fabricação da cerveja.

TRIBROMURETO D'ALLYLE. Liquido neutro, sem côr, mui soluvel no ether e nos oleos. Ferve entre 217° e 218°; solidifica-se abaixo de 10 gráos e quando a solidificação é lenta, crystalliza-se em lindas prismas fuziveis a 16° Densidade, 2.436. Muito preconisado em França e na Allemanha contra as crises d'hysteria. Emprega-se'o debaixo da forma de injecções hypodermicas :

Injecção hypodermica (Saint-André).

Tribromureto d'allyle.....	3 gottas.
Oleo de amendoas ou azeite doce.....	1 centim. cubico.

Capsulinas Saint André. Contendo cada uma 4 gottas de tribromureto d'allyle. — D. 3 a 6 capsulinas. Emprega-se contra a coqueluche, a insomnia, a angina do peito, a eclampsia, etc.

Este producto se prepara em casa de Mousnier, pharmaceutico, em Sceaux perto de Pariz.

TRICHIASIS (fig. 869). Molestia na qual as pestanas, desviadas da sua direcção natural, vem pôr-se em contacto com a superficie do globo do olho, que irritam. Observa-se mais ordinariamente na palpebra inferior. Umas vezes a trichiasis é total; isto é, toda a fileira das pestanas está voltada contra o olho; outras vezes é parcial, isto, é, alguns só d'esses pellos, ou um só, está assim desviado; em outros casos ainda, as pestanas acham-se na direcção normal, mas ha alguns pellos supranumerarios desenvolvidos sobre a margem da palpebra. Ás vezes existe uma ou muitas fileiras supranumerarias mais ou menos completas.

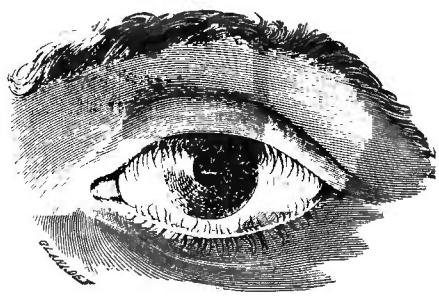


Fig. 869. — Trichiasis.

A trichiasis é ordinariamente o effeito de um *entropion*, isto é viramento, da palpebra (*veja-se* esta palavra, vol. 2, pag. 594), e reconhece por causa ou uma inflammação da palpebra, ou uma cicatrização viciosa. O tratamento consiste em remediar o entropion mesmo, se este existir; mas, quando a deviação dos pellos existe sem entropion, foram propostos como methodos de tratamento : 1.° virar os pellos desviados; 2.° arrancal-os simplesmente; 3.° arrancar os pellos e cauterizar-lhes os bolbos ou raizes; 4.° cortar a porção da margem da palpebra que contém os pellos desviados; 5.° extirpar os bolbos. O processo mais simples para *virar* as pestanas consiste em mantêl-as, por algum tempo, sobre a pelle do rosto por meio de tiras de emplasto adhesivo; ou, o que é melhor, se estes cabellos estiverem approximados uns dos outros, amarral-os com um retroz, e fixar este sobre o rosto com encerado inglez. O *arrancamento* faz-se agarrando successivamente cada pello com a pinça. Cauterizando depois os bolbos, tem-se por fim impedir que as pestanas tornem a crescer; mas este meio doloroso e perigoso produz raras vezes o resultado que se deseja. A excisão da margem das palpebras, ou só dos bolbos,

é reservada para os casos inteiramente rebeldes aos meios precedentes. Mas quando a trichiasis é o effeito de entropion, isto é, quando ella provém de estar a palpebra inchada ou voltada para dentro, a excisão da pelle é o melhor meio para se obter a cura.

TRICHINA. *Trichina spiralis*, Owen (fig. 870). Pequeno verme de côr branca rosea, de um millimetro ou menos de comprimento, de um terço de millimetro de largura no seu maior tamanho, que apparece na carne muscular do porco e de alguns outros animaes, e se transporta para o corpo do homem por via de ingestão da carne de porco inficionada. Além do porco, os animaes em que estes vermes se desenvolvem naturalmente são : o gato, o rato e o cão. Os animaes a que estes vermes podem ser communicados, pela ingestão de carne trichinada, são : o coelho, o pombo, a gallinha, etc., e os animaes que parecem refractarios ao seu desenvolvimento, como á sua introducção experimental, são : a vacca, a vitella, o cavallo, o burro, o carneiro, o ganso, o pato, o perú, etc. Sendo o consumo da carne de porco muito consideravel, ao uso d'esta carne é que se attribue a causa da molestia produzida pelo desenvolvimento das trichinas no corpo do homem, molestia a que chamaram *trichinose*.

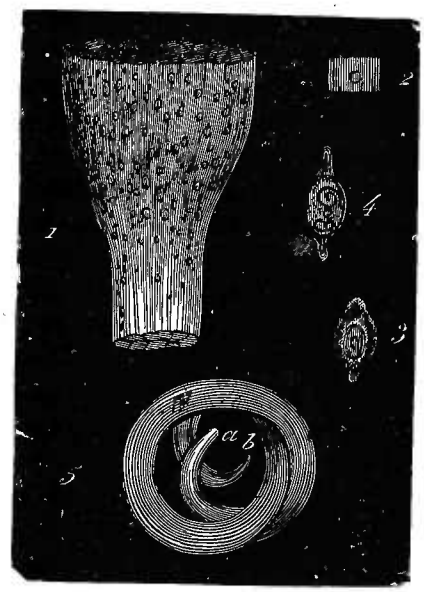


Fig. 870. — Trichina (*).

Cumpre não confundir estes vermes com as *ladras*, vermes 10 vezes maiores do que as trichinas. (*Veja-se* LADRARIA.)

As trichinas são dotadas de uma resistencia vital extraordinaria : resistem á putrefacção, á salga, e mesmo á cozedura da carne em que se acham, quando esta operação não foi prolongada sufficientemente. Vivem e caminham isoladas, ou duas a duas nos intersticios das fibras musculares, onde nada annuncia a sua presença ao olho nú, e pouco exercitado. Ao cabo de algum tempo, envolvem-se em um kysto cretaceo, e morrem nos musculos. Multiplicam-se com espantosa rapidez, assim como o prova o facto seguinte colhido entre muitos outros :

Em 1860, uma criada da roça foi transportada para o hospital de Dresde afim de alí ser tratada de uma molestia, cujos symptomas pareciam assustadores, mas que não se podiam applicar a causa alguma determinada. O medico julgava que a doente tinha uma febre typhoide, sem, entretanto, poder explicar certos phenomenos extraordinarios, estranhos á affecção supposta, taes como : febre violenta, corpo inchado,

(*) 1, porção do musculo coberto de kystos de trichina; 2, kysto isolado; 3, kysto engrossado 20 vezes, contendo uma materia cretacea; 4, kysto contendo dois vermes; 5, trichina vista engrossada 200 vezes; *a*, extremidade cephalica; *b*, extremidade do lado da cauda.

dôres geraes mais pronunciadas nas extremidades, que arrancavam á doente gemidos contínuos dia e noite; contracções dos membros que os soffrimentos lhe impediam estender; finalmente phenomenos de inflammação dos pulmões acompanhados da paralysia dos musculos da respiração. — Um mez depois da primeira indisposição, a doente succumbia com horriveis soffrimentos em toda a extensão dos membros. O professor Zenker, que tratava d'ella, antes de proceder á abertura do corpo, esfolou um musculo do braço para ver em que estado se achava. Qual não foi a sua surpreza percebendo, por meio de uma simples lente, um grande numero de trichinas, mexendo-se na superficie do membro como em um fervedouro. Achou nos intestinos trichinas cheias de ovos, o que demonstrou, de mais, o seu modo de reproducção; emfim informações tomadas ulteriormente lhe fizeram conhecer que, na casa onde esta criada servia, matáram, no Natal, um porco inficionado de trichinas, porque uma inquirição, feita na propria localidade, permittio ao professor Zenker verificar a presença das trichinas n'um presunto, e n'um chouriço que provinham d'aquelle mesmo porco; d'onde pôde inferir que as trichinas, que causáram a morte da pobre criada, provinham da carne de porco que ella comeo crua, no estado de picado, como faz geralmente a gente do campo na Allemanha, onde se costuma comer a carne de porco crua ou só um tanto defumada.

Em 1859, um sabio anatomista de Berlim, o Dr. Virchow, fez sobre as trichinas estudos muito apurados. Fez comer a um coelho trichinas, e observou, que o coelho emmagrecêra e se fôra debilitando progressivamente até que por fim morreo um mez depois; os musculos estavam cheios de trichinas. Os musculos d'este coelho, tendo sido introduzidos na alimentação de outro coelho, communicáram-lhe a molestia; e tendo sido continuada successivamente a experiencia sobre cinco outros coelhos, o observador pôde estudar o desenvolvimento de cinco gerações de trichinas e o seu modo de desenvolvimento no interior do corpo d'estes animaes.

Resulta d'estas pesquizas que as trichinas, ingeridas no estomago de um animal, alí se desenvolvem livremente, passam ao intestino delgado, onde se reproduzem e se multiplicam. É então que esta familia mui numerosa opéra as suas viagens atravez da substancia do intestino, para se transportar aos musculos de todas as partes do corpo; em tres semanas, chegam a todas as partes da economia e adquirem a idade adulta.

Quando pela immensidade do seu numero, tem destruido a maior parte das fibras musculares, e quando pelos seus movimentos vermiculares tem causado uma irritação violenta do tecido organico, derrama-se á roda d'ellas uma serosidade, e formam-se *kystos* que as encerram, e nos quaes as trichinas morrem ao cabo de certo tempo. Concebe-se facilmente que quando os nossos tecidos estão assim invadidos, a vida já não seja compativel com os desastres produzidos por estes entes infinitamente pequenos. N'este caso a força é devida ao numero.

TRICHINOSE. A *molestia das trichinas* ou a *trichinose*, não é uma molestia nova. Já ha muito tempo que os medicos de differentes

Estados da Allemanha attribuíram ao uso alimenticio da carne de porco, em certas condições, accidentes frequentemente mui graves, cuja natureza ficára desconhecida até que foi revelada pelas investigações microspicas. Sabe-se hoje que esta affecção é occasionada pela presença accidental na carne de porco de vermes parasitos de extrema tenuidade, que foram chamados *trichinas,* da palavra grega *trix* que significa *cabello*. Entretanto, bem que a carne de porco constitua uma grande parte da alimentação de todos os povos do mundo, não foi senão em algumas regiões da Allemanha que se observáram os accidentes determinados pelas trichinas.

Em França, não se encontrou ainda caso algum de trichinose, nem nas cidades, nem entre as populações ruraes, nem no exercito, nem na marinha, onde o uso da carne de porco salgada é tão commum. Não me consta tão pouco que tenha havido casos de trichinose no Brazil, na Inglaterra e na Belgica. Em Portugal só foi observado um unico caso no Hospital de S. José de Lisboa, n'um individuo vindo de Almodovar, uma das localidades do Alemtejo mais criadora de gado suino.

No mez de Janeiro de 1865 morreo muita gente na Allemanha victima do uso da carne de porco trichinada ; as populações assustáram-se ; e o Governo francez encarregou uma commissão, composta de um Lente da Escola de medicina, e de um Lente da Escola veterinaria, para ir examinar na propria localidade as causas d'estas epidemias. Estes distinctos professores reconhecêram que as epidemias tiveram por causa o uso alimentario da carne de porco infestada de trichinas, *crua* ou *submettida á acção da fumaça durante um tempo muito curto, ou da carne incompletamente cozida*. Com effeito na Allemanha, a gente pobre come muita carne de porco, mas, geralmente, comem-n'a *crua*. Não só se consome no estado de carne picada ou inteira, mas tambem se fazem com ella salchichas, que se comem sem estarem assadas, e que unicamente se deixam seccar ao ar ou se defumam sómente durante vinte e quatro horas. Todas estas preparações contem as trichinas ainda vivas.

A trichinose appareceo tambem em 1866 nos Estados-Unidos da America do Norte. A molestia manifestou-se nos Estados do Oeste, e particularmente no Illinois, Ohio, Michigan, que são habitados sobretudo pelos emigrados allemães. Tornou-se subitamente assaz ameaçadora para que o Governador do Illenois se visse obrigado a chamar sobre este assumpto a attenção da Academia scientifica do Estado.

A temperatura que mata as trichinas é de 75 gráos centigrados, com a condição que toda a espessura da carne passe por esta temperatura, Com mais forte razão a ebullição continuada durante algum tempo, faz morrer infallivelmente as trichinas. A salga prolongada, quando a sua acção penetra em toda a espessura da carne, produz o mesmo resultado. Outro tanto acontece depois de uma defumadura em temperatura sufficientemente elevada de 24 horas pelo menos, entretanto que uma defumadura fria de muitos dias as deixa ainda vivas. Póde-se crer que todas estão mortas nos chouriços defumados, mesmo a frio, e muito tempo conservados. Todavia, como póde haver incerteza sobre o maior ou me-

nor cuidado que houve na fabricação das preparações da carne de porco, salgadas ou defumadas, é mais prudente fazêl-as cozer como se estivessem frescas.

As trichinas são conhecidas ha muito tempo na Hungria, e se não se communicam ao homem, depende isto de que a forte cozedura e a defumadura da carne impedem esta propagação; e depende tambem de não entrar no consumo a carne que foi reconhecida como trichinada. Ao comer-se a carne trichinosa, experimenta-se uma sensação analoga á que produzem grãos de areia entre os dentes. Por conseguinte, o *modo de prevenir a trichinose* consiste em não usar da carne de porco senão d'aquella que passou por uma cozedura mui forte.

Modo de descobrir as trichinas na carne de porco. Nem o aspecto exterior do animal vivo, nem o de sua carne depois de morto, examinada a olho nú, ou com uma simples lente, não podem fazer suspeitar a presença das trichinas: cumpre examinal-a ao microscopio. A utilidade evidente da inspecção das carnes de porco a microscopio, decidio os governos de muitos Estados da Allemanha a tornal-a obrigatoria nos açougues. Ella funcciona para este fim no Hanover, Brunswick, Magdeburgo, Gorlitz, etc. Reconhece-se a presença d'este verme pelos seus caracteres indicados no artigo *Trichina* e na fig. 870.

Symptomas da trichinose no homem. Variam segundo os tres periodos da molestia.

1.° *Periodo da irritação intestinal.* Este periodo principia pouco tempo depois da chegada das trichinas ao intestino, e acaba ordinariamente na epoca em que são d'elle expulsas, isto é, entre o 8° e 12° dia. É uma irritação mais ou menos pronunciada, segundo a quantidade de vermes ingeridos. Lingua suja, nauseas, vomitos, ventre inchado, colicas, prostração, pelle quente, 100 a 110 pulsações por minuto.

2.° *Periodo da irritação muscular.* Está tambem em relação com o numero das trichinas, e já vimos quanto este numero póde ser consideravel. Fraqueza, calefrios, dôres nos membros, inchação do rosto e das palpebras; pupillas dilatadas, movimentos quasi impossiveis, ás vezes contracções musculares. A pelle cobre-se de suor, de uma erupção furunculosa ou miliaria; ha insomnia, agitação, sêde mui viva, pulso de 115 a 130 por minuto.

3.° *Periodo de terminação typhica.* A molestia toma a fórma de febre typhoide: borborygmos nos intestinos, colicas, diarrhea, delirio, sobresaltos dos tendões, coma, etc.

Prognostico. A molestia não é sempre mortal, bem que as trichinas possam conservar-se vivas muitos annos no tecido muscular no estado de kystos. Do 20° ao 40° dia os symptomas podem melhoar e a cura operar-se, mas é sempre lenta e difficil. O cabello cahe, mas torna a nascer. Infelizmente muitas vezes sobrevem a morte no fim do 2° periodo, ou no principio do terceiro.

Tratamento. Divide-se em preventivo, e em curativo.

O *tratamento preventivo* consiste: 1.° em cuidar na alimentação e no asseio dos porcos; 2.° em inspeccionar a carne d'estes animaes; 3.° não

comêl-a senão depois de bem salgada, bem defumada ou perfeitamente cozida.

1.° *Cuidar na alimentação e no asseio dos porcos.* Notou-se que são os porcos criados nas estrebarias ou nos pateos que se inficionam mais facilmente. É porque tem por alimentação destroços de outros animaes que podem estar infectados, e porque vivem constantemente no meio do esterco e das materias fecaes, nas quaes acham frequentemente o germen da molestia. Supponhamos agora um d'estes animaes affectado de trichinas, facil é comprehender que todos os outros da fazenda estarão ameaçados do mesmo perigo, porque os excrementos do porco doente, que contém quasi sempre algumas trichinas, poderão ser comidos por outro animal que se inficionará. Depois este transmittirá as trichinas do mesmo a um outro, e assim successivamente para toda a vara de porcos; e julga-se hoje que a epidemia de trichinose, que se declarou no anno de 1866 nos porcos no reino de Saxonia, e occasionou muitas molestias e algumas mortes entre os homens, não se propagou de outro modo.

Os porcos que vivem longe das fazendas, no meio dos campos, estão menos expostos a esta molestia do que os outros. Em consequencia d'estes factos, será preciso: 1.° lavar cuidadosamente as manjadouras d'estes animaes e todos os objectos do seu uso; 2.° entreter o asseio nas estrebarias e nos pateos; 3.° impedir, quanto fôr possivel, que haja ratos nos estabulos, porque os ratos estão frequentemente affectados de trichinas.

2.° *Inspeccionar a carne de porco.* A simples inspecção seria insufficiente, por causa da extrema pequenez d'estes vermes; ella não poderia ter valor senão no caso em que os kystos estivessem impregnados de substancia cretacea. Apresentar-se-hiam então nos musculos sob a fórma de pequenos pontos brancos. Mas esta circumstancia não se deve apresentar frequentes vezes; porque a transformação cretacea não se declara senão muito tarde, e os porcos são sacrificados ordinariamente mui novos. E por isso seria necessario recorrer immediatamente ao unico meio certo: o *exame microscopico.* O microscopio é um instrumento que, interposto entre o olho e os objectos approximados, tem a propriedade de os fazer parecer muito maiores do que são.

3.° *Não comer a carne de porco senão depois de bem salgada, bem defumada ou perfeitamente cozida.* De todos estes modos a cozedura é o mais seguro para matar as trichinas e preservar-se da infecção. Mas deve ser bem feita e prolongada, para que não sómente as partes superficiaes, mas tambem as centraes, recebam a influencia da agua fervendo.

Apresenta-se aqui uma questão: se não ha perigo algum de comer carne cozida cheia de trichinas. Fizeram-se experiencias nos coelhos, que não experimentáram accidente algum depois de comerem uma boa porção de carne trichinada cozida. Além d'isto, véem-se na Allemanha pessoas que tem comido esta carne cozida durante bastante tempo sem soffrerem cousa alguma. Ás vezes só produz diarrhea e algumas colicas.

Tratamento curativo. Importa principiar o tratamento quando as trichinas estão ainda nos intestinos, porque as trichinas musculares resistem a todos os meios. De todos os medicamentos, que foram propostos, o melhor é a benzina. Fizeram-se para este fim experiencias nos coelhos e nos gatos. O Dr. Rodet fez engulir, a um coelho infectado na vespera, 20 centigrammas de benzina em capsula, e augmentou cada dia a dóse de 20 centigrammas. O coelho morreo no nono dia ao engulir uma capsula. A autopsia, que se fez, não descobrio a menor trichina, quer no tubo intestinal, quer nos musculos. O mesmo doutor deo benzina a um gato desde a dóse de 70 centigrammas até 2 gram. 50 centigrammas por dia. O gato foi sacrificado 13 dias depois da ingestão da carne trichinada, e na autopsia não se achou trichina alguma no corpo.

Quando as trichinas estão alojadas nos musculos, não se conhece remedio algum para as matar. N'este periodo da molestia, assim como no 3.º, convem limitar-se aos medicamentos tonicos, como o vinho de quina, ás frições no corpo com aguardente camphorada, e á boa alimentação.

TRIGO (fig. 871). Planta cuja semente constitue o principal alimento do homem. Para os Botanicos, é um genero da familia das Gramineas, tribu das Hordaceas, contendo plantas herbaceas, compostas de espiguinhas multifloras e solitarias sobre cada dente do eixo, que é dobrado em ziguezague. Cada espiguinha contém ordinariamente 4 flores, o que distingue o trigo do centeio, cuja espiguinha não contém senão duas flores. Cultiva-se em todo o reino de Portugal. Os dois pontos, extremos além dos quaes cessa de vegetar são, no Norte, o 58° gráo, e no Sul, o 12°. Distinguem-se muitas especies de trigo, que são muito interessantes debaixo do ponta de vista da alimentação. A semente reduzida a farinha serve para fazer pão; de todas as plantas Gramineas é a mais propria para este fim, por conter muita quantidade de gluten; contém tambem amido.



Fig. 871. — Trigo commum.

Em geral, o trigo gosta das terras fortes. Todos os estrumes favorecem o seu desenvolvimento. Entretanto um dos melhores é uma mistura de estrume de estribaria com cinzas lixiviadas, com estrume de pombos e outras aves domesticas, etc. A escolha das sementes é muito importante; em geral, cumpre que sejam tomadas no paiz mesmo; devem provir de uma boa variedade; devem ser de madureza completa; e ser da ultima, ou pelo menos da penultima colheita. Antes de confiar a semente á terra, costuma-se passar pela cal, para preserval-a da carie ou do carbunculo; mas a pratica, que se deve condemnar, é a que consiste em passar o trigo pelo sulfato de cobre ou arsenico; esta pratica é mui perigosa.

TRILLO. Hespanha. Aguas salinas frias e tepidas, 23° até 29°.

Usam-se em bebida e banhos nos rheumatismos, gota, paralysias, tumores brancos, molestias cutaneas, chlorose, nevralgias.

TRIMETHYLAMINA. Liquido que se obtem distillando a salmoura de arenques e de outros peixes com a potassa. Não tem côr, o cheiro é forte, analogo ao do ammoniaco: ferve entre 4 e 5 gráos; soluvel em agua, alcool e ether. Esta substancia foi primeiro chamada *propylamina* (veja-se esta palavra). Foi aconselhada, assim como o chlorhydrato d'esta base, contra o rheumatismo agudo.

TRIPAS. *Veja-se* INTESTINOS.

TRIPOLI. Do nome da cidade de *Tripoli* na Africa, d'onde se tirava originariamente. Substancia mineral, de aspecto terreo, aspera, e quasi inteiramente composta de silica, corada de amarello ou vermelho pelo sesquioxydo de ferro; reduz-se facilmente a pó muito duro, e não faz massa com agua. O melhor tripoli vem da ilha de Corfu, na Grecia; no commercio chamam-lhe *tripoli de Veneza.* O tripoli branco vem da Allemanha. Emprega-se para polir os metaes, sobretudo o cobre e seus compostos, o vidro, as pedras duras; os militares fazem d'elle grande uso, para tornar lustrosos os botões do uniforme. O tripolí, côr de tijolo, misturado com um terço do seu peso de flor d'enxofre, serve para polir o marmore; esta mistura dá bello polimento aos marmores deslustrados pelo uso. Misturado com azeite o tripoli emprega-se para lustrar os objectos de aço; póde tambem ser empregado secco. Designa-se debaixo do nome de *tripoli de Inglaterra*, uma terra argilosa conhecida no commercio sob o nome de *terra podre* (*terre pourrie*, em francez). Os tripolis devem a sua origem ás argilas torrefactas pelo fogo dos volcões, ou das minas de carvão de pedra; as mais das vezes são formados pelos despojos siliciosos de animalculos infusorios.

TRISMO ou CERRAÇÃO DOS QUEIXOS. *Veja-se* TETANO.

TROMBETEIRA. Dá-se este nome a duas plantas da familia das Solaneas, que habitam no Brazil e em Portugal. Uma é a *Datura fastuosa*, Linneo, que tem 1 metro de altura, acha-se perto das habitações, e é cultivada nos jardins por causa da belleza de suas flores, que são longas, em fórma de trombeta, brancas com riscas longitudinaes roxas; o fructo é uma capsula arredondada, e com alguns espinhos. A outra, chamada por Linneo *Datura arborea*, é um arbusto de 3 metros, mui commum nas margens dos rios, com flores brancas compridas, que derramam á noite um cheiro agradavel; o seu fructo é uma capsula elliptica, lisa, com grande numero de sementes branco-amarelladas. As folhas d'estes vegetaes tem cheiro viroso, gozam de propriedades narcoticas, e empregam-se em banhos ou em cataplasmas contra os rheumatismos, colicas, e outras affecções dolorosas; o oleo de trombeteira usa-se em fricções contra varias dôres. Os charutos de trombeteira são um excellente palliativo da asthma. A trombeteira tomada internamente em alta dóse, poderia causar accidentes graves: o Sr. Robert, director do Jardim Botanico em Toulon, vio tres crianças envenenadas por terem comido as fructas da *Datura fastuosa;* e uma d'estas crianças morreo do veneno. Não seria prudente respirar por muito tempo o cheiro das

flores das trombeteiras; não convem, sobretudo, fazer entrar estas flores na composição de um ramalhete nem mettêl-as n'um vaso para ornar sala ou quarto de dormir. Estas plantas parecem-se muito com o estramonio, que é da mesma familia e que está represenlado no vol. I, pag. 1061.

TROVISCO ou MEZERÃO (fig. 872). *Daphne gnidium*, Linneo. Arbusto commum nos arredores de Lisboa, Coimbra, e outras partes do reino de Portugal. A casca, que goza de propriedades causticas, entra na composição das pomadas proprias para entreter a suppuração dos causticos.



Fig. 872. — Trovisco ou Mezereão.

TRYPSINA. Designa-se debaixo d'este nome um dos fermentos que se acha no succo pancreatico. Esta substancia é soluvel em agua, insoluvel no alcool e pode ser unida sem inconvenicnte a acidos fracos. O seu emprego tem sido recommendado para dissolver as falsas membranas que se acham na garganta dos doentes acommettidos de angina diphterica. Aquece-se em banho-maria por espaço de algumas horas uma solução de acido salicylico á qual se ajunta dez por cento de trypsina. Depois de filtrar a mistura, deita-se n'ella alguns grammas de bicarbonato de soda e com um pincel molhado na solução pincela-se o fundo da garganta. É util alternar estas pinceladas com outras feitas com limão, lavando-se amiudadas vezes a garganta lançando com força o conteudo de um siphão d'agua de Seltz, o doente tendo a bocca bem aberta.

TUAIUSSÚ. *Veja-se* MARINHEIRO DE FOLHA LARGA.

TUAPÓCA. *Plumeria bicolor*, Ruiz e Pavão. Apocynaceas. Planta venenosa do Brazil.

TUBARA (*Truffe* em francez). Producto subterraneo, carnoso, compacto, que a maior parte dos naturalistas collocam na classe dos cogumelos. Ha algumas variedades de tubaras: 1.ª a tubara preta; 2.ª a tubara almiscarada; 3.ª a tubara cinzenta ou com cheiro de alho; 4.ª a tubara branca. A primeira é a mais interessante, é a que se acha mais geralmente no commercio.

A tubara preta é arredondada, irregular, de volume variavel desde o de uma noz até ao de um punho, de cheiro penetrante e suave. Acha-se principalmentc em França, Italia, Hespanha, etc. Cresce seis a sete pollegadas debaixo da terra, onde pelo seu cheiro é descoberta pelos porcos e cães que são ensinados para esta colheita.

A tubara é um alimento são, agradavel e digere-se muito bem quando é comida com moderação. As tubaras deitam-se nos môlhos, nos recheios

dos perús, pasteis, etc., para lhes communicar um gosto delicioso, a propriedade de se conservarem por mais tempo, e a de se digerirem mais facilmente. Attribuem-se-lhes tambem propriedades aphrodisiacas. Mas comidas com excesso, as tubaras tornam-se pesadas e podem causar indigestões.

TUBARÃO. Brazil; Santa Catharina. Aguas simplesmente thermaes.

TUBARÃO. *Squalus carcharias* (fig. 873). Grande peixe do mar, de 7 a 9 metros de comprimento. Tem a cabeça achatada de cima para

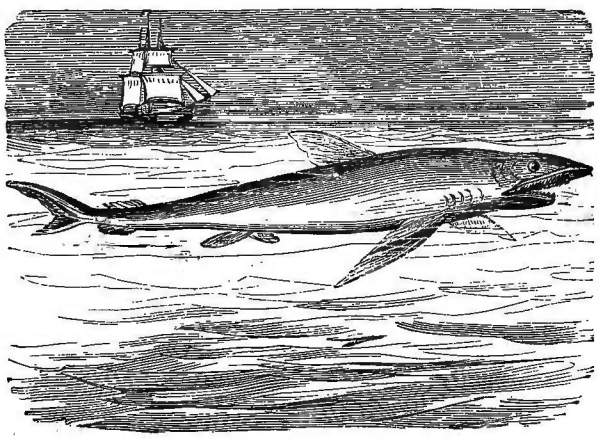


Fig. 873. — Tubarão.

baixo, o focinho proeminente, arredondado, a bocca demasiadamente larga, collocada em baixo do focinho, transversal e eriçada de dentes chatos, triangulares, pontudos e dentados nas margens. As ventas são muito desenvolvidas, e por isso o seu olfacto parece ser excellente : é attrahido de longe pela isca que se lhe offerece. A fórma geral do seu corpo é um cóne alongado, terminado por uma barbatana caudal bifida. O tubarão acha-se em todos os mares, e é o terror dos navegantes pela sua audacia, força prodigiosa, e excessiva voracidade. O homem é a sua victima preferida. Segue os navios para devorar os cadaveres que se lançam no mar, ou os marinheiros que por acaso cahem n'agua. A sua pesca é muito perigosa; ferido e trazido a bordo, defende-se por muito tempo com raiva, e custa muito para matal-o completamente. A sua carne é agradavel quando novo; o figado fornece azeite para luzes e a pelle, que é muito dura, serve na Groenlandia para fazer sapatos e arreios.

TUBERCULO. O nome de *tuberculo* designa geralmente um tumor duro, pouco volumoso, de qualquer natureza que seja. Taes são, por exemplo, os tuberculos que se desenvolvem nas orelhas no principio da molestiachamada *morphéa.*

Chama-se *tuberculo*, mais propriamente, uma producção morbosa, de côr branca amarellada, cujo volume varía desde o da cabeça de um alfinete até ao de um ovo de gallinha; é dura a principio, mais torna-se

depois friavel, molle, e adquire gradualmente consistencia liquida e o aspecto de pus. Os tuberculos desenvolvem-se principalmente nos pulmões, e constituem então a molestia *tisica;* apparecem tambem no interior das glandulas lymphaticas que se acham debaixo do pescoço, e formam n'este caso a molestia designada sob o nome de *escrophulas.* Os outros orgãos em que se desenvolvem os tuberculos, mas muito menos frequentemente do que nos pulmões e nas glandulas lymphaticas, são : os intestinos, o figado, o baço, o cerebro, os ossos, etc.

Os *symptomas locaes* produzidos pelos tuberculos variam conforme os orgãos. Ás vezes, sobretudo nos primeiros tempos, nada annuncia a sua presença; todavia, quando tem adquirido certo volume, ou quando são numerosos, determinam ordinariamente dôr, e perturbam as funcções do orgão affectado : nos pulmões, produzem tosse, difficuldade na respiração, escarros de sangue e outros phenomenos; no cerebro diversas desordens da intelligencia; nos ossos, dôres, postemas, etc.

Os *symptomas geraes* são mui salientes. Em quanto os tuberculos se desenvolvem, nota-se um estado de enfraquecimento ; a pelle torna-se pallida, o corpo emmagrece, as funcções desfallecem. Mais tarde, quando chega o periodo do amollecimento dos tuberculos, sobrevem febre e fraqueza extrema.

As *causas* dos tuberculos são as mesmas que foram indicadas fallando das escrophulas (vol. I, pag. 1017). O *tratamento* tambem é o mesmo : assim convem o ar do campo, o exercicio, um regimen composto principalmente de carne, vinho, medicamentos tonicos, etc.

TUBERCULOS MESENTERICOS, Tisica mesenterica, Ventre inchado. Dão-se estes nomes a uma molestia caracterizada pela tumefacção do ventre, que faz contraste ao emmagrecimento do rosto e dos membros. As glandulas da membrana que cobre os intestinos, e que se chama *mesenterio,* são transformadas em tuberculos, corpos duros como castanhas no principio, mas que amollecem com os progressos da molestia. Em francez chama-se *carreau.*

Causas. Esta molestia observa-se sobretudo nas crianças desde um até cinco ou seis annos de idade ; é mui rara passados os doze annos. As causas são o frio humido, uma alimentação insalubre ou insufficiente, o desalinho e a miseria; e por isso é muito mais frequente nos paizes baixos e pantanosos, ruas estreitas e populosas das grandes cidades, do que nos logares elevados, seccos, bem arejados e isolados. O aleitamento artificial, e o aleitamento por uma ama affectada de escrophulas, podem dar logar ao desenvolvimento d'esta molestia. Comtudo, é necessario admittir certa predisposição para contrahir a tisica mesenterica, porque todas essas causas podem não ter effeito algum sobre uma constituição solida, entretanto que a molestia póde desenvolver-se em circumstancias inteiramente oppostas, visto que ataca tambem as crianças dos ricos assistidos de todos os cuidados hygienicos.

Symptomas. Esta molestia principia lentamente e de uma maneira obscura. A criança torna-se pallida, fraca e tem diarrhea. Passado certo tempo incha o ventre; quando as paredes abdominaes se deixam depri-

mir, distinguem-se, ao apalpar, tumores duros, desiguaes, situados na vizinhança do embigo, ou nas ilhargas. A diarrhea é contínua, ou alterna com prisão do ventre. Quanto ao appetite, é variavel; ora é nullo, ora regular. Quando a molestia é grave, a criança tem febre, e emmagrece; as pernas e as coxas tornam-se macilentas e proporcionalmente mais magras do que os braços.

Marcha, duração, terminações. A marcha da molestia é essencialmente chronica, e a sua duração indeterminada. Se não tiver grande desenvolvimento póde resolver-se.

Tratamento. Em primeiro logar, deve-se collocar a criança em bom ar, n'um quarto vasto, arejado e exposto ao sol; obrigal-a a fazer exercicio ao ar, transportal-a para o campo; dar-lhe uma alimentação apropriada á sua idade : leite de boa ama, se se trata de criança do peito : caldos substanciaes, carnes assadas, ovos, tapioca, vinho para os doentes de mais idade; fazer-lhe tomar banhos quentes aromaticos, ou banhos do mar, frios; friccionar-lhe o ventre com oleo de figado de bacalháo, na dóse de uma colher *de sopa*, uma vez por dia; administrar-lhe o mesmo medicamento internamente na dóse de uma colher *de chá*, uma vez por dia. Combater a diarrhea com clysteres de cozimento de linhaça, ou d'agua tepida misturada com uma clara de ovo.

O modo de preparar os banhos aromaticos está indicado no vol. I, pag. 291. A receita do oleo é :

Oleo de figado de bacalháo de Berthé..... 125 grammas.

TUBERCULOS PULMONARES. *Veja-se* TISICA.

TUBEROSA. *Polyanthes.* Genero da familia das Liliaceas, encerra plantas herbaceas, da altura de um metro e mais, de talo simples, bolbo solido, notaveis pelas suas grandes flores brancas, de cheiro suave, mas muito fragrante, dispostas em uma longa espiga na extremidade do talo; corolla em fórma de funil, tubo alongado, um pouco arqueado, alargado no seu orificio em um limbo dividido em 6 lobos ovaes. A especie principal é a *Tuberosa dos jardins* (*Polyanthes tuberosa*), é originaria do Mexico, e cultivada nos jardins dos paizes quentes; tem flores brancas lavadas de côr de rosa. São muito estimadas as variedades matizadas, obtidas pela cultura. Não se devem conservar tuberosas de noite nos quartos de dormir; porque esta flor póde produzir dôres de cabeça e mesmo asphyxia (*veja-se* FLORES). Os perfumistas fazem grande uso do *oleo essencial de tuberosa.*

TUCARY. *Veja-se* CASTANHEIRO DO MARANHÃO.

TUCUMAN. *Astrocyaryum tucuma*, Martius. Palmeiras. Arvore do Brazil; é abundante no Pará e Rio Negro, onde nasce naturalmente. É da maior utilidade; a polpa do fructo bem maduro é alimentar e agradavel ao paladar; dá um azeite grosseiro muito semelhante ao azeite chamado de palma, e um oleo fino proprio para a illuminação e para todos os usos industriaes. Das folhas dos olhos fazem-se utensilios domesticos, cestas, caixas, esteiras, abanos, chapeos, etc.; d'ellas tambem se extrahe a fibra, conhecida com o nome de tucum, que se assemelha ao

linho. Os caroços do fructo são excessivamente duros e empregados para se fazerem anneis, ponteiras e castões de bengala, e outros pequenos artefactos.

TUMOR. Chama-se *tumor* a elevação circumscripta, de certo volume, desenvolvida em qualquer parte do corpo. D'esta maneira confundem-se sob a denominação de tumor a simples expansão, a tumefacção, quer inflammatoria, quer de qualquer outra natureza, a extensão de um orgão pela accumulação contra natural de materias, a tumefacção produzida pela deslocação de um orgão, etc. A esta classe de molestias pertencem : abcessos ou postemas, anthrazes, frunchos, erysipelas, panaricios, aneurysmas, varizes, scirrhos, cancros, lobinhos, quebraduras, verrugas, kystos, polypos, hydropisias, deslocações, fracturas, ecchymoses, exostoses, etc., etc. Á vista da infinita variedade de tumores, e das suas diversas naturezas, não é possivel dizer cousa alguma de geral, nem sobre as suas causas, nem sobre o seu tratamento. É preciso que o leitor procure cada um dos artigos em que trato d'estas molestias separadamente.

Tumor branco. Os tumores brancos são uns inchaços ou engurgitamentos das juntas, sem mudança de côr da pelle, ás vezes duros e resistentes, outras vezes molles e elasticos, acompanhados de difficuldade ou impossibilidade de mover o membro, e, ás vezes, de dôres mui vivas ao menor esforço. Podem desenvolver-se em todas as juntas, mas não com a mesma frequencia. O joelho é a sua séde mais ordinaria : depois vem, na ordem da sua frequencia, os quadris, as juntas do pulso, o cotovelo, e emfim o hombro. São muito mais raros nas pequenas juntas, taes como as dos dedos da mão ou do pé.

Causas. O tumor branco apparece com mais frequencia entre as pessoas jovens do que na idade adulta ou na velhice. É muito mais commum nos paizes frios do que nos quentes ; esta molestia é felizmente rara no Rio de Janeiro. Entre as causas que podem determinar o seu desenvolvimento, deve entrar em primeira linha o rheumatismo chronico e a affecção escrophulosa. Nas pessoas, que apresentam esta predisposição basta a menor causa occasional para produzir a formação de um tumor branco. Uma pancada, uma quéda, o andar forçado, a habitação em logar humido, uma torcedura sobretudo, são as causas determinantes mais ordinarias.

Symptomas. A molestia principia ordinariamente por uma dôr surda, fixa, em alguma junta; outras vezes o inchaço apparece antes da dôr. Qualquer que seja o modo do desenvolvimento da molestia, mostra-se sempre, no fim de algum tempo, sob a fórma de um tumor duro e circumscripto. Os movimentos da junta diminuem sensivelmente; existe sobretudo difficuldade de estender o membro ; pouco a pouco este membro encolhe-se, e vai-se tornando immovel. Ás vezes, o tumor augmenta de volume, amollece, e a pelle torna-se luzidia. Algum tempo depois a pelle faz-se vermelha n'um ponto, forma-se uma pequena postema que se abre e deita uma quantidade consideravel de pus ; ordinariamente a abertura persiste, não se fecha e continua a deixar sahir

todos os dias muita materia. Outras postemas semelhantes formam-se successivamente em differentes pontos da junta, e tornam-se fistulosas. A saude geral vai-se combalindo ; o doente emmagrece, perde o appetite ; o pulso torna-se frequente ; depois sobrevem a diarrhea com suores nocturnos abundantes. N'este estado o doente corre grande risco ; muitas vezes, entretanto, estes phenomenos desapparecem successivamente, as fistulas fecham-se, as forças renascem, e a cura effectua-se.

Tratamento. O membro doente deve permanecer em repouso absoluto. No principio da molestia convem applicar bichas e depois cataplasma de linhaça. Mais tarde applicam-se, causticos na junta, e, depois de sararem, fricciona-se o tumor branco com a pomada de iodureto de potassio. Internamente, o doente usará de medicamentos tonicos, que são as preparações de lupulo, quina, genciana; o oleo de figado de bacalháo, o iodureto de potassio, iodureto de ferro ; a sua alimentação será composta principalmente de carnes assadas ; um pouco de vinho generoso ser-lhe-ha util. Os banhos aromaticos quentes, e os banhos do mar tambem aproveitam. Convem expôr a articulação doente ao calor solar ou cercal-a de saquinhos cheios de cinza ou de areia quente. É bom comprimir a articulação com uma atadura, depois de encher com isca os vazios que existem á roda d'ella. Uma atadura enrolada, uma ligadura atada com um laço mantem a isca coberta de muitas camadas de panno de linho. A compressão deve ser moderada, sobretudo no principio ; começar-se-ha por baixo da junta doente, e continuar-se-ha 30 a 60 centimetros por cima. Segundo fôr bem ou mal supportada, augmentar-se-ha ou diminuir-se-ha a sua força. Póde ser combinada com o emprego das diversas fricções.

RECEITUARIO CONTRA O TUMOR BRANCO.

Internamente :

1.º *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo	4	grammas.
Agua fervendo	180	—

Infunda por meia hora, côe e adoce com assucar. Bebe-se por uma vez, por dia. Continua-se por 15 dias seguidos.

2.º Vinho de genciana	500	grammas.

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

3.º Vinho de quina	500	grammas.

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

4.º *Solução de iodureto de potassio.*

Iodureto de potassio	8	grammas.
Agua distillada	500	—

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

5.º Pilulas de iodureto de ferro de Blancard	60	

Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

6.º Oleo de figado de bacalháo de Berthé..... 180 grammas.

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia. Este oleo póde tambem tomar-se em capsulas.

Externamente:

1.º Pomada de iodureto de potassio..... 60 grammas.

Friccionar a junta duas vezes por dia, com uma porção de pomada do tamanho de uma azeitona.

2.º Oleo de figado de bacalháo de Bals..... 180 grammas.

Friccionar a junta duas vezes por dia, com uma colher *de sopa* d'este oleo.

3.º Tintura de iodo..... 60 grammas.

Molhar um panno n'esta tintura, applical-o sobre a junta e segural-o com uma atadura.

Tumores erectis. Tumores formados de um tecido esponjoso, cheio de sangue, susceptiveis de erecção, e que se tornam molles pela compressão. Dá-se-lhes tambem o nome de *tumores fungosos sanguineos.*

Causas. As causas d'estes tumores são pouco conhecidas. Alguns ha que se formam durante a vida intra-uterina; chamam-lhes *congeniaes*, Outros apparecem mais ou menos tarde depois do nascimento, em seguida de uma pancada, de uma longa compressão, ou sem causa apreciavel; chamam-lhes *accidentaes*. Os tumores congeniaes são sempre precedidos de manchas de pelle chamadas *signaes de nascença* (*nævi materni*), de côr e fórma variaveis, que algumas pessoas consideram como o resultado da influencia que as emoções moraes da mãi exercem sobre o feto.

Séde e numero. Os tumores congeniaes apparecem antes na cabeça, no pesoço, no tronco do que nos membros; existem ás vezes em grande numero, quatro, seis, nove. Os tumores erectis que não são congeniaes podem mostrar-se em todas as regiões, porém as mais das vezes encontram-se nos membros; são precedidos de uma dôr obtusa.

Estructura. Os tumores erectis são formados pela dilatação dos vasos de pequeno calibre e dos capillares. Esta dilatação comprehende ora mais particularmente as radiculas venosas, ora as arteriaes, ora os vasos capillares.

Symptomas. Differem conforme o tumor é arterial ou venoso.

1.º *Tumores erectis arteriaes.* Principiam pela pelle, o que motivou o chamarem-lhes *tumores erectis cutaneos*. São geralmente precèdidos de uma *mancha rosea*, ás vezes tão pequena, que parece uma picada de pulga, de fórma circular ou irregular. Mostram-se com preferencia sobre a porção da metade superior do corpo: o craneo, o rosto, as palpebras, o nariz. São simplices ou multiplos. Estas manchas ficam estacionarias mais ou menos tempo; mas augmentam de volume quasi sempre, ora

algumas semanas depois do nascimento, ora só na epoca da puberdade.

Os tumores erectis arteriaes apresentam-se sob a fórma de uma proeminencia circumscripta e arredondada, sem limites bem determinados, de superficie lisa ou eriçada de pequenos botões irregulares, compressivel e elastica, diminuindo pelo repouso, augmentando de volume quando o individuo grita, faz esforços ou se entrega a exercicios violentos. Em algumas mulheres, o tumor torna-se mais volumoso em cada epoca menstrual. É raro que os tumores erectis pequenos apresentem um ruido vibratorio, e movimentos de expansão isochronos aos do pulso. Estes phenomenos pertencem aos tumores erectis mui volumosos, aos que estão complicados com uma dilatação das arterias que alimentam a massa morbida. Quasi sempre estes tumores diminuem de volume e empallidecem quando se comprimem; corre d'elles sangue vermelho quando são excoriados ou picados.

2.' *Tumores erectis venosos.* Originam-se em geral no tecido cellular sub-cutaneo, d'onde lhes vem a denominação de *tumores erectis subcutaneos.* São ordinariamente precedidos de signaes de nascença de côr livida ou preta; encontram-se sobretudo na cabeça, nos beiços, nas faces, lingua, gengivas, e nas fauces. Apresentam-se debaixo da fórma de um tumor mal circumscripto, mais largo do que profundo, coberto de tegumentos delgados e adherentes, de côr azulada, cercado de veias dilatadas, dando ao tacto a sensação de um corpo molle e simples, completamente despido de pulsações, desapparecendo pela compressão para voltar ao volume primitivo logo que cessa a compressão, tomando mesmo um volume mais consideravel e uma côr mais escura, quando se afrouxa a circulação venosa, quer por meio de ligadura applicada á roda da região vizinha, quer pela compressão dos grossos troncos venosos entre o tumor e o coração, quer por esforços de expiração prolongada. Em alguns casos, os tumores erectis venosos são fluctuantes.

Marcha e terminações. Ás vezes os tumores erectis arteriaes diminuem gradualmente de volume, e acabam por desapparecer. Outras vezes crescem e estendem-se ao tecido cellular e aos musculos subjacentes. Mais tarde, os pontos mais salientes e mais estirados ulceram-se, o que produz hemorrhagias successivas; n'este caso, ora o tumor fica definitivamente estacionario, ora as cellulas de que se compõe obliteram-se pela lympha plastica secretada pela membrana desenvolvida sobre os pontos ulcerados, e o tumor póde sarar por este mecanismo. — Os tumores erectis venosos comportam-se de maneira differente. A sua ulceração e cura espontanea são raras; não produzem hemorrhagias senão em mui pequeno numero de casos. Pela maior parte ficam estacionarios e persistem indefinidamente. Ás vezes adquirem um volume consideravel.

Tratamento. Compõe-se de tres modos. O primeiro modo tem por fim impedir que o sangue chegue ao tumor; o 2°, tirar ou destruir o tumor; o 3°, obliterar por inflammação os vasos que vão ter ao tumor.

Primeira serie. Conta tres processos, que são: *a.* Os *refrigerantes*, consistem na applicação de pannos molhados em agua fria. Este processo é pouco efficaz. — *b.* A *compressão.* Convem só aos tumores de

pequeno volume. — *c.* A *ligadura*, quer das arterias segundarias que vão directamente ao tumor, quer do tronco principal. Este processo conta tambem accidentes.

SEGUNDA SERIE. Consta de quatro processos: *a.* A *ligadura* com linha, do tumor inteiro, ou de cada uma de suas metades. — *b.* A *cauterização* com ferro quente ou a *cauterização electrica.* Convem aos tumores pouco volumosos. — *c. Causticos;* que são: o acido nitrico, os pós de Vienna, a potassa caustica. — *d. Extirpação.*

Este meio não póde ser empregado senão quando os tumores são pouco volumosos; porque póde resultar da extirpação uma deformidade consideravel, se a superficie fôr grande; além d'isto, se vasos volumosos se dirigem ao tumor, deve receiar-se uma hemorrhagia que póde ser mui grave.

TERCEIRA SERIE. Consiste nos processos seguintes: *a. Puncção com esmagadura.* Este processo tem tido bom exito nos tumores pouco volumosos. — *b. Sedenho.* Este processo conta muitas curas. A cura obtem-se pela inflammação que a linha produz no tumor. — *c. Alfinetes* introduzidos no tumor em quantidade consideravel. Nem sempre determinam o gráo de inflammação necessario. — *d. Incisão*, seguida da compressão do tumor.

Tumor ou **corpo fibroso.** Dá-se este nome ao tumor composto de *tecido fibroso*, isto é de tecido formado de elemento anatomico, comprido e delgado, chamado *fibra.* Encontra-se na maior parte dos orgãos, no ovario, cerebro, testiculo, seio, no tecido cellular sub-cutaneo, na substancia dos musculos, nas fossas nasaes, (*polypos fibrosos*), ao redor das articulações, sobre o trajecto dos nervos (*nevromas*). O seu volume varía entre o tamanho da cabeça de um alfinete e a cabeça de um adulto. Tem a fórma arredondada, espherica, ovoide, alongada; é ou não é munido de um pediculo. A côr é branca amarellada, ou branca latescente, ás vezes avermelhada em alguns pontos. A consistencia do tumor é variavel, mas mais dura do que a de uma fibro-cartilagem. É cercado de uma membrana fibro-cellular que adhere intimamente á sua ssperficie. Depois de cortado, apresenta um aspecto homogeneo e lardaceo; ora malhas formadas pelo enlace das fibras que se cruzam em differentes sentidos; ora uma disposição circular e concentrica. No meio de tecido proprio acha-se um succo pouco abundante, amarellado, transparente, pegajoso.

Os tumores fibrosos apresentam-se sob a fórma de massas mais ou menos volumosas, ovoides ou arredondadas, bem circumscriptas de todos os lados, de uma consistencia mui firme, mais ou menos moveis, segundo as suas connexões com os orgãos vizinhos; não são dolorosos espontaneamente nem pela pressão; não occasionam de ordinario outros incommodos senão os que resultam de uma compressão mecanica ou de uma distensão dos orgãos no meio dos quaes se desenvolvêram; a pelle que os cobre é movel e sem alteração. É facil distinguil-os dos *kystos* que apresentam certo gráo de resistencia e de elasticidade; dos *lipomas* que são menos duros; dos *tumores cancerosos*, pela sua marcha essencial-

mente lenta, consistencia uniforme, ausencia de engurgitamento das glandulas vizinhas e da alteração geral da saude. Ficam estacionarios por muitos annos ; podem durar toda a vida, sem influirem na saude da pessoa. O seu prognostico não é desfavoravel senão quando pelo seu desenvolvimento compromettem as funcções dos orgãos importantes. Póde-se fazer a sua extracção com instrumento de gume, se incommodarem; deixam-se no caso contrario.

Tumor frio, indolente. *Veja-se* GLANDULA.

Tumores do seio. *Veja-se* SEIO.

TUPEIÇAVA. *Veja-se* VASSOURINHA.

TURBITHO MINERAL. Sub-sulfato de deutoxydo de mercurio. *Veja-se* vol. II, pag. 418.

TURBITHO VEGETAL. Raiz de uma planta da India, *Convolvulus turpethum*, Linneo. Convolvulaceas. Apparece no commercio em bocados cylindricos, da grossura de uma penna até á de um dedo, de comprimento variavel; cinzenta avermelhada externamente porosa e resinosa no interior; inodora, com sabor levemente amargo e nauseoso. — Purgante pouco usado. *Dóse:* 1 a 4 grammas.

TURNESOL. Materia corante, de côr azul roxa, muito empregada na tinturaria. Acha-se no commercio sob dois estados differentes : 1.° O *turnesol em bandeiras* é preparado com o succo de uma planta chamada turnesol dos tintureiros, *croton tinctorium*, Linneo. Molham-se, n'este succo, trapos que se fazem seccar e que se expõem dspois ao vapor de mistura de ourina e cal. 2.° O *turnesol em pães* é preparado com muitas especies de musgos (*Palmelia rocella* e *tartarea*), que se misturam com metade do seu peso de cinza feita com borra de vinho, e que se reduzem a massa regando-os de vez em quando com ourina; depois a esta massa incorpora-se cal e greda. Esta substancia emprega-se para marcar nas fazendas de panno ou seda desenhos que se bordam depois; serve para tingir, e para preparar a tintura de turnesol que os chimicos empregam para reconhecer a presença dos acidos : este liquido, naturalmente azul, tem com effeito a propriedade de se tornar vermelho, logo que se lhe deita qualquer acido.

TURQUEZA. Pedra preciosa de côr azul opaca que se emprega como joia. Ha d'ella duas especies : 1.° *Turqueza de velha roca* ou *turqueza pedrosa*, é uma pedra de côr azul celeste que se acha em pequenas veias nas argilas ferruginosas na Persia; compõe-se de phosphato de alumina corado com um pouco de oxydo de cobre. 2.° *Turqueza de nova roca* ou *turqueza ossea*, provém dos dentes ou dos ossos dos animaes mammiferos enterrados desde muito tempo no seio da terra, e accidentalmente corados de azul esverdeado; é muito menos dura e menos estimada. A maior parte das turquezas que se acham actualmente no commercio vem da Russia : imitam-se perfeitamente com um esmalte azul.

TUSSILAGEM ou UNHA DE CAVALLO (fig. 874). *Tussilagem farfara*, L. Synanthereas-eupatoriaceas. Planta europea; em Portugal habita no Minho, nos sitios um tanto humidos. Hasteas muitas de uma só raiz,

levantadas, simplices, quasi de sete pollegadas, escamosas, supportando cada uma um capitulo que se abre antes de brotarem as folhas; as folhas são radicaes, de peciolos longos, quasi arredondadas-cordiformes, toda a margem agudamente lobada e denticulada. A sua fórma foi comparada á marca que deixa no chão o pé de cavallo, d'onde veio o nome de *unha de cavallo;* são verdes por cima, esbranquiçadas e cotanilhosas por baixo. O capitulo apresenta, na circumferencia, grande quantidade de meio-florões amarellos, e, no centro, um pequeno numero de flores hermaphroditas, tubulosas, de cinco lacinias. Todo o capitalo é dotado de um cheiro forte, agradavel, e de sabor aromatico. Os florões são emollientes; usam-se em infusão contra a tosse; 2 grammas para uma chicara d'agua fervendo.

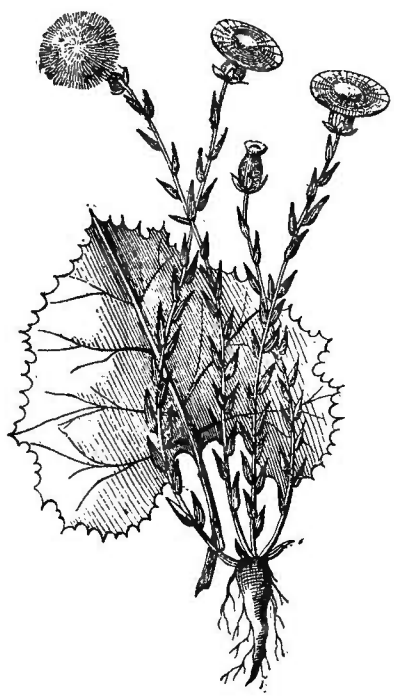


Fig. 874. — Tussilagem.

TYMPANITE. *Veja-se* FLATULENCIA.

TYPHLITE. Affecção caracterizada pela inflammação de uma parte do grosso intestino que se acha na fossa iliaca direita que se chama intestino cego. N'esse logar as materias fecaes ficam paradas mais tempo que em outra qualquer parte do tubo digestivo. Sob a influencia de prolongada accumulação ou da presença de corpos estranhos irritantes, o intestino fica inflammado. Forma-se um tumor mais ou menos molle, seguido de dôres, prisão de ventre, fastio, febre, etc. Esta molestia muito sujeita a recidiva, cura-se quasi sempre, sem difficuldade, por meio do repouso na cama, com a applicação de cataplasma regadas de laudano, nos logares dolorosos, e um purgante de 30 grammas de oleo de ricino ou 40 grammas de citrato de magnesia.

Quando a affecção dura muito tempo e que a irritação é grande, ha inflammação do tecido cellular ao redor do intestino cego, e pode se formar um abcesso. Por se achar perto do peritoneo esta complicação torna-se perigosa; e quando ella se declara é-se obrigado a abrir o abcesso. A operação se faz um pouco acima da prega da virilha, parallelamente á parte externa d'essa prega.

TYPHO. Esta palavra designa uma febre contínua, contagiosa e epidemica, cujo caracter mais saliente é um estado de estupor particular, assaz analogo ao que resulta da embriaguez. Esta molestia declara-se ordinariamente entre as grandes reuniões de gente, quando os individuos que as compõem são expostos a paixões tristes, opprimidos pela miseria e desalinho, obrigados a alimentarem-se de comidas insalubres

e a beberem agua corrompida, ou quando estão accumulados n'um espaço estreito, como acontece nas prisões, hospitaes, acampamentos, etc.

Symptomas. 1.' *periodo.* O typho principia por uma mudança no caracter, indifferença, cansaço geral, somno penoso, máo halito, tremor das mãos, vertigens e uma constricção na bocca do estomago. A estes symptomas succedem *calefrio* nas costas seguidos de calor; depois sobrevem dôr de cabeça, tremores, sêde d'agua ou de bebidas acidas, anxiedade, abatimento das forças, uma sensação de embriaguez, enjôos e vomitos; as ourinas são raras, a pelle humida e quente, o pulso frequente, o somno inquieto. Os symptomas não tardam a aggravar-se : o peso da cabeça e o estupor tornam-se mais fortes, turva-se a vista, zunem os ouvidos, os doentes respondem vagarosamente, têm repugnancia para se moverem, estendem a lingua com lentidão; a deglutição torna-se difficil, sobrevem oppressão e uma tosse fatigante, o ventre torna-se doloroso; as dôres manifestam-se tambem nas barrigas das pernas, nas costas e nas juntas dos dedos. No quarto dia, declara-se, ás vezes, uma hemorrhagia nasal pouco abundante; ao mesmo tempo apparecem vermelhidões e pequenas pintas nas costas, peito, coxas, braços, e ás vezes no rosto. Este periodo dura seis a sete dias.

2.' *periodo.* Esta segunda phase da molestia é marcada pela exacerbação dos symptomas. O pulso é fraco, a prostração extrema, existe delirio; o doente acha-se, ás vezes, n'uma modorra profunda, e experimenta sobresaltos convulsivos. O halito e as evacuações alvinas são de um máo cheiro extremo. Frequentemente existem soluços; as ourinas e as materias fecaes são evacuadas sem que o doente o sinta.

3.' *periodo.* No decimo-quarto ou decimo-quinto dia, se a molestia deve ter um exito funesto, os phenomenos de estupor e os accidentes nervosos fazem novos progressos, e o doente succumbe no meio de uma somnolencia profunda. A morte é, ás vezes, precedida de hemorrhagias abundantes, de uma extensão mui grande das pintas, e da formação das nodoas gangrenosas.

Mas, se pelo contrario, o doente tem de sarar, os accidentes tão graves que acabei de indicar diminuem progressivamente de intensidade; o doente sahe do seu abatimento como de um sonho; manifestam-se, ás vezes, phenomenos chamados criticos, taes como suores abundantes, cachumbas, hemorrhagias nasaes, fluxo bilioso, ou ourinas com muito sedimento.

Esta marcha é frequentemente modificada em certas epidemias por accidentes particulares; a molestia póde ser complicada com algumas outras affecções mais ou menos graves, das quaes as mais communs são a dysenteria e a podridão de hospital. — A convalescença é mui longa e penosa.

Prognostico. O typho é uma das molestias mais graves, tanto pelo numero das pessoas que ataca como pelo numero das que mata. Ha exemplos de ter o typho decimado exercitos, cidades sitiadas, matando a metade, e mesmo os dois terços dos doentes.

Tratamento. Sendo, como deixei dito, a accumulação de grande numero

de individuos a causa principal do typho, comprehende-se, que, para evitar esta molestia, convem evitar a accumulação. — A primeira cousa que cumpre fazer, quando se declara uma epidemia de typho em algum hospital, consiste em isolar os doentes e subtrahil-os ás causas de insalubridade. Convem estabelecer uma ventilação permanente, fazer fumigações de chloro, espalhar nas salas agua de Labarraque, agua phenica, e ter o maior asseio. — Emquanto ao tratamento do typho, varía conforme o estado do doente e o periodo da molestia.

1.° *periodo*. Os evacuantes aproveitam n'esta molestia: é preciso dar no principio uma bebida emeto-purgativa. O doente usará de bebidas acidulas frias, taes como limonada de limão ou de laranja. Caldo de gallinha ou de carne de vacca.

2.° *e* 3.° *periodo*. Quando se desenvolvem os phenomenos nervosos e putridos, emprega-se a valeriana, camphora, almiscar, quina e sulfato de quinina, sinapismos e causticos. É util applicar na testa pannos molhados em agua fria. As ulcerações e as escharas gangrenosas devem ser polvilhadas com pós de quina e carvão de Belloc.

Comparação do typho e da febre typhoide. O typho é contagioso e a febre typhoide não o é, ou só é contagiosa em alguns casos excepcionaes. O primeiro resulta quasi exclusivamente da accumulação mui grande de individuos. Os phenomenos cerebraes, particularmente o estupor, são sobretudo mais salientes no typho; a marcha da molestia é mais rapida, o prognostico mais grave.

RECEITUARIO CONTRA O TYPHO.

Bebida emeto-purgativa.

Agua	720 grammas.
Emetico	5 centigrammas.
Sulfato de magnesia	30 grammas.

Uma chicara de 2 em 2 horas.

Mistura tonica.

Extracto de quina	4 grammas.
Agua de canella	120 —
Xarope de quina	30 —

Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Pilulas anti-septicas.

Camphora	60 centigrammas.
Nitro	60 —
Gomma arabica	60 —
Xarope simples	quanto baste.

Faça 12 pilulas. Para tomar uma de 2 em 2 horas.

Pós de quina e carvão.

Quina em pó	15 grammas.
Carvão de Belloc	15 —

Para polvilhar as feridas e as escharas.

U

UCUUBA. *Myristica sebifera*, Sw. Myristiceas. Arvore do Brazil; frequente no Pará. As sementes fornecem em abundancia um oleo amarellado fracamente aromatico, de apparencia crystallina, proprio para fazer velas. Tanto as velas como o oleo dão uma luz clara e forte. Em medicina emprega-se o oleo efficazmente em fricções contra as dôres rheumaticas.

ULCERA. Chama-se *ulcera* a solução de continuidade das partes molles, mais ou menos antiga, acompanhada de um corrimento de pus, e entretida por vicio local ou por causa interna. Differe a ulcera da *ferida* em que sendo esta sempre produzida por uma causa externa, tende a sarar, e sára com effeito quando nada lhe impede a marcha; a ulcera é, pelo contrario, uma affecção chronica, produzida ou entretida por uma causa interna; a solução de continuidade já não é então a molestia principal, mas sim o symptoma de uma affecção interna, local ou geral, que impede a cicatrização. As ulceras podem manifestar-se em todas as partes do corpo, mas affectam principalmente as pernas. Podem succeder ás feridas simples, quando estas não são bem tratadas, quando o doente não observa bastante asseio, ou quando cança continuamente a parte affectada: mas de ordinario formam-se espontaneamente; eis o que então acontece. A pelle toma uma côr vermelha escura, e ás vezes roxa, ou formam-se alguns botões; o logar incha; declara-se dôr; logo depois, espontaneamente, ou por se ter o doente coçado, abre-se a pelle, destróe-se progressivamente, fornece uma suppuração mais ou menos abundante, e forma-se a ulcera.

Como já deixei dito, toda a ulcera é entretida por uma causa particular. A causa que se oppõe á cura póde ser externa ou interna. As causas externas ou locaes que entretem as ulceras são: a debilidade ou a atonia da parte affectada, a sua grande inflammação, ou o obstaculo que soffre a circulação, e que se manifesta pelo desenvolvimento de veias varicosas. A experiencia mostra que entre as causas internas deve-se contar o virus venereo, os vicios escrophulosos, escorbutico e canceroso. Conforme as causas, as ulceras dividem-se em *atonicas*, *inflammatorias*, *callosas*, *fungosas*, *varicosas*, *venereas*, *boubaticas*, *escrophulosas*, *escorbuticas* e *cancerosas*.

1.° *Ulceras atonicas*. O nome d'estas ulceras vem de *atonia*, que significa fraqueza; e com effeito, dependem da fraqueza geral ou local. As ulceras atonicas reconhecem-se pelo aspecto livido das suas margens, que são despegadas em maior ou menor extensão, pela natureza serosa da suppuração que fornecem, e pela sua superficie violacea. A dôr é quasi nulla, e os soffrimentos são tão leves, que os doentes continuam a entregar-se aos seus trabalhos ordinarios.

2.° As *ulceras inflammatorias* são mui dolorosas, o menor contacto é-lhes sensivel; tem as margens de côr vermelha viva, até certa dis-

tancia; a sua superficie é cinzenta e coberta de carnes esponjosas que vertem sangue ao menor toque; estas são as mais simples de todas as ulceras.

3.' *Ulceras callosas.* Quando as ulceras duram muito tempo, as suas margens tornam-se duras, e a pelle vizinha mais grossa. Dá-se o nome de *collosidades* a estas indurações. As ulceras callosas apresentam-se debaixo de fórma regular, oval ou arredondada; as margens são grossas, proeminentes, lisas, esbranquiçadas ou cinzentas; o fundo é de côr rubra suja, duro, liso, como envernizado e sem carnosidades. Deitam uma materia purulenta e serosa; a pelle vizinha é de um rubro pallido; o tecido cellular subcutaneo acha-se endurecido n'uma extensão mais ou menos consideravel.

4.° *Ulceras fungosas.* Distinguem-se pela exuberancia das carnes esponjosas. Estas carnes são pallidas, molles, largas, chatas, reunidas pela base, ou formam cogumelos semi-transparentes; ora murchas, ora roxas e não dolorosas, ou vermelhas e sangrentas.

5.' As *ulceras varicosas* são entretidas pela dilatação varicosa das veias, e sobretudo pela inchação, á qual esta mesma dilatação dá logar. Existem quasi sempre nas pernas. Reconhecem-se pelas varizes que cobrem a perna, pela sua inchação, pela lividez do fundo da ulceração, pelo caracter seroso e sanguinolento da materia que vertem, e pela côr roxa das regiões vizinhas.

6.° *Ulceras venereas.* As ulceras venereas podem ser *primitivas*, isto é, resultar immediatamente do contacto impuro, ou *consecutivas,* isto é, succeder a uma affecção antiga, cujos primeiros symptomas já tinham desapparecido. A garganta, o interior do nariz, as pernas e os braços, são os pontos em que apparecem com mais frequencia as ulceras venereas consecutivas, em quanto que os orgãos genitaes são só logares ordinarios das ulceras primitivas. Em geral, as ulceras venereas são redondas, tem as margens violaceas, duras, elevadas e cortadas perpendicularmente. A sua dimensão é muito variavel: algumas são mui pequenas; outras, pelo contrario, adquirem promptamente grande extensão.

7.° *Ulceras boubaticas.* Ulceras elevadas, planas rubras, granulosas, de 1 a 3 centimetros de diametro, das quaes reçuma um fluido mucoso; cobertas ás vezes de materia branco-amarellada (*boubas atoucinhadas*).

8.' *Ulceras escrophulosas.* Estas podem atacar todas as partes do corpo, porém mostram-se sobretudo no pescoço. As margens são geralmente formadas pela pelle despegada, roxa e adelgaçada; succedem de ordinario á abertura das postemas.

9.° As *ulceras escorbuticas* observam-se nos individuos affectados de escorbuto; tem a superficie livida, as carnosidades que as cobrem são molles e vertem sangue com muita facilidade.

10.' As *ulceras cancerosas* desenvolvem-se sempre nos logares affectados de cancro (*veja-se* esta palavra); são profundas, segregam um pus fetido, e tem as margens irregulares e viradas para fóra. As ulceras cancerosas affectam varias regiões do corpo, e muitas vezes o utero.

Tratamento. O repouso e a posição horizontal da parte affectada são

as duas primeiras indicações no tratamento da maior parte das ulceras, e sobretudo no tratamento das ulceras das pernas. As ulceras venereas, boubaticas, escorbuticas, e escrophulosas, além do tratamento local que convem a todas as ulceras, e que vai adiante indicado, exigem um tratamento interno que possa destruir a causa do mal; este acha-se descripto nos artigos SYPHILIS, BOUBAS, ESCORBUTO, ESCROPHULAS.

O tratamento local varía segundo o caracter da molestia.

Quando a ulcera é vermelha, dolorosa, convem as cataplasmas de linhaça ou de fecula, e lavatorios com agua morna.

As ulceras atonicas devem ser modificadas por applicações estimulantes; por lavatorios com agua de Labarraque misturada com agua morna, e por diversos unguentos, adiante indicados.

As ulceras fungosas devem ser cauterizadas com pedra infernal, e tratadas pela compressão com tiras agglutinativas.

As ulceras callosas não sáram senão depois de destruidas as callosidades. Para obter este resultado, é preciso cobril-as com cataplasmas de linhaça ou de fecula, cauterizar-lhes as margens com pedra infernal, ou excisal-as, e finalmente empregar a compressão por meio de tiras de esparadrapo.

Para destruir os bichos, que cobrem a superficie de algumas ulceras, applicam-se durante vinte e quatro horas fios untados de unguento mercurial, ou pulveriza-se a ulcera com calomelanos.

As ulceras varicosas das pernas tratam-se pela compressão. Sobrevindo hemorrhagia, applique-se primeiro uma chapa de isca sobre a ulcera, e por cima da isca uma ligadura circular, desde os dedos dos pés até ao joelho. O doente ficará da cama e com a perna elevada sobre uma almofada. Depois de atalhada a hemorrhagia, appliquem-se sobre a ferida fios molhados em aguardente camphorada, e por cima d'estes, cataplasma de linhaça ou de fecula.

As ulceras cancerosas devem ser cauterizadas com substancias causticas, e bastante energicas. *Veja-se* CANCRO.

As applicações que convem contra as diversas ulceras estão indicadas no *Receituario*, que vai adiante. É preciso variar estes differentes meios, substituil-os uns aos outros antes de obter a cicatrização completa. De dois em dois, ou de tres em tres dias, convem tocar a ulcera com pedra infernal. O asseio das ulceras é indispensavel. Entretem-se limpas por meio de lavatorios quotidianos com agua morna simples ou misturada com agua de Labarraque.

RECEITUARIO CONTRA AS ULCERAS.

1.ª *Compressão.* — Usa-se principalmente nas ulceras das pernas. Para executal-a, empregam-se tiras de emplasto diachylão, da largura de 2 a 3 centrimetros, e bastante compridas para fazerem volta e meia ao redor do membro. Applica-se a parte média da tira sobre a porção do membro opposta á ulcara e cruzam-se as duas pontas sobre a solução de continuidade. Cada tira deve cobrir a outra de um terço; e principia-se por

applicar a tira inferior. Por cima d'este apparelho applicam-se compressas, e uma ligadura circular desde o pé até ao joelho. Quando a suppuração é abundante, interpõe-se um panno crivado untado de ceroto entre as tiras do emplasto e as compressas. Muda-se o apparelho cada dois dias nos primeiros tempos, e mais tarde roforma-se menos frequentemente. Depois de obtida a cura, recommenda-se o uso da meia elastica ou da ligadura enrolada; e a abstinencia de grandes caminhadas.

2.° *Solução de chlorureto de cal.*

Chlorureto de cal	8	grammas.
Agua	360	—
3.° Agua de Labarraque		uma garrafa.

Emprega-se a sua solução, que se prepara misturando 1 parte d'agua de Labarraque com 4 partes d'agua commum, fria ou morna. Lavam-se as ulceras com esta solução, ou molham-se n'ella os fios, e applicam-se nas ulceras.

4.° Ceroto simples	60	grammas.
5.° Ceroto de Saturno	60	—

6.° *Agua phenica.*

Acido phenico liquido	1	gramma.
Agua commum	1000	grammas.

Usa-se em lavatorios.

7.° *Glycereo phenico.*

Acido phenico liquido	4	grammas.
Glycerina	40	—

Untam-se os fios com este glycereo, e applicam-se nas ulceras.

8.° Unguento de Arceus	60	grammas.
9.° Unguento digestivo simples	60	—
10.° Unguento digestivo animado	60	—
11.° Unguento de estoraque	60	—
12.° Unguento de Genoveva	60	—
13.° Unguento de madre	60	—

O modo de preparar estes diversos unguentos acha-se indicada no artigo UNGUENTO.

14.° *Glycereo iodado.*

Tintura de iodo	4	grammas.
Glycerina	28	—

15.° *Glycereo de iodureto de potassio iodado.*

Glycerina	40	grammas.
Iodureto de potassio	5	—
Iodo	1	gramma.

16.° *Glycereo de chlorato de potassa.*

Glycerina	40	grammas.
Chlorato de potassa	4	—

17.º *Pós antisepticos.*

Camphora em pó	4 grammas.
Myrrha	4 —
Camomilla	30 —
Carvão vegetal	16 —

Polvilham-se as ulceras com estes pós.

18.º *Outros pós antisepticos.*

Quina em pó	30 grammas.
Carvão vegetal de Belloc	4 —
19.º Vinho aromatico	1/2 litro.

O seu modo de preparação está indicado no artigo VINHO.

Lavam-se as ulceras com este vinho; ou molham-se fios n'elle, e applicam-se nas ulceras.

Ulcera de Moçambique. É uma ulcera que se observa nas pernas ou nos pés, em Moçambique e outros paizes da costa d'Africa. Não é contagiosa: é de margens salientes e reviradas; e tem grande tendencia para destruir os tecidos em profundidade, e caría os ossos quando lhes invade a superficie; occasiona então dôres vivas e enfraquecimento geral. As suas causas são as influencias locaes; ás vezes é produzida pela syphilis.

Tratamento. Cauterize-se a ulcera com o *caustico sulfo-açafroado*, que se prepara do modo seguinte: Tome-se

Açafrão em pó	8 grammas.
Acido sulfurico concentrado	16 —

No momento em que deve ser applicada esta substancia caustica, misture-se n'um pires o acido sulfurico com açafrão, e a massa que resulta d'esta mistura estende-se com uma faca, em camada da espessura de 4 a 5 millimetros, sobre a ulcera que se quer destruir, e deixa-se exposta ao ar até ficar secca; forma-se logo uma crosta secca e dura, que convem cobrir com panno e segurar com atadura. Em alguns dias a porção queimada cahe, e deixa uma ferida limpa que se cura com unguento de Arceus.

Internamente administra-se o vinho de quina, na dóse de 30 grammas, duas vezes por dia. Eis-aqui a receita:

Vinho de quina	500 grammas.

Quando se suppõe que a ulcera depende do virus syphilitico, empreguem-se as pilulas de protoiodureto de mercurio, e o xarope de salsaparilha, do modo que está indicado no artigo SYPHLIS.

Ulcera das cicatrizes. As ulceras antigas, já saradas, tornam muitas vezes a abrir-se de novo, porque o tecido de uma cicatriz retrahe-se sem cessar, a rasga-se com a maior facilidade, e porque a retracção tende continuamente a augmentar a rasgadura que produzio. As ulceras das cicatrizes de queimaduras produzem-se nas mesmas condições. É sobretudo nos braços, nas pernas e no rosto que ha o maior

numero de ulceras de cicatrizes. Em todo o logar em que a pelle está transformada em cicatriz circularmente ao redor de uma parte, a ulcera é quasi inevitavel. Isso explica porque as ulceras extensas das pernas são tão frequentemente seguidas de recahidas. A principio a ulcera das cicatrizes consiste en uma racha, que mais tarde afunda-se e deixa escorrer serosidade.

Tratamento. Tratam-se as ulceras das cicatrizes como as ulceras complicadas de callosidades. Mas o unico remedio efficaz é a autoplastia ou enxerto dermico que consiste em substituir a pelle destruida, tomando sobre o doente mesmo os materiaes necessarios para a reparação, ou na região vizinha ou n'um logar afastado, por exemplo cortando um pedaço de pelle no braço para applical-o na perna.

Ulcera do estomago. *Veja-se* vol. I, p. 1054.

Ulceras da lingua. *Veja-se* vol. II, pag. 317.

Ulceras do olho. *Veja-se* vol. II, pag. 523.

Ulceras das pernas. Na região inferior das pernas existem frequentemente ulceras. São devidas pela maior parte a varizes inflammadas e ulceradas, ou a varizes rotas por uma pancada ou uma ferida. As ulcerações podem ser devidas á ruptura de cicatriz de um antigo eczema com adelgaçamento da pelle, ou a abcessos sub-cutaneos, a derramamentos escorbuticos de sangue, a tumores osseos provenientes de syphilis ou de escrophulas, emfim a bolhas de rupia ou de ecthyma. As ulceras que só occupam a pelle são ulceras varicosas, escrophulosas e escorbuticas. Augmentam em largura e profundidade. No primeiro caso a pelle da perna póde ser inteiramente destruida. No segundo caso ososssos estão descobertos; tornam-se mais volumosos e suppuram.

Conhece-se a natureza das ulceras pelos seus caracteres e pelo estado geral dos doentes. — Quando a perna está coberta de varizes, quando a ulcera se manifestou depois de uma inflammação do uma ulcera, póde-se estar certo que se trata de uma *ulcera varicosa.* — Quando n'um individuo escrophuloso se acha pequena ulceração consecutiva a uma ferida antiga ou recente, seguida de mortificação limitada da pelle, ou quando uma bolha de rupia ou de ecthyma durou certo tempo, trata-se de uma *ulcera escrophulosa.* — Quando n'um individuo syphilitico existio um tumor na perna chamado gomma, a ulcera, que se segue, chama-se *syphilitica.* Quando o doente apresenta symptomas segundarios ou terciarios da syphilis (bubão, syphilides, vegetações syphiliticas, dôres osteocopas), e se então uma ulcera se desenvolver na perna, será tambem de natureza *syphilitica.*

Tratamento. As ulceras das pernas devidas a varizes serão tratadas pela compressão, aguardente camphorada e cataplasmas, do modo que ficou explicado mais acima (vol II, pag. 1143). Depois de modificada a ulcera, isto é quando as carnosidades principiam a apparecer, cura-se com tiras de diachylão, e applica-se por cima da perna uma ligadura enrolada. Reforma-se o curativo todos os quatro dias. Quando a ulcera principiar a cicatrizar-se, se houver carnosidades exuberantes,

cauterizam-se com pedra infernal. Para favorecer a cura, não ha nada melhor do que o repouso e a elevação da perna sobre um plano inclinado. Havendo irritação da pelle, appliquem-se cataplasma de fecula. Se as tiras applicadas muito cedo occasionarem viva comichão, suspende-se a sua applicação, e volta-se ás cataplasmas e lavatorios com infusão de flores de sabugueiro. — Quando as tiras de diachylão foram bem applicadas, e quando a ulcera principiar a cicatrizar-se, o doente póde levantar-se e andar um pouco; mas é sempre melhor que guarde o repouso; a cura será mais prompta.

As ulceras das pernas consecutivas ás feridas nos individuos escrophulosos, escorbuticos e syphiliticos serão tratadas como ulceras varicosas; mas se mostrarem pouca disposição a cicatrizar-se será necessario recorrer a alguns dos unguentos recommendados contra as ulceras em geral (vol. II, p. 1110). Se as ulceras forem a consequencia da syphilis, o doente deve submetter-se ao tratamento interno composto de preparações de mercurio e de iodureto de potassio. O curativo local compõe-se dos unguentos indicados contra as ulceras em geral. Mas qualquer que seja o unguento empregado, é preciso applicar por cima cataplasmas de linhaça. Quando a ulcera entra no periodo da suppuração de boa natureza, isto é quando principia a cicatrização, o curativo com tiras de diachylão é o que ha de melhor.

As ulceras simples reclamam o tratamento geral das feridas (vol. I, p. 1110).

Ulcera do utero, *Veja-se* UTERO.

ULMEIRA, HERVA ULMEIRA OU RAINHA DOS PRADOS. *Spiræa ulmaria,* Linneo. Rosaceas-spiraceas. Uma das mais bellas plantas dos prados da Europa; em Portugal habita nos sitios humidos, á borda dos rios ao norte do Alem-Tejo e outras partes do Reino. Tem a raiz anegrada, horizontal, da grossura e do comprimento de um dedo, guarnecida de muitas fibras filiformes; caule angulado, algum tanto vermelho, da altura de 66 centimetros a 1 metro; folhas compostas de sete foliolos ovaes, desigualmente denteadas, de um verde escuro na face superior, esbranquiçadas na inferior; flores brancas, numerosas, de cheiro grato, dispostas no apice do caule e dos ramos, em largas paniculas corymbiformes. — Esta planta é reputada diuretica; a infusão das suas flores e folhas usa-se contra a hydropisia; prepara-se com 15 grammas de folhas ou de flores, e 500 grammas d'agua fervendo. Faz-se tambem com toda a planta um xarope, que se administra na dóse de 30 a 60 grammas por dia.

ULMO ou **ULMEIRO PYRAMIDAL,** *Ulmus campestris.* Linneo, Ulmaceas. Arvore que em Portugal habita quasi espontanea perto de Cintra, na Estremadura e Beira, e em outras partes pelo norte do Reino. A casca intermedia, isto é, casca privada de periderme, é diuretica; usa-se contra as hydropisias e molestias da pelle, em decocção, que se prepara do modo seguinte:

Casca de ulmo.....	30	grammas.
Agua.....	1000	—

Reduza á metade pela cocção, e junte quanto baste de assucar. Bebe-se ás chicaras, no decurso do dia.

ULTIMAS. *Veja-se* PAREAS.

UMBIGO. *Veja-se* EMBIGO.

UNGUENTO. Os unguentos são medicamentos externos destinados ao curativo das feridas e ulceras, ou servem para fricções quando o medicamento deve ser absorvido. São ordinariamente compostos de gorduras, azeites, cera, terebinthina, pez, resinas, etc. Os unguentos mais usados são :

Unguento de althea.

Mucilagem de raiz d'althea	3 partes.
Banha de porco	9 —
Cera	1 parte.

Coza a mucilagem com a banha até evaporar-se o que houver d'agua, e ajunte a cera. — Usa-se como emolliente, em fricções.

Unguento de Arceus.

Sebo de carneiro	20 partes.	Resina elemi	15 partes.
Terebinthina da Suissa.	15 —	Banha	10 —

Derreta a calor brando o sebo, a banha e a resina; ajunte a terebinthina. Côe por panno de linho; mexa a mistura até esfriar completamente. — Muito empregado para curar as ulceras.

Unguento basilição.

Pez negro	1 parte.	Cera amarella	1 parte.
Colophonia	1 —	Azeite doce	4 partes.

Derreta o pez e a colophonia a fogo brando em tacho de cobre, ajunte a cera, e derretida esta, ajunte o azeite; côe por panno de linho, e mexa o unguento em um gral até arrefecer.

Unguento branco. Veja-se Ceroto de espermacete, vol. I, p. 552.

Unguento cinzento ou *pomada cinzenta. Veja-se Unguento mercurial.*

Unguento digestivo simples.

Terebinthina da Suissa	4 partes.
Gema de ovo	2 —
Azeite doce	1 parte.

Misture em almofariz a gema com a terebinthina, e ajunte pouco a pouco o azeite. — Para curar as ulceras.

Unguento digestivo animado.

Unguento digestivo simples	1 parte.
Estoraque simples	1 —

Misture em almofariz.

Unguento de estoraque.

Azeite doce	15 partes.	Resina elemi	10 partes.
Estoraque liquido	10 —	Cera amarella	10 —
Colophonia	18 —		

Derreta a fogo brando a colophonia, a cera e a resina elemi; tire o vaso do fogo e ajunte o estoraque; e derretido este, ajunte o oleo; côe por panno de linho, e mexa até o unguento esfriar. Para curar as ulceras.

Unguento de Genoveva.

Azeite doce.....	370 partes.	Terebinthina.....	120 partes.
Cera.....	60 —	Camphora.....	2 —
Sandalo vermelho.....	15 —		

Faça unguento segundo a arte. Para curar ulceras.

Unguento da madre Thecla ou *emplasto roxo.*

Azeite doce.....	1000 gram.	Lithargyrio em pó fino..	500 gram.
Banha.....	500 —	Sebo de carneiro.....	500 —
Manteiga.....	500 —	Pez negro purificado....	100 —
Cera amarella.....	500 —		

Deite todas as materias gordurosas n'um grande tacho de cobre, e aqueça até principiarem a deitar fumo: ajunte então pouco a pouco o lithargyrio pulverizado, mexendo continuamente com espatula de páo: deixe a mistura no fogo mexendo continuamente, até que a massa tome a côr roxa escura; ajunte então o pez negro, que é necessario purificar previamente, derretendo-o e coando-o por panno de linho. Quando o emplasto estiver em grande parte esfriado passe-se para um vaso proprio. — Empregado como maturativo nos abcessos.

Unguento mercurial cinzento.

Unguento mercurial duplo.....	1 parte.
Banha benzoinada.....	3 partes.

Unguento mercurial duplo, napolitano ou *de Beaumé.*

Mercurio metallico.....	500 grammas.
Banha benzoinada.....	460 —
Cera branca.....	40 —

Derreta a banha com a cera, vase uma porção da mistura em tacho de ferro, que exporá a uma temperatura moderada, afim de manter o corpo gordo no estado semi-fluido, mexa com o pilão até á divisão completa do mercurio; ajunte, depois, o resto da mistura da banha e cera. Emprega-se para curar as ulceras syphiliticas.

Unguento populeão.

Gomos seccos de choupo.	8 partes.	Folhas rec. de meimendro.	5 partes.
Folhas rec. de dormideiras	5 —	— de herva moura.	5 —
— de belladona..	5 —	Banha.....	40 —

Contunda as plantas em almofariz de marmore, e com a banha faça cozer a calor brando n'um tacho até consumir a humidade. Junte então os gomos de choupo contusos, e deixe digerir por 24 horas. Côe com forte expressão; deixe esfriar. Separe as fezes juntas no fundo do vaso, tirando o unguento por camadas.

Unguento rosado.

Banha.....	1000 gram.	Cera branca.....	8 gram.
Raiz de orcanetta.....	50 —	Essencia de rosas.....	2 —

Digira a orcanetta na banha a banho-maria por uma hora; côe por panno de linho. Ajunte a cera, derreta-a, e mexa a mistura até esfriar quasi inteiramente; mixture, por fim, a essencia de rosas, e deite a pomada em vaso proprio. — Applica-se nas rachas dos labios.

UNHA. As unhas são pequenas laminas duras e oblongas que se acham na superficie dorsal da extremidade dos dedos das mãos e dos pés. Distingue-se nas unhas uma parte posterior ou *raiz*, uma parte média ou *corpo*, e uma parte anterior ou *margem livre*. O *corpo* adhere intimamente pela sua face interna aos tecidos subjacentes. A *raiz*, mais molle e delgada que as outras porções, fica escondida sob a pelle: forma quasi a quinta parte do comprimento total do orgão. Termina pela margem delgada e denteada, que penetra n'uma dobra da pelle, chamada *madre da unha*. Quando acontece arrancar-se uma unha, a madre d'esta lamina cornea fica descoberta, e não tarda a segregar uma materia mucosa que endurece na superficie, materia impellida para diante por uma segunda, e assim de seguida, por tal fórma que a unha cresce por uma successão de laminas corneas, encasadas umas nas outras. As unhas são formadas de um tecido corneo, semelhante ao tecido que constitue os cascos e os cornos dos diversos animaes.

MOLESTIAS DAS UNHAS.

Unha encravada. Dá-se este nome á irritação da polpa do dedo grande do pé, em consequencia de se enterrarem na carne as margens da unha. Apparece quasi exclusivamente no dedo grande do pé, e quasi sempre no lado interno (fig. 875).

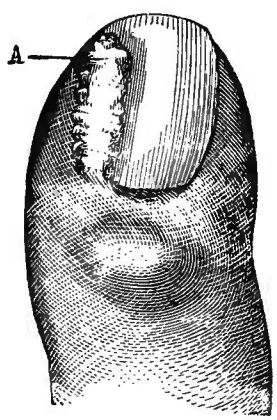


Fig. 875. — Unha encravada (*).

Causas. Esta molestia é quasi sempre acompanhada de uma deviação da unha. Quando se usa de calçado muito apertado, as unhas, comprímidas de um e de outro lado, curvam-se e enterram-se na carne. Em outros casos, a molestia resulta da proeminencia das partes molles. Quando se está de pé, a polpa do dedo forma uma pequena proeminencia de cada lado da margem unha; com o andar a pressão torna-se ainda mais forte; se este estado se prolongar, ou se se repetir com curtos intervallos, as partes molles irritadas ulceram-se pela pressão que a unha exerce sobre os tecidos. O máo costume que tem algumas pessoas de cortar as unhas circularmente, em vez de lhes dar a fórma quadrada, favorece a entrada da unha na carne.

(*) A, Carnes esponjosas.

Symptomas. No começo ha só pequena dôr durante o andar; mas pouco a pouco a pelle ulcera-se sobre o ponto comprimido pela unha; depois desenvolve-se uma vegetação fungosa. Então as dôres tornam-se fortes; ás vezes são taes que o paciente não póde ficar de pé. A molestia propaga-se até á raiz da unha, que se torna movel. Ha corrimento de pus cada vez mais abundante e fetido, as carnes esponjosas crescem cada dia mais. O doente só póde andar firmando-se sobre o calcanhar.

Tratamento. Póde prevenir-se a entrada da unha na carne pelo calçado largo, e quando a molestia existe deve-se ainda usar do calçado cuja ponta tenha 6 centimetros de largura. Com um pouco de paciencia, póde-se curar a unha encravada sem operação. Para este fim deve-se guardar o repouso e empregar um dos meios seguintes :

Quando a unha principia a enterrar-se, quando existe só uma ulceração linear, endireita-se a unha, interpondo, entre a sua margem cortante e a dobra da pelle, fios, ou uma pequena tira de encerado, que se reforma cada dois dias. Póde-se tambem empregar uma pequena lamina de folha de Flandres; introduz-se a margem levemente recurvada entre a unha e as partes molles protegidas por panno de linho mui fino untado com ceroto, e mantem-se n'esta posição por meio de uma atadura enrolada ao dedo.

Com o mesmo fim, introduz-se entre a unha e a carne *esponja preparada*, que incha pouco a pouco pela humidade e levanta a margem da unha. Dá-se o nome de *esponja preparada* á esponja que se enrola ainda humida muito apertadamente com um barbante, de sorte que fique reduzida ao menor volume possivel; assim enrolada é mettida na estufa para seccar. Se se desenvolvêram carnes esponjosas, cauterizem-se com pedrahume calcinada ou com pedra infernal. — Applique-se um panno molhado na solução de perchlorureto de ferro a 30 gráos.

Alguns cirurgiões aconselham destruir as carnes situadas em cima da margem encravada com bisturí ou pós causticos de Vienna. — Raspar a parte mediana da unha com um pedaço de vidro quebrado, para torna-la bem fina; com o andar racha-se a unha pelo meio e imbricam-se as duas partes, o que permitte á margem encravada sahir da carne. — Finalmente, se estes meios não forem sufficientes, convem então extirpar a unha com a raiz.

Friabilidade das unhas. As unhas são ás vezes duras, friaveis em consequencia de empigens que occupam o dedo. Para combater este estado convem applicar todas as noites um panno molhado em glycerina.

Hypertrophia das unhas. Augmento do volume da unha. Ha d'ella duas variedades :

I. *Producções corneas das unhas.* As camadas epidermicas sobrepostas transformam a unha em materia verdadeiramente cornea; a derme que se acha debaixo da unha augmenta de espessura.

Não ha nada a fazer contra as producções corneas das unhas, quando não incommodam. Se sobrevierem ulcerações ao redor da unha e dôres, é preciso limar a unha.

II. *Alteração e hypertrophia parcial das camadas epidermicas da unha.* A syphilis manifesta-se ás vezes por este estado, que sobrevem tambem em consequencia da inflammação simples da madre da unha, ou depois das contusões. Conhece-se este estado pela mudança da côr, pelo augmento da espessura, pela exfoliação parcial, e pela falta de consistencia d'este orgão.

O tratamento geral da syphilis, as fricções com a pomada de iodureto de potassio, são os unicos meios que se podem empregar. Se a lesão não depender da syphilis, nada se faz quando o doente soffre pouco; o arrancamento da unha seria o unico meio a empregar se existissem dôres.

Inflammação da unha ou **Onyxis.** Dá-se este nome a diversas inflammações que podem invadir a madre da unha. A affecção é ás vezes geral; occupa n'este caso toda a madre da unha; outras vezes é só parcial; está então limitada ás margens ou á raiz do orgão. Divide-se o onyxis em *traumatico* e *chronico*.

1.° *Onyxis traumatico.* É mui frequente. As suas causas são: pancadas, feridas, picadas feitas debaixo da margem da unha, a introducção n'este ponto de um corpo estranho, as lesões da pelle que cobre a raiz da unha. A ponta do dedo torna-se dolorosa; a suppuração, que se forma debaixo da unha, apparece sobre os lados d'este orgão, que então se separa ou cahe em parte ou em totalidade. Combatem-se estes accidentes com banhos locaes d'agua tepida e cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Se a molestia foi occasionada por um corpo estranho, cumpre extrahil-o se houver por onde pegar-lhe. No caso contrario, é preciso assegurar-se da sua posição, raspar a unha no ponto em que corresponde, com bisturí ou vidro quebrado, depois fural-a, extrahir o corpo estranho, e evacuar o pus que se ajuntou.

2.° *Onyxis chronico.* Esta affecção invade de preferencia o dedo grande do pé, ás vezes o pollegar da mão, raras vezes os outros dedos. Principia por uma leve tumefacção na raiz da unha; a pelle torna-se avermelhada, violacea, sensivel; formam-se ulcerações no logar affectado, e distilla d'este ponto um liquido viscoso e fetido, ás vezes sanguinolento. Ao mesmo tempo, a unha altera-se profundamente, toma côr amarella ou esverdeada, desprega-se pouco a pouco, e acaba por separar-se completamente. A superficie que deixa descoberta é vermelha, desigual, deita sangue pelo menor toque, e produz pus de má natureza. Mais tarde cobre-se de laminas corneas, que tomam direcções viciosas e entretem a inflammação; a sensibilidade é então extrema, a extremidade do dedo incha, e se o onyxis occupa o dedo grande do pé, o andar torna-se difficil e mesmo impossivel.

Para combater o onyxis chronico, foram aconselhados os meios seguintes: cataplasmas de linhaça ou de fecula, lavatorios com decocção de rosas rubras, applicação de fios molhados em aguardente camphorada, applicação de pedrahume calcinada, cauterização com pedra infernal; mas todos estes meios raras vezes aproveitam. Sendo a

alteração da madre da unha a causa da molestia, o tratamento deve ter por fim destruir esta alteração. Consegue-se isto tirando, por meio de uma incisão semi-circular, a porção da pelle que cobre a madre da unha n'uma largura de cerca de um centimetro; d'esta maneira substitue-se á molestia uma ferida simples, que sára de ordinario em quinze dias. Alguns cirurgiões tiram a unha inteira, e cauterizam fortemente a ferida com pedra infernal. Como estas operações são mui dolorosas, devem ser precedidas da chloroformização do doente. Póde-se tambem obter a insensibilidade local por meio de uma mistura frigorifica. Applicando sobre o dedo uma mistura de duas partes de gelo, e uma parte de sal commum, a pelle torna-se insensivel ao cabo de quatro minutos; póde-se então praticar sem dôr a incisão e a extracção da unha.

UNHA DE BOI. *Bauhinia aculeata*, Linneo. Leguminosas. Arbusto do Brazil. Caule espinhoso, folhas arredondadas, bilobadas, quasi cordiformes; flores com as petalas sinuosas; fructo, vagem comprimida contendo muitas sementes. As folhas são mucilaginosas e algum tanto adstringentes; empregam-se em cataplasmas nas postemas.

UNHA DO OLHO, ou Pterygio. Excrescencia varicosa, de fórma triangular, que se desenvolve ordinariamente no angulo interno do olho, d'onde se estende sobre o orgão. *Veja-se* Pterygio.

UNHAES DA SERRA. Portugal; Beira Baixa; tres legoas da villa da Covilhã. Aguas sulfurosas quentes.

UNHEIRO. *Veja-se* Panaricio.

UNTO. *Veja-se* Banha.

UNTURA. *Veja-se* Fricção.

URBEROAGA DE ALZOLA. Hespanha. Aguas salinas frias, 20°. Usam-se em bebida e em banhos nas molestias do figado, areias, enfartes da prostata, e da madre, gastralgia, asthma, molestias das vias genito-urinarias, rheumatismo musculares.

URETHERE. Os uretéres, da palavra, grega *ouron*, ourina, são dois canaes membranosos, estreitos mas mui longos, que, estendidos dos rins á bexiga, tem por uso conduzir a ourina dos rins a esse reservatorio. Situados um de cada lado, descem obliquamente até á symphyse sacro-iliaca, penetram na bacia, e vão abrir-se na parte posterior e inferior da bexiga por um orificio estreito e obliquo.

URETHANE ou **Carbonato d'ethyle.** Corpo azotado e hydrocarbonado, facilmente soluvel nos vehiculos ordinariamente empregados em therapeutica : agua, ether, alcool, etc. É um hypnotico fraco que pode ser administrado facilmente ás crianças em uma poção levemente aromatizada. As dóses variam de 50 centigrammas a 3 grammas :

Urethane.....	2 gram.	Agua de tilio.....	áa 20 gram.
Xarope de flores de laranjeira.....	10 —	Agua de alface.....	

para um adulto. Para tomar em duas vezes de noite.

URETHRA. No homem, a urethra é um canal musculo membranoso que sahe do collo da bexiga, atravessa a prostata e depois se en-

volve de uma bainha vascular, que se chama bulbo da urethra e os corpos cavernosos. Composto de tecido muscular e de uma mucosa na sua parte interna, o canal da urethra varia de comprimento, no adulto tem elle 16 a 18 centimetros. Serve elle para dois fins : para deitar fóra a ourina que sahe da bexiga, e para conduzir o esperma que penetra na sua cavidade ao nivel da prostata. Tem elle de diametro, mais ou menos 5 a 7 millimetros. Vasio tem a forma de uma fenda transversal e só fica redondo quando atravessa-lhe algum liquido. Faz elle tres curvas que o cirurgião deve bem conhecer para poder fazer a operação do catheterismo.

Na mulher a urethra é muito menos complicada. É um canal quasi direito de 3 centimetros de comprimento e de 7 a 8 millimetros de diametro. Do collo da bexiga elle vem ter ao lado de fóra entre os labios da vulva, na parte superior d'este orificio, logo em baixo do clitoris. Se a sonda n'elle penetra facilmente, nem sempre é facil encontrar o seu orificio com o dedo, sem olhar a vulva. Em razão da falta de curvas e da dilatabilidade d'este canal, a molestia da pedra é mais rara na mulher do que no homem, e quando existe pode ser curada com muito mais facilidade.

MOLESTIAS DA URETHRA.

§ 1. **Contusão.** *Veja-se* CONTUSÃO DO PERINEO, vol. I, pag. 689.

§ 2. **Corpos estranhos no canal da urethra.** Podem vir de fóra ou da bexiga. Entre os primeiros, citarei os alfinetes, os pedaços

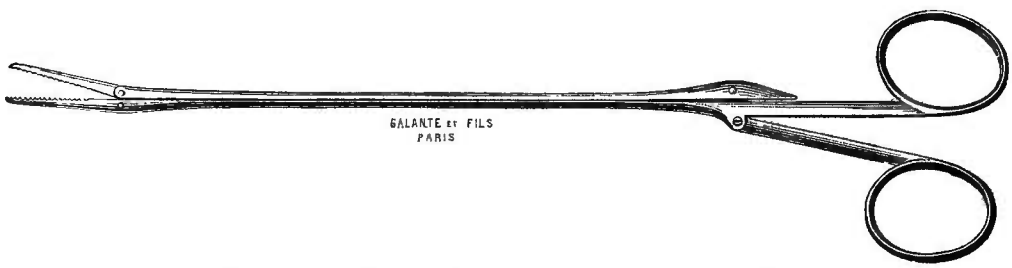


Fig. 876. — Pinça urethral com hastea movediça (*).

de páo, etc., introduzidos por acaso, que penetráram mais ou menos profundamente. Outras vezes são instrumentos cirurgicos que se quebráram nas mãos do operador. A extracção d'estes corpos estranhos, ás vezes facil por meio de instrumentos particulares, exige outras vezes uma operação dolorosa, a incisão da urethra ao nivel do corpo estranho, afim de poder tirar-se directamente. Pequenas *pedras* que sahem da

(*) Este instrumento compõe-se de uma haste encerrada n'uma canula, e cuja extremidade livre tem dois ramos que se apartam por serem elasticos. O instrumento e introduzido fechado; logo que chegou ao calculo, tira-se a si a canula, a qual não contendo mais os dois ramos, estes apartam-se e abraçam o calculo pelas duas extremidadas do seu diametro. Esta pinça recebeo algumas modificações; curváram-n'a para a fazer passar além da porção bolbosa da urethra; dividiram a sua haste em tres ramos em vez de dois, etc.

bexiga podem parar na urethra e produzir dôres mui vivas e a retenção de ourina. Podem extrahir-se por meio de pinças particulares (fig. 876).

A dilatação da urethra se faz por meio do dilatador de Thompson (fig. 877).

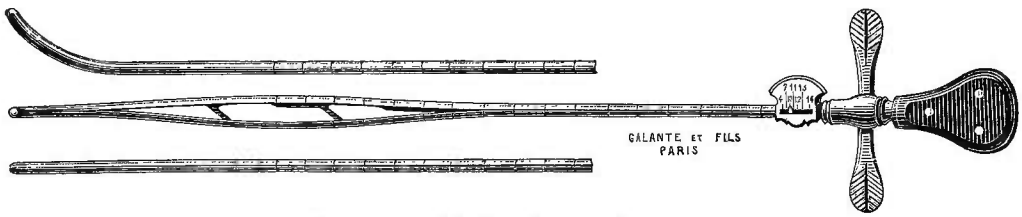


Fig. 877. — Dilataor do Dor Thompson.

§ 3. **Epispadias.** Vicio de conformação caracterizado pela situação anormal da abertura do canal da urethra, a qual se acha colloçada na parte superior do membro viril, mais ou menos perto da parede do ventre. *Veja-se* EPISPADIAS vol. I, pag. 995.

§ 4. **Estreitamento da urethra.** *Veja-se* vol. I, pag. 1062.

§ 5. **Feridas da urethra.** *Veja-se* vol. I, pag. 1141.

§ 6. **Fistulas da urethra.** *Veja-se* vol. I, pag. 1183.

§ 7. **Hypospadias.** Ás vezes o canal da urethra, em vez de abrir-se na extremidade da glande, abre-se na face inferior do membro viril; este estado chama-se *hypospadias*. Existem muitas variedades d'este vicio de conformação. N'uma variedade, o canal da urethra tem a sua abertura na base da glande; n'outra entre a glande e o escroto; na terceira, o escroto é dividido longitudinalmente, e o orificio da urethra existe entre os dois labios da divisão. Se n'esta ultima variedade o membro viril é mal conformado, póde d'isso resultar apparencia do sexo feminino ou hermaphrodismo.

Os resultados da deformidade variam conforme o canal da urethra se abre immediatamente atraz da glande, ou n'um ponto mais ou menos afastado d'ella. Nos individuos, que se acham n'este ultimo caso, o liquido seminal não póde chegar até ao utero, e, por conseguinte, a fecundação para elles é impossivel; tanto mais quanto, ao mesmo tempo, o membro viril é pouco desenvolvido, e se curva fortemente para baixo nas fracas erecções que podem experimentar estes individuos. Pelo contrario, quando o canal da urethra se abre perto da glande, o membro viril póde preencher as suas funcções, e a fecundação póde ter logar. *Veja-se* HYPOSPADIAS, vol. II, pag. 185.

§ 8. **Inflammação da urethra** ou **Urethrite.** Molestia caracterizada por um fluxo puriforme pelo canal da urethra, com sensação de dôr e calor no canal. Ha d'ella duas variedades : *urethrite simples, urethrite blennorrhagica.*

Urethrite simples. Depende da irritação da urethra pelos excessos do coito, da introducção da sonda, da expulsão de um calculo, de grandes caminhadas, etc. É pouco dolorosa; dá logar a suppuração abundante, esbranquiçada e mucosa, misturada ás vezes com sangue. Póde ser

acompanhada dos mesmos incommodos que a urethrite blennorrhagica; mas a sua marcha é mais rapida; em sete ou nove dias cura-se completamente, não é contagiosa. O tratamento consiste em bebidas emollientes e acidulas, infusão de linhaça, agua com xarope de amendoas, limonada de limão ou de laranja; repouso, semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça no perineo, diminuição da quantidade de alimentos, abstinencia de vinho e de licores alcoolicos.

Urethrite blennorrhagica, ou *Blennorrhagia*. Inflammação da urethra occasionada por uma copula impura; é devida ao contagio; é produzida pelo contacto do pus da vaginite blennorrhagica. Esta urethrite acha-se descripta no artigo BLENNORRHAGIA, v. I, pag. 335.

§ 9. **Nevralgia da urethra.** Dôr nervosa ao longo do canal da urethra. *Veja-se* vol. II, pag. 496.

URETHROTOMIA. *Veja-se* ESTREITAMENTO DA URETHRA, vol. I, pag. 1062.

URGEBÃO. *Veja-se* VERBENA.

URIAGE. França. Aguas sulfurosas e salinas, tepidas. — Itinerario de Pariz a Uriage : Estrada de ferro por Chambery até á estação de Gières-Uriage, 14 horas; omnibus d'esta estação até Uriage, 1 hora. Despeza : 73 francos.

Uriage não é cidade nem aldeia : é uma agglomeração de casas de bello aspecto, que todas tem por objecto o serviço das aguas. O estabelecimento thermal está situado ao pé dos Alpes francezes, a 12 kilometros da cidade de Grenoble, n'um logar admiravel. É sobre as ruinas de vastas *thermas romanas* que foram lançados, em 1823, os primeiros fundamentos do Uriage moderno, que se tornou pouco a pouco um dos grandes estabelecimentos de França. O estabelecimento póde conter actualmente cerca de 1800 pessoas. Aposentos completos e confortaveis são dispostos para familias; alguns mesmo com cozinha; entretanto que as pessoas sós acham nos numerosos hoteis grande escolha de quartos ao alcance de todas as bolsas. Um grande e pequeno *café*, cinco *restaurantes*, offerecem todas as facilidades para jantar em separado, ou á mesa redonda. Um *club*, com suas dependencias entre as quaes, um *gabinete de leitura* e um magnifico *salão de dança*, offerece aos banhistas um descanço e distracções para todas as horas do dia. O *culto catholico* está regularmente organizado n'uma grande capella ornada de quadros de mestres; e o *culto protestante* celebra-se todos os domingos n'um local conveniente.

Fontes. Ha duas fontes mineraes : uma *ferrruginosa*, que se emprega como bebida nos casos em que o ferro está indicado; a outra é *sulfurosa e salina*. Esta segunda fonte, que é a unica á qual Uriage deve a sua reputação, é tambem a unica que nos deve occupar. Eis-aqui a sua composição, segundo Lefort. — 1 litro d'esta agua contém :

Azote a 0 gráo e a 760m	19cc,5	
Acido carbonico livre	3cc,2	
— sulfhydrico	7cc,3443	
Chlorureto de sodio		6g,0569
— de potassio		0g,4088

Chlorureto de lithia	0g,0078
— de rubidio	imponderavel
Iodureto de sodio	
Sulfato de cal	1g,5205
— de magnesia	0g,6048
— de soda	1g,1875
Bicarbonato de soda	0g,5555
Hyposulfito de soda	indicios
Arseniato de soda	0g,0021
Sulfato de ferro	imponderavel
Silica	0g,0790
Materia organica	indicios
Total	10g,4229

Esta agua tem, na nascente, uma temperatura de 27 gráos centigrados. É limpida ao sahir do rochedo; o seu cheiro é o de hydrogeneo sulfureo, sabor hepatico e salgado, com um resaibo amargo. Segundo a quantidade, que se bebe, determina dois effeitos differentes. Na dóse *alterante* (1 a 2 copos), é absorvida em grande parte, e annuncia a sua presença no organismo pela excitação das principaes funcções, e principalmente das funcções da pelle. Na dóse *purgativa* (4 a 6 copos), determina abundantes evacuações; é util, então, contra as congestões do cerebro.

Em banhos, a agua de Uriage, reune a dupla acção das aguas chloruradas e das aguas sulfurosas : pelo que convem especialmente aos temperamentos lymphaticos. A sua temperatura natural de 27 gráos é insufficiente para os banhos; pelo que aquece-se com cylindros de ferro cheios de vapor, dispostos na parte inferior dos reservatorios d'agua mineral. Por este meio mantem-se a agua na temperatura de 80 a 90 gráos, e como a agua da fonte tem já 27 gráos, basta ajuntar pequena quantidade d'agua aquecida para preparar um banho.

As duches são perfeitamente organizadas em Uriage, assim como os banhos e as fumigações dos vapores sulfureos. Tambem ha salas de inhalação d'agua pulverizada. Os banhos de soro de leite, uteis nas molestias nervosas, completam os recursos d'esta estação thermal. Duas vezes por dia, numerosas vaccas dão leite quente e substancial. Este leite, recentemente mugido, póde servir para ser misturado com agua mineral, assim como para a alimentação das crianças; torna-se um adjuvante util da cura thermal.

Molestias tratadas em Uriage. A experiencia, ainda mais do que a analyse, tem demonstrado a grande efficacia das aguas de Uriage em muitas molestias chronicas que resistem á medicina ordinaria. Assim, a maior parte das molestias cutaneas, as que affectam o systema lymphatico, as fórmas tão variadas das escrophulas, as consequencias da syphilis, curam-se ali quasi infallivelmente. O seu uso é igualmente salutifero nas affecções nervosas, no rheumatismo e na gota. Emprega-se tambem com vantagem a agua mineral pulverizada para combater localmente as molestias cutaneas do rosto, a acne sobretudo. Debaixo d'esta fórma é igualmente proveitosa contra as laryngites chronicas, certas

affecções dos olhos e das orelhas. As crianças fracas, lymphaticas, escrophulosas, que se desenvolvem difficilmente, experimentam ali melhoras sensiveis. As pessoas delicadas, os individuos enfraquecidos pelo excesso do trabalho, por antigas molestias, ou sómente pela vida debilitante das grandes cidades, as senhoras que se conservam fracas em consequencia de partos, as que se acham sob a influencia de certas affecções uterinas, as jovens chloroticas, recuperam ali as forças e a energia.

Estação. Muitas pessoas julgam que uma estação de aguas mineraes deve durar 21 dias. É um preconceito em nada justificado, e muitas vezes compromette-se o resultado do tratamento, por falta de uma

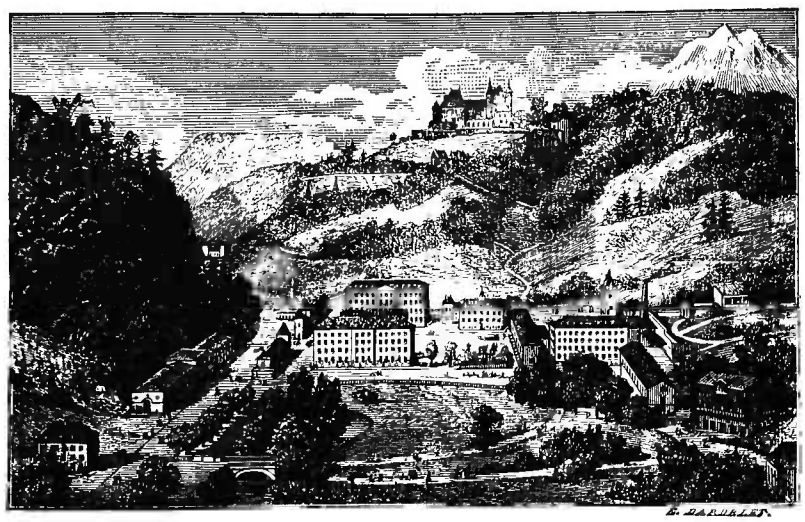


Fig. 878. — Estabelecimento thermal de Uriage.

demora mais prolongada. Um excellente methodo, para as pessoas delicadas, ou nas affecções inveteradas, consiste em fazer *duas estações* no mesmo anno, deixando um intervallo de repouso entre as duas. É preciso então chegar muito cedo, no meio do mez de maio ou no principio de junho, deixar passar os calores de julho, e voltar no meado de agosto. O estabelecimento abre-se officialmente em 15 de maio, e fecha-se em 15 de outubro, mas realmente está sempre aberto, e podem ali tomar-se banhos todo o anno.

As aguas de Uriage, cuidadosamente engarrafadas, e bem arrolhadas, conservam-se por muito tempo sem experimentarem alteração.

URINARIAS (Molestias das vias). *Veja-se* Ourina.

URTICARIA. Dá-se este nome a uma affecção da pelle não contagiosa, que apparece e desapparece com muita facilidade, e que é caracterizada por manchas proeminentes mais ou menos largas, mais vermelhas ou mais pallidas do que a pelle vizinha, precedidas de pequena febre, acompanhadas de comichão muito incommoda. O nome de *urticaria* foi dado a esta molestia por causa da muita semelhança que existe entre

as manchas elevadas que a caracterizam e as que resultam da picada da urtiga. Esta erupção occupa uma superficie mais ou menos extensa, e dura algumas horas; desapparece e torna a apparecer no mesmo ou em outro logar. Atormenta sobretudo os doentes durante a noite.

Causas. A urticaria ataca de preferencia as pessoas mui sensiveis. Ha individuos tão dispostos, que o menor attrito da pelle, a demora n'um logar mui quente, n'um salão, no theatro, etc., determinam immediatamente a erupção. As emoções vivas de prazer ou de afflicção podem occasional-a; as indigestões a produzem ás vezes; emfim, a urticaria complica diversas molestias.

Tratamento. Quando a urticaria é simples, quasi que não exige tratamento : uma dieta branda, alguns banhos mornos, clysteres de linhaça, uma limonada ou laranjada, compõem todo o tratamento. Quando existe indigestão, dá-se chá da India ou de macella. Se a comichão fôr mui viva, acalma-se com lavatorios d'agua fria misturada com vinagre. Ás vezes é preciso tomar um purgante.

URTIGA ou **ORTIGA.** *Urtica* (fig. 879). Genero typo da familia das Urticaceas, encerra plantas herbaceas ou sub-fructescentes, espa-



Fig. 879. — Urtiga branca.

lhadas por todo o globo, e todas cobertas de sedas que causam um ardor forte; este ardor é devido a um liquido caustico que mana de um tuberculo situado na base das sedas, e que se introduz na pelle; folhas oppostas ou alternas; flores dispostas em cachos na axilla das folhas.

Estas plantas, ordinariamente vivazes, habitam nos logares incultos, ao pé das muralhas, mas ás vezes tambem nos jardins bem cultivados. Com os renovos da urtiga maior ou urtigão (*urtica dioica*), feitos em picado, fazem-se bolos para os perús, quando pequenos. Os talos cortados e deitados de môlho com o canhamo, produzem uma filassa de que se podem tecer pannos. Os habitantes de Kamtchatka fazem redes de pesca com uma especie de urtiga. Em medicina, o extracto da urtiga menor (*urtica urens*) foi proposto contra as molestias de pelle, na dóse de 30 a 100 centigram. por dia, em pilulas, e o xarope de succo de urtiga é um excellente remedio curativo e preventivo das hemorrhagias, e contra a hemoptysia.

URUCU ou **Orucú.** *Bixa orellana*, Linneo. Bixineas. Arbusto elegante do Brazil (fig. 880). Tem 4 a 5 metros de elevação; tronco recto, dividido em ramos que formam um topo copado; folhas alternas, pecioladas, cordiformes na base, acuminadas, inteiras e glabras; flores dispostas em paniculas terminaes; corolla de côr branca rosea; o fructo é uma capsula eriçada de espinhos, contendo muitas sementes vermelhas que se empregam na tinturaria, e se usam no Brazil como expectorantes no defluxo e na bronchite, e na asthma sob a fórma de infusão, que se prepara com uma colher *de chá* de sementes de urucú e uma chicara d'agua fervendo. Prepara-se com estas sementes um xarope, que é peitoral e se administra na dóse de 30 a 60 grammas por dia. Empregam-se tambem as sementes na economia domestica para dar côr ao arroz cozido e a alguns outros alimentos.



Fig. 880. — Urucú.

O principal emprego do urucú é para a tinturaria. Para este fim, separa-se e rejeita-se o primeiro envoltorio do fructo. Pisam-se as sementes em celhas de páo, e diluem-se em agua quente. Deita-se tudo sobre um peneiro. A agua passa arrastando comsigo a materia corante e alguns destroços. Deixa-se fermentar sobre o residuo; coa-se e faz-se seccar a materia á sombra. Depois de reduzida á consistencia de massa solida, faz-se com ella pães de 1 a 2 kilos, que se envolvem em folhas de bananeira ou de alguma outra planta. Deve-se escolher o urucú de um bello vermelho. Cede á agua fria um principio corante amarello; e ao espirito de vinho, assim como aos liquidos alcalinos, um principio corante vermelho de natureza resinosa; este toma a côr azul de anil pelo acido sulfurico concentrado. Emprega-se sobretudo o urucú para tingir a seda de amarello alaranjado; dá côres bellas mas pouco solidas. Usa-se tambem para dar côr aos vernizes, azeites, gorduras, manteiga e queijos.

URUPE-PIRANGA. *Boletus sanguineus*, Linneo. Cogumelo do Brazil, chamado em S. Paulo *Orelha de páo vermelha.* É semicircular,

face superior e inferior de côr alaranjada, coriaceo, delgado, pellicula superior com algumas zonas concentricas; pediculo lateral e muito curto. Prepara-se com elle um xarope, que é considerado como peitoral; exige porém cautela na sua applicação.

URZELLA. Pasta de côr vermelha-roxa empregada na tinturaria. Prepara-se com diversos musgos da terra ou do mar. Estes pertencem ao genero *Rocella*, cuja especie mais empregada é a *rocella tinctoria*, que vegeta sobre os rochedos maritimos de Cabo Verde, da Madeira, da Sardenha, da Corsega, das ilhas Canarias, dos Açores, e do Brazil. Os musgos da terra pertencem ao genero *Variolaria*, e habitam nas alturas dos Pyreneos, dos Alpes, etc. A urzella obtem-se deixando fermentar estes musgos com cal e ourina. Aperfeiçoamentos introduzidos n'esta industria, e que consistem especialmente em tratar os musgos pelo ammoniaco e pelos saes alcalinos, permittem excluir hoje a ourina da preparação da urzella.

USSAT. França. Alguas bicarbonatadas e sulfatadas calcicas quentes; 40°. Estabelecimento com 50 quartos de banhos, 2 quartos com grandes duches, 3 gabinetes de duches ascendentes e 5 com duches diversas. Piscina para homens, para senhoras e para crianças; gymnastica. Mineralização total, 1,276. As aguas de Ussat contém carbonato de cal, sulfato de cal, sulfato de magnesia; empregam-se nas affecções do systema nervoso, nas molestias do utero e do seus annexos, esterilidade, affecções do tubo digestivo, atonias organicas; hyperesthesias da pelle, paralysias por acção reflexa, chorea.

UTERO ou **Madre.** Assim se chama o orgão que, na mulher e nas femeas dos animaes viviparos, é destinado a conter o producto da concepção, durante todo o tempo do seu desenvolvimento. Anatomicamente, é um musculo ôco, assás semelhante pela fórma a uma pequena cabaça achatada de diante para traz, situado na parte inferior do ventre, por detraz da bexiga e por diante do recto, debaixo dos intestinos, e por cima da vagina, com a qual communica. O seu comprimento é de 5 a 7 centimetros, a largura na base de 3 1/2 a 4 centimetros, a espessura das paredes de 1 centimetro pouco mais ou menos. A porção mais grossa está em cima, e denomina-se *corpo;* a porção mais pequena está em baixo, e chama-se *collo*. A cavidade do utero, na mulher que não está pejada, é tão pequena, que apenas póde conter uma amendoa; no estado de prenhez adquire muito maior extensão, pois que contém a criança.

MOLESTIAS DO UTERO.

§ 1. **Cancro e scirrho do utero.** *Veja-se* vol. I, pag. 444.

§ 2. **Corpo** ou **Tumor fibroso do utero.** A degenerescencia fibrosa é a mais frequente de todas as que acommettem o utero. O Dr. Bayle não exagera declarando que se acham corpos fibrosos do utero na quinta parte dos cadaveres de mulheres mortas de outras molestias depois do seu trigesimo quinto anno. Os tumores fibrosos do utero são

formados de um tecido de *natureza fibrosa*, isto é compostos de *fibras* amarelladas ou de um branco roseo cruzando-se em differentes sentidos ou dispostas por camadas concentricas. É um tecido novo, accrescentado ao tecido do utero, deposto na espessura das paredes d'este orgão, e formando um verdadeiro corpo separado.

Causas. As causas dos corpos fibrosos do utero não são conhecidas; observam-se geralmente na idade de trinta annos. No maior numero dos casos as mulheres ignoram a sua existencia.

Numero. Os corpos fibrosos são ordinariamente multiplos : ás vezes existe um só tumor no tecido do utero ou debaixo do seu envoltorio externo ou interno; as mais das vezes o seu numero é consideravel, sobretudo quando são de pequeno volume.

Fórma. A fórma é ordinariamente arredondada ou achatada. Quando são numerosos, estes tumores deformam-se mutuamente, achatam-se por compressão, ou confundem-se e soldam-se em massas irregulares; apresentam então relevos na superficie.

Volume. As differenças do volume são ainda maiores do que as da fórma. Encontram-se ás vezes na espessura do collo do utero muitos corpos brancos como lentilhas e mesmo mais pequenos; são duros como cartilagem; entretanto que sobre os diversos pontos do utero, existem outros do volume de um ovo, de um punho, e mesmo do de uma cabeça humana.

Connexões. É raro que os tumores fibrosos estejam unidos intimamente ao tecido do utero, as mais das vezes a adherencia tem logar sómente por filamentos delgados, por pequenos vasos. Os tumores desprendem-se tão facilmente que se julgaria serem kystos.

Symptomas. Os symptomas differem segundo o logar do utero que occupam os tumores fibrosos. Com effeito, estes tumores podem existir : 1.° debaixo do envoltorio peritoneal ou externo do utero; 2.° no proprio tecido do utero; 3.° debaixo da membrana mucosa, isto é, debaixo do envoltorio interno. Estes ultimos tem os mesmos symptomas que os polypos, que serão examinados n'um dos seguintes paragraphos; tratarei só aqui da primeira e da segunda especie.

1.° Os corpos fibrosos sub-peritoneos não produzem a principio symptoma algum particular; por muito tempo as mulheres ignoram a sua existencia; mas desenvolvendo-se comprimem mais ou menos os orgãos vizinhos do utero; ha peso no hypogastro e na bacia; apalpando descobre-se um tumor mais ou menos arredondado, duro, não doloroso. Augmentando de volume, o tumor comprime cada vez mais a bexiga e os intestinos; entretanto é mais facilmente tolerado do que os tumores que tem outra origem, e a vida póde continuar, apezar da presença d'esta especie de corpo estranho.

2.° Ignora-se tambem por muito tempo a existencia dos corpos fibrosos que nascem na propria substancia do utero. O seu desenvolvimento póde ser causa da menstruação difficil e irregular, de flores brancas. Entretanto as mulheres n'este estado podem ser fecundadas, e dar nascimento a crianças a termo. Mas no maior numero dos casos o aborto tem logar,

e o parto é difficil. Os tumores, augmentando de volume, occasionam compressões dos orgãos contidos na bacia.

Prognostico. O prognostico da degenerescencia fibrosa não é grave, se se comparar com o prognostico das outras degenerescencias. O tumor póde ficar de pequeno volume por muitos annos, e n'este caso não occasiona grande incommodo.

Tratamento. O tratamento dos tumores fibrosos das duas primeiras especies, isto é, dos que se acham debaixo do peritoneo e dos que existem na espessura do tecido uterino, reduz-se a combater as complicações quando se póde. Assim deve-se conservar o ventre livre com clysteres d'agua tepida simples, sonda-se a mulher quando a compressão existe do lado da bexiga e impede de ourinar; emfim quando ha gravidez, e quando chega o momento do parto, deve-se recorrer ao forceps, e tomar cuidado com a hemorrhagia, que sobrevem ás vezes, porque o tumor impede as contracções do utero. Todas as preparações pharmaceuticas nada podem fazer contra semelhantes producções. É preciso por meio dos cintos, dos colletes convenientemente feitos, prevenir os incommodos que resultam do peso d'estes tumores. Só podem ser tirados com instrumentos cortantes os tumores que existem na cavidade do utero, e ainda mesmo n'este caso não se deve recorrer á operação, senão quando incommodam muito,

§ 3. **Engurgitamento do utero.** *Veja-se* METRITE CHRONICA.

§ 4. **Frouxo de sangue** ou **Hemorrhagia do utero.** *Veja-se* Vol. II, pag, 133.

§ 5. **Granulações uterinas.** Designa-se debaixo d'este nome uma affecção bastante commum do collo uterino caracterizada pela presença de pequenas excrescencias em fórma de pequenos grãos, offerecendo a estructura de carnosidades.

Symptomas. Os symptomas podem ser locaes ou geraes. Quando se examina com especulo o collo uterino affectado de granulações divisa-se uma superficie rubra, granulosa, de extensão variavel, com margens mais ou menos regulares. Esta superficie é coberta de muco, ou mesmo de pus, que provém ordinariamente da cavidade do collo, liquido que é necessario tirar para bem ver o logar affectado.

As granulações sangram ás vezes ao menor contacto, e ordinariamente não tem sensibilidade, assim como não é sensivel o collo uterino doente. Em geral, estas granulações são confluentes, e formam uma superficie mais ou menos regular; dão ao dedo uma sensação analoga á que produziria a superficie do velludo. — Os symptomas geraes são quasi sempre constantes. A menstruação faz-se mal, é irregular; ha dôres do lado do utero e sobretudo durante a copula, que muitas vezes produz um leve corrimento sanguineo. As dôres uterinas propagam-se ás cadeiras e ás virilhas. As granulações podem ser seguidas de ulcerações, e de fungosidades. O prognostico, aliás, não é grave.

O *tratamento* consiste em injecções com a solução de pedrahume, de tannino ou de perchlorureto de ferro, que são igualmente empregadas contra as ulcerações. Estas receitas estão indicadas na pag. 1169 d'este

volume. Se as injecções não forem sufficientes para produzir a cura, será necessario recorrer á cauterização com pedra infernal.

§ 6. **Inflammação do utero.** *Veja-se* METRITE.

§ 7. **Kystos do utero.** Pequenos saccos sem abertura, que se desenvolvem sobre o collo do utero ou na cavidade do orgão; contém um liquido mucoso ou seroso. O seu volume varía desde o de um feijão até ao de uma noz.

Os *symptomas* são de ordinario pouco evidentes; ha um corrimento mucoso, menstruação irregular, ás vezes leves dôres, mas, em todo o caso, nenhum signal bem caracteristico. Quando os kystos são pouco volumosos, e inteiramente contidos na cavidade do utero, o diagnostico é quasi impossivel. Não é assim quando apparecem fóra do utero. N'este caso o dedo introduzido na vagina póde fazer suspeitar da sua existencia, o especulo permitte reconhecêl-os. Ora são pequenos tumores, lisos, arredondados, situados sobre o orificio do utero, que, salvo uma pequena inchação, não perdeo a sua apparencia normal; ora é uma pequena proeminencia, rubra, que faz hernia atravez do orificio do utero chamado bocca de tenca.

Não se devem tratar senão quando são volumosos, e quando incommodam. Applica-se-lhes n'este caso o tratamento dos kystos em geral: incisão simples ou seguida de cauterização com pedra infernal; ou, então, excisão quando o kysto é pediculado.

§ 8. **Nevralgia do utero.** Dôres no utero, sem deslocação nem lesão organica d'este orgão. *Veja-se* vol. II, pag. 497.

§ 9. **Polypos do utero.** Dá-se este nome a tumores pediculados que se desenvolvem na superficie interna do utero. Uns são molles; chamam-lhes *polypos mucosos;* outros são duros : dá-se-lhes o nome de *polypos fibrosos.*

As *causas* dos polypos do utero são pouco conhecidas. As mulheres solteiras, as casadas, as que tiveram filhos e as que os não tiveram, podem ser igualmente affectadas de polypo; não se sabe a que influencia attribuir a sua origem.

Symptomas. Variam segundo os tres periodos da evolução dos polypos : 1.° quando estas producções são ainda contidas na cavidade uterina; 2. quando descêram para a cavidade do collo do utero; 3.° ou quando fazem proeminencia na vagina.

No primeiro periodo os symptomas são pouco evidentes; ás vezes não existe desarranjo da saude, ou só a menstruação é mais irregular, mais longa, mais approximada. Se a mulher não é mais menstruada, sobrevem frouxos de sangue. Algumas doentes queixam-se de dôres no utero, nas virilhas, cadeiras, côxas; são incommodadas por flores brancas. — No segundo periodo, as dôres persistem nas cadeiras e nas virilhas; ha uma sensação de peso no perineo, prisão de ventre, incommodo insolito na parte superior da vagina. Ás vezes não existem outros symptomas senão flores brancas; outras vezes o polypo, tomando grande crescimento, sem poder atravessar o collo uterino que apresenta certa rigidez, dilata o utero e simula a gravidez. Ao mesmo tempo apparecem frouxos de

sangue abundantes e contínuos. — No terceiro periodo, o polypo descido á vagina exerce uma compressão mais ou menos forte sobre os orgãos vizinhos. A compressão sobre a bexiga produz frequente vontade de ourinar e ás vezes certa difficuldade na excreção das ourinas. As paredes da vagina, irritadas pelo contacto do polypo, inflammam-se e fornecem um corrimento abundante. N'este periodo, como nos precedentes, existem hemorrhagias abundantes. Mais tarde, emfim, o polypo mostra-se na vulva, e arrasta pelo seu peso o utero. Quando o pediculo do polypo é delgado, alonga-se de tal maneira que se rompe ás vezes, e a doente fica curada naturalmente.

Quando o polypo não obstrue o orificio de collo uterino, a fecundação póde ter logar e o parto póde fazer-se; mas as mais das vezes as mulheres abortam, ou o parto é difficil; póde ser seguido de hemorrhagia se o polypo impedir que o utero volte ao seu volume normal.

Em quando o polypo está fechado na cavidade uterina, e ainda não atravessou o collo, o dedo introduzido na vagina não dá informação alguma. Mas a partir d'esta epoca encontra-se na vagina um tumor bem circumscripto e independente das paredes da vagina, mais ou menos volumoso, pyriforme, com grossa extremidade dirigida para baixo, e pequena extremidade ou extremidade pediculada dirigida do lado do utero. Póde-se reconhecer se o pediculo vem das margens do orificio uterino, da cavidade do collo, ou da cavidade uterina.

Diagnostico. Em quanto os polypos estão fechados na cavidade uterina, só se podem ter presumpções sobre a sua existencia, pertencendo a outras affecções os signaes racionaes que os acompanham. Quando os polypos atravessáram o collo uterino, o diagnostico é muito mais facil; mas n'este caso, o tumor apresenta-se ás vezes com apparencias que simulam a descida do utero, assim como esta ultima affecção póde ser tomada por um polypo uterino.

Distingue-se a descida do utero de um polypo pelos caracteres seguintes: Na descida o tumor, de fórma conoide, tem a base em cima, o apice em baixo. No polypo, o tumor é tambem conoide, porem a sua base é em baixo, e o apice em cima. — Na descida o apice do tumor apresenta uma fenda transversal; póde-se introduzir uma sonda por esta fenda até ao interior do utero; a fenda não existe no polypo. Na descida, a reducção do tumor é possivel; é impossivel no polypo.

Prognostico. O prognostico dos polypos ainda contidos no interior do utero, é differente segundo os casos. Não ha perigo quando as mulheres não soffrem senão incommodos occasionados pelo volume e pelo peso d'estes tumores; mas o caso é mais serio, quando sobrevem hemorrhagias frequentes e abundantes que enfraquecem. O prognostico depende do estado geral das doentes. É mais grave no estado de anemia, de inchação geral, de fraqueza. Varía tambem segundo a situação do polypo, segundo este occupar a cavidade uterina, ou que, proeminente na vagina, fôr mais accessivel aos meios cirurgicos; segundo o pediculo fôr mais ou menos largo; segundo o volume da producção morbida

Tratamento. As mulheres só pela operação podem ser desembaraçadas

dos polypos do utero ; mas, para pratical-a é preciso que o polypo já tenha sahido pela abertura do utero, ou que o collo do utero esteja bastante dilatado para que se possam introduzir no utero os instrumentos necessarios.

As operações que se empregam na cura dos polypos são : *torsão*, *ligadura* e *excisão*. A torsão só convem aos tumores que sahiram do utero e tem o pediculo mui delgado. Imprimindo-se então ao tumor movimentos de rotação, rompe-se a sua raiz e obtem-se a cura. A ligadura faz-se com linha, apertando-se com ella a base do polypo : pouco a pouco o tumor mortifica-se e cahe. A excisão pratica-se com a tesoura curva. — As consequencias d'estas operações são mui simples. Os cuidados consistem em fazer injecções na vagina com decocção de linhaça.

Em quanto o polypo está contido na cavidade uterina, o unico tratamento que convem applicar consiste em combater as hemorrhagias ou moderal-as pelos semicupios d'agua fria, injecções com agua fria e vinagre, com cozimento de ratanhia, infusão de rosas rubras, ou solução de pedrahume. Mas, se apezar do tratamento, as hemorrhagias continuarem, é preciso dilatar o orificio uterino ou praticar a sua incisão, para poder attingir o polypo e fazer a extracção. Em todos os casos, quer o polypo esteja ainda contido na cavidade do utero, quer proeminente na vagina não se deve praticar a operação, sem que a doente esteja determinada a isso por symptomas de certa importancia; porque estas operações são sempre graves, e não produzem a cura senão por algum tempo, visto que os polypos, depois de extrahidos, crescem ordinariamente de novo e exigem nova operação no fim de alguns annos.

§ 10. **Prolapso, Quéda** ou **Sahida do utero,** ou **Madre de fóra.** — O utero está sustentado na sua posição por muitos ligamentos ; e, quando estes se acham relaxados, o utero póde descer á vagina, e até deixar-se ver exteriormente. Este accidente toma differentes nomes conforme o gráo de relaxação. Quando o utero desce um pouco, chama-se isto *relaxação* ou *abaixamento ;* quando chega ao nivel da vulva, é o *prolapso*, *quéda;* emfim, se pende entre as coxas, a molestia toma o nome de *sahida do utero* ou *madre de fóra*.

As *causas* que predispõem a esta molestia são as flores brancas os partos numerosos, a prisão de ventre, a largura da bacia, Observa-se sobretudo nas mulheres que tiveram filhos, bem que haja exemplos d'ella entre as mulheres que nunca ficaram gravidas, e até entre as solteiras, O prolapso do utero sobrevem ordinariamente em consequencia de esforços para erguer pesos, de quédas sobre o pés, joelhos ou nadegas, de abalos produzidos pelo movimento de uma sege, dos esforços para lançar ou obrar, da tosse, espirros, saltos, dança ;póde tambem ser produzido pela posição vertical mui prolongada. Em algumas mulheres manifestam-se pelas mais leves causas.

Symptomas. Os symptomas offerecem algumas differenças conforme o gráo da deslocação. No primeiro gráo, n'aquelle em que o collo do utero não passou além da vulva, as pacientes experimentam dôres nas cadeiras e nas virilhas, um peso incommodo no perineo, puxos, maior ou menor

difficuldade em ourinar, e muitas vezes uma purgação. Introduzindo-se o dedo na vagina, encontra-se o collo uterino muito mais baixo do que no estado natural, e não ha então duvida alguma sobre a natureza da affecção que produz estes symptomas.

No segundo gráo, quando o utero apparece fóra na vagina, observam-se ainda os mesmos phenomenos, porém muito mais salientes; convem accrescentar-lhes a irritação do tumor pelo contacto das ourinas e pelo andar: o tumor então incha e inflamma-se. A inspecção das partes é sufficiente para reconhecer a molestia; é inutil tocar com o dedo. Distingue-se esta affecção do polypo com que tem alguma semelhança, porque no prolapso o orificio do utero sempre existe na parte inferior do tumor.

O prolapso do utero, mesmo quando é pequeno, é frequentemente acompanhado de dôres no estomago e desarranjo na digestão. As mulheres experimentam, ás vezes, uma sensação singular, que consiste em lhes parecer que de repente o ventre lhes fica vazio: esta sensação é sempre acompanhada de um quasi desmaio.

Geralmente, é difficil obter-se a cura do prolapso do utero; só póde curar-se radicalmente quando é recente e pouco consideravel. Entretanto esta molestia, ainda no seu mais alto gráo, não compromette a vida das doentes; mas nem por isso deixa de ser muito incommoda.

Tratamento. É mui facil pôr o utero na sua situação natural, quando o prolapso está no primeiro gráo. Em muitas mulheres a reducção opera-se pela unica posição horizontal, ajudada ou não de leve pressão feita sobre o tumor. Mas não é tão facil mantêl-o no seu logar: só o seu peso, a posição vertical, a simples elevação dos braços por cima da cabeça, são sufficientes para produzirem o prolapso. Para curar-se radicalmente, é preciso que a doente se submetta ao repouso durante muitas semanas, estando sempre deitada; que use duas vezes por dia de semicupios d'agua fria, e faça, depois de cada banho, seringatorios adstringentes na vagina com um dos liquidos frios cujas receitas são:

1.° Cozimento de raiz de ratanhia.....	500 gram.	Pedrahume.....	30 gram.
2.° Agua	1000 —	3.° Infusão de rosas rubras...	500 —
		Tannino.....	8 —

Depois de cada seringatorio, introduz-se na vagina a esponja molhada n'um d'estes liquidos e deixa-se por algumas horas: d'esta maneira a acção do remedio será mais prolongada e efficaz. Procede-se do modo seguinte: molha-se uma esponja, do volume e comprimento do dedo pollegar, envolve-se em panno de linho molhado igualmente no mesmo liquido, e que se liga com uma linha a uma das extremidades da esponja; um prolongamento d'este panno e a linha devem ficar de fóra, afim de servirem para a extracção. A mulher introduz este apparelho estando deitada.

Os banhos do mar são tambem uteis contra o prolapso do utero. Se estes meios forem insufficientes para obter a cura, recorra-se ao *pessario*. É um annel redondo ou oval, de marfim ou de um tecido de linho coberto

de muitas camadas de oleo seccante, que se introduz na vagina, para manter o utero na sua posição natural. *Veja-se* PESSARIO.

Quando o utero sahio completamente, é, ás vezes, difficil reduzil-o. Para fazer a reducção n'este caso, faz-se deitar a mulher de costas, unta-se o tumor com azeite doce, e comprime-se com uma das mãos, em quanto se abre a vulva com a outra.

§ 11. **Ulceração do utero.** Designa-se debaixo do nome de *ulceração do utero* toda a solução de continuidade do collo uterino não occasionada por um ferimento, estendendo-se em superficie e em profundidade, entretida por uma causa geral ou local. Dividem-se em *ulcerações inflammatorias*, e em *ulcerações cancerosas*. Occupar-me-hei só das primeiras, não sendo as outras senão um epiphenomeno do cancro, molestia descripta no vol. I, pag. 444. Ha tres variedades de ulcerações inflammatorias do utero :

1.ª *Ulcerações superficiaes*. Ás vezes a molestia é tão superficial que não existe senão uma simples vermelhidão, de que é quasi impossivel determinar os limites. Logo depois a ulcera profunda-se mais e invade maior ou menor espessura da membrana mucosa; as margens da ulceração acham-se muitas vezes inchadas. Observam-se as ulcerações sobre todos os pontos do collo, mas particularmente sobre o labio posterior da bocca de tenca. Quando a lesão é superficial, o collo perde simplesmente o brilho, é mais vermelho do que no estado normal; qnando é mais profundo, o collo é molle, de um rubro violaceo, desigual, apresentando proeminencias devidas a folliculos inflammados; a superficie ulcerada cobre-se de uma camada de mucosidade; enfim se a ulceração invadir a cavidade do collo, este orgão fica meio aberto.

2.ª *Ulcerações granulosas*. A ulcera é mais excavada do que na especie precedente; as suas margens são salientes, as carnosidades que a cobrem levantam-se acima das superficies vizinhas e sangram ao menor contacto. O collo do utero está deformado, os seus labios inchados, orificio ligeiramente aberto.

3.ª *Ulcerações fungosas*. Esta fórma é em geral consecutiva ás precedentes; é caracterizada por tumores vasculares salientes.

As ulcerações do collo do utero são quasi sempre acompanhadas de um engurgitamento d'este orgão, ás vezes de uma verdadeira hypertrophia; o collo adquire então dimensões enormes, e póde attingir o volume do punho de um adulto. Nas mulheres que tiveram filhos, o collo hypertrophiado está dividido em muitos lobos endurecidos, que tem sido tomados por cancro.

Symptomas. As doentes tem um corrimento mucoso-purulento cuja abundancia não está em relação com a extensão da ulceração; em alguns casos sobrevem espontaneamente um corrimento sanguineo. Ás vezes as ulcerações não determinam dôr alguma; outras vezes, os soffrimentos são mui vivos; apparecem de ordinario nas epocas menstruaes, e fazem-se sentir nas cadeiras, na região hypogastrica, nas virilhas, coxas, etc. Não é raro observar perturbações nas funcções digestivas : perde-se o appetite, existe muitas vezes uma prisão de ventre muito rebelde. Esta

affecção é essencialmente chronica; nenhuma tendencia tem para sarar espontaneameute.

Diagnostico. As ulcerações inflammatorias differem das ulcerações cancerosas; estas tem as margens duras e elevadas, e fornecem uma suppuração fetida. Mas os caracteres são variaveis, e o exame directo não basta sempre para determinar exactamente a natureza da ulceração. É preciso então considerar os symptomas geraes, e lembrar-se de que a ulcera cancerosa é acompanhada de tez amarella, emmagrecimento e outros desarranjos de saude que não existem nas ulceras simplesmente inflammatorias.

Causas. A ulceração do collo é uma affecção mui frequente. É muitas vezes consecutiva á inflammação do útero, e ás flores brancas. Apparece de 25 a 30 annos. O temperamento lymphatico, a habitação nas cidades, os partos repetidos são considerados como causas predisponentes. Succedem ás vezes ás verdadeiras erupções do collo uterino, semelhantes ás que apparecem na pelle.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido propostos contra as ulcerações simples do collo uterino; são as injecções com a solução de pedrahume, de tannino, de perchlorureto de ferro; as applicações de fios embebidos da tintura de iodo; mas o meio mais seguro é a cauterização com pedra infernal. Estes meios devem ser acompanhados de semicupios d'agua tepida. Eis-aqui as receitas:

1.ª *Injecção com a solução de pedrahume.*

Pedrahume	60	grammas.
Agua	1	litro.

2.ª *Injecção com a solução de tannino.*

Tannino	8	grammas.
Agua	1	litro.

3.ª *Injecção com perchlorureto de ferro.*

Perchlorureto de ferro liquido a 30 gráos	30	grammas.
Agua	1000	—
4.ª Tintura de iodo	15	—

UTUAPOCA. *Veja-se* MARINHEIRO DE FOLHA LARGA.

UVA. Fructo da parreira, *Vitis vinifera*, Linneo, arbusto da familia das Ampelideas, cultivado na Europa, commum em Portugal, e que vegeta tambem no Rio de Janeiro. Apresenta-se sob a fórma de cachos, formados pela reunião de grande numero de bagas fixas a um pedunculo commum chamado *engaço*. Varía o volume, a côr e o sabor da uva, conforme as variedades que produz a cultura; assim, as uvas são redondas, ovaes, de côr esverdeada, amarella, vermelha ou preta, mais ou menos adocicadas, fig. 881. Este excellente fructo goza de propriedades laxativas e diureticas; serve para a preparação do vinho. As uvas seccas ao sol chamam-se *passas*, e comem-se na sobremesa. N'este mesmo estado empregam-se em medicina. A mistura de partes iguaes de passas, tamaras, jujubas e figos, constitue o que se chama nas boticas *quatro*

fructos peitoraes, que são empregados para a preparação dos cozimentos peitoraes.

A uva está madura quando o pediculo do cacho se torna roxo, quando o cacho pende, quando o envoltorio da uva cede debaixo do dedo. Pisam-se as uvas para extrahir o succo de que se faz o vinho. Poucas substancias naturaes nos ministram um tão grande numero de alimentos e medicamentos; são: as uvas maduras e recentes, as passas, o arrobe, o vinho, o vinagre, a aguardente, o cremor de tartaro, a potassa, etc., etc.

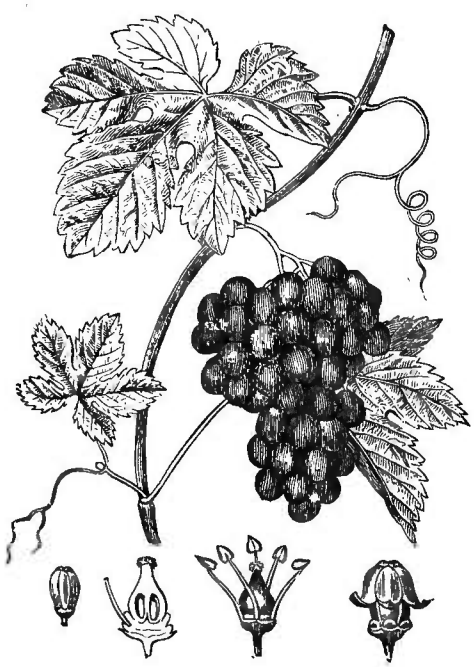


Fig. 1881. — Cacho de uvas pretas.

UVA URSINA. *Arbustus uva ursi*, Linneo. Ericaceas. Pequeno arbusto que vegeta nos paizes montanhosos da Europa meridional. Caules avermelhados, deitados, do comprimento de 25 a 35 centimetros; folhas alternas, coriaceas, obovadas, brilhantes, de sabor muito adstringente; flores brancas, levemente purpurinas na base; fructo, baga globosa, vermelha, da grossura de um grão de groselha, de sabor um pouco acido. As folhas gozáram de certa celebridade contra as areias, e são ainda hoje empregadas como diureticas. Em pó administram-se na dóse de 2 a 4 grammas; e em infusão na de 10 grammas para 1000 grammas d'agua fervendo.

UVALHEIRA. *Eugenia uvalha*, Camb. Myrtaceas. Pequeno arbusto do Brazil; habita especialmente na provincia de S. Paulo. Os fructos (*uvalhas*) são umas bagas amarellas e succulentas, de cheiro agradavel, de sabor ora acido, ora doce-acidulo. São comestiveis; com as uvalhas acidas se preparam xaropes e limonadas refrigerantes. Ha tambem *uvalhas do campo*, que são os fructos da *Eugenia pyriformis*, Camb.; são doces e menores que os do arbusto precedente.

UXI. *Uxi umbrosissimus*. Chrysobolaneas. Arvore da Flora brazileira; habita pelas florestas da provincia do Pará. Arvore colossal, bastante frondosa, de folhagem espessa, sendo a côr de um verde escuro; os seus fructos, verdadeiras drupas indehiscentes abundantissimos e aromaticos, são mui estimados como alimento pelo seu pericarpo, ou ligeira massa que reveste a drupa, o qual é doce, delicioso ao paladar, embora um pouco aspero. O caroço do fructo é recommendado pelo Sr. Dr. Castro, do Pará, como proprio para atalhar os escarros de sangue e as hemorrhagias uterinas. Dá-se internamente em pó tenue, na

dóse de 4 a 8 grammas em vehiculo apropriado, por exemplo em uma infusão de rosas rubras, ou cozimento de althea. Esta dóse toma-se em quatro partes iguaes, de hora em hora. O dito caroço é extremamente duro, e só por meio de uma groza de ferro póde ser reduzido a pó, ficando este mui fino, e em fórma de felpa bastante leve.

V

VACCA (fig. 882). Chama-se *vacca* a femea da especie bovina, em idade perfeita de parir. A idade em que as vaccas devem principiar a empregar-se na reproducção varía desde 18 mezes até 3 annos. A duração média da gestação é de 285 dias ou cerca de nove mezes. Uma vacca dá, termo médio, por dia, depois de parir :

Durante os	60 primeiros dias.....	10	litros de leite.
—	90 seguintes.....	8	—
—	60 —	6	—
—	30 —	4	—
—	40 —	3	—

Ou, durante 280 dias, 1,920 litros.

Os productos medios extremos que foram notados, são :

Producto minimo.....	1,489 litros.
Producto maximo.....	2,662 —

Durante os primeiros dias consecutivos ao parto, o leite não é proprio para o consumo; é muito seroso e não contém caseo; corrompe-se depressa, mas não se azeda. Sendo o leite o principal producto das vaccas, importa, por conseguinte, escolher as que o dão em maior quantidade e de melhor qualidade. Infelizmente, a escolha nem sempre é facil. Em geral, as vaccas boas leiteiras tem raras vezes fórmas que agradem á vista : muitas vezes são magras e mal conformadas; outras, entretanto, tem as fórmas bem contorneadas. Uma boa vacca leiteira deve ter a pelle macia, a parte posterior do corpo relativamente mais larga do que a anterior, as pernas curtas e delgadas; as tetas grandes, redondas e duras quando cheias, pequenas e flaccidas depois de mungidas; as veias mammarias volumosas, muito visiveis e mais ou menos tortuosas.

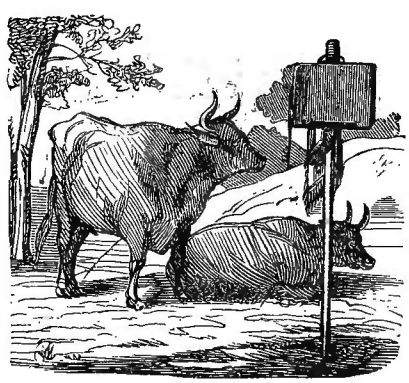


Fig. 882. — Vacca.

Os alimentos das vaccas influem, não sómente na quantidade, mas tambem na qualidade e no gosto do leite. O leite das vaccas mal nutridas é branco e magro. As cenouras córam o leite; as raizes de salsa hortense lhe dão um gosto agradavel; acontece o mesmo com o tomilho, salva,

funcho, cominhos, bagas de zimbro, folhas de aipo : um punhado d'estas plantas basta para a ração de cinco vaccas. As vaccas são tão faceis de engordar como os bois; a sua carne é boa e tem até a fibra mais fina do que a do boi, porém reputa-se de qualidade inferior, porque se não engordam as vaccas senão depois de velhas, quando já não dão leite passados 10 annos de idade, e as mais das vezes nem são engordadas, tendo sido esgotadas pelos partos e producção do leite : todavia, se fossem convenientemente engordadas ainda novas, seria a sua carne tão boa como a do boi. *Veja-se* Boi, Touro, Vitello.

VACCINA. Virus particular, dotado da propriedade de preservar das bexigas, e chamado *vaccina*, porque foi colhido primitivamente das borbulhas das vaccas. As vaccas tem, ás vezes, nos ubres botões ou borbulhas, que se chamam *cow-pox* em Inglaterra. A materia contida n'estes botões, communicada ao homem, produz botões inteiramente semelhantes, e susceptiveis de transmittir, pelo mesmo meio e infinitamente, a mesma erupção a outras pessoas. Esta erupção offerece a admiravel particularidade de preservar do contagio das bexigas, ou ao menos de diminuir-lhe os effeitos. Antes d'esta descoberta, a *inoculação* era o unico recurso para impedir os funestos effeitos das bexigas, communicando-as em circumstancias favoraveis. Consistia esta operação em introduzir sob a pelle a materia das bexigas, colhida com uma lanceta pela picada de um botão de bexigas. Mas a inoculação está substituida ha oitenta annos pela *vaccina*. Assim se chama tambem a erupção de um ou mais botões produzida pela inserção do virus vaccinico. Eis-aqui como o Dr. Jenner chegou a fazer esta preciosa descoberta. No condado de Glocester, em Inglaterra, este medico, cujo nome será para sempre memoravel, observou nas grandes inoculações de bexigas que se praticavam cada anno, que em certos individuos, que se occupavam de ordenhar vaccas, não pegava a molestia. Soube depois que estes individuos tendo esfoladuras nos dedos contrahiam botões, semelhantes ao *cow-pox* das vaccas. Concluio d'isso que, inoculando a materia d'esta erupção a todas as outras pessoas, poderia preserval-as igualmente das bexigas. A experiencia justificou plenamente as suas esperanças; e esta grande descoberta foi proclamada em 1798. Acolhida ao principio com alguma prevenção, a vaccina não tardou entretanto a passar da Inglaterra aos outros paizes : todos os governos esforçaram-se por fazer gozar os seus povos d'este grande beneficio, e hoje a vaccina acha-se espalhada por todo o globo. As suas vantagens são immensas, pois que substitue uma molestia sem consequencia a uma molestia grave de que ninguem póde julgar-se isento, e que causa horriveis deformidades, mutilações deploraveis, e muitas vezes a morte.

Consistindo o resultado da vaccina em prevenir as bexigas, é preciso, por conseguinte, não haver demora em vaccinar as crianças. Se não houver epidemia de bexigas, nenhum inconveniente occorre em se differir esta operação até ao segundo ou terceiro mez; no caso contrario, convem vaccinar alguns dias depois do nascimento.

Maneira de vaccinar. Chama-se *vaccinação* a operação pela qual se

enxerta o fluido vaccinico tirado de outra pessoa. Póde-se vaccinar indistinctamente em todas as partes do corpo, mas de ordinario escolhe-se a parte *superior e externa do braço*. Importa muito, nas meninas, vaccinar na região superior e externa do braço, na sua parte muito alta, para que não se vejam as marcas de vaccina, quando, depois de chegadas á idade de 18 annos, usarem de vestidos com mangas curtas. Eis-aqui como se procede. Emprega-se geralmente uma lanceta molhada no liquido vaccinico (fig. 883). Depois de pegar no braço da criança e estender a pelle com a mão esquerda, o vaccinador com a mão direita introduz obliquamente a ponta da lanceta, a meia ou uma linha de profundidade debaixo da pelle; demora-se assim alguns instantes, e depois tira a lanceta (fig. 884). Ordinariamente dão-se tres ou quatro picadas em cada braço. Em vez da lanceta póde empregar-se uma agulha; de maneira que qualquer pessoa, ainda que não seja medico, póde vaccinar. Se para embeber a lanceta ou agulha não se puder



Fig. 883. — Lanceta para vaccinar.

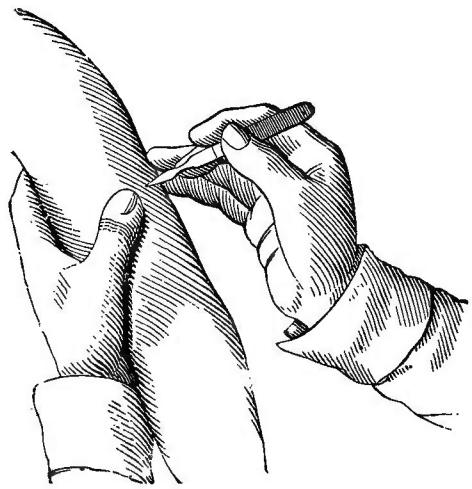


Fig. 884. — Maneira de vaccinar.

molhar n'um botão vaccinal, o que se chama vaccinar de *braço a braço*, empregue-se o pus vaccinico conservado entre dois vidros : então dilua-se na menor quantidade d'agua fria possivel, agitando-o por alguns minutos com a ponta da lanceta, até que esta mistura adquira alguma opacidade. Para ser de boa qualidade, o pus vaccinico deve colher-se do setimo ao nono dia depois da vaccinação. É preciso que seja transparente, sem côr, ou levemente amarello, e viscoso se é liquido, ou de apparencia gommosa se está secco. Os botões desenvolvem-se com maior certeza, quando se vaccina de braço a braço, do que quando se extrahe o virus de laminas de vidro.

A vaccinação pode-se fazer tambem na parte interna da perna, perto da barriga da perna.

Symptomas da vaccina. Uma vez introduzido o virus no corpo, desenvolve-se uma serie de symptomas que passo a descrever. Nos primeiros dias, não se vê cousa alguma, além dos carecteres inseparaveis de qualquer picada. Do *terceiro ao quarto* dia, distingue-se, em cada picada, um ponto vermelho, principio de um botão que se torna mais apparente no *sexto* dia consecutivo á vaccinação (fig. 885, *a*). No *setimo* dia, o botão alarga-se, achata-se, afunda-se levemente no centro, e toma côr branca

tirante a azul; ao mesmo tempo, a base fica envolta em um circulo vermelho que augmenta pouco a pouco. No *oitavo* dia, o botão cresce em volume; a materia que elle contém adquire côr mais escura; o circulo vermelho muito estreito que até então o cingia fica de côr mais viva; a inflammação propaga-se ao tecido cellular subcutaneo (*b*). No *nono dia*, o botão circular é mais largo, mais elevado, mais cheio de materia, e é cingido de um circulo vermelho (*c*). No *decimo dia*, este circulo augmenta de extensão; a pelle subjacente fica inchada; e no botão distingue-se com a lente grande numero de pequenas vesiculas cheias de um fluido transparente (*d*). N'esta epoca, o vaccinado experimenta um calor mordicante, peso, comichão e um movimento febril. No *undecimo dia*, o botão vaccinal tem 4 a 8 millimetros de diametro, é de côr de perola, duro, resistente e ligado á pelle (*e*). Do undecimo dia em diante, o botão principia a seccar, e a crosta negra, dura, que lhe succede, cahe do *decimo oitavo* ao vigesimo-setimo dia, deixando em seu logar uma cicatriz indelevel.

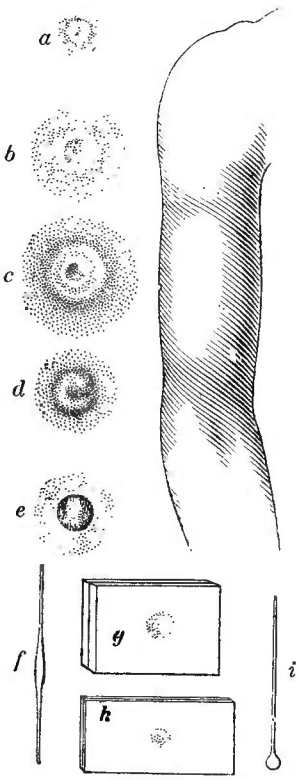


Fig. 885.— Vaccina.

O desenvolvimento da vaccina nem sempre é tão regular : assim, em algumas circumstancias raras, os botões não apparecem senão no vigesimo ou trigesimo dia; em outras, em vinte e quatro ou trinta e seis horas. Ás vezes, a vaccina percorre a sua marcha em oito ou dez dias. O effeito preservativo é entretanto o mesmo. Não é raro que os botões vaccinicos se desenvolvam em pontos do corpo nos quaes a inoculação não foi praticada; resultam de uma infecção geral. Ordinariamente o numero dos botões que se desenvolvem é menor que o das picadas : acontece, ás vezes, que não se desenvolve senão um só botão : a vaccinação nem por isso é menos efficaz; mas n'este caso não se deve abrir o botão. — Depois da operação não ha cautela alguma que tomar, não deve haver mudança nos costumes do vaccinado, nem em seus alimentos; preservar-se-hão sómente os botões de toda a especie de attrito ou compressão.

Em algumas pessoas, causas não conhecidas oppõem-se ao desenvolvimento da vaccina; nas crianças recemnascidas, de tres ou quatro dias, a vaccinação falha ordinariamente duas vezes contra tres; pega bem noventa e oito vezes contra cem, seis semanas depois do nascimento. Se a primeira vaccinação não fôr seguida do desenvolvimento dos botões, será preciso repetir a operação, duas, tres, dez e mais vezes; variar as epocas, as estações, até haver toda a certeza de que o individuo é inteiramente rebelde á vaccina, ou que a sua organização é tão feliz, que está livre do tributo que pesa sobre as outras pessoas. Mas esta immu-

nidade para contrahir a vaccina não é duravel; póde cessar depois de mezes ou annos.

Maneira de conservar a vaccina. A vaccina é um liquido transparente, viscoso, sem côr nem cheiro, que se parece com o humor dos causticos. O caracter essencial da vaccina preservativa é a viscosidade : quando se pica uma borbulha com a ponta da lanceta, o licor vaccinico deve sahir lentamente, e reunir-se em um globulo; uma gotta deve fazer fio entre os dedos como se fosse xarope. Tal é ordinariamente a vaccina no setimo e oitavo dia depois da inoculação, epoca em que se deve empregar para vaccinar outros individuos.

Quando não se póde vaccinar de *braço a braço*, isto é, inocular immediatamente a um individuo o fluido vaccinico tomado no mesmo instante em outro individuo, recebe-se este fluido entre dois vidros (fig. 885, *g*, *h*), que se cobrem depois exactamente com papel. Póde-se tambem conservar o fluido vaccinico em tubos de vidro de 12 millimetros de comprimento e capillares nas pontas (*i*, *f*). Para carregal-os de vaccina, fazem-se muitas picadas nas borbulhas vaccinaes, e approxima-se successivamente das gottas de vaccina a extremidade mais delgada d'estes tubos, nos quaes o fluido se introduz em virtude da capillaridade que possuem; quando o tubo está quasi cheio, fecham-se-lhe as extremidades, approximando-as de uma vela accesa, e cobrindo-as com lacre. Para poder transportar estes tubos sem quebral-os, mettem-se em canudos de penna cheios de serradura de madeira, que se fecham depois com cera. A vaccina assim colhida conserva a sua virtude por muitos annos. Para se servir d'ella, quebram-se as duas pontas do tubo, adapta-se a uma d'ellas um pequeno tubo de palha, e tendo posto a outra extremidade sobre uma lamina de vidro, sopra-se brandamente : o fluido vaccinico corre assim do tubo para a lamina, e emprega-se como quando se vaccina de braço a braço

Vaccina falsa ou *espuria*. Em logar de uma boa vaccina, que acabo de descrever, como typo, vê-se, ás vezes, uma *vaccina falsa :* esta não tem nem a mesma fórma, nem a mesma marcha, e não preserva das bexigas. A vaccina falsa não contém depressão central, nem côr branca azulada; o botão eleva-se em ponta, o apice abre-se e deixa sahir uma materia amarella. O que distingue sobretudo a boa vaccina da falsa, é que esta apparece no primeiro ou segundo dia, e faz progressos tão rapidos, que adquire todo o seu desenvolvimento no tempo em que a verdadeira vaccina apenas se mostra. No setimo dia tudo está acabado, entretanto que n'este lapso de tempo, o verdadeiro botão contém a vaccina em toda a sua força. A falsa vaccina desenvolve-se ás vezes sem causa determinada, mas ordinariamente procede de ter sido o individuo já vaccinado ou já ter tido bexigas; procede tambem de ter o pus vaccinico mais de nove dias, ou emfim de haver a criança com as unhas coçado a feridinha.

Até ao anno de 1815 não houve duvida alguma sobre a virtude preservadora da vaccina: mas n'aquella epoca observou-se em França um exemplo de bexigas em um individuo vaccinado. Na epidemia de bexigas

em Edimburgo em 1818, na de Londres e de Pariz em 1825, na de Marselha em 1828, viram-se pessoas vaccinadas contrahirem a molestia, da qual algumas succumbíram. Estas tristes observações inspiráram poderosas duvidas sobre a virtude preservadora da vaccina. Mas tambem é facto observado que mesmo as bexigas naturaes nem sempre preservam por toda a vida de novo ataque, e que entretanto, quando repetem, só é em epoca remota da primeira. A virtude preservativa que tem as bexigas naturaes está no seu auge immediatamente depois da molestia, e vai-se depois enfraquecendo gradualmente. Baseando-se n'estes factos, muitos medicos fizeram pesquizas, e chegáram a esta solução : que o virus vaccinico perde com o tempo a sua propriedade preservativa, e que convem revaccinar. Mas no fim de que tempo se deve recorrer a esta nova operação? Segundo os documentos que a sciencia possue a este respeito, o intervallo de dez a doze annos é aquelle após o qual os ataques das bexigas se tornam mais communs : assím, poder-se-hia revaccinar no fim d'este tempo. Esta providencia é sobretudo indispensavel durante uma epidemia de bexigas. Quando uma pessoa sómente ganhasse n'isto a tranquillidade, seria motivo bastante para não desprezar segunda vaccinação.

VAGADO. Esta palavra tem diversas significações. Ordinariamente quando se diz : *deo um vágado*, isto significa *cahir em desmaio* (*Veja-se* DESMAIO). Outras vezes, esta palavra designa uma *vertigem*, ou um ataque de *epilepsia*.

VAGINA. A vagina é um canal membranoso mui extensivel, estendido da vulva até ao utero. A extremidade exterior ou vulvaria da vagina é notavelmente mais estreita que o resto do canal. Nas virgens, este orificio é em parte fechado em baixo por uma membrana em fórma de meia lua, que se chama *membrana hymen*. Entretanto, esta membrana póde faltar originariamente, sem que a mulher tenha perdido a sua virgindade.

MOLESTIAS DA VAGINA.

I. **Fistula vesico-vaginal.** *Veja-se* vol. I, pag. 1189.

II. **Inflammação da vagina** ou VAGINITE. A inflammação da vagina póde ter tres fórmas : a vaginite simples, a vaginite blennorrhagica, e a vaginite granulosa.

A *vaginite simples* é occasionada pela falta de asseio, pela introducção de corpos estranhos, como, por exemplo, de pessarios, pelos excessos venereos, pela primeira copula com um homem são. Os symptomas são : vermelhidão da membrana mucosa, dôres geralmente pouco vivas, corrimento mucoso-purulento. Não é contagiosa.

A *vaginite blennorrhagica*, pelo contrario, succede sempre ás relações com um individuo affectado de esquentamento. A membrana mucosa fica rubra, injectada, e observam-se mesmo excoriações superficiaes; fornece um pus abundante, de um amarello esverdeado, essencialmente virulento. O seu contacto sobre a membrana mucosa do canal da urethra determina a blennorrhagia no homem; este pus, levado por inadvertencia

aos olhos, produz uma molestia muito grave chamada conjunctivite blennorrhagica. Propagando-se a inflammação aos vasos lymphaticos, a vaginite é frequentemente acompanhada de inchação das gandulas da virilha. È igualmente frequente vêl-a acompanhada de uma urethrite, determinada pelo contacto do pus com o orificio das vias urinarias.

A *vaginite granulosa* é um estado inflammatorio da membrana mucosa da vagina, na qual esta membrana se cobre de granulações rubras, produzindo pela sua reunião o aspecto dos grãos de um morango. Encontram-se estas granulações nas vaginites que duram. Podem ser consecutivas a uma vaginite blennorrhagica, mas observam-se tambem fóra de qualquer affecção contagiosa: existem nas mulheres affectadas de leucorrheas antigas. O dedo, introduzido na vagina, dá uma sensação que revela a presença das granulações; o exame por meio do especulo permitte reconhecer uma reunião de pequenas granulações isoladas, do volume de um grão de milho painço. Ha um corrimento de pus abundante, branco ou amarellado.

Tratamento. A principio, quando a vaginite, de qualquer fórma que seja, se acha no periodo agudo, é preciso usar de banhos d'agua morna, e de injecções emollientes, taes como a decocção de linhaça, de raiz de althea, ou de folhas de malvas; passa-se depois ás injecções adstringentes (alumen, tannino, ratanhia, etc.). Um bom meio consiste em introduzir na vagina uma bola de pasta de algodão molhada em espirito de vinho, que se reforma cada 24 horas. As injecções com solução de azotato de prata são tambem uteis. A estes meios é preciso accrescentar na vaginite blennorrhagica, o uso interno de copahiba e de cubebas (*veja-se* vol. I, pag. 338).

RECEITUARIO CONTRA AS VAGINITES.

Injecção de coaltar saponinado Le Beuf.

Coaltar saponinado Le Beuf. Uma a duas colheres *de sopa* em meio litro d'agua.

Injecção com alumen.

Alumen	30 grammas.
Agua	1 litro.

Injecção com tannino.

Tannino	8 grammas.
Agua	1 litro.

Injecção com cozimento de ratanhia.

Raiz de ratanhia	30 grammas.
Agua	1 litro.

Ferva, e côe.

Solução de azotato de prata.

Agua distillada	60 grammas.
Azotato de prata	1 gramma.

A injecção faz-se com pequena seringa de vidro. Para cada injecção não se deve empregar mais de 30 grammas de liquido, por ser este bastantemente forte.

III. **Kystos da vagina.** São *superficiaes* ou *profundos*, segundo occupam a entrada da vagina ou uma parte mais profunda. Qualquer que seja a sua séde, apresentam-se debaixo do aspecto de um tumor de volume variavel, liso, fluctuante, não doloroso á pressão; causam ás mulheres mais incommodo do que dôr. O liquido que contém é ordinariamente claro e transparente, ás vezes avermelhado e viscoso. É preciso abrir largamente estes kystos, e cauterizar depois a sua face interna com pedra infernal.

IV. **Nevralgia da vagina.** *Veja-se* vol. II, pag. 497.

V. **Polypos da vagina.** Os polypos desenvolvidos nas paredes da vagina não são frequentes. Podem ser fibrosos ou mucosos. Quando o seu volume é bastante consideravel, podem pôr algum obstaculo ás relações sexuaes ou ao parto; aliás, não causam dôr; a sua presença determina só um incommodo e uma sensação de peso. Conhecem-se facilmente pelo tacto e pelo exame com o especulo; a simples inspecção basta para reconhecêl-os, quando fazem proeminencia pela vulva. É preciso tiral-os pela ligadura ou excisão.

VI. **Prolapso, Queda, Sahida,** ou **Relaxação da vagina.** O prolapso da vagina é caracterizado por um tumor formado pela proeminencia da membrana interna da vagina no interior mesmo d'este conducto (*prolapso incompleto*), ou entre os grandes labios da vulva (*prolapso completo*).

Causas. Esta affecção observa-se sobretudo nas mulheres de constituição lymphatica ou enfraquecidas por diversos motivos. As leucorrheas antigas e abundantes, a frequencia dos partos e dos abortos, a inflammação chronica, predispõem ao prolapso da vagina.

Symptomas. As enfermas sentem um peso na vagina: apparece entre os grandes labios um tumor arredondado, quando o prolapso é parcial; duplo, quando a membrana mucosa faz proeminencia por diante e por detraz; circular, quando existe um prolapso completo. O andar é difficil; a posição sentada é mui incommoda; a bexiga, o canal da urethra e o recto estando puxados, resultam d'isto perturbações na excreção das ourinas e na defecação. A irritação causada pelo attrito, pelo contacto da ourina, determina a inflammação da membrana mucosa que se cobre de excoriações. Sobrevem então uma secreção mucoso-purulenta, dôres mui vivas, que se propagam até ás cadeiras; outras vezes, apparece uma inchação tal, que existe um verdadeiro estrangulamento produzido pela vulva. O diagnostico é facil, porque o tumor continua com a membrana mucosa que reveste a vulva. Se o tumor fôr circular, e se se introduzir o dedo na sua parte central, encontra-se a bocca de tenca situada mais ou menos profundamente. Esta affecção, pouco grave, é as mais das vezes difficil de curar.

Tratamento. É preciso reduzir o tumor, e manter a reducção por meio de pessarios; usar de semicupios d'agua fria, fazer injecções com dis-

solução de pedrahume, com infusão de rosas rubras, fria, com decocção de raiz de ratanhia, igualmente fria; introduzir na vagina uma bola de de pasta de algodão polvilhada com pós de galhas; a doente deve conservar-se na posição horizontal o mais tempo possivel. A excisão da membrana mucosa é uma operação á qual não se deve recorrer senão quando o tratamento que acaba de ser indicado não produzio a cura.

VAGINITE. *Veja-se* vol. II, pag. 1176.

VALDIERI. Italia. Aguas sulfatadas, sodicas, sulfureas frias a quentes, 28° a 69°. Lymphatismo, escrophula, dermatose, affecções das mucosas estrumosa e arthritica, engurgitamentos ganglionarios, molestias articulares, paralysias rheumatismaes, intoxicações metallicas, restos de antigas syphilides, feridas por armas de fogo, fractura, luxações.

VALERIANA. *Valeriana officinalis*, L. Valerianaceas. Planta que habita na Europa (fig. 886). Caule um pouco avelludado, da altura de 1 metro a 1 metro 36 centimetros; folhas pubescentes, dentadas; flores pequenas de côr branca rosada, cheiro agradavel. Raiz formada de grande numero de radiculas cylindricas de 2 á 4 millimetros de diametro, esbranquiçada por dentro, amarellada por fóra; sendo fresca, o cheiro é quasi nenhum, mui fetida quando secca, sabor acre e amargo.



Fig. 886. — Valeriana.

A raiz de valeriana é um medicamento antispasmodico e sedativo, frequentemente empregado em muitas affecções nervosas, como enxaqueca, epilepsia, hysterismo, vertigens, atordoamentos, palpitações nervosas. Administra-se em pó na dóse de 2 a 4 grammas por dia, ou em infusão quo se prepara com 2 grammas de raiz de valeriana e 180 grammas d'agua fervendo. O extracto de valeriana administra-se em pilulas na dóse de 1 a 8 grammas. O melhor meio de empregar a valeriana é em perolas do doutor Clertan de 20 centigrammas de tintura etherea, na dóse de 4 a 10 por dia,

VALERIANATO DE AMMONIACO. Sal que se acha no estado solido, em crystaes brancos; ou liquido, sem côr, muito espesso. Antispasmodico, aconselhado contra a epilepsia e o hysterismo, na dóse de 5 a 50 centigrammas por dia em poção.

VALERIANATO DE QUININA. Sal crystallizado em octaedros ou hexaedros, de cheiro desagradavel, sabor amargo; soluvel em partes d'agua fria, ou em 40 partes d'agua fervendo. Emprega-se nas febres intermittentes, e sobretudo nas febres adynamicas. Dóse : 15 a 45 centigrammas por dia, em pilulas, ou dissolvido em agua. Administra-se em perolas do Dr Clertan, de 10 centigrammas de sal chimicamente puro.

VALERIANATO DE ZINCO. Sal sob a fórma de palhetas brilhantes, de côr branca semelhante á madreperola; é soluvel no alcool; é inalteravel ao ar e não é deliquescente. Antispasmodico e calmante; util na enxaqueca, epilepsia, nevralgia facial e nas outras nevroses. Emprega-se na dóse de 10 a 40 centigrammas por dia, em poção ou em pilulas impressas de L. Frere, de cinco e dez centigrammas.

VALLA. Precauções a tomar quando se limpa uma valla. *Veja-se* vol. I, pag. 606.

VALS. França. Aguas alcalinas frias, e aguas arsenicaes ferruginosas frias (fig. 887).

Itinerario de Pariz a Vals. Estrada de ferro por Lyão até Privas : 15 horas 37 minutos. Carro de Privas a Vals : 3 horas. Despeza 98 francos.

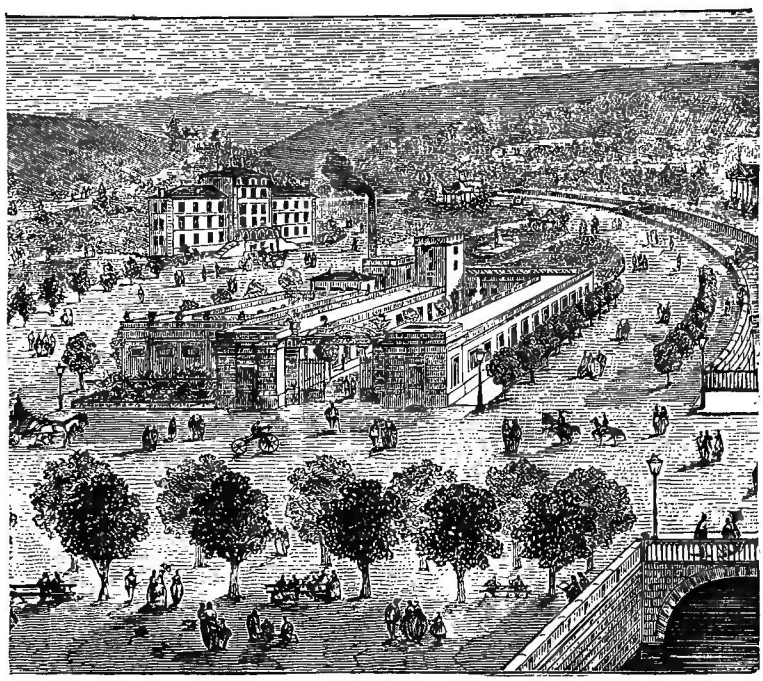


Fig. 887. — Vals. — Vista do estabelecimento balneario.

Vals é uma pequena cidade de perto de 3000 habitantes, situada n'um lindo valle cercado de montes cobertos de vegetação, e atravessado por um pequeno rio. As fontes mineraes são ali numerosas, todas tem por principio mineralizador o bicarbonato de soda, com excepção das fontes *Dominique* e *Saint Louis* que contém ferro e arsenico. A sua temperatura é fria, não excede 16 gráos centigrados. As aguas são limpidas, de sabor alcalino e acidulo; devem o gosto picante ao gaz acido carbonico que se acha n'ellas em proporções variadas, livre ou combinado de maneira persistente.

A quantidade de *bicarbonato de soda*, que contém as aguas *alcalinas*, varía segundo as fontes. Eis-aqui os nomes das fontes, e a quantidade de bicarbonato de soda, contida n'um litro d'agua segundo o chimico Henri:

Saint Jean	1ᵍ,480	*Saint Vincent de Paul*	1ᵍ,000
Rigolette	5ᵍ,800	*Convalescents*	1ᵍ,714
Précieuse	5ᵍ,940	*Chloé Dupasquier*	5ᵍ,289
Désirée	6ᵍ,040	*Souveraine*	6ᵍ,515
Magdeleine	7ᵍ,280	*Constantine*	7ᵍ,053
Pauline	1ᵍ,611	*Marquise*	7ᵍ,154

Estas aguas contém além d'isto muita quantidade de gaz acido carbonico, e pequenas quantidades das substancias seguintes : bicarbonato de potassa, de cal, de magnesia, de ferro e de manganez; chlorureto de sodio; sulfatos de soda e de cal; silica; alumina; iodureto alcalino; e lithia.

A composição das fontes *ferro-arsenicaes* é a seguinte; em 1 litro d'agua :

Fonte Dominique. Arseniato, silicato, phosphato e sulfato de ferro, juntos 44 centigrammas; acido sulfurico livre, 1ᵍ,33; vestigios de sulfato de cal, chlorureto de sodio e de materias organicas.

Fonte Saint Louis. Arseniato 1 milligramma; acido sulfurico livre 99 milligrammas, Esta agua contém perto de 40 centigrammas, por litro, de todas as outras substancias juntas, que são : silicatos de ferro, de alumina, de manganez, de cal, de soda; sulfatos de ferro, de cal, de soda; sulfatos de ferro, de cal, de potassa, e de soda.

As aguas *alcalinas* de Vals convem nas molestias seguintes : hypertrophias do figado, colicas hepaticas, engurgitamentos do baço, catarrho da bexiga, areias, gota, diabetes, albuminuria. As aguas *ferro-arsenicaes*, fornecidas pelas fontes *Dominique e St Louis*, são recommendadas contra a cachexia paludosa, chlorose, e molestias de pelle.

As aguas de Vals usam-se sobretudo em bebida; existe porém ali um estabelecimento thermal, perfeitamente organizado, que permitte associar á bebida o emprego dos banhos, e das duches. A agua engarrafada conserva-se indefinidamente. A estação thermal dura do 1° de maio até ao fim de setembro. Os doentes acharão n'um grande hotel, construido ha poucos annos, e situado no meio de um grande parque, todas as commodidades de que precisarem.

VAPORISADOR. Apparelho especial destinado a reduzir em pó, por meio de um jacto de vapor, liquidos medicamentosos ou simplemente hygienicos e a projectal-os sobre diversas partes do corpo ou na atmosphera de um quarto. N'estes apparelhos a pulverisação do liquido faz-se automaticamente por um jacto de vapor que é projectado por um tubo capillar que está em communicação com um outro tubo que se acha mergulhado no liquido que se quer pulverisar, e que aspira, para bem dizer, este liquido e o reduz a pó fino.

Ha diversos apparelhos para fazer essas pulverizações, um dos melhores e que mais se recommenda é o *Vaporisador-Inhalador Bobœuf*, que apezar de sua simplicidade prehenche todas as condições desejaveis e apresenta a grande vantagem de ser de uma manipulação simples e isempta de qualquer perigo.

O *Vaporisador-inhalador Bobœuf* por sua disposição engenhosa, é um

apparelho commodo para espalhar na atmosphera em forma de vapor o agente antiseptico c antimicrobio por excellencia : O « *Phenol Bobœuf* », ou qualquer outro perfume que se queira vaporisar.

Maneira de se servir : Para se servir do apparelho, desaparafuza-se o apice A, e, por meio do funilzinho dc vidro que acompanha o apparelho, deita-se na caldeirinha o conteudo do copinho G cheio d'agua até á gra-

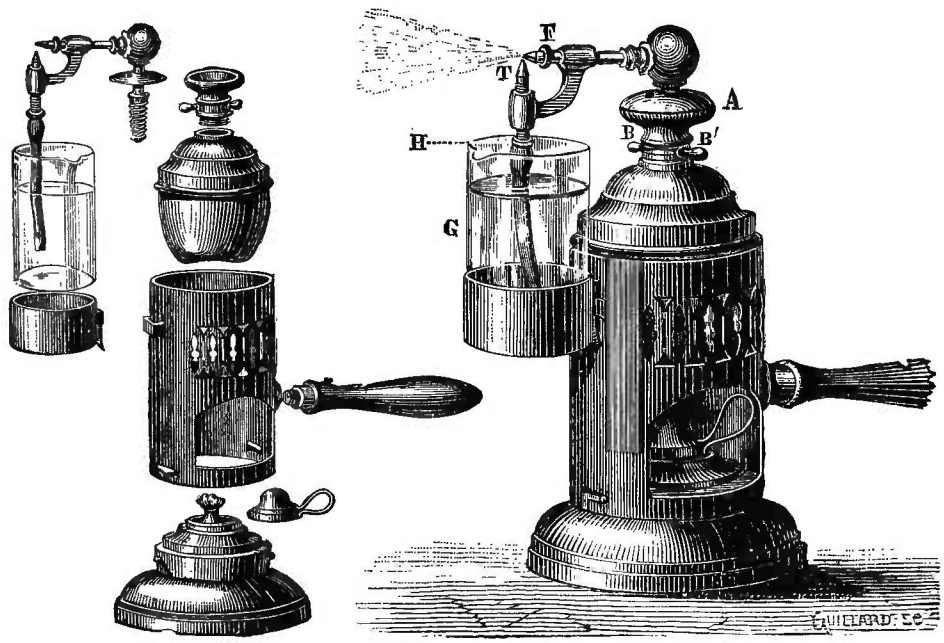


Fig. 888.

dação de 100 grammas; ataraxa-se outra vez a partc A, pegando-se nas duas hastes B e B'. Enche-se o copinho G de Phenol Bobœuf ou de qualquer outro liquido que se queira vaporisar, e mergulha-se n'elle o tubozinho de borracha.

Para fazer funccionar o apparelho accende-se a lampada de alcool. Quando a agua começa a ferver, sahc ella pela extremidade do tubo fixo F em forma de vapor, obtem-se então a vaporisação fazendo subir ou descer por meio da haste H a extremidade do tubo de metal T, vis-á-vis do tubo F, até que o jacto de vapor venha direito ao tubo vertical T. Ouve-se então um assobio fino que indica que o apparelho está funccionando. Quando se quer parar com a vaporisação, basta apagar a lampada de alcool. Este vaporisador se vende no deposito-central do Phenol Bobœuf á rua Faubourg Poissonnière nº 61, em Pariz.

VAREJEIRA. (Mosca.) *Veja-se* vol. II, pag. 455.

VARICELLA. Synonymo de catapororas. *Veja-se* v. I, p. 503.

VARICOCELLE. Tumor do escroto formado pela dilatação das veias do cordão espermatico.

Symptoma. O varicocele desenvolve-se em geral com extrema lentidão; quando adquirio um volume notavel, o doente queixa-se de peso, de

certo incommodo que augmenta pelo andar, pelos esforços, e propaga-se da virilha até ás cadeiras; o escroto está laxo, alongado, a pelle parece mais fina, mais transparente. Apalpando o cordão, sente-se um tumor molle, nodoso, dando ao dedo a sensação de uma reunião de barbantes; este tumor diminue, como todas as varizes, pelo repouso na cama e pelo calor. Se o paciente afastar as causas determinantes, o varicocele póde ficar por muito tempo limitado a estes caracteres. A enfermidade então é mais incommoda do que dolorosa, e o suspensorio é sufficiente. Mas, as mais das vezes, o doente não tem o cuidado de afastar as causas aggravantes, nada faz para impedir os progressos do mal. Então o varicocele torna-se uma enfermidade mais grave; uma simples caminhada produz uma verdadeira fadiga. Comtudo a dôr e o incommodo que occasiona o varicocele variam segundo os individuos; certos doentes tem bolsas enormes, porém entregam-se sem grande incommodo aos exercicios mais violentos; outros soffrem muito de tumores pouco volumosos. Muitas vezes o varicocele não tende a fazer progressos, sobretudo quando o doente evita a fadiga e traz um suspensorio bem feito; outras vezes o tumor augmenta de volume e acaba por tomar proporções enormes; ha exemplos de varicoceles que chegavam até á parte média da coxa. Entretanto no fim de certo tempo a molestia fica estacionaria, diminue e desapparece mesmo com o progresso da idade.

Causas. O varicocele mostra-se ordinariamente dos quinze aos vinte annos; affecta quasi geralmente o lado esquerdo. Esta frequencia do lado esquerdo é attribuida a diversas causas anatomicas; á pressão exercida sobre as veias espermaticas pelas materias accumuladas no intestino que existe n'este lado, ou pela posição da veia espermatica que desemboca na veia emulgente a angulo recto o que põe obstaculo á circulação do sangue na veia espermatica esquerda. As causas *efficientes*, que foram indicadas são : os excessos venereos, os exercicios violentos, o exercicio a cavallo, as contusões, as inflammações do cordão e do testiculo, a compressão pela funda herniaria mal applicada, a obesidade; a maior parte d'estas causas favorecem o augmento do varicocele, mas não se póde affirmar que produzam realmente a molestia.

Tratamento. — *Tratamento palliativo.* Este tratamento consiste, primeiro, em afastar as causas que possam augmentar o volume do varicocele, as quaes acabo de indicar. Vem depois os semicupios d'agua muito fria, os lavatorios com agua fria e vinagre, com decocção de raiz de ratanhia ou de galhas. Estes meios augmentam a força das paredes das veias, e favorecem a sua retracção. Porém o andar, e os movimentos reproduzem facilmente o tumor; é preciso, por conseguinte repetir frequentemente estes meios, e sobretudo, ajudar a sua acção por um sespensorio bem feito. O meio palliativo seguinte foi aconselhado pelo Professor Nelaton : repelle-se o testiculo e o cordão do lado da virilha, agarra-se a porção pendente do escroto e mantem-se apertada n'um tubo elastico de cautchuc á maneira de argola de guardanapo. Este apparelho faz com que os doentes possam ficar de pé por muito tempo, andar e entregar-se mesmo aos mais difficeis exercicios.

Tratamento curativo. Diversas operações forem imaginadas para obter a cura radical do varicocele. Estas operações tem por fim obliterar as veias inchadas. Foi empregada a *compressão* sobre as veias, isoladas da arteria e do canal deferente, com uma pinça guarnecida de parafuso, com uma sutura enrolada á roda de um grosso alfinete. Mas esta compressão incompleta ou dolorosa não vale os outros modos de tratamento. Tambem já não se empregam mais as injecções coagulantes com perchiorureto de ferro praticadas nas veias do cordão. Este processo tinha o inconveniente de causar phlebites graves ou phlegmões. Com maior vantagem pode-se incindir o escroto, isolar a parte varicosa, ligal-o em dois logares e cortar a parte do ramo venoso comprehendido entre as duas ligaduras. Pode-se tambem fazer do escroto uma especie de suspensorio natural, pegando com pinças uma prega do escroto e arrancando-o desde a raiz do membro viril até perto do perineo. Completa-se esta operação tirando um pouco das veias dilatadas como na operação precedente. D'este modo, o tamanho do tumor diminue e a pelle menos fôfa, menos esticada, recupera toda sua elasticidale. Muito receavam os antigos cirurgiões fazerem esta operação, por causa dos accidentes infecciosos a que estavam sujeitos os operados, estes processos são inoffensivos actualmente quando são praticados por cirurgião muito asseiado, que desinfecte bem as mãos e os instrumentos com solução phenicada a 1 por 20, e que applique sobre a sutura compressas boricadas polvilhando tudo com um pouco de pó de iodoformio.

VARIOLA. Synonymo de bexigas. *Veja-se* vol. I, pag. 323.

VARIOLOIDA. Variola modificada. Erupção cutanea pustulosa, que se observa nos individuos vaccinados ou nos que tiveram bexigas; não differe d'esta ultima affecção senão pela rapidez da sua marcha e pela ausencia da febre segundaria (febre de suppuração).

Symptomas. Os prodromos da varioloida são semelhantes aos das bexigas : ha quebramento do corpo, dôr de cabeça, defluxo, salivação, pequena febre. No terceiro ou quarto dia, apparecem manchas vermelhas em cujo centro existe uma elevação dura e saliente. A erupção faz-se quasi simultaneamente por todo o corpo; as mais das vezes, muitas erupções successivas tem logar a um ou dois dias de intervallo. O numero dos botões varía; em alguns casos, existem só dez a doze espargidos pelo rosto, tronco e membros; as mais da vezes o seu numero passa de cem; emfim, não é raro ver a erupção ser mais abundante, até mesmo confluente e cobrir quasi todo o corpo. No dia seguinte da sua apparição, os botões contém um fluido seroso; no terceiro ou quarto dia tornam-se achatados e apresentam no centro uma depressão umbilicada; estes botões são resistentes e cercados de um circulo vermelho. No sexto dia, o liquido que elles contém é opaco; principia a fazer-se concreto desde o setimodia; a deseccação é completa em toda a parte desde o oitavo até ao decimo dia. Depois da quéda das crostas, raras vezes ficam pequenas cicatrizes circulares, de ordinario existem só manchas violaceas que podem persistir muitos mezes, ou pontos endurecidos que resolvem de per si, mas lentamente. Estes tuberculos nunca apparecem

depois das bexigas, porque a suppuração do botão foi completa. A varioloida é acompanhada ao principio de febre, fastio e salivação como na variola, porque uma erupção analoga á da pelle tem logar na bocca e na garganta; a inchação do rosto apparece na mesma época que na variola, e póde ser tão grande como n'esta. Mas o que distingue essencialmente a variola da varioloida, é que n'esta a febre segundaria ou de suppuração falta completamente, isto é, que chegada ao setimo ou oitavo dia da erupção, esta aborta e secca promptamente; o doente fica por conseguinte curado, ou pelo menos entra em convalescença precisamente no momento em que estaria no auge da molestia, e exposto aos maiores perigos se a molestia fosse variola legitima.

Duração e terminação. A varioloida dura de oito a doze dias. A sua terminação é quasi sempre feliz.

Diagnostico. Em resumo, as varioloidas, quando a sua marcha é regular, não differem das variolas benignas durante os primeiros sete dias; os prodromos e os caracteres primitivos da erupção são com effeito os mesmos em ambos os casos; porém, mais tarde, ha uma differença capital, porque a febre segundaria ou de suppuração, que existe *constantemente* do setimo ou oitavo dia da erupção na variola, como já deixei dito, nunca se declara na varioloida. Emfim, n'esta raras vezes se observam as cicatrizes que são tão communs depois da variola.

Tratamento. É o mesmo que na variola benigna ou discreta. Repouso na cama, chá de flor de sabugeiro, dieta no primeiro dia, caldo de gallinha nos dias seguintes; infusão de linhaça para bebida.

VARIZES. As varizes são cordões nodosos e desiguaes, formados pela dilatação permanente das veias. Todas as veias não estão igualmente sujeitas a ellas. Considerando a ordem de frequencia, os membros inferiores occupam a primeira linha; depois a parede anterior do ventre, o cordão espermatico; os membros superiores são muito menos sujeitos. As veias que cercam a extremidade inferior do intestino tornam-se frequentemente varicosas e formam hemorrhoidas. Tudo o que póde constranger a circulação do sangue venoso é uma causa determinante de varizes. Assim, nas senhoras gravidas, o utero mui desenvolvido apoiando sobre as veias do baixo-ventre, e constrangendo n'ellas o curso do sangue, produz varizes nas pernas e hemorrhoidas. As ligaduras circulares postas em roda dos membros inferiores, as ligas das meias, por exemplo, actuam da mesma maneira. Todas as profissões que obrigam a estar longo tempo de pé, ou a andar muito, contribuem poderosamente para a producção d'esta molestia. Quanto menos volumosas são as varizes e mais isoladas, menos incommodo causam; o seu maior inconveniente é a deformidade. Mas não acontece assim quando se dilatam, se agglomeram e formam tumores volumosos. Podem então dar logar aos engurgitamentos dos membros, e tambem produzir ulceras.

Sendo poucas e de mediano volume, podem ser atalhados os seus progressos e diminuidos os seus inconvenientes pelo repouso, posição horizontal, banhos frios, e pela compressão methodica e exacta do membro, compressão que se exerce mediante uma atadura ou uma meia.

Quando estes meios são insufficientes, e as varizes incommodam muito acham-se indicadas varias operações, entre as quaes a ligadura da veia occupa o primeiro logar. Mas estas operações são muito perigosas, e só a necesidade absoluta póde justificar o seu emprego.

VASA-GARRAFAS. *Veja-se* vol, I, pag. 613.

VASELINA. Substancia semi liquida, esbranquiçada, na apparencia graxa, se bem que não manche a roupa, sem cheiro e sem sabor particulares, muito empregada em medicina n'estes ultimos annos. A vaselina é extrahida por distillação do petroleo; tem a grande vantagem de não se alterar ao contacto do ar. Macia e molle não exerce nenhuma acção caustica sobre a pelle, que ella protege como se fosse verniz e onde se torna mais fluida.

A vaselina serve para fazer muitos medicamentos applicados em fórma de pomada.

Em cirurgia ajunta-se'a ao acido borico, e torna-se um corpo isolante, antiseptico que pode ser posto vantajosamente em contacto com as feridas. Deve ser empregada de preferencia á banha que fermenta e fica rancida em pouco tempo e torna-se irritante.

A vaselina é branca, espessa ou liquida, debaixo d'esta ultima forma é que é empregada em injecções hypodermicas.

VASO. Em anatomia, chamam-se vasos aos canaes nos quaes circulamos fluidos da economia. A reunião dos *vasos arteriaes* constitue o *systema vascular do sangue vermelho;* a reunião dos *vasos venosos*, constitue o *systema vascular do sangue preto;* a reunião dos *vasos* e dos *ganglios lymphaticos*, constitue o *systema absorvente* ou *lymphatico.*

Vasos capillares. Em anatomia dá-se este nome, por causa da sua extrema tenuidade, ás ultimas ramificações vasculares que o sangue atravessa para passar das arterias ás veias, e que estabelecem uma continuidade não interrompida entre estas duas ordens de vasos. Os vasos capillares não são nem arterias nem veias: contém um sangue differente do sangue contido n'estes vasos. *Hemorrhagias capillares*, *veja-se* vol. II, pag. 129.

Vasos lymphaticos. Canaes que contém *lympha*, liquido de um amarello pallido e transparente. Nascem das diversas partes do corpo por mui delgadas radiculas, e terminam nas duas veias sub-claviculares. Nascem na espessura dos orgãos, na espessura da pelle, das membranas mucosas, das serosas, e do tubo intestinal onde absorvem o chylo. Na sua origem são de uma tenuidade extrema, que apenas se percebem pela dissecção; mais profundamente tornam-se mais grossos e mais raros, e por fim renuem-se em dois troncos, que se lançam nas duas veias sub-claviculares, como acabei de dizer. No seu trajecto existem *glandulas* ou *ganglios lymphaticos*, pequenos corpos do volume de uma lentilha até ao de uma noz, molles, cinzentos, que parece não serem mais do que agglomerações dos vasos lymphaticos ennovellados. Os ganglios lymphaticos recebem de um lado certo numero de *vasos affe-rentes*, e, de outro, dão nascença a outros vasos lymphaticos, conhecidos pelo nome de *deferentes.* Os ganglios lymphaticos encontram-se sobre-

tudo nas virilhas, nos lados do peito, no sovaco, na curva da perna, debaixo do queixo, etc.; consideram-se como orgãos de mixtão e de elaboração dos fluidos destinados a preparar a lympha.

VASSOURA. *Sida carpinifolia,* Linneo. Malvaceas. Pequeno arbusto do Brazil, da familia das Malvaceas. Caule de 65 centimetros, ramoso, raiz principal da grossura de uma penna de escrever, acompanhada de muitas raizes filiformes; folhas alternas, ovaes, oblongas, denteadas; flores axilares, solitarias, duplicada ou dispostas em racimos curtos, pedunculos de um a tres millimetros de comprimento; fructo, capsula envolvida em calice persistente, e composta de 5 ou 8 carpellas dispostas circularmente, e cada carpella terminada por duas pequenas pontas. As folhas e flores gozam de propriedades emollientes, e podem ser empregadas em logar das malvas das boticas, em infusão, que se prepara com 4 grammas da planta e 250 grammas d'agua fervendo. Esta infusão, convenientemente adoçada com assucar ou mel de abelhas, é muito util nas bronchites e defluxos. As folhas mastigadas applicam-se com vantagem sobre as picadas das vespas. Servem tambem para banhos e para fazer cataplasmas emollientes. Com os ramos fazem-se vassouras no Brazil, e d'ahi deriva o seu nome.

VASSOURINHA ou **Tupeiçava.** *Scoparia dulcis*, Linneo. Planta do Brazil, da familia das Escrophularineas. Caule quasi lenhoso de 44 centimetros de altura, mais ou menos, folhas lanceoladas, serreadas, oppostas : flores solitarias, brancas, pequenas, axillares; fructo, pequena capsula espherica com dois loculamentos; sabor amargo e mucilaginoso. A sua infusão (4 grammas para 250 grammas d'agua fervendo), adoçada com assucar, usa-se contra a tosse. A decocção (8 grammas para 250 grammas d'agua) emprega-se em clysteres contra as hemorrhoidas. Reunido em feixes este arbusto serve para vassouras.

VEGETAÇÃO. É o viver da planta. Em medicina, chamam-se *vegetações* todas as producções carnosas que se desenvolvem e parecem vegetar na superficie de um orgão ou de uma ferida; por exemplo: as carnosidades das feridas e as excrescencias que apparecem, ás vezes, á roda do anus das pessoas affectadas de syphilis.

VEIA. As veias são canaes que contém o sangue preto: levam ao coração o sangue distribuido pelas arterias em todas a partes do corpo. Ha veias profundas que acompanham as arterias, ha outras superficiaes que apparecem na pelle sob a fórma de cordões azulados. O movimento progressivo do sangue nas veias faz-se de uma maneira uniforme, e é por isso que estes vasos não apresentam pulsações como as arterias.

Estes vasos differem das arterias porque suas tunicas, são menos elasticas quando são cortadas, tendem ellas a se fecharem em logar de ficar com um calibre aberto como se dá com as arterias. As veias não recebem directamente a impulsão das bateduras do coração, eis a razão porque o sangue corre mais de vagar; para evitar que elle pare ou que diminua o seu curso, encontram-se nas suas cavidades pequenas pregas membranosas ou valvulas que são formadas de tal modo que impedem o sangue de voltar para atraz, para os vasos capillares.

Feridas das veias. Estas feridas não produzem quasi nunca uma hemorrhagia grave, e saram com facilidade. Conhece-se que o sangue que sahe de uma ferida é venoso e não arterial, pela sua côr preta, pela uniformidade do seu corrimento, que augmenta quando se comprime o membro por cima da ferida e diminue ou pára quando se comprime por baixo. Para estancar uma hemorrhagia venosa, convem fazer sobre a ferida uma compressão analoga á que se pratica depois da sangria.

Parada a hemorrhagia, lava-se a ferida de mansinho com um pouco de algodão em rama molhado na solução phenicada ao 40° e applica-se por cima um curativo feito com compressas de tarlatana imbebidas n'esta solução e um pouco exprimidas.

Algumas veias podem dar hemorrhagias rapidamente mortaes, entre ellas citaremos as veias jugular interna e a femoral. Os corrimentos sanguineos são perigosos principalmente nas mulheres gravidas; a morte sobrevem então com maior rapidez. Nas veias abertas do pescoço deve se evitar a entrada do ar n'ellas pois isso seria um accidente quasi sempre mortal.

Inflammação das veias. Veja-se PHLEBITE.

VELAME DO CAMPO. *Croton campestris*, Saint Hilaire. Planta da Flora brazileira, da familia das Euphorbiaceas; habita nas provincias de Minas, Pernambuco e outros logares do Imperio. Toda a planta é coberta de um tomento amarellado; folhas alternas, levemente denteadas, do comprimento de 3 a 4 centimetros, da largura de 1 a 2 centimetros; flores em espiga na extremidade dos ramos. A raiz é purgativa. Prepara-se com ella um xarope, que se emprega nas molestias cutaneas.

VELAME DO MATTO (S. Paulo), BRAÇO DE PREGUIÇA (outras partes do Brazil). *Solanum cernuum*, Velloso. Arbusto do Brazil, da familia das Solaneas; de folhas obovaes de meio metro de comprido e de 35 centimetros de largo, mais ou menos, lisas por cima, tomentosas por baixo, alternas, pecioladas; flores dispostas em cymeiras inclinadas; fructo, baga lisa, amarella quando madura; manchada de roxo, em quanto verde, As folhas são amargas e mucilaginosas. A sua infusão emprega-se nos enfartes do figado. Prepara-se com 8 grammas das folhas e 360 grammas d'agua fervendo. Externamente, as folhas applicam-se nas ulceras.

VELHICE. *Veja-se* IDADE, vol. II, pag. 195.

VELINHA. É o nome de certos rolos quasi cylindricos, de mui pequeno diametro, destinados a terem introduzidos no canal da urethra



Fig. 889. — Velinha exploradora do Dor Maller.

(fig. 889 a 892). Preparam-se com tiras de cambraia finissima, cobertas nos dois lados de uma substancia emplastica, e enroladas sobre si mesmas. São empregadas no tratamento dos estreitamentos da urethra,

para dilatar mecanicamente este canal. Differem das *sondas*, em serem estas ôcas em todo seu comprimento, e terem perto da extremidade, que



Fig. 890. — Velinha cylindrica direita.

se introduz, duas aberturas para deixar passar a ourina, em quanto que as bugias são massiças em toda sua extensão. Tambem se dá ás *velinhas* os nomes de *Bugias* e *Candelinhas*.



Fig. 891. — Velinha conica direita.

As figuras acima representam diversas formas de velinhas que mais se usam actualmente. São fabricadas na afamada casa de instrumentos



Fig. 892. — Velinha exploradora com ponta em forma de bola, de Leroy.

de cirurgia de Galante e filhos, á rua da Escola de medicina n.º 2, em Pariz.

VENENO. *Veja-se* Envenenamento.

VENENO PARA OS RATOS. *Veja-se* Rato.

VENEREA (Molestia). *Veja-se* Syphilis.

VENTO MÁO. Um erro popular faz com que algumas pessoas dêem este nome á *apoplexia*, como se esta molestia fosse produzida pelo vento. *Veja-se* vol. I, pag. 199.

VENTOSA. Pequeno vaso destinado a fazer um vacuo na superficie da pelle, com o fim de attrahir o sangue ao logar em que se applica. Os vasos que costumam servir para ventosas são de differentes especies. Uns de chifre furados no apice, por cujo furo se opera com a bocca a sucção do ar, e tapa-se com cera quando a ventosa está adherente; outros são de vidro, de fórmas mui variadas, os quaes podem ser substituidos por um copo qualquer. Estas applicam-se da maneira seguinte: Accende-se dentro da ventosa um pedaço de papel ou algodão molhado em aguardente: o ar rarefaz-se pela combustão; forma-se um vacuo no vaso; e, sendo logo a sua abertura applicada sobre a pelle, a porção dos tegumentos, que é assim subtrahida á pressão do ar, incha e torna-se vermelha.

Hoje, empregam-se com preferencia umas ventosas nas quaes a rarefacção do ar é produzida pela volta á sua primeira fórma, de uma parede elastica de borracha, que foi previamente comprimida com os dedos. A fig. 893 representa uma ventosa de borracha, guarnecida de uma redoma de vidro. Expulsa-se o ar deprimindo com o dedo pollegar a borracha,

applica-se sobre o corpo, e deixa-se repôr no seu logar o fundo; o vaeuo do interior do apparelho produz a aspiração. Deixa-se a ventosa no logar durante alguns minutos. Para tiral-a, deprime-se com o dedo a pelle que rodeia a borda pela parte de fóra; o ar exterior entra pela pequena abertura que se faz debaixo da ventosa, e esta despega-se immediatamente.

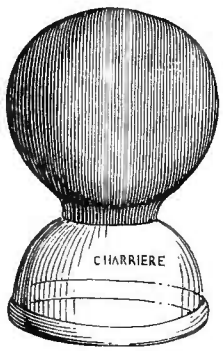


Fig. 893. — Ventosa de borracha com redoma de vidro.

A ventosa chama-se *secca*, quando se applica sobre uma parte da pelle na qual não existe solução de eontinuidade.

A acção das *ventosas seccas* limita-se a chamar o sangue á superficíe da pelle. Bem que esta aeção seja mui branda, as ventosas seccas são comtudo muito uteis nas congestões pulmonares e cerebraes, nos individuos fracos que não podem supportar as emissões sanguineas, nas mulheres e nas erianças.

As ventosas ditas *sarjadas* são aquellas por meio das quaes se tira certa quantidade de sangue. Para isso, applica-se a ventosa, como aeabei de indicar, tira-se no fim de alguns minutos, fazem-se na superficie da pelle, com lanceta ou navalha, pequenas incisões ehamadas sarjas; torna-se a applicar a ventosa sobre o logar sarjado, e deixa-se por todo o tempo que o sangue correr no seu interior, vem a ser 10 a 15 minutos. Passado este tempo, tira-se a ventosa, lava-se a ferida com agua morna, e torna-se a applicar a ventosa, até obter a quantidade de sangue desejada. A acção das vontosas sarjadas approxima-se muito á das sanguesugas, e póde muitas vezes ser-lhes substituida com vantagem. Feitas por mãos habeis, as sarjas são menos dolorosas do que as pieadas das bichas.

VENTOSIDADES. *Veja-se* FLATULENCIA.

VENTRE ou **Abdomen**. Parte do corpo que encrra o estomago, os intestinos, o figado, o baço, os rins, a bexiga e outros orgãos importantes. A cavidade do abdomen tem por limites, em cima, o musculo diaphragma; em baixo, a bacia; por detraz, as vertebras lombares; dos lados, e por diante, diversos planos musculares. Visto pela parte anterior, o abdomen foi dividido em tres regiões, que são de cima para baixo, a região epigastrica, umbilical e hypogastrica. Cada uma d'estas regiões é sub-dividida em outras tres, uma mediana e duas lateraes. Assim, a região epigastrica comprehende o epigastro e os hypochondrios; a região umbilical comprehende o embigo e as ilhargas; a região hypogastrica, o hypogastro e as fossas iliacas. O estomago acha-se situado no epigastro, 10 a 14 eentimetros para cima do embigo. O embigo corresponde ás circumvoluções do intestino delgado.

Ventre (DÔR DE). *Veja-se* COLICA.

Ventre (FERIDAS DO). *Veja-se* vol. I, pag. 1191.

Ventre (INFLAMMAÇÃO DO). *Veja-se* ENTERITE.

Ventre inchado ou **entaboado.** A inchação do ventre nas pessoas adultas procede ordinariamente da hydropisia; descrevo esta

molestia no vol. II, pag. 168. A inchação do ventre nas crianças mui fracas depende, as mais das vezes, do desenvolvimento de tuberculos nos intestinos. *Veja-se* TUBERCULOS MESENTERICOS.

Ventre (PANCADA NO). As pancadas no ventre produzem uma contusão das paredes do ventre; quando são fortes, occasionam a contusão dos intestinos. As pancadas leves não offerecem, nas suas consequencias e no seu tratamento, cousa alguma que as possa distinguir das contusões ordinarias. O tratamento consiste na applicação de pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada. Mas as pancadas fortes sobre o ventre podem lacerar os intestinos, e determinar um derramamento sanguineo immediatamente mortal. No menor gráo, occasionam só nos primeiros dias uma dôr mais ou menos viva, acompanhada de colicas, após a comida; alguns dias depois, desenvolve-se uma verdadeira inflammação nos intestinos, caracterizada pelos symptomas seguintes : o ventre incha, apparecem colicas mais ou menos intensas, a dôr do ventre augmenta com a menor pressão; depois sobrevem sêde e febre.

O *tratamento* da contusão forte do ventre consiste, nas primeiras horas, na applicação sobre o ventre, de pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada. Depois põe-se no ventre uma cataplasma de farinha de trigo e vinho tinto frio. No terceiro dia, se a dôr do ventre augmentar, será preciso applicar dez a quinze bichas no ventre, e após as bichas cessar o uso das cataplasmas com vinho, e applicar então cataplasmas quentes de farinha de linhaça. Convem tambem dar todos os dias um clyster de decocção de linhaça. O doente deve observar uma dieta rigorosa; só se lhe podem permittir caldos de gallinha. Para bebida, só agua de arroz, de cevada, ou infusão de linhaça.

Ventre preso. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

VÉO PALATINO. O véo palatino, ou parte molle do paladar, é uma separação musculo-membranosa, movel, de fórma mais ou menos quadrilatera, situada atraz da abobada palatina entre a bocca e a cavidade atraz das fossas nasaes. Tem, mais ou menos, 3 ou 4 centimetros de comprimento e quasi os mesmos centimetros de largura, muito fina dos lados e atraz, tem de espessura 6 a 7 millimetros na frente e em toda a linha mediana.

O véo palatino tem dois lados e quatro bordas.

Os dois lados são : um antero-inferior ou buccal, concavo, roseo, com muitos buracos que são os orificios das glandulas sub-mucosas; o outro postero-superior ou nasal, mais colorido do que o lado inferior tendo grande numero de granulações glandulares. O lado antero-inferior é concavo quando está em repouso, mas no momento da deglutição fica quasi horisontal. O outro lado é convexo de diante para atraz e concavo transversalmente. As quatro bordas são : a borda anterior que se incrusta sobre toda a borda posterior da abobada palatina; as duas bordas lateraes que são adherentes e se confundem com os tecidos que as rodeiam; a borda posterior, solta e movel que faz saliencia sobre a linha mediana, cuja saliencia se chama *uvula* ou *campainha da garganta*, e

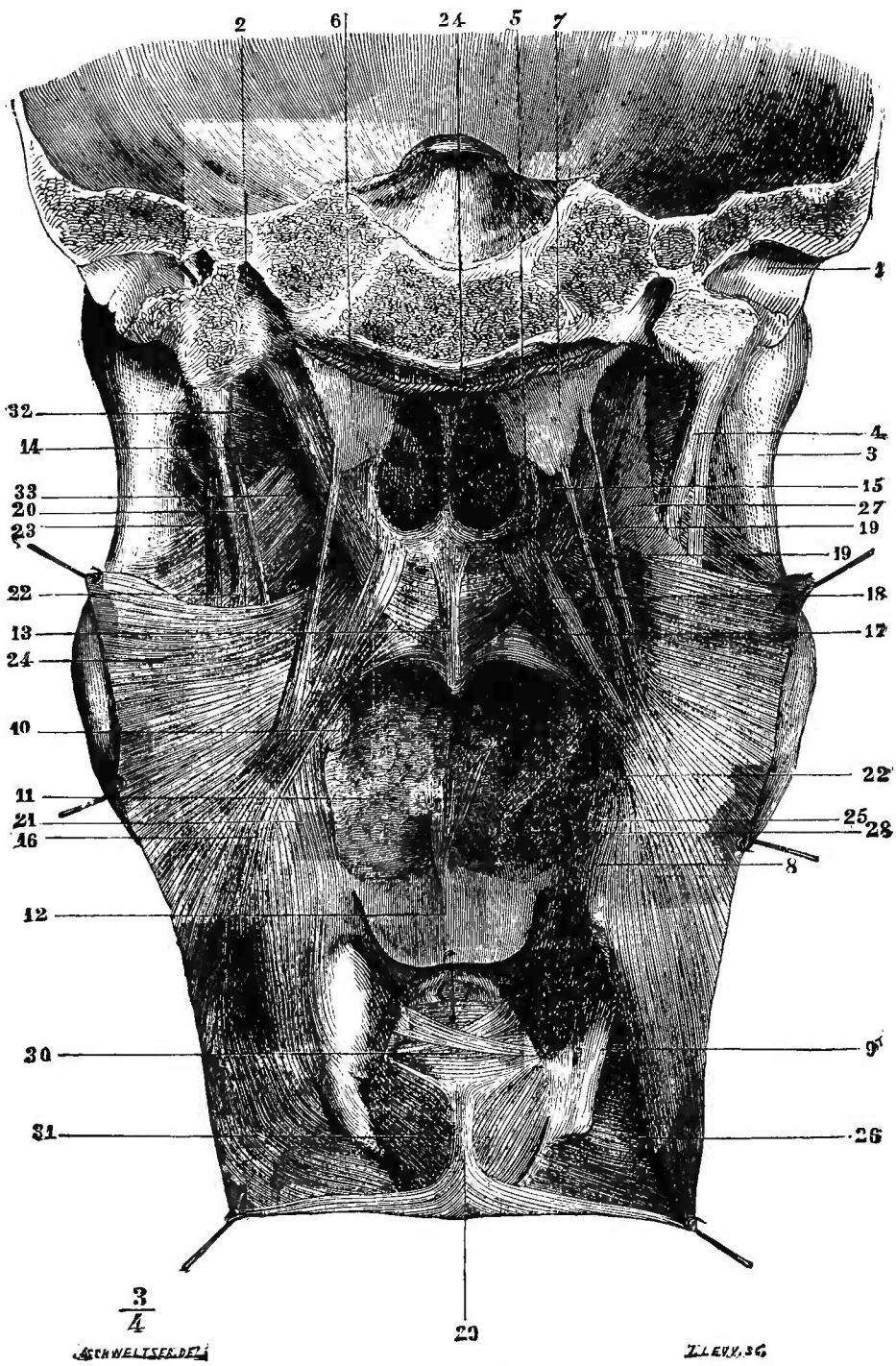


Fig. 894. — Véo palatino. — Musculos superficiaes (*).

(*) Musculos superficiaes do véo palatino. — 1, conducto auditivo externo; 2, canal carotidiano; 3, borda posterior do ramo montante da maxillar; 4, apophyse estyloide; 5, aza interna da apophyse pterygoidea; 6, 7, trompa d'Eustachio; 8, saliencia da grande ponta do osso hyoideo; 9, borda posterior da cartillagem thyroidea; 10, amygdala; 11, lingua; 12, epiglotte abaixada; 13, palato-estaphylino; 14, peristaphylino interno; 15, peristaphylino

de cada lado da uvula duas pregas mucosas que descrevem uma arcada indo para baixo e para fóra a que chamam *pilares do véo palatino*. Os pilares são quatro. Dois do mesmo lado, separam-se insensivalmente e afastam-se do véo palatino e fazem o limite de uma cavidade a que deram o nome de fossa amygdalianna e que encerra a amygdala.

O *pilar anterior* desce na frente da amygdala e vai ter á base da lingua servindo de limite ao isthmo da garganta. Na sua espessura se acha o musculo glosso-estaphylino. O pilar posterior desce por detras da amygdala e vai ter ás paredes lateraes da pharynge. Na sua espessura se acha o musculo pharyngo-estaphylino.

O véo palatino contem seis musculos de cada lado da linha mediana. *Veja-se* fig. 894.

De cada lado do véo palatino existem duas arterias : a palatina superior e a palatina inferior. Os nervos motores sahem do *facial*, do *espinhal*, e do *trijumeo;* os nervos sensitivos derivam do *trijumeo*, do *glosso-pharyngeano* e do *pneumogastrico*.

O véo palatino é de summa importancia no acto da deglutição; elle impede que os alimentos passem para a cavidade do fundo das fossas nasaes; alem d'isto elle impede que o ar passe pelas fossas nasaes durante a phonação, e exerce uma influencia preponderante sobre a som da voz.

VERATRINA. Substancia alcalina vegetal, descoberta nas sementes da cevadilha, na raiz do helleboro branco e no bolbo do colchico. É branca, pulverulenta, sem cheiro, de sabor acre; irrita fortemente a membrana nasal. Determina violentos espirros, acompanhados de dôr de cabeça e de um incommodo geral. Deve haver muita cautela quando se manipula a veratrina. É insoluvel em agua, soluvel no alcool e no ether. É aconselhada contra as nevralgias, rheumatismo e gota. Mas como é quasi tão venenosa como a strychnina, não póde empregar-se senão na dóse de 5 milligrammas em poção ou antes em pilulas impressas de L. Frere de 1 milligramma. Usa-se tambem em fricções, mas sempre com muita prudencia.

VERATRO VERDE. *Veratrum viride*, Aiton. Colchicaceas. Planta que habita nos montes da America do Norte. A raiz apresenta-se no commercio sob a fórma de bocados cortados longitudinalmente, guarnecida em cima de folhas, e em baixo de radiculas de um amarello claro, enrugados, do comprimento de 3 a 4 centimetros. É um sedante poderoso da circulação; debaixo da sua influencia o pulso póde diminuir de 140 a 30 pulsações por minuto; além d'isso sobrevem fraqueza, vertigens, nauseas, vomitos, prostração geral, esfriamento. Esta substancia é recommendada pelos medicos norte-americanos no rheumatismo agudo pneumonia, pleuriz, peritonite e cerebrite, debaixo da fórma de *extracto*,

externo; 16, pharyngo-estaphylino; 17, seus feixes profundos; 18, seus feixes superficiaes; 19, seus feixes accessorios; 20, stylo-pharyngiano; 21, feixes hyoidiano dos stylo-pharyngiano e constrictor medio; 22, stylo-glosso; 23, stylo-hyoidiano; 24, constrictor superior; 25, constrictor medio; 26, constrictor inferior; 27, aponevrose pharyngiana; 28, lingual superior; 29, presas das fibras circulares do esophago; 30, arytenoidio posterior; 31, crico-arytenoideo posterior; 32, pterygoideo externo; 33, pterygoideo interno.

que se dá na dóse de 1 a 5 centigrammas; administra-se tambem sob a fórma de *tintura,* na dóse de 5 a 8 gottas, de duas em duas horas, n'uma colher d'agua.

VERBASCO. *Verbascum thapsus,* Linneo. Escrophularineas (fig. 895). Planta commum em Portugal; habita nos mattos e sitios arenosos, nos arredores de Coimbra, e outras partes do norte do Reino; é cultivada no Brazil. Caule simples, um pouco ramoso superiormente, da altura de um metro e mais, cotanilhoso; folhas radicaes pecioladas, lanceoladas; as do caule longamente decurrentes de uma inserção á outra; todas mui cotanilhosas; macias e esbranquiçadas; margem crenada; flores amarellas, quasi sesseis e dispostas em uma espiga que se alonga consideravelmente, á medida que se desenvolvem, de 2 a 3 metros; tem cheiro suave. As folhas e as flores do verbasco empregam-se como peitoraes e emollientes nas bronchites, em infusão que se prepara com 2 grammas de flores ou folhas e 250 grammas d'agua fervendo.

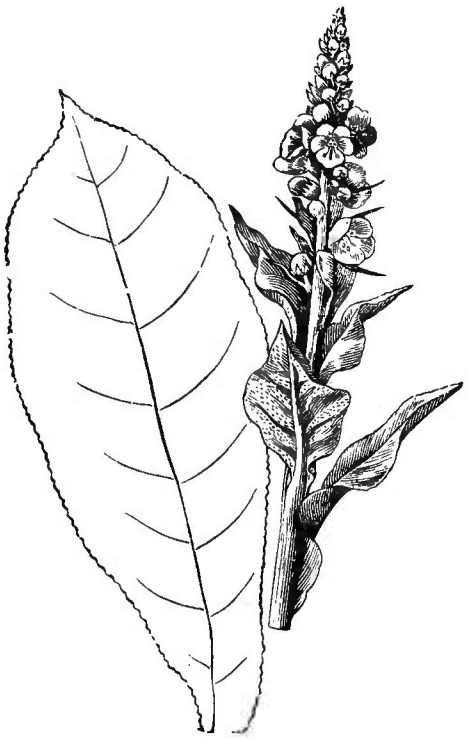


Fig. 895. — Verbasco.

Verbasco do Brazil. *Veja-se* BARBASCO.

VERBENA ou **Urgebão.** *Verbena officinalis,* L. Verbenaceas. Panta cultivada nos jardins. Caule de 35 a 60 centimetros, folhas ovaes oblongas, estreitadas em peciolos na base, as inferiores denteadas, as medianas e as superiores profundamente incisas ou pinnatifidas; flores pequenas, de um roxo pallido, dispostas em espigas filiformes; cheiro fracamente aromatico, sabor um tanto amargo. Esta planta gozou antigamente de grande celebridade e era empregada nas ceremonias religiosas de muitos povos. Estimulante e tonico. Internamente usa-se em infusão, que se prepara com 4 grammas da planta e 180 grammas d'agua fervendo. Externamente, emprega-se na medicina popular em Portugal sob a fórma de cataplasma, nas obstrucções do figado. Esta cataplasma prepara-se com o cozimento de urgebão, farinha de centeio e gemas de ovos.

VERDETE. *Veja-se* COBRE.

VERMES INTESTINAES. Occupar-me-hei dos vermes do canal intestinal do homem. Ha poucas pessoas que no decurso da vida, e principalmente na infancia, não tenham deitado alguns. Contam-se 4 especies de vermes, que são : a *lombriga* propriamente dita, a *ascarida vermicular,* o *tricocephalo,* e a *tenia* ou *solitaria.* Descrevi esta em um artigo especial; só tratarei aqui dos outros vermes.

A **lombriga** propriamente dita (*Ascaris lombricoides*, Linneo), é cylindrica, de 8 a 32 centimetros de comprimento, e de 4 a 7 millimetros de largura, de côr rosea mais ou menos escura; adelgaçada nas duas extremidades, mais do lado da cabeça que do da cauda; tem a bocca cercada de tres mamillos, entre os quaes ella se vê, ás vezes, sob a fórma de um pequeno tubo Existe principalmente na porção superior dos intestinos chamada intestino delgado (fig. 896).

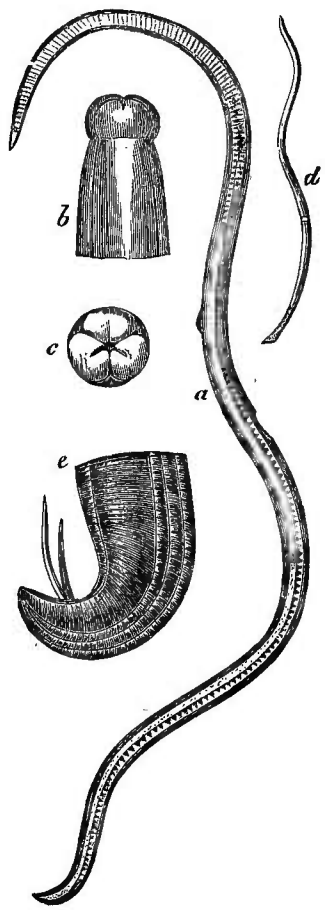


Fig. 896. — Lombriga (*).

Ascarida vermicular (*Oxyurus vermicularis*, Bremser, ou *Ascaris vermicularis*, Linneo) (fig. 897 e 898). Corpo filiforme, branco, mui pequeno, de 2 a 11 millimetros de comprimento; cabeça obtusa e vesicular, com uma pequena abertura. Estes vermes occupam principalmente o fim do intestino chamado *recto*, perto do anus, onde produzem uma comichão desagradvel; desenvolvem-se em quantidade prodigiosa, a ponto de sahirem ás vezes por centenas. Os machos são muito mais pequenos do que as femeas.

Tricocephalo, (*Tricocephalus dispar*, Rudolphi); do grego *trich* cabello, *kephale* cabeça (fig. 899). Tem 3 a 6 centimetros de comprimento é capillar na maior parte da sua extensão; e a cabeça, que occupa a extremidade mais delgada, é de uma tenuidade tal, que apenas se póde ver com microscopio. O corpo do macho é enrolado em espiral; o da femea é mais comprido e simplesmente arqueado.

Causas dos vermes. A origem dos vermes intestinaes é desconhecida. Os naturalistas ainda não tem podido descobrir se os vermes vem debaixo da fórma de ovos mui pequenos, por via da respiração, nos alimentos ou nas bebidas, ou se se formam espontaneamente no corpo. As causas que parecem favorecer a producção dos vermes são: habitação humida, não arejada, a ausencia do sol, o uso exclusivo dos alimentos farinaceos, das fructas, do leite, do queijo, mórmente quando a influencia d'este regimen não é contrabalançada pelo uso do vinho. As crianças de peito são mui raramente affectadas de vermes intestinaes, antes da idade de seis mezes. Acima d'este tempo, encontram-se, mas raras vezes; apenas se acham uma ou duas lombrigas sobre muitas centenas de crianças de um anno; entretanto que, depois de tres annos até dez, encontram-se na vigesima parte, e em alguns mezes em um numero ainda ma-

(*) *a*, lombriga femea do homem; *b*, sua extremidade anterior engrossada, vista de lado; *c*, a mesma vista de frente, mostrando a bocca no centro, cercada de tres mamillos; *e*, extremidade posterior engrossada; *d*, individuo macho do tamanho natural.

ior. Na adolescencia os vermes intestinaes são raros, e ainda mais raros na velhice. As mulheres são mais sujeitas ás lombrigas do que os homens.

Symptomas. Não existem symptomas verdadeiramente caracteristicos da presença dos vermes intestinaes senão a sahida de alguns d'elles. Todavia eis-aqui alguns signaes que podem fazer suspeitar a sua existencia, e até dar alguma certeza, quando se acham muitos reunidos. Os pacientes tem em geral o rosto pallido e como inchado, as palpebras orladas de riscos azulados; sentem no nariz uma comichão que os obriga o esfregal-o quasi continuamente; sobrevem ás vezes dôres de cabeça e zunidos nos ouvidos; o halito e o suor são fetidos e azedos; muitas vezes a lingua está esbranquiçada, o appetite é alternativamente voraz

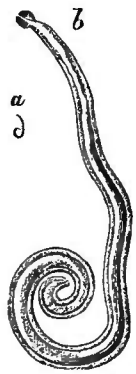


Fig. 897. — Ascarida vermicular, verme macho (*).

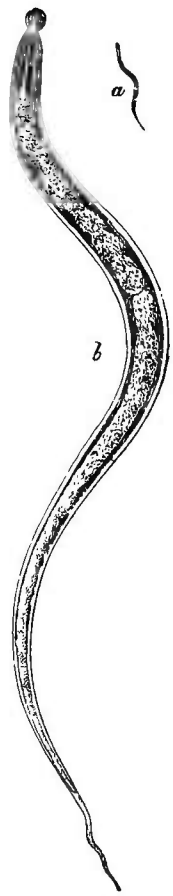


Fig. 898. — Ascarida vermicular femea (**)

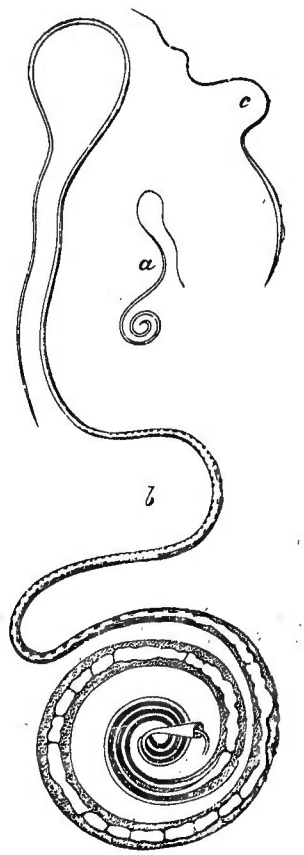


Fig. 899. — Tricocephalo (***).

ou nullo; o ventre cresce; existem nauseas; e ás vezes vomitos de uma serosidade limpida; sentem-se colicas; o somno é perturbado e acompanhado de ranger dos dentes; as ourinas são turvas, esbranquiçadas; o emmagrecimento é ordinariamente consideravel; manifesta-se, ás vezes, febre, delirio e convulsões; e tambem existe ás vezes uma difficuldade na respiração, soluços, palpitações, etc. As lombrigas podem subir á garganta e produzir tosse ou vomitos. Em crianças mui pequenas não se

(*) *a*, de tamanho natural; *b*, engrossada.
(**) *a*, de tamanho natural; *b*, engrossada.
(***) *a*, macho, de tamanho natural; *b*, engrossado; *c*, femea do tricocephalo, de tamanho natural.

deve dar muita importancia á comichão do nariz, porque esfregam quasi sempre esta parte, pois que não sabendo assoar-se, não podem desembaraçar-se das mucosidades que, ajuntando-se no nariz, occasionam uma comichão desagradavel.

Sem duvida foram muito exagerados os effeitos que póde produzir a presença dos vermes no canal intestinal. É certo que ás vezes se acha grande numero d'elles nos cadaveres de individuos que succumbíram a outras molestias, e durante a vida dos quaes nenhum symptoma fez suspeitar a existencia d'estes animaes. Pessoas ha que de repente expulsam grande quantidade d'elles, sem que de nenhum modo se lhes tenha desarranjado a saude. Mas não se póde concluir de semelhantes factos que a presença dos vermes nas vias digestivas seja innocente, como pretendem alguns medicos, se em grande numero de casos não produz effeito nocivo, nem por isso deixa de ser verdade qne em muitos casos tambem occasiona soffrimentos e alteração da saude; symptomas que reclamam imperiosamente os soccorros da arte.

Tratamento. O numero dos medicamentos a que se attribuem propriedades vermifugas é consideravel; nomear todos seria uma lista tão fastidiosa como inutil. Os principaes são : semen contra, feto macho, musgo de Corsega, alho, valeriana, losna, açafrão, casca de raiz de romeira, assafetida, vinagre, hortelã pimenta, oleo essencial de terebinthina, ether sulfurico, agua salgada, oleo de ricino, rhuibarbo, jalapa, calomelanos, santonina, etc., e, entre as substancias indigenas do Brazil, angelim e herva de Santa Maria.

Segundo a especie dos vermes de que os individuos são affectados, ha regras particulares que se devem seguir na administração d'estes medicamentos. Assim, occupando sempre as ascaridas o fim do intestino, é quasi inutil dirigir contra ellas vermifugos pela via do estomago, e é sempre preferivel administral-os em clysteres. Dão-se ordinariomente, n'este caso, clysteres com decocção de absinthio, de musgo de Corsega com agua fria, agua salgada, com oleo de ricino. Pelo contrario em bebidas, pós, pilulas, mel, doces, etc., é que os vermifugos devem ser administrados para destruir as lombrigas ; e todos estes medicamentos que acabei de indicar, podem ser administrados, sós ou combinados uns com os outros, Em geral, principia-se por atacar os vermes com substancias vermifugas, e duas horas depois provoca-se a sua expulsão com purgantes. De todos os purgantes, o melhor, n'este caso, é o oleo de ricino, que se administra na dóse de 15 a 30 grammas em caldo de carne desengordurado.

Confeitos vermifugos de Royer. O medicamento por excellencia contra os vermes intestinaes e os tricocephalos é sem contestação os *bonbons ou confeitos vermifugos de Royer*, feitos com santonina, musgo de Corsega e manná. Este medicamento tem um gosto muito agradavel e é preparado justamente para as criancas, se bem que tambem convenha aos adultos; basta só augmentar a dóse. Administram-se estes bonbons de manhã em jejum, tres dias seguidos do seguinte modo :

1 confeito	para as crianças	menores de	2	annos,	de idade.
2 confeitos	—	—	5	—	—
4 —	—	—	6 a 12	—	—
5 —	—	—	10 a 15	—	—
6 —	para os adultos.				

Aconselhamos ás mãis que administrem a seus filhos, todos os mezes, d'estes bonbons.

Ás crianças de peito dá-se'os diluido em uma colher *de chá* de agua commum.

Quando os vermes são d'aquelles muito miudos deve-se dar á criança na vespera, do dia em que tenha de tomar estes confeitos, um clyster feito com um dente d'alho pisado em um copo de leite e cuado.

Com estes bonbons não é preciso administrar nenhum purgante, visto que elles encerram o manná que é um purgante utilissimo n'estes casos.

Estes confeitos preparam-se e vendem-se na pharmacia Royer, Dupuy successor, á rua Saint-Martin nº 225, em Pariz.

RECEITUARIO CONTRA AS LOMBRIGAS E CONTRA OS TRICOCEPHALOS.

1.º *Pastilhas de santonina.*

Santonina pulverizada	10 grammas.
Assucar	500 —
Carmim de cochonilha	25 centigrammas.
Mucilagem de gomma alcatira	45 grammas.

Faça pastilhas do peso de 50 centigrammas. Cada uma contém 1 centigramma de santonina. *Dóse :* 2 a 10 pastilhas por dia, ás crianças, conforme a idade.

2.º *Gragéas de santonina.*

Santonina	5 grammas.
Assucar	50 —

Faça 200 gragêas. Cada gragêa contém 25 milligrammas de santonina. *Dóse :* 1 a 4 gragêas por dia, ás crianças.

3.º *Biscoutos vermifugos.*

Semen contra em pó	4 grammas.
Essencia de limão	15 gottas.
Massa de biscoutos	q. s.

Para fazer 24 biscoutos. Cada biscouto contém 16 centigrammas de semen contra. *Dóse :* 2 a 4 biscoutos por dia.

4.º *Pós vermifugos.*

Semen contra em pó	4 grammas.

Divida em 8 papeis. Dá-se um a dois papeis por dia ás crianças, em doce, ou em meia chicara de leite, de manhã em jejum.

5.º *Outros pós vermifugos.*

Feto macho em pó	45 grammas.

Divida em seis papeis. *Dóse :* 1 a 2 papeis por dia em leite com assucar.

6.º *Pós de angelim.*

Angelim em pó..... 2 grammas.

Divida em 4 papeis. *Dóse :* Um papel por dia, em leite com assucar, ás crianças de quatro annos.

7.º *Pó de herva de Santa Maria.*

Summidades contendo sementes maduras de Herva de Santa Maria..... 16 grammas.

Divida em 4 papeis. *Dóse :* Um papel por dia, em leite, ás crianças de 4 annos.

8.º Sumo espresso das folhas frescas de Herva de Santa Maria..... 30 grammas.

Dá-se puro, pela manhã, em jejum ás crianças de 4 annos. Augmenta-se ou diminue-se a dóse, conforme a idade.

9.º Gelea de musgo de Corsega..... 60 grammas.

Uma a duas colheres *de chá* e mais, de manhã em jejum ás crianças.

10.º *Pilulas vermifugas.*

Extracto ethereo de feto macho..... 120 centigrammas.
Feto macho em pó..... 60 —
Conserva de rosas..... q. s.

Faça 12 pilulas. *Dóse :* Uma a duas pilulas por dia, ás crianças, em alguma fructa.

11º Infusão de hortelã adoçada com assucar.

Bebe-se uma chicara pela manhã.

RECEITUARIO CONTRE AS ASCARIDAS VERMICULARES.

Estes vermes são mui pequenos, e acham-se perto do anus d'onde sahem ás vezes por contenas. Combatem-se com os clysteres seguintes :

1.º *Clyster com agua salgada fria.*

Agua..... 120 grammas.
Sal commum..... 15 —

2.º Clyster com infusão de hortelã.

3.º Clyster com infusão de folhas de losna.

RECEITUARIO CONTRA A SOLITARIA. *Veja-se* SOLITARIA, vol. II, p. 995.

VERMIFUGO. Chamam-se *vermifugos* ou *anthelminticos* os medicamentos que gozam da propriedade de matar os vermes intestinaes, ou de expulsal-os. Estes effeitos são muitas vezes produzidos pelos purgantes violentos, e por outras substancias, cuja acção sobre a economia é mui viva, taes como a camphora e alguns amargos; mas ha certo numero de medicamentos que, sem exercer uma acção mui forte sobre a economia, são deleterios para os vermes que existem no canal digestivo. Em

geral, algumas horas depois da sua administração, deve-se tomar um purgante. Estes medicamentos são : casca de raiz de romeira, feto macho, musgo de Corsega, semen contra, alho, atanasia, angelim, herva de Santa Maria, losna, hortelã, calomelanos, oleo essencial de terebinthina. *Veja-se* cada uma d'estas substancias, e o artigo VERMES.

VERNET. França. Aguas sulfurosas sodicas, quentes. — Itinerario de Pariz a Vernet : Estrada de ferro por Bordeos e Perpignan até Prades, 25 horas; carro de Prades a Vernet, 1 hora. Despeza : 130 francos, mais ou menos.

Vernet é uma aldeia da França meridional, perto da fronteira de Hespanha, de 1000 habitantes, ao pé do monte Canigou, n'um valle risonho, no meio de sitios pittorescos e clima delicioso que permitte tratar-se ali durante o inverno. Ha em Vernet dois estabelecimentos bem organizados, as *Thermas dos commandantes* e as *Thermas Mercader*. Onze fontes os alimentam; sete pertencem ao primeiro estabelecimento e quatro ao segundo.

A temperatura da agua das fontes *dos Commandantes* varia entre 33° e 56°. O seu principio mineralizador é o sulfureto de sodio. Este estabelecimento contém 24 banheiras, uma piscina de 200^{m} quadrados de superficie, 24 duches, um vaporizador, e uma sala de respiração immediatamente por cima do vaporizador. Todas as dependencias do estabelecimento são mantidas na temperatura de 15° a 18°, por meio de tubos cheios d'agua mineral quente.

O estabelecimento *Mercader* compõe-se de 2 bicas para beber a agua mineral, 14 gabinetes de banhos, um vaporizador, e uma sala de respiração. A agua, que se bebe, provém da fonte da *Condessa;* é fria, não excedendo a sua temperatura de 8 gráos centigrados. O principio mineralizador d'estas aguas é tambem o sulfureto de sodio, sulfatos de soda e de cal; carbonato de cal, de magnesia, de soda, e de potassa; chlorureto de sodio; acido silicico; alumina; oxydo de ferro, e glerina.

As applicações das aguas de Vernet, em bebida, banhos, duches e estufas são uteis nos rheumatismos e molestias cutaneas. Mas convem sobretudo nas affecções catarrhaes dos orgãos respiratorios, nas laryngites e bronchites chronicas, na tisica, e n'estes casos administram-se em bebida, banhos, duches, gargarejos e inhalações.

Os estabelecimentos termaes de Vernet são preparados não só para o verão, mas tambem para o inverno. O thermometro raras vezes desce a 2° abaixo de zero. O clima d'esta localidade, abrigada pelos montes elevados, permitte aos doentes associar ás aguas sulfurosas o exercicio ou repouso ao sol, durante as horas quentes do dia no inverno. Ibrahim-Pacha, Vice-Rei do Egypto, curou-se ali, durante o inverno, de uma bronchite chronica, que tinha resistido a outros tratamentos. Recommenda-se aos doentes que cheguem a Vernet no meado de novembro, munidos de vestidos quentes, em provisão do frio.

VERONICA. *Veronica officinalis* (fig. 900). Escrophularineas. L. Planta europea; em Portugal habita nas regiões septentrionaes. Caules prostrados na base, levantados na parte superior, filiformes, roliços;

folhas oppostas, ovaes, denteadas, levemente empubescidas assim como toda a planta; flores azues; cheiro fraco e agradavel; sabor amargo e um pouco adstringente. — Estimulante fraco e sudorifico; usa-se toda a planta em infusão nas bronchites; 4 grammas para 180 grammas d'agua fervendo.



Fig. 900. — Veronica officinal.

VERRUGA. Dá-se o nome de *verrugas* a pequenas excrescencias que se observam, as mais das vezes, na mão, sobretudo na face dorsal. Todavia podem encontrar-se em todas as partes do corpo, mesmo na planta dos pés. Raras vezes são solitarias; qnando existem muitas no mesmo individuo, quasi sempre occupam a mesma região. São ás vezes extremamente numerosas. Podem exceder o nivel da pelle de 1 a 10 millimetros. A sua fórma varía; umas são mais ou menos arredondadas, brancas, molles, muitas vezes pediculadas, rugosas na superficie; outras chatas, de côr rubra ou roxa, duras, lisas na superficie. As primeiras são constituidas no exterior por um envoltorio epidermico, e por um tecido molle e depressivel, no qual rojam pequenos vasos; as segundas são compostas de filamentos de apparencia fibrosa mais ou menos numerosos e dispostos em fórma de pincel.

As verrugas não são contagiosas. Não causam dôr senão quando são comprimidas por calçado estreito; por si não produzem accidentes. Muitas vezes desapparecem espontaneamente.

Tratamento. Os meios realmente efficazes contra as verrugas são: ligadura, cauterização e excisão. A ligadura não é applicavel senão ás verrugas pediculadas; faz-se com linha ou com retroz; tem o inconveniente de produzir muitas vezes dôres bastante vivas. — Para praticar a destruição das verrugas por meio das substancias causticas, applica-se primeiro sobre a pelle, em que se acham, um pouco de banha, para preserval-a; depois, toca-se a excrescencia com um pincel molhado em acido nitrico, em acido sulfurico, ou com pedra infernal molhada em agua. A verruga fica convertida em detrito e desapparece. Repete-se a cauterização quando a primeira não foi sufficiente. — Tambem se podem empregar os *pós causticos de Vienna*. Applica-se primeiro um pedaço de encerado inglez, tendo no centro uma abertura do tamanho da verruga. Faz-se com pequena quantidade dos pós de Vienna e aguardente uma massa molle, que se applica sobre a verruga. Passados quatro minutos tira-se tudo, e enxuga-se a verruga. A massa deixa uma pequena eschara, que cahe ao cabo de seis ou oito dias, e deixa uma pequena ferida que não tarda a cicatrizar-se.

Eis-aqui ainda a receita de uma substancia caustica contra as verru-

gas, que foi por muito tempo o segredo de Pellau, cirurgião de Berlim:

Potassa caustica	4	grammas.
Cal hydratada	30	—
Sabão medicinal secco	4	—

Reduza tudo a pó fino, misture e guarde n'um frasco secco e de rolha esmerilhada. Estes pós applicam-se do mesmo modo que os *pós causticos de Vienna*. A sua acção é menos energica.

A *excisão* pratica-se com tesoura curva. Faz-se primeiro a excisão da verruga, e cauteriza-se depois a ferida com pedra infernal.

VERTEBRA. Chamam-se *vertebras* os vinte e quatro ossos que formam a columna vertebral; são ossos curtos, leves, espessos, de fórma irregular, postos uns por cima dos outros, e separados por camadas fibro-cartilaginosas. *Veja-se* ESPINHAÇO.

VERTEBRAL. Região anatomica de summa importancia por sua extensão, pela natureza dos orgãos que a compõe e pelo papel que representa. Estendendo-se desde a nuca até ás nadegas, ella apresenta-se sob a forma de uma grande gotteira, em certos individuos, muito funda ao nivel das omoplatas, mais achatada, em todos, na região lombaria. Esta gotteira, exactamente mediana e vertical, tem no meio uma saliencia que tem o mesmo comprimento e que é formado de uma serie de pequenas eminencias osseas separadas por depressões. Esta serie de desigualdades é formada pelas apophyses espinhosas das vertebras; quando estas apophyses não se acham collocadas regularmente umas em cima das outras, deve-se procurar saber se não existe um vicio de conformação ou qualquer molestia da columna vertebral.

Os movimentos da columna vertebral fazem-se em dois pontos bem distinctos e não em todo seu comprimento. Quando o tronco acha-se curvado para diante no movimento de olhar para o chão, a flexão dá-se na região do pescoço e na parte lombar da columa; toda a parte dorsal, sobre a qual se ligam as costellas, fica rigida.

VERTIGEM ou **Vagado.** Todas as pessoas conhecem a vertigem que se segue á valsa, á piroeta ou ao balanço; é uma sensação particular que faz crer aos individuos que a experimentam, que os objectos gyram em roda d'elles, ou que elles mesmos são arrastados em um movimento de rotação. Sendo a vertigem mais forte, a vista escurece, existem ruidos diversos nos ouvidos, peso na cabeça; sendo ainda mais forte, as pernas curvam-se, e a pessoa cahe. A vertigem póde ser symptoma de varias affecções. As mais das vezes, é indicio de congestão cerebral; sobrevem então principalmente nos individuos sanguineos, nos que abusam dos licores alccolicos, e nos que fazem uso de alimentos mui nutrientes; n'este caso, por sua repetição e intensidade, póde fazer temer o desenvolvimento da apoplexia. Tambem póde ser o resultado subito de uma commoção cerebral, quando alguem recebe uma pancada na cabeça, ou dá uma quéda. Precede ás vezes ao ataque da gota coral; acompanha as perdas sanguineas abundantes e póde ser o annuncio de uma syncope. Em alguns casos, emfim, suas

causas determinantes são leves, e podem ser facilmente atalhadas : tal é a vertigem produzida pela fadiga do espirito e do corpo, pela dieta ou pelas digestões laboriosas, bebidas embriagantes, pelo fumo, etc. O que deixo dito acerca das suas causas prova que o tratamento da vertigem deve ser variado; consulte o leitor os artigos CONGESTÃO CEREBRAL. APOPLEXIA, DESMAIO, HEMORRHAGIA, etc.

Em todos os casos de vertigem, deve-se deitar o doente, applicar-lhe sinapismos nas pernas, e dar-lhe a cheirar vinagre.

Quando as vertigens reconhecem por causa superabundancia de sangue, convem recorrer á sangria ou ás bichas no anus, ás bebidas refrigerantes, como limonada, laranjada, aos pediluvios sinapizados, ao regimen brando, composto principalmente de vegetaes, e abstinencia do vinho e licores. Tambem é essencial ter o ventre livre mediante leves purgantes, ou clysteres.

VESGO. *Veja-se* ESTRABISMO.

VESICATORIO. *Veja-se* CAUSTICO.

VESICULA. Pequena elevação da epiderme, cheia de liquido transparente e ás vezes opaco; seguida de furfuração ou de crosta laminosa. As molestias caracterizadas por vesiculas são : miliaria, cataporas, eczema, herpes e sarna.

VESPA e **Vespão** (*Vespa*). Genero de insectos hymenopteros, vizinhos das abelhas, da familia dos Diplopteros, tribu dos Porta-aguilhões, cujos caracteres são : antennas de 13 articulos nas femeas e de 12 nos machos; corpo menos velloso do que o das abelhas; azas dobradas no repouso; abdomen ovado comunicando immediatamente com o corsolete, que é quadrilatero côr preta ou roxa misturada de amarello. Tem na parte inferior do corpo um ferrão com que aguilhoam. Este ferrão é atravessado por um pequeno conducto, pelo qual corre um liquido irritante que se deposita na picada e produz ardor fortissimo. Este liquido é mortal para os pequenos insectos, como tambem para o homem quando este é assaltado por muitas vespas ao mesmo tempo.

Vespa commum (*Vespa vulgaris*). É preta com muitas manchas amarellas na cabeça; comprimento, 20 millimetros. Faz o ninho no interior da terra, a 16 millimetros de profundidade e muito mais; serve-lhe de entrada um conducto tortuoso de 27 millimetros de diametro, que muitas vezes apresenta na superficie da terra numerosas sahidas.

Vespão (*Vespo crabro*). Esta especie tem 28 millimetros de comprimento; faz grandes estragos nos cortiços das abelhas. Constroe o ninho nos buracos das muralhas ou das arvores, e seguram com um pedunculo coberto como de um chapéo de sol. Ha uma especie de vespão no Rio de Janeiro qne se chama *maribondo;* suas picadas são temiveis.

As vespas e os vespões vivem como as abelhas em sociedades, compostas de machos, femeas e individuos neutros. Estas sociedades são mui numerosas (150 a 200 insectos). Gostam de alimentos adocicados, e entre estes das fructas maduras. Quando se vêem as vespas em grande numero n'um jardim, póde-se estar certo de que o *vespeiro* não está

longe; procurando-o na vizinhança, chega-se facilmente a descobril-o. Destroe-se quer deitando-lhe agua fervendo, quer introduzindo dentro uma mecha de enxofre accesa. Não se deve fazer esta destruição senão á bocca da noite, no momento em que todas as vespas estão recolhidas. Estando o ninho n'um buraco de muralha, um meio mui simples de destruil-o consiste em misturar cal com agua e deital-a ainda liquida no buraco; a cal, coagulando-se, não sómente destroe as vespas, as larvas e os ovos, mas impede, tapando o buraco, o estabelecimento de uma nova colonia. Se o ninho estiver no chão, no meio de um campo, perfora-se o solo com um páo, afim de descobrir a sua direcção, depois deita-se no buraco certa quantidade de essencia de terebinthina, á qual se deita fogo : é o meio infaillivel de desembaraçar-se d'estes insectos. No interior das habitações, emprega-se o modo seguinte : cobrem-se com mel duas taboinhas dispostas como as duas capas de um livro, e separadas simplesmente por uma varinha que se tira á vontade mediante um barbante; logo que se vêem as taboinhas cobertas de vespas, tira-se a varinha : a approximação subita das taboinhas esmaga as vespas.

O tratamento das picadas das vespas, vespões, maribondos é o mesmo que o das picadas das abelhas. *Veja-se* vol. I, pag. 16.

VETIVER. *Andropogon muricatus*, Retz. Planta aromatica, da familia das Gramineas, originaria das Indias Orientaes, naturalizada no Brazil. Caules numerosos, lisos, muito rectos, da grossura do dedo minimo, da altura de 13 decimetros a 2 metros; folhas muito estreitas, do comprimento de 6 decimetros a 1 metro; flores numerosas, pequenas; raiz cabelluda, de um branco amarellado, tortuosa, do comprimento ora de alguns millimetros, ora de cerca de 33 centimetros; tem o cheiro forte e persistente, o sabor amargo e aromatico. Esta raiz, ou antes estas radiculas sahem em grande numero de um tronco commum. É a parte da planta que se emprega para perfumar as gavetas, ou preservar a roupa dos insectos. Nas Indias fabricam com ellas esteiras, as quaes, depois de humedecidas, exhalam um cheiro agradavel. O cheiro proprio ao vetiver não se desenvolve completamente senão quando esta raiz, depois de humedecida, se acha exposta ao ar livre, para seccar lentamente. É a maneira por que se deve proceder para se servir d'ella. Fazem-se depois mólhos, e põem-se nos armarios. O vetiver preserva dos insectos os objectos de lã tão bem como a camphora ou a pimenta; não tem como a camphora o inconveniente de communicar á roupa o cheiro de botica; ou, como a pimenta, o de fazer espirrar as pessoas que se servem d'um vestido preservado dos insectos por esta ultima substancia.

VIA DE FÓRA. Sahida do anus. *Veja-se* vol. I, pag. 192.

VIBURNUM PRUNIFOLIUM. Planta vivaz da familia das Caprifoliaceas. Tira-se da casca do tronco d'esta planta um principio analogo aos alcaloides vegetaes ao qual deram o nome de Viburnina. Attribuiram á viburnina o poder duvidoso de atrazar os partos prematuros. É mais raccional receital-a como tonico adstringente e calmante do systema nervoso. Emprega-se a tintura alcoolica da casca do seguinte modo.

Tintura de viburnum...	30 gottas.	Agua de tilio.....	30 gram.
Xarope de cascas de laranjas amargas.....	20 gram.	Agua de alface.....	30 —

Para tomar ás colheres *de sopa* de duas em duas horas.

VIC-SUR-CERE. Pequena cidade de França no departamento de Cantal á 700 metros acima do nivel do mar, distante 15 horas de Pariz. Possue um estabelecimento para as diversas fontes de aguas mineraes ferruginosas carbonatadas, cuja temperatura é de 12 a 13 gráos centigrados. Estas aguas aproveitam muito na anemia, no lymphatismo e nas dyspepsias com catarrho viscoso do estomago.

VICHY. França. Aguas alcalinas quentes, tepidas e frias.

Itinerario de Pariz a Vichy : Estrada de ferro até Vichy mesmo : 8 1/2 horas. Despeza 45 francos.

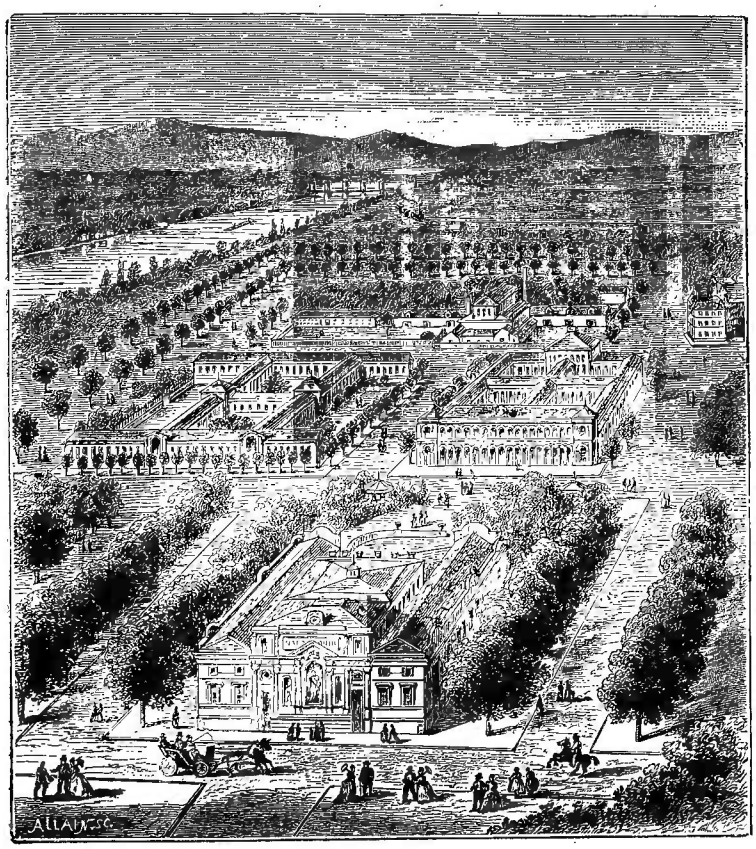


Fig. 901. — Vichy. Vista geral do estabelecimento thermal.

Vichy, pequena cidade de França, de 4000 habitantes, possue uma estação thermal, a mais frequentada de todas as que existem no mundo, e as suas aguas são de tódas as aguas mineraes as que se transportam em maior numero, tanto na Europa como além dos mares. Os banhos de Vichy eram conhecidos desde muito remota epoca : os objectos antigos descobertos quando se fizeram obras da estrada de ferro e

das novas avenidas, indicam que os Romanos habitáram por muito tempo n'esta estação thermal. O estabelecimento thermal, destinado actualmente á primeira classe de banhos, foi sómente terminado em 1829. Contém 100 banheiras. O estabelecimento da segunda e terceira classe, construido em 1858, contém 200 banheiras da segunda classe, e 24 da terceira, sem contar as duches de toda a especie que existem em cada um d'estes estabelecimentos. O antigo parque foi plantado durante o reinado Napoleão I, e o novo durante o reinado de Napoleão III. Hoje Vichy está

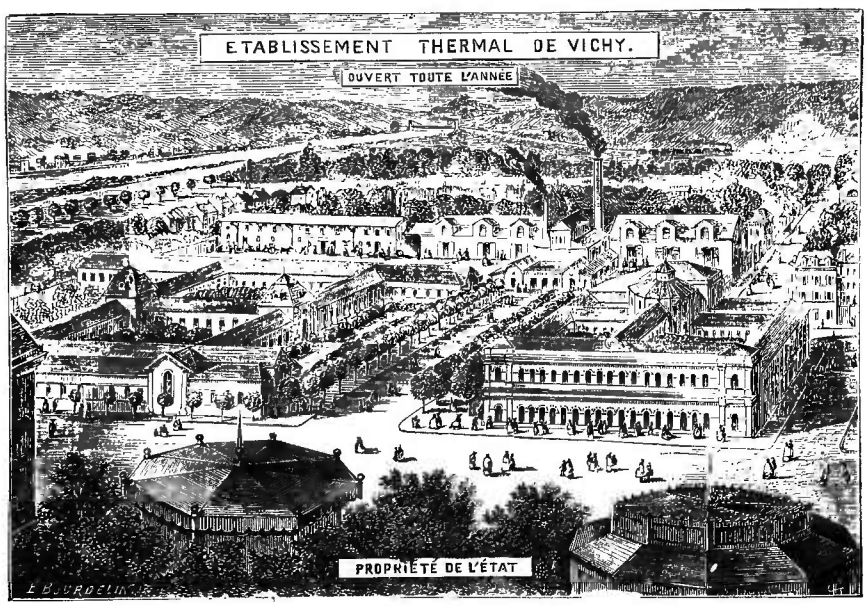


Fig. 902. — Estabelecimento thermal de Vichy.

na primeira linha dos estabelecimentos thermaes. A exploração das fontes, banhos, expedição das aguas, saes, fabricação das pastilhas, etc., foi arrendada pelo governo francez, em 1853, por 50 annos, a uma Companhia anonyma por acções cujo capital social é de cinco milhões de francos. Um medico inspector e um commissario do governo vigiam a execução das obrigações impostas á Companhia, pela lei da concessão. Immensas obras foram executadas por esta Companhia, que põe hoje á disposição do publico numerosos gabinetes de banhos, gabinetes de duches, banhos de vapor, e uma sala para o tratamento pelo acido carbonico que se desenvolve das fontes. De mais, foi construido um magnifico casino, que veio substituir os antigos salões desde muito tempo insufficientes. Os hoteis são numerosos e confortaveis; além d'isso muitas habitações particulares tornam facil a vida da familia. As duas epocas mais convenientes para seguir com proveito o tratamento em Vichy são de 15 de maio até ao fim de junho, e de 15 de agosto até aos primeiros dias de outubro. Os arredores offerecem excursões variadas. Pela noite, a magnificencia do casino dá um attractivo particular ás festas, que consistem em bailes, concertos, representações theatraes offerecidas pelos

artistas que chegam de Pariz pela estrada de ferro. No edificio do casino ha um salão de leitura e de jogos permittidos. Todos os dias, de manhã e de tarde, uma orchestra se faz ouvir á sombra do arvoredo porque : a alegria e a animação facilitam o tratamento thermal.

Fontes. O numero das fontes de Vichy é de quinze. O elemento dominante é o bicarbonato de soda; umas são frias, outras tepidas, outras quentes. Eis-aqui os seus nomes, temperatura e a quantidade de bicarbonato que contém, segundo a analyse de Bouquet :

	Temp. cent.	Grammas de bicarbonato de soda.		Temp. cent.	Grammas de bicarbonato de soda.
Grande grille....	42°	4ᵍ,883	*Source du Parc*..	22°	4ᵍ,857
Puits Chomel....	43°	5ᵍ,091	*Mesdames*.....	17°	4ᵍ,016
Puits carré.....	44°	4ᵍ,893	*Lardy*.	23°	4ᵍ,910
Lucas.....	29°	5ᵍ,004	*Larbaud*.....	15°	4ᵍ,850
Hôpital.....	31°	5ᵍ,029	*Saint-Yorre*.....	10°	4ᵍ,881
Célestins.....	14°	5ᵍ,103	*Elisabeth*.....	16°	5ᵍ,200
Hauterive.....	15°	4ᵍ,687	*Saint-Marie*.....	16°	4ᵍ,200
			Pruncle.....	23°	cerca de 5ᵍ,000

Além da grande porção de bicarbonato de soda, todas estas fontes contém pequenas quantidades das substancias seguintes : bicarbonatos de potassa, de magnesia, de estronciana, de cal ; carbonato de ferro ; de manganez ; sulfato de soda ; borato de soda ; chlorureto de sodio ; silica ; materia organica bituminosa. A fonte *Prunelle*, contém, além d'estas substancias, uma forte quantidade de gaz hydrogeneo sulfurado.

As seis ultimas fontes são propriedades de particulares : as nove primeiras pertencem ao Estado que as alugou a uma Companhia. A agua de todas as fontes é limpida, de gosto de lixivia, que não é desagradavel ; a agua das fontes de *Célestins* e de *Hauterive* é acidula e picante ; a agua da fonte *Prunelle* tem o cheiro de gaz hydrogeneo sulfurado. A grande quantidade de gaz acido carbonico, que contém o maior numero d'estas fontes, simula, ao sahir, uma verdadeira ebullição ; este gaz é puro, bem que se lhe misture ás vezes um leve cheiro de hydrogeneo sulfureo ; na fonte *Prunelle*, o cheiro d'este gaz é constante e mui pronunciado. Existe igualmente n'estas fontes notavel proporção de uma substancia glutinosa que se encontra na maior parte das aguas mineraes.

Molestias que se tratam pelas aguas de Vichy. Ha muitas molestias para as quaes as fontes de Vichy podem ser utilmente aconselhadas. As principaes são :

Affecções das vias digestivas. Todas as vezes que ha atonia dos orgãos da digestão, e que a susceptibilidade do estomago não é muito viva, póde-se recorrer com vantagem ás aguas de Vichy. Emprega-se geralmente nas molestias de estomago a fonte *Hôpital*. Esta fonte é a que contém maior quantidade de materias unctuosas; mas não se deve tomal-a em grande dóse. Fazendo-se uso das aguas transportadas, a agua de *Hauterive* convem mais do que a de *Hôpital*. A agua de Vichy não sómente fortifica o apparelho digestivo, mas actua chimicamente

sobre o succo gastrico, cuja acidez diminue, e concorre, d'este modo, para a digestão.

Affecções do figado, colicas hepaticas. As aguas de Vichy gozam desde epocas mui remotas de grande reputação contra os engurgitamentos do figado. Tornando a bilis mais fluida impedem a formação dos calculos formados; são, por conseguinte, um remedio por excellencia contra esta affecção, A fonte mais geralmente empregada n'estas molestias é a *Grande-Grille.*

Engurgitamentos do baço. Os engurgitamentos do baço, consequencias das febres intermittentes ou dos miasmas pantanosos, cedem ao emprego bem dirigido d'estas aguas, em bebida, banhos e duches sobre o hypochondrio esquerdo. Exemplos numerosos das pessoas vindas da India, Africa e America, que se curáram em Vichy provam esta asserção. A fonte de *Grande-Grille* deve ser empregada com preferencia contra estes engurgitamentos.

Areias. As aguas de Vichy são de uma efficacia incontestavel contra as areias rubras ou de acido urico, que são as mais frequentes. A acção da agua de Vichy é tão rapida que, depois dos primeiros copos, os doentes não acham mais no vaso sedimento rubro; o acido urico foi dissolvido. Com effeito, o acido urico combina-se com a soda para formar um urato de soda, o qual mais soluvel do que este acido, dissolve-se nas ourinas e sahe depois com ellas. As fontes de *Célestins* e de *Hauterive* são preferiveis. Ás vezes, entretanto, a agua de Vichy actua menos como um agente chimico do que como um estimulante do apparelho renal. N'este caso, as areias, em vez de se dissolverem, desprendem-se do tecido dos rins e são depois expulsas com as ourinas. As aguas transportadas, completadas pelo emprego dos banhos preparados com os saes naturaes de Vichy, actuam da mesma maneira que as aguas tomadas na fonte, porém com menor energia.

Gota. A medicação pela agua de Vichy, ajudada de um regimen conveniente, tem effeitos vantajosos no tratamento da gota. Esta molestia reconhece especialmente por causa a presença no sangue de um excesso de acido urico ou dos elementos que servem para a sua formação: pelo que existe muitas vezes simultaneamente com areias. N'este caso o uso das aguas alcalinas, neutralizando o excesso de acido urico, constitue o mais poderoso tratamento para combater a diathese gotosa, e para attenuar os ataques da gota; combate a rijeza dos ligamentos, e diminue as concreções que se formam nas articulações. As fontes que convem aos gotosos são as de *Célestins* e de *Hauterive.*

Diabetes. Todos os annos ha em Vichy certo numero de individuos affectados de ourinas doces. Ora, o maior numero d'elles dá-se bem com o uso d'estas aguas. É, porém, indispensavel, depois de terminado o curativo em Vichy, continuar em casa o uso das aguas, e ajudar a sua acção pelo regimen animal, e exclusão, ou ao menos pela diminuição das substancias seculentas e assucaradas. As fontes que são de preferencia uteis aos diabeticos são as de *Hauterive* e *Célestins.*

As outras molestias, nas quaes as aguas de Vichy se tem mostrado

uteis, são a *albuminuria*, o *catarrho vesical*, os *engurgitamentos do utero*, e *algumas molestias da pelle*, em particular, a *acne* e a *caparrosa*.

A vista do que deixei dito, vê-se que as fontes de Vichy, mesmo as que tem maior analogia entre si, não se empregam indistinctamente ; é util, pois, dar as indicações relativas ás diversas molestias para as quaes cada fonte é mais especialmente prescrita.

Grande-Grille. 42° (quente). Administra-se nas areias, gota, engurgitamentos do figado e do baço, nos calculos biliares, nas affecções das vias digestivas, etc.

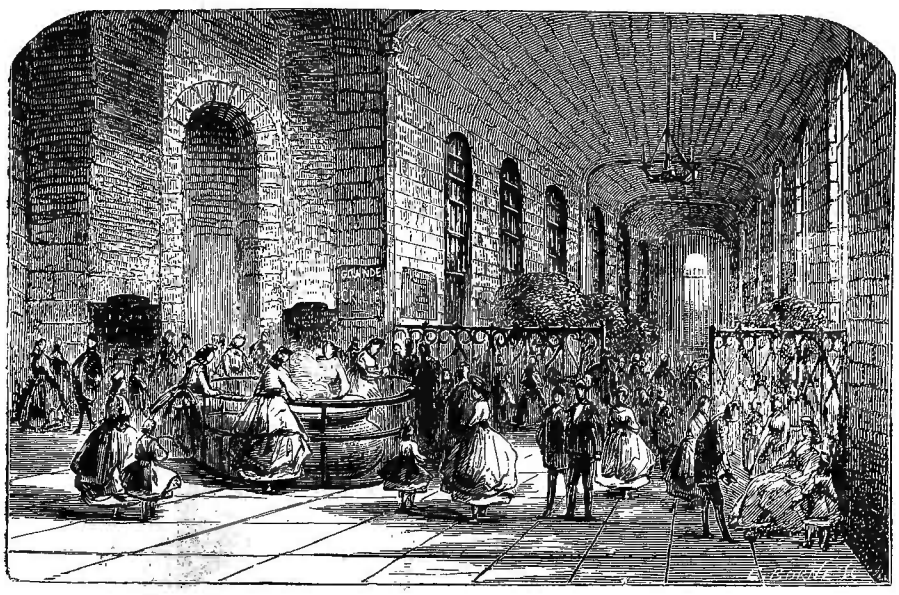


Fig. 903. — Vichy. — Fonte de *Grande-Grille*.

Puits Chomel. 43° (quente). Catarrhos pulmonares, dyspnea nervosa.

Hôpital. 31° (quente). Esta fonte tem muita analogia com a fonte de *Grande-Grille*, convem nas affecções das vias digestivas, gastralgia, metrites chronicas, etc.

Hauterive. 15° (fria). Affecções dos rins e da bexiga, areias, pedra na bexiga, gota, diabetes, engurgitamentos abdominaes, albuminuria. Esta fonte é a mais propria para ser empregada a distancia, quando não se póde tomar aguas em Vichy mesmo.

Célestins. 14° (fria). Affecções dos rins, da bexiga, areias, calculos urinaes, gota, diabetes.

Mesdames. 17° (fria). Goza de propriedade especiaes, por causa da grande quantidade de ferro que contém ; convem na chlorose, leucorrhea, e em todos os casos em que é necessario empregar a medicação tonica.

Fonte do Parque. 22° (tepida). A sua grande riqueza em gaz acido carbonico torna-a de digestão facil.

Fonte Saint-Yorre. 10° (fria). A agua d'esta fonte ; emprega-se nos mesmos casos que a da fonte Hauterive. Transportada, conserva-se muito bem.

Fonte Prunelle. 24° (tepida). A agua d'esta fonte por conter além dos bicarbonatos alcalinos notavel quantidade de hydrogeneo sulfureo, con-

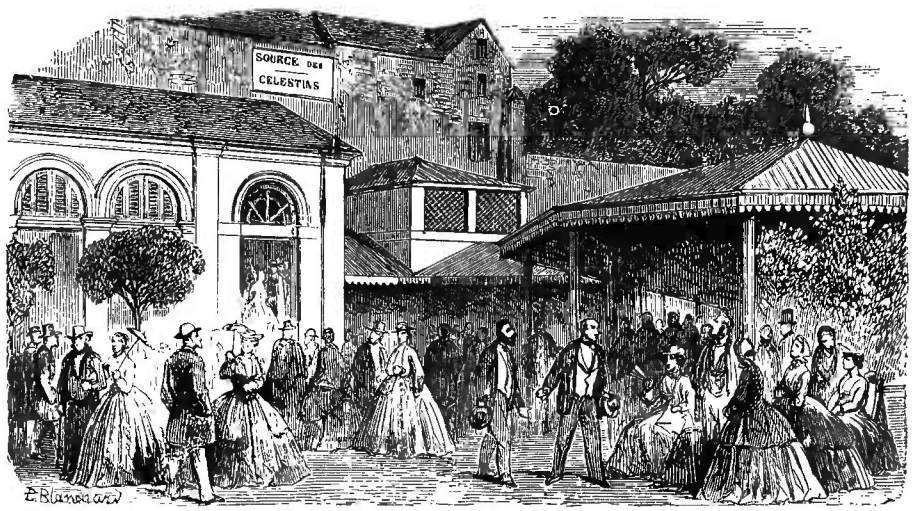


Fig. 904. — Vichy. — Fonte de *Célestins*.

vem nas molestias do figado e dos rins, complicadas com affecções da pelle ou das vias respiratorias.

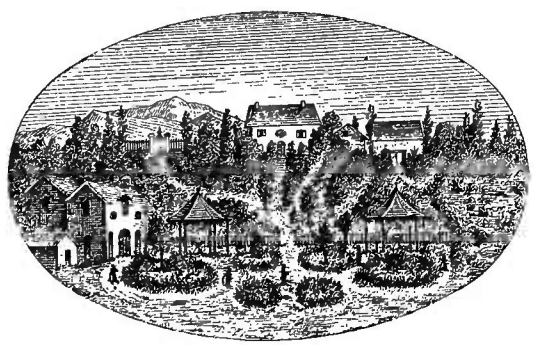


Fig. 905. — Vichy. — Fonte de *Saint-Yorre*.

Modo de usar das aguas. As aguas de Vichy empregam-se em bebida, banhos e duches. O momento mais favoravel para bebêl-as é de manhã em jejum. É preciso proceder systematicamente por dóses graduadas e pouco elevadas. A principio, bebe-se um ou dois copos por dia, cada copo representa 350 grammas ; augmenta-se de um copo por dia, até cinco ou seis copos, dóse que raras vezes se excede. Por pouco que haja susceptibllidade do apparelho digestivo, a dóse limita-se a um quarto ou á metade do copo por cada vez.

O complemento habitual de um tratamento em Vichy é um *banho quotidiano* de uma hora, na temperatura de 31° a 34° com agua mineral, misturada pela metade com agua commum. Sendo a agua mineral, destinada aos banhos, da temperatura de mais de 40 gráos, mistura-se em

proporções convenientes com agua commum fria. A agua mineral pura seria demasiado forte; poderia produzir insomnia, agitação nervosa, dôres de cabeça.

As *duches*, dirigidas sobre as cadeiras, regiões do figado, do baço e outras partes, actuam localmente como resolutivas.

O *gaz acido carbonico*, que se desenvolve das aguas, deo logar ás applicações curativas das molestias dos ouvidos, do nariz e do utero.

Regimen dos doentes. Durante o uso das aguas de Vichy os doentes podem beber vinho e comer fructas. O regimen não deve soffrer modificação alguma dependente da natureza chimica do tratamento. Como em qualquer outra circumstaucia deve ser submettido ás phases da molestia e ás condições da saude.

Agua transportada. Todas as fontes de Vichy supportam bem o transporte. As fontes de *Hauterive*, de *Saint-Yorre*, e de *Célestins* conservam-se melhor; a de *Hôpital* conserva-se menos bem. Exportam-se mais de 2,400,000 garrafas cada anno. O numero das garrafas exportadas vai augmentando todos os annos; felizmente as fontes dão mais de 500,000 litros em vinte e quatro horas.

Saes naturaes de Vichy. Expedem-se mais de 60,000 kilogrammas por anno. Devidem-se em saes para banhos e saes para bebida.

Saes para banhos. Eis como se procede á extracção dos saes destinados aos banhos: Installam-se, perto dos reservatorios das fontes, vastas tinas de ferro forjado em que a agua mineral é submettida á acção prolongada do calor. Quando marca 34 ou 35 gráos no areometro, modera-se o fogo, tiram-se com pás os saes á medida que se depõem, operação que se continua até que a tina esteja esgotada. Os saes assim obtidos apresentam massas de crystallização um pouco confusa, que encerram os elementos essenciaes da agua mineral. Quando foram sufficientemente esgotados, depois saturados de gaz acido carbonico tomado nas fontes, depois emfim bem seccos, dividem-se em rolos de capacidade igual á quantidade dos saes contidos n'um banho de Vichy: é debaixo d'esta fórma que se entregam ao commercio.

Saes para bebida. Os saes para bebida, em consequencia dos cuidados especiaes de que a sua crystallização é objecto, tem muito mais bella apparencia do que os saes para banhos. Mas as aguas artificiaes, que estes saes produzem, nunca substituem completamente a agua natural; esta é a unica agua realmente medicinal. São, todavia, superiores aos simples bicarbonatos de soda do commercio. O seu princípal emprego consiste na fabricação das pastilhas de Vichy.

Pastilhas de Vichy. Estas pastilhas, em que o sabor acre do bicarbonato de soda é encoberto pela gomma alcatira, assucar e alguma agua aromatica, formam um medicamento digestivo, que mesmo as crianças tomam com prazer. Convem sobretudo nas digestões difficeis, nas dyspepsias flatulentas caracterizadas pelo desenvolvimento de gaz no estomago. — A grande fabrica, onde se preparam estes diversos productos, é o passeio obrigado das pessoas que chegam a Vichy.

Informações praticas. O preço da morada e comida em Vichy, varía entre 8 e 15 francos diarios, por pessoa, segundo a situação, hotel e andar escolhido. — A agua mineral bebida na fonte é gratuita; levada a casa custa 30 centimos o litro. — Os banhos e as duches custam; 1ª classe, 3 francos; 2ª classe, 2 francos; 3ª classe, 60 centimos. — A estação official principia em 15 de maio, e acaba em 15 de setembro. — A duração média de uma estação de banhos em Vichy é de 24 a 30 dias. — O estabelecimento thermal está aberto todo o anno, e o tratamento thermal continua sem excepção.

Agua de Vichy bebida em casa. A maneira de tomar as aguas de Vichy transportadas differe geralmente da que se emprega na fonte mesma. Assim, em vez de bebêl-as em jejum e puras, tomam-se com preferencia durante o jantar misturadas com vinho branco ou vinho tinto. O vinho branco tem a vantagem sobre o vinho tinto de não se turvar pela agua de Vichy; porém, se o vinho tinto se turva, esta circumstancia resulta do deposito da materia corante, e não da alteração da agua que conserva as suas virtudes medicinaes. Outras pessoas preferem beber a agua pura de manhã em jejum, ou algum tempo antes do jantar.

VICTORIA. Hungria. Aguas salinas amargas purgativas. Residuo fixo a 105°, 54,150. Estas aguas contém sulfatos de magnesia, de soda, de potassa e de cal, chlorureto de sodio, carbonato e bicarbonato de soda, alumina, acido silicico, acido phosphorico. Empregam-se nas prisões de ventre habituaes, nos embaraços das vias digestivas, affecções do figado, molestias chronicas das orgãos da respiração, na plethora sanguinea, hydropisias, obesidade, hemorrhoidas, molestias cutaneas.

VIDAGO. Portugal; provincia de Traz-os-Montes, concelho de Chaves, districto de Villa Real. Aguas alcalinas gazosas frias; 23°,8. O agente principal d'ellas é o bicarbonato de soda; são, depois das de Vichy, as mais ricas das aguas alcalinas gazosas da Europa, quanto á sua mineralização. Mil grammas d'estas aguas contém, segundo a ultima analyse do distincto Sr. Dr. Lourenço:

	gram.		gram.
Bicarbonato de soda	4,629017	Phosphato d'alumina	0,000724
— de potassa	0,048396	Acido silicico	0,061170
— de lithina	0,037331	— carbonico livre e dissolvido	1,449408
— de estronciana	0,000963	— arsenioso	
— de cal	0,971350	Ammoniaco, Phosphato de soda, Materias organicas	Vestigios.
— de magnesia	0,255404		
— de ferro	0,013131		
— de manganez	0,001053		
Sulfato de potassa	0,008939		
— de baryta	0,001002		
Chlorureto de potassio	0,169530	Total	7,647418

A agua é limpida e transparente, sem cheiro sensivel, de gosto agradavel, levemente salobro e picante. O gaz acido carbonico, que contém, é tão abundante que faz saltar a rolha quando se agita n'uma garrafa a agua recentemente colhida. É util, em bebida e banhos, nas areias, gota,

engurgitamentos do figado e do baço, colicas hepaticas e nephriticas,

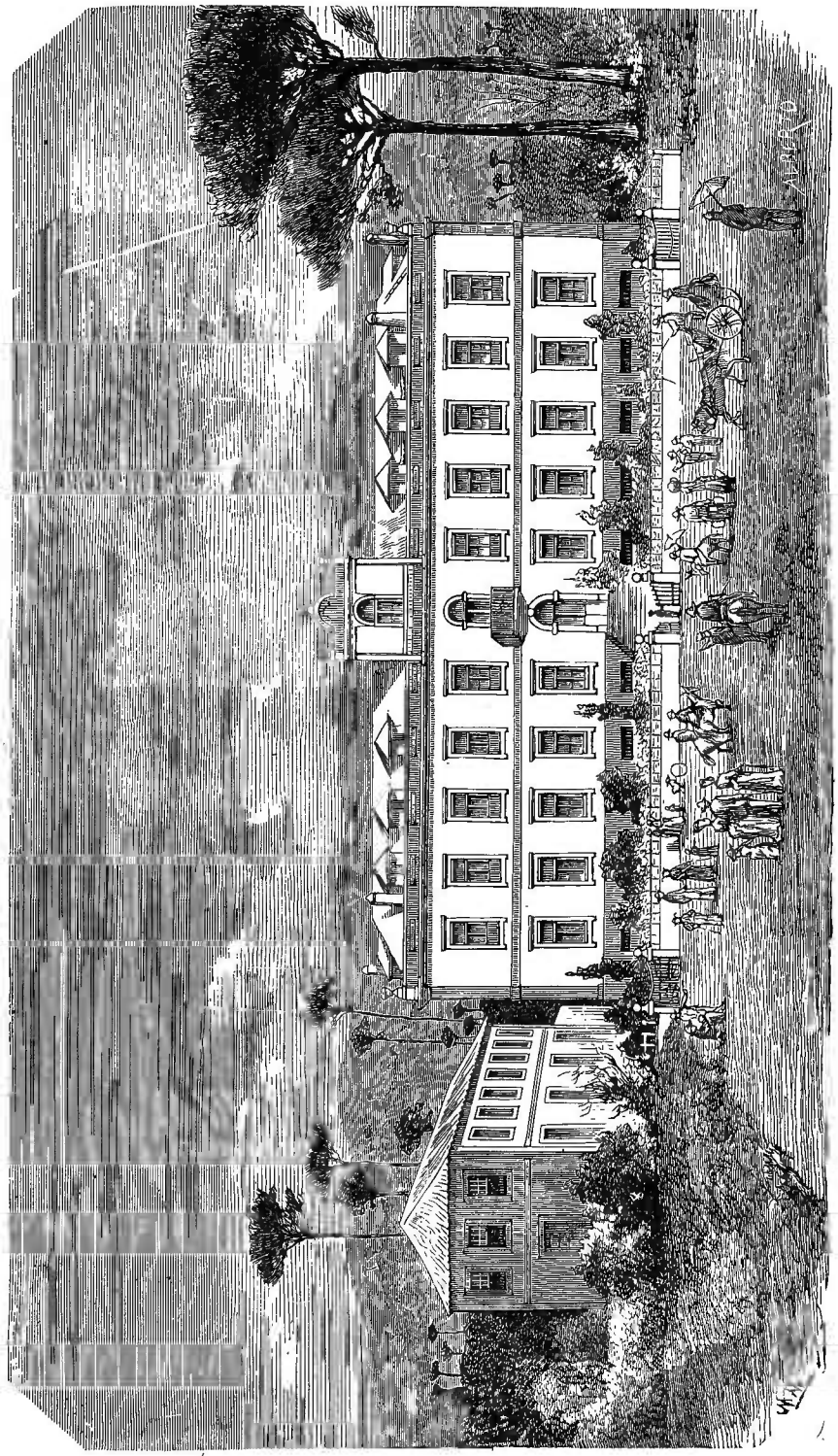


Fig. 906. — Vidago (Portugal) — (Aguas alcalinas gazosas frias.) Vista do hotel e da casa de banhos.

molestias do estomago. Toma-se na dóse de um copo de 250 grammas

duas vezes por dia, uma hora antes da comida. Póde beber-se ao janta misturada com vinho. Transportada conserva-se bem.

Vidago é uma bonita aldeia, situada n'um valle fertil, a meio caminho entre Chaves e Villa Pouca de Aguiar. A principal casa da povoação é o *Grande Hotel de Vidago*, que recebe hospedes de tres classes de 1$200, 1$500 e 2$250 réis por dia (moeda de Portugal). Ha em Vidago casas particulares que tambem recebem hospedes, junto do grande hotel, que pertence á Empresa das Aguas, tem esta um hotel mais pequeno em que ha estabelecimento de banhos d'agua mineral. As aguas bebem-se na fonte pelo preço de 1$000 réis por toda a estação balnearia, que dura

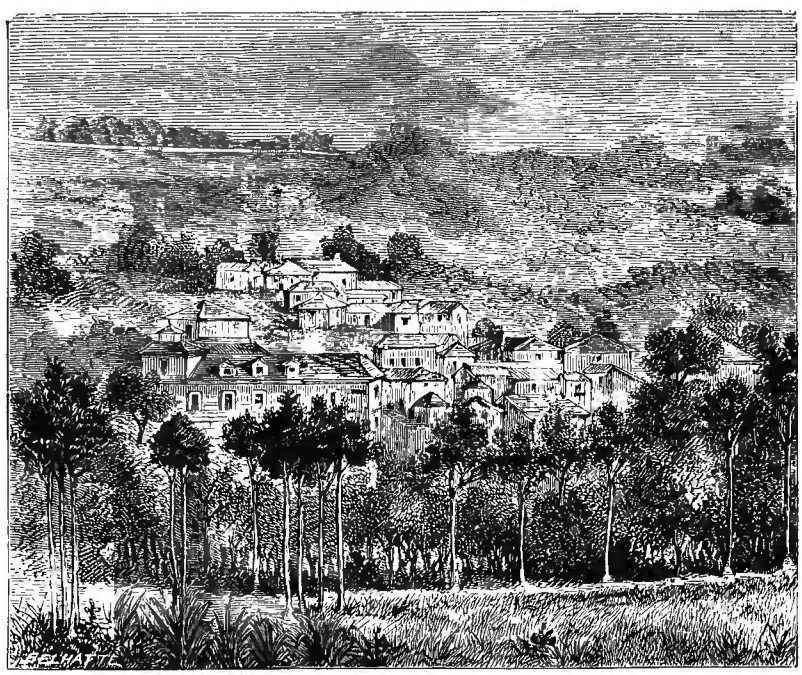


Fig. 907. — Vidago (Portugal). — Aguas alcalinas frias.

de 15 de Maio a 15 de Outubro. — A viação faz-se do Porto na diligencia a qual sahe do Porto ás 4 horas da tarde, chega a Villa Real no dia seguinte das 8 para 9 horas da manhã, e gasta d'ahi a Vidago cerca de 7 horas.

VIDRO. Composição de silica, de potassa ou de soda, e de cal, ou de oxydo de chumbo, que dá pela fusão massa amorpha e transparente e que não se dissolve nem na agua nem na maior parte dos acidos. As propriedades e os usos do vidro variam segundo a natureza de suas partes constituintes. Distingue-se : o *Vidro commum*, de que se fazem sobretudo as garrafas, e que se fabrica com areia ferruginosa, com cinzas ou sodas brutas, vidro branco quebrado, um pouco de greda ou de cal e de oxydo de manganez ; o *Crystal ordinario*, destinado para os copos de beber, frascos, vasos de ornamento, que se faz com as mesmas substancias, mas empregando carbonato de potassa em vez de carbonato de

soda; o *Crown-glass*, com que se fazem os oculos de longamira, as lentes de augmento, e os instrumentos de optica, e que se obtem com uma mistura semelhante; o *Flint-glass*, para os oculos achromaticos, que se obtem misturando areia branca, carbonato de potassa purificado, minio, um pouco de borax e nitro; o *Stras*, com que se imitam as pedras preciosas, e que se faz com crystal de roca e areia branca, carbonato de potassa puro, minio, um pouco de borax e de acido arsenioso.

A transparencia e a alvura são as primeiras qualidades do vidro, e dependem da escolha das materias primas. O vidro é perfeitamente elastico entre certos limites, e em geral mui sonoro. É ordinariamente mui fragil; todavia os vidros sem composição de chumbo, e sobretudo os vidros da Bohemia, quando bem fabricados, adquirem bastante solidez e dureza tal que podem ferir lume quando são percutidos pelo aço. Todos os vidros são mais ou menos fusiveis; quando estão amollecidos pelo calor, deixam-se curvar com maior facilidade; podem-se fazer d'elles fios, com os quaes se podem fiar estofos. Quando o vidro é resfriado subitamente, torna-se mui fragil. Diminue-se a extrema fragilidade do vidro, submettendo-o a um resfriamento mais ou menos lento. Os vidros supportam as variações de temperatura tanto melhor quanto mais lentamente foram resfriados. Os vidros, quando são duros, não se alteram pelos agentes chimicos; entretanto, não ha vidro que resista á acção do acido fluorhydrico; e é com este acido que se grava no vidro.

Os *vidros de côr* são vidros corados com mui pequenas quantidades de oxydos metallicos, que foram derretidos na massa: os *brancos* obtem-se com acido stannico ou arseniato de chumbo; os *azues*, com oxydo de cobalto; os *purpureos* e *roxos*, com purpura de Cassius, protoxydo de cobre, protoxydo de manganez; os *verdes*, com deutoxydo de cobre; sesquioxydo de chromo, etc.

VIDRO DOS DENTES. Synonymo de *esmalte dos dentes*.

VIDRO MOIDO. O vidro moido não é veneno, como muitas pessoas julgam. Ingerido no estomago, exerce só acção mecanica, e póde n'este caso produzir colicas e inflammação do estomago ou dos intestinos. Previnem-se os accidentes, enchendo o estomago com feijões, pão ou batatas, e administrando 5 centigrammas de emetico, dissolvido em 500 grammas d'agua para provocar vomitos e evacuações alvinas.

VIEIRINA. Substancia extrahida da casca de quinas do Brazil, *Cinchona vellosiana*, *Cinchona remijeana* e *Cinchona ferruginea*, St. Hilaire, em primeiro logar pelo Dr. José Agostinho Veira de Mattos, medico do Rio de Janeiro, fallecido em 1875, e, depois, por outros medicos ou pharmaceuticos do Brazil,

Preparação. *Processo de Vieira de Mattos.* Reduzidas a pó grosso, as cascas submettem-se á maceração no alcool de 38° Baumé, por oito dias; depois de decantado o liquido, põe-se o residuo á macerar n'um novo alcool, para obter toda a parte soluvel; reunem-se os liquidos, e levam-se no alambique, para separar o alcool; ao residuo, que tem a consistencia de xarope grosso, ajunta-se agua fervendo, que faz precipitar a parte resinosa; esta se purifica pela segunda lavagem. A sub-

stancia obtida apresenta-se em consistencia de cera; faz-se seccar ao ar livre ou a calor brando da estufa. Obtem-se assim 12 a 15 0/0 de producto solido, de côr avermelhada escura, que é a *vieirina*.

Processo do Dr. Felicio dos Santos. Fervem-se em agua as cascas da raiz e do caule, até que se tenham dissolvido todas as substancias soluveis n'este liquido; separa-se o residuo, e lava-se em agua tendo em dissolução algum alcali (potassa, soda ou ammoniaco), o liquido filtrado é tratado pelo acido sulfurico que faz precipitar a resina (*vieirina*). Obtem-se por este processo 9 a 100 0/0 de vieirina.

Processo do pharmaceutico Andrade. Reduz-se a pó a quina mineira (*Cinchona ferruginea*), mistura-se com a metade de seu peso de cal, e lixivia-se pela agua fervendo. O liquido obtido é tratado pelo acido chlorhydrico; a *vieirina* precipita-se, e pode ser levada ao maior gráo de pureza pelo carvão animal. A vieirina assim obtida é muito differente das precedentes; apresenta-se sob a fórma de um pó amorpho, branco, amargo, apenas soluvel n'agua, quer fria, quer quente, soluvel nos liquidos alcalinos, muito soluvel no alcool, e um pouco menos no ether. Com os reagentes comporta-se como um acido, visto que as suas soluções alcalinas dão com os saes ferrosos duplas composições, precipitando-se um corpo que parece ser um sal, cuja base é o ferro e cujo acido é a vieirina. Segundo Andrade a vieirina existe na proporção de 5 0/0 na quina mineira.

Propriedades, dóses e usos. A vieirina é um tonico na dóse de 4 a 8 grammas; usa-se na anemia, chlorose, convalescença de molestias, dyspepsia, anorexia, febre intermittente e em todos os casos em que é preciso restabelecer as forças. Administra-se em pó, pilulas, xarope, vinho.

Vinho de vieirina (Silva Araujo).

Este vinho é preparado com vieirina, bicarbonato de soda, dissolvido na tintura de casca de laranja, e vinho. — Cada 30 grammas, d'este vinho, contém 10 centigrammas de vieirina. — Dóse: 60 grammas, duas vezes por dia.

VILLA POUCA DE AGUIAR. V. *Pedras Salgadas*.

VILLARELHO DA RAIA. Portugal; Traz-os-Montes. Agua alcalina, fria; 16°,2. É limpida, transparente, de um gosto agradavel, levemente alcalino: deixa desenvolver grande quantidade de gaz acido carbonico. Segundo o Sr. Dr. V. A. Lourenço, mil grammas d'esta agua contém em dissolução:

	gram.		gram.
Chlorureto de potassio.....	0,063424	Acido carbonico inteiramente livre.....	0,580640
Bicarbonato de potassa.....	0,002277	Albumina.....	vestigios.
— de soda.....	2,364055	Oxydo de ferro.....	
— de cal.....	0,161280	Materia organica.....	
— de magnesia.....	0,057143		
Acido silicico.....	0,015000		

As aguas de Villarelho da Raia convem nas areias, gota, molestias do figado, do baço e do estomago.

VILLAVIEJA. Hespanha. Aguas salinas quentes 28° a 45° Empregam-se em banhos nos rheumatismos, paralysias, nevralgias.

VIMEIRO. Portugal; Estremadura. Agua salina, fria; 24°. Doze kilometros para o norte da villa de Torre-Vedras, sobre as duas margens do rio que corre junto ao logar do Vimeiro, se acham os banhos chamados da *agua santa*. A agua é diaphana sem cheiro, de sabor pouco agradavel, levemente salobra e unctuosa. Mil grammas d'agua deixam 0^{g},826 de residuo solido formado, segundo o Dr. Lourenço, de chloruretos de sodio e magnesio; sulfatos de potassa, cal e magnesia, e silica. Estas aguas são gabadas em banhos, contra as molestias de pelle.

VINAGRE. Liquido azedo que se obtem principalmente da fermentação acida do vinho; é branco ou vermelho, conforme o vinho de que se obtem. Prepara-se tambem com cerveja, cidra, substancias que contém assucar, etc. O vinagre tem numerosos usos em medicina e na arte culinaria. Tomado puro em jejum, durante certo tempo, póde produzir um emmagrecimento rapido e affecções mais graves. Tal é o caso de uma jovem de que falla Andry, que, temendo chegar á corpulencia de sua mãi, tomava por conselho de um curandeiro, um calix de vinagre em jejum, todas as manhãs; o emmagrecimento foi prompto. Tendo sido o mesmo meio continuado, o marasmo fez tantos progressos, que a jovem succumbio. O abuso dos alimentos com vinagre tem inconvenientes semelhantes; mas o seu uso moderado é util, porque favorece a digestão. O vinagre diluido em grande quantidade d'agua fria e adoçada com assucar, constitue uma bebida refrigerante muito util nas febres inflammatorias e perdas de sangue. O vinagre é um dos melhores remedios contra a embriaguez. Tem-se tambem empregado vantajosamente contra as polluções nocturnas a applicação entre as coxas, de uma esponja embebida n'este liquido. As applicações de pannos molhados em agua fria com vinagre tem feito parar muitas vezes as perdas de sangue uterinas após o parto. Esta mesma mistura, applicada fria na testa, é util nas dôres de cabeça. O vinagre entra na preparação dos gargarejos que se empregam nas esquinencias. As fumigações de vinagre, que algumas pessoas fazem nos quartos dos doentes, não fazem senão encobrir o máo cheiro, pois não destroem os miasmas.

Eis-aqui os *caracteres do bom vinagre de vinho:* é limpido, de côr amarella escura, de uma densidade de 2 gráos 50 a 2 gráos 75 do pesa-vinagre de Baumé; tem sabor muito acido, mas sem aspereza; turva-se um pouco pelo azotato de prata; não contém substancias metallicas que possam produzir côr roxa pelos hydrosulfatos alcalinos. Todo o vinagre que tiver propriedades oppostas ás que acabei de indicar deve ser considerado como de qualidade inferior, ou como suspeito de falsificação.

Modo de fazer vinagre em casa. Deita-se dentro de uma vasilha certa quantidade de vinagre fervendo. Tapa-se levemente a abertura da vasilha com um panno, e de oito em oito dias vai-se-lhe deitando vinho, tendo o cuidado de manter a temperatura do logar de 18 a 25 gráos centigrados. Quinze dias depois, todo o vinho está reduzido a vinagre. Cada vez que se tira certa quantidade de vinagre para o consumo da casa, deita-se

igual quantidade de vinho, que se transforma por seu turno em vinagre; e d'esta maneira a vasilha póde fornecer ao consumo quotidiano durante um tempo indefinito. No Rio de Janeiro, onde a temperatura média do anno é de 23 gráos centigrados, e onde só por tres ou quatro dias no mez de agosto o thermometro centigrado está a 16 gráos acima de zero, póde-se fazer o vinagre deitando simplesmente os restos do vinho n'uma vasilha que se deixa sempre mal cheia. A fermentação acida opera-se espontaneamente sem o previo auxilio do vinagre.

Vinagre aromatico.

Folhas de herva cidreira..	25 gram.	Folhas de salva.....	25 gram.
— de hortelã pimenta.	25 —	Flores de alfazema.....	50 —
— de alecrim.....	25 —	Vinagre branco.....	2000 —

Incise as plantas; macere-as no vinagre durante dez dias, vascolejando de vez em quando. Côe e filtre. — Este vinagre dá-se a cheirar nos desmaios; usa-se em fricções pelo corpo nas asphyxias, e em muitos outros casos, para reanimar a vida ou excitar a economia.

Vinagre phenico. Veja-se vol. I, pag. 34.

VINHO. O sumo espremido das uvas, ao qual se faz tomar um gráo mais ou menos alto de fermentação, chama-se *vinho*. Ingerida em quantidade moderada, esta bebida facilita a digestão, fortifica o estomago e todas as funcções. Em maior dóse, produz alegria, excita as faculdades intellectuaes; em dóse excessiva, occasiona a embriaguez. O vinho póde, em geral, ser considerado como um composto de alcool, de assucar, de acido malico, tartrico, acetico, de cremor de tartaro, de uma materia corante, e ás vezes de uma substancia aromatica. Quando se engarrafa antes de concluida a fermentação, contém, além do que fica dito, o acido carbonico, que o torna espumoso.

As differenças que apresentam os vinhos nas suas qualidades e effeitos sobre a economia animal dependem das proporções de seus principios immediatos, e principalmente das do alcool, da materia assucarada, da materia corante, do cremor de tartaro e dos acidos que contém. Os vinhos *acidos* são em geral menos alcoolicos que os outros; misturados com agua, acalmam a sêde e dissolvem os alimentos. Os vinhos *doces* são de digestão assaz laboriosa; contém muito alcool, são mui nutrientes e reparadores; acalmam pouco a sêde, actuam como estimulantes; não devem ser tomados senão em pequena quantidade. Os vinhos *acerbos* e *adstringentes* são mais tonicos do que os outros.

O uso do vinho deve ser modificado conforme as circumstancias. Assim, nos primeiros momentos da vida, este licor é em geral mui forte, mui excitante, para os orgãos tão tenros e dotados de excessiva sensibilidade. Se a criança fôr constituida de uma maneira robusta, é preferivel não dar-lhe senão agua como unica bebida ou agua apenas tinta de vinho. Mas devem fazer-se excepções para as crianças fracas, para as que são predispostas ás escrophulas; o uso moderado do vinho póde ter, n'estas circumstancias, influencia vantajosa. Qualquer que seja a idade, o vinho deve ser tomado com moderação; mas se ha uma idade

em que elle póde ser util, é quando os annos tem diminuido as forças geraes. Relativamente ás constituições, a constituição caracterizada pela fraqueza dos diversos orgãos é aquella a que o vinho mais convem. O vinho administrado como medicamento deve ser velho, generoso e o menos excitante possivel. Tal é o vinho velho de Bordeos, aconselhado com preferencia aos doentes, pois fortifica sem escandecer. Os vinhos de Portugal, de Hespanha, da Madeira, de Malaga, administram-se nos casos em que são indicados os excitantes mais energicos. Administra-se o vinho na convalescença das molestias quando não existe mais febre; dá-se na fraqueza natural ou adquirida, em consequencia de perdas por uma via qualquer, como depois de longas ou fortes hemorrhagias, diarrheas, etc., no escorbuto, nas flores brancas, e em outras muitas molestias. Lavam-se com vinho as ulceras antigas, para ficarem mais vermelhas; applicam-se chumaços embebidos em vinho nas torceduras, como resolvente. Lavam-se as crianças fracas com vinho quente : até tem sido aconselhado em banhos.

Modo de tirar o azedumé ao vinho. Deite n'um barril de 230 litros 8 kilogrammas de assucar mascavado dissolvido em pequena quantidade d'agua, deixe fermentar, e trasfegue o vinho para outra vasilha.

Outro modo. Ajunte ao vinho uma quantidade conveniente de cremor de tartaro; 180 a 270 grammas para um barril de 230 litros de vinho.

Terceiro modo. Se o vinho em vasilha principiar a azedar, trasfegue-se para outra vasilha e colle-se; alguns dias depois repita-se a mesma operação, e muitas vezes basta esta dupla operação para impedir o progresso da fermentação acida.

Quarto modo. Se o gosto azedo já fôr bastante pronunciado, tomam-se 30 a 40 nozes para uma vasilha de 230 a 250 litros, quebram-se, torram-se como café, e deitam-se quentes na vasilha, da qual se hão de tirar previamente 5 a 6 garrafas de vinho; colla-se ao mesmo tempo fortemente o vinho, e mexe-se o liquido; enche-se e tapa-se a vasilha; 6 horas depois, trasfega-se com precaução e deixa-se assentar o vinho, até ficar perfeitamente claro. Na falta de nozes, 4 onças de trigo torrado podem produzir o mesmo effeito.

Amargor do vinho. Esta alteração manifesta-se nos vinhos guardados por muito tempo. Remedeia-se, pelo menos em parte, misturando o vinho assim alterado com igual quantidade de vinho da mesma natureza, porém mais novo. Colla-se e engarrafa-se. Este vinho deve ser consumido immediatamente.

Gosto de vasilha. Esta alteração é ordinariamente devida ao desenvolvimento do mofo. Corrige-se trasfegando o vinho para outra vasilha, e deitando n'elle um copo de azeite doce; bate-se fortemente com uma varinha, e deixa-se assentar para separar o azeite que sobrenada.

Adstringencia dos vinhos. Ha vinhos que tem um gosto acerbo demasiadamente pronunciado : corrige-se este gosto collando o vinho muitas vezes.

Gordura dos vinhos. Os vinhos que experimentam esta alteração adquirem consistencia viscosa. Corrige-se este defeito, ajuntando a um barril 15 grammas de tannino. Obtem-se o mesmo resultado empregando 250 grammas de cremor de tartaro, e igual quantidade de assucar mascavado, dissolvido em 12 garrafas de vinho aquecido até ferver. Deita-se esta mistura no vinho, e bate-se este por um quarto de hora com uma varinha. — Um outro modo igualmente bom, consiste em deitar na vasilha 90 grammas, pouco mais ou menos, de caroços de uvas reduzidos a pó. Mexe-se fortemente o vinho, e colla-se dois dias depois.

Vinhos toldados. Os vinhos estão sujeitos a uma alteração que lhes dá um sabor e cheiro desagradaveis : a materia corante torna-se roxa e quasi preta. Se esta alteração já fôr antiga, se já passar de um anno, é mui difficil remedial-a. No caso contrario, póde restabelecer-se um vinho toldado, ajuntando-lhe 15 grammas de acido tartarico para cada 100 litros de vinho.

Vinhos turvos. Deve-se n'este caso trasfegar o vinho para uma vasilha em que se tenha queimado enxofre. Colla-se depois, e torna-se a trasfegar.

Vinhos azues. Os vinhos devem esta côr a uma alteração levemente putrida. Se esta alteração não fôr mui antiga, nem mui pronunciada, póde remediar-se ajuntando ao vinho pequena quantidade de acido tartarico.

Modo de collar os vinhos. Os vinhos collam-se com claras de ovos. Para um barril de 226 litros empregam-se 6 claras de ovos, que se misturam com um pouco d'agua, e bate-se com uma varinha; depois deita-se tudo no barril, e mexe-se com uma vara. Depois de assentado o vinho por doze ou quinze dias, engarrafa-se.

Para collar *vinhos brancos*, emprega-se a colla de peixe, 24 grammas de colla para um barril de 226 litros.

Vinho aromatico.

Especies aromaticas (mistura de partes iguaes de folhas seccas de salva, tomilho, serpão, hysopo, hortelã, ouregão, absinthio, alecrim).....	100	grammas.
Tintura vulneraria.....	100	—
Vinho tinto.....	1000	—

Macere as especies no vinho por dez dias, mexendo de vez em quando. Côe com espressão, ajunte a tintura, e filtre o liquido.

O *vinho aromatico* é muito empregado no curativo das ulceras.

A *tintura vulneraria*, que entra na composição do vinho aromatico, prepara-se macerando durante 10 dias, em 3000 grammas de alcool a 80°, 100 grammas das substancias seguintes : folhas frescas de absinthio, de angelica, de mangericão, de calamintha, de funcho, de hysopo, de mangerona, de melissa, de hortelã pimenta, de ouregão, de alecrim, de arruda, de segurelha, de salva, de serpão, de tomilho, summidades floridas de hypericão, e de alfazema. Côa-se depois o liquido com espressão e filtra-se.

VINHOS MEDICINAES. Dá-se este nome aos vinhos que contém em dissolução uma ou mais substancias medicamentosas. Os vinhos empregados n'estas preparações são de natureza mui variavel : devem sempre escolher-se puros e generosos. Os vinhos medicinaes devem ser preparados pela maceração a frio em vasos bem tapados. Depois de um contacto prolongado por mais ou menos tempo, conforme a densidade das materias, côem-se com espressão e filtrem-se; guardem-se depois em garrafas bem tapadas, e em logar fresco. Por causa da facilidade com que se alteram, devem os vinhos medicinaes ser preparados em pequena quantidade, e renovados frequentemente. Os principaes vinhos medicinaes são : vinho de quina, vinho de genciana, vinho de quassia.

Os vinhos medicinaes, principalmente o de quina, podem ser feitos por simples mistura de vinho com extracto fluido de Dausse ainé, pharmaceutico de Pariz, á rua Aubriot nº 4. É necessario filtrar depois de bem saccudir as garrafas e deixar repousar o liquido.

VIOLETA ou VIOLETA CHEIROSA. *Viola odorata*, Linneo. Violarineas. Planta cultivada nos jardins do Brazil e de Portugal (fig. 908). Raiz cylindrica, horizontal, guarnecida de fibras filiformes; produz renovos prostrados, semelhantes a pequenos talos deitados, guarnecidos na extremidade de muitas folhas pecioladas, cordiformes, glabras, crenadas na margem. As flores nascem immediatamente dos renovos, sobre pedunculos tão compridos como as folhas; as petalas são de côr azul purpurea, salvo a unha que é de um branco esverdeado. Uma variedade tem flores brancas. Pela cultura as flores dobram-se. As flores tem cheiro brando e agradavel : usam-se em medicina como peitoraes. Prepara-se com ellas uma infusão, que, adoçada com assucar, administra-se com vantagem nos defluxos e bronchites. Um pugillo de flores para uma chicara d'agua fervendo.

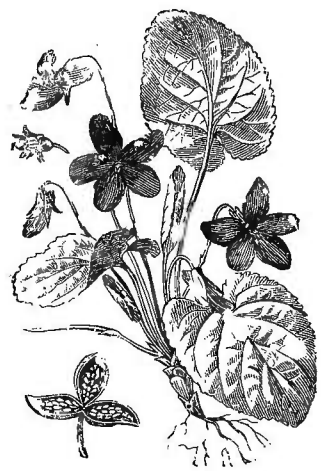


Fig. 908. — Violeta cheirosa.

VIOLETA DE TRES CORES, AMOR PERFEITO ou HERVA DA TRINDADE. *Viola tricolor*. Linneo. Violarineas. Planta cultivada nos jardins do Brazil e de Portugal, por causa da belleza das suas flores. Caules muitos de uma só raiz, prostrados; folhas alternas, de peciolos longos, ovadas, obtusas, recortadas-crenadas; corolla de cinco petalas; as duas *superiores* arroxeadas, as duas *intermedias* violaceas-esbranquiçadas, a *inferior* branca-amarella, com cinco ou sete estrias anegradas com esporão purpureo. A raiz tem cheiro e sabor agradaveis; a flor tem o cheiro da raiz, porém mais fraco. A flor da violeta de tres côres emprega-se como a da violeta cheirosa, e a substitue frequentemente.

VIPERINA ORDINARIA. *Echium vulgare*, Linneo. Borragineas. Planta que em Portugal habita nos campos, muros e ruinas dos edificios. Caule recto, simples inferiormente, guarnecido superiormente de ramos floriferos; folhas lanceoladas, eriçadas, como o caule, de pellos

rudes; flores sesseis, dispostas em espigas lateraes, de côr purpurea, que se torna mais tarde azul. A infusão de flores é um sudorifico : prepara-se na proporção de 10 grammas de flores, para 1000 d'agua fervendo.

VIRILHA. Dá-se o nome de virilha ou região inguinal á reunião das partes que formam o angulo ou uma cavidade obliqua situada na reunião da parede do ventre e da coxa.

MOLESTIAS DA VIRILHA.

I. **Abcesso agudo.** É a consequencia da inflammação do tecido cellular que envolve os ganglios lymphaticos da virilha. É um tumor doloroso, mais ou menos depressivel e fluctuante. O tratamento compõe-se das cataplasmas de linhaça. Logo que a fluctuação fôr evidente, é preciso abrir o tumor. *Veja-se* ABCESSO AGUDO EM GERAL, vol. I, pag. 2.

II. **Abcesso por congestão.** Dá-se este nome a um abcesso da virilha, cuja fonte não é na virilha mesma, mas n'um logar mais ou menos afastado, n'uma vertebra cariada, no musculo psoas ou no tecido cellular sub-peritoneal. Não ha vermelhidão na virilha; quando o tumor se mostra n'esta região, já contém pus. *Veja-se* vol. I, pag. 14.

III. **Aneurysma.** Tumor da virilha formado pela dilatação da arteria que corresponde a esta região. *Veja-se* vol. I, pag. 166.

IV. **Bubão** ou **Mula.** Tumor da virilha occasionado pelo engurgitamento das glandulas lymphaticas da virilha, dependente do virus syphilitico. *Veja-se* vol. II, pag 461.

V. **Feridas da virilha.** *Veja-se* vol. I, pag. 1141.

VI. **Hernia.** Tumor da virilha, formado pela sahida do intestino da cavidade abdominal. *Veja-se* QUEBRADURA, vol. II, p. 834.

VII. **Hydrocele do cordão espermatico.** Tumor duro, movel, transparente quando o seu volume é consideravel; é formado por um sacco cheio de um liquido claro ou turvo, de côr amarella esverdeada, ás vezes rubro. Trata-se pela punecção e injecção de tintura de iodo, como o hydrocele da tunica vaginal (vol. II, pag. 159).

VIII. **Ingua.** Engurgitamento das glandulas da virilha, não dependente do virus syphilitico. *Veja-se* vol. II, pag. 230.

IX. **Tumores da virilha.** São numerosos.

Observam-se na virilha *quebraduras* formadas pelos intestinos sahidos do ventre : esta molestia apresenta-se sob a fórma de um tumor molle, elastico, sem mudança na côr da pelle; póde sobrevir pouco a pouco; ou subitamente na occasião de algum esforço; este tumor torna a entrar ás vezes no interior do ventre quando a pessoa se deita, ou quando o tumor se comprime de certa maneira; ouve-se então um ruido particular : pelo contrario, augmenta pela tosse e pelos esforços. (*Veja-se* QUEBRADURA.)

As glandulas lymphaticas da virilha podem inchar e inflammar-se; quando esta molestia depende de causa syphilitica, o tumor chama-se *mula* ou *bubão*. O bubão syphilitico é ordinariamente precedido de cavallos ou de esquentamento. Sente-se ao principio uma glandula movel

um pouco inchada e dolorosa; augmenta logo de volume e fica adherente; a dôr torna-se latejante e mui viva; a pelle torna-se vermelha, e a glandula, depois de adquirir um volume ás vezes consideravel, faz-se molle pouco a pouco e transforma-se em postema. (*Veja-se* MULA.)

Ha uma variedade de engurgitamentos das glandulas da virilha que é necessario conhecer, porque injustamente podem ser tomados por mulas syphiliticas. Acontece, com effeito, que uma ou mais glandulas da virilha inflammam-se, augmentam de volume e ficam dolorosas, em consequencia de erysipela na coxa ou de feridas no pé ou na perna do mesmo lado. Felizmente, este engurgitamento, chamado *ingua*, ou simplesmente *glandula*, raras vezes acaba por suppuração; de ordinario resolve-se pouco a pouco. Favorece-se esta terminação pelo repouso e com cataplasmas de linhaça. (*Veja-se* INGUA.)

Postemas podem tambem apparecer na virilha; é preciso abril-as quando estão maduras. (*Veja-se* ABCESSO.)

Emfim, existe ás vezes uma fórma de tumor na virilha constituido pelo testiculo que não desceo ao escroto. Comprimindo o tumor, determina-se uma dôr viva, semelhante á dôr que produz a pressão do testiculo descido no escroto. N'este caso as bolsas não são symetricas, encerram um só orgão. *Veja-se* FALTA DO TESTICULO, vol. II, pag. 1064.

VIRUS. O virus é um principio de natureza desconhecida e inaccessivel aos nossos sentidos, que se desenvolve em certas molestias, e que, inoculado em um individuo são, transmitte exactamente a mesma molestia. Assim, a saliva de um cão damnado inoculada no homem gera a hydrophobia; o pus de um cancro syphilitico produz a syphilis; a vaccina, as bexigas, o mormo, tem tambem um virus, que se communica. O virus differe do *veneno* de certos animaes, que é producto normal segregado por um orgão especial n'um animal perfeitamente são. Estes animaes são : cobra cascavel, surucucú, vibora, escorpião, maribondo, abelha, etc.

VISTA. Bem que todas as producções da natureza sejam igualmente dignas de admiração, cumpre, entretanto, confessar que o mecanismo da visão é um dos que nos devem causar maior pasmo. Um orgão de uma incrivel perfeição situado na parte mais elevada do corpo, como para estender-se ao longe, é destinado a receber os raios luminosos, a modifical-os, de tal sorte, que a imagem dos corpos, d'onde elles emanam, vai pintar-se sobre uma membrana sensivel que communica com o cerebro. Muitas precauções tomou o Creador para proteger este precioso instrumento. Rodeado de proeminencias osseas destinadas a defendêl-o da acção dos agentes exteriores, sotoposto ás sobrancelhas, verdadeiros *antolhos*, cujo uso evidente é moderar a intensidade da luz dos astros, é ainda coberto de véos moveis que, movendo-se continuamente, varrem os corpusculos que vem depositar-se sobre o globo do olho, e, abaixando-se, quando queremos, interrompem por instantes a visão, e occasionam assim um leve repouso tão necessario ao exercicio do sentido. A natureza levou a sua previsão a ponto de estender artificiosas redes, as pestanas, para apanhar o pó e os insectos que volteam

na atmosphera. É cousa espantosa a indifferença com que tanta gente expõe a uma alteração contínua um orgão de tão alta importancia. Todos sabem, entretanto, que nenhum sentido nos proporciona prazeres tão numerosos. A vista é o sentido por excellencia; a sua privação é uma das mais difficeis de tolerar. Apontemos, por conseguinte, as causas que podem ser nocivas a um orgão tão precioso, e indiquemos alguns preceitos uteis para a sua conservação.

Não ha cousa mais fatal á vista do que o brilho de uma luz mui viva. A experiencia prova que muitas pessoas, obrigadas por sua profissão a terem os olhos fitos em objectos fortemente esclarecidos, são affectadas de ophthalmia, cataracta, gota serena, e da maior parte das molestias dos olhos. A reverberação produzida por uma areia brilhante póde tambem occasionar a cegueira. As paredes resplandecentes por sua alvura, e continuamente tocadas pelos raios solares, offerecem o mesmo perigo. O melhor meio de se evitarem os accidentes que podem resultar d'estas causas é abrigar os olhos com oculos de côr. Ninguem deve com a claridade do sol entregar-se á leitura, ou a qualquer outra occupação que obrigue a fitar os olhos em objectos mui miudos. As pessoas que trabalham em um quarto exposto aos raios solares, ou á sua reverberação, devem preservar-se d'esta luz intensa mediante cortinados de côr, ou cerrando um pouco as janellas.

Uma luz mui fraca tem inconvenientes analogos. Se se trabalhar com claridade insufficiente, resulta d'isto ao principio uma sensação penosa de dôr no olho. A inflammação d'este orgão póde sobrevir em consequencia de tão fatigante exercicio. Suspender então toda a especie de trabalho, é a unica cousa que se deve fazer. É preciso, por conseguinte, evitar o estudo durante a luz duvidosa do crepusculo.

De tudo o que acabei de expôr, resulta que se deve evitar com igual cuidado a luz mui brilhante ou demasiado pallida. Uma claridade média; isto é, cuja impressão não determina sensação alguma dolorosa no globo do olho, é a mais conveniente.

Tudo isto se applica igualmente ás côres. As côres brilhantes produzem os mesmos effeitos que a vivacidade mui grande da luz. O vermelho fatiga singularmente a vista. O amarello, o verde e o azul são mais favoraveis aos olhos, e a côr verde sobretudo. As côres sombrias, taes como azul ferrete, o roxo e o preto, que são unicamente a ausencia da luz, produzem effeitos analogos aos da obscuridade. Em geral, as côres que não são nem mui brilhantes nem mui sombrias, são mais convenientes á vista.

O exercicio e o repouso do olho não deixam de ter influencia sobre a perfeição d'este orgão; o exercicio demasiado cansa-o e estraga-o, o prolongado não lhe é menos desfavoravel. Com um exercicio moderado é que a vista adquire toda a força de que é susceptivel.

Está geralmente provado que uma alimentação demasiadamente rica e copiosa, occasionando grande abundancia de sangue na economia, produz deslumbramentos, vertigens, e até tem causado cegueira momentanea. A abstinencia ou a falta de sustento, pondo todo o corpo em

profunda fraqueza, não poupa mais os orgãos. Os olhos dos infelizes que estão privados de alimentos cobrem-se de um nevoeiro que lhes tolda os objectos.

Semelhantes effeitos são ainda o resultado do abuso dos licores alcoolicos. É raro que os bebados tenham boa vista.

Conselhos para conservar a vista. Cada qual deve estudar cuidadosamente a força dos seus olhos, afim de poder apreciar e determinar com certeza a somma de trabalho, o gráo de applicacão de que se sente capaz, e que nunca deve exceder. As vistas delicadas e fracas devem ter frequentes intervallos de repouso, cujo numero e duração estarão em relação com o gráo de fraqueza da vista; é necessario então desviar os olhos do objecto sobre o qual estavam fixos, dirigil-os para qualquer objecto corado com uma tinta branda e agradavel, o verde, por exemplo, ou melhor ainda fechal-os durante alguns instantes: mediante estas precauções, podem continuar por um tempo bastante longo, e sem fadiga, os trabalhos delicados e minuciosos.

De manhã, convem graduar a passagem da escuridão á luz, applicar sobre a margem das palpebras um pouco de saliva, lavar depois os olhos com muita agua, emfim expôl-os algum tempo ao ar livre antes de se pôr ao trabalho. Á tardinha, não olhar os objectos miudos n'um logar sombrio; nunca passar subitamente de uma luz artificial e viva a uma profunda escuridão; de noite antes escrever do que entregar-se á leitura; não ler senão typos faceis e bem formados e nunca typos microscopicos, tão perigosos para a vista.

Todas as pessoas cuja profissão impõe ao orgão da vista grandes fadigas habituaes, farão bem em lavar os olhos, pela manhã e á noite, com agua fria misturada com algumas gottas de aguardente ou d'agua de Colonia.

Em conclusão, para conservar a vista boa, é preciso evitar uma luz muito intensa ou mui fraca; côres mui brillantes ou mui sombrias; o trabalho com a luz artificial e sobre corpos mui miudos; a passagem subita da luz ás trevas, e sobretudo d'estas á luz, de uma côr viva a uma côr opposta; uma alimentação mui abundante ou insufficiente; o abuso dos licores alcoolicos; um ar mui quente, ou frio e humido; um exercicio immoderado; o repouso ou a acção mui prolongada do olho.

Quanto á *vista curta* e *vista longa vejam-se* os artigos MYOPIA e PRESBYOPIA. Para o complemento d'este artigo *Veja-se* OLHO, BELIDA, CATARACTA, GOTA SERENA, CEGUEIRA, OCULOS, etc.

VITILIGEM. Dá-se este nome a manchas brancas produzidas espontaneamente e devidas á desapparição do pigmento da pelle. A vitiligem póde occupar todos os pontos do corpo. Quando se mostra nas suissas, na barba ou nas sobrancelhas, faz perder a côr ao cabello. Esta molestia é incuravel.

VITTEL. *França.* Aguas alcalinas e aguas ferruginosas frias. Itinerario de Pariz a Vittel: Estrada de ferro de Pariz a Neuchâteau, 10 horas; carro de Neuchâteau a Vittel, 3 horas. Despeza cerca de 50 francos.

Vittel é uma aldeia de França, de 1,300 habitantes. As aguas mineraes, que possue, nascem no meio de um parque que reune as melhores condições de hygiene, e d'onde se goza de uma vista encantadora sobre as montanhas de Vosges. Estas aguas são frias, e contam numerosas fontes, de que tres sómente são utilizadas. Cada uma possue a mineralização differente. Estas fontes são: *Grande Source* (fonte grande), *Source Marie* (fonte Maria), e *Source des Demoiselles* (fonte das moças).

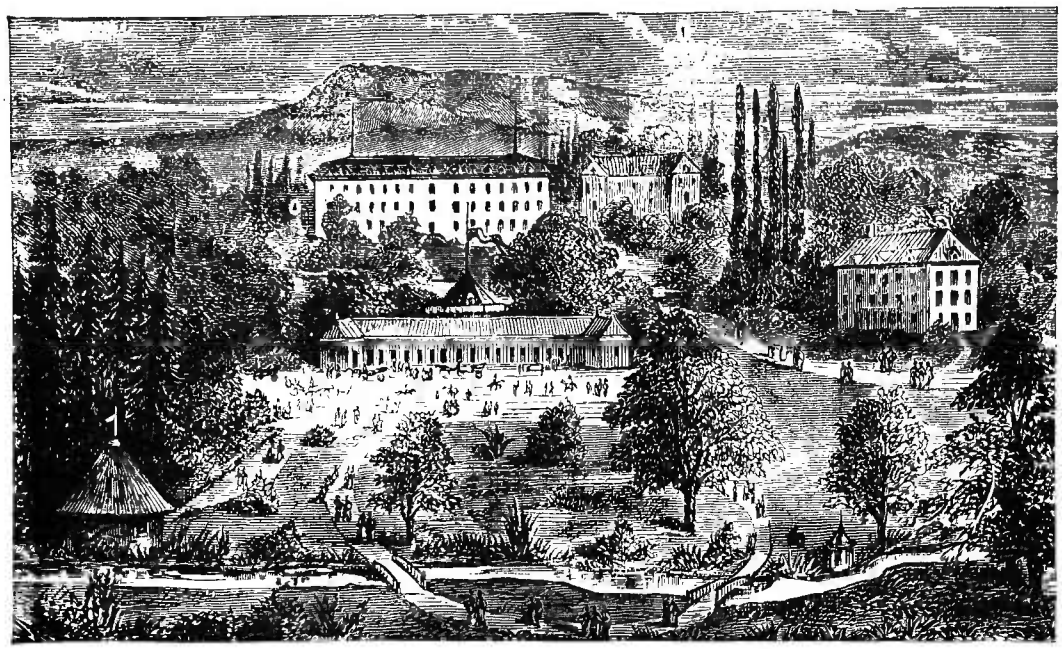


Fig. 909. — Estabelecimento thermal de Vittel.

1.° *Fonte Grande*. Está situada na extremidade da bella galeria coberta, que serve de passeio quando chove ou quando o sol está muito ardente. Ao sahir da nascente, é recebida n'um tanque circular cavado n'uma pedra de diversas côres. Bolhas de gaz acido carbonico levantam-se na agua recentemente tirada.

Analysada por Henry, deo por litro 1^{g},739 de principios fixos, compostos de bicarbonatos de cal, de magnesia, de soda e de sulfatos de magnesia, de soda; chloruretos de sodio e de magnesio; silica, alumina, phosophato de cal, vestigios de arsenico, e 1/10 do volume de gaz acido carbonico. Esta fonte emprega-se nas areias, gota, catarrho da bexiga, diversas affecções dos rins e da prostata.

2.° *Fonte Maria*. Situada a alguns passos da precedente, n'um pavilhão de fórma hexagonal. É a mais mineralizada das tres; contém, por litro, 3^{g},280 de principios fixos. O elemento predominante é o sulfato de magnesia, que explica a sua acção laxativa. Não contém arsenico. Convem nas affecções hemorrhoidaes, nos engurgitamentos do figado e do baço, na prisão de ventre rebelde.

3. *Fonte das Moças*. Nasce debaixo de um elegante kiosque cercado

de flores. Contém, por litro, 4 centigrammas de carbonato e de crenato de ferro, e indicios de arsenico. Encerra, além d'isto, os mesmos elementos fixos que as duas outras fontes, entre as quaes occupa o meio termo, na proporção d'estes elementos. Emprega-se na chlorose e amenorrhea.

A agua d'estas diversas fontes é fresca e limpida. O sabor, um pouco adstringente, varía segundo o principio que predomina; a differença, aliás, é pequena; o gosto não é desagradavel. Empregam-se estas aguas em bebida, banhos e duches, mas sobretudo em bebida. No estabelecimento existe um magnifico hotel, com 70 quartos, salões de conversação, de leitura, de jogos permittidos e de bilhar. Despeza diaria, 8 a 12 francos por dia, segundo o quarto que se occupa, comprehendendo a comida, os salões, os jornaes, o piano, o bilhar, etc. A estação thermal dura ali de 15 de maio ao fim de setembro.

VIZELLA. Portugal; Minho.

A uma legua da cidade de Guimarães, ha de uma e outra banda do rio *Vizella*, muitas nascentes d'aguas sulfurosos quentes. Temperatura 27°

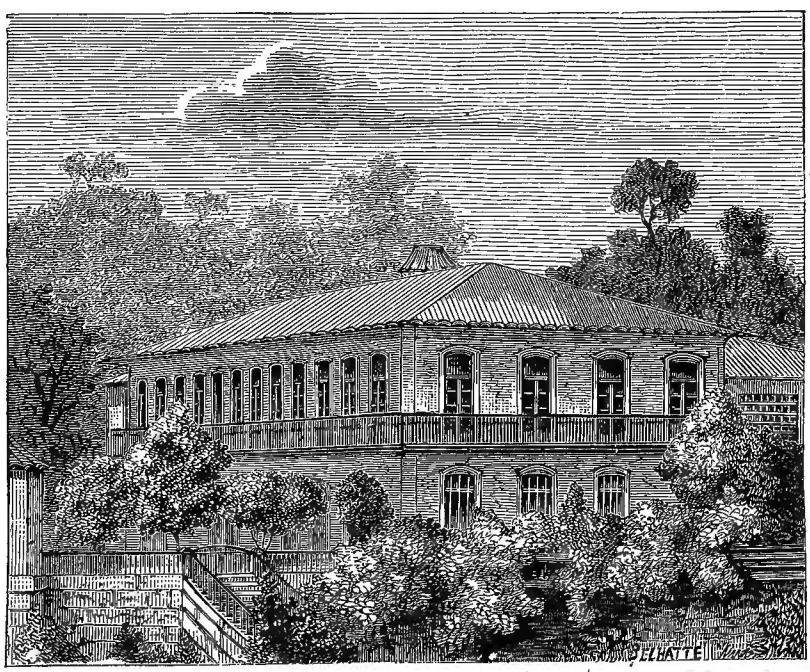


Fig. 910. — Hotel do Cruzeiro do Sul nas Caldas de Vizella.

a 65° centigrados. Existem ali tanques, feitos de tijolo e argamaça construidos em muito remota antiguidade. Em um d'estes tanques cabem mais de 50 pessoas. A agua da nascente de *Mourisco* tem de temperatura 36°,5, e, segundo as experiencias feitas pelo muito distincto Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, deixa pela evaporação do residuo solido 33 centigrammas por 1000 grammas d'agua. Este residuo é formado de silicatos e chloruretos alcalinos de saes calcareos e magnesianos. A mesma

quantidade d'agua contém 0ᵍ,00862 de acido sulfhydrico. — A *agua da Lameira*, situada a pequena distancia da precedente, tem de temperatura 32°,5. Mil grammas d'esta agua deixam pela evaporação 34 centigrammas de residuo solido, composto dos mesmos saes que a precedente, e contém 0ᵍ,00913 de gaz acido sulfhydrido. — A *agua de Medico*, situada na vizinhança das precedentes, tem de temperatura 75°,5 ; por



Fig. 911. — Vista de Vizella. Aguas sulfurosas quentes.

litro 34 centigrammas de saes, e 0ᵍ0098 de gaz acido sulfhydrico. — Nas demais nascentes as temperaturas variam extremamente desde 17°,2 até 65°,5. O calor de cada um dos *banhos* em uso tem alguma alteração segundo os dias e circumstancias incognitas. O producto total das aguas monta a 327,000 litros por vinte e quatro horas, havendo varias nascentes que não se exploram por haver já o volume d'agua sufficiente para as necesidades actuaes. — As aguas de Vizella aproveitam nos rheumatismos, molestias cutaneas, paralysias. Usam-se em banhos, duches e bebida. Além de muitas casas mobiliadas ha dois bons hoteis, *Hotel do Padre* e *Hotel do Cruzeiro do Sul.* Em ambos o serviço é de mesa redonda, e o preço do quarto e comida é de 1$000 réis diarios (moeda de Portugal), por cada pessoa. A estação thermal principia em 15 de Maio e acaba no fim de Outubro. As caldas de Vizella estão situadas n'um valle agradavel, coberto de vegetação risonha. O rio Vizella atravessa a povoação. Na margem direita fica a Lameira, a parte mais povoada; na margem esquerda está situado o Mourisco. Uma ponte de pedra estabelece a communicação entre as duas margens.

VOLVO, VOLVULO. *Veja-se* ILEO.

VOMICA. *Veja-se* ABCESSO NO PULMÃO.

VOMITO PRETO. *Veja-se* FEBRE AMARELLA.

VOMITORIO. Assim se chama qualquer substancia capaz de provocar vomitos. O tartaro emetico e a ipecacuanha ou poaya (*vejam-se* estas palavras) são os unicos remedios que commummente se empregam para provocar os vomitos. O tartaro emetico administra-se na dóse de 5 a 10 centigrammas dissolvidos n'uma chicara d'agua morna ou fria, e a poaya em pó na dóse de 1 gramma tambem dissolvida n'agua fria ou morna Para favorecer os vomitos, deve o doente beber muitos copos d'agua morna. Começa-se a tomar agua morna ordinariamente depois do primeiro vomito; mas se este tardar, ou não se effectuar *verbi gratia*, meia hora depois de ingerir o medicamento, deve o doente então anticipar o uso da agua morna. Depois de cada vomito, beba um copo d'agua morna, para ter sempre alguma cousa no estomago : d'esta maneira, os esforços para vomitar são muito menos custosos do que quando o estomago está vazio. Duas horas depois da cessação dos vomitos, o doente toma uma chicara de caldo de gallinha.

Se o effeito do vomitorio fôr demasiado, diminuem-se os vomitos bebendo uma chicara de chá da India mui carregado.

Os vomitorios empregam-se em grande numero de casos : nos artigos consagrados ás molestias, deve o leitor buscar o que é relativo ás applicações especiaes aos vomitorios. Só direi aqui, em geral, que os vomitorios podem ser empregados com vantagem, ou ao menos sem inconveniente, nos casos em que os doentes tem pouca febre, sêde mediocre, lingua branca, sabor amargo na bocca, e quando nenhuma ou pouca dôr existe no ventre. Convem abster-se d'elles quando existe uma dôr mui grande na bocca do estomago. A gravidez, as aneurismas, contraindicam tambem a administração d'estes medicamentos. Os vomitorios são agentes irritantes, perturbadores, que imprimem grande abalo a toda a economia.

VOMITOS. Os vomitos constituem um symptoma commum a muitas molestias. Manisfestam-se na maior parte dos gráos de irritação ou de inflammação do estomago, desde o que occasiona a presença de alimentos não digeridos, que constitue a *indigestão*, até á gastrite mais intensa produzida pela ingestão de substancias irritantes ou corrosivas, taes como o arsenico, o sublimado, etc.; na febre amarella, no cholera; nas diversas molestias que atacam o tecido proprio do estomago ; nas hernias estranguladas. Os vomitos podem tambem ser produzidos de uma maneira mecanica e como forçada durante os esforços da tosse na bronchite ou na coqueluche. Manifestam-se, frequentemente, durante os primeiros mezes da gravidez; emfim, declaram-se ás vezes no principio de muitas affecções febris, e sobretudo na erysipela, sarampo, bexigas, escarlatina, etc. Em todos estes casos, os vomitos são meramente um symptoma, e cedem ao tratamento que se dirige contra a molestia principal. Mas ha casos em que os vomitos tem logar na ausencia das molestias ou das condições que acabam de ser indicadas, sem que exista lesão alguma do estomago, sem que se possa reconhecer lesão de algum orgão,

de que sejam um symptoma ou effeito sympathico; constituem então uma verdadeira affecção essencial, que é designada sob o nome de *vomitos nervosos*. Combatem-se estes pelo ether sulfurico, opio, agua de Seltz, magnesia calcinada, subnitrato de bismutho, agua de flor de laranjeira e valeriana. Empregam-se tambem as bebidas acidas, e sobretudo nevadas. O gelo engulido aos pedacinhos, a infusão de quina em agua fria, tem ás vezes acalmado os vomitos rebeldes. Em algumas circumstancias os licores espirituosos, taes como o vinho de Malaga, rhum, cachaça, tem produzido bons resultados; os banhos mornos geraes, os causticos na bocca do estomago, podem tambem ser indicados. A alimentação deve compôr-se, em geral, de caldo, leite, ovos, peixe; mas é difficil estabelecer regra fixa a este respeito; é sobretudo n'estas circumstancias que o medico deixa ao doente a escolha dos alimentos que a este mais appetecem.

RECEITUARIO CONTRA OS VOMITOS NERVOSOS.

As especialidades que mais aproveitam contra os vomitos nervosos são.

Elixir eupeptico Tisy, na dóse de uma colher *de sopa,* ao almoço e ao jantar.

Pós de Paterson, na dóse de um papel de manhã e outro á noite.

Pastilhas de Paterson, na dóse de 3 a 4 pastilhas que se chupam no correr do dia.

Perolas de ether do D.r Clertan, na dóse de 3 a 4 perolas por dia.

Elixir de pepsina e glycerina de Catillon, na dóse de um calice de licor antes e depois das refeições.

Os demais medicamentos que se empregam contra os vomitos nervosos são :

1.º *Pós estomachicos.*

Raiz de calumba em pó.....	2 grammas.
Rhuibarbo em pó.....	1 gramma.

Misture e divida em 4 papeis. Toma-se um por dia, n'uma colher d'agua fria.

2.' Agua de Seltz um garrafa.

Beber meio copo, duas a tres vezes por dia.

3.º *Pilulas de opio.*

Extracto de opio.....	15 centigrammas.

Faça 6 pilulas. *Dóse :* 1 a 2 pilulas por dia.

4.º *Pilulas de valeriana.*

Extracto de valeriana.....	1 gramma.

Faça 10 pilulas. *Dóse :* 2 a 3 pilulas por dia.

5.º *Pilulas anti-gastralgicas.*

Sub-azotato de bismutho.....	1 gramma.
Extracto de valeriana.....	1 —

Faça 10 pilulas. *Dóse :* 1 pilula duas vezes por dia.

6.º Magnesia calcinada..... 2 grammas.

Dóse : Uma colher *de chá,* por dia.

7.º *Pilulas de belladona.*

Extracto de belladona..... 30 centigrammas.

Faça 12 pilulas. *Dóse :* 1 pilula por dia.

8.º Curam-se, ás vezes, os vomitos nervosos com um vomitorio, 5 centigrammas de emetico, ou 1 gramma de poaya em pó.

9.º Applicar um sinapismo ou um caustico na bocca do estomago.

Os vomitos das *mulheres gravidas* combatem-se com os meios indicados no vol. II, pag. 99. Quanto aos *vomitos das crianças de peito*, *veja-se* DENTIÇÃO, vol. I, pag. 803. Os vomitos de que soffrem as pessoas que embarcam pela primeira vez, vão descriptos no artigo ENJÔO.

VOMITOS PRETOS. *Veja-se* FEBRE AMARELLA.

VOMITOS DE SANGUE, Hematemese, ou **Gastrorrhagia.** Vomitos de sangue exhalado na superficie da membrana mucosa do estomago.

Causas. As causas ordinarias são pancadas ou quédas sobre o epigastro, a introducção de venenos no estomago, o resfriamento subito occasionado pela immersão das extremidades na agua fria, uma emoção viva, uma paixão triste, tal como o terror, a colera concentrada, um pezar violento. A suppressão ou a insufficiencia das hemorrhagias habituaes, e principalmente dos menstruos e das hemorrhoidas, podem tambem determinar os vomitos de sangue.

Symptomas. Na maior parte dos doentes, a gastrorrhagia é precedida de desarranjo mais ou menos grave das funcções do estomago. Os prodromos são : calor ou dôr no epigastro, uma sensação de queimadura n'esta região, dôres nas cadeiras, opressão, frio no corpo, pallidez do rosto e desmaios. Logo depois a vontade de lançar faz-se sentir, e o sangue é deitado pela bocca no meio de uma grande anxiedade. Muitas vezes, depois do vomito, os doentes sentem-se alliviados : todavia, conservam ainda peso na bocca do estomago, sêde algumas vezes viva e um sabor desagradavel; o pulso torna-se frequente; os doentes cahem em fraqueza extrema, e de nenhum modo proporcionada á quandidade de sangue que perderam. O sangue não tem sempre o mesmo aspecto. Quando é expulso pouco depois de exhalado, é de um vermelho mais ou menos arterial, ora fluido, ora reunido em grumos volumosos. Se, pelo contrario, se demorou no estomago durante um tempo bastante longo, se experimentou o contacto prolongado do succo gastrico, perde a maior parte das suas qualidades physicas; é lançado sob a fórma de uma substancia negra, de cheiro acidulo, mais ou menos consistente, e que foi comparada á fuligem diluida, ao chocolate ou á borra de café.

A quantidade de sangue lançado é muito variavel; ás vezes, os doentes deitam só algumas colheres, outras vezes, lançam um ou dois quartilhos. Quando a gastrorrhagia é abundante, o sangue sahe ás golfadas; no caso

contrario, não chega á bocca senão por uma especie de regurgitação. O sangue lançado é puro, ou misturado com mucosidades, bebidas e alimentos. Quando a hemorrhagia é mui consideravel, independentemente dos symptomas geraes que acompanham qualquer perda de sangue algum tanto forte, como horripilações, pallidez da pelle, acceleração do pulso e desmaios, observa-se muitas vezes no ventre uma inchação que depende da accumulação do sangue na cavidade do estomago. Todo o sangue contido no estomago não é lançado, mas uma porção d'este liquido passa para os intestinos; e por isso quando se examinam as evacuações dos doentes, doze, vinte e quatro horas, ou, no maximo quarenta e oito horas depois do começo da gastrorrhagia, acha-se que são formadas em grande parte por uma substancia denegrida, que se reconhece facilmente por sangue alterado.

Diagnostico. A hematemese (vomitos de sangue) pode ser confundida com a hemoptyse (escarros de sangue). Com effeito, na hemoptyse, chegando o sangue á garganta, excita ás vezes esforços de vomito, de maneira a fazer crer que o sangue provém do estomago. O que vem muitas vezes augmentar ainda a duvida, é que certa quantidade de sangue sendo engulida, é depois expulsa, negra e alterada, quer pelos vomitos, quer pelas evacuações inferiores, como n'uma verdadeira gastrorrhagia. N'estes casos, fixa-se o diagnostico segundo o estudo e a comparação dos symptomas de hematemese e da hemoptyse: assim, n'esta os doentes accusam calor no peito, dôres nas costas, difficuldade de respirar; na maior parte dos casos o sangue não é expulso senão depois dos esforços da tosse, ao passo que na hematemese é na bocca do estomago que os doentes sentem o incommodo e a dôr, e, de mais, não tossem. O aspecto do sangue differe tambem nas duas molestias: na hemoptyse, é vermelho e fluido; na hematemese, é menos rubro, muitas vezes é de côr negra e em grande parte coalhado. Deve tambem considerar-se a quantidade de sangue expulso em geral, é maior na hematemese do que na hemoptyse.

Tratamento. Appliquem-se sinapismos nas pernas, pannos molhados em agua fria na bocca do estomago, ventosas seccas nas costas, ligaduras nos braços e nas coxas. Administra-se, ás colheres, limonada fria feita com agua, assucar e vinagre. O doente deve conservar uma posição horizontal e immobilidade completa. Se os vomitos sanguineos continuarem, dê-se a poção seguinte:

Perchlorureto de ferro liquido a 30º.....	1 gramma.
Agua.....	120 grammas.
Xarope simples.....	30 —

Uma colher *de sopa*, de meia em meia hora.

Se esta poção não suspender a hemorrhagia, administrem-se as pilulas seguintes:

Extracto de ratanhia.....	2 grammas.

Faça 10 pilulas. Para tomar uma pilula de 2 em 2 horas.

O doente deve observar dieta rigorosa em quanto durarem os vomitos.

Depois de cessar a hemorrhagia, o doente tomará só caldo, leite ou gemadas. Como bebida, agua fria, e em pequena quantidade. Mais tarde fará uso de geleas vegetaes e animaes; e não voltará aos alimentos ordinarios senão pouco a pouco. É preciso tambem conservar o ventre livre por meio de clysteres d'agua fria, ou apenas tepida.

VOZ. A voz é um som produzido pelo exercicio de diversos orgãos, chamados *orgãos da voz* ou *phonicos*.

Condições da producção da voz. Para que a voz se produza é necessario que a corrente de ar expirado tenha sufficiente pessão; que as cordas vocaes se estiquem; e que o orificio glottico esteja sufficientemente fechado; sem estas condições essenciaes as cordas não vibram e a voz não se ouve senão como um cochichar.

Pressão de ar. Para que o ar possa fazer vibrar as cordas vocaes é preciso que na occasião em que elle atravessa a glotte, ache-se sob uma pressão superior ao de um volume d'agua de 160 millimetros para os sons de altura media e de 200 millimetros para os sons altos.

Uma corrente de ar inspirada póde tambem fazer vibrar a glotte e produzir a voz; isto porem é uma anomalia que provoca uma extrema fadiga do apparelho phonetico.

Occlusão da glotte. A voz não se produz quando as cordas vocaes estão afastadas, apenas se consegue, á custo, tirar algumas notas surdas e em tom muito grave.

É necessario que o diametro da glotte não ultrapasse um certo limite, que deve ser quando muito de dois millimetros.

Se a occlusão da glotte é mui completa, o ar não pode sahir, por consequencia, a vibração das fitas vocaes não tem logar. Tambem se a glotte está muito larga, existe aphonia, porque o ar não pode mais ter a tensão necessaria para pôr as cordas em movimento, sahe então sem fazelas vibrar.

É tambem indispensavel que a glotte posterior ou respiratoria esteja fechada, pois sem esta particularidade o ar sahindo pela abertura, o cantor não poderia sustentar o som tanto quanto permittisse o volume de ar accumulado nos pulmões.

Tensão das cordas. Longet seccionando em um doente os nervos que vão ter aos musculos thyro-cricoidios, ouvio a voz ficar de repente rouca. Elle abaixou então a corda inferior da cartillagem thyroidea para alongar as cordas e supprir, por este meio, á acção do musculo paralysado, conseguio, por este modo, restituir o caracter normal da voz.

Emissão da voz. Na occasião da phonação, a glotte que está muito aberta para facilitar o acto respiratorio, diminue de largura; as cordas vocaes põem-se levemente em contacto por suas bordas livres ao mesmo tempo que ellas se entesam e se esticam para tomar a posição conveniente que corresponde ao som que se quer dar.

No momento da emissão dos sons as cordas se affastam bruscamente uma da outra e põem-se a vibrar debaixo da influencia da corrente de ar expirada atravez da glotte.

As vibrações d'essas cordas fazem vibrar o ar que se acha em todas as vias aereas.

Molestias do orgão vocal. São mui numerosas e mui diversas as causas que podem produzir perturbações da voz : o cançaço, os resfriamentos, as molestias geraes que acommettem as mucosas nasal, guttural e laryngiana, assim como algumas affecções do systema circulatorio e nervoso.

No cançaço, causado por excesso de trabalho, as cordas vocaes são acommettidas de paresia, isto é, que ellas não se approximam bastante no momento da phonação.

Uma das maiores causas das molestias do orgão vocal é o resfriamento. D'ahi resulta o defluxo, a amygdalite, a pharyngite, a laryngite, a bronchite, isto é, a inflammação das diversas partes da arvore respiratoria.

Não ha nimguem que não tenha notado em si proprio, sob a influencia d'estas molestias, as modificações por que passa a voz.

Perda da voz ou **Aphonia.** Suppressão mais ou menos completa da voz por causa interna.

Causas. As causas da *perda da voz* são numerosas. Esta perda acompanha muitas affecções cerebraes, como a inflammação do cerebro, apoplexia, catalepsia, epilepsia e hysterismo : existe tambem na inflammação da garganta ou dos pulmões; é ás vezes determinada pela presença de vermes nos intestinos ; emfim, em algumas senhoras, é o effeito sympathico da gravidez. A perda da voz é uma consequencia frequente do abuso do vinho, e das outras bebidas espirituosas; é ás vezes produzida subitamente por paixões mui vivas, como a colera, o susto, a alegria, etc. O virus syphilitico, que occasiona a miudo a inflammação chronica da garganta, é tambem causa da aphonia. Esta affecção apparece igualmente após a immersão do corpo em agua fria, depois do desapparecimento subito dos menstruos ou de alguma molestia da pelle, depois dos excessos de fallar ou cantar; emfim, a perda da voz declara-se ás vezes sem causa conhecida; dá-se-lhe o nome de *aphonia nervosa :* e é d'esta que me occuparei especialmente no presente artigo.

Symptomas. A aphonia nervosa póde sobrevir gradual ou subitamente. Não experimentando incommodo, dôr nem constrangimento na larynge os doentes não se acham informados do seu estado, senão quando querem fallar. A voz é mais ou menos extincta; mas não inteiramente abolida; fallam em voz baixa, e são frequentemente obrigados, para proferir um som, a fazer esforços consideraveis.

Marcha, duração, terminações. Esta molestia, como todas as affecções nervosas, segue uma marcha mui variavel e inteiramente irregular. Assim, póde cessar depois de curta duração, ou prolongar-se indefinidamente; muitas vezes apparece com intervallos mais ou menos approximados; ha mesmo casos em que tem a fórma intermittente. A aphonia cessa ora lentamente, pouco a pouco, ora de repente. Assim, muitos doentes, que pegáram no somno inteiramente aphonicos, acordam no fim de algumas horas com toda a plenitude da voz. Em alguns casos, a aphonia é uma affecção mui rebelde.

Tratamento. Cura-se ás vezes promptamente a aphonia com um sua-

douro : para este fim, toma o doente um pediluvio com farinha de mostarda, e bebe uma ou duas chicaras de infusão de folhas de salva, ou uma gemada.

O gargarejo seguinte é mui util :

Infusão de salva.....	600 gram.	Laudano de Sydenham...	15 gram.
Pedrahume.....	15 —	Mel de abelhas.....	60 —

Ás vezes, é preciso assoprar nas fauces pedrahume em pó, ou tocar levemente a garganta com pedra infernal.

Dar a chupar as pastilhas de chlorato de potassa de Dethan (V CHLORATO DE POTASSA).

Applique-se no pescoço um panno dobrado contendo cinzas quentes, ou ponha-se por cinco minutos um sinapismo, na mesma região. Tome-se o xarope de ether, na dóse de uma colher *de chá*, tres vezes por dia. Eis-aqui a receita :

Xarope de ether... ..... 30 grammas.

Façam-se no pescoço fricções com linimento volatil :

Linimento volatil..... 30 grammas.

Quando a aphonia é intermittente, cura-se com sulfato de quinina, segundo a receita seguinte :

Sulfato de quinina..... 60 centigrammas.

Divida em 6 papeis. Para tomar 3 papeis por dia.

A aphonia dependente da inflammação da larynge, exige o tratamento que está indicado contra a laryngite, vol. II, pag. 281.

VULNERARIA. — Planta leguminosa que muito se emprega no curativo das feridas.

VULVA. Entende-se por esta palavra : 1.ª a fenda longitudinal que se acha entre as partes salientes do apparelho exterior da geração da mulher; 2.ª a reunião dos orgãos exteriores da geração da mulher, que se compõe dos *grandes* e *pequenos labios*, do *orificio da urethra*, e da *entrada da vagina.*

MOLESTIAS DA VULVA.

I. **Abcesso.** Principia pela comichão, pela sensação de ardor e de calor na entrada da vagina, por leves dôres ao ourinar. Logo depois apparece uma tumefacção na qual a mulher sente dôres que se propagam até ás virilhas. O tumor torna-se elastico e fluctuante, do volume de de uma avelã até ao de uma pequena noz; sobrevem dôres lancinantes. O abcesso, depois de adquirir um certo gráo de desenvolvimento, abre-se e deixa escorrer o pus que contém.

O *tratamento* consiste em semicupios d'agua tepida e cataplasmas de linhaça; é preciso abrir o tumor com lanceta se tardar a abrir-se espontaneamente.

II. **Acne** ou **Espinhas.** Sobre os grandes labios, sobre as virilhas

ou no monte de Venus apparece ás vezes esta affecção, que é caracterizada por pequenas pustulas rubras, acuminadas, cujo apice não tarda a branquear. Quando a erupção é confluente, determina ardor e comichão.

Tratamento. Consiste em lavatorios frequentes com agua e sabão, semicupios d'agua tepida simples, lavatorios com solução de sub-carbonato de soda (agua 500 grammas, sub-carbonato de soda 15 grammas), e unturas com a pomada seguinte :

Banha.....	30 grammas.
Proto-iodureto de mercurio.....	1 gramma.

III. **Affecções syphiliticas.** Os *cancros* (vulgo *cavallos*) estão situados na face interna dos grandes e pequenos labios; são geralmente mais superficiaes e menos rebeldes do que no homem. Curam-se pela cauterização com pedra infernal, e pelo tratamento interno composto de preparações mercuriaes (*veja-se* SYPHILIS).

As *pustulas mucosas* ou *tuberculos chatos* constituem um symptoma venereo mais frequente na mulher do que no homem; existem nas margens dos labios da vulva, na sua face interna, e propagam-se até ao perineo e ás coxas. Exigem o tratamento interno da syphilis. As *vegetações da vulva* necessitam a cauterização com pedra infernal ou excisão, e tambem um tratamento mercurial interno.

IV **Cancro scirrhoso.** O cancro scirrhoso e outras fórmas do cancro, que não se devem confundir com o cancro venereo, é mais raro na vulva. Quando está ulcerado póde ser tomado pela affecção venerea. Distingue-se d'ella pelos caracteres indicados tratanto do *cancro em geral* (vol. I, pag. 426). A operação não é indicada senão quando o cancro se acha limitado a uma porção do grande ou pequeno labio. Se fôr mais extenso, é preciso limitar-se ao tratamento palliativo (vol. I, pag. 435).

V **Corpo fibroso.** Acham-se ás vezes na espessura do grande labio tumores solidos, duros, semelhantes aos corpos fibrosos do utero. Estes tumores são em geral moveis, não adherem á membrana mucosa que os reveste, não causam dôr alguma, incommodam só pelo seu peso. Para fazer desapparecer esta affecção, pratica-se sobre a face interna do grande labio uma incisão proporcionada ao volume do tumor, depois faz-se a extirpação do producto accidental.

VI. **Elephantiase.** A elephantiase dos orgãos genitaes da mulher offerece grande analogia com a elephantiase do escroto do homem. Esta affecção invade os grandes e os pequenos labios. O tratamento consiste na extirpação das partes hypertrophiadas (*veja-se* vol. I, prg. 925).

VII. **Erysipela.** Esta molestia é caracterizada pela vermelhidão e inchação consideravel das partes externas dos orgãos genitaes da mulher, muito mais consideravel do que na erythema. Combate-se pelos purgantes, vomitorios, por applicações de polvilho, de glycerina, e de perchlorureto de ferro deluido com agua.

VIII. **Erythema.** Esta affecção é bastante frequente; as mulheres sentem na região vulvaria um calor vivo, com dôr acompanhada de uma leve inchação; existe uma vermelhidão, e ás vezes excoriações muito

dolorosas. Esta leve molestia observa-se sobretudo nas senhoras muito gordas. O *tratamento* é dos mais simples : lavatorios frequentes com agua tepida, applicações de polvilho, de pós de lycopodio ; existindo ulcerações, curam-se com fios untado de glycerina.

IX. **Esthiomeno, Lupo** ou **Dartro corrosivo da vulva.** Affecção escrophulosa da vulva, semelhante ao *lupo do rosto* (vol. II, pag. 337), que se apresenta n'esta região debaixo de tres fórmas :

A. *Esthiomeno superficial:* mostra-se principalmente no monte de Venus e na face externa dos grandes labios ; offerece duas variedades : 1°. *esthiomeno erythematoso*, no qual as partes ficam de um vermelho escuro, azulado, sem tuberculos, sem indurações, sem erupção nem vesiculosa nem pustulosa; 2° *esthiomeno superficial e tuberculoso*, caracterizado pelo desenvolvimento de tuberculos mais ou menos salientes, que se tornam molles, suppuram e transformam-se em ulceras.

B. *Esthiomeno perforante*. Mostra-se principalmente sobre a membrana mucosa na vizinhança do meato urinario, na extremidade inferior da vagina, no perineo ; destroe profundamente os tecidos. A ulceração fornece uma serosidade mais ou menos abundante.

C. *Esthiomeno hypertrophico* caracterizado pelo endurecimento e augmento de espessura dos tecidos invadidos.

Tratamento. Em primeiro logar deve-se melhorar a constituição pela boa hygiene, regimen corroborante, bom vinho, banhos frequentes d'agua tepida, banhos frios de rio ou do mar, preparações de ferro, vinho de genciana. A molestia póde ter origem syphilitica : n'este caso convem usar internamente de iodureto de potassio, 2 grammas até 6 grammas por dia, dissolvido em agua fria. Externamente, applique-se a pomada seguinte :

Pomada de biiodureto de mercurio.

Biiodureto de mercurio.....	60 centigrammas.
Banha benzoinada.....	30 grammas.

Nas fórmas ulcerosas, deve-se recorrer á cauterização com pedra infernal, ou nitrato acido de mercurio, e ás applicações d'agua phenica.

X. **Gangrena.** Esta grave molestia invade ás vezes as partes genitaes externas das meninas. Sobrevem quasi sempre consecutivamente a alguma outra molestia; annuncia-se por uma dôr ardente nas partes genitaes; depois apparece, na face interna dos grandes ou dos pequenos labios, uma mancha preta circumscripta, insensivel. As partes vizinhas ficam duras e engurgitadas. Nos dias seguintes as escharas estendem-se até ao perineo ; existe uma comichão que obriga as crianças a coçarem-se; então arrancam muitas vezes pedaços de tecidos gangrenados. Os symptomas geraes são os que acompanham as gangrenas extensas. A maior parte das crianças succumbem. Entretanto a gangrena póde circumscrever-se ; mas quando as escharas se separam, descobrem-se com espanto perdas de substancia consideraveis, e que comtudo podem cicatrizar-se pela approximação e pelo desenvolvimento das carnosidades. Cousa notavel, depois de semelhantes desordens, não sobrevem defor-

midades bem grandes. Quanto ao tratamento, é o mesmo que na gangrena da bocca nas crianças (vol. II, pag. 23).

XI. **Herpes.** Vesiculas numerosas, orladas de rubor inflammatorio, pruriginosas, que apparecem ás vezes nos grandes e pequenos labios. O *tratamento* está indicado no vol. II, pag. 144.

XII. **Inflammação** ou **Vulvite**. A vulvite é a inflammação dos orgãos que constituem a vulva. Raras vezes generalizada ao conjuncto da vulva, acha-se quasi sempre localizada em alguns pontos essenciaes, como seja nos grandes e pequenos labios e principalmente nas fendas que separam estas pregas das partes visinhas.

Esta inflammação vem quasi sempre acompanhada de uma hypersecreção das glandulas sebaceas e das glandulas mucipares que se acham em grande quantidade n'essas partes. Os productos de secreção formam ás vezes uma camada assaz espessa, misturada de mucopus na superficie da mucosa e quando se tira esta materia, vê-se a mucosa que está vermelha, tumeficada e até em alguns casos, ulcerada em diversos logares.

O simples facto de deixar a materia sebacea se accumular e se desorganizar na superficie da mucosa, basta para provocar a inflammação.

A vulvite provem ás vezes de uma vaginite simples ou blennorrhagica e de uma urethrite tambem blennorrhagica. Esta affecção pode provocar o engurgitamento dos ganglios inguinaes.

A vulvite simples é as mais das vezes occasionada pela falta de asseio ou por diversas excitações d'essas partes, como a masturbação, as tentativas de estupro, etc.

Tratamento. Deve-se empregar antes de tudo, banhos geraes e locaes, loções com sabonete para dissolver os productos sebaceos, seguidas de lavagens emollientes. É preciso isolar as superficies por meio de panno de linho fino coberto de glycerina, e usar de semicupios d'agua tepida. Passados dois ou tres dias, convem recorrer aos lavatorios adstringentes : infusão de rosas rubras, de folhas de nogueira ou decocção de ratanhia, coaltar saponinado Le Beuf ou o phenol Bobœuf.

XIII. **Kystos.** Chama-se kysto a um sacco sem abertura, contendo um liquido mais ou menos grosso, que se desenvolve accidentalmente no meio de diversas partes do nosso corpo. Os kystos apparecem ás vezes na parte inferior dos grandes labios da vulva. No seu começo são esphericos; mais tarde estendem-se seguindo o comprimento das paredes da vagina; o seu volume é variavel; alguns attingem as dimensões de um ovo de gallinha. O liquido, que contém, é grosso, pegajoso, transparente, semelhante á clara de ovo.

Symptomas. No começo, as senhoras queixam de algum incommodo e de dôr nas partes genitaes. Estes incommodos augmentam pelo andar, e pela copula; pegando nos grandes labios com os dedos, sente-se um pequeno tumor situado na base d'este orgão. O kysto faz progressos, parece arredondado, quasi espherico; ás vezes torna-se oblongo, com o grande diametro dirigido de diante para traz. O tumor é molle, elastico, fluctuante; a palpação e a pressão não provocam dôr alguma; em geral

as doentes não experimentam senão um leve incommodo determinado pela dilatação das partes; a dôr só apparece depois de alguma fatiga, ou depois da copula. O tumor não augmenta senão com extrema lentidão; ás vezes abre-se e desapparece espontaneamente.

Diagnostico. Esta affecção é facil de reconhecer; não póde ser confundida com um abcesso; a ausencia da dôr e do calor, o estado chronico da molestia, não podem deixar duvida a este respeito.

Prognostico. Esta affecção não é grave, as mais das vezes as doentes não reclamam os soccorros da arte senão quando o tumor as incommoda pelo seu peso ou volume.

Tratamento. Quando o tumor é recente e devido á inflammação dos grandes labios, é ás vezes possivel obter a cura pelos semicupios repetidos d'agua tepida. Os kystos de pequeno volume podem curar-se por uma simples *puncção*. Mas ordinariamente o tumor torna a apparecer, ou fica uma fistula mais rebelde; pelo que é preferivel fazer uma larga *incisão*, e encher a cavidade com fios seccos, para provocar uma inflammação e obter a obliteração do kysto. A puncção seguida de injecção de tintura de iodo póde produzir o mesmo resultado. A *extirpação* d'estes kystos é muitas vezes dificil, por causa dos prolongamentos que existem em differentes direcções.

Os *kystos* encontram-se tambem nas mulheres perto da virilha; foram designados mais especialmente debaixo do nome de *hydroceles*. Os symptomas nada offerecem de particular, a não ser a grande dimensão que estes tumores podem adquirir. Sempre fluctuantes, em alguns casos póde-se verificar a sua transparencia; não se podem reduzir, o que os distingue da quebradura. O tratamento consiste em puncção seguida da injecção com tintura de iodo.

XIV. **Lobinhos.** Desenvolvem-se ás vezes nos grandes labios. Uma simples incisão basta para produzir a sua extracção.

XV. **Nevralgia da vulva.** *Veja-se* vol. II, pag. 497.

XVI. **Prurido.** Sensação de comichão na vulva. É uma affecção rara nas moças; pouco commum nas senhoras que não são mais menstruadas. O prurido da vulva póde ser contínuo com gráos variados de exacerbação, ou francamente intermittente; póde apparecer irregularmente, maior ou menor numero de vezes no decurso do dia ou da noite. As senhoras tem então o systema nervoso n'um estado de excitação extrema; tornam-se pallidas, magras, têm febre; ha perturbação nas funcções digestivas; desejos venereos, desarranjo dos menstruos, flores brancas.

Tratamento. Os meios aconselhados contra este estado são: lavatorios frequentes com a decocção de linhaça, semicupios e banhos geraes d'agua tepida; lavatorios com o liquido seguinte:

Agua de rosas.....	300 gram.	Acetato de chumbo....	80 centigr.
Sulfato de zinco.....	50 centigr.	Laudano de Sydenham.	4 gram.

ou lavatorios com a dissolução quente de sublimado (sublimado 1 gramma, agua distillada quente 500 grammas).

Recommenda-se tambem polvilhar a vulva com a mistura de 1 parte

de camphora em pó e de 5 partes de polvilho, uma vez todos os dias, tendo o cuidado de limpar as partes no dia seguinte, e de repetir a mesma operação todos os dias durante bastante tempo. Em alguns casos é preciso recorrer á cauterização da vulva com pedra infernal. Apparecendo o prurido sob a fórma francamente intermittente, é necessario tomar internamente o sulfato de quinina.

XVII. **Thrombo.** Tumor sanguineo. Esta affecção é caracterizada pela infiltração de sangue no tecido cellular dos grandes labios, e mesmo no tecido da vagina.

Causas. Tem-se observado estes tumores durante a gravidez, mais frequentemente ainda durante o parto, mas é sobretudo depois do parto que se verificam. A congestão dos orgãos genitaes externos na mulher pejada explica a facilidade de uma ruptura venosa, quer pelo facto de uma violencia externa, quer espontaneamente. Durante o parto, comprehende-se facilmente como a cabeça da criança, impedindo a volta do sangue pela compressão que exerce, póde determinar um semelhante accidente. Mas o thrombo póde tambem produzir-se fóra do periodo da gravidez em consequencia de uma queda sobre o perineo ou de violencias exercidas sobre esta região. É um derramamento sanguineo analogo aos derramamentos que se observam em consequencia de todas as contusões, mas que differe d'ellas pelo desenvolvimento mais rapido e pelas grandes proporções que adquire. Estas duas particularidades explicam-se pela laxidão do tecido cellular dos grandos labios e pela sua riqueza vascular.

Symptomas. O thrombo da vulva é caracterizado por um tumor que occupa, em geral, os grandes e os pequenos labios e a entrada da vagina; póde estender-se ao perineo e ao pubis. Póde attingir um volume consideravel; é molle, fluctuante, violaceo; a ecchymose estende-se muitas vezes a grande distancia. Este derramamento sanguineo provoca vivas dôres, que se propagam ao utero e ao perineo. Estas dôres manifestam-se quasi constantemente. Juntas ao modo do desenvolvimento da molestia, á rapidez de sua evolução e aos seus caracteres, farão facilmente distinguir o thrombo dos differentes tumores da vulva.

Terminação, tratamento. Umas vezes o thrombo resolve-se, outras vezes as paredes do foco sanguineo rompem-se e o liquido escorre; mais frequentemente o thrombo termina por suppuração; n'este caso é preciso abrir o abcesso. Quando mesmo a suppuração não se formar, a incisão do tumor deve ser praticada quando elle é volumoso; porque n'este caso não se póde contar que venha a desfazer-se.

XVIII. **Vegetações.** Producções carnosas que se desenvolvem e parecem vegetar sobre a vulva; observam-se principalmente perto do meato urinario; estendem-se ás vezes até ao interior do canal da urethra. No maior numero de casos são symptomas da syphilis, e então foram precedidas de cancros venereos. É preciso cauterizal-as com pedra infernal ou cortar com tesoura, e submetter-se ao tratamento interno da syphilis pelas preparações de mercurio ou de iodureto de potassio. Se a sua apparição não fôr precedida de cancros venereos, não são syphiliticas, e

n'este caso a cauterização ou a excisão são sufficientes; não é necessario outro tratamento.

VULVO-VAGINAL. Nome que os anatomistas dão a duas glandulas de forma ovoide, do tamanho de uma amendoa, que se acham de cada lado da extremidade inferior da vagina; dão-lhes tambem o nome de glandulas de Bartholin.

Acham-se ligadas do lado de dentro com as paredes da vagina e por fóra com o musculo constrictor da vagina e se terminam por um canal excretor do comprimento de cerca de 15 millimetros, dos lados da vulva, adiante da membrana hymen. Estas glandulas segregam um liquido transparente, viscoso, filante de cheiro penetrante, que serve para lubrificar o orificio da vagina com o fim de facilitar a introducção do penis. Em algumas mulheres, cujo temperamento é ardente, este liquido se produz com tanta abundancia que é lançado, em jacto, fóra da vagina, durante a copula, na occasião em que ellas sentem o espasmo voluptuoso.

W

WEILBACH. Allemanha. Agua sulfurosa fria. Usa-se sobretudo como bebida nas affecções chronicas do peito, na dóse de meio copo duas vezes por dia.

WIESBADEN. Allemanha. Aguas salinas chloruretadas quentes.

Itinerario de Pariz a Wiesbaden. Estrada de ferro até Wiesbaden mesmo, 17 horas. Despeza 76 francos.

Wiesbaden é uma cidade de Allemanha, de 15,000 habitantes, situada n'uma planicie fertil. Contam-se ali 23 fontes mineraes, de temperatura differente; tres d'entre ellas são destinadas ao uso interno, e aos empregos externos, são: a *Kochbrunnen* (fonte fervente), temperatura: 68°; a *Adlerbrunnen* (fonte da aguia), temperatura: 62°, 5: e a *Schützenhotbrunnen* (fonte do hotel dos Caçadores), cujo calor não excede 50°. As outras fontes empregam-se exclusivamente para os banhos e duches; estão acommodadas nos hoteis e nas casas particulares. A fonte *Kochbrunnen* é a unica publica; contém, por litro, 8^{g},45 de principios fixos. O chlorureto de sodio entra ali por 6^{g},83; os outros saes são; chlorureto de potassio, de lithio, de ammonio, de calcio, de magnesio; bromureto de magnesio, sulfato de cal, silica, silicato de alumina; carbonatos de cal, de magnesia, de baryta, de estronciana, de ferro, de maganez, de cobre; phosphato de cal. Contém tambem por litro 0^{g},00015 de arseniato de cal; 346 centimetros cubicos de gaz acido carbonico, e 5 centimetros e meio cubicos de gaz azote.

A agua de *Kochbrunnen* é limpida; bolhas gazosas desenvolvem-se d'ella; tem o sabor salgado e analogo ao do caldo de carne salgada. Depõe, ao contacto com o ar, um sedimento que se mistura á agua do banho, ou que se utiliza em applicações locaes.

As aguas de Wiesbaden empregam-se sobretudo em banho. Entretanto a agua de *Kochbrunnen* usa-se tambem em bebida na dóse de um a seis

copos. Na dóse de 2 a 4 copos é purgativa, e tanto mais quanto mais quente é; augmenta tambem a secreção da bilis e das ourinas.

As aguas de Wiesbaden convem nas numerosas affecções chronicas que parecem ser do dominio de quasi todas as aguas mineraes, comtanto

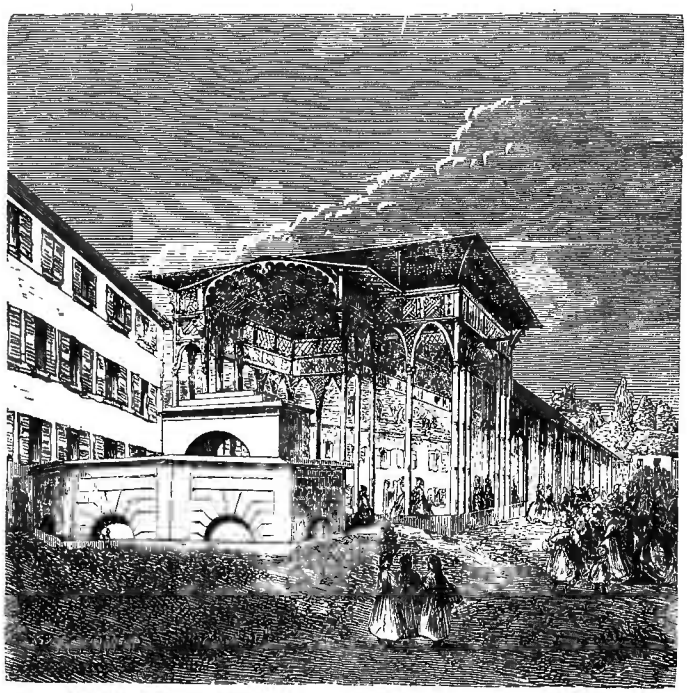


Fig. 912. — Galeria das aguas em Wiesbaden.

que estas tenham uma temperatura elevada. Porém ha duas contra as quaes são recommendadas mais especialmente : são a gota e o rheumatismo. Convem tambem nas paralysias, nas retracções musculares ás tendinosas, torceduras, ankyloses incompletas, rijezas consecutivas á antigas fracturas. A estação thermal dura do 1° de junho ao 15 de outubro.

WILDBAD. Allemanha. Aguas alcalinas quentes.

Itinerario de Pariz à Wildbad : Estrada de ferro até Wildbad, 17 horas 13 minutos. Despeza 81 francos·

Wildbad está situado a alguns kilometros de Stuttgart, no meio de um dos valles mais pittorescos da Floresta Negra, que dominam altas collinas cobertas de pinhos. No centro, corre o rio Enz, cujas margens, plantadas de arvores, constituem um delicioso passeio. As fontes mineraes são numerosas. O estabelecimento thermal possue 10 grandes piscinas e 50 pequenas. Em todas estas piscinas, um fundo de areia fina forma uma especie de tapete macio sobre o qual os doentes podem sentar-se ou estender-se. A agua das fontes sahe a borbotões atravez d'esta areia; ao mesmo tempo bolhas de gaz sahem ao longo do corpo do banhista e produzem leves cocegas que são muito agradaveis. As duches acham-se perto das piscinas. Existe tambem uma bica para beber agua; mas as aguas de Wildbad usam-se pouco em bebida.

A agua das diversas fontes é clara, limpida, sem cheiro nem sabor. A sua mineralização é quasi nulla, porque não é representada senão por alguns centigrammas de saes alcalinos. Entretanto estas aguas administradas debaixo da fórma de banhos, são realmente estimulantes, uteis nas diversas paralysias. Aproveitam tambem nas rijezas consecutivas á gota e nas nevralgias. A estação thermal dura do 1° de maio ao 1° de outubro.

WHISKY. Aguardente preparada com o producto da distillação de cevada, centeio, batatas e ameixas silvestres. Contem ordinariamente 60 a 75 por cento de alcool.

X

XAROPE. Chamam-se *xaropes* os medicamentos liquidos doces e agradaveis, um pouco viscosos e unctuosos, que se preparam fazendo dissolver o assucar, mediante um brando calor, em agua pura ou carregada de principios medicamentosos. O fim da sua preparação consiste muitas vezes em tornar agradavel a administração dos medicamentos; mas os xaropes servem tambem para a conservação das substancias medicamentosas.

Xarope simples é aquelle que se compõe de assucar puro e agua.

Tendo-se o xarope simples, para se preparar a maior parte dos xaropes medicamentosos, basta que se lhe ajnnte, nas proporções indicadas pelo formulario, certos saes dissolvidos n'uma pequena quantidade d'agua, para se obter *xarope de sulfato de quinina, xarope de chlorhydrato de morphina*, etc.

O *xarope de gomma* prepara-se ajuntando a solução de gomma ao xarope simples. Dissolvem-se tambem certos extractos de plantas em agua, e ajuntam-se ao xarope simples : tal é o modo de preparação do *xarope de ipecacuanha*. Algumas substancias vegetaes são submettidas á maceração em agua fria, junta-se o liquido obtido ao xarope simples, e coze-se; tal é o *xarope de althea*. Emfim, ha xaropes que, tendo por base muitas substancias medicamentosas, exigem um modo de preparação mais complicado.

Os xaropes fermentam facilmente : devem guardar-se em vasos bem cheios, e em logares bem arejados.

Podem-se preparar os xaropes pharmaceuticos, na occasião em que se precisa de um d'elles, empregando extractos fluidos. Basta deitar o extracto fluido em xarope de assucar ou em mel; não é preciso aquecer nem filtrar. Não ha que receiar que o xarope fermente, visto que d'este modo só se prepara a quantidade necessaria para o uso do momento.

O estabelecimento que melhor prepara os extractos fluidos é sem contestação a casa Dausse aine, á rua Aubriot, n° 4 em Pariz.

XEROPHTHALMIA. Affecção do globo do olho occasionnada pela auzencia de secreção das lagrimas e do muco que produz a conjunctiva. O olho fica, para bem dizer, secco; os vasos sanguineos se atrophiam, a conjunctiva toma um aspecto fibroso e se encolhe; a cornea

perde a transparencia, cobre-se de escamas, de crostas e transforma-se em um tecido duro, opaco, analogo ao tecido de cicatriz. O olho acaba por se alterar de todo e o doente perde para sempre a vista. A molestia pode ser menos fatal quando as lagrimas tornam a apparecer, mas a falta do muco conjunctival é sempre de máo prognostico.

O tratamento resume-se em loções alcalinas e na applicação de vaselina sobre o olho para proteger a sua superficie do contacto do ar. Já se tem recommendado a sutura das palpebras para melhor preencher este fim.

XIPHOIDÉO. Nome dado pelos anatomistas á extremidade inferior do esternon.

XIRIUBEIRA. Planta da flora brazileira da familia das convolvulaceas, tambem chamada *cipó de chumbo*. V. esta palavra.

Y

YBIRAREMA. *Veja-se* PÃO DE ALHO.

YPADÚ. *Veja-se* COCA.

Z

ZALDIVAR. Hespanha. Aguas mineraes sulfurosas, chloruretadas sodicas. Estas aguas acham-se na provincia de Biscaya a 15 horas de Madrid. Temperatura de 16 a 17 gráos centigrados. Aproveitam nas dyspepsias, nas anginas glandulosas chronicas, nas affecções escrophulosas, etc.

ZANGÃO. Insecto maior do que a abelha, e da mesma familia; tem o corpo velloso; vive nas galerias subterraneas, em sociedade pouco numerosa composta de *machos*, *femeas* e *obreiros*. A sua picada é tão perigosa como a da abelha, e exige o mesmo tratamento. As picadas do zangão devem ser lavadas com agua fria simples, ou misturada com um pouco de vinagre ou melhor com phenol Bobœuf misturado com agua em partes iguaes. Depois é preciso introduzir n'ellas, por meio de um palito, uma gotta de alcali volatil, ou mesmo phenol Bobœuf puro.

ZARCÃO. É o oxydo de chumbo empregado como tinta vermelha. É um veneno. *Veja-se* CHUMBO.

ZEBRAS. Portugal; Beira Baixa. Aguas sulfurosas frias.

ZIBETHA. *Veja-se* vol. II, pag. 39.

ZIMBRO ou **Junipero.** Fructo de um arbusto da Europa, chamado *Juniperus communis*, Linneo, da familia das Coniferas, que em Portugal habita nas mais altas montanhas da Serra da Estrella, e do Gerez (fig. 913). São bagas pretas, polposas, do tamanho da ervilha, de cheiro forte, agradavel, sabor amargo e quente. As bagas de zimbro servem para a preparação da bebida espirituosa chamada *genebra*. (*Veja-se* esta palavra.)

As bagas de zimbro gozam de propriedades estimulantes e diureticas. Empregam-se em medicina sob a fórma de infusão ou de extracto nas

hydropisias, catarrhos da bexiga, molestias de pelle, rheumatismos, etc. A *infusão de zimbro* prepara-se com 2 grammas de bagas de zimbro e 250 grammas d'agua fervendo. O *extracto de zimbro* administra-se na dóse de 4 a 8 grammas por dia.

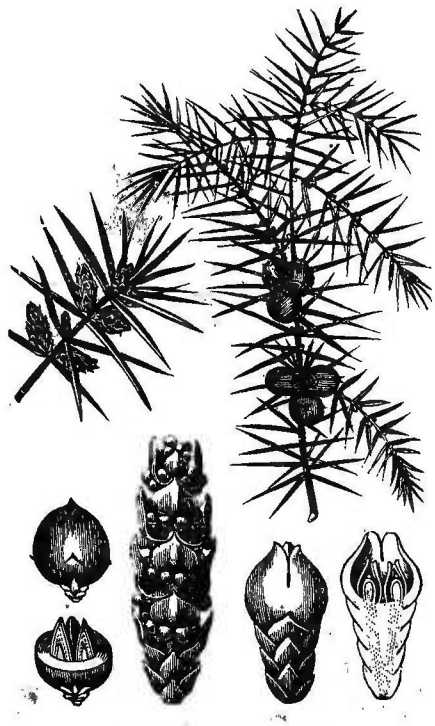


Fig. 913. — Zimbro.

ZINCO. O zinco é um metal branco-azulado, mais duro do que o chumbo e da mesma côr. Não se encontra no estado nativo, mas sim no estado de sulfureto (*blenda*), ou no estado de carbonato misturado com a silica (*calamina*). O zinco é fusivel a 412°, e arde a 505 gráos : produz então uma bella chamma branca brilhante, de que os fogueteiros se servem nos foguetes; derrama no ar frocos brancos que são oxydo de zinco.

Na temperatura ordinaria, o zinco decompõe a agua. Este metal é atacado pelos corpos gordos, sal commum, e sobretudo pelos acidos, mesmo os mais fracos. As composições que resultam da acção d'estes corpos sobre o zinco, podem dar aos alimentos e ás bebidas um gosto metallico desagradavel, e até communicar-lhes propriedades, se não venenosas, ao menos vomitivas, que podem ter o seu inconveniente. E por isso nunca se deve deitar qualquer liquido acido, tal como vinagre ou sumo de limão, nas vasilhas de zinco.

O zinco emprega-se para a confeição dos utensilios domesticos, para cobrir as casas, e para a fabricação dos canos. O zinco era outr'ora mais frequentemente empregado para cobrir as igrejas, mas conheceo-se que nos incendios era perigoso, e, por isso, hoje emprega-se menos para esse fim : com effeito, nos incendios os telhados de zinco ardem com a maior facilidade, e lançam chammas mui longe.

O zinco emprega-se como liga com muitos metaes. Com o cobre forma o *latão* e o *tambaque* (similor, em francez). Combinado com o cobre e o nickel, constitue um metal branco, conhecido no Rio de Janeiro sob o nome de *prata ingleza :* esta liga doura-se e pratêa-se mui facilmente, e o seu uso está mui diffundido hoje para a fabricação das colheres e outros utensilios de mesa. O zinco foi tambem empregado em logar de estanho para cobrir os vasos de cobre; mas cumpre acautelar-se d'esta fraude, porque o zinco não é innoxio como o estanho, e por isso a estanhadura com a liga de estanho, de chumbo e de zinco, deve só empregar-se para as banheiras, e outros vasos de cobre e ferro que não tem de servir para as substancias alimentarias.

Bromureto de zinco. Apresenta-se debaixo do aspecto de agulhas brancas sem cheiro, de sabor metallico, mui soluveis em agua, alcool e ether. Tem sido aconselhado no tratamento da epilepsia na dóse de 20 a 50 centigrammas, dissolvido em grande quantidade d'agua.

Chlorureto de zinco. — Solido, branco, caustico, soluvel em agua, e mui deliquescente. No commercio não se acha senão derretido na sua agua de crystallização, ou dissolvido em agua, marcando 40° no areometro. Usa-se como caustico, contra os scirrhos e cancros; dissolvido em agua, emprega-se hoje com preferencia para o embalsamento dos corpos : combina-se n'este caso com os tecidos animaes, e oppõe-se á putrefacção d'elles.

Oxydo de zinco. É conhecido tambem sob o nome de *flôres de zinco* ou de *tuthia prèparada.* Acha-se em frocos brancos, leves, macios, inodoros e insipidos, insoluveis na agua e no alcool. Internamente é aconselhado como antispasmodico na epilepsia, hysterismo, chorea, asthma e outras affecções nervosas, na dóse de 10 a 40 centigrammas, tres vezes por dia, em pó ou pilulas.

Sulfato de zinco (*Caparrosa branca* ou *vitriolo branco*). Crystaes prismaticos, mais on menos volumosos; inodoros quando reduzidos a pó; sabor acre e adstringente, mui soluveis em agua. — Administrado internamente, em alta dóse, é um emetico violento, recommendado outr'ora nos envenenamentos, mas que hoje quasi se não usa. Agora, emprega-se quasi exclusivamente para uso externo, contra as ophthalmias e blennorrhagia. Em collyrios, 5 a 25 centigrammas e mais para 30 grammas de liquido; em injecções, 50 a 120 centigrammas para 250 grammas de liquido, nas blennorrhagias.

Valerianato de zinco. *Veja-se* vol. II, pag. 1180.

Modo de limpar os objectos de zinco. — O oxydo de zinco, que cobre os objectos fabricados com este metal, desapparece esfregando o objecto com uma escova molhada na mistura de 1 parte de acido sulfurico e 30 partes d'agua. Depois lavam-se os objectos em agua pura.

ZOADA NA CABEÇA. A zoada na cabeça póde simplesmente depender da congestão de sangue na cabeça, e reclama então a applicação de bichas na nuca e a administração de um ou dois purgantes; mais tarde, applica-se um caustico na nuca. Se a zoada não ceder a estes meios, e se a sua duração se prolongar, póde-se concluir que é um dos symptomas da molestia syphilitica constitucional, se o doente foi affectado de syphilis, e sobretudo se não foi bem curado. N'este caso, convem recorrer ao tratamento antisyphilitico interno, indicado no artigo Syphilis.

ZONA. Em medicina dá-se este nome ao cobreiro: *V.* Cobreiro.

ZUJAR. Hespanha. Aguas sulfurosas quentes 41° Usam-se em bebida e em banhos nos rheumatismos, paralysias, molestias cutaneas, ankiloses, catarrhos bronchicos.

ZUNIDO NOS OUVIDOS. Assim se chama uma lesão da audição que faz com que os individuos que d'ella são affectados sintam um som contínuo, comparavel ao ruido que se ouve quando voam certos

insectos. Não é raro haver zunido no estado de saude; elle só dura ordinariamente alguns segundos, e então não tem consequencia alguma. Outras vezes é mais intenso e póde ser symptoma de alguma molestia; póde ser occasionado pela inflammação do ouvido, pela superabundancia do sangue na economia, por uma accumulação da materia ceruminosa, ou pela presença de um corpo estranho qualquer, de um insecto, por exemplo, no conducto auditivo. O zunido é ás vezes occasionado por uma affecção do nervo acustico.

O *tratamento* d'este estado morboso depende da causa que o originou. Se foi effeito de congestão sanguinea na cabeça ou de abundancia do sangue na economia, empregar-se-hão pediluvios sinapizados, bichas atraz das orelhas, purgantes e um regimen composto mais de substancias vegetaes do que animaes. Se o zunido depender do entupimento do conducto auditivo, convem desobstruir o conducto. Não se podendo descobrir a causa, resta só o tratamento empirico. Os meios que tem sido propostos n'este caso são: fumo de tabaco dirigido ao ouvido; um pedaço de camphora envolvido em algodão e introduzido no conducto auditivo; fumigações de ether sulfurico, feitas vaporizando-se o ether mediante o calor de agua quente, na qual se mergulha a garrafinha que o contém, e cujo gargalo é dirigido á concha da orelha; e, finalmente, um caustico na nuca.

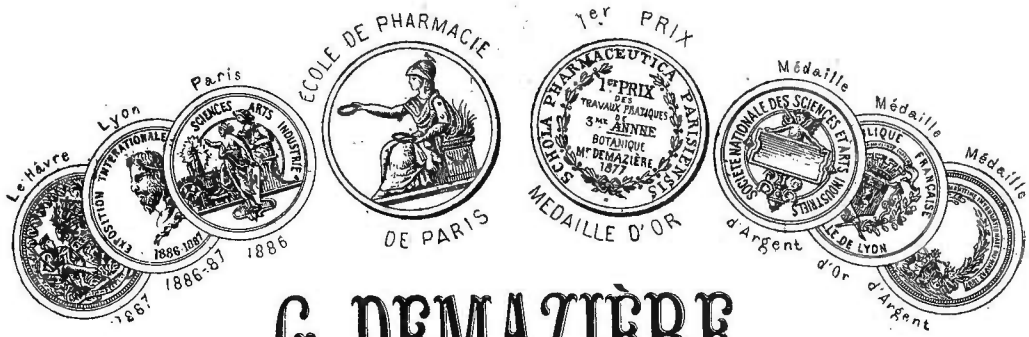
ZYGOMATICO. Saliencia ossea do osso temporal que se dirige para o lado da frente a formar a arcada zygomatica articulando-se com o osso malario.

É tambem o nome de dois musculos do rosto, que se acham nas bochechas, que repuxam os cantos da bocca para as orelhas e que se contrahem principalmente no riso.

ZYMASE. Nome generico empregado para designar certos fermentos, como sejam a diastase, a pepsina, a pancreatina, etc.

ZYMOTICO. Palavra empregada para designar as molestias infectuosas, isto é, que apesentam phenomenos comparaveis á fermentação.

FIM DO SEGUNDO ET ULTIMO VOLUME.



G. DEMAZIÈRE

Paris 1888 — **Pharmaceutico de 1ª classe** — Medalha de Ouro

EX-INTERNO DOS HOSPITAES
LAUREADO DA ESCOLA DE PARIZ (MEDALHA DE OURO)
MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SABIAS

71, Avenue de Villiers e rua Jouffroy, 73

PARIZ

GRAGEIAS DEMAZIÈRE

DE CASCARA SAGRADA

Medicamento cuja introducção no Brazil foi autorizada par decisão da Inspectoria de Hygiene em 30 de julho de 1887

CADA GRAGEIA CONTÉM EXACTAMENTE 0gr,125 DE PÓ DE CASCARA SAGRADA

Verdadeiro especifico contra a prisão de ventre chronica

DÓSE MÉDIA PARA UM ADULTO : 4 GRAGEIAS POR DIA. 2 DE MANHÃ E 2 Á NOITE

Preço em França : o Frasco de 60 grageias, 3 francos.

GRAGEIAS DEMAZIÈRE

DE IODURETO DE FERRO E CASCARA SAGRADA

CADA GRAGEIA CONTÉM EXACTAMENTE 0gr,10 DE IODURETO DE FERRO E 0gr,03 DE CASCARA SAGRADA

O mais activo dos ferruginosos; não dando prisão de ventre

DÓSE MÉDIA PARA UM ADULTO : 4 GRAGEIAS POR DIA. 2 AO ALMOÇO E 2 AO JANTAR

Preço em França : O Frasco de 60 grageias, 2 francos.

REMETTEM-SE AMOSTRAS, FRANCO DE PORTE, AOS SNRS MEDICOS

Depositos geraes no Brazil

BAHIA : AGUIAR IRMAOS e Cia.
PARÁ : ELPIDIO R. da COSTA e Cia.
PELOTAS : E. CEQUEIRA.
PERNAMBUCO: FRANCISCO M. da SILVA e Cia
PORTO ALEGRE : HALLAWELL e Cia.
RIO GRANDE : HALLAWELL e Cia.
RIO DE JANEIRO : A. D'OLIVEIRA e GAD.
S. PAULO : J. CANDIDO MARTINS e Cia.

E EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS

2 vols.

MEDICAÇÃO PHOSPHATADA PHYSIOLOGICA

SEGUNDO OS TRABALHOS EXPOSTOS NO LIVRO

OS PHOSPHATOS, SUAS FUNCÇÕES NOS SERES VIVOS

Por Ld JOLLY

MENÇÃO HONROSA DO INSTITUTO. — ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE PARIZ

FERRO HEMATICO

L.-J. MICHEL

Foi inspirado pela importante obra do sñr JOLLY que o sñr L.-J. MICHEL compoz o *ferro hematico*, que encerra phosphato de ferro solubilizado por uma mistura salina neutra de analoga composição á da forma sanguinea, associada ao phosphato de soda. Elle não pode ser decomposto nem pelos acidos nem pelos alcalis, de modo que se conserva sempre soluvel e assimilavel. *Veja-se vol.I, pag. 1149.* Deve pois ser receitado nos seguintes casos :

ANEMIA. — CRESCIMENTO DAS CRIANÇAS. — PRENHEZ. — AMAS DE LEITE.

Pharmacia Ld JOLLY, Faubourg Poissonnière, nº 64, Pariz.

E EM TODAS AS PHARMACIAS.

Productos do Dor G. Fournier

PHARMACEUTICO DE 1ª CLASSE, EX-INTERNO DOS HOSPITAES DE PARIZ

AFFECÇÕES DAS VIAS RESPIRATORIAS

CAPSULAS E VINHO CREOSOTADOS

Do Dor G. FOURNIER

Os preparados creosotados do Dor G. FOURNIER, são feitos com creosote puro de faia e são remedios de valor incontestavel contra a :

BRONCHITE, a TOSSE, o CATARRHO, a TISICA, etc.

Foram os unicos, recompensados na Exposição universal de 1878. *Veja-se vol. I, pag. 750.*

PILULAS E INJECÇÃO DE KAVA

Do Dor G. FOURNIER

MEDALHA DE OURO, PARIZ 1885

As enfermidades secretas, **BLENORRHAGIAS, GONORRHEAS, FLORES BRANCAS, CORRIMENTOS** recentes ou antigos são curados em poucos dias em segredo, sem regimen, sem tisanas, sem cançar nem molestar os orgãos digestivos por meio das pilulas e da injecção de KAVA do Dor G. FOURNIER.

Cada pilula tem impresso em cima **Kava Fournier.**

NEVRALGIAS — ENXAQUECAS — DÔRES DE CABEÇA

PILULAS ANTINEVRALGICAS DE GELSEMIUM SEMPERVIRENS

Do Dor G. FOURNIER

É universalmente conhecido o valor do **Gelsemium sempervirens** como antinevralgico. Sua acção é principalmente maravilhosa na **enxaqueca, na dôr de cabeça, nas nevralgias faciaes e dentarias.** Tambem actua com feliz exito nas **nevralgias intercostaes sciaticas,** e **outras**; e mesmo em certas **dysmenorrheas** (dôres que acompanham a menstruação).

Das inumeras experiencias feitas nos hospitaes ficou provado que as **Pilulas de Gelsemium sepervirens do Dor Fournier**, têm notavel acção sedativa sobre as dôres nervosas em geral e que curam mesmo nos casos em que todos os outros meios têm sido improficuos. *(Veja-se vol. II, pag. 51).*

HYGIENE E SALUBRIDADE

das Casas, Hospitaes, Quarteis Collegios, Navios, Estrebarias, Curraes, Gallinheiros, etc.

PELO

PHÉNOL-BOBŒUF

ANTIEPIDEMICO-ANTISEPTICO

UNICO DESINFECTANTE HYGIENICO

PREMIO MONTYON, conferido pelo **INSTITUTO DE FRANÇA**

MEDALHAS DE OURO E DIPLOMAS DE HONRA

Aviso Importantissimo

Em razão das numerosas falsificações que se têm feito ultimamente d'este precioso producto, a Sociedade do Phenol-Bobœuf resolveo accrescentar nos rotulos dos vidros de Phenol a firma de BOBŒUF impressa atravessada com tinta escarlate; todos os vidros, por conseguinte, que não tiverem esta firma, como indicamos, serão considerados falsificados. O publico deve precaver-se contra essas falsificações, porque são productos sem valor algum antiepidemico e antiseptico, mal preparados que não actuam como o verdadeiro Phenol-Bobœuf, e que devem ser desprezados por todas as pessoas que têm a peito velar pela propria saude e a das suas familias.

Phenol-Bobœuf perfumado

Este phenol especialmente preparado para a hygiene do toucador e dos banhos é um antiepidemico e antiseptico muito recommendado pelos medicos ás pessoas que seguem á risca a leis da hygiene.

É indispensavel o seu emprego quando grassa qualquer epidemia. Tocando-se, com um pincel molhado n'este phenol, esses pontos pretos que apparecem no rosto e a que dão o nome de cravos, fal-os desapparecer dentro de dois ou tres dias.

Sabonete-Bobœuf

O **Sabonete-Bobœuf**, hygienico, antiseptico e antiepidemico de primeira ordem é preparado com todo esmero. O seu uso quotidiano faz desapparecer as espinhas, as vermelhidões, os dartros, as inflammações, as comichões, as frieiras e outras affecções da epiderme.

Dentifricio-Bobœuf

DIPLOMA DE HONRA — HYGIENE DA BOCCA E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Algumas gottas de **Dentifricio-Bobœuf**, na agua com que se lava a boeca, dissipam-se as nevralgias dentarias evitam-se as dôres de garganta e fica-se preservado do escorbuto e outras affecções da bocea.

Para os fumantes é o melhor preparado para tirar completamente o cheiro do fumo da bocca.

Agua-Bobœuf para o Toucador

Especialmente preparada para servir para toucador, a **Agua-Bobœuf**, hygienica, antiseptica e antiepidemica, tem a vantagem de unir á suas propriedades saudaveis um cheiro fresco e agradavel.

Misturada com a agua para lavar o rosto e as mãos ella evita ou faz desapparecer as espinhas, empigens, vermelhidões, inflammações, comichões e todas as affecções da epiderme; ella refresca a pelle e a preserva dos insultos do contagio.

A **Agua-Bobœuf** emprega-se para lavar as crianças de peito e tambem para uso das amas.

Deitando o conteudo de um vidro de **Agua-Bobœuf** em um banho geral, ella communica-lhe as suas qualidades essencialmente tonicas e fortificantes.

Em pulverisação, ella sanea e purifica o ar; é muito recommendada em tempo de epidemia.

Aspirador-Bobœuf

O **Aspirador-Bobœuf** é um pequeno apparelho tendo a forma de uma piteira, que permitte que se inhale ou se aspire a cada instante, e em qualquer logar, os vapores do precioso liquido *Phenol-Bobœuf*.

As pessoas que usam d'este aspirador tem um meio certo de se preservarem das molestias epidemicas, enchendo completamente as mucosas com as emanações antisepticas do **Phenol-Bobœuf**.

E' um objecto indispensavel para as pessoas que têm de atravessar logares pantanosos ou miasmaticos; ou que tenham de se achar perto ou em contacto com cadaveres ou materias putridas.

Vaporisador-Inhalador-Bobœuf

Por sua disposição engenhosa, é um apparelho commodo para espalhar na atmosphera em forma de vapor o agente antiseptico e antimicrobio por excellencia: o « *Phenol-Bobœuf* », ou qualquer outro perfume que se queira vaporisar.

Todos estes productos acham-se á venda no

DEPOSITO ESPECIAL DE PRODUCTOS HYGIENICOS

Actualmente Faubourg Poissonnière, nº 61, em Pariz (Outr'ora rua Coq-Héron, nº 7)

Deve-se desconfiar das falsificações:

Os verdadeiros productos de **Phenol-Bobœuf** têm nos letreiros a menção do **Premio Montyon** e a assignatura

Bobœuf

Alem d'isto os vidros de **PHENOL-BOBŒUF** têm nos letreiros á assignatura **BOBŒUF** atravessada impressa com tinta escarlate.

CHERNOWITZ

TYPOGRAPHIC

MEDICAL LEXICON